Informe de Literatura
Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades

A literatura galega no ano 2010 e a súa recepción

Directora e Coordinadora: Blanca-Ana Roig Rechou
Bolseiras do proxecto: Mar Fernández Vázquez
Esther de León Viloria

Redactores

Rafael Adán Rodríguez
Eulalia Agrelo Costas
Mónica Álvarez Pérez
María Jesús Barsanti Vigo
Pilar Bendoiro Mariño
Laura Blanco Casás
María José Canedo Souto (L. Medieval)
Deborah Castro Mariño
Alexandra Cillero Prieto
Cristina Fernández Santomé
Mar Fernández Vázquez
Mª del Carmen Ferreira Boo
Carmen Franco Vázquez (Ilustración)
Olalla García Martínez (L. Medieval)
Esther de León Viloria
Isabel Mociño González
Ana Belén Moreda Rodríguez
Marta Neira Rodríguez
Almudena Pérez de Oliveira
Diana Puñal Rioboo
Beatriz Rodríguez Rodríguez
Blanca-Ana Roig Rechou
Lourdes Erea Salgado Viñal
María Vanesa Solís Cortizas
Mª Isabel Soto López

Colaboradores

Élida Abal Santorum
Andrea Álvarez Pino
Jorge Cea Viñal
Alba Cid Fernández
Vanessa Regina Ferreira da Silva
Geovana Gentili Santos
Lúa Iglesias Cordón
Yolanda Lojo Romero
Minia Martínez Seija (Ilustración)
Carmen Rocamonde Álvarez
Eva Tizón Zas
Índice Xeral

Nota previa..........................................................................................................................páx. 7

Estatísticas...................................................................................................................................

I. Narrativa..............................................................................................................................................páx. 10

I. 1. Narradores galegos..................................................................................................................páx. 10
I. 2. Reedicións comentadas e facsímiles. Textos recuperados...........................................páx. 128
I. 3. Traducións ou versións e reedicións..................................................................................páx. 140
I. 4. Antoloxías..........................................................................................................................páx. 180

II. Poesía................................................................................................................................................páx. 199

II. 1. Poetas galegos......................................................................................................................páx. 199
II. 2. Reedicións comentadas e facsímiles. Textos recuperados..............................................páx. 272
II. 3. Traducións ou versións e reedicións..................................................................................páx. 283
II. 4. Antoloxías..........................................................................................................................páx. 286

III. Teatro................................................................................................................................................páx. 322

III. 1. Dramaturgos galegos..........................................................................................................páx. 322
III. 2. Reedicións comentadas e facsímiles. Textos recuperados...............................................páx. 338
III. 3. Traducións ou versións e reedicións..................................................................................páx. 342
III. 4. Antoloxías..........................................................................................................................páx. 348
III. 5. Postas en escena..................................................................................................................páx. 355
   III. 5. 1. Ciclos, encontros, festivais, mostras, salas alternativas e semanas.........................páx. 355
   III. 5. 2. Estreas:........................................................................................................................páx. 415
       III. 5. 2. 1. Grupos estábeis ou profesionais.................................................................páx. 415
       III. 5. 2. 2. Grupos escolares, de asociacións ou agrupacións varias...............................páx. 470
   III. 5. 3. Postas en escena que continúan en cartel.................................................................páx. 493
       III. 5. 3. 1. Grupos estábeis ou profesionais.................................................................páx. 493
       III. 5. 3. 2. Grupos escolares, de asociacións ou agrupacións varias...............................páx. 528

IV. Día das Letras Galegas: Uxio Novoneyra...............................................................................páx. 536

IV. 1. Creación: Reedicións comentadas e facsímiles. Textos recuperados..............páx. 536
IV. 2. Monografías, edicións críticas e libros colectivos......................................................páx. 549
IV. 3. Publicacións en revistas........................................................................................................páx. 585
IV. 4. Publicacións en xornais: estudos e recensións..............................................................páx. 590
IV. 5. Publicacións en xornais: artigos de opinión e colaboracións fixas..............................páx. 592
IV. 6. Publicacións en xornais: entrevistas.................................................................................páx. 614
IV. 7. Publicacións en xornais: notas, presentacións e escritos varios.................................páx. 617
V. Ensaio. Teoría Xeral. Crítica.................................................................páx. 645
V. 1. Monografías, biografías, crónicas e libros colectivos.........................páx. 645
V. 2. Reedicións comentadas e facsímiles. Textos recuperados......................páx. 758
V. 3. Monografías e libros colectivos traducidos ou noutras linguas..............páx. 760
V. 4. Antoloxías.........................................................................................páx. 773
V. 5. Publicacións en revistas......................................................................páx. 781
V. 6 Publicacións en xornais: estudos e recensións.......................................páx. 885
V. 7. Publicacións en xornais: artigos de opinión e colaboracións fixas............páx. 948
V. 8. Publicacións en xornais: entrevistas......................................................páx. 1.065
V. 9. Publicacións en xornais: notas, presentaciéns e escritos varios...............páx. 1.114

VI. Clásicos greco-latinos traducidos..........................................................páx. 1.356
VI. 1. Reedicións comentadas e facsímiles. Textos recuperados..................páx. 1.356
VI. 2. Publicacións en xornais: artigos de opinión e colaboracións fixas........páx. 1.360

VII. A literatura infantil e xuvenil.................................................................páx. 1.361
VII. 1. Narrativa..........................................................................................páx. 1.361
VII. 1. 1. Narradores galegos.......................................................................páx. 1.361
VII. 1. 2. Reedicións. Textos recuperados.....................................................páx. 1.459
VII. 1. 3. Adaptacións..................................................................................páx. 1.464
VII. 1. 4. Traducións ou versións e reedicións.............................................páx. 1.475
VII. 1.5. Antoloxías....................................................................................páx. 1.535
VII. 2. Poesía...............................................................................................páx. 1.537
VII. 2. 1. Poetas galegos.............................................................................páx. 1.537
VII. 2. 2. Reedicións e adaptacións. Textos recuperados..............................páx. 1.555
VII. 2. 3. Traducións ou versións..................................................................páx. 1.557
VII. 3. Teatro..............................................................................................páx. 1.562
VII. 3. 1. Dramaturgos galegos....................................................................páx. 1.562
VII. 3. 2. Postas en escena.........................................................................páx. 1.570
VII. 3. 2. 1. Ciclos, encontros, festivais, mostras, salas alternativas e
semanas........................................................................................................páx. 1.570
VII. 3. 2. 2. Estreas....................................................................................páx. 1.591
VII. 3. 2. 2. 1. Grupos estábeis ou profesionais.......................................páx. 1.591
VII. 3. 2. 2. 2. Grupos escolares, de asociacións ou agrupacións
varias.............................................................................................................páx. 1.619
VII. 3. 2. 3. Postas en escena que continúan en cartel:.................................páx. 1.633
VII. 3. 2. 3. 1. Grupos estábeis ou profesionais.......................................páx. 1.633
VII. 3. 2. 3. 2. Grupos escolares, de associacións ou agrupacións
varias.............................................................................................................páx. 1.649
VII. 4. Cómico............................................................................................páx. 1.650
VII. 4. 1.Galegos.......................................................................................páx. 1.650
VII. 4. 2. Reedicións. Textos recuperados.................................................páx. 1.663
VII. 4. 3. Cómics traducidos ou versionados........................................páx. 1.666

VII. 5. 1. Monografías, biografías, crónicas e libros colectivos.....................páx. 1.681
VII. 5. 2. Monografías e libros colectivos traducidos ou noutras linguas........páx. 1.704
VII. 5. 3. Publicacións en revistas...............................................................páx. 1.707
VII. 5. 4. Publicacións en xornais: estudos e recensións...............................páx. 1.742
VII. 5. 5. Publicacións en xornais: artigos de opinión e colaboracións fixas...páx. 1.777
VII. 5. 6. Publicacións en xornais: entrevistas.............................................páx. 1.785
VII. 5. 7. Publicacións en xornais: notas, presentacións e escritos varios.......páx. 1.795

VIII. Literatura de transmisión oral................................................................páx. 1.878

VIII. 1. Recompilacións, monografías e libros colectivos..............................páx. 1.878
VIII. 2. Reedicións. Textos recuperados....................................................páx. 1.898
VIII. 3. Monografías e libros colectivos traducidos ou noutras linguas........páx. 1.900
VIII. 4. Antoloxías....................................................................................páx. 1.904
VIII. 5. Publicacións en revistas.................................................................páx. 1.910
VIII. 6. Publicacións en xornais: estudos e recensións.................................páx. 1.914
VIII. 7. Publicacións en xornais: artigos de opinión e colaboracións fixas......páx. 1.918
VIII. 8. Publicacións en xornais: entrevistas..............................................páx. 1.927
VIII. 9. Publicacións en xornais: notas, presentacións e escritos varios.........páx. 1.929

IX. Revistas...............................................................................................páx. 1.934

X. Premios................................................................................................páx. 1.968

X. 1. Narrativa..............................................................................................páx. 1.968
X. 2. Poesía..................................................................................................páx. 2.017
X. 3. Teatro.................................................................................................páx. 2.041
X. 4. Investigación......................................................................................páx. 2.058
X. 5. Mixtos (varias modalidades)...............................................................páx. 2.069
X. 6. Premios a unha vida.........................................................................páx. 2.111
X. 7. Literatura infantil e xuvenil...............................................................páx. 2.137
X. 8. Premios escolares e xuvenís.............................................................páx. 2.164

XI. Literatura medieval..............................................................................páx. 2.205

XI. 1. Monografías e libros colectivos........................................................páx. 2.205
XI. 2. Actas..................................................................................................páx. 2.221
XI. 3. Monografías e libros colectivos traducidos ou noutras linguas..........páx. 2.225
XI. 4. Antoloxías.......................................................................................páx. 2.226
XI. 5. Publicacións en revistas.................................................................páx. 2.238
XI. 6. Publicacións en xornais: estudos e recensións..................................páx. 2.240
XI. 7. Publicacións en xornais: artigos de opinión e colaboracións fixas......páx. 2.241
XI. 8. Publicacións en xornais: entrevistas..............................................páx. 2.245
XI. 9. Publicacións en xornais: notas, presentacións e escritos varios........páx. 2.246
XII. Apéndice: entradas non recollidas en Informes anteriores..............páx. 2.249

XII. 1. Narrativa.................................................................páx. 2.249
   XII. 1.1. Narradores galegos...........................................páx. 2.249
   XII. 1.2. Traducións ou versións....................................páx. 2.256

XII. 2. Poesía.................................................................páx. 2.263
   XII. 2.1. Poetas galegos................................................páx. 2.263
   XII. 2.2. Reedicions comentadas e facsímiles. Textos recuperados......páx. 2.276
   XII. 2.3. Antoloxías.......................................................páx. 2.281

XII. 3. Teatro.................................................................páx. 2.283
   XII. 3.1. Dramaturgos galegos.......................................páx. 2.283

   XII. 4.1. Monografías, biografías, crónicas e libros colectivos.........páx. 2.285
   XII. 4.2. Reedicions comentadas e facsímiles. Textos recuperados.......páx. 2.314
   XII. 4.3. Monografías e libros colectivos traducidos ou noutras linguas....páx. 2.315
   XII. 4.4. Publicacións en revistas.....................................páx. 2.324

XII. 5. Clásicos greco-latinos traducidos.....................................páx. 2.347
   XII. 5.1. Reedicions comentadas e facsímiles. Textos recuperados........páx. 2.347

XII. 6. A literatura infantil e xuvenil........................................páx. 2.348
   XII. 6.1. Narrativa.........................................................páx. 2.348
       XII. 6.1.1. Narradores galegos.....................................páx. 2.348
       XII. 6.1.2. Traducións ou versións reedicions.....................páx. 2.353
   XII. 6.2. Poesía.............................................................páx. 2.356
       XII. 6.2.1. Traducións ou versións.....................................páx. 2.356
   XII. 6.3. Teatro.............................................................páx. 2.357
       XII. 6.3.1. Dramaturgos galegos.....................................páx. 2.357
       XII. 6.3.2. Reedicions comentadas e facsímiles.....................páx. 2.358
   XII. 6.4. Cómic.............................................................páx. 2.359
       XII. 6.4.1. Galegos.......................................................páx. 2.359
   XII. 6.5. Ensaio. Teoría Xeral. Crítica................................páx. 2.360
   XII. 6.5.1. Monografías, biografías, crónicas e libros colectivos.........páx. 2.360
   XII. 6.5.2. Publicacións en revistas.....................................páx. 2.361

XII. 7. Literatura de transmisión oral.........................................páx. 2.363
   XII. 7.1. Recompilacións, monografías e libros colectivos................páx. 2.363
   XII. 7.2. Reedicions comentadas e facsímiles. Textos recuperados.........páx. 2.365
   XII. 7.3. Monografías e libros colectivos traducidos ou noutras linguas..páx. 2.366
   XII. 7.4. Publicacións en revistas.......................................páx. 2.667

XII. 8. Revistas...............................................................páx. 2.368

XII. 9. Literatura medieval..................................................páx. 2.373
   XII. 9.1. Monografías, biografías, crónicas e libros colectivos...............páx. 2.373
   XII. 9.2. Antoloxías........................................................páx. 2.377
   XII. 9.3. Publicacións en revistas........................................páx. 2.378
Nota previa

Un ano máis, e van xa dezaseis, achegamos aos interesados en coñecer cómo se desenvolveu a Literatura galega, non só en Galicia senón tamén fóra dela, o Informe de literatura correspondente ao ano 2010, o único observatorio literario galego con características que van máis alá dunha base bibliográfica, xa que non só achega a creación senón tamén a recepción de todo tipo de obras literarias, así como dous elementos sistémicos, acompañados todos eles dunha descripción do seu contido, e mesmo da súa historia cando de revistas e premios se fala. Este Informe poderase consultar non só no CD-ROM, como en anos anteriores, senón tamén na web do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades (http://www.cirp.es) en recursos en liña, en formato PDF, ou ben directamente no buscador Google: Informes de Literatura, onde ademais se poden consultar todos os Informes dende o ano 1995.

Como é habitual, no traballo acolлемos todas as informacións e reflexións que, atinxindo directa ou indirectamente ao ámbito da Literatura galega, apareceron por unha parte en soporte impreso durante o ano 2010 e, dentro deste tipo de soporte, nas súas más diversas manifestacións: monografías, libros colectivos, revistas, xornais, etc.

Ofrecemos un comentario descritivo, non valorativo nin crítico, de cada unha das entradas rexistradas, é dicir, tanto dos libros relacionados coa literatura que viron a luz ao longo do ano 2010 (e tan só deses) coma das recensións que sobre eles apareceron nas revistas e nos xornais durante ese mesmo período de tempo. Con estes comentarios tratamos tan só de informar ao lectorado do contido das diferentes publicacións, sen entrar en análises minuciosas, cousa que sería de todo punto imposíbel, nin en excesivos tecnicismos que puidesen obstaculizar a comprensión a un lectorado non suficientemente especializado.

Respecto dos xornais, os consultados seguen a ser, fundamentalmente, de ámbito galego, aínda que cada vez máis son obxecto de atención aqueloutros foráneos que moi esporadicamente conceden algunha atención á Literatura galega. Así, poderán atoparse ao longo deste Informe algunhas entradas de ABC, Diario de León, Bierzo 7, La Crónica, El Mundo e El País, aínda que agora tamén dende a edición galega. Doutra banda, apreciarase que, polo que se refire a este tipo de publicacións, diferenciaos entre “Recensións” e “Referencias varias”, por considerar que estas últimas, de importancia menor, evidentemente, achegan xa algunha alusión ou información secundaria respecto do obxecto principal do escrito (artigos de opinión, entrevistas), xa simples nótulas que non alcanzan o rango de recensións nin de análises críticas con pronunciamentos valorativos de interese, na maioría dos casos. Se decidimos mantelas foi por considerar que proporcionan unha información colateral valedora, cando menos, para sabermos o grao relativo de atención que prestan ao ámbito literario, en xeral, os diferentes xornais consultados, cousa que se reflicte elocuentemente nos gráficos estatísticos que presentamos.

Polo que atixe ás revistas, cómpre ter en conta que as consultadas son case todas galegas, por máis que rexistramos a atención que lle prestan a esta literatura outras como ADE (Revista de la Asociación de Directores de Escena de España), Anuario de Estudios Medievales, CLIJ (Cuadernos de Literatura Infantil y Juvenil), La Cronica, Cuadernos de Estudios Gallegos, Humanista, Estudos Lingüísticos, Leer, Madrygal.
Revista de Estudios Gallegos, Mealriba. Revista de Cultura, Primer Acto, Qué leer día a día, Revista de poética medieval, REEL (Revista Electrónica de Estudos Literarios), Romania, Serta, Setepalcos, Signum, Studi Medievali e Lazarillo. Tamén nesta orde de cousas, queremos avisar ao lectorado de que, case exclusivamente, nos temos dedicado a consultar as revistas de maior difusión, pero que somos conscientes da existencia de gran cantidade de publicacións por parte de Centros de ensino, Agrupacións e Asociacións culturais e outros Centros, de dentro e de fóra de Galicia, que poden ter interese para os nosos fins pero que non nos foron asequíbeis na súa maior parte. Neste sentido queremos manifestar a nosa vontade de apertura e o noso interese cara a todas aquelas contribucións que os usuarios desexen facernos chegar ao Centro para paliar o noso descoñecemento, nalgúns casos, e noutros a escasa difusión de certos materiais.

No apartado IX Revistas, no que se fai unha biografía da publicación, non dos traballos que contén, a non ser as achegas de creación, dado que se describen no apartado anterior, só biografaremos aquelas que teñen ISSN, as demais que chegan ás nosas mans, como xa dixemos, serán descritas por medio dos seus traballos en Publicacións en Revistas. Os Anuarios que non teñan ISSN e si ISBN serán descritos como monografías (Apartado V.1). Tamén neste apartado acollemos as revistas que se ofrecen en edición facsimilar.

Noutra orde de cousas, cómpre salientar que, como xa se ten feito en edicións anteriores, dedicamos un apartado especial (IV) a todo o que se publicou arredor da figura homenaxeada no Día das Letras Galegas, neste caso, Uxío Novoneyra. Entre outras cousas, esa decisión serviu-nos para que a bibliografía que se produciu no ano 2010 sobre esta figura non repercutise, desvirtuándoos, nos parámetros relativos ao reconto estatístico da produción literaria total do ano.

Doutra banda, o lectorado apreciará que a Literatura Infantil e Xuvenil é obxecto, así mesmo, de atención diferenciada (Apartado VII), respecto da que podemos denominar institucionalizada, ou dirixida aos adultos. Incorporamos a este apartado a sección denominada “Cómic” polas súas características gráficas e narrativas, ainda que somos conscientes de que hai distintos tipos de cómic, con intencións diferentes e lectorado ideal non infantil e xuvenil. Polo mesmo, coidamos que os traballos rexistrados sobre a Literatura de transmisión oral, pola especial metodoloxía que o obxecto de estudo impón, debían considerarse á parte (Apartado VIII), tal e como se fai asemade coa Literatura medieval (Apartado XI), por constituir esta un corpus con perfil de seu, prakticamente xa pechado, e dispoñer, así mesmo, dunha metodoloxía de investigación ben diferenciada respecto do resto da literatura.

Para unha mellor matización na análise dos aspectos que definin o sistema literario galego seguimos a consignar a porcentaxe de obras que se beneficiaron dunha subvención pública para a súa edición (marcadas no texto con §), así como a daquelas que foron directamente editadas por institucións oficiais, xa sexan de ámbito local, provincial ou autonómico (marcadas no texto con w), para contribuír a unha mellor interpretación da realidade cultural galega.

Neste Informe seguimos a matizar os marbetes de apartados, así engadimos en cada un, os denominados “Apéndices”, de habelos. Estes cambios responden a suxestións dos usuarios en prol dunha mellora do Proxecto. Tamén, debido á implantación das novas tecnoloxias, sobre todo ao uso da internet, decidimos non describir os folletos editoriais
dado que se poden consultar nas páxinas web das editoras, información que consideramos suficiente, pola mesma razón eliminamos o apartado de Páxinas web, dada a proliferación de buscadores potentes, portais e blogs englobadores.

Finalmente, queremos manifestar como sempre o noso agradecemento a Mercedes Brea pola axuda e a información que nos prestou sobre Literatura medieval, e a todas aquelas persoas que ou ben realizaron a descrición dalgúnha entrada ou ben colaboraron neste proxecto nalgún momento do proceso de elaboración ou nalgún aspecto puntual: María Jesús Agra Pardiñas (Ilustración), Cristina Collazo Gómez, Bárbara Ferreiro Barreiro, Cristina Negreira Barcia, Lorelay Simón Mejuto e Celia Vázquez García.
Informe de Literatura 2010
I. NARRATIVA

I.1. NARRADORES GALEGOS


Novela de Antonio Abal Lemos (Cangas do Morrazo, 1932) estruturada en dezaseis capítulos nos que un narrador en terceira persoa relata vinte e catro horas na vida de Muchita Bon. O día da protagonista convértese nunha odisea que a leva a enfrontarse a diferentes problemas que van dende o engano, o despido, o roubo, a todo tipo de humillacións. Será a natureza loitadora de Muchita a que lle axude a superar todo tipo de chanzos no camiño. A través da visión da protagonista, na historia abórdanse diferentes temas como o da drogadicción, as consecuencias no pequeno comercio coa chegada das grandes superficies de consumo e o paro no sector da pesca.


Volume de corenta relatos, de Marilar Aleixandre (Madrid, 1947), dedicado “A Anxos Sumai” e que se inicia cunha cita de Fernando Pessoa. Sete deles levan por título “Alf lailia Wa-lailia” e teñen como protagonista a Mila Dreixal, unha muller que se dedica a estudar a literatura galega no exilio e tamén a literatura árabe. Na súa investigación, Mila vai descubrindo relatos que se van esparexendo ao longo do libro. Este xogo metaliterario da autora pretende darlles realidade ás historias que conforman o volume. En conxunto trátanse temas moi variados, pero hai certas reiteracións que destacan por constituir álicerces da obra. Así, un dos tópicos máis utilizados é o da guerra civil e a ditadura amosando a miseria, a dor e a vinganza desta etapa. Pertencen a este grupo relatos como “O coitelo de novembro”, no que se adiviña a un Franco agonizante que delira coas execucións que el mesmo ordenou; “Desde Lavacolla”, onde se recollen as reflexións dun preso antes da súa morte; “Os nomes dos que pasaron o Río Negro”, historia daqueles que tiveron que vivir ás agochadas para non ser atopados polas forzas da orde, ou “A fera no metro”, no que se retrata a fame, a miseria e o medo dunha familia durante a guerra. Outro grupo de relatos constitúe unha revisión de mulleres que son verdadeiros mitos e que Marilar Aleixandre transfigura dende unha perspectiva feminista e crítica. Están neste bloque relatos como “A redeira”, que ten como protagonista á muller de Ulises, cansa de agardar; “Fala Carrapuchiña”, historia que amosa a unha Carrapuchiña namorada do lobo e que quere decidir por ela mesma, ou “Xoana de Arco remite formulario de apostasia”, que amosa a unha Xoana de Arco furiosa coa Igrexa e que deixa un último testamento. Asemade predominan nos relatos personaxes que padecen e sofren, aos que non lles tocou unha vida fácil. A autora, por medio da voz narradora, amosa a realidade con crueldade, sen agochar as miserias humanas nin maquillar os problemas. Unha boa mostra disto son os relatos “Hospicianos” e “A area anticipa o temporal”, entre outros. Non obstante, hai outros que transmiten unha trama máis amábel, como “Staphylococcus Aureus”, relato amoroso no que unha moza traballadora dunha conserveira atopa o amor no inspector
que vén revisar a fábrica gravemente infectada dunha perigosa bacteria, ou “Na pel da troita”, onde se deixa ver unha preciosa relación entre avó e neta.

Recensións:


Baixo o epígrafe “O coitelo que non dá puntada sen fío” María Reimón dez comeza sinalando a dificultade de comentar calquera dos relatos d’O coitelo en novembro, de Marilar Aleixandre, por causa da intensidade de todos eles, “a súa variedade de perspectivas e innumerables temas e enfoques”. A seguir, valora a súa estrutura e sinala, entre outras afirmacións, que “a posta en dúbida da autoría e ao tempo a obsesión social por determinala resulta ao meu entender unha das grandes contribucións d’O coitelo en novembro”. Finalmente, Reimón dez loa a lingua desta obra e afirma que son moitos os niveis de lectura que ofrece.


Apunta que n’O coitelo en novembro Marilar Aleixandre ofrece unha ampla compilación de toda a súa contística, dende mediados da pasada década até o presente, reuniendo preto de tres ducias de textos variados na súa temática, estilo e extensión. Comenta que a autora creou unha estrutura marco para ganduxar as historias, polo que O coitelo en novembro se asemella a unha sorte de singular As mil e unha noites en versión galega, un exercicio literario tamén practicado por Ánxel Fole, Álvaro Cunqueiro e até Teresa Moure. Sinala que neste volume se recolle o mellor da prosa breve de Marilar Aleixandre e considera que o feito de presentarse baixo unha estrutura enmarcada moi suxestiva e de continuos repregamentos espazo temporais, con deliberados solapamentos e coincidencias de voces narradoras e destinatarios, contribúe a unha orquestración integral máis atractiva.


Comenta a nova novela de Marilar Aleixandre, O coitelo en novembro, e manifesta que a maioría dos relatos son independentes, malia existir unha trama principal nalgunhas partes do libro, que funciona como unha materiosa. Resultalle interesante o pano de fondo da historia central, ainda que afirma que “non se desenvolve demasiado”. Por outro lado, opina que a trama adopta un aspecto “inconcluso”, pero que se ve enriquecida polas “múltiples disertacións da protagonista” sobre o material de estudo. Logo de apuntar que os xogos metadiscursivos producen un efecto interesante, concédelle atención a outros tipos de relatos dentro da novela, onde se suceden reelaboracións de mitos clásicos ou contos populares. Para rematar, sinala que o resultado desta novela de Aleixandre é un “libro poliédricox e complexo” e que, ás agás “os inconvenientes dos que parte”, é resolto con habilidade.

- Ramón Nicolás, “Incógnitas da condición humana”, La Voz de Galicia, “Culturas”, n.º
Sostén que Marilar Aleixandre ideou unha estrutura na que todo se interrelaciona de xeito que O coitelo en novembro pode ser visto como un conxunto de relatos ou como unha novela. Comenta que o seu eixo é a presenza de sete fragmentos narrativos nos que unha estudante se achea a uns textos atopados e asemade destaca a multiplicidade de recursos narrativos e puntos de vista neste libro. Tamén salienta a mestura de realidade e ficción e que o relato “A fera do metro” presenta unha tensión realmente inesquecible.


Sinala que este libro presenta unha serie de contos con desiguais niveis de sofisticación literaria e salienta que sete deles teñen como protagonista a Mila Dreixal. Dela coméntase que habita nunha época na que rematou o paraíso da información libre e gratuita na rede e, dos argumentos d’O coitelo en novembro, destácase o formulario apóstata de Xoana de Arco.

Referencias varias:


Entrevista na que, a partir da aparición d’O coitelo en novembro, Marilar Aleixandre comenta que todo o que escribe ten unha relación porque crea un mundo con intercomunicacións, o que posibilita darlle unha unidade a uns materiais que foron escritos dende 1996, cando publicou Lobos nas illa, até agora. Explica a relación do relato central d’O coitelo en novembro con As mil e unha noites, xa que procura un marco para outros relatos e tamén a reflexión ao redor do verdadeiro e do falso, e destaca a importancia da memoria nesta colectánea que toma o título dun relato protagonizado por un Franco agónico. Refírese á literaturización da historia das persoas e ao tema da traición aos ideais, que tratou en Teoría do caos, ademais de afirmar que sería moi pretensioso pensar que a literatura vai cambiar o mundo e de que neste libro intenta darlle voz ás mulleres. Alude ao tratamiento do sexo nalgúns deles literarios e á literatura de mulleres para logo dicir que se identifica moito máis coa escrita de Xosé Miranda e Xabier Queipo que coas narradoras de antes e despois da ponte estabelecida pola crítica Dolores Vilavedra. Menciona a súa relación co galego e considera que a situación actual desta lingua require por parte do galeguismo un esforzo de imaxinación e de integración. Tamén se manifesta sobre as medidas da administración en relación ao libro. Por outra parte, fala das súas traducións e de palabras clave na súa escrita tal e como son “coitelo”, “sal”, “anllar” e “racha” e de como se ve no futuro.


Seccións fixas destes suplementos nas que se describen varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónanse, entre outras, O coitelo en novembro, de Marilar
Aleixandre; *Organoloxía*, de Eva Moreda; *Cartas a Elisa* (2009), de Santiago Casal; e *Depósito de cadáveres* (2009), de Miguel Anxo Martínez Oubiña.


Infórmase de que no Festigal 2010 se presentarán catro obras de recente publicación: *O coitelo en novembro*, de Marilar Aleixandre; *A intervención*, de Teresa Moure; e *Sol de inverno* (2009), de Rosa Aneiros.


Indica que no Festigal 2010 se presentou, entre outras novidades literarias da Galería das Letras, *O coitelo en novembro*, de Marilar Aleixandre.


Infórmase da celebración do Festigal, un festival da cultura galega que conta con actuacións musicais, artesanía, proxeccións de materiais audiovisuais galegos como os premiados no Festival de Cans, conferencias e presentacións de libros como as novelas *O coitelo de novembro*, de Marilar Aleixandre; e *A intervención*, de Teresa Moure.


Comeza reflexionando sobre as lecturas do verán e sobre a literatura como un xeito máis de gozar no tempo de lecer. Con respecto ás preferencias en lingua galega cita *Coitelo de novembro*, de Marilar Aleixandre, e mais *Nunca te vin chorar*, de Miguel Suárez Abel.


Tras se referir a *Antonio das Mortes e a muller de verde*, de Manuel Vilanova, afirma respecto a *O coitelo en novembro* que non sabe se cualificalo como libro de relatos ou novela e subliña que é o volume máis ousado e intrépido da súa autora. Tamén destaca a súa heteroxeneidade de voces e procedementos.


Conversa na que Marilar Aleixandre, ademais de comentar a que dedica o seu tempo de lecer e de sinalar que vive da súa profesión de docente, sinala que para a vindeira temporada ten previsto facer varias presentacións d’*O coitelo en novembro*. Asemade informa de que está a escribir unha novela e un libro xuvenil titulado *Robinsón contado polas alimarias*. 
Citanse como mostras da calidade das voces literarias galegas O coitelo en novembro, de Marilar Aleixandre, e A intervención, de Teresa Moure.


Entrevista a Marilar Aleixandre con motivo da presentación d’O coitelo en novembro na Libraría Couceiro, acompañada de Manuel Bragado, director de Edicións Xerais de Galicia, e de Víctor F. Freixanes. A autora comenta que a idea da obra partiu d’As mil e unha noites, e que consta de dezanove relatos que “fía arredor da ficción e da realidade”, parte dos cales foran publicados con anterioridade en revistas como Madrigal, Annistia Internacional e nunha homenaxe a Carlos Casares (“oito ou nove” son inéditos). Subliña que o máis complexo foi construír a historia marco que lle dá forma ao libro e que o título está tomado dun dos relatos, no que narra a historia dun “ditador galego que morreu un novembro, o mes das matanzas do porco”.

Breve referencia a O coitelo en novembro na que comenta que esta obra é de difícil clasificación. Ademais sinala que se trata dun lume que se aviva con forza ao comezo e mais ao final de cada relato. Finalmente agradécelle á súa autora que conte historias para vivir.


Novela realista de Xulia Alonso (A Rúa-Ourense, 1961) que, tal como a propia autora indica nas páxinas iniciais, foi pensada para a súa filla Lucía, nun intento por recuperar do esquecemento a súa historia de amor con Nico, o pai da nena. Un narrador en primeira persoa relata os momentos máis salientábeis da historia persoal da autora acontecidos durante os dous últimos anos de vida do seu compañeiro sentimental, afectado pola SIDA, abrangendo diferentes temáticas: o amor, a drogadicción, o rexeitamento dos afectados pola SIDA e o sentimento de perda. A acción retrotráese quince anos antes do momento presente para describir as situacións e emocións vividas pola autora dende o momento en que se lle diagnosticou a enfermidade ao seu amor, Nico, até o derradeiro día da vida deste. Ademais Xulia Alonso incorpora múltiples episodios que, a modo de flashback, relatan todos aqueles acontecementos que explican o fatídico final. Ao longo de corenta e cinco capítulos, a autora percorre a súa infancia e xuventude, os anos de vida en Santiago, a relación con seus pais, os primeiros contactos co mundo das drogas e o illamento nun hospicio, entre outras vivencias.

Recensións:
Comeza cualificando Futuro Imperfecto como “un futuro prendido (e non preso) entre sorrisos”. Salienta que Xulia Alonso detalla unha experiencia vital súa ofrecendo “unha crónica máis íntima da xeración que naceu coa década dos sesenta”. Apunta que a autora fala directamente co seu compañeiro sentimental Nico, pai da súa filla Lucía, a quen lle escribe unha carta que tamén é para o lectorado, grazas á xenerosidade da autora. Indica que Alonso tematiza o problema da heroína abordando dende a familiaridade con esta enfermidade, amosando a loita contra a dependencia, as estadías en hospital e a descuberta e convivencia coa SIDA. Remata destacando que se trata dun “relato lúcido e necesario” que supón un compromiso coa liberdade e unha mostra da amizade e da loita pola supervivencia.

Referencias varias:


Fálase da presentación da primeira obra de Xulia Alonso, Futuro imperfecto. Expícase que é o testemuño dunha supervivente nunha década onde as drogas estaban moi presentes na vida cotiá. Cóntase que Alonso fai un percorrido vital por un período concreto da súa vida vinculado ao mundo da heroína, aínda que a autora quere deixar claro que non se trata do retrato dunha xeración senón da súa historia persoal. Sublíñase a importancia que os amigos e a familia teñen e remátase comentando que, a pesar da dureza das lembranzas, o resultado é unha narración esperanzadora xa que busca transmitir que “a vida, ao final, é unha oportunidade”.


Entrevístase a Xulia Alonso con motivo da presentación na compostelá libraría Couceiro de Futuro Imperfecto. Apúntase que se relata en primeira persoa a experiencia vital da autora no mundo da heroína e as súas consecuencias, como foron a SIDA e a perda do seu compañeiro. Recóllese que Alonso comaenta que a obra a escribiu como un testemuño para a súa filla e sinálase que pretendía deixar constancia da súa historia de amor co pai da mesma, centrándose nos dous últimos anos de vida xuntos. Sublíñase que “o libro é un canto á supervivencia, á non resignación”. Precísase que cando a autora chegou a Compostela nos anos oitenta consumir heroína era unha forma de experimentar, “un acto de autoafirmación”, xa que se descoñecían as súas consecuencias. Coméntase que non tentou trazar un retrato xeracional pero sí que as xeracións posteriores coñezan o que pasou e as mortes polo consumo de drogas sexan algo máis que un estigma, unha dobre morte.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate do ano. No caso da narrativa saliéntase Futuro imperfecto, de Xulia Alonso. Coméntase que se trata dunha novela de carácter autobiográfico na
que predomina o compoñente emocional. Refírese tamén a Os fíos, de Xurxo Sierra Veloso; Periferia, de Iolanda Zúñiga; O imposible de desatar, de Iván García; e Cabalo de ouros, de Víctor Freixanes.


Novela de suspense de Diego Ameixeiras Novelle (Lausanne, Suíza, 1976) dividida en tres capítulos: “O garda civil”, “O anarquista” e “O home do tempo”. Narrada en terceira persoa, desenvólvese nun período curto de tempo, uns días, e transcorre en Ourense e, na súa maior parte, en Santiago de Compostela. Ábrese cunha nota do autor na que advirte que todos os personaxes son fictícios, aínda que algúns están elaborados a partir de políticos reais. Despois da definición da palabra “bloque” recollida no Dicionario Xerais da Lingua, iníciase o primeiro capítulo, “O garda civil”, coa noticia do asasinato do parlamentario da Unión do Pobo Galego (UPG), partido integrado no Bloque Nacionalista Galego (BNG), Mario Dacosta, á saída da reunión do Consello Nacional na que a executiva presentou a súa dimisión tras a derrota do bipartito nas eleccións autonómicas. Para aclarar os feitos, a dirección do BNG contrata os servizos dun detective de Ourense, Alberte Cudeiro. Este viña a Compostela e comeza a entrevistarse cos dirigentes do partido no que militaba Dacosta, principalmente con Alicia Souto, que tivera unha relación co parlamentario asasinado e que remata tendo tamén unha relación amorosa co detective. Nunha das súas visitas a esta rapaza coñece o seu veciño Benigno, un garda civil retirado que no leito de morte lles confesa que el e o avó de Dacosta mataron un militante da CNT chamado Camilo Bouzo durante a guerra civil. No segundo capítulo, “O anarquista”, Cudeiro pensa que o asasinato non foi por motivos políticos senón que tivo que ver co asasinato que cometeu o avó de Dacosta. O detective descobre que Camilo Bouzo deixou embarazada á súa moza e que o seu fillo emigrou a Suíza e tivo dous fillos, Ernesto e Daniel Aguiar, o primeiro un estafador inmobiliario e o segundo un ex-militante do BNG. Pola súa banda, a policía tamén investiga o asasinato de Dacosta, segue a pista da pistola que utilizou o asasino, que ia nun Renault Clio, e descobre que estivo en Ferrol e que no hotel onde se hospedou deixou un libro, feito que axuda a que dean con el. No último capítulo, “O home do tempo”, descóbrese que o asasino de Dacosta foi Daniel Aguiar, quen tivera un encontro sexual con Alicia Souto uns días antes de matar ao seu ex-compañeiro de partido. Grazas a ela obtivo moita información, como que Dacosta fora militar da Falanxe e que seu avó matara durante a guerra civil. Daniel Aguiar intenta matar tamén a Xelmírez, secretario xeral da UPG, pero nese momento é sorprendido por Cudeiro, a que ataca esmagándolle os dedos da man dereita. Con todo, é detido pola policía pero morre ao tirarse polo oco das escaleiras da comisaría nun intento de escapar da xustiza. Unha vez resolto o crime, Alberte Cudeiro regresa á súa oficina de Ourense. Finalmente, o libro péchase cunha cita do libro The professionals (1966), de Richard Brooks.

**Recensións:**

Destácase que na novela *Asasinato no Consello Nacional*, de Diego Ameixeiras, a semelanzan coa realidade está pouco disimulada, polo que o lectorado lle vai poñendo cara aos protagonistas e, así, recréanse os enfrontamentos que existen dentro do Bloque Nacionalista Galego (BNG). Coméntase que a acción comeza coa crónica xornalística do asasinato de Mario Dacosta e coa contratación dun detective por parte do BNG para que solucione o caso polo que a novela ofrece un argumento que abre dous enigmas: un relacionado con crime da actualidade e outro que obriga o lectorado agardado a viaxar até 1936. Cresa que esta novela é pouco orixinal, pero grazas á súa calidade e á intriga, impulsa o lector a devorar as páxinas. Sinálase que nela hai varias referencia a Manuel Vázquez Montalbán, como por exemplo o título, case idéntico ao de *Asesinato en el Comité Central*, e morbo. Afirmeuse que o editor, Manuel Bragado, comenta que o máis destacable da novela é o personaxe do detective taoísta, que é unha novidade na nova do país, pero opinase que este personaxe non explica o éxito desta obra, o cal é debido ao morbo de ver os militantes do BNG no escenario dun crime.


Opínase que todos os militantes do Bloque Nacionalista Galego (BNG) están lendo *Asasinato no Consello Nacional*, escrito por Diego Ameixeiras e publicado por Edicións Xerais de Galicia, xa que nunha semana acadou un “récord” de vendas. Sinálase que o segredo é a intriga política, polo que os militantes do BNG mercan a novela “con sentimentos contraditarios: orgullosos de seren protagonistas, curiosos de que algún externo lle entregue unha auditoría interna e asemade perplexos de mirar as súas prendas íntimas postas a clarexar á vista de todos”. Coméntase que o autor fai unha distribución equitativa no reparto de culpas e mete o dedo en canta chaga vai atopando. Destácase que os protagonistas reencarnan os agardados Paco Rodríguez, Xosé Manuel Beiras, Carlos Aymerich e Ana Pontón. Para rematar, afirmeuse que “esta novela vai ser moito máis eficaz ca un Consello Nacional para que cada quen coñeza a posición do seu rival/compañeiro e marque estratexia”.


Sinálase que a novela *Asasinato no Consello Nacional*, de Diego Ameixeiras, esgotouse ás poucas semanas da súa publicación. Coméntase que é unha intriga, que parte do asasinato dun deputado do Bloque Nacionalista Galego (BNG) aos poucos días da caída do bipartito e do posterior debate sucesorio que no seo da organización se deu, conducida polo detective Alberte Cudeiro. Destácase que na novela se atopan personaxes de ficción que se identifican con algúns militantes reais do BNG. Indícase que, aínda así, hai dous factores que queden un pouco escurecidos e infravalorados: a evolución do investigador ao longo da novela, xa que representa a antítese dun personaxe plano, e a mestura da trama principal con outra que afonda na guerra civil e nun asasinato. Para rematar, opinase que esta novela está constituída por diálogos cheos de ironía e retranca e unha sucesión de pequenos fragmentos sobre os que se alicerza a resolución do conflito, nos que aínda é posíbel atopar algunha sorpresa e xiros inesperados.

Coméntase que Diego Ameixeiras comezou a súa andaina literaria –Baixo mínimos (2004) e O cidadán do mes (2006)– dándolle vida ao detective Horacio Dopico, pero en Asasinato no Consello Nacional dálle vida a un novo detective chamado Alberte Cudeiro, ao que lle é encargado o caso do asasinato do parlamentario nacionalista Mario Dacosta, elixido para ser o novo portavoz do partido. Sinálase que a acción comeza aos poucos días da derrota del bipartito en 2009, que ten algunhas pausas para esculcar un crime cometido durante a guerra civil e que engade un plus de morbo á narración: o retrato das liortas internas dos nacionalistas nos días previos á Asemblea Extraordinaria de 2009 para elixir o sucesor de Anxo Quintana. Destácase que a novela é unha intriga cun final sorpresa, pero tamén un achegamento á realidade política do país, xa que reflicte con humor e ironía os interiores da coalición nacionalista e a imaxe dos seus personaxes máis destacábeis. Finalmente, opínase que utiliza unha prosa áxil e directa, “realismo narrativo”.


Coméntase que Asasinato no Consello Nacional, de Diego Ameixeiras, cuxo título fai referencia a Asesinato en el Comité Central de Manuel Vázquez Montalbán, pretende conxugar política cunha trama detectivesca e dicte que causou tanto interese que levou a que Edicións Xerais de Galicia, un mes despois da súa publicación, editara unha nova tiraxe. Opínase que o éxito desta novela é que abre as portas dunha organización tan hermética como o Bloque Nacionalista Galego (BNG) no momento máis delicado da súa historia; así, comeza cando o BNG perdeu as eleccións autonómicas en 2009 e un descoñecido lle pega dous tiros a un deputado nacionalista, candidato a converterse en líder da organización, de cuña investigación se encargan un detective taoísta ourensán chamado Alberte Cudeiro e a Policía Nacional. Indícase que na historia tamén se reflicten as imaxes das familias da cúpula do BNG, intrigas internas para manobrar na assemblea nacional, pelexas internas e a crise pola que atravessa o nacionalismo. Salíntese que outros dous motivos que se tratan na historia é unha subtrama relacionada coa guerra civil, algo forzada, e o personaxe de Alberte Cudeiro, que non seduce ao lector debido á súa excesiva humanidade. Finalmente, opínase que o novela negra precisa algo máis, por exemplo, suspense.


Sinálase que esta novela de Diego Ameixeiras xa vai pola segunda edición e que a súa capa e o seu título remiten á novela Asesinato en el Comité Central, de Manuel Vázquez Montalbán, á que se fai referencia na páxina corenta e nove. Crese que o feito de que Ameixeiras baseara parte dos personaxes en persoas reais da vida política galega e que outra parte sexa ficción pura e simple está moi ben porque afasta a polémica sobre os límites da narrativa que pode deixar de ser tal para mudar en ensaio ou crónica. Así, opínase que na novela de Ameixeiras hai realidade e ficción, aínda que a primeira, camuflada, supera á segunda; que as notas a rodapé sobre grupos políticos retardan a lectura dun libro que se esperaba máis dinámico polo seu cerne político e que o detective encargado de resolver o caso é un espantallo, inferior a Horacio Dopico, protagonista de anteriores libros de Ameixeiras. Coméntase que a novela é demasiado
didáctica e explicativa para o xénero negro no que non se explica, senón que se deduce. Finalmente, afirmase que *Asasinato no Consello Nacional* tampouco pode inscribirse no xénero negro porque, quitado o ambiente urbano que non está ben descrito, non hai elementos imprescindíbeis como o alcohol ou o sexo.


Aconséllase tanto aos militantes nacionalistas coma aos socialistas e aos do Partido Popular que lean esta novela. Indícase que está moi ben ambientada e que a historia se sitúa na fin do goberno bipartito cando o Bloque Nacionalista Galego (BNG) vai elixir un novo líder, pero este é asasinado. Sinálase que hai referencias aos paseos de 1936, á historia do nacionalismo galego, á vida habitual de Santiago de Compostela (o que lle dá verosimilitude á trama) e que é unha homenaxe de *Asesinato en el Comité Central*, de Manuel Vázquez Montalbán. Coméntase que a novela está ben escrita, dá conta do nacionalismo e do mundo galego e que aínda que os nomes dos personaxes non sexan coñecidos poden agochar trazos de políticos recoñecidos. Afírmase que neste libro o misterio é secundario, que o que tira polo lector é ver como é o BNG por dentro e que está a ser un éxito de vendas.

**Referencias varias:**


Díse que Diego Ameixeiras está a ultimar a novela *Asasinato no Consello Nacional* que Edicións Xerais de Galicia publicará en setembro. Dáse conta do argumento e sinálase que Ameixeiras ofrece con esta novela unha clara homenaxe de duascentas sesenta e catro páxinas a *Asesinato en el Comité Central*, de Manuel Vázquez Montalbán. Por outra banda, Jaureguizar tamén sinala que alguns políticos como Xosé Manuel Beiras, Paco Rodríguez e Anxo Quintana figuran na obra con alcumes debido a que son identificados polo lector. Confía no sentido de humor dos membros do Bloque Nacionalista Galego (BNG), en que ninguén se sinta ofendido e en que a novela se vexe como unha sátira política que o autor escribiu a partir do que leu pola prensa e do que lle escoitou á xente. Sinala que a obra non fala exclusivamente do BNG, xa que tamén acolle unha trama que vén da guerra civil e unha evolución do detective taoísta, ao que lle dá igual quen gañe, só quere resolver o crime e cobrar.


Repara nalgunhas “contradiccións locais” da cidade coruñesa e informa que pode presumir da mellor feira do libro galego. Opina que as expectativas para a edición galega “non son boas”, malia a saída de publicacións como *Todo é silencio*, de Manuel Rivas. Dí que Diego Ameixeiras ten “olfacto único para elixir temas a novelar”, e informa da súa próxima novela, *Asasinato no Consello Nacional*. Desta obra sospeita Jaureguizar que vai lograr máis vendas “pola curiosidade ca polo ‘savoir faire’ do autor” e aplaude que Ameixeiras escriba “sobre nós e sobre agora”.

19

Coméntase que a novela Asasinato no Consello Nacional, de Diego Ameixeiras, vai ser publicada polas Edicións Xerais de Galicia no mes de setembro. Sinálase algúna característica do personaxe protagonista, o detective Alberte Cudeiro, e afirmase que a novela é unha clara homenaxe a Asesinato en el Comité Central, escrita por Manuel Vázquez Montalbán e publicada por Planeta en 1981, xa que tamén hai dúas investigacións paralelas: a policiaca e a que leva a cabo o detective encargado polo Bloque Nacionalista Galego (BNG). Coméntase que o autor intentou facer unha sátira política arredor do BNG, pero non un tratado sobre el, e que o escenario da historia é a cidade de Santiago de Compostela. Destácase que entre os personaxes da novela son recoñecíbeis algúns persoeiros reais, pero tamén outros personaxes arquetípicos, e que na novela hai dúas tramas: a morte do dirixente nacionalista e un enigma vinculado coa guerra civil. Para rematar, afirmase que Asasinato no Consello Nacional é unha novela longa e que é difícil facer unha novela negra porque sempre leva consigo unha serie de desafíos e non se poden cometer erros.


Sinálase que Asasinato no Consello Nacional, novela de Diego Ameixeiras publicada por Edicións Xerais de Galicia en 2010, e Unha historia que non vou contar, de Xosé Cid Cabido e publicada pola mesma editorial en 2009, son dúas maneiras de aproveitar o que sucede, el real. Tamén se falan doutras novelas que as precederon como Luces de Fisterra, de Carlos Mella, e Pan e coitelo (2008), de Bieito Iglesias.


Indícase que Asasinato no Consello Nacional, de Diego Ameixeiras, é un thriller político que se introduce nas intrigas do Bloque Nacionalista Galego (BNG) no momento da súa saída da Xunta de Galicia en 2009 e no que se pode identificar a Emilio Pérez Touriño, Anxo Quintana e Francisco Rodríguez. Coméntase o argumento desta novela e Ameixeiras afirma que hai crítica interna, pero non ningún dato que non se poida saber previamente polos medios de comunicación, e que é consciente do morbo que pode suscitar, pero tamén hai unha trama que ten que ver coa guerra civil. Sinálase que creou un novo investigador próximo á psicología do budismo e introduciu inspectores da policía nacional, porque afirma que non quere limitarse a un só personaxe de novela negra.


Entre as novidades editoriais para o outono, salienta esta novela da que apunta que ten “tódalas papeletas para converterse no best seller da temporada” e dá conta do seu argumento.

Entrevista a Diego Ameixeiras na que trata múltiples aspectos da súa obra *Asasinato no Consello Nacional*. Así, fala da adscrición ao xénero da novela negra e da política ficción desta súa obra; dos motivos que o levaron a escribila e da ironía presente nos diálogos e na forma de actuar dalgúns personaxes. En canto aos destinatarios explica que escribiu a novela pensando nos aficionados ao xénero, aínda que tamén agarda que sexa de interese do lectorado en xeral. Define a obra como netamente de ficción e, sobre o éxito de vendas, sinala que se mantén á marxe e que é un fenómeno editorial que demostra a aceptación da obra por parte do público. Tamén reflexiona sobre a proximidade entre o xénero negro e o xornalismo, explica que ofrece unha mirada subxectiva sobre Santiago de Compostela e comentada linguaxe que é menos debéda da fala popular ourensá cáes obras anteriores. Ameixeiras dá conta das razóns que o levaron a homenaxear a Manuel Vázquez Montalbán e sinala outros autores que foron referentes para el á hora de crear os personaxes. Tamén ofrece a súa opinión sobre a voz narradora empregada e as temáticas que trata nesta novela. O autor establece as principais diferenzas entre as súas primeiras novelas e esta, especialmente coa que considera máis distanciada *Tres segundos de memoria* (2006) da que ofrece as súas principais características. Finaliza esta entrevista falando dos personaxes solitarios e inadaptados presentes nas súas obras e afirmando que se considera un escritor de xénero que, se ten algo que achegar, é dende esas coordenadas.


Alude ao acto de presentación desta novela de Diego Ameixeiras na Libraría Couceiro de Santiago de Compostela onde considera que o autor se presentou dende unha posición defensiva, por pensar que os presentes estarían molestos ao teren un alter ego na obra. Ironiza sobre as interpretacións da obra, que considera errado situala na liña do drama en lugar do da parodia. Considera que se despreza a súa capacidade revolucionaria e que pertence a un xénero moi acaído para os tímidos por xogaren a ser e non ser, cumprir e fuxir e, sobre todo, por “darlle a volta ás cousas sen que lle dean a volta ao autor”.


Explica que a novela de Diego Ameixeiras é unha viaxe polo universo do Bloque Nacionalista Galego (BNG) e os grupos que o integran. Explicase a trama ao redor da busca dunha figura que represente o colectivo, na que se poñen de manifiesto as intrigas internas e as ambicións persoais, convertendo a novela no retrato da cara oculta da clase política galega nacionalista en estado de shock. Considera que con esta novela Ameixeiras rompeu un tabú ao ficcionalizar as loitas intestinas do nacionalismo, polo que máis aló do xénero no que está integrada é unha obra que non deixará indiferente a ninguén, en especial á militancia e simpatizantes da formación nacionalista galega, por iso conclúe que xa “non queda nada intocable para a ficción”.

Entrevista a Diego Ameixeiras, autor da novela negra *Asasinato no Consello Nacional*, con motivo da súa chegada ás librerías. Lémbrese o argumento desta novela da que se sinala que ten doses de morbo e humor e que os protagonistas se poden identificar con personaxes reais. Ameixeiras afirma estar contento de que a novela cause tanta expectación e morbo porque iso significa que acertou á hora de escoller a temática, pero que a el o que lle interesa é o lector afeccionado ao xénero negro, que espera que se vexe arrastrado pola intriga. Así mesmo, fala das razóns da homenaxe á obra de Manuel Vázquez Montalbán e da escolha do ano 2009 á hora de realizar esta novela. Comenta cómo foi a xestación de *Asasinato no Consello Nacional* e as relacións realidade-ficción presentes na obra. Tamén as súas pretensións e as súas preocupacións con ela. Remata dicindo que lle entusiasman os personaxes solitarios que se enfrontan a enigmas e amosándolle o seu agradecemento aos lectores da novela negra pola súa fidelidade.


Dáse noticia de que Edicións Xerais de Galicia está a preparar a segunda edición de *Asasinato no Consello Nacional*, de Diego Ameixeiras, cando tan só leva unha semana nas librarías. Considérase a Ameixeiras un narrador galego “anti-malencónico”, “desprovisto de carnalidade, tan metafísico que dá medo”. Coméntase o argumento da novela e considérase que o éxito do libro é tamén unha proba de que “a ficción pode resultar ben máis lúcida e estimulante que a realidade que trata de evocar”. Ópinase que este libro vai provocar que unha boa parte de militantes do Bloque Nacionalista Galego se boten a ler esta novela negra, cando son máis proclives a ler outros xéneros como o ensaio histórico-político, a poesía, a biografía, etc.

- Alberto Ramos, “Se hai algo que non falta no BNG é autocrítica, pero a niveis privados”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 10 outubro 2010, pp. 36-37.

Entrevista a Diego Ameixeiras co gallo de Edicións Xerais de Galicia estar a preparar unha segunda edición da novela *Asasinato no Consello Nacional* unha semana despois da súa aparición nas librarías. Ameixeiras sinala as razóns polas que comezou a escribir a novela, fala do material no que se baseou e da súa intención de achegarse ao lectorado do xénero negro. O autor afirma que nunca pensou en suscitar o morbo para que a obra funcionase e cre que o feito de que se esgotase a primeira edición se debe a que escolleu un tema atractivo. Considera que a novela negra introduce un enigma, pero tamén unha análise social e que a figura do investigador solitario que intenta resolver o misterio é esencial. A seguir, comenta que o seu libro é, dende o título, unha homenaxe á súa novela preferida, *Asesinato en el Comité Central*, e que el pensou que podía funcionar unha historia similar no interior do Bloque Nacionalista Galego. Finalmente, destaca que o seu libro está cheo de reflexións políticas relacionadas coa Guerra Civil e coa caída do bipartito e indica que variou de detective protagonista nesta novela porque Cudeiro é un investigador máis achegado á realidade da profesión.


Debido ao esgotamento da primeira edición de *Asasinato no Consello Nacional* á semana da súa publicación Diego Ameixeiras é entrevistado por Ramón Nicolás. Nesta conversa o autor de *Asasinato no Consello Nacional* afirma que non é o primeiro
escritor de xénero negro que escribe unha intriga de carácter político, tanto dentro como fora de Galicia, e fala dos seus referentes. Considera que os lectores e lectoras van ler o texto buscando só o interese dunha intriga política e parécele secundario o feito de que se identifiquen algúns personaxes con persoas reais. A continuación, fala das fontes empregadas á hora de documentarse para a novela e da relación realidade-ficción na que esta última debe actuar en liberdade aínda que trate con referentes recoñecíbeis na realidade. Para rematar fala dos detectives das súas novelas, Dopico e Cudeiro, que comparten certos trazos irónicos pero que se diferencian, por exemplo, na súa espiritualidade.


Seccións fixas destes suplementos nas que se acolle, entre outros, un breve descritor de Asasinato no Consello Nacional, novela detectivesca de Diego Ameixeiras; O segredo de Marco Polo, de Francisco Castro; e As horas baixas (2008), de Manuel Lourenzo.


Dáse conta das variadas novidades que saen do prelo en galego. No caso da narrativa destácase Asasinato no Consello Nacional, de Diego Ameixeiras, pola súa capacidade discursiva e por subverter convencións da novela policial. Cítase tamén Randeao do lento, de Herta Müller; Todo é silencio, de Manuel Rivas; e Vidas post-it, de Iolanda Zúñiga.


Entrevista tipo test a Diego Ameixeiras para falar do éxito da súa novela Asasinato no Consello Nacional. Nela confesa que cando escribiu a novela non sabía que ía espertar tanto interese pois só tiña como obxectivo escribir unha intriga política actual. Sinala que confía en que os militantes do Bloque Nacionalista Galego saiban rir de si mesmos e indica que está tomando as reaccións do nacionalismo co mesmo taoísmo que caracteriza ao detective Cudeiro.


Xosé Carlos Caneiro comenta que leu a novela Asasinato no Consello Nacional de Diego Ameixeiras. Cre que é divertida, pero prescindíbel, xa que é un produto comercial eficaz no que a literatura é escasa pero hai estímulos cinematográficos igual de atractivos que ridículos. Pensa que Ameixeiras debería aspirar a metas máis artísticas.

Diego Ameixeiras fala da novela _Asasinato no Consello Nacional_ nesta entrevista con Xosé Ramón Pena. Nela explica, en primeiro lugar, as razóns da escolla dun protagonista novo á hora de enfrontar unha realidade mundana como a política. A seguir, sinálase a importancia na novela da investigación, paralela á de Cudeiro, realizada por dous policías que dan moito xogo e que poderían ser protagonistas dun relato independente; coméntanse as razóns polas que o personaxe Fernando Xelmírez caricaturiza a Francisco Rodríguez e afirmase que na novela se recrean as liortas internas do Bloque Nacionalista Galego dende un punto de vista irónico e paródico, sen tomar partido por ninguén pero caricaturizando personalidades que serven de referentes a personaxes da obra. Dáse conta de cómo xurdiu _Asasinato no Consello Nacional_ a partir do que o autor ía vendo nos medios de comunicación e indicanse as diferenzas entre esta novela e _Asesinato en el Comité Central_, de Vázquez Montalbán. De _Asasinato no Consello Nacional_ sinálase que a verdadeira forza da novela reside na composición do protagonista e na trama arredor do episodio da guerra civil. Finalmente, destácase que o asasino tiña que estar relacionado co pasado do nacionalismo, nos anos oitenta cando se viviu unha etapa de moito debate interno.


Entrevista a Diego Ameixeiras co gallo da presentación da súa novela _Asasinato no Consello Nacional_, a cal está chegando os lectores e lectoras afeccionados ao xénero negro polo que cre que o seu éxito se debe a que acerta co gusto do lectorado, a pesar de que tamén haxa algo de morbo debido a que se poidan identificar na realidade algúns personaxes. Coméntase que hai personaxes construídos a partir da parodia de persoas reais, pero hai outros que son arquetipos que forman parte da ficción. Indícase que tiña a referencia da novela de Montalbán, _Asesinato en el Comité Central_, e pensou en facer unha intriga parecida polo que foi vendo o que saía na prensa sobre o Bloque Nacionalista Galego despois da derrota do bipartito. Finalmente, coméntase que cambiou o detective porque nunca pensou en ter o mesmo en todas as súas novelas e que Horacio Dopico era unha parodia da novela negra americana dos anos trinta e nesta ocasión quería un detective máis real.


Dáse noticia de que unha das actividades do Culturgal van ser as conversas de salón onde, entre outros, Diego Ameixeiras sentará en fronte do xornalista Iago Martínez para falar da súa novela _Asasinato no Consello Nacional_.


Conxunto de contos de Vicente Araguas (Xuvia-Neda, A Coruña, 1950) que leva por título a localidade de nacemento do autor. Consta de vinte e oito historias de extensión breve que presentan temáticas moi variadas: o amor, o desamor, a tristeza, as lembranzas da infancia, a morriña, o erotismo, etc. Un eixo que vertebra a maioría das historias compendiadas é a referencia por parte do narrador á adolescencia. Esta alusión ao pasado fáise presente nun protagonista que por veces adopta unha primeira persoa, presentándose ao lector como “un tal Fandiño” –ou “Fando”– e que vai guiando o lector...
polos relatos, aparecendo e desaparecendo constantemente, e outras veces en personaxes ambiguos e que é difícil precisar. Moitos destes contos non teñen nin un principio nin un final claro, xa que se organizan a xeito de recordos de xuventude que se mesturan co presente. Ademais, moitos deles presentan continuas referencia a iconas do mundo occidental, como é o caso do conto no que fala dun disco dos Beatles, que en realidade está interpretado pola Torero Band, ou o relato no que se fala de Brigitte Bardot. Outros relatos achéganse a tradicións e festas propias de Galicia: procesións de santos, festas nas aldeas, baños de principio e final de verán, etc.

Recensións:


Analízase o libro de relatos Xuvia-Neda de Vicente Araguas. Destácase a simboloxía cotiá, sen esteticismos, da cuberta e a presenza da infancia como nova clave na contracuberta. Coméntase a inclusión do topónimo Xuvia como un intento de creación dun territorio mítico, xa presente en obras anteriores do mesmo autor e que, nesta ocasión, comunica que todo o que importa se reduce ao que cada individuo ten ao seu redor. Sinaláse que se trata de vinte e oito relatos con tempos, ritmos, protagonistas, lugares e técnicas distintos. A través dunha linguaxe precisa, áxil e poética nárranse historias feitas de testemuñños, crónicas e diarios, con personaxes dende a infancia á madurez.


Ademais de referir a produción narrativa de Vicente Araguas, sinala que Xuvia-Neda ofrece un conxunto de vinte e oito contos breves que, por veces, figuran dedicados. Sinala que os seus títulos condensan e anticipan, nalgunhas ocasións, as tramas do narrado. Afirma que o pano de fondo que parece presidir os relatos apuntaría a certo pouso (auto)biográfico ou, en todo caso, á (re)creación de vivencias impresivas nos eidos natais do autor durante os tempos da posguerra, aínda que tamén se insiren contos ambientados en épocas anteriores e posteriores. De feito, considera que podería dicirse que o protagonista último de todas estas historias é a propia Xuvia-Neda. Tamén apunta que este volume aposta polo relato curto en prosas que nalgún caso son case fotogramas e outros pequenas curtametraxes literarias. Por outra parte, indica que nelas hai moito de neorrealismo sui generis e que están cheas de luzadas e revelacións, mais tamén de ironía e humor desmitificador.


Afirma que o lectorado agardado está perante un magnífico libro nas distancias curtas no que o seu autor regresa “ao seu paraíso de infancia e adolescencia”. Asemade indica que este “marabilloso libro” está composto de anécdotas divertidas e que é unha longa viaxe á memoria.

- Xulio Valcárcel, “Xuvia-Neda, da man de Araguas”, Diario de Arousa, “O Salnés
Considera que Vicente Araguas recolle neste conxunto de relatos lembranzas, emocións e sentimentos “adubiados con comentarios inxeniosos” no que asemade está presente un delicado equilibrio entre o real e o imaxinario. Tamén subliña que o seu mérito non está no argumento senón na orixinalidade do enfoque e mais que os seus relatos son poemas en prosa. Como exemplo do dito refírese ao texto “Mito e o miro”.


Indica que as distintas historias deste volume están articuladas arredor dos veráns da infancia e mocidade do personaxe Fandiño dende o final da guerra civil até a actualidade. De entre os relatos de Xuvia-Neda comenta e destaca catro deles: “Veronal o cinco de agosto, martes”, “Perico en lúas”, “Onde estea un acordeón” e mais “Fiat 509, matrícula tres mil e algo da Coruña”.


Destaca o ton melancólico da prosa de Vicente Araguas e con respecto ás vinte e oito narracións deste libro subliña que están cheas de tinturas dramáticas, sociais e humanas xunto con acenos melancólicos, soidosos e humorísticos. Tamén recalca que a prosa de Araguas explora como ninguén o territorio da infancia e da adolescencia e mais que varios destes relatos son dignos merecedores de poder facer parte dunha antoloxía da literatura galega contemporánea.


Salienta que esta obra se pode cualificar de literatura da proximidade dado que se aproxima ás xentes e mais aos lugares dos que nace. Fala da gran cantidade de personaxes a medio camiño entre o realismo e a “xustiza sentimental do contributo á formación humana do propio autor” que están presentes neste volume e explica que a presenza do personaxe de Fandiño lle confire continuidade e contigüidade aos relatos ao ser protagonista nuns casos e testemuña noutros.

Referencias varias:


Recóllese un intento de prólogo para o seu libro de relatos Xuvia-Neda no que realiza unha loa das terras que dan nome ao volume e das súas xentes, que serviron de punto de partida para a creación ficcional.

Dáse conta da inauguración da Feira do Libro de Ferrol, a primeira do ano en Galicia, na que tivo lugar a presentación da obra narrativa Xuvia-Neda por parte do escritor Vicente Araguas.


Coméntase que na Feira do Libro de Ferrol tivo lugar a presentación do libro de relatos Xuvia-Neda, obra de Vicente Araguas, quen tamén foi o encargado de pronunciar o pregón da feira.


Opina que os libros electrónicos nunca desprazarán os de papel polo contacto físico que permiten. Polo pracer do intercambio entre escritores e lectores celebra a inauguración da Feira do Libro de Ferrol e comenta que Vicente Araguas, quen presentou o libro Xuvia-Neda, se ocupou do pregón de apertura, mentres que Antón Cortizas estivo presente no peche da feira.


Comenta o pregón que ofereceu na Feira do Libro de Ferrol, así como a presentación do seu libro, que tivo lugar neste mesmo lugar.


Comunícase que este conxunto de relatos de Vicente Araguas lidera as vendas na Feira do Libro de Ferrol. Asemade, recóllense palabras do autor de Neda, quen confesa as súas preferencias literarias, que inclúen tanto a Xulio Verne como a Wenceslao Fernández Flórez.


Recoméndase o conxunto de relatos Xuvia-Neda, de Vicente Araguas, e destácase o texto “Memoria de peixe” dedicado a Xaime Bello. De Araguas tamén se cita o volume A canción do verán (2002). No eido da poesía, recoméndase o poemario Do corpo e a súa ausencia, de Medos Romero.


Entrevístase a Vicente Araguas con motivo da publicación do seu libro de relatos Xuvia-Neda. O escritor explica que Xuvia e Neda son o seu “espazo mítico desexado e desexable” de aí que volva a el de continuo. Comenta o feito de que o concello de Neda decidira facelo fillo predilecto: fillo, porque naceu no Portago de Xuvia, e predilecto,
porque consideraron que se o escritor leva unha bandeira polo mundo adiante esa é a de Neda. Ademais, recoñece que xa ten tocado os dous lugares dende a poesía e, en certa medida, a partir da novela A canción do verán (2002).


Opina que Vicente Araguas nunca decepciona como escritor a pesar de ser un autor moi prolífico e considera que este conxunto de relatos non defrauda as expectativas ao redor de calquera obra asinada por el.


Apunta que as historias deste libro conforman unha poética da nostalxia con historias que ollan cara á adolescencia e á infancia. Comenta que o seu autor deseña situacións e vivencias con tons melancólicos e soidos xunto con pegadas realistas.


Comenta que anda a estrear un libro de relatos e que a xente lle anda a pedir que identifique os seus personaxes. Afirma que aínda que son personaxes que parten do real, son de ficción.


Co gallo de reflexionar sobre as lecturas que está facer asegura que lle gusta como comeza Xuvia-Neda pero que “veremos como conclúe”. Ademais destaca que este libro se anuncia gozoso.


Comenta que Xuvia-Neda está ben escrito e que o seu autor é un dos poetas máis excelsos. Refírese tamén a O espello do serán (1966), de Ramón Otero Pedrayo; Do Courel a Compostela (1988), de Uxío Novoneyra; Camiñantes, un itinerario filosófico (2009), de Marcelino Agis Villaverde; A rolda nocturna (2009), de Sarah Waters; e A cripta do Apóstolo, de Pere Tobaruela.


Sinálase que este libro está formado por historias curtas, breves memorias e por divertidas anécdotas conformando intensos relatos onde o humor está moi presente. Sostense que os relatos de Xuvia-Neda en principio son reais pero que están transformados pola memoria. Dise que é un libro pegado ao territorio real e fantástico ao mesmo tempo.

Conversa na que Vicente Araguas comenta que este é o seu libro que mellor acollida tivo e que a súa columna en *Diario de Ferrol* lle axuda para ensaiar estratexias narrativas. Araguas considera o mellor relato o titulado “Unha historia de amor” e remata apuntando que vai publicar un libro de conversas titulado *O que non contei en Voces Ceibes*.


Afirma que o conxunto de relatos curtos *Xuvia-Neda* é o resultado dun curto mes de escrita durante un verán e destaca que catro deles son un auténtico logro literario: “Prismáticos”, “Tríptico do tenente”, “Dona con can” e mais “¡Un dese, un deses!”.


Comenta que ao bautizar este libro con nomes verídicos “sabía de abondo o que me xogaba”. Destaca que neste volume hai un par de relatos que se acuegan ao tema do fútbol como é “Campo del Perrito” e aquel que ten lugar o día que o xogador Marcelino foi comer a Xuvia pouco despois do seu mítico gol.


Reflexiona sobre a cidade de Vigo e fala de que vai presentar na Feira do Libro de Vigo o seu libro *Xuvia-Neda*.


Considera que Vicente Araguas comprime neste libro a expresión. Lembra que nel volve homenaxear o seu lugar natal e destaca que o propio autor se defende das acusacións de localismo citando a *Dubliners*, de James Joyce. Tamén se fai un breve repaso pola faceta de Araguas como narrador, poeta, tradutor e crítico.


Vicente Araguas, despois de ter presentado este libro na Feira do Libro de Vigo, séntrase feliz ao saber que *Xuvia-Neda* vai por bo camiño.


Afírmase que neste libro está presente o conto e a crónica mediante os que o seu autor introduce o seu espazo nativo. Tamén se comenta que Vicente Araguas connota varios
perfis de persoeiros que dialogan de diversa maneira contra o silencio estabelecido que non acala as conciencias cohibidas.


Destaca que Vicente Araguas sabe beber das raiceiras da súa terra natal para conformar con este libro unha homenaxe constante ao territorio desexado. Asemade cualifica *Xuvia-Neda* como obra “perfecta en moitos sentidos” e destaca que o seu autor emprega un rico idioma e unha coidada prosa.


Reflexiona sobre a boa literatura e remata subliñando que as súas últimas lecturas, *Xuvia-Neda*, de Vicente Araguas, e mais *A distancia do lobo. Biografia de Uxio Novoneyra*, de Antón Lopo, son boa mostra disto.


Seccións fixas dos suplementos nas que se describen varias obras do sistema literario galego como é o caso de *Xuvia-Neda*, un conxunto de relatos de Vicente Araguas; *Os libros prestados*, de Xavier López López; *Reckless*, de Cornelia Funke; e *Treze ensaios sobre Pessoa*, de Carlos Taibo.


Recoméndanse diferentes lecturas entre as que se atopa *Xuvia-Neda*, de Vicente Araguas, obra da que salienta a liberdade do autor para escribir sobre o que lle interesa realmente. Cítanse tamén outras obras sobre o exilio..


Nesta novela Silvia Bardelás (Vigo, 1967) insírese na reflexión sobre as relacións amorosas e a destrución que o paso do tempo provoca nelas. Esta longa reflexión constrúese a partir dos desencontros que viven dúas parellas. Tras percibir que levan un tempo vivindo unha relación difícil, Juan e Sara deciden separarse temporalmente. El decide pasar unha tempada na aldea de Voces nunha casa que pertence á familia dela. Na súa soidade coñece a José e Flora, unha parella que se ocupará de atenderlle a casa e que tamén viven o seu propio drama persoal. Ao tempo que Sara loita por atopar a súa propia independencia e identidade, Juan tenta fuxir das súas frustracións familiares e conxugaís. Enmárcase nunha paisaxe montañosa e rural con referencia continuas á paisaxe urbana da que proceden os personaxes. A voz narradora vai xurdindo a través da conciencia dos personaxes e do seu propio mundo interior, sendo este o modo escollido para a súa caracterización. Sen apenas diálogos, de xeito que se percibe o
xénero cinematográfico a partir de descricións detalladas, constrúese unha novela de introspección persoal. O fio narrativo xorde a partir dunha linguaxe densa pero directa que tenta explicar os sentimientos e sensacións das persoas. É, polo tanto, unha obra de reflexión sobre temáticas universais como o amor, o paso do tempo, a función da parella e a identidade persoal.

Recensións:


Describese o argumento da novela As Médulas, de Silvia Bardelás, na que converxen as vidas de catro personaxes a partir do retiro dun deles, Juan, á aldea de Voces, tras a súa ruptura coa súa parella Sara. Sinálase que a través dun narrador omnisciente os diálogos, emocións e pensamentos dos personaxes van pasando de segunda a terceira persoa durante cada unha das seis partes que conforman a obra. Logo faise unha pequena referencia á traxectoria profesional da autora e ao éxito da novela na Feira do Libro de Frankfurt.


Coméntase a obra de Silvia Bardelás, As Médulas, da que se fai unha especial crítica da súa falta de emoción, erros gramaticais que suxiren ritmos e formas casteláis e a repetición continua de termos que resultan pouco evocadores.

Referencias varias:


Explica a tarefa que leva a cabo Barbantesa, nova empresa editorial galega dedicada a publicar poesía, literatura de mulleres e literaturas africanas, é dicir, “literatura diferente, orixinal e fresca”, entre a que se inclúe As Médulas, de Silvia Bardelás. Asemade, menciónanse Os ditosos anos do castigo, de Fleur Jaeggy; A balada do café triste, de Carson McMullers; e os poemarios de Elías Portela, Con peitos desenchufados, e de Calros Solla, Pan prós crocodilos. Tamén se anuncian os seguintes proxectos, pensados para finais de xuño: Poemas de África, de Eduardo de Bettercourt e Jorge Arrimar, e A arte do fracaso, de Berta Dávila.


Dise que na Feira do Libro da Coruña se deu a coñecer a editorial Barbantesa, de Cangas, e que no acto estivo a escritora Silvia Bardelás presentando a súa obra As Médulas. Tamén se indica que outro autor presente foi Elías Portela co seu poemario Cos peitos desenchufados. Por último, acúranse as liñas de traballo coas que nace o novo selo editorial.

Fálase sobre o novo selo editorial Barbantesa e os obxectivos do mesmo, entre eles, dar visibilidade ás literaturas minorizadas. Dice tamén que se presenta na Feira do Libro da Coruña, así como os seus dous primeiros títulos: a novela *As Médulas*, de Silvia Bardelás, e o poemario *Cos peitos desenchufados*, de Elías Portela. Engádense os nomes doutras autoras internacionais traducidas ao galego e outro título de literatura africana.


Tras indicar que na Feira do Libro da Coruña Silvia Bardelás presentou a súa novela *As Médulas*, publicada polo novo selo editorial Barbantesa, faise unha entrevista á escritora na que fala sobre o contido da obra e os personaxes. A autora declara que a literatura debe servir para a reflexión e polo tanto non se trata dun libro para entretre.


Primeiro acláranse as liñas editoriais do novo selo Barbantesa e logo recóllense as palabras de dous dos autores que se inician nesta editorial e que presentan as súas obras na Feira do Libro da Coruña: en narrativa Silvia Bardelás con *As Médulas*, novela na que, tal como se di, se narra a vida de dúas parellas que loitan por sobrevivir dentro dunha sociedade actual na que é difícil cambiar, e, en poesía, Elías Portela con *Cos peitos desenchufados*.


Indícase que a obra *As Médulas*, de Silvia Bardelás, publicada en Barbantesa, foi escollida por un grupo de expertos xermanos para ser traducida ao alemán e é ademais a única obra galega seleccionada dentro do Estado Español. Sinálase que esta escolla forma parte do proxecto no que a firma New Spanish Book colabora co Instituto Español de Comercio Exterior e a Asociación Española de Editores.


Coméntase que a obra da viguesa Silvia Bardelás, *As Médulas*, foi escollida por un grupo de expertos xermanos para ser traducida e comercializada no mercado alemán, a través da firma New Spanish Book e é ademais a única obra galega seleccionada dentro do Estado Español. Dise tamén que un dos motivos que gustou ao grupo de expertos é a temática universal da obra: as dificultades do ser humano para tomar decisións.

Tras anunciar a publicación do último poemario de María do Carmo Krukenberg na editorial Barbantesa, tamén se dá conta da publicación na mesma editorial da novela de Silvia Bardelás, *As Médulas*.


Fálase da escolla da novela de Silvia Bardelás, *As Médulas*, por un comité de expertos xermanos, para ser vertida ao idioma alemán, entre as quince españolas que se presentaron á selección. Logo entrevístase brevemente a autora.


Volume de Xurxo Borrazás (Carballo, 1963) no que, por medio dun narrador omnisciente, se ofrece unha historia estruturada ao redor de tres capítulos: “Os ananos”, “O túnel” e “O regreso”. Neles, por medio dunha prosa nalgúns momentos case poética, refírese un acontecemento de tipo surrealista no que os protagonistas son uns ananos que representan unha realidade existencial ateigada de amargura. Refírese a vida destes personaxes na súa cova que constitúe un reflexo crítico da sociedade actual. A linguaxe que emprega é complexa e o estilo directo.

**Recensións:**


Sinala que sen sentido do humor non habería Covalladas, a nova entrega de Xurxo Borrazás que podería “ser un disco da primeira época dos Resentidos, se o letrista dos Resentidos fose un Celso Emilio Ferreiro doido e irredento. Ou un capítulo engadido de Alicia no país das marabillas, sempre que Lewis Carroll tivese perdido toda a fe no absurdo. Esperpento punk, J. G. Ballard a catro mans con Valle-Inclán”. Apunta que, segundo a capa da primeira edición, é prosa vertical “Todo envorcado á esquerda, suicida, salvo o relato da fuxida do glosador-heore: salvo a épica” polo que considera que a impugnación de Covalladas está na prosa vertical ou barbarie. Compara esta publicación do autor con outras da súas obras e estima que Covalladas non é unha alegoria e é distinto, “Menos ambicioso, se acaso. Un abismarse do autor con (demasiada) fasquía de exercicio de estilo”.


Sinala que as “covalladas” de Xurxo Borrazás son os rexoubeos da cova, onde habitan os “ananos”, apuntando que ademais de falar de alegoría e parodia, engade o xénero do esperpento. Logo da atención que se dedica á descripción do mundo dos ananos, apunta que hai algúns acontecementos que “dinamizan a trama” e que teñen que ver con desprazamentos dende a cova. Deste xeito, destaca a importancia da cuestión labiríntica na obra (espazo, narrador, estrutura) e sinala que é un novo achegamento de Borrazás ás súas “teimas adquirindo cada vez un ton máis hermético”. Remata opinando que se trata dunha sátira social “un tanto extravagante” e estilisticamente “menos orixinal” do que se pretende, pero coherente co conjunto da obra do autor.


Comenta a saída do prelo de Covalladas. Prosa vertical, de Xurxo Borrazás, e critica o intento de innovación rompedora da súa escrita, as continuas reiteracións do relato e os móbiles narrativos. Conclúe coa afirmación de que este volume podería ter sido algo máis do que é.


Referencias varias:


Recoméndanse algunhas lecturas para gozar durante o verán. Respecto a *Covalladas*, de Xurxo Borrazás, afirmase que se trata dun escrito dacabalo entre a narración e a enunciación poética, parabólico, fabulístico e subversivo contra a burguesa sociedade occidental.


Entrevista a Xurxo Borrazás co gallo da presentación de *Covalladas. Prosa vertical* que xira en torno ás referencias a Orwell, Beckett, Mario Levrero e Bolaño no estilo que conforma a narrativa desta obra; ás reflexións metaliterarias; á conexión con *Viaxe ao país dos ananos* (1979), de Celso Emilio Ferreiro; á presenza do humor e do estado da lingua galega; á mestura entre realidade e ficción, xa presente noutros dos seus volumes como *Costa norte/ZFK* (2008) e *Na maleta* (2000), e, finalmente, á experimentación que el argalla na súa escrita.


Novela simbolista de Jorge Emilio Bóveda (Ourense, 1975) iniciada cunha cita do *Fausto*, de Goethe, e cun “Limiar”, de Ramón Caride Ogando, no que se analiza brevemente a obra, enmarcándoo na tradición da literatura de ultratumba, aínda que dun xeito tipicamente galego e con certas doses de humor. Nárrase a historia dun home, Xan Ferreira, que se dirixe en coche á casa da súa ex muller nunha noite de trebodada para recoller unha caixa de libros. Detén o seu camiño preto da súa aldea natal para reflexionar sobre a súa maneira de comportarse coa súa muller e a súa filla e aí comeza a vivir unha experiencia entre dous mundos: Quintela do Pombal tal e como era antes e a mesma aldea hoxe en día. A obra, contada en terceira persoa por un narrador omnisciente, preséntase dividida en trinta e catro capítulos, todos eles encabezados por un título.

**Recensións:**


Coméntase que *A vila das ánimas* se insire nunha longa tradición que bebe das fontes da narrativa oral e do universo simbólico. Destácase, así mesmo, a presenza do humor, que axuda a que os personaxes cobren vida propia, e cualifícase a obra como “novela decididamente moderna” polo papel activo que debe adoptar o lectorado.

Referencias varias:
Entre outras actividades, anúnciase a presentación na Praza de Compostela de Vigo de *Covalladas*, de Xurxo Borrazás.


Recomenda *A vila das ánimas*, de Jorge Emilio Bóveda, xunto a outras dúas narracións máis.


Novela histórica de Marcos Calveiro (Vigo, 1968) que se divide en catro partes, xebradas a través de catro movimentos ou tempos musicais, ao mesmo tempo que sinalan os espazos xeográficos nos que transcorren as accións narradas: “Allegro veneciano”, “Adagio compostelán”, “Presto verneciano” e “Finale vienés”. Ambientada no século XVIII, en plena decadencia da música barroca e nunha Venecia que celebra o seu afamado Entroido, un narrador en terceira persoa abre o primeiro capítulo para desenmascarar os personaxes que deambulan pola cidade: Antonio Vivaldi, Benedetto Ricotta, Aldo Pietà, Carlo Torttoni e Giacommetto Casanova, entre outros. O fío condutor ás vidas doutros personaxes é Vivaldi, daquela un home decadent e, entrado na vellez e ás portas de facer a súa última estrea musical, que mantén unha tormentosa relación de amor con Anna Giró, a *primma donna*. Ao seu carón están outros personaxes, como Caterina (a alumna favorita do Preste Roxo e interna nun hospicio), que formará triángulo amoroso con Aldo (o protexido de Vivaldi e aprendiz de *luthier*), e o casanova Giacommeto. Nese ambiente veneciano, en pleno xogo carnavalesco de máscaras, configúrase a historia desta novela coral, reflectindo as debilidades humanas en temas como a envexa, a traizón, o segredo e a mentira. O realismo da novela engade certa fantasía a través do personaxe de Leo, o león alado que permanece atento a todo o que sucede na cidade dende a súa posición inmóbil na Praza de San Marcos e que permite ao narrador principal engadir outro punto de vista a través do estilo indirecto libre. Os múltiples significados da cidade italiana achéganse xa no propio inicio de cada un dos catapúlitos da primeira e segunda parte, comezando coa expresión: “Venecia é un/unha...” fraga, festa, caravasar, labirinto, etc. Con todo, a acción transcurre tamén noutras lugares de desigual transcendencia: París, Viena e Santiago de Compostela. O ritmo narrativo, con tendencia á contemplación e á descrición de escenas, axilízase con certos saltos temporais (como é o caso do capítulo III). Ao final do volume, faiase publicidade doutro libro do autor, *Festina lente* (2008), a través de dúas breves recensións, unha asinada por Arume dos Piñeiro e outra por Césare.

**Recensións:**

- Vicente Araguas, “Este xénero que está de moda”, *Diario de Arousa, “O Salnés Siradella”*, n.º 676, “Páxina literaria”, p. 28/ *Diario de Ferrol, “Nordesía”*, n.º 624,
Vicente Araguas comenta que lle alegra saber que a última novela de Marcos Calveiro, *Settecento*, está nos primeiros lugares do “hit-parades” e apunta que se trata dunha “novela de xénero”, con transfondo histórico e con “adobios de thriller”. Opina que as “atmósferas” non se deixan ver, malia o trazo do mapa de Venecia, pois cre que non son suficientes as descricions, malia velas “entusiastas e con certo brillo”. Logo de reparar no título dos apartados da novela, destaca que a morte de Vivaldi acontece “nun trance decididamente lírico”. Para rematar, considera positivo que o xénero no que se move o autor teña lectorado.


Fala da novela *Settecento*, de Marcos Calveiro, e detense nos significados que ofrece a cidade de Venecia. Repara en que a “procura da beleza” ocupa tamén un destacado lugar. Alén de mencionar os personaxes, considera interesante o de Leo dende o punto de vista da técnica narrativa. Indica que esta novela, igual que *Festina Lente* (2008), quere reflectir unha dupla moral, ademais de deterse no proceso de interacción dos personaxes na trama. Por último, dice que os diálogos semellan por veces máis do século XX ou XXI que do século XVIII.


Despois de facer mención a algunhas novelas de Marcos Calveiro, das que di “son unha fiestra aberta a unha realidade a miúdo afastada e pretérita”, céntrase na súa última novela, *Settecento*, da que destaca os seus tres personaxes principais: Aldo, Caterina e Giacometto Casanova. Logo indica o nó que dá comezo á historia e repasa as cidades polas que transcurre o fío narrativo. Opina que se consigue manter en cada páxina a intriga lectora e salienta que, respecto ás voces narrativas, o multiperspectivismo achega “máis dinamismo á acción”. Para rematar, di que o autor manexa “un material narrativo inxente” e se pregunta sobre certas intrigas que quedan sen resolver, polo que por momentos “demanda máis páxinas”.


Dise que Marcos Calveiro na súa última novela deposita o “coidado preciso na expresión”, cunha lectura áxil. Sinala que *Settecento* permite reconstruír con “fidelidade absoluta” a Venecia do século XVIII e destaca algúns personaxes principais. Considera que a figura de Leo é “moi rendible como contrapunto técnico da novela”, o que o leva a pensar máis nunha novela coral que nunha de protagonista. Finalmente, alude ao momento no que a historia recala en Santiago de Compostela.

Referencias varias:

Faise eco dunha serie de publicacións recentes recomendadas para ler en 2010. As que se mencionan dentro da literatura galega son, todas elas, de Edicións Xerais de Galicia. No tocante á narrativa cítase, entre outras obras, Settecento, de Marcos S. Calveiro.


Noméanse as primeiras entregas literarias do ano. No eido da narrativa atópanse Settecento, de Marcos Calveiro, e A intervención, de Teresa Moure, ambos os dous publicados por Edicións Xerais de Galicia. Da editorial Galaxia, A lei das ánimas, de Carlos G. Reigosa, e en A Nosa Terra os últimos textos de Bieito Iglesias e Xabier López Rodríguez, aínda sen título. Por último, en Sotelo Blanco Edicións, a obra gañadora do Premio Risco de Creación Literaria, A do vinte e un, de Hixinio Puentes.


Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, Settecento, de Marcos Calveiro.


Conversase con Marcos Calveiro, que vén de publicar Settecento, novela da que comenta como lle xurdíu a idea para escribirla. A continuación, refírese ao Vivaldi retratado como “un artista en decadencia”, para repasar os escenarios polos que transcurre a historia, considerando que Santiago de Compostela serve “de contraste a Venecia”. Recóllese que non considera que Settecento sexa a súa novela máis complicada porque dende un principio “tenía muy clara la estructura de la novela y el final de la historia”, pero si afirma que é a súa novela “más redonda como artefacto literario”.


Con motivo da presentación en Vigo da novela Settecento realizase unha entrevista a Marcos Calveiro, quen considera que esta obra non se parece á anterior, Festina Lente (2008), pois dí que esta era máis fragmentaria. Por outro lado, indica que nunca estivo en Venecia e dá conta da maneira en cómo se documentou para escribir a historia. Di que trata da condición humana e refire o significado da máscara. Ademais afirma que o máis importante é o tratamiento dos personaxes, sinalando que se trata dunha novela coral, na que o personaxe Leo “quedou como unha especie de conciencia”. Nun á parte, fala doutro personaxe, Vivaldi, e indica que quixo tamén reivindicar o lugar na Europa da época que tivo Santiago de Compostela, porque “non somos tan periferia”.

- César Lorenzo Gil, “Xa no século XVIII había piratería musical”, A Nosa Terra, n.º 1.404, “Cultura”, 29 abril-5 maio 2010, p. 27.
Marcos Calveiro comenta nesta entrevista por qué utilizou Santiago de Compostela como contraste a Venecia na súa última novela, Settecento. Logo de recoñecer que nunca visitou a cidade italiana, alude ao feito de que Venecia sexa unha cidade moi literaria. Ademais de dicir que se documentou moito para escribir a novela, afirma que a estrutura é a “dunha sinfonía” e que o esqueleto é “narrativo e tamén musical”. Por outro lado, opina que hai un preconcepto contra os xéneros e considera un erro que os lectores “non se vexan reflectidos cando se fala do pasado”, pois afirma que este é unha gran fonte de inspiración e que hai “persoeiros fascinantes dos que ninguén falou outra vez”. Ademais fala de que o importante non é o estilo, senón o coñecemento do texto e reflexiona sobre a cuestión de escribir para un público adulto ou xuvenil. Menciona o seu novo proxecto e apunta que revisita sempre a Cunqueiro, e que el “ten a culpa de que eu sexa escritor”.


Logo de informar que Marcos Calveiro regresa ás librarías con Settecento, ábrese a entrevista na que o escritor explica qué lle atrae do pasado. Ademais de se referir ao personaxe de Vivaldi, considera que a decadencia atrae á literatura porque se aprende “máis nas derrotas”, así como dos “libros que non fixen que dos que son un éxito”. Por outra parte, comenta o seu reivindicativo pregón na Feira do Libro de Santiago de Compostela.


Indica que Isidro Novo foi o encargado de ler o pregón da Feira do Libro de Lugo na que, entre outras novidades, se presentou a novela Settecento, de Marcos Calveiro. Apunta que o autor asinou o día 22 de maio exemplares deste novela e precisa que a historia xira aro redor da figura do músico e compositor Vivaldi.


Indícase que Isidro Novo parafraseou a Uxío Novoneyra no discurso pronunciado para inaugurar a Feira do Libro de Lugo de 2010. Alén de se referir a outros participantes presentes no acto, repárase nalgunas pasaxes ditas polo pregoeiro, en relación ao libro, do que se dixo que é como “un estoxo perfecto” e como un símbolo de paz. Do mesmo xeito, contouse a descuberta dun esmoleiro lector nas rúas da cidade e que este exemplo “cundiú” pois houbo un tempo no que a xente pedía “cun libro na man”. Tamén se referiu ao galego, advertingo da perda de falantes e de lectores. Nun á parte, informase das sinaturas de libros por parte dos escritores entre os que se atopa Marcos Calveiro co seu libro Settecento.


Faise referencia ao abandono da escrita por parte de Suso de Toro para volver ao ensino e coméntanse varias novidades literarias aparecidas na primavera, como Settecento,
unha novela sobre a que afirma que manifesta unha certa falta de perseveranza ou de intuición por parte de Marcos Calveiro por non centrala exclusivamente en Venecia.


A conversa con Marcos Calveiro céntrase inicialmente no personaxe de Vivaldi en *Settecento*, do que dir a idea de facelo protagonista foi fruto da casualidade. O autor comenta que a algúns personaxes reais lle mantivo o nome ou llelo cambiou e considérase que o fundamental da novela é a “música”, que a estrutura como un concerto barroco a través de catro movementos (*allegro, adagio, presto e finale*). Tamén dá conta do traballo de documentación que hai detrás e repara no periplo que leva a un dos protagonistas a Santiago de Compostela. Considera que a novela ademais de ser coral é “realmente unha historia de amor”. Por outra parte, cre que na literatura galega hai moitos prexuízos para abordar temas que non son propiamente galegos.


Recoméndanse algunhas lecturas para gozar durante o verán. Respecto a *Settecento*, de Marcos Calveiro, coméntase que se trata dunha aventura barroca, chea de música, na que Vivaldi anda á procura dun stradivarius perdido que acabará na Catedral de Santiago, nunha viaxe física e espiritual na que se mesturan amores, culpas, desexos e desenganos.


Nesta sección fixa do suplemento acóllense uns breves descritores da novela *Settecento*, de Marcos Calveiro, considerado un dos principais narradores galegos, e de *Abelcebú*, de Carlos Negro.


Comenta que a cidade da Coruña pode presumir da mellor feira do libro galego. Opina que as expectativas para a edición galega “non son boas”, malia a saída de publicacións como *Todo é silencio*, de Manuel Rivas, e indica que a renovación vén con *Settecento*, de Marcos Calveiro, de quen di que debería ter maior confianza na capacidade para “contar unha historia actual e adulta” ao se apoiar até o de agora en “personaxes históricos”.


Faise eco da celebración da feira do libro en Monforte. Alén de informar das librerías que estarán presentes, nomea os escritores que asinarán exemplares dos seus libros, entre eles, Marcos Calveiro con *Settecento*. 

A historia deste libro de Marica Campo (Val do Mao, O Incio, Lugo, 1948) comeza coa chegada dunha xornalista a unha vila galega para cubrir a noticia sobre unha “caravana de mulleres”. Alí coñecerá o secretario xudicial da localidade que lle conta a vida de once mulleres cunha problemática común: todas morreron solteiras de forma imposta, ben polas circunstancias, ben pola mala sorte, ben, e sobre todo, polas presións familiares e sociais, tales como, por exemplo, ser a irmá do cura (circunstancia que obrigaba a coidalo até a súa morte) ou entrar na Sección Feminina (isto obrigaba á mestra a permanecer solteira se non quería perder o emprego). A xornalista descubrirá que só algunhas delas se rebelaron, porque a maioría acataron docilmente a situación imposta, e levará a cabo unha descrición do universo feminino da primeira metade do século XX en Galicia, onde en cada unha das historias narradas, que son presentadas de forma encadeada, subxace un pouso de submisión e onde se pon en cuestión a institución do matrimonio cando este non se realiza, por parte das mulleres neste caso, de forma libre. Contanse historias de mulleres, pero dende elas mesmas, a través dunha forma de narrar moi sencela, moi vivaz porque imperan os diálogos, en primeira persoa a historia inicial e en terceira as restantes, non exentas dunha sutil carga de ironía e de humor.

**Recensións:**


Faise referencia á publicación da novela de Marica Campo *Onde houbo lume*, que se acolleu con expectación, segundo o articulista, por terse achegado en poucas ocasións á narrativa dirixida ao lectorado adulto. Dise que nesta ocasión afonda no espazo feminino e que, con precisión e con expresión contida, en poucas páxinas realiza o retrato de once mulleres, que ven a luz a través de Rodrigo. Sinárase que é este secretario xudicial xubilado quen saca a relucir unha serie de vidas femininas truncadas polas máis diversas razóns. Afírmase que se trata de historias que están contadas con toda a crueza e veracidade que precisan por medio da voz dunha xornalista que, aburada polos seus propios problemas persoais, quere narrar cada un deses testemuños, cada unha das vidas desas mulleres, dende finais do século XIX e até os anos oitenta do pasado século, traslucindo nelas as dificultades da condición feminina. Considérase que ten altas doses de denuncia e calidade literaria que merecen ser recoñecidas.


Considera que esta obra presenta “habelencia narrativa” e que os diferentes textos que a compoñen presentan o nexo común das mulleres que morreran solteiras dende finais do século XIX a finais do XX. Destácase que o meirande acerto desta novela é o enfoque que propón da condición feminina.

**Referencias varias:**
Conversa con Marica Campo, autora de *Onde houbo lume*, na que a escritora resume a novela afirmando que “incide na miña teima de contar historias de abrandares e, tamén, en certa maneira, recoller a problemática das abrandares inmigrantes”. Sinala tamén que se inspirou nunha caravana de mulleres que houbo en Samos e que trasladou a elas outras historias de mulleres solteiras que coñeceu en diferentes espazos temporais e que, ao mesmo tempo, quería facer un retrato masculino, a través de Rodrigo, pero pasado por un filtro feminino. Recoñece que sempre lle atraeu o tema das mulleres que se vían obrigadas a quedar solteiras e eran criticadas por non ter un referente masculino. Afirma que a novela contén moito diálogo e que a historia inicial está contada en primeira persoa e as demais en terceira. Explica que os problemas das mulleres son os mesmos, pero que van adquirindo novas formas e que escribe en galego porque así acredita o amor que sente polo seu país e a súa lingua.

Recolle que a autora indicou na presentación da novela que nesta se narran “vidas que se perderon pola presión social ou familiar”. Apunta que na presentación da novela acompañaron a Marica Campo o editor Tucho Calvo e a profesora Pilar García Negro, dos cales se parafrasean algúns dos seus comentarios. Así, dice que García Negro destacou que as mulleres da novela estaban marcadas polo “substrato da submisión” que inflúe en que as mestras se rebelen e as outras queden “amarradas a un estatus preconcebido”, e en que se fale do matrimonio por interese, sen ser “libre elección das mulleres”. Remata coas palabras de Calvo agradecendo que unha autora de “traxectoria sólida” trate da muller “dunha forma definida”.

Conversación con Marica Campo, autora da novela *Onde houbo lume*, na que deixa claro que quere dar protagonismo a esas mulleres ás que a súa forma de vivir lles veu imposta, ben por esixencias sociais, ben por compromisos familiares, xa que na maior parte dos casos o rol que tiñan asignado era o coidado dos demais, cuestión na que elas non podían decidir. A autora resalta o feito de que, na actualidade, as mulleres aínda deben convivir coa idea de que son elas as que teñen que facerse cargo da atención á familia.

En primeiro lugar fai referencia á dilatada carreira profesional da escritora Marica Campo como poeta, narradora e autora teatral. A continuación, convérsase con ela sobre a publicación da novela *Onde houbo lume*, da que se dá conta do argumento. Marica Campo aclara as súas pretensións con esta novela; confesa o xénero no que se sinté máis cómoda á hora de escribir e o que para ela supón escribir para os máis novos. Opina sobre a forza do galego no mundo literario, pero amósase pesimista en canto ao seu uso na vida cotiá. Finalmente, coma que se fixo unha película pornográfica, baseada na
obra de Manuel Curros Enríquez *O divino sainete* (1888), da que ella fixo recentemente unha adaptación teatral, e opina que lle pareceu ben porque é signo de normalidade tanto no uso da linguaxe como na vida cotiá.


Elisardo Buenaventura, co mesmo nome que seu pai e seu avó, xa falecidos, regresa durante un mes a Dalmara, a terra dos seus antepasados, aquel lugar ao que nunca antes quixera volver, para redimirse e encher aquel burato enorme que por fin, con corenta anos, decidira encher: a memoria de seu pai morto. Xosé Carlos Caneiro (Verín, 1963) é o autor desta magna novela, na que, entre outras cousas, experimenta co que lle ofrecen os cambios de perspectiva do narrador, ás veces en primeira persoa, outras omnisciente en terceira. Elisardo chega a Dalmara cunha obsesión, recordar a estes dous antepasados dende a tenrura e a memoria, e tamén dende a dor que lle provoca a morte de seu pai, un home que nunca estivera moi ben da cabeza. Dirixese continuamente a el recordando pouco e pouco a toda a familia. O lectorado agardado descobre que seu avó, avogado, era o creador da Casa das tellas verdes, unha especie de institución psiquiátrica e mesmo inventara o asunto das pedras pintadas que, segundo el, tiñan alma igual que os seres humanos. Do pai descóbreste que toleara había xa tempo por culpa de súa nai, Laura, a quen Elisardo nunca coñecera, até que un bo día remató coa súa vida da peor maneira posíbel, cortándose as veas. Despois de pasar un mes en Dalmara a modo de cura espiritual, este asesor financeiro das máis prestixiosas industrias de Europa, Elisardo Buenaventura, o pequeno das tres xeracións, remata os seus días na vila para volver ao estrés da cidade. Elisardo sofre de maneira clara nas tres partes en que se divide a novela, permitindo ao lectorado agardado sufrir ao seu lado, contaxiarse dos seus sentimentos, ao mesmo tempo que empaparse das referencias literarias que Caneiro integra na obra. Cando estea preto da morte, Elisardo volverá a Dalmara, a súa terra. Ao fin, o seu regreso pagou a pena.

**Recensións:**


Indica que nas sucesivas intervencións nos medios de comunicación de Xosé Carlos Caneiro este manifesta que a literatura precisa indagar. Toda a súa obra (dez novelas), segundo el mesmo di, é unha soa novela fenomenolóxica. Comparando o autor con Lobo Antunes, di a articulista que a obra non deparará moitas sorpresas aos seguidores habituais de Caneiro, que gozarán coa súa “prosía”, mestura de prosa e poesía na que se conta a historia dun home de corenta anos totalmente somerxido no tedio que supón a ordinaria monotonía. Salienta que no territorio mítico de Dalmara todo é fracaso e recordo, pois “somos o que perdemos”. Por último, considera a existencia e o amor como os dous píares básicos que sustentan as principais reflexións da novela, que ten tamén a súa parte metaliteraria, do gusto do autor.

Considera que este título pecha un amplísimo macrotexto de Xosé Carlos Caneiro que comezou en 1997. Fala do territorio ficcional de Dalmara, que esta novela é “outra meditación poética sobre o vivir” e que conforma un canto á fantasía. Finalmente subliña o modelo lingüístico culto que presenta.

Referencias varias:


Indícase que, a pesar das críticas, ninguén lle pode negar a Xosé Carlos Caneiro que acaba de publicar a obra que pon fin a un ciclo novelesco. Tras a presentación na feira do libro da Coruña de Un último destino, vaticina para a súa futura obra unha clara renovación, un xiro na súa novelística. Transcribese a continuación unha entrevista ao autor de Verín na que fala dese cambio e do seu futuro próximo, ademais de sobre a mesma obra, dos premios obtidos e do que procura coa literatura. Coméntase que Víctor Freixanes, o director de Galaxia, interveu ao lado do autor e do director de La Voz de Galicia no acto de presentación da obra, da que salientan a súa importancia e calidade.


Seccions fixas dos suplementos onde se acolle un breve descritor da novela Un último destino, de Xosé Carlos Caneiro; Hai que ir morrendo, de Xavier López Rodríguez; Homónima, de Antón Riveiro Coello; e Níixer, de Francisco X. Fernández Naval, Camilo Franco, Alfonso Costa e Moustapha Bello Marka.


Recóllense recomendacións e comentarios sobre diversas obras, tales como Un último destino, de Xosé Carlos Caneiro, recomendada para os “adeptos” dun escritor definido como “fiel a si mesmo”.


Novela inédita e póstuma de Xoán Manuel Casado (Barcelona, 1949-2002) que se inicia coa dedicatòria “A Humberto Guadalupe, con amizade e viño”. A continuación, nun longo relato sen distinción de capítulos nin puntos e á parte, un narrador en segunda persoa dirixese ao interlocutor-protagonista da historia. Nel cóntase o regreso dende Paris dun home á súa casa natal en Galicia e os múltiples recordos que tal feito suscita nel, protagonizados sobre todo pola figura do pai asasinado en 1936, de cuxa vida pretende facer un guión de cine. Aínda que os acontecementos transcorren no mundo
rural galego, alúdese a Francia, onde residía o protagonista e fica Muriel, a súa amante e única personaxe nomeada do conxunto. Desta maneira, entrelázanse os relatos da vida pasada e presente do protagonista coas historias do pai e o guión que está a escribir.

Recensións:


Esmiúza o argumento de *Volta e revolta*, unha novela curta até o de agora inédita de Xoán Manuel Casado. Sinala que non é unha novela sobre a guerra civil e que sería interesante preguntarse se constitúe ou non unha novela. Sinala que os acontecementos transcorren en Galicia, pero que o ritmo da narración, o constante relato en segunda persoa, as alusións a Francia e a profesión do protagonista remiten de cerca a unha paisaxe da *nouvelle vague*. Comenta que nela o lectorado agardado observa un protagonista unitario que fai preguntas para obter respostas aínda que, pola fortuna da narración, estas non chegan e a suposta novela se converte nun xogo de dúas caras, ou dunha soa, levado con precisión e acerto. Explica entre qué elementos radica o xogo e considera que os distintos niveis deste metarrelato se relacionan con intelixencia, de tal xeito que só será na última parte cando se descubra a armazón de curvas que conflúen nun final en espiral cargado dunha violencia silenciosa e rotunda.


Dáse conta da publicación desta novela curta póstuma que narra a volta ás orixes dun home para reconstruír a figura dun pai exiliado, ao tempo que avanza nun guión cinematográfico. Considérase que está moi ben manexada dende a forza e a intimidade do “ti autorreflexivo” e opinase que así se evita en certa maneira o impudor producido polo relato en primeira persoa. Conclúese que esta opción non provoca que se perda o poderío da confesionalidade.


Preséntase *Volta e revolta* como obra póstuma de Xoán Manuel Casado e dáse conta do seu argumento. Comparaese con *Pedro Páramo* e destácase o enfrontamento do protagonista cunha colectividade estranha, enmarcado nunha atmosfera marabillosa.

Referencias varias:


Recóllese a noticia da publicación desta novela inédita, escrita sen puntos e á parte e narrada en segunda persoa. De Casado sinálase que chegou á novela a través da poesía, que se mantivo lonxe dos estilos e tradicións hexemónicas na Galicia dos oitenta e que
foi autor, xunto con Xosé Manuel Salgado, dun libro de conversas con Xosé Luís Méndez Ferrín e doutras dúas novelas, *O inverno do lobo* (1985) e *Os brasileiros* (1986).


Recóllese recomendacións e comentarios sobre diversas obras, tales como a edición póstuma de *Volta e revolta*, de Xoán Manuel Casado, na que se bota en falta unha introdución.


Volume de microrrelatos de Berta Dávila (Santiago de Compostela, 1984) dedicado ao pai da autora por lle ensinar “o valor da honestidade e do traballo”. Iniciase cunha cita de Joan Margarit en catalán, coa súa tradución ao galego, e cun limiar, “NOMPROLOGO (recomendo convertilo en nonepílogo)” (pp. 9-18), de Rubén Ruibal, datado o 10 de outubro de 2010 en O Vinte, Oza dos Ríos, no que Ruibal reflicte o seu propio proceso de creación no momento da escrita, facendo patentes as súas contradicións e desacordos, ao non querer adiantar ningún aspecto da obra, pero compartindo co lectorado agardado as súas conversas coa autora e as anotacións que fixo respecto aos relatos que conforman o volume. A seguir, estrutúrase a obra en dúas partes: “Do escritor e outros enfermos crónicos” e “Sintomatoloxía”. A primeira delas acolle trece relatos curtos que teñen como trasfondo e fío condutor a esencia do fracaso, xa presente no título. Diferentes protagonistas afrontan de xeitos distintos as difíciles situacións quese lles suceden. Abórdanse temáticas como o maltrato, a desconsideración social, a insatisfacción e a envexa no abano de historias narradas neste volume. Ademais a autora reflexiona sobre o mundo literario e as súas contradicións, a soidade do escritor, as pautas marcadas pola industria editorial, entre outros aspectos. Os textos da segunda parte, “Sintomatoloxía”, nalgúns casos narran as accións precedentes ou posteriores aos sucesos relatados na primeira parte. Alternase entre a primeira persoa narrativa e unha terceira que é testemuña das accións que observa e relata, como se aprecia nos relatos “Correspondencia” e “O tocadiscos do meu pai”, que supoñen unha intensa reflexión da escritora sobre a súa escrita e os personaxes que configuran a súa obra, asegurando que as súas historias nacen dos “personaxes” que se poden atopar na rúa, e inmediatamente nace un relato baseado na súa “observación”.

Este volume narrativo conta cun colofón no que se indica que se rematou de imprentar o 14 de outubro de 2010, “cabadano do nacemento da escritora Katherine Mansfield, muller de intensa e transgresora vida e mestra do relato curto”.

**Referencias varias:**


Explicase a tarefa que leva a cabo Barbantesa, nova empresa editorial galega dedicada a publicar poesía, literatura de mulleres e literaturas africanas, é dicir, “literatura
diferente, orixinal e fresca”, entre a que se inclúe *A arte do fracaso*, de Berta Dávila. Asemade, menciónanse *Os ditosos anos do castigo*, de Fleur Jaeggy; *A balada do café triste*, de Carson McMullers; e os poemarios de Élias Portela, *Con peitos desenchufados*, e de Calros Solla, *Pan prós crocodilos*. Tamén se anuncian os seguintes proxectos, pensados para finais de xuño: *Poemas de África*, de Eduardo de Bettercourt e Jorge Arrimar; e *As Médulas*; de Silvia Bardelás.


Tras un prólogo institucional da Asociación de Escritores en Língua Galega (AELG), na introdución “Palabras contra o cemento da xordeira” (pp. 9-16) Xoán Carlos Domínguez Alberte, coordinador deste volume colectivo onde colaboran máis de sesenta escritores galegos, explica a orixe desta iniciativa altruísta ao tempo que critica duramente o goberno en vigor da Xunta de Galicia pola política levada a cabo contra o patrimonio histórico e cultural galego, expoñendo a continuación os puntos esenciais nos que fundamentan a súa defensa en prol da continuidade do mosteiro de Celanova como lugar de ensino da lingua e cultura galegas e oponéndose á súa transformación nun parador turístico. A seguir, acóllense os seguintes textos acompañados dunha breve biobibliografía de cada un dos autores que participan neste volume conxunto:


Marilar Aleixandre (Madrid, 1947) presenta este breve relato que narra a estraña presenza de voces infantís no novo hotel instando aos hóspedes a abandonar o Poleiro.


Xesús Alonso Montero (Vigo, 1928) achégase á estratexia seguida polo avogado Luciano Puga para defender o poeta Manuel Curros Enríquez do delito polo que foi condenado coa obra *Aires da miña terra*.


Xurxo Borrazás (Carballo, 1963) reflexiona sobre a política levada a cabo polos gobernos de dereitas en temas como a privatización de certos sectores e a política lingüística.

- **Jorge Emilio Bóveda, “O libro común”**, pp. 43-44.

Neste breve conto de Jorge Emilio Bóveda (Ourense, 1975) nárrase a historia dunha antiga vila que posúe unha caixa que contén un libro onde se condensa todo o coñecemento universal e que está a disposición de calquera que queira consultado até que, un día, o feiticeiro da vila decide retiralo da exposición pública e ser el quen controle e decida o acceso ao mesmo.

- **Darío Xohán Cabana, “A sombra do prepósito Cresconio”**, pp. 47-49.
Darío Xohán Cabana (Roás da Terra Chá, 1952) establece un paralelismo entre la privatización del mosteiro e un hecho histórico acontecido tamén en Celanova no século XI, cando os moxes desta localidade expropiaban os bens do pobo.


Relato de Delfín Caseiro (Rairiz de Veiga, 1954) sobre a súa primeira visita ao mosteiro na década dos setenta con motivo dunha excursión escolar para celebrar un Magosto.


Breve relato de Henrique Dacosta (Ferrol, 1964) que reflicte o ambiente mariñeiro do Ferrol dende a mirada dun rapaz ante a súa primeira viaxe coma polisón nun barco bacallaeiro rumbo a Terranova.


A partir da descuberta dunha vella fotografía na que aparece un grupo de mozos no mosteiro de Celanova, reconstrúese neste texto de Alfonso Eiré (Laxe-Chantada, 1955) un anaco de historia da época franquista que remata cunha reflexión do autor sobre a memoria gardada polos edificios históricos.


Lembranza de Francisco X. Fernández Naval (Ourense, 1956) da charla que deu na biblioteca do mosteiro de Celanova tras acadar o premio Xerais de 1988. O autor sinala a pegada emocional que deixou nel esta vila e remata co poema nomeado “Bater de sombras”, pertencente a un libro inédito.

- Xan Fraga Rodríguez, “Gómitos contra o memoricidio”, p. 87.

Nun canto á dignidade e á memoria Xan Fraga Rodríguez (Carballo, 1958) invoca a varios representantes da cultura e política celanovesa coma Xosé Velo Mosquera, Celso Emilio Ferreiro ou Manuel Curros Enríquez para que axuden a gañar a batalla contra o “memoricidio”.


Bieito Iglesias (Ourense, 1957) mostra o seu convencemento da influencia que ten nos rapaces o lugar onde estudan, especialmente cando ese espazo está mergullado en séculos de lendas e historia.


A partir do relato dunha anécdota infantil, Moncho Iglesias Míguez (Vigo, 1974) reflexiona con humor irónico sobre os novos tempos botando unha ollada nostálgica ao pasado.

Neste relato, dividido en dúas partes, Álvaro Lago (Santiago de Compostela, 1963) adiántase no tempo para trasladar ao lectorado á inauguración do “Novo Espazo Turístico de Celanova” a través dunha crónica afiada e satírica que reflicte o ambiente elitista acabad no vello mosteiro.


Inquietante relato en terceira persoa de Rafael Laso Lorenzo (Xinzo de Limia, 1965) que se sitúa no vello mosteiro reconvertido en hotel e que mestura distintos recordos da vida dun home que participara no desaloxo da vella escola.


Comezando cunha cita de John Berger, F. R. Lavandeira (Taragoña-Rianxo, 1966) axexa no futuro do vello mosteiro neste réquiem pola súa memoria.


Xosé Manuel Lobato Martínez (Boqueixón, 1958) enxalza con ton poético a sabedoría que encerran as pedras do mosteiro, símbolo da vila.


Relato en primeira persoa, de Francisco Narla (Lugo, 1978), no que se narra a descuberta dun trasno que pide ao autor que escriba sobre eles e invita á reflexión sobre a maxia presente na cultura galega.


Xosé Neira Vilas (Gres, Vila de Cruces, 1928) conta en primeira persoa a súa primeira visita á vila de Celanova acompañado pola súa muller Anisia.


Vicente Piñeiro González (Lugo, 1954) critica os intereses capitalistas que leva os políticos a especular co Mosteiro de Celanova confrontando esta iniciativa coa dos que loitan pola conservación do edificio.


Breve relato en primeira persoa, de Mario Regueira (Ferrol, 1979), no que un octoxenario, antigo membro da Resistencia partisana, visita xunto ao seu compañheiro Giorgio o mosteiro de Celanova e é invitado polo alcalde da vila sesenta anos despois de ter loitado entre as súas pedras.

Xosé Benito Reza (Celanova, 1956) repasa a historia do mosteiro facendo fincapé nos momentos nos que distintas corporacións defenderon o seu uso público e que remata lamentando a situación actual deste histórico edificio.


O narrador deste relato de Xurxo Sierra Veloso (Caracas, 1969) fala das voces infantís escoitadas no hotel e os esforzos do persoal por arranxar un problema que lles está a deixar sen clientela.


Breve historia de Chelo Suárez (A Coruña, 1945) que explica como rescatar palabras rexeitadas para darlles un novo sentido.


Relato fantástico, de Joaquim Ventura (Barcelona, 1954), que narra os estranños acontecementos que están a suceder nas obras de remodelación do Poleiro e que resultan ser obra dunha pantasma condenado a ficar entre as paredes do mosteiro e que se nega a compartir espazo con alguén alé alía súa historia.


Manuel Vidal Villaverde (Vigo, 1944) manifesta a súa postura defendendo a continuidade do IES no mosteiro de Celanova e atacando duramente os que queren a súa transformación en hotel.

O volume péchase cun “Apéndice” que recolle os comentarios recollidos na páxina en liña da plataforma en defensa do uso público e educativo do mosteiro de Celanova polos escritores e escritoras galegos e un “Índice” do volume.

Referencias varias:


Coméntase a iniciativa promovida pola Asociación de Escritores en Lingua Galega (AELG) a través do libro En defensa do Poleiro. A voz dos escritores galegos reclama o uso público do Mosteiro de Celanova, co obxectivo de informar á xente “con obxectividade dos intereses especulativos” que existen detrás dun “hipotético desaloxo dun edificio público perfectamente dotado para acoller inversións privadas”. Explicase que o volume estará formado por creacións literarias inéditas, en prosa e verso, de temática libre pero cunha extensión máxima de dúas páxinas.

Comenta a publicación de *En defensa do poleiro*, iniciativa xurdida coa colaboración da Asociación de Escritores en Lingua Galega e a Plataforma en defensa do uso público do Mosteiro de Celanova reclamando “literariamente” a súa continuidade como centro educativo. Apunta que o volume, composto na súa totalidade por textos inéditos de distintos xéneros, é froito da colaboración altruista de sesenta e dous escritores entre os que se poden atopar as voces de Marilar Aleixandre, Darío Xohán Cabana e Xosé Neira Vilas.


Entrevista a Xoán Carlos Domínguez Alberte, coordinador da obra colectiva *En defensa do poleiro*, na que o autor expresa o seu desacordo coa política lingüística do goberno galego. Afirmá que se está vivindo nunha sociedade de “des-información” onde os medios manipulan constantemente a realidade ofrecendo só unha visión parcial dela. Remata falando da súa intención de traballar nalgunha obra sobre o patrimonio literario galego e expresa a necesidade de erguerse contra os poderes estabelecidos.


Anuncia a presentación na Fundación Caixa Galicia da Coruña do volume colectivo *En defensa do poleiro*, acompañado da proxección do documental *O IES-plicable*, elaborado pola Plataforma en defensa do uso público do Mosteiro de Celanova e da exposición de ilustracións da pintora Mané Boán. Explica que a obra xorde como apoio á continuidade do instituto no claustro do Mosteiro de Celanova oponéndose á súa transformación en parador turístico, polo que se inclúe unha breve contextualización histórica do mosteiro. Tamén dá conta dos actos de protesta levados a cabo diante do Parlamento Galego.


Dá conta da presentación en Santiago de Compostela de *En defensa do poleiro*, obra na que participan sesenta e dous escritores en prol do uso público do Mosteiro de Celanova e contra a transformación deste nun parador de turismo. Tamén refire as duras palabras de Xoán Carlos Domínguez Alberte, coordinador do volume, a distintos representantes políticos e anuncia a xornada literaria prevista para o mes de abril en Celanova e dirixida contra o goberno do Partido Popular.


Faise eco da presentación deste volume colectivo en Santiago de Compostela por parte da Plataforma en defensa do uso público do Mosteiro de Celanova.

Relato inscrito no xénero da novela policial de Miguel Anxo Fernández (O Carballiño, 1955). Tras unha dedicatoria aos amigos e en particular aos fundadores e fundadoras de Unha Grande Chea, asociación cambadesa nada en 1985, comeza a historia do roubo do manuscrito do poemario Vento mareiro de Ramón Cabanillas. A través dun narrador en terceira persoa, o lectorado intérnase no mundo de Frank Soutelo, un detective residente nos Ánxeles que vén de visita a Cambados no mes de maio. Hospédase no Parador do Albariño e ao día seguinte vai visitar a exposición ao redor de Ramón Cabanillas co gallo do quincuaxésimo aniversario do seu pasamento, na que amosan o manuscrito. A primeira coincidencia xorode no Parador, no que ao parecer tamén se hospeda o doutor Hyeronimus Jones, dono da Sugar Jones Mortician’s, a funeraria das estrelas de Hollywood, un vello coñecido de Frank. O protagonista sae ver a vila de Cambados e ali coincide cos amigos de Unha Grande Chea. Ao día seguinte hai novas do roubo do manuscrito e Frank decide investigalo. Logo dunha serie de acontecementos, consigue desvelar o misterio e recuperar o papiro, que devolve ao museo. Ao longo da historia o autor proporciona datos da tradición e literatura galegas como as referencias á Santa Compañía, a Santo Andrés de Teixido, á procesión das Mortallas das Neves e a volumes como Roteiros pola poesía de Ramón Cabanillas, editado por Francisco Fernández Rei e Luís Rei; Ramón Cabanillas: Crónicas de desterros e saudades (2009), de Luís Rei; O frío azul (2007), de Ramón Caride; e Poesía galega completa (2009), editado por Xosé María Dobarro e Xosé Ramón Pena. Aproveita asemade o diálogo do protagonista con outros personaxes para mencionar algunhas obras que o autor publicou na realidade como Un nicho para Marilyn (2002); Luar no inferno (2006); Tres disparos e dous friames (2008) e Lume de cobiza (2010). Pecha o volume un apuntamento sobre a autenticidade dos topónimos e antropónimos empregados na historia.


Volume composto por vinte e dous contos da autoría de Xulio Fernández Pintos (Santiago de Compostela, 1928), médico compostelán, o cal amosa estampas varias da vida santiaguesa nos anos corenta e cincuenta. No prólogo, Bieito Iglesias aclara que, malia seren relatos de ficción os que compoñen a obra, poden adscribirse en boa medida ao xénero da cronografía, xa que a sociedade compostelá dos anos corenta e cincuenta do século XX está presente en toda a obra “unhas veces disolta na descrición de ambientes e outras en sucedidos tomados do real ou en personaxes que foron presenzas reais na vida do autor” e describe brevemente a temática dos mesmos destacando a presenza do humor en todos eles. Escritos en primeira persoa, estes contos baséanse mesmo en vivencias propias do autor, de xeito que malia ser ficción hai moito de autobiográfico. O Entroido, os días do Instituto Masculino da Praza de Mazarelos, andainas e xogos dos rapaces da época, paseos e encontros na Alameda de Santa Susana, a presenza da Igrexa e o seu influxo na sociedade, escenas costumistas como un casamento na aldea ou as vacacions familiares en lugares como Porto do Son, van configurando as páxinas do libro de maneira que se reflicte unha parte da memoria colectiva da sociedade compostelá da primeira metade do século XX. Engádense tamén outras escenas que fan referencia ás duras condicións da guerra e preguerra, como os fusilamentos de Conxo, os andazos de enfermidades como a tuberculose, faladoiros galeguistas de posguerra, partidos de fútbol, días de cine con filmes de Charlot e xogos infantís que dotan ao tempo de vida as páxinas do libro. Os títulos dos relatos xa dan
conta do dito, tal como son exemplo “Unha mañá na feira en Compostela”, “Don Luciano”, “Anos 1940-47” ou “Primavera”.

Referencias varias:


Pequena entrevista a Xulio Fernández Pintos, médico xubilado, tras a publicación dun libro seu no que a través de vinte e dous relatos reúne recordos e anécdotas da súa infancia e mocidade nos anos corenta e cincuenta.


Novela realista e coral de Víctor F. Freixanes (Pontevedra, 1951) na que se retratan os duros anos da posguerra, as inxustizas, a avarícia e a situación dos emigrados e exiliados. Comeza cun limiar no que o narrador conta que a historia lle chegou a través de Quintín o de Borela, quen se gañaba a vida contando cantares de cego e quen lle contou esta historia nun velorio ao que acudiron sendo o narrador un neno. A seguir,a novela estrutúrase en tres partes, con sete capítulos cada unha, ademais dun epílogo, e nela nárrase o acontecido ao redor dunha partida de cartas na que interveñen sete participantes integrados en dous bandos, capitaneados por un cura e polo administrador dunha prospera empresa mineira, que representan os sectores máis acomodados da sociedade galega de fins dos anos corenta, principios dos cincuenta. Na partida, que dura tres días e tres noites, os participantes xogan unha gran cantidad de diñeiro e tamén a vida. O lectorado agardado vai descubrindo ao longo do xogo a historia doutros personaxes e a interrelación entre os sete xogadores. Así, por exemplo, coñece a historia de Rosaura, a filla do cura don Ramiro e Antonia, que ve truncada a súa vida cando falece a súa nai e vai a vivir cun seu tío, Martín García, outro dos participantes da partida, quen se apoderou da heranza da rapaza, abusa dela e logo enviáa a Vigo para traballar como prostituta. Péchase a novela con epílogo no que se recolle a versión dos feitos do suceso que pasaría a ser coñecido como o “caso do Pasamundos”, da exmuller de Pico Serrano, a quen o voz narrativa localiza en Venezuela nos anos noventa. Trátase dunha novela marcada por un ritmo narrativo lento e pola dosificación, as historias paralelas e os continuos flash back.

Recensións:


Dáse conta do argumento e da temática da novela de Víctor Freixanes, Cabalo de ouros, historia ambientada novamente en Vilanova de Alba, como xa sucedera na súa novela O triángulo inscrito na circunferencia (1982), na época do volframio. Destácase que a acción se articula a través dunha partida de cartas que dura tres días e tres noites, na que se enfrontan dous bandos que representan os principais intereses da época: a banca, a
igrexa e as conserveiras, segundo se recolle. No tocante á temática, sinálase que a novela trata sobre mundo das rías e das duras consecuencias da guerra civil.


Coméntase a novela de Víctor Freixanes, Cabalo de ouros, definida como “epifanía”. Afirmanse que nesta nova obra narrativa, despois de dezaseis anos de silencio do autor, se atopan algúns dos seus trazos característicos, tanto polos espazos e algunha personaxe coñecida como no feito de presentar unha historia na que se confunden ficción e realidade. Destácase tamén a confusión que ten lugar entre a voz narradora e a autorial, a orixinal forma narrativa, extraída dos cantares de cego, fonte inicial da historia, e a atinada dosificación dos ritmos narrativos. Tamén se comenta a temática e achéganse as características principais dos personaxes.


Faise eco da expectación suscitada pola novela de Víctor Freixanes, Cabalo de ouros, tras os dezasete anos en silencio do autor. José Manuel Giráldez sinala que se trata dunha novela coral, ambientada na Galicia da posguerra e centrada na época do volframio, que trae á memoria a novela de Raúl Guerra Garrido El año del wolfram. Comenta o articulista que presenta personaxes ao estilo de Henry James e sobre todo ao estilo de Gonzalo Torrente Ballester. Finalmente, destácase a narración “con grandísima elegancia” e humor, amparada nas narracións orais dos cantares de cego e mais a volta ao espazo literario de Vilanova da Alba.


Coméntase a nova novela de Víctor Freixanes, Cabalo de ouros, que supón a volta do autor á narrativa. Considérase unha historia realista, aínda que sen deixar á marxe a “capa mostrenca”, sendo tamén unha novela histórica do “underground histórico” que retrata a época do volframio na Galicia de posguerra. Destácase así mesmo a riqueza da linguaxe e o coidado estilo.


Afirmase sobre a novela de Víctor Freixanes Cabalo de ouros que trata sobre un suceso real acontecido a finais dos anos corenta, principios dos cincuenta, na época do volframio. Dise que a obra, que o autor define como “un cantar de cego” no limiar, se estrutura en tres partes que achegan versións diferentes e que se completan entre elas, segundo se recolle. Destácase que aparecen na trama unha gran variedade de personaxes, case como un cadro de Grosz, cuxas historias se entrecruzan, conflúndo varias liñas narrativas. Saliéntase tamén a rica e próxima linguaxe e o discurso de compactos parágrafos.
Referencias varias:


Entrevístase o escritor Víctor Freixanes, quen se atopa ultimando a súa próxima novela, Cabalo de ouros, cuxa trama se enmarca na posguerra, concretamente anos corenta e principios dos cincuenta, e trata sobre unha partida de cartes entre os sectores acomodados da sociedade. Recóllese que Freixanes comenta os seus gustos e preferencias, como está a pasar o verán, o libro que está lendo, entre outros temas. Nun á parte, recórdanse os títulos publicados e os premios alcanzados por este autor.

- Camilo Franco, “Hai un conflito entre escribir e editar, pero de maior quero ser escritor”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 14 agosto 2010, p. 44.

Entrevista na que o escritor Víctor Freixanes comenta a súa novela, Cabalo de ouros, unha historia que transcurre na época do volframio, entre 1948 e 1952, inspirada nun feito real: unha partida de cartes entre dous homes (cada un capitanea un bando) na que se xogan moitos cartos e que dura tres días e tres noites. Freixanes explica tamén que nesta novela aparece novamente Vilanova de Alba, xa presente n’O triángulo inscrito na circunferencia (1982). Afirma que entre ambas novelas hai unha certa relación, a pesar de que son independentes no tocante a argumento e ambientación, xa que na primeira se anuncia a extinción desta cidade e na segunda fai-se efectiva. Asemade, o autor comenta que a extensión da novela, que acada as trescentas cincuenta páxinas, débese as numerosas historias paralelas existentes e ao feito de que para que a historia sexa verosímil a atmosfera ten que ser críbel.


Entre as novidades editorias, salienta esta novela e indica que está ambientada en Vilanova de Alba e trata sobre unha partida de cartes na que se representan os intereses do diñeiro dos anos 40 e 50 dos sectores máis acomodados da sociedade.


Entrevista co escritor e director de Galaxia, Víctor Freixanes, quen despois de dezasete anos volve a publicar unha novela, Cabalo de Ouros. Freixanes explica o argumento da novela, construída como un cantar de cegos. Comenta que nela se abordan temas como o mundo das rías, o desastre da guerra civil, dos superviventes, dos maquis, dos especuladores e das vítimas, entre outras cuestións. Ao mesmo tempo, o autor recoñece que se dedica máis a escrita sobre investigación, estudos e literatura gris, debido a que a ficción é onde é el mesmo, onde se atopa coas súas pantasma e coa súa visión de país. Opina sobre a situación de austeridade ou recesión da industria editorial, e cultural en xeral, e da responsabilidade da clase política, especialmente do partido que está no gobierno. Finalmente, Freixanes resume as claves do seu estudio económico titulado O capital da cultura.

Entrevista co escritor Víctor Freixanes, quen comenta o argumento de *Cabalo de ouros*. O autor que explica que ambientou esta historia, nos duros anos da posguerra 40 e 50, abordando o pouco coñecido fenómeno da “cultura do wolfram”, coa finalidade de reflectir a miseria dun tempo. Afirmo que tanto el como Manuel Rivas, quen tamén sítuas as súas últimas obras no período do wolfram e do contrabando, interénsanse pola memoria, “a mítica e histórica”, para tentar explicar o país que somos. Por outro lado, Freixanes opina tamén sobre a situación actual da industria cultural, que segundo as súas palabras vive a “tormenta perfecta” e achega as súas solucións, que pasan pola imaxinación, novas redes e novos temas e saír ao exterior.


Conversa con Víctor Freixanes con motivo da publicación de *Cabalo de Ouros*, estruturada, segundo conta, como un cantar de cego porque non atopou un xénero mellor para abordar a memoria, coas súas contradicións e inexactitudes. Freixanes comenta que retoma o espacio narrativo, que xa presentara nas súa novela *O triángulo inscrito na circunferencia* (1982), Vilanova de Alba, aínda que trasladado a época da posguerra e do wolfram. Segundo o autor, Vilanova de Alba “parece unha metáfora do país”, unha cidade condenada coa complicidade dos seus habitantes. Sinala que a novela se inspira nun feito real, unha partida que durou tres días e tres noites na que a xente se xogou a vida por moito diñeiro, que é o centro anecdótico do cantar e constitúe unha metáfora da sociedade da posguerra. Por outro lado, Freixanes explica tamén que recorre ao recurso de presentar historias dentro da historia, que transcorren en diferentes épocas, pero que teñen que ver co que está pasando na historia principal. Ademais do tema do wolfram, abórdanse a emigración, o exilio e os maquis. Afirmo que para el a literatura é como o diván dun psiquiatra, xa que nela se verten cousas da contorna persoal ou da sociedade, que só se contan a través da literatura, pois os historiadores limitanse aos feitos, pero a cara que esta detrás é a que achega a literatura, segundo comenta. A dobre faciana de Freixanes, como escritor e editor, é o que lle impón, un ritmo demorado na publicación, e tamén un certo pudor en publicar, segundo el mesmo afirma.


Comenta que a prosa de Víctor Freixanes lle fai evocar á Pontevedra de antano. Destaca a riqueza léxica e formal da prosa do autor, na que se cumpre a máxima de que o importante non é o que se conta senón como se conta, polo que recomenda a lectura de *Cabalo de ouros*.


Dá conta da publicación desta novela de Víctor Freixanes, a quen define como “agitador cultural”. Destácase a riqueza léxica de *Cabalo de ouros*, da que tamén se achega o argumento.
Entrevista ao escritor Víctor Freixanes, quen conta diversos aspectos sobre a súa última novela, *Cabalo de Ouros*. Freixanes explica que a historia se formula como un cantar de cego, coa vontade de traer o texto literario á tradición oral, na que o narrador non é exactamente o autor, aínda que teña moitas cousas autobiográficas. Comenta tamén que a partida de cartas sucedeu realmente, dun xeito parecido, noutro lugar e con outros nomes, pero si tivo lugar esa loita de poder entre personaxes corruptos encadrada nos anos do wolfram. Freixanes confesa que dunha das cousas das que está máis contento e do protagonismo que teñen as mulleres nesta novela e comenta que a aparición de Vilanova de Alba ten algo de metáfora. Con esta entrega afirma que se pecha a triloxía comenzada con *O triángulo inscrito na circunferencia* (1982) e continuada con *A cidade dos césares* (1993). Para rematar a entrevista Freixanes comenta as súas lecturas e opina sobre o panorama literario actual e sobre o papel que deben cumplir as editoriais.


Dáse conta da presentación, na Biblioteca Pública Ánxel Casal, da novela de Víctor Freixanes, *Cabalo de ouros*, da que se achega o seu argumento.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate do ano. No caso da narrativa saliéntase *Cabalo de ouros*, de Víctor Freixanes. Coméntase que supón a volta á novela de Freixanes tras dezasete anos cunha historia na que se reivindica a musicalidade da palabra e as componentes metaliterarias e memorialísticas da narrativa. Refírese tamén a *Futuro imperfecto*, de Xulia Alonso; *Os fíos*, de Xurxo Sierra Veloso; *Periferia*, de Iolanda Zúñiga; e *O imposible de desatar*, de Iván García.


Recólense algunhas das verbas pronunciadas por Carlos Lema, Dolores Vilavedra e o propio autor, na presentación da novela *Cabalo de ouros*. Lema destacou a “linguaxe postmoderna de pastiche consciente”. Dolores Vilavedra a súa vez advirte nesta nova novela un escritor máis maduro e unha pugna entre unha lectura historicista ou documental e entre a nostalxia e o resaibo posmoderno. Pola súa banda, Víctor Freixanes salienta a importancia da linguaxe, xa que para el a tarefa básica do escritor é a de incorporar palabra ao idioma e explica que os feitos narrados nesta novela son reais.

Achégase o argumento da novela de Víctor Freixanes, *Cabalo de ouros*, unha historia que reflicte a etapa da posguerra e supón a recuperación da oralidade.


Recóllense as verbas pronunciadas por Víctor Freixanes, con motivo da presentación da súa novela *Cabalo de ouros*, no Café Moderno de Pontevedra. O autor sinala que esta entrega pecha a triloxía iniciada con *O triangulo inscrito na circunferencia* (1982) e *A cidade dos césares* (1993). Comenta asemade, que esta novela narra as desfeitas da posguerra, unha realidade silenciada para a xente da súa xeración. Segundo Carlos Lema, un dos participantes neste acto, a lección desta historia é que un non só le como entretemento senón para intentar sobrevivir.


Achega o argumento da novela de Víctor Freixanes, *Cabalo de ouros*, definida como un “wester crepuscular”. Tamén se comenta que nesta novela se achegan historias coñecidas para os pontevedreses como a do mouro de Mourente ou a súa cuñada ao redor do convento de Santa Clara. Atopa mesmo a cidade de Pontevedra camuflada en Vilanova de Alba. Comenta tamén que nesta novela o autor procura “a verdade das mentiras”.


Conversa co escritor Víctor Freixanes no día da chegada as librarias da súa nova novela *Cabalo de ouros*, na que o autor se confesa preocupado ante a acollida deste libro. O autor tamén comenta que no eido literario é no que se esixe máis e no que fala das cousas que non di nos seus artigos xornalísticos e explica o seu proceso de creación literaria. Por outra banda, Freixanes refírese ao seu labor como director da editorial Galaxia e opina sobre a polémica aceptación do Premio da Cultura Galega por parte desta editora.


Achégase un resumo da conversa que o escritor Víctor F. Freixanes mantivo con Antón R. López, da que se dá conta no anterior descritor, na que confesa que este novo reencontro co lectorado lle produce certa ansiedade e que espera non decepcionar.


Novela de Iván García Campos (A Coruña, 1974), estruturada en tres partes e un apartado “Extra” final. Na primeira e na terceira parte retrátase, por medio dun narrador...
en terceira persoa e da voz dos personaxes, a vida dunha familia, ao longo dunha semana, a xeito de diario e incluíndo referencias ao que acontece en horas concretas. O lectorado agardado coñecerá os sentimentos e os pensamentos dos diferentes membros desta familia, dos que se descoñece o seu nome: o pai, a nai, a filla e o fillo. Malia vivir todos xuntos, amósase unha relación afastada e practicamente inexistente entre eles. Na segunda parte recóllense fragmentos en primeira persoa do día a día de varios personaxes, mentres que, no apartado final, se observa a boa relación dunha familia, con dúas fillas, que intenta arrendar unha casa.

Recensións:


Explica que nesta obra o seu autor retrata a unha familia corrente cos seus demos familiares. Detállase que o lectorado agardado está perante unha familia de aparente normal e que a novela presenta unha descripción metódica e incansábel onde a descripción é “unha potente ferramenta narrativa”. Tamén se apunta que este texto desarma as aparenncias para penetrar na familia e lembra que esta obra mereceu o Premio Blanco Amor.

Referencias varias:


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate de 2010. No caso da narrativa saliúntese *O imposible de desatar*, obra coa que Iván García Campos gañou o Premio Blanco Amor. Coméntase que se trata dunha novela centrada nun enigma e que resulta un tanto escura e dispersa, pero amosa vontade de estilo. Refírese tamén a *Periferia*, de Iolanda Zúñiga; *Os fíos*, de Xurxo Sierra Veloso; *Futuro imperfecto*, de Xulia Alonso; e *Cabalo de ouros*, de Víctor Freixanes.


Asegura que esta obra ten á familia como argumento mais que non é unha novela sobre a familia senón sobre a sociedade que a xera.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso d’*O imposible de desatar*, de Iván García Campos, Premio Blanco Amor de Novela; *A viúva preñada*, de Martín Amis; *Sempre tes que meter o nariz*, de Víctor Raga; e *A avoa Encarna fai niño* (2009), de Xosé A. Neira Cruz.

Novela de Luís Manuel García Mañá (Ourense, 1950) na que se conta a historia de Agostinho, un mozo mulato, traballador dunha facenda cafeteira do Val do Paraíba no Brasil, quen acaba deitándose coa esposa do terratenente, Cipriano Monteiro, feito polo que este, coñecedor da traizón, tenta mateo. Na pelexa entre os dous homes é Cipriano o que remata asasinado por Agostinho e este é enviado ao cárcere en total segredo e sen que os seus pais, Regina e Clemente, saibán do seu paradoiro. Para coñecer algo do seu fillo, Clemente pide axuda ao seu xefe, Tarsicio Hall, un importante empresario naval e home con sensibilidade cara aos problemas dos demais quen, á súa vez, lla solicita a Nemesio Castro, emigrante galego cunha próspera fortuna no Brasil e investigador que traballa tamén como axente secreto para a Secretaría de Estado en Madrid, onde posúe moi bos contactos e ten recoñecido un gran prestixio. Seguindo as pegadas de Agostinho, Nemesio Castro e Clemente deixan o Brasil e trasládanse a Lisboa, onde descubrirán un pequeno comando terrorista que pretende atentar contra o primeiro ministro do Brasil, Zacarias de Góis e Vasconcelos, e do que forma parte Agostinho, a quen rescatan antes de que a policía o leve preso.

Recensións:


Comenta que esta nova entrega de Luís García Mañá presenta un título que simboliza a independencia de Brasil e, a seguir, debúllase a trama d’*O grito do Ipiranga*. Afirma que nel tamén teñen cabida referenciais ao mundo da emigración galega a Portugal e a Brasil, indicando que se pode ver unha reflexión sobre a ideoloxía escravista. Despois de comentar o deseño da cuberta, destaca finalmente que é unha novela dinámica, mais que o menos convincente é a presenza de certos excursos de carácter sentimental.


Comentario centrado n’*O grito do Ipiranga* no que se indica que o seu título xorde do cadro *Independência ou morte*, de Pedro Américo de Figueiredo Melo. Continúa sinalando que desta vez Nemesio Castro está totalmente desvinculado do Couto Mixto, que a xeografía desta entrega está en Brasil, A Valeta e Barcelona e mais que a intriga de espionaxe está resolta con habilidade. Sostén tamén que está moí ben documentada, que o seu autor usa con habilidade o resumo, mais que peca de inxenuidade. Finalmente, destaca a importancia do personaxe de Clemente no desenlace final da novela.


Afirmase que esta obra ten un marco espacial situado en Río de Janeiro, A Valeta,
Barcelona e Lisboa e que presenta como marco temporal o tempo das loitas independentistas brasileiras. Destácase o acaído retrato do Brasil emerxente e poscolonial desta novela da que se comenta que carece de digresións. Asemade apúntase que se lle presenta ao lectorado agardado unha historia amena e entretida e remata recomendando a súa lectura.

**Referencias varias:**


Entrevístase a Luís García Mañá con motivo da publicación d’*O grito do Ipiranga*, novela que pon o punto e final á triloxía que iniciou con *O lume de Santo Antón* (1997) e *Menino morreu* (2003) e que pecha, á súa vez, as peripecias de Nemesio Castro, un investigador galego do século XIX que é un antecedente dos detectives da literatura e do cine negro. Coméntase que Nemesio non emprega ningún método científico, senón que funciona coa intuición, e explicase que, argumentalmente, a novela conta a historia de galegos emigrados a Brasil a mediados do século XIX. Os elementos que García Mañá destaca son, por unha banda, os acontecementos que poñen fin á escravitude no país latinoamericano e, pola outra, os problemas ecolóxicos que xa existían daquela. Citanse, tamén, títulos da obra de non ficción de García Mañá tal é o caso de *Couto Mixto: unha república esquecida* (2000).


Fálase da presentación da novela *O grito do Ipiranga*, de Luís Manuel García Mañá. Dise que está escrita en galego-portugués e que García Mañá ofrece con ela unha nova entrega da súa serie dedicada á narrativa policial tendo como protagonista o detective decimonónico Nemesio Castro no Brasil da escravidade. Así, o autor explica que o tema central é a emigración galega en tempos de fame dende Portugal a Brasil, ademais de destacar a loita pola supervivencia que converteu algúns emigrantes en falcóns. Afírmase que é esta a idea que explica a elección dun falcón para a cuberta do libro. Coméntase que no acto de presentación da novela os encargados de falar da obra e da figura do seu autor foron o editor de Edicións Xerais de Galicia, Manuel Bragado; o reitor da Universidade da Coruña, José María Barja, e o secretario da Real Academia Galega, Xosé Luís Axeitos.


Conversa na que Luís García Mañá comeza falando d’*O lume de Santo Antón* (1997) e mais de *Menino morreu* (2003) para despois falar do seu personaxe Nemesio Castro. Tamén se refíre á súa escrita en xeral e comenta que documenta moito as súas novelas, que teñen un setenta por cento de investigación e un trinta de trama. Finalmente comenta que algunha vez foi incomprendido por escribir en lingua galega.

Breve entrevista na que Luís García Mañá comenta que clasifica a súa narrativa como de intriga histórica, que non se considera poeta e mais que Nemesio Castro é o protagonista da triloxía da que forma parte esta novela.


Indícase que Luís M. García Mañá vén de presentar no Instituto de Educación Secundaria Otero Pedrayo de Ourense a súa novela O grito do Ipiranga, da que se destaca que está ambientada no Brasil e mais que é unha novela de aventuras. A seguir, nunha breve entrevista Mañá comenta a súa ledicia por presentar esta obra neste centro de ensino e mais que O grito do Ipiranga é o último desta triloxía pero non o derradeiro.


Entrevista onde Luís García Mañá comenta que chegou á literatura a través da historia e que o seu bisavó Domingos Antonio emigrou a Brasil. Tamén se refire ás relacións entre Galiza e Portugal e destaca que se tivese máis tempo faría máis ensaios e libros históricos. Con respecto a esta novela manifesta que nela trata o tema da explotación dos emigrantes e céntrase, a seguir, na emigración galega en Brasil.


Comeza referíndose á degradación da actual televisión e con respecto a esta novela pona como exemplo de lectura para se divertir. Dela comenta que presenta unha prosa pulcra dentro dunha novela de intriga. Ao mesmo tempo, refírese a A lei das ánimas, de Carlos Reigosa, e a Settecento, de Marcos Calveiro, como lecturas que tamén serven para divertir o lectorado agardado.


Gaba o labor literario de Luís García Mañá e con respecto á súa última novela opina que presenta un argumento lóxico e facilidade de expresión. Tamén a cualifica de amena.


Expón que Luís García Mañá ten realizado moitas investigacións sobre o Couto Mixto e d’O grito do Ipiranga ilustra que Alfredo Conde a cualificou como novela de emigración, de aventuras, “histórica e incluso policiaca”.

Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónanse a novela detectivesca *O grito do Ipiranga*, de Luís Manuel García Mañá; *A cripta do apóstolo*, de Pere Tobaruela; *No castelo de Marbel* (2009), de Bernardino Graña; e *Cachiños do meu cerne* (2008), de Fuco Paz Souto.


Recoméndanse algunhas lecturas para gozar durante o verán. Respecto a *O grito do Ipiranga*, de Luís Manuel García Mañá, afirmase que se trata da terceira novela de aventuras protagonizada polo detective Nemesio Castro, investigador do século XIX que sabe moverse por intrigas complexas e crimes políticos e que, desta vez, fai as súas pescudas en terras lisboetas, maltesas, catalás e brasileiras;


Segundo volume da obra completa en prosa do escritor Xosé Luís García Mato (Vilalba, Lugo, 1924-1980) no que se recollen, por unha banda, sete contos, algúns deles publicados en xornais, outros inéditos, pero ningún deles publicado en formato libro, e, pola outra, numerosísimos artigos publicados case todos eles na prensa ao longo de trinta anos (dende 1949 até 1979), a maioría no xornal lugués *O Progreso*. O volume comeza cun prólogo intitulado “Escribir en tempos difíciles”, de Agustín Fernández Paz, ao que lle seguen os sete relatos titulados “O espello”, “O home de pintura”, “Vivía só”, “A heranza”, “24 horas da vida dun recruta”, “O milagre de Pepe Repepe” e “Conto do crocodilo bondadoso”, os dous últimos destinados a un público infantil. Todos eles son moi distintos entre si, tanto nos temas, como no tratamento formal; con todo, existen algunhas variábeis aglutinadoras, como matiza Fernández Paz no seu prólogo, tales como unha visión desesperanzada da existencia, unha presenza constante da relixión, un visión crítica e pesimista dunha sociedade inxusta, á que só lle interesa o diñeiro e para nada a cultura e unha visión machista da muller. Dende a perspectiva formal a lingua utilizada é o castelán, xa que a súa producción literaria se levou a cabo nun momento en que non estaba ben visto o uso do galego. A voz narrativa é case sempre a primeira persoa e, se está en terceira, sempre se enfocada cara ao personaxe protagonista. Os personaxes das historias móvense sempre en situacións que se desenvolven entre o real e o fantástico. En canto ao estilo, García Mato manéxase ben utilizando un modo máis poético da linguaxe, ben cun estilo narrativo seco e cortante, con oracións breves que imprimen un ritmo diferentes ás historias que se contan. A parte narrativa péchase coas notas do seu fillo Xosé Luís García Ferreiro, Lis, nas que se dá conta onde foi publicado cada relato, en que data e se foi merecedor dalgún premio. A obra xornalística vai tamén precedida dun prólogo, neste caso de Bernardo García Cendán titulado “A prosa do Guedelliñas”, con interesantes e exhaustivas notas, tamén do seu fillo, onde se ofrece o lugar de publicación e a data de cada un dos artigos, ofrecendo a posibilidade ao lector con cada un deles de coñecer un pouco máis a este escritor. O núcleo central dos seus escritos é o presente, pasado e futuro da súa cidade natal Vilalba, á que gaba seguindo o estilo romántico da época, e as súas festas patronais, pero tamén ten a particular obsésion de facer memoria, de tal xeito que incita
a que o pobo non esqueza o que lle é propio e constitúe parte da súa cultura e patrimonio. Dedica artigos aos costumes da vila e a recordar situacións graciosas que tiñan lugar nos bares ou nas tendas, facendo un retrato do modo de vivir dos seus veciños. Así mesmo hai artigos sobre personaxes importantes como Platón, Azorín, Rosalía de Castro, Schubert ou o Cordobés, sobre as lendas da terra Chá e sobre outros poetas e políticos. O volume péchase cos agradecementos de Xosé Luís García Ferreiro, non só a Fernández Paz e García Cendán polos seus prólogos, senón tamén a Agustín Baamonde Díaz, que foi quen puxo en marcha este proxecto cando era o alcalde de Vilalba, e á Deputación de Lugo e ao Instituto de Estudios Chairegos (IESCHA) polo seu apoio nesta empresa.

Recensións:


Comeza apuntando datos biográficos de Xosé Luís García Mato antes de penetrar nas características que presenta a edición da súa Obra completa. En relación ao segundo volume desta Obra completa recolle que Agustín Fernández Paz no estudo introdutorio demorado destaca os contos e artigos de García Mato, un autor recoñecido fundamentalmente pola súa poesía, e que non foran publicados en vida deste. Apunta a ollada desesperanzada sobre a existencia que bebe de Giovanni Papini e Miguel de Unamuno, e o paralelismo que se estabelece entre o idealismo do narrador e o “desprezo pola cultura, a grosería e a zafiedade” dos personaxes, ademais da presenza dos planos fantástico e imaxinario, o drama social de “ribetes tremendistas” e da literatu infantil ainda que moi didáctica e excesivamente sentimental e expresiva.

Referencias varias:


Dáse conta da presentación no Centro Cultural e Recreativo de Vilalba da Obra completa de Xosé Luís García Mato, dous volumes nos que se recolle a súa obra poética e narrativa recompilada polo fillo do autor. Recóllese as palabras dos participantes no acto, nas que salientan o amor do creador pola escritura e a importancia do legado cultural para o seu pobo dun dos animadores e defensores da cultura lucense. Saliéntase tamén a recollida que o autor fixo de lendas e historias da comarca. Expícase que o volume de poesía está prologado por Darío Xohán Cabana, mentres que o de prosa por Agustín Fernández Paz e Bernardo García Cendán.


Novela de costumes de Bernardino Graña (Cangas, 1932), composta por doce capítulos, que se sitúa temporalmente no contexto da guerra civil e na posguerra de maneira que se observan as desventuras propias deste período. Por medio dun narrador en terceira
persoa préséntase a vida de Carmela e de seu pai, o xastre Pedro Grilo, coñecido na vila por ter fama de sabio e facer predições en lugares tan comúns como a tasca de Bon de Arriba. Carmela é unha nena orfa de nai que, ao cumprir os dezasete anos, comeza o galanteo con tres mozos. Cón as a preocupación do pai mentres a protagonista non se decide por ningúns até que finalmente acaba escollendo a Xocas, o panadeiro que regresara da emigración e que, unha vez casado, chega a ser o alcalde do lugar, mentres que Carmela traballa na panadería. Así mesmo, o lectorado agardado descubrirá pasaxes da vida destes e doutros personaxes, tales como as razóns polas que Xoaquín (Xocas) fixo o Camiño de Santiago e decidiu emigrar a Bélxica cuns flamengos que coñecera; o crí de crime, cometido a mans dos falanxistas, do mozo de dona Amalia, a profesora de Carmela, ou a coacción de Pilín á moza cando a increpa por Carmela estar a ler Cantares Gallegos, de Rosalía de Castro. No que á linguaxe se refire esta novela presenta cun constante recurso ao refrán, como unha forma máis de achega á tradición do popular. Ao final do libro informa o autor que a historia da novela de Manuel Vidal Rodríguez Don Porrazo ó Mi cubierto de plata (1909) “é algo coincidente con esta”. A fotografía da cuberta presenta unha morea de bolos de pan, alimento directamente relacionado con Xocas, un dos personaxes principais.

Recensións:


Crítica ao libro de Bernardino Graña Carmela e os ladróns do que ademais de dicir que se observan os ingredientes típicos da literatura costumista, considera que, malia a forma deste conto ser “impecable”, é posíbel que o lectorado se sintan defraudados.


Primeira obra do tradutor e profesor de castelán en Palestina Moncho Iglesias Míguez (Vigo, 1974), licenciado en Filoloxía Hispánica e doutorando de Filoloxía Galega. Estrutúrase en tres relatos, aos que anteceden citas de varios escritores universais, intitulados segundo as cores do arco da vella: “Amarelo”, “Verde” e “Vermello”. Na primeira historia aparece un personaxe masculino anónimo que vai describinda numerosas sensacións e momentos da súa vida cotiá. Na segunda, “Verde”, cónsese a historia doutro home, do que se descoñece o seu nome, que vixa á India para atopar a súa nai, a cal desapareceu cando el era pequeno. O relato céntrase en describir o que sente o protagonista nesa busca da súa proxenitora: os olores, as paisaxes, as relaçons,
etc., mais tamén relata cómo viaxa polo país coñecendo diferentes cidades da India: Nova Delhi, Bombay, Hampi, Malapumaram, Goa, entre outras. Nesta viaxe tamén reflexiona sobre as diferentes crenzas relixiosas e filosóficas hindús, así como sobre a literatura deste país. Ao mesmo tempo que procura, sen resultados, a súa nai, o protagonista fala con seu pai e vaille informando dos avances que vai realizando. Ao final da historia o personaxe dáse conta que a viaxe lle serviu, en troques de para atopar a súa nai, para atoparse a si mesmo como persoa. A terceira historia, a máis breve, está introducida por unha cita de Lino Novás e nela un narrador anónimo impreca a unha personaxe en segunda persoa.

Referencias varias:


Dáse conta dos resultados e da clausura da Feira do Libro de Vigo, onde se presentou Tres cores, de Moncho Iglesias.


Infórmase da presentación das novidades editoriais en Festigal, entre as que se atopa Tres cores: Azul, de Moncho Iglesias.


Indica que no Festigal 2010 se presentaron Tres cores: Azul, de Moncho Iglesias, entre outras novidades literarias da Galería das Letras.


Entrevista na que o vigués Moncho Iglesias comenta que o seu libro Tres cores: Azul é unha viaxe iniciática a través dos sentidos, que presenta unha prosa poética, que está escrito en segunda persoa e que presenta como orixinalidade a disposición do texto que é cualificado de colorista e fotográfico. Asemade indica que traduciu ao dialecto árabe de Palestina e ao hebreo a Xosé Luís Méndez Ferrín e mais que agora está a traducir ao poeta palestino máis coñecido, Mahmoud Darwish.


Reflexiona sobre a importancia das subvencións dentro do sistema literario galego e indica que a editorial Estaleiro presenta as obras Tres cores: Azul, de Moncho Iglesias, e mais Canibalismo, de Marcos Abalde.

Conxunto de catro relatos de Xavier López López (Bergondo, 1974) sobre a importancia das historias que, sen estar contadas neles, os libros nos obrigan a vivir. Logo dunha dedicatoria e unha cita de Theodor Fontane, ofrécese o primeiro deles, “O corazón da taiga”, introducido por unha cita de E. M. Remarque (*Sen novidade na fronte*). Nel cóntase, en primeira persoa, a historia dun catedrático de literatura que sobreviviú a unha matanza misteriosa na Segunda Guerra Mundial. Segue “A noite de Walpurgis”, no que se narra a cita entre un antiguo bibliotecario, un tanto farto da vida que leva nesa vila provinciana, e a súa sucesora, que esperta nel sentimentos encontrados aos que, finalmente, consigue pór-lles freo. Logo aparece o relato que dá nome ao volume, “Os libros prestados”, a historia dun guionista obsesionado con devolver persoalmente aos seus donos todos os libros que algún día lle prestaron. Pecha a obra “O discurso do método”, que ofrece unha reflexión sobre o por qué e o cómo da escrita, citando autores tan reputados como Italo Calvino ou Honoré de Balzac.

Recensións:


Saliéntase como fío condutor das catro pezas que compoñen este libro de relatos os libros e os lectores, ao tempo que se destaca por enriba de todos aquel que dá título á obra, “que convida a tripar un camiño que serpe entre o libro e mais a vida”. Comentario á parte tamén merece “Discurso do método”, do que se di que garda relación con outros relatos borgeanos, toda unha disertación sobre a creación literaria e a figura autorial.


Realízase unha sucinta sinopse de cada un dos catro relatos que compoñen *Os libros prestados* e destácase o seu discurso fluído e sen grandes estilismos e a eficacia coa que se presentan os detalles que conforman os escenarios destes contos “para o entretemento, protagonizados por letraferidos”.
Referencias varias:


Reprodúcese unha entrevista con Xabier López na que se reflexiona sobre o nexo común entre os relatos (os personaxes protagonistas como indíviduos que buscan un sentido para as súas vidas), o porqué da escrita e o excesivo protagonismo do autor hoxe en día, entre outros aspectos.


Entre outras publicacións salienta o volume de catro relatos *Os libros prestados*, de Xabier López López.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso d’*Os libros prestados*, un conxunto de relatos de Xabier López López; *Xuvia-Neda*, de Vicente Araguas; *Reckless*, de Cornelia Funke; e *Treze ensaios sobre Pessoa*, de Carlos Taibo.


Recóllese unha entrevista co autor na que se diserta sobre a importancia dos libros na vida das persoas e na que se fala do seu estilo literario, máis ben canónico, ou sobre o estado actual da literatura galega.


Co pretexto da publicación da última obra de Xabier López, na que un dos seus personaxes ten a teima de devolver cada un dos libros que un día lle deixaron, reflexiónase sobre o paradoiro daquelles que nunca volveron ás mans do seu propietario.


Recóllense recomendacións e comentarios sobre diversas obras, tales como *Os libros prestados*, un conxunto de relatos ao redor da literatura.

Sinálase o rexistro particular de cada un dos relatos integrantes d’*Os libros prestados*, unidos por un lazo común: os libros e a lectura. Recoméndase pola súa calidade e orixinalidade. Comenta tamén que *Homónima* (2000), de Antón Riveiro Coello, conta como un escritor vai a México na procura dun homónimo que encontra na internet. Cualifica *Homónima* como novela rápida e indica que o seu autor presenta unha inmensa e vigorosa voz narradora.


Sinálase que os verdadeiros protagonistas destes catro relatos non son os libros senón os lectores e as lectoras, as historias que non están contadas nos libros.


Novela con trazos de ficción científica, de Antón Lopo (Monforte de Lemos, 1961), que está estruturada en cento vinte e cinco capítulos breves, numerados, a través dos que discorre o retrato futurista da Galicia do século XXII. Nela desenvólvese a historia da doutora Elba Má cara, unha muller moi dotada para as matemáticas, que vive recluída na Residencia de Científicos sen Recursos da República, de onde foxe coa axuda do doutor Roberto Bas, neurobiólogo, que é o seu guía e cómplice na fuxida cara á liberdade. É a raíz desta fuxida e dos avatares que vive Elba cando se vai trazando a situación da sociedade galega do futuro, caracterizada por unha forte polarización entre os que viven baixo a protección e control da Confederación, que rexe os designios das Repúblicas que a integran, entre elas a galega, e Alemparte, un territorio de ninguén, visto como inhóspito e salvaxe, alleo ao Estado soberano de Portugal e á República galega e á orde democrática. Neste lugar ao que chega Elba viven un millón de persoas consideradas disidentes, terroristas, inadaptadas, integrantes de mafias e seres mutantes pola contaminación química, moitas veces empregadas como cobaias para experimentos. En xeral a sociedade recreada caracterízase por ter conseguido individuos dunha extrema lonxevidade, sometidos a un férreo control mental a través de biochips denominados *memory steam*, habitantes de cidades subterráneas e outras na superficie que teñen que ser protexidas por unha cúpula de ozono cristalino para evitar as radiações, as tormentas ultravioleta e os anticiclóns atómicos, aínda que poden facer viaxes no tempo a outras épocas e gozar da natureza a través da realidade virtual.

**Recensións:**


Comeza facendo referencia ao labor polifacético que desenvolve Antón Lopo para, a seguir, centrase na súa última novela, *Obediencia*, na que ve reflectida a súa progresión como creador. Sitúa a obra nos lindeiros da ficción científica, ainda que adobada con elementos de carácter máis xeralista. Repasa brevemente o argumento e incide na busca de verosimilitude, no descritivismo dos elementos futuristas e na nitidez da recreación de espazos e personaxes. Salienta tamén a pegada da influencia cinematográfica, de
autores da tradición galega, de trazos que superan os límites do xénero e a achegan á novela de tese e á novela de aventuras de carácter futurista. Destaca entre estes elementos o pouso reflexivo que xira arredor de conceptos como o control e a obediencia, o poder e a resistencia, a liberdade e a identidade, cos que se superan as expectativas do lectorado e fan da novela unha obra moi recomendábel.

Referencias varias:


Entre as novidades editoriais para o outono, salienta esta novela “de ciencia-ficción” que conta co “xénero fantástico como protagonista e a linguaaxe das matemáticas como fío condutor”. Indica que está ambientada en Galicia do século XXII.


Dáse conta da entrega do Premio García Barros de Novela a Antón Lopo por Obediencia, da que o autor cualificou como un xogo de fábulas. Tamén se recollen as palabras de Víctor Freixanes, que destacou o labor do creador monfortino e cualificou o Premio entre os máis importantes de Galicia. Sinárase que ao acto acudiron gañadores doutras edicións e diversas autoridades e remátase anunciando que tamén se deu a coñecer o ditame do VI Premio Estornela de Teatro para nenos da Fundación Xosé Neira Vilas, outorgado a Carlos Labraña por Teatro de xoguete.


Dáse conta da entrega do Premio García Barros de Novela a Antón Lopo nun acto celebrado na Estrada. Saliéntase a traxectoria do certame, anúnciese a temática da obra e dáse conta da presenza no acto de diversas autoridades e gañadores doutras edicións.


Adiántanse elementos da trama narrativa, como a protagonista, a ambientación temporal e espacial para, a seguir, destacar a forza da linguaaxe, especialmente pola evocación de imaxes cinematográficas de ficción científica. Destácase que o enigma central xira ao redor da obsesión por descubrir a posición dun número natural perdido na memória, a loita polo poder e o control da mente. Finalmente sinánsanse os membros do xurado e que este destacou a imaxinación creadora e a habilidade para recrear o futuro hipotético no que está ambientada a obra.


Faise eco da presentación desta novela na Libraría Couceiro por parte do autor, de Carlos Lema e Anxos Sumai.

Anúnciase a presentación da novela na Libraría Couceiro de Santiago de Compostela na que participará o propio autor, Carlos Lema, director de edicións da Editorial Galaxia e a escritora Anxos Sumai. A seguir repásase a liña temática da obra e destácanse elementos como a forza evocativa da linguaxe empregada.


Faise eco da presentación da novela na Libraría Couceiro e descríbese a ambientación futurista, na que destaca a posición entre dous espazos contrapostos. Sinálase tamén o recurso a símbolos e cábalas nun texto “proteico e rebordante de enxeño”. Recóllense as palabras do autor, que salientou a importancia da identidade; de Carlos Lema, que faleu da adscrición da obra á novela de aventuras, da súa singular estrutura, do cuestionamento do roles e a presenza de lecturas máis fondas. Por último, recóllese que para Anxos Sumai se trata dunha proposta que “destila intelixencia narrativa” e chama á desobediencia, involucrando o lectorado e cuestionando as súas certezas.


Tras informar da polémica entre Manuel Rivas e Marina Mayoral polo uso do topónimo Brétema en *Todo en silencio*, apúntase que Antón Lopo tamén empregou este topónimo na novela *Obediencia*.


Narración, a cabalo entre a novela e o ensaio, de Loreta Lontra, conformada por cincuenta capítulos numerados e intitulados mais unha especie de conclusión, titulada “E... Tanto monta tanto”, estruturados en tres partes: “Cristovos”, “Especulacións” e “Solucións”. A acción desenvólvese durante un período de algo máis dun ano e transcurre en lugares como Galiza, Italia, Grecia, as Illas Baleares, Lisboa e Roma, entre outros. Na primeira parte, o catedrátil Beltrán Bergondo encoméndalle unha investigación a Loreta Lontra: descubrir, mediante unha investigación *in situ*, o lugar de nacemento de Cristovo Colón, pola que a universidade lle vai financiar as súas viaxes aos posíbeis lugares de nacemento do navegante. Así, segundo o material que lle enviou Bergondo, a narradora protagonista fai unha listaxe cunhas vinte e oito posibilidades de nacemento de Colón e comeza a viaxar. Na segunda parte, Lontra segue estudando os documentos que lle van chegando e comeza a facer descartes tendo en conta a toponimia empregada alén-mar, a lingua materna de Colón e a súa xenealoxía, así como os xeroglíficos que aparecen na súa sinatura. Na terceira parte vai a Lisboa e ali atopa a Nemesio, a quen xa atopara en outros lugares, quen lle advirté que teña coidado con Bergondo pois, ainda que a ela lle faga crer que quere que a o lugar de...
nacemento de Colón sexa Galiza, realmente vai facer o posíbel porque a solución sexa Xénova. A protagonista segue eliminando posibilidades até chegar á única razonable: Galiza. Malia o dito, unha busca en Internet pon á narradora na pista dun libro dun italiano que asegura que Cristovo Colón nunca existiu como persoa física, que foi un invento da Igrexa cando esta quixo oficializar as expedicións ás Indias. Por este motivo viaxa a Roma, atopa o libro e dá por rematado o seu traballo chegado á sorprendente conclusión de que Cristovo Colón non existiu, o cal desgusta moito a Bergondo.


Manuel Losa Rocha (Santiago de Compostela, 1940) publica este conxunto de cinco relatos: “Dous cofres de prata”, “A carta de Amelia”, “O neno cego”, “O bastón de don Nicanor” e “Cinco días en Londres”. O primeiro dos contos ten como protagonista a un nen que se chama Manolo e que vive en Santiago de Compostela. Manolo dá paseos co seu pai polos parques da cidade e tamén co seu tío Xermán. Nestas andanzas o pai e o tío cóntanlle historias de enigmas e así é como coñece a Don Sebastián, que é un ancián que vive nunha palloza e que lle entrega un cofre de prata que abrirá cando sexa maior e lle descifrará un segredo. “A carta de Amelia” ten de novo como protagonista a Manolo, quen acompaña a seu pai, un reloxeiro, a arranxar reloxos a unha aldea veciña. Ali coñece a Tonecho e Amelia, dous nenos da súa mesma idade, e fanse amigos. Amelia cando se despiden reláltalle a Manolo que recibiu unha carta da súa nai dende Cuba. O terceiro relato conta cómo Manolo coñece a un neno cego da aldea e fai amizade con el, en vexando as vantaxes de vivir no rural. “O bastón de don Nicanor” relata cómo un veciño de Manolo acaba coa vida dunha serpente, co seu bastón de empuñadura de prata, que peleou con dous gatos do neno, o Branquiño e o Michón, morrendo na liorta o primeiro deles. Remata o libro co conto “Cinco días en Londres” no que o protagonista destas historias, Manolo, xa maior, realiza unha viaxe a Londres de cinco días e ali coñece a numerosos galegos emigrados e tamén os costumes e tradicións dunha cidade tan cosmopolita.


Segunda novela do mariño mercante José Martínez Mariño (Santa Uxía de Ribeira, 1963) (a primeira obra permanece inédita) que ten como protagonista a Pepe Carreiro, que torna do Brasil á pequena aldea natal de Vixán. Neste lugar vaise reencontrar consigo mesmo e vanse dando cita unha selección de persoeiros lendarios, a través da pintura e dos paseos pola Lagoa e por Corrubedo (reis como Breogán ou Alfonso X, cabaleiros como Carlomagno ou Roldán, soldados como Brutus, santos e vírxes, demos, druidas e meigas, monstros mariños, sereas e serpes, entre outros). Os nomes máis sinalados das lendas galegas teñen o seu papel nesta historia e o protagonista, esculcado polas súas propias pantasmas, terá que se enfrontar a algúns deles axudado por outros (a súa muller e o gardacostas, Tucho). Xuntos intentarán salvar a Maruxaina do seu encantamento.

Novela de Xerardo Méndez (1964) que comeza cun “Limiar” (“O fío da luz”) de Francisco X. Fernández Naval no que se fai un repaso á traxectoria do autor e se analiza brevemente a última das súas novelas, para concluir que é “o escritor que descubriu o fío da luz e venceu o labirinto das sombras, non en balde o día, o sol e a liberdade son referencias constantes na súa obra”. A continuación, un narrador en primeira persoa, do que nunca se chega a saber o nome, presenta unha galería de personaxes, un grupo de mozos e mozas marcados pola emigración. Ao longo de tres capítulos, conta a historia dunha xeración que vive nun espazo e nun tempo cheo de contradicións, sen modelos nin referenciais, nin interese polo propio, e que é protagonista dun proceso de desintegración social.


Volume no que se recollen os traballos gañadores das oito edicións do Certame “Galicia en Euskadi”, promovido polo Centro de Estudos Galegos da Universidade do País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea, así como outros estudios de procedencia máis diversa, pero cuixo xerme se vincula ao traballo dos profesores-lectores de lingua, literatura e cultura galega nesta universidade, desenvolvido dende 1997 até 2009. Despois da presentación institucional, conta cunha introdución dos coordinadores na que explican os obxectivos do certame, orixe dos traballos, o seu labor de difusión da lingua, literatura e cultura galegas e adiantan a organización interna do volume, articulado en dous corpos principais: no primeiro os traballos gañadores de cada unha das catro modalidades do Certame “Galicia en Euskadi” e, no segundo, outros traballos de máis dilatado alento que xurdiron da actividade investigadora e promotora da cultura galega no exterior e que contaron co apoio do Centro de Estudos Galegos. Os traballos de creación aparecen organizados por orde cronolóxica e agrupados por modalidade lingüística, é dicir, atendendo á língua na que foron escritos. No que se refíre á narrativa recólleense os seguintes traballos:


Relato de Mario Unamuno Plazaola, gañador na edición de 1999, no que se fai unha recreación de Galicia, denominada Peterpania, a partir da referencia a diferentes mitos, heroes, elementos identitarios e múltiples xogos intertextuais, nun texto de marcado carácter metafórico e fragmentario.


Texto breve de Mario Unamuno Plazaola, gañador na edición de 2000, no que dende unha perspectiva crítica se parodia a sociedade actual, a súa hipocrisia, superficialidade e poder dos medios de comunicación e multinacionais, remarcado polo ritmo áxil dunha linguaxe que asenta en recursos como a deformación dos termos e a ausencia de puntuación.

Relato de Mario Unamuno Plazaola, gañador da edición especial de 2002, no que se narra a historia de Sabela e Joseba Sarrionandia. Ela é unha moza, filla de pai galego e garda civil destinado ao País Vasco, onde é asasinado cando a rapaza conta con vinte e dous anos. El, un etarra fuxido do cárcere que escribe e publica dende a clandestinidade, cunha forte pegada do saudosismo, da morriña, do máxico e mitolóxico, “o máis galacio-portugués dos poetas non galego-portugueses”. Esta contradición entre o poeta e o militante etarra vaise desvelando a medida que se coñece o paradero de Sarrionandia, agochado na casa paterna de Sabela, no Baixo Miño, e o dominio absoluto que ela exerce sobre a súa obra. Describese así o plan inicial da moza para rexenerar a imaxe negativa do escritor terrorista, ao que chega a suplantar para moderar as súas posturas ideolóxicas e lograr o Premio Nobel, obxectivo que se fana pola vinganza de Sabela, ao coñecer que foi o propio Sarrionandia o que levou a cabo o atentado no que morreu seu pai.


Relato de Haizea Barcenilla García e Arsenio Iglesias Pazos, gañadores da edición de 2007, no que a través de múltiples perspectivas e voces narrativas se narra a historia de diferentes personaxes que viven na zona antiga da cidade de Santiago de Compostela, en especial as dúas irmás chamadas Xosefa por un erro do seu pai ao inscribir á máis nova no rexistro. Un espazo no que conflúen diferentes identidades e persoas, que comparten un territorio no que se mesturan as vivencias e as olladas, pero no que perdura tamén o descoñecemento mutuo e as vidas paralelas.


Relato de Arsenio Iglesias Pazos, gañador da edición de 2009, no que se evocan peripecias da infancia nas que o narrador protagonista relata a descuberta do mundo que o rodea a través dos xogos con outros nenos, nos que tamén se conforma o sentido de competitividade, neste caso a través das carreiras coas bicicletas e na busca de lugares descoñecidos a través dos que ir configurando a súa imaxe do universo máis próximo.

- María José Castelo Lestón, “Todos os camiños teñen como punto final a caducidade”, pp. 105-113.

Relato de carácter intimista de María José Castelo Lestón no que a narradora protagonista reflexiona e divaga ao redor da súa vida, a pouca integración na familia, as súas raíces e o sentido do seu namoramento, todo no marco da viaxe a Galicia con motivo do funeral da súa avoa materna.

Tamén está descrito nos apartados II.1. Poesía e V.1. Ensaio deste Informe.

Referencias varias:

Entrevista a Isabel Mociño, coordinadora de *Galicia en Euskadi/ Galizia Euskadin*, obra na que se recollen os textos galardoados no certame organizado polo profesor Andrés Temprano, profesor titular do “Centro de Estudios Gallegos de la Facultad de Filología y Geografía e Historia de la Universidad del País Vasco”. Mociño conta que a obra é o resultado da recopilación dos traballos galardoados no certame convocado entre os anos 1997 e 2009 e que se presenta nunha edición trilingüe na que se inclúen autores como Iban Zaldúa (Premio Euskadi de Literatura) e o galego Arsenio Iglesias Pazos. Ademais Mociño explica que o labor dos lectorados é a de “fijar lazos con universidade de fuera de Galicia” e subliña que é importante manter e fomentar “la imagen que de [Galicia] se proyecta desde el exterior”, antes de rematar apuntando as importantes “influencias” existentes entre Galicia e Euskadi.


Breve nota na que se anuncia a publicación do volume e na que se sinala que os contidos están conformados polos textos gañadores do certame “Galicia en Euskadi” e algún traballo fruto do labor desenvolvido polos lectores de lingua, literatura e cultura galegas na Universidade do País Vasco.


Conxunto de narracións curtas de Ricardo C. Mora (Poio, 1970) que se presentan como pequenas pinceladas de historias cotiás. Á maior parte delas antecédeenas un título relacionado coa temática a tratar, porén doce, distribuídas de xeito aleatorio ao longo do volume, titúlanse “Flash” e funcionan como fío invisíbel que lle vai dando cohesión ao libro. A súa temática é variada, aínda que moitas d’elas falan da xuventude e das súas relacións amorosas e sexuais. A capital de Francia, por exemplo, constitúe o escenario e elemento común de cinco das historias incluídas no bloque titulado “París era un vicio: caro, mais aconsellábel”.


Novela erótica de Eva Moreda (A Veiga, Asturias, 1981) que se compón de oito capítulos, sen numerar. No primeiro deles cóntase a historia dun grupo de mulleres, profesoras nun conservatorio, que quedan accidentalmente pechadas no centro á última hora da tarde. A voz que narra os feitos é testemuña-protagonista, pois ela tamén é unha das mulleres que se ve obrigada a pasar alí toda a noite. Até que alguén veña por elas, e en vista de ter que pasar algún tempo xuntas sen nada que facer, argallan conversar sobre certas fantasías sexuais. Nos capítulos seguintes cada unha delas vai relatar ás outras as súas experiencias eróticas, coa particularidade de que centran o seu discurso en relación á súa especialización no eido musical: Caro, o piano; Alicia, a viola; Lu, o *bouzouki* (instrumento de corda pulsada); Carmela, a gaita; Enma, o canto; Vic, a música de cámara; e Xandra, o saxofón alto. De tal xeo que a conxugación entre música e erotismo vai ser unha constante ao longo do libro. Por outro lado, cada un
destes epígrafes divídese en dúas partes: a primeira é a confesión concreta de cada muller, o momento no que se relatan os aspectos íntimos da súa vida sexual e sentimental. A segunda, dividida da anterior por tres notas musicais, pode recoller as opinións da voz narrativa-protagonista (Lu), impresións das mulleres sobre cada unha das confidencias das musicólogas ou tan só comentar os motivos polos que puideron quedar ali pechadas.

Recensións:


Comeza dicindo que falar de literatura erótica galega sempre “provoca un aquel de reticencia” para describir a novela Organoloxía como unha “obra fermosa e ben escrita”, na que a súa autora, Eva Moreda, “con poucos riscos” bosquexa sete perfís de mulleres. Informa que a edición da obra se completa cun blog propio (organoloxia.blogaliza.org) e aconsella ler o libro na compañía do “Spotify” para non perder as referencias musicais que lle “outorgan un plus estético á obra literaria”.

Referencias varias:


Preséntase a novela Organoloxía coa que Eva Moreda gañou o Premio Narrativas Quentes convocado por Edicións Positivas. Coméntase o seu argumento e sinálase, no que á voz narrativa se refire, que Moreda optou por unha pluralidade de voces. Así, dise que cada instrumentalista protagonista fala do seu instrumento e das súas experiencias eróticas que lle suxire ou lle suxeriu nalgún momento. Segundo apunta a autora, trátase dunha estrutura que ten antecedentes no mundo medieval con autores como Chaucer ou Boccaccio. Anúnciase un final aberto e saliéntase o seu estilo por oscilar entre a “emoción e a poeticidade, a ironía e mesmo a irreverencia”. Considérase que é xustamente a emoción a que relaciona esta achega con anteriores publicacións de Moreda, tal é o caso de Breogán de Guisamonde (1997), O demo e o profundo mar azul (2003), Singularis Domitilla (2004) e O país das bestas (2009).

Recoméndanse algunhas lecturas para gozar durante o verán. De *Organoloxía* destácase que se funden música e erotismo.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónanse, entre outras, a obra gañadora do V Premio Narrativas Quentes, *Organoloxía*, de Eva Moreda; *O coitelo en novembro*, de Marilar Aleixandre; *Cartas a Elisa* (2009), de Santiago Casal; e *Depósito de cadáveres* (2009), de Miguel Anxo Martínez Oubiña.


Destácase que Eva Moreda se deu a coñecer cunha “prosa fresca, contemporánea, cuidada e orixinal” a través de galardóns como o Premio Narrativas Quentes pola novela *Organoloxía*. Tamén se di que esta escritora manifesta que o elemento común da súa produción literaria é o predominio da emoción.


Teresa Moure (Monforte de Lemos, 1969) retoma nesta novela temáticas e símbolos xa presentes con anterioridade na súa escrita, nomeadamente a reflexión sobre a familia e a importancia dos pequenos detalles, visíbel en obras como *A xeira das árbores* (2004) e *A casa dos Lucarios* (2007); a presenza da natureza que aparecerá en *Herba Moura* (2005); e a revolución ecolóxica exposta no ensaio *O natural é político* (2008). Nesta ocasión, estrutura *A intervención* en cinco partes que se corresponden cos diferentes puntos de vista dos cinco personaxes que protagonizan a novela respecto ao un mesmo feito. Así, na primeira parte, “Os amores imposíbeis”, o neto de Leandro Balseiro, que leva o mesmo nome que o seu avó, ofrécelle ao lectorado agardado datos sobre o a excéntrica personalidade deste, detalla as súas inquietudes artísticas e explica como naceu e se desenvolveu o seu proxecto, a cabalo entre a arte e a intervención social e cun marcado acento ecolóxico —recuperar Babilonia no Courel e reconstruír alí o xardín do Balseiro vello para protestar contra o estrago da paisaxe. Tamén dá conta da súa relación con Candela. A seguir, en “A semente dos soños”, a nai de Leandro, a dermatóloga Clara Balseiro, expresa o estrago progresivo da relación co seu fillo, explica o seu pasado familiar, marcado por certo maldirmito que os empurra sempre ao absurdo e á degradación, e a súa relación con Daniel Sampaio. Pola súa banda, este pianista, un anciano amnésico que comparte desde hai anos a vida con Clara e Leandro, na parte titulada “Os xañedos suspensos de Babilonia”, ademais da súa perspectiva e participación no acto subversivo, recupera o seu pasado, o trastorno que lle supón a chegada da súa filla Ingrid Sampaio e os reproches sobre o seu comportamento tras a súa repentina desaparición. En “A estación da loucura”, a psiquiatra Ingrid Sampaio conta cómo se uniu ao grupo, ao que estuda e invita a escribir un diario, ao tempo que completa os datos sobre a vida de seu pai e sobre a súa propia infancia. Finalmente, en
“O que fica dos soños”, é Candela, a muller que mantén unha relación sentimental con Leandro malia estar casada, quen completa a narración dos outros en capítulos ben máis curtos. A historia remata cun “Post-scriptum” a cargo da psiquiatra Ingrid Sampaio.

Recensións:


Refírese á produción anterior de Teresa Moure e conta que A intervención podería lerse como unha proposta de actuación. Considera que esta obra inquiere sucesivamente, interroga o lector e interrógase a si mesma, ademais de armar posibilidades, contemplar procesos e asumir derrotas. Resúme o seu argumento e apunta que non se trata dunha novela coral xeracional, senón que pretende ser o contrario, pois persiste unha constante intención de demostrar a posibilidade de establecer relacións libres, nin xerárquicas, nin parternalistas, sen que isto supoña a ausencia de conflitos. Explica que este conxunto comparte a necesidade de facer accionar a súa enxerxia e desenvolver unha idea, para a partir dese eixe encontrarse na Intervención. Tamén sinala que o significado da memoria é interrogado con acerto ben fino porque consegue espertar no lector a dúbida sobre o valor concedido á experiencia ou a calquera clase de coñecemento previo. Explícanos que unha das escollas máis inquietante da novela é un dos seus protagonistas, o xardín, sobre o que fai unha serie de consideracións, porque é, en gran medida, a súa razón de ser, do mesmo xeito que o é a bandeira da pluralidade. Conclúe dicindo que non deixa de ser menos calculada a escolha do termo “intervención” para darlle título e motivo de existencia a unha novela que condena a intervención lucrativa no Courel de hoxe e propón a intromisión da arte na natureza como mecanismo de resistencia.


Reconécese n’A intervención de Teresa Moure as esencias da escrita da autora: a reivindicación do feminismo e do ecoloxismo, ás que une recursos como o multiperspectivismo e temáticas xa tratadas con anterioridade, como a importancia da memoria individual e social. Resume brevemente o argumento da novela e salienta a importancia dos acontecementos vividos na infancia e a creación dun universo onde os sentimentos son o que verdadeiramente importa, no percorrido vital de todos os personaxes. Apunta tamén o interese da reflexión sobre o valor e a validez da arte e as consecuencias políticas que esta ten na vida cotiá, e a presenza de símbolos habituais na escrita de Moure, como as flores, as plantas e a natureza, a pel como espello da alma, os pequenos detalles e a familia.


Comenta que a trama da novela A intervención, de Teresa Moure, trónxelle ao recordo A compañía clandestina de publicidade (1998), de Marilar Aleixandre, por tematizaren ambas a necesidade de que a sociedade sexa contestaria. Sinala que a proposta artística que pretenden desenvolver os personaxes no Courel resulta ben atraente ao comezo da
novela, malia que non “manifesta unha intencionalidade de intervención social tan convincente” ao se centrar no diálogo con concepto da arte. Repara tamén na lograda construcción das distintas perspectivas narrativas e entre as eivas sinala a falta de individualización de cada unha das voces e a concepción da intervención artística como unha escusa para abordar as carencias afectivas dos personaxes, que fana as referencias ás circunstancias sociais.


Manifesta seguir con interese a traxectoria creativa de Teresa Moure e apunta que *A intervención* figurará entre os títulos máis salientábeis da autora. Comenta que malia o esquema construtivo elixido, a novela garante unha lectura fluida, con personaxes pouco convencionais e vinculados a un desexo de realizar unha intervención artística. Valora a capacidade da autora para crear biografías de ficción en atmosferas convincentes, que abalan entre o máxico e o real, así como a dosificación da ironía, a presenza dun humorismo distanciado e as tramas secundarias referidas ao pasado persoal e colectivo dos personaxes.


Opina que a quinta novela de Teresa Moure, *A intervención*, é unha historia “orixinalísima” con caracteres fortes e ben trazados. Ademais de dar conta do argumento, destaca as voces narrativas: unha primeira, a cargo do personaxe Leandro Balseiro, e as outras, que se desenvolven na forma de tres diarios: Clara, Sampaio e Candela. Comenta que hai unha quinta voz, a de Ingrid, de quen destaca o seu “papel decisivo” na estrutura da novela que, segundo a autora, anima a “meditar sobre a relación entre suxeito-autor e obxecto-editor”.

Referencias varias:


Faise eco dunha serie de publicacións recentes recomendadas para ler no ano 2010. As que se mencionan dentro da literatura galega están publicadas, todas elas, por Edicións Xerais de Galicia. No tocante á narrativa citase, entre outras obras, *A intervención*, de Teresa Moure.


Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, *A intervención*, de Teresa Moure.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Nesta ocasión seleccionanse a novela *A intervención*, de Teresa Moure; *Nocturnos*, de Kazuo Ishiguro; e *Novoneyra, home e terra*, de Xosé Lois García. Tamén *A ollada melancólica* (2009), de Antonio Campos Romay.


Indica que Isidro Novo foi o encargado de ler o pregón da Feira do Libro de Lugo na que, entre outras novidades, se atopou *A intervención*, de Teresa Moure. Explica que nesta ficción catro persoas conspiran “ao pé do Courel”.


Entre outras informacións que recollen as ideas fundamentais do pregón de Isidro Novo para a inauguración da Feira do Libro de Lugo –perda constante de falantes e lectores en galego e a importancia do libro–, anúnciase a sinatura de exemplares da novela *A intervención* por parte de Teresa Moure.

- César Lorenzo Gil, “Non é certo que as historias de amor entre nais e fillos sexan todas iguais”, *A Nosa Terra*, n.º 1.407, “Cultura”, 20-26 maio 2010, p. 27.

Con respecto á súa novela *A intervención* Teresa Moure declara nesta entrevista que pretendeu indagar na relación entre nai e fillo cos personaxes de Clara e Leandro coa liberdade que dá a literatura, así como construír personaxes pouco convencionais. Conta que ela mesma quixo poñer en práctica a idea central da novela, pero non contou co apoio do seu grupo de amigos, convencida de que cómpre buscar maneiras de intervir na sociedade que produzan cambios reais e un modelo político máis participativo. Declara tamén a súa intención de converter a familia Balseiro nunha metáfora dos galegos reivindicando a terra dende o ecoloxismo e poñer de manifesto as atrocidades que se están a cometer en Galicia.


Teresa Moure responde a distintas preguntas relacionadas coa súa novela *A intervención* e comenta que trata de arte e natureza a través da presentación dunha reivindicación dos espazos naturais mesturada coa creación artística. Apunta que ambientou a súa novela no Courel pola catástrofe ecolóxica que está a acontecer nese lugar e que coma noutras
das súas obras integrou elementos do realismo máxico. Opina tamén sobre a situación da lingua galega, reclamando que se deteñan os discursos de morte sobre a lingua.


Faise referencia ao abandono da escrita por parte de Suso de Toro para volver ao ensino e coméntanse varias novidades literarias aparecidas na primavera, como *A intervención*, de Teresa Moure, considerada unha novela ben resolta, aínda que con tendencia ao exceso estilístico.


Recóllense algunhas ideas do pregón pronunciado por Teresa Moure para inaugurar a XXVI Feira do Libro de Ourense. Dise que neste pregón qualificou a lectura de actividade revolucionaria e defendeu o libro galego como sinal identitario. Tamén reclamou unha protección especial para o sector e a consideración de distintivo de calidade.


Infórmase de que no Festigal de 2010 se presentarán varias obras de recente publicación: *A intervención*, de Teresa Moure; *O coitelo en novembro*, de Marilar Aleixandre; e *Sol de inverno* (2009), de Rosa Aneiros.


Indica que no Festigal 2010 se presentou, entre outras novidades literarias da Galería das Letras, *A intervención*, de Teresa Moure.


Infórmase da celebración do Festigal, un festival da cultura galega que conta con actuacións musicais, artesanía, proxeccións de materiais audiovisuais galegos como os premiados no Festival de Cans, conferencias e as presentacións das novelas *A intervención*, de Teresa Moure; e *O coitelo de novembro*, de Marilar Aleixandre.

Apoiándose nas declaracións de Teresa Moure, percórrense os elementos fundamentais que articulan *A intervención*, entre elas, a arte como xeito de intervir na realidade para transformala, a carón de temas como a amizade, a familia e a maternidade concibidas máis alá dos estereotipos. Vincúlase esta novela con *Herba moura* (2005) e *A casa dos Lucarios* (2007) pola presenza da inquietude ecoloxista e sinálase que a autora concibe a utopía como o que está por construír.


Citanse como mostras da cualidade das voces literarias galegas *O coitel en novembro*, de Marilar Aleixandre; e *A intervención* de Teresa Moure.


Novela de Alba Payo Froiz (Lalin, 1981) que inaugura a colección “Alcaián” de narrativa de autores e autoras noveis en lingua galega. Por medio dun narrador omnisciente dáse comezo a esta historia, de carácter posmodernista, que ten lugar nunha vila en estado de corentena por mor dun virus que a punto está de causar unha pandemia entre a poboación. A protagonista, Beda, unha rapaza infectada polo virus, consegúe salvarse da morte e é enviada a un campamento con outros supervivientes. O virus consiste nunha alteración das facultades físicas dos seres humanos, conferíndolle certos poderes que estes aínda non son quen de controlar, coa subsegüinte propensión á morte. A fronte destes pacientes no campamento atópase Ero, o doutor forense que en máis dunha ocasión se verá obrigado a tomar decisións certamente complexas coa fin de salvarse el mesmo e salvar os seus pacientes. Acompañan a esta trama de misterio frecuentes descricións sobre a fisioloxía do corpo humano en situacións de esgotamento e penuria.


Novela de Manuel Pereira Valcárcel (Ouzande, A Estrada, 1955) composta por vinte e nove capítulos e ambientada na época franquista onde se amosa o estilo de vida daqueles tempos ademais dos conflitos políticos que existían. A historia ten como protagonista a Suso, un músico encarcerado inxustamente acusado de asasinato mentres el tocaba en Portugal. O poder da clase alta na sociedade e as inxustizas que levan a cabo son as culpábeis desta situación e máis da liberación do propio protagonista a mans dunha muller que buscaba afianzar e declarar o seu poder social. Ao mesmo tempo, móstrase a situación de pobreza que se vivía na época, xa que o protagonista vese obrigado a emigrar en busca de traballo para poder sobrevivir e manter á súa muller e mais os sogros. À súa volta atópase co verdadeiro culpábel do crime.

Diario epistolario de Lois Pereiro (Monforte de Lemos, 1958-A Coruña, 1996), dirixido a Piedad R. Cabo, que se inicia cunha dedicatoria “Para os amigos do pasado; algún deles nin sabían que existía a Real Academia Galega. E para os amigos do futuro”. No primeiro texto que a destinataria do epistolario escribe para esta edición, dirixido ao poeta, sorpréndese de que Pereiro, situado fóra dos círculos oficiais, sexa obxecto de tanta atención, e lembra algúns momentos con el compartidos. A seguir, na “Nota á edición”, datada en Madrid o 16 de novembro de 2010, Hugo Martínez especifica que a correspondencia recollida se escribiu entre marzo e xuño de 1995 mentres Piedad R. Cabo facía un curso de inglés en San Francisco. Explica que se trata dunha longa carta mecanografiada, concibida a modo de diario e dividida en dúas partes: a primeira, composta por vinte e seis follas, foi enviada a San Francisco e escrita entre o 15 de marzo e o 18 de abril; e a segunda, composta por vinte e sete follas, foi mandada ao enderezo compostelán da destinataria e redactada entre o 19 de abril e o 13 de xuño. Ademais, infórma-se que nesta edición se inclúe un texto anterior á estadía en San Francisco, datado o 8 de marzo, e outro do 24 de maio que Pereiro engadiu con posterioridade para xustificar o mes que tardou en enviálos e que o editor os intercalou entre as dúas partes a modo de introdución da segunda. Afirma Hugo Martínez que o texto foi probabelmente concibido polo poeta pensando nunha ulterior publicación, xa que realizou un traballo de reescritura a partir das notas tomadas. A seguir, reproducéense as cartas nas que Pereiro mestura castelán, inglés, alemán, francés e galego, con castelanismos e variantes dialectais que o editor respectou. Nestas epístolas manifiéntase a fondura dos sentimentos cara á súa parella co fin de manter forte o vínculo entre eles, unha unión a todos os niveis baseada nun pasado común e nas expectativas de futuro. Ao mesmo tempo, amósase o carácter independente, irónico, observador e sensibl do monfortino, quen levaba unha vida nocturna en compañía dos seus seres queridos e gozaba dos seus creadores preferidos (Neil Young, Carlos Bousoño, Francisco Assis Pacheco, Thomas Bernhard, etc). As súas contradicións e a inestabilidade do seu estado anímico, motivada en gran parte pola fraxilidade da súa saúde, tamén se deixan tanslucir neste epistolario.

**Referencias varias:**


Felicitase a publicación do “emotivo” diario inédito de Lois Pereiro, escrito durante tres meses en 1995, co título *Conversa ultramarina* (2010). Díse que é un conxunto de textos que escribiu Lois Pereiro a Piedade Cabo nos tres meses que ela pasou en California en 1995 para poder soportar o gume diario da súa ausencia e a ansiedade da separación física, e que el llos enviu por carta en dúas entregas. Coméntase que Piedade o gardou pola súa natureza íntima e que decidiu publicalo por ter a certeza de estar ante unha obra imprescindible para entender o mundo de Lois Pereiro. Tamén se apunta que o autor monfortino era consciente da transcendencia dos diarios e deixou o texto listo para editar, indicándolle nunha anotación, a xeito de testamento, a posibilidade de publicalo. Díse que Piedade Cabo foi protagonista “de boa parte dos
seus abondosos poemas de amor coa denominación de P. ou, incluso, como Piedad”, como no caso de Poemas para unha loia (1997) e que este diario é unha “encrucillada” que fai referencia ao amor e á súa transformación nun sentimento de direccións múltiples “pola que tamén transita o seu radical cambio na forma de concibir o acto da escrita e na forma de entenderse a sí mesmo como escritor”.


Maniféstase a fondura dos vínculos emocionais que unían a Lois Pereiro con Piedad R. Cabo no limiar de Conversa ultramarina, diario inédito recuperado por Hugo Martínez. Afirma o editor que esta obra, realizada no período creativo máis frutífero do poeta, é o prólogo de Poesía última de amor e enfermidade (1995). Reproduúcense tres textos recollidos neste diario.


Relato de aventuras de Mariña Pérez Rei (Ames, 1966) no que se conta a peripecia vital dun mozo africano, Saïd, que sobrevive, tras abandonar a carencia de expectativas do deserto, realizando despeazamentos de barcos e coa esperanza de fuxir a Europa. Nel emprégame a primeira persoa do singular, xa que é o propio protagonista quen relata todo aquilo que xa non quere lembrar, nunha estrutura que non é lineal, pois dende o seu presente Saïd realiza un flashback, para, a continuación, volver ao presente e á súa situación actual. A novela aparece dividida en sete capítulos ou “escenarios”, cada un deles encabezado por un título e acompañado dunha ilustración en branco e negro.

Recensíons:

Relaciónase *Costa necrópole* con novelas de autores como Joseph Conrad, nos que a aventura é un puro pensamento valente. Destácase, ademais, a prestancia e a dignidade fóra de típismos en nome de certos valores que se lle dan ao protagonista. Apúntase que esta narración se sitúa entre o realismo e o lírico, sen abeirar na desmesura.


Coméntase a estructura de *Costa necrópole*, vertebrada en torno a sete escenarios polos que vai pasando o protagonista, ao xeito dun camiño de maduración persoal. Faise mención ao lírico predominante no relato e a que se expón unha realidade crúa. Destácanse, finalmente, as ilustracións de Emérita Méndez López.

**Referencias varias:**


Reprodúcese unha entrevista coa autora deste relato premiado na que se tratan asuntos como a conexión entre as súas obras tanto en prosa como en verso, o proceso de xestación do personaxe protagonista de *Costa necrópole* (un mozo africano que loita por lograr unha vida mellor) ou temas presentes neste relato como a deshumanización que xera a necesidade de sobrevivir, a morte e a soledade.


Tras uns apuntamentos sobre o argumento de *Costa necrópole* destácase o fondo lirismo e a exhaustiva aproximación á realidade que se presenta neste relato de aventuras.


Antonio Piñeiro (Santa Uxía de Ribeira, 1962) presenta n’*A carreta* a historia dunha familia que carga nunha carreta o ataúde da nai morta para levala a enterrar ao camposanto e, unha vez enterrado o corpo, prosegue o seu camiño na mesma carreta, desta vez cargada con todos os seus aveños. Acompáñase esta narración, de gran riqueza léxica no referido aos apeiros de labranza e ao microcosmos rural galego, dunha ilustración en tinta negra deste medio de transporte tirado por dous burros. Así mesmo, presentase este relato nun exemplar pertencente a unha edición limitada e única, cunha tiraxe de douscientos exemplares seriados, numerados e asinados, elaborada en Ribeira por medios artesanais. Trátase dun exemplar de encadernación rústica e cosido e engomado manual que tamén acolle un gravado, intitulado “Can deitado”, realizado en tinta negra e en relevo sobre folia branca e asinado polo autor en lapís.

Primeira novela de Manuel Portas (Barcelona, 1960) que en outubro de 2010 viu unha segunda edición. Estruturada en corenta e dous capítulos, encabezados polo día e hora a modo de diario escrito por distintos personaxes ao longo dunha semana, nela relátase, a modo de thriller e de maneira fragmentaria, a historia dun grupo de persoas que, tras compartir o último curso de bacharelato nunha vila indeterminada da ría de Arousa, chegaron a diferentes situacións persoais unha vez cumpridos os corenta e nove anos, cos seus fracasos e triunfos. Os personaxes representan diferentes posicions sociais e a distinta prosperidade que cada un alcanzou na vida, trátase dun avogado, un banqueiro, un taxista, unha profesora e un narcotraficante. Ambientada no contexto do narcotráfico, a novela sitúase nunha vila indeterminada da ría de Arousa. O lectorado comeza coñecendo a vida de cada un dos protagonistas e, a través dunha voz narrativa en terceira persoa que presenta un xogo multipolar, xa que se van enlazando as historias de cada un deles facéndoas confluír ao final da novela, aumentando o ritmo da mesma.

Recensións:


Fala da publicación da primeira novela do profesor e sociolingüista Manuel Portas, *Denso recendo a salgado*, escrita cunha visión crítica que reflicte a realidade do narcotráfico de xeito realista e adoptando a forma dun diario novelado. Salienta a pegada cinematográfica da obra, tanto nas estratexias narrativas empregadas coma na estrutura fragmentaria.


Recomenda *Denso recendo a salgado*, do autor Manuel Portas, considerando esta obra como “a gran novidade da narrativa galega desta primavera-verán”. Salienta a estrutura interior da obra e mostra a súa preferencia pola primeira parte da mesma por ser coma un calidoscopio social. Tamén comenta o acertado tratamento do tema do narcotráfico, por sinalar a inversión de valores evitando o tremendismo.


Salienta a excelencia lingüística de *Denso recendo a salgado* e detense na análise da súa estrutura, con corenta e dúas secuencias nas que se emprega unha técnica cinematográfica; do punto de vista, un narrador omnisciente; do tempo da novela, unha semana, e mais dos seus variados personaxes.

Referencias varias:

Entrevista a Manuel Portas con motivo da estrea da súa primeira novela Denso recendo a salgado na que o autor recoñece que é unha homenaxe á xeración dunha vila arousana coa que se formou ao seu regreso de Barcelona, aínda que os personaxes da obra non son reais senón inventados. Admite a vantaxe que supón a súa experiencia como docente de literatura na tarefa da creación e non descarta a idea de seguir escribindo e presentarse a algún premio.


Tras a publicación da súa primeira obra, Denso recendo a salgado, Manuel Portas afirma nesta entrevista que o autor afirma que a novela é un recoñecemento a unha xeración perdida composta por personaxes verosímiles dunha vila da ría de Arousa. Fala da súa experiencia noutras xéneros literarios e recoñece estar a traballar no seu próximo proxecto. Finalmente salienta o período de esplendor que está a vivir a literatura galega, cunha ampla variedade estilística e temática.


Sección fixa dos suplementos onde se acolle un breve descritor de Denso recendo a salgado, unha novela de Manuel Portas composta por varias historias fragmentarias; Dos soños teimosos, de Uxío Novoneyra; Do A ao Z con... Uxío Novoneyra, de Francisco X. Fernández Naval; e Confidencias do mar grego (2009), de Andrés Sánchez Robayna.


Faise referencia ao abandono da escrita por parte de Suso de Toro para regresar ao ensino e coméntanse varias novidades literarias aparecidas na primavera, como Denso recendo a salgado, unha novela da que se salienta a súa fluidez, o dominio das técnicas de modalización e a autenticidade lingüística.


Entrevista a Manuel Portas tras a presentación de Denso recendo a salgado na Feira do Libro de Santiago na que Portas recoñece que a súa primeira experiencia como escritor foi todo un reto aínda que o proceso de creación foi breve e satisfactorio. Recolle que o autor agradece ao equipo de Edicións Xerais de Galicia a oportunidade brindada coa publicación desta obra, a historia da súa “xeración perdida”, e manifesta a súa intención de seguir escribiendo.

Breve entrevista ao profesor e sociólogo Manuel Portas sobre a súa primeira novela *Denso recendo a salgado*, que ten como pano de fondo o mundo do narcotráfico na ría de Arousa sublinhando a dimensión social do tema. O autor sinala a pegada cinematográfica da obra ao conter un xogo multipolar de personaxes e a verosimilitude acadada ao presentar a un grupo dunha mesma xeración que interpreta a realidade de xeito individual, o que conforma unha auténtica “sinfonía de vida”.


Entrevístase ao autor de *Denso recendo a salgado*, Manuel Portas, do que se salienta o seu dominio da técnica narrativa malia ser a súa primeira novela. Portas explica que a elección do tema (o narcotráfico en Arousa) vén dada polo coñecemento en primeira persoa das consecuencias do mesmo. Tamén opina sobre o actual panorama literario en Galiza e a nova política lingüística.


Recoméndanse algunhas lecturas para gozar durante o verán. De *Denso recendo a salgado*, de Manuel Portas, coméntase que se trata dun relato que conta as aventuras da mocidade mariñeira na que nada é tan sinxelo como parece, debido ao narcotráfico e as bateas.


Recomenda a obra de Manuel Portas *Denso recendo a salgado* destacando a arquitectura narrativa, o estilo coidado e o uso dunha linguaxe propia.


Dá conta da presentación da primeira novela de Manuel Portas, *Denso recendo a salgado*, na galería Sargadelos de Lugo. Refiere comentarios do propio autor sobre a temática da obra e sobre a súa intención de seguir escribindo.


Conxunto de relatos de tres irmás moi novas que xa contan con varios premios como os Minerva e o Ánxel Casal. Nos prólogos institucionais lémbrase que este volume forma parte do proxecto cultural Ano do Libro e da Lectura 2010. Os tres breves textos que se inclúen son os seguintes:

- Andrea Porto Mato, “Inconexións”, pp. [4-5].

88
Andrea Porto Mato (Codeseda, 1989) presenta catro pequenos textos en forma de diálogo.


Lara Porto Mato (Codeseda, 1993) decántase por un breve texto escrito en primeira persoa e tamén en forma de diálogo.


Marcela Porto Mato (Codeseda, 1997) presenta este relato no que, con outros relatos recollidos neste volume, comparte a denuncia da desigualdade ainda plenamente vixente entre homes e mulleres e dos estereotipos sociais que afectan á muller.

Referencias varias:


Explica que as irmás Andrea, Lara e Marcela Porto Mato semellan unha encarnación das irmás Brönte. Destaca que veñen de publicar *Elas teñen a palabra*, repasa a traxectoria das Porto Mato e, a seguir, céntrase en Andrea Porto, da que subliña os seus galardóns así como o seu poemario *Eco in aeternam* (2009) do que indica que presenta versos eufónicos e rítmicos.


Novela histórica de Hixinio Puentes (O Porto do Barqueiro, 1952) que toma o título da batalla naval que tivo lugar o 21 de outubro de 1805, máis coñecida como Batalla de Trafalgar. Introducida por unha dedicatoria, está estruturada en vinte capítulos, numerados e titulados, nos que os temas principais son a presenza do mar, o mundo dos barcos e o amor. Nela, o narrador e protagonista, Xan Pardiñas, que nalguna ocasión se dirixe ao lectorado agardado e cualifica a narración como as súas memorias, relata como cando tiña dezaseis anos se veu na obriga de escoller entre servir ao rei, como o defunto de seu pai, ou ser mariñeiro, e como, unha vez elixida a primeira opción, participou en diferentes batallas. Así, coñécese que tivo que defender a cidade de Ferrol da escuadra inglesa e viñar a Cádiz, onde asistiu ao combate naval máis sanguento da historia, a Batalla de Trafalgar, e a Londres, a onde se trasladou, unha vez iniciada a Guerra da Independencia, para traballar na embaixada española e espiar os ingleses e as súas relacións e onde entrou en contacto cun grupo de irlandeses que lle proporcionan información a cambio de armas. O narrador tamén dá conta da súa relación coas mulleres. Primeiro Carmucha, unha rapaza máis nova ca el, que coñeceu cando estivo en Cádiz e que ao pouco tempo morreu a causa dunhas fortes febres; máis tarde Irene, da que se namora apaixonadamente, e, finalmente, Deirdre, o seu contacto cos irlandeses que o acompaña no seu regreso a España e coa que finalmente casa. Deirdre e
Xan Pardiñas inician unha vida xuntos na que ela rexenta unha tenda de cacharros finos, mentres que Pardiñas pasa a dedicarse á extracción de madeira para a construción de buques. A novela sitúase temporalmente entre 1800 e 1810.

Recensións:


Refírese a *A do vinte e un*, novela de Hixinio Puentes gañadora do Premio Premio Vicente Risco de Novela 2009, determinado por un xurado formado por Camiño Nóia, Arturo Lezcano, Alfonso Vázquez-Monxardín, Antonio Blanco e Ánxela Gracián. Destácase a beleza da novela que transcurre na época na que, por exemplo, Ferrol conseguía rexetar un ataque dos ingleses tanto por mar como por terra.


Despois de comentar que a guerra e as súas formas derivadas son unha sofisticación da civilización, apunta que *A do vinte e un*, de Hixini Puentes, é unha novela que permite espreitar polo ollo da pechadura nos despachos dos mandatarios, onde a toma de decisións non lle sae de balde á poboación. Sinala que *A do vinte e un* entra dentro das coordenadas da *bildungsroman*, que se particulariza no periplo vital de Xoán Pardiñas. Esmiúza o seu argumento e cita os sucesos históricos máis importantes do século XIX en Europa que son recreados. Explica que a arquitectura ficcional está feita ao redor de dous núcleos argumentais: a batalla de Trafalgar e as intrigas conspiradoras e diplomáticas en Londres. Considera que os equilibrios entre acción e descrición se decantan por delongadas pasaxes que ás veces lastran un chisco a lectura, ademais de que outro aspecto no que se aprecia o peso específico do xénero de aventuras é na elaboración dos personaxes. Tamén apunta que as estruturas sociais da época están moi logradas e que o áxil manexo de léxico especializado afonda na calidade e precisión das imaxes.


Coméntase que Hixinio Puentes publicou no ano 2000 *O bandido Casanova*, título co que, segundo o articulista, consagraba a novela de aventuras estreada na historia, pouco frecuentada na literatura galega. Dáse conta do argumento d’*A do vinte e un* e destácase que nesta novela se emprega unha lingua sinxela, pero rica no léxico mariñeiro, para describir a sociedade de comezos do XIX, sobre todo, a de Cádiz e a de Londres, que actúan como elementos corais dos acontecements históricos. Opínase que hai un bo ritmo narrativo, dinamismo e intriga, aínda que o relato non perdería se se obvisen algúns capítulos. Para rematar, afírmase que neste relato o lector non ten atrancos para distinguir a fabulación da historia.

Referencias varias:

Preséntanse as primeiras entregas literarias do ano. No eido da narrativa cítanse en Sotelo Blanco, o Premio Risco de Creación Literaria, A do vinte e un, de Hixinio Puentes; en Galaxia, A lei das ánimas, de Carlos G. Reigosa; en Edicións Xerais de Galicia, Settecento, de Marcos Calveiro, e A intervención, de Teresa Moure. Por último, en A Nosa Terra, os últimos textos de Bieito Iglesias e Xabier López Rodríguez, aínda sen título.


Saliéntase a saída do prelo dalgunhas novidades literarias entre as que se recomenda a lectura d’A do vinte e un, unha novela de aventuras e intriga histérica de Hixinio Puentes.


Entrevístase a Hixinio Puentes con motivo da aparición da súa novela A do vinte e un na que se relatan os cambios políticos que rodearon a Batalla de Trafalgar vista dende os ollos dun rapaz da Costa da Morte convertido en soldado. Indícase que se trata da primeira novela escrita por Puentes e coa que conseguiu gañar o PremioVicente Risco de Novela 2009. Cítanse outras obras deste autor, tal é o caso d’O bandido Casanova (2001) e Monbars, o exterminador (2008), un dos libros máis vendidos en galego que versa sobre un dos grandes piratas do século XVII. Finalmente, anúnciase a posíbel publicación da súa próxima obra, Winnipeg.


Infórmase de que o Auditorio de Ourense foi o lugar escollido para a entrega do décimo Premio Vicente Risco de Creación Literaria que recaeu no coruñés Hixinio Puentes coa novela A do vinte e un. Asemade indícase que o xurado destacou desta obra a súa contribución á novela histórica con gran verosimilitude narrativa.


Sección fixa do suplemento na que se acolle un breve descritor da novela A do vinte e un, de Hixinio Puentes; de Dicionario do Surrealismo e dos surrealistas, de Xesús González Ferro; de Cartas de vellos amigos, de Xosé Neira Vilas; e de Uxío Novoneyra revisitado, de Xosé Lois García.

Entrevístase a Hixinio Puentes tras a publicación d’*A do vinte e un*, unha novela histórica ambientada a comezos do século XIX que Puentes escribiu entre 1992 e 1993. Coméntase que estaba escrita nun primeiro momento en castelán, pero que o autor decidiu traducila ao galego cando se decatou de que “non quería escribir en castelán”. Ademais, di Puentes que considerou oportuno alixeirala pois “estaba excesivamente cargada de historia”. Tamén se comenta que o protagonista da novela, Xan Pardiñas, é un personaxe inspirado nun amigo do escritor, Xan Camelle.

- César Lorenzo Gil, “A novela galega sempre foi máis de interior ca de costa”, *A Nosa Terra*, n.º 1.405, “Cultura”, 6-12 maio 2010, p. 27.

Hixinio Puentes comenta nesta entrevista as súas novelas *A do vinte e un* e *Monbars o Exterminador* (2008). Destaca que ambas as dúas teñen como motor a navegación a vela e que foron galardoadas co Premio Vicente Risco de Novela 2009 e co Premio Eixo Atlántico 2006 respectivamente. Indica que *A do vinte e un* foi a súa primeira e, ao mesmo tempo, a última obra en aparecer. Explica tamén que comezou a escribila en 1992 en castelán e que, cando estaba a versión completa, se decatou de que “tiña que facela en galego, que en castelán non me servía”. Afírmase que a historia transcorre entre 1800 e 1810, tempos do ataque inglés a Ferrol e da Batalla de Trafalgar. No caso de *Monbars*, Puentes afirma que fai unha homenaxe aos piratas e ao canal da Mancha. Ademais, o escritor comenta que o tema do mar é unha cuestión que aínda está por explotar “tanto na ficción coma na investigación histórica”. A explicación radica en que “a novela galega sempre foi máis de interior que de costa”. Finalmente, asegura ser lector de clásicos, como Jack London, Robert Louis Stevenson e Joseph Conrad, porén considérase máis apegado a Álvaro Cunqueiro. Tamén se cita a obra póstuma de Xacobe Barros, *Os ausentes de Casteltón* (2005), e a *Ilíada*, de Homero. Péchase a entrevista mencionando o próximo traballo de Puentes: unha novela sobre o barco Winnipeg.


Novela de Alberto Ramos (Santiago de Compostela, 1986) que comeza coa morte de L.F.C., un rapaz de vinte e nove anos que se tira dende un balcón nunha noite de forte chuva. Esta desgraza e dor pola morte prematura e sen motivos deste mozo sacode a existencia do seu irmán, Camilo, un mestre de escola, que coñece a noticia a mesma noite do suicidio. Nun primeiro momento, Camilo non comprende os motivos de tal acción e padece a morte do seu irmán entre as preguntas e a intranquilidade producida por non saber os motivos do suicidio. Despois do enterro, recibe correspondencia anónima que provén do máis alá na que descobre que L. F. C. deixou un feixe de cartas a xeito de epílogo que terá que ir descifrando pouco a pouco. A partir deste intre, a vida do mestre de escola sofre un xiro radical e dáse conta de que nada volverá a ser como antes. Comeza desta maneira a busca da verdade, as pescudas, o intento por resolver o quebracabezas e poder coñecer o misterio que empuxou a seu irmán a quitarse a vida.

**Referencias varias:**
Conversa na que Alberto Ramos fala da súa novela *Con acuse de recibo*. Nela comenta que a idea se lle ocorreu un día mentres conducía o seu coche por Santiago de Compostela e viu como un camión da limpeza estaba a limpiar os restos dun suicidio. Indica que o xénero negro está moi explotado mais que funciona moi ben e infórmase de que *Con acuse de recibo* será presentada hoxe na Libraría Couceiro de Santiago de Compostela.

Considera que Alberto Ramos é dos escritores que senten “necesariamente” a ansia de contar algo. Tamén apunta a fortaleza da literatura galega ao ser capaz de vender cincuenta mil exemplares dun libro en menos dun ano.

Considérese que Alberto Ramos é unha das revelacións na narrativa galega grazas a *Con acuse de recibo*, así como por outras obras como *Dor pantasma* (2006). Asemade, reproducécese o relato “Non vas calar nunca?”.


Carlos C. Reigosa (A Pastoriza, 1948) ofrece ao lectorado unha novela sobre o mito da Santa Compaña, que vai encabezada por epígrafes de Rosalía de Castro, Fiodor Dostoiewski, Victor Hugo e Dino Pacio. Seguindo a liña da intriga e o suspense propios da novela policial e por medio dunha linguaxe nídia e directa, refirense os acontecementos ocorridos en Lugo a un matrimonio agradábel, xentil e moi querido polos seus veciños da vila. Melba e Xoán son asasinados na súa casa á volta dun día de praia por tres rapaces. Cando chega a policía e descobre a falta do corpo de Xoán, comezan os rumores sobre a súa desaparición. Case toda a xente do pobo sinala a Santa Compaña como a responsábel da falta, mais os investigadores tentan loitar contra iso e achegar unha solución científica ao caso. Os capítulos aparecen mesturados entre as aventuras de Xoán como un máis da Compaña, o labor policial e o que lles acontece aos rapaces. Como era previsíbel, o matrimonio é vingado grazas á Santa Compaña a través da horrenda morte dos rapaces. A figura do narrador vai cambiando dende a omnisciencia até a primeira persoa, dependendo dos personaxes e das súas accións. Asemade, cada personaxe é caracterizado de xeito especial pola linguaxe, con cadanseu idiolecto que proporciona amenidade na lectura. Cómpre salientar o número de datos históricos que o autor ofrece nas páxinas desta novela, en especial os referentes á toponimia e ás orixes de emprazamentos xeográficos como por exemplo o de Augas Santas. A narración complétase cunha ilustración na capa na que Miguelanxo Prado (A Coruña, 1958) presenta en tons moi escuros as figuras de costas dos membros da Santa.
Compañía e árbores de ramas retorcidas que se deixan ver grazas a unha luz que ilumina a escena dende o fondo da ilustración.

**Recensións:**


Coméntase a novela de Carlos G. Reigosa, *A lei das ánimas. A novela da Santa Compañía*, na que volven aparecer os personaxes de Nivardo Castro e Carlos Conde, presentes no imaxinario literario detectivesco “dos últimos anos” e tamén no *Xentiario* (2009) do autor. Destácase a incorporación a unha trama policial contemporánea do tema da Santa Compañía. No que ao espazo se refire, explicase que na obra circulan con claridade descritiva lugares, outeiros, chairas, vilas, aldeas e xentes “espelladas cunha verosimilitude” que contribúe a que o lector se incorpore “naturalmente” á historia. Finalmente, apúntase a homenaxe que dende a novela se lles fai a Gonzalo Torrente, Álvaro Cunqueiro e Ánxel Fole.


**Referencias varias:**


Xabier López Rodríguez, aínda sen título. Por último, en Sotelo Blanco Edicións, o Premio Risco de Creación Literaria, *A do vinte e un*, de Hixinio Puentes.


Entre as próximas publicacións en lingua galega anúnciase *A lei das ánimas*, de Carlos G. Reigosa.


Entrevístase a Carlos Reigosa con motivo da aparición da súa novela *A lei das ánimas. A novela da Santa Companha*, na que se recupera a figura do detective “máis veterano das letras galegas”, Nivardo Castro, así como a de Carlos Conde, personaxes que se converten en “cómplices imprescindibles para contar a historia” da Santa Companha dun xeito natural.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónase, entre outras, a novela detectivesca *A lei das ánimas. A novela da Santa Companha*, de Carlos G. Reigosa. Recóllese parte do argumento e indicase que nela se acolle a transmisión oral como xa fixeran con anterioridade Gonzalo Torrente Ballester e Álvaro Cunqueiro.


Dá conta da saída do prelo da novela de Carlos G. Reigosa *A lei das ánimas* e, tras describir de xeito conciso a súa trama, apunta as razóns do autor ter escolleito o subtítulo d’*A novela da Santa Companha* e alude a este mito segundo o relataba súa nai. Remata cunha referencia ao espazo en que se sitúa a acción na novela.


Informa da saída do prelo da novela de Carlos G. Reigosa *A lei das ánimas*. A novela da Santa Compaña e destaca a presenza de Anxo Tarrío no acto de lectura, quen incidiu na efectividade da trama e a tradición galega que deixa entrever nas súas páxinas. Salienta, doutra banda, a materia de Bretaña presente e comparábel á de *Merlín e familia* (1955), de Álvaro Cunqueiro; *Á lus do candil* (1953), de Anxel Fole, ou *Galván en Saor* (1989), de Darío Xohán Cabana. Sinala, por último, a relación histórica existente entre novela e xornalismo por parte do autor e equipáraa á levada a cabo por Henning Mankell.


Comenta a publicación d’*A lei das ánimas*, novela da que destaca o seu enxebrismo e o brillante uso que del fai Carlos G. Reigosa, xunto a elementos importantes da trama como a néboa, a luz eléctrica ou a investigación policial.


Antón Riveiro Coello (Xinzo da Limia, 1964) ofrece un volume en edición limitada e única, cunha tirada de cento vinte e cinco exemplares seriados, numerados e asinados, elaborados en Santa Uxía de Ribeira por medios artesanais, con encadernación rústica e cosido e engomado manual. Contén tres relatos breves que basean o seu argumento nalgún feito inexplicábel, orixinado por algún tipo de maxia ou meigallo, vivido polos seus protagonistas. Son relatos narrados en terceira persoa e construídos cunha prosa chea de adxectivación e cun ton coloquial que emprega alcumes para caracterizar os personaxes, como é propio das zonas rurais nas que se ambientan. O primeiro relato “Pirrula ou un punto no ceo” ten como protagonista a Pirrula, unha moza moi fermosa e supostamente xordomuda á que o médico da vila considera unha enmeigada. O seu é tocar moi ben o acordeón e aos vinte anos coñece un mozo portugués co que marcha xa que este toca a guitarra. Cando o mozo descobre o seu don para levitar pretende aproveitar este feito para tirar partido económico nas feiras, pero ela dáse conta e un dos días en lugar de sorrir e levitar, solta unha gargallada e desaparece elevándose no ceo. O segundo relato titulado “O agasallo” está protagonizado por Álvaro, un cativo de oito anos, que no día no seu aniversario, tras xogar cos seus amigos e amigas, volve á casa na procura dos seus agasallos. De xeito inexplicábel o rapaz aparece na casa de seus avós enriba da cama. Nos anos seguintes ninguén sabe explicar que pasou aquela noite e o rapaz só lembra o agasallo recibido: unha caixa de “Magia Borrás”. Por último en “As memorias do río” a protagonista é María, unha mocíña que vive na aldea e coida do avó. Este perde o sentido un día preto do río e só a lenda que o cura conta a María lle serve a esta como explicación: o río apaña a memoria. Un día acompaña o avó á ponte do río para que a cruce e recupere a memoria pero el desaparece nun pozo e aparece inexplicabelmente na aldea falando animadamente con todos os veciños e con todo o sentido. Conta con ilustracións de Francisco Blanco Alcaide. Tanto os manuscritos coma as ilustracións son orixinais e autógrafos.

**Referencias varias:**


Coméntase que Antón Riveiro Coello, un dos novos creadores máis premiados da narrativa galega e que recentemente reeditou *Homónima*, obra coa que obtivera en 1999 o Premio Álvaro Cunqueiro, fala das súas influencias literarias, como Juan Rulfo e
Gabriel García Márquez; dos seus personaxes literarios, nomeadamente Suso Paradela, e das súas historias persoais que inflúen á hora de crear novas historias. Dise que a súa escrita se caracteriza pola linguaxe elaborada, pola adxectivación e polas metáforas visuais e, finalmente, indicase que recentemente vén de publicar tres relatos n’ *As pantasmas de auga*.


Novela de Manuel Rivas (A Coruña, 1957) dividida en dúas partes: “O silencio amigo”, que consta de dezaseis capítulos; e “O silencio mudo”, de vinte e oito. O relato sitúase nos anos sesenta en Brétema, un lugar imaxinario na costa galega. Nárrase en terceira persoa a vida dos mozos Fins, Leda e Brinco que se dedican a buscar restos de naufraxios por Galicia. Os mozos coñecen o Mariscal, que se dedica ao contrabando de tabaco, e pouco a pouco formarán parte do negocio. A segunda parte comeza cos protagonistas integrados nas redes do contrabando, principalmente en labores de vixilancia, de homes secretos, como eles mesmos din. Leda e Brinco teñen un fillo, Santi, e o seu ascenso social e económico é impresionante. Os sentimentos, recordos e relacións entre os personaxes mestúranse coa planificación e as accións de contrabando e incluso con mortes que parecen axustes de contas xa que agora se trata de contrabando de droga. Fins é confidente da garda civil e ponse en marcha a operación Brétema contra estas redes de narcotráfico controladas por Mariscal, redes que demostran a súa forza e poder. O rexistro é neutro e coloquial, xogando en moitos momentos con frases moi breves que modifican o ritmo da narración. Isto combinase cun número importante de diálogos que descobren as relacións e sentimentos dos personaxes e a corrupción do xapitalismo. A pesar do predominio do diálogo, atópanse algúns fragmentos narrados en primeira persoa.

**Recensións:**


Da novela de Manuel Rivas comeza sinalando que é unha historia de realismo intimista e un rotundo compromiso, no marco dunha especie de panorámica sobre a beira ilegal da sociedade galega. Ademais de destacar que dende o inicio cheira a pólvora e a importancia dos personaxes de dous nenos, chama a atención sobre a ausencia desta temática na literatura galega, fronte á atención que se lle prestou a outras como a guerra civil. Dos espazos salienta a imaxe de Brétemas, que oscila entre o onírico e o veraz, e onde os seus habitantes son sabedores do que se oculta e de quen son os responsábeis das ilegalidades, un contexto no que medran os nenos protagonistas, cunha estrutura social xerarquizada da que non poden fuxir. Alude á evolución dos personaxes e os cambios que se producen no mundo que os rodea, dando o paso na metade do relato a un momento máis recente, no que semella que de Brétema non se pode fuxir. Revela algúns trazos do personaxe do Mariscal, do que está ausente calquera trazo de solidariedade e bondade, así como claves políticas, por considerar que todo usureiro é apolítico. Por último, dos toponímios e antropónimos considera que en Rivas son elementos de compromiso que marcan as liñas da poética do autor.

Destaca as relacións entre linguaxe, poder e crime que se presentan nesta novela na que se conta a situación do narcotráfico en Galicia dende os anos setenta até os oitenta. Afirma que o título se refire a un verso de Rosalía de Castro. Comenta que Manuel Rivas está totalmente integrado na obra, o que lle acéga forza e verosimilitude á novela. Finalmente cualificaa de novela negra porque ofrece a cara escura dunha sociedade que logrou sobrevivir a pesar de que “o mar disfrazou a morte de cor branca”.


Afirma que esta entrega de Manuel Rivas non defrauda e que presenta como escusa argumental o mundo do tráfico de drogas nas costas de Galicia. Indica que os seus personaxes están constituídos con “adobíos sentimentais”, que é un libro cinematográfico e que na novela a reflexión ten máis peso que o enredo do narcotráfico.

**Referencias varias:**


Coméntase que a nova novela de Manuel Rivas aparecerá en outono e versará sobre o contrabando en Galicia nunha vila imaxinaria, aínda que o esencial será a relación entre os personaxes. Augúranse boas perspectivas á publicación en liña polo éxito de Rivas, que este ano ingresou na Real Academia Galega e do que se publicou a tradución ao inglés d’*Os libros arden mal* (2006) cunha grande acollida.


Anúnciase a próxima publicación de Manuel Rivas en outono e coméntase que a novela tratará o paso do contrabando ao narcotráfico en Galicia entres os anos sesenta e oitenta nunha vila imaxinaria, pero que se centrará nas relacións entre os personaxes. Recóllese as verbas do propio autor que a define como ficción e xénero criminal.


Artigo no que Manuel Rivas fala da súa obra e explica que a primeira frase da novela, “A boca non é para falar. É para calar”, é un salmo bíblico en referencia á paradoxa dos sentidos que lle permite escribir sobre poder e corrupción, crime e manipulación da linguaxe. Comenta tamén que o título o escolleu en referencia a un verso de Rosalía de Castro.

Anticipase á presentación de *Todo é silencio* o 4 de outubro en Santiago de Compostela para esbozar o argumento e apuntar que a figura de capo protagonista, Mariscal, será importante na historia da literatura galega.


Reprodúcese integramente o segundo capítulo de *Todo é silencio*, antes da súa publicación, acompañado da ilustración da cuberta de Miguelanxo Prado.


Saliéntase que nesta novela Manuel Rivas traza a historia da economía ilegal en Galicia na segunda metade do século XX, mesturando ficción e realidade. Úsanse as verbas do propio autor para destacar que o relevante é cómo o contrabando afectou ás persoas. Refírese aos salmos da biblia que usa na súa obra e á referencia do título a un verso de Rosalía de Castro. Recóllense citas de diversos autores que pretenden clasificar a obra e do propio autor que a define e xustifica como “unha ecoloxía de serie negra”. A continuación reproducérese o primeiro capítulo desta novela.


Tras precisar que a entrevista tivo lugar na Coruña, recóllese o interese do autor polo narcotráfico e o feito de escribir unha novela e non unha obra documental, xa que pretende contar a corrupción moral dun país. Expícase que a novela ten un final aberto e que trata da relación entre narcotráfico e capitalismo. Afírmase que Manuel Rivas loa o importante papel das nais galegas, do xuíz Baltasar Garzón, da loita da xente na rúa e da defensa da lingua galega. Remátase falando do activo papel de Rivas na Real Academia Galega.


Despois de se referir ao inicio da novela, afirmase que se trata dun retrato da Galicia dos anos sesenta e oitenta, época na que se pasou do contrabando de tabaco á cocaína e emerxeron as redes internacionais do narcotráfico. Coméntase que Manuel Rivas explica que foi un duro momento, xa que Galicia estivo a piques de ser Sicilia, algo que o xuíz Baltasar Garzón e as nais contra a droga lograron evitar. Conclúese que a obra é unha fusión de esperpento e realidade. O propio autor asegura que o narcotráfico é unha extensión do liberalismo e o capitalismo.

Exponse a temática da obra en relación coas novas formas do narcotráfico en Galicia nos anos oitenta, creando un poder oculto que corrompe as institucións. Describese a figura de Mariscal, o capo do narcotráfico que aparece na novela, e analízase o seu significado. Refírese ao novo enfoque co que Manuel Rivas trata agora o tema do narcotráfico dun xeito completo.


Anúnciase a esperada publicación da última novela de Manuel Rivas como a de maior tiraxe na súa primeira edición de Edicións Xerais de Galicia e esbózanse as liñas argumentais.


Sección fixa dos suplementos na que se acolle, entre outros, un breve descritor de *Todo é silencio*, novela sobre o contrabando de Manuel Rivas; de *Almanaque de encantos*, de Carlos Solla; e de *Branco* (2009), de Manuel Darriba.


Expícase que na presentación compostelá de *Todo é silencio* Manuel Rivas subliñou o papel da condición humana na súa novela, que lle permite describir a transformación da sociedade galega. Destácanse as diferenzas desta obra coas anteriores e reitérase a loita pola cultura e literatura galegas.


En relación coa presentación desta novela na Praza de Cervantes en Compostela, destácase que o escritor lese pasaxes da obra acompañado por varios músicos despois de comentar o título da novela e as súas principais ideas.


Recóllense algunhas declaracións de Manuel Rivas na presentación na Libraría Couceiro de Santiago de Compostela de *Todo é silencio* nas que criticou o actual desacougo cultural de Galicia e insistiu no importante papel da literatura galega. Expícase que o propio Rivas quería subliñar na súa obra a relación entre o ser humano e o capitalismo delituoso e o papel do mar. Por outra banda, disse que o director de Edicións Xerais de Galicia destacou a boa acollida da obra por parte do público.

Refírese á publicación de *Todo é silencio*, de Manuel Rivas, como un grande acontecemento editorial e literario.


Despois de falar dos peregrinos de Compostela e da presenza da obra de Federico García Lorca, Mário Cesariny e Arturo Cruceiro Seixas na cidade, comenta que ali presentou Manuel Rivas a súa “magnífica” novela *Todo é silencio*.


En primeiro lugar fálase da figura do mestre, unha constante nas obras de Manuel Rivas. A seguir, nesta entrevista ao autor, coméntase que *Todo é silencio* é unha crónica de loita de poder relacionada co capitalismo. Relátanse a continuidade e diferenzas desta novela coa obra anterior do escritor e fálase da boa recepción da súa produción por parte do público.


Dáse conta das variadas novidades que saen do prelo en galego. No caso da narrativa, destácase **Todo é silencio**, unha novela de Manuel Rivas que se caracteriza pola sobriedade e eficacia. Saliéntase tamén un clima poético que permite o lucimento de personaxes como Mariscal, destinada a “pasar á historia da nosa memoria colectiva”.


Recoméndalle a Mariano Rajoy meterse na cama até as eleccións de 2012 e ler a Onetti e, de entre todos os “libros perdidos que andan orfos pola casa sen unha ollada que os agarime”, *Todo é silencio*, de Manuel Rivas, do que destaca o personaxe de Malpica e reproduce a súa afirmación: “Mentres se traballa non se gaña diñeiro”, á que engade que este personaxe se contradi porque amorea cartos grazas ao contrabando.


Saliéntase a conexión entre ficción e realidade que hai en *Todo é silencio*, de Manuel Rivas. Trátanse as cuestións da corrupción e o narcotráfico en Galicia nese momento, o papel do capitalismo, o personaxe de Mariscal na obra e a experiencia do propio autor co narcotraficante “Sito el carnicero”. Por último, subliñase a influencia de Rivas na cultura e literatura galegas.

Comenta que a produtora galaica Milou Films vai comezar nuns meses a gravación da versión cinematográfica da novela de Manuel Rivas *Todo é silencio*, aínda que está sen facer o casting para os actores. Explica que a historia naceu como guión e que logo Rivas decidiu escribir a novela.


Refírese o argumento da obra, o seu carácter intemporal a pesar de estar situada nos anos sesenta, a interpretación que o lectorado debe facer do traballo para entender todos os matices, o papel da droga na sociedade galega e o rol do mar na novela.


Comenta a relación entre o real e o ficticio, o tema do narcotráfico na novela de Manuel Rivas, a importancia do mar e as relacións humanas e o lugar onde se desenvolve a acción.


Comeza referíndose ao gran talento de Manuel Rivas como escritor e recalca que a súa creación breve presenta unha “identidade propia” pero que non é un novelista xenial. Con respecto a *Todo é silencio* indica que falla a concreción da súa estrutura novolta, que o seu personaxe Mariscal non é verosímil e mais que o lectorado está perante unha novela negra sobre un narcotráfico en Galicia.


Detalla que vén de ler esta novela e que lle dá as grazas a Manuel Rivas de inserir o lectorado de xeito máxico no labirinto da saudade. Tamén comenta que despois desta lectura ten a sensación de ter lido unha traxedia clásica.

- Natalia Álvarez, “Un libro que non é un puñazo, que non é perigoso, non é libro”, *Faro de Vigo*, “Faro da Cultura”, n.º 351, “Entrevista”, 25 novembro 2010, pp. IV-V.

Entrevista na que Manuel Rivas reflexiona sobre a literatura e sobre a súa obra *Todo é silencio*. Dela afirma que presenta unha trama de “narcos” e que grazas a que é unha obra de ficción pode ir alén do xornalismo. Ademais di que ten unha parte documental e outra de memorias interiores. Tamén se detén nalgúns dos seus personaxes como Fins Malpica, Leda Hortas ou Víctor Rumbo e recalca que a súa intención era facer unha novela que transcendese os límites xeográficos e os límites temporais.


Asegúrase que Manuel Rivas segue a empregar o topónimo Brétema a pesar de ser un espazo lendario usurpado a Marina Mayoral.
- Víctor Sariego, “Culturgal remata ‘con éxito’ e cun forte compromiso de continuidade”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 29 novembro 2010, p. 34.

Infórmase de que dentro dos múltiples actos que terán lugar dentro do Culturgal estará a presentación deste volume de Manuel Rivas.


Conversa na que Manuel Rivas apunta que non lle molesta que se cualifique a esta obra como novela de xénero negro. Comenta que non quixo facer unha reportaxe do narcotráfico, xa que ao ser unha obra de ficción “todo é inventado pero hai memoria de base real”. Tamén se refíre a que X. C. Caneiro nun artigo publicado en La Voz de Galicia gabe os seus contos pero non as súas novelas.


Refírese a que Manuel Rivas lle pediu desculpas a Marina Mayoral por ter empregado nesta novela o topónimo Brétema, xa usado pola escritora mindoniense, e indicase que o cambiará en vindeiras edicións.


Asegura que Manuel Rivas cambiará na vindeira edición de Todo é silencio o topónimo Brétema que fora empregado por Marina Mayoral hai máis de vinte anos.

- Isabel Bugallal, “Todo es silencio’ se quede sin Brétema”, Faro de Vigo/La Opinión, 22 decembro 2010, contracuberta.

Afiirma que Manuel Rivas está decídido a trocar o topónimo de Brétema de Todo é silencio perante os receos de Marina Mayoral. Sinala que Mayoral empregara por primeira vez este topónimo en 1979 na obra Candida, outra vez e subliñase que Manuel Rivas comentou que non veu ao mundo para loitar con Marina Mayoral.


Infórmase de que Manuel Rivas eliminará da próxima edición deste libro o topónimo Brétema tras os receos amosados por Marina Mayoral que o vén empregando dende 1979. Asemade, apúntase que Antón Lopo tamén empregou este topónimo na súa obra Obediencia.


Considera que esta obra é a proposta máis cinematográfica de Manuel Rivas e que nela se describen historias delituosas do paso do contrabando ao narcotráfico en Galicia.

Tras una dedicatoria á familia e mais tres citas que se achegan ao concepto da morte dende a óptica de Rosalía de Castro, Óscar Wilde e Plutarco, Xavier López Rodríguez (San Ciprián de Hermisende, Zamora, 1956) reúne neste volume trece pezas narrativas unidas polo fío común de presentaren outras tantas mortes imaxinadas polo personaxe, un xornalista jubilado que traballou no *Diario de Galicia*, agora xa na última etapa da súa vida. A narración en primeira persoa do protagonista sitúa a historia na Compostela do futuro, onde a vida se presenta dominada por adiantos tecnolóxicos e o goberno ten en conta para a toma de decisións o Partido Gris, unha agrupación política que defende os intereses das persoas da terceira idade e que el mesmo axudou a fundar. Ao tempo que fabula con grande ironía e humor sobre as súas diferentes mortes posíbeis, na súa meirande parte totalmente accidentais –adormecido polo gas, nun eido da súa aldea, asfixiado polo fume ao tentar salvar unha nena dun incendio, comido polos peixes no río Miño tras un accidente de tráfico, enterrado, atropelado, sen memoria do pasado, vítima dun ictus ou tras correr un maratón–, achega referencias á súa vida de parella con María, ao especial amor e complicidade que os une, ás filas e netas, aos cambios experimentados pola cidade de Santiago, nos que ocupa unha destacada presenza a Cidade da Cultura, e pola sociedade galega en xeral. Os relatos adquiren tamén matices autobiográficos, pois aparecen consideracións relacionadas co labor do autor como escritor en lingua galega, asociadas aos títulos publicados, á súa recepción e á creación do territorio imaxinario de Brumoso. Dous dos capítulos, os titulados “Gabriela” e “Alicia”, ofrecen un cambio de perspectiva ao ofrecer en voz das netas unha visión do avó e da súa teima de “soñar mortes”.

Referencias varias:


Dá conta da presentación da obra en Santiago de Compostela e recolle declaraciones do autor nas que manifiesta que malia o seu título *Hai que ir morrendo* trata en realidade sobre a vida e sobre a necesidade de tratar a morte con naturalidade. Apunta tamén que contén referencia autobiográficas na parte dedicada ao pasado do personaxe e que foi concibida como un divertimento.


Recólleunhas breves declaraciones de Xavier López Rodríguez con motivo da presentación da súa novela *Hai que ir morrendo* na Libraría Couceiro. Nelas apunta que a súa intención foi enfocar a morte dun xeito natural e invitar a gozar da vida. Sinala que se trata da súa novela máis persoal, xa que se corresponde cunha especie de autobiografía do pasado que, ao tempo, conxuga un deseño do futuro máis próximo.

Xavier López Rodríguez responde nesta entrevista a cuestións relacionadas coa súa última novela, Hai que ir morrendo. Cualifícala como un produto atípico dentro da súa produción, pois abeira a autobiografía do futuro e pode entenderse como unha novela ou unha colección de relatos. Sinala que a súa intención foi apostar pola vida falando da morte dun xeito humorístico e reflexionar sobre a vellez, de gran presenza no mundo rural. Opina tamén sobre a situación do galego en Zamora, de onde é orixinario, e manifesta o seu interese en recompilar e introducir na súa obra palabras propias do galego zamorano.


Salienta que Hai que ir morrendo reúne unha colección de “ocorrentes, divertidos e ben contados relatos” que constituirán un excelente acompañamento para o verán. Apunta que o narrador sitúa o lectorado nun futuro próximo no que vive rodeado de adiantos tecnolóxicos e que se dedica a ir imaxinando a súa propia morte de diferentes maneiras.


Sección fixa dos suplementos onde se acolle un breve descritor da novela Hai que ir morrendo, de Xavier López Rodríguez; Un último destino, de Xosé Carlos Caneiro; Homónima, de Antón Riveiro Coello; e Nixer, de Francisco X. Fernández Naval, Camilo Franco, Alfonso Costa e Moustapha Bello Marka.


Xesús Ferro Ruibal (Moraña, Pontevedra, 1944) presenta na introdución que fai a esta obra ao seu autor, Manuel Rodríguez Troncoso (A Cañiza, 1926), como un neno da aldea, médico, escritor e debuxante. Faino nos seis apartados que a conforman (“Relatos dun neno trimatusalénico”, “Neno da aldea”, “O punto fraco da aldea”, “O lector inxenuo ou simpre”, “Relatos dun pintor” e “Relatos dun médico”) nos que se refire á nenez da aldea que, coma Rodríguez Troncoso, pasa de non ter nada a participar dun progreso imparábel; comenta algunhas das historias do autor da Cañaza que máis adiante se recollen nesta obra e dá conta dos motivos que levaron a Rodríguez Troncoso a revivir as historias e a exercer a súa profesión de médico en Barcelona, lonxe do seu fogar, entre outros datos. Tamén informa da condición de pintor deste autor e, por último, refírese á crise en que se atopan moitas aldeas galegas. A seguir, despois dun prólogo do propio Rodríguez Troncoso, acólлense dezanove contos, moitos deles derivados de antigas crenzas transmitidas oralmente, mesturadas co pensamento actual do autor e coa súa imaxinación. Neles teñen cabida montes enmeigados, pantasmas, bruxas e espíritos, o amor, a amizade, os progresos da humanidade (televisións, ordenadores, a clonación, a viagra....). O autor transmite, en definitiva, moitas das supersticións que coñeceu ao longo da súa vida. Inclúese ao final un vocabulario galego-castelán para aqueles non galegos que se acheguen a esta obra.
Referencias varias:


Dáse conta da presentación no Auditorio da Cañiza de dúas novas obras do médico Antonio Rodríguez Troncoso, unha delas *Contos, lerias e rexoubas*, na que se sinala que reflicte as súas lembranzas da nenez sobre as supersticións no medio rural galego. Explícase tamén que se trata de “pequeñas fábulas”, breves narracións inventadas sobre crenzas ancestrais.


Novela realista de Xurxo Sierra Veloso (Caracas, 1969) na cal se entrecruzan as vidas de tres personaxes que ven como as súas vidas cambian por causa do azar e de varios malentendidos. Antón, profesor interino de secundaria, e Lidia, vendedora de cadros, son parella dende hai nove anos, deixan a relación no momento en que el recibe a noticia dunha suposta paternidade e a partir de aí as súas vidas tomarán diferentes camiños. El vai á aldea de Resendaos onde vive Ubaldina, a camarera do hotel rural do lugar, que é a nai do suposto fillo, e queda ali a vivir con eles; ela, pola súa banda, segue co seu labor comercial de venda de cadros de importantes pintores e un día recibe en heranza a escopeta de caza do seu tío Eladio que, moribundo, lle pide que quede con ela. Chano Bendaña, un modesto xoieiro que é acusado inxustamente dun asasinato que non cometeu, pasa quince anos no cárcere até que sae para retomar o seu labor, agora na casa de seu irmán. O azar fai que a vida de Chano se entrecruce coa de Lidia e que a súa tranquila vida teña que continuar nunha fría cela aceptando o seu inxusto destino sen poder facer nada para cambioalo. Ábrese a novela cun “Aviso”, a modo de prólogo, onde o propio autor fai referencia á estrutura da mesma e suxire posíbeis lecturas. Logo señuillle as tres partes nas que se estrutura esta obra, de cinco, seis e sete capítulos respectivamente e que se centran en cada un dos tres protagonistas. Na primeira parte é a voz de Antón en primeira persoa a que transmite os feitos: a súa relación con Lidia e a súa suposta paternidade. Na segunda é Lidia quem narra en primeira persoa a súa versión dos feitos e tamén a súa relación co seu tío Eladio e a heranza que del recibe. Na terceira e última parte un narrador en terceira persoa é quen conta o que lle sucede a Chano Bendaña. Sen referencias temporaes explícitas a unha época concreta, os feitos son perfectamente contemporáneos da época actual, xa que así o demostra, por exemplo, o feito de que Antón se presente como un profesor interino de Educación Secundaria Obrigatoria que se move por diferentes institutos galegos. Queda así tamén especificado que o espazo é Galicia con referencias a lugares concretos como Resendaos, Verín e a aldea de Nogareas.

Referencias varias:

Comézase comentando que a obra de Xurxo Sierra Veloso Os fíos recibiu o Premio de Narrativa Breve de Repsol e continúa coa explicación que dá o autor sobre a importancia de recibir premios no ámbito literario. Logo fai unha breve alusión ao contido da novela e dise que na súa presentación houbo un concerto de música clásica para finalizar o acto.


Tras falar da presenza do Novo Cinema Galego dentro da feira de Culturgal e dos diversos actos que se levan a cabo ao longo da segunda xornada, fai tamén referencia á presenza de Xurxo Sierra Veloso presentando a súa última obra, Os fíos.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate de 2010. No caso da narrativa saliéntase Os fíos, de Xurxo Sierra Veloso. Coméntase que se trata dunha novela que amosa o dominio da narración breve por parte do suo autor. Refírese tamén a Periferia, de Iolanda Zúñiga; O imposible de desatar, de Iván García; Futuro imperfecto, de Xulia Alonso; e Cabalo de ouros, de Víctor Freixanes.


José Ignacio Silva Regueira (Carballo, 1978) ofrece, por medio dun narrador en terceira persoa e a voz dos personaxes, a historia de Daniel e Ana, unha parella que toma a decisión de romper a súa relación por mor da marcha dela a Londres para traballar. A historia comeza en maio de 2004 coa despedida da parella no aeroporto e coa tráxica morte do protagonista e tamén do amigo deste, Raúl, por causa dunha desafortunada casualidade. A seguir, rebélaselle ao lectorado agardado, grazas a diferentes saltos temporais, o regreso de Ana a Galicia despois de traballar en Londres e vivir unha historia de amor con Tom; o reencontro coas vellas amizades, entre as que se atopa Da niel; o comezo da historia de amor con este e as súas rupturas temporais, así como as reconciliacións a través de mensaxes no teléfono móbil; tamén as dúbidas que lle xorden á protagonista cando recibe a nova oferta de traballo. A carón destes personaxes principais coñécense outros, secundarios, que tamén forman parte da vida e da historia de Daniel e Ana, caso dos pais de Daniel, Carme e Ramón; de Raúl, Tom ou a nai de Ana.


Nesta novela de Miguel Suárez Abel (Arzúa, 1952) cóntase a historia de Wilson Valderrama. Comeza cunha dedicatoria do autor e unha cita duns versos de Francisco
Brines. Ao longo de quince capítulos relánanse as vivencias dun personaxe enigmático que vive a cabalo entre a sociedade alemá e as selvas e as cidades de Colombia. A vida do protagonista, Wilson Valderrama, está dividida entre os desexos de mellorar a vida dos máis desfavorecidos no seu país de nacemento, Colombia, e a axuda que leva a cabo nas comunidades de emigrantes de Alemaña, onde vive. Esta dobre vida tamén está entre dúas mulleres, Gloria Inés, que é a súa amante colombiana, pola que sente unha paixón sen freo, e Pastora, a súa muller galega na emigración, a cal lle ofrece a súa axuda e o seu amparo continuo. A través das voces das dúas mulleres dáse a coñecer a figura de Wilson Valderrama, quen aparece descrito como un home obsesionado por inventar un tras outro proxectos de transformación social para axudar os máis necesitados. A carón deste home bo, tamén aparece un ser egoísta que abandona a súa familia e que sabe que está a facer dano, por iso regresa coa súa muller, vello e enfermo, para pedir perdón. Porén, o recordo de Gloria Inés manteno atado ao seu país natal e vai facer que os seus últimos días sexan unha loita entre o perdón e o desexo. A novela finaliza cunha nota do autor onde explica que parte da historia de Wilson Valderrama está baseada nunha persoa que el coñeceu.

Recensións:


Afirma que o conxunto de voces deste libro harmonizan ben a historia do seu personaxe central, Wilson. Destaca que entre estas voces salienta a do narrador en terceira persoa que se presenta como interlocutor e cómplice das ledicias e penas do cruel Wilson Valderrama. Asemade apunta que a nota aclaratoria do final da novela conecta a ficción coa realidade.


Pilar Ponte salienta que Nunca te vin chorar é fundamentalmente un tratado sobre a lembranza que se constrúe sobre dúas voces de mulleres, a de Gloria Inés e mais a de Pastora. Tamén di que a través delas é como o lectorado se achega ao personaxe de Wilson Valderrama e lembra a importancia da presenza da emigración a Alemaña nos últimos trinta anos do século pasado.

Referencias varias:


Entre outras novas, saliéntase a saída do prelo deste “retoño literario”, titulado Nunca te vin chorar, do colaborador do Grupo Correo Gallego Miguel Suárez Abel. Dise que narra “con pasión y tensión” a vida dun home misterioso, Wilson Valderrama, que busca o perdón. Por último, recoméndase a súa lectura.

Entrevista na que Miguel Suárez Abel informa de que o vindeiro 15 de xuño presentará *Nunca te vin chorar* no Café Moderno de Pontevedra. Con respecto a este libro opina que Wilson é quen está detrás de toda a historia e que este personaxe está inspirado nun home que chegou a ser amigo seu e que non soubo máis del dende 2003. Tamén fala da influencia da literatura hispanoamericana nesta novela con autores como Juan Rulfo, Mario Vargas Llosa ou Gabriel García Márquez.


Destaca que Miguel Suárez Abel se ten inspirado nun home que coñeceu en Alemaña para construír o personaxe de Wilson Valderrama que ten a súa entre Colombia e Alemaña.


Conversa onde Miguel Suárez Abel comenta que con esta novela quixo crear un mundo de ficción con vida propia e que a súa lectura permite abrir varias xanelas polas que mirar o fracaso, o amor e a xenerosidade.


Infórmase da presentación desta novela en Arzúa.


Alude a que durante os veránspospón as lecturas para a noite e a seguir recomenda a lectura desta novela da que indica que nela se ve a historia da busca dun perdón.


Comeza reflexionando sobre as lecturas do verán e fala da literatura como un xeito máis de gozar no tempo de lecer. Con respecto ás preferencias en língua galega cita *Nunca te vin chorar*, de Miguel Suárez Abel, e mais *Coitelo de novembro*, de Marilar Aleixandre.


Recomenda a novela breve *Nunca te vin chorar*, de Miguel Suárez Abel, entre outras.

Novela curta, de Chelo Suárez Muíños (A Coruña, 1945), na que se combina a narración en primeira persoa cun narrador omnisciente e mais o diálogo dos personaxes e na que a acción se sitúa en diferentes planos espaciais e temporais. Estruturada en vinte e seis breves capítulos e un epílogo, nela trátase da dureza da represión franquista que alentou unha época de abusos e miseria. A historia arrinca co regreso de Antía ao seu lugar de orixe, a fraga de Taboira, en 1972, despois do seu exilio en México, o que lle supón retornar tamén aos recordos da súa infancia e dramática mocidade. O lectorado agardado descobre como despois da vitoria franquista todo se desbarata na vida de Antía. Seu pai, Román, avogado de profesión, é fusilado xunto con Carlos Freire, profesor de literatura e dramaturgo, casado con Estela, coa que ten un fillo, David. A súa nai, Laura, mantén a amizade con Estela e xuntas tratan de sobreponerse e de criar da forma menos traumática aos seus fillos, Antía e David, que acaban por namorase. Ante a situación de desamparo, as ameazas e o temor ás represalias, Laura vese forzada a casar cun falanxista, Arsenio, mais, cando Antía medra, manda á rapaza a estudar a México cunha tía, co obxectivo de poñer a salvo a súa filla, e mata a Arsenio para logo suicidarse. En México será onde Antía tamén se entere da morte de David, asasinado por un falanxista, na mesma fraga na que eles comenzaron o seu romance, e da relación íntima que mantiveron súa nai e mais Estela, a través dunha carta dela. Destaca o último capítulo, iniciado cuns versos de Xavier Seoane, no que é a fraga quen relata a historia de amor de Antía e David. O volume péchase co poema de Miguel Mato Fondo, “A casa das sombras”, a modo de epílogo.


Novela de Juan Tallón (Vilardevós, Ourense, 1975), formada por dúas partes. A primeira delas, a xeito de diario, está narrada en primeira persoa por un escritor e xira ao redor da orixe da idea e do proceso de construción do relato que a continuación se acolle. Así mesmo, presenta anécdotas do día a día do escritor, intercambios de e-mails, as súas reflexións, referenciais televisivos e cinematográficos e, fundamentalmente, gran cantidade de referenciais literarios e metaliterarios, citándose a varios autores e emitindo opinións sobre distintas obras. A segunda, correspóndese co relato anunciado no que se contan os tres frustrados encontros entre os escritores César Aira e Roberto Bolaño, escritores contemporáneos que nunca chegaron a se encontrar persoalmente.


Novela pertencente ao xénero negro de Francisco Varela Losada (Santiago de Compostela, 1976) cuxo fío argumental se desenvolve a partir das verbas do seu narrador en primeira persoa e personaxe principal, o detective Santos R., especialista en infidelidades e desaparicións. A aventura na que se ve inmerso o detective transcurre ao longo de once días, que se corresponden co mesmo número de capítulos da obra. Unha muller, Gloria Chamosa, preséntase na súa oficina preocupada pola desaparición do seu home, o construtor Rafael Abilleira. Santos R. pone a investigar e descubre unha serie de acontecementos que concluirán coa resolución do caso. O detective vai examinando a certos personaxes relacionados co desaparecido (Bonifacio Ponte, Fandiño, Ladislao,
Miguel Acosta e Tina, a secretaria do desaparecido, con quen mantiña un romance), ao tempo que, á súa vez, é investigado polo xefe de policía, Vilar. Finalmente consegue pór de manifesto a morte do desaparecido e o lugar de agocho do diñeiro roubado.


Conxunto de relatos de Ánxel Vázquez de la Cruz (Tui, 1942), dedicado “A Charo, a Luís e Miguel, a Marita, Manolo e Marisol”, que comeza cun prólogo titulado “A felicidade de ler á luz de tebra”, de Manuel Rivas, no que se destaca que Vázquez de la Cruz ofrece unha narrativa que é herdeira de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, Eduardo Blanco Amor e Rafael Dieste. O volume compone de doce relatos organizados en catro bloques (“Luz de Tebra”, “O estudiante de medicina”, “O xardín equivoco e “A beira ameazada”), en función do emprazamento xeográfico da historia que se relata, a saber: Tui, onde transcorre a nenez do narrador; Santiago de Compostela, lugar de estudo universitario; Vigo, concretamente no hospital municipal, onde o narrador comeza a súa traxectoria profesional, e mais A Coruña, cidade na que vive e traballa. O primeiro bloque, “Luz de Tebra”, conta co relato “Mal de amores” e, o segundo, “O estudante de medicina”, co titulado “O paisano”. Pola súa banda, o terceiro dos bloques, “O xardín equivoco”, presenta seis relatos: “O Hospital Municipal”, “O parto”, “Sor Soidade”, “A transmigración”, “Os xitanos” e “A vocación”, mentres que o último, intitulado “A beira ameazada”, está formado por catro relatos máis: “Gaivotas á abordaxe”, “Outono mariño”, “O 21” e, finalmente, “A base de submarinos”. A pesar da súa diversidade, existen varios fíos que enlazan unhas tramas con outras, nomeadamente a presenza de personaxes mártires e un narrador-personaxe que relata os feitos dende o seu punto de vista. Así, o lectorado agardado coñece a historia de tres homes que “morren de amor”, en “Mal de amores”; a dun delincuente común en fase terminal, en “A vocación”; cómo uns xitanos aplican a súa propia lei do “ollo por ollo”, en “Os xitanos”; cómo un mariñeiro chinés, xunto con vinte e tres compañeiros máis, morre na explosión do seu barco, en “O 21”; cómo una muller soa e pobre dá a luz no hospital ante a mirada perplexa do narrador, que xamais asistira a un nacemento, en “O parto”); cómo un galego se converte en andaluza en outono e funda unha taberna andaluza na que se producen mil cousas sen sentido, en “A transmigración”; as razóns polas que un vello mariñeiro decide suicidarse tras o asasinato do seu fillo republicano, en “A base de submarinos”; ou mesmo a mestura do real e o “máis alá” en relatos como “O paisano”, no que a voz narrativa conta cómo na súa etapa de estudante de Medicina en Compostela conviviu cun defunto que se lle aparecía nas clases e mesmo pola rúa, ou “Outono mariño”, na que o pintor Urbano Lugris, xa falecido, conversa co narrador ante a marabillosa paisaxe do mar en outono.

**Recensións:**


Di que este libro contén textos autobiográficos, adobiados con anécdotas inventadas ou
que xorden do periplo vital do seu autor. Cualificación como libro de memorias con variabilidade temática e cunha estrutura en catro partes. Finamente apunta que a historia “A transmigração” é a mellor do volume e que asemade é a que presenta unha meirande complexidade interna.


Comenta que se trata dun magnífico libro de relatos baseados e vertebrados nas vivencias do seu autor en Tui, Santiago de Compostela, Vigo e A Coruña. Considera tamén que Ánxel Vázquez de la Cruz é un gran narrador de historias ao estilo clásico de Álvaro Cunqueiro ou Daniel Rodríguez Castelao.


Informa de que o título deste libro vén dunha denominación popular do Baixo Miño e mais que é un oxímoro magnífico. Asemade destaca que nel se poden atopar fantásticos relatos nos que o autor domina con mestría a técnica do relato oral. Dise que a obra se divide en catro partes que se corresponden con catro idades do escritor.


Comenta que en *Luz de Tebra* se atopan relatos con diferentes escenarios nos que transcorreu a vida do seu autor e que presenta unha estrutura externa itinerante e diacrónica. Tamén fala desta diacronía vital e mais que o seus contos dan a sensación de autenticidade.


Comeza citandoalguns escritores que exerceron como médicos para despois se centrar nesta obra de Ángel Vázquez de la Cruz. Comenta que o relato “O parto” xorde da experiencia do seu autor no mundo da medicina e que o personaxe Franklin de “Mal de amores” presenta similitudes cun porteiro venezolano do Rácing de Ferrol de finais dos anos cincuenta do século pasado. Finalmente destaca que en Ánxel Vázquez de la Cruz hai un escritor que ademais é médico e non ao revés.

**Referencias varias:**


Conversa na que Ánxel Vázquez de la Cruz, ademais de falar da súa vida como médico, afirma sobre *Luz de Tebra*, entre outras cousas, que é unha obra de rescate e que o seu título xorde como referencia á luz que en ocasións cobre o ceo de Tui.
Nesta entrevista Ánxel Vázquez de la Cruz reflexiona sobre a lingua galega, comenta que cada frase de **Luz de Tebra** foi moito meditada e informa de que está a traballar nunha biografía e mais escribindo relatos situados en Barcelona nos anos setenta.

Ánxel Vázquez de la Cruz afirma que recrea neste libro as historias das persoas que foi coñecendo na súa andaina como médico e informa de estes libro se presentará na Feira do Libro da Coruña. Tamén comenta ao longo desta conversa que está a traballar nuns relatos da época na que viviu en Barcelona, a comezos dos setenta, que a súa escrita ten influencias de Álvaro Cunqueiro e mais que “luz de tebra” é unha expresión utilizada en Tui.

Infórmase de que Ánxel Vázquez de la Cruz estivo case unha hora a asinar exemplares de **Luz de Tebra** na Feira do Libro da Coruña e mais que Manuel Bragado, Manuel Sánchez Salorio e Manuel Rivas estiveron na presentación deste libro.

Faise un demorado repaso á vida de Ánxel Vázquez de la Cruz e con respecto a este volume afírmase que é un libro autobiográfico con influencias de Álvaro Cunqueiro e Ánxel Fole.

Dánse diferentes datos da Feira do Libro da Coruña, entre os que se atopa que **Luz de Tebra** e mais **A praia dos afogados** (2009), de Domingo Villar, foron dos máis vendidos.

Afiirma que a estrela de vendas da Feira do Libro da Coruña foi **A praia dos afogados**, de Domingo Villar, xunto con **Luz de Tebra**, de Ánxel Vázquez de la Cruz, e **Contos para nenos que dormen deseguida**, de Pinto&Chinto.

Comenta diferentes aspectos da Feira do Libro da Coruña entre os que sinala que en
lingua galega os libros máis vendidos foron *A praia dos afogados* e *Luz de Tebra*.


Comenta que na trixésimo novena edición da Feira do Libro da Coruña houbo un descenso nas vendas e que en entre os libros máis vendidos nesta edición están *Luz de Tebra* xunto con *A praia dos afogados* e *Tiempo entre costuras*.


Explica que entre os éxitos de vendas da Feira do Libro da Coruña de 2010 está *Luz de Tebra*. Repasa a vida do seu autor e indica que esta obra xurdíu grazas a que Manuel Bragado e Eduardo Galeano convenceron a Ánxel Vázquez de la Cruz para que a publicase. Dela destaca que supón a estrea literaria do seu autor en galego.


Detalla que este volume presenta como principal virtude o mesmo que lle sucede a *Os biosbardos* ou *A lingua das bolboretas* e que se asenta na inxenuidade. A seguir, comenta que “non gocei” coa lectura de *Luz de Tebra*, pero contrapón a isto o goce que experimentou con *Neve* (2009), de Orham Pamuk.


Aplaude a acertada introdución, obra de Manuel Rivas, de *Luz de Tebra* e comenta que Ánxel Vázquez de la Cruz coñece moi ben “o oficio de escribir”. Afirma que presenta uns contidos que tratan cousas sínxelas cunha mestura de intensidade e tensión inzada de humor, melancolía e tristura.


Recóllense recomendacións e comentarios sobre diversas obras, tales como *Luz de Tebra*, unha obra da que se destaca a súa boa acollida. Destácanse tamén o lirismo, o humor e a palabra entre os elementos destes relatos.


Anúnciase a presentación deste conxunto de relatos en Tui o 7 de outubro e coméntase que o seu título simboliza a “tenebrosa luz da posguerra” e representa a memoria dun médico así como das cidades nas que viviu.

Dáse conta da presentación deste volume en Tui que vai pola súa segunda edición. Indícase que este acto contou coa presenza de Fran Alonso e do propio autor e sinálase que sala do museo municipal estivo chea.


Breve nota sobre este libro na que se afirma que se presentará en Vigo, despois de o facer en Tui, e mais que nel se poden ver pequenas historias autobiográficas de acento literario.


Reflexiona sobre como un relato chega a cativar o seu lector partindo do exemplo dos textos de Luz de Tebra. Fala dos homínidos, da xenealoxía así como da sedución dos contadores de historias.


Destaca o merecido éxito de vendas deste volume cualificado como “anecdotario vital” do seu autor, a quen se cualifica como “médico de letras” que se insire na tradición contista de Daniel Rodríguez Castelao, Rafael Dieste e Ánxel Fole.


Volume colectivo que recolle varias achegas narrativas e poéticas de diversas autoras galegas ao redor da temática da violencia de xénero. Abrese cunha cita de Edith Södergran á que lle segue unha composición poética de Ana Romaní sobre a situación das mulleres na sociedade actual e o seu status no marco histórico contemporáneo. A continuación, aparece un prólogo no que se agradece a saída do prelo deste libro ao labor da editorial Tris Tram e no que os responsábeis de Amnistía Internacional, organización que colaborou na realización deste volume, expresan o seu recoñecemento a Ana Romaní, pola súa autorización para reproducir o poema “Camiñan descalzas polas rochas” que dá título ao volume, e a Yolanda Castaño, pola súa autorización para reproducir o seu poema “Contos de fadas”. Sinálase finalmente o labor das autoras na configuración deste volume para a campaña de Amnistía Internacional “Non máis violencia contra as mulleres”, centrada en erradicar os abusos dos que as mulleres son vítimas na actualidade. O volume abrangue un total de oito achegas narrativas. Son as seguintes:


Relato sobre o maltrato dunha muller polo seu mozo que inclúe fragmentos poéticos extraídos das obras de diferentes autores e autoras xa publicados nunha colección do

Breve relato sobre o medo dunha muller, Marga, perante o maltrato que recibe de Nico, seu mozo, até que a mata. Vén acompañado dunha ilustración de Nuria Díaz.


Historia en catro pasos sobre a violación dunha adolescente, Laura, polo mozo da súa curmá Adela. Acompáñaa unha ilustración de Noemí López.

- Carmen Blanco, “Monta na vida”, pp. 53-56.

Xira ao redor da ilusión por unha vida sen medo ao home e acompañase dunha ilustración de Ánxeles Rodríguez Ferrer.


Reflexión a xeito de conversa sobre unha relación sexual entre un home e unha muller, acompañada dunha ilustración de Marina Seoane.


Relato en tres capítulos ao redor do maltrato dunha rapaza adolescente polo seu mozo nos dous últimos anos do instituto e de como consegue superarse a si mesma e seguir adiante coa súa vida. Inclúe unha ilustración de María Lires.


Historia sobre a vida de Marcelina, casada cun home que a engana e a maltrata psicolóxicamente. Vén acompañada dunha ilustración de CAR (Carmela González).


Relato sobre as brutais violacións sufridas por Almira na Antiga Iugoslavia e sobre o seu testemuño no Tribunal da Haia. Inclúe unha ilustración de Ana Pillado.


Reflexión que unha defunta fai ao seu home tras terse suicidado ao non conseguir aturar máis o seu maltrato. Vén acompañada dunha ilustración de Aurora López.

Referencias varias:

Anúnciate a presentación de *Camiñan descalzas polas rochas*, unha iniciativa integrada dentro da campaña “Non máis violencia contra as mulleres”, levada a cabo por Amnistía Internacional e a editorial Tris Tram. Coméntase que nela participan cos seus relatos Rosa Aneiros, Paula Carballeira, Anxos Sumai, Marilar Aleixandre e María Reimóndez, entre outras, mentres que como poetas están presentes Ana Romaní e Yolanda Castaño, e como ilustradoras mulleres como Nuria Díaz, Noemí López ou Almudena Aparicio. Explicase que os beneficios conseguidos se destinarán a Amnistía Internacional de Lugo.


Fálase de *Camiñan descalzas polas rochas*. Indícase que o título do libro provén do poema co que Ana Romaní participa, texto que, xunto co poema “Contos de fadas”, de Yolanda Castaño, son os únicos editados, mentres que os escritos de autoras como Rosa Aneiros, Anxos Sumai, Marilar Aleixandre e Helena Villar, entre outras, non se tiñan publicado anteriormente. Coméntase que tamén participan ilustradoras como Nuria Díaz, Noemí López, Almudena Aparicio para despois citar *Ninguén está só*, idea da que parte esta iniciativa e que tamén foi realizada por Amnistía Internacional en 2001 sobre o tema dos dereitos humanos. Finalmente, recóllese a opinión de Carmen Blanco, Anxos Sumai, Yolanda Castaño e Ana Romaní sobre os relatos e poemas cos que participaron.


Refírese a *Camiñan descalzas polas rochas*, que ten como tema principal a violencia de xénero e no que participan escritoras como Paula Carballeira, María Reimóndez ou Marilar Aleixandre e ilustradoras como Nuria Díaz, Marina Seoane ou María Lires. Ademais, dise que Ana Romaní e Yolanda Castaño participan con dous poemas que encerran todas as historias relatadas polas anteriores participantes. Lémbrase que a iniciativa da publicación deste libro partiu da ONG Amnistía Internacional seguindo o exemplo doutra obra colectiva publicada en 2001, *Ninguén está só*, unha recompilación de textos sobre os dereitos humanos. Conclúese co anuncio da institución a onde irán destinados os cartos recompilados nas vendas.

---


Volume que acolle composicións de distintos escritores nas que se mesturan poesía e relatos e que cederon para unha exposición fotográfica organizada sobre Lactancia Materna por Fedegalma. No primeiro apartado do volume, “Ilusión e papel” (p. 8), preséntase o proxecto e, a seguir, acóllese o conxunto de textos e as fotografías sobre a lactancia materna que os acompañan. Os relatos “O sabor do amor” (p. 10), de Alfredo Ferreiro, e “Lembro con ternura infinita a expresión da túa nai…” (p. 12), de Beguña Caamaño; e as poesías “madrugada inédita…” (p. 16), de Dores Tembrás; “Tiven este soño…” (pp. 18-19), de Eduardo Estévez; “A beleza primeira” (p. 20), de Francisco Castro; “A forza de quererte” (p. 24), de Ledicia Costa; “Soñeite” (p. 32), de Marta Dacosta; “A mañá sai pola boca…” (p. 40), de Román Raña; “Fonte da lúa” (p. 44), de
Xosé María Álvarez Cáccamo; e “Paxaro para decidir ti rula…” (p. 48), de Yolanda Castaño. Todos os autores tematizan o acto da lactancia como un momento especial de vínculo entre as nais e os seus fillos, pero dende diferentes estratexias: xa sexa coma unha lembranza persoal, dende a ollada dun neno, xa dende a voz dunha nai falándolle a seu fillo.

**Referencias varias:**


Entre as novidades que saen do prelo en galego destácase *Pel con pel*, un libro co que a Federación Galega de Asociacións de Apoios á Lactancia (Fedegalma) quere dar a coñecer aos lectores e lectoras a lactancia materna a través de máis de corenta fotografías acompañadas de textos de escritores coma Iolanda Castaño, Román Raña ou Dores Tembrás.

- maré, “Pel con ‘pel”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 8 novembro 2010, p. 27.

Comeza reproducindo o poema de Xosé María Álvarez Cáccamo que aparece en *Pel con pel*, volume no que se recolle unha selección de fotografías pertencentes aos fondos da Federación Galega de Asociacións de Apoios á Lactancia (Fedegalma), e apúntase a autoría das fotografías e composicións poéticas que nel se recollen.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso de *Pel con pel*, froito do labor de varios creadores artísticos; *O gume dos espellos*, de Ramón Caride; e *A filla do ladrón de bicicletas*, de Teresa González Costa.


Recompilación dos relatos gañadores das cinco primeireras edicións do Certame de Relatos Matilde Bares organizado polo Concello de Bueu. Tras unha presentación institucional do alcalde Félix Juncal Novas aparece un texto asinado por Salvador Castro Otero co título “A xeito de introdución, tal vez de suxestión” no que, a través de referencias ao cine e á literatura, xustificadas en notas a rodapé, se refire á persoa de Matilde Bares, ao tempo que menciona outras xentes vinculadas dalgunha maneira a este certame literario. Tamén presenta os escritores gañadores: Rosa, Xurxo, Alfredo, Serafín e Maica. Remata cunha “nota explicativa” ao final na que xustifica a “forte compoñente de ficción” do seu escrito. A seguir, reproducense os textos gañadores dende o ano 2005 até o ano 2009. Antes de cada relato engádense algunhas notas biobibliográficas de cada un dos autores. Os contos son os que seguen:

Despois de “Unhas puntadas do oficio de coser. Notas da autora”, aparece o relato de Rosa María Martínez, dividido en dúas partes: “A primeira Antía” e “A segunda Antía”, compostas por sete e cinco apartados, respectivamente, nos que un narrador omnisciente en terceira persoa reconstrúe a historia de dúas mulleres, en dúas épocas distintas, que teñen algo máis en común que o nome e o parentesco.


Relato de Xurxo Sierra Veloso (Caracas, 1969) no que a Virxe María fala en primeira persoa, con doses de humor e ironía, sobre a súa propia condición feminina e sobre outras mulleres bíblicas e as súas relacións con outros homes, caso de Eva-Adán, Sara-Abraham, Xudit-Holofónes. Recrimínalle a Deus, con interrogacións retóricas, que antepoña a esencia masculina á súa condición masculina.


Relato de Alfredo Naz Fernández, con estrutura cíclica, que principia coa historia de “Nuria (abrindo o círculo)”, unha muller maltratada que está decíida a suicidarse. Entrecruzáse a súa vida coa doutras mulleres: Lúa, unha rapaza namorada; Sonia, non valorada no seu traballo malia ter un cargo superior; e Rosa, nai dunha nena con discapacidade e cun matrimonio fracasado.


Serafín Parcero Pérez presenta un narrador en terceira persoa que centra a atención na historia de Sabela e do tríángulo amoroso complementado con Manuel e Brais. Con Manuel, un mozo andaluz recién chegado á vila para traballar nunha autoestrada, manterá unha apaixonada relación que remata cun embarazo non desexado e un aborto. Brais, un antigo mozo de Sabela, matará a Manuel, preso dos ciúmes.


Maica Caramés Gorgal por medio dun narrador en primeira persoa presenta a historia do maltrato psicolóxico que sufriu Maite, unha muller de corenta e tres anos, por parte do seu marido. Dáse un repaso á súa particular historia de desamor, que tantas confusións e sentimentos de culpabilidade lle xera á protagonista. Con todo, descóbrese que na súa vida hai persoas moi importantes, caso da súa madriña, da súa amiga Viri e de João, un amigo moi especial.

Recensións:


Resalta que esta obra é unha recompilación dos relatos gañadores das cinco primeiras edicións do Certame de Relatos de Muller Matilde Bares do Concello de Bueu. Comenta que os seus autores transmiten nos seus textos o valor da igualda de xénero.
para vencer as desigualdades entre homes e mulleres.


Volume que acolle as obras gañadoras do XXXIV e do XXXV Certame Modesto R. Figueiredo. Ábrese cun limiar do editor no que se fai referencia aos xurados das dúas edicións e se lembra que neste certame se entrega un primeiro premio, dous accésits e que se recoñecen relatos máis pola súa calidade literaria. Así mesmo, describese o “Certame de Narración Breve Modesto R. Figueiredo” como un premio de narrativa breve e itinerante, entregado nestas edicións en Padrón e Arzúa, respectivamente, e agradeceselle a xenerosidade de Isaac Díaz Pardo por publicar os relatos gañadores en Ediciós do Castro durante tantos anos. A continuación, estrutúrase o volume en dous apartados: “Certame XXXIV 2008” e “Certame XXXV 2009”. Baixo cada un destes epígrafes, lémbranse os membros do xurado que participaron en cada edición, ofrecese a listaxe das obras seleccionadas e os seus autores e reproduñense o relato gañador, os dous relatos merecentes dos accésits e os recomendados para a súa publicación seguindo a orde indicada. Así, na baixo o epígrafe “Certame XXXIV 2008” inclúense:


Narración de Iván García Campos (A Coruña, 1974) no que se relata a historia de Mariña quen, dende o hospital, fala dos tempos pasados cando coidaba dos seus pais até que morreron, do seu traballo nun supermercado local intercalando as versións da súa compañeirosa e os pareceres dos demais, porque sempre resultou unha muller misteriosa e máis cando apareceron na praia a cara daquela mariñeiro polaco, Lucas, o seu Lucas, por quen estivera agardando toda a vida. Sábese que o mar lle trouxo as súas roupas e ela o foi preparando todo para a súa chegada, vivindo cada día como se a súa presenza fose certa.

- Chelo Suárez Muíños, “Colleita de sombras”, pp. 50-73.

Neste relato de Chelo Suárez Muíños (A Coruña, 1945) detállanse as aventuras dun anxo desertor da corte celestial e unha moza soñadora que busca fuxir da realidade mediante a descripción minuciosa dos espazos naturais e os espazos habitábeis. A voz del e a dela vanse intercalando ao longo de dez microrrelatos dende unha perspectiva múltiple na que se percibe pasenínamente o estado anímico das diferentes personaxes.


Alberto G. Aneiros (Ferrol, 1959) achégalle ao lectorado agardado a historia de Uxío, un home que unha mañá esperta desorientado, lonxe da súa cama, noutra cidade e con outra roupa. De súpeto pasaran vinte anos, era o ano 1997. O protagonista percorre a capital madrileña e vai investigando a súa nova situación, un novo traballo... pero o tempo avanza fugaz e el só lembra agora a súa etapa de estudante en Compostela, a súa facultade de Historia da Arte, daquela era ainda un pintor prometedor, cheo de proxectos. Só un vello amigo vai visitalo agora pero tamén el se vai apropiando das súas
creácions pictóricas. Un día esperta, xa é vello, roubáronlle a súa vida e non lembra como.


A protagonista deste relato de Mª Carmen Caramés Corgal (Santa Comba, 1966) agarda no médico lendo Penélope, de Goar Markosian-Kasper, cando se lle presentan todos os seus recordos de nena criada polos seus padríños. O lectorado agardado coñece cómo en máis de vinte anos que pasaron non volveu á antiga casa familiar, mentres se mesturam os recordos dos primeiros caramelos, os programas de televisións para nenos e a radio, a música de Luis Llach, Joan Manuel Serrat e Silvio Rodríguez, a poesía de Miguel Hernández e Antonio Machado. A frauta de salgueiro e os asubíos de alcacén ficaron para sempre no Val do Dubra e o desarraigamento lembra a situación que moitos inmigrantes padecen agora e na que son eles os que venen buscar un porvir a estas terras, porén como cada novembro irá á tumba do seu padrín levarlle flores.


Lois Pérez Díaz dá a coñecer neste relato a Nativo Corbelle, un home xa maior que ten que presentar un libro. Aos seus sesenta anos lembra como chegou até este punto, a infancia perdida, os recordos da cando era un neno, a literatura, os soños e a realidade mesturánse na súa vida. Seu pai fixera del un editor porque fora o primeiro en escribir versos. Repasa mentalmente os acontecementos vitais daquel vello editor, a estancia en París, Lyon; a morte da súa nai, e as aventuras e desventuras de Comesoltas que ficara desaparecidos e que el teima en buscar despois de tantos anos. Trata a loita entre a inquedanza da vida e a quietude do paso do tempo sen saber que lle agarda á fin.

Baixo o epígrafe “Certame XXXV 2009” acólense:


Relato de Juan Tallón Salgado (Vilardevós, Ourense, 1975) no que un narrador omniscente en terceira persoa refire unha parte da vida do personaxe central, Roberto Salgado, un profesor de idiomas para quen escribir e escribir literatura era o máis importante do mundo. Así, comeza por contar a súa experiencia de escribir dúas novelas en menos dun ano: a primeira vítima do fracaso e a segunda, co seu protagonista Evlin Foreman, tamén. Consegue, por fin redactar unha terceira novela, O caso Aira-Bolaño, que semella ter éxito. Un día observa como unha muller chamada María ten nas súas mans o volume da súa novela, asinada por Xoán Tallón e que aínda non saíra ao prelo, e pensa que alguén roubou o seu manuscrito. Despois de comentar o caso coa editorial, decide pegar uns carteis para atopar el mesmo a tal autor e tras uns días descobre no espello dun bar que ese home era en verdade el mesmo.


Manuel Quintáns López (Santiago de Compostela, 1961) retrata as aventuras e desventuras de Cheiño, Laura, Luichi, Neno e María, un grupo de mozos, traballadores, estudantes, xente que á fin vaga por Compostela integrando unha xeración perdida, sen futuro, sen expectativas nin motivacións. O que comeza por unha festa sen remate lévaos ao mundo das drogas, da delincuencia, do cárcere e da morte nalgúns casos
mentres se van fundindo na máis triste das realidades, unha realidade que semella non ter volta e que non dá oportunidades por moito que se empeñen en buscalas.


A historia dun “substituto profesional” moi solicitado, que comeza facendo a recensión dun libro por necesidade, logo os exames doutras persoas até que remata por suplantalas cando estas non poden asistir a cursos e que mesmo chega a facerse pasar polo marido de alguén para poder ir a Roma e recibir a beizón papal, é presentada por Fernando R. Lavandeira Suárez (Boiro, 1966).


A narración de Xosé Luís Vázquez Somoza (Guntín, 1962) comeza coa presentación de Silvino, o saxo alto da banda. Co recordo da súa Rosalía, sempre presente dende que se foi da súa vida xa hai uns anos, percorre a frondosa paisaxe de Teicelle, Riosoce até San Xoán de Alto, onde os agardan para a festa e onde vai facer a súa primeira actuación, o desexo incumprido en vida de Rosalía. Silvino de Faxilde asiste á festa, entre veciños descoñecidos e lembranzas de tempos pasados, onde todo se mestura como se fose un soño.


Comeza este relato de Alberto G. Aneiros (Ferrol, 1959) coa néboa no mar e protagonista pescando xardas nun bote. De súpeto o vapor neboento vaise achegando e non se pode avanzar, non hai batería no móbil e o motor non arrinca. Mentres, en terra, ela négase a crer que el desapareceu, agora que estaba de excedencia no instituto e case non se despediran de xeito. Estrela confesa no seu diario íntimo as súas angustias e, xa pasados dous anos, máis recuperada, decide publicar un libro seu coa autoría del, co nome de Fidel, un libro póstumo. A alma del segue a acompañala cada día, todas as veces, até que ela refai finalmente a súa vida e el xa non ten folgos e convértese en nada.


Pasaron xa oito anos e o protagonista desta narración da viguesa Clara Isabel Rodríguez Giráldez segue facendo a camiñada, como cada setembro, até os Milagres de Amil e, alí, lava a cara e as mans aguardando o milagre, como fixo sempre, dende neno, por tradición e logo coa súa moza e os seus amigos. Pero de súpeto, a súa moza marcha para a Universidade e começa a cuestionarse todo o estabelecido, entón el vese obrigado a tomar medidas drásticas.


Novela de Iolanda Zúñiga (Vigo, 1975) na que a autora propón unha revisión social e crítica do universo vivencial da cidade de São Paulo, concretamente na vida nas favelas, a través da historia de amor protagonizada por Brown e Simone. A historia destes personaxes é relatada ao tempo que se dá conta da miseria vivida na periferia, do
narcotráfico existente nas rúas da metrópole e das escenas cotiás que teñen como protagonistas a fame, o abandono e a drogadicción. A historia é contada por un narrador omnisciente que tan só no último capítulo cede a voz a un narrador en primeira persoa. O estilo caracterízase pola ausencia de puntos que impregna de celeridade e tensión a novela e polas interrupcións constantes das letras de cancións de diferentes estilos musicais entre os que destaca o rap e, así mesmo, pola introdución de textos tirados de carteis, sinais e poemas, escritos no idioma orixinal portugués, produciéndose nesta novela unha mestura lingüística de galego e portugués.

Recensións:


Céntrase no contido da novela dende o punto de vista temático. A seguir, considérase que a relación de Luciana/Simone e Brown é un mal necesario, mentres que todo o demais é unha conspiración na que o lectorado é sometido á tortura de centos de páxinas nas que prima a “vocación totalizadora”, nas que se integran unha multitud de temas. Saliéntase o traballo coa linguaxe, que xa se observara na novela anterior da autora, Vidas post-it (2007), na que se sinala que se reunía un tratado de sintomatoloxía urbana no que primaba unha “prosa-eslogan” que agora nesta novela se pon ao servizo de intentar a totalidade. Compárase a novela coa proposta cinematográfica Contactos, de Paulino Viota, no sentido de buscar sacudir a conciencia do espectador e de apreixar no retrato da cidade a barbarie e ausencia desta, a través dunha linguaxe para as ruínas.


Comeza transmitindo a sensación que lle quedou no corpo tras a lectura de Periferia, a primeira novela longa de Iolanda Zúñiga: “un zunido inmenso nos oídos”. Comenta que esta novela da viguesa autora dos relatos de Vidas post-it (2007) e do poemario Amor tamén (2008) “desintegra calquera xénero literario” e non se adscribe a unha tipoloxía plana senón que atende a unha “radical e absoluta indeterminación” que sitúa esta novela entre o “docudrama” e a crónica ficcionada, entre o relato xornalístico e a prosa poético-musical. Explica que a “aconvencionalidade xenérica” está motivada pola dificultade de reflectir literariamente temas como a “loucura miseria dos suburbios” da cidade de São Paulo, o crack que arrasa a xeracións mozas, a violencia, a escravitude que provoca o narcotráfico, o horizonte único da delincuencia, a desvertebración da sociedade e o nulo valor da vida humana. Considera que Zúñiga non narra senón que se someteu a un exorcismo para poder cuspir a “visión apocalíptica” do horror que contemplou na cidade brasileira. Destaca a existencia de personaxes como a coprotagonista Luciana/Simone, que loita esperanzada por saír dunha “subvida infrahumana” e que coa súa actitude consegue que se produza o “milagre do rebento vexetal” nun deserto mesquiño e ruinoso. Remata cualificando esta novela como un “verdadeiro armaxedón literario” e precisa que antes de lela hai que meditar se un está preparado “para tanto...”.

Apunta que Iolanda Zúñiga cos microrrelatos *Vidas post-it* e co poemario *Amor amén* “xa suscitara a atención da crítica” e que foi “alentador” que a novela *Periferia* merecera o premio Xerais 2010. A seguir, parafrasea e reflexiona polo miúdo sobre o discurso que deu esta autora ao recoller o premio e no que deu conta da xénese da obra e das súas pretensións con ela.


Coméntanse dous libros que teñen como “cerna e motivo último” Brasil: o poemario *Deserto diamantino*, de Xavier Rodríguez Baixeras, e a novela *Periferia*, de Iolanda Zúñiga. Cualifícase esta novela como “inmensa” e da súa autora apúntase que é “grande” e que xa dera mostras anteriormente das súas “dotes de talento”. Apúntase que *Periferia*, ao ser unha gran novela, é “todo”: novela das favelas, música contemporánea, novela amorosa, novela de “malucos, malotes de crack e ‘asentimentados’”. Precísase que o lector terá que loitar con “montañas (máxicas) de palabras” e co portugués, o fragor de seres humanos ao límite de si mesmos, a hostilidade, a tolemia nun mundo de miseria. Afírmase que levaba anos agardando por unha novela así, “valerosa, ousada, brava, atrevida... heroica”.


Analízase *Periferia*, de Iolanda Zúñiga, destacando que nela se mesturan distintos discursos literarios coa intención de facer unha “revisión social, crítica e activa” dun lugar concreto, as favelas brasileiras, ainda que Brasil tamén se presenta como metáfora do mundo. Coméntase a relevancia de distintos estilos musicais nesta obra e perfilase a verosímil historia de amor que se narra e as temáticas sobre as que reflexiona: o exercicio do poder, a escravitude e a intolerancia dende a perspectiva dunha voz narrativa que “quere erguerse contra ese holocausto recorrente”.

**Referencias varias:**


Comeza lembrando como coñeceu a obra de Iolanda Zúñiga tras a publicación de *Vidas Post-it* (2007). Tomando como base a publicación da última obra desta autora, *Periferia*, o articulista quere destacar a presenza cada vez maior de escritoras galegas, no que el denomina “primeira década das narradoras galegas”.


Alúdese á publicación da obra *Periferia*, de Iolanda Zúñiga, gañadora do Premio Xerais 2010. Destácase o traballo que, segundo a autora, supuxo á realización da obra na que se inclúe información de prensa e moitos datos sobre a realidade que se vive en São Paulo.
Entre as novidades editoriais para o outono, salienta esta novela “contra a soberbia, contra a estupidez, contra a ignorancia” ambientada nas favelas brasileiras.


Por mor da publicación da última obra de Iolanda Zúñiga, *Periferia*, reproduúcense unha entrevista á autora. Nela destácase o labor de rastrexo que tivo que Zúñiga para retratar a realidade na que se concibe a súa obra; subliña a caracterización da obra, non tanto como unha novela, senón como un documental; fala do papel da música nesta e da existencia de fragmentos en brasileiro, entre outros aspectos.


Comezando o artigo facendo un breve resumo do argumento da obra de Iolanda Zúñiga, *Periferia*, no que os seus protagonistas, Luciana e Brown, unen os seus destinos a pesar da realidade na que se atapan. Por outra banda, destaca parte dos ingredientes desta novela, como son a cultura popular, a cultura de masas, a presenza da música e a existencia de medios, entre outros.


Recolle as verbas da autora de *Periferia*, obra galardoada co Premio Xerais, tras a presentación da obra nun acto celebrado no Café Moderno de Pontevedra. Indica que a autora fai referencia a unha das principais características da obra, a súa semellanza cos documentais e a presenza da música no texto.


Comézase definindo esta novela que engancha ao lector por“crúa”, “densa” e “demoledora”. Destácanse distintos aspectos estilísticos de *Periferia*, a irmandade do narrado coas letras das cancións e a velocidade no ritmo de ambas; a crónica da drogadicción, o narcotráfico e o desamparo do ser humano; e a capacidade de Zúñiga de conseguir “abanear o lector”, antes de conversar para descubrir as claves da novela coa
súa autora. A continuación recóllese que Zúñiga afirma a posibilidade que ofrece a música como “medio de expresión máis democrático”; apunta que aborda o abandono das periferias e a perda de valores en moitos países; sinala o protagonismo da periferia para recrear o caos da cidade brasileira, agás no derradeiro capítulo no que dous personaxes falan do amor, a ausencia e a distancia coa finalidade de reforzar a voz do narrador omnisciente; enumera refuxios dos que se bota man para poder sobrevivir e remata precisando o proceso que vive a nenez das favelas até caer no narcotráfico, exemplificado na obra con Simone.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate deste 2010. No caso da narrativa salíéntase Perifería, coa que Iolanda Zúñiga obtivo o premio Xerais. Afírmanse que se trata dunha novela de indiscutíbeis méritos literarios que podería servir tamén para suscitar debate sobre cuestións sociais importantes. Refírse tamén a O imposible de desatar, de Iván García Campos; Os fíos, de Xurxo Sierra Veloso; Futuro imperfecto, de Xulia Alonso; e Cabalo de ouros, de Víctor Freixanes.
1.2. REEDICIONES COMENTADAS E FACÍMILES. TEXTOS RECUPERADOS


Novela de Xavier Alcalá (Miguelturra, Cidade Real, 1947) publicada por vez primeira en galego en 1996 na colección “Narrativa” de Edicións Xerais de Galicia e descrita no Informe de literatura correspondiente. Reeditase nesta ocasión na colección “Literaria”, de Editorial Galaxia, nunha edición revisada polo autor e adaptada á normativa lingüística do galego vixente a partir de 2003. Nela preséntase unha historia ambientada nunha aldea galega nos tempos da guerra civil e posterior posguerra até chegar á actualidade. O protagonista da historia é un home de ciencia, cartesiano e educado no mundo da racionalidade, e que só cre naquilo que se pode formular e medir. O narrador enfróntase a unha historia de misterio que leva moitos anos sen resolver. Comeza a narración cando o personaxe principal conta cómo de neno descubriu por primeira vez no pazo familiar un segredo que celosamente gardaran sucesivas xeracións da súa familia, concretamente dende os tempos remotos dun antepasado que fora un temido corsario. Porén, o segredo non é só coñecido polo narrador, alguén anónimo coñece tamén o misterio da familia. Os señores do pazo, os cales viven recluídos na súa aldea natal, atopan a maneira de resolver o segredo, e é a través dun código que ten como clave unha pintega mítica que resiste ao lume. A historia avanza ao mesmo tempo que medra o narrador e trasládase a diferentes cidades e lugares: Madrid, Londres, Copenhague, California. Pero ao mesmo tempo o eixo da narración nunca abandona o Pazo do Rosario, que é como un segundo protagonista da novela e polo cal deambulan personaxes moi variados e que representan á Galicia daquelas décadas: campesiños, criados, funcionarios, mariñeiros, militares, artesáns, supostas meigas, xente do campo e da cidade, entre outros.


Edición revisada desta novela de Eduardo Blanco Amor (Ourense, 1897-Vigo, 1979), publicada por primeira vez en 1959 e da que nesta ocasión se publica o texto íntegro, xa que incorpora as pasaxes eliminadas pola censura na edición de 1970. A acción desenvólvese temporalmente durante vinte e catro horas e espacialmente en Auria que, polos lugares percorridos, deseguido se identifica con Ourense. O texto comeza cunha breve introdución, na que se di que os feitos foron verificados grazas a varios testemuños, para, a seguir, reproducir a declaración de Cibrán perante o Xuíz. Nesta súa intervención dá conta polo miúdo do percorrido realizado dende o momento en que saiu da casa da Raxada e no camiño atopou a Xan, o Bocas, e Eladio, o Milhomes.

**Referencias varias:**

Dáse a coñecer que con motivo do quincuaséximo aniversario d’A Esmorga se publica no número 184 da revista Grial o estudo “As vicisitudes editoriais da Esmorga”, de Manuel Dasilva, investigador da Universidade de Vigo. Coméntase que nesta investigación, Dasilva explica que a novela é coñecida hoxe en día de forma incompleta debido á “prohibición que impuxo no seu día a censura franquista”. Saliéntase que Galaxia é a editorial encargada de publicar a edición íntegra desta novela de Eduardo Blanco Amor.


Segunda edición desta novela de Afonso Eiré (Laxe, Chantada, 1955) que se publicou por primeira vez en 1998 por Espiral Maior na coleción “Narrativa” (n.º 13) e está descrita no apartado correspondente do Informe 1998. Aparece agora cunha nova cuberta na editorial A Nosa Terra, adaptada á normativa do galego de 2003 e revisada polo autor.

Recensións:


Asegúrase que Amigos sempre fala dun tempo que xa non existe e que para moitos foi extraordinariamente duro. Indícase que esta reedición xorde doce anos despois da súa primeira edición e do seu autor destácase que é un dos máis sólidos narradores galegos de hoxe en día.


Afiña que o lectorado está perante a reedición dunha obra de denuncia pioneira na que se ve como o rapaz Xan Eiriz chega ao Seminario de Lugo. Qualifícase o texto como realista aínda que escorado ao naturalismo e diz que a presenza de Xan serve para documentar un tempo de penurias con críticas á Igrexa, aos cregos e ao bispo.


Asegúrase que esta obra conta a historia dos anos no Seminario de Lugo dun grupo de rapaces e que nela aparecen aldraxes cara ao estudantado que empregaba a lingua galega. Tamén se refire a que Amigos sempre cumpre unha dupla función: a de denunciar abusos e mais a de entender unha etapa vital no seminario de boa parte dos dirixentes galegos.

Referencias varias:


Considera que nesta obra se mestura a realidade e a ficción e que foi escrita para que aqueles que non pasaron por un seminario comprendan unha época e unha faceta importante de Galicia. A seguir, reproducense tres extractos desta novela e que levan por título “Se falas galego píanché penalti”, “Cando menos te dabas conta” e mais “Ti non te enteras do que pasa á noite no dormitorio”.

Realiza varios comentarios sobre *Amigos sempre* e sobre a vida nos seminarios. Afirma que este libro dá unha idea moi clara do que eran os seminarios e tamén da represión que existía neles, que non deixaban falar en galego, que se denigraba o traballo do campo e sublínxe que os abusos nos seminarios é un tema de máxima actualidade. Tamén destaca que moitas persoas que pasaron polos seminarios teñen hoxe en día problemas derivados dos abusos sexuais, os malos tratos e a represión.


Recóllense as reflexións de Bieito Ledo sobre a súa estancia no Seminario de Ourense e a seguir coméntase que nesta novela o seu autor mestura feitos reais con imaxinarios. Tamén se apunta que unha das características dos seminarios era a prohibición de falar galego e que o fútbol era unha das escasas distraccións dos seminaristas.


Comentario no que se indica que este volume narra a represión e os abusos que se viviron no Seminario de Lugo a finais dos anos sesenta e mais que o seu autor tamén detalla o que viviu e o que lle contaron os seus compañeiros no seminario lucense. Asemade hai referencias aos abusos da Igrexa tema do que se subliña que está de actualidade e que ocupa moitas páxinas nos xornais de hoxe en día.


Reflexiónase sobre a mala situación da prensa en Galicia despois da chegada do PP ao goberno da Xunta de Galicia e a retirada de subvencións á prensa escrita en lingua galega o que provocou a desaparición do xornal *A Nosa Terra* en papel e remátase referindo a *Amigos sempre* da que se indica que destapa casos de pederastia nos seminarios galegos.


Longa conversa na que Afonso Eiré reflexiona sobre a situación de poder na Igrexa e nos seminarios nos anos sesenta, así como da reedición de *Amigos sempre*. Comenta que cando saíu do prelo esta novela en 1998 houbo algúns curas que o quixeran demandar, pero como todo ía saír nos xornais non o fixeron, e recalca que o Seminario de Lugo era o máis reaccionario daquela altura. Lémbrese tamén da dureza da vida no seminario así como da súa expulsión e opina que lle hai que dar un empurrón ás investigacións dos abusos da Igrexa.


Segunda edición desta novela de iniciación de Ramiro Fonte (Pontedeume, 1957- Barcelona, 2008), adaptada á normativa do galego de 2003 e publicada na mesma
colección de Edicións Xerais de Galicia en 1993, na que se substitúe na cuberta o fragmento da Noite estrelada, de Vincent van Gogh, por outro de Círculo negro, de Kazimir Malevich. Asemade, nesta ocasión suprimirouse os peritextos editoriais sobre o autor e reformáronse os relativos á novela, que se trasladaron da lapela á contracuberta. A novela comeza cunha dedicatoria (“Para Elsa”) e uns versos de William Butler Yeats, no inglés orixinal e na tradución ao galego, que serven de xustificación do título (“¿Cando mirei por última vez / os redondos ollos verdes e os longos corpos ondeantes / dos escuros leopardos da lúa?”). Dividida en tres grandes capítulos (“I. No claustro”, “II. Marabillas”, “III. Penúltimas estrelas”) e relatada en terceira persoa por un narrador omnisciente, esta novela de busca do sentido da vida conta a relación, marcada polo enigma e a indagación, que o protagonista, Daniel Linde, estabelece coa sociedade do seu tempo, exemplificada coa cidade de Santiago de Compostela, nos derradeiros anos do franquismo. Esta relación faise extensible, ao longo da novela, á de toda unha xeración que contempla, entre a impotencia e o cinismo, o fracaso dos seus soños.


Reedición corrixida polo autor, Camilo González Suárez-Llanos (Sarria, 1931-Vigo, 2008), e publicada con anterioridade por Edición Xerais de Galicia na colección “Montes e fontes” (n.º 36) en 1983. A cuberta deseñada por Fragoso da primeira edición deixa paso ao fragmento dunha fotografía de Schmidt de las Heras intitulada Madeira.

Recupérase o “Prólogo á segunda edición (1987)”, de Xavier Rodríguez Baixeras, quen considera que nese intre o autor decidiu prescindir do subtítulo (Semirreportaxe) porque deixa de ser unha “reportaxe que só chega á metade” para “achegarse á ficción novelesca”. A seguir, analízanse os personaxes e a estrutura para despois destacar a proximidade ás artes escénicas desta novela e, por extensión, do conxunto da obra de Gonsar. Por último, cuestiónase a súa inclusión no realismo social ou crítico ou no expresionismo pola variedade de perspectivas adoptadas. A nota do autor inicial substituíuse por outra “á presente edición” na que Gonsar declara que escribiu Desfeita coa intención de reflectir a súa visión da Galicia de finais da década de 1970 como consecuencia da catástrofe urbanística e paisaxística. En canto ao texto, aclara que procurou reducir as frases e diálogos en castelán das edicións anteriores e que realizou algunhas correccións puntuais. Cонтase a historia dun xornalista que chega a unha vila para investigar o asasinato en 1936 dun home chamado Perito de Guitián. O xornalista, que é ao mesmo tempo o narrador, atópase con don Isauro e intenta por todos os medios que lle aclare as circunstancias do asasinato: lugar, autores, motivos, etc. Despois de entrevistarse con don Isauro e non conseguir apenas información, o narrador visita a un curmán deste, alucamado, Doctor Zhivago. De novo, non é capaz de obter información sobre o asasinato, pero descobre que don Julio, este era o verdadeiro nome do Doctor Zhivago, é un home metódico e católico. A entrevista faise longa e o Doctor Zhivago indica que o acompañe e que o levará onde outras persoas que lle axudarán a reconstruír o asasinato. O xornalista esquece o magnetófono no despacho e dáse conta de que ninguén lle quere contar nada. O relato avanza coa aparición doutros personaxes: Barbas, Cabude, Fangio, Lier, Plastiras, Nestor. Todos eles, que son habitantes da vila, falan co xornalista, pero ninguén achega claridade ao enigma do asasinato. Porén, o narrador coñece as manías e acenos destes personaxes durante uns días e isto sérvelle para reconstruír a sociedade da vila na que se atopa. A novela remata...
cunha nova entrevista con don Isauro, o cal lle indica que é Nestor o que sabe a verdade sobre o asasinato de Perito de Guitián, mais é mellor que non lle pregunte nada.

Recensións:


Considera que *Desfeita*, de Camilo Gonsar, é unha novela cunha intensa sensación de afogo. Indica que en termos históricos e novelísticos esta obra non é unha novela da memoria, senón que ten unha intensidade contemporánea que aceptaría o adxectivo de radiografía. Pensa que é un documento ficcional que quizais ninguén queira ler no seu sentido máis directo porque é o máis traumático, pois é máis cómodo aceptar que se tivo un mal pasado que aceptar que se ten un mal presente. Explica as razóns pola que *Desfeita* é unha novela moral e sinala que os personaxes respiran máis ben resignación humillada, ademais de estimar que o primeiro estado que debería recuperar Galicia é o do ánimo.


Infórmase de que Galaxia vén de reeditar esta novela da que se apuntan varias características como que nela un xornalista narrador chega a unha vila para investigar un asasinato de 1936, que presenta un relato lineal ou que é unha novela total sobre a destrución das vilas galegas. Con respecto á literatura galega, afirma que moitas veces se confunde a realidade co realismo.


Apunta que esta novela é un exemplo da desnaturalización dos compoñentes culturais propios, que nela se pode ver como se esnaquiza a vila de Sarria conducíndoa ao feísimo e que o seu autor posúe un digno talento cinematográfico.

Referencias varias:


Sección fixa dos suplementos nas que se acolle, entre outros, un breve descritor de *Desfeita*, de Camilo Gonsar. Indícase que está novela viu a luz en 1983 e describese parte do argumento. Precísase que Gonsar emprega esta novela como instrumento para “erguer a tona da hipocrisía” e para poñer a descuberto “a degradación dunha realidade ridícula e cruel”.

133

Considera que esta “impactante novela”, que agora se pode reler, está moi vinculada coa vila de Sarria e que a súa lectura non deixará indiferente a ninguén.


Edición especial desta novela realizada co gallo da conmemoración do vinte e cinco aniversario do pasamento do autor Leandro Pita Romero (Ortigueira, 1898–Bos Aires, 1985). Comeza cun prólogo a cargo de Ramón Villares no que se comenta que esta obra foi das primeiras publicadas por Lar a comezos dos anos vinte, concretamente en 1924 na Imprenta Moret. Tamén se fai referencia á súa singularidade no conxunto da produción de Pita Romero, por ser a súa única creación literaria en galego, e da liña da editorial, pola súa ambientación no rural (na editorial apostábase polos textos de ambientación urbana). Trátase dun drama, con visos de caricatura, no que se retrata unha das características da sociedade de comezos do século XX: o caciquismo e o uso “clientelar” das influencias polícticas na Galicia da época, que se traduce no enfrentamento na aldea entre Mariano, que pretende abrir unha segunda tenda, o innovador, o “anarquista”, e o cacique, o tradicional, que sai vitorioso finalmente.


Relato de Vicente Risco (Ourense, 1884-1963) escrito en 1929 pero adaptado á normativa vixente da lingua galega no ano desta reedición (2010). O narrador é un dos protagonistas e sitúa a historia en Santiago de Compostela durante un tempo limitado, unhas horas, do día da Ascensión de 1926. O relato reproduce a conversa filosófica que
o narrador mantén con Stephen Dédalus, ao que lle fai tres preguntas: a primeira é que se anda polo mundo fuxindo da cruz, ¿por qué vén a un santuario como a Catedral de Santiago?; a segunda, ¿por qué se procura un santuario non o fai na súa terra?, e a terceira, se foxe dos homes da súa raza, ¿por qué vén a Compostela a xunto dos da súa raza? Á primeira pregunta Dédalus responde que el é a súa propia cruz e que detrás da cruz sempre está o demo polo que cre que a resposta a esa pregunta é que el anda fuxindo da cruz sen que o seu sangue lle permita arredarse del, senón que o empurra cara ao santuario. A segunda e a terceira teñen unha única explicación: el, ademais de fuxir da cruz, foxe da súa raza porque é un vencello e el quere ser libre; é a imaxe de Cristo e el quere ser a imaxe do Anticristo; así, foxe tamén da terra e vén a Compostela porque aquí todo corre cara a perdición. A seguir, os protagonistas van á Catedral, ali, o narrador cre que contra o espírito nada pode facer o Demo, pero Dédalus rebáteo afirmando que satanás forma parte do espírito revoltado. Deciden facer as paces, polo que Dédalus mete as mans na pía da auga bendita e o narrador molla os dedos e fai o xeral da cruz. Para rematar, o narrador afirma que, a pesar da conversa que o lector acaba de escoitar, Dédalus non é tan fero como o pintan.

Referencias varias:


Comeza enlazando co artigo da semana anterior no que salientaba que dende 1920, coa publicación da revista Nóos, se produce en Ourense “un anovamento da prosa galega”, do cal é exemplo a tradución de Ramón Otero Pedrayo das primeiras páxinas do Ulysses, de James Joyce, na revista Nóos en 1928. Afirma que algúns historiadores da literatura xustificaron este interese por Joyce, “por non perxudicare o tópico de Galicia ‘provinciana’ e culturamente ‘subalterna”, pola afección do grupo Nóos aos atlantismo e celtismo. Afirma que o nome “nós” é unha tradución do Sin Féin irlandés. Explica que a influencia de Joyce obsérvase en Dédalus en Compostela, onde Vicente Risco presenta un Stephen Dedalus que circula por rúas de urbes galegas, amosando así que os escritores renovadores da novela eran ignorados en España, agás Frank Kafka por parte de Ortega, e Joyce en Ourense. Apunta tamén a influencia do autor dublinés n’O porco de pé no humor, na busca de expresións paródicas e na representación de Ourense. Remata o artigo aludindo á nova monografía de Antón Figueroa onde se apunta que Joyce “representaba a revolución no campo literario mundial”, algo que considera xa sabían Ramón Otero Pedrayo e Vicente Risco. Afirma que estes dos escritores ourensáns conseguiron, “ao se servir de Joyce” e sen “ter que pasar por España” conectar o campo literario galego coas correntes que estaban a emerxer na literatura mundial. Insiste en que ás “mentes sumisas” lle molesta esta presenza de Joyce na Xeración Nóos polo que a reducen a “un celtismo idealista decimonónico”.

Volume editado por Anxo X. Rajó Pazó e incluído na colección “Narrativa Recuperada”, dirixida por Modesto Hermida García no Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades. Nel recóllese a prosa narrativa en galego de Avelino Rodríguez Elías (Viana do Castelo, 1872-Paraguai, 1958). Principiase o estudo cunha aproximación á sección “Contos do Turreiro”, que en ningún caso, tivo a vontade de ser un “libro de entregas”, e que apareceu en publicacións periódicas decimonónicas, como El Tea, O Tío Marcos d’a Portela e Vida Gallega, entre outras. Nese mesmo apartado, analízase o significado dos relatos baseándose en exemplos concretos. Logo dos “Criterios de edición”, sегuelle unha achega biobibliográfica do autor, na que se destaca a vinculación dende coa cidade olívica, malia ter nado na localidade portuguesa de Afife. Repárase tamén no labor xornalístico de Rodríguez Elías, así como na súa produción narrativa e teatral, fundamentalmente, alén de nos destacados ensaios. A seguir, recollense os máis de cousas textos en prosa, baixo o título “Contos do Turreiro”, que destacan por seguir o esquema tradicional de introdución, nó e desenlace, así como pola descripción de tópicos e ambientes propios da sociedade galega da época. Cada un dos relatos aparecen ben baixo a sinatura “Avelino Rodríguez Elías” ben co pseudónimo “Chuco de Canedo”. Introducense ocasionalmente notas a pé da páxina, do propio editor, nas que se precisa ou aclara información sobre o contido dos textos. A “Bibliografía” sегuelle as fontes hemerográficas e unha listaxe coas publicacións periódicas que foron revisadas para realizar a edición. Péchase o libro cunha sinopse da divulgación dos “Contos do Turreiro” na que, ademais de indicar os títulos dos relatos, se informa do xornal no que se deron a coñecer (coa correspondente data), así como a sinatura coa que foron publicados.


Conxunto de relatos de Claudio Rodríguez Fer (Lugo, 1956) escritos fundamentalmente en Galicia, Nova York e Bretaña entre 1983 e 2009 e que maioritariamente foron publicados con anterioridade en revistas e libros colectivos. O volume divídese en tres series que inclúen diferentes relatos que teñen en común o emprego do erotismo como temática central. A primeira serie, “Belas e bestas” (pp. 9-75), acolle sete relatos, localizados en lugares como París, Noruega, África ou Nova York, nos que se propoñen encarnacións zoomórficas das mulleres protagonistas das historias contadas. A segunda, “Entregas” (pp. 77-100), contén once relatos, algúns dos cales xa foron publicados na obra colectiva O relato breve. Escolma dunha década (1980-1990) (1990), de temática variada, de extensión moi breve, e que o autor describe como “epifanías eróticas”. A última serie, intitulada “Tres” (pp. 103-123), recolle dez microrrelatos que teñen como eixo central os tríos amatorios, parte dos cales se deran a coñecer na colectânea Contos eróticos/Eles (1990).

Referencias varias:


Entrevista a Claudio Rodríguez Fer na que o autor comenta que neste ano 2010 publicou un libro de narrativa, Os paraísos eróticos, e outro de poesía, Unha tempada
no paraíso, ambos os dous ilustrados por Sara Lamas. Destaca tamén a súa participación nos libros anuais da Cátedra Valente que dirixe na Universidade de Santiago. Por outra banda, Rodríguez Fer opina que os idiomas se curan mediante a poesía liberadora e con cultura humanística. Remata o artigo comentando o leit motiv do seu próximo poemario.


Conxunto de relatos de Vítor Vaqueiro Foxo (Vigo, 1948) que se inicia con dous limiares do autor e tres citas tiradas de libros de escritores estranxeiros. O primeiro limiar, titulado “Sobre nomes e tumbas”, correspondéndose coa desta edición de 2010 e nel afirmase que se presenta neste volume un conxunto de relatos que viron a luz en 1992 baixo o título d’*O soño dirixido*. Vaqueiro explica que, aínda que nas reedicións normalmente se mantén o título orixinal, neste caso decidiu cambiarlo ligeiramente pois, malia na maioria dos relatos non ter realizado ningunha mudanza máis ala das correccións gráficas pertinentes, engadiu agora catro novos relatos (trátase dos titulados “O poema e o lume”, “Unha vindicación de Atila”, “Agostiño da Fonte” e “Monólogo sen título”). O segundo limiar correspondéndose co da primeira edición d’*O soño dirixido* e nel fala dos temas tratados e de que o título foi tomado dunha frase de Jorge Luis Borges. A seguir, acólense os vinte relatos que xiran ao redor de temas como a morte e o tempo, a memoria, o soño, o mito, a actitude despótica do poderoso, a vinganza, a tortura, etc. e nos que tanto os personaxes, como o tempo e o lugar nos que se situán as accións son moi dispareis. Así, por exemplo, en “O poema e o lume”, preséntanse as dificultades dos discípulos palestinos de Tiago á hora de darlle sepultura ao seu corpo; en “Unha vindicación de Atila”, amósase máis de medio século de vida de Atila; en “Agostiño da Fonte”, achégase o lectorado agardado á historia de Casiano da Fonte e do seu fillo que, ante os opcións de estudar, traballar ou suicidarse, escolle a última; e en “Monólogo sen título”, preséntanse as dificultades do narrador á hora de enfrontarse á homosexualidade.

**Recensións:**


Comeza destacando algúns conceptos definitorios da poética múltiple de Vítor Vaquéiro, opinando ademais que a complexidade da súa opción expresiva explica “a insuficiente presenza” da súa obra e figura nas páxinas da crítica, ao tempo que considera que Vaquéiro está entre os “tres ou catro” narradores decisivos de finais do século XX e do XXI. Logo de apuntar o nome dalguns das súas obras, fala do seu último traballo, *O soño (re)dirixido*, afirmando que a historia e o mito constitúen un dos núcleos semánticos caracterizadores da novela, relacionando a súa escrita coa dos escritores Álvaro Cunqueiro e Jorge Luis Borges. Entre outras cuestións, nomea algunha das principais características do estilo achegado na novela, apuntando que a súa opción é a da “complexidade da liña curva (elíptica, espiral, ondeante)”.
Sinálase que O soño (re)dirixido, de Vítor Vaqueiro, é unha prolongación d’O soño dirixido, publicado en 1992 polo propio Vaqueiro, apenas corrixido pero si aumentado con catro novos contos. Indícase que en todos os relatos se incide en temas como a morte, o tempo, o soño e a memoria, xunto a outros como os paradoxos da historia, as relacións de poder, a duplicidade do ser ou a posibilidade de acadar o coñecemento real. Coméntase tamén que o soño e a maxia son territorios falsos nos que se insiren biografías de individuos protagonistas de soños propios ou alleos, e nos que hai unha multiplicidade de planos e existencias. Destácase que Vaqueiro ten un estilo moi persoal, cun léxico que non se atén á normativa, cheo de adxectivos, moi denso, rico e consistente.

Referencias varias:


Sección fixa dos suplementos onde se acolle un breve descritor d’O soño (re)dirixido, conxunto de vinte relatos de Vítor Vaqueiro; e Do A ao Z con... Cabanillas, de Ramón Caride.


Recensións:


Indica que grazas ao éxito de Iolanda Zúñiga coa novela Periferia a Edicións Xerais de Galicia reedita a súa primeira obra Vidas post-it. Sinala que esta obra está conformada por corenta e seis relatos curtos protagonizados por persoas normais e que os seus fíos condutores son o fracaso persoal dos seus personaxes e mais o tempo. Tamén destaca que presenta unha prosa directa, axié e fresca que achegan a quen os le a situacións cotiás que penetran nas miserias persoais.

Referencias varias:
Entre as novidades editoriais para o outono, indicase que Edicións Xerais de Galicia reeditara esta obra do ano 2007.


Dáse conta das variadas novidades que saen do prelo en galego. No caso da narrativa, destácase o cambio de colección de Vidas post-it, de Iolanda Zúñiga. Cítase tamén Asasinato no Consello Nacional, de Diego Ameixeiras; Randea do lento, de Herta Müller; e Todo é silencio, de Manuel Rivas.
I.3. TRADUCIÓNS OU VERSIÓNS E REEDICIÓNS


Novela de Milena Agus (Xénova-Italia, 1959) que se inicia cunha cita pronunciada por un soldado no filme The Thin Red Line, de Terrence Malick, que aparece en sardo na versión orixinal e traducida ao galego como “Se non te chego a coñecer nesta vida, deixa que polo menos te bote en falta”. Nela nárrase a historia dunha moza que recorda a vida da súa avoa, unha muller sarda, romántica e cunha infancia nada fácil que, a pesar das súas inquietudes por atopar o verdadeiro amor, ten que casar cun home do que non está namorada obrigada pola súa familia. Ao pouco tempo de casar e debido á enfermidade renal que padece, debe visitar un balneario para intentar curar a súa doenza e ali coñecerá a ese amor que tanto desexou. A historia da avoa está ambientada na dura vida dunha caótica Italia logo da Segunda Guerra Mundial e é unha alegación que alenta a perseguir aqueles soños que se desexan. A obra, estuturada en vinte capítulos e narrada en primeira persoa, está escrita cun estilo sinxelo, cheo de sensibilidade que consegue transmitir ao lector unha intensa emoción ao longo dunha historia que se move dacabalo entre a realidade e a fantasía.


Novela curta do escritor serbio David Albahari (Pec, Kósovo, 1948), traducida desta lingua por Jairo Cadilla, cuxo protagonista, do que no se menciona o nome, é un profesor de literatura iugoslava e lingua serbocroata, nacido en Serbia, pero de orixe xudía, que ao intentar reconstruír a súa historia familiar se atopa coa figura de dous homes, Götz e Meyer, dous suboficiais das SS encargados de conducir o camión que gasea no seu interior a boa parte da poboación xudía de Belgrado durante o curto traxecto que vai do campo concentración da Feira Internacional á poboación de Jajnica. Trátase dunha narración escrita coa técnica do monólogo interior nun parágrafo único na que Albahari presenta a figura deste profesor que, a través da recompilación de datos fragmentarios e impersoais que quedaron documentados, emprende un labor de reconstrución que oscila entre a memoria e a imaxinación, o que lle leva a unha progresiva obsesión na que intenta, sen chegar nunca a pórles cara, recrear a vida destes suboficiais nazis como dúas persoas correntes que viven a súa vida con normalidade e asumen a súa tarefa de forma rutineira e, ao mesmo tempo, intenta imaxinar como foron os últimos momentos deses deportados que vivían con medo, e se agarraban á esperanza, pero estaban irremisibelmente condenados a morrer.


Referencias varias:


Tras referirse á tradución de Eva Almazán d’A estrada, de Cormac McCarthy, faise eco doutros proxectos nos que se atopa inmersa a tradutora, caso desta obra de Martin Amis, A viúva preñada e do terceiro volume dos contos de Edgar Allan Poe, ambos para a editorial Galaxia. Coméntase que para Faktoría K tamén traduciu outras tres novelas: Pan con xamón (2009), de Charles Bukowski; O corazón do negror (2009), de Joseph Conrad; e A conxura dos necios (2008), de John Kennedy Toole. Engádese que Faktoría K acaba de publicar a tradución do último libro do irlandés John Boyne, Motín na Bounty, esta vez da man de Carlos Acevedo.


Indícase que a tradutora Eva Almazán pon voz de muller a moitos títulos de éxito até o momento nun traducidos ao galego como, por exemplo, A viúva preñada, de Martin Amis. Tamén é o caso de Brooklyn Follies (2006) e Sunset Park, de Paul Auster, editadas pela Editorial Galaxia, igual que o terceiro volume dos Contos completos de Edgar Allan Poe. Disé que as súas traducións son tamén publicadas por outras editoriais como por exemplo A estrada, de Cormac McCarthy, ou a que sairá en Rinoceronte, Mexillóns para cear, de Birgit Vanderbeke. Destácase a figura do tradutor, que nunca é invisíbel, pois a súa pegada permanece en todas as traducións que se precen. Sinálase que afortunadamente, a día de hoxe, esta figura ten un prestixio declarado e comprobábel. Remáxase sinalando que Eva Almazán ten xa case vinte e cinco libros traducidos ás súas costas e devece por Margarete Atvod e Nabokov, aos que aínda non traduciu e, por riba de todos, por Edgar Allan Poe.

Faise referencia a que obras de escritores como A viúva preñada, de Martin Amis, e Sunset Park, de Paul Auster, poden atoparse primeiro en versións galegas antes que en traducións ao castelán. Saliéntase que así sucedeu con este último libro, presentado pola editorial Galaxia na Feira das Industrias Culturais Galegas, Culturgal. En palabras de Víctor Freixanes, director xeral de Galaxia, “non hai que renegar de ningunha lingua”, xa que Galicia posúe un patrimonio, unha cultura e unha lingua propias que non hai que desprezar. Sinálase ademais que a producción cultural supón un dous por cento do Produto Interior Bruto (PIB) de Galicia e resáltase a necesidade de proxectos políticos que apoien todas estas iniciativas.


Faise referencia a que a “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea”, patrocinada pola Concelleira de Cultura de Santiago de Compostela, conta xa con tres novos títulos en cuxa presentación estiveron a Concelleira de Cultura e Centros Socioculturais, Socorro García Conde, e Víctor Freixanes e Carlos Lema, director e editor respectivamente de Editorial Galaxia que é a encargada de os publicar. Sinálase que as tres obras son A viúva preñada, de Martin Amis; Caos calmo, de Sandro Veronesi, e Emaús, de Alessandro Baricco. Coméntase que son vinte e catro as obras que permiten ao lector galego chegar a estas obras sen outras linguas intermediarias e abre a saída da literatura galega a outros mercados. Menciónase a importancia que Freixanes concede á proxección internacional que esta colección dá a Galicia e o feito de que tanto Emaús como A viúva preñada foron traducidas ao galego antes que a ningunha outra lingua de Europa.


Coméntase que Caos calmo, de Sandro Veronesi; Emaús, de Alessandro Baricco, e A viúva preñada, de Martin Amis, son os novos títulos da “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea”, unha iniciativa da Concelleira de Cultura de Santiago de Compostela e de Editorial Galaxia que achega aos lectores algunhas das máis importantes novidades editoriais do continente. Sinálase que a presentación correu a cargo da Concelleira de Cultura e Centros Socioculturais, Socorro García Conde, e de Víctor Freixanes e Carlos Lema, director e editor respectivamente da editorial Galaxia. Afirmase que con estas son vinte e catro as obras que permiten ao lector galego chegar a estas obras sen outras linguas intermediarias e abre a saída da literatura galega a outros mercados. Menciónase a importancia que Freixanes deu á proxección internacional que esta colección dá a Galicia e que Carlos Lema subliñou o feito de que tanto Emaús como A viúva preñada foron traducidas ao galego antes que a ningunha outra lingua de Europa. A continuación faise unha sinopse do argumento das tres obras.


Faise referencia á presentación de tres novos títulos da “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea”: A viúva preñada, de Martin Amis; Caos calmo, de Sandro
Veronesi; e *Emaús*, de Alessandro Baricco. Destácase que xa son vinte e catro os títulos que permíten ao lector galego chegar a estas obras sen outras linguas intermediarias e que a colección abre a saída da literatura galega a outros mercados.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso da tradución ao galego d’*A viúva preñada*, de Martin Amis; *O imposible de desatar*, de Iván García Campos; *Sempre tes que meter o nariz*, de Víctor Raga; e *A avoa Encarna fai niño* (2009), de Xosé A. Neira Cruz.


Volume que acolle a tradución ao galego de dous relatos baseados en narracións orais islandesas, que se insiren nas denominadas sagas de Vinland e ocupan un lugar destacado no ámbito daquelas que narran o descubrimento e intento de colonización de América polos escandinavos ao redor do ano 1000, xa que constitúen o primeiro documento que relata o encontro entre nativos americanos e europeos. Os personaxes de ambas as sagas son case os mesmos, xa que nas dúas se conta a mesma historia, aínda que existen diferenzas entre elas e algunha que outra contradición. O tema común estriba nas viaxes á terra de Vinland, pero en ningunha delas existe un verdadeiro protagonista, malia na de Erik o Roxo, polo título, este personaxe pareza selo. Na saga dos groenlandeses, o descubrimento e colonización de Groenlandia só serve de punto de partida para logo pasar ao descubrimento doutras terras en dirección oeste. Ambas as sagas presentan, en canto ao estilo, diferenzas con respecto ao conxunto de sagas nórdicas, xa que a súa elaboración literaria é máis irregular e a súa estrutura máis espontánea. Esta tradución recibiu o apoio do Bókmentakynningarsjódur (Fondo para a Promoción dá Literatura Islandesa).

**Recensións:**


Faise eco da publicación dun volume por parte da Editorial Rinoceronte que reúne dúas sagas que se refiren ao descubrimento de América polos escandinavos, caso da *Saga dos Groenlandeses* e a *Saga de Erik o Roxo*, escritas por Washington Irving. Coméntase que nelas se relata a colonización de Groenlandia, as viaxes e tentativas de asentamento en Norteamérica e os primeiros contactos entre os europeos e os americanos. Apúntese que, aínda que as dúas relatan o mesmo, existen contradicións entre elas.

**Referencias varias:**
Presentanse as primeiras entregas literarias do ano. No eido da narrativa traducida dise que o lectorado galego atopa por parte de Rinoceronte, editora especializada neste campo, unha edición da *Saga de Erico Roxo* xunto a outros clásicos da literatura islandesa e por Faktoría K, *A estrada*, de Cormac McCarthy.


Novela de Paul Auster (Nova Jersey, 1947) na que se narra en terceira persoa a vida de Miles Heller, un mozo sen ambición. Está estruturada en catro capítulos onde vai variando o punto de vista do narrador. Ao comezo o narrador relata dende o punto de vista de Miles, que está en Florida e en 2008 se dedica a facer fotografías dos pisos da xente desafiuada porque en plena recesión non pode pagar a hipoteca e, posteriormente, acondicionaos para vendelos. Hai case oito anos que deixou a universidade e Nova York para se independizar. Dende hai seis meses sae con Pilar Sánchez, unha rapaza menor de idade que coñeceu nun parque público cando ambos lian *O gran Gatsby*, a quen axuda a entrar na universidade. El oculta que seu pai é Morris Heller, fundador e editor de Heller Books, e que vive atormentado pola culpa dende a morte de seu medio irmán Bobby, a quen empurrou en 1996, e que cinco anos despois escribiría unha carta a seus pais explicando que marchaba. Unha das irmás de Pilar ameázao reiteradamente con chamar a policía se non rouba obxectos das casas abandonadas, e por iso decide aceptar a invitación do seu amigo de instituto Bing Nathan para vivir en Brooklyn (Nova York) de ocupa. Este feito suporá a volta ao pasado e á relación con seu pai. O punto de vista muda e agora identifícase co de Bing Nathan para pasar despois polo doutros compañeiros ocupas debido á crise: Alice Bergstroom, que está a facer a tese doutoral en Columbia, e Ellen Brice, pintora que traballa como axente inmobiliario. Os personaxes explican continuamente os seus recordos e os sentimentos. A narración volve a adoptar o punto de vista de Miles Heller para contar a súa experiencia cos habitantes da casa o os recordos de seus pais. Isto dá paso ao capítulo no que se recolle o punto de vista de Morris Heller, o pai de Miles, quen mestura os acontecementos con diversos recordos relacionados coa morte, as relacións e a familia. No capítulo “Todos” vólvese a achegar o punto de vista de Miles; o de Ellen, quen retoma os seus debuxos; o de Alice, xa de profesora en PEN; o de Bing Nathan, que convence a Miles para que traballe con el no Hospital das Cousas Rompidas; o de Mary-Lee Swann, a nai de Milles, a quen volve a encontrar despois de tantos anos; e o de Morries Swann, almo visitara aos catro de Sunset Park. O punto de vista de Alice e de Ellen leva ao lector ao desenlace final e descobre a verdadeira relación entre pai e fillo.

**Referencias varias:**

Indícase que a tradutora Eva Almazán pon voz de muller a moitos escritores de éxito até o momento nunca traducidos ao galego, caso, por exemplo, de Paul Auster, con *Brooklyn Follies* (2006) e *Sunset Park*, que será editada por Galaxia, igual que *A viúva preñada*, de Martin Amis, e o terceiro volume dos *Contos completos* de Edgar Allan Poe. Dise que as súas traducións son tamén publicadas por outras editoriais como, por exemplo, *A estrada*, de Cormac McCarthy, ou *Mexillóns para cear*, de Birgit Vanderbeke, que sairá en Rinoceronte. Destácase a figura do tradutor, que nunca é invisíbel pois a súa pegada permanece en todas as traducións que se precen, e sinálase que afortunadamente, a día de hoxe, esta figura ten un prestixio declarado e comprobábel. Finalmente dese que Eva Almazán ten xa case vinte e cinco libros traducidos ás súas costas e deve por Margarete Atwod e Nabokov, aos que aínda non traduciu, e, por riba de todos, por Edgar Allan Poe.


Entre as novidades editoriais para o outono no apartado “Aposta polas traducións” salienta esta novela da que conta o seu argumento.


Dise que obras como *Sunset Park*, de Paul Auster, ou *A viúva preñada*, de Martin Amis, poden atoparse antes en versión galega que en castelán. Lémbranse as palabras de Víctor Freixanes no acto de presentación destes libros que tivo lugar na Feira das Industrias Culturais Galegas, Culturgal. En palabras de Freixanes, director xeral de Galaxia, “non hai que renegar de ningunha lingua”, xa que Galicia posúe un patrimonio, unha cultura e unha lingua propias que non hai que desprezar. Sinálase ademais que a produción cultural supón un dous por cento do PIB de Galicia e resáltase a necesidade de proxectos políticos que apoien todas estas iniciativas.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso da tradución ao galego de *Sunset Park*, de Paul Auster; *Randea do alento*, de Herta Müller; *Caos calmo*, de Sandro Veronesi, e *Azos de esguello*, de Euloxio R. Ruibal.


Describese o argumento desta obra e explicase que Paul Auster retoma temas como o destino, a culpa, a inocencia da xuventude ou a situación política e social dos Estados Unidos en *Sunset Park*.

Entre as doce personalidades da vida social e cultural galega, a actriz Mercedes Castro escolle a novela *Sunset Park*, de Paul Auster, pola maneira de xogar co azar que transforma os personaxes.


Novela curta de Alessandro Baricco (Turín, 1958), dedicada a “A Dario Voltoni e Davide Longo, mestres” e iniciada cun breve “Limiar” e cunha cita d’*O pranto de María* (1732), de Giovanni Battista Ferrandini. A seguir, cóntase a historia dun grupo de adolescentes (el Santo, Luca, Bobby e o propio narrador) que viven nun espazo e un tempo indeterminados (pode intuírse que está ambientada nunha cidade italiana ao redor dos anos setenta), que pertencen á clase media e que son profundamente católicos. A aparición dunha moza chamada Andre, de clase alta e costumes liberais, vai producir un cambio tan radical nas súas vidas que traerá consigo a caída de todas as súas crenzas e costumes, onde valores como o amor, a morte, a amizade, a dor ou o desexo van adquirir o seu auténtico significado. Móstrase o proceso de formación destes adolescentes, tomando como referencia a historia de Emaús relatada no Evanxeo de Lucas. Os protagonista terán que enfrentarse a unha realidade que descoñecen, poñéndose de manifesto a tensión existente entre a vida, a relixión e as convencións xuvenís.

**Referencias varias:**


Faise referencia a que a “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea”, patrocinada pola ConceLLería de Cultura de Santiago de Compostela, conta xa con tres novos títulos en cuxa presentación estiveron a ConceLLería de Cultura e Centros Socioculturais, Socorro García Conde, e Víctor Freixanes e Carlos Lema, director e editor respectivamente da editorial Galaxia que é a que publica esta colección. Sinálase que as tres obras son *Emaús*, de Alessandro Baricco; *A viúva preñada*, de Martin Amis; e *Caos calmo*, de Sandro Veronesi. Menciónase a importancia que Freixanes concede á proxección internacional que esta colección dá a Galicia e o feito de que tanto *Emaús* como *A viúva preñada* foran traducidas ao galego antes que a ningunha outra lingua de Europa.


Faise referencia á presentación de tres novos títulos da “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea”: Emaús, de Alessandro Baricco; Caos calmo, de Sandro Veronesi, e A viúva preñada, de Martin Amis. Destácase que xa son vinte e catro as obras que permiten ao lector galego chegar a estas obras sen outras linguas intermediarias e abre a saída da literatura galega a outros mercados. Sinálase o feito de que tanto Emaús como A viúva preñada foron traducidas ao galego antes que a ningunha outra lingua de Europa.


Novela breve de Alan Bennet (Leeds, Reino Unido, 1934), traducida por Moisés Barcia do orixinal inglés, na que se fabula acerca das consecuencias que tería o feito de que a raíña Isabel II de Inglaterra se convertese nunha lectora compulsiva de tal xeito que todo deixase de ter importancia fóra dos libros. Cóntase como de xeito casual a raíña, ao ir detrás dos seus cans, se atopa cunha biblioteca municipal portátil e a partir dese momento esperta nela unha ansia tremenda por ler que a levará a abandonar as súas ríxidas obrigacións rexias. Logo dunha vida consagrada ao deber e con poucas posibilidades de se dedicar ao pracer, o descubrimento dunha serie de autores, como Proust ou Genet, fai que a literatura pase a un primeiro plano na vida da raíña co conseuente escándalo na Corte e en particular do Primeiro Ministro.

**Recensións:**


Indica que a versión orixinal deste volume é de 2007 e que nel se ficciona con humor o suposto encontro da monarca Elizabeth II co mundo da lectura. Coméntase que o carácter xocoso de Unha lectura fóra do común radica en que este repentina gusto lector é visto como un problema.


Novela histórica de John Boyne (Dublín, Irlanda, 1971) que se inicia coa dedicatoria “Para Con” e dous mapas en cuxa lenda aparece “Viaxe da Bounty” e “Viaxe da lancha da Bounty”, respectivamente. Estruturada en cinco partes (“O ofrecemento”, “O retorno”, “A viaxe”, “A illa” e “O bote”), nela cóntase unha historia acontecida no ano 1787, data en que lle é encargada ao capitán William Bligh a misión de recoller en Tahiti árbores do pan, produto económico que pode alimentar os escravos que traballan a cana de azucre, para levalos ás colonias do Caribe. A fragata encargada de facer esta
viaxe é a Bounty, cuxa tripulación ten por diante unha longa e penosa viaxe. Nela vaise ver embarcado John Jacob Turnstile, un mozo de catorce anos, alegre e vivaz, que se gaña a vida de forma non moi honrosa polas rúas e mercados de Portsmouth. Xusto cando está a piques de dar cos seus ósos no cárcere ten unha última oportunidade ao poder subir a bordo da fragata como axudante de cámara do capitán Bligh, converténdose así en testemuña privilexiada de todo o que acontecerá e marcará o devir da armada inglesa. O xogo de poder, a ambición, a lealdade e o valor que aparecen nesta novela reflicten con esmerada precisión todas as grandezas e miserias do ser humano no motín máis famoso da historia.

Recensións:


Afirma que Motín na Bounty se publicou orixinariamente en 2008 e que nela o seu autor presenta unha divertida novela de aventuras na que John J. Turnstile é o seu protagonista narrador e é quen nos informa de todos os acontecementos que sucederon no barco e de como se estabelecen as relacións persoais entre a tripulación. Indica tamén que o feito histórico que aparece nesta novela conta con tres versións cinematográficas dos anos 1935, 1962 e mais de 1984.

Referencias varias:


Tras se referir a diversas traducións de Eva Almazán, coméntase que Faktoría K acaba de publicar a tradución do último libro do irlandés John Boyne, Motín na Bounty, esta vez da man de Carlos Acevedo.


Fai referencia á novela de John Boyne Motín na Bounty, facendo un paralelismo entre esta obra e unha entrega da serie documental “Megaestructuras”. Dáse conta do argumento e compárase coa teoría de Caroline Alexander en A verdadeira historia do motín da Bounty e a película da Metro Goldwyn, baseada na Triloxía da Bounty.


Novela de Gilbert Keith Chesterton (Londres, 1874, Beaconsfield, 1936), escritor e polemista británico, que se basea nunha enxeñosa trama policiaca onde o suspense e a sorpresa teñen un rol importante. Tamén hai nela unha novela de tese ou novela
metafísica onde o autor, sen chegar a ser dogmático, verte todas as súas crenzas que se revelan no criptico capítulo final. A historia, estruturada en quince capítulos e contada a través dun narrador omnisciente, narra as aventuras do detective e poeta Gabriel Syme, membro dun destacamento antianarquista de Scotland Yard, máis tarde chamado Xoves, cuxa misión será infiltrarse na cúpula dun perigoso movimento anarquista no Londres de comezos do século XIX para intentar desbaratar os pérfidos propósitos do seu maquiavélico líder, coñecido como Domingo, verdadeiro protagonista na sombra da novela.

Referencias varias:


Faise eco da publicación d’O home que era xoves, novela de G.K. Chesterton traducida por Marta Verán Pais, por parte de 2.0 Editora, que combina a edición nos novos soportes dixitais coas publicacións tradicionais. Tamén se dá conta dos fondos cos que comeza, formados por dúas obras de ficción: Sen noticias de Gurb, escrita por Eduardo Mendoza e traducida ao galego por Antón Lado; e Guía do autostopista galáctico, de Douglas Adams.


Saliéntase que entre as primeiras publicacións de 2.0 Editora se atopan as traducións ao galego d’O home que era xoves, de G. K. Chesterton; Sen noticias de Gurb, de Eduardo Mendoza; e Guía do autostopista galáctico, de Douglas Adams.


Conversa con Xabier Cid, autor do prólogo da edición dixital da obra de G. K. Chesterton, O home que era Xoves, na que comaenta que sempre é interesante ler a Chesterton, sexa na língua que sexa, e que a tradución ao galego está ben feita. Opina que se trata dun libro moi divertido e interesante dende unha perspectiva galega, porque o autor ten moitas coincidencias con Ramón Otero Pedrayo, non só en afinidades ideolóxicas, senón tamén en temas como a relixión, a tradición ou determinados modelos de sociedade. Fai mención ao feito de que o prólogo á obra aparece só na edición dixital e non na edición impresa.


Anna Gavalda (Boulogne-Billancourt, 1970), por medio dun narrador en primeira persoa, presenta a viaxe en coche por Francia, por causa de asistir a unha voda familiar, de Garance e os seus irmáns (Simon e Lola), e da súa cuñada Carina. Nesta viaxe mÓstranse as diferenzas entre Garance e a súa cuñada e lémbranse momentos da
infancia dos tres irmáns, recordos entre os que se atopa o divorcio dos pais. Xa no lugar no que ten lugar a voda, a nai de Garance infórmaos de que Vicent, o irmán que falta, non pode asistir ao evento, feito que anima a Garance e os demais a abandonar a voda e darlle unha sorpresa a Vincent no castelo onde vive. Iglue na infancia, os catro irmáns (Garance, Simon, Lola e Vincent) estarán novamente xuntos, gozarán dunha fermosa noite e lembrarán anécdotas da súa vida pasada. O bonito recordo dese tempo de reencontro regresará con cada un deles ás súas casas.

Recensións:


Centra a súa atención en Unha bonita escapada, novela que considera “magnífica” por tratar un tema tan en desuso na actual sociedade materialista: o amor fraterno entre irmáns. Dí que os protagonistas desta historia son creacións xenuínas polas ser anticonvencionais, un carácter que vén dado pola súa educación, baseada no amor “á música e os libros”. Ao recordar varias anécdotas da obra, asegura que a tensión nunca decaee debido á mestria da súa autora, Anna Gavalda, e tamén como a narración alcanza grandes momentos de sensibilidade e sentimentalismo íntimo. Incide na capacidade da autora para distanciarse dos autores contemporáneos, “ilusamente empeñados en escribir con ambición e complexidade”.


Enxalza o labor literario de Anna Gavalda, autora de Unha bonita escapada. A popularidade e a acollida internacional desta escritora francesa son, asegura, as causas da reedición do título e da súa tradución a varios idiomas, entre eles, o galego. Ademais de sintetizar o argumento, o encontro intímto de tres irmáns e irmás, sinala algunhas características deste libro, o que cualifica de “gavaldiano”: emocionante, sintético, natural, irónico, divertido e de fácil comprensión.

Referencias varias:


Dáse conta da publicación das traducións d’A bonita escapada, de Anna Gavalda, e de Nocturnos, de Kazuo Ishiguro, ao tempo que se fai referencia aos problemas que vive o sector da cultura centrándose na supresión das axudas á tradución por parte da Xunta, feito que provocou protestas dentro do propio sector. Refírese tamén á presentación dos catro novos libros da “Biblioteca Compostela”: A fama (2009), de Daniel Kehlmann; A rolda nocturna (2009), coa que Sarah Waters gañou o Premio Novela Europa 2008 que concede o Casino de Santiago; Neve (2009), de Orhan Pamuk, e Os once (2009), de Pierre Michon.

Comeza facendo alusión ao Día Internacional do Libro e á declaración institucional que leu Roberto Varela non só para homenaxear á autora galega máis internacional, Rosalía de Castro, senón tamén para incentivar a lectura en Galicia. Continúa informando da Feira do Libro en Ferrol, as actividades que se levaron a cabo e os títulos máis atractivos que se podían mercar. A isto engade unhas “Novidades”, onde comenta que a editorial Galaxia é a encargada de sacar á luz dúas obras de autores estranxeiros: *Unha bonita escapada*, de Anna Gavalda, e *Nocturnos*, de Kazuo Ishiguro, dous traballos da “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea”, publicados en colaboración coa Concellería de Cultura do Concello de Santiago. De cada un deles, incorpora un breve resumo.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Esta semana seleccionanse, entre outras, a tradución ao galego de *Unha bonita escapada*, unha historia de Anna Gavalda; *Uxío Novoneyra. Antoloxía poética*, coordinada por Arturo Casas; *Historia dunha investigación* (2009), de Carlos de Castro Álvarez; e *Viaxe a Terranova* (2009), de Tere Fernández.


Faise referencia ao abandono da escrita por parte de Suso de Toro para regresar ao ensino e coméntanse varias novidades literarias aparecidas na primavera, como *Unha bonita escapada*, unha historia de Anna Gavalda que se considera máis “lixeira” que *Xuntos e máis nada* (2007).


Tras una “Presentación” institucional, na “Introdución”, de Jorge Figueroa Dorrego, recóllese a importancia da figura literaria da autora, Eliza Haywood (1693-1756), e a controvertida recepción da súa obra na época. Destácase a súa relevancia no xénero narrativo denominado “historia secreta”; coméntase o papel da muller na obra de Haywood e na literatura do século XVIII e analízase dun xeito breve cada unha das obras. A introdución péchase cunha cronoloxía e una bibliografía sobre a autora. A continuación, preséntase *A dama solitaria*, na que se relata, en terceira persoa, como Belinda, unha moza de provincias, ten que ir a Londres para resolver uns asuntos e alí coñece a unha enigmática muller que vive illada da sociedade. Trátase de Cleomira, filla única dunha familia nobre, que lle conta que estivo namorada de Lysander pero que el a abandonou despois de dar a luz a un neno morto. Cleomira dille que se intentou suicidar e que agora vive retirada da sociedade con dignidade e independencia. Belinda tamén conta a súa historia: a sedución de Courtal detida polo nobre pretendente Worthy.
Cleomira descobre que Lysander e Courtal son a mesma persoa o que fará que a amizade entre as dúas rapazas sexa un feito. O segundo relato, Fantomina, presenta a historia dunha muller de clase alta que se fixa no teatro na fascinación que unha prostituta ten nos homes e decide vestirse así para conquistar a Beauplaisir, pero despois de que el a seduce adopta o nome de Fantomina. Cando o varón a deixa e marcha a Bath, ela transfórmase en Celia, unha doncela, para volver a conquistalo; a seguir, nunha viúva de Bristol, a señora Bloomer e, máis tarde, nunha dama nobre e rica. Finalmente, queda embarazada e a nai cóntallo a Beauplaisir que quere facerse cargo da nena pero non fala de casar, motivo polo que a nai envía á muller a un mosteiro.


Tras a dedicatoria “Para Deborah Rogers”, comeza este volume de Kazuo Ishiguro (Nagasaki, 1954) composto polos contos “O baladista”, “Chova ou vaia sol”, “A serra de Malvern”, “Nocturno” e “Os violonchelistas” e publicado nunha colección que conta co apoio da Concellaría de Cultura do Concello de Santiago de Compostela. O primeiro dos contos, ambientado en Venecia, narra o encontro entre un músico polaco que traballa na Piazza de San Marco e o cantante americano que puxo son de fondo a todos os seus recordos de infancia e que lle pide que o axude esa noite a dar unha serenata á súa muller. “Chova ou vaia sol” afonda no éxito e no fracaso a través do personaxe de Raymond, un profesor inglés que traballa en España e viaxa a Londres para visitar os seus amigos da universidade, Emily e Charlie, un matrimonio que atravessa unha crise. “A serra de Malvern” recolle as conversas sobre o amor, a música e a paisaxe entre un guitarrista que pasa unha temporada na casa da súa irmá e o seu cuñado cunha parella de músicos itinerantes. “Nocturno” transcorre nun cuarto de hotel, onde un saxofonista coñece unha muller que, coma el, se está a recuperar dunha operación de cirurxía estética. O último conto, “Os violonchelistas”, semella volver ao mesmo escenario da primeira peza para narrar o encontro entre Tibor e Eloise, dous violonchelistas. Neste relato mestúranse dúas voces narrativas, unha en primeira persoa coa voz dun dos músicos da piazza, e outra en terceira persoa. Os cinco contos presentan elementos comúns como son o desenganxo, os recordos do pasado e o desamor, e ademais todos eles aparecen narrados desde diferentes persoa e empregando o fío condutor da música e o luscofusco que resaltan o ritmo lento das historias. A capa deste volume reproduce o cadro “Terraza do café da Place du Forum en Arlés pola noite”, de Vicent Van Gogh.

**Recensións:**


Considérase que en Nocturnos, conxunto de relatos curtos de Kazuo Ishiguro, a música semella ser o “fío condutor” dos cinco contos. Así, sinálase que no primeiro e no último os narradores son músicos que tocan para turistas nos cafés das prazas de cidades italianas, mentres que no segundo, terceiro e quinto se fala da desintegración dunha parella dende o punto de vista do espectador e no cuarto se fai o mesmo pero dende a
perspectiva do home. Afírmase que o paso do tempo, as oportunidades desaproveitadas e a caducidade do amor son os temas principais. Sitúanse os protagonistas en idade madura e estes pregúntanse sobre o sentido da vida. Sinálase que o recurso estilístico que dota de personalidade aos relatos é a repetición e que o os cambios sutís de ton son a clave que permiten a Ishiguro escapar da monotonía. Destaca, neste senso, a presenza no segundo e no cuarto relato dun humor que se aproxima ao absurdo. Por último, e despois de citar unha das obras anteriores do autor (Non me deixes nunca, 2007), apúntase que Ishiguro se mantén fiel á representación simbólica das forzas que manipulan as vidas sen que as persoas sexan conscientes da súa existencia.


Comenta que as historias de Nocturnos, de Kazuo Ishiguro, falan de músicos e melómanos europeos e americanos situados nun tempo posibelmente próximo á caída do muro. Apunta que semella xa unha marca de Ishiguro a construción de personaxes que habitan un pasado do que non poden desertar e achega unha serie de exemplos ao respecto. Tamén afirma que estes personaxes máis ca literatura europea semellan un catálogo de historias norteamericanas, invadidos por unha temática propia do capitalismo xa dende os seus comezos. Afirma que os músicos de Ishiguro son eternos aspirantes a un éxito polo que tampouco devecen e entra na súa análise.


Á hora de comentar Nocturnos, novela de Kazuo Ishiguro, lembra que neste escritor se funden a tradición oriental, posto que naceu en Nagasaki-Xapón, e a inglesa, xa que se formou neste país. Destaca a importancia do aspecto musical e os temas do fracaso persoal, así como do sentido final da vida, entendida como unha loita entre expectativas e realidade.


Destaca que Nocturnos, de Kazuo Ishiguro, contén cinco historias trabadas polo elo común da música e a nostalxia. Apúntase que a dimensión nostálgica que percorre esta obra se fusiona co tema do amor e destácase que en varias das súas historias o narrador é un músico mediocre que entra en contacto con outro músico famoso e virtuoso.

Referencias varias:


Dáse conta da publicación das traducións de Nocturnos, de Kazuo Ishiguro, e d’A bonita escapada, de Anna Gavalda, ao tempo que se fai referencia aos problemas que vive o sector da cultura centrándose na supresión das axudas á tradución por parte da Xunta de Galicia, feito que provocou protestas dentro do propio sector. Refírese tamén á
presentación dos catro novos libros da “Biblioteca Compostela”: *A fama* (2009), de Daniel Kehlmann; *A rolda nocturna* (2009), coa que Sarah Waters gañou o Premio Novela Europa 2008 que concede o Casino de Santiago; *Neve* (2009), de Orhan Pamuk, e *Os once* (2009), de Pierre Michon.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras recentes do sistema literario galego. Nesta ocasión selecciónanse a tradución ao galego dos cinco relatos que componen *Nocturnos*, de Kazuo Ishiguro; *A intervención*, de Teresa Moure, e *Novoneyra, home e terra*, de Xosé Lois García, así como *A ollada melancólica* (2009), de Antonio Campos Romay.


Novela de Fleur Jaeggy (Zürich, 1940) que describe o ambiente represivo e a estrema soledade no Bausler Institut, internado feminino de Appenzell, Suíza, no que a protagonista, da que non se coñece o nome, pasa a infancia e parte da xuventude. Trátase dunha personaxe feminina que, dende a idade adulta, lembra “os ditosos anos do castigo”, nos que se ve como unha rapaza estranxa á que lle gusta, por exemplo, recortar crónicas de delitos dos diarios, e nos que coñece a Frédérique, unha rapaza diferente, que a atrae e coa entrará en contacto en diferentes ocasións despois de saír do internado (o último que desta coñece é a súa reclusión nunha clínica).

**Referencias varias:**


Explica a tarefa que leva a cabo Barbantesa, nova empresa editorial galega dedicada a publicar poesía, literatura de mulleres e literaturas africanas, é dicir, “literatura

A coñecida obra do autor clásico Rudyard Kipling (Bombay, 1865-Londres, 1936) consiste nunha colección de sete relatos curtos e independentes entre si, a excepción dos tres primeiros, que xiran en torno á historia do cachorro humano Mowgli. De xeito equiparábel cada capítulo, que conforma un relato, dá comezo e remata cuns breves versos sobre o seu contido a modo de introdución e epílogo. Como xa se anunciou, os tres primeiros capítulos compoñen a historia de Mowgli; narran como o bebé humano chega á gorida dunha familia de lobos que habita nas selvas da India e cómo é por eles acollido, salvándoo así das poutas do feroz tigre Shere Khan. A sucesión de episodios narrados achegan o lectorado ás diversas historias que rodean a adaptación e supervivencia de Mowgli nas selvas hindús, para o que se ve axudado da continua vixilancia do oso Baloo, instrutor da lei da selva para o rapaz, e a pantera negra Baguera, quen realiza a función de figura protectora. A narración transmitelle ao lectorado valores morais por medio das aventuras de Mowgli nas que a lei da selva queda patente mediante a interacción do mundo animal, humanizado, co mundo humano. En certo modo tamén se expresa a falta de conciliación destes dous mundos cando Mowgli é expulsado da manada de lobos polo seu guía, Akela, tendo que volver xunto aos humanos, pero de onde será tamén botado por non parecer completamente home. As outras historias que compoñen o libro de relatos consisten no conto da foca branca que vai na procura dunha illa tranquila e afastada da pegada humana para que os seus conxéneres poidan habitar en harmonía sen ter que escapar dos matadoiros dos homes. A continuación, a quinta historia conta como a mangosta Rikki-Tikki-Tavi proteixe á familia dona do xardín no que ela habita da mortal mordedura dunha familia de serpes que pretenden expulsalos para conquistar o seu territorio. O sexto capítulo narra como o pequeno Toompai, un rapaz que traballa como guía de elefantes, estabelece unha relación tan próxima con estes animais que lle amosan o até entón considerado mito “baile dos elefantes”. E, finalmente, o capítulo sétimo achega unha conversación entre cabalos, camelos, bois e asnos, presenciada por un humano ás agochadas, sobre un desfile que o séquito hindú conformado polos animais protagonistas realizará ao día seguinte para recibir a visita dun salvaxe emir de Afganistán. Todos os relatos teñen en común o protagonismo de animais humanizados, que mediante as súas diversas historias transmiten valores morais ao público lector, e que están ambientados nos paraxes afastados e exóticos das selvas hindús. Este volume presenta as ilustracións de John Lockwood Kipling do orixinal que se corresponden con imaxes figurativas en branco e negro dalgunhas escenas importantes da narración.

Traducida do francés orixinal por Isabel García Fernández, esta novela curta de Agota Kristov (Csikvánd, Hungría, 1935) iníciase cos seguintes versos: “Onte era todo máis fermo/ a música nas árbores/ o vento no meu cabelo/ e nas túas mans tendidas/ o sol”. A seguir, preséntase a historia de Sándor Lester, un refuxiado nun país alleo. Mediante algunhas conversas co psiquiatra, e a pesar das mentiras que lle conta para non revelar a súa oculta condición de asasino, Lester finalmente narra en primeira persoa a súa verdadeira historia, cunha linguaxe dura e fría moi característica. Así, o lectorado agardado descobre cómo na súa vila natal todos sabían que era fillo de Esther, a mendiga, a prostituta, mais ninguén quen era seu pai, a quen todos crián morto, e cómo un día o protagonista descobre que seu pai é o mestre da escola, quen custea os estudos do pequeno a cambio de manter relacións sexuais con súa nai. Coñecedor disto e de que o mestre se quere desfacer del e de súa nai, a reacción do rapaz non se fai esperar e, nun arrebato, mata ao mestre e á súa nai de cruel maneira. Escapando de todo, finalmente rematar residindo outro país, onde inicia unha nova vida traballando nunha fábrica de reloxos e onde adoptará o nome de Sándor Lester para que ninguén o recoñexe. Pasados os anos, no traballo atopará á lexitima filla do mestre, Line, pola cal sente certa obsesión, malia a relación que mantén con Yolanda, unha moza do lugar, até o punto de tentar matar a Koloman, o marido de Line, por enganala con outra muller. O frustrado asasinato, provoca a marcha de Line e da súa familia, mentres que Sándor semella quedar abocado á autodestrución. Finalmente coñécese que, malia o dito, o protagonista refai a súa vida con Yolanda, coa que ten dous fillos.

Recensións:


Sinala que *Onte*, de Agota Kristov, non procura a quimera da obxectividade, ainda que o narrador non encontra, para descrit un presente sen futuro e nun pasado enfermo, palabras que sexan máis crueis do que xa é, de seu, a existencia. Acheja o argumento desta novela e comenta que é francamente dificíl non relacionala coa obra completa de Kristov. Apunta que a partir de *Le grand cahier* todos os libros desta autora se contradín ferozmente uns a outros. Considera que *Onte* é unha forma diferente de mentir e que parte da sorpresa radica en que unha literatura tan descarnada e escéptica, sórdida, sen ostentación e ategiada dunha sexualidade doada de conseguir como de esquecer non veña duns modernos anteollos de pasta e dun indefectiblemente varón senón dunha señora septuaxenaria e testemuña de moitos dos acontecementos atroces que modulan a paisaxe dos seus libros.


Indícase o pouco interese pola literatura que Agota Kristov manifestara anos antes nunha entrevista a un diario español e que se pode afirmar abertamente despois de ler a pequena novela. Despois dun breve resumo do argumento, apúntase a superficialidade
do mesmo, ademais da pobreza da trama e da practicamente inexistente denuncia social na novela. Critícase duramente a caracterización do protagonista, ao lado do estilo austero e dos patróns convencionais empregados pola autora, desfasados e moi vistos. Sinálase, xunto á resurrección do melodrama nos últimos tempos, que *Onte* é un prototipo “do peor populismo literario”.


Sinálase que *Onte* é a novela máis autobiográfica da autora húngara refuxiada en Suíza, pois a súa situación é similar á do protagonista da novela, que traballa nunha fábrica de reloxos e adopta unha língua allea para dedicarse a escribir. Coméntase o estilo austero e desfarnado da obra, adaptada ao cine polo director italiano Silvio Soldini, que lle puxo un final feliz a esta triste historia. Tamén se salienta a falta de esperanza, manifestada nese estilo cortante e seco e na desgraciada situación do protagonista e dos que o arrodean.

**Referencias varias:**


Unha anécdota contada por unha amiga serve de pretexto para comezar a falar sobre estratexias de supervivencia nun lugar alleo, provocadas pola situación na que se atopan os inmigrantes fóra do seu país de orixe. Diñe que Sándor Lester, o protagonista de *Onte*, comparte a súa monótona e fracasada vida cos seus compatriotas. Apúntase que unha das pasaxes da obra, na que a unha nai lle chegan cartas devoltas da súa filla coa nota “falecida”, que ela non entende porque está escrita nunha língua que descoñece, “ilustra a definición máis brutal da estranxeiría” que leva lido a autora da crítica. Relaciónase esta obra co problema da inmigración en xeral e conclúese afirmando que as tristes e verdadeiras historias relacionadas con el, son as que acontecen a diario en espacios vistos por todos.


Obra de María Rosa Lojo (Bos Aires, 1954) que se abre coa dedicatoria “Á familia, aos amigos e artistas, aos que amamos, aos que tiveron fe, ás Seniguais. Grazas”. Trátase dun volume profusamente ilustrado no que se presenta e describe ás “Seniguais”, definídas como “seres do vento que pousan na terra, e que encol dela precisan caxato”. Adoptando unha linguaxe a medio camiño entre a divulgación e o cientifismo, describense estes seres imaxinarios, coméntase a súa vida, a súa fisionomía, costumes e alimentación, reprodución, vestimenta e a súa forma de levitar, trazo que as caracteriza fronte a outros seres. Aínda que a acción se desenvolve en lugares sen referencia, aparece a alusión a Fisterra e a localizacións galegas, compondo unha estrutura circular da obra, na que a protagonista entre o mundo real e o imaxinario é Isolina, unha nena capaz de poder ver estes seres, e que simboliza o ciclo da vida, que evoluciona á par dos coñecementos que vai adquirindo das “seniguais”. Trátase dunha obra complexa na que
están presentes muchos niveles de lectura al jugar con grandes dosis de simbolismo, entre el maravilloso y el metafórico. Este álbum largo de apertura apaisada, ilustrado por Leonor Beuter, cuenta con textos fantásticos que teñen o seu contrapunto nunhas imaxes creadas a partir de fotografías de obxectos reais, que están manipulados para conformar un universo máxico. Na cuberta aparecen os protagonistas da narración.

Recensións:


Coméntase a publicación da obra O libro das seniguais, da que se di que é unha obra ilustrada nacida da colaboración entre a escritora galego-arxentina Mª Rosa Lojo, a cargo da parte literaria, e da súa filla Leonor Beuter, a cargo das imaxes. Describese o seu contido e lémbrase a traxectoria literaria da autora na Arxentina.


Conxunto de dez relatos de Andrej Longo (Ischia, Italia, 1960), traducidos do orixinal italiano por María Cristina González e baseados cada un deles nos dez mandamentos bíblicos que dan título a cada capítulo. O libro comeza coa dedicatoria “A Lucy, espléndida”. O tema central que subxace en cada relato é o retrato das diferentes situacións, sempre dolorosas e claustrofóbicas, ás que se enfrontan os distintos personaxes dentro do ambiente pechado e hostil dos suburbios de Nápoles. Longo retrata as miserias humanas e as degradadas condicións de vida ás que se teñen que afrontar tanto homes como mulleres, xa que ambos os sexos son os protagonistas dos relatos, e plasma o feito de que as leis que regulan a convivencia humana deixan de ter sentido xa que, en cada unha das actuacións narradas, impara a lei do máis forte ou daquel que se adapta mellor ás circunstancias, dende a descripción do mundo da droga, o paro, o alcol, a violación dun pai á súa filla á quen deixa embarazada, pasando polo roubo, o asasinato e o parricidio e, todo iso, baixo o manto da mafia, a violencia e o desarraigamento social nuns personaxes que están habituados a vivir baixo a influencia do mundo da camorra napolitana. Os relatos, escritos en primeira persoa, cunha linguaxe coloquial que chega en ocasións a ser groseira, desenvólvense en espazos temporais curtos e en lugares concretos.

Recensións:


Considérase que Onte presenta algunhas variantes aparentemente innovadoras, como que sexa a camorra napolitana quen represente o mal, así como unha inocencia relativa dos protagonistas por ter vivido unha infancia nun medio degradado. Opínase que a metade dos relatos son diálogos artificiais e aburridos que amosan unha aparente
intención de denuncia, esmagada pola falta de pericia literaria; e que a outra metade se ocupa por unha narración tamén carente de interese. Conclúese que se trata dunha obra previsíbel con numerosos tópicos.


Comenta que cada historia de Dez, de Andrej Longo, se basea nun dos dez mandamentos que son constantemente incumpridos. Afírmase que baixo a mirada da camorra napolitana o autor deixa na súa obra, de cara, a hipocrisía dunha sociedade que condena á desesperanza aos seus mozos, xa que non poden desfacerse do poder da mafia, a droga e a violencia familiar. Salienta o estilo sinxelo e colloquial e a prosa directa chea de diálogos e expón un paralelismo na humanización que sofre os personaxes de Longo e os obreiros presentes na obra do escritor americano Raymond Carver, aínda que aclara que a realidade é máis terríbel nas paisaxes humanas napolitanas. Fala da técnica narrativa e a mestría coa que se consegue a sorpresa final en cada relato.


Novela de Cormac McCarthy (Rhode Island, Estados Unidos de América, 1933) dedicada a John Francis McCarthy, o seu fillo máis pequeno. Dende unha terceira persoa narrativa relátase esta trágica e conmovedora crónica na que un pai e un fillo loitan por sobrevivir despois dunha gran catástrofe nuclear que deixou todos os Estados Unidos de América, e quizais todo o mundo, reducido a cinzas. O país está totalmente devastado e eles avanzan cara ao sur buscando temperaturas máis cálidas. As coordenadas espaciais, máis ou menos, están controladas pola parella de camiñantes, pero as temporais descoñécenas. Con mochilas ao lombo co imprescindible para poder botar a correr se aparece alguén dos malos e parando para durmir en sitio seguro, permanecen á busca dalgún sinal de vida, en van. O neno é a única xustificación que o pai ten para continuar coa extenuante viaxe, que abandonaría se queda só. Ademais, os continuos soños coa súa muller, que se suicidou por non soportar a terríbel situación na que se atopaban, fan o camiño aínda máis duro. Mortos momificados por todas partes forman parte da paisaxe habitual da inhóspita terra pola que vagan cada vez con menos esperanza. O canibalismo comeza a cobrar as súas primeiras vítimas e o neno non dá crédito ao comprobar como persoas da súa mesma especie asan corpos de pequenos lactantes no espeto para devorálos. Finalmente chegan ao ansiado mar, pero non é como o pai pensara tantas veces, senón que é un mar gris, como absolutamente todo o que os rodea. Do “Pájaro de Esperanza”, barco de Tenerife afundido naquela costa, sacan os últimos alimentos. Paulatinamente o pai vaise poñendo mal até que morre nas mans do fillo, quen non é capaz de separarse del en tres días. Finalmente, o fillo atópase cun veterano que o leva xunto a outras persoas coas que proseguirá a viaxe iniciática comezada ao lado de seu pai.

**Recensións:**
Sinálase a violencia como un ingrediente indispensábel das novelas de Cormac McCarthy, antes de facer unha breve sinopse da obra en cuestión. Considérase que o carácter tráxico d’A estrada a converte nunha “emocionante e desapiadada parábola de auténtica grandeza bíblica”, na que o pai se esforza en protexer a seu fillo das maldades deste mundo e para prometerlle un futuro mellor, que nin el sabe se poderá ver. Xúlgase o panorama que os arrodea como moi cruel, pois a memoria do pai, os seus recordos, contribúen a que así sexa. Engádese tamén que a linguaxe concisa, fría e reiterativa axuda tamén na construcción dese mundo infame. Conclúese que a novela é “un compendio do fundamental”: non se coñecen os nomes dos protagonistas, nin a causa da catástrofe, pero iso é o de menos. Apúntase por último que o realmente importante é a forza simbólica que contén e a conmoción que provoca no lector, algo que fai que non se esqueza nunca.

Coméntase que xa está á venda en lingua galega a obra máis destacada de Cormac McCarthy, A estrada, e que as consecuencias dunha catástrofe nuclear, tema xa revisado por distintos autores, é o que desenvolve McCarthy nesta novela cunha orixinalidade impactante. Sinálanse, ademais, algúnas características da obra, como poden ser o universo devastado que se retrata nela ou o incerto final da viaxe que comezan os protagonistas, as preguntas clave sobre as que parece que se reflexiona nesta obra: as diversas caras da condición humana e as estratexias de supervivencia en territorio alleo.


Primeiro explica que esta novela se sitúa na liña das obras distópicas que se centran na vida humana despois dun cataclismo, como é, no caso galego, a novela de Xurxo Borrazás Costa Norte/ZFK (2008). A seguir sinala que nesta obra McCarthy presenta unha síntese da súa producción literaria anterior a través dun personaxe central que representa a última reserva moral do mundo que percorre un camiño, durante o que entra constantemente en crise ante os “actores dunha paisaxe hostil que veñen por detrás, por diante ou atravesan o camiño”. Considera que a grandes trazos se podería considerar a obra un western, pero tamén unha “novela-rio” ou “novela-fenda”. A conclusión sinala que é case invariablemente o fracaso do prorecto moral dos protagonistas. Tamén considera que, malia partir da idea dun cataclismo, o cerne da novela é poñer palabras onde a linguaxe xa non existe, un aspecto que tamén ten lugar noutras obras do autor, nas que poñen o lectorante ante “o terrorífico lugar onde non hai ninguén que lea, onde o relato está destinado ao fracaso igual cá moral dos seus protagonistas”.

Sinálase a Cormac McCarthy como un dos máis importantes novelistas da literatura norteamericana actual, coñecido por ser o autor de Non é país para vellos, levada ao cine polos irmáns Coen. Lémbrase que A estrada, Premio Pulitzer 2007, foi adaptada tamén ao cine por John Hillcoat, e que acaba de ser traducida ao galego. Apúntase o tema e o argumento da obra: a destrución e a devastación do mundo que se coñece e a loita dun pai e un fillo por sobrevivir en territorio adverso e hostil. Considéranse protagonistas da obra, ademais do pai e do fillo, o sentimento de soidade que eles teñen e a paisaxe oprimente que os arrodea, debuxada por McCarthy en gris e negro para representar un mundo reducido únicamente ás cinzas. Faise fincapé finalmente en todo o que se pode perder nunha catástrofe como a sucedida, que se descoñece, afirmando que é unha obra que deixará pegadas nos seus lectores e lectoras.

**Referencias varias:**


Preséntanse as primeiras entregas literarias do ano. No eido da narrativa traducida sinálase A estrada, de Cormac McCarthy, por Faktoría K, e, en Rinoceronte, unha edición da Saga de Erico Roxo xunto a outros clásicos da literatura islandesa.


Indícase que Eva Almazán é a responsábel da edición en galego d’A estrada, publicada en Faktoría K, primeira obra de Cormac McCarthy traducida a esta lingua. Dise que, segundo a tradutora, esta obra será un clásico en poucos anos, así como o seu autor, que comeza a soar en debates sobre o Nobel de Literatura. Expícase que a tradución foi un reto para Eva Almazán, principalmente pola escrita de McCarthy, carente de signos de puntuación convencionais. Tamén se sinala como un problema o feito de encadrar a obra nunha época determinada e coméntase como se fixo a adaptación ao cinema. Indícanse tamén os proxectos nos que se atopa inmersa a tradutora e engádese que Faktoría K acaba de publicar a tradución do último libro do irlandés John Boyne, Motín na Bounty, esta vez da man de Carlos Acevedo.


Indícase que a tradutora Eva Almazán pon voz de muller a moitos títulos de éxito até o momento nunca traducidos ao galego, como por exemplo A estrada, de Cormac McCarthy. Tamén se cita o tercerio volume dos Contos completos, de Edgar Allan Poe; A viúva preñada, de Martin Amis; e Brooklyn Follies (2006) e Sunset Park, de Paul Auster. Dise que as súas traducións son tamén publicadas por outras editoriais, caso da que sairá en Rinoceronte, Mexillons para cear, de Birgit Vanderbeke. Destácase a figura do tradutor, que nunca é invisíbel, pois a súa pegada permanece en todas as traducións que se precen, e sinálase que afortunadamente, a día de hoxe, esta figura ten un prestíxio declarado e comprobable. Finalmente lémbrase que Almazán ten xa vinte e cinco libros traducidos ás súas costas e devece por facelo mesmo con Margarete Atwod e Nabokov, aínda que, por riba de todos, degoa Edgar Allan Poe.
Recóllense recomendacións e comentarios sobre diversas obras, tales como *A estrada* de Cormac McCarthy, definida como “unha narración implacable dun mundo postcatástrofe”.

**McCullers, Carson, A balada do café triste (The ballad of the sad café), trad. Salomé Rodríguez Vázquez, Cangas do Morrazo: Edicións Barbantesa, n.º 4, xullo 2010, 172 pp. (978-84-937330-1-8).**

Novela curta de Carson McCullers (Columbus, Georgia, 1917-Nyack, Nova York, 1967) formada por sete relatos. O primeiro deles, “A balada do café triste”, describe a historia dun triángulo amoroso protagonizado por Amelia Evans, a muller máis rica da vila, o chepudo curmán Lymon e Marvin Macy, ex-marido da muller, que sae do cárcere de Atlanta para volver onda ela e facerlle a vida imposíbel. Polo medo á soidade soporta esa situación de amoríos confusos e preparamo as teito para unha pelexa con Macy, que decidirá quen vai quedar ou marchar. Grazas a Lymon, gaña o malvado Marvin Macy, que foxe xunto co chepudo, deixando a Amelia na máis absoluta soidade. En “Wunderkind” a protagonista, Bienchen, unha nena prodixio de Cincinatti, está a convertérona nunha adolescente rebelde que non aguanta a dura situación na que se atopa e acaba por abandonar a súa impresionante carreira musical. En “O Jóckey” describese o comportamento de Bitsy Barlow, furioso e enfadado cos representantes dun amigo seu, competidor de carreiras, que queda moi mal despois dun accidente sufriu tras unha carreira en Miami. En “Madame Zilensky e o rei de Finlandia” nárrase unha historia protagonizada por esta profesora de música da Universidade de Ryder que conta conha mui boa reputación pero que sofre unha patoloxía grave: non pode evitar mentir. John Ferris, o protagonista da historia “O transeúnte”, atópase en Nova York coa súa ex-muller, xa casada de novo, que o convida a cear o día do seu aniversario de nacemento. “Un dilema doméstico” describe unha triste historia, situada tamén na cidade de Nova York, na que Martín Meadows, pai de familia, chega á casa e atopa os seus fillos descoitados debido ao grave problema que sofre a naí co alcol. O último dos relatos, “Unha árbore, unha rocha, unha nube”, ensínalle ao lectorado a ciencia de amar calquera cousa. Finaliza o volume inclúe uns apuntamentos biobibliográficos da autora e da súa obra sobre o mundo desesperanzado e poético que describe McCullers.

**Recensións:**


Comeza salientando a importancia do número sete nesta obra de Carson McCullers á vez que repasa a liña temática xeral dos sete relatos que a conforman. Da autora salienta a súa capacidade para que o lector poida entrar nas súas personaxes, moitas delas mulleres do sur que fan que o receptor da obra asuma o seu desacougo, aspereza, crueldade, inxenuidade e tamén amor. Reproduce algúns parágrafos da novela e salienta a capacidade do texto para transmitir unha mensaxe oculta. Sobre as pegadas que se observan na novela salienta a influencia dos autores rusos, aos que McCullers leu con
asiduidade e dos que consideraba que produciron as súas obras nunhas circunstancias moi semellantes ás que se deron no sur dos Estados Unidos e cuxo elemento definitorio foi durante moito tempo o escaso valor da vida humana. Deste xeito considera que os personaxes da autora procuran, fronte a esta amarga revelación, o amarre, así como o recurso á técnica de xustaposición para ofrecer un retrato da alma enteira dun ser humano de xeito materialista.

**Referencias varias:**


Explica a tarefa que leva a cabo Barbantesa, nova empresa editorial galega dedicada a publicar poesía, literatura de mulleres e literaturas africanas, é dicir, “literatura diferente, orixinal e fresca”, entre a que se inclúe o libro de relatos de Carson McMullers, *A balada do café triste*. Asemade, menciónanse os poemarios de Elías Portela, *Con peitos desenchufados*, e Calros Solla, *Pan prós crocodilos*. Tamén se anuncian os seguintes proxectos, pensados para finais de xuño: dúas traducións ao galego d’*Os ditosos anos do castigo*, de Fleur Jaeggy; *Poemas de África*, de Eduardo de Bettercourt e Jorge Arrimar; *A arte do fracaso*, de Berta Dávila; e *As Médulas*, de Silvia Bardelás.


Faise eco dalgunhas publicacións que se dan a coñecer grazas ao labor editor de Barbantesa, caso d’*A balada de café triste* de Carson McCuller. Tamén se alude a *A voz da auga*, último poemario de Mª Carmen Krunckenberg, que recolle fragmentos da súa vida.


Novela de Eduardo Mendoza (Barcelona, 1943), estruturada en quince capítulos e escrita en forma de diario, na que se conta como un extrarrestre sae á procura doutro, chamado Gurb, pois debido a unha avaría na súa nave espacial recalaron na cidade preolímpica de Barcelona e, unha vez alí, decidiron explorar un planeta que lles é descoñecido, razón pola que Gurb se perdeu. Son seres incorpóreos e poden adoptar a forma que lles apeteza (por exemplo, a aparenza da cantante Marta Sánchez), de xeito que así o fan en reiteradas ocasións conforme vai avanzando a trama. Nárranse todas as experiencias que sofre os protagonistas no labirinto que supón unha cidade como Barcelona e a convivencia cos humanos, para decidir finalmente quedar entre estes e acabar así as súas vidas.

**Recensións:**
Considérase que *Sen noticias de Gurb*, de Eduardo Mendoza, é unha novela menor escrita a modo de diario na que se conta a historia dun extraterrestre que acaba de chegar á Terra e dun compañeiro, Gurb, que desaparece en Barcelona cando sae a investigar o novo lugar. Afirmanse que a través da crítica e da sátira Mendoza fai fincapé na falta de humanidade nas grandes cidades, a carencia de racionalidade da organización social, da mediocridade da moral, das desigualdades, etc. Indícase que o modelo desta obra é o *Micromegas*, de Voltaire, que pretende utilizar un punto de vista alloás convencións sociais coñecidas co fin de conseguir un retrato da vida urbana moderna que sinale as contradicións nas que se basea. Finalmente, aínda que falta de caída da tensión nas últimas páxinas da novela debido, tal vez, ao xénero para o que foi creada: un folletín por entregas publicado en *El País* en 1991.

**Referencias varias:**


Fálase da presentación de dúas iniciativas editorial: 2.0 Editora e Acha Escrava. Por unha banda, afirmase que a primeira delas, que apostou pola combinación da edición tradicional e da dixital, escolleu para publicar na súa colección de narrativa “Mundos” a tradución ao galego feita por Antón Lado de *Sen noticias de Gurb*, de Eduardo Mendoza; e *Guía do autostopista galáctico*, de Douglas Adams. Por outra banda, coméntase que a segunda delas ten como principal obxectivo a promoción do libro galego en galego e o apoio a escritores novais, razóns polas que apostou para o seu primeiro lanzamento pola segunda edición ampliada do poemario *Antítese nativa*, obra coa que Manuel L. Rodríguez gañou o XIV Premio de poesía Suso Vaamonde.
Novela de Leonel Moura (Lisboa, 1948), traducida do portugués por Ramón Nicolás, que se divide en vinte e un capítulos. Narrada en primeira persoa, a acción transcorre en diferentes lugares, tales como Córdoba, Lisboa ou París. Nela o lectorado agardado descobre como Pierre-Emmanuel Vogué compra en xaneiro de 2002 unha lata do artista italiano Piero Manzoni, cuxo contido obsesiona ao seu fillo, Gianfranco, amigo do narrador dende 1995. Nos diferente lugares nos que o narrador e Gianfranco se atopan sempre saen na conversa a lata de Manzoni comprada por Vogué até o punto de quereren analizar a lata con raios X en Suíza e mesmo planearen entre os dous a morte do pai de Gianfranco para poder abrila. Pasados os anos, en 2007, obsérvase a un Gianfranco, reconézese artista interesado na arte e xa non no contido da lata.

Recensións:

Explica que é a primeira novela do autor editada en Galicia. Afirma que é unha prosa estranha na que o autor reflexiona sobre a arte de vangarda do século XX e inclúe referencias a personaxes importantes do século. Conclúe que a novela é interesante e o tradutor profesional.

Referencias varias:

Afirma que 30 gramos, de Leonel Moura, é unha reconstrución extravagante do mundo artístico, principalmente das vangardas do século XX. Describe o argumento e algunhas referencias artísticas relevantes recollidas na obra. Comenta a falla da presenza do galerista Leo Castelli (Trieste, 1907 - Manhattan, 1999) decisivo para comprender o cambio de mentalidade do mercado americano das artes e descubridor de artistas moi importantes.


Apuntamento sobre Leonel Moura e a súa novela curta 30 gramos. Cualifica de “imprescindible” e “inclasificable”. Explica que parte da obsesión dun dos personaxes polas latas chamadas “Mierda de Artista”, obra do artista Piero Manzoni.


Recólense recomendacións e comentarios sobre diversas obras, tales como 30 gramos, de Leonel Moura, considerada unha aposta errada por parte de Alvarellos pola súa falta de calidade.
Novela de Herta Müller (Nitzkydorf, Alemania, 1953) que comeza cun limiar da tradutora Marga do Val, intitulado “A lingua, o pano que nos salva”, no que se conta como a autora da obra e Oskar Pastior, recoñecido escritor e tradutor, visitaron o campo de traballo no que este estivera deportado durante cinco anos e, un par de anos despois da morte do poeta, Müller decidiu escribir Randea do alento como homenaxe a Pastior. A seguir, iníciase esta novela, unha historia sobre a deportación dun neno de dezasete anos, Leo Auberg, a un campo de traballo en Ucrainá, ao que debe ir a minoría alemá asentada en Romania. En primeira persoa, Auberg narra como un día chegan dous policías ás tres da madrugada á súa casa para levalo con eles aos campos de traballo forzado rusos. Descóbrense que marcha tranquilo, pois ali nunca se sabé da súa homosexualidade que pode ser castigada, e describese a vida nese horribel lugar no que a fame, a morte, etc. son protagonistas. A súa terríbel experiencia no campo dura cinco anos, durante os que sofre moito, especialmente nos momentos en que recorda á súa familia. A principios de 1950 volve á casa, onde todo o mundo cre que xa morrera e, anos despois, casa cunha muller, Emma, que coñece nunha escola de ensino nocturno, pero que abandona porque non pode manter unha relación normal con ela. Describese unha vida truncada no seu mellor momento, que xa non pode volver á súa canle habitual. No epílogo da obra, asinado pola autora, explicanse sucintamente os acontecementos reais que tiveron lugar no verán de 1944, despois da detención en Romania do ditador fascista Antonescu. Lémbrase que Romania lle declarou a guerra á Alemaña nazi, até ese momento aliada e, en nome de Stalin, se lle esixiu ao goberno romanés “que envíe a todas as persoas alemáns residentes en Romania á Unión Soviética para a súa reconstrución, pois fora destruída durante a guerra”. Quen lea a obra pode saber que a nai de Herta Müller foi unha destas persoas, igual que Oskar Pastior, e que por este motivo a autora se propuxo escribir esta novela dende o medo e o respecto que confesa que lle ten a este tipo de situacións.

Recensións:


Dá conta do acontecido en 1945 coa minoría alemá romena deportada a Ucrainá para vivir en campos de traballo entre os que se atopaban a nai de Herta Müller e o mestre a amigo da escritora Oskar Pastior. A seguir, detense no argumento de Randea no alento e lembra escenas nas que se reflicte a “crueldade humana”. Forcadela destaca que “o feito de que a conciencia narradora esté situada na persoa de Oskar Pastior, o único poeta e escritor de fala alemá pertencente ao Ouipo (Ouvroir de littérature potentielle) que tivo a súa sede en Francia, dálle un especial engadido dramático e tamén literario ao desenvolvemento dos acontecementos”. Finalmente, sinala algúns trazos de Ouipo, relacionada ideas de Marx coa obra de Müller e loa de “excelente” a tradución de Marga Romero.

Sinálase que a editorial Edicións Xerais de Galicia acaba de publicar a tradución da última obra de Herta Müller ao galego, *Randea do alento*, coa intención de distribuíla ás librarias a finais de setembro. Despois dun breve resumo do argumento, dáse conta das grandes axudas coas que contou a autora no momento de redacción da obra, as súas vivencias a carón do poeta Oskar Pastior, ademais das anotacións deste ao longo da súa vida e a dura experiencia de súa propia nai. Sinálase o forte compromiso da Premio Nobel de Literatura 2009, así como o éxito que supón para Edicións Xerais de Galicia esta tradución, que non era a primeira da autora alemá nada en Romania. Engádese que anos atrás xa se publicara nesta editorial *O home é un grande faisán no mundo* (2001).


Achega á temática da novela de Herta Müller, na que se explican os feitos históricos que serven de base á ficcionalización, para a seguir centrarse no proxecto conxunto do que xurdiu a obra: a colaboración literaria da autora con Oskar Pastior, poeta e tradutor romanés da minoría alemá, que foi un dos deportados aos campos de traballo soviéticos. Expícase que a morte de Pastior en 2006 provocou que fose Müller a encargada de ficcionalizar a experiencia deste home a partir das entrevistas que tiñan mantido, integrando tamén a súa lóxica literaria, “a autorreferencialidade dos seus xogos lingüísticos”. Entre os elementos máis salientábeis citanse a importancia da palabra e da realidade intralingüística como estruturadora da novela, polo que destaca a importancia da tradución de Marga do Val, poñendo algúns exemplos da dificultade para trasladar á lingua galega este texto pola reflexión lingüística que entraña.


Recórdase o argumento desta obra e coméntase que a nai de Herta Müller pasou cinco anos da súa vida nun destes campos de traballo, algo que marcou á escritora para sempre. Dise que o protagonista da obra podería ser o mesmo Oskar Pastior, ao que a autora homenaxea en *Randea do alento* porque viviu nas súas propias carnes a deportación e contribuíu coas súas anotacións e experiencias á xénese da obra.


Indícase que da escritora Herta Müller xa se podía ler en galego a obra *O home é un grande faisán no mundo* (2001), publicada na collección “As literatas” de Edicións Xerais de Galicia, antes de que esta tradución de Marga do Val saira do prelo. Concédeselle importancia ao elemento autobiográfico presente en *Randea do alento*, da man da nai da autora e do poeta Oskar Pastior. Destácase a súa brillante e poética prosa, con imaxes surrealistas e duras paisaxes que a fan merecedora do seu recoñecemento a nivel mundial. Recórdase o principio e o final da obra, e os soños que axudaron a sobrevivir ao protagonista nese inferno que viviu.
Resúmese Randea do alento, da Premio Nobel de Literatura 2009 Herta Müller, unha novela ambientada nos últimos anos da II Guerra Mundial, nos que o neno Leo Auberg, alemán que vivía en Romania, é obrigado a abandonar a súa vila para ir a un campo de traballo forzado en Ucraína, coma tantas outras persoas. Cóntase que se mantén con vida ali cinco anos, soportando fame e frio, pero cando regresa xa non ten lugar no mundo. Indícanse as diferentes testemuñas que axudaron á autora na redacción da súa novela, ademais das críticas tan positivas que recibiu a obra por parte dos medios, especialmente alemáns.

Referencias varias:


Infórmase da situación nas librerías de media España no momento en que conceden o Nobel de Literatura a Herta Müller. Dise que en Galicia, afortunadamente, xa se contaba coa obra O home é un grande faisán no mundo (2001), publicada por Edicións Xerais de Galicia, especializada xa en editar obras de autores que posteriormente conseguiron o Nobel, como Harold Pinter ou Le Clézio. Dase conta da aparición da tradución de Marga do Val, Randea do alento, na serie “As literatas”, “trescentas páxinas máis de Herta Müller no noso idioma”. Sinálase a importancia desta colección de autoras creada e dirixida por María Xosé Queizán, na que prima a boa literatura.


Fálase do retorno do Club de Lectura da Biblioteca Pública Municipal de Tui. Indícase que comezará cun faladoiro literario sobre a tradución á lingua galega da obra da Premio Nobel de literatura do ano 2009, Herta Müller, Randea do alento, feita por Marga do Val. Apúntase que participarán María Xosé Queizán e a tradutora.


Tras comentar que está a ler Randea do alento, de Herta Müller, tradución ao galego da súa amiga Marga do Val, maniféstanse os sentimentos que lle produce a lectura.


Dáse conta das variadas novidades que saen do prelo en galego. No caso da narrativa, destácase Randea do lento, de Herta Müller, que se propón para calquera galardón á tradución pola dificultade que leva consigo o transvase dunha novela tan peculiar estilisticamente. Citase tamén Todo é silencio, de Manuel Rivas; Asasinato no Consello Nacional, de Diego Ameixeiras; e Vidas post-it, de Iolanda Zúñiga.

en galego”, 27 novembro 2010, p. 15.

Despois de falar da última obra de Xulio López Valcárcel, Miguel González Garcés, mineiro de luz (2009), e do chocante ensaio de Domingo Rodríguez Teijeiro, apláude a novela de Herta Müller que publica Edicións Xerais de Galicia. Destácase a prosa e o estilo, ao lado do sentimento, algo que ben sabe transmitir a súa tradutora, Marga do Val. Clasifícase como libro imprescindíbel, “descorazonado e pleno de corazón”.


Artigo literario cunha linguaxe densa no que se conta unha historia na que o protagonista merca, sen querer, máis ben por insistencia da vendedora, unhas boliñas antiestrés e se dispón a tomar un café nun bar. Ali colle Le Monde e le un artigo sobre Herta Müller escrito por Raphaëlle Rerolle e é aquí cando recorda a tradución feita por Marga do Val da súa última novela, Randea do alento, libro imprescindíbel para a literatura universal.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso da tradución ao galego de Randea do alento, de Herta Müller; Caos calmo, de Sandro Veronesi; Sunset Park, de Paul Auster, e Azos de esguello, de Euloxio R. Ruibal.


Nova edición desta novela de George Orwell, nome literario de Eric Arthur Blair (Motihari, India, 1903-Londres, 1950), que xa se publicara en 1992 co título d’A revolta dos animais na colección “Narrativa” (n." 6) de Edicións Positivas. Na primeira edición a tradución correu a cargo de X. Antón L. Dobao, mentres que nesta ocasión, xa de acordo coa normativa do galego de 2003, correspondeu a Fernando Moreiras. Trátase dunha fábula moderna, que consta de dez capítulos, na que se narra en terceira persoa a historia dos animais dunha granxa que se sublevan ante os donos da mesma, liderados por un porco sabio, o vello Comandante, e baixo a proclama de que “todos os animais son iguais”. Co tempo, os porcos que nela viven convértense, á súa vez, novamente en déspotas, exercendo como líderes dous deles, Napoleón e Folerpa, e transformando o goberno nunha nova tiranía.

Referencias varias:

Sucinta nota na que se indica que *A granxa dos animais* (2010) é unha sátira contra as ditaduras e que representa unha fábula moderna publicada orixinariamente en 1945 por George Orwell.


Terceiro e último volume desta obra recompilatoria dos contos completos de Edgard Allan Poe (Boston, 1809-Baltimore, 1849) que se começou a publicar en 2009. Consta de vinte e dous relatos narrados en primeira persoa con continuas referencias filosóficas sobre todo tipo de temas que lle preocupan ao ser humano. A maioría tratan o tema da morte: “O enterro prematuro”, no que un home é enterrado vivo; “A realidade do caso de M. Valdemar”, onde se mestura a morte coa hipnose e a enfermidade; “Bibliografía literaria do señor Fulan O’tal”, relato no que a morte se relaciona co poder da literatura; “O demo da perversidade”, conto sobre a capacidade de maldade do ser humano exemplificado no protagonista que describe como preparou un asasinato; “A esfinxe”, no que aparecen horribles monstros nos momentos máis álxidos dunha epidemia de cólera en Nova York; “O predio de Arnheim”, sobre a morte e a forza da natureza; e “A casa de Landor”, que complementa a historia anterior. Algúns relatos céntranse en historias de detectives como “A carta roubada”, “Ti es ese home” e “O demo da diversidade”. O tema da loucura aparece en “O método do doutor Tarr e o profesor Fether”, centrado na visita do protagonista a unha institución mental. A hipnose vólvese a tratar en “Revelación mesmérica”. A sátira é tamén un tema reiterado nos relatos “O anxo do singular”, no que a vida do protagonista se complica cada vez máis e se retoma tamén o tema da vinganza; “Parolada cunha momia”, onde se critica o interese polas momias e a ciencia da época; “O calote do globo”, que describe unha viaxe en globos e os avances técnicos que o posibilitan; e “O poder das palabras”, centrado na morte, a vida, a felicidade e a natureza. A ciencia volve a aparecer en “Von Kempelen e o seu descubremiento”, cuxo protagonista describe a figura de Von Kempelen e os seus achados químicos; “Un texto pasado polo X”, no que se xoga coa letra “X”, a literatura e a ciencia; e “O faro”, diario da estadía nun faro con referencias á ciencia e a filosofía. A vinganza é o tema de “Salta-Ra”, neste caso por parte dun home discapacitado, e “A barrica de Amontillado”, onde a vinganza se mestura coa claustrofobia. Por ende “O conto mil e dous de Sherezade” ofrece unha visión persoal sobre a obra de Sherezade na que se subliña a presenza de monstros e outras figuras terroríficas, e “Mellonta tauta” relata a xeito de diario unha historia que aparece nun manuscrito no que se dá conta da busca dun tesouro. Aínda que ao longo do volume aparecen algunhas notas ao pé de páxina da tradutora, é ao final cando refire á edición da obra orixinal utilizada nesta tradución e clarifica diversas referencias culturais, engadindo que no primeiro volume recompilatorio de 2009 se recollen os criterios de edición e tradución.

**Referencias varias:**

Saliéntase a publicación da tradución en galego da obra de Edgar Allan Poe por parte da Editorial Galaxia. Respecto á edición sublíñase que é “una edición cuidadísima, y con una tradución modélica, absolutamente maravillosa, de la ya imprescindible Eva Almazán”.


Comunicáse a próxima saída da primeira tradución para o galego dos Contos completos, de Edgar Alan Poe, de man da editorial Galaxia e na súa colección “Clásicos universais”. Tamén se fai unha pequena aproximación entre os contos de Poe e a tradición literaria galega e outras literaturas de diversas nacionalidades. Por último, dáse conta de diversas facetas de Poe ademais da literaria.


Refírese aos dous primeiros volumes dos Contos completos (2009), de Edgar Allan Poe, e anúnciase a publicación dun terceiro. Dise que a tradución ao galego é de Eva Almazán e describese o contido e os trazos temáticos e estilísticos máis característicos da narrativa de Poe.


Indícase que a tradutora Eva Almazán pon voz de muller a moitos títulos de éxito até o momento nunca traducidos ao galego, como o terceiro volume dos Contos completos de Edgar Allan Poe. Tamén é o caso d’A viúva preñada, de Martin Amis, e de Brooklyn Follies (2006) e Sunset Park, de Paul Auster. Dise que as súas traducións son tamén publicadas por outras editoriais, como por exemplo A estrada, de Cormac McCarthy, e a que sairá en Rinoceronte, Mexillóns para cear, de Birgit Vanderbeke. Destácase a figura do tradutor, que nunca é invisíbel, pois a súa pegada permanece en todas as traducións que se precen. Sinállase que afortunadamente, a día de hoxe, esta figura ten un prestíxio declarado e comprobábel. Finalmente dise que Eva Almazán ten xa case vinte e cinco libros traducidos ás súas costas e devece por facer o mesmo cos títulos de Margarete Atwod e Nabokov, malia por riba de todos degoar por Edgar Allan Poe.
Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso deste terceiro e derradeiro volume dos Contos completos III, de Edgar Allan Poe; A Galicia heterodoxa, de Carlos Pereira Martínez; Dicionario de termos teatrais, de Xohán Xabier Baldomir Cabanas; e Guía da Galicia invisible, de Antonio Reigosa.


Volume de Elena Poniatowska (París, 1933) no que se mostra a relación epistolar unidireccional da pintora exiliada rusa Angelina Beloff, dende o París da posguerra, co pintor Diego Rivera, parella desta durante dez anos, até que este regresou a México e ela non puido seguilo. Trátase dunhas cartas cheas de amargura que quedaron en van intento porque nunca foron contestadas. Poniatowska retrata nestas cartas imaxinarias a unha artista e amante enfrontada a un novo tempo no que hai que inventalo todo. A obra principia coa dedicatoria “A Jan (1947-1968)” e consta dun limiar e dunha ducia de cartas comprendidas entre o 19 de outubro de 1921 e o 22 de xullo de 1922. Remata cunha nota na que se explica brevemente como Angelina Beloff, despois de trece anos, logrou chegar a terras mexicanas, pero sen contactar con Diego Rivera.

**Referencias varias:**


Infórmase de que a editorial Trifolium vén de publicar a novela Benquerido Diego, abrázate Quiela da escritora Elena Poniatowska. Afírmase que é unha novela epistolar entre Diego Rivera e Angelina Beloff e coméntase que é a primeira vez que se publica en galego algo desta escritora, que é unha das mulleres máis comprometidas e apreciadas de México. Tamén se recalca que a versión orixinal deste volume pertence á primeira parte da súa traxectoria literaria, concretamente de 1978.


Novela de Kirmen Uribe (Ondarároa, Biscaia, 1970), con tinturas autobiográficas, traducida do éuscaro por Isaac Xubín. Nela, un narrador en primeira persoa, ao longo de vinte e tres capítulos e durante o traxecto dun voo Bilbao-Nova York, con escala en Frankfurt, investiga e expón a historia da súa familia, moi unida ao mar. O narrador tenta descubrir qué se agochou naquele “Dos amigos” do barco no que sempre navegou seu avó, Liborio Uribe, un personaxe contradictorio que nunca falara español na súa vida e, pola contra, se posicionara como seguidor de Franco despois da guerra. A
voz narrativa conta tamén as súas viaxes en busca de información para a súa constante investigación, como, por exemplo, a visita ao caladoiro de Rockall, onde fora apresado o “Toki-Argia”, o barco no que navegara José, o fillo de Liborio. Pécase a novela cun apéndice no que se reproduce unha páxina do Boletín Oficial do Estado, concretamente do n.º 209, correspondente ao 1 de setembro de 1982, no que se nomea ao “Toki-Argia” como un dos buques de altura do porto de Ondárroa.

Recensións:


Con motivo da celebración do festival de primavera de poesía de Munster en Cork, coméntase que Isaac Xubín, tradutor dende o éuscaro ao galego de Nova York-Bilbao-Nova York, leu dous poemas en galego coa súa correspondente tradución ao inglés.


Comenta que ninguén pode negarlle a Kirmen Uribe que soubo titular moi ben a súa novela Bilbao-New York-Bilbao que quere dicir, sen ambigüidade, cosmopolitismo: “doenza moderna moi estendida nas periferias do centro que adoita coller a forma do spagat, a lóxica cultural das nacións sen estado serodias”. Sinala tamén que quere dicir “consenso” e que esta novela é unha meta-ficción, pois conta o proceso de escritura de si mesma. Explica que Uribe tece con ferramentas típicamente posmodernas o relato da reconstrución da súa memoria familiar e estima que a debilidade da súa proposta está na consideración da forma como ornamento circunstancial, inocente, non dialéctico.


Refire o argumento da novela gañadora do Premio Nacional de Narrativa 2009, Bilbao-New York-Bilbao, de Kirmen Uribe. Sinala que nela o escritor foxe da presunción de verdade da autobiografía ao ficcionalizar a súa experiencia, o que lle permite desinhibirse á hora de contar o que é seu. Sinala que non é unha novela de acción, senón que un diálogo constante, o que pode deixar o lector algo frío se o que buscaba era a grande epopea sobre o século XX vasco. Así mesmo, apunta que no seu favor hai que dicir que, malia non ensinar a saída do labirinto, retrata fielmente o labirinto en si. Explica que hai certos elementos visuais que se inclúen como parte da narración e que onde Uribe acerta é na apropixación dos elementos de internet como é a escritura en blog. Tamén considera que o título da novela se proyecta sobre moitos aspectos da narración, tanto técnicos como temáticos, e que a verdadeira aposta de Uribe é “Contar lo que es verdaderamente tuyo”, pese a existirem críticas de por medio.

Salienta que *Bilbao- New York-Bilbao*, de Kirmen Uribe, é unha das poucas novelas en éuscaro que puido ser traducida ao resto das linguas do estado por recibir o Premio Nacional de Narrativa. Repasa o relato político e histórico que crea este autor, incidindo en tres aspectos. Primeiro, na natureza híbrida do mesmo, mestura de autobiografía, historia, ficción e documentos; segundo, na súa intención por marcar a guerra civil como acontecemento decisivo na transición social de Euskadi (sistema tradicional -sistema moderno); e terceiro, na incapacidade de Uribe para chegar ao fondo do asunto que investiga. Deste xeito, cuestiona o labor do literato, de quen di que “non lle faltan talento nin ambición, pero si unha mirada máis penetrante sobre o seu tema”. Considera que a lectura se desvía en varias direccións polos factores metaficcionais que incorpora e polas continuas alusións ás novas tecnoloxías e ás modas literarias. Por estes motivos, cualifica a achega de “fracaso”, a pesar de que se poidan salvar algúns elementos, como o lirismo que recorre as escenas cotiás ou a prosa sinxela empregada na exposición dos feitos.


Fai referencia a *Bilbao- New Yorker- Bilbao*, de Kirmen Uribe, como unha “novela en marcha” que se afasta do patrón literario tradicional porque é unha “obra futura”: o autor pon o material e o lectorado debe reconstruílo. Destaca deste exercicio de cubismo narrativo a continua mirada de Uribe ao pasado e a implicación que mostra nos sucesos relatados. Considérase que este feito lle permite dar conta das vivencias dos seus antecesores, conectalas por sub-argumentos e reflexionar sobre elas. Non deixa de chamar a atención sobre o carácter verosímil do libro, así como do ton lírico, intimo e sinxelo que caracteriza a expresión deste escritor.


Comeza citando o inicio dun capítulo de *Bilbao- New York- Bilbao* para informar da boa acollida que tivo esta primeira novela de Kirmen Uribe, considerada anovadora, aínda que bote man dunha fórmula literaria universal: a viaxe. Incide en como o escritor logra reunir nunha mesma historia as vivencias dos seus devanceiros e a súa visión sobre a sociedade e o mundo cultural. Observa, á súa vez, a entrada doutros medios medios de expresión como o anuncio, o correo, o diario e o poema e a mestría de esbozar personaxes que deben ser reconstruídos logo polos propios lectores. Sinala, para rematar, a mensaxe de liberdade e a mirada nostálgica do paso do tempo que latexa nesta “peculiar novela”.

**Referencias varias:**


Indicanse neste artigo unha serie de publicacións recentes ou de próxima publicación recomendadas para ler no ano 2010. As que se mencionan dentro da literatura galega son, todas elas, publicadas por Edicións Xerais de Galicia: dentro da colección “Biblioteca das Letras Galegas”, *Samos e No desterro*, de Ramón Cabanillas; na


Saliéntase que *Bilbao-Nova York-Bilbao*, novela coa que Kirmen Uribe recibiu o Premio Nacional de Narrativa e o Premio Nacional da Crítica, foi traducida ao galego, castelán, catalán e, en breve, ao inglés. Indícase que se trata dun libro con historias segmentadas e superpostas que transcurren no voo Bilbao-Nova York-Bilbao e que reconstrúen o pasado da familia Uribe.


Coméntase o traballo de Isaac Xubín, quen traduciu ao galego directamente do éuscaro a novela *Bilbao-New York-Bilbao* coa que Kirmen Uribe foi Premio Nacional de Literatura. Anúnciase tamén outra publicación de Xubín: o primeiro dicionario galego-éuscaro, euskara-galiziera “de toda a historia”.


Coméntase que na novela *Bilbao-New York-Bilbao*, de Kirmen Uribe, se relata a historia de tres xeracións dunha mesma familia de mariñeros en Ondarroa. Saliéntase que se trata dunha das primeiras obras que se traduce dende o éuscaro ao galego, neste caso por parte de Isaac Xubín. Como remate reproducécese o inicio da novela.

- Isabel Bugallal, “El País Vasco está a la espera de que el cielo se abra”, *La Opinión*, 21 abril 2010, contracuberta.

Entrevístase a Kirmen Uribe, Premio Nacional da Crítica 2008 en lingua éuscara e Premio Nacional de Narrativa 2009 pola súa primeira novela *Bilbao-New York-Bilbao*. Coméntase que o seu estilo recolle moitas voces e moitas linguaxes e que pretende atrapar o lectorado a través deste estilo plural. Uribe sinala que o libro foi traducido ao galego e que se publicará tamén en catalán, francés e portugués.


Fálase da participación de María Lado e Kirmen Uribe no ciclo “Poetas di(n) versos”. Deste último coméntase a tradución ao galego da súa primeira novela *Bilbao-New York-Bilbao* coa que gañou o Premio Nacional de Narrativa. Tamén se cita o seu poemario *Mientras tanto dame la mano*, polo que recibiu o Premio Nacional da Crítica.


Entrevístase a Kirmen Uribe, Premio Nacional de Narrativa 2009, pola súa novela *Bilbao-New York-Bilbao* que se publicou en galego en Edicións Xerais de Galicia. Afirmanse que o escritor camiña polas orixes familiares co fin de intentar reflectir o mundo que coñeceu de cativo. Así, sublíñase que na obra se atopan persoas reais por “unha cuestión de compromiso coa realidade”. Estruturalmente, Uribe comenta que está feita como algunhas series de televisión, entre as que se podería topar “Lost” por constituírse a partir de “moitas historias que logo se van unindo, que se abren e se pechan”.


Remite á achega literaria de Kirmen Uribe, *Bilba-New York-Bilbao* para facer referencia a un suceso que se narra no libro, especificamente nas páxinas 29-30: a conversa que mantivo o autor coa escritora neoiorquina Philis Levin, quen lle asegurou que o éuscaro semellaba ser o mapa dun tesouro, cualificación que o autor tomou como “a cousa máis bonita que se podería dicir sobre un idioma que non coñeces”.


Faise referencia ás obras publicadas ao longo do ano anterior e, entre as novidades, saliéntase a novela gañadora do Premio Nacional polo que significa para o asentamento das tres literaturas periféricas do Estado.

Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónase, entre outras, a tradución ao galego de *Bilbao-New York-Bilbao*, de Kirmen Uribe, que é cualificada como unha novela multipremiada e aclamada en diversos foros.


Faise referencia ao abandono da escrita por parte de Suso de Toro para regresar ao ensino e coméntanse varias novidades literarias aparecidas na primavera, como *Bilbao-New York-Bilbao*, de Kirmen Uribe, unha tradución que fortalece a comunicación entre as sociedades galega e vasca.


Novela de Birgit Vanderbeke (Dahme, Brandenburg, 1956), narrada en primeira persoa, na que a filla maior dunha familia ordinaria transmite a inacabábel espera polo pai, que se atopa fóra en viaxe de negocios. Esta familia alemá espera cunha boa pota de mexillóns para cear, o prato favorito do pai, pero todos están na mesa agardando que se abra a porta e el non chega. Esperan calados, mais a espera prodúcelles unha forte reacción de liberación fronte a el, que é un bo científico, pero representante duns valores que ao resto da familia non lle gustan. A rectitude e a intolerancia fai que sexa unha persoa odiada por eles, algo que poñen en común ese día, liberándose de todo para expresar o que pensan. Recordan deste xeito episodios do ámbito familiar que os marcaron dalgún xeito, a maioría deles relacionados coa violencia doméstica sufrida polos fillos e a esposa.

**Referencias varias:**


Indícase que a tradutora Eva Almazán pon voz de muller a moitos títulos de éxito até o momento nunca traducidos ao galego, como o publicado por Rinoceronte, *Mexillóns para cear*, de Birgit Vanderbeke. Tamén se cita *A estrada*, de Cormac McCarthy; o terceiro volume dos *Contos completos*, de Edgar Allan Poe; *A viúva preñada*, de Martin Amis, e *Brooklyn Follies* (2006) e *Sunset Park*, de Paul Auster. Destácase a figura do tradutor, que nunca é invisible, pois a súa pegada permanece en todas as traducións que se precíen. Sinálase que afortunadamente, a día de hoxe, esta figura ten un prestixio declarado e comprobábel. Finalmente dice que Eva Almazán ten xa case vinte e cinco libros traducidos ás súas costas e devece por facer o mesmo coa obra de Margarete Atwod e Nabokov, malia preferir, por riba de todos, a Edgar Allan Poe.

Entre as novidades editoriais para o outono, no apartado á parte “Aposta polas traducións” salienta a aposta editorial de Rinoceronte Editora coa publicación de *Mexillóns para cear*, de Birgit Vanderbeke.


Novela de Sandro Veronesi (Florencia, 1959) estruturada en trinta e oito capítulos numerados en arábigo que se distribúen en tres partes, e uns “Agradecementos” finais a persoas implicadas na edición da novela e a outras que o axudaron a recoller información para documentarse, de aí que afirme “Para que logo digan que cando se escribe se está só”. Está dedicada aos fillos do autor e ábrese co texto “Non podo continuar, vou continuar”, de Samuel Beckett. Un narrador en primeira persoa presenta a historia de Pietro Paladini, alto executivo dunha televisión privada que perde bruscamente a Lara, nai da súa filla Claudia de dez anos, durante as vacacións estivais e a tres días da súa voda. Esta tráxica experiencia lévao a acompañar a Claudia no seu primeiro día de curso escolar e a esperala alí até o remate das clases un día tras outro. Instalado fronte a escola de Claudia nun estado de aparente abulia dende onde observa o mundo, converterase nun personaxe radial en torno ao cal xirarán familiares, amigos e compañeiros de traballo. Tras este aparente estatismo, estará a realizar unha viaxe cara a súa transformación interna superando lentamente unha crise persoal que lle consegue abrir os ollos ante a realidade que está a vivir. O tempo da historia é lineal e reflicte o contraste entre a rutineira calma do protagonista dentro do seu caos interno e o remuíño dos seus xefes e compañeiros ante a inminente fusión empresarial que están a vivir.

**Referencias varias:**


Faise referencia a que a “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea”, patrocinada pola Concelleiría de Cultura de Santiago de Compostela, conta xa con tres novos títulos en eixa presentación estivieron a Concelleiría de Cultura e Centros Socioculturais, Socorro García Conde, e Víctor Freixanes e Carlos Lema, director e editor respectivamente da editorial Galaxia que é a que publica esta colección. Sinálase que as tres obras son *Caos calmo*, de Sandro Veronesi; *A viúva preñada*, de Martin Amis; e *Emaús*, de Alessandro Baricco. Coménzase que son vinte e catro as obras que permiten ao lector galego chegar a estas obras sen outras linguas intermediarias e abre a saída da literatura galega a outros mercados. Menciónase a importancia que Freixanes concede á proxección internacional que esta colección dá a Galicia.


Coménzase que *Caos calmo*, de Sandro Veronesi; *Emaús*, de Alessandro Baricco, e *A viúva preñada*, de Martin Amis, son os novos títulos da “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea”, unha iniciativa da Concelleiría de Cultura de Santiago de Compostela e de Editorial Galaxia que achea aos lectores algunhas das máis
importantes novidades editoriais do continente. Sinálase que a presentación correu a cargo da Concelleira de Cultura e Centros Socioculturais, Socorro García Conde, e de Víctor Freixanes e Carlos Lema, director e editor respectivamente de Editorial Galaxia. Afírmase que con estas son vinte e catro as obras que permiten ao lector galego chegar a estas obras sen outras linguas intermediarias e abren a saída da literatura galega a outros mercados.


Faise referencia á presentación de tres novos títulos da “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea”: Caos calmo, de Sandro Veronesi, Emaús, de Alessandro Baricco, e A viúva preñada, de Martin Amis. Destácase que xa son vinte e catro as obras que permiten ao lector galego chegar a estas obras sen outras linguas intermediarias e abren a saída da literatura galega a outros mercados.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso da tradución ao galego de Caos Calmo, de Sandro Veronesi; Randea do alento, de Herta Müller; Sunset Park, de Paul Auster; e Azos de esguello, de Euloxio R. Ruibal.


Novela do escritor Horace Walpole, IV conde de Orford (Londres, 1717-1797), considerada a primeira obra de terror gótico. Esta edición presenta unha introdución (pp. 7-11), a cargo de Alejandro Tobar Salazar, na que se realiza un pequeno apuntamento sobre o autor e a edición desta obra. A seguir, acóllese unha “Introdución á primeira edición” (pp. 13-18), na que se expón que se trata dunha tradución do italiano dun antigo manuscrito do século XVI e de autoría descoñecida, e un “Soneto á moi honorábel lady Mary Coke” (p. 19), de H.W. Na novela, desenvolvida en cinco capítulos, cóntase cómo o príncipe Manfred aproveita a morte do lexítimo dono do castelo de Otranto, asasinado nas Cruzadas, para roubarlo, e como unha maldición protexe os dereitos do lexítimo herdeiro impedindo ao único fillo de Manfred, Conrad, tomar posesión dun castelo e unhas terras que non lle pertencen. A morte sobrenatural deste tolea ao seu pai que intentará por todos os medios atopar aos culpábeis reais da súa morte con tal de non encarar o verdadeiro motivo que desencadea a maldición que pesa sobre a súa familia. A novela ten todos os ingredientes dunha novela gótica: un castelo, príncipes e princesas, espectros, aparicións, visións, maleficios, asasinatos, maldicións e personaxes misteriosos, todos eles envoltos en elementos máxicos e terroríficos, baixo un clima depresivo e sobrenatural. Narrada en terceira persoa, cun estilo directo, grazas aos diálogos, sen pretensiós, nin metáforas, nin descricions innecesarias, nela o autor consegue manter a estrutura.
I.4. ANTOLOXÍAS


Tamén está descrito no apartado XI.5. Literatura medieval deste Informe.


Antoloxía bilingüe (inglés e galego) realizada por un numeroso equipo de autores, antólogos e tradutores liderados por Jonathan Dunne e que se iniciou en 1997 e rematou en 2010. No limiar o editor expón o obxectivo desta antoloxía e explica o seu proceso de elaboración. Sinala que nesta selección se recollen cincuenta e cinco textos de corenta autores e seis voces anónimas dun período de setecentos oitenta e cinco anos ordenados en primeiro lugar segundo o seu xénero literario e, dentro de cada un, por orde cronolóxica.Tamén específica Dunne que alguns dos autores teñen máis dun texto, caso de Daniel Rodríguez Castealo, Afonso X, Rosalía de Castro, Manuel Curros Enriquez, Eduardo Pondal, Rafael Dieste e Álvaro Cunqueiro. Disce que para a escolma

Esta antoloxía tamén está descrita nos apartados II.4 Poesía, III.4 Teatro, V.4 Ensaio, VIII.3 Literatura de transmisión oral e XI.5 Literatura medieval deste Informe.

Recensións:


Sinala que até o de agora non hai máis ca trinta e sete libros galegos traducidos ao inglés e que unha política cultural de cara ao mundo anglofone continúa a ser unha tarefa pendente, polo que a recente publicación de Antology of Galician Literature (1196-1981), de Jonathan Dunne, pretende dar outro paso neste sentido. Comenta que é a primeira vez que se reúne unha selección bilingüe da historia literaria galega como ferramenta de divulgación en língua inglesa e que, despois de trece anos de traballo, Dunne lle propón todo un canon da literatura galega, elaborado con criterios máis democráticos do que é o habitual. Considera reducida a presenza de autoras e apunta que sería importante que as estratexias de tradución empregadas fosen analizadas por especialistas, xa que parece existir unha tendencia a neutralizar o texto de partida. Por outra parte, refírese a aspectos paratradutivos e pregúntase polas razóns que xustifiquen a ausencia dunha proxección mediática máis potente para lanzar esta publicación, da que tampouco convence a tradución inglesa da carta dos editores Manuel Bragado e Victor Freixanes.


Refírese á Anthology of Galician Literature (1196-1981), feita por Jonathan Dunne, deténdose no afirmado no prólogo, onde se dí que a obra vai dirixida a especialistas
“editores, críticos, tradutores e axentes literarios”. Con todo, opínase que a antoloxía non é unha obra para un público especialista británico, pois do contrario, sobraría a versión galega dos textos. Repárase tamén en que a ausencia de comentarios ou anotacións bibliográficas dificulta o labor dos especialistas. Asemade, indicase que as traducións son “valiosísimas”, do mesmo xeito que destaca outras “mans” que se ocuparon deste labor. Defínese a obra como unha proposta de canon “moi tradicional, masculino e nacionalista” e faise especial fincapé no feito de que se poña o límite en 1981. Para finalizar, reflexiónase sobre o financiamento por parte da Xunta de Galicia da que gozou este proxecto.


Recomenda a antoloxía bilingüe (galego-inglés) do tradutor Jonathan Dunne, *Anthology of Galician Literature*, editada conxuntamente por Editorial Galaxia e Edicións Xerais de Galicia. Destaca o gran labor de coordinación entre tradutores e antólogos para levar adiante este proxecto que recolle textos de todos os xéneros literarios nun período que abrangue dende 1196 até 1981, ano da aprobación do Estatuto de Autonomía galego, e que supón un percorrido literario polas grandes voces da literatura galega de todos os tempos.


Comeza mencionando a importante edición en 1949 de *Poesía inglesa e francesa*, de Plácido Castro, Delgado Gurrriarán e Lois Tobío, pola Federación de Sociedades Galegas da Arxentina e salientando o novo reto do século XXI de achegar a cultura galega aos circuitos literarios mundiais. Neste sentido destaca o labor que están a facer distintas universidades europeas como é o caso das alemás Trier e Kiel coas antoloxías poéticas 20 Gedichte aus Galicien e Ein rosenfeuer, das uns verstört, 4 dichter aus galicien. Finalmente recolle a publicación *Anthology of Galician Literature*, de Jonathan Dunne, afirmando “que vai ser de referencia obrigada”.

**Referencias varias:**

- Iago Martínez, “Manuel Rivas fala a través de min”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 4 febreiro 2010, p. 36.


Indica que a maioría dos textos incluídos nesta antoloxía son do século XXI e que pertencen á literatura oral, ensaio, poesía, ficción e teatro. Explica como foi a xestación deste traballo, no que contou coa axuda de escritores e especialistas galegos, así como de tradutores que nestes momentos estaban a traballar no eido da tradución galego-ingles. Comenta que con este libro se está nas portas da literatura galega contemporánea e que agarda que sexa posíbel sacar un segundo volume, unha antoloxía dedicada aos anos 1981-2011, que sería de moita utilidade para os editores estranxeiros interesados en publicar autores galegos.


Tras comentar a importancia que ten a publicación, por parte da editora londinense Francis Boutle da antoloxía Breogan’s Lighthouse, refírese a outra que tamén se publica en Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia, cuxo autor é o tradutor británico Jonathon Dunne e que leva por título Anthology of Galician Literature. Saliéntase que nela se inclúen textos de cincuenta e cinco autores galegos dende 1196 até 1981 que foron escollidos por outros autores e autoras galegos.


Anúnciase que xa está lista a antoloxía que se publica en Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia, cuxo autor é o tradutor británico Jonathon Dunne. Dise que en Anthology of Galician Literature 1196-1981 se realiza un percorrido por oito séculos de literatura galega e que nela participaron un total de cento vinte e catro persoas entre antólogos, tradutores e autores. Destácase a importancia da obra para o coñecemento da literatura galega dende as súas orixes e que fosen autores galegos os que decidisen os textos a incluír. Por último dise que un elemento primordial para o coordinador do proxecto é que as traducións están feitas por anglófonos.


Dise que se publica a primeira antoloxía da literatura galega en lingua inglesa cun amplo percorrido por todos os xéneros e autores dende 1196 até 1981. Trátase de Anthology of Galician Literature 1196-1981, cuxo autor é o tradutor británico Jonathon Dunne, e que se publica conxuntamente entre Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia. Coméntase que o proxecto comezou en 1997 e que contou coa colaboración de cincuenta e cinco antólogos, escritores e especialistas galegos. Apúntase tamén que o propio autor suxire a posibilidade de que sería bo a realización dun novo volume que se centrase na etapa contemporánea, dende 1981 até o ano 2011. Por último exprésase a necesidade de fomentar a cultura galega no ámbito anglófono.


Fálase sobre a aparición da primeira antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-ingles, Anthology of Galician Literature, na que se reúnen oito séculos de produción poética, narrativa e ensaística e que ademais conta cun epígrafe para a
literatura de transmisión oral. Indícase que cincuenta e cinco escolmadores reúnen textos de corenta e catro autores e seis textos anónimos que se encadran cronolóxicamente entre 1196 e 1981 e que xa hai en preparación un segundo volume que inclúe produción até 2011. Finalmente fálase do proceso creativo.


Indícase que da primeira antoloxía de literatura galega en edición bilingüe inglés-galego, *Anthology of Galician Literature*, se distribuíron arredor de tres mil exemplares por centros de estudios galegos de todo o mundo, así como por universidades con estudios de Hispánicas e da Lusofonía, principais medios de comunicación especializados ou con atención á literatura, e nas máis destacadas feiras do libro internacionais. Fálase tamén sobre o proceso de elaboración da mesma por parte do seu autor, Jonathan Dunne, e da preparación dun segundo volume que será publicado en 2012.


Coméntase a presentación en Santiago de Compostela da primeira antoloxía da literatura galega en edición galego-ingles, realizada por Jonathan Dunne e presentada conxuntamente pola Editorial Galaxia e Edicións Xerais de Galicia. Indícase o contido da obra e destácase a intención de distribuír máis de tres mil exemplares por centros especializados, universidades e bibliotecas. A seguir, recóllense as palabras de Manuel Bragado e Víctor Freixanes sublinhando a importancia deste feito.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónanse, entre outras, esta antoloxía de Jonathan Dunne, que abrangue o período entre a Idade Media até o ano 1981; *Todo ben*, de Manuel Rivas, e *Atrapado na torre* (2009), de Xoán Babarro e Ana María Fernández.


Dá conta da publicación conxunta entre Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia da antoloxía bilingüe *Anthology of Galician Literature*, de Jonathan Dunne, que presenta textos de máis de corenta escritores galegos escolmados por expertos literarios de recoñecido prestixio e traducidos por vinte e dous especialistas. Sinala ter lido que esta publicación vai ser enviada a centros de estudo galegos de todo o mundo e salienta o acerto da obra de dar a coñecer a cultura de Galicia alén das súas fronteiras. Recomendando de novo este labor de espallamento, remata anunciando a recente edición de *Ein rosenfeuer, das uns verstört. 4 dichter aus galicien*, traballo realizado polo profesor Javier Gómez-Montero na universidade alemá de Kiel.
Infórmase da publicación de *Anthology of Galician Literature*, de Jonathan Dunne, salientando a importancia da proxección universal, especialmente nas obras literarias escritas en linguas historicamente sometidas, como é o caso da lingua galega. Menciona tamén a presentación de dous libros do profesor Javier Gómez Montero no congreso sobre “Torrente Ballester e outros escritores galegos” celebrado na cidade alemá de Kiel: unha antoloxía poética bilingüe (galego-alemán) nomeada *Ein rosenfeuer, das uns verstört*, 4 dichter aus galicien e unha selección de textos de temática xacobea titulada *Alá no noroeste... Unha cartografía literaria do Camiño en León*. Ademais de citar a Gómez Montero, sina ao profesor Luciano Rodríguez como o outro responsábel e impulsor destas publicacións.


Sinala a presenza de editoriais galegas na feira de Frankfurt e na Liber de Barcelona tratando de combater a crítica situación que afecta a este sector. Destaca a presentación en Frankfurt no mes de outubro da *Antoloxía da Literatura Galega* en galego e inglés, de Jonathan Dunne, considerada unha boa obra para proxectar a literatura galega no estranxeiro.


Dá conta da presentación na feira do libro de Frankfurt da antoloxía bilingüe en inglés e galego editada por Jonathan Dunne co título de *Antoloxía da literatura galega*. Comenta que obra é unha historia da literatura galega até a década dos oitenta que terá unha segunda parte cara ao ano 2012.


Volume que recolle textos en prosa e verso de diferentes autores galegos, bercianos e leoneses centraos en diferentes aspectos do Camiño de Santiago e con múltiples referencias xacobeas e locais. Trátase dunha tradución ao galego dende o orixinal *Allá en el noroeste... Una cartografía literaria del Camino en León* (2009) redactado en español. Cómpre sinalar que o nome do título deste volume *Alá no noroeste* é unha tradución ao galego tirada do poema “Allá en el noroeste, por la senda interior” da obra *Desiertos de la luz* (2008), de Antonio Colinas, que tamén aparece reproducido neste volume. Este libro está coordinado por Javier Gómez-Montero e mais por Luciano Rodríguez e comeza cunha breve introdución titulada “Alá no noroeste... Unha cartografía literaria do Camiño en León”, obra de Javier Gómez-Montero, onde fala
sucintamente deste volume e onde sinala que o Camiño de Santiago se configura como un territorio sentimental no que transitan xuntos autor e lector. As diferentes achegas aparecen xebradas nos seguintes bloques: “Por León cara a Astorga”, “Da Maragatería ao Bierzo” e mais “Cara a Galicia e en Compostela” se ben antes do primeiro bloque aparece reproducido o texto “Para chegar a León”, de Álvaro Cunqueiro. Péchase cun posfacio de Javier Gómez-Montero, “Para unha cartografía literaria do Camiño en León”, no que detalla algúns dos libros que se centran no tramo leonés e berciano do Camiño de Santiago, moitos deles reproducidos neste volume, e mais coas “Fontes” das que foron tirados todos os textos deste libro colectivo. A seguir, dáse conta dos diferentes textos en prosa vinculados coa literatura galega que aparecen dentro deste volume, así como o nome do seu tradutor se non fosen orixinais en galego:


Cunqueiro describe en primeira persoa unha peregrinación polo Camiño de Santiago dende Santo Domingo da Calzada até León pasando por Burgos, Frómista ou Villalcázar de Sirga.


Segue neste texto Cunqueiro co relato en primeira persoa dunha peregrinación polo Camiño de Santiago agora chegando xa ao Bierzo e con descricións de Vilafranca do Bierzo. Ambos os textos están sacados do volume El pasajero en Galicia (2002).


Texto tirado da novela As frechas de ouro (2004) no que o seu protagonista, un peregrino que está a facer o Camiño francés, de Roncesvalles a Compostela, vai relatando os últimos trinta días de traxecto dende O Cebreiro. Durante o relato describe a xente coa que se atopa e coa que intercambia vivencias, as paisaxes así como outras anécdotas.


Texto tirado do volume La flecha amarilla. El camino hacia Santiago (1998) no que se describe unha peregrinación iniciática polo Camiño de Santiago centrada no Bierzo, na entrada en Galiza polo Cebreiro e até chegar a Santiago de Compostela.


Texto incluído na novela inédita La perspectiva de Urbino no que se relata a longa viaxe de Kemal Bazin, cualificado como peregrino en terra de infieis, dende Constantinopla, nome antigo da cidade turca de Istambul, até Compostela.


Neste relato, tirado do volume de Manuel Rivas Ela, maldita alma (1999), describese como Mireia acepta facer cunha estilista chamada Inma un traballo fotográfico sobre a moda que estará ambientado no Cebreiro e mais en Santiago de Compostela.
- Carlos Casares, “Unha cidade que é como una novela”, pp. 325-339.

Texto tirado de *Un país de palabras* (1998), de Carlos Casares, centrado na historia e nas lendas de Santiago de Compostela.

Este volume tamén está descrito no apartado II.4 Poesía deste *Informe*.

**Recensións:**


Comenta que “este excelente librito” presenta unha colección de textos variados sobre o Camiño de Santiago, moitas delas referidas aos treitos do Bierzo e mais de Galicia. Indica que a antoloxía comeza con un texto de Álvaro Cunqueiro traducido e que remata cun de Carlos Casares. Afirma que os seus textos combinan prosa e poesía e que percorren fundamentalmente os últimos anos da literatura. Amósase o nome de todos os tradutores dos textos ao galego e saliéntase a importancia da súa publicación ao ser 2010 Ano Xacobeo.

**Referencias varias:**


Tras informar da publicación de *Anthology of Galician Literature*, de Jonathan Dunne, faiase referencia a esta selección de textos de temática xacobea titulada *Alá no noroeste...Unha cartografía literaria do Camiño en León*, de Javier Gómez-Montero, a quen se sinala, xunto ao profesor Luciano Rodríguez, como responsábel e impulsor destas publicacións.


Fala dos Encontros de Escritores e Tradutores de Castrillo de los Polvazares e comenta a antoloxía *Alá no noroeste...unha cartografía do Camiño en León*, da que destaca que está patrocinada pola Xunta de Galicia e da que apunta algunhas características como que é un libro de viaxe onde se unen a literatura coa xeografía berciana e galega. Conclúe asegurando que este volume é un excelente agasallo para as letras galegas e para o propio Camiño de Santiago. Refírese tamén a a *Antoloxía de literatura galega*, traducida ao inglés, de Antonio Raúl del Toro e a algunha tradución, como *As frechas de ouro* (2004), de John Rutherford.

En relación coa internacionalización da literatura galega, destaca a contribución de achegas como *Alá no Noroeste*, de Javier Gómez-Montero, na que se fai unha incursión no camiño xacobeo; e das antoloxías publicadas por Jonatahn Dunne, Antonio Raúl de Toro e o mencionado Gómez Montero con Luciano Rodríguez.


Segunda entrega da colección “O mellor de...”, coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948). Iniciase cunha introdución a cargo da autora da escolma dos textos e dos comentarios, Teresa Seara Domínguez, na que se subliña a figura artística, literaria e política de Daniel Rodríguez Castelao e o feito de que se lle dedicase o Día das Letras Galegas en 1964. A continuación, menciónanse as súas obras máis importantes, o seu traballo para a revista *Nós* e as súas ideas políticas no Agrarismo, nas Irmandades da Fala e no Partido Galeguista, así como o seu posterior desterro en Badaxoz e Arxentina, onde continuou a súa actividade política; tamén se ofrece a unha cronoloxía detallada da biografía do autor. A seguir, preséntase unha selección das súas principais obras: *Un ollo de vidro. Memorias dun esquelete* (1922); *Retrincos* (1934); *Cousas* (1926), concretamente “A marquesiña”, “O rifante”, “Na noite da derradeira novena de difuntos”, “Aínda eu non nascera”, “O aquilador”, “Todos cantos sabían algo da historia da vila”, “Chegou das Américas un hombre rico”, “Xa van alá moitos anos”, “O paí de Migueliño” e “Vou contaros un conto triste”; *Os dous de sempre* (1934), do que se recollen seis capítulos; *Os vellos non deben de namorarse* (1953), do que se toman o prólogo e o terceiro lance; *Sempre en Galiza* (1944) e *Alba de groria* (1948). Inclúese tamén una selección da obra plástica de Castelao. Trátase dos cadros “Denantes morta que aldraxada”, “Mataronlle un fillo” e “Todo pola Patria, a relixión e a familia”, de *Atila en Galicia* (1937), e “Así aprenderán a non ter ideas” e “A derradeira lección do mestre”, de *Galicia Mártir* (1937). Remata coas referencias bibliográficas das obras de Castelao e unha bibliografía sobre este autor.


Décimo quinta achega de carácter divulgativo da colección de literatura galega “O mellor de...” que coordina José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) e que nesta ocasión está centrada na figura de Álvaro Cunqueiro Mora-Montenegro (Mondoñedo, 1911- Vigo, 1981). Comeza cunha brevíssima introdución de Mª Eva Ocampo Vigo na que dá conta das facetas que desenvolveu Cunqueiro, a importancia da súa producción, algúns prestixiosos galardóns que recibiu e a homenaxe que se lle rendeu o Día das Letras Galegas 1991. Séguelle unha breve biografía, que se detén nalgúns feitos importantes da súa vida, e unha breve “Cronoloxía” coas datas máis salientábeis na súa traxectoria persoal e literaria. A continuación ofrécese unha escolma da producción narrativa, poética e dramática de Álvaro Cunqueiro. No que á narrativa se refire reproducéuse unha selección tirada de *Obra galega completa. Narrativa* (1991) que inclúe fragmentos e relatos de *Merlín e familia* (1955), *As crónicas do sochantre* (1956), *Si o vello Sinbad*...
volvese ás illas (1961), Escola de menciñeiros (1960), Xente de aquí e de acolá (1971) e Os outros feirantes (1979), narracións todas elas das que, tras o título, se precisa brevemente, e entre outros aspectos, a importancia desa obra na produción cunqueira e a súa temática. Este volume péchase coa bibliografía primaria e secundaria de e sobre Álvaro Cunqueiro.

Tamén está descrito nos apartados II.4. Poesía e III.4. Teatro deste Informe.


Nova entrega da colección “O mellor de...”, coordinada por José Antonio Ponche-Far (Negreira, 1948), na que se selecciona a produción literaria do pensador e literato Antón Losada Diéguez (Boborás, Ourense, 1884-Pontevedra, 1929). O volume presenta unha introdución realizada por Teresa Seara, encargada da elección das obras, unha pequena biografía de Losada Diéguez e unha cronoloxía onde se resaltan os momentos claves da súa vida. A continuación, os textos presentanse aglutinados baixo dous grandes epígrafes: no primeiro deles, referido á obra de creación, é onde se recolle parte da súa produción de ficción, que en relación coa narrativa engloba tres contos “Conto sinxelo”, “Conto” e “Amañecer”. O volume completase con dúas pequenas bibliografías, unha relativa ás obras elixidas para esta edición e a outra sobre o propio Losada Diéguez.

Tamén está descrito nos apartados II.4. Poesía, III. 4. Teatro e V. 4 Ensaio deste Informe.


Sétima entrega da colección “O mellor de...”, coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948), que nesta ocasión se achega á figura de Antonio López Ferreiro. Iníciase cunha introdución a cargo da autora da escolma de textos e comentarios, Eva María Ocampo, na que achega datos sobre o perfil intelectual deste autor do século XIX, unha “Biografía” (pp. 9-13), na que se fala polo miúdo de cómo transcurreu a vida deste autor dende o seu nacemento até o seu pasamento, e unha “Cronoloxía” (pp. 13-17), na que se sinalan as datas máis relevantes na vida deste intelectual. A seguir, reproducéuse os textos escolmados: *A tecedeira de Bonaval* (1894), novela da que se recollen os capítulos 1 (pp. 18-28), 4 (pp. 29-42) e 19 (pp. 43-68), precedidos dunhas anotacións xerais sobre a produción do autor en xeral e desta obra en particular; *O castelo de Pambre* (1895), da que se transcribe a dedicatoria do autor e os capítulos 1 (pp. 71-84), 4 (pp. 85-95) e 15 (pp. 96-113); e *O niño de pombas* (1905), novela da que se reproducen o capítulo 1 (pp. 113-130) e parte do capítulo 13 (pp. 131-137). Este volume péchase cunha bibliografía xeral e unha bibliografía específica sobre Antonio López Ferreiro.

Nova entrega da colección coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948), “O mellor de...” na que Áurea Ramil Díaz realiza unha breve análise da escrita de Ánxel Fole (Lugo, 1903-1986), á que seguen datos biográficos e unha cronoloxía cos hitos fundamentais deste autor. A seguir, reproducense os textos narrativos escolmados, pertencentes ás seguintes obras: *A lus do candil* (1953), De *Contos na néboa* (1972), *Pauto do demo* (1958), *Terra brava* (1955) e *Historias que ninguén cre* (1981). D’*A lus do candil* reproducése “Terra do Caurel”, unha melancólica descripción da paisaxe e do modo de vida das terras nas que o narrador conta que pasou longas tempadas, e “¡Viña do alén!”, no que se transmite como o protagonista xoga ás cartas nunha taberna e se fixa nun home que desaparece misteriosamente e do que lle din que lle vistan moitos anos. De *Contos na néboa*, “¡Difuntámo-la botella!”, no que o narrador conta como un día pola mañá atopa na carteira unha gran suma de cartos que non sabe de ónde veu, e “O ateo da vila”, no que se narra como o protagonista ten o propóñito de falar co ateo oficial de Chantada. De *Pauto do demo* (1958) elixese o “Cadro primeiro”, que comeza as diferentes conversas nunha taberna de señoritos e paisanos sobre o proxecto dun rapaz de emigrar a Guinea e sobre as vantaxes e desvantaxes da emigración ou da terra de cada un e que achega o caso dunha muller que vai ser posuída así como as diferentes reaccións dos asistentes, e De *Terra brava*, “Tres historias do pazo de Lucencia”, que comeza coa descripción do pazo, á que lle segue a naración das desgrazas de dona Mercedes. Pola súa banda, de *Historias que ninguén cre* elixense tres contos: “Un queixo de San Simón”, no que un amigo do personaxe narrador lle conta que, despois de pasar uns días nas festas de Vilalba, compra un queixo co sorpresa no seu interior e das consecuencias desta; “O milagre de Ribadeo”, no que se relata o caso dun poeta cunha madre en cima, e “As bebedeiras de Moncho do Grilo”, onde se conta o escarmento que o médico lle dá a Moncho para que deixe de beber. Este volume péchase cunha “Bibliografía” e unha “Bibliografía sobre Ánxel Fole”, con obras dos principais estudiosos da súa produción.

Tamén está descrito nos apartados II. 4. Poesía e V. 4. Ensaio deste *Informe*.


Xosé Carlos Caneiro achégase nesta nova entrega de “O mellor de...”, colección coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) á produción poética e en prosa de Celso Emilio Ferreiro (Celanova, 1912-Vigo, 1979). Despois dunha biografía do escritor e dunha cronoloxía coas datas máis relevantes na súa traectoria vital, con respecto á súa obra en prosa, recóllese nunha única sección, “A fronteira infinda”, tres textos pertencentes á homónima colección de relatos. O primeiro deles, “Mi pana bulda”, relata a historia dun engano con trazos sexuais entre un soldado e unha muller namorada doutro; “A derradeira noticia de Pánfilo Sobreira” mostra un instante das angustias de Pánfilo ao longo da súa existencia nun mundo que non o comprende; finalmente, “O filántropo” refire a historia dunha familia cun tío chamado Olegario.
Pechan o volume dous apuntamentos bibliográficos, o segundo dos cales é específico da figura do escritor.

Tamén está descrito no apartado II.4. Poesía deste Informe.


Volume que se inicia cunha introdución de Áurea Ramil Díaz na que se destaca a Eduardo Blanco Amor (Ourense, 1897-Vigo, 1979) como un escritor poliérdico, poeta, xornalista, dramaturgo e narrador. Ramil Díaz inclúe-o como poeta dentro da xeración do 25, mentres que como narrador o considera nunha corrente próxima á de xeración máis modernas, como é a Nova Narrativa galega. Destaca asemade o seu compromiso co galeguismo e coa sociedade que o rodeou. Prosegue o volume cunha breve biografía do autor e unha cronoloxía das súas publicacións e traballos máis salientábeis. Os textos escolmados son de diferente fasquia: textos xornalísticos, poéticos, narrativos e dramáticos. No tocante a obra narrativa deste escritor ourensán atópanse fragmentos d’*A Esmorga*, d’*Os Biosbardos* e de *Xente ao lonxe*. Péchase o volume cunha biografía do autor e sobre o autor.


Décima entrega da colección coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) que acolle a produción poética e prosística de Luís Amado Carballo (Luís Gustavo Amado Carballo, Pontevedra, 1901-1927). Ábrese cunhas breves “Introdución” (pp. 7-8), “Biografía” (pp. 9-11) e “Cronoloxía” (pp.12-13) de Amado Carballo, realizadas por Teresa Seara (Ourense, 1968), nas que se destacan aspectos como a pertenza do autor á chamada “Xeración do vintecinco ou da vangarda” ou o ser o responsable da introdución na literatura galega do hilozoísmo ou o imaxinismo. A seguir, reproducense o relato longo *Maliaxe* (1922), a primeira obra publicada do autor (pp. 67-81) na que se narra a historia de Frolinda, unha moza que deve por namorarse e que, cando xa o consideraba algo imposíbel, encontra o amor mais non será eterno; un fragmento da novela *Os pobres de Deus* (1925) (pp. 83-127), que conta as tristezas e nostalxias dun grupo de vellos que viven nun asilo, relatándose en cada capítulo unha das historias; e *Outras prosas* (pp. 129-137), cinco relatos breves publicados con anterioridade en diferentes revistas.

Tamén está descrito no apartado II.4. Poesía deste Informe.
Áurea Ramil Díaz asina a “Introdución” a esta recollida de textos do escritor Ramón Otero Pedrayo (Ourense, 1888-1976), de quen di que foi “quen contribuíu á renovación e asentamento do xénero narrativo” e un dos “fundadores da moderna prosa galega”. Destaca ademais o tratamento da paisaxe na súa obra. Séguelle un apartado no que se ofrece un breve perfil biobibliográfico, que colle forma a partir de 1925, ano no que publica a primeira obra do escritor, e unha “Cronoloxía”, que resume o xa dito no anterior apartado. A seguir, a escolma de textos comeza con fragmentos da novela *Arredor de si* (1930). Ademais, reproducense fragmentos d’*O Maroutallo* (1974), extraídos do libro que editou Galaxia en 1993 co título *Narrativa breve*; o capítulo III da novela *Os camiños da vida* (1928); anacos de *Contos do camiño e da rúa* (1932); “A revolta e gran risada”, de *Contos de Santos e Nadal* (2003); “O crime do pardiñeiro”, de *Entre a vendima e a castiñeira* (1957); “Actus Tertius”, d’*A Lagarada* (1973); o capítulo VII d’*O Mesón dos Ermos* (1936); e textos varios extraídos de *Narrativa breve* (1993). Alén deste último libro sinalado, o resto dos textos tamén foron extraídos de edicións que realizou a Editorial Galaxia da obra de Otero Pedrayo, despois da súa morte. Eses libros, xunto con outros, recólense no apartado de “Bibliografía”, á que lle segue outra, pasiva, sobre a vida e obra do escritor de Trasalba.

Aurora Varela Caabeiro é a responsábel desta selección de textos de Vicente Risco (Ourense, 1884-1963) que se presenta nunha nova entrega da colección “O mellor de…”, coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948). Ábrese cunha “Introdución” na que se afirma que Vicente Risco é unha das figuras máis importantes da literatura galega, xa que tivo un papel relevantes nas iniciativas políticas e culturais da época, como as Irmandades da Fala e o Grupo Nóis. Sinálase que destacou como novelista e autor de relatos curtos, pero que tamén foi novelista en castelán, historiador, xornalista, pedagogo, etnógrafo, orientalista e teórico do nacionalismo galego. Despois de lembrar que a este escritor se lle dedicou o Día das Letras Galegas en 1981, acóllese unha “Biografía”, na que se fai un percorrido polos trazos máis salientábeis da súa vida persoal e académica, e da súa obra, entre 1884 e 1981; e unha “Cronoloxía”, un esquema da biografía precedente onde se recollen eses mesmos datos resumidos e ordenados cronologicamente. A continuación reproducense os textos narrativos antologados: o conto “O lobo da xente”, extraído d’*O porco de pé e outras narracións* (1972); e fragmentos da novela *O porco de pé* (1928). Este volume péchase cunha bibliografía activa de todas as obras de Risco escritas en galego e unha “Bibliografía sobre Vicente Risco”, na que aparece unha pequena relación de seis traballos que tratan a figura deste escritor, acompañados dunha pequena descripción de cada un deles.

Tamén está descrito nos apartados II.4. Poesía, III.4 Teatro e V.4. Ensaio dente *Informe*. 

Antoloxía de literatura galega, en edición bilingüe galego-inglés, composta por douscentos oitenta e cinco textos de cento cincuenta autores, que fai un percorrido dende a literatura da etapa medieval, incluíndo as cantigas, ademais dun par de textos en prosa, pasando polo período denominado “Séculos Escuros” que recolle unha pequena mostra de textos escritos, todos eles en verso, durante os séculos XVI e XVII, para continuar cos séculos XVIII e XIX, dos que se presenta unha selección de textos, a maioría deles poéticos, aínda que tamén aparece recollido algún conto e algunha outra narración, para terminar a principios do século XXI. Conta ademais con dúas achegas introdutorias: “A Short Introduction to Galician Literature”, de Luciano Rodríguez Gómez (pp. 25-33), na que se fai unha breve historia da literatura galega, e “The Galician Language: An Unfinished Task”, de Manuel González González (pp. 34-47), onde se revisan as cuestións sociolingüísticas do galego e como inflúen na produción literaria, cultural e no recoñecemento social. Fálase da situación de convivencia entre galego e castelán, describendo os procesos de diglosia funcional e de bilingüismo diglósico que se producen na Comunidade Autonómica Galega, e destacase a importancia do Centro Ramón Piñeiro como eixo dos estudos sobre lingua, literatura e cultura do país. En canto á parte narrativa, da época medieval pásase á obra en prosa dos séculos XVIII e XIX da que se recolle un escrito de Marcial Valladares (pp. 129-130), outro texto titulado *Conto galego*, de 1864 (pp. 180-194), un de Antonio López Ferreiro de 1894 (pp. 195-197) e outro máis de Valentín Lama Carvajal de 1884 (pp. 198-205). Pásase a continuación ao século XX (pp. 237-651), onde aparece recollida a prosa dun amplo espectro de autores tales como Ramón Otero Pedrayo, Vicente Risco, Afonso D. Rodríguez Castelao, Rafael Dieste, Álvaro Cunqueiro, Carlos Casares, Suso de Touro ou Manuel Rivas. Esta antoloxía pretende, segundo reza no prólogo inicial, achegar a literatura galega a outros lectores, como símbolo dunha tradición cultural que traspasa fronteiras xeográficas e lingüísticas.

Este volume tamén está descrito nos apartados II. 3 Poesía e XI.5 Literatura medieval deste Informe.

Recensións:


Expícase que son varias as antoloxías publicadas en lingua inglesa de poesía galega, como *Breogán’s lighthouse*, realizada por Antonio Raúl de Toro Santos, na que se inclúen douscentos textos da historia da Literatura galega. Expícanse que os contidos recollen poemas que representan a lírica medieval, dos Séculos Escuros, do Rexurdimento e unha ampla nómina do século XX. Saliéntase tamén a inclusión dun traballo de contextualización da literatura galega de Luciano Rodríguez e da historia da lingua de Manuel González González. Remártase referindo a listaxe de tradutores que participaron na obra.

Comeántase que por primeira vez se aglutina nunha antoloxía a esencia da literatura galega, oitocentos anos nos que se recolle o labor de homes e mulleres cos que se está en débeda e por iso “debemos continuar a súa tarefa e o seu compromiso”. Considera que unha boa medida para renderlles a homenaxe que merecen é dalos a coñecer e facelos accesíbeis fóra das fronteiras galegas, nunha reivindicación e forma de obter o respecto e a admiración pola cultura e identidade galegas. Explicase que estes son os obxectivos de Antonio Raúl de Toro Santos, editor da obra, que chama a atención sobre a editorial que o publicou. Tamén se sinala que participan Luciano Rodríguez Gómez e Manuel González González, quen achegan traballos de contextualización fundamentais, amplas panorámicas en clave cultural, histórica, sociolóxica e política. Por último alúdense ao labor dos tradutores.


Comeza sinalando o gran logro que é para a cultura galega a publicación desta antoloxía, editada por De Toro Santos, que ofrece unha “impoñente panorámica da nosa lingua e a nosa literatura”. Repasa algúns datos da obra, como o número de autores antologados, as autoridades que participaron no acto de presentación e as colaboracións de Luciano Rodríguez e Manuel González. Dá conta da presentación na Fnac, na que sinala que el mesmo participou e anuncia que será presentada tamén en diferentes lugares de Inglaterra. Repasa algúns dos nomes dos creadores antologados, referentes de calidade que representan madureza literaria e destreza creativa dun “país que desexa facerse ouvir”. Lembra que este pulo creativo é froito dunha longa historia de sufrimentos de persoas ás que se lles debe o respecto e a homenaxe por teren contribuído a que Galicia sexa capaz de “mirar ao mundo cara a cara, sen complexos, sen remorsos”. Cualifica a antoloxía como “un auténtico faro das nosas letras”, un volume pioneiro que nos fai sentir máis unidos como pobo. Sinala que esta obra é unha boa mostra de todo o que pode ofrecer Galicia, que dá visibilidade e favorece o recoñecemento internacional, unha excelente carta de presentación. Remata falando do orgullo de ser galego cando se está fóra e a necesidade de reivindicar o noso lugar de orixe, ainda que por veces resulta difícil expresar a identidade con exactitude, o que resultará máis doado a través de obras coma esta antoloxía, un agasallo e mostra “máis certeira esencia da nosa cultura galega”.

Referencias varias:


Coméntase a importancia que ten a publicación, por parte da editora inglesa Francis Boutle, dunha antoloxía completa da literatura galega en edición bilingüe galego-ingles co título de Breogan’s Lighthouse. Disce que é froito do labor dun equipo de tradutores de varias universidades galegas e da británica de Oxford, coordinadas polo profesor Antonio Raúl de Toro, director do Instituto Universitario de Investigación de Estudos Irlandeses Amergin (Universidade da Coruña). Subliñase que está pensada para o
circuíto comercial e non académico e que a maioría das traducións que se inclúen son inéditas, acompañadas de dúas introducions, unha sobre a historia e a situación actual da lingua galega e outra sobre a súa literatura. Fállase logo doutra antoloxía que tamén se publica en Edicións Xerais de Galicia e na editorial Galaxia, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne e que leva por título Anthology of Galician Literature.


Fala dos Encontros de Escritores e Tradutores de Castrillo de los Polvazares e comenta a Antoloxía de literatura galega, traducida ao inglés, de Raúl del Toro; Alá no noroeste...unha cartografía do Camiño en León, e algunha tradución como As frechas de ouro (2004), de John Rutherford.


Describese o desenvolvemento dunha reunión de tradutores e escritores en Astorga na que se fala tamén da aparición da Antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-inglés e da importancia que este feito supón para a proxección internacional da literatura galega a selección de máis de seiscentas páxinas da mesma.


Fállase sobre unha nova antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-inglés, co título de Breogán’s Lighthouse, na que participan un grupo de tradutores e escolmadores dirixidos por Antonio de Toro. Dise que reúne máis de trescentos textos de diferentes xéneros e diferentes épocas representativas da Literatura galega. O propio Antonio de Toro fala aquí sobre a importancia desta obra para a proxección internacional da Literatura galega.


Dáse conta da aparición da antoloxía en edición bilingüe galego-inglés Breogán’s Lighthouse (O faro de Breogán), como culminación dun proxecto levado a cabo polo profesor da Universidade da Coruña Antonio de Toro cuxo fin, tal como el aclara, é a proxección internacional da literatura galega a través de máis de setecentas páxinas. Recólense, segundo se di, textos de diferentes xéneros dende as orixes da literatura galega até o ano 2010 e publicase na editorial inglesa Francis Boutle. Tras a presentación na Universidade de Oxford preténdese, tal como se indica, presentala tamén na universidade de Santiago de Compostela e na Coruña.


Anúnciase a publicación desta antoloxía de amplo espectro temporal, que se salienta como unha vantaxe. Expícalose que o xerme é un vello proxecto de Edicións Xerais de
Galicia que non se completou e que De Toro Santos ampliou en autores, textos e xéneros. Recóllese as palabras do editor, nas que explica a innovación de abranguer até a actualidade, fronte a outras propostas que chegan aos anos oitenta, saliéntase o carácter divulgativo da obra, dirixida a moitos tipos de lectores e a preocupación por seleccionar un amplo número de creadores canónicos. Remántase aludindo á contextualización de Luciano Rodríguez e Manuel González e ao equipo de tradutores, ademais das presentacións que terán lugar en Inglaterra e Galicia.


Faise eco da presentación en Santiago de Compostela da antoloxía *Breogán’s lighthouse*, coordinada por Antonio de Toro, e coméntase que para cubrir o período abranguido (séculos XIII-XXI) foi preciso contar co traballo de varios expertos durante máis de dous anos.


Anúñciase a presentación na galería Sargadelos da Coruña da antoloxía editada por Antonio de Toro Santos. Expícase que ao acto asistiron diferentes autoridades e que contou co apoio de institucións como a Dirección Xeral de Difusión Cultural e o Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades. Sinálase o amplo abano de autores e o marco temporal da obra e recóllese as palabras do editor na presentación na que salientou a importancia de trasladar á lingua inglesa a cultura galega para dala a coñecer en todo o mundo. Dise que tamén se referiu ao carácter divulgativo da obra. Por último, recóllese as palabras de Francisco López, representante da Consellería de Cultura, que considera que esta obra é o camiño a seguir e que o seu departamento mercará exemplares para levar aos Institutos Cervantes de todo o mundo. En cadró á parte reproducéense declaracións de Antonio de Toro Santos sobre a visibilidade que dá o emprego da lingua inglesa e recóllese algúns dos nomes dos autores incluídos na antoloxía.


Antoloxía dos últimos cincuenta anos da ficción científica publicada en Cuba na que o antologador José Miguel Sánchez “Yos” fai un breve percorrido polas principais etapas na evolución desta modalidade literaria no país caribeño. Remóntase a finais do século XIX e principios do XX para citar algúns dos precedentes, á vez que remite á obra *El universo de la ciencia ficción en Cuba* (2007), de Nelson V. Román, para coñecer máis sobre o tema. A seguir, detense nos anos 40 e 50, nos que destaca a importancia das revistas *pulp* norteamericanas e as noveliñas “de a duro” de diferentes coleccións, coas que o lectorado se familiarizou, aínda que os textos adoceran de falta de calidade. Considera un feito fundamental o Primeiro de Xaneiro de 1959, fito histórico que deu paso a unha nova sociedade na que tamén a literatura iniciou novos vieiros, de aí que
sex o momento de inicio para a selección de textos, por considerar que os creadores cubanos de ficción científica produciron obras emulando os grandes autores da época, como Isaac Asimov, Ray Bradbury, Robert Heinlein, etc. A continuación detense no proceso de selección dentro do marco cronolóxico acoutado e nas dificultades para peneirar os textos desta selección, que manifesta estar baseada no gus to persoal, pero tamén distanciándose de prexuízos e baseada na relevancia e representatividade de cada autor seleccionado. Adianta a estrutura da obra e explica que se corresponde cos periodos identificados na ficción científica cubana. Remata sinalando que con esta entrega se pretende facer un reconto “necesariamente incompleto e parcial, do que moitos crían que sería o futuro hai unhas décadas, á vez que unha aposta polo que aínda poderia ser [...] nunhas décadas máis”. A seguir reproducéuse o contido de cada un dos tres grandes apartados, que aparecen precedidos dunhas breves notas contextualizadoras. No titulado “O entusiasmo dos pioneiros (1960-1970)” inclúense os textos “Un inesperado visitante” (pp. 17-25), de Ángel Arango (1926); “O tolo farrapeiro (Fragmento)” (pp. 27-38), de Miguel Collazo (1936-1999); “Os abellóns da colmea” (pp. 41-51), de Oscar Hurtado (1917-1977); “Ese ruido como de pedras que caen” (pp. 53-64), de Juan Luis Herrero (1936-1999); e “Retroceso” (pp. 67-74), de Arnaldo Correa (1936). No apartado titulado “Os premios David e Juventud Técnica, os talleres literarios (1980)” inclúense os textos “Níobe” (pp. 81-96), de Daina Chaviano (1957); “Só Marta” (pp. 99-103), de Bruno Henríquez (Holguín, 1947); “Un instante de sol” (pp. 105-119), de Chely Lima (Guíra de Melena, 1957); “Solteironas no atardecer” (pp. 121-125), de Alberto Serret (1947-2000); “Na cuneta” (pp. 127-131), de Roberto Luís Sotero Estrada Bourgeois (1950); “Memorias dun tradutor simultáneo” (pp. 133-147), de Luis Alberto Soto Portuondo (Santiago, 1948); “O Príncipe Hircanio” (pp. 149-159), de Arnoldo Águila (Camagüei, 1943); “O outro mundo” (pp. 161-165), de Eduardo Frank Rodríguez (1944); “Xogo dunha noite de verán” (pp. 225-229; F. Mond, 1944); “Vén” (pp. 205-211), de Rafael Morante (Madrid, 1931); “Hotel de verán” (pp. 213-223), de Eduardo del Llano Rodríguez (Moscova, 1962); “O primeiro encontro” (pp. 225-229), de F. Mond (nom de Félix Mondéjar, 1941); “Bondaxe 3D” (pp. 231-235), de Raúl Aguiar Álvarez (1962); “Automobileta” (pp. 295-299), de Michel Encinosa Fu (La Habana, 1974); “O ataque do mendieta manchado” (pp. 301-311), de Juan Pablo Noroña Lamas (1973); “Os ollos do fogo verde” (pp. 313-325), de Jorge Enrique Lage (1973); “Débeda temporal” (pp. 327-332), de Anabel Enríquez Piñeiro (Santa Clara, 1973); “Pantasmas inocentes” (pp. 335-349), de Alberto Mesa Comendeiro (1972); “O mestre neno” (pp. 251-253), de Gerardo Chávez Spinola (1947); “Trulla Mob” (pp. 255-264), de Ariel Cruz Vega (San Miguel del Padrón, 1969); “Avases” (pp. 267-276), de Vladimir Hernández Pacín (1966); “O ataque do mendieta manchado” (pp. 301-311), de Juan Pablo Noroña Lamas (1973); “Os ollos do fogo verde” (pp. 313-325), de Jorge Enrique Lage (1973); “Débeda temporal” (pp. 327-332), de Anabel Enríquez Piñeiro (Santa Clara, 1973); “Pantasmas inocentes” (pp. 335-349), de Alberto Mesa Comendeiro (1972); “Características notábeis da electrónica moderna” (pp. 351-360), de Erick Jorge Mota Pérez (1975); “In corpore sano” (pp. 363-364), de Ricardo Acevedo Esplugas (1969); “8 de decembro” (pp. 367-369), de Raúl Flores Iriarte (1977); “O” (pp. 371-374), de Haydée Sardiñas de la Paz (Villa Clara, 1966); “Simbiótica” (pp. 377-383), de Carlos Duarte Cano (La Habana, 1962); e “Ed Dedos” (pp. 385-387), de Leonardo Gala.
II. POESÍA

II.1. POETAS GALEGOS


Poemario de amor de Xoán Abeleira (Maracay, Venezuela, 1963) que consta de sesenta e tres poemas (sesenta e dous máis un a modo de epílogo) intitulados, sen rima e cunha métrica variábel. O libro está introducido por versos de Robert Desnos, Rosalía de Castro, Henri Michaux, un xamán chamado Semyonov Semyon e André Breton. Destes sesenta e tres poemas, están en prosa: “A tea”, “Antesoño”, un dos fragmentos de “Dous fragmentos de Estelas”, “Omen” e a segunda parte do epílogo “O primeiro poema”. A gran diferenza entre os versos escritos en verso e en prosa é que, mentres que os segundos constan de todos os signos de puntuación pertinentes, os primeiros carecen deles, só se utilizan os puntos suspensivos, e os versos sempre comenzañ por maiúscula.

O poemario trata do amor intenso e da complicidade entre dous amantes, pero tamén do amor imposíbel e doloroso, o cal adoita rematar coa separación da parella, polo que os poemas están cargados de lírica pero tamén de drama. Por outra banda, nalgúns poemas aparece o erotismo, a fusión de dous corpos ou obxectos nun, e a ruralidade, por exemplo, reflectida en imaxes como a da vaca parindo e o eu lírico asistindo ao parto no poema “Igual ca un becerro cando se lle ven as patas”. Esta ruralidade tamén se percibe na lingua que o autor emprega.

Recensións:


Sinálase que este poemario de Xoán Abeleira é un libro de poesía de amor de difícil resolución, que se move entre o que foi e o que nunca será, o posíbel e a imposibilidade que sexa. Coméntase que esta contradición aínda se acentúa máis na fusión absoluta na que están os amantes antes de que a vida os afaste para sempre. Indícase que no poemario se mestura lírica e épica, incluso tinguidas de drama, e tamén ruralidade, xa que a aldea é un núcleo dun mundo no que se vai introducendo o autor. Destácase que o drama está intensificado pola súa estética, grazas a chocantes imaxes como a da vaca parindo mentres Abeleira asiste á operación fascinado. Finalmente, tamén se fai fincapé no erotismo dalgúns poemas nos que dous corpos se fusionan nun e no que todos os instrumentos conflúen até semellar un só.


Aplaude que a nova editora Franouren estree a colección de poesía “Maldoror” e, a seguir, céntrase na descrición do seu primeiro número: *As nosas sombras no xardín de*
Serralves, de Xoán Abeleira. Indica que este volume é a crónica dunha obsesiva historia de amor e subliña que para analizar este libro cómpre facer unha relectura dialéctica da poética de Olga Novo.

Referencias varias:


Acóllese o poema “Igual ca un becerro cando se lle ven as patas”, pertencente a As nosas sombras no xardín de Serralves, de Xoán Abeleira.


Reprodúcese nesta sección fixa o poema “Ti…”, tirado do poemario As nosas sombras no xardín de Serralves.


Entrevista a Manuel Ángel García, coordinador da colección de poesía “Maldoror” da nova editora ourensá Franouren, e Julita Arcos e Bábrara Álvarez, que forman o comité editorial da mesma. Comentan que começaron como unha axencia de tradución e que despois crearon unha liña editorial, cuxa colección de poesía se estrea con dous poemarios, un dos cales é As nosas sombras no xardín de Serralves, de Xoán Abeleira.


Acóllese o poema “Nabos”, incluído no poemario As nosas sombras no xardín de Serralves, de Xoán Abeleira.


Recóllense recomendacións e comentarios sobre diversas obras, tales como As nosas sombras no xardín de Serralves, de Xoán Abeleira, un poemario do que salienta Dolores Vilavedra a profundidade e madurez da súa voz.


Reprodúcese o poema “Unha manch(e)a de sangue”, incluído no poemario As nosas sombras no xardín de Serralves, de Xoán Abeleira


Insírese un poema inédito de Xoán Abeleira, “Os aneis”, que pertence á serie d’As nosas sombras no xardín de Serralves e foi escrito despois de publicar o poemario.

Poemario de Xosé Alberte Alonso Fernández que se abre cunha dedicatoria a seu pai e uns agradecementos á familia e a Bieito Romero, quen asina o limiar do volume baixo o título “A xeito de prólogo para o meu amigo Alberte”, no que se refire aos tempos nos que coñeceu a Alberte “no que o celtismo foi o noso denominador común”, para falar do xeito de evocar o poeta eses tempos e o legado da terra, ao tempo que considera que na súa poesía “hai algo de Ossian”, pero tamén “algo de Pondal”, afirmando que os versos “arrecenden a Atlántico e a Galicia”. Séguelle a “Introdución” do autor, na que Alonso Fernández fala dunha serie de constantes do pobo celta para xustificar a súa proposta de recreación-ficción poética. As cincuenta e dúas composicións que compoñen este poemario recrean a vida de imaxinarios personaxes que comeza coa historia do druída Dovirlas, até que coñece á súa muller Nargala, coa que ten sete fillos (Brou, Merrac, Ardeloc, Neindendelac, Belteña, Cambila e Sereíña). Alén de reparar nos seus costumes ancestrais, fundamentados na transmisión da sabedoría do druída, máximo coñecedor do pobo, aparecen outros personaxes, como Onac, o ferreiro; Brou, o guerreiro; Celtio, o bardo; Bearnal, o canteiro; Dantre, o labrego, ou Saa, o mariñeiro. O achegamento e gabanza ao elemento céltico faino con versos longos, a medio camiño entre o ton lírico e o épico. Os títulos dos poemas van en negriña e en maiúscula e na cuberta preséntase unha fotografía dunha palloza e un castro.


Edición bilingüe galego-catalán de Artur Alonso Novelhe (México, 1964) que arrinca cun prólogo de Joám M. Araújo (pp. 3-7) iniciado con dous poemas, un de Rosalía de Castro e outro de Salvador Espriu. De seguido, Araújo explica porque Alonso elixiu esta ortografía, xa que se sinte máis identificado coa lingua que se empregaba na Galicia cando os pobos do norte do Río Miño formaban parte dela. Despois tamén se fai alusión ao labor que fixeron a favor da lingua e cultura galega os grandes escritores do século XVIII. No prólogo explicase tamén o que levou ao autor a escribir este poemario e a temática que trata, que é unha crítica do mundo no que se vive hoxe e opina que se debería de tirar cara a un mundo máis multicultural, o que trae consigo un mundo máis globalizado e define o que este termo significa. Inculca valores de solidariedade e respecto até a variedade. Seguido deste prólogo aparece unha biografía do poeta (pp. 9-10) na que se dá conta da súa carreira literaria. A seguir, atópanse os poemas nos que se pode diferenciar unha introdución formada por tres poemas “Págs Vazía”, “Dedicatoria a Costa da Morte” e “Prefácio”, separados entre eles por unhas pinturas de Peter Jensen; unha parte central, que combinaría os títulos dos nomes dos números cardinais do “Um” até o “Doce” cos poemas “Oracción á amada”, “Carta aos nossos fillos,” “Na minha terra cada día nasce un novo poeta”, “Publicidade”, “Publicidade 2” e “Absurdo”; e unha parte final na que se encontran os títulos “Amnesia”, “F1”, “Campo de provas”, “Estrada rural” e “Logos-zero, zero”. Jens Peter Jensen (Barcelona, 1970) é o encargado das pinturas abstractas que separan os grupos de poemas.

**Referencias varias:**

Infórmase da presentación das novidades editoriais en Festigal, entre as que se atopa *Filhos da Brêtema*, de Artur Alonso Novelhe.


Breve entrevista co escritor Artur Alonso Novelhe co gallo da presentación na libraría Pedreira do seu terceiro poemario, *Filhos da Brêtema*. Alonso explica que o título responde a unha dualidade, xa que emprega a palabra brêtema como elemento identificador da paisaxe atlántica e esa especie de “cortina de fume” que a veces impide ver a realidade. Comenta ademais que o poemario está en galego e en catalán e que segue o acordo ortográfico do portugués.


Edición única e limitada dunha tiraxe de cent exemplares numerados e asinados polo editor, presentada nunha caixa elaborada en cartolina e que inclúe, co gallo da celebración da obra de Uxío Novoneyra, quince poemas inéditos de Xosé Mª Álvarez Cáccamo (Vigo, 1950) e oito poemas visuais, xunto cun poema visual máis iluminado con tintas chinesas de varias cores, numerado e asinado. Cada un dos poemas visuais consiste nunha enumeración de vocábulos encol da toponimia galega que sustenta a súa obra a partir de xogos eufónicos entre os mesmos. O primeiro texto serve de presentación dos demais xa que nel expresa o autor a fascinación que lle provoca a presenza de abondosa toponimía esdrúxula galega coa que vai deseguido construír todos os textos. Combinan diferentes tamaños e tipos de letra e inclúe tamén diferentes cores incluso dentro dun mesmo texto. Xoga con textos caligráficos e outros nos que a cor só ilustra a vogal tónica do topónimo como medio de enfatizar o seu fonosimbolismo e o seu son esdrúxulo. Outros textos presentan estrutura simétrica e acróstica na que é o topónimo a palabra formada coas iniciais de cada verso. Obsérvase tamén como lles dá forma estrófica e combina diferentes medidas dos versos construíndo así textos que lebran os de Uxío Novoneyra e outros que seguían a métrica máis clásica. Algúns deles forman acrónimos, como “Un soneto de amor” ou “Romance de Bea”. O epílogo deste exemplar, “Un cántico sonético en hábito de epílogo”, vén composto por un soneto de Gonzalo Navaza. Tras o epílogo aparece unha “Nómina íntegra” que recolle todos os topónimos que aparecen no volume por orde alfabética e un gravado que pecha o exemplar cun poema visual do autor en tinta rosa e azul-negra coa forma dun ese moi suave.

**Referencias varias:**

Anúnciase a inauguración dunha exposición de esculturas recentes de Pepe Cáccamo na aula Ponte das Rosas do Instituto de Estudos Miñoranos en Gondomar. Ademais tamén se presenta nesa exposición o seu recente libro de poemas Cántico dos topónimos esdrúxulos, que contén poemas e ilustracións nas que só se utilizan combinacións de más de cen topónimos galegos. Aclárase que está publicado en Espiral Maior, nunha edición limitada de cen exemplares.


Coméntase a presentación en Santiago de Compostela da colección de Espiral Maior “Libros de artista. O xardín Perdido” que ofrece unha liña de produtos literarios e plástico-visuals presentados en coidadas caixas de deseño coa intención de crear en Galicia unha oferta orixinal e especializada en libros de artista. Logo dice que os primeiros títulos que saen ao prelo son Cántico dos topónimos esdrúxulos, de Xosé María Álvarez Cáccamo, e Natureza Haiku, no que colaboran a poeta Olga Patiño, a gravadora Isabel Pintado e a escultora Soledad Penalta. Logo sinálase cal é a tiraxe de cada unha das obras.


Infórmase de que a editorial Espiral Maior achega aos lectores o seu novo proxecto: a colección de libros de autor “Xardín perdido”, con dous primeiros volumes que mesturan calidade, apostá creativa e forza visual. Describese logo brevemente o contido dos dous volumes: Cántico dos topónimos esdrúxulos, de Xosé María Álvarez Cáccamo; e Natureza Haiku, obra colectiva entre a poeta Olga Patiño, a escultora Soledad Penalta e a pintora Isabel Pintado. Tamén se indica que de momento a coleición só se venderá nos estabelecementos da Libraría Couceiro da Coruña e de Santiago de Compostela.


Recompilación de poemas de Pablo Bouza (Fene, A Coruña, 1965) que resultou merecente do primeiro premio da trixésimo quinta edición do Certame Literario do Concello de Vilalba en 2009. Principia o volume cunha dedicatoria a seu pai e dúas citas de Fernando Pinto do Amaral e Xavier, Seoane. Estruturado en catro seccións, o volume trata da poesía na súa vertente ontolóxica, cunha liña temática baseada no concepto de morte que unifica o poemario en si. A primeira sección intitúlase “Alma Baleira” e comeza cunha cita de José Ángel Valente. Consta de dezaxove composicións non moí extensas que reflicten o baleiro da alma unha vez que a persoa benquerida xa non está. Algunhas delas comezan con citas de Claudio Rodríguez Fer, Dario Xohán Cabana, Dylan Thomas, Xosé Manuel Vélez, Xulio L. Valcárcel, Luís García Montero, Miro Villar, Pilar Pallarés e Alfonso Pexegueiro. A segunda sección, “Poética da memoria”, iníciase cunha cita de Pablo Neruda e contén un total de oito poemas que xiran arredor do sentimento da soidade e da anguria polos que xa morreron. O último

Referencias varias:


Dá conta da publicación dos poemarios merecentes dos premios do Certame Literario do Concello de Vilalba, por parte da editorial Espiral Maior. Destaca as presentacións de dous dos volumes gañadores, Ingrávido signo, de Pablo Bouza, quen indica que a súa é unha poesía da memoria e do ser no que rende homenaxe a seu pai morto e a un tempo vivido, e Outono, mancebo céfiro de ás ergueitas, de Xosé Otero Canto. Sinala algúns dos traballos presentados neste certame, como os de Darío Xohán Cabana ou Fiz Vergara Vilarixo e, nun epígrafe intitulado “Premiados”, os gañadores da anterior edición, Pablo Bouza, por “Na intimidade do Azougue”, e Martiño Maseda, por “Nos labirintos da alma”, así como a contía do premio recibido. Baixo o epígrafe “Poética de memoria y versos dedicados a la naturaleza”, describe o acto de presentación dos volumes premiados, dos que destaca o prólogo de Xulio Xiz ao poemario da autoria de Otero Canto e sinala o recitado de poemas por parte dos gañadores. Conclúe cun apuntamento sobre a distribución dos volumes publicados en Galicia, Barcelona ou Madrid.


Alúdese á recollización de poemas de Pablo Bouza no selo editorial Espiral Maior. Dise que foi merecente do premio de poesía do Concello de Vilalba e fálase dos poemas de Henrique Rabuñal sobre o tema da morte.


Poemario de Mon G. Buhigas (Vilagarcía de Arousa, 1965) sobre a temática do amor que se abre coa dedicatoria “Por e para Inés”, á que se lle segue unha cita de U2. Luís Alonso Girgado presenta a obra nun limiar intitulado “Rutas e estadías dunha viaxe namorada”, no que manifesta que o amor é o tema “único e reiterado” e destaca, entre
outras cousas, o uso da linguaxe poética neste poemario. A continuación, aparece “E eu non son como outras aves de rapina”, que contén dez citas da autoria de Álvaro Cunqueiro, Van Morrison e Lois Pereiro, entre outros. *Doce* componse de corenta e oito poemas, numerados en romano, agás o décimo segundo, “Inés”, que é o único que está titulado. O eu lírico diríxese en todo momento á amada para expresarlle os seus sentimentos, a través dunha simboloxía no que o espazo do poemario é sempre o corpo, nomeado a través dos ollos, os dedos, os beizos ou as mans. En ocasións, os poemas tenden ao erótico e, a nivel formal, son versos, polo xeral, de carácter irregular. As ilustracións, con flores vermellas diversas, son da autoria de Inés Casas Maroto. Péchase o volume co apartado “Nunca camiñarás só”, con agradecementos e dedicatorias “In memoriam”.

**Recensións:**


Faise eco da publicación de Mon G. Buhigas *Doce* que di ler “con pracer” e apunta que os poetas Juan Ramón Jiménez e Pedro Salinas pedían “enxeño, intelixencia e autenticidade”. Do Buhigas indicase que “non anda en bandas literarias ou pandillas”. Coméntase que aparentemente practica unha poesía elemental e que “desde ese cerne ou esencia que o mantén posúe moí bo oído e idea de que cousa é o poema”. Para rematar, repárase na forza que lle transmite o poema máis longo do libro: XXIX.

**Referencias varias:**


Inclúese nesta sección fixa a composición “Inesperadamente tremen os meus beizos …”, recollida en *Doce*, de Mon G. Buhigas.


Conxunto de poemas de J. Luís Calvo que contén un “Limiar” asinado por Isidro Novo no que sinala que “poucas veces” o título dun libro “perfilou tan ben como este o seu contido”. Abrese este poemario cunha dedicatoria “Para María José, por todo, por sempre...” e unha cita de Garcisánchez de Badajoz. A seguir, acólleense un total de cincuenta e cinco poemas, todos eles titulados. Os versos destacan pola ausencia de rima e a presenza dunha certa narratividade, no que o eu lírico expresa a necesidade de amor na busca do corpo da amada porque é aí onde se refuxia do medo e da dor existencial. Obsérvase como a temática, inicialmente de amor, tende ao sensual e ao erótico a medida que avanza o encontro carnal, para dar pé á exploraicións do corpo amado. Hai tamén unha permanente dualidade de contrastes, como a ausencia/espera fronte á presenza, a sombra fronte á luz (“a luz que alimenta”), o día fronte á noite, a calor fronte o frio, etc. Destácase un breve apartado final, titulado “Poética para o fin
dos días”, ao que lle seguen dous versos en letras maiúsculas: “Ti es a miña escritura/ O meu poema é a túa realidade”, que son os que pechan definitivamente o poemario. Na “Nota final do autor”, asinada en Toledo, J. Luís Calvo realiza unha serie de agradecementos.


Poemario de Xosé Daniel Costas Currás (Moaña, 1981) composto por corenta e seis composicións distribuídas en catro seccións ou apartados diferenciados. Ao observar a cuberta, apréciasi a sinxeleza que caracteriza o volume, que tan só presenta unha pequena árbore en cor vermello como toda ilustración. Uns versos de Eusebio Lorenzo Baleirón pertencentes a **Gramática do silencio** abren o poemario e anteceden a tres citas pertencentes cada unha delas a Xosé María Álvarez Cácamo (*O lume branco*), Bernardino Graña (*Poema do home que quixo vivir*) e Xosé Manuel Millán Otero (*Este é o tempo do sal*). A continuación atópase o prólogo escrito por Xosé Manuel Millán Otero no que adiánta a mensaxe que se pode atopar na lectura de **Conservas**. As seccións nas que se estrutura son as seguintes: “Conservas de como eramos” (pp.19-33), “Cheiros” (pp. 35-40), “Conservas de como era” (pp. 51-70), e, finalmente, “Gramática do sal” (pp. 71-78). A lectura de cada un dos poemas que constitúen a obra deixa percibir un profundo sentimento de nostalxia e melancolía a través dos recordos dun neno nun mundo onde o mar é o protagonista. Pódense atopar deste xeito continuas referencias as sereas das fábricas de conservas, dos estaleiros, dos cheiros das xentes que viven do mar, etc. Sobre todo, subliña a fortaleza das mulleres traballadoras. A voz poética en primeira persoa predomina e nos últimos poemas adopta dalgunha maneira unha posición feminina.

Recensións:


Tras unha breve reflexión do autor do artigo sobre qué é a poesía, remata facendo referencia á publicación do libro **Conservas**, de Xosé Daniel Costas Currás, que resultou gañador do Premio Lorenzo Baleirón. Finalmente, destaca o seu gusto por dito poemario que supón unha mirada á infancia do autor.


Faise referencia á publicación do poemario **Conservas**, de Xosé Daniel Costas Currás, merecedor do Premio de Poesía Eusebio Lorenzo Baleirón. A continuación, destácanse as características máis significativas da obra e a posibilidade de atopar temáticas como a construcción da identidade, a lembranza da infancia, o traballo nas fábricas, etc. Describese o libro como unha “reconstrucción da memoría”. Finalmente, destácase a presenza do universo feminino na obra do autor.
Referencias varias:


Convérsase con Xosé Daniel Costas na presentación do seu primeiro poemario, *Conservas*, na compostelá Libraría Couceiro. Apúntase que na presentación estivo acompañado por Helena Vílar, coordinadora do certame poético do Concello de Dodro no que fora galardoado este poemario. Recóllese que o título alude á memoria próxima da súa nai, quen traballara nunha fábrica de conservas de Moaña; que o poemario é unha homenaxe á mulleres de Moaña; que o importante do premio alcanzado é que “a xente lea”; e que este poemario e o galardón que mereceu lle abren portas noutros ámbitos literarios, caso da súa asistencia ao congreso para escritores mozos que organizou a Asociación de Escritores en Língua Galega (AELG).


Poemario de Manuel Darriba (Sarria, 1973) no que aborda fundamentalmente o cotiá na maioria dos cincuenta e dous poemas breves que o conforman. As composicións caracterízanse polo seu formalismo e o emprego do verso libre. Cada poema é metáfora dun episodio habitual no devir cotián dun cidadán calquera e destaca o ton melancólico e o sentimento de perda resultante do paso do tempo. O poemario acompaña de ilustracións de Lomarti que semellan estar feitas a partir de sombras e con formas surrealistas.


Tras un prólogo institucional da Asociación de Escritores en Língua Galega (AELG), na introdución “Palabras contra o cemento da xordeira” (pp. 9-16) Xoán Carlos Domínguez Alberte, coordinador deste volume colectivo onde colaboran máis de sesenta escritores galegos, explica a orixe desta iniciativa altruista ao tempo que critica duramente o goberno en vigor da Xunta de Galicia pola política levada a cabo contra o patrimonio histórico e cultural galego, expoñendo a continuación os puntos esenciais nos que fundamentan a súa defensa en prol da continuidade do mosteiro de Celanova como lugar de ensino da lingua e cultura galegas e opoñéndose á súa transformación nun parador turístico. A seguir, acóllose os seguintes textos poéticos acompañados dunha breve biobibliografía de cada autor:


Poema, de Xosé María Álvarez Cáccamo (Vigo, 1950), formado por trinta e cinco versos polimétricos contra a usurpación do mosteiro de Celanova.

Canto de Francisco Álvarez “Koki” (A Guarda, 1957) á memoria nacional a través de dez serventios numerados.


Conxunto de versos, de Anxo Angueira (Dodro, 1961), que recorda con nostalxia a modo de memoria colectiva a ledicia de tempos pasados no Instituto de Celanova.

- Ana Arias Saavedra, “¡Pode falar a muralla!”, pp. 33-36.

Poema de Ana Arias Saavedra (Guntín de Pallares, 1951) formado por vinte e unha estrofas de seis e catro versos, na súa maioria de arte menor, que enxalza a sabedoría contida na muralla de Lugo.


Poema de Susa Blanco Montecelos (Friol, 1972) formado por seis estrofas divididas en catro partes numeradas no que se critica a insensibilidade capitalista e se reivindica a conservación do patrimonio cultural.


Breve poema de Lino Braxe (Mugardos, 1962) composto por unha estrofa de oito versos polimétricos que denuncia os bárbaros que destrúen o patrimonio das xentes humildes.


Dende o título do poema de Francisco Castro (Vigo, 1966) estabelécese unha antítese entre a muller sen memoria e a labor do poeta que emprega as súas palabras como arma para salvar a memoria das pedras do Mosteiro.


Breve peza de Xabier Cordal (A Coruña, 1965) composta por catro versos polimétricos nos que se prescinde de signos de puntuación e de letras maiúsculas.

- Antón Cortizas, “Romance de Celanova”, pp. 61-64.

Romance de Antón Cortizas (Ferrol, 1954), dividido en nove series e dedicado ao alumnado do Instituto de Educación Secundaria do Poleiro. Nel cóntase a situación que está a vivir o Mosteiro de Celanova coa intención do goberno de cambiar as aulas do instituto por un hotel de luxo.

Poema de Marta Dacosta (Vigo, 1966) pertencente á obra Cinza onde o eu poético é a voz do Poleiro, de pedra pero non indiferente ante a iñustiza.


Dedicado “A quen defende o Poleiro”, o poema, de Lois Diéguez (Monforte de Lemos, 1944), composto por dúas strofas polimétricas, enxalza a beleza do vello claustro e ataca os que pretenden comerciar con el.


Dedicado “A todas as persoas que defenden o uso do instituto, que se debe chamar IES Celso Emilio Ferreiro, como foro de cultura e de formación públicas”, este poema de Xoán Carlos Domínguez Alberte (Ramirás, 1966) reivindica o uso público do Poleiro.


Pertencente á serie “esca e pedra” e escrito en minúsculas, o poema de Eduardo Estévez (Bos Aires, 1969) fala de maneira sensorial do proceso de elaboración do queixo.


Estabelecendo unha analogía coa Odisea de Homero, este poema de Alberto Lema (Vimianzo, 1975) reflicte o sentimento dos emigrantes galegos lonxe da súa terra.


Conxunto formado por tres redondillas en defensa do uso público do Mosteiro de Celanova da autoría de Lourdes Maceiras (Barcelona, 1955).

- Verónica Martínez Delgado, “Queimar”, p. 115.

Poema de Verónica Martínez Delgado (Valdoviño, 1976) formado por quince versos de arte menor nos que se fala da destrución material.

- Oriana Méndez, “E o que permanece en nós contempla estrañamente esta viaxe”, pp. 117-118.

Viaxe cara a un mundo mitolóxico e lendario en loita pola memoria de Oriana Méndez (Vigo, 1984).

- Rosa Méndez Fonte, “Foron as mans do pobo salvadoras”, pp. 119-120.

Poema escrito pola ferrolá Rosa Méndez Fonte en versos de arte maior, dispostos en catro strofas, onde se fala de como o pobo de Celanova salvou as pedras do Poleiro.

Conxunto de versos polimétricos, escritos en minúscula sen signos de puntuación, nos que Alberte Momán (Ferrol, 1976) alenta á loita contra a opresión.


Poema de Ramón Nicolás (Vigo, 1966) formado por dez estrofas con repetición das impares a modo de retrouso que implica ao lectorado a través da función apelativa facéndoo reflexionar sobre as cousas que se é capaz de ver por un mesmo.


Viaxe cara ao interior a través deste conxunto de versos enchidos de musicalidade da autoria de Olga Novo (Vilarmao, 1975).


Defensa do uso popular do mosteiro nun canto á liberdade e á loita pola identidade do pobo de David Otero Fernández (Santiago de Compostela, 1946).


Poema subtitulado “(pés espidos)” e dedicado “Para Luis ‘Gabú”, da autoria da coruñesa Olga Patiño Nogueira que, co recurso da personificación, se dirixe ás pedras do Mosteiro.


Chus Pato (Ourense, 1955) fala dun futuro incerto onde a devastación provoca o sufrimento dun pobo nesta súa composición.

- Begoña Paz, “Hipócrita”, pp. 139-140.

A través da apelación ao lectorado, Begoña Paz (A Coruña, 1965) cuestiona a existencia de Deus nun mundo asolado pola dor, o medo e a fame.


Canto de Lois Antón Pérez (Ramirás, 1931) ao mes de maio en Celanova que traerá a primavera da Cultura.

- Mariña Pérez Rei, “Historia muda”, pp. 143-144.

Mariña Pérez Rei (Ames, 1966) defende o uso popular do Mosteiro contra a súa privatización describindo a grandeza do claustro.

- Baldo Ramos, “Cando Adiante era 1988”, pp. 147-149.

Baldo Ramos (Celanova, 1971) apela aos fíos da memoria para loitar contra o esquecemento da historia en prol das raíces populares e a liberda.

Paco Souto (A Coruña, 1962) emprega a lingua como arma para loitar contra a inxustiza a través dun verso enérxico e estrutura decrecente.

- Xulio Valcárcel, “Presaxio”, pp. 171-172.

Ao longo de nove estrofas polimétricas, Xulio Valcárcel (Lugo, 1953) presaxia a devastación e a soidade provocadas polo esquecemento da memoria e da propia identidade.


Formado por sete estrofas con distinto número de versos, o poema da autora de Corme Diana Varela Puñal reflicte a soidade da volta á casa nunha tarde chuviosa de finais de verán.

- Xosé Vázquez Pintor, “Celanova de noso”, p. 175.

Poema de Xosé Vázquez Pintor (Melide, 1946) composto por catro tercetos encadeados sobre o mosteiro de Celanova.


Dedicado a Xoán Ignacio Fonseca e pertencente á obra Antonio das Mortes e a Muller de Verde, Manuel Vilanova (Barabantes, Ourense, 1944) dirixese ao personaxe de ficción Antonio das Mortes creado por Glaucer Rocha reflexionando sobre o medo, a memoria e a morte.

O volume péchase cun “Apéndice” que recolle os comentarios recollidos na páxina en liña da Plataforma en defensa do uso público e educativo do mosteiro de Celanova polos escritores galegos e un “Índice” do volume.

Referencias varias:


Coméntase a iniciativa promovida pola Asociación de Escritores en Lingua Galega (AELG) que procurou os autores do libro En defensa do Poleiro. A voz dos escritores galegos reclama o uso público do Mosteiro de Celanova entre os seus membros co obxectivo de informar á xente “con obxectividade dos intereses especulativos” que existen detrás dun “hipotético desaloxo dun edificio publico perfectamente dotado para acollir inversions privadas”. Explicase que o volume estará formado por creacións literarias inéditas, en prosa e verso, de temática libre pero cunha extensión máxima de dúas páxinas.

Comenta a publicación de *En defensa do Poleiro*, iniciativa xurdida coa colaboración da Asociación de Escritores en Língua Galega (AELG) e a Plataforma en defensa do uso público do Mosteiro de Celanova reclamando “literariamente” a súa continuidade como centro educativo. Apunta que o volume, composto na súa totalidade por textos inéditos de distintos xéneros, é froito da colaboración altruista de sesenta e dous escritores entre os que se poden atopar as voces de Marilar Aleixandre, Darío Xohán Cabana ou Xosé Neira Vilas.


Entrevista a Xoán Carlos Domínguez Alberte, coordinador da obra colectiva *En defensa do Poleiro*, na que o autor expresa o seu desacordo coa política lingüística do goberno galego. Afirma que se está vivindo nunha sociedade de “des-información” onde os medios manipulan constantemente a realidade ofrecendo só unha visión parcial dela. Remata falando da súa intención de traballar nalguna obra sobre o patrimonio literario galego e expresa a necesidade de erguerse contra os poderes establecidos.


Anuncia a presentación na Fundación Caixa Galicia da Coruña do volume colectivo *En defensa do Poleiro*, acompañado da proxección do documental *O IES-plicable*, elaborado pola Plataforma en defensa do uso público do Mosteiro de Celanova e da exposición de illustracións da pintora Mané Boán. Explica que a obra xurdiu como apoio á continuidade do instituto no claustro do Mosteiro de Celanova oponéndose á súa transformación en parador turístico, polo que se inclúe unha breve contextualización histórica do Mosteiro. Tamén dá conta dos actos de protesta levados a cabo diante do Parlamento Galego.


Dá conta da presentación en Santiago de Compostela de *En defensa do Poleiro*, obra na que participan sesenta e dous escritores en prol do uso público do Mosteiro de Celanova e contra a transformación deste nun parador de turismo. Tamén refire as duras palabras de Xoán Carlos Domínguez Alberte, coordinador do volume, a distintos representantes políticos e anuncia a xornada literaria prevista para o mes de abril en Celanova e dirixida contra o goberno do Partido Popular.


Anúnciase a presentación deste libro, coordinado por Xoán Carlos Domínguez, no que participaron sesenta e dous escritores.


212
Poemario de Eli Ríos (Islington, 1976) e Eduardo Estévez (Bos Aires, 1969) que se abre cun limiar asinado por María do Cebreiro, fragmentado en catro partes, nas que reflexiona sobre cuestións como o pudor e se pregunta en qué sentido a poesía resulta liberalizadora. Apunta que moito do que sucede neste libro é “postautónomo” ou “fluctuante, descentrado” e repara en que as composicións “fabrican presente coa realidade cotiá e esa é unha das súas políticas”. Hai dous tipos de composicións que se alternan ao longo do poemario: por un lado, están os encontros de “I” e “G”, e, polo outro, presentanse os espazos que articularan os “contactos” (“contactos na rede”, “contactos na rúa”, “contactos no pub”, “contactos na mesa”, “contactos na cadeira”, “contactos no baño”, “contactos na praia”, “contactos nas ondas”, “contactos na área”, “contactos nas rochas”, “contactos nas rochas II”, “contactos nas rochas III”, “contactos na cidade”, “contactos na cama”, ...). Esta dualidade na presentación dos versos tamén se manifiesta no uso de dúas tipografías, a grafada de maneira estándard e a cursiva, e na alternancia do eu lírico nos “contactos” e da voz en terceira persoa no resto de composicións. Destaca ademais o uso e a brevidade do verso libre, co fin de evocar os lugares efémeros para o pracer en torno ao corpo, poetizado de tal xeito que se manifiestan variados sentimentos vinculados co desexo.


Poemario de Asun Estévez (Bueu, 1966) que se inicia cunha dedicatoria de Antía Cal dirixida á autora. Consta de corenta e nove poemas de temática variada nos que se abordan, entre outros temas, o mundo dos soños, dende o punto de vista da súa conquista ou do seu abandono; o descacougo, de querer ser algúen que non se conseguiu ser ou de non dicir o que realmente se quere expresar; e tamén o amor, tratado dende a esperanza e a paixón, sentido polo ser amado, ou dende a desesperanza da soidade dun amor non correspondido. As composicións teñen en común que as emocións e situacións tratadas transcorren, tal e como o título do poemario indica, durante a noite ou o amencer. Os poemas acompañanse de ilustracións en branco e negro e de trazado sinxelo que recollen diferentes imaxes de mulleres, na súa meirande parte, núas.


Tras unha introdución institucional a cargo do presidente de Estudos Miñoranos e Entidade local Morgadáns-Gondomar, unha institución que pretende ser un referente no eido da cultura galega, aparece o poemario de María Goretti Fariña (San Xoán de Baión, Vilanova de Arousa, 1965). As composicións están dedicadas á súa irmá falecida, Gema Luísa. Dende “Comparecencia”, o libro está ateigado dunha fonda tristura que manifesta un eu desgarrado pola dor que se precipita ao abismo nunha existencia baleira. O silencio, o universo, o eco, as inclemencias, todo o que rodea o espazo aparece cargado de tinturas negativas; até os solpores son difusos e borrosos nas súas composicións, que expresan o pesadume polo paso do tempo, caso de “Cada día”; as lembrazas dos seres queridos que fican no pasado, buscando encher o presente mentres se agarda pola morte;
a natureza, que está tamén morta e extinguida; e o desamor, as sombras e as tebras que non van a ningures.


Poemario de Iria Fernández Crespo (Barcelona, 1982) que se inicia cun limiar eloxioso sobre estas composicións de Ramón Chao. Consta de trinta e catro poemas precedidos por unha frase de Dylan Thomas: “E a morte non terá dominio”. Cada poema está composto por unha listaxe de versos con valor en si mesmos que se integran nunha creación final con unidade e sentido onde a enumeración é o recurso máis empregado. Os títulos de cada poema caracterízanse pola síntese e deixan entrever a temática desenvolvida en cada un deles. Destaca a crítica de certos compoñentes da sociedade, unha reflexión sobre a vida e, sobre todo, a intimidade que se mostra en cada composición. Tamén é salientábel a disposición en estilo directo e mais o título en inglés do poema “Sad Boat”. Citanse autores a nivel europeo: Arthur Rimbaud, Edgard Allan Poe ou Friedrich Nietzsche, actores coma Charles Chaplin, diversas alusións a pasaxes bíblicos e a crenzas populares coma a Santa Compaña. O poemario acompáñase das ilustracións de Fidel Vidal.


Poemario de Francisco X. Fernández Naval (Ourense, 1956) que contén uns versos introdutorios de Alejandra Pizarnik. Trátase de trinta e sete composicións de extensión irregular que se poden agrupar en tres partes. A primeira inclúe os trinta poemas iniciais (dende “Bater de sombras” até “Es materia perfecta”, dedicado este último a Benito Losada). As outras dúas levan por título “NO CORAZÓN DAS TEBRAS” e “ONDE NADAN OS DÍAS”, compostas por cinco e dúas composicións, respectivamente. Estes dous últimos apartados inclúen citas de William Blake, Vicente Aleixandre e Ana Romaní. A maioría dos poemas aparecen sen título, pero tamén hai moitos outros que aparecen baixo título e en maiúscula, como é o caso de “Sísifo”, “Retórica”, “Skywalker”, “Antes do almorzo”, “Distancia” ou “Mar de Inverno”. En todo o poemario é constante a presenza difusa da sombra, que malia transitar cara a luz, fica sempre como unha máscara en penumbra. Está presente para desvirtuar o tempo e a memoria e transmite a negatividade, con silencios, soledades e ausencias, en forma de agoiro, culpa ou vinganza. A voz poética alterna entre a primeira e a terceira persoa do singular e expresa os sentimentos propios nun estilo sobrio, caracterizado pola rica linguaxe.

**Recensións:**

Coméntase que neste poemario, Chisco, como el chama ao autor, destapa as sombras da súa vida, os seus sentimentos e emocións; en definitiva, baleira o seu interior, nun acto de xenerosidade. Expícase que o sentido destes versos cambia segundo a procedencia do lector e que se igualan así os escritores aos artistas, que non poden determinar a proxección que teñen as súas obras no espectador.

Referencias varias:


Entrevista a Francisco Fernández Naval, quen vén de gañar o décimo premio de poesía Fiz Vergara Vilariño con Bater de sombras. Sinala que este galardón supón, entre outras cousas, a posibilidade de “saír para adiante”. Apunta que neste libro decidiu cambiar de perspectiva e enfrontar o aspecto das sombras, cunha linguaxe “limpa, con moito ritmo”. Ademais manifesta que escribilo lle supuxo “un desgaste” e que nestes momentos precisa “outro xénero no que ó mellor teño que poñer menos de min”. Comenta tamén como xurdiu a súa vocación na literatura e di que empezou escribindo poesía cando era un adolescente. Ademais indica que compaxinar varios xéneros literarios lle permite ter “unha relación constante coa literatura” e “cos lectores”.


Dáse conta da presentación deste poemario na casa da cultura de Sarriá que foi merecente do décimo premio Fiz Vergara Vilariño. Segundo palabras do propio autor, no poemario atópanse referencias ao holocausto e a violencia exercida contra a muller.


Reprodúcese nesta sección fixa a composición “ESCURA paisaxe...”, do poemario Bater de sombras, de Francisco X. Fernández Naval.


Faise eco das propostas poéticas da editorial Espiral Maior. Infórmasese da presentación en Sarria deste poemario co que Francisco Fernández Naval gañou a última edición do premio Fiz Vergara Vilariño. Tamén se transcriben algúns dos seus versos.


Dáse conta da presentación deste poemario na Librería Couceiro de Santiago.

Breve entrevista a Francisco X. Fernández Naval co gallo da presentación na Libraría Couceiro do seu poemario *Bater de sombras*. Comenta que o poemario non foi feito *ex profeso* para ser presentado ao Premio Fiz Vergara Vilarriño, do que finalmente resultou vencedor, e que nel se insire no mundo das sombras, unha corrente literaria da que lle gustaría formar parte.


A raíz da súa participación como xurado no Premio Fiz Vergara Vilarriño, do que resulou gañador o poemario *Bater de sombras*, comenta que, a excepción dalgún estudo sobre o tema da sombra en Rosalía, é un aspecto pouco explorado na poesía galega, e lembra algúns títulos que teñen como tema central ou motor oculto a sombra. Finalmente, opina sobre o seu valor simbólico.


Sección fixa na que se acolle a composición intitulada “BATER DE SOMBRAS”, do poemario homónimo de Francisco X. Fernández Naval.


Insírese nesta sección fixa a composición “Es materia perfecta...”, do poemario *Bater de sombras*, de Francisco X. Fernández Naval.


Reprodúcese nesta sección fixa o poema “O agoiro percorreu...”, incluído en *Bater de sombras*, de Francisco X. Fernández Naval.


Acóllese nesta sección fixa o poema “HABITARATE a sombra...”, tirado de *Bater de sombras*, de Francisco X. Fernández Naval.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate deste 2010. No caso da poesía, saliéntase a oferta de obras para todos os gustos: *Bater de sombras*, de Francisco X. Fernández Naval, que amosa o lado escuro da vida e da memória; *Outono*, mancebo céfiro de ás ergueitas, de Xosé Otero Canto; *As luces de noutrora*, de Edelmiro Vázquez Naval; ou *Neve*, de Lucía Novás. Destácanse tamén *Os papeis do vagabundo*, de Henrique Rivadulla Corcón, e *A cidade sen roupa ao sol*, da tradutora Marga do Val, ademais das antoloxías poéticas sonoras de Xosé Mª Álvarez Cáccamo e Chus Pato.

Entrevista co escritor Francisco X. Frenández Naval na que comenta cómo xurdiu o seu último poemario, Bater de sombras. Explica que se debe á indagación sobre as tebras do seu interior e comenta que espera que o poemario pase a formar parte dunha longa tradición de escritores que nalgunha ocasión se achegaron á sombra, tales como Blake, Rosalía de Castro, Alexandre, o Conde de Lautréamont, Rimbaud e Baudelaire. Noutra orde de cousas, o autor comenta a súa dobre faceta de narrador e poeta e opina sobre as dificultades de edición, especialmente na poesía, que se están atravesando neste momento.


Reflexiónase sobre o cotiá dun día de inverno, deixando caer uns versos do último poemario de Chisco Fernández Naval, como el o chama.


Entrevista ao escritor Francisco X. Fernández Naval na que explica que a diversificación en canto a xéneros lle permite ter sempre un proxecto novo e estar en contacto co lectorado. Tamén comenta que de José Angel Valente aprendeu a espir a palabra, liberando ao verso de artificios inútiles, rexetando a idea de que Valente era un poeta dificil, escuro e pechado. En relación co seu último poemario, Bater de sombras, opina sobre a dialéctica entre a luz e a sombra presente no ser humano, comenta a cuberta de Alfonso Costa e explica a orixe do poemario.


Poemario de Xosé Lois García (Lugo, 1945) no que se reflicte a identificación do autor coas terras de Sober e coa súa cultura etnográfica. Ábrese cunha cita de Uxío Novoneyra e un prólogo asinado por Camilo Gómez Torres no que lembra a traxectoria persoal e profesional do autor, describe o seu contido e indica que a obra “reivindica un dos sinais de identidade destas terras: o seu máxico pasado prehistórico, maxistralmente acreditado e ilustrado polos dezaoito petróglifos que os estudios nelas documentan”. Tamén aclara que o termo “petroglifía” é un invento do autor co que pon de manifesto o seu amor pola petrografía. Os setenta e cinco poemas que conforman a obra forman parte dun eixo temático común: as terras de Sober. Cada un dos textos de xeito individualizado reflicte os diferentes aspectos etnográficos que conforman a cultura material, espiritual e a organización social desa terra e dos seus homes e mulleres ao longo dos séculos: o pasado medieval con poemas que mesmo imitan formalmente as cantigas trobadoreseñas (“Cantiga do segrel Pero Bernal para seu compañeiro e tocaio o segrel Pero de Sampil”); a música (“A banda de música de Sober no seu case século e
medio de existencia”); o patrimonio artístico dos petróglifos (“Petroglifos de Proendos”, “Petroglifos de Pinol”, “Tapada do monte”); o santuario de Cadeiras; a cerámica e os oleiros de Gundivós; o trisquel de Arxemil ou a ara romana de Liñarán; referencias aos produtos agrícolas e alimentos da zona como as roscas de Sober ou os seus viños (“Viño profanado de Amandi”); a cultura espiritual refíxese en poemas que recollen mitos e lendas da zona (“Pena da Moura de Gundivós”); referencias aos muíños, aos traballos e oficios (“Canteiros de Sober”, “Arrieiros de Sober”); lugares e aldeas; a presenza intensa de regatos e ríos como o Sil e o Cabe; o mundo animal e vexetal (corvos, curuxas, mouchos, sobreiras, laranxeiras, soutos). Tematicamente resulta tamén interesante o tributo que a autor rende nos dous textos finais, “Lucía Fidalgo” e “Víctimario de Sober (1936-1939)”, a persoas que foron asasinadas, no primeiro caso pola intolerancia da inquisición (refírese a unha muller acusada de prácticas de bruxería) e no segundo caso polo fascismo franquista (mestres e mestras e outros homes e mulleres de Sober asasinados polo réxime). Formalmente, o verso libre é a forma métrica preferente pero tamén hai mostras de métrica tradicional coma os que recrean a métrica medieval, cuartetas e mesmo se observa o emprego dunha estrofa branca sen rima para construir en catro tempos/estrofas o poema “O tetramorfos de Lobios” (pp. 99-100), convivindo versos longos con outros máis breves. Empreganse tamén algun fragmentos narrativos medievais para introducir algun poemas como “Viño profanado de Amandi” (p. 41) ou “Temerarias señoras da folganza” (p. 43-45). Algúns fotografías de petróglifos da zona evocada ilustran o poemario e o título do mesmo.


Volume de Gómez Lupe (Fiteus-A Coruña, 1972) composto por vinte e tres poemas que se caracterizan por ser máis extensos ao comezo do poemario e condensarse nunha segunda parte en poemas de cinco versos. Illústranos varias imaxes, en branco e negro, de Emilio Aráuxo, nas que na súa meirande parte aparecen peliqueiros, mentres outras refíxen diferentes tradicións do Entroido de diferentes lugares ou o mundo galego do campo. Tamén se espallan ao longo de todo o poemario referencias a distintos autores galegos: Manuel Rivas, Dionisio de Vilaverde, Bernardiño Graña, Uxio Novoneyra, Chus Pato, María Mariño, Xosé Neira Vilas e Xohana Torres, de quen se inclúen versos, ademais de se recordaren versos de Rosalía de Castro e citas de autores estranxeiros como o escritor Claude Royet-Journoud, o músico Astor Piazzolla ou os directores de cine Lars Von Trier e Bernardo Bertolucci. O tema principal do poemario é o Entroido e os peliqueiros de Laza, aínda que tamén se dedican poemas a outras tradicións vinculadas a esta festa como son o Meco das Teixugeiras, os labardeiros e as señoritas de Mugares, os fachucos en Oímbra, a morena de Retorta e o Oso de Salcedo, que se mesturan con outra temática máis intimista, que acede aos recordos da infancia, aos comezos dunha relación, entre outras vivencias. No tocante ao estilo abundan as personificacións e son continuas as asociacións surrealistas.

Modesto Hermida (Vales de Cea, Ourense, 1946) recolle neste seu primeiro poemario publicado oitenta poemas precedidos dun prólogo no que Alfonso Monxardín, Xosé Ramón Quintana e Marcos Valcárcel falan da súa lingua auténtica e rica, dos afectos que demostra cara á súa familia e o consideran “irmán expatriado na ourensanía”. O poemario contén composicións que evocan o labor de diferentes poetas dos que o autor é devoto, afondan no amor e no erotismo, exploran a presenza da morte e a forza da vida, achéganse ao pasado en forma de lembranzas e acollen tamén un firme espírito de compromiso e de indignación perante as inxustizas. Insírense tamén arrolos destinados aos fillos, Alexandre e Sabela. A presenza da melancolía enchupa moitos dos poemas, así como a referencia a creadores como Luís González Tosar, Luís Cernuda, Valente, Jorge Manrique, César Vallejo, Lorenzo Varela, Xavier Seoane, Ramón Gómez de la Serna, Vicente Aleixandre, Federico García Lorca, Luís Amado Carballo ou Mendiño.

Recensións:


Afiña que o lectorado agardado ten ante si o primeiro libro de poemas de Modesto Hermida o cal presenta dez ilustracións de Antón Pulido. Asemade apunta que neste poemario está presente o amor, a morte ou o compromiso e conclúe afirmando que este libro se inicia cunha autopoética e con citas de Luís Cernuda e mais de Luís González Tosar.


Asegura que este libro está conformado por un feixe compacto e plural de poemas e que conta cun prólogo de Afonso Monxardín, Xosé Ramón Quintana e Marcos Valcárcel. Comenta que presenta unha poesía do compromiso onde se manexa unha linguaxe singular na que se inclúe denuncia política. Tamén se subliña a súa riqueza léxica e mais que está ilustrado esplendidamente por Antón Pulido.


Referencias varias:

Conversa na que Modesto Hermida sinala que posibelmente a publicación desta obra tería que ser póstuma e que ten publicados tres relatos en volumes colectivos e que ten outros cinco relatos inéditos.


Destaca o atinadísimo prólogo de *No fío da navalla* e cualifica este poemario como un “monllo de confesións serodias”. Sorpréndese da faceta poética do seu amigo Modesto Hermida e salienta estes “xogos da idade serodia” con herdanza de Meendinho, Federico García Lorca, Manuel Curros, Eduardo Noriega Varela ou Luís Amado Carballo.


Breve entrevista na que Modesto Hermida apunta que lle teñen negado máis dun traballo por escribir sempre en galego e mais que este poemario recolle os seus poemas xebrados en tres partes dende os anos 70 até a actualidade.


Poemario que se presenta como o derradeiro da súa autora, María do Carme Krukenberg (Vigo, 1926), tal e como ela mesma deixa dito, “para completar unha singradura poética comezada moitos anos atrás”. Deste xeito o poemario leva o engadido ao título de “Primavera, Verán, Outono, Inverno” como metáfora das estacións vitais que ela mesmo foi pasando. É polo tanto un poemario de madureza poética e vital tal como se reflicte nos versos que xiran arredor da temática universal da vida, morte, amor e liberdade a través dun ton lírico intimista e profundo. Trátase de poemas que, cheos de saude e nostalxia, se converten en constatación feliz do tempo vivido e do que queda por vivir e do amor e tempos pasados. Predominan os textos en primeira e terceira persoa, pero tamén están presentes algúns en segunda, construídos cun estilo sinxelo baseado no ton coloquial, fuxindo de formalismos e buscando a comuñón co lector. Formalmente empregase o versolibrismo e abundan os poemas breves non excedendo algúns máis longos os dezaseis versos. Na súa estrutura aprécianse claramente catro partes con cadanseu título. Na primeira, “Poemas nun grido de luz” (Primavera), inclúese unha cita composta por versos de Rafael Alberti que abre esta parte. A segunda intitúlase “Meditacións á beira da noite” (Veran); e a terceira, que se abre cunha dedicatoria a Mercedes Queixas Zas, “À beira da razón” (Outono). Por último hai unha cuarta parte sen cita nin dedicatoria que leva por título “Na procura da sorpresa” (Inverno). Obsévase así como o poemario se constrúe partindo da identificación do ciclo vital da autora coas catro estacións do ano como reflexo da sentimentalidade e emoción vivida e expresada a través dos seus versos.

Recensións:

Trátase dun comentario reflexivo sobre o contido do poemario de Mª do Carme Krukenberg no que se analizan as diferentes perspectivas, formas, obsesións e temas que nel aparecen. Tamén se lembra que os ciclos estacionais serven á autora como espello das mudanzas e idades polas que se vai pasando a través do ciclo vital.


Fálase sobre o poemario de Mª do Carme Krukenberg do que se especifica o contido dos oitenta e catro poemas que se distribúen en grupos de vinte e un textos por cada estación do ano. Como característica saliéntase que é unha obra de reflexión poética e filosófica con poemas breves e densos nos que a gran protagonista é a auga. Logo fanse referencia biográficas sobre a traxectoria persoal e poética da autora e as influencias e modelos que seguiu para a elaboración deste poemario.


Fálase sobre o último poemario de Mª do Carmo Krukenberg, A voz da auga, que ela mesma presenta como a súa derradeira obra para pechar un ciclo poético. Dise que o sólido discurso lírico que o conforma transmite contidos como a reflexión existencial, política, vital e a sabedoría e vivencias que non teñen nada que ver co meramente biográfico. Finalmente felicitase á escritora por rematar a súa traxectoria literaria dun xeito digno e con calidade.

Referencias varias:


Tras indicar que a escritora Mª do Carme Krukenberg será protagonista da sección “Memorias” nun próximo número de Faro de Vigo, lémbrase que presentou o seu derradeiro poemario no Museo Verbum de Vigo, publicado por Edicións Barbantesa, acompañada de música de violín e violonchelo.


Anúnciase a publicación do que en palabras da propia autora, Mª do Carme Kruckenbe, será “o seu derradeiro poemario” e que leva por título A voz da auga. Dise que tal como ela aclara esta obra pecha un círculo existencial que vai conectando diferentes etapas da súa vida a través de oitenta e catro poemas, un por cada ano da súa vida, e que percorren as catro estacións do ano.

Dise que Mª do Carme Kruckenberg presenta en Vigo o que ela mesma denomina como o seu derradeiro poemario e logo contesta a varias preguntas nunha pequena entrevista na que, entre outras cousas, se lembra que Vigo é a súa cidade de referencia.


Coméntase que o último poemario de Mª do Carme Kruckenberg está composto de oitenta e catro poemas, un por cada ano de vida da autora e vinte e un por cada estación do ano. Tamén se di que nel se reflicte toda a súa vida e que se trata de poemas para ler e non para recitar porque incitan a pensar.


Faise eco da presentación no Museo Verbum de Vigo do derradeiro poemario de Mª do Carme Kruckenberg, acompañada pola música das catro estacións de Vivaldi. Deseguido aparece a entrevista que se lle fai á escritora na que, entre outras cousas, se lembra a súa traxectoria persoal e profesional.


Fálase da expectación que se crea a partir do anuncio da publicación do derradeiro poemario de Mª do Carme Krukenberg, tal como ela mesma aclara. Céntrase na explicación que a propia autora dá para se despedir da poesía, lémbrase a súa pertenza á promoción de autoras de posguerra que xogaron un papel importante na recuperación da literatura galega e logo explícase o contido da obra. Finalmente indicase que hai algunha obra máis da autora para unha próxima publicación, pero que non se trata de poemarios.


Poemario póstumo de Xosé Manuel López Ardeiro (Logrosa, Negreira, 1944-Ferrol, 2007) que se abre cun prólogo de Xosé Antonio Ponte Far no que se dá conta do momento vital no que se escribiron os versos e da súa temática, e seis citas doutras tantas composicións de San Juan de la Cruz, Pablo Neruda, Miguel Anxo Fernán Vello, Walt Whitman, José Martí e Konstantino Kavafis. Divídese en dous grandes apartados separados por un eixo que tamén os vertebra e que está formado por sete poemas “Tocados da esencia de Khalil Gibran”. “Un tempo de amor” contén poemas arredor do sentimento amoroso, da frustración do desamor, que non impide, porén, a fortaleza e vigor do sentimento, senón que o reforza nunha proba de abnegación e sufrimento. Este amor fai menos dolorosa a viaxe final da morte anunciada. A segunda parte, “Voces na diáspora”, constitúe unha especie de reivindicación social do emigrante, do sufrimento do home galego que, forzado por cuestións económicas, se viu obrigado a marchar para América.

Rubén Luengo y Miguel del Corral (Cambados, 1991) é o encargado de introducir o seu propio poemario cun limiar de carácter poético. O volume, composto por un total de cincuenta e oito poemas, estrutúrase en catro apartados: “Con nome e apelidos”, “Sonetos desarraigados”, “Illas gregas” e “Latín alado”. O primeiro bloque, composto á súa vez por “Despois de ti”, “Constante máis alá” e “Ten un tesouro”, caracterízase por unha temática eminentemente amorosa, con connotacións sexuais en ocasións, un amor non correspondido, polo que se sofre, sendo evidente o ton melancólico e a nostalxia cara ao pasado. Destacan tamén as notas de humor e a inclusión de termos ingleses. O segundo dos apartados está dividido en “Somos nós”, que xira en torno a Galicia (descrición paisaxística, loanza da terra e do nacionalismo) e as referencias a elementos vinculados co mar e o traballo dos mariñeiros; e “Antisonetos”, que aborda o tema das infidelidades, os encontros sexuais e as resacas das fins de semana. Os dous últimos bloques presentan unha temática máis heteroxénea. En conxunto, poderíase definir como “persoal introspección”, segundo se recolle na contracuberta do poemario, na que os temas xiran ao redor da soledade, as dúbidas e os medos do autor. Tamén é salientábel a total independencia das verbas, que non se someten ao patrón de ningunha estrutura formal. Atópanse asemade referencias a escritores como Pablo Neruda, filósofos como David Hume, referentes do cinema como Woody Allen, Groucho Marx ou Al Pacino e a elementos da actualidade como a serie televisiva *Lost*, a rede social Facebook, o músico Jamiroquai e o humorista Luis Piedrahita.

Referencias varias:


Faise unha crónica dos actos conmemorativos do Día das Letras Galegas levados a cabo polo Concello do Grove, destacándose a presentación do libro de Rubén Luengo, *Do inverno e das paredes*. Recóllense asemade extractos da intervención do autor, quen se ve a si mesmo como un “intruso” no mundo da lírica, que non procura imitar os grandes poetas, pois a súa “estética crápula e canalla” ten máis que ver con Joaquín Sabina, segundo explica. Luengo afirma tamén que os seus poemas son “confesións en sangue vivo”.


Poemario de Xabier Marqués L. que mestura pequenas composicións en prosa con poemas de corte intimista e persoal. Iníciase cun limiar do autor, no que destaca a importancia da linguaxe á hora de crear e dar vida ao mundo que nos rodea, diferenciando entre *vida e linguaxe* como conceptos capaces de orixinar dous microcosmos disímiles nos que o poeta ten que se somerxer para poder moldear a súa obra, e no que explica a xénsese deste seu volume e salienta as verbas “luz” e “silencio” como centrais neste seu poemario. Finaliza este limiar cunha nota na que o autor precisa
a súa decisión de non citar os innumerábeis autores que xa filosofaran sobre o silencio e a palabra. Logo da dedicatorias a Claudio Siciliotti e a Emanuela Troiero, ábrese Caderno de Ponza cunha cita de Edmond Jabés tirada do seu O livro das cuestións á que lle segue outra cita sobre a vista e o oído das persoas privadas destes sentidos. De seguido reproducense as diferentes composicións, entre as que se atopan “Verbo de luz e das tebras”, “Chiaia di Luna” ou “Illa de Prócida”, nas que as paisaxes (faros, illas, camiños, augas, ceos, …) e os sentimentos que estas xeran no eu lírico son as protagonistas. Este volume forma parte dunha tiraxe de cen exemplares seriados, numerados e asinados, neste caso por Antonio Piñeiro e de elaboración artesanal, con encadernación rústica e todo el cosido e engomado manualmente.


Volume no que se recollen os traballos gañadores das oito edicións do Certame “Galicia en Euskadi”, promovido polo Centro de Estudos Galegos da Universidade do País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea, así como outros estudos de procedencia máis diversa, pero cuxo xerme se vincula ao traballo dos profesores-lectores de lingua, literatura e cultura galega nesta Universidade, desenvolvido desde 1997 até 2009. Despois da presentación institucional, conta cunha introdución dos coordinadores na que explican os obxectivos do certame orixe dos traballos, o seu labor de difusión da lingua, literatura e cultura galegas e adiantan a organización interna do volume, articulado en dous corpos principais: no primeiro os traballos gañadores de cada unha das catro modalidades do Certame “Galicia en Euskadi” e no segundo outros traballos de máis dilatado alento que xurdiron da actividade investigadora e promotora da cultura galega no exterior e que contaron co apoio do Centro de Estudos Galegos. Os traballos de creación aparecen organizados por orde cronolóxica e agrupados por modalidade lingüística, é dicir, atendendo á lingua na que foron escritos. No que se refire á poesía en lingua galega reúnense o poema de Lidia Agra Burgos, “Re-Encontro” (p. 28), gañador da edición de 1997 e no que se recrea o acto do parto e a importancia para a nai do novo ser, e de Lara Dopazo Ruibal, “o.maió” (pp. 93-95), que recibiu un accésit na edición de 2008, no que o eu poético evoca a figura do seu ideal de parella amorosa.

Tamén está descrito nos apartados I.1. Narrativa e V.1. Ensaio deste Informe.

Referencias varias:


Entrevista a Isabel Mociño, coordinadora de Galicia en Euskadi/ Galizia Euskadin, obra na que se recollen os textos galardoados no certame organizado polo profesor Andrés Temprano, profesor titular do “Centro de Estudios Gallegos de la Facultad de Filología y Geografía e Historia de la Universidad del País Vasco”. Mociño conta que a obra é o resultado da recompilación dos traballos galardoados no certame convocado entre os anos 1997 e 2009 e que se presenta nunha edición trilingüe na que se inclúen autores.
como Iban Zaldua (Premio Euskadi de Literatura) e o galego Arsenio Iglesias Pazos. Ademais Mociño explica que o labor dos lectorados é a de “fijar lazos con universidade de fuera de Galicia” e subliña que é importante manter e promocionar “la imagen que de [Galicia] se proyecta desde el exterior”, antes de rematar apuntando as importantes “influencias” existentes entre Galicia e Euskadi.


Breve nota na que se anuncia a publicación do volume e na que se sinala que os contidos están conformados polos textos gañadores do certame “Galicia en Euskadi” e algúns traballos froito do labor desenvolvido polos lectores de lingua, literatura e cultura galegas na Universidade do País Vasco.


Ramón Nieto Otero (Illa de Arousa, 1975) subdividide en catro partes este poemario gañador do XXII Premio Nacional de Poesía Xose María Pérez-Parallé que o Círculo Mercantil e Industrial-Unidade de Fene convoca. A primeira delas, “Á volta dos días”, recolle poemas de verso breve e libre na súa maioria, enfocando temas como a soidade ou o baleiro por medio de afirmacións claras “Ela vaise” ou “Ela cruza a distancia perdéndose ao lonxe” que combinan con outras de natureza máis evocadora. As seguintes partes do poemario mesturan tamén poemas de verso libre con poemas en prosa, que seguen a debuxar con orixinalidade a figura feminina intuída dende o inicio: “garza cincenta” pero tamén “cazadora”. O poemario, que tamén inclúe un paratexto final con catro cancións que acompañaron a escrita dalgúns poemas, revela outras referencias musicais no ton constantemente reflexivo dos máis dos poemas, para pechar coa poema en prosa máis longo do libro, que constitúe por si só a última parte: “O que resta da terra”.


Poemario de Lucía Novas Garrido (Bueu, 1979) que se compón dun total de corenta poemas de diversa extensión, pero cunha temática unitaria, e que se estruturan en sete seccións numeradas: “Limiar”, “Xardín”, “Xardín abandonados”, “O Bálsamo”, “A viaxe”, “O cazador” e “A felonía”, que en ocasións se introducen por breves poemas. O principal tema e á vez protagonista destes versos, que son un canto á beleza das paisaxes de inverno, é a neve, da que a autora ofrece unha visión idílica. Destaca, asemade, o seu clasicismo no tocante á composición dos versos, nos que se recorre á acumulación de imaxes, obviando os verbos. Por outro lado, combinase o ritmo lento da descrición con outros momentos máis narrativos.

**Referencias varias:**

Faise eco das propostas poéticas da editorial Espiral Maior. Infórmase da presentación de *Neve*, de Lucía Novas, premio Johán Carballeira do Concello de Bueu, un poemario inspirado en Última fuxida de Harar, de Avilés de Taramancos, no que o inverno e a neve “serven como metáforas deste interior baldío”.


Reprodúcese nesta sección fixa o poema “XI”, incluído en *Neve*, de Lucía Novas.


Inclúese nesta sección fixa o poema “O sexo profanado, vexado, ...”, recollido en *Neve*, de Lucía Novas.


Sección fixa que acolle nesta ocación a composición “O corpo é o corzo que atravessa a fraga...”, do poemario *Neve*, de Lucía Novas.


Insírese o poema “A neve nace nas altas montañas, nos mananciais...”, pertencente a *Neve*, de Lucía Novas.


Reprodúcese nesta sección fixa o poema “1”, incluído en *Neve*, de Lucía Novas.


A raíz da lectura do poemario de Lucía Novas, merecedor do premio Johán Carballeira, comenta que a súa visión particular sobre este fenómeno climatolóxico é bastante contraria á da autora, aínda así agradece este obra, xa que esta nova perspectiva tamén o enriquece.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate deste 2010. No caso da poesía, saliéntase a oferta de obras para todos os gustos: *Neve*, de Lucía Novás, centrado en explorar un universo simbólico propio; *As luces de noutrora*, de Edelmiro Vázquez Naval; *Bater de sombras*, de Francisco X. Fernández Naval; ou *Outono, mancebo céfiro de ás ergueitas*, de Xosé Otero Canto. Destácanse tamén *Os papeis do vagabundo*, de Henrique Rivadulla Corcón, e *A cidade sen roupa ao sol*, da tradutora Marga do Val, ademais das antoloxías poéticas sonoras de Xosé Mª Álvarez Cáccamo e Chus Pato.

Inclúese nesta sección fixa a composición “RENACEN as rosas nos cantís ...”, recollida en Neve, de Lucía Novas.


Antía Otero (A Estrada, 1982) crea un libro de poemas no que a xeito de monólogo conta a súa existencia cotiá. Comeza o libro cunha dedicatoria a Carlos Neira e unha cita do filme *Paris, Texas*, de Win Wenders. A continuación, aparece a primeira sección do texto que leva o mesmo nome que o título do libro, “(retro)visor)”. Esta parte comprende trinta e cinco páxinas e nelas a poeta conta as súas experiencias vitais nunha vivenda no edificio máis alto da Nacional sexta. Hai continuas referencias ao mundo do cine: *Cidadán Kane*, *Viridiana*, Win Wenders, etc. A descripción do piso e dos quefaceres de cada día ocupa bastantes versos e cara ao final deste bloque o discurso poético céntrase na súa faceta de muller que intenta ir á moda e que, polo tanto, segue todos os mandatos do mundo da publicidade e da fama. Aparecen continuas referencias a iconas do mundo das modelos e da moda: Kate Moss, Chanel, Manolo Blahnik, etc. Cara ao final desta sección os versos vólvense máis íntimos e persoais. O libro finaliza cunha cita que fai referencia de novo ao filme *Paris, Texas*, de Win Wenders.

**Recensións:**


Fálase sobre o poemario de Antía Otero, *(Retro)visor*, do que se destaca o seu frescor e naturalidade. Tamén se indica que a lectura deste poema monologado ten o efecto de facer crer ao lectorado que se trata de narrativa ou teatro para volver á poesía. A referencia, segundo se di, é Win Wenders.


Opina que tanto *(Retro)visor*, de Antía Otero, como *Lapidarias*. Os versos escuros, de David Rodríguez son dúas achegas que chamán a atención sobre “o bo estado da saúde da poesía galega e a variedade de posibilidades que ofrece a poesía” en diálogo con outras artes. Logo de indicar que para achegarse ao universo destes dous autores cómpre ter en conta os seus blogs persoais, apunta que os versos de ambos poemarios se instalán entre “fotogramas e fotografías”, e que coinciden na vontade de “exprimir a linguaxe poética” para iniciar o coñecemento do eu, ademais de reparar en que a escuridade é outro elemento común. Do poemario de Otero apunta as reminiscencias a filmes clásicos, a dificultade de que o eu poético se defina, próxima ás creadoras.
“malditas e libres”, indicando que se trata dun poema “tan persoal como permeable á publicidade, ao cotián” ou aos escenarios das roads movies.


Coméntase este libro de poemas de Antía Otero, que se sitúa, tal como se di, nun delicado equilibrio entre o biográfico e o ficcional a través do cal a autora revisita a súa infancia dende o seu presente. Sinálase que se atopan tamén referencias cinematográficas e pictográficas con alusións literarias a autores como Sarah Kane. Respecto ao estilo dise que os cultismos e os colloquialismos alternan na escrita.

**Referencias varias:**


Dánse neste artigo unha serie de publicacións recentes recomendadas para ler en 2010. As que se mencionan dentro da literatura galega están, todas elas, publicadas por Edicións Xerais de Galicia. Entre elas, anúnciase o poemario (Retro)visor, de Antía Otero.


Entre as próximas publicacións anúncianse, entre outras obras, Retro(visor), de Antía Otero.


Reprodúcese o poema “E se pasas por alí...” pertencente ao poemario (Retro)visor.


Acóllese o poema “Desbloquéame o fígado...” que se insire no poemario (Retro)visor.


Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “Na torre...” tirado do poemario (Retro)visor.


Vidal Villaverde entrevista a Antía Otero con motivo da publicación do poemario (Retro)visor, que ela cualifica como un poemario confesional concibido en forma de monólogo no que se deixa sentir a súa vinculación co teatro. Manifesta non crer na figura do escritor que manexa calquera xénero e séntese fondamente vinculada á poesía, que a obriga a “esculpir o tempo e as palabras que sobran á hora de contar algo”.
Sección fixa que reproduce nesta ocasión de novo o poema “Desbloquéame o figado...” pertencente ao poemario (Retro)visor.

Reprodúcese o poema “O certo...” pertencente ao poemario (Retro)visor.

Reprodúcese o poema “Sabes que non minto...” pertencente ao poemario (Retro)visor.

Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “E se pasas por alí...” pertencente ao poemario (Retro)visor.

Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “(Respiración) un...dos.. tres” tirado do poemario (Retro)visor.

Sección fixa que reproduce nesta ocasión un poema tirado de (Retro)visor.

Reprodúcese o poema “Se ti apareces...” tirado do poemario (Retro)visor.

Reprodúcese o poema “Mil polaroids por segundo non serían dabondo...”, do poemario (Retro)visor.

Sección na que se reproduce o poema “Sei que hoxe...”, do poemario (Retro)visor.


Dise que na Feira do Libro de Santiago se presentan dous poemarios de dúas voces representativas da nova poesía de muller: (Retro)visor, de Antía Otero, e Acusación (2009), de Xiana Arias. Sobre a obra de Antía Otero dise que é un poemario de verso conciso e equilibrado no que revisita o seu pasado.

Recoméndanse algunhas lecturas para gozar durante o verán. Sinálase que entre os libros de poesía que non deben deixarse de ler está *Retrovisor*, de Antía Otero, inserido na poética da hibridación, do confesional e o reflexivo, no que se descobre o mundo dunha autostopista.


Acóllese o poema “Cóidame moito, vale?...”, do poemario *(Retro)visor*.


Inclúese a composición “E se pasas por alí ...”, tirado de *(Retro)visor*.


Sección na que se reproduce “A oportunidade é *(retro)visor...*”, poema incluído en *(Retro)visor*.


Insírese “Desbloquéame o figado...”, do poemario *(Retro)visor*.

---


Poemario de Xosé Otero Canto (Ponte de Outeiro, Castro de Rei, Lugo, 1951) co que se inicia unha nova colección poética chamada “Poetas en Lugo 10” e que serve para conmemorar o décimo aniversario da declaración da Muralla de Lugo como Patrimonio da Humanidade. Consta dun limiar, datado en Vila Nausti na Semana Santa de 2009, no que José-Luis Novo Cazón reflexiona, como se fose un soño, sobre o elemento arquitectónico definidor da cidade de Lugo, a muralla romana, así como sobre a historia desta cidade. A seguir, acóllese os trinta e tres poemas nos que é protagonista a muralla luguesa. Comeza co poema “No principio”, seguido de catro partes: “A muralla”, con trece poemas; “As dez portas”, coa composición “Dez ocos nas tebras”; “As portas”, con quince textos poéticos, e mais “Lugo”, con tres poemas.

---

**Referencias varias:**


Indica que este volume é a primeira entrega da colección “Poetas en Lugo 10” e destaca que consta de dúas partes, un limiar e os poemas nos que se amosa a Muralla de Lugo “ao tempo que nos invita a crear a nosa”.
Poema de Xosé Otero Canto (Ponte de Outeiro, Castro de Rei, Lugo, 1951) que conta con ilustracións de Sabela Arias, Anxo Lamas Muinelo, José María Lugilde, Miguel Ángel Martínez Fernández, J. Luis Mendaña Justo, J. Manuel Pena Romay, Benjamín Santín, Leandro Seijas Díaz e Magdalena Seijas Díaz. Componse de corenta poemas de temática paixasística xebradas en catro partes nas que se acollen motivos e elementos da xeografía que se expande ao longo do río Miño. A través das lembranzas da infancia Otero Canto evoca nos seus versos a vida das xentes daquel lugar. Tras o “Exordio” (pp. 11-14) de Primitivo Iglesias Sierra, no que destaca os aspectos máis representativos da escrita de Otero Canto, acóllese o poemario, distribuído en “Imos contigo en silencio” (pp.19-70), “Adagios de música queda” (pp.71-119), “Na veracidade Marmorizada da tarde” (pp.120-146) e “Nas carrandiolas dos amenceres” (pp. 147-157). O río Miño aparece presentado como metáfora da vida rural de Galicia da que se fai unha denuncia social do desacougo nos versos deste poemario. O poemario está tinguido dun ton de tristeza e melancolía e do emprego dunha linguaxe cotiá.

Referencias varias:


Anúnciese a presentación na Casa da Cultura do Concello da Pastoriza desta obra poética. Dise que o libro conta con ilustracións de nove creadores lucenses que dedican unha homenaxe ao río Miño. Tamén se apunta que o volume une poesía coa pintura.


Destácanse as características principais do poemario de Xosé Otero Canto. Primeiramente, faiase referencia a obra como “unha volta a infancia” do autor, empregando a canle fluvial do Miño como “unha metáfora de Galicia”. Entre as temáticas que se destacan sinálanse o desacougo e a resignación do autor cara o abandono sufrido pola terra, a denuncia e a crítica respecto dese abandono...

Finalmente, coméntase que os corenta poemas que constituíen o volume están acompañados de ilustracións realizadas por un grupo amplo e diverso de artistas.

Poema de Xosé Otero Canto (Castro de Rei, Lugo, 1951) que se abre cunha dedicataría a Alfonso Blanco Torrado e un limiar de Xulio Xiz, que actuou como secretario do xurado desta edición do certame, e que consta de tres partes numeradas e tituladas. No limiar Xiz comenta que tardou en coñecer a Otero Canto pero que agora non deixa de sorprendelo pola carga poética que teñen os seus poemarios. Confesa que
cando o orixinal chegou ás súas mans, xa descubriu quen era o autor, debido á presenza da Terra Chá, do Río Miño e os seus afluentes e do vento. Sinala que o título se debe a que o protagonista é o Céfiro, deus grego do vento do oeste representado por un mozo con ás ergueitas, mancebo e amante de ninfas e deusas, que derramaba as últimas flores do verán para dar paso ao Outono; e que se corresponde na mitoloxía romana con Favonio, vento do oeste suave e lento, coñecido polos chairegos. Destaca que o autor estrutura o libro en tres partes, a modo de “concerto poético outonal: unha inicial Fuga, seguida dunha Suite e rematada por unha Sonata”. Finalmente, di que o libro ve a luz porque o Concello de Vilalba edita os traballos premiados para contribuír á difusión do premio e ao coñecemento das obras premiadas. A primeira parte, intitulada “O vento: Fuga a doce voces”, conta cun poema introdutorio que consta de doce estrofas, polo que cada unha delas introduce cada un dos doce poemas desta primeira parte. Neles aparecen moitas voces, aínda que o protagonista indiscutíbel é o vento, que se manifesta nalgunhas descricions en poemas sociais de actualidade que devolven o lectorado agardado á crúa realidade. A segunda parte, titulada “Suite dun outono adormecido”, consta de sete “Apuntes para sonetos” numerados que falan de follas, árbores, casas, etc. “preparándose para a sonata final”. A terceira parte, “Sonata da emigración outonal”, só ten unha parte, “Emigración”, que consta de cinco poemas numerados, que supón a culminación poética (que foron preparando a Fuga e a Suite) dedicada á emigración outonal e que reflice a fendedura social de dous mundos afastados (representado na transición do outono ao inverno), o que pode anunciar a futura chegada dunha primavera ou do final.

Referencias varias:


Dá conta da publicación dos poemarios merecentes dos premios do Certame Literario do Concello de Vilalba, por parte da editorial Espiral Maior e grazas ao Concello vilalbés. Destaca as presentacións de dous dos volumes gañadores: Outono, mancebo cefiro de ás ergueitas, de Xosé Otero Canto, quen declara que a súa é unha poesía da natureza, onde o vento xoga un papel fundamental, pero tamén a música, xa que o libro está dividido nunha fuga, unha suite e unha sonata; e Ingrávido signo, de Pablo Bouza. Sinala algún dos traballos presentados neste certame como os de Darío Xohán Cabana ou Fiz Vergara Vilarixo e, nun epígrafe intitulado “Premiados”, os gañadores da anterior edición, Pablo Bouza, por “Na intimidade do Azougue”, e Martiño Maseda, por “Nos labirintos da alma”, así como a contía do premio recibido. Baixo o epígrafe “Poética de memoria y versos dedicados a la naturaleza” describe o acto de presentación dos volumes premiados, dos que destaca o prólogo de Xulio Xiz ao da autoría de Otero Canto e sinala o recitado de poemas por parte dos gañadores. Conclúe cun apuntamento sobre a distribución dos volumes publicados en Galicia, Barcelona ou Madrid.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate deste 2010. No caso da poesía, saliúntase a oferta de obras para todos os gustos: Outono, mancebo cefiro de ás ergueitas, de Xosé Otero Canto;
Bater de sombras, de Francisco X. Fernández Naval; As luces de noutrora, de Edelmiro Vázquez Naval; ou Neve, de Lucia Novás. Destácanse tamén Os papeis do vagabundo, de Henrique Rivadulla Corcón, e A cidade sen roupa ao sol, da tradutora Marga do Val, ademais das antoloxías poéticas sonoras de Xosé Mª Álvarez Cáccamo e Chus Pato.


Poemario de Xosé Otero Canto (Ponte de Outeiro, Castro de Rei, Lugo, 1951) que comeza cun limiar escrito por Alfonso Blanco Torrado no que destaca a traxectoria do galardoado e sinala que para comprender este poemario hai que ter en conta o conxunto da producción poética de Otero Canto, formada ademais por Salais da Chaira (2006) e Miño, río pai e amigo (2010). A principal temática tratada no conxunto do poemario é o desacougo producido pola sensación de soidade típica daqueles que viven na urbe, exemplificada na impersonalidade propia dos elementos que constrúen a cidade. Nas catro partes xerais en que se divide, “Correu a pel da noite” (pp.17-24); “No peirao da Beirarrúa” (pp. 25-32); “Rúa abaixo” (pp. 33-52); a terceira, subdividida en “Cavilando” (pp. 53-58), “Na rúa vella” (pp. 59-64) e “Nos cruzamentos” (pp. 65-70); e, a cuarta, “Na praza” (pp. 71-75), abórdanse temas como a soidade, o éxodo na cidade en busca de mellor calidade de vida ou o desacougo sentido na urbe xunto coa nostalxia do rural.


Conxunto de dez haikus (un deles en manuscrito orixinal de puño e letra da autora) da coruñesa Olga Patiño que se presentan nunha caixa elaborada con cartolina e acompañados dun gravado/escultura da pintora e gravadora Isabel Pintado e da escultora Soledad Penalta. Trátase dun libro de artista cunha edición única e limitada de cincuenta e seis exemplares, dos cales cincuenta son comerciais, numerados e asinados polo editor, e seis foron reservados para as autoras e a casa editora. Os dez poemas xiran ao redor da temática amorosa e paisaxística condensada na brevidade esixida pola estrutura do propio haiku.

Referencias varias:


Coméntase a presentación en Santiago de Compostela da colección de Espiral Maior “Libros de artista. O xardín Perdido” que ofrece unha liña de produtos literarios e plástico-visuais presentados en coidadas caixas de desexo coa intención de crear en Galicia unha oferta orixinal e especializada en libros de artista. Logo dise que os primeiros títulos que saen do prelo son Natureza Haiku, no que colaboran a poeta Olga Patiño, a gravadora Isabel Pintado e a escultora Soledad Penalta, e Cántico dos
topónimos esdrúxulos, de Xosé María Álvarez Cáccamo. A continuación sinálase a tiraxe de cada unha das obras.


Infórmande de que a editorial Espiral Maior achega ao lectorado o seu novo proxecto: a colección de libros de autor “Xardín perdido”, con dous primeiros volumes que mesturan calidade, aposta creativa e forza visual. Describese logo brevemente o contido dos dous volumes, Natureza Haiku, obra colectiva entre a poeta Olga Patiño, a escultora Soledad Penalta e a pintora Isabel Pintado; e Cántico dos topónimos esdrúxulos, de Xosé María Álvarez Cáccamo. Tamén se indica que de momento a colección só se venderá nos establecementos da Libraría Couceiro da Coruña e de Santiago de Compostela.


Este poemario de Emma Pedreira (Lombardía, A Coruña, 1978) comeza coa dedicatoria “Para Teresa e Ana, compañeiras nesta viaxe” e con tres pequenas citas de E. E. Cummings, Issa e Bashō. Esta estruturado en dous eixos: o primeiro baixo o título “Un. Do Faro” e o segundo “Dous. Xoguetes póstumos”, presentando ademais un poético “Post scriptum” realizado pola poeta Ana Cibeira (Caracas, Venezuela, 1977), autora tamén das ilustracións do libro. Comeza a primeira parte co longo poema “A casa rompe”, ao que lle seguen oito composicións numerais do I ao VIII e catro máis cos nomes das estacións do ano. A segunda parte comprende dezaseis poemas con títulos tan suxestivos como “É preciso que alguén fale de ti para borrarne desta ausencia,…”, “Tan enormes son os danos baixo a pel,…” ou “Levas pintados no iris os signos da devoración e a,…”. A temática global do poemario é o amor e, sobre todo, ainda que nun ton velado, o erotismo, onde Pedreira xoga coas palabras e a colocación dos versos, utilizando o verso libre e, case sempre, a primeira persoa. Dende o punto de vista tipográfico, a primeira palabra de moitos dos poemas aparece sen capitais e co mesmo tipo de letra que o conxunto do poema. Presenta índice no que os poemas da segunda parte aparecen recollidos co primeiro verso e, ao longo do libro, atópanse salpimentadas, de forma arbitraria, as ilustracións de Cibeira, realizadas coa técnica da colaxe e en branco e negro.

Recensións:


Considérase que Xoguetes póstumos non é só un poemario erótico, senón que admite varias interpretacións e que acada maior profundidade con cada nova lectura.

Referencias varias:
Sinala que o desexo é o tema de **Xoguetes póstumos**, de Emma Pedreira, e de **E alentar na túa rosa** (2009), de Paco Souto, que gañaron, respectivamente, o premio e o accésit na II edición do certame de poesía erótica Illas Sisargas. Comenta que, malia partir de ópticas diversas na súa visión do erotismo, os dous autores presentan o desexo non como subxectividade extrema senón como acto que permite ao eu compartir a transcendencia do ti. Tamén aclara que se Pedreira indaga na ausencia como factor coadxuvante dunha ansia que medra até extremos intolerábeis, Souto dá conta da feliz comunión de percorrer un corpo entregado na procura dunha rosa, metáfora do sexo feminino. Detalla outras cuestións destes dous poemarios, dos que reproduce algún fragmento, e alude á súa resolución.


Coméntase a chegada ás librarías deste último poemario de Emma Pedreira, do que se sinala que gañou o III Premio de Poesía Erótica Illas Sisargas e reprodúcense algúns versos para exemplificar a escrita da autora.


Poemario de Ugía Pedreira, escrito segundo a norma reintegracionista, que se inicia cunha reflexión da autora sobre o sentido da obra (“Noente é numa ecosfera. Un mundo pequeninho dentro duma bola de cristal. / Noente é un brinquedo sem bateria nem pilas.”). A continuación, atópase a división que aparece no subtítulo: por unha banda, os “Poemas”, en páxinas de cor branca; por outra banda, as “canções”, de cor rosa, ás que se lles dedica maior espazo no conxunto da obra. No primeiro apartado, plásmanse poemas en verso libre na voz predominante do “eu” lírico nos que se reflexiona sobre a súa peripécias vital, nun ollar máis íntimo. No segundo, figuran composicións xeralmente, tamén, en verso libre, aínda que nalguns se aparece certa rima. En moitas delas, ao final, aparece unha dedicatoria ou a referencia bibliográfica da obra anterior da que foron extraídas para seren recompiladas nesta. Aínda que a presenza da voz lírica do “eu” poético é tamén importante, esta deixa paso a reflexións en terceira persoa. Destaca o tratamento de temas como o mar, a infancia, o amor, a falta de ideas ou as palabras baleiras que se repiten como un mantra bloqueando a crítica.

**Referencias varias:**


Infórmase da presentación das novidades editoriais en Festigal, entre as que se atopa *Noente paradise*, de Ugía Pedreira.
Indica que no Festigal 2010 se presentaron, entre outras novidades literarias, o poemario *Noente Paradise* da cantante Ugía Pedreira. Recolle que o xornalista Anxo Quintela destacou que se trata dun “libro fundacional” no que se transcende a comunicación ao “estar cheo de músicas” e entroncar coa “vanguarda”. Dá conta do agradecemento da autora á editorial e as súas sensacións ao verse publicada, sensación que cualifica como “un exhibicionismo emocional”.


Publicase unha entrevista con Ugía Pedreira, autora do poemario que dá título ao artigo, na que se tratan asuntos como a unión entre poema e canción, os referentes galegos da súa obra, os temas recorrentes ou a confluencia de estilos.


Tras se referir á presentación por parte de Através Editora de *Sempre em Galiza*, de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, indicase que a mesma editora presenta en Porto o primeiro libro de poesía de Ugía Pedreira, *Noente Paradise*.


Anúnciase a presentación na Escola Oficial de Idiomas do poemario *Noente paradise*, de Ugía Pedreira.


Poemario de Mariña Pérez Rei (Ames, 1966) no que recrea con plasticidade e detalle un universo interior intranatural que ás veces alcanza cumes metafísicos. Céntrase nas preocupacións constantes e vitais do eu lírico: o amor pola natureza, a feminidade, a reflexión sobre a creación literaria con diferentes niveis de lectura, etc. e vai acompañado dunha extensa introdución de Xesús Manuel Valcárcel na que describe á creadora coma unha poeta total que tece as súas composicións coma se fosen encaixe, en permanente cambio. Por iso Valcárcel apunta que mergullarse neste poemario permite admirar a descrición da paisaxe que aparece coma unha sinfonía natural onde o eu lírico está claramente identificado coas plantas e animais mentres o lector percorre o seu interior con intensidades expresiva e musical propias só de quen domina estes eidos literarios. Considéraa unha publicación máis densa e máis plural que marca un novo rumbo para esta profesora de secundaria que xa acadara en 2005 o Premio Eusebio Lorenzo Baleirón, con *Fanerógama*, e o Lueiro Rey en 2006, coa novela curta *Canícula*.

**Recensións:**

Cualíﬁcase a poesía desta autora como suxerente e auténtica ao igual que a propia Mariña, unha escritora de carácter, explorando novos camiños poéticos como xa fixera no seu libro anterior, Fanerógama. Nestas composicións tensas e cunha temática contracorrente, prologadas da man de Xulio Valcárcel no que o autor defende o sentimentalismo por el patentado, preséntase unha escritora que non se deixa enganar e que deixa entrever que lle queda moito aínda por percorrer.


Coméntase este poemario de Mariña Pérez Rei que achega unha poesía que cumpre a súa función básica, facer sentir, destacándose a sobriedade, solidez e fondura poética. Versos que recorren a un simbolismo natural ou case que biolóxico, en palabras de Mera. Destácase tamén a frescura dos poemas, que presentan un amor real e o tratamento do tema da Memoria, que se insiere dentro da súa poética, así como outros temas, dándolle un xiro a partir dos seu propios rexistros e recursos.

Referencias varias:


Dáse conta da presentación de Paquidermo, de Mariña Pérez Rei na Libraría Couceiro, quen estivo acompañada por poetas e editores do movemento Sentimentalismo e no que a autora fala de que estes poemas xa non son recentes mais configuran unha poesía anovada e renovadora cun aire máis arriscado, procurando unha innovación estética e unha nova linguaxe poética. Entre os seus proxectos comenta que hai dúas novelas que sairán proximamente.


Sección ﬁxa que acolle nesta ocasión o poema “Francotirador”, pertencente ao poemario Paquidermo.


Reprodúcese nesta sección ﬁxa o poema “Francotirador”, pertencente ao poemario Paquidermo.


Sección ﬁxa que acolle nesta ocasión o poema “Partisano”, pertencente ao poemario Paquidermo.

Reprodúcese nesta sección fixa un poema tirado do poemario *Paquidermo*.


Acóllese o poema “ME/DO” inserido no poemario *Paquidermo*, de Mariña Pérez Rei.


Recoméndanse algunhas lecturas para gozar durante o verán. Sinálase que entre os libros de poesía que non se deben deixar de ler está *Paquidermo*, de Mariña Pérez Rei, poemario no que destacan as imaxes transgresoras e onde domina Natura cunha visión comprometida e feminina das cousas e da vida, cun estilo sobrio e preciso e un léxico admirábel;


Reprodúcese nesta sección fixa o poema “DEFENSA”, tirado do poemario *Paquidermo*.


Insírese nesta sección fixa a composición “ESTALEIROS”, incluída no poemario *Paquidermo*.


Neste libro de poemas Tomás Antón Pereiras Gómez (Vedra) repasa a vida de súa nai labrega, a cal tivo que loitar e traballar soa e a reo no agro para poder sacar adiante aos seus oito fillos, debido a que o seu home estaba emigrado en América. O texto comeza cunha introdución na que o autor explica os motivos polos que escribiu o libro, destacando o papel de súa nai na crianza dos fillos. A continuación, aparecen os vinte e seis apartados no que se estrutura o poemario: “Como estrela endexamais fixidía”, “Dende o seu existir na teimosa pouquidade”, “Indo á feira a vender a nosa cuxiña marela”, “As cangas, as obrigas, trocan cadeas polos agarimos”, “Nin vestido de calazas nin para comer, hei de pasalas moradas”, “A poubea voltando cada día, como das feras comesta”, “Con fiúza e teima na testa, con carraxe no peito”, “Co carro de esquilmo dende moi lonxe”, “O neno arrepúxose, deprendendo a dar tolenas ós outros”, “Sempre me encontro coa labrega, se á ceacú vou polo tempo”, “Co gando, arabías e picaros nos eidos”, “Ás carreiras na engrellada da secura e na incerteza bro a cismando”, “A labrega amantiña, que na penuria á fe vive”, “Mesmamente como manteiga ha de ser o meu home”, “Os nenos graídos, cómpitos axúdana na lida”, “A bóla quente no leite frío, amais a ruxente tíxola”, “Lembranza que apreme, alporiza, agonizando o íntimo ser”, “Unha labrega senlleira”, “Ela amasa a broa, coas pingas da sueira que o seu corpo ninxe”, “Malla e palleiro”, “A labrega ha de premunir non ter a artesa baldeira”, “A nosta testa é fito sáxeo espetado no tempo, que o seu home leva”, “Con cangas a eito, con alfaio á esgalla”, “Unha labrega, decote esmiuzada nos eidos”, “Na lembranza é grandía falar destas labregas doutrora” e “Na morte da labrega”. Ao longo destes
apartados o poeta repasa a vida no campo e os esforzos que leva a cabo unha nai para sacar os fillos adiante, que teñan que comer e que poidan recibir unha educación. Os traballos do campo aparecen de maneira recorrente: a malla, a semente, a preparación das leiras, etc., aínda que tamén hai referencias á emigración a América. Os últimos apartados do libro son unha homenaxe á figura de todas as mulleres labregas galegas que tiveron que loitar teimosamente para axudar ás súas familias a pesar da ausencia dos seus homes, emigrados ou mortos. O texto finaliza cun glosario que explica aquelas palabras e expresións de difícil comprensión.

Referencias varias:

- C.G., “Tomás Pereiras presenta un libro dedicado a su madre”, *El Correo Gallego*, “Área de Compostela”, 6 maio 2010, p. 34.

Explica que a presentación do poemario foi no Hostal de Vedra. Indica que o poeta estivo acompañado pola súa dona Nieves, o alcalde e numerosos veciños. Explica que interviron na presentación Víctor Freixanes, Xerardo Estévez, Julio Castro e Víctor Furelos.


Cumprindo cinco anos como espazo creativo, sae á luz esta obra de A Porta Verde do Sétimo Andar, na que os autores deste colectivo plasman as súas composicións. O compromiso e a ilusión son dous dos seus piares fundamentais, que constrúen con expresións claras e directas dirixidas ao lectorado, previndo aos individuos dos problemas da sociedade de hoxe en día. No elenco de autores atópanse Miguel Ángel Alonso (Madrid, 1976), Ana Cibeira (Caracas, 1977), Rosa Enríquez (A Rúa, 1969), Alfonso Láuzara (Teis, Vigo, 1971), Alba Méndez (Moaña, 1985), Alberte Momán (Ferrol, 1976), María N. Soutelo (A Estrada, 1982), Manolo Pípas (Coia-Vigo, 1968) e Ramiro Vidal (Ferrol, 1973). Os temas tratados son, entre outros, a efémera vida, o tempo, o amor, o mar, a crise actual, diversos problemas que atinxen á humanidade en xeral, o cambio, a enfermidade, o sinistro futuro, o diñeiro que tanto importa nun mundo capitalista... Os topónimos teñen unha grande importancia na obra, case sempre relacionados con lugares vítimas dunha desfeita, coma o corredor do Morrazo, Massó ou a panificadora de Vigo, que os autores aproveitan para criticar as inxustizas que os rodean, sempre dende unha óptica poética. Todo para facer unha defensa da lingua galega e achegar unha perspectiva crítica do presente e o futuro de Galicia ao panorama da literatura.

Referencias varias:


Fálase de *Sétimo andar, poesía alén*, o segundo libro do colectivo A Porta Verde do Sétimo Andar, no que se presentan textos heteroxéneos pero cun denominador común,
intervir dende a base en defensa da cultura e a lingua galega. Sinálase que sen grandes pretensións pretenden darse a coñecer, aínda que sexa de maneira minoritaria, mediante esta obra que tamén publican en pdf no seu blog. Dáse conta de que o que prima é a liberdade e a heteroxeneidade. Salíéntase que no volume participan tanto autores novos como outros coñecidos, como por exemplo Alberte Momán, que xa obviou algúns premios no eido da poesía, ou Rosa Henríquez, coñecida tanto polos seus poemarios como por algunha nova. Considérase que o que define, en xeral, os textos, é un marcado compromiso.


Comézase por explicar o cometido principal do colectivo A Porta Verde do Sétimo Andar, que é comprometer á xente coa realidade actual de Galicia. Afírmase que este é o seu segundo libro, que presentan na Cova dos Ratos. Son os nove poetas que conforman esta colectividade os que a definen como un espazo onde interactuar. Sinálase a orientación política e intimista da súa poesía, así como o seu nexo en común, o galeguismo. Con respecto a esta obra, apúntase que o feminismo tamén ocupa o seu lugar que reclama, quizás, unha “utopia”, a do reconhecemento total de Galicia como pobo. Sinálase a defensa da lingua galega como un piar fundamental para este espazo de creación e discusión.


“Poemas desenchufados” presenta dezoito composicións de extensión irregular e que teñen unha temática moi variada: alusións a natureza, ao sexo, á existencia, etc. O sexto apartado recolle tres textos homónimos ao título nos que a voz lírica reflexiona sobre cuestións da vida diaria. O libro péchase cos poemas de “Cosendo Babas”, unha sección na que o poeta xoga coas palabras ao xeito do poeta Huidobro. Dúas citas pechan o libro de poemas: unha de Jaufre Rudel e outra de Björk.

Recensións:


Coméntase a dobre condición de Elías Portela como poeta en galego e en islandés e o seu poemario, do que se destaca o seu carácter heteroxéneo, nas formas e nas experiencias, compatíbel cos presupostos dunha poesía moderna e comprometida co bo facer literario e coa busca de novas formas de expresión. Define a Portela como un poeta creacionista, que achega unha poesía xenuíña e envolvente.

Referencias varias:


Fálase sobre Elías Portela Fernández, poeta cangués que reside en Islandia dende hai dez anos e tras recoller as propias impresións del sobre o país no que vive, fáise referencia a que, baixo o pseudónimo co que publica en islandés, Eliás Knörr, aparece recensionado na prestixiosa Poetry Review, autoridade da Poesía do Reino Unido e do mundo anglosaxón. Logo dise que publica en Editorial Barbantesa o seu poemario Cos peitos desenchufados.


Explica a tarefa que leva a cabo Barbantesa, nova empresa editorial galega dedicada a publicar poesía, literatura de mulleres e literaturas africanas, é dicir, “literatura diferente, orixinal e fresca”, entre a que se inclúe Con peitos desenchufados, de Elías Portela. Asemade, menciónanse As Médulas, de Silvia Bardelás; Os ditosos anos do castigo, de Fleur Jaeggy; A balada do café triste, de Carson McMullers; e Pan prós crocodilos, de Calros Solla. Tamén se anuncian os seguintes proxectos, pensados para finais de xuño: Poemas de África, de Eduardo de Bettercourt e Jorge Arrimar; e A arte do fracaso, de Berta Dávila.


Trátase dunha entrevista a Elías Portela, poeta cangués que vive en Islandia e vén de publicar o seu poemario Cos peitos desenchufados. Fálase da súa vida en Islandia e da súa actividade poética.

Primeiro faiuse unha breve aproximación biográfica e profesional de Elías Portela, poeta cangués que reside en Islandia onde publica baixo o pseudónimo de Elías Knörr. A seguir, fáise unha entrevista na que se comenta a publicación do seu poemario Cos peitos desenchufados e tamén se fala da súa vida.


Tras salientar o éxito de Elías Portela en Islandia, onde se lle coñece como Elías Knörr, dáse conta da presentación do seu último poemario en Santiago de Compostela e reproducense seis textos deste poeta cangués.


Dise que na Feira do Libro da Coruña se deu a coñecer a editorial Barbantesa, de Cangas, e que no acto estivo Elías Portela co seu poemario Cos peitos desenchufados Tamén se dá conta da presenza da escritora Silvia Bardelás, presentando a súa obra As Médulas. Por último, acláranse as liñas editoriais coas que nace o novo selo editorial.


Falase sobre o novo selo editorial Barbantesa e os obxectivos do mesmo, entre eles, dar visibilidade as literaturas minorizadas. Dise tamén que se presenta na Feira do Libro da Coruña e que ali presenta os seus dous primeiros títulos: o poemario Cos peitos desenchufados, de Elías Portela, e a novela As Médulas, de Silvia Bardelás. Tamén se engaden os nomes doutras autoras internacionais traducidas ao galego e outro título de literatura africana.


Primeiro acláranse as liñas editoriais do novo selo Barbantesa e logo recóllese as palabras de dous dos autores desta editorial que presentan as súas obras na Feira do Libro da Coruña: en poesía Elías Portela, con Cos peitos desenchufados, e en narrativa Silvia Bardelás, con As Médulas.


Dise que o poeta Elías Portela, residente dende hai dez anos en Islandia, publica ali baixo o pseudónimo de Elías Knörr. Nesta ocasión dáse conta da presentación na Feira do Libro de Coruña do seu poemario Cos peitos desenchufados.

Ao tempo que se anuncia a publicación do que a propia autora, María do Carmo Krukenberg, cualifica como o seu derradeiro poemario, tamén se fai unha indicación da publicación de *Cos peitos desenchufados*, poemario de Elías Portela co que se inaugura a Editorial Barbantesa.


Xosé Ramón Freixeiro Mato prologa este libro de poemas de Vicente Reboleiro González (Ferramulín, Folgosos do Courel, Lugo, 1957) e destaca a poesía deste veciño e seguidor de Uxío Novoneyra. Advirte que este libro de poemas é a mellor homenaxe que Vicente Reboleiro lle pode facer a Novoneyra no ano que se lle dedica o Día das Letras Galegas. O poemario comeza cunha dedicatoria de Vicente Reboleiro aos seus pais. A continuación, aparecen tres versos de Uxío Novoneyra a xeito de limiar. O poemario compone de máis de cen textos, dos cales a maioría son breves. Nos poemas aparece reflectida a paisaxe e a flora das terras do Courel: castiñeiras, cerdeiras, prados, montes, camiños, corredoiras, etc. Tamén hai moitas referencias a lugares e aldeas concretas: Boullón da Seara, Ferramulín, Villarubín, Fonte do Acebo, Fervenza, O Petouquín,… Outro conxunto de textos fala sobre as tarefas propias do mundo labrego: a sega, a herba verde, os carros, os mallos, a recollida da castaña, etc. As referencias á familia do poeta tamén son constantes, sobre todo, naqueles textos que recordan o pai e a infancia do escritor. Por último, aparecen outras composicións que falan de diferentes figuras da cultura galega, destacando sobre todo os poemas dedicados ao seu veciño e amigo Uxío Novoneyra.


Poemario de Eli Ríos (Islington, 1967) que se inicia cunha cita en latín que a autora dedica a seus pais. Logo aparece un prólogo asinado por Alfredo Ferreiro, no cal fala sobre o texto poético e a visión da vida que ofrece a autora nos versos que conforman este poemario. A seguir acólense os vinte e nove poemas sen título, de extensión irregular e temática moi variada, nos que a poeta reflexiona sobre o que é a creación poética e nos que aparecen continuas referencias a acontecementos da vida cotiá, sobre todo a aqueles actos que teñen que ver co universo doméstico do día a día. Destacan tamén varios poemas de difícil comprensión nos que reitera a palabras “agarofobia” e “heteróclise”. A presenza de numerosos artistas, tanto cantantes como escritores, é constante: Extremoduro, Os Pecos, Siniestro Total, Rick Astley, Sidonie, Borges, Os Beatles, etc. As alusións a unha relación que xa morreu tamén fan acto de presenza nos últimos textos do libro.

**Recensións:**

Destácase a rapidez expresiva, a musicalidade das palabras e as sensacións que produce a lectura do primeiro poemario de Eli Ríos, merecedor do galardón de poesía Concello de Carral.


Comenta a importancia e a evolución dos premios literarios na literatura galega dende os anos 80 e a seguir analiza dous volumes premiados en 2009: Nós escoitando o badalo de Marienplatz, de Eli Ríos, galardoado no Certame de Poesía Concello de Carral, que é cualificado como un poemario que se sitúa “no territorio da indefinición”; e O gado do senhor (2009), de Rosa Alice Branco, XVII Premio Espiral Maior.


X. H. Rivadulla Corcón (A Coruña, 1962) inicia o volume cunha dedicatoria a Carmen González Montero e un texto narrativo no que se conta a orixe dos poemas, escritos na etapa da posguerra por un mariñeiro republicano a quen as consecuencias da guerra civil trocaron en vagabundo. Refirese tamén a unha muller, de nome Dolores, que todos os días lle servía un café de balde, na taberna na que traballaba, até que o vagabundo rematou a barca que estaba a facer na praia de San Amaro, a partires de anacos de madeira e bidóns e outros materiais desbotados, e se botou ao mar, procurando a súa morte. Coméntase que a través destes versos se pode apreciar que o autor era un home culto, galeguista e de ideario anarquista. Os poemas son, a excepción do último, de igual extensión, nove versos, nos que son frecuentes as metáforas e a simboloxía relacionada co mar e a vida dos mariñeiros. Achegan a visión dos derrotados da guerra civil e, de xeito sutil, refirese ao “inverno” do réxime franquista e as súas imposicións. Asemade, tamén hai poemas de amor, de loanza da beleza, da importancia de soñar para soportar a vida e outros nos que se refíxen o ambiente da taberna. No último dos poemas, o máis longo de todos, o vagabundo despidese, dálle as gracias á muller polos cafés e por se deixar amar. Confesa que non pode demorar máis a súa partida porque non soporta vivir como derrotado. Para pechar a historia, reproducéuse o poema que o protagonista enviou por correo a Dolores, no que lle explica a súa obriga de morrer no mar, como corresponde a un patrón de barco e lle confesa que con ela se reconciliou coa humanidade e coñeceu o verdadeiro amor.

Referencias varias:


Faise eco das propostas poéticas da editorial Espiral Maior. Entre elas, detense no volume de Rivadulla Corcón, dedicado “a todos os homes e mulleres que sufriron as
consecuencias da vitória fascista, e os que loitaron até o derradeiro alento pola libertade de Galicia”, nos que se emprega “ímaxes transparentes e xestos directos”.


Breve entrevista co escritor Xosé Henrique Rivadulla Corcón, na que se comenta a temática d’Os papeis do vagabundo, un libro situado no relato lírico, segundo palabras do autor. Nel aborda o tema da guerra civil, que non tocara anteriormente, e enlaza o seu pasado en Monte Alto co pasado histórico.

- Alberto Ramos, “Precisamos xa unha política para o audiovisual, a parálise é dramática”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 6 decembro 2010, p. 34.

Conversa con Xosé Henrique Rivadulla Corcón co gallo da presentación deste poemario no que mantén dúas constantes na súa obra anterior: o mundo mariñeiro e o concepto de vagabundo; si se produce, pola contra, un cambio de escenario, trasladándose de Muxía ao barrio de Monte Alto, onde naceu o autor. Dáse conta do contido da obra e dise que aos poemas lle antecede un relato para favorecer ao lectorado a súa entrada na poesía, segundo comenta o autor, quen considera que o presente volume se pode encadrar nunha triloxía completada con dous libros anteriores: Taberna á deriva (2002) e O adeus do vello mariñeiro (2007). Dada a súa condición de Presidente da Asociación de Guionistas e o seu papel na formación da Academia Galega do Audiovisual, Rivadulla Corcón tamén é preguntado sobre a situación do sector e sobre o anuncio da creación dunha Dirección Xeral do libro, que o autor valora.


Reprodúcese nesta sección fixa a composición “ES COMO A GAIVOTA”, do poemario Os papeis do vagabundo, de X. H. Rivadulla Corcón.


Sección fixa na que se inclúe o poema “FARO QUE ALUMEA OS AUSENTES”, pertencente a Os papeis do vagabundo, de X. H. Rivadulla Corcón.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate do ano. No caso da poesía, destácase Os papeis do vagabundo, de Rivadulla Corcón, que explora a ficcionalidade lírica, e A cidade sen roupa ao sol, da tradutora Marga do Val, ademais das antoloxías poéticas sonoras de Xosé Mª Álvarez Cáccamo e Chus Pato. Saliéntase tamén Neve, de Lucía Novás; As luces de noutrora, de Edelmiro Vázquez Naval; Bater de sombras, de Francisco X. Fernández Naval, e Outono, mancebo céfiro de ás ergueitas, de Xosé Otero Canto.

Acóllese nesta sección fixa a composición “O ETERNO SON MARIÑO”, do poemario Os papeis do vagabundo, de X. H. Rivadulla Corcón.


Referencias varias:


Instírese o poema “O mar é a clave do misterio que nos habita”, do poemario Camiño ao mar, de X. H. Rivadulla Corcón.


Reprodúcese un texto poético que comeza co verso “Os camiños da soidade constrúen a saudade...”, do poemario Camiño ao mar, de X. H. Rivadulla Corcón.

David Rodríguez (Vigo, 1975) reúne neste poemario un conxunto de poemas concisos e sobrios dominados pola escuridade e por reflexiós diversas, boa parte deles ao xeito de frases lapidarias: sentenzas, definicións e mesmo composicións dunha única frase. Acadan unha notábel presenza as reflexiós do eu lírico sobre a morte, a dor, a violencia, o paso do tempo, como luzadas ou epifanías que expresan revelacións dun carácter máis ben tremendista e con pouco espazo para a esperanza. As fotografías de Eduardo Irago (Vigo, 1977) ambientan o poemario con instantáneas que reproducen ese clima de inquedanza e desacougo dos textos.

Recensións:


Refírese á escrita de David Rodríguez e céntrase en Lapidarias. Os versos escuros, no que, segundo Isaac Lourido, o autor propón unha ponte que é a un tempo estética e hermenéutica entre a literatura e as outras artes. Considera que a recorrencia ao poema breve e conciso, ao adelgazamento expresivo, á incorporación do silencio ao texto e á escolha do enxeño e da contradición como fórmulas para a resolución do poema non semella desconectada dunha tradición literaria en que brevedade, pensamento e moralidade funcionaron ao compás. Explica que dende o título o autor marcou relación co xénero lapidario, é dicir, con aquela escrita gravada na pedra, destinada á permanencia e á transcendencia, e co significado actual que o termo ten de cortante, preciso, rotundo, sobrio e solemnne. Considera que estes trazos están orientados á articulación dun determinado esquema de pensamento, sempre enunciado en primeira persoa, preocupado pola exploración da escrita poética como horizonte e límite da intelixencia e tensado, en último instancia, por unha existencia paradoxal en que o íntimo e extricábel ten as marcas da dor e da derrota.


Opina que tanto (Retro)visor, de Antía Otero, como Lapidarias. Os versos escuros, de David Rodríguez, son dúas achegas que chaman a atención sobre “o bo estado da saúde da poesía galega e a variedade de posibilidades que ofrece a poesía” en diálogo con outras artes. Logo de indicar que para achegarse ao universo destes dous autores cómpré ter en conta os seus blogs persoais, apunta que os versos de ambos poemarios se instalan entre “fotogramas e fotografías”, e que coinciden na vontade de “exprimir a linguaxe poética” para iniciar o coñecemento do eu, ademais de reparar en que a escuridade é outro elemento común. A seguir, céntrase na obra de Rodríguez, destacando a súa óptica do descrédito e do escepticismo nunha loita pola verdade das cousas que permite “discernir diferentes loitas”, a través de sentenzas de “desacouguante crueza” nadas no “sentimento da incredulidade máis extrema”.

Arredor de Lapidarias, de David Rodríguez, comenta que se trata dunha das sorpresas poéticas máis agradábeis do ano 2010 e que se trata do primeiro libro en solitario do autor, dado a coñecer como gañador do Concurso de Teatro Radiofónico organizado polo Diario Cultural da Radio Galega. Recóñece os seus versos un enfrontamento de conceptos opostos de raíz cósmica, certa tendencia ao ton tremendista, autoexploración do eu lírico e a concepción do tempo como unha condena. Indica tamén que os poemas recorren a figuras retóricas clásicas, como o oxímoro e o paradoxe, e que tenden a unha condensación expresiva que pretende transmitir unha sensación de fugacidade. Valora tamén o fértil diálogo dos textos coas fotografías de Eduardo Irago.

Referencias varias:


Dáse neste artigo unha serie de publicacións recentes recomendadas para ler no 2010. As que se mencionan dentro da literatura galega son, todas elas da Editorial Xerais. Entre elas recoméndase o poemario Lapidarias, de David Rodríguez.


Entre as próximas publicacións anúncianse, entre outras obras, Lapidarias, de David Rodríguez.


Entrevista a David Rodríguez na que este se pronuncia sobre o significado da súa obra Lapidarias. Os versos escuros. Sinala que se trata dun proceso de catarse no que a luz xoga un papel importante para vencer as tebras e no que emprende un proceso de lembranza ateigado de dor para plasmar o paso do tempo.


Reprodúcense o poema “¿Onde están os anxos caídos que me precederon?” pertencente ao poemario Lapidarias.


Faise referencia ás obras publicadas ao longo do ano anterior e as novidades entre as que salienta este poemario.

Poemario de Xavier Rodríguez Baixeras (Tarragona, 1945) no que o título alude ao antagonismo que se establece entre a Chaira Diamantina, no estado brasileiro de Bahía, que se caracteriza por paisaxes exuberantes, e o deserto, o Sertão, unha zona inhóspita. Esta idea xa adianta a sensación constante de contraposición entre o sentimento de perda e a esperanza última que se deixa ver nos versos. O poemario conta cun “Limiar: Do fulgor da caída” (pp. 7-22), a cargo de Luciano Rodríguez, no que traza a trajectoria do autor no contexto da chamada “Xeración dos oitenta” e de como resultou o seu achegamento á poesía galega tras sentirse afastado das tendencias seguidas no contexto castelán. Tamén cunha “Nota do autor” (pp. 23-26) antes de acoller o conxunto poético “Deserto diamantino”. O poemario en si abrangue lugares da memoria á que o autor recorre rescatando lembranzas familiares, vivencias compartidas e empregando aqueles espazos xeográficos que para el están cargados de sentimentos. Artéllase ao redor de tres eixos: o mundo persoal, a esixencia formal na escrita e o emprego dun rico léxico que se distribúen en cinco seccións: “Regalía I”, “II A voz perdida”, “III Memoria do amor”, “IV Vetusto mar” e “V As pautas” que acollen estrofas sáficas.

Recensións:


Destaca que Deserto diamantino é un longo poema, xebrado en cinco partes e escrito en estrofas sáficas co esquema 11A 11B 11A 7b con rima consoante. Indica que presenta un limiar de Luciano Rodríguez e, a seguir, debulla as cinco partes deste poemario: “Regalía”, con trinta e seis estrofas sáficas; “A voz perdida”, con corenta e catro; “Memoria del Amor”, con corenta e cinco; “Vetusto mar”, con corenta e seis, e mais “As pautas”, con corenta e sete.


Comeza salientando o “título antinómico” antes de centrase no contido do poemario, do que apunta que tamén está marcado pola mesma contraposición. Sintetiza o contido das partes nas que se divide Deserto diamantino, das que indica que a primeira delas traza unha viaxe ao interior dunhas “tebras luminosas” e as seguintes tres partes os espazos que percorre o protagonista do poemario. Alude ao “informado” prólogo que realizou Luciano Rodríguez e ao limiar do propio Rodríguez Baixeras e destaca a estrutura métrica e as influencias de Baudelaire, Dante e Curros Enríquez. Remata sintetizando que Deserto diamantino amosa “a beleza do diamante” e así mesmo “a afiada dureza” coa intención de dar a coñecer que “debaixo do deslumbrante esplendor xace unha dor”.


Comeza aledándose da publicación dun poemario como Deserto diamantino xa que actualmente se publican poucos títulos de poesía. Destaca o galardón que mereceu e o regreso á poesía do “ouirve literario” Xavier Rodríguez Baixeras quen dera ao prelo
recentemente un ensaio sobre a “promoción poética” na que el se insire, *Bos tempos para a lírica. A xeración de 1980* (2009). Destaca que o limiar de Luciano Rodríguez permite coñecer a traxectoria poética de Baixeras e as principais liñas deste poemario. Considera que *Deserto diamantino* é un título “singular” xa que, como se adianta na nota previa, xorde do contraste ou contraposición da Chapada Diamantina e o Sertão, espazo que se dera a coñecer coa novela *La guerra del fin del mundo*, de Mario Vargas Llosa, e con *Os Sertões: campanha de Canudos*, de Euclides da Cunha, e a reflexión persoal de Baixeras. Apunta que ao longo de cinco seccións o “viaxeiro-poeta” trata da saude, a perda, a memoria na súa viaxe por espazos que lle transmiten “luminosidade e emoción” e a presenza do mar como un confidente que posúe un “elevado significado simbólico”. Remata sintetizando que *Deserto diamantino* constitúe unha “sincera introspección” influída por un “xorne nostálgico” como defensa ante o paso do tempo, e escrita cunha “destacable perfección compositiva e formal”; un galano “vitalista e puido”.


Analiza dúas obras que teñen como escenario narrativo Brasil: *Periferia*, de Iolanda Zúñiga, e *Deserto diamantino*, de Xavier Rodríguez Baixeras, poemario do que afirma que é só para “eximios posuidores do xenio e o talento”. Apunta que para afacerse ao seu ritmo poético e á “melodia harmónica” cómpre lelo varias veces; que existe unha concatenación de voces líricas e un “verso claro, penetrante”; que posúe “un cúmulo de virtudes técnicas” que deberían ser ensinadas nas aulas; e que se trata dun libro “de terra e territorio”. Remata cualificándoo de “viaxe telúrica” a través da poesía.

**Referencias varias:**


Dáse conta das variadas novidades que saen do prelo en galego. No caso da poesía, destácase *Deserto diamantino*, de Xavier Rodríguez Baixeiras, que trata a cuestión da soidade existencial.


Comenta *Deserto diamantino* destacando o “seu brillo formal e material” e o “seu brillo simbólico”, ademais dun “afinamento e un desvelo, unha concentración e un refinamento” que destaca na súa relación case “carnal coas palabras”, e así mesmo un
ton “reflexivo” ao redor dos “accidentes existenciais do tempo pasado (...) contemplado ese tempo dende a intensidade emotiva do presente”. Define a Xavier Rodríguez Baixeras como unha “das voces poéticas máis importantes do noso tempo”. Fai referencia á influencia neste poemario da rexión situada no Estado brasileiro da Bahía, a Chapada diamantina, e incide no contraste existente coa zona do Sertão, explicando que este poemario xorde da “tensión” existente entre estas paisaxes.


Poemario de Claudio Rodríguez Fer (Lugo, 1956) que arrinca cunha introdución de Olga Novo na que se presenta unha cronoloxía detallada da vida e obra do autor, partindo da elaborada por Natalia Regueiro no libro *Os mundos de Claudio Rodríguez Fer* (1998), actualizada e ampliada; un limiar sobre o presente poemario e máis unha bibliografía básica sobre o autor e do autor, que acolle tanto poesía, como narrativa, teatro, estudos e ensaios. Olga Novo tamén analiza detidamente o volume, quen considera este poemario unha “afirmación dun soño encarnado na propia vida”, na que o autor achega ao lector un “paraíso antibíblico conectado aos praceres da carne”. Afirma tamén que se atopa dentro do coherente universo textual do poeta, procurando “os vieiros da utopia, o erotismo e o coñecemento dos piares da súa praxe poética”. Por outra parte, destaca tamén a proclama da memoria antifascista, que Novo relaciona cos seus poemarios anteriores, *A loita continúa* (2004) e *Ámote vermella* (2009). Cada unhas das seis seccións nas que se estrutura o poemario, presenta ao comezo unha ilustración de Sara Lamas. No primeiro dos apartados, “Soamente apoteose”, achéganse poemas moi breves, denominados por Olga Novo “micropoesía”, que se recrean no erotismo e nos praceres da carne e que identifican a utopia en seres concretos. Destácase tamén a referencia a Camille Claudel. A seguinte das seccións, “Viaxes Verdes”, está composta por sete poemas, de maior extensión, nos que eu lírico fai unha viaxe por lugares como Fisterra, Cornualles, Illa de Man, Bretaña, Normandía, Stonehenge, Oxford e Cambrige. Alí abórdase a “pegada do celtismo como construcción galeguista autoafirmadora”, asumindo as raíces celtas “como sentido utópico necesario da orixes naturais non-xerarquizadas”, segundo aprecia Olga Novo. Destaca asemade a referencia a *Tristán e Isolda*. En “Viaxes azuis”, ofrécese un paseo pola antiga Grecia e o Mediterráneo, atopándose referencias a Acrópole de Atenas, a Delfos e ao seu oráculo, ao labirinto de Knossos, ao Vesubio, Cumas, Paestum, etc. De novo atópanse simbolismos sexuais e unha pugna pola independencia das mulleres. É de salientar o último poema dedicado a Fatiha Benlabbah. No apartado “Vías Lácteas” destaca o poema dedicado ao artista Ángel Johan, no que se salienta a súa vocación galega e a súa resistencia antifascista. Outro dos poemas, dedicado a Jose Ángel Valente, deixa patente a nostalxia pola súa falta. E no poema “Karina en autobús” exáltase a xenerosidade dos que nada posúen, dos desarraigados. No quinto apartado, “Macumbas”, atópanse referencias moi explícitas á sexualidade e ao sexo feminino, así o poema titulado “Baía sexual” é reflexo dunha relación sexual. Finalmente en “A bomba rosa”, cambia o sentido dos poemas, pasando a un ton menos sexual a outro máis amoroso. Segundo Olga Novo, neste apartado o autor “sinala o sexo da muller como principio metafísico e logos primixenio” e dirixe o grande interrogante ao “enigma do amor incondicional”.

**Referencias varias:**
Coméntase o novo poemario de Claudio Rodríguez Fer, *Unha tempada no paraíso*, do que se recollen algúns dos seus versos. Sinálase que se estrutura en sete seccións e que está ilustrado por Sara Lamas. Opínase que supón unha volta ao seu primeiro poemario, unha nova mostra de poesía erótica, que arrinca con poemas breves no apartado “Soamente apoteose” para continuar con “Viaxes verdes”, do que se destaca a celtofilia e o nomadismo e “Viaxes azuis”, que supón un percorrido pola Antiga Grecia e Marrocos. Respecto a “Vías Lácteas” apúntase que se estabelece unha conversa co poeta J. A. Valente, destacándose o poema “Nóstalgia de vós”. Afirma que se pecha o poemario con “Macumbas” e “A bomba rosa”, que eloñan o amor que cura.

Entrevista a Claudio Rodríguez Fer na que o autor comenta que en 2010 publicou un libro de poesía, *Unha tempada no paraíso*, e outro en narrativa, *Os paraísos perdidos*, ambos os dous ilustrados por Sara Lamas. Destaca tamén a súa participación nos libros anuais da Cátedra Valente que dirixe na Universidade de Santiago. Por outra banda, Rodríguez Fer opina que os idiomas se curan mediante a poesía liberadora e con cultura humanística. Remata o artigo comentando o *leit motiv* do seu próximo poemario.


Poemario de Ana Romaní (Noia, 1962) dedicado “A Carlos G. Borrás, pola luz. Para quen sentiu algunha vez a vertixe e a ousadía das estremas”. Trátase dun conxunto de poemas que abren ao lector espazos nos que a enunciación en feminino é central. Así, o corpo ou o simil da cobra e a pel, que se arrinca, se muda ou se tira van enfianto a unidade do poemario. Os paratextos dos poemas tenden pontes con Anna Akhmátova ou José Ángel Valente, ao tempo que a intertextualidade con Rosalía de Castro se fai patente xa no primeiro poema, e posteriormente, con María do Cebreiro, Xohana Torres ou Avilés de Taramancos. Uadi al Hitan, patrimonio mundial paleontolóxico e berce de fósiles mariños encravado hoxe no deserto, é unha das referencias do poemario, que vai deiando fósiles e dunas polos versos, pero tamén é citado Ravensbrück e multitude de escenarios naturais que non se concretan e só por veces “amosan” o poemario dende o punto de vista dos receptores primeiros, xa que conviven con manglares, icebergs... Escrito en verso libre coa axuda da significativa disposición tipográfica nalgúns poemas, o volume obriga ao lector a ocupar un espacio incómodo, e parte dunha voz reflexiva que non por iso evita a rebelión, as marxes, o linde ou o clamor.

**Referencias varias:**

Entrevistase, neste especial de verán, á poeta Ana Romaní cun ton distendido. É interrogada fundamentalmente sobre o tempo das vacacións, os días de agosto en que fixo unha paréntese no Diario Cultural da Radio Galega, que dirixe e presenta dende 1990. A autora de Arden recoñece a preparación dun libro de poemas, Extremas, que entende como continuación da súa poética e ruptura ao mesmo tempo, froito da relación cíclica que ten coa literatura. Salienta, entre as últimas lecturas, Onte, de Agota Kristof (sic), unha relectura de Clarice Lispector e Metamorfose, da filósofa femininista Rosi Braidotti, mentres recoñece como soño imposíbel compartir un espazo virtual con Marina Tsvetáyeva.


Poemario de Medos Romero (As Pontes, 1959) que se inicia cunha explicación de Manuel Vilanova sobre o que nel o lectorado vai atopar. A seguir, baixo o epígrafe “Il prodigio Tintoretto (da beleza que foxe e fire)”, comeza a primeira parte deste Do corpo e a súa ausencia que consta de vinte e oito composicións e que, segundo indica a autora, está inspirado en lenzos de Tintoretto. A segunda parte, que consta de trinta e catro poemas, dálle título ao poemario e iníciase cunha dedicatoria da autora e cunha cita de Fernando Pessoa. Ao final desta segunda parte aparece unha cita de Manuel Vilanova, previa á última parte do poemario, “Resplandor e nudez en Sandro Botticelli”, que recolle oito poemas.

Recensións:


Sección que acolle, entre outras, a presentación do poemario Do corpo e a súa ausencia, de Medos Romero, comentado a súa estrutura é temática. Coméntase que na primeira das tres partes a autora dialoga cos cadros de Tintoreto, na segunda aborda o sufrimento dun corpo ausente e que remata coa esperanza da eternidade dos corpos.


Comeza afirmando que Medos Romero é unha das integrantes da xeración de 1975 que máis arrisca, aínda que ela non frecuentou antes nin agora a “movida”. Explica que esta poeta se forza na linguaxe e despois a nutre dotando así ao propio de universalidade. Indica que Manuel Vilanova ten razón cando advirte que se pode interpretar mal a primeira parte de Do corpo e a súa ausencia se se limita a unha lección visual de pintura italiana de Tintoreto, xa que a obra deste pintor serve de “antipasto”, de exemplo de formas corporais nas que a poeta entre despois ano mostrar a desolación acudindo a Sandro Botticelli. Remata cualificando o poemario como un “tríptico en claroescuros” dos que están presentes nos corpos humanos.

Tras un repaso sobre outros títulos anteriores de Medos Romero, achégase un comentario Do corpo e a súa ausencia, do que se di que supón un xiro na produción da autora, co achegamento aos eidos do erótico e do amatorio e da problemática social, con especial atención ao rol feminino. Apúntase que sen abandonar o seu habitual ton de dor e sufrimento, Medos Romero se amosa máis optimista e vitalista. Destácase o recurso do diálogo para abrir e pechar o poemario, con manifestacións pictóricas de Tintoretto e Boticelli, así como un rexistro máis íntimo e persoal na sección central do volume. Conclúese que se trata dunha reflexión sobre a realidade do corpo, da cor, do medo da dor e tamén sobre a beleza e o amor.


Comeza referíndose ao prólogo de Manuel Vilanova e á súa advertencia da poeta como representante dun pensamento forte, lonxe do decadentismo, así como á importancia deste paratexto para comprender mellor a obra poética da que se dá conta da súa estrutura. Considera que nas primeiras obras desta autora predominaba o feminismo esencialista de corte telúrico, que despois se foi perfilando cara a unha poesía máis transparente, que neste último poemario, Do corpo e da súa ausencia, acaba por xunguir morte e pintura, a través da anatomía como nexo da experiencia estética e a experiencia de asistir a unha agonía. Explica quén se debe agardar da lectura deste poemario e, por último, sinala que conmove o testemuño dos últimos xestos dun corpo enfermo, no que se recorre á imaxe do corpo como campo de batalla, unha das posíbeis formas de poetizar a perda.

Referencias varias:


Conversa con Medos Romero na que fala do proceso creativo da súa obra en xeral e de Do corpo e a súa ausencia en particular; dá conta do contido deste último poemario e comenta diferentes aspectos da súa estrutura. Así mesmo, fala das diferentes etapas na súa escrita, das coidadas edicións da colección “Esquío” e do seu gusto polo xénero poético.


Recoméndase Do corpo e a súa ausencia, de Medos Romero, por consideralo un poemario excelente e, a seguir, reproduce algúns versos extraídos desta obra. Asemade, faiase eco da publicación do conxunto de relatos Xuvia-Neda, de Vicente Araguas.

Fala dos dous últimos libros que lle agasallaron e dedicaron. Do poemario *Do corpo e a súa ausencia*, de Medos Romero, comenta que aborda o pasar vehemente do seu ser cara a ideal eternidade. Destácase da poeta a súa “poética esencializada”, libre de “verbalismos interminábeis” e a súa mestría na expresión.


Poemario de Séchu Sende, nome literario de Xosé Luís González Sende (Padrón, 1972) publicado pola editorial da Associaçom Galega da Língua e acompañado de acuarelas realizadas por el mesmo. Grafado na normativa reintegracionista, abrange un total de vinte composicións poéticas e en prosa poética ao redor da defensa de Galicia e da súa cultura e lingua, por medio dos animais como protagonistas. Cada composición vén representada por un animal diferente, como queda reflectido nas ilustracións do autor, aínda que estas non se correspondan na maioría dos casos cos textos que acompañan. Abren o volume dúas citas de Celso Fernández Sanmartín e Irene Portas que dan paso de xeito inmediato á primeira composición que introduce o lectorado nun mundo enchoupado polo conflito existente entre a sociedade e a natureza. Todas as composicións van unidas polo fío argumental da defensa da natureza e da denuncia da súa destrución a mans dunha sociedade que impide evolucionar a Galicia como nación libre e independente. As ilustracións veñen intituladas de xeito que o título resume o concepto inherente á ilustración mesma. Destacan nelas os tons verdes e castaños, referentes da natureza que pon de manifesto nas súas liñas. Pechan o volume dúas ilustracións; a primeira dun ourizo que adianta o colofón do volume e, a segunda, na contracuberta, dunha caveira cun paxaro por riba intitulada “Autorretrato dentro dum tempo”.

**Recensións:**


Achega ao poemario que inaugurou a colección “Através das letras” da Associaçom Galega da Língua, no que observa a converxencia de toda a traxectoria de Sechu Sende nunha actualización do seu compromiso político como posición no sistema literario galego, tanto polo compromiso da súa obra cos movementos sociais como pola capacidade para a construcción “dunha aliaxe de discursos emancipatorios” que defenden o ambientalismo, a lingua, a reivindicación de clase e mesmo o independentismo, ao que engade neste poemario a vocación didáctica que contribúe a problematizar procesos de lectura e de análise. Destaca a importancia dos elementos icónicos que contribúen ao alento pedagóxico e reforzan a orientación da obra cara ao poético e narrativo e cara a redefinición do que significa Galicia, a defensa da terra, a soberanía, a xustiza e a liberdade. Salienta que o autor semella empeñado na revalorización de novos espazos para a socialización literaria consciente dos seus límites e reproduce algúns versos nos que se manifesta a escasa recepción que teñen os poemarios en xeral.

**Referencias varias:**

Infórmase da presentación das novidades editoriais en festigal, entre as que se atopa Animais, de Séchu Sende.


Conversa con Séchu Sende co gallo da presentación no Festigal de Animais na que se comentou a súa dobre autoría de texto e ilustracións; a temática deste volume, presente noutros como Made in Galiza (2007) ou Orixe (2004); a radicalización do nacionalismo galego; o cambio cara a unha normativa reintegracionista e a presenza do humor, dun realismo máxico e da reivindicación no volume.


Indica que no Festigal 2010 se presentaron, entre outras novidades literarias da Galería das Letras, o poemario Animais!, de Séchu Sende.


Conversa con Séchu Sende co gallo da saída do prelo do seu volume Animais na que se fala do seu período de lecer no verán; dos seus próximos proxectos literarios e do eido literario como profesión ou diversión para un escritor. Nun epígrafe á parte sinálanse os seus datos persoais como o nome, data e lugar de nacemento, os seus estudos e os premios dos que foi merecente, como o Premio Blanco Amor por Orixe (2004) ou o Premio Ánxel Casal ao Mellor Libro do Ano por Made in Galiza (2007).


Informa da presentación en Santiago de Compostela de Animais, de Séchu Sende, e destaca a iniciativa conxunta da Biblioteca Ánxel Casal, a Libraría Couceiro e o Instituto de la Caridad Universal Solidaria (ICUS), de achegar comida para a xente máis necesitada a cambio dun libro, no día da presentación.


Entre outros actos, informa de que na Praza de Cervantes se presentou ás sete da tarde Animais, de Séchu Sende e de que ao mediodía houbo un contacontos para bebés con Kalandraka Editora e Sandra Senra.

Alude á presentación do novo poemario de Séchu Sende, *Animais*, así como a outros actos e iniciativas de carácter cultural por parte da editorial Kalandraka, a Libraría Couceiro e a Biblioteca Anxel Casal.


Poemario bilingüe de Manuel Silva García (Moldes, Melide, A Coruña, 1943) estruturado en dúas partes: a primeira delas, en galego, contén os haikus, e a segunda, en castelán, recolle as silvas. Iniciase con tres haikus firmados por Kōdō, Bashoo e Santoka. A continuación, o autor agradece ao pintor Ramón Irago as súas ilustracións e ao Catedrático de Latín, José López Díaz, as súas correccións. Despois destes agradecementos, fai unha breve presentación-explicación sobre as temáticas tratadas, destacando por qué escolleu os haikus como expresión do seu mundo da nenez e as silvas como o seu mundo laboral. O texto consta de oitenta e unha poesía e oito silvas. O propio autor denomina aos haikus como “morriñosos”, xa que para el están referidos con nostalxia ás cousas que viviu cando era neno na aldea de Moldes do Concello de Melide. Nos oitenta e unha poesía desfila o mundo do autor: dende o canto dos grilos nos prados e leiras ou o do cuco nos carballos das chousas até as diferentes tarefas do agro (mallao do trigo e centeo nas eiras, a seitura da herba no verán, a matanza dos porcos…). Nestes breves poemas tamén hai alusións ao transcurso do tempo, ao cambio das estacións ou ao acontecer cotián.

**Recensións:**


Coméntase brevemente este poemario, cargado de reflexión, no que se mesturan os xéneros poéticos occidentais e orientais e está presente o recordo do rural galego, a morriña e mais o esquecemento. Tamén se salientan as ilustracións de Ramón Irago, que acompañan o poemario.


Poemario de Calros Solla (Cerdedo, Pontevedra, 1971) en homenaxe ao seu Cerdedo natal no que, a xeito de viaxe na nave espacial Voyager, realiza unha viaxe pola súa aldea e por Galicia. O texto começa cunha cita do autor e catro citas do Padre Sarmiento, Xosé Manuel Pintos, Antón Reixa e o libro de Ezequiel da *Biblia*. A continuación, aparece un limiar firmado por Héitor Mera, no que repasa a biografía de Calros Solla, destacando a amizade que teñen e presentando a temática do poemario. Estrutúrase o libro en tres textos iniciais a modo de prólogo e tres seccións: “Qui sumus?”, “Unde venimus?” e “Quo imus?”. O primeiro destes apartados contén trinta e seis breves poemas nos que o autor intenta responder á pregunta que da título á sección. Solla recorre a presenza de elementos extralingüísticos (debuxos, fotografías) para
potenciar a expresividade dos textos. Aparecen numerosos caligramas, tipogramas, anagramas e amálgamas que lle outorgan certo carácter lúdico aos poemas. O segundo bloque, “Unde venimus?”, está composto por dezasete composicións nas que aparecen elementos propios do rural galego: o porco, o carro, a vaca. De novo aparecen caligramas e diferentes disposicións figurativas. O libro péchase con nove poemas que pretenden dar resposta ao título do apartado: “Quo imus?”. O autor emprega de novo diferentes debuxos para expoñer o seu pensamento sobre o rumbo que está a colller o mundo actual. Finaliza o libro cun agradecemento do escritor a diferentes persoas.

Recensións:


Fai un repaso polo nacemento das vangardas artísticas no París de comezos do século XX e a novidade que estas supuxeron no mundo da arte en xeral e en concreto no da literatura. Logo céntrase nas vangardas galegas, lideradas por Manuel Antonio e Álvaro Cunqueiro e continuadas polo grupo Rompente. Por último, fala do libro de Calros Solla, Cercedo in the Voyager I, destacando que regresa aos principios das vangardas e espremendo ao máximo os seus principios, con xogos de palabras, xeroglíficos e caligramas.

Referencias varias:


Recoméndanse algunhas lecturas para gozar durante o verán. Sinálase que entre os libros de poesía que non deben deixarse de ler está Cercedo in the Voyager I (Morgante), de Calros Solla, cuxos versos combativos fan del un poemario cósmico, caligramático e visual.


Poemario de denuncia social de Calros Solla (Cerdedo, Pontevedra, 1971) que se abre cunha deductoria “A todas as minhas pantasmas” e un verso de Safo. A continuación aparecen setenta e cinco composicións que non seguen ningún tipo de pauta: amosan unha extensión variábel nos poemas, que tanto teñen dous versos como corenta, heteroxeneidade que se dá tamén nos versos que carecen de rima. Os poemas non están numerados e só catro aparecen titulados: “Longa noite de Pedre”, “gripe P”, “Fronte ao mar” e “Arroaz con chícharos” e hai uns poucos dedicados e outros poucos introducidos por uns versos doutros poetas. O libro é unha denuncia chea de ira e amargura, pero tamén de sarcasmo e ironía, contra as incoherencias do mundo e os opresores. Así, arremete contra o fascismo e a ditadura franquista (por exemplo, nos poemas “meu pai morreu na lomba de Meilide...” e “Longa noite de Pedre”), contra a sociedade conservadora de comunidades bilingües que desexan o exterminio da nación e a súa
lingua (en “Julio Iglesias (Xulio Igrexas/Júlio Igrejas, en galego)...”), contra o sistema capitalista (“o capital serve os seus réditos en vaixel a exclusiva...”), contra os fanatismos relixiosos (“IgreXa eXplícita...”), contra os pederastas (“nosferatu procura na internet...”), contra o imperialismo (“en Gaza, tras a Porta da morte, fumegan os fornos crematorios...”), contra o escravismo e a explotación infantil (“neno de pel escura e dentinhos de alho...”) e contra as guerras (“un adaíl da democracia occidental...”). A mensaxe de denuncia plásmase tamén na expresión formal, na irrupción da lingua oral nos textos, das solucions lusistas, dos xogos de palabras, e mesmo nas grafías, que amosan a vontade de romper os límites da lingua normativa e dialogar dende diferentes estratos e perspectivas formais.

Recensións:


Opinase que Calros Solla, a pesar de ter publicados algúns poemarios coma Xábregho (1999), Terras raras (2001), Mel de arañas (2002), Cerdedo in the Voyager I ou reGaliza e outras chuches (2008), non acadou a relevancia merecida. Coméntase que con Pan prós crocodíllos se afasta de todo o escrito anteriormente, xa que é un poemario misceláneo que renuncia á poesía visual e á poesía de circunstancias, polo que os textos teñen un discurso máis transparente. Indícase que é un verso de denuncia, de intervención en diferentes conflitos e de defensa de diversas causas, como a ecoloxía, a loita contra a violencia de xénero, a memoria histórica, o laicismo ou a lingua. Sinálase que Cerdedo e a súa riqueza etnográfica e toponímica tamén teñen presenza neste poemario, así como a reescritura paródica, polo que o seu idiolecto incorpora os digraños lh e nh, e continúa a ter outros trazos como a gheada ou algunhas escollas léxicas e voces coloquiais. Destácase que estes trazos, propios dun discurso chan, poden derivar na simplicidade ou reiteración, pero que o discurso se ve avivado por certas asociacións enxeñosas capaces de activar a atención lectora.


Coméntase que o poemario de Calros Solla conté moita ira, mitigada con fortes ironías e sarcasmo, baixo a que se agocha moita amargura debido ás múltiplas incoherencias do mundo, que teñen como pano de fondo o fascismo e a ditadura franquista. Sinálase que tamén é vítima da sátira a sociedade conservadora, os autochamados bilingües que en realidade desexan a desaparición do galego e da nosa nación, os sicarios do capitalismo, os fanáticos católicos que queren castrar a sociedade civil e impor a súa visión represiva da relixión, os pederastas, o escravismo e a explotación infantil, as guerras, etc. En resumo, indícase que Solla se decanta polo compromiso contra a infamia universal con gotas de ironía, polo que mete o dedo na chaga “para ferir e abrir conciencias”.

Sinálase que o poemario, escrito por Calros Solla e publicado por Edicións Barbantesa, mestura tradición e modernidade nunha escritura de denuncia que, axudada pola ironía e a sátira, fustriga os mandatarios de todo o mundo, axudado polas influencias de Díaz Castro, Siniestro Total, Castelao ou o cantigueiro de tradición oral. Indícase que critica a institución eclesiástica e os seus fundamentos e defende a identidade propia fronte a aqueles que atacan o idioma, mediante un realismo que ten moita retrace e algo de desengano melancólico. Coméntase que se fai unha defensa dos que sofren a violencia de xénero, a infamía das guerras, a marxinalidade social, a opresión patronal; grazas a ecos emotivos, imaxes impactantes, xogos de palabras e estruturas iterativas.

**Referencias varias:**


Explica a tarefa que leva a cabo Barbantesa, nova empresa editorial galega dedicada a publicar poesía, literatura de mulleres e literaturas africanas, é dicir, “literatura diferente, orixinal e fresca”, entre a que se inclúe *Pan prós crocodilos*, de Calros Solla. Asemade, mencionanse *As Médulas*, de Silvia Bardelás; *Os ditosos anos do castigo*, de Fleur Jaeggy; *A balada do café triste*, de Carson McMullers; e *Con peitos desenchufados*, de Elías Portela. Tamén se anuncian os seguintes proxectos, pensados para finais de xuño: *Poemas de África*, de Eduardo de Bettercourt e Jorge Arrimar; e *A arte do fracaso*, de Berta Dávila.


Recoméndanse algunhas lecturas para gozar durante o verán. Sinálase que entre os libros de poesía que non deben deixarse de ler está *Pan prós crocodilos*, de Calros Solla, cuxos escritos están inseridos no humorístico e lúdico.


Entrevista ao filólogo Héitor Mera Herbello, de quen se fai un repaso á súa vida e obra. Nela destaca que leu *Pan prós crocodilos*, de Calros Solla, cuxa poesía lúcida, directa e sensibel lle fixo ferver o sangue coa súa denuncia social e política, e que o sorprendeu que mesmo lle poña letra ao Himno do Antigo Reino de Galicia. Así, recomenda este poemario como lectura, xa que Solla é membro dunha xeración de galeguistas (entre os que tamén se atopan Ana Acuña, Moisés Barcia, Paco Sutil, Vieites, Elvira Riveiro, etc.) que se caracterizan polo seu discurso coherente e pola calidade da súa arte, literatura e estudos.

Breve poemario de Paco Souto (A Coruña, 1962) de temática amorosa no que o erotismo é o seu trazo máis destacado. Componse dunha primeira serie de trece poemas, aos que seguen outros cinco, agrupados baixo o título de “Poema con sentidos”, para dar paso aos dous últimos. Todos eles son poemas breves ou moi breves, mesmo de dous versos ou un, nos que o fío condutor é a expresión do desexo amoroso e sexual por medio dunha voz lírica en primeira persoa cara a un “ti” feminino, reflectido en versos do tipo “Verte espida entre lenzos”. A linguaxe empregada destaca pola súa delicadeza e musicalidade, a través dunha axetada escollla de adxectivos e substantivos que dotan os textos de gran sensualidade e erotismo. Empreganse tamén estruturas repetitivas breves que actúan de elementos intensificadores das emocións e sensacións que o encontro coa persoa desexada produce no eu lírico. O versilibrismo é total ao longo do poemario e altérnanse poemas nos que se perciben agrupacións versais ou estrofás con outros nos que non se percibe ningún tipo de agrupamento. Alternan asemade poemas titulados con outros sen título e, finalmente, cómpre destacar a sinxeleza formal e temática do poemario que contribúe a unha fácil interpretación e lectura por parte de calquera tipo de lector ou lectora.

Referencias varias:


Sinala que o desexo é o tema de Xoguetes póstumos, de Emma Pedreira (2009), e E alentar na túa rosa (2009), de Paco Souto, que gañaron, respectivamente, o premio e o accésit na II edición do certame de poesía erótica Illas Sisargas. Comenta que, malia partir de ópticas diversas na súa visión do erotismo, os dous autores presentan o desexo non como subxectividade extrema senón como acto que permite ao eu compartir a transcensidade do ti. Tamén aclara que se Pedreira indaga na ausencia como factor coadxuvante dunha ansia que medra até extremos intolerábeis, Souto explicita a feliz comunión de percorrer un corpo entregado na procura dunha rosa, metáfora do sexo feminino. Detalla outras cuestións destes dous poemarios, dos que reproduce algún fragmento, e alude á súa resolución.


Poemario de Domingo Tabuyo Romero (Cambados, 1959) baseado nos recordos dunha viaxe a París. Trátase dunha colección de poemas escritos en primeira persoa e sen títulos ou división algunha. As composicións líricas recollen as sensacións, cores, sentimentos, lugares, luces e referencias a obras de arte e literarias. Hai catro ilustracións en branco e negro de Irene e María Gago que se refiren a aspectos mencionados nos poemas: mesas dunha terraza nunha cafetería, follas secas, a torre Eiffel e un monumento nunha praza. A ilustración da cuberta corresponde a José Antonio Gago.

Referencias varias:

Refírese á presentación de Cadernos de París no Centro Comarcal Exposalnés, na que Domingo Tabuyo estivo acompañado doutros escritores. Destácase que o poemario recolle as experiencias e inquedanzas do autor.


Poemario de Marga do Val (Vigo, 1964) que se inicia coa seguinte dedicatoria: “Para quen me aprendeu a tender a roupa ao sol. Para quen pousa comigo a roupa no sol”. Estrutúrase en tres partes: “I. Onde só a lúa é transparente”, “II. Educación sentimental” e “III. Dos retratos”. Na primeira refírese á cidade, a princesa e a poeta, empregando metáforas frescas e orixinais. Na segunda, evócase a infancia e adolescencia, a familia, a escola e moitos outros elementos que se mesturan con opinións críticas co Estado, co progreso, coa lei da oferta e da demanda, coa condena do exilio e a aventura da emigración. As comparacións constantes coa roupa tendida dan unidade ás dúas primeiras partes, que se completan coa última, máis persoal, na que se describe a princesa, a poeta e o propio eu lírico. A forza das súas palabras é clave ao longo de todo o poemario, no que estabelece un diálogo con autoras coma Yolanda Castaño, Pilar Pallarés ou Ana Romaní, ademais de citar a outras coma Emily Dickinson ou Alejandra Pizarnik, que influíron de diversas maneiras na autora e na súa escrita.

Referencias varias:


Faise eco das propostas poéticas da editorial Espiral Maior. Entre elas coméntase que Marga do Val traza un “percorrido de aventura autorreferencial” estruturado en tres partes que refíxen a figura da autora dende diferentes perspectivas con chiscadelas a María Mariño, Rosalía de Castro, Xela Arias e Marica Campo, entre outras.


Reprodúcese nesta sección fixa a composición “A CANCIÓN”, incluída no poemario A cidade sen roupa ao sol, de Marga do Val.


Entrevista na que Marga do Val explica que esta obra é froito dun proceso de reflexión poética e dos silencios que poden permanecer polo medo que se estendeu durante o fascismo entre a persoas que moran nunha cidade que pode ser moíns. Sobre a súa escrita en prosa sinala que ten algúns borradores pero que precisan máis tempo e máis
revisións, mentres que a súa faceta teatral é unha das que máis a fascina, por considerar que o teatro é un xénero totalizador. Fala do acto de creación como voz da memoria e da satisfacción que lle ten dado a tradución da novela de Herta Müller, *Ranrea do alento*, na que di que foi leal á autora e á lingua.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate de 2010. No caso da poesía, destácase *A cidade sen roupa ao sol*, da tradutora Marga do Val, que realiza unha reconstrución da identidade feminina; e *Os papeis do vagabundo*, de Henriqu Rivadulla Corcón; ademais das antoloxías poéticas sonoras de Xosé Mª Álvarez Cáccamo e Chus Pato. Saliéntase tamén *Neve*, de Lucía Novás; *As luces de noutrora*, de Edelmiro Vázquez Naval; *Bater de sombras*, de Francisco X. Fernández Naval; e *Outono, mancebo céfiro de ás ergueitas*, de Xosé Otero Canto.


Dáse conta da presentación do poemario de Marga do Val e das intervencións de Xosé María Álvarez Cáccamo, que salientou o carácter social dos poemas con alegorías aos contos de fadas; e de Miguel Anxo Fernán Vello, que glosou a traxectoria da autora e o seu labor a prol da cultura galega.


Comeza referíndose a Marga do Val como un espazo exótico e pouco visíbel aínda na literatura galega, máis decantada cara á crítica, a docencia e a actividade cultural. Alude brevemente á súa traxectoria vital e salienta o seu interese pola memoria, presente no poemario a través fundamentalmente de dimensións como a do espazo épico de proxección colectiva, na que se inclúen referencias á loita de moitas mulleres poetas ao longo da historia, dende Rosalía de Castro, pasando por Alejandra Pizarnik, até Ingeborg Bachmann, María Xosé Queizán e Luísa Villalta, entre outras. Salienta tamén a dimensión da súa poética como un lugar aberto e dorido, distante de demagoxias e tremendismo, no que non están ausentes elementos costumistas e unha certa inxenuidade, que evocan “vella poesía social”. Menciona, entre as composicións, “Autorretrato”, que cualifica como “altísimo, co seu aquel narrativo e dramático”.


Poemario de Diana Varela Puñal (Corme, 1981) que se inicia cunha “Carta da autora” á que lle seguen tres partes claramente diferenciadas: “Limbo”, o centro neurolóxico da conciencia, comezo, ansia e nada; “Delirio”, punto de partida, a orixe, o baleiro, a indefensión e o frío, e “Endimion”, a esperanza na terra sementada, o amor que chega e reconciliación con nós mesmos. Nel fai un canto a esa natureza, unha homenaxe á
Alma Animal, no que a voz lírica busca a reconciliación coa contorna, desfacerse da hipocrisia; como reflicte en “A magnolia” onde se mesturan as voces antigas, o mar, o primitivismo e as lembranzas pasadas coa ansia e o desexo até á serenidade. Só se intúe quen somos a través dos soños e no sono último “Latexo” é onde a alma se desprende do corpo e da conciencia.


Poemario de Edelmiro Vázquez Naval (Toubes, A Peroxa, 1949) que arrinca cunha dedicatória persoal e unha cita de J. L. Borges. Séguelle un limiar, asinado por Víctor Campio Pereira, quen comeza apuntando que a poesía de Vázquez Naval, lonxe de ser evasiva, é “radical e reflexiva”, ademais de “comprometida coa mesma esencia da dor no seu sentido rosaliano” e, entre outras reflexións, considera que é un libro, sobre todo, de dor e de desacougo. O poemario iníciase coa composición “Desde aquí”, a modo de preludio, á que lle seguen sete partes tituladas: “As luces de Noutrora”, “Soños en branco e negro”, “No parque Lezama”, “Lume furtivo”, “Beiramar”, “Pero é tempo talvez xa para nada” e “O vendaval da ausencia”, que conforman en total trinta e seis poemas. Agás as composicións da primeira e da segunda parte, que van encabezadas cun número, o resto levan todas título. As luces doutro tempo remiten aos “fulxentes espazos do vivido”. Son retratadas como ausencias e con nostalxia dun tempo xa, para sempre, inalcanzábel, onde a lembranza dende o presente, lle suxire ao eu lírico emocións e fondos sentimentos que lle permiten reflexionar sobre a vida e o que ela lle ofreceu (familia, amor, soños, amizade...). Malia todo, está presente unha regaña de esperanza nos que a voz lírica pide pór “a alma na luz de cada día”. En canto ao verso, destaca o uso do hendecasílabo nas composicións da segunda, cuarta e sétima parte, mentres que nas outras aparecen, con frecuencia, versos de arte menor, mesturados con outros de arte maior. Finalmente, hai que destacar a presenza de ilustracións de Isabel Pintado na cuberta e de César Prada nas páxinas interiores do libro.

**Recensións:**


Comenta este poemario reparando en que a poesía deste autor se vai abrindo “a nuevos horizontes”, cunha linguaxe propia, metafórica e singular. Destaca fundamentalmente a importancia da infancia, ao tempo que vai reproduciendo algúns versos, dos cales di que ás veces “son rebeldes, de combate, de no rendición”. Ademais, considera que lendo este libro “ahorrará horas de psicoanalista”.

**Referencias varias:**

Faise eco das propostas poéticas da editorial Espiral Maior. Entre elas, noméase *As luces de noutrora*, de Edelmiro Vázquez Naval, unha “crónica sobre o paso do tempo”.


Reprodúcese nesta sección fixa o poema “NOCTURNO”, incluído en *As luces de noutrora*, de Edelmiro Vázquez.


Faise eco da saída a lume do novo poemario de Edelmiro Vázquez Naval. Coméntase que o río ten unha “enerxía potencial e tamén cinética” e que está presente no libro para darlle un “ton simbólico case místico”. Defínese o poemario, a nivel xeral, como “cheo de suxestións e recordos doutrora”, ao tempo que se salientan as súas ilustracións, así como o “atínado limiar” de Víctor Campio.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate deste 2010. No caso da poesía, saliúntase a oferta de obras para todos os gustos: *As luces de noutrora*, de Edelmiro Vázquez Naval; *Bater de sombras*, de Francisco X. Fernández Naval; *Outono, mancebo céfiro de ás ergueitas*, de Xosé Otero Canto; ou *Nève*, de Lucía Novás. Destánse tamén *Os papeis do vagabundo*, de Henrique Rivadulla Corcón, e *A cidade sen roupa ao sol*, da tradutora Marga do Val, ademais das antoloxías poéticas sonoras de Xosé Mª Álvarez Cáccamo e Chus Pato.


Comeza referíndose ao poeta Víctor Campio para falar de Edelmiro Vázquez Naval, que vén de publicar *As luces de noutrora*, poemario que define como “pequena xoia plástica-literaria”. Di que gozou da súa lectura malia renunciar “por sistema a ler poesía nova”, pois considera que a poesía que se fai actualmente carece de mensaxe e está “ateigada de cacofonías”. Aproveita para felicitar aos lectores a Noiteboa cuns versos de Vázquez Naval.


Poemario de Eva Veiga (Ombre, Pontedeume, 1961) que comeza cunha dedicatoria (“A Sara, miña nai, in memoriam, e a Paulo, que acababa de chegar ao mundo cando ela se foi”) e unha cita de José Lezama Lima (“Si la ausencia pregunta con la nieve desmayada”). O prólogo, “Memoria espiritual da luz”, a cargo de Teresa Seara, analiza a temática da obra, a morte como comezo do proceso de construcción dunha memoria que
sosteña a dor e a converta en algo fértil, garantindo a pervivencia do defunto na súa lembranza. Sinálase que a autora realiza unha homenaxe á nai falecida e que se presenta o proceso de elaboración do dó como camiño en tres fases: a inicial ou de evitación, no momento do óbito; a segunda, marcada pola angustia e o desconso; e a última ou resolutiva, coa volta gradual á vida diaria e un pensamento máis intelectualizado sobre a morte. Na primeira etapa apélase, como forzas necesarias, á luz da nai que se despide pouco a pouco e á sede do eu poético por comprender a dimensión na que habita o ser querido. Na segunda, cómpre destacar dous elementos: o ámbar, que representa a eternidade cristalizada (a memoria da nai nos poemas), e a fonte, ou o nacemento perpetuo. Na derradeira etapa, o eu lírico ofrécelle á nai flores como memoria visíbel. O poemario preséntase dividido en catro apartados de desigual extensión, introducidos por unha breve composición (“Quizáis só exista realmente / este instante. / O demais é tempo”). Cada un destes conxuntos de poemas escritos en versos libres aparece introducido por uns versos doutros autores: o primeiro, por Luis Cernuda; o segundo, por Yalai Ad-Din Rumi; o terceiro, por René Char; e, o cuarto, por Clarice Lispector.


Extenso poemario de Manuel Vilanova (Barbantes, Punxín, Ourense, 1944), dedicado a Luís Alonso Girgado e composto por cento trece composicións nas que van aparecendo, como conducindo unha historia en verso en forma de ladaíña, as figuras de Antonio das Mortes e da enigmática Muller de Verde. Nelas o autor debulla temáticas diversas cun estilo vizado e conceptual, ateigado de referencias cultas, literarias, mitolóxicas e lendarias, para volver a ollada cara ao pasado perdido, reflexionar sobre a morte e a traxedia do paso do tempo a través de vivencias diversas, percorrer paisaxes e espazos como O Miño, Samos, Oseira, Barbantes, Vigo ou Ribadavia. O volume péchase cunha nota paratextual na lapela, “Este río tenso”, asinada por Vicente Araguas, quen define esta obra como complexísima, como un río denso e tenso que abruma, con moitas lecturas e dirixida a un lector activo.

**Recensións:**


Asegura que este libro non é un poemario ao uso, considérao un “aleph literario” e un libro de oracións grializadas. Tamén comenta que os seus versos teñen unha clara vontade totalizadora e mais que o seu autor leva ao extremo un xeito de dicir o verso.


Salienta que Manuel Vilanova volva escribir despois de tantos anos de silencio. Considérao como un dos poetas impulsores do cambio na poesía galega dende o
realismo social ao intimismo. Con referencia a este poemario destaca a súa métrica e tamén cualifica o seu autor como un poeta todoterreo.


Ollando unha serie de impresións sobre este poemario. Indica que presenta versos clorofílicos, desorbitados e ilimitados e tamén afirma que en conxunto é como unha representación teatral de Antonio das Mortes, a muller de vermello e o propio Manuel Vilanova.


Fala de Manuel Vilanova como unha das grandes voces da lírica galega contemporánea e con respecto a este poemario destaca que ten un universo de historias fragmentadas e ao tempo compactas pola presenza do personaxe Antonio das Mortes. Tamén se refíre á súa ollada antropolóxica e mais á súa filiación cultista.

Referencias varias:


Afirma que vén de ler o poemario Antonio das Mortes e a Muller de verde, de Manuel Vilanova, e cualificación de poderoso e magnífico para despois destacar tamén outro libro do mesmo autor A esmeralda branca (2006). Refírese tamén a O coitelo en novembro, de Marilar Aleixandre.


Salienta o bo poeta que é Manuel Vilanova e as loanzas que lle dedicaron á súa obra. Ao mesmo tempo, recomenda a lectura de Antonio das Mortes e a Muller verde.


Volume colectivo que recolle varias achegas narrativas e poéticas de diversas autoras galegas ao redor da temática da violencia de xénero. Ábrese cunha cita de Edith Södergran á que lle segue unha composición poética de Ana Romaní sobre a situación das mulleres na sociedade actual e o seu status no marco histórico contemporáneo. A continuación, aparece un prólogo no que se agradece a saída do prelo deste libro ao labor da editorial Tris Tram e no que os responsábeis de Amnistía Internacional, organización que colaborou na realización deste volume, expresan o seu recoñecemento a Ana Romaní, pola súa autorización para reproducir o poema “Camiñan descalzas polas rochas” que dá título ao volume, e a Yolanda Castaño, pola súa autorización para reproducir o seu poema “Contos de fadas”. Sinálase finalmente o labor das autoras na
configuración deste volume para a campaña de Amnistía Internacional “Non máis violencia contra as mulleres”, centrada en erradicar os abusos dos que as mulleres son vítimas na actualidade. O volume abrange un total de dez achegas, das cales dúas son poéticas:


Composición poética na que a autora salienta o rol conferido ás mulleres na sociedade actual.

-Yolanda Castaño, “Contos de fadas”, p. 121.

Composición poética con estrutura de conto tradicional sobre os estereotipos que as mulleres desempeñan nos contos de fadas. Vai acompañada dunha ilustración de Rebeca López.


Volume que acolle composicións de distintos escritores nas que se mesturan poesía e relatos e que cederon para unha exposición fotográfica organizada sobre Lactancia Materna por Fedelgama. No primeiro apartado do volume, “Ilusión e papel” (p. 8), preséntase o proxecto e, a seguir, acóllese o cunxunto de textos e as fotografías sobre a lactancia materna que os acompañan. Os relatos “O sabor do amor” (p. 10), de Alfredo Ferreiro, e “Lembro con terna infinita a expresión da túa nai…” (p. 12), de Begoña Caamaño; e as poesías “madrugada inédita…” (p. 16), de Dore Tembrás; “Tiven este soño…” (pp. 18-19), de Eduardo Estévez; “A beleza primeira” (p. 20), de Francisco Castro; “A forza de quererte” (p. 24), de Lecidio Costas; “Soñete” (p. 32), de Marta Dacosta; “A mañá sai pola boca…” (p. 40), de Román Raña; “Fonte da lúa” (p. 44), de Xosé María Alveare Cáccamo; e “Paxaro para decidir ti rula…” (p. 48), de Yolanda Castaño. Todos os autores tematizan o acto da lactancia como un momento especial de vínculo entre as nais e os seus fillos, pero dende diferentes estratexias: xa sexa coma unha lembranza persoal, dende a ollada dun neno, xa dende a voz dunha nai falándolle a seu fillo.

Referencias varias:


Entre as novidades que saen do prelo en galego destácase _Pel con pel_, un libro co que a Federación Galega de Asociacións de Apoios á Lactancia (Fedegalma) quere dar a coñecer aos lectores e lectoras a lactancia materna a través de máis de corenta fotografías acompañadas de textos de escritores coma Iolanda Castaño, Román Raña ou Dore Tembrás.

- maré, “Pel con ‘pel”, _Galicia Hoxe_, “MARÉ”, 8 novembro 2010, p. 27.
Comeza reproducindo o poema de Xosé María Álvarez Cáccamo que aparece en *Pel con pel*, volume no que se recolle unha selección de fotografías pertencentes aos fondos da Federación Galega de Asociacións de Apoios á Lactancia (Fedegalma), e apúntase a autoria das fotografías e composicións poéticas que nel se recollen.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso de *Pel con pel*, fruto do labor de varios creadores artísticos; *O gume dos espellos*, de Ramón Caride; e *A filla do ladrón de bicicletas*, de Teresa González Costa.


Esta nova entrega da colección “Poetas con Rosalía” coincide co cento vinte e cinco aniversario do pasamento da padronesa. Ábrese o libro cunha composición do poeta homenxeado nas Letras Galegas deste ano 2010, Uxío Novoneyra (Courel, 1930), e pêchase con Cati Castaño (Bos Aires, 1945) como voz contemporánea dende outro ámbito literario. Entre estas dúas balizas, preséntanse as composicións de Rosa Enríquez, Lucía Novas, Luz Pichel, Román Raña, Elvira Riveiro Tobío, Ana Romaní, Pura Salceda, María N. Soutelo, Domingo Tabuyo, Paulino Vázquez e Eva Veiga. Por máis que os poemas respondan á poética propia de cada autor, é salientábel na maior parte deles o desexo de intertextualidade explícita cos versos de Rosalía ou cos símbolos: a sombra, a rosa, as espiñas.

**Referencias varias:**


Indícase que tras asinar un convenio coa Consellería de Educación da Xunta de Galicia, a Fundación Rosalía de Castro levará a cabo diversos actos de homenaxe á autora como a entrega do VI Premio Rosalía de Castro para Experiencias Pedagóxicas, un recital musical e poético, conferencias e a presentación do libro *Poetas con Rosalía V*.


Anúnciase que a Casa Museo de Rosalía en Padrón acollerá os actos conmemorativos do cento vinte e cinco aniversario da súa morte, entre os que destaca un acto cívico e reivindicativo en lembranza do traslado dos restos mortais da poetisa, organizado pola Asociación de Escritores en Língua Galega (AELG) ou as intervencións de Helena Villar e Xesús Alonso Montero. Ademais, dáse conta da presentación por parte de Anxo Angueira de *Poetas con Rosalía V* e da entrega do Premio Rosalía de Castro para experiencias pedagóxicas.

Recóllese a petición da Asociación de Escritores en Língua Galega (AELG) para que se faga un uso laico e público do Panteón de Galegos Illustres a través dun cortexo reivindicativo que conmemora o cento vinte e cinco aniversario da morte de Rosalía de Castro. Coméntase que o cortexo sairá de Padrón cara a Santiago no tren “Follas Novas”, percorrerá diversas rúas da capital e rematará no Panteón. Anúnciase que outros dos actos da xornada terán lugar na Casa da Matanza: unha conferencia de Xesús Alonso Montero, un recital poético, a entrega do VI Premio Rosalía de Castro para Experiencias Pedagóxicas e a presentación do libro Poetas con Rosalía V, a cargo do profesor Anxo Angueira. Ademais, infórmase de que o Plenario do Consello da Cultura Galega vén de aprobar a creación dunha comisión interinstitucional para “o estudo e a proposta de acción futura para o Panteón de Galegos Illustres”, na que estarán representados a Real Academia Galega, o Museo do Pobo Galego e as Fundacións Rosalía de Castro, Alfredo Brañas e Castelao. Recóllese que o antedito Consello aprobou tamén os actos conmemorativos do nacemento de Álvaro Cunqueiro, entre outros asuntos.


Describese o acto de conmemoración do cento vinte e cinco aniversario do pasoamento de Rosalía de Castro na estación de Padrón e na Casa da Matanza. Entre os actos previstos dise que se presenta Poetas con Rosalía V, a cargo de Anxo Angueira, e un recital musical e poético dos participantes no libro.


Refírense aquí os diferentes actos conmemorativos que a Asociación de Escritores en Língua Galega (AELG) e a Fundación Rosalía realizaron con motivo do cento vinte e cinco cabodano da poeta. Entre eles, destácase a presentación do libro Poetas con Rosalía V, a cargo do poeta e narrador Anxo Angueira.


Infórmase que o acto conmemorativo do pasoamento da autora, ao que asistiron diversas autoridades literarias, académicas e políticas, serviu para reivindicar máis asistencia económica para sacar adiante a Fundación. Ademais, recóllese a presentación do libro Poetas con Rosalía V, a cargo do profesor Anxo Angueira.

Este poemario recolle sesenta poemas publicados ou inéditos de seis autores próximos por distintas razóns a José Ángel Valente. Todos aparecen en galego e en castelán (ou en catalán e castelán, no caso de Pere Gimferrer). Ábrese a obra cun poema a modo de prólogo no que se explica a elección de poetas e composicións (aquelas que lle foron dedicadas, que el valorou expresamente ou que conectan coa súa vida e a súa obra).


**Recensións:**


Ponse de manifesto o importante labor da Cátedra José Ángel Valente de Poesía e Estética na difusión da obra de Valente a través da publicación de monografías, organización de conferencias e simposios ou da creación dunha páxina en liña. Indícase que unha mostra deste labor é esta edición na que destaca a presenza de voces masculinas e femininas, noveis e consagradas, en galego, castelán e catalán e todas elas unidas polo seu vincalo a Valente. Sinálase que os contidos confirman as liñas creativas dos máis veteranos e amosan propostas renovadas e complementarias no caso dos autores máis novos.

**Referencias varias:**


Coméntase a edición de *Poetas con Valente*, volume no que se reúnen composicións de distintos poetas, unidos dun ou doutro xeito á figura homenaxeada. Recóllese que Claudio Rodríguez Fer, director da Cátedra José Ángel Valente, destaca a vixencia deste autor e a súa “presenza por asimilación”, tanto en Galicia coma fóra dela.
II.2. REEDICIÓNS COMENTADAS E FACSÍMILES. TEXTOS RECUPERADOS


Referencias varias:


Entrevista a Manuel Ángel García, coordinador da colección de poesía “Maldoror”, da nova editora ourensá Franouren, e Julia Arcos e Bárbara Álvarez, membros do comité editorial da mesma. Comentan que comenzaron como unha axencia de tradución e que despois crearon unha liña editorial, cuxa colección de poesía se estrea con dous poemarios, un dos cales é *O libro dos cans*, de Estevo Creus.


Acólleşme a composición “Eu teño esperado días enteiros...”, tirada do poemario *O libro dos cans*.


Inclúese o poema “Eu teño esperado días enteiros...”, d’*O libro dos cans*.


Reprodúcese nesta sección fixa a composición “Porque todo reside...”, incluída n’*O libro dos cans*.

Insírese a composición “Pero non podo dicir porque estou aquí...”, tirada do poemario *O libro dos cans*.


Recóllense recomendacións e comentarios sobre diversas obras, tales como *O libro dos cans*, un poemario que supón a volta dunha voz considerada singular, a de Estevo Creus.


Entrevista co poeta Estevo Creus, con motivo da presentación, na Libraría Couceiro de Compostela, da reedición do seu volume *O libro dos cans*. Creus explica que agora se decidiu a facer unha edición en papel con novos engadidos, xa que a primeira vez se publicou en formato de disquete, e confesa que aínda se trata dun proxecto inconcluso e que non sabe no que tomará nuns anos. Tamén comenta que non se preocupou tanto da palabra coma de expresar conceptos e que se trata dun “libro de procesos” no que se alterna o tempo real do personaxe e do autor. Finalmente explica que o poemario formula algunhas reflexións, pero non procura a transcendencia, e mesmo reivindica o erro, o absurdo e o azar.


Recóllense algúns das afirmacións de Estevo Creus durante a presentación da reedición do seu poemario na Libraría Couceiro, quen comenta que os engadidos son un ensaio “nada transcendental” e un CD con música instrumental composta por el mesmo. Tamén apunta que hai un interese máis conceptual que poético nesta obra e que nela afonda no absurdo como fonte de coñecemento.


Edición facsimilar do poemario de Manuel Fabeiro Gómez (Muros, 1916-1992) no que se poden diferenciar unha primeira parte composta por notas introdutorias por parte do escritor e editor, Xavier Castro Rodríguez, que consta dun prólogo con noticias biobibliográficas do autor e o apartado “Quechemare da saudade’ 55 poemas, 57 anos despóis” no que se expican as partes do poemario *Quechemare da Saudade*, a súa temática e a métrica diversa dos poemas, entre outros datos relevantes. A segunda parte ofrece o texto mecanoeescrito, datado no ano 1953 polo propio escritor, dividido en catro apartados. O primeiro, “Poemas do noso mar”, céntrase na vida do mar e as súas penurias en el pódese salientar “Os nenos orfos”; o segundo, “Meu corazón, branca vela”, baséase na vida natal do autor, Muros; o terceiro, “Cachenos do poema guieiro”, dedicase a Castelao polo seu labor incalculábel a favor do galego; e, o último, “Arbres de un día”, de temática galega, recorda a Rosalía de Castro. Remata coa dedicatoria de Manuel Fabeiro a todos os escritores galegos que estiveron en Bos Aires, tales como...
Recensións:


Sinala que este libro de Manuel Fabeiro Gómez, malia merecer atención de compiladores e estudos literarios, mesmo o “daban por desaparecido”, pois non chegou a ver a luz até agora. Apunta que Xavier Castro Rodríguez é o encargado de rescatar en reproducción facsímile o mecanoscrito cedido polos familiares do poeta. Descritas as palabras de Castro no prólogo, considera que son unhas anotacións “eruditas e rigosas”. A continuación, vai dando conta dos catro epígrafes do libro, considerando, entre outras cousas, que a segunda parte pode ser lida como un “único e longo poema de xinea amorosa”. Da cuarta salienta que se trata dunha miscelánea de textos que pretenden dar resposta ás preguntas existenciais. En resumo, afirma que se trata dun libro “fundamental para afondar nun dos poetas menos coñecidos” da Xeración do 36.

Referencias varias:


Dáse conta da edición facsimilar do poemario inédito de Manuel Fabeiro, publicación que correu a cargo do Concello de Noia. Segundo se comenta, o título fai referencia a unha embarcación pequena de vela, que se converte nun símbolo da terra, da lonxanía e de saudade. Sinálase tamén o contido da obra. Remata o artigo cun breve curriculo do poeta que, segundo se recolle, deixou varios poemas inéditos que cómpre recuperar.


Coméntase o poemario póstumo de Manuel Fabeiro Gómez, datado en 1953, formado por cincuenta e cinco poemas divididos en catro partes e destinado aos galegos da emigración arxentina e en lembranza de Castelao. Indícase que esta edición se completa cunha noticia bibliográfica e un estudo, ambos os dous asinados por Xabier Castro.


Reedición do poemario de Odón Xulio María Fernández Rego (Lugo, 1882–Bos Aires, 1956), que se publicou por primeira vez en Bos Aires en 1930. Ábrese cun prólogo do neto do poeta, Jorge Coscia, no que fala de seu avó a partir dos seus borrosos recordos de neno de tres anos, pero tamén dos recordos de súa nai de oitenta e oito anos, dos seus
tíos e de historias que oíu, pero que nunca soubo se foran verdade. Nel comenta que seu avó, a pesar de licenciarse en odontoloxía, sempre tivo unha gran paixón pola poesía e a dramaturxia, de xeito que é o responsábel dun par de libros dos que só se conserva o que se reproduce nesta reedición: unha recompilación de poemas en galego grazas á cal seu avó estará de volta na súa terra, Galicia. A continuación, o volume acolle unha biografía de Odón Fernández Rego, a cargo de Lois Pérez Leira, na que se fala dos aspectos máis importantes da súa vida (a infancia, a relación con seus pais, a emigración, a súa paixón pola poesía etc.), e un apéndice fotográfico que compila fotos que captan parte da vida deste poeta. Seguidamente preséntase o poemario propiamente dito que consta de corenta e tres poemas titulados nos que a voz lírica evoca a infancia, a familia, as paisaxes galegas, costumes, etc. A penúltima parte na que se estrutura este volume corresponderá a apartado crítica literaria realizado por Xosé Luís Méndez Ferrín no que se fai fincapé na importancia da reedición desta obra para o coñecemento do autor e se comentan as características destes poemas. Péchase o volume con apartado dedicado a recompilación dos datos biográficos dos encargados do prólogo, biografía e aparato crítico.

Recensións:


Dáse noticia da presentación en Lugo do libro Falas gaias o meu son, de Odón Fernández Rego, do que se di que foi un emigrante que tiña morriña da súa terra e que suspiraba pola súa volta. Coméntase que nas páxinas deste libro se fai primeiramente un percorrido pola vida deste escritor e se fala da súa viaxe dende Galicia a Arxentina, recordando datas e feitos que se reflicten a través das imaxes dun apéndice fotográfico. Dise que seguidamente Xosé Luís Méndez Ferrín fai unha breve análise do xeito de escribir e da temática tratada polo autor e que, finalmente, aparece unha recompilación de poemas de Fernández Rego.

Referencias varias:


Lémbrase a Odón Fernández Rego e o seu poemario en galego Falas gaias o meu son. Fálase do descoñecemento que existiu sobre a vida e a obra deste autor e indícase que se vén de reeditar con estudo crítico de Xosé Luís Méndez Ferrín e cunha biografía de Lois Pérez Leira.


Dáse noticia da publicación do libro Falas gaias o meu son, de Odón Fernández Rego, o avó lucense de Jorge Coscia, o entón secretario de Cultura arxentino. Coméntase que este último contou coa axuda do investigador galego Lois Pérez Leira para reconstruír a historia do seu avó, que viviu na rúa San Roque en Lugo e que chegou a Bos Aires en 1909.

Edición bilingüe en galego e castelán a cargo de Xesús Rábade Paredes na que se inclúen numerosas chamadas a pé de páxina que aclaran ou dan información complementaria tanto de carácter léxico como formal e de contido. O poema conta cunha extensa introdución do editor na que se describe a traxectoria vital e literaria de Arcadio López-Casanova (Lugo, 1942). Salientase que o poeta expresa nesta obra o que para el significa a fidelidade á terra, herdada de quen considerou o seu mestre, Ramón Piñeiro, e baseada en dous grandes eixos que o articulan como son a Terra e o Exilio; a conflitiva relación do poeta coa Terra construída sobre binomios antagónicos cimentados en sentimentos, tales como a posesión e a carencia, a atracción e o rexeitamento, o arraigamento e o desarraigamento, o amor e a maldición, a ida e a volta, a vida e a morte e o concepto, tamén elaborado por medio de sensacións antagónicas, do exilio que, finalmente, se destaca como o gran lema distintivo do poemario. Tras a introdución, aparece un segundo bloque no que se describe esta edición, seguido dunha bibliografía. Na reprodución do texto inclúese un limiar ou pórtico que deixa paso a unha primeira parte baseada no “mester”, con seis poemas titulados “Mester do exilio”, “Mester do poeta”, “Mester da viñilia”, “Mester da orfandade”, “Mester da reconciliación” e “Mester de exiliado”. Na segunda parte os versos articúlanse baixo os epígrafes [A] e [B], contendo seis poemas cada un deles, e, na terceira, e retómase o tema do mester con títulos como “Mester da terra”, “Mester da penitencia”, “Mester da morte”, “Mester da disposición”, “Mester da profecía” e “Mester do exilio”. Tamén inclúe nesta parte a chamada “Cabo dás dúas celebracións” con dous extensos poemas intitulados “Liturxia do corpo. Himno” e “Liturxia do tempo. O regreso”. Con respecto á primeira edición, publicada en 1976 na editorial valenciana Lindes Cuadernos de poesía, cómpre destacar o prólogo de Eduardo Alonso, no que se describe o proceso de elaboración e criterios seguidos na publicación, así como este poema de López-Casanova que, xunto a Memorias dunha edá (1976), considérase unha das achegas máis importantes da poesía galega dos últimos tempos. Nesta primeira edición reuníuse, tamén en galego e castelán, a obra poética do lugues correspondente ao período comprendido entre 1968 e 1976, fronte ao marcado nesta ocasión: 1969-1983, que coincide co dos textos fixados na edición de 1999.

**Recensións:**


Fai referencia á publicación en Cátedra de Mesteres, de Arcadio López-Casanova, e á notábel introdución realizada polo tamén poeta Xesús Rábade Paredes, o que permite non só coñecer a vida e obra do poeta lugues, senón saber moito máis do grupo poético do 68 ao que pertence. Rábade Paredes explica no seu prólogo as influencias recibidas no universo de López-Casanova, tales como as medievais ou as do Cancionero, aproxima ao lector ao léxico do autor e faille chegar os grandes motivos que caracterizan a súa poesía.
Comenta que parece un milagre, cos tempos que corren e as continuas queixas dos poucos apoios que reciben as obras escritas en galego para ser traducidas e así ter unha maior proxección no exterior, a aparición dunha nova edición de Mesteres, de Arcadio López-Casanova, pero aclara, que non o é tanto, se se ten en conta a traxectoria deste poeta que o converte nun dos mellores escritores peninsulares do século XX. Resalta a chegada desta edición bilingüe galego-castelán publicada na editorial Cátedra a cargo de Xesús Rábade Paredes. Comenta que, dende a súa aparición, é unha obra de referencia no panorama creativo galego, contando con dúas edicións anteriores: una en 1999 baixo o título de Mesteres (1967-1983), realizada por Román Raña e editada por Edicións Xerais de Galicia; e outra, sen responsábel, aparecida na “Biblioteca Galega” do ano 2002. Fai referencia a que os textos transcenden á memoria poética sobre a base de dous temas fundamentais como son a Terra e o Exilio e explica que ninguén da súa xeración soubo mostrar tan intensamente os sentimentos da soledade e a desposesión como el. A continuación, apunta dúas escolmas do conxunto da súa produción nas que o lugués se antologou: Do tempo posuido (2003) e Caeira dos días (2007) e sinala que sempre hai que volver á mestaría de autores como López-Casanova e a ler as súas obras.

Opina que Arcadio López-Casanova, encadrado na promoción xeracional do 68, é un dos poetas vivos de referencia tanto en Galicia como fóra dela, o que lle leuvo a conseguir numerosos galardóns pola súa mestaría e dominio do verso. Fai referencia á publicación pola editorial Cátedra do seu poemario Mesteres nunha reedición bilingüe e enriquecida co traballo rigoroso na presentación do autor e da súa obra do tamén poeta e profesor Xesús Rábade Paredes, quen estabelece dous eixos básicos na poesía de López-Casanova: a Terra e o Exilio.

Comenta a aparición do emblemático poemario de Arcadio López-Casanova, nunha nova edición publicada en Cátedra, precedido dun excelente traballo introdutorio a cargo de Xesús Rábade Paredes. Explica que se mantén a súa vixencia e actualidade a pesar dos anos que pasaron dende a súa primeira publicación e que, logo de diferentes reedicións, en 1999 saiu a edición ampliada. Considera que nesta se pecha o ciclo dunha obra xerada a lume lento, fruto da meditación, que a leuvo a se converter nun fito dentro da obra poética galega e cunha forte repercusión tamén fóra de Galicia. Valora a carreira ascendente de López-Casanova e o feito de que, a pesar de levar fóra de Galicia moitos anos, permanece nel ese arraigamento afectivo, cultural e lingüístico coa súa terra e ese aire de trobador que alaga a súa poesía. Fai referencia á vontade do poeta de crear unha linguaxe artística, capaz de recrear como ninguén o destino dramático do pobo galego por medio de elementos fundamentais da súa poética como a terra, o mar.
ou o exilio. A continuación enxalza o traballo realizado por Rábade Paredes, xa que o seu estudo previo resulta clarificador para a comprensión e a análise da obra.


Comeza falando da vontade de dar a coñecer o tesouro da lírica galega máis aló de Galicia tomando como mostra dous clásicos desta poesía: *Mesteres*, de Arcadio López-Casanova, e *Os eidos*, de Uxío Novoneyra, en edicións bilingües galego-castelán. Así mesmo, menciona *To the Winds Our Sails*, unha antoloxía poética, composta só por versos de mulleres, cuxos textos foron traducidos ao inglés e ao irlandés. Fai referencia máis concretamente á edición bilingüe galego-castelán da obra *Mesteres* de Arcadio López-Casanova, publicada por Cátedra, obra renovadora no seu día e que agora aparece enriquecida e con novas interpretacións grazas ao traballo realizado no prólogo polo encargado da tradución Xesús Rábade Paredes.


Coméntase que o volume bilingüe *Mesteres*, de Arcadio Casanova, que se publicara en 1976 e que agora se publica na editorial Cátedra, presenta un rigoroso estudo a cargo de Xesús Rábade Paredes. Destácase que unha das súas principais peculiaridades é a súa detida elaboración cunha rica existencia simbólica. En conxunto, este poemario é cualificado como “auténtica adoración á palabra poética”.

Referencias varias:


Apúntase que as Aulas de Poesía son unha fonte de coñecemento que existen dende hai anos na Universidade de Valencia, na de Barcelona, na de Alacante. Indícase que na Universidade de Valencia se atopa Arcadio López-Casanova que vén de publicar *Mesteres* na colección “Poesía” de Cátedra e que na actualidade dirixe unha tese da poetía Elia Saneleuterio.


Comenta a publicación pola editorial Cátedra de *Mesteres*, de Arcadio López-Casanova, onde se recollen poemas traballados ao longo do tempo e articulados ao redor de dous eixos: a Terra e o Exilio, ambos os dous presentados baixo unha sólida estrutura formal e unha conseguida unidade temática. Fai referencia tamén ao bo traballo levado a cabo en canto á tradución e ao notábel estudo crítico, de Xesús Rábade Paredes, no que se achegan novidades sobre a obra de López-Casanova e o grupo no que se lle sitúa: o denominado da promoción de 1968.

Conversa na que Arcadio López-Casanova fala da edición bilingüe, publicada por Cátedra, do seu poemario *Mesteres*, que constitúe un traballo de creación de quince anos dende a súa primeira aparición no ano 1976, que se cimenta sobre dous eixos fundamentais e cuxa publicación supuxo un fito na renovación da poesía nese momento. Faise referencia ao feito de que López-Casanova é tamén un estudioso da poesía, o que lle permite ser lector e intérprete construtivo ao mesmo tempo, mesmo da súa propia obra poética. Por último, coméntase o traballo realizado por Xesús Rábade nesta edición, así como a limitación das edicións de poetas galegos en castelán e a súa escasa difusión.


Fai un percorrido polas diferentes edicións desta obra de Arcadio López-Casanova dende a primeira edición galego-castelán do ano 1976 na colección de poesía valenciana “Lindes”, que recollía dezanove poemas, pasando pola segunda edición levada a cabo no ano 1999 en Edicións Xerais de Galicia na colección “Biblioteca das Letras Galegas”, na que xa aparecían os definitivos trinta e cinco poemas, para chegar á publicada por Cátedra na colección “Letras Hispánicas” e traducida por Xesús Rábade Paredes, cuxo magnífico traballo consegue que *Mesteres* sexa xa tamén un clásico en castelán.


Fai referencia á reedición publicada por Cátedra do libro de poemas *Mesteres*, de Arcadio López-Casanova, traducido e anotado por Xesús Rábade Paredes, cuxa primeira aparición tivo lugar no ano 1976 na editorial de Valencia Lindes, cidade onde o poeta estaba autoexiliado logo de gañar unha cátedra universitaria. Comenta, transcribiendo palabras do poeta, que no poemario se fala ante todo da imposibilidade de volver á terra dun e así poder recuperar tanto tempo perdido, como aquilo que se tiña. Fálase da importancia das cidades que marcaron ao autor como Lugo ou Santiago de Compostela, do porqué do título do libro e do bo traballo realizado por López-Casanova.


Comenta o volume titulado *A lingua en corazón teño bañada. Aproximacións á vida e obra de Miguel Hernández*, editado por Arcadio López-Casanova, autor sempre interesado no poeta alacantino, no que se recollen trece traballos, oito inéditos, entre eles un de López-Casanova sobre a tipoloxía do soneto, ademais de ofrecer unha guía bibliográfica e dous poemas de homenaxe ao poeta. Este feito serve para facer mención da edición bilingüe publicada por Cátedra do poemario titulado *Mesteres* (1968-1999), traducido e prologado por Xesús Rábade Paredes.


Recensions:


Achega á reedición do poemario de Chus Pato, editado en 1995 pola Editorial Toxosoutos e recuperado agora pola Editorial Galaxia, na que comeza aludindo á coincidencia da publicación orixinal deste poemario coa adopción do hipocorístico como nome artístico da poeta. Tamén observa que nesta obra aparecen os lugares comúns da escrita de Pato, dende a linguaxe; á necesidade de referentes; a reconversión de lemas coñecidos, etc. Sobre a reedición sinala que reproduce no substancial a primeira, suprimindo un poema e modificando algúns versos, aínda que se modifica a cuberta orixinal.


Opina que os fogos de artificio que a orquestra París de Noia desprega nas súas actuacións, lle fan recordar a recente lectura deste poemario de Chus Pato, no que algunhas das súas imaxes explotan como luminarias. Destacase tamén a linguaxe persoal da autora.


Coméntase a reedición do poemario de Chus Pato que se define como poesía “esgazada”, que vai dun pensamento ao outro, que pasa dun lugar e dun tempo a outro. Advírtese que este poemario require dun lectorado de bastante erudición e explicase que o tema capital é o do desposuimento, o trauma da perda da propia lingua, das terras herdadas, da infancia perdida e, en segundo lugar, a posición esmagada da muller ou a dureza dos fascismos. No tocante a aspectos formais, saliéntase o recurso da enumeración caótica, que non desorde, que Chus Pato completa coa súa desgarradora sentimentalidade; recurso empregado por Ezra Pound, cuxa pegada tamén se percibe na denuncia da usura e a explotación.

Critícase, con grandes doses de ironía, a forma na que as novas tecnoloxías están a mudar a nosa realidade. Entre estas reflexións, dedicanse unhas poucas liñas ao poemario de Chus Pato, Fascinio, reeditado por Galaxia, do que se destaca a súa orixinalidade e forza expresiva.

**Referencias varias:**


Entrevista coa escritora Chus Pato, co gallo da reedición, despois de quince anos, do seu poemario Fascinio. A autora define esta obra como “estación-empalme”, xa que aparecen poemas que continúan, o seu camiño en poemarios posteriores, como Ninive (1996) e A ponte das poldras (1996). Díse que a partir do poemario m-Talá (2000) a escritora comeza outro rumbo, o da radicalidade, que continuará até hoxe, ainda que, segundo se comenta, xa se albisca o comezo dunha nova etapa da que a autora ignora o seu alcance. Pato nega as pegadas autobiográficas de Fascinio e confesa que non se ve reflectida tampouco noutros poemarios máis recentes, diferenciando na súa obra dous aspectos: o textual e o persoal. Por outra banda, coméntase o seu libro Secesión (2009), que segundo Pato se trata dun poemario sen cortes dos versos, de aparenza prosística.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso de Fascinio, poemario reeditado de Chus Pato.


Segunda edición ampliada do poemario Antítese nativa (2008), de Manuel L. Rodrigues (Noia, 1978), quen engade o poemario A demarcación do volcán. Dedicado a Blan Blanco e ao Colectivo Literario Sacou, ao que o autor está estreitamente vinculado, neste volume recolle os dous poemarios citados. Hai liñas comúns que identifican a poética do autor: un desexo de reflexionar os lugares (especialmente a urbe) e de incorporar ao poema dous recursos constantes: as parénteses, xeralmente explicativas ou confesionais, as maiúsculas e os espazos versais. A intertextualidade cunha “Beatriz” literaria e a recopilación de citas de autores de diferentes tradicións literarias é tamén evidente. Así, nestas páxinas están presentes Pilar Pallarés, Rilke ou Leonard Cohen. A demarcación do volcán está composto por vinte e un poema, só en certa medida, continuadores do ton anterior, que volven sobre os lugares (a cidade, as lousas, tamén os apeadoiros das naves) e, puntualmente, sobre a reflexión amorosa.

**Recensións:**

Fálase sobre o poemario de Manuel L. Rodrigues que vén de ser reeditado pola nova editora Acha Escrava, que se estrea con esta obra e que ten a vontade de dar a coñecer a obra de persoas que fan cultura en aldeas, cidades e vilas e non están no cumio do sistema cultural. Dise que a obra xa recibira o premio de poesía Suso Vaamonde e que afonda no sentimento da procura interior, con versos inconclusos que deixan significados no aire. Destácase o romanticismo desestruturado da obra que “devén cun realismo criptico” ao que se lle engade agora a parte “A demarcación do volcán”, que supón unha evolución. Aclárase que esta evolución supón unha teatralización do eu na que a voz poética se dirixe en terceira persoa ao eu poético “na procura do afastamento que procura a distancia necesaria para unha mellor comprensión do fenómeno íntimo”.

Referencias varias:


Preséntase o proxecto editorial Acha Escrava, da man do poeta noíés Manuel L. Rodrigues. Dise que coa obra gañadora do XIV Premio Suso Vaamonde de poesía se inicia a editorial, concibida como proxecto autoxestionado válido para fortalecer o sistema literario galego. Saliéntase que, lonxe da competencia ou a simple comercialización, o proxecto quere fornecer de canles de publicación os autores noives, cunha inicial tiraxe en papel e a posibilidade de publicación dixital. Tamén se destaca o papel do Colectivo Literario Sacou, dinamizador da cultura en Noia e reivindicador da cultura galega, ligado a Acha Escrava no que o proxecto ten de base humana. Por último coméntase que Manuel L. Rodrigues é tamén bo exemplo de visibilización do producto poético de distintos xeitos, pois ten en marcha a preparación dun disco sobre a obra Antítese nativa, un poemario intimista de amor á terra e á muller, en verso libre e moi coidado lingüisticamente.


Fálase da presentación de dúas iniciativas editoriais: Acha Escrava e 2.0 Editora. Por unha banda, coméntase que a primeira delas ten como principal obxectivo a promoción do libro galego en galego e o apoio a escritores noives, razóns polas que apostou para o seu primeiro lanzamento pola segunda edición ampliada do poemario Antítese nativa, obra coa que Manuel L. Rodrigues gañou o XIV Premio de poesía Suso Vaamonde. Por outra banda, afirmase que 2.0 Editora apostou pola combinación da edición tradicional e a dixital escolhendo para publicar na súa colección de narrativa “Mundos” a tradución ao galego feita por Antón Lado de Sen noticias de Gurb, unha novela de Eduardo Mendoza; e Guía do autostopista galáctico, de Douglas Adams.


Anúnciase a presentación na LibraríaCouceiro de Santiago de Compostela da nova editora Acha Escrava, con Manuel L. Rodrigues á fronte, autor da obra coa que se estrea, Antítese nativa, nunha segunda edición ampliada do poemario co que gañou o premio de poesía Suso Vaamonde. A seguir, o propio autor responde varias preguntas sobre os obxectivos da mesma e o seu traballo.
II.3. TRADUCIÓNS OU VERSIÓNS


Primeira tradución ao galego e en verso deste poema épico anglosaxón, anónimo, escrito en inglés antigo e composto por 3.182 liñas de verso aliterativo, é dicir, versos de catro acentos principais cunha cesura entre os acentos segundo e terceiro, estando unidos os dous hemistiquiós por medio da aliteración. Trátase dunha narración heroica que está baseada en dúas grandes historias da vida do protagonista, Beowulf: a primeira delas desenvólvese na súa mocidade, na que acode en axuda dos daneses, xa que estes sufrían os ataques caníbais dun monstro chamado Grendel. Beowulf daralle morte e volverá ao seu país con todas as honras. Tras un período de transición de cincuenta anos de relativa paz, a segunda historia describe como Beowulf, sendo xa rei dos gautas e na madurez da súa vida, ten que pelexar até a morte cun dragón que ataca os seus. Tras a súa inevitábel morte os guerreiros faranlle unha sentida homenaxe. É xa que logo unha compilación de historias de homes e monstros, do real e o sobrenatural e do feito de enfrontarse ao desconhecido. O libro contén ademais unha extensa introdución realizada polo tradutor da obra, Jorge Luís Bueno Alonso, na que se explica con todo luxo de detalles a temática, as características do poema e todos os pormenores que teñen que ver co proceso da tradución dun texto deste calibre, finalizando esta con unha serie de agradecementos.

**Referencias varias:**


Faise referencia á publicación, por primeira vez en galego, grazas á editorial Rinoceronte, dun clásico das letras inglesas escrito entre mediados do século VII e finais do século X como é *Beowulf*, obra que narra, a través de máis de tres mil versos, os feitos que protagonizou un príncipe escandinavo, sobriño de Higelac, rei dos gautas.


Edición bilingüe deste poemario, de Xuan Bello Fernández (Paniceiros, Tinéu, 1965), composto por vinte e dous poemas precedidos por un limiar no que Esperanza Mariño Davila ofrece un percorrido pola obra do autor, salientando as súas influencias e os aspectos máis relevantes dos seus poemarios *Nel cuartu mariellu*, *El llibru de les cenicès*, *El llibru vieyu* e *Los caminos secretos*, ao mesmo tempo que o defende como o autor máis destacado da segunda xeración do “Surdimientu” da literatura asturiana. Neste limiar Mariño Davila tamén acécha unha ampla análise deste poemario e unha listaxe coas obras traducidas, obras narrativas e os premios acadados por Bello Fernández. *Os nomes da terra*, que arranca cunha dedicatoria a Carlos Oliveira, aborda temas como a soidade, o amor, os recordos da infancia, o paso do tempo en balde, a morte, etc., e tamén presenta o lugar de nacemento do autor, Paniceiros. No limiar xa se
destaca a influencia decisiva da literatura portuguesa neste poemario, non en van atópase un poema titulado “Lembranzas duns versos de J.E Pacheco” e outro dedicado a Jorge Sena, que leva por título “Narratio populi”. Tamén lle dedica unha composición ao poeta Luis Cernuda, intitulada “O silencio, o olvido”. Doutra banda a autora do limiar aprecia a influencia da literatura do mundo clásico (Homero), da literatura inglesa (Lord Byron, Pound) e, en menor medida, da literatura francesa (Gérard de Nerval). Atópanse así mesmo referencias a artistas como Van Gogh e poetas de diferentes nacionalidades como Hölderlin ou Giordano Bruno. Por último, salienta o emprego dun esmerado léxico, pero lonxe da complexidade, e a procura de certa innovación formal na disposición dos versos.

Recensións:


Fai mención á edición bilingüe do asturiano Xuan Bello e, especificamente, á versión en galego que leva a cabo Esperanza Mariño, tradutora que xa tiña traballado con anterioridade no mesmo campo. Destaca deste terceiro labor lírico de Bello, onde asegura que latexan ecos de autores como Pessoa, Borges ou Celso Emilio Ferreiro, a nostalgia e o empeño por salvar unha “comunidade sentimental extinguida”.


Poemario de Omar Khayyam (Naishapur, Korassam, 1040-1124) traducido por Xabier Correa Corredoira (A Coruña, 1952) no que se inclúen tamén debuxos da súa autoria. Todas as composicións integradas nel son pezas de dous longos versos que se tomaron por cuartetas e, así, veñen plasmadas na edición. A concisión e a economía da sintaxe son denominador común nestes poemas de mocidade de Khayyam nos que a voz lírica fala do paso do tempo, de amor erótico, da soledade, dos libros, da amizade, da vellez, da relixión, do desexo e, por riba de todo, do dionisiaco pracer tabernario do goce do viño, como explica o tradutor no seu prólogo á obra. *Carpe diem e tempus fugit* son os proverbios de cabeceira de Khayyam nesta obra, de lectura sinxela.


Volume que recolle varios textos líricos e frases tiradas da correspondencia que Claude Royet-Journoud (Lyon, 1941) e Emilio Araúxo (Coles, 1946) mantiveron e que se intercalan coas fotografías dos andeis de pedra da Serra da Queixa e do Val de Conso, xeografías insólitas e afastadas. Estas fotografías de esculturas dos pastores foron
realizadas ao longo de vinte anos ao redor do mundo por Araúxo, quen xa tiña traducido ao poeta francés na revista Amastra-n-gallar.

Referencias varias:


Sinala a empresa levada a cabo polo fotógrafo Emilio Araúxo e o poeta francés Claude-Royet-Journod: Estantes, amanzois, nuradellas, homes de pedra e outros dos máis tempos nomes perdidos de Queixa e do Val de Conso aumentados con algunhas frases de Claude- Royet- Journod tiradas da nosa correspondencia, título que abre un libro onde se reúnen as esculturas dos pastores de Serra de Queixa e o Val do Conso.


Selección de poemas do poeta, escritor e artista plástico Ludwig Zeller (Río Loa, Calama, Chile, 1927) en edición bilingüe (castelán e galego) na que se presenta, por primeira vez en Galicia e en España, a obra poética do autor chileno. Esta edición que contén composicións de entre os anos 50 e a actualidade, comeza cun prólogo, tamén en ambas as linguas, intitulado “O único coñecemento posible”, asinado por Gabriela León e o propio Francisco X. Fernández Naval. A continuación aparece a selección dos poemas, un total de cincuenta, en páxinas pares o orixinal español e nas impares a tradución ao galego. Fiel ao surrealismo, os seus poemas son exploracións en terreos nos que a realidade se difumina entre os soños. Zeller traballa con espellismos e imaxes propias dunha exuberante imaxinación. Nalgunhas composicións hai un certo ton confesional, biográfico, de resumo dos días xa pasados. Ademais moitas delas presentan, grazas á importancia da obra plástica deste autor, unha grande influencia da visualidade (as colaxes) que se reflicte formalmente na utilización do verso libre, os versos crebados, os espazos en branco ou as pausas de ruptura no interior dos poemas. Todos os poemas presentanse ordenados cronoloxicamente, a excepción do primeiro, publicado en 1982 en homenaxe ao pintor galego Eugenio Granell con motivo da súa xubilación como profesor no Brooklyn Collage de Nova York.
II.4. ANTOLOXÍAS


Ábrese este volume cunha introdución de Xesús Alonso Montero dedicada a analizar e divulgar o labor poético de Ramón Otero Pedrayo (Ourense, 1888-1976). Tras achegar unha cronoloxía que recolle as datas e acontecementos relacionados con este xénero na vida do escritor, unha recompliación de xuízos e gabanzas que mereceu Otero Pedrayo polos seus poemas e mais unha relación da súa presenza en diferentes antoloxías, Alonso Montero salienta que o seu interese pola obra poética do intelectual ourensán é froito dun rescate que vén de anos atrás até se concretar nesta edición. Sinala que se trata dun corpus extenso, que non se presenta completo neste volume pola existencia doutros manuscritos, e rastrexa a afección de Otero Pedrayo pola poesía, antes e despois da guerra civil, cualificándoa da “súa realización natural” para se expresar. Apunta os motivos que tratou, entre os que sobrancea a temática compostelá, a presenza da paisaxe, sobre todo no outono, os textos (epícuireos ou goliardescos) dedicados a Baco e aos deuses da mesa, os contidos políticos, os episodios autobiográficos, o humor e a ironía. Dedica tamén espazo a destacar as súas virtudes como sonetista e o seu rigoroso manexo da oita real, así como o seu labor tradutolóxico e a calidade da súa lingua, todo o cal confirma, ao seu ver, “a entidad e a valía poética do gran polígrafo”. Conclúe a introdución cos criterios seguidos na edición e cunha bibliografía sobre Otero Pedrayo como poeta e coas achegas realizadas polo propio Alonso Montero a esta parte da produción do autor ourensán. A seguir, a edición recolle noventa e cinco poemas, vinte e cinco dos cales son inéditos, distribuídos do seguinte xeito: éditos e inéditos con data, compostos entre 1925 e 1975, e poemas sen data, ademais de oito apéndices que recollen textos en castelán, latín, alemán e mais diferentes traducións: “La raison” de Voltaire, do francés ao castelán, realizada cando Otero Pedrayo tiña catorce anos; cadanseu poema de Charles Baudelaire e Georges Chennevière, do francés ao galego; dous poemas de Friedrich Hölderlin, do alemán ao galego; o poema do bispo ourensán Ederonio, do latín ao galego, e dúas cancións populares galegas en latín. Completan o volume as notas aos poemas e un apéndice gráfico que amosan reproducións facsímiles dos textos.

Recensións:


Comenta que non é a primeira vez que Alonso Montero se achega á obra de Ramón Otero Pedrayo, pois xa no ano 2000 tirou do prelo a escolma de artigos Oteriana e en 2006 publicou Laio polo irmán ausente, coa correspondencia cruzada entre persoeiros da cultura galega. Ademais de sinalar o contido deste novo volume Poesía, concédeelle especial relevancia á tradución que se pode encontrar de Otero Pedrayo de poemas da autoria de Voltaire, Baudelaire ou Hördelin. Destaca tamén a presenza de poemas inspirados nos tres espazos máis queridos por Pedrayo: Santiago de Compostela,
Trasalba e Ourense, ademais de indicar que hai unha experimentación “mesmo coa banda deseñada” coas inacabadas Historias do frei Monteiro, o franciscán brincadeiro. Para rematar, apunta que a única vez que Otero Pedrayo deu permiso para publicar poemas seus foi en 1958, cando viu a luz Bocarribeira. Poemas para ler e queimar.


Alude ás facetas de prosista, ensaísta, autor teatral, historiador, xeógrafo e xornalista de Ramón Otero Pedrayo e repara no seu labor poético, bastante menos coñecido, onde destaca Bocarribeira. Poemas para ler e queimar (1958), que emparenta con Os Eidos (1955), de Uxío Novoneyra. Dálle a benvinda á edición da Poesía realizada por Xesús Alonso Montero e sinala que a obra amosa un traballo rico que axuda a completar a visión dun creador singular.


Indica que Ramón Otero Pedrayo nunca quixo facer pública a súa dedicación á poesía, malia manter esa actividade toda a vida e a calidade do seu facer. Considera que a edición de Xesús Alonso Montero acredita ambos os aspectos e apunta que estes textos han sorprender a moitos, ao tempo que gaba o traballo do erudito por rescatar os poemas.


Considera que esta recompilación de poesía de Ramón Otero Pedrayo realizada por Xesús Alonso Montero demostra que aínda quedan moitos inéditos do autor, polo que esta obra non ofrece a obra completa do creador de Trasalba e polo que os textos que se exhumen no futuro, considera o editor, virán reforzar e ampliar a figura e os acordes desta entrega. Critica a falta de selección e de discernimento que é preciso que leve a cabo un crítico, así como a non xusta valoración de Bocarribeira (escrita entre 1955 e 1956), único poemario exento de Otero Pedrayo, ao situalo ao carón doutras composicións de circunstancias e de moita menor calidade. Polo dito agarda que haxa outra edición na que o editor, máis sensíbel, sitúe Bocarribeira como a obra cume do creador ourensán e entre as grandes obras da lírica galega.


Tras aludir ao poemario Bocarribeira. Poemas para ler e queimar (1958) como o único publicado en vida por Ramón Otero Pedrayo, indica que o autor compuxo poemas toda a vida pero nunca quixo publicados en antoloxías, aparecendo algúns poemas soltos en diversas publicacións. Valora o traballo de Xesús Alonso Montero por se ocupar de reunir estes textos dispersos e polo seu traballo investigador e ecdótico. Reafírmase na súa opinión de que Otero Pedrayo procurou sempre unha síntese entre tradición e modernidade á luz do apuntado por Alonso Montero na introdución do volume, así como na presenza destacada da xeografía e da paisaxe.
Referencias varias:


Sinala que o 27 de xuño se celebra a entrega do Premio Trasalba e que con tal ocasión se presentará o volume dedicado á poesía de Ramón Otero Pedrayo que el se encargou de editar para a colección “Biblioteca de Otero Pedrayo”. Apunta que se trata dunha faceta descoñecida e esporádica do insigne intelectual, malia ocupar un posto no discurso poético galego antes e despois de 1936.


Tras comentar que Xosé Ramón Barreiro recolleu o Premio Trasalba 2010, infórmase que Xesús Alonso Montero presentou este libro, quen afirmou levar trinta anos traballando nos versos do escritor ourensán.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónanse, entre outras, Ramón Otero Pedrayo. Poesía, unha recompilación editada polo profesor Xesús Alonso Montero que reúne poemas éditos e inéditos escritos entre 1925 e 1975; Xenaro e a hucha do indiano, de Mar Guerrero; e Do A ao Z con... Pondal (2009), de Xoán Babarro.


Sinala que Alonso Montero, na edición da poesía de Ramón Otero Pedrayo, data a epístola do ourensán dirixida a Filgueira Valverde na que se fai escarnio do reitor da Universidade de Santiago Ángel Ruiz del Castillo en 1942, mais opina que debeu de escribise no ano anterior. Apunta que o reitor era unha personalidade detestada polos estudantes e pola sociedade galega ilustrada e democrática en 1941 e 1942 e, en relación coa Real Academia Galega, relata un episodio que aconteceu o 8 de decembro de 1940, cando se produciu a entrada na institución de dezanove académicos, á que Otero Pedrayo non asistiu porque non lle gustaba o reitor nin Ibáñez Martín, ministro de Educación Nacional.


Comenta que acaba de rematar de ler o volume Poesía, de Ramón Otero Pedrayo, baixo a tutela de Xesús Alonso Montero, encargado da recompilación, traballo introdutorio e notas. Loa o traballo deste profesor, de quen di que “enche unha eiva” na que non repararon outros estudosos da literatura galega e sinala que só el foi quen de ampliar o “horizonte do poema” de Otero Pedrayo.

Antoloxía de textos escollidos de Rosalía de Castro (Santiago de Compostela, 1837 - Padrón, 1885), para os que o seu seleccionador, Xosé Azar (Santiago de Compostela, 1933), seguigu dus criterios argumentais: o erotismo e o existencialismo na poesía da autora, tanto en galego coma en castelán. Abre a obra cun “Preludio” no que se centra na orixe natal de Rosalía e como as especiais circunstancias do seu nacemento e infancia puideron marcar a súa experiencia vital posterior, reflectindo isto na súa obra. Deseguido, atópase o primeiro apartado, “Rosalía erótica”, no que Azar explica na introdución “El eros poético rosaliano” como vive Rosalía o sentimento amoroso a partir, sobre todo, da súa relación de parella co seu home Manuel Murguía. A seguir, ofreceuse unha pequena “Antología erótica en gallego” na que se inclúen quince poemas con cadansúa explicación argumental. Son eles: “Nasín cando as plantas nasen”, “Bos amores”, “Amores cativos”, “Abride as frescas rosas”, “¿Por què miña almiña”, “Lévame a aquela fonte cristiña”, “Dios puxo un velo enriba”, “Pasade”, “¡E ben! Cando comprido”, “Sin niño”, “Sin terra”, “¡Valor!, que anque eres como branda cera”, “Espantada, o abismo vexo”, “Para a vida, para a morte” e “¡Olvidémo-los mortos!”, todos pertencentes a *Follas Novas* agás o primeiro que pertence a *Cantares gallegos*. A continuación reproducéuse a antoloxía de textos en castelán. No segundo apartado, “Rosalía existencial”, explicase brevemente na introdución “El existir poético rosaliano” como expresa a autora o profundo sentimento de desacougo existencial, de soidade e nostalxia para exemplificar o dito na antoloxía de textos en galego e logo en castelán que se acollen. En galego recóllese dezaioit poemas pertencentes a *Follas Novas* cos seguintes títulos: “Anque me dés viño do Ribeiro de Avia”, “Dende aquí vexo un camiño”, “Xa nin rencor nin desprezo”, “Co seu xordo e constante mormurio”, “Silencio”, “Rico ou pobre, algúun día”, “Cada noite eu chorando pensaba”, “Ladraban contra mí, que camiñaba”, “Amigos vellos”, “Lúa descolorida”, “Estranxeira na súa patria”, “Meses do inverno fríos”, “¿Qué ten?”, “Os manantiales sécanse”, “¡Quiérome ire, quérome ire!”, “¡Soia!”, “¡Mar! cas túas augas sin fondo” e “Cando penso que te fuches”. Tras desta antoloxía, segue un vocabulario, unha bibliografía e un índice de títulos e primeiros versos de todos os textos antologados.


e da poesía galegas, as súas orixes natais en Vigo (Coruxo), o seu labor dentro da UPG e a súa etapa como emigrado en Caracas xunto á súa valía poética. Deseguido hai unha introdución asinada por Iolanda Castaño, a cargo da que tamén corre a edición do libro, na que se fai un repaso biográfico de Sesto Novás e se enxalza o seu amor pola língua e culturas galegas. As liñas poéticas predominantes nesta selección poética son o amor en todas as súas facetas, a poesía cívica en canto á defensa e enxalzamento da terra, a lembranza da represión e dureza da represión na posguerra española e o existencialismo e desacougo vital. En canto á métrica, obsérvase un predominio do versolibrismo, mesturando poemas de verso curto con outros de verso moito máis longo, e o predomínio a rima asonante. Destaca especialmente un grupo de textos, sobre todo no apartado “Porta aberta”, construídos con versos longos e sen dimensión estrófica, que semellan pequenos fragmentos narrativos. Inclúese finalmente un glosario dos termos explicados e do seu significado.


Antoloxía de Eduardo Víctor Castro López (Vilagarcía de Arousa, 1940) que comeza cun prólogo do propio autor no que explica que o poemario consta de sesenta e catro poemas, anteriormente publicados, e que agora se actualizan á normativa lingüística de 2003, feito que en ocasións obriga a modificar a arquitectura ou a mensaxe primixenida destes versos. A antoloxía estrutúrase en catro libros: “Marfallada de poemas”, “Micropoemario”, “O amor en compas catro por catro” e “Garamillos e gaiolas”. O primeiro deles está composto por doce poemas heteroxéneos con respecto á temática. Encabézano uns versos de Pablo Neruda e neles a voz lírica reivindica as súas raíces, a fala dos seus pais, volvendo aos recordos da adolescencia e aos primeiros amores e desenganos amorosos; recrea a paisaxe arousá; aborda o tema da memoria histórica, recordando aos represaliados polo franquismo; e critica á sociedade capitalista, á clase política, á Igrexa e aos “narcos”. Ademais nesta parte acólense varios poemas acrósticos intitulados como as praias de Marín e outro poema dedicado ao cincuentenario do Instituto Laboral de Vilagarcía de Arousa. O segundo libro, iníciase tamén cuns versos de Pablo Neruda, correspondentes ao poema “Óda al otoño”. Este libro é un canto á vida da fraga, en contacto coa natureza e, en especial, unha exaltación da ciencia da micoloxía. O terceiro libro, composto por un único poema dividido en trinta e tres partes, aborda unicamente a temática amorosa. Finalmente, o último libro tamén aborda unha temática amorosa, pero non de celebración do amor, senón de desenganos. Nel evidénciase un ton melancólico, aínda que non de renuncia ao amor, e confiase nun futuro novamente feliz. Como se recolle na contracuberta desta obra trátase duns versos tradicionais en ocasións “dacabalo dunha arquitectura prosaica, coloquial e discursiva” e, noutras, non exentos de lirismo.


Antoloxía bilingüe (inglés e galego) realizada por un numeroso equipo de autores,
antólogos e tradutores liderados por Jonathan Dunne e que se iniciou en 1997 e rematou en 2010. No limiar o editor expón o obxectivo desta antoloxía e explica o seu proceso de elaboración. Sina que nesta selección se recollen cincuenta e cinco textos de corenta autores e seis voces anónimas dun período de setecentos oitenta e cinco anos ordenados en primeiro lugar segundo o seu xénero literario e, dentro de cada un, por orde cronolóxica. Tamén específica Dunne que algúns dos autores teñen máis dun texto, caso de Daniel Rodríguez Castealo, Afonso X, Rosalía de Castro, Manuel Curros Enríquez, Eduardo Pondal, Rafael Dieste e Álvaro Cunqueiro. Dice que para a escolma contou con cincuenta e cinco antólogos, entre os que se inclúen persoeiros da cultura galega. A seguir, estrutúrase a antoloxía nos seguintes apartados: “A época medieval (séculos XII-XV)”, “A literatura de tradición oral (séculos XII-XX)”, “O Rexurdimento (segunda metade do século XIX)”, “A preguerra (1900-1936): poesía”, “A preguerra (1900-1936): narrativa”, “A preguerra (1900-1936): teatro”, “A posguerra (1939-1981): narrativa”, “A posguerra (1939-1981): ensaio”, “A posguerra (1939-1981): poesía” e “A posguerra (1939-1981): teatro”. Con respecto á poesía precisase que os textos incluídos en “O Rexurdimento (segunda metade do século XIX)” foron escollidos por Fernando Bel Ortega (A Galicia, de Francisco Añón), Catherine Davies (Cantares Gallegos, de Rosalía de Castro), Carmen Blanco (Follas Novas, de Rosalía de Castro), Dolores Vilavedra (Aires da miña terra, de Manuel Curros Enríquez), Xosé Ramón Pena (Queixumes dos pinos, de Eduardo Pondal) e Xesús Alonso Montero (O divino sainete, de Manuel Curros Enríquez). No caso da poesía de preguerra, a escolma foi realizada por Manuel Ferreiro (Os Eoas, de Eduardo Pondal), Arcadio López Casanova (Vento mareiro, de Ramón Cabanillas), Xosé Ramón Freixeiro Mato (Do ermo, de Antonio Noriega), Luis Alonso Grgado (Proel, de Luís Amado Carballo), Domingo García-Sabell (De catro a catro, de Manuel Antonio), Manuel María (Nao senlleira, de Fermín Bouza Brey) e Darío Villanueva (Seis poemas galegos, de Federico García Lorca). Por último, sinálase que a selección poética no período da posguerra correu a cargo de Basílio Losada (Cómaros verdes, de Aquilino Iglesias Alvariño), Luz Pozo Garza (obra de Luís Pimentel), Luciano Rodríguez (obra de Xosé María Díaz Castro), Xosé Manuel Salgado (obra de Celso Emilio Ferreiro), Miguel Anxo Fernán Vello (obra de Manuel María) e Uxío Novoneyra (fragmento do seu poemario Os eidos 2). Pechan a antoloxía tres apéndices que recollen a escolma, as edicións e as traducións publicadas en inglés dos textos galegos.

Esta antoloxía tamén está descrita nos apartados I.4 Narrativa, III.4 Teatro, V.4 Ensaio, VIII.3 Literatura de transmisión oral e XI.5 Literatura medieval deste Informe.

Recensións:


Sinala que até o de agora non hai máis ca trinta e sete libros galegos traducidos ao inglés e que unha política cultural de cara ao mundo anglofone continúa a ser unha tarefa pendente, polo que a recente publicación de Antology of Galician Literature (1196-1981), de Jonathan Dunne, pretende dar outro paso neste sentido. Comenta que é a primeira vez que se reúne unha selección bilingüe da historia literaria galega como ferramenta de divulgación en língua inglesa e que, despois de trece anos de traballo, Dunne lle propón todo un canon da literatura galega, elaborado con criterios máis
democráticos do que é o habitual. Considera reducida a presenza de autoras e apunta que sería importante que as estratexias de tradución empregadas fosen analizadas por especialistas, xa que parece existir unha tendencia a neutralizar o texto de partida. Por outra parte, refírese a aspectos paratrutivos e pregúntase polas razóns que xustifiquen a ausencia dunha proxección mediática máis potente para lanzar esta publicación, da que tampouco convence a tradución inglesa da carta dos editores Manuel Bragado e Víctor Freixanes.


Refírese á Anthology of Galician Literature (1196-1981), feita por Jonathan Dunne, deténdose no afirmado no próxolo, onde se di que a obra vai dirixida a especialistas “editores, críticos, tradutores e axentes literarios”. Con todo, opinase que a antoloxía non é unha obra para un público especialista británico, pois do contrario, sobraría a versión galega dos textos. Repárase tamén en que a ausencia de comentarios ou anotacións bibliográficas dificulta o labor dos especialistas. Asemade, indicase que as traducións son “valiosísimas”, do mesmo xeito que destaca outras “mans” que se ocuparon deste labor. Defínese a obra como unha proposta de canon “moi tradicional, masculino e nacionalista” e faise especial fincapé no feito de que se poña o límite en 1981. Para finalizar, reflexiónase sobre o financiamento por parte da Xunta de Galicia da que gozou este proxecto.


Recomenda a antoloxía bilingüe (galego-inglés) do tradutor Jonathan Dunne, Anthology of Galician Literature, editada conxuntamente por Editorial Galaxia e Edicións Xerais de Galicia. Destaca o gran labor de coordinación entre tradutores e antólogos para levar adiante este proxecto que recolle textos de todos os xéneros literarios nun período que abrange dende 1196 até 1981, ano da aprobación do Estatuto de Autonomía galego, e que supón un percorrido literario polas grandes voces da literatura galega de todos os tempos.


Comeza mencionando a importante edición en 1949 de Poesía inglesa e francesa, de Plácido Castro, Delgado Gurriarán e Lois Tobío, pola Federación de Sociedades Galegas da Arxentina e salientando o novo reto do século XXI de achegar a cultura galega aos circuítos literarios mundiais. Neste sentido destaca o labor que están a facer distintas universidades europeas como é o caso das alemás Trier e Kiel coas antoloxías poéticas 20 Gedichte aus Galicien e Ein rosenfeuer, das uns verstört, 4 dichter aus galicien. Finalmente recolle a publicación Anthology of Galician Literature, de Jonathan Dunne, afirmando “que vai ser de referencia obrigada”.

Referencias varias:

- Iago Martínez, “Manuel Rivas fala a través de min”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 4 febreiro 2010, p. 36.


Indica que a maioría dos textos incluídos nesta antoloxía son do século XXI e que pertencen á literatura oral, ensaio, poesía, ficción e teatro. Explica como foi a xestación deste traballo, no que contou coa axuda de escritores e especialistas galegos, así como de tradutores que nestes momentos estaban a traballar no eido da tradución galego-inglés. Comenta que con este libro se está nas portas da literatura galega contemporánea e que agarda que sexa posíbel sacar un segundo volume, unha antoloxía dedicada aos anos 1981-2011, que sería de moita utilidade para os editores estranxeiros interesados en publicar autores galegos.

- Iago Martínez, “Dúas antoloxías históricas achegan a literatura galega ao público inglés”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 2 maio 2010, p. 36.

Tras comentar a importancia que ten a publicación, por parte da editora londinense Francis Boutle da antoloxía *Breogan’s Lighthouse*, refírese a outra que tamén se publica en Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne e que leva por título *Anthology of Galician Literature*. Saliéntase que nela se inclúen textos de cincuenta e cinco autores galegos dende 1196 até 1981 que foron escollidos por outros autores e autoras galegos.


Anúnciase que xa está lista a antoloxía que se publica en Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne. Dise que en *Anthology of Galician Literature 1196-1981* se realiza un percorrido por oito séculos de literatura galega e que nela participaron un total de cento vinte e catro persoas entre antólogos, tradutores e autores. Destácase a importancia da obra para o coñecemento da literatura galega dende as súas orixes e que fosen autores galegos os que decidisen os textos a incluír. Por último dise que un elemento primordial para o coordinador do proxecto é que as traducións están feitas por anglófonos.


Dise que se publica a primeira antoloxía da literatura galega en lingua inglesa cun amplo percorrido por todos os xéneros e autores dende 1196 até 1981. Trátase de *Anthology of Galician Literature 1196-1981*, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne, e que se publica conxuntamente entre Edicións Xerais de Galicia e Editorial...
Galaxia. Coméntase que o proxecto comezou en 1997 e que contou coa colaboración de cincuenta e cinco antólogos, escritores e especialistas galegos. Apúntase tamén que o propio autor suxire a posibilidade de que sería bo a realización dun novo volume que se centraxe na etapa contemporánea, dende 1981 até o ano 2011. Por último exprésase a necesidade de fomentar a cultura galega no ámbito anglofóno.


Fálase sobre a aparición da primeira antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-inglés, Anthology of Galician Literature, na que se reúnen oito séculos de produción poética, narrativa e ensaística e que ademais conta cun epígrafe para a literatura de transmisión oral. Indícase que cincuenta e cinco escolmadores reúnen textos de corenta e catro autores e seis textos anónimos que se encadran cronoloxicamente entre 1196 e 1981 e que xa hai en preparación un segundo volume que inclúe produción até 2011. Finalmente fálase do proceso creativo.


Indícase que da primeira antoloxía de literatura galega en edición bilingüe inglés-galego, Anthology of Galician Literature, se distribuíron arredor de tres mil exemplares por centros de estudios galegos de todo o mundo, así como por universidades con estudios de Hispánicas e da Lusofonía, principais medios de comunicación especializados ou con atención á literatura, e nas máis destacadas feiras do libro internacionais. Fálase tamén sobre o proceso de elaboración da mesma por parte do seu autor, Jonathan Dunne, e da preparación dun segundo volume que será publicado en 2012.


Coméntase a presentación en Santiago de Compostela da primeira antoloxía da literatura galega en edición galego-inglés, realizada por Jonathan Dunne e presentada conxuntamente pola Editorial Galaxia e Edicións Xerais de Galicia. Indícase o contido da obra e destácase a intención de distribuír máis de tres mil exemplares por centros especializados, universidades e bibliotecas. A seguir, recóllense as palabras de Manuel Bragado e Víctor Freixanes subliñando a importancia deste feito.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónanse, entre outras, esta antoloxía de Jonathan Dunne, que abrange o período entre a Idade Media até o ano 1981; Todo ben, de Manuel Rivas, e Atrapado na torre (2009), de Xoán Babarro e Ana María Fernández.

Dá conta da publicación conxunta entre Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia da antoloxía bilingüe Anthology of Galician Literature, de Jonathan Dunne, que presenta textos de máis de corenta escritores galegos escolmados por expertos literarios de recoñecido prestixio e traducidos por vinte e dous especialistas. Sinala ter lido que esta publicación vai ser enviada a centros de estudo galegos de todo o mundo e salienta o acerto da obra de dar a coñecer a cultura de Galicia alén das súas fronteiras. Recomendando de novo este labor de espallamento, remata anunciando a recente edición de Ein rosenfeuer, das uns verstört. 4 dichter aus galicien, traballo realizado polo profesor Javier Gómez-Montero na universidade alemá de Kiel.


Infórmase da publicación de Anthology of Galician Literature, de Jonathan Dunne, salientando a importancia da proxección universal, especialmente nas obras literarias escritas en linguas historicamente sometidas, como é o caso da lingua galega. Menciona tamén a presentación de dous libros do profesor Javier Gómez Montero no congreso sobre “Torrente Ballester e outros escritores galegos” celebrado na cidade alemá de Kiel: unha antoloxía poética bilingüe (galego-alemán) nomeada Ein rosenfeuer, das uns verstört, 4 dichter aus galicien e unha selección de textos de temática xacobea titulada Alá no noroeste…Unha cartografía literaria do Camiño en León. Ademais de citar a Gómez Montero, sinala ao profesor Luciano Rodríguez como o outro responsábel e impulsor destas publicacións.


Sinala a presenza de editoriais galegas na feira de Frankfurt e na Liber de Barcelona tratando de combater a crítical situación que afecta a este sector. Destaca a presentación en Frankfurt no mes de outubro da Antoloxía da Literatura Galega en galego e inglés, de Jonathan Dunne, considerada unha boa obra para proxeectar a literatura galega no estranxeiro.


Dá conta da presentación na feira do libro de Frankfurt da antoloxía bilingüe en inglés e galego editada por Jonathan Dunne co título de Antoloxía da literatura galega. Comenta que obra é unha historia da literatura galega até a década dos oitenta que terá unha segunda parte cara ao ano 2012.

Volume que recolle textos en prosa e verso de diferentes autores galegos, bercianos e leoneses centrodos en diferentes aspectos do Camiño de Santiago e con múltiples referencias xacobeas e locais. Trátase dunha tradución ao galego dende o orixinal Allá en el noroeste... Una cartografía literaria del Camino en León (2009) redactado en español. Cômpre sinalar que o comezo do título deste volume Alá no noroeste é unha tradución ao galego tirada do poema “Allá en el noroeste, por la senda interior” da obra Desiertos de la luz (2008), de Antonio Colinas, que tamén aparece reproducido neste volume. Este libro está coordinado por Javier Gómez-Montero e mais por Luciano Rodríguez e comeza cunha breve introdución titulada “Alá no noroeste... Unha cartografía literaria do Camiño en León”, obra de Javier Gómez-Montero, onde fala sucintamente deste volume e onde sinala que o Camiño de Santiago se configura como un territorio sentimental no que transitan xuntos autor e lector. As diferentes achegas aparecen xebradas nos seguintes bloques: “Por León cara a Astorga”, “Da Maragatería ao Bierzo” e mais “Cara a Galicia e en Compostela” se ben antes do primeiro bloque aparece reproducido o texto “Para chegar a León”, de Álvaro Cunqueiro. Péchase cun posfacio de Javier Gómez-Montero, “Para unha cartografía literaria do Camiño en León”, no que detalla algúns dos libros que se centran no tramo leonés e berciano do Camiño de Santiago, moitos deles reproducidos neste volume, e mais coas “Fontes” das que foron tirados todos os textos deste libro colectivo. No que respecta á lírica acóllessen os seguintes poemas: “Ao Señor, día e noite en San Isidoro de León”, “A volta”, “A praza Maior” e “Nocturno na colexiata de Vilafranca”, de Antonio Pereira, con Luciano Rodríguez como tradutor; “Misterium Francinans”, “Non se aloxa nos mesóns baixo o ceo estrelado”, “En san Isidoro bico a pedra dos séculos”, “Canto fronte aos muros de Astorga”, “Val do silencio”, “Nos páramos negros”, “Canto XXXIII” e “Alá no noroeste, pola senda interior”, de Álvaro Cunqueiro, con Suso Pensado como tradutor; “Memoria do Camiño”, de Antonio Gamoneda, con Suso Pensado como tradutor; “Romances tradicionais do Camiño a Santiago”, con Suso Pensado como tradutor; “Agosto no ceo”, “Abas do Teleno” e “Na catedral de Astorga”, de Leopoldo Panero, con Xohán Xabier Baldomir, como tradutor, e mais “Retratos de familia” e “Antepasados”, de Juan Carlos Mestre, con Luciano Rodríguez como tradutor.

Tamén está descrito no apartado I.4 Narrativa deste Informe.

Recensións:


Comenta que “este excelente librito” presenta unha colección de textos variados sobre o Camiño de Santiago, moitos deles referidos aos treitos do Bierzo e mais de Galicia. Indica que a antoloxía comeza con un texto de Álvaro Cunqueiro traducido e que remata cun de Carlos Casares. Afirma que os seus textos combinan prosa e poesía e que percorren fundamentalmente os últimos anos da literatura. Amósase o nome de todos os tradutores dos textos ao galego e saliéntase a importancia da súa publicación ao ser 2010 Ano Xacobeo.

Referencias varias:

Tras informar da publicación de *Anthology of Galician Literature*, de Jonathan Dunne, faiuse referencia a esta selección de textos de temática xacobea titulada *Alá no noroeste…Unha cartografía literaria do Camiño en León*, de Javier Gómez-Montero, a quen se sinala, xunto ao profesor Luciano Rodríguez, como responsábel e impulsor destas publicacións.


Fala dos Encontros de Escritores e Tradutores de Castrillo de los Polvazares e comenta a antoloxía *Alá no noroeste…Unha cartografía do Camiño en León*, da que destaca que está patrocinada pola Xunta de Galicia e da que apunta algunhas características como que é un libro de viaxe onde se unen a literatura coa xeografía berciana e galega. Conclúe asegurando que este volume é un excelente agasallo para as letras galegas e para o propio Camiño de Santiago. Refírese tamén a a antoloxía *Anthology of Galician Literature*, traducida ao inglés, de Antonio Raúl del Toro e a algunha tradución, como *As frechas de ouro* (2004), de John Rutherford.


En relación coa internacionalización da literatura galega, destaca a contribución de achegas como *Alá no Noroeste*, de Javier Gómez-Montero, na que se fai unha incursión no camiño xacobeo; e das antoloxías publicadas por Jonatha Dunne, Antonio Raúl de Toro e o mencionado Gómez Montero con Luciano Rodríguez.


Edición bilingüe (galego-alemán) dunha selección de composicións de poetas galegos fruto dun traballo dirixido por Javier Gómez-Montero, catedrático da Universidade de Kiel e presidente do Taller de Tradución Literaria desta cidade, que contou coa colaboración do profesor da Universidade da Coruña Luciano Rodríguez, cunha subvención da Consellería de Cultura e Turismo da Xunta de Galicia e que ten como obxectivo achegar a literatura galega ao lectorado alemán. Nun extenso epílogo de Javier Gómez-Montero, titulado “Os netos de Rosalía de Castro”, mergúllase na vida e obra de cada un dos poetas escolleitos, o que axuda ao lector ou lectora alemán a comprender algo máis o modo de facer versos destes escritores, así como o intento de explicar non só a forma do pensar do galego en xeral, senón, por exemplo, o que significa o complexo concepto de “saudade” ou a importancia da poesía de Rosalía de
Castro. Inclúe, ademais, unha nota editorial na que se explica cada unha das edicións utilizadas para a elección dos poemas, así como referencia ao director deste proxecto a Uxía Iglesias Tojeiro polo apoio dado en relación coa lingua galega. A edición está estruturada ao redor de trinta e cinco poemas de autores xa consagrados, ben pola súa poesía, ben pola súa prosa, que responden a un criterio xeracional e cun mundo literario común e que foron articulados do seguinte xeito: once corresponden a Miguel Anxo Fernán Vello e oito foron os elixidos de Manuel Rivas, Xulio L. Valcárcel e Xosé María Álvarez Cáccamo. A selección poética acompaña dunha pequena biografía de cada un dos escritores e os poemas preséntanse en páxinas pares o orixinal galego e nas impares a tradución ao alemán. Os poemas escolleitos tratan temas universais que van dende os temas existencialistas de Valcárcel até os que teñen que ver coa resistencia civil de Cáccamo, pasando pola importancia da paisaxe en Fernán Vello ou a melancolía de Rivas.

Recensións:


Exprésase emoción pola publicación da antoloxía *Ein Rosenfeuer das uns verstört, 4 poetas galegos*, unha edición de poesía bilingüe, alemán-espainol, de catro autores galegos consagrados: Miguel Anxo Fernán Vello, Manuel Rivas, Xulio L. Valcárcel e Xosé María Álvarez Cáccamo. Saliéntase que figuras literarias como Antonio Gamoneda recoñecen públicamente que “a poesía galega voa agora a unha altura superior á poesía en lingua castelá”. Con respecto ao labor dos editores, Javier Gómez-Montero, catedrático da Universidade de Kiel, e Luciano Rodríguez, profesor da Universidade da Coruña, afírmase que supón un paso máis na internacionalización da literatura galega. Menciónase que as traducións foron levadas a cabo polo Taller de Tradución Literaría da Universidade de Kiel.

Referencias varias:


Dá conta da publicación conxunta entre Edicións Xerais de Galicia e a Editorial Galaxia da antoloxía bilingüe realizada por Jonathan Dunne, que presenta textos de máis de corenta escritores galegos escolmados por expertos literarios de recoñecido prestixio e traducidos por vinte e dous especialistas. Sinala ter lido que esta publicación vai ser enviada a centros de estudo galegos de todo o mundo e salienta o acerto da obra ao dar a coñecer a cultura de Galicia alén das súas fronteiras. Recomendando de novo este labor de espallamento, remata anunciando a recente edición de *Ein rosenfeuer, das uns verstört. 4 dichter aus galicien*, traballo realizado polo profesor Javier Gómez-Montero na universidade alemá de Kiel.

Infórmase da publicación de *Anthology of Galician Literature*, de Jonathan Dunne, salientando a importancia da proxección universal, especialmente nas obras literarias escritas en línguas historicamente sometidas, como é o caso da lingua galega. Menciona tamén a presentación de dous libros do profesor Javier Gómez Montero no congreso sobre “Torrente Ballester e outros escritores galegos” celebrado na cidade alemá de Kiel: unha antoloxía poética bilingüe (galego-alemán) nomeada *Ein rosenfeuer, das uns verstört, 4 dichter aus galicien* e unha selección de textos de temática xacobea titulada *Alá no noroeste...Unha cartografía literaria do Camiño en León*. Ademais de citar a Gómez Montero, sinala ao profesor Luciano Rodríguez como o outro responsábel e impulsor destas publicacións.


Fai referencia á presentación no Fnac da Coruña da antoloxía que recolle trinta e cinco poemas dos autores galegos Miguel Anxo Fernán Vello, Manuel Rivas, Xulio L. Valcárcel e Xosé María Álvarez Cáccamo nunha edición bilingüe alemán. Dise que esta é froito dun traballo dirixido polo catedrático da Universidade de Kiel, Javier Gómez-Montero, e o seu Taller de Tradución Literaria, coa colaboración de Luciano Rodríguez, profesor da Universidade da Coruña. Sinálanse tamén os obxectivos desta publicación e dise que esta selección bilingüe é o inicio dun proxecto que busca ter a súa segunda parte cunha selección de poemas de poetas galegas que completen o labor de tradución que se está realizando en Alemaña.


Referencias varias:


Alude á iniciativa de David González *La manera de recogerse el pelo. Generación blogger*, espazo onde se reúne o labor literario de trece mulleres que escriben poesía na rede. Coméntase que a antoloxía, que inclúe un DVD con varios vídeo-poemas, foi presentada xa en Madrid e Bilbao e anúnciase que tamén o será en Galicia. Así mesmo, informa de cómo para estas poetas internet foi o único medio no que puideron dar a coñecer as súas creacións. De entre todas elas destaca a participación de tres galegas: Lucía Fraga, Begoña Paz e Déborah Vukusic.


Recomenda a antoloxía poética *La manera de recogerse el pelo*, subtitulada *Generación Blogger*, de Bartleby Editores, na que se di colaboran tres poetas galegas: Begoña Paz, Lucía Fraga e a galego-croata Déborah Vukusic. David González, o antólogo desta primeira xeración blogger na poesía española contemporánea, afirma que son autoras “Duras. Guerreiras. Alternativas” e sinala que esta nova forma de publicación cambia o modo de relacionarse co lector, facéndoo de forma máis inmediata e permitindo que os receptores das obras expresen a súa opinión.


Tras os agradecementos, Mary O’Donnell comenta a orixe do proxecto e os vínculos e semellanzas entre a cultura galega e a irlandesa. Precisa que varias coñecidas poetas galegas seleccionaron os seus poemas favoritos para ser traducidos por figuras recoñecidas da poesía irlandesa. Menciona a esas poetas e recolle que decidiron que un dos cinco poemas escollidos en cada caso fora traducido ao gaélico. Na introdución, “Galician Women Poets Today: Moving from Strength to Strength”, Manuela Palacios comenta o recente auxxe da poesía en galego escrita por mulleres e esboza os poemas escollidos para a súa tradución. A seguir, acólense as poetas galegas escolmadas cos correspondentes poemas en galego e a súa tradución. Son elas:


Reprodúcense os poemas titulados: “Derrotas domésticas” e “O diario (3 rabuda)”, do poemario Catálogo de velenos (1999); “Varrer as cinzas”, de Desmentindo a primavera (2003); “luis” (traducido ao gaélico por Martin Nugent), de Abecedario de árbores (2006); e “Comedores de cabeza”, do poemario Mudanzas (2007). Nos tres primeiros poemas trata a defensa do papel da muller aínda que defende o figura da nai e a do pai. En “luis” refírese a lendas celtas que inspiran a poesía galega e os lazos con Irlanda. “Comedores de cabeza”, pola súa banda, presenta unha versión máis feminina en referencia a Metamorfose.

pernas…” e “No medio da praza…”, de Arden (1998). Este último é o poema traducido ao gaélico. Os tres primeiros poemas falan de amor e das trampas que esconde como a posesión e submisión. Os dous últimos poemas reivindican o papel forte da muller en relación coa figura das baleas.

- Maria do Cebreiro by Caitriona O’Reilly, pp. 119-133.


- María Lado by Máighrèad Medbh & Rita Kelly, pp. 135-145.


- Xiana Arias by Paddy Bushie, pp. 147-157.

Reprodúcense os poemas titulados “Este é o lugar onde medra a morte…”, de Cleo de dez a doce (2007); “Non hai pistolas…” e “Recoñézome ma dor…” (traducido ao gaélico), de Acusación (2009); e “Sentada na porta da cosa…” e “Isto non é literatura femenina…”, de Ortigas (2007). Os poemas denuncian a violencia contra a muller nas súas diversas formas.

Péchase o volume co apartado “About de poets”, de María Xesús Nogueira e Laura Lojo (pp. 159-167), no que se achegan bio-bibliografías das poetas escolmadas, e con “About the editors”, que ofrece a traxectoria profesional das editoras.

Recensións:


Achega unha serie de razóns polas que considera que lle hai que dar a benvida á coidada antoloxía de dez poetas galegas contemporáneas en edición bilingüe, traducidas por autoras e autores de Irlanda a inglés, ou gaélico, en edición de Mary O’Donnell e Manuela Palacios. Sinala que a selección dos poemas é representativa e variada, ademais de incluír poemas inéditos que lle outorgan ao libro un aliciente extra. Malia a desconfianza de as traducións estaren feitas por autoras e autores irlandeses que a priori
non coñecen a lingua, literatura e cultura galega, disse que quedou superada polo virtuosismo das traducións, na que a posibel falta de familiaridade coa lingua galega se ve compensada pola entrega absoluta aos poemas por parte dos autores e autoras irlandesas. Tamén apunta que esta publicación persegue encetar un diálogo entre as poetas galegas e as escritoras e escritores irlandeses que as traducen, definindo este diálogo por múltiples puntos converxentes na súa tradición contextual e literaria.


Primeiramente disse que saen á luz dúas edicións bilingües galego-castelán de poemarios clásicos da literatura galega: Mesteres, de Arcadio López Casanova, e Os Eidos, de Uxío Novoneyra. Logo centra a publicación dunha antoloxía bilingüe galego-inglés de poetas galegas: To the Winds Our Sails [Vento nas velas]. Indicanse as responsábeis da edición e dáse conta das poetas que acolle.


Detalla que To the Winds Our Sails. Irish Writers Translate Galician Poets é unha obra que espalla por toda Irlanda os versos de dez poetisas galegas. Comenta que presenta unhas palabras introductorias da editora Mary O’Donnel e mais que as poetas galegas escolmadas son Luz Pozo Garza, M.ª do Carme Krukenberg, Xohana Torres, Marilar Aleixandre, Luz Pichel, Chus Pato, Ana Romaní, María do Cebreiro, María Lado e mais Xiana Arias.

Referencias varias:


Entre outras cuestións, coméntase que o instituto Cervantes de Dublín vén de presentar esta antoloxía de dez poetas galegas, entre as que está Marilar Aleixandre.


Preséntase que unha editorial irlandesa publicou baixo o nome To the Winds Our Sails unha antoloxía que conta con dez escritoras galegas que o articulista nomea. Dise quen foron as encargadas da edición e cóntase que se seleccionaron cinco poemas de cada autora e se traduciron catro ao inglés e un ao gaélico irlandés. Remátase sinalando que é unha homenaxe ás poetas xa que saben levar o poder das súas escrituras até os lectores e sinalando que en Galicia se importan novelistas mentres que se exportan poetas.


Anúnciase a publicación dunha antoloxía bilingüe galego-inglés de poetas galegas: To the Winds Our Sails. Explicase que é da autoria da poeta irlandesa Mary O’Donell e da
profesora e investigadora Manuela Palacios e que se adopta unha perspectiva interxeracional de xeito que se reúnen as voces das poetas Luz Pozo, Mª do Carme Kruckenber, Xohana Torres, Marilar Aleixandre, Luz Pichel, Ana Romani, Chus Pato, María do Cebreiro, Xiana Arias e María Lado.


Dáse conta das variadas novidades que saen do prelo en galego. No caso da poesía, destácase To the Winds Our Sails, escolma de dez poetas galegas “das históricas ás novísimas”.


Explícase que son varias as antoloxías publicadas en lingua inglesa de poesía galega, entre as que se atopa To The Winds Our Sails.


Antoloxía que Chus Pato (Ourense, 1955) leva a cabo a través da recompilación dunha serie de poemas pertencentes a algunhas das súas anteriores publicacións. Tras unha nota do editor, Francisco Villegas, sobre a posta en marcha da colección na que se insire este volume e que conta con outro máis de Xosé María Cáccamo, aparece un apuntamento bibliográfico da poeta, para despois dar paso á antoloxía propiamente dita. Estruturados en dez seccións, os poemas xiran en torno a unha variedade temática propia de cada obra da que foron extraídos. Cada sección leva, pois, o título do volume anteriormente publicado que contiña os poemas que aquí se presentan. A primeira delas, “De Urania”, inclúe seis poemas nos que o primeiro verso ou as primeira s palabras do primeiro verso veñen grafadas en tinta rosa, ao igual que a encadernación do volume e ao igual que nas seguintes seccións. A súa liña temática vén constituída por elementos de corte feminista e social. A segunda sección, “De Heloísa”, comprende cinco composicións poéticas nas que o fío argumental radica na obsesión do eu lírico polo coñecemento do mundo que a rodea. Con “De Fascinio”, e os sete poemas que abrangue, reflexionase sobre a literatura e historia de Galicia. A seguir aparece “De Ninive”, que inclúe dúas composicións de títulos diferenciados, sobre o eu lírico e a súa experiencia vital. En “De A Ponte das Poldras”, coas súas catro composicións, vólvese reflexionar sobre a condición feminina a través dunha clara ruptura coa sintaxe da linguaxe. Prosegue con “De m-Talá”, que abrangue seis fragmentos a xeito de conversas de marcado carácter poético. A seguinte sección vén conformada por “De Charenton”, con catorce composicións nas que deixa ver unha intensidade do sentimento de nación de Galicia e dos seus obstáculos na súa historia. Aparece después “De Secesión” que abrangue varias composicións poéticas que permaneceron sen saír do prelo até o de agora; algunhas delas de apenas unha liña. Pecha o volume a listaxe
bibliográfica dos poemarios que a autora empregou para levar a cabo esta antoloxía. Este volume vén acompañado dun CD que recolle a lectura da propia autora de quince poemas incluídos aquí. No caso da lectura do poema “o que a autora non soporta”, contou coa colaboración de Manolo Igrexas, Ignacio Vilariño e María Lado. Na contracuberta do volume pódese ler o seu poema “Na pedra”.

Recensións:


Dá conta deste poemario de Chus Pato na colexión Antoloxía poética sonora de Edicións do Cumio. Salienta, nun epígrafe intitulado “Poética”, o status desta poeta que xa foi traducida a outras lónguas e que conforma unha das figuras máis salientábeis da poesía galega actual. Menciona finalmente a continuidade desta poeta do estilo de Xosé Luís Méndez Ferrín.


Comenta a publicación deste poemario de Chus Pato na colexión Antoloxía poética sonora de Edicións do Cumio. Menciona primeiramente o CD que inclúe o volume e despois pasa a valorar a súa liña temática e fío argumental. Destaca a fragmentación no seu discurso poético, raiana co eido filosófico, e menciona a inclusión de poemas pertencentes a outros dos seus volumes anteriormente publicados como Urania (1991) e Secesión (2009).

Referencias varias:


Dá conta da saída do prelo de dúas antoloxías de poesía de Chus Pato e Xosé María Álvarez Cáccamo, Nacer é unha república de árbores e De sombras e poemas que son casas, respectivamente, en Edicións do Cumio. Logo de mencionar a inclusión dun CD en cada volume que recolle a lectura dos poemas na voz dos seus autores, comenta a recompilación de Cáccamo, da que destaca os fragmentos que abren e pechan o volume, extraídos de Praia das furnas (1983) e Vento de sal (2008). Da recompilación de Pato sublíña os poemas que dan comezo e fin ao volume, extraídos de Urania (1981) e Secesión (2009). Indica asemade a colaboración de Manolo Igrexas, Ignacio Vilariño e María Lado na lectura dun dos poemas no CD, tirado de m-Talá (2000), e o labor de masterización de Mig Seoane. Salienta finalmente o labor de edición destas dúas antoloxías por parte de Francisco Villegas e Cándido Meixide.

Infórmase da saída ao prelo desta antoloxía de Chus Pato en Edicións do Cumio.


Selección da produción literaria do pensador e literato Antón Losada Diéguez (Boborás, Ourense, 1884-Pontevedra, 1929). Este volume presenta unha introdución realizada por Teresa Seara, encargada da elección das obras, unha pequena biografía de Losada Diéguez e unha cronoloxía onde se resaltan os momentos claves da súa vida. A continuación, os textos preséntanse aglutinados baixo dous grandes epígrafes: no primeiro deles, referido á obra de creación, é onde se recolle parte da súa produción de ficción, que en relación coa poesía comprende “Neboeiro” e “Ano novo”. O volume complétase con dúas pequenas bibliografías, unha relativa ás obras elixidas para esta edición e a outra sobre o propio Losada Diéguez.

Tamén está descrito nos apartados I.4. Narrativa, III. 4 Teatro e V. 4 Ensaio deste *Informe*.


**Ponte Far, José António (coord.). O mellor de... Celso Emilio Ferreiro (1912-1979), escolma de textos e comentarios Xosé Carlos Caneiro, A Coruña: La Voz de Galicia, col. O mellor de ..., n.º 14, 2010, 141 pp. (ISBN: 978-84-9757-258-3).**


Xosé Carlos Caneiro comeza esta escolma de textos de Manuel Antonio cunha breve “Introdución” na que destaca algúns dos méritos do escritor, como o feito de ser un “propulsor de novas estéticas” e “posuír unha voz profunda e orixinal”. A seguir, ofrecece unha aproximación biobibliográfica á figura de Manuel Antonio Pérez Sánchez (Rianxo, 1900-1930), onde se salientan, entre outras cuestións, os seus inicios no discurso galeguista, os poemas como “arma de loita” e o vangardismo da súa obra como “sello intranferible” na literatura galega. Antes da antoloxía de textos, inclúese unha “Cronoloxía”, na que se resume brevemente o dito no anterior capítulo. O volume recompilatorio ofrece o manifesto Máis alá (1922), coescrito con Álvaro Cebreiro; sesenta e unha composicións pertencentes aos poemarios De catro a catro (1928), Con anacos do meu interior (1920), Foulas e Sempre e máis dispois e Viladomar. Cómprase que agás os pertencentes a De catro a catro, o resto de poemas foron recuperados na edición de Domingo García Sabell (1972). Ademais, ofrecese o apartado “Outros textos”, no que alén dunha cantiga popular do autor, se reproducen cinco artigos asinados en diversas publicacións da época (El Compostelano, Alborada e Galicia). Péchase o volume con dous apartados bibliográficos, un no que se indica a edición que se seguiu para a reprodución dos textos presentes, e outra, pasiva, sobre o poeta de Rianxo.

Cuarta achega da colección de literatura galega “O mellor de…” que desta vez está centrada na figura de Manuel Curros Enríquez (Celanova, 1851-La Habana, 1908). Comeza cunha introdución, na que se fala sobre a figura de Curros Enríquez, seguida dunha breve biografía que se detén nalgúns feitos importantes da súa vida. Despois, e baixo o título de “Cronoloxía”, atópase un sucinto catro cronolóxico das súas vivencias persoais desde o seu nacemento ata que en 1967 se lle dedicou o Día das Letras Galegas. A seguir, pódese ver unha antoloxía de textos currosianos: un breve texto en prosa xunto con poemas tirados de Aires da miña terra (1880) e O divino sainete (1888) xunto con outros poemas soltos. Este volume péchase coa “Bibliografía en galego” de Curros e mais coa “Bibliografía sobre Manuel Curros Enríquez”.

Recensións:


Fai unha descrición deste volume no que se subliña a importancia da figura de Manuel Curros Enríquez e onde se destaca o meritorio esforzo da súa autora. Con respecto a isto o recensionista recalca que por mor dun “trasno da imprensa” se lle atribuíu a el esta escolma cando a realidade é que a súa autora é Aurora Varela Caabeiro. Asemade tamén
indica que os volumes desta colección dedicados a Valentín Lamas Carvajal, Frei Martín Sarmiento e mais Vicente Risco tamén son obra de Aurora Varela.


Volume de carácter divulgativo, incluído na colección coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948), que presenta unha selección da obra poética de Manuel Leiras Pulpeiro (Mondoñedo, 1854) na que se acollen os poemas máis significativos deste autor. Consta dunha “Introdución” (pp. 7-8), unha “Biografía” (pp. 9-13) e unha “Cronoloxía” (pp. 15), con datos biográficos do autor que axudan a contextualizar a obra ao achegar as claves da poesía de Leiras Pulpeiro. A continuación reproducéese a escolma poética realizada por Xosé Carlos Caneiro (Verín, 1963), poemas tirados da súa primeira obra, *Cantares Gallegos*, do ano 1911 (pp.17-61) e das Obras completas, de 1930 (pp. 63-137), publicadas anos despois da súa morte. Os poemas antologados comparten o carácter costumista e intimista propio das creacións de Leiras Pulpeiro e un contido social e anticlerical, expresado a través do emprego dunha linguaxe orixinal enraizada nun vocabulario fértil e profundo. O volume péchase cunha Bibliografía primaria (p. 139) e unha secundaria sobre Manuel Leiras Pulpeiro (p. 141).

Referencias varias:


Primeiramente, xustifícase a elección de “antologar” a Manuel Leiras Pulpeiro aínda que tan só conta cunha obra publicada, *Cantares Gallegos*. Para iso, comézase facendo un breve recordatorio da elección do autor como o escritor homenaxeado no Día das Letras Galegas do ano 1983, destacando a súa figura por ser o creador “dunha obra de linguaxe orixinal enraizada nun vocabulario fértil e profundo”. Por outra banda, destánanse outros aspectos da súa obra coma a presenza das paisaxes de Mondoñedo ou o anticlericalismo presente na súa obra. A continuación fai un repaso pola súa produción literaria, os contidos destas obras e os anos das súas publicacións.


Volume que acolle a produción poética e prosística de Luís Amado Carballo (Luís Gustavo Amado Carballo, Pontevedra, 1901-1927), da cal achega unha escolma textual e comentarios Teresa Seara (Ourense, 1968). Ábrese cunhas breves “Introdución” (pp. 7-8), “Biografía” (pp. 9-11) e “Cronoloxía” (pp.12-13) de Amado Carballo nas que se destacan aspectos como a pertenza do autor á chamada “Xeración do vinte e cinco” ou “da vangarda” ou o ser o responsábel da introdución na literatura galega do hilozoísmo ou imaxinismo. A seguir, reproducéense poemas tirados de *Proel* (1927), o seu primeiro poemario (pp.15-37) de temática paisaxística, onde se mesturan composicións de
vanguarda co holozoísmo; do Galo (1928), unha obra póstuma (pp. 39-56) na que novamente destaca o emprego do holozoísmo nas súas composicións; e poemas soltos (pp. 57-65) que comparten entre si a temática paisaxística. O volume péchase cunha bibliografía primaria (p. 139) e outra secundaria sobre Luís Amado Carballo (p. 141).


Primeiro volume da colección de literatura galega “O mellor de…”, publicada por La Voz de Galicia e subvencionada pola Xunta de Galicia, que está centrado na figura de Rosalía de Castro. Comeza cunha “Introdución”, na que se reflexiona sobre a personalidade desta poeta e onde se fai unha breve aproximación á súa vida e á súa obra, seguida dunha “Biografía” que repasa todas as súas vivencias persoais. A seguir, reproducéuse un succinto cadro cronolóxico da vida de Rosalía de Castro e a antoloxía de poemas rosalianos tirados de Cantares Gallegos e mais de Follas novas. Este volume péchase coa “Bibliografía” de Rosalía e mais coa “Bibliografía sobre Rosalía”.


Volume dedicado a Valentín Lamas Carvajal (1849, Ourense) no que se abranguen as súas facetas como poeta, prosista e xornalista do final do século XIX galego. Recóllese unhas facetas como dos poemas Cartas ós gallegos (1875), Espiñas, follas e frores (1875-1876) e Saudades gallegas (1880).

Tamén está descrito no apartado V.1. Ensaio. Monografías deste Informe.


Aurora Varela Caabeiro é a responsábel desta selección de textos de Vicente Risco (Ourense, 1884-1963) que se presenta nunha nova entrega da colección “O mellor de…”, coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948). Abrese cunha “Introdución” na que se afirma que Vicente Risco é unha das figuras máis importantes da literatura galega, xa que tivo un papel relevante na iniciativa política e cultural da época, como as Irmandades da Fala e o Grupo Nós. Sinálase que destacou como novelista e autor de relatos curtos, pero que tamén foi novelista in castelán, historiador, xornalista, pedagogo, etnógrafo, orientalista e teórico do nacionalismo galego. Despois de lembrar que a este escritor se lle dedicou o Día das Letras Galegas en 1981, acóllese unha “Biografía”, na que se fai un percorrido polos trazos máis salientábeis da súa vida persoal e académica, e da súa obra, entre 1884 e 1981; e unha “Cronoloxía”, un esquema da biografía precedente onde se recollan eses mesmos datos resumidos e
ordenados cronoloxicamente. A continuación reproducense os textos poéticos antologados: varios poemas extraídos das súas Obras Completas 1 (1994). Este volume péchase cunha bibliografía activa de todas as obras de Risco escritas en galego e unha “Bibliografía sobre Vicente Risco”, na que aparece unha pequena relación de seis traballos que tratan a figura deste escritor, acompañados dunha pequena descrición de cada un deles.

Tamén está descrito nos apartados I.4. Narrativa, III.4 Teatro e V.4 Ensaio deste Informe.


Volume integrado na colección coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) no que, nesta ocasión, se recollen múltiples aspectos da vida e da obra do poeta do Rexurdimento Xoán Manuel Pintos Villar (Pontevedra, 1811-Vigo, 1876) ao longo de sete apartados. Ábrese cunha “Introdución”, na que Áurea Ramil Díaz salienta as proezas a prol da lingua galega máis significativas da traxectoria do poeta, á que lle segue unha “Biografía”, na que se explican os principais acontecementos da vida de Manuel Pintos, e unha “Cronoloxía”, coas datas máis destacadas na súa biobiografía. A seguir acóllense os textos e fragmentos antologados: unha selección d’*A gaita gallega tocada polo gaiteiro, ou sea carta de Cristus para ir deprendendo a ler, escribir e falar ben a lengua gallega, e ainda máis* (1853) e outros poemas, tales como “Os nenos” e “A Galicia”. Este volume péchase cunha “Bibliografía” activa e pasiva de e sobre este autor.


O profesor Jorge Rodríguez Padrón (As Palmas de Gran Canaria, 1943), versado na obra literaria de José María Millares Sall (As Palmas de Gran Canaria, 1921-2009), é o encargado de reunir baixo este título unha parte da produción poética do polifacético artista canario nesta edición bilingüe castelán-galego. Colaboran co mestre o ilustrador Antón Lamazares ( Lalín, Pontevedra, 1954) e outros dous especialistas de campo: ao lado insular, Selena Millares, quen achega decisivos datos familiares, afectivos e profesionais sobre o poeta; do galego, Luís González Tosar (Bos Aires, 1952), editor que facilita a publicación da antoloxía en Galicia. O volume conta cun prólogo asinado por Manuel Fernández Rodríguez no que suxintamente subliña cál foi a traxectoria do autor, qué tipo de poemas se agrupan nesta antoloxía e o forte vínculo que mantiña o literato co escrito e pintor lugueses Ángel Johán (Lugo, 1901-Madrid, 1965), feito este último que xustifica, entre outras cousas, á estreita relación de Millares co mundo cultural galego. Tras este preámbulo, incorporanse os case cen poemas deste autor e engádese un índice onde se recollen as composicións seleccionadas. O fin que pretende alcanzar con esta compilación Rodríguez Padrón é, ademais de recuperar aquela conexión atlantista entre Johán e Millares, presentar unha serie de creacións que
mostren, dun lado, a evolución estética do poeta insular; doutro, as súas principais achegas á poesía en castelán. Por este motivo, o catedrático estrutura este apartado en tres bloques: “Hasta 1980”/“Ata 1980”, “Hasta 2000”/“Ata 2000” e “Desde 2002”/“Dende 2002”. O primeiro, que consta de doce poemas, reflece a creatividade cultivada dende os anos corenta até os oitenta do século pasado; o segundo, de quince, a ensaiada a fins da centuria; e o terceiro, de setenta, a traballada xa no século XXI, “intensamente activa”. A pesar das disimilitudes que poidan expor cada unha das pezas poéticas, Rodríguez Padrón incide nas constantes que definen a empresa literaria de Millares: atenta mirada á linguaxe poética e á realidade circundante, pois a forma de expresión que practica o autor, surrealista e radical, revela non só a súa capacidade de coñecer e interpretar o mundo, senón tamén a súa actitude histórica e social no marco literario da España dos anos cincuenta. O desexo de ruptura co estabelecido, a densidade conceptual e a liña poética contestataria, comprometida e de realismo social son, asegura o prologuista, os eixos que vertebran esta tarefa literaria.

Referencias varias:


Dáse conta da publicación da antoloxía poética do canario José María Millares Sall por parte do Pen Clube nunha edición bilingüe galego-castelán. Recóllense as palabras de Luís González Tosar, nas que explica que este volume é unha homenaxe de Millares ao poeta e artista plástico galego Ánxel Xohán. Explicase que o volume se inclúe na colección “O Gato Tradutor”, que conta con ilustracións de Antón Lamazares, cunha selección realizada por Jorge Rodríguez Padrón e coa tradución de Manuel Fernández Rodriguez. Salientase a modernidade e innovación da creación de Millares.


Sinala o interese que tiña o poeta grancanario por ver publicados algúns dos seus traballos en lingua galega, xa que mantiña unha relación moi estreita coa cultura galega. Cita aos especialistas que participaron con Jorge Rodríguez Padrón na elaboración de tal desexo, nunca visto por Millares: Case cen poemas: antoloxia esencial.


Antoloxía coordinada por Antón Pulido e centrada na cidade de Vigo na que participan trinta e tres poetas. Conta cun prólogo, “Palabras preliminares”, de Xesús Alonso Montero, no que comenta que o ideador deste volume é Antón Pulido e onde fala de diversos aspectos da Cidade Olívica. Tamén conta con textos institucionais do presidente de Caixanova, do presidente da Fundación de Vigueses Distinguidos e mais do alcalde de Vigo. Os poemas que se recollen neste libro están todos redactados en galego, agás o de Carlos Oroza que está en español. Os poemas son: “Vento e rumor de Vigo”, de Alfonso Álvarez Cáccamo; “Vigo, a cidade do horizonte”, de Alfonso Pexegueiro; “Se digo Vigo… “, de An Alfaya; “(Cidade)”, de Antón Reixa; “Vigo do

Referencias varias:


Refírese ao certame poético “Vigo é Palabra”, integrado dentro dos actos do bicentenario que organiza o Concello de Vigo. Explicase que o certame recolle a trinta e catro escritores que expresan a súa “impresión íntima” da cidade. Coméntase que con estas achegas se publicará un volume coordinado pola Fundación Vigueses Distinguidos e prologado por Xesús Alonso Montero. Citanse entre os participantes a María Xosé Queizán, Xosé Luis Méndez Ferrín, Alfonso Álvarez Cáccamo e Luis González Tosar, entre outros.


Fállase do poemario Vigo é palabra, ideado para celebrar o bicentenario da cidade e que está coordinado por Antón Pulido e a Fundación Vigueses Distinguidos. Indícese que nel participaron trinta e tres autores, entre os que se atopa Alfonso Álvarez Cáccamo.


Antoloxía de poesía erótica realizada por Pura Salceda onde aparecen autores que escriben en castelán, catalán e galego. Comeza a antoloxía cun prólogo, firmado por Pura Salceda, onde explica os motivos que a levaron a realizar esta compilación de noventa autores. Sinala tamén que todos os poemas se vertebran en relación á temática erótica e destaca as diferentes formas estróficas que empregan os poetas. No libro
aparecen os seguintes autores galegos: Xoán Abeleira, Yolanda Castaño, Estevo Creus, Estibaliz Espinosa, Miguel Anxo Fernández Vello, Modesto Fraga, Xosé Lois García, Lupe Gómez, Antón Lopo, Xosé Luís Méndez Ferrín, Lucía Novas, Olga Novo, Emma Pedreira, Alfonso Pexegueiro, Luz Pozo Garza, María Xosé Queizán, Xerardo Quintiá, Elvira Riveiro, Claudio Rodríguez Fer, Cesáreo Sánchez Iglesias e Helena Villar Janeiro. Antes dos poemas de cada autor aparece un breve resumo da vida e obra literaria de cada un deles. Ademais os textos están traducidos ao castelán nas notas a pé de páxina.

Referencias varias:


Fálase sobre a publicación da antoloxía de poesía erótica feita pola profesora da Universidade de Cataluña, Pura Salceda, na que reúne a voz de noventa autores en galego, castelán e catalán, baixo o título de Érato bajo la piel del deseo. Saliéntase que a selección de fotos e textos correu a cargo dos propios autores e que se poden ler nas linguas orixinais. No caso dos vinte e catro autores galegos, tal como se indica, conviven autores de varias xeracións, tales como Olga Novo, Estevo Creus, Xosé Luís Méndez Ferrín, Helena Villar Janeiro ou Lucía Novás.


Entrevístase a Lucía Novás Garrido co gallo da aparición de dous textos seus nunha antoloxía de poesía erótica titulada Érato bajo la piel del deseo, onde se recollen textos en galego, castelán e catalán. Fala a poeta sobre a súa infancia e adolescencia e sobre as influencias que recibiu na súa poesía.


Anúnciase a presentación na Librería Arenas da Coruña da antoloxía Érato bajo la piel del deseo, de Pura Salceda, na que se inclúen varios poetas galegos, algúns dos cales, como Lucía Novás ou Xoán Abeleira, dise que acompañarán no acto de presentación á coordinadora e ao editor Basilio Rodríguez Cañada.


Dise que a cidade da Coruña acolle a presentación da antoloxía de poesía erótica Érato bajo la piel del deseo, coordinada pola profesora Pura Salceda. Son, segundo se indica, noventa poemas escritos en galego, catalán e castelán por autores xa consagrados e outros que comezan. Danse o nome dalgúns dos autores antoloxados.

Fálase sobre a nova antoloxía de poesía erótica que publica dende Madrid Sial Edicions, ideada e coordinada por Pura Salceda, que inclúe noventa poetas en castelán, galego e catalán. Lémbrase que o amor erótico foi e segue a ser tema central na poesía de todas as culturas e considérase que esta antoloxía se converte na mellor mostra deste xénero na actualidade. Por último faise referencia a que nela se atopen todos os matices posíbeis do erotismo: dende o máis explícito até o menos.


Acóllese o poema “Bo día meu amor”, recollido na Antoloxía de Poesía Erótica.


Antoloxía de literatura galega, en edición bilingüe galego-inglés, composta por doucecentos oitenta e cinco textos de cento cincuenta autores, que fai un percorrido dende a literatura da etapa medieval, incluíndo as cantigas, ademais dun par de textos en prosa, pasando polo período denominado “Séculos Escuros” que recolle unha pequena mostra de textos escritos, todos eles en verso, durante os séculos XVI e XVII, para continuar cos séculos XVIII e XIX, dos que se presenta unha selección de textos, a maioria deles poéticos, ainda que tamén aparece recollido algún conto e algunha outra narración, para terminar a principios do século XXI. Conta ademais con dúas achegas introductorias: “A Short Introduction to Galician Literature”, de Luciano Rodríguez Gómez (pp. 25-33), na que se fai unha breve historia da literatura galega, e “The Galician Language: An Unfinished Task”, de Manuel González González (pp. 34-47), onde se revisan as cuestións sociolingüísticas do galego e como inflúen na produción literaria, cultural e no recoñecemento social. Fálase da situación de convivencia entre galego e castelán, describendo os procesos de diglosia funcional e de bilingüismo diglósico que se producen na Comunidade Autonómica Galega, e destácase a importancia do Centro Ramón Piñeiro como eixo dos estudos sobre lingua, literatura e cultura do país. Da obra poética dos séculos XVI e XVII (pp. 107-114) recóllense o Cancionero de Upsala e catro obras en verso de Pedro Vázquez de Neira, Xoán Gómez Tonel, Diego Antonio Cernadas e Xosé Cornide Saavedra, respectivamente. En canto aos séculos XVIII e XIX (pp. 115-236), reúñense os textos máis temperáns de Marcos Parcero, Antonio María de Castro e Neira, Nicomedes Pastor Díaz, pasando por unha selección d’A gaita gallega, a colección de Xoán Manuel Pintos, os poemas de Eduardo Pondal, Rosalía de Castro e Manuel Curros Enríquez ou Manuel Leiras Pulpeiro. En canto á produción poética do século XX (pp. 237-651) aparecen recolleitos poemas de autores como Ramón Cabanillas, Manuel Antonio, Luís Amado Carballo, Emilio Pita ou Lorenzo Varela, Eduardo Blanco Amor ou Celso Emilio Ferreiro, Bernardino Graña, Antón Avilés de Taramanco ou Arcadio López-Casanova, Afonso Peixegueiro, Xosé Maria Álvarez Cáccamo, Xulio López Várcarcel, Ramiro Ponche, Miguel Anxo Fernán-Vello, Manuel Forcadelo, Lois Pereiro ou Román Raña, entre outros moitos. Recóllense así mesmo dous poemas do século XXI, un de Yolanda Castaño e outro de Mª do Cebreiro Rábade Villar, como representantes da poesía que se fai actualmente en
Galicia. Esta antoloxía pretende, segundo reza no prólogo inicial, achegar a literatura galega a outros lectores, como simbolo dunha tradición cultural que traspasa fronteiras xeográáficas e lingüísticas.

Descrito tamén nos apartados I. 4 Narrativa e XI.5 Medieval deste Informe

Recensións:


Explicase que son varias as antoloxías publicadas en lingua inglesa de poesía galega, como *Breogan’s lighthouse*, realizada por Antonio Raúl de Toro Santos, na que se inclúen douscentos textos da historia da Literatura galega. Explicanse que os contidos recollen poemas que representan a lírica medieval, dos Séculos Escuros, do Rexurdimento e unha ampla nómina do século XX. Saliéntase tamén a inclusión dun traballo de contextualización da literatura galega de Luciano Rodríguez e da historia da lingua de Manuel González González. Remátsase referindo a listaxe de tradutores que participaron na obra.


Coméntase que por primeira vez se aglutina nunha antoloxía a esencia da literatura galega, oitocentos anos nos que se recolle o labor de homes e mulleres cos que se está en débeda e por iso “debemos continuar a súa tarefa e o seu compromiso”. Considera que unha boa medida para renderlles a homenaxe que merecen é dalos a coñecer e facelos accesíbeis fóra das fronteiras galegas, nunha reivindicación e forma de obter o respecto e a admiración pola cultura e identidade galegas. Explicase que estes son os obxectivos de Antonio Raúl de Toro Santos, editor da obra, que chama a atención sobre a editorial que o publicou. Tamén se sinala que participan Luciano Rodríguez Gómez e Manuel González González, quen achegan traballos de contextualización fundamentais, amplas panorámicas en clave cultural, histórica, sociolóxica e política. Por último alúdese ao labor dos tradutores.


Comeza sinalando o gran logro que é para a cultura galega a publicación desta antoloxía, editada por De Toro Santos, que ofrece unha “impoñente panorámica da nosa lingua e a nosa literatura”. Repasa algúns datos da obra, como o número de autores antologados, as autoridades que participaron no acto de presentación e as colaboracións de Luciano Rodríguez e Manuel González. Dá conta da presentación na Fnac, na que sinala que el mesmo participou e anuncia que será presentada tamén en diferentes lugares de Inglaterra. Repasa algúns dos nomes dos creadores antologados, referentes de calidade que representan madureza literaria e destreza creativa dun “país que desexa facerse ouvir”. Lembra que este pulo creativo é froito dunha longa historia de sufrimentos de persoas ás que se lle debe o respecto e a homenaxe por teren contribuído a que Galicia sexa capaz de “mirar ao mundo cara a cara, sen complexos,
sen remorsos”. Cualifica a antoloxía como “un auténtico faro das nosas letras”, un volume pioneiro que nos fai sentir máis unidos como pobo. Sinala que esta obra é unha boa mostra de todo o que pode ofrecer Galicia, que dá visibilidade e favorece o recoñecemento internacional, unha excelente carta de presentación. Remata falando do orgullo de ser galego cando se está fóra e a necesidade de reivindicar o noso lugar de orixe, aínda que por veces resulta difícil expresar a identidade con exactitude, o que resultará máis doado a través de obras como esta antoloxía, un agasallo e mostra “máis certeira esencia da nosa cultura galega”.

Referencias varias:


Coméntase a importancia que ten a publicación, por parte da editora inglesa Francis Boutle, dunha antoloxía completa da literatura galega en edición bilingüe galego-inglés co título de Breogan’s Lighthouse. Dise que é fruto do labor dun equipo de tradutores de varias universidades galegas e da británica de Oxford, coordinadas polo profesor Antonio Raúl de Toro, director do Instituto Universitario de Investigación de Estudos Irlandeses Amergin (Universidade da Coruña). Sublinouse que está pensada para o circuito comercial e non académico e que a maioría das traducións que se inclúen son inéditas, acompañadas de dúas introducións, unha sobre a historia e a situación actual da língua galega e outra sobre a súa literatura. Fálase logo doutra antoloxía que tamén se publica en Edicións Xerais de Galicia e na editorial Galaxia, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne e que leva por título Anthology of Galician Literature.


Fala dos Encontros de Escritores e Tradutores de Castrillo de los Polvazares e comenta a Antoloxía de literatura galega, traducida ao inglés, de Raúl del Toro; Alá no noroeste...unha cartografía do Camiño en León, e algunha tradución como As frechas de ouro (2004), de John Rutherford.


Describese o desenvolvemento dunha reunión de tradutores e escritores en Astorga na que se fala tamén da aparición da Antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-inglés e da importancia que este feito supón para a proxección internacional da literatura galega a selección de máis de seiscentas páxinas da mesma.


Fálase sobre unha nova antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-inglés, co título de Breogan’s Lighthouse, na que participan un grupo de tradutores e escolmadores dirixidos por Antonio de Toro. Dise que reúne máis de trescentos textos de diferentes xéneros e diferentes épocas representativas da Literatura galega. O propio
Antonio de Toro fala aquí sobre a importancia desta obra para a proxección internacional da Literatura galega.


Dáse conta da aparición da antoloxía en edición bilingüe galego-inglés Breogan’s Lighthouse (O faro de Breogán), como culminación dun proxecto levado a cabo polo profesor da Universidade da Coruña Antonio de Toro cuxo fin, tal como el aclara, é a proxección internacional da literatura galega a través de máis de setecentas páxinas. Recólense, segundo se di, textos de diferentes xéneros dende as orixes da literatura galega até o ano 2010 e publicáse na editorial inglesa Francis Boutle. Tras a presentación na Universidade de Oxford preténdese, tal como se indica, presentala tamén na universidade de Santiago de Compostela e na Coruña.


Anúnciase a publicación desta antoloxía de amplo espectro temporal, que se salienta como unha vantaxe. Expícase que o xerme é un vello proxecto de Edicións Xerais de Galicia que non se completou e que De Toro Santos ampliou en autores, textos e xéneros. Recólense as palabras do editor, nas que explica a innovación de abranguer até a actualidade, fronte a outras propostas que chegan aos anos oitenta, saliéntase o carácter divulgativo da obra, dirixida a moitos tipos de lectores e a preocupación por seleccionar un amplo número de creadores canónicos. Remátase aludindo á contextualización de Luciano Rodríguez e Manuel González e ao equipo de tradutores, ademais das presentacións que terán lugar en Inglaterra e Galicia.


Faise eco da presentación en Santiago de Compostela da antoloxía Breogán’s lighthouse, coordinada por Antonio de Toro, e coméntase que para cubrir o período abranguido (séculos XIII-XXI) foi preciso contar co traballo de varios expertos durante máis de dous anos.


Anúnciase a presentación na galería Sargadelos da Coruña da antoloxía editada por Antonio de Toro Santos. Expícase que ao acto asistiron diferentes autoridades e que contou co apoio de institucións como a Dirección Xeral de Difusión Cultural e o Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades. Sinálase o amplo abano de autores e o marco temporal da obra e recólense as palabras do editor na presentación na que salientou a importancia de trasladar á lingua inglesa a cultura galega para dala a coñecer en todo o mundo. Dise que tamén se referiu ao carácter divulgativo da obra. Por último, recólense as palabras de Francisco López, representante da Consellería de Cultura, que considera que esta obra é o camiño a seguir e que o seu departamento mercará exemplares para levar aos Institutos Cervantes de todo o mundo. En cadro á
parte reproducense declaracións de Antonio de Toro Santos sobre a visibilidade que dá o emprego da lingua inglesa e recóllense algúns dos nomes dos autores incluídos na antoloxía.


Escolma da obra poética de Bernardino Graña Villar (Cangas do Morrazo, 1932), producida entre 1958 e 2008. Abre o volume un retrato do autor realizado por Camilo Caamaño en tinta negra e unha cita de Bernardino Graña sobre a creatividade e diversidade lingüísticas. Baixo o título “Notas biográficas” dá comezo o primeiro apartado deste volume, que achega datos numerosos sobre a traxectoria vital deste autor. O segundo apartado, “A obra poética de Bernardino Graña”, está dividido en dez pequenas seccións constituídas polos seus nove volumes de poesía editados, que son analizados, xunto a unha breve conclusión na que se afirma que a súa poesía é fónica e non visual e se alude á súa “Autopoética”, publicada no Boletín Galego de Literatura. Nun terceiro apartado inclúense: “As obras de Bernardino Graña” e “A bibliografía selecta de estudos sobre o poeta e a súa obra”. Segue a isto un apartado que recolle os “Criterios de Edición” e, de seguido, a escolma propiamente dita. Péchase o volume cunha “Reflexión autopoética” (p. 209) e unha “Autopoética” (pp. 211-212), así como cos correspondentes índices dos contidos.


Recompilatorio dos vinte e cinco anos de publicacións do certame de poesía María Soliño organizado polo IES María Soliño de Cangas. Logo dun prólogo no que se subliña a importancia do certame como apoio no camiño da normalización lingüística, inclúese a nómina de textos gañadores, precedida por textos de Anxo Angueira, Beatriz Dacosta, María Lado, Bernardino Graña ou Xosé María Álvarez Cáccamo, persoas que colaboraron no certame como xurado. Como xa se anunciaba no prólogo, a nómina de premiados revela un grupo de autores e autoras que continuou e consolíduo a súa posición no sistema literario galego, e/ou se encontra hoxe en “plena madurez creativa”: Olalla Cociña, Samuel Solleiro, David Souto, Óliver Escobar Rodriguez, Beatriz Dacosta, etc.

**Referencias varias:**


Refírese a celebración dos vinte e cinco anos de historia do Certame de Poesía María Soliño, dirixido ao alumnado de Secundaria galego e convocado polo Instituto de Ensino Secundario co mesmo nome de Cangas. Para festexar a data, o centro educativo editou no selo Rinoceronte un volume recompilatorio de todas as edicións do concurso,
que inclúe, ademais dos premiados ao longo dese cuarto de século, poemas e textos escritos expresamente para esta publicación. Entre os actos salienta un recital en homenaxe aos poetas falecidos Xela Arias e Ramiro Fonte. Sobrancean na nómina e na noticias os nomes de Xosé María Alvarez Cáccamo, Manuela Álvarez Lozano, Anxo Angueira, Eduardo Estévez, Bernardino Graña, Rafa Villar, Olalla Cociña, Beatriz Dacosta e un longo etcétera, gañadores de edicións pasadas que conseguiron o recoñecemento co paso do tempo.
III. TEATRO

III.1. DRAMATURGOS GALEGOS


Marcos Abalde Covelo (Vigo, 1982) asina un texto de estética posdramática escrito en galego reintegrado que versa sobre o carácter destrutivo que domina as relacións humanas en Occidente. Os personaxes son: Mendigo, A, B, C, D, Polícia 1, Polícia 2, Mai. A obra comeza cun manifesto en verso titulado “Manifesto Maquinartaud” (*in memoriam m. a. c.*) que recupera e adapta a proclama dun teatro brutal e cruento “que reconheca o sonho como essência da vida” e abrace o exceso e o aceso que agroma no límite da linguaxe fronte á Europa neoliberal e caníbal que, como se di na contracuberta do libro, mira cara a outro lado perante “essas três quartas partes da humanidade emprobrecedas, violadas, torturadas e ignoradas unha e outra vez”. Na derradeira liña do limiar afirma: “Ouve-se un grito: Morte a Ocidente! / Deste modo, comeza a acção”.

Unha acción que é un cuspir violento na cara do Outro, quen queira que o Outro sexa. De estrutura fragmentaria, está ambientada en Sarajevo, un dos berces da cultura occidental e sitio de atrocidades xenocidas. O drama desenvólvese en tres actos, “Europa é vento”, “Umha maquinaria insone” e “A sintaxe da amputación”. Péchase cun “Epílogo” titulado “Teatro-cicatriz” que desenvolve un breve diálogo metateatral entre A e B co que se completa a proclama dun teatro do real, non reprodutivo, exposta no manifesto inicial. As catro intervencións finais ilustran a ligazón coa renuncia artaudiana a tiranía metafísica e logocéntrica en Occidente: “A: O nosso é un teatro teológico. / B: Grande merda! / A: Onde o verbo se fixo carne. / B: Quando a carne se fará verbo?”. *Canibalismo* está dedicado a a. o. l. b e, a continuación do manifesto inicial, introduce tres citas pertencentes, respectivamente, a A *tempestade*, de William Shakespeare; *A nossa música*, de Jean-Luc Godard; e *Cando chega decembro*, de Manuel Lourenzo.

**Recensións:**


Lembra que esta peza de teatro foi merecedora do XI Premio Josep Robrenyo de Teatro, concedido pola Associació d’Investigació i Experimentació Teatral en 2008. Sinala que non se trata dun texto teatral ao uso, que o prólogo funciona a modo de manifesto e que se afasta do teatro figurativo. Explica que o dramaturgo seguiu a Heiner Müller na concepción de que é máis interesante para o teatro o texto que ofrece resistencia á representación, polo que considera que Abalde evidencia a través das extremas da linguaxe as relacións de poder e dominación, o capitalismo, a necesidade dun Outro para erixirmonos nun Eu e en autoridade. Da linguaxe salienta o contraste entre o manifesto e os silencios, nos que sobresae unha gran dose de violencia. Do texto sinala que non ten indicacións sobre o espazo escénico nin as personaxes, que se localiza en Sarajevo, pero que representa calquera cidade occidental. Dos personaxes considera que
manteñen relacións que son tamén metonímicas e entre eles o fío argumental é a cadea de devoracións, de modo que o teatro serve de laboratorio no que observar a depredación.

Referencias varias:


Reflexiona sobre a importancia das subvencíons dentro do sistema literario galego e indica que a editorial Estaleiro presenta as obras Canibalismo, de Marcos Abalde; e Tres cores: azul, de Moncho Iglesias.


Xogo dramático baseado en Alicia no País das Marabillas, de Lewis Carroll, que lle foi proposto a Paula Carballeira (Fene, 1972) por Produccións Artísticas S.L., compañía nacida da unión entre Factoría Teatro e Disque Danza. O proxecto, dedicado “a todas as especies en perigo de extinción”, foi estreado o 13 de outubro de 2010 no Auditorio Municipal de Vigo. Reprodúcese a ficha artística. Baixo a dirección de Alfredo Rodríguez e Olga Cameselle, o elenco formado por Anabel Gago, Gena Baamonde, Toni Salgado e Uxía Vaello deron vida a Alicia1 e Alicia2. A desproporción é coherente coa asimetría formal e temática proposta por Paula Carballeira ao nivel textual. “Unha tarde... se cadra unha mañá... Alicia deixou de ser a que era e volveuse outra. Ou ao mellor sempre houbo dúas Alicias”. Alicia & Alicia é un xogo de identidades múltiples, cruzadas, indeterminadas, esquecidas, anovadas, desexadas, que non se deixa conter na liña estrita do tempo, que só é no punto da confusión entre pasado, presente e futuro. Alén da relación intertextual que a peza establece cos relatos de Carroll pero en estreita relación con ela, as dimensóns metateatral e metanarrativa son fundamentais. O texto estrutúrase en doce secuencias, nomeadamente: “Poema inicial”, “O Tobo”, “O Mar de bágoas”, “A Eiruga azul”, “Porco e pementa”, “O Gato de Cheshire”, “Unha merenda de tolos”, “A Raíña de Corazóns”, “A Tartaruga Artificial”, “Sopa de tartaruga”, “O xuizo” e “A Irmá de Alicia”. Non contén outras cotas escénicas máis que as que indican qué personaxes interveñen en cada secuencia. Ademais de Alicia 1 e Alicia 2, interveñen o Coello branco, o Sombreireiro, o Rato, a Eiruga azul, a Cociñeira, a Duquesa, o Gato de Cheshire, a Lebre, o Grifón, a Tartaruga...
artificial y la Raína de corazones. No espectáculo, todos los personajes son interpretados entre los cuatro intérpretes/danzantes arriba citados.

Recensiones:


Comeza reflexionando sobre el significado del personaje de Alicia y la metáfora que representa de maduración y conocimiento, así como la importancia de la olla inocente de infancia en el camino cara al aprendizaje, elementos que atoran en obra de Paula Carballeira. Apunta que a través de esta pieza la creadora galega enfrenta al lector/espectador al misterio de una olla irónica e inocente a un tempo. Considera que en su obra Pressing-Cacht (2009) Carballeira escribe a pé de escena, dado que ten mi presente a representabilidad del drama, aínda que prime o literario sobre o teatral. Da estrutura sinala que son escenas cortas y que el protagonismo de dúas Alicia, das que non se chega a saber se conforman unha dualidade bipolar ou clónicas, ao se solaparen e superponeran as súas personalidades. A audacia no tratamento da personaxe engade a libertade coa que Carballeira dispón os elementos dramáticos, o sentido del ritmo e la simbiose del lúdico co cruel. Por último di que Carballeira é fiel a Carroll no tratamento da loucura controlada, á que engade elementos da tradición musical infantil galega, polo que recomenda la lectura da obra.


Obra de teatro de Paula Carballeira Cabana (Fene, 1972) que reflexiona con sentido del humor sobre la violencia cotidiana y la fascinación por la sociedad actual. Abrese cun “prólogo desnecesario” de Quico Cadaval titulado “Ás hóstias ou ás tombeadas?”, que expón a súa teoría de que la violencia siempre estuvo presente en todos los tiempos y en todas las personas, sobre todo durante la infancia. Para titular la obra, la autora tomou o anglicismo “Pressing Catch” que se importou para nomear la lucha libre americana, sempre adornada con espectáculo; y así, tamén toma algunas de las súas convenciones como los luchadores, la acrobacia y la música electrónica, heavy e hip hop que la acompaña; pero tamén algunas variantes como diálogos cuidados, la presencia feminina y la descontextualización de la lucha. Deste modo, el escenario convértese nun ring que se ocupar un espacio de ficción como el teatro, pero á súa vez vai ter certo paralelismo coa realidad, xa que nela aparecen luchadores e luchadoras anónimos que realizan actos de violencia diariamente, sen lles dar importancia. A obra está protagonizada por catro personaxes: o DJ, que presenta el espectáculo y manexa a música, e polo tanto, el ritmo dos movimientos e as palabras; Lola, unha luchadora que coas súas palabras pretende botar toda a rabia que leva dentro; Hellmaster, un luchador que, aínda que domina a dialéctica e la lucha física, non é capaz de dominar a súa vida familiar e leva as súas emociones e problemas a escena; a Chorona, a luchadora máis perigosa, xa que recorre á chantaxe emocional para ganar e conséguese; e, finally, o árbitro que non quería ser heroe pero que lle tocou asumir o papel que ninguén quere, o papel de evitar a dor e conseguir que la violencia siga as normas e
sexa limpa e que, aínda que non sabe alemán, de cando en vez deixa caer algunhas palabras nesta lingua no medio do seu discurso. A acción vaise desenvolvendo acompañada de música, de coreografías e de vídeos que recollen escenas da violencia cotiá que se produce nas rúas de calquera cidade.

Recensións:


Achégase á obra de Paula Carballeira, Pressing catch, e sinala que a autora sabe dialogar coa teatralidade da violencia espectacularizada facendo uso de técnicas metateatrais e distanciadoras. Tamén sinala que Carballeira fai ver á sociedade aquelas cousas que non ve e que demostra unha preferencia polo combate dialéctico, polo enfrontamento de ideas e actitudes. Sinala que a concepción dos personaxes, presentados por medio da proxección de vídeos que ironizan coa sintética linguaxe televisiva, deita un interesante desafío a personaxes-se individual con aspiracións de se converter en arquetipos, ademais de destacar a figura do árbitro, case hamletiano, lle insufla ao texto un dinamismo máis propio das táboas de ring de boxeo ca dun escenario teatral.


Sinala que non é unha obra para rapaces, pero cre que “há ser un título moi lido entre os escolares”. Ademais de informar que a obra foi posta en escena baixo a dirección de Quico Cadaval, refírese ao argumento indicando que o tema é a análise da violencia, e que malia ser “abondo tratado ao longo do tempo”, non lle quita interese. Por outro lado, indica que o referente xenérico é o entremés e xustifica a opinión de porque a lectura ofrece “unha vantaxe sobre a representación teatral”, como é a de facilitar o acceso á simboloxía do texto.

Referencias varias:


Entrevistada con motivo da presentación de Pressing Catch na libraría Couceiro de Santiago de Compostela, Paula Carballeira expresa que o libro está escrito pensando na representación escénica e que estádirixido a adultos.


A estrutura da peza destaca pola escasa presenza de acoutacións, así como pola existencia de epígrafes dentro das partes (1.1. Interior dela, 1.2. Exterior día, 1.3. Interior del,...; 2.1. Interior día, 2.2. Exterior dos dous, etc.). Deste modo, vertébranse as secuencias: dialogadas ou de interiorización, onde teñen cabida as reflexións sobre temas diversos, con cadanxeu criterio e pensamento desigual, como a práctica vexetariana, os efectos da sociedade de consumo, a dicotomía campo/cidade, a actuación sobre inxustizas sociais, etc. Alén destes temas, outras feridas do pasado reábrene, ao tempo que se vai conformando a conciencia na psicoloxía dos personaxes, a medida que avanza a obra. O libro contén catro ilustracións, incluída a da cuberta, de X. Cobas.

Recensións:


Indica que esta peza teatral acadou en 2009 o premio Rafael Dieste e asemade comenta algunhas das súas características. Detalla que consta de tres partes denominadas “Contrato”, “Consumo” e mais “Vento”, que mestura diferentes técnicas e que nela se recollen momentos da existencia dun home solitario e mais dunha moza cooperante e solidaria.


Peza dramática de Santiago Cortegoso (Moaña, 1974) que reflicte os odios e rancores que se derivan tras o reparto dunha herdanza familiar. Manolo Rei, dono dunha casa de comidas que leva por nome Casa O’Rei, atópase moi enfermo e decide ir aos Estados Unidos para someterse a un tratamento que poida mellorar a súa saúde, malia ser consciente de que non existe solución. Antes de marchar reúne as súas fillas, Rita, Maribel e Cordelia e os maridos das dúas primeiras, co fin de deixar repartidos os seus bens. Prodúcense así varios enfrontamentos entre os herdeiros ao deixarlle a casa a dúas
delas e botar a outra fóra. Ao longo das doce escenas que conforman a obra van xurdindo os odios e rancores entre os personaxes debido á pretensión dalgún deles de cambiar o estilo das comidas e modernizar o menú. Intercálanse entre as escenas monólogos de cada un dos personaxes até que na escena final o vello Manolo Rei, tras volver dos Estados Unidos, decide xuntalos a todos no restaurante para degustar un cocido que el mesmo fixo. Isto ocorre tras a morte de Cordelia, porén nesa comida parece presaxiarse un final aínda máis tráxico pensado e organizado polo vello, decepcionado tras descubrir a verdadeira personalidade da súa familia. O ton coloquial no que está escrita a peza permite unha fácil e áxil lectura; conta cun único espazo: a cociña da casa de comidas O-Rei. As acoutacións son curtas e escasas e destacan unicamente as que serven para situar os personaxes e as súas accións dentro de cada escena.

**Recensións:**


Breve achega a esta obra na que se comenta que é unha transposición do vello drama *Rei Lear*, de Shakespeare, no que vemos como un vello coçiñeiro cede o seu posto de traballo a dúas das tres fillas.


Clara Gayo (Vigo, 1971) achega mediante esta publicación dúas pezas dramáticas breves. A primeira, “Movidas” está dedicada a seus compañeiros do obradoiro de dramaturxia onde comezou a escribir a peza e a outros amigos e foi presentada ao público como lectura dramatizada na compostelá Sala Nasa baixo a dirección de Xron. Desenvólvese nun único escenario, o salón dunha casa, e non presenta división en escenas, senón que a entrada e a saída dos personaxes veñen dadas polas acoutacións. Nesta peza achégase a traxedia da lapidación ao mundo occidental, aínda que tratado con certa dose de ironía, a través do personaxe de Estrela, condenada a esta morte. Estrela, que amosa a súa enteireza perante este dramático acontecemento, decide vestido, recibe a un ourive para escoller unhas xoias, dá consello á avoa Soledad, quen a partir de entón quedará a cargo das súas dúas fillas (Mónica e Lucía) e mesmo contrata un pallaso para a máis pequena, Lucía. Finalmente, resulta que todo o acontecido era produto dun soñoxo de Lucía. A segunda das pezas, “Razóns de Peso”, está dedicada a Anabell Gago, Chelo do Rejo, Ana Puente, Lorena e Vítor. Tamén se desenvolve nun único escenario, aborda a temática da ambición, a superficialidade, o culto ao corpo e os complexos físicos. Laura secuestra a Cecilia, para impedir que esta collese un avión a Roma, para incorporarse ao seu novo posto de traballo como directora dunha sucursal bancaria, ascenso que cobizaba Laura, pero que finalmente recaera en Cecilia por manter unha relación sentimental co xefe. Tras unha conversa na que as mulleres se van confidencias, Cecilia consegue despistar a súa secuestradora e facer unha chamada ao seu xefe; chega a policía, e as mulleres saen da oficina, facendo crer que todo fora un malentendido.
Recensiúns:


Sinala que coa saída do prelo de Movidas/Razóns de peso, de Clara Gayo, Estaleiro Editora se reafirma na vontade de publicar teatro e ensaio e de promocionar autores en galego sen obra édita. Refírese ao labor de Gayo no ámbito teatral e intúe que as lecturas e postas en escena de Movidas están entre “a ironía e a perspectiva cómplice co facer feminista dunha autora que amasa mulleres contraditorias, presas de condicionamentos seculares, e por iso decididas a actuar inscríndolos corpos nas fendas dunha cultura lapidaria”. A seguir, achega o argumento e analiza os dous textos que inclúe este volume, así como se refíre á súa representación escénica.

Referencias varias:


Dá conta das Xornadas de Edición Independente organizadas na Biblioteca Ánxel Casal por Corsarias e Estaleiro Editora. Coméntanse as diferentes actividades desenvolvidas, entre elas, as sesiões de debates e a presentación de publicacións. Dise que as xornadas concluíron cunha festa na que se presentou o texto teatral Razóns de peso, de Clara Gayo. A seguir trátanse as mesas redondas que tiveron lugar nas Xornadas.


Infórmase da presentación do primeiro libro da actriz e dramaturga Clara Gayo, Movidas/Razóns de Peso, dúas pezas teatrais publicadas por Estaleiro Editora dentro da súa colección de Teatro, que dá cabo a autores inéditos e aposta polos xéneros como o teatro ou o ensaio, descoñecidos pola industria editorial, xa que creen que todo tipo de produtos poden ser creados e consumidos en galego. Por outra parte, neste artigo tamén se achega un esbozo do currículo da autora.


Entrevista á actriz e escritora Clara Gayo, precedida por unhas liñas nas que se resume o seu currículo. Gayo lembra a súa infancia, explica o motivo que a impulso a estudar Traballo Social, fala da súa experiencia dentro do proxecto da Casa Encantada, da súa faceta como fotógrafa e da súa vinculación ao movemento feminista. Por outra parte, Gayo afirma que non lle interesa o teatro anterior ao século XX, porque coida que o teatro ten que ser revolución e reflexo dunha sociedade, do seu sentir e modus vivendi. Con respecto á peza teatral “Movidas”, comenta que xorde dun exercicio do primeiro curso de escrita teatral organizado polo Centro Dramático Galego e que nela se traslada o tema da lapidación das mulleres a Occidente. No tocante a “Razóns de Peso”, Gayo afirma que foi unha encarga de Pinguela Teatro e Anabel Gago na que dúas mulleres opinan sobre o que supón estar gorda ou fraca.
Entre as doce personalidades da vida social e cultural galega, o dramaturgo Rubén Ruibal recomenda como lectura dúas obras dramáticas: *Movidas/Razóns de peso*, de Clara Gayo, e *Flores de Dunsinane*, de Manuel Lourenzo.


Volume no que se reproducen as pezas dramáticas que foron galardoadas no IV Premio Diario Cultural de Teatro Radiofónico da Radio Galega nas súas diferentes modalidades: premio do xurado, “Indoor”, de Vanesa Martínez Sotelo; premio da audiencia, “O vento da illa”, de Begoña García Ferreira; e a peza dun dos finalistas, “Nunca me esquecerei de ti”, de David Rodríguez Rodríguez. Nun breve limiar, “A fascinación das ondas” (pp. 7-11), Ánxeles Cuña Bóveda dá conta das características principais dunha peza teatral destinada a ser escoitada pola radio e salienta trazos dos títulos, da acción, dos personaxes e da estrutura das tres pezas galardoadas. A seguir, reproducense as tres pezas dramáticas:


Caracterízase polo elevado simbolismo suxestionado, no que a obra ao completo parece ser unha metáfora que agocha unha crítica á sociedade actual, á vertente economicista, ao ritmo agobiante no que vive a cidadanía, etc., impregnando o texto dunha estrutura que traslada unha gran tensión ao “ouvinte” (lector).


Conta cun único espazo, a barra dun bar, no que dous aparentes descoñecidos quedan para verse. Ao final da historia descubrirase que a protagonista xa coñecía o home da cita e pretende “vingarse” por un dano do pasado.

- **David Rodríguez Rodríguez**, “Nunca me esquecerei de ti”, Finalista, pp. 45-73.

Por último, a peza que pecha este volume contén diferentes espazos tanto físicos coma temporais, a cabalo entre o pasado e o presente, entre unha escavación e o escenario dunha obra teatral, no que transcorre a historia.

**Recensións:**


Centra o seu comentario nas obras incluídas no volume *IV Premio Diario Cultural de Teatro Radiofónico*. Sinala que Vanesa Martínez Sotelo e a súa obra *Indoor* foron
galardoadas co Premio do Xurado e que se trata dunha obra contida de ton contemporáneo, de toques absurdos, na que unha lectura reflexiva fai que o texto gañe sen dúbida á experiencia exclusivamente auditiva na que debe cobrar importancia a historia. Así mesmo, considera, entre outras cuestións, que *Indoor* semella máis ben un exercicio dramático misterioso e estilizado que nos achega máis ao terreo lírico da suxestión ca ao terreo ficcional da narración pura. En relación á obra premiada pola audiencia, *O vento na illa*, de Begoña García Ferreira, estima que se trata dun texto inteliixente que se desenvolve a través dunha historia ben levada e que nos conduce á imprescindíbel base narrativa do teatro para escocitar, así como nela a autora demostra talento no dominio do dialogo e da tensión dramática. Por último, refírese ao texto finalista de David Rodríguez Rodríguez, *Nunca me esquecerei de ti*, que afirma se amosa como un bosquexo de algo que podería ser unha obra de maior envergadura, cunha maior concreción da acción e dos propios personaxes.

  Faise referencia á publicación dos textos dramáticos resultantes do “IV Premio de teatro radiofónico Diario Cultural”, no que se inclúen o texto gañador, *Indoor*, do que se di que é unha obra densa e perdurábel na memoria; *O vento da illa*, a trama transcorre en torno a unha cita a cegas; e, *Nunca me esquecerei de ti*, que reivindica o valor da memoria.

Referencias varias:

  Entrevista cos autores dramáticos, Santiago Cortegoso autor da obra 0.7 Molotov, gañador do premio Dieste do 2009, e con Vanessa Martínez Sotelo autora da obra *Indoor*, gañadora do IV Premio de Teatro Radiofónico do Diario Cultural da Radio Galega. Falan de aspectos como: a influencia da publicación dos textos teatrais no coñecemento dos autores e das súas obras; en qué medida iso é positivo para as producións teatrais; a escasa publicación de textos en galego, e, sobre todo de textos teatrais en galego; sobre a relevancia, ou non, de publicar un texto antes de ser representado ou viceversa.


Entre outros aspectos, faise referencia ao volume publicado resultante do IV Premio Teatro Radiofónico do Diario Cultural da Radio Galega e que recolle os textos teatrais premiados de Vanessa Martínez Sotelo, Begoña García, e David Rodríguez.


Coméntase o acerto do certame de creación dramática radiofónica organizado polo Diario Cultural da Radio Galega, que recupera o drama radiado e fai que esta

agromando unha formada de novas voces. A seguir coméntanse as obras premiadas e apúntanse o seu argumento. De *Indoor*, de Vanesa Martínez Sotelo, Premio do Xurado saliéntase o texto aberto a moi diversas interpretacións. En canto a *O vento da Illa*, de
Begoña García Ferreira, Premio da Audiencia, dese que trata o tema do maltrato e a dominación masculina. Por último, da finalista Nunca me esqueceré de ti, de David Rodríguez Rodríguez, coméntase que recrea o motivo do esquecemento e da memoria. Nun á parte saliéntase o trazo común das tres obras ainda que se empreguen formas diferentes: o fenómeno da petrificación, é dicir, a manipulación que fai o ser humano para converter outros seres humanos en obxectos, para anular a súa vontade e identidade.


Lupe Gómez (A Coruña, 1972) asina unha rapsodia de poemas e diálogos ficticios entre proxeccións literarias de personalidades da cultura galega e internacional - entre un longo etcétera, Xohana Torres, John Berger, Uxío Novoneyra, Maruja Mayo, Miguel de Lira, Manolo Rivas, Alejandro Pizarnik, Modigliani, Francisco Pillado, Tim Burton-, tipos, figuras metafóricas e obxectos antropomorfizados -entre outros moitos, Lectura, Cura, Construtor, Emigrante, Optimisa, Touro, Catequista, Magnífica, Piano-, personaxes literarios -Don Quixote, por exemplo-, admitindo combinacións absurdas, nostálgicas, lúcidas ou sorprendentes. Todas as figuras aparecen simplemente esbozadas na soa mención dos seus nomes ou ocupacións e, pese a que en ocasións teñen por base encontros físicos e intercambios epistolares realmente acontecidos, as conversas son fruto da inventiva confesa da autora, algo especialmente palpábel na forma poética e na omnipresenza do eu lírico, que mestura libremente citas aléxeas e ficción persoal para dar a lume diálogos en verdade imposíbeis. O compendio de textos hibrida os modelos formais da poesía e a escrita dramática, sendo este volume o inicio dunha nova colección mixta. Os poemas de Lupe intercálanse entre conversas, citas e comentarios persoais do eu convertidos en didascalias. Non se trata dunha obra dramática, pero tampouco dun libro de poemas. Se ben hai alusións constantes á arte teatral en metáforas dramáticas que identifican os espazos, os tempos e as figuras do espectáculo cos propios da vida, a presenza de fragmentos tirados de textos poéticos e mesmo narrativos de Xohana Torres, John Berger e Uxío Novoneyra é o fio condutor do volume. Estrutúrase en tres bloques de textos independentes: “Cereixas atravesadas por unha patria. Correspondencia con Xohana Torres”, “Mándoche esta árbore branca. Correspondencia con John Berger” e “Mándoche un caligrama á túa montaña. Correspondencia con Uxío Novoneyra”. Cada un acompaña dun texto introdutorio en prosa e primeira persoa, “Road movie”, “Querido descoñecido” e “A contraventá das palabras”, os tres escritos nun ton poético e unha estética intimista idénticos aos que modelan o resto de contidos. Súmaselles un cuarto, “O abandono”, a xeito de epílogo. Neste último aparecen os porqués desta miscelánea de diálogos imposíbeis, expostos segundo a mesma lóxica ética e estética ca os anteriores: “A terra está escrita dentro das palabras” ou “ABANDONEI o sentido da lóxica, o teatro puro, a poesía limpa. Sentín que alguén me abandonaba a min, aínda que esa impresión fose unha mentira”.

Inacio, Auga que non vas beber... Viacrucis do padre Damián, VII Premio Barriga Verde de textos para teatro de monicreques (modalidade adultos), pról. de Paulo Moreiras, A Coruña: Baía Edicións/ Xunta de Galicia, col. Barriga Verde, n.º 8, xaneiro
Inacio Vilariño Sanmartín (Lalín, 1974) conta cunha longa traxectoria no mundo do teatro dende 1993. O volume ábrease cun prólogo do escritor portugués Paulo Moreiras, que destaca da peza a presenza do humor e das aventuras amorosas, así como a integración de material oral da cultura galego-portuguesa a carón de reminiscencias a episodios do Decamerón de Giovanni Boccaccio. A seguir, aparece o texto dramático, que combina monicreques e actores e que se desenvolve en Agolada nos anos cincuenta. A historia, dividida en quince escenas, comeza nunha Semana Santa e remata noutra cinco anos despois e conta con tres personaxes principais –Carolina, Xosé e o Padre Damián– e seis secundarios, sobre os que asenta o desenvolvemento dun triángulo amoroso que recupera un tema de tradición popular: os amores carnais do crego e as súas estratexias para ocultar as súas accións. Boa parte do texto recorre ao verso e á interpretación de cantigas populares de contido satírico.

Referencias varias:


Dáse conta da presentación dos textos premiados na edición de 2009 dos Premios Barriga Verde de Textos para Teatro de Monicreques: Agua que non vas beber…, de Inacio Vilariño; e Bon appétit, de Begoña García Ferreira.


Infórmase da presentación das obras gañadoras do Premio Barriga Verde na edición do 2009. Coméntase que Bon Appétit, de Begoña García Ferreira, gañadora na categoría de textos infantís, é unha comedia de amor na que se mesturan estereotipos culturais, o gusto pola comida e a cociña experimental. No tocante á peza de textos teatrais de monicreques para adultos, a gañadora foi Agua que non vas beber..., de Inacio Vilariño, concibida como un musical satírico, inspirado na tradición oral anticalerical, segundo se comenta. Asemade, dáse conta do eminente fallo tanto da derradeira edición dos premios anteditos, como do Premio de Teatro Álvaro Cunqueiro.


Peza dramática de Manuel Lourenzo (Ferreira do Valadouro, 1943) inspirada en Macbeth de William Shakespeare. Desta obra clásica tómase a cita que abre a peza teatral, que ten por protagonistas a Macbeth, Lady Macbeth e Fleance. Estruturase nun único acto (un monólogo inicial e sete escenas). A historia sitúase en Escocia, no castelo de Dunsinane e ten por protagonista a Fleance, fillo de Banquo (asasinado por Macbeth para conseguir o trono). Logo dun monólogo onde clama vinganza, o vello Fleance,
agonizante no leito, imaxina a visita dos antigos monarcas (Macbeth e Lady Macbeth) e revive a súa proclamación como rei. Así, coñécese a un Fleance mozo, que traballa de criado dos seus antecesores, aspirando a vingar a seu pai e poder reinar en Escocia. Por outro lado, preséntase un Macbeth dubidoso, ante o plan conspiratorio contra Duncan que defende a súa dona, Lady Macbeth, co fin de ver cumprida a profecía das harpías. Xa que logo, a dúbida, a traición, a alucinación ou o delirio son elementos que circundan a peza, imbuida polos misterios do destino destes tres personaxes shakesperianos.

Recenxións:


Logo de se referir a Manuel Lourenzo como unha das figuras máis completas da literatura dramática galega, pasa a comentar a súa última obra *Flores de Dunsinane*. Apunta que non é a primeira vez que Lourenzo bebe das fontes de Shakespeare, pois no seu último libro de relatos *O hóspede escandinavo* a figura de Hamlet tiña especial relevo. Considera que hai en todo o teatro deste dramaturgo “unha liña de continuidade” con respecto á preferencia pola revisión dos grandes mitos de Occidente. En relación á obra, di que nela hai aspectos que “a traxedia orixinal ou só apuntaba ou directamente abordaba”. Ademais, reflexiona sobre os seus temas principais e sinala que o que engade particular “relevo” é a óptica dende a cal se focaliza a historia, destacando os saltos temporais ou a convivencia entre os mundos dos vivos e dos mortos. Para rematar, chama a atención sobre a coidada poética escrita e tamén o xogo escénico no uso das luces e as sombras.


Comenta que en *Flores de Dunsinane*, Manuel Lorenzo volve recorrer á revisitación dun texto clásico, neste caso o exemplo da ambición humana e das súas fatais consecuencias que é o *Macbeth* de Shakespeare. Sinala outros personaxes helénicos e elisabethianos que, como Álvaro Cunqueiro e Heiner Müller, ten abordado e destaca que tanto en Lourenzo como nestes dous autores hai un gusto tal polo teatro que os condena a facer da metateatraliade un ingrediente indispensábel das súas delicias. Apunta que a acción destas *Flores de Dunsinane* ten como alicerce a fermosa hipótese de Macbeth e Lady Macbeth volveren de entre o esquezo da morte, mortos, para lle contar a Fleance, herdeiro lexítimo da coroa escocesa, todos os porqués daquela traizón pasada. Considera que todo este artellamento é unha escusa para seguirmos a pensar no teatro como a verdadeira realidade virtual que existe para informar dende calquera esfera do tempo.

Referencias varias:

Entrevista con Manuel Lourenzo, actor e director, “facedor de teatro” na que fala da xestación e temática de *Flores de Dunsinane*, peza gañadora do Premio Álvaro Cunqueiro; do seu proceso creativo, as súas preferencias en canto a xéneros teatrais, a súa concepción do teatro ou os seus desexos para o futuro teatral de Galicia.


Entre as doce personalidades da vida social e cultural galega, o dramaturgo Rubén Ruibal recomenda como lectura dúas obras dramáticas: *Flores de Dunsinane*, de Manuel Lourenzo, e *Movidas/Razóns de peso*, de Clara Gayo.


Achega documental ás actividades dramáticas e culturais do Teatro Circo (1967–1978), o primeiro colectivo galego de Teatro Independente. O volume estrutúrase en doux bloques. O primeiro é a parte propiamente ensaística e consta dunha introdución, tres capítulos de reflexión histórico-crítica, conclusións e referencias bibliográficas. O segundo inclúe tres textos compostos por Manuel Lourenzo (Ferreira do Valadouro, 1943) como integrante de Teatro Circo. Os capítulos ensaísticos titúlanse, respectivamente, “Os primeiros pasos para a recuperación do teatro Galego”, “O ‘Teatro Dependente” e “O Teatro Circo e o proxecto do Teatro Independente galego”. Nos límites dessa estrutura, Cilha Lourenço (A Coruña, 1974) reflexiona sobre o papel pioneiro do Teatro Circo nun momento histórico de práctica inexistencia de actividade teatral en galego, elabora unha breve achega aos postulados ideolóxico-estéticos que guíaron o traballo do grupo e avalía a relevancia da experiencia escénica e investigadora tanto para a recuperación, a modernización e a difusión do teatro galego durante o franquismo como para o seu posterior desenvolvemento en democracia. Conclúe situando a Teatro Circo e Teatro Antroido na vangarda do movemento teatral independente galego e sinalando as consecuencias positivas que se derivaron do seu posicionamento contestatario fronte ao estancamento ideolóxico e escénico das compañías comerciais e institucionais: a desaparición de certos colectivos de signo oposto e, no caso de grupos como Teatro de Cámara Ditea, a galeguización progresiva dos repertorios. Sublinñase o papel de Teatro Circo na demanda dun sistema teatral e de dramaturxias en lingua galega para unha cultura galega normalizada e o pulo renovador de códigos que supuxo a nivel estético. A xeito de ilustración, reprodúcense tres textos inéditos de Manuel Lourenzo estreados polo colectivo: *Crónica do sol de inverno* (1971), *Erros e ferros de Pedro Madruga* (1972) e *Hipólito* (1973), todos actualizados lingüisticamente e revisados polo autor. *Crónica do sol de inverno* é un drama colectivo ambientado no tempo dos señores feudais que emprega as técnicas corais e de carautas do teatro grego na creación dunha estética simbolista. O Señor non consege ter fillo varón da Señora. A Vella que o serve acorda amancebar a Liberta, súa filla, para que llo conceda e a cambio recibir protección económica. A rapaza refusa nun principio; logo cede, baixo a condición de, unha vez parida, marchar renunciando ao neno, que será reconécedo como fillo lexitimo dos Señores. Xa no pazo, Liberta déitase co Señor todas

Referencias varias:


Consídese que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate do ano. No caso da literatura dramática destácase a colección “Manuais Casahamlet”, na que se inclúe *Teatro circo. Tres textos*, pezas inéditas de Manuel Lourenzo, considerada unha achega fundamental do teatro independente galego; e “Abrente”, que acolle a tradución de *Na meta*, do austriaco Thomas Bernhard.


Peza dramática de Teresa Moure (Monforte de Lemos, Lugo, 1969) que abre cunha pequena nota na que define esta obra como un texto concibido para un espectáculo teatral, aínda que non sexa unha obra dramática completa, como teatro líquido xa que as personaxes desafían a liña da historia e da biografía. Tamén dá conta dos materiais dramáticos e efectos dos que consta, así como unha breve indicación do que debe facer o público asistente. A continuación aparece o texto teatral composto por tres actos que se desenvolve temporalmente durante unhas horas e espacialmente na casa vella de Sara, chea de lixo. Antes de comezar o primeiro acto, faise unha referencia aos sete personaxes que van intervir: Sara, Celador 1, Ana, Celador 2, Dióxenes, o Soldado Ateniense e Sara Noutrora. Indícase que Dióxenes sexa interpretado por unha actriz e que non hai inconveniente en que Sara e Ana sexan interpretadas por homes. O acto primeiro é un monólogo de Sara dirixido ao público, xa que pensa que son traballadores dos servizos sociais do Concello, mentres limpa un óso e, aínda que admite ter a síndrome de Dióxenes, alégrase de darlle noxo á xente e así illarse da sociedade. O acto remata coa entrada de dous celadores que lle poñen unha camisa de forza. No segundo acto un soldado ateniense trae á filósofa Dióxenes, expulsada da cidade porque eles só queren cidadáns moderados e ela vive de esmolas, á marxe da sociedade, sen someterse a ninguén, e non queren que sirva de exemplo aos mozos; así, lévána á casa dunha vella
tola e átana ao lado de Sara. No acto terceiro entra en escena Ana, unha muller que anda buscando o seu amante Ramón, e como non dá chegado, decide ir a aquel piso, e Sara Noutrora, é dicir, a mesma Sara uns anos antes. Sara Noutrora mira fixamente a Sara e bótalle en cara o que fixo con ela, co seu corpo, polo que decide que non quere acabar así, entón colle unha corda e afórsase. Sara comeza a cambiar as cousas de sitio e Ana comeza a limpar, para que cando veñan os dos sevizos sociais estea todo limpo e non leven a Sara, e para rematar rápido de limpar, prende lume a todo. Antes de baixar o telón, aparece unha diapositiva coa noticia na prensa de que unha anciá que vivía soa apareceu calcinada, xunto con outros dous cadáveres sen identificar. Para rematar, aparece un posfácio titulado “Arqueoloxía de palabras calcinadas. Posfácio cincicamente desinteresante”, de Carlos Paulo Martinez Pereiro, no que se di que pretende ser unha reflexión para esclarecer os significados da peza e ten como obxectivo dar unha visión contextualizada deste proxecto teatral. Coméntase que a autora constrúe un espectáculo dramático cos alicerces do cinismo e a presenza da Síndrome de Dióxenes, que xera unha dramaticidade dentro da teatralidade da peza. Indícase que o final do texto non esclarece a súa intención, pero que queda clara a pretensión de que o lector ou espectador tire unha conclusión non imposta, debido a que as personaxes teñen un perfil inestábel e até contraditório. Saliéntase que o feito realmente relevante é que Sara, estando en desacordo coa orde e o poder social, se apropia cinicamente dos seus ideoloxemas; e que se presentan os principios do cinismo grego por medio da narración do filósofo Dióxenes, travestido en muller, potenciando así o seu carácter de rebeldía e desobediencia. Dise que as visións opostas do poder e sociabilidade están reflectidas nos parlamentos do soldado ateniense e do celador. Finalmente, indícase que o contrapunto de Sara e Dióxenes é Ana, tamén definida como cínica por Dióxenes, que prende lume e provoca a morte das tres. Isto contrasta co feito de que o filósofo grego Dióxenes morreu de vello por comer polbo vivo, xa que renunciou a cocelo debido á súa austeridade.


César Candelas Colodrón (Ponferrada-León,1964) e Rubén Ruibal Armesto (Ribadeo-Lugo, 1970) asinan unha traxicomedia absurda baseada en “Black Diamond Bay”, o tema musical composto por Bob Dylan e Jaques Levy para o LP *Desire* entre 1974 e 1975. O primeiro dos sete actos que compoñen a obra sitúa ao lector/espectador no medio do océano, na vertical da Illa Tartaruga, entre Black Diamond Bay e o seu cénit. O Home do Fez e o Crupier conversan sobre a mesa de xogos flotante do Sara Hotel mentres o segundo pesca e volve tirar ao mar billetes de dólar. Soan unha harmónica, un violín e a voz dun home novo de trinta anos. É medio día e hai unha mesta e fedorenta néboa amarela invadindo todo. A atmosfera de absurdidade e lucidez é unha constante no texto. Canda o Home do Fez e o Crupier, o Grego, a Muller, o Perdedor/Soldado e o Miúdo son os últimos ocupantes de Black Diamond Bay, un lugar marabilloso onde non hai nenos e cheira a morto. O volcán da illa está a piques da erupción e o último pailebote de volta ás orixes xa partiu. Os personaxes pasan as horas. Dende cadansúa lóxica particular, apuran a vida. Ou era a morte? O volume ábrese cun fragmento da letra orixinal en inglés do tema de Dylan e Levy e unha breve nota biográfica de Candelas e Ruibal, ademais dun limiar no que se explica a xénesis da peza e o método de escrita, baseado no intercambio de correos electrónicos.
Referencias varias:


Nota na que se sublinha a indefinición xenérica da obra e se sinalan os múltiples “ecos de ambientación” que aparecen “rebotando pola historia”: alén de Bob Dylan, da narrativa negra aos clásicos cinematográficos. Describense os personaxes como “extravagantes” polo feito de se apartaren “de maneira maniática” da clase media, da que se di que está “sobreexplotada e enganada”. Opínase que se os personaxes non son conscientes das súas rarezas é porque os rares son os lectores/espectadores. Dise dos autores que son “xente descrida” capaz de entrelazar e atrapar historias e figuras cunha sorte de distancia que podería interpretarse cómica pero que, porén, non pode cualificarse de comedia. Esa ambigüidade é o trazo que Camilo Franco destaca entre outros posíbeis, o “dobre fondo” que, entende, “é, de partida, realista”. O artigo conclúese estabelecendo un paralelismo entre a distancia narrativa do esperpento, que preside as peripecias duns personaxes atrapados polas circunstancias e o esperpento cínico de que, en xeral e con perspectiva de clase, os mesmos que provocaron a crise son quen nos ditan as esixencias para saír dela.


Entrevista a Rubén Ruibal e Gustavo Pernas despois do recorte de orzamentos destinados a cultura. Logo dunha enumeración sumaria dos aspectos máis representativos da traxectoria profesional de ambos os dous dramaturgos, o entrevistador asenta a guía da conversa: as dificultades e contradicións do sector teatral galego, cuxos actores e compañías manifestaban neses días o seu malestar coas últimas decisións institucionais en cadansúas xornadas de reflexión. Seguen un total de nove preguntas. Destácase, ademais, unha declaración por autor: “A dereita é indiferente coa cultura”, de Pernas, e “Todos os Gobernos quixeron sacarnos de diante, pero respondemos”, de Ruibal. Alude Ruibal á negativa de diversas casas editoras a publicar A néboa amarela polo feito de tratarse dun texto do xénero dramático. En xeral, a conversa revisa os puntos problemáticos ou de conflito que cercan o teatro galego actual, nunha clave persoal e política.
III.2. REEDICIONES COMENTADAS E FACSÍMILES. TEXTOS RECUPERADOS


Iniciase esta segunda edición, revisada e adaptada á normativa do galego de 2003, cun estudo introdutorio de Dani Salgado, “Matalobos: o drama desbaratado pola traxedia”, no que se dá conta da biografía e produción de Raúl Dans (A Coruña, 1964). Sostense que a súa carreira como dramaturgo comeza nos escenarios, pasando pola súa primeira composición Sopa de estrelas, logo Water-look, até rematar con Matalobos, o “primeiro texto dramático serio”, en palabras do autor. Afirmase que nunca dá por rematada unha obra e que aproveitou esta oportunidade para reescribila, como xa fixo con Lugar (1995). Ofrecense, así mesmo, unhas notas argumentais ao tempo que se pretende resolver as incógnitas que lle puidesen sobrevir ao lector. A obra, clásica na estrutura de tres actos, toma referencias da Lenta raigame (1982), de Francisco Taxes, Synge e o western de Hollywood, como confesa Raúl Dans. O conflito xira ao redor de varias liñas argumentais que subverten as regras clásicas, a pesar de tomarlas en conta. Sobreven un enfrontamento entre Matalobos, labrego e arraigado ás terras do val, e Saavedra, persoeiro urbano, que pretende arrebatarllas. Non obstante, as pulsións sentimentais van dominar a peza: Amelia, filla de Matalobos, está embarazada do seu propio irmá, Marcelo, vínculo descuberto na anagnórese final. O fillo de Saavedra, Diego, tomará partido nesta relación ao namorarse de Amelia. A tensión dramática medra en cada acto, cumpríndose finalmente a maldición que Ermidas (nai de Marcelo) exercera ao comezo da obra: “Has morrer e contigo ha morrer a túa caste. E á Muller que che dea terra halle arrepiar levar o teu sangue nas veas”. Con respecto á primeira edición publicada pola Deputación da Coruña (“Rafael Dieste. Colección de teatro”, n.º 3) en 1993, data na que obtén o Premio de Teatro Rafael Dieste, substituíuse a ilustración de Javier Dans na cuberta por outra de Iria Rodríguez. O seguinte cambio observouse na dedicataria que nesta ocasión se dirixe “A meu pai. A X. A. Jiménez, que me escoitou tantas veces. A Irene, que estivo conmigo desde o principio. A ti, que padeciches a destrución do teu mundo e te adentres nun tempo novo”. Asemade, á cita de Rudyard Kipling súmase outra de Friedrich Holderlin. A seguir, a relación dos personaxes que interveñen simplificouse, pois só aparecen os seus nomes fronte á primeira edición na que figuraban por orde de aparición breves aclaracións. Por último, prescindiuse nesta segunda edición das ilustracións interiores realizadas por Javier Dans.

Recensións:


Faise eco da segunda edición revisada de Matalobos, de Raúl Dans, da que destaca os aspectos que acentúan a tensión dramática, alén de indicar que a peza se move nas
“coordenadas do drama absoluto”, ao que sinala a percepción dunha “corrente subterránea” que se encarga de deformar os moldes da idea clásica do drama. Por outro lado, repara en que a obra tende á unidade espazo-temporal e concédelle tamén atención ao estilo da peza, para enlazar co tratamiento dos personaxes, observando “perfís claros” que, malia todo, tenden á reescritura constante, pasando por seren suxeitos por oposición. Finalmente, centra a atención nos personaxes principais: Matalobos (de quen afirma que é “poliédrico”), Ermida, Marcelo e Amelia.


Reedicón crítica de Alén, obra dramática de Xaime Quintanilla (A Coruña, 1898) publicada por primeira vez en El Correo Gallego no ano 1921. O volume é o primeiro título dun dramaturgo galego na colección Biblioteca ESAD. Malia a consideración habitual da obra como unha comedia dramática, trátase dun drama de filiación simbolista. Ambientado nun piso de Nova York, ofrece unha visión irónica sobre a sociedade espiritista de finais do século XIX e principios do XX que permite abordar o ideal da saudade. Céntrase na posibilidade da vida despois da morte e na comunicación entre unha e outra esfera a través dos rituais de invocación e espiritismo. Os personaxes son irlandeses, alemaños ou norteamericanos, pero falan galego. Canda a protagonista, Helen, que encarna o idealismo saudosista e nostálgico, aparecen Jex-Blake, John Murphy ou Spiller. A dicir de Manuel F. Vieites no estudo preliminar, “o grupo vive nun mundo irreal e tenta manter a ficción a través deses encontros periódicos dos que cada vez se van afastando máis persoas”. No limiar “Xaime Quintanilla, Modernidade, galeguidade e universalidade. Memoria dun espírito solidario do pobo galego” Roberto Pascual inclúe os datos biográficos de Quintanilla e unha semblanza das súas dimensións política e literaria. No apartado dedicado á súa actividade teatral, Pascual analiza as claves temáticas, técnicas e estruturais de Donosiña (1920), o primeiro dos dous textos dramáticos producidos polo autor. Contextualiza a obra con apoio en citas doutros críticos -Laura Tato, Fernando Osorio- e creadores como August Strindberg e ligase ao “teatro íntimo” definido por este último en 1908. Segue a sección dedicada á morriña, a saudade e o lirismo que aniñan na escrita literaria e ensaística de Quintanilla e constrúen o seu substrato ideolóxico. Coméntase o seu ensaio “Saudosismo e idealismo” (A Nosa Terra, 1921). A visión anticolonialista de Galicia tería a Rosalía como modelo literario no que respecta ao tratamento dos ideais de lirismo e saudade como núcleo a partir do cal se articula a raza galega. Dáse conta da relación do autor coas Irmandades da Fala e tamén da súa posición universalista, compatíbel coa defensa da lingua galega como lingua de cultura. O limiar remata cun apartado sobre Quintanilla como teórico doutras artes. Analízase o seu ensaio “O nazionalismo musical galego”, publicado na revista Nós en 1920. Entre o limiar e os criterios de edición, inclúese o estudo introdutorio asinado por Manuel F. Vieites: “Alén na dramática galega. Xaime Quintanilla no inicio dunha literatura nacional”. Vieites denuncia a marxinación de Quintanilla, que “segue a ser un dos grandes descoñecidos das letras, da cultura e do pensamento político en Galicia”, e elabora unha reflexión crítica centrada na vindición argumentada do escritor e político “como un aos autores máis importantes, renovadores e visionarios da literatura dramática galega”. Este estudo crítico estruturáse nos seguintes apartados: “Alén. Por un novo paradigma na escrita”, “As representacions
da nación”, “A prol dunha literatura nacional”, “Entre o espiritismo e a ciencia”, “Simbolismo e saudade” e “Conclusión”. Segue unha listaxe bibliográfica de dúas páxinas. En canto aos criterios da edición anotada, Pascual argumenta a decisión de aproximarse ao texto dende a historiografía literaria, a filoloxía e a sociocrítica. Sinálase que as distintas solucións están adoptadas en función da visualización escénica do texto. A edición non conta cunha elaboración dos parlamentos dende a distinción sociolingüística, pero sí é respectuosa coa conservación de arcaísmos, hiperenxebrismos ou figuras e vulgarismos da dicción. No caso das didascalias, opta por unha maior actualización. As funcións das notas a pé son sempre aclaratorias das decisiones adoptadas.

Recensións:


Con motivo da reedición por Galaxia de Alén, obra dramática de Xaime Quintanilla, dáse conta do periplo vital do autor, o último rexedor republicano de Ferrol e primeiro dunha estirpe de tres xeracións, e do seu fusilamento en agosto de 1936, así como da súa pegada social. Sinálase a urxencia de rescatar a dimensión intelectual do escritor e político galeguista para despois enumerar os escasos datos que se conservan da súa biografía, reunidos por Roberto Pascual, como o seu labor en medios de comunicación como El Correo Gallego, A Nosa Terra e a revista Céltiga. A seguir, noméanse os títulos da súa producción literaria: Saudade (1922), dúas pezas dramáticas, Donosiña (1920) e Alén (1921), e o ensaio O nacionalismo musical galego (1920). Connótase Alén como “una pequeña joya” e describense brevemente o ton irónico, o argumento e os personaxes. Conclúe informando que a reedición ía ser distribuída entre as bibliotecas, colexios, asociacións veciñais e centros culturais de Ferrol.


Segunda edición desta obra de Euloxio R. Ruibal (Ordes, 1945), adaptada á normativa do galego de 2003 e publicada por vez primeira en 1990 en Edicións Xerais de Galicia na colección “Os Libros do Centro Dramático galego” (n.º 9), na que se substituíu a ilustración da cuberta de Fausto Isorna por outra non identificada. Do mesmo xeito, o estudo preliminar de Laura Tato Fontaíña (Vigo, 1951) ocupa o lugar do limiar de Miguel Pérez Romero, no que se destacaba a valía deste autor e lamentaba a súa ausencia prolongada no panorama teatral galego, ademais de repasar a súa traxectoria, para finalmente salientar as principais características desta peza merecedora do Premio Álvaro Cunqueiro 1989. Trátase dunha farsa centrada na figura de don Galisindo, un empresario da construcción que xuntou cartos traballando durante anos na emigración, a quen se cualifica de indiano manteigoso, choqueiro e baldrocas. O personaxe é un corrupto. Quere desalozar a un dos seus inquilinos sen que este perciba a indemnización correspondente. Fronte á proposta de Neldo, o seu secretario, de pechar o asunto cunha presa de reás, don Gali resistese e arma unha estratexema ruín grazas a que consegue o seu obxectivo. Os tratos de favor, o pagamento a políticos, a compra de xornalistas e editoriais, os delitos urbanísticos son temas abordados no plano público, mentres que no
privado, don Gali cede á petición da filla para mercar un título de nobreza que permita a súa integración e máis a da nai no estrato da alta burguesía. O proceso de corrupción alcanza o climax cando o indiano simula un atentado que deixa vacante o cargo político ao que aspira, o de Gobernador xeral. Péchase na derradeira secuencia, coa repetición do esquema dramático da primeira. Se no inicio urdía o negocio no seu despacho de empresario, agora faino no de Gobernador xeral. Tal e como o interpreta Laura Tato, "no seu ascenso, o indiano manteigoso contaminou toda a sociedade". O estudo crítico introdutorio, que leva por título "Euloxio R. Ruibal, dramaturgo", refíñe de maneira sumaria a traxectoria de Ruibal como autor dramático. Describese o seu papel como integrante do Grupo Abrente e lémbrese que as súas primeiras obras xorden no marco das Mostras de Ribadavia (1973--1980), así como a súa faceta paralela como guionista, documentalista e curtametraxista. A seguir, Laura Tato comenta brevemente as técnicas, as temáticas, a língua e o compromiso social e político da ampla bibliografía dramática do autor, tratando dende Zardigot (Premio Abrente 1973) a O son da buguina (1999). A continuación, Tato detense na análise pormenorizada d’Azos de esguello, da que se di, foi a obra con que Euloxio Ruibal volveu á primeira liña da produción dramática galega, en 1989, ao gañar con ela o Premio Álvaro Cunqueiro e ser publicado na colección ‘Os libros do Centro Dramático Galego’. A autora desacredita as razóns estéticas alegadas polo entón responsábél do CDG para non incluír esta peza na programación da compañía pública e denuncia "a censura sen paliativos á sátira máis virulenta que até o momento fora escrita contra a novísima democracia galega e, máis en concreto, contra a súa clase política". Relátase a sortie escénica do texto, que foi estreado en 1995 polo grupo amador Teatro do Vilar (Ribadavia) na recuperada Mostra de Ribadavia, máis sen apoio institucional á súa distribución posterior. Segue o estudo analítico da peza, no que aparece cualificada xenericamente como unha farsa de personaxe e enmarcada na dramaturxia contemporánea. Coméntanse as claves construcionais: estrutura, didascalias, tipoloxía dos personaxes, tradición da situación dramática, técnicas da sátira, efecto de distanciamento e fondo ideolóxico, elementos que aparecen relacionados comparativamente con outros referentes dramáticos e culturais. Azos de esguello estrutúrase en trece secuencias que nada teñen a ver coa división clásica en actos, cadros ou escenas. O lector debe completar as lagoas temporais que median entre o tempo representado e o tempo referencial. De aí que o retrato de don Galisindo só alcance a completarse de vagar, a medida que avanza a lectura.

Referencias varias:


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso da reedición d’Azos de esguello, de Euloxio R. Ruibal; Sunset Park, de Paul Auster; Randea do alento, de Herta Müller; e Caos Calmo, de Sandro Veronesi.
III.3. TRADUCIÓNS OU VERSIÓNS E REEDICIÓNS


*Catro pezas* acolle a tradución ao galego, realizada por Manuel F. Vieites, de *Cloud 9, Top Girls, Far Away e A Number*, da dramaturga británica Caryl Churchill (Londres, 1938), baixo os títulos *O sétimo ceo*, *Mozas de primeira*, *Lonxe* e *De serie*, respectivamente. Ábrese o volume co limiar do tradutor “Helping to Raise The Game of Drama. A mirada poliédrica de Caryl Churchill” no que, logo dunha introdución na que Vieites bota man das palabras do dramaturgo británico Mark Ravenhill nun artigo publicado en *The Guardian* no que opinaba que Churchill “destaca por ter presentado unha obra na que todos e todas nos podemos mirar, da que todos e todas podemos aprender”. No limiar, dividido en catro apartados, fai un repaso biobibliográfico desta autora, así como dos feitos vinculados ao mundo teatral que puideron marcar a súa produción, repásase os dramaturgos e dramaturgas máis importantes dende finais dos anos 50 ató os anos 80 e 90, período este último no que destaca na creación dramática británica “a chegada dunha serie de autoras que van ofrecer unha lectura nova de todos os temas que alimentaran a escrita durante todo o século vinte” e sitúase a obra de Churchill no correspondente contexto; a seguir, o tradutor vincula a autora e a súa obra coa dramática de signo feminista, comenta as principais liñas do feminismo (a liberal, radical e materialista) e ofrece as características do teatro feminista e da produción de Churchill, unha autora con “mirada poliédrica”. Baixo os epígrafes “A obra de Caryl Churchill. Aspectos básicos” e “Catro pezas”, Vieites dá conta das clasificacións que se teñen feito da obra da autora británica e da pretensión á hora de traducir ao galego estas catro pezas (“O sétimo ceo”, “Mozas de primeira”, “Lonxe” e “De serie”), así como das características principais das mesmas. Remata este limiar cun breve apartado de conclusións, outro de bibliografía e unha “Cronoloxía tentativa da creación dramática de Caryll Churchill”, epígrafes aos que lle segue unha “Nota sobre as traducións” nas que se explicitan as edicións das que se partiu para facer as traducións, así como a elección dos títulos realizada. A seguir, acóllense as catro pezas que amosan dúas das etapas marcadas por Vieites na produción da autora: aquela que cuestiona as representacións dos outros ou as representacións que se queren canónicas e dominantes e aquelas nas que se detén en cuestións como “os xogos de guerra e as correntes poshumanistas”.

Recensións:


Baixo o epígrafe “Visións de xénero dende unha dramática de compromiso social” Roberto Pascual detense no número 6 da colección “Biblioteca ESAD” que acolle a obra dramática de Caryl Churchill. Despois de sinalar a pretensión do responsábel da edición Manuel F. Vieites, Pascual detense polo miúdo nunha das obras que *Catro pezas* acolle “Mozas de primeira”.

342

Apunta que a ESAD e Galaxia achegan unha nova tradución dunha das dramaturgas máis destacadas da escena internacional, Caryl Churchill, que rompe as convencións da linguaxe escénica, subverte a orde das cousas para transformalas e desmonta os sistemas de signos para facer da acción escénica unha nova semiótica, que non quere transmitir contidos, senón carrexa consecuencias e desencadea accións. Sinala que Manuel F. Vieites, tradutor das catro pezas escollidas, sitúa a autora nun corpus de produción dramática que bebe das orientacións emancipadoras do teatro de Brecht, así como Elaine Aston a encadra no feminismo materialista, que critica o burgués e o radical. A continuación, comenta os textos incluídos en Catro pezas, dos que a súa escolla responde ao criterio de amosarnos a evolución dunha ollada diverxente e as teimas que acomete nesta traxectoria. Considera que o teatro de Churchill non é para preguiceiros e que queda por agardar que os textos sirvan para o traballo sobre as táboas.


Agradece a publicación de Catro pezas, de Carly Churchill, dado que contribúe a atenuar o escandaloso descoñecemento do teatro británico contemporáneo nas librarías de Galicia. Achégase ás catro pezas deste volume O sétimo ceo, Mozas de primeira, Lonxe e mais De serie e recalca que a simetría entre o persoal e o político se desprega paseniño para acabar imbuíndo os catro textos deste volume.


Saliéntase a publicación en galego de catro pezas de Caryl Churchill, unha autora de culto no mundo teatral, mais “pouco visible para o gran público”. Sinálase que se trata de catorce pezas que exemplifican a obra diversa e plural desta dramaturga. A seguir, dáse conta do argumento das pezas traducidas ao galego pola editorial Galaxia: “O sétimo ceo”, “Mozas de primeira”, “Lonxe” e “De serie”. Baixo o epígrafe “Noticia dunha autora incómoda” citase o editor e tradutor destas catro pezas, Manolo Vieites, e explica porque Caryl Churchill é unha autor icómoda.


Sinálase en primeiro lugar o pouco coñecida que é Caryl Churchill no ámbito peninsular, de quen se comenta algúns dos seus traballos, así como algún comentario de crítica sobre as súas “obras moi arriscadas e complexas”. Xavier Castro continúa informando da publicación de catro das pezas desta autora da man da editorial Galaxia e a Xunta de Galicia e indicando que estas representan dous procesos e etapas creativas das que dá conta. Finalmente, saliéntase que estas obras se moven “entre o minimalismo e a mestizaxe de técnicas”.

Referencias varias:

Infórmase da presentación de Catro pezas de Caryl Churchill e Obra dramática completa. Sarah Kane (2009), dous volumes da colección da ESAD que acollen a obra de dúas das autoras británicas máis destacadas. Coméntase o argumento de “Derruba”, de Sarah Kane e afirmase que é unha das pezas desta autora británica contemporánea de maior aceptación entre o público inglés. Dise que esta antoloxía foi presentada na véspera na ESAD e que o seu tradutor Manuel Vieites no acto destacou a importancia de traducir ao galego a obra desta autora “innovadora, representada abondo sobre as táboas dos teatros portugueses”. Tamén se informa no mesmo acto da presentación doutro título desta colección Catro pezas, de Caryl Churchill. Dise que Vieites destacou a importancia de traducir ao galego as obras directamente da lingua orixe sen mediación de ningunha outra lingua.


Comeza indicando cal é o espíritu da Editorial Galaxia, a Xunta de Galicia e a Escola Superior de Arte Dramática de Galicia ao publicar obras de dramaturgas inglesas como Sara Kane e Caryl Churchill. Tamén anuncia que Inmaculada López Silva xa está traducindo para a mesma colección a obra de Jean Genet. A seguir, recólense as palabras do director da editorial Galaxia, Víctor Freixanes, así como de Anxo Lorenzo, director xeral de Política Lingüística, e Manuel F. Vieites, director da ESAD, no acto de presentación destes títulos de Sara Kane e Caryl Churchill no que se comentou a importancia de substituír as subvencións por “líneas de crecemento y risco para avanzar” pois sábese que non hai masa crítica de lectores de obras de teatro, aínda que publicando en galego se poden conseguir.

**Bernhard, Thomas, Na meta (Am Ziel, 1981), pról. de Afonso Becerra de Becerreá e Ana Contreras, trad. Ana Contreras e Afonso Becerra de Becerreá, Ourense: Difusora de Letras, Artes e Ideas, col. Abrente de Textos teatrais, n.º 4, xullo 2010, 157 pp.**


O volume comeza cun prólogo asinado por Afonso Becerra de Becerreá e Ana Contreras no que analizan a forma e o contido desta obra dramática de Thomas Bernhard (Austria, 1931-1989). Na meta é unha peza posdramática dividida en dúas partes e centralizada polo discurso da Nai, unha dos tres protagonistas da obra xunto coa Filla e o Escritor dramático. O texto, en prosa e sen puntuación, cumpre coa característica posdramática de non presentar unha historia, xa que a acción é o propio discurso cun diálogo caracterizado polo desequilibrio das réplicas, feito que súbilta o dominio da Nai sobre os outros personaxes, e os principais temas da peza: o camiño cara ao cumio, as relacións familiares, a frustración e a miseria moral. A acción localízase en Holanda. A primeira parte ten lugar á primeira hora da mañá nun luxoso piso dunha cidade onde dúas mulleres preparan a súa equipaxe para a viaxe que van realizar cara á casa que teñen na costa. A repetición constante de frases e temas por parte da Nai ao revisar o seu propio camiño até a meta provoca unha sensación de estancamento interrompida ao final deste primeiro segmento coa chegada do Escritor.
segunda parte da obra comeza tras a elipse da viaxe en tren e presenta os personaxes na casa da costa nesa mesma tarde, conversando mentres a Filla desfai as maletas. As entradas e saídas dos personaxes establecen a dinámica do texto desta comedia negra que contén o característico sarcasmo e os trazos esenciais do estilo de Thomas Bernhard.

Referencias varias:


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate do ano. No caso da literatura dramática destácase a colección “Abrente”, que acolle a tradución de Na meta, do austríaco Thomas Bernhard, que logra reconstruír a musicalidade característica da súa-producción; e “Manuais Casahamlet”, na que se inclúe Teatro circo. Tres textos.


Volume que comeza cunha ampla “Introdución”, de Rosa Diego sobre a vida e obra de Jean Genet (París, 1910-1986), un dos autores máis representativos do denominado Teatro do Absurdo. Este estudio introdutorio achega datos da “vida de lenda” deste novelista, dramaturgo e poeta, antes de pasar a analizar o seu teatro, cualificado como “unha festa do imaxinario”, reparando nos personaxes e na significación da festa como fuxida, o autobiografismo da súa dramaturxia e os trazos máis salientábeis das súas pezas máis importantes, as escritas entre 1947 e 1964: *As criadas, Severa vixilancia, O balcón, Os negros* e *Os biombos*. Despois perfila a consideración de teatro do absurdo e de texto e representación antes de se adentrar na traxedia *As criadas* que analiza polo miúdo, deténdose nos personaxes, a temática, o crime das irmás Papin; e na peza *O balcón*, que analiza dende a óptica da ilusión do teatro e como unha “obra opaca”, na que destacan aspectos como o erotismo, o xogo teatral, a revolución e o teatro dentro do teatro. Esta introdución péchase cun “Anexo” bibliográfico da produción de Jean Genet, a bibliografía esencial do autor, edicións da obra do autor en español, películas e cancións. A seguir está a tradución de Inma López Silva de dúas pezas clave na produción dramática deste autor: *As criadas* e *O balcón*. A primeiras é unha traxedia dun só acto protagonizada por tres personaxes femininos. Respectando as tres unidades clásicas (acción, tempo e espazo), a acción transcurre a tempo real no cuarto da Señora organizándose en torno a un feito: a liberación do Señor. Os dous personaxes centrais, Solange e Clara, as criadas, son dúas mulleres xa maduras que, movidas por unha mestura de odio, envexa e fascinación pola súa Señora, parodian de xeito macabro a súa relación con ela mentres planean o seu asasinato. Esta peza reflicte temas recorrentes deste autor representativo do denominado Teatro do Absurdo, como son a xerarquía social, o insólito e a violencia. *O balcón* desenvólvese ao longo de doce cadros no bordel rexentado por Madame Irma, onde personaxes representativos de distintos estamentos (clero, militares, xuíces, ...) acoden para satisfaceren os seus desexos mentres no exterior se está a propagar unha revolución. Deste xeito, o espazo escénico...
desdóbrase desenvolvendo o mecanismo do metateatro, xa que os clientes representan as súas fantasías diante da madame multiplicando constantemente o xogo teatral. Así, o bordel reflece a natureza dos seres humanos da mesma maneira que os espellos do bordel reflictin as illusións das fantasías que están a interpretar. Reaparecen temas constantes de Genet como a provocación, a perversión e, sobre todo, o desencanto das imaxes baleiras, do absurdo.


Traxedia proletaria de Octave Mirbeau (Trévières-Normandía, 1848-París, 1917) antecedida dunha “Introdución” da tradutora e editora da obra, María Obdulía Luís Gamallo, na que estabelece os trazos esenciais da producción literaria de Octave Mirbeau e, en particular, desta peza teatral, partindo do epígrafe e contidos que se expoñen nas páxinas en liña de Pierre Michel e da *Société Octave Mirbeau* que dirixe o propio Michel na cidade francesa de Angers. Traza un brevíssimo contexto no que apunta a liberalización no eido teatral que supuxo o decreto do 13 de xaneiro de 1791 e salienta que no século XIX se produce unha renovación xenérica para procurar a modernidade e liberdade, en consonancia coa situación política de cambios que había nesa época, antes de se adentrar na relación de Mirbeau coa literatura dramática e de apuntar datos biobibliográficos do autor francés. En relación coa peza *Os malos pastores* explica o proceso de xestación e o argumento, así como o cambio do título orixinal *Les Coeurs lointaines*, o diferente tratamento do pesimismo que fai Mirbeau fronte a *Germinal*, de Émile Zola, e a insatisfacción do autor cara esta peza. A seguir reproducéuse a peza en francés e galego en páxinas enfrontadas. Divídese en cinco actos nos que Mirbeau describe a xestación e posterior represión dunha folga obreira organizada por Jean Roule, líder anarquista namorado de Madeleine, a filha dun vello obreiro da fábrica. Está ambientada nunha cidade industrial a finais do século XIX e inspirada nos acontecementos de 1870. Remata un marcado pesimismo co triunfo da injustiza e a morte de toda esperanza futura. A peza non se axustá ás unidades clásicas de tempo e lugar e supón a primeira tentativa de levar á escena francesa o enfrontamento de clases e a problemática social, conxugando un teatro de corte clasicista pola centralidade do debate moral no conflito dramático coa modernidade dos seus personaxes e a súa linguaxe.


Peza dramática de Eric-Emmanuel Schmitt (Sainte-Foy-lès-Lyon, 1960) nun só acto ambientada en Rösvannöy, unha illa do mar de Noruega onde o xornalista Erik Larsen, da *Gazeta de Nobrosvnik*, acede ó premio Nobel Abel Znorko para entrevistar ao escritor sobre a súa última obra, que conta a relación epistolar entre un home, posíbel *alter ego* do Nobel, e unha misteriosa muller á que Larsen trata de poñer un nome real. O principio da conversa non resulta fluido, xa que o Nobel se mostra...
pouco cooperador co xornalista pero pouco a pouco, a ambigüidade dos diálogos comeza a revelar as dúas caras dunha mesma realidade. O desencontro inicial e o conflito interno dos dous protagonistas vén expresado pola proxémica até confluir ao final da peza. O tempo da obra é cronolóxico aínda que frecuentemente interrompido por analepses que reconstrúen o pasado da fábula e que se completa ao final do drama. No título da obra Schmitt fai referencia a unha peza musical homónima de Edward Elgar, un son de fondo que conforma o espazo sonoro da obra e testemuña cada un dos movementos dos personaxes. A través da mirada dos protagonistas obsérvanse dúas visións dunha mesma realidade: o amor, por unha banda, representado pola paixón efémera e inesquecible; e por outra, na súa versión sosegada e fiel.
III.4. ANTOLOXÍAS


**Recensións:**


Sinala que até o de agora non hai máis ca trinta e sete libros galegos traducidos ao inglés e que unha política cultural de cara ao mundo anglofono continúa a ser unha tarefa pendente, polo que a recente publicación d’*Antology of Galician Literature (1196-1981)*, de Jonathan Dunne, pretende dar outro paso neste sentido. Comenta que é a primeira vez que se reúne unha selección bilingüe da historia literaria galega como ferramenta de divulgação en lingua inglesa e que, despois de trece anos de traballo, Dunne –que traduciu trinta e un dos cincuenta e cinco textos- nos propón todo un canon...
da literatura galega (1196-1981), elaborado con criterios máis democráticos do que o habitual. Considera reducida a presenza de autoras e apunta que sería importante que as estratexias de tradución empregadas fosen analizadas por especialistas, xa que parece existir unha tendencia a neutralizar o texto de partida. Por outra parte, refírese a aspectos paratradutivos e pregúntase polas razóns que xustifiquen a ausencia dunha proxección mediática máis potente para lanzar esta publicación, da que tampouco convence a tradución inglesa da carta dos editores Manuel Bragado e Víctor Freixanes.


Refírese á Anthology of Galician Literature (1196-1981), feita por Jonathan Dunne, deténdose no afirmado no prólogo, onde se di que a obra vai dirixida a especialistas “editores, críticos, tradutores e axentes literarios”. Con todo, opínase que a antoloxía non é unha obra para un público especialista británico, pois do contrario, sobraría a versión galega dos textos. Repárase tamén en que a ausencia de comentarios ou anotacións bibliográficas dificulta o labor dos especialistas. Asemade, indícase que as traducións son “valiosísimas”, do mesmo xeito que destaca outras “mans” que se ocuparon deste labor. Defínsese a obra como unha proposta de canon “moi tradicional, masculino e nacionalista” e faise especial fincapé no feito de que se poña o límite en 1981. Para finalizar, reflexíñase sobre o financiamento por parte da Xunta de Galicia da que gozou este proxecto.


Recomenda a antoloxía bilingüe (galego-inglés) do tradutor Jonathan Dunne, Anthology of Galician Literature, editada conxuntamente por Galaxia e Edicións Xerais. Destaca o gran labor de coordinación entre tradutores e antólogos para levar adiante este proxecto que recolle textos de todos os xéneros literarios nun período que abrange dende 1196 até 1981, ano da aprobación do Estatuto de Autonomía galego, e que supúñ un percorrido literario polas grandes voces da literatura galega de todos os tempos.


Comeza mencionando a importante edición en 1949 de Poesía inglesa e francesa, de Plácido Castro, Delgado Gurriarán e Lois Tobío pola Federación de Sociedades Galegas da Arxentina e salientando o novo reto do século XXI de achegar a cultura galega aos circuitos literarios mundiais. Neste sentido destaca o labor que están a facer distintas universidades europeas como é o caso das alemás Trier e Kiel coas antoloxías poéticas 20 Gedichte aus Galicien e Ein rosenfeuer, das uns verstört, 4 dichter aus galicien. Finalmente recolle a publicación Anthology of Galician Literature, de Jonathan Dunne, afirmando “que vai ser de referencia obrigada”.

Referencias varias:

- Iago Martínez, “Manuel Rivas fala a través de min”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 4 febreiro 2010, p. 36.
Informa da presentación da versión inglesa d’Os libros arden mal (2006) a cargo do tradutor inglés de Manuel Rivas, Jonathan Dunne. Sinala que, dende a edición en 2001 de The Charpenter’s Pencil, todas as versións inglesas da producción de Rivas pasan polas súas mans. Tamén coma que Dunne está a ultimar unha escolma que as editoriais Xerais e Galaxia sacarán á luz en edición bilingüe no mes de abril, unha antoloxía da literatura galega dende 1196 até 1980 e que será o número trinta e cinco dos títulos galegos traducidos á lingua inglesa.


Indica que a maioría dos textos incluídos nesta antoloxía son do século XX -31 fronte a 24 textos da época medieval, dos séculos XVI-XVIII e do Rexurdimento- e que pertencen á literatura oral, ensaio, poesía, ficción e teatro. Explica como foi a xestación deste traballo, no que contou coa axuda de escritores e especialistas galegos, así como de tradutores que nestes momentos estaban a traballar no eido da tradución galego-ingles. Comenta que con este libro estamos nas portas da literatura galega contemporánea e que agarda que sexa posíbel sacar un segundo volume, unha antoloxía dedicada aos anos 1981-2011, que sería de moita utilidade para os editores estranxeiros interesados en publicaren autores galegos.


Tras comentar a importancia que ten a publicación, por parte da editora londiniense Francis Boutle da antoloxía Breogan’s Lighthouse, refírese a outra que tamén se publica en Xerais e Galaxia, cuxo responsábel principal é o tradutor británico Jonathan Dunne e que leva por título Anthology of Galician Literature. Saliéntase que nela se inclúen textos de cincuenta e cinco autores galegos dende 1196 até 1981 que foron escollidos por outros autores e autoras galegos.


Anúnciese que xa está preparada a antoloxía que se publica en Xerais e Galaxia, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne e que leva por título Anthology of Galician Literature 1196-1981, na que se realiza un percorrido por oito séculos de literatura galega e participan un total de cento vinte e catro persoas entre antólogos, tradutores e autores. Destácase a importancia da obra para o coñecemento da literatura galega dende as súas orixes e que fosen autores galegos os que deciden que textos se inclúen. Por último dise que un elemento primordial para o coordinador do proxecto é que as traducións están feitas por anglofonos.


Dise que se publica a primeira antoloxía da literatura galega en língua inglesa cun amplio percorrido por todos os xéneros e autores dende 1196 até 1981. Trátase d’Anthology of Galician Literature 1196-1981, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne e que se publica conxuntamente entre Xerais e Galaxia. Coméntase que
o proxecto comezou en 1997 e que contou coa colaboración de cincuenta e cinco antólogos, escritores e especialistas galegos. Apúntase tamén que o propio autor suxire a posibilidade de que sería bo a realización dun novo volume que se centrase na etapa contemporánea dende 1981 até o 2011. Por último exprésase a necesidade de promocionar a cultura galega no ámbito anglofóno.


Fállase sobre a aparición da primeira antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-inglés, Anthology of Galician Literature, na que se reúnen oito séculos de produción poética, narrativa e ensaística e que ademais conta cun epígrafe para a literatura de tradición oral. Indícase que cincuenta e cinco escolmadores reúnen textos de corenta e catro autores e seis anónimos que se encadran cronolóxicamente entre 1196 e 1981 e que xa hai en preparación un segundo volume que inclúe produción até 2011, e logo fállase do proceso creativo.


Indícase que da primeira antoloxía de literatura galega en edición bilingüe inglés-galego, Anthology of Galician Literature, se distribúen ao redor de tres mil exemplares por centros de estudios galegos de todo o mundo así como por universidades con estudios de Hispánicas ou de Lusofonía, principais medios de comunicación especializados ou con atención á literatura e tamén entre as máis destacadas feiras do libro internacionais. Fállase tamén sobre o proceso de elaboración da mesma por parte do seu autor, Jonathan Dunne e da preparación dun segundo volume que será publicado en 2012.


Coméntase a presentación en Santiago de Compostela da primeira antoloxía da literatura galega en edición galego-inglés, realizada por Jonathan Dunne e presentada conxuntamente pola Editorial Galaxia e Edicións Xerais de Galicia. Indícase o contido da obra e destácase a intención de distribuír máis de tres mil exemplares por centros especializados, universidades e bibliotecas, e logo recólense as palabras de Manuel Bragado e Víctor Freixanes sublinhando a importancia deste feito.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, tanto novidades como obras recentes. Esta semana seleccionanse, entre outras, esta antoloxía de Jonathan Dunne, que abrangue o período entre a Idade Media e o ano 1981 (data de aprobación do Estatuto de Autonomía de Galicia); Todo ben, de Manuel Rivas; e Atrapado na torre (2009), de Xoán Babarro e Ana María Fernández.


Dá conta da publicación conxunta entre Edicións Xerais e Galaxia da antoloxía bilingüe
Anthology of Galician Literature, de Jonathan Dunne, que presenta textos de máis de corenta escritores galegos escolmados por expertos literarios de recoñecido prestixio e traducidos por vinte e dous especialistas. Sinala ter lido que esta publicación vai ser enviada a centros de estudo galegos de todo o mundo e salienta o acerto da obra de dar a coñecer a cultura de Galicia alén das súas fronteiras. Recomendando de novo este labor de espallamento, remata anunciando a recente edición de Ein rosenfeuer, das uns verstört. 4 dichter aus galicien, traballo realizado polo profesor Javier Gómez-Montero na universidade alemá de Kiel.


Infórmaselle da publicación de Anthology of Galician Literature, de Jonathan Dunne, salientando a importancia da proxección universal, especialmente nas obras literarias escritas en linguas historicamente sometidas, como é o caso da lingua galega. Menciona tamén a presentación de dous libros do profesor Javier Gómez Montero no congreso sobre “Torrente Ballester e outros escritores galegos” celebrado na cidade alemá de Kiel: unha antoloxía poética bilingüe (galego-alemán) nomeada Ein rosenfeuer, das uns verstört, 4 dichter aus galicien e unha selección de textos de temática xacobea titulada Alá no noroeste...Unha cartografía literaria do Camiño en León. Ademais de citar a Gómez Montero, sinala ao profesor Luciano Rodríguez como o outro responsábel e impulsor destas publicacións.


Descríbese o desenvolvemento dunha reunión de tradutores e escritores en Astorga, na que se fala tamén da aparición da Antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-inglés e da importancia que este feito supón para a proxección internacional da literatura galega a selección de máis de seiscentas páxinas da mesma.


Sinala a presenza de editoriais galegas na feira de Frankfurt e na Liber de Barcelona tratando de combater a crítica situación que afecta a este sector. Destaca a presentación en Frankfurt no mes de outubro da Antoloxía da Literatura Galega en galego e inglés, de Jonathan Dunne, considerada unha boa obra para proxectar a literatura galega no estranxeiro.


Dá conta da presentación na feira do libro de Fráncfort da antoloxía bilingüe en inglés e galego asinada por Jonathan Dunne co título d’Antoloxía da literatura galega. Comenta que a obra é unha historia da literatura galega até a dècada dos oitenta que terá unha segunda parte cara ao ano 2012.

Décimo quinta achega de carácter divulgativo da colección de literatura galega “O mellor de...” que coordina José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) e que nesta entrega está centrada na figura de Álvaro Cunqueiro Mora-Montenegro (Mondoñedo, 1911-Vigo, 1981). Comeza cunha brevíssima introdución de Mª Eva Ocampo Vigo, na que dá conta das facetas que desenvolveu Cunqueiro, a importancia da súa producción, algúns prestixiosos galardóns que recibiu e a homenaxe que se lle rendeu o Día das Letras Galegas 1991; seguida dunha breve biografía que se detén nalgúns feitos importantes da súa vida; antes de destacar nunha breve “Cronoloxía” datas salientábeis na súa traxectoria persoal e literaria. A seguir reproducécese unha selección de textos dramáticos tirada de *Obra galega completa. Poesía. Teatro* (1991) que inclúen fragmentos d’*O incerto señor don Hamlet, príncipe de Dinamarca* (1958) e *A noite vai coma un río* (1965); pezas das que, tras o título, se precisan brevemente a intertextualidade e os trazos que lle achega Cunqueiro, ademais das características que definen os personaxes. Este volume péchase con “Bibliografía” primaria de Álvaro Cunqueiro e mais coa “Bibliografía sobre Álvaro Cunqueiro”, que contén bibliografía secundaria sobre o autor e enlaces en liña.


---


Selección da producción literaria do pensador e literato Antón Losada Diéguez (Boborás, Ourense, 1884-Pontevedra, 1929), coordinada por José Antonio Ponche-Far (Negreira, 1948) e ofrecida polo xornal *La Voz de Galicia* aos seus lectores. O libro presenta unha introdución realizada por Teresa Seara, encargada da elección das obras, unha pequena biografía de Losada Diéguez e unha cronoloxía onde se resaltan os momentos clave da súa vida. A continuación, os textos preséntanse aglutinados baixo dous grandes epígrafes: en primeiro lugar, a obra de creación, onde se recolle parte da súa producción de ficción, que comprende unha comedia teatral inacabada titulada “A domeadora”; e en segundo lugar, a obra de pensamento. O libro complétase con dúas pequenas bibliografías, unha relativa ás obras elixidas para esta edición e a outra sobre o propio Losada Diéguez.


---


Volume que se inicia cunha introdución de Áurea Ramil Díaz, na que se destaca a Eduardo Blanco Amor (Ourense, 1897-Vigo, 1979) como un escritor poliédrico, poeta, xornalista, dramaturgo e narrador. Ramil Díaz inclúeuse como poeta dentro da xeración.
do 25, mentres que como narrador o considera nunha corrente próxima á de xeración máis modernas, como é a Nova Narrativa galega. Destaca asemade o seu compromiso co galeguismo e coa sociedade que o rodeou. Prosegue o volume cunha breve biografía do autor e unha cronoloxía das súas publicacións e traballos máis salientábeis. Os textos escolmados son de diferente fasquia: textos xornalísticos, poéticos, narrativos e dramáticos. No tocante á produción de literatura dramática, reproducense a “Xustificación” de Teatro para a Xente e un fragmento de Proceso en Jacobusland. Péchase o volume cunha biografía do autor e sobre o autor.


Antoloxía de textos de Vicente Risco (Ourense, 1884-1963) coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) que se abre cunha “Introdución”, na que se afirma que Vicente Risco é unha das figuras máis importantes da literatura galega, xa que tivo un papel relevante nas iniciativas políticas e culturais da época, como as Irmandades da Fala e o Grupo Nós. Sinálase que destacou como novelista e autor de relatos curtos, pero que tamén foi novelista en castelán, historiador, xornalista, pedagogo, etnógrafo, orientalista e teórico do nacionalismo galego. Coméntase que se lle dedicou o Día das Letras Galegas en 1981 e, a seguir, acóllese unha “Biografía”, na que se fai un percorrido polos trazos máis salientábeis da súa vida persoal e académica, e da súa obra, entre 1884 e 1981; e unha “Cronoloxía”, un esquema da biografía precedente onde se recollen eses mesmos datos resumidos e ordenados cronoloxicamente. A continuación reproducense os textos dramáticos antologados: fragmentos do drama O Bufón d’El Rei (1928). Este volume péchase cunha bibliografía activa de todas as obras de Risco escritas en galego, e unha “Bibliografía sobre Vicente Risco”, na que aparece unha pequena relación de seis traballos que tratan a figura deste escritor, acompañados dunha pequena descripción de cada un deles.

Tamén está descrito nos apartados I.4 Narrativa, II.4. Poesía e V.4 Ensaio deste Informe.
III.5. POSTAS EN ESCENA

Neste apartado achégase a información recollida a partir das publicacións periódicas, ben sen asinar, ben asinadas, que son as que se descreben en “Referencias varias”.

III.5.1. CICLOS, ENCONTROS, FESTIVAIS, MOSTRAS, SALAS ALTERNATIVAS E SEMANAS

Adolfo Marsillach, Ciclo de Teatro Profesional


Referencias varias:


Agustín Magán, IXº Festival de teatro afeccionado

Organizado por primeira vez en 2002 pola Axencia Galega das Industrias Culturais (antigo IGAEM) e a Federación de Teatro Afeccionado (FEGATEA), quere ser unha ocasión na que se lembre e homenaxee a Agustín Magán e que sirva de intercambio de experiencias entre grupos afeccionados. Na edición de 2010, celebrada dende o trece até o dezaseis de decembro, acolleu as representacións Aquí cheira a morto, por Teatro de Cámara Ditea; Drammatico, pola Asociación Teatral Paso de Valverde; Peza para dous actores, por NNC Teatro, e Non todos os ladróns veñen por mal, polo Aturuxo de Melpômene.

Referencias varias:


Indícase que o Teatro Principal de Santiago acolle as catro representacións que teñen lugar co gallo do IXº Festival de Teatro Afeccionado Agustín Magán entre as que se
atopa a compañía Ditea coa obra *Aquí cheira a morto*. Describese a programación e tamén se sinala que se conmemoran os dez anos de existencia da Federación Galega de Teatro Afeccionado (Fegatea).


Coméntase cal é a programación da gala que ten lugar co gallo do Festival de Teatro Afeccionado Agustín Magán, que se celebra no Teatro Principal de Santiago e acolle catro espectáculos. Tamén se inclúe a gala de celebración do novo aniversario da creación da Federación Galega de Teatro Afeccionado (Fegatea) na que se entrega o seu galardón á *Revista Galega de Teatro*. Sinálase calas son as obras que se poñen en escena, como *Aquí cheira a morto*, da compañía Teatro de cámara Ditea.


Faise eco da homenaxe que se fai en Santiago de Compostela ao grupo de teatro afeccionado Ditea co gallo do cincuenta aniversario da súa fundación en 1960. Lérase a figura do seu fundador e director Agustín Magán e faise un repaso pola traxectoria profesional do grupo, así como tamén se indica que os actores e actrices pediron ao alcalde da cidade que se lle dedique unha rúa a Magán.


O actual director da compañía de Teatro de Cámara Ditea, Alberte Álvarez, fala sobre as orixes desta agrupación ao mando de Agustín Magán e sobre as súas reunións en tascas de Compostela para crear proxectos. Dise que eles son os encargados de abrir o Festival de Teatro Afeccionado Agustín Magán e que lle fan unha ofrenda floral mentres se reúnen nun xantar de confraternidade. Fálase dos inicios da compañía, da súa traxectoria e do seu traballo actual.


Indícase que dentro do Festival Agustín Magán de Teatro Afeccionado, que ten lugar no Teatro Principal de Santiago de Compostela, hai varios espectáculos teatrais, entre os que se destaca a representación da obra *Aquí cheira a morto*, da compañía Teatro de Cámara Ditea. Tamén de comenta a importancia dos grupos de teatro amador no panorama cultural galego.


Breve referencia a que o grupo de Teatro Ditea inaugura o IXº Festival Agustín Magán de Teatro afeccionado coa obra *Aquí cheira a morto*, e que lle segue a compañía Asociación Teatral Paso de Valverde coa obra *Drammatico*. 
Recóllense as opinións do director e actores do Aturuxo de Melpómene sobre o papel das compañías de teatro afeccionado co gallo da súa participación no Festival Agustín Magán que amosa en Santiago o labor de catro desas compañías. Destacan sobre todo o talento e a cantería que posúen estes grupos. Tamén se fai referencia a que a compañía Andaravía abre a mostra de teatro afeccionado que convoca o alumnado da Escola Municipal de Teatro da Estrada.

**Ames, IVª Mostra de Teatro Afeccionado de**

Mostra de teatro afeccionado celebrada no concello de Ames dende o cinc acé o dezanove de novembro. Contou coas representacións Atraso, por parte dun grupo local de Bertamirán; A casa de Bernarda Alba, por un grupo de Ribeira; Ao son dos novos, polo grupo A Pombiña de Narón e Nunca nada de ninguén, por un grupo do Milladoiro.

**Referencias varias:**


Nota na que se indica que o grupo local do Milladoiro foi o encargado de pechar a IVª Mostra de Teatro Afeccionado de Ames, na que participaron grupos de Bertamirán, Ribeira, Narón e Milladoiro e á que acudiron trescentos espectadores.

**Arteria Noroeste, Iª Mostra de Teatro Amateur na Sala**

Mostra de teatro celebrada e organizada pola Sala Arteria e o colectivo Escenamateur, na que participaron os grupos foráneos Melpómene, dende Madrid, e Teatro Estudio, dende o País Vasco.

**Referencias varias:**


Indica que na sala Arteria Noroeste tivo lugar, ademais de proxecións cinematográficas, unha representación teatral no marco da Iª Mostra de Teatro Amateur que se organiza en conxunto con Escenamateur.

**Atracción Teatral IVº**

Ciclo teatral organizado polo Concello de Lugo e a compañía de Teatro Nova Escena, con emprazamento no Centro Social Fingoi. Participaron na edición de 2010 as
compañías Nova Escena Teatro, con O lirio; Carfax Teatro, con Transilvania e Escoitade Teatro, con Longa vida a Martiño de Güimil.

Referencias varias:


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Centro Fingoi de Lugo da obra Longa vida a Martiño de Güimil dentro co ciclo Atracción Teatral, organizado por Nova Escena; e da obra Sexo? Por que non?, da compañía Em2, no Teatro Principal de Ourense.


Entre outras actividades, anúncianse as representacións da obra Longa vida a Martiño de Güimil dentro co ciclo de teatro Amador Atracción Teatral IV, organizado por Nova Escena Teatro, no Centro Fingoi de Lugo; da obra Crónica daquela escola, da compañía de teatro Biblioteca Antas de Ulla, dentro do proxecto de Buxiganga da Deputación, no Centro Sociocultural de Alfoz; e d’A pensión, de Redrum Teatro, no Salón Teatro de Santiago.

Buxiganga, IIª Edición do Proxecto Teatral

Ciclo de teatro afeccionado organizado pola Área de Cultura da Deputación de Lugo, co obxectivo de achegar o teatro aos diversos concellos da provincia. A edición de 2010 contou coas representacións Máquina Hamlet, por parte do grupo Falcatruereiros; Crónica daquela escola, pola compañía de Teatro da Biblioteca Antas de Ulla; Don Armando Gresca, polo Grupo de Teatro Hospital de Calde; O lirio, por Novaescena Teatro e Velorio de Xan de Perolo, por Axóuxeres de Vilaronte.

Referencias varias:


Infórmase da segunda edición do ciclo de teatro Buxiganga que estará composta por noventa funcións e dezaseis grupos de teatro afeccionado. Explicase que os obxectivos deste ciclo son cumprir unha función de cohesión e integración social así como potenciar o teatro como un elemento de transmisión cultural.


Fálase de Buxiganga, un programa para a promoción do teatro e dos grupos afeccionados de Lugo. Explicase que, na súa segunda edición, levará o teatro a corenta e
cinco concellos e estará formado por noventa representacións. Fálase dos custos así como dos seus obxectivos, entre os que se atopa a promoción do teatro na provincia de Lugo.


Entre outras actividades, anúncianse as representacións da obra Longa vida a Martiño de Güimil dentro co ciclo de teatro Amador Atracción Teatral IV, organizado por Nova Escena Teatro, no Centro Fingoi de Lugo; da obra Crónica daquela escola, da compañía de teatro Biblioteca Antas de Ulla, dentro do proxecto de Buxiganga da Deputación, no Centro Sociocultural de Alfoz; e d’A pensión, de Redrum Teatro, no Salón Teatro de Santiago.


Entre outras actividades, anúncianse as representacións da obra Aulularia, do grupo de teatro Achádego, no auditorio de Lugo; de Velorio de Xan de Perolo, da agrupación A xoúxeres de Vilaronte, no Teatro Pastro Díaz de Viveiro dentro do ciclo Buxiganga; e de Matarratos Darwin, da agrupación Dívencia, na Sala Bahía de Foz.

**Cando Outono se fai Teatro**, IIIº Ciclo de Teatro Afeccionado

Ciclo de teatro afeccionado de Coia organizado polo Centro Cultural e Artístico Rueiro coa colaboración da Federación Galega de Teatro Afeccionado (Fegatea). Na edición de 2010, celebrada dende o nove até o vinte de outubro, acolléronse as representacións Silicon Valley, por Tiruleque; O cornudo imaxinario, pola compañía Mulleres de Moaña, e Pedro Chosco, por Navia Teatro Escola.

**Cangas**, XXVIIIª Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo

Organizada polo colectivo do Centro Recreativo Cultural Xiria, o Concello de Cangas e Teatro de Ningures, baixo a dirección de Mª Xosé Mariño, conta co patrocínio da Axencia Galega das Industrias Culturais (antigo IGAEM), do Concello de Cangas, da Deputación Provincial de Pontevedra, Frigoríficos do Morrazo e o Cupón do Minusválido. Durante esta mostra entregase anualmente o Premio “Xiria”, co que se destaca o labor teatral dunha persoa. A edición de 2010, que deu comez no día dous de xullo, contou coa participación de compañías foráneas como Teatre Arca de Cataluña, Teatro do Norte, dende Asturias, ou a compañía Elliot de Bruxelas. Ademais levaron a cabo as súas representacións as galegas Santiago Cortegoso con Hámster e A filla de Woody Allen; Tanxarina con Trogloditas; Carlos Blanco con Folk oral; Teatro Esmorga con O incorruptíbel; Malabaranda con Residuos e Teatro de Ningures con Os cómicos Dell’Auto.

**Referencias varias:**
Dise que a Consellería de Cultura reduciu o seu apoio á Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo de Cangas, que tivo como consecuencia a suspensión de varios espectáculos. O coordinador da Mostra e director teatral Antón Lamapereira, así como as integrantes da organización Che Mariño e María Ernesto, destacaron as achegas económicas e fixeron unha mención especial á totalidade das compañías teatrais participantes, coas que tiveron que renegociar as condicións de contratación. Anúnciase que o programa se completará con cursos, unha xornada dedicada á muller e a actuación de diversas compañías.

Anúnciase que a XXVIIª Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo de Cangas comenzará o vindeiro dous de xullo con espectáculos de Teatro de Ningures. Levanse tamén a cabo diversas actuacións de compañías teatrais tanto nacionais como internacionais, entre as que destacan a compañía de Teatre Arca de Cataluña ou a compañía Elliot de Bruxelas. Haberá tamén espectáculos rueiros gratuitos.

Achega á Mostra de Teatro de Cangas, coa lista de espectáculos que houbo que cancelar polo recorte da subvención realizado pola Consellería de Cultura da Xunta de Galicia. Dise que a mostra reúne unha vintena de espectáculos, entre os que destaca o do autor galego Santiago Cortegoso, que estará presente con dúas obras: Hámster e A filla de Woody Allen. A Mostra acollerá tamén o segundo Encontro Ibérico de Revistas de Teatro e o primeiro Encontro de Mostras e Festivais de Teatro de Galiza.

Dise que a canguesa Mónica Caamaño inaugurou a vixésimo sétima edición da Mostra Internacional de Teatro de Cangas. Coméntase que malia a rebaixa no orzamento da Consellería de Cultura para a XXVIIª Mostra Internacional do Teatro Cómico e Festivo de Cangas, o programa abrange funcións nas salas, espectáculos de rúa, obradoiros, presentación editoriais e encontros profesionais. Explica que foron suspendidas algunhas montaxes que a Asociación Cultural Xiria e o concello cangués tiñan previsto inserir, coma seis producións de Brasil, Italia, Cataluña, Madrid e dúas galegas. Como novidades a exposición Photo Teatro, as Xornadas da Muller, o encontro de revistas de teatro e unha conferencia de Lino Braxe sobre a relación de Luís Seoane coas artes escénicas completan o programa.

Dise que a canguesa Mónica Caamaño inaugurou a vixésimo sétima edición da Mostra Internacional de Teatro de Cangas. Coméntase que no seu discurso esixiu que a cultura mailo teatro deben ocupar un posto privilexiado dentro da sociedade ademais de lamentar o pouco apoio económico por parte da Consellería de Cultura. Dise que a
Mostra ten un amplio repertorio de representacións teatrais acompañadas de varias actividades paralelas.


Anúnciase que se leva a cabo a XXVIIª edición da Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo de Cangas a pesar de que se tiveran que suprimir da programación seis espectáculos por mor dos recortes da Consellería de Cultura. Porén, disse que os organizadores da Mostra están a pensar en crear unha fundación privada para evitar as estreiteces económicas. Coméntase que dentro da programación se concederá o “Premio Xiria á Labor Teatral 2010” ao director Xoán Cejudo e se celebrará o IIº Encontro Ibérico de Revistas de Teatro e máis as VIIª Xornadas de Muller e Teatro. Tamén habérá mostras do Festival de Teatro Cómico de Maia, da Federación Galega de Teatro Aficionado e, por último, Lino Braxe ofrecerá unha conferencia sobre a relación de Luís Seoane coas artes escénicas.


Dise que o Teatro do Norte, procedente de Asturias, representará na terceira xornada da XXVIIª Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo de Cangas a versión dunha popular obra de Federico García Lorca, dirixida por Etelvino Vázquez.


Dise que a XXVIIª Mostra de Teatro Cómico e Festivo de Cangas estivo marcada por un drástico recorte de última hora por parte da Consellería de Cultura. Coméntase que os organizadores se amañaron para ofrecer un número semellante de espectáculos aínda que axustándose á realidade económica. Porén, tivo lugar a creación dunha asociación que reunirá a todos os festivais de teatro profesional de Galiza non só para evitar situacións semellantes senón tamén para estabelecer vínculos entre os distintos festivais. Finaliza dicindo que a pesar do acontecido, contou con éxito entre o público.


Resume a temática da obra teatral *Hámster* do autor Santiago Cortegoso. Dise que se trata de dous hámsters que exploran os temas que dominan o noso tempo dende dúas perspectivas diferentes interrograndonos a súa conciencia para explicar o mundo e o lugar que ocupan nel. A conclusión apunta cara á capacidade de supervivencia máis alá de calquera situación límite. Coméntase que a representación se levará a cabo na XXVIIª Mostra de Teatro de Cangas.

Destácase a importancia da Mostra Internacional de Teatro de Cangas que cada ano obtén unha mellor resposta e na que participan os melores grupos a nivel nacional e de fóra. Sinálase que debido aos problemas económicos que teñen os seus organizadores están pensando nuha fórmula de fundación que permita a integración de entidades públicas e privadas para poder solventalos. Tamén se presenta a nova edición da mostra que se converte na número vinte e oito.

**Caranza, XIº Ciclo de Teatro Afeccionado “Domingos a escena”**

Ciclo teatral organizado pola Concellaría de Cultura de Ferrol e a compañía ferrolá Teatro Ad Libitum dende o mes de novembro do ano 2000. Celebrado no Centro Cívico de Caranza e no auditorio FIMO, conta asemade coa colaboración da Asociación Max de Teatro e co patrocinio da Deputación Provincial da Coruña e da Fundación Caixa Galicia. Cada edición outórgase durante a súa celebración o Premio do Público, que na edición 2010 foi para a Asociación A Pombiña de Pedroso. Nesta edición de 2010 participaron as compañías Ad Libitum coa representación *O meu home tolea*; a Asociación A Pombiña de Pedroso con *Nin Dios entende aos homes*; as Mulleres de Mugardos con “...e elas quedan”; o Grupo de Teatro Badius con ¡Xoo... ante o perigo!; Candelexas con Faladoiro no banco; a Escola Municipal de Teatro de Laxe con Rutinas; Airiños con Os vellos non deben de namorarse; Metátese Teatro con Fábrica de soños; Bartoleta Teatro con Mackie o Navallas; Sete en Punto con Entre-meses; e o Grupo Local de Teatro de Ribeira con A casa de Bernarda Alba.

**Referencias varias:**


Fálase da compañía Teterella conformada por alumnos procedentes da escola de Teatro de Narón. Indícase que debutou no auditorio municipal de Ferrol coa obra Un corazón perfecto, escrita por Carmen Blanco. Refírese tamén ao ciclo de teatro afeccionado Domingos a Escena que pechou coa representación d’O meu home tolea, da compañía Ad Libitum. Indícase que ao acabar a función darase a coñecer o gañador do Premio do Público.


Fálase da Sociedade A Pombiña de Pedroso con motivo de ser galardoada co premio do público que outorga o ciclo de teatro afeccionado do Concello de Ferrol, Domingos a Escena. Indícase que entre as obras que representou está Nin Dios entende ós homes.


Fálase do ciclo de teatro Domingos a Escena considerado como “símbolo anunciador de que o teatro afeccionado tamén ten o seu santuario: Caranza”. Indícase que a Sociedade A Pombiña de Pedroso recibiu o primeiro premio do público mentres que o grupo de
teatro O Bordelo recibiu o segundo.

**Carballiño, Vº Festival de Teatro Galego do (FETEGA)**

Organizado pola compañía Nove-Dous Teatro e Arteficción en colaboración co Concello do Carballiño e con subvencións da Axencia Galega das Industrias Culturais (antigo IGAEM), Caixanova e Caja Madrid. Na edición de 2010 foi dirixida por Josi Lage e contou coas compañías Teatro de Ningures, con *Homes...mulleres: o paraíso terreal*; Nut Teatro, coa representación *Wake up* e Obras Públicas, con *Life is a paripé*.

**Referencias varias:**


Coméntase que a obra *Wake up* representada pola compañía Nut Teatro pon o punto e final ás representacións do Festival de Teatro Galego do Carballiño. A continuación Josi Lage, directora do festival, cualifica a montaxe como “renovadora, vanguardista, arriscada e radical” onde se aborda no escenario o concepto de identidade dende a perspectiva do ámbito doméstico, empregando recursos como a nudez e un novísimos dispositivo electrónico que emite sons e luces en función do movemento das actrices.


A directora do Festival de Teatro Galego do Carballiño, Josi Lage, manifestou a súa satisfacción pola asistencia do público máis pola puntuación que os propios espectadores deron aos espectáculos. Josito Porto será o encargado de presentar a quinta Gala do “Premio Fetega” e Vicente Montoto recibirá o segundo premio honorífico concedido polo festival en recoñecemento á súa traxectoria profesional.


Dise que a quinta edición da Gala de “Premios Fetega” clausurou o Festival de Teatro Galego do Carballiño da man de Josito Porto, quen cualificou de exitosa esta edición pola calidade dos espectáculos maila asistencia de público, a pesar do recorte orzamentario que obrigou a reducir o cartel. Coméntase que o premio honorífico foi concedido a Vicente Montoto, mentres que o mellor actor foi Fran Paredes e a mellor actriz Sonia Rúa, ambos da compañía Teatro de Ningures.

**Carballiño, VIIIº Outono Teatral**

Ciclo de teatro realizado no Carballiño e organizado pola Área de Educación do Concello do Carballiño. Na edición de 2010 representáronse as obras *Konrad ou o neno que saiú dunha lata de conservas*, de Sarabela Teatro; *Os Bolechas*, de Caramuxo; o monólogo de Rober Bodegas, *Un condón por se pillo! e A esmorga*, de Sarabela Teatro.
Contouse ademais coa participación dos grupos Teatro del Norte e Bambalinas Asesinas.

**Referencias varias:**


Infórmase sobre o comezo do “Outono Teatral” que organiza a Área de Educación e Cultura do Concello do Carballiño, que consta de seis representacións, das cales se dá conta.

**Cariño**, XXXIª Mostra de Teatro Galego de

Mostra de teatro celebrada no Auditorio Municipal do concello ferrolán que acolle actuacións para diversos tipos de público, tanto por parte de compañías profesionais como afeccionadas.

**Referencias varias:**


Cariño reivindica como pioneira no norte do país na defensa e difusión dun teatro propio dende hai máis de trinta anos. Dise que dende o principio contou coas principais compañías e que intenta manter a calidade a pesar da crise económica subxacente. Como remate salienta que o groso da programación escénica do Concello se concentra en agosto pero que no resto do ano tamén hai actividades en torno ao teatro e obradoiros nos colexios e para as amas de casa.

**Catoira**, Lª Semana do Teatro Vikingo de

Iniciado na posguerra de 1959, este acontecemento declarado Festa de Interese Turístico Internacional é actualmente organizado polo Concello de Catoira coa intención de promover o desenvolvemento para a poboación, ademais de celebrar o desembarco vikingo á beira do río Ulla. Entre as actividades levadas a cabo salienta un festival de bandas de música, un festival de cinema, a rapa das bestas, as Xornadas de Cotoira na historia ou a Semana do Teatro. A edición de 2010, como cada ano, deu comezo o primeiro domingo de agosto e participou a compañía Vikingespil, coa obra *Arnulf, o amigo de Fenris*.

**Referencias varias:**

Dise que a obra *Arnulf, o amigo de Fenris* será representada no recinto das Torres de Catoira e será protagonizada por máis dun centenar de actores e actrices afeccionados catoirenses e daneses. Vikingespil, escola de teatro da localidade de Frederikssund (Dinamarca), é a responsábel da produción do espectáculo xunto co concello de Catoira.


Coméntase que Catoira e Frederikssund voltan a colaborar rememorando a través das artes escénicas aquel ano 1993 no que se deu o pistoletazo de saída á Semana do Teatro Vikingo. Dise que se iniciaron as representacións coa obra *Arnulf, o amigo de Fenris*, onde o mundo dos deuses e dos humanos se confunden, obra que durará de luns a venres e á que máis dun centenar de persoas asistiron á estrea.

**Cee, ‘Domingos de Teatro. Marzo Teatral’, XXIIIª Mostra de Teatro de**

Organizado, xunto coa asociación cultural Domingo Antonio de Andrade, polo actor, director e fundador de Talía Teatro, ofrece trinta e tres representacións durante unha semana. A edición de 2010 celebrouse do vinte e oito de agosto e contou coa participación das compañías Lagarta Lagarta con *O segredo dos Hoffman*; Os Sete Magníficos con *Un paíaso en apuros*; Pajarito con *Moucha, a meiga*; Malapècora Teatro con *A parábola da rúa*; Santiago Cortegoso con *A filla de Woody Allen*; Artestudio con *Contos no ar*; Pista Catro con *Ringorrango*; Pinguela con *Razóns de peso*; Traspediante con *Habelas*; Santiago Cortegoso Obras Públicas; Aturuxo de Malpómene e a aula de teatro da Universidade de Santiago de Compostela.

**Referencias varias:**


Indica as datas de celebración da XXIIIª Mostra de Teatro de Cee. Recolle as palabras de agradecemento do director do ciclo, Artur Trillo, ás institucións que colaboran no seu desenvolvemento, e doutros persoeiros que gabaron o labor de Talía Teatro como organizadora do ciclo. Remata apuntando que se levaron a cabo catro funcións diarias, como ocorrera nos anos precedentes e apunta o prezo das entradas e do bono para todas as representacións.


Dise que na Mostra de Teatro de Cee se levará a cabo a representación d*O segredo dos Hoffman* producida por Lagarta Lagarta, ademais dun espectáculo de rúa dos Sete Magníficos, unha obra de Pajarito e outra de Malapècora Teatro.

Repaso á programación das pezas que forman parte da vixésimo terceira edición da Mostra de Teatro de Cee, da que sinala que começou con grande éxito. Coméntase que Lagarta Lagarta representou a peza *O segredo dos Hoffman* e que Malapécora Teatro ofreceu *A parábola da rá*. A continuación sinálase que ao día seguinte interviu a compañía Artestudio con *Contos no ar*, a Pista Catro con *Ringorrango*, a Pinguela con *Razóns de Peso* e, por último, o grupo Traspediante con *Habelas*.


Entrevista a Santiago Cortegoso, na que comenta a súa obra dramática e as conexións que se establecen entre as diferentes pezas, nas que se trata o tema da identidade: 0,7 Molotov; *Des-memoria-dos e Hámsters*. Dise que Cortegoso está a escribir *Homes e mulleres* con Paula Carballeira e María Armesto, e tamén *El charo de Ulises* cunha bolsa de Iberescena. Coméntase que se levará a cabo a representación d’*A filla de Woody Allen* na Mostra de Teatro de Cee a pesar da crise, xa que as compañías dependen das subvencións e o mercado é pequeno.


Anúnciase que a choiva obriga á modificación do programa da Mostra de Teatro de Cee: a sección Rúa Aberta levarase a cabo nunha carpa instalada para tal fin. A reorganización do cartel foi tamén por motivos de saúde dun dos actores de Talía Teatro que tivo que suspender a súa función. Á marxe dos cambios, explicase que a Mostra segue tendo un éxito rotundo de público.


Sinálase que o Auditorio Municipal de Narón foi un dos centros que estrearon, coa compañía de Teatro do Morcego, o sistema de residencias aberto de Agadic. Ademais dise que o Pazo da Cultura se converteu na sede da Escola de Teatro, xérmolo da iniciativa d’O aturuxo de Melpómene, unha asociación que representará a súa última obra na Mostra de Teatro de Cee; outra das mostras que mellor resultado deron en Galicia na fidelización do público xunto con Narón. Saliéntase que debido a que as resolución das axudas non chegaron a tempo, o asociacionismo cultural a través do teatro afeccionado é un dos alicerces da formación de espectadores.

**Cee, Outono Cultural**

Programación cultural organizada polo concello de Cee na que se inclúen representacións teatrais. Durante o 2010 representaránse as obras *GO ON!*, por Malasombra Teatro; *Papá querido...*, por Lambriaca Teatro; e *Os Bolechas*, por Caramuxo Teatro.

**Referencias varias:**

Anúnciase o Outono Cultural de Cee coa posta en escena d’Os Boleschas, por Caramuxo Teatro, e un espectáculo músico-teatral levado a cabo polos Tres Tenedores.


Coméntase que dentro das actuacións programadas no Outono Cultural de Cee se inclúe a representación de GO ON! por parte da compañía Malasombra.

**Chantada, XXª Mostra de Teatro Popular Maruxa Villanueva**

Mostra de teatro celebrada en Chantada que organiza o colectivo teatral Faro-Miño deste concello. Na edición de 2010 participaron as compañías Lambríaica Teatro, Fulano, Mengano e Citano, Vaia Dous Teatro, Muxicas, Tócalle o nabo, Airiños do Ruibal e Teatro Estable, ademais da organizadora da Mostra.

**Referencias varias:**


Coméntase que pola Mostra Teatral Maruxa Villanueva de Chantada, organizada dende hai vinte anos pola agrupación teatral Faro-Miño, pasaron unhas tres mil persoas. Dada a celebración da súa vixésima edición anúnciase a entrega dunha placa conmemorativa á edil de Cultura, Dora Gómez, polo apoio prestado en favor da Mostra, e tamén se di que se colocou na Praza do Cantón, lugar onde se iniciou a convocatoria, unha placa en recoñecemento pola labor de Faro-Miño. Por último, indica que a Mostra leva o nome de Maruxa Villanueva dende hai catro anos en homenaxe a unha actriz da Barrela.

**Cidade de Lugo, VIIIª Mostra de Teatro**

Mostra de teatro organizada polo Concello de Lugo, en colaboración coa Vicerreitoría de Cultura da Universidade de Santiago de Compostela, a Escola Arte e Ocio de Fingoi e Palimoco Teatro. Na edición de 2010 participaron as compañías Achádego Teatro, con O tren dos tres merliños; a Aula de Teatro da Concellaría de Educación, con A hora das cerdeiras; Hipócrita Teatro, con Homes en escabeche; Nova Escena Teatro, con O inspector; Matapiollos Teatro, con A rebelión dos monicreques; Alberte Cavarcos, con O emigrante e a independente Gula Gula, coa obra Blue Island (un lugar axeitado para criminais).

**Referencias varias:**
Entre outras actividades, anúnciase a representación no Auditorio de Lugo de *Blue Island* (un lugar axeitado para criminais), posta en escena da compañía Gula Gula dentro da Mostra de Teatro Cidade de Lugo; e de *Por que o meniño se coce na polenta?*, realizada por Sapristi Teatro en coprodución co Centro Dramático Galego, no Salón Teatro de Santiago.

Entre outros eventos, salienta a VIII Mostra de Teatro Cidade de Lugo na que se representaron *O tren dos tres merliños*, de Achádego Teatro, e *A rebelión dos monicreques*, de Matapiollos. Asemade anúnciase que se van representar *Blue Island*, de Gula Gula; *Homes en escabeche*, de Hipócrita Teatro e *O emigrante*, de Alberte Cabarcos.

**Coruña**, XIIIº Certame de Teatro 2010 da

Certame teatral celebrado na cidade da Coruña, organizado polo grupo Candilejas Don Bosco do Centro Calvo Sotelo e promocionado e patrocinado pola Deputación Provincial da Coruña. Na edición de 2010 representouse a obra *Don Juan Tenorio*, a cargo de Teatro Artesán.

**Referencias varias:**


Entre outros actos dá conta de que, no marco do XIIIº Certame de Teatro 2010 celebrado na Coruña, obtivo o terceiro premio o grupo Teatro Artesán, un grupo teatral afeccionado de Sada que dirixe Juan Sanmartín. Apunta que neste ciclo participaron corenta e cinco grupos e que Teatro Artesán representou *Don Juan Tenorio*.

**Coruña**, Festival Internacional de Teatro Universitario da


**Referencias varias:**

Refírese ao Festival Internacional de Teatro Universitario da Coruña cuxo obxectivo é dar a coñecer o teatro e a danza que se crea nos grupos universitarios. Expícase que o festival está organizado pola Concellaría de Cultura en colaboración coa Aula de Teatro e Danza da Universidade. Apúntase como novidade a incorporación do Teatro Rosalía de Castro e explicase que no espectáculo de despedida o Obradoiro de Teatro da Universidade Senior “ofrecerá lecturas dramatizadas de Chéjov e Cortázar”. Indícase o nome dos grupos teatrais participantes e as obras que representarán.


Fálase de *Rinoceronte no camiño*, obra que pechou o Festival Internacional de Teatro Universitario da Universidade da Coruña e na que se ofrece “unha visión diferente sobre a ruta xacobea”. Entrevístase a Rubén Ruibal, director da obra, sobre o peso da danza nesta edición do festival así como da propia peza *Rinoceronte no camiño*, da que se indica que hai escenas en verso, teatro do absurdo, escenas hiperrealistas ou clown. Fálase, tamén, dos seus libros *Delimvois e Onde andas Karl?*

**Costa da Morte**, IIº Encontro de Teatro

Celebrada entre os días tres e dez de xaneiro, a edición de 2010 contou coa representación d’*Os Bolechas*, por Caramuxo. Participaron tamén as compañías Dequenquén Teatro, Florinata, Raigañas e as Escolas Municipais de Camariñas e de Muxía.

**Referencias varias:**


Fálase da programación do II Encontro de Teatro Costa da Morte. Indícase que entre as compañías que participan están Caramuxo Teatro e Dequenquén Teatro e que, ademais, entre as obras que se representarán neste ciclo teatral está *Os Bolechas*.

**Cuntis**, IIº Certame de Teatro Afeccionado

Certame de teatro afeccionado organizado pola Asociación Cultural e Xuvenil Escola Artística de Cuntis que se leva a cabo no Centro Sociocultural Patelas. Nesta segunda edición participaron Ditea Teatro, con *Aquí cheira a morto*; Nós e Vós Teatro, con *Arsénico por compaixón*; *O pozo*, Cámbiache o conto e *Volvo en cinco minutos*, pola Escola Artística de Cuntis; *Comendo pimentos de Padrón con Tarantino*, do grupo Carrachanacacha de Narón e *Aberto por folga. Cabaret laboral*, de Tangatutanga de Santiago.
Referencias varias:


Dáse conta da inauguración do IIº Ciclo de Teatro Afeccionado que se celebra na vila de Cuntis no Centro Sociocultural Patelas e describese a programación que ten lugar ao longo de dúas semanas. Tamén se fala sobre as diferentes actividades que se suceden á marxe das obras teatrais.


Nota informativa centrada no comezo da segunda edición do Ciclo de Teatro Afeccionado da Escola Artística de Cuntis coas representacións infantís d’O pozo e Cámibiache o conto, ambas parodías sobre contos clásicos; e coa obra para adultos Volvo en cinco minutos, interpretada por membros da asociación. Indícase que o ciclo continuará até o vinte e un de novembro e que o programa integra obradoiros e outras representacións das que se dá conta.


Entre outras actividades teatrais, dá conta do IIº Ciclo de Teatro Afeccionado de Cuntis, organizado pola Escola Artística e que se desenvolveu no centro Patelas. Indica que Ditea Teatro representou Aqui cheira a morto e Nós e Vós Teatro puxo en escena Arsénico por compaixón.

Cuntis, Teatro de Outono de

Mostra de teatro organizada polo concello de Cuntis e celebrrada no centro cultural Patelas. A edición de 2010 tivo lugar do vinte e tres até o trinta e un de outubro e contou coas representacións Isadora Duncan, a revolución na danza, por Encena Produccións Artísticas; Razóns de peso, por Pinguela Teatro; e Reciclaxe, por Produccións Acontrabutaca.

Referencias varias:


Entre outras informacións, recóllese a nova representación da peza Razóns de peso, por parte de Pinguela Teatro, dentro do ciclo de teatro promovido pola Concellaría de Cultura de Cuntis, que xa contou coa posta en escena de Isadora Duncan, a revolución na danza, a cargo de Encena Produccións Artísticas, e que se completará con Reciclaxe, da compañía estradense A Contrabutaca.
Daniel Cortezón, VIIª Mostra de Teatro Afeccionado

Ciclo de teatro afeccionado levado a cabo no municipio de Ribadeo. Con duración durante unha fin de semana, a edición de 2010 tivo lugar o dezasete e dezaoito de setembro, e contou co grupo do IES Vilar Ponte, coa posta en escena da obra Aventuras e desventuras do Camiño de Santiago; Aturuxo de Melpómene, con As tres mosqueteiras en procura de D’Artagnan, e Tanga Tutanga, con Aberto por folga. Cabaré laboral.

Referencias varias:


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Cine Teatro de Ribadeo da obra Aberto por folga. Cabaré laboral, a cargo da compañía Tanga Tutanga, dentro da VII Mostra de Teatro Afeccionado Daniel Cortezón.

Domingos de Melpómene, Ciclo de Teatro Os

Ciclo teatral organizado polo Padroado da Cultura de Narón en colaboración coa asociación teatral Aturuxo de Melpómene. A edición de 2010, que acolleu as súas representacións no auditorio municipal de Narón dende o doce de setembro até o dez de outubro, contou coas compañías Aturuxo de Melpómene, coa obra O método e Transilvania, por Carfax Teatro; ademais da Escola Teatro de Narón TEN, a agrupación Escoitade e a compañía Trasno Novo Teatro.

Domingos de Outono, Ciclo de Teatro Afeccionado de San Vicente do Grove

Ciclo de teatro afeccionado organizado pola Asociación Cultural Roza do Pedrol que se desenvolve os sábados na casa da cultura Ángel Vázquez Hereder de San Vicente do Grove. A presente edición contou coa representación Pepa a Trueno, por Aturuxo.

Referencias varias:


Dá conta da representación e argumento da peza Pepa a Trueno, a cargo da compañía Aturuxo, dentro do programa “Domingos de outono”, que consiste en xornadas dedicadas ao teatro na Casa de Cultura San Vicente no Grove.

Estrada, IIIº Certame de Teatro Afeccionado da
Mostra de teatro afeccionado organizada pola Escola Municipal de Teatro da Estrada. A edición de 2010, celebrada dende o dezasete até o dezanove de decembro, acolleu as representacións das compañías Tanga Tutanga, con *Aberto por folga. Cabaré Laboral* e Carrachanacacha, con *Comendo pimentos de Padrón con Tarantino*. Contouse tamén coa participación de Andaravía Teatro.

**Referencias varias:**


Ademais de informar doutras actividades que desenvolve a Escola Municipal de Teatro da Estrada, recóllese que no mes de decembro, no marco do IIIº Certame de Teatro Afeccionado, se representaron pezas “exitosas” como *Aberto por folga. Cabaré Laboral*, de Tanga Tutanga, e *Comendo pimentos de Padrón con Tarantino*, a cargo de Carrachanacacha.


Dise que os alumnos da Escola Municipal de Teatro da Estrada organizan o IIº Certame de Teatro Afeccionado que se celebra na vila durante a fin de semana coa interpretación de tres pezas teatrais.


Describese brevemente o argumento das tres pezas teatrais que participan no IIIº Certame de Teatro Afeccionado organizado polos alumnos da Escola Municipal de Teatro da Estrada e que, segundo dí o seu xerente, Xosé Lueiro, pretende a súa consolidación dentro do panorama teatral galego.


Recóllese as opinións do director e actores do Aturuxo de Melpômene sobre o papel das compañías de teatro afeccionado co gallo da súa participación no Festival Agustín Magán que amosa en Santiago o labor de catro desas compañías. Destacan sobre todo o talento e a canteira que posúen estes grupos. Tamén se fai referencia a que a compañía Andaravía abre a mostra de teatro afeccionado que convoca o alumnado da Escola Municipal de Teatro da Estrada.

**Fegatea Móvete**

Ciclo de teatro afeccionado organizado polo concello de Brión en colaboración coa FEGATEA (Federación Galega de Teatro Afeccionado). A edición de 2010 tivo lugar os días doce e trece de novembro e nela participaron Teatro Rueiro, con *A lotaria*, e Escoitade, con *Longa vida a Martiño de Güimil*.  

372
Referencias varias:


Anúnciese o ciclo de teatro afeccionado Fegatea Móvete, en Brión, no que a compañía Rueiro representa A lotaría.

XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia

Celebrada con regularidade dende o ano 1997, en que era a quinta edición despois de tres anos sen se convocar, está organizada pola Axencia Galega das Industrias Culturais (antigo IGAEM) e lèvase a cabo na cidade de Santiago de Compostela. No ano 2001, por primeira vez, foi incluída na Coordinadora de Feiras de Teatro do Estado Español. Este evento ten como finalidade ser unha canle para a distribución dos espectáculos e a el asisten programadores, produtores e distribuidores teatrais de toda a Península.

Durante a súa celebración anúncianse os gañadores dos Premios Álvaro Cunqueiro para Textos Teatrais, Manuel María de Literatura Dramática Infantil e Barriga Verde de Textos para Teatro de Títeres, todos eles convocados anualmente pola Axencia Galega das Industrias Culturais (AGADIC). A edición do ano 2010 celebrouse dende o dezaio até o vinte e dous de outubro e contou coas representacións teatrais das pezas Na meta (sálvese quen poida), por Ónfalo Teatro; A Nona, por Teatro do Morcego; Homes... mulleres: o paraíso terreal, por Teatro de Ningures; Botazz! O swing do jazz, por Galitoon; A filla de Woody Allen, por Santiago Cortegoso; Casting (a comedia), por Lagarta Lagarta; O incerto señor don Hamlet, por Sarabela Teatro; Frankenstein, por Ghazafellos; O día que chegou unha nube e choveu, por Títeres Trompicallo; Ordem e progresso, por Abada Teatro e Carlos Blanco; Memoria de Helena e María, por Teatro do Atlántico; In, por Elefante Elegante; Volpone, por Talía Teatro; Mensaxe sen botella, por Caramuxo Teatro e Un cranio furado, por Producións Teatrais Excéntricas.

Participaron ademais as compañías foráneas Teatro del Velador, La Rous Teatro e Histrión Teatro, dende Andalucía.

Referencias varias:


A proposta da XVIIIª Feira Galega das Artes Escénicas que se celebrará entre o dezaio e o vinte e dous de outubro en Santiago está composta por un total de dezaio espectáculos de teatro, danza e novo circo. A feira ocupará a maioría dos espazos escénicos da cidade e ten como fin ponderar a saúde do sector.

Achega á programación prevista na XVIII Feira Galega de Artes Escénicas, coordinada por María Paredes, na que destaca a morte do actor Suso Díaz, membro do grupo Sarabela Teatro, quen suspendeu a súa participación nunha xornada. Saliéntase que a feira comezará dando a coñecer os gañadores dos premios Álvaro Cunqueiro de textos teatrais, o Manuel María de literatura dramática infantil e o Barriga Verde de textos de teatro para monicreques. A seguir, terán lugar dezaseis espectáculos teatrais, tres de danza, un de novo circo e tres showcases coreográficos. Citanse as representacións previstas para cada unha das xornadas e destácase que este evento porá en contacto as compañías galegas cun total de cento corenta e sete entidades programadoras.


Recolle os comentarios de Juan Carlos Fasero, director da Agadic, e de María Paredes, responsable do evento, arredor das futuras edicións da Feira das Artes Escénicas, indicando a necesidade de reducir o número de días de duración da mostra e de reformular o modelo. Indícase que os organizadores apostan neste sentido polo showcase, “a exhiición dunha parte dun espectáculo, de dez a quince minutos, de maneira que se poida apreciar cal é o carácter do mesmo”.


Define outubro como un mes escénico, dado que nel coinciden dúas citas: o Festival Internacional Outono de Teatro en Carballo (FIOT) e a Feira Galega das Artes Escénicas en Compostela, ás que se une o Festival Internacional de Teatro de Ourense (FITO). Entre as representacións previstas na Feira das Artes Escénicas, que contará con vinte e cinco funcións en catro días, menciona Memoria de Helena e María, de Teatro do Atlántico; Volpone, de Talía Teatro e Un cranio furado, espectáculo coproducido polo FIOT e Mofa e Befa/Excéntricas. Con respecto á actividade teatral en Carballo sinala que tamén estarán presentes Mofa e Befa e Talía Teatro, ademais dun monólogo procedente de Portugal sobre textos do escritor Juan José Millás.


Anúnciase a próxima celebración en Compostela da XVIII Feira Galega das Artes Escénicas en Compostela, que contará con vinte e un espectáculos, dezaio deles galegos e tres andaluces. Saliéntase que a comisión de selección apostou por compañías que dirixen o seu traballo cara ás novas tendencias e por grupos de recente creación. Citanse tamén as montaxes teatrais de autoría galega contemporánea.


Crónica do acto de presentación da XVIII Feira Galega das Artes Escénicas en Compostela. Recólense as palabras de Roberto Varela, conselleiro de Cultura e Turismo, quen destacou a importancia do evento e a necesidade de reforzálo como espazo de negocio para a contratación. Tamén se citan os actos desta primeira xornada, centrada nas representacións de Ónfalo Teatro, Teatro del Velador, Teatro do Morcego.
e Teatro de Ningures e na entrega dos galardóns da dramaturxia galega: o Álvaro Cunqueiro de textos teatrais para Raúl Dans pola obra Chegamos despois a unha terra gris, “que revisita temas como a identidade e a memoria”; o Manuel María de literatura dramática infantil para Xavier Lama, por Os reloxos preguiceiros de Néboa, “cheo de orixinalidade, fantasía e humor”; e o Barriga Verde de textos de teatro para monicreques, que recaeu en Pedra sobre pedra, de Xosé A. Neira Cruz na modalidade de adultos, e Fábula galénica, de Inacio Vilariño, na modalidade infantil.


Refírese á presentación da XVIII Feira Galega das Artes Escénicas, indicando que acollerá vinte e un espectáculos e destacando as palabras de Roberto Varela, conselleiro de Cultura e Turismo arredor da vocación comercial do evento. Citanse as representacións da primeira xornada, así como os gañadores dos premios teatrais dados a coñecer por Agadic como arrinque da feira.


Informase sobre a presentación da peza Ordem e progresso, escrita por Carlos Blanco en colaboración con Sérgio Tannus Trío, dentro da XVIII Feira Galega das Artes Escénicas. Recólense as declaracións de Carlos Blanco, quen indica que o texto ten que ver coas viaxes e presenta unha visión persoal do Brasil, ademais de integrar música e improvisación.


Refírese á clausura da XVIII Feira Galega das Artes Escénicas coas últimas cinco funcións previstas e mais un espectáculo de circo galego. Indícase que sairán a escena as pezas galegas Mensaxe sen botella, de Caramuxo Teatro, dirixida ao público infantil, e Un cranio furado, o novo espectáculo de Producións Teatrais Excéntricas, unha montaxe dirixida por Quico Cadaval a partir dunha peza do anglo-irlandés Martin McDonagh.


Trátase dunha crónica sobre o desenvolvemento da XVIIIª Feira Galega das Artes Escénicas na que se pon de manifiesto a súa monotonía e a constatación da inoperatividade dun formato que se considera obsoleto. Sinálase que se un dos obxectivos fundamentais, segundo a organizadora e responsábel última do evento, AGADIC (Axencia Galega das Industrias Culturais), é promover o intercambio mercantil nas industrias culturais, desta vez só se venderon seis produtos dos moitos presentados. Cuestionase o formato actual e propóñense formatos alternativos e logo dáse conta de cales foron as obras e compañías teatrais que nela participaron e os espazos escénicos onde se exhibiron. Destácase tamén o papel dalgún actor e actriz como Evaristo Calvo e Luísa Merelas pero criticase o traballo organizativo e a xestión cultural.
Sinálase que a Feira Galega das Artes Escénicas estivo marcada pola tendencia ao cómico e a ausencia de riscos a nivel temático e de novas linguaxes. Coméntase que comezou coa entrega de premios de literatura dramática e que Ónfalo Teatro abriu o cartel coa representación *Na meta (Sálvese quen poida)*. Ademais doutras compañías andaluzas, destácase a presenza dalgunhas representacións por parte de compañías galegas.

**FestAlt10, IXº Festival Alternativo de Teatro e Danza de Vigo**

Iniciado no ano 2003, este festival está organizado pola Concellaría de Cultura e Animación Sociocultural do concello de Vigo e pola Asociación Cultural Noescafé-Teatro. Patrocinado pola Dirección Xeral de Creación e Difusión Cultural e pola Consellería de Cultura da Xunta de Galicia, conta ademais coa colaboración de entidades tanto públicas como privadas, así como da Concellaría de Xuventude, Igualdade e Normalización Lingüística. Os lugares de celebración dos diversos espectáculos presentes teñen lugar tanto nas rúas de Vigo como en espazos cubertos, tales como o Auditorio Municipal ou a Casa das Artes. A edición de 2010 celebrouse dende o once até o vinte de marzo e contou con actuacións de grupos procedentes de Francia, País Vasco, Andalucía, Cataluña, Valencia e Galicia.

**Referencias varias:**


Fálase do noveno aniversario do Festival Alternativo das Artes Escénicas de Vigo. Expícase que o certame inclúe doce espectáculos, una conferencia e un programa especial para os novos creadores galegos. Indícase que participarán compañías de orixe francesa, vasca, andaluza, catalá, valenciana e galega. Apúntase que o obxectivo é “apostar pola escena libre” así como polo traballo experimental, as linguaxes que se mesturan ou os novos creadores, entre outras cousas.


Infórmase da novena edición do Festival Alternativo das Artes Escénicas de Vigo (FestAlt). Indícase que estará conformado por dezasete funcións a cargo de catorce compañías. Fálase dos recortes de orzamento que sufriron e engádese que, como novidade, habérá unha mesa redonda-coloquio co título de “Testemuña casual do tempo” na que participará Óscar Cornago, o autor do ensaio *Políticas de la palabra*.

Fálase do espazo que o Festival Alternativo das Artes Escénicas de Vigo (Alt) ten reservado para as compañías galegas. Indícase, tamén, a programación do día.


Fálase do Festival Alternativo das Artes Escénicas de Vigo e explícase que, na súa novena edición, sufriu a redución dos orzamentos. Expícase que nel estarán representadas disciplinas como a danza, o cabaré, o circo, a performance, o videoarte ou o mimo. Refírese, tamén, a un “programa especial” reservado para as novas tendencias dos creadores galegos.


Refírese ao Festival Alternativo das Artes Escénicas de Vigo (Alt) que, na súa novena edición, “plántalle cara á crise” ofrecendo dezasete funcións de catro compañías de teatro experimental. Fálase da xornada inaugural e da novidade que presenta este ano, isto é, a mesa redonda-coloquio “Testemuña casual do tempo”.


Coméntase a boa acollida de público do Festival Alternativo das Artes Escénicas de Vigo. Analízanse brevemente as distintas propostas que, en xeral, reciben críticas polo seu desacerto nas postas en escena que non conseguiran chegar ao receptor. Menciónanse propostas de novos creadores galegos, como Borja Fernández, do que se sinala que o seu “movimento mesturado de performer” tiña máis sentido que outras pezas presentadas ao longo da xornada.

**FIOT**, XIXº Festival Internacional “Outono de teatro” de Carballo

Organizado pola Asociación Cultural Telón e Aparte, baixo a dirección do seu presidente, Alberto Sueiro, e a Concellaría de Cultura do Concello de Carballo, desde a edición de 2002 leva como título “FIOT”. Acolee representacións teatrais, contacontos, actuacións musicais e ‘shows’ de díversa índole. Na edición de 2010, celebrada desde o oito de outubro até o un de novembro, concedeu-se o galardón “Xograresa de Outono”, outorgado á actriz Paula Carballeira. Asemade, tivo lugar por primeira vez dentro do festival o Ciclo OTNI, ciclo teatral destinado a proxectos de carácter máis contemporáneo no que participaron tres compañías foráneas. Dentro do Fiot participaron as compañías Mr. Kubic Producciones, Pentación Espectáculos e Kamikaze Producciones, dende Madrid; Teatro Timbre, dende Arxentina; Atalaya Teatro, dende Andalucía; Histrión Teatro e Visões Uteis. No referente ao panorama galego, estivo representado polas compañías Mofa e Befa, con *Un cranio furado*, e Talía Teatro, con *Volpone*.

**Referencias varias:**

Infórmase de que o Festival de Outono de Teatro arrinirá coa coprodución de Mofa e Befá titulada *Un cranio furado*.


Anunciase que o Festival Internacional Outono de Teatro (FIOT) de Carballo estrea un novo ciclo denominado OTNI (Obxeto Teatral Non Identificado) no que se apostará por proxectos innovadores e alternativos con tres obras, unha da compañía Visións Uteis, outra de Histrión Teatro e un monólogo de Mr. Kubic.


Breve nota que informa do comezo da XII Rúa dos Contos, dentro do Festival Internacional Outono de Teatro (FIOT) de Carballo, que contará con quince actuacións en diferentes locais da poboación.


Dentro da programación prevista no Festival Internacional Outono de Teatro de Carballo, infórmase da estrea da peza *Un cranio furado*, coproducida polo festival e Produccións Teatrais Excéntricas, baixo a dirección de Quico Cadaval. Sinálase que os protagonistas, Dorotea Bárcena, Víctor Mosqueira e Santi Romay, definiron a peza no acto de presentación como unha comedia de humor negro e Cadaval como unha novela policial de aldea. Apúntase tamén que a obra orixinal conta unha historia que ten lugar en Irlanda que se adapta a Bergantíños.


Incídesen no feito de que o Festival Internacional Outono de Teatro de Carballo integre no seu programa unha obra que coproduciu con Producións Teatrais Excéntricas. Comértase que *Un cranio furado* é unha adaptación teatral dunha obra de Martin McDonagh, dirixida por Quico Cadaval, quen define a peza como “moderna, ligada á farsa dos noventa, combinando violencia e humor e con personaxes de verdade”. Recóllese tamén os títulos doutras obras que acollerá o evento, entre eles o galego Volpone, de Talía Teatro.


Define outubro como un mes escénico, dado que nel coinciden dúas citas: o Festival Internacional Outono de Teatro en Carballo (FIOT) e a Feira Galega das Artes Escénicas en Compostela, ás que se une o Festival Internacional de Teatro de Ourense.
Entre as representacións previstas na Feira das Artes Escénicas, que contará con vinte e cinco funcións en catro días, menciona *Memoria de Helena e Maria*, de Teatro do Atlántico; *Volpone*, de Talía Teatro e *Un cranio furado*, espectáculo coproducido polo FIOT e Mofa e Befá/Excéntricas. Con respecto á actividade teatral en Carballo sinala que tamén estarán presentes Mofa e Befá e Talía Teatro, ademais dun monólogo procedente de Portugal sobre textos do escritor Juan José Millás.


Dá conta do comezo do Festival Internacional Outono de Teatro de Carballo coa representación da obra *Un cranio furado*, coproducida polo certame e Produccións Teatrais Excéntricas, baixo a dirección de Quico Cadaval e na que participan os actores Dorotea Bárcena, Víctor Mosquera, Evaristo Calvo e Santi Romay.


Sobre *Volpone*, representada por Talía Teatro no Festival Internacional Outono de Teatro de Carballo, sinala que se trata dunha comedia que recupera o xogo de enganos clásico a través da biografía de Volpone.


Informa do acto de entrega do Premio Xograresca 2010 á actriz e escritora Paula Carballeira, dentro dos actos previstos no Festival Internacional Outono de Teatro de Carballo, que se une a Cándido Pazó, Celso Parada ou Dorotea Bárcena como posuidora da distinción en recoñecemento á súa longa traxectoria. Apúntanse as diferentes facetas relacionadas co teatro da galardoada e que está de xira coa súa obra *Pressing Catch*.


Indícase que Paula Carballeira recolleu o galardón “Xograresa de Outuno” no marco do Festival de Teatro de Carballo. O articulista refire que este premio constitúe a “máxima distinción que se concede a los participantes”. Precísase que se converte na segunda muller en recibilo, tras a tamén actriz Dorotea Bárcena. Remátase apuntando que este ciclo tivo unha grande acollida por parte do público na fin de semana. Engádese que se venderon as localidades de todas as actuacións agás as da compañía Mr. Kubic Productions.

**FITEU**, XVIº Festival Internacional de Teatro Universitario da Universidade de Santiago de Compostela

Celebrado dende 1995, está dirixido por Roberto Salgueiro ao abeiro do Convenio Lugo Cultural, asinado pela Universidade de Santiago de Compostela (USC), o Concello de Lugo, a Deputación Provincial e a Fundación Caixa Galicia. Desenvólvese nos dous campus da Universidade de Santiago de Compostela e ten como coordinadores a Pablo...
Rodríguez no campus de Lugo e a Cecilia Carballido no de Santiago. A edición de 2010 contou coa participación da Compañía de Teatro do Campus de Lugo, coa peza *Unha dúbida razoable*; a Escola de Teatro de Narón, con *Comendo pimentos de Padrón con Tarantino* e a Escola Superior de Arte Dramático de Asturias.

**Referencias varias:**


Entrevístase a Alberte Cabarcos con motivo da participación da Compañía de Teatro do Campus de Lugo, que el mesmo dirixe, no Festival de Teatro Universitario. Indícase que a compañía representará *Unha dúbida razoable*. Fálsase doutras novidades do ciclo de teatro como son a participación de agrupacións recoñecidas de Zaragoza, Asturias, Santiago de Compostela ou a da Universidade de Ourense. Apúntase tamén que, por vez primeira, habérá escolas privadas.


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Teatro Jofre de Ferrol da obra *Master class*, da compañía Bengala Producións, e doutra obra pola escola de Arte Dramático Superior de Asturias no Auditorio Gustavo Freire, ambas dentro do Festival de Teatro da USC.


Fálase do XVI Festival Internacional de Teatro Universitario. Indicase que entre as compañías participantes están a Compañía de Teatro do Campus de Lugo coa peza *Unha dúbida razoable*, e a Escola Superior de Arte Dramático de Asturias, cunha obra de William Shakespeare. Refírese tamén ao acto celebrado na Sala de Sargadelos a favor da República e no que se leron fragmentos da constitución de 1931.

**FITO**, IIIº Festival Internacional de Teatro de Ourense

Este festival xurdiu da man de Teatrauría, programa de accións para a xestión, produción e difusión das artes escénicas para as cidades. Está organizado pola compañía teatral ourensá Sarabela Teatro, co apoio institucional da Consellería de Cultura, a Deputación Provincial, o Concello de Ourense, o Teatro Principal e a Universidade de Vigo. A edición de 2010 celebrouse dende o vinte e dous até o trinta e un de outubro. Baixo a dirección de Ánxeles Cuña, contou coa participación das compañías foráneas Tangleando, dende Arxentina; Marta Carrasco, dende Cataluña; La Mona Ilustre dende Chile; Tangleoando, dende Arxentina; Baraka e Los Hedonistas, dende Madrid; Malayerba, dende Ecuador; Compañía de Teatro Braga, dende Portugal; Jo Stramgren Kompani, dende Noruega; Hongaresa, dende Valencia e Ur, dende País Vasco. Como compañías galegas contouse con Sapristi, con *Por qué o meniño se coce na polenta?*; Teatro do Morcego, con *A Nona*; A Internacional, con *Frida*; Nuria Sotelo, con *Méntanse*...
nos seus asuntos; Nut Teatro, con Wake up; e Femme Fatale, con Bon jour bon jour!.

Referencias varias:


Destácase a condensada e variada proposta de espectáculos no Festival Internacional de Teatro de Ourense, que deu resposta ás necesidades dun público diverso. Entre as propostas da nova dramaturxia menciónase compañía galega Sapristi, cun espectáculo moi visual, Por que o meniño se coce na polenta?, e Teatro do Morcego, coa comedia A Nona. En canto ás compañías emerxentes cítase a NUT Teatro, con Wake-Up, unha co-produción co Centro Dramático Galego; a compañía de Nuria Sotelo, baixo a dirección de Ana Vallés, con Métanse nos seus asuntos; e a Femme Fatale, con Bon jour bon jour!


Nota informativa sobre o desenvolvemento do Festival Internacional de Teatro de Ourense, que chega este ano á súa terceira edición. Destácase que participarán cinco compañías galegas e que Ánxeles Cuña, directora do evento, sinalou que a filosofía do festival pasa polo achegamento á lusofonía, a irmandade con compañías americanas e a integración de grupos emerxentes con consagrados.


Cualifica o Festival Internacional de Teatro de Ourense como un evento que se consolida na dramaturxia ourensá e que chega á súa terceira edición marcado pola morte do actor, iluminador e deseñador Suso Díaz (Suíza, 1971-Ourense, 2010), vencellado a Sarabela Teatro dende 1998, a quen Ánxeles Cuña, directora do evento, definiu no acto de presentación do FITO como “un actor sutil, enxeñoso, complexo, capaz de emocionar ata as entrañas”. Alude tamén ás compañías que conforman o cartel e que acollen actores e actrices de distintas partes do mundo.


Saliéntase a dimensión sociocultural da terceira edición do Festival Internacional de Teatro de Ourense, pola repercusión dentro e fóra da cidade, polos prezos asumíbeis dos espectáculos e por pensar en públicos de todas as idades.


Breve nota que dá conta do comezo do Festival Internacional de Teatro de Ourense, destacando que inclúe dezasete espectáculos que serán levados a escena por compañías
de longa traxectoria, emerxentes e grupos procedentes de Portugal, Cataluña, Iberoamérica e Noruega.


Nota que recolle a presentación do Festival Internacional de Teatro de Ourense, destacando que o acto estivo marcado pola redución orzamentaria e mais polo falecemento do actor, escenógrafo e deseñador Suso Díaz, vencellado a Sarabela Teatro, a quen Ánxeles Cuña, directora do evento, definiu como un “home de teatro total. Poeta do espazo, alquimista da luz e construtor de soños”. Ademais, faise fincapé en que o Festival contará con dezasete espectáculos en nove días e que asistirán compañías de longa traxectoria.


Indica que a nova edición do Festival Internacional de Teatro de Ourense (FITO) continuá a se desenvolver en varios escenarios da cidade das Burgas. Apunta que na derradeira semana de outubro actuaron a compañía arxentina Tangoleando, os madrileños Baraka, os ecuatorianos Malayerba e os galegos Femme Fatale, con Bon jour bon jour!


Entre outras actividades, anúnciase a representación da obra Estígnas, da compañía Ardora, dentro do ciclo de teatro organizzado pola asociación de mulleres rurais As Espalladoras, e que será levado a cabo no pavillón de San Román de Cervo; o espectáculo de títeres Carapuchiña vermella ou o conto do lobo, a cargo de Danthea Teatro, no centro social de Alfoz; e un espectáculo pola compañía arxentina Tangoleando, no Festival de Teatro de Ourense.


Dá conta das ideas desenvolvidas na mesa redonda incluída dentro das actividades paralelas da Fito, na que participaron representantes das tres compañías residentes en Galicia: Ánxeles Cuña, de Sarabela Teatro de Ourense; Xesús Ron, de Chévere de Santiago; e Celso Parada, de Teatro do Morcego de Narón. Saliéntase que Cuña afirmou que as compañías residentes son beneficiosas porque dan estabilidade aos grupos teatrais e reverten na vida da cidade, ao tempo que loitan contra os tres males do teatro galego: a falta de estabilidade, a desestruturación e a precariade orzamentaria.


Resume o argumento de Nuestra señora de las nubes, representada pola compañía ecuatoriana Malayerba no marco do Fito, centrada nos problemas que trae consigo o exilio e o peso da ditadura, a censura, a tiranía e a desorde. Recolle tamén uns
apuntamentos sobre A nona, de Teatro do Morcego, unha comedia delirante de Roberto Cossa, na que se conta a historia dunha familia arxentina de orixe italiana na que avoa non para de comer mentres a familia está na ruína.


Reprodúncese as declaracións de Ana Vallés, directora da peza Métanse nos seus asuntos, a propósito da súa estrea no Fito. A directora define este espectáculo de danza como unha reflexión sobre o carácter camaleónico dunha muller que, ao tempo, fai mudar a ollada do observador. Sinala que a pretensión é conectar coas sensacións do espectador a través da danza e que a intérprete, Nuria Sotelo, achega un traballo interesante a través do corpo. Indícase tamén que se trata da primeira peza que dirixe Ana Vallés tras a desaparición de Matarile Teatro dos escenarios tras poñer en escena Cerrado por aburrimiento.


Breve nota que destaca as representacións de Frida, da compañía galega A Internacional, sobre a historia da pintora mexicana, pioneira, loitadora e comprometida coa sociedade da súa época, interpretada por Manuela Varela, e mais de Concerto. A la carte, da compañía portuguesa Teatro de Braga, tamén sobre temática feminina.


Recóllense as declaracións de Ánxeles Cuña, directora do Fito, sinalando que as expectativas postas na terceira edición do festival foron sobradamente acadadas e que a oferta foi moi variada e suscitou comentarios entre o público dos que a organización tomou nota. Salientase como unha actividade importante para o teatro nas cidades, a organización dunha mesa redonda na que participaron representantes da Administración e das tres compañías residentes en Galicia: Sarabela Teatro de Ourense, Chévere de Santiago e Morcego de Narón, para facer balance e analizar modelos de futuro.

**Galicia Móvese**

Ciclo celebrado no concello das Pontes coa promoción da Xunta de Galicia que acolle teatro, danza e humor. Na edición de 2010 representáronse as pezas Só, por parte de Abada Teatro, e Sexo? Por que non?, por Em2 Emoción&Arte.

**Referencias varias:**

- C. P. R., “El ciclo ‘Galicia Móvese’ llevará espectáculos de humor, teatro y danza a As Pontes”, El Correo Gallego, “Área de Compostela”, 14 agosto 2010, p. 32.

Indica que o ciclo “Galicia Móvese” que se desenvolveu nas Pontes e que promoveu a Xunta de Galicia contou con representacións teatrais, humorísticas e de danza no auditorio municipal Cine Alovi. Refire que a compañía Adaba Teatro abriu o ciclo coa
peza Só e que o día vinte e nove o grupo Em2 Emoción&Arte representou Sexo? Por que non?

**Gondomar**, Mostra de Teatro de Outono de

Mostra de teatro realizada no concello de Gondomar en colaboración coa Axencia Galega das Industrias Culturais (AGADIC). As representacións teñen lugar no auditorio Lois Tobío. Na edición de 2010, celebrada dende o seis de novembro até o catro de decembro, participaron as compañías Inversa Teatro, que levou a cabo a representación Kamouraska; Expresión Teatro, con Toda unha vida; Fulano, Mengano e Citano, con Nunca menos!, e Carlos Blanco co seu monólogo Só.

**Isto Ferve**, Xº Encontro Contemporáneo de Teatro e Danza

Organizado polo Teatro Ensalle, coa colaboración da Axencia Galega das Industrias Culturais (antigo IGAEM) e o Concello de Vigo celébrase na Sala de Teatro Alternativo Teatro Ensalle. Na edición de 2010, celebrada entre o vinte e seis de marzo e o dous de maio, participaron as compañías galegas SoundSephard e Ensalle, ademais da arxelina Tania Arias, Arraiana dende Madrid e 360º+1 dende México.

**Referencias varias:**


Fálase da sexta edición de Isto Ferve, “o festival de teatro e danza contemporánea de Vigo” que organiza Teatro Ensalle. Indícase a súa programación e apúntase que, por vez primeira, o festival se introduce no mundo da música co concerto de SoundShepard. Apúntase, tamén, que nesta edición Isto Ferve ofrece máis obras que nas anteriores e que, ademais, tres das catro obras son “estreas absolutas”. Indícase que entre os grupos participantes se atopan 360º+1 e a Compañía Arraiana.


Anúnciase a celebración da décima edición do festival de teatro e danza “Isto Ferve”, unha iniciativa do grupo vigués Teatro Ensalle que contará coa presenza das compañías galegas Arraiana, Sound Sheperd e Ensalle, ademais da arxelina Tania Arias, entre outras.

**Lugo**, Xª Mostra de Teatro Clásico de

Mostra organizada no marco dun convenio entre o Concello de Lugo e Caixanova destinada a rememorar as figuras de recoñecidos autores do século XX. As diferentes actuacións celébranse no Auditorio Municipal Gustavo Freire de Lugo. Na edición de 2010 participou a Compañía Nacional de Teatro Clásico.
Referencias varias:


Fálase da X Mostra de Teatro Clásico que será inaugurada pola Compañía Nacional de Teatro Clásico. Indícase que se representarán dúas obras de Lope de Vega, dúas de William Shakespeare e dúas de adaptación libre. Fálase do programa do ciclo.


Fálase da X Mostra de Teatro Clásico de Lugo que pretenderá acercar á cidade “seis das mellores compañías do panorama nacional”. Indícase que se representarán obras de Lope de Vega, Shakespeare e outras “adaptacións libres” de textos clásicos. Fálase, tamén, da venda das entradas.


Fálase da X Mostra de Teatro Clásico de Lugo que organiza a Concellaría de Cultura e Turismo. Indícase que o ciclo estará composto por seis pezas e será inaugurado pola Compañía Nacional de Teatro Clásico coa representación dunha obra de Lope de Vega.

Mámoa de Luou, XIIIº Mes do Teatro da Asociación de A

Programación teatral con emprazamento no concello de Teo organizada pola Asociación A Mámoa de Luou en colaboración coa Consellería de Cultura e coordinada pola Fegatea (Federación Galega de Teatro Afeccionado). A edición de 2010 tivo lugar dende o trinta e un de outubro até finais de novembro, e participaron os grupos A Mámoa, con *Só unha noite*; Bradomin da Pobra, con *As vodas de Fígaro*; Teatro Airiños, con *Os vellos non deben de namorarse*; Femme Fatale, con *Cabareencrise* e Teatro Agarimo.

Referencias varias:


Nota que recolle o programa previsto dentro da Mostra de Teatro de Ribeira, anunciando as súas datas de celebración así como os grupos participantes. Tamén se indican os actos que conforman o Mes do Teatro do Concello de Teo: a representación teatral de *Cabareencrise*, da compañía Femme Fatale e mais unha conferencia de Carlos Penelas.
Dise que a compañía Bradomín da Pobra porá en escena As vodas de Fígaro no XIII Mes do Teatro da Asociación A Mámoa de Luou (Teo).

Indica brevemente que a Asociación Cultural A Mámoa (Teo) pechou o ciclo desenvolvido durante o mes de novembro no local social de Luou coa representación da comedia Só unha noite. Refíre que todas as representacións contaron cunha grande asistencia de público.

**Manicómicos, IXº Festival Internacional de Teatro Cómico**


**Referencias varias:**


Refírese ao próximo desenvolvemento do IX Festival Internacional de Teatro Manicómicos.


Fálase da campaña que a asociación cultural Manicómicos realizou na rúa co fin de dar a coñecer o Festival Internacional de Teatro que se celebrará no teatro Rosalía de Castro. Indícase que nel participarán “prestixiosas compañías dramáticas europeas”.


Refírese á novena edición do Festival Manicómicos. Indícase que entre as compañías que participarán se atopan Rúa Aire ou Maquinaria Pesada, que levará a cabo unha “actuación innovadora de clowns”. Infórmase do lugar no que se celebrará o festival así como do prezo das entradas.

Fálase da novena edición do festival Manicómicos. Explicase que está dividido en dous apartados: un de actuacións en recintos pechados e outro ao aire libre. Fálase dos problemas orzamentarios, así como do cartel do festival onde haberá representación local, nacional e internacional. Indícase que entre as compañías representantes se atopa Maquinaria Pesada ou Los Excéntricos. Recóllense tamén declaracións dun dos membros de El retrete de Dorian Gray e dunha das compoñentes de Maquinaria Pesada sobre as súas representacións.


Fálase do festival internacional Manicómicos do que se di que leva dezanove anos de traxectoria. Resáltase a presenza de mulleres no mesmo, por exemplo Gardi Hutter ou Isabel Risco e Marián Bañobre. Apúntase que entre as compañías participantes se atopa El retrete de Dorian Gray ou Maquinaria Pesada.


Coméntase que o Festival Internacional de Teatro Cómico alcanza a súa décima edición na cidade da Coruña cunha ampla variedade de espectáculos, entre os que se mencionan algúns deles. O director do festival, Carlos Sante, laiouse pola falta de axudas institucionais que está a abocar o teatro cómico.


Dise que o festival internacional de teatro cómico Manicómicos na décima edición reduce a súa duración por falta de apoio institucional. A pesar disto, coméntase que redunda en variedade centrándose, de novo, no teatro e no circo e menciona algúns dos artistas presentes.


Anúnciase a décima edición que a asociación cultural Manicómicos leva a cabo do Festival Internacional de Teatro Cómico Manicómicos manifestando os fins deste tipo de festivais: o humor e máis a calidade das compañías que ofrecen espectáculos ao aire libre. Manifiéstase que o director do festival, Carlos Sante, aproveitou a ocasión para comentar a necesidade dun maior apoio por parte das administracións públicas. A continuación dise que o festival arrancou da man de Hilton Hiltoff, para logo seguir cunha serie de actuacións das que se dá conta.

Reláticase que as festas de María Pita desenvolveron o ciclo Manicómicos e a IV Concentración de Grupos de Recreación Histórica con temática militar, que ademais albergaron diversos espectáculos de humor a cargo dos andaluces Hiltoff cun entretemento circense e varios espectáculos de clown. A continuación dice que o Salón Internacional do Cómico Viñetas dende o Atlántico, no seu decimoterceiro encontro, levouse a cabo con exposicións, mesas redondas e unha feira de comercios.


Colofón da décima edición do Festival Internacional de Teatro Cómico Manicómicos a cargo das compañías máis destacadas do Novo Circo Galego nunha gala que tivo como invitado de excepción a Pepe Viyuela. Explicaase asemade que o circo se fusionou co teatro nun espectáculo que tivo como principal obxectivo reivindicar a calidade e a profesionalidade das compañías que optan por desenvolver o seu traballo ao aire libre. Dise que malia a boa acollida, a organización do festival lamentouse da redución de días con respecto a outros anos debido ao recorte de axudas da Xunta.

Miguel Troncoso, Mostra Teatral


Referencias varias:


Infórmase sobre a representación da peza A taberna sen dono, no Teatro Municipal de Tui, dentro da Mostra Teatral Miguel Troncoso. Saliéntase que o elenco do grupo Teatro La Guía será o mesmo de hai trinta anos coa intención de homenaxear a Severino Miguel González Troncoso, quen impulsou a creación do grupo.

MITEU, XVª Mostra Internacional de Teatro Universitario Galego

Mostra que tivo a súa orixe en 1994, organizada pola Aula de Ourense baixo o nome de I Mostra de Teatro Galego Universitario de Ourense. En 1996 pasou a constituirse na I MITEU (Mostra Ibérica/Internacional de Teatro Universitario). Entre os seus obxectivos están potenciar o intercambio artístico entre grupos galegos e grupos da Península ou de fóra dela. Celébrase anualmente no Teatro Principal, aínda que tamén sae por veces a outros lugares. Ao remate das funcións estabelécese un coloquio sobre a obra e sobre as distintas xestións dos grupos universitarios. As datas de celebración son sempre na segunda quincena de abril. Está organizada pola compañía Sarabela Teatro xunto coa Aula de Teatro Universitario de Ourense Maricastaña, baixo a dirección de Fernando Dacosta e a coordinación de Elena Seijo. Conta tamén co patrocinio da Universidade de Vigo, a Área de Cultura do Concello de Ourense, a Axencia Galega das Industrias Culturais (antigo IGAEM) e Caixanova. Dende 1999 celébrase tamén o “Premio de Dramaturxia Carlos Couceiro” para premiar con 600 euros unha das compañías
participantes, ademais dos premios do público e da MITEU de cada edición. Na edición de 2010 participaron as compañías galegas Abada Teatro, con Só, e a Aula Universitaria de Santiago de Compostela, con As Cuñadas. Como grupos foráneos participaron a francesa Les petits detournements, o grupo de Teatro Universitario de Porto, a Aula Universitaria de Alacante, o Círculo de Iniciación Teatral de Coimbra, Ireneuk Krosny, Citac de Coimbra e Yllana.

Referencias varias:


Fálsase da Mostra Internacional de Teatro Universitario en cuxa programación habera teatro de rúa, maxia, documentais, programas radiofónicos, exposicións, monólogos e cursos, entre outras actividades. Indícase que nela participarán un total de sete países con trinta e oito espectáculos. Engádesese que entre as compañías participantes se atopan Yllana ou Ireneusk Krosny ademais das aulas de teatro das tres universidades de Galicia e outras españolas. Apúntase que a mostra tamén acollerá a presentación do libro que rememora os vinte anos da aula de teatro do campus de Ourense e o quince aniversario da Mostra de Teatro Universitario. Fálsase do orzamento co que contou e indícase que na edición anterior congregou a un total de dez mil espectadores.


Refírese á Mostra Internacional de Teatro Universitario que acollerá un total de trinta e oito actividades entre as que se atopan cursos, charlas, exposicións, maxia ou mimo. Expícase que o programa inclúe a participación de sete compañías e grupos artísticos internacionais. Cítanse, entre as compañías participantes, a Krosny ou Citac de Coimbra.


Fálsase da decimoquinta edición da Mostra Internacional de Teatro Universitario de Ourense, repárase o programa formado por trinta e oito actividades coloquios ou exposicións e indícase que, entre outras compañías, participarán todas as aulas de teatro universitario de Galicia. Apúntase que entre as novidades deste ano está a entrega dos IV Premios de Teatro Radiófónico.


Dise que se inicia a XV edición da Mostra Internacional de Teatro Universitario coa representación de Só, de Abada Teatro, no Auditorio de Ourense, unha obra escrita e dirixida por Carlos Blanco.
Refírese á decimoquinta edición da Mostra Internacional de Teatro Universitario. Fálase do programa e das súas actividades, entre as que se atopan representacións teatrais, exposicións, documentais ou conferencias. Indícase que entre os participantes haberá compañías de Costa de Marfil, Polonia ou Honduras e tamén artistas galegos e españoles.


Fálase da programación da Mostra Internacional de Teatro de Ourense. Explicase que a compañía Tarumba representou Don Juan, dirixida e escrita por Tito Asorey a través de textos de autores como Rodrigo García. Refírese tamén a outras obras que serán representadas.


Fálase da presentación oficial na Miteu da compañía de teatro francesa Les petits detournements. Refírese ao programa da mostra teatral no que se inclúe unha peza a cargo do grupo de teatro da Universidade de Aveiro así como a presentación dun libro que conmemora os vinte anos das aulas de teatro universitario e os quince da Miteu.


Fálase dos galardóns que se outorgaron na decimoquinta edición da Mostra Internacional de Teatro Universitario. Indícase que o grupo Teatro Universitario do Porto recibiu o Premio Carlos Couceiro e o premio do público foi para a Aula Universitaria de Santiago por As cuñadas. Engádese que o xurado outorgou dúas mencións especiais para a Aula Universitaria de Alacante e un segundo para o Círculo de Iniciación Teatral de Coimbra.

Monterroso, XIIIº Ciclo de Teatro Afeccionado de
Ciclo organizado pola Asociación Sociocultural Falcatruereiros, e patrocinado pola Consellería de Cultura e a Dirección Xeral de Creación e Difusión Cultural e a Federación Galega de Teatro.

**Referencias varias:**


Breve nota na que dá conta do comezo deste ciclo de teatro de afeccionado.

**MOTA, Vª Mostra de Teatro Afeccionado de Ourense**

Mostra de teatro afeccionado organizado polo concello de Ourense. As representacións lévanse a cabo no salón de actos da Biblioteca Nodal. Celebrada durante o mes de novembro, a edición de 2010 acolleu a representación *A auténtica historia dos tres porquínos*, por Marañao Teatro.

**Negreira, Iª Mostra de Teatro de**

Mostra teatral organizada polo concello de Negreira. Nesta primeira edición participaron as compañías Talía Teatro, a Escola de Teatro Municipal de Negreira e Malasombra Teatro, con *O día do pai*.

**Referencias varias:**


Anúnciase a programación da primeira Mostra de Teatro organizada polo Concello de Negreira. Indícase que nela participarán tres compañías, entre as que se atopa Talía Teatro, e a escola municipal.

**Palas de Rei, XIª Mostra “Teatro no Camiño” de Teatro Amador**

Mostra de teatro afeccionado organizado polo Grupo Metátese Teatro e a sociedade cultural ‘Orden de donas e cabaleiros do priorato de Vilar de Donas: Os lobos’. Levada a cabo a través do Centro de Documentación e Interpretación da Ulloa, esta mostra, que foi creada coa finalidade de achegar o traballo de grupos afeccionados galegos e foráneos, conta asemade coa colaboración do Concello, a Concellaría de Cultura e a Deputación. No ano 2010 participaron as compañías Tira e Afloxa Teatro, Invencible Teatro e Achádego Teatro.

**Referencias varias:**

Dá conta da celebración da XIª Mostra Internacional de Teatro Amador no municipio lucense de Palas de Rei, que contará con diversas actuacións, funcións, exposicións e homenaxes, ademais da realización dun proxecto de formación dirixido pola actriz María Creo. Entre as exposicións destaca a am­bientada na historia do Grupo Metátese Teatro e, entre as homenaxes, o “Premio IX Mácara” para o actor Luís Tosar e o “V Premio Careón” para Anisia Miranda e Xosé Neira Vilas.


Anúnciese o comezo da XIª Mostra Internacional de Teatro Amador de Palas de Rei coa entrega de galardóns: o “Premio Mácara de Teatro” para Luís Tosar e o “V Premio Careón” para Xosé Neira Vilas e Anisia Miranda. Dise que Neira Vilas inaugurará tamén a exposición 18 anos creando tecido teatral en galego con motivo do aniversario de Metátese Teatro, organizadora do festival. Todas as representacións son gratuítas e celebraranse no salón de actos da Casa da Cultura de Palas de Rei.


Coméntase que na XIª Mostra Internacional de Teatro Xosé Neira Vilas recolleu o galardón “Careón” concedido ao escritor máis á súa esposa falecida, Anisia Miranda; e Luís Tosar recibiu o “Premio Mácara”. Neira Vilas realizou un emotivo recorrido pola traxectoria teatral da súa muller e inaugurou a exposición 18 anos construíndo tecido teatral en galego, na que se fai un percorrido pola traxectoria da compañía Metátese Teatro.


Entre outras actividades, anúncianse as representacións da obra *Con ou sin…*, do grupo Tira e Afloxa Teatro, dentro da XI Mostra Internacional de Teatro de Palas de Rei, na Casa da Cultura de Palas de Rei; e da obra Quintana dos vivos, anguria dos orfos, da agrupación teatral O Bordelo de Cervo, na Casa da Cultura do Valadouro e dentro do programa da XXV Semana do Teatro.

**Pedra do Moucho, IIIº Ciclo de Teatro Afeccionado**

Ciclo de teatro afeccionado organizado pola asociación cultural e deportiva Pedra do Moucho que se celebra na parroquia brionesa de Ons. Conta coa colaboración do concello de Brión, a Federación Galega de Teatro Afeccionado (FEGATEA) e a Dirección Xeral de Promoción e Difusión Cultural da Xunta de Galicia. As representacións teñen lugar na Casa da Cultura. A edición de 2010 tivo lugar os sábados nove, vinte e tres de outubro e vinte de novembro e contou coas representacións Bancagare: sucursal n.º 13, por Teatro BADIUS; Xuizo no bosque ou soñar non costa
nada, por Ullán Teatro; e Hotelris@humor.com, por Candelexas.

Referencias varias:


Anúnciase o comezo da III edición do ciclo de teatro afeccionado que organiza a Asociación Cultural Pedro do Moucho de Ons de Brión, que constará de tres representacións das compañías Teatro Badius de Zas, Ullán Teatro e Candelexas.


Brevemente indica que o IIIº ciclo de teatro afeccionado Pedro do Moucho se pechou coa posta en escena de Hotelris@humor.com, a cargo do grupo noiés Candelexas. Apunta que as representacións deste ciclo contaron cunha media de cen espectadores.

Poio, VIIIº Circuíto de Teatro Afeccionado de

Xornada de teatro afeccionado que, na edición de 2010 contou coa participación de Aturuxo de Melpômene Teatro coa peza Pepa a Trueno.

Referencias varias:


Anúnciase a participación de Aturuxo dentro do VIII Circuíto de Teatro Afeccionado de Poio. Faise unha breve achega á traxectoria da agrupación e detense nas características da peza Pepa a Trueno.

Poio Escena, Ciclo de Teatro

Ciclo de teatro afeccionado celebrado no centro cultural Xaime Illa Couto Raxó do concello de Poio. Nesta primeira edición, celebrada entre o seis e o vinte e sete de novembro, leváronse a cabo as representacións Aberto por folga. Cabaret laboral, de Tangatutanga; Lisistrata, de Carauta Teatro; Xogando Shakespeare, de NonSi? Teatro e Oito mulleres, de Artías Teatro.

Referencias varias:

Dá conta do nacemento do ciclo de teatro Poio Escena, que ten como obxectivo ampliar a oferta cultural na localidade, incentivar o interese polo teatro e dar a coñecer o traballo de grupos afeccionados, e que terá lugar no centro cultural Xaime Illa Couto en Raxó. Indícase tamén o programa previsto entre o seis e o vinte e sete de novembro anunciando as representacións levadas a cabo.


Dáse conta do remate da primeira edición do ciclo de teatro Poio Escena, con grande éxito de público, e dise que a compañía encargada do peche é Artías Teatro coa representación *Oito mulleres*. O lugar das representacións, tal como se di, é o Centro Cultural Xaime Illa de Raxó e a iniciativa parte da Concellaría de Cultura co fin de dinamizar a cultura e visibilizar as compañías de teatro afeccionado galegas.

**Pontes, IIIª Mostra Local de Teatro Sábados Teatrais das**

Mostra de teatro afeccionado organizada pola Asociación Cultural e Deportiva Grupo Empresa-Endesa coa colaboración do Concello das Pontes. A edición de 2010 contou coas representación dos grupos A Pombiña de Pedroso, coa comedia *Nin dios entende ós homes*; Navia Teatro Escolar de Vigo, co conto infantil *O mundo escuro* e o Grupo Municipal de Teatro do Milladoiro, con *Nunca, nada de ninguén*.

**Referencias varias:**


Breve nota que dá conta do comezo do ciclo Sábados Teatrais que organiza a asociación cultural e deportiva Grupo Empresa-Endesa das Pontes, e na que ademais se anuncian algúns dos grupos participantes.

**Pontevedra, XIVª Mostra de Teatro Afeccionado de**

Mostra de teatro afeccionado que ten lugar no Teatro Principal de Pontevedra. A edición de 2010 acolleu a representación *Seis ou sete*, pola Aula Municipal de Teatro de Pontevedra.

**Referencias varias:**

Apúntase que o Teatro Principal de Pontevedra acolleu a representación da obra *Seis ou sete*, da Aula Municipal de Teatro, na segunda xornada da XIV Mostra de Teatro Afeccionado de Pontevedra.

**Primavera, Teatro Galego de**

Ciclo teatral organizado pola Concellaría de Cultura de Vilagarcía de Arousa. Participaron as compañías Lambriaca Teatro, con *Benito Bienvenido: O cásting*; Mofa e Befa, con *Shakespeare para ignorantes*; e Chévere Teatro, con *Testosterona*.

**Referencias varias:**


Fálase da presentación do ciclo Teatro Galego de Primavera que acollerá a artistas como Cándido Pazó, Quico Cadaval ou Víctor Mosqueira. Refírese ao programa formado por, entre outras, a obra *Benito Bienvenido: O cásting*, de Lambriaca Teatro, ou *Shakespeare para ignorantes*, de Mofa e Befa.


Fálase da presentación do monólogo teatral *Benito Bienvenido: o casting*, que forma parte do Ciclo de Primavera de Teatro Galego da Concellaría de Cultura de Vilagarcía de Arousa. Expícase que a peza é interpretada por Xosé Manuel Conde, quen tamén elaborou o argumento. Citase, tamén, o resto das pezas que conforman o programa do ciclo teatral, como *Shakespeare para ignorantes*, da compañía Mofa e Befa.


Fálase da obra escollida para pechar o Ciclo de Teatro de Primavera, isto é, *Testosterona*, do grupo Chévere e dirixida por Xesús Ron. Expícase que se trata dunha peza para todos os públicos que pretende cuestionar a división de sexos implantada. Recóllese, tamén, a avaliación que o conselleiro de cultura fixo do Ciclo de Teatro de Primavera do que asegurou estar satisfeito.

**Rede Galega de Teatros e Auditorios, Ciclos (Salnés, Lugo, Ciclo “Caixanova”)**

Caixanova organiza anualmente, coa colaboración da Rede Galega de Teatros e Auditorios, unha tempada de abono de teatro galego en diferentes cidades de Galicia. Os espectáculos teñen lugar nos centros culturais de Caixanova, en teatros e auditorios das cidades, entre os que se conta cos catro recintos escénicos de titularidade privada que integran a Rede Galega de Salas: Teatro del Andamio (A Coruña), Sala NASA (Santiago de Compostela), Teatro Ensalle (Vigo) e Teatro Arte Livre (Vigo); e abranguen un heteroxéneo tipo de actividades que van dende o teatro á danza, pasando
poilos concertos, exposicións, maxia, cinema e outras actividades. No ano 2010 participaron nesta tempada de abono as compañías Lagarta, Lagarta, Áncora Produccións, Carlos Blanco, Teatro do Atlántico e Teatro do Morcego.

**Referencias varias:**


Repasa a programación do Centro Caixanova en Vigo e no apartado teatral explica que a entidade reservou un lugar para as últimas producións de compañías galegas como Lagarta, Lagarta, Áncora Produccións, Carlos Blanco, Teatro do Atlántico e Teatro do Morcego.


Achégase a programación cultural de Caixanova, entre a que sinala a oferta de espectáculos teatrais.

**Redondela, Xº Festival Artistas de Rúa de**

Festival de artistas de rúa que acolle malabaristas, clowns, titiriteiros,... de todas as partes do mundo.

**Referencias varias:**


Indícase a programación do Festival de Artistas de Rúa de Redondela, onde se di que se representarán quince espectáculos na rúa gratuitamente que inclúen maxia, teatro, humor, música e circo. Explica que este festival se integra dentro do programa Noites Máxicas da Consellería de Cultura.

**Ribadavia, XXVIª Mostra Internacional de Teatro de**

Mostra de teatro creada en 1973 baixo o nome Mostra de Teatro Abrente. Organizada polo Concello de Ribadavia e en colaboración coa Concellaría de Cultura, está dirixida por Roberto Pascual e ten como marco a Praza Maior de Ribadavia, o Auditorio do Castelo dos Sarmientos e as rúas do barrio xudeu, así como a Igrexa da Madalena ou mesmo outras rúas e prazas da vila. Dende o ano 2000, ao longo do transcurso da Mostra, o público pode elixir a mellor obra representada, que é galardoada cunha figura representativa que se entrega no último día da mostra e que supón a invitación para participar na seguinte edición. A edición de 2010 contou coa participación das compañías foráneas Gardzienice, Telón Corto, Aleteo de Mariposa, PIA, Le
Boustrophédon, Pippo Delbono, Gardi Hutter, Atanasia e Atalaya, Yllana Teatro e a Compañía Teatro Tascabile di Bergamo, ademais das galegas Mofa e Befa, con Shakespeare para ignorantes; Ónfalo Teatro, con Na meta (sálvese quen poida); Arela das Artes, con Ifixenia en Aulide, e Teatro do Vilar, con Mentiras.

Referencias varias:


Fálase do convenio de colaboración asinado entre o Instituto da Muller e a Mostra Internacional de Teatro. Expícase que a programación estará formada por obras teatrais que abordan a situación da muller. Refírense, tamén, aos recortes de orzamento.


Tras facer referencia aos recortes nos orzamentos destinados aos proxectos culturais en Galicia saliéntase a escaseza de novas propostas e a pervivencia de espectáculos e proxectos xa consolidados. Noméanse esas propostas e entre elas a XXVIª Mostra Internacional de Teatro (MIT) de Ribadavia que se inaugura cunha obra do Centro de prácticas teatrais Gardzienice de Wlodzimierz Staniewski.


Anúnciase que as entradas e os abonos para os espectáculos que se desenvolverán na Mostra Internacional de Teatro (MIT) están á venda, aínda que tamén se adianta que haberá función de acceso libre. Dise que será a compañía ribadaviense Teatro do Vilar quen abra dito certame.


Segundo os organizadores da XXVIª Mostra Internacional de Ribadavia é necesario incidir na profesionalización e especialización cunha renovada dirección teatral. Coméntase que o patrocinio do Certame corre a cargo de entidades galegas, entre as que destaca a Axencia Galega das Industrias Culturais (Agadic) que mediante o programa europeo Creativa pretende incentivar a presenza de creadores, intérpretes e proxectos portugueses nesta Mostra, que se iniciarán cun pregón que lerá o presidente da Real Academia Galega Xosé Luís Méndez Ferrín.


Saliéntase que a pesar do tímido apoio da Xunta, a Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia deseñou un programa variado que conta con Staniewski e Pippo Delbono así como a estrea de Na meta (sálvese quen poida), coprodución que leva ás táboas o texto
Dise que a Mostra Internacional de Ribadavia na súa vixésimo sexta edición comeza coa representación tradicional do grupo ribadaviense Teatro do Vilar, coa obra *Mentiras*. Asemade salienta que compañías internacionais serán as protagonistas da MIT a pesar da redución económica da Xunta.


Dise que a calidade da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia esta relacionada cos principais obxectivos: servir de plataforma cultural de Galicia e ofrecer un programa de representacións e actividades de prestigio nacional e internacional resaltando a presenza da compañía polaca Gardzienice e de Pippo Delbono, ademais da presentación do libro *Na Meta* de Thomas Bernhark, traducido ao galego e publicado pola editorial Difusora, na colección “Abrente”.


Coméntase que a Escola Superior de Arte Dramático (ESAD) de Galicia, con sede en Vigo, volta a albergar o Campus Internacional das Artes Escénicas levando a cabo seis talleres e contando coa presenza de dúas grandes compañías de teatro para impartir os cursos, a Compañía Teatro Tascabile di Bergamo e a compañía polaca Gardzienize. Dise, asemade, que ambas compañías participarán na XXVIª Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia, que será inaugurada pola compañía do dramaturgo polaco Staniewski.

- Sara Comesaña, “La caravana del teatro se va de Vigo”, *Faro de Vigo*, “Sociedad”, 16 xullo 2010, p. 44.
Esta nova salienta que a Mostra Internacional de Ribadavia é un festival recoñecido fóra das nosas fronteiras, dado que é situado ao lado de Peter Brook, Grotowski ou Eugenio Barba no libro *A formación do actor no século XX*, que xa está traducido ao galego pola editorial Galaxia.


Dise que a Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia estrea a primeira obra do dramaturgo austríaco Thomas Bernhard traducida ao galego e tamén a primeira que se leva a escena en Galicia, *Na Meta (sálvese quen poida)*. A seguir, salienta que a obra será publicada pola editorial Difusora de Letras dentro da colección “Abrente”.


Fala da apertura da vixésimo sexta edición da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia coa lectura do pregón por parte de Manuel González, representante da Real Academia Galega, que acudiu en substitución do seu presidente Xosé Luís Méndez Ferrín. Dise que en representación do Ministerio de Cultura estivo o subdirector do Instituto Nacional de Artes Escénicas (INAEM), que triplicou o seu financiamento en comparación coa redución da Consellería de Cultura.


Coméntase que a Mostra Internacional de Rivadavia presentou actuacións do grupo Tascabil di Bergamo e da compañía polaca Gardzienice, ademais de levar a cabo mostras fotográficas, publicacións de libros vencellados coa interpretación e unha sección para grupos afecionados.


Amosa a programación da Mostra Internacional de Teatro de Rivadavia ademais de aludir ao nivel das representacións de carácter nacional e internacional.


Dise que a Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia conta coa axuda de Iberescena xunto coa exhibición teatral dun dos grandes talentos do teatro arxentino, Jorge Acebo.


Refirese á representación de *Na meta. Sálvese quen poida* que a compañía Ónfalo Teatro ofreceu, unha montaxe da que se dí que está baseada no libro do autor Thomas
Bernhard, que foi traducido ao galego e publicado na colección “Abrente”, financiado pola propia Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia.


Comenta que a Mostra Internacional de Ribadavia crea o denominado “Espazo Amador”, un recinto que dá cabida aos dez anos de historia da Federación Galega de Teatro Afeccionado (FEGATEA) e máis un encontro con João Pedro Vaz, responsábel de *Comédias do Minho*.


Cítanse os puntos fortes da programación da Mostra de Teatro Internacional de Rivadavia, a seguir, a coprodución de Ónfalo Teatro que escenifica por vez primeira o texto do dramaturgo Thomas Bernhard *Na meta (sálvese quen poida)*, a presenza arxentina cos directores Daniel Veronese e Jorge Acebo e a presenza da compañía francesa Le Boustrophédon. Tamén se comenta que contou co financiamento do Goberno español, do Ministerio de Igualdade, de empresas e da Deputación, mentres que se reduciu o orzamento da Xunta de Galicia.


Comenta que a Mostra Internacional de Ribadavia establece unha ponte escénica entre o teatro portugués, presentando o traballo de João Pedro Vaz e de artistas tan destacados como Beatriz Batarda ou o Teatro do Mar, e o sistema teatral galego. Dise asemade que este ano se suma o apoio e axuda do programa Creativa, xestionado pola AGADIC.


Coméntase que a organización da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia promoverá a sinatura dun convenio con *Comédias do Minho*, unha apostas de João Pedro Vaz para converter o teatro en obxecto de promoción turística, para a incorporación de Ribadavia neste proxecto e que sirva, deste xeito, para o relanzamento social e económico da comarca.


Dise que na vixésimo sexta Mostra de Teatro Internacional de Ribadavia se contou coa presenza da compañía francesa Le Boustrophedón cun espectáculo de teatro-circo mediante o cal se denuncia a guerra e se reivindica a utopía de reconstruct a humanidade a través dunha particular homenaxe e solidariedade co pobo de Gaza.


Coméntase a gran demanda que tiveron as representacións da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia, entre as que destacan o espectáculo de Mofa&Befa, o de
Gardzienice e mailo de Pippo Delbono, destacándoas como importante oferta artística que non debe ceder aos recortes orzamentarios.


Cítanse diversas opinións sobre a Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia que presentan un punto en común: o beneficio económico para todos os sectores malia a crise, polo que se considera conveniente levar a cabo outras iniciativas culturais e impulsar as xa existentes.


Coméntase que a Mostra Internacional de Ribadavia reserva dúas seccións denominadas Ruadavia e SputMIT para aqueles grupos profesionais que prefiren representar en rúas e prazas seguindo a tradición coa que comezou o teatro: ao aire libre.


Fálase da diversidade de ofertas escénicas que ofrece a Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia, tamén acomodada á diversidade de públicos, entre os que se sinala o infantil con espectáculos familiares coma a clown suiza Gardi Hutter, todo isto nun ámbito rural que xunto con outros compoñen a sección SputMIT (satélites da MIT).


Coméntase que na Mostra Internacional de Ribadavia existe un equipo de montaxe e desmontaxe que fai posíbel a realización da obra teatral, un traballo que os espectadores non detectan pero que é imprescindíbel. Roberto Pascual, director da MIT, destaca o labor destes dez operarios e dos voluntarios da Cruz Vermella e de Protección Civil.


Coméntase a grande afluencia que mantén anualmente a Mostra Internacional de Ribadavia, citando como principais causas a tradición, a organización e a calidade.


Indica a programación máis destacada coa que remata a Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia, entre o que se conta cun espectáculo da compañía Atanasia e Atalaya.


Roberto Pascual, director da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia, fala da redución orzamentaria da Xunta pola cal ser viron obrigados a cancelar actuacións e a
rediseñar o programa. Coméntase que para evitar situacións deste tipo, os festivais galegos de artes escénicas constituíron unha asociación para tentar racionalizar os procesos de axuda económica. Tamén se fala do tratamiento da Mostra ao nivel de Almagro ou Mérida por parte do Ministerio de Cultura.


Infórmase que o gañador do “Premio Abrente de textos teatrais” foi Manuel Lorenzo, que conforma a tríada de Abrente, xunto a Roberto Vidal Bolaño e Euloxio Ruibal. Salienta que o interese da programación da Mostra Internacional de Ribadavia convoca a directores/as de teatro e festivais para coñecer as propostas, estabelecer contactos e conversar cos creadores.


Trata sobre a concesión por unanimidade do “Premio Abrente para textos teatrais” da quinta edición da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia a Manuel Lourenzo pola súa obra Aquelas cousas de verán, texto que será editado pola colección “Abrente de Textos Teatrais”. O director da Mostra, Roberto Pascual, tamén adiantou que o texto premiado da primeira edición, Memoria de Helena de Roberto Salgueiro, será estreada na Feira de Artes Escénicas de Santiago.


Dise que dúas representacións baten marcas na Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia: unha da compañía andaluza Atalaya e un espectáculo de Mofa e Befa.


Dise que a cidadanía participou masivamente na Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia. Roberto Pascual, director da Mostra, concluíu que as propostas trataron de satisfacer a todos os públicos, xa que contaba cunha programación composta por pezas de autores clásicos, obras de teatro contemporáneo e posmoderno e un espazo para toda a familia.


Fala da apertura da Mostra Internacional de Teatro coa presentación dun programa integral de cultura escénica que combina traballo económico, social pero, sobre todo, artístico, e no que Iberoamérica ten un espazo primordial nesta vixésimo sexta edición.


Coméntase a masiva asistencia á Mostra Internacional de Teatro que xunto coa Feira do Viño e maila Festa da Historia converten Ribadavia nun polo de atracción para milleiros de persoas, actividades que contribúen a revitalizar a economía da capital do Ribeiro.
Coméntase que a Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia se converte nun lugar de
encontro e socialización con grande afluencia, por iso precisa un pacto de todas as
administración e máis programas de investimento para levalo a cabo. Dise que este ano
quere recoñecer ao grupo compostelán Ditea, un referente indiscutíbel na historia do
noso teatro.

- X. A. Reboiro, “A MIT baixa o telón nesta nova era”, La Región, “Verano”, 24 xullo
2010, p. 20.

Anúnciase que na gala de clausura da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia se
entregará o “Premio Abrente de Textos Teatrais” a Manuel Lourenzo pola súa obra
Aquelas cousas do verán e que ademais a compañía Matarile Teatro será galardoada co
“Premio de Honra Abrente 2010”. Dise que a Mostra estivo marcada pola incorporación
de espectáculos dos máis destacados creadores escénicos de Europa e do mundo, como
Staniewski e Pippo Delbono, e polas mellores propostas profesionais de Galicia.

21.

Dise que no chamado Espazo Amador da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia
se presentou o proxecto Buxiganga que ten como fin a promoción de grupos
afecionados.

- C. Paradela, “Ribadavia se reivindica como la capital gallega de las artes escénicas”,

Dise que o máis destacábel da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia é a
variedade e calidade da súa programación, ademais da repercusión económica na
hostalería e o turismo. Tamén se salientan os premios ofrecidos, como o “Premio
Abrente de Textos Teatrais”, que recaeu en Manuel Lourenzo; o “Premio de Honra
Abrente”, para dous compoñentes do grupo Matarile Teatro; e o “Premio do Público ao
Mellor Espectáculo”, que levou unha obra da compañía Yllana.

- Roberto Pascual, “A MIT vendeu 7.000 entradas”, La Región, “Verano”, 25 xullo
2010, p. 25.

O director da Mostra, Roberto Pascual, dá as grazas a todos os colaboradores, prensa e
patrocinadores que fan posible o festival como espazo de encontro e diálogo de todos os
compoñentes da empresa teatral galega.

- Sabela Pinal, “Ditea e os seus vínculos ca Mostra”, La Región, “Verano”, 25 xullo

Dento do programa denominando Espazo Amador da Mostra Internacional de Teatro de
Ribadavia coméntase que se levou a cabo a homenaxe ao grupo veterano de teatro
afecionado Ditea polo seu cincuenta aniversario e tamén pola súa implicación coa
Agrupación Abrente, mediante un repaso da súa historia na que se destraca o seu
compromiso coa cultura e o idioma galegos e a súa contribución para a creación da Federación Galega de Teatro Afeccionado.


Faise un repaso polos premios entregados na gala de clausura da Mostra Internacional de Teatro: o “Premio Abrente de Textos Teatrais”, para Manuel Lourenzo; o “Premio Honra Abrente 2010”, para dous compoñentes do grupo Matarile Teatro; e o “Premio do Público”, para a compañía Yllana. Coméntase asemade que o último espectáculo da Mostra o levou a cabo o grupo Atalaya. Finalmente salienta que a organización está satisfeita cos resultados da Mostra en canto a afluencia, calidade e variedade.


Anúnciase que dúas obras do director teatral arxentino, Jorge Acebo, se están a representar na Mostra Internacional de Teatro grazas á implicación económica do Instituto da Muller co certame de Ribadavia. Dise que unha delas a levou a cabo o grupo Teatro Corto e a outra foi posta en escena pola compañía Aleteo de Mariposa.


Entrevista a Manuel Lourenzo con motivo da concesión do “Premio Abrente de Textos Teatrais” na Mostra Internacional de Ribadavia pola súa obra As cousas do verán. Coméntanse diversos aspectos: o significado do grupo Abrente para o teatro galego, a temática amorosa da súa obra galardoada, os inicios teatrais do autor e a situación do teatro na actualidade.


Entrevista a Alberto Álvarez, director de teatro de cámara Ditea de Santiago, con motivo da homenaxe polo cincuenta aniversario na Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia, na que se comenta o desenvolvemento do acto e maila valoración do grupo por parte do concello de Santiago.


Crónica detallada da vixésimo sexta Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia na cal se destaca sobre todo a pluralidade e diversidade, a organización dos espazos e a escolla dos mesmos, o compromiso social e ideolóxico, a presenza forte do elemento xestual, do cómico e do mímico, e a apertura a un teatro máis moderno e vangardista. Pola contra dise que se bota en falta unha maior presenza de obras con perspectiva de xénero.

Destácase a presenza dunha obra da compañía Gardziienice dentro da XXVIª Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia para dar conta da importancia desta mostra e faiase unha pequena crítico da mesma.


Coméntase a novaprodución de Ónfalo Teatro que se presentou na Mostra de Teatro de Ribadavia e que leva por título *Na meta* (*Sálvese quen poida*). Tras facer unha reflexión sobre o pequeno fracaso que supuxo a súa obra anterior, *Neuras*, destácase o elenco que participa nesta nova producción e tamén o feito de que se trata da primeira coprodución coa Mostra de teatro de Ribadavia.


Analízanse as propostas teatrais presentadas na última edición da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia, das que se sinala o seu cambio de rumbo na procura de postas en escena máis arriscadas, transgresoras e comprometidas coa realidade político-social. Coméntase a escasa presenza de teatro galego, entre o que se destaca *Shakespeare para ignorantes*, de Quico Cadaval, poñendo de manifesto o seu dominio da palabra e o emprego do humor. Menciónase tamén *Na meta* (*Sálvese quen poida*), primeira coprodución da Mostra con Ónfalo Teatro, comedia negra sobre o éxito e o fracaso na que se mesturan discurso verbal, danza, clown ou acrobacias. Infórmase da posta en escena de teatro na rúa e teatro infantil, das homenaxes ao grupo compostelán Ditea, a Matarile, ao dramaturgo Manuel Lourenzo e da presentación do proxecto Buxiganga. Reproducéese, finally, o discurso de inauguración da Mostra, a cargo de Xosé Luís Méndez Ferrín, no que se lembra a fundación da asociación cultural Abrente.


Pártese dunha reflexión sobre o éxito acumulado en forma de prestixio por determinados directores e actores, ben polo traballo ben feito en certos momentos nos que poucos se dedicaban ao teatro e menos a certas correntes, ben pola lexitimación das súas propostas a través dun aparato teórico publicado. Analízase a posta en escena de *Ifixenia en Áulide*, de Staniewski, na Mostra Internacional de Teatro de Rivadavia 2010, da que se destaca que todos os aspectos están ben executados, pero que é en exceso bebedora das correntes teatrais dos anos setenta do século XX. Realízase unha aproximación a un monólogo de Pippo Delbono posto en escena na mesma Mostra, do que se subliña que consigue efectividade polo emprego da técnica do contacontos referencial que insire fragmentos de textos diversos, co que se rompe a transcendencia do seu nome prestixioso.

**Ribeira**, 1ª Mostra de Teatro de

Mostra de teatro celebrada no concello de Ribeira. Esta primeira edición tivo lugar entre o dezaseis de outubro e o vinte e seis de novembro. Contou coas representacións *O meu home tolea*, de Ad Líbitum; *Aquí cheira a morto*, de Teatro de Cámara Ditea; *Ao son
dos novos, de S.C.A.R. A Pombiña; Un morto moi vivo, de Acontrabutaca Prodúcions; O lado torto do mundo, de Teatro do Improviso; Cal Valentín, do Grupo Municipal de Teatro de Ames; Faladoiro no banco, de Teatro Candelexas; Volpone, de Talía Teatro e Shakespeare para ignorantes, de Mofa e Befa.

Referencias varias:


Nota que recolle o programa previsto dentro da Mostra de Teatro de Ribeira, anunciando as súas datas de celebración, así como os grupos participantes. Tamén se indican os actos que conforman o Mes do Teatro do Concello de Teo: a representación teatral de Cabaréencrise, da compañía Femme Fatale e mais unha conferencia de Carlos Penelas.

Roberto Vidal Bolaño, IIº Festival de Teatro Afeccionado

Festival de teatro afeccionado organizado pola asociación teatral Aturuxo de Melpómene en colaboración co Padroado de Cultura de Narón como homenaxe ao dramaturgo galego. Esta segunda edición tivo como emprazamentos o Auditorio Municipal e a Praza de Galicia, onde se ofreceron talleres de formación e actuacións teatrais. Participou a compañía Talía Teatro, coa obra Palabras encadeadas.

Ruada, Iª Xornadas de Teatro da Asociación Cultural A

Xornadas teatrais organizadas pola Asociación A Ruada consistentes en espectáculos de rúa que teñen lugar durante tres días. Esta primeira edición realizouse os días dezaioito, dezanove e vinte de xuño e participaron as agrupacións A Ruada, con Os vellos non deben de namorarse e Comedia Bífida; Pisabarros, con Xoan sen medo; Gargallada, con A abraiante vida de Brian; Teatro de Morea e o Colexio Manuel Respino, con Un remuíño, e Candea, con Almas sinxelas.

Referencias varias:


Dise que os actores da Asociación Cultural e Teatral “A Ruada” representaron gratuitamente dúas versións da obra do lucense Manuel Núñez Singala que afrontan un tema de actualidade como é o emprego galego nas Iª Xornadas de Teatro, e que reuniron un total de seis grupos afeccionados.

Sada, VIª Mostra de Teatro Afeccionado
Mostra de teatro afeccionado organizada pola Concellaría de Cultura do Concello de Sada que ademais das diversas representacións teatrais presenta outras actividades de xeito paralelo, tales como coloquios ou cursos monográficos. Concédese ademais o premio Lugris Freire a aquelas obras mellor valoradas, podendo participar grupos de toda Galicia e norte de Portugal. Entre as representacións teatrais contouse nesta edición con Aberto por folga. Cabaré laboral, pola compañía Tanga Tutanga Teatro (USC); A gata sobre o tellado de zinc quente, por Axóuxeres; O estranxo velorio de Paulo Couto, pola Compañía Municipal de Teatro de Sada; ¡Xoo... ante o perigo!, da Compañía Teatro Badius; Non é tan fácil, de Teatro Mariñán; A Mandrágora, por Achádego Teatro; e Comendo pimentos de Padrón con Tarantino, polo Aturuxo de Melpómene.

Referencias varias:


Infórmase do comezo da VI Mostra de Teatro afeccionado do Concello de Sada. Indícase que a obra ¡Xoo... ante o perigo!, da Compañía Teatro Badius, será a que inaugure esta edición.


Refírese á segunda función da Mostra de Teatro Afeccionado do Concello de Sada e anúnciase que actuará a Compañía Teatro Mariñán coa obra Non é tan fácil.


Fálase do éxito das representacións que inauguraron a VI Mostra de Teatro Afeccionado do Concello de Sada. Indícase que aínda quedan as representacións de compañías como Tangatutanga Teatro, Achádego Teatro e Carrachanacacha.


Dáse conta da representación d’Aberto por folga. Cabaré laboral, unha peza teatral de creación propia e dirixida por Beatriz Mato, por parte da compañía Tanga Tutanga Teatro na VI Mostra de Teatro aficionado “Concello de Sada”.


Fálase dunha nova representación da VI Mostra de Teatro afeccionado do Concello de Sada da man da compañía Achádego Teatro. Indícase que a comedia que representarán é A madrágora.

Fálase da representación teatral da compañía Aturuxo de Melpômene e indícase que a peza coa que participan leva por título *Comendo pimentos de Padrón con Tarantino*. Refírese, tamén, ao premio Biblo-Pazos de Galicia que na súa quinta edición foi gañado por Pablo García Martínez coa novela *Relato de un estallido sordo*, titorizada por Manuel Rivas.


Faise eco da representación d’*A gata sobre o tellado de zinc quente* a cargo da compañía Axóuxeres.


Anúnciase a clausura da VI Mostra de Teatro de Sada, na que terá lugar a representación d’*O estraño velorio de Paulo Couto*, escrita por Nicolás Bela e dirixida por Isabel Vázquez, por parte da Compañía Municipal de Teatro de Sada. Anúnciase asemade a entrega dos Premios que recoñecen o mellor espectáculo, actriz e actor.


Fálase da clausura e do éxito da VI Mostra de Teatro do Concello de Sada. Infórmase de que o premio ao mellor espectáculo foi para *Aberto por folga*, da Compañía Tangatutung; o premio á mellor actriz foi para María Veiga da compañía Carrachanacacha; o premio ao mellor actor a Xurxo Sánchez Gómez, da Compañía Teatro Badius; e o premio do público para a obra *Non é tan fácil*, da Compañía de Teatro Mariñán.

**San Andrés de Comesaña, IVª Mostra de Teatro Afeccionado**

Mostra de Teatro afeccionado organizada pola compañía teatral O Trasno Novo Teatro que na edición de 2010 contou coa participación dos grupos Teatro Escoitade, Teatro de Cámara Ditea e Carrachanacacha, ademais da organizadora.

**Referencias varias:**


Dise que a cuarta edición do Encontro Teatral que organiza a compañía O Trasno Novo Teatro conta coa participación de tres compañías ademais da súa propia: o Grupo de Teatro Escoitade, Teatro de Cámara Ditea e Carrachanacacha, todos pertencentes á Federación Galega de Teatro Afeccionado que con motivo do décimo aniversario inaugura unha exposición que mostra a súa traxectoria en imaxes.

Refírese ao comentario de Xaime Costas, director do grupo O Trasno, que di que nos barrios tamén se poden xerar espectáculos teatrais como o demostra o IV Encontro Teatral de Comesaña.

Seixo, XXIª Xornadas de Teatro en Galego do

Xornadas teatrais organizadas pola Sociedade de Amigos da Paisaxe Galega da parroquia mugardesa do Seixo. Con emprazamento no local social da entidade, a edición de 2010 acolleu as representacións das obras Rodesindo da Barrosa, pola compañía santiaguesa Volta e Dálle Teatro; Ladrón morto cando tentaba fuxir, por Teruca Bouza; Únha de Mursi, por Crucia; A voda de Esganarello, pola Escola de Teatro de Ares, e O espírito do bosque, por Monicreques Falcatrúa.

Teafecciona, VIª Mostra de Teatro Afeccionado de Redondela

Mostra de teatro afeccionado organizada pola Concellaría de Cultura do concello de Redondela, que se celebra no Multiusos da Xunqueira. A edición de 2010 celebrouse durante o mes de novembro e contou coa participación de Ad Libitum, con O meu home tolea, e Atrezo Teatro, con A voda.

Teatrofilia, VIIº Festival de Teatro Amateur

Festival de Teatro Amador organizado pola compañía teatral Andaravía Teatro e a Asociación Cultural Papaventos que se celebra en Vedra. Na edición de 2010 contou coas representacións Aberto por folga. Cabaré laboral, por parte de Tanga Tutanga; A cantante calva, por Andaravía Teatro; Saltimbanquis, por Teatro do Morcego; Traballo e imaxinación, por Quemaisten Teatro; e Longa vida a Martiño de Güimil, por Escoitade Teatro.

Referencias varias:

- S. Formoso, “Teatrofilia vuelve a Vedra con las actuaciones de casi 20 grupos”, El Correo Gallego, “Área de Compostela”, 23 febreiro 2010, p. 34.

Fálase do VII Festival Teatrofilia no que participarán unha vintena de agrupacións de teatro afeccionado. Explicase que o encargado de inaugurar o ciclo é a compañía Andaravía Teatro coa obra A cantante calva. Infórmase de que, entre as novidades desta edición, se atopa a festa do teatro na que pretenderán sacar do público actuacións espontáneas. Engádese que se realizará tamén un pasarrúas titulado ‘Os segredos do camino’.

Comenta que a Asociación Cultural Papaventos vai iniciar en Vedra o Festival Teatrofilia, no que participarán diversas agrupacións autónomas de teatro afeccionado e unha portuguesa. A seguir, dá conta dalgunhas das actuacións presentes.


Breve nota que dá conta do éxito acadado polo grupo Tanga Tutanga en Vedra coa representación d’*Aberto por folga. Cabaré laboral*, dentro do festival Teatrofilia organizado pola Asociación Cultural Papaventos.

**Tui**, IIª Semana do Teatro Afeccionado de

Xornada de teatro afeccionado que organiza a Concellaría de Cultura de Tui, coincidindo coas festas de San Telmo. Esta segunda edición celebrouse dende o cinco até o nove de abril e nela participou o grupo San Fins, con *O cego de Fornelos*.

**Referencias varias:**


Fálase da presentación da II Semana do Teatro Afeccionado de Tui. Refírese ao programa do ciclo no que participarán seis grupos de Tui e A Guarda.

**Valadouro**, XXVª Semana do Teatro

Xornadas de teatro afeccionado levadas a cabo no concello do Valadouro. A edición de 2010, que durou sete días, dende o trinta de agosto até o cinco de setembro, contou coa participación da Raiola, coa obra *O gran raiolo*; A Adala, con *Ilusións*; O Bordelo de Cervo, con *Quintana dos vivos, anguria dos mortos*; Axóuxeres, con *Farsa á escocesa e Matrimonio século XXI*; Irmáns Vi, con *Os apuros dun zapateiro*, e a Asociación Cultural Amado Lar, con *O testamento do tío Nacho*.

**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúnciansé as representacións da obra *Con ou sin...*, do grupo Tira e Afloxa Teatro, dentro da XI Mostra Internacional de Teatro de Palas de Rei, na Casa da Cultura de Palas de Rei; e da obra *Quintana dos vivos, anguria dos orfos*, da agrupación teatral O Bordelo de Cervo, na Casa da Cultura do Valadouro e dentro do programa da XXV Semana do Teatro.
Valdoviño, IIIª Mostra de Teatro “Sábados Teatrais” de Mostra de teatro afeccionado organizada pola asociación cultural Os Amigos co apoio do Concello de Valdoviño, a Federación Galega de Teatro Amateur e a Xunta de Galicia. A edición de 2010, celebrada durante o mes de novembro, contou coa participación dos grupos Oquetiqueiras Teatro, Ad Libitum, con O meu home tolea, e Os Amigos da Farándula, con Enseguidiña veño.

Vigo, Iª Semana do Teatro Afeccionado de Iniciativa teatral creada coa finalidade de promover a actividade das compañías non profesionais que se leva a cabo na cidade de Vigo. Nesta primeira edición representáronse as obras Humano (the game), por Teatro Avento; Ñaque ou de piollos e actores, por Alicia Teatro; A loteria, por Teatro Rueiro; Aqui non paga ninguén, por Porta Aberta; Infinitas posibilidades, de Lareira Teatro; Longa vida a Martiño de Güimil, por Teatro Escoitade, e O enfermo imaxinario, pola Asociación Amas de Casa “Agariño”.

Vigo a escena, Ciclo Organizado pola Concellaría de Festas e Animación Sociocultural do Concello de Vigo, comezou no mes de decembro de 2001. Celébrase en diferentes lugares dos barrios e parroquias deste concello e no Auditorio Municipal. Ademais de achegar o teatro aos seus habitantes, tamén é unha forma de promocionar os diferentes grupos locais que percorren estes escenarios coas súas pezas. A edición de 2010 acolleu a representación A do libro, por parte de Artello Teatro.

Vigo, Mostra Internacional de Teatro Universitario de Na edición de 2010 participou a Aula de Teatro do Campus de Pontevedra, Universidade de Vigo, con Eclipse; a Aula de Teatro da Universidade de Vigo, con Residuos, ademais de La Cocina Teatro e Bambú.

Referencias varias:


Fálase da Mostra de Teatro Universitario cuxos protagonistas son os integrantes novos das Aulas de Teatro dos tres campus da Universidade de Vigo. Indícase que esta mostra é unha “cita anual co teatro de autor, onde se dan cita compañías internacionais” como La Cocina Teatro ou Bambú. Citanse, tamén, pezas que forman parte do ciclo, como Eclipse.

Expícase que na edición deste ano da Mostra de Teatro Universitario de Pontevedra non haberá presenza internacional malía “ser iso mesmo, unha mostra internacional”. Indícase que actuarán seis aulas de teatro universitario dos campus de Galicia e citanse algumas das obras que se representarán, como *Eclipse*, de Manuel Lourenzo.


Entrevístase a Salvador del Río, actor e director da Aula de Teatro Universitario de Pontevedra. Fálase da característica diferenciadora que supón que as aulas de teatro estean dirixidas por profesionais do sector, da situación da arte dramática no país, así como dos consellos que lles dá aos rapaces ao comezar o curso. Ofrécese, tamén, unha pequena biografía de Del Río. Citase a obra *Residuos* por ser a que pon o peche á Mostra de Teatro Universitario de Pontevedra.

**Vilagarcía**, Ciclo de Outono de Teatro Galego

Ciclo de teatro organizado pola Concellaría de Cultura de Vilagarcía e NovaCaixa Galicia, celebrado no Auditorio Municipal da vila, que se realizou coa finalidade de apoiar e difundir o teatro galego mediante a posta en escena de cinco representacións levadas a cabo por compañías galegas e en galego. A edición de 2010 contou coas representacións das obras *Toda unha vida*, pola compañía Expresión Teatro; *A esmorga*, por Sarabela Teatro; *O segredo dos Hoffman*, por Lagarta Lagarta; *Limpeza de sangue*, de Espello Cóncavo, e *Ai Carmela*, por Teatro do Adro. Contouse tamén coa participación de Bambalinas asesinas.

**Referencias varias:**


Indícase que a compañía Expresión Teatro pon fin ao Ciclo Outono de Teatro de Vilagarcía, organizado pola Concellaría de Cultura e Caixanova, e que o fai coa obra *Toda unha vida*. Describese tamén o argumento da mesma.


Coméntase a clausura do Ciclo, que se desenvolveu no Auditorio vilagarcían ao longo de dous meses e que estivo organizado pola Concellaría de Cultura e NovaCaixa Galicia. Entre as producións que se representaron destacase e coméntase por extenso a obra *Toda unha vida*, de Expresión Teatro, coa cal se pecha o ciclo.

**Vilalba**, XIIª Mostra de Teatro de
Mostra de teatro organizada polo Centro Dramático Vilalbés coa colaboración da Conceillaría de Cultura. A edición de 2010 tivo lugar durante o mes de outubro, e contou coa participación da Escola Municipal de Teatro de Vilalba con Soño dunha noite de verán; Metátese Teatro de Palas de Rei con Fábrica de soños; Nova Escena de Lugo, con O inspector; Achádego Teatro de Lugo, con O tren dos tres merliños; Axóuxere Teatro de Oleiros, con A gata sobre o tellado de cinc; e A Pombiña de Pedroso de Narón, con Ao son dos novos.

Referencias varias:


Coméntase o modo de inscrición na escola municipal de teatro de Vilalba, ademais de que o grupo de adultos será o encargado da apertura da Mostra de Teatro de Vilalba coa obra O sono dunha noite de verán.


Anúnciase a celebración da Mostra de Teatro de Vilalba, que organiza o Centro Dramático Vilalbés coa colaboración da Conceillaría de Cultura, e adiántase o programa.

Xoves de Humor, IIIª Mostra de Teatro Galego de Lugo

Mostra de teatro levada a cabo no Auditorio Gustavo Freire de Lugo que recolle obras galegas caracterizadas polo ton humorístico. A edición de 2010 contou coas representacións O segredo dos Hoffman, por parte de Lagar ta Lagarta e E ti,de quen ves sendo?, de Talía Teatro.

Referencias varias:


Fálase da Mostra de Teatro Galego Xoves con Humor e indícanse algunhas das representacións, das que se adianta a liña argumental.


Co motivo da participación da compañía Lagarta Lagarta coa súa montaxe O Segredo dos Hoffman na última xornada da Mostra de Teatro Galego Xoves de Humor, coméntase o argumento da mesma. A obra, que parte da novela homónima de Alejandro Palomas e foi adaptada para o teatro por Roberto Salgueiro, trata sobre un reencontro
entre un home, a súa filla e dous netos, motivado polo pasamento da nai e avoa, crispado polos reproches e lembranzas incómodas.
III.5.2. ESTREAS

III.5.2.1. GRUPOS ESTÁBEIS OU PROFESIONAIS

Producións Acontrabutaca (1): Frantasmas, dirección David Ottone e Xosé Lueiro.

Referencias varias:


Dáse conta das clases maxistrais impartidas por David Ottone, director artístico da compañía de teatro cómico Yllana, para a preparación da súa próxima estrea, Frantasmas, unha peza subvencionada pola Concellaría de Cultura estradense.


Faise referencia á estrea de Frantasmas, dirixida por David Ottone e Xosé Lueiro e artellada en torno ao “gag, o absurdo, os efectos sonoros, as influencias cinematográficas e media ducia de irreverentes personaxes”.


Coméntase a estrea de Frantasmas, unha comedia baseada no humor absurdo na que colabora o director artístico de Yllana. Dela o seu director, Xosé Lueiro, destaca que o importante son os personaxes creados a partir de exercicios de improvisación e o papel activo do público.

Producións Acontrabutaca (2): Reciclaxe

Ver Cuntis, Teatro de Outono de

Teatro do Adro: Ai Carmela, dirección Tito Asorey.

Ver Vilagarcía, Ciclo de Outono de Teatro Galego

Títeres Alakrán: Amor e crimes de Juan Pantera, texto Eduardo Blanco Amor.

Referencias varias:

Nun á parte titulado “Otras propuestas” dá conta de dúas representacións teatrais dos Títeres Alakrán que tiveron lugar no Paseo da Alameda santiagués. Fai referencia a que Amor e crimes de Juan Pantera é un espectáculo que se basea nun texto de Eduardo Blanco Amor, Amor y Crímenes de Juan el pantera: farsa para títeres de cachiporra (1941).

Alberite Cavarcos: O emigrante

Ver Cidade de Lugo, VIIIª Mostra de Teatro


Referencias varias:


Opínase que o espectáculo Colgados é un monólogo cómico que amosa a actualidade con certa acidez e que ten algo de Cunqueiro no seu discurso. Coméntase que a súa escenografía é coherente, polo que o espectador vai penetrando no relato sen problema. Pénasase que a interpretación de Gustavo Pernas vai evolucionando a medida que a obra avanza, así o personaxe semella construírse só, xa que Pernas xoga con múltiples rexistros. Para rematar, confesa que “unha sae satisfeita do espectáculo”.


Dáse noticia da representación da obra Colgados, monólogo escrito e interpretado por Gustavo Pernas e dirixido e producido por Ánxela G. Abalo. Dise que nos setenta e cinco minutos que dura a comedia faise unha serie de críticas disparatadas á sociedade actual.


Anúnciase a posta en escena por parte da compañía galega Áncora Produccións da obra Colgados, escrita e interpretada por Gustavo Pernas. Sinálase que a obra fala da crise actual e conta a historia dun home que se ofrece aos concellos para colgarse dunha soga no lugar das persoas que teñan intención de facelo, para que estas non se manquen. Coméntase que Homesoga utilizará nos seus espectáculos suicidas unha corda que detecta as preocupacións dos que están cerca.

Anúnciase a representación, por parte de Áncora Produccións, da comedia Colgados, creada e interpretada por Gustavo Pernas, que narra a historia de “Homesoga”, un personaxe que se dedica a colgarse polos demais, algo que xa lle vén de familia xa que é a terceira xeración que se dedica a isto. Pernas define este espectáculo como “logomono”, é dicir, un monólogo ao revés.


Anúnciase a presentación en Arteixo da obra Colgados, unha “crítica social disfrazada de comedia”, un “logomono”, é dicir, un monólogo esperpéntico e surrealista. Coméntase que o protagonista é Homesoga, cuxos antepasados xa se colgaban no faiado moito tempo sen afogar, que se ofrece unha especie de servizo público ás entidades públicas e aos concellos, no que fai unha colgadura pública para que os demais queden libres das súas preocupacións, como a crise, os cambios políticos ou o ecoloxismo. Sinálase que Homesoga se parece aos personaxes de Cunqueiro, cos que se pode identificar o público, e que é o único personaxe en escena, o que supón un reto para o actor que o encarna, Gustavo Pernas. Finalmente dise que este espectáculo de Áncora Produccións non está subvencionado e nel tamén colaboran Siro López, na elaboración do cartel e do programa; Miguel Pernas, na voz en off; Anxo Rei, na fotografía e Salvador Hernández no atrezzo.


Dáse noticia da presentación en Santiago da obra Colgados, dirixida por Ánxela G. Abalo e protagonizada por Gustavo Pernas. Coméntase que esta obra se denomina “logomono”, é dicir, un monólogo ao revés, para non confundir cos monólogos como xénero televisivo, nos que se critica a actual situación económica.

- Camilo Franco, “¿De que parte colgamos?”, La Voz de Galicia, “Cartelera y críticas”, 18 marzo 2010, p. 59.

Coméntase que a obra Colgados, montada por Áncora Teatro, utiliza o humor como ferramenta para facer partícipes os espectadores da situación en que están, polo que se di que resulta algo reiterativa. Sinálase que ao ser un monólogo, o personaxe ten que asumir todo o peso da historia. Opínase que a obra queda atrapada nunha certa espiral porque se contan os detalles e porque volve sobre circunstancias semellantes impedindo que avance máis a historia.


Analízase a posta en escena de Colgados. A incrible historia do Homesoga, o Colgado de Celeiro, de Áncora Produccións. Sinálase que a peza pón de manifesto a crise social, económica e política de hoxe en día e que se pode interpretar como metáfora do estado do teatro en xeral. Destácase que Gustavo Pernas, o seu autor e intérprete único, sostén
con ritmo trepidante un texto en forma de monólogo, cargado de humor e sorna. Coméntase que se retoman dúas máximas da compañía: o xogo co teatro dentro do teatro e coa linguaxe. Lóase o labor de dirección e o deseño do espazo escénico.


Sinálase que o protagonista, Homesoga, é un personaxe que se ofrece para se colgar en lugar doutros, polo que carga coa desesperación dos demais. Coméntase que esta comedia se desenvolve nun mundo tráxico e acaba converténdose nun espectáculo circense. Faisce referencia a que a obra tarda en entrar en materia, o que impacienta os espectadores, polo que se cre que o espectáculo perde efectividade. Dise que Gustavo Pernas utiliza un humor con dobres sentidos e referencias requintadas. Explícase que o escenario é simple, con poucos movementos e cunha iluminación mal empregada.

Áncora Producións (2): Pisados, texto Gustavo Pernas, dirección Ánxela Abalo.

Referencias varias:


Dáse noticia da presentación en Vigo da programación cultural que prepara Caixanova. Destácanse as palabras pronunciadas no acto polo presidente desta entidade, Julio Fernández Gayoso, e coméntase que se tivo en conta que os espectáculos estiveran dirixidos a “públicos diferentes” e de diferentes idades e gustos. Ademais de destacar o programa de música clásica e lírica, infórmase que no ámbito dramático están previstas actuacións de compañías galegas, como as obras Casting (A Comedia) e Pisados.


Recóllese a estrea da nova obra de Áncora Produccións. Baseada, unha vez máis, en “logomonos”, unha especie de monólogos ‘mutantes’, ‘surreais’ y ‘pintorescos’. Dise que está protagonizada por Botamán, un personaxe entre Cunqueiro e Valle-Inclán e con trazos do realismo máxico, que é quen de escoltar as historias que lle contan os zapatos cos que se vai atopando e, así, vanse tocando temas como o amor, os problemas da emigración ou a ameaza do totalitarismo.


Dáse conta da estrea en Ferrol de Pisados, dirixida por Ánxela Abalo e interpretada por Gustavo Pernas, que é tamén o seu autor. Ámbolos doustan que o importante da peza é que resalta os valores esquecidos nunha sociedade en crise e a importancia da palabra, da memoria e das ensinanzas da historia. Antes da representación terá lugar un ensaio aberto ao público e un faladoiro cos espectadores. Destácase, tamén, o forte
compromiso social de Áncora e a consecución de importantes premios teatrais en Galicia por parte de Gustavo Pernas.


Faise referencia á nova peza teatral de Áncora Produccións, na que se “denuncia multitud de situacións mediante a gran metáfora do que calan as bocas e gardan os pés”, en palabras da súa directora, que salienta a figura do Green Man, de gran tradición nos países célticos e no medievo galego, e que representa o ciclo interminábel de morte-vida.


Faise eco da representación de Pisados no Teatro Colón da Coruña. Desta peza destácase a “mestura de linguaxe esperpéntica e poética que leva á reflexión” sobre as verbas verdadeiras que se agochan nos zapatos.


Coméntase a estrea da última peza teatral de Áncora, da que se destacan as súas historias máis simbólicas que alegóricas, o esforzo do monólogo e a renuncia a unha liña máis narrativa, nun “combate para explicarnos que o mundo está construído de maneira inxusta”.


Infórmase da representación de Pisados no Teatro Colón, unha peza na liña de Colgados, obra anterior de Pernas, e os logomonos, “formato no que ten preeminencia a palabra como un correlato de razón no senso de descuberta ou indagación”. Sinálase que é unha obra que fala de política, moral ou economía e de que “non hai conquista definitiva para o ser humano no eido dos seus dereitos fundamentais”.

Teatro do Andamio: Papá querido, texto Aída Bortnik, dirección Álvaro Guevara.

Referencias varias:


Faise referencia á estrea desta peza no Fórum da Coruña. Escrita por Aída Bortnik, explicase que se trata dunha traxicomedia con contido ideolóxico, pero tamén emotivo, na que catro irmáns reconstrúen as súas identidades e a do pai falecido en base ás cartas e á imaxe que cada un tiña del.

Anúnciase a representación no Fórum Metropolitano de Papá querido, unha peza sinxela, irónica e sentimental, na que prima a “introspección recíproca, dialogante y justificadora acerca de un pater familias perdido tras delirios ácratas por un mundo mejor” e na que subxacen o dilema ético e o xuizo de valores. Cualificase de atinada a dirección de Álvaro Guevara.

Teatro Arte Livre: O cuarto de Giovanni

Referencias varias:

Coméntase a participación do bailarín Rafael Amargo nunha obra da compañía galega Teatro Arte Livre, que leva por título O cuarto de Giovanni. Dise que o papel de Giovanni é interpretado por Jorge Gallardo en Vigo durante o mes de febreiro e que será substituído polo bailarín en Barcelona cando ali a representen.

Teatro do Atlántico: Memoria de Helena e María, texto Roberto Salgueiro, dirección Xulio Lago.

Ver XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia

Referencias varias:

Ábrese a nova coas palabras de Roberto Salgueiro sobre o proceso de creación desta obra, coa que gañou o Premio Abrente no ano 2006, e da que destaca o feito de tentar fuxir da mentira, situando accións e personaxes no mundo real. Logo é Xulio Lago, o director da compañía de Teatro do Atlántico, o que fala da posta en escena da obra que levan a cabo na Coruña. Comenta o seu argumento, centrado na posguerra española, e deseguido indícase quen son os responsábeis da escenografía, do vestiario e da música.


Coméntase a posta en escena no Teatro Rosalía da Coruña da obra Memoria de Helena e María, escrita por Roberto Salgueiro e representada por Teatro do Atlántico. Indicanse os horarios e lémbrase que foi galardoada co Premio Abrente de teatro 2006. Despois describese brevemente o argumento da mesma.
Indica que Teatro do Atlántico estreou no coruñés teatro Rosalía unha peza de Roberto Salgueiro para mostrar o conflito bélico do 36 dende a perspectiva dunha nai e unha filla. Recolle as palabras do director, Xulio Lago, e precisa que, ademais das dúas protagonistas, tamén son personaxes da peza “a vinganza, os danos colaterais, a miseria e a soidade”. Resume o argumento da trama e indica que a protagonista María Barcala se reencontra co autor vinte anos despois para interpretar a unha nena emigrada a Venezuela. Reconoce o labor desta compañía, que cumpre os seus vinte e cinco anos, e Lago precisa que a representación de pezas de calidade nestes tempos supón “unha responsabilidade cultural que deriva dunha boa convivencia da cidadanía”. Apunta que o texto deste autor novo harmoniza coa música orixinal de Narf (Fran Pérez) e co atrezzo e deseño mobiliario de Rodrigo Roel.


Indica que no teatro Rosalía de Castro se estreou a peza Memoria de Helena e María, de Roberto Salgueiro, a cargo da compañía Teatro do Atlántico. Precisa que o texto foi merecente en 2006 do Premio Abrente de Teatro. Expón o argumento, apunta quen a dirixe e a protagoniza.


Dise que a obra Memoria de Helena e María que leva a escena a compañía Teatro do Atlántico se presenta como un drama sen excesos retóricos, profundo pero sereno, que busca exhibir a parte máis humana do padecer, cunha lixeira nostalxia do pasado e co rigor co que sempre se manifesta o presente. Destácase a sinxeleza da mesma e ao tempo a súa “limpeza” á hora de expoñer as circunstancias, mesmo as máis violentas. Tamén se destaca a sobriedade con que o texto asume a historia e coa que os actores o interpretan.


Refire que a compañía Teatro do Atlántico estreou no teatro Rosalía da Coruña unha peza de Roberto Salgueiro coa que mereceu o Premio Abrente de Teatro en 2006: Memoria de Helena e María. Indica que se trata dunha traxedia sen fuerza dramática, duración, nin tempos escénicos, unha “obra menor”. Indica que xa cansa e fastidia o anticlericalismo da peza, na que “se generaliza el odio hasta la náusea”. Reconoce o labor interpretativo de María Barcala para superar as limitacións “de su papel acartonado”, de Lucía Regueiro para construír “una realidad creíble” e do director Xulio Lago “para arrancar los mejores acordes y sonidos a una orquesta sinfónica llena de telarañas...”.

Refírese á presentación en Vigo da obra de Teatro do Atlántico Memoria de Helena y María e lémbrase brevemente a traxectoria do seu director Xulio Lago.


Gábase o acerto da compañía Teatro do Atlántico ao poñer en escena a obra Memoria de Helena e María, ao fuxir de excesos retóricos na montaxe e tamén na linguaxe. Dise que esa contención tamén se observa á hora de contar a historia dende un dobre plano, correspondente á perspectiva de dous dos seus personaxes.


Iníforme da posta en escena no Teatro Principal de Ourense da obra Memoria de Helena e María, de Teatro do Atlántico.

Barcarola: O enfermo imaxinario

Referencias varias:


Dáse conta das actividades que terán lugar para celebrar as festas no barrio de Porto (Pontecesures), entre as que se destaca a posta en escena d’O enfermo imaxinario, de Barcarola, e O horroroso crime de Xan Miñoca, a cargo de Títeres Viravolta.

Bengala Producións: Master Class, texto Terrence McNally, dirección Xosé Manuel Rabón.

Ver FITEU, XVIº Festival Internacional de Teatro Universitario da Universidade de Santiago de Compostela

Referencias varias:


Entrevista a Mabel Rivera no momento de ensaiar o personaxe de María Callas, a protagonista da obra Master Class, con texto do norteamericano Terrence McNally, que reflicte os últimos e tristes anos da sopranó grega cando se dedicou a transmitir as súas experiencias a alumnos da Julliard School. Comenta que non en vexa a terríbel vida persoal de María Callas pero que si a atraeu o personaxe e a obra, sobre todo no que atinxe á estrutura teatral e á reflexión que o autor fai sobre o traballo do artista que sobe a un escenario. Sinala que o personaxe reflicte o que Callas transmitía pola súa maneira
de cantar e que con ela comparte algunhas queixas como a falta de rigor que se aprecia
no seu traballo. Admite que lle gustaría que a obra fose un “taquillazo” e que se
representase fóra de Galicia e cre que no teatro non se precisan subvencións senón
maior formación. Afirma que se alegra de que a obra se vaia estrear na súa terra natal,
Ferrol. Finalmente, asegura que lle gusta tanto o teatro como o cine e a televisión.

- P. Hermina “O Jofre abre ao público os ensaios de ‘Master Class’, Galicia Hoxe,

Anúnciase a estrea da obra Master Class no teatro Jofre de Ferrol, que amosa as
famosas leccións de María Callas na academia Julliard de Nova York. Coméntase que
as obras do Jofre se abrirán uns días antes para que o público poida acudir aos ensaios
da obra e á montaxe de luces e escenario. A actriz Mabel Rivera, que encarna a Callas,
opina que con esta opción se pode ver a loita do creador por organizar o traballo antes
de saír ao público.

de Ferrol, 13 abril 2010, p. 11.

Fálase da estrea da obra Master Class, escrita en 1995 por Terrence McNally, dirixida
por Xosé Manuel Rabón e protagonizada por Mabel Rivera no papel dunha María
Callas esixente, aliva pero tamén posuidora dunha gran sensibilidade e talento.
Coméntase que a obra parte dun feito real: as clases que impartiu Callas nunha
academia norteamericana, e nela reflechese a súa concepción da arte e a tensión entre a
súa exitosa vida artística e as súas frustracións privadas. Cóntase que ademais da
personaxe hai outras catro: un pianista, dúas sopranos e un tenor, dos cales unha das
sopranos e o tenor son cantantes líricos profesionais. Finalmente, afírmase que os
últimos ensaios foron abertos ao público, que se completaron cun faladoiro no que
participaron Rivera e o director artístico.

- M. B., “Mabel Rivera sube ao escenario para revivir o mito Callas”, La Voz de
Galicia, “Cultura”, 14 abril 2010, p. 43.

Dáse noticia da estrea da obra Master Class, dirixida por Xosé Manuel Rabón e
protagonizada por Mabel Rivera, que recrea os últimos anos da diva grega que impartiu
classes maxistras na Nova York coas que quería transmitir o seu legado sobre o
escenario, e que percorre quince localidades galegas da man do Xacobeo 2010. Rivera
comenta que o proxecto naceu despois da súa participación nunha montaxe da Orquestra
Sinfónica de Galicia en 2007 e que o seu papel é unha aproximación á figura de Callas e
non unha imitación dela. Finalmente, o director descubriu a proposta teatral como un
musical no sentido máis clásico, no que o teatro en prosa está determinado pola música,
no que se exemplifica a dicotomía entre a María Callas artista e a persoa.


Coméntase que a compañía Bengala Produccións leva a escena Master Class, unha
produción sobre as clases impartidas pola soprano grega María Callas e os útimos
momentos da súa vida artística. Sinálase que a obra, escrita por Terrence McNally en
1995, gañou o Premio Tony en 1996. Mabel Rivera, que encarna a María Callas, indica
que o proxecto naceu despois de que participase nunha montaxe coa Orquestra
Sinfónica de Galicia en 2007. Tamén declarou que garda unha copia da obra en lingua inglesa na casa, que leu e traduxiu ao castelán. O director da obra, Xosé Manuel Rabón, comentou que a obra era un musical, entendido como teatro en prosa determinado pola música. Finalmente, citanse as localidades galegas nas que se vai representar.


Dáse noticia da estrea en Ferrol da obra Master Class, por parte de Bengala Producións, que recrea as clases maxistrais impartidas por María Callas cun elenco de actores formado por Mabel Rivera, no papel de María Callas; Lino Braxe, como pianista; e María Torres, Julia Cea e Enrique Martínez, como alumnos. Sinálase que a obra vai percorrer varias localidades galegas, fará unha xira por Portugal e en “2011 traducerse ó castelán e viaxará polo resto da Península”. Indícase que o director da obra, Xosé Manuel Rabón, a cualifica como musical porque, aínda que é un espectáculo de texto, funciona en relación á música; así, uniu a ópera e o teatro nun mesmo espectáculo. Mabel Rivera, pola súa banda, comenta que o texto da obra é denso e longo xa que durante hora e media non para de falar e que a intensidade dramática sobe a través da música.


Infórmase que a actriz galega Mabel Rivera interpretará a María Callas na obra Master Class. Dise que a representación terá lugar no Auditorio Carmen Estévez de Vilalba e apúntase a contía das entradas.


Entrevista a Mabel Rivera co gallo da súa interpretación de María Callas na obra Master Class, que trata sobre as leccións que deu a soprano despois de se retirar. Comenta que na obra non canta, só marca “un par de intentos que se prevé que sexan fallidos”, só canta a soprano Julia Cea e o tenor Enrique Martínez; pero na obra tamén participan Lino Braxe, que simula tocar o piano, e María Torres, á que Callas non deixa cantar. Indica que unha das características do texto é recoller o que se pensaba dela: que era fea e que rivalizaba coas outras sopranos; pero cre que iso na realidade non era así xa que, a pesar de que había broncas, era respectuosa e axudaba ás colegas; o que pasa é que era moi eficiente e se implicaba demasiado e era amábel, divertida e renovadora. Opina que Callas tiña medos e obsesións pero que medraba nos escenarios porque tiña sentimento e técnica. Sinala que as “master class” foron un intento de reiniciar a súa carreira pero xa non estaba en condicións de aguantar unha ópera e ao deixar de cantar deixou de vivir. Cre que o mundo da ópera require maior disciplina porque teñen que ter o instrumento sempre afinado pero o teatro hai que preparalo máis, xa que hai que memorizar textos moi longos. Di que a súa interpretación é natural, non quería esaxerar os xestos.

Indícase que a obra Master Class está inspirada no texto de Terrence McNally, que recrea as clases maxistrais que María Callas impartía a estudantes pero que estaban abertas ao público. Coméntase que a obra ofrece unha visión máis complexa do personaxe xa que o que se pode recoñecer da auténctica María Callas é pouco, o cal carece de importancia porque a obra debe lerase como unha reflexión sobre a creación artística. Crese que a beleza do canto actúa como un vampiro que non deixa medrar á muller. Pénzase que Mabel Rivera fai unha versión intimista e sofisticada da diva, que oscila entre o humor irónico e a introspección nostálgica, polo que se perde de vista a estrela para centrarse no vulnerábel ser humano. Para rematar, opinase que o espectáculo está deseñado para lucimento da actriz Mabel Rivera.


Coméntase que a obra Master Class, de Bengala Produccións, na que Mabel Rivera interpreta a María Callas, sorprende pola fineza con que retrata a cantante, que era moi esixente consigo mesma e cos alumnos, tiña moito carácter pero tamén era moi tenra. Sinálase que Lino Braxe interpreta o pianista, que coa súa elegancia silenciosa supón o contrapunto dunha muller que precisa falar moito. Opínase que a obra resulta fascinante porque consegue empatizar cos espectadores.


Entrevista a Mabel Rivera, que encarna á soprano María Callas na obra Master Class, dirixida por Xosé Manuel Rabón e que forma parte do programa Camiño das Artes Escénicas do Xacobeo 2010. Indica que foi ela quen propuxo este proxecto e que o que máis lle atraeu foi a dificultade de memorizar o texto e o personaxe de Callas, chea de contradicións. Confesa que tiña a obra en inglés, escrita por Terrence McNally, esquecida na casa e traduciuna ao castelán, e que en 2007 traballou coa Orquestra Sinfónica de Galicia, polo que lle quedaron ganas de traballar con cantantes de ópera. Sinala que na ópera o uso da voz require unha esixencia constante xa que esta ten un tempo limitado e que a profesión de actor non é tan estrita xa que se concentran en traballo e momentos concretos. Indica que é a primeira vez que interpreta a un personaxe real e que cambiou a súa imaxe de Callas, á que coñecía polas revistas da época. Finalmente, fala tamén do seu traballo en televisión, especialmente do seu papel de Balbina en Pratos combinados, e no cine, no que se destaca a súa interpretación en Mar adentro, e do seu labor como produtora documental e os seus proxectos futuros.


Anúnciase a estrea dunha nova adaptación da obra Master Class, de Terrence McNally, que xa se estreou hai quince anos en Broadway e recibiu un premio Tony en 1996. Coméntase que a figura artística e humana da soprano María Callas segue espetando interese despois de trinta e tres anos da súa morte e que esta obra mosta ao público a Callas íntima e o personaxe público.
Entrevista con Mabel Rivera con motivo da estrea da obra *Master Class*, na que interpreta á soprano María Callas. Comenta que este foi un personaxe complexo en si mesmo, pero o texto está moi ben construído polo que dá todas as pistas para a súa interpretación, que ten luces e sombras e que lle dá unha riqueza dramática enorme. Sinala que a obra non é doada para o público porque non é unha representación teatral, senón unha clase dirixida a alumnos, e a xente vai entrando pouco a pouco no xogo teatral. Para rematar, fala do seu traballo na película *Mar adentro*, da súa interpretación de Balbina en *Pratos combinados*, do seu traballo como actriz de dobraxe e do que ainda lle queda por facer en teatro.


Entrevista a Mabel Rivera, intérprete de María Callas en *Master Class*. Ademais de falar do argumento da obra, comenta que para construír a personaxe o que se intentou foi unha aproximación á cantante lonxe dos esteorotipos, “en canto á xestualidade”, e que “a maiores do guión da obra” se foi facendo cargo doutros datos que hai sobre a cantante. Sobre o desenvolvemento da acción di que o espazo se artella nunha aula e, alén de incidir noutros aspectos da vida e obra de María Callas, pensa que era un personaxe literario perfecto.


Dí que o espectáculo no Teatro Rosalía de Castro de *Master Class*, de Bengala Produccións, tivo un público “no habitual, raro”. Dá conta do argumento da obra e considera que a representación tivo unha “discreta escenografía, vestuario, iluminación y asesoría musical” e destaca as colaboracións dos ‘alumnos’ María Torres, Julia Cea e Enrique Martínez. Considera que fallan certas gravacións das bandas sonoras. Finalmente refírese á capacidade escénica e interpretativa de Mabel Rivera, apuntando tamén certos “fallos técnicos”, que teñen que ver fundamentalmente co son.

**Berrobambán**: *Pressing Catch*, texto Paula Carballeira, dirección Quico Cadaval.

**Referencias varias:**


Entrevista a Paula Carballeira, autora e unha das protagonistas da obra *Pressing Catch*, que reflexiona sobre a violencia cotiá no marco dun ring que combina humor, música e coreografías. Comenta que colleron a violencia do *Pressing Catch* porque é unha violencia falsa, finxida e pactada que chama a atención pero que, porén, a sociedade non di nada cando ve algúen berrando pola rúa ou saltando un semáforo en vermello. Sinala que Anabel Gago interpreta a Loli, unha rapaza nova de cultura urbana, unha
poligoneira; a propia Paula encarna á Chorona, unha muller de mediana idade que ten os seus mecanismos para moverse polo mundo; Hugo Torres interpreta a un avogado cun perfil moi característico; e Chiqui Pereira interpreta o árbitro que en determinados momentos fai reflexións. Indica que o espectáculo se compón de varios combates que se dividen, cada un deles, en dous asaltos: o primeiro asalto consiste nunha loita verbal e noutra física. Dise que polo medio se introducen montaxes audiovisuais, das que se encarga Carlos Alberto Alonso, para presentar cada un dos loitadores. Finalmente, afirma que traballar co director da obra, Quico Cadaval, é moi divertido porque fala moi ben e a súa imaxinación escénica resulta esencial porque o texto encaixa perfectamente no seu estilo.


Coméntase que a a compañía Berrobambán está neste momento a preparar na Sala Nasa a estrea da obra Pressing Catch, a cal achega reflexións sobre a violencia cotiá á que todo o mundo está afeito. Sinállase que a obra está escrita por Paula Carballeira, dirixida por Quico Cadaval e protagonizada por Chiqui Pereira, que lle dá vida ao árbitro; Hugo Torres, que encarna o avogado; Anabel Gago, que interpreta a unha poligoneira e a propia Carballeira, que se mete na pel da Chorona, unha muller de mediana idade que utiliza a súa amargura no seu propio beneficio. Indícase que a obra tivo as súas orixes no Centro Dramático Galego, cando Paula Carballeira escribiu o texto para un obradoiro dramático, o cal foi descuberto por Chiqui Pereira, que decidiu que estaba feito para Berrobambán. Finalmente, advírtese que a obra contará cun total de sete pases na Sala Nasa.


Dáse noticia da estrea da obra Pressing Catch, escrita por Paula Carballeira, dirixida por Quico Cadaval e interpretada por Chiqui Pereira, Anabel Gago, Hugo Torres e a propia Carballeira. Sinállase que a obra está construída sobre un cuadrilátero e trata sobre a banalización da violencia e a fascinación polo medo, sen deixar de lado o sentido do humor. Indícase que a súa banda sonora se sitúa entre o hip hop abstracto e a música electrónica, e que está acompañada por vídeos de Carlos Alberto Alonso. Finalmente coméntase que tamén hai unha edición do texto en Positivas e un cedé compilatorio en Falcatruada.


Informa que a compañía de teatro Berrobambán vai representar na Sala Nasa de Compostela a obra Pressing Catch, escrita por Paula Carballeira e dirixida por Quico Cadaval. Comenta que os actores son Chiqui Pereira, Anabell Gago, Hugo Torres e a propia Carballeira, os cales desenvolven un teatro centrado na agresividade da vida cotiá. En columna á parte describe o argumento da obra.

Relátase un ensaio da obra *Pressing Catch*, escrita por Paula Carballeira e dirixida por Quico Cadaval. Coméntase que o director senta como un espectador máis e observa os últimos ensaios da obra, nos que os actores o primeiro que fan son quecements para preapararse para o esforzo que supón esta obra tan violenta e agresiva; mentres o equipo técnico prepara os focos, o escenario e a música que vai completar o espectáculo.

Indícase que o director non interrompe a acción coas súas indicacións, sentado en silencio, só fai algunha indicación aos técnicos, senón que toma notas e cando se remata a parte que están a ensaio, sobe ao escenario e en grupo recoñecen os defectos e virtudes que observaron durante a proba e presentan outras opcións.


Coméntase que a compañía Berrobambán, a pesar de estar especializada en teatro dirixido ao público infantil, non deixa de lado o público adulto polo que estrea a montaxe *Pressing Catch*, na que a violencia se fai espectáculo sobre as táboas, nas que se enfrentan loitadores e loitadoras da vida cotiá para reflexionar sobre a sociedade actual. Sináñase que se traballa sobre todo na interacción entre texto e movemento, coa implicación do espectador, nesta obra escrita por Paula Carballeira e dirixida por Quico Cadaval; pero na que tamén traballan Carlos Alberto Alonso, que realiza unha serie de curtametraxes, Soyuz na música, Pablo Pastor na escenografía e Fidel Vázquez na iluminación. Indícase que na montaxe un DJ introduce personaxes como Lola, interpretado por Anabel Gago, unha muller que usa a violencia como sistema defensivo; o Hellmaster, encarnado por Hugo Torres, un avogado de éxito que non é capaz de xestionar a súa vida familiar; e a Chorona, a propia Paula Carballeira, que recorre á chantaxe emocional; todos eles controlados por un árbitro, que interpreta Chiqui Pereira, que non quería selo, un perdedor.


Saliéntase que a obra *Pressing Catch* tenta explicar que a violencia adoita ser a linguaxe máis utilizada pola especie humana mediante a parodia, presentando uns personaxes prototípicos e algo *frikis* e cunha posta en escena indisciplinada. Opínase que a música e os audiovisuais que completan a montaxe funcionan mellor que a obra mesma, a cal se cre que é un prólogo a unha segunda parte na que os personaxes protagonicen algunha historia. Finalmente, coméntase que as intencións da obra son melóres que os resultados.


Anúnciase que a compañía Berrobambán sobe ao escenario da Sala Nasa a última representación de *Pressing Catch*, na que se vale do espectáculo coñecido como *pressing catch* ou loita libre para reflexionar sobre a sociedade actual. Coméntase que nesta proposta, escrita por Paula Carballeira e dirixida por Quico Cadaval, se traballa coa interacción entre texto e movemento coa implicación do espectador. Saliéntase que na última función se vai presentar o libro *Pressing Catch* de Edicións Positivas e o cedé *Pressing Catch. 12 cancións dende o ring*, froito este último dun certame para grupos emerxentes en galego. O director indica que o resultado é un espectáculo moi dinámico,
onde se parodian os vídeos que presentan loitadores, e no medio deles hai un combate verbal, onde os golpes son as palabras, as inxurias e descualificacións. Finalmente opina que o interesante da obra é que está feita de fragmentos nos que participan moitos artistas: Carlos Alberto Alonso, nos vídeos; o compositor musical Soyuz, responsábel da banda sonora de música electrónica con bases de rap e músicas; e o coreógrafo David Loira.


Sinálase que a autora de Pressing Catch di que a intención da obra é reflexionar sobre a violencia, pero opinase que non se ve moi claro que tipo de reflexión se pretende propiciar, a non ser a de que a violencia está presente en multitud de manifestacións da sociedade actual. Así, crese que a reflexión e a crítica son insuficientes como intención principal do espectáculo, e que máis ben parece que se trata de empregar o pressing catch como pretexto para tomar a súa estética: actitudes, xestos, indumentaria ou a incorporación doutras lingüaxes como os vídeos e o DJ. Polo tanto, coméntase que a efectividade da obra se centra exclusivamente na comicidade dos gag, a través da esaxeración, polo que satisface a quen queira rir cun xogo teatral sen maior profundidade. Finalmente, indicase que Quico Cadaval consegue darlle dinamismo ao conxunto, aínda que recorra con demasiada frecuencia ao uso do vídeo.


Indícase que a montaxe de Berrobambán, Pressing Catch, partía dunha idea interesante: a reflexión sobre a verdade e a mentira das artes escénicas a partir do formato da loita libre americana; pero crese que ao espectáculo lle fallan algúns elementos básicos da posta en escena como o texto, a dirección e o cálculo de ritmos, entre outros. Opínase que o humor, que podería ser útil como recurso, pérdese en coreografías de movementos pouco limpos e nons diálogos desordenados e repetitivos, e nunhas interpretacións inxenuas unhas veces e pouco acertadas, noutras. Para rematar, coméntase que é estraño que o director, Quico Cadaval, estea ausente nesta obra e que a peza precisa unha revisión da dramaturxia, xa que se pensa que a aparente mentira non debe eliminar a humanidade dos artistas, que leva ao público a respectar o traballo asumido con seriedade.


Entrevista á actriz Anabell Gago con motivo da estrea, con Factoría Teatro e Disquedanza, do espectáculo Nin contigo nin sen ti, no que participa. Comenta que ela de pequena xa xogaba a facer teatro e que se sente moi cómoda facendo teatro para nenos porque son moi sinceros e son un verdadeiro baremo do espectáculo. Sinala que pasou por diferentes etapas nos seus dezaseis anos como profesional do teatro e lembra os seus comezos traballando con Roberto Vidal Bodaño, o cal concibía o teatro como vía para comunicar algo. Cre que mediante a mímica se pode contar o mesmo pero sen texto, só coa imaxinación e o corpo; polo que pensa que son máis importantes os xestos que as palabras; e así, o baile é unha ferramenta fundamental para comunicar pero tamén para se liberar e o cante serve para botar fóra as amarguras e curarse de todo. Asegura que facer o pallaso parece moi fácil pero é moi difícil porque son fundamentais
a sinceridade e a credibilidade. Finalmente, afirma que o espectáculo *Pressing Caeth*, no que actúa, é violento e move masas, pero que esa violencia se converte en danza e que o personaxe gañador afunde e controla os seus rivais porque xoga cos seus puntos débiles, polo que opina que a violencia psíquica é peor que a psíquica.


Dáse conta da estreia desta peza dirixida por Quico Cadaval. A partir dun libreto de Paula Carballeira, propón unha reflexión sobre as formas de violencia non física. Cobran grande importancia a música e as proxeccións de curtametraxes para axudar a entender as situacións dos personaxes.


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Teatro Principal de Pontevedra do espectáculo *Só*, de Carlos Blanco; e de *Pressing Catch*, da compañía Berrobambán, no Centro Cultural Caixanova de Vigo.


Coméntase a nova peza teatral de Berrobambán. Dela dise que, de maneira innovadora e arriscada, analiza os malos tratos e a violencia na sociedade de hoxe en día, a través dunha montaxe na que os diálogos se acompañan de números musicais e audiovisuais.


Destácase a multidisciplinariedade da peza pola mestura de texto teatral, videocreación, números musicais e coreografías. Critícase a incoherencia na unión destes códigos e o escaso dinamismo, aínda que se recoñece o atrevemento do equipo á hora de se enfrontar a un proxecto “tan atractivo como ambicioso”.

**Brisa** Teatro: *Condena perpetua*, dirección Sara Rosalina Baltar Martínez de la Riva.

**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúncianse as representacións das obras *Sexo? Por que non?*, da compañía Em2 no Teatro Principal de Ourense; *A pensión*, de Redrum Teatro, no Salón Teatro de Santiago, e *Condena perpetua*, de Brisa Teatro, na sala Santart de Santiago.
Títeres Cachirulo: *Noite de verán*

**Referencias varias:**


Informase da celebración do vinte e cinco aniversario de Títeres Cachirulo. Coméntase que para o festexo se recuperan sete das súas montaxes máis importantes como son *A guerra das Galícias*, *Pinocho*, *Catro contos da China*, *Do, re, mi. Mozart xoga aquí*, *O libro da selva*, *Típico*, *Tópico* e *Camiño de Aventuras*. Indícase que a compañía está a preparar un musical baseado na historia de *Alicia no país das marabillas*. Ofrécese un repaso pola historia da compañía referíndose á incorporación de obras para adultos como *Noite de Verán* ou á “investigación teatral e na construcción de obxectos escénicos que perfeccionan con cursos e charlas”. Fálase con Carme Domech, integrante da compañía centrada na construcción de marionetas, elaboración de decorados e creación de historias.

**Cara de Plata** Teatro: *Furtivos*, texto Antón de Santiago.

**Referencias varias:**


Anúnciase a estrea da obra *Furtivos*, escrita por Antón de Santiago e representada pola compañía Cara de Plata Teatro. Coméntase que De Santiago é coñecido polas súas pezas cómicas de entroido, os *Apropósitos*, e que se estrea con esta obra no drama sobre un tema de actualidade, como é o furtivismo, o que tamén o leva a tratar outros temas, como a transgresión das leis, a deslealdade aos veciños e a traizón á natureza, creando situacións de violencia. Sinala que a obra ten como único escenario un peirao onde se desenvolve a trama e que o teatro funciona como espello da sociedade, pero sen intención moralizante. Destaca que a obra, que dura algo máis de sesenta minutos, está escrita dende 2008 e que xurdiu dunha experiencia no seu traballo de xornalista que o levou a reflexionar sobre o tema do furtivismo.

**Carlos Blanco/Abada** Teatro (1): *Ordem e progresso*

Ver XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia

**Carlos Blanco/Abada** Teatro (2): *Sô*

Ver Gondomar, Mostra de Teatro de Outono de Ver MITEU, XIVª Mostra Internacional de Teatro Universitario Galego Ver Galicia Móvese
Referencias varias:


Reprodúcese unha entrevista con Carlos Blanco, na que reflexiona sobre a súa presenza dentro do festival Iberojazz, o Camiño (experiencia na que se basea o seu monólogo) como encontro cun mesmo, a importancia do humor ou os tempos nos que os grandes teatros estaban vedados para as compañías galegas.


Recóllense reflexións de Blanco sobre o seu último espectáculo humorístico, inspirado no Camiño de Santiago, con motivo da súa representación no Teatro Principal pontevedrés. Ao mesmo tempo ofrécese un breve apuntamento dos papeis principais interpretados por Carlos Blanco ao longo da súa carreira.


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Teatro Principal de Pontevedra do espectáculo *Só*, de Carlos Blanco; e de *Pressing Catch*, da compañía Berrobambán, no Centro Cultural Caixanova de Vigo.

**CasaHamlet: Ao raso coas lebres**

Referencias varias:


Faise unha breve mención á estrea na Casa Rosalía do último espectáculo poético-musical de Casa Hamlet, co que se pretende conmemorar o matrimonio de Rosalía de Castro con Murguía.

**Centro Dramático Galego: Salomé**, texto Oscar Wilde, dirección Carlos Santiago.

Referencias varias:


Anúnciase que o vinte e sete de setembro Carlos Santiago comeza os ensaios de *Salomé*, de Óscar Wilde, montaxe que marcará o inicio do programa de Branca Cendán á fronte
do Centro Dramático Galego. Indícase que a estrea terá lugar o vinte e seis de novembro no Salón Teatro de Santiago, e que será a segunda vez que se poña en escena este texto xa que hai uns vinte anos a propia Cendán participou nunha versión realizada polo grupo Chévere. Coméntase que Santiago non quere adiantar ningunha cuestión sobre o espectáculo, tan só que contará con seis actores e actrices. Afírmase que outra montaxe do programa de Cendán é Ópera dos tres peniques, prevista para 2011, e que a nova directora do Centro Dramático Galego ten previsto producir menos e distribuír máis e apostar polo teatro musical. Sinálase que Cendán non quere que os seus gustos sexan demasiado determinantes polo que contará cun consello de asesores como órgano consultivo.


Comenta as probas de selección para Salomé, a nova producción do CDG. Nomea algúns participantes do proceso, entre os que están Uxía Blanco, Serxio Pazos ou Fernando Morán, e repara en que inicialmente eran duascentas quince persoas as que botaron solicitude, logo da cal houbo unha primeira preselección, atendendo a diversos criterios. Di ademais que para o papel de Salomé as actrices terán que facer un baile a partir dunha música de “danza dos sete velos” e unha improvisación coreográfica. Nun á parte, refírese á nomeada traxedia da autoría de Óscar Wilde.


Faise eco do comezo das probas de selección dos actores que formarán o elenco da produción do CDG, Salomé, afirmando que é a primeira vez que a institución realiza unha selección pública “tan rigorosa e aberta”. Afirma que son sesenta e catro persoas que botaron solicitude, de que seis serán finalistas e outros seis quedarán suplentes. A seguir, comenta cada unha das probas polas que tiveron que pasar os aspirantes. Sobre o proceso de selección, recóllense as palabras de Uxía Blanco, Fernando Morán e Antela Cid.


Entrevista a Carlos Santiago, responsábel da obra Salomé. Comenta que o actor Víctor Mosqueira está no seu equipo técnico e considera que pode dicir que será “o codirector”. Non considera que se note presión ao dirixir a primeira obra do CDG “da era de Blanca Cendán” nin que se compare Salomé co éxito anterior As actas escuras. Opina que se trata dunha obra que dá “moitas posibilidades” e que ten un argumento “con moita actualidade”, ademais considera que é un texto no que é posible que saian varias lecturas. Por outro lado, comenta porqué se escolleron sesenta e catro persoas para continuar o cásting logo dunha primeira preselección e opina sobre a “situación do oficio” teatral que encontrou realizando as probas.

Comeza referíndose ao contexto histórico de Óscar Wilde en relación á súa obra *Salomé* (1896), que vai poñer en escena o CDG baixo a dirección de Carlos Santiago, quen manifesta que é “unha traxedia de elevado ton poético”. Sinálase que Roberto Varela, conselleiro de Cultura, informou na presentación oficial que a obra ten previsto corenta e unha representacións en Galicia e Portugal. Por outro lado, dáse noticia dos ensaios dos actores e actrices e indicanse os papeis que protagonizan cada un deles. Tamén se informa dos membros do equipo artístico. Para rematar, dise ademais que *Salomé* contempla a “programación de funcións para público escolar”.


Informa que o espectáculo *Salomé* do CDG se estreará no Salón Teatro de Santiago o día vinte e seis de novembro. Apúntase que a obra, dirixida por Carlos Santiago, será unha adaptación ao orixinal, en lingua galega e en “clave actual”, formado por seis actores galegos, entre os que está María Mera, que protagonizará o papel de Salomé.


Entrevista a Blanca Cendán, directora do Centro Dramático Galego, con motivo da estrea de *Salomé*. Nela, Cendán fai balance do tempo que leva desempeñando este cargo, explica o criterio que se seguiu para escoller esta peza de Oscar Wilde para abrir a tempada e compara a versión do Centro Dramático Galego coa anterior de Chévere.


O director Carlos Santiago, que dirixe a nova produción do Centro Dramático Galego, a obra de Óscar Wilde *Salomé*, comenta os cambios e as adaptacións que se lle fixeron á obra para situala nun contexto actual. Destácase o sentido irónico e satírico que Wilde lle outorga á obra e que se tenta manter nesta nova versión.


Anúnciase o primeiro acto de promoción da estrea de *Salomé*, a nova proposta do Centro Dramático Galego que consiste nunha parodia realizada polo actor Pepe Penabade, encargado de interpretar a Herodes na montaxe que dirixe Carlos Santiago sobre un texto de Óscar Wilde. Logo infórmase de que a estrea está prevista para o día vinte e seis de novembro do salón Teatro de Compostela.


Anúnciase a estrea no Salón Teatro de Santiago da nova montaxe do Centro Dramático Galego coa que se abre a nova etapa baixo a dirección de Blanca Cendán. *Salomé* é a obra de Óscar Wilde, que tal como se indica resulta escollida para abrir este período, e que conta coa dirección de Carlos Santiago, o cal realiza unha adaptación da obra clásica situándoa nun banquete electoral da actualidade moi propio da cultura popular.
Fálase da presentación da estrea de Salomé, a nova proposta do Centro Dramático Galego baixo a dirección de Carlos Santiago, a cal supón tamén a estrea de Blanca Cendán á fronte do CDG. Expícase o argumento da obra e cales son os cambios que propón o director na súa adaptación.


Anúnciase que o CDG estrea a súa nova tempada coa representación de Salomé, un texto escrito a finais do século XIX por Óscar Wilde que o director Carlos Santiago adaptou á “cultura popular”. Nesta adaptación dice que se sitúa a acción nun banquete electoral e que hai outros elementos modernos como o vestiario e os graffiteiros. O propio director tamén aclara que os principais temas de adaptación son a ‘dialéctica de poder’ mostrando a ‘dobre cara’ pública e privada dos políticos e unha reflexión sobre a ‘condición feminina’ e a súa relación co poder. Indícase finalmente que a obra permanece no Salón Teatro de Santiago de Compostela ata o domingo dezanove de decembro e que logo comeza unha xira polas principais vilas galegas e algunhas portuguesas.

- Camilo Franco, “As medias distancias”, La Voz de Galicia, “Cartelera y críticas”, 5 decembro 2010, p. 64.

Fálase da nova obra que presenta o Centro Dramático Galego, Salomé, dirixida por Carlos Santiago a partir dunha adaptación ao presente do texto de Óscar Wilde na que a sátira é un elemento representativo. Dice que a posta en escena non acada o equilibrio agardado, entre outras cousas por falta de axilidade para mover a sátira e que non consegue tampouco crear a intensidade e tensión necesarias que se desprenden da lectura do texto orixinal.


Anúnciase a representación no Salón Teatro de Salomé, do Centro Dramático Galego.

Infórmase da posta en escena no Salón Teatro de *Salomé*, do Centro Dramático Galego.


Infórmase da posta en escena no Salón Teatro de *Salomé*, do Centro Dramático Galego.


Faise unha crítica da nova montaxe do Centro Dramático Galego, *Salomé*, de Carlos Santiago sen poder “evitar” a comparación coa peza *As actas escuras* de Roberto Vidal Bolaño. Critícase tamén a interpretación da súa actriz principal, María Mera, malia recoñecer a súa valía como nova promesa do teatro. Díse que é na parte final da obra onde se consegue o maior valor interpretativo e finalmente lémbrase que a función que se desenvolve no Salón Teatro de Compostela é a última antes de comezar a xira por toda Galicia e norte de Portugal.

**Chévere Teatro**: *Citizen*, dirección Xesús Ron.

**Referencias varias**:


Dáse conta da estrea desta peza, primeira parte da triloxía *Citizen*, que, a través da historia dunha empresa do têxtil que se transforma nunha das multinacionais máis importantes do mundo, ironiza sobre os cambios que tiveron lugar en Galicia dende a etapa da Transición ata os nosos días. Destácanse como puntos básicos a investigación sobre as texturas sonoras e a improvisación.


Presenta o último espectáculo do grupo Chévere, *Citizen*, a primeira parte dunha triloxía teatral na que participan oito actores. Indícase que esta primeira entrega transcorre no ano 1975 e contextualízanse as outras dúas. Infórmase que está protagonizada por dous actores, Patricia de Lorenzo e Manuel Cortés. Ademais coméntase que a súa duración é de unha hora e vinte minutos e sinálanse algúns aspectos do argumento, ademais de indicar que o escenario se caracteriza pola sinxeleza, no que ademais se fan “proyección de vídeo, casetes y demás elementos traídos de la realidad”. Finalmente, coméntase cómo se preparou o espectáculo en tres secuencias de traballo. Tamén se di que é unha creación “fruto de la necesidad de mostrar la evolución de un país”.

Infórmase da estrea na Sala Nasa da primeira parte de *Citizen*. Sinálase o paralelismo con *Cidadán Kane* de Orson Wells polo seu intento de contar a biografía dun personaxe en relación coa súa época. Así mesmo, o director da obra, Xesús Ron, destaca a importancia da improvisación e da investigación e que cada acto “pon o foco nun elemento distinto”.


Faise eco da estrea desta peza da que a compañía di que é unha boa desculpa para falar, ironizar e cuestionar os efectos da globalización en relación coas nosas identidades individuais e colectivas.


Analízase a estrea desta peza teatral sinalando que a compañía persegue a naturalidade na súa relación co público e bota man da ironía que raia o esperpento nalgúns momentos para converter en ficción “esa transición que en Galicia nunca se acaba”.


Dáse conta da estrea de *Citizen*, da que se di que versa sobre a ruptura e como poderían dialogar esas dúas metades da sociedade galega, expostas igualmente ao limo global no que converxen as identidades colectivas. Sinálase que, do mesmo xeito que no *Cidadán Kane*, se busca retratar unha época, neste caso a da Transición, a partir da biografía dun personaxe.


Reprodúcese unha entrevista coa actriz Patricia de Lorenzo, que participa na primeira parte do espectáculo *Citizen*. Nela fala dos lugares da súa infancia, os inicios na compañía Chévere, a súa paixón polo teatro, a escenografía de *Citizen* e a Galicia de hoxe en día.


A actriz Arantza Villar fala sobre o seu traballo na compañía teatral Chévere e en concreto sobre a súa participación na nova produción da compañía, *Citizen*. Primeiro lembra momentos da súa infancia e adolescencia e a súa afección polo flamenco para logo centrarse en concreto no traballo recente dentro desta obra.


Coméntase que o grupo Chévere estrea na Sala Nasa de Compostela a segunda parte da súa produción *Citizen* e que partiu dos sentimentos de rabia e impotencia que
compartiron moitas mulleres que traballaron en talleres que cosían para Inditex, para artellar a obra. Logo faise unha entrevista ao seu director Xesús Ron na que fala sobre o proceso de documentación para construír o guión, sobre a escenografía e os personaxes.


Anúnciase a representación na Sala Nasa de Santiago da segunda parte de Citizen, da compañía Chévere.


Anúnciase a representación na Sala Nasa de Santiago da segunda parte de Citizen, da compañía Chévere.


Anúnciase a representación na Sala Nasa de Santiago da segunda parte de Citizen, da compañía Chévere.


Destácase que na nova posta en escena do grupo Chévere, Citizen, téntase un achegamento da realidade ao público e que prosegue coa súa inmersión na historia recente de Galicia. Tamén se indica que nesta nova entrega se procura un teatro máis físico, xógase cos territorios da danzas e modérase a comedia para que se vexa un teatro máis social.


Infórmase da posta en escena na Sala Nasa de Santiago da segunda parte de Citizen, da compañía Chévere.


Infórmase da última función na Sala Nasa de Santiago da segunda parte de Citizen, da compañía Chévere.

Confetti Brothers: Os magníficos Confetti Brothers

Referencias varias:
Dáse conta da estreia da primeira peza teatral desta compañía, mestura de espectáculo de comedia, clown e teatro de terror, dentro do que os seus integrantes cualifican como “teatro dos sentimentos” e vencellado a tradicións anglosaxoas e sudamericanas. Destácanse os efectos especiais e a posta en escena inesperada, que integra o público no escenario sen que se suba a el.

Diáfora Teatro: Salomé, texto e dirección Sandra Iglesias.

Disquedanza/Factoría Teatro: Nin contigo nin sen ti

Referencias varias:


Entrevista á actriz Anabell Gago con motivo da estrea, con Factoría Teatro e Disquedanza, do espectáculo Nin contigo nin sen ti, no que participa. Comenta que ela de pequena xa xogaba a facer teatro e que se sente moi cómoda facendo teatro para nenos porque son moi sinceros e son un verdadeiro baremo do espectáculo. Sinala que pasou por diferentes etapas nos seus dezaseis anos como profesional do teatro e lembra os seus comezos traballando con Roberto Vidal Bodaño, o cal concibía o teatro como vía para comunicar algo. Cre que mediante a mímica se pode contar o mesmo pero sen texto, só coa imaxinación e o corpo; polo que pensa que son máis importantes os xestos que as palabras; e así, o baile é unha ferramenta fundamental para comunicar pero tamén para se liberar e o cante serve para botar fóra as amarguras e curarse de todo. Asegura que facer o pallaso parece moi fácil pero é moi difícil porque son fundamentais a sinceridade e a credibilidade. Finalmente, afirma que o espectáculo Pressing Cacth, no que actúa, é violento e move masas, pero que esa violencia se converte en danza e que o personaxe gañador afunde e controla os seus rivais porque xoga cos seus puntos débiles, polo que opina que a violencia psíquica é peor que a psíquica.


Comenta a presentación da nova peza de Disque Danza, Nin contigo nin sen ti. Recolle as palabras dunha das actrices e responsábel da compañía, Olga Cameselle, quen declara que é unha obra ainda que “máis de texto, o equilibrio tende máis ó teatro”. Sinálase que o espectáculo presenta tres mulleres “coas súas soidades” e recóllese o que na web da compañía se salienta sobre a obra. Ademais coméntase a organización do escenario e sinálase que Disque Danza colabora e coproduce nos últimos anos con A Factoría Teatro, agrupadas ambas pola sociedade Artística.

Em2: Sexo? Por que non?, dirección Álvaro Lavin.
Ver Galicia Móvese

Referencias varias:


Dáse noticia da estrea nas Pontes, por parte da compañía Em2, da obra *Sexo. Por que non?*, protagonizada por Mercedes Castro e dirixida por Álvaro Lavín. Coméntase que o espectáculo se basea nun libro de éxito entre a mocidade italiana nos anos noventa, *O Zen ou a arte de foder*, escrito por Jacopo Fo e levado a escena por seus pais Franca Rame e Dario Fo, que construíron un monólogo protagonizado pola primeira, que amosa situacións cotiás sobre o encontro carnal e o pouco que se sabe del na sociedade occidental. Sinálase que, a pesar de que Castro é a única personaxe da acción, aparecen as voces de máis de dezasete personaxes: Adán, Eva, un anxo, Yahvé-Deus, Carlos de Inglaterra, un señor de Boloña, un famoso cirurxián, Rosalía, o produtor do espectáculo e varios familiares e amigos de Mercedes Castro. Indícase que o espectáculo se pregunta con humor por que o sexo é algo central na vida do ser humano, pero nunca se fala sobre el. Afírmase que a propia Castro fundou, hai nove anos, a empresa teatral Em2, que combina a produción coa distribución de espectáculos doutras compañías. Para rematar, anúnciese que Mercedes Castro está nominada ao premio Mestre Mateo, que se entregará esa mesma semana.


Coméntase que a montaxe da compañía galega Em2 Emoción & Arte *Sexo. Por que non?* inicia a programación de maio do Salón Teatro de Santiago. Sinálase que a obra, protagonizada por Mercedes Castro e dirixida por Álvaro Lavín, é unha comedia en forma de monólogo que amosa situacións cotiás sobre o encontro sexual e o pouco que se sabe del na sociedade occidental, fuxindo do chiste fácil e da pornografía. Finalmente, tamén se fala de que o Centro Dramático Galego acolle as propostas dos grupos madrileños Kamikaze e K Producciones, a música en directo de Vashti Bunyan e Lorena Lores, a proxección de varias curtametraxes dentro do festival Curtocircuíto e o inicio da Mostra Internacional de Teatro Universitario.


Fálase da programación cultural do mes de maio que ofrece o Concello de Santiago de Compostela, na que ten cabida a maxia, o teatro, a música e o cine. Destácase que a compañía galega Em2 Emoción & Arte inicia a programación de maio do Salón Teatro coa comedia *Sexo. Por que non?*, a primeira entrega dunha variada carteleira que dará cabida a un total de seis funcións teatrais, dous concertos, a proxección de varias curtas dentro do festival Curtocircuíto e o inicio da Mostra Internacional de Teatro Universitario.

Entre outras actividades, anúnciase a representación d’A esmorga, a cargo de Sarabela Teatro no Auditorio de Ribadeo; e de Sexo? Por que non?, da compañía Em2, no Salón Teatro de Santiago.


Entrevista a Mercedes Castro co gallo da estrea da obra Sexo. Por que non?, na que interpreta a uns vinte personaxes para amosar situacións cotiás sobre o encontro carnal e o pouco que se sabe del. Comenta que a obra é unha adaptación do texto orixinal, collido do libro O Zen ou a arte de foder, de Jacopo Fo, que súa nai, Franca Rame, presentou en España, interpretado por Charo López e co título de Tengamos el sexo en paz, no que se incorpora unha personaxe, xa que o orixinal está concibido como unha conferencia na que se fala sobre sexo. Sinala que o espectáculo fala de sexo con naturalidade para, así, romper cos tabús cun toque de humor. Afirma que a peza tivo moi boa acollida de todo o público, independentemente da súa idade, porque con ela non se pretende educar, senón que a xente se divirta. Para rematar, admite que non é a primeira vez que interpreta unha peza de Fo ou Franca Rame, xa que hai tres anos fixera o monólogo Fálame de ti.


Entre outras actividades, anúnciase a representación d’A esmorga, a cargo de Sarabela Teatro no Auditorio de Ribadeo; e de Sexo? Por que non?, da compañía Em2, no Salón Teatro de Santiago.


Sinálase que a obra Sexo. Por que non? ten a función de lembrar á xente a pertinencia dunha montaxe coma esta cando se menciona a reacción de certos sectores da sociedade ante o proxecto de Lei do Aborto e de axudar a superar complexos e culpabilidades mediante a crítica. Indícase que a peza se presenta como unha especie de conferencia dirixida ao público para comentar temas como a primeira experiencia sexual, a virxindade, a menstruación, o orgasmo, etc., baixo os que se presentan inseguridades e prexuízos que se pretenden romper mediante un monólogo irreverente. Coméntase que a montaxe é o resultado da adaptación que fixeron para o teatro Darío Fo e Franca Rame dun libro do seu fillo Jacopo, O Zen e a arte de foder, que tivo un gran éxito editorial e cuxo discurso ten unha dobre función: a pedagogía e a sátira. Díse que, aínda que os destinatarios implícitos son a xente nova, as mencións que se fan aos espectadores adultos é o que lle outorga maior humor á peza, sen caer no chiste fácil. Afírmase que Mercedes Castro fai un gran traballo debido aos cambios de rexisto, os xestos e o feito de falar durante máis dunha hora engaiolando o público; díse que é un teatro que ten como obxectivo ser entretido sen renunciar á reflexión, o que asegura o éxito da montaxe.

Coméntase que a obra Sexo. Por que non? é unha comedia na que Mercedes Castro interpreta varios personaxes que van contando historias sobre sexo e, así, mantén unha conversa directa cos espectadores. Afirmase que o que fai Castro durante case unha hora é buscar unha complicidade para explicar circunstancias e desdramatizar experiencias que o público escoitou ou tivo, cun humor que se afasta da comedia fácil grazas á naturalidade na que o personaxe vai progresando, metáfora de como debería ir avanzando a sociedade no que se refire ao sexo.


Entre outras actividades, anúncianse as representacións da obra Longa vida a Martiño de Güimil dentro do ciclo Atracción Teatral, organizado por Nova Escena, no Centro Fingoi de Lugo; e da obra Sexo? Por que non?, da compañía Em2, no Teatro Principal de Ourense.


Faise referencia á recuperación dos monólogos de Franca Rame por parte de Em2, nunha versión que non é “apta para mentes anquilosadas en una forma de tratar el sexo abiertamente y, al mismo tiempo, con delicadeza y pudor”.


Entre outras actividades, anúncianse as representacións das obras Sexo? Por que non?, da compañía Em2 no Teatro Principal de Ourense; A pensión, de Redrum Teatro, no Salón Teatro de Santiago; e Condena perpetua, de Brisa Teatro, na sala Santart de Santiago.


Dá conta da representación do monólogo Sexo? por que non?, dirixido a estudantes de Bacharelato, no teatro Rosalía de Castro na Coruña. Sinala o apoio desta posta en escena por parte do Centro de Planeamiento Familiar Municipal-Sergas e reproduce os comentarios do director do teatro sobre a actividade. Indica o nome da protagonista, Aurora Castro, e o do colexio Andaina, no concello de Culleredo, e dos institutos Ramón Menéndez Pidal, A Sardiñeira e Fernando Wirtz Suárez, cuxos alumnos e alumnas conformaban a audiencia. Describe os temas tratados no monólogo e as reaccións do público durante o seu transcurso.


Analízase a estrea desta peza teatral na que se ofrece un intento de normalización do conflito do sexo. Destácase o intento de chegar ao público e facelo pensar sobre “os
(des)conocimientos, actitudes, prejuicios e problemas da sexualidade”, con trazos de comedia e sen ningunha “excelencia literaria ególatra”.


**Referencias varias:**


Infórmase da representación no auditorio vigués desta peza, adaptación do clásico de Carroll por Paula Carballeira, nunha proposta que fusiona a interpretación coa danza e da que a autora di que “todos somos Alicia, porque crecemos, nos rebelamos y acabamos acatando ciertas normas”.


Faise referencia á posta en escena desta montaxe, desde “unha estética que bebe na fervenza da iconografía urbana e popular e os regatos da arte conceptual”. Destácanse as posibilidades da escenografía, do vestiario, do espazo sonoro ou a videocreación que conforman unha estética visual minimalista, ao mesmo tempo que se menciona o acertado traballo do elenco actoral, que fai que o espectador, a pesar de ser unha obra experimental, non se aburra nunca.


Reprodúcese unha breve entrevista con Olga Cameselle, codirectora d’*Alicia & Alicia*, na que fala do tipo de proposta teatral que é esta peza, a multiplicidade de reflexións que se poden facer a partir da obra ou a resposta do público a esta montaxe dinamicamente moi atractiva.


Critícase, con grandes doses de ironía, a forma na que as novas tecnoloxías están a mudar a nosa realidade; entre estas reflexións, dedicanse unhas poucas liñas a posta en escena *Alicia&Alicia*, unha relectura d’*Alicia no país das marabillas*, na que hai un “forte desevo de experimentar con todos os xogos posibles e imposibles”, empregando videos coloristas, acuarelas e música.

**Encena** Producións Artísticas (2): *Isadora Duncan, a revolución na danza*

Ver Cuntis, Teatro de Outono de
Encena Producións Artísticas (3): O maior xenio do mundo, texto e dirección Eisenhower Moreno.

Referencias varias:


Indícase que a obra O maior xenio do mundo chega ao centro cultural Patelas de Cuntis dentro da programación de Nadal e dise que é unha obra que “trata a verdadeira historia do actor, autor e director Eisenhower Moreno”.

Teatro Ensalle: A maleza, texto e dirección Pedro Fresneda.

Referencias varias:


Analízase a adaptación para teatro d’A maleza, de Pedro Fresneda, por Teatro Ensalle. Destácase o acerto na escenografía, que se presenta núa, coa area como único elemento que tenta simbolizar o xeito de afrontar os problemas sociais, e no traballo corporal dos actores, áida que se censura que as intervencións se fan en ocasións moi longas e demagóxicas. Pónse o acento na sinxeleza do vestiario e a boa selección musical que axuda a crear momentos de tensión e de calma.

Teatro Esmorga: O incorruptíbel

Ver Cangas, XXVIIIª Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo

Espello Cóncavo: Limpeza de sangue, texto Rubén Ruibal.

Ver Vilagarcía, Ciclo de Outono de Teatro Galego

Referencias varias:

- Iago Martínez, “Maldito dramaturgo maldito”, Xornal de Galicia, “Bóla extra”, 1 setembro 2010, p. 34.

Comeza apuntando que a obra Limpeza de sangue de Rubén Ruibal, gañadora do Premio Álvaro Cunqueiro 2005, debía estar posta en escena “como mínimo hai tres anos” e pasa a comentar o estado da sentenza xudicial. Entretanto, informa que a obra xa ten data de estrea, director, equipo artístico e técnico. Indica que “arrastra unha sorte
de maldición” porque na última convocatoria de axudas ao teatro de Agadic quedou fóra “por un punto e sete décimas de diferencia”, alén de se referir tamén aos intentos de adaptación ao cine. Ademais, recóllense ao respecto algunhas declaracións do director Artur López, que se lamenta de que estas cousas lle pasen a “un dramaturgo como Rubén Ruibal”, ao tempo que afirma que lle resulta incomprensíbel que a consellería de Cultura “machaque desta maneira” os creadores teatrais.


Entrevista ao dramaturgo Rubén Ruibal, que se refire á peripecia que está sufrindo a representación da súa obra Limpeza de sangue. Apunta que non é “unha maldición”, senón que se trata de “certos criterios persistentes” con respecto ao teatro galego. Malia a sentenza favórabel do Tribunal Superior de Xustiza, afirma que as axudas “seguen a ser o mesmo de sempre” e que “ninguén se atreve a cambiar o sistema”, considerando que fan o “contrario, mételenles máis pasta para que cale máis xente”. Alén de verquer a súa opinión sobre o teatro subvencionado en Galicia, opina que a mellor montaxe que fixo foi Rastros, de Roberto Vidal Bolaño. Para rematar, comenta o que lle gusta do teatro como espectador e afirma que o goberno di que o teatro galego ten que buscar o seu público “pelo seu interese político”.


Coméntase a estrea, entre outras, desta peza da compañía Espello Cóncavo. Dise que esta obra de Rubén Ruibal foi Premio Nacional de Teatro no 2007 e Álvaro Cunqueiro no 2005. Na liña do sarcasmo escénico de Vidal Bolaño, sinálase que, aínda que en época de crise, conta con reparto longo.


Dáse conta da estrea, logo de varios anos de litixios, de Limpeza de sangue, financiada, tal e como estabelece as bases do Premio Cunqueiro, pola Xunta. Así mesmo, sinálase que a primeira representación desta obra, homenaxe aos Doentes de Vidal Bolaño, terá lugar en Narón.

- Belén López, “Que veñen os Dani e os Crebinsky”, Diario de Pontevedra, “Pontevedra”, 7 outubro 2010, p. 64.

Coméntase que, entre os espectáculos relacionados coas artes escénicas programados polo Pazo da Cultura de Pontevedra para o último trimestre de 2010, atópase Limpeza de sangue.


Reflexiónase sobre a estrea desta peza que leva aos espectadores “pola senda do coñecemento, da descoberta final. A dor e a morte, parecen decírnos, é a única
resposta”. Cualíficase como “experiencia extraordinaria”e peza imprescindíbel que non se debería ignorar e destácase a excelente coordinación de medios técnicos e artísticos e a actuación dos intérpretes.

Producións Teatrais Excéntricas/Mofa e Befa: Un cráneo furado, dirección Quico Cadaval.

Ver XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia
Ver FIOT, XIXº Festival Internacional “Outono de teatro” de Carballo

Referencias varias:


Faise referencia, moi brevemente, á representación de Un cráneo furado no auditorio municipal de Vigo.


Coméntase esta última montaxe de Quico Cadaval, da que se destaca que o humor procura unha certa complicidade co público que ri, pero que tamén ten tempo a pensar que “quizais a realidade das cousas non está tan lonxe desas leas tan miserables e, por iso, mesmo tan humanas”.


Fálase sobre a terceira edición de Culturgal que se desenvolve no Pazo de Cultura de Pontevedra e dise que se abre a todas as disciplinas cunha especial atención, desta vez, ao mundo lusófono. Entre as actividades e espectáculos programados destácase a presentación da obra teatral Un cráneo furado.


Fálase sobre a presentación en Pontevedra do comezo da feira Culturgal, que centra nesta edición a súa mirada en Portugal e Brasil. Coméntase como se desenvolve, de que eventos consta, entre os que cita Un cráneo furado, de Producións Teatrais Excéntricas, e indicase que o seu director é Quico Cadaval, ademais de referir brevemente o argumento e os personaxes.


Describese o contido e estrutura da feira Culturgal, que se desenvolve no Pazo de Cultura de Pontevedra, a partir das palabras do seu director Xulio Amigo. Entre as
diversas propostas culturais (música, cine, editorialis, espectáculos e teatro) coméntase a representación da obra *Un cranio furado* de Producións Teatrais Excéntricas ás ordes do seu director, Quico Cadaval.


Dentro da programación de Culturgal 2010, que aquí se describe, inclúese a representación da obra *Un cranio furado*, de Producións Teatrais Excéntricas coa interpretación de Dorotea Bárcena, Víctor Mosqueira e Santi Romay.


Primeiramente dise que se presenta en Culturgal a obra de Martín McDonagh *Un cranio furado*, dirixida por Quico Cadaval e protagonizada por Dorotea Bárcena. Logo a protagonista fala sobre a súa traxe citoria profesional e sobre a delicada situación da cultura en Galicia debido ás poucas axudas do Goberno ao sector audiovisual.


Sinálase que a compañía Producións Teatrais Excéntricas presenta no Teatro Principal de Santiago de Compostela a obra *Un cranio furado*, a terceira das pezas dunha triloxía escrita polo irlandés Martin McDonagh e dirixida neste caso por Quico Cadaval. Destácase a volta á escena do actor Víctor Mosqueira como un dos protagonistas e pregúntaselle sobre a obra.

**Expresión** Teatro (1): *Leite de cabra*


Ver Gondomar, Mostra de Teatro de Outono de Ver Vilagarcía, Ciclo de Outono de Teatro Galego

**Femme Fatale:** *Bon jour bon jour!*

Ver FITO, IIIº Festival Internacional de Teatro de Ourense

**Referencias varias:**


Dáse noticia das actividades que se realizarán con motivo da Festa do Libro da Coruña, como o concerto do gaiteiro bretón Patrick Molard, presentacións de libros, un
espectáculo de danza, unha lectura colectiva, encontros e repartición de libros gratis por parte das bibliotecas municipais. Destácase, tamén, a estreña da montaxe Bonjour, bonjour!, por parte da compañía Femme Fatale, un espectáculo itinerante no que os actores tratan de transmitirlle ao público o ambiente nos salóns de beleza dos anos sesenta a través das coreografías e a música.

**Forma** Teatro: *Son da corda*, texto Rita Tabarés Goldar.

Teatro Galileo: *Sempre quixen bailar un tango*, texto Teresa González, dirección Fernando Morán.

**Referencias varias:**


Nota a través da que se informa da data e hora previstas para a rolda de prensa na que o titular de Cultura do Concello de Culleredo presentará a estreña da montaxe teatral titulada *Sempre quixen bailar un tango*, de Teatro Galileo.


Infórmase dos actos culturais que terán lugar durante esa fin de semana en Culleredo. Entre eles, a estreña da décimo oitava montaxe de Teatro Galileo, *Sempre quixen bailar un tango*. Asemade, recóllense algunhas das afirmacións de Fernando Morán, que ademais de selo director do espectáculo, forma parte do elenco de actores, xunto con Tanas, Ana Santos e Isabel Blanco; quen comenta que na obra, de Teresa González, se aborda a problemática do abandono da terceira idade.


Tras estabelecer unha diferenciación entre o teatro realista ou naturista e o teatro do realismo, amosa a súa opinión sobre a obra *Sempre quixen bailar un tango*, da que considera que é unha montaxe na que a realidade só se adopta como un horizonte, limitándose a historia a unha explicación simple dos estereotipos.


Anúnciase a posta en escena de *Sempre quixen bailar un tango* na Casa da Cultura de Sada.

Comeza falando do texto de Teresa González Costa *Sempre quixo bailar un tango*, a medio camiño entre o melodrama e a comedia. Sinálase que se trata dun cadro de costumes onde se “amalgaman certos temas sociais que marcan unha certa actualidade”. A continuación, detense na montaxe de Teatro Galileo, da que considera que o director quixo transpasar todo o que hai de comedia crítica a un rexistro dramático “moito máis inclemente”, pecando dunha “dureza maior da que o propio texto” ten. Opina que isto se debe a un problema de dramaturxia, dando detalles do que el considera “falta de afondamento na teatralidade da obra”. Con todo, cre que o público recoñeceu e respectou o traballo do elenco actoral.

**Gula Gula: Blue Island (un lugar axeitado para criminais)**

Ver Cidade de Lugo, VIIIª Mostra de Teatro

**Hipócrita Teatro: Homes en escabeche**

Ver Cidade de Lugo, VIIIª Mostra de Teatro

**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúnciase a representación na Casa Habanera de Guitiriz da obra *Máquina Hamlet*, a cargo da compañía Falcatrueiros; e de *Homes en escabeche*, de Hipócrita Teatro, no Auditorio Carmen Estévez de Vilalba.

**A Internacional: Frida**

Ver FITO, IIIª Festival Internacional de Teatro de Ourense


**Referencias varias:**


Entrevista a Alfonso Pexegueiro, que pón voz á montaxe teatral do seu poemario *A illa das mulleres loucas* (1985), estreada no Auditorio en Cangas. Conta como nace o proxecto de adaptar ao teatro o seu poemario e comenta que ademais de poñer a voz, tamén se move polo escenario. Indica que se trata dun diálogo entre as actrices e os instrumentos e que esa dobre vertente se debe a que é un “libro múltiple” e que ten un
“concepto dramático”. Neste senso, explica porque se dedidiu a centrarse na figura da muller como trasunto de Galicia. Considera que malia se ter publicado hai máis de vinte e cinco anos é un poema de longo percorrido e ó que lle queda ainda moito”. Nun á parte, recóllese unha breve conversa con Vanesa Sotelo, quen dirixe e actúa nesta obra.

Compañía **Inversa** (2): *Kamouraska*, texto e dirección Vanesa Sotelo.

Ver Gondomar, Mostra de Teatro de Outono de

**Referencias varias:**


Co gallo da celebración da Feira das Artes Escénicas, Vanesa Martínez Sotelo, escritora e directora de *Kamouraska*, reflexiona, xunto con outros persoeiros sobre as novas formas na dramaturxia galega e a súa escasa presenza nos circuitos de exhibición.

**Koilon Teatro: Parella aberta**

**Referencias varias:**


Infórmase da posta en marcha da programación cultural do Concello de Soutomaioir, que comeza coa representación dunha comedia destinada ao público adulto, *Parella aberta*, de Koilon Teatro.

**Lagarta Lagarta: Casting (A Comedia)*, dirección Rosa Álvarez.

Ver XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia

**Referencias varias:**


Infórmase que o inicio da programación do Teatro Principal de Ourense se atrasará até o día dezaoito de setembro debido a unha serie de obras por reformas. Adiántase a posta en escena de espectáculos teatrais como o da compañía galega Lagarta Lagarta, que estreará en Ourense a súa peza cómica *Cásting*. 

450


Dase conta da estrea en Narón da nova montaxe teatral de Lagarta Lagarta, *Cásting*. Recóllese algunhas declaracións de Ernesto Chao sobre esta posta en escena, que comenta o papel que interpreta e as vicisitudes de pasar por un ‘cásting’. Mentres, Rosa Álvarez, directora da peza, sinala que é unha “comedia en caixóns e en cada un deles vai unha historia”. Por outro lado, fálase de qué modo Lagarta Lagarta está a notar os efectos da crise que vive actualmente o teatro. Nun á parte, comentase en qué medida esta nova montaxe escénica marca un punto de inflexión con respecto ás súas últimas producions.


Informa da estrea da obra *Cásting* e sinálase que Roberto Salgueiro é o encargado da tradución e adaptación escénica do texto, da autoría de Roger Justafre. Dá conta ademais do elenco de actores e actrices e apúntase que Ernesto Chao é o produtor, xunto con Marta Sacau.


Dáse notícia da presentación en Vigo da programación cultural que prepara Caixanova. Destánse as palabras pronunciadas no acto polo presidente desta entidade, Julio Fernández Gayoso, que estivo acompañado polo concelleiro de Cultura (Roberto Varela), a delegada da Xunta en Vigo (Lucía Morales) e o subdirector da entidade (Guillermo Brea). Coméntase que se tivo en conta que os espectáculos estiveran dirixidos a “públicos diferentes” e de diferentes idades e gustos. Ademais de destacar o programa de música clásica e lírica, informouse que no ámbito dramático están previstas actuacións de compañías galegas, como as obras *Casting (A Comedia)* e *Pisados*.


Dá notícia da estrea do novo espectáculo da compañía Lagarta Lagarta. Sinálase que *Cásting* xorde da lectura intensa de textos que fixeron os responsábeis da compañía en canto puxeron en escena *O segredo dos Hoffman*, encontrándose co traballo do dramaturgo Roger Justafre. En palabras de Rosa Álvarez, a directora, “apetecíanos dar un pequeno xiro na compañía e cambiar o tono”. Alén de se referir ao tema da montaxe, apúntase que Roberto Salgueiro o adaptou a unha realidade teatral “moito máis pequena e ós problemas específicos de Galicia”. Logo de informar que parte do equipo fixo en
Narón a presentación desta nova produción, recóllese breves declaracións de cada un dos actores e actrices, que falan sobre os personaxes que interpretan.


Infórmase da estrea no Salón Teatro de Santiago desta peza teatral, dirixida por Rosa Álvarez e interpretada por Ernesto Chao, María Bouzas, Belén Constenla, Rocío González e Alberto Rolán. Dala dita que “fala da realidade teatral galega”, dos problemas que tamén padecn moitas persoas á hora de buscar emprego. Faise tamén unha breve anotación das producións anteriores da compañía, como *Cartas de amor, Fobias, Carambola (Cónvexo cóncavo), As últimas luas, Aeroplanos e O segredo dos Hoffman.*


Comenta que a compañía Lagarta Lagarta estrea en Santiago Cásting, que segundo explicou Ernesto Chao é “unha comedia sobre as probas á que nos somete a vida”. O actor refírese tamén á proposta da directora, Rosa Álvarez, da presenza continua dos cinco actores no escenario, así como ao personaxe que el mesmo interpreta. Sinala que esta obra, que foi adaptada por Roberto Salgueiro, “parece escrita para a situación que estamos vivindo”. O responsábel da compañía, xunto con Rosa Álvarez, explica ademais porqué non fixeron un cáasting para escoller os actores.


Faise referencia á estrea de Cásting en Santiago, da que se di que é unha metáfora da vida como teatro, dos obstáculos que os actores e as actrices van atopando ao longo da súa vida profesional, que son equiparábeis aos que calquera individuo vai superando no seu día a día.


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Salón Teatro de Santiago da obra *Casting (A comedia)*, a cargo de Lagarta Lagarta.


Recolle declaracións sobre Rosa Álvarez, directora de Cásting, o novo espectáculo de Lagarta Lagarta, onde afirma que se trata dunha “comedia tola na que esperamos que os espectadores rían de si mesmos”. Por outra banda, dá noticia da representación desta montaxe en Compostela, pero tamén noutros lugares de Galicia.

Reprodúcese unha entrevista con Rosa Álvarez, directora de Cásting, na que se fala sobre a vida como teatro, o motivo de apostar por esta peza para a súa representación ou a estrea en Narón.


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Salón Teatro de Santiago da montaxe teatral Cásting (A comedia), a cargo de Lagarta Lagarta.


Faise unha crítica da obra Cásting posta en escena pola compañía Lagarta Lagarta da que se indica o argumento: a vida como teatro. Destácanse os toques de farsa que se introducen e tamén o seu ritmo frenético ao tempo que se subliña a mestría do elenco que resulta esencial. Fálase logo de cada un dos personaxes e dos actores e actrices que os representan.


Co pretexto da estrea de Cásting, reflexiónase sobre as probas que todo individuo ten que ir sorteando no seu día a día.


Faise unha crítica desta peza teatral, poñendo de manifesto que o estilo interpretativo, caricaturesco e histriónico non leva ao pensamento crítico; que as situacións son previsíbeis ou a escenografía demasiado hostil, aínda que se recoñece o esforzo por abordar temas de actualidade.


Realízase unha crítica de Cásting, da que se di que é “unha comedia lixeira, tranquila e moi benintencionada” que se desenvolve no “completamente correcto”, “sen demasiada diversión”, lenta e predicíbel.


Coméntase que a compañía de teatro Lagarta Lagarta celebra dez anos sobre os escenarios coa obra Cásting. A Comedia, de Robert Jastafré, a cal representa no teatro Rosalía da Coruña. Dise quen son os protagonistas e que o argumento se basea no ciclo vital e as probas que cada individuo debe pasar. Destácase logo o ritmo frenético, o toque disparatado dos diálogos e a posta en escena atractiva.

Coméntase o feito de que Caixanova e Caixa Galicia tentarán coordinar as súas programacións culturais para evitar que os seus respectivos actos culturais sexan coincidentes. Anúnciase tamén que dentro da programación de Caixanova se inclúe a presentación no Teatro Rosalía da Coruña da obra *Cásting*, da compañía Lagarta Lagarta.


Anúnciase a representación no Teatro Rosalía de *Casting*, de Lagarta Lagarta.


**Teatro La Guía: A taberna sen dono**

Ver Miguel Troncoso, Mostra Teatral

**Malabaranda: Residuos**

Ver Cangas, XXVIIIª Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo

**Malasombra** Teatro: *GO ON!*, texto Xosé Luís Prieto, dirección Marcos Orsi.

Ver apartado III.3.3 deste Informe

Ver Cee, Outono Cultural

**Referencias varias:**


Infórmase da estrea, na casa da cultura de Antas de Ulla, do último espectáculo da compañía Malasombra, *Go On!* Díse que este espectáculo parte dun texto de Xosé Luís Prieto, está dirixido por Marcos Orsi e interpretado por Xoque Carbajal e Jouse García. Tamén se anuncia que a obra é cualificada polos autores “como unha odisea cómica no espazo galego”, segundo se recolle.

Recóllese a representación de Go on!, comedia na que uns intrépidos exploradores percorren Galicia para descubrila e que “recorre de forma ágil y con tono de humor las tradiciones del territorio a explorar”. Dise que é a terceira peza da compañía, tras Non é tan fácil e O día do pai, que aínda segue en cartel.

**Matapiollos: A rebelión dos monicreques**

Ver Cidade de Lugo, VIIIª Mostra de Teatro

**Mofa e Befa: Cociña económica**

Referencias varias:


Coméntase o argumento da montaxe Cociña económica, o espectáculo que o dúo cómico Mofa e Befa, integrado por Evaristo Calvo e Víctor Mosqueira, levan dezasete anos representando. A peza, que os propios autores cualifican de “entremés clásico”, consta de dúas partes: unha primeira parte na que se expoñen unha serie de receitas de cociña a base de xogos de palabras, e unha segunda parte na que un empresario retroornado, o tío Reveriano, participa nun programa televisivo de cociña. Evaristo Calvo comments que seguen a representar esta obra, coa debida actualización dos textos, porque “cando serves un prato e a xente rebaña con pan, hai que seguir servindo”.


Faise eco dunha nova edición do programa “Sabores e Saberes”, organizado polo Concello de Vilagarcía e Central Folque en Vilaxoán. Entre as actividades destácase o humor de Mofa&Befa, cuxo espectáculo versou sobre a cociña.


Ver XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia
Ver FITO, IIIº Festival Internacional de Teatro de Ourense

Referencias varias:


Infórmase da presentación en Narón da nova peza teatral da compañía, unha metáfora sobre a crise que, en palabras do seu director, é un clásico do teatro arxentino, no que se
denuncia con humor aced o a situación dos inmigrantes italianos na Arxentina, que trataban de mellorar a súa posición, pero que se podía referir tamén aos propios galegos.


A propósito desta nova comedia do Teatro do Morcego, coméntase que é “unha obra claramente comercial”, na que o sentido do humor, que debería ser absurdo, “non quere deixar a ninguén fóra”.


**Referencias varias:**


Comentario da nova proposta da compañía Teatro do Morcego que leva á escena o clásico de Castelao *Os vellos non deben de namorarse* baixo a dirección de Celso Parada. Explicase que a peza tenta manter o espírito popular e folclórico da obra orixinal e que o aspecto visual e a escenografía é o que máis destaca para dar imaxe de teatro afeccionado, aínda que se critican certos aspectos que desmerecen o texto orixinal como o que ocorre co epílogo.

Teatro de *Ningures*: *Homes... mulleres: o paraíso terreal*

Ver Carballiño, Vº Festival de Teatro Galego do (FETEGA)
Ver XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia

**Referencias varias:**


Dá noticia da representación da nova montaxe da compañía Teatro de Ningures que leva por título *Homes... mulleres. O Paraíso Terreal*, de María Armesto, Paula Carballeira e Santiago Cortegoso. Sinálase que foi a directora do Festival de Teatro Galego de Porriño, Josi Lage, a encargada de presentar o director da montaxe, Etelvino Vázquez, quen sinalou que a obra trata da crise no contexto das parellas. A autora, María Armesto, sinalou que se fixo “por encargo da propia compañía e para uns actores determinados”. Alén de dar algunha información sobre a trama, recólense as declaracións das actrices durante a presentación. Nun á parte, infórmase que a compañía Obras Públicas, coa súa obra *Life is a paripé*, inaugurou a programación desta nova edición do Festival de Teatro Galego do Carballiño.

Indícase que no Auditorio Municipal de Cangas terá lugar a representación de Homes... mulleres, o paraíso terreal, unha obra “made in galicia”. Ademais faise eco da presentación do espectáculo por algúns actores da obra, na que se sinalou que se trata dun encargo de Teatro de Ningures a María Armesto, Paula Carballeira e Santiago Cortegoso, polo que se trata dun “producto totalmente novo”. Ademais de informar do elenco de actores, faise mención dos membros do equipo técnico e coméntase que a obra xa foi preestreada no festival do Carballiño, onde foron premiados os actores Sonia Rúa e Fran Paredes.


Dáse conta da estrea desta peza que, a medio camiño entre o drama e a comedia, trata das relacións de parella. Dela crítícase, entre outros aspectos, que se deixe caer no tópico para abordar este tema.

**Nito:** Xacobeo, beo, beo, vexo un tempo ben aciago, polo que fan na Coruña e o que desfán en Santiago

**Referencias varias:**


Coméntase esta montaxe da veterana Compañía Nito, con cinco lustros de andadura e dirixida por Antón Santiago, na que se conxugan dous temas de actualidade: a crise e o xacobeo. Repárase o reparto e coméntase que na escena aparecen personaxes descabelados tanto reais, do eido da política como puras prosopopeas.

**NNC Teatro:** Peza para dous actores, texto Víctor Vegas, dirección Bea Méndez.

Ver Agustín Magán, IXº Festival de teatro afeccionado

**Non si? Teatro:** Xogando Shakespeare

Ver Poio Escena, Ciclo de Teatro

Teatro do **Noroeste:** Historias peregrinas, texto Miguel Anxo Murado, dirección Eduardo Alonso.

**Referencias varias:**

Apúntanse a estrea no Pazo da Cultura de Narón de Historias peregrinas, de Miguel Anxo Murado, que pón novamente en escena a compañía Teatro do Noroeste. Comenta o seu director, Eduardo Alonso, que quixeron representar esta obra de 1995 que “tanto significa na nosa traxectoria”. Refírese tamén á trama e commenta que o papel de “home inocente” o interpreta Carlos Mosquera. Ademais, outra actriz, Luma Gómez, lembra que esta obra “nos permitiu acceder a escenarios de toda España”. Por outro lado, Eduardo Alonso reflexiona sobre o momento actual do teatro.


Faise referencia á representación no Teatro Colón da Coruña de “unha deliciosa comedia sobre as comedias” na que a galería de personaxes falan sobre a vida no contexto da ruta xacobea na época medieval. Sinálase que, aínda que de xeito cómico, se tratan temas transcendentes como a razón ou a falta dela no comportamento humano.


Recóllese a volta a escena, logo de quince anos dende a estrea, desta peza de Miguel Anxo Murado. Dela, os creadores da compañía din que é unha comedia cunha galería de personaxes que falan da vida, da apariencia e da realidade, da razón e a sen razón de ser e do teatro. Infórmase que, tras esta representación no Teatro Colón, terán lugar outras en Santiago, Pontevedra e Ourense.


Entrevista con Eduardo Alonso, director desta montaxe, na que se fala das diferenzas entre a primeira vez que se representou, nos anos noventa, e esta volta a escena; a falta de proxecto para articular Galicia teatralmente, a temática de Historias peregrinas ou as dificultades á hora de montar unha obra.


Faise referencia á representación desta comedia alegórica xa estreada nos anos noventa que xira “arredor da vida, da apariencia e da realidade, da razón e do absurdo de ser”. Nela, afirmase, o humor serve para tratar temas transcendentes e actuais como a supremacía da razón para entender a vida, a crítica ao fanatismo relixioso, o amor ou a literatura e o teatro.

Infórmase de que Teatro do Noroeste ofrece seis funcións desta peza no Salón Teatro de Santiago, unha volta á escena desta obra quince anos despois da súa estrea, cunha montaxe “máis descrida e menos inocente”. Faise mención do reparto, dos responsábeis da dirección, escenografía, vestiario, coreografía ou composición musical.


Anúnciase a representación Historias peregrinas, de Teatro do Noroeste, escrita por Miguel Anxo Murado.


Realízase unha crítica de Historias peregrinas, da que se di que, anos despois da estrea, esta nova entrega podería ter variado o humor ou o ritmo e que o seu final é previsíbel, ademais de que transcorre “desa maneira na que todo semella unha liña recta”, sen demasiados elementos que divirtan ao público.


Coméntase a nova posta en escena de Teatro do Noroeste, Historias peregrinas, escrita por Miguel Anxo Murado e dirixida por Eduardo Alonso. Destácase a súa comicidade, tanto na imaxe escénica coma nos diálogos e dise que o tema xira arredor da metateatralidade: as xentes do teatro do século XIX. Despois describese a interpretación de cada un dos actores e actrices destacando especialmente a de Fernando González.

**Nova Escena** Teatro: *O inspector*

Ver Cidade de Lugo, VIIIª Mostra de Teatro
Ver Vilalba, XIIª Mostra de Teatro de

**Nuria Sotelo:** Métanse nos seus asuntos

Ver FITO, IIIº Festival Internacional de Teatro de Ourense

**Obras Públicas:** *Life is a paripé*, texto José Luís Prieto.

Ver Carballiño, Vº Festival de Teatro Galego do (FETEGA)

**Referencias varias:**

Coméntase a peza teatral *Life is a paripé*, de Obras Públicas. Lóase a súa temática crítica ao tempo que festiva, a súa escenografía simple e o emprego de tres actores que, optimizando os recursos humanos, van desenvolvendo a trama a través de diferentes rexistros, acompañados de compoñente musical.


Dáse conta das diferentes representacións que terán lugar en diferentes concellos da comarca de Ferrolterra durante esa semana con motivo da celebración do Día Mundial do Teatro. Segundo se conta, entre outros espectáculos, a compañía Talía Teatro porá en escena a súa montaxe, *Palabras encadenadas* e a compañía Obras Públicas fará o propio coa súa peza *Life is a paripé*.


Camilo Franco, nesta crítica da montaxe *Life is a paripé* de Obras Públicas, fai especial fincapé no tipo de humor empregado. Segundo afirma, un humor político como arma contra a resignación e con vocación de servizo público, que reflicte parodicamente e con “mala baba” a realidade.


Dá noticia da representación da nova montaxe da compañía Teatro de Ningures que leva por título *Homes... mulleres. O Paraíso Terreal*, de María Armesto, Paula Carballeira e Santiago Cortegoso. Sinállase que foi a directora do Festival de Teatro Galego de Porriño, Josi Lage, a encargada de presentar o director da montaxe, Etelvino Vázquez, quen sinalou que a obra trata da crise no contexto das parellas. A autora, María Armesto, sinalou que se fixo “por encargo da propia compañía e para uns actores determinados”. Alén de dar algunha información sobre a trama, recóllese as declaracións das actrices durante a presentación. Nun á parte, infórmase que a compañía Obras Públicas, coa súa obra *Life is a paripé*, inaugurou a programación desta nova edición do Festival de Teatro Galego do Carballiño.


Destácase a representación no Salón Teatro compostelán desta peza cualificada como “explosión de humor”. Dise que nela “hai moitísima enerxía louca e disparatada, pero ao mesmo tempo trátase dunha explosión contida, medida, elegante”.


Fálase sobre o certame Intercultural que reúne unha serie de propostas para combinar lecer e cultura e convertelos en reclamo para estudantes e profesores da Universidade e
para el público en xeral. Díse que se leva a cabo no Salón Multiusos do Edificio de Facultades e que alí ten lugar a representación da obra *Life is paripé* da compañía Obras Públicas, que conta coa interpretación de tres actores e moito humor.

**Ónfalo Teatro: Na meta (sálvese quen poida),** texto Thomas Bernard.

Ver XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia
Ver Ribadavia, XXVª Mostra Internacional de Teatro de

**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúnciase a representación da obra *Crónica daquela escola*, da compañía de teatro Biblioteca Antas de Ulla, no Centro Sociocultural de San Cosme de Barreiros; e de *Na meta*, de Ónfalo Teatro, no Salón Teatro de Santiago.


Realízase unha crítica desta montaxe, da que se sinala que o mellor é a interpretación da actriz e que ofrece altibaixos posto que ofrece máis chistes ca ironía e, en ocasións, parece non haber historia.

**Asociación Teatral Paso de Valverde: Drammatico**

Ver Agustín Magán, IXº Festival de teatro afeccionado

**Picompé: Kásting**

**Pinga Teatro: Ego**

**Pisando Ovos: Tres**

**Pista Catro Produtora de Soños: Cabaret aéreo**

**Referencias varias:**

Analízase a posta en escena de *Cabaret aéreo*, de Pista Catro, representada no Festival dos Abrazos compostelán. Sinálase que se trata dunha serie de números circenses baseados na altura e que o máis interesante é a visualización do proceso de ensaio, o fallo e a proba como parte do espectáculo cómico. Matízase que se debería prestar maior atención aos diálogos.

**Playground:** *A cabeza nas nubes. Cando sexa maior quero ser un debuxo animado*

**Referencias varias:**


Sinálase que a compañía Playground representa a obra *A cabeza nas nubes. Cando sexa maior quero ser un debuxo animado*, na que un adulto, que xoga coma un neno, conta unha historia de adultos sen palabras, mediante xoguetes, sombras chinesas, danza, imaxe dixital e música. Coméntase que ao principio do espectáculo os xoguetes están pendurados do teito e van descendendo ao chan, o cal simboliza a experiencia de facerse maior.

Teatro en **Punto:** *Cambios de destino*, texto Rubén Ruibal, dirección Nerea de Valenzuela

**Referencias varias:**


Coméntase a estreia da opera prima da compañía Teatro en Punto, titulada *Cambios de destino*. Nesta obra, segundo se comenta, unicamente intervén unha personaxe, Flor, unha profesora de música interina acostumada á vida urbanita e que ten que trasladarse para dar clase a unha aldea. A súa directora, Nerea de Valenzuela, explica que a montaxe conta cos recursos técnicos mínimos e cero escenografía, pola falta de cartos e para conseguir diversificar os espazos de representación. Por outro lado, tamén se fai referencia á primeira montaxe, *Neuras*, da compañía Ónfalo Teatro, de recente creación. Recóllense as palabras dos seus directores, Ana Contreras e Afonso Becerra, que declaran que apostan por un teatro social, popular e que se afirme na comunicación co público. Asemade coméntase que *Neuras* combina os números de música, maxia e gags, estando a medio camiño entre a comedia de situación televisiva e o musical, xa que segundo explica Becerra, querían começar indagando nos mecanismos da comicidade, fuxindo dos xéneros establecidos pola alta cultura.

Recóllense as apreciacións de Nerea de Valenzuela, directora da compañía Teatro en Punto, sobre a situación do teatro galego e coméntase o argumento da peza da compañía, *Cambios de destino*, obra escrita por Rubén Ruibal e interpretada por Gloria Rico, quen dá vida a Flor, unha profesora interina que chega a unha escola rural, onde descobre formas de vida que pensaba extintas. A directora explica que aínda que non se trata dunha obra cómica si ten algunhas partes humorísticas.

**Os Quinquilláns: Os arrieiros**

**Referencias varias:**


Informa que na praza do Reloxio a agrupación teatral Os Quinquilláns ofrece unha “dosis de buen teatro de calle” coa obra *Os Arrieiros*. Sináñase que esta actuación forma parte das actividades organizadas para a celebración das Festas da Virxe do Porto.

**Ramón Falcón: Milagros de San Froilán**

**Referencias varias:**


Recóllese a representación da vida de San Froilán por parte de Pepe Fontal, profesor da escola de arte Ramón Falcón. Caracterizado como tal, percorrerá as rúas lucenses o día que comezan as festas acompañado dunha cadela e dun narrador que contará a lendaria vida do santo. O derradeiro día das festas volverá a vestirse de san Froilán para escenificar a súa morte. Para tal cometido contará coa colaboración do grupo de danza Aldonza.

**Rober Bodegas: Un condón por se pillo!**

Ver Carballiño, VIIIº Outono Teatral

**Santiago Cortegoso (1): A filla de Woody Allen**

Ver Cangas, XXVIIª Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo
Ver Cee, ‘Domingos de Teatro. Marzo Teatral’, XXIIIª Mostra de Teatro de Ver XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia

**Santiago Cortegoso (2): Hâmster**
Ver Cangas, XXVIIª Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo

Referencias varias:


Comeza referíndose ao humor de Woody Allen para deterse a opinar sobre a montaxe teatral d’A filla de Woody Allen, de Santiago Cortegoso. Sinálase que se aplica un tipo de humor que reclama a atención sobre os personaxes, amosando “que somos vítimas de case todas as cousas que nos suceden e tamén de nós mesmos”. Indícase ademais que o sentido do humor se move entre a acedía e a tenrura. Respecto ao final, apunta que remata nun punto moi distante ao seu comezo, opinando que o sentido de marcha cambie contra o final como “unha opción que enriquece máis ao personaxe que á historia”. Por último, incidese en que non se abusa da liña paródica e considera que a obra, contra o final, “perde algo de pulso”.

Sapristi Teatro/CDG: Por que o meniño se coce na polenta?, texto Aglaja Veteranyi, adaptación Quico Cadaval, dirección Roberto Leal.

Ver FITO, IIIº Festival Internacional de Teatro de Ourense

Referencias varias:


Comenta o espectáculo The Falua’s Rocky Horror Show, da compañía Teatro Falúa e dirixido por Roberto Leal. Asemade anúnciase a estrea da coprodución entre Sapristi Teatro e o CDG (Centro Dramático Galego), que tamén dirixe Roberto Leal, titulada Por que o meniño se coce na polenta?. A peza, adaptada por Quico Cadaval a partires de textos de Aglaja Veteranyi, aborda a historia dunha pequena exiliada do comunismo romanés que se enrola nun circo ambulante que percorre Europa e África.


Coméntase o argumento da obra “surrealista” Por que o meniño se coce na polenca?, montaxe de Sapriti teatro que dirixe Roberto Leal. Dise que a través da historia de Aglaja Veterany se abordan temas dramáticos como a explotación infantil, os abusos e os malos tratos. Coméntase que o espectáculo se caracteariza pola unión de teatro, música en directo, por parte de Ignacio Sanz, e un pequeno achegamento á danza contemporánea, mesturándose xéneros como o clown, a comedia xestual, o cabaré, a revista, o musical, o vodevil e o circo cos seus pallasos, equilibrismos e acrobacias. Asemade, explicase que o título fai referencia a un conto romanés que a irmá de Aglaja lle contaba de pequena, ao que se fai referencia na representación.

Coméntase o argumento da montaxe *Por que o meniño se coce na polenta?*, feita en coprodución pola compañía Sapristi Teatro e o CDG (Centro Dramático Galego). Dise que o texto é unha adaptación dunha novela de Aglaya Veterany, protagonizada por unha nena romanesa exiliada do comunismo que leva unha vida itinerante nun circo, historia que ten moitas semellanzas coa propia vida da autora. No escenario, a actriz Nuria Sanz aparece acompañada polo músico Ignacio Sanz, quen emprega instrumentos convencionais reciclados.


Entre outras actividades, anunciase a representación no Auditorio de Lugo de *Blue Island* (un lugar axeitado para criminais), posta en escena da compañía Gula Gula dentro da Mostra de Teatro Cidade de Lugo; e de *Por que o meniño se coce na polenta?*, realizada por Sapristi Teatro en coprodución co Centro Dramático Galego, no Salón Teatro de Santiago.


Faise eco da estrea desta peza, en colaboración co Centro Dramático Galego, que “serve para falar de pantasmas oprimidas, sensacións ambulantes” e que é “teatro como esconxuro vital, ou coma unha fotografía chea de matices luminosos, sonoros”.


Comentario do espectáculo *Por que o meniño se coce na polenta?*, adaptación a cargo de Quico Cadaval da novela da romanesa Aglaja Veet eranyi. Sinálase que a vía escollida é “a da representación máis que a de interpretación” e que o monólogo da actriz permanece constantemente no “ámbito do símbolo”, considerando que o lirismo das imaxes “contradi a dureza da realidade” que describe. Polo tanto, opina que ese exceso de metáfora dificulta a dramatización e propicia que “a posta en escena mude nun desafío”. Por outro lado, destaca o papel de Ignacio Sanz, que toca instrumentos a carón da actriz, apuntando que en moitas ocasións se converte “no centro que absorbe o interese do público”. Para rematar, considera que a trama “no sentido dramático” é inexistente, igual que a emoción que di que permaneceu “ausente” da función.


Faise unha crítica da montaxe de Sapristi, *Por que o meniño se coce na polenta?*, da que primeiramente se salienta a fragmentariedade e o tratamento do texto pouco aproveitado pola dramaturxía, que esquece o emocionante e sorprendente do relato. Tamén se destacan as eivas na interpretación da súa actriz principal, pero gábase o acerto da ambientación musical.
**Sarabela Teatro: O incerto señor don Hamlet**

Ver XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia

**Referencias varias:**


Faise unha breve mención da estrea no auditorio municipal de Ourense d’*O incerto señor don Hamlet*, peza escrita por Álvaro Cunqueiro que versiona o clásico de Shakespeare, e que se achega ás correntes existencialistas e simbolistas.


Realízase unha crítica da montaxe da obra cunqueiriana, da que se destaca o acerto á hora de levar a escena o texto sen tapalo con outros elementos escénicos, posto que a montaxe se caracteriza pola limpeza visual e de movementos e a enerxía coa que os actores interpretan o texto.


Describese a posta en escena que a compañía Sarabela Teatro, baixo a dirección de Ánxeles Cuña, fai da obra *O incerto señor Don Hamlet*, baseada no texto homónimo de Álvaro Cunqueiro. Destácase o seu lirismo escénico, a contención e intimidade en canto ao texto e as interpretacións especiais de Fernando Dacosta e Josito Porto. Respecto ao vestiario considérase que sería moito máis significativo se gañase en sinxeleza.


Coméntase cal vai ser a nova programación do primeiro semestre do ano 2011 no Teatro Rosalía da Coruña e entre ela sinálase a posta en escena da compañía Sarabela Teatro coa obra *O incerto señor Don Hamlet*.

**Talía Teatro (1): Nin en soños de Sechu Sende**

**Referencias varias:**

Dáse conta dos actos programados con motivo da terceira edición da Festa da Lingua, que este ano acolle a Casa da Cultura de Bertamiráns. Dise que esta é unha iniciativa coa que se pretende fomentar o uso do galego na vida cotiá. Entre os actos contemplados anúncanse a interpretación por parte da compañía Talía Teatro do monólogo *Nin en soños de Sechu Sende*.

**Talía Teatro (2): Volpone, texto Ben Johnson, adaptación Roberto Salgueiro.**

Ver XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia  
Ver FION, XIXº Festival Internacional “Outono de teatro” de Carballo  
Ver Ribeira, Iª Mostra de Teatro de

**Referencias varias:**


Realízase unha breve mención á representación de *Volpone* no Auditorio de Galicia, dentro da programación cultural do mes de outubro.


Faise eco da montaxe de *Volpone*, unha volta aos clásicos “para que, cando menos, teñamos a posibilidade de rírnos dos ricos”.


Infórmase da posta en escena de *Volpone*, adaptación do clásico de Ben Jonhson, no Teatro Principal compostelán. Expúlsase que a obra retrata unha “sociedade corrompida polo diñeiro, na que as persoas son capaces de facer calquera cousa levadas pola avaricia”. Trátase, en verbas da compañía, dunha “antifábula”, porque son as persoas as que se comportan como bestas.


Faise referencia á representación de *Volpone* no Teatro Principal. Desta peza dise que é unha “divertida comedia de corte clásico, especialmente en vestiario e escenografía, construída para converterse nunha sátira mordaz contra a xente con ansias de poder”.


Coméntase a nova produción da compañía Talía Teatro, *Volpone*, na que, tal como se di, se recupera un clásico cos elementos da “commedia dell’arte” italiana que enche o escenario de ritmo e enerxía. Destácase a calidade do vestiario e da interpretación dos seus actores que fan que os personaxes estean encadrados no presente.

**Referencias varias:**


Sinálase que a compañía Telón Partido pon en escena a obra *Maltrátame* na sala Santart de Santiago de Compostela e faixe unha pequena entrevista á súa creadora, Raquel Pintos, onde ela fala sobre o seu argumento e o seu proceso de creación.

**Tiruleque: Silicon Valley**

Ver Cando Outono se fai Teatro, IIIº Ciclo de Teatro Afeccionado

**Traspediante: Habelas**

Ver Cee, ‘Domingos de Teatro. Marzo Teatral’, XXIIIª Mostra de Teatro de

**Voadora/Centro Dramático Galego (CDG): Super 8**

**Referencias varias:**


Coméntase a montaxe da compañía luso-galega Voadora en colaboración co Centro Dramático Galego (CDG), titulada *Super 8*, que se corresponde coa segunda entrega da triloxía *Lugares comúns*. Explicase que se trata dunha peza multidisciplinar que combina teatro, danza, música en directo e espectáculo de maxia, que xira en torno a uns personaxes “que se debaten entre a obsesión por recordar e a importancia de olvidar”. Saliéntase que esta montaxe se move entre a experimentación e a procura de novas linguaxes.


Camilo Franco achega a súa opinión sobre a montaxe de Voadora, *Super 8*. Comenta que se trata dunha peza que presenta recordos que a memoria acaba remexendo e transformando. Tamén destaca o humor cambiante da peza, que Franco relaciona co humor dos teléñecos con parodias musicais e bonecos que precisan de respostas simxelas a cuestións complicadas.

Comenta que o espectáculo presenta un cúmulo de películas caseiras como recurso para dar unidade conceptual a unha serie de escenas que non a posúen, nas que aparece un conxunto de personaxes que miran cara ao pasado e escenifican as súas penas e alegrias. Para Xestoso o máis interesante son os actores, que reúnen habilidades que lles permiten cantar, bailar e tocar instrumentos. Entre os aspectos máis negativos da montaxe, Xestoso salienta a falta de dramaturxia que lle confira coherencia ao conxunto e o feito de que a memoria e a identidade se traten como pretexto, sen achar unha reflexión sobre estas cuestións, polo que considera que é un espectáculo para outro tipo de escenarios máis próximos ao público.


Comenta o espectáculo da compañía Voadora, *Super 8*, segunda parte da triloxía *Lugares comúns-Fracaso-Memoria-Paraíso*, que cualifica como “viaxe LSD”. Trátase dun teatro diferente, estranxo, novísono e divertido, segundo Gómez, no que se mesturan aloucadamente ambientes, música, idiomas, sensacións, etc.


Ver Seixo, XXIª Xornadas de Teatro en Galego do
III.5.2.2. GRUPOS ESCOLARES, DE ASOCIACIÓN OU AGRUPACIÓN VARIAS

A Adala de Fazouro: *Ilusións*, texto Paco Piñeiro.

Ver Valadouro, XXVª Semana do Teatro


**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúncianse as representacións da obra *Aulularia*, do grupo de teatro Achádego, no auditorio de Lugo; de *Velorio de Xan de Perolo*, da agrupación Axoúxeres de Vilaronte, no Teatro Pastro Díaz de Viveiro dentro do ciclo Buxiganga; e de *Matarratos Darwin*, da agrupación Divercia, na Sala Bahía de Foz.


Infórmase da reestrea de *Aulularia* no auditorio de Lugo, dez anos despois da primeira representación, esta vez para conmemorar o décimo aniversario da declaración da Muralla de Lugo como Patrimonio da Humanidade.

**Achádego** Teatro (2): *A Mandrágora*

Ver Sada, VIª Mostra de Teatro Afeccionado

**Achádego** Teatro (3): *O tren dos tres merliños*

Ver Cidade de Lugo, VIIIª Mostra de Teatro
Ver Vilalba, XIIª Mostra de Teatro de

**Ad Libitum**: *O meu home tolea*, texto Óscar Tabern, dirección Yuri Bastida.

Ver Caranza, Xº Ciclo de Teatro Afeccionado “Domingos a escena”
Ver Ribeira, Iª Mostra de Teatro de
Ver Teafecciona, Vª Mostra de Teatro Afeccionado de Redondela
Ver Valdoviño, IIIª Mostra de Teatro “Sábados Teatrais” de

Asociación Amas de Casa **Agariño**: *O enfermo imaxinario*
Ver Vigo, Iª Semana do Teatro Afeccionado de

Grupo Escola Airiños: Os vellos non deben namorarse

Ver Caranza, XIº Ciclo de Teatro Afeccionado “Domingos a escena”
Ver Mámoa de Luou, XIIIº Mes do Teatro da Asociación da

Alicia Teatro: Ñaque ou de piollos e actores

Ver Vigo, Iª Semana do Teatro Afeccionado de

Asociación Cultural Amador Lar: O testamento do tío Nacho

Ver Valadouro, XXVª Semana do Teatro

Grupo de Teatro da Asociación Os Amigos da Farándula: Enseguidiña veño

Ver Valdoviño, IIIª Mostra de Teatro “Sábados Teatrais” de

Andaravía Teatro: Bicos

Referencias varias:


Infórmase da representación exitosa da comedia Bicos, de Andaravía Teatro, no centro social de Vedra.

Grupo de Teatro da Biblioteca Municipal de Antas de Ulla: Crónica daquela escola

Ver Buxiganga, Proxecto Teatral

Referencias varias:


Entre outras actividades, anunciase a representación da obra Crónica daquela escola, da compañía de teatro Biblioteca Antas de Ulla, no Centro Sociocultural de San Cosme de Barreiros; e de Na meta, de Ónfalo Teatro, no Salón Teatro de Santiago.
Ardora Teatro: *Estigmas*

Referencias varias:


Entre outras actividades, anúnciase a representación da obra *Estigmas*, da compañía Ardora, dentro do ciclo de teatro organizado pola asociación de mulleres rurais As Espalladoras, e que será levado a cabo no pavillón de San Román de Cervo; o espectáculo de títeres *Carapuchiña vermella ou o conto do lobo*, a cargo de Danthea Teatro, no centro social de Alfoz; e o espectáculo *Cacerolas*, da compañía arxentina Tanggaloeando, no Festival de Teatro de Ourense.


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Auditorio Municipal de Taboada de *Máquina Hamlet*, do grupo Falcatrueiros; d’*A lotaría*, do grupo A Raiola de Alfoz, en Lourenzá; e de *Estigmas*, do grupo teatral Ardora na Casa da Cultura de Riotorto.

Escola de Teatro do Concello de Ares: *A voda de Esganarello*, texto Molière, dirección Manuel Basoa.

Ver Seixo, XXIª Xornadas de Teatro en Galego do

Teatro Artesán: *Don Juan Tenorio*, texto José Zorrilla, dirección Juan de Mondego.

Ver Coruña, XIIIº Certame de Teatro 2010 da

Referencias varias:


Sinálase que a representación da obra *Don Juan Tenorio*, de José Zorrilla, posta en escena durante tres días na Casa da Cultura de Sada polo grupo Teatro Artesán, foi un éxito debido á excelente interpretação dos actores. Anúnciase que esta obra se vai representar tamén en Mera (Oleiros).

Anúnciase a representación teatral da obra *Don Juan Tenorio*, de José Zorrilla, no Auditorio de Mera, que será posta en escena pola compañía Teatro Artesán de Sada, dirixida por Juan de Mondego.

**Artíñas** Teatro: *Oito mulleres*

Ver Poio Escena, Ciclo de Teatro

Teatro **Arume**: *Ifixenia non quere morrer*

**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúnciase a representación na Praia da Rapadoira de Foz da obra *Marusía*, do grupo Babalúa, dentro da programación de San Lourenzo; e da obra *Ifixenia non quere morrer*, de Teatro Arume, no Teatro Principal de Pontevedra.

**Aturuxo** de Melpómene, Teatro Escola de Narón (1): *Comendo pimentos de Padrón con Tarantino*

Ver FITEU, XVIº Festival Internacional de Teatro Universitario da Universidade de Santiago de Compostela
Ver Sada, VIª Mostra de Teatro Afeccionado

**Aturuxo** de Melpómene, Teatro Escola de Narón (2): *O método*, dirección José L. Prieto.

Ver Domingos de Melpómene, Ciclo de Teatro Os

**Aturuxo** de Melpómene, Teatro Escola de Narón (3): *Pepa a Trueno*

Ver Domingos de Outono, Ciclo de Teatro Afeccionado de San Vicente do Grove
Ver Poio, VIIIº Circuito de Teatro Afeccionado de

Teatro **Avento**: *Humano (the game)*

Ver Vigo, Iª Semana do Teatro Afeccionado de

Ver Valadouro, XXVª Semana do Teatro


Ver Valadouro, XXVª Semana do Teatro

Grupo de Teatro Badius: ¡Xoo... ante o perigo!, dirección Alberte Villar.

Ver Caranza, XIº Ciclo de Teatro Afeccionado “Domingos a escena”
Ver Sada, VIº Mostra de Teatro Afeccionado

Bartoleta Teatro: Mackie o Navallas, texto Roberto Vidal Bolaño, dirección Helga Méndez.

Ver Caranza, XIº Ciclo de Teatro Afeccionado “Domingos a escena”

Referencias varias:


Informa da estrea do espectáculo Mackie O Navallas, unha adaptación do texto de Roberto Vidal Bolaño de Bartoleta Teatro, dirixida por Helga Méndez. Ademais de dar a coñecer o lugar da representación, comenta que participaron once actores e actrices e apunta que unha das “curiosidades” desta obra é a ausencia da música pois “non estaba nas previsións iniciais da compañía”. A seguir, recóllense algunhas declaracions da directora, previas á estrea.

Batán: A caída do imperio

Referencias varias:


Informase da posta en escena no Salón de actos do Concello de Carballedo da obra A caída do imperio, do grupo Batán.


Entre outras actividades, anúnciase a representación na Casa da Cultura da Pontenova de Máquina Hamlet, de Falcatruieiros; d’A caída do imperio, do grupo Batán, no Salón
de actos do concello de Carballedo; de *Don Armando Gresca*, do grupo Xeral Calde, en Láncara; e unha representación polo grupo Zampalladas en Riotorto.

Grupo Local de **Bertamiráns**: *Atraso*

Ver Ames, IVª Mostra de Teatro Afeccionado de

**Biombo** Teatro: *Amores castizos*, texto Arniches e os irmáns Álvarez Quintero.

**Referencias varias:**


Coméntase que a compañía teatral Biombo representa na Coruña a obra *Amores castizos*, cinco historias sacadas dos textos de Arniches e os irmáns Álvarez Quintero que retratan a España anterior á Guerra Civil cos seus usos, costumes e xentes que en ton cómico reflexionan sobre a pobreza e a miseria na que vivía o país nese momento. Sinálase que os diálogos áxiles e o ton de comedia son as claves do seu éxito.

**O Bordelo de Cervo**: *Quintana dos vivos, anguria dos orfos*, texto Francisco Piñeiro.

Ver Valadouro, XXVª Semana do Teatro

**Referencias varias:**


Anúnciase a representación no centro social de Riotorto da obra *Quintana de vivos*, do grupo de teatro O Bordelo.

**Bradomín** Teatro: *As vodas de Figaro*

Ver Mámoa de Luou, XIIIº Mes do Teatro da Asociación da

Teatro de **Cámara Ditea**: *Farsa Plautina*, texto Agustín Magán.

**Referencias varias:**

Coméntase que o grupo Ditea celebra os seus cincuenta anos de andaina e que o Concello de Santiago lles rende unha homenaxe na casa das Asociacións de Cornes. Tamén se lembra que a compañía está a repoñer a obra de Agustín Magán *Farsa Plautina*, da cal se describe o argumento e fálase tamén dos fundadores da compañía.

**Camiteatro:** *Troia*, dirección Juana Estévez.

**Referencias varias:**


Informa da posta en escena do grupo afeccionado Camiteatro, que debutará no Campo das Redes de Panxón cunha cómica versión de *Troia*. Di que os integrantes do grupo levan varias semanas de ensaios e de preparación de atrezzo e vestiario e que a súa directora, Juana Estévez, está “convencida de la capaci-...”

**Candea:** *Almas sinxelas*

Ver Ruada, Iª Xornadas de Teatro da Asociación Cultural A

**Candelexas:** *Faladoiro no banco*

Ver Caranza, XIº Ciclo de Teatro Afeccionado “Domingos a escena”
Ver Ribeira, Iª Mostra de Teatro de

**Referencias varias:**


Anúnciase a representación *Faladoiro no banco*, de Candelexas.

**Caracol Teatro/Unha Grande Chea:** *Noso pobo é fermoso*, dirección Olga González.

**Referencias varias:**


Comenta a representación por parte do centro de atención a persoas con discapacidade Esperanza Salnés, dos membros de Teatro Caracol e de Unha Grande Chea, da peza
Nosopoboé fermoso no salón de actos do instituto Francisco Asorey en Cambados. Describe a súa liña temática e argumental e indica que esta representación foi realizada co obxectivo de gañar un concurso promocionado pola Dirección Xeral de Tráfico.


Dá conta da posta en escena en Cambados da peza Nosopoboé fermoso, coordinada polo centro de atención a discapacitados e discapacitadas Esperanza Salnés, en colaboración cos integrantes de Caracol Teatro e dirixida por Olga González. Indica primeiramente o seu merecemento do primeiro premio no Campionato de España de Teatro convocado pola Dirección Xeral de Tráfico e recoñecido polo Ministerio do Interior, para despois continuar coa reproducción dalgúns dos comentarios de Augusto Chaves, xerente do centro de atención antedito. Conclúe cunha referencia á liña temática da peza.


Comenta o convite do centro de discapacitados e discapacitadas Esperanza Salnés realizado á Casa Real co gallo do premio co que foi galardoado no concurso da DXT. Reproduce os comentarios do xerente do centro, Augusto Chaves e, nun epígrafe intitulado “Sin precedentes”, indica a colaboración na posta en escena do grupo teatral Caracol e reproduce os comentarios do inspector xefe da Policía Local de Cambados ao respecto do acto. Nun epígrafe á parte, “O importante é a ilusión de ver cómo se divertían todos”, comenta a emoción sentida polo xerente e a directora da peza, Olga González, sobre a ilusión dos actores e actrices da peza.

Carauta Teatro: Lisistrata

Ver Poio Escena, Ciclo de Teatro

Aula Municipal de Teatro de Carballo: A ruleta rusa

Referencias varias:


Comunicase a estrea da obra A ruleta rusa, por parte da Aula Municipal de Teatro Afeccionado de Carballo en relación ás actividades culturais da vila.

Indícase que o Concello de Carballo organiza un curso de iniciación ao teatro impartido polo director teatral Artur Trillo. Tamén se comenta que a Aula Municipal de Teatro estreou con grande éxito no mes de marzo a súa primeira obra *A ruleta rusa*.

**Chacotes: Ultreiamundi**

**Referencias varias:**


Dáse noticia da representación da obra *Ultreiamundi* en Palas por mozos do campo de traballo de Dinamización do Camiño, Os Chacotes. Ademais, infórmase doutras actividades desenvolvidas por estes mozos “españoles y extranjeros de entre 18 y 24 años”. Coméntase que Palas de Rei é o primeiro concello onde se representa *Ultreiamundi*.

Aula de Teatro da **Concellaría de Educación**: *A hora das cerdeiras*

Ver Cidade de Lugo, VIIIª Mostra de Teatro

Aula de Teatro da **Universidade da Coruña**: *Un Rinoceronte no camiño*, texto Rubén Ruibal.

Ver Coruña, Festival Internacional de Teatro Universitario da

**Crucia Teatro: Unha de Mursi**

Ver Seixo, XXIª Xornadas de Teatro en Galego do

Escola Artística de **Cuntis**: *Volvo en cinco minutos*

Ver Cuntis, IIº Certame de Teatro Afeccionado

**Referencias varias:**


Entre as actividades previstas polo municipio de Moraña, dáse conta da participación da Escola Artística de Cuntis coa obra *Volvo en cinco minutos*. 
Teatro **Eirado: O doutor**

Elefante Elegante: **In**

Ver XVIIIª Feira das Artes Escénicas de Galicia

Referencias varias:


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Centro Fingoi de Lugo da obra *Comendo pimentos de Padrón con Tarantino*, de Nova Escena; de *In*, da compañía galego-portuguesa Elefante Elegante, no Salón Teatro de Santiago; e da representación do conto popular *O gato con botas* no Teatro Colón da Coruña.


Dáse conta da representación desta peza teatral no Salón Teatro santiagués. Dela sinálase que indaga na sociedade das apariencias e que utiliza como vehículo de expresión a fusión do teatro físico coa danza, o vídeo e as artes plásticas. Ademais, destácase que a obra se basea nunha peza dramática de Brecht, en contos populares dos irmáns Grimm e de Andersen.


Analízase a posta en escena de *In*, de Elefante Elegante. Sinálase que o núcleo da obra está baseado moi libremente n’*A voda dos pequenos burgueses*, de Bertolt Brecht, da que toma a linguaxe directa e o humor grotesco. Coméntase que se trata dunha comedia de costumes que reduce ao absurdo certos comportamentos. Destácase a relevancia que se lle concede ao aspecto plástico, nun abalar entre o lírico e o violento, que pretende crear unha atmosfera fantástica. Dáse conta dos estímulos que continuamente se lle ofrecen ao espectador para que permaneza alerta.

**Escoitade Teatro: Longa vida a Martiño de Güimil**

Ver Atracción Teatral IV
Ver Fegatea Móvete
Ver Teatrofilia, VIIº Festival de Teatro Amateur
Ver Vigo, Iª Semana de Teatro Afeccionado


**Referencias varias:**

Comenta o espectáculo *The Falúa’s Rocky Horror Show*, da compañía Teatro Falúa e dirixido por Roberto Leal. Asemade anúnciase a estrea da coprodución entre Sapristi Teatro e o CDG (Centro Dramático Galego), que tamén dirixe Roberto Leal, titulada *Por que o meniño se coce na polenta?*. Explícase que a peza, adaptada por Quico Cadaval a partir de textos de Aglaja Veteranyi, aborda a historia dunha pequena exiliada do comunismo romanés que se enrola nun circo ambulante que percorre Europa e África.

**Gargallada: A abraiante vida de Braian**

Ver Ruada, Iª Xornadas de Teatro da Asociación Cultural A


**Referencias varias:**


Dáse noticia da creación da Escola de Teatro da Guarda, baixo a dirección de Irene Moreira, que xa conta con dúas seccións: un grupo infantil e outro de adultos, que coas súas representacións intentan achegar ao público unha mostra de todo o que aprenderon durante o curso. Coméntase que o grupo infantil estreou a obra *Tarambanas*, de Italo Calvino, adaptación escénica dun conto popular italiano no que os seus personaxes, axudados dos seus superpoderes, lle dan un escarmento á princesa de París, que é unha nena mimada e acostumada a gañar sempre. Indícase que os adultos estrean *Zeus*, de Woody Allen, e *Catalina Zucco*, escrita por Bernard-Marie Koltes e dirixida por Irene Moreira, que trata dunha asasina que escapa da súa propia vida.


Sinálase que a Escola Municipal de Teatro do Concello da Guarda conta cun grupo infantil e outro de adultos, que van celebrar o final de curso coa representación das obras *As Tarambanas* e *Catalina Zucco*, respectivamente. Indícase que na Escola se imparte interpretación ao alumnado adulto e iniciación ao teatro ao grupo infantil, e que se traballa a expresión corporal, técnicas vocais e improvisación. Afirmase que a directora fai unha valoración positiva da Escola á que asisten catorce adultos e dez nenos e asegura que o ano seguinte ten intención de que se oferten máis materias como circo ou caracterización.

Referencias varias:


Dáse noticia da creación da Escola de Teatro da Guarda, baixo a dirección de Irene Moreira, que xa conta con dúas seccións: un grupo infantil e outro de adultos, que coas súas representacións intentan achegar ao público unha mostra de todo o que aprenderon durante o curso. Coméntase que o grupo infantil estreou a obra Tarambanas, de Italo Calvino, adaptación escénica dun conto popular italiano no que os seus personaxes, axudados dos seus superpoderes, lle dan un escarmento á princesa de París, que é unha nena mimada e acostumada a gañar sempre. Indícase que os adultos estrean Zeus, de Woody Allen, e Catalina Zucco, escrita por Bernard-Marie Koltes e dirixida por Irene Moreira, que trata dunha asasina que escapa da súa propia vida.

Teatro do Improviso: O lado torto do mundo
Ver Ribeira, Iª Mostra de Teatro de

Irmáns Vilar Ponte: Os apuros dun zapateiro
Ver Valadouro, XXVª Semana do Teatro

Lambríaca Teatro (1): Benito Bienvenido: O cásting
Ver Primavera, Teatro Galego de

Lambríaca Teatro (2): Papá querido...
Ver Cee, Outono Cultural

Lareira Teatro: Infinitas posibilidades
Ver Vigo, Iª Semana do Teatro Afeccionado de

Escola Municipal de Teatro de Laxe: Rutinas, dirección Afonso García.
Ver Caranza, XIº Ciclo de Teatro Afeccionado “Domingos a escena”

Aula de Teatro da USC. Lugo: Unha dúvida razonable, dirección Alberite Cabarcos.
Ver FITEU, XVIº Festival Internacional de Teatro Universitario da Universidade de Santiago de Compostela

**Maldados: Infiel**

**Referencias varias:**

- Cristina Botrán, “Maldados, o cómo hacer de la risa una ilusión permanente”, *El Correo Gallego, “Área de Compostela”*, 15 decembro 2010, p. 34.

Fálase sobre o grupo humorístico Maldados, de quen se di que nace na aldea de Angueira de Suso (Padrón) e que basean o seu espectáculo no humor desenfadado. Un dos seus compoñentes fala sobre as súas orixes e sobre o novo espectáculo que se inclúe no festival benéfico e solidario que realizan por iniciativa propia en Valga. O título da obra dise que é *Infiel* e que se basea nas relacións amorosas a través da internet.


**Referencias varias:**


Fálase sobre a intención dos integrantes de Teatro do Mar de crear unha nova asociación teatral para a cal aínda non decidiron o nome, Teatro do Naranxo ou Teatro do Orballo, pero coa que xa están poñendo en escena a obra *Triste Chegada* de Varela Buxán, que xa fora por eles interpretada nos seus tempos de instituto.


**Referencias varias:**


Entrevista cos responsábeis do grupo de teatro Maricastaña, que son preguntados sobre a súa ultima montaxe, *Odisea Espacial*, baseada na obra de Arthur C. Clarke titulada *2001: Unha odisea espacial*, levada ao cine por Stanley Kubrick. Trátase dunha obra de ficción científica na que se reflexiona sobre a intelixencia humana e o uso que lle estamos a dar, segundo se comenta. Tamén se destaca a importancia do compoñente audiovisual, coa proxección de diapositivas e vídeos; e da música, xa que os homínidos emiten sons e os astronautas falan diferentes idiomas e a lóxica da acción séguese polas letras que se proyectan nunha pantalla.
Asociación Teatral *Mariñán: Non é tan fácil*

Ver Sada, Vº Mostra de Teatro Afeccionado

**Metátese Teatro (1): Estrelas 33**

**Referencias varias:**


Recóllese o programa de actos lúdico-culturais da Federación Galega de Teatro Afeccionado (Fegatea) en Palas de Rei. Menciónase a inauguración por parte do escritor Xosé Neira Vilas dunha exposición sobre a historia deste colectivo; a representación de *Estrelas 33*, de Metátese Teatro e teatro de rúa coa participación de varios actores das compañías federadas. Resúmese tamén a traxectoria da Fegatea, que partiu dunha reunión celebrada en 1999 en Palas de Rei e que se constituiu en 2010.


Coméntase que a vila lucense de Palas de Rei acolle os eventos conmemorativos do décimo aniversario da constitución da Federación Galega de Teatro Afeccionado (Fegatea) que teñen lugar na Casa da Cultura. Dise asemade que o grupo palense Metátese Teatro presenta o seu espectáculo *Estrela 33*.


Dise que a vila lucense de Palas de Rei acolle os eventos conmemorativos do décimo aniversario da constitución da Federación Galega de Teatro Afeccionado (Fegatea) que teñen lugar na Casa da Cultura. Dentro dos espectáculos, Metátese Teatro representa a obra *Estrela 33* da cal se dá o argumento que, segundo se di, parte do feito de que os homes crean o mundo en seis minutos, nos que teñen lugar todos os sucesos significativos na historia da humanidade, como o nacemento de Cristo, o descubrimento de América ou a Revolución Industrial.

**Metátese Teatro (2): Kikla**

**Referencias varias:**

Coméntase que o grupo Metátese Teatro terá a oportunidade de regresar ao seu último espectáculo, Kikla, en Moscú e San Petersburgo, no marco do intercambio cunha escola de arte dramático de Moscú. A montaxe, segundo se comenta, céntrase en afondar nos efectos que teñen sobre o ser humano os catro elementos naturais: terra, fogo, aire e auga e conta con música propia, especialmente de percusión, a cargo dos tres músicos de Buxaina.

Grupo Local de Milladoiro: Nunca nada de ninguén

Ver Ames, IVª Mostra de Teatro Afeccionado de
Ver Pontes, IIIª Mostra Local de Teatro Sábados Teatrais das

Grupo Teatral AA. MM. de Moaña: O cornudo imaxinario

Ver Cando Outono se fai Teatro, IIIº Ciclo de Teatro Afeccionado

Teatro de Morea/Colexio Manuel Respino: Un remuiño

Ver Ruada, Iª Xornadas de Teatro da Asociación Cultural A

Mulleres de Mugardos: “...e elas quedan”

Ver Caranza, XIº Ciclo de Teatro Afeccionado “Domingos a escena”

Navia Teatro Escola: Pedro Chosco

Ver Cando Outono se fai Teatro, IIIº Ciclo de Teatro Afeccionado

Nós e Vós Teatro: Arsénico por compaixón

Ver Cuntis, IIº Certame de Teatro Afeccionado

Referencias varias:


Anúncianse os actos culturais para os días dezaseis e dezasete de maio previstos polo concello do Grove, entre eles a representación teatral Arsénico por compaixón, a cargo da agrupación Nós e Vós Teatro.
O Noso Lar, Asociación de Amas de Casa e Consumidores de Vilagarcía: *A cada un dóelle o sol*

**Pajarito: Moucha, a meiga**

Ver Cee, ‘Domingos de Teatro. Marzo Teatral’, XXIIIª Mostra de Teatro de

**Os Peregrinos do Camiño: Casal do Eirigo na estela do Camiño**

**Referencias varias:**


Coméntase *Casal do Eirigo na estela do Camiño*, escrita por Juan Ramón Angueira e Begoña Piñeiro. O seu coautor explica o argumento da obra, que ten como tema central o Camiño Portugués. Dise que os ensaios comenzarán o dous de febreiro e que os veciños que o desexen se poden inscribir para representar algún papel.

**Pisabarros: Xoan sen medo**

Ver Ruada, Iª Xornadas de Teatro da Asociación Cultural A

Grupo de Teatro A *Pombiña* (1): *Ao son dos novos*

Ver Ames, IVª Mostra de Teatro Afeccionado de
Ver Ribeira, Iª Mostra de Teatro de
Ver Vilalba, XIIª Mostra de Teatro de

Aula de Teatro do Campus de *Pontevedra* da Universidade de Vigo: *Eclipse*, texto Manuel Lourenzo.

Ver Coruña, Festival Internacional de Teatro Universitario da
Ver Vigo, Mostra Internacional de Teatro Universitario de

**Porta Aberta: Aquí non paga ninguén**, texto Darío Fo.

Ver Vigo, Iª Semana do Teatro Afeccionado de

**Referencias varias:**

Infórmase da posta en escena desta comedia, ao mesmo tempo que a compañía segue representando A bufarda, de Buero Vallejo. Explicase que é unha obra de Darío Fo e que se caracteriza pola mordacidade e o ton sarcástico no retrato da sociedade italiana de mediados do século pasado, en plena crise social e económica e que segue plenamente vixente.

Teatro Proscrito: Rosa de dous aromas, texto Roberto Vidal Bolaño, dirección Lino Braxe.

Referencias varias:


Anúnciase e descríbese o argumento da obra Rosa de dous aromas que se estrea no Auditorio do Edificio de Servizos Múltiples de Culleredo, enmarcada nas funcións teatrais dos Encontros Culturais “Outono-2010”, como homenaxe a Roberto Vidal Bolaño. Dise que está posta en escena polo grupo Teatro Proscrito e interpretada por Isabel Blanco e Sabela Hermida, baixo a dirección de Lino Braxe.


Ver Valadouro, XXVª Semana do Teatro

Referencias varias:


Infórmase da representación na Casa da Cultura de Alfoz da obra O gran raiolo, do grupo teatral Raiolas.

A Raiola Teatro (2): A lotaría

Ver Fegatea Móvete

Referencias varias:

Entre outras actividades, anúnciase a representación no Auditorio Municipal de Taboada de Máquina Hamlet, do grupo Falcatrueiros; d’A lotaría, do grupo Raiola de Alfoz, en Lourenzá; e de Estigmas, do grupo teatral Ardora na Casa da Cultura de Riotorto.

Grupo Local de Ribeira: A casa de Bernarda Alba, texto García Lorca, dirección Segundo Durán.

Ver Ames, IVª Mostra de Teatro Afeccionado de
Ver Caranza, XIª Ciclo de Teatro Afeccionado “Domingos a escena”

Asociación A Ruada (1): Comedia bifida
Ver Ruada, Iª Xornadas de Teatro da Asociación Cultural A

Asociación A Ruada (2): Os vellos non deben de namorarse
Ver Ruada, Iª Xornadas de Teatro da Asociación Cultural A

Teatro do Rueiro (1): Aquí non paga ninguén

Teatro do Rueiro (2): A lotería
Ver Vigo, Iª Semana do Teatro Afeccionado de

Compañía Municipal de Teatro de Sada: O estraño velorio de Paulo Couto, texto Nicolás Bela, dirección Isabel Vázquez.

Ver Sada, VIª Mostra de Teatro Afeccionado

Aula Municipal de Teatro de Salceda: Ata que a morte vos separe

Referencias varias:


Infórmase da estrea da triloxia Ata que a morte vos separe, da Aula Municipal de Teatro de Salceda, ambientada na España dos anos cincuenta e sesenta, época marcada pola desigualdade, a hipocrisia, a dobre moral e a xustificación da violencia cara ao débil. Asemade, infórmase da presentación, tamén no Auditorio Municipal de Salceda, da obra PK2, da compañía de teatro Turuleque.
**Sal-Monela** Teatro: *Comisaría especial para mulleres*, direción Carlos Villarino.

**Referencias varias:**


Brevemente informa de que Sal-Monela Teatro representou no conservatorio de Aguíno a peza *Comisaría especial para mulleres*.

**San Fins: O cego de Fornelos**

Ver Tui, Iª Semana do Teatro Afeccionado de

Aula de teatro do Concello de **Sarria**: *Comedia bífida*

**Referencias varias:**


Infórmandose que a Aula de Teatro do concello de Sarria escenificará esta peza nun teatro barcelonés. Trátase, en palabras do actor Guillermo Cancelo, dunha peza en clave de comedia que ten como finalidade xulgar a deslealdade lingüística dos galegos que non defenden a súa propia língua nin a súa cultura.

**Sete en Punto: Entre-meses**, direción Alberto Suárez.

Ver Caranza, XIº Ciclo de Teatro Afeccionado “Domingos a escena”

**Tarumba**, Universidade Laboral de Ourense: *Don Juan*

**Referencias varias:**


Indícase que a compañía Teatro Tarumba da Universidade Laboral de Ourense representará no Fórum Metropolitano da Coruña unha versión posdramática de Don Juan Tenorio cunha estética moderna e punk que revisa este personaxe literario.
**Teruca Bouza:** *Ladrón morto cando tentaba fuxir*, dirección Carlos Basoa.

Ver Seixo, XXIª Xornadas de Teatro en Galego do

**Tira e Afloxa Teatro: Con ou sin...**

Ver Palas de Rei, XIª Mostra “Teatro no Camiño” de Teatro Amador

**Trangalleiro Teatro: Os cravos de prata**

**Referencias varias:**


Ponse de relevo o traballo do grupo Trangalleiro Teatro, de Brión, formado por persoas entre cincuenta e sesenta e cinco anos, que estrean a obra *Os cravos de prata* no centro social. Dise que é unha formación creada hai uns dous anos e que pensan levar a obra a outros lugares galegos. Tamén se describe minimamente o argumento da mesma.


Primeiro destácase a importancia das compañías de teatro afeccionado para crear público cada vez máis interesado e logo indicase que unha delas, Trangalleiro Teatro, de Brión, pon en escena a súa montaxe *Os cravos de prata*, da que a súa directora celebra o éxito de público e o traballo dos seus actores e actrices, de entre cincuenta e sesenta e cinco anos.

**Ullán Teatro: Xuízo no bosque ou soñar non costa nada**

Ver Pedra do Moucho, IIIº Ciclo de Teatro Afeccionado

Aula de Teatro da USC: *Historia de Pura e Angelita. Pequeno divertimento mordaz*

**Referencias varias:**


Infórmase da posta en escena no Salón Teatro da obra *Historia de Pura e Angelita. Pequeno divertimento mordaz*, da Aula de Teatro da USC.
Escola Municipal de Teatro de Valga: *Un vulto negro*, texto José Cedena.

Escola de Teatro Valle-Innova (1): *O Embruxado*, dirección Fátima Rey.

**Referencias varias:**


Preséntase a primeira xira da Escola de Teatro Valle-Innova co obxectivo de consolidar este colectivo como compañía estábel e anúnciase que nela incluirán a representación d’*O Embruxado*, dedicada a Ramón María del Valle-Inclán, e *Xogos de Mesa*, unha peza sobre a violencia de xénero.

Escola de Teatro Valle-Innova (2): *Memorias da árbore na noite triste*, dirección Fátima Rey.

**Referencias varias:**


Explica que o vicepresidente da Fundación Valle-Inclán avanzou parte da programación dos últimos meses de 2010 e do comezo de 2011, ano no que se conmemora o setenta e cinco aniversario da morte do escritor arousán. Entre as postas en escena destaca a representación dun peza inédita, *Memorias da árbore na noite triste*, considerada unha “biografía dramatizada” deste escritor. Explica que esta peza e os Xogos de Mesa serán as actuacións que a Escola de Teatro Valle-Innova presentará ao Certame María Casares. Recolle as palabras da directora da compañía, Fátima Rey, quen considera a peza “un simil con los últimos días de la muerte de Valle” e indica que nela se mesturan personaxes reais e outros da ficción valleinclaniana.

Escola de Teatro Valle-Innova (3): *Xogos de mesa*, dirección Fátima Rey.

**Referencias varias:**


Preséntase a primeira xira da Escola de Teatro Valle-Innova co obxectivo de consolidar este colectivo como compañía estábel e anúnciase que nela incluirán a representación
d’O Embruxado, dedicada a Ramón María del Valle-Inclán, e Xogos de Mesa, unha peza sobre a violencia de xénero.

Aula de Teatro Universitario de Vigo: Residuos

Ver Vigo, Mostra Internacional de Teatro Universitario de

Vikingespil: Arnulf, o amigo de Fenris

Ver Catoira, Lª Semana do Teatro Vikingo de

Escola de Teatro Municipal de Vilalba: Soño dunha noite de verán

Ver Vilalba, XIIª Mostra de Teatro de

Grupo do Centro Cultural de Vilar: A tartaruga xigante de Galápagos

Teatro do Vilar: Mentiras

Ver Ribadavia, XXVIª Mostra Internacional de Teatro de

Grupo do IES Vilar Ponte: Aventuras e desventuras do Camiño de Santiago, dirección María Lozano.

Ver Daniel Cortezón, VIIª Mostra de Teatro Afeccionado

Xeral Calde: Don Armando Gresca, texto e dirección Adrián Ortega.

Ver Buxiganga, IIª Edición do Proxecto Teatral

Referencias varias:


Dáse conta da actuación do grupo de teatro do hospital Calde no teleclube de Castro de Rei coa obra Don Armando Gresca, escrita por Adrián Ortega e estreada por primeira vez na década dos anos setenta. Dise tamén que se enmarca dentro do proxecto Buxiganga promovido pola Deputación de Lugo e que a entrada é gratuíta.

Infórmase da representación en Láncara da obra *Don Armando Gresca*, do grupo do Xeral Calde.


Entre outras actividades, anúnciase a representación na Casa da Cultura da Pontenova de *Máquina Hamlet*, de Falcatrueros; d’*A caída do imperio*, do grupo Batán, no Salón de actos do concello de Carballedo; de *Don Armando Gresca*, do grupo Xeral Calde, en Láncara; e unha representación polo grupo Zampalladas en Riotorto.

**Zampalladas: Sublime decisión**

**Referencias varias:**


Infórmase da representación, en Castro de Rei, da obra *Sublime decisión*, do grupo de teatro afeccionado Zampalladas.
III.5.3. POSTAS EN ESCENA QUE CONTINÚAN EN CARTEL

III.5.3.1. GRUPOS ESTÁBEIS OU PROFESIONAIS

**Abrapalabra** (1): *Historias tricolores ou de como aqueles animaliños proclamaron a república*, texto e dirección Cándido Pazó.

**Referencias varias:**


  Faise referencia ao espectáculo *Historias Tricolores ou de cómo aqueles animaliños proclamaron a República*, do actor Cándido Pazó, no Auditorio Municipal de Vilagarcía. Expícase que se trata dun monólogo que conta historias sobre dúas personaxes humildes e anónimas que tiñan moitas esperanzas na República e lémbranse aspectos deste momento histórico con moita ironía.


  Dáse conta da presentación deste monólogo de Cándido Pazó dentro dun ciclo de monólogos que acolle o Auditorio de Vilagarcía. Recóllense as palabras do actor, quen afirma que con este espectáculo, a medio camiño entre narración e teatro, pretende que a xente ría e á vez que pense e lembre a nosa historia.


**Referencias varias:**


  Coméntase que a compañía Abrapalabra repuxo *A piragua*, escrita e dirixida por Cándido Pazó, na que denuncia o tema da violencia de xénero, o machismo e as súas consecuencia. Sinálase que o texto comeza coa reunión dunha comunidade de propietarios para debater o feito de que unha piragua ocupe unha praza de garaxe. Destácase a abundancia de tópicos, a utilización reiterada de escenas, a tenrura poética, o humor e o tráxico desenlace. Gábase a escenografía, o vestiario, a iluminación, a música, as máscaras e o elenco de actores que participan na obra.

**Producións** *Acontrabutaca: Un morto moi vivo!*, dirección Xosé Lueiro.
Ver Ribeira, 1ª Mostra de Teatro de

Referencias varias:


Anúnciase a representación que fará a Compañía A Contrabutaca da obra *Un morto moi vivo* na Casa da Cultura de Sada. Sinállase que a comedia conta a historia de Patricio, un home que planea o seu propio velorio pero que se lle esquece revelarlle á súa muller o lugar onde ten escondidos os aforros de toda a súa vida, polo que trala súa aparente morte, moitos intentan evitar que o home sexa enterrado co diñeiro enriba.

**Almacabra Teatro Circo: Black Cherry Burlesque**

Referencias varias:


Dáse noticia da representación no Teatro Arte Livre de *Black Cherry Burlesque*, da compañía Almacabra Teatro-Circo. Roberto Cordovani comenta que é unha comedia chea de picardía, sensualidade, provocación, ironía e descaro para o que se van axudar de cancións, coreografías, monólogos, improvisacións, aéreos de circo e *stripteases*.

Teatro **Arte Livre**: *Orlando*, texto Virgina Woolf.

Referencias varias:


Coméntase que o Teatro Livre de Vigo estreou, para conmemorar o seu cuarto aniversario, a obra *Orlando*, de Virginia Woolf e interpretada polo actor brasileiro Roberto Cordovani. Este sinala que se escolleu esta obra porque xa foi innovadora cando se estreou en 1928 xa que está baseada na ambigüidade dunha amante de Woolf que na obra ten catrocentos anos. Finalmente, indica que cando regrese a Galicia será para presentar a obra *A habitación de Giovanni*.


Referencias varias:
Dáse conta da celebración do Festival de Outono da Comunidade de Madrid. Finalmente, a modo de “Posdata telegráfica”, infórmase das pezas de compañías galegas que se representaron en Madrid na Mostra de Teatro das Autonomías e que chamaron a atención do artículista: *Unha primavera para Aldara*, de Teatro do Atlántico; *Flores migratorias*, de Teatro D2; *Bailadela da morte ditosa*, de Teatro de Ningures; *Noite de Reis*, do Centro Dramático Galego; *Extrarradios*, de Teatro do Noroeste; *O Club da Calceta*, de Teatro do Morcego; *Margar no pazo do tempo*, de Sarabela Teatro; e *No Comment (Obra)*, de PT Excéntricas.

Teatro do **Atlántico** (2): *O xogo de Yalta/afterplay*, texto Brian Friel, dirección Xulio Lago.

Ver Adolfo Marsillach, Ciclo de Teatro Profesional

**Referencias varias:**


Anúnciase a representación da peza *O Xogo de Yalta. Afterplay*, dúas pezas sobre o amor e a soidade, unidas nunha única representación da que se encargará Teatro do Atlántico. Asegúrase que o irlandés Brian Friel se inspirou nas personaxes de Chéjov e nas súas problemáticas e de cuxa dirección se encarga Xulio Lago. Coméntase que *O xogo de Yalta* é un texto baseado no conto de Chéjov *A dama do canciño* e no que unha muller nova e casada cun home maior ca ela viña a Yalta e ali vive unha relación adúltera. Sinálase que *Afterplay* toma os personaxes de *Tío Vania* e *As tres irmás* e reúneos vinte anos despois nun bar do redor dunha botella de vodka.


Dáse noticia de que o teatro Rosalía vai acoller a obra *O xogo de Yalta. Aferplay*, con motivo do vinte e cinco aniversario da compañía Teatro do Atlántico. Coméntase que nela Brian Friel relaciona personaxes que pertencen a contos diferentes pero ao mesmo creador, o ruso Chéjov. Sinálase que a obra parte do argumento do conto *A dama do canciño* no que a protagonista vive unha historia prohibida en 1900, que enlaza co conto *Afterplay*, no que a protagonista de *Tío Vania* chega a Moscova para trocar cereais por eucaliptos a través dun crédito bancario, onde se atopa cun violinista, protagonista de *As tres irmás*. Fállase tamén da escenografía, a iluminación, o vestiario e o espazo escénico. Finalmente, anúnciase outras obras que van ser representadas para celebrar o aniversario da compañía.

Coméntase que a compañía Teatro do Atlántico estrea *O Xogo de Yalta/Afterplay*, un texto do irlandés Brian Friel, traducido por Goretti Sanmartín e dirixido por Xulio Lago que conta dúas historias ambientadas en 1900 sobre dúas parellas, unha composta por xentes ricas, ociosas e adúlteras e outra por unha parella nunha situación económica complicada. Tamén se anuncia a estrea da obra *A Esmorga*, por parte da compañía Sarabela Teatro, no Teatro Principal de Ourense.


Dáse noticia de que se lle concedeu o IX Premio Maruxa Villanueva ao actor coruñés Gonzalo M. Uriarte como recoñecemento da súa traxectoria pero tamén polo seu traballo no espectáculo *Afterplay* do Teatro do Atlántico, co que está de xira. Fálase dos seus comezos no teatro, das compañías coas que traballou e da súa traxectoria tanto no teatro coma no cine e televisión. Finalmente, sinálase que Uriarte tamén gañou o premio María Casares en 1997 ao mellor actor protagonista pola súa interpretación de August Strindberg na obra *A noite das Tribades*.


Anúnciase a posta en escena d’*O xogo de Yalta/Afterplay*, dúas pezas de Brian Friel interpretadas de xeito consecutivo pola compañía Teatro do Atlántico e dirixidas por Xulio Lago, con música de Xavier Constenla e escenografía de Rodrigo Roel. Coméntase que son dúas pezas complementarias, unha de verán e de ricos e outra de inverno e de fracasados, que falan das relacións humanas e dos afectos.

**Carlos Blanco:** *Folk oral*

Ver Cangas, XXVIIIª Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo

**Centro Dramático Galego (1): As actas escuras**, texto Roberto Vidal Bolaño, dirección Xulio Lago.

**Referencias varias:**


Coméntase que, a pesar de que o Centro Dramático Galego carece de dirección, se ten previsto a estrea o día quince da montaxe *As actas escuras*, que estaba dentro do programa que trazou a antiga directora Cristina Domínguez pouco antes de ser cesada. Sinálase que, aínda que os ensaios xa comezaran en novembro, o cese de Domínguez preocupaba por medo a que se adiara a obra escrita por Roberto Vidal Bolaño e dirixida por Xulio Lago, que cuestiona a orixe apostólica dos restos que hai na catedral de Santiago.

Dáse noticia da estrea do espectáculo *As actas escuras*, escrito por Roberto Vidal Bolaño e dirixido por Xulio Lago, que recibiu o Premio Xacobeo de Textos Teatrais en 1992 pero que aínda non fora representado. Coméntase que se presenta como unha investigación de historiadores e teólogos sobre o misterio dos restos do Apóstolo.


Coméntase que *As actas escuras*, de Roberto Vidal Bolaño, chega ao escenario dezaoito anos despois de ser escrita, da man do Centro Dramático Galego. Na obra cóntase como don Mauro, un teólogo e investigador, e o seu sobriño Casiano investigan se os restos mortais do Apóstolo Santiago están baixo a catedral ou non, e que esta temática provocou que no ano 1992 a Xunta non cumprise as condicións do Premio Xacobeo, que estipulaban a publicación en papel da obra gañadora, que tivo que agardar a 2002 para ter forma de libro. Sinálase que o feito de estrear unha obra que pon en dúbida o mito do Apóstolo no ano Xacobeo é sinal de que a sociedade avanza. O director da peza afirma que facer a adaptación da mesma foi como traballar cun amigo, xa que colaborou con Vidal Bolaño en varias ocasións e di que “como as grandes pezas de teatro, é capaz de xerar debate social”. Finalmente, recóllese unha pequena biografía do autor do texto, Roberto Vidal Bolaño, falecido en 2002.


Dáse noticia da estrea, no Salón Teatro de Santiago, da obra inédita de Roberto Vidal Bolaño, *As actas escuras*, que gañou o Premio Xacobeo de Textos Teatrais en 1992 e que foi publicada trece anos despois polo Concello de Santiago e A Nosa Terra Edicións. Sinálase que a obra chega aos escenarios baixo a dirección de Xulio Lago e que trata sobre a dialéctica entre a verdade revelada e a verdade científica sobre se os restos que están na catedral de Santiago son ou non do Apóstolo. Coméntase que a obra conta con un elenco de catorce actores e actrices, entre os que destacan Xosé Manuel Olveira “Pico” e Ricardo de Barreiro, que encarnan ao arqueólogo don Mauro, que foi chamado polo cardenal Payá a finais do século XIX para avalar a veracidade dos restos do Apóstolo na catedral, e o seu sobriño Casiano, respectivamente. Indícase que o encargado da escenografía é Rodrigo Roel, que resolve os escuros e os rápidos cambios de escena con paneis móveis que recrean a Compostela que aparece na trama teatral.


Anúnciase a estrea da obra *As actas escuras*, peza escrita dezaoito anos antes por Roberto Vidal Bolaño e publicada trece anos antes, que trata sobre a ocultación da verdadeira identidade dos restos do Apóstolo Santiago. Sinálase que conta con elenco de catorce actores e actrices, encabezados por Xosé Manuel Olveira “Pico” e Ricardo de Barreiro, que se representa en Santiago dende o quince de xaneiro até o sete de febreiro en cinco pases semanais no Salón Teatro de Santiago e que despois se iniciará unha xira de trinta funcións por sete concellos galegos. Finalmente, coméntanse outras obras que levará a cabo o CDG no Salón Teatro.
Coméntase que a obra *As actas escuras*, de Roberto Vidal Bolaño, que relata a investigación dun grupo de historiadores e teólogos sobre o misterio dos restos do Apóstolo e denuncia o xeito no que o poder preferiu agochar a verdade en beneficio dos seus intereses, por fin chega aos escenarios dezaoito anos despois de ser escrita e tras superar varios atrancos. Sinálase que o texto gañou en 1992 o premio do certame Camiño de Santiago de Teatro Profesional e que quedou inédito, a pesar de que as bases do galardón recollían o compromiso de publicar todas as obras premiadas, polo que se considerou un acto de censura. Indícase que, pasados uns anos, A Nosa Terra e a ASPG sacaron o texto á luz nunha edición conxunta con outras dúas pezas doutros autores. Dise que en 2003 a editorial vasca Hiru publicou unha tradución ao castelán do texto e que en 2005 se publicou na súa lingua orixinial nunha edición do Concello de Santiago e A Nosa Terra e con ilustracións de Pepe Carreiro. Porén, segundo se conta, os problemas non remataron porque a obra seguía sen representarse, polo que a anterior directora do Centro Dramático Galego a incluíu no programa e finalmente abre a programación do CDG do 2010. Destácase que *As actas escuras* conta a chegada de don Mauro, quen debe avalar a veracidade dos ósos enterrados na catedral de Santiago, aínda que a lenda non teña ningúnha base histórica. O director afirma que quixo ser fiel ao orixinal e que a representación da obra era unha débeda pública con Vidal Bolaño. Indícase que a obra estará no Salón Teatro até o sete de febreiro e que despois fará unha xira por Narón, O Barco, Tui, Vigo, A Coruña, Ourense e Ferrol.


Coméntase que a obra *As actas escuras*, escrita por Roberto Vidal Bolaño e dirixida por Xulio Lago, abre a temporada do Centro Dramático Galego e conta cun elenco de catorce actores e actrices que interpretan un total de trinta personaxes. Sinálase que a obra está ambientada no século XIX e conta que o cardeal Payá encarga a un arqueólogo e monxe dominico que verifique a identidade dos ósos enterrados na catedral de Santiago, aínda que a lenda non teña ningúnha base histórica. O director afirma que quixo ser fiel ao orixinal e que a representación da obra era unha débeda pública con Vidal Bolaño. Indícase que a obra estará no Salón Teatro até o sete de febreiro e que despois fará unha xira por Narón, O Barco, Tui, Vigo, A Coruña, Ourense e Ferrol.


Coméntase que Roberto Vidal Bolaño nunca montou en vida, por desgana ou vinganza, a obra *As actas escuras*, para comprobar que a súa historia de cóengos avinagrados e convencidos da preservación do negocio dos mitos estaba de furiosa actualidade. Indícase que é difícil confrontarse a algunhas linguaxes que Bolaño empregaba no mesmo plano: investigación, sarcasmo, esperpento, etc. Sinálase que o texto está cheo de intención que se perde na adaptación do Centro Dramático Galego, xa que este, entre as lecturas posíbeis, renuncia a unha global e favorece á da liña investigadora, facendo unha aproximación aos dous personaxes principais. Afirma que Xulio Lago, o director, decídu contar a trama e non tapar a historia con especulacións pero o toque caótico e cortante de Vidal Bolaño non está.

Sinálase que Roberto Vidal Bolaño plasma na súa peza *As actas escuras* a investigación levada a cabo por historiadores e teólogos por encargo da Igrexa para saber se os restos que hai na catedral de Santiago son do Apóstolo ou de Prisciliano. O director da obra di que é un texto de difficil adaptación escénica polos seus contidos e pola dificultade artística e técnica. Indícase que non só é unha peza interesante pola historia que conta, senón que é un texto denso que leva ao espectador a reflexionar mediante “unha posta en escena de gran beleza formal”.


Dáse noticia da estrea, dezaoito anos despois da súa escrita, da peza *As actas escuras*, de Roberto Vidal Bolaño, na que se relata a investigación dun dominico que debe presentar un informe para confirmar que os restos que se gardan na catedral de Santiago son do Apóstolo, e as dúvidas que lle van xurdindo até que ao final a Igrexa ignora o seu informe e confirma a veracidade do mito, a pesar da carencia de base histórica. Coméntase que o director da mesma fala dunha “débeda pública” co autor que queda saldada, ao fin, e pretende que sexa unha función capaz de xerar debate social. Sinálase que na escena catorce actores dan vida a trinta personaxes, entre os que destaca o papel de Xosé Manuel Olveira “Pico” que interpreta a don Mauro, o dominico que leva a cabo a investigación sobre os restos do Apóstolo. Finalmente, fálase da polémica arredor da convocatoria a concurso público para elixir a persoa que dirixa o Centro Dramático Galego.


Entrevista a Xulio Lago con motivo da estrea da obra *As actas escuras*, dirixida por el mesmo e escrita por Roberto Vidal Bolaño dezaoito anos antes. Comenta que Bolaño indagou nesta peza nun feito histórico producido a finais do século XIX: cando o arcebispo de Santiago, Miguel Payá e Rico, ordena as escavacións na procura dos restos do Apóstolo. Sinala que Vidal Bolaño cuestiona este feito e escribe unha trama na que se produce un enfrentamento entre a verdade revelada ou consagrada e a verdade científica. Afirma que é un teatro moderno de gran formato, unha peza difícil que recomenda aos peregrinos que chegan a Compostela porque ten a función de provocar a reflexión e o debate sobre o tema.


Dáse noticia da estrea d´*As actas escuras* oito anos despois da morte do seu autor, Roberto Vidal Bolaño, un texto difícil de levar a escena polo seu contido documental, polo seu fragmentarismo e pola variedade de tramas paralelas. Crese que a elección de Xulio Lago como director é indiscutíbel, xa que centrou a obra na trama principal do texto: a verificación da existencia dos restos do Apóstolo en tempos do Cardeal Payá e optou por un elenco no que os personaxes principais están ben seleccionados. Coméntase que a escenografía está ben pensada tendo en conta os constantes cambios de escena e a iluminación, que provoca unha harmonía espacial e é utilizada como marcador de ritmo, polo que se dota de rapidez a un espectáculo un pouco longo.
Coméntase que Roberto Vidal Bolaño creou *As actas escuras* a partir dun exhaustivo traballo de investigación e documentación que trata a desmitificación da historia do sepulcro do Apóstolo. Crese que este texto, ademais desta anécdota, é un parábola política e, ademais de tratar as falsificacións da Igrexa, analiza tamén os mecanismos do poder para seguir tendo o papel de autoridade moral, que é o que lle permite á peza seguir tendo actualidade. Por iso, segundo se opina, as institucións non tiveron interese na veracidade histórica e por iso, tamén, a obra sufríu a censura e é representada dezaoito anos despois da súa escrita. Sinálase que a función ten unha estética litúrgica e que o núcleo da montaxe é a palabra, sobre a que traballan os actores sen forzar interpretacións. Indícase que o texto recorre a recursos da novela policial para que as complicadas referencias históricas non afoguen as escenas, a acción avance e o público preste atención. Afírmase que na peza non aparecen grandes emocións e que o tema principal é o fraude premeditado con obxectivos políticos.


Dáse noticia de que os nenos e nenas de Santiago e comarca asistiron no Salón Teatro de Santiago a unha función especial da obra *As actas escuras*, escrita por Roberto Vidal Bolaño e dirixida por Xulio Lago, na que catorce actores dan vida a trinta personaxes nunha historia ambientada na Compostela do século XIX.


Dáse noticia da representación, no teatro Rosalía da Coruña, da obra *As actas escuras*, escrita por Roberto Vidal Bolaño en 1992 e dirixida por Xulio Lago, que convida á reflexión do espectador grazas ao traballo de catorce actores e a escenografía de Rodrigo Roel. O director, Xulio Lago, comenta que ademais do núcleo substancial do conto hai unha chea de pequenas historias máis como os malos tratos, a consideración de chamarlle “prostituta” á muller que se dedica ao espectáculo ou a idea do matrimonio indisolúbel. Sinálase que a obra primeiro foi ratificada pero despois foi cesada, polo que os actores tiveron que aceptar novos papeis por culpa da incerteza da representación da obra e non saben se a montaxe se vai levar por máis auditorios que os previstos. Indícase que, mediante paneis mudábeis, a historia fai un percorrido por Santiago, así pasa pola vella estación de Cornes, unha fonda, o café “El Siglo”, un salón de barbeiro, os sotos da catetral e os salóns do pazo arcebispal.


Dáse noticia da estrea no teatro Rosalía da Coruña da peza *As actas escuras*, escrita por Roberto Vidal Bolaño, que trata sobre a investigación da veracidade dos restos do Apóstolo Santiago. Gábase o traballo do director Xulio Lago, da iluminación a cargo de Antón Arias Marsal, da escenografía, do vestiario, da música, dos saltos no tempo e dos
personaxes, sobre todo dos principais interpretados por Xosé Manuel Olveira “Pico” e Ricardo de Barreiro.


Dáse noticia da estrea en Ourense da obra As actas escuras, escrita por Roberto Vidal Bolaño e que trata sobre a verdadeira identidade dos restos do Apóstolo Santiago, interpretada por catroce actores, encabezados por Xosé Manuel Olveira “Pico” e Ricardo de Barreiro.


Coméntase que terá lugar en Ourense a última posta en escena d’As actas escuras por parte do Centro Dramático Galego en Ourense. Explícase que se trata dunha peza escrita por Roberto Vidal Bolaño hai dezaoito anos sobre a verdadeira identidade dos restos do Apóstolo Santiago.


Analízase a posta en escena d’As actas escuras, de Roberto Vidal Bolaño polo Centro Dramático Galego. Pónse de manifesto que esta compañía pública saldou unha débeda co autor da peza ao recuperar “unha das lecturas máis intelixentes que coñezo sobre o fenómeno xacobeo”. Gábase o acerto na montaxe dun texto fragmentario e con tramas complicadas próximas ao narrativo.

**Centro Dramático Galego (2): Noite de Reis ou o que queirades**, texto William Shakespeare, dirección Quico Cadaval.

**Referencias varias:**


Dáse conta da celebración do Festival de Outono da Comunidade de Madrid. Finalmente, a modo de “Posdata telegráfica”, infórmase das pezas de compañías galegas que se representaron en Madrid na Mostra de Teatro das Autonomías e que chamaron a atención do articolista: Unha primavera para Aldara, de Teatro do Atlántico; Flores migratorias, de Teatro D2; Bailadela da morte ditosa, de Teatro de Ningures; Noite de Reis, do Centro Dramático Galego; Extrarradios, de Teatro do Noroeste; O Club da Calceta, de Teatro do Morcego; Margar no pazo do tempo, de Sarabela Teatro; e No Comment (Obra), de PT Excéntricas.
**Centro Dramático Galego (3)/Nut Teatro:** *Wake up*, coproducción, texto Nut Tetro, dirección Carlos Neira.

Ver Carballiño, Vº Festival de Teatro Galego do (FETEGA)
Ver FITO, IIIº Festival Internacional de Teatro de Ourense

**Chévere Teatro:** *Testosterona*, texto Patricia de Lorenzo e Natalia Outeiro; dirección Xesús Ron.

Ver Primavera, Teatro Galego de

**Referencias varias:**


Anúnciase a representación da obra *Testosterona* por parte da compañía Chévere, a cal cuestiona a división clásica da sociedade entre o masculino e o feminino e propón a posibilidade de alcanzar un xénero flexíbel. Coméntase que a posta en escena inclúe actuacións musicais en directo, transformismo, performance e vídeos; xoga con elementos visuais e auditivos como o silencio, a escaseza de son e a blasfemia e conta con elementos clásicos como o humor, a irreverencia e a complicidade co público. Sinálase que as dúas actrices protagonistas encarnan a dous homes, Tito e Fran, que acaban de montar un grupo de punk-rock, que entoan textos inspirados nun manifesto referente das correntes feministas sobre melodías que recordan a grupos como os Sex Pistols, Siniestro Total e Los Ramones.


Apunta que o IVº Festival A Coruña Visible de Cultura LGTB se dedicou ao mundo lésbico, atendendo ao teatro, o cinema e a música. Indica que non só se dirixiu a este colectivo senón que para tratar de achegar a súa realidade a toda a cidadanía se levaron a cabo representacións como a de *Testosterona*, a cargo de Chévere Teatro, ademais doutras actuacións de danza, filmes e concertos de jazz.


Indica que o IVº Festival A Coruña Visible tentou “reivindicar a visibilidade e a defensa da igualdade real do colectivo homosexual coa arte”. Sinala que se representou *Testosterona*, de Chévere Teatro, unha peza que escribiron e representaron as súas propias intérpretes Natalia Outeiro e Patricia de Lorenzo. Recolle que Patricia de Lorenzo explica que nesta peza o xénero é tratado como unha “construcción social” por medio do cuestionamento das cousas segundo nolas contaron, a través de exercicios prácticos co público espectador, e que ademais de mover á reflexión tamén tentan con *Testosterona* romper a distancia entre actor e espectador.
Teatro D2: *Flores Migratorias*, texto Diego Freire, Manu Lago, Teresa de la Hera e Fran Riveiro; dirección Teresa de la Hera.

**Referencias varias:**


Dáse conta da celebración do Festival de Outono da Comunidade de Madrid. Finalmente, a modo de “Posdata telegráfrica”, infórmase das pezas de compañías galegas que se representaron en Madrid na Mostra de Teatro das Autonomías e que chamaron a atención do articulista: *Unha primavera para Aldara*, de Teatro do Atlántico; *Flores migratorias*, de Teatro D2; *Bailadela da morte ditosa*, de Teatro de Ningures; *Noite de Reis*, do Centro Dramático Galego; *Extrarradios*, de Teatro do Noroeste; *O Club da Calceta*, de Teatro do Morcego; *Margar no pazo do tempo*, de Sarabela Teatro; e *No Comment (Obra)*, de PT Excéntricas.

**Dis quedanza/ Factoría** Teatro: *Des-memoria 2*, dirección Olga Casemelle e Alfredo Rodríguez.

**Referencias varias:**


Dáse noticia de que a compañía Disque Danza presentou en Vigo a obra *Des-memoria 2*, unha peza de Olga Cameselle, coreógrafa e bailarina; Alfredo Rodríguez, actor da Factoría Teatro; Gena Baamonde e Santiago Cortegoso. Dise que “cuestiona a idea que todos podemos ter sobre a identidade, a partir do xogo da perda da memoria pois, se non somos capaces de lembrar o noso pasado, non sabemos quen somos”. Coméntase que o que fan é poñerse no escenario para ser analizados, sen saber onde están nin de onde veñen, e debullan recordos inventados, reais e preguntas sobre a memoria. Así, sinálase que as achegas do público contribúen a que o espectáculo vaia mudando e que o material se presentou en espazos pouco convencionais: a galería ad hoc, a Casa das Campás de Pontevedra, etc.


Coméntase que Olga Cameselle, pioneira na profesionalización da danza en Galicia e fundadora de Dobre Xiro (1996) e Disque Danza (2003), e Alfredo Rodríguez, que está á fronte de Factoría Teatro desde 1992, xestionan o centro de formación A Artística no que se estrearon as obras *Castronós*, *O baile*, *Crónica de días enteiros*, *de noites enteras* e *Des-memoria-2*. Sinálase que esta última a estrearon en Ferrol, na que se mestura a danza e o teatro no escenario, pero tamén hai que ter en conta o vestiario dos deseñadores, a música e a luz.

Entrevista a Santiago Cortegoso, na que comenta a súa obra dramática e as conexións que se establecen entre as diferentes pezas, nas que se trata o tema da identidade: *Molotov; Des-memoria-dos e Hámsters*. Dise que Cortegoso está a escribir *Homes e mulleres* con Paula Carballo e María Armesto, e tamén *El charo de Ulises* cunha bolsa de Iberesca. Coméntase que se levará a cabo a representación d’*A filla de Woody Allen* na Mostra de Teatro de Cee a pesar da crise, xa que as compañías dependen das subvencións e o mercado é pequeno.

Teatro Ensalle: *A derradeira fila*, dirección Pedro Fresneda.

**Referencias varias:**


Comeza facendo unha reflexión sobre as distintas formas de despedirse ou dicir “adeus”, para informar de que a compañía Teatro Ensalle está a representar o seu espectáculo *A derradeira fila*, do que di que non é “fermosamente agradable e fácil de ver” pero que se agradece “tanta sinceridade descarnada”. Repasa algúns aspectos da obra como o ritmo ou o corpo do bailarín.

Espello Cóncavo: *Anxeliños*, texto Roberto Vidal Bolaño, dirección Arturo Pérez.

**Referencias varias:**


Coméntase que a compañía Espello Cóncavo representou a obra de Roberto Vidal Bolaño *Anxeliños*, da que o autor di que é unha comedia satánica que narra as desventuras dun ex policía franquista que está á frente dunha axencia de cobro de morosos. Sinálase que no seu labor lle axuda a súa filla, o seu xenro, un vello amigo lexionario e unha monxa. Cóntase que as cousas non van ben economicamente e que, para superar as dificultades que teñen coa clientela, cometen un asasinato. Critícase o uso de acoutacións dogmáticas, idearios e tópicos e gábase a escenografía, o vestiario, o son musical, as luces e os actores.

Produccións Teatrais Excéntricas: *Obra (No comment)*, texto e dirección Quico Cadaval.

**Referencias varias:**

Dáse conta da celebración do Festival de Outono da Comunidade de Madrid. Finalmente, a modo de “Posdata telegráfica”, infórmase das pezas de compañías galegas que se representaron en Madrid na Mostra de Teatro das Autonomías e que chamaron a atención do articulista: *Unha primavera para Aldara*, de Teatro do Atlántico; *Flores migratorias*, de Teatro D2; *Bailadela da morte ditosa*, de Teatro de Ningúes; *Noite de Reis*, do Centro Dramático Galego; *Extrarradios*, de Teatro do Noroeste; *O Club da Calceta*, de Teatro do Morcego; *Margar no pazo do tempo*, de Sarabela Teatro; e *No Comment (Obra)*, de PT Excéntricas.

A **Factoría** Teatro: *Crónica de días enteiros, de noites enteiras*, texto Xavier Durringer, dirección Alfredo Rodríguez e Olga Cameselle.

**Referencias varias:**


Coméntase que Olga Cameselle, pioneira na profesionalización da danza en Galicia e fundadora de Dobre Xiro (1996) e Disque Danza (2003), e Alfredo Rodríguez, que está á fronte de Factoría Teatro desde 1992, xestionan o centro de formación A Artística, no que se estrearon as obras *Castronós*, *O baile*, *Crónica de días enteiros, de noites enteiras* e *Des-memoria-2*, estreada esta última en Ferrol e na que se mestura a danza e o teatro no escenario.

**Femme Fatale:** *Cabaréncrise*, dirección Nelson Quinteiro.

Ver Mámoa de Luou, XIIIº Mes do Teatro da Asociación da

**Referencias varias:**


Dáse conta da presentación desta peza teatral na Casa da Cultura de Sada. Sinálase que, con resoancias orwellianas, trata o problema da crise económica desde un punto de vista particular.

**Fulano, Mengano e Citano (1): Nunca menos**

Ver Gondomar, Mostra de Teatro de Outono de
Referencias varias:


Dise que a compañía Fulano, Mengano e Citano representa no Auditorio de Ourense o espectáculo Nunca menos. Coméntase que se trata dunha viaxe en clave de humor polas orixes, costumes e tradicións galegas e que amosa personaxes na busca da súa identidade.


Entrevista a Manuel Pombal, un dos membros de Fulano, Mengano e Citano, compañía que vai estrear o seu último espectáculo Nunca menos. Apunta que se trata da historia de Galicia contada “con mucho humor y de esa manera tan nuestra”, simultaneando elementos do pasado e da actualidade. Cre que é unha forma de rir de si mesmo, ademais de ser “unha forma de conocernos”. Considera que o humor da compañía é construtivo “desde el débil al fuerte”, ao tempo que van “contra los poderes que nos machacan”. Apunta que o escenario xorde das situacións e que o ritmo “tan rápido” da actuación imposibilita un cambio de vestiario.


Logo de sinalar que a compañía Fulano, Mengano e Citano foi considerada o ano pasado como a segunda compañía galega “mejor valorada por el público” informa da estrea da súa obra Nunca menos. Recolle declaracions de Manuel Botana, un dos actores e coautores da obra, quen sinala o argumento apuntando que se fai en clave “de humor gallego” cunha posta en escena “simple e peculiar”. Por outra banda, explica que o texto está escrito “coa nosa idiosincrasia, criticando a nosa forma de ser” e, finalmente, opina sobre a situación actual do teatro en Galicia.

Fulano, Mengano e Citano (2): Viva a crise

Referencias varias:


Entre outras informacions lémbrase que no apartado teatral Novacaixagalicia trae até A Coruña a obra Vive a crise, da compañía galega Fulano, Mengano e Citano, na que con humor acedo ensarilla historias sobre a actual crise económica.

Lagarta Lagarta: O segredo dos Hoffman, texto Alejandro Palomas, adaptación Roberto Salgueiro, dirección Rosa Álvarez.
Ver Cee, ‘Domingos de Teatro. Marzo Teatral’, XXIIIª Mostra de Teatro de Ver Vilagarcía, Ciclo de Outono de Teatro Galego
Ver Xoves de Humor, IIIª Mostra de Teatro Galego de Lugo

Referencias varias:


Entrevista co actor Xosé Barato, na que comenta como preparou a personaxe de Lucas, un bailarín homosexual que encarna na peza teatral *O Segredo dos Hoffman*, baseada na novela homónima e que foi adaptada ao teatro por Roberto Salgueiro. Asemade, o actor comenta outros dos seus traballos para o cine e a televisión.


Infórmase da programación, para o mes de abril, do Teatro Colón da Coruña, na que se contempla a representación da obra *O segredo dos Hoffman*, por parte da compañía Lagarta Lagarta.


Infórmase das dúas últimas representacións en Compostela da montaxe de Lagarta Lagarta, *O segredo dos Hoffman*. Dise que se trata dunha obra dirixida por Rosa Álvarez que pon en riba das táboas os actores Xosé Barato, Ernesto Chao, Belén Constela e Rebeca Montero. A montaxe, que resultou ser a gran triunfadora dos Premios María Casares, desenvolve unha trama centrada nos soños e anhelos dunha familia rota por un segredo oculto durante anos. Asemade, recóllense as opinións da crítica especializada que destaca a forza narrativa e o guión eficaz e cargado de humor que acompaña o drama persoal de cada personaxe.


Entrevista ao actor Ernesto Chao, quen vén de recibir o premio de honra O Pedigree ‘10 no Festival de Cans. Ademais de mostrar a súa alegría por este galardón, comenta brevemente a súa traxectoria e algún dos seus próximos proxectos, logo que remate a representación da obra *O Segredo dos Hoffman*.


Infórmase da representación no Teatro Principal da actual montaxe de Lagarta Lagarta, *O segredo dos Hoffman*, abalada polo favor do público e a crítica e polos catro galardóns da última edición dos premios María Casares: mellor dirección, para Rosa Álvarez; mellor actriz protagonista, para Belén Constenla; mellor actriz secundaria, para
Rebeca Montero; e mellor música orixinal, para Frank Pérez Narf. Completan o reparto, Ernesto Chao e Xosé Barato. Segundo se comenta, a obra trata do reencontro dunha familia, formada polo avó, a súa filla e dous netos, por mor do pasamento da avoa, no que saen a flote conflitos e segredos íntimos e no que os personaxes van pasando por diferentes emocións. Apúntase tamén que esta montaxe segue a liña da compañía, un teatro de emoción mesturado co humor.


Informase dalgunha das actividades que centran o outono cultural de Cambados, tales como proxeccións audiovisuais, a gala de conmemoración do Día de Ramón Cabanillas, un espectáculo de jazz internacional ou sesiões de teatro, coa representación, por exemplo, de *O segredo dos Hoffman*, de Lagarta Lagarta.


Informa que a compañía Lagarta Lagarta puxo en escena *O segredo dos Hoffman*, unha peza teatral que mereceu en 2010 os Premios María Casares á Mellor Dirección, á Mellor actriz protagonista, á Mellor actriz secundaria e á Mellor música orixinal. Precisa o elenco e os nomes da directora e do autor da música. Apunta que Lagarta Lagarta se creou como empresa de produción teatral en 2001 por iniciativa dos actores Ernesto Chao e Rosa Álvarez. Remata achegando datos do prezo das entredas e onde e cando adquirilas.


Informa da representación d’*O segredo dos Hoffman* por parte de Lagarta Lagarta no auditorio de Vilagaría de Arousa. Explica que se enmarca nos proxectos desta compañía compostelá que mereceu catro dos once galardóns dos últimos Premios María Casares e que recibiu unha boa acollida da crítica e do público. Comenta o argumento da trama e o conflicto que se xera nela. E remata apuntando o elenco.


Entre outras actividades, anunciase a representación d’*O segredo dos Hoffman* da compañía Lagarta Lagarta.

**Malasombra:** *O día do pai*, texto Ana Graciani e Gabriel Olivares, adaptación Xoque Carbajal, direción Marcos Orsi.

Ver Negreira, Pª Mostra de Teatro de

**Referencias varias:**

Informase da presentación no Auditorio Municipal de Ourense da obra da compañía Malasobra titulada *O Día do Pai*. Dise que o texto pertence a Gabriel Olivares e Ana Graciani e que está dirixida por Marcos Orsi. Os propios autores definen o espectáculo como un “western clínico”.


Recóllese a representación de *Go on!*, comedia na que uns intrépidos exploradores percorren Galicia para descubrila e que “recorre de forma ágil y con tono de humor las tradiciones del territorio a explorar”. Dise que é a terceira peza da compañía, tras *Non é tan fácil e O día do pai*, que segue en cartel.


Dáse conta da posta en escena en Caldas de Reis d’*O día do pai*, unha comedia da que se explica que tres homes de aspecto e condición social moi distintos foron citados nunha clínica de reproducción asistida, feito do que descoñecen o motivo, aínda que sospeitan e temen que foron citados para seren obxecto dunha proba de paternidade.


Faise referencia á representación no Mercantil de Caldas de Reis desta comedia sobre as razóns polas que os homes queren ser pais, estreada a comezos de 2009 e que non está recomendada para o público infantil porque non a entendería.


Anúnciase que o programa de Nadal en Dubra arranca coa obra de teatro *O día do pai*.

**Maquinaria Pesada**: *As vingadoras*, dirección John Wright.

Ver Manicómicos, IXº Festival Internacional de Teatro Cómico

**Matarile** Teatro: *Cerrado por aburrimiento*, dirección Ana Vallés.

**Referencias varias:**

Recóllense as afirmacións da directora da última montaxe de Matarile Teatro, Ana Vallés, que leva por título *Cerrado por aburrimento*. A obra trata, segundo comenta Vallés, sobre os tópicos e as dificultades de ser artista, a influencia dos críticos, sobre os atrancos para levar a cabo un teatro non convencional, etc. Vallés tamén destaca o interese que se puxo por mostrar a influencia doutros artistas: escritores, pintores, fotógrafos e músicos a través de textos. A continuación disse que a montaxe emprega textos de Pessoa, Rilke, Séneca, Shakespeare… Asemade, e como é habitual no traballo da compañía, destácase que hai actores que danzan ou bailaríns que interpretan.


Lupe Gómez achega a súa opinión persoal sobre a montaxe da compañía Matarile, *Cerrado por aburrimento*, da que destaca o aire de loucura da obra, na que os actores están xuntos no escenario pero dispersos, onde o entusiasmo se mestura coa canseira, coa ironía e co absurdo.


Entrevista a Ana Vallés, fundadora xunto Baltasar Patiño, da compañía de teatro de vanguarda Matarile Teatro. Vallés fala sobre o peche ou o cambio de planeamento na actual estrutura da compañía, ante a súa insostenibilidade. Vallés critica a tendencia política dos contidos e reclama un mercado privado para evitar que todo esta en mans das institucións. Asemade, comenta que é evidente a involución das artes escénicas en Galicia debido ao cambio político.


Refírese á desaparición da compañía teatral Matarile e recolle as opinións dos seus fundadores Ana Vallés e Baltasar Patiño. A primeira concreta que Matarile non se vai “por aburrimento”, senón “polas circunstancias dunha situación insostible”, aludindo ao mal momento para a creación “agravado pola crise xeral”. Non ve positivo a posibilidade de que Matarile faga “espectáculos máis pequenos, que encaixen nas necesidades do mercado”, pois sinala que facer iso é “ir cara a atrás”. Alén de comentar outros proxectos actuais nos que están involucrados, sinala Vallés que esta última función de *Cerrado por aburrimento* se concibe como “unha festa”, ao tempo que se lembran épocas pasadas da compañía. Nun á parte, fai balance xeral en vésperas da despedida e apunta que lle gustaría ter un debate, pois afirma que non os hai na profesión.


Menciona a despedida de Matarile Teatro “sen dramatismo” logo de vinte e catro anos de proxectos artísticos. Indícase que a súa última montaxe *Cerrado por aburrimento* terá lugar en La Nave de Cambaleo (Aranjuez). A continuación, Ana Vallés, unha das responsábeis da compañía, comenta algúns dos factores que motiva este adeus, como é o da situación actual nas artes escénicas, que pon en relación coa cuestión de producir
cultura en términos económicos. De modo que se lembra antigos proyectos de Matarrale Teatro na busca de novos xeitos “de facer as cousas”, como foi o festival En pé de Pedra ou a apertura do Teatro Galán. Para rematar, alúdese a outros proyectos nos que os fundadores da compañía están inmersos.

**Mofa e Befa**: *Shakespeare para ignorantes*, texto Shakespeare e outros, dirección Quico Cadaval.

Ver Primavera, Teatro Galego de Ver Ribadavia, XXVIª Mostra Internacional de Teatro de Ver Ribeira, Iª Mostra de Teatro de

**Referencias varias:**


Entrevista con Quico Cadaval, quen dirixe e interpreta, xunto co dúo cómico Mofa e Befa, a obra *Shakespeare para ingnorantes*. Cadaval comenta que para ser espectador desta obra non hai que ser un gran coñecedor de Shakespeare, xa que o dramaturgo inglés interesa e apaixiona a todos, eruditos e ignorantes. Afirma que a obra do inglés é o mellor libro de autoaxuda para resolver numerosos problemas da vida, xa sexan conflitos económicos como problemas de autoconfianza e autoestima. Cadaval comenta tamén que para este espectáculo seleccionaron escenas de obra coñecidas do autor inglés, como *Macbeth, Ricardo III e Julio César*, dando protagonismo a personaxes menos coñecidas.


Recóllense as impresións de Quico Cadaval e dos coñecidos de Mofa e Befa, Evaristo Calvo e Víctor Mosquera, que xuntos forman o elenco da montaxe teatral *Shakespeare para ingonante*. Explicase que esta obra nace da iniciativa de crear unha montaxe escénica a partir dos esquecidos, de personaxes secundarios de Shakespeare, que moitas veces non teñen nin nome; así, os personaxes que interveñen son asasinos, mendigos, bufôns, conspiradores, chivatos..., extraídos de obras do autor inglés como *Macbeth, Hamlet, Romeo e Xulieta, Otelo ou O rei Lear*. Afírmase tamén que *Shakesperare para ignorantes*, que representará a Galicia na ‘Muestra de las Autonomías’ que organiza anualmente o Círculo de Bellas Artes de Madrid, pretende converterse nunha especie de libro de autoaxuda para resolver problemas cotiáns.


Entrevista a Quico Cadaval, con motivo da representación, no Centro Cultural Caixanova de Vigo, da montaxe *Shakespeare para ingnorantes*, que comparte co dúo cómico Mofa e Befa. Cadaval opina que debido á crise o público ten ganas de rir e
desfrutar e opina que a clave do triunfo de Excéntrica Producións é o humor delicado e irónico.


An Anfaya achega a súa opinión persoal sobre a peza teatral *Shakespeare para ignorantes*. Destaca o seu humor fino, a ironía e o sarcasmo e opina que esta obra é recomendábel para o alumnado de secundaria, xa que lle podería axudar a sentir a dramaturxia dun xeito próximo, actual e crítico e a entender que a ignorancia non é algo negativo, sempre que se estea disposto a escotar con intención de aprender.


Manuel Beceiro comenta o argumento da montaxe *Shakespeare para ingorantes*, levada a cabo polo dúo cómico Mofa e Befa coa colaboración de Quico Cadaval. A obra preséntase como unha conferencia sobre William Shakespeare dun prestixioso profesor, interpretado por Cadaval, para público pouco ilustrado sobre a obra do autor inglés. Beceiro cualifica a montaxe de “producto didáctico en estado puro”, co cal a risa está garantida, segundo comenta.


Recóllense algunhas afirmacións de Quico Cadaval sobre a montaxe *Shakespeare para ignorantes* que está a representar xunto co dúo cómico Mofa e Befa. Cadaval explica que nesta función, dirixida a un público falto de noticias sobre Shakespeare, se poñen en primeiro plano as escenas máis ignoradas do autor. Segundo comenta Cadaval, o primeiro que se desenvolve en escena é unha conferencia dun prestixioso profesor que el mesmo encarna, quen convida para que a explicación sexa máis amena a dous actores de talento a interpretar fragmentos, accíones, monólogos e motivos escénicos das obras shakesperianas. Para iso recórrese a textos menos coñecidos do autor inglés, como *Pericles*, *Como gostedes*, *Cimbelino*, *Medida por medida*, *Ricardo III*… pero procedendo a unha actualización das escenas seguindo os modelos de autoauxuda. Os personaxes son xuíces, bufóns, chulos, torturadores, asasinos, racistas, chivatos, oportunistas, etc., que encarnan o máis escuro e vil da humanidade, segundo comenta Cadaval.


Entrevista co actor Evaristo Calvo, quen explica que *Shakespeare para ignorantes* se estrutura como unha conferencia dun profesor, interpretado por Quico Cadaval, na que aparecen dous actores que representan el e mais Víctor Mosquera, a outra metade de Mofa e Befa, para apoiar a súa exposición con exemplos prácticos sacados das obras de Shakespeare. Calvo explica que na obra se tocan obras menos coñecidas do autor como *Pericles* ou *Cimbelino* e se abordan personaxes secundarias como verdugos, proxenetas, indixentes… polo que aínda que o fin último do espectáculo é divertir, o público sae da representación algo menos ignorante en cuestións shakesperianas. Asemade, comenta
que a obra do autor inglés é intemporal porque a humanidade é a mesma dende o século XVII.


Camilo Franco achega a súa crítica sobre a montaxe de Excéntricas, *Shakespeare para ignorantes*, na que se pretende contar historias do Shakespeare menos convencional, tirando dos títulos menos explotados do autor, mesturadas con historias de todos os días, segundo se comenta.


Entrevista aos actores Evaristo Calvo e Víctor Mosquera, integrantes do dúo cómico Mofa e Befa, a través da que repasan os seus dezañito anos de traxectoría dende os seus comezos cando facían as súas representacións en bares. Comentan as carencias económicas deses inicios, nos que xorde o seu perralleirismo, para se converteren nunha das súas marcas. Asemade, explican a orixe do seu nome, comentan algún traballo para a televisión e maila súa última montaxe, *Shakespeare para ingorantes*, obra pensada para homenaxear os personaxes secundarios do autor inglés. Sinalan tamén o papel importante que xoga no grupo a colaboración de Quico Cadaval, que adoita ser a voz en off que lle dá continuidade ás súas obras, así como a do músico Piti Sanz.


Dáse conta da programación cultural da Universidade de Vigo para o cuadrimestre. Entre outros espectáculos está programada a representación da montaxe teatral *Shakespeare para ignorantes*.


Dáse conta da axenda cultural do mes de marzo en Compostela. Dise que entre as compañías que representarán os seus espectáculos estarán Mofa e Befa co seu *Shakespeare para ignorantes*, que dirixe Quico Cadaval.


Crónica dos eventos culturais levados a cabo na cidade de Pontevedra, entre eles a representación da obra *Shakespeare para ingonantes*, de Mofa e Befa, que tivo lugar no Auditorio de Caixanova.


Recoméndase a montaxe *Shakespeare para ignorantes*, abalada polo éxito de público e polo éxito acadado tamén na Mostra de Teatro das Autonomías, celebra en Madrid e na
que representou a Galicia. Montaxe na que se aborda o Shakespeare “máis arrabaldeiro” que sondea nas zonas escuras, na ruindade e cativas paixóns dun conxunto de personaxes do autor inglés nos que non se tiña reparado, empregando un humor intemporal, acedo.


Infórmase da repetición en Compostela do espectáculo Shakespeare para ingnorantes ante o cheo do día anterior, que se suma ao recente cheo no Teatro de Bellas Artes en Madrid. A función aborda os textos esquecidos de Shakespeare desde a perspectiva do teatro do perralleiro, método creado polo dúo Mofa e Befa, aos que se une Quico Cadaval. Beceiro califica esta montaxe de “alarde de arte dramático pavera”.


Coméntase a peza Shakespeare para ignorantes, dirixida por Quico Cadaval e posta en escena por Mofa & Befa. Sináñase que consiste nun percorrido pola producción do dramaturgo inglés, facendo fincapé en personaxes menos populares. Destácase que, con poucos recursos, se acada a máxima expresión, aínda que certos personaxes non reluzan o suficiente. Menciónase a escasa iluminación e o uso pobre do espazo. Finalmente, recoméndase pola súa liña “didáctica-irrisoria-cultural”.


Sináñase que unha das ideas que guía a última comedia de Mofa&Befa, Shakespeare para ignorantes, é que “os donos do teatro son os actores e non os catedráticos”. Infórmase que se representará no Teatro de Madrid o vinte e catro de xullo e tómanse breves declaraciones sobre a obra por parte do seu director, Quico Cadaval, quen di que a obra, organizada en sketches, “chega “nun momento con poucas claves para divertir na sociedade”.

Teatro do Morcego: O club da calceta, texto María Reimóndez, dirección Celso Parada.

Referencias varias:


Dáse conta da celebración do Festival de Outono da Comunidade de Madrid. Finalmente, a modo de “Posdata telegráfica”, infórmase das pezas de compañías galegas que se representaron en Madrid na Mostra de Teatro das Autonomías e que chamaron a atención do articulista: Unha primavera para Aldara, de Teatro do Atlántico; Flores migratorias, de Teatro D2; Bailadela da morte ditosa, de Teatro de Ningures; Noite de Reis, do Centro Dramático Galego; Extrarradios, de Teatro do Noroeste; O Club da
Calceta, de Teatro do Morcego; Margar no pazo do tempo, de Sarabela Teatro; e No Comment (Obra), de PT Excéntricas.

Teatro de Ningures (1): Bailadela da morte ditosa, texto Roberto Vidal Bolaño, dirección Etelvino Vázquez.

Referencias varias:


Dáse conta da celebración do Festival de Outono da Comunidade de Madrid. Finalmente, a modo de “Posdata telegráifica”, informouse das pezas de compañías galegas que se representaron en Madrid na Mostra de Teatro das Autonomías e que chamaron a atención do articulista: Unha primavera para Aldara, de Teatro do Atlántico; Flores migratorias, de Teatro D2; Bailadela da morte ditosa, de Teatro de Ningures; Noite de Reis, do Centro Dramático Galego; Extrarradios, de Teatro do Noroeste; O Club da Calceta, de Teatro do Morcego; Margar no pazo do tempo, de Sarabela Teatro; e No Comment (Obra), de PT Excéntricas.

Teatro de Ningures (2): Cómicos Dell’Auto

Ver Cangas, XXVIIIª Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo

Non si? Teatro: Lorqueando paseniño, texto e dirección Mónica Sueiro.

Referencias varias:


Describese a posta en escena en Baiona, durante a Festa da Arribada, do texto teatral con guión de Mónica Sueiro no que se escenifica a chegada a esta vila da caravela Pinta cos irmáns Pinzóns. Lévase a cabo, segundo se di, por parte da compañía Non si teatro? na Praia da Ribeira.


Referencias varias:

Dásé conta da celebración do Festival de Outono da Comunidade de Madrid. Finalmente, a modo de “Posdata telegráfrica”, infórmase das pezas de compañías galegas que se representaron en Madrid na Mostra de Teatro das Autonomías e que chamaron a atención do artículista: Unha primavera para Aldara, de Teatro do Atlántico; Flores migratorias, de Teatro D2; Bailadela da morte ditosa, de Teatro de Ningures; Noite de Reis, do Centro Dramático Galego; Extrarradis, de Teatro do Noroeste; O Club da Calceta, de Teatro do Morcego; Margar no pazo do tempo, de Sarabela Teatro; e No Comment (Obra), de PT Excéntricas.

Teatro do Noroeste (2): Glass City, texto e dirección Eduardo Alonso.

Referencias varias:


Comenta a iniciativa proposta polo Centro Dramático Portugués de Viana á compañía galega Teatro do Noroeste tras ver representada a súa obra Romeo e Xulieta. Fala de que traballarán xunto á compañía portuguesa Teatro do Bolhao de Porto e refire que o director galego Eduardo Alonso elixirá a actores mozos portugueses, ademais de continuar coa posta en escena de Glass City por toda España.

Nova Escena Teatro: Comendo pimentos de Padrón con Tarantino

Referencias varias:


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Centro Fingoi de Lugo da obra Comendo pimentos de Padrón con Tarantino, de Nova Escena; de In, da compañía galego-portuguesa Elefante Elegante, no Salón Teatro de Santiago; e da representación do conto popular O gato con botas no Teatro Colón da Coruña.


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Centro Fingoi de Lugo da obra Comendo pimentos de Padrón con Tarantino, de Nova Escena.

Ónfalo Teatro: Neuras, texto María Xosé Queizán, dirección Ana Contreras e Afonso Becerra.
Referencias Varias:


Coméntase a estrea desta peza da compañía Teatro en Punto, titulada Cambios de destino. Nesta obra, segundo se comenta, unicamente intervén unha personaxe, Flor, unha profesora de música interina acostumada á vida urbanita e que ten que se trasladar para dar clase a unha aldea. A súa directora, Nerea de Valenzuela, explica que a montaxe conta coos recursos técnicos mínimos e cero escenografía, pola falta de cartos e para conseguir diversificar os espazos de representación. Por outro lado, tamén se fai referencia á primeira montaxe, Neuras, da compañía Ónfalo Teatro, de recente creación. Recóllense as palabras dos seus directores, Ana Contreras e Afonso Becerra, que declaran que apostan por un teatro social, popular e que se afirme na comunicación co público. Asemade coméntase que Neuras combina os números de música, maxia e gags, estando a medio camiño entre a comedia de situación televisiva e o musical, xa que segundo explica Becerra, querían começar indagando nos mecanismos da comicidade, fuxindo dos xéneros estabelecidos pola alta cultura.


Recóllense as apreciacións de Nerea de Valenzuela, directora da compañía Teatro en Punto, sobre a situación do teatro galego e coméntase o argumento da peza Cambios de destino, escrita por Rubén Ruibal e interpretada por Gloria Rico, quen dá vida a Flor, unha profesora interina que chega a unha escola rural, onde descobre formas de vida que pensaba extintas. A directora explica que aínda que non se trata dunha obra cómica si ten algunhas partes humorísticas.


Crónica da rolda de prensa coa que se presentou o novo grupo teatral, Ónfalo. Coméntase tamén que o grupo se estreará coa obra Neuras, de María Xosé Queizán, e que o seu director a cualifica de “comedia expresiva, urbana e actual”. Becerra explica que a obra aborda temáticas como o amor lésbico, a transexualidade e a crise de identidade dos homes. Doutra banda, Becerra expón os obxectivos deste grupo de teatro, entre os que figura levar a cabo un teatro implicado coa historia e lingua do país, que traballe con obras contemporáneas e que poña o texto ao servizo do espectáculo.


Recoméndase a representación da compañía Ónfalo Teatro, Neuras, unha peza fresca e divertida sobre as neuras da sociedade actual, segundo se comenta. Cóntase tamén que a obra aborda temas como o respecto a quen se sente diferente, a tiranía da moda, a procura da felicidade, a parella, etc.

Informase da estrea, no teatro do Centro Cultural Caixanova, da montaxe de Ónfalo Teatro, *Neuras*, baseada en textos de María Xosé Queizán. Recóllese algunhas apreciacións do director, Afonso Becerra, quen define a obra como unha comedia explosiva, moi divertida e personaxes de estereotipos contemporáneos que pasan pola consulta dun psicólogo. Becerra explica que trata o conflito entre o que se é e o que se aparenta e como influíen as modas en cada un. Asemade, coméntase que se trata dun espectáculo multidisciplinar no que hai oco para os números musicais e os trucos de maxia.


Manuel Xestoso achega a súa opinión persoal sobre a montaxe de Ónfalo, *Neuras*, de María Xosé Queizán, dirixida por Ana Contreras e Afonso Becerra. Coméntase que a representación ten como único escenario a consulta dunha psicanalista, que recibe tres pacientes con traumas relacionados coa identidade sexual. A temática xira ao redor da transexualidade, os novos modelos de masculinidade, o despotismo dos elixés aceptados pola sociedade de masas e a obsesión pola aparenza, segundo de conta. Xestoso critica a corrección política da obra, que pormenoriza todos os puntos do manual do feminismo e maña pesada carga pedagóxica, aínda que admite que queda compensada pola comicidade disparatada e os recursos irónicos. Por outro lado, Xestoso valora o tratamento “con respecto” dos arquetipos e explica que esta é unha montaxe na que a transgresión vén dada pola invenición escénica, que se impón sobre o texto.


Fálase da primeira obra teatral coa que debuta a nova compañía Ónfalo Teatro, formada pola directora Ana Contreras e por Afonso Becerra de Becerreá, coñecido dramaturgo e representante dunha nova xeración que se deu a coñecer a finais dos anos noventa. A obra, titulada *Neuras*, parte do aproveitamento que se fai dun texto de María Xosé Queizán; logo dise que se fai unha pequena crítica ao aspecto interpretativo e cualíficase como comedia burguesa con “toques de cabaré”.


Analízase a posta en escena de *Neuras*, de María Xosé Queizán, por parte de Ónfalo Teatro. Critícanse as diverxentes liñas interpretativas dos actores, que impedían o traballo en equipo e levaban o espectáculo a lugares comúns. Censúranse a linguaxe próxima e aberta e a temática, formas dramáticas, humor, personaxes e desenlace pouco novidosos.

**Pinguela** Teatro: *Razóns de peso*, texto Clara Gayo, dirección Anabel Gago.

Ver apartado III.3.3 deste Informe
Ver Cee, ‘Domingos de Teatro. Marzo Teatral’, XXIIIª Mostra de Teatro de Ver Cuntis, Teatro de Outono de
Referencias varias:


Dáse conta da representación no Centro Cultural da Guarda da obra Razóns de peso, por parte da compañía Pinguela Teatro, que apostou polo teatro en feminino. Describese o seu argumento e faiuse unha gabananza do traballo das dúas actrices principais.


Lémbra-se a actuación ofrecida por Pinguela Teatro, compañía que representou Razóns de peso, unha comedia sobre os estereotipos.


Dise que no Centro Cultural da Guarda se representa a obra Razóns de peso, por parte da compañía Pinguela Teatro e da man de dúas actrices, Ana Puente e Chelo do Rejo. Cualificase de magnífica a súa interpretación e coméntase o argumento da obra, baseado na abordaxe dos estereotipos de muller desde o punto de vista do aspecto físico.

Quico Cadaval: Conversatorio: medidas variables

Referencias varias:


Apunta que Conversatorio ofreceu nove minutos de conversa con Quico Cadaval no escaparate dunha tenda de roupa polo prezo dun euro. Alén de sinalar cómo é a dinámica do espectáculo, informase que a próxima sesión terá lugar no escaparate dunha xoiería. Convértese co actor, que opina sobre a posta en escena e comenta que se fixa na xente de fóra para ver como reaccionan, pero que non pode estar moi pendente porque ten que “atender ó cliente”. A continuación, o xornalista que realiza a reportaxe convértese en cliente para manter unha conversa con Cadaval, escollendo como tema a visita do Papa a Galicia.


Apunta que Quico Cadaval no seu espectáculo Conversatorio “se la juega en las distancias cortas”. Informa que a acción se desenvolve nun escaparate onde conversan o actor e o público. Sinala Cadaval que a maioria da xente “prefire facer preguntas” e que
houbo público que “pediu que puxésemos un altavoz para fóra”. Por outro lado, dise que o espectáculo se volverá repetir nun escaparate situado na Rúa Nova.

**Rababiero Producciones: Noites de retranca**

**Referencias varias:**


Infórmase da estrea deste espectáculo no auditorio municipal de Ourense. Trátase de tres monólogos relatados por outros tantos actores galegos. No caso de Sergio Pazos, adiántase que reflexionará sobre a orixe dos galegos. Pola súa parte, Manquiña farao sobre distintos temas sociais vistos por unha persoa normal.


Artigo no que o autor expresa a súa opinión sobre o show de humor Noites de retranca, no que participan os actores Sergio Pazos, Manuel Manquiña e Javier Veiga. Martínez Sevilla cualifica o espectáculo de “ironía en estado puro”, que subliña unha sociedade á deriva en mans de burócratas políticos que o prohiben todo, mesmo rirse.


Entrevista ao actor Sergio Pazos, quen xunto con Manuel Manquiña e Javier Veiga protagonizan Noites de retranca. Pazos amósase esquivo coas respostas e non desvela moito sobre a súa achega a este espectáculo. Asemade, comenta algúns dos seus próximos proxectos no eido laboral.


Dáse conta da presentación deste espectáculo que forma parte da programación cultural de Lugo10, co gallo do décimo aniversario da declaración da muralla como Patrimonio da Humanidade. Adiántase que Pazos tratará da identidade dos galegos, Zahera repasará a infancia e a vida escolar e Manquiña reflexionará sobre o políticamente correcto.


Entrevista ao actor Manuel Manquiña, co gallo da estrea de Noites de retranca, un show no que participa xunto con Sergio Pazos. Manquiña opina sobre política, explica o seu posicionamento a favor da Galicia bilingüe e define a retranca como un mecanismo de defensa ante a falta de liberdade, presente en todas as sociedades agrícolas. Manquiña considera tamén que o humor galego non é exportábel porque perde na tradución.
Entrevista a Manuel Manquiña, que comenta a liña argumental de *Noites de Retranca*, na que comparte escena con Luís Zahera. Xustifica porqué escolleu para a ocasión falar dun tema universal como o amor. Comenta que facer monólogos permite dicir cousas “que nunca tuviste la oportunidade de decir con un papel”. Opina que antes se aceptaban máis as provocacións no humor e cre que hai persoas que non saben se “estás hablando en serio o en broma”. Apunta que a súa inspiración a encontra nos guións de series americanas como *Modern Family* ou *The Simpsons*, afirmando que prefere o humor americano porque se ríen de si mesmos, mentres que España segue sendo “un país con pudores”.

Faise eco da estrea na Coruña da segunda edición do espectáculo de monólogos *Noites de retranca*, da man de Manuel Manquiña e Luís Zahera. Cada un dos actores deste proxecto fai as súas propias valoracións. Manquiña sinala que a provocación é o “leitmotiv da súa actuación” pois cre que “co imperio do politicamente correcto” non se pode falar de certas cousas. Engaden ambos actores que pese a non ser monologuistas profesionais “están preparados para adaptarse ao tempo que esixe un monólogo”. Por outra parte, infórmase que a produción corre a cargo de Promocións Artísticas Rababiero e que o obxectivo é que esta edición non sexa a última, polo que comentan outras edicións que teñen en mente para máis *Noites de retranca*.

Comenta que xa non hai entradas para unha das dúas funcións da segunda edición das *Noites de retranca*, que contará cos monólogos de Luís Zahera e Manuel Manquiña. Sinálase que a iniciativa está “en la línea de la stand up comedy” importada dos EEUU. Por outro lado, dise que Zahera admitiu sentirse “muy ilusionado” por engadir este xénero ao seu repertorio artístico. Infórmase ademais do prezo das entradas.

Logo dunha presentación de Manuel Manquiña, ábrese a entrevista, un día antes de que saía a escena, xunto con Luís Zahera, para o espectáculo *Noites de retranca*. Sinala que nel se fala do amor, defendendo “a discriminación positiva” pero “evidentemente, a favor de los hombres”. Pensa que a profesión debe provocar e que se acomodou no “fácil”, malia afirmar que non ten intención de molestar a ninguén. Entre outras cousas, fala dos personaxes que interpretou ao longo da súa carreira e opina sobre o panorama laboral dos actores. Di que sempre intenta dar “un toque distinto y característico” aos traballo que lle ofrecen.


Conversa co cómico Manuel Manquiña que presenta en Vigo a segunda parte de *Noites de retranca* con Luís Zahera. Sinala que o espectáculo non é para nenos e explica as diferenzas que observa con respecto á primeira versión de *Noites de retranca*. Por outro lado, comenta porqué se puxo “Manquiña” como nome artístico e fala da polémica de hai meses, cando o tildaron de ‘facha’ “por no ser nacionalista”. Comenta, por último, que a película *Airbag* nin o marcou nin o condicionou, pero si apunta que “fue estimulante”.


Reprodúncense dúas breves entrevistas con Luís Zahera e Manuel Manquiña, nas que se fala das historias sobre as que versarán os seus monólogos, o público ao que van dirixidas ou a relación cos seus compañeiros de espectáculo.


Infórmase da montaxe en Vigo e Pontevedra desta segunda edición das *Noites de retranca*, unha proposta que forma parte da programación Camiño das Artes Escénicas do Xacobeo 2010. Faise referencia, ademais, ao asunto dos monólogos de Zahera e Manquiña: o primeiro, máis pegado á realidade, falará sobre el mismo; o segundo contará unha historia de amor, pero ámbolos dous destinados a un público adulto.

**Redrum Teatro:** *A pensión*, texto Alex Sampayo, Víctor Sierra e María S. Ferreiro, dirección Alex Sampayo.

**Referencias varias:**


Dáse conta do desembarco da compañía Redrum no Auditorio Municipal de Vilagarcía para a posta en escena da súa montaxe *A Pensión*, na que segundo se comenta, se aborda a complexidade da psique humana e a historia dunha vellez, a de Sara, marcada pola soidade tras unha vida dedicada aos demais. Esta anciá, interpretada por Rosa Álvarez encérrase nun mundo de negación e non atopa un motivo para vivir cando xa non ten a quen coidar. Abórdanse temas como o choque xeracional, a soidade, a madureza e a inmadureza, os obxectivos vitais, os valores e a felicidade, segundo se conta. Completan o reparto Guillermo Carbajo e Tamara Canosa.


Reprodúcese unha entrevista con Álex Sampayo, director da montaxe, na que se fala da súa decisión de probar sorte no teatro, a adaptación do guión ao teatro, a posta en escena ou as dificultades das novas compañías.

Entre outras actividades, anúncianse as representacións da obra *Longa vida a Martiño de Güimil* dentro co ciclo de teatro Amador Atracción Teatral IV, organizado por Nova Escena Teatro, no Centro Fingoi de Lugo; da obra *Crónica daquela escola*, da compañía de teatro Biblioteca Antas de Ulla, dentro do proyecte de Buxiganga da Deputación, no Centro Sociocultural de Alfoz; e d’*A pensión*, de Redrum Teatro, no Salón Teatro de Santiago.


Entre outras actividades, anúncianse as representacións das obras *Sexo? Por que non?*, da compañía Em2 no Teatro Principal de Ourense; *A pensión*, de Redrum Teatro, no Salón Teatro de Santiago, e *Condena perpetua*, de Brisa Teatro, na sala Santart de Santiago.

**Sarabela Teatro (1): A esmorga**, texto Eduardo Blanco Amor, dirección Ánxelles Cuña Bóveda.

Ver Carballiño, VIIIº Outono Teatral
Ver Vilagarcía, Ciclo de Outono de Teatro Galego

**Referencias varias:**


Coméntase que a compañía Teatro do Atlántico estrea *O Xogo de Yalta/Afterplay*, un texto do irlandés Brian Friel, traducido por Goretti Sanmartín e dirixido por Xulio Lago que conta dúas historias ambientadas en 1900 sobre dúas parellas, unha composta por xentes ricas, ociosas e adúlteras e outra por unha parella nunha situación económica complicada. Tamén se anuncia a estrea da obra *A Esmorga*, por parte da compañía Sarabela Teatro, no Teatro Principal de Ourense.


Comenta a montaxe de Sarabela Teatro, *A esmorga*, adaptación da obra de Eduardo Blanco Amor a cargo de Begoña Muñoz e Carlos Couceiro. Cualifica a peza como un espectáculo “sobrecogedor, onírico, tangencial e disparatado”, e considera excelente o traballo do equipo artístico.

Entre outras actividades, anúnciase a representación d’A esmorga, a cargo de Sarabela Teatro no Auditorio de Ribadeo; e de Sexo? Por que non?, da compañía Em2, no Salón Teatro de Santiago.


Entre outras actividades, anúnciase a representación d’A esmorga, a cargo de Sarabela Teatro no Auditorio de Ribadeo; e de Sexo? Por que non?, da compañía Em2, no Salón Teatro de Santiago.


Coméntase que a compañía Sarabela Teatro retoma a representación d’A Esmorga despois da adaptación desta obra de Eduardo Blanco Amor que levaran a cabo en 1996 co gallo do cincuenta aniversario desta publicación. Nesta segunda adaptación a compañía foi recoñecida con cinco galardóns nos premios María Casares e foi nomeada aos Max, segundo se recorda. Asemade, dáse conta do elenco de actores, dirixido por Ánxeles Cuña Bóveda.


Faise referencia á adaptación para teatro d’A esmorga de Eduardo Blanco Amor por parte de Sarabela Teatro, con motivo da conmemoración do cincuenta aniversario da publicación do libro. Destácase o ritmo folclórico da música en directo, a modo de coro, que se complementa con máscaras que cambian simultaneamente. Mencionase o acerto na escenografía que arroupa a Cibrán, un dos protagonistas desta historia que mestura presente (o interrogatorio) e pasado (o recordo da xoldra). Critícase que no final de obra o coro apareza sen máscaras, despoxándose da forza do seu valor social metafóricó.


Anúnciase a estrea no Auditorio municipal de Vilagarcía de Arousa da obra A Esmorga, por parte da compañía Sarabela Teatro. Dise que a compañía pon en escena esta obra co gallo do cincuenta aniversario da publicación desta novela culme na carreira de Blanco Amor e dos trinta anos do seu pasamento. Destácase o éxito que están acadando e tamén que conseguiron cinco premios nos María Casares e un recoñecemento a nivel estatal, ao ser nominada como Mellor Espectáculo Revelación nos Premios Max de Teatro.

Sarabela Teatro (2): Margar no pazo do tempo, texto e dirección Ánxeles Cuña Bóveda.

Referencias varias:

Dáse conta da celebración do Festival de Outono da Comunidade de Madrid. Finalmente, a modo de “Posdata telegráfica”, infórmase das pezas de compañías galegas que se representaron en Madrid na Mostra de Teatro das Autonomías e que chamaron a atención do articultista: *Unha primavera para Aldara*, de Teatro do Atlántico; *Flores migratorias*, de Teatro D2; *Bailadela da morte ditosa*, de Teatro de Ningures; *Noite de Reis*, do Centro Dramático Galego; *Extrarradios*, de Teatro do Noroeste; *O Club da Calceta*, de Teatro do Morcego; *Margar no pazo do tempo*, de Sarabela Teatro; e *No Comment (Obra)*, de PT Excéntricas.


Ver Xoves de Humor, IIIª Mostra de Teatro Galego de Lugo

**Referencias varias:**


Comentario da obra da compañía Talía Teatro *E ti quén ves sendo?*, escrita e dirixida por Cándido Pazó, que se cualifica como “comedia en clave esperpéntica e disparatada”. O argumento, segundo se coma, aborda o ideario anarquista, a liberdade para todos, a autoxestión, as cooperativas… Asemade, destaca a acertada escenografía, correcta iluminación e o convincente elenco, ao que nomea.

**Talía Teatro (2): Palabras encadeadas**, texto Jordi Galcerán, dirección Artur Trillo.

Ver Roberto Vidal Bolaño, IIº Festival de Teatro Afeccionado

**Referencias varias:**


Infórmase da representación da obra do catalán Jordi Galcerán, *Palabras encadeadas*, por parte da compañía Talía Teatro e baixo a dirección de Artur Trillo. Non se comenta o argumento xa que estragaría a obra, que é sorpresa dende o principio. Coméntase tamén que a recadación irá integramente destinada a paliar o desastre de Haití.

Infórmase da presentación, no Teatro Municipal de Tui, da montaxe de Talía Teatro, *Palabras encadeadas*.


Infórmase da presentación, no Teatro Municipal de Tui, da montaxe de Talía Teatro *Palabras encadeadas*, baseada nun texto homónimo de Jordi Galcerán. Describese como un thriller psicolóxico no que se conta a historia dun psicópata e a súa vítima, unha enfermeira, secuestrada nun lugar sen saída aparente, caracterizado polo suspense e xiros dramáticos que sorprenden o espectador, segundo se comenta, colocándoo nunha delgada liña na que a verdade e a mentira se confunden.


Dáse conta das diferentes representacións que terán lugar en diferentes concellos da comarca de Ferrolterra durante esa semana con motivo da celebración do Día Mundial do Teatro. Segundo se conta, entre outros espectáculos, a compañía Talía Teatro porá en escena a súa montaxe *Palabras encadeadas* e a compañía Obras Públicas fará o propio coa súa peza *Life is a paripé*.


Indícase que o Auditorio da Casa da Cultura Pintor Francisco Lloréns de Sada acolle a estrea de *Palabras encadeadas*, dirixida por Artur Trillo e interpretada por Toño Casais e María Ordóñez, da compañía Talía Teatro. Dise que a obra ten como protagonistas un psicópata e a súa vítima nunha situación extrema e cun final imprevisíbel.


Dáse conta das actividades culturais programadas polo concello da Estrada na semana da Letras Galegas; entre elas, a representación por parte de Talía Teatro da súa obra *Palabras Encadeadas*.


Realízase unha crítica da posta en escena de *Palabras encadeadas*, da que se destaca o escaso suspense e os abundantes trucos teatrais para manter a tensión ata o final desta historia kafkiana dun matrimonio roto.

**Tiruleque:** *Club PK2*, texto José Prada Martínez, dirección Santiago Fernández.

**Referencias varias:**

Infórmase da estrea da triloxía Ata que a morte vos separe, da Aula Municipal de Teatro de Salceda, ambientada na España dos anos cincuenta e sesenta, época marcada pola desigualdade, a hipocrisía, a dobre moral e a xustificación da violencia cara o débil. Asemade, infórmase da presentación, tamén no Auditorio Municipal de Salceda, da obra PK2, da compañía de teatro Tiruleque.
III.5.3.2. GRUPOS ESCOLARES, DE ASOCIACIÓNS OU AGRUPACIÓNS VARIAS

Grupo Municipal de **Ames**: *Cal Valentín*, texto Karl Valentín.

Ver Ribeira, Iª Mostra de Teatro de

**Andaravía** Teatro: *A cantante calva*

Ver Teatrofilia, VIIº Festival de Teatro Amateur

**Arela das Artes** (1): *Arela Miúda en: o recuncho de Anabel*


Ver Ribadavia, XXVIª Mostra Internacional de Teatro de

**Atrezzo** Teatro: *A Voda*

Ver Teafecciona, VIª Mostra de Teatro Afeccionado de Redondela

Grupo Teatral **Axóuxeres** (1): *A gata sobre o tellado de zinc quente*, texto Tenesse Williams, dirección Alejandro Albaiceta.

Ver Sada, VIª Mostra de Teatro Afeccionado
Ver Vilalba, XIIª Mostra de Teatro de

**Referencias varias:**


Faise eco da representación d’*A gata sobre o tellado de zinc quente* a cargo da compañía Axóuxeres, incluída na programación da VI Mostra de Teatro afeccionado “Concello de Sada”.

Grupo Teatral **Axóuxeres** (2): *O velorio de Xan Perolo*, dirección Benito García

Ver Buxiganga, IIª Edición do Proxecto Teatral

Grupo de Teatro **Badius**: *Bancagare: sucursal n.º 13*, texto G. T. Badius; dirección
Alberte Villar.

Ver Pedra do Mouch, IIIº Ciclo de Teatro Afeccionado

Teatro **Biodegradábel de Ohio: Finlandia**, texto Carlos Santiago, dirección Carlos Santiago e Víctor Mosqueira.

**Referencias varias:**


Entrevista con Carlos Santiago, autor do texto e director do espectáculo *Finlandia*, producido por Teatro Biodegradable de Ohio. Comenta que se trata dunha montaxe teatral con persoas non profesionais que comparten a súa preocupación por certas cuestións. Asegura que está moi contento coa experiencia xa que se estreou en maio e volveuse repetir por petición popular. Sinala que esta peza se pode encadrar no que se denomina teatro civil porque estaba destinada a pouca xente, pero todos con intereses comúns.


Entrevista con Carlos Santiago, autor da obra *Finlandia*, da que di que é unha alegoría escandinava sobre Galicia na que participan actores cidadáns, sen formación teatral. Comenta que se estreou en maio de 2009 e que só se ia representar nesa ocasión pero que, debido ao seu éxito e a que moita xente quedou sen vela, tiveron que repetila. Sinala que el denomina este teatro como “civil” porque, aínda que el escribiu o borrador, o resultado final obtívose debido aos cambios que introduciron todas as persoas implicadas no proxecto e porque é un experimento no que se fai unha reflexión sobre a sociedade galega. Afirma que a comparación entre Galicia e Finlandia funciona ben, xa que se trata de sociedades desvalorizadas, que permiten que lles arrebaten os sinais de identidade, como a lingua, sen protestar. Finalmente, di que este é un espectáculo ao que lle acae ben a situación actual da igualdade e que vai dirixido a persoas que se senten afíns ao proxecto.

Teatro de **Cámara Ditea** (1): *Acto imprevisto*

Ver apartado III.3.3 deste *Informe*

**Referencias varias:**

Coméntase que a compañía Ditea, unha das pioneiras do teatro en Galicia, cumpre cincuenta anos e que o vai celebrar representando as obras *Aquí cheira a morto* e *Acto imprevisto*. O director da compañía, Alberte Álvarez Escudero, destaca destes cincuenta anos os comezos coa representación da obra *Pedro Madruga*, pero tamén a época dos autos sacramentais porque eran unhas escenografías espectaculares. Sinala que tamén houbo momentos difíciles como a falta de apoio institucional nos últimos anos e o feito de ter que abandonar a súa sede e buscar un novo local. Finalmente disse que Ditea nos seus inicios se inclinou polo teatro clásico e os autos sacramentais relixiosos e de Calderón de la Barca, nos sesenta se atreveu co teatro difícil de novos autores, nos setenta começou a interpretar pezas en galego e nos oitenta interpretou as obras de Agustín Magán.


Coméntase que a compañía Ditea foi fundada en 1960 por Agustín Magán e que conta con máis de oitenta espectáculos, realizados por actores como Xosé Manuel Olveira ‘Pico’, Mela Casal, Luís Zahera, entre outros. Sinálase que, para celebrar o seu cincuenta aniversario, Ditea vai reestrear a obra *Farsa Plautina*, estreada en 1982 e baseada en textos de Plauto, e terá en cartel as pezas *Acto imprevisto*, que inaugurou o Festival de Teatro de Bríon, e *Aquí cheira a morto*, unha adaptación da obra de Alfonso Paso, *Usted puede ser un asesino*. Anúncianse outras actividades que realizarán en 2010 para celebrar o seu aniversario como montar unha exposición, editar un libro, colgar material na súa páxina web ou preparar unha xuntanza para todos os actores que colaboraron na compañía desde os seus comezos. Asegúrase que cando morreu o seu fundador as cousas foron a modo até refacer o grupo; así, en 1999, representaron *A pousada de Petra Cotón*, obra que se estaba a ensaiar cando Magán morreu, e até 2004 non se volveu facer unha estrea orixinal, *Melocotón en xarope*, unha adaptación de Miguel Mihura. Destácase que nos seus comezos se especializaron en autos sacramentais e obras de Calderón, pero despois foron incorporando autores do teatro latino-americano como Alfonso Sartre, Sergio Vodanovic ou Manuel Heredia. Infórmase de que nos anos setenta se pasaron a representar só obras en galego, por exemplo as da autoría de Magán, pero tamén se recuperaron clásicos como *Un ollo de vidro* ou *Guerras do alecrín*.

Teatro de Cámara Ditea (2): *Aquí cheira a morto*, dirección Xan Casas.

Ver Agustín Magán, IXº Festival de teatro afeccionado
Ver Cuntis, IIº Certame de Teatro Afeccionado
Ver Ribeira, Iª Mostra de Teatro de

**Referencias varias:**


Coméntase que a compañía Ditea, unha das pioneiras do teatro en Galicia, cumpre cincuenta anos e que o vai celebrar representando as obras *Aquí cheira a morto* e *Acto
Imprevisto. O director da compañía, Alberte Álvarez Escudero, destaca destes cincuenta anos os comezos coa representación da obra *Pedro Madruga*, pero tamén a época dos autos sacramentais porque eran unhas escenografías espectaculares. Sinala que tamén houbo momentos difíciles como a falta de apoio institucional nos últimos anos e o feito de ter que abandonar a súa sede e buscar un novo local. Finalmente dise que Ditea nos seus inicios se inclinou polo teatro clásico e os autos sacramentais relixiosos e de Calderón de la Barca, nos sesenta se atreveu co teatro difícil de novos autores, nos setenta comezou a interpretar pezas en galego e nos oitenta representou as obras de Agustín Magán.


Coméntase que a compañía Ditea foi fundada en 1960 por Agustín Magán e que conta con máis de oitenta espectáculos, realizados por actores como Xosé Manuel Olveira ‘Pico’, Mela Casal, Luís Zahera, entre outros. Sinálase que, para celebrar o seu cincuenta aniversario, Ditea vai reestrear a obra *Farsa Plautina*, estreada en 1982 e baseada en textos de Plauto, e terá en cartel as pezas *Acto imprevisto*, que inaugurou o Festival de Teatro de Brión, e *Aquí cheira a morto*, unha adaptación da obra de Alfonso Paso, *Usted puede ser un asesino*. Anúncianse outras actividades que realizarán en 2010 para celebrar o seu aniversario como montar unha exposición, editar un libro, colgar material na súa páxina web ou preparar unha xuntanza para todos os actores que colaboraron na compañía dende os seus comezos. Asegúrase que cando morreu o seu fundador as cousas foron a modo até refacer o grupo; así, en 1999, representaron *A pousada de Petra Cotón*, obra que se estaba a ensaiar cando Magán morreu, e até 2004 non se volveu facer unha estrea orixinal, *Melocotón en xarope*, unha adaptación de Miguel Mihura. Destácase que nos seus comezos se especializaron en autos sacramentais e obras de Calderón, pero despois foron incorporando autores do teatro latino-americano como Alfonso Sartre, Sergio Vodanovic ou Manuel Heredia. Infórmase de que nos anos setenta se pasaron a representar só obras en galego, por exemplo as da autoría de Magán, pero tamén se recuperaron clásicos como *Un ollo de vidro* ou *Guerras do alecrín*.

**Candelexas**: Hotelris@humor.com

Ver Pedra do Moucho, IIIº Ciclo de Teatro Afeccionado

**Carfax Teatro (1)**: *O cuarto do príncipe*, texto e dirección Manuel Lourenzo.

**Carfax Teatro (2)**: *Transilvania*

Ver Atracción Teatral IV
Ver Domingos de Melpómene, Ciclo de Teatro Os

**Carrachanacacha**: *Comendo pimentos de Padrón con Tarantino*, texto e dirección Leandro Lamas.
Ver Cuntis, IIº Certame de Teatro Afeccionado
Ver Estrada, IIIº Certame de Teatro Afeccionado da


**Referencias varias:**


Sinálase que a obra *Iliria*, a versión de *Noite de Reis* da compañía Elefante Elegante, baséase na orixinal pero tamén busca a orixinalidade. Así, indícase que serve igual para o público infantil que para os adultos, polo que se produce unha contradición entre a complexa mensaxe shakesperiana e a simplificación que esixe a linguaxe teatral infantil, que é corrixida grazas a unha combinación de danza, mimo e acrobacia. Destácase o papel do vestiario, a música como elemento narrativo e o humor que brota de xeito natural e que todo xorde para lembrarnos o esencial de *Noite de reis*: o sexo e a clase social son entidade inalterábeis. Coméntase que o fantástico se adecúa a ese universo no que cambian continuamente o xénero e a condición social dos personaxes. Finalmente, crese que *Iliria* consegue reproducir o espirito melancólico e burlón con que Shakespeare vía a inconstancia do ser humano.


**Referencias varias:**


Coméntase que os grupos de teatro infantil e de adultos da Asociación Cultural Falcatrueros de Monterroso estrearán no mes de maio tres obras: *Ó cruzar a rúa* e *O eterno instante*, a cargo do grupo infantil; e *Máquina Hamlet*, do grupo de adultos.


Entre outras actividades, anúnciase a representación na Casa Habanera de Guitiriz da obra *Máquina Hamlet*, a cargo da compañía Falcatrueros; e de *Homes en escabeche*, de Hipócrita Teatro, no Auditorio Carmen Estévez de Vilalba.

Anúnciase a representación da obra *Máquina Hamlet*, de Falcatrueiros, dentro do programa Buxiganga.


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Auditorio Municipal de Taboada de *Máquina Hamlet*, do grupo Falcatrueiros; d’*A lotaría*, do grupo A Raiola de Alfoz, en Lourenzá; e de *Estigmas*, do grupo teatral Ardora na Casa da Cultura de Riotorto.


Entre outras actividades, anúnciase a representación na Casa da Cultura da Pontenova de *Máquina Hamlet*, de Falcatrueiros; *A caída do imperio*, do grupo Batán, no Salón de actos do concello de Carballedo; *Don Armando Gresca*, do grupo Xeral Calde, en Lánçara; e unha representación do grupo Zampalladas en Riotorto.

**Lambríaca Teatro:** *Chicho e a Santa Compaña*, texto Xosé M. Gómez e Xosé M. Conde; dirección Xoán Abreu.

**Referencias varias:**


Refírese á proposta ‘Embárcate con Vigo’ promovida pola compañía Viaxes Loa. Expícase que esta iniciativa pretende apostar pola música e o teatro feitos en galego e convertelo no eixo da súa oferta cultural de cruceiros. Indícase que entre as obras que se representarán atópase *Chico e a Santa Compaña*, da compañía Lambríaca Producións. Expícase que esta obra, asinada por Xosé Manuel Conde e Xosé Manuel Gómez, editouse como unidade didáctica e foi adaptada ao público xuvenil.

**A Mámoa Teatro:** *Só unha noite*, dirección Ramón Parajó.

Ver apartado III.3.3 deste *Informe*
Ver Mámoa de Luou, XIIIº Mes do Teatro da Asociación da
Asociación Sociocultural de Minusválidos de **Narón**: *A familia Rufo*, texto e dirección Paco Sanesteban.

**Novaescena** Teatro: *O Lirio*, adaptación do texto de Wesley Burrowes.

Ver Atracción Teatral IV
Ver Buxiganga, IIª Edición do Proxecto Teatral

**Referencias varias:**


Dáse noticia da presentación da obra *O lirio*, unha comedia inspirada nunha lenda irlandesa da compañía Nova Escena Teatro que tivo lugar en Sarria. Coméntase que forma parte do proxecto cultural Buxiganga.

Grupo de Teatro **A Pombiña**: *Nin dios entende aos homes*, texto Betty Calvo

Ver Caranza, XIº Cielo de Teatro Afeccionado “Domingos a escena”
Ver Pontes, IIIª Mostra Local de Teatro Sábados Teatrais das

Aula de Teatro Municipal de **Pontevedra**: *Seis ou sete*, texto Xosé Cid Cabido, dirección Anxo Lourido.

Ver Pontevedra, XIVª Mostra de Teatro Afeccionado de

**Quemaisten** Teatro: *Traballo e imaxinación*, texto José Luís Prieto e Gustavo Pernas, dirección Xosé Bonome.

Ver Teatrofilia, VIIº Festival de Teatro Amateur


Ver Cuntis, IIº Certame de Teatro Afeccionado
Ver Daniel Cortezón, VIIª Mostra de Teatro Afeccionado
Ver Estrada, IIIº Certame de Teatro Afeccionado da
Ver Poio Escena, Cielo de Teatro
Ver Sada, VIª Mostra de Teatro Afeccionado
Ver Teatrofilia, Festival de Teatro Amateur

**Referencias varias:**
Dáse conta da representación d’Aberto por folga. Cabaré laboral, unha peza teatral de creación propia e dirixida por Beatriz Mato, posta en escena pola compañía Tanga Tutanga Teatro na VI Mostra de Teatro afeccionado “Concello de Sada”.

**O Trasno Novo Teatro: Conversas na cuneta mentres a vida pasa alá fóra**

**Referencias varias:**


Faise eco brevemente da representación no centro social de Fingoi (Lugo) desta peza baseada en relatos de diversos autores e na ampla información publicada nos medios de comunicación con motivo da recuperación da memoria histórica. Destácase que recibiu o premio á mellor obra no festival de teatro afeccionado da Coruña en 2009.

Aula de Teatro da **Universidade de Santiago de Compostela: As cuñadas**, texto Michel Tremblay, dirección Roberto Salgueiro.

Ver apartado III.3.3 deste *Informe*
Ver MITEU, XVª Mostra Internacional de Teatro Universitario Galego
IV. DÍA DAS LETRAS GALEGAS: Uxío Novoneyra

IV.1. CREACIÓN: REEDICIÓNS COMENTADAS E FACSÍMILES. TEXTOS RECUPERADOS


Reedición deste poemario de Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, O Courel, Lugo, 1930-Santiago de Compostela,1999), publicado en 1998 por Hércules de Ediciones, subvencionando pola Xunta de Galicia con motivo do Ano Xacobeo 1999, e descrito no apartado correspondente do Informe 1998. A fotografía dunha árbore remplázase por outra do poeta a cargo de Julio A. Fariñas. Esta edición conmemorativa do Día das Letras Galegas 2010 iniciase cun poema de Salvador García-Bodaño, “Uxío Novoneyra (Retrato gravado a buril sobre unha prancha de silencio)”, a modo de presentación. A seguir, atópase unha dedicatoria ao fotógrafo Federico García Cabezón, autor das imaxes inseridas na primeira edición das que nesta ocasión se prescinde. Antes das composicións líricas, aparece un texto asinado coas iniciais do autor, no que se explica que o Camiño de Santiago actúa neste caso como motivo ou imaxe desencadenante e maniféstase nostalxia pola desaparición do rural, razón que lle impulsa a recuperar a fala popular na súa expresión. Por último, cómpre destacar que o inicio de cada dos dez apartados nos que se divide este poemario acompañase dunha caligrafía do courelán.

Referencias varias:


Infórmase da homenaxe levada a cabo por La Voz de Galicia na Real Academia Galega con motivo da presentación do libro Arrodeos e desvíos do Camiño de Santiago e outras rotas, de Uxío Novoneyra, protagonista do Días das Letras Galegas. Indícase que a edición vai precedida por un soneto de Salvador García Bodaño que leva como subtítulo “Retrato gravado a buril sobre unha prancha de silencio”. Por último, alúdese a que o texto respecta ao máximo as opción léxicas do escritor.


A Editorial Galaxia publica de novo este poemario de Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, O Courel, Lugo, 1930-Santiago de Compostela,1999) que se editou por vez primeira en 1988 na colección “Vento que zoa” (n.º 4) de Sotelo Blanco Edicións. Nesa primeira edición reproducése na capa o debuxo Paxaro martirado (1974), de Reimundo Patiño, así como o nome do autor que aparece simplemente como Novoneyra. A seguir, atópanse manuscritas ou caligrafías do autor, das que se prescinde nesta reedición, aínda que se conservan as outras repartidas ao longo do poemario. En
ambos os dous casos aparecen catro fotos en branco e negro do Courel realizadas dende o Cimo da Rogeira, de Federico García Cabezón. Por unha banda, algúns textos e imaxes son substituídos por fotografías: no primeiro apartado un fragmento d’Os anos escuros (1985), de Xosé Luís Franco Grande; no cuarto, a cuberta da Revista de Poesía Hispana Fóra (n.º 8, 1969), na que se reproducía o “Pronto polo Ché”; e no noveno unha xilografía de Novoneyra en homenaxe a Ánxela Davis. Prodúcese tamén este cambio por unha caligrafía, como ocorre no oitavo apartado, no que se prescinde do catálogo da primeira exposición individual de Raimundo Patiño en Galicia (Vigo, 1971) e inclúese ao final unha caligrafía ausente na primeira edición. E por outra banda, suprínense elementos sen remplazalos: no apartado quinto desaparece outra cuberta da mencionada Revista de Poesía Hispana Fóra (n.º 6, 1969), na que se acollía o poema “Vietnam canto”; e no décimo cuarto o debuxo “Apolo Karneyos” (1975), de Jardiel. Asemade, inclúense elementos en lugares onde se deixou unha páxina en branco ou nada había. Así sucede no décimo terceiro cunha imaxe máis de Novoneyra e no peche de poema cunha última fotografía do poeta fronte ao mar e de costas ao lectorado potencial. E outros simplemente cambian de lugar. No apartado séptimo desplázase a caligrafía dunha páxina impar (p. 69) a unha par (p. 62), cambio que se produce tamén no décimo primeiro, pois da páxina 105 pasa á 94. Finalmente, salienta a eliminación da “Biografía e crítica” composta de diversos traballos de Xesús Rábade Paredes, Herminio Barreiro, Luís Seoane, Basilio Losada Castro, Reimundo Patiño, Xosé Luís Méndez Ferrín, Xulio Valcárcel e Claudio Rodríguez Fer recollidos tanto en prensa como en libros entre 1975 e 1986. Esta nova edición vai acompañada dun CD no que Novoneyra recita algúns dos poemas que aparecen no libro, como “Todo o que pasou o meu pobo”, “Letanía de Galicia” ou “Vietnam canto”. Con respecto ao texto, atópanse quince bloques de poemas que recollen parte da producción de Novoneyra entre os anos 1956 e 1986. A modo de antoloxía aparecen moitos poemas que fan referencia á situación social e política de Galicia, é o caso de textos como “Galicia será a miña xeneración”, “Letanía de Galicia” ou “Os que así nos tein”. Outro grupo de textos son unha homenaxe por parte de Novoneyra a figuras senlleiras do panorama mundial do século XX: o Che Guevara, Pablo Neruda, etc. Tampouco se esquece nos seus poemas dos seus compañeiros escritores: Federico García Lorca, Rosalía de Castro, Luís Seoane, Carlos Maside… A presenza da paisaxe do Courel tamén se manifesta en poemas como: “Nadal neva” ou “No bosque entrelazo”.

Recensións:


Refírese ao compromiso persoal e creativo do poeta Uxío Novoneyra. Saliéntase Uxío Novoneyra. Do Courel a Compostela, poemario do que di que conflúen diferentes trazos nunha mesma dirección “a homenaxe da obra e do home”, ademais de facer mención aos contidos deste “libro coral”, do que destaca as fotografías e o disco coa voz do poeta couseiro recitando os seus versos.

Referencias varias:

Destaca entre os libros que saen para homenaxear a Uxío Novoneyra* *A distancia do lobo*, de Antón Lopo, sobre o que se apunta que é parte dun proycto maior que contará cunha *Antoloxía poética*, con edición e limiar de Arturo Casas, e unha edición de *Do Courel a Compostela*. Apoiándose neses dous volumes, fai a súa propia e particular andadura pola vida e obra de Novoneyra, referíndose ás principais etapas vividas en diversos lugares (Courel, Lugo, Madrid, Santiago), ao tempo que sinala as principais obras (*Elexías do Courel e outros poemas, Os Eidos 2* e *os Poemas caligráficos*). Opina que o ensaio de X. L. Méndez Ferrín, *De Pondal a Novoneyra* (1988), contribuíu á súa canonización, e que a súa “aportación máis destacable” é *Do Courel a Compostela*.


Informa da sesión de “Homenaxe a Uxío Novoneyra” que terá lugar dentro da programación “Os Luns do Ateneo”. Sinala que o acto, presentado por Tareixa Navaza, contará cos relatos de Ánxel Vázquez de la Cruz e Xesús Rábade Paredes, dos que fai unha pequena semblanza bibliográfica. Incide novamente na “preocupación compostelanista” do Ateneo de querer deixar patente que “a figura literaria de Uxío Novoneyra nos resulta próxima” e pasa a comentar a etapa final do poeta courelao na capital galega, que considera “bonancíbel” e que literariamente viría supoñer “unha mutación de acusado relevo” frente á estética intimista anterior.


Recensións:


Apropósito da reedición de libros imprescindíbeis da poesía galega destaca *Os Eidos. Libro do Courel*, poema que saiu do prelo por primeira vez en 1955 e que fora publicado por Galaxia en 1981. Salienta a Uxío Novoneyra como un dos máis importantes poetas da literatura galega que, segundo pasa o tempo, é máis eloxiado, tanto pola crítica como polos seus lectores, caracterizado polo seu rigor estético e a presenza do ser humano na súa obra. Ao terlle dedicado no 2010 o Día das Letras Galegas cóntase con múltiples publicacións ao redor da súa vida e obra, entre as que destaca este poemario considerado esencial no que a alma do poeta se funde coa paisaxe.

Referencias varias:


Recoméndase para a súa lectura diferentes obras publicadas durante o ano 2010. As que se mencionan referidas á literatura galega son, todas elas de Edicións Xerais de Galicia. Entre elas destácase que na colección “Xerais Clásicos” sairá do prelo unha nova edición d’*Os Eidos*, de Uxío Novoneyra.


Dá conta das actividades que se realizarán dentro da programación cultural realizada para celebrar o Día das Letras Galegas dedicado a Uxío Novoneyra, entre as que destaca a publicación da edición bilingüe d’*Os Eidos*, traducida por Elba Rey.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Entre as obras publicadas con motivo desta efeméride está a reedición do poemario *Os Eidos. O libro do Courel*.

Reedición do poemario de Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, Courel, 1930-Santiago de Compostela, 1999) publicado no ano 1981 e preparado agora nunha nova edición bilingüe, con motivo do Día das Letras Galegas 2010, que contou cunha axuda da Xunta de Galicia. Ábrese cun prólogo en castelán intitulado “Las estaciones del templo” (pp. 9-18), de Ignacio Castro Rey, no que destaca que esta obra do poeta courelao é “un texto señero en la poesía gallega desde hace máis cincuenta anos” e ofrece as claves básicas da poesía de Novoneyra. A continuación inclúese, tamén en castelán, a “Nota del autor” (p. 19), que reproduce un texto extraído do libro Dos soños teimosos (Editorial Noitarenga, 1998), onde se destaca o concepto “Tierra” na obra do autor. Tras esta, iníciase o poemario (pp. 21-277) que inclúe as composicións do volume de 1981 traducidas por primeira vez ao castelán. Aparece a versión orixinal en galego, destacada en negriña e, ao carón, a mesma composición traducida ao castelán. Nos poemas elementos naturais como as rochas, a toponimia e a rotación das estacións aparecen como símbolos dos estados de ánimo dun ser vivo chamado Terra. O poeta entrelaza nos seus versos a tradición galaica coa oriental e inclúe haikus. Péchase cunha breve “Nota bio-bibligráfica” de Uxío Novoneyra (pp. 279-282).

Recensións:


Comenta a edición bilingüe d’Os eidos da que destaca que quizais sexa “a obra máis senlleira da poesía galego do século XX”. Incide na tardanza da publicación desta obra ao idioma castelán cando xa existía a publicación en éuscaro dende o 1988. Comenta tamén que a dificultade da tradución reside “na radical mudez e complexidade da poesía do vate courelao”. Explica que unha das peculiaridades da obra de Novoneyra é que se concreta nos elementos naturais da paisaxe do courel, e que o simbolismo que agocha pode escaparse a aqueles descoñecedores da terra galega. Finaliza comentando que esta nova edición “permítenos volver sobre un texto tan clásico como probabilmente descoñecido, tan sinxelo como complexo, tanto moderno como orientalizante”.


Dá conta da edición bilingüe d’Os Eidos, destacando que é considerada por moitos críticos como un “libro fundacional de Galicia”. Comenta a dificultade existente nas traducións para atopar termos que se corresponden, neste caso, coa lingua do Courel. Di tamén que aqueles que lean a obra en castelán, quizais “boten en falta o vello aroma e o canto” propio da poesía de Uxío Novoneyra pero, engade, que no seu conxunto a obra “mantén ben o espírito do poema”. Precisa que o libro é prologado polo filósofo Ignacio Castro Rey, ao cal define como “fermoso e extraordinario”.


Sinala que a coincidencia da publicación da versión castelá d’Os Eidos, de Uxío Novoneyra, coa celebración do Día das Letras Galegas é “enteiramente casual”, pois ao parecer o proxecto xa estaba en marcha facia algú más de dez anos. Informa que logo
do texto introdutorio de Ignacio Castro Rey, está o limiar autopoético “Nota del autor” (texto tirado da obra *Dos soños teimosos*). Comenta tamén algunhas traducións de pezas heteroxéneas que xa existían de Uxío Novoneyra. Repara en que nos títulos de crédito se dá o nome de Elva Rey, viúva do poeta, como responsábel das versións deste volume. Neste senso, indica que se trata dunha “tradución alógrafa” e pensa tamén nunha tradución “parcialmente autorial”, en tanto que o propio Novoneyra aínda non falecera cando se inicia o proxecto desta edición castelá. Ademais, salienta que a pauta fundamental das traducións foi “preservar a literalidade dos poemas”, predominando como norma inicial a “adecuación”, definindo como un “acerto pleno” esta decisión adoptada. Indica que esta escolha trouxo “aparelladas” algunhas perdas, como é o de sacrificar certos componentes formais.


Comenta a publicación da edición bilingüe d’*Os Eidos* da que indica a editorial, os tradutores e o prologuista. Destaca que é “un dos libros máis salientables da nosa poesía contemporánea”. Sinala que é interesante ver como se achegan á obra os lectores casteláns.

**Referencias varias:**


Informa da presentación do programa que a Consellería de Cultura desenvolveu para o Día das Letras Galegas 2010. Precisa que esta consellería mercou para distribuír o 17 de maio a edición bilingüe d’*Os Eidos* que publicou a editora madrileña Ardora. Apunta que se representou o espectáculo poético e de danza do grupo *Tender a man* e o ciclo de concertos de Emilio Cao *Interseccións. A ollada de Novoneyra*; que se editou *Uxío Novoneyra, a voz herdada* e que se mencionou un congreso que a Xunta de Galicia ía realizar xunto a Real Academia Galega sobre a biobibliografía de Novoneyra e outros actos promovidos pola Xunta de Galicia como o musical *Dúas beiras*, a promoción de Novoneyra no programa televisivo *Palabra de autor* e “unha declaración institucional de recoñecemento e posta en valor do libro e da lectura en galego”. Recolle tamén o á parte “Gadis imprime poemas en bolsas da compra”.


Describe o programa de actividades e iniciativas que desenvolve a Xunta de Galicia para conmemorar o Día das Letras Galegas dedicado ao escritor Uxío Novoneyra. Salienta a aprobación da declaración institucional de recoñecemento e posta en valor do libro e a lectura en galego con motivo do Ano do Libro e da Lectura.

Sinala a aparición da primeira versión en castelán d’Os Eidos e explica a temática da carta que abre a primeira edición da obra para después se centrar na descripción poética da Serra do Courel.


Comenta as actividades a realizar dentro do programa da Consellería de Cultura para celebrar o Ano do Libro e da Lectura e con motivo do Día das Letras Galegas dedicado a Uxío Novoneyra. Destaca a publicación da edición bilingüe d’Os Eidos, o ciclo de concertos Interseccións. A ollada de Novoneyra, a cargo do compositor Emilio Cao; unha actuación a cargo do grupo artístico “Tender a man”, conformado por Yolanda Castaño e Branca Novoneyra, no Centro de Ensino de O Courel; e unha biografía en formato cómic titulada Uxío Novoneyra, a voz herdada, a cargo do debuxante David Rubín e o guionista Kike Benloch.


Entrevista a Ignacio Castro Rey, autor do prólogo d’Os Eidos. El libro do Courel, na súa edición bilingüe. O escritor e filósofo comenta que a decisión de editar esta obra foi anterior á decisión do homenaxe ao autor co motivo do Día das Letras Galegas, e di que é “escandaloso” que se tardara cincuenta e cinco anos en publicar a obra en castelán e apunta como causa da tardanza “a posición secundaria de Galicia política e económica” e pola crenza de que a obra de Novoneyra é de “temática local”, recordando que a en 1988 fora traducida ao éuscaro. Remata precisando quen se encargou da tradución, das notas e da bibliografía final.


Comenta que a edición bilingüe d’Os Eidos. El libro do Courel repite a estrutura da versión publicada por Edicións Xerais de Galicia en 1981 que reunía Os Eidos (1955) e Os Eidos 2 (1974) ambos os dous publicados pola Editorial Galaxia. A seguir indica que, segundo o prologuista do libro, Ignacio Castro Rey, a editora aceptou publicar o libro antes de que se decidira que o autor sería homenaxeado no Día das Letras Galegas. Apunta que a tradución correu a cargo de Elba Rey e subliña a dificultade de atopar termos axeitados para a súa tradución xa que a obra orixinal asentábase na fala propia de O Courel. Sostén que Ignacio Castro no seu prólogo estuda “el juego de fatalidad histórica y optimismo terrenal que se da en la poética de Uxío Novoneyra” e engade que o poeta “escuchaba la vibración de las cosas humildes”. E conta que a nota do autor, inserida no libro, pertence a Dos soños teimosos, e que nela o poeta explica que os eidos poden ser “microtopóñimos”, aqueles “lugares que lleva uno estampados dentro”.


Explica que a edición bilingüe d’Os Eidos tentaba “rescatar” o texto de Novoneyra para o castelán. Recolle que o editor, José Luis Gallero, comenta que deste xeito saldaron unha “débeda da poesía contemporánea española con Uxío Novoneyra”, que dende o comezo foron conscientes da complexidade de facer a tradución xa que “a simplicidade
da súa obra é enganosa”, que o punto de partida foi unha primeira tradución feita polo propio poeta e que resultou de gran dificultade na tradución atopar termos axeitados.


Recompilación de cincuenta e un escritos de Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, O Courel, Lugo, 1930-Santiago de Compostela,1999) sobre a cidade de Lugo e que foron elaborados entre 1955 e 1999. Esta publicación, subvencionada pola Deputación e o Concello de Lugo, acolle obra esquecida e dispersa do autor, doce textos inéditos, catro poemas e oito textos en prosa. Iniciase cunha introdución (pp. 9-41) a cargo de María Pilar García Negro, na que fai un fondo estudio sobre a obra de Novoneyra e a súa conexión coa cidade de Lugo abordando, entre outras cuestións, o diálogo do autor coa cidade, a ligazón con Ánxel Fole e Luís Pimentel e a presenza do amor naquellos días. A antoloxía estrutúrase en “Poemas” (pp. 45-87), “Outros poemas” (pp. 89-99), “Escritos en prosa” (pp.101-131) e “Apéndice” (pp. 135-137), e os distintos textos que se recompilan van acompañados dos óleos da serie “A Muralla” de Xesús Blas Lourés e das pinturas Tino Grandío.

Recensións:


Coméntase desta antoloxía que recolle doce textos inéditos, oit o en prosa e catro en verso, que o poeta Uxío Novoneyra lle dedicou á cidade de Lugo. Indícase que, ademais da reprodución do manuscrito orixinal, conta cunha “fonda e completa” introdución de Pilar García Negro moi útil para os lectores na que fala do diálogo do autor coa cidade, da ligazón con Ánxel Fole e Pimentel e da presenza do amor.

Referencias varias:


Informa da publicación desta obra que recolle catro poemas e oitos escritos en prosa inéditos de Uxío Novoneyra sobre a cidade de Lugo.


Dáse conta da presentación en Lugo a cargo de Pilar García Negro desta recompilación de escritos.

Refírese á publicación desta recopilación na que por vez primeira se reúne a obra dispersa de Uxío Novoneyra. Dise que se trata de doce textos inéditos: catro poemas e oito escritos en prosa.


Indícase que Alvarellos Editora reuniu baixo o título de *Gran Lugo de nebra* textos inéditos de Uxío Novoneyra relacionados coa cidade de Lugo e que presenta a obra gráfica do pintor Blas Lourés, reproduccións de pinturas de Tino Grandío e unha introdución a cargo da profesora Pilar García Negro. Avánzase que o vindeiro título obxecto de rescate será *Viaje a Lugo*, con textos de Álvaro Cunqueiro dedicados a Lugo.


Alúdese a publicación da obra *Gran Lugo de Nebra* con algúns textos inéditos de Uxío Novoneyra e tamén se fala da morte de Francisco Fernández del Riego e do seu traballo colosal en favor de Galicia.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate do ano. No caso das obras debidas ás Letras Galegas, destácase *Gran Lugo de nebra*, unha antoloxía de versos e prosas dedicados a esta cidade.


Nomea dous títulos sobre poeta Uxío Novoneyra: *Grande Lugo de Nebra* publicado pola editora Alvarellos e *Falorpiñas de neve e cartas a Manuel Maria* por Follas Novas Edicións. Do primeiro apunta que recolle medio cento de textos escritos por Novoneyra entre 1955 e 1999 que teñen como eixo a cidade de Lugo. Salienta o “longo e documentado estudo” da profesora Pilar García Negro.


Reedición deste libro de conversas entre Emilio Araúxo (Coles, 1946) e Uxío Novoneyra (Parada do Courel, 1930-Santiago de Compostela, 1999) que se publicou na editorial compostelá Noitarenga en 1998 e está descrito no apartado correspondente do **Informe 1998**. Os debuxos de Laxeiro na capa e contracapa da primeira edición

544
substituíronse por unha caligrafía do poeta courelán e uns peritextos editoriais respectivamente. Luego duns versos, reproducéuse a entrevista que tivo lugar en 1997 na capital galega, estruturada en sete apartados. No primeiro, “Situación”, Novoneyra opina sobre o estado actual da arte poética. “Guerra” é o seguinte epígrafe, algo máis extenso, e no que se fala da infancia, asociada sempre ao conflito da guerra civil. Á par que activa o recordo dos seus antepasados (familia, casa natal, vivencias,...) repara na relación entre a vida e a súa obra, onde a “gran obra centradora” é a Lingua-Fala. Nos catro bloques seguintes (“Fusión: Os eidos”, “Distancia: Tempo de elexía”, “Drama: Do Courel a Compostela” e “Promesa: Poemas da doada certeza”) fálsese de cuestións referidas a cada un dos poemarios. Neles trátase, entre outros temas, da acollida que tivo o seu primeiro poemario (no que tamén se reproduce unha “Escolla de testemuñas”), do concepto de “Terra”, dos recursos poéticos empregados, do desencadeamento das Elexias do Courel, os cambios ao redor do ritmo e a frase en Do Courel a Compostela, a relación tecida entre o discurso poético e o político ou a práctica do poema caligráfico. Pecha o libro de conversas o epígrafe “Outro”, no que Novoneyra reflexiona sobre a historia e o momento actual da poesía galega e manifesta cal debe ser a función social dos poetas, dos que considera que “xa non están tan confinados na propia Lingua (anque esta segue sendo o seu verdadeiro sitio)”. Esta segunda edición prescinde do álbum co que remataba a primeira.

Referencias varias:


Sinala que Dos soños teimosos, de Emilio Araúxo, anuncia xa dende o seu título a constante política da xeración de Novoneyra marcada pola guerra civil e o franquismo, así como polas loitas de liberación nacional nas antigas colonias e a veciñanza do socialismo real. Explica que as conversas con Araúxo pasan d’Os Eidos e dos seus documentos críticos anexos, a tratar Tempo de elexía, momento da superación da mirada cara ao natural, empezo dunha solidariedade cos outros e da comprensión “de que non hai unha solución individual para a dor”. Indica que o encontro coa poesía de María Mariño ocupa algunha das mellores páxinas do libro e que as preguntas de Araúxo sitúan histórica e filosoficamente as reflexións de Novoneyra, ademais de arrincar unha análise da súa obra e incitar a enxergar unha estética que o courelán desenvolve sen sistema pero con forte coherencia. A seguir, refirese a A distancia do lobo. Biografía de Uxío Novoneyra, de Antón Lopo; e A casa, o val, a patria humilde! Celebración de Uxío Novoneyra, editado por Iris e Lois Cochón. Conclúe dicindo que se trata de tres aproximacións a unha figura imprescindíbel da segund metade do século XX, á vez que amosan tamén as tensións e pactos dun sistema literario dunha nación dependente.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Entre outras obras destaca a reedición das conversas Dos soños teimosos.

Sección fixa dos suplementos onde se acolle un breve descritor de distintas obras, entre elas Dos soños teimosos, que acolle unha conversa entre Uxío Novoneyra e o seu editor e amigo Emilio Araúxo.


Iníciase o volume cunha nota do editor, Henrique Alvarellos, na que sinala que este libro recupera, na súa versión en galego, a edición feita en 1991 para a editorial Vía Láctea (col. “Merlín e familia”, n.º 2) polo propio Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, O Courel, Lugo, 1930-Santiago de Compostela,1999) da súa obra bilingüe (castelán-galego) Elegías del Caurel y otros poemas (1966) publicada por Edicións Rialp. Engádese que este texto poético aparecería finalmente dentro do ensaio Uxío Novoneyra e os motivos de Circe (1998), de Xulio Calviño. A continuación segue a “Autopoética” de Novoneyra, na que aparecen algunhas das reflexións que, sobre as elexías e o seu proceso creativo, foi facendo o poeta do Courel ao longo da súa vida. Despois desta autopoética, inclúense cincuenta composicións de extensión desigual, moitas delas dedicadas a escritores galegos como Rosalía de Castro, Carlos Maside e Luís Pimentel. Trátase de elexías nas que Novoneyra mostra a súa admiración e respecto. Outro conxunto de poemas ten como núcleo temático a paisaxe do Courel en relación á soidade e á reflexión do escritor. O amor e as preocupacións existenciais tamén fan acto de presenza nesta obra que vén acompañada dun CD que recolle un recital que Novoneyra ofereceu en Lugo no salón de actos do Instituto Masculino en 1982 nunca publicado.

Referencias varias:


Entre as achegas que diversas editoriais e autores ofrecen sobre a figura de Uxío Novoneyra, destácanse Tempo de Elexía e Folerpas de Novoneyra, de Fran Alonso, das que se fai unha descrición dos contidos de ambos volumes. Repárase no primeiro caso no documento sonoro que se anexa á publicación en forma de CD e explicase a súa procedencia. Opina que este poemario ben merecía “unha edición tan requintada e coidada”.


Informa dos libros que enchen as librarias do país para homenaxear ou lembra á figura do Día das Letras Galegas 2010. Entre as publicacións coméntase Tempo de elexía, de Alvarellos Editora.
Fai memoria do poeta Uxío Novoneyra, ao tempo que recomenda que quen queira escoitar a súa voz se faga co libro *Tempo de Elexía*, que inclúe un CD no que se reproduce un recital de poeta, que gravou o daquela rapaz Henrique Alvarellos. Ao final, fai unha lembranza de 1968, ano no que coñeceu ao poeta en Pontevedra.


Faise eco da presentación en Lugo dunha nova edición do poemario *Tempo de elexía*, de Uxío Novoneyra, da man da Editorial Alvarellos. Indícase que Branca Novoneyra definiu este libro do seu pai como “un libro diferente e de especial transcendencia” na obra poética do escritor; que non entende porque se reduce a poesía de seu pai a *Os Eidos* e indignase se o fan, sobre todo, para “minimizalo e reduciio”. A filla afirmou ademais que a familia ten como obxectivo que a obra de Novoneyra “quede axustada e contextualizada” e considera que este libro “conecta mellor cos novos” ao non ter a carga social doutros poemarios.


Entrevista a Henrique Alvarellos, director de Alvarellos Editora, quen fala da liña editorial da súa empresa, ao tempo que comenta que sacaron á venda o audio-libro *Tempo de elexía*, para sumarse á homenaxe a Uxío Novoneyra. Apunta que a editorial naceu en Lugo en 1977, pero traballan en Santiago dende hai cinco anos. Tamén comenta que na Feira do Libro de Santiago haberá un stand monográfico sobre Compostela, creado xunto con outras editorialiais máis (Sotelo Blanco e Positivas) baixo o nome de “Editores en Compostela”. Para rematar, fala dos seus proxectos máis inmediatos.


Presenta a nova edición de *Tempo de elexia*, de Uxío Novoneyra, que ve a luz da man de Alvarellos Editora. Indícase que este libro se publicara na colección “Adonais” de Rialp en 1966. Resume as palabras da nota inicial que acompaña o libro, asinada por Henrique Alvarellos, e considera que é unha edición “moi coidada”, que achega un Novoneyra “peculiar, menos telúrico e máis social”. Para rematar, fai alusión á gravación inédita dun recital de Novoneyra que acompaña ao volume.


Reproducción do texto feito para a presentación da edición de Alvarellos Editora de *Tempo de elexia*, e lido no IES Lucus Augusti o 23 de abril de 2010. Nel apunta que o poemario de Uxío Novoneyra é o libro máis próximo á súa xeración e considera que a
unión entre poesía e vida foi unha “teima da que nunca desistiu”, manifestando ademais que a lingua era para o poeta “unha forma de vida” ao expresar unha visión diferencial da realidade. Sobre estas premisas, realiza unha defensa da lingua galega na liña do poeta courelao, afirmando que con Tempo de elexía, Novoneyra encontrou unha vía para vivir “intensamente sen negar as súas raíces”.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Entre estas obras destaca a reedición do poemario Tempo de elexía.


Manifesta que agarda unha edición crítica e canónica da obra de Uxío Novoneyra e que, mentres tanto, goza coas lecturas de libros como Tempo de elexía, publicado “con bo gusto”. Ademais de verquer a súa opinión sobre a poesía do courelao, indica que tamén le “con devoción, o prólogo do profesor Arturo Casas, na antoloxía de Galaxia”, aproveitando para opinar que “o noso país non pode renunciar ao alto discurso nunca”. Entre outras lecturas, alude á biografía que Antón Lopo fixo de Uxío Novoneyra cunha prosa “talentosa”. Con todo, afirma que o máis alto recoñecemento que lle debemos ao poeta do Courel é ler os seus textos e “redifundilos en cada lectura”.


Entre outras novas, informa que a asociación Teense pola Igualdade celebrou de forma festiva as Letras Galegas cunha cea que contou con Henrique Alvarellos Casas como conferenciante, que vén de editar o libro sobre Novoneyra Tempo de elexía. Ademais, indica que dentro do mesmo programa, a asociación ten programada a representación da obra Se o sei... non volvo á casa, da compañía melidense Teatro Charamela.
Monografía sobre Uxío Novoneyra (O Courel, 1930-Santiago de Compostela, 1999) de Fran Alonso (Vigo, 1963) que consta de trinta capítulos breves, numerados e titulados, nos que se trata a vida e obra do poeta do Courel, mediante simpáticas anécdotas, e se proporcionan datos históricos e socio-económicos da época. A continuación no “Epílogo do autor” coméntase que este libro “naceu coa intención de constituir unha primeira descuberta, de revelarlle aos lectores e lectoras infantís os pequenos segredos do poeta, do mundo que habitou e, sobre todo, da súa poesía”, pero que tamén é unha biografía que busca a “conciliación permanente entre a vida e a obra de Novoneyra”. Sinálesese que a monografía bebe de toda a información publicada sobre Uxío Novoneyra, tanto en libros como en artigos, entrevistas, cartas e estudos de investigación literaria. A seguir, no apartado “Uxío Novoneyra na rede”, ofrécese unha listaxe de páxinas en liña onde se poden consultar datos do autor, así como vídeos nos que este aparece recitando os seus poemas e os lugares destacábeis da súa vida e obra. Deseguido aparece o apartado “Cronoloxía” onde se recollen os datos máis destacábeis da vida e da obra do poeta entre 1930 e 1999, resumidos e ordenados cronoloxicamente. Finalmente, no apartado “Antoloxía poética” recóllense unha serie de poemas, os máis sobresaíntes da súa obra, como mostra para os máis novos da súa poesía. Na cuberta, a cor, aparece un retrato de Novoneyra feito por Manuel Uhía e no interior hai fotografías cedidas pola familia do escritor acompañando os textos. Tamén está descrito no apartado VII.1.1. Literatura Infantil e Xuvénil deste Informe.

Recensións:


Recoméndase a lectura de Folerpas de Novoneyra. Biografía e antoloxía, de Fran Alonso, porque non lle parece doado recoller nun volume a figura do autor e unha achega poética representativa sen perder a perspectiva de que está dirixida ao público máis novo. Coméntase que divide o texto en breves capítulos, introducidos por amenas anécdotas, e cada un centrado nun episodio importante da vida do courelao, como por exemplo, a súa relación cos escritores da época ou o seu compromiso coa lingua. A continuación, apúntase que Alonso elixe unha escolma representativa para o alumnado de educación primaria, na que se achea o pensar do poeta, o seu gusto pola variedade de recursos, polos simbolismos e pola fala courelá.

Referencias varias:

Entre as achegas que diversas editoriais e autores ofrecen sobre a figura de Uxío Novoneyra, destácanse *Folerpas de Novoneyra*, de Fran Alonso, e *Tempo de elexia*, dos que se fai unha descripción dos contidos de ambos volumes. Do primeiro dise, entre outras cousas, que se fai unha visión interpretativa que “descobre ou redescobre” as obras literarias e as vivencias nos distintos lugares nos que viviu o escritor. Repárase tamén na “atinada e representativa” escolma poética incluída no libro.


Salienta que Fran Alonso, no seu libro *Folerpas de Novoneyra*, unha biografía e antoloxía para o lectorado máis novo, di que Novoneyra cría que nacera para traballar a palabra, para ensanchala, imprimirlle beleza, comunicala, transmitila, dicila, escribila e reinventala. Precisa que se tratan algúns trazos da figura humana e literaria de Uxío Novoneyra.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Entre todas estas publicacións destaca a biografía *Folerpas de Novoneyra*, que tamén é antoloxía.


Comenta que *Folerpas de Novoneyra* é a terceira biografía que escribe e confesa que a escribiu porque hai tres anos xa publicou a biografía de María Mariño, coa que rompeu as dificultades que supuxa enfrentarse a unha biografía, xénero que nunca pensou cultivar. Malia o dito afirma que desta vez lle resultou máis doada a tarefa porque o traballo de campo xa estaba feito. Sinala que escribir unha biografía supón que o escritor poida ver cos ollos doutra persoa, polo que para el Novoneyra non é a mesma persoa antes de comezar o traballo que despois de rematado. Afirma que descubriu con el un xeito novo de sentir a poesía.


Comenta o protagonismo que se deu a Uxío Novoneyra, tras a súa homenaxe no Día das Letras, salientando títulos de ocasión como *Folerpas de Novoneyra*, de Fran Alonso, considerada unha obra idónea para achegar o escritor ao lectorado novo.

Contribución do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades para un mellor coñecemento da vida e obra do poeta Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, O Courel, Lugo, 1930-Santiago de Compostela, 1999), co gallo da celebración do Día das Letras Galegas 2010. Trátase dunha miscelánea de textos biográficos, poéticos, de autopoética, de prosa varia, caligráficos, epistolares, académicos e algún texto inédito do autor. Reproducense os versos “A casa! o val! a patria homilde!” e “Chove pra que eu soñe...” na cuberta e na portada respectivamente. Ábrese cun apartado titulado “Alalá” asinado pola viúva do escritor, Elba Rey, a modo de lembranza e enxalzamento da súa figura persoal e literaria. Na “Nota de edición” que segue agradécese especialmente a colaboración de Elba Rey, xa que segundo se indica forneceu os editores da obra de varios textos inéditos en prosa, poesía e informacions de primeira man. O primeiro apartado confórmas unha crono-bio-bibliografía pormenorizada sobre o autor homenaxeado, acompañada de fotos representativas de diferentes etapas vitais. Séguelle un apartado no que se recollen as diferentes publicacións (revistas, xornais e boletins) nos que foron aparecendo poemas soltos de Novoneyra, clasificados segundo se publicasen en prensa ou libros colectivos. No terceiro apartado recólense cincuenta textos inéditos en prosa, entre os que se atopa o seu discurso na Feira do Libro en Vigo en 1982, un recital en Xenebra en 1998 ou outro dedicado aos profesores de EXB agradece o seu labor como normalizadores lingüísticos. No cuarto apartado inclúese cinco textos poéticos inéditos, seguidos dun quinto capítulo no que se acollen textos epistolares de autoria propia ou escritos por compañeiros do autor como Carlos Maside e Manuel Cuña Novás. O sexto apartado abrange os seus mecanoscritos e caligráficas poéticas e, por último, un séptimo apartado recolle algunhas das súas notas de autopoética. Engádese finalmente un “Apéndice” con varios documentos académicos, cedidos polo IES Lucus Augusti, como o certificado de nacemento do autor, unha ficha do instituto, un dos seus exercicios de ingreso, o seu expediente académico e as súas notas. Péchase cun colofón que di “A casa! o val! a patria homilde!” *Celebración de Uxío Novoneyra (1930-1999)* saíu do prelo de Grafísant, o día de san Mario, 19 de xaneiro do ano 2010, cando o autor cumpriría LXXX anos. TAMQUAM CENTRUM CIRCULI”.

**Recensións:**


Tras lembrar a próxima dedicatoria do Día das Letras Galegas 2010 a Uxío Novoneyra, recomendase a lectura da monografía publicada polo Centro Ramón Piñeiro *Celebración de Uxío Novoneyra (1930-1999)*, un traballo colectivo baixo a edición de Luís Alonso Girgado, Alexandra Cillero Prieto e Élida Abal Santorum. Descríbese o contido do volume e destácase o seu interese ao engadir textos en prosa inéditos e outros documentos relacionados coa súa traxectoria profesional e persoal, como manuscritos caligráficos e textos epistolares.

Reprodúñense as palabras de Luís Cochón na presentación en Pontevedra de A casa! O Val! A patria homilde! Celebración de Uxío Novoneyra (1930-1999), nas que comeza evocando a figura de Novoneyra, de que salienta a depuración que experimentou a súa creación até o final da súa vida. Tamén se refire á excelencia do seu logro poético, á súa memoria portentosa para aprender todos os poemas que escribiu e dos autores que admiraba. Da obra sinálase que reúne escritos inéditos ou non definitivos, como o poema “Muller con pico de paxaro”, autopoéticas en prosa e pregóns, que son os que ocupan a maior parte do volume. Do contido destes textos saliéntase o canto á Terra, a lingua, a patria; do estilo, destácanse a recorrência e énfase para incidir na mensaxe que quere transmitir.

Referencias varias:


Infórnmase sobre as novidades editoriais que saen do prelo co gallo da celebración do Día das Letras Galegas que este ano está dedicado ao escritor Uxío Novoneyra. Entre elas faiña referencia ao volume editado polo Centro Ramón Piñeiro co título de A casa! O val! A patria homilde! Celebración de Novoneyra (1930-1999), baixo a coordinación de Luís Cochón, e describese o contido do mesmo.


Fálase sobre a primeira novidade institucional que se publica co gallo do Día das Letras Galegas. Dise que o volume recomplatorio Celebración de Novoneyra (1930-1999) está publicado polo Centro Ramón Piñeiro e que se trata dunha miscelánea de textos en prosa do autor courelán e doutros documentos interesantes relacionados coa súa vida e obra. Ademais dise que os recompladores dos textos, Luís Cochón e Luís Alonso Girgado, agradecen a colaboración da viúva do autor, Elba Rey, e que presentaron o volume xunto co Conselleiro de Educación, o Secretario de Política Lingúística e o Director Xeral de Cultura. Por último, recóllense as palabras dos dous recompladores sobre a importancia do escritor dentro da cultura galega.


Recóllense as palabras de Luís Cochón sobre a figura de Uxío Novoneyra e a súa obra tras a publicación do volume recomplatorio Celebración de Novoneyra (1930-1999). Coméntase que nesta obra se recollen moitos textos en prosa inéditos de Novoneyra e que este autor foi sempre un gran defensor da lingua galega. Indícase tamén que a obra foi presentada no Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, en Santiago de Compostela.

Comenta que *A casa, o val, a patria humilde! Celebración de Uxío Novoneyra*, supón o número catorce dos cadernos Ramón Piñeiro editado por Iris e Lois Cochón e que recolle unha serie de escritos circunstanciais “case inéditos” do autor (“arenegas nacionalistas”, declamación de versos con pequenas leccións de historia de Galicia, escolma de cartas, entrevistas…). A seguir, refírese a *Dos soños teimosos*, de Emilio Araúxo; e *A distancia do lobo. Biografía de Uxío Novoneyra*, de Antón Lopo. Conclúe dicindo que se trata de tres aproximacións a unha figura imprescindible da segunda metade do século XX, á vez que amosan tamén as tensións e pactos dun sistema literario dunha nación dependente.


Coméntase a presentación do volume *A casa! O val! A patria homilde!*, que conforma o número XIV da serie “Cadernos Ramón Piñeiro”, e que é un libro homenade a Uxío Novoneyra co gallo do Día das Letras 2010. Sinálase quen foron os asistentes ao acto de presentación e despois lémbrase como o autor do artigo lia algúns dos poemas d’*Os Eidos* na emisión radiofónica “Tempos de Poesía” que se emitía en língua galega semanalmente em Radio Pontevedra, durante os anos 1966 e 1967. Por último céntrase nas consideracións sobre o emprego da lingua galega que defendía Uxío Novoneyra e das súas críticas á normativa propugnada polo Instituto da Lingua Galega, a Real Academia Galega e a Xunta de Galicia.


Entrevista a Manuel C. Matalobos, vicedirector do IES Lucus Augusti, centro no que se presenta un libro sobre o poeta Uxío Novoneyra, *Celebración de Novoneyra (1930-1999)*, editado polo Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades da man de Luís Girgado e Luís Cochón. Dise que se trata dunha iniciativa que se leva a cabo en homenade a Uxío Novoneyra xa que estudou os sete cursos de bacharelato no centro e este ano é o autor do Día das Letras Galegas. Tamén se di que se presentan outras obras e traballos sobre o autor.

Dise que se presenta no IES Lucus Augusti unha obra do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades sobre Uxío Novoneyra, ex alumno do centro, editada por Luís Girgado e Luís Cochón. Sinálase que numerosos representantes da vida social e cultural lucense estaban presentes no acto ao igual que os dous autores e o director do centro escolar.


Lembra como coñeceu a Uxío Novoneyra en Compostela no ano 1991 e o posterior contacto que seguíron mantendo. E dise que no monográfico Cadernos de Ramón Piñeiro (XIV) dedicado á figura de Uxío Novoneyra atópase en “Inéditos” un texto en prosa que o poeta dedica aos docentes polo seu labor como normalizadores lingüísticos.


Infórmase da publicación do volume recompilatorio de textos e documentos relacionados coa figura homenaxeados no Día das Letras Galegas, Uxío Novoneyra, por parte do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, co título Celebración de Uxío Novoneyra (1930-1999). Dise que o volume conta coa colaboración da viúva do poeta, Elba Rey, e que a heteroxeneidade dos textos recompilados constituí unha visión global da dimensión multifacética de Novoneyra. Coméntase que se inclúen tamén textos caligráficos e cartas do autor, así como unha crono-bibliografía que permite descubrir a traxectoria persoal e profesional do autor en profundidade.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxead no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Destaca, entre outras obras, a recompilación de inéditos en A casa o val! A patria homilde! Celebración de Uxío Novoneyra (1930-1999).


Fala da presentación de Celebración de Uxío Novoneyra por parte do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, na que se achegan prosas inéditas ademais doutros documentos relacionados co poeta. Tamén se destaca que Novoneyra simultaneou o seu labor poético coa presidencia da Asociación de Escritores en Lingua Galega.


Monografía sobre Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, O Courel, 1930–Santiago de Compostela, 1999), con novos datos e textos que complementan a *Celebración de Uxío Novoneyra (1930-1999)*. O libro abre cunha cita de Xosé Luís Méndez Ferrín e unha pequena “Presentación” na que os editores din que esta monografía é unha continuación de *Celebración de Uxío Novoneyra (1930-1999)*, xa que simplemente engade datos e textos nos mesmos apartados que o primeiro volume; por outra banda, agradecen a colaboración da viúva do poeta, Elba Rey, da Biblioteca Penzol e das persoas que colaboraron na construción do libro; e destacan a necesidade da publicación dunha edición intacta da súa poesía. Divídese en seis partes diferenzadas: “Uxío Novoneyra: Crono-bio-bibliografía. Datos complementarios”, “Inéditos. Prosa”, “Inéditos (ou case). Verso”, “Achegas epistolares”, “Sobre autopoética. (Autocritica, metapoética, poética propiamente dita) e “Epílogo”. No primeiro apartado achéganse, de maneira cronolóxica, unha serie de datos que non aparecían no primeiro volume sobre a súa vida e obra; e unha pequena bibliografía onde se recollen libros e estudios sobre Novoneyra, tanto inéditos coma reedicións, publicados todos eles en 2010. A segunda parte consta de corenta e un discursos ou textos inéditos que, na súa maioría, están centrados na obra literaria ou pictórica de figuras tan destacadas coma Ánxel Fole, Díaz Castro, Fernán Vello, Álvaro Cunqueiro, Xosé Luís Méndez Ferrín, Luís Seoane, Manuel Lueiro Rei, Cuña Novás, Lourés e Manuel Coia, entre outros. O terceiro punto consta de once textos poéticos, dos que cinco ou seis son inéditos e os demais viron a luz en revistas ou opúsculos pouco dispersos. O cuarto punto divídese, á súa vez, en tres subapartados: no primeiro aparecen dez misivas que lle enviou a Ramón Piñeiro, acompañadas de poemas, algúns inéditos e outros aparecidos n’*Os Eidos* ou nas *Elexías do Courel*, variantes na maioría dos casos; no segundo, oito cartas que lle enviou a Ramón Otero Pedrayo; e no terceiro algunhas cartas de Manuel María, Patiño, Cuña Novás, Méndez Ferrín, Isabel Escudero e Agustín García Calvo e do propio Novoneyra. O quinto apartado contén once textos do poeta courelano nos que fala do seu oficio e pon no papel o que pensa da súa poesía. Remata cun epílogo no que se recolle parte do discurso do académico Manuel González González titulado “Uxío Novoneyra coa lingua do seu pobo” no que, como o seu propio título indica, fala da cuestión da lingua en Novoneyra, quen empregaba e recomendaba aos novos escritores galegos un galego individual, comarcal, local, en definitiva, unha lingua que os identificase como pobo.

**Referencias varias:**
Nomea dous títulos sobre poeta Uxío Novoneyra: Grande Lugo de Nebra publicado pola editora Alvarelos e Falorpiñas de neve e cartas a Manuel María por Follas Novas Edicións. Tamén apunta a saída do prelo do volume Celebración II publicado polo Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades con novas achegas bio-bibliográficas, unha trinta de pregóns, dez cartas inéditas a Ramón Otero Pedrayo e unha ducia a Ramón Piñeiro, ademais de reproducir novas versións de poemas coñecidos ealguns orixinais manuscritos.


Volume que consta de dous cadernos inéditos, un poético e outro epistolar, de Uxío Novoneyra (Parada do Courel, 1930–Santiago de Compostela, 1999). Conta cunha especie de limiar dos editores titulado “A rota solta”, dividido en tres partes: na primeira falan da temática do libro y das súas divisións; a segunda trata da súa escrita e da língua que empregaba nos seus poemas, chea de formas dialectais e, incluso, idiolectais; finalmente, na terceira afirman que esta edición é respectuosa cos textos orixinais e indican que “falarpiña” é unha formación esporádica entre “folerpiña” e “falopiña”. O primeiro caderno está encabezado por unha dedicatoria do poeta aos seus pais e ao académico Juan Naya e leva algunhas notas de carácter léxico a rodapé. Contén o facsímile do orixinal, manuscrito a lapis, e a transcrición dos poemas, case todos titulados e ordenados en once apartados integrados por un, dus ou tres poemas, todos eles están datados en 1952 e formaron parte da xestación d’Os eidos (1955). O segundo caderno reproduce un epistolario, dirixido a Manuel María e gardado nunha lacena da cociña da súa casa de Parada de Moreda, que contiña once misivas moi deterioradas, de feito hai unha que foi imposíbel recuperar, escritas entre 1953 e 1954, e que tiñan correccións a lapis do propio Novoneyra, quen chega a suprimir parágrafos enteiros. As cartas versan sobre a súa estancia no Courel, debido aos seus problemas de saúde, e os seus sentimentos de desacougo e soledade; pero tamén sobre unha “pastora” da que está namorado e que é a súa única alegria e sobre o que está a escribir.

Referencias varios:


Coméntase que Libros da Frouma sacou do prelo Falorpiñas de neve. Cartas a Manuel María, que contén poemas inéditos e a correspondencia que Uxío Novoneyra mantivo con Manuel María durante a súa convalecencia de pleuresía no Courel. Indícase que o caderno Falorpiñas de neve, dedicado a seus pais, compone de poemas que, na súa maioría, pasaron a Os eidos en novas versións e a edición facsímile do orixinal, un
manuscrito a lapis con dezaoito textos. Sinálase que as cartas, redactadas entre 1953 e 1954, foron atopadas moi deterioradas nunha lacena da cociña da súa casa do Courel, polo tanto, son once misivas das que algunhas foron totalmente irrecuperábeis. Destácase que as cartas falan da súa enfermidade e a súa desgana que provocou un longo silencio creativo no autor até os anos sesenta, pero tamén da súa única alegria: unha “fiandeira” da que estaba namorado. Salientase que nestas cartas tamén aparecen datos importantes como que está a traballar naquel momento en dous títulos de literatura dramática en galego: “O ollo da noite” e “A noite é máis que unha pecha escuridade”, dos que non sabemos se se tratan dunha única peza ou de dous textos diferentes.


Referencias varias:


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Destaca entre as antoloxías poéticas Esta coor da soidá. (Escolma poética).

Nomea dous títulos sobre poeta Uxío Novoneyra: *Grande Lugo de Nebra* publicado pola editora Alvarellos e *Falorpiñas de neve e cartas a Manuel Maria* por Follas Novas Edicións. Do segundo indica que reúne o poemario escrito contra 1952 e as misivas cruzadas entre os dous poetas lucenses, Novoneyra e Manuel maria, entre 1953 e 1954.


Epistolario en edición facsimile de cincocentos exemplares numerados que contén corenta e cinco cartas inéditas de Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, O Courel, 1930–Santiago de Compostela, 1999) a Ramón Piñeiro, remitidas entre 1953 e 1972, composto por dous volumes. O primeiro está introducido por un prólogo de Henrique Monteagudo e unha nota dos editores. No prólogo fálase da fonda amizade que había entre os dous escritores, xa que Ramón Piñeiro é o autor do límiar (no que se di que se coñeceron en 1952, cando Novoneyra chegou a Compostela para facer o servizo militar) d’*Os Eidos* (1955), poemario dedicado a Carlos Maside e ao propio Piñeiro. Coméntase a temática que tratan as cartas, anúnciase que o epistolario contén un apéndice con dous poemas e agradécese a colaboración das familias de Ramón Piñeiro e Novoneyra, da Fundación Penzol e dos editores. Na nota dos editores disse que a transcrición das cartas foi respectuosa cos orixinais, polo que se mantiveron as características da escrita do poeta, que sempre mantivo os riscos da fala courelá; só se corrixiron erros evidentes e se engadiron comas ou acentos xustificados, o que non resta fidelidade aos orixinais. Nesta nota tamén se fai referencia ao volume, xa publicado, *Ramón Piñeiro: Epistolarío lugués*, no que aparecen as cartas que Piñeiro lle enviou ao poeta courelao, polo que se pode deducir que Novoneyra escribía o triplo que o seu interlocutor; e tamén ás cartas que Novoneyra lle enviou a Piñeiro e que contiñan primitivas versións de poemas que aparecerian despois n’*Os Eidos* e nas *Elexías*. A continuación aparece a transcrición das corenta e cinco cartas, acompañadas de notas, nas que se falan de diversos temas ou impresións sobre obras como *Os Eidos* (1955); a tradución ao galego do *Cancioeiro da poesía celta* (1951), de Pokorny; *Significado metafísico da saudade* (1951), de Ramón Piñeiro; *Merlín e familia* (1955), de Álvaro Cunqueiro; o volume IV da *Escolma de poesía galega* (1955) arranxado por Francisco Fernández del Riego; *Terra Brava* (1955), de Anxel Fole; *Sombra do aire na herba* (1959), de Luís Pimentel; *Diccionario Enciclopédico Gallego-Castellano* (1961), de Eladio Rodríguez; *Palabra no tempo* (1963) e *Verba que comeza* (1982), de María Mariño; de figuras como Celestino Fernández de la Vega, Domingo García-Sabell, Borobó, Xosé María Díaz Castro, Antón Tovar, Aquilino Iglesia Alvariño, Xosé Luís Franco Grande, Arcadio López Casanova, entre outros; de *La Noche*; dos ambientes da resistencia cultural galeguista dos anos cincuenta, en particular, do círculo compostelán e lugués; e da emerxencia dun “antigalaxismo”. Como peche deste primeiro volume, recóllese nun anexo dous poemas titulados “Nova chamada ós galegos” e “Ós [h]erois da Hungria”, o primeiro encargado por Piñeiro para infundir ánimo patriótico á mocidade universitaria progaleguista e o segundo un canto nacionalista e anticomunista referido ao levantamento popular de 1956, esmagado polos soviéticos. O segundo volume recolle os textos orixinais, na súa maioría manuscritos, das cartas.
Referencias varias:


Indícase que se publicaron corenta e cinco cartas neste volume coordinado por Luís Alonso Girgado e Luís Cochón, publicado con motivo da celebración do Día das Letras galegas dedicado ao escritor courelao. Coméntase que ambos os dous xa sacaran á luz diversos materiais de Uxío Novoneyra que nunca foran publicados coma *Libros da Frouma* ou “As cartas con Manuel María”.


Coméntase a recompilación e edición facsímile levada a cabo polo Consello da Cultura Galega de corenta e cinco cartas remitidas polo poeta Uxío Novoneyra a Ramón Piñeiro que permanecían arquivadas na Fundación Penzol. Indícase que a edición está coordinada por Luís Cochón e Luís Alonso Girgado, que presenta manuscritos orixinais das cartas con ilustracións e que inclúe tres poemas.


asemade as publicacións póstumas d’Arrodeos e desvíos do Camiño de Santiago e outras rotas, do que reproduce un fragmento de “A fuxida do Roldán” e un fragmento de “Oración fúnebre a Antón Avilés de Taramancos” extraído de Lingua Loaira (2005), de Olga Novo. Pecha o monográfico o apartado “Vixencia plena”, no que destaca a decisión da Real Academia Galega de lle dedicar o Día das Letras Galegas 2010.

Referencias varias:


Informa da saída a lume deste volume biográfico da autoria de Manuel Amado, como agasallo do xornal La Región. Sinala tamén algúns dos actos que tiveron lugar na cidade auriense, como a lectura de poemas de autores galegos en fronte da casa de Ramón Otero Pedrayo.


Carmen Blanco (Lugo, 1954) ao longo de seis apartados fai unha análise profunda da obra poética de Uxío Novoneyra repasando os lugares máis relevantes na súa vida e a influencia destas diferentes etapas na súa poesía. Así, tras un primeiro apartado introdutorio, “Limiar: terra deitela e ámbito mítico”, no que a autora presenta o libro e dá a coñecer as fontes empregadas para a súa realización, comeza “Un cantor do Courel a Compostela”. É nesta parte do libro na que Blanco, seguindo o itinerario trazado polo poeta na súa vida, irá analizando a obra do autor e a súa evolución. A través deste percorrido aborda a presenza de Novoneyra e as súas estancias no Courel, en Lugo, en Madrid e en Compostela, fases que coincidirán coa estrutura seguida neste segundo apartado para a análise da poesía de Novoneyra. Remata o libro coas “Referencias bibliográficas” empregadas, así como un “Apéndice didáctico” que recolle as diferentes notas feitas pola autora no seu traballo de investigación e análise.

Recensións:


Comeza sinalando que entre a morea de monografías dedicadas ao autor homenaxeado cada ano no Día das Letras Galegas que inzan os escaparates, cómpre salientar as asinadas por especialistas de prestíxio que abordan a figura do homenaxeado con fondura, as de investigadores que malia non tratar con anterioridade a vida e obra do autor correspondente achegan resultados positivos, e, por último, “textículos” ateiñados de tópicos e lugares comúns. Sitúa o traballo de Carmen Blanco, Novoneyra. Un cantor do Courel a Compostela, dentro do primeiro grupo, pois afirma que a profesora lucense leva vinte anos afondando na poética de Novoneyra e o seu ensaio combina o analítico
co creativo. Apunta como reto singular o feito de abordar a traxectoria emotiva e vivencial do poeta a través dos seus versos, poñendo de manifesto como estes dan conta do seu paso polo Courel, Lugo, Madrid e Santiago. Menciona o “Apéndice didáctico” que inclúe o volume, composto pola análise dos poemas “Letanía de Galicia” e “Neva no bico do cume”, e mais a escorelleita bibliografía.


Recolle a publicación do libro da profesora Carmen Blanco, Novoneyra: un cantor do Courel a Compostela e fai unha pequena introdución do autor homenaxeado nas páxinas do libro, Uxío Novoneyra, destacando que o poeta “fixo do lírico a base do seu universo”. Destaca as claves da obra publicada na que se relaciona a producción do autor cos espazos intimamente ligados a el. Remata recoñecendo o traballo de Carmen Blanco como un “estudo rigoroso que nos leva en paralelo pola senda biográfica e polos vieiros espaciais que foron marcando, (...) a paixón vital que se proxectou en forma de terra, cidades, aldeas, vales,...”.


Comeza o artigo dando conta da publicación da obra Novoneyra: un cantor do Courel a Compostela. O poeta nos lugares dos seus libros, publicado na editorial Toxosoutos. Tras unha breve reflexión en torno a realización de traballos e estudos sobre a figura de autores ilustres, destaca o labor de Carmen Blanco na realización da obra e agradece o seu traballo que resulta ser unha grande axuda para mergullarse “ nun mundo de corpos tan subxectivos como é o cosmos novoneyriano”. Finalmente, aprecia a linguaxe sinxela, a claridade e a profundidade coa que a obra está feita.

Referencias varias:


Con motivo da participación de Carmen Blanco nas xornadas sobre Novoneyra celebradas en Lugo, sinálase que esta ensaísta e profesora, que acaba de publicar o volume Novoneyra. Un cantor do Courel a Compostela, salientou a importancia da natureza e a terra na obra do courelán. Faise referencia tamén á honra que supuxo para Carmen Blanco e seu home, Claudio Rodríguez Fer, que Novoneyra lles entregase unha edición anotada d’Os Eidos.


Banda deseñada na que Kike Benloch (A Coruña, 1974) e David Rubin (Ourense, 1977) constrúen unha historia na que se desenvolve a existencia paralela de dous protagonistas, Novoneyra e un personaxe ficticio, integrando referencias ao contexto que ambos compartiron. A acción, que abrange dende os anos cincuenta até a
actualidade, comeza en Compostela, cando Celestino está a estudar o bacharelato e asiste a un recital do seu paisano Novoneyra. Axíña consegue o libro, *Os Eidos*, o primeiro na lingua dos pais, e séntese recoñecido naquelas palabras e nos lugares retratados polo poeta. Co paso do tempo, e alleeo ao labor intelectual do poeta do Courel, Celestino abandona os estudios polas dificultades económicas da familia e vive confuso a súa falta de horizontes. Nos tempos do seu servizo militar, Celes segue a ler a Novoneyra e começa a traballar co seu irmán en Madrid, até que en febreiro de 1963 volve ter noticias del e decide retomar os estudios. Nesta nova etapa intégrase nos círculos culturais grazas á súa moza Teresa, coa que casa, ao tempo que segue a traxectoria do seu admirado paisano nuns anos marcados pola clandestinidade e a resistencia cultural. Recóllese tamén o que representou a morte de Novoneyra en 1999 e as dúvidas de Celes na actualidade respecto da transmisión do importante labor arredor da lingua e a cultura galegas. 

As viñetas e imaxes dos personaxes realizadas por David Rubín presentan un deseño clásico en diferentes tonalidades para ubicar no tempo as distintas etapas da vida do protagonista. 

Tamén está descrito no apartado VII.1.1. Literatura Infantil e Xuvenil deste *Informe*.

**Recensións:**


Abéirase ao álbum *A voz herdada*, no que o debuxo de David Rubín e o guión de Kike Benlloch, talvez polo moito que teñen de poetas, teceron unha historia na que explican con lucidez xenial a relación entre o lector, o poema e o autor. Profunda no argumento deste álbum e considera que constitúe un excelente xeito de comprender a Uxío Novoneyra, xa que a través do protagonista, Celes, dásse vida aos textos do poeta do Courel cada vez que o seu maxín volve a eles á procura de si mesmo. Incide en que nós, coma Celes, chegamos a través destas páxinas a Uxío polos seus versos e só dese maneira que o coñecemos, pois desde o recitado en voz alta da primeira mocidade á reflexiva lectura da vellez, é a peripecia de Celes a que nos guía a través da súa traxectoria como escritor, permitindo en ocasións descubrir pequenos detalles da súa vida.

**Referencias varias:**


David Rubín fala nesta entrevista da publicación do cómic *Uxío Novoneyra: A voz herdada*, o seu último traballo, realizado en collaboración co guionista Kike Benlloch para dar a coñecer ao homenaxeado co Día das Letras Galegas 2010, e anuncia que está a preparar *O heroe*, unha revisión do mito de Heracles e as súas doce probas coa intención de humanizar o personaxe. Apunta que presentou o proxecto no festival de Angoulême e ten quince propostas de diferentes países do mundo para publicalo. Refírese tamén ao tempo que traballou en Dygra, até que rescindiu o seu contrato en 2009 por problemas co pagamento, aos seus comezos de cativo como debuxante e ao
seu labor profesional na actualidade, que se mantén grazas aos traballos que publica fóra do país.


Dá conta das actividades que se realizarán dentro da programación cultural realizada para celebrar o Día das Letras Galegas dedicado a Uxío Novoneyra, entre as que destaca unha biografía en formato cómic, *Uxío Novoneyra, a voz herdada*, do debuxante ourensán David Rubín e o guionista Kike Benlloch.


Informa da presentación do programa que a Consellería de Cultura desenvolveu para o Día das Letras Galegas 2010. Precisa que esta consellería mercou para distribuír o 17 de maio a edición bilingüe d’*Os Eidos* que publicou a editora madrileña Ardora. Apunta que se representou o espectáculo poético e de danza do grupo *Tender a man* e o ciclo de concertos de Emilio Cao *Interseccións*. A ollada de Novoneyra: que se editou *Uxío Novoneyra, a voz herdada* e que se mencionou un congreso que a Xunta de Galicia ía realizar xunto coa Real Academia Galega sobre a biobliografía de Novoneyra e outros actos promovidos pola Xunta de Galicia como o musical *Dúas beiras*, a promoción de Novoneyara no programa televisivo *Palabra de autor* e “unha declaración institucional de recoñecemento e posta en valor do libro e da lectura en galego”. Recolle tamén o á parte “Gadis imprime poemas en bolsas da compra”.


Faise eco da inauguración da XXVI Feira do Libro por parte de Teresa Moure e destaca a intervención desta que “non quedou somentes unha invitación ao pracer de ler senón que levou consigo unha auténtica defensa do libro en galego”. A seguir, sinala, dentro das diferentes actividades realizadas durante a feira, a presentación do cómic *Uxío Novoneyra: A voz herdada*, de Kike Benlloch e David Rubín.


Primeiramente recolle a presentación de *Uxío Novoneyra: a voz herdada* na feira do libro de Ourense, a cargo do ilustrador David Rubín e do escritor Kike Benlloch. Sinala ademais que se repartirán sete mil exemplares entre as escolas, bibliotecas e feiras do libro galegas. Entre as intervencións dos diferentes participantes que asistiron á presentación, destaca as verbas do Director Xeral de Promoción e Difusión da Cultura, Francisco López, quen afirmou “que se trata de achegar a figura do autor á cidadanía”.


Entrevista ao creador de tebeos David Rubín con motivo da presentación da obra que ten como protagonista a Solomon Kane, heroë creado por Robert Howard. Destaca que
Esta obra non é un cómic senón un libro de “narrativa con ilustracións”. Por último, fai referencia aos seus proxectos futuros coa publicación dunha “novela cómica” titulada O Heroe, ao mesmo tempo que comenta a acollida da banda deseñada realizada xunto a Kike Benlloch sobre a figura de Uxío Novoneyra.


No limiar titulado “Mirar é rir. Introdución a unha poética”, Arturo Casas fala de Uxío Novoneyra coma un dos maiores representantes da literatura galega do século XX. Afirma que cunha obra escasa e pendente aínda dunha edición crítica en condicións, Uxío Novoneyra permanece atento a unha terra, a courelá, sempre co ton ritual que o caracteriza. Casas recorda a exploración constante da potencialidade da caligrafía, ademais da musical ou fonosimbólica e da tendencia ao sentencioso e breve que ten o escritor. Tamén fai un repaso da súa vida e obra, situando a preminencia do autor no canon literario, destacando a súa crítica xenética, é dicir, o proceso de formación dos textos. Tras este limiar vén a antoloxía poética, formada por textos dos seguintes poemarios: Os Eidos 2, Poemas caligráficos, Muller pra lonxe, Do Courel a Compostela 1956-1986, Tempo de elexía, Os Eidos, De lingua loaria, Poemas de doada certeza i este brillo premido entre as pálpebras, Onde só queda alguén pra aguantar os nomes e Arrodeos e desvíos do Camiño de Santiago e outras rutas. A natureza, as paisaxes, a neve e o bosque son motivos principais na súa obra, xunto coa defensa do seu compromiso nacionalista.

Referencias varias:


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Destaca a antoloxía poética e estudo Uxío Novoneyra.


Informa da publicación de numerosos estudos, biografías e antoloxías sobre o poeta Uxío Novoneyra no ano que se lle dedicou o Día das Letras Galegas. Salienta que moitos destes libros son improvisados e repetitivos, porén salva os estudios de Carmen Blanco, Fran Alonso, Manuel Castelao Antón Lopo e a antoloxía realizada por Arturo Casas da que salienta o limiar que é un “denso e rigoroso estudio sobre a obra do courelao”.


Tamén está descrito no apartado VII.1. Literatura Infantil e Xuvenil. Narradores galegos deste *Informe*.

**Recensións:**


Coméntase que Everest Galicia na colección “Clásicos” publica *Do A ao Z con Uxío Novoneyra,* a cargo de Francisco Fernández Naval e focando a poética do homenaxeado nas Letras Galegas do 2010. Saliéntase que se debuxa o universo poético e cultural de Uxío Novoneyra, que natureza e frescura se dan a man nas composicións, unha para cada letra do abecedario. Dise que hai poemas a escritores, poemas paisaxísticos, poemas sobre a lingua, o nacionalismo, etc. Tamén se recolle a traxectoria do poeta do Courel, que residía “tanto na línda como na Terra” dende as súas palabras, con obras como *Os Eidos, Elexías do Courel e outros poemas* ou *Poemas caligráficos*, mais tamén con títulos destinados ao público infantil, como *O cubil do Xabarín, Gorgorín e Cabezón* ou *Ilda, o lobo, o corzo e o xabarín*.


Fai referencia aos volumes da colección “Clásicos en voces contemporáneas”, reparando na súa estrutura de abecedario e nos seus contidos. Di que están editados
“con mimo” e informa dos outros volumes da colección, dando o nome do autor clásico, xunto co escritor e ilustrador, encargado de facer o libro.

**Referencias varias:**


Lembro como coñeceu a Uxío Novoneyra en Compostela no ano 1991 e o posterior contacto que seguíron mantendo. Recoméndase a lectura do libro *Do A ao Z con ...Uxío Novoneyra* (Everest/Galicia), de Francisco Fernandez Naval, así como do monográfico *Cadernos de Ramón Piñeiro (XIV)*, dedicado á figura de Novoneyra.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Destaca destas publicacións a monografía *Do A ao Z con Uxío Novoneyra*.


Sección fixa dos suplementos onde se acolle un breve descritor de distintas obras, entre elas, *Do A ao Z con ... Uxío Novoneyra*, de Francisco X. Fernández Naval, na que se ofrece a súa visión particular deste poeta homenaxeado no Día das Letras Galegas.


Describe e comenta brevemente toda unha serie de novidades editoriais entre as que se atopan novas entregas da colección “Do A ao Z con…”, que abordan as figuras de Uxío Novoneyra, Castelao e Cabanillas.


Xosé Lois García (Merlan, Chantada, 1945) realiza un achegamento á figura persoal e literaria de Uxío Novoneyra, destacando, como el indica, “aquellos temas que figuran no anonimato ou foron tratados dunha maneira pasiva e minoritaria”. Comeza o estudo cunha introdución na que Xosé Lois García expón de maneira breve os temas e contidos que vai tratar a continuación. O libro consta de trinta capítulos de extensión variada. Son os seguintes: “Perderlle o respecto á poesía”, “O zen na escrita de Novoneyra”, “Presenza do haikú”, “O zen caligráfico”, “Novoneyra gravador”, “Observador das obras de arte”, “O dicidor”, “Diálogo con Airas Nunes”, “Ecos da Berenguela”, “O Courel en Compostelaz”, “O Lugo que coñecei con Uxío Novoneyra”, “Novoneyra en

Recensións:


Ao comentar Uxío Novoneyra revisitado apunta que Xosé Lois García “publicita” a amizade que tivo co poeta courelán, aspecto que lle achega singularidade a este libro que, ademais de conter un estudo literario, contén datos biográficos e interpretativos. Afirma que a estrutura non canónica do volume ten trazos da biografía, o estudo literario e as memorias en sentido estrito. Salienta o material inédito que reproduce: documentos escritos e discursos, fragmentos epistolares e “memoria oral”, os cales dán conta da biografía de Novoneyra e da súa traxectoria “social, política, literaria e artística”. E afirma que o repaso de homenaxe por todo o universo de Novoneyra serve para descubrir e redescubrir outras facetas deste á marxe da literaria.


Comeza afirmando que sempre leu a Uxío Novoneyra reconoecendo nel a un poeta “diferente” ao resto de poetas da súa época, tanto galegos como de fóra e salienta a súa linguaxe “singular e poética ‘per se” e a súa grande dedicación a escribir poesía, sen realizar outras ocupacións como lle ocorreu tamén a Juan Ramón Jiménez e a Rainer María Rilke. Ao comentar Uxío Novoneyra revisitado indica que se manifesta o labor “publicista” de Xosé Lois García para vincular a vida e obra de Novoneyra, destacando o posicionamento político e como o poeta do Courel conciliou o marxismo e o nacionalismo. En referencia ás consideracións finais de Xosé Lois García sobre a decisión da Real Academia Galega de homenaxear o Día das Letras Galegas a Uxío Nononeyra e non a Ricardo Carballo Calero, Vicente Araguas afirma que “amar a Carballo non implica rexeitar a Novoneyra” e que a Real Academia Galega “sígue a se cubrir de estrume” ao non homenaxear a Carballo Calero, quen foi “un dos grandísimos valedores de Galicia, da súa lingua e cultura”.

567
Comeza louvando o labor de Xosé Lois García como poeta, ensaísta e investigador “serio e rigoroso”, como se amosa en *Uxío Novoneyra revisitado*, no que realiza unha achega ao universo “creativo e vital” do poeta do Courel. Explica que esta monografía non é unha achega á biobibliografía de Novoneyra senón un traballo que se suma aos anteriores de Xosé Lois García sobre “a escritura e circunstancia” e sobre o marxismo e nacionalismo presentes en Novoneyra. Precisa que non se trata da “ensaísta ao uso” senón que son “ensaios breves” que se encadran entre a análise de textos, as anécdotas persoais e “a consideración sociopolítica e ideolóxica en sentido amplo”. Nomea varios dos temas que aborda Xosé Lois García e conclúe que esta ollada conforma un mosaico nos que se perfila a Uxío Novoneyra en relación coa paisaxe, a lingua e a terra. Indica que esta monografía reproduce fotografías inéditas da vida e obra de Novoneyra e resalta a fluidez estilística da monografía.

**Referencias varias:**


Apunta unha serie de publicacións recentes recomendadas para ler no 2010. En relación coa literatura galega menciona distintas obras, publicadas todas elas en Edicións Xerais de Galicia, entre as que destaca da colección “Xerais Estudos Literarios” a saída do prelo de *Uxío Novoneyra revisitado*, de Xosé Lois García.


Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, *Uxío Novoneyra revisitado*, de Xosé Lois García.


Saliéntase algunhas novidades editoriais entre as que se menciona *Uxío Novoneyra revisitado*, de Xosé Lois García, como unha das primeiras obras dedicadas ao homenaxead no Día das Letras Galegas.


Conversa con Xosé Lois García na que, entre outros aspectos, fala da súa monografía *Uxío Novoneyra revisitado* na que reflicte a súa amizade co poeta do Courel e na que amosa o seu pensamento e a súa “enxería”. Así mesmo o autor destaca que o legado de Uxío Novoneyra é o coñecemento e o amor pola terra galega, que englobaba baixo o concepto “Patria-Lingua”.

Sección fixa do suplemento na que se acolle un breve descritor de distintas obras, entre elas, Uxío Novoneyra revisitado, de Xosé Lois García, especialista na obra do poeta courelán.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Entres estas obras destaca a monografía Uxío Novoneyra revisitado.


Ábrese cun prólogo de Uxío Novoneyra Rei no que o fillo do poeta do Courel, empregando unha linguaxe que se escapa á normativa actual do galego (que lembra á empregada polo seu pai), fala da profundidade do traballo realizado por Xosé Lois García (Lugo, 1945). Tras esta introdución a obra dividese en cinco apartados: “Os poetas ao redor de Novoneyra”, “A flora e a fauna en Os Eidos”, “Artigos publicados por Xosé Lois García sobre Uxío Novoneyra”, “Poemas de Xosé Lois García dedicados a Uxío Novoneyra” e “Textos de Uxío Novoneyra”. No primeiro deles introducense fragmentos líricos dedicados a Novoneyra de vinte e oito poetas (David Otero, Ramón Raña, Marilar Aleixandre, Xoan Neira, Henrique Rabuña, Francisco Álvarez Koki, Xosé Vázquez Pintor, Francisco Castro, Isidro Novo, Olga Pátiño, Vicente Piñeiro, Ramón Caride Ogando, Antón Cortizas, Xavier Seoane, Xosé Leira, Carlos Oroza, Helena Villar Janeiro, Xesús Rábade Paredes, X.L. Méndez Ferrín, Emilio Araúxo, Salvador García- Bodaño, Manuel María, Luz Pozo Garza, Marica Campo, Vicente Araugas, Darío Xohán Cabana, Emilio Xosé Ínsua e Xabier Rodríguez Barrio), dos cales parte Xosé Lois para contar múltiples aspectos da obra do poeta do Courel. Nestas explicacións aparecen, entre outras, características tan presentes na poesía de Novoneyra como o coñecemento do espazo, a importancia conferida aos elementos da natureza ou a unión entre terra e poeta. En “A flora e a fauna en Os Eidos” analízase o uso e o significado dos elementos da natureza que aparecen no poemario máis coñecido de Novoneyra. Por orde cronolóxica van aparecendo compoñentes, tanto da fauna como da flora, presentes na obra do poeta do Courel, cuxa relevancia vai explicando Xosé Lois García. No seguinte apartado, acóllesese un total de quince artigos da autoría deste autor lugués, alguén deles inéditos como “Os outonos de Novoneyra”, “O banco de Parada á espera da esperanza” e “Os lobos de Uxío Novoneyra nun miniado inglés do século XIII”, que xiran ao redor da obra, personalidade e ideoloxía do poeta do Courel. Neste apartado intercálase unha serie de fotografías relacionadas coa vida do autor courelao. En “Poemas de Xosé Lois García dedicados a Uxío Novoneyra” reproducense catro composicións poéticas de Xosé Lois García dedicadas a Novoneyra, intituladas “Uxío Novoneyra, sempre. (No día do seu pasamento)”, “Polo itinerario da fala con
Uxío Novoneyra (postmortem), “30 de outubro de 2003” e “Invocación á terra que non desterra (+ terra, + Caurel, + Novoneyra”. Na última parte do libro, “Textos de Uxío Novoneyra” recólense dezanove escritos de diversas temáticas do courelao, alguns deles acompañados dunha reproducción de cadanxeu manuscrito “que pertencen a temporalidades moi diversas da historia recente de Galicia”, tales como a homenaxe a Celso Emilio Ferreiro no Ateneo de Madrid, pregóns de diversos actos (Feira do Libro de Vigo do 82, feira do Libro de Compostela do 87) ou o centenario da morte de Rosalía de Castro.

Recensións:


Faise eco da publicación d’ Uxío Novoneyra, Home e Terra en datas próximas ao Día das Letras Galegas, no cal será homenaxeado o escritor Uxío Novoneyra. Comenta que o poeta e ensaísta Xosé Lois García ten deseñado un ensaio-mural resumindo a esencia do poeta do Courel: “home e terra”. Indica que as verbas do proemio do libro son de Uxío Novoneyra Rei e que dentro do mesmo se recolle un álbum fotográfico para mirar cos ollos do propio Novoneyra.

Referencias varias:


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias novidades e obras recentes do sistema literario galego. Nesta ocasión selecciónase entre outras a monografía Novoneyra, home e terra, de Xosé Lois García, un homenaxe ao poeta do Courel.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Destaca, entre outras obras, a monografía Uxío Novoneyra. Home e terra.


Neste conto fantástico-realista de Carme Hermida Gulías (Portela de Lamas-Pardesoa, Forcarei, Pontevedra, 1961) cóntase a historia da loba branca do Courel que, defendendo a súa manada, foi asesinada polos cazadores da aldea e estes arrincárronlle a pel como sinal de triunfo. Pasaron os días e durante as noites os lobos ouveaban tan
preto da aldea que os seus habitantes estaban asustados e decidiron desfacerse da pel da loba branca. Así, os ouveos dos demáis marcharon con ela. En 1930 naceu, no Courel, Uxío Novoneyra e permaneceu ali até o bacharelato. Novoneyra viaxou, estudou Filosofía e Letras, escribiu versos e participou en recitais de poesía. Volveu a Galicia, a Santiago, e comezou a escribir poesía en galego. Regresou ao Courel por mor dunha enfermeidade e ali escribiu *Os Eidos* e, xa curado, *Os Eidos 2*. Co paso do tempo converteuse na imaxe da poesía de Galicia e buscou as formas de difundir a lingua e literatura galegas na sociedade. Morreu en 1999 en Compostela. Cóntase no Courel que a loba branca nunca desapareceu, que se lle aparece á xente en soños. En lugar de asustarlles, ensínalles a cantar, a ler e a recitar para que axente escoite. Cóntase tamén que alguén no Courel, unha mañá cedo, viu saír a unha loba branca da fiestra onde durmía Novoneyra. Ao longo de toda a historia, incorpóranse fragmentos de poemas do courelán.

Tamén está descrito no apartado VII.1.1. Literatura Infantil e Xuvenil deste Informe.


**Recensións:**

Fala da publicación desta biografía novelada de Uxío Novoneyra. Sinala que é un estudo orixinal e que se aparta dos clásicos libros biográficos que cada ano se dedican aos autores homenaxeados no Día das Letras Galegas. Destaca o labor de Antón Lopo, que reconstrúe a vida de Novoneyra, dende a súa estancia no Courel até Madrid, cun “ritmo cinematográfico e que remata nun flash-back”.


Salienta a publicación do estudo A distancia do lobo, de Antón Lopo co gallo do Día das Letras Galegas, dedicado ao poeta Uxío Novoneyra. Destaca que este traballo de investigación é froito dunha reflexión profunda e que ten ao mesmo tempo un fin didáctico e divulgativo. Afirma que se trata dunha biografía fóra do común, xa que Antón Lopo foi quen de asumir a esencia de Novoneyra para poder recrear a vida do poeta do Courel.

**Referencias varias:**


Infórmase sobre as novidades editoriais que saen do prelo co gallo da celebración do Día das Letras Galegas, caso da biografía preparada por Antón Lopo para a Editorial Galaxia baixo o título A distancia do lobo, entre outras publicacións.


Comenta A distancia do lobo. Biografía de Uxío Novoneyra, na que Antón Lopo, a través da fórmula das falsas memorias, se detén nas teimas que marcaron a vida dun home difícilmente discerníbel do poeta. Sinala que Lopo escolle unha hixiene moral cando evita imitar o estilo do vate e practica unha prosa máis ben branca, conservando a afección do poeta polo período curto e enfrentando a difícil proba do topos rural, onde manexa o vocabulario patrimonial con auténtica soltura e erudición. A seguir, refírese a Dos soños teimosos, de Emilio Araúxo; e A casa, o val, a patria humilde! Celebración de Uxío Novoneyra, editado por Iris e Lois Cochón. Conclúe dicindo que se trata de tres aproximacións a unha figura imprescindibel da segunda metade do século XX, á vez que amosan tamén as tensións e pactos dun sistema literario dunha nación dependente.


Conversa na que Antón Lopo fala dos xéneros cos que se atopa máis a gusto na escrita, da escollla do título da biografía de Uxío Novoneyra, da expresión poética de Novoneyra e apunta o título da súa vindeira obra.


Fálase da presentación por parte do xornalista Antón Lopo na Feira do Libro de Santiago da biografía A distancia do lobo. Biografía de Uxío Novoneyra, acompañado
polo fillo de Novoneyra, Uxío Novoneyra, polo director de Edicións Xerais de Galicia, Carlos Lema, e polo profesor da Universidade de Santiago de Compostela, Herminio Barreiro. Indícase que neste estudo novelado se realiza unha viaxe pola vida do poeta do Courel á inversa, pois a obra comeza nos últimos compases da vida do escritor e finaliza na súa infancia. Lopo destaca que Novoneyra abordou a poesía en tres dimensións: a escrita, a oral e a xestual.


Dá conta da presentación na Feira do Libro de Santiago desta biografía de Uxío Novoneyra realizada por Antón Lopo. Salienta que este estudo propón un achegamento á vida e á obra do autor d’Os Eidos en primeira persoa. Tamén explica a organización deste estudo, salientando que o autor do Courel representa o último vestixio da aristocracia rural galega. En dúas columnas á parte explica dous capítulos da biografía que tratan das influencias que tivo Uxío Novoneyra na producción poética galega e a súa relación enigmática coa escritora María Mariño.


Lembra cómo coñeceu por primeira vez as terras do Courel na obra Fauna Mastolóxica de Galicia (1861), de Víctor López Seoane, e cómo se interesou polas referencias que había neste libro ao oso. Logo fala de cómo se fixo amigo de Novoneyra e das súas conversas sobre a fauna do Courel, principalmente sobre os osos, as aguias e o lobo. Destes animais indica que co mellor se identificaba Novoneyra era co lobo, anuncia a publicación desta “autobiografía finxida” realizada por Antón Lopo e finaliza reproducindo o poema “Cousos do lobo”.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Entre estas obras destaca a biografía A distancia do lobo.


Salíéntanse entre as publicacións motivadas polo Día das Letras Galegas 2010 A distancia do lobo, de Antón Lopo, na cal se reconstrúe a vida de Novoneyra.


Entre outras actividades, dá conta de que para homenaxear a Uxío Novoneyra a biblioteca Florencio Delgado Gurriarán conmemorará o poema Canto ó Sil, que


Informa da celebración do Día das Letras Galegas polas rúas e prazas de Compostela co gallo da homenaxe á figura do poeta Uxío Novoneyra. Indica que o Concello de Santiago organizou unha lectura pública de textos do poeta do Courel na rúa Uxío Novoneyra no barrio de Conxo na que se repartiron exemplares d’*A distancia do lobo*, de Antón Lopo. Tamén salienta a celebración de varios recitais poéticos en diferentes lugares da cidade, nos que intervéniron entre outros: Lorena Souto, Rafa Villar e Mario Regueira. Conclúe afirmando que ao longo do mes de maio se seguirán celebrando diferentes actos para conmemorar a figura do poeta Uxío Novoneyra.


Comenta o protagonismo que se deu a Uxío Novoneyra, tras a súa homenaxe no Día das Letras salientando títulos de ocasión como *A distancia do lobo*, de de Antón Lopo, considerada unha obra acertada polo emprego axeitado da autobiografía ficcional.


Informa da publicación de numerosos estudos, biografías e antoloxías sobre o poeta Uxío Novoneyra no ano que se lle dedica o Día das Letras Galegas. Salienta que moitos destes libros son improvisados e repetitivos, porén salva os estudos de Carmen Blanco, Fran Alonso, Manuel Castelao e sobre todo, a biografía de Antón Lopo, *A distancia do lobo*. Afirma sobre este libro que é unha obra “conmovedora, realista e tinxida de novoneyriana saudade”.


Refírese a *A distancia do lobo. Biografía de Uxío Novoneyra*, de Antón Lopo, do que destaca a súa “perspectiva cabal” así como a opción de escoller a primeira persoa para “facer críble” todo o que se conta no libro. En relación á nomeada biografía, pregúntase sobre cal é a verdadeira vida, considerando que “esta é a máis real, a dos sentementos e os soños”.


Reflexiona sobre a boa literatura e remata sublinhando que as súas últimas lecturas, *A distancia do lobo. Biografía de Uxío Novoneyra*, de Antón Lopo; e *Xiúva-Neda*, de Vicente Araguas, son boa mostra disto. Alude tamén a escritores como Elias Khoury e José Saramago, que definiron o que para eles era boa literatura, para declarar que el ten
a lectura literaria como “alimento básico e necesario” e que a linguaxe forma parte “indispensable” dos seus “pratos alimentarios”.


Dicionario de Esperanza Mariño Davila (Santiago de Compostela, 1963) que se abre cunha dedicatoria á xente do Courel, un verso de Uxío Novoneyra e agradecementos ás persoas que contribuíron á confección deste libro. No limiar Antón Santamarina comenta que esta monografía, a pesar do seu título, non ten estrutura de dicionario xa que nin as ideas nin os textos se organizan nin alfabética nin ideolóxicamente; e que tampouco é un glosario de palabras prakticamente exclusivas do autor senón “unha introdución á vida e obra de Novoneyra, seguida dunha escolma da súa obra”. Sinala que é unha achega importante porque son escasas as monografías dedicadas a este autor, pero que o éxito principal do libro é a súa utilidade didáctica para o alumnado de Educación Secundaria. Remata cunha breve referencia á súa relación persoal co poeta. A seguir, reproducéuse un poema de Manuel María, dedicado a Novoneyra e publicado en 2004, no número 7 da revista Amastra-n-Gallar e o estudo de Mariño Davila que consta de sete partes. Na primeira delas, “Autor”, achéganse datos da biografía de Novoneyra. A segunda, “Creación”, trata aspectos da súa escrita como a súa ideoloxía, as súas primeiras lecturas e influencias, a lingua empregada e as súas obras de prosa e de poesía. “Imaxes” é un compendio de ilustracións no que se poden atopar: documentos da súa vida privada (como as actas de nacemento, de bautismo, de matrimonio e de defunción); as cubertas das primeiras edicións dos seus libros e do inédito “Abrojos”; noticias de xornais que anuncian o seu falecemento e mesmo o nomeamento como homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010; e fotografías nas que aparece o poeta ou a súa casa do Courel. No apartado “Obras” recóllese unha ampla listaxe de toda a súa bibliografía activa e pasiva recollida en libros e artigos. En “Recolleita” reproducéuse fragmentos destacabéis de cada un dos seus libros e o penúltimo apartado, “Recursos didácticos”, achega un comentario de texto do poema “Letanía de Galicia” e unha batería de cincuenta posibles traballos que se poden realizar na aula. Finalmente, a última parte, “Sinopse”, contén un cadro sinóptico no que se sitúan as etapas da vida do autor en correlación con acontecementos salientables da historia de Galicia e do mundo entre 1930 e 1999. O libro péchase cunha pequena nota biográfica sobre a autora.

Recensións:


Indícase que a editorial TresCtres presenta o número dez da colección “Diccionario”, dedicada cada ano aos autores aos que se lle dedica o Día das Letras Galegas, no que se ofrece nesta ocasión un completo estudo sobre a vida e obra de Uxío Novoneyra, que contén cadros sinópticos, recursos e actividades para traballar co alumnado na aula,
comentario dun poema, selección de textos e sección de imaxes. Para rematar, coméntase que o limiar é do académico Antón Santamarina.


Destácase que o libro Dicionario Uxío Novoneyra, de Esperanza Mariño, non é un dicionario propiamente dito, pero si unha obra na que se poden atopar todos os significados relativos ao poeta. Coméntase que é unha introdución á vida e obra de Novoneyra, seguida dunha escollera da súa obra e completada con imaxes, unha sinopse e algún recurso didáctico. Sinálase que no libro recóllense un comentario do poema “Letanía de Galicia” e propostas de traballos que poden ser aproveitados polo profesorado e alumnado. Así, crese que esta vocación pedagóxica do libro non impide que se recollanalgúns aspectos pouco coñecidos de Novoneyra, como que foi un gran poeta do amor e que cultivou outras facetas da arte como a tradución, a cerámica, o gravado e a pintura. Coméntase que esta publication remata con un cadro sinóptico, no que se relacionan as etapas da vida do poeta cos acontecementos históricos máis destacábeis entre 1930 e 1999, e unha ampla bibliografía do courelao.

Referencias varias:


Anúncianse algunhas das publicacións dedicadas ao escritor Uxío Novoneyra, caso do dicionario que glosa alfabeticamente as palabras claves da obra do escritor e que prepara a editorial 3C3.


Anúnciase a presentación do Dicionario Uxío Novoneyra, de Esperanza Mariño, que abre cos versos que lle dedicou Manuel María ao courelao e que repasa a súa biografía e a súa obra; ademais de incluír un anexo con fotografías do poeta. Coméntase que o libro, debido á súa orientación pedagóxica, conta con recursos e actividades para traballar na aula, co comentario do poema “Letanía de Galicia” e cunha selección de textos do poeta. Tamén se fai referencia a outras actividades en homenaxe a Novoneyra.


Informa de que co gallo da XXIX Feira do Libro de Santiago, Marcos Calveiro, autor de Festina Lente (2008) e da novela histórica Settecento, realiza un pregón que percorre a historia do libro en Santiago dende a Historia Compostelana e o Códice Calixtino. Refíre que tras este acto se sucedeu un debate sobre a língua intitulado “A imposición do galego, Mito ou realidade?”, que contou coa presenza de numerosos persoos, así como dos escritores Manuel Núñez Singala (autor de En galego, por que non? (2009) e Henrique Monteagudo (autor d’As razóns do galego, que vira a luz en 2009). Apúntase, finalmente, a presentación de distintas obras, entre elas ‘Dicionario’ Uxío Novoneyra, de Esperanza Mariño Dávila.

Con motivo da apertura da Feira do Libro de Santiago de Compostela, anúncianse as actividades previstas, que inclúen a presentación do *Dicionario Uxío Novoneyra*, de Esperanza Mariño Davila.


Faise referencia á presentación do *Dicionario Uxío Novoneyra*, de Esperanza Mariño, no instituto Xulián Magariños. Coméntase que esta monografía sobre a vida e obra de Novoneyra ofrece un limiar do académico Antón Santamarina, un completo estudo con todos os datos e a análise da súa obra, ademais de cadros sinópticos, recursos e actividades para traballar co alumnado na aula, comentario dun poema, selección de textos e algunhas imaxes.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Destaca entre estas publicacións a monografía *Dicionario Uxío Novoneyra*.


Monografía de Carlos Paulo Martínez Pereiro (Mera de Oleiros, A Coruña, 1955) sobre a importante faceta da manuscrita caligráfica de Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, O Courel, Lugo, 1930-Santiago de Compostela 1999). Trátase dunha abordaxe contextualizada das relacións plástico-escriturais, tanto no espazo xeral dos ámbitos occidentais e orientais coma no particular do exercicio da poesía visual e caligráfica, levada a cabo polo poeta do Courel. Ao longo da obra percórrense diferentes momentos e diferentes escritores e artistas (especialmente galegos, portugueses e brasileiros) con referencias a distintas épocas como a Idade Media, o Renacemento ou o Barroco até chegar á actualidade, de xeito que se fai unha aproximación ás tendencias plástico-literarias e ás contornas interculturais nas que se integra a obra de Uxío Novoneyra, con alusións a autores como Apollinaire, Alexandre O’ Neill ou o seu amigo e compañero Reimundo Patiño. Estruturáse a obra en seis capítulos, dos cales os dous últimos abordan expresamente a manuscrita do poeta courelao a través dun percorrido máis pormenorizado dos seus poemas caligráficos e manuscritos. Dous apartados finais, un co título de “Notas” e o último co de “Referencias bibliográficas”, pechan este ensaio que presenta unha coidada elaboración formal, tanto no nivel sintáctico coma no léxico-semántico.
Referencias varias:


Danse a coñecer as palabras de Carlos Martínez Pereiro no acto de presentación do seu volume, A man que caligrafando pensa, un ensaio sobre o autor homenaxeado no Día das Letras Galegas, Uxío Novoneyra. Dise que o autor do volume salienta a amizade de Novoneyra con Raimundo Patiño e a súa influencia na súa obra así como a influencia da cultura xaponesa.


Tras dous limiares institucionais esta monografía iníciase cunha “declaración de intenciñs” na que se explica que neste roteiro, ante a dificultade de dar conta de todos os espazos citados por Uxío Novoneyra, se evitan lugares moi coñecidos e se dan “arrodeos ou desvíos” a lugares integrados nos seus versos e que poden ser de interese para o lector; e cúm “prólogo ás tres rutas” no que se precisa a localización e significado das rutas na vida e obra de Novoneyra. Propone un roteiro polas entrañas do Courel: “De Parada a Piapáxaro”, no que se detén en Moreda, a aldea de Novoneyra, e en Monte Cido, o castelo de Carbedo, Esperante, a devesa de Rogueira, o monte Formigueiros, A Lucenza, o monte Fedo ou Pico do Boi e Pia-Páxaro. E achéganse dous percorridos para “Roteiros con arrodeos e desvíos”. No primeiro deles pásase por Seoane, Meiraos, Trao Branco, Teixeira, Lousada, Pacios, Fonlor, Romeor, Céramo, Visuña, A Seara, Ferramulín, Vilarrubín e Oencia, mentres no “segundo percurso” se detén en Mercurín, Castro de Mogoxe, Sobredo, Seceda, Folgoso, Santa Eufemia e a parroquia de Vilamor. Ao descrír as características arquitectónicas e paisaxísticas dos lugares visitados en todos os roteiros insírense versos de Uxío Novoneyra e ademais todas as páxinas contan con fotos dos lugares e elementos que se destacan. A monografía péchase con planos das tres rutas marcadas e unha foto a dobre páxina en branco e negro de Uxío Novoneyra tendo como fondo unha paisaxe do Courel.


Estudo de Antón Patiño (Monforte de Lemos, 1957) formado por corenta e seis capítulos breves, que na propia contracuberta se cualifica de “biografía ética e estética do poeta”, no que se debullan as claves da poética de Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, Lugo, 1930-Santiago, 1999), destacando a súa experimentación formal, a vinculación á terra e á lingua, os “poemas-intre” ou “poemas-lóstrego”, os poemas caligráficos, a procura da esencialidade, a súa simboloxía e a súa fondura ética, entre outros elementos determinados tamén polas opinións recollidas de diferentes estudiosos. Asemade, abórdanse outras cuestións como a súa temática e as súas influencias, ao mesmo tempo que se comentan algúns dos seus poemarios. Recóllese apuntamentos biográficos do autor e sobre a súa personalidade, destácase a relación de amizade cos seus contemporáneos, especialmente a que o uni a Reimundo Patiño, e inclúense
reflexións do propio Novoneyra. O volume péchase cun anexo documental no que se inclúen fotos, dedicatorias, varios poemas caligráficos, gravados e postais do autor.

Recensións:


Defínese Universo Novoneyra. A poética do inter, de Antón Patiño, como un “ensaio nada convencional”, no que se elude a narración lineal dos feitos, deixando e retomando aspectos, “ao xeito dunha cámara que anda a probar un mellor enfoque”. Afírmase que Patiño repara en todo aquilo que converte a Uxío Novoneyra nun gran poeta: o seu falar, o seu vocabulario ou o fonosimbolismo e a súa intimidade.


Volume que se abre cunha introdución na que, entre outras cuestións, se agradece a disposición e xenerosidade da familia García-Sabell, especialmente á profesora Teresa García-Sabell Torno, quen conservaba e custodiaba o manuscrito d’Os Eidos, de Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, Lugo, 1930-Santiago, 1999) do que se ofrece neste monográfico unha edición facsímile ao coidado de Anxo Tarrío Varela. Apúntase que este caderno contén a “base e fundamento primordial” do que será o ciclo poético d’Os Eidos que se comeza en 1955 e remata coa edición d’Os Eidos. Libro do Courel (1981). Por outra parte, incídese no sentimento de comunicación coa Terra, así como na condición de “poeta” de Uxío Novoneyra, para os que se aplican unhas palabras tomadas do texto “Poesía como diálogo”, de Xosé María Álvarez Cácamo, logo de reproducir algún artigo que Ramón Otero Pedrayo publicara en La Noche, onde lle tomaba o “pulso poético” ao daquela mozo Novoneyra. Para rematar esta introdución coméntase cada un dos traballo que se incluen neste volume e que proxeñan “distintas miradas cara a outros aspectos” da obra do poeta do Courel. Explicase que, malia seren necesarios, son “insuficientes en número”, xa que, debido á crise económica, tívose que renunciar a un total de máis de dúascentas páxinas “xa elaboradas que fican á espera de novas oportunidades de ver a luz”. Tarrío inclúe, finalmente, unha serie de anotacións respecto do orixinal e pecha esta introdución cuns agradecementos. Inclúense cinco traballos que se describen a continuación e a seguir reproducéuse o manuscrito autógrafo que permite observar a escritura orixinal e reparar nos danos ocasionados polo paso do tempo (perda de cor, engurras, etc), así mesmo destácase que a técnica utilizada reflicte claramente as transparencias do orixinal. Cada un dos apartados/artigos van acompañados ao comezo por fotografías da montaña do Courel. A imaxe da cuberta/contracuberta foi realizada por Carlos Valcárcel en 1974 (fotografía pertencente ao arquivo familiar). Os cincos traballos son:

Logo de traer á memoria algúns momentos nos que o autor coincidiu con Novoneyra, primeiro en Madrid e despois en Lugo, explica que o segundo libro do courelao foi _Elegías del Caurel y otros poemas_ (1966), edición bilingüe castelán-galego, publicado en Madrid na colección “Adonis”. Alonso Montero repara naquilo que o poeta manuscribiu no seu exemplar (algunhas das follas saen reproducidas). Para comenzar, coméntase a reflexión que fixo sobre o seu propio poemario nunha das páxinas preliminares e, posteriormente, apúntanse outros textos e glosas feitos á man no exemplar. Explica que Novoneyra, que descoñece se as ilustracións as fixo só pa el, sabía da súa condición de erudito e editor de textos, o que lle fai pensar que o courelao non descartaba a posibilidade de que el os dera a coñecer.


Ábrese cun preámbulo no que salienta a investigación de Ménendez Pidal no estudo da poesía narrativa tradicional, que continuaron, logo da súa morte, os membros do Seminario homónimo. Refírese á exploración que o equipo do devandito seminario realizou no Courel en xullo de 1982 para recoller material do romanceiro hispánico, ao ser esta zona “uma das terras onde mejor se tem conservada a poesía tradicional”. Desa misión destácase o saber romanístico do Courel e, concretamente, dunha das informantes, Manuela García, afillada da nai de Novoneyra. Noutro apartado, estúdase a relación do poeta do Courel coa poesía de tradición oral, a raíz do seu encontro co equipo do Seminario Menéndez Pidal no ano 1982. Considera que aquela experiencia foi positiva e marcante para ambas partes e, a seguir, cada un deles (Branca Novo, Elva Rey, Jon Juaristi, Dolores Sanz e Aurelio González) relatou a súa visión dos feitos sobre o mencionado encontro. O autor finalmente achega unha serie de reflexións finais e engade un “apéndice”, onde se reproduce un texto de Jon Juaristi, dedicado a Novoneyra, e o romance medieval intitulado “Belardo e Valdevinos”.


Sinala a pouca repercución que tivo a última obra do escritor, _Arrodeos e desvíos do Camiño de Santiago e outras rotas_ (1999), unha publicación institucional enmarcada na celebración do Ano Xacobeo. Indica que este poemario apenas conta con interpretacións críticas e apunta as razóns que explicarían “tal descoñecemento”, entre as que está a canonización temperá do escritor a raíz da publicación d’_Os Eidos_. Intróduce-se no estudo de _Arrodeos_ afirmando que se trata “dunha diversificación dos camiños que se distancía dun tratamento canónico do tema xacobeo”. Ademais, analiza as rutas trazadas por Novoneyra, destacando a “particular peregrinaxe” pola lingua galega, e repara na denuncia que se fai da desaparición do mundo rural. Á parte, reflexiona sobre a presenza “nun plano atemporal” de personaxes de diferentes períodos históricos, vinculadas a certos mitos. Alúdese tamén á reelaboración dunha voz bárdica que aparece na figura dun “trobador-pelegrín” e, para finalizar, coméntase o camiño “cara á viaxe interior” e “cara o sentimento telúrico que domina a totalidade da poética de Novoneyra”.

Repárase no fenómeno da variación escrita na lingua poética de Uxío Novoneyra, quen corrixiu os seus textos en sucesivas reedicions, introduciéndose cada vez “nos límites do seu espazo local de referencia”. Logo de explicar o seu “Plan de traballo”, comeza a análise, a partir de tres versións d’*Os Eidos* (ademais da inédita do manuscrito). Resúltanlle de especial interese dous paratextos: unha nota situada no manuscrito e outra localizada na páxina de copyright e ISBN da edición de 1981. Considérase que as modificições son, en maior medida, de alteracións nas escollas léxicas, e centra a súa observación, entre outras cuestións, na toponimia e na antroponimia, nos glosarios finais, na evolución dos nomes e adxectivos e nas escollas verbais. Conclúe que a fixación normativa non foi “en absoluto” a finalidade que perseguiu o autor, que xustifica pola crenza “na supremacía dos valores estéticos e literarios a respecto dos linguísticos”.

Tamén está descrito no apartado VII.1.1. Literatura Infantil e Xuvenil deste *Informe*.

**Recensións:**


Menciona o volume co que a Universidade de Santiago de Compostela conmemora o Día das Letras Galegas e que se trata do manuscrito autógrafo d’*Os Eidos*, que Uxío Novoneyra compuxo entre 1952 e 1954. Infórmase do acto de presentación, que tivo lugar no Colexio de Fonseca. Destácase esta “xoia bibliográfica”, así como os traballos dos editores da Universidade de Santiago de Compostela. Logo de recoller as declaracións da filla do poeta, Branca Novo, sobre *Os Eidos*, sinálase ademais que o volume inclúe un conxunto de estudios de diversos profesores de Filoloxía Galega. Tamén se informa da presentación doutro libro sobre a figura do poeta: *Uxío Novoneyra e terra*, editado por Toxosoutos. Ademais de sinalar os intervintes, indicase que a obra recolle a relación dos poetas galegos con Novoneyra e un estudo sobre o léxico da flora e fauna d’*Os Eidos*, ademais doutros textos e documentación inédita do autor.


Comeza facendo referencia aos “actos máis íntimos e próximos coa esencia creativa do proceso literario” que é a composición manuscrita, para sinalar que o homenaxeado do Día das Letras Galegas 2010, Uxío Novoneyra, tamén fixo da “caligrafía e dos manuscritos unha parte esencial do seu quefacer poético”. Considéra que esa maneira de escribir e trazar foi esencial en toda a súa obra e, especialmente, no volume número un dos *Cadernos da Gadaña*, intitulado *Poemas caligráficos*. Logo disto, alude a “fortuna de coñecer” a versión autógrafa do seu poemario *Os Eidos. Terras outas e sóias do Caurel*, grazas ao labor da Universidade de Santiago de Compostela e da familia García-Sabell, quen cedeu o manuscrito. Entre outras cousas, coincide con Anxo Tarrío, en sinalar que neste manuscrito está a base e esencia do que sería un “ciclo poético que Novoneyra iría pechando por volta de 1981”.

581

Refírese á unión por parte da Universidade de Santiago de Compostela á celebración do día das Letras Galegas, que homenaxea a Uxío Novoneyra coa publicación do libro *Uxío Novoneyra. Día das Letras Galegas 2010*, do que se mencionan as achegas dos diversos estudiosos e alude, entre outras cousas, ao universo poético e creador do poeta. Para rematar, recóllese brevemente as palabras da “Introdución” do volume, escritas por Anxo Tarrío.


Comézase indicando que é pouco habitual poder acceder a un “manuscrito autógrafo” e que raramente existe nel un estudo sobre a produción infantil. Recoméndase a lectura desta monografía colectiva da que se explica que reproduce o facsímil do manuscrito autógrafo do poemario *Os Eidos* (1952-1954) e que ofrece estudos ao redor da figura de Uxío Novoneyra e da súa obra literaria. Apúntase que na “Introdución” Tarrío, ademais de precisar o contido dos estudos, tamén comenta que Novoneyra foi elixido para ser galardado no Día das Letras Galegas 2010 e precisa a historia do manuscrito autógrafo. Achégase brevemente o contido dos distintos estudos recollidos no monográfico. Así, recóllese que Xesús Alonso Montero lembra a súa amizade co poeta do Courel e que analiza as anotacións que presenta un exemplar que posúe dedicado das *Elegías del Caurel y otros poemas* (1966). Afírmase que a literatura de transmisión oral está no punto de partida do estudo de José Luís Forneiro, xa que recupera os testemuños dos membros dun grupo do Seminario Menéndez Pidal que, dirixido por Jon Juaristi, visitou o Courel en xullo de 1982 procurando romances e que na súa pescuda coñeceron casualmente a Novoneyra. Sinálase que María Xesús Nogueira Pereira considera *Arrodeos e desvíos do Camiño de Santiago* (1999) coma unha peregrinaxe lingüística e xeográfica, a partir da selección de elementos antropolóxicos, mitolóxicos e lendarios que realiza Novoneyra. E refírese que Carme Silva Domínguez describe polo miúdo as variantes lingüísticas que presentan as sucesivas edicións d’Os Eidos.

**Referencias varias:**


Sinálanse algunhas das apostas actuais do Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, que dirixe Juan Luís Blanco Valdés. Entre elas, coméntase a decidida aposta polo libro electrónico. Ademais, indicase que este Servizo ten un “camiño xa expedito” con Google Books Search, con quen en 2009 asinaron un convenio para a dixitalización dos seus libros. Outras das apostas é a creación de novas colecións como a Biblioteca de Divulgación. Blanco Valdés comenta outras colecións que están a disposición do público e sinala as cinco cátedras de letras que dispón a Universidade de Santiago de Compostela, subvencionadas parcialmente por outras entidades financeiras. No á parte, “A Universidade de Santiago publicará a edición facsimilar de ‘Os eidos’ a finais de marzo”, infórmase de que o Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de
Compostela ten prevista a edición de varias novidades literarias, entre elas a edición facsimilar do manuscrito autógrafo d’*Os Eidos*, da autoria de Uxío Novoneyra.


Informa da publicación en facsímile, por primeira vez, e por parte da Universidade de Santiago de Compostela, do manuscrito autógrafo d’*Os Eidos*, de Uxío Novoneyra. Coméntase que o Colexio de Fonseca acolle o acto de presentación deste volume e menciónanse os participantes, entre os que están Elvira Fidalgo, Branca Novo e Anxo Tarrio. Tómense as declaracións deste último, coordinador do volume, que alude ao acceso deste manuscrito orixinal “grazas á xenerosidade da familia García-Sabell”. Ademais, informáse dos estudos de diversos profesores do Departamento de Filoloxía Galega que completan o libro.


Informa da presentación na Universidade de Santiago de Compostela da obra en facsímile do manuscrito orixinal do poemario *Os Eidos*, de Uxío Novoneyra. Recólense as declaracións de Anxo Tarrio, coordinador do volume, que manifesta que os traballos recollidos “intentan axudar a comprender mellor” o legado literario e cultural do poeta do Courel. Juan Blanco Valdés, o director do Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela, comenta a “técnica moderna” que se utilizou para a impresión e incidiu ademais na importancia da obra. Recolle que no acto tamén estivo presente Branca Novo, a filla do poeta, que ademais de reinvindicar a figura do pai, confía en que *Os Eidos* facilite a “esperanza da recuperación da memoria”.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Destaca entre estas publicacións a monografía *Uxío Novoneyra. Día das Letras Galegas 2010*.


Informa da publicación do manuscrito autógrafo d’*Os Eidos*, co que a Universidade de Santiago de Compostela homenaxea a Uxío Novoneyra, escritor ao que se lle dedica o Día das Letras Galegas 2010. Apunta a “coñida lección maxistral” de Anxo Tarrío, coordinador do volume, no acto de presentación e, por outro lado, dá conta dos outros “segredos encantos” que garda o libro.


Tras salientar a función deste apartado como ferramenta para coñecer un pouco máis a historia da Literatura Infantil e Xuvenil, anúnciase que na data presente se achegan algunhas monografías que asemade contribúen a este labor. Entre elas menciónase este volume que trata tamén a obra infantil do poeta.


Folleto realizado por profesorado e alumnado do CEIP Santo Estevo de Parga de Guitiriz (Lugo). Abrese cun resumo da biografía do poeta courelao, elaborada a partir de datos extraídos da páxina en liña oficial do autor e da edición d’*Os Eidos* de Claudio Rodríguez Fer e Carmen Blanco. A seguir inclúese unha guía de actividades para traballar cuns carteis que recollen o percorrido vital e literario do poeta e tamén alguns dos seus poemas, destinados ao alumnado de primeiro, segundo e terceiro ciclos.

**Referencias varias:**


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Entre estas publicacións salienta o folleto de homenaxe *Homenaxe a Novoneyra. Letras galegas 2010*.
IV.3. PUBLICACIÓNS EN REVISTAS


Reproduce uns versos do poeta Uxío Novoneyra e comenta o seu particular canto ás terras coureláis, aludindo ao que describen os versos e, en xeral, ao universo telúrico no que o poeta se identifica coa terra. A continuación, aproveita para falar da serra do Courel, ofrecendo datos sobre a localización, xeografía, xeoloxía, entre outros. Comenta o grave proceso de despoboamento e refírese tamén ao patrimonio inmaterial deste paraíso natural.


Pequena semblanza de Uxío Novoneyra do que se fai un repaso pola súa obra e vida, enraizada na tradición e no popular, e “ao mesmo tempo, vangardista”. Menciona algunhas obras como *Os Eidos, Poemas caligráficos e Muller pra lonxe*.


Comenta a xornada do Día das Letras Galegas a partir da figura do homenaxeado, Uxío Novoneyra. Logo dunha cita do escritor, comenta a celebración dun pleno na Real Academia Galega na súa terra natal e alude á presenza do Presidente da mesma, Méndez Ferrín.


Amplo repaso pola traxectoria vital e literaria de Uxío Novoneyra, no que se destacan a súa orixe courelá, marco xeográfico do seu mundo; a súa formación en Madrid entre 1949 e 1951, onde comeza a escribir e recitar poesía; as experiencias composteláis a partir de 1952, esenciais na súa formación galeguista que motiva a escrita en galego d’*Os eidos* (1955); a nova estadía en Madrid de 1962 a 1966, onde se vincula co grupo Brais Pinto e frecuenta a vangarda artística e política, o cal dá lugar a *Elegías del Caurel y otros poemas* (1966); a reunión de poemas anteriores aos que se engaden outros novos tras a súa volta ao Courel en 1966, que fai nacer *Os Eidos 2* (1974) e a orientación política e caligráfica que reúne en *Poemas caligráficos* (1979); o proceso de depuración rigorosa ao que somente a súa produción e que comeza nos oitenta, plasmado n’*Os eidos. Libro do Courel* (1981 e 1985); a recopilación temática da súa obra, que emprende na segunda metade da década dos oitenta, da que xorde, por exemplo, *Muller pra lonxe* (1986) e *Do Courel a Compostela 1956-1986* (1988), onde reúne poemas eróticos e amorosos; a publicación de tres obras de literatura infantil nos anos noventa –os contos de aventuras *O cubil do xabarín* (1991) e *Gorgorin e Cabezón*...
(1992) e a recreación persoal dunha lenda en *Ilda, o lobo, o corzo e o xabarín* (1998)– e mais a edición de *Tempo de elexia* (1991) e *Poemas da doada certeza i este brillo premido entre as pálpebras* (1994), entre outras achegas até o final da súa vida. Analízanse despois as tres claves temáticas básicas da súa poesía, a paisaxística, a política e a existencial, visibles en seu canto á natureza e á terra, na dimensión telúrica, os motivos do amor e a morte, a expresión vagardista, a sintonía cos cancioneiros medievais e a obra doutros autores galegos, así como poéticas indíxenistas e culturas ancestrais. Pone tamén de relevo a súa tentativa constante de ir alén da escrita, que sustentan o que Carmen Blanco denomina a súa poética da fala, a poética do rito, a poética caligráfica e a presenza de elementos teatrais e mais o estilo litúrxico, a carón doutras características como o minimalismo elemental e a integración temática da ecoloxía, a dimensión existencial e política.


Sinala que nas terras do Courel foi o lugar onde Uxío Novoneyra “oficiou as súas misas”, apuntando que a súa é unha relixión da Natureza, no que todo “remite á humanidade” e á importancia da lingua. Ademais, repara no orientalismo do autor d’*Os Eidos* e nomea algúns termos das relixións orientais que cre que “lle poderían acerar á poesía de Novoneyra”, como *nirvana*, *mantra* e *Shangri La*. Reproduce algúns versos ao tempo que reflexiona sobre o citado e considera tamén que hai un Novoneyra “marcadamente dionisiaco” e como mostra reproduce o poema dos Caneiros de *Muller pra lonxe* (1986). Por outra banda, repara tamén na presenza dunha “deusa branca”, que identifica con Galicia, pasando a pór a “Letanía de Galicia”. Completa o percorrido pola poesía do courelao, destacando a comunión total de home e terra, para indicar, a continuación, que o *leitmotiv* da súa obra foi o amor, ilustrando o afirmado cuns poemas de Novoneyra.


Estúdase o patrimonio biolóxico da Serra do Courel, reparando na súa flora, vexetación e fauna. Considérase que as devesas, xuntos aos soutos, son as “xoias” dese patrimonio. Tamén se explica a evolución da paisaxe do lugar e por último, céntrase na análise do patrimonio cultural, referíndose a Uxío Novoneyra e María Mariño. Do poeta sinálase que “ninguén como el describiu a serra transmitindo con forza e paixón a súa beleza e a súa paisaxe”. O texto aparece ilustrado con fotografías do Courel.


Dentro do especial que dedica a revista ao homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, Clodio González Pérez aborda a descripción das características da xeografía do Courel, berce e espazo fundamental na obra de Uxío Novoneyra. Explica a configuración arquetípica das casas e das construcións auxiliares (forno, sequeiro,
cabana, alvariza, pombal, hórreo, fonte, eira e muíño); analiza os utensilios que conforman o enxoval doméstico, apeiros e ferramentas típicas; e atende aos principais oficios e artesáns e tamén ás construcións industriais, como ferrerías, mazos e caleiros. Finalmente, indica que o Courel foi até finais do século XIX unha comarca rica, moi poboadá e unha das máis industrializadas de Galicia, pero a súa actividade decaeu coa desaparición da siderurxia tradicional e daquela concentrouse na agricultura e a gandería de subsistencia, o cal levou á emigración de habitantes. O que si queda, afirma, é a paisaxe cantada por Uxío Novoneyra.


Comenta momentos que compartiu con Uxío Novoneyra, as dedicatorias coas que lle agasallou nos seus libros de poemas e os recitais poéticos, o falecemento do autor e a homenaxe que recibiu ao ano seguinte no Campus de Esteiro, xunto co nomeamento dunha praza como Poeta Uxío Novoneyra.


Interprétanse os poemas d’*Os eiós*, o “poemario culmen” de Uxío Nonoveyra como reflexión sobre a identidade dos seres e a fusión do individuo coa terra e como transmisores de mensaxes relacionadas coa sabedoría popular, nomeadamente do mundo labrego, dos seus ritos e costumes. Explicase, incluíndo gran cantidade de exemplos, que o poeta canta tamén a permanencia na memoria dun mundo que entende en vías de extinción, fixado consciente coa inclusión do léxico labrego, de estruturas rítmicas e da sabedoría arredor do tempo, as estacións e os fenómenos atmosféricos.


Reprodúcese o poema “Letanía de Galicia”, de Uxío Novoneyra.

Reprodúcese o poema “LIBERTÁ chamas nos ollos tristes”, de Uxío Novoneyra.


Acóllese o poema “Cousos do lobo!” d’*Os Eidos*, de Uxío Novoneyra, escollido polo European Bureau for Lesser Used Languages nos anos noventa, xunto a Luz Pozo Garza, entre os dez mellores poetas de linguas minoritarias da Comunidade Europea.


Acóllese un poema manuscrito de Uxío Novoneyra.


Rodríguez Fer achega unha análise da dimensión fonoestilística na poesía de Uxío Novoneyra, exemplificando a presenza de recursos como a onomatopea, ben a través da reproducción do son de certos animais, ben reiterando aliteracións vocálicas ou consonánticas. Atende tamén ao fonosimbolismo visual especialmente manifesto a través da evocación da escuridade con vocais posteriores e a claridade a través das non posteriores, ou da presenza do lobo, cuberto dun nimbo de negrura que suscita temor; ao fonosimbolismo táctil, ilustrándoo coa evocación do punxente que suscita a vogal i; ao fonosimbolismo anímico, en estreita relación co visual; e mesmo, a fonosimbolización do silencio, para a que o poeta utiliza a aliteración de fricativas e, máis concretamente do s.


Trátase dun texto publicado anteriormente en *La Voz de Galicia* (9-III-1975) na sección “Figuracións” e acompañado polo retrato do poeta. Nel opinase que con *Os Eidos*, Novoneyra anunciou un “novo xeito de poesía galega”, ao tempo que abría unha “nova posibilidade de expresión”, tal e como o fixeran autores anteriores como Eduardo Pondal ou Manuel Antonio. Apúntase o desexo de ir facendo unha poesía que atende máis ao aspecto gráfico, enfatizando máis o valor onomatopeico do verso. Ademais de falar do éxito do “Vietcam canto”, manifestaba o poeta que os seus manuscritos deberían editarse co fin de reparar no carácter gráfico dos poemas.
Apúntase unha serie de datas, ao tempo que se realiza unha achega biobibliográfica á figura de Uxío Novoneyra, dende o seu nacemento en 1930 até o 1999, ano do seu pasamento en Santiago de Compostela.

Acóllense os poemas “ COUREL dos tesos cumes que ollan de lonxe!”, “Cousos do lobo!”, “Fala a tarde baixiño…”, d’Os Eidos (1955); “Canta o norte a pasión do lonxe…”, de Poemas da doada certeza… (1944); “Letanía de Galicia”, d’Os Eidos. Libro do Courel (1981); “Toda a casa toda a noite…”, de Muller pra lonxe (1986); e “Poema dos Caneiros”, datado no Nadal de 1955, da autoría de Uxío Novoneyra.
IV.4. PUBLICACIÓN EN XORNAL: ESTUDOS E RECENSIÓNS


Refírese á colección “Grandes Mestres”, liña editorial de Edicións Xerais de Galicia do ano 1987 que abriu coa reedición d’*Os Eidos*, de Uxío Novoneyra. Do poemario di que fai camiñar a carón de quen amosa “no canto e na emoción a terra vivida” e comenta e reproduce unha nota paratextual que asina o poeta no volume no que queda manifesta esa fusión home-terra. Finalmente, destaca a “interesante selección” de comentarios e semblanzas que se inclúe na nomeada reedición.


Lembra cando coñeceu en 1960 a Uxío Novoneyra, con motivo dunha homenaxe en memoria de Ramón Cabanillas, no que o poeta courelao leu o seu poema “Río Mandeo, inorde, ó son da noite!”. Por outra banda, comenta algunhas amizades ao redor da súa persoa, como Carlos Maside ou Ramón Piñeiro. Da súa relación con este último, apunta que xurdiu en Novoneyra “a emersión da consciencia radical da terra e da fala”, moi vinculado coa “teoría da paisaxe” que por aquel entón estaban a fixar membros do grupo Galaxia, coa publicación de títulos como *Paisaxe e cultura*. Fala tamén d’*Os Eidos*, do que di que o seu espazo lírico vén definido pola radicalidade e da vivencia da paisaxe “na intimidade do ser do poeta”. Reflexiona tamén sobre a súa particular escolla temática nunha “voz persoalísima”. Finalmente, repara na contorna xeográfica no caso de Novoneyra, ao ser a paisaxe o ámbito exterior do seu intimismo.


Repara en que Uxío Novoneyra administraba “moi ben” os seus silencios, que ilustra coa reprodución dos seus versos. Sinala que o poeta courelao tamén sente a necesidade de afirmar a súa independencia, e que a expulsión das súas palabras a fai en forma de rabia ou cabreo. Logo de manifestar que o poeta non é un político, refírese ao poema “A Francisco Rodríguez na cadea”, do que di é “un dos seus poemas máis potentes e intensos”. Ve no poema un abrazo “vivo” de ambas persoas e profundamente necesario “entre poesía e política”. O texto vai ilustrado con tres fotografías que recollen a aperta de Novoneyra e Rodríguez un 25 de xullo.

Comenta que vén de publicarse Uxío Novoneyra (2009), un ensaio de Carmen Blanco sobre a obra do poeta do Courel. Repara en que a autora vai máis alá do estudo d’Os Eidos, analizando outras líneas poéticas de Novoneyra, como foi o diálogo coa lírica medieval e o haiku xaponés ou a preocupación política social. Sinala que hai tres vetas “ben sintetizadas no libro”: a cósmico-telúrica, a erótica-existencial e a socio-política.
IV.5. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: ARTIGOS DE OPINIÓN E COLABORACIÓNS FIXAS


Comenta que irá o 17 de maio de Vigo a Compostela con Novoneyra no corazón para celebrar o Día das Letras Galegas e detalla que de nena o cuco de Novoneyra lle falou de tempos de traballo e loita no que as letras só eran parte dunha fala que cumpria extirpar.


Afirma que os poetas novos dos anos 70 vían a Novoneyra como un mito mentres que os poetas de finais dos anos 80 o vían como un clásico. Detalla que ficou impactado e engaiolado cun recital de Novoneyra no auditorio de Caixa Galicia de Compostela e tamén se refire a que nos recitais de Roseltz se metían con Novoneyra. Finalmente sinala que nestes recitais naceu a esencia da nova poesía irónica e desacralizadora galega coa que Novoneyra chocou de xeito frontal.


Sinala as dúas vertentes de consideración crítica sobre a obra de Uxío Novoneyra: como autor d’*Os Eidos*, eixe motivador de parte dos estudos suscitados; e un poeta que percorre unha traxectoria diversa e plural en constante evolución expresiva e temática, formal e técnica. Asemade, comenta que dende a publicación d’*Os eidos* explorou novos rexistros temáticos, sempre con acento patriótico, e que co pasar do tempo se dedicou a reordenar e antologar os seus poemas.


Alonso Montero informa de que no ano 1969 el mesmo leu na emisión radiofónica “Recordando a Galicia” en Buenos Aires o poema “Letanía de Galicia”, obra de Novoneyra. Tamén sinala que este poema representa a musa máis rebelde de Novoneyra e que fora escrito no verán de 1968.


Comenta que Novoneyra lle indicou nunha carta de 1967 o nome de catro poetas que debían estar nun volume que estaba a preparar baixo o título *Trinta anos de poesía crítica (1936-1966)*. *A protesta de trinta poetas* que non pasou a censura franquista.
Asemade apunta que destes poetas non coñecía un que era Ramón Regueira, de Pontedeume, e a seguir reproducúcese o poema “Libertade” deste poeta, dedicado a Miguel Hernández, dado que se está no centenario do poeta español.


Refírese a dous poemas de Novoneyra: “O Señor de Sorri” e mais “O milagre do Nadal”. Con respecto ao primeiro subliña que é un poemiña eucarístico publicado nun tríptico xunto con outros poetas como Ramón Cabanillas, Ramón Otero Pedrayo ou Fermín Bouza Brey e tamén se indica que fora un encargo do barbeiro galeguista de Padrón, Camilo Agrasar Vidal. Finalmente apúntase que se está perante o primeiro sonetario colectivo da literatura galega.

**A Amaro Quintas, Ángel Manuel, “Non foi un soño”, Galicia Hoxe, “Diáspora”, 13 maio 2010, p. 5.**

Declara que dende a diáspora está a celebrar o Día das Letras Galegas e asegura que o paso do tempo o levou a comprender mellor o significado dos Séculos Escuros, o Rexurdimento, a diglosia ou o valor do Día das Letras Galegas.


Considera que na literatura galega abundan os poetas con terra de seu e como mostra apunta que o Día das Letras Galegas de 2010 parece estar dedicado máis ao Courel que a Novoneyra.


Reflexiona sobre a celebración do Días das Letras Galegas e a súa repercusión social ao ser un día festivo para finalmente concluír que se trata de algo positivo, dado que é un día de Festa e asemade é algo grande para a lingua e literatura galega.


Descrición biográfica de Uxío Novoneyra, citando obras, premios e homenaxes, ademais das características estéticas definidoras da súa poesía. A opinión de Xosé Luís Méndez Ferrín aobre Novoneyra e, concretamente, sobre a súa obra Os Eidos, está tamén presente.

Coida que Novoneyra estaría fronte ao actual goberno da Xunta no referente á aprobación do novo decreto sobre o uso da lingua galega no ensino e asemade recalca que fronte “a defensa dunha liberdade persoal, allee a todo contexto social” que defende o PP están os filólogos, pedagogos, xestores de ensino, profesorado, Consello Consultivo pero que isto á Xunta dálle igual.


Resalta que coñeceu a Novoneyra en agosto de 1981 na Feira do Libro da Coruña e que despois, en 1983, estivo con el no colexio público Punta Arnela para conversar co alumnado deste centro e para recitar poemas. Remata informando de que a cidade de Ferrol recorda a Novoneyra dedicando o seu nome á rotonda do Diapasón.


Comenta que despois da celebración do Día das Letras Galegas de 2010 agora toca defender a candidatura de Ricardo Carvalho Calero como protagonista do Día das Letras Galegas 2011 e para isto repasa a súa importancia dentro da lingua e a literatura galegas.


Reflexión asentada e en seis puntos sobre a poética de Novoneyra, todos eles con exemplos poéticos de Novoneyra. Indica que é un poeta da terra, un home da fala, un poeta total simbolizado co poemario *Do Courel a Compostela* (1988), un escritor de constante creación poética, un poeta cunha poesía política co centro en Galiza que imbúe toda a súa poética e mais que presenta unha raíz libertaria que se asenta na apertura vangardista da súa poesía.


Realiza un repaso biobibliográfico á figura de Novoneyra dende a súa nacenza no Courel, marco xeográfico que é descrito, pasando polas súas estancias en Lugo, Madrid, Santiago, A Coruña ou O Courel e a seguir commenta a súa poética da que subliña a súa breve e depurada obra así como a súa apertura á vangarda. Finalmente reproduce os títulos de libros que repasan o seu itinerario bibliográfico (xebrado en poesía, contos e entrevistas) e mais os que repasan o seu itinerario crítico.

Comenta a importancia das linguas e lémbrase de palabras como axóuxere, morriña, apóutiga, ruxerruxe ou soidade para resaltar a riqueza léxica da lingua galega. Finalmente, apoiándose en versos de Uxío Novoneyra, recalca a valía de todas as linguas centrándose na defensa da lingua galega.

**Campo, Marica, “Febre de maio”, A Nosa Terra, n.º 1.405, “Cultura”, 6-12 maio 2010, p. 31.**

Coida que Uxío Novoneyra é o poeta do Courel, un poeta telúrico e asemade a voz que fixo do Courel a metonímia de Galicia. Tamén recalca da súa escrita que foi a terra a que falou dende a súa voz radical e insubornábel contra as inxustizas e mais o esquecemento.


Indica que a viúva de Uxío Novoneyra lle comentou que Uxío Novoneyra lle fixera á propia Marica Campo unha caricatura e a seguir lémbrase dos encontros que tivo con Novoneyra en Viveiro ou en Lugo. Asemade conmella que a poética de Uxío Novoneyra está ategiada de conciencia e consciencia e que é un gran cantor da paisaxe galega, nomeadamente do Courel.


Compara o poeta José de Parada, que aparece n’Os Eidos, de Uxío Novoneyra, co señor Pedro, o trapeiro dos Vilares de Guitiriz e a seguir detalla a vida deste trapeiro que estivo toda a súa vida percorrendo o sur de Lugo, nomeadamente O Incio, O Courel e mais Samos.


Opina que ao día seguinte de designar ao autor obxecto da celebración do Día das Letras Galega do ano seguinte, “a figura do que se está a homenaxeear vaise perndo nas sombras”. Por este motivo, di que a palabra de Novoneyra ten que permanecer na memoria do pobo que a produciu. Celebra que o homenaxeado de 2011 sexa Lois Pereiro porque “conecta mellor coa sensibilidade da xente nova”, ao tempo que reclama unha honra no futuro a Ricardo Carvalho Calero.

Comenta a dificultade de realizar unha antoloxía e indica que ao preparar a *Antoloxía da poesía galega posterior a 1975* tivo esta dificultade e destaca que nela reflexionou a fondo sobre a obra de Uxío Novoneyra. Detalla como se imbíu da poética de Novoneyra para esta antoloxía e comenta que agora ve esta antoloxía con algúns matices que non a esvaecen.


Análise da linguaxe e mais do significado do volume *Os Eidos*, de Uxío Novoneyra, que é cualificado como “un canto de permanencia dunha Galiza emancipada”. Indica que comeza cun texto inicial que serve de guía de lectura deste poemario e comenta que ten en primeiro plano a relación entre as “verbas e as cousas” e entre “o libro e as terras” co fin de aproximarse ao máximo a palabra poética e o mundo e recoller así a esencia do Courel nos seus poemas. Tamén comenta que a obra de Uxío Novoneyra non se conformou con ser só poesía senón que a propia poesía se encarnou como expresión de real e común liberdade.


Aplau de o labor que se desenvolve fora do país para promocionar a cultura galega. Neste senso, destaca o traballo feito na Universidade alemá de Trier, baixo a dirección de Dieter Kremer. Lembra que no ano 1999 se editou un número da revista *Galicien Magazin*, no que se recollen vinte poetas galegos, nos que se homenaxeou ao autor d’ *Os Eidos* “cunhas composicións líricas, entre elas, a “Letanía de Galicia”, en edición bilingüe.


Explica que a uz é a planta que máis se nomea en *Os Eidos*, de Uxío Novoneyra, e comenta que tamén aparece en versos de María Mariño. Destaca que a forza dos poemas de Uxío Novoneyra nace na memoria do ancestral e que conta con universo creativo que vai creando un espazo poético da natureza. Tamén entende que Uxío Novoneyra é ao Courel o que Emily Brontê é a Yorkshire.


Afirmase por unha banda que Uxío Novoneyra se atopa máis preto de Allen Ginsberg que de Manuel Cuña Novás pola tradución na súa obra do materialismo místico da poesía norteamericana. Refírese ao mesmo tempo a outro poemario de Novoneyra, *Do Courel a Compostela*, e relaciónase *Vietnam canto* co ensaio *Pobreza e experiencia*, de Walter Benjamin. Por outra banda, sitúase ao escritor courelán entre os últimos
integrantes da “Idade dos Poetas” xunto con María Mariño pola relación entre poesía e lugar na súa obra. Considérase que nos seus poemas, especialmente os incluídos n’*Os Eidos*, se traza a experiencia dun lugar recoñecíbel ou unha evocación espacial tocada por un intenso sentido escénico e ademais que o poeta tenta recuperar a voz colectiva ameazada.


Comenta que Uxío Novoneyra foi un loitador pola igualdade dos homes e dos pobos e que as súas armas foron a palabra e a pluma. Tamén destaca que Uxío Novoneyra puxo ao Courel no epicentro das letras e das miradas de Galiza e remata recomendando a lectura dos seus poemas.


Explica que o elexiaco é un ámbito importante na lírica de Uxío Novoneyra e explica que n’*Os eidos* hai moita máis intimidade ca xeoloxía e natura. Subliña que na contorna do ano 1962 foi cando Uxío Novoneyra leu moita poesía alemá e comenta que en *Tempo de elexía* (1991) está o poema “Jamais je n’ai été comme je t’aime/Nunca fuí como te amo” e que agora vén de editarse este poemario, agora tamén en galego, como *Tempo de elexía*.


Maniféstase que na poesía de Uxío Novoneyra non existe a diacronía, pois ao eliminar as datas aos poemas estes poden ser dun tempo calquera. Coméntase que a súa poesía pertence a un único libro, a un libro total, e apúntase tamén que non será doada a edición da súa poesía completa polo afán de corrección do escritor.


Penetra no volume *Os Eidos* (1955) do que indica que unha das súas chaves maxistrais reside na capacidade de síntese e mais que os topónimos cobran vida a través dos nomes inmortalizados por Uxío Novoneyra. Fala do panteísmo e comenta topónimos courelaos como Devesa da Rogueira, Berezal, Ferramulín ou Mina da Toca.

Caracterízase a obra de Uxío Novoneyra polo seu afán por lograr o vocábulo exacto, que repercute nunha maior expresividade. Ao mesmo tempo indicase que a súa poética xira arredor de catro eixos temáticos: a paisaxística, que é a propia d’Os Eidos; a política, máis presente en Poemas caligráficos e Do Courel a Compostela; a existencial, tamén propia d’Os Eidos; e, por último, a amorosa, apreciábel nunha Muller pra lonxe. Dánse tamén outros trazos de carácter máis xeral inherentes a súa concepción lírica como son os recursos formais, eufonía, caligrafía ou os caligramas.


Breve referencia ao Día das Letras Galegas e ao seu nacemento en 1963, onde se sinala que a lingua galega non conseguiu nestes anos igualarse ao castelán.


Coméntanse diferentes misivas entre Uxío Novoneyra e Xosé M.ª Díaz Castro nas que se pode ver a afirmación sobre que Os Eidos “hunde en la sombra a tantos libros de versos gallegos aparecidos en los últimos años” ou onde xorden textos defendendo a necesidade dunha folga xeral en 1966.


Explica a longa xestación d’Os Eidos mediante a reproducción de fragmentos de misivas, enviadas entre os anos 1953 e 1954, entre Ramón Piñeiro e Fernández del Riego e que culminou o 15 de xullo de 1955 coa saída do prelo d’Os Eidos.


Artigo centrado na descrición do CD-ROM Sons nús no que se xuntan a poesía de Uxío Novoneyra coa música da articulista. Comenta que este proxecto comezou hai dez anos, repasa os nove temas deste disco e destaca que o seu resultado lle produce emoción.


Describe que en 1972 se desprazou con dous amigos rianxeiros ao Courel onde estiveron con Uxío Novoneyra e que ali lle prometeu a Novoneyra que publicaría unha
reportaxe desta visita. Tamén indica que só publicou un pequeno artigo sen apoio fotográfico o que lle valeu a inimizade do propio Uxío Novoneyra.


Expón que o Día das Letras Galegas ten un carácter integrador e universalista e que isto o viviu en 2006 e 2007 cando estivo nesa data no Lar Gallego de Sevilla falando desta efeméride. Cita diferentes publicacións de 2010 centradas na vida e obra de Uxío Novoneyra e comenta que o courelao representa o “bardo do Courel”.


Lembra cando Uxío Novoneyra foi dar o pregón das festas patronais de Chantada, así como as visitas que realizou até que deu comezo o acto. Comenta que anos despois volveu o poeta á desaparecida Aula de Cultura do concello e manifesta que “xamais se vira tanta atención posta nun recital poético”.


Afirma que o disco *Sons nús* é o resultado do encontro creativo entre a poética de Uxío Novoneyra e a música de Maite Dono e mais Baldo Martínez. Destaca que este traballo lle produce emoción e que o seu resultado é unha feliz unión poética e musical xa que representa unha síntese entre o silencio e a nudez lírica da palabra.


Breve referencia a Uxío Novoneyra e á súa relación con Carlos Oroza, Salvador García-Bodaño e Eloxiu Ruibal onde se destaca o extraordinario sentido do humor de Uxío Novoneyra.


Comenta que Uxío Novoneyra aproveitou a súa estadía no Courel para curarse dunha doenza e mais para escribir *Os Eidos*. Detalla que a presenza do Courel na súa poesía onde a miúdo imita coa disposición gráfica a néboa ou a auga en *Poemas caligráficos* o que fai que sexa un poeta orixinal.

Manifesta que “mellor nos iría” se o Día das Letras Galegas se consagraxe á defensa da cultura galega para así gañar amplitude e mais que así se eludirían as polémicas sobre a idoneidade do personaxe a quen se lle dedica esta celebración.


Asegura que a lingua galega é a cerna de moitos lugares de Galicia e dos seus poetas como Celanova, Mondoñedo, A Amaía, O Courel, etc., e enlaza estes lugares con Manuel Curros Enríquez, Celso Emilio Ferreiro, Álvaro Cunqueiro, Rosalía de Castro e Uxío Novoneyra.


Analízase, con referencias a Platón, Walter Benjamin e Pessoa, a tradución ao español d’*Os Eidos*. Comenta que en 1995 a editorial madrileña Ardora constataron o valor literario desta versión d’*Os Eidos* pero que a “necesidade de madurar a tradución” demorou a súa publicación até 2009.


Indica que a celebración do Día das Letras Galegas é unha data ineludíbel do panorama cultural galego e como mostra indica que este ano o protagonista será Uxío Novoneyra. Tamén salienta que os máis cativos nas escolas son os que máis honrarán este ano a figura de Uxío Novoneyra.


Pregúntase o motivo polo cal o Día das Letras Galegas non se denomina Día da Fala e das Letras Galegas e espera que despois da celebración do Día das Letras Galegas de 2010 esta loanza á lingua galega non fique só neste día. Indica que esta efeméride callou na sociedade galega e con referencia a Uxío Novoneyra destaca que desenvolveu un importante labor como recitador e que é considerado un clásico por lectores e crítica.


Sinala que a palabra de Uxío Novoneyra sobresae da súa poética e que isto será moi útil este ano para comentar diferentes espazos da actualidade que viviu Novoneyra. Destaca que o ano 2010 levará a coñecer a súa ideoloxía e pensamentos e como mostra da súa ideoloxía refírese aos poemas “Letanía de Galicia” e mais “Vietnam Canto”.

600

Destaca que para se achegar á poética de símbolos de Uxío Novoneyra non chega cunha primeira lectura senón que cómpre entender os conceptos e procesos das cousas así como os declives e euforias de Uxío Novoneyra. Tamén recomenda relear a Novoneyra para así se reencontraren co seu legado literario.


Comenta que o 26 de xuño se realizou un acto para festexar as letras galegas de 2010 na persoa de Uxío Novoneyra. Indica que tivo lugar no Centro Galego de Castelló, do que di que ten noventa socios e conta cunha “interesante biblioteca”, ademais dunha decoración “onde apreciamos unha Galicia viva e inmorredora”. Aproveita a ocasión para contar que o presidente do Centro, Xosé Filgueira, natural de Noia, levouno a coñecer os arredores das terras valencianas.


Cítanse as diversas homenaxes e publicacións do autor Uxío Novoneyra ao que se lle dedica o Día das Letras Galegas como reivindicador da lingua galega. Tamén se dá conta da creación da Fundación Uxío Novoneyra con sede na casa natal do poeta de Parada do Courel.


Sostén que o Día das Letras Galegas é na actualidade unha festa da cultura galega e repasa a historia desta efeméride dende o seu nacemento en 1963 con referencias ao acto que celebrará a Real Academia Galega en Folgoso do Courel así como a diferentes actos que en 2010 tiveron a Uxío Novoneyra como protagonista.


Comenta en castelán que a primavera é a mellor época para visitar as terras de Lóuzara, O Incio e O Courel e enlaza estas terras con escritores como Fiz Vergara Vilariño, Uxío Novoneyra e Ánxel Fole.


Anúnciase a estrea no Teatro Rosalía de Castro dun audiovisual sobre Uxío Novoneyra
realizado pola Asociación Socio-Pedagóxica Galega, que será seguido dun recital poético. Conclúese que esta iniciativa é unha das de maior interese entre as realizadas en memoria de Novoneyra, de quen se salienta a súa obsesión pola lingua.


Comenta o proceso de fusión das caixas de aforros de Galicia e a seguir expón que a palabra de Uxío Novoneyra serve para que se coñexe O Courel. Indica que a poética de Uxío Novoneyra é un prodígio natural e artístico e que a súa escrita se vén de actualizar coa obra audiovisual *Canto de permanencia* publicado pola Asociación Socio-Pedagóxica Galega.


Realiza unha crónica do acontecido o 12 de maio de 2010 na sede da Real Academia Galega nun acto de lembranza a Uxío Novoneyra no que estiveron presentes entre outros a súa viúva, Elba Rei, xunto con Brandán Lourenzo ou Xosé Luís Méndez Ferrín. Afirma que neste acto “viú” a Uxío Novoneyra reflectido en palabras como “lingua, nación, dereito de autodeterminación” que alí escoitou.


Achégase á realidade política actual e despois considera que fronte á política a poesía é fácil e económica. Sinala que volveu ler a Uxío Novoneyra e así achegouse ao Courel e mais ao Bierzo así como a Antonio Pereira e recalca que Uxío Novoneyra é como o “poeta que nos salva” e cualificación como o Seamus Heaney deste país.


Detense nos vínculos entre Uxío Novoneyra e Antonio Pereira, así como nas conversas con ambos os poetas, para despois reflexionar sobre a poética de Novoneyra con referencias a Seamus Heaney, John Montague, Patrick Kavanagh, Ramón Piñeiro, Xosé M. Pereiro e Carlos Lema.


Considera que a mellor homenaxe que se lle pode facer en 2010 a Uxío Novoneyra ademais de ler a súa obra é percorrer devagar os camiños do Courel. Detense na flora e fauna do Courel e refírese tamén a María Mariño como moradora do Courel.
Lembra o pasamento de Xosé María Díaz Castro o dous de outubro de 1990 e conta que ao chegaren os seus restos ao cemiterio, o poeta Uxío Novoneyra díxolles aos empregados de pompas fúnebres: “deixádenos aos compañeiros poetas darlle o derradeiro adeus” e levalo ao panteón familiar. Di que lembra isto con tanta descrición para “combater o esquecemento” e láiase de que vinte anos despois, Díaz Castro, “pasase á desmemoria”.

Alude aos ataques que está a sufrir O Courel dende a Consellaría do Medio Rural da Xunta de Galicia e fronte a isto comenta que na poesía de Uxío Novoneyra se poden ver as aldeas, as árbores e a beleza do Courel. Conclúe afirmando que os responsábeis da política ambiental da Xunta non leron os fermosos poemas de Novoneyra e se os leron “no se han enterado de nada”.

Repasa a vida de Uxío Novoneyra e indica que a pleuresía que apañou no servizo militar e os seus anos en Madrid, dentro do grupo Brais Pinto, foron claves na súa faceta literaria. Detense na súa etapa madrileña, comenta algunhas das súas publicacións e analiza a súa etapa como presidente, en dúas etapas diferentes, da Asociación de Escritores en Língua Galega.

Comeza afirmando que a obra de Uxío Novoneyra é un canto ás terras do Courel territorio cualificado como o de meirande diversidade de toda Galiza. Faise unha demorada descripción xeolóxica e paisaxística do Courel así como da biodiversidade da súa fauna e remata facendo unha chamada á salvación de todo este patrimonio da humanidade en perigo.

Refírese a que no Ateneo de Ourense se lembará á figura de Uxío Novoneyra mediante dúas exposicións biobibliográficas editadas en forma de cartel.

Indica que en 1986 Uxío Novoneyra estivo en Negreira co gallo da presentación do poemario En bela sombra e amaranto de Pepe Ardeiro e a seguir realiza unha crónica deste acto que tivo lugar o 18 de xaneiro de 1986 no Hotel Tamara e no que tamén estiveron presentes Miguel Anxo Fernán Vello e Ignacio Pérez Pascual e tamén comenta que en 1986 o articulista estivo con Uxío Novoneyra noutro acto cultural.


Entre outras reflexións considera que Uxío Novoneyra ten o seu merecido recoñecemento público ao se lle dedicar o Día das Letras Galegas 2010.


Refírrese ao rexeitamento das normas do ILG de 1983 por parte de Uxío Novoneyra, refírrese ao número XIV dos Cadernos Ramón Piñeiro e céntrase nos últimos trinta anos de política lingüística en Galicia.


Refírrese á publicación por parte “do goberno do meu concello” dun folleto onde se anuncia “con moito colorín aos veciños” a programación relacionada co Día das Letras Galegas 2010.


Describense os sólidos e sutís vínculos que existen entre Albert Camus e Uxío Novoneyra e a seguir fala da pegada de Camus na cultura galega. Comenta que Uxío Novoneyra publicou en 1966 o volume bilingüe Elegías del Caurel y otros poemas como íntima homenaxe a Camus e que Carme Blanco ten salientado a presenza do existencialismo na poética de Uxío Novoneyra na década dos cincuenta.


Opina que nin sequera Uxío Novoneyra coa súa “todopoderosa voz” foi quen de “remover a lousa sepulcral” do día das Letras Galegas. Considera que a decisión de dedicarle o vindeiro 17 de maio a Lois Pereiro ten que ver coa vontade de revitalizar a data por parte da Real Academia Galega, pois opina que o Día das Letras Galegas vén
dando “cumpridas mostras de esmorecemento como reactivo social”, indicando ademais que o que ten de importante “para os implicados” o ten de irrelevante para “a gran masa social de cidadáns”. Agarda que a Real Academia Galega sexa capaz de extraer de Lois Pereiro “o extra de vida que precisa” este día festivo.


Afirma que Uxío Novoneyra é un poeta comprometido quer ámbito social quer no ámbito literario. Alude á súa condición de nacionalista marxista e radicalmente ateo de Uxío Novoneyra e a seguir céntrase na súa faceta literaria como poeta, narrador e tradutor e explica dalgúns aspectos das súas principais obras.


Fala dun poema, que se reproduce neste artigo, de Uxío Novoneyra que naceu como adiviña e que ten como solución a neve e despois comenta a relevancia da neve dentro da paisaxe do Courel.


Comenta que coñeceu persoalmente a Uxío Novoneyra nos anos oitenta do século XX e que dende esa altura comezou a relacionarse de maneira estreita tanto con el coma coa súa familia. Indica que a chamaba “Rosa de Ferrol” e mais que Uxío Novoneyra denominaba a Ferrol como “Ferrol dos traballadores”. A seguir fala de diferentes actos culturais nos que estivo xunto con Uxío Novoneyra e as homenaxes nas que estivo após a morte do poeta do Courel.


Detalla que foi testemuña da poética de Uxío Novoneyra dende o ano 1955 dado que coincidiron en “intres decisivos das nosas respectivas tramas circunstanciais”. Conta que o poeta do Courel non deixou indiferentes a todos aqueles que o viron e que o ouviron e refírese a que foi presidente da Asociación de Escritores en Língua Galega e remata afirmando que é un gran poeta polo seu dominio da palabra.


Asegura que o Día das Letras Galegas ten inimigos e comenta cinco obxeccións e tópicos dos contrarios a esta celebración. Os tópicos críticos que se explican son: que o
Día das Letras Galegas é unha festa de carácter litúrxico, que un día ao ano dedicado ás letras galegas é pouco, que non debería ser festivo, que non está ben que a Real Academia Galega ordene o autor ao que se lle dedica o Día das Letras Galegas e mais que este celebración vai a menos ano a ano.


Repasa a vida e obra de Uxío Novoneyra centrándose nas súas estadías no Courel, Lugo, Madrid e Santiago de Compostela. Destaca que ao remate do servizo militar en 1953 retornou ao Courel onde estivo nove anos mentres gardaba repouso por unha pleuresía.


Explica que lle regalou a Samuel Feijóo, un poeta cubano de pais galegos, un exemplar d’Os Eidos e que pouco despois este poeta lle falou con entusiasmo deste poemario e que lle encomendou ao articulista que traducise o libro ao castelán. Informa de que en 1967 se publicou esta tradución, en edición bilingüe, na revista Islas da cubana Universidade Central.


Refiere a catro recitais nos que Neira Vilas estivo con Uxío Novoneyra e que tiveron lugar en 1994, dentro da XI Semana de Filosofía de Pontevedra, en 1996 nun acto en Pontevedra de solidariedade con Cuba, e dous en 1998, un en Betanzos e outro en Santiago de Compostela nunha homenaxe ao Che Guevara.


Realízase unha reflexión sobre a importancia da neve na vida da articulista e mais na Galicia de hoxe en día e comenta que este fenómeno meteorolóxico é un elemento reiterado na poesía de Uxío Novoneyra.


Fala de catro particularidades da celebración do Día das Letras Galegas dedicado a Uxío Novoneyra. Refiere a diversidade de publicacións sobre o homenaxeado, ás celebracións institucionais, á delicada situación da editoriais galegas e mais á recuperación do Courel como un lugar común da identidade cultural galega.

Dá conta da homenaxe a Uxío Novoneyra, que tivo lugar o 9 de maio, organizada pola web Amigos de Uxío Novoneyra, e destaca a súa condición de poeta telúrico. Detalla o programa da xornada e invita a asistir e descubrir o Courel.


Alude a que a creación de Uxío Novoneyra é unha poética da paz e mais que o seu pensamento é un permanente canto que conecta cos ancestrais saberes labregos e mais cos esforzos ecolóxicos de hoxe en día. Opina que a súa poesía nunca se repregou aos ditados de normativa senón que seguiu sempre a fala. Cualifica a Uxío Novoneyra como “auténtico lobo libre da montaña” e sublíña que incluso as súas elexías conteñen vida.


Sinala que despois de dez anos de silencio institucional e cultural en 2010 a obra de Uxío Novoneyra recupera parte do camiño perdido mediante proxectos en diferentes ámbitos que vinculan a súa poesía co mundo do cómic, do teatro, da música e mais do audiovisual. Comenta unha fermosa edición bilingüe galego-español que se vén de publicar e espera que todos estes traballos sobre Uxío Novoneyra posibiliten o nacemento de novos lectores.


Comeza falando da importancia da lectura como un exercicio de pensamento e a seguir céntrase na descrición dunha xornada de lectura da obra de Uxío Novoneyra que tivo lugar na Estrada. Indica que neste acto estiveron presentes a dona de Uxío Novoneyra, Elba, o fillo de ambos, Arturo, e outras persoas como Raquel López ou Avelino Pousa Antelo.


Comenta a fértil vertente visual como complemento da poética de Uxío Novoneyra. Alude a que as exploracións no mundo da plástica sempre estivo a carón de Reimundo Patiño. Tamén se refíere a que esta sinerxía entre palabra e imaxe está presente no legado de Xohán Casal que se entregou hai semanas na Real Academia Galega.

Define os “poemas lóstrego” de Uxío Novoneyra como os seus escritos máis breves que expresan vitalismo expresivo o cal vai na procura dun momento como máxico intervalo da creación. Tamén se refire a Walter Benjamin e salienta que Uxío Novoneyra coñeceu ben o patrimonio sensorial do Courel e que frente ao silencio do Courel contrapón o rebumbio do tránsito de Madrid no que tamén viviu.


Alude a diferentes actos que terán lugar na cidade de Ourense co gallo da celebración do Día das Letras Galegas como son un obradoiro de música para nenos, unha lectura e representación de poemas de Uxío Novoneyra e unha montaxe audiovisual titulada “Seixalbo na distancia”.


Describe que hai días atopou un cuestionario que lle mandara de rapaz a Uxío Novoneyra e considera que non era moi orixinal. Indica que nel se reflexionaba sobre a poesía galega dos anos oitenta e sobre a normativización da lingua galega, e remata apuntando que lle sorprende a súa actualidade.


Comenta o que se está a facer a prol da conservación da fauna na cordilleira cantábrica, principalmente o oso pardo e a aguia real, e cita que estas terras, nomeadamente as do Courel, foron cantadas por Uxío Novoneyra.


Compara a presenza do libro na sociedade galega coa catalá e láiase da situación do libro en Galiza a pesar de estar totalmente institucionalizado o Día das Letras Galegas.


Refírese a que Uxío Novoneyra respirou e inspirou a súa poética patriótica dende O Courel e que asemade esta se asenta na Terra e non na paisaxe. Fala tamén do seu socialismo e do seu marxismo e destaca que o poeta do Courel é o bardo que dixo que “Galiza debe ser galega”. 

Comenta que os versos de Uxío Novoneyra levan ao Courel, fala da toponimia courelá e reflexiona sobre o esvaecemento da Galicia rural. Indica que en 1957 Uxío Novoneyra abriu en Compostela un ciclo de conferencias co título “Homenaxe a la poesía gallega”.


Reprodúcense algúns dos versos de “A virxe do cristal”, escrito hai mais de cento vinte anos por Curros Enríquez co que, segundo o autor do artigo, se pode revivir “o espírito” vivido cada dezasete de maio en Vilanova dos Infantes. Sinala que nesa vila o Día das Letras Galegas va máis aló para celebrar o día da cultura galega.


Explica en castelán como un “pichón de paloma torcaz” se esnafrou no parabrisas do seu coche e sinala que este feito lle lembrou un poema de Uxío Novoneyra no que se dirixe a un moucho na Alameda de Lugo.


Carta dirixida ao presidente do goberno galego Alberto Núñez Feijóo para que abogue pola defensa e o uso da lingua galega. Como exemplo citase o pregón da feira do Libro de Compostela no ano 1987 na que Uxío Novoneyra proclama a pervivencia da lingua galega como “meta primordial” para Galicia.


Repasa a traxectoria de Uxío Novoneyra dende os anos oitenta en Santiago de Compostela até o seu óbito subliñando os seus cincuenta anos de lucidez creativa así como a súa entrega sincera ao progreso verdadeiro da terra. Tamén fala dunha viaxe a Amarante, dos seus recitados de poemas e destaca que a presenza de Uxío Novoneyra na Galicia da segunda metade do século pasado é meirande do que “fan pensar algunhas crónicas apuradas ou incompletas”. Finalmente apunta que Uxío Novoneyra tiña unha confianza radical na cultura de Galicia así como na súa perdurabilidade.

Mostra que Uxío Novoneyra transforma a súa experiencia co mundo e co Courel en expresión de palabra que comunica o seu estado atónito. Comenta que a paisaxe é o espello do que somos e do que non somos e mais que a natureza contén todo.


Fai un repaso á figura de Uxío Novoneyra como creador poliédrico que brillou como poeta. Comeza coa súa produción literaria, nomeadamente poética, para despois se centrar na súa faceta como gran recitador lírico da que se indica que comezou en 1950 en Lugo. Tamén repasa a súa produción literaria infantil e xuvenil, o seu gran dominio da oralidade e da conversa, a súa presenza en programas televisivos e radiofónicos e remata penetrando nas súas colaboracións en diversas revistas.


Salienta a brillantez da escrita poética de Uxío Novoneyra e a súa intensidade como poeta oral. Tras lembrar algúns recitais, céntrase concretamente na súa experiencia como oínte, sobre todo, como integrante do Grupo de Expresión e Investigación chamado “E tamén” do que Novoneyra foi padrino. Lembra que para a presentación pública do grupo preparouse unha pequena revista denominada Eros en espiral na que Novoneyra achegou un poema autógrafo e un texto titulado “Antón Avilés” para o seu amigo Avilés de Taramancos. Por último, afirma que Novoneyra caligrafou unha expresión popular de saúdo común nas terras courelás que coincidía coa designación do grupo: “Ben, e tamén?”


Breve referencia ao Día das Letras Galegas na que se indica que é unha xornada para enxalzar a lingua propia de Galiza e fronte a isto apunta que a actual Xunta de Galicia semella non apreciar isto por ningures.


Artigo centrado na análise da obra de Lois Pereiro dado que a Real Academia Galega vén de decidir que este poeta sexa o homenaxead no Día das Letras Galegas 2011. Destaca que a RAG é valente con esta elección e mais que Lois Pereiro pódese cualificar como poeta maldito ao xeito de Baudelaire.

Alude á “perversa intención” de facer desaparecer a identidade cultural de Galicia e destaca o labor dos galegos en revoltes como a Irmandiña e a que tivo lugar co movemento Nunca Máis. Sobre esta última afirma que foi “incluso elegante”, respondendo ao concepto expresado por Uxío Novoneyra “sobre o nacionalismo galego cando o denominou nacionalismo defensivo”.


Artigo no que detalla a intensa relación que tiveron Uxío Novoneyra e José Ángel Valente. Afirma que pode dar fe dela e que moito do material desta relación se conserva na Cátedra José Ángel Valente de Poesía e Estética da Universidad de Santiago de Compostela. Detalla que ambos recorron un ao outro en consultas de traducións, con multitraducións de poemas, e penetra na poética de ambos os poetas. Comenta a escolha normativa de Uxío Novoneyra e os agradecementos de Valente a Uxío Novoneyra dado que a filla maior de Valente fixera investigacións etnolóxicas no Courel sendo acollida na casa de Uxío Novoneyra e Elba Rey.


Trata sobre a tradución duns poemas de Uxío Novoneyra ao alemán no número oito da desaparecida revista Galicien Magazin, entre os que se atopan: “Letanía”, “Vietnam Canto”, “Cousos” d’Os Eidos e unha selección de Poemas de doada certeza, e dá conta das dificultades que surxiron para realizar a mesma.


Reflexión sobre o café cunha mención a Uxío Novoneyra e ao seu poemario Os Eidos xa que o articulista no momento de escribir este artigo está a tomar café relendo uns versos deste poeta lucense.


Aplaude que a TVG estree un espazo breve na súa grella de programación baixo o título “Palabra de autor” e recomenda que nesta estrea o lóxico sería que o protagonista fose Uxío Novoneyra xa que 2010 é o seu ano.

Texto en castelán que se centra na descripción da poética de Rosalía de Castro para rematar cunha sucinta referencia a unhas palabras de Uxío Novoneyra nas que afirmaba a importancia de que o pobo galego sexa obxecto de materia literaria.


Contrapón o día festivo da celebración do Día das Letras Galegas co día non festivo de Sant Jordi en Cataluña e comenta a importancia de ambas as celebracións na exaltación da lingua propia de ambos lugares.


Opínase que Uxío Novoneyra era un escritor único que cría realmente na palabra poética e saliéntase que a súa infancia estivo marcada polo cariño nunha casa labrega e farta. A seguir, faise un curto percorrido académico e profesional, no que se destaca o encontro coa intelectualidade galeguista durante a súa estadía en Compostela debida ao servizo militar. Lémbrase a redacción do poemario en castelán titulado Abrojos, para logo, a través do diálogo intelectual, sobre todo, con Ramón Piñeiro, facer un cambio de lingua literaria do castelán ao galego, lingua na que achou a palabra poética que precisaba. Remata apuntado que o seu “oficio foi ser neno” para o que destaca que Novoneyra estivo entregado a ser salvaxe e inocente como un neno.


Fálase da temática da paisaxe n’Os Eidos e nas Elexías do Courel e outros poemas, de Uxío Novoneyra. Da primeira obra destácase a súa orixinalidade por transcender o paisaxístico para adentrarse no filosófico e metafísico e exemplificase a faceta social de Novoneyra en poemas como “Letanía de Galiza” e “Vietnam canto”. Por outra banda, sinálase que en Arrodeos e desvíos do camiño de Santiago e outras rotas fai un inventario de vocablos, termos e locucións típicamente courelás como forma de conservación dunha lingua ameazada e unha cultura esmorecente. Apúntase que a súa obra se caracteriza pola concentración, a esencialidade e a intensidade que require esforzo por parte do lector para entendela na súa pluralidade de contidos, rexistros e significados.


Lémbrase de varias viaxes que realizou con Uxío Novoneyra aos congresos da Asociación de Escritores en Língua Galega e a Andorra e a Biarritz. Céntrese na
descrición da viaxe a esta localidade de Iparralde na que tamén estiveron Manuel María, Míguel Anxo Fernán Vello, Francisco Pillado e Afonso Álvarez Cáccamo.


Expón que no Día das Letras Galegas os galegos queren que se lle recoñezan todos os dereitos para a súa lingua propia e cualifica a Uxío Novoneyra como poeta do silencio e da música e mais como poeta da terra e do monte e conclúe indicando que foi ante todo un comunicador extraordinario de valentes palabras.


Reprodúcese un artigo que xa fora publicado no número 907 d’*A Nosa Terra* no que se loa e se reflexiona sobre a importancia da figura de Uxío Novoneyra co gallo do óbito do escritor do Courel.
IV.6. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: ENTREVISTAS


Entrevista ao presidente da Real Academia Galega, Xosé Luís Méndez Ferrín, que insiste en que a homenaxe a Uxío Novoneyra non se limita ao 17 de maio. Afirmo que o galego está en perigo, e que considera que este goberno non ten unha maioría “tan forte para permitirse o luxo de facer un decreto do galego tan radical e rupturista”. Malia dicir que o galego segue retrocedendo, considera que a literatura galega está “nun momento de esplendor”, polo que o futuro está “asegurado para os próximos cincuenta anos”.


Nesta entrevista ao presidente da Real Academia Galega, Xosé Luís Méndez Ferrín, achégase á poética novoneyriana a través das vivencias compartidas por ambos os dous escritores. Méndez Ferrín destaca a sensibilidade poética e a obsesiva perfección do courelán e considera que posuía unha visión contemplativa da aldea, pero que as cidades tamén formaban parte do seu mundo. Logo de cualificar o paso de Novoneyra pola presidencia da Asociación de Escritores en Língua Galega, xustifica o título do seu ensaio *De Pondal a Novoneyra* (1984) porque é “como un símbolo da miña xeración”. A conversa remata falando sobre a situación da lingua galega na actualidade. Por último, o presidente da Academia salienta a clamorosa recepción social d’*Os Eidos*, mais opina que o poeta definitivo non está n’*Os Eidos*, senón no *Vietnam Canto* ou nas Elexías do Caurel.


Con motivo da publicación dunha escolma en castelán do poeta inglés Ted Hughes, comenta Xoán Abeleira, tradutor da mesma, que este autor mantén moitas similitudes con Uxío Novoneyra, pois xiran ambos os dous arredor da paisaxe e da lingua das súas zonas. Asemade, considera que este carácter localista non impedía a universalidade da súa obra.


Conversa co intelectual Francisco Fernández del Riego, quen comenta como lle xurdiu a idea de facer o “díaz das letras galegas”. Apunta que coñeceu “moito” a Uxío Novoneyra e que lle publicou *Os Eidos*, o seu primeiro libro na Editorial Galaxia. Por outro lado, parécelle “moi ben” que sexa Xosé Luís Méndez Ferrín quen estea á fronte da Real Academia Galega.
O músico Rodrigo Romaní, que vén de publicar o disco “Barlovento” coa orquestra folk Sondeseu, fala nesta entrevista de cómo foi o seu descubrimento da música e recorda ao poeta Fiz Vergara Vilariño e ao poeta Antón Avilés de Taramancos. Entre outras cousas, considera que os recitais de Uxío Novoneyra eran “auténticas interpretacións musicais” e que os seus poemas están cheos de música.

O presidente da Real Academia Galega, Xosé Luís Méndez Ferrín, comenta nesta entrevista que o motivo fundamental da elección de Uxío Novoneyra para conmemorar o Día das Letras Galegas é a repercusión e relevancia da súa obra para a literatura en lingua galega. Méndez Ferrín considera a Novoneyra como “o poeta da Terra” por afondar no significado da súa, o Courel, e destaca tamén o uso político e amoroso na palabra de Novoneyra. Refírese ao significado que ten o Día das Letras Galegas para os galegos, cualificado como “a xornada na que nos encontramos con nós mesmos e coa nosa tradición”.

Nestas páxinas recupérase unha entrevista a Uxío Novoneyra feita no Courel en 1991, que fala sobre a comunicación coa paisaxe e a identificación espiritual do home coa natureza. Apunta que as “cousas i os seres” n’Os Eidos son tratados como “seres próximos longamente convividos”. Explica que valor teñen para el as palabras, e fala dos aspectos estéticos da súa poesía (dimensión e estrutura da composición, o fondo ou a forma). Por outra banda, fala da súa intensidade no momento de recitar os versos e considera que pola súa poesía si pasa o tempo, e que está en relación coa lingua.

Entrevista a José Antonio Durán, que vén de presentar no Museo de Pontevedra un documental que retrata a relación entre María Mariño e Uxío Novoneyra. Ademais de explicar cómo surdiu este proxecto, repara nas consecuencias do entrecruzamento das dúas perspectivas, e sorpréndelle o feito de que se produciría “un taller de alta poesía” na aldea pequena do Courel. Nun á parte, ofrecense contidos do documental, sinalando ademais que conta coas voces de Luísa Merelas para dobrar a voz de María Mariño e de Roberto Reboiro para a de Uxío Novoneyra.

Transcrición dunha conversa con Uxio Novoneyra tomadas dun documento audiovisual, dirixido por Ramón Reimunde, gravado no Instituto Nosa Señora dos Ollos Grandes e no parque de Rosalía de Castro de Lugo en 1985. A entrevista foi realizada polas alumnas do centro educativo e entre os temas dos que se fala están os aspectos máis relevantes da súa poesía (recursos e temas literarios), os seus poetas preferidos, así como a situación e o futuro da lingua galega. Á parte, pregúntaselle sobre outros temas nos que comenta o que lle suxiren as palabras en forma de preguntas breves como “Paz?”; “Deus?”; “Relixión?” ou “Portugal?”.
IV.7. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: NOTAS, PRESENTACIÓNS E ESCRITOS VARIOS


Reprodúcese a “Elexía a Albert Camus”, de Uxío Novoneyra, coa correspondente tradución ao castelán de Xoán Abeleira.


Acóllense quince haikus inéditos de Xoán Abeleira, dedicados a Uxío Novoneyra.


Fálase da lectura pública da obra de Uxío Novoneyra organizada pola plataforma Queremos Galego. Indícase que entre os participantes estiveron Fernández Abella, Carlos Loureiro e Avelino Pousa Antelo. Engádese que tamén estiveron presentes familiares do autor. Refírese a *Os Eidos* como obra cumio de Novoneyra.


Refírese á sesión extraordinaria que a Real Academia Galega levou a cabo en memoria de Uxío Novoneyra. Indícase que nela varios académicos foron tomando a palabra para “glosar a obra e a vida do homenaxeado” remarcando o “singular da súa literatura” así como a defensa constante da lingua galega e o seu compromiso político e ético. Engádense referencias ao discurso de Manuel Rivas, que na súa intervención fixo referenciais literarias a César Vallejo, William Wordsworth ou Virginia Woolf; ao de Margarita Ledo Andión, quen remarcou a influencia exercida por Novoneyra sobre os xoves intelectuais galegos da súa xeración; e ao de Darío Xohán Cabana, quen comparou a importancia do poeta do Courel coa figura de Eduardo Pondal façendo alusión ao título da antoloxía poética *De Pondal a Novoneyra* (1984), de Xosé Luis Méndez Ferrin. Coméntase tamén a intervención de Méndez Ferrin e engádese que o broche da sesión púxoa a Banda de Gaitas do Courel coa interpretación do himno galego. Apúntase que o colexio público de Seoane do Courel foi rebautizado co nome do autor d’*Os Eidos*.


Coméntase que o Concello de Ourense organizou unha serie de actividades para celebrar o Día das Letras Galegas entre as que destaca unha exposición sobre os fondos
bibliográficos do concello cun espacio dedicado a Uxío Novoneyra. Tamén se sinala que o Concello de Ourense regalará os libros *Ilda, o lobo, o corzo e o xabarín* aos centros de Infantil e Primaria e mais *Cantos de permanencia* aos de Bacharelato.


Fálase da xunta extraordinaria levada a cabo pola Real Academia Galega con motivo da celebración do Día das Letras Galegas. Recóllense os discursos de Xosé Luís Méndez Ferrín, que erixiu a Novoneyra en “signo nacional en tempos adversos”; de Manuel Rivas, que criticou a política linguística da Xunta de Galicia; de Margarida Ledo Andión, que enxalzou a “unha xeración enteira que defende a identidade, a cultura e o idioma galegos”; e de Darío Xohán Cabana, que louvou a creación literaria do autor, entre outros. Refírese, tamén, ao discurso de Alberto Núñez Feijóo e infórmase de que o CEIP de Seoane do Courel foi bautizado co nome de Uxío Novoneyra.


Infórmase que Uxío Novoneyra Rei, fillo do poeta do Courel, presidiu a apertura da Feira do Libro de Melide, no que ademais de lembrar a conexión de seu pai coa vila, recitou poemas seus.


Recóllense fragmentos dunha entrevista feita por Antón Baamonde a Uxío Novoneyra con motivo de celebración dos trinta anos de publicación d’*Os Eidos*. Fálase dos anos nos que começou a escribir en galego, da súa falta de lecturas galegas ou d’*Os Eidos*, entre outras cousas. Engádese a explicación feita por Baamonde sobre o tipo de entrevista que lle saiu e que el caracteriza de heideggeriana “porque naquela altura algúns quedamos fascinados polas *Interpretacións da poesía de Hölderlin*” que foran traducidas ao castelán por José María Valverde.


Refírese á sesión extraordinaria que celebraba a Real Academia Galega co fin de homenaxear ao escritor Uxío Novoneyra. Indícase que a figura do homenaxeado será glosada por Manuel Rivas, Margarita Ledo, Darío Xohán Cabana e Manuel González, mentres que Xosé Luís Méndez Ferrín pechará o encontro para, posteriormente, proceder á inauguración do novo Colexio Público Poeta Uxío Novoneyra. Engádense referencia ás distintas programacións que homenaxean ao escritor nas catro provincias galegas entre as que destaca o ciclo “Interseccións. A olalla de Novoneyra”, un espectáculo de Emilio Cao no que colaborou “con letra” Novoneyra durante os últimos anos da súa vida.


Fálase da presentación de *Sons nús*, un disco no que Maite Dono e Baldo Martínez “fusionan o jazz coa música tradicional sobre a base poética de Uxío Novoneyra”. Recóllense as opinións que esperta o disco na bailarina Branca Novoneyra, na cantante Uxía e no escritor Miguel Anxo Fernán Vello.


Coméntase que o musical *Dúas Beiras*, dirixido e protagonizado por Lorena Lores, mestura o folk e o tango e que pretende, a través da música, consolidar a historia da emigración e dos escritores galegos e render homenaxe a persoas como Uxío Novoneyra, Daniel Rodríguez Castelao, Rosalía de Castro e Luís Seoane. Indícase que a música forma parte da programación da Consellería de Cultura para a conmemoración do Día das Letras Galegas.


Fálase do acto de lectura pública na Biblioteca Uxío Novoneyra de poemas do autor con motivo da celebración do Día das Letras Galegas. Indícase que se trata dunha homenaxe a Novoneyra tanto por parte dos usuarios da instalación coma dos amigos.


Anúnciase a lectura poemática comentada da obra de Uxío Novoneyra que levará a cabo Darío Xohán Cabana dentro dos actos da III Primavera das Letras Galegas que se dedican ao poeta do Courel. Indícase que o acto se levará a cabo na Biblioteca Uxío Novoneyra.

Fálase de Uxío Novoneyra como unha persoa que confiou na súa xeración, na “xeración da esperanza”. Sinálase que chegou a se converter en símbolo para as xentes do Courel rodeado doutros poetas como María Mariño e Fiz Vergara Vilariño. Engádese que o Courel é en 2010 “o epicentro das letras e das miradas de Galicia”.


Informáse do programa de actividades que o municipio de Valga ten preparado para celebrar o Día das Letras Galegas. Indícase que entre esas actividades atópase o Festival das Letras e a tradicional Festa de Maiores, entre outras.


Repara en que o 15 de xullo de anos diferentes, aconteceu a morte de Rosalía de Castro e a publicación d’Os Eidos, de Uxío Novoneyra. De ambos os doux di que son doux poetas “sobranceiros na poesía de nós” e repara en que a presenza de Rosalía en Novoneyra está en “todo el”. Para conmemorar ambas datas amosa un poema manuscrito (e tamén a versión publicada) que o poeta courelao escribiu en 1956.


Fálase da sesión plenaria, extraordinaria e pública coa que a Real Academia Galega conmemora o Día das Letras Galegas en que homenaxea a Uxío Novoneyra. Indícase que ademais da intervención de Xosé Luís Méndez Ferrín, durante o acto a figura do autor homenaxead o será glosada por Manuel Rivas, Margarita Ledo, Darío Xohán Cabana e Manuel González. Informáse do cambio de nome do Colexio Público de Seoane que se pasará a chamar Poeta Uxío Novoneyra. Engádense referencias a outros actos de recoñecemento ao poeta entre os que se atopa o espectáculo que fusiona música, danza e poesía presentado polo grupo Tender a man e do que forman parte Yolanda Castaño e Branca Novoneyra.


Fálase da exposición fotográfica que o Centro Galego de Barcelona inaugurou co fin de recoller a testemuña visual da vida do poeta. Refírese a Os Eidos (1955) como a obra que o consagrou na literatura galega.

Indícase que a XIII Feira do Libro marcará a xornada festiva do Día das Letras Galegas en Tui cuxa inauguración correrá da man de Fernando Álvarez, autor de *El glorioso bálano de Randuf* e de *Asesinato de una mariposa*. Engádense referencias a outras actividades entre as que se atopa a homenaxe a Pablo Pousa.


Refírese a homenaxe que a Agrupación Cultural Guardesa lle fará a Tino Baz con motivo do Día das Letras Galegas. Explicase que o motivo da súa elección foi a súa traxectoria musical con “actuacións que son resultado do tratamento de adaptacións de pezas populares ás que incorpora a palabra de poetas” entre os que se atopan Celso Emilio Ferreiro ou Xosé Carlos Gómez Alfaro, entre outros.


Refírese ao acto organizado por Antón Patiño na Praza do Obradoiro como homenaxe ao escritor Uxío Novoneyra. Explicase que estaba centrada nos versos “Chove para que eu soñe” e que nel participaron, entre outros, Antón Reixa, Marilar Aleixandre e Menchu Lamas.


Refírese ao discurso dado por Xosé Luís Méndez Ferrín no pleno extraordinario da Real Academia Galega que homenaxea ao poeta Uxío Novoneyra no Día das Letras Galegas a quen considera “unha espléndida luminaria poética, que fixo máis habitable a segunda metade do século XX”. Fálase da situación da lingua galega segundo o presidente da Real Academia Galega que anima á xente a participar na manifestación convocada pola plataforma Queremos Galegos. Infórmase que o día 17 haberá unha actuación en homenaxe a Novoneyra a través do grupo artístico Tender a man do que forman parte Yolanda Castaño e Branca Novoneyra, entre outros.


Fálase dos diferentes actos que se levan a cabo con motivo do Día das Letras Galegas, tal é o caso do plenario extraordinario da Real Academia Galega no que participaron Manuel Rivas, Margarita Ledo, Darío Xohán Cabana, Manuel González e Xosé Luís Méndez Ferrín. Engádense, por exemplo, referencias á inauguración do novo CPI Poeta Uxío Novoneyra, a actuación do grupo artístico Tender a man formado por Yolanda Casteañe e Branca Novoneyra, o ciclo de concertos “Interseccións. A ollada de Novoneyra” a cargo de Emilio Cao ou a homenaxe centrada no poema verso “Chove para que eu soñe” organizada polo pintor Antón Patiño na Praza do Obradoiro e na que
participaron creadores como Antón Reixa, Marilar Aleixandre e Miguel Anxo Fernández-Vello.


Explica que o DVD “En prol dun verso. Uxío Novoneyra” está promovido pola Secretaría Xeral de Política Lingüística e que se distribuírá un a cada centro de ensino. Precisa que a través del se tenta promover o coñcemento do escritor courelán nos centros escolares.


Indica que na gala “Canto de Permanencia. Homenaxe a Uxío Novoneyra”, organizada pola Fundación Manuel María e a Asociación Psicopedagóxica Galega, os versos de Uxío Novoneyra serán os protagonistas. Destaca que este ano Novoneyra será homenaxeado no Día das Letras Galegas e subliña a súa defensa do galego. Apunta que na súa obra máis recordada, Os Eidos, o autor “dotou aos seus versos dun contido subliminal de clara inspiración telúrica”.


Fálase das distintas iniciativas postas en marcha pola Fundación Caixa Galicia para festexar o Día das Letras Galegas. Expícanse algunhas destas actividades como o programa “Desengaiolando libros” máis coñecido popularmente como *bookcrossing*. Índice que entre os libros escolhidos figuran títulos de narrativa para adultos de autores como Suso de Toro ou Manuel Rivas; de literatura infantil con obras de Rosa Aneiros ou Marilar Aleixandre; de poesía con libros de Xosé Luís Méndez Ferrín ou Xoán Fernández García; de ensaio con obras de Carlos Fernández ou Anxo Rey Ballesteros; de banda deseñada representada por Fausto Isorna; e de teatro con títulos de Euloxio Rodríguez Ruíbal. Expícase, tamén, o concurso online “Atopando a Novoneyra” e fáise referencia ao uso da rede social Facebook por parte da Fundación para animar aos cidadáns a participar nas actividades.


Anúncianse as actividades que se levarán a cabo en Tui con motivo do Día das Letras Galegas, entre as que destaca a XIII Feira do Libro Galego. Índicase que esta será inaugurada por Fernando Álvarez, autor de El glorioso bálano de Randufe e Asesinato de una mariposa.

Fálase das distintas actividades que se levarán a cabo na cidade da Coruña con motivo da celebración do Día das Letras Galegas entre as que destaca o festival no parque de Santa Margarita que “inclúe música e xogos tradicionais”. Engádense referencias ao discurso dado polo alcalde, Javier Losada, no acto central da celebración que se levou a cabo na sede da Fundación Luis Seoane e no que destacou o carácter galeguista da cidade “que viu nacer a Real Academia Galega e as Irmandades da Fala”.


Fálase da homenaxe que a Casa de Galicia en Madrid fai a Uxío Novoneyra con motivo da celebración do Día das Letras Galegas. Indícase que a montaxe titúlase “Versos na radio” e que nela participa Sergio Pazos.


Indícase que na biblioteca de Touro realizáronse diferentes actividades con motivo do Día das Letras Galegas, entre as que salienta a lectura de fragmentos de *Gorgorín e Cabezón* e doutras obras de Uxío Novoneyra.


Fálase dun acto para conmemorar o Día das Letras Galegas no que participaron Manuel Bragado, quen falou sobre o contexto do poeta; Carmen Blanco, quen considera a Novoneyra un “cantor total, de alto lirismo e profunda perfección formal” ademais de ser un poeta “profundamente claro e sinxelo e para toda a xente”; Xosé Luís Méndez Ferrín, quen afirmou que o poeta era tamén “un grande home activo e pensante no seu do pobo galego”; e Branca Novoneyra, quen asegurou que a obra de seu pai está “totalmente rematada” porque “publicou en vida todo o que quixo”. Infórmase que durante o acto se fixeron lecturas dos seus versos e engádense datos bibliográficos se us.


Fálase da idea que a familia de Uxío Novoneyra ten de pór en funcionamento a Fundación Uxío Novoneyra que ocuparía a “metade da casa”. Indícase que as pinturas de Raimundo Patiño que o poeta foi coleccionando formarían parte dos fondos da nova fundación. Infórmase que “practicamente todo o arquivo de María Mariño” está nos fondos de Novoneyra.

García Márquez, Marta, “Ferrín dá a súa particular lista de razóns que converten a Novoneyra nun grande”, *El Ideal Gallego*, “A Coruña”, 13 maio 2010, p. 15.
Refírese á participación de Xosé Luís Méndez Ferrín nunha mesa redonda sobre Uxío Novoneyra a quen describiu como comprometido, individual, xenial, distante, ambiguo e moi seu. Engádese que, segundo o presidente da Real Academia Galega, este poeta foi capaz de “crear un Caurel como símbolo nacional”. Fálase, ademais, d’*Os Eidos* (1955).


Fálase de que o Instituto Cervantes de Sydney celebrou o Día das Letras Galegas coa súa correspondente homenaxe a Uxío Novoneyra. Expícase que José Colmeiro pronunciou unha conferencia sobre a cultura e a língua galegas, na que fixo un percorrido polas etapas da literatura escrita en galego e polos seus máis célebres autores, así como “pola historia e a iconografía” do 17 de maio. Engádese que Colmeiro recitou versos de Novoneyra recollidos en *Muller para lonxe* (1986) e *Os Eidos* (1955) e que, tras o relatorio, estabeleceu un coloquio.

**Gómez, Cuca M.,** “Vivan las vacaciones”, *Diario de Pontevedra*, “Gente a diario”, “De café con Cuca”, 9 xaneiro 2010, p. 78.

Dise que a cultura galega lembra a Uxío Novoneyra en Lalín cunha homenaxe aí que asistiron persoais da mesma e figuras próximas a el, como a súa viúva e un fillo seu, que leu un poema en memoria.


Refírese á celebración en Pontevedra do Día das Letras Galegas durante a cal se leron versos de Uxío Novoneyra.


Ao fío desta temática da auga, que ten capacidade para arder e para purificar o que está “sucio”, destaca e reflexiona sobre un poema de Uxío Novoneyra que escribiu no río, e tamén da exposición realizada na Igrexa da Universidade compostelá por Antón Lamazares, nomeada “Lume na fonte”, da cal di que “un calor fresco” percorre as súas pinturas ao retratar a maxia de Galicia.


Infórmase dos actos que o concello de Ponteareas ten previstos para celebrar o 17 de maio. Indícase que entre estas actividades atópase un recital poético-musical de poesía de Uxío Novoneyra, entre outras.

Anúncianse as actividades que se levan a cabo na provincia de Ourense para conmemorar o Día das Letras Galegas. Indícase que entre eses actos está o V Certame de Música Coral; “Intergaliza”, programa que pretende achegar aos cidadáns outras culturas como as do Sahara, Marrocos ou Senegal; a exposición de libros que o Concello editou nos últimos anos; e “Desengaiolando libros”, unha iniciativa de Fundación Caixa Galicia máis coñecida como bookcrossing, entre outras.


Destaca como riscos que marcan a súa concepción da “poesía como voz da Terra”, segundo apuntou Ramón Piñeiro, a descuberta dos haikus de Matsuo Basho aos quince anos, o illamento no Courel entre 1952 e 1962 tendo como sombra o tifo do que morreu o seu irmán Xosé, os seus estudios de Filosofía e Letras e a segunda estadía en Madrid de 1962 a 1966. Recolle opinións de Ramón Piñeiro, Xulio Calviño, Franco Grande, Luís Cochón, Carlos Oroza, Emilio Araúxo, Herminio Barreiro e Xavier Cordal para iluminar trazos da biobiografía de Uxío Novoneyra, en relación á súa vinculación á xeración dos 50, ao comunismo nacionalista, á poesía social que se manifesta nas traducións de Mao Zedong e a amizade con Jesús López Pacheco, e da súa presidencia da Asociación de Escritores en Língua Galega entre 1982-1985 e entre 1987-199.


Nun á parte titulado “Novoneyra centrará un recital de poesía” indicase que se celebrará un recital de poesía o día 19 que contará con Xavier Rodríguez Barrio como mantedor. Apunta que neste recital participarán Isidro Novo, Darío Xohán Cabana, Marica Campo e Paco Martín. Ademais dá conta de que a editorial Casamanita Cartoneira fixo unha convocatoria para que catro autores participaran nun recital lendo fragmentos dalgunha das súas obras. Explica que da literatura galega participaron Lupe Bao, con *Mecánica poética*; José López Cedrón, con *Retallos a un poema alcohólico*; e Raquel López, con *Verde amianto*. Remata indicando que o recital contará con Inés Cuadrado como peche o día 23.


Manuel María o María Mariño. Cítase como remate a biografía que lle fixo Antón Lopo, *A distancia do lobo*.


Fálase da sesión que a Real Academia Galega lle dedicou a Uxío Novoneyra con motivo da celebración do Día das Letras Galegas. Indícase que nela participaron Xosé Luís Méndez Ferrín, Manuel Rivas, Margarita Ledo e Manuel González, os cales centraron parte do seu discurso na defensa da lingua galega. Engádese que Méndez Ferrín definiu a Novoneyra como “o poeta do home e da liberdade, signo nacional en tempos adversos”. Apúntase que outros dos participantes foi Darío Xohán Cabana, quen afondou na análise da poesía do homenaxeado e destacou o título do libro *De Pondal a Novoneyra* (1984), de Méndez Ferrín, co fin de establecer un paralelismo entre a forma de traballar de ambos poetas “pelo torpe balbucinte dos seus comezos literarios”.


Fálase da conferencia impartida por Darío Xohán Cabana sobre Uxío Novoneyra, de quen dixo que era “un poeta primitivo e non popular”. Compárase a Novoneyra con Eduardo Pondal por seren ambos os dous “metricamente torpes”, trazo que os facía aos dous tan pois conseguían sacar da tortura do verso o seu maior esplendor. Indícase que Novoneyra era “moi amable” pero que “cando estabas con el percibías iso que dixo ben Antón Lopo, a distancia do lobo”. Engádese que a amizade que máis influíu no escritor do Courel foi a de Manuel María. Menciónase a celebración do Día dos Museos no Museo Provincial de Lugo en cuxo recital poético da obra de Novoneyra participaron María Xosé Lamas e Isidro Novo.


Fálase da presentación do disco “Uxío Novoneyra. Últimas paisaxes” formado por unha serie de lecturas poéticas que Novoneyra fixera en Radio Nacional de España e que foron seleccionadas por Lino Braxe. Expícase que se trata de poemas algúns lidos sen acompañamento musical e outros coa música de Manuel Balboa. Apúntase que algúns das pezas son poemas recollidos n’*Os eidos* (1955) e *Elexíass do Courel* (1966). Indícase que na presentación participaron Lino Braxe, Rebeca Montero e Mabel Rivera, quen utilizou as poesías do escritor do Courel para o seu documental “Unha louza sobre o Courel”. Refírese, finalmente, ao recital dedicado a Novoneyra e celebrado durante a Feira do Libro de Lugo do que se encargaron Marica Campo, Paco Martín, Xavier Rodríguez Barrio e Isidro Novo.

Refírese á intervención de Xosé Lois García nas xornadas “Compromiso de permanencia”, organizadas pola Área de Cultura e a AS-PG, nas que falou sobre Uxío Novoneyra como un “rebelde”. Indícase que ese espírito vén explicado polo “mundo que se atopou ao nacer en 1930”. Ponse como exemplo o acontecemento que lle tocou vivir no 1936: o asasinato do mozo republicano Manuel Ribadaira ao que viu sangrando nunha escaleira. Apúntase que todo isto derivou nun nacionalismo marxista que se concretou en Santiago de Compostela onde fixo o servizo militar e coñeceu a Ramón Piñeiro e Carlos Maside, entre outros. Engádese, finalmente, que Edicións Xerais de Galicia publicou unha obra na que Lois García explica a súa relación co escritor.


Anúnciase o protagonista do Día das Letras Galegas 2010: Uxío Novoneyra. Explicase que o poeta do Courel é un dos máis importantes da literatura galega e que entre as súas obras destacan Os Eidos (1955), prologada por Ramón Piñeiro; Elegías del Caurel y otros poemas (1966), en edición bilingüe; Poemas Caligráficos (1979); e Muller para lonxe (1987), centrada na temática do amor. Indícase que na súa terra, O Courel, o poeta será homenaxeado cun paseo dende a Ferrería de Seoane do Courel até Parada, o seu lugar natal, durante a cal se lerán poemas seus.


Faise fincapé nas achegas á Literatura Infantil e Xuvenil de Uxío Novoneyra: No cubil do xabarín (1991), Gorgorín e cabezón (1992) e Ilda, o lobo, o corzo e o xabarín (1998), obras das que se salienta a identidade e os soños do poeta como eixes temáticos. A seguir, ofrécese un breve resumo do argumento e unha serie de notas sobre a súa estrutura e as cuestións tratadas. Finalmente, conclúese que a unión do poeta courelao coa súa terra natal é un dos seus sinais de identidade máis fortes, que serve de pano de fondo a todas elas. Destácase tamén o aspecto lingüístico, xa que optaba polas variantes típicas da zona como unha parte máis da súa identidade, que se sumaba á xeográfica.


Anúnciase a homenaxe que a Orquestra Filharmónica Cidade de Pontevedra fai ao Día das Letras Galegas. Indícase que durante a presentación do concerto o director da orquestra, Javier Viceiro, explicou que o acto está dividido en dúas partes nas que se interpretarán pezas de H. Saavedra Castro, Robert Schumann e Howard Hanson. Engádese que ao final do acto habrá unha sorpresa para o público.

Fálase dos actos que a cidade de Pontevedra acolleu con motivo do Día das Letras Galegas, como por exemplo a Festa da Lingua organizada polo centro social Revira. Indícase que un dos membros desta organización, Diego Sartorio, foi o encargado da lectura do manifesto no que lembrou que “a lingua pasa por momentos complicados”. Faise referencia tamén á entrega dos premios dos certames Ben Veñas Maio 2010 de fotografía, banda deseñada, narración curta, música e poesía.


Recólense declaracions de Xosé Méndez Ferrín sobre a situación da lingua galega e incluíuse a invitación que lanzar á cidadanía a participar na marcha convocada pola plataforma Queremos Galego no Día das Letras Galegas. Fálase tamén da medalla

Comenta o Paseo Literario organizado no Concello de Lugo co motivo do Día das Letras Galegas. Di que no evento participaron a concelleira de cultura, Nuria Mundiña; Jesús Pérez, encargado da galería Sargadelos de Lugo que foi homenaxeado anteriormente pola súa labor pola vida cultural lucense; e Manuel Curiel, director da Semana de Cine de Lugo. Comenta tamén que o camiño comezou dende a escultura de Ánxel Fole, ubicada no Barrio de Campo Castelo, e rematou no Centro de Convivencia Uxío Novoneyra e continúa contando que na saída da ruta literaria, léronse versos de Novoneyra e que, no remate, se descubriu unha praca e se fixo unha ofrenda floral.


Fálase da carpeta de luxo dedicada a Uxío Novoneyra e publicada por Rei Zentolo. Indícase que a carpeta está formada por tres cadernos: un formado por poemas nos que autores como Ana Romaní, Antón Lopo, Carlos Oroza ou Manuel María retratan en verso a Novoneyra; un segundo formado por cartas nas que persoios como Xesús Alonso Montero, Carlos Mella e Xosé Manuel Beiras, entre outros, se despiden do poeta; e un terceiro formado por láminas e fotografías de artistas como Antón Patiño, Daniel Casigueiro ou Fermín Bouza. Explícase que nas súas orixes esta carpeta ía dirixida ao poeta do Courel quen faleceu antes de que se rematase. Engádese que os cartos recadados dedicaranse ao financiamento das actividades da fundación de Novoneyra.


Faise eco do curso da Universidade de Santiago de Compostela que se celebra en Sarria sobre o camiño de Santiago. Comenta que os alumnos alí desprazados asistiron a unha homenaxe ao escritor Uxío Novoneyra. Engádese que foi Xosé Jurjo, profesor de filosofía en Lleida, o encargado de lemar a figura do poeta courelao. Indícase que, logo da presentación,algún alumnos recitaron poemas de Novoneyra.


Refírese ás actividades que a Asociación Cultural Ateneo Correidora de Combarro programou para a celebración do Día das Letras Galegas, como por exemplo a participación do poeta Javier Prado ou a inauguración dunha mostra de pintura e manualidades de Adelaida Serén e Marina Castro.

Fala da inauguración da exposición *A voz da terra*, organizada pola Concellería de Cultura de Poio, do autor e fotógrafo X. M. Albán cunha serie de catorce montaxes que componen unha visión da obra poética de Uxío Novoneyra.


Citanse e coméntanse testemuños e cualificacións dos veciños de Parada de Moreda que coñeceron ao escritor Uxío Novoneyra. Indícase, por exemplo, que malia ter nado na mellor casa da aldea, tratábase dun home moi humilde. Recóllese a súa preocupación polo abandono do Courel por parte da xente “porque significaba que a aldea se desfaca”. Cítase a súa obra *Os Eidos* (1955).


Infórmase do acto informal que organizou o pintor Antón Patiño co obxectivo de homenaxear a Uxío Novoneyra. Explicase que se trata dunha *performance* inspirada en “Chove para que eu soñe”. Índice que entre os participantes estaban Marilar Aleixandre, Antón Reixa, Miguel Anxo Fernán-Vello, Xosé María Álvarez Cáccamo, Pedro Riela e Branca Novoneyra, entre outros.


Refírese á actualización da páxina en liña de Uxío Novoneyra con motivo de ser o escritor homenaxead no Día das Letras Galegas 2010. Explicase que está páxina conta, por exemplo, cun calendario de actividades, unha biografía e unha bibliografía acompañada de referencias das súas traducións a diferentes linguas como o éuscaro, por Koldo Izaguirre; o castelán, por Xulio Calviño; o alemán, por Hedwing Caspers; o francés, por François Davo e James Sacré; o gaélico, por Perase Hutchison; o inglés, por Jack Hill e Pearse Hutchinson; e o xaponés, por Ayako Sugitani. Fálase tamén de que A Nosa Terra foi a primeira editorial en publicar un libro sobre Novoneyra no ano da súa homenaxe. Indícase que a autora deste volume, Carmen Blanco, é unha especialista no autor que xa fixera a edición d’*Os Eidos* en Edicións Xerais de Galicia en 1990.


Faise unha breve traxectoria pola vida de Uxío Novoneyra dende o seu nacemento até a súa morte. Indícase que é o “escritor de maior contemporaneidade ao que se lle dedica o 17 de maio”, Día das Letras Galegas. Cítase a súa obra *Os Eidos*, publicada en 1955 pola Editorial Galaxia.

Refírese á asemblea na que a Asociación de Escritores en Lingua Galega acordou o programa de actividades do 2010. Indícase que entre estes actos se atopa o Roteiro Novoneyra que realiza en colaboración coa Deputación de Lugo.


Fálase da carpeta “Homenaxe Uxío Novoneyra: Letras Galegas 2010” (2009), unha reprodución do exemplar que en 1999 publicara a asociación O Galo con motivo da Homenaxe Nacional a Novoneyra que se levou a cabo pouco despois da morte do escritor. Indícase que a coordinación desta tiraxe correu da man de Uxío Novo, o fillo do poeta, e que está producida por Rei Zentolo. Expícase que a carpeta está formada por poemas de Carlos Oroza e Xosé Luís Méndez Ferrín, entre outros; cartas e estampas e que, ademais, constitúe o comezo dunha serie de publicacións que aparecerán proximamente. Apúntase que os beneficios se destinarán á Fundación do escritor con sede en Parada do Courel; unha fundación que pretende revitalizar o proxecto Aula de Escritores Galegos do que se encargou Novoneyra mentres era presidente da Asociación de Escritores en Língua Galega. Fálase, tamén, do traslado dos restos de Novoneyra ao Courel.


Refírese a homenaxe que dende Parada do Courel fixeron a Uxío Novoneyra, dividida en dúas partes: unha primeira que consistía nun percorrido polo Camiño Real “que unía o Courel coa comarca de Valdeorras” e na que se levaron a cabo lecturas dos poemas do escritor, e unha segunda que tivo lugar no colexio da Ferrería e na que intervineron persoéiros como Isidro Novo ou Ramón Caride Ogande. Indícase que este colexio foi rebautizado co nome do autor d’*Os Eidos* (1955). Faise referencia tamén á sesión extraordinaria da Real Academia Galega que se celebrará no Courel con motivo do Día das Letras Galegas e na que participarán Margarita Ledo Andión, Darío Xohán Cabana e Xosé Luís Méndez Ferrín, entre outros.


Anúnciase a homenaxe a Uxío Novoneyra convocada por Antón Reixa, unha creación diante da catedral de Santiago de Compostela do poema “Chove para que eu soñe” na que cada participante, entre os que se atopan Marilar Aleinxadre, Antón Reixa, Alberto Casal e Branca Novoneyra, levará unha letra. Infórmase tamén de que o acto contará coa colaboración de Emilio Araúxo e de Claude Royet Journoud, poeta francés e “deseñador de varios carteis en homenaxe a Novoneyra”.

631


Infórmanse do ciclo de concertos que levará a cabo Emilio Cao, “un dos protagonistas do rexurdimento na música galega” de finais dos sesenta, en recordo de Uxío Novoneyra. Expícase que a idea parte do traballo que Cao fixera en colaboración co poeta en 1998 froito do que se saiu *Amiga Alba e Delgada*. Indícase que nos concertos se incluirán as cancións favoritas de Novoneyra tales como “Baixaron as fadiñas” do disco *Fonte do araño*.


Preséntase unha crónica da homenaxe que dende o Courel fixeron a Uxío Novoneyra. Expícase que esta consistía nun paseo dende a Ferrería de Seoane até a casa onde nacera o poeta en Fonte da Parada. Indícase que nela participaron, entre outros, os músicos César Morán e Xosé Taboada así como Xosé Lois García, autor de *Uxío Novoneyra revisitado*.

Martínez, Nuria, “Retorno ao pasado con María Mariño e Uxío Novoneyra”, *Diario de Pontevedra*, “Vivir aquí”, 12 maio 2010, p. 73.


Refírese á “A voz da terra”, unha exposición fotográfica coa que X.M. Albán na que interpreta os versos de Uxío Novoneyra a través das súas propias imaxes. Expícase que o obxectivo é “trasladar o imaxinario do poeta a fotografías” e que para iso tivo que levar a cabo una lectura exhaustiva da obra do escritor. Indícase que o nome da exposición vén dado pola idea de querer reivindicar o propio.

Explicase que o 17 de maio foi nomeado Día das Letras Galegas pola Real Academia Galega no ano 1963 co fin de distinguir e render homenaxe a figuras relevantes da cultura galega. Recórdase que en 2009 o homenaxeado foi Ramón Piñeiro e que na edición de 2010 é Uxío Novoneyra. Indícase que Novoneyra é un dos poetas máis relevantes en lingua galega e destácase a súa narrativa para nenos, así como a oralidade da súa poesía, entre outras cousas. Fálsase, tamén, do Gran juego del Día das Letras Galegas, un xogo que se leva a cabo en Ponte Vella e que ten como obxectivo medir os niveis de coñecemento sobre esta celebración.


Refírese ás actividades que o Concello de Carballo organiza para a celebración do Día das Letras Galegas. Indícase que o actor Pedro Brandariz será o encargado de inaugurar os actos e o peche correrá da man de Cándido Pazó. Destácase a inauguración da mostra “Galicia, será a miña xeración quen te salve?” en homenaxe a Uxío Novoneyra e a presentación do libro *Manuel Facal*.


Dise que varios poetas da Costa da Morte (Rafa Villar, Rosalía Fernández, Modesto Fraga e Suso Bahamonde) participarán nun recital poético organizado pola formación Galiza Nova, en homenaxe a Uxío Novoneyra con motivo do Día das Letras Galegas.


Fálsase das actividades que concellos e asociacións da bisbarra realizan co gallo do Día das Letras Galegas. Indícase que a actriz Isabel Blanco será a encargada da lectura do pregón. Refírese tamén a outras actividades como a homenaxe que a Asociación Monte Branco de O Couto-Ponteceso fará a Xavier P. Docampo.


Describese a relación e as vivencias de Uxío Novoneyra coa cidade de Ferrol, ademais do momento da morte do poeta e a homenaxe que se lle deu nesa cidade ao ano seguinte.

Indícase a programación das Letras Galegas do Concello da Estrada, na que salienta a conferencia de Brais Fernández sobre Uxío Novoneyra, a presentación dos *Cadernos de Teatro* de Fervenza e a conferencia de Teresa González sobre a historia do libro.


Infórmase da conferencia de Brais Rodríguez sobre Uxío Novoneyra dentro do programa das Letras Galegas.


Reñírese ao espectáculo “Canto de permanencia” na que Uxía Senlle canta distintas pezas de Uxío Novoneyra. Expícase que o acto tamén conta cunha “montaxe multidisciplinar” con imaxes de montes de Lugo unha peza audiovisual dirixida por Carlos Seijo e ideada por Eduardo Álvarez, Xoán Costa e Maris dos Anxos G. Refoxo.


Fálase dos actos que se sucederon en Ferrol con motivo da homenaxe a Uxío Novoneyra. Resáltase o discurso dado polo poeta e profesor Xosé Leira no que fixo un resumo biográfico do poeta do Courel facendo tamén fincapé na relación que Novoneyra tiña coa cidade. Recóllese a declaración de Leira cando asegura que se tivese que elixir un libro do século XX elixiría *Os Eidos 2* (1974). Recupérase tamén a invitación que Leira fixo aos asistentes de visitar os catro lugares de Ferrol vinculados con Novoneyra, por exemplo, a glorieta Uxío Novoneyra. Indícase que durante o acto se pasou un vídeo no que a voz de Novoneyra “debullá as súas temáticas e orixes poéticas”. Apúntase, finalmente, que a obra “Unha de Murphy” da compañía Crucia Teatro xunto coa actuación da Coral Polifónica Eumesa foron as encargadas de pechar o acto.


Infórmase que na casa da Cultura de Dodro celebrouse un recital a cargo de Dario Xohán Cabana para honrar a Uxío Novoneyra.

**Moledo.** Alexandra, “Unha celebración pola defensa no uso do galego con corenta e oito anos de historia”, *La Opinión*, “Especial Día das Letras Galegas”, 17 maio 2010, p. 15.
Explicase a historia da celebración do Día das Letras Galegas así como os requisitos que deben cumprir os homenaxeados nesta data. Indícase que tales requisitos se cumpren na figura de Uxío Novoneyra pois publicou en galego e morreu hai máis dunha década. Preséntase unha lista dos homenaxeados desde a creación do Día das Letras Galegas en 1963 e cuxa primeira protagonista foi Rosalía de Castro.


Fálase dos diversos actos que se levan a cabo en Galicia o 17 de maio de 2010. Destácanse entre esas actividades a sesión plenaria da Real Academia Galega, na que participan académicos como Manuel Rivas ou Margarita Ledo, así como o “recital itinerante” que se leva a cabo no Courel, entre outros.


Coméntase a influencia da guerra de Vietnam en Galicia e explica que *Vietnam canto*, de Uxío Novoneyra, foi un libro simbólico dunha época marcada pola guerra do Vietnam. Asemade considérase que esta guerra foi un tema que xeraba máis interese que a propia ditadura franquista.


Coméntase como xurdiu a celebración do Día das Letras Galegas e explicase brevemente que se lle dedicará a Uxío Novoneyra por consideralo un dos poetas máis relevantes en lingua galega de todos os tempos. Sinálase que a súa obra está “enraizada na tradición e no popular” pero con “destacadas tonalidades vangardistas”. Engádese unha explicación do xurdimento da celebración do Día das Letras Galegas.


Breve biografía do autor na que se destaca que durante os seus estudios de bacharelato na cidade de Lugo fixo amizade con autores como Manuel María, Luís Pimentel e Ramón Piñeiro. Fálase tamén que durante a súa estadía en Madrid participara nas actividades do grupo Brais Pintos e coñecera a Raimundo Patiño. Faise eco da fama da súa voz e o seu talento para manexar os recursos da expresión oral, que levou a falar del como un recitador, aínda que el prefería utilizar o termo “dicidor”. Preséntase, finalmente, unha cronoloxía coas datas máis destacadas da súa vida.

Achégase unha breve bibliografía de Uxío Novoneyra ao mesmo tempo que se comenta que varios poemas figuran en diversos libros a miúdo con variantes ou que foron publicados en revistas ou panfletos antes de seren recollidos en libro.


Fálase do disco “Últimas paisaxes” no que se mesturan a voz de Uxío Novoneyra, recuperada dos arquivos de Radio Nacional de España, coas voces de actores galegos como Mabel Rivera, Lino Braxe e Rebeca Montero. Indícase que o CD tamén inclúe doce dos poemas máis significativos de Novoneyra como “Libertá” ou “Vietnam canto”. Engádese que o traballo discográfico conta coa súa propia montaxe escénica e apúntase que na súa edición participou a Deputación de Lugo.


Reprodúcense unhas composicións poéticas de Xosé Neira Vilas intituladas “Elexía para un ‘poeta’”.


Reprodúcese o poema “Novo poema d’amor”, de Uxío Novoneyra.


Insírese un poema titulado “É xa horas de que señas toda patria dos teus”, de Uxío Novoneyra.


unha linguaxe capaz de transmitir emocións, o verso breve ou o recurso da sonoridade da palabra a través da aliteración. Citase, finalmente, a páxina en liña oficial de Uxío Novoneyra e outra a través da cal os usuarios poden facer unha visita virtual polo Courel.


Faise eco do proxecto que musica textos de Uxío Novoneyra a ritmo de jazz e música de raíz, levado a cabo por Maite Dono, cantante e autora de poemarios como O mar vertical (2000), merecedor do Premio Esquío, e Baldo Martínez, contrabaixista de sonado prestíxio.


Fálase do documental Canto de permanencia con motivo da súa proxección no Teatro Principal de Compostela. Indícase que se trata dunha cinta producida por Mikel Fuentes e dirixida por Carlos Seijo que pretende recrear o “mundo creativo e vital de Uxío Novoneyra”. Coméntase que a idea xurdiu dos maxíns de Eduardo Álvarez, Xoán Costa e María dos Anxos G. Refoxo. Engádese que está narrado en primeira persoa e que os versos que se utilizan foron extraídos de poemarios de Novoneyra como Os Eidos, Poemas caligráficos, Do Courel a Compostela, Poemas de doada certeza e Arrodeos e desvíos do camiño de Santiago e outras rotas. Apúntase que o DVD ten como extra un recital de versos que Manuel María, Méndez Ferrín e María Xosé Queizán, entre outros, dedicaron en 1999 a Novoneyra.


Recóllese o chamamento que David Otero lanza á poboación para participar na homenaxe a Uxío Novoneyra que se levará a cabo na Estrada. Expícase que se trata dunha lectura “ininterrompida de poemas do autor” así como doutros textos referidos á súa obra e á súa figura. Indícase que entre os participantes se atopará a viúva do poeta, distintos persoeiros da vida política e membros do Círculo Poético Ourenésan, entre outros.


Fálase da participación de Galicia na Expo Universal de Shanghái que, ademais, coincide coa celebración das Letras Galegas. Expícase que as letras de Novoneyra se mesturarán cos ideogramas, coa guía turística escrita en chino sobre a comunidade ou coa melodía coa que a Real Banda de Gaitas de Ourense homenaxeará ao poeta.


Informa da presentación de “Lúas de Outono”, por parte de María Xosé Bravo, concelleira da Cultura da Coruña, para homenaxear ao poeta Manuel María no teatro Rosalía de Castro. Nomea a algúns dos que participarán na velada, como Miguel Anxo Fernán Vello ou Pilar Pallarés, e sinálase que no mesmo espectáculo tamén será recordado o poeta Uxío Novoneyra, a través da voz de cantante Uxía.


A partir dun interrogante común aos que chegan a Compostela dende outras cidades, “olle, amigo ¿e vostede decátase de que vivir en Compostela é un privilexio espiritual?”, explica esta realidade e a procedencia dese sentir destacando a tripla condición de Compostela como cidade europea, cidade campesiña galega e cidade universitaria. Conclúe que estes tres eixos deberían servir para converter a Santiago no “centro espiritual que sempre nos faltou como pobo”.


Faise eco de diferentes propostas que teñen como obxectivo render homenaxe a Uxío Novoneyra. Fálase da acción poética-artística de Antón Patiño que consiste na recreación do poema “Chove para que eu soñe” a través de carteis e na que participan Xosé María Álvarez Cáccamo, Marilar Aleixandre ou Antón Reixa, entre outros. Expícase que a elección deste poema escrito polo propio Novoneyra foi a evocación da nostalxia que emana da chuva. Refírese tamén ao recital poético organizado pola Deputación de Lugo e no que participarán actores galegos como Lino Braxe, Mabel Ribero ou Rebeca Montero, así como ao disco homenaxe “Uxío Novoneyra. A voz da terra”.


Transcripción dunha entrevista realizada a Uxío Novoneyra en 1985 por unhas alumnas do lucense Instituto Nosa Señora dos Ollos Grandes. Indícase que a entrevista estaba dirixida por Ramón Reimunde. Recóllese a opinión de Novoneyra sobre as normas do galego, que considera “demasiado estritas”; así como o seu punto de vista sobre o reintegracionismo, a situación da literatura galega ou a idea de que a obra *Os Eidos
Fálase de Uxío Novoneyra como un dos referentes da poesía galega contemporánea, autor d’Os eidos pero tamén autor de varias letras das cancións de Emilio Cao e co que crearía o espectáculo poético musical “Interseccións”. Explícase que a consellería de Cultura xunto coa Dirección Xeral de Patrimonio decidiron recuperar estas creacións e configurar o espectáculo “Interseccións: a ollada de Novoneyra” na que tamén participa Blanca Novoneyra, filla do escritor, e Carmen Rey, cantante.


Dáse conta das actividades que en Monforte se organizaron para homenaxear a Uxío Novoneyra. Indícase que entre eses actos se atopa un recital de poemas e obras relacionadas co poeta. Coméntase que este foi organizado co apoio de Xosé Manuel Pereiro, Nuncy Valcárcel, Helena Seijo e Antón Reixa, entre outros.


Refírese á exposición que o Auditorio Municipal de Vilagarcía de Arousa acolle con motivo da homenaxe a Uxío Novoneyra en 2010. Indícase que a mostra, organizada pola asociación Cadea, Carlos Puga e a concellería de Cultura, está formada por trinta fotografías do Courel, unha selección dos seus textos e referencias biográficas. Expícase que a idea xurdiu en 2009 cando se fixera algo similar coa figura de Ramón Cabanillas.


Infórmase das actividades que Porriño acollará con motivo da celebración do Día das Letras Galegas. Indícase que se trata dun programa cultural variado e adaptado a todas as idades. Fálase, por exemplo, do Festival de Cans.


Fálase da declaración en defensa da lingua galega coa que o PSOE de Ponteareas conmemora a Día das Letras Galegas. Expícase que con ela pretenden lembrar a primeira celebración do 17 de maio. Recórdase que foi en 1963 e que a homenaxeada fora Rosalía de Castro, cuxa obra Cantares Gallegos se publicou o 17 de maio de 1863.

Coméntase o documental “Tempo de Elexía. María Mariño, entre Eugenio Novo e Novoneyra”, no que Antonio Durán pretende reflectir a amizade entre Mariño e Novoneyra.


Indícase que Asociación Cultural Papaventos ofereceu un recital e un documental en homenaxe a Uxío Novoneyra.


Refírese á proposta de pacto sobre o compromiso coa lingua galega lanzada por Alberto Núñez Feijóo en Seoane do Courel. Indícase que esta tivo boa acollida entre os membros da Real Academia Galega. Coméntase que no plenario participaron, entre outros, Margarita Ledo, Darío Xohán Cabana, Xosé Luís Méndez Ferrín, Manuel Rivas e Xosé Manuel Beiras, que ademais de glosaren a vida e obra de Uxío Novoneyra, tamén fixeron alusións á defensa da lingua galega.


Indícanse os actos culturais que se levan a cabo na Costa da Morte con motivo do Día das Letras Galegas. Refírese, entre outros, á exposición que se realiza en Carballo de doce gravados acompañados de poemas de Pura Vázquez, Luz Pozo e Manuel María.


Dise que un grupo de colexios asistiron no auditorio de Ribeira á dramatización sobre Uxío Novoneyra feita por Antón Lopo.


Refírese ao programa de actos que se levarán a cabo en Ponteareas con motivo do Día das Letras Galegas. Indícase que entre os festexos estará a Festa da Bicicleta, a Feira do Libro e un recital poético-musical da obra e Uxío Novoneyra no que participarán Ánxeles Penas e Mijail Moriatoy.

Fálase do recital poético-musical que o Concello de Ponteareas lle dedicou a Uxío Novoneyra e no que participaron a escritora e poetisa Ángeles Penas e o violinista ruso Mijail Moriatov. Expícase que este último tocou “Maio Longo”, pezas do seu país e cantigas clásicas musicadas para poemas de Rosalía de Castro ou Curros Enríquez.


Fálase dos actos culturais que os habitantes da parroquia de Paraños organizan para festexar o Día das Letras Galegas. Destácase un obradoiro no que as xentes prepararon cartaxes de madeira nos que escribiron versos que eles mesmos elixiron, así como un acto literario no que participarán o fillo de Uxío Novoneyra e o escritor Alberte Momán.


Refírese a Uxío Novoneyra como o Poeta dos Caneiros por estar presentes na súa obra diversos elementos do lugar, como a festa ou a paisaxe. Indícase que en 1955 Novoneyra escribiu o “Poema dos Caneiros” e con el “uniuse para sempre a Betanzos”; e que, ademais, en 1997 presentou o “Poema dos Caneiros e Estampas” con gravados de Jesús Núñez. Coméntase que no ano 2000 o Concello de Betanzos decidiu poñer o seu nome a unha praza da cidade e, durante o acto inaugural, estiveron presentes Bernardín Graña, Manuel María e Xosé Neira Vilas; inauguración foi completada cun recital poético. Fálase tamén das actividades que se levan a cabo en Betanzos con motivo do Día das Letras Galegas entre as que destaca o I Concurso de Carteis.


Coméntase que o número de consultas na Galipedia sobre Uxío Novoneyra aumentan en 2010 con motivo de ser o escritor homenaxeado no Día da Letras Galegas. Engádense outros exemplos como o de Xosé María Álvarez Blázquez, homenaxeado en 2008; ou o de Ramón Piñeiro en 2009.


Fálase do encontro poético na Estrada durante o cal cento cincuenta persoas leron de forma continuada poemas de Uxío Novoneyra. Expícase que o encontro foi organizado pola plataforma Queremos Galego con David Otero como director. Indícase que os versos máis lidos foron os d’*Os Eidos* (1955).

Anúnciase o certame artístico literario organizado polo Concello de Rois para festexar o Día das Letras Galegas. Indícase que o concurso está aberto a todos os veciños e que a entrega de premios terá lugar o 15 de maio, data de celebración de San Isidro, patrón do municipio.


Fálase do programa de actividades que o Concello de Rois ten preparado para a celebración das festas patronais de San Isidro, así como do acto que inaugura o mes das Letras Galegas. Indícase que neste último participará Carme Blanco coa intervención “Novoneyra: cantor do Courel a Compostela”.


Coméntase que dentro da programación que desenvolve a concellería de Cultura do Concello de Dodro para honrar a figura do autor homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, celébrase un acto no que Dario Xohán Cabana fala sobre a vida e obra de Uxío Novoneyra e que o concelleiro de Cultura, Anxo Franco pidelle que propoña a Eusebio Lorenzo Baleirón como autor homenaxeado no Día das Letras Galegas 2011.


Retrátase o día da homenaxe que se lle fixo a Uxío Novoneyra no Courel e ao que asistiron autoridades e recollense, ademais, as opinións dos veciños do lugar. Plásmase, por exemplo, o recordo que teñen de María Mariño unhas mulleres; ou a declaración dun dos presentes que asegura estar convidado “como galegofalante” ao que engade que “os falantes do galego están nunha reserva, coma os indios”. Cítanse outros actos paralelos como o recital feito ao carón da Devesa de Roguera.


Inclúese nesta sección fixa unha breve biobibliografía de Uxío Novoneyra, acompañada de varias composicións poéticas sobre O Courel.


Refírese aos actos que o Concello de Nigrán organiza para festexar o Día das Letras Galegas. Indícase que haberá charlas, documentais, conferencias, concursos de narrativa e recitais centrados na figura de Uxío Novoneyra. Sinálase que o programa o inaugurará o fillo de Novoneyra co pase dun documental e que un dos recitais estará a cargo de Xosé María Álvarez Cáccamo.


Refírese ao acto da Real Academia Galega con motivo do Día das Letras Galegas e no que Xosé Luis Méndez Ferrín se estreaba como presidente da mesma. Indícase que no acto participaron Manuel González, Darío Xohán Cabana e Margarita Ledo, entre outros. Inclúese un fragmento do discurso de Méndez Ferrín e o discurso de Manuel Rivas.


Recóllense algunhas declaraciós de Uxío Novoneyra Rei, fillo do poeta, quen explica alguns dos plans previstos pola familia para converter a metade da casa do escritor nun espacio cultural onde se expoñan os fondos, composto por máis de trescentas pinturas e outras obras “de relevante importancia”. Apúntase que xa teñen o compromiso de que a casa do Courel sexa recoñecida no inventario do Patrimonio Cultural de Galicia e engade que a maior dificultade está en conseguir recursos económicos.


Explícase a iniciativa presentada pola Biblioteca Municipal da Illa e o CEIP Torre-Illa denominada “Lecturas Embotelladas”. Indícase que consiste en que os rapaces busquen a “palabra, debuxo, conto ou poesía máis fermosos do galego” para que logo a metan dentro dunha botella de vidro. Fálase doutras actividades que se realizan no marco do Día das Letras Galegas en Vilanova e Meis, como un obradoiro de lectura sobre Uxío Novoneyra.

Dá conta da mostra de claro carácter “formativo” exposta en Vilagarcía de Arousa e organizada pola Asociación Candea, o fotógrafo Carlos Puga e o departamento de Cultura de Vilagarcía, como homenaxe a Uxío Novoneyra a quen se lle dedica o Día das Letras Galegas. Explica que a mostra conta con fotografías feitas por Adela Leiro e instantáneas de Carlos Puga, que amosan as paisaxes do Courel, e que nunha segunda parte da mostra se recollen os datos biográficos máis salientábeis do poeta.
V. ENSAIO. TEORÍA XERAL. CRÍTICA

V.1. MONOGRAFÍAS, BIOGRAFÍAS, CRÓNICAS E LIBROS COLECTIVOS


Comeza cun limiar, obra dos seus editores, no que indican que este libro completa o volume titulado Xornalistas con opinión 2. Vinte biografias (2010) do proxecto “Xornalistas con opinión” que começara en 2007 con Xornalistas con opinión. 20 biografias. A seguir reproducense textos xornalísticos representativos, en español e en galego, de vinte autores e autoras precedidos dunha sucinta biografía. Os autores e autoras, así como os textos escolmados en galego, son os seguintes: Diego Antonio Cernadas, o cura de Fruíme; Antonio Neira Mosquera; Manuel Murguía; Rosalía de Castro, Valentín Lamas Carvajal con “Ós meos compañeiros de monteira” e “Simila Similibus…” publicados en 1876 e 1885, respectivamente n’O Tío Marcos da Portela; Lois Peña Novo con “Contestando a Risco: o nacionalismo e a política publicado en 1922 n’A Nosa Terra; Castelao con cinco debuxos publicados entre 1918 e 1924 en El Sol e en Galicia; Mercedes Vieito Bouza; Ramón Otero Pedrayo con “Política galega” publicado en El Pueblo Gallego en 1930, “O Fontán en Bos Aires” en La Noche en 1947 e dous artigos publicados en Cètiga: “A vocación de Baldomero” en 1927 e mais “A chamada do Sul” en 1931; Eduardo Blanco Amor; Valentín Paz-Andrade con “A idea e a masa. Sentimento e razón da autonomía” publicado n’A Nosa Terra en 1932; Rafael Dieste con “Unha morte lanzal” publicado co pseudónimo Félix Muriel en Nova Galiza en 1937; Domingo Quiroga; Plácido R. Castro del Río cunhas traducións ao galego de poemas publicados en Faro de Vigo: “No child” en 1972 e dous de W. B. Yealts, “O poeta desexa os panos do ceo” en 1972 e “Padraic colum” en 1964 e o texto “Posdata a un comentario lirico-deportivo”, no mesmo xornal en 1965; Augusto Assia; Manuel Meilán con tres audicións radiais no programa Sempre en Galiza: “O congreso da Emigración” en 1959, “Nacionalidade de Galicia” en 1966 e mais “Abrente luminoso prá nosa terra” en 1978; Lois Tobío con “Por qué debemos falar en galego” publicado no suplemento de Nós no Día de Galiza de 1933; Xosé M.ª Castroviejo, Lorenzo Varela e mais Victoria Armesto. Pêchase coas fichas xornalísticas e mais co Índice.


Dicionario realizado por Xohán Xabier Baldomir Cabanas (Culleredo, 1983) que recolle seiscentos cincuenta e un termos teatrais. Xosé Manuel Fernández Castro indica no limiar que está chamado a “acompañar no estante o Dicionario do teatro galego de Manuel Lourenzo e Francisco Pillado Mayor; á Arte literaria de Claudio Rodríguez Fer e aos volumes editados do Dicionario de termos literarios do Equipo Glifo”. No prólogo, Baldomir significase como “índice da resistencia dunha nova xeración de loitadores galeguistas [...] coa forza dos fundadores comprometidos no desenvolvemento dunha obra ao servizo da educación e da cultura”. Na “Introdución e criterios de procura” que se inclúe a seguir sinala as dúas pretensións fundamentais do dicionario: a necesidade de cubrir a lagoa que neste campo presentaba o teatro galego e ofrecer un instrumento útil para a formación dos estudiantes de calquera nivel educativo, en particular para alumnado de secundaria e universidade. Apunta, ademais, a intención de que funcione como complemento do Dicionario de teatro galego publicado por Lourenzo e Pillado en 1987. No mesmo apartado, explica de maneira sumaria o tipo de
contidos e os criterios de busca. O dicionario só inclúe termos que teñan que ver co proceso teatral. No caso de referencias a outras artes escénicas, trátanse unicamente as características teatrais das mesmas, obviando as parateatrais. En canto aos criterios de procura, as entradas aparecen ordenadas por orde alfabética, sendo a primeira “absurdo, teatro do” e a derradeira “zat pwe”. No caso de termos compuestos por máis de dúas palabras, a verba que lle dea un carácter diferencial á entrada é a que encabeza. Tal e como sinala o autor na introdución, para evitar posíbeis discriminacións de xénero, nas entradas nas que é preciso introducense as variantes masculina e feminina do termo. Ofrécense sinónimos sempre que é posíbel e indicase a etimoloxía agás nos casos en que esta é evidente ou non foi posíbel identificala. O dicionario acolle termos doutras tradicións teatrais, procedentes de linguas distintas da galega polo tanto, coa intención de “establecer unha relación de comunión entre o teatro galego e o teatro doutros países ou épocas”. Nestes casos, por influencia de diccionarios precedentes, prescíndese da cursiva. No cabo da introdución inclúese un agradecemento final a Luciano Rodríguez e Xosé María Fernández Castro “pola súa axuda e implicación no proxecto”. Segue unha sección de abreviaturas, o corpus de entradas e unha breve bibliografía final.

Recensións:


Artigo de opinión que sitúa o dicionario de termos teatrais de Xabier Baldomir no ronsel de manuais sobre teatro e dramaturxia, citando autores como Patrice Pavis, Rafael Portillo e Jesús Casado, Marcela Ruiz Lugo, Ariel Contreras e Ignacio García May entre os referentes estranxeiros, e a Laura Tato, Manuel F. Vietes, Francisco Pillado e Manuel Lourenzo entre os galegos. No corpo do texto dáse unha visión persoal do dicionario de Baldomir, “unha ferramenta actualizada, na que se recolle unha interesante e novidosa terminoloxía desde unha óptica moi particular” e describeuse moi brevemente a súa organización interna: só recolle termos relacionados co proceso teatral e inclúe información etimolóxica en cada entrada. En epígrafe á parte destácase o carácter didáctico da publicación e o feito de estar dirixida tanto a especialistas coma a lectores eventuais.

Referencias varias:


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso deste Dicionario de termos teatrais, de Xohán Xabier Baldomir Cabanas, un volume con seiscentas cincuenta e unha entradas; Contos completos III, de Edgar Allan Poe; A Galicia heterodoxa, de Carlos Pereira Martínez; e Guía da Galicia invisible, de Antonio Reigosa.

Artigo que refire a nova da publicación do dicionario de teatro de Xohán Xabier Baldomir Cabana, que se describe como unha “obra de consulta” e de carácter “instrutivo” dirixida a estudantes e profesionais do sector. Inclúense declaracións de Xabier Baldomir, quen di que vai destinado a profesores e estudantes para paliar a escaseza de libros “con este tipo de referencias específicas”. Tamén se describe brevemente a estrutura interna do volume e sinálase como principal reclamo a sinxeleza no manexo. Advierte que se se trata dun manual e sitúa entre outras obras galegas semellantes e xa publicadas, sublinhando que o iniciador desta senda foi Francisco Pillado en colaboración con autores como Manuel Lourenzo ou Miguel Anxo Fernández-Vello, e títulos como Dicionario do Teatro Galego. 1971-1985 (1987) e Antoloxía do Teatro Galego (1981). Apúntase que Baldomir non descarta unha ampliación futura: “todo dependerá do editor [...]” e alúdese á coincidecia no tempo desta publicación coa presentación pola Real Academia Galega do Dicionario de Pronuncia da Língua Galega. Remáxase poñendo en relación ambos os volumes como ferramentas útiles para o sector teatral e en destacado á parte dáse conta da biografía e a bibliografía do autor.


Volume que repasa as institucións docentes na cidade de Ourense dende o século XIX, coma tal, o Seminario Conciliar de San Fernando, o Instituto Provincial de Segundo Ensino que, co paso do tempo, se vai converter no motor da cultura ourensá do século XIX, as Escolas Normais de Mestras e Mestres, a Escola de Artes e Oficios, a Comisión de Monumentos, o Liceo Recreo, o Orfeón Unión Ourensá, o Círculo Católico de Obreiros, o Asilo de Orfos e a Inclusa. Dedícase especial atención ao profesorado que Enrique Bande considera de “mención especial” e que traballou no actual IES Otero Pedrayo, entre eles, Juan Antonio Saco y Arce, Antón Losada Diéguez, Ramón Otero Pedrayo, Xesús Ferro Couselo, Xaquín Lorenzo “Xocas” e Julio Francisco Ogando Vázquez. Analízase tamén a presenza da muller da docencia ourensá, no capítulo titulado “A muller e os estudos na provincia de Ourense”, e nos “Apéndices” citanse os mestres, divididos en seminarios ou departamentos, que tivo até a guerra civil o actual IES Otero Pedrayo. Neste apartado tamén se mencionan os expedientes a persoios distinguídos –entre os que están Heraclio Pérez Placer, Castor Elices, Vicente Risco ou Ramón Otero Pedrayo– e inclúense reprodución de variados regulamentos deste centro escolar. A publicación péchase cun “Índice de biografías”.

**Referencias varias:**


Comenta a súa obra na que se descreben diferentes aspectos do actual IES Otero Pedrayo de Ourense e no que aparecen persoios como Otero Pedrayo, Xesús Ferro Couselo ou Xocas.


Comenta que en *Institucions docentes e grandes mestres en Ourense. 1846-2005*, Enrique Bande inclúe a todos aqueles mestres destacados da cidade de Ourense, dos que Conde ofrece unha breve descripción das súas peculiaridades, ademais de precisar que, á relación de mestres incluída na obra, está precedida por dous traballos académicos que axudan a contextualizar a obra.


Monografía de Mercedes Bangueses Vázquez (Arnoia, Ourense, 1962) centrada na análise do labor dos ilustradores en Galicia ao longo do período comprendido entre 1880 e 1936, datas de publicación de dúas obras emblemáticas da literatura galega (*Follas Novas*, de Rosalía de Castro; e *Aires da miña terra*, de Manuel Curros Enríquez) e de inicio da guerra civil respectivamente. Na introdución a autora manifesta a importancia que ten o libro como vehículo de transmisión de ideas culturais, políticos e pedagóxicos e interézase especialmente por este uso instrumental do libro ilustrado, pois neste período un grupo de intelectuais vinculado ao movemento galeguista é quen impulsa a súa difusión entre as clases populares co fin de reforzar o seu sentimento identitario. Con respecto ás editoriais implicadas neste proceso de difusión, saliéntase o papel de Céltiga, Lar e Nós pola cantidade e calidade de volumes procedentes dos seus prelos. A seguir, nun segundo apartado reflexiónase sobre a evolución da ilustración na etapa e lugar especificados. A través de abondosos exemplos determinanse fundamentalmente dous períodos: o rexionalista (1880-1916) e outro de apertura ás vangardas europeas, no que os artistas denominados “Os Novos” (nados entre 1900 e 1910) introduciron algún elementos das novas linguaxes. Nun terceiro bloque faiuse un percorrido pola obra de vinte e sete ilustradores e ilustradoras de preguerra que traballaron en Galicia. Complétase esta relación cos nomes daqueles que traballaron en Madrid, algúns deles con notábel éxito. Considérase que todos eles vincularon a súa arte aos libros, amosando sensibilidade e implicación co texto escrito, do que nalgún caso tamén eran autores. Así sucedía con Daniel Rodríguez Castelao e Vicente Martínez Risco, entre outros. Complétase cada unha destas análises individualizadas cunha relación dos libros ilustrados e péchase a monografía cunha bibliografía.

**Referencias varias:**

Faise eco da presentación por parte do Instituto de Estudos Vigueses desta monografía realizada por Mercedes Bangueses que achega un percorrido pola ilustración dos libros publicados entre finais do século XIX e principios do XX. Coméntase que o período descrito está acoutado pola publicación de *Follas Novas* (1880), de Rosalía de Castro, que marca o inicio do Rexurdimento da literatura galega, e polo estourado da guerra civil (1936), que impide a continuidade de todos os avances alcanzados até esa data. Ao mesmo tempo, dáse conta da influencia do proceso de industrialización nesta actividade artística para a que se empregaron fotogravados e litografías. Saliéntanse algúns dos ilustradores incluídos nesta monografía, caso de Carlos Maside, Luís Seoane, Daniel Rodríguez Castelao e Vicente Risco, entre outros, que ás veces eran tamén autores dos textos. Tamén se destaca o labor das editoriais Céltiga, Lar e Nós.


Ábrese este ensaio de Mónica Bar Cendón (Vigo, 1962) cunha cita da feminista inglesa Kate Millet e coa dedicación “Para as feministas que abiron vías de liberación para o conxunto das mulleres”. A seguir, na “Introdución”, a autora viguesa dá conta das reflexións sobre o silenciamento das mulleres que a motivaron a facer a historia do movemento feminista en Galiza dende 1975 até comezos do ano 2000, así como das dificultades coas que se atopou nesta investigación e das súas pretensións con ela, para a realización da cal se valeu de fontes “plurais” (orais, como as entrevistas a diferentes testemuñas que nomea no apartado “Agradecementos”; escritas; gráficas; documentais; gravacións, etc.). *Feministas galegas. Claves dunha revolución en marcha* estrutúrase en tres grandes apartados (“Panorámica global do Movemento Feminista”, “Alboreceres do Movemento Feminista español” e “Alboreceres do Movemento Feminista na Galiza”) e parte dun “plano xeral para enmarcar historicamente o feminismo desde os arboreceres do movemento no mundo occidental, para internarse na realidade concreta da Galiza da transición democrática” (p. 17). Péchase este volume cun breve apartado de “Conclusións”, no que se destaca o éxito do labor do movemento feminista galego, así como a “necesidade dun novo lugar de encontro para prolongar o debate feminista”; coa “Bibliografía consultada”; cunha “Cronoloxía” do movemento feminista na que se dá conta, dende 1949 até 2008, dos “Acontecementos sociais, políticos, históricos”, das “Publicacións e datas clave para o MF; estatais, galegas e internacionais” e dos “Eventos MFG” máis salientábeis, así como cun extenso “Índice onomástico”. No que á literatura galega se refire, ao longo dos sete subapartados que conforman “Alboreceres do Movemento Feminista na Galiza” (especialmente nos titulados “Entre o galeguismo e o nacionalismo” e “O activismo feminista e a militancia cultural”), sinñálanse estudos realizados dende a ollada feminista de obras de autores “intocables” como Alfonso Daniel Manuel Rodríguez Castelao, Rosalía de Castro, Eduardo Pondal, etc., por parte de creadoras galegas como Carmen Blanco, Pilar García Negro, María Xosé Queizán, así como outras iniciativas culturais e literarias

**Recensións:**
Sinala que la intención de Mónica Bar Cendón en Feministas galegas. Claves dunha revolución en marcha é sair á procura da construcción da identidade do movemento mergullándose no fondo do activismo militante que sitúa entre 1975 e 2000, aínda que no apartado dedicado a explicar os métodos de investigación empregados recoñece que a proposta inicial é inabarcábel. Sinala que no apartado cuarto, a autora achega información relacionada coa emerxencia, transformación, disolución e troco de grupos feministas en diferentes localidades galegas. Considera que a información relativa aos anos 1975-1979 é maior cá vertida dos anos oitenta e que a referente ás anos noventa é escasa. En relación ás xeneralidades expresadas nas conclusións, estima que estas explicitan pouco o caso galego. Como remate, apunta que o libro non é un ensaio e que se presenta como un traballo de investigación incompleto, polo que agarda sexa o estímulo de novas investigacións.


Comézase sinalando que a obra de Mónica Bar Cendón abre novos camiños de investigación sobre a historia do feminismo galego. Lóase a cronoloxía que se achega, a presenza de diferentes documentos que axudan á “visibilización” do movemento e as “sínteses xerais de longa tradición” deste. Dise que a investigación se realiza nun momento idóneo, coa necesaria perspectiva histórica e grazas a testemuños que “manteñen a militancia e a memoria”. Finalmente, fálase dos avances do feminismo nos últimos anos.


Comeza dando conta da frase de Kate Millet coa que Mónica Bar Cendón comeza o seu ensaio Feministas galegas. Claves dunha revolución en marcha, así como da dedicatiria, dos obxectivos de Bar Cendón con este traballo e das reflexións que este lle suscita. A articulista fai fincapé na importancia do libro, lembra o gran número de fontes manexadas e sinala os feitos que máis lle chaman a atención. De seguido, repara na estrutura do ensaio e achégase polo miúdo ao seu contido, afirmando que, aínda que “non é un libro de lectura fácil”, ofrece “unhas posibilidades de manexo do ensaio rápido e eficaz se queremos utilizar nas aulas como ferramenta didáctica”. Critica as vantaxes e inconvenientes que detecta e destaca o valor deste traballo “minucioso e rico en fontes”.

Referencias varias:


Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, Feministas galegas. Claves dunha revolución en marcha, de Mónica Bar Cendón.
Sección fixa dos suplementos na que se acolle, entre outras obras, un breve descritor de *Feministas galegas*, de Mónica Bar Cendón, monografía da que destaca que a autora amosa como o feminismo axudou a consolidar a democracia e como conseguiu que na actualidade os seus postulados sexan “asuntos de Estado”. Salienta que todas as feministas, dende a transición até o século XX, eran conscientes de que as súas propostas xurdian nun “mundo remiso aos cambios”. Remata precisando o labor de Bar Cendón ao darlles a palabra ás mulleres e abrir camiños para reflexionar sobre o feminismo.


Comeza comentando a orixe da fotografía da cuberta do ensaio de Mónica Bar Cendón para, a seguir, dar conta do seu contido destacando os testemuños reais dos que botou man para a realización do traballo e, sobre todo o feito de que maioritariamente fosen escritos en galego.


Reportaxe na que, con motivo da presentación o día 17 de marzo na Libraría Librouro de Vigo de *Feministas galegas. Claves dunha revolución en marcha*, se vai explicando o contido deste ensaio, poñéndoo en relación coa historia do movemento feminista. Acóllese tamén unha entrevista a autora.


Dáse conta da presentación en Vigo, nun acto presentado por María Xosé Queizán, de *Feministas galegas. Clave dunha revolución en marcha*, de Mónica Bar Cendón. Dise que o volume acolle máis de “sesenta entrevistas a mulleres vinculadas al feminismo en todos los ámbitos”, así como información recollida en hemerotecas, arquivos e panfletos da época. Salientase a heteroxeneidade do movemento feminista galego, o seu alto compromiso contra a ditadura, a súa loita pola liberación sexual. Finalmente recóllense as palabras de Bar Cendón nas que comenta que hoxe en día existe unha “discriminación indirecta y más sutil”.


Entrevista a Mónica Bar Cendón por mor da presentación de *Feministas galegas. Claves dunha revolución en marcha*. Nela a autora viguesa afirma que a revolución feminista segue pendente, comenta a relación entre feminismo e política, explica as razóns de escolla do período cronolóxico 1975-2000 e sinala as asociacións feministas máis importantes. Tamén da conta dos logros conseguidos e das eivas aínda presentes en relación con este movemento.
Á raíz da publicación de *Feministas galegas. Claves dunha revolución en marcha*, de Mónica Bar Cendón, esta e Nanina Santos Castroviejo, activista do movemento feminista, manténen unha tensa conversa. Nela Bar Cendón explica que quixo desvelar a historia oculta do feminismo e facer protagonistas ás mulleres que, a prol dun protagonismo colectivo, non quixeron selo, e que lle interesaba contrapoñer diversos puntos de vista. Santos Castroviejo considera que o mérito do libro é o traballo que ten detrás, aínda que opina que se trata dun libro tendencioso, moi prexuizoso cos partidos, decepcionante por non entrar nos debates ideolóxicos e que mestura información con opinión. Así mesmo, mostran as súas discrepanzas sobre como son tratadas certas cuestións e ante as críticas que Santos Castroviejo lle apón ao volume, Bar Cendón defende a súa posición e o seu traballo.

Despois de realizar unha serie de consideracións sobre o enfoque académico ou activista ao redor do feminismo, afirma que o libro *Feministas Galegas. Claves dunha revolución en marcha* lle forneceu coñecemento sobre unha herdanza do feminismo galego que a situou perfectamente nos anos da chamada transición formal. Así mesmo, sinala que o texto se esquece dunha parte da loita feminista que xurdía dentro dos movementos máis rompedores na última etapa que analiza Bar Cendón. Considera que, grazas ao labor das mulleres presentes no libro e ao da autora por visibilizalo, se reforzan os alicerces da transversalidade da loita feminista nas organización e a crenza de que, sen loita feminista, non hai revolución que valla. Tamén apunta que comparte o punto de vista metodolóxico da autora, aínda que bota de menos unha recollida de documentación máis ampla dentro do territorio, pois a carga da militancia viguesa supón un negso dentro dunha análise que pretende mostrar o que aconteceu no feminismo galego.

Dáse conta da publicación o pasado martes da obra *Feministas galegas. Claves dunha revolución en marcha*, da filóloga Mónica Bar Cendón. Recólense algunhas das...
declaracións da autora a respecto das dificultades coas que se atopou á hora de levar a cabo o traballo. Dise que o período tratado abrangue dende 1975 até o 2004 e explícanse as razóns desa escolla cronolóxica. Finalmente, compáranse os obxectivos das pioneiras feministas galegas cos das actuais e coméntanse os logros acadados polo feminismo, así como as cousas que faltan por conseguir.


Recomenda a lectura de Feministas. Claves duna revolución, de Mónica Bar Cendón, un estudo sobre o movemento feminista en Galicia dende os tempos da transición até hoxe.


Volume colectivo que nace a partir dunha viaxe a Níxer realizada por Francisco X. Fernández Naval (Ourense, 1956), Camilo Franco (Ourense, 1963) e Alfonso Costa dentro dun proxecto auspiciado polas ONG “Acción contra a Fame” (ACF) e “Cultura Solidaria Galega” (CSG). O resultado é esta obra, que conta con ilustracións a cargo de Alfonso Costa e na que cada autor, dende a súa perspectiva, debuxa a súa experiencia neste país africano. Úniuse a estes autores gallegos o escritor nixeriano Moustapha Bello Marka. A pesar de que cada autor escolle unha técnica literaria distinta e amosa un estilo tamén moi diferente (que vai dende a crónica obxectiva ao lirismo máis subxectivo) existen ideas que se repiten, como o valor da muller nixeriana, que ten unha media de oito fillos, traballa a terra con eles ao lombo, é analfabeta e asemade é o branco débil da pandemia da SIDA. Así cada un deles achega un texto agás Alfonso Costa que ten dúas. Son as seguintes:


Presenta unha crónica descritiva da realidade que viviu en Níxer a través de vinte relatos breves. Neles temos varias visións do país, como a situación da infancia, da muller, da enorme contribución que realiza o Hospital de ACF de Níxer, a corrupción, etc.


Céntrase nestes microrrelatos, de enorme intensidade narrativa, na crítica e na reflexión acerca da realidade nixeriana. Deixa claro que o goberno de Níxer trata de ocultar esta profunda pobreza, utilizando, entre outros medios, a televisión como medio que maquilla a triste realidade. No medio desta estratexia ocultadora, China e outros países europeos (como Francia, antiga colonizadora de Níxer) tratan de aproveitarse da situación facendo deste territorio parte de seu mercado e explotando as minas de uranio. Tamén detalla que a poboación non ten luz, nin alimentos, nin auga potábel e que as mulleres e os nenos son os que máis sofren as consecuencias.


Relato no que se ve como os habitantes de Níxer teñen unha enorme dignidade a pesar de estaren rodeados de pobreza e, como exemplo, relata como unha cativa reparte o seu único caramelo entre os seus catro amigos.


Conxunto de poemas que representan un himno á muller nixeriana.


Fábula, traducida dende o francés por Carlos Arias, do autor nixeriano Moustapha Bello Marka que ten como ensinanza que cando se acadan os soños comprendemos que en realidade o que nos fai felíces é o que temos máis próximo.

Recensións:
Indica que este volume é unha iniciativa de dúas ONGs que colaboraron na organización dunha viaxe a Níxer na que participaron Camilo Franco, Francisco X. Fernández Naval e Alfonso Costa. Coméntase que os tres viaxaron ao país africano para reflectir despois neste libro a experiencia vivida nesta aventura humanitaria. Detállase que Fernández Naval relata a modo de libro de viaxes o vivido dende a partida até o regreso; Camilo Franco realiza unha instantánea dese país a través de relatos moi breves; e Alfonso Costa contribúe de maneira tripla con creacións plásticas, un relato breve e poemas que teñen como protagonista á muller africana. Finalmente recállase que Níxer é un gran produto cultural que, ademais, é solidario, xa que os fondos recollidos irán destinados á loita contra a fame.


Coméntase que a través das creacións de Francisco Fernández Naval, Camilo Franco, Alfonso Costa e mais de Moustapha Bello Marka se fixeron visíbeis con este libro a invisibilidade do drama africano e mais que deixan unha lección ben transparente: a pobreza non é sinónimo de infelicidade.


Sinálase que neste libro colectivo Fernández Naval constrúe unha crónica, sen ficción e moita reflexividade, na que recolle o que sentiu e viu durante a viaxe a Níxer, ou que Camilo Franco, a través de textos moi breves, ofrece unha crítica directa, sen dobreces, ás sociedades ricas que permiten que países coma Níxer viva na pobreza. Tamén indica que Alfonso Costa completa o libro coas súas ilustracións, cun relato breve e cun monllo de composicións poéticas que recollen as súas vivencias durante a estancia en Níxer. Finalmente apunta que Moustapha Bello achega un relato simbólico e con fasquía de fábula.


Comenta que catro anos despois da realización dunha expedición a Níxer xorde este volume como testemuña sólida desta experiencia. Afirma que se debulla a inxustiza global exercida sobre este país e que o peor da súa lectura é “tentar dixerir a resignación perante unha realidade tráxica”. Tamén sublína que a estrutura de Níxer é estranxa pero eficaz e que nel ten cabida a crónica pura, as reflexións, poemas, ilustracións e mais un conto dun escritor nixerino.

Referencias varias:


Presenta este libro como unha crónica da viaxe a Níxer realizada por tres autores galegos e inclúe unha entrevista con deles: Francisco Fernández Naval. Este destaca, entre outras cousas, a importancia do labor realizado polas ONGs en África, sublíña o
papel da muller africana e critica o aproveitamento que países como China fan da penosa situación de Níxer.


Faise referencia ao abandono da escrita por parte de Suso de Toro para voltar ao ensino e coméntanse varias novidades literarias aparecidas na primavera, como Níxer, que se considera unha oportunidade para gozar da boa literatura ao mesmo tempo que se leva a cabo unha acción solidaria.


Sección fixa dos suplementos onde se acolle un breve descritor do volume colectivo Níxer, de Francisco X. Fernández Naval, Camilo Franco, Alfonso Costa e Moustapha Bello Marka; Homónima, de Antón Riveiro Coello; Hai que ir morrendo, de Xavier López Rodríguez; e Un último destino, de Xosé Carlos Caneiro.


Rogelio Borondo Díaz (1864-1935), exitoso emigrante emprendedor na Arxentina, viixa cos irmáns García Naveira a Francia, Suiza e Italia de finais do século XIX. É o primeiro o que a modo de minucioso cronista, se converte no Phileas Fogg galego, describindo, con peculiar preocupación polas medidas, distancias e pesos, os monumentos, museos, igrexas, xardíns e cemiterios que visitan. No “Limiar” do volume escusa Rogelio Borondo unha posíble falta de calidade literaria, e iníciase o relato co anuncio da pretendida misión comercial que un dos irmáns Naveira debe cumprir en París. Pódese considerar este un diario de viaxe ao uso, estruturado cronoloxicamente, que amalgama descubrimentos culturais e anécdotas persoais. Deste xeito, París vén definido por Nôtre-Dame, os Invalides, un paseo polo Sena, a noite do Moulin Rouge, os passages, os Arcos de Triunfo, etc. A pegada vivencial é constante, con detalles humanizadores como a non subida á Gran Roda de París polo medo ás alturas dun compañeiro ou a lebranza das horas de risa que provoca un labirinto de espellos. Realizan a entrada en Suiza por Basilea e Lucerna, país de cordilleiras e lagos no que apenas se deteñen unha xornada, viaxando cara a Milán. As visitas das galerías Vittorio Emanuele (sic) ou da Duomo combinanse até con apuntamentos linguísticos, como a viaxe ao lago Maggiore en battello, andata e ritorno, e outros de estrañamento cultural, como a descrición dos costumes crematorios no Cemiterio Monumental milanés. A chaira de Turín atravesada polo Po, e as cidades de Como ou Monza anteceden a Venecia, onde se descobre a Praza de San Marcos, a Catedral homónima, o Gran Canal, a Ponte dos Suspiros, etc. Sucédense as descricións de distintas cidades italianas: Boloña e Florencia, onde procuran a lebranza de Dante ou Galileu; Roma, das catacumbas ás termas de Caracalla; O Vaticano, coa imaxinábel admiración dos frescos da Capela Sixtina; Nápoles, Pompeia, dende onde se dirixen ao Vesubio; Pisa, La Spezia, Xénova e Ventimiglia. A volta a Betanzos por Marsella, Burdeos e Hendaia
realízase o 18 de decembro, pondo fin a case dous meses de proveitosa viaxe. O volume contén uns apuntamentos biográficos de Rogelio Borondo, redactados por Xoel Ben Ramos, e mais un limiar de Xesús Fraga, que apunta a relación entre esta viaxe e a emprendida por Phileas Fogg en A volta ao mundo en 80 días, de Verne.

Recensións:


En relación ás Memorias dunha viaxe improvisada, afirmase que recupera unha literatura de viaxes propia grazas ao pulo de Edicións Morgante. Coméntase que o volume, rescatado por Manuel Gago no seu blog, foi editado en 1900 cunha tiraxe reducida e que recolle as impresións de Rogelio Borondo, un indiano que cos irmáns García Naveira realiza un percorrido polas principais cidades europeas. Alén dun enriquecedor detallismo, saliéntase desta excursión a imaxe dunha Europa que mudaba de século, así como o seu achegamento non só ás igrexas, xardíns e monumentos civís, senón ás tabernas e comercios, é dicir, ao mundo cotián dos lugares. Destácase que a tripla ollada galega que subxece nestas páxinas pode ser un bo exemplo do xénero, alén dunha base de interpretación cosmopolita para camiñar doutro xeito polo Parque do Pasatempo de Betanzos.


Comentario de Memorias dunha viaxe improvisada. De Betanzos a Nápoles en 1898, de Rogelio Borondo, na que o autor simula emprender unha viaxe xunto cos irmáns García Naviera. Apunta que o volume carece de pretensión literaria, segundo as declaracións do seu autor, e que recolle a modo de actas os monumentos visitados, así como cuestións máis anecdóticas, como o prezos das comidas, os hoteis, etc. Destácase a relación que se pode apreciar entre os lugares visitados e o Pasatempo, parque enciclopédico que os irmáns crearon en Betanzos.


Referencias varias:


Faise eco da publicación da fotobiografía sonora Lois Pereiro, a voz insurxente, de Xosé Manuel Pereiro, irmán do poeta monfortino. Tamén se alude a Conversa ultramarina, editada por Hugo Martínez; e a Radiografía do abismo e Dicionario de sombras, de Antón Patiño, centradas igualmente en Pereiro. Con respecto á súa produción, sinálase que na Fotobiografía sonora de Lois Pereiro se inclúen máis de cen fotografías inéditas e dous CD’s coa súa propia voz e unha selección dos seus poemas. Tamén se salienta que é Xosé Manuel Pereiro, seu irmán, quen actúa de narrador nos catro capítulos.


Tras destacar que Radiografía do abismo, de Antón Patiño, é a primeira das obras dedicadas ao poeta que se homenaxeará no Día das Letras Galegas 2011, coméntase que na Fotobiografía sonora de Lois Pereiro se inclúen máis de cen fotografías inéditas e dous CD’s coa súa propia voz e unha selección dos seus poemas. Tamén se salienta que é Xosé Manuel Pereiro, seu irmán, quen actúa de narrador nos catro capítulos.


Monografía de Juan J. Burgoa (Ferrol, 1944) na que fai un percorrido pola traxectoria vital e artística do polifacético Emiliano Balás Silva (Ferrol, 1959-1934). Burgoa recoñece que a figura de Emiliano Balás é unha das tantas esquecidas na historia da cidade de Ferrol e destaca a influencia e presenza deste artista no ámbito cultural da cidade. Comeza facendo unha breve biografía dun autor que, a cabalo entre o século XIX e o século XX, destacou como un pintor e escritor significativo, a pesar de ser médico de profesión. Burgoa sublinha que Emiliano Balás exercou unha intensa
actividade social, profesional e cultural, especialmente nos campos da pintura e da literatura e destaca a súa colaboración en diferentes institucións e asociacións culturais como o feito de que presidiu durante dúas etapas o Ateneo Ferrolán, foi Socio de Honra do Real Coro Toxos e Froles, e mais impulsor das Irmandades da Fala. Sobre o seu labor pictórico comenta que Balás se dedicou preferentemente á paisaxe, á pintura da natureza e o bodegón, destacando o peculiar colorido co que tratou as flores nas súas obras, e apunta así mesmo o seu labor como crítico artístico. No eido da literatura Burgos salienta, sobre todo, a súa produción poética, tanto en castelán, lingua na que deixou escritos tres volumes, Rudezas de un cuarentón (1904), La Europiada (1919) e La Expiaición (1930), coma en galego, poemas que se atopen dispersos nas diferentes colaboracións que fixo a través da Asociación Toxos e Froles, dos cales o máis popular é “T´envexo”, e, da literatura dramática, Estranxeiro n´a súa terra. Para rematar de exemplificar a traxectoria artística de Balás Silva, o volume acolle unha escolma da obra poética do escritor e un compendio da súa obra pictórica, nos dous apéndices que, xunto á “Bibliografía e fontes documentais”, pechan esta monografía: “Apéndice 1. Selección da obra pictórica” e “Apéndice 2. Escolma da obra literaria”.

Recensións:


En relación a Emiliano Balás Silva, un personaxe ferrolán entre dous séculos coméntase o “agravio comparativo” co que a cidade de Ferrol trata a algunhas das súas figuras máis ilustres, como ocorre con Ricardo Carvalho Calero. A continuación, fai un percorrido pola traxectoria de Balás, do que destaca o seu activismo cultural a prol do galeguismo.

Referencias varias:


Refírese á presentación en Ferrol desta biografía de Emiliano Balás e faise un pequeno percorrido polas múltiplas facetas deste ferrolán poeta, dramaturgo e mais membro numerario da Real Academia Galega.


Monografía que analiza a figura de Fermín Fernández Penzol Labandeira (Sahagún de Campos, 1901-Santiago de Compostela, 1981) dende diversas perspectivas. Está dividida en tres grandes bloques: “Fermín Penzol”, “A Fundación Penzol e o galeguismo” e “No ronsel da Penzol”, e contou co patrocinio da Xunta de Galicia, a Deputación de Pontevedra e o Concello de Vigo (Concellería de Cultura). O primeiro
bloque iníciase cunha cita de Sebastián Martínez-Risco (“Vir generosae ac clarae indolis”) e coa reproducción da semblanza feita por Salvador Lorenzana (un dos seudónimos de Francisco Fernández del Riego) para Homenaxe a Fermín Penzol (1972), antes de acoller unha cronobiografía do autor dividida en varias etapas. Inclúese tamén unha bibliografía consultada; unha “Conversa con Fermín Penzol, o gran bibliófilo galego”, tamén de Salvador Lorenzana e que viu a luz por primeira vez en Galicia emigrante (Bos Aires, 1957) na que trata asuntos como o motivo da entrega dos libros galegos mercados por Penzol á Editorial Galaxia, as obras presentes na súa biblioteca, aquelas que máis valoraba ou a súa opinión sobre grandes nomes da cultura galega; e “Fermín Penzol na memoria dos vellos amigos”, textos de diversos autores, fotografías e documentos (sobre todo colaboracións súas en diversas publicacións) do homenaxead. No segundo dos bloque, “A Fundación Penzol e o galeguismo”, que comeza cunha cita de Francisco Fernández del Riego (“Por moitos libros, Fermín!”), inclúese artigos de varios autores nos que analizan a relación entre o labor de Penzol e este movimiento en defensa de Galicia e a súa cultura. O terceiro dos bloque, que encabeza unha cita de Ramón Piñeiro (“Ademais dos que somos teus amigos por obra do trato persoal están tamén os que o son por obra do trato cultural. E estes son máis, moitos máis, porque irán anovándose ao longo dos tempos”), recolle artigos de diversos autores que exerceron ou exercen de usuarios da biblioteca e do arquivo da Fundación Penzol e nos que se analiza o seu legado. A monografía péchase cunha serie de fotografías da Biblioteca Penzol e con diversos artigos, documentos e obras pertencentes á citada Fundación.

Referencias varias:


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso de Unha obra para un país, editado por Mª Dolores Cabrera e Henrique Monteagudo, un volume en memoria de Fermín Penzol; Un veciño cheo de sorpresas, de Víctor Raga; e Peitos e teitos nas noticias (2009), de Xosé Sisto García.


Escolma de textos xornalísticos que foron aparecendo en diversos xornais e proxectos culturais de diversa índole, arousánse e de fóra da comarca, escritos por Ramón Caride Ogando (Cea, Ourense, 1957) ao longo dos anos noventa, concretamente entre 1991 e 2010. Trátase de textos onde agroma o autor combativo que verte os seus pensamentos sobre temas vitais para a cultura galega, moitos deles de plena vixencia, como a cuestión da defensa da lingua galega. Sirva de exemplo o artigo “Escribir en galego, ensinar en galego” que se atopa na primeira parte. A través dunha prosa de gran lirismo e sutil ironía, en moitos casos, van sucedéndose temas como a lonxevidade política de persoas como Fidel Castro ou Manuel Fraga, críticas ao desastre ecolóxico do Prestige, a actividade do narcotráfico no seu Cambados de residencia (tal como se refleita no artigo “Dous manifestos” que se inclúe na primeira parte da obra) ou referencias a
Autores e obras claves na literatura galega como Ramón Cabanillas ou Ramón Otero Pedrayo. Otros artigos adquieren carácter más autobiográfico, como o que lembra a súa descuberta do Sempre en Galiza cando era un estudiante de COU. A estrutura está ben definida: tras un “Limiar” asinado por Miguel Anxo Martínez Oubiña hai un primeiro bloquee de once artigos baixo o título de “Camisños” e logo un segundo bloquee de cinco artigos titulado “Cambados”, nos cales esa vila, Ramón Cabanillas e a comarca do Salnés son os protagonistas. Un último bloquee con trece artigos leva o título de “Crónicas”. Nel atopase unha temática mais variada, dende a ciencia ficción de H.G. Wells ou a lenda do mosteiro de Armenteira, até a mala programación que pode verse nos medios de comunicación. Por último aparecen dous apartados que levan o título de “Epílogo 1” e “Epílogo 2”, dos cales o primeiro reproduce unha conversa entre Ramón Caride e Xerardo Méndez, na que se fai unha reflexión crítica acerca da recepción da literatura galega na propia Galicia e o recoñecemento dos seus escritores. No “Epílogo 2” fai unha reflexión sobre a explotación e mortalidade infantil a través dun gráfico e dun pequeno texto en forma de poema.

Referencias varias:


Primeiro fai unha descripción biobibliográfica sobre Ramón Caride Ogando e logo aparece unha ampla entrevista na que se comeza falando sobre a súa produción poética, para logo repasar a súa narrativa, en especial a xuvenil e infantil. Logo céntrase na súa narrativa para adultos, da que di que fixo máis relatos e contos ca novelas e pásase a reflexionar sobre o nacionalismo e a situación da lingua galega. Finalmente, conta o autor cal é o labor literario que agora desenvolve, en concreto a presentación do seu libro O gume nos espellos, na librería Couceiro en Compostela, e di que o conforman trinta textos de variada extensión espallados ao longo de vinte anos por xornais e revistas.


Anuncia a presentación d’O gume dos espellos, unha miscelánea de textos xornalísticos e de opinión pertencentes a “duas décadas de creación”. Comenta que para Ramón Caride Ogando non existen “fronteiras definidas entre a escrita”, sexa esta reflectida en libros, xornais ou revistas. Recolle que neste libro “unha voz diversa, de longo percorrido” se centra en temáticas como a preocupación pola normalización da lingua galega. Finaliza recollendo a crítica do autor á “mercantilización” existente hoxe no xornalismo.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso d’O gume dos espellos, unha recompilación de artigos de Ramón Caride;
Pel con pel, de varios autores; e A filla do ladrón de bicycletas, de Teresa González Costa.


Esta obra do historiador Manoel Carrete Rivera e do profesor Xulio Cougil repasa a traxectoria profesional e persoal do político e artista vianés Tiberio Ávila (Viana do Bolo, 1843-Barcelona, 1932). Está xebrada en tres capítulos, xunto cuns “Apéndices”, unha “Bibliografía” e os “Agradecementos”, e conta con prólogos institucionais do presidente da Deputación de Ourense, do presidente da Xunta de Galicia, do secretario xeral de Emigración da Xunta de Galicia e mais dos alcaldes de Barcelona e de Viana do Bolo. No primeiro capítulo, “Viana do Bolo”, realizase unha achega a este concello, deténdose na súa historia, no seu medio natural así como no Entroido ou na descrición de oito roteiros por este concello ourensán. No segundo capítulo, que leva por título “Tiberio Ávila”, fai un repaso pola súa biografía, fálase dos seus estudos en Madrid e Barcelona e de como saíu deputado en Cortes por Valdeorras durante a I República. Asemade indícanse os artigos que publicou na revista Galicia no Centro Galego de Barcelona e o seu protagonismo na chegada do tren a Ourense –destácase que foi autor do debuxo que acompañaba ao poema de Curros Enríquez “Na chegada a Ourense da primeira locomotora”– ou no seu salientábel rol antitaurino. O terceiro capítulo, “Tiberio Ávila e a súa aventura en Cataluña; Centro Galego de Barcelona”, analiza a emigración galega a Cataluña, a pegada galega na cidade de Barcelona, describe o Centro Galego de Barcelona e céntrase na chegada de Tiberio Ávila á cidade e todo o traballo que desenvolveu. En “Apéndices” recóllese documentación centrada en Tiberio Ávila –documentos da súa casa, actas do concello de Barcelona, reprodución das necrolóxicas publicadas La Vanguardia, biografía dun sobriño de Tiberio chamado Federico de Ávila Cuadra e a relación dos veciños de Viana do Bolo que cursaron estudos en Madrid entre 1821 e 1928–, así como nos grupos folclóricos galegos en Cataluña. Tamén hai, e con abondoso apoio fotográfico, mencións aos galegos en Cataluña –como Eduardo Blanco Amor, Ramón Otero Pedrayo e Alfonso Daniel Rodríguez Castelao na súa chegada como deputados galeguistas a Cataluña–, e remata coas homenaxes dedicadas a Tiberio. Péchase este estudo coa “Bibliografía” e mais cos “Agradecementos”.


Amplo ensaio de Xavier Castro (Cangas do Morrazo, 1954) que aborda a historia cultural do viño en Galicia, considerando a experiencia colectiva do pobo galego en canto a usos, costumes, traballos, vivencias e á tradición enogastronómica e literaria conxugándoo coa sensibilidade popular e a memoria viva da cultura do viño. Entre outros temas, analizanse as boas maneiras e os usos populares e menciónanse os recipientes (pichel, xerro, cunca, vaso e copa) e as expresións características que se adoitaban empregar nesta práctica social, co que tamén se enriquece o vocabulario. Tras un apartado de agradecementos do autor e dunha introducción tamén asinada por el, distribúense os once capítulos da obra: “Viño e gusto popular”, “Recipientes e xeitos de
beber”, “Funciones e usos sociais do viño”, “Benbida e embriaguez”, “O viño na infancia e na vellez”, “Viño e cuestión identitarias”, “Álvaro Cunqueiro no adral da taberna”, “Cunqueiro, Valle-Inclán e o viño”, “Viño e gastronomía: cada viño reclama o seu sacramento”, “A excelencia do país: o viño tostad”, e “Colofón”, apartado este que actúa a modo de epílogo. Tras isto hai un apartado de bibliografía e fontes, un índice temático e outro onomástico. Destacan as referencias literarias que figuran espalladas ao longo do ensaio, ademais dos dous apartados xa mencionados que fan referencia máis explícita á presenza do viño na obra de Álvaro Cunqueiro, tal como se reflicte en pequenos apartados como “Viños e petiscos no Merlin e familia”, e que serven para amosar a vivencia do viño na cultura galega como un sinal identitario. Entre outras, fanse referencias a obras de Ramón Cabanillas (“Ramón Cabanillas e o viño espadeiro”), Xosé Mª Álvarez Blázquez, Manuel Casado Nieto na súa obra Amor i eleuciós (1930), Eduardo Blanco Amor e A algarada, de Ramón Otero Pedrayo. Tamén está presente o patrimonio oral popular galego a través das numerosas cantigas, refráns, frases e ditos populares que van ilustrando o contido do libro.

Recensións:


Coméntase este ensaio de Xavier Castro, publicado por Galaxia no que se fai, tal como se indica, un amplo estudo sobre saberes, crenzas, usos, costumes e funcións do viño en Galicia. Describense brevemente os diferentes apartados dos que consta e tamén se di que xogan un papel importante as referencias literarias que nel se atopan, sobre todo as relacionadas con Álvaro Cunqueiro.


Refírese ao libro do profesor Xavier Castro, A rosa do viño. Cultura do viño en Galicia, logo de facer un percorrido bibliográfico por outros ensaios do autor. Sinálase que é un “ensaio histórico” que conta a experiencia colectiva dos galegos en relación co viño, ao tempo que se bota man doutros matices, como é a memoria oral e escrita ou a sabedoría popular e a alta cultura sobre os viños galegos. Neste senso, faise mención a algúns autores dos que os seus textos son “fontes” de consulta para a escrita deste libro, como Álvaro Cunqueiro, Ramón Cabanillas ou Emilia Pardo Bazán. Considérase un traballo “serio, rigoroso, que serve para perfilar un canon identitario” dos galegos coa súa particular “forma de beber”.

Referencias varias:


Co gallo da publicación da obra de Xavier Castro, fanse unhas reflexións sobre a situación política actual en Galicia a partir da metáfora que se recolle no título do artigo.

Coméntase a obra de Xavier Castro na que, tal como se indica se fai un repaso dos usos sociais do viño, das formas de consumo e a pertenza a unha clase que implicou o seu consumo ao longo dos séculos. Logo descrebese brevemente o seu contido e dáse conta das referencias literarias a obras da literatura galega como as de Álvaro Cunqueiro nas que se pode atopar a presenza do viño.


Primeiramente dáse conta da publicación do libro de Xavier Castro, un ensaio publicado por Galaxia que recibiu o premio Deza de Investigación, no que, tal como se di, fala sobre as pegadas culturais que o viño deixou en Galicia e como se configurou a vida dos galegos e das galegas ao redor desta bebida. Logo entrevístase ao seu autor, que fala sobre o proceso de investigación e da escrita posterior e ofrece algúns apuntamentos sobre o contido do seu traballo.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónase, entre outras, *A rosa do viño. Cultura do viño en Galicia*, de Xavier Castro, da que se indica que se trata dun traballo de investigación histórica que manexa fontes inéditas. Explica que se constata “a realidade dun ethos épico” no xeito de beber, ademais de analizar o paso de beber en comunidade a facelo individualmente. Refire que nel se atopan autores como Emilia Pardo Bazán, Julio Camba, Picadillo, Castroviejo e Álvaro Cunqueiro e tratadistas modernos.


Anúnciase que se desenvolve en Santiago, en Lar das Meigas, un curso sobre a relación entre a cultura do viño e a literatura e dise que na primeira sesión se presenta a obra *A rosa do viño*, de Xavier Castro, director do curso.


Coméntase esta publicación do profesor Xavier Castro, *A rosa do vino*, da que destaca a súa abundante documentación e completa bibliografía, así como o coidado con entrevistas recollidas de maneira oral. Trátanse ao mesmo tempo as funcións e usos sociais do viño e a vinculación coas distintas idades da vida e coa alimentación en xeral e achégase tamén a visión da cultura do viño de escritores como Álvaro Cunqueiro e Ramón del Valle-Inclán.


Entre outros aspectos, neste crónica alúdese ao prestixioso galardón que mereceu Xavier Castro por *A rosa do viño*, na categoría Best Wine History Book, e que grazas á obtención deste premio o autor concorre, xunto a outros de distintos países, ao premio internacional que se falla en París no marzo próximo. Remátase precisando que para elaborar esta obra investigou fontes bibliográficas e fontes primarias, “muchas de ellas inéditas”.


Indica que *A rosa do viño* foi considerado o mellor libro editado en España sobre o tema ao merecer o Gourmand World Cookbook Awards 2010 e que aspira ao Best in the World que se falla o 2 de marzo de 2011 no teatro Le 104 da Cookbook Fair de París. Apunta brevemente as facetas que desenvolve Xavier Castro e precisa que *A rosa do vino* xa fora merecente do Premio Deza de investigación. Recolle as opinións do galardoado sobre estes recoñecementos e que o isto supón no sector vinícola, e as características dos principais viños galegos, destacando os da Ribeira Sacra e das Terras de Monterrei e Valdeorras, ademais do albariño. Remata centrándose en que esta obra será manexada nos dous cursos que vai impartir sobre o viño en Compostela, nos que
vai aludir á presenza deste elemento na obra de Cunqueiro, Otero Pedrayo, Rosalía de Castro e Valle-Inclán, e na importancia do viño na cultura, a súa función social, xa que “a literatura galega rezuma viño en todas as partes”.


Comeza dando conta do galardón internacional que mereceu Xavier Castro por A rosa do viño, co que se recoñece ao mellor libro sobre a “historia y a cultura del vino”, e indica que compite cos autores de cen países neste premio creado en 1995 e que se resolverá en marzo de 2011. Recolle as opinións de Castro ao coñecer a noticia e recóllese que tentou equilibrar “o rigor académico e un estilo ameno” para poder conectar cun “público amplo”; e que non só achega unha historia do viño senón das “dos cambios nas mentalidades, da evolución do gusto, ou do papel diferente de homes e mulleres con relación á bebida”.


Conta cunha “Presentación” na que se estudan os seis espazos temporais nos que están clasificados os poemas deste volume: Idade Media, Séculos Escuros, Rexurdimento, xeración de 1936, os anos da Ditadura e mais Os nosos tempos. En cada un destes períodos recóllese diferentes poetas e textos: Fernán do Lago, mostras de panxoliñas e textos tradicionais, Bestio de Preciso, El nacemento de Boal, Ramón García González, Conrado Villar Loza “Pepe de Mingo”, José Fernández García “Pepe de Muestras”, Armando Cotarelo Valledor, Antolín Santos Mediante Ferraria, Federico Magadán Vidal, Álvaro Aenlle Rodríguez, Pedro G. Arias, César Marta Álvarez de Ron, José Celestino Fernández García “Pepe de Pinilla” e mais José Antonio Pérez. Xa na xeración de 1936 inclúense: Amador Fernández Mejeras, Ovidio Martínez Álvarez “Ovidio de Queipo” e Francisco Fidalgo Villaveirán. No apartado dedicado á Ditadura


Esta escolma dramática comeza cunha breve panorámica da lingua e literatura no Eo-Navia e mais cunha análise dos inicios da actividade teatral en galego na zona. A seguir desribése o teatro dende finais do século XIX até a guerra civil coa presenza de Conrado Villar Loza, do teatro aldeano, de Armando Cotarelo Valledor, de Francisco F. Arias Campoamor ou doutros focos culturais. No referente ao teatro nos anos da democracia, están presentes Manuel García Sánchez “Galano”, José María Bedia Bedia, Tomás Niembro González e mais Jesús Álvarez Valdés. No apartado “(In)conclusión: novas vias para o teatro no Eo-Navia” reproducense unha ducia de textos teatrais: *Un
feixe de tapiegadas, Mourenza, El trato, Mareaxes tapiegos, El diñeiro bo compañeiro, Pra el amor nunca é tarde, Toluras de vellos, A herencia de Xan, Alpeirada nel buchinche de Antón, Alpeirada na casa da cultura, Tono xa non pode crabuñar, Malio e Mador tan que bufan. Pechase coa “Bibliografía”, un “Índice onomástico” e mais un “Índice de títulos”.


Recóllense de maneira íntegra vinte e catro pezas teatrais xunto cos seus criterios de edición e mais a súa bibliografía. Os textos dramáticos escolmados son os seguintes: Un feixe de tapiegadas; Mourenza; El trato; Mareaxes tapiegos; El diñeiro bo compañeiro; Pra el amor nunca é tarde; Toluras de vellos; A herencia de Xan; Alpeirada nel buchinche de Antón; Alpeirada na casa da cultura; Tono xa non pode crabuñar; Malio e Mador tan que bufan; Un feixe de tapiegadas; Mourenza; El trato; Mareaxes tapiegos; El diñeiro bo compañeiro; Pra el amor nunca é tarde; Toluras de vellos; A herencia de Xan; Alpeirada nel buchinche de Antón; Alpeirada na casa da cultura; e Tono xa non pode crabuñar. Pecha esta escolma dramática a peza Malio e Mador tan que bufan.

Referencias varias:


Anúnicase a presentación do libro na libraría Casa das letras de Ribadeo.


Monografía na que se ofrece un percorrido pola traxectoria da Aula de Teatro Universitaria de Ourense e da MITEU, como dous dos eventos máis importantes na dinamización do teatro, e por extensión, da cultura na comunidade ourensá. Comeza cunha serie de breves textos que, a modo de agradecementos e introducións, son escritos polos responsábeis da constitución e permanencia da Aula de Teatro e da celebración da Mostra Internacional de Teatro Universitario. Estes textos son de Juan Francisco Gálvez (Vicerreitor do Campus de Ourense), Isabel Pérez González (Concelleira de Cultura, con texto titulado “Quince anos de Miteu...”), Olga Mojón Costela (Directora do Teatro Principal de Ourense), Filemón Rivas Conde (Xestor de actividades culturais do Campus de Ourense), Íñiguez Cuña Bóveda (Directora de Sarabela Teatro, con texto titulado “As flores”) e Fernando Dacosta (Director da Aula de Teatro Universitaria de Ourense, a MITEU e a MOTI, e integrante de Sarabela Teatro). No “Prólogo”, sen asinar, no que se resume toda a traxectoria da MITEU dende a constitución da Aula de Teatro Universitaria e márcanse os obxectivos e actividades levados a cabo, recollendo todos os cursos e niveis aos que poden acceder todos aqueles estudantes interesados en formar parte deste grupo teatral universitario. Tamén se explica as causas polas que naceron a MITEU e a MOTI, coa finalidade de intercambio de experiencias e de dinamización cultural. A seguinte parte do libro, intitulada “20 anos da Aula de
Teatro...”, presenta a xeito de almanaque todas as montaxes levadas a cabo cada ano dende o inicio da MITEU, xunto coas fotografías e carteis dos eventos e mais breves espazos que recollen verbas de antigos alumnos deste aula teatral ourensá.


Edición facsimil dun folleto publicado en 1935 con motivo do Día de Galicia no que se recollen textos de Ramón Otero Pedrayo, Antón Vilar Ponte, Manuel Murguía, entre outros. Nel anunciase o programa das obras que interpretarán a banda municipal no Día de Galicia, achemándose varios artigos e espallándose publicidade de establecementos comerciais da época. Un texto de Otero Pedrayo, titulado “Día de Galiza”, explica a significación deste día, no que se recorda aos homes que loitaron e sufriron pola patria, servindo de alento para proseguir a súa obra. Asemade, reproducécese un texto de Vilar Ponte, “Verbas sinxelas”, no que se fai unha crítica do centralismo, que fomenta o caciquismo, da imposición dun idioma por parte de mestres alleos ao país, que desprezan o galego, da escravitude do minifundio. Segundo a súa opinión, esta situación remataría coa chegada da autonomía e considera beneficioso un modelo como o irlandés, de xeito cooperativo. Reproducécese o artigo de Manuel Murguía titulado “Lingua”, no que afirma que os galegos son un poño distinto e deben selo, ao mesmo tempo que defende que o idioma é “o fillo maor da patria galega”. Tamén se acolle o texto “Lembranza d-un patriota”, de X. Álvarez Gallego, co que se recorda a Reynaló Gómez, a quen se define como “amador de Galicia”, quen a piques da morte expresa a súa dona a súa esperanza de que o fillo que deixaba, aínda neno, fora galeguista e a vontade de que seu corpo fosse envolto na bandeira de Galicia. Péchase a publicación co texto do himno galego e cun colofón no que se di “Esta edición facsímile do folleto Día de Galiza Lugo 1935 rematouse de imprimir o 25 de xullo de 2010, Día da Patria Galega”.

**Referencias varias:**


Infórmase da publicación do facsimil dun folleto que a Deputación de Lugo publicara hai setenta e cinco anos co gallo do Día de Galicia e que se reedita agora para conmemorar o aniversario deste organismo. O folletón recolle, segundo se comenta, a letra do himno galego, escritos de autores como Ramón Otero Pedrayo, Antón Vilar Ponte, Manuel Murguía e Xerardo Álvarez Gallego, pezas musicais e anuncios de establecementos da época.


Monografía trilingüe (galego, castelán e inglés) realizada en conmemoración do centenario do nacemento de Luís Seoane (Bos Aires, 1910-A Coruña, 1979) que
acompañou a exposición “Luís Seoane: a configuración do posible”. Os autores do texto son Xosé Luís Axeitos, Antón Patiño, María Antonia Pérez, Xavier Seoane, Ramón Villares e Xosé Díaz, este último como coordinador do traballo. Comeza o libro con tres prólogos firmados por Javier Losada de Azpiazu, alcalde do Concello da Coruña; Soledad López, presidenta da Sociedade Estatal de Conmemoracións Culturais e Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luís Seoane. Nestes limiares presentan e explican o obxectivo do Dicionario Luís Seoane, destacando a importancia deste artista e a súa obra. A continuación aparecen en orde alfabética as entradas sobre Luís Seoane e a súa obra. Entre elas entradas hai referencias a numerosas cidades como A Coruña, Bos Aires e Milán; e a movementos artísticos (expresionismo, cubismo, etc.). Hai tamén itens doutros artistas galegos e estranxeiros, como Carlos Maside, Álvaro Cunqueiro, Ramón Mª del Valle Inclán, Daniel Rodríguez Castelao, Reimundo Patiño, Pablo Picasso, etc. Cada entrada vai acompañada de numerosas ilustracións: cadros do autor, fotografías, portadas de libros, follas manuscritas. Aparecen ao final do libro as entradas traducidas, aínda que sen ilustracións, ao castelán e inglés.

**Referencias varias:**


Dáse conta da presentación das últimas publicacións da Fundación Luís Seoane con relación a este destacado galeguista: un documental, titulado Luís Seoane: visualidade, recordo e síntese que, segundo o seu director Xosé Manuel Mourino, se trata dunha aproximación limpa, xa que dada a claridade dos ensaios de Seoane non era precisa ningunha interpretación persoal; e o Dicionario Seoane, volume coordinado por Xosé Díaz, que recolle en setenta e nove entradas o máis destacábel do seu universo creador e persoal.

- Juan Torreiro, “Luís Seoane, en formato de diccionario y deuvedé”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 1 xullo 2010, p. 34.

Dáse conta dos nomes dos participantes na presentación das dúas últimas publicacións da Fundación Luís Seoane, con motivo da celebración do centenario do nacemento do artista. Trátase dun DVD, Luís Seoane, visualidade, recordo e síntese, no que se procura salientar a vixencia do pensamento e a obra do autor; e o Dicionario Seoane, publicación conxunta de Xosé Luís Axeitos, Xosé Díaz, Antón Patiño, María Antonia Pérez, Xavier Seoane e Ramón Villares, que inclúe preto de cen entradas relacionadas con aspectos biográficos, artísticos e intelectuais de Seoane. Segundo o director da Fundación Luís Seoane, este volume ven a completar a exposición “Luís Seoane: a configuración do posible”.


Reprodúcense algunhas das máis de cen entradas que conforman o Dicionario Seoane, publicación de varios autores coa que se procura abranguer todas as facetas do poliédrico intelectual do século XX, Luís Seoane. Defínese como unha “guía para comprender a cosmovisión do artista”.

671

Traballo de Elvira Fente que se inicia coa dedicatoria “A todas as mulleres da historia, porque sen elas non habería ningunha historia que contar” e cunha breve introdución da xornalista na que dá conta dos obxectivos deste seu traballo: “recoller, recompoñer e crear unha achega á historia do feminismo en Galicia desde os primeiros anos de democracia”. Fente explica que a recompilación de información e o testemuño dalgunhas voces que participaron directamente no movemento feminista son os piares básicos de *Parir a liberdade. O movimiento feminista en Galicia*, ensaio que se presenta desde unha perspectiva “xornalística” e que está estruturado en tres partes, das que a autora anuncia o seu contido nesta introdución, e dun apartado dedicado á “reconstrución cronolóxica dos acontecementos relacionados co movimiento de liberación da muller”. A seguir, baixo os epígrafes “Aproximación histórica do movemento feminista en Galicia”, “Eixes temáticos da loita feminista” e “Entrevistas”, a autora vai dando conta do movemento feminista en Galicia dende os seus albores, pasando polas temáticas reivindicadas (liberdade sexual, aborto, prostitución, violencia de xénero, traballo e economía solidaria), até o testemuño das mulleres que dalgún xeito participaron nos primeiros momentos de loita. O volume péchase co apartado de “Conclusións”, cunha “Cronoloxía” e coa bibliografía empregada. De interese para a literatura galega é o apartado “Entrevistas” por acoller nalgúnha delas información sobre libros ou revistas literarias ou que acollían literatura en galego, caso, por exemplo, da entrevista a María Xosé Queizán que comenta dados d’*A festa da palabra silenciada*; e a de Carmen Blanco, que fala dalgunha das súas obras, por exemplo, de *Atracción total* (2008).

**Referencias varias:**


Dise que *Parir a liberdade*, de Elvira Fente, reconstrúe a historia do feminismo galego dende os primeiros anos da democracia. Infórmase, a grandes trazos, do contido desta obra e reproducense algunhas das declaracions da autora a respecto da diferenza do feminismo en Galicia e noutros lugares, así como en relación coas características deste último.


Dáse conta da presentación do ensaio de Elvira Fente e recóllese algunhas declaracions da autora a respecto das orixes do texto e das dificultades coas que se atopou á hora de levalo a cabo. Tamén secoma a estrutura deste ensaio e infórmase de onde toma o nome.

Dáse conta das variadas novidades que saen do prelo en galego. No caso do ensaio, citase \textit{Parir a liberdade}, de Elvira Fente, obra da que se destaca a súa perspectiva xornalística.


Comeza sinalando que o traballo de Elvira Fente toma o seu título dunha expresión de María Xosé Queizán para, a seguir, sinalar a necesidade dun traballo “con intención compiladora coma este” que abranguese os inicios do feminismo galego, arredor de 1975, até a actualidade. Dise que a obra está dividida en tres partes e dáse conta do seu contido, valorando que a última delas “complementa con acerto os dous primeiros títulos, máis teóricos”.


Monografía que Antón Figueroa (Chantada, Lugo, 1943) dedica “Aos lectores e ás lectoras” e que se abre unha “Introdución”, na que manifesta, entre outras cousas, que quere facer unha reflexión sobre a noción de “autonomía” dentro do campo literario e tendo como ámbito de aplicación non a “gran literatura” senón “as literaturas” menores, como a galega. Indica que non quere facer un estudo “exhaustivo”, senón mostrar que o instrumento de campo literario pode contribuír “a explicar mellor” algunhas das constantes da historia literaria (galega). O ensaio xébrase en tres grandes capítulos. O primeiro, “Arredor do concepto de autonomía”, está composto por cinco epígrafes, nos que se estudan os presupostos xerais teóricos sobre a idea de “campo”, a incidencia do político no campo cultural (artístico ou literario), a súa autonomía variábel (diferentes campos, momentos históricos diversos, etc.), a función política da autonomía artística, así como a autonomía en relación ao discurso académico. Nos capítulos que seguen centrarse con máis detalle no caso galego, usando como campo de aplicación e análise dous periodos da literatura galega: un primeiro período que vai dende 1920 até 1936 e un segundo que vai dende que comeza a guerra civil até a aparición da Nova Narrativa Galega. Xa que logo, a través de diversos axentes (escritores, manifestos, críticos,...) amosa a aplicabilidade da noción teórica do “campo de produción ideolóxico e campo literario”, dende a confrontación entre a teoría da literatura e a teoría do nacionalismo, para centrarse no nacemento da autonomía que vai “máis alá da teoría”. Ademais, no último e terceiro capítulo, intitulado “Cara á consolidación do campo literario”, repárase na importancia da constitución da NNG, logo da cal terá lugar a evolución do campo de produción ideolóxico con determinadas actuacións políticas, entendidas como estratexias de autonomización. A “Conclusión” achega brevemente unha reflexión sobre a cuestión da permanente politización dunha cultura como é a galega e pecha o volume a “Bibliografía citada”.

\textbf{Referencias varias:}
Recolle que Antón Figueroa afirmou na presentación da súa monografía que o intelectual “non está en crise” e que representa aínda hoxe na sociedade o poder simbólico ao servizo de causas sociais “dende posíciós políticas” como se observou no caso do Prestige e ultimamente coa creación de plataformas que defenden a lingua galega. Destaca que a ideoloxía e a autonomía da arte amosaron a súa dialéctica na Xeración Nós e no rexurdimento da literatura galega dende 1939 até a Nova Narrativa Galega. Indica que Figueroa cualifica a historia da literatura galega como “a conquista da liberdade” e que precisa que os inicios do século XX dan comezo a unha literatura con carga política para difundir o nacionalismo. Apunta que o ensaísta distingue entre autores “grandes” respecto ao valor da súa produción e autores “grandes” polas posíciós políticas adoptadas, e incide en que o campo político foi gañando poder social e perdendo “poder de influír no campo literario”. No á parte “Homenaxe ao galeguista” afirma que, para Figueroa, Francisco Fernández del Riego, pese a intervir en política, mantivo a súa “autonomía”, e que a súa Escolma de poesía galega (1955) supón unha toma de posíción na que tenta ser autónomo respecto ao campo literario español.

Conversa con Antón Figueroa na presentación da súa monografía na que apuntou que o escritor está influído entre outros factores externos polo ideolóxico pero que debe ser libre; que estudou a Xeración Nós e a dos anos cincuenta dende a autonomía do artista proposta por Bourgain, xeracións das que se liberaron das regras marcadas por presións políticas Manuel Antonio, Bal y Gay e Mourullo, respectivamente.

Comeza enlazando co artigo da semana anterior no que salientaba que dende 1920, coa publicación da revista Nós, se produce en Ourense “un anovamento da prosa galega”, do cal é exemplo a tradución de Ramón Otero Pedrayo das primeiras páxinas do Ulysses, de James Joyce na revista Nós en 1928, a primeira tradución deste autor renovador da novela na Península Ibérica. Afirma que algúns historiadores da literatura xustificaron este interese por Joyce, “por non perxudicarem o tópico de Galicia “provinciana” e culturalmente “subalterna” pola afección do grupo Nós aos atlantismo e celtismo. Remata o artigo aduindo á nova monografía de Antón Figueroa onde se apunta que Joyce “representaba a revolución no campo literario mundial”, algo que considera xa sabían Ramón Otero Pedrayo e Vicente Risco. Afirma que estes dous escritores ourensáns conseguiron, “ao se servir de Joyce” e sen “ter que pasar por España” conectar o campo literario galego coas correntes que estaban a emerxer na literatura mundial. Insiste en que ás “mentes sumisas” lle molesta esta presenza de Joyce na Xeración Nós, polo que a reducen a “un celtismo idealista decimonónico”.

Freixanes, Víctor F. e Alberto Meixide (eds.), O capital da cultura. Unha achega ás industrias culturais de Galicia, A Coruña: Centro de Investigación Económica y
Ampla panorámica da industria cultural en Galicia que se inicia cunha presentación institucional, seguida do apartado “As industrias culturais na construcción dun discurso social integrado”, a cargo de Víctor F. Freixanes. Nel definense industrias culturais como “aquelas formas de producción, difusión e comercialización que, integradas na sociedade de consumo e no mercado de masas, configuran a gran rede de distribución de contidos simbólicos (información, educación e lecer) que conforman o imaxinario social”. A continuación, atópanse doce apartados máis que analizan a economía da cultura en Galicia, a industria editorial, os medios impresos, a radio, a televisión, o cine e o audiovisual, a música, as artes escénicas, as artes plásticas, a comunicación publicitaria, as novas tecnoloxías e as políticas culturais e o desenvolvemento económico. Destes apartados resultan de interese para a literatura galega o realizado por Freixanes sobre a industria editorial e o de Manuel Fernández Vieites sobre as artes escénicas. O primeiro centra a súa atención no libro en lingua galega no período 2007-2008. Tras amosar brevemente a evolución histórica do sector, dende o Rexurdimento até a actualidade, con abondosos datos estatísticos, trata a cuestión da base social do libro galego. Neste extenso traballo refírese por unha banda ao libro infantil e xuvenil e por outra ás traducións, interpretadas como un fenómeno relativamente recente e síntoma da progresiva madurez do sistema literario galego. En relación cos instrumentos de difusión do libro galego menciónanse os galardóns literarios, os foros especializados (feiras e salóns), as campañas e accións institucionais e os medios de comunicación. No caso dos medios impresos, marca a diferenza entre a crítica xornalística e a mera promoción informativa das novidades editoriais, mentres que considera a presenza do libro galego na radio e na televisión practicamente marxinal, fronte á visibilidade que obtén na rede. Entre as reflexións do segundo apartado mencionado, “As artes escénicas. Elementos para unha diagnose”, Fernández Vieites ofrece unha breve referencia histórica, na que sinala unha falta de normalidade ou de lexitimidade destas actividades en Galicia.

Tamén descrito no apartado VII.5.1 Literatura Infantil e Xuvenil deste Informe.

Referencias varias:


Víctor Freixanes resume as claves do seu estudo económico titulado O capital da cultura, no que se analiza a situación deste sector en Galicia co fin de deseñar unha estratexia de futuro.


Infórmase de que dentro dos múltiplos actos que terán lugar dentro do Culturgal de Pontevedra se presentarán os volumes O capital da cultura, de Víctor Freixanes e Alberto Meixide; así como Na cerna da Selva, de Pere Tobaruela, e a colección de “Antoloxías Poéticas Sonoras” da editorial Do Cumio.

Traballo de investigación de María Pilar García Negro (Lugo, 1953) que concorreu ao XV Premio de Ensaio Vicente Risco baixo o título “O clamor da rebeldía. O nacemento do ensaio da consciencia de xénero: análise e interpretación de textos rosalianos”, tal como, entre outros datos, aclara a autora no “Adro” co que se abre o volume. A seguir, despois dunha cita de R.W. Emerson aplicada á obra *Essais*, de Montaigne, e que García Negro aproveita para ponderar os textos de Rosalía de Castro (“Cortade esas palabras, e sangrarán; son vasculares e están vivas”), preséntase unha “Introdución” na que a investigadora luguesa comenta algúns dos “topica” consolidados na historiografía literaria galega, tales como que o nacemento do ensaio, como xénero, é serodio e que na emerxencia do feminismo unicamente se destaquen as figuras de Conception Arenal e Emilia Pardo Bazán “vaporizando” a figura de Rosalía de Castro. A investigadora universitaria explica tamén as acepcións do concepto “xénero” que manexa neste traballo e sinala a produción da obra rosaliana, que ten en conta para demostrar as seguintes teses: o ensaio como xénero literario naceu no século XIX; é unha muller, Rosalía de Castro, quen inaugura ese xénero; os prólogos de *Cantares gallegos* (1863) e *Follas novas* (1880) son “ensaios orixinais”; é preciso resitar a clasificación de xéneros literarios na literatura galega do século XIX; Rosalía de Castro é a primeira escritora contemporánea en levantar a cuestión da identidade feminina, do xénero, e, ademais, “redefine, por tanto, o xénero feminino”. A seguir, baixo os epígrafes titulados “A redefinición dos xéneros conveniente á literatura galega”, “A exemplificación na obra rosaliana”, “Autor, autoría, auctoritas”, “Rosalía de Castro, iniciadora dun xénero avant la lettre”, “Dúas palabras da autora que valen por toda unha obra”, “O porqué dos prólogos na obra rosaliana”, “Las literatas. Carta a Eduarda” e “A cifra de toda a revolución: un poema de catro versos”, García Negro dá conta dos seus argumentos para demostrar as teses sinaladas anteriormente. Para o dito recorda en primeiro lugar que “a noción de xénero literario é exterior e posterior ao texto literario en si” e que hai que ter en conta que “a limitación no cultivo de xéneros diferentes dos poéticos na literatura galega do XIX haberá que a cargar na conta das condicións en que esta literatura nace”. Ademais, para conseguir os seus obxectivos, non dubida a estudosa en facer historia da literatura galega, en botar man de diferentes textos da autora padronesa e doutros escritores coetáneos (prólogos, dedicatorias, poemas, etc.) e mesmo en achegar datos biobibliográficos e históricos. Finaliza o traballo cun breve apartado de conclusións no que recapitula o comentado e no que afirma, entre outras cuestións que, “se a nosa tese é plausíbel, son varias as modificacións de importancia” que convén realizar no que á escritora padronesa se refire, entre elas que “muda a concepción da obra da escritora” e “a historia da literatura galega contemporánea”.

Recensións:

Reprodúcense as palabras de presentación desta obra gañadora do Premio Vicente Risco de Ciencias Sociais, nas que comeza sinalando que o xurado valorou a madureza da reflexión sobre Rosalía de Castro, como fundadora da literatura galega e como membro dun colectivo que soubo reivindicar a lingua e a dignidade do pobo galego. A seguir faixe un percorrido pola imaxe que se creou ao redor de Rosalía de Castro, dende as palabras de Ricardo Carballo Calero no capítulo da súa Historia da literatura galega, nas que incide nas dificultades vitais e físicas da autora, o seu afán de superación e a súa dimensión de figura universal, pasando pola mitificación posterior da creadora como saudosa e chorosa nai, até as revisións do tópico levadas a cabo pola propia Pilar García Negro e outras autoras, como Kathleen March ou María Xosé Queizán. Incidense na reivindicación de García Negro de Rosalía de Castro como fundadora da literatura galega, pero tamén do ensaio en lingua galega, dado que os prólogos das súas obras inauguraron este xénero rompendo a “naturalidade” da escrita en castelán”. Saliéntase tamén o interese da análise que García Negro fai de Follas Novas e máis concretamente do “prólogo-escudo”, a partir do que percorre as críticas de figuras como, por exemplo, Emilia Pardo Bazán. Chámase a atención sobre a defensa que neste ensaio leva a cabo de Rosalía como feminista galega comprometida e renovadora da poesía española do século XIX. Remátase aludindo á forza das xeracións que dende o Rexurdimento loitaron e creron na forza do pobo galego.


Despois de lembrar o poema “Silencio” de Rosalía de Castro, Marga Romero pon en relación os versos que o compoñen coa cita do filósofo W. Emerson que Pilar García Negro introduce n’O clamor da rebeldía. A continuación, a articulista sinálalle ao lector as descubertas que sobre Rosalía de Castro pode facer na lectura do ensaio de García Negro para rematar cualificando este traballo de “magnífico ensaio (…) que nos achega imprescindíbeis e novas follas vasculares”.

Referencias varias:


Comézase sinalando que O clamor da rebeldía é o traballo gañador do Premio Vicente Risco de Ensaio e que ten a súa base na extensa experiencia docente no ensino da súa autora, Pilar García Negro. A seguir, indicanse as dúas teses básicas deste traballo: o papel ensaísta de Rosalía de Castro e o papel de “feminista galega de gran compromiso”, pois fusionou a literatura e a política. Finalmente, fálase do poema “A xustiza pola man”, “único na poesía europea do XIX de man feminina” no que se denuncia radicalmente o opresor.


Infórmase da presentación do libro O clamor da rebeldía na sede da Real Academia Galega e recóllese unha breve entrevista á súa autora. García Negro explica por que considera a Rosalía de Castro a primeira ensaísta galega e a primeira feminista e afirma
“que inaugura o seu propio territorio”. Finalmente García Negro opina que a autora de *Cantares Gallegos* “non é entendible só desde técnicas filolóxicas” e “sen axuda da historia, da socioloxía e dun coñecemento profundo da cultura popular galega”.


Afóndase, ao se cumprir o cento vinte e cinco aniversario da súa morte, en diversos aspectos da obra de Rosalía de Castro que son obxecto de estudio hoxe en día, como a orixe da “negra sombra” que percorre toda a súa obra, a autenticidade e liberdade desta, a visión da autora como militante feminista, segundo apreciacións da profesora da Universidade da Coruña Pilar García Negro n’*O clamor da rebeldía*, ou a análise que Marina Mayoral fai do papel xogado por Manuel Murguía na publicación das obras da súa muller.


Infórmase da presentación das novidades editoriais no Festigal, entre as que se atopa *O clamor da rebeldía. Rosalía de Castro: ensaio e feminismo*, de Pilar García Negro.


Despois dunha serie de “suxestións” provocadas polo libro *O clamor da rebeldía*, de Pilar García Negro, e pola relectura dos poemas de Rosalía de Castro, o articulista di concordar en moitas das afirmacións realizadas por García Negro no seu estudo e opina que a teoría e a praxe na autora padronesa van unidos.


Indica que no Festigal 2010 se presentaron, entre outras novidades literarias da Galería das Letras, o monográfico *O clamor da rebeldía*, de Pilar García Negro.


Despois de lembrar que o Festigal, organizado por Galicia Nova e a Fundación Galiza Sempre, xa é unha cita ineludíbel cada ano en Santiago de Compostela, recólense as declaracións de Pilar García Negro, Marilar Aleixandre e Teresa Moure na presentación das súas respectivas obras: *O clamor da rebeldía, O coitelo en novembro e A intervención*. Da primeira destas obras, *O clamor da rebeldía*, di que é un convite para revisar a obra de Rosalía de Castor a quen García Negro considera “inauguradora do ensaio moderno”. Así mesmo, a estudosa afirma que Rosalía de Castro xamais permitiría que o galego retrocedese como si fai o Goberno galego no século XXI.

Xosé Lois García informa da publicación d’O clamor da rebeldía. Rosalía de Castro: ensaio e feminismo, de Pilar García Negro, na editorial Sotelo Blanco. Di que se trata dunha investigación iniciada en 1993 e que a súa publicación coincide co aniversario do pasamento da autora. Comenta que García Negro xa ten realizado outras investigacións sobre outros escritores e escritoras de renome e, a seguir, fala dalgúns dos aspectos de Rosalía e da súa obra nos que García Negro se centra no seu ensaio, tales como “a liberación da muller galega e da súa patria aldraxada”.


Entrevista a Pilar García Negro por mor da publicación d’O clamor da rebeldía. Nela comenta como se creou o “mito Rosalía” e algumas das razón polas que foi considerada unha santa, entre as que se ten sinalado nese proceso de “beatificación” a Manuel Murguía como responsábel, opinión que García Negro non comparte. A seguir, a estudosa da Universidade da Coruña opina sobre como leron a Rosalía escritores españois como Juan Ramón Jiménez e mesmo dá conta da peculiar relación entre Rosalía e Murguía e da actitude da padronesa ante a escrita. García Negro sinala tamén os “vimbios” que Rosalía de Castro tivo en conta no momento da escrita do prólogo de Cantares Galegos, fala daqueles que a “declararon inimiga” e opina que a padronesa foi consciente das lecturas interesadas que se podían facer da súa obra. A estudosa da Universidade da Coruña compara tamén o “credo” rosaliano co de Curros e Pondal e afirma que a autora era consciente do desafío que algún dos seus poemas, como o de “Daquelas que cantan ás pombas i ás frores”, supoñían. Finalmente, comenta a “nova cartografía galega” que hai en Rosalía de Castro e sinala as razón polas que habería que “comprar o “producto Rosalía”.


Breve entrevista a Pilar García Negro por mor da presentación na librería Pedreira de Santiago de Compostela d’O clamor da rebeldía, “unha reflexión sobre a faceta ensaística de Rosalía de Castro á beira do nacemento de conciencia de xénero”, no acto de conmemoración do Día Internacional contra a violencia de xénero. Na conversa, García Negro explica porque considera a Rosalía de Castro “unha autora do seu tempo e do noso”, afirma que Rosalía “estivo marxinada como muller e como escritora” e considera que, para ler a Rosalía, é preciso partir da súa producción, da correspondencia e dos testemuños contemporáneos.


Conxunto de corenta e oito ensaios de Ricardo Carvalho Calero sobre temas literarios, lingüísticos, xurídicos e políticos dispostos en orde cronolóxica e presididos por unha introdución da autora na que se fai un percorrido pola biografía de Ricardo Carvalho Calero e na que se destaca a súa precoz vocación literaria e inclusión nos grupos xurdidos na época. Carvalho Calero considerábake membro da Xeración do Seminario e
“fillo espiritual da Xeración do 16”. Destácase tamén nesta parte introdutoria dúas das súas obras: a *Gramática elemental del gallego común* (1963), que se converteu nun instrumento de restauración pública do galego; e a *Historia da Literatura Galega Contemporánea* (1966), que se constata coma a primeira documentación de todo o producido con intención e valor literario na lingua galega no século XIX e no primeiro terzo do XX. Por último, coméntase a inclinación nacionalista de Carvalho Calero e a elaboración da obra con motivo do centenario do nacemento do biografado e os vinte do seu falecemento. Os ensaios tratan maioritariamente a cultura e a política galega, cuestións que en moitas ocasións aparecen fusionadas nun mesmo texto, como acontece en “A xeneración de Risco”, onde se comenta a creación do nacionalismo galego a cargo do grupo; “Otero Pedrayo. Unha visión de Galicia”, onde se fala da vertente política do autor aludido no ensaio; e en “De Rosalía a Castelao”, onde tamén se alude aos aspectos políticos de ambos os autores. A temática lingüística reivindicando o uso do galego queda patente en “Castelao e a súa lingua”, “O galego, obxeción da conciencia” ou en “Bilingüismo e bigamia”. Por último, a temática xurídica aparece espallada polos diversos ensaios da obra en pinceladas soltas.


David González Couso (Ourense, 1978) afonda sobre as relacións e lazos familiares de Carmen Martín Gaite con Ourense, poñendo de relevo o significativo papel que desempeñou a familia, ao longo do século XIX, nos eidos docente, xornalístico, administrativo e cultural da cidade das Burgas e doutros lugares como Allariz, Piñor ou Pontevedra, e tamén a pegada deste labor na obra da autora. Comeza o volume co “Fiadeiro Prologal” realizado por Claudio Rodríguez Fer, autor que tamén ten traballado sobre a familia da escritora salmantina. A seguir, González Couso detense nas figuras de Joaquín Gaite Núñez (bisavó da escritora), director do Instituto de Segundo Ensino de Ourense en 1865, cando no Estado eran aún moi escasas esas institucións, e Antonio Gaite Núñez, que contou con numerosas publicacións, exercendo de avogado e de director de *El Orensano*, xornal fundado polo seu irmán Joaquín, do que foi tamén redactor e que fixo análises sobre o panorama económico de finais do século XIX. Tamén fai fincapé na obra do P. Gaite, Antonio Gaite Lloves, catedrático de Física e Química, ou Javier Gaite Lloves, ensinante na Escola Normal de Mestras. Ademais da reprodución dos orixinais dos textos de Joaquín Gaite, *Método contra el cólera-morbo epidémico* (Cuenca, 1854); de Antonio Gaite y Núñez, *Consideraciones de los montes públicos de Galicia* (Pontevedra, 1885); e de Javier Gaite y Lloves, *Geografía astronómica y física*. (Ourense, 1894), tamén aparecen as ilustracións da casa na que Carmen pasou a súa nenez.


Volume iniciado cun limiar institucional titulado “O libro das Letras Galegas”, no que se confirma 2010 como Ano do Libro e da Lectura, animando a gozar deste placer. O que se pretende é a divulgación do libro galego e a súa promoción exterior, a promoción da lectura nese ámbito e a edición de máis obras, pensando sempre nas novas
tecnoloxías. Comeza despois a obra cunha historia universal do libro que, en primeira persoa, abrangue un percorrido extenso polas vicisitudes do seu longo período de formación: Mesopotamia, Exipto, Grecia, Roma..., até chegar á Idade Media, coa aparición da imprenta no século XV. Remata a obra cunha mención inexorábel ás novas tecnoloxías e ao libro na comunidade galega. Finalmente, pechan este libro uns apéndices. O primeiro deles contén unha relación das obras incluídas na “Biblioteca 120” de La Voz de Galicia, recomendándoas para formar unha biblioteca galega en calquera casa. O segundo é unha lista de premios literarios coas diferentes obras que os gañaron e o último unha relación das principais editorias en lingua galega.

Referencias varias:


Informa do programa “Libros sobre rodas” que organiza a Dirección Xeral de Promoción e Difusión da Cultura, a cargo de Francisco López. Indica a chegada deste proxecto a Ponteareas, como parte das actividades pertencentes ao Ano do Libro e da Lectura patrocinado pola Xunta de Galicia. Menciona asemade a ruta que seguirá o autobús ategiado de libros sobre a literatura galega e cun equipo de animadores culturais. Conclúe coa alusión ao volume gratuito A grande aventura do libro que reciben os visitantes.


acontecemento tivo repercusións políticas e como os periódicos da época deron conta de todo o sucedido e da participación concreta de avogados, académicos, escritores, políticos e outras figuras recoñecidas do momento. Antón Santamarina, en “O Galo nos anos setenta”, aborda o ambiente cultural e político da época, na que os disidentes podían formar parte dun partido político clandestino ou participar en actividades culturais. Describe o comezo dos momentos galeguistas e a creación da asociación “O Galo”, os seus primeiros eventos culturais, membros, directivos e estatutos.

Recensións:


Ademais de describir o volume *Inmunda escoria*, de Ricardo Gurriarán, apunta que os testemuños de dezaseis persoas que viviron o 68 compostelán, que recolle Gurriarán en *1968 en Compostela. 16 testemuños*, ofrecen un vivo panorama dunha etapa crucial na evolución do franquismo e no xermolar dos movementos de oposición, que contribuíron á configuración do mapa político galego.


Coméntase que este volume colectivo constitúe o terceiro dunha serie dedicada ao mesmo suceso, o conflitivo ano 68 na Universidade de Santiago. Neste artigo asemade apúntanse os aspectos que abordan cada un dos autores do libro.


Reprodúcese o texto lido na presentación de *1968 en Compostela. 16 testemuños*, unha obra coordinada por Ricardo Gurriarán na que se reúnen os testemuños daqueles rebeldes que nos anos sesenta intuíron unha liña de fuga da realidade monolítica. A través da alusión a moitos dos aspectos que marcaron a ditadura pone de manifesto o papel da Universidade como correa de transmisión do Réxime. Asemilánse as revoltas do 68 coas que tiveron lugar en 2002 en contra do proceso de Boloña e interrogase tamén sobre a actitude dominante na actualidade na Universidade compostelá, sobre as pegadas daquel movemento e a súa percepción dende o presente.

Referencias varias:


Dá conta de que á presentación da obra de Ricardo Gurriarán acudirán o reitor da Universidade de Santiago, Senén Barro, e o ex-presidente da Xunta de Galicia, Emilio Pérez Touriño, un dos testemuños de *1968 en Compostela.*


Dá conta do acto de presentación do volume de Ricardo Gurriarán, *16 testemuños*, que recolle o seu labor de investigación sobre a universidade franquista compostelá. Sinala os comentarios de Senén Barro durante o acto, os de Elías Torres no prólogo do volume e os do propio autor na súa introdución. Destaca asemade os apuntamentos de Víctor Santidrián en nome da Fundación 10 de marzo, coeditora do volume, así como os de Xesús Alonso Montero e os de Fermín Bouza, Perfecto Conde, Alberto Martín de Hijas, Xosé María Méndez, Arturo Reguera, Alberto Reverter, Guillermo Rojo e Antón Santamarina, quen pecha o volume.


Recensións:

Sinala que Ricardo Gurriarán comeza *Inmunda escoria* describendo a transformación da Universidade tras a guerra civil, podendo considerarse unha prolongación de *Ciencia e conciencia na Universidade de Santiago (1900-1940)*, que lle valeu o Premio da Crítica en 2007. Sinala as fontes a partir das cales foron reconstruídos os feitos e considera que o autor lle imprime ao texto un axil dinamismo por medio da combinación da análise das forzas sociais e das transformacións políticas educativas e culturais coa identificación dos nomes propios vinculados con elas. Refírese aos contidos abordados no volume e sinala que os grupos protagonistas do 68 responden a tres eixes ideolóxicos: o cristianismo renovador, o marxismo e o nacionalismo galeguista. Sinala que este último, liderado nun principio por Ramón Piñeiro, centraría a súa acción no ámbito cultural para logo reorientala coa pretensión de impregnar todo o espazo político, aínda que mantendo un anticomunismo cualificado de “visceral”, o que levará a un grupo a formar a UPG. Refírese ao papel dos grupos na organización do movemento estudantil e aos seus líderes e apunta que a fidelidade aos feitos compatibilízase coa presenza da propia voz do autor na interpretación valorativa, para rematar dicindo que non é dificil asentir: “Nin mártires, nin visionarios, nin inmunda escoria”. Ademais doutras consideracións, apunta que os testemuños de dezaseis persoas que viviron o 68 compostelán ofrecen un vivo panorama dunha etapa crucial na evolución do franquismo e no xermolar dos movementos de oposición, que contribuíron á configuración do mapa político galego.


Dá conta da saída ao prelo do volume de Ricardo Gurriarán, *Inmunda escoria. A universidade franquista e as mobilizacións estudantís en Compostela 1939-1968*. Comeza cunha alusión ao título, orixinal de Daniel Ares Enjamio, para explicar o subtítulo deste traballo de investigación. Describe o contido temático e argumental do volume facendo referencia aos personaxes englobados polo título e salienta as estratexias que estes levaban a cabo como a loita cultural ou o “entrismo” no sistema universitario, xunto a persoios como Marisa Melón, Pérez Touriño e Domenech, entre outros.


Nota con motivo da publicación de *Inmunda escoria. A universidade franquista e as mobilizacións estudantis en Compostela, 1939-1968*, de Ricardo Gurriarán, na que se reflexiona sobre a loita de clases e a necesidade de integrar nelas a propia universidade,
elemento de gran valor estratéxico. Saliéntase que a resistencia compostelá ao franquismo é imprescindíbel para comprender outras manifestacións contemporáneas, como pode ser o caso da Nova Canción Galega, e que teñen que ser studadas e documentadas cronoloxicamente para deseñar unha radiografía máis completa da historia recente. Repásanse algúns dos datos ofrecidos na obra, como o control progresivo que a ditadura levou a cabo da institución universitaria, e saliéntase que a obra vai moito máis alá ao detallar minuciosamente o desenvolvemento da universidade, na que tanto profesorado coma personalidades próximas alentaron a oposición dende diferentes opcións políticas. Sobrancéase como un dos grandes méritos desta obra o “titánico e minucioso traballo documental” levado a cabo por Ricardo Gurriarán na reconstrución da vida interna da Universidade de Santiago de Compostela. Do estilo destácase a concreción e dos contidos chama a atención sobre o relevante que resulta o complemento audiovisual cos testemuños de medio cento de protagonistas, o que converte o ensaio nunha ferramenta indispensábel para o estudio do que significou o franquismo no eido cultural galego e tamén como peza clave para a historia da institución universitaria compostelá. Remátase pedindo que non se converta esta obra nunha peza de loa, revisión e legitimación da historia da institución compostelá, na que a resistencia deste baluarte non foi a dos seus dirixentes, agás contadas excepcións, senón a do seu estudantado.


Alude a que en Inmunda escoria, de Ricardo Gurriarán, se documenta a transformación dunha universidade de provincias tranquila e afecta á ditadura nun foco de protesta estudantil durante o curso 1967-1968. Detalla que se estrutura en dúas partes ben diferenciadas, cunha cesura arredor dos anos cincuenta, e que en conxunto estamos perante o mellor libro de Gurriarán. Tamén se fai referencia ao DVD que acompaña ao volume e no que podemos ver cincuenta entrevistas como testemuño oral do relatado.

Referencias varias:


Dá conta da presentación do volume de Ricardo Gurriarán, Inmunda escoria. A universidade franquista e as mobilizacións estudantís en Compostela 1939-1968, no Colexio de Fonseca da cidade compostelá. Describe o seu fío argumental e, nun epígrafe á parte intitulado “Areces, Touriño e Pumpido”, comenta a inclusión de cento vinte entrevistas no volume a persoeiros como o presidente de Asturias, Vicente Álvarez Areces. Apunta así mesmo a existencia dun DVD que acompaña o volume e
que abrangue parte desas entrevistas. Salienta o acceso aos arquivos oficiais por parte do autor como labor de documentación para o seu volume e conclúe coa mención da presenza do presidente de Asturias, de Senén Barro e de Manuel Bragado no acto de presentación do seu traballo.


Entrevista a Ricardo Gurriarán co gallo da saída do prelo do seu recente traballo de investigación intitulado *Inmunda escoria. A universidade franquista e as mobilizacións estudantis en Compostela 1939-1968*. A conversa xira en torno a cuestións como o método de investigación da universidade da época, as orixes do título, as memorias de Castilla del Pino, as mobilizacións reivindicativas e as folgas por parte dos estudantes universitarios daquela e a represión que sufriran, os desaloxos da facultade de Historia e a inclusión de biografías dos protagonistas nas notas a rodapé. Nun epígrafe á parte, “Estudantes politizados, de garabata e pelo curto”, apunta as actitudes dos estudantes perante o sistema educativo.


Conversa con Ricardo Gurriarán na que se tratan aspectos como a supervivencia da universidade tras a guerra civil, as primeiras protestas universitarias, as mobilizacións de 1953 e 1968, diversos acontecementos da historiografía española, a represión estudantil e a historia do franquismo galego.


Describe o volume que recolle o labor de investigación de Ricardo Gurriarán, *Inmunda escoria. A universidade franquista e as mobilizacións estudantíns en Compostela 1939-1968*. Salienta a súa estrutura analítica e metodolóxica e o exame que realiza sobre esa etapa na historiografía galega. Critica, porén, unha serie de datos inexactos incluídos no volume e acheas as pertinentes correccións.


Comenta o acto de presentación do volume *Inmunda escoria. A universidade franquista e as mobilizacións estudantíns en Compostela 1939-1968*. Tras un breve apuntamento sobre o curso académico de 1967-1968, describe as mobilizacións estudantíns que tiveron lugar nesa época a partir da editorial do xornal *ABC* na que figuraba a apelación de “inmunda escoria”. Nun primeiro epígrafe intitulado “De la pensión al piso y al pelo largo y barbas”, apunta a situación económica da cidade compostelá nese momento e o cambio na figura do estudante. Nun segundo epígrafe, “Álvarez Areces”, comenta o labor do, por aquel entón, líder das revoltas, Vicente Álvarez Areces, na actualidade presidente de Asturias. Nun derradeiro epígrafe, “‘Despedida’ a pedradas”, continúa coa figura de José Hernández Díaz, director xeral de Universidades. Prosegue cunha entrevista titulada “Co 68 compostelán, a sociedade galega empezou a modernizarse”, na que a conversa xira ao redor de cuestións como o labor de Emilio Pérez Touriño e do reitor Echeverri e a situación política doutras comunidades autónomas con respecto ao sistema universitario.


Entrevista a Ricardo Gurriarán na que tras uns apuntamentos biobibliográficos sobre o autor, a conversa xira ao redor de cuestións como o nacionalismo galego na universidade da época, o profesorado comprometido coa loita ao franquismo, o ensaio de López Aranguren (*El problema universitario*) publicado por aquel entón, Galicia como nación na actualidade, o pensamento marxista do historiador, as crueldades da guerra civil e as lecturas e autores preferidos do autor.


Entrevista na que se aborda a concepción deste volume, as revoltas e os seus inicios na universidade franquista da época e outros acontecementos de importancia como o Maio francés ou a Primavera de Praga.

Dá conta do labor de investigación do historiador Ricardo Gurriarán sobre a universidade franquista na década de 1960 en Santiago de Compostela. Tras apuntar as dificultades do autor na súa tarefa de recompilación de datos sobre o tema, sinala, nun epígrafe intitulado “Cuatro décadas”, o punto basal no que se asentou a tese de doutoramento do historiador, as catro primeiras décadas do século XX. Nun segundo epígrafe, “Inmunda escoria”, fai referencia ao seu volume de recente publicación, *Inmunda escoria. A universidade franquista e as mobilizacions estudantís en Compostela, 1939-1968*, destacando a procedencia do título e as orixes das revoltas estudantis.


Faise eco da celebración da Feira do libro en Monforte. Alén de informar das librarias que estarán presentes, nomea os escritores que asinarán exemplares dos seus libros, entre eles, Ricardo Gurriarán con *Inmunda escoria*.

Alude ao ensaio de Ricardo Gurriarán do que salienta algunhas das anécdotas ali incluídas durante a ditadura franquista na Universidade de Santiago de Compostela.

Recensións:


Despois de salientar a calidade humana de Xesús Alonso Montero, indica que Modesto Hermida neste volume se achega con rigorosidade e proximidade á biografía de Alonso Montero como neno, enfermo, loitador, orador e homenaxeado, baseándose en tres premisas: “son marxista, ateo e non nacionalista”. Comenta que no volume se inclúen imaxes e unha “infinita bibliografía”, onde se refiren os cargos, distincións, premios e poemas que mereceu este intelectual.
Referencias varias:


Dá conta da presentación do volume Xesús Alonso Montero. Palabra e compromiso na Galería Sargadelos de Lugo, acto que estivo presidido polo autor da biografía, Modesto Hermida, o propio Alonso Montero, o editor, Bieito Iglesias, e Andrés Páramo. Do traballo de Hermida indícase que trata con atención a carreira de Alonso Montero na docencia e na investigación literaria, a súa fidelidade a unhas ideas, as do galeguismo radical e o comunismo, e os seus traballos fundamentais, como Informe dramático sobre a lingua galega. Presente e pasado (1991) ou a biografía que lle dedicou a Luís Seoane.


Con motivo da presentación en Ribadavia da biografía Xesús Alonso Montero. Palabras e compromiso, Modesto Hermida, o autor, fala nesta entrevista do seu compromiso coa ideoloxía comunista, malia as súas relacións conflitivas co partido, salienta a súa dedicación ao estudio, as súas contribucións á análise da realidade sociolingüística e o seu destacado talento como orador. Ademais, apunta que o coñeceu en Asturias, nun club de esquerda e que a través del pasou a formar parte do PC, e que na actualidade talvez falta “unha guía ideolóxica e socio-política para contestar esta situación que está a arrasar co ámbito socialdemócrata europeo que conseguimos entre todos”.


Volume no que se reúnen as comunicacións presentadas no Congreso Internacional “Las Relaciones entre las literaturas ibéricas”, celebrado na Universitat Pompeu Fabra (Barcelona) entre o 18 e o 20 de xuño de 2009, baixo a organización dos grupos de investigación “Traducción, recepción y literatura” (Universitat Pompeu Fabra) e “TRELI: traducción y recepción de las literaturas” (Universitat de Barcelona). Conta cunha introdución dos editores na que explican a orixe dos traballos e a súa complementariedade con outros douss volumes, Traducción y autotraducción en las literaturas ibéricas e Relaciones entre las literaturas ibéricas y las literaturas extranjeras, nos que se recollen traballos centrados nos fenómenos vinculados coa tradución entre as literaturas ibéricas, en especial a autotradución, e nos vínculos, contactos e interferencias entre as letras peninsulares e as literaturas estranxeiras, respectivamente. A seguir detéñense nos traballos que configuran este volume, centrados nas relacións literarias e nos que se tratan aspectos como a mediación literaria e cultural e a recepción crítica ou a intertextualidade. Os traballos de interese para este Informe de literatura son os que seguen:

Traballo no que se fai unha achega ao marco constitutivo do discurso historiográfico decimonónico sobre as literaturas peninsulares, no que comeza referíndose ás primeiras obras historiográficas que xurdiron no século XIX, entre as que cita as de Friedrich Bouterwek e Jean-Charles-Leonard Simonde de Sismondi, nas que abordan as literaturas peninsulares centrando a atención na española e portuguesa, de modo máis parcial a catalá e como meras mencións a galega e vasca. A seguir fai un percorrido pola percepción que das literaturas ibéricas se plasmou nas obras historiográficas e que reflicten a marxinalidade destas, aínda que chama a atención sobre a súa importancia na configuración da historiografía que se estaba a crear de ámbito europeo, ao funcionar coa ambivalencia derivada dun proceso de estrañamento no que o ámbito ibérico se converte en obxecto preferente de coñecemento. Repasa a revisión que durante o século XX se fixo dende as literaturas ibéricas desta visión exóxena, nun axuste da dimensión nacional de cada unha destas literaturas, que no caso galego ve nas obras pioneiras de Augusto G. Besada e Florencio Vaamonde Lores. Detense no peso da concepción xeopolítica e xeocultural nas perspectivas adoptadas e pasa a centrarse na constitución do discurso historiográfico español, iniciado a mediados do século XIX, no que observa a apropiaición por parte dun determinado programa político e ideolóxico dunha caracterización da literatura española na que se revisa e corrixe a visión exterior. Entre as reaccións á constituición deste discurso sitúa a aparición das primeiras historias literarias catalás, que considera de dimensión europea e substantivación basicamente peninsular, herdeira do espazo cultural provenzal, converténdose na terceira das literaturas nacionais da Península,que confirma a visión das primeiras obras historiográficas europeas nas que a literatura galega queda reducida a un episodio medieval da literatura portuguesa. Achégase ás primeiras obras historiográficas da literatura galega situándoas no marco do rexeitamento da literatura española como referente totalizador dentro do marco peninsular ou do Estado, que proxectaron os autores europeos, en especial Manuel Murguía en El regionalismo gallego (1889), obra na que recorre ao elemento suevo e ao celta, situándose na liña de Sarmiento para reclamar unha posición xeocultural específica para Galicia dentro das culturas peninsulares, corrixindo a adscrición puramente románica e meridional que se deriva do provenzalismo, aspectos que tamén observa na obra de Augusto González Besada e de Eugenio Carré, La literatura gallega en el siglo XIX (1903), e no que insisten autores postiores como Leandro de Saralegui y Medina en Galicia y sus poetas: Poesías escogidas de autores gallegos contemporáneos (1886) e Florencio Vaamonde Lores en Resume da historia da literatura galega (1898). Pola contra, sinala outros autores foráneos que se distancian da tese celta e infravaloran a tradición local, situando a literatura galega como fenómeno rexional no ámbito español.


Despois dunha ampla reflexión sobre os elementos que configuran o cambio de tendencia de finais do século XIX e principios do XX entre o romantismo e o modernismo, céntrase nas vangardas como un conxunto plural, rico e multiforme de manifestacións, nas que conflúen as características dun determinado movemento e as propias pautas do pensamento do momento no que se produce. Incide na mestura de influencias como elemento caracterizador, o culto á orixinalidade e a reinterpretación de códigos estéticos precedentes. Sitúa como a primeira manifestación vangardista de Galicia os “Poemas sínxelos” publicados entre 1917 e 1921 por Evaristo Correa
Calderón, intelectual situado nos ditados nacionalistas do galeguismo e a través dos que sinala que ensaiou a procura dunha voz propia que definise as arelas de renovación dominantes nos ambientes intelectuais europeos. Sitúa ao autor na mentalidade das Irmandades da Fala e considera que o seu discurso mestura a explosión rupturista co mantemento da tradición, ademais de se integrar plenamente nas características das literaturas periféricas e/ou colonizadas, como demostra o feito de que se procura a creación dun espazo mítico, a valoración do nacional e se adopta o rexistro lírico, entre outros aspectos, incidiendo na importancia dun momento senlleiro para a cultura galega, que tentaba situarse á par das demais culturas europeas. Insiste en que Correa Calderón é un dos vangardistas máis destacados da literatura galega e española, repasa as influencias que recolleu de diferentes ismos e propón como denominación para o labor deste autor a de “ultraísmo galego”, por consideralo resultado da recodificación dos canons do ultraísmo español do que o autor se embebeu no Madrid de finais da segunda década do século XX. Detense no contexto catalán e refírese ás relacións de amizade de Correa Calderón con intelectuais como Rafael Barradas, creador do vibracionismo, tendencia plástica creada polo propio Barradas, que influiu na creación de Correa Calderón, manifestándose en aspectos como a transtextualidade e a estreita alianza entre literatura e plástica, entre outros aspectos.


Achea á produción en lingua galega que viu a luz na revista de literatura e pensamento Papeles de Son Armadáns, fundada e dirixida por Camilo José Cela entre 1956 e 1979, na que entre os seus obxectivos figuraba o darlle cabida ás literaturas en linguas non castelá. Repasa as iniciativas que dende a publicación se tentaron levar a cabo neste sentido, como a collección catalán “Joan Roïç de Corella” e a serie galega “Juan Rodríguez del Padrón”, que se viu fanada pola falta de subscritores. Considera que esta revista se converteu en “delegación sistémica” no ámbito español de culturas subalternas, nun momento de graves dificultades para estas, como foi a ditadura franquista. Afirma que Cela “tomou como tarefa persoal a entrada da cultura galega na revista” por sentirse pertencente a unha cultura diferenciada no contexto español. Repasa algunhas actividades de Cela durante o franquismo en relación coa cultura galega, entre as que sitúa o seu labor nesta cabecera, no que é fundamental a mediación de Celso Emilio Ferreiro, a través do que coñece aos homes de Galaxia e contacta con creadores como Aquilino Iglesia Alvariño. Marca as tres facetas da presenza do autor de Celanova na cabeceira, como son a crítica, a collección proxectada e a publicación de poemas galegos. Explica que a crítica se inaugurou en 1956 e que a colaboración da revista capitalizou a colaboración de escritores como Ramón González Alegre, o propio Celso Emilio, Xosé Mª Álvarez Blázquez, Xosé Luís Méndez Ferrín e Ricardo Carballo Calero, dos que repasa as súas contribucións. Sobre a collección proxectada ofrece documentación diversa, como algúns parágrafos de misivas de Celso Emilio, encargado de procurar libros inéditos, e a súa proposta encabezada por Álvaro Cunqueiro e Iglesia Alvariño, seguidos doutros creadores, como Álvarez Blázquez, Pura Vázquez, Uxío Novoneyra, Manuel María, etc. Explica os problemas da serie, os títulos que Ian ser editados e as causas do fracaso. Por último, repasa a presenza na revista da creación en lingua galega, fundamentalmente da Xeración do 36, dando conta dos creadores que participaron e dos textos reproducidos, cos que considera que Cela tiña o firme propósito de loitar contra o descoñecemento que levaba ao menosprezo de Galicia e da súa cultura.

Achega ás primeiras historias das literaturas ibéricas nas que comeza referíndose á influencia das letras grecorromanas e ao afán de sobrevaloración dunhas literaturas sobre as outras, inscribíndose nun contexto internacional no que os fundamentos ideolóxicos e as fórmulas de caracterización se aproximan moito, ao observar nos traballos que cita un ritmo cronolóxico de interdependencia e un modo de argumentación moi semellantes. Despois de sinalar a importancia do hispanismo universitario de Alemaña e deterse nas primeiras obras historiográficas da literatura española, achégase ás literaturas portuguesa e galega, destacando desta última obras como *Historia crítica de la literatura gallega* (1887), de Augusto González Besada, na que sinala que se defende a independencia da lingua galega e a importancia da literatura de transmisión oral, baseándose no concepto romántico dos *Volkslieder*, ademais de revivir “las intuiciones del principio de siglo con un énfasis especial”. Tamén lembra que Leandro de Saralegui y Medina en *Galicia y sus poetas: Poesías escogidas de autores gallegos contemporáneos* (1886) reitera a precedencia cronolóxica da literatura galega e portuguesa sobre a castelá, a perda do prestixio da primeira como vehículo oficial ou diplomático e a consabida caracterización “que reitera las notas de imaginación fantástica, visión sentimental del paisaje y tristeza melancólica”. Despois de achegarse á literatura catalá conclúe que as primeiras historias das literaturas ibéricas se elaboraron dende a interacción de cada unha delas coas máis próximas xeograficamente e en tensión coa central, postularon determinadas tendencias particulares no uso dos xéneros literarios e formaron un sistema de conxuntos autoorganizadores, as “literaturas nacionais”, nas que o nivel integrador de carácter histórico e cultural xera un sistema máis amplo no que todas se incorporan e reciben denominacións varias.

Os artigos correspondentes á Literatura Infantil e Xuvenil e á Literatura de Transmisión Oral están descritos nos apartados VII e VIII deste *Informe*.


Manuel López Foxo (Ortigueira, 1960) dá conta neste seu volume da vida e obra do poeta Manuel María ao longo de nove seccións. Tras unha tripla dedicatoria a Medos, Lois Diéguez e Felipe Senén e Pilar Pallarés e Marta Dacosta, describe nun apuntamentointroductorio intitulado “Amizade e agradecemento” os seus primeiros encontros coa produción literaria deste poeta durante os seus anos de mocidade e convida o lectorado a mergullarse na poesía deste escritor. A primeira sección, “Manuel María: perfil biográfico e obra poética”, abrange cinco pequenos apartados nos que comenta a súa traxectoria vital e literaria, os catro periodos nos que se divide a súa poesía, o seu compromiso coa nación galega e a forte presenza da natureza e comunión coa terra nas súas composicións poéticas. A segunda sección, “O sentimento da terra e o amor na poesía de Manuel María”, estuda en tres apartados sen título a liña temática presente na súa produción poética. A modo de introdución estabelece unha serie de reivindicacións sobre a figura do poeta partindo da súa amizade persoal con el e sinala os volumes que deu ao prelo. Continúa despois cos temas recorrentes na súa poesía: o

Recensións:


Dá conta da saída ao prelo deste volume monográfico de Manuel López Foxo en Edicións Laiowento. Salienta a natureza biográfica que se perfila no volume, xunto ao compromiso cívico presente nos poemas que alí recolle. Destaca, doutra banda, o conxunto de recensións críticas que inclúe o volume sobre as publicacións do autor, como Compendio de orballos e incertezas (1991), Sonetos á casa de Hortas (1997), Brétemas do muiñeiro (2001) ou Cecais hai unha luz (2010). Indica finalmente os tres apéndices que pechan o volume e recomenda a súa lectura.

Coméntase este ensaio monográfico editado por Laiovento, destácase o labor de López Foxo como crítico da poesía de Manuel María dende o inicio da súa amizade en 1977 e menciónase o seu volume *Cataventos de neutrós domesticados* (1979). Conclúese coa indicación de dedicarle o Día das Letras Galegas a Manuel María, ao tempo vez que se reivindica a mesma homenaxe para Ricardo Carvalho Calero.

**Referencias varias:**


Infórmase da saída ao prelo deste ensaio da autoría de Manuel López Foxo editado por Laiovento. Tras mencionar o seu poemario *Cómaros de mel e rosas*, destácase a súa producción literaria recompilada neste volume dende *Poemas ao Outono* até *O Miño, canle de luz e néboa* (1996) e o feito de que nel se lle outorgue importancia a esta produción, non tan coñecida. Menciónanse a seguir outros dos seus poemarios contidos no volume e os comentarios de Xosé Luís Méndez Ferrín e Pilar Pallarés sobre a calidade poética dos versos deste escritor.


Traballo de Xulio L. Valcárcel (Lugo, 1953) composto por nove apartados estruturados, a súa vez, en subpartes, no que escolma os seus mellores artigos sobre cuestións de temática diversa publicados dende finais da década dos oitenta até datas recentes cada unha delas con títulos significativos xa que nos amosamos partes destacábeis da vida do autor. O primeiro apartado, “Anos de aprendizaxe”, trata sobre a lectura e a literatura que ocupou a infancia e mais a adolescencia do autor cunha lista de títulos explícitos de obras e de escritores que marcaron estas etapas da súa vida. O segundo apartado, “Poética”, sinala obras poéticas concretas de certos escritores e trata do proceso de creación poética. O terceiro, “Vivencia da casa”, afonda no símbolo da casa na poesía mostrando algúns exemplos. O cuarto, “Mestre Caeiro”, céntrase na figura de Alberto Caeiro. No quinto capítulo, “Cravo fondo trinta anos despois”, comenta a configuración e mais as características definitorias do grupo “Cravo fondo”, título de tinturas rosalianas. O sexto capítulo, “Dúas formas de comunicación”, ofrece unha reflexión sobre os medios de comunicación e mais a literatura, os autores e a lingua galega reflectidos neles. O séptimo capítulo, “Unha antoloxía de poesía mapuche”, achégase á cultura mapuche e a introdución de trazos da mesma na poesía. O octavo, “Poesía galega, 2009”, comenta a importancia das editoriais na literatura galega, coa mención destacada a editorial Espiral Maior, áncora que tamén se fala dos diversos grupos literarios galegos sen esquecer citar a diversas autoras relevantes. Por último, o noveno apartado, “Existe unha literatura galega?”, comeza cunha reflexión sobre o termo literatura para facerse a pregunta que dá nome ao apartado e, a continuación,


Biografía de Manuel Losa que se inicia cunha dedicatoria dirixida aos “galegos emigrantes” xunto cunhas palabras de Salvador García-Bodaño, que fai un brevísimio resumo da historia e da emoción que sînte por ela, ademais dunha reivindicación que ten como eixe central situar esta obra como lectura nas escolas. Tras os agradecementos, atopase unha introdución na que se describe a Galicia como foco de emigración durante os séculos XIX e XX. A continuación e, ao longo dos vinte e catro capítulos, dáse conta da biografía de Xesús Canabal mesturada coa historia da patria galega centrada principalmente no movemento migratorio a causa da pobreza na que estaba inmersa o pobo. O protagonista, Xesús Canabal, exemplifica este feito coa súa emigración de Montevideo a Bos Aires, onde se acaba convertendo en empresario da industria do papel, socio fundador do grupo artístico Orfeón Hispano Arxentino, presidente da Casa de Galicia, da Irmandade Galeguista e do Patronato da Cultura Galega; e nomeado Ministro Plenipotenciario do Goberno da República Española, entre outros cargos. Intégranse na narración tanto o diálogo coma a poesía, a forma epistolar e os artigos periodísticos que amosan a evolución na vida de Canabal, diversas actas e documentos oficiais, unha listaxe dos libros dedicados ao protagonista, imaxes relacionadas coa temática da obra e fragmentos das memorias da súa filla Berta.

**Recensións:**


Sinálase que n’*A Galicia de Montevideo. Unha biografía de Xesús Canabal* se repasa o percurso vital dun emigrante triunfador facendo referencia á súa dimensión empresarial, económica, cultural e política, o que provoca que sexa cualificado como unha figura que “ten que ocupar un papel destacado na historia de Galiza do século XX”.

Detalla que esta obra conta a historia de Xosé Canabal, cualificado como “home de ben, bo e xeneroso”. Afirma que a lectura desta obra lle levou a coñecer o mapa de Galiza de Fontán e que neste libro “amenos e fermoso” vemos a biografía de Xosé Canabal mediante conversas, cartas e documentos.

**Referencias varias:**


Reprodúcese unha breve entrevista co autor d’*A Galicia de Montevideo*, Manuel Losa, co gallo da presentación da segunda edición desta obra, coa que manifesta que se trata de que “en Galicia se conozca su personalidad y su trayectoria, su altruismo y su generosidad”.


Recóllense recomendacións e comentarios sobre diversas obras, tales como *A Galicia de Montevideo*, biografía na que se observa unha notábel admiración de Manuel Losa cara a Xesús Canabal e se destaca tanto a fluídez do relato como o interese do biografado.


Ábrese esta monografía de Albino Mallo Álvarez (Vigo, 1929) cunha dedicatoria á memoria de seus pais e aparece un breve “limiar”, no que reflexiona sobre o proceso de escritura do libro, vinculado á memoria, e di que posivelmente se trate dunha “historia incompleta”. Recolle neste volume os seus recordos que versan sobre a historia do Café Bar Derby, de Vigo, os clientes e as actividades organizadas no interior do local. O volume componse de corenta e seis capítulos, breves polo xeral, que rescatan do pasado moitas das persoas do mundo cultural, que pasaron acotío polo local. É o caso de escritores galegos como Celso Emilio Ferreiro, os irmáns Álvarez Blázquez, Francisco Fernández del Riego, Luís Seoane, Faustino Rey Romero ou Álvaro Cunqueiro, e pintores como Carlos Maside, Laxeiro, Urbano Lugrís, Isaac Díaz Pardo ou Tino Grandío. Estas semblanzas dos clientes habituais (ou ocasionais, como foron as visitas de Federico García Lorca ou Ramón Mª del Valle-Inclán) entrecruzanse coas lembrazas da súa propia vida, dende a nenez até a madurez, pero tamén coa da súa familia, especialmente a de seu pai, Albino Mallo García, propietario do bar, e teñen un marcado tempo histórico, que vai dende 1921, inauguración do local, até 1968, ano do peche. Completan o volume seis anexos, onde se recollen unha serie de textos, íntegros ou fragmentados, que se publicaron no catálogo que viu a luz en 1998, con motivo da organización dunha sala de exposición en homenaxe ao local en Vigo, e que levou por nome, tal e como se apunta nas páxinas iniciais “O Derby, algo máis que un café”. Estes textos son da autoría de Francisco Fernández del Riego, Gerardo Martín, Álvaro Álvarez Blázquez, Francisco Pablos, Xesús Alonso Montero, Xosé María Álvarez Cacémaco, Isaac Díaz Pardo, Carlos Casares e María do Carme Kruckenberk, entre outros. Engádese tamén un apéndice gráfico con fotografías sobre o interior do local e
algúns dos clientes habituais, así como un apartado de caricaturas da autoria de Xaime Isla de personaxes asiduos ao café, entre os que están Valentín Paz-Andrade, Celso Collazo, Carlos Maside e moitos outros. Pechan o libro a bibliografía e os índices.

Recensións:


Comeza apuntando que todas as cidades teñen o seu propio “mapa de cicatrices invisibles” para dar noticia da presentación do libro de Albino Mallo. Informa que o autor é o fillo do dono do café Derby, que o abriu de volta da emigración. Por outro lado, nomea diferentes aspectos que ao seu modo de ver fixeron que este local se convertezese no faladoiro onde “se coceron as principais iniciativas culturais do galeguismo”. Comenta tamén que o terror “debuxouse o 18 de xullo de 1936 arredor dunha mesa do Derby” e pasa a nomear unha serie de asiduos ao local, expostos con detalle no libro.


Principia cunha reflexión sobre a importancia no desenvolvemento das literaturas contemporáneas dos cafés e faladoiros literarios. Opina que a pegada de certos cafés para a literatura galega é decisiva para entender “boa parte da nosa escrita” do século pasado. Neste senso, sinala cafeterías históricas de antes da guerra civil e tamén da posguerra, entre as que cita o Derby de Vigo, e aproveita para informar do recente libro *Algo máis que un café. O Derby de Vigo 1921-1968*. Considera que esta crónica é un “retrato documentado do quefacer dos escritores”, así como unha aproximación socializadora (axentes, configuración física, visicitudes e problemáticas) a aquilo que “tivo que superar”. Para rematar, refírese ao “moi útil” índice onomástico como guieiro do ensaio e di que está escrito con amenidade “non exenta de rigor”.


Refírese ao traballo *Algo máis que un café. O Derby de Vigo* e repara en que o local posuía como “marca distintiva un inconfundible arrecendo británico”. Sobre o autor, Albino Mallo, opina que “ninguén mellor” para se mergullar na historia deste bar, facendo ao tempo un exercicio de memória, posto que para Mallo o Derby foi “unha prolongación da casa”, de modo que afirma que no volume se entrecruzan a vida do local, a do autor e a do seu pai, como fundador. Sinala que ao mesmo tempo resulta operativo para retratar outros lugares e xentes xa desaparecidas. Ademais fai fincapé nalgúns aspectos curiosos e nomea asiduos do mundo da cultura que aparecen retratados no libro. Refírese ao anexo do volume e comenta que ao rescatar parte da historia local viguesa, afecta tamén “a un capítulo da historia de Galicia”.
Comenta o traballo *Algo máis que un café* de Albino Mallo, do que di que se “escoita con pausada saudade un anaquiño da súa propia historia”. Di que o escritor conseguiu o seu obxectivo: narrar unha historia real, no que se entrecuzara a historia do Derby, do seu pai e a del mesmo. Ademais de facer alusión a algunhas pasaxes do libro centradas no devir do café, considera que o lugar é “un espazo onírico” no que se encontran a distintas persoas do eido da pintura ou da literatura. Remata aludindo aos tempos do peche, en 1968, momento no que o Derby “entraba na categoría das lendas”.

**Referencias varias:**


Faise eco da presentación da crónica do Derby vigués, *Algo máis que un café*, de Albino Mallo. Apúntase que, alén dos recordos, se reconstrúe un lugar “estreitamente vinculado co galeguismo”. Recóllese algunha declaración de Mallo que di que o Derby era “unha especie de Café Gijón en versión galeaca”. Logo refírese ao momento no que o autor começou a formar parte dos grupos de debate que tiñan lugar ali. Indícase que ao seu pai, o fundador, unha das cousas que máis lle agradaba era “comprobar unha nova xeración de músicos” entre os clientes do café. Nun á parte titulado “A Galería”, menciónase que un dos habituais era Celso Emilio Ferreiro e apúntase que entre as partidas de xadrez que se celebraban o “contricante predilecto” de partida do seu pai era o xornalista Celso Collazo.


En palabras de Albino Mallo, o Derby era “o café do meu pai e un elemento vital da miña vida” e cita s persoíneiros que pasaron e participaron nos faladoiros que tiñan lugar no local. Ademais, indicase que a guerra civil supuxo un punto de inflexión na historia do Derby, que contrasta coa época de preguerra para lembrar a historia dos músicos do Trío Corvino. Ademais de comentar outros aspectos aos que afectou a contenda bélica, recolle o records de María do Carme Kruckenberg, unhas das poucas mulleres asiduas ao local. Para rematar, refírese ao peche en 1968.


Recoméndase nesta sección fixa do suplemento a lectura de obras do sistema literario galego, como a *Historia do café Derby*, de Albino Mallo, fillo do propietario do local. Neste andel de novidades tamén se dá conta da publicación de *Grandes mestres en Ourense*, de Enrique Bande; *Periferia*, de Iolanda Zúñiga; e *[de]*construçom (2009), de Susana Sánchez Arins.
Reflexiona sobre a importancia de saber “dos tempos que habitaron os nosos avós” e cita ao respecto o libro De mi viejo carnet de Prudencio Landín Tobío, editado en 1953, e do recentemente publicado Algo más que un Café. O Derby de Vigo. 1921-1968, de Albino Mallo. Dí que o autor conta “a propia saga familiar” e apunta que os máis novos poderán saber como foi o mundo do que veñen a través desta crónica “da xente que gastou horas de conversa e creatividade nos seus salóns”.


Indícase que os faladoiros foron un elemento importante para lograr certos obxectivos a pro ló do galeguismo por parte de Francisco Fernández del Riego. Dise que nos meses de outono e inverno se reunía cos seus amigos no Derby de Vigo, no que se mantiñan intensos debates con outros destacados membros da cultura da época. Nestas liñas alúdese ao libro de Albino Mallo, Algo más que un café. El Derby de Vigo, 1921-1963 para comentar que foi no faladoiro deste local onde os galeguistas “se propusieron trabatar en defensa del país partiendo de la lengua”. Por outro lado, noméanse outros cafés similares: o Savoy, onde os luns tiñan cita Del Riego con outros compañeiros, unha información que recolle das memorias de Don Paco; o Alberti ou a Taberna da Alameda. Nun á parte, refírese a dúas anécdotas, contadas no seu momento por Carlos Casares, e que tiveron como protagonistas a Del Riego, xunto con Américo Castro e Ramón Otero Pedrayo, respectivamente.


Monografía de Belén Martín Franco na que tenta explicar como as facetas xornalísticas e literarias de Álvaro Cunqueiro Mora (Mondoñedo-Lugo, 1911-Vigo, 1981) son indisolúbeis e complementarias e como algúns dos tópicos máis recorrentes da literatura de viaxes aparecen nos seus artigos (alusións ás paradas e as pousadas, ás vilas e cidades e os seus costumes, monumentos, lendas...), tratados sempre co inconfundíbel selo do autor lucense. Divídese en seis amplos apartados: “Introdución”, “Temas e motivos nas viaxes de Cunqueiro”, “Os tópicos do relato de viaxe nos textos de Cunqueiro”, “Os elementos morfolóxicos: o eu viaxeiro e as descricions”, “Conclusións” e “Bibliografía. Analízanse ademais outros aspectos que unen o xénero do artigo xornalístico e o do relato de viaxes: o realismo máxico, a proximidade de trato co interlocutor e o lector, a ilimitada imaxinación, as múltiples referencias eruditas, en “A lexitimación das fabulacións: as fontes documentais”; a súa persoal visión do tempo e do espazo, en “A xeografía sentimental e mítica”; as suyas saudades dos tempos idos, en “Vilar de Donas e as donas de antano, Ubi sunt?”; a súa sensibilidade diante da natureza e de calquera manifestación artística; o seu amor pola boa comida e os bos viños; a súa espiritualidade; a súa infinita curiosidade por todo; a súa concepción da literatura; os seus personaxes e lecturas preferidas; os seus gustos artísticos; a ironía; a intertextualidade, en “A impronta de Shakespeare”, “Os versos de Rosalía de Castro e de Eduardo Pondal nas viaxes cunqueirianas”, “A presenza de Cervantes”; e o uso
premeditado de galeguismos. Conclúese destacando, entre outros aspectos que xa se foron debullando con anterioridade, que “cada artigo ou crónica de viaxe de Cunqueiro, sexa unha viaxe real ou imaxinada, sexa realizada por el ou por outro, é unha pequena xoía literaria con toda a esencia cunqueiriana comprímida nunha ou dúas páxinas”.

Referencias varias:


Indicase que nesta obra se recollen crónicas de viaxe de Álvaro Cunqueiro e que coa súa lectura ampliamos un pouco máis o coñecemento xornalístico de Cunqueiro.


Crónica de viaxes de Miguel Anxo Martínez Oubiña (Ousensa, Vilanova de Arousa, 1976) que se publicou parcialmente en “Los viernes”, suplemento do xornal Faro de Vigo. Dúas citas de Albert Pla tirada de Viaxe por Galicia e de Ramón Cabanillas de Vendima en Salnés encabezan este “discurso” dedicado á súa compañeira de viaxes, Sara, á súa familia e á memória de Sandra Cores Suárez. O volume ábrese con “Pórtico”, unha introdución onde o autor explica de onde nace a idea de escribir un libro de viaxes sobre a comarca do Salnés e a intención de que nel tivese protagonismo o pequeno patrimonio, as cousas pequenas. Tras o limiar seguen doce capítulos titulados onde se mestura a descrición coa narración en primeira persoa do propio autor, quen ás veces nestas excursións matinais dos domingos leva como compañeira a Sara. Cada un dos capítulos é un bloque temático subdividido ao seu tempo en varios relatos onde cada espazo presenta os seus personaxes propios e as súas tradicións cun estilo literario capaz de crear toda unha “paisaxe humana”. Así, “A ruta dos mananciais”, “Paisaxes místicas”, “Contos de vellos”, “Guerra do tempo”, “Arredor da Paixón”, “O camiño real”, “En terra de montes”, “As pedras mouras abandonadas”, “Unha volta ao pasado”, “Marabillas insospeitadas”, “Algúns oficios tradicionais” e “Paseo pola miña vila natal” recollen anécdotas, imaxes e distintas lendas, como a que conta que baixo un dos cons do monte Lobeira se agocha un tesouro. Péchase o volume con “Algunhas fontes bibliográficas” que o autor recomenda para afondar no coñecemento do Salnés.

Referencias varias:


Entrevista co xornalista e narrador Miguel Anxo Martínez Oubiña, autor do libro de viaxes O discurso dos afluentes. Viaxes polas aldeas e lugares do Salnés, editado por Edicións A Nosa Terra. Martínez Oubiña explica o título da obra dado o interese polo
pequeño patrimonio, ao tempo que admite a axuda da creatividade literaria pola súa experiencia como escritor para transcribir a paisaxe humana que enriquece calquera libro de viaxes. Finalmente, recomenda catro espazos da comarca do Salnés (o Monte Lobeira, o Rego do Alcalde, A Armenteira e A Pena da Forca) e anticipa algún dos mitos e tradicións propios desa comarca recollidos no seu libro de viaxes.


Volume no que se recollen os traballos gañadores das oito edicións do Certame “Galicia en Euskadi”, promovido polo Centro de Estudos Galegos da Universidade do País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea, así como outros estudos de procedencia máis diversa, pero cuxo xerme se vincula ao traballo dos profesores-lectores de lingua, literatura e cultura galega nesta Universidade, desenvolvido dende 1997 até 2009. Despois da presentación institucional, conta cunha introducción dos coordinadores no que expican os obxectivos do certame orixe dos traballos, o seu labor de difusión da lingua, literatura e cultura galegas e adiantan a organización interna do volume, artellado en dous corpos principais: no primeiro os traballos gañadores de cada unha das catro modalidades do Certame “Galicia en Euskadi” e no segundo outros traballos de máis dilatado alento que xurdiron da actividade investigadora e promotora da cultura galega no exterior e que contaron co apoio do Centro de Estudos Galegos. Os traballos de creación aparecen organizados por orde cronolóxica e agrupados por modalidade lingüística, é dicir, atendendo á lingua na que foron escritos. No referido aos traballos de investigación, trátase de estudios e recensións críticas, tanto de alumnado, coma de investigadores colaboradores e de traballos publicados dende o propio Centro de Estudos Galegos, como Poesía berria/Poesia emergent/Poesía emergente/Poesía emerxente (2001), Amor, escarnio y linaje en la literatura gallego-portuguesa (2002) e Pensando nelas (2006). No que se refire aos traballos de carácter crítico e ensaístico recóllense os seguintes:

- Mario Unamuno Plazaola, “Galegos na fraga (Certa lectura persoal de Manuel Rivas)”, pp. 31-39.

Traballo de Mario Unamuno Plazaola gañador da edición de 1998 no que critica o estatuto de “normalidade” da Santísima Trindade Autónomo-Literaria representada por Manuel Rivas, Bernardo Atxaga e Quim Monzó sobre a que asenta a percepción das literaturas marxinalizadas do Estado español. A seguir compara a concepción de Atxaga, da que destaca a importancia da fraga como símbolo da marginalidade e dos marxinados, coa de Manuel Rivas, no que tamén atopa esta mesma simboloxía, aínda que no autor galego aparece asociada a “un estado de ánimo, un estado de sentir, ás veces incluso de ser das xentes máis humildes” e, polo tanto, unha paisaxe física e espiritual. Dende o punto de vista da tradición considera que a maior parte dos títulos das obras de Rivas son definicións metafóricas dun país nas que o humor enlaza con outras referencias, como a transición entre os espazos rurais e os urbanos, e a confrontación entre estes dous mundos, moitas veces a través do hibridismo dos espazos urbanos pero marxinais das periferias, de modo que conflúen o “mundo mitolóxico e da vida rural coa máis trivial das realidades urbanas de finais de século”. Outra das
dimensións que adquiere a fraga na obra de Rivas é como territorio da nostalxia e da memoria, aspecto no que conflúe coa obra de Julio Llamazares. Considera que en Rivas se ve a súa grandeza pola capacidade de universalizar os temas, de volver sobre eles e darlles unha nova dimensión.


Traballo de José Ángel García López que mereceu un accésit na edición de 2002 no que estuda as figuras femininas presentes na poesía de Luís Seoane, nas que observa unha coherente e clara interrelación. Identifica catro tipos femininos conxugados co rol social desempeñado e tamén moí ligados ao ciclo biolóxico da nenez, adolescencia, madureza e vellez. Deste modo clasifica as figuras femininas ao redor dos eixos: moza/rapaza, dama/doncela, dona/compañera e vella/nai. No primeiro caso analiza os poemas “A fonte”, “A moza e o pelegrín”, “Terceiros alcaiotes”, “A meiga belida”, “A peste” e “O home que marchaba”, nos que sinala que a imaxe que se reflicte da infancia e xuventude da muller está asociada á vitalidade, ledicia e liberdade, por veces contraposta coa vellez, ademais de enlazar con outras temáticas como a xacobea, a crítica da prostitución e a confluencia de visións contrapostas, como o culto mariano e o amor cortés, que enlanzan coa Idade Media; a negatividade asociada á muller como perdição do home e mesmo a temática da emigración, na que se critica a explotación e indefensión destas. No segundo caso, dama/doncela, sinala que se trata a muller dende unha perspectiva superior na valoración dos seus atributos, no que se dá un dualismo entre o terreal e o espiritual, cunha representación ideal da muller asociada ao concepto de beleza. Así rastrexar a idolatria do home pola muller en poemas como “Romance ceibe de leises”, “O cabaleiro vagabundo” e “A rañá espída”. No terceiro caso, dona/compañera, incidéuse na concepción da unión indisolúbel de home e muller, vista en poemas como “Un ollo soio”, “Celsa R.I. aforcouse en xuliño de 1974”, “O enterro do moinante”, “A rúa dos tolos” e “Ramón Cernadas”, composicións nas que a muller aparece como compañera fiel e baluarte da familia. Por último, o cuarto eixo, anciá/nai, observa a veneración do autor polo pasado cultural galego e avoga polo recoñecemento da vellez dignificada polo traballo. En poemas como “Os emigrantes”, “Un ollo soio”, “Aquela vella e os corvos”, “O pintor eisiliado”, “Verdadeiro sucedido cun Nadal” e “As forzas vivas” percorre a imaxe que representan as figuras femininas, desde a simboloxía dos efectos da emigración, a unión familiar, o desacougo pola separación entre pais e fillos despois da guerra civil e o paralelismo entre a muller galega e a Virxe María que sofre polo destino do seu fillo. Em definitiva, conclúe que os arquetipos femininos da cultura galega na obra de Luís Seoane reflicten un pouso de melancolía, coa visión enaltecedora, nun intento de comprensión global e de situala no mesmo plano de dereitos có home.


Estudo no que José Ángel García López se achega á vida e obra de Emilio Álvarez Blázquez e co que mereceu o premio na edición de 2008. Comeza cunhas notas biográficas e detense nas inquietudes de adolescencia e mocidade do autor, etapa na que compuxo poemas e mesmo publicou algunha obra en colaboración co seu irmán Xosé María Álvarez Blázquez, co que tamén publicou a súa primeira obra en lingua galega, Poemas de ti e de min (1949), incluída na colección Benito Soto e moi ben acollida pola...
crítica. Alude ás súas colaboracións nos medios de prensa do momento, tanto galega coma da emigración, como La Noche, Suplemento del Sábado, Aturuxo e Lar. Sinálase a súa participación en Galaxia, a súa inclusión en Escolma de poesía galega (1955), de Francisco Fernández del Riego, e Diez poetas gallegos (1956), de González Garcés; o seu nomeamento como membro da Real Academia Galega e a creación da colección de poesía “Salnés” con Fernández del Riego e Celso Emilio Ferreiro, entre outros moitos aspectos. Sobre a súa obra explica que a súa resistencia a publicar O tempo desancorado, considerado o seu testamento lírico, e a edición do volume Poesía galega completa e textos en prosa (2005), entrega que non é completa por faltar a obra coa que en 1964 foi merecedor do Premio de Poesía Galega “Rosalía de Castro” do Centro Galego de Bos Aires, un volume sobre o que Alonso Montero ten dito que non hai noticia. José Ángel García López asegura que ese libro existe e que puido consultar un exemplar, que pasa a analizar pormenorizadamente. Explica as vicisitudes deste exemplar até quedar depositado na Biblioteca Xeral da Universidade de Santiago de Compostela, a súa composición, as claves temáticas da obra, que xiran ao redor da saudade, a paisaxe, a familia e a evocación de autores galegos; o estilo ao modo popular, con trazos típicos do hilozoísmo, o humor; rastrexas as influencias de autores como Amado Carballo, Ramón Cabanillas, Rosalía de Castro, etc. Salienta o predominio do ton íntimo e subxectivo no poemario e detense na análise dos recursos predominantes para concluir que na obra se observa cohesión estrutural, onde na primeira parte se dá un ton persoal e introspectivo, mentres que a segunda diverxe en temas e motivos, o que o leva a considerar que se trata dunha obra na encrucillada na creación lírica do autor, polo que conxectura que foi a autocensura a que provocou que esta obra nunca vira a luz.


Achega aos textos en linguas diferentes á galega que viron a luz na revista Nós (1920-1936), coa que José Ángel García López acadou o premio na modalidade “Linguas impartidas na UPV/EHU” na edición de 2009. Sinálase que esta revista foi un órgano fundamental para construír os alicerces da identidade de Galicia, a galeguización da sociedade e o desenvolvemento dunha nova restauración cultural. Salienta a modernidade dos estudos desenvolvidos polos homes do grupo Nós, que transformaron a fisionomía cultural galega ao aplicar con rigor metodolóxico novas perspectivas, contribuíndo á difusión dun rico patrimonio. Lembra as palabras de Ramón Piñeiro nas que considera este movemento cultural como a primeira manifestación dun “verdadeiro pensamento galego culto”. Centrándose na estrutura da revista, con diferentes seccións, salienta a dedicada á literatura e ao anuncio dos libros que se ían publicando, repásanse as referencias e influencias de autores universais que se citan nas súas páxinas ou que están na base do discurso dos intelectuais que participan na publicación, así como as recensiÓns e as traducións que se incluíron. A seguir, repasa as composicións líricas en linguas estranxeiras que se publicaron na revista Nós, especialmente abundantes en lingua portuguesa por mor da proximidade idiomática pero tamén polas estreitas relacións coa intelectualidade do país veciño. A seguir, describe as colaboracións de diferentes autores portugueses e franceses, dos que ofrece unha breve biobibliografía e reproduce as composicións incluídas en Nós. A nómina de autores está constituída por Teixeira de Pascoaes con “Fala do sol”, “De mim” e “Á Galiza”; Alexandre de Córdova con “Os meus versos” e “Ansiedade”; António de Cértima con “A nossa taça” e “Os netos de Cabral”; Anrique Paço d’Arcos con “Invocação”; e Philéas Lebesgue con “Coimbre” e “Vigo”. Por último repásanse os autores que inclúe Ramón Otero Pedrayo.
no estudio “Os poetas Atlánticos”, cuxo denominador común é a procedencia de Bretaña e o protagonismo do mar na súa producción, e conclúese que esta publicación foi un medio de comunicación co saber foráneo e un medio de intercambio con outras culturas.


Estudo de carácter comparativo de Gustavo Nanclares que mereceu o Premio de Investigación da Deputación Foral de Álava e que desenvolveu a través da vinculación co Centro de Estudos Galegos da UPV/EHU. Nel analiza os poemario Harrie eta herri (1964), de Gabriel Aristi, e Longa noite de pedra (1962), de Celso Emilio Ferreiro, que comparten aspectos como o feito de compendiaren poemas escritos durante un amplio período de tempo, a preocupación pola situación socio-política que lles tocou vivir a ambos os poetas e a influencia da poesía social. Da análise das obras salienta o “simbolismo neolítico como rasgo estilístico e ideológico esencial”, que se manifesta a través do emprego de elementos como a pedra, presente en ambos os títulos, e que representa o espírito inamovíbel do pobo. Céntrase en poemas de Celso Emilio como “Gabanza dos canteiros”, no que loa o labor dos que traballan a pedra e lle imprime unha forte connotación telúrica, relixiosa e totémica, convertendo a pedra en símbolo da patria, a nai, o pasado e a orixe. Por outra parte, considera que a poesía dos dous autores rastrexra a condición do home e estabelece categorías dicotómicas na liña das propostas unamunianas: o pobo e o home, á vez que se indaga tamén sobre a materia da poesía e a quen se dirixe, integrando ambos os aspectos nunha preocupación ontolóxica sobre a propia identidade. Tamén sina a antibelicismo, a crítica social e o anticlericalismo son temas que comparten os dous autores, conclúndo que na súa obra hai un forte afán de concienciación e denuncia social e cultural que busca proyectarse cara ao exterior, moi condicionada polas circunstancias sociais e políticas.


Trabajo de base sociolóxica de Ana Lidia Agra Burgos realizado durante unha estadía no Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, no que se achega á historia do teatro galego dende o punto de vista da produção, aínda que diferenciando entre literatura dramática e espectáculo. Alude á situación de marxinalidade da literatura galega, na que o xénero teatral é un subsistema secundario dentro do sistema literario malia o aumento que se observa nos últimos anos e o recoñecemento de autores como Manuel Lourenzo, Premio Nacional de Teatro 1997 por Veladas indecentes (1996). Sinala tamén algúns autores novos, como Roberto Salgueiro, Raúl Dans ou Xavier Lama, fronte aos consagrados Lourenzo, Roberto Vidal Bolaño e Euloxio Ruibal, que caracteriza dentro do teatro galego contemporáneo por teren os seus inicios vinculados coa práctica escénica e o teatro independente, con tendencias que va dende o realismo e simbolismo, até o surrealismo, o expresionismo e o absurdo; con temáticas que superan o folclorismo e o ruralismo. Salienta ademais que dedicaron unha parte da súa producción ao público infantil e que o recoñecemento chegoules a través de galardóns. Repasa algúns dos premios que se foron convocando para incentivar a creación, algunhas coleccións emblemáticas, como os “Cadernos da Escola Dramática Galega”, e o papel de institucións como o Instituto Galego de Artes Escénicas e Musicais (IGAEM). Lembra que ao longo do século XX o teatro galego viviu un proceso de normalización, interrompido pola guerra civil e a ditadura. A seguir repasa as liñas
seguidas polo teatro institucional, máis central e que xira ao redor do CDG, do que se citan os directores cos que contou, aspecto que propiciou unha diversidade de liñas estéticas, pero que presenta como coordenadas comúns no teatro institucional: o texto dramático como eixe, o recurso ás versións como forma de achegamento aos clásicos universais e a actualidade galega e a opción lingüística do galego. Sobre o teatro de carácter privado baséase nos datos do Informe de literatura 1996 sobre as postas en escena, nos que observa as diferenzas entre os grupos profesionais e afeccionados, así como a inclinación pola dramaturxia de autor, a importancia do texto, de figuras do sistema galego, como Armando Cotarelo Valledor, Ramón Otero Pedrayo, Eduardo Blanco-Amor e Castelao, aínda que tamén de españoles e irlandeses. Observa tamén a tendencia a dirixir os dramaturgos as súas propias obras, así como a tensión entre a dimensión instrumental e a puramente artística, de aí que se produzan polémicas por mesturar os intereses politics coa realidade do teatro, que vive á marxe destes.


Recensión da antoloxía coordinada por Jon Kortazar A ponte das palabras. Poesía vasca 1990-2000/Hitzezko zibiu. Euskal poesia 1990-2000 (2000), editada por Letras de Cal, na que se salienta o feito de que a tradución entre a lingua galega e o eúscaro propicia que os poemas semellen textos diferentes. Tamén sinala que outra das características máis sobranceiras do volume é o feito de que recolle poesía vasca moi actual, ao atender a produción de creadores que iniciaron a súa traxectoria nos anos noventa. Sobre os contidos observa que se percibe o debate dialéctico entre o simbolismo e a vanguarda, que se manifesta en tendencias claras como a do simbolismo intimista, a tendencia cultista, a poesía da experiencia, a da resistencia, o realismo sucio e o feminismo, que reivindica a liberación feminina, o erotismo e a expresión corporal.


Referencias varias:


Entrevista a Isabel Mociño, coordinadora de Galicia en Euskadi/Galizia Euskadin, obra na que se recollen os textos galardonados no certamen organizado polo profesor Andrés Temprano, profesor titular do “Centro de Estudios Gallegos de la Facultad de Filología y Geografía e Historia de la Universidad del País Vasco”. Mociño conta que a obra é o resultado da recompilación dos traballos galardoados no certame convocado entre os anos 1997 e 2009 e que se presenta nunha edición trilingüe na que se inclúen autores como Iban Zaldua (Premio Euskadi de Literatura) e o galego Arsenio Iglesias Pazos. Ademais Mociño explica que o labor dos lectorados é a de “fijar lazos con universidade de fuera de Galicia” e subliña que é importante manter e promocionar “la imagen que de [Galicia] se proyecta desde el exterior”, antes de rematar apuntando as importantes “influencias” existentes entre Galicia e Euskadi.

Breve nota na que se anuncia a publicación do volume e na que se sinala que os contidos están conformados polos textos gañadores do certame “Galicia en Euskadi” e algúns traballos froito do labor desenvolvido polos lectores de língua, literatura e cultura galegas na Universidade do País Vasco.


Volume bilingüe, galego-español, editado co gallo do décimo aniversario do funcionamento do Centro Cultural da Deputación de Ourense no que se repasa a súa historia e onde se describe, en tres seccións –“Historia dun edificio”, “Memoria dunha reforma” e “Un edificio renovado e con novos usos”– os momentos máis salientábeis desta emblemática obra arquitectónica de Ourense. Todo o libro conta co apoio de abondoso material fotográfico e presenta unha luxosa encadernación. O volume comeza con tres textos: un institucional a cargo do presidente da Deputación de Ourense, un “Limiar” e máis unha “Introdución”. O limiar, obra do director deste centro cultural, Francisco González Buján, pon en relevo este edificio e asemade recalca a importancia desta institución dentro da vida cultural da Cidade das Burgas. A introdución, escrita por Ana Malingre Rodríguez, achégase ao pasado e ao presente deste edifico desde 1893 até hoxe en día. A seguir, recóllese variados artigos, xebrados en tres apartados, de diferentes colaboradores que achegan un pouco máis ao Centro Cultural da Deputación de Ourense, nomeadamente referido á súa historia, renovación, arquitectura e usos actuais. Destas colaboracións só unha toca algún aspecto da literatura galega. É a intitulada “Biblioteca provincial”, obra de Enrique Bande, e describese a seguir:


Repasa a historia da Biblioteca da Deputación de Ourense dende o seu nacemento en 1982 e destácase que desde 2006 ten a súa sede no Centro Cultural da Deputación de Ourense. Describe a súa distribución, comenta que presenta sete bibliotecas de autor –as de Eduardo Blanco Amor, Ben-Choshey, Alberto Vilanova, Pura e Dora Vázquez, Manuel Albeneda, José González Paz e mais a de Álvaro de las Casas– e mais que nos seus fondos se conservan curiosos testemuños impresos da historia, nomeadamente da cidade e da provincia de Ourense.

Referencias varias:


Infórmase de que este libro se publica co gallo dos dez anos do Centro Cultural da Deputación de Ourense. Lóase o labor do director deste centro cultural e cualificase a esta institución como “referente completamente aberto á sociedade ourensá”. Finalmente apúntase que este centro debería levar o nome de Marcos Valcárcel.

Carlos Negro (Lalín, 1970) abre o volume, que subtítula “Diccionario do demo e da moda”, con dúas citas sobre a sátira e o humor de Jonathan Swift e Marcos Lorenzo. As dúas advertencias iniciais teñen un público e natureza distintas. Se a segunda, dirixida a cargos con notábel poder político ou económico, se concibe como un aviso para que non prosigan na lectura, a primeira, dirixida ás lectoras, funciona como unha toma de posición artística e literaria. Tinxindo todas as explicacións de retranca, rexeita para o diccionario unha pretensión de “Verdade”, criterios de autoridade, a salvación da cultura galega, a normativa lusista ou a adscrición ao sistema literario español ou galego. O diccionario segue a estrutura dun diccionario alfabético clásico, e detense en todo tipo de entradas que en boa parte reinterpreta dende o punto de vista político, literario e identitario. Atópanse definicións en base a listaxes moi demoradas de elementos, como a presente en “Herba”, ou xogos tipográficos (en “Preguiza”) e caligramas, acrósticos ou palíndromos (nas entradas co mesmo nome), adscribíbeis algúns deles aos xogos rupturistas das vanguardas de inicios do século XX. Salientan tamén os xogos coa propia forma das palabras (en “Calefacción”, “Papiroflexia”) e a proverbialidade de moitos peches: o fin dos prólogos ou o do propio diccionario, na entrada “Zurullo”. A metaforización da realidade galega é constante (véxase “País”) e nunca melancólica, senón concebida como burla revoltada ou chiscadela de ollo ao lector. Poden atoparse rimas, xeneralidades e definicións pretendidamente irreverentes, verdadeiro selo deste volume para (re)amosar as palabras.

Recensións:


Saúdase a aparición dun novo diccionario, *Abelcebú*, de Carlos Negro, comparábel ao *Diccionario do díaño*, de Ambrose Bierce ou o *Elucidario* de Gonzalo Navaza. Os eloxios repártense ante os acertos do volume: unha fe de erros con vontade literaria, advertencias irreverentes ante a literatura española, a galega e a norma reintegracionista; unha defensa da galeguidade e da tradición en cada entrada, unha escrita poética, recurso a xogos de palabras no interior das definicións, etc. Coméntase que se ben o recurso básico é a evocación, que libera da convencionalidade e nos achega á intervención, tamén outros procedementos cobran protagonismo creando novos sentidos, como a ausencia de puntuación. Malia ás estratexias computábeis, tamén di botar en falta un abano máis amplo de recursos literarios que acompañasen a ironía de cada páxina do libro.


Comenta a obra Carlos Negro, *Abelcebú*, na que o escritor novamente amosa a súa faciana aceda e inconformista. Considera que a obra, construída a partir da ironía, a parodia e o sarcasmo, que relaciona co traballo de Ramón Gomez de la Serna, achega
unha crítica desapiadada da clase política e capitalista, así como da sociedade que a sigue cos ollos pechados.

Referencias varias:


Nesta sección fixa do suplemento acólense uns breves descritores de *Abelcebú*, de Carlos Negro, “un tratado científico de escarnio e maldicir”; e da novela *Settecento*, de Marcos Calveiro.


Recoméndanse algunhas lecturas para gozar durante o verán. *Abelcebú*, de Carlos Negro, descríbese como un dicionario de escarnio e madicir, léxico de sarcasmos.


Dáse conta da presentación do volume de Carlos Negro, *Abelcebú*, no que conflúen, a modo de glosario enciclopédico escarnio, humor, imaxinación, perspicacia, escepticismo e poesía co fin de achegar unha hollada irónica e aguda. Conclúese que esta obra é unha “mostra de sabedoría e necesaria capacidade para o riso”.


- C. P., “‘Abelcebú’ é o reverso do Xerais co que me suxería o demo que levo dentro”, *La Voz de Galicia, “La Voz de Santiago”,* 21 decembro 2010, p. L12.

Anúnciase, por medio dunha entrevista ao autor, a presentación de *Abelcebú* na Libraría Couceiro, con queimada, exorcismos, tómbola malévola e licor café, con tanta carga crítica como antisolemne, na liña do libro. O dicionario, que Carlos Negro coñece inicialmente debedor das sátiras de Ambrose Bierce, testemuña a herandanza dunha tradición literaria para organizar, con humor, unha visión do mundo.

Dáse conta da presentación na libraría Couceiro de Abelcebut, de Carlos Negro.


Reprodúcense trescentas dúas cartas recibidas por Xosé Neira Vilas (Gres, Vila de Cruces, 1928), tamén tamén por Anisia Miranda, en Bos Aires e mais en La Habana, agás tres que están datadas en 1992 e que se recibiron en Galiza. Na introdución, Dolores Vilavedra comenta algunhas das características desta escolma epistolar como que se respectou a ortografía orixinal, que se desbotaron as misivas circunstanciais ou a dos amigos que seguen vivos ou que en conxunto estas cartas presentan gran diversidade temática e conforman uns documentos valiosísimos sobre a articulación do campo literario da Galiza durante o franquismo e a transición. Nesta selección das cartas máis interesantes están presentes escritores, artistas e políticos tanto galegos coma non galegos, e as trescentas dúas cartas están todas datadas, incluíndo a cidade dende a que se escribe, e divididas por autores. En total aparecen corenta e dous autores de cartas xebrados do seguinte xeito: trinta e nove individuais –con Antón Beiras, Celso Emilio Ferreiro, Aquilino Iglesia Alvariño, Manuel Rodrigues Lapa, Manuel María, Ramón Otero Pedrayo, Valentín Paz Andrade, Ramón Piñeiro, Carlos Velo, entre outros–, e tres parellas –Carmen e Rafael Dieste, Luís Seoane e Maruxa F. de Seoane e mais Mariví Villaverde e Ramón de Valenzuela. Todas contan con abondosas notas ao pé que axudan a unha mellor comprensión. O libro remata coa “Bibliografía”, co “Índice Onomástico” e mais co “Índice”.

**Recensións:**


Comeza referindo que dende os grecorromanos existe un xénro epistolográfico que se insere nos estudios clásicos e laméntase de que coas novas tecnoloxías se esté a perder o costume de enviar cartas, “un fondo documental e humano que botarán en falta os estudios dun futuro non lonxano”, en referencia á importancia das cartas en Lorca, Petrarca, salinas, Bécquer e Kafka, entre outros. Destaca que recentemente se teñen publicado as cartas de Ramón Piñeiro, Franco Grande e Basilio Losada, entre outros, un “corpus único e singular que cómpre estudar, coñecer e preservar”. En relación a *Cartas de vellos amigos 1959-1998* salienta a importancia de Xosé Neira Vilas, un autor moi importante na literatura e cultura galegas pola súa escrita e o seu compromiso. Achega os nomes dalgunhas figuras que escriben as cartas e remata aludindo ao prólogo da profesora Dolores Vilavedra sobre a articulación do sistema literario galego e sobre o papel desenvolvido polo galeguismo na etapa franquista e de transición.
Agradece a publicación das 302 cartas escritas entre 1959 e 1998 e gardadas por Xosé Neira Vilas e Anisia Miranda, e o labor editorial de Dolores Vilavedra, a “parca e esclarecedora” introdución e as “atinadas” notas ao pé. Destaca que este “Emocionante epistolario” conforma un documento “coral” da construcción de Galicia nas últimas décadas do século XX. Recolle o contido dalgunhas cartas e dos receptores das mesmas: Xosé Luís de Dios, Salvador Espriu e Agostinho da Silva, entre outros, e destaca as achegas dos galegos alén mar en Follas Novas e Vieiros e a información que lles chega dende Galicia por medio de Manuel María: a nova canción galega, os problemas para manter Xistral, como o contido social da novela O xornaleiro fai que Ramón Piñeiro non a publique, os problemas de Celso Emilio Ferreiro con Galaxia e con Álvaro Cunqueiro por mor do marxismo e episodios d’A esmorga e Xente ao lonxe, de Eduardo Blanco Amor. Ademais, repara noutras cartas familiares nas que se dá conta, por exemplo, dos problemas editoriais de Xosé María Álvarez Blázquez, dos de Soto por causa do “marxismo leninismo e o problema nacional galego” ou dos de Avilés de Taramancos ao seu regreso.

Referencias varias:


Preséntanse as primeiras entregas literarias do ano. No eido do ensaio citanse Cartas de vellos amigos, de Xosé Neira Vilas; e O segundo sexo. II. A experiencia vivida, de Simone de Beauvoir.


Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, Cartas de vellos amigos, recompilación de cartas de Xosé Neira Vilas.


Explica que Cartas de vellos amigos 1959-1998 ten o seu introito xa na capa onde asinan varios dos corenta e dous autores que son receptores do epistolario. Indica que o volume contén cartas nas que sempre se alude a Galicia e nas que estaba a “vontade de rachar silencios ditatoriais que perturbaban a convivencia”, e que a través delas se percibe o carisma de Neira Vilas ante os intelectuais galegos e os seus movementos para trabar amizade con persoas doutras ideoloxías. Reivindica a escrita de cartas ante os correos electrónicos, que resultan “fríos, breves, antipáticos”, perdendo o sentido humano profundo. Remata apuntando a cautela dalgúns autores e a interpretación do mundo que presentan outros.

Infórmase da presentación de Cartas de vellos amigos 1959-1998 na libraría Couceiro. Destácase que se recollen cartas enviadas por corenta autores e reproducéuse a opinión da editorial sobre a relevancia do epistolario. Apúntase que intervérnon na presentación Víctor Freixanes, a encargada da edición, Dolores Vilavedra e o autor, Xosé Neira Vilas.


Indica que no volume Cartas de vellos amigos 1959-1998 se observa a “vontade teimuda de vertebrar e de espellar o momento histórico” da segunda metade do século XX que tivo Xosé Neira Vilas. Explica que o carácter “empático, dialogante e conciliador” do escritor posibilitou que recibira tantas cartas de figuras tan distintas daquela época ás que, segundo Víctor Freixanes na presentación do volume na compostelá libraría Couceiro, “integrou no discurso de formación do país”. Recolle que Dolores Vilavedra apuntou que Neira Vilas tiña a vontade “de ser e de exercer como escritor galego” e que o volume permite descubrir o papel que tivo o exilio no proceso de “articulación complexa do campo literario na Galicia do franquismo e da transición”. Recolle tamén que Vilavedra precisou que o propio escritor e a editora decidiron manter a lingua presente nas cartas para que servise para estudar a evaluación dos criterios manexados para elaborar o galego estándar da escrita.


Recolle que Xosé Neira Vilas afirmou que non aplicou ningunha censura nas cartas recollidas no volume Cartas de vellos amigos 1959-1998 pese a que ao escribilas non pensara en velas publicadas. Indica que debido á nómima de figuras galeguistas que aparecen o título puido ser “Entre Otero Pedrayo y Antón Fraguas”. Apunta que neste volume se poden observar os vasos que comunican “la historia pequena y la gran historia”. Reproduce fragmentos dunha carta de Víctor Luis Molinari e destaca que o propio Neira Vilas recoñece que serviú de ponte entre Celso Emilio Ferreiro e Luís Seoane tras a polémica dos poemas de Viaxe ao país dos ananos. Salienta algunhas das figuras que aparecen no volume, entre as cales Neira Vilas apunta a proximidade ao epistolario de Marivi Villaverde, viúva de Ramón de Valenzuela e precisa que non garda copia das cartas que el lles enviu.


Sección fixa do suplemento na que se acolle un breve descritor do epistolario Cartas de vellos amigos, de Xosé Neira Vilas; Dicionario do Surrealismo e dos surrealistas, de Xesús González Ferro; A do vinte e un, de Hixinio Puentes; e Uxío Novoneyra revisitado, de Xosé Lois García.


Comeza destacando a importancia da literatura na construción da historia de Galicia e da súa intrahistoria que en moitas ocasións os historiadores lle negaron. Afirma que leu
“con pracer” Cartas de vellos amigos 1959-1998, epístolas entre Xosé Neira Vilas e algunhas das figuras máis importantes da cultura galega. Resalta a introdución de Dolores Vilavedra e indica que recentemente tamén viron a luz epistolarios de Basilio Losada e Ramón Piñeiro, entre outras obras que analiza.


Destaca que, grazas ao volume Cartas de vellos amigos 1959-1998, se pode coñecer a relación epistolar existente entre Xosé Neira Vilas e corenta e dous autores da segunda metade do século XX. Indica que se achen datos sobre “catro décadas de reflexión cultural, social, política e literaria” sobre Galicia e sobre como esta se foi construindo e as relacións que tivo con outros contextos externos e internos e as redes de comunicación que mantivo o escritor de Gres. Refire que cada lector pode seleccionar a época histórica e os autores que prefira consultar neste volume, pois trátase só dunha escolma das cartas que conserva Neira Vilas. Salienta a introdución xeral do volume e as notas da editora Dolores Vilavedra.


Faise eco da presentación de Cartas de vellos amigos 1959-1998 no auditorio da Universidade da Educación a Distancia. Destaca que inclúe máis de treinta misivas que Neira Vilas cruzou entre 1959 e 1991 con Eduardo Blanco Amor, Celso Emilio Ferreiro, Ramón Otero Pedrayo, Luís Seoane e Ramón Piñeiro, entre outros. Consíderase que este epistolario documenta boa parte da historia de Galicia na segunda metade do século XX.


Tras a dedicatoria “Na memoria de Anisia”, a súa compañeira de vida e cubana de nacemento, Xosé Neira Vilas (Gres, Vila de Cruces, 1928) ofrece nesta obra unha colección de cincuenta e nove artigos con datos persoais e históricos que mostran a pegada galega no continente americano. O volume ábrese cunha “Introdución” onde Neira Vilas fai un percorrido histórico que comeza coas viaxes de Colón, analizando a presenza de emigrantes galegos en terras americanas. O corpo central da obra está dividido en dous bloques temáticos: “Irmandade entre dous pobos” e “Outras noticias”, cada un deles estruturado á súa vez en breves artigos que recollen datos e anécdotas de distinta transcendencia e extensión, pero que reflecten por igual o labor cultural e social que fixeron na illa este grupo de galegos. A influencia destes homes e mulleres tivo tamén o seu reflexo á outra beira do océano, xa que a eles se debe a creación da Real Academia Galega e símbolos tan importantes coma a bandeira e o himno galegos. Na “Conclusión” que pecha o volume o autor insiste na relación cultural existente entre Cuba e Galiza, indicando que as páxinas anteriores da obra son só unha síntese dese relación, deixando con isto unha porta aberta para futuras investigacións.
Recensións:


Salienta a dedicación e esforzo de Xosé Neira Vilas, autor de *Presenza galega en Cuba*, ao longo da súa vida para manter vivas a lingua e a cultura galega en terras cubanas, e a importancia que esta iniciativa tivo para todos aqueles emigrantes que, coma el, fuxiron durante a época da posguerra ao continente americano. Recomenda esta obra como un testemuño da transcendencia deste grupo de galegos que idearon os que hoxe son símbolos da cultura galega.


Comeza destacando o labor de Xosé Neira Vilas como cronista valorando o seu compromiso e a precisión estilística para logo recomendar a súa nova obra, *Presenza galega en Cuba*, da que apunta que se trata dunha crónica do labor levado a cabo polos emigrantes galegos en Cuba ao longo dos séculos.

Referencias varias:


Coméntase a publicación de *Presenza galega en Cuba*, de Xosé Neira Vilas, unha monografía que se considera xustificada pola experiencia persoal do escritor nesta illa.


Nesta sección fixa na que se ofrecen breves descritores de varias obras do sistema literario galego, esta semana, entre outras, selecciónase *Presenza galega en Cuba*, de Xosé Neira Vilas. Destaca o labor desenvolvido por este escritor durante a súa estadía en Cuba entre 1961 e 1992 cos distintos colectivos emigrantes.


Entrevista con Xosé Neira Vilas co gallo da publicación do volume *Presenza galega en Cuba*. Recóllese a explicación do autor do proceso de recompilación de datos desta obra que resume a esencia da presenza lingüística e cultural de Galicia en Cuba, un proceso ao que aos máis de trinta anos de emigración habería que engadírilles vinte e sete anos de investigacións. Tamén se apunta que coma o proceso de evolución cultural seguido na illa e a situación actual galega.

Comeza cun repaso dos principais símbolos galegos nacidos en terras cubanas e dá conta da presentación de *Presenza galega en Cuba*, de Xosé Neira Vilas na Feira da Coruña. Tamén recolle as palabras do autor expresando o seu compromiso con Galicia ao cambiar o xénero da ficción por obras cun contido histórico e informativo.


Dá conta da publicación de *Presenza galega en Cuba*, obra que afonda na relación cultural entre Galiza e esta illa americana debido á presenza de miles de emigrantes galegos nos anos da posguerra. Indica que o seu autor, Xosé Neira Vilas, achega unha visión interna e persoal, froito da súa propia experiencia despois de trinta e dous anos de emigrado en terras cubanas.


O pintor e escritor Antón Patiño (Monforte de Lemos, 1957) reflexiona sobre diferentes facetas do seu amigo de mocidade, Lois Pereiro. Analiza a conxuncián da vida e obra do poeta monfortino lembrando, a través de conversas, entrevistas e outras referencias, momentos que compartiron con el varios amigos e familiares. Asenta a análise desta radiografía vital e poética de Pereiro en constantes, que serven de título aos distintos bloques da monografía, e nas súas inquedanzas musicais e fílmicas. Explica a poesía de Pereiro aludindo a teorías de distintos filósofos, pensadores e creadores de varias artes, e a reflexións e teimas dous autores con preocupacións semellantes. Achega distintas definicións do poeta monfortino e elabora un “vocabulario simbólico” no que dá conta das “palabras especiais” da poética de Pereiro: amor, beleza, cadavre, corazón, dandi, desexo, dor, enfermidade, espírito, ferida, inconsciente, loito, nada, narcisismo, naufraxio, medo, mirada, morte, silencio, soidade, S.O.S., soño, suicidio e tempo. Reproduce opinións de distintos autores sobre Lois Pereiro recollidas nos paratextos dos seus poemarios e en varios xornais dende a súa morte até o anuncio de que a Real Academia Galega decidiu dedicarle o Día das Letras Galegas 2011. *Radiografía do abismo* péchase cun anexo que reproduce en branco e negro algúns dos retratos que de Lois Pereiro realizou Reimundo Patiño e que se repiten na ilustración da cuberta, obra de Antón Patiño, e fotografías de Pereiro cuns amigos e mesmo da porta xiratoria do madrileño Café Comercial, ao que se alude no epígrafe inicial da monografía.

**Recensións:**


Comenta que a través de *Radiografía do abismo* Antón Patiño achega unha vía de acceso á figura humana e literaria de Lois Pereiro e que co obxectivo de coñecer mellor o poeta inclúe entrevistas realizadas por Lupe Gómez e Manuel Rivas, así como algúns artigos de César Casal e Xosé Carlos Caneiro. Conclúe que, ademais de afondar na obra e personalidade de Pereiro, se amosa o “temperamento artístico de Patiño, un observador implicado”.

**Referencias varias:**


Faise eco da publicación de *Radiografía do abismo*, unha monografía que xorde do interese de Antón Patiño pola faceta poética e a traxectoria humana de Lois Pereiro, con
quen o autor empezou a colaborar a mediados da década dos setenta. Coméntase que cinco retratos realizados por Patiño e outro máis de Reimundo Patiño acompañan os numerosos datos biográficos e as reflexións teóricas sobre o poeta monfortino.


Dáse conta da publicación deste volume de Antón Patiño que se anticipa á chegada das Letras Galegas de 2011 dedicadas a Lois Pereiro cun estudo no que se mestura o biográfico e o literario.


Recólense declaracións de Antón Patiño sobre Radiografía do abismo, na que pretendía analizar a figura de Lois Pereiro, a quen tratou dende a súa adolescencia, dende a perspectiva dos ámbitos da iconografía pictórica, a música e o cinema. Ao mesmo tempo, afirmase que se acerar ao poeta é unha maneira de tratar o malditismo literario da modernidade.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso de Radiografía do abismo, unha análise biobibliográfica de Lois Pereiro a cargo de Antón Patiño; e Dragal, unha historia fantástica de Elena Gallego.


Considérase que os grandes premios literarios do ano fan que xurdan, en tempos de crise, publicacións no remate do ano. No caso do ensaio, coméntase que Radiografía do abismo, de Antón Patiño, se anticipa á homenaxe das Letras Galegas en 2011 dedicada a Lois Pereiro. Considérase unha obra moi persoal na que dialogan as creatividades de Patiño e Pereiro.


Dáse conta da presentación de Radiografía do abismo, de Antón Patiño, en Santiago de Compostela e coméntase que, en opinión do autor, Lois Pereiro simboliza a colisión de certa Galicia coa modernidade. Ao mesmo tempo, anúnciase a publicación de Diccionario de sombras, tamén escrita por Patiño.

Afírmase que *Radiografía do abismo* é unha documentada achega á vida e obra de Lois Pereiro. Sinálase que, ademais de se referir á faceta humana do poeta, Antón Patiño analiza as súas influencias filosóficas e artísticas.


Con motivo da presentación de *Radiografía do abismo*, de Antón Patiño, recórdanse os vínculos profesionais e persoais que uniron o autor co poeta homenaxead no Letras Galegas 2011. Tras repasar algunha das súas publicacións, saliántase que esta monografía serve para representar a toda unha xeración poética, na que se inclúe a Manuel Rivas e Lino Braxe, membros xunto a Pereiro do grupo coruñés da década dos oitenta *De amor e desamor*.


Monografía de Carlos Pereira Martínez (Montevideo, 1959) na que o autor recolle e amplía un conxunto de investigacións feitas por el mesmo centradas, tal e como se explicita no volume, en aspectos pouco tratados da historiografía galega. Ao longo dos nove artigos recompilados, aborda o estudio de diversas sociedades de caráctar filantrópico na realidade galega previa ao ano 1936, atendendo a cuestións como o mundo da heterodoxia, a masonería, a teosofía, o rosacrucismo, o rotarismo, os librepensadores e os dereitos de homes e mulleres, entre outros aspectos. Reproduce dúas cartas inéditas de Vicente Risco a Javier Pintos Fonseca. Este estudio e temáticas aparecen tratados nos seguintes artigos: “Masonería e cultura en Galicia no contexto das dúas Repúblicas (1873-1936)”; “Antonio Romero Ortiz e a Francmasonería na comarca do Barbanza”; “Os inicios da antorcha galaica do librepensamento (1897-1900)”; “Galicia e a Liga española dos dereitos do home”; “Un rosacruz na Galicia republicana: Rafael Freire Lamas”; “Feminismo social e librepensadoras na Galicia dos séculos XIX-XX”; “A masonería na cidade de Pontevedra”; “A teosofía en Pontevedra: O grupo “Marco Aurelio”; e “A primeira época do Rotary Club en Galicia”.

**Recensións:**

Coméntase que en *A Galicia heterodoxa* se recompilan nove artigos que Carlos Pereira xa dera a coñecer en diversos foros. Destácase que estes artigos teñen en común o estudo de diferentes sociedades de signo filantrópico, que resultaron benfeitoras do progreso das comunidades nas que xurdiron. A continuación dáse conta de parte dos contidos abordados nesta obra como son: a masonería galega, as diversas organizacións de librepensadores e do feminismo social, e incluso dúas cartas inéditas de Vicente Risco a Javier Pintos Fonseca. Finalizase destacando o labor de consulta en arquivos públicos, de fondos hemerográficos e bibliográficos, empregada polo autor.


Comeza indicando parte dos contidos nos que afonda a investigación feita por Carlos Pereira nesta obra n’*A Galicia heterodoxa*. A continuación sinala cales foron os piares nos que se baseou a masonería que defendía as ideas da Revolución Francesa, e que amosou posturas republicanas, galeguistas e laicistas. Remata sinalando que un dos capítulos se centra nas feministas e librepensadoras galegas e informa da presenza de dúas cartas inéditas de Vicente Risco.

**Referencias varias:**


  Dáse conta da publicación d’*A Galicia heterodoxa* coa que a editorial Espiral Maior, inaugura a súa colección “O país das luces”. A continuación, destácase que o traballo é o resultado da compilación de nove traballos que Carlos Pereira xa dera a coñecer con anterioridade e sinállase que neles se recolle a historia da masonería, o rotarismo, o libre pensamento ou o rosacrucismo en Galicia até 1936. Finalmente, destácase o movemento feminista no século XIX polas librepensadoras e o Rotary Club.


  Sección fixa dos suplementos na que se descreben varias obras do sistema literario galego, caso d’*A Galicia heterodoxa*, de Carlos Pereira Martínez, un volume que inaugura a colección editorial “O país das luces”; *Dicionario de termos teatrais*, de Xohán Xabier Baldomir Cabanas; *Contos completos III*, de Edgar Allan Poe; e *Guía da Galicia invisible*, de Antonio Reigosa.


Roxelio Pérez Moreira e Francisco López González recollen nesta monografía os relatorios do Seminario de Verán organizado pola Universidade de Santiago de Compostela en Guitiriz. Nas distintas achegas multidisciplinares que conforman o volume abórdanse as relacións entre cultura e paisaxe, tanto como temas de reflexión teórica coma de resolución práctica. A monografía iníciase cun “Limiar” dos editores no que se realiza unha sucinta achega ao tema e se inclúen agradecementos ás persoas que contribuíron a facela posíbel; e unha “presentación” institucional a cargo de Regina Polín, alcaldesa de Guitiriz, e outra de Carlos Herrero Latorre, nese intre Vicerreitor de Coordinación do Campus de Lugo, disertacións que afondan na experiencia vivida no curso de verán. A monografía estrutúrarse en tres seccións: “A paisaxe na cultura”, na que se tenta analizar, a través de diversos traballos a influencia da contorna na conformación da identidade dun pobo; “A cultura na paisaxe”, na que se presenta varios relatorios sobre a transformación da paisaxe por parte do ser humano; e, finalmente, “Compromisos coa paisaxe”, que se centra nos camiños que se deben percorrer para que a relación ser humano-paisaxe sexa sostíbel nun futuro.

**Recensións:**


Comeza apuntando que por definición a paisaxe é cultural pero que no caso da galega o é por partida dobre xa que “a natureza galega está fortemente humanizada, sometida a cultivo e transformación dende a prehistoria”. Alude aos perís de homes galegos que apuntaron Rof Carballo e Manuel María e recolle fragmentos do relatorio inicial de Pérez Moreiras nos que nega que a paisaxe sexa un “conceito científico”. Exlica que...
nesta monografía se actualiza el xurdimento da paisaxe tanto na cultura occidental coma na galega, na que se destaca o labor realizado polos membros do Seminario de Estudos Galegos e os do grupo Ulteria. Apunta que se recollen poemas de autores chairegos que presentan en común “dependencia telúrica” e remata definindo esta monografía coma un tesouro de “coñecementos útiles”.

Referencias varias:


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso de *Cultura e paisaxe*, de Roxelio Pérez e Francisco Javier López, que achegan unha análise multidisciplinar; *Corazón de chocolate*, de Jaureguizar; *Brais e os demais*, de Manuel Darriba; e *O pintor do sombreiro de malvas*, de Marcos Calveiro.


Victoriano Pérez Prieto (Hospital de Órbigo, León, 1954) céntrase na figura de Prisciliano (c. 350-Trier, 385). No “Adro”, M.ª Pilar García Negro destaca o rigor desta obra así como as múltiplas suxestións históricas e literarias ás que nos leva a súa lectura, mentres que a “Introdución” detalla a importancia dos mitos e da relixión, explica o mito rompedor, innovador e controvertido de Prisciliano e mais indica que a orixe deste traballo está no relatorio “Prisciliano e a xeración Nós” (2006) e mais no artigo “Un símbolo necesario: Prisciliano na cultura galega” (2008). O estudo divídese en cinco grandes bloques seguidos dunha “Conclusión”, a “Bibliografía” e mais o “Índice Onomástico”. No primeiro bloque, titulado “¿Quen é Prisciliano?”, comézase facendo un percorrido pola vida (quer como teólogo xenial, quer como herexe condenado ou quer como herexe rehabilitado) e mais pola obra de Prisciliano da que se destaca que se conserva pouco da súa extensa produción. O segundo bloque, que leva por título “Prisciliano nas orixes da cultura galega. O movemento espiritual e intelectual na Galiza nos século IV-V”, fala dos persoeiros desta altura que estaban a favor e en contra de Prisciliano centrándose na peregrina Exeria, no monxe Baquiario, en Idacio de Chaves, en Toribio de Astorga e mais en Paulo Osorio. O terceiro bloque deste ensaio, “O eco de Prisciliano na Galiza até a Xeración Nós”, detense na influencia de Prisciliano até a Ilustración, seguindo cos detractores e defensores no Romanticismo e rematando coa descripción de varias posturas ante Prisciliano como a de Antonio López Ferreiro ou a de Marcelo Macías. O cuarto bloque de *Prisciliano na cultura galega. Un símbolo necesario*, “Prisciliano para os homes da Xeración Nós”, detalla as ideas ante Prisciliano de Ramón Otero Pedrayo (figura senlleira e mártir simbólico), Vicente Risco (de egrexio a herexe) e mais de Castelao (símbolo de Galiza). Finalmente, no quinto bloque, “Prisciliano na cultura galega desde a Xeración Nós até hoxe”, céntrase nos estudos históricos e ensaios sobre Prisciliano e nos literatos galegos nos que aparece a figura deste personaxe: Manuel María, Xosé Luís Méndez Ferrín, Amador Cotarelo Valledor, Daniel Cortezón, M.ª Xosé Queizán, Millán Picouto, João Aguiar, Roberto Vidal Bolaño e mais Ramón Chao Rego.
Recensións:


Estudo no que o teólogo Victorino Pérez Prieto repasa os principais argumentos que expón no volume *Prisciliano na cultura galega*. Explica que a porta Nigra de Trier será sempre un símbolo para os galegos, dado que ali asasinaron a Prisciliano, e refírese á persecución do priscilianismo en Galicia, Lusitania, Baetica e Aquitania, destacando que tiña miles de seguidores. Reproduce as opinións de Ramón Otero Pedrayo, Portela Valladares, Miguel de Unamuno, Chamoso Lamas ou Felipe Senén sobre Prisciliano e refirese á chegada do priscilianismo a Galicia, ao debate sobre se está soterrado na catedral de Santiago ou á memoria priscilianista submisa ao tema xacobeo.


Realiza unha introdución esquemática para situar o libro *Prisciliano na cultura galega. Un símbolo necesario*, de Victorino Pérez Prieto, que interpreta como unha achega que vai máis alá do achegamento rigoroso á figura de Prisciliano, pois analiza pormenorizadamente a pegada de Prisciliano e do priscilianismo na cultura galega. Destaca que a Pérez Prieto lle importa aquilo que coñecemos de Prisciliano ou que se transmitiu por medio da memoria mítica do priscilianismo que se poida activar na actualidade como símbolo necesario na construcción da identidade nacional galega. Refírese ás diferentes teses defendidas neste volume de Pérez Prieto, para quen a principal característica desta relixiosidade galega sería “a sacralización da terra” que nos vincula á “emoción sagrada dos primeiros avós celtas”.


Considera que o volume *Prisciliano na cultura galega. Un símbolo necesario*, de Victorino Pérez Prieto, é absolutamente necesario no sistema cultural galego, en canto Prisciliano é un dos nomes históricos de máis relevancia na conformación dun imaxinario e dun discurso histórico-cultural galeguista dende finais do século XIX até a actualidade, sobre todo no eido literario. Sinala que Pérez Prieto realiza unha espléndida revista cronolóxica a autores e obras que trataron a figura de Prisciliano e mostra as evoluciones, interrelacións e mesmo os atrancos na conformación dese discurso cultural a través da reivindicación da súa figura como elemento clave da historia de Galicia. Entre
otras cuestiones, destaca a rica producción literaria que esta figura ha provocado en autores como Daniel Cortezón, María Xosé Queizán ou Xosé Luis Méndez Ferrín. Por último, considera que el profesor Pérez Prieto nos ha hecho partícipes de la importancia de Prisciliano en un ensayo fundamental, amplio, completo e rigorósísmo.


Destaca que este estudio está exquisitamente escrito, admirabelmente documentado e certeiramente prologado. Asemade indica que a súa lectura é imprescindible. Sobre Prisciliano destaca que a fascinación que existe sobre a súa figura radica no seu enigma e tamén en que foi un visionario irrepetíbel.


Comenta que este libro que xira sobre a figura de Prisciliano presenta catro temas fundamentais: a súa faceta como mito mobilizador da cultura galega nas súas orixes, a súa faceta como mito mobilizador da identidade do pobo galego, a súa faceta como mito necesario e mais a súa faceta como mito mobilizador de cara a un cristianismo galego dentro dunha Igrexa galega. Apunta que esta obra ofrece a oportunidade de coñecer dende un punto de vista histórico e tamén teolóxico a pegada de Prisciliano dentro do pobo galego.


Informa de que este volume repasa a repercusión de Prisciliano e do priscilianismo e a seguir comenta os seus diferentes apartados. Indica que o priscilianismo segue a ser unha fonte motivadora para estudar séculos hoxe esquecidos, que cómpre reestruturar a literatura galega e non negar a galeguidade da obra de Prisciliano e cualifica este ensaio como rigoroso, pois achega unha fonda análise centrada na vida e obra de Prisciliano.


Co gallo da recente presentación deste volume realiza unha reflexión sobre a figura de Prisciliano. Comenta que o seu autor o considera como un símbolo necesario no proceso identitario galego ao se tratar dunha figura mítica e importante pola súa achega filosófica e relixiosa. Asemade, tamén se refere á posibilidade de que o corpo de Prisciliano estea soterrado na Catedral de Santiago de Compostela.

Referencias varias:

Apúntase que neste volume se analiza a vida e a obra de Prisciliano así como a súa pegada na cultura do pobo galego. Indica que comeza repasando a súa vida, destaca que os desafíos de Prisciliano foron os alicerces da súa condena e comenta que varios autores (como Manuel Murguía, Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, Ramón Otero Pedrayo ou Millán Picouto) escribiron sobre a súa figura.


Despois de dar conta da biografía do mártir Prisciliano, decapitado na Porta Nigra Tréveris, achégase á xénese da doutrina do priscilianismo, á súa influencia en Galicia e á polémica sobre a localización da súa tumba en diferentes puntos de Galicia, entre os que se apunta a tumba do Apóstolo Santiago. A seguir, argumenta a subsumición da memoria priscilianista no tema xacobeo mediante a que se substitúe a relexiosidade carismática-popular, a heterodoxia priscilianista, pola relexión oficial.


Nesta sección fixa na que se ofrecen breves descritores de varias obras do sistema literario galego, esta semana, entre outras, selecciónase *Prisciliano na cultura galega*, de Victorino Pérez Prieto, monografía da que se destaca que se trata dun percorrido “exhaustivo” por unha figura simbólica da cultura de Galicia e se precisa que o autor resposta a preguntas xurdidas a raiz de anteriores traballos sobre Prisciliano.


Breve conversa con Victorino Pérez na que comenta que Prisciliano está moi vivo dende hai cen anos dentro dos intelectuais galegos e que foi considerado como herexe, dado que predicaba un cristianismo máis achegado á cultura do pobo.


Indica que este libro pon de actualidade a presenza de Prisciliano dentro da mitoloxía galega e do galeguismo. A seguir, reflexiona sobre diferentes aspectos do priscilianismo como que agocha un forte fondo económico e social, que o seu movemento reformador
resultou perigoso xa que defendía os máis febles ou que o ano 380 marca o comezo da súa persecución.


Entrevista na que Victorino Pérez afirma que hoxe en día fica a memoria mítica da forza do priscilianismo así como a figura de Prisciliano e destaca que autores como Miguel de Unamuno, Sánchez Albornoz ou Gonzalo Torrente Ballester tamén intúen que en Santiago de Compostela está soterrado Prisciliano.


Co gallo da publicación deste volume o seu autor afirma nesta conversa que esta publicación cumpre un dobre obxectivo, o de realizar un achegamento serio e científico a Prisciliano e mais o de valorar a súa dimensión simbólica e mítica. Tamén afirma que este estudo é o resultado de tres anos de traballo e que é imposíbel garantir que a tumba de Prisciliano estea nos alicerces da catedral de Santiago de Compostela.


Conversa na que despois de realizar un percorrido biobibliográfico pola figura de Victorino Pérez Prieto este reflexiona sobre o seu volume Prisciliano na cultura galega. Indica que Prisciliano tivo unha praxe heterodoxa, que procuraba que a Igrexa volvese ás súas orixes e que o presunto cisma de que se acusou a Prisciliano foi unha argallada dos seus inimigos. Tamén opina que o que fica hoxe en día de Prisciliano é a memoria mítica e mais a forza da súa figura na cultura galega e láiase de que a meirande parte do pobo galego non coñeza nada ou case nada de Prisciliano.


Recomenda a lectura de Prisciliano na cultura galega, de Victorino Pérez Prieto, ao consideralo unha achega ao príncilianismo histórico e á súa herdanza presente;


Este ensaio de Manuel Pérez Rúa (Moaña, 1956) ábrese cunha cita (“O paso do tempo marca cambios e indelebles orfandades”), unha dedicatoria (“A Xan Bouzada Fernández”) e, a continuación, os agradecementos a todos os entrevistados e a aqueles que realizaron unha lectura crítica e achegas. Comeza entón a obra cunha introdución na que se reflexiona sobre a súa intención e contido e logo cunha serie de capítulos, agrupados en nove apartados (“Álbum de infancia”, “A pandilla”, “Escola.ensino”, “País e fillos”, “Desvelar o corpo máis abaixo da cintura”, “Cidades, traballos, gañar a vida”, “Urbanismo”, “Todo era política” e “Fillos de transicións e cambios”) nos que, a
través das voces de trinta e un individuos desta xeración, se analiza o cambio social dunha cultura autoritaria, centralista, relixiosa e paternalista a outra democrática e autonómica. Remata cunha bibliografía final.


Obra subvencionada pola Xunta de Galicia e coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) a partir dos textos redactados por Mª Luz Insua Ramil, Mª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sanmiguel e Àurea Ramil Díaz. Nesta entrega preséntase o panorama da literatura galega no século XVIII. Consta de dous bloques temáticos: a poesía culta e a Ilustración en Galicia. O primeiro destes apartados dividese en sete seccións onde se analizan os textos de poesía culta conservados ao longo deste século: sonetos de influencia renacentista, como é o caso do “Soneto de Monterrei” e o soneto de Isabel de Castro, “Araucana”. Tamén neste bloque se analizan os diferentes certames literarios en lingua galega que se celebraron ao longo do século: Certame da Universidade de Compostela, Certame da cidade de Ourense e as Festas Compostelás, entre outros. O último capítulo trata das obras teatrais. “A Ilustración en Galicia” é o segundo apartado da publicación e nel se aborda o pensamento e as reformas da Ilustración en Galicia e do Século das Luces. Repásanse as propostas de diferentes ilustrados galegos (Feijoo, Sarmiento, Cornide, etc.) e tamén as melloras feitas nesta época nas actividades agrarias e na pesca galega. Por último citanse e analízanse os escritos de calidade dos ilustrados e o labor concreto dalgúns deles.


Obra subvencionada pola Xunta de Galicia e coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) a partir dos textos redactados por Mª Luz Insua Ramil, Mª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sanmiguel e Àurea Ramil Díaz, que se dedica aos autores máis destacados da Ilustración galega en catro partes. A primeira céntrase na figura de Benito Jerónimo Feixoo e Montenegro, o Padre Feixoo (Casemiro, Ourense, 1676-Oviedo, 1764), destacando os puntos máis relevantes do seu pensamento e a súa obra e cunha breve referencia ás lendas orais galegas. A segunda parte trata sobre Pedro José García Balboa, coñecido como Padre Martín Sarmiento (Villafranca del Bierzo, 1695-Madrid, 1772), e nela ofrecense datos sobre a súa vida, a súa obra, a súa defensa da cultura e do idioma galegos e sobre as mil duascentas unha coplas galegas que recompilou durante a súa viaxe por Galicia en 1745. No terceiro capítulo fálase sobre a obra e, especialmente, sobre os estudios sobre o galego e a creación literaria de José Cornide e Saavedra (A Coruña, 1734-Madrid, 1803). Faisse unha pequena mención á Casa-Pazo Cornide e reproducéuse o soneto “A Filida”. A cuarta e última parte, titulada “Outros ilustrados”, recolle outras figuras destacables da Ilustración galega como Diego Antonio Cernadas e Castro (Santiago, 1698-Fruíme, A Coruña, 1777), o cura de Fruíme; Juan Sobreira Salgado (Évade, Ourense, 1746-Madrid, 1805), o Padre Sobreira; María Francisca de Isla e Losada (Santiago de Compostela, 1734-1808); Lucas Labrada Romeu (Ferrol, 1762-1842) e os irmáns do Padre Feixoo, salientando as súas achegas literarias. Tamén hai unha breve exposición sobre a batalla de Rande e sobre a Torre de
Hércules da Coruña e o Arsenal de Ferrol. O libro está ilustrado con fotografías dos autores mencionados, das súas obras e dos lugares relacionados con eles, e con gravados de La Ilustración gallega y asturiana.


Obra subvencionada pola Xunta de Galicia e coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) a partir dos textos redactados por Mª Luz Insua Ramil, Mª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sammiguel e Áurea Ramil Díaz. Nesta entrega desta serie de espírito divulgativo, aténdese á producción literaria do século XVIII e da primeira metade do século XIX na literatura galega. Princípiase destacando a Escola Poética do Seminario de Mondoñedo, destacando a composición de panxoliñas no século XVIII e primeiros anos do XIX cando a creación literaria en língua galega era praticamente inexistente, e citando autores como Antón María de Castro e Neira (1771-1826), Luís Curral Rodríguez (1785-1830) e Jacinto Romualdo López (1808-1895), así como a obra posterior de Antonio Noriega Varela (1869-1947), tamén vinculado a Mondoñedo. En relación á etapa denominada “Prerrexurdimento”, apúntase o afán de progreso e liberdade produito das ideas liberais daquela altura, a vontade de recuperación do galego como lingua culta e a paulatina introdución en Galicia dos ideais románticos. Seguidamente, detállanse brevemente as mostras literarias desta etapa: creacións de espírito popular de transmisión oral, literatura propagandística e de circunstancias, a peza dramática *A casamenteira*, de Antonio Benito Fandiño e a obra de Nicomedes Pastor Díaz Corbelle (Viveiro, 1811-Madrid, 1863). Entre os precursores, seguindo a definición de Carballo Calero, só se deteñen nesta entrega en Xoán Manuel Pintos (1811-1876) e no seu libro *A gaita galega* (1853), e tamén se dedica un epígrafe ao episodio dos Mártires de Carral de 1846. Ofrécese como conclusión a bibliografía dos tomos 5 a 8.


Volume con textos de Mª Luz Ínsua Ramil, Mª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sammiguel, José A. Ponte Far e Áurea Ramil Díaz que se divide en dous apartados: “O século XIX” e “Rosalia de Castro”. O primeiro repasa, por períodos cronolóxicos, os principais momentos históricos e socio-políticos do momento (1808-1814: invasión francesa e guerra contra os franceses; 1814-1820: volta de Fernando VII e primeiro período absolutista, 1820-1823: trienio liberal, etc.). Afonda, máis polo miúdo, na análise da sociedade galega durante o devandito século, deténdose no sistema económico dos foros e a problemática da emigración, alén doutros temas como o auxe do movemento rexionalista. Neste mesmo apartado, aténdese tamén ao contexto literario galego, que significou o “renacemento da literatura galega”. Deste período, máis coñecido por Rexurdimento, distinguen, seguindo a Xosé M. Dobarro, tres etapas: literatura de circunstancias (1808-1833), os precursores (1833-1863) e a etapa do renacemento (1863-1917). No segundo apartado, “Rosalía de Castro”, realizase unha achega á vida e obra da cantora do Sar (Santiago de Compostela, 1837-Padrón, 1885). Destácase fundamentalmente a súa obra narrativa, da que se salienta en primeiro lugar a
súa prosa galega: o prólogo de *Cantares Gallegos*, o de *Follas Novas*, máis o “Conto gallego”, que se publicou en Bos Aires no *Almanaque Gallego* (1923), de Manuel Castro López. Ademais, coméntanse as súas novelas en castelán, seguido unha classificación xa feita anteriormente por Francisco Rodríguez. Separadamente, explicase tamén o Arquivo Xeral de Simancas e repárase nunha carta que Rosalía lle escribe ao seu home, Manuel Murguía. Moitas páxinas do libro van acompañadas de fotografías e estampas da época, que ilustran o que se está a contar.


José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) coordina neste volume unha serie de textos da súa autoria xunto á de Mª Luz Ínsua Ramil, Mª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sanmiguel e Áurea Ramil Díaz. Centrado na figura de Rosalía de Castro, o volume estruturase en dúas seccións que abranguen a traxectoria vital e literaria desta poeta e de seu home, Manuel Murguía. A primeira delas, “Rosalía de Castro”, dividese en tres apartados, onde o primeiro, “Obra poética”, actúa a xeito de introdución dos dous seguintes. Nel menciona a súa obra de mocidade, *La Flor*, e a profunda pegada que o Romanticismo deixou na poeta, así como o seu posterior estilo intimista. No segundo, *Cantares Gallegos* (1863), analiza en gran detalle a saída ao prelo desta compilación de poemas, as súas fontes e composición; o contido e a estrutura do volume, que inclúe unha clasificación de Ricardo Carballo Calero das poesías da autora en poesías de costumes, humor e sátira, composicións sociais ou patrióticas e poemas de corte intimista; a lingua o estilo e a métrica, que tamén inclúe a división de Carballo Calero dos poemas conforme ás súas orixes popular-tradicional ou da literatura culta; e o significado da obra en xeral. Cômpre sinalar neste apartado un apuntamento de Ventura Ruiz Aguilera sobre a presenza do seu poema “La Gaita Gallega” no volume rosaliano, a Romaría de Nosa Señora da Barca en Muxía e a creación do Día das Letras Galegas. No terceiro apartado, “Follas Novas (1880)”, estúdase a estrutura do volume, sinalando a división caleriana dos poemas segundo poesía subxectiva ou obxectiva, xunto á liña temática, a lingua, o estilo e a métrica. É salientábel asemade o apuntamento sobre Fernán Caballero e Rosalía ao respecto da dedicatoria que a poeta galega lle fixo no seu prólogo de *Cantares Gallegos*. Na derradeira sección, “Unha vida de historia: Manuel Murguía”, describe a figura do home de Rosalía conforme ao labor literario que levou a cabo na segunda metade do século XIX en Galicia. Pecha o volume un apuntamento precisamente sobre a figura de Murguía en tanto patriarca da literatura galega segundo reproducen as palabras de Vicente Risco. Ao longo do volume aparecen fotografías sobre os lugares de relevancia na vida de Rosalía e do seu mausoleo.


Obra subvencionada pola Xunta de Galicia e coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) a partir dos textos redactados por Mª Luz Ínsua Ramil, Mª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sanmiguel e Áurea Ramil Díaz que, cun carácter divulgativo, repasa a vida e a obra de Manuel Curros Enríquez (Celanova, 1851-A Habana, 1908), dedicándo senlllos epígrafes aos temas máis transitados polo poeta e ao
estilo e significado da súa obra. Da biografía destácanse, entre outros moitos aspectos, as súas orixes familiares; a súa estadía en Madrid para realizar os seus estudios; o seu exilio a Londres aos vinte anos; a súa volta a Galicia e o seu casamento con Modesta Vázquez; os comezos, de novo en Madrid, da súa brillante carreira xornalística; a súa participación na fundación da asociación Galicia Literaria en 1875; a súa vida en Ourense dende 1877; o escándalo que se desata tras a publicación de Aires da miña terra en 1880; a súa volta a Madrid e posterior emigración a Cuba en 1894; o seu enfrentamento coa colectividade galega; a súa derradeira visita a Galicia en 1904; ou o seu falecemento no Centro Asturiano e posterior traslado a Galicia. En canto á temática das súas creacións, saliúntase o seu carácter de poeta cívico e a súa defensa do progreso, a liberdade e a democracia, o anticlericalismo, a defensa da lingua galega, así como a vertente costumista, a intimista e a sátira presente n'O divino sainete (1888). Analízanse finalmente algúns trazos do seu estilo, ateigado de elementos populares e comparacións co mundo rural.


Obra subvencionada pola Xunta de Galicia e coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) a partir dos textos redactados por Mª Luz Insua Ramil, Mª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sanmiguel e Áurea Ramil Díaz. Neste capítulo da serie que percorre os acontecementos máis salientábeis da Historia da literatura galega, percórrese a vida e obra de Eduardo Pondal (A Coruña, 1835-1917), de quen se ofrece un retrato biográfico e se sinala a súa participación no Banquete de Conxo en 1856 e no faladoiro da Cova Céltica. A súa obra dividese en dous grupos de traballos: os que editou en vida –Fátima. Leyenda (1862); A campana de Anllóns. El canto de un brigante (1866); A fada dos montes. Poesía (1872); Rumores de los pinos. Poesías (1877); Grandeiras (1884) e Queixumes dos pinos (1886)– e os textos recollidos posteriormente por diversos estudiosos –Poesía galega completa I: Queixumes dos pinos (1995); II: Poemas impresos (2011); III Poemas manuscritos (2002) e IV: Os Eoa (2005); e en dúas etapas: unha primeira de tendencia romántica e influencia clasicista (1854-1868) e unha segunda na que desenvolve as ideas rexionalistas e o bardismo (1877-1886). Noutro capítulo, da extensa nómina de escritores da segunda metade do XIX, faise mención dos poetas Valentín Lamas Carvajal (Ourense, 1849-1906); Manuel Leiras Pulpeiro (Mondoñedo, 1854-1912); Francisca Herrera Garrido (A Coruña, 1869-1950); Florencio Vaamonde Lores (Ouces-A Coruña, 1860-A Coruña, 1925) e Manuel Lugrís Freire (Sada-A Coruña, 1863-A Coruña, 1940). Entre os prosistas destácase a Marcial Valladares (Vilacosta, Berres, A Estrada, 1821-1903), Valentín Lamas Carvajal, como autor d'O catecismo do labrego (1889), Antonio López Ferreiro (Santiago, 1837-1910), Francisco Álvarez de Nóvoa (Granada, 1873-Ourense, 1936) e Uxío Carré Aldao (A Coruña, 1859-1952). Con respecto ao teatro menciónanse as pezas Pedro Madругa (1897), de Xan Cuveiro Piñol; A torre de Peito Burdelo (1880) e ¡Fillal! (1892), de Galo Salinas; A fonte do xuramento (1882), de Francisco María de la Iglesia; e A ponte (1903), de Manuel Lugris Freire. Ofrécese como conclusión a bibliografía dos tomos 9 a 12.

Obra subvencionada pola Xunta de Galicia e coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) a partir dos textos redactados por Mª Luz Insua Ramil, Mª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sanmiguel e Áurea Ramil Díaz. Faiuse un percorrido pola historia da literatura galega a comezos do século XX diferenciándose dúas partes: na primeira, que leva por título “Contexto económico, político e social”, pártense de finais do século XIX e das especiais circunstancias sociopolíticas e económicas con que remata ese século en Galicia, para profundizar deseguido nos primeiros anos do século XX. Menciónase nesta parte a creación de organismos como a Real Academia ou as Irmandades da Fala, das que se fai unha análise pormenorizada, de xornais tan representativos da época e que chegan á actualidade como o semanario *A Nosa Terra* ou de institucións como o Seminario de Estudos Galegos. Fállase tamén da creación do Partido Galeguista e da chegada da II República, do Grupo Nós e da situación demográfica producida pola emigración masiva e polas especiais circunstancias políticas. Todo isto ilústrase con fotos e imaxes da época como estampas urbanas, cubertas e artigos de xornais e debuxos de Daniel Rodríguez Castelao. A segunda parte leva por título “Poetas da época da Gran Guerra” e céntrase nunha serie de creadores que publican arredor do comezo da Primeira Guerra Mundial e serviron de ponte entre a xeración das grandes voces do Rexurdimento e as novas correntes que traen a xeración do Grupo Nós e das Vangardas. Faiuse así unha breve aproximación á vida e obra de Manuel Leiras Pulpeiro, Antonio Noriega Varela, Gonzalo López Abente, Victoriano Taibo, Francisca Herrera e Ramón Cabanillas.


Nova entrega da colección “A Historia da Literatura Galega”, de La Voz de Galicia, que nesta ocasión se achega á produción narrativa en língua galega da Xeración Nós. Os textos son obra de M.ª Luz Ínsua Ramil, M.ª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sanmiguel, José A. Ponte Far e mais Áurea Ramil Díaz. O volume divídese en catro apartado xunto cunha introdución na que se realiza un aproximación á Xeración Nós con mencións a Antón Vilar Ponte e á situación do mundo editorial galego a comezos do século XX. A seguir, aparecen catro epígrafes centrados na vida e obra en prosa dun escritor. No primeiro, titulado “Vicente Martínez Risco”, faise un repaso pola prosa deste escritor ourensán, mentres que no segundo faise o mesmo pero centrado en “Ramón Otero Pedrayo”, cunha análise máis pormenorizada da súa obra narrativa e tamén da prensa galega na Xeración Nós. O terceiro bloque, “Afonso Daniel Rodríguez Castelelo”, debulla a produción prosística deste escritor rianxeiro deténdose nos primeiros galegos na Arxentina. No derradeiro bloque, que se titula “Rafael Dieste”, faise unha achega á prosa de Dieste cunha análise máis detallada deste escritor como precursor do realismo máxico.


Este volume detalla a produción ensaística e dramática da Xeración Nós mediante un texto elaborado por M.ª Luz Ínsua Ramil, M.ª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sanmiguel, José A. Ponte Far e Áurea Ramil Díaz. Para isto dividese este libro en dous bloques. No primeiro, titulado “Ensaio”, faise un repaso pola obra ensaística de Vicente Risco, deténdose na súa *Teoría do nacionalismo galego* (1920); de Ramón Otero Pedrayo, analizando o filósofo francés Henri Bergson do que bebeu; e mais de Daniel Rodríguez Castelao, con referencia ao “Adro” do *Sempre en Galiza* (1944). O segundo bloque, “Teatro”, debulla a produción teatral desta altura e conta con aproximacións a Leandro Carré Alvarellos, Armando Cotarelo Valledor, Castelao, Vicente Risco (detallando o simbolismo de *O bufón de El Rei*, 1928), Ramón Otero Pedrayo e Rafael Dieste, así como a outros dramaturgos menores. Tamén se pode ver mencións ao Conservatorio Nacional de Arte Galego e mais á figura teatral de Maruja Villanueva. Péchase coa bibliografía dos tomos 13 a 16.


Nova entrega da colección “A Historia da Literatura Galega”, de La Voz de Galicia, que coordina José Antonio Ponte Far (Negrera, 1948) e que nesta ocasión se achega á xeración do 36 e a promoción que lle serviu de enlace. Contén textos de Mª Luz Ínsua Ramil, Mª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sanmiguel, José Antonio Ponte Far e Áurea Ramil Díaz. O volume comeza co “Panorama histórico, social e cultural”, no que se describe o contexto histórico, social e cultural no que xorde a xeración do 36: a insurreción militar capitaneada polo xeneral Franco en xuño do 1936; a guerra civil desenvolvida entre 1936-1939; a emigración e o exilio obrigado das intelectualidades galegas; o silencio da lingua e literaturas galegas; a creación dende o exilio (México e Bos Aires); e a constitución de moitas institucións culturais como a Editorial Galaxia.
(1950), a Fundación Penzol (anos setenta), O Facho (A Coruña) e O Galo (Santiago de Compostela), entre outras. Esta contextualización vai acompañada de espazos que tentan enfatizar algúns dos momentos e sucesos puntuais deste panorama histórico e que van acompañados de fotografías, recortes de periódicos e portadas das obras máis significativas, no caso do proxecto do Estatuto de Autonomía; a situación dos fuxidos na Guerra Civil; a primeira obra publicada en galego tras a Guerra Civil, a zarzuela Non chores Sabeliña, de Xosé Trapero Pardo no ano 1943; e o exilio galego en 1936, prestando atención a Emilio Pita, Luís Seoane e Lorenzo Varela. A seguir, en “A Xeración do 36”, alúdese ás figuras máis representativas e aos movementos poéticos máis característicos: neotrobadorismo, clasicismo, ruralismo e socialrealismo. En “Celso Emilio Ferreiro” contextualízase a obra deste escritor destacando a súa vertente social. Conclúe esta entrega o capítulo “A promoción de enlace”, constituída por poetas nados entre 1920 e 1930.


Nesta entrega da serie abórdanse “A Xeración dos cincuenta ou das Festas Minervais” e mais “A prosa desde a guerra ata 1975”. Dentro da primeira parte, logo dunha breve descripción das características principais do grupo poético (o porqué do nome, trazos principais da súa escrita e evolución), dedicáse especial atención a oito autores: Manuel María, Uxío Novoneyra, Bernardino Graña, Salvador García-Bodaño, Xohana Torres, Avilés de Taramancos, José Ángel Valente e Arcadio López Casanova, por medio dunha breve biografía, bibliografía e a reprodución dun poema de cada un deles. A segunda parte dividese, á súa vez, en dous subapartados: “O ensaio filosófico a partir de 1950” e “A narrativa galega entre 1950 e 1975”. Con respecto ao primeiro, nel faise mención o importante labor da editorial Galaxia, que dá a coñecer a obra de autores como Ramón Piñeiro, e cítanse outros nomes importantes como Salvado García-Sabell, Celestino Fernández de la Vega, Rof Carballo, Xesús Alonso Montero ou Ricardo Carballo Calero. En canto ao segundo, nel lémbrase que nestes anos coinciden autores que comezan a súa andaina literaria con outros xa consagrados como Ramón Otero Pedrayo. Estes novos autores, caracterizados pola súa individualidade, son Ánxel Fole, Álvaro Cunqueiro, Eduardo Blanco Amor e Xosé Neira Vilas, dos que se fai unha breve semblanza biográfica e se analizan brevemente as súas principais obras. Cabe destacar, tamén, a inclusión de tres cadros con notas aclaratorias, inseridos en diferentes espazos ao longo da obra: un dedicado ás Festas Minervais, outro, ao teatro popular galego no exilio e, o último, ao Grupo Brais Pinto.


Obra subvencionada pola Xunta de Galicia e coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) a partir dos textos redactados por Mª Luz Insua Ramil, Mª Eva Ocampo Vigo, Esperanza Piñeiro de Sanmiguel e Áurea Ramil Díaz. Cun enfoque divulgativo e xeneralista, repíase a evolución da narrativa galega a partir da chegada da democracia en 1975, polo que esta supón de comezo da normalización da literatura
galega. Entre os narradores agrupados baixo o epígrafe “Primeira xeración”, por seren os de máis idade, atópanse un resumo da traxectoria de Xosé Luís Méndez Ferrín (Ourense, 1938) e Carlos Casares (Xinzo de Limia, 1941-Vigo, 2002); entre os que se inclúen baixo a denominación “Promoción dos setenta”, atópanse breves referencias ao labor de Xosé Fernández Ferreiro (Nogueira de Ramuín, 1931), María Xosé Queizán (Vigo, 1939), Paco Martín (Lugo, 1940), Helena Villar Janeiro (Becerreá, 1940), Úrsula Heinz (Colonia, 1941), Martínez Oca (A Estrada, 1942), Marina Mayoral (Mondoñedo, 1942), Lois Diéguez (Monforte de Lemos, 1944), Alfredo Conde (Allariz, 1945), Xosé Vázquez Pintor (Melide, 1946), Xavier Alcalá (Miguelturra, Ciudad Real, 1947), Carlos G. Reigosa (Lagoa da Pastoriza, 1948), Xesús Rábade Paredes (Cospito, 1949), Víctor Fernández Freixanes (Pontevedra, 1951), Anxo Rei Ballesteros (Boqueixón, 1952-A Coruña, 2008), Darío Xohán Cabana (Roás, 1952), Suso de Toro (A Estrada, 1953), Xosé Carlos Caneiro (Verín, 1963). Citanse tamén ao final do apartado outros narradores desta mesma xeración e das posteriores. No capítulo “O relato curto” destácase a vitalidade deste xénero narrativo e menciónanse obras significativas editadas dende a década dos noventa. Dedícanse breves referencias á “Narrativa infantil e xuvenil” e ao “Teatro e o ensaio contemporáneo” e conclúese con informacións sobre a Asociación de Escritores en Língua Galega e o PEN Clube de Galicia.


Recompilación dos artigos que Xabier Queipo (Santiago de Compostela, 1957) foi publicando regularmente na web “culturagalega.org”. Neles reflexiónase sobre a experiencia da lectura dende diferentes puntos de vista, como escritor e como lector. O limiar está asinado por Santi Montes e no apartado seguinte, “Unhas palabras de xustificación”, asinado polo propio Queipo, explicase como o libro é resultado dunha colaboración que Santi Montes lle propón ao autor para a páxina web arriba nomeada, cunha periocidade quincenal até facer un total de vinte e catro artigos que agora se presentan baixo forma de libro por expreso desexo do autor. O tema central é a experiencia da literatura e a partir del xorden outras reflexións e cuestións como a experiencia lectora na infancia e nos centros de ensino, o labor dos editores, o mar como tema literario, propostas de libros para viaxar, as semellanzas entre literatura e astronomía ou a relación cine-literatura. Estrutúrase en tres capítulos que levan por título “Ler”, “Escribir” e “Outras experiencias”, os cales inclúen nove, oito e sete artigos, respectivamente, e aos que se engade un apartado final denominado “Addenda”.

Recensións:


Apunta que os artigos que vén de publicar Xavier Queipo en *Cartas marcadas*, xa apareceran en culturagalega.org. Sinala que neles recolle impresións sobre a lectura, as relecturas, os escritores, a xeración, o plaxio, a arte de editar, os premios, a crítica e a educación. Apunta que os textos non están ordenados cronoloxicamente, senón que se agrupan por bloques temáticos e sinala que non hai maxia no xogo, posto que hai regras para xogar, así como preguntas, respostas, autorretrato, espellos e incluso algún axuste de contas. Refírese a alguns dos textos incluídos nesta colectánea de artigos que abren liñas de debate e a parte dos contidos que aborda neste “xogo dun ficcionista convencido”.


Describese o contido da obra de Xavier Queipo, *Cartas marcadas*, como reflexións varias do autor que aparecen primeiro na páxina web culturagalega.org do Consello da Cultura Galega. Sinalase que as cuestións tratadas xiran ao redor da lectura, a relación
da escrita e a enoloxía, a escrita e tradición marítima galega ou a blogosfera ou arte de editar. Finalmente, destácase a calidade e fondura das reflexións.


Preséntase a obra de Xavier Queipo, Cartas marcadas, na que se recollen os textos que facía chegar o autor á web do Consello da Cultura Galega durante os anos 2007-2008. Nestes escritos reflexiónase sobre diversos aspectos relacionados coa lectura e a recepción da literatura. Destácase sobre todo a honradez das reflexións e o elo común de moitas delas: “a experiencia da literatura”.

Referencias varias:


Sinálase que a Asociación Cultural Couto Mixto, rexistrada en Bélxica e formada por galegos residentes en Bruxelas, se adianta á celebración do Día das Letras Galegas ao presentar, xunto coa librería galego-portuguesa Orpheu, a obra de Xavier Queipo Cartas marcadas. Dice que está composta por uns textos que o autor difundiu previamente na web culturagallega.org do Consello da Cultura Galega, nos cales unha frase escoitada ou unha cita subliñada serven de pretexto para unha argumentación posterior.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, tanto novidades coma obras recentes. Nesta ocasión selecciónanse, entre outras, Cartas marcadas, de Xavier Queipo, que reúne a súa correspondencia enviada á web do Consello da Cultura Galega en 2008 dende Bruxelas; e Sete leccións de poesía (2009), de Manuel Forcadela.


Coméntase que en Cartas marcadas se recollen os textos difundidos entre os anos 2007 e 2008 na web do Consello da Cultura Galega, nos cales Xavier Queipo reflexiona sobre diferentes temas relacionados coa literatura. Logo fai unha longa entrevista ao autor onde comenta o contido dos textos e a recepción da súa obra. Tamén lembra o traballo da Xeración dos noventa na que el se integra.


Versión en lingua galega do ensaio escrito por Carlos González Reigosa (A Pastoriza, 1948) orixinariamente en español baixo o título La agonía del león (1995) coa que
acadou o premio internacional Rodolfo Walsh de literatura testemuñal en 1996. Comeza cun “Prólogo” no que Manu Leguineche fala do derradeiro guerrilleiro chamado Pablo Pérez Hidalgo, Manolo el Rubio, e onde comaenta que este ensaio ten múltiplas lecturas: como unha reportaxe dun tempo de dor, como unha novela de policías, como unha crónica de horribles sucesos ou como un relato de costumes. A seguir, na “Introducción” Carlos G. Reigosa cualifica a Manuel Girón Bazán, o protagonista deste volume, como un escapado antifranquista que acadou sona nas comarcas de Valdeorras, O Bierzo, A Cabreira e mais Seabra. Nesta introdución tamén se fala da Cabreira como un espazo que naquela altura era case inaccesible e asemade sublíñase o triplo enfoque d’A agonía do león. Esperanza e traxedia dos escapados: a vida de Manuel Girón Bazán, a vida na Cabreira e mais como Carlos G. Reigosa accede á historia de Manuel Girón Bazán. O ensaio divídese en vinte capítulos, con numeración romana e con título, no que se debulla mediante testemuños, conversas e reflexións a vida dos maquis, nomeadamente a peripexia vital do guerrilleiro berciano Manuel Girón Bazán que actou até 1951 por terras de Valdeorras, O Bierzo e A Cabreira. Coméntase que até a publicación orixinal en español deste volume a visión que se tiña de Manuel Girón Bazán estaba chea de desqualificacións e sublíñase a importancia dos testemuños de Marcelino Fernández Villanueva, o Gafas, de Odilo Fernández Rodríguez, Blas, e mais de Mario Rodríguez Losada, Pinche. Este repaso pola loita dos maquis e dos escapados péchase cun “Epílogo”, datado en 2004 e revisado en 2010 para esta versión en lingua galega, no que se comentan diferentes aspectos desta publicación e onde se dá conta da morte dalgunhas das testemuñas, e mais cun “Índice onomástico”.


Monografía de Ramón Reimunde Noreña (San Martiño de Mondoñedo, Foz, 1949) sobre a etapa luguesa de Ricardo Carvalho Calero (Ferrol, 1910-Santiago de Compostela, 1990) que contén sete capítulos numerados, intitulados e introducidos por citas do propio Carvalho. Ábrese cunha dedicatoria e unha cita en verso de Fernão Esquia. A continuación atópase unha introdución na que se di que o ensaio foi presentado ao Premio Ánxel Fole, na súa sexta edición dedicada a Ricardo Carvalho Calero, en 1992; e xustifica a demora da súa publicación debido á oposición cara ao integracionismo de políticos e escritores. Asegura que a publicación deste libro era unha conta pendente que tiña sobre todo con don Ricardo, a quen aínda non se lle dedicou o Día das Letras Galegas. Comenta que utilizou fotografías, publicacións, cartas, recortes de xornais e informantes daquela época e que aínda estaban vivos no momento de facerse o libro, en 1991. Advierte que a obra está escrita coa ortografía de mínimos da Normativa de 1980 que tamén engrou Carvalho Calero. Confesa que o coñecemento dos artigos do escritor non é exhaustivo, polo que non descarta a aparición de novos escritos que non se recolleron no libro. Finalmente, sinala que só fala dos anos lugueses de Carvalho pola importancia que tivo esta cidade na vida do galeguista. No capítulo primeiro, “A chegada a Lugo. Anos de silencio na pos-guerra”, fálase do Lugo de posguerra e da chegada do escritor a esta cidade. O capítulo dous, “A vida social de D. Ricardo en Lugo. (As tertulias e os amigos)”, refírese ás conversas que os intelectuais levaban a cabo en Lugo, centrándose nas que Carvalho participaba ocasionalmente. No capítulo tres, “Unha (maravillosa) experiencia docente chamada Fingoi”, relátese que xa cando se estaba construindo este colexio, do que despois foi director e profesor, axudou...

Recensións:


Coméntase que esta monografía recolle a estancia de quince anos de Ricardo Carvalho Calero en Lugo dende 1950 até 1965, circunstancia que o converteu nun veciño máis da cidade. Salienta deste período a súa experiencia como profesor no colexio Fingoi e a continuidade da actividade galeguista que o levou ao cárcere antes da súa chegada á cidade. Finalmente, afirma que a súa marcha a Santiago de Compostela non lle impediou manter vivo o recordo da estadía lucense.

Referencias varias:


Dáse noticia de que o catedrático de Lingua Galega Ramón Reimunde presentou o seu estudio Cautivério en Lugo, no que fai un percorrido pola vida e obra de Ricardo Carvalho Calero durante a súa estancia en Lugo (1950-1965) e achega documentación, como por exemplo, unha carta na que se promove a chegada do intelectual ao colexio de Fingoi. Coméntase que nesta estapa Carvalho Calero recluíuse para investigar, o cal deu os seus froitos na etapa posterior coa publicación de Historia da literatura galega contemporánea ou A xente da Barreira. Finalmente, sinálase que, co gallo do centenario do seu nacemento, o Concello de Ferrol prepara un programa no que se inclúen conferencias, teatro escolar, exposicións e a reedición de dúas das súas obras máis coñecidas.

Recolle declaracións de xentes próximas a Ricardo Carbalho Calero, como é o testemuño da súa filla, Margarida. Tamén Araceli Herrero, alumnía e investigadora ao seu lado, lémbrao como un “gran pedagogo”. Por outro lado, fala Antón Bao, responsable comarcal do BNG, que vén de inaugurar unha placa que lembra o paso do profesor pola cidade lucense, para conmemorar os cen anos do seu nacemento. Informa que esta estadía en Lugo foi recollida no ensaio de Ramón Reimunde.


Sinálase que nos Encontros sobre Ricardo Carvalho Calero, organizados polo Concello de Ferrol co gallo do centenario do seu nacemento, o escritor Ramón Reimunde Noreña, autor dun libro sobre os anos lugueses de Calero, critica a actitude da Xunta de Galiza ou de institucións como a Real Academia Galega ou o Consello da Cultura Galega que deixaron pasar a data do seu centenario sen facer nada na súa memoria. Opínase que don Ricardo segue a padece un exilio debido á ocultación, silenciamento e menosprezo que aínda sofre; de aí, a negativa a dedicarlle o Día das Letras Galegas.


Volume que se abre con dous limiares institucionais da autoria da Concelleira de Cultura do Concello da Coruña, María Xosé Bravo San Xosé, e do Presidente da Asociación de Escritores en Língua Galega, Cesáreo Sánchez Iglesias, que acolle, tal como sinala este último, un “feixe de conferencias maxistrais, que tiveron lugar na primavera do ano 2009, dentro do ciclo II Encontros Cidade da Coruña, arropado co título “A muller e a literatura” e celebrado no salón de actos da Real Academia Galega”. A seguir, acólense os traballos de catro autoras, dos cales son de interese para a literatura galega os seguintes:


Maria Reimóndez (Lugo, 1975) estabelece unha comparación entre o xogo infantil das agachadas e de apandar coa situación das escritoras galegas actuais. A autora fala dalgúns dos problemas cos que as mulleres se atopen á hora de saír ao espazo público no sistema literario galego. Así, destaca que despois de superar os “obstáculos que a sociedade nos pon por diante para saír do agocho”, é dicir, para escribir, “hai novos elementos aos que enfrontarse” que brevemente analiza, tales como a edición, a mercadotecnia editorial e a crítica literaria, xa sexa a académica xa a divulgativa. Nesta súa análise cobra especial importancia a mediación, “é dicir, aqueles mecanismos (crítica e medios) que se encargan de representarnos a nosoutras e ás nosas obras, ante o colectivo lector”, e na que Reimóndez se ocupa nos epígrafes “A última que chega, panda (ou sobre as consecuencias de ocultar unha historia de noso”, “Agochamento por pantalla ou as diferentes maneiras de facer invisible o visible” e “Por mìn (visible) e polas miñas compañeiras (visibles)”. Para exemplificar algunhas das dificultades que as mulleres teñen, ao seu ver, en Galicia para escribir e editar María Reimóndez recorre a algunhas anécdotas persoais.
Marilar Aleixandre (Madrid, 1947) comeza afirmando que, na súa opinión, o máis provocador, o máis transgresor da literatura galega nos últimos dez ou quince anos é o escrito polas escritoras galegas, o escrito por mulleres. A continuación, despois de sinalar o que para ela supón “transgredir”, bota man de diferentes textos, fundamentalmente poemas, para exemplificar esa transgresión. Aleixandre comenta que, malia o dito, tamén existen escritores, como Agustín Fernández Paz ou Xabier Queipo que “son feministas e comparten esta escrita subversiva”. Finalmente, recorre ao capítulo titulado “O conto da muller brava” da novela _Unha presa de terra_ da súa autoria, para exemplificar un “intentó de rachar os estereotipos”, de falar do tema do maltrato que, segundo a autora, ao igual que noutras obras de autoras actuais que tamén tratan este mesmo tema, a crítica non recoñeceu.

- Teresa Moure, “As mulleres e a literatura. De onte a hoxe”, pp. 61-85.

Despois de expresar o seu agradecemento polo convite ao II Encontro Cidade da Coruña “Mulleres e literatura”, Teresa Moure (Monforte de Lemos, 1969) estrutura a súa intervención en catro apartados. A autora monfortina comeza dando conta da súa experiencia á hora de falar do binomio “literatura e mulleres” e opina que cando menos “analizar a presenza actual das mulleres na literatura é unha cuestión complexa”. A seguir, dá conta dalgunhas das razóns polas que as mulleres, a partir dos anos sesenta do século XX, “adquiren certa presenza nas distintas facetas da vida social, tamén na escrita” e detense na muller como lectora e na relación entre “muller lectora” e “escritora”. Tamén opina sobre “a aspiración a escribir sen sexo” dalgunhas escritoras e detense en Rosalía de Castro, de quen considera que escribiu consciente da súa situación de inferioridade que ser muller supón. Teresa Moure manifiestase como lectora en homenaxe a aquelas mulleres que a precederan e non puideron. A autora monfortina continúa sinalando a evolución de como a ollada de xénero chegou á literatura para rematar afirmando que “se nada do que fagamos as mulleres deixa de ter unha lectura en termos políticos, non é estraño que a nosa literatura sexa en si mesma unha convocatoria á actuación, o que o os nosos textos conten máis das vidas persoais, que se deteñan nas sensacións e dean importancia ao cotián. Para nós escribir é un acto libertario”.


Volume no que Luciano Rodríguez (Viana do Bolo, Ourense, 1951) reúne un conxunto de ensaios, artigos e textos publicados con anterioridade, dividido en catro bloques temáticos. O primeiro deles, ocúpase da figura do poeta Fernando Pessoa, recollendo algúna das súas reflexións, a través das cales se pretenden achegar as claves do seu universo poético. No segundo traballo, analízase o terceiro poemario de Aquilino Iglesia Alvariño, _Cómaros verdes_ (1947). O terceiro bloque confórmaselle de varios traballos nos que se destacan aspectos bibliográficos, do currículo e se analizan os trazos máis salientábeis da produción de tres autores: Xohana Torres, Manuel Álvarez Torneiro e Avilés de Taramancos; achegando taménalguns dos seus versos cos que se acompaña a análise. Ademais, inclúense comentarios ao poemario de Salvador García-Bolaño, _Cidade Cristal_; e ao recoñecido _Con pólvora e magnolias_ (1976), de Xosé Luis Méndez.


Nova entrega do *Informe de Literatura* en formato CD-Rom correspondente ao ano 2009 e elaborado por un equipo de redactores e de colaboradores, tanto do Centro Ramón Piñeiro coma externos ao mesmo, dirixido e coordinado por Blanca-Ana Roig Rechou, que contou coa axuda das bolseiras do proxecto Mar Fernández Vázquez e Esther de León Viloria. Como en edicións anteriores, ábrese o volume cunha breve presentación, na que a coordinadora, ademais de salientar as pretensións da publicación e o afán de mellora que preside o proxecto ano tras ano, fai un repaso de cada un dos apartados que constituén a obra, referíndose ás fontes consultadas e aos criterios que se empregan para facilitar unha máis produtiva achega á literatura galega recollida en cada entrega deste repertorio bibliográfico comentado. A continuación, reproducéense unha serie de estatísticas nas que se reflicte a produción dos diferentes apartados segundo os xéneros e a presenza que tivo o feito literario galego tanto nos xornais e revistas galegas coma foráneos. A seguir, están os apartados do volume estruturados en “Narrativa”, “Poesía”, “Teatro”, “Día das Letras Galegas: Ramón Piñeiro”, “Ensaio. Teoría Xeral. Crítica”, “Clássicos greco-latinos traducidos”, “A literatura infantil e xuvenil galega”, “Literatura de transmisión oral”, “Revistas”, “Premios”, “Literatura medieval” e “Apéndice. Entradas non recollidas en informes anteriores”.

Referencias varias:


Ofrécese unha panorámica do labor anual que a muller como creadora, investigadora e crítica realiza na conformación do polisistema literario galego a través da Narrativa, Poesía, Literatura dramática, Día das Letras Galegas e Monografías, biografías, crónicas ou libros colectivos, así como en reedicions comentadas e facsímiles, textos recuperados e mesmo obras traducidas ou versionadas. Tamén se fai eco da achega feminina nos eidos da tradución e da ilustración. Precísase que este traballo bebe do *Informe de Literatura 2009*, proxecto de investigación que se realiza no Centro Ramón Piñeiro, un repertorio bibliográfico descrito da produción galega e sobre literatura galega. Explicase que o traballo comeza cuns cadros comparativos co ano 2008 e as variacións observadas nese cotexo, onde se constata a participación feminina como autoras, coordinadoras, compiladoras, editoras, tradutoras e ilustradoras.
Infórmase que xa se pode consultar, tanto en CD-Rom coma na páxina en liña do Centro Ramón Piñeiro, o Informe Literatura 2009, único observatorio de e sobre Literatura galega que inclúe a LIX a nivel de igualdade coa literatura de adultos.


Viaxe pola biografía de Ricardo Carvalho Calero (Ferrol, 1910-Santiago de Compostela, 1990) a través de fotografías, reproducións de documentos e palabras do propio estudoso e de familiares, alumnos e compañeiros. Despois de dous prólogos institucionais, dedicase atención ao seu nacemento en 1910 e morte en 1990, á súa infancia e mocidade, á época universitaria, a da Guerra Civil coa súa reclusión no cárcere, á súa volta a Ferrol, á súa estadía en Lugo, á súa época como profesor universitario en Santiago Compostela e aos seus últimos días. O volume está ilustrado con retratos de Carvalho Calero e dos seus achegados, e tamén con fotografías de documentos, capas dos seus libros, cartas, casos ou lugares onde viviu, xornais, entre outros materiais, ademais dun debuxo que lle fixo Siro. Inclúense textos onde se reproducen as palabras da súa filla María Victoria, as do propio Calero recollidas de xornais, cartas, ensaios, traballos e entrevistas. Así mesmo, aparecen tamén poesías da súa autoría pertencentes a Pretérito imperfeito (1927-1961), Futuro condicional (1961-1980) e Reticencias... (1986-1989). Este volume reproduce unha serie de fotografías das dedicatorias que recoñecidos escritores galegos lle fixeron a Carvalho Calero, nas que fan referencia á súa obra póstuma e a estudós centrados na súa figura, á parte de homenaxes que se lle fixeron; e das súas pertenzas persoais (bastóns, reloxos, bolígrafos, medallas e recoñecementos). O volume compleméntase cunha relación de cento oitenta e catro referenciais catalográficas de estudós e libros de e sobre Ricardo Carvalho Calero.


Meilán, o conquistador de Xogos Florais”. Ao longo destes capítulos faise referencia aos inicios desta práctica literaria; ao protocolo do acto; á unión de música e poesía en 1899, co gallo da homenaxe a Xoán Montes; ás polémicas, entre outras, polo premio ou pola temática proposta para as composicións a concurso no 1900; á decadencia a partir de 1901 pola divulgação da palabra escrita ou a decadencia das “institucións ceremoniais”; ou á importancia da figura de Amor Meilán e a súa paixón por participar en numerosas destas xustas poéticas. Tanto no terceiro como no cuarto apartado aparece ao final unha “Nota bibliográfica e erudita, de lectura fácilmente prescindible”. Como colofón, un apéndices: “Textos e discursos nas festas literarias (1899-1901)” e a bibliografía consultada.


Monografía de Carlos Taibo Arias (Madrid, 1956) publicada pola editorial da Associación Galega da Língua que principia coa dedicatoria “Para Rosa, sempre”. A continuación aparecen dous citas, unha de Miguel Torga extraída de Diario (1941) e outra do propio Fernando Pessoa. Consta de índice, un conciso prólogo de Carlos Quiroga, unha pequena presentación e unha breve nota biográfica. Componse de trece capítulos monotemáticos nos que se mergulla no estudo de diferentes aspectos da vida de Pessoa, tales como o carácter do escritor, o seu quefacer cotián, o traballo, a fama, os amores, as viaxes, as linguas nas que se desenvolvía ou a morte. De especial interese para a Literatura galega é o último ensaio, “Fernando Pessoa e a Galiza”, que se inicia cunha cita de Bernardo Soares, onde se analiza a relación do escritor luso coa Xeración Nós e coa intelectualidade galega de principios do século XX, a súa amizade con Alfredo Guisado e o coñecemento e posíbel influencia sobre a súa obra de Rosalía de Castro, Eduardo Pondal e Eduardo Dieste. Asemade, recóllense as opinións do poeta luso sobre a realidade de Galicia e sobre o estado natural galeico-portugués. A monografía contén ademais unha bibliografía sobre o autor e un índice onomástico. No colofón indica que se publicou coincidindo co cen aniversario do nacemento de Ricardo Carvalho Calero.

Referencias varias:


Infórmanse da presentación das novidades editoriais en Festigal, entre as que se atopa Parecía nao pisar o chao, de Carlos Taibo.


Coméntase o estudo de Carlos Taibo Parecía non pisar o chão. Treze ensaios sobre as vidas de Fernanso Pessoa, no que se aborda a dimensión humana do escritor portugués, dende a súa relación con Ofélia Queirós e a súa vida cotiá até os vínculos que o unían con Galicia, entre os que se destaca a súa amizade co poeta Alfredo Guisado, un escritor
que para Taibo aínda está por estudar e que actuou de enlace de Portugal coa Xeración Nóis e a intelectualidade galega de primeiros do século XX. Coméntase neste senso que Pessoa coñecía a obra de Rosalía de Castro e tiña unha obra de Dieste entre os seus libros. Taibo tamén afonda no interese que o portugués amosaba sobre a realidade galega, así nos seus escritos refírese ao “estado natural galego- portugués”, segundo se explica. Finalmente, tamén se comenta que con esta obra se desmontan tópicos arredor da figura de Pessoa, como o feito de que fose conservador.


Entrevista con Carlos Taibo na que o autor comenta aspectos sobre a biografía do poeta portugués Fernando Pessoa que recolle no seu estudio Parecía non pisar o chao. Treze ensaios sobre as vidas de Fernando Pessoa. Taibo explica que ante a falta da bibliografía neste senso, sérvese dos versos do autor para tratar de descifrar aspectos sobre a súa vida, aínda que recoñece que estas non son fontes solventes. Así, nesta conversa coméntanse aspectos da súa personalidade, dos seus gustos, do seu ideario político e a súa vinculación con Galicia. Por outro lado, Taibo tamén responde varias preguntas sobre a súa opinión conforme as propostas “decrecentistas”.


Entre outras actividades, anúnciase a presentación no Local Social Gomes Gaioso da Coruña do libro Parecía non pisar o chao, de Carlos Taibo.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso de Treze ensaios sobre Pessoa, unha monografía de Carlos Taibo; Os libros prestados, de Xavier López López; Xuvia-Neda, de Vicente Araguas; e Reckless, de Cornelia Funke.


Cuarto volume da serie Estudos Galego-Brasileiros, iniciada en 2003, ao abeiro do Programa Hispano Brasileiro de Cooperación Interuniversitaria e cos subsidios do Ministerio de Educación e Ciencia español e da CAPES-MEC do Brasil. Trátase da segunda fase do proxecto “Os procesos de emerxencia lingúística e literaria nos espazos galego e brasileiro”, que deron saída a unha serie de encontros e intercambios entre dous grupos de investigación, un coordinado por Amparo Tavares Maleval (Universidade do Estado de Rio de Janeiro) e outro por Laura Tato Fontaíña (Universidade da Coruña). Logo dunha “Presentación” ábrese dous prólogos “Prefácio aos estudios galego-brasileiros na UERJ” e “Introdución aos estudos galego-brasileiros
na UDC”, ambos asinados polas respectivas coordinadoras. Nos dous casos presentan o 
volume e comentan os traballos realizados polo profesorado da UERJ e da UDC, 
respectivamente. En relación á literatura galega recóllense os seguintes artigos, xunto 
cun relacionado coa literatura medieval que se analiza no apartado XI deste Informe:

- Claudia Amorim, “Nos arredores de si e das vias urbanas: Otero Pedrayo e João do 

Repara en que algúns escritores, que publicaron as súas obras nas primeiras décadas do 
século XX, prestaron atención ás transformacións urbanas “nun misto de desconfianza e 
fascínio”, o que desencadeou un novo ollar sobre a cuestión identitaria. Focaliza o tema 
en dous autores, João do Río e Ramón Otero Pedrayo, habitantes de rexións distintas, 
localizadas na “periferia do grande capitalismo”: Galicia e Rio de Janeiro. Tendo como 
base as teorías do narrador de Walter Benjamin, céntrase na confrontación de dúas 
obras: A alma encantadora de ruas e Arredor de si. Con respecto á obra de Otero 
Pedrayo sinálase que a viaxe de Adrián Solovio (o protagonista) por Madrid e por 
outros lugares de Europa, supón que perciba “com outros olhos sua relación com a terra 
natal”, pois é nesas outras cidades onde un se converte en europeo e en cosmopolita.

- Xohán Xabier Baldomir Cabanas, “Unha guerra real nunha realidade ficticia. Estudo 
d’Os xefes de Ricardo Carvalho Calero”, pp. 47-67.

Logo de comentar os inicios do “movemento do teatro independente en Galiza” até as 
Mostras do Teatro Abrente (1973-1980), indica que a Ricardo Carballo Calero, que 
estreou Os xefes en 1980, o teatro independente “quedáballe lonxe” e informa que esta 
peza teatral, escrita ás marxes das estéticas e temáticas predominantes na época, adapta 
unha tradición de pezas que falan “encubertamente” da guerra civil. Logo de presentar a 
figura de Carballo Calero como autor teatral e realizar un breve percorrido pola súa 
traxectoria biográfica, céntrase na análise da obra, profundizando, en primeiro lugar, na 
acción, na estrutura e nos personaxes, e, en segundo lugar, no espazo, nos decorados e 
o tempo. Afirma, como conclusión, que non cabe dúbida que o escritor retrata a Guerra 
Civil trasladada ao territorio inventado de Gurlándia.

- Iremar Maciel de Brito, “Jogos do teatro contemporáneo en textos galegos e 
brasileiros”, pp. 69-85.

Realiza unha lectura comparada entre dúas pezas teatrais: a brasileira As moças, de 
Isabel Câmara, e a galega História de Maria atrapada, de Roberto Salgueiro, que 
entende como tipos de “teatro metafísico” e partes dunha creación posmoderna. Logo de 
concretar unha serie de cuestións vencelladas aos elementos do xogo teatral, repara en 
que en ambos os textos hai máis ideas e estéticas semellantes que diferenzas. Estuda 
tamén o xogo que hai nas acoutacións de cada un dos textos e, posteriormente, repara no 
xogo que se crea no discurso dos personaxes, tanto femininos coma masculinos, no que 
a súa caracterización física é o menos importante.

- Anxos García Fonte, “Trasalba ou Violeta e o militar morto’: a desconstrución do mito 

Achégase á novela Trasalba ou Violeta e o militar morto (1985), de Margarita Ledo 
Andión, da que dí, entre outras cuestións, que o esencial “non é o que se conta, senón a
perspectiva que se escolle”. Afirma que a autora arrisca no enfoque do tema apostando por centralo na formación da subxectividade do personaxe principal, Otero Pedrayo. Esta evolución psicolóxica no protagonista analízase atendendo á posición da muller con respecto ao home, e reparando nos diversos modelos femininos que aparecen na obra, en relación coa cuestión da iniciación sexual, da profanación do prohibido ou da ambigüidade sexual. Repárase, ademais, en que o protagonista asexa os corpos femininos como animais de presa, asociándoo ao mito do vampirismo, e alúdese á relación matrimonial do protagonista, tratada de xeito moi secundario na novela.


Achégase aos principais problemas detectados no funcionamento do Campo Editorial Galego (CEDG) entre 1968 e 1978, principalmente no que se refire á precariedade do mercado editorial e á escasa diversificación da tipoloxía de producción. Chámase a atención sobre o estado do CEDG, reparando na caracterización da súa heteronomía, da incorporación de novos produtores e editoras (despois da crise dos anos 1973 e 1974), da fragmentación da producción e a escasa profesionalización, entre outras cuestións. Por outro lado, analiza as estratexias planificadoras que aplicaron os principais axentes do Sistema Cultura Galega (SCG), que teñen que ver co acceso ao mercado portugués, co deseño dunha política de traducións e coa introdución de libros bilingües galego-castelán no mercado español. Para rematar, comenta brevemente a diferencia entre o CEDG anterior á autonomía política e o campo editorial na Galicia actual.


Céntrase o artigo en aclarar a xénese do Teatro Independente, movemento que entrou en Galicia da man de colectivos como o grupo teatral O Facho (1965) e Teatro Circo (1967). Ademais de dar conta dos “primeiros pasos”, vencellados ao rexurdir do galeguismo despois da sublevación militar de 1936 e a crise social da segunda metade do século XX, afirma que foron as agrupacións culturais, as principais aliadas para o nacemento do Teatro Independente. Na procura dunha identidade, explica a importante aparición do Teatro de Cámara e Ensaio (paralelamente ao teatro institucional), aínda que manifesta que os grupos de cámara galegos imitaban os modelos propostos polo “teatro oficial” e que o rexurdir do teatro galego demorou en chegar por diversos factores. Considera que o proxecto independente naceu como “arma de conscienciación ideolóxico-lingüístico” e como “reflexión sobre a nosa identidade dentro da historia”. Indica os seus trazos definidores e sinala que este movemento se situou á marxe do sistema, posicionándose fronte ao estancamento ideolóxico e escénico das compañías comerciais e institucionais.


Atende ao proceso de canonización da obra de Rosalía de Castro, que implica a revisión da función desenvolvida neste sentido por Manuel Murguía. Deste xeito, analiza algúns traballos feitos por Murguía e que teñen como referente á escritora. Entre eles, destacase a crítica que Murguía asina sobre a primeira obra de Rosalía, La flor (1857), publicada en La Iberia; a entrada dedicada a Rosalía de Castro no Diccionario de escritores.
gallegos (1862); a publicación Los precursores (1885), que ten “moito de homenaxe póstuma”; a intención de Galicia (1888), que se abre cunha dedicatoria á esposa; o prólogo á segunda edición de En las orillas del Sar (1909) ou o discurso con motivo do seu octoxésimo aniversario. Para rematar, incide novamente no intenso labor como crítico literario da produción rosaliana e afirma que é innegábel que Murguía “estaba detrás da obra da súa esposa, o cal xustificaría a edición, difusión e canonización posteriores”, e que foi el o encargado de xestionar o éxito que Rosalía obtivo pola publicación de Cantares Gallegos (1863).


Realiza unha achega ao momento no que os coros populares comenzaron a súa andaina. Apunta dúas posturas diferenciadas: os coros que se limitaban a recoller “a música popular e reproducila cal a achaban” e os que querían que a música recollida fose traballada polos compositores do momento. Repárase no feito de que durante a ditadura de Primo de Rivera, os coros eran a única manifestación pública “permitida” do galego e coméntase a análise que alguns estudiosos xustificaron sobre o papel dos coros, como Bal Gay ou Antón Vilar Ponte, en libros ou na prensa da época. Apunta que estas propostas obtiveron unha resposta “moi dispar”, con coros levando á escena “estampas costumistas” e con outros optando por “combinaren o teatro e a música” coa fórmula da zarzuela. Comenta os conflitos ocasionados, concretamente o de Xesús Bal con Leandro Carré e Mauricio Farto, que a autora encadra nas polémicas que naquela altura desenvolven os membros da Xeración das Vangardas coas xeracións anteriores. Descrito tamén no apartado XI. 1. Literatura medieval deste Informe.


Xesús Manuel Valcárcel (Lugo, 1955), como fundador do movemento artístico e espiritual denominado “Sentimentalismo”, propón una filosofía de vida totalmente liberadora que se asenta na análise da sociedade centrada nos seus maiores males: o materialismo, o consumismo, o racismo, a manipulación, etc. Fronte a isto, expón unha serie de propostas para alcanzar a liberación da realización vital baseándose na atención ao corpo, á mente e ao espírito e na valoración da individualidade na marca inevitábel do social. Deste xeito, a obra estrutúrase en tres partes que reflicten a forma de integrarse nesta “arte de vivir”, dende a explicación dos xermes dos que xurde ese malestar social até a necesidade de busca dunha vía para liberarse: “A anulación do individuo: crise de valores e malestar social xeralizado”, “A necesidade dunha vía de liberación persoal” e “A persoa liberada sentimentalista”. Na introdución que precede esta disposición tripartita faixe un resumo do exposto na obra e cita Rebelde stil novo, do mesmo autor, no que se desenvolven propostas estéticas dende o punto de vista do mesmo movemento sentimentalista.

Recensións:
Sublinúa que mediante este libro Xesús Manuel Valcárcel pretende levar a teoría da proposta estética do sentimentalismo á praxe e extrapolala a diferentes estratos na procura dunha pauta de comportamento ante as diferentes realidades nas que nos movemos. Tamén fala da crise de valores e de que o autor do libro amosa nel un punto de vista sentimentalista para afrontar os desafíos vitais dun xeito adecuado.


Xesús Manuel Valcárcel (Lugo, 1955) comeza este estudo centrado no “sentimentalismo” cunha introdución na que se reflexiona sobre este concepto como proposta orixinal, como nova teoría espiritual e como síntese da sabedoría tradicional. A seguir está a cerna deste traballo que se presenta estruturado ao redor de sete bloques: “A necesidade dunha nova alternativa espiritual”, “Obxectivos do sentimentalismo”, “Sectas e sectores”, “A identidade do ser”, “A (r)evolución sentimentalista”, “Os sete grandes principios” –onde debulla os principios da indagación, veritación, humildación, relativización, socialización, actuación e mais sublimación– e mais “A formación de persoas conscientes”. En todos eles describe e analiza o “sentimentalismo” como unha teoría filosófica, estética e espiritual que procura a liberación da persoa a través da arte da literatura e mais como unha maneira de ver o mundo e mais de vivir. Neste estudio aparecen nomeados, entre outros, escritores como Uxío Novoneyra, Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, Miguel de Cervantes, Antonio Machado, Jorge Luis Borges e Isaac Asimov. Péchase este libro coa “Bibliografía e notas”.


Xesús Manuel Valcárcel (Lugo, 1955) asina este manifesto que se abre cunha introdución na que se explica que o sentimentalismo conclúe a súa etapa fundacional coa publicación deste libro e tras acadar a suscrición dos seus principios por sete personalidades da literatura: Manuel Celso Matalobos, Xesús Alfonso Parada, Rafael Pintos Méndez, Carlos Arias, Cristina Ferreiro Real, Mariña Pérez Rei e o propio Valcárcel, que sitúa a obra como continuación dos seus tres ensaios de 1997: Animal sentimental, Dialéctica sentimental e Práctica sentimental. Como características xerais do movemento, baseado nos sentimentos e na súa importancia para interpretar o mundo, apunta a preferencia pola épica e o libro complexo, explica as orientacións estética e de realización vital das persoas e o desexo de renovar totalmente as artes e as letras, e indica que o seu propósito é “promover a reflexión sobre a realidade, oponéños á creatividade domesticada e mercenaria, impulsar novas formas de expresión, difusión e comercialización da obra artística; superar as banalizacions formalistas e reivindicar a beleza dos significados”. A seguir, inclúese un chamamento aos artistas libres, os vinte e un poetas de referencia que seguen e admiran –Mendinho, Pedro Vázquez de Neira, Rosalía de Castro, Manuel Curros Enríquez, Federico García Lorca, Eduardo Moreiras,
Uxío Novoneyra, Jorque Manrique, Garcilaso de la Vega, Quevedo, Juan de la Cruz, Gustavo Adolfo Bécquer, Dámaso Alonso, Jorge Luis Borges, Safí de Lesbos, Lao Tse, Omar Khayyam, Charles Baudelaire, Emily Dickinson, Whal Witman e Fernando Pessoa—, os dez principios constitucionais do sentimentalismo, o desenvolvemento do pensamento político e social e do relativismo como motor dialéctico da teoría, as concepcións da creatividade, da arte, da literatura e da poesía. Conclúe afondando no espírito revolucionario do movemento, na súa inspiración espiritual e visionaria, e cunha afirmación de que se trata dunha nova cultura.

Recensións:


Oferece unha serie de impresión sobre este volume entre as que destacan que estamos perante un traballo autorreflexivo que pode cualificarse de ensaio político e social que acaba relacionando coa súa máxima estética e filosófica.


Fala do caso insólito do movemento denominado “Sentimentalismo” que ten como integrantes ao autor deste libro, e tamén a Manuel Celso Matalobos, Xesús Alfonso Parada, Rafael Pintos Méndez, Carlos Ariás, Cristina Ferreiro ou Mariña Pérez Rei. A seguir fai unha aproximación a este volume do que sinala que a “intlexistencia emocional” atopa argumentos de altura, dende a función poética, con bases filosóficas e asemade comenta que se completa con O gran saber.

Referencias varias:


Despois de falar sobre os irmáns Valcárcel recomenda a lectura deste volume así como d’O gran saber, ambas de Xesús Manuel Valcárcel.


Este Epistolario de Vicente Risco a Antón Losada Diéquez conta cunha introdución na que se describen as súas características e na que se sinala que a intensidade epistolar entre Vicente Risco e Antón Losada Diéquez vai parella á intensidade das actividades políticas e culturais de Risco. Ademais, reflexiónase sobre a vida e obra deste autor. A seguir reproducense as sesenta e tres cartas xunto cunha tarxeta postal escritas por Vicente Risco e dirixidas a Antón Losada Diéquez, que se atopan conservadas no Pazo
de Moldes, no concello ourensán de Boborás, e que están datadas entre 1918 e 1929. Todo este epistolario conta con notas ao pé que axudan a comprender as cartas reproducidas. Este volume péchase con fotografías da Fundación Vicente Risco e de Afonso Vázquez Monxardin, centradas nas figuras de Risco e Losada Diéguez.

Recensións:


Afirma que este libro recolle sesenta e catro cartas da correspondencia postal entre Vicente Risco e Antón Losada Diéguez. Cualifícase como documento humano que reflicte a in 

trahistoria do galeguismo anterior á República. Asemade apunta como curiosidade que a “Carta 1” fixaba o ano 2009 como data para conseguir unha Galicia libre.


Detalla que Épistolario de Vicente Risco a Antón Losada Diéguez, baixo a edición de Joaquim Ventura Ruiz, presenta erros de vulto como a confusión entre Antón Losada e Benito Losada, que a meirande parte das cartas están sen datar, que ten unha anotación caótica ou que non se revisou a puntuación ou as posíbeis grallas de Risco. Asemade, apunta que Ventura emprega fotocopias que Carlos Casares lle emprestou e que resulta sorprendente que nunca se cotexasen cos orixinais.

Referencias varias:


Breve nota na que se sinala que a Deputación de Ourense vén de editar este libro e na que se indica que será presentado dentro dos actos de entrega do Premio Antón Losada Diéguez na localidade de Moldes, no concello de Boborás.


Infórmase de que dentro dos actos de entrega dos Premios Antón Losada, que recaeron no escritor Domingo Villar e mais en Pablo Carpintero, se presentou este volume do que se indica que reproduce cartas orixinais de Risco a Losada Diéguez e que nelas se fala de temas polítics e de amizade.

Fidel Vidal (Santa Uxía de Ribeira, A Coruña, 1942) propón na presente monografía unha análise da biografía e da obra literaria de Manuel Antonio (Rianxo, 1900-Asados-Rianxo, 1930). Contén un prólogo escrito por Xosé Luís Axeitos no que se enmarca a obra de Manuel Antonio na década dos anos vinte e que serve para contextualizar as reflexións vertidas por Fidel Vidal sobre a obra e vida do Manuel Antonio no presente volume. Na monografía, ao longo dos catorce capítulos, o autor trata de dar resposta ás diferentes interrogantes e paradoxos xurdidos nos terreos social e persoal de Manuel Antonio. Fidel Vidal realiza unha profunda reflexión existencial sobre o ser, a vida e a morte, e tamén sobre a figura do Pai na obra de Manuel Antonio. O estudo péchase cun epílogo asinado por Manuel Fernández Blanco, quen destaca que Fidel Vidal se apoiou na filosofía, na crítica literaria, na lingüística e na psicanálise para a realización desta obra.


Volume no que a profesora Dolores Vilavedra (Vigo, 1963) analiza a evolución da narrativa galega nas últimas décadas do século XX, iniciándose o percorrido en 1981, ano da aprobación do Estatuto de Autonomía, e chegando até o ano 2000, ainda que se realizan incursións puntuais na primeira década do século vinte e un. Destácase deste período que se propician unha serie de transformacións, nas que tivo destacada influencia o novo contexto sociopolítico, que fixeron posíbel a definitiva madurez da narrativa galega. A propia autora comenta no limiar que esta obra nace dunha vontade analítica e interpretativa e que con ela se procura facer historia da literatura. Quedan excluídos dese estudo dous autores capitais como son Carlos Casares e Xosé Luís Mendez Ferrín e Vilavedra explica esta renuncia pola produción inclasificábel e persoal destes dous creadores, merecentes de estudos monográficos. Asemade, obvia a análise da Literatura Infantil e Xuvenil correspondente ao período analizado, non só por un factor cuantitativo, senón por falta de ferramentas de análise axeitadas, segundo confesa. Hai que salientar tamén a ampla documentación na que se apoia o presente estudio para establecer o corpus de obras a estudar, caso de varias publicacións, entre elas o Informe de literatura, que dende 1995 publica anualmente o Centro Ramón Piñeiro para a Investigación e Humanidades. Analízanse ademais os cambios no narrador e no lector, a anovación e rexurdimiento das formas narrativas breves, o reflexo do conflito lingüístico na narrativa, a inclusión de novos repertorios temáticos e a presenza dos modelos ruralista e realista e de novas fórmulas discursivas, dedicándose capítulos diferenciados á novela histórica e as novelas sobre a guerra civil. A autora detense tamén a analizar a narrativa de autoria feminina. O volume péchase cunha bibliografía, un índice onomástico e un índice de obras.


Volume monográfico sobre a figura de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao (1886-1950) que inclúe a súa produción artística segundo foi exposita en 2010 no Museo Provincial de Lugo, baixo o comisariado de María Pilar García Negro e Felipe-Senén López Gómez
Gómez, co gallo do sexaxésimo aniversario do seu pasamento. Abre o volume un apuntamento introdutorio de Antón Bao Abelleira intitulado cunhas verbas de Castelao, “Abóndame con ser galego”, sobre o seu legado artístico. Estruturado ao redor de catorce apartados, analiza a traxectoria vital do autor e reproduce parte da súa producción artística. No apartado “Colección do Museo Provincial de Lugo” reproduce dezaioito debuxos a lapis, sete a tinta e un a pluma acuarellada, un gravado ao linóleo, unha litografía, unha acuarela e dous óleos; en “Castelao: a derradeira lección do mestre”, reproduce dous óleos, vinte debuxos a tinta, cinco a acuarela e tinta, dez a tinta coloreada, dous a lapis, nove debuxos de técnica mixta, seis estampas, un gravado, dezaioito composicións en tinta e auga e catro máscaras da súa peza Os vellos non deben de namorarse (1941). Nun anexo documental recolle tres fotografías do autor, dos seus lentes e dun recorte de prensa; cinco tarxetas postais; o prólogo manuscrito de Entre dous séculos (1934), de Xerardo Álvarez Limeses; o informe manuscrito do autor ao comité executivo do PG en 1908; tres selos de correos con estampas de Galicia Mártir (1937) e mais unha postal do día 14 de abril de 1940. Pecha o volume unha listaxe cronolóxica da produción artística e literaria do autor e dos acontecementos máis salientábeis da súa vida. Acompaña o volume unha fe de erros. As achegas incluídas no volume son as seguintes:

- Aurelia Balseiro García, “Castelao no Museo Provincial de Lugo”, p. 11.

Introduce o volume como parte dun proxecto editorial nado a partir da exposición no Museo Provincial de Lugo da obra de Castelao e agradece a Álvaro Gil Varela a súa doazón da mesma en 1965.


Explican en que consiste a exposición de parte da produción artística de Castelao e agradecen aos institucións e individuos que fixeron posíbel a saída do prelo do seu catálogo.


Repasa a traxectoria vital e literaria do escritor dende 1936 até 1946.


A través de catro pequenas seccións estuda os tres álbums de guerra na produción artística-literaria do autor e salienta a explicación que ofrece da súa arte nos mesmos.

- Francisco Rodríguez, “Por un Castelao á vista”, pp. 41-42.

Critica a falta de valoración da produción artística de Castelao e encomia o relevo da visión galega inherente á obra exposta de Castelao no Museo Provincial de Lugo e neste catálogo.

Comenta a fundación do Museo de Pontevedra e a paulatina adquisición de parte da obra de Castelao.


Destaca a concepción nacionalista e democrática de Castelao e o seu labor político.


Dá conta, por medio de dez breves seccións, das características da producción artístico-literaria de Castelao e o seu compromiso co pobo galego.


Equipara as figuras de Walter Benjamin e Castelao no tocante ao seu labor intelectual e de forte compromiso político cos seus pobos.


Comenta a censura exercida nos medios de comunicación á hora de falar de Castelao despois do seu pasamento.


Volume que acolle as intervencións que se produciron durante o acto de investidura de Isaac Díaz Pardo como Doutor Honoris Causa pola Universidade da Coruña en 2007. Tras a intervención institucional do reitor da Universidade da Coruña José María Barja, acóllese o discurso “Isaac Díaz Pardo Doutor Honoris Causa”, de Xosé María Dobarro, no que se presenta unha breve biografía de Díaz Pardo, aderezada con citas do propio homenaxeado, para despois afondar na súa traxectoria profesional, facendo un percorrido desde a súa primeira aparición na revista ferrolá Ataruxo como ilustrador principal e a súa posterior colaboración con numerosas publicacións na revista arxentina Galicia emigrante, pasando pola súa faceta como autor de dúas pezas teatrais e, en relación con este mundo, o deseño dos carteis de cego sobre textos doutros autores, así como a publicación de colaboracións en libros, sempre con Galicia como tema central e en numerosas publicacións periódicas tanto en edicións galegas como nacionais. A disertación complétase cunhas referencias bibliográficas das obras mencionadas e tamén con algunhas fotografías, en branco e negro, do acto de investidura. Séguelle o breve discurso do propio Díaz Pardo. A continuación en “Arredores da prédica do doctor Díaz Pardo”, Luís Caparrós Esperante expón as circunstancias do propio acto, a entrada do doutor honoris causa e das persoas que o acompañaron no evento e fai unha pequena descripción da súa figura, resaltando fundamentalmente a súa calidade como artista e o feito de que o seu nome vaia ligado a empresas como Sargadelos ou as fábricas do Castro e de Cervo e, sobre todo, a súa importancia na recuperación da Galicia exiliada. O monográfico complétase con fotografías que reflicten diferentes momentos da súa
vida e co apartado “Imaxes”, no que se reproduce unha “selección breve de obras de Isaac Díaz Pardo”: obras estritamente pictórica, ilustracións, deseños para empresas, fotografías de arquitectura e outras obras ligadas a institucións tan importantes na súa vida como o Laboratorio de Formas e o Museo Carlos Maside.

**Referencias varias:**


Fai referencia a diferentes feitos que teñen que ver co nomeamento como Doutor Honoris Causa do artista Díaz Pardo e recórdase que Luís Meilán Gil, anterior Reitor da Universidade da Coruña, se mostrou arrepentido por non ser el quen o distinguiuse con ese título. Coméntase que a institución saca ao mercado todo o que aconteceu nesa investidura a través dunha publicación cos textos dos que interviron e as fotografías tomadas nel. Engádese que a publicación contén ademais un CD con obxecto de que sirva como documento de algo necesario de conservar cara á memoria colectiva. Recóllense as palabras do artista nas que se queixa da súa mala saúde por mor da súa avanzada idade.


Este libro nace, tal e como se indica nas primeiras páxinas, como homenaxe a Fernando Pereira Caamaño (Soutomaior, 1931-2000) no décimo aniversario do seu pasamento, por iniciativa dun grupo de amigos e amigas e foi coordinado por Andrés Couñago Laxe, Antía Pereira Carreiro, Bieito Ledo, Carmen Álvarez, Gonzalo Balo, Guillermo Fontán, Manuel Lourenzo e Paula Pereira Carreiro. Ábrese cunha cita do propio homenaxeado e logo cun limiar de Xosé Luís Méndez Ferrín no que lembra a súa amizade con Pereira e destaca del o “seu patriotismo galego marxista, internacionalista e solidario”, así como a súa férrrea defensa da lingua galega, o cal se reflectiu na súa etapa como alcalde nacionalista de esquerda en Soutomaior, converténdose este no primeiro concello de Galicia no que o galego se declarou oficial e no que Daniel Rodríguez Castelao, Alexandre Bóveda ou Luís Seoane se converteron en nomes de espazos públicos. Tras este limiar faise unha lembranza biográfica do homenaxeado, completada con abundantes fotografías que ilustran moitos momentos vitais a través de varios apartados que se centran nas diferentes etapas vividas e que a continuación se descreben. “Tempos mozos” lembra o seu nacemento en Soutomaior (Arcade) o 18 de marzo de 1931 e a súa infancia e mocidade cos estudios de Bacharelato e universitarios, así como a súa afección polo fútbol, chegando a formar parte do C.F. Arcade. “Destino Montevideo” céntrase na súa nova etapa vital dende os vinte e cinco anos en que decide fuxir do franquismo e instalarse en Uruguai, onde entra a formar parte da colectividade cultural galega que loita dende a emigración, polo que combina actividade laboral en diferentes eidos coa política, sendo un dos membros máis activos do Padroado da Cultura Galega, con feitos tan importantes como a creación da escola *Galiza* na que se ensina lingua e cultura galegas. “Publicacións” recolle varias fotos de portadas, gravados e textos líricos que forman parte do seu legado. “Volta a Galicia” arranca dende a súa volta á terra en 1977 e a apertura da súa librería en Vigo, á que denomina
Librería Afonso R. Castelao, punto de referencia da actividade cultural e política en Galicia co seu socio Eduardo Yayo e que coñecemos a través de numerosas fotografías ilustrativas. En “Alcaldía de Soutomaior” refírese a súa última etapa vital na que, tras gañar as primeiras eleccións municipais despois do franquismo e as seguintes de 1983 con maioria absoluta, se converte en alcalde de Soutomaior durante dezaseis anos.

Destácase que con el este concello viviu un gran desenvolvemento en todos os campos e sobre todo o feito de que levase a cabo o maior proxecto de dignificación e reivindicación da historia galega e da normalización da língua, sen precedentes en Galicia: as primeiras rúas dedicadas á recuperación da memoria histórica, a preservación da toponimia autóctona e o desenvolvemento dun plan normalizador empregando o galego en documentos oficiais e públicos. Dáse conta tamén neste apartado do seu pasamento o 21 de abril do ano 2000 a causa dun derrame cerebral.

Tras isto hai un novo apartado titulado “Publicacións en prensa”, no que se recollen un grupo de artigos que publicou en xornais e revistas sobre diferentes personaxes (Castelao, Laxeiro…), feitos históricos e outros da actualidade dos anos noventa, como as detencións de insubmisos, lugares (Uruguai) e publicacións como o Sempre en Galiza. “Textos e debuxos homenaxe a Fernando Pereira” pecha o volume cun feixe de artigos e debuxos cos que os seus amigos e amigas lembran a súa figura. Salienta o escrito polas súas fillas Virxinia, Antía e Paula.

Referencias varias:


O ofrece información sobre a presentación do libro en Arcade e sobre a participación no acto de Anxo Quintana, X. L. Méndez Ferrín, X. Alonso Montero, Bieito Ledo e familiares de Fernando Pereira. Comenta que se trata dun libro biográfico sobre Fernando Pereira, cualificado como político exemplar e do que se subliña o seu amor por Galicia.


Lémbrase da morte do seu amigo Fernando Pereira e sinala que dez anos despois do seu óbito corenta e tres autores realizaron unha escolma con textos, fotografías e debuxos xunto con artigos do propio Pereira que conforman o volume Fernando Pereira: sempre por Galicia. Tamén realiza un breve repaso pola biografía do homenaxeado.

VV. AA., Solemne acto de investidura como doctores honoris causa en reconocimiento a las lenguas de España, Madrid: Universidad Nacional de Educacións a Distancia, 2010, 144 pp.

Volume que recolle a laudatio de Xavier Frías (Salamanca, 1965) e o discurso de Xesús Alonso Montero (Vigo, 1928) ao ser investido Doutor Honoris Causa en Filoloxía pola UNED o 23 de marzo de 2010. Logo dunha presentación fotográfica, ábrese un breve apartado no que se ofrecen algúns fitos bibliográficos do homenaxeado. A continuación, incorpóranse as palabras do profesor da Facultade de Filoloxía na UNED, Xavier Frías.
Conde que, baixo o título “Xesús Alonso Montero, ou a feliz persistencia dos ideais”, considera que Alonso Montero merece esta distinción pola súa defensa “apaixonada da lingua e da cultura galegas”. Entre outras xustificacións, repara nalgúns datos biográficos, nos que destaca a súa militancia comunista, pois é a través dela “como se configura o seu pensamento e a súa acción”. Ademais, apunta que se trata dun comunismo comprometido co galeguismo “cultural”, pero totalmente afastado do galeguismo político. Alén de mencionar os seus traballos de carácter sociolingüístico, sinálase que o escritor se reafirma na actualidade sobre a visión pesimista do futuro da lingua galega, albiscado xa no seu Informe dramático sobre la lengua gallega (1973). Por outro lado, gaba algunhas das súas obras de producción crítica ou ensaística, o seu labor no eido do xornalismo, así como a introdución da epistolografía na literatura galega no campo da recuperación da memoria histórica. Ofrécese, finalmente, unha listaxe (non completa) dos seus libros publicados. Séguelle o discurso do profesor Alonso Montero, iniciado cuns agradecementos e unha xustificación do tema que vai tratar. O traballo amosa certos textos poéticos, escritos en pleno franquismo, “suscitados” pola vida e obra do poeta alacantíno Miguel Hernández. Á parte de aludir a particularidades como a mención da data da edición e o lugar de impresión, menciona os versos de Lorenzo Varela, Manuel Lueiro Rey, Arcadio López Casanova, Pura Vázquez, Darío Xohán Cabana, Xesús Rábade Paredes, Bernardino Graña e Alfonso Álvarez Gándara, Rafael Bárez e Luis Macía Salgado (estes dous, ex-alumnos de Alonso Montero no Instituto de Lugo). Ao final, incorpora un apéndice, no que se reproducen os textos tidos en conta no discurso. Tanto a laudatio do profesor Xavier Frías coma o discurso do doutor Xesús Alonso Montero están nas dúas linguas (castelán e galego). Neste mesmo volume, recóllense tamén as laudatio e os discursos de Jean Haritschelhar Duhalde, Antoni Mª Badia i Margarit e Humberto López Morales, investidos Doutores Honoris Causa na mesma data pola UNED.

Recensións:


Refírese ao volume no que se recolle o acto de investidura do profesor Alonso Montero como Doutor Honoris Causa pola UNED. Ademais de indicar outros profesores que obtiveron a mesma distinción, fai un repaso polo contido do libro, no que destaca as laudatio, concedéndolle especial atención á de Xavier Frías, responsabel do discurso que glosa o percorrido do homenaxeado galego. Con respecto ao traballo presentado por Alonso Montero, sinálase que ademais de achegar “unha notable exhumación textual” con propostas de diversos escritores galegos, ofrece unha “atinada interpretación dos valores” desas composicións en relación co contexto da época. Para rematar, apunta que Alonso Montero ultima un traballo sobre Aníbal Otero e unhas “páxinas limiares” a un dicionario de “nova literatura galega".
V.2. REEDICIÓN COMENTADAS E FACSÍMILES. TEXTOS RECUPERADOS


En 1989 baixo este mesmo título e nun volume do Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, Xosé Manuel Cid Fernández (Morgade, Xinzo de Limia, 1957) presentaba esta monografía que se estrutura en dous grandes bloques: un dedicado á análise das grandes reformas xerais da política educativa republicana en relación co maxisterio, e a súa incidencia na realidade concreta de Ourense; e outro focalizado en comprender a nova función social do maxisterio, os esforzos organizativos e as posíonxons adoptadas diante da República e da política educativa. A segunda edición volve incluír o prólogo de Herminio Barreiro, agora actualizado, no que se refire ao perfil profesional de Cid Fernández e ao seu labor presente nesta publicación que, na súa opinión, ofrece unha lectura radical da experiencia republicana do ensino en Ourense. Así mesmo, volve incluír a introdución autorial na que alude á xestación deste traballo, ás hipóteses formuladas, aos contidos abordados e ás diferenzas existentes en relación á primeira edición. O estudo propiamente dito dividase nos seguintes apartados: “Aspectos xerais da ideoloxía educativa republicana. Incidencia en Ourense”, “A situación do maxisterio ourensán”, “Nova función social. Evolución do movemento pedagóxico de vangarda”, “As asociacións do maxisterio diante da República e da política educativa republicana”, “O proceso de depuración”, “Bibliografía e fontes documentais” e “Anexos”, que nesta nova edición son revisados e ampliados con respecto á primuxencia. A publicación actual engade un novo capítulo sobre a revista *Escuela de Trabajo* (“A revista e os seus redactores”), da Asociación de Traballadores do Ensino de Ourense (ATEO) e un CD que recolle documentos inéditos sobre o tema recuperados de diferentes arquivos. En relación á literatura galega, faise eco da subvención da Deputación concedida ao profesor Manuel García Paz para o estudo das “influencias foklórico-lingüísticas entre o Bierzo e Valdeorras”, mostrando na súa obra –de carácter preferentemente literario– o método natural de socialización dos nenos no medio rural. Tamén apunta que na citada revista, en concreto no apartado “Páxinas de arte”, se acollían materiais de extraordinario valor literario e se nutría da colaboración de escritores como Luís Acuña. Por outra parte, ao falar do mestre Luís Soto Fernández, sinala que propuña unha pedagogía e unha expresión literaria comprometidas coas clases populares, fronte aos versos para xogos florais, aínda que non dubidou en defender o compañero Luís Acuña como un dos novos poetas máis prometedores, situado polo seu estilo na xeración do 27. De feito, apunta que varias das súas colaboracións ían na dirección de explicar a poesía de Acuña, considerado hoxe como un vangardista polo seu libro *Fírgoas* (1933). Tamén fala do seu papel no exilio como líder galeguista e no grupo Brais Pinto, tras o seu breve regreso. Cando atende a figura de Luís Acuña, sinala que a finais de 1933, con Ignacio Herrero, levou a cabo o proxecto máis ambicioso da ATEO dende o punto de vista da práctica educativa: o concurso de contos proletarios para nenos, que non chegaron até nós.

Referencias varias:

Comenta que se vén de reeditar o libro Educación e ideoloxía en Ourense na II República no que se inclúen novas historias e documentación e saliéntase a parte que se lle dedica ao mestre Rafael Alonso.


Conversa na que Xosé Manuel Cid comenta que xa pasaron vinte anos dende a primeira edición deste estudo e comenta que para esta edición fixo unha revisión e ampliación da primeira. Apunta que se inclúe un proxecto educacional que o mestre Rafael Alonso escribiu estando no cárcere.


Indica que o 29 de decembro de 2010 no Pazo dos Ulloa haberá un acto de homenaxe ao mestre Raúl González co gallo da presentación deste volume e indicase que se trata dunha segunda edición.


Edición comentada co gallo do centenario do nacemento de Luís Seoane (Bos Aires, 1910, A Coruña, 1979) que reproduce as setenta e dúas xilografías e os textos en galego da edición príncipe bilingüe de Imágenes de Galicia, que viu a luz en Bos Aires en 1978 en Albino Asociado Editores. No limiar de Ramón Villares subliñase a intención de crear unha nova historia de Galicia, unha expresión gráfica baseada na tradición popular dos contos e lendas orais, na tradición culta dos historiadores e romancistas e nunha concepción popular da historia galega. No texto introdutorio de Miguel Anxo Seixas Seoane, “Fitos, ritos e mitos en Imaces de Galicia”, realizase un percorrido pola historia e os documentos artísticos, con mención especial á presenza dos galegos, para deterse na figura de Seoane e na súa difusión da cultura galega no exilio, as técnicas dos seus gravados e as litografías desta obra, que se poden dividir en tres grupos: natureza, personaxes míticos e xentes sen nome coas súas desgrazas, sentimentos, tradicións e represións. As xilografías están precedidas polo limiar a “Doce Cabezas” (1958), escrito polo propio Luís Seoane. Nas acoutacións ás ilustracións, describese pormenorizadamente o contexto histórico e cultural da cada unha das imaxes, citanse outros gravados ou obras galegas de semellantes características e sinálanse posibles influencias doutros autores. Porén, as acoutacións ás xilografías ofrecen información concreta sobre cada gravado.

Segundo volume d’*O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (París, 1908-1986), no que se fai “unha minuciosa reconstrución fenomenolóxica do proceso de chegar a ser muller” e se realiza “un percorrido por todo o proceso de feminización que viven as mulleres”, tal como se anunciaba no prólogo á primeira parte desta obra, *Os feitos e os mitos*, publicado en galego no ano 2008 e descrito no *Informe de literatura* correspondente. Estruturado en tres partes, na primeira delas achégase á formación da muller na infancia e xuventude e detense na súa iniciación sexual, na que presta atención ao lesbianismo. A seguir, a autora francesa ocúpase da súa situación, de xeito que analiza o matrimonio, a súa función como nai, a vida en sociedade e outros períodos vitais como a madurez e a vellez. Finalmente, na terceira e cuarta parte detense en “xustificacións engañosas máis propias da súa sociedade” e incita á liberación feminina, que, segundo a autora, debe pasar pola autonomía económica e o traballo fóra da casa.

Recensións:


Dá conta da publicación do segundo tomo dun “ensaio fundamental do século XX”, como é o de Simone de Beauvoir que cualifica de “referente fundamental do feminismo e da filosofía actual”. Logo indicar como comeza este ensaio, comma a tradución realizada por Margarita Rodríguez Marcuño, un “labor impagábel e rigoroso” que se poderia cualificar de “verdadeira edición comentada”. A seguir, fala dos logros da tradución de Rodríguez Marcuño entre os que se atopan as mais de cincocentas notas a pé de pàxina, un traballo, en xeral, que consege “trasladarnos á mesa de traballo da autora”.

Referencias varias:


Preséntanse as primeiras entregas literarias do ano. No eido do ensaio citanse *O segundo sexo.II. A experiencia vivida*, de Simone de Beauvoir; e *Cartas de vellos amigos*, de Xosé Neira Vilas.

Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, o segundo tomo d’O segundo sexo. A experiencia vivida, de Simone de Beauvoir.


Volume centrado na historia comparada das literaturas ibéricas, grazas ao labor de Darío Villanueva e Fernando Cabo Aseguinolaza e baixo os auspicios do Comité Coordinador para a Historia Comparada das Literaturas en Linguas Europeas da Asociación Internacional de Literatura Comparada. Estruturado ao redor de cinco seccións, recolle artigos que atinxen ao espazo ibérico como punto basal dende o que diferentes estudosos examinan as diferentes concepcións do literario e as diferentes metodoloxías históricas. Cada unha delas está baixo a responsabilidade dun coordinador ou coordinadora que axuda á configuración do esbozo dun mapa literario dende unha perspectiva descentralizadora. A primeira sección, coordinada por Fernando Cabo Aseguinolaza e César Domínguez, encargados tamén dos estudos, comprende dous artigos: “The European Horizon of Peninsular Literary Historiographical Discourses”, de Cabo repasa o discurso historiográfico das literatuas do marco ibérico dende o século XVII; e “Historiography and the Geo-Literary Imaginary. The Iberian Peninsula: Between Lebensraum and espace vécu”, de Domínguez, estuda a pertinencia da delimitación espacial no estudo das literaturas do marco ibérico. A segunda sección está coordinada por Sharon Feldman e abrange dúas subseccións sobre as proxeccións identitarias e enclaves culturais, introducidas por unha reflexión da súa autoría, na que considera a Península Ibérica como un espazo literario, a partir da noción homónima de Maurice Blanchot en 1955. De proxeccións identitarias tratan os artigos de Thomas Harrington, Laura Cavalcante Padilha e Luís Fernández Cifuentes, que contemplan a identidade de España e Portugal dende un marco xeral. A outra subsección xira ao redor de situacións máis específicas dentro da Península por medio dos contributos de Michael Ugarte, Jon Kortazar, Dominic Keown e Jordi Larios, Anxo Tarrío Varela, Inócencia Mata, Lee Fontanella, Bertrand Westphal e Ana Salgueiro Rodrigues, que exploran as nacionalidades históricas españolas das comunidades do País Vasco, Cataluña e Galicia, ademais de Portugal e o espazo español. A terceira sección, coordinada por Ángel López García, consta de nove artigos introducidos por unha reflexión súa sobre o multilingüismo e a literatura na Península Ibérica. Os estudos, asinados por Roger Wright, María Ángeles Gallego, Mariano Gómez-Aranda, José María Estellés González e F. Jorge Pérez y Durá, Graça Videira Lopes, Ángel Marcos de Dios, Vicent Salvador e Fernando Romo Feito, afondan no eido da lingüística comparativa, como o espazo e metaespazo interlingüísticos ou algúns tipos de diglosia literaria. A cuarta sección, coordinada por Paloma Díaz-Mas, abrange seis artigos introducidos pola súa reflexión sobre as dimensións da oralidade, asinados por Samuel G. Armistead, Margit Frenk, José Luis Forneiro, José Manuel Pedrosa e Luis Díaz G. Viana. A derradeira sección do volume, coordinada por Fernando Gómez Redondo, inclúe sete artigos precedidos de dúas reflexións da súa autoría. Esta sección acolle os traballos de Tobias Brandenberger, Víctor de Lama de la Cruz, Raquel Bello Vázquez, Leonardo Romero Tobar, José-Carlos Mainer e Randolph D. Pope.
De especial interese por abordar o espazo literario galego son os seguintes traballos:


Anxo Tarrio analiza dende un punto de vista xeográfico-espacial a representación literaria das paisaxes de diversos puntos da xeografía galega e a súa parte constitutínte nos centros de produción cultural, tendo en conta as épocas do Prerrexurdimento, Rexurdimento e da Época Nós.


Reflexión acerca da lingua galego-portuguesa no marco ibérico, atendendo á poesía, á lírica profana, á prosa e aducindo como exemplo as Cantigas de Santa María.


Ofrece unha serie de exemplos de transferencia lingüística entre o castelán, o portugués e o galego nas zonas de León, Asturias e Zamora co obxectivo de ilustrar o intercambio da narrativa malia a existencia de limites lingüísticos.


séptimo, O séptimo capítulo, “A cultura galega en Bos Aires: pasado e presente”, e o oitavo, “Os galegos na cultura arxentina: perfís”, que abranguen os seguintes traballos:


Analiza a presenza de persoeiros galegos na literatura canónica arxentina.


Comenta o caso dos emigrantes galegos no xénero menor crioulo da literatura arxentina entre 1890 e 1910.


Trata o caso da visión galega da produción literaria de Julio Cortázar.


Salienta a defensa da presenza de Galicia e da súa cultura por parte do xornal El Correo Español (1872-1905) en Bos Aires.


Destaca o mecenado das décadas dos corenta e sesenta do século XX producido na cultura galega na Arxentina e o caso da Historia de Galiza de Otero Pedrayo e o que iso supuxo para este mecenado. Salienta o labor de Manuel Puente para a consecución dese volume, entre 1947 e 1962.


Estuda a figura de Castelao e o seu galeguismo na sociedade arxentina.


Comenta a iniciativa cultural da Fundación Xeito Novo de Cultura Gallega na Arxentina, encargada de estudar e recrear a música galega.

Dá conta do seu labor de promoción da cultura galega en liña na Arxentina a través de tres blogs grafados en galego, o blogomillo.


Analiza a transmisión da cultura galega aos emigrantes da segunda a terceira xeración na Arxentina.


Comenta a difusión da cultura galega dende o eido universitario até o asociacionismo étnico.


Achega unha descripción da vida e produción artística de Luís Seoane até 1954.


Comenta as achegas de Luís Seoane ao campo cultural porteño, centrándose no seu Homenaje a la Torre de Hércules (1944) e na revista Correo Literario (1943-1945).


Biografía novelada de Ramón Gómez de la Serna (Madrid, 1888-Bos Aires 1963) na que presenta, co seu estilo e xeito de ver a vida, á revolucionaria artista galega, a cal formou parte dos movementos de vangarda xunto a Federico García Lorca, Rafel Alberti, Luis Buñuel ou Salvador Dalí e mantivo estreitos lazos de amizade con Ortega e Gasset, María Zambrano ou Pablo Neruda. Gómez da Serna retrata esta muller, próxima ao expresionismo, pouco valorada pola súa ousada pintura e por ser unha adiantada ao seu tempo, defensora da muller e cunha vida intesa e transgresora que discorre dende os seus comezos na Escola de Belas Artes de Madrid, a súa relación coa Revista de Occidente, a súa viaxe a París e a súa volta a España, que trouxo un xiro radical ao seu estilo pictórico e, de novo, a súa viaxe a Arxentina. A través destas páxinas dáse conta das diferentes facetas desta muller e a evolución da súa obra que vai dende as súas “Naturalezas” e as seus “Verbenas y Estampas”, até a súa etapa máis desgarradora e tremendista, as súas pinturas expresionistas, aquelas nas que mostra o seu interese polas matemáticas e a xeometría para chegar aos seus peculiares retratos. A obra contén fotografías que reproducen obras da propia artista a toda páxina, fundamentalmente “Naturalezas” expresionistas e retratos.
Referencias varias:


Coméntase que as biografías literarias de Ramón Gómez de la Serna, coñecido maioritariamente como autor das greguerías, non son biografías habituais. Afírmase que a editorial Trifolium, de Oleiros, marcou como obxectivo principal recuperar textos descatalogados, razón pola que publican as biografías de Maruja Mallo, Emilia Pardo Bazán e Ramón de Valle-Inclán. Sinálanse, ademais, as grandes dificultades na tradución ao galego destas obras, por estarem inseridas nun marco literario moi orixinal e polo estilo de Gómez de la Serna, que dificultou a tarefa.


Volume que recupera once artigos longos de Antonio López Ferreiro (Santiago de Compostela, 1837-Vedra, 1910), dez dos cales nunca foran recompilados en libro tras a súa publicación en diferentes revistas. Xosé Ramón Fandiño Veiga aborda na introdución un retrato biográfico do cóengo compostelán, ademais de deteirse nas súas facetas de historiador e novelista en lingua galega. A seguir aparecen os once traballos, nos que López Ferreiro dá mostras da súa erudición e ocúpase, entre outros temas, das orixes do mosteiro de San Paio de Antealtares e da lenda do Pico Sacro, formula hipóteses sobre a interpretación das inscricións da Colexiata do Sar, glosa a figura do arcebispo Suero Gómez de Toledo, para en pormenores do *Códice Calixtino* e describe o achado do altar de Santiago Apóstolo no que el mesmo participou. O volume inclúe tamén un apéndice composto por catro semblanzas dedicadas a López Ferreiro por coetáneos seus.

**Recensións:**

- José Miguel A. Giráldez, “Alvarellos y el Consorcio de Santiago celebran el centenario de Antonio López Ferreiro con una edición de su obra breve dispersa y olvidada”, *El Correo Gallego*, “Cultura”, 28 marzo 2010, p. 64.

Gaba o labor recuperador da literatura galega que está a realizar a Editorial Alvarellos e faise eco da publicación, en colaboración co Consorcio de Santiago, do volume *Apuntes históricos de Santiago. Obra dispersa y olvidada, 1868-1903* para celebrar o centenario de Antonio López Ferreiro. Indica que no prólogo, o responsábel da edición, José Ramón Fandiño, percorre o labor do historiador, eclesiástico e narrador, tras o cal se recollen once traballos dispersos que conforman un libro “oportuno y de excelente factura”.

Comeza salientando o moito que queda por facer na recuperación, redescubrimento e revaloración de certas figuras do pasado e nesta liña sitúa o volume *Apuntes históricos de Santiago. Obra dispersa y olvidada, 1868-1903* que edita Alvarelos Editora e que vai precedido dun estudo introdutorio de Xosé Ramón Fandiño Veiga. Comenta que o traballo reúne once artigos longos nunca antes recollidos en volume e espallados por revistas de difícil acceso, de gran valor para coñecer o pasado de Compostela e de Galicia. Destaca sobre os demais o artigo que se ocupa do relato sobre a historia do altar de Santiago, pois foi López Ferreiro o arqueólogo que en 1870 coordinou os labores de escavación que localizaron o sepulcro do Apóstolo. Conclúe que se trata dunha contribución decisiva para o coñecemento integral dos clásicos galegos.


Despois dos agradecementos o autor recolle na introdución información sobre a vida, obra e ideoloxía do poeta José Ángel Valente do Casar (Ourense, 1929-2000). A obra, escrita en castelán, analiza en catro capítulos o pensamento da obra do poeta. O capítulo “Intertextos / intertiempos ontológicos en la poesía de José Ángel Valente” está precedido por tres citas: do propio José Ángel Valente, de María Zambrano e de Philip Silver. O autor pretende aplicar a análise das intertextualidades místicas como modelo poético-ontolóxico á obra do poeta tendo en conta os principais conceptos e autores da mística, do debate entre modernidade e postmodernidade e a intertextualidade. Valente pretende usar o poético como depuración persoal dunha frustración vital ante a realidade, o que implica un maior acercamento ao místico a partir dos anos setenta, evolucionando dende o realismo social até a “autorreferencialidade” e logrando unha axoitada representación humana na súa poesía. No capítulo “El ensayo de Valente: El centrifugado de intertiempos místicos” analízanse os ensaios de Valente dende as tres tradicións místico-esotéricas máis influentes na cultura hispana: A cábala xudaica, o sufismo islámico e o catolicismo. Destaca o influxo da filósofa andaluza María Zambrano e as súas ideas en canto á mística, modernidade e posmodernidade. Expícanse os conceptos máis importantes tomados por Valente da cábala xudaica, como por exemplo, o inmanente e o transcendente, a aniquilación da individualidade e a reconciliación entre o infinito ser e a nada, a busca da pura substancia do poema, o valor da letra e a palabra como fontes primarias para definir o ser. A continuación, enuméranse as nocions máis salientábeis do sufismo islámico e a súa influencia en Valente: sede de transcendencia humana, a palabra como creadora de novas realidades, a importancia da simboloxía, a percepción do tempo, o sensorial. En canto ao cristianismo este converxe cos dois anteriores en rescatar a orixe do ser dende a palabra. O home trata de achegarse á divinidad que proyecta o transcendente e o inmanente, a exaltación da alma e a do corpo como manifestación do ser creado pola divinidad. A continuación citas de María Zambrano, José Lezama Lima e do propio Valente preceden o capítulo “Un viaje centripeto del yo: hacia el punto cero del origen, de la creación y del destino”. Neste capítulo trátase a evolución da obra de Valente.
entre a modernidade (1950) e a posmodernidade (1990). Na súa obra o ser depúrase cunha catarse no punto cero o centro e todas as ideas están interconectadas até lograr o devandito punto, logrando plasmar a natureza do ser na literatura que enlaza poesía e vida. Despois dunha breve introducción analízanse poemas concretos e a evolución da ideoloxía do autor neles. No inicio do capítulo “Poéticas del silencio sonoro de la palabra: Hacia el punto cero del ser, del tiempo, del espacio, de la palabra” atópase tamén unha cita de María Zambrano e outra do propio Valente. No comezo do capítulo coméntase o tema central: o suxeito oscilando entre o tempo e o espazo, xunto coas diversas influencias na obra de Valente, o que dará paso a comentar exemplos en poemas concretos do autor. A continuación nas sete páxinas de conclusións o autor volve a definir dun xeito xenérico, a ideoloxía da poesía de Valente, a súa evolución e influencias e simboloxía. O remate da obra recolle unha completa listaxe bibliográfica das obras manexadas.


Belén Martín Lucas sinala na introdución que este volume recolle os resultados do proxecto de investigación “Violencias “invisibles”: intervenciones feministas frente a la violencia estructural y simbólica en la cultura patriarcal”, subvencionado pola Cátedra Caixanova de Estudos Feministas da Universidade de Vigo. Despois de explicar en que consistía ese proxecto, afirma que se pretende “ofrecer aquí una aproximación novedosa al análisis de la violencia simbólica en las sociedades contemporáneas, estudiando diversas formas de expresión cultural, que incluyen las artes plásticas, el cine o la literatura, pero también formas más populares –y por lo tanto, también más influyentes en sectores amplios de la sociedad– como la prensa escrita, la publicidad o los vídeos musicales”. A seguir, a editora anuncia brevemente os contidos e a autoría dos traballos que se poden atopar neste volume: “La violencia de la representación y la representación de la violencia”, de María do Mar Castro Varela y Nikita Dhawan; “Género y ciudadanía en la europa del siglo XXI. La ciudadanía en el contexto global”, de Alba de Béjar Muños; “La madre patria: de las metáforas nacionalistas a la violación como crimen de guerra”, de Belén Martín Lucas; “Extranjera en su patria. El desierto de las escritoras gallegas”, de María Reimóndez; “La otra violencia de los medios de comunicación: una aproximación a la construcción discursiva de las relaciones de género”, de Olga Castro Vázquez; “Oscuras objetos de deseo: construcciones culturales del cuerpo femenino negro en el discurso publicitario”, de Ana Bringas López; “Representaciones femeninas en los videos musicales de rap estadounidense: hipervisibilidad e hipërsexualización de los cuerpos de mujer”, de Jeannette Bello Mota; “La violencia sexuales en los cómics. ¿Quién salvará el mundo?”, de Andrea Ruthven; “Violencia (in)visible: posiciones discursivas de las mujeres en el cine. Vera Drake: Madre. Esposa. Asesina”, de E. Guillermo Iglesias Díaz, e, finalmente, “Representar la violencia/violentar la representación: cuerpos (in)visibles en la obra de artistas irlandesas contemporáneas”, de Aida Rosende Pérez. Malia algún destes traballos aludir minimamente á literatura galega (caso, por exemplo, da achega de Belén Martín Lucas), só o seguinte se ocupa por completo do sistema literario galego:

María Reimóndez (Lugo, 1975) comeza a súa achega co poema “Estranxeira n’a súa patria”, de Rosalía de Castro. A seguir, baixo o epígrafe “De violencias e extranjerías” continúa afirmando que a literatura é “un lugar preferente de estudio de los feminismos”, mais que “las escritoras, y las mujeres en general, han sido construidas como las otras, las que no corresponden a este lugar, las extranjerías”. Reimóndez segue poñendo en relación o concepto de “estranxeiría” e o de “desterro simbólico” coas mulleres escritoras, concretamente coas pertencentes ao sistema literario galego no que reivindica a necesidade de estudar de forma sistemática como violencia estrutural “la combinación de la crítica con la imagen fomentada en los medios”. A autora cualifica a Rosalía de Castro como “extranjería por excelencia” e, baixo o epígrafe “Rosalía de Castro, la extranjera” dá conta do proceso, das razóns e fundamentalmente da maneira en que a autora de Padrón “acabe convirtiéndose en el eje central de un sistema literario y un proyecto nacional patriarcal”. Baixo o epígrafe “La extranjería continúa: la rebeldía también”, Reimóndez dá un salto á actualidade para dar conta da situación das mulleres escritoras hoxe en día e lembra que a crítica non feminista recibe os textos escritos por mulleres e os desterra ás marxes. Tamén achega exemplos da crítica galega a escritoras actuais de diversos xéneros nos que mesmo o insulto directo está presente. Finaliza lembrando que “la expulsión simbólica de las autoras constituye una forma de violencia contra las mujeres en el espacio público” e que “para poder romper con esta situación lo primero es visibilizarla, haciendo una lectura sistemática de las reseñas de libros desde un punto de vista crítico feminista y promover el uso de este marco para todos los libros”.

Recensións:


Despois de comentar como se asume a violencia contra as mulleres na sociedade actual sinálase que Violencias (in)visibles é “un lúcido e incisivo intento por adentrarse nas bases ideolóxicas da violencia contra as mulleres”. Carme Adán indica quen son as responsábeis deste ensaio e comenta o seu obxectivo fundamental. A seguir, detense no contido de cada unha das achegas para rematar subliñando que se trata dunha “ferramenta útil para facer visíbel as prácticas culturais de asignación de significados e roles sociais”.


As editoras recollan neste volume vinte e un artigos asinados por recoñecidos escritores, editores e críticos galegos e irlandeses tratando de tender unha ponte entre estas dúas culturas tan próximas. Comeza cun prólogo asinado por Luz Pozo Garza, seguido dun artigo das editoras da obra titulado “Writers, Publishers, and Critics in Galicia and Ireland: an entente cordiale?”, onde explican a súa intención de ofrecer unha pluralidade de perspectivas ante o proceso de cambio cultural que sitúa as voces


Destaca as achegas realizadas por mulleres ao mundo da poesía nos últimos anos matizando que a súa proliferación na década dos noventa supuxo o comezo dun fenómeno cultural. Tamén suxire a necesidade de facer uso das novas plataformas editoriais para resolver problemas de distribución e mercadotecnia.

A segunda parte deste capítulo, “The Criticism of Poetry: Mediating Voices”, baséase na crítica poética e recolle:


Identifica varios problemas na crítica feminista galega como a relación existente entre feminismo e discursos nacionais ou os procesos de lexitimización académica. Fai unha selección de estilos críticos e de estratexias que evitarán fixar identidades femininas e que consolidarán un papel destacado na literatura.


Afirma que as mulleres escritoras adoitan ser un terreo estraño para os editores e sostén que a crítica feminista pode achegar unha visión máis ampla que a ofrecida dende unha perspectiva patriarcal ao tempo que sinala todo un mapa de zonas sen explorar na escrita e na crítica realizada por mulleres.

O segundo capítulo, “Fiction”, subdivídese en dúas partes. Comeza con “Women Narrative Writers in Print: Facts and Fictions”, focalizada na edición de textos narrativos na que interveñen:


Reflexiona sobre o papel dos editores na incorporación da muller ao campo da narrativa. Facendo un percorrido polo panorama editorial dos últimos anos, dá conta das diferenzas de visibilidade existentes entre homes e mulleres e fai un chamamento á responsabilidade das editoriais ante o evidente aumento de voces narrativas femininas.

Continúa co debate sobre o papel dos editores no campo da narrativa escrita por mulleres manifestando que xa está consolidada pese a que, na súa opinión, os editores non xogaron un papel substancial na súa emerxencia. Cuestiona a imposición de etiquetas como “literatura de mulleres” e pensa que a visibilidade destas autoras hoxe en día débese exclusivamente aos seus propios méritos como escritoras.

A segunda subdivisión leva o título de “Criticism: Rhetoric Matters” e reúne as voces de:


Pensa que a narrativa feminina contemporánea recibiu unha escasa atención por parte da crítica e sinala a dificultade de acomodarse nun sistema literario centrado no vínculo entre a cultura galega e o lirismo. Opina que a crítica actual depende de criterios históricos que immobilizan o avance e a visibilidade deste xénero.


Recorda o valor dunha iniciativa editorial dirixida a promover a narrativa feminina: a antoloxía Narradoras (2000) que, ademais de recoller textos das distintas xeracións de escritoras, inclúe as principais voces narrativas do panorama actual.

A terceira parte do libro, “Part III: Drama”, ofrece un primeiro apartado dedicado á produción dramática, “Women Playwrights on the Stag”, que conta cos seguintes artigos:


Baseándose na súa experiencia persoal e nos textos teóricos, Cristina Domínguez repasa as implicacións que supón a creación teatral en Galicia. Afirma que é necesario considerar as características contextuais que afectan á profesión como poden ser a existencia dunha lingua minoritaria ou o conflito de identidade.


A autora revela algunhas das técnicas de composición empregadas na súa experiencia como dramaturga, destacando a necesidade de derrubar os estereotipos masculinos dominantes e os tópicos ou modelos considerados como femininos.

O segundo apartado deste capítulo, “Women Playwrights and Criticism: Negotiating an Oxymoron”, céntrase na crítica teatral cos artigos de:


Comenta a escasa presenza de mulleres tanto en postos relevantes do panorama teatral galego, coma na dirección ou creación dramática, facendo fincapé na pouca atención prestada por parte da crítica. Analiza o labor realizado por algunhas dramaturgas...
galegas e distingue dous tipos de carreira: a de dramaturgas que exploran simultaneamente outros xéneros e a daquelas que escriben teatro despois de ser coñecidas polo seu traballo noutros campos literarios.

Tamén descrito no apartado VII.5.1 Literatura Infantil e Xuvenil deste Informe.

**Recensións:**


Opina que o sistema literario galego precisaba dunha obra como *Creation, Publishing and Criticism. The Advance of Women’s writing*, baixo a tutela de María Xesús Nogueira, Laura Lojo e Manuela Palacios, que afonda na escrita de autoras galegas “abarcando diferentes xéneros literarios” e comparándoa coa literatura irlandesa. Ademais de dar detalle dalgúns dos obxectivos deste volume, dedica especial atención aos trabajos de Rábade, Miguélez e Pascual. Do ámbito irlandés, salienta o traballo de Gilsenan. Por outro lado, explica por que considera que a multiperspectividade do volume é, ao mesmo tempo, “un dos máximos acertos e un dos maiores problemas da obra”. Para rematar, apunta que lle sorprende a escasa atención que se lle outorga á literatura infantil e xuvenil e sinala que este esquecemento “non é casual” e vén propiciado pola consideración da LIX como “producto literario de segunda orde” e a consolidación “até hai ben pouco” da crítica da LIX en Galicia.


Volume que recolle dous artigos redactados en castelán por Vicente Risco (Ourense, 1884-1963) no xornal ourensán *La Región* co gallo das Festas do Corpus de Ourense dos anos 1954 e 1956 e que se reeditan en 2010 con motivo do centenario de *La Región*. Esta edición conta coa reprodución dos debuxos orixinais do propio Risco e mais cunha “Introdución”, datada nas “Festas de Ourense 2010”, na que se sitúan estes dous textos e onde se refire a relación de Risco con *La Región*. O primeiro texto leva por título “El Orense de principios de siglos”, publicado o 29 de xuño de 1956, e nel Risco describe os señores “ben” de Ourense, as súas criadas, os gardas municipais e os tolos ourensáns daquela altura. No segundo, que leva por título “La Alameda en Corpus” e que se publicou o 17 de xuño de 1954, comenta as Festas do Corpus de Ourense de comezos do século XX, o que se comía, as barracas, os xogos, o teatro, as tómbolas, etc.


Recompilación de oitenta e oito artigos literarios de José Antonio Ponte-Far (Negreira, A Coruña, 1948) publicados entre a segunda metade do ano 2005 e o verán de 2009 no suplemento “Culturas” do xornal *La Voz de Galicia*, que é continuación de *Viéndolas pasar* (2005). O volume comeza cun prólogo de Luis Ventoso no que se presenta a
figura do autor e a súa capacidade para, tomando como punto de referencia o cotián, tocar todos os temas actuais que preocupan os cidadáns. Os artigos aparecen estruturados en catro partes, en función da temática tratada. A primeira, baixo o título “Mi pueblo y mi ciudad”, comprende vinte e nove artigos e xira ao redor de Ferrol, cidade na que vive o escritor, e Negreira, a súa localidade natal. A segunda, “Literatura y enseñanza”, con trinta artigos, céntrase no mundo profesional do escritor, cargando as tintas sobre dous eixos fundamentais: por unha banda, os problemas no ensino e, por outra, a literatura. Na terceira parte, “Lo que pasa en la calle y en el ánimo”, con outros vinte e nove artigos, aborda cuestións do día a día, aquelas cousas que suceden na rúa. Por último, na cuarta e máis curta con catro artigos, titulada “En recuerdo del amigo”, homenaxea o poeta Xosé María López Ardeiro, amigo e compañeiro da infancia, relatando vivencias de toda unha vida en común. A extensión de cada artigo é uniforme, xa que están cinguidos á lonxitude de artigos de opinión xornalísticos.

Referencias varias:


Dáse conta da presentación desta recompilación, que tivo lugar na Casa da Cultura de Negreira. Expícase que nela se recollen oitenta e oito artigos aparecidos entre 2005 e 2009 no suplemento “Culturas” do xornal La Voz de Galicia. Apúntase que José Antonio Ponte Far escribe sobre temas actuais da sociedade española e, en particular, da galega.

Tamén está descrito nos apartados I.4 Narrativa, II.4 Poesía, III.4 Teatro, VIII.3 Literatura de transmisión oral e XI.5 Literatura medieval deste Informe.

Recensións:


Sinala que até o de agora non hai máis ca trinta e sete libros galegos traducidos ao inglés e que a política cultural cara ao mundo anglofóno continúa a ser unha tarefa pendente, polo que a recente publicación de Antology of Galician Literature (1196-1981), de Jonathan Dunne, pretende dar un paso neste sentido. Comenta que é a primeira vez que se reúne unha selección bilingüe da historia literaria galega como ferramenta de divulgación en língua inglesa e que, despois de trece anos de traballo, Dunne –que traduciu trinta e un dos cincuenta e cinco textos– nos propón todo un canon
da literatura galega (1196-1981) elaborado con criterios máis democráticos do que é o habitual. Considera reducida a presenza de autoras e apunta que sería importante que as estratexias de tradución empregadas fosen analizadas por especialistas, xa que parece existir unha tendencia a neutralizar o texto de partida. Por outra parte, refírese a aspectos paratradutivos e pregúntase polas razóns que xustifican a ausencia dunha proxección mediática máis potente para lanzar esta publicación, da que tampouco convence a tradución inglesa da carta dos editores Manuel Bragado e Víctor Freixanes.


Refírese á Anthology of Galician Literature (1196-1981), feita por Jonathan Dunne, deténdose no afirmado no prólogo, onde se di que a obra vai dirixida a especialistas “editores, críticos, tradutores e axentes literarios”. Con todo, opinase que a antoloxía non é unha obra para un público especialista británico, pois do contrario, sobraría a versión galega dos textos. Repárase tamén en que a ausencia de comentarios ou anotacións bibliográficas dificulta o labor dos especialistas. Asemade, indícase que as traducións son “valiosísimas”, do mesmo xeito que destaca outras “mans” que se ocuparon deste labor. Defíñese a obra como unha proposta de canon “moi tradicional, masculino e nacionalista” e faise especial fincapé no feito de que se poña o límite en 1981. Para finalizar, reflexiónase sobre o financiamento da Xunta de Galicia do que gozou este proxecto.


Recomenda a antoloxía bilingüe (galego-inglés) do tradutor Jonathan Dunne, Anthology of Galician Literature, editada conxuntamente por Galaxia e Edicións Xerais. Destaca o gran labor de coordinación entre tradutores e antólogos para levar adiante o proxecto, que recolle textos de todos os xéneros literarios nun periodo que de 1196 a 1981, ano da aprobación do Estatuto de Autonomía galego, e que supón un percorrido literario polas grandes voces da literatura galega de todos os tempos.


Comeza mencionando a importante edición en 1949 de Poesía inglesa e francesa, de Plácido Castro, Delgado Gurriarán e Lois Tobio pola Federación de Sociedades Galegas da Arxentina e salientando o novo reto do século XXI de acerar a cultura galega aos circuitos literarios mundiais. Neste sentido, destaca o labor que están a facer distintas universidades europeas como é o caso das alemás Trier e Kiel coas antoloxías poéticas 20 Gedichte aus Galicien e Ein rosenfeuer, das uns verstört, 4 dichter aus galicien. Finalmente refírese á publicación de Anthology of Galician Literature, de Jonathan Dunne, afirmando “que vai ser de referencia obrigada”.

Referencias variás:

- Iago Martínez, “Manuel Rivas fala a través de min”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 4 febreiro 2010, p. 36.
Informa da presentación da versión inglesa d’Os libros arden mal (2006) a cargo do tradutor inglés de Manuel Rivas, Jonathan Dunne. Sinala que, dende a edición en 2001 de The Charpenter’s Pencil, todas as versiões inglesas da producción de Rivas pasan polas súas mans. Tamén comenta que Dunne está a ultimar unha escolma que as editoriais Xerais e Galaxia sacarán á luz en edición bilingüe no mes de abril, unha antoloxía da literatura galega dende 1196 até 1980 e que será o número trinta e cinco dos títulos galegos traducidos á lingua inglesa.


Indica que a maioría dos textos incluídos na Anthology of Galician Literature pertencen ao século XXI –31 frente a 24 da época medieval, dos séculos XVI-XVIII e do Rexurdimento– e que pertencen á literatura oral, ensaio, poesía, ficción e teatro. Explica como se xestou o traballo, no que contou coa axuda de escritores e especialistas galegos, así como de tradutores que nestes momentos estaban a traballar no eido da tradución galego-inglés. Comenta que con este libro estamos nas portas da literatura galega contemporánea e que agarda que sexa posible sacar un segundo volume, unha antoloxía dedicada aos anos 1981-2011, que sería de moita utilidade para os editores estranxeiros interesados en publicaren autores galegos.


Tras comentar a importancia que ten a publicación, por parte da editora londinense Francis Boutle da antoloxía Breogan’s Lighthouse, refírese a outra que publican Xerais e Galaxia cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne e que leva por título Anthology of Galician Literature. Salienta que nela se inclúen textos de cincuenta e cinco autores galegos dende 1196 até 1981 que foron escollidos por outros autores e autoras galegos.


Anúnciase que xa está lista a antoloxía que publican Xerais e Galaxia, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne e que leva por título Anthology of Galician Literature 1196-1981. Destaca que nela se ofrece un percorrido por oito séculos de literatura galega coa participación dun total de cento vinte e catro persoas, entre antólogos, tradutores e autores. Alude á importancia da obra para o coñecemento da literatura galega dende as súas orixes e valora que fosen autores galegos os que escollesen os textos. Por último, afirma que un elemento primordial para o coordinador do proxecto é que as traducións están feitas por anglofonos.


Con respecto á Anthology of Galician Literature 1196-1981, realizada polo tradutor británico Jonathan Dunne, considera que se trata da primeira escolma da literatura galega en lingua inglesa que ofrece un amplo percorrido por todos os xéneros e autores.
dende 1196 até 1981. Comenta que o proxecto comezou en 1997 e que contou coa colaboración de cincuenta e cinco antólogos, escritores e especialistas galegos, e indica que o mesmo Dunne suxeriu a posibilidade de emprender a realización dun novo volume centrado na etapa contemporánea, dende 1981 até o 2011. Por último refírese á necesidade de promocionar a cultura galega no ámbito anglofóno.


Céntrase na aparición da primeira antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-inglés, *Anthology of Galician Literature*, salientando que nela se reúnen oito séculos de produción poética, narrativa e ensaística e que ademais conta con un epígrafe para a literatura de tradición oral. Indica que cincuenta e cinco escolmadores foron os encargados de reunir textos de corenta e catro autores e seis anónimos que se encadran cronolóxicamente entre 1196 e 1981 e que xa está en preparación un segundo volume que inclúe produción até 2011.


Coméntase a presentación en Santiago de Compostela da primeira antoloxía da literatura galega en edición galego-inglés, realizada por Jonathan Dunne e presentada conxuntamente pola Editorial Galaxia e Edicións Xerais de Galicia. Indícase o contido da obra e destácase a intención de distribuír máis de tres mil exemplares por centros especializados, universidades e bibliotecas. Recólense as palabras de Manuel Bragado e Víctor Freixanes sublinhando a importancia deste feito.


Indícase que da primeira antoloxía de literatura galega en edición bilingüe inglés-galego, *Anthology of Galician Literature*, se distribuíron arredor de tres mil exemplares por centros de estudios galegos de todo o mundo e por universidades con estudios de Hispánicas ou de Lusofonía, principais medios de comunicación especializados ou con atención á literatura e tamén entre as máis destacadas feiras do libro internacionais. Fálase tamén sobre o proceso de elaboración da obra por parte do seu autor, Jonathan Dunne, e da preparación dun segundo volume que será publicado en 2012.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, tanto novidades coma obras recentes. Esta semana seleccionanse, entre outras, esta antoloxía de Jonathan Dunne, que abrange o período entre a Idade Media e o ano 1981 (data de aprobación do Estatuto de Autonomía de Galicia); *Todo ben*, de Manuel Rivas; e *Atrapado na torre* (2009), de Xoán Babarro e Ana María Fernández.

Dá conta da publicación conxunta entre Edicións Xerais e Galaxia da antoloxía bilingüe *Anthology of Galician Literature*, de Jonathan Dunne, que presenta textos de máis de corenta escritores galegos, escolmados por expertos literarios de recoñecido prestixio e traducidos por vinte e dous especialistas. Sinala ter lido que esta publicación vai ser enviada a centros de estudo galegos de todo o mundo e salienta o acerto da obra de dar a coñecer a cultura de Galicia alén das súas fronteiras. Recomendando de novo este labor de espallamento, remata anunciando a recente edición de *Ein rosenfeuer, das uns verstört. 4 dichter aus galicien*, traballo realizado polo profesor Javier Gómez-Montero na universidade alemá de Kiel.


Describese o desenvolvemento dunha reunión de tradutores e escritores en Astorga, na que se falou tamén da aparición da *Antoloxía da literatura galega* en edición bilingüe galego-inglés e da importancia deste feito para a proxección internacional da literatura galega.


Sinala a presenza de editoriais galegas na feira de Frankfurt e na Liber de Barcelona tratando de combater a crítica situación que afecta a este sector. Destaca a presentación en Frankfurt no mes de outubro da *Antoloxía da Literatura Galega* en galego e inglés, de Jonathan Dunne, considerada unha boa obra para proxectar a literatura galega no estranxeiro.

- Rodri García, “La antología que Galicia llevó a Fráncfort estará en todo el mundo”, *La Voz de Galicia, Cultura*, 12 outubro 2010, p. 45.

Dá conta da presentación na feira do libro de Frankfurt da antoloxía bilingüe en inglés e galego asinada por Jonathan Dunne co título de *Antoloxía da literatura galega*. Comenta que é unha historia da literatura galega até a década dos oitenta que terá unha segunda parte cara ao ano 2012.

Selección da producción literaria do pensador e literato Antón Losada Diéguez (Boborás, Ourense, 1884-Pontevedra, 1929), coordinada por José Antonio Ponche-Far (Negreira, A Coruña, 1948) e ofrecida polo xornal *La Voz de Galicia* aos seus lectores. O libro presenta unha introdución realizada por Teresa Seara, encargada da elección das obras, unha pequena biografía de Losada Diéguez e unha cronoloxía onde se resaltan os momentos claves da súa vida. A continuación, os textos presentanse reunidos baixo dous grandes epígrafes: en primeiro lugar, a obra de creación, onde se recolle parte da súa producción de ficción; e en segundo lugar, a obra de pensamento, moito máis extensa que a anterior, na que se inclúen dezaseis artigos e ensaios escritos en diferentes publicacións galegas, fundamentalmente en revistas como *A Nosa Terra* ou *Nós*. Neles, o autor plasma o seu pensamento político, o agrarismo ou a significación do galeguismo; fala dos problemas do idioma e da cultura no rexionalismo galego –como na conferencia pronunciada en Santiago en xullo de 1918 dentro da Semana Rexionalista; leva a cabo pequenas homenaxes como as dedicadas a Terencio Mac Swiney, Manuel Murguía ou Avelina Valladares; e mesmo propón un manifesto que pensaba presentar na asemblea das Irmandades da Fala no ano 1921, titulado “Proxecto de manifiesto nacionalista”. O libro complétase con dúas pequenas bibliografías, unha relativa ás obras elixidas para esta edición e a outra sobre o propio Losada Diéguez.

Tamén está descrito nos apartados I. 4 Narrativa, II.4. Poesía e III. 4 Teatro deste *Informe*.


Volume coordinado por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) e integrado nunha colección subvencionada pola Xunta de Galicia que se inicia cunha introdución a cargo da autora da escolma de textos e comentarios, Áurea Ramil Díaz, na que se realiza unha breve análise da escrita de Ánxel Fole (Lugo, 1903-1986), á que seguen datos biográficos e unha cronoloxía que recolle as datas máis emblemáticas do autor. A seguir reproducense os textos escolmados, pertencentes a d’*O galego e a defensa da língoa*: “Día a día. Eufonía do galego”, no que se dá conta de múltiples verbas con engado; e “Tertulia del sábado. Falade galego”, onde dous interlocutores reflexionan sobre o incremento do emprego do galego en moi diferentes ámbitos e contextos. Para cerrar o volume, aparece unha “Bibliografía” e unha “Bibliografía sobre Ánxel Fole”, con obras dos principais estudiosos da súa producción.

Tamén está descrito nos apartados I. 4 Narrativa e II.4. Poesía deste *Informe*.
Volume que se inicia cunha introdución de Áurea Ramil Díaz, na que se destaca a Eduardo Blanco Amor (Ourense, 1897-Vigo, 1979) como un escritor poliédrico, poeta, xornalista, dramaturgo e narrador. Ramil inclúe o como poeta dentro da xeración do 25, mentres que como narrador o considera unha corrente próxima á xeacións máis modernas, como é a Nova Narrativa galega. Destaca asemade o seu compromiso co galeguismo e coa sociedade que o rodeou. Prosegue o volume cunha breve biografía do autor e unha cronoloxía das súas publicacións e traballo máis salientábeis. Os textos escoñidos son de diferente fasquía: textos xornalísticos, poéticos, narrativos e dramáticos. Reproducense dous textos xornalísticos extraídos da obra de X. M. Maciá Fernández, *Literatura na diáspora bonairense: o artigo “Nós”, aparecido en Terra o vinte e cinco de xullo de 1923, e “Verbas nunha efemérides”, publicado o vinte e cinco de decembro de 1932. O volume péchase cunha biografía do autor e sobre o autor.


Volume que se inicia cunha introdución de Mª Eva Ocampo Vigo, quen destaca a Manuel Murguía como o primeiro historiador en ofrecer unha Historia de Galicia formulada cun criterio abertamente rexionalista e apoíada no mito do celtismo, que colaborou na creación dunha conciencia de que Galicia é un pobo con unha lingua, uns costumes e conha historia de seu. É considerado o máis importante promotor do rexurdimento literario en 1905, destacado tamén por ser o organizador, a instancias de Manuel Curros Enríquez, da comisión encargada de botar a andar a Academia Galega. Asemade, achégase unha descripción física e do carácter de Murguía, coméntase a súa relación con Rosalía de Castro, alúdese ás polémicas que mantivo conalgúns intelectuais da época, como Benito Vicceto, Valentín Lamas Carvajal, Juan Varela e Manuel Sánchez Moguel, e ofrécese unha relación dos xornais nacionais e galegos nos que colaborou. A escolma propiamente dita arrinca cun texto no que se recolle unha conversa con Wenceslao Fernández Flórez para o xornal *El Noroeste*, co gallo dunha homenaxe polo seu 80 aniversario. Achégase o poema “Nena d´as soledades”, publicado no xornal *La Oliva*, no ano 1856, composto por tres seguidillas de bordón, dedicado a Elina Avendaño, filla de Xaquín Avendaño. Tamén se reproduce o discurso que Murguía pronunciou nos Xogos Florais de Tui, que se converteu no primeiro acto en Galicia que se desenvolveu integramente en galego, un discurso en loa de Eduardo Pondal, e mais unha homenaxe que o autor lle dedicou a Curros Enríquez no xornal *El Noroeste*. Reproducuse asemade a edición facsimilar dun texto, aparecido no n.º 47 da revista *Agália*, no que o autor trataba de esbozar unha Historia de Galicia e do norte de Portugal dende os primeiros tempos até o inicio da cristianización. Recóllese tamén o capítulo de *Los Precursors* que Murguía dedica a súa dona, un documento relevante para coñecer as opinións que tiña sobre Rosalía como escritora e no plano persoal, explicando a melancolía e a existencia atormentada da poeta; unha crónica sobre o acontecido no coñecido como o Banquete Democrático de Conxo; e, para rematar, un texto no que Murguía explica a súa intención de elaborar un dicionario de escritores.
galegos, empresa da que finalmente desistiu por atopar varios atrancos que explica. O volume pêchase cunha bibliografía do autor e sobre o autor.


Volume dedicado a Valentín Lamas Carvajal (1849, Ourense) no que se abranguen as súas facetas como poeta, prosista e xornalista do final do século XIX galego. Recólense poemas de *Cartas ós galegos* (1875), *Espíñas, follas e frores* (1875-1876), *Saudades gallegas* (1880) e artigos aparecidos n’*O Tío Marcos da Portela*, dous deles en homenaxe a figuras da Historia galega e bastantes extractos do célebre *Catecismo do Labrego*, parodia do *Catecismo do Padre Astete*. Editado en 1889, o volume de edicións desta última obra (trece) resulta significativo con respecto á ollada deitada sobre o “coitadiño paisano gallego”, “camiño do Calvario” que a sociedade lle destinaba.

**Ponte Far**, José Antonio (coord.), *O mellor de... Vicente Risco (1884-1963)*, escolma de textos e comentarios Aurora Varela Caabeiro, A Coruña: La Voz de Galicia, col. O mellor de..., n.º 9, 141 pp. (ISBN: 978-84-9757-266-8). ■

Antoloxía de textos de Vicente Risco (Ourense, 1884-1963) coordinada por José Antonio Ponte Far (Negreira, 1948) que se abre cunha “Introdución”, na que se afirma que Vicente Risco é unha das figuras máis importantas da literatura galega, xa que tivo un papel relevante nas iniciativas políticas e culturais da época, como as Irmandades da Fala e o Grupo Nós. Sinállase que destacou como novelista e autor de relatos curtos, pero que tamén foi novelista en castelán, historiador, xornalista, pedagogo, etnógrafo, orientalista e teórico do nacionalismo galego. Coméntase que se lle dedicou o Día das Letras Galegas en 1981. A seguir, acóllese unha “Biografía”, na que se fai un percorrido polos trazos máis salientábeis da súa vida persoal e académica, e da súa obra, entre 1884 e 1981; e unha “Cronoloxía”, un esquema da biografía precedente onde se recollen eses mesmos datos resumidos e ordenados cronoloxicamente. A continuación reproducéense os textos antologados: un texto sobre a teoría do nacionalismo galego e o seu ensaio “Nós, os inadaptados” (1933). Este volume pêchase cunha bibliografía activa de todas as obras de Risco escritas en galego, e unha “Bibliografía sobre Vicente Risco”, na que aparece unha pequena relación de seis traballos que tratan a figura deste escritor, acompañados dunha pequena descripción de cada un deles.

Tamén está descrito nos apartados I.4 Narrativa, II.4. Poesía e V.4 Ensaio deste *Informe*. 780
V.5. PUBLICACIÓN EN REVISTAS


Trátase a cuestión da percepción teleolóxica do tempo e da historia nos galeguismos nas vésperas da Guerra Civil española, tomando como referencia a obra de Ramón Otero Pedrayo. Tras unha introducción, preséntase unha reflexión (“Nacionalismo cristián”) sobre a concepción desta ideoloxía (“A Galiza soñada por Otero Pedrayo (1933: 120) gardaba o que chamou o anhelo de Occidente e habería de ser, así o desexaba, a responsábel dunha nova fe e ética europeas”) e, a continuación, ao longo de catro apartados, “A ordenación no tempo e no espazo”, “A cosmogonía de Otero Pedrayo”, “A viaxe a pé (etnográfica) e a romaxe” e “A xeito de conclusión”, sinálase a importancia do cristianismo na bibliografía dos galeguistas da época, entre eles Vicente Risco e Ramón Otero Pedrayo (“Se a romaxe como ritual relixioso estabelece un sentido de unidade e pertenza aos que dela partillan, no caso dos galeguistas o mesmo xesto era elemento aglutinador ao redor da súa causa política”), baseado na lectura de escritores como Santo Agostiño, Jacques-Benigne Bossuet ou Oswald Spengler.


Analízase a obra autobiográfica de Herminio Barreiro na que lembra as súas experiencias escolares e universitarias. Dela dise que lle fai revivir ao lectorado aqueles tempos difíciles cunha narración non exenta de poesía (para exemplificalo cita dous fragmentos da obra), ao tempo que lle outorga voz a aqueles que nunca a tiveron. Conclúe apuntando que Recordar doe “é unha narrativa da dor, pero tamén da resistencia porque nos ofrece a posibilidade de atender o ‘nós’ e o ‘outro’ oculto baixo o esquecemento e porque nos anima a ‘actuar e decidir como se todo puidese ser salvado’, aínda que cada día haxa máis razóns para o pesimismo”.


Faise un percorrido por nove volumes representativos do panorama literario berciano en lingua galega. Sublífiase que a data emblemática xorde en 1861 grazas á figura senlleira de Antonio Fernández Morales e os seus Ensayos poéticos en dialecto berciano. Indicase que esta obra se pode consultar nunha edición facsimíle de 2003, publicada polo Instituto de Estudios Bercianos, xunto cunha escolma máis recente de 2007 baixo o título Espacio de topacio. A seguir detense outras sete obras en lingua galega con claros vencellos bercianos: Escolma de poesía berciana en lingua galega (1860-1960) (2002), Contos da Cábila. Fabulacións no país do Bierzo (2003), de Antonio Pereira (Vilafranca do Bierzo, 1923-León, 2009); a edición bilingüe a cargo de Aquilino Poncelas na que se recompilan contos e lendas do Bierzo Contos e lendas do Bierzo. Cuentos y leyendas del Bierzo (2004); a novela de Fernando Cerezales, As murallas de


Reprodúcese o texto narrativo “Ira de Deus”, de Agustín Agra.


Reprodúcese o texto narrativo “Suor...”, de Lois Agrelo Arxóns.


Reprodúcese o texto narrativo “Reflexións do asasino”, de Lois Agrelo Arxóns.


Apúntase a regularidade coa que a revista Nós acollía traballo relacionados con Irlanda e coa súa cultura, asinados, sobre todo, por Ramón Otero Pedrayo e Vicente Risco. Sinálase que tal atención obedecía nun principio a cuestións políticas (consolidación dun discurso identitario ligado ao celtismo), pero que logo evolucionou cara a presupostos máis literarios e históricos. Analízase a presenza irlandesa en distintos periodos da publicación para, a continuación, reflexionar sobre o tratamento dos cambios na Irlanda independente nos artigos de Vicente Risco. Menciónanse outros tres periodos, nos que destaca, a partir de 1930, o predominio da historia antigua.

Ofrece unha breve bio-bibliografía de Mirga Aguirre Carreras (Habana, 1912-1980) e dá conta do impacto que nela causou a guerra civil española de 1936 para, a seguir, informar da relación de Mirta Aguirre co álbum *Galicia mártir* de Castelao, así como dos oito poemas cos que a autora ilustrou as imaxes do álbum do rianxeiro. Finalmente, comenta a relación de Mirta Aguirre con Manuel Curros Enríquez, Rosalía de Castro e Xosé Neira Vilas.


Achega á figura de Xosé Manuel López Ardeiro, nome literario de Xosé Manuel López Gómez (Logrosa, Negreira, 1944-2007), na que se comeza coa referencia á súa infancia na posguerra, á orfandade dende cativo e ao seu autodidactismo. A seguir repápanse os poemarios que publicou en vida: *Na néboa dunha espranza* (1981), Premio Cidade de Ourense; *En bela sombra e amaranto* (1985), Premio Celso Emilio Ferreiro; *O matiz esmeralda da sombra* (1991), Premio Eusebio Lorenzo Baleirón; *Sombras e outras presencias* (1992), Un xardín no tempo (2001) e Versos de ausencia e desagravio (2005). Salíntese que en vida do autor a súa obra non tivo moito eco entre a crítica e que só ocasionalmente apareceron referencias dalgúns críticos, como Ponte Far. Sinálanse como motivos recorrentes na produción deste autor, enmarcado na xeración dos poetas dos oitenta, a paisaxe, o amor, a morte, a nostalxia, a familia e os amigos, mentres que se estrutura en tres grandes bloques a súa produción: a solidariedade, a temática vital e a morte, que á súa vez se vertebran en oito eixos, como son a concepción da poesía, a poesía social, a presenza da familia, a vida social, a harmonía coa paisaxe, o val de Barcala, o amor e a morte. A seguir analízanse estes eixos temáticos a partir de numerosos exemplos tirados das súas obras.


Afirma que *Os espellos do tempo* (2008), de Vítor Vaqueiro, presenta un enigma fundamental que radica na identidade das voces narrativas: un eu testemuño, o narrador, fronte ao Eu, que permite ser identificado como o segmento infantil da biografía do eu e
A diferenza entre o eu con minúscula e o Eu con maiúscula.


Afirma a identidade múltiple do personaxe creado por William Shakespeare para despois trazar unha breve xenialoxía tópica dos aspectos que constrúen a súa personalidade e os seus conflitos. Finaliza facendo unha reflexión crítica sobre a construcción de Macbeth que tamén é unha reflexión crítica sobre a construcción da obra á que dá nome. Acompáñase dunha ilustración de Sabela Baña.


Despois de sinalar que un dos capítulos pouco explorados na biografía vital e literaria de Rosalía de Castro é a súa relación con outras mulleres escritoras, Victoria Álvarez Ruiz de Ojeda dá a coñecer a partir dunha carta inédita a Rosalía (datada o 24 de xullo de 1884 e que se transcribe nesta achega) a amizade literaria que mantivo coa escritora catalá Agna de Valldaura, pseudónimo de Joaquima Santamaria i Ventura. Estrutura esta achega en tres apartados: “As amizades románticas”, “Agna de Valldaura escribe a Rosalía de Castro” e “Nocitia de Agna de Valldura”.


Comenta a traxectoria literaria de Ricardo Carvalho Calero co gallo do rexeitamento por parte da RAG de dedicarlle o Día das Letras Galegas. Achega primeiramente varios datos sobre a súa infancia e mocidade, entre os que destaca a súa vinculación ao Seminario de Estudos Galegos e á FUE, a súa participación na fundación do Partido Galeguista en 1931, o seu republicanismo e a súa estadía no cárcere, para despois centrarse na súa adultez, da que salienta acontecementos como a obtención da primeira Cátedra de Lingüística e Literatura Galegas na universidade compostelá. Nunha segunda sección trata a súa traxectoria literaria propiamente dita, mencionando algunhas das súas escritas poéticas como Trinitarias (1931), La soledad confusa (1931), Poesía perdida (1993), en castelán e Vieiros (1931), O silencio axionllado (1934), Anxo de terra (1950), Poemas pendurados dun cabelo (1952) e Salterio de Fingoi (1961), en galego. Dentro da súa ficción narrativa subliña a súa novela de posguerra A xente da Barreira (1950), a compilación de relatos Scórpio (1987), as pezas teatrais A sombra de Orfeu (1948) e Auto do prisioneiro (1969), e finalmente os seus estudos Sete poetas galegos (1955), Gramática elemental do galego común (1966), Estudos rosalianos (1979) e Historia da literatura galega contemporánea (1975). Xa nunha terceira e derradeira sección commenta a súa amizade co escritor e a súa lectura dalgunhas das súas obras cando neno.
Entrevista a Fermín Bouza Álvarez co gallo do faladoiro de poetas e amigos galegos en Madrid. A conversa xirou ao redor de cuestións como a súa residencia permanente en Madrid e as circunstancias persoais que o levaron a esa escolla, o seu labor como catedrático de Opinión Pública na Universidade Complutense, os acontecementos que tiveron lugar durante o curso académico de 1967-68 en Santiago de Compostela, a súa pertenza ao OCML, as xuntanzas da APG no seminario da Facultade de Políticas en Compostela xunto a outros literatos galegos, as súas estadías en Pontedeume, a súa traxectoria profesional até a obtención da devandita cátedra en 1992 e a súa produción literaria, da que destaca O tempo da auga (1985), Labirinto de inverno (1990), Memoria do díaño (1980), Longo voo de paxaro (1987) e Las bodas secretas de Lilia (1991), así como o seu actual blog “El voto con botas”.

Faise un resume sobre os comezos de Voces ceibes e os seus compoñentes dende os seus comezos até agora. Dise que é un grupo que naceu nos anos da ditadura e que eran os responsábeis de poñer música aos versos de escritores galegos como Manuel María ou Celso Emilio Ferreiro para dar a coñecer a cultura galega non só no panorama galego senón en todo o mundo. Alúdese a distintas publicacións baseadas no grupo como Voces Ceibes (1992), Sonata de Amigos (2008) e Nova Canción Galega (2008). Remátase mencionando o último traballo que se está a facer sobre as cidades de Ferrol, Santiago e Madrid co título Falar como quen canta, no que de referirá a importancia da música como instrumento para transmitir a cultura, e contará con algún dos responsábeis do movemento Voces ceibes.

Presenta o libro Conversas con Celso Emilio (2009), de Ramón Nicolás, de quen destaca a “confianza” na seriedade e rigorosidade dos seus traballos. Logo de describir o libro, explica porque cre aínda que “alampa o lume de Celso Emilio”.

Sinala de Teresa González Costa, autora de Sempre quixen bailar un tango (2009), que ten habilidade para “incomodar” a un futuro espectador. Comenta os dous “aparatosos elementos” de grande importancia que aparecen no escenario central: a bicicleta e un relxo de parede.

Sinala de Teresa González Costa, autora de Sempre quixen bailar un tango (2009), que ten habilidade para “incomodar” a un futuro espectador. Comenta os dous “aparatosos elementos” de grande importancia que aparecen no escenario central: a bicicleta e un relxo de parede.
Dá conta dalgúns das últimas publicacións xurdidas na edición da literatura epistolar cruzada entre diversas personalidades da cultura galega. Destaca que o Museo de Pontevedra publicou parte das cartas intercambiadas entre Ramón Otero Pedrayo e Xosé Filgueira Valverde no volume Xosé Filgueira Valverde. Ramón Otero Pedrayo. Epistolario (2009). Sinala que o volume foi compilado por María Xesús Fortes Alén e que nel recolle 299 documentos redactados entre xaneiro de 1927 e marzo de 1976. Por outra parte, fai-se eco dos puntos clave desa relación epistolar dados por Ramón Villares no estudo introdutorio, así como alude ás cuestións tratadas polas citadas figuras do galeguismo na súa relación epistolar.


De Unha historia que non vou contar (2009), de Xosé Cid Cabido, comeza sinalando que é doado seguir as crónicas que o autor enfiá na obra polas apelacións constantes ao lector e polo ritmo das palabras, cun estilo desganado no que o narrador, un detective, vai collendo corpo e se ve desposuído de todo artificio e misterio. Lembra que o argumento da obra xira ao redor dun escritor que andou á procura de material sobre o asasinato dun empresario vigués, o que dá pé ao retrato da burguesía vigesa e ao xogo coa información diversa que corre polos xornais e da man de diferentes testemuñás, nunha historia na que conviven diferentes versións. Considera que esta obra está na liña do que leva editado o autor, ainda que representa algo novo, ao xogar a desvelar incógnitas. Lémbranse algúns títulos da súa traxectoria, como O intercepto (1986) e alúdese ao seu rexitamento á visibilidade e notoriedade, recorrendo incluso á exclusión de foto e biografía das súas obras.


Reprodúcese un texto de Xiana Arias (A Fonsagrada, 1983) intitulado “Non barrenes é inútil” no que reflexiona e divaga sobre cuestións varias, acompañado das ilustracións de Nadina Bértolo.


Analiza o caso da escritora galega do século XIX, Rosalía de Castro, como figura literaria da historiografía da literatura galega ao longo de catro apartados. No primeiro, “Que lugar ocupa o século XIX na historiografía da literatura galega?”, destaca as publicacións do devandido século, como os primeiros volumes da Historia de Galicia (1810), de José Verea y Aguiar; A Gaita Gallega (1853), de Xoán Manuel Pintos; Gramática Gallega (1868), de Saco y Arce, ou Álbum de la Caridad (1861), a primeira antoloxía da literatura galega. Alude asemade á presenza da muller escritora nesa época e cita como exemplo Cantares gallegos (1863), de Rosalía. No segundo apartado, “A muller incorporáse ao sistema literario galego”,

786
comenta a situación das mulleres no coido da educación a partir do “Informe Quintana” (1812) e salienta o debate recollido na revista El Ateneo no ano 1857, entre o catedrático Antonio García Fuertes e o doutor Ramón Pérez Costales sobre o tema. En “As escritoras na Galiza do século XIX”, pon de relevo as figuras de escritoras galegas cuxas producións literarias sairon ao prelo nese século, como Dionisia Salomón, Avelina Valladares, Emilia Calé y Torres de Quintero, Virginia Felicia Aubert Noya, Narcisa Pérez Reoyo, con Cantos de la infancia (1865), Clara Coral Aller, Filomena Dato Muruais, co seu poema “En defensa das mulleres” (1887), merecente dun premio nun certame literario ourensán, Concepción Arenal, con Galicia, Revista universal de este reino (1861), ou Emilia Pardo Bazán, co seu relato “Un matrimonio del s. XIX” (1864), entre outras. No derradeiro apartado, “Rosalía de Castro e a gran ruptura”, describe de xeito pormenorizado a figura da escritora, a partir da súa produción literaria, da que salienta e comenta brevemente La Flor (1857), as novelas La hija del mar (1859), Flavio (1861) e El caballero de las botas azules (1867) e os poemarios A mi madre (1863), Follas Novas (1880) e En las orillas del Sar (1884).


Reproduce a lectura simultánea en diferentes cidades do manifesto asinado pola Asociación de Escritoras/es en Língua Galega a favor da lingua e cultura galegas con motivo do Día de Rosalía de Castro. A partir de cinco versos de diversos poemas da escritora, celebran o seu 173 aniversario e con el a literatura galega, mencionando algunhas das súas compilacións de poemas como Cantares gallegos (1863) ou Follas Novas (1880).


Con motivo dunhas declaracions nas que se pedía o recoñecemento do termo “coruñesismo” por parte da Real Academia Española, Xosé Luís Axeitos explica a deturpación que pode sufrir a historia ao ser aproveitada de forme interesada e manipulada. Explica unha das iniciativas que tiveron lugar nos últimos anos do século XIX, na que o “coruñesismo” estaba moi ligado ao rexionalismo, como foi a defensa dos intereses da Cidade Herculina levados a cabo pola Junta de Defensa de La Coruña creada en 1893, na que os rexionalistas tiveron un papel moi activo. Neste sentido lembra os artigos publicados por Manuel Curros Enríquez nos que defendeu as teses rexionalistas. Tamén lembra a fundación neste mesmo ano do Centro Galego de Madrid, presidido por Rodríguez Carracido e que foi o primeiro en coroar ao poeta celanovés. Considera que a adhesión de Curros a esta causa e os seus traballos deixaron unha forte pegada na cidade e explican o carácter multitudinario de homenaxes, como a coroación do poeta e o seu propio sepelio. Axeitos considera que ao igual ca outras manifestacións culturais, o coruñesismo cambiou despois de 1936, de aí que a súa invocación na actualidade sexa unha deturpación da historia ao ser aproveitada para xustificar movementos ou intereses que nada teñen que ver co movemento social do século XIX.

Trae á memoria a figura de Luís Seoane nas súas facetas de escritor, artista e promotor, co gallo do centésimo aniversario do seu nacemento. Salienta a actitude moral do escritor que o leva a unha simbiose coa tradición intelectual europea e adxectiva a súa produción como “emblemática”, amais de loar o feito de que o pobo mesmo constitúe o seu lectorado agardado. Nun epígrafe intitulado “Tradición e contemporaneidade”, destaca a defensa que Seoane levou a cabo da tradición popular de Galicia, especialmente na súa peza *A Soldadeira* (inédita en língua galega), ou na súa obra gráfica *Imaxes de Galicia*. Subliña asemade a creación dunha iconografía baseada na comunidade galega, especialmente nas cidades de Santiago e A Coruña. Nun derradeiro epígrafe, “A Galicia dinámica e orgullosa”, sina na condición de intelectual do escritor xunto ao humanismo que o caracterizaba e menciona o seu proxecto “Laboratorio de Formas de Galicia”.


Manifesta que a política editorial de Ediciós do Castro estaba marcada nun inicio polas conversas que Isaac Díaz Pardo mantivera con Luís Seoane e Lorenzo Varela. Sinala que en 1963 esta editorial naceu como voceiro do Grupo Sargadelos e que nese mesmo ano botou a andar Castrelos, que comeza a marcar unha liña popular e revolucionaria no mundo cultural da posguerra. Cita unha serie de acontecementos políticos que pesaron na fundación de Ediciós do Castro e sinala que, fronte á opción culturalista de Galaxia, o proxecto da editorial fundada por Díaz Pardo estaba no ideario político e cultural do nacionalismo da segunda República. Dá conta das súas publicacións que se caracterizan pola súa interdisciplinariedade e por ter moi presentes a emigración e o exilio, encarnados en autores como Luís Seoane, Rafael Diste, Castelao, etc., ademais doutros que poden considerarse claudicacións editoriais. Comenta que a colección “Documentos” é a que mellor marca o rumbo editorial deste cuño, além de recoller toda a vida política e cultural dunha Galicia dinámica e orgullosa de si mesma. Tamén cita o proxecto “Biblioteca do Exilio”, que naceu coa pretensión de recuperar cen títulos publicados no desterro a partir de 1936. Reconxece que se se quixera facer unha biografía razonada da obra intelectual e social de Díaz Pardo a mellor documentación informativa serían os fondos documentais de Ediciós do Castro.


Anúnciase a presentación pública na Real Academia Galega de cartas, artigos inéditos, manuscritos autógrafos, proxectos, poemas, apuntamentos, fotografías, etc., de Manuel Antonio, un legado que formará parte dos catro volumes da *Obra completa* do rianxeiro na colección “Clásicos da Academia: Prosa, Epistolario I, Epistolario II e Poesía”. Entre os materiais que quedan fóra desta entrega figuran os documentos nos que Manuel Antonio traballou na sistematización do léxico para un volume que ia levar por título
Notas pra un diccionario marítimo galego e que se vai publicar en sucesivas entregas nesta mesma revista. A seguir reproducense as primeiras papeletas, acompañadas tamén da reprodución duns textos manuscritos.


Comenta a exposición “Castelao. A derradeira lección do mestre”, organizada no Museo Provincial de Lugo, por Mª Pilar García Negro e Felipe-Senén López Gómez, co gallo do sexaxésimo aniversario do escritor. Salienta a prioridade concedida na exposición á etapa de 1936 a 1950, exiliado en Bos Aires. Agradece a colaboración de diversas institucións nesta exposición e destaca as proxeccións de filmes protagonizados polo escritor, así como os obradoiros de caricaturas dirixidos á nenez, mesas redondas ou visitas guiadas. Dá conta da sala monográfica dedicada a Castelao, que inclúe toda a súa produción literaria e artística, formada esta última por un total de vinte e cinco debuxos e gravados, grazas á doazón de Álvaro Gil Varela en 1965. Describe finalmente esta colección artística con respecto aos materiais empregados.


Comeza indicando que a súa achega “é a homenaxe a esas primeiras mulleres que entraron na Universidade española grazas ao Real Decreto de marzo de 1910”. Despois de sinalar algunhas das “insensateces” que xustificaban a inferioridade das mulleres, por exemplo, en base a criterios bioloxicistas, di que no último cuarto do século XIX destacaban varias voces que “atribúen a inferioridade social da muller ao deficiente ou nulo acceso da muller á educación”. Entre esas voces discrepantes fala de Concepción Arenal, Emilia Pardo Bazán e Rosalía de Castro e dá conta das súas posturas ante o binomio muller-educación tendo en consideración a lexislación do momento.


Entre outras publicacións salienta o primeiro número da revista cultural de Sada Areal da Asociación Cultural Irmáns Suárez Picallo e o libro de poesía e fotografía Espertar, de Lino García Salgado e Helena Robledo Muiña, editado por Eira Vella e que conta cun prólogo de Xabier López.


Reprodúcese o manuscrito da presentación que Renè Baker fixo na conferencia “Como actuar” (Central School of Speech and Drama, Londres, Febreiro 2007), traducido por Clara Miranda. Nel analízanse aspectos como a proxección de enerxía, focalización e presenza do actor; o traballo co monicreque, o poder do movemento, as linguaxes teatrais, o ego do actor e a distancia, o actor e o público ou os prexuízos con respecto a esta actividade teatral.


Comentario do volume recopilatorio de artigos xornalísticos de Manuel Rivas, Episodios galegos. Tempos de esperpento (2009), un libro que se considera como proba de que os xornais, malia a caída de vendas, seguen sendo o principal espazo de relación entre os creadores literarios e a sociedade lectora. Lémbranse as palabras do autor nas que afirma que se está a vivir un bo momento no xornalismo de opinión en Galicia, especialmente a través da rede. Da obra explícase que representa un xornalismo militant, no que se pon de relevo a “contrarreforma de desquite” emprendida polas autoridades políticas galegas nun “ataque suicida” contra os bens comúns, contra a identidade como nación, especialmente a memoria e a língua. Saliéntase a intelixencia do autor para desvelar con “dramático humorismo” os pasos políticos cara á desmemoria histórica e sen voz de seu, fronte ao que o autor describe unha Galicia indomábel, cunha personalidade resistente, vigorosa e afoutada, capaz de perseverar malia as dificultades, o que converge esta obra nunha entrega de xornalismo de resistencia e dignidade.


Realízase un breve repaso pola historia teatral dende as súas orixes festivas, pasando polo interese por representar historias por medio da palabra ou o cuestionamento da historia e da lóxica nas vangardas, para chegar á interdisciplinariedade na actualidade. Como representantes do postdrama e das novas tendencias en Galicia, citanse, entre outros, a Matarile Teatro e o Teatro Galán e á Compañía Chévere e a Sala Nasa. Da primeira sinálase que é o berce do teatro-danza galego e que organiza o Festival Internacional En Pé de Pedra, evento que serve para exhibir espectáculos arriscados. Con respecto á segunda, destácase a súa promoción dunha visión crítica e irónica da realidad social e política, recollendo formatos e linguaxes da cultura popular urbana. Menciónase que, tras a desaparición do Teatro Galán, crease Teatro Ensalle, que destaca
na investigación de linguaxes, fusionando danza, texto, espazo e luz. Finalmente reproducíense uns textos de diferentes autores participantes no Foro Creativa (2009) no que reflexionan sobre o seu quefacer e as concepcións que guían os seus traballos artísticos.


Logo dunha cita de W. Benjamin, extraída d’*A obra de arte na época da súa reprodutibilidade técnica* (1936), os articulistas reflexionan sobre aspectos como a deconstrución do director estrela, a innovación e a recepción, o teatro como arte independente da literatura, a revisión dos mecanismos da comedia ou a ironía e estilización de estereotipos.


Propón unha concepción xenérica do personaxe teatral como espello da condición humana e do teatro como catarse e como escola, experiencia sublimada de realidade a través da que aprender da vida e liberarse temporalmente das preocupacións cotiás. Distingue e analiza por extenso oito variantes escénicas do personaxe dramático. A primeira delas, o “actor como personaxe non ficcional”, o propio do teatro ritual e da mascarada, prescinde da identidade individualizada, renunciando á súa intervención como suxeito en favor da obxectualización do propio corpo e do simulacro. Esta variante identifícase tamén co performér do teatro posdramático, actores e actrices que non interpretan senón que afirman o propio eu sobre o escenario. Sinálase a Cía. Matarile como exemplo galego paradigmático desta última tendencia. O personaxe figura ou silueta, móbil e de natureza plástica, categoriza o propio do teatro visual e de obxectos. Sinálanse exemplos e referencias básicas: os manequíns de Tadeusz Kantor, os actores autómatas e bonequizados de Bob Wilson, as teorías de Kleist e as de Craig, a influencia do *Tratado dos manequíns*, de Schulz e a concepción futurista do personaxe de teatro. Subliñanse como fitos do teatro de obxectos a primeira dramaturxia de Maiakovski (1913) e *A lagarada*, de Otero Pedrayo (1929). Identifícase e analízase como “personaxe portavoz” o rol estrutural das dramaturxias de Koltës, Fosse, Lagarce e Bernhard, que asumen a voz e o pensamento dos autores. Analízase polo miúdo o caso de Bernhard. A categoría dos “personaxes-individuo” resérvase para os caracteres psicolóxicamente complexos construídos sobre un eixo de contradición que prefigura un fondo conflito persoal e delínea o arco de evolución da figura. Clasifícanse neste grupo os personaxes de Shakespeare e os de Ibsen, describindo a particularidade de cada caso. Salientase, ademais, o efecto psicoloxizador do Método Stanislavski e a galería de personaxes - individuo resultantes. Dáse conta da influencia do método nas dramaturxias de Eugene O’Neill, Tennessee Williams e Arthur Miller, e contrástase a omnisciencia autoral que Miller impón sobre os personaxes co hiperrealismo ao que os somete Harold Pinter. Detállassan as claves dramatúrxicas deste último nunha reflexión salpicada de citas críticas para pechar o apartado coa mención a Teatro do Atlántico, compañía teatral galega que adoitaría representar personaxes-individuo. Asóciase a variante do “personaxe tipo” co individuo tipificado e xenérico que cede os seus trazos distintivos para erixirse no representante dun collexivo social recoñecíbel. A seguir,
enuméranse e expícanse as diferenzas entre o “personaxe tipo” e o “personaxe individuo” e describese a utilización que fixeron do primeiro Plauto, Molière, a Comedia da Arte italiana e, xa no século XX, o teatro burgués máis, nunha dirección distinta, Bertolt Brecht. Remata o apartado mencionando a vixencia da variante na actualidade. Do “personaxe estereotipo” dise que é a figura baseada en trazos simplificadores reducidos ao clixé. Coméntase que tanto o “personaxe individuo” como o “personaxe tipo” poden presentar aspectos estereotipados para continuar cunha caracterización sumaria da variábel e cunha descrición breve de dous espectáculos galegos recentes que empregaron o recurso: *As Dunas*, de Manuel Lourenzo, levada á escena por Quico Cadaval para o CDG en 2009, e *Neuras*, de María Xosé Queizán, montada por Ónfalo Teatro na mesma tempada. Sinálase que tamén poden rastrexarse usos estratéxicos do “personaxe estereotipado” en Brecht, Valle-Inclán, Oscar Wilde e Woody Allen. Segue a categoría dos “personaxes arquetipo”, descritos como modelos universais de conduta (o sacrificio, a culpa, a rebelión, o amor filial, a corrupción, a constancia), que poñen a proba a fidelidade e a coherencia do espectador para cos propios principios e conviccións. Coma en epígrafes anteriores, describense as características principais da variante e sinálanse os exemplos contidos en *Edipo*, de Manuel Maria, e en *Antígona, a forza do sangue*, de María Xosé Queizán. Insístese despois na permanente actualidade dos arquetipos clásicos, dase conta da presenza recorrente a través das épocas de personaxes como Fausto, Medea ou Don Xoan, e sublíñase o labor de Manuel Lourenzo no caso galego. Fálase tamén dos arquetipos creados a partir de mitos modernos como Woyzeck ou Nora Helmer. Por último, describese a variante do “personaxe alegórico” (a morte, a xustiza, a liberdade, a pureza, o mal, a vida que renace). Distinguéuse a función alegórica da simbólica e resúmense as características da variábel, achegando numerosos exemplos (o Demo d’ *A barca do inferno*, de Gil Vicente; a Paz de *Vodas de sangue* ou os Cabalos d’ *O Público* en Lorca; adquirían dimensión alegórica os personaxes silueta da *Persephone* de Bob Wilson; entre outros). O artigo acompañábase dunha ilustración de Felipe Senén (p. 15) e un apartado final de referencias bibliográficas.


Achega de Afonso Becerra de Becerreá que se estrutura en dous apartados: “Rosalía actriz” e “Poesía dramática rosaliana”. No primeiro deles dá conta das dúas intervencións teatrais que hai documentadas de Rosalía de Castro e do contexto no que se produciron. Tamén apunta o seu gusto polo teatro e a presenza dun “pulo dramático” na obra rosaliana. No segundo deles Becerra de Becerreá chega a afirmar que a autora de Padrón “volve dramáticos os seus poemas” e vai explicando esta afirmación para rematar ofrecendo unha clasificación dalgunos dos poemas da autora segundo a asunción da convención teatral do monólogo en diferentes poemas de *Cantares e Follas novas*, o soliloquio e diferentes tipos de diálogo.

Reproducción da carta aberta a Laura Caveiro que Xosé Manuel Beiras publicou con anterioridade no xornal *Galicia Hoxe* (02 / 08 / 2009) en resposta, xustificación e agradecemento ao estudo crítico realizado pola analista encol d’ *As moscas*, a tradución ao galego do texto orixinal de Jean Paul Sartre (*Les Mouches*, 1943) que Beiras publicou en Laiowento (2008) co gallo do centenario do escritor e pensador francés. O autor aproveita a ocasión para explicar as circunstancias que en 2005 lle permitiron encarar un proxecto que tiña necesidade de realizar dende a súa primeira etapa de “compromiso de loita clandestina antifascista no PSG”, hai xa coa xurda. Os constantes apóstrofes a Laura Caveiro guían o relato sobre a xénese e o proceso de tradución. En particular, sobre as razóns intelectuais, políticas e afectivas que impulsaron o labor. Con apoio en citas, conceptos e argumentos de Michel Contat e do propio Sartre, Beiras traza un paralelismo entre o compromiso de *Les Mouches* coa liberdade e a resistencia frente á *ideoloxía da submisión* que o catolicismo da Igrexa xustificou en colaboración co réxime de Pétain (Francia), e o compromiso d’ *As moscas*, a tradución, coa liberdade e a resistencia ideolóxica en Galicia: xa fronte ao *nacionalcatolicismo* franquista e a *ideoloxía da submisión* por el infundida no pobo galego catro decenios atrás, xa fronte ao auto-odio no que este persistiría na actualidade e que Beiras sinala como causa directa da súa perda de liberdade ideolóxica e da decisión persoal consecuente de afastarse da política ‘institucional’. Acompáñase dun retrato de Xosé Manuel Beiras realizado por Miguelanxo Varela.

**Ben-Cho-Sey (Xosé Ramón F. Ojea).** “Un regente traído desde París”, *La Región*, “100 años. 1910-2010”, “Firmas históricas”, 4 xullo 210, p. 22.

Reproduce o artigo de Ben-Cho-Sey publicado no xornal *La Región* en 1960, que traía á memoria o nacemento do xornal había cincuenta anos, en 1909. Salienta a figura do tipógrafo José María Cid Morenza que pasou a dirixir o xornal até o seu pasamento en 1939. Describe despois e con detalle a súa traxectoria vital, da que destaca a presencia das seccións “Arte de Imprimir” e “La Casa del Pueblo” e o seu posto de xestor da Deputación Provincial da época.


Realízase un breve estudo da primeira novela de Camilo Gonsar, retrato xeracional da mocidade da “Xeración dos 50”, a través da reflexión filosófica, o realismo e a ficción autobiográfica. Destácase o seu didactismo, o afán por exemplificar unha determinada percepción da existencia a través das situacións vividas polos personaxes como conxunto, polo que predomina a atmosfera e o distanciamento do narrador. Menciónase, ademais, a presenza do diálogo ao servizo da exploración dos problemas da existencia e conclúese cualificando o autor como “integrado e solidario coa súa xeración más dotado de voz de seu, unha individualidade galega e europea cunhas fondas preocupacións filosóficas que se resiste a ser encadrada nunha corrente determinada”.


Nun epígrafe intitulado “Cine e teatro” menciona a Blanca Cendán como nova directora do Centro Dramático Galego e en “Varia” a exposición lucense sobre Castelao titulada “Castelao: a derradeira lección do mestre”, dirixida por Pilar García Negro e centrada na época de 1936 a 1950.


Comenta en varios epígrafes as novas culturais galegas. No primeiro, “Banda Deseñada”, salienta a clausura da editorial Bruguera e a décimo terceira edición do Festival de Banda Deseñada da Coruña, “Viñetas do Atlántico”. En “As letras” destaca a homenaxe a Francisco Fernández del Riego por parte da Fundación Penzol e en “Varia” subliña o ingreso na RAG de Bernardino Graña Villar e menciona o peche de *A Nosa Terra*.


Achega ao poemario *Secesión* (2009), de Chus Pato, do que di que revela claves interpretativas dende un punto de vista persoal e biográfico, así como metaliterario e reflexivo sobre o proceso creador da poesía. Considera que esta “diversidade” se
relaciona “ben co seu axenerismo”, ao mesturar verso, crónica e diario. Para finalizar, considera que o poemario require a mirada dun lector atento.


Aplaude o labor que está a desenvolver a Asociación Berciana da Lingua “Xarmenta” na difusión da língua galega do Bierzo e a seguir céntrase nos vencellos entre O Courel e mais O Bierzo focalizando a súa análise na língua galega común e nas figuras literarias de Antonio Fernández Morales, do padre Sarmiento e mais de Uxío Novoneyra.


Entrevista a Xosé Luís Méndez Ferrín co motivo do seu novo posto ao fronte da Real Academia Galega na que tratou de cuestións como a súa opinión sobre a RAG, a propia institución e o seu financiamento, as investigacións ali levadas a cabo, a fixación da norma lingüística galega, a publicación da gramática da RAG, a campaña de anexión co occidente asturiano, as posíbeis reformas do Día das Letras Galegas, a candidatura de Carvalho Calero a ser homenaxeado ese Día, a defensa da língua galega e o seu estado na actualidade e a literatura galega vista dende o futuro.


Opina que ninguén pode quedar “alleo” á conformación da cultura escrita dixital, considerando que a revolución na comunicación cultural provocada pola “literacidade” está fundamentalmente no propio contido electrónico con posibilidades como a hipertextualidade, a intertextualidade ou a multilectura plurilingüe e intercultural. Apunta, por outro lado, que este novo paradigma de comunicación cultural asume a lectura como o “seu elemento central”, redefiníndoa e modificando o papel dos editores e da industria do libro. Neste senso, nomea algúns precedentes do libro electrónico en galego vencellados ao nacemento da Internet. Para rematar, reflexiona sobre as cifras da edición dixital en Galicia e fai un repaso polos tipos de edicións dixitais no país: obxectos dixitais educativos e materiais curriculares dixitais; e-books; dicionarios e servizos de documentación en liña, experiencias dixitais multimedia, audiolibros e impresión dixital baixo demanda.


Reprodúcese o discurso de Manuel Caamaño Suárez, presidente en funcións do Padroado da Fundación Pedrón de Ouro polo pasamento de Avelino Abuín de Tembra, ao que dedica unhas palabras de lembranza e admiración. Sinala que de seguir vivo denunciaria enérxicamente a situación actual en Galicia polos ataques constantes á lingua e á cultura. Remata explicando os acordos da comisión para outorgar nesta edición o Pedrón de Ouro a Mini e Mero pola súa traxectoria no eido da música popular, pedagogos e investigadores da tradición oral galega, e o Pedrón de Honra a Mariana Ploae-Hanganu polo seu labor de difusión da lingua e cultura galega en Romania. Remata reproducindo o poema “En pé”, incluído en *Da Terra asoballada* (1926), de Ramón Cabanillas.


Análise da obra de Pilar Pallarés na que Emilio Xosé Cambeiro López se achega ás claves recorrentes da autora, nomeadamente o intimismo e o tema da disputa interior. Percorre poemarios como *Entre lusco e fusco* (1980) e *Sétima soidade* (1984), facendo especial fincapé no *Livre das devoracións* (1996). Salienta o retrato poético de Pallarés arredor de temas como a soidade e o desamor, así como a liña cívico-social, e interpreta *Livre das devoracións* como “un poemario de dor e vida, de resignación asumida cara á realidade do día a día, do vivir”, “unha obra continuísta, e á súa vez innovadora, dentro das propostas poéticas ás que a súa autora xa nos tiña acostumados”.


Breve texto no que se dá noticia do tema tratado e un resumo do contido duns pregos escritos en galego, anteriores ao Rexurdimento decimonónico, coñecidos como *O Vello
d’o Pico Sagro e que até o de agora, se ben eran citados profusamente polo devandito título, ninguén parecía telos consultado de visu. Reproducense os cinco exemplares conservados, publicados na Coruña dende o 3 de marzo até o 28 de abril de 1860 na Coruña, baixo a dirección de Francisco María de la Iglesia.


Evocación das experiencias de xuventude vividas nos anos cincuenta en Ourense por ambos autores, Víctor Campio Pereira e Xosé Fernández Ferreiro. Lembra a impresión que lle causou cando os presentou un amigo común e soubo que xa tiña publicado un poemario, *Ribeirana do Sil*, con prólogo de Florentino López Cuevillas, unha obra na que o tema central é o amor a Galicia. Lembra que fundaron un faladoiro, que se autodenominaban “Xente nova” e levaron a cabo proxectos artísticos e literarios, algúns deles en colaboración co Liceo ourensán, como a “Festa da poesía”, un recital poético do que se reproducen algunhas composicións. Explica pormenorizadamente como a censura logrou abortar a publicación dunha revista que ía levar o mesmo nome, *Xente nova*, converténdose nunha máis das iniciativas que o franquismo fanou. Lembra tamén unha viaxe a Madrid de ambos e o regreso de polisóns a Ourense.


Informa do centenario da publicación xornalística diaria *La Región*. Destaca a súa cobertura de eventos históricos como a Xeración Nós, a recuperación do Estatuto de Autonomía de Galicia, a migración masiva, o cooperativismo, a configuración da cidade ourensá entre as beiras do río Miño, o consumo e a produción de enerxía eléctrica e a construcción de autovías. Remata coa afirmación deste xornal como fito social da provincia ourensá.


Entrevista celebrada na Fundación Seoane a Manuel Lourenzo, Xosé Díaz e Xavier Seoane. O faladoiro xirou ao redor da personalidade de Seoane e dos seus conflitos co galeguismo; do seu labor no eido teatral galego durante o franquismo; da tentativa de posta en escena polo Centro Dramático Galego da súa peza A Soldadeira (1996); do seu traballo no eido radiofónico e xornalístico; da fundación dos semanarios Resol, Claridade e Ser; da súa estadía na Arxentina; da súa faceta creativa, integradora das artes; do seu proxecto Laboratorio de Formas e finalmente do seu legado artístico e literario.


Informa dun faladoiro entre escritores e escritoras galegos co gallo dunha Feira do Libro ao redor do tema da memoria. Destaca a presenza de Emilio Xosé Ínsua, quen falou de Loís Tobio; de Marica Campo e da súa Memoria para Xoana (2002); da poesía de Xoán Neira; de Ramón Pernas, quen afirmou que a memoria era o tema recorrente na súa produción literaria; de Renata Otero, da autorreferencialidade como cuestión básica na súa obra e de Xabier Puente Docampo, quen secundou as ideas expostas por Otero. Nun epígrafe intitulado “A necesidade vital do relato”, sinala os comentarios de Docampo, centrados no conto como produción literaria na que a memoria é o elemento indispensábel. En “Traer coñecemento á vida”, insiste na idea da memoria como tópico basal para a creación de literatura e alude á novela de Pernas, Paso a dos (1999). Cita, así mesmo, a memoria como construción de efecto ante o lectorado e como remedio para os seus males, aducindo como exemplo a imaxe valleinclanesca do espello roto. No seguinte epígrafe, “A Historia rememorada”, recolle o debate encol da validez da memoria como base do discurso histórico e alude ao fenómeno das “novelas da memoria” na literatura galega, estudo por John Thompson. Nun derradeiro epígrafe, “Mentira e desmemoria”, reúne o exposto sobre o mal uso da memoria como propaganda.

Recólense as principais reflexións e queixas do mundo do teatro e da danza galegas con respecto ás “idas e v白马das dos actuais responsábeis culturais da Xunta”, á paralización e aos recortes de presuposto para o fomento das artes escénicas.
dous principais colectivos teatrais: o da Asociación de Actores e Actrices de Galicia, “Xornadas terapéuticas: na busca dun tratamento eficaz” e o de Escena Galega. Do primeiro destaca as queixas recibidas por Blanca Cendán, directora do Centro Dramático Galego, por parte de Vicente Montoto, Rosa Álvarez e o presidente da AAAG, Antonio Durán, frente á defensa do alumnado da ESAD (Escola de Arte Dramática) e de Afonso Becerra, un dos profesores desta escola. Nun segundo epígrafe, “Reflexión tras a catarse”, describe o segundo dos encontros, centrado na reflexión sobre a situación do teatro galego actual, indicando a súa excesiva duración. A seguir, en “Demasiadas ou desordenadas?”, comenta un dos temas do primeiro encontro, o desaxuste entre o número de representacións e o número de compañías teatrais causado pola deficiente organización da Rede Galega de Teatros e Auditorios. En “Un factor de desenvolvemento local”, salienta a crítica contra o escaso labor de promoción das artes escénicas e de consolidación de hábitos de asistencia ao teatro levado a cabo polos concellos contra a ausencia de deseños de programacións culturais. Indica asemeade a presenza do asesor cultural Roberto Taboada e do programador Luciano Fernández e destaca o relatorio de Manuel Vieites. Nun derradeiro epígrafe, “Cos orzamentos de pano”, comenta a intervención do director da AGADIC, Juan Carlos Fasero, moi criticada polos asistentes, xunto ao recorte orzamental debido á reestruturación da Xunta de Galicia. Sinala así mesmo o relatorio de Damián Villalain, no que se comentou a reactivación do Plan Galego das Artes Escénicas e conclúe coa mención da presenza de Manuel Guede no canto de Blanca Cendán.


Faise referencia á homenaxe que o Grupo Poético Bilbao e o Centro de Estudos Galegos da Universidade Complutense lle rendiron en Madrid a Marivi Villaverde. Indicase que nela, diversos persoeiros lerón varios poemas da autora e dedicados a ela, algúns deles acompañados de música, e unha carta de Eduardo Blanco Amor á homenaxeada. Apúntase que realizaron unha semblanza biográfica, cun especial recordo, por parte de Xesús Alonso Montero, da relación de Marivi Villaverde e Ramón de Valenzuela e ao mundo da emigración que a escritora viviu e que reflicte na súa única novela, Tres tiempos y la esperanza (1962).


Sinálase tras unha semblanza biográfica do mestre e escritor Manuel Piñeiro Groba (Cristiñade, Ponteareas 1890-1988) a súa andaina como xornalista durante a primeira década do século XX. Dise que escribiu para Acción Gallega, publicación que estaba dirixida por Basilio Álvarez e na que plasmaban as ideas que defendía a Liga Acción Gallega como eran a redacción dos foros ou a extirpación do caciquismo, entre outras. Apúntase que o seu labor máis destacábel foi a dirección do seminario El Tea que se baseaba en idearios republicanos porén foi transformando no portavoz do movemento agrario da zona. Fálase de que as autoridades gubernamentais cesaron máis tarde as publicacións deste seminario, pero despois de dúas tentativas fallas de seminarios coa mesma tendencia por parte de Piñeiro Groba, El Una e El Agro Celta, deixaronlle publicar de novo El Tea. Cítase tamén a súa carreira como político no partido agrarista e
o seu labor como mestre innovador que seguiu a práctica da Institución Libre de Enseñanza.


Tras unha breve semblanza biobibliográfica de Carlos G. Reigosa, recóllese a conversa, que xira ao redor do protagonista das súas novelas policiais, Nivardo Castro. Reflexiónase sobre asuntos como o xénero da novela negra, o afán de denuncia presente nas súas obras, o proceso creativo de Nivardo Castro e a súa evolución ou a presenza da muller, de Santiago e Galicia nestas novelas e o seu papel.


Reprodúcese o texto narrativo “Ira de Deus”, de Agustín Agra.


Evoca en primeiro termo a amizade que o uniu a Anxo R. Rei Ballesteros (Boqueixón, 1952-Vigo, 2008) sentindo a súa ausencia. A seguir repasa o seu pensamento filosófico, que relaciona con conceptos como Orixe e Terra na liña de Heidegger e Ramón Otero Pedrayo, respectivamente, e manifesta o seu abraio ao ler, tras o seu falecemento, que non era nacionalista, sinalando que “non era nacionalista, era “nacional” e, por tanto, non necesitaba sequera ser “nacionalista”, se é que interpretamos este termo como reificación do nacional, ou si o era (...) se, máis axustadamente, é “nacionalista” quen se
entrega á defensa da vida colectiva como lugar da fraternidade orixinaria”, de aí que escribise toda a súa obra en lingua galega e se resistise a ser traducido ao castelán.

Apunta que considera as súas melores páxinas aquelas dedicadas a falar da Compostela estudiantil dos anos setenta, o tempo de formación, que honrou en Dos anxos e dos mortos (1977). Salienta tamén a súa paixón pola comunicación e o cultivo da oralidade e comenta que a súa obra manifesta a diferenza que existe entre escribir e redactar.


Entrevista a Antón Patiño, co gallo da súa recente mostra intitulada “Antón Patiño. 1974-1979. Crónica do artista adolescente” e organizada en Vigo, na que tratou cuestións como a súa vivencia nos anos finais do franquismo con respecto á arte; os marcos socio-político, cultural e estético nos que se desenvolve a súa etapa de adolescencia; a xeración da que formou parte durante 1950, con incursións no body art e no minimalismo pictórico; a relación entre a Galicia de Beckett e a de Manuel Antonio presente na súa mostra; a arte galega do século XX no tocante a el mesmo, a Reimundo Patiño e a Luís Seoane; o proxecto Atlántica; o eclecticismo inherente á súa mostra; a referencia a Los hijos del limo: del romanticismo a la vanguardia (1974), de Octavio Paz e á poética de Duchamp; a exposición de Lyotard, “Os inmateriais” (1985); a súa relación con outros escritores coetáneos, dende Eduardo Blanco Amor e Álvaro Cunqueiro até Manuel Rivas ou Lois Pereiro entre outros; e finalmente o internacionalismo actual e as culturas marxinas.


Ademais de facer certos comentarios sobre Carlos Mella, sinala que en Memorias dun ninguén (2009), logo de “tentar un molliño de reflexións de orde existencial e metafísico, ainda con reiteradas bases literarias como apoio e, de certo, con escasa profundidade de pensamento, o memorialista, coa teima do ‘ambiente’ como elemento esclarecedor dunha chea de realidades heteroxéneas, pasa ao relato de ‘pinchacarneiros’ varios, que comezan –era inevitable– na infancia e, polo tanto, na guerra civil, para rematar na transición e ofrecer algunhas meditacións sobre a realidade sociopolítica galega e sobre a vellez”. Tamén apunta que a forma de contar, que aspira á sinxeleza e veracidade, carece en moitos intres de forza, de intensidade e versatilidade expresiva. Considera que resulta unha escrita esteticamente moi limitada que, en todo caso, amosa opinións, xuízos ou puntos de vista do escritor postos na boca do “eu” narrativo.


Reprodúcense unha selección de parágrafos dunha serie de cartas que lle escribiu Ramón Cabanillas a Isidoro Millán González Pardo entre 1948 e 1951, concibidas neste artigo como homenaxe ao propio Ramón Cabanillas, pero tamén a Xosé Filgueira
Valverde e a Millán González. En xeral os parágrafos destas cartas amosan diversos aconteceres e opinións do poeta durante o seu retiro no mosteiro de Samos, a preocupación pola edición da súa obra e refírees a composición de Antifona da cantiga (1951). Tamén augura cal pode ser a percepción da súa obra, alude á súa vida retirada, pidelle opinión a Millán sobre os seus escritos, anúnciale que asistirá á misa de Rosalía, manifesta a súa simpatía por Frei Sarmiento e os pomarells dunha xunta de Galaxia na que se trataron os proxectos que se querían poñer en marcha. A seguir reproducense dous fragmentos dunha alocución pronunciada por Millán nos anos setenta, inédita até o de agora, nos que loa ao amigo e manifesta a súa profunda admiración.


Co gallo da celebración do Campus Internacional de Verán das Artes Escénicas en Vigo, recóllese unha entrevista con Beppe Chierichetti na que se fala de temas como os campos traballados polo Teatro Tascabile, o traballo do actor, a relación co público e o concepto de teatro Kathakali. Transcríbese tamén outra conversa con Wlodzimierz Staniewski, na que se reflexiona sobre a súa experiencia dentro do Campus.


Entrevista a Xesús Alonso Montero co gallo da súa traxectoria vital e profesional dende a época franquista até a actualidade na que fala dos libros de memorias, da situación de seus pais no tocante á súa economía; do returno á súa aldea; do asasinato de Brunet; do seu comezo como neofalante galego; da súa estadía como estudante en Vigo; da súa decisión de estudar Filoloxía Románica en Madrid e dos profesores que allí tivo; do seu encontro con Uxío Novoneyra, Carmen Blanco, Leopoldo Calvo Sotelo e Pilar Ibáñez durante a carreira universitaria; do seu establecemento en Lugo como profesor de literatura; da súa opinión sobre o volume de Sartre, *Qué es la literatura* (1950); da súa comunión cos ideais marxistas e do seu rexeitamento do nacionalismo; da saída ao prelo de Pedro Petouto. *Traballos e cavilacións dun mestre subsversivo* (1974), *Os escritores galegos ante a guerra civil española 1936-1939: textos e actitudes* (2006), *Intelectuais marxistas e militantes comunistas en Galicia* (2007), e *A batalla de Montevideo: os agravios lingüísticos denunciados na UNESCO en 1954* (2002); da súa temática sobre a realidade galega dende o punto de vista da política de esquerdas; do seu ingreso na Real Academia Galega e posterior distanciamento con Xosé Luís Méndez Ferrín e, por último, da súa opinión sobre o Decreto de Plurilingüismo de Feijoo.


Conversa con Xosé Luís Méndez Ferrín co gallo do seu labor ao fronte da Real Academia Galega na que fala dos principais obxectivos a acadar pola RAG; da evolución da RAG durante o seu primeiro ano como presidente; da situación en que a política lingüística de Feijoo deixa a RAG; da contradición entre o século de ouro da
lingua galega e a actual crise social que vive; da síndrome de Michael Jackson aplicada á lingua galega; do rol da RAG na sociedade galega actual; da coincidencia entre o seu nomeamento como presidente da RAG e o comezo dun goberno galego de dereitas; da novidade de que o novo presidente da RAG sexa un nacionalista de esquerdas; da creación da Dereita Galeguista por parte de Vicente Risco e Filgueira Valverde, antigos membros do Partido Galeguista; da súa admiración por Luís Seoane e Otero Pedrayo entre outros persoais literarios; do seu posible antagonismo perante Domingo García Sabell, Paco Rodríguez, presidente da Unión do Pobo Galego (UPG), Ramón Piñeiro e Alonso Montero; da situación da sociedade galega actual e da literatura española e a polémica de certos escritores galegos que escriben en castelán. A entrevista acompañase de doce fotografías nas que se pode observar a figura de Méndez Ferrín en solitario e xunto a outros escritores e persoais galegos.


Dáse conta da entrevista ao escritor de Allariz Alfredo Conde por mor da súa última obra *Huesos de santo*. Indícase que a trama se basea nos presuntos ósos do Apóstolo Santiago e a lenda que se atopa arredor da Catedral. Dise que Conde sabe que vai a ser branco de moitos críticas. Sinálase que o escritor rompe coa súa dedicación literaria xa que é unha novela que mestura o xénero policiaco e de intriga, porén de empregar unha linguaxe e unha temática histórica moito máis estudada. Citanse os grandes “best-sellers” deste século debidos a Henning Mankell ou Stieg Larsson aos que considera extraordinarios. Alúdese tamén á contorna literaria do escritor: Ramón Piñeiro, Carlos Casares, Suso de Toro, Manuel Rivas, entre outros. Faise fincapé en que Conde se sente decepcionado co ámbito literario galego. No artigo noméase tamén o paso do galego dende os anos 70 até a actualidade, e que Conde defende a lingua e a cultura galegas ben afastadas de se apercibiren como unha forza política.


Homenaxe ao finado intelectual galego Francisco Fernández del Riego na que se dá conta do seu incalculábel labor a prol da cultura galega e se estabelce unha comparanza con André Malraux e Palmiro Togliatti. Sinálase que foi director da editorial Galaxia durante moitos anos, e que tamén presidiu a Real Academia Galega ao longo de catro anos. Citase que tamén compartiu experiencias no estranxeiro con Álvaro Cunqueiro, Ramón Piñeiro e Luís Seoane, entre outros. Remátase aludindo ao valor da súa biblioteca, e a seu labor en prol da defensa do socialismo e do galego.


Sinala que *A espiral no espello. Breña Esmeraldina e o sistema literario galego* (2009), de Anxo Angueira pretende desarmar o suposto de que a citada obra fixo considerar a Xosé Luís Méndez Ferrín un novelista fallido fronte ao excelso poeta e autor de relatos. Expón as cinco teses que considera destacan neste estudo e conclúe apuntando que quen desexe estudar en profundidade o conxunto da obra de Ferrín, mesmo teorizar sobre a constitución do sistema literario galego, poderá discrepar das teses d’*A espiral no espello*, pero ninguén poderá permitir a frivolidade crítica de ignoralas.


Con motivo da celebración do VII Simposio do Libro e da Lectura, organizado pola Asociación Galega de Editores e sufragado polo Centro Español de Dereitos Reprográficos (CEDRO), explicase que os directores do evento, Fran Alonso e Luz Picos fixeron unha achega á situación das experiencias asociacionais e de persoas de diferentes ámbitos do marco ibérico baixo o título “Fomento da lectura: unha fronteira para o libro”. Detense no contexto lexislativo, marcado pola aprobación da Lei do Libro e da Lectura e a declaración do ano 2010 como Ano do Libro e da Lectura de Galicia, e sinala que o Simposio busca a promoción e fomento da lectura do libro galego. Reflexiónase sobre a importancia do libro na sociedade actual e a lexislación que o
lexitima como instrumento. Expícase que a intervención inaugural foi de Manuel Bragado, presidente da AGE, que falou sobre a situación actual do sector, o consumo cultural e a mudanza dos modelos e participación colectiva. Tamén se dá conta da intervención de Itziar Zubizarreta, Joan Portell que falaron de proxectos realizados no País Vasco e Cataluña na promoción da lectura; e outros representantes portugueses e galegos. Describese cada un deles e explicase que no caso galego participou Concha Costas con Espazo Lectura, que busca normalizar a lectura en contextos non escolares en Gondomar. Tamén se dá conta da participación de Cristina Novoa, que falou das bibliotecas escolares e do labor docente. Remátase reflexionando sobre o estatuto do lector, especialmente pola irrupción das novas tecnoloxías, onde é preciso manter a individualidade e que representan unha nova orde simbólica.


Reflexiónase sobre a presenza do Camiño de Santiago en moitos artigos literarios publicados por Álvaro Cunqueiro no xornal Faro de Vigo. Expícase que se presenta como metáfora da historia de Galicia e de Europa en xeral. Dise que o autor fala do Camiño “con saudade evocadora, artística, mítica e literaria”, pero que tamén “denuncia a deriva esmorecente do Camiño e de todo o que representou e representa, independentemente de consideracións puramente relixiosas ou filocristiáis”. Coméntase, por último, que a súa producción temática “xacobea” xira en torno a cinco eixos temáticos: lendas e presenzas xacobeas ao longo do Camiño francés, inventario de peregrinos reais, inventario de peregrinos fantásticos e literarios, os milagres do Camiño e de Santiago e outros mitos xacobeos.


Co gallo do seu recente pasamento, realizase unha pequena homenaxe a Begoña Muñoz Saa. Indícase que estivo vincellada á Compañía Sarabela Teatro, que realizou diversos traballos de dramaturxia e creación e que desenvolveu diversas actividades de Pedagogía teatral, cursos de escrita dramática e obradoiros de teatro.


Realízase unha lembranza da figura de Suso Díaz, actor, escenógrafo e iluminador, vincellado a Sarabela Teatro dende finais dos anos oitenta do século XX. Lóuvase o seu labor como deseñador do material gráfico que acompaña as producións da compañía dende 1999 e como actor sutil e complexo, capaz de emocionar.


Xosé Manuel Dasilva dá a coñecer neste traballo a intención de Camilo José Cela de se encargar da autotradución ao galego da súa novela *La familia de Pascual Duarte* no ano 1952, o cal demostra recorrendo a varios testemuños epistolares nos que se recolle a proposta formulada á Editorial dos Bibliófilos Gallegos a través de Carlos Martínez-Barbeito. Ademais de salientar as posíbeis motivacións que levaron a Cela a concibir esta idea, analiza os motivos polos que o seu proxecto non acabou callando e apunta que a novela foi traducida por Vicente Risco en 1962 e que se publicou acompañada dun prólogo de Otero Pedrayo.


Dá conta dos traballos realizados por Ramón Piñeiro até o momento no que, en compañía de Celestino Fernández de la Vega, presentou en 1950 unha versión do *Cancioeiro da poesía céltiga*, de Julius Pokorny ao concurso de traducións convocado pola Editorial de los Bibliófilos Gallegos. A seguir, partindo do seu libro *Ramón Piñeiro, tradutor* (2009), afonda nas circunstancias que rodearon a citada versión que, na súa opinión, foi “unha das de meirande importancia ao longo da historia da tradución en Galicia”. Refírese á convocatoria do premio e ás semellanzas e disimilitudes entre a Editorial de los Bibliófilos Gallegos e Galaxia, ademais de explicar o labor feito por Fernández de la Vega sobre o *Cancioneiro* antes de que Piñeiro se incorporase ao proxecto de traducir a Pokorny, achegando a súa competencia no dominio do galego. Alude ao proceso de tradución do *Cancioeiro* e comenta que a recuperación cultural do idioma tivo que lidar na posguerra coas ideas preconcibidas que o deostaban, polo que considera que Piñeiro viu no certame de tradución de Bibliófilos Gallego unha ocasión axeitada para contribuír á dignificación do idioma. Sinala que ao certame tamén concorreron *Cantar dos cantares*, de Antonio Lorenzo Sánchez; os *Carmina* de Horacio, por Aquilino Iglesia Alvariño; e o *Cancioeiro da poesía céltiga*, de Piñeiro e Fernández del Riego. Faise eco de cómo o xurado determinou o seu veredicto e das súas
consecuencias, conclúe dicindo que se escolleu o Cancioeiro polas súas potencialidades para converterse no modelo da lingua literaria do futuro.


Reflexiónase sobre a situación de Galicia durante o primeiro terzo do século XX a partir do enxalzamento da figura de Salvador Mosteiro Pena. Tras apuntar o inicio do movemento galeguista e a creación do Seminario de Estudos Galegos e da Real Academia Galega, destácase o labor de tres persoeiros neste período histórico de Galicia. O primeiro que se menciona é Salvador Golpe, un dos participantes na fundación da Asociación Regionalista Gallega, director e fundador do xornal *Unión Gallega* e membro do faladoiro da “Cova Céltica”. Da súa produción literaria saliéntase o seu discurso pronunciado nos Xogos Floraís de Betanzos de 1901, “Regionalismo y lenguaje”, así como o seu volume *Refraneiro agrícola-meteorolóxico*, saído ao prelo baixo o pseudónimo de “Pedro de Merille”. O segundo persoeiro ao que se alude é Salvador Cabeza de León, de quen se comenta a súa presidencia do Seminario de Estudos Galegos dende 1925 até 1934, a súa participación na comisión redactora do Estatuto de Autonomía de Galicia xunto a Manuel Lugris Freire e Alexandre Bóveda en 1932 e a súa condición de membro de número da Real Academia Galega. O terceiro é Xohán Vicente Viqueira López, de quen se loa o seu labor como membro e posterior presidente das Irmandades da Fala, os seus escritos saídos ao prelo en *A Nosa Terra* e a súa gran formación humanista. Proséguese cunha brevísima referencia a Francisco Vales Vilamarín e Celestino Luís Crespo, para centrarse despois na figura de Salvador Mosteiro Pena, fundador e director da revista *Rexurdimento* e director da revista *A Nosa Terra*. Da primeira destas dúas revistas descríbese a temática dos seis primeiros números, indicando o seu labor divulgativo de textos poéticos portugueses e das súas propias ideas reintegracionistas, así como das de Xohán Vicente Viqueira. Salientase asemade o seu artigo “Laboremos”, saído ao prelo en *A Nosa Terra* en 1930, os de “Do momento” e “Por Galicia e pola humanidade” en 1931 e a súa autoría do *Vocabulario Castellano-Gallego* publicado anonimamente en 1933. Conclúese coa afirmación da relevancia do labor de Mosteiro Pena con respecto á recuperación e depuración da lingua galega.


Estudáuse a tempada de teatro galego celebrada en Uruguai a finais de 1941 ao longo de tres breves seccións. Na primeira, “Tres piezas teatrales gallegas en el Teatro Solís”, dáse conta da posta en escena no Teatro Solís da peza *Os vellos non deben de namorarse*, de Alfonso Daniel R. Castelao, a cargo da Compañía Gallega de Comedias de Maruja Villanueva e dirixida por un dos actores, Fernando Iglesias (Tacholas). Mencionanse os membros do reparto e destácase a interpretación de contos cómicos por parte deste actor ao remate da función. Na segunda, “Un estreno singular: *Os vellos non deben de namorarse*”, salientase a acollida que a prensa de Montevideo levou a cabo desta posta en escena, especialmente no xornal *El País*, na nova titulada “Una original y
deliciosa farsa”. Na terceira sección, “Las figuras de la Compañía Gallega de Comedias”, trátase o caso de dous dos seus integrantes, Fernando Iglesias (Tacholas) e Marija Villanueva (Maria Isaura Vázquez), a partir das súas traxectorias vitais e artísticas. Conclúese cunha “coda”, na que se explica brevemente a situación política no momento desta tempada de teatro galego en Uruguai.


Analízase a presenza ourensá na Residencia de Estudiantes de Madrid, que abriu as súas portas en 1910, e na que pasaron numerosos residentes ourensáns, como residentes, convividos ou participantes nalgúnhas das súas actividades, entre os que cómpre salientar a Eduardo Blanco Amor, Ramón Otero Pedrayo, Valentín Lamas Carvajal, Vicente Risco, Florencio Delgado Guirriarán, Jose Ángel Valente ou Xosé Luís Méndez Ferrín.


Salienta o interese de Luís Seoane polos problemas de tipo cultural e social, así como destaca o seu interese por buscar o camiño da integración da arte na problemática social da súa época. Sinala que Seoane nunca é cualificado como o que realmente foi, unha activista, é dicir, unha persoa atenta á problemática da súa contorna e que actúa guiado por unha premisa ética de atopar solucións que fagan os seres humanos máis conscientes. Especifica os diferentes tipos de activismo experimentados por Seoane ao longo da súa vida e comenta que co que gañaba coa venda dos cadros financiaba as editoriais que fundaba, os álbums que editaba ou as revistas que publicaba. A seguir, relata como a creación do Laboratorio de Formas lle ofreceu a posibilidade de retornar a Galicia e refírese con detalle á súa xestación, apuntándose que foi pioneiro en Galicia na recuperación do pasado recente que a ditadura escamoteara e especificándose que o Museo Carlos Maside e Ediciós do Castro eran as ferramentas para conseguilo. Tamén explica que as teorías que Seoane articulou para o Laboratorio de Formas se concretaron no “estilo Sargadelos”, que se convirtou nun factor simbólico identificador do pobo onde se creou.


Comenta que tanto en Galicia como en Arxentina o proxecto intelectual de Luís Seoane apuntou a posibilitar ao público o acceso á arte e á cultura en forma ampliada, baseándose en gran medida na difusión estendida que permite a obra múltiple. Explica que neste traballo propón dar conta do sentido da produción de Seoane no marco do campo intelectual de Bos Aires a partir dun percorrido por distintos momentos da súa actividade artística e editorial entre os anos corenta e sesenta, nos que o seu constante intercambio con intelectuais e artistas arxentinos e latinoamericanos, a súa produción editorial, as súas exposicións persoais e o seu labor mural sostiveron o seu diálogo coa cultura do país natal, o país do seu exílio. Así mesmo, especifica que este percorrido se
acouta a algunhas instancias da súa obras, nas que foi relevante a relación entre edición e imaxe impresa. Por tal razón, analiza a vinculación entre algunhas das publicacións e empresas editoriais en que participou Seoane e o sentido da súa obra gráfica no seu propio marco, centrándose na súa participación na Editorial Universitaria de Bos Aires (Eudeba).


Reprodúcese nesta sección fixa a composición poética “Tesouros novos e vellos”, de Xoán Carlos Domínguez Alberte.


Considera que unha das características singularizadoras do sistema literario galego do século XXI son as traducións, alude á mudanza política cara á desprotección deste tipo de iniciativas, polo que nun futuro será interesante analizar que consecuencias ten esta nova concorrência para o sistema autóctono. A seguir, centra o seu comentario en Fama (2009), de Daniel Kehlmann, traducido por Patricia Buján Otero. Explica que se trata dun libro de relatos que funciona como un macrotexto e que a recollida de figuras secundarias que toman o rol de protagonistas en historias sucesivas dá unha visión máis global e fresca do cosmos que tenta presentar a voz narradora. Apunta que a relación do ser humano cos outros que o rodean, coas novas tecnoloxías e coa vida e expectativas que nos obrigan a impornos son algunhas das ideas que se revisan nesta novela. Tamén apunta que esta obra nos mostra que estamos fortemente globalizados e que, a pesar do seu ton divertido, o seu texto aproximase máis ao humor negro típicamente galego, pois estamos ante unha crónica de perdedores. Por último, refírese ás calidades da tradución deste texto, no que Kehlmann persiste na busca do patetismo do grandioso, xa presente na súa obra *A medición do mundo*.


Comenta a obra *A rolda nocturna* (2009), de Sarah Waters, afirmando que os puntos centrais da novela son a discordancia nos sentimentos e na vida, así como a ambigüidade. Fai un breve percorrido polos éxitos editoriais da narrativa galega para dar conta da “novidade” que xorde na producción de literatura galega ao dar maior cabida á temática do lesbianismo. Sobre a novela de Waters, o Premio Novela Europea do Casino de Santiago 2008, sinala que é unha obra histórica, pero que a trama é atemporal. Considera a novela dentro da era *ciborg*, de carácter polifónico, un texto dividido en tres partes cronolóxicas con cinco personaxes que buscan “a súa normalidade, o seu lugar e non o dan encontrado”.

810

Realízase unha comparación entre A Esmorga, La Parranda e Bodas de sangre. Destácase que a intertextualidade entre Eduardo Blanco Amor e Federico García Lorca reflicte unha amizade baseada na admiración mutua e en gustos literarios comúns, como é o feito de que nas tres obras analizadas resoen ecos das traxedias de William Shakespeare.


Infórmase da edición facsimilar levada a cabo dos seis números da revista de arte Ronsel. Tras describir brevemente os seus contidos e de mencionar os seus editores, saliéntase o labor de dirección de Evaristo Correa Calderón e Álvaro Cebreiro durante a súa época modernista e ultraísta e destácase asemade o labor dalgúns participantes: Manuel Antonio, Luis Pimentel, Alfonso Daniel R. Castelao, Ánxel Johan, Ramón Gómez de la Serna, Jesús Bal, Álvaro Gil e Antoniorrobles. Conclúese coa mención desta revista ter sido grafada en diferentes linguas, entre elas, a portuguesa, a castelá, a galega, a catalá ou a francesa.


Lego de facer un repaso polas condicións laborais das xentes do teatro en Galicia, unha profesión da que se sinala que non ten moito máis de trinta anos como tal e que, en numerosas ocasións, o seu exercicio constituía un acto heroico, reproducéuse o preámbulo do primeiro convenio de actores e actrices de teatro de Galicia. Nel pónse de manifesto a necesidade de normalización do desenvolvemento da profesión e da regulación laboral do sector.


Palabras de benvida ao acto de entrega dos Premios do Pedrón de Ouro e de Honra de Xosé Ramón Fandiño, nas que esboza unha breve nota biográfica dos galardoados e lembra os membros da institución falecidos no último ano. Dos premiados, Xosé Luís Rivas “Mini” e Baldomero Iglesias “Mero”, salienta o seu labor de recollida de material popular durante máis de corenta anos, así como o estudo e tratamento da música tradicional en diferentes agrupacións. De Mariana Ploae-Hangamu salienta o seu labor de tradución de autores galegos á lingua romanesa, entre os que cita a Castelao. Por último lembra a Avelino Abuín de Tembra, Xosé Porto Matalobos e Gustavo Santiago Valencia, membros do Padroado e que faleceron no último ano. A eles dedica un poema de Abuín de Tembra como lemnranza.


Información”, comenta a sinatura da acta de constitución do Instituto Galego de Información en 1977, baixo a proposta de Lorenzo Varela. Tamén menciona a fundación do Laboratorio Xeolóxico de Laxe en 1940 por Isidro Parga Pondal e a exposición organizada co gallo da inauguración da Galería Sargadelos en Santiago, na que se presentou unha reedición d’A Terra de Melide e un caderno do Laboratorio de Formas intitulado Testemuñas e perspectivas do Seminario de Estudos Galegos.


Analízanse as continuidades e os cambios do discurso elaborado a comezos do século XX polas elites intelectuais da comunidade galega en Bos Aires para oposición á imaxe negativa que a condición natural de Galicia entrañaba para a sociedade deste país. Con ese propósito comentase o labor do órgano de prensa do Centro Ourensano da capital arxentina, no que colaboraban persoas como Vicente Risco, Rey Baltar, Suárez Picallo, Rafael Dieste, Ramón Otero Pedrayo e Filgueira Valverde, entre outros. Faise referencia a que El Orensano estaba orientado á difusión da cultura galega entre a comunidade emigrada a través de artigos de Historia, Xeografía e cultura galegas, pero tamén de colaboracións literarias de escritores galegos e españoles.


Entrevista a Xosé Luís Méndez Ferrín co gallo do seu labor como presidente ao fronte da Real Academia Galega na que tratou dos obxectivos que ten previsto acabar durante o seu mandato, do aval da súa candidatura por Xosé Ramón Barreiro, do orzamento dedicado a RAG, do Plan de Normalización Lingüística e do reforzamento da lingua galega en empresas e universidades, do estado actual da lingua galega, do reintegracionismo como posíbel inimigo do galego, das innovacións previstas para o Día das Letras Galegas, da publicación dun novo dicionario da RAG, da literatura en lingua galega, da fundación da UPG e do seu liderado da Fronte Popular Galega.


Faise unha análise das claves construcionais de Volpone na que se inclúe a transcripción e comentario crítico dunha escena da obra, en tradución ao galego de Manuel Lourenzo. Acompañase dunha ilustración de David Sánchez.


Segunda parte do traballo de investigación sobre a historia de Galicia iniciado no número 4 da revista Adra en 2009. Dividido en cinco apartados, estúdanse unha serie de
banquetes celebrados na honra de varios persoios da historia galega. Logo dun primeiro apuntamento a xeito de introdución, analízase a homenaxe a Bernardo Bermúdez Jambrina no primeiro apartado, “1908. Un xantar a ritmo caribeño: homenaxe na Habana a Bernardo Bermúdez Jambrina”, dividido en cinco pequenas seccións, nas que se comenta a emigración a Cuba de moitos galegos e galegas; e a figura de Bermúdez Jambrina, da que se destaca a súa participación na Escuela Regional de Declamación e o seu poema “Saúdo”, o xantar homenaxe que o dezaoito de outubro de 1908 lle organizou a colonia galega na Habana e o seu posterior comentario na revista* Follas Novas*, xunto á presenza de Antón Villar Ponte, M. Lafuente, A. Novo, Tovar, Merino, Lugris e López Pérez. No segundo apartado, dedicado á figura de Manuel Murguía, ofrecese un resumo da súa traxectoria biobibliográfica, da cal se salientan as publicacións de *Historia de Galicia* (o primeiro tomo en 1866) e o seu labor de dirección en *La Ilustración Gallega y Asturiana* e *La Ilustración Cantábrica*.

Apúntase asemade o banquete co gallo da Exposición Rhexional Galega de Santiago de Compostela en 1909, celebrado na fonda La Provinciana o dous de marzo de 1909, segundo afirmaba o xornal *La Voz de Galicia*, e que contou coa presenza de innumerábeis persoios da cultura galega e do rei Afonso XIII. Describense a seguir o menú e o seguinte xantar homenaxe a Murguía, co gallo do seu octoxésimo aniversario, o dezasete de maio de 1913 na Coruña, que contou coa presenza de Filomena Dato e María Barbeito, entre outros e outras. No terceiro apartado trátase brevemente a biografía do arcebispo Antolín López Peláez, da que se salienta a súa chegada á Coruña e a homenaxe que lle organizou a Real Academia Galega o catorce de agosto de 1910 que contou coa presenza de Manuel Murguía e Marcelo Macías entre outros e outras. Describese o menú. O cuarto apartado dedicase á homenaxe das Irmandades da Fala aos rexionalistas cataláns co gallo da Semana Catalá en 1917 e describese a axenda cultural dese Semana e o menú. No derradeiro apartado, que xira ao redor de Ramón Cabanillas e da súa homenaxe por parte da colonia galega na Habana, saliéntase o seu discurso de ingreso na Real Academia Galega, “A saudade nos poetas galegos”, e o himno de *Acção Galega* entoado no xantar homenaxe, así como a lectura dos poemas de “Negra Sombra”, de Rosalía de Castro, e “Adiós a Mariquiña”, de Manuel Curros Enríquez. Complétase este traballo con citas de Emilia Pardo Bazán e Picadillo e péchase cunha listaxe da bibliografía empregada.


Describe a novela de Muriel Barbery, *A elegancia do ourizo* (2008), traducida ao galego por María Dolores Torres París. Logo de explicar a súa trama, salienta a súa temática existencialista e o seu fío argumental como parello ao contido dos poemas xaponeses coñecidos como *haiku*. Recomenda finalmente a súa lectura.


Despois de reproducir o poema “Trazo de muller”, de Claudio Rodríguez Fer, é analizado dende unha perspectiva metodolóxica integral, que dá pé a enfrontarse ao texto dende distintos enfoques, ao tempo que se realiza un estudo sistemático e rigoroso.
Conclúese remarcando o carácter límite e climático da composición “posto que nel, ao tempo que se produce unha redución do aparato formal, unha esencialización da escritura, tamén se constata a continuidade dos grandes temas e aspectos propios da poesía do autor”.


Destaca esta monografía entre as publicadas por mor da homenaxe no Día das Letras Galegas 2008 a Xosé María Álvarez Blázquez (Tui, 1915-Vigo, 1985). Apunta que na “presentación” do catedrático Anxo Tarrio este lembra que o Departamento de Literatura galega da Universidade de Santiago, “por iniciativa e baixo a responsabilidade” do primeiro catedrático de Literatura galega da mesma, Ricardo Carballo Calero, desde 1970 se suma a esta efeméride. Precisa que Tarrío refire que aínda que o escritor, editor, arqueólogo e investigador “humanista” Álvarez Blázquez loitou pola “modernización de Galicia”, non tivo homenaxes en vida, enumera brevemente os estudios que conforman esta monografía e achega agradecementos á profesora e pintora Berta Álvarez Cáccamo quen ilustra a monografía. A articulista explica que esta monografía é unha das poucas que atende a obra infantil e xuvenil do escritor tudense, como se reflece neste Informe no apartado VII dedicado á Literatura Infantil e Xuvenil. Nesta obra saliéntanse os traballos de Xosé Luís Couceiro, que estuda as antoloxías de poesía medieval editadas por Álvarez Blázquez e valora o seu labor editorial en Galaxia e Castrelos e en prestixiar a lírica profana medieval; Ramón Mariño Paz, que analiza lingüísticamente e transcribe dúas composicións que testemuñan o valor lingüístico do galego oral dos séculos XVII e XVIII; José Luis Forneiro, que rebate a consideración da literatura popular que fixo Álvarez Blázquez; José Manuel Dasilva, que analiza obras que sufriron modificacións por mor da censura e reproduce expedientes dos censores; e Marta Neira Rodríguez, que pecha esta monografía cunha primeira achega bibliográfica activa e pasiva do tudense e indica os marxetes en que a divide, destacando que se trata da primeira bibliografía que dá conta da produción infantil e xuvenil do autor, das antoloxías que acolleron a súa obra e da recepción crítica que tivo. A articulista remata salientando que as facetas que amosa esta monografía do tudense permiten coñecer o seu labor cultural e a súa obra, e indirectamente a doutros escritores que Álvarez Blázquez deu a coñecer como editor. Considera útil, como complemento desta monografía, consultar a bibliografía achegada por cada estudioso e consultar o *Informe de Literatura 2008*, para coñecer a recepción que mereceu o tudense no ano que foi homenaxeo no Día das Letras Galegas.


Reprodúcese nesta sección fixa o relato “Viaxe de volta”, de Manuel Fiaño Sánchez, acompañado dunha ilustración de Luis Otero.

**Freixanes,** Víctor F., “Territorios do imaxinario”, *Grial. Revista Galega de Cultura*, n.º
185, Tomo XLVIII, “Carta do editor”, xaneiro, febreiro, marzo 2010, pp. 5-7.

Nesta presentación dos contidos do número 185 de Grial, que aborda os catro camiños de peregrinación, refírese a Exeria, a don Gaiferos e ao poema do Divino saïnete por tratan o tema da peregrinación. Por outra parte, citanse as contribucións de Dolores Vilavedra, que recupera un texto non publicado por Xosé Luís Méndez Ferrín en Percival e outras historias, de Xosé Manuel Dasilva, que se centra na elaboración e tradución do Cancioneiro, de J. Pokorny; e de Luís Rei, que recupera cinco poemas pouco coñecidos de Ramón Cabanillas.


Comenta que, tras a desfeta de 1936, se estragou o rexurdimento reiniciado coas Irmandades da Fala e se abiriron dúas pólas da árbore da cultura galega: a póla da resistencia interior, encarnada sobre todo no denominado grupo Galaxia, e a póla do exilio. Sinala que Bos Aires é a capital da cultura galega entre 1939 e os primeiros anos 60 e que, tras a figura senlleira de Castelao como máxima representación do pulo da resistencia, Luís Seoane pasou a ocupar o primeiro plano. Dá conta dos artigos que se inclúen neste número sobre Seoane, de quen se cumpren cen anos do seu nacemento e se considera capital para entender a modernidade da cultura galega, e recorda outros números de Grial que abordaron a súa obra. Sinala que a súa traxectoria, obra e compromiso intelectual e vital exemplifican a contribución que a identidade galega ten na construcción da identidade arxentina, xunto cos xudeus e os italianos principalmente.


Editorial da presentación deste número de Grial que se abre apuntando o pacto obrigado que a cultura ten que facer coa tecnoloxía do seu tempo, ao tempo que se reflexiona sobre a importancia da lectura e do salto que supuxo a teoría do hipertexto e a aparición da World Wide Web en 1991. Neste senso, vai apuntando o contido dos traballos que se achegan neste novo exemplar, como son os estudios de Manuel Bragado, Domingo Docampo, Daniel Cassany e Carlos Lema.


Repasa a historia da editorial Galaxia dende a súa creación en 1950 centrándose na figura de Francisco Fernández del Riego qualificado como “figura sobranceira da crónica cultural e política do galeguismo no pasado século”. Tamén se detén na revista Grial e destaca que F. Fernández del Riego foi un pai ideolóxico e cultural e comenta a importancia que tivo F. del Riego na renovación de Grial no ano 2003.

María Consuelo de Frutos demostra neste artigo que o poema *O divino sainete* (1888), do escritor galego Manuel Curros Enríquez (1851-1908) non é ningunha parodia d’*A divina comedia*, de Dante, tal e como se afirma na maioría dos estudos críticos sobre esta obra galega, senón unha contundente resposta ideolóxica, en clave polémica e satírica, ás ideas expresadas e defendidas en *Mi romería* (1888, compilación de crónicas xornalísticas) de Emilia Pardo Bazán (1851-1921), motivo polo cal o texto de Curros non se pode analizar e interpretar axeitadamente sen ter moi presente este libro da viaxe a Roma da escritora. Conclúe que Curros responde cunha parodia satírica ao contido do texto da condesa para reescribirlo cun enfoque ideolóxico oposto.


Comeza a traxectoria vital e artística de Leopoldo Nóvoa mencionando o encontro con outros escritores, como Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, Luís Seoane, Eduardo Blanco Amor, Rafael Dieste e Manuel Colmeiro entre outros, durante o seu exilio en Bos Aires. Despois cita os volumes de *Sempre en Galiza* (1944), de Castelao; *Las aventuras de Félix Muriel*, de Dieste; *A esmorga* (1959), de Blanco Amor; *De catro a catro* (1928), de Manuel Antonio; *Castelao, artista* (1969), de Seoane e *Historia de Galiza* (1962), de Ramón Otero Pedrayo. Salienta as ilustracións dos tres volumes desta *Historia* e a súa produción pictórica durante a súa estadía en Montevideo e Bos Aires. Destaca, doutra banda, a súa amizade con Jorge Oteiza e a súa peza de escultura “Espacio crómlech ocupado”, así como a súa estadía en París e o éxito que ali acada.


Tráese á memoria a figura de Rosalía de Castro cando se cumpren cento vinte e cinco anos do seu pasamento. Destácase primeiramente a súa calidade de pioneira da cultura galega e a súa produción literaria, para despois comentar os contidos da revista que lle rende homenaxe. Sinálase o estudo de Andrés Pociña e Aurora López, autores da biobibliografía da poeta; a reflexión de Francisco Rodríguez, autor dunha tese de doutoramento sobre a produción desta poeta; o ensaio de Kathleen March ao redor da correspondencia mantida entre Rosalía e outras escritoras contemporáneas; a análise de María Pilar García Negro encol da posición da poeta no seu xénero; o estudo de Celia María Armas García sobre a intervención literaria feminina no século XIX en Galicia e finalmente a reflexión de Diego Pardo Amado sobre a relación da poeta co seu home, Manuel Murguía.

Infórmase do labor que o Museo de Pontevedra leva a cabo para difundir a cultura galega, especialmente nos eidos da pintura, a arqueoloxía e a música. Nun epígrafe intitulado “Homenaxe a Luís Seoane”, indicase a mostra “Ao pé do prelo. Luís Seoane. Editor e artista gráfico”, que recolle máis de trescentas pezas do artista, como por exemplo Homenaxe á Torre de Hércules, 49 debuxos, merecente do premio Pierpont Morgan Library; as súas colaboracións con Emecé Editores, Nova, ou Botella al Mar e sete pezas artísticas orixinais doadas por Maruxa Seoane, entre elas “Areal e rochas” inacabado por mor do seu pasamento.


Achega ao libro titulado Abro a xanela e respiro aire fresco da fin do mundo (2009), no que se combinan as composicións de Chus Pato, Celso Fernández Sanmartín e Carlos Negro, coas imaxes de Álvaro Negro, que formaron parte dunha exposición, pero da que non se dá conta na obra, configurándose como un proxecto propio. Considera que con esta iniciativa se abren novas formas de relación entre a palabra e as fotografías, detallando algúns aspectos do material icónico, que sitúa na liña da obra Cés sobre Berlin, de Win Wenders. Refire a tensión entre o cotián e a irrupción dunha certa dose de transcendencia e de espiritualidade. Da escrita de Chus Pato sinala que está cruzada de marcas de corporeidade e intimidade, “radicalmente anti-esencialista”, que sitúan na indeterminación ao lector, unha identidade formal que a aproxima á obra de Álvaro Negro. Pola contra considera que as composicións de Fernández Sanmartín e Carlos Negro se relacionan de forma diferente coas fotografías, ao traballaren ambos sobre conxuntos de imaxes, o primeiro con series melancólicas ás que lles dá vida cunha linguaxe que se fundamenta na orality, mentres que o segundo escolle espazos en tránsito e dá como resultado unha poesía da experiencia.


Achega a algunhas das claves da escrita de Adiós María (1970), de Xohana Torres, na que se comeza repasando a liña argumental da obra e destacando o valor da escrita como forma de rebelarse contra a realidade, como pescuda na relación íntima da filla coa nai e como busca da propia identidade, dado que a través da escrita logra a diferencia e chega á conciencia de si mesma, creando un sistema de defensa do eu e pensar por si mesma, expresar os seus deseos e organizar a súa experiencia. Detense tamén o esgazamento que se produce no discurso entre a representación da mentalidade familiar e a súa propia voz crítica e distorsionadora da imaxe pública autocompracente, que se converte na historia do seu devir íntimo, no que a escrita é a única porta aberta na “claustrofóbica tristeza da casa sen pais”. A seguir analízase a capacidade da linguaxe para reflectir cuestións relacionadas co poder e o xénero, exemplificando con diferentes parágrafos da obra, nos que se pon de manifiesto a celebración da creatividade feminina, a experimentación coa linguaxe, o recurso á ironía e imitación paródica, convertendo a obra nun exemplo do funcionamento da violencia simbólica a través da linguaxe. Tamén se repara na capacidade da protagonista para escribir sobre as ausencias que marcan a súa vida, especialmente a da figura materna, da
que a protagonista se vai distanciando progresivamente. Conclúese que *Adiós María* é un relato centrado nos efectos da economía e a política na vida das persoas, no seu desenvolvemento psíquico e social; no tránsito da infancia á idade adulta, na superación dos baleiros deixados polos proxenitores ausentes; e a busca da identidade, na que a escritura ten un papel fundamental.


Realízase unha “semblanza” biográfica de Betty Millarengo, pintora e escritora de Xubia, da que se destaca que, a pesares da tardía saída á luz pública das súas habilidades, non deixou de recibir eloxios e recoñecementos, tales como o XXII Premio de Poesía “Hernán Esquío” 2003 ou o terceiro premio de poesía en lingua galega da VII edición dos Xogos Florais de Cedeira 2004. Citanse, ademais, obras súas tales como *O de Millarengo* (2007), finalista no IX Premio da Novela Fernando Lara e *De soldado a embaixador*, finalista na LV edición do Premio Planeta de Novela.


Recorda a Rosalía de Castro co motivo do aniversario do seu pasamento. Nun primeiro epígrafe intitulado “A lóxica dun difícil encaixe”, comenta a figura do seu primeiro biógrafo, Augusto González Besada e reproduce as súas verbas sobre a poesía rosaliana. Sinala asemade como os historiadores do eido anglosaxón, entre eles Donald L. Shaw, cualifican a poeta como esencial na historiografía española aínda que comparándoa con Bécquer, mentres que un dos estudiosos da poesía do XIX, Ricardo Calvo Sanz, salienta a súa producción poética como senlleira na literatura. Sinala, doutra banda, o anacronismo crítico no tocante á novelística da escritora e cita a Benito Pérez Galdós, Fernán Caballero, Carolina Coronado e Gertrudis Gómez de Avellaneda como escritores e escritoras que adoptaron o estilo rosaliano nas súas obras. No segundo epígrafe, “O carácter central dos prólogos de *Cantares gallegos* e de *Follas Novas*”, estuda a natureza e o sentido dos limiares destas dúas recompilacións de poemas da autora a partir de cuestións como a lingua na que están grafados e o seu estilo antimpreceptivo. No epígrafe “Unha sucesión de rupturas e transgresións”, enumera os cinco libros que conforman *Follas Novas* (1880), explicando de xeito conciso as súas temáticas e en “Resposta e alternativa”, analiza e extrae conclusións da globalidade da produción literaria da poeta. Remata cuns versos do seu poema “Negra sombra”.


Comeza criticando aquellas achegas que aínda na actualidade non valoran o feminismo como “principio organizador” da produción rosaliana e facendo un repaso a algunhas das que sí repararan na óptica feminista da autora padronesa. A continuación, no apartado “Fución e sentido dos prólogos na obra rosaliana” García Negro recorre a
algúns textos da autora de *Cantares gallegos* (1863) para demostrar a súa ousadia e conciencia de que por ser muller escritora e escribir, tanto verso coma prosa, e publicar estaba sendo insubmisa e a “desacatar poderes masculinos”. En “Un novo dicionario de autoridades” García Negro dá conta dos dous autores e nove autoras que a de Padrón nomea no prólogo de *La hija del mar* e das razóns que, especialmente a estas, a levaban a nomealas e que nada teñen que ver cun feito casual. Finalmente, en “O retrato da artista (case) adolescente: firmes aliceres feministas para o comezo do edificio literario” a autora luguesa lembra como os aliceres establecidos na primeira novela en castelán da autora continuaron na obra posterior. E congratúlase de “sermos descendentes afortunadas de quen con tanta valentía e xenio inaugurou a contemporaneidade galega”.


Trátase a figura de Ricardo Carvalho Calero co motivo da ausencia dunha homenaxe no ano 2010 por parte da Xunta de Galicia, o Parlamento Galego e a Universidade de Santiago de Compostela. Comézase coa mención do pasamento de Francisco Fernández del Riego, amigo de Carvalho Calero, así como das Xornadas celebradas na Universidade da Coruña sobre este último, organizadas polo Departamento de Filoloxía Galega e Portuguesa desta universidade en colaboración coa Concillería de Cultura do Concello da Coruña e a AS- PG. Menciónase a inauguración en Santiago de Compostela dun busto dedicado á figura do autor por parte da Fundaçom Meendinho e un simposio organizado por esta Fundación xunto coa Universidade de Vigo. Nun epígrafe intitulado “Silencio clamoroso” críticase a falta dunha homenaxe deste autor por parte de certas institucións oficiais, entre elas a Real Academia Galega e adúncese razóns de peso polas que si debería ter tido unha homenaxe, como por exemplo a súa redacción do primeiro anteproxecto do Estatuto de Autonomía para Galicia, ou a súa cátedra en Lingüística e Literatura Galegas en 1972. Nun derradeiro epígrafe, “Pecador maiúsculo”, enuméranse os “pecados” polos que Carvalho Calero non recibiu homenaxe algunha: o feito de ser republicano e nacionalista galego; a súa negativa a colaborar no proxecto “Realidade Galega” e a súa condición de traballador nato, como o demostra a saída ao prelo da súa *Historia da Literatura Galega Contemporánea* (1962), ou das novelas *A xente da Barreira* (1951) e *Scórpio* (1987) entre outras moitas publicacións. Conclúese coa mención dun poema de Rosalía incluído no seu volume *En las Orillas del Sar* (1884) e cunhas verbas do propio Carvalho Calero sobre a obrigatoriedade do ensino da lingua galega.


Artigo no que se tenta revisar o labor cultural da colección “Biblioteca de Escritores Gallegos” co gallo do centenario da fundación da mesma. Expícase que os seus fundadores, Prudencio Canitrot Mariño e Luis Antón del Olmet, tentaban a promoción e difusión da “literatura rexional” galega dende Madrid, alternando autores noveis con outros xa consagrados que encaixasen nos paarámetros desta literatura: textos escritos tanto en galego coma en castelán que posuísen identidade galega. Apúntase que nesta colección saíron do prelo varias obras narrativas, poéticas e de literatura dramática das
que achega un “cadro resumo” ao final do artigo, indicando datos bibliográficos de cada obra publicada. Destácase tamén a convocatoria, por parte dos fundadores desta mesma colección, dun certame literario a comezos de 1911 para incentivar os escritores galegos; certame do que resultou gañador Rafael Diste con Leñendas de la música (1911). Conclúese este repaso co final desta iniciativa editorial no ano 1913, tras o falecemento de Canitrot e despois da publicación do derradeito volume desta colección, Trinos de gorrión (1913), de Manuel Soriano.


Apunta que Sete palabras (2009) é o texto máis persoal de Suso de Toro, que se transfigura en personaxe literario baixo a segunda persoa, no que se constrúe a propia historia familiar, ao tempo que se reformulan “aspectos da memoria colectiva dunha sociedade”, alén da mirada “do ser humano cara a sí mesmo”. Observa certas similidades con outras novelas de Toro como Tic-Tac (1993) e Non volvas (2000), no que ten que ver coa “configuración do personaxe os dramas” que protagoniza a voz narrativa. Repara tamén na cuestión da imposibilidade de recuperar a memoria, polo que a traxedia da investigación “sen froitos” conleva a figura dun “narrador non fiable”. Por outro lado, profundiza a súa reflexión sobre a obra a respecto da dimensión comprometida do discurso literario, sublinhando “o carácter autolesivo e agonal da escritura”. Finalmente, pregúntase se as reflexións implícitas no libro implican un anuncio do fin de Suso de Toro, pois considera que Sete palabras ten “moito de escritura póstuma”.


Achega de Camilo Gonsar a algúns elementos que considera característicos da obra de Vicente Risco, na que comeza confesando que chegou ao galeguismo e á obra do autor ourensán a través de Celestino Fernández de la Vega e Ramón Piñeiro. A seguir detense nas lecturas e algúns dos modelos ideolóxicos que seguiu Risco, para analizar a súa conversión ao nacionalismo galego, ao que chegou dende unha posición de inadaptado e mantendo unha marcada posición espiritual. Da concepción de Galicia e o home galego, sinala que concibía os labregos como os verdadeiros depositarios do espírito de Galicia e que os labregos rexitean o emprego do abstracto na súa fusión coa Terra, de aí que prefiren as referencias ao concreto. Alude tamén á mestizaxe que se percibe na concepción da raza de Risco; ao atlantismo, no que concibe que é a civilización atlántica a chamada a liderar o futuro, asentando este ideallismo en símbolos como a Atlántida; a confrontación entre nacionalismos periféricos e centrais, que se reflece aínda na actualidade; a análise do caciquismo, etc. Da escrita de Risco sinala que é clara, expresiva e sinxela, aínda que con excesivos hiperinxembismos. Por último refírese á segunda conversión de Risco, que tivo lugar despois da guerra civil, na súa aproximación aos sublevados, aínda que recoñece que non se aproveitou do seu “franquismo” e que anos despois escribiu Etnografía. Cultura espiritual (1962), na que se retrata o espírito galego e que cualifica como obra de arte.

Realiza certas disquisicións sobre como foi abordado o personaxe de Penélope pola escrita feminista occidental, para logo centrarse na obra de Begoña Caamaño, *Circe ou o pracer do azul* (2009), que recrea a existencia dunha correspondencia secreta entre a Penélope e a Circe homéricas cando Ulises se entretén na illa de Eea. Sinala que as dúas experimentadas “esposas” do heroe van medrando en complexidade segundo avanza o cruzamento de cartas e mesmo Ulises se constrúe coas súas contradicións. Apunta que Caamaño procura non caer na compracencia da escrita plana dos estereotipos e non sucumbir á escrita de tese (feminista) compracente e previsíbel, aínda que nunha das primeiras cartas de Circe, na súa defensa de Medea, hai un exceso de discurso. Así mesmo, considera que toma partido diante dos asuntos propios das mulleres, especialmente, dende unha gramática da diferencia. Por último, opina que Caamaño mantén o alento da narración clásica entrefebrada cun aquel de realismo máxico que permite retratar con verosimilitude mulleres doutora como se fosen de agora e que, ao incorporar prodixios máxicos ás crezas que re xen a narración homérica, consigue facer verosimil un capítulo non escrito no que non se claudica nin á fatalidade nin á utopía simple.


Achega de Helena González Fernández que se enmarca no proxecto de investigación financiado FFI 2008-03621/FILO (2009-2011) e no que en primeiro lugar a autora afirma que na obra de Rosalía de Castro a vindicación das mulleres artella a nación e non ao revés. A seguir, baixo o epígrafe “Das viúvas de vivo”, González Fernández mostra como Rosalía de Castro artella a “na(rra)ción” dende presupostos e estratexias diferentes a como é o habitual e nos que lle concede un “lugar protagónico inédito” ás labregas e as súas experiencias. En “A imposibilidade do modelo heroico” formula a hipótese que De Castro “renuncia a “na(rra)ción heroica porque esta viña representada exclusivamente por unha figuración masculina que lidera en solitario a empresa transcendental da comunidade nacional no marco da dialéctica pasado-futuro” e explica os factores que, ao seu ver, interveñen na renuncia aos modelos heroicos. Pola súa banda, en “A batalla das identidades ten lugar no cotián” Helena González sinala como é presentada a muller da aldea nos poemarios galegos de Rosalía até considerar que ofrece un novo xiro á idea do home primitivo como bo salvaxe e á concepción da aldea como paraíso ao atravésar ideológicamente ambos conceptos deste a vindicación feminina. Remata con “Cando a vindicación artella a nación” apartado no que reivindica a necesidade dunha relectura da obra rosaliana a partir das ideas comentadas pois nos textos fundacionais da padronesa “é a vindicación a que artella a nación”.

novembro, decembro 2010, pp. 18-25.

Detállanse algunhas das novidades da traxectoria narrativa de Xohana Torres como escritora de referencia para o proxecto de reconstrución cultural galega da década de 1960. Comenta a súa novela máis coñecida *Adiós, María* así como as novelas inéditas *Antón dos Leis* e mais *Os funcionarios*. Debullas estes dous textos narrativos e relaciona *Antón dos Leis* coa súa obra teatral *A outra banda do Íberr*. Finalmente indica que Xohana Torres resultou incómoda para algúns contemporáneos.


Cun ton moi lírico, relata a biografía de Marilar Aleixandre dende aquel día que “decidiu ser nosa e enfiando desculpas deixouse atrapar por Vigo”, así como se fai eco da súa traxectoria literaria desta muller que “gosta da traizón e non para en contar, tamén poeta, a grandes e pequenos que lle aplauden escoitándoa nas prazas”.


Informa da morte da arquiveira e historiadora ourensá Olga Gallego, ao tempo que se fai un percorrido biobibliográfico, destacando o seu ingreso na Real Academia Galega en 1986, así como algúns premios importantes cos que foi agasallada, como o Trasalba no ano 2008.


Reproduce un poema en catro cuartillas que está recollido nun códice co número CA 1052 do Arquivo Histórico Nacional, no que se atopa tamén o poema “Crescite”, considerado o primeiro de Xoán Manuel Pintos e editado por Xosé Xove Ferreiro (1999) e M. C. Rios Panisse (2006). Considera que o texto sen asinar é tamén da autoria de Pintos baseándose na forma da grafía, que se identifica con outros textos do autor, e no contido, ao presentar trazos autobiográficos, como as alusións á súa profesión de xuiz, o nome da muller do poema, que coincide co da esposa do poeta; o nacemento da súa primoxénita e o nome do neno ao que se canta no poema. Deste modo a produción de Pintos adiántase un ano e pasa a estar documentada a primeira referencia en 1842.


Nota na que se fai unha achega á concepción vital e creativa de Suso de Toro, ao que sitúa como un funambulista que ten a convicción de que non hai arte sen risco, principio que en esencia vén mantendo dende a xuventude. Salienta a evolución constante da súa obra e a imprevisibilidade, dende o experimentalismo, a ficción científica xuvenil, o
libro de viaxes, o ensaio, etc., até a súa última obra, *Sete palabras* (2009), que define como un compendio de todo o anterior, unha mestura de xéneros na que el se sitúa como protagonista para afondar en temas universais, como a reivindicación da identidade, a busca dunha orixe e unhas raíces. Remata destacando a franqueza de todos os seus escritos e a súa contribución a facer máis “vivibel” o país.


Refírese ao óbito de Marcos Valcárcel e destaca que realizou numerosos traballos de investigación sobre Ramón Otero Pedrayo, Carlos Casares, Xesús Ferro Couselo, Eladio Rodríguez ou Xaquín Lorenzo. Asemade comenta o seu labor xornalístico en *Galicia Hoxe* e salienta o seu “magnífico” blog “As uvas na solaina”.


Loga de dar conta do momento no que por vez primeira Rosalía de Castro foi mencionada nunha historia da literatura española escrita en inglés, detense nas achegas de “dúas das máis coñecidas escritoras-viaxeiras británicas aos coñecementos no seu país de Rosalía de Castro e a través dela, da cultura e das mulleres galegas”. Trátase de Annette Meakin e do seu traballo *Galicia, the Switzerland of Spain* (1909), no que a autora dedica un capítulo a Rosalía e no que presenta a tradución ao inglés de dous poemas da padronesa, e Catherine Gasquoine Hartley, quen en *Spain Rivisted* (1911) tamén dedica dúas páxinas á autora de *Follas Novas*.


Reprodúcese o discurso de agradecemento de Baldomero Iglesias na entrega do Pedrón de Ouro no que começa referíndose a todas as persoas que dun xeito ou doutro propiciaron o seu labor e colaboran no desenvolvemento dos seus obxectivos, así como aqueles que os recoñecen e valoran. A seguir reflexiona sobre a situación actual de Galicia, que retrata como froito da postración e sometemento que vén dende antigo, denuncia a manipulación, o engano, as complicidade contra a memoria e a identidade, fronte ao que sinala que sempre haberá unha cantiga “para abolir calquera intento ou sistema que nos agrida e queira condicionar. Sempre será unha canción e unha loita en defensa propia!” Remata reafirmando o seu compromiso coa lingua e coa Terra.

Comenta os catro volumes da colección “O lapis do carpinteiro”, que naceu á calor dun bar compostelán, motor das súas entregas. De *Primavera* (2010), de Carlos Meixide, indica que non chapuza tanto nos regueiros da conciencia e que se inclina máis cara ao sketch dickesiano, ademais de presentar un elenco de personaxes recoñecíbeis dentro do nicho ecolóxico compostelán. De *Acantinado* (2008), de Carlos Santiago, sinala que os propios clientes do estabelecemento carretan temas puntualmente rexistrados polo narrador, que van das cimas filosóxicas ao envergonzado dunha gata nun cemiterio de mascotas. Así mesmo, apunta que Carlos Santiago se limita a lapexar no desasosego, no desacougo atroz e banal a un tempo que te golpea e embaza nun bar ou nunha tabacaría. Por outra parte, considera que n’*O decimoterceiro mes* (2010), de Raquel Miragaia, unha prosa musculada, veciña da poesía, explora a soledade no medio da multitud, mentres que *Os Trece xogos* (2009), de Mingolo Alborés, non encoran na auga durmida do costumismo, malia que retratan un hábito inveterado propio do folclore rural e urbano, pois introduce unha intrigante que enlaça os distintos episodios amenizados con cadanseu xogo e ponle o ramo á narración cunha volta de “torniqueta”.


Con motivo da publicación da novela póstuma *A noite do moucho* (2009), de Anxo A. Rei Ballesteros, faise un repaso pola obra deste autor dende *Dos anxos e dos mortos* (1977), a súa primeira novela no posfranquismo; pasando por *Loaira* (1992), considerada unha liña de corte na literatura galega; e *Non sei cando nos veremos* (2005), última novela publicada en vida do autor. Lémbranse algunhas das traducións que levou a cabo, como *Molloy*, de Samuel Beckett, e as súas obras de relatos como *A sombra dos teus soños*. Repásanse algúns dos presupostos teóricos do autor, como a insuficiencia da linguaxe, a súa crítica voraz á filoloxía como “ciencia clínica e radical” e a súa oposición ao convencional, así como a negación a dar entrevistas. Fálase da adscrición de Ballesteros ao pensamento de Martín Heidegger e a súa impugnación dende o nacionalismo do pensamento de Ramón Piñeiro.


Estudo sobre *Función de Romeo e Xulieta, Famosos Namorados*, breve peza teatral, adaptación da shakesperiana, publicada n’*As crónicas do Sochantre* (1956), de Álvaro Cunqueiro. Destácase a recreación en aspectos tales como a peste, a morte, a fame e o medo, exemplificando con diversos momentos do fragmento dramático. Ademais, sinálase que estes temas non son máis que trasuntos da situación da España e da Galicia da época, en plena posguerra e ditadura franquista.


Expón as razóns polas que traduxiu ao éuscaro, coa axuda do castelán, o libro de poemas de Manuel Rivas, *A desaparición da neve* (2009). Refírese ás dificultades dos
primeiros momentos e comenta que isto foi debido a que estaba aprendendo un novo idioma, o idioma da poesía de Manuel Rivas, unha linguaxe para unhas sensacións. Explica a axuda prestada pola lectora de galego na Universidade do País Vasco, Isabel Mociño, quen fixo que se decatase de que na obra había dous idelectos, un máis arcaico e outro máis moderno. Relata como foi todo o proceso de tradución e sinala que a súa maior preocupación residía unha dobre consideración: a lectura correcta do poema e a restitución do ritmo ao poema, que é unha dos asuntos máis revésgado na poesía en éuscaro. Alude a outros problemas que xorden da tradución dunha lingua romance a unha indoeuropea, pola diferenza radical que existe entre as súas estruturas gramaticais. A seguir, comenta como abordou a cuestión do xénero feminino, os problemas da tradución do léxico mariño e como se chegou ao título que leva este poemario en éuscaro: Elurraren urtzea.


Achégase a Conversas con Celso Emilio Ferreiro (2009), de Ramón Nicolás, de quen sinala manexa todos os resortes que lle permiten seleccionar e organizar a información das abundantes fontes sobre Celso Emilio para facela máis dixeríbel e pertinente para os lectores. Comenta que o resultado é case un novo subxénero ensaístico que consiste en “presentar ordenada e valorativamente” as respostas do autor, de xeito que se alixeira moito o que sería unha simple compilación de entrevistas, criando as inexactitudes reiteracións e resaltando as respostas que achegan a información máis relevante. Dá conta dos contidos abordados neste volume, que inclúe datos biográficos, reflexións e valoracións sobre a propia produción literaria, opinións sobre o fenómeno poético e literario en xeral, sobre a lingua, así como declaracións sobre a súa posición ideolóxica e a súa visión de Galicia, para rematar cun breve capítulo dedicado á visión de si mesmo e un apéndice de tres cartas a xornais sobre a polémica arredor de *Viaxe ao país dos ananos* e manifestando a súa valoración de Castelao. Tamén anota que o lector ficará sempre coa dúbida de cómo se percibirían os matices desas declaracións no seu contexto completo, pois o fragmentarismo seleccionado para a presentación da información é práctico, mais sempre deixa aberta a dúbida e unha sensación de inexactitude inevitábel que nos escamotea a poliédrica personalidade do entrevistado.


Repara no prólogo á novela castelá *El caballero de las botas azules*, un texto que “resulta interesante tamén como reflexión acerca da función da literatura en xeral e polo tanto especialmente significativa para entender a posición da autora ante o proceso creativo”. A continuación, detense en *Cantares Gallegos e Follas Novas*, obras escritas tamén dende “esa posición de responsabilidade da artista coa sociedade” e nas que se presenta a consideración do estado plurinacional e plurilinguísmo da sociedade española.

Recólense as impresións dunha viaxe por Arxentina e Uruguai, intentando saber algo máis sobre o teatro nestes países e localizar a pegada teatral dos galegos. En Arxentina procúrase información sobre varios espectáculos representados por María Casares, a estrea d’Os vellos non deben de namorarse ou representacións de pezas de María del Amparo Alvajar e contémplase o mural de Luís Seaone no Teatro San Martín. En Uruguai atópanse referencias á representación d’Os vellos non deben de namorarse pola compañía de Maruja Villanueva, dirixida por Tacholas, que poñería en escena tamén A taberna sen dono e A xustiza dun muiñeiro, de Manuel Daniel Varela Buxán.


Analízanse as liñas temáticas presentes en Migracións (2008), de Rafa Villar: as migracións, a memoria histórica, o intimismo (a soñade, o desamor, o abandono, a melancolía) e a metaliteratura (a palabra como ferramenta de traballo e a mención a outros compañeiros de profesión que se consideran exemplares), das cales se sinala que non constitúen compartimentos estancos, senón que se mesturan ao longo das distintas composicións. Destácase a presenza constante do mar e a forte carga política e social dos seus versos.

La Región, “A cada uno por su nombre”, La Región, “100 años. 1910-2010”, “Las secciones fijas”, 4 xullo 210, p. 60.

Comenta a cuestión do estabelecemento das diferentes seccións no xornal La Región. Menciona as de “Márgenes”, de Ricardo Outeiriño, “Sobre la marcha” e “Entrevista”, de Álvarez Alonso e “Mirador” e “Panorama”, de Isidoro Guede (pseudónimo de Carlos Almendares). Destaca a sección de deportes, creada en 1935 como a primeira das fixas do xornal e as de música, cine e “Índice de lecturas”, esta última a cargo de Vicente Risco, creadas na década de 1940. Nun epígrafe á parte, “Pérdida de un ecosistema”, sinaña a relación entre certos artistas ourensáns e o xornal durante a década de 1960, da que menciona como exemplo a creación de cabeceiras de seccións por parte de José Conde Corbal e Carlos Quesada.


Apunta a presenza do humor no xornal La Región dende as súas primeiras entregas, a cargo de Chumy Chúmez, Jonás, Forgés, Outumuro, Carlos Quesada e Xosé Lois González con “O Carrabouxo”. Acompañan a nota seis viñetas destes humoristas publicadas en diversos números do xornal.


Reprodúcese o texto da intervención no acto da conmemoración do 90 aniversario da revista Nós, celebrado na Deputación de Ourense en outubro de 2010, no que describe a revista como icona dun programa cultural de cara á pequena burguesía comercial e profesional. Considérase que Nós é o resultado de tres elementos basilares: a identidade cultural, a tematización da língua e da terra e a certeza de que existe un público ao que se dirixir e fidelizar. Incídese na concepción do discurso xornalístico como medio de transferencia dunha cosmovisión e a busca dun espazo de seu baseado en sinais como o atlantismo, e nun modelo cultural a incorporar e imitar para facer un cidadán ao “bo galego”. Fixase nos aspectos paratextuais, como a reproducción dos monstros do Pórtico e ás contribucións de Colmeiro durante a etapa de Ánxel Casal como editor e administrador. Considérase que foi unha publicación moderna tanto pola distribución e definición clara das tarefas dos implicados, coma por ser un traballo dirixido a un contexto urbano. Detense na publicidade que tivo ao longo da súa traxectoria, na que entre outros moitos produtos e servizos anunciou a publicación de libros. Saliéntase tamén a sinxeleza formal de cada páxina, na que a escolha dun repertorio de signos contribuíu a guiar a lectura e teñen unha clara función simbólica as imaxes, que están pensadas para trasladarlle ao lector agardado a idea dunha Galicia “nación labrada de antergo” e o reconocemento do presente no que se inscribe, transmitindo a mensaxe de que “eu fago a revista para ti”.


Análise de Teoría das preposicións (2009), de Claude Royet-Journoud, no que a busca de sentido anoa ausencia e presenza nunha corda que os poemas deste libro tensan até a vibración sonora máis próxima ao silencio, é dicir, á ausencia definitiva de significación. Apunta que a localización dos corpos na distancia, da lingua xe carencia de significación e a perda da veciñanza indican “un afastarse da forma, do ‘asedamento intelixíbel’ que estabelece a sucesión, a repetición, a xeración ou a reproducción que funda a comunidade”. Tamén sinala que nesa alteración do corpo que é a lingua, e que é o amor, se cifra o “esforzo local” de Royet-Journoud, a súa dor, a perturbación de afirmar que “a preposición escolle o incesto”.

828
Reflexiona sobre o libro e as consecuencias da nova disposición e administración dos textos no presente. Comeza falando dos libros sagrados como xeito de control dos discursos, confrontándoo coa posibilidade da súa lectura en soporte electrónico. Tamén repara na importancia do libro como mecanismo empírico de significación e na idea de diálogo como esencia do libro. Considera tamén que a lectura pode liberar o libro da significación cando a lectura é pensamento, ao tempo que lle concede atención á estrutura do libro, nomeadas como “marxes”. Outros aspectos nos que se detén son aqueles que teñen que ver coa linguaxe que se agocha “detrás”, no texto contido no lector, na forma do arquivo, no mercado dos textos e a reificación da lectura ou na cuestión do libro como totalidade ou “libro perfecto”. Finalmente, achega un último epígrafe no que fala da crítica do libro como humanismo.

Refírese a esta monografía como o froito da investigación de Mercedes Bangueses Vázquez para a súa tese de doutoramento sobre a ilustración do libro na Galicia do período comprendido entre 1880 e 1936. Sobre o obxecto de estudo concrébase que centra o seu interese no labor desempeñado polas editoriais Céltiga, Lar e Nós con motivo da importancia que outorgaron ao elemento artístico das súas publicacións. A seguir estabelécese os tres bloques nos que se estrutura o volume para despois especificar os contidos que inclúen cada un deles: un inicial de carácter introdutorio, outro principal que desenvolve con detalle o contexto e a evolución artística do libro de preguerra e, finalmente, un terceiro complementario cos traballos doutras editoriais distintas ás destacadas e unha relación dos ilustradores e obras que completan a actividade realizada en Galicia, así como un compendio dos datos biográficos e bibliográficos manexados nesta investigación. Finalmente, conclúese que a monografía descrita conta coa necesaria profusión de imaxes que require o tema e que pode resultar de grande utilidade tanto para a investigación como para a divulgación. Asemade, considérase que este traballo enche en parte un oco na análise das artes gráficas, sobre todo con respecto á relación entre arte e identidade nacionalista, e que se podería ampliar cun estudio conxunto de Galicia, Euskadi e Cataluña.

Comenta a importancia das cubertas e contracubertas dos volumes que saen ao prelo en relación ao enxalzamento, se cabe, do valor literario da obra e centrado na traxectoria artística de Luís Seoane. Comeza coa mención do labor do ilustrador Daniel Gil (1930-2005) para Alianza Editorial, Alianza Universidad e Mondadori, xunto ao de José Antonio Ocaña Martínez no volume de Juan Carlos García Alias, Ocaña Martínez:
iconos e instantes de la contemporaneidad (I) (pinturas 1983-1989) (2003) e no volume da súa autoria e mais a de Alberto Pascual, A neve do tempo (2008). Nun epígrafe intitulado “As tapas, portas de arte”, comeza o percorrido pola actividade ilustrativa de Luís Seoane a partir das publicacións dos seus volumes Libro de tapas (1953) e Segundo libro de tapas (1957), e dos de Álvaro Cunqueiro, Mar ao norde (1932), Poemas de si e non (1933) e Cantiga nova que se chama Riveira (1933), nos que el colaborou. Destaca asemeade o labor de ilustración de Alfonso Daniel R. Castelao e nun epígrafe titulado “Unhas tapas entre tapas” volta sobre a capacidade artística de Seoane, en concreto sobre a súa colaboración, conxuntamente con Castelao e Colmeiro, en A gaita a falare, lebranzas e maldicións/Poema (1939), de Ramón Rey Baltar. Subliña a seguir o álbum, Homenaxe a la Torre de Hércules: un canto a Galicia desde el exilio (1944), a obra narrativa Tres hojas de ruda y un ajo verde (1948) e o poemario Fardel de eisilado (1952), todas da súa autoria e describe en detalle a cuberta e a contracuberta do poemario. Prosegue coa mención das ilustracións que realizou para Lorenzo Varela en Lonxe (1954), Xosé Neira Vilas en Memorias dun neno labrego (1961), Eduardo Blanco Amor en A esmorga (1970), Díaz Pardo en Farsas, na edición de 1962 e tamén en Farsas para títeres (1973). Desta última describe en detalle as farsas de “Amor e crimes de ‘Juan el Pantera’ (farsa pra títeres de cachiporra)” e “Verdade vestida (farsa violenta)”. Conclúe coa descripción da ilustración de Seoane na segunda edición d’O divino sainete en 1994. Acompañan este artigo oito reproducións dalgunhas das cubertas e contracubertas realizadas por Seoane.


Comezan lembrando “o medo que as forzas conservadoras de Galiza lle tiveron decote a Rosalía e a súa obra” e explicando as razóns polas que, ao seu ver, o cento vinte e cinco aniversario da morte de Rosalía de Castro neste ano 2010 non fose “celebrado publicamente do modo que sen dúbida merecería”. A seguir, baixo os epígrafes “Rosalía, unha muller culta e letrada” e “Rosalía nos medios xornalísticos e literarios”, os autores dan conta de moitas das fontes bibliográficas nas que se pode atopar información sobre a “cultura básica en xeral, e literaria en particular” para moitos descoñecida, así como dalgunhas das publicacións nas que colaborou ou foi solicitada a colaboración da autora tanto dentro como fóra de Galicia.


Fai un repaso crítico pola traxectoria do teatro galego dende a creación do Centro Dramático Galego en 1984. Sinala a primeira función alí representada, da autoria de Woyceck e dirixida por Xulio Lago, así como os principais impulsores da institucionalización do teatro galego, Eduardo Alonso e Luís Álvarez Pousa. Prosegue coa integración do Centro Dramático Galego no antigó IGAEM (AGADIC na actualidade) e indica a existencia dun baleiro normativo do Centro que o fai perder a súa capacidade institucional. Critica, doutra banda, a situación salarial referente ao posto de Director xeral do Centro e o que este posto leva consigo, ademais da situación da recentemente seleccionada para ese labor, Blanca Cendán, da que comenta a
imposibilidade de levar a cabo os cambios que precisa o Centro. Conclúe coa proposta á dirección do Centro, á Concellaría de Cultura e ao AGADIC da mellora da situación institucional do Centro e, por ende, do teatro galego.


Crítica do poemario *Acusación* (2009), de Xiana Arias, no que o suxeito como espazo que se abre á acción continúa a liña da súa anterior obra *Ortigas* (2007). Tamén se sinala que é nos intersticios das renuncias onde se atopan as claves para o acceso ao simbólico e que hai múltiples maneiras de se enfrontar á identidade, aspecto no que Arias mantén un diálogo con autoras como Xohana Torres e no que aparecen elementos da tradición, como a casa, a cidade, a infancia e o espello. Considérase que unha cuestión fundamental para a lectura é o cruzamento de extractos de diferentes voces e elementos que conflúen e se interfiren para que o eu chegue a ser dimensionado conscientemente na colectividade. Saliéntase a narratividade do poemario, a insistencia en preguntas sobre o que nos constitúe e non pode nomearse até a cita final de Belén Gopegui na que o colectivo é quen fala e se pregunta onde vai a enerxía.


Ademais de citar outras obras centradas nos bestiarios, apunta que en *Tratado de zooloxía para corazóns mancados* (2009), de Raúl Gómez Pato, os poemas se encadean na fractura dos tópicos, partindo dunha voz que se encontra en símiles dispares para descubrir animais na paisaxe. Tamén apunta que neste libro o autor mira cara á desorde do tempo, da morte e das feridas, ademais de ciscar “refugallos”. Sinala que se trata dunha obra satírica e que a vontade de maldicir se concentra na experiencia e non transcende o vivencial, polo que considera que o seu carácter introspectivo permite unha lectura dende o corte aberto na lírica contemporánea por poetas atentos ás marcas de xénero. Ilustra o seu comentario con fragmentos do poemario.


Conversa na que Xosé Luís Méndez Ferrín amosa o seu apoio a todas as medidas a prol da promoción e difusión da lingua galega do Bierzo, indica que desexa a súa oficialización plena e mais que pretende que O Bierzo acolla unha nova sesión da RAG despois da celebrada en Vilafranca do Bierzo co gallo do Día das Letras Galegas dedicado ao padre Sarmiento. Finalmente faise un repaso á súa vida e menciónanse as principais obras de Méndez Ferrín.


831
Reprodúcese o texto narrativo “Peregrinos e peregrinos”, de X. Ricardo Losada.


Repárase a historia do Ateneo do Ullán, que naceu en Catoira en 1961. Desta etapa inicial saliéntase a figura de dous presidentes: o crego e poeta Isorna Faustino Rey Romero e o procurador e tamén poeta Baldomero Isorna. Apúntase que Rey Romero definía como obxectivo do Ateneo “ser unha entidade literaria, un vínculo coordinador de cantas inquietudes xurdan nunha comarca de ilustres resonancias poéticas”.


Comenta as tres propostas ensaísticas publicadas por Espiral Maior en 2009. Sinala que en Bos tempos para a lirica, de Xabier Rodríguez Baixeras, se percibe a vontade de elaborar un discurso en que poida ser conciliado o ton persoal-impresionista e biográfico, o rigor crítico e o encomio do conjunto da producción poética dos 80, con frecuencia naturalizada e embutida na idea de xeración. A seguir, considera que o compendio de comentarios de poemas e mais o breve ensaio, a modo de síntese conclusiva, ofrecidos por Manuel Forcadela en Sete leccións de poesía teñen unha vocación inequivocamente teórica e crítica. Destaca que a achega de Xosé María Álvarez Cáccamo, a de maior fuste dende o punto de vista editorial, se presentou baixo o título de Espazos do poema. Poética, lectura crítica e análise textual. Indica que se trata dunha compilación de textos que foron escritos entre 1985 e 2008 e parte dos cales permanecían inéditos, así como específica que atende a tipoloxías diversas (poéticas, panoramas histórico-críticos, lecturas e comentarios de texto). Estima que, malia as particularidades destas obras, non resulta unha ousadía o estabelecemento de afinidades e conexóns entre elas.


Dos proxectos da Corporación Semiótica Galega sinala que son escasas, que teñen tiraxes reducidas e unha distribución limitada, como é o caso de Contradicións (2009), unha obra pioneira que busca incorporarse á escena poético-artística galega a través das licenzas libres. Explica que se trata dun blo de páxinas desprendiébiles nas que conflúen a liña da poesía visual, interartística, intermedial, experimental, gráfica e icónica. Con esta obra di que a Corporación contribúe a fixar no espazo cultural galego un concepto de poesía proclive ao emprego de códigos e procedementos comunicativos desprazados do literario. A través das composicións explica que se realiza un exercicio satírico contra os dispositivos ideolóxicos, non exento de humor e crítica cunha función corrosiva e desintegradora.

Realízase unha escolma de personaxes tráxicos e conflitos correspondentes entre os que Manuel Lourenzo “non sabería. Nunca podería optar”. Figuran Hänsel e Gretel, o rebelde Prometeo, Fedra obsesionada por Hipólito, Hamlet, súa nai, Gerda, o Hamlet de Cunqueiro, Xasón e Medea, a raíña Hécuba, Agamenón - Ifixenia - Clitemnestra - Electra – Orestes, a raíña Xoana, Drácula de Bram Stoker e Adán, “príncipe do Paraíso, quen, igual que o rebelde Prometeo, fora castigado por querer chegar a tanto como Deus. Por querer ser humano, en definitiva...”. Acompáñase dunha ilustración de Felipe Senén.


Menciónase a peza teatral *Na brétema, Seoane*, creada polo articulista en homenaxe a Luís Seoane con motivo da dedicatoria do Día das Letras Galegas de 1994. Sinálase que contiña, debidamente contextualizados, os poemas máis impactantes do autor e que se pretendía enfatizar a distancia entre a visión do galeguismo de Luís Seoane e a do interior de Galicia. Tamén se comenta que a través do título homenaxea outro do poeta, *Na brétema, Sant-Iago* (1956).


Achégase aos poemarios *Acusación* (2009), no que Xiana Arias Rego entende a poesía como linguaxe coa que articular explicacións do real, e *Dentro do labirinto* (2009), no que Branca Novoneyra explota o poético como canle de expresión, en simbiose coa danza, a través da que recuperar lembranzas (oníricas) ancoradas a espazos afastados no tempo. Tras esta presentación inicial, profunda na análise destes dous poemarios e sinala que *Acusación* non pode entenderse sen **Ortigas**, co que a súa autora irrompía no panorama literario en 2006 ao gañar o Premio de Poesía Pérez Parallé. Refírese aos seus temas e seccións, que conteñen artefactos poéticos nos cales latexa a tensión entre o cotián e o transcendente, e fala da aproximación de Arias Rego ás potencialidades performativas da poesía. Por outra banda, apunta que en *Dentro do labirinto* se recoñecen espectáculos multimediais nos que a súa autora, bailarina e coreógrafa, mestruraba música, poesía e danza para explicar sensacións e condutas dun ser humano en loita coa sociedade. Así mesmo, saliéntase que neste primeiro poemario de Blanca Novoneyra dáse importancia á dimensión física do ser humano e que é punto de partida do espectáculo de danza *Game Over*, un videoxogo coreografado, no que o verso adquire un gran protagonismo.


Percorre a traxectoria literaria de Rosalía de Castro co motivo do aniversario do seu pasamento. Parte da súa produción literaria grafada en castelán como o seu volume de contos *El caballero de las botas azules* (1867), os artigos “Lieders” (1858) e “Las
literatas” (1866), as novelas Flavio (1861) e La hija del mar (1859), das que expón de xeito pormenorizado as súas liñas temáticas e argumentais, e o cadro de costumes Ruinas (1866), para despois destacar a maneira de pensar e o estilo literario da poeta fronte a outras obras de autoria feminina e non galega, ateigadas por voces de sentimentalismo e de anti-sentimentalismo. Reproduce despois un comentario despectivo de Nathaniel Hawthorne sobre o feito das mulleres dedicarse á escritura literaria, a partir do que menciona algunhas autoras americanas cuña escritura contiña trazos comúns coa de Rosalía, como por exemplo Maria Susana Cummins ou Margaret Fuller. Analiza, doutra banda, a cuestión dos conduct books ou libros de conduta para as mulleres, dos que salienta o tema da vestimenta e conclúe cuns versos de Lord Byron, do que afirma que foi lido por Rosalía.


Detalla o argumento de Invisible (2009), na que, entre o xénero negro e a novela erótica, Paul Auster desenvolve un relato onde mostra un xogo de caza no que non se sabe ben quen é quen. Sinala que existe un intercambio de papeis constante polo que cada quen asume, nun momento determinado, a postura do seu antagonista. Destaca que as relacións interpersoais dentro de determinados círculos son o cerne desta novela, establecéndose dentro deses campos un proceso de relación entre artista e mediador, cuxas consecuencias só se poden ver co paso do tempo.


Argumenta que Manuel Curros Enríquez non foi excomulgado pola publicación de Aires da miña terra, dado que no decreto episcopal do 28 de xuño de 1880 non hai “atísbo de condena personal”.


Realízase un estudo comparativo entre a obra Cántigas de alén (1989), de José Ángel Valente en galego e a súa produción en castelán, así como a relación con outros autores, ao redor do imaxinario literario. Divídese o conxunto da súa obra en dous períodos segundo dúas grandes liñas temáticas (a indagación na experiencia do ser: a angustia existencial, a lembrañanza da súa terra e da súa familia, a natureza social do ser humano / busca na linguaxe das respostas que o ser humano precisa), entre as que, non obstante, non se produce ruptura algunha. Sinállase, así mesmo, que nas Cántigas do alén se unen á perfección ambas as dúas tendencias temáticas. Finalmente, compárانse os temas presentes neste poemario con aqueles que son leit-motiv da súa obra en castelán e apúntanse a influencia doutros autores tales como Paul Celan ou Edmond Jabès.

Martínez, Iago, “Rebéntame de vez”, Tempos Novos, “Protexta”, n.º 13, “proPostas”,
inverno 2010, p. 6.

Achega á novela *Dime algo sucio* (2009), de Diego Ameixeiras, da que sinala que esgaza o mapa de Ourense e combínao de modo que a cidade se mantén en pé sen os personaxes que a transitan, nun claro abandono do humor e a retórica xeracional de obras anteriores. Explica que se trata dunha novela coral na que o importante é a amálgama da violencia, onde todo ocorre demasiado rápido como para ver claro nada, o que por veces dificulta mesmo o recoñecemento dos personaxes. Compara esta entrega coas anteriores *Baixo mínimos* (2004), *Cidadán do mes* (2006) e *Tres segundos de memoria* (2006), das que desapareceu o perseguidor Horacio Dopico e houbo un cambio nas bandas sonoras xeracionais. Tamén alude á escasa presenza do lirismo que leva a esquecer o que se leu nada máis pechar o libro.


Reprodúcese unha breve nota de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao a Luís Soto Fernández, que dá conta dalgúns pormenores do periplo que ambos fixeron por Europa e América tentando recabar apoio para a República. Repásase a estreita relación entre ambos persoeiros e chámase a atención sobre a influencia que Soto exercu nove anos sobre o rianxeiro. Remátase agardando que aparezan máis misivas entre ambos que axuden a comprender mellor a situación dos exiliados en América e as relacións internas das organizacións creadas no exterior.


Infórmase de que o 18 de novembro de 2010 en Vigo tivo lugar a representación, por parte da Orquestra Sinfónica de Galicia, da versión musical d’*O Mariscal*, a primeira ópera en galego, que se estreou tamén en Vigo o 31 de maio de 1929.


Breve nota sobre a publicación da *Obra completa* (2009), de Luís Pimentel realizada por Araceli Herrero Figueroa, na que se sinala que reuniu a práctica totalidade de escritos en lingua castelá e galega. Considérase unha obra case definitiva polo feito de que ten carácter divulgativo e non conta con análises filolóxicas nin ecdóticas. Apúntase como unha eiva desta edición a falta de referencia á publicación ou da procedencia dos poemas reunidos. Repásase brevemente a figura e obra de Pimentel, do que se salienta a súa xenerosidade como médico, o seu profundo coñecemento da literatura alemá, a influencia desta na súa obra e a súa sensibilidade. Remata referíndose á adscrición do autor a diferentes xeracións e ás polémicas pola súa integración no campo literario galego ou castelán debido ás súas escollas lingüísticas.

Comeza referíndose a traballos anteriores sobre o xornal vigués, La Oliva (1856), para centrase na súa vertente galeguista e considerar que os intelectuais vinculados a este medio asumiron o legado provincialista. Explica como nesta cabeceira conflúen dúas xeracións, unha de exiliados pola presión do goberno de Narváez e outra de mozos novos que foron denominados por Barreiro Fernández “Comité Borrasca”, entre os que se atopaban figuras como Manuel Murguía e Juan Compañel. Detállase a configuración do xornal vigués, vinculado aos círculos máis progresistas da cidade, a súa polémica con El Clamor de Galicia pola postura de silencio ante a homenaxe no décimo aniversario dos Mártires de Carral e o seu ideario na defensa dos intereses de Galicia, que conflúen en gran medida cos do provincialismo. Afirma que La Oliva iniciou unha liña editorial progresista e galeguista que se mantivo até 1936 e destaca a importancia da figura de Juan Compañel, o seu segundo director e impresor, do que lembra que tivo a valentía de editar a obra de Rosalía de Castro, Cantares Gallegos (1863), e manter unha liña progresista clara, que o levou ao cárcere e a padecer a presión da censura. Explica os avatares da cabeceira viguesa e a súa continuación co nome La Concordia (1873), un dos xornais de máis tirada de Galicia e que posteriormente foi continuado por El Pueblo Gallego (1924). Remata repasando algúns dos colaboradores da ampla nómina deste xornal e salientando que non se trata só dun espertar literario, senón dun movemento de recoñecemento á cultura galega, á historia e á economía por parte dunha nova elite de intelectuais comprometidos.


Dá conta do pasamento de Francisco Fernández del Riego co motivo do seu status de membro de honra do Instituto de Estudos Miñoranos e de fillo adoptivo do concello de Nigrán. Destaca o seu labor como membro fundador da Editorial Galaxia e da Fundación Penzol; a súa exitosa proposta de dedicar un día á homenaxe das Letras Galegas; a súa presidencia da Real Academia Galega; a tradución de Cemiterio Mariño, de Paul Valéry en 1965 baixo o pseudónimo de Salvador Lorenzana; a admiración por Xulio Ríos e Carlos Méixome; e o seu volume A xeración Galaxia (1996). Conclúe coa mención da tese de doutoramento de Malores Villanueva sobre este persoio, en preparación no momento da saída ao prelo desta nota de homenaxe e cunha dedicatoria a Enrique Méndez.


Coméntase a monografía que Xesús Alonso Montero lle dedica a Ramón Piñeiro con motivo de que foi homenaxeado no Día das Letras Galegas 2009. Lóuvas que se presenta a Piñeiro como un dos grandes valedores da cultura galega dende unha
perspectiva apaixonada, pero non por iso menos obxectiva, e sinálase que esta monografía é de obrigada lectura para compreender a Galicia actual


Revisa a situación do teatro galego actual co gallo do Día Internacional do Teatro. Comeza coa reprodución dos comentarios de Comba Campoy e Xesús Ron sobre as consecuencias da crise económica e do cambio de goberno para o eido teatral galego e sobre o futuro das artes escénicas. Destaca do comentario de Ron a creación da plataforma “Escena Off-side” durante a celebración de Achegarte na cidade coruñesa e prosegue cos comentarios de Luma Gómez e Ana Vallés sobre o verdadeiro labor do AGADIC. Resume estes comentarios na importancia de cuestións como o estado crítico do teatro galego actual e a falta de interese dos políticos neste eido. Nun epígrafe á parte menciona tres compañías galegas, Teatro Ensalle, Chévere e Pisando ovos, seleccionadas, xunto a outras nove, para participar na Rede de Teatros Alternativos durante os anos 2009 e 2010. Nun derradeiro epígrafe intitulado “O CCG”, salienta a creación do Centro Coreográfico Galego como institución fundamental para o sistema escénico en Galicia, ao igual que a realización de laboratorios de danza ou dramaturxia e o apoio ás coproducións de centros de produción públicos como o CCG ou o CDG.


Situá a novela de Begoña Caamaño, Circe ou o pracer do azul (2009), na liña da narrativa ensaística ou de tese, ao tratarse dunha nova versión do mito de Homero. Sinala que o fundamental das protagonistas da obra é a condición compartida de muller, que leva a Circe a escribirlle a Penélope para confesarlle a súa vinculación con Ulises, en solidariedade pola consciencia da dor feminina. De Circe salienta a súa condición de muller libre, cuxa relación amorosa se asenta en principios de autonomía e igualdade. De Penélope considera que é a personaxe máis suxestiva por prudente, xuizosa, firme e leal “que cala os motivos que lle outorgan razón de ser á novela”. Tamén apunta que as experiencias provocan cambios nas súas respectivas visións do xénero feminino e das súas propias vidas, convertendo a novela nun interesante exercicio de reescritura dobre, ao facelas reflexionar nas súas cartas sobre outras. Destaca a sabedoría coa que a autora fai encaixar as análises sobre aspectos da mitoloxía feminina no relato, o que a leva a pensar que probablemente o obxectivo da novela sexa exercer de acicate feminista para o lectorado, ao problematizar os mitos dende a perspectiva de xénero.


Breve texto da intervención no acto de homenaxe póstuma a Francisco Fernández del Riego no que Méndez Ferrín loa a súa figura e traxectoria, lembrando que foi definido pola Real Academia como “un corazón de ouro, unha mente luminosa e unha vontade de ferro ao servizo da Patria”. Evoca o seu labor durante a ditadura, a súa faceta de
político, escritor e activista, así como a súa convicción da autonomía do campo literario galego.


Continuación do artigo de Xosé Luís Axeitos, incluíndo no número anterior da revista, no que se van dando a coñecer as anotacións de Manuel Antonio para un dicionario. Neste caso, Xosé Luís Méndez Ferrín evoca a inclinación dos integrantes da súa xeración pola obra de Manuel Antonio e a alegría que lles produciu saber que a nai do poeta cedera o seu arquivo persoal a Domingo García-Sabell, un legado que lles amosou aos máis novos na súa casa. Explica que naquel momento se levou a cabo un ciclo de conferencias no que Xosé Luís Franco Grande puido consultar todo o material para elaborar a súa intervención, pero que a el mesmo lle foi negado o acceso a este material cando quixo facer a súa tese de doutoramento sobre o poeta rianxeiro coa escusa de que García-Sabell “tiña a obriga moral, contraída con Pura, de ser o colector e editor da obra manuelantoniana completa”. Explica que García-Sabell cumpriu o seu compromiso de editar a obra do poeta do mar pero que quedaron materiais sen dar á luz, labor que levará a cabo Axeitos no que será a obra completa definitiva. A seguir recóllellense as anotacións de léxico xeral galego realizadas por Manuel Antonio.


Realízase un repaso pola biografía de Boris Vian, novelista e músico, entre outros aspectos, co gallo do cincuenta aniversario do seu pasamento. Menciónase a única peza teatral da súa autoría traducida ao galego, Os constructores de imperios ou o schmürz (2000). Sinálase que se trata dunha obra en tres actos na que o espazo serve como metáfora dunha existencia que se estreita e reduce, froito dunha alteración da orde por unha situación paradoxal e irracional.


Con motivo da celebración no ano 2010 do primeiro centenario do nacemento de Luís Seoane, fai un breve percorrido pola vida e obra deste polifacético artista, escritor e emprendedor e unha das figuras máis sobranceiras da cultura galega e da Arxentina do século XX. Tamén anuncia unha serie de actividades que se celebrarán neste ano ao redor deste artista, entre as que están catro congresos (“Luís Seoane. Galicia-Arxentina, unha dobre cidadanía”, “Seoane artista”, “Seoane, comunicador e escritor” e “Seoane, deseño e industria”) e dúas exposicións (“Luís Seoane: a configuración do posible” e “Luís Seoane: de mar a mar”).

Despois de aludir aos procesos que poden experimentar as técnicas narrativas que agroman como novidade nun determinado momento, comenta *Unha historia que non vou contar* (2009), de X. Cid Cabido. Apunta que a novela ten un interesante punto de partida na lenda urbana xurdida sobre as causas e a forma na que foi asasinado un famoso empresario vigués a mediados da década de 1970. Dende o punto de vista literario, explica que a novela abala entre dúas concepcións contrapostas: a da descuberta, narrativamente ortodoxa, das causas e implicacións dun crime, e a do propósito, de raigame metaliteraria, de poñer en cuestión o propio relato ortodoxo dunha historia tal. Sinala que o problema radica en que non hai unha xerarquía literaria entre estes dous propósitos, polo que a indefinición remata por contaminar os dous vectores coas estratexias do contrario.


Inclúe a novela de Pierre Michon, *Os once* (2009), nun contexto onde as novelas que non se adaptan aos canons dominantes lles espera “unha recepción discreta”. Ademais, repara en que un dos grandes acertos desta obra é o do narrador innominado, experto nese cadro que lle dá nome ao libro, e que lle permite ao escritor facer “determinadas observacións e análises da realidade”. Continúa dando notas sobre os contidos e descricions das dúas partes nas que se divide o relato, manifestando que está construído cun “aquilatado estilo”, onde se proyecta a imaxinación no lector cara a unha realidade significativa.


Comenta que a singradura vital de Francisco Fernández del Riego conforma un “intenso camiñar” pola Galicia do século XX. Destaca a súa magnífica obra literaria, a súa traxectoria humana, pública e profesional e recalca que el foi o auténtico eixo articulator da cultura galega nos anos 60 e 70 do século pasado. Finalmente refírese ao memorial civil que a Fundación Penzol e mais a Editorial Galaxia lle dedicaron a F. del Riego, así como ao funeral relixioso na Colexiata de Vigo.


Analízase o logro dun convenio para a profesión teatral, considerado como resultado lóxico e indispensábel para un colectivo cada vez máis consolidado, sobre todo a partir das experiencias das compañías residentes e a vontade de facer chegar as propostas fóra de Galicia. Ao mesmo tempo, faise un repaso pola realidade do sector e a política relacionada coas Artes Escénicas nesta comunidade, chea de “inaceptables recortes orzamentarios”.

Trátase dun artigo sobre a tese doutoral “Álvaro Cunqueiro y sus héroes” do periodista Quinito López Mourelle. Comézase facendo unha definición de que é un heroe e despois trátaro na obra *San Gonzalo*, do escritor de Mondoñedo. Faise unha análise estreita dos valores, temática, personaxes, costumes sociais, entre outras cousas, que aparecen en dita lenda. Cóntase que Cunqueiro reconstrúe a cidade de Ítaca de Ulises pero desta vez asentada en Mondoñedo, e afírmase que “Todo regreso de un hombre a Ítaca es outra creación do mundo”. Sinálase tamén que para Cunqueiro a literatura ten dobre sistema de valores xa que non só segue unha única vía. Remátase facendo fincapé na insistencia de Cunqueiro de tratar o valor do amor e as súas múltiples diferenzas.


Realízase unha análise da novela policial *Un tipo listo*, de Xosé Monteagudo: o argumento (un fillo descobre, trala morte do pai, a dobre vida deste), a voz protagnista (a do fillo), a estrutura (tres “libros” e vinte e dous capítulos), os espazos (Vigo, Baiona), os personaxes (a contraposición pai / fillo) ou o nivel interpretativo (a busca case como aventura iniciática cabaleireseca).


Trás unha dedicatoria persoal da autora a Chus Pato, faiuse un debullo do personaxe de Medea dende a óptica desmitificadora que ofrece a lectura da novela histórica *Medea* de Christa Wolf (Madrid: Debate, 1998). Indícase que a recreación de Wolf prové argumentos que permiten deconstruír o mito da muller “vingativa e malvada por natureza, especialmente dotada para as artes do engano (armas de muller)”. A seguir faiuse unha reflexión desmitificadora que abunda nas construcións simbólicas da figura como *mala nai* ou mala muller, con alusiós aos textos de Eurípides e Séneca, pero tamén ás múltiples Medeas da cultura (literarias, cinematográficas, etc.). Cítase o estudo crítico *Medeas. Versiones de un mito desde Grecia hasta hoy*, editado por Aurora López e Andrés Pociña en 2002, como referente crítico fundamental. Péchase o artigo cun apartado final de referencia bibliográficas e acompañase dunha ilustración de Aurichu Pereira.


Fala da xénese da emigración galega en Cuba para despois centrarse na descripción da presenza da lingua galega no Instituto de Literatura e Lingüística de La Habana. Describe a súa biblioteca, as exposicións máis salientábeis que acoleu (entre elas as dedicadas a Ramón Cabanillas, Manuel Lugrís Freire, Daniel Rodríguez Castelao, Che Guevara ou Manuel Murguía), as publicacións periódicas que posúe, a Sala Castelao, o Museo Fontenla Leal, os cursos e conferencias que tiveron lugar e cita as numerosas
edicións facsimilares que se publicaron grazas aos seus fondos como La Tierra Gallega, A Gaita Gallega, Galicia Moderna ou Éco de Galicia. Tamén se detén nas representacións d’Os vellos non deben de namorarse que se realizaron neste instituto.


Opina que poucos novelas como Tempo de centeo (2009), de Xosé Fernández Ferreiro, tratan con “minuciosidade e fidelidade” as miserias nos anos da posguerra en Galicia. Debulla a historia do libro, ao tempo que sinala que está entretexido coas lembranzas da aldea natal xunto coa cidade de Ourense daquel tempo. Advirte, por outro lado, certa “literaturalización” un tanto “excesiva” nalgúns diálogos e tamén certo “esvaecemento argumental” en fragmentos que tratan asuntos familiares.


Comeza apuntando algúns dos motivos temáticos que aparecen no libro de relatos Para seguir bailando (2009), de Francisco X. Fernández Naval. Fala tamén das diferentes propostas, nas que se ve certa vontade experimentalista, pero sen fuxir dos “ecos biográficos”, tamén identitarios e colectivos. Considera que ás veces se vai “cara ao previsible” pero que tamén hai lugar para a sorpresa. Finalmente, apunta que son relatos de “notable altura e solidez”, igual que o seu rexistro lingüístico.


Presenta o volume Poesía galega toda (I e II, 2009), de Xosé Carlos Gomez Alfaro, destacando a “coidada edición” e o limiar de Román Raña. Repara en que a poesía deste autor é marcada por unha musicalidade “pouco común”, que se fai visíbel a través do emprego de métrica clásica. Para rematar, apunta que a edición inclúe un libro inédito titulado Alta luz.


Describese A semente da nación soñada (2008), de VV. AA., logo de opinar que a presentación do libro, o 6 de outubro de 2009, foi “moi silenciado”. Apúntase ademais que o volume é “raro”, partindo do feito de que o tiveran publicado conxuntamente dúas editoras galegas. Sinálase que está “coidado ao último detalle” e que está “cheo de sobriedade” este “extraordinario” percorrido polas dimensións vitais, políticos, sociais e literarias de Xosé Luís Méndez Ferrín.

Comeza destacando en toda a producción de María Reimóndez a “vindicación inalienable dos dereitos da muller e das mulleres”, así como o “salientable esforzo creativo”, para, a continuación, comentar as pexas que se lle puideron atribuír a *Pirata* (2009) por “excesiva presenza de ideoloxía ou a certo maniqueísmo na configuración dos personaxes”. Ramón Nicolás detense na análise das personaxes desta obra, mulleres piratas non exentas de interese; comenta os trazos da novela de aventuras que presenta e a súa estrutura e finaliza comentando que se trata dunha “novela dunha intensidade e dun ritmo no que nunca se perde a noción de movimiento continuo”.


Estuda a tripla dimensión da paisaxe poética de Xohana Torres: a vivida e revivida, a contemplada e interiorizada esteticamente e mais a convertida en figuración final. Detállase que esta análise se centra nas obras *Do sulco* (1957), *Estacións ao mar* (1980) e mais *Tempo de ría* (1992) e sublinhase que na primeira época de Xohana Torres atópanse unha paisaxe como ferramenta identitaria cunha clara dimensión ideolóxica e que nun segundo momento a poeta penetra nas lembranzas do pasado persoal. Tamén se comenta que en Xohana Torres conflúen o galego labrego e o mariñeiro ou que *Tempo de ría* amosa a madureza poética da poetisa.


Branca Novoneyra evoca lecturas de diversas autoras, como Adília Lopes, Silvia Plath e Martine Broda, para se referir ao acto creativo, no que unhas manteñen que é preciso contar cun espazo propio máis que ter vivido a experiencia que serve de base, fronte a outras, que precisán a experiencia vivida para recreala, recuperándoa ao nomeala. A seguir reproduce un poema no que a voz poética evoca vivencias do eu nunha colectividade marcada polo feminino. Finalmente, a percepción do corpo pona en relación coa concepción que se percibe noutras expresións artísticas, como a danza.


Faise unha revisión do corpus teatral de Xohana Torres analizando a presenza da nación e da muller. Coméntase que as pezas teatrais de Xohana Torres nunca se representaron por unha compañía profesional e saliéntase a importancia da dramaturxia na súa produción literaria. Detállase que Xohana Torres mantivo un vivo interese polas artes escénicas durante a súa mocidade e que publica dúas das obras máis importantes da literatura galega daquela altura: *A outra banda do Íberr e Un hotel de primeira sobre o río*. Indicase que a súa produción teatral remata en 1968 e finalmente céntrese na análise do seu mundo feminino e a idea de nación.

Reprodúcese o relato “Os ignorados amores de Don Ivo e Dona Gladys”, de Maxi Olariaga.


Partindo do feito diferencial de Galicia, que foi reivindicado por figuras como Castelao, David Otero comeza a laudatio dos galardoados co Pedrón de Honra e de Ouro criticando a actitude de sometemento e menosprezo que dende diferentes instancias se levan a cabo contra a lingua e cultura galegas, animando á loita e defensa do propio e rexeitando actitudes de resignación, nas que os premiados teñen destacado nas súas vidas. De Mariana Ploae-Hanganu destaca o seu achegamento e estudio da lingua e cultura portuguesa, a partir da que se aproximou á galega dende finais dos anos oitenta. Repasa o seu labor de difusión da cultura galega en Romanía e cita algúns dos autores e autoras galegas traducidos ao romanés por esta estudiosa, que ten especial querencia pola obra de Castelao. De Xosé Luís Rivas “Mini” e Baldomero Iglesias “Mero” destaca o seu labor de normalización e afirmación levado a cabo a través da música e da cultura tradicional.


Sinala que coa novela gañadora do premio García Barros na edición de 2009, Un tipo listo, Xosé Monteagudo consolida a súa mestría como narrador. Resume o seu argumento e apunta que a súa diéxese conta con dous fíos temáticos: o da intriga econóxico-financeira e o da recomposición da historia familiar. Analiza estes dous fíos e considera que unha vez máis Monteagudo conxuga contemporaneidade con tradición galega. Tamén apunta que esta novela resulta moi vizosa en datos, acontecemento e historias paralelas e que, debido á axilidade narrativa e ao enxeño da administración dos ingredientes, consegue atrapar o lector. Por outra parte, sinala que a única pega que presenta ten que ver co carácter tópico dalgúns personaxes e situacións, aínda que non chega a desvirtuar o desevo de entretenimento sen renunciar á calidade.


Conversa con Camilo Gonsar (Sarria, 1931-Vigo, 2008) gravada nos anos oitenta que xira ao redor de temáticas como o desarraigo, as influencias recibidas, a nova narrativa,
os enigmas, a concepción das literaturas nacionais, a Galicia urbana e rural e a escrita histórica. Deste modo, comeza referíndose á desorientación que primou na mocidade cando el comezo a escribir, fronte a outros grupos como a Xeración da Noite, máis influenciada por figuras como Ramón Piñeiro e cun ideario político máis claro. Tamén se refire á súa constante reescritura e corrección de obras, a delectación metafórica e o sentimento de desarraigo e simpatía, así como o humorismo. Sobre as influencias fala do seu gusto polos autores americanos do século XIX e polos autores da Xeración do 98, como Pío Baroja, sobre quen regresa constantemente. Tamén se refire á influencia da filosofía de Heidegger, ao que chegou a través de Celestino Fernández de la Vega, e á concepción humorística doutros creadores como Samuel Beckett. Sobre a súa adscrición á Nova Narrativa considera que entre os creadores dese momento non houbo influencias mutuas e que escribiron sen ser conscientes de pertenceren a un movemento, senón movidos por influencias da época, como Frank Kafka, e temáticas constantes como as circunstancias do seu tempo. Refírese tamén a que tardou en ler a outros coetáneos, como Mourullo, e manifesta que nunca foi marxista. Sobre a súa estadía nunha universidade estadounidense sinala que non lle gustaba impartir docencia de literatura española, por iso regresou a Galicia. Na súa percepción da literatura galega do momento considera que había unha proliferación de moitos relatos para o consumo; que o autobiográfico é un elemento importante da creación literaria; que o autor debe lograr que a lingua literaria semelle real, de aí que inclúa dialectalismos; amósase contrario ao lusismo; dubida dos caracteres nacionais da literatura galega, aínda que considera moi clara a adscrición de Álvaro Cunqueiro como autor galego; amosa interese por autores como Manuel Antonio, Xosé Luís Méndez Ferrín e o propio Álvaro Cunqueiro; reflexiona sobre a presenza da Galicia urbana e rural na literatura e a dificultade para que a identidade galega perviva nas grandes urbes; critica a universidade e o emprego da cultura como propaganda política. Sobre as súas obras sinala que Desfeita (1983) é un libro realizado con lembranzas persoais e que en Cara a Times Square (1980) aparece a mestura da cultura melting pot, mentres que non ten interese pola historia e que lle gustaría unha Galicia máis voltada cara a Europa.


Faise un repaso da historia do Hotel Roma de Ourense, desaparecido en 1960, e que conta con referencia á revista Álbum Literario, ao xornal La Región e a escritores como Ramón Otero Pedrayo, Vicente Risco ou Neira Cancela.


Acóllese o poema “Sono”, de Francisco Painceira, acompañado dunha ilustración de Olaia.

Dáse conta desta monografía que conmemora o XXV aniversario da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia na que varias compañías que actuaron na Mostra lemban as súas representacións. Recóllense tamén fotografías, carteis e programas de todas as edicións, así como recortes de prensa, uns escritos de Xosé Luís Méndez Ferrín, Ernesto Chao e Xesús Alonso Montero, para rematar cun epílogo do actual director do evento, Roberto Pascual, de quen se di que se propón crear un padroazgo desta Mostra.


Estúdase a traxectoria vital e literaria de Fermin Bouza Brey. Nunha nota a xeito de introdución, destácase a promoción que este escritor e xuiz estradense levou a cabo da cultura galega, para despois continuar cunha extensa noticia biobibliográfica dende o seu nacemento en 1901 até o seu pasamento en 1973. Saliéntase o seu labor literario a partir das mención do seu volume de poesía Nao senlleira (1933); o estudo La mitología del agua en el noroeste hispánico (1941), que empregou como discurso de ingreso na Real Academia Galega; Louvores ó señor Sant-Yago (1945), merecente do premio dos Xogos Florais de Santiago dese ano; e as colaboracións para as festas padronais da Estrada, O meu pregón das Festas da Estrada (1957), Festas nas Terras da Estrada (1965) e Guía sentimental de A Estrada (1970). Doutra banda sinálase o éxito da súa proposta de homenaxear a Marcial Valladares no Día das Letras Galegas de 1970; a súa participación na fundación do Seminario de Estudos Galegos; a homenaxe a el rendida o Día das Letras Galegas de 1991 e a anual semana-homenaxe á súa figura no Concello da Estrada por parte do Concello mesmo, da Asociación Cultural A Estrada e da Asociación de Fillos e Amigos da Estrada. Conclúese coa mención da rúa que leva o seu nome no Concello da Estrada dende 1992.


Analízase a influencia de Emilia Pardo Bazán na canonización das obras de Rosalía de Castro a través das súas controvertidas achegas das que se sinaña que perpetran unha daniña interpretación da obra rosaliana. Dise que no Discurso sobre la poesía regional gallega, pronunciado por dona Emilia en 1885, non sitúa a Rosalía no lugar que lle corresponde, nin con respecto ao sistema cultural galego nin ao español. Sinálase que a corrente que se inicia coa publicación de Cántares gallegos atopa oposición na representada pola Condesa de Pardo Bazán, para quen o Rexurdimento era unha ameaza.


Achégase ao debate lingüístico que permitiu, no século XIX, o inicio da creación dun modelo culto de lingua. Destácase o papel principal nesta polémica dos poemarios en
galego de Rosalía de Castro ao tratar cuestións de índole política e cultural. Conclúese que tanto as críticas á publicación de Cantares gallegos coma as de Follas Novas deben ser lidas en clave literaria, pero tamén atendendo ao político e ao lingüístico. Sinálase que ámbas as dúas obras foron determinantes na consolidación dun modelo culto para o idioma pois “a súa produción en galego convértese nun argumento inapelábel contra quen dubida das súas posibilidades expresivas ou sinala a súa condición dialectal como garantía de prostración”.


Estuda a resistencia de Rosalía de Castro a publicar a súa produción literaria ao longo de catro pequenos apartados. Na introdución destaca a insistencia de Manuel Murguía no tocante á saída ao prelo de Cantares gallegos (1863) e indica o volkgeist ou espírito popular inherente aos seus versos. No segundo apartado, de título homónimo ao desta noticia, dá conta do seu matrimonio coa poeta e da súa repercusión na súa carreira como escritora. Tamén sinala dunha banda os trazos da lexislación da época con respecto ao rol do home no matrimonio, como por exemplo o feito dos dereitos de autor pertenceren ao home e non á propia autora e, doutra, o posicionamento da poeta fronte a iso. Menciona a “Ley de matrimonio civil” de 1870 e os diferentes “Códigos” decimonónicos. En “Manuel Murguía na recepción e fortuna crítica da produción rosaliana” analiza a figura de Murguía no tocante á produción literaria da súa dona, da que salienta o seu rol de esexeta, a partir das contribucións que levou a cabo en La Flor (1857), En las orillas del Sar (1909), Los precursores (1885), ou La Iberia. Dá conta, así mesmo, das contribucións literarias tras o pasamento da poeta en 1885. No apartado a modo de conclusión cuestiona a influencia de Murguía na saída ao prelo da produción literaria de Rosalía.


Analízase a última peza teatral de Manuel Lourenzo e comézase sinalando a reflexión que o autor fai ao inicio “sobre a anormal situación da edición teatral galega, sobre a invisibilidade do libro teatral”. Destácase que encabeza a compilación Medea dos fuxidos, unha peza tráxica do ano 1984, á que lle seguen Informe da cidade opaca, unha fábula con certo ton becketteano; Despois do temporal, unha comedia baseada na traxedia de Fedra; Rodaxe, unha satírica reflexión metateatral; e finalmente dous guións radiofónicos, Elisa na Chaira e Adelina morreu afogada.


Valórase positivamente a creación do Proxecto Teatral Buxiganga por parte da Deputación Provincial de Lugo. Sinálase que, entre os seus obxectivos, figura achegar o teatro como medio de coñecemento do valor patrimonial galego a toda a provincia, fornecendo a formación, produción e distribución de espectáculos de grupos teatrais dos concellos e centros educativos lucenses.

Dáse conta dunha conversa con Blanca Cendán, directora do Centro Dramático Galego, na que se tratan asuntos como a liña que vai seguir durante a etapa ao fronte do Centro, o proxecto de levar a escena a Brecht no 2011, as relacións co resto de axentes e institucións do teatro e a cultura galegas, a continuación co proxecto de dramaturxias residentes ou a satisfacción co primeiro resultado artístico da súa etapa, Salomé.


Con motivo da homenaxe polo vintecinco aniversario da creación da compañía asturiana Teatro del Norte, faise un repaso pola súa traxectoria e coméntanse os actos que tiveron lugar, nos que participaron dúas compañías galegas, Matarile Teatro e Teatro de Ningures.


Por mor da conmemoración do centenario do nacemento de Álvaro Cunqueiro, sinálase que é o escritor dos soños e que está afastado de contemporáneos seus como Ánxel Fole ou Manuel Colmeiro porque se adicaban a contar o cotián e deixaban a un lado o mundo dos soños. Fálase de que é máxico xa que sempre dá o lado oculto e saca diferentes puntos de vista. Dise que Cunqueiro ten dous “eus”: por un lado o imaxinario e por outro o realista. Afírmase que ten esa capacidade de tratar os temas dun xeito máxico que se le coma real e que non só o facía coa poesía ou a novela, senón que o conseguía no plano xornalístico. Dise que, xunto con Ramón María del Valle-Inclán e Gonzalo Torrente Ballester, foron quen de sustituir a realidade polo soño. Alúdese tamén que a maioría dos intelectuais que o intentaron encaixar dentro dun só plano non foron capaces debido á súa gran faceta xa fora como novelista, poeta ou xornalista.

Estudo das sagas que configuran Na noite estrelecida (1926), de Ramón Cabanillas, no que se parte da concepción de que esta obra é un proxecto que continuou a liña iniciada por Os Éoas, de Eduardo Pondal, tanto pola vontade de demostrar as capacidades da lingua galega, coma de elaborar unha épica mitolóxica do pasado esplendoroso e do futuro de porvir. Para confirmar esta hipótese pártense dos estudos de autores como Manuel Forcadela, Luís Rei ou Xosé M. Millán Otero, e ténense responder a porqué e para quen foron escritas as sagas reunidas Na noite estrelecida. En primeiro lugar achégase a cuestións biográficas do poeta cambadés, situando a obra no itinerario dos homes de Nós, interesados en se achegaren aos momentos decisivos da historia de Galicia, de aí que se afirme que esta obra de Cabanillas ten “unha decidida dimensión ideolóxica”. A seguir repásanse as fontes, especialmente centradas na materia de Bretaña e no elemento céltico, así como na fidelidade ao ideario nacionalista de Vicente Risco, salientando que nesta obra conflúen sincreticamente diferentes tradicións, liñas que xa foron marcadas por Vicente Risco nun artigo publicado na revista Nós, incidindo na recepción da obra. Salienta a preseña de elementos propios da materia de Bretaña, con outros do ossianismo e máis próximos, como as pegadas da obra pondaliana, especialmente na busca de ler no pasado a forza que permita atinxir o futuro, asentada na demostración da celticidade de Galicia. Engádese ao anterior a preseña da obra Parsifal, de Richard Wagner, e insístese na importancia da influencia de Risco na composición desta obra de Cabanillas, na que, ao igual ca na obra de Risco, acaban por confluír as orixes célticas, o artúrico, o atlantismo, o esoterismo cristián e a misión do nacionalismo galego. Repásase tamén a influencia da escola modernista, orientada segundo Ricardo Carballo Calero cara ao misticismo de forte selo esteticista e por último aténdese ao estilo e lingua empregada polo autor, que salienta a convivencia dos versos alexandrinos co romance e a lingua culta cunha enxebrización do idioma. Conclúe que Na noite estrelecida é un programa esotérico-nacionalista.


Alúdese á saída do prelo da edición facsimilar dos números que publicara a revista Ronsel en Lugo no 1924, un proxecto levado a cabo polo Concello de Lugo en colaboración co Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades. Sinálase que os autores do proxecto organizaron o traballo en nove apartados: unha nota inicial de Alonso Girgado na que se informa das catro entregas da revista, unha descripción das características dos exemplares, unha escolma de comentarios de prensa, unha bibliografía sobre os colaboradores ou sobre a prensa en Galicia, un índice alfabético de colaboradores, unha serie de estudos e visións sobre diversos aspectos da publicación, os currícula dos autores dos anteditos traballos, os seis números do 1924 e, para rematar, dúas addendas: unha co Número Conmemorativo do cincuentenario e outra coa reprodución, no italiano orixinal, do artigo do profesor Otello Tavoni sobre Ronsel (1924). Conclúese poñendo de relevo a importancia desta publicación en canto que axuda a comprender a importancia da revista e dos seus colaboradores.

Achega a Memorias dun ninguén (2009), de Carlos Mella, obra da que se agardaba unha maior extensión, a perda de parte da irreverencia da que o autor ten feito gala en entregas como Non somos inocentes (1990) e Luces de Fisterra (1995), e fundamentalmente por non afondar na súa actividade política en diferentes cargos de responsabilidade de partidos moi diversos. Observa desgana á hora de relatar esa experiencia, cunha fuxida consciente dos temas, o que dá como resultado unhas memorias xeracionais nas que prima a escrita áxil e unha lingua rica que van dende a guerra civil vivida na infancia, pasando pola xuventude nun internado ate a súa vivencia na ditadura á marxe das loitas na rúa. Considera de máis interese a parte central da obra, na que predomina a autocritica e a ruptura cos tópicos e a análise en profundidade, na que ve Galicia como unha sociedade desvertebrada civilmente e acrítica intelectualmente.


Realízase un repaso biográfico ao escritor venezolano Rómulo Gallegos centrándose nas tempadas de verán que pasou en Bueu dende 1933, concretamente na praia de Beluso, até que en 1935 morre o ditador venezolano e parte para o seu país onde chegou a ser ministro de Educación.


Crónica dos actos realizados pola asociación Barbantia entre outubro de 2009 e outubro de 2010, entre os que se detallan os seguintes: as presentacións das obras Sol de inverno, de Rosa Aneiros na Casa da Cultura de Lousame o 30 de outubro de 2009; Sete palabras, de Suso de Toro en Rianxo o 29 de xaneiro de 2010; Un tipo listo, de Xosé Monteagudo na Pobra do Caramiñal o 26 de febreiro; O fenómeno cultural da fascinoloxía, de Milagros Torrado en Boiro o 26 de marzo; A rosa do viño. Cultura do viño en Galicia, de Xavier Castro en Cariño o 30 de abril; Setecento, de Marcos Calveiro na Casa da Cultura de Outes o 28 de maio; As novelas da memoria, de John Thompson en Boiro, o 15 de xuño; Diccionario Uxio Novoneyra, de Esperanza Mariño, celebrada tamén en Boiro o 25 de xuño; e Un longo e tortuoso camiño. Adaptación, crise e cambio no BNG (1971-2009), de Xosé Ramón Quintana o 1 de outubro.

Menciónase ademais a homenaxe a Anxo A. Rei Ballesteros celebrada na Pobra do Caramiñal, que se desenvolveu en varias xornadas (6, 13 e 20 de novembro de 2009), describindo a mesa redonda na que participaron Dolores Vilavedra e Víctor Freixeunes, a conferencia do actor e dramaturgo Manuel Lourenzo e o número monográfico que lle dedicou o Anuario de Estudos do Barbanza en 2009. Dedícase tamén atención ao suplemento A Voz de Barbantia detallando todos os colaboradores e colaboradoras.

Conversa na que Xosé Luís Méndez Ferrín repasa os seus vencellos ourensáns centrados na localidade celanovense de Vilanova dos Infantes. Fala da Virxe do Cristal, da súa relación con Luís Soto ou da historia do Couto Mixto.


Co obxectivo de determinar de que xeito están conectadas as facetas literaria e xornalística de Manuel Rivas, analízanse retoricamente algúns artigos publicados por este en La Voz de Galicia (1990-1992), recollidos n’Unha espía no reino de Galicia (2004). Conclúese que “o Manuel Rivas xornalista non se separa moito do escritor nin do poeta, porque todos eles se moven arredor do eixe común da retórica para construír o texto”, sabendo adaptala ás súas necesidades. Remátase o artigo cunha cita tirada d’Os libros arden mal na que se destaca a importancia das palabras.


Indica que o eixo da monografía Mujer, creación y exilio (España, 1939-1975) (2009), de Mónica Jato, Sharon Keefe Ugalde e Janet Pérez é a procura da identidade por parte das mulleres do exilio. Comenta que reúne doce ensaios sobre o exilio e a súa influencia na cultura española nos que se analiza a difícil lexitimación da literatura escrita por mulleres; o uso da memoria para reclamar un tempo e un espazo; a alternancia entre a palabra e o silencio como vía de expresión e denuncia e o recoñecemento da alteridade a través das viaxes interiores e exteriores. Apunta que mulleres como Rosa Chacel, Marivi Villaverde, María Zambrano e Julia Uceda, entre outras, atoparon na creación literaria unha forma de “canalizar o desacougo e reivindicar o seu papel cultural”. Salienta que o sentimento de alienación é o máis recorrente pois á inada aceptación á terra de acollida únese o esquecemento por parte de España. Por último, indica que a postura destas mulleres é unánime ao rexectar a situación española e desafiar o modelo patriarcal e que con este ensaio se (re)coñece a memoria destas voces ensombrecidas, o seu labor de escritoras, críticas, filosófas e intelectuais e se fai un chamamento á democracia política e de xénero.


Discurso no que Mariana Ploae-Hanganu, galardoada co Pedrón de Honra, comeza agradecendo o recoñemento ao seu labor e rememora o iniciou do seu labor de estudo e
achegamento á cultura galega dende a portuguesa. Lembra a fascinación que lle causou a entoación e melodía da lingua, especialmente en palabras como “miña nena” e “nai”, que compara cos movimentos de arrolo maternal. Explica que participou nos cursos de verán, que foi coñecendo a creadores como Rosalía de Castro, Ramón Cabanillas, Castelao, Celso Emilio Ferreiro, dos que reproduce algunhas frases que “marcaron a miña traxectoria existencial e espiritual”. Cita tamén os profesores que lle abriron novos mundos de coñecemento e a persoas galegas, como Pilar Rodríguez Pagán, que lle descubriu a vida nunha Galicia en constante transformación. Explica que a súa inclinación pola obra de Castelao, o seu labor de tradución e a admiración que sente pola súa creación, o traballo de apropiación e comprensión que dende o amor a a admiración levou a cabo co transvasamento das súas obras ao romanés, amosándose satisfeita da recepción que tivo no seu país e da propia tradución, por tratarse dunha obra única que o creador rianxeiro conseguiu darlle “contorno universal”. Remata coa evocación a primeira vez que visitou a casa de Rosalía e recitando un poema da autora traducido ao romanés.


Comentan, co gallo do aniversario do pasamento de Rosalía de Castro, a cuestión da falta de investigación recente sobre a figura desta poeta. Mencionan as últimas xornadas celebradas en Ferrol por parte da Sociedade Cultural Medulio xunto ao Congreso Internacional celebrado en 1985, a partir dos cales non se teñen producido novas achegas en canto á investigación sobre a súa producción literaria. Citan asemade o seu estudo Rosalía de Castro. Documentación biográfica y bibliografía crítica, 1991-2000 (1993), que conforma o cuarto volume da súa Bibliografía rosaliana, para despois anotar a existencia de varias monografías imprescindíbeis para o estudo desta poeta, así como a entrada “Castro, Rosalía de” que os arriba asinantes realizaron para a Gran Enciclopedia Galega, de Silverio Cañada e da que reproducen as primeiras liñas. Propoñen a continuación algunhas liñas de investigación como a relación rosaliana co eido teatral; o seu estilo prosístico, analizado por Pilar García Negro; a cultura das mulleres na época de Rosalía e a súa contribución á erudición do seu tempo e a súa “dimensión universal” de poeta. Conclúen cunha referencia ás achegas feministas sobre a poeta.


Acóllese o poema “Marchando máis alá”, de Carmen Blanco, que é a letra galega da Marcha Mundial das Mulleres.


Acóllese o poema autógrafo “Homenaxe a Luís Seoane”, de Luz Pozo Garza, con motivo do seu centenario.


Reprodúcese unha “Carta de Eduardo Moreiras a Luis Seoane” datada o 15 de marzo de 1953 e enviada a Bos Aires referida ao poemario *Fardel de Eisolado*. Acompáñase dunha revisión de Luz Pozo Garza, en relación á necesidade de “revisar as ideas, conceptos e prexuicios dos nosos estudiosos” sobre o enfoque axetitado da “renovación da nosa poesía nos anos cincuenta”.


Acóllese o poema titulado “Mira Natalia o mar”, de Luz Pozo Garza, lido no acto de homenaxe á memoria da súa neta.


Reprodúcese nesta sección fixa o poema “Formigas”, de Mario Marcos Prado, acompañado dunha ilustración de Luis Otero.


Informa da segunda edición da Gala da Cultura na cidade coruñesa, organizada pola Deputación da Coruña. Salienta a entrega de premios a diversas escritoras e escritores galegos, como por exemplo o premio de narrativa Torrente Ballester a Milagros Frías por *Luces que ciegan la noche* (2009); e o premio de teatro “Rafael Dieste” a Santiago Cortegoso por 0,7% molotov (2010). Doutra banda destaca a presenza de Miguelanxo Prado no xurado do V Premio de Banda deseñada “Castelao”, xunto a Isaac Díaz Pardo, Jano Muñoz e Jacobo Paz, gañador este último da segunda edición do certame de música rock.


Nesta entrevista a enxeñeira informática Luz Castro fala dos seus gustos literarios, das súas lecturas e doutras cuestións relacionadas co seu labor profesional. Comenta que leu moita literatura galega durante os seus estudios universitarios, aínda que chegou un momento en que lle parecía que non había nada novo e que necesitaba algo máis. Entre os autores polos que sente un grande aprecio están os amigos Carlos Quiroga e María do Cebreiro.
Considera que as bategadas da crise e os recortes do apoio do goberno autonómico á industrial cultura galega poñen máis pedras nun camiño, xa de si enlamado polos ataques á materia prima da que se nutre, o galego. Así, comenta que mesmo a prosa de ficción, o eido máis cultivado polas editoriais, vai ao ralentí. Apunta que Edicións Xerais de Galicia vén de presentar O coitelo en novembro, compilación de relatos de Marilar Aleixandre, e Luz de Tembra, de Ángel Vázquez. Sinala que Galaxia se decanta cara a un relato de maior extensión presente en Os libros prestados, de Xabier López, mentres que Tosoxouts ofrece En defensa do Poleiro. A voz dos escritores galegas, unha compilación de relatos e versos elaborados de modo solidario a prol do uso público do mosteiro de Celanova. Anuncia a aparición d’Un último destino, obra coa que Carlos Caneiro pecha o ciclo de Dalmara, e de Onde houbo lume, de Marica Campo, así como sinala que A Nosa Terra vai publicar unha novela inédita, Volta e revolta, de Xoán Manuel Casado, autor prematuramente falecido, gañador no seu momento do premio Blanco Amor. Apunta que a literatura de xénero nos agasalla con dúas novas propostas: de narrativa erótica, Organoloxía, de Eva Moreda e de novela negra, A moza da foto, de Jordi Sevilla. En canto ás reedicións, faise eco da reaparición de Todo ben, de Manuel Rivas; O soño (re)dirixido, de Vítor Vaqueiro; A sombra dos teus ollos, de Anxo Rei Ballesteros; e Amigos de sempre, de Alfonso Eiré. No referente ás traducións, tamén minguadas á espera da resolución das axudas do goberno galego, alude á aparición d’O home que era xoves, de Chesterton; A estrada, de Cormac MacCarthy; Motín na Bounty, de John Boyne; Onete, de Agota Kristof; e Dez, de Andrej Longo. De poesía sinala que poderemos afondar no percorrido andado por Otero Pedrayo poeta na antoloxía que Xesús Alonso Montero preparou para Galaxia, así como ler A estación dunha única illa, de Ramón Nieto; Nós escoitando o balado en marienplatz, de Eli Rios; A cidade sen roupa ao sol, de Marga Doval; Microcosmos, de María Novo; Ático, de Arsenio Iglesias Pazos; Nacer é unha república e a reedición de Fascinio, de Chus Pato; De sombras e poemas que son casas, de Xosé María Álvarez Cáccamo; E Extremas, de Ana Romaní. Di que o ensaio afonda en dúas liñas de reflexión –a situación lingüística e a reflexión metaliteraria- e, entre os títolos aos que se aproxima, están Fogar impronunciable (Poesía e pantasma), no que María do Cebreiro reúne un feixe de ensaios sobre a escrita literaria como ausencia e carencia; A Galiza de Bóveda, que recolle as actas do congreso homónimo de 2003, e Alexandre Bóveda e os seus documentos; e Galicia emigrante. Prensa e radio no exilio galego. A pegada de Luís Seoane, de Jesús Blanco Rosas. Pecha manifestando que, malia a colleita vir escasa, non por iso ha ser o froito menos gorentoso.


Comenta que neste outono as editoriais galegas deixan de publicar, debido a que están nunha situación agónica marcada pola caída de vendas e a que a Xunta de Galicia aínda non asinou coas empresas editoriais o contrato para a compra de libros que abastecen as bibliotecas coas novidades do ano anterior. Malia esta situación, sinala que o sector resiste e faise eco das publicacións deste comezo de curso nos diferentes xéneros da literatura de adultos e da literatura xuvenil. En narrativa, refírese á aparición de Todo é silencio, de Manuel Rivas; Cabalo de ouros, de Victor Freixanes; Periferia, de Yolanda.
Zúñiga; Asasinato no Consello Nacional, de Diego Ameixeiras; O imposible de desertar, de Iván García; e Obediencia, de Antón Lopo. En relación á poesía, aínda que apunta que Espíral Maior reprega velas até o Nadal, manifesta que Do Cumio estreará a colección de antoloxías sonoras cos versos de Chus Pato en Nacer é unha república de árbores e de Xosé María Álvarez Cáccamo en De sombras e poemas que son casas. Outras das novidades citadas son Estremas, de Ana Romaní; Cero, de Oriana Méndez; e A grafía dos mapas e Diálogos imposíbeis, de Lupe Gómez. Por outra parte, sinala que teatro e música se dan a man n’A néboa amarela, de Rubén Ruibal e César Candelas, así como anuncia que Toxosoutos prepara a reedición de Azos de esguello, a peza coa que Euloxio Ruibal gañou o Álvaro Cunqueiro nos 80 e que abrirá a colección “A esmorga”, que terá como segundo título o novo poemario de Claudio Rodríguez Fer, Unha tempada no paraíso. En canto ás traducións, sinala que o outono trae as seguintes obras: Randeas do alento, de Herta Müller; Mexillóns para cear, de Birgit Vanderbeke; e Eloixo da sombra, de Junichiro Tanizaki. Tamén saúda a chegada dunha nova editorial, Barbantesa, tanto por ter apostado pola escrita de autoras –da estadounidense Carson McCullers traducirá Balada do café triste- coma pola difusión das literaturas africanas – do portugués de Angola traducirá ao galego Poemas de África Lonxe, de Bettencourt Pinto e Jorge Arrimá - da escrita ensaística, faise eco de dúas análises: dende o eido filolóxico, d’A narrativa galega na fin de século, de Dolores Vilavedra, e dende o sociolóxico, do retrato da xeración nada nos anos 50 co que Manuel Pérez Rúa gañou o premio Ramón Piñeiro en 2009.


Comenta a reivindicación a prol do uso público do Panteón de Galegos Ilustres co gallo da recreación do cortexo cívico que acompañou a Rosalía no día do seu pasamento hai cento vinte e cinco anos. Destaca a fidelidade da recreación ao evento orixinal e reproduce os comentarios de Yolanda Castaño, Carme Adán e Carlos Quiroga ao respecto. Acompañan a noticia algumas fotografías de Xaquín Soliño e Xosé L. García dos músicos na homenaxe a Rosalía no Panteón, de Teresa Moure recitando algúns dos poemas da escritora e de Mercedes Queixas, Marta Dacosta, Anxo Angueira e Antía Moure, tamén presentes na recreación.


Entrevista a Lidia Senra, Secretaria Xeral do Sindicato Labrego Galego durante dezaoito anos, na que fala das súas lecturas e amosa un grande interese polas obras escritas por mulleres, tanto para as súas lecturas persoais como nas obras escritas para a infancia e que len os seus fillos. Fai algunhas recomendacións de obras de diferentes sistemas literarios e no referido ao galego lembra que coñeceu a Manuel María, ao que admiraba polo seu tratamento de temáticas do rural, como o agro, as industrias contaminantes, a loita coas celulosas, etc. Manifesta que non se está escribendo o suficiente sobre o abandono do rural en Galicia e interrogada sobre a obra Asasinato no Consello Nacional, de Diego Ameixeiras, di que non leu esa novela do autor senón Tres segundos de memoria (2006).

Repasa as novidades que se anuncian e que están a ver a luz no inicio do ano, nas que comeza por aquelas ao redor do autor homenaxead no Día das Letras Galegas, Lois Pereiro, do que se adiantan títulos como *Cartas ultramarinas*, editado por Positivas; e *Poesía completa*, a cargo de Ana Acuña; así como unha antoloxía a cargo de Daniel Salgado e as biografías da man de Antón Lopo e Marcos Calveiro. Anúnciase tamén a publicación de obras como o poemario *Cero*, de Oriana Méndez, e a obra completa de Farruco Sesto a cargo de Iolanda Castaño. Repasa as obras que verán a luz como resultado dun premio literario, como a novela sobre a guerra civil *As horas rotas*, de Chelo Suárez; *Deus xogando aos dados*, de Fernando Méndez, e *Morte en fucsia*, de Elena Veiga. Despois de dar conta dalgunhas reedicións de Galaxia, tamén se achega ás monografías, entre as que sinala *Retrato do cambio social na xenacción de 1950*, de Manuel Pérez Rúa, gañadora do premio Ramón Piñeiro de Ensaio 2009. Das traducións destaca o transvasamento de *1Q84*, de Haruki Murakami e numerosos títulos de Rinoceronte Editora Editora como *A discoteca rusa*, de Vladimir Kaminer; e *Morto en fucsia*, de Birgit Vanderbeke. Pecha o artigo coa referencia ás novidades no eido teatral, nas que destaca as achegas de Euloxio Ruibal en *Labirinto na memória*, Alfonso Becerra de Becerreá en *Dramaticulas* e Manuel Lourenzo con *Tres versións*.


Conversa con Chano Rodríguez, nadador paralímpico, na que fala sobre as súas lecturas e repasa a súa traxectoria vital. Explica que na xuventude en Vigo durante a ditadura lleu libros prohibidos e estaba en contacto con intelectuais como Antón Reixa e X. L. Méndez Ferrín, manifesta o seu gusto por Miguel Hernández e Federico García Lorca. Do seu paso pola cadea lembra que ao lector lle axudou a superar a situación e da literatura galega actual sinala que lle gusta Domingo Villar e María Xosé Queizán. Entre os xéneros preferidos sitúa a ficción científica, en especial Isaac Asimov, e a novela en xeral.


Repaso xeral aos proxectos que se acaban de poñer en marcha con motivo da celebración do 8 de Marzo e do Día das Letras Galegas. Percorre as diferentes propostas ao redor de Uxío Novoneyra nas que explica pormenorizadamente os títulos que se foron editando, como por exemplo, *Universo Novoneyra. A poética do intre*, de Antón Patiño; *Uxío Novoneyra. Home e terra*, de Xosé Lois García; e *A distancia do lobo*, de Antón Lopo. Das propostas poéticas cita, entre outras, a publicación de obras como *Deserto diamantino*, de Xavier Rodríguez Baixeras, gañadora do Premio Caixanova de Poesía; *Microcosmos*, de María Novo; e *Atico*, de Arsenio Iglesias Pazos. Canto á novela repasa as novidades, entre a que figuran as de Teresa Moure, Marcos Calveiro, Luís García Mañá, Xavier Rodríguez López e de Alberto Ramos, mentres que en relato curto refírese a Vicente Araguas con *Xuvia-Neda* e Manuel Portas con *Denso recendo a
Da tradución sinala títulos que chegan á lingua galega dende o xaponés, italiano, húngaro, asturiano, etc., aínda que salienta o efecto da conxelación das axudas institucionais e a espera á que foron sometidas algunhas obras. Entre os títulos sinala a Guía do autoestopista galáctico, de Douglas Adams; Sen novas de Gurb, de Eduardo Mendoza; Xuntos e máis nada e Nocturnos, de Kazuo Ishiguro, entre outras. Dos ensaios salienta como a obra máis vendida 55 mentiras sobre a lingua galega, de Henrique Costas, e propostas como Feministas galegas, de Mónica Bar Cendón; Confesión de parte. Inventario de lecturas e Poéticas, de Xulio López Valcárcel. Por último, sobre a literatura dramática anuncia tres novas entregas: Flores de Dunsiname, de Manuel Lourenzo; Pressing Catch, de Paula Carballeira; e Movidas e Razóns de peso, de Gloria Gallo.


Recensión de Palabras para un baleiro (2009), de Baldo Ramos, que acompaña con versos recollidos do propio poemario. Destaca que as palabras, como os silencios, transitan polo libro adscritos a un presente “que é preciso imantar”, para resolver os “omnipresentes baleiros”. Opina que se escribe para un eu como “itinerario de reconstrución rexeneradora”, ao tempo que se acubilla en silencio aquilo “que foi andado sen retorno posible”.


Despois de sinalar diferentes visións do suicidio, un tema reiterado na obra rosaliana, subliña a importante manifestación que este tema ten en Follas Novas e En las orillas del Sar e exemplifica o dito con diferentes versos da autora. Así, fa un percorrido polos versos rosalianos (maiormente de Follas Novas) e fala da morte como “unha morte coherente, en ocasións desexada”; como “atracción” e “luz en lugar de sombra”; como “ansia” e “solución a calquera desgraza”, etc.


Comenta que o mesmo día que se pecha esta número vinte e seis da revista Festa da palabra silenciada recibe a noticia da morte de Francisco Fernández del Riego. Dá conta dalgúns dos seus méritos e iniciativas e da amizade que os unía.


Ocupase de Amor Sacrílego, poemario de Mónica Bar Cendón no que se “presenta o amor e o sexo entre unha novicia e a madre superiora do convento” e no que tamén están presentes “amores máis actuais, orixinais e propia da época en que vivimos cos
avances tecnolóxicos que, lonxe de sosegar a sexualidade, ábrelle novas vías”. Sinala finalmente tamén a presenza do desamor, a esperanza e a tenrura.


Alúdese á Feira do Viño de Ribadavia de 2010 e ao labor realizado polo colectivo fotográfico O Potiños do Carballiño que immortalizaron algunhas estampas desta feira acompañadas do poema “Cantiga de Ribadavia”, que reproduce neste artigo publicado por Celso Emilio Ferreiro en *Terra de ningures* (1965).


Aproxímase a *Ramón Piñeiro e a revisión do nacionalismo* (2009), dous volumes nos que Miguel Barros descifra o enigma de Piñeiro. Sinala que hai un primeiro Piñeiro, un mozo que asume a perigosa tarefa de reconstruír na clandestinidade o Partido Galeguista e que rematou detido en abril de 1946 e estivo condenado até marzo de 1949. A seguir, apunta que o segundo Piñeiro é o do proxecto político-cultural que foi a fundación da Editorial Galaxia en 1950, que tentaba recuperar a Galicia como nación-cultura dentro dunha nova Europa. Por último, do terceiro Piñeiro, o máis polémico de todos, analiza o seu papel na etapa de transición á democracia e na xéneses da autonomía. Considera que o autor puido evitar digresións xerais e moderar as expresións de empatía coa figura estudada e incluso reorganizar mellor algún dos apartados, aínda que afirma que, ante a súa magnitude, riqueza documental e afán globalizador, estamos ante unha obra decisiva para coñecer a Piñeiro.


Tras unha dedicatoria persoal a Luísa Villalta e unha cita procedente de *O incerto señor don Hamlet, príncipe de Dinamarca*, de Álvaro Cunqueiro, Rabuñal traslada a súa experiencia persoal do Hamlet cunqueiriano a través de dez epígrafes encabezados por números romanos. Acompáñase dunha ilustración de Xosé Díaz.


Nota na que se propoñen algunhas liñas de investigación para futuros estudos sobre as lecturas e influencias de Rosalía de Castro, aspecto considerado importante dado o carácter metaliterario da produción desta autora central do sistema literario galego. Rastréxanse algúns datos sobre posíbeis referencias de Rosalía de Castro, como Lord Byron e Johann Wolfgang von Goethe nas súas obras en prosa, pero tamén do alemán Hoffmann e sobre todo Edgar Allan Poe, autor ao que fai referencia nunha carta a
Manuel Murguía, na que lle explica que leu un conto do autor americano. Ofrecense alguns apuntamentos sobre a recepción de Poe na Península Ibérica, como a polémica sobre cal foi o seu primeiro conto que viu a luz en lingua castelá, e tamén se fai referencia a que Rosalía de Castro puido coñecer a obra deste autor a través da edición de Historias extraordinarias (1858), no que se introduciu un conto de Fernán Caballero, autora á que Rosalía admiraba, como quedou manifesto na dedicatoria de Cantares Gallegos (1863). Remátese reclamando maior atención a este aspecto que pode botar luz sobre a concepción da escrita da autora galega.


Pártese dunha serie de hipóteses sobre os motivos que levaron á queima de libros e bibliotecas durante a represión franquista, entre eles o alto grao de violencia que acadou o golpe de estado e a defensa ultracatólica da “orde de sempre”. Reflexiónase sobre o contexto histórico predominante até a II República, como o alto índice de analfabetismo, a escaseza de bibliotecas, o carácter erudito das existentes, etc., de aí que sexa fundamental a importancia do pulo que lle dieron os homes e mulleres da II República á lectura e ao ensío, ao comprenderen que a socialización da lectura permitiría asentar un réxime republicano e de liberdades. Explicase que foron dous os organismos responsábeis de espallar por todo o territorio libros e bibliotecas: as Misións Pedagóxicas e a Junta de Intercambio para la Adquisición de Libros para Bibliotecas Públicas (JIAL). Das primeiras salienta o labor de formación dos mestres e de provisión de fondos ás escolas públicas, as cales entre 1931 e 1934 chegaron ás catrocentas documentadas. Da segunda, a JIAL, saliénse o seu labor nas bibliotecas públicas a prol da renovación de fondos bibliográficos e a creación de dez novas en Galicia, todas elas con bibliotecarios profesionais. Engádese que a estas entidades hai que sumar as daqueles colectivos, como ateneos, sindicatos, asociacións culturais, etc., que contaron con bibliotecas propias, as cales desapareceron en 1936. Indícase que a estas hai que sumar as máis de catrocentas instaladas nas “escolas de americanos” ou “escolas de emigrantes”, destinadas a todo público pero sobre todo a mozos, de modo que se querian emigrar contasen cunha preparación que lles garantira mellor posos de traballo. Remátese reproduciendo algunhas das palabras publicadas na prensa do momento, nas que se fai referencia ao perigo dalgúns libros, das ideas que propagaban e das iniciativas contra as bibliotecas levadas a cabo polos responsabéis da orde pública, conscientes do risco que entrañaba a educación e a cultura do pobo.


Coméntase a publicación do volume de Maribel Iglesias Baldomero, Ramón Cabanillas Enríquez. Biografía en imaxes (2008), con motivo da conmemoración do quincuaxésimo aniversario do pasamento do autor. Segundo se comenta, trátase da primeira fotobiografía sobre o escritor e a maior e mellor recompilación fotográfica, que presenta imaxes xa coñecidas, que toman un novo significado ao formar parte dun todo
ordenado e contextualizado, así como imaxes inéditas, que desvelan aspectos descoñecidos do poeta. Sinálanse como acertos desta publicación a capa, deseñada por Manuel Busto, e a escolha dunha cita de Ramón Caride, que fala da calidade humana do autor. O percorrido biográfico non remata co pasamento de Cabanillas senón que se dá conta dalgúns eventos póstumos relacionados co biografiado. Para Luis Rei o valor desta obra é a “vontade contextualizadora”, situando ao autor na súa contorna social, de relacións e influencias, así como no período histórico que lle tocou vivir. Coméntase que se pecha o volume cun apéndice coas reseñas biográficas.


Ao cumprirse o cincuenta cabodano do pasamento de Ramón Cabanillas e o cincuenta aniversario da publicación da súa primeira *Obra completa*, sina a que o Concello de Cambados declarou o 2009 Ano Cabanillas. Cita diferentes obras publicadas ao longo deste ano sobre a vida e obra deste autor cambadés e, a continuación, comenta e reproduce algúns dos seus textos inéditos ou aínda non recollidos por consideralos relevantes dende o punto de vista biográfico ou literario. Entre eles están uns versos escritos en castelán “El Marqués de la Récua”, antecedente do seu soneto “A un cacique”; o poema “Volvoreta y-anduriña”; “Os mariñáns. Canción-hino”; o soneto en língua castelá “A D. Manuel Lojo Tato”; e un prólogo poético realizado para o libro de Portela, *O trasno*.


Achega á historia do Día Nacional de Galiza que comeza coa referencia á instauración de símbolos propios, como a bandeira e o himno. Explicase que a celebración desta festividade tivo a súa orixe na maior parte dos países occidentais entre finais do século XIX e principios do XX, asociada á crise económica de 1873 e ás migracións masivas que provocou. Segue sinalando que foi na diáspora galega onde tivo a súa orixe a celebración do Día Nacional de Galiza, cuxo xerme é a advocación do Apóstolo Santiago que desde o século XVIII se viña celebrando nas colonias da emigración galega. Detense con especial atención na festa organizada pola Sociedade de Beneficencia Naturales de Galicia, que cada 25 de xullo celebraba unha gala para recadar fondos, na que foron cada vez máis os elementos identitarios e o enfoque laicista. Explicase que nesta xeira participaron persoais como Manuel Curros Enríquez, Waldo Álvarez Ínsua e Vicente López Veiga. Detense tamén noutros antecedentes, como os da colectividad galega en Madrid e Buenos Aires, onde se deu a mesma progresión cara a unha xornada de reivindicación galega. Remata referíndose a que esta celebración dos emigrados galegos foi recoñecida e adoptada como propia polas Irmandades da Fala en 1919 en Santiago de Compostela.

Acóllese o relato “Cando ardeu a casa consistorial de Abegondo”, de Maxi Rei.


Reprodúcese o poema “A Betanzos quixera volver”, de Maxi Rei, lido na homenaxe a Xulio Cons o 23 de outubro de 2010.


Alude a que nas Xornadas “Imaxes e palabras para un proxecto moderno entre a Arxentina e Galicia” que tiveron lugar en Bos Aires se revisaron os múltiples aspectos da obra de Luís Seoane. Asemade indícase que nelas estiveron prestíxiosos investigadores como Ramón Villares.


Reprodúcese unha entrevista con Alberto Álvarez Escudero, ex-presidente da Federación Galega de Teatro Afeccionado, na que se tratan asuntos como a súa participación en intentos anteriores de asociación de grupos, o proceso de creación da Federación, os retos desta asociación nos seus comezos, os logros acadados, o “Festival Agustín Magán”, a implantación actual dos ciclos teatrais impulsados pola Federación e a Dirección Xeral de Cultura, a validez actual dos cursiños de teatro promovidos por esta asociación, os grupos amadores como “canteiras” do teatro profesional, a participación no devir da Confederación Española de Teatro Amateur, os retos da nova directiva ou a celebración dun congreso do teatro galego.


Dáse conta da conversa mantida con Celso Parada, na que se fala dos seus inicios no teatro, as súas ocupacións teatrais na actualidade; a distinción entre actores de teatro, cine e televisión e os aspectos da profesión que precisan de crítica e cambio. Finalmente, reproducéuse un “Testeatral”.


Reproduce o artigo publicado en 1955 por Vicente Risco no xornal *La Región* sobre a institución social que conformaba. Describe, nun estilo literario e a xeito de
interrogacións e respostas, o labor desempeñado polo equipo de redacción e dirección do xornal.


Reproduce o artigo publicado en 1954 no xornal *La Región* sobre o uso do pregón como medio de vender os xornais nas rúas. Menciona algúns dos xornais así vendidos, como *El Eco de Orense, El Imparcial, La Defensa de Galicia, Álbum Literario, El Gracioso, periódico moral en prosa y verso* e outros xornais satíricos como *La Bruja, El Cinife, El Piave ou La Billarda*. Nun epígrafe á parte intitulado “Una tarde en la redacción”, comenta o faladoiro desenvolvido na redacción do xornal entre el e varios dos seus amigos, entre os que destaca a Santiago Vázquez.


Reprodúcese o discurso de agradecemento de Xosé Luís Rivas, Mini, na entrega do Pedrón de Ouro, no que comeza evocando a infancia e as contradicións, falta de liberdade, a miseria, a inxustiza, etc., que se observaban na Galicia da posguerra, na que se considera froito da aculturación, do desclasamento e da domesticación. Explica que foi a través da música como redescubriu a súa identidade e o valor do saber popular atesorado polo pobo. Alude á dualidade e complementariedade con Baldomero Iglesias, Mero, unidos nunha “fe cega no que facemos”. Remata reafirmando o seu amor a Galicia e agradecendo o galardón outorgado.


Reprodúcese o relato “O anano de Moraime”, de Antón Riveiro Coello.


Analízase o último número desta publicación, anteriormente denominada *Boletín de Información Teatral da Escola Dramática Galega*. Sinállase que, na sección “Temas”, se acollen disertacións como a de Ana Contreras sobre o Wabi-Sabi e a súa influencia no teatro contemporáneo ou as de varios autores sobre os repertorios e a creación de públicos. Apúntase que na sección “Espazos” aparecen dous artigos de Manuel F. Vieites (no primeiro, compara as traxectorias paralelas de Paulo Freire e Augusto Boal; o segundo, versa sobre Daniel Cortezón e a súa mirada crítica e plural coa que tentaba reconstruir a tradición galega na literatura) e outro de Orzo Abrunheiras sobre os catro anos da ESAD en Galicia. Menciónanse tamén as entrevistas a Ana Vallés, Carlos Neira
e Roberto Fratini; a homenaxe a Merce Cunningham, na sección “En danza”; así como a reflexión sobre as pezas representadas no XXVI FITA e no Galicreques 2009, na sección “Festivais”; a análise por parte de Carlos Caetano Biscainho da obra Glass City de Teatro del Noroeste, na sección “Espectáculos”; e outras seccións como “Libros”, “Cómic”, “Ficheiro” e “Axenda”. Apláudese, por último, o compromiso da revista coa difusión de textos dramáticos (xa que na última parte da revista se inclúe un texto teatral en galego) e cos estudos sobre as artes escénicas.


Apláude que en 2008, grazas ao goberno bipartito da Xunta de Galicia, se puxeran os alicerces do Culturgal e indicase que na edición de 2010 estarán presentes entre outros Manuel Rivas, Iolanda Zúñiga, Diego Ameixeiras e Fina Casalderrey.


Acóllesese o poema “Ruínas”, de Gabriela Rodríguez, acompañado dunha ilustración de Olaia.


Reprodúcese o poema “Xirar”, de Gabriela Rodríguez, acompañado dunha ilustración de Olaia.


Estuda a figura de Rosalía de Castro no tocante á súa produción literaria. Comeza por aludir ao volume de Herald Bloom, The Western Canon. The Books and School of the Ages (1994), para sinalar as súas razóns en contra de excluir do canon a comunidades que carecen dun aparato literario poderoso. Salienta así a ausencia de Rosalía neste volume e o seu rol indiscutible na fundación da literatura galega. Nun epígrafe intitulado “As agonías rosalianas”, enumera os tres puntos polos que Rosalía destaca na súa produción poética: o seu afán patriótico, a súa paixón amorosa e o seu desacougo relixioso, que posteriormente analiza por separado en tres apartados diferentes. No primeiro cita os seus volumes Cantares gallegos (1863), do que salienta os poemas “A gaita gallega”, “Castellanos de Castilla”, “Como chove miudiño”, “Eu cantar, cantar, cantei” e Follas Novas (1880), que analiza tematicamente. Contrastara asemade a súa poesía coa de Emily Dickinson e a de Walt Whitman e reproduce uns versos do seu poema “Jamás lo olvidaré!... De asombro llena”. No segundo equipara a poesía rosaliana coa bisexualityd, fronte á de Verlaine, Rimbaud, Whitman, Oscar Wilde, de trazos homosexuais e sinala como exemplo os poemas “Ladraban contra min, que camiñaba”, “Santa Escolástica” (dos que reproduce algúns versos) e “¡Nin ás escuras!”.

862
Xa no derradeiro apartado reproduce algúnos versos de “Na catedral” e destaca a relixiosidade rosaliana heterodoxa ao tempo que a súa calidade poética e narrativa, ao mencionar a súa novela *El primer loco* (1881).


Reprodúcese o texto narrativo “Retrincos: o retrato”, datado en Pontevedra en 1922, de Alfonso Daniel R. Castelao.


Realiza un percorrido pola traxectoria vital e artística de Carlos Maside. Logo de achegar uns datos da súa infancia en Cesures, subliña o vínculo existente entre el e súa nai e describe a súa entrada e vivencias no mundo laboral en Vilagarcía de Arousa debido ao pasamento de seu pai. A seguir, destaca o seu labor como debuxante político para os xornais *Vida Gallega* en 1918, *Faro de Vigo* en 1923 e *El Pueblo Gallego* en 1925 e 1932 e como colaborador na prensa diaria sobre os temas de actualidade daquel entón. Sinala doutra banda a súa amizade con Xesús Bal y Gay, Rafael Dieste, Otero Espasandín, Emilio Mosteiro, Manuel Antonio e Constantino Candeira, xunto aos que constitúe o grupo denominado “Xeración de 1925”. Tamén xunto con Rafael Dieste conforma o grupo “Os Novos”, como alternativa e continuación da Xeración Nós. Salienta a condición de novecentista de Maside xunto aos súas óleos *Autorretrato* (1928), *Tenda á* (1929), *Cartel de Vigo* (1929) e a estampa *Peixeiras*, así como as súas colaboracións en *El Sol*, *Libertad*, *La Voz*, *La Raza* e *Nueva España*. Sinala asemade a súa estadía no cárcere, xunto a ministros da II República, por mor dunha suposta simpatía co Manifesto republicano do 15 de decembro. Sinala tamén a súa “Exposición da Sala do Casino” en Vigo en 1932, que contou coa presenza de Otero Pedrayo; a mostra itinerante “Artistas Españoles Contemporáneos”, organizada polo Carnegie Institute de Pensilvania en diversas capitais estadounidenses durante 1932 e 1933, e a colaboración en *Resol*, *Cristal* e *Yunke*. Doutra banda, indica o remate do seu labor como xornalista e menciona o volume que Álvaro Cunqueiro lle escribe a Maside, *Nocturno ou así a Carlos Maside*. Destaca a clausura por mandato gobernativo da súa exposición no Salón do *Faro de Vigo*, a redacción do seu ensaio *En torno a la fotografía popular* e a súa derradeira mostra individual na Sala de Turismo en Santiago en 1953, da que subliña os lenzos *Compostela, A Res, Rapaz a xantar, Mercado, Peirao, Porto de Pescadores e Asteleiro*. Conclúe coa reproducción dunhas liñas que escribiu a Isaac Díaz Pardo a xeito de despedida, próximo xa ao seu pasamento.


Percorrido pola historia, cultura e literatura da parroquia de Noia dende a Idade Media até a actualidade, ao longo de catro breves seccións. A primeira delas, “Introdución”, delimita o período de tempo no que centra o seu estudo e os escritores encol dos que reflexiona, atendendo ás súas opinións sobre Noia. Na segunda, “Da Idade Media á
década de 1880”, comenta o escrito do arcebispo Berenguel de Landoira a Afonso XI en 1320; a edición de Jeanne Vieilliard sobre a viaxe a Noia de Nompar II, Señor de Caumont, titulada Le guide du pèlerin de Saint Jacques de Compostelle (1938); a Descripcion del Reyno de Galizia (1550), de Bartolomé Sagrario de Molina; o escrito de Juan Henríquez Ossorio no século XVII encol da antiga Nobin como orixe da vila noiesa; a edición que Toxosoutos levou a cabo da viaxe que en 1745 realizou a Noia o Padre Martín Sarmiento, traducida por Carlos Castro Pinheiro e cun estudo preliminar de José Luis Pensado; as cantigas que o Conde de Floridablanca recolleu no seu volume España dividida en provincias e intendencias, y subdividida en partidos (1789) e as recollidas por Cabanillas na súa Antíona da cantiga (1951); a Descripción económica del Reino de Galicia (1804), de Lucas Labrada; os escritos en 1821 de Alberto Campero sobre as lendarias orixes de Noia; o Diccionario geográfico-estadístico-histórico de España y sus posesiones de ultramar (1845), da autoría de Pascual Madoz; as reflexións lirico-descritivas de Henrique Reguera Pardiñas; as referencias a Noia incluídas no volume de Teodosio Vesteiro Torres, Galería de gallegos ilustres (1875) e os escritos de Agustín V. Malvido en torno a 1882-1883. Na terceira sección, “De 1883 a 1908. Á sombra do rexionalismo”, tras destacar os volumes de Rosalía, Follas Novas, Valentín Lamas Carvajal, Saudades gallegas e Manuel Curros Enríquez, Aires da miña terra, todos eles publicados en 1880, subliña a importancia das revistas na promoción e divulgación da historia galega, como por exemplo as de Galicia Diplomática, que incluía o estudo de “La villa de Noya” (1885) e a reflexión de Eduardo Núñez Sarmiento, “Antigüedades de Noya. El crucero de Berrimes y el túmulo del Barbanza” (1889); La Ilustración Española y Americana, co artigo de Robustiano Faginas Arcuaz; O Tío Marcos d’a Portela, que recollía en 1887 a sátira de Eduardo Núñez Sarmiento contra os xornalistas noieses e Galicia Histórica, que contiña o estudo científico de Eladio Oviedo e Arce, “Arquitectura religiosa. Noya: Iglesia y Cementerio de Santa María la Nueva” (1901). Sinala asemade o volume Galicia (1888), de Manuel Murguía, os escritos de Pedro Rodríguez sobre a antigüidade de Noia como vila e os de Pedro Nolasco Gaite en 1903 sobre os seus monumentos. Na derradeira sección, “Miradas fóra do tempo. Os poetas”, salienta o volume gallego de Cantares gallegos (1863), do que reproduce uns versos sobre Noia; o poema de Enrique Labarta Pose, “Unha corrida de touros en Noia” (1887); os poemas de Antón Avilés de Taramancos, “Saloucos dun emigrante” (1951), publicado na revista Tapal e “Antón de Noia” (1952); os poemarios de Juan Pérez Creus, As cancións d’ise amor que se diz olvido (1951) e Manuel Fabeiro Gómez, Follas de un arbe senlleiro (1951); a segunda edición de Ángeles de Compostela (1961), de Gerardo Diego; “Os poemas da ausencia” (1963), de Avilés, publicados n’O tempo no espello; o volume de María Mariño, Palabra no tempo (1963). Menciona, doutra banda, os poetas actuais que escribiron sobre Noia, como Ana Romaní, con Arden (1998); Gonzalo Armán con Soños e bágoas (2009) e conclúe coa alusión ás composicións en prosa poética de Álvaro Cunqueiro, “Noya de los veleros” (1950) e “Noticias acerca de Noya” (1956).


Leva a cabo un percorrido polos estudos sobre a vila de Noia dende os Séculos Escuros até a década de 1930. Logo dun epígrafe introdutorio intitulado “Nao serena e maxestuosa”, no que alude a unha primeira parte desta reflexión publicada nesta mesma revista, comeza, no apartado “Os Séculos Escuros”, coa mención do contrato asinado
entre Alonso González e Martín Ximénez en 1544, que estipulaba o traballo deste último como mestre de lectura de todos os noyeses e noyesas. Continúa coa mención de 1601 como a data na que os estudos de Gramática pasaron a ter o Hospital de Adentro como sede oficial e reproduce un extracto da descrición de Noia feita por Méndez Silva en 1675. Xa no século XVIII menciona a Descripción geográfica y topográfica de el Reino de Galicia (1749), de Antonio Rioboo e Seijas, da que reproduce tamén algúns parágrafos. Nun segundo apartado, “Do século XIX á Guerra Civil de 1936”, sinala o informe redactado en 1895 dos Fueros Municipales de Santiago y su Tierra, da autoría de Antonio López Ferreiro, sobre a concesión do burgo noís ao arcebispo Pedro Gudestéiz. Proseguir co volume de Annette M. B. Meakin, Galicia, The Switzerland of Spain (1909), adaptada ao galego en 1994 e cuxo capítulo dezanove leva por título “La bellísima Noya”, que comentá en gran detalle. Alude a seguir ao volume Lugares de devoción y belleza. Impresiones de Galicia (1922), de Victoriano García Martí, e particularmente ao seu capítulo “Los toros en Noya”, que tamén comenta. Conclúe cunha referencia á Guía de Galicia (1926), de Ramón Otero Pedrayo e á equiparación que o autor realiza entre Noia e Santiago de Compostela.


Reprodúcese un texto no que se expresa a concepción do teatro da compañía Chévere. Sinaláse que debe ser punto de encontro que entreteña e achegue todo o que se precise. O teatro, segundo Chévere, debe facer visíbel a realidade, representándoa e renovándose cada día. Dise que se tenta estabelecer unha comunicación directa a través da complicidade inmediata, tomando a súa linguaxe do popular e os medios de comunicación de masas. Menciónase, finalmente, que se rexéita a tradición, substituída por unha linguaxe propia.


Aproximación ao volume de Sarah Kane, Obra dramática completa (2009), no que Manuel F. Vieites fai a tradución da súas cinco obras dramáticas e do seu guión cinematográfico Skin. Sinala que cómpre prestarlle máis atención á súa biografía intelectual que á súa biografía emocional: a eclosión do punk, o contexto thatcheriano, a familia de periodistas e evanxelistas e a súa ansiada de coñecemento e vasta cultura no eido teatral. Tamén apunta que con estes vimbios e cunha clara vontade de sacudir os cimentos da sociedade adurmiñada en que vive, Kane construíu unha dramaturxia da barbarie, que non espectáculo da barbarie, un revulsivo na historia do teatro. Destaca que a esta dramaturgia non lle interesa a realidade, senón que a súa elaboración, ademais de referiarse á funcionalidade dos ocos na súa obra, á construción dos seus personaxes e ás cuestións que abordou nas súas pezas.

Reprodúcese un relato ambientado nas montañas ourensáns de Verín e de Laza no ano 1963. Nel o narrador conta o encontro cuns lobos na súa viaxe de Verín á aldea de Camba.


Recóllense os comentarios encol do volume de Xosé Neira Vilas, *Historias de emigrantes* (1968), relacionado coa emigración galega ás Américas. Traese á memoria primeiramente as aventuras ocorridas a Cortizo Bouzas na súa emigración, que dero como fruto o seu *Del Amazonas al Infinito*, en liñua castelá, para despois salientar a calidade de Neira Vilas como narrador de historias, un narrador que non xuiga senón que presenta os personaxes ao lectorado e os deixa á súa opinión. Sublinxase asemade a súa sinxeleza narrativa e argumental, a presenza do tema da morte e do onirismo na súa ficción, a xenerosidade como trazo principal da maioría dos seus personaxes e o contraste con outros dos seus contos como *Xente no Rodicio*, *A Muller de Ferro* (1969) e *O Home de Pau*. Coméntanse finalmente algúns dos seus contos, como por exemplo *O Barbeiro de Medrano*, *Alfredo* e *A andaina de Bernaldo*.

Salgado, Ana, “Son un moderno que estrañ a o perdido e que escribiu un libro clásico”, *Tempos Novos, “Protexta”*, n.º 13, “proTagonista”, inverno 2010, pp. 16-19.

Longa conversa entre Suso de Toro, Rebeca Baceiredo e Ana Salgado ao redor da súa novela *Sete palabras* (2009) na que falan da importancia da identidade e da busca de coñecemento persoal que o autor leva a cabo ao escribir a obra, nun proceso que se converteu en madurecemento persoal, confunxendo o papel de escritor coas vivencias da persoa, o que para De Toro se converte na capacidade consciente do creador de manipular o seu mundo e buscar formas invisíbeis no caos da experiencia. Sinala que para construír a historia parte da busca de documentación pero tamén das necesidades que implican escribir. Fala do seu reiterado mirar cara ao pasado por crer que sempre hai algo que reparar, da confusión entre narrador e protagonista e o esforzo de alleamento que supuxo para el esta obra, que qualifica como o libro dunha estirpe de homes, temática que xa considera que estaba presente en *Tic-Tac* (1993). Tamén refire a hiperconsciencia do escritor e a súa ansia por coñecer o pasado, así como o valor da linguaxe como experiencia. Apelando á súa educación sinala que a través da escrita busca o mito e ofrece unha visión desmitificadora e desconxuntada da existencia. De *Sete palabras* cre que é un libro moi clásico dun autor moderno que se pregunta por unha vida con substancia que non ten, fronte a *Home sen nome* (2006), no que dí que trata o nihilismo inherente á masculinidade. Sobre o sentimento de culpa do home intelectual e acomodado frente ao inculto e pobre considera que a alienación empezou hai moito tempo e que hai conciencia de culpabilidade, aínda que observa que a sociedade galega e española logrou destruír de modo acelerado a orde social derrubando as barreiras entre clases, o que considera que pode ser debido á debilidade que presentaba a estrutura de clases. Tamén reflexiona sobre a súa concepción do individuo na sociedade actual, sobre a súa visión da vida aos cincuenta e catro anos, a presenza do
colectivo no individual, a súa preferencia polo individualismo anglosaxón e a súa consciencia de que é unha figura antipática.


Tras un breve Preludio onde se anuncia unha aproximación tipolóxica ás figuras fidalgas da produción dramática de Ramón Otero Pedrayo, continúase con tres bloques de reflexión crítica, e féchase cunha Coda, un bloque de referencias bibliográficas e un apartado de notas, algunhas delas extensas. Despois do apartado introdutor, proporciónanse certos datos biográficos do escritor ourensán que explicarían o seu interese pola esmorecente clase fidalga no contexto da crise humana, económica, cultural e social que se produciu na Galicia rural logo do asentamento do poder clericalista e tradicionalista da nobreza foránea. Dise que era fillo de proxenitores de orixe fidalga, que nace no seo da pequena burguesía urbana, que mantén contacto co ambiente liberal do pai, que entra en contacto coa tradición oral a través da súa avoa e que as súas estadías familiares no pazo de Trasalba lle facilitan o contacto directo coas xentes e a paisaxe do rural. A seguir, analízase a conformación do pensamento rexeneracionista de Otero, que se describe en comunión coa súa ideoloxía tradicionalista e o seu catolicismo profeso. Así indícase que na interpretación que del fai o intelectual ourensán Sánchez Rei “só os fidalgos poderían procurarlle á terra un futuro que estivese en coherencia coa súa historia, coas súas tradicións, coa súa socioloxía e coa súa cultura”. Esbózanse os hábitos e os ambientos das sociedades labrega e fidalga na época con apoio nos textos dramáticos e narrativos de Otero Pedrayo, nomeadamente, *Os camiños da vida* (1928), *O desengano do prioiro* (1952), *A Lagarada* (1928), *Traxicomedia da Noite dos Santos* (1960), *O fidalgo e a noite* (1970) e *Teatro de Máscaras* (1947), con mención a *O Porco de pé*, de Antón Risco (1928). A continuación, dáse conta por extenso dalgunhas figuras pacegas presentes no teatro de Otero Pedrayo, en particular das contidas en *Traxicomedia da Noite dos Santos* e *O fidalgo e a noite*. Debúllanse primeiro as súas funcións estruturais e temáticas para despois describir as variedades tipolóxicas. Péchase cun apartado final de referencias bibliográficas e acompañase dunha ilustración de Rodrigo Roel.


Describe os dramáticos sucesos acontecidos en Oseira, no concello ourensán de San Cristovo de Cea, o 22 de abril de 1909 e que serviron de catalizadores do sentimento anticlerical no Ourense daquela altura. Comenta tamén que os xornais *El eco de Orense* e mais *El Miño* trataron, dende diferentes ópticas, estes sucesos e destacase as posturas de Francisco Álvarez de Nóvoa ou do fillo de Valentín Lamas Carvajal, Modesto Lamas.

Coméntanse e reproducense varios documentos do libro de actas, regulamentos e listaxes de socios) da Irmandade Galeguista de Ourense no que podemos ver a presenza de Ramón Otero Pedrayo, Vicente Risco e Florentino Cuevillas así como referencias á Irmandade Nazionalista Galega e á Organización Republicana Gallega Autónoma.


Faise un repaso pola vida e obra de Concha Castroviejo (Santiago de Compostela, 1910-Madrid, 1995) e con respecto á súa produción relacionada coa lingua galega únicamente se indica que 1951 traballou no diario *La Noche*.


Indica que ao material recollido en *Epistolario* (1995) de Martín Sarmiento, que foi preparado por Xosé Filgueira e Maria Jesús Fortes, e cartas do beneditino que se deron a coñecer con posterioridade, se engaden agora oito cartas inéditas enviadas por Sarmiento a Fernando José de Velasco entre 1734 e 1750, que se gardan na Biblioteca Nacional de España. Aproximase á biografía de Velasco y Ceballos e refírese a unha serie de cuestión relacionadas con estas misivas que se reproducen na parte final do artigo.


Reprodúcese tres poemas inéditos de Luís Seoane precedidos dunha introdución na que Miguel Anxo Seixas Seoane explica que aínda non se levou a cabo a obra completa en lingua galega e castelá deste autor e que foron varios os críticos que achegaron composicións de mocidade do poeta, publicadas en diferentes medios. A seguir detense na relación de Seoane con Castelao e sinala que no proceso contra o rianxeiro durante a guerra civil consta a referencia a “Un pequeño libro de poesías gallegas de Seoane”, o que fai sospeitar a Seixas que os poemas que reproduce poderían formar parte dun poemario que se perdeu ou simplemente teren sido descartados polo autor nas obras editadas en vida, *Fardel de eisilado* (1952) e *Obra poética* (1977). Sinálase que na Fundación Seoane existen poemas sen asinar que son da autoría do poeta, como os que se reproducen e levan por título “28 de novembro de 1720”, no que se canta a vida dos piratas no mar e o axustizamento do capitán Calico Jack; “Carta ao segundón”, no que o eu poético canta á crise da fidalguia e crítica o deseastamento do herdeiro da casa; e “Naufraxio do Borussia. Noticia do 2 de decembro de 1880”, no que se recrea o naufraxio deste buque no que viaxaban emigrados galegos. Apúntase que nos tres casos se trata de poemas de estilo narrativo.

Froito da súa investigación realizada na Fundación María Zambrano, Mª Aranzazu Serantes López ofrece a transcrición de tres epístolas que Rafael Dieste lle enviou a María Zambrano entre os anos 1973 e 1979.


Dáse conta do pensamento sobre a figura de Rosalía exposto polo filósofo Andrés Torres Queiruga ao longo de diversos artigos. Dise que nalgún deles fala da autora como poeta metafísica, que transformou experiencias vitais en linguaxe poético. Sinérase, no primeiro dos apartados que vertebran esta reflexión (“Rosalía de Castro: expresión poética da saudade”), que “para o autor, es gallega desde o sentimento, a idea e o ser. Lo que podería resumirse como un sentimento de dignidade e humanidad que le apela e le invita a hacerse eco del lamento de los “tristes” e, a continuación, disérase sobre o concepto de saudade e a aplicación á obra rosalía segundo Andrés Torres Queiruga. O seguinte apartado, “Dimensión filosófica e teológica da obra rosaliana”, céntrase nesta interpretación da poética da autora que “hallou su modo de expresión a través de la “ironía e non raramente agónica na creación literaria” e en la “pregunta incisiva, entre a crenza establecida e o cuestionamento implacable”. Por último, no derradeiro apartado (“Rosalía de Castro e María Zambrano: la razón que se busca”), realizase unha comparación entre ambas as dúas autoras dende a perspectiva dos estudios do filósofo, nos que se conclúe que “en ambas subyace la influencia del romanticismo como punto de partida: el liberalismo e independentismo, la relación naturaleza-espírito, el rechazo de formulismos que coartan la expresión do pensamiento, así como la forma de entender la vida, como un ansia de apertura ante la ocultación radical do mundo”.


Reprodúcese unha conversa con Quico Cadaval, coa peculiaridade de que tén lugar durante nove minutos no escaparate dun comercio de confeccións. Nela trátansanse asuntos como o seu modo de crear, a temática dos seus textos, a súa relación co público, a situación do conto na España actual, a súa experiencia como dramaturgo e a súa elección do galego como lengua da escrita.


Faise referencia á saída do prelo desta monografía dedicada a Uxío Novoneyra e na que se realiza un percorrido pola vida e obra do poeta, ao tempo que se inclúen fotografías e ilustracións de poemas manuscritos. Destácase que se faiga fincapé en determinados aspectos do autor, tales como, por exemplo, a súa vida intelectual, calificándoo de poeta
prolíxico ao que lle gustaba revisar a súa obra, ou o antes e o despois que marca o ano 1976, pois “su poética sufre un cambio estético con un redescubrimento del lenguaje y una ampliación temática y estilística”, así como que a súa é “una poesía para ser oída, lo que extrema los recursos fónicos del lenguaje”. Finalmente, recoméndase a lectura deste libro como unha boa aproximación á vida e á obra do poeta lucense.


Destaca que se trata da primeira vez que “un poeta e narrador de corpo enteiro chega á Presidencia da institución”. Refíre a importancia da súa producción e indica que a súa elección como presidente significa “o recoñecemento cabal da institución para as letras galegas, personalizado nunha das súa figuras máis emblemáticas”. Indica que no mesmo acto se constituíu a directiva e acolle o cargo de cada un dos seus integrantes e sintetiza as dúas liñas estratéxicas marcadas por Ferrín, activar o funcionamento da RAG a través das súas tres comisións e reforzar o traballo interno da institución, para conseguir “renovar o dicionario e elaborar unha gramática normativa” e “culminar a catalogación” dos fondos. Remata apuntando que o obxectivo da RAG é “a consecución dun financiamento estable”, que se complemente “coas achegas doutros organismos e institucions”.


Comenta que os días 11 e 12 de marzo se celebrou na Universidade da Sorbona (París) o Coloquio internacional “Manuel Rivas et Suso de Toro: deux voix de la littérature galicienne contemporaine”, no que se deron cita grupos de especialistas na obra destes dous escritores galegos, procedentes de once universidades europeas e americanas. Achega o nome dos participantes e apunta que as obras que concitaron máis atención foron *Os libros arden mal* e *O lapis do carpinteiro*, de Rivas; e *Home sen nome*, de Suso de Toro, que foron obxecto de análises hermenéuticas. Tamén explica que se aplicaron focaxes psicanalíticas, ecofeministas, antroponímicas ou posnacionais, así como se atenderon outras obras e facetas da creación destes autores, dende a lírica ao xornalismo, pasando pola literatura infantil, analizándose temas como a emigración, a memoria e a identidade, entre outros moitos.


Faise eco da exposición “Fermin Penzol, unha obra para un país” e sinálase que a traxectoria do homenaxeado resulta “módelica en varios sentidos”, destacando o seu esforzo persoal no proxecto colectivo, o seu labor na pescuda e a recuperación dos testemuños escritos da cultura galega. Salientase que a exposición se artella ao redor de tres núcleos temáticos, singradura biográfica, significado histórico da Fundación Penzol.
e a Biblioteca Penzol. Infórmase que con motivo da exposición tamén se publicará un libro co mesmo título, sobre a súa figura e obra.

**Solveira, Ricardo, “Nacho Otero”, Revista Galega de Teatro, n.º 64, “Na memoria”, outono 2010, p. 87.**

Lémbrase, a través dun dos seus personaxes, a Nacho Otero, mimo recentemente facelido, do que se di que era o seu *alter ego*, Ja, creado a partir do Mimo Clásico.


Infórmase da celebración en Pontevedra de “Chámalle X”, no que a maioria das performances saen á rúa, amosando temáticas heteroxéneas. Ademais de reñear a presenza de artistas de fóra de Galicia, menciónase a participación de artistas galegos como Rita Rodríguez, con *Performance*; ou Lucía García Rey e Cristhian García Bello, con *Homenaxe á reprodución*.


Acóllese a tira de banda deseñada “Lastre”, de Víctor Tizón.


Trae á memoria o labor de Vicente Risco como redactor do xornal *La Región* con motivo do, por aquel entón, nonaxésimo aniversario do xornal. A partir dunha cita de Andrés Trapiello menciona os inicios de Risco no eido xornalístico, especialmente no momento en que comeza a colaborar con este xornal. Destaca, así pois as súas primeiras
colaboracións, a maioría en imitación dun dos seus artigos, “Libro de las horas”, o cal describe a seguir, facendo fincapé no seu estilo. Comenta asemade a actitude persoal do escritor e conclúe cunha referencia ás estratexias empregadas por Risco que agora estudan futuros xornalistas.


Estudo panorámico grafiado en língua castelá dos Xogos Florais de Galicia do período 1861-1911. Nun preámulo manifiétese a intención de realizar un percorrido pola memoria histórica dos Juegos Florales de Galicia. A seguir, nun epígrafe intitulado “Antecedentes”, menciónanse as orixes deste certame, para dar despois paso á análise detallada de cada un destes certames dende 1861 até 1911, conformando cada un deles unha sección diferente, englobadas todas elas no apartado “Juegos Florales en Galicia. Cincuenta años de historia (1861-1911)”. Dise que o primeiro certame foi o celebrado o 2 de xullo de 1861, na Coruña, do que se destaca a salida ao prelo dunha antoloxía da poesía galega e castelá da época, baixo o título de Álbum de la caridad (1862), que ao parecer puido ter constituído a base do Rexurdimento galego, así como o primeiro accésit do premio Flor Natural outorgado a Francisco Añón polo seu poema “A Galicia”. Indícase que o seguinte certame foi o celebrado o 11 de agosto de 1861 en Pontevedra. Del sinálanse os premios outorgados a Francisco Fernández Anciles por A noite de San Xoán e a Antonio Corzo y Barrera, por A la Patria, que foron recollidos no Álbum de las composiciones premiadas en los Juegos Florales de Pontevedra en la noche del 11 de Agosto de 1861. Do seguinte certame, acaecido o 29 de xullo de 1875 en Santiago de Compostela, menciónase a presenza de Manuel Martínez Murguía, Valentín Lamas Carvajal e Salvador Golpe Varela, así como o premio outorgado a Ramón María del Valle-Inclán y Bermúdez, por A la ría de Arosa. Apúntase que o 8 de outubro de 1876 tivo lugar o seguinte certame, na provincia de Ourense, do que se salienta o premio Pensamiento de Oro y Plata outorgado a Valentín Lamas Carvajal polo poema “A Galicia en el segundo centenario del Padre Feijóo”; o premio Rosa de Oro a Emilia Pardo Bazán pola súa “Oda a Feijóo”; o outorgado a Miguel Morayta polo seu “Estudio crítico de las obras del P. M. fray Benito Feijóo” e o accésit a Concepción Arenal. Do certame do 13 de agosto de 1880 celebrado en Pontevedra, subliñase o premio do que foi merecente Pascual Veiga Iglesias pola súa composición poética “Alborada Gallega” ou “Alborada de Veiga”, reproducense o resto dos premios entregados e alúndese ao discurso de Antonio Romero Ortiz. Do seguinte certame, do 18 e 19 de agosto de 1882 en Pontevedra, destacase o premio concedido a Nicanor Rey polo seu poema “Al cielo”, así como o discurso pronunciado por Segismundo Moret. Do certame celebrado o 24 de xuño de 1883 en Vigo saliúntase o discurso inaugural de Manuel Fernández de Herba, xunto aos premios entregados a José María Ortega Morejón polo seu poema “Numancia”; a Benito Losada y Astray por A estrela de Vera; a Daniel Balaciart y Formo, por A las Glorias de la Marina Española e a Manuel Martínez González por Fernán Pérez Churruchao. O seguinte certame que se analiza é o do 12 de agosto de 1884 en Pontevedra, do que se sinñalan os premios outorgados a Nicanor Rey Díaz por Dies irae; a Luis A. Mestre por A Garibaldi; a Emilio Álvarez Giménez pola súa Biografía de Fray Martín Sarmiento y noticia de sus obras impresas y manuscritas, con indicación de los Archivos y Bibliotecas en donde se hallan; o Premio da Diputación de Pontevedra a Antonio Gaite Núñez; o Premio Muruais a Martínez González; o Premio Montero Ríos a Remigio Caula; o Premio Villaverde a
José Casal y Lois e o Premio Moret a Vicenti. Do certame do 9 de agosto de 1886 en Pontevedra saliéntase a organización do certame a cargo da revista *O'Galiciano* e reproducéuse a listaxe dos premios outorgados. Do seguinte certame do 24 de xuño de 1891 en Tui, indícase o estudo sobre os Juegos Florales e a súa relación coa literatura galega de Manuel Rodríguez Alonso e a creación dun “Consistorio dos Xogos Florales de Galicia” por parte de Manuel Murguía. Sinálase asemade a organización do certame pola Asociación Regionalista Gallega e remátese co certame celebrado o 7 de xuño de 1901 en Ourense, do que se sinala o Premio Bispo Carrascosa entregado a Manuel Vidal Rodríguez, para depois resumir o certame de Lugo de 1901, no que Indalecio Varela Lenzano recibiu o premio por *Monografía sobre la Música patriótica española* e outros como o de Vigo de 1908, Pontevedra de 1911, Ferrol de 1911 e Pontevedra de 1912.


Resume a súa tese presentada no ano 1992, *Historia de una empresa periodística galega: La Región*, co gallo do aniversario da centésima edición deste xornal. Destaca o feito desta empresa constituir a principal escola de formación dos xornalistas ourensáns e menciona como exemplo a Vicente Risco, Ramón Otero Pedrayo, Florentino López Cuevillas ou Eduardo Blanco Amor. Sinala asemade algúns dos volumes que esta empresa editou, como *Teoría do nacionalismo galego* (1920), de Risco, ou *A parroquia de Velle*, dirixida, entre outros, por López Cuevillas. Salienta a seguir a aparición deste xornal a nivel europeo en 1966 e americano en 1976 e conclúe coa mención do vínculo existente entre este xornal e a sociedade ourensá.


Reprodúcese un texto de Ana Vallés no que se reflexiona sobre a súa concepción do teatro. Sinálase que o teatro é unha forma ideal de comunicación pola vontade de participación no espectáculo. Indícase que se trata dun teatro das emocións e sensacións, no que cobran importancia, por enriba da palabra, o movemento, a música, a imaxe ou a luz. Coméntase que o teatro non se escribe e que nas súas postas en escena non existe un guión previo, senón que se trata dun proceso de improvisación sobre as ideas que se pretenden propor. Concibese ao actor como actuante que estabelece comunicación co espectador e que desenvolve os seus discursos a partir das experiencias persoais. Reivindícase a independencia e autonomía para a arte en xeral. En canto á temática, menciónanse o paso do tempo, a relación da persoa co medio, a consciencia da súa fraxilidade, as dúbidas, as incertezas, o medo á morte, a necesidade de ser queridos e a ledicia de sentirse vivo. Finalmente, exprérase a súa definición do teatro como un “transcorrer compartido”.


Faise un repaso pola XV edición do Festival de Cine de Ourense (OUFF) e onde se comenta que en 1977 Carlos Velo tentou coa produtora “Nós Cinematográfica” levar ao

Realiza un roteiro homenaxe centrándose no contido artístico e literario da histórica taberna ourensá “O’Volter”. Indica que nela tiveron cabida persoeiros como Carlos Casares, Ramón Otero Pedrayo, Xosé Luis Méndez Ferrín ou Celso Emilio Ferreiro.


Reprodúcese unha entrevista co director de escena argentino Jorge Lavelli, na que se fala da súa experiencia traballando con María Casares e a súa opinión do teatro español en comparación co francés.


Comeza afirmando que María Xosé Queizán reivindica en Frankenstein, o moderno Prometeo (2009) os valores ocultados pola historia oficial desta escritora a quen compara, neste senso, co acontecido en Galicia con Rosalía de Castro. A seguir, dá conta brevemente do comentario na presentación do libro por Queizán en relación ao contexto biográfico desta autora inglesa contemporánea, en certo senso, comparábel con Rosalía de Castro. De seguido, centrarse no tema central que Queizán aborda na obra como é o da maternidade da autora, cuestión “claramente reflectida na creación de Frankenstein”, creación que, como Iolanda Veloso sinala Queizán aborda dende diferentes puntos de vista na segunda parte da obra. Tamén comenta que María Xosé Queizán subliña os méritos literarios e científicos da novela nunha obra “fondamente documentada” e “na que se nos permite achegarnos a personaxes históricas femininas con perspectiva feminista”.


Describe de xeito moi conciso a recompilación de poemas de Lois Oreiro, Uns ós outros (2009), da que destaca a súa estrutura tripartita e a súa réplica ao nihilismo.
Sinala o volume de David Otero, *Nun bambán de non virar baldo* (2009), destaca da súa narrativa os sete libros que a compoñen e apunta a súa temática.


Comézase criticando o pouco risco que asumiu Edicións Xerais de Galicia ao publicar na colección “Biblioteca Dramática Galega” o texto de Rubén Ruibal, *Delimvois*, o cal malia non ser premiado cun dos tres galardóns que “sostéñen o noso pseudo-sistema peculiar” pertence a un dos poucos autores que foron Premio Nacional de Literatura Dramática. Explicase que nesta obra retoma o proxecto de anovación temática e formal do teatro que se iniciara con *Estigma*, peza da que é autor, xunto con Jacobo Paz e Vanesa Sotelo e que foi representada polo CDG en 2008. Do contido explicase que estabelece un xogo de intertextualidade cunha das primeiras distopías da literatura universal, *Nós*, de Yevgueni Zamiatín, na que se presenta un mundo dominado por un sistema político totalmente tecnocrático e onde o pensamento único é a Ciencia. Saliéntase que o acerto da peza é o recurso á negatividade a través do humor, que nace da confrontación entre os personaxes, entre os que figuran dous humanos marxinalizados e unha androide que experimenta con eles. Sinálase que se trata dunha peza de temática ciberpunk que dá un paso adiante no teatro escrito en lingua galega e permite facer unha reflexión sobre a función da ficción científica na sociedade na que se produce, unha función que noutrora fixo o teatro histórico.


Reflexiónase sobre o Centro Gallego de Buenos Aires, creado polos emigrantes chegados de todo Galicia, así como da entidade xurdida dese Centro, o Centro Gallego de Rosario, Asociación Mutual, Cultural y Recreativa. Nun primeiro apartado intitulado “El nacimiento del Centro Gallego”, describese a fundación do Centro Gallego de Rosario en 1944 por parte dalgúnns dos antigos membros do Centro Gallego, que o bautizaron co nome de Asociación Saviñao y sus Contornos. Destácase o feito de que en 1956, seguindo o modelo doutros centros na rexión de Rosario que tiñan como socios a emigrantes doutras comunidades españolas, un grupo de trece emigrados celebrara a asamblea de fundación na casa de Manuel Camino, na que cambiaron o nome da Asociación polo de Centro Gallego de Rosario. Sublíñase a seguir o nomeamento da Comisión Directiva definitiva en 1957, a obtención do permiso para poder actuar como Mutual por parte do Instituto Nacional de Acción Mutual (INAM) en 1974 e o quincuaxésimo aniversario da súa fundación en 2006. No seguinte apartado, “Objetivos fundacionales”, describense os seus obxectivos básicos e a obtención da distinción da Lei de Galeguidade, outorgada pola Xunta de Galicia, así como a súa adhesión á Federación de Asociaciones Españolas de la Provincia de Santa Fe e ao INAM. Indícase asemade as sinaturas recollidas no Libro de Ouro do Centro, entre as cales figuran as de Manuel Fraga Iribarne, José María Fernández Cochón, Aurelio Mirás Portugal, Celso Currás Fernández, Salvador Costa Parga, Odón Betanzos Palacios ou José Rodríguez Rodríguez entre outros. En “Actividades”, sinálase a existencia do Conjunto Folclórico del Centro Gallego de Rosario, a celebración do Día del Apóstolo, o Día de Galicia, as Verbenas de Mayo e a homenaxe anual a Rosalía de Castro. No seguinte apartado, “Patrimonio”, cítase a páxina en liña do proxecto Galicia Aberta, dirixido pola Secretaría Xeral de Emigración da Xunta de Galicia, os Libros de Actas das asembleas, o Rexistro de asociados e os debuxos de José Veiga Roel ali conservados, ao igual que algunhas das obras de Daniel Castelao. Menciónase asemade a biblioteca do Centro, que conta coa publicación “Galicia en Rosario” e os programas de radio “La Voz del Centro Gallego de Rosario” e “Horizonte español”. Nun derradeiro apartado, “La presencia gallega en Rosario”, fálase da presenza de Galicia nesa rexión arxentina a través dos nomes dalgúnns rúas. A reflexión vén acompañada dalgúnns debuxos de José Veiga Roel e Castelao.


Fálase da fundación do Centro Galego de Barcelona a comezos do século XX e as distintas etapas que sufriu até hoxe e da revista *Alborada*. Indícase que este centro foi fundado no 1923 por León Rodríguez que foi o responsable da publicación da revista *Galicia en Catalunya*; Ameixeiras Sotelo, Manuel Carballo e Silvestre Mosquera, entre outros. Citase que cando Juncal Verdella tomou a presidencia do CGB, a asociación tornou radicalmente cara á política, o que fixo que algúns dos fundadores creara a asociación do Centro Cultural Galego. Dise que ao estoupar a Guerra Civil estas dúas asociacións desapareceron, e non foi até o ano 1946 cando a Casa de Galicia, que era unha continuación da Peña Galega A Casa da Troia, se preocupou de novo por agrupar e integrar os galegos que vivían en Barcelona. Sinálase que despois de xuntar os diferentes grupos, decidiron recuperar o primeiro nome, Centro Galego de Barcelona.
Dáse conta tamén dos feitos máis destacábeis dos seguintes anos como foron os Xogos Florais Galegos do ano 1950, a fundación da revista *Alborada* ou a biblioteca impulsada polo profesor Losada Castro, así coma os diferentes presidentes que tivo este centro como Francisco Dapena Alfonsin, Vázquez Sotelo ou Daniel Pérez Guerra, de quen se sinala destacou por unha actualización xeral do centro. Faise alusión ao incendio que sufriu a biblioteca en 1978, que supuxo unha perda incalculábel. Tamén se destaca a actividade que tivo este centro durante estas dúas últimas décadas e da súa importancia na vida catalá xa que ten un amplo patrimonio cultural. No á parte referido á revista *Alborada* cóntase como se fundou, a súa desaparición por causa da Guerra Civil, o cambio de nome no 1982 a *Treboada*, e quen participaron na revista, entre eles Ramón Otero Pedrayo e Álvaro Cunqueiro.


Amósanse as liñas básicas para a constitución dunha Pedagogía Teatral como disciplina que tería como obxecto de estudo a educación teatral nunha perspectiva xeral e como área de coñecemento, coa consideración de conformar unha titulación específica para a formación de especialistas na educación e animación teatral, motivadas polas normativas que integran as ensinanzas artísticas superiores no Espazo Europeo da Educación Superior.


Xustificase a creación da Colección Biblioteca de Teatro, coa colaboración de Galaxia e IGAEM, a partir da análise de dous factores que xa Leandro Carré Alvarellos, Antón Villar Ponte e Plácido Castro consideraran decisivos para o desenvolvemento de sistemas teatrais como o galego, “aínda en proceso de construción”: o número de revistas de teatro e o número de obras dramáticas traducidas doutras linguas. Adúcese o sometemento da lingua galega á castelá pola ditadura franquista, como causa do incumprimento desas dúas variábeis no pasado, para despós afirmarlas como cadeiras aínda pendentes na actualidade, cando “o número de revistas de teatro decrece, tamén pola crise, e o número de textos traducidos doutras linguas é aínda insuficiente”. Indícase que tales variábeis admiten unha lectura dobre que obriga a considerar o número de lectores existente en ambos os dos casos, dato que permitiría avaliacións tanto cuantitativas (“moi baixo, case residual”) como cualitativas (“desenvolvemento profesional”). Céntrase a atención na relación entre obra dramática editada e formación teatral especializada, unha das liñas mestras contidas no estudo a partir do cal se poría en marcha a Escola Superior de Arte Dramática de Galicia (ESAD). Expícase que cumpría abrir liñas editoriais que fornesesen textos abondo como para permitir unha formación integramente en galego, tal foi o cometido da colección Biblioteca de Teatro, creada en colaboración coa editorial Galaxia co apoio institucional do entón IGAEM, da que se describen as liñas de traballo, e da posterior Biblioteca da ESAD, patrocinada dende a Consellería de Educación e Ordenación Universitaria e dende a Secretaría Xeral de Política Lingüística. O artigo acompañase de dous cadros que detallan os números
publicados até 2010 en cada unha das dúas liñas e tamén dunha ilustración de Miguelanxo Varela.


Logo dunha introdución na que se bosquexa a traxectoria de Elaine Aston, analízase a tradución ao galego do seu *Manual de práctica teatral feminista* (2009). Sinálase que nel se ofrecen ferramentas para prácticas escénicas dende unha perspectiva feminina e feminista, a través de diferentes estratexias, metodoloxías e técnicas coas que se persegue unha reconstrución do mundo e da experiencia. Mencióñase a relevancia dos capitúlos nove e dez, nos que se propón imaxinar novas vidas ou interpretar a propia. Coméntase que as propostas se acompañan de exemplos e definicións de conceptos e que, ao remate do volume, se inclúe un glosario de termos.


Reprodúcese un velatorio presentado nas xornadas “As artes escénicas e a crise: presente e futuro”, organizadas por Escena Galega, en colaboración co Consello da Cultura Galega. Nel presentanse as compañías residentes como alternativa ante a crise e inicio dun novo ciclo nas políticas culturais, que permitan a plena normalización do sistema teatral galego. Analízanse diferentes aspectos como a xeñealoxía do concepto, o rol e as funcións das compañías residentes nun sistema teatral ou a necesidade e viabilidade.


Percorrido pola traxectoria artística de Luís Seoane, atendendo á súa produción gráfica en diversas casas editoriais e no eido industrial, xunto á de deseños publicitarios a través de murais e pinturas. Comeza, así pois, coa descripción da súa produción poética e de ensaio a partir do establecemento dunha relación entre as artes visuais e a literatura e dunha evolución estética cara ao Simbolismo, dentro das que sitúa a Seoane. Proporciona datos como a creación da revista de cultura *Alfar* en 1920 e a aparición da cerámica celta de Pontecesures baixo a dirección de Ramón Diéguez, para situar as primeiras achegas de Seoane no eido da ilustración, como as realizadas para Barraca Resol, para a campaña do Estatuto de 1936 e para a edición das súas *Trece estampas de la traición* (1937), *Catro poemas pra catro grabados* (1979) xunto a Lorenzo Varela, ou *Homenaje a la Torre de Hércules* (1944), así como as primeiras xilografías, *afiches* publicitarios e murais, algúns destes últimos realizados para Sargadelos. Subliña aínda a saída ao prelo da súa reflexión “El color como necesidad y funcionalidad”, no que debate algunhas das afirmacións de Léger sobre o emprego da cor na arquitectura e tamén as de *Arte mural; la Ilustración* (1974) e “Mater Gallaeciae”. Comenta a seguir a súa produción no eido da cerámica xunto a Isaac Díaz Pardo nas porcelanas Magdalena en Arxentina e conclúe coa referencia ao seu “Monumento aos
emigrantes”, unha escultura realizada grazas ao Concello de Oleiros. Acompañan este comentario dez reproducións de pinturas, afiches e murais do artista.


Comenta a novela ambientada na guerra civil, *Sol de inverno* (2009), pola que Rosa Aneiros conseguiu o Premio Xerais. Explica que a súa protagonista, Inverno, constrúe o seu discurso e a súa identidade, tecendo dous vimbios: a memoria e a palabra, de xeito que a súa vida é unha loita sen cuartel “por lembrar” e “por seguir existindo nas palabras”. Indica que a perfecta circularidade estrutural da novela se ve subliñada polo ritmo interno do texto, que está pautado polas citas do texto de Rafael Dieste “Para axudar á renacenza de Galiza” publicado en *Nova Galiza* e que constitúe un verdadeiro manifesto programático. Tamén estima que cada unha das súas partes funciona de maneira distinta, abrindo o texto a novas interpretacións, e que esta novela demostra que é posible tratar o tema da guerra dende novas perspectivas, empregando rexistros novos e dende unha clara posición ética que ignora o panfleto por reducionista e por inxusto coa dor individual. Por outra parte, apunta certos esvaróns que aprecia nesta obra e di que son debidos a que Rosa Aneiros é demasiado ambiciosa e á vez xenerosa, ao fundir en *Sol de Inverno* “un feixe de historias poderosísimas que outros creadores máis avaros terían dosificado para tirar delas, cando menos, dúas ou tres novelas”.


Contextualiza a aparición dos poemarios en 1960, *Dende lonxe e Esta es Cuba, hermano*, de Xosé Neira Vilas e Anisia Miranda, respectivamente, co obxectivo de propiciar “unha mellor compresión” das traxectorias literarias destes dous escritores que levaron ao plano literario “a sintonía que pautou a súa convivencia íntima”. Comeza reparando nos primeiros pasos literarios de Neira Vilas no eido poético, para deterse na recepción do seu poemario por intelectuais como Rafael Dieste, Ramón Otero Pedrayo, Valentín Paz Andrade, Francisco Fernández del Riego e Ramón Piñeiro. Sinala que para estes galeguistas a aparición de *Dende lonxe* supuxo “unha garantía de continuidade”, ademais de facer de ponte entre Galicia de aquén e de alén mar. Á par, apúntase que a recepción do poemario *Esta es Cuba, hermano* fixo “fincape en aspectos semellantes aos subliñados por Neira”, malia os textos “circularen en ámbitos non totalmente coincidentes”. Tamén fai alusión á importancia de que “estes principiantes” gozaran do apadriñamento de recoñecidas figuras, asinado os prólogos destes dous poemarios, que levan ademais cadansúa portada de Luís Seoane.


Realiza unha sucinta introdución a catro artigos: “Un intenso desexo de ficción”, de
Helena González; “A paisaxe profunda de Xohana Torres”, de Olga Novo; “Proxectar a matria: centros e marxes no teatro de Xohana Torres”, de Iolanda Ogando e “A muller contra a marea: Xohana Torres pioneira da literatura infantil galega”, de Montse Pena. Coméntase que conforman o monográfico dedicado a Xohana Torres no número 188 de *Grial. Revista Galega de Cultura* e agradécelle ao Consello da Cultura Galega, a Xosé Agra e mais a Miriam Mariño as facilidades para poder publicar este monográfico.


Alude aos fondos que albergan a Fundación Penzol e a Biblioteca Francisco Fernández del Riego e indica que nesta última se atopa un conto inédito de Xosé Luís Méndez Ferrín que no último momento decidiu non introducir no seu primeiro libro de relatos, *Percival e outras historias* (1958). Comenta que, malia o escritor ourensán ter sinalado que a súa copiosa produción anterior á publicación do seu primeiro libro sería sempre descoñecida, o afán de Fernández del Riego por conservar materiais pensando nos futuros investigadores, violenta a profecía de Ferrín. Refírese aos inicios deste autor no ámbito da escrita e explica que no momento de corrixir as probas de imprenta de *Percival e outras historias* decidiu privar da publicación o relato “Tristán o Roxo” por considerar que non estaba á altura do resto. Alude á vinculación de Ferrín con Galaxia e ás fontes das que partiu para escribir “Tristán o Roxo”, polo que menciona os elementos do ciclo artúrico, carolinxio e bretón e das novelas de cabaleiría, así como outros motivos da tradición literaria que foron tomados como referentes. Trata outros elementos do mundo medieval presentes nos nomes e nas construcións do citado relato e, finalmente, reproducéo tal e como foi atopado, agás modificacións mínimas por erros mecanográficos. Considera que “Este conto, que desbotou consciente de que non tiña o pulo suficiente para estar a carón dos outros, non lle resta nin un ápice de categoría ao escritor. Máis ben di moito do seu sentido crítico e da súa agudeza literaria”.


Achégase á edición facsimilar de *Ronsel. Revista de Arte* (2009), un traballo de Luis Alonso Girgado, Elida Abal e Alexandra Cillero publicado polo Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades. Explica que foi unha revista dirixida por Evaristo Correa Calderón, con Álvaro Cebreiro de director artístico e Álvaro Gil de secretario de redacción. Sinala que esta revista editou en Lugo seis números entre maio e novembro de 1924 e que estaba vinculada ao galeguismo político, ademais de incidir en que nela aparecen textos emblemáticos da literatura, galega pero tamén doutros discursos literarios europeos. Explica tamén que en Galicia non houbo vangardas e que só se poden constatar pegadas da renovación poética que se dá en Europa, tal e como testemuña a edición facsimilar desta revista luguesa. A seguir, describe e comenta todos os materiais que inclúe esta publicación, destacando que “Ronsel: Novas perspectivas críticas” é a parte máis novidosa e suxestiva pola calidade e profundidade das colaboracións que acolle.

Comentario do poemario Incivil (2009), de Xoán Carlos Domínguez Alberte, no que comeza reflexionando sobre o sentido do título e lembra que a primeira vez que escoitou o termo foi ao profesor Xesús Alonso Montero. Cualifica a obra de Domínguez Alberte de intensa, cuxo fío condutor é a lembranza dos anos inmediatos da guerra e da posguerra e explica que está dividida en catro partes. Repasa cada unha delas deténdose nos títulos e temáticas dalgúns dos seus poemas, salientando na primeira parte a denuncia da represión e o enxalzamento do labor dos mestres e o papel liberador da educación. Da segunda e terceira parte salienta a que están conformadas por dous poemas cada unha delas e nas que se lembra o paseo dun alcalde e o sufrimento das mulleres, respectivamente. Da última parte salienta o ton esperanzado, tanto polos que sobreviviron coma polos trazos de ilusión e futuro. Salienta que no poemario se inclúen “poemas sobrecolladores”, cunha gran carga emocional que convérte os poemas nunha arma ideolóxica contra o esquecemento, nunha poesía política e necesaria. Chama a atención tamén sobre o apéndice final no que se ofrece información básica sobre os lugares da represión e dos represaliados nun exercicio de sinxeleza formal e precisión semántica.


Lembra cando Luís Seoane retornou por vez primeira a Galicia en 1960 e fora agardado no aeroporto de Lavacolla por aqueles amigos galegos cos que se carteaba e compartía proxectos culturais, como eran Domingo García-Sabell, Francisco Fernández del Riego, Ramón Piñeiro e Ricardo Carballo Calero, todos eles membros de Galaxia. Refire o nome doutras persoas coas que mantiña relación e alude aos prexuízos existentes que levaron a mitificar o exilio e a condenar os galeguistas do interior como culpábeis do fracaso nacional de Galicia na segunda metade do século XX, o que levou a modificar moitas das súas biografías. Considera que a figura de Luís Seoane é un dos melores outeiros dende o que se pode albiscar este problema, pois mantendo as súas posicións intelectuais e estéticas nunca converteu as desavanzas coas súas amizades de Galicia en razón de esquecemento ou motivo de purga das súas biografías. A continuación, a partir da man de Seoane, fai unha análise das relacións entre o exilio republicano e galeguista e os “resistentes” galeguistas do interior, o que require unha reconstrución de actitudes persoais, de amizades recuperadas e de desacordos derivados de posíciós políticas e ideolóxicas de persoas e de grupos. Chama a atención sobre o feito de que boa parte do traballo dos exiliados republicanos galegos en Bos Aires tiña o grande obxectivo de continuar a construcción dunha cultura nacional galega que foste digna herdeira dos proxectos do Seminario de Estudos Galegos e por emprendedores editoriais como Ánxel Casal. Especifica as dúas fases existentes entre as relacións o exilio interior e exterior, a política e a cultural, e detalla as relacións de Seoane cos seus vellos amigos do interior, na que se perciben uns obxectivos que conflúen nunha alianza que se substancia no campo da cultura, toda unha estratexia conxunta que perseguía un campo cultural construído entre as dúas Galicia, a europea e a americana, pero con obxectivos partillados.

Aborda os tres bloques da novela A rolda nocturna (2009) que, a xeito de escada descendente, nos encamiñan na arqueoloxía das emocións dos personaxes. Sinala que Sarah Waters reconstrúe con efectividade e verosimilitude histórica a época dos bombardeos da IIª Guerra Mundial en Londres sen caer nos clixés propios das novelas de guerra e entreguerra. Considera que con esta obra a autora cambia de escenario, aínda que non abandona os seus posicionamentos con respecto a obras anteriores, da cabalo entre a novela de época ben feita e a narrativa feminista, combinando unha estética característica da literatura do período que lle é propio á novela con problemáticas que a inscriben de cheo na contemporaneidade.


Comenta o volume Ramón Suárez Picallo. A voz esquecida do galeguismo (2009), unha obra colectiva que pretende pór de actualidade a vida e a obra de quen foi un loitador infatigábel por Galicia e polo seu pobo. A seguir, repasa os diferentes artigos desta monografía que non só pon ao descuberto o seu labor político, senón que tamén á súa actividade xornalística. Sinala que os seus artigos do exilio, malia seren comprometidos, están máis próximos á crónica e á colaboración literaria. Tamén destaca o seu papel na revista Célitga, na que amosa os seus comezos no galeguismo da man de Eduardo Blanco-Amor, así como alude á súa relación epistolar co autor de Ourense e con César Alvajar, representante do Consello de Galicia en París dende 1957.


Achégase ao volume colectivo O europeísmo en Ramón Piñeiro (2009), que foi promovido polo Instituto Galego de Análise e Documentación Internacional (AGADI) dentro da súa colección “Texturas”. Sinala que esta obra tenta aproximarse ao ideario europeísta de Piñeiro e da xeración que capitaneou, xa que foi un dos aspectos máis destacados desta nova orientación galeguista. Así, refírese aos traballos que recolle de Xosé Luis Franco Grande, Ramón Lugrís, Fernando Pérez-Barreiro Nolla e Marcelino Agis Villaverde. Pecha sinalando que todos eles coinciden en que Piñeiro e a súa xeración foron un oasis no deserto franquista ou, dito doutro xeito, un anaco da Europa democrática en Compostela.

Reprodúcense o discurso de entrega da Medalla de Ouro 2009 como fillos predilectos do concello de Neda a Fernando Esquío, José Ramón Vázquez Sandes e María Castelo Paz, así como a “laudatio” da figura de Fernando Esquío por parte de Vicente Araguas, verbas nas que se van introducendo cantigas de escarnio e maldicir, da autoría de Esquío ou dedicadas a el. A continuación, acóllese o discurso de recollida da condecoración por parte do Instituto de Ensino Secundario que leva o nome do poeta, dicurso no que se reproduce outra das composicións do homenaxeado, esta vez unha cantiga de amor.


Danse a coñecer e coméntanse todas as actividades que a Asociación Berciana da Lingua Xarmenta desenvolveu no Bierzo dende o 10 de decembro de 2008 o 12 marzo 2010. Infórmase de que Xarmenta organizou encontros escolares sobre o Día das Letras Galegas; entregou os premios do II Concurso Literario “Poeta Fernández Morales” e participou na XIV Feira do Libro de Ponferrada.


Coméntase a realización dun ciclo de intervencións nas que se asociaron creadores da esfera das artes dramáticas con outros procedentes doutros campos artísticos, organizado polos responsábeis da Agrupación A Artística. Indícase que as seis intervencións tiñan como nexo común a temática e os variados aspectos do discurso lingüístico susceptíbeis de seren analizados por outras artes.


Neste texto de Xabier Xil Xardón (Morgade, Xinzo de Limia, 1983) con claras referencias a unha segunda persoa, a voz autorial fala de medos e derrotas.
V.6. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: ESTUDOS E RECENSIÓNS


Destácase a importancia da obra *Epistolario* (2009), prologada por Ramón Villares Paz co título de “Mutacións e resistencias na cultura galega (Reflexións a propósito do epistolario entre Otero Pedrayo e Filgueira Valverde)” e disse que nela se recollen duascentas noventa e nove cartas que se cruzaron de 1927 a 1976 os dous galeguistas. Sobre todo saliéntase a meticulosa erudición que das misivas se desprende e a presenza de fórmulas epistolares xa daquela insólitas: as cartas en latín, ás veces en verso.


Tras destacar a importancia de que existan autores alófonos que se dedican a escribir en lingua galega, desribese o poemario de Reynaldo Valinho Álvarez (Río de Janeiro, 1931) que leva por título *Diáspora ou aprendiz de galego*, publicado por Contraste Editora en Río de Janeiro en 2008. Indícase que está composto de trinta sonetos que o profesor Carlos Paulo Martínez Pereiro, prologuista do volume, denomina neosonetos. Dise tamén que este libro enriquece a sonetística galega tanto na vertente existencialista como na social e escóllese finalmente o soneto número catorce como un dos máis destacados.


Ofrécese un resumo do argumento da primeira novela escrita en galego por Xosé Antonio Pet Posse, *O náufrago* (2009). Expícase así que a obra está inspirada nun suceso real a través do que Pet traza “de forma áxil as venturas e desventuras “ de John Mac Barbour, un mozo escocés que sobreviviu ao choque que o buque inglés no City of Agra sufriu contra o baixo de Canesudo cando navegaba de Glasgow a Calcuta. Conclúese que se trata dunha retrato “magnífico” da vida e os costumes da Costa da Morte.


Faise referencia á publicación da antoloxía *De Pondal ao Batallón Literario. 120 anos de poesía na Costa da Morte* (2009), da man de Modesto Fraga e Miro Villar. Segundo se indica seleccionanse textos dedicados á Costa da Morte polos autores que no artigo se nomean, entre outros Eduardo Pondal, Enrique Labarta, Xervasio Paz, Alexandre Nerium, Rafael Lema, Rafa Villar e María Lado.

Coméntase o *Livro das devoracións*, de Pilar Pallarés publicado en 2009, que, tal como se indica, gañara na súa primeira edición trece anos antes o Premio da Crítica Española e que ofrece nas súas páxinas “unha poesía limpa e peculiar, exiencia pero con apuntes eróticos”.


Destácase a calidade do poemario de Xiana Arias, *Acusación*, (Ed. Galaxia, 2009), no que se volve á poesía social que caracterizou a poesía galega de hai unhas décadas. Márcanse como características principais a súa sinxeleza na linguaxe, a súa claridade e tamén a pegada que no libro se observa da influencia de Xohana Torres.


Describese o contido da obra *Unha historia que non vou contar* (Ed. Xerais, 2009), de Xosé Cid Cabido, que é considerada unha das mellores do autor e na que se transmite un feito ocorrido en Vigo no ano 1974, o asasinato dun coñecido conserveiro. Destácase o seu valor documental e dise que o autor dramatiza os feitos dende un distanciamento evidencialista e que se observa unha gran mestría no deseño e manexo dos diferentes personaxes que forman parte da historia.


Analízase o novo traballo de Diego Pardo Amado que leva por título *Rosalía de Castro. A luz da ousadia*, (Edicións Laivento, 2009) e que segundo se comenta é un libro ambicioso e conciso que pon de relevo a importancia da figura de Rosalía de Castro dentro das letras galegas. Destácase que é un traballo empírico, dotado dun aparello bibliográfico notábel cuxo paso previo foi servir de estudo para a súa tese de doutoramento. Reivindicase nel, tal como se indica, a visión dunha Rosalía forte e valente e tamén se comenta que o prólogo é de Pilar García Negro.

Dáse conta da publicación de *Pelo de cenoria*, (Ed. Laiovento, 2009), tradución ao galego de Xesús González Gómez da obra do famoso escritor francés Jules Renard. Cualificase como un “libro ecléctico (mestura de novela, relato breve, sketches), escrito nunha prosa excelsa, a partir dun moi bo manexo da economía expresiva”. Tamén se destaca a súa modernidade dentro do que era normal na narrativa francesa da época e disse que é un libro “moi desfrutable, pero non dende a óptica xuvenil pola que se veu vendendo”.


Informase sobre a presentación do poemario de Mario Regueira, *Blues da crecente*, (Espiral Maior, 2009), co que vén de gañar o premio Johan Carballeira. Destácase que segue na liña de poemarios anteriores en canto a estilo e xeito de facer poesía xa que se di que supón “un mergullamento no surrealismo e rebeldía”. Indícase tamén cales son os espazos temáticos e como características engádense o verso libre, o compromiso e o ton belixerante.


Coméntase o novo libro de Xavier Lama que leva por título *Cabalos do alén na cidade das fábulas* (2009), Premio de Poesía Miguel González Garcés 2008, no que se revisita unha cidade tan coñecida como Santiago de Compostela a través do paso do mito á realidade. Describese brevemente a súa temática e indícase que formalmente se caracteriza polo emprego do verso libre na súa maior parte.


Lémbrase a relación de amizade que uniu a Ramón Piñeiro con Xosé Luís Franco Grande, a partir da publicación de *Cando o futuro comezaba. Correspondencia (1955-1990)* (2009), volume no que se recollen as testemuñas epistolares que ambos se enviaban e que serven para reconstruír un tempo e un país.


Tras lembra que Alfonso Álvarez Cáccamo xa conta cunha boa traxectoria narrativa na súa produción e que as súas incursións poéticas sempre foron moi atinadas, coméntase o seu novo volume poético que leva por título *Sebes contra o vento* (2009). Especificase cal é a súa estrutura e os seus principais protagonistas: Xosé Humberto Baena e o propio
pai do autor, Xosé Mª Álvarez Blázquez. Destácase a segunda parte do poemario, de dimensiones máis pequenas e con poemas máis formais nos que xorde a figura do pai.


Coméntase a obra de Carlos González Reigosa, *Xentiario* (2009), que se presenta como unha colección de contos que se vencellan polo fío común da indefinición de personaxes e porque tal como se di “se aprecian certas pegadas “borgeanas” e hai maquis, fuxidos e guerrilleiros.


Describese a nova novela de Diego Ameixeiras, *Dime algo sucio* (2009), que se presenta como novela fragmentaria con personaxes pertencentes ao mundo cotián e capítulos curtos que van ensaiando o argumento pouco a pouco. Tamén se qualifica como novela con “feituras de negra” e “cousas de realismo brután” que está resolta con mestría.


Comentario sobre *A ollada melancólica* (2009), de Antonio Campos Romay. Sinala que se compón de vinte e un relatos prologados por Miguel Anxo Fernán-Vello, quen destaca deles a importancia da memoria. Araguas opina que Campos Romay é herdeiro de certa fórmula realista que se nutre do esperpento e do tremendismo de Camilo José Cela, pola súa procura de seres marxinais, “con especial atención nas putiñas”, e do mundo sórdido. Ademais, sinala que transita pola atmosfera republicana e polos tempos da ditadura, reparando nos “progres”, “pijos” e “miñaxoias”, e que en conxunto a obra é unha entrega irregular.


Destácase primeiramente a xenerosidade e calidade humana do ensaista, novelista, tradutor e narrador breve nipón Haruki Murakami. Fálase logo sobre a súa última publicación que leva por título *Do que estou a falar cando falo de correr* (2009), traducida ao galego por Mona Imai e Gabriel Álvarez Martínez e descrita como un libro onde o autor explica como e cando se fixo escritor e que, segundo se comenta, foi vendo un partido de béisbol. Considérase que se trata dun feixe de historias de ton bastante
ácido nas que se pode observar de fondo o sentimento tráxico da sensibilidade xaponesa.


Faise unha gabanza de Xosé Mª Álvarez Cáccamo como escritor e crítico literario corgo da publicación da súa obra *Espazo do poema* (2009), subtitulada “Poesía, lectura crítica e análise textual” que aparece na colexcción “Ensaio” de Espiral Maior. Lémbrase tamén a súa pertenza a unha estirpe familiar de moita importancia para a literatura e cultura galegas, de carácter polifacético, e logo descrebese o contido do ensaio. Dese que contén unha compilación de artigos, prólogos e ponencias nos que o autor demostra o seu poder conceptual a través de varias seccións tituladas “Poéticas”, “Panoramas”, “Lecturas” e “Comentarios”, e que o trazo máis salientábel é o seu rigor. Por último destácase a capacidade do autor de guiar por diferentes lecturas, malia que estas presenten dificultades de comprensión.


Realízase unha louvanza da obra poética de Fátima Rodríguez, e do seu “sentir dorido” que “sube en voo vertixinoso grazas ao senso musical que Fátima posúe”. Recoméndase encarecidamente a lectura do seu último poemario *Oblivionalia* (2010) en edición bilingüe galego-francés, con prólogo de María Rosa Lojo e gravuras de Anne-Sophie Gilbert, ao tempo que se reivindica o recoñecemento da súa figura en Galicia.


Coméntase o poemario dun escritor novo nas letras galegas, Xosé Sixto García que leva por título *Peitos e tetas nas noticias de domingo* (2009), publicado por Sotelo Blanco na súa colexión “Eloy Leliadoura”. Combinando obra, segundo se di, a vocación narrativa con ritmo poético e instintivo provocativo. Critícase o feito de que non esta tendo eco nos suplementos culturais e dise que nel o autor recupera a nenez e a adolescencia vividas entre a aldea e a vila. Finalmente destácase o seu remate en suspensión como trazo característico.


Refírese ao principio á decisión de Suso de Toro de deixar a faceta literaria para voltar ao mundo da docencia no ensino secundario, feito que se lamenta, para logo centrase
na última obra que publicou e que leva por título *Sete palabras* (2009), que xa recibiu o Premio da Crítica. Preséntase como “unha obra potente” que é cualificada como “libro de memorias, confesional, novela, na que procura as súas orixes”. Dise que o autor fai unha pescuda vital a través da figura do pai e do avó empregando un “ti” autorreflexivo sen deixar a primeira persoa nun ton de sinceridade.


Fálase do poemario de Dores Tembrás que leva por título *O pouso do fume* (2009). Dise que conta cun prólogo de Teresa Seara e que foi nomeado como finalista na categoría de mellor libro do ano en poesía na última edición dos premios da AELG (Asociación de Escritores en Língua Galega). Indícanse como características a procura da intensidade das persoas e das cousas, a presenza de referencias a outros poetas e ao mun do rural, o pequeno formato dos textos e a referencia a mulleres loitadoras.


Destácase do *Diario (1887/1910)* (2009), de Jules Renard, o humor retranqueiro e crítico do seu autor que amosa a sociedade que lle tocou vivir reflectindo, tal como se comenta, os cambios que marcaban o paso da tradición á modernidade. Tamén se fala doutra obra de Renard, *Pelo de cenoria* (Edicións Laiwovento, 2009), que marca a súa produción.


Longa entrevista a Francisco Rico co gallo da publicación da súa antoloxía *Mil años de poesía española* (2009), na que se fala sobre o panorama xeral da poesía española tanto contemporánea como máis antiga e da presenza innegábel e necesaria da internet na literatura actual.


Tras destacar a importancia da literatura na construción da historia de Galicia e da súa intrahistoria que en moitas ocasións os historiadores lle negaron, céntrase en analizar varias obras entre elas Poesía galega toda (2009), de Xosé Carlos Alfaro. Destaca a calidade dos poemarios editados polo PEN Clube Galego na colección “Arte de trobar” e agradece a poesía de Alfaro que aínda pervive e o labor de recuperala.


Gábanse unhas obras de Xesús Manuel Valcárcel que son recoñecidas como claves na historia da literatura galega polo fondo sentimentalismo e a altura estética que transmiten as súas páxinas: o poemario A porta do lume (1992), e o libro de relatos O capitán Lobo Negro (1995).


Lémbrase a importancia que tivo a revista Logos, publicada arredor do primeiro terzo de 1936, co subtítulo fundacional Boletín Católico Mensual, para revitalizar a cultura galega se revitalizou. Nela recollíase, tal como se di, non só un dogma “axial do cristianismo” senón tamén a exaltación da lingua galega de feito que pasou a ser algo máis que unha revista relixiosa na que había colaboracións tan importantes como as debidas a Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, Vicente Risco, Ramón Otero Pedrayo, Aquilio Iglesia Alvariño, Ramón Cabanillas ou Álvarez Limeses.

Díse que a mestria de Edgar Allan Poe no xénero do terror e relato breve queda patente na tradución que vén de facer Eva Almazán de máis de corenta prosas breves do autor, recompilada pola Editorial Galaxia en dous completos volumes nos que están presentes algúns dos seus títulos máis coñecidos como *Os crimes da rúa Morgue* (2009) ou *O escaravello de ouro* (2009).


Faise alusión a un volume editado en 1975 co gallo dos vinte e cinco anos do pasamento de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao e que leva por título *Lembrando a Castelao/ Recordando a Castelao/ Recordant Castelao/ Castelao ren oroimenez* publicado por Ramón Piñeiro na colección “Cadernos Populares” da editorial Sept. Apúntase que se trata dunha edición tetralingüe promovida pola Asociación Amigos da Cultura na que Ramón Piñeiro lembra a importancia da figura de Castelao para a cultura galega e que conta cun prólogo asinado polo presidente da asociación Xosé Luís Fontenla Rodríguez, o cal tamén salientaba a importancia de Piñeiro como pensador e galeguista.


Descríbese a obra que vén de publicar a editorial Galaxia na que Xosé Luís Franco Grande dá conta da amizade mantida con Ramón Piñeiro a través de epístolas que os dous se enviaron ao longo de trinta e cinco anos: *Cando o futuro comezaba. Correspondencia (1955-1990)* (2009). Explicase que nela hai un material moi importante no que se repasa un conxunto de lembranzas que dan conta dun tempo vivido no que a literatura, acción política e cultural foron parte definitoria do futuro de Galicia.


Para dar conta da importancia da figura e personalidade de Antón Losada Diéguez dentro da historia política e cultural galega do primeiro terzo do século XX, a carón doutros nomes como Ramón Otero Pedrayo e Florentino López Cuevillas, lembra nesse artigo a aparición en 1984, coincidindo co seu centenario, dun libro publicado polo Concello do Carballiño: *Homenaxe a Antón Losada Diéguez, centenario 1884-1984*. Dise que na obra se recollen traballos de Losada Diéguez, outros escritos sobre el e un terceiro bloque de textos dos escritores Antón Tovar, Ramiro Fonte e Xela Arias.


Analízase a importancia que tivo a aparición do volume *Cómaros verd*, de Aquilino Iglesia Alvariño en 1947, baixo o selo editorial “Edicións Celta”, nun momento de recuperación cultural de suma importancia para a literatura e a lingua galega. Dise que
esta obra supuxo un fito esencial no panorama literario galego cunha edición limitada en cincocentos exemplares composta por corenta e un poemas, divididos en catro espazos e que conteñen unha profundidade lírica, humana e metaliteraria mostra da súa mestria.


Dáse conta da aparición en 1962 da edición de *Longa noite de pedra*, de Celso Emilio Ferreiro dentro da colección “Pombal” en Edicións Castrelos da man de Xosé Mª Álvarez Blázquez. Lémbrase a importancia desta obra na que o idioma, a denuncia da opresión, o simbolismo, a fraternidade e o achegamento aos débiles como reflexo dunha época de posguerra opresora, son eixos temáticos fundamentais.


Coméntase detalladamente o poemario co que Baldo Ramos gaña a IX edición do Premio Fiz Vergara Vilariño, *Palabras para un baleiro* (2009). Destácase a carga semántica e o tino reflexivo, a densidade do elemento paratextual, a temática da experiencia, da dor, de vidas compartidas e a eufonia da cada liña poética.


Dáse conta da exposición antolóxica sobre Luís Seoane que tivera lugar na cidade da Coruña en 1979 da que quedou como testemuño unha publicación realizada entre a Consellería de Cultura e Deportes e o Concello da Coruña na que se recollen en máis de duasescentas páxinas unha miscelánea do labor creativo, versáltel e colorista dun artista que desenvolveu un labor cultural e artístico inxente e heteroxéneo no exilio americano.


Lémbrase a importancia que tivo a colección “Benito Soto” para a publicación, na década dos anos cincuenta do século XX, de obras que darían pulo á literatura galega eludindo a censura e poñendo de relevo obras tan destacables como *Dona de corpo delgado* (1950), de Álvaro Cunqueiro que viu a luz da man desta colección.


Coméntase a obra de Manuel Darriba, *Branco* (2009), que, segundo se di, discorre nun xogo entre xornalístico e literario onde se destacan as seguintes características: brevidade e precisión narrativa, percorrido cinematográfico a través de imaxes intensas, minimalismo, individuos represores que cicelan a vida e morte dos demais, violencia.
Dise que a historia é compartida por dous homes, membros dun corpo militar e mercenario, que deteñen e interrogan brutalmente unha muller que rematará por se converter en causa de rivalidade.


Fállase sobre a primeira edición de *Dos arquivo do trasno* (1926) e do seu autor Rafael Dieste como un dos alicerces da literatura galega e en concreto da narrativa. Nel dise que hai “un vizado conxunto de prosas e xogos dramáticos por onde van pasando personaxes de diferente condición, en espazos e territorios ben recoñecibles para o lector galego”. Dáse conta tamén da extraordinaria acollida que xa naquel tempo tivo a obra e a posterior produción, de diferentes xéneros, do seu autor.

**Castro Rodríguez, Xavier, “Follas poéticas humildes e liviás”, *Galicia Hoxe*, “Hoxe Galicia”, “Couso e arca”, 20 marzo 2010, p. 2.**

Tras lembrar a relación de Ramón Cabanillas cos irmáns Peinador Lines, encargados do Balneario de Mondariz, e poñer de exemplo mesmo a dirección da revista *Mondariz* por parte do poeta entre 1915 e 1922, faise unha breve lembranza do seu poemario *A rosa de cen follas* (1927) publicado baixo o mecenado dos irmáns citados. Dise que se pon de manifesto no poemario a temática amorosa máis intensa do autor, a emoción e a delicadeza así como o feito de ter como punto de inicio a presenza dun verso rosaliano.

**Castro Rodríguez, Xavier, “Un cantar de cego para Castelao”, *Galicia Hoxe*, “Hoxe Galicia”, “Couso e arca”, 27 marzo 2010, p. 2.**

Primeiro lémbrase a presenza dende sempre da literatura popular chea de coplas, cantigas satíricas e cantares de cego na cultura galega e logo dise que en 1985, pouco despois da chegada dos restos de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao ao Panteón de Galegos Ilustres, Isaac Díaz Pardo deu ao prelo en 1998 un cartaz coa historia do escritor e político cantada polo cego Zago en “dezasete cadros e dous intermedios de pranto do cego”. Trátase, tal como se dí, dun cartaz feito como unha composición pictórica e literaria.

**Castro Rodríguez, Xavier, “Memoria do pasado, construción do futuro”, *Galicia Hoxe*, “Hoxe Galicia”, “Couso e arca”, 27 marzo 2010, p. 2.**

Lémbrase primeiramente a importancia de ter ainda vivos a persoeiros do galeguismo como Isaac Díaz Pardo do que se fala deseguido para presentar o libro *Ollos da memoria. Conversas no Monxoi con Isaac Díaz Pardo* (2009), da autoria da xornalista Montse Nieto. Nel, tal como se aclara, recóllesese as conversas que ela mantivo con Díaz Pardo nas que se fai un decurso vital coa mestura de lembranzas de etapas fundamentais da historia, fragmentos vitais e laborais da vida do autor e as referencias a figuras senlleiras da cultura galega que se cruzaron na súa vida como Eduardo Blanco Amor, Rafael Dieste, Alfonso Daniel Rodríguez Castelao ou Manuel Colmeiro, entre outros.

Fálase sobre a figura de Teodosio Vesteiro Torres (1847-1876) do que se lembra o seu libro Versos (1874). Dise que o eido das letras, da música e da investigación marcaron a súa traxectoria persoal dende a adolescencia e que Madrid foi un dos seus espazos de creación. Do libro disse que está composto por cincuenta e sete poemas datados moitos deles entre finais dos anos 60 e inicios dos 70 nas cidades de Madrid, Vigo e Tui, entre os que se destaca a composición “A Galicia” e as versións que fai dalgúns autores clásicos como Lord Byron, Wolfe ou Bussi.


Lémbrase que hai máis de cincuenta anos da publicación dunha obra canónica dentro da literatura galega, A esmorga, na que o seu autor, Eduardo Blanco Amor, transformou as formas e estilos de narrar a través dunha historia ben tecida con espazos e personaxes singulares, fruto da súa gran capacidade narrativa e da súa madureza. Logo indicase que de novo se volve actual da man dun especial que aparece no número 184 de Grial, Revista Galega de Cultura (Editorial Galaxia), coordinado por Dolores Vilavedra, onde se ofrecen novos estudos da man de Xosé López Sánchez, Alex Alonso Nogueira, Xosé Manuel Dasilva e Bieito Iglesias. Coméntase que, entre outros aspectos, se lembran as especiais dificultades polas que pasou debido á censura que suprimiu e corrixiu fragmentos.


Comenta que en Poetas gallegos en un periódico del siglo XIX ‘La América’, C. Posada percorre os nomes de escritores de orixe galega vinculados ao xornal venezolano La América, entre os que menciona a Nicomedes Pastor Díaz, Concepción Arenal, Eduardo Gasset e Alberto Camino, “que acadaron, naquelas páxinas, verbas de enxalzamento, encomio e recoñecemento por parte doutros ilustres estudosos”.


na Pontevedra de posguerra por un grupo de mozos universitarios como Celso Emilio Ferreiro, como un acto de resistencia cultural na década dos anos cincuenta.


Gábase extensamente a figura de Xesús Ferro Couselo pola súa contribución e dedicación ao espallamento da cultura galega a través dos seus estudos etnográficos, arqueolóxicos e históricos e das súas colaboracións en xornais e revistas. Lémbrase a súa vinculación a organismos e institucións claves no primeiro terzo do século XX como o SEG (Seminario de Estudos Galegos) ou o Grupo Nó. Malia que a súa contribución con textos en galego é escasa, destácanse os recollidos *A fala dos devanceiros* (1955). Finalmente destácase a aparición en 1975, co gallo do seu pasamento, do opúsculo *Un home ao servizo de Galicia* que recolle a homilía pronunciada polo Pai Isorna na Igrexa de Santa Comba de Cordeiro, onde se enxalza a súa condición humana e o seu valor cultural.


Lémbrase a figura de Enrique Labarta Pose como gran xornalista nos anos nos que as polémicas entre xornais de diferentes enfoques eran frecuentes. Dise que Labarta Pose xogou un papel decisivo como articulista incisivo e directo, comprometido co seu tempo, a partir dun xornalismo para difundir ideas e ilustrar a sociedade. Destácase sobre todo o seu compromiso e seriedade, os tipos sociais que reflectía e a súa sátira á hora de escribir. Por último, lémbrase tamén a súa faceta como poeta e prosista destacando a obra que se publicou postumamente na Editorial Políglota de Barcelona, *Poemas en gallego y castellano*, composta por trinta e un poemas dos que se di que un dos máis significativos é o que enxalza a Manuel Curros Enríquez co gallo da súa morte.


Primeiramente indicase que as antoloxías son a principal ferramenta, de carácter didáctico, para achegar obras e autores a un lectorado diverso e que a escolha duns ou doutros autores antoloxiados dependen sempre dos criterios que os antólogos consideran máis adecuados en cada momento. Deseguido destácase a aparición en 1974 dunha antoloxía bilingüe de poesía contemporánea levada a cabo por Miguel González Garcés na colección barcelonesa Plaza-Janés. Nela, segundo se indica, aparecen poetas (cunha pequena reseña biobibliográfica) representativos da lírica galega da primeira metade do século XX como Álvaro Cunqueiro, Manuel Antonio, Aquilino Iglesia Alvariño ademais do propio González Garcés. Por último lémbrase que o propósitoo era servir de continuación e complemento a outra na que se recollerían os novos poetas galegos.
Fálase sobre a importancia de Eduardo Blanco Amor dentro da literatura galega e a importante achega que nos anos sesenta xa tiña feito ás letras galegas con obras de diversos xéneros como Romances galegos, A Esmorga, Chite a la vista ou La Catedral y el niño. Logo refírese á aparición da tradución ao castelán da súa obra Os biosbardos, trece anos despois da publicación da orixinal, que leva por título Las musarañas, na editorial barcelonesa Euros con cuberta deseñada por Daniel Gil. Describese brevemente o contido xeral dos contos e dise que o propio autor explica o contido da obra na introdución do volume.

Descríbese o contido do primeiro volume de Obras selectas de Ramón Otero Pedrayo que a Editorial Galaxia publica en 1973, coa que se pretendía subliñar o prestixio literario do autor. Nela, segundo se di, recóllense múltiples artigos que, baixo a cabeceira “Parladoiro”, aparecían no xornal La Noche ao longo de moitos anos conformando unha miscelánea que mantén un elo común: a realidade galega proxectada no seu idioma, costumes, relixiosidade, espazos e historia. Acompáñase o volume, tal como se indica, dun limia do profesor Carlos Baliñas no que analiza o contido, estrutura e natureza dos artigos.

Tras lembrar a importancia da obra de Xosé Neira Vilas ao longo de xeracións de lectores que atopaban nas súas páxinas a realidade galega da posguerra, da emigración, do mundo rural, da infancia e de tipos populares, sobre todo en formato conto, refírese á publicación en 1965 de Xente no rodiício, como mostra do dito. Nesta obra, dise que se dá conta da vida subxugada que corre o risco da perda da identidade e do propio a través de vinte relatos. Logo lémbrase que na edición de 1971 con ilustracións de Xohán Ledo na colección Illa Nova de Galaxia incorpórase un limiar de Salvador de Lorenzana que fai referencia ao dito.

Sublíñase o importante labor da Editorial Hiperión dentro do xénero lírico, títulos que se editan dende unha perspectiva universal e que fai destes libros un referente tamén no mundo da tradición. Fálase logo sobre un dos seus editores, Juan Munárriz, quen promove na década dos setenta a colección Saco Roto dentro da editorial Helios para ofrecer unha escola de títulos poéticos significativos no panorama social. Refírese así á escolma Cuarenta poemas na que se recollen catro autores galegos: Celso Emilio Ferreiro, Manuel María, Méndez Ferrín e José Ángel Valente.

Lémbrase a inauguración en 1950 da Editorial Galaxia e a importancia que este fito tivo para a cultura e literatura galegas co traballo de homes e mulleres como os que se nomean (Xaime Illa Couto, Francisco Fernández del Riego e Ramón Piñeiro). Indícase que a primeira publicación da editorial foi en 1951, Antífona da cantiga, de Ramón Cabanillas e logo unha colección de vida efémera debido á censura, “Grial”. Destácase que a primeira entrega da colección ábrese coas sinaturas de Ramón Piñeiro e Celestino Fernández de la Vega ás que seguen as achegas de Ramón Otero Pedrayo, Ánxel Fole e Manuel Cuña Novás. Disé por último que dende as súas páxinas pretendiase achegar a realidade galega con referencias ao europeísmo.


Descríbese o contido dun ensaio de Leandro Carré Alvarellos, tras enxalzar a importancia da súa figura e da saga familiar á que pertence dentro da cultura galega. O volume leva por título Manuel Curros Enríquez, súa vida e súa obra e xira arredor do bibliográfico e da secuencia vital do escritor de Celanova. Lémbrase que foi editada polo selo Ediciones Galicia do Centro Galego de Bos Aires, no ano 1953. Dise que o estudio é moi sólido, con moitas fotografías e que ten dúas partes (vida e obra) e un “Apéndice” onde se recuperan documentos significativos (cartas, censuras eclesiásticeas, sentenzas) tanto da biografía como da intrahistoria da obra de Curros.


Analízase o contido da obra de Severino Cardeñoso Álvarez publicada en 1977 co título de Acercamiento a la poesía gallega del siglo XIX coa que pretendía dar a coñecer a literatura galega do Rexurdimento fóra das fronteiras galegas. Indícase que a maior parte da obra dedicase á triade que para o autor era a máis representativa da época, Rosalía de Castro, Manuel Curros Enríquez e Eduardo Pondal. Logo fálase sobre a segunda parte da obra, na que inclúe “poetas galegos de menor índole” como Francisco Añón, Nicomedes Pastor Díaz e Antonio Noriega Varela. Por último dise que hai unha última parte con datos máis esquemáticos e sinxelos sobre autores agrupados baixo o epígrafe de “poetas esquecidos” como Filomena Dato, Manuel Murguía e Francisca Herrera, entre outros.


Xunto ás abondosas ilustracións, diz que o volume tamén conta con limiar e unhas notas finais correspondentes “ao periplo vital e creativo de Seoane”.


Tras destacar o importante labor de difusión da información das imprentas durante unha contenda bélica, diz que moitos libros e materiais das mesmas foron destruídos. Logo recórdase un dos libros que desapareceu na imprenta Nós de Santiago. Trátase de *Padre Hilarión*, de Xosé Tobío Mayo, que logo foi recuperado co título d’*O frade das dúas almas* (Galaxia, 2009). Coméntase finalmente que se compón de once capítulos que xiran arredor de estampas aldeás, urbanas e vilegas, con gran peso da cidade de Compostela.


Fálase do portugués Avelino Rodríguez Elías, asentado durante as décadas anteriores á guerra civil en Galicia e logo exiliado a Sudamérica por mor da mesma. Díse que é un autor bilingüe que se moveu entre o xornalismo, a narración, o teatro e o ensaio. Destácase o seu labor como promotor de moitas iniciativas sociais dende a cidade olívica como a Cruz Vermella, o Museo de Castrelos ou o estadio de Balaidos. Faise un repaso dos seus títulos máis representativos e logo céntrase na descrición do ensaio *O retabro da Capela Maior da Eirexa Colexiata de Baiona*.


Tras lembrar a importancia da creación das Irmandades da Fala en 1916 para promover a lingua, cultura e literatura galegas, refírese ao feito de que un dos xéneros que máis pulo logra grazas ao seu labor foi o teatro. Deseguido lémbrase a aparición de dúas pezas teatrais de Ricardo Frade Giráldez na *Revista Gallega* (1932), promovida por Galo Salinas: *O Rey d’a Carballeira* (1917) e *¡Vaites...vaites!* (1925). Recórdase que na mesma publicación onde apareceron se inclúe un limiar de Ortiz Novo, de carácter encomiástico, arredor da obra e do autor e no que tamén se describe o contido da primeira das pezas dramáticas.


Destácase a importancia que ten o contacto cultural entre lugares diferentes nese caso concreto o que existiu entre Cuba e Galicia no seu momento, a través do labor de autores como o aquí recensionado: o poeta cubano Roberto Fernández Retamar. Indícase que o seu labor creativo se desenvolve arredor da lírica, a docencia, os artigos xornalísticos e a súa faceta de conferenciante. Como mostra diso achégase o seu libro *Conversa* (2009), cunha introdución de Xosé Mª Álvarez Cáccamo. Noméanse tamén os
diferentes temas que se poden atopar nas súas páxinas: poesía da experiencia, a realidade social e desequilibrada ou o compromiso persoal. Por último saliéntase que é unha lírica cívica, moi humana e coherente.


Fálase primeiramente sobre o feito de que moitos membros do clero deran ao prelo numerosas obras literarias ao longo da historia da literatura galega. Ponse como exemplo unha das obras de Manuel Pérez Martínez, co título de Margaritas silvestres editada arredor de 1950, da que se di que é un poemario bilingüe cun menor número de poemas en galego ca en castelán e que os motivos temáticos xiran arredor dos cantos da terra, de coplas, epigramas e da influencia do costumismo, realismo e ruralismo decimonónico.


Gábase a figura da dramaturga Sarah Kane que pertence ao grupo de autores teatrais que rompen cos límites establecidos dentro do teatro tradicional, creando polémicas valentes e abraio no lector-espectador, a través de temas como as drogas ou o sexo. Dise que sae ao prelo a súa Obra dramática completa (2009), da man de Manuel Vieites, o cal achega as claves para un mellor coñecemento da súa obra nun longo e interesante estudo-limiar.


Fálase sobre a íntima relación entre as peregrinacións e vivencias en Santiago de Compostela coas manifestacións artísticas nas que estas se reflicten. Refírese en concreto ao escritor Sebastián Martínez-Risco y Macías (1899-1977), que tras a súa estancia como universitario en Compostela dá ao prelo, en 1943, Trébol poético, “unha breve e intensa homenaxe lírica” á cidade pola pegada que nel deixara. Conta, segundo se indica, con ilustracións de Luís Quintas e un limiar de Ramón Otero Pedrayo no que se resalta a evocadora beleza dos textos.


Alude ao ensaio titulado Julio Prieto Nespereira, que Ramón Otero Pedrayo publicou na madrileña Editora Nacional, dedicado ao creador plástico ourensán, ao que tamén dedicaron estudos Chamoso Lamas, Carlos Areán, Martínez Barbeito e Rubio Martínez.

Percorre o abraian te currículo de Álvaro de las Casas Blanco (1901-1950) antes do estoupiño da Guerra Civil española: licenciado en Filosofía e Letras, docente na Universidade de Valladolid e de lingua portuguesa en Madrid, xornalista, director da Biblioteca de Estudios Gallegos, catedrático de Xeografía e Historia, director de instituto en Noia. Salienta que esta trajectoria se viu fanada cando a guerra o levou a terras americanas e foi na emigração onde naceu o seu libro Santiago de Compostela, corazón de Europa (1939), no cal reconstrúe a lenda, a historia e a literatura da cidade e recolle a versión galega do cantar de cego de Don Gaíferos de Mormaltán.


Artigo dedicado a gabar a figura de Francisco Fernández del Riego (1913-2010) e o seu labor incansábel a prol da cultura galega. A lembranza céntrase na publicación d’As letras de fóra na literatura galega, que recolle unha conferencia impartida polo intelectual en 1979. Salienta que ofrece un percorrido histórico e literario polos nomes que formaron parte da creación en galego dende o periodo medieval, pasado pola vencello da poesía de Cabanillas coa literatura portuguesa ou as conexións foráneas do Grupo Nós e do movemento da Nova Narrativa Galega.


Recupera o labor de Ricardo Carvalho Calero (1910-1990), a quen considera parte consubstancial do desenvolvemento académico nas materias de lingua e literatura, o ensaio e a investigación, ademais de destacado creador literario. Refírese algo máis polo miúdo ao traballo Sobre lingua e literatura galega, un manual que fusiona ambas as perspectivas e que se estrutura en tres capítulos: un primeiro de carácter misceláneo, o segundo centrado nas época medieval e un terceiro bloque no que aborda cuestións relativas ao idioma.

**Castro Rodríguez, Xavier, “E cercáronmi as ondas, que grandes son”, Galicia Hoxe, “Couso e arca”, 18 decembro 2010, p. 2.**

Apunta a importante presenza do mar en todas as culturas e nomeadamente na tradición oral e escrita galega, dende diversas visións: “como tránsito, metáfora de vida e morte, imaxe de desterro e emigração, espazo para os amantes, lugar de repouso e morte...”. Ademais, recupera o opúsculo Homenaje a los poetas del mar, editado coincidindo coa celebración do III Congreso Internacional de Poesía, unha antoloxía na que, precedidos dunha nota introdutoria de José María Castroviejo, aparecen textos de Manuel Cuña Novás, Rafael Dieste, Fermín Bouza-Brey, Luis Amado Carballo, Francisco de Fientosa e Manuel Antonio.

Coméntase a nova obra de Manuel O’Rivas que leva por título *Episodios galegos. Tempos de esperpento* (2009). Trátase dun volume, tal como se di, no que se recollen reflexións críticas sobre a política cultural, social e lingüística que vén realizando o equipo de goberno da actual Xunta de Galicia. Son corenta e seis artigos nos que se percibe sobre todo unha denuncia: a lingua e a cultura propias non limitan nin restan senón que suman.


Dáse conta primeiro do traballo a prol da tradución ao galego de literatura estranxeira, en especial de ámbitos lingüísticos dende os que nunca se importara nada á lingua galega, que realiza Rinoceronte Editora da man do seu creador en 2005, Moisés R. Barcia. Logo céntrase na descrición dunha das últimas novidades que sae ao prelo: *O no do xardineiro* (2009), tradución do orixinal checo da autoría de Karel Capek, no que se conta en cento corenta e catro páxinas e mes a mes os traballos e coidados que require un xardín. Destácase a “preciosa tradución feita por Fernando de Castro García” cun meticuloso traballo no que se recollen os nomes cultos e populares de moitas flores e plantas.


Analízase a obra de Manuel Lourenzo *O hóspede escandinavo* (2009) que, tal como se comenta, fala en sesenta páxinas do mito de Hamlet a través da lembranza da obra de Álvaro Cunqueiro. Logo faise unha pequena lembranza da traxectoria persoal e profesional de Manuel Lourenzo.


Agradece a publicación d’*O hóspede escandinavo* (2009), de Manuel Lourenzo por percorrer a obra de Álvaro Cunqueiro, o mito de Hamlet e por informar das circunstancias que arrodearon a representación d’*O incerto señor don Hamlet* na Coruña. Valora tamén a traxectoria de Manuel Lourenzo, que “ofreceu todo ao panorama do teatro galego ata o punto de que este non se entende sen o seu labor como actor, dramaturgo, ensaísta, tradutor, director teatral, poeta, narrador e autor de máis de 150 obras dramáticas polas que ten recibido os máis importantes galardóns e recoñecementos”.

902

Trátase dun comentario da tradución ao galego feita por Dolores Torres París, da obra Os once (2009), do escritor Pierre Michon, na cal se fan reflexións sobre a vida do inexistente pintor François-Elie Corentin. Describese o seu argumento e destácase a densidade poética da súa prosa que se observan nas aproximadamente cen páxinas da obra que gañou o Gran Premio da Academia Francesa.


Faise unha análise da obra de Xavier Queipo, Felices e diferentes (2009), que engloba as crónicas da actualidade cultural, política e literaria galega que o autor ia facendo durante os tres anos que colaborou co programa radiofónico Diario Cultural da Radio Galega, dirixido por Ana Romaní. Laméntase a articulista que a obra non tivese a repercusión merecida.


Refírese á novela de Begoña Caamaño, Circe ou o pracer do azul (2009) na que, segundo se di, a autora amosa a súa mestria á hora de lidar con personaxes mitolóxicos como neste caso ocorre con Penélope, Ulises e Circe. Ademais tamén se destaca que malia estar en terceira persoa, prodúcese a intercalación de varias pasaxes dialogadas e a presenza constante da comunicación epistolar entre Penélope e Circe.


Comeza explicando que viu a luz o poemario Tratado de Zooloxía para corazóns mancados (2009), de Raúl Gómez Pato. Indica que fai uso da natureza e dos animais “como motivo de inspiración” das reflexións que achega. Refíre que entre as múltiples perspectivas que amosa do amor están presentes aspectos delicados da existencia humana como son “a obsesión polos fantasmas, a perda da inocencia, o terror a extinguirnos, ou os nosos constantes compadecementos”. Precisa que os poemas están protagonizados polo “medo á soidade, as feridas do mundo, as ansias de fuxida” entre outros motivos. Explica que os animais unen de xeito literal e literario os poemas e que o mesmo poeta dá conta da “inspiración, da loita animal e instintiva fronte ao papel en branco”. Remata apuntando que a voz poética se deconstrúe e reconstrúe a si mesma até descubrir que “o home é un lobo para o home”, como xa afirmaran Plauto en Asinaria e Thomas Hobbes en Leviatán, “o lobo tamén é un home”, en palabras de Gómez Pato.

Describese o contido de *Viaxes ao corazón. Diario ínfimo* (2008), de Xosé Manuel G. Trigo, e sinálase que se trata dun percorrido vital a través do cal o autor vai descubrindo a súa propia identidade. Ao mesmo tempo, saliéntase que se mostran as vivencias coa familia e amigos así como os referentes literarios que influen nel, entre outros Rosalía de Castro, Xosé María Álvarez Cáccamo, Cicerón, Bernardino Graña ou Miguel de Cervantes. Sinálanse tamén os espazos que van aparecendo ao longo do texto.


Primeiramente indícase que os trazos máis salientábeis do libro de relatos *Para seguir bailando* (2009), de Francisco X. Fernández Naval, son a precisión e sonoridade da linguaxe, a mestria na caracterización dos personaxes e a brillantez á hora de construír situacións dramáticas. Dise que a influencia da súa faceta poética reflictese na súa prosa e que estes relatos se conforman a partir de historias cotiás que percorren o pasado recente coa presenza de espazos xeográficos comúns e coñecidos. En canto á temática dise que reflexiona sobre o proceso creativo, a emigración e éxodo ao rural e mesmo sobre a corrupción da sociedade actual.


Considérase a *Sidecar* (2009), de Alberto Lema, un manual de iniciación ao amor e aos misterios que caracterizan a mocidade arriscada e esperta. Isto fai, tal como se di, a través do personaxe de Mario ou Chano, nos dous relatos que conforman a obra. Indicase que aparecen como motivos temáticos as inseguridades humanas, as angustias e inquietudes que provocan as experiencias vitais. Por último, destácase a valentía do autor ao experimentar coa propia forma da literatura.


Describese o contido da novela *Un tipo listo* (2009), de Xosé Monteagudo, na que se conta como os familiares de Manolo Cortizo, o patriarca, deben cargar coas consecuencias dun desfalco bancario provocado por el na entidad na que traballaba. Dise que tras a súa morte deben afrontar a situación mentres van describindo moitos aspectos ocultos da súa vida. Destácase que a orixinalidade da obra reside tanto na súa propia estrutura como na precisa terminoloxía relativa aos procedementos xudiciais e financeiros da práctica bancaria.

Dise que a obra de Carlos Mella, *Memorias dun ninguén* (2009), é sorprendente e inesperada á vez que un texto cargado de sabedoria e reflexión. Qualificase como biografía novelada, na que a distancia da senectude e a experiencia enriquecedora dos anos vividos achegan o percorrido vital do autor. Dise que a memoria e as ganas de revivir a historia e transmitila son fíos fundamentais da construcción do libro no que se van entretendendo múltiples verdades e sentenzas reflexivas de fondo calado.


Coméntase a novela de Xavier Quiroga, *O cabo do mundo* (2009), a partir dos tres temas fundamentais que conforman a obra: a asunción dunha morte inminente, o recoñecemento dun amor secreto e imposíbel e a revelación do sufrimento que xera un estado de represión silenciado. Obsérvase un esforzo de reflexión sobre a natureza do ser humano que se evidencia a través da historia do seu protagonista, Carlos Pereiro, e disse que engancha o lector dende o principio da lectura.

**Estévez-Sáá, José Manuel, “A linguaxe come testemuña do lado tráxico de vítimas e verdugos”, El Correo Gallego, “Cultura”, “Leer, Ver y Escuchar”, 28 febreiro 2010, p. 64.**

Describese brevemente o argumento da novela de Manuel Darriba, *Branco* (2009), da que se destaca a súa intensidade en pouco máis de cen páxinas. Tamén se pon de relevo a súa mestaría lingüística que permite “escudriñar a dimensión máis íntima e tráxica” de nós mesmos. Apúntanse os fíos condutores da novela.

**Estévez-Sáá, José Manuel, “Chus Pato, soa como unha nube, deambula pola vida e a literatura”, El Correo Gallego, “Cultura”, “Leer, ver y escuchar”, 22 marzo 2010, p. 60.**

Coméntase a obra de Chus Pato, *Secesión* (2009), na que a súa autora fala “a través dun texto no que a creación non só literaria, senón pictórica, escultórica ou arquitectónica son obxecto de reflexión artística”. Tamén se di que a liberdade e a emancipación, a xustiza e igualdade social son os elementos temáticos.


Reflexiona sobre a obra *Luís Pimentel. Obra completa* (2009), cuxa edición e introdución correu a cargo da profesora Araceli Herrero Figueroa. Dise que se trata dun completo volume que profundiza na vida e obra do autor con moita calidade e fiabilidade e que presenta as pezas literarias de Pimentel en galego e castelán.

Describese a novela de Suso de Toro Sete palabras (2009), na que o autor reconstrúe a súa propia memoria histórica a partir da procura de datos sobre o seu avó paterno, Faustino de Toro, do que só conserva a data e lugar de nacemento. Dise que o propio autor se converte no personaxe que vai na procura de datos e demostra como é capaz de transformar a realidade en matéria literaria. Destácase tamén a importancia da paisaxe como marco dentro da obra e a do narrador como propio personaxe.


Destácase a acción que caracteriza a novela Liquidación por reformas (2009), de Francisco Sobral, editada por Ediciones Cardeñoso, e faiase unha descripción detallada dos seus protagonistas e do papel que xogan dentro da obra. Tamén se sinalan varias liñas argumentais como a actualidade da corrupción, do tráfico de órganos e da trata de brancas.


Coméntase a nova obra de Manuel Darriba, Branco (2009) que ten como características, segundo se di, a súa brevidade e modernidade e que conta o reencontro, durante dúas semanas e media, de dous militares que gardan vellos rancores. Sinálase que pola propia natureza da obra o número de personaxes é reducido e que más alá dos seus protagonistas os demais que aparecen son ocasionalis. Tamén se indica que o autor opta nesta novela por unha técnica narrativa fortemente influída pola técnica cinematográfica de xeito que dota á mesma dunha grande axilidade narrativa.


Logo dun breve apuntamento argumental coméntase que O cabo do mundo (2009), de Xabier Quiroga propón unha mestura entre ficción e realidade na liña das iniciativas de recuperación da Memoria Histórica. Sinálase que a trama é pura ficción, pero que o autor lle dá verismo ao botar man de personaxes reais ou ao facer que personaxes ficcionais reivindiquen a outros reais aos que se homenaxea. Lóase tamén a configuración rexa dos protagonistas, que fan que o narrador quede nun segundo plano. Destácase que o máis importante non é a trama, senón a natureza dos comportamentos humanos.


Coméntase o poemario de Xosé Sixto García que leva por título Peitos e tetas nas noticiñas de domingo (2009) e destácase sobre todo a narratividade que levan implícita todos os poemas extraídos do mundo cotián e dos que se desprende unha tentativa de
aproximación á linguaxe cinematográfica. O multiperspectivismo é outra das súas características e tamén se comentan máis polo miúdo algúns dos poemas que compoñen a obra.


Expícase o contido da novela futurista que publicou en Sotelo Blanco Edicións a escritora Rosa Enríquez co título de *Unicrom* (2009). Personaxes que se moven nun mundo paralelo e loitas entre o ben e o mal, son, tal como se indica, as principais características desta obra ás que se unen a narración simple e tempos ben estruturados así como estar contada con pouco artificio e moito lirismo.


Detállase o proceso de elaboración da obra de Xosé Cid Cabido editada por Edicións Xerais de Galicia co título de *Unha historia que non vou contar* (2009) na que, segundo se di, hai tres fíos narrativos que se mesturan e van dando forma ao conxunto da novela. Considérase que na obra hai ficción e realidade, lenda urbana, sincronía e diacronía e tamén cultura e popularidade e todo isto a través dun discurso con bo ritmo e que proporciona unha lectura intensa e agradable. Como trazo negativo fálase da existencia dun rexistro coloquial con léxico moitas veces castelanizado e con calcos semánticos inxenuarios. Tamén se alude a que serve a obra de recreación da sociedade viguesa de fins do franquismo.


Descríbense detalladamente as partes nas que se divide o poemario de Alberte Momán, *A crise irredutible* (2009), o cal se analiza nun cento de páxinas, tal como se di, a situación vital dunha persoa do seu tempo.


Coméntase por extenso a nova novela de Begoña Caamaño, *Circe ou o pracer do azul* (2009), na que se fai unha nova versión do mito de Penélope e Ulises, dende a óptica feminina. Saliéntase o feito de que a autora soubese utilizar personaxes xa creadas por outros sen que iso lles reste credibilidade e de forma que os personaxes adquieran a dimensión adecuada á súa temporalidade na novela. Dise que se resolve moi ben a relación entre Penélope e Circe que se estabelece de forma epistolar e que o ritmo do discurso tamén é acertado. Finalmente apúntase que é unha novela que cuestiona as relacións intersexuais e os valores sociais a través do tempo e que goza dunha salientable consistencia.
Describese o poemario de Xiana Arias Rego, *Acusación* (2009) que, tal como se di, amosa a sensación de parálise e de estar atrapada que produce a necesidade de dar pasos cara a adiante fronte á inconsciencia de diexarse levar polo *carpe diem*. Fálase da colaxe de textos coa que se abre o libro e logo describense as dúas partes nas que se divide e dise que o fío temático común é a dialéctica entre consumir o tempo ou vivir. Tamén se indica que formalmente é unha poesía sinxela que usa poemas breves.

Fálase sobre o novo libro de Carlos G. Reigosa, *Xentiario* (2009), no que se encuentran unha serie de relatos breves cunha variedade de personaxes que axudan á reflexión sobre determinados temas existencialistas. Dáse conta dalgúns deses relatos e o seu contido así como dalgúns deses personaxes e destácase o ton elegante empregado polo autor, de carácter culto pero moi accesíbel.

Pártese da coincidencia temática de tres novos poemarios de autores novos, *Acusación* (2009), de Xiana Arias, *A crise irreductible* (2009), de Alberte Momán e o que agora se comenta de Dores Tembrás, *O pouso do fume* (2009). Explicase que a obra de Tembrás, tras un limiar de Teresa Seara, se centra na reflexión sobre o desacougo existencial producido polas lembranzas da infancia e as feridas acumuladas ao longo da vida. Divídese, tal como se indica, en tres partes, “oxidación”, “combustión” e “pouso” das que a segunda serve para convencerse de que esas lembranzas son ao tempo o “único auxilio fiel contra as ventadas fría que a actualidade vai dando”. Tamén se indica que son poemas breves.

Interprétase que *Máis vidas* (2009), de Xosé Vázquez Pintor, está composta por sesenta e tres relatos “un por cada ano de vida” do autor. Asegúrase que continúa a obra de Álvaro Cunqueiro e de Miguel Torga debido ao humanismo que desprenden as historias nas que conviven animais e humanos. Estruturalmente indicase que o proxecto é presentado por un relato breve mentres que outro, no que se confesa a felicidade por vivir, serve de peche. Indícase que cada relato aparece estruturado en tres dimensións complementarias: en primeiro lugar, os títulos, nos que se xoga cos nomes de filósofos, escritores, etc. sendo, noutros casos, creacións e alcumes; en segundo lugar, o corpo do relato, no que se atopan distintas clases de animais, dende os vertebrados até os paxaros pasando polos insectos e os peixes, conseguido Vázquez crear estampas nas que cobra importancia a caracterización dos personaxes; e, por último, destácase o peche cun texto
“a modo de moderna fiinda en prosa que expande e redimensiona o contido anterior”. Apúntase que se trata dunha homenaxe a xentes, lugares e animais que o acompañaron ao longo da súa vida.


Indícase que a editorial Galaxia publica unha nova novela póstuma de Anxo Rei Ballesteros, A noite do moucho (2009), de carácter breve pero intensa sen demasiados personaxes. Céntrase no alzamento de 1936 e as consecuencias que ten para os seus protagonistas e faino, tal como se indica, cun comezo in media res, que esixe certo esforzo de concentración, a través dun narrador en terceira persoa que acaba sendo unha primeira, nun xogo que vai desvelándose pouco a pouco. Dise tamén que é unha novela homoxénea sen fisuras entre as partes do texto primando a preocupación polo discurso que posúe certa intención didáctica, tal como se observa en aclaracións lingüísticas que vai facendo o propio escritor no seu discurso narrativo. Por último destácase o equilibrio tan logrado entre os personaxes e as referencias que a eles se fan, e unha estudada vontade de estilo.


Coméntase a novela Dime algo sucio (2009), de Diego Ameixeiras, salientando que o autor regresa á intriga, que xa practicara n’O cidadán do mes (2006) co detective Horacio Dopico, e que crea unha obra complexa, con múltiples personaxes que van cruzando as súas vidas. Apúntase tamén a localización, Oregón, trasunto de Ourense, así como a prosa áxil e directa, o bo manexo dos diálogos e unha linguaxe que respira modernidade. Sinálase tamén que a novela de Ameixeiras bebe das novelas policiais de quiosco e rebusca nas vidas de seres correntes cunha vida rutineira que agochan escuros segredos ou historias intranscendentes.


Dálle a benvida á terceira edición da Poesía galega completa (2009), de Ramón Cabanillas, preparada por Xosé Ramón Pena e Xosé María Dobarro e editada por Edicións Xerais con motivo de se cumprir cincuenta anos do pasamento do poeta. Salienta que se trata da edición “cuase definitiva” porque dubida que se poida achegar nada máis a este completo traballo, debedor dos previos realizados por Ricardo Carballo Calero, Francisco Fernández del Riego e Xesús Alonso Montero. Destaca a correcta cronoloxía dos textos, a análise da evolución de Cabanillas e a presenza de poemas inéditos en libro, ademais de se referir á adaptación lingüística realizada polos editores. Finalmente, apunta a caste de continuador do labor de Rosalía de Castro, Manuel Curros Enríquez e Eduardo Pondal que reside en Cabanillas, as pegadas do ideario das Irmandades da Fala, do nacionalismo naciente e mais do agrarismo.

Refírese á publicación dunha nova edición de No desterro (2009), de Ramón Cabanillas, realizada por Xosé Ramón Pena e inserida na “Biblioteca das Letras Galegas” de Edicións Xerais de Galicia. Indícase que este traballo será insuperábel por moitos anos por mor dos coñecementos de Pena sobre o autor, a súa obra e a súa época histórica, e tamén polo rigor textual. Consignanse as edicións anteriores existentes (A Habana, 1913 - A Coruña, 1926) e refírese á dificultade de reconstruír os poemas, que foron modificados por Cabanillas á hora de incluílos, polo cal aparece un amplo corpus de notas que sinala a filiación dos textos. Valórase tamén o completo perfil biográfico que achega a edición e o estudo de No desterro, onde se perciben as liñas practicadas polo poeta: intimismo, costumismo, modernismo e poesía cívico-social.


Describense a publicación de Miguel Barros, Ramón Piñeiro e a revisión do nacionalismo (2009) e indicase que debe ser de lectura obrigada para todo aquel que desexe coñecer a figura de Ramón Piñeiro, o filósofo de Láncara, o intelectual que centrou todos os esforzos para a recuperación cultural da Galicia da posguerra, o político que levou o nacionalismo ao lugar no que se sitúa na actualidade, o estudioso que deu por superada a fase mítica da historia galega e que fixo cultura dende a raíz para crear a conciencia colectiva dun pobo. Apúntase que se describe polo miúdo como se foron artellando os proxectos de expansión cultural e captando os mozos que rodearon a mesa do braseiro como Xosé Luís Méndez Ferrín, Xosé Manuel Beiras e Ramón Lorenzo e as disputas fronte ás posturas de Guerra da Cal ou Ricardo Carballo Calero. Conclúese que é unha posta ao día da historia do nacionalismo galego e do papel tan importante que desenvolveu a figura de Ramón Piñeiro.


Convencido de que aínda queda moito que estudar e analizar sobre a vida e a obra de Eduardo Blanco Amor, e con motivo de se cumpriren cincuenta anos da publicación d’A esmorga (1959), invita a adentrarse nas páxinas do volume EBA 5.0 (2009), salientando que se trata de lecturas arredor da novela, lecturas do seu autor, imaxes, cancións, recortábeis e pistas que axudan a entender a circunstancia de Blanco Amor e o seu universo creativo.


Refírese á publicación en galego de Invisibles (2009), de Paul Auster, en tradución de Eva Almazán, só dous meses despois da súa saída ao mercado en inglés. Apúntase que
este feito supón un considerábel cambio no sistema literario galego, pois hai unha
década non se traducían con regularidade autores contemporáneos nin clásicos, o cal se
atribuíu a posta en marcha dun novo proxecto na Editorial Galaxia, co papel de Carlos
Lema á frente; á aparición de Rinoceronte Editora, a primeira editorial galega
especializada en tradución; á existencia da Facultade de Tradución de Vigo; e ao
desenvolvemento de internet. Saliéntanse tamén as diferentes estratexias de Galaxia e
Rinoceronte que, en todo caso, conflúen na súa aposta e sinálase que o decisivo é a
transparencia da tradución e a invisibilidade do tradutor.

**García, MV**, “A dor de Sarah Kane. Obra dramática completa”, _Faro de Vigo_, “Faro

Dá conta da publicación, na colección “Biblioteca ESAD” da Editorial Galaxia, dun
volume que contén toda a obra completa da dramaturga británica Sarah Kane (1971-
1999), da que salienta a súa vida chea de penalidades e a condena crítica que sufríu por
se atrever a falar de temas comprometidos. Menciona textos como _Derruba_, _Degoiro_,
_Límpidos_, _Amor de Fedra_, _Pel_ ou o longo monólogo _Psicose 4:48_, nos que aborda
temas como os abusos sexuais, a barbarie do ser humano ou relacións de dominación
ben complexas. A seguir, resume a súa formación, aludindo ao seu paso pola
universidade de Bristol, e salienta que a súa obra require unha lectura demorada para
captar o reflexo das zonas máis escuras dos seres humanos, a dor e a impotencia.

Berenguela”, 9 febreiro 2010, p. 4.

Cualifica a voz de Branca Novoneyra, autora do poemario _Dentro do labirinto_ (2009),
como “sensíbel e portentosa” asemade que innovadora, destacando que os seus textos
inspiran a reflexión sobre o seu labirinto íntimo cunhas claves que cómpre descifrar.
Salienta a presenza da memoria do pasado, do regreso aos inicios da conciencia
collectiva e da reconstrución do tempo a través dun diálogo con símbolos, metáforas e
“enunciados do precario”.

Berenguela”, 30 marzo 2010, p. 4.

Sitúa a localización da novela _O cabo do mundo_ (2009), de Xabier Quiroga, nas terras
de Nogueira do Miño e apunta que se trata dunha recuperación da memoria silenciada e
secuestrada da Guerra Civil e do franquismo represivo que mestura realidade e ficción.
Resume algún dos feitos acontecidos na contorna, da que destaca a súa dedicación ao
viño e o feito de que foi a última en caer en mans dos falanxistas, o 27 de xullo de 1936,
e sinala que Quiroga ofrece unha serie de claves que marcaron a historia desas terras,
introduciendo persoeiros célebres como o Curuxás e o Piloto.

**García, Xosé Lois**, “As vidas fascinantes de Vázquez Pintor”, _Galicia Hoxe_,
Considérase que en Más vidas (2009), de Xosé Vázquez Pintor, se percibe a capacidade do autor de captar sensibilidades a través do rigor e da sobriedade na escrita. Opíñase tamén que a través de persoeiros que teñen vivencias e actitudes extremas se mostra unha mestura dun pasado imaxinario e a actualidade vivida. Ao mesmo tempo, afirmase que os espazos xeográficos presentes xiran arredor do microcosmos nativo do autor que el observa. Destácase por último a riqueza léxica da obra.


Breve nota que ofrece algunhas das liñas temáticas presentes en Rosalía de Castro. A luz da ousadía (2009), de Diego Pardo Amado, que aborda a figura de Rosalía dende o debate sobre a identidade, condición e capacidade das mulleres no século XIX, liberándoo do esperpento doutras interpretacións e apoiándose na riqueza e na forza dos textos que escribiru.


Cualifica de excelente e lúcido o ensaio Ramón Piñeiro e a revisión do nacionalismo (2009), de Miguel Barros, valorando nel a presenza do compromiso de acción e pensamento que asumiu Ramón Piñeiro. Salienta, entre os temas que abordou o intelectual, a esencia do home e do ser galego, a defensa da cultura e da lingua como elementos identitarios ou o fracaso do pobo galego como colectivo nacional. Tamén detalla as xeiras da súa andaina política, en consonancia co seu pensamento filosófico.


A propósito de A deleiba do mundo (2009), de Amin Maalouf, publicado por Edicións Xerais de Galicia, salienta a oportunidade da análise da situación mundial por parte do escritor libanés estabelecido en París. Entre as ideas que destaca cuntanse a súa denuncia do esgotamento do modelo occidental e do goberno global estadounidense imposto a través de operacións militares, que esperan odio no mundo musulmán. Apunta tamén que Maalouf afirma que “a deleiba do mundo é ante todo un problema de falta de lexitimidade, tanto no mundo musulmán que non atopa un líder que une as distintas faccións, como no papel que os EUA pretende tomar sendo o seu xeñe unicamente escollido por sufraxio dos seus concidadáns e non do mundo enteiro”, feito dende o que interpreta a crise económica e ecolóxica, que só acadará unha resolución acaida co papel que deben recuperar a cultura e o ensino e as pontes entre tradicións diferentes.

Augura un espléndido futuro para Dores Tembrás, tras a publicación do poemario *O pouso do fume* (2009), e considera acertada a alusión a Antonio Gamoneda que fai Teresa Seara no prólago. Ao seu ver, ambos os poetas comparten o territorio da escuridade, a cinza e o lume. Salienta dos versos de Tembrás a mirada ao pasado, a presenza da infancia, así como o sentimento da terra, que converten o libro en “marabilioso”.


Con motivo da publicación de *Filomena Dato: a poeta galega de entre séculos* (2009), de Fernando Román Alonso, repásase a personalidade desta escritora, cualificándola como unha das máis significativas da literatura feminista do século XIX, ademais de adiantada ao seu tempo. Apúntase tamén que o estudio destaca como Filomena Dato lles deu protagonismo ás mulleres, sobre todo ás das clases populares, e que nel se rescatan partes da súa biografía apenas coñecidas, coma tal, as súas relacións con persoeiros da cultura galega e española como Miguel de Unamuno, Sofía Casanova, Emilia Pardo Bazán, Fanny Garrido, Valentín Lamas Carval, Heraclio Pérez Placer ou Alejandro Pérez Lugín, entre outros. Achégase tamén un completo repaso polos feitos máis significativos da súa vida.


Repasa a biografía e os méritos do tradutor Fernando Pérez-Barreiro Nolla (Ferrol, 1931-Lancaster, 2010) e sinala que tras o seu falecemento se destacou que foi o primeiro tradutor de Shakespeare, cando este dato non é correcto, xa que tal mérito lle corresponde a Antón Villar Ponte. Lembra como cando a Irmandade da Fala da Coruña constituíu en 1918 o Conservatorio Nacional do Arte Gallego, se realizou a versión galega de *As alegres comadres de Windsor*. Apunta tamén que esa versión se titulou *Xan entre elas* e que non é posíbel localizala, ándoa que se representou por vez primeira en xaneiro de 1920. Conclúe reproducindo uns extractos dos correos electrónicos que mantiveron arredor desa tradución.


Indícase que, segundo os datos que achega Ruy Farias, non é un tópico falar de Bos Aires coma a cidade galega máis grande do mundo, xa que a ela arribaron o 17% dos emigrantes europeos a comezos do século XX e máis da metade eran galegos, un colectivo sen estado pero dotado dunha identidade e cultura propias. Por iso apúntase que María Rosa Lojo n’*Os galegos na literatura arxentina* (2007) afirma que a presenza dos galegos na literatura riopratense é moi cotiá como criado fiel, figura algo grotesca e torpe pero destacado pola súa honradez e intelixencia; e co rol de pulpeiro nas novelas dos séculos XIX e XX, como dono de bares ou cafés. Dise que eses galegos fieis aparecen nas obras de Bioy Casares; que tamén aparecen como personaxes que procuran
a seguridade económica como excesivamente conservador nas novelas de Julio Cortázar, quen describe ás mozas galegas como un obxecto de desexo. Por último salientase a imaxe positiva do galego nas obras de Manuel Gálvez e Hernán Díaz, quen realiza microbiografias de persoeiros tan importantes como Castelao, Rafael Dieste, Lorenzo Varela e os que tiveron un papel máis activo na conformacións do movemento asociativo dos galegos en Arxentina como Alonso Ríos, Eduardo Blanco Amor, Emilio Pita ou Luís Seoane.


Destaca, de entre todas as actividades dedicadas ao cincuenta aniversario d’A esmorga, a publicación EBA 5.0 (2009), valorando o interese que reside en tratar a obra de Blanco Amor dende múltiples linguaxes artísticas e destinala á xente nova. Indica a presenza no volume da banda deseñada, a música, os monicreques, a fotografía ou os xogos de mesa e de rol, o cal, ao seu ver, marca un vieiro interesante que outras editoriais poderían explorar. Detalla a seguir os contidos na parte musical e a representación d’O horroroso crime do sancristán, inspirada nas Farsas para títeres, de Eduardo Blanco Amor, que contén o DVD, a cargo da compañía Viravolta Títeres.


Con motivo de se publicar o poemario Cecais hai unha luz (2009), de Manuel María, por parte da Fundación Manuel María de Estudos Galegos, López Foxo pon de relevo que se trata dunha verdadeira xoia da poesía galega, inédita dende 1979. Explica este feito por se tratar dunha obra que pertence ao seu último ciclo creativo, que afonda no intimismo, o lirismo e a dimensión telúrica, deriva eclipsada por prexuízos políticos e culturais de crítica e público. Sinala que a poesía comprometida de Manuel María non permitiu valorar libros que afondan en temáticas como o amor, o canto á terra ou á natureza, de aí o esquecemento que sofre parte da súa produción, e apunta a súa condición de renovador do discurso poético, adiantándose aos creadores dos oitenta como obras como O libro das badaladas (1977), Poemas ó outono (1977) ou Poemas da labarada estremeced (1985). Céntrase na súa condición de home cunha visión humanista do mundo, o cal plasma en Cecais hai unha luz, onde desprega unha busca e beleza formal, un estilo sobrio e limpo e demostra que é “un poeta comprometido coa defensa da terra, (…) que se interroga admirado sobre a chama que acende a vida, (…) que denuncia as agresións á natureza, asumindo desde a poesía unha militancia ecoloxista, que é algo absolutamente novidoso nese tempo”.


Nesta páxina dedicada a recomendacións literarias para regalar, Ramón Loureiro dirixe a súa ollada a Merlin e familia (1955), de Álvaro Cunqueiro (Mondoñedo, 1911-Vigo, 1981), ao considerar que se trata dun dese libro que acollen dentro o lector e unha das obras centrais da literatura europea do século XX. Conta que a obra se escribiu en
Mondoñedo, na casa da irmá do escritor, cando este se refuxiou na vila para fuxir dun mundo que non o entendía e que, por aquela casa, pasaron todos os personaxes “para falar dos reinos do pasado e de cando o mundo non era tan pequeno”.


No ronsel do combate contra a desmemoria presente na ficción galega dende hai uns anos, sitúa Martínez Bouzas O cabo do mundo (2009), de Xabier Quiroga, novela da que valora a súa trama pouco maniquea na que un profesor cun cancro terminal se mergulla na reconstrución do acontecido arredor de seu pai no ano 1936 e se enfronta aos “señores do olvido”. Indica que a novela ten un pouso detectivesco, mesmo coa presenza dun improvisado Sherlock Holmes, e afonda na represión falanxista no sur da provincia de Lugo, cunha boa base documental, unha acción dosificada e unha prosa elaborada que acolle tamén o galego oral.


Comeza sinalando que Cid Cabido é “o narrador máis singular, insólito e inclasificable do sistema literario galego” e sitúa Unha historia que non vou contar (2009) no mesmo espírito transgresor de grupo abeliano. Considera que é unha verdadeira trama, mais cunha forma experimental en boa medida, a medio camino entre o xénero detectivesco e a novela negra que cuestiona os lindes da propia ficción. Resume o argumento, que xira arredor das pescudas dun escritor sobre o asesinato do conserveiro Antonio Alfaren, un caso real, que vén confirmar a corrupción do sistema franquista. Alude así mesmo aos diversos materiais que utiliza Cid Cabido: relatos de feitos reais, conversas, novas dos xornais ou mesmo reflexións sobre o acto creativo, “metaficción, en definitiva”, con pegadas do cine, localizacións viguesas e un rexistro coloquial.


Tras sinalar que Daniel Kehlmann é un fenómeno literario en lingua xermana que acadou o éxito internacional coa A medición do mundo (2006), céntrase na nova entrega do escritor, A fama. Novela en nove historias (2009), que achega a Editorial Galaxia en tradución de Patricia Buján. Comenta que se trata dunha armazón de relatos sen protagonista central malia reiterar personaxes e confluir no tema de analizar ironicamente a posmodernidade, os avances tecnolóxicos e os seus tributos que esixen. Neste contexto, apunta a reflexión sobre a contemporaneidade, a globalización e o goberno da tecnoloxía, o cal crea situación delirantes e “alegorías do simulacro” que se amosan nun texto “ramificado, arborescente”.

915

Considera que Xosé Monteagudo, tras gañar o Premio Blanco Amor en 2002, estase a converter nun narrador sólido, como demostra n’ Un tipo listo (2009), Premio García Barros, un texto baseado nunha operación bancaria fraudulenta que acontece en Vigo. Salienta que o narrador é o fillo do morto, o director do banco, baixo quen se agocha a sombra do pai, e como aquel se ten que enfrontar á historia familiar, ao tempo que comenta que cómple incluíla no xénero detectivesco con pinceladas críticas sobre a sociedade, polo tanto, unha fórmula complexa que vai alén da resolución do enigma.


Presenta a X. Vázquez Pintor como un dos grandes piares da narrativa galega e apunta que Más vidas (2009) está construído ao xeito de pequenas crónicas que retratan elementos da identidade galega e da oralidade, intereses que o autor xa deixou plasmados en obras anteriores. Valora a presenza da xenuína vida da aldea, dos homes e mulleres do interior e do mar, dos animais e dos lugares máxicos, realidades “contadas con tensión, emotividade, sorpresa” e co estilo que tan ben domina: “forte, epopeico, quizais abeirado ao barroquismo, e un rexistro léxico riquísimo”.


Comenta que a novela Homónima (2000) contribuíu á consolidación de Antón R. Coello como un narrador eficiente e admirador do realismo máxico e a seguir repasa o argumento, do que subliña a súa prosa elaborada e mais que é unha obra que se nutre de planos superpostos e que presenta unha novela dentro doutra novela


Indica que Hixinio Puentes debutou en 2000 con O bandido Casanova e se converteu na gran novidade da narrativa galega ao apostar por unha novela de aventuras baseada na Historia, un xénero que seguíu a frecuentar en entregas posteriores. Sobre A do vinte e un (2009) comenta que o autor se centra nos primeiros anos do século XIX para relatar as aventuras de Xoán Pardiñas, un mozo da Costa da Morte en primeira persoa e debullar a defensa de Ferrol, a batalla de Trafalgar e os sucesos da corte de Carlos IV. Identifica o recendo dos clásicos do xénero e valora a língua rica, a presenza do léxico mariñeiro, as descricións de enclaves como Cádiz e Londres, o bo ritmo narrativo e a intriga, malia comentar que o relato gañaría co adelgazamento dalgúns capítulos.

Sitúa Sete palabras (2009), de Suso de Toro, no territorio ambiguo que separa a ficción da biografía, pois o narrador, un personaxe que se chama como o escritor, conversa consigo mesmo mentres relata a súa busca das raíces familiares, nomeadamente as de seu avó descoñecido, para acabar conformando un retrato social, persoal e ideolóxico. Apunta que as súas impresións son contrarias á presentación editorial, pois non sentiu a sedución da intriga e da emoción, senón que o texto lle pareceu “repetitivo, trivial e pouco elegante” e non era “o que esperaba dunha suposta novela de madurez, crisol de xéneros e porta cara a novas fronteiras literarias”, malia inaugurar a colección de libros dixitais da editorial e encabezarse as listas de vendas.


Debullala os contidos de Dime algo sucio (2009), de Diego Ameixeiras, que cualifica de relato de xénero negro que combina a intriga co cotián e no que en cen breves secuencias se abordan as vidas cruzadas de varios personaxes de Oregón, trasunto de Ourense, que acaban por confluíren. Repara no narrador alleo que conduce estas vidas, na fragmentación da información, no ritmo eficaz da narración e na habilidade do autor á hora de construír tipos e ambientes, achegando tamén referencias ao argumento.


Resume o argumento de Cartas a Elisa (2009), de Santiago Casal, e apunta que lle parece unha obra estruturada como un relato de catro páxinas cun inciso de cento cincuenta que non achega información fundamental, pois só introduce detalles inconsecuentes, opinións simplistas e lugares comúns. Alude tamén á falta de adecuación do título, á ausencia de significado simbólico e ao desequilibrio da
redacción, lastrada tamén por problemas de coherencia, ritmo, fallos na construcción de personaxes, estilo e desleixo no aspecto ortográfico.


Céntrase na novela *A rolda nocturna* (2009), de Sarah Waters, traducida ao galego por Laura Almazán. Percorre algúns dos fíos argumentais e salienta a estrutura da narración en tres partes que se desenvolven cara a atrás no tempo: 1947, 1944 e 1941. Apunta tamén como, por mor desta disposición dos acontecementos, se van coñecendo os personaxes, desvelando os seus segredos, feridas e interrogantes, e valora especialmente o retrato que se ofrece da cidade de Londres azoutada pola guerra e o medo, así como o retrato de reaccións universais e a habilidade da autora para captar a época con pequenos detalles.


Sinala que *Palabras para un baleiro* (2009), de Baldo Ramos, recoñecido co Premio Fiz Vergara Vilarino, é un poemario para ler devagar que envolve o lector de principio a fin polo seu carácter de longo poema intimista. Entre os motivos que aborda menciona a agonía do paso da vida e a aparição dun abismo que o eu lírico non é quen de afrontar; a realidade existencial entre o pesimismo e a tenrura; o vitalismo; e a falta de renuncia á felicidade. Estilisticamente cualifica a obra de notábel.


Comenta *O gado do Senhor* (2009), de Rosa Alice Branco, que mereceu o XVII Premio Espiral Maior. Apunta o cariz existencialista da súa poesía e o afondamento da cuestión da Verdade ao redor das interrogantes que deixa entrever a esexese bíblica, así como o posicionamento do eu lírico nun estado próximo ao misticismo pola súa comunión co Sagrado. Conclúe destacando que se trata dun “poemario moi interesante da poeta portuguesa”.


Define *Uns ós outros* (2009), de Lois Oreiro, como un poemario “ completo, complexo e redondo”. Destaca a presentación inicial que incide na concepción da poesía da que se parte e prepara o horizonte de expectativas do lector; e as seccións nas que se estrutura, que conforman un mundo poético rico e coherente. Chama a atención sobre os versos que Oreiro denomina “da razón”, porque o eu lírico se eleva ao máis sagrado e
descende, de súpeto, ao cotián, o cal provoca un gran contraste que remata en denuncia da superficialidade e a vaidade da sociedade actual; sobre a poesía amatoria, por se tratar de versos inzados de sentimento e paixón, e sobre a recreación de mitos históricos. Como valor engadido, apunta a tendencia que vai collendo a obra cara a unha versificación case ensaística.


Repara na edición crítica de *Samos* (2009), de Ramón Cabanillas, realizada por Carlos L. Bernárdez, indicando que o Poeta da Raza o compuxo no mosteiro de Samos e que nel están presentes motivos da súa poética como o celtismo, o historicismo, a mitoloxía e a reivindicación, e, a carón destes, describe a aparición do misticismo, a relixiosidade e do saudosismo. Destaca o atinado estudo preliminar de Bernárdez, mais bota en falla un aparato crítico máis completo.


Coméntase *A ollada melancólica* (2009), de Antonio Campos Romay, non sen antes advertir que “tanta novela, tanto libro de relatos coa II República, coa Guerra Civil e posguerra como eixes central son esforzos dirixidos cara ao xa visto”. Faise fincapé na sensación de ter a novela lida antes de acabala. Destácanse como aspectos positivos a intención de dar “renda solta á memoria” e outorgar aos textos un plus de lirismo e emotividade, aínda que este obxectivo non se considere cumprido, pois se observan uns relatos que “avanzan con dificultade, sen ritmo”. Finalmente, asegúrase que se trata dun libro “insípido” que vén ser “un pouco máis do mesmo, pero sen a calidade necesaria”.


Comeza recollendo as palabras do prologuista Modesto Hermida ao poemario afirmando que *Van Gogh e outras cancións* (2009), de Manuel Sieiro “é fundamentalmente amor”. Destaca que Sieiro presenta un poemario “cheo de referencias sensoriais” e refire que nos poemas “sincréticos e directos” aparecen trazos que complementan a idea xeral de “amor e vida”. Apunta que a forma do poemario é musical e rítmica, sobre todo, nos poemas líricos en estado puro “Bossa nova”, “Canción azul e branca” e “Fugaz”. Salienta o valor das ilustracións e remata afirmando que “deixa as ganas de recunrar nel e deixarse ennobelar polos seus versos”.


Sitúa *Incivil* (2009), de Xoán Carlos Domínguez Alberte, na corrente de recreación de sucesos acontecidos durante a guerra civil e o franquismo, dimensión que acentúa o
feito de contar cun prólogo de Xesús Alonso Montero. Identifica entre os intereses do autor deixar constancia do sucedido nese período e reivindicar a compensación para todos os que sufriron, e destaca a importancia da intertextualidade no poemario, que mostra, por outra banda, unha grande erudición literaria. Remata chamando a atención sobre o excesivo ton notarial da obra, que pexa a evocación e o sentimento poético.


Achega conxunta a catro volumes publicados en 2009 por Edicións A Nosa Terra dedicados a senllas terras galegas: Terras de Compostela, de Marilar Aleixandre, que percorre a cidade vella e a moderna; A Terra do Medio, de Xosé Vázquez Pintor, centrado en espazos do interior de Galicia onde se destacan oficios tradicionais e a sabedoría popular; Terra de Iria, de Anxo Angueira, que propón unha viaxe pola riqueza histórica e cultural de Iria; e Baixo Miño, de Marta Dacosta, unha guía actualizada que se apoia en citas de Manuel Forcadela, Álvarez Blázquez ou Eliseo Alonso e que insire unha análise crítica sobre os estragos da paisaxe.


Tras se referir á bibliografía existente sobre os ríos galegos, que conta con traballos de Ramón Otero Pedrayo, Francisco Javier Río Barja ou Pérez Alberti e achegamentos literarios coma os de Eliseo Alonso e os seus contos do Miño, entre otros, inscribe O país dos mil ríos (2009), de Xosé Lois Ripalda, nesta estirpe. Destaca que o autor gaba os cursos fluviais e alude á beleza das paisaxes ao tempo que achega un estudo do patrimonio, as lendas, regueifas e outros aspectos culturais. Remata dicindo que se le dunha sentada e que bota de menos algún libro de referencia na bibliografía.


Cualifica de fermosa noticia editorial a publicación, por parte de Edicións Xerais de Galicia da Poesía galega completa (2009), de Ramón Cabanillas (Fefiñáns, Cambados, 1876-1959), nunha edición a cargo de Xosé María Dobarro e Xosé Ramón Pena, con motivo de se cumprir un século da morte do poeta. Salienta as novidades que achega esta nova edición, como un índice diferente de poemas e unha táboa de correspondencias e mais a actualización do texto. A seguir, resume a vida e obra de Cabanillas, salientando que emigrou á Habana, onde publicou No desterro (1913) e Vento mareiro (1915); se comprometeu coas Irmandades da Fala; foi elixido membro da Real Academia Galega e da Española; escribiu as pezas dramáticas A man da Santiña (1921) e O mariscal (1926); tratou a temática artúrica en Na noite estrelecida (1926); volveu ao intimismo con A rosa de cen follas (1927); e, tras dun silencio, retomou a súa carreira literaria a finais da década dos corenta.

Refírese ao éxito d’A praia dos afogados (2009), de Domingo Villar, un autor que, na súa opinión, permite albiscar novas perspectivas para o fenómeno do long seller na literatura galega. Atribúe a aceptación da obra á asimilación das fontes literarias que utiliza, como James Ellroy, Andrea Camilleri ou Manuel Vázquez Montalbán, ao dominio dos recursos do xénero detectivesco, á construción dos personaxes e á axilidade da trama. Comenta que a obra foi aceptada por público e crítica e que contribúe a gañar lectores en galego.


Aconsella a lectura de Xentiario (2009), o volume de relatos de Carlos G. Reigosa, por considerar que nel se atopa todo o que ofreceu o autor á literatura galega en obras anteriores. Repara no neoloxismo que conforma o título e vincula a proposta coa tradición dos bestiarios, coa estética de Álvaro Cunqueiro e Miguel de Cervantes Saavedra coa literatura de estirpe oral enmarcada na contemporaneidade. Percorre os trazos e personaxes máis relevantes destes textos e sinala que conforman unha galería plural en temáticas e modulacións.


Indica que a novela Unha historia que non vou contar (2009), de Xosé Cid Cabido, afianza o seu lugar entre os narradores que comenzaron a súa andaina na década dos noventa. Chama a atención sobre o feito de que non se cumpre o que anuncia o título, por máis que o que se conta sexa artellado dun xeito diferente ao coñecido polo lector e se focalice cara ao contexto sociolóxico da época que se recrea: os anos finais do franquismo en cidade de Vigo. Apunta a pegada cinematográfica como marca da casa, os elementos do xénero policial e recoñece a influencia do que Truman Capote denominou non-fiction-novel por redimensionar as posibilidades do xornalismo, incidir nas posibilidades da ficción na visión sobre os acontecementos e amosar o funcionamento da memoria.


Dá conta da publicación da Poesía galega completa (2009), de Ramón Cabanillas, nunha edición ao coidado de Xosé Ramón Pena e Xosé María Dobarro. Comenta a novidade que supón a inclusión dun novo índice de poemas e unha táboa de correspondencias, alén doutras información relevantes sobre o poeta.

Céntrase na iniciativa da editorial Espiral Maior de reeditar en 2009 un poemario clave da década dos noventa, *Livro das devoracións* (1996), de Pilar Pallarés, e mais a edición conxunta dos tres primeiros libros de Yolanda Castaño en *Erofanía* (2009). Sobre o primeiro libro indica que o paso do tempo aumenta a súa intensidade conceptual e o seu rexistro subversivo na expresión de vivencias dolorosas, feminismo, sexualidade e liberdade. A respecto de *Erofanía*, salienta que nel se recollen *Elevar as pálpebras*, *Delicia e Vivimos no ciclo das erofanías*, que afondan no corpo, o amor e o erotismo, temas convertidos en obxecto de reflexión poética e mesmo de cuestionamento, ao mesmo tempo que testemuñan a evolución da poética da autora.


Comeza referindo a minoritaria atención que se lle presta ao “ensaio literario” para destacar a súa “vitalidade e puxanza” á vista de dous volumes, *Espazos do poema. Poética, lectura crítica e análise textual* (2009), de Xosé María Álvarez Cáccamo e *Soñadores e familia. Os personaxes na narrativa de Álvaro Cunqueiro* (2009), de María Xesús Nogueira Pereira. Explica que ambos os dous están unidos pola “solvencia analítica”, que tamén caracteriza ás achegas de Anxo Angueira, Xabier R. Baixeras ou John Thompson. Apunta que *Espazos do poema* constitúe vinte e cinco anos de “esculca e interpretación analítica da linguaxe poética” en xeral e fundamentalmente da galega da segund metade do século XX para mostrar os mecanismos da escrita, os grupos xeracionais e a súa importancia na historia. Indica que presenta unha estrutura circular na que se amosan a análise do espazo creativo de experiencias poéticas, comentarios e a interpretación, e algunhas panorámicas. Remata afirmando que Cáccamo amosa “dilixencia e atención”, características que tamén están nas súas reflexións memorialísticas e mesmo na súa poesía. Respecto a *Soñadores e familia* destaca que parte dun capítulo da tese de doutoramento de Nogueira. Apunta que, botando man de trazos comprensíbeis para un lector non especializado, a autora achega un percorrido pola narrativa cunqueiriana segundo os personaxes representados nela. Precisa que Nogueira amosa a importancia dos personaxes analizando a onomástica, as estratexias narrativas, a simboloxía e a inclusión nos índices onomásticos que aparecen na narrativa de Cunqueiro. Salienta que, á parte das críticas precedentes, a autora engade achegas propias como son o capítulo “A identificación onomástica” e a conclusión.


Define *O Cabo do Mundo* (2009), de Xabier Quiroga, como “un convincente ensaio de sedución narrativa, unha novela intensa, dramática e alicerzada nas regañas da memoria”. Comenta que o autor retorna dalgún xeito ao espazo de Bouzuás das súas primeiras obras para se adentrar nun territorio parello como é o Cabo do Mundo, onde se desenvolve a trama, e salienta o verismo e a tensión dramática da narración, na que se combina o declive físico do personaxe cos acontecementos do ano 1936, así como a importancia da memoria, o brillante rexistro expresivo do autor e o ritmo trepidante.

Considera *Un tipo listo* (2009), de Xosé Monteagudo, unha obra adoita para gañar lectores cun producto de calidade e unha historia sinxela. Resume o argumento, que emparenta coas historias presentadas recentemente por Xosé Cid Cabido, Inma López Silva, Rosa Aneiros, Suso de Toro ou Xabier Quiroga por ficcionalizar acontecementos de orixe social ou (auto)biográfico, e fai fincapé na dosificación da intriga detectivesca, no ritmo e no deseño do protagonista-narrador, dotado dun curioso perfil psicolóxico que esperta empatía.


Céntrase no poemario *Sebes contra o vento* (2009), de Alfonso Álvarez Cáccamo, poñendo de relevo que ofrece unha reflexión poética sobre o pasado, artellada na memoria e na emoción. Concibe como un caderno de viaxe que dá conta do percorrido por distintos lugares, como Coruxo, Vigo ou Tui, e no que alcanzan relevancia a figura do pai, Xosé María Álvarez Blázquez, o amigo, Xosé Humberto Baena, ou a irmá, para retratar un universo íntimo adobiado con outros grandes asuntos poéticos: o paso do tempo, a morte e o amor.


Lóase o volume de corte autobiográfico de Carlos Mella, *Memorias dun ninguén* (2009), polo seu coidado tratamento formal e estilístico fóra do común. Dise que se trata dun exercicio memorialístico no que se seleccionan vivencias, lembranzas e evocacións a través do distanciamento irónico. Destácase o seu acerto descritivo feito ás veces cun formalismo na linguaxe que dá concesións ao popular cando así é preciso. O autor, segundo se di, trata de incidir máis no ambiente e contexto no que se producen os feitos que no propio protagonismo persoal. Afírmase que as diferentes etapas vitais (infancia, madurez e vellez) se artellan debullando as experiencias pessoais que as conforman.


Describese o novo poemario de Mario Regueira, *Blues da crecente* (Espiral Maior, 2009), galardoado na XII edición do premio de Poesía Xohán Carballeira. Dise que presenta unha concepción poética contraposta ás liñas estabelecidas e subliñase o feito de que non é unha obra de fácil lectura e que a súa pegada máis perceptíbel é do Lorca de *Poeta en Nova York*. Como motivos temáticos apúntase unha viaxe rica en imaxes e metáforas a través da diversidade e outros como a morte e o erotismo. Por último, dise que na segunda parte do poemario se aprecia unha homenaxe a Robert Johnson, fundador do blues.

Coméntase a novela de Begoña Caamaño, Circe ou o pracer do azul, editada por Galaxia en 2009, da que se destaca primeiramente que se alicerza sobre un universo mitolóxico que chega dende a obra de Homero “para revisalo e reconstruílo a través dun filtro feminista”. Describese brevemente o seu contido e logo céntrase nos seus personaxes principais, Circe e Penélope, que, tal como se indica, aparecen humanizados, próximos e cheos de contradicións. Tamén se fala sobre os diversos subtemas presentes na novela coma as relacións paterno e materno filiais, a lexitimación de condutas, a forza da amizade, as traizóns e fidelidades, o destino e a ausencia de felicidade entre outros moitos.


Indícase que en Múis vidas, de Xosé Vázquez Pintor, publicada en Espiral Maior en 2009, destaca o esforzo autorial de presentar un produto novo e convincente a través de máis de sesenta fragmentos narrativos de carácter heteroxéneo e de moita densidade. Como trazos característicos fálase das dotes de observación do autor, reflectida na plasticidade descritiva, do seu humor, da súa ironía e do seu sentimento crítico a través dun vivo rexistro expresivo. Por último, cualifícase como unha proposta inusual, de fondo humanístico, con ecos da oralidade popular construída cunha prosa contemporánea.


Dáse conta da publicación de dous poemarios cuxos autores son nados en Celanova e xa deron ao prelo outros títulos. O primeiro do que se fala é o oitavo libro de Baldo Ramos, co que gañou o Premio de Poesía Fiz Vergara Vilarinio no ano 2009 e que leva por título Palabras para un baleiro (2009). Da obra dise que achega un universo creativo que afonda na experiencia con motivos temáticos como a lingua, a morte, a paternidade e a enfermidade, envoltos nunha atmosfera dolorosa e existencial. Do outro poemario, Incivil (2009), de Xosé Carlos Domínguez, dise que se artella a través da suma de microhistorias que recollen dramas vividos por xentes que sufriron a represión da guerra civil.


Céntrase nas calidades humanas de Marcos Valcárcel, salientando a súa tolerancia, o seu diálogo, a súa xenerosidade e a súa erudición sobre a bibliografía galeguista ourensá e galega. Salienta tres dos seus traballos: A prensa en Ourense e a súa provincia (1987), unha fundamental recuperación sobre o patrimonio hemerográfico, base de moitos outros traballos posteriores; Pé das Burgas. Estudos de historia, literatura e xornalismo (1998), un compendio de vinte e cinco estudos sobre a historia sociocultural de
Ourense; e Historia de Ourense (2008), o seu último libro publicado, que concilia a rigorosidade histórica con outras fontes para afondar na interpretación do presente da súa cidade.


Realízase un comentario de Ramón Cabanillas. Poesía completa (Edicións Xerais de Galicia, 2009), publicada por Xosé Ramón Pena e Xosé María Dobarro. Primeiramente faiense unha crítica sobre o silencio crítico ao redor da figura de Cabanillas e logo describense o contido da obra. Destácase acerto dos autores desta edición ao reducir ao mínimo a presenza das notas eruditas nos poemas e logo realizase unha gambanza da calidade poética da obra de Cabanillas que se pode percibir a través destas páxinas. Finalmente faiense unha mención especial ao libro Versos de alleas terras e de tempos idos (1955).


Considérase o Certame de Poesía Victoriano Taibo un referente para o xénero poético, non só por dar a coñecer os textos galardoados nunha colección de seu e de coidado deseño, senón tamén polo feito de que a súa segunda convocatoria recaese ex aequo nos poemarios Cuarto minguante, de Mª Carmen Caramés, e Biografía da multitude, de Elvira Riveiro e Silvia Penas. A respecto deste último apunta o pouco frecuente que resulta a autoría dobre na creación de poesía e sinala a presenza dun discurso alegórico e filosófico para debullar unha xeración víctima da deshumanización. Recoñece no poemario o diálogo coas poéticas de Georg Trackl e Sylvia Plath e co pensamento de Michael Hardt e Antonio Negri na reflexión sobre o mundo actual e o abismo entre presente e futuro, incluíndo escenarios concretos, así como o chamamento á acción e á recuperación da memoria.


Tras aludir ás expectativas que espertou Xiana Arias con Ortigas (2007), Premio de Poesía Xosé María Pérez Pallarés pola súa singular mirada sobre a realidade, identifica en Acusación (2009) o mesmo título lacónico e a reflexión sobre o cotián a través de textos breves e espidos. Sinala a presenza do tempo da infancia, de preguntas retóricas, dun humor sutil e ao tempo incisivo, así como da intertextualidade con Belén Gopegui.


Refírese ao estrañamento que pode provocar un título como Tratado de zooloxía para corazons mancados (2009), de Raúl Gómez Pato, perfectamente encadrado na colección “Diversos” de Positivas por acoller propostas novísimas e alternativas, e define o
poemario como un particular bestiario no que o achegamento singular aos animais conduce a reflexições universais sobre a morte, a monotonia, o baleiro da vida, o tempo e a infancia. Repara na utilización da ironía, a sátira, o humor e a humanización, que se combinan con imaxes actuais e novas asociacións.


Despois de apuntar que a literatura erótica foi cultivada de xeito desigual nas letras galegas, con escasa presenza na narrativa fronte ás poéticas do corpo aparecidas na poesía, un trazo fundamental na renovación do xénero dos noventa, e valorar a existencia do Premio de Poesía Erótica das Illas Sisargas que convoca o Concello de Malpica, céntrase en *Xoguetes póstumos* (2009), de Emma Pedreira, gañadora da terceira edición do certame. Identifica unha das constantes na producción da autora, a construción alegórica, neste caso botando man da imaxinaria mariña, a carón das relacións entre o eu e o ti, os enmascaramentos do suxeito, símbolos como a casa e o veleno e o gusto polos neoloxismos. Apunta tamén que o poemario combina o poema longo con composicións breves que conforman persoais haikús e pregúntase “en que medida estamos diante de poesía erótica, dunha literatura de xénero ou, se se quer, dun libro substancialmente diferente á produción anterior da autora”.


Coméntase a obra de Álvaro Negro, *Abro a xanela e respiro o aire fresco da fin do mundo* (2009), publicada nunha edición patrocinada polo Museo de Arte Contemporánea de Gas Natural de Unión Fenosa e que ten a súa orixe nunha exposición do artista realizada grazas a unha bolsa de estudo concedida por Gas Natural-Unión Fenosa. Indícase que o texto e as imaxes de Álvaro Negro establecen un diálogo coa poesía de tres escritores con estéticas diferentes como Celso Fernández Sanmartín, Chus Pato e Carlos Negro. Como características definitorias dise que os textos son retallos do cotián, moitos deles cargados de narratividade, e especificanse cales son algunhas das fontes do autor (o realizador alemán Win Wenders, Peter Handke e W. G. Sebald). Por último destácase que o libro rompe algunhas inercias editoriais con fórmulas poéticas que unen a fotografía e a ilustración.


Defínese *Peitos e tetas nas noticias do domingo* (2009), o segundo poemario de Xosé Sixto, como unha reflexión sobre a perda da inocencia e o paso da infancia á madureza. Sinálanse como temas substanciais a inxenuidade fronte a realidades crueis, a vivencia da língua e a importancia da memoria e dos soños, e apúntase que todos os poemas acontecen en domingo. Nun parágrafo á parte insírense datos da biografía do escritor.

Comeza este comentario sobre a tradución ao español de *Profundidad de campo* (2009), de Yolanda Castaño, aludindo á revolución da poesía escrita por mulleres na literatura galega e destacando a singularidade da voz da autora. Entende que o reto do libro é ler o eu lírico en dialéctica cunha realidade social e unha ética pública e privada que reclama o dereito a se definir a si mesmo, e cun xogo constante coa ficción e o referente real.


Fálase de *TSC.Diario da noite* (Edicións Xerais de Galicia, 2009), de Alfonso Armada. Lémbrase que este poemario foi escrito na mocidade, coa influencia do grupo Rompente, e que nel se plasma a visión dun Vigo convulso con motivos temáticos como o erotismo, os estaleiros ou as paixóns derivadas da vida cotiá. Qualificase como un libro orixinal onde as imaxes dialogan cos textos e se percibe un dominio dos recursos expresivos.


Alude á traxectoria profesional e á amizade que comparte con Xosé Luís Couceiro, por mor da publicación do volume *A mi dizen quantos amigos ey* (2009), que contén un conxunto de traballos dedicados ao profesor da Universidade de Santiago de Compostela. Aclara que o título escollido é un verso de Johán Fernández d’Ardeleiro e que o libro está estruturado en dúas sección, “Literatura” e “Lingua”, que acollen achegas arredor da lingua e a literatura galega que interesarán aos estudosos da Idade Media.


Arredor da segunda edición de *Corazón entre desertos* (2002, 2009), de Tucho Calvo, indica que o autor revisita a narrativa curta e introduce relatos que apareceron en *Astra o confín* (1983) e dúas ilustracións de Miguelanxo Prado e Xaime Quesada. Apunta que a heteroxeneidade de textos produce desconcerto no lectorado, así como a súa excesiva brevidade e os finais tan abertos, e que o interese do autor semella ser verter unha detida ollada sobre momentos concretos da vida dos personaxes e tratar temas como a nostalxia polo pasado, a reflexión sobre un futuro escuro e sinistro ou a sociedade actual, coas súas contradicións.

Penas, Ánxeles, “Panteísmo dionísíaco. Dos incendios e das palabras”, *Faro de Vigo*,
Chama a atención sobre o feito de que *O incendio das palabras* (2009), de Román Raña, galardoado con XXV Premio Cidade de Ourense, sexa o noveno poemario do autor, pois se trata dun número máxico na cábalana. Salienta o sentimento de comunión cósmica e amor panteísta que paira por estes versos ateigados de imaxes, aliteracións e oxímoros, con evocacións da infancia “co anxeio de construír a patria do futuro”, así como os rotundos versos iniciais que resumen a filosofía do libro.


Descríbese o contido do poemario *O livro de barro* de Corral Iglesias publicado en 2009 e presentado como un libro onde se observan as “cicatrices” que o percurso vital deixa no individuo, mostrando mesmo os trazos máis crueis da existencia. Destácase o dominio das palabras e a escolla das mesmas para incidir nos aspectos temáticos que interesan ao autor e vanse intercalando versos que así o demostran.


Comézase lembrando o valor da tese de doutoramento que Miro Villar leu en 2008 sobre o tamén poeta galego Antón Zapata García, nacido en Laxe e emigrado a América, para logo lembrar a traxectoria poética deste fóra e dentro de Galicia. De Zapata dise que foi un autor sempre comprometido con Galicia e a identidade dende a morriña que lle provocaba a distancia. Lémbrase, entre outras cousas, que foi un dos creadores da Institución Cultural Gallega que presidiu en 1934 e que se constitúi como protectora do Seminario de Estudos Galegos. Indícase que todo isto se reflicte na obra que publicou Miro Villar titulada *Antón Zapata García. Biografía dun poeta emigrado ao servizo da II República* (2009) e tamén na reedición que Edicións Xerais den Galicia fixo en 2005 dun poemario de Zapata que el non vira publicado en vida: *A roseira da soidade* (1954).


Sobre o Premio Manuel Lueiro Rey 2009, que correspondeu a *Areaquente* (2009), de An Alfaya, comenta que non ha decepcionar e que se inscribe no existencialismo que explora a condición humana e a libertade individual, a través dunha trama na que as decisións dos personaxes provocan xiros inesperados mesmo até o final. Alude a influencias de Albert Camus, tanto co protagonista d’*O estranxeiro*, Meursault, coma na coincidencia do ambiente caluroso que preside ambas as narracións, así como de Federico García Lorca, cuxa presenza se antecipa co poema “Tierra seca”, citado ao comezo, coa presentación dun mundo endóxagmo coma o de *La casa de Bernarda Alba* e mesmo coa elección do nome dunha das protagonistas, que se chama precisanamente
Bernarda. Apunta tamén a técnica de encadramento fotográfico que manexa Alfaya e a perfecta dosificación da trama.


Comenta que o corpo d’*A muller do mediodía* (2009), da alemá Julia Franck, publicada por Sotelo Blanco co apoio dunha subvención –o cal aproveita para insistir no apoio institucional para a normalización da cultura galega–, en tradución de Luís Fernández Rodríguez, abrangue dende os prolegómenos da Primeira Guerra Mundial até o nazismo para tratar neste contexto a historia de dúas irmás, Helena e Martha, que manteñen unha relación lésbica na infancia, faltas do cariño dos seus proxenitores, e posteriormente seguen en Berlín camiños distintos. Aclara que o título da novela responde a unha figura lendaria alemá, “que lembra a necesidade humana de descansar e comunicarse”, e que a descrición é o piar fundamental da novela.


Con respecto á editorial 3C3, que puxeron en marcha Amancio Liñares e Antonio Puentes, destaca que acolle no seu catálogo, de cando en vez, un produto singular. Ao seu ver, é o caso de *Nun bambán de non virar baldo* (2009), de David Otero, composto por un poema introdutorio a xeito de declaración de principios creativos e seis breves historias de diversa fasquia. Detense nos dous relatos que abordan a represión de 1936 –“A señora Maripepa” e “De véspera para sempre”–, no “texto teatral mínimo” “Querendo a 4 planos sen (con) palabras”, na narración introspectiva “Uns toques”, no desdobramento narrativo visíbel en “Dous no mapa” e no retrato da marxinalidade urbana que artella “Moncho”, fronte á focalización sobre o indiano de “Por mirar ventos”.


Apunta que *Klásicos* (2009) supón o terceiro achegamento de Marcelino Fernández Mallo á narrativa, tras *Cabilia* (2005) e *A trenza* (2008), coa que naceu o blog de igual nome. Resume o argumento desta nova entrega e cualifica o narrador de habelencioso pola construcción do personaxe, que pertence a un grupo de privilexiados que se encargarán de rexer os destinos da cidade, do microcosmos dunha cidade e por achegar un retrato daqueles que gobernan dun xeito caricaturesco. Repara tamén na introdución dun detalle que o muda todo, coma se actuase o destino, e indica que a editorial clasifica acertadamente a obra como un thriller psicolóxico cos elementos clásicos do xénero. Conclúe suxerindo un tipo de encadernación máis cómoda e concorda coa opinión de Héitor Mera sobre *Cabilia*: “boa literatura de consumo”.
Descríbese o contido da primeira novela de Carlos de Castro Álvarez, que leva por título *Historia dunha investigación e máis de dous asasinatos* (Toxosoutos, 2009). Dise que o autor, docente de Xeografía e Historia, leva xa varios títulos ensaísticos publicados, centrados na historiografía galega e que neste caso reúne de forma orixinal, a rigorosidade do ensaio científico coa recreación da novela histórica. Expícase o contido e a estrutura da obra e tamén se di cales son os elementos que contribúen ao equilibrio que existe nela entre a realidade e a ficción: a propia estrutura, a presenza do índice onomástico, o índice de abreviaturas e a rigorosidade das citas entre outros.

Apúntase brevemente o contido da novela *As deusas do calvario* (2009), de Francisco A. Vidal. Coméntase que se sitúa no concello de Arteixo e arrabaldes da Coruña. Destácase o feito de que sexa unha narración crúa protagonizada por mulleres que son vítimas dunhas circunstancias que as levan á traxedia. Por último lémbrase que se move entre a narrativa social e a de personaxe heroico feminino.

Coméntase que a obra *Bos tempos para a lírica* (2009), de Xavier Rodríguez Baixeras, é “unha declarada homenaxe” aos poetas da xeración dos 80, e dise que non se trata dun estudo “minucioso ou académico”, senón dun “paseo cordial” polos autores desa época. Ademais, sinálase a división por partes do libro, facendo constar o contido dos oito epígrafes nos que se divide o primeiro e informando que na segunda parte a atención está centrada en once poetas da devandita xeración. Remátase apuntando que o volume só ten unha eiva que é que o “noso poeta omítese a si propio”.

Salienta a faceta de crítico literario de Xosé Mª Álvarez Cáccamo, aproveitando para presentar o seu último traballo *Espazos do poema* (2009). A continuación, sinala que o obxectivo do autor é “multiplicar o gozo da literatura” para que o lectorado descubra as “caras ocultas” do mundo das letras. Comenta as catro partes nas que se divide o libro, apuntando os contidos nos que se indaga, como son o “propio exercicio literario”, a “vasta historia da literatura”, “concreto universal verbal dos escritores galegos”, ademais de reparar nunha serie de poemas “que estremeceron a súa sensibilidade”.

Presenta o novo ensaio de Manuel Forcadela que baixo o título Sete leccións de poesía (2009) achega as súas propias “hipóteses interpretativas” dos textos presentes. Deténse en como enfa o autor poemas moi “disímiles” e considera que as achegas “máis fecundas” son as que se refiren a “O retorno de Ulises”, de Álvaro Cunqueiro, e “Red rouse, proud rose, sad rose”, de M. Rivas.


Comenta o poemario Sebes contra o vento (2009), de Alfonso Álvarez Cáccamo, do que destaca que dúas son as palabras que “agroman nos seus beizos”: melancolía e elexía. Tamén observa a presenza do humor e repara na viaxe que realiza o poeta ao pasado para dar conta dun mundo irrecoverábel. Neste senso, considera que esta indagación retrospectiva nin “cauteriza na alma do creador” nin “cicatriza o sufrimento” do vivido. Ademais, resúltalle especialmente emotiva a peza que pecha o volume.


Sinala que o poemario Acusación (2009), de Xiana Arias Rego, se constrúe “por acumulación” e “por dispersión de materias preexistentes”. Concédelle especial atención ao feito da non identificación da voz poética como “parte da loucura do século” e dá conta dos sentimentos que están presentes na obra, como é o desconcerto ante a vida, a desorientación e a perda do perdón. Considera que tamén hai incursións de certa narratividade, no que perciebe un “cosmos rural ben coñecido” e, finalmente, toma nota do non-lugar entendido como o espazo para recuperar a perda a través da palabra.


Ao analizar a obra Sobre unha confidencia do mar grego (2009), de Andrés Sánchez Robayna, fai especial fincapé na combinación de versos e ilustracións de Antoni Tàpies, ademais de informar que a tradución ao galego, de Luciano Rodríguez, está feita con “sensibilidade e acerto”. Repara na linguaxe poética chea “dun sabor de ondas e de salgadas ardentías que nos cegan”, no que se proxecta, ao lado dos bosquexos pictóricos, un discurso “nutrido de sorpresas, de desexos”.

Salienta do poemario *Tratado de Zooloxía para corazóns mancados* (2009), de Raúl Gómez Pato, que o autor aplica certa categorización animalesca a “situacións e persoas que percorreron a súa vida”. Ademais, considera que a orixinalidade da obra está na identificación radical do *pathos* con diversas especies animais. Subliña algunhas composicións como “Tigre”, “Oso” ou “Ra”, e apunta que a técnica do poeta é a narrativa. Finalmente, di que é “extraño e variopinto” este tratamento dos “corazóns mancados”.


Despois de recordar que hai cincuenta anos que se publicou *Escola de menciñeiros*, de Álvaro Cunqueiro, destaca que o obxectivo da obra “literariamente” era difícil ao esixir unha linguaxe “axeitada” e unha capacidade “enorme” para combinar fantasía e realidade “cunha mestría subxugante”. Neste senso, opina que o resultado foi unha obra “sen comparanza” e considera, entre outras cousas, que medio século despois, este libro conserva toda a “vixencia e o poder evocativo” da realidade galega.


Destaca a obra de Antonio Domínguez Rey, *El otro medio siglo. Antología Incompleta de Poesía Iberoamericana* (2009), da que di que merece atención por ser a primeira escolma que reúne textos poéticos de autores das linguas da península ibérica, incluíndo tamén aos creadores nestes mesmos idiomas en América. Comenta que esta achega se debe agradecer tanto ao coordinador coma ao seu editor, M. Anxo Fernán Vello. Do volume salienta a “independencia de criterio e a visión alternativa” da historia da poesía galega. Entre outros aspectos, considera que a obra podería ter un prólogo redactado nunha lingua distinta ao castelán e di que non acaba de “coincidir” coa parte da escolma galega.


Comeza falando da obra poética en xeral de Miguel Anxo Fernán Vello, para logo deterse en *Entre agua e fogo. Cantos da terra posuída* (1987). Destaca a fusión que hai neste poemario das dúas poéticas “reitoras” de toda a súa obra: o corpo e a raizame na
Terra. Ademais de facer alusión ás cinco seccións nas que está dividido o poemario, considera que a mestría do poeta está “na arquitectura formal” e sinala que é necesario ler esta obra para entender o proxecto poético de Fernán Vello.


Destaca o labor da editorial Ouvirmos de achegar ao mercado os materiais sonoros e fotográficos xunto coa vida e obra dos autores. Alén de mencionar os froitos deste proxecto, informa da saída de Álvaro Cunqueiro. *Fotobiografía sonora* (2009), editado por Rexina Vega e César Morán. Recomenda o libro, ademais de aplaudir o traballo feito, resaltando os contidos do apartado sonoro e visual, ademais do puramente textual.


Opina que o labor de Emilio Xosé Ínsua como poeta non foi “suficientemente valorado” e recorda a(saída ao prelo do seu poemario *Devalar das esperas* en 1995, o primeiro dos dous únicos volumes que publicou o autor até o de agora. Entre outros aspectos, considera que o bloque que principia con “Coa luz que dá a ferida” ten os “máis logrados froitos” e sinala que os temas máis comúns son o pasar do tempo, a memoria e o amor á palabra. Ademais, faise eco de certas influencias da poesía de Celso Emilio, Pablo Neruda e Álvaro Cunqueiro. Para rematar, indica que o poemario pode ser un “eficaz bálsamo contra a ferida da cinza”.


Presenta *Delimvois* (2009), de Rubén Ruibal, peza teatral que xa fora estreada pola compañía Teatro A Oficina de Guimarães en Santiago. Salienta algunhas influencias da escrita de autores como Cortázár, William Hogarth, Juan Mayorga ou Ievgueni Ivánovich Zamiatin. Ademais destaca o “moito e bo” diálogo de *Delimvois*, no que subliña o tratamento crítico do pensamento único e a denuncia do sistema sociopolítico.


Apunta que hai libros que pasan por un “abalando a febra toda das entrañas” e que esa conmoción a tivo lendo *O incendio das palabras* (2009), de Román Raña. Do poemario salienta o verso “condensado”, que alterna con prosas poéticas, así como a melancolía sensorialista cara ao paraíso da infancia e a primeira mocidade.

Considera que a aposta reintegracionista de Carlos Quiroga lle negou “un reconecéemento” que ten “máis que ver coa súa complexa definición idiomático-sistémica” que cos valores da súa narrativa, pois afirma que non entende como o seu volume de relatos Periferias (1999) non gañase a debida atención. Fala da maneira na que están construídas as tres prosas, estruturadas cada unha delas en sete partes, e sublíña deles que a viaxe interior que opera nos protagonistas enmarcados nun determinado “lugar-patria-lingua”.


Comenta o poemario Dentro do labirinto (2009), de Branca Novoneyra, no que se debuxan “xeografías surreais e oníricas” que botan man da memoria do mundo perdido. Ademais, salienta a ollada “corporeizada” que dialoga coas ilustracións que Anxo Pastor deseñou para a obra. A continuación, enumera algúns elementos que se poden visualizar nos versos e que teñen relación, fundamentalmente, co corpo e co universo animal. Finalmente, di que agarda que estes poemas sexan o comezo dunha longa traxectoria literaria.


Considera que hai escritores “escénicos” e outros que padecen “alerxia ao circo socioliterario” e que se deben á súa obra como “única ara respetable”. Engade a Helena de Carlos neste segundo grupo e entende que é “escolla que rabea de coherencia interna”. Salienta as sensacións que lle produciu cando en 1996 apareceu o seu primeiro libro de versos, Alta casa, e opina que De Carlos ensinou o lector que as viaxes “adolescentes a Entrimo superan as máis arriscadas aventuras”. Para rematar, salienta algúns temas que presiden o poemario.


Analiza a obra A espiral no espello (2009), de Anxo Angueira, monografía froito da súa tese de doutoramento. Destaca o abondoso material bibliográfico de apoio para achegarse á significación sociopolítica e identitaria da narrativa de Xosé L. Méndez Ferrán. Reflexiona sobre algunhas interpretacións feitas por Angueira sobre a valía (inter)textual e a recepción que tivo a novela Bretaña, Esmeralda, no sistema literario galego.

Da poesía de Eva Veiga, a modo xeral, apunta que “desconcerta e encalma a un tempo” e, a continuación, céntrase no seu poemario de 1999 *Paisaxes do baleiro*, que entende como unha mostra de poesía (neo)existencial, onde a dor “é lacerante memoria” e hai espazos “para dicir Amor”. Salienta, sobre todo, aquelas composicións “de lentor cómico” da parte final do poemario.


Analiza a obra *O ollo pecho e outras historias desagradables* (1989), de J.A.M., siglas de José Antonio Martínez. Sinala que está composto por unha novela curta, dous relatos longos e outros dous curtos e dá detalle do argumento da novela *O ollo pecho*, do que destaca a súa escrita subversiva e orixinal. Subliña tamén algunhas trazos temáticos dos outros relatos, facendo especial mención ao que leva por título “Saída en espazo exterior”. Para pór o peche, considera este volume de escrita “baudelariana, dospassiana, ecléctica por definición e avanzado ao seu tempo”.


Comenta o poemario *As últimas ruínas* (1994), de Martín Veiga, de quen lembra que lle dera a “alternativa” o poeta Antón Avilés de Taramancos, publicándolle o cartafol *Tempo van de porcelana* (1990). Apunta que aqueles versos da década dos noventa de Veiga estaban mergullados na estética da decadencia, nos que se lamentaba, entre outras cousas, de “territorios en desaparición”. Sorpréndelle a madurez que amosan, así como a capacidade do creador para captar e recrear os “instantes fugaces que se perdieron”. Finalmente, destaca tamén a querencia polo diálogo con outras voces poéticas en lingua inglesa, como W. B. Yeats, Ezra Pound ou Sylvia Plath.


Destaca a faceta narradora de Xosé María Álvarez Cáccamo e opina que a súa achega máis destacada neste xénero é *A luz dos desnortados* (1996), que amosa a capacidade do escritor para recrear atmósfera e idear personaxes “que se moven nos lindeiros do posible”. Vai comentando as sete historias, apuntando a combinación de espazos reais e imaxinarios, así como o cotiá coa quebra da rutina.


Resúltalle sorprendente a pouca atención do público que recibiu *Hotel Damasco*, de Xavier Alcalá, cando se publicou en 1995. En todo caso, apunta que é un dos exemplos da literatura patagónica do autor, salientando a temática da emigración galega “con vigor epopeico” e “sutilidade e descarnado humor”. Subliña ademais que Alcalá formula a
historia da novela, ofrecendo unha mostra de escrita aventureira que transmite a “ilusión dunha sinxeleza que o lector sempre agradece”.


Lémbrase a traxectoria poética de Carlos Negro e céntrase na descripción do seu poemario *Far-west* (2001), que, segundo se di, é un dos máis logrados. Indícase que a súa estrutura responde a un poema proemio seguido de catro poemas longos en seccións nos que o autor ofrece unha reformulación do pasado e presente galego servíndose da mestura de referencias do mundo tecnoloxista e mecanizado actual, con outras relacionadas coa etnocultura máis tradicional. Destácase especialmente a intensa relectura desacomplexada e anticanónica do mito pondalián. Por último lémbrase que recupera o espírito de Rompente, Ronseltz e as Redes Escarlatas.


Primeiramente lémbrase a traxectoria narrativa de Alfonso Álvarez Cáccamo antes de publicar *Xente de mala morte* (Ed. Galaxia, 1993), co que gañou o Premio Álvaro Cunqueiro de Narrativa. Logo dese que este foi un libro non valorado o suficientemente pola súa valía e orixinalidade e indícase que o compoñen oito relatos nos que a presenza da morte actúa como elemento aglutinador, mais con derivacións temáticas diversas. Finalmente describese detalladamente o contido temático de cada un dos relatos.


Fálase sobre o contido do terceiro libro poético de Xabier Cordal, *Afasia* (Editorial Bahía, 1997), redactado durante a súa estancia en Mondoñedo como docente. Cualifícase como un poemario rupturista e subversivo, tecido a través dunha linguaxe moi críptica, no cal o gran tema é a reflexión sobre a imposibilidade comunicativa. Indícase que os poemas están inzados de referencias a enclaves literarios fortemente simbólicos (o mago de Oz, Rimbaud, Xenevra, a secret rose, o traxe novo do emperador, etc) e de subversión de mitos a través da ironía e do humor.


Lémbrase a obra de Santiago Jaureguizar, *Breve crónica universal da clase obreira*, publicada en 2001 e coa que obvitó o Premio Lueiro Rey. Laméntase o feito de que no momento da súa publicación non obtivese a atención merecida e dese que hoxe cobra de novo actualidade ao achegar “unha aceda e singular revisión á mecánica social proletario-capitalista occidental”. Describese brevemente o seu contido no cal se atopa unha lúcida visión dos excesos do liberalismo que se apoia tamén noutro dos méritos
que se destacan da obra: a súa consistente estrutura. Sinálase que se intercalan treitos puramente narrativos coa inserción de pequenos fragmentos xornalísticos.


Tras afirmar que a literatura galega é berce de brillantes escritores satíricos, recoméndase a lectura do poemario de Igor Lugris, *Mongólia* (2001), autoeditado no selo Artefacto Editora, cunha distribución moi limitada, feito que se supón lle restou atención do público. Contén, tal como se indica, unha aceda crítica sociopolítica en xeral, e sobre Galicia en concreto. Destácase como característica da obra a irreverencia, o seu talante combativo, a impecábel factura lúdica e a densa atmosfera mordaz, burlesca e retranqueira.


Lémbranse as múltiples facetas de Olegario Sotelo Blanco como editor e ensaísta con traballos sobre emigración. Logo céntrase no seu labor como narrador a partir da obra *Non houbo queixa e outros contos* (Edicións Sotelo Blanco, 2001). Dise que a complexa vivencia da emigración e o desgarro emocional que este feito provoca nos desterrados son o eixo ao redor do que xiran os cinco relatos que teñen como fío de unión a Illa de Cuba. Indícase que a pegada da reportaxe xornalística é visíbel ao longo de todos eles e destácase especialmente a intensidade narrativa do primeiro deles e a súa habilencia para recrear emocións coa máxima economía expresiva. Describese tamén brevemente o contido dos demais relatos.


937
Primeiro dáse conta de que se celebra o cincuenta cabodano de Xohán Casal e logo faise un repaso da súa biografía e da súa obra. Destácase sobre todo o seu achegamento como narrador á xeración de escritores denominados “Escola da Tebrá” e indícanse cales son os temas principais dos seus relatos, como o existencialismo kafkiano, e os principais trazos de estilo que caracterizan a súa escrita.


Faise unha lembranza da figura de Manuel Rodríguez López, co gallo do vinte cabodano do seu pasamento e dise que foi poeta, tradutor, ensaísta e colaborador de prensa como en El Ideal Gallego. Fálase primeiro das súas obras poéticas, nas que se evidencia como gran cultivador dos metros clásicos e refírese en concreto á publicación da súa Poesía Completa en Espiral Maior no ano 2009, con edición e prólogo de Darío Xohán Cabana. Dise que neste volume se recollan os seus catro libros de poesía e outros versos espallados por xornais e revistas.


Comeza falando da neve usada como imaxe e metáfora de textos literarios, para centrarse na caída en Kars, espazo de Neve (2009), novela de Orham Pamuk. Repara tamén en Ka, o protagonista, ao que chama “o estranxeiro”, apuntando que o mesmo nome “non deixa de evocar as personaxes kakfianas” e refírese, en xeral, aos conflitos da trama. Considera que a arte se converte nun tema central da obra, ao igual que noutras obras de Pamuk.


Presenta o libro O camiño do Cebreiro a Santiago e explica que recolle o camiñar dun grupo de intelectuais que en 2007 fixeron o camiño de Santiago desde o Cebreiro para rendírle tributo a aquelaoutra peregrinación que realizaran en 1992 outros persoíneiros como Carlos Casares e Bieito Ledo. Apunta os nomes das xentes que asinan textos no volume e sinala que vai acompañado da obra gráfica de Antón Pulido e as fotos de Rúa e García Albeos.


Destaca a faceta narrativa de Tucho Calvo, que vén de publicar Corazón entre desertos (2009) do que di que está rexido tanto polo “seu feliz acabamento como pola diversidade” nos asuntos tratados. Repara en que o lector transita por espazos “devastados” xeográfica ou humanamente e que son textos “moi suxestivos”. 

Comenta a novela *Circe ou o pracer do azul* (2009), de Begoña Caamaño. Resúltalle “magnífica” e dun “acerto que marabilla e engaiola desde o principio”. Sinala que hai tempo que non lia nada semellante e o gozo desta lectura compárrea con outras como *Amanita* (1984), de María Xosé Queizán. Ademais de sinalar que segue un dos camiños iniciados pola literatura feminista, dá conta do argumento da obra, na que se dá voz a Penélope para que relate a súa propia historia.


Apunta que o ensaio *Crónica do exilio galego. Venezuela* (2009), de Xurxo Martínez Crespo trata a emigración galega a Venezuela, sobre todo a partir dos anos cincuenta. Comenta que no “Pórtico” se evoca a presenza do escritor venezolano Rómulo Gallegos e a súa relación co galego Alberto Fernández Mezquita e que se pecha co último exiliado Suso Vaamonde. Salienta as fotografías que engaden emoción e as liñas temáticas: as relacións entre Venezuela e Galicia para manter viva a cultura galega, a través de programas de radio, publicacións como a revista *Galicia*, a evolución dende a creación de Lar Galego até a Irmandade Galega; e a vida de Pura Vázquez e Xosé Sesto, entre outros.


Faise eco da tradución da obra *Pan con xamón* (2009), de Charles Bukowski, que forma parte da colección “Narrativa K” da editorial Factoría K de Libros. Considera este libro válido para achegar a lectura á mocidade ou “aos bares” porque ten todo o que pode caracterizar á narrativa xuvenil. Con todo, apunta que este libro é tamén para adultos.


Comenta *Conversa* (2009), do cubano Roberto Fernández Retamar, que contén unha antoloxía de poemas de 1951 a 1996, traducidos por Xosé María Álvarez Cáccamo ao galego. Apunta algunhas das constantes vitais observábeis coa lectura dos versos, ao tempo que vai poñendo o título dalgunhas composicións.

Refiere que a Editorial Faktoría K vén de publicar a tradución da obra de Joseph Conrad, O corazón do negror (2009), na colección Narrativa K. Defende a tradución de obras da literatura universal ao galego e indica que neste caso a versión é de Eva Almazán. A seguir, comenta o contido desta novela de aventuras e de viaxe interior do protagonista, así como destaca a técnica da oralidade e a descripción da paisaxe do Congo.


Sinala que lle gustou “moito” a novela de Bernardo Atxaga Sete casas en Francia (2009), traducida ao galego por Ramón Nicolás a partir da tradución ao castelán. Salienta o ambiente de “labirinto rodeado de selva” no que acontece a historia da novela e destaca algúns personaxes como Chrysostome Liêge, o capitán Lalande Biran e o tenente Van Thiegel. Finalmente, apunta que o libro se pode ler como unha novela de aventuras, malia convidar tamén á reflexión.


Comenta o libro O anteollo de Ámbar (2009), de Philip Pullman, traducida ao galego por Fernando Moreiras, e di que estamos diante dunha obra “pensada para o público infantil”. Salienta do autor que domina “con mestría” o equilibrio entre a fantasía e o real. Informa que con este libro, Pullman chega ao remate dunha saga que comezara con A Aurora boreal e á que lle seguirá O coitelo sutil. Indica que o universo “é fascinante” ao evocar outros libros clásicos e outros tempos e considera que sobresaen os personaxes femininos como “seres intelixentes e cultos”.


Indícase cal é o contido e os cambios introducidos por Francisco Rico na nova edición da súa antoloxía Mil años de poesía española (2009), na que se inclúen desta vez tamén alguns autores nacidos despois de 1939 e outros pertencentes a outras linguas do Estado Español.


Coméntase a saída do prelo da última obra de Henrique Rabuñal, Teatro incompleto (2009), un volume formado por oito pezas breves, a maioría xa publicadas na revista Casahamlet. Sinálase que, con esta obra, o autor cumpre vintecinco anos na literatura.
galega e que, como noutros traballos anteriores, non elude o compromiso. Cualifícanse estas pezas como “ráfegas” para que o lectorado imaxine a súa propia representación porque se trata, sobre todo, de teatro para ler.


Analízase o primeiro poemario de Branca Novoneyra, *Dentro do labirinto* (2009) e destácase que se trata de poesía sentida e enfocada cara á danza, sobre o esforzo por sair das ruinas do pasado, ese labirinto que lle dá nome á obra. Faise mención expressa a algunha das composicións como “Bucle”, “Ao caer da tarde”, “Ollos baleiros”, “Cicatrices”, “A araña” e, sobre todo o último apartado “After dark”.


Coméntase o poemario *Acusación* (2009), de Xiana Arias, do que se destaca a súa aparente sinxeleza que produce sensación de naturalidade e que traslada a poesía aos sentidos. Asemade, faise mención aos finais abertos que deixan que o lectorado continúe cada unha das composicións.


Gábase o poemario de Dores Tembrás que leva por título *O pouso do fume*, publicado por Espiral Maior en 2009. Destácase sobre todo a súa capacidade de atrapar o lectorado e o engado da adxectivación empregada.


Tras variadas reflexións provocadas por situacións cotiás, recoméndase a lectura do último poemario de Román Raña, *O incendio das palabras* (Espiral Maior, 2009), Premio de Poesía Cidade de Ourense. Dise que se trata da recuperación dos espazos vitais da infancia e que se converte nun poemario que transmite moita serenidade. Por último, considérase que é un dos mellores poemarios de Raña.


Recoméndase a lectura do poemario de Alfredo Ferreiro, *Metal central*, publicado por Espiral Maior en 2009. Dise que, se ben nun primeiro momento non lle prestou a atención debida á obra, agora retómase a súa lectura e indícase que tematicamente se centra na experiencia dun obreiro nunha factoría siderúrxica levada á poesía.

Fálase do último poemario de Cesáreo Sánchez Iglesias, *O paraíso das sombras* (2009). Sinálase que, mediante o emprego da prosa poética e do simbolismo do tres, se trata de todo o que afecta ao ser humano. Coméntase que se descreben os tres estados que caracterizan a vida: a toma da conciencia individual na infancia, a volta á identidade tribal ou recuperación da memoria histórica e a diferenciación con respecto ao resto (construción do espazo mítico da Povanza). Destácase que o eu poético se ve obrigado a adoptar unha mirada retrospectiva e interactuar con personaxes do mundo mítico e cultural e con outros anónimos, representantes da bondade, o terror ou a esperanza, mesturando discursos épicos, intimistas e mesmo de denuncia das agresións históricas e ecolóxicas que Povanza, a súa terra natal, sufriu. Indícase que o poemario crea un universo propio onde o suxeito poético non sofre as feridas do tempo e no que a escrita tén efecto balsámico.


Detállanse os contidos do número catorce da *Revista de Lenguas y Literaturas Catalana, Gallega y Vasca* que edita a Universidade Nacional de Educación a distancia. No que se refire á literatura galega, menciónase o artigo de Xesús Alonso Montero sobre o dramaturgo catalán Ricard Salvat e o seu achegamento a Alfonso Daniel Rodríguez Castelao e as súas relacións con Isaac Díaz Pardo e Álvaro Cunqueiro.


Coméntase a saída do prelo da edición en galego de *Invisible* (2009), novela policiaca de Paul Auster. Dáse conta brevemente do argumento, que se cualifica de maniqueísta e “tópico aborrecible”, pero que se salva polo punto de vista que adopta o narrador. Indícase que os catro capítulos se narran a través de outras tantas focalizacións e voces narrativas. Destácase que este artificio literario crea un “brillante ejercicio de estilo” que somerxe ao lectorado na metaliteratura. Compárase, pola riqueza textual, con outra obra do mesmo autor, *Ciudad de Cristal*. Lóase que, a pesar de ser unha peza experimental, non cae no absurdo ou no surrealista e menciónase que recibe influencias de Dante, en referencia a un dos personaxes do inferno dantesco na similitud del nome dun dos componentes do trío protagonista, e Miguel de Cervantes, en relación co tópico do manuscrito atopado, metaficción na que os personaxes saben o que se di deles e refutan esas teses. Sinálase como tema principal a invisibilidade como baleiro intanxíbel e inexistencia e, como subtemas, a depresión, a soidade ou a melancolía. Finalmente, apúntase que o mellor da novela é o retrato de sensacións e emocións a través do protagonista principal, un adolescente que esperta á vida.

Analízase a antoloxía “clarificadora” *El otro medio siglo. Antología incompleta de poesía iberoamericana* (2009), coordinada por Antonio Domínguez Rey. Destácase o rigor dos responsábeis da obra, o espazo abranguído, a calidade dos textos e o coidado da edición, ademais da gran cantidánde poemas en cada língua. Sinálase que este conxunto de composicións aparece precedido por unha introdución que explica as realidades históricas e literarias, tanto da Península Ibérica coma dos distintos países americanos representados. Finalmente, lóase a selección de poetas galegos, da que se di que “está á altura dos demais”.


Co gallo do pasamento de Anxo Rei Ballesteros, realizase un percorrido pola súa produción literaria máis relevante, comezando pola súa primeira novela, *Dos anxos e dos mortos*, da que se destaca a atmosfera transgresora. Coméntase que o ensaio *Tempo de venganza* conseguiu o premio Ramón Piñeiro no 2003 e que, logo de varios anos sen publicar, saíu do prelo *Loaira*, novela da que se sina que non acadou os obxectivos previstos. Citase outras como *A outra memoria, A sombra dos teus ollos, Non sei cando nos veremos ou a póstuma A noite do moucho*. Desta última destácase o argumento tópico de recreación das dúbidas e as frases inacabadas da linguaxe oral e a atmosfera transgresora na que se presentan uns personaxes inadaptados e inconformistas. Para finalizar, fáise mención da homenaxe rendida a este autor por diversos persoeiros na revista Grial.


Coméntase a saída do prelo de *Bos tempos para a lírica. A xeración de 1980* (2009), de Xavier Rodríguez Baixeras. Dexe que lle ofrece ao lectorado unha panorámica desta xeración de poetas ecoléctica e formalista, que volta á tradición clásica, pero que tamén recibe a influencia de autores doutras poéticas europeas e de fóra do continente como Kavafis, Jorge Luis Borges, Fernando Pessoa, Eliot e Pablo Neruda “sen por iso esquecer os nosos grandes mestres, entre eles Celso Emilio Ferreiro”. Fáise mención da preocupación destes escritores polo coidado da palabra, o gusto polos rexistros da naturalidade conversacional, da tradición popular ou do pasado mítico. Destácase que Baixeras se cuestiona que exista tal xeración como grupo compacto, dado que as súas propostas son moi variadas, interactuando entre si e con poetas máis novos. Sinálase que se discute tamén a cualificación de xeración neorromántica e culturalista, aínda que esta última podería ser aceptábel se con ela se quere dicir que este grupo de poetas se comprometeu coa renovación da língua e da cultura galegas.

Faise un breve repaso pola traxectoria de *Ronsel* con motivo da presentación dun volume que recolle a reedición dos seis números desta publicación, a cargo de Luís Alonso Girgado, Elida Abal e Alexandra Cillero. Indícase que conta co apoio do concello de Lugo e a colaboración da Xunta de Galicia e do Centro Ramón Piñeiro. Sinálase que foi creada por Evaristo Correa-Calderón e Álvaro Cebreiro nun contexto de auxes das vanguardas e que tiña vocación de universalidade mediante a colaboracións de autores principalmente franceses, portugueses, cataláns e alemáns, a través de textos na súa língua orixinal ou traducidos ao galego. Destácase tamén o acerto na inclusión de textos de actores actuais, que axudan a situar mellor a revista e a época. Finalmente lémbrese a importancia desta revista, da que saíron persoas tan relevantes como o poeta Luís Pimentel.


Destácase a calidade da obra de Diego Pardo Amado, *Rosalía de Castro. A luz da ousadia*, publicado por Edicións Laióvento en 2009, no que se parte da consideración de Rosalía como unha revolucionaria dende a dobre dimensión de muller e de galega. Analízanse nesta obra, tal como se indica, as condicións e capacidades da muller ao longo do século XIX, e pon de evidencia os mecanismos sexistas para o seu control, tanto físico coma mental por parte do home e da moral imperante. Dise que este traballo parte do contexto xurídico na Galicia do século XIX, marcado polas directrices da Igrexa Católica e céntrase en aspectos como a consideración desigual do adulterio feminino, o ostracismo, a crianza dos fillos e o debate vixente ao longo do século sobre a necesidade da emancipación feminina.


Analízase a peza dramática *Doutor, por favor, máteme con xeito, ou 36 días na vida de Manuel Ruiz* (2009), de Xosé Teixeiro. Sinálase que ten unha dimensión esencialmente expositiva, dado que se van sucedendo os cadros da peripécia do protagonista, Manuel, dende que é abandoado polos seus fillos na rúa até o momento climático no que fallece logo de ser sometido, por vontade propia, a un proceso de eutanasia. Destácase que se trata dun conflito dramatizado que persegue, ademais da posta en escena, unha valoración crítica por parte do lector-espectador.


Co gallo da saída do prelo de *Teatro occidental: Unha historia desde a escenografía* (2009), a cargo de Anne Surgers e traducida ao galego por Inmaculada López Silva, coméntase esta monografía que analiza as postas en escena dende Grecia até os inicios do século XX. Dáse conta de que se lle dedica un especial interese ao teatro medieval.
Faise mención da concepción da autora sobre a scenografía, sinalando que esta leva implícita unha historia das ideas e do ser humano e a súas circunstancias.


Analízase O teatro en Jenaro Marínhas del Valle (2009), un estudo do labor deste dramaturgo a cargo de Henrique Rabuñal. Coméntase que o volume inclúe unha entrevista a Jenaro Marínhas del Valle na que se realiza un longo percorrido pola súa vida, incidindo nas súas lembranzas dos tempos das Irmandades da Fala na Coruña e das súas veladas teatrais. Faise referencia a que esta monografía recolle tamén o discurso do autor teatral na súa entrada á Real Academia Galega (1978), “Importancia do público na revelación teatral”, unha reflexión sobre a importancia do teatro no desenvolvemento das persoas e dos pobos. Menciónase a inclusión doutros textos de Marínhas del Valle como notas, preámbulos, prólogos e comentarios sobre obras propias, que constituirían unha sorte de poética fragmentaria que serve de guía na lectura dunha obra que se cualifica de “ampla, rica e moi diversa” e da que se di que cobra actualidade hoxe en día. Coméntase a introdución a cargo de Henrique Rabuñal, dividida en varias partes e das que se destacan a cronoloxía da escrita dramática do autor e aquela que ofrece unha breve aproximación á súa poética e á recepción das súas pezas. Alúndese á bibliografía coa que se pecha o conxunto e da que se salienta a sección dedicada aos ensaios e artigos de Marínhas del Valle. Para rematar, recoméndase a lectura deste volume como complemento da Obra dramática completa (2006) deste autor.


Primeiramente fai unha reflexión sobre a xeración literaria na que se encadra Henrique Rabuñal e o tipo de teatro que esta achega, se ben, tamén se achegaron a outros xéneros como a narrativa ou a poesía de xeito ocasional. Preséntase logo a súa obra Teatro incompleto (Edicións Laiovento, 2009), na que se recollen oito pezas que nalgúns casos xa foran publicadas en revistas como Casahamlet, as cales habería que situar dentro do eido da dramática breve coas súas propias normas, tal coma acontece co relato. Fanse pequenos apuntamentos sobre a súa temática e dise que a súa brevidade obriga moitas veces a unha boa escolha da anécdota.


Comézase falando sobre a importancia e presenza da alegoría como unha figura de pensamento que agacha contidos latentes dentro das máis diversas manifestacións literarias. Póñense moitos exemplos de obras da literatura universal na que isto sucede e céntrase finalmente na peza dramática de Rubén Ruibal Onde andas , Karl? (Embora, 2009). Indícase que a alegoría é precisamente a figura que dá pulo a esta obra na que se atopan personaxes históricos moi coñecidos como George Elliot ou Thomas Sayers.
Logo describese brevemente o contido da obra e dise que se fai evidente que nela se dá unha estratexia de colaboración entre lector e autor.


Analízase a obra teatral de Manuel Lourenzo, *Medea dos fuxidos e outras pezas*, editada por Biblos no 2009. Fálase do pasado mítico dos pobos e dos personaxes heroicos das epopeas clásicas grecolatinas que serven de inspiración ao longo da historia e sinálase que este autor xa experimentara esa temática e personaxes nas súas primeiras pezas. Danse algúns trazos respecto ao contido da obra na que se inclúe a peza *Medea dos fuxidos* e outros textos que mostran a diversidade que caracteriza a obra de Lourenzo.


Saliéntase a saída do prelo da tradución de *Invisible* (2009), a última novela de Paul Auster, da que se valora a mestura dos elementos habituais na súa escrita (personaxes seductoras, tríángulos amorosos e tramas metaliterarias) e se crítica o final “só comprensible en clave metafórica”. Coméntase a publicación da tradución da novela *A rolda nocturna* (2009), de Sarah Waters, da que se loan os personaxes engaiolantes, os ambientes e a intriga, aínda que se observa que a trama non se materializa con coherencia e que, en ocasións, se traduce nun certo estancamento e desarticulación “dunha excelente historia”. Menciónase a última obra narrativa de Xosé Vázquez Pintor, *Máis vidas* (2009) e *Xente de orde. O consentimento cara ao franquismo en Galicia* (2009), de Ana Cabana, ambas as dúas sobre a memoria individual e colectiva. Faise referencia a *Uxío Novoneyra* (2009), de Carmen Blanco, e recomendáse a lectura d’*A rocha imantada* (2009), unha recollección de aforismos de Xavier Seoane.

**Xestoso, Manuel, “Contra a novela e contra a Historia”, A Nosa Terra, n.º 1.389, “Cultura”, “Crítica”, 14-20 xaneiro 2010, pp. 32-34.**

Coméntase a novela *Os once* (2009), de Pierre Michon que tén como punto de partida un cadro de François-Ellie Corentin que retrata os once membros do Comité de Saúde Pública, responsábeis da instauración do Terror na Francia do século XIX. Dise que se trata dunha biografía do pintor a través da cal se aborda o tema do encontro entre arte e política. Sinálase que na primeira parte se aborda a chegada ao poder dos “once” dende uns comezos nos que a literatura era depositaria das súas esperanzas de mellorar a sociedade, e de como a escrita é unha metáfora do desexo, tan importante coma a política na loita de clases. Da segunda parte, destácase que o autor se demora na descrición da escena en que se lle encarga a pintura a François-Ellie Corentin. Xúlgase a aceptación da petición como oportunidade para demostrar que a Arte amosa o que requieren os que pagan, pero tamén pode exhibir feitos máis alá da súa vontade. Lóase o proxecto de Pierre Michon por transformar os presupostos da novela política ao manter “unha vocación de grand style” que provoca que o lectorado permañexe atento ao tema principal dun relato que mestura ensaio cultural, crónica e comentario. Valórase o
intentou abordar o político dende a literatura, unindo o histórico, o simbólico e o humano.


Logo de facer un breve repaso pola bibliografía de Karel Capek, da que se destaca que ofrece unha crítica da sociedade da época e retrata a apatía fronte á ameaza dos totalitarismos; dáse conta da saída do prelo d’*O ano do xardineiro* (2009), da que se apunta que non é representativa da escrita do autor. Coméntase que se trata dun manual de xardinaría cheo de humor e amor pola natureza, que se converte nunha representación da comedia do ser humano na súa relación co mundo. Critícanse os capítulos enteiros dedicados a enumerar especies exóticas, as reiteracións na descricións dos procesos naturais, a repetición da mesma chanza e a inxenuidade sentimental.


Analízase a última novela de Xosé Cid Cabido, *Unha historia que non vou contar* (2009), que ofrece un retrato da sociedade galega do franquismo. Ao mesmo tempo convídate ao lectorado a reconsiderar a súa concepción do xénero no velístico ao lanzar-lle a idea da imposibilidade de contar nada. Coméntase que, para abordar as contradicións entre o que se di e o que se fai, o autor explora a oralidade e os rexistros coloquiais. A este respecto, reproducíense unhas verbas de Xosé Cid Cabido nas que se reflexiona sobre o seu gusto por unha lingua literaria sen artificios. Destácase a importancia da polifonía que permite que o lectorado coñexe diversas perspectivas sobre o suceso, a investigación dun asasinato. Sinállase que, empregando técnicas próximas ás da *nonfiction novel* de Truman Capote, se amosa a natureza ambigua da palabra e o cruzamento das alocucions cos sistemas ideolóxicos. Menciónase a presenza do humor nesta novela, como no resto da produción do autor e remátase cunha reflexión de Xosé Cid Cabido sobre a situación da lingua galega.


Coméntase a novela *Pan con xamón* (2009), de Charles Bukowski na que se narra a infancia e primeira xuventude de Henry Chinaski, *alter ego* do autor. Destácase a capacidade de observación do protagonista, “desterrado de si mesmo e dos demais”, que lle permite describir con exactitude o modo de vida do resto dos personaxes. Sinállase que se realiza un rigoroso retrato do capitalismo en crise por medio dun estilo directo e conciso. Lóase o gusto na elección da anécdota e no manexo das elipses. Indícase que se pon de manifiesto o retrato dunha vida dura, sórdida e vulgar, pero tamén cómica e ridícula, que foxe da autocompasión “para atopar poesía e grandeza tráxica no destino mediocre de personaxes ínfimos”.

947

Analízase A rolda nocturna (2009), novela de Sarah Waters ambientada no Londres da posguerra e da II Guerra Mundial. Sinálase que a elección cronolóxica non cumpre a súa función e só enmascara as dificultades para facer avanzar a acción e que a trama se fundamenta na revelación de sorpresas que non están ao servizo da acción senón que funcionan como golpes de efecto. Critícase a acumulación, na primeira parte da obra, de episodios repetitivos que neutralizan a tensión narrativa e a insistencia en destacar certas características dos personaxes, o que provoca vacilacións e reiteracións e o conseguinte estancamento da acción. Lóase o acerto na segunda parte na descrición do Londres asediado polos bombardeos alemáns e das experiencias profundamente emocionais que teñen lugar neste clima. Destácase, finalmente, que a conclusión amosa de novo a febleza estrutural polo extenso coñecemento que xa posúe o lectorado dos personaxes, o que dilúe o impacto que debería producir.


Coméntase a obra de Jules Renard, Diario (1887-1910), Antoloxía, traducida por Xesús González Gómez e publicada en Laiovento no 2009. Dise que se trata dun diario comezado por dous irmáns, Jules e Edmond, no cal se produce unha particular combinación de biografía e historia a partir da exposición de anécdotas parisienses, retratos, mínimas historias cotiás ou a reproducción de pequenos diálogos. Considérase que a mestura de observacións do mundo exterior e da vida interior proporcionan unha extraordinaria crónica do ambiente e da creación literaria da época. Coméntanse tamén as diversas reflexións que a visión da arte e da literatura do seu tempo provocaban nos autores e engádese que o sarcasmo e o pesimismo forman parte do seu estilo.
**V.7. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: ARTIGOS DE OPINIÓN E COLABORACIÓNS FIXAS**


Tras inserir unha breve composición poética de Xoán Abeleira, “Dixo a Anta…”, achéganse algúns datos sobre a Lagoa de Antela e a deidade de Bandua.


Comeza a columna a partir dun comentario que un lector deixou na web do columnista e que dicía “que as casas xa derrubadas das Atochas eran un pudridero”. Tras o comentario, fai un percorrido polas persoas que viviron nesas casas enfatizando o seu labor antes e durante a guerra civil. Destaca o labor de “os militantes do Sindicato de Panaderos *La Nueva Unión*” e a súa axuda aos folguistas da construcción; destaca o papel de Basilia Álvarez González, “A Corales”, anarquista que axudou a agochar libertarios; ou, a reorganización da FAI na Coruña. Finalmente, comenta que Eliseo Fernández e Dionisio Pereira levan moitos anos publicando libros sobre ditos persoeiros.


Fálase da exposición “Castelao: a derradeira lección do mestre” que se atopa no Museo Provincial de Lugo e no que se amosan, entre outras cousas, debuxos, gravados, óleos, libros e manuscritos, de Daniel Rodríguez Castelao. Indícase que os comisarios da exposición son María Pilar García Negro e Felipe Senén. Cítanse *Os vellos non deben namorarase* e o prólogo manuscrito da obra poética de Xerardo Álvarez Limeses. Coméntase a semellanza entre Castelao e Alexandre Bóveda.


Comeza lembrando a importancia de Rosalía de Castro na cultura galega por ser quen de escribir nun momento da historia no que non era fácil escribir sendo muller e ademais en galego. A seguir fai referencia á existencia de prexuízos e estereotipos sobre a identidade galega e engade a adecuación das obras de Rosalía ao espazo e tempo actuais pois dí que “as súas obras están nese espazo das palabras sen tempo”. Continúa falando da conexión existente entre as verbas de Rosalía e a situación social actual nas que as diferenzas salariais que viven as mulleres, ou a discriminación e opresión das culturas, está a orde do día. Fai referencia tamén, á situación económica actual e ao problema da lingua no goberno de Feijoo. Finaliza, facendo alusión a unha conversa cunha amiga que dcía que de forma cíclica, co xurdimento dunha crise comezan os
debates sobre o Punto G, e aludía que dito fenómeno era unha “estratexia patriarcal” para controlar a sexualidade feminina.


Fálase da admiração de Carmen Adán, Deputada do BNG no Parlamento, pola poeta Rosalía de Castro. Afirmase que son poucos os sistemas literarios do mundo que posúen a “fortuna de que unha muller sexa a súa figura central”.


Fai referencia ao artigo publicado no ano 1982 pola profesora Nieves Herrero, no número dous da revista Ágora: Papeles de Filosofía, e que leva por título “Ramón Otero Pedrayo e Henri Bergson: Notas para unha filosofía galega”, e destaca que a diferenza doutros estudiosos a autora do artigo defende a existencia “dunha filosofía galega”. Subliña que a intención da autora coa escrita do artigo era “contribuír ó estudo e reconstrución do pensamento filosófico galego, achegando, neste caso, as ideas dun intelectual tan sobranceiro e significativo para a nosa cultura como é Otero Pedrayo”. Por outra banda, comenta que autora atopou elementos que permiten vincular o pensamento de Otero Pedrayo con Bergson e subliña que ambos os dous coincidían no rexeitamento do cientifismo propio do século XIX. Finaliza facendo alusión á chamada da profesora Nieves Herrero quen opina que a filosofía académica debe incluír as achegas de intelectuais como Otero Pedrayo.


Refírese a relación entre Antón Baamonde e Marcelino Agis, así como do momento no que se coñeceron, isto é, durante as “II Xornadas sobre Filosofía e Literatura: Lingua, creación e pensamento”. Indícase que Baamonde participara no ciclo coa conferencia “Abrindo Mundos”, que posteriormente incluiría na obra A rosa sen porqué. Citanse outras obras súas como o Dicionario Enciclopédico do Pensamento Galego, O marxismo e as linguaxes, A favor da esperanza ou a obra colectiva Catro ensaios sobre a esquerda nacionalista.


Comenta o proceso creativo das súas colaboracións fixas sobre pensadores galegos como esta de Xosé Chao Rego, desde o inicio das pescudas na Biblioteca da Universidade de Santiago até que comeza a escribir o artigo semanal. Remata cun breve apuntamento sobre o escritor Chao Rego, “o home que nunca estivo no sitio correcto”,

950
en verbas de Daniel López Muñoz recollidas no limiar de Conversas con Xosé Chao Rego (2002).


Fálase dos espazos que lle dedicaron dende o programa televisivo “Saber e Ganar” á figura de Rosalía de Castro. Explicase que se amosou a casa-museo da escritora e se fixo un repaso pola súa biografía.


Refirese á publicación de Poesía última de amor e enfermidade (1995), de Lois Pereiro. Explicase que Fran Alonso quería estrear con esa obra a colección de poesía “Ablativo Absoluto” de Edicións Xerais de Galicia e que, malia que estivo a piques de consegui-lo, finalmente recomendou a Pereiro publicala con quen fora o editor do seu anterior poemario. Coméntase que foi esta recomendación a que fixo que Pereiro finalmente publicase o volume en Positivas, algo do que, finalmente, Alonso se alegrou pois a saída de “Ablativo Absoluto” retrasouse até tempo despois, incluso, da morte de Pereiro. Cítase a Manuel Antonio.


Co gallo dos centenarios que se celebrarán ao longo do ano, o articulista fai referencia a Alberto Vilanova Rodríguez de quen destaca a súa amizade con Luís Seoane, e sinala o republicanismo e a fidelidade “aos irmáns do 36”, aos que ambos estaban vinculados. A seguir, fai un breve percorrido pola traxectoria vital de Alberto Vilanova e destaca aspectos como que se converteu nun dos representantes máis importantes do segundo exilio galego, ou a realización da súa biografía sobre Manuel Curros Enríquez. Comenta como coñeceu a Alberto Vilanova no ano 1969 na casa de Luís Seoane e relata como días despois foi el mesmo quen o presentou como conferenciante no Centro Ourensán en Bos Aires. Finaliza destacando a súa obra titulada Los gallegos en la Argentina.

Fai referencia á publicación do libro *Camilo Agrasar e o entusiasmo apaixonado por Rosalía* (2009), que versa sobre a vida e personalidade do barbeiro de Castelao. A seguir, destaca que esta publicación foi publicada polo Padroado do Pedrón de Ouro e que foi coordinada por Xosé Ramón Fandiño. Comenta que o volume incorpora artigos de Borobó, Carlos García Bayón, e Avelino Abuín Tembra, e incluso incorpora artigos de persoas que, aínda sen coñecerlo, senten admiración por el como é o caso de Helena Villar. Di tamén que todos eles recoñecen o importante labor desenvolvido polo barbeiro que dedicou os seus esforzos a adquirir, restaurar e promocionar a casa de Rosalía de Castro.


no corazón (1977) preparada por Xesús Alonso Montero e prologada por Isaac Alonso Estravís.


Reflexiónase sobre o termo nación e recupérase a definición formulada por Daniel Rodríguez Castelao en *Sempre en Galiza* (1944) e que bebeu d’*A cuestión nacional e o marxismo* de Stalin. Coméntase que Castelao leu a definición por primeira vez en catalán na revista valenciana *Nueva Cultura* e que posteriormente a traduciría ao galego nun artigo publicado na revista *Nueva Galicia*.


Refírese a Bernardino Graña Refojos con motivo do seu centenario, así como ao seu fillo Bernardino Graña Villar, quen leu o discurso de ingreso na Real Academia Galega. Expícase que Graña Refojos fora o seu profesor de Letras. Citanse obras súas como *Por el camino de la carne*, que enviou ao Premio Nadal no ano que saiu premiado *Viento del norte* (1948), de Elena Quiroga. Citase a Ramón Otero Pedrayo, Virxilio, Dante, Cervantes, Manzoni, Dostoievski, Valera e Pereda, e obras como *Eneida* ou a *Divina comedia*.


a Francisco Fernández del Riego e a súa Escolma de poesía galega. Os contemporáneos.


Fálase da obra denuncia de Luís Seoane titulada La Galice sous la botte de Franco. Indícase que nas dúas edicións en castelán o libro denominouse Lo que han hecho en Galicia (Episodios de terror blanco en las provincias gallegas por quienes los han vivido). Citanse outras obras como Trece estapas de la traición, Homenaje de escritores y artistas a García Lorca.


Fálase de Xoán Manuel Pintos Villar, traductor de Carme patrium (Canto á miña terra), escrito por Hermenegildo Ameodo Carballo. Coméntase que a autoria do libro A gaita galega, que foi publicado dez anos antes que os Cantares gallegos, de Rosalía de Castro, é o “Gaiteiro” que aparece citado na cuberta do volume, segundo explica Victoria Álvarez Ruiz de Ojeda. Apúntase que o “travestimento de Pintos ten precedentes noutras áreas”. Citase Lo gayter de Llobregat (1841), de Joaquim Rubió i Ors.


De Luís Cernuda di que o seu poemario Las nubes é o “máis fermoso sobre a Guerra Civil española”. Aproveita o 70º aniversario desta obra para homenaxear o autor e destacar unha carta do andaluz a Eduardo Blanco-Amor, con motivo da pedida do ourensán dunha serie de datos biobibliográficos a Cernuda. Para rematar, indica que esta carta non foi recolleita no Epistolario (2003) e informa que se encontra nos arquivos da Deputación Provincial de Ourense.


Comenta que existe en Vigo “unha das mellores bibliotecas galegas do mundo” e como considera que hai “investigadores novos” que “ignoran porque se denominou así” pasa a explicar quen é a persoa que leva o nome da biblioteca: Fermín Penzol. Informa da homenaxe que se lle vai render baixo o lema “persoa tan xenerosa como nobre”. Remata, finalmente, por contar que coñezou en Madrid a Penzol en 1952 e que se beneficiou da bibliofilia deste home “moito antes” de que legara o seu fondo en 1963.

Refírese ao poemario de Luís Pimentel *Barco sin luces* como “un dos grandes libros de poesía en castelán escritos por un galego”. Engade que Vicente Loriente Cancio (Castropol, 1900-1979) foi un home moi vencellado a este poemario. Sinálase que esta persoa foi homenaxeada nun artigo de *La Comarca del Eo* polo profesor Francisco Díaz-Fierros Viqueira, onde se recolle que Loriente foi quen lle enviou a Dámaso Alonso o libro de Pimentel. Para rematar, opina que non é xusto que sexa “unha personalidade moi pouco coñecida incluso entre os bibliófilos” e informa que de mozo, foi un dos que asinou o *Manifesto de Castropol. Por nuestra cultura*, no que se proclamaba a base de creación dunha biblioteca popular.


A partir dunha cita de Erasmo de Rotterdam (“Hispania non placet”), interpretada como expresión do temor dos intelectuais europeos ao escurantismo da España da época, fai-se referencia a *Europa ante sí misma*, obra de Juan Carlos Cruceiro-Bueno que analiza a Europa das luces, ao tempo que se cita a Gonzalo Anaya ou Herminio Barreiro como galegos “sempre devotos da Europa das luces”.


Refírese ás conversas de paz entre israelíes e palestinos moderadas por EEUU e citase a obra *Fin de século en Palestina* (Galaxia, 2008) de Miguel Anxo Murado.

Co motivo do pasamento de Fernando Pérez Barreiro, coméntase as achegas máis representativas realizadas polo mesmo destacando o seu labor como tradutor do chinés e do inglés ao galego, ou mesmo coma docente de tradución en universidades como Westminster, Beijing, Granda ou Lisboa. Subliña a súa idea de revalorizar “a idea dunha Galicia diaspórica”. Finaliza o artigo dicindo que “ser poliglota en doce idiomas non lle impediu manter o galego como a fonte orixinaria na que reverdecer a súa inmensa capacidade para producir e comunicar coñecemento”.


Fala do nomeamento de Xosé Luís Méndez Ferrín como presidente da Real Academia Galega que sorprendeu a algúns, e lembra que durante a presidencia de Domingo García-Sabadell, o actual presidente formaba parte do grupo de persoas que se pecharon na Academia para protestar porque o presidente daquel entón compartía o cargo co de Delegado do Goberno de España en Galicia. Comenta que Méndez Ferrín aposta pola continuidade seguindo os camiños trazados por Francisco Fernández del Riego e Xosé Ramón Barreiro.


Fállase de Lois Pereiro como “ un poeta maldito” antoloxizado pola editorial Positivas. Celébrase a decisión da Academia por levalo ao santoral das Letras. Citase a Kafka e a Manolo Rivas.


Reffirese ás lamentacións de Xosé Hermida Castro e de Ramón Rey Baltar polo traslado dos restos de Rosalía de Castro ao cemiterio de Bonaval de Compostela. Indícase que Rey Baltar lle dedicou o poema “A gaita a falare” (1936). Refirese a Rosalía de Castro e Lois Pereiro como “grandes escritores”.

Comenta que os Amigos e Amigas da Fundación Manuel María de Estudos Galegos reunironse no Museo do Pobo Galego co obxectivo de adquirir a casa natal de Manuel María e convertela nunha casa museo. Comenta a relevancia de Manuel María no panorama literario galego destacando as súas achegas na poesía, na narrativa, no teatro e mesmo no ensaio. Di que puxo todo o seu labor ao servizo da “defensa da cultura e o idioma do País, a defensa de Galiza no seu conxunto”. Por outra banda, comenta que, dada a relevancia da figura de Manuel María, a Fundación Manuel María de Estudos Galegos, tratan de levar a cabo dous obxectivos: a sistematización de toda a súa obra literaria, a través de seis coleccións e a presentación da súa obra inédita Cecais hai unha luz; e o proxecto de musealización da casa do autor.


Co motivo do pasamento de Maruxa Orjales, comenta que a poeta era unha muller “loitadora”, “bulidora”, e “argalleira”. Di tamén, que “enfiaba versos de amor e de relixión como quen ensarilla cereixas”. Finaliza destacando a “empatía” e o “don de conectar” que tiña ao recitar en público.


Comeza lembrando as lecturas da súa infancia e destaca o papel de Enid Blyton no conxunto destas. Critica a figura que se proyecta dela nalguna biografía, converténdoa nunha antítese dos heroes dos seus libros e recoñece que prefire pensar nela coma a escritora dos libros da súa nenez. Fala tamén de cómo nalguna biografía Miguel Hernández é convertido nunha “victima” de Maruja Mallo e destaca as verbas desta cando fala de Hernández dicindo que “cuando llegó a Madrid vivía en un puente”. Finalmente, comenta que Antonio Molina actuou de padriño nunha nova librería, da franquicia galega, Ler.


Tras comentar os motivos polos que a Xunta de Galicia non nomea a “Ferrol Vello” como ben de interese cultural, sigue a falar do feito de que a RAG non lle queira dedicar o Día das Letras Galegas a Ricardo Carvalho Calero. Comenta que non se coñecen os argumentos de dita cuestión, e asume que pode ser por “seitarismo”.


Comenta que asistiu a escenificación do libro Os libros arden mal (2006), de Manuel Rivas, e fala de Valladolid como unha cidade chea de cultura e iniciativas culturais.

Dí que está a escoitar un cedé titulado Ilusiones compartidas, no que se recolle na voz de Caruso, Antonio Ruibal, temas como “Lonxe da terriña” ou “Romanza de Nadir”, de *Los pescadores de perlas*.


Comenta a súa experiencia nun recital no barrio madrileño de Lavapiés, xunto a Miguel Barrera, Ana Cibeira, Xurxo Fernández Martins, Xavier Frías, Luís Luna, Manuel Pereira, Begoña Regueiro, Rafael Yáñez, integrantes todos eles do grupo Bilbao. Recóllese que no acto se presentou o libro colectivo do grupo *Mares nos pousos de café*.


Realízase unha louvanza de Xavier Rodríguez Vergara como gran poeta cedeirense, a quen se lle deben *Cinco primaveras dos Xogos Florais de Cedeira* (2003).


Recóllese un verso que Rosalía de Castro lle dedicou a San Antonio d e Padúa. Indícase que a escritora “non foi moi afortunada en vida” ao igual que lle aconteceu a Pessoa.


Fálase da revista *Galegos* dirixida por Alejandro Diéguez. Indícase que Vicente Araguas publicou nela un artigo sobre Don Ricardo Carvalho Calero no que reivindica o Día das Letras Galegas para o primeiro catedrático de Llingua e Literatura galega da universidade.


Fálase de que a Real Academia Galega “teima en ningunear” á figura de Ricardo Carvalho Calero. Indícase que en Ferrol se segue sen berrar contra a evidente inxustiza e apúntase a necesidade de transformación da Rúa San Francisco onde nacera o escritor.

Refírese á satisfacción de Inma López Silva pola elección de Lois Pereiro como homenaxead no próximo Día das Letras Galegas e engádese a petición da mesma López para que pronto o homenaxead sexa Carlos Casares. Indícase que, segundo Vicente Araguas, Carvalho Calero é “sistemáticamente rexeitado” pola Real Academia Galega.


Apúntase que unha das posíbeis razóns para non homenaxear a Ricardo Carvalho Calero no Día das Letras Galegas debe ser o lusismo e afán reintegracionista deste. Reivindicase a figura deste intelectual ferrolán como sistematizador da lingua e literatura galegas e primeiro catedrático de Lingüística e Literatura Galegas da Universidade de Santiago.


Anúnciase a publicación do volume colectivo Marés nos pousos do café. Mostra de poetas de expresión galega en Madrid, no que participa o propio Vicente Araguas, quen opina que os autores que escriben en galego fóra de Galicia fican esquecidos. Araguas comenta tamén os trazos máis característicos das poéticas dos outros oitos escritores que participan nesta antoloxía: Miguel Barrera, Ana Cibeira, Xurxo Fernández Martins, Xavier Frías, Luís Luna, Manuel Pereira, Begoña Regueiro e Rafael Yáñez.


Fálase do “variopinto” panorama actual da poesía galega no que conviven diferentes tendencias como a irracionalista, a erótica ou a política. Citase a Basilio Losada.


Fálase da crise do sector do libro e indícase que unha solución, en lugar de reducir o número de libros editados, sería aumentar o número de lectores.

Refírese á morte de Ramiro Fonte producida hai dous anos e dos recordos que permanecen nos que foran os seus amigos. Citase a César Antonio Molina.


Fálase da mostra “Ao pé do prelo Luís Seoane editor e artista gráfico” coa que a Casa da Parra conmemora a figura de Luís Seoane. Indícase que a exposición ten un catálogo homónimo con limiar de Roberto Varela e Francisco López-Barxas, e con artigos de Xosé Ramón Fandiño, Daniel Buján, Isaac Díaz Pardo, Gloria López e, tamén, Luís Seoane. Citase a Julio Camba.


Fálase de Manuel Masdías Sánchez, autor de Poesías (1971). Expícase que este volume foi publicado o mesmo ano da súa morte e que foi prologado por Mario Couceiro e Leyra Domínguez. Apúntase que a caricatura da cuberta corresponde a Siro. Engádese, tamén, que os poemas, sobre todo “Brindis en Cobas”, inspiran simpatía.


Informa da súa estadía en Ourense para participar na semana de literatura histórica que leva o nome de Auria e nomea outros escritores cos que compartiu mesa, como Darío Xohán Cabana ou Luís Rei Núñez. Sinala que é o encargado de introducir o novelista histórico aragonés José Luis Corral. Remata evocando recunchos e paisaxes ourensás.


Comenta a súa estadía en Ourense, con motivo da semana dedicada á historia. Indica, entre outras cousas, que foi Manolo Rivas o maior asinante de libros eses días e que tivo a ocasión de presentar o escritor José Luis Corral nos xardíns do Posío. Dí tamén que compartiu mesa redonda con Bernárdez Vilar, Darío Xohán Cabana e Luís Rei Núñez e que eles catro estiveron “moderados” por Ramón Pernas, que “pouco tivo de moderar pois os ánimos non estaban guerreiros”.

Fai alusión ao nacemento hai cen anos de Ricardo Carvalho Calero e Miguel Hernández, “irimáns os dous en tantas cousas”, como “no amor á poesía”. Logo de certas pasaxes das súas respectivas vidas, considera que a Real Academia Galega está en débeda con Carvalho e pola contra, cre que hai un circo mediático ao redor da figura de Miguel Hernández. Denuncia que nin sequera haxa un museo en Ferrol para Carvalho Calero, para pedirlle un día das Letras Galegas.


Anuncia a publicación de *De sombras e poemas que son casas*, de Xosé María Álvarez Cáccamo, e comenta que esta obra inaugura unha colección de poesía e que inclúe un CD. Sinala que o seu autor e o propio recensionista teñen as mesmas fontes pero que Álvarez Cáccamo presenta unha pureza fóra do común e apunta que o poeta leva asentado na literatura galega dende que en 1983 publicara *Praia das furnas*.


Faise mención a un acto conmemorativo e reivindicativo da figura de Ricardo Carvalho Calero celebrado no Ateneo madrileño, presentado por Zurzo Martíns, pola Mesa de Normalización Lingüística e no que se leu, por exemplo, a adhesión de Isaac Díaz Pardo.


Fálase do nacionalismo galego e, concretamente, dos profesores “de tendencia nacionalista” que se negan a impartir clases en castelán. Táchase esta actitude de “dominación” e indícase que limite a liberdade de expresión da xente. Apúntase, ademais, que non se deberían utilizar os “fondos públicos para usos sectarios” e criticase as axudas para edición que reciben os escritores en galego.


Lébrase a Francisco Fernández del Riego con motivo do seu pasamento a través do seu compromiso coa “nosa cultura, a nosa literatura e os nosos anceios como pobo” dende posicións rebeldes e heterodoxas e dende o seu labor na súa etapa ao frente da Real Academia Galega.

Recóllese a idea da necesidade de crear unha institución galega que teña por obxectivo “espallar e difundir no exterior a lingua e cultura galega” nas súas múltiples formas, isto é, por exemplo, na música, na moda, no cine ou na literatura. Fálase do triunfo das letras galegas en países como Francia, Italia ou Portugal grazas a escritores como Manuel Rivas, Emma Couceiro ou Yolanda Castaño.


Comenta que cumpridos setenta e cinco anos da morte de Benito Fernández Alonso, a súa irmá, Elisa, e o seu sobriño, doaron a biblioteca do autor á Deputación de Ourense. Di tamén, que esta biblioteca ocupa un lugar privilexiado a carón das bibliotecas de Blanco Amor, Ben-Cho-Shey, ou as dos Lloria. Finalmente, destaca que entre a súa biblioteca atópanse: dous mil folletos de publicacións periódicas como *La Pluma*, *El Albúm Literario*, Orense 1888-1891, *El derecho*, *El Eco de Orense*, *Galicia Ilustrada* e *El Correo Gallego* e obras como *Crónicas de los obispos de Orense*, *El libro de fábrica de Osera 1749-1820*, *Mapas de Ortelio 1624*; “Proxecto da praza de toros” para Ourense; e múltiples estudos sobre a historia local dende tempos prehistóricos até a Guerra da Independencia.


Fala do nacemento da Editorial Galaxia e as principais preocupacións e obxectivos cos que se fundou esta editorial. Comeza dicindo que a mediados do século XX faciase necesario o impulso da cultura galega e, froito da preocupación dun grupo de intelectuais, o primeiro paso foi a súa creación. Dí que o vinte e cinco de xullo de mil novecentos cincuenta, tivo lugar a primeira xunta xeral e conta que nesa reunión se aprobaron os estatutos e se procedeu á designación dos membros do consello de administración da sociedade entre os que figuraban Ramón Otero Pedrayo, como presidente; Manuel Gómez Román, vicepresidente; e Francisco Fernández del Riego, como secretario. Comenta tamén, que nesta reunión aprobouse un plan de actividades que abordaban os seguintes puntos: promover os escritores, reedicións de obras maxistrales, creación dunha biblioteca, colaboracións e publicacións de xornais. Finalmente, fala dos primeiros pasos da colección “Grial”, co título *Presencia de Galicia*.


Faise un repaso pola traxectoria vital e literaria de Luís Seoane e subliña as súas achegas ao galeguismo. Comézase dando uns breves datos da súa vida destacando que naceu en Bos Aires, ou que estudiou Dereito en Santiago de Compostela. A partir de aquí coméntase que milita no Partido Galeguista e tras as ameazas recibidas polos falanxistas vese obrigado a exiliarse primeiro a Lisboa, e despois a Arxentina. Fálase das súas achegas e loita a favor da cultura galega dende o exílio subliñando a súa
asistencia ao Café Español onde asistía as tertulias con García Sabell, Anxel Fole, Fernández del Riego e Maside. Subliñase que de esa época é o álbum de debuxos Síntesis do Crime. Finalmente, fállase daactividade cultural de Seoane xa retornado a Galicia e destacase, no período entre 1957 e 1962, a publicación de La Soldadura, la aparición de Toro Jubilado e El Meco, ou a exposición feita na Dirección General de Bellas Artes de Madrid e na Edición do Castro. Do período entre 1969 e 1973, destacase a publicación do poema An xayor abundamiento e aporta a súa plástica a obra Os vellos non deben namorarse. Entre 1977 e 78, destacanse as exposición en Santiago e as publicación Imaxes Celtas, e Carantoñas e debuxos. Finalmente, comenta que a súa muller donou ao Museo de Pontevedra as obras Os mendigos (1950), Figuras saluando (1953), e, Campesiñas dialogando (1953).


Fállase da figura de Ricardo Carballo Calero co motivo do centenario do seu nacemento. Destacase a súa defensa da cultura galega e o seu impulso ao nacionalismo galego. Coméntase que a súa entrada no campo literario tivo lugar moi xove como membro da Xeración do seminario de Estudos Galegos. Subliñase a súa producción literaria no campo da poesía con obras como Vieiros (1934), Anxo da terra (1950), Poesía penduradas dun cabelo (1952), ou Salterio de Fingió (1961); destacase tamén a súa obra narrativa Xente da Barreira ou Scorpio; e, finalmente, fállase da publicación da súa Historia de la Literatura de Galicia, e Gramática Elemental del Gallego común.

Finalmente, fállase dos actos celebrados para conmemorar o seu centenario.


Fai referencia a dous artigos anteriores publicado no xornal Galicia Hoxe, o primeiro deles titulado “Isaac e nós”, e o segundo, “O Castro-Sargadelos: patrimonio de Galiza”. Comenta que este último foi a base dun manifiesto que defendía que o “complexo cultural arteñado arredor das factorías d’O Castro e Sargadelos”, fose nomeado Ben de Interese Cultural. A seguir comenta que Isaac Díaz Pardo será expulsado do IGI e fai unha crítica a aqueles que tratan de cambiar a base sobre a que se construíu o proxecto de O Castro-Sargadelos: unha empresa ao “servizo das funcións sociais da economía”. Finalmente, reproduce o manifiesto co fin de que os cidadáns actúen e reflexionen verbo desta situación.

Primeiramente fala do falecemento de Antón Moreda de quen di que foi o Presidente do proxecto “Gaiola”. Comenta tamén que o seu enterro coincidiu coa data da presentación de 55 mentiras sobre a lingua galega, elaborado pola plataforma Pro-Lingua, acto que lle gustaria presenciar ao finado. Por outra banda, aparece un escrito dedicado aos membros de “Gaiola” e a todos aqueles que sofren á exclusión. Fala de como aquelas persoas que decidiron loitar contra os tabúes, que decidiron “exercer literalmente a lucidez”, e pensar con “liberdade mental”, foron, e son, tachados de “tolos”, e polo tanto resultan ser excluídos e marxinados. A seguir, fai alusión a Rosalía de Castro que foi considerada como “unha tola” polos poderes “alienantes” e comenta que Manuel Curros Enríquez, “lúcida e solidariamente”, reivindicou este alcume converténdoo en “título de honra”.


Faise referencia á *Homenaxe a Francisco Fernández del Riego* (1975), que continúa “vintitrés breves textos e sete dibuxos a il referidos ou dedicados por amigos”. A seguir, reproducéuse o que escribira para el naquel entón, un texto no que se louva o traballo e o esforzo do homenaxeado na Biblioteca Penzol.


Loga dunha reflexión con motivo do seu quinto aniversario como colaborador de *Galicia Hoxe*, reproducéuse de novo o primeiro artigo, “Manoel-Antonio: de Nunca Más a Máis Alá”. Nel analizaba a obra do poeta rianxeiro como a da “renovación identitaria” e reivindicaba a súa vixencia na espírito do pobo galego como colectivo.


Ofrécese unha biografía de Xosé María Díaz Castro a quen a Real Academia Galega considera como “un dos maiores poetas galegos contemporáneos”. Cítase o seu poemario *Nimbos* (1961) e a Manuel Maria.


Fálase de Rosalía de Castro con motivo do aniversario do seu pasamento. Indícase que, xunto con Daniel Rodríguez Castelao, Ramón Cabanillas, Alfredo Brañas ou Francisco Asorey, está enterrada no Panteón dos Galegos Ilustres o cal, por petición do Tribunal Supremo, se atopa pechado ao público. Cítanse as súas obras *Follas Novas e Cantares Gallegos*. 

Refírese a reflexión que o escritor Vicente Araguas publicou no *Diario de Ferrol* sobre “os pretexto de non dedicar o Día das Letras” a Carvalho Calero, e a feita por María Xosé Queizán en *A Nosa Terra* sobre o centenario do mesmo autor. Recóllese, tamén, a interpelación do Bloque Nacionalista Galego co que pretende coñecer os motivos polos que o goberno galego “non está a realizar ningún tipo de actuación encamiñada á popularización da vida e obra” de Carvalho cando se cumpren cen anos do seu nacemento.


Fálase de Amigos da Fundación Manuel María de Estudos Galegos que ten por obxectivo facer unha Casa Museo do escritor. Refírese á canción Idioma meu composta polo propio María e que se converteu “nun verdadeiro himno de amor” á lingua galega. Indícase que se cumpren cen anos do nacemento do escritor da Terra Chá. Cítase a Miguel Anxo Fernán Vello.


Lémbrase co gallo do seu pasamentos a Francisco Fernández del Riego, “unha figura senlleira da cultura galega do século XX” a quen coñeceu en 1984 cando impartiu en Ferrol a conferencia inauírgula do ciclo sobre Ricardo Carvalho Calero organizado pola sociedade cultural Medulio.


Comenta que con motivo do centenario do nacemento de Gonzalo Torrente Ballester durante este ano faranse numerosos estudos e congresos sobre o escritor. Lembra as tertulias co escritor ferrolán durante os verán de 1979 e 1980, tras os cursos realizados...
na Universidade de Santiago de Compostela co título “Curso Superior de Lingüística e Literatura”. Dí que anos máis tarde coincidiu novamente con el na entrega do galardón da IX edición do Premio Julio Camba polo artigo “Cunqueiro no meu recordo” e na presentación do seu libro *Filomeno a mi pesar, memoria de un señorito descolocado* (Premio Planeta, 1988).


Infórmase de que a Real Academia Galega decidiu postergar un ano máis a homenaxe a José Fernando Filgueira Valverde no Día das Letras Galegas. Ofrécese a biografía deste escritor e cítanse obras súas como *Os Nenos* (1925).


Co gallo do noventa e nove aniversario do nacemento de Álvaro Cunqueiro recorda a realización da súa tese doctoral, coa que obtivo un profundo coñecemento da obra do mindoniense. Finalmente, recomenda a lectura dalgunha das súas múltiples obras tanto de teatro como de poesía e narrativa, das que destaca os seus personaxes familiares e cercanos.


Coméntase a deición de Suso de Toro de abandonar a literatura para dedicarse á docencia no instituto. Apúntase que con dita decisión “Galicia sufre la baja de uno de los escritores con mejor muñeca y de uno de los intelectuales con más criterio”. Fálase de como para moitos medios de comunicación, Suso de Toro era unha figura incómoda e que foi “silenciado”. Finalmente, faise referencia ás argumentacións no blog de Manuel M. Barreiro, onde se comenta que a moitas persoas lles gustaría que Suso de Toro se dedicase á política.


A partir dun poema propio, reflexiónase sobre a presenza, a marxe de toda crenza ecoloxista, nas leiras galegas do somier que “fala dunha negativa radical ao abandono; dun vivir profundo e humildemente grandioso instalado nun sentido común que se pretende compartido nin se concilia coa monserga da modernidade oficial”.

Loa a figura de Ramón Otero Pedrayo a partir da lembranza de nenez da lectura d’*O livro dos amigos* (1997), e da impresión que lle produciu o encontro co autor na conmemoración do Día das Letras de 1970.


Fálase da relación que Álvaro Cunqueiro tivo co diario *Faro de Vigo*. Coméntase que foi o director do xornal, Francisco Leal Insua, quen o recuperou para o xornalismo cando o réxime franquista lle retirou o carné profesional de prensa. Indícase que o primeiro artigo que escribiu foi “Tierras hermanas de Galicia y Portugal” un 25 de xullo. Fálase da sucesiva publicación de artigos seus neste día de celebración. Engádese referencias ao seu estilo, do que se di que mestura “erudición” e “inventiva”.


Comeza lembrando o cincuenta cabodano do pasamento de Ramón Cabanillas e defineo como “quizá el mejor poeta en lengua gallega”. Dí tamén que destacaba por ser un poeta social vinculado á liga agraria “Acción Galega de Basilio Álvarez” e que a súa poesía era unha chamada para a cabar “con la esclavitud de los últimos vestigios feudales”. Lembra que o autor escribía romances de evocación medieval, pezas teatrais e obras dedicadas a autores clásicos. Finaliza salientando que a súa obra estaba orientada a crear unha “conciencia nacional”.


Rememórase a figura de Francisco Fernández del Riego polo seu compromiso con Galicia, co seu pobo e a súa cultura. Afirmase tamén que asociará o seu recordo a *Sempre en Galiza*, de Daniel Rodríguez Castelao, que considera escrita pensando nun “bó e xeneroso” como o finado.


Dáse conta que Xosé Luís Méndez Ferrín foi elixido presidente da Real Academia Galega con unanimidade dos membros da institución. A seguir coméntanse os méritos literarios de Méndez Ferrín entre os que destaca o Premio Pedrón de Ouro de 1987, o Premio Nacional da Cultura Galega na categoría de literatura no 2008 e a candidatura ao Premio Nobel de Literatura presentada cada ano polo Pen Clube. Sinálase o seu compromiso coa “defensa da autonomía plena do noso campo literario”. Coméntase que na actualidade, tendo en conta que algúns sectores “pretender facer retroceder as políticas de fomento da nosa lingua”, Ferrín deberá facer fronte a ditos retos e continuar co proxecto de acadar “a plenitude para a lingua e cultura galegas”.

967

Fállase da figura de Lois Pereiro con motivo de ser elixido pola Real Academia Galega como o homenaxeado no Día das Letras Galegas 2011. Recóllense apreciacións que sobre el fan diferentes autores como Fermín Bouza ou Manuel Rivas. Citanse traballos seus como o ensaio “Modesta proposición para renunciar a facer xirar a roda hidráulica dunha cíclica historia universal da infamia”.


Fállase da Feira do Libro de A Coruña que conta con corenta e catro expositores e un programa de cincuenta actos literarios. Compárase o comportamento literario que existe na cidade da Coruña co de Vigo, onde, segundo indica Manuel Bragado, se “deslé” malia ser a capital editorial de Galicia. Cítase o salón internacional do cómic “Viñetas dende o Atlántico”.


Realízase unha semblanza de Francisco Fernández del Riego co gallo do pasamento deste “derradeiro militante do Partido Galeguista, do motor da renovación da actual Academia Galega, do fundador da Editorial Galaxia e co-director da revista ‘Grial’, do director da Biblioteca Penzol, do xornalista, do crítico literario, do narrador punxente, do polígrafo, do conversador entusiasta, do celtista prudente, do xeneroso cidadán vigués inconformista e de grande cordialidade”. Del destácase a súa capacidade de aglutinar vontades e de traballar en equipo para sacar adiante valiosos proxectos e a súa teíma de “construír un sistema cultural galego moderno e plural”. Cualifícase ademais como “home ponte”, por ter unido aos membros de Nós e as xeracións de metade e fin do século XX e como “home aceiro” e “home luz” pola súa enerxía á hora de defender aquilo no que cría.


Fállase da formación dos candidatos a políticos e pídeselles ás forzas políticas que, agora que a Real Academia Galega decidiu dedicarlle o Día das Letras Galegas a Lois Pereiro, se reúnan para lembrar a súa figura.


Comeza apuntando que a comunidade intelectual latinoamericana se alegrou de que lle concederan o Premio Nobel de Literatura a Mario Vargas Llosa e laméntase de que en Galicia a xente se alegre “bastante pouco” dos galardóns que no estranxeiro e na propia
terra reciben os artistas galegos. Cre que ás veces “perdémonos en debates estériles”, como resposta á pregunta de se Valle Inclán é un escritor galego ou non, di que ter escritores (que escriben en galego ou castelán) galegos é un orgullo, sinalando que “hai que sumar, porque se se suma non se marxina”.


Comeza lembrando o centenario do nacemento de Ricardo Carballo Calero e, a seguir, fai un repaso pola traxectoria vital e literaria deste autor. No eido da narrativa destaca a súa obra A xente de Barreira (premiada no Primeiro concurso da Editorial dos Bibliófilos Galegos no ano 1949, 1951) e a súa consideración como a primeira novela publicada en galego tras a Guerra Civil. Tamén subliña, dentro deste xénero, a publicación no ano 1987 da obra Scorpio (Premio da Crítica na Narrativa Galega). Respecto da obra poética de Carvalho Calero, di que praticamente foi recompilada en catro volumes: Pretérito imperfeito (1980), Futuro condicional (1982), Cantigas de amigo e outros poemas (1984) e Reticencias (obra póstuma, 1990). No eido da filoloxía destaca a súa Historia da Literatura Galega Contemporánea, e describe a este autor como “un crítico de gran equilibrio e rigor nos seus xuízos así como un erudito historiador”. Por outra banda, fala da súa obra e teorías respecto da reintegración lingüística galego-portuguesa e incide na “desigual valoración” que pode espertar a súa obra neste campo. Finalmente, comentá que dende que se estableceu o Día das Letras Galegas no ano 1963, nunca se lle dedicou este día a ningún escritor de Ferrol e incide na importancia de que institucións e asociacións ferrolás reivindiquen a importancia e labor literario de Ricardo Carvalho Calero.


Fálase da celebración no 2011 do Ano Asorey con motivo do cincuenta aniversario da súa morte. Refírese a idea de crear unha comisión para a organización do festexo e coméntase o funcionamento da comisión creada durante a celebración do Ano Cabanillas.


Ofrécese unha crítica da novela Los ojos amarillos de los cocodrilos, de Katherine Pancol que foi editada en castelán por La Esfera. Indícase que, malia ser entretida, é unha novela “malísima, chea de tópicos, con personaxes de deseño”. Engádese que a literatura galega, aínda que no goce niveis de vendas equiparábeis a esa obra, é “dunha calidade indiscutible”. Cítanse a críticos literarios galegos como Román Raña ou Vicente Araguas.

Fala da presenza de Rosalía de Castro na obra de Manuel Curros Enríquez como un elemento propio da súa poesía, tematizando á escritora. Destaca como exemplo os poemas “A Rosalía” (1891); “Na tumba de Rosalía” (1904); o libro O divino Sainete (1888), ou un fragmento do poema “O convento” (en Aires da miña terra, 1880). Explica que neles se lle dá a Rosalía a condición de “símbolo da patria” e “víctima dos grupos que están contra o recoñecemento de Galiza”.


Alúdese ao libro seu titulado Unha historia que nos pertence (2005), no que facía unha investigación sobre a obra poética en galego do exiliado Lorenzo Varela. A seguir enuméranse as sete conclusións coas que remata o volume e sublíñase a última delas que di que Lorenzo Varela “contribúe para innovar repertorios no sistema literario galego como a reivindicación da memoria das mulleres e a visión da homosexualidade dunha perspectiva non heterosexista”. Como exemplo reproducéuse o poema de Varela “O Touro”, incluído no volume Catro poemas para catro gravados, referido a un episodio histórico sobre o bispo Adaúlfo. Finalízase dicindo que deste xeito tematiza Varela a homofobia rexetando os prexuízos antihomosexuais.


Fálase do cento vinte e cinco aniversario da morte de Rosalía de Castro e infórmase do acto que organiza a Asociación de Escritores en Lingua Galega. Recórdanse os tres enterros da poetisa segundo o que se publicou en distintos diarios como La Voz de Galicia ou a Gaceta de Galicia. Citase a súa obra Follas novas así como a Análise sociolóxica da obra de Rosalía de Castro (1987), de Francisco Rodríguez.


Primeiramente indicase que Rosalía de Castro acaba de cumprir cento setenta e tres anos dende o seu nacemento e a seguir fálase da relevancia da autora na literatura galega. Dise que é fundadora da literatura galega contemporánea e que coa súa obra Follas Novas, na que trataba “intimidade do eu á solidariedade coas mágoas do pobo galego”, chegou a súa consagración definitiva. Coméntase tamén que foi a primeira feminista, unha grande innovadora en canto a métrica e un “caudal de sabedoría” da que aínda hai moito que aprender.

Comenta que ao redor do Día do Libro, apareceron as declaracións de Suso de Toro quen afirmaba que deixaba a literatura para dedicarse á docencia. Di que a meirande parte dos escritores compatibilizan o seu labor de escritores con outra profesión e engade que isto lles da maior independencia. Por outra banda indica que en Galicia menos dun oito por cento le na lingua galega e engade que nin sequera esa porcentaxe marca os libros. Di tamén que incluso os escritores corren cos gastos das súas intervencíons en diferentes eventos, por iso di que “a nosa é unha cultura subvencionada” polos mesmos escritores.


Refírese ao cento vinte e cinco aniversario do falecemento de Rosalía de Castro e infórmase do convite organizado pola Asociación de Escritores en Lingua Galega. Fálase da asistencia ao acto.


Opina que para fuxir do pesimismo dos nosos días hai un lugar privilexiado no que “habita a luz” e que é o mergullo nas palabras dos poetas, pois considera que a poesía “se é boa” nos axuda a afondar no sentido da existencia e a comprender o mundo e a nós mesmos. A propósito disto, comenta que estivo relendo Nimbos, de Xosé María Díaz Castro, e que malia ser do ano 1961, o libro remite a cuestións de absoluta actualidade.


Lembra o Papa León XIII, presente ficcionalmente na obra de Manuel Curros Enríquez O divino sainete, na que afirmaba que entregaría todos os bens da Igrexa aos pobres, ao tempo que aproveita para comentar a visita do Papa Bieito XVI a Santiago de Compostela e os millóns de euros que vai custar a súa estadía na capital.


Tras reivindicar a importancia de mitos, contos ou das traxedias clásicas para axudar a entender os acontecementos, lémbrase a Medea, a heroína grega da traxedia de Eurípides, que adaptaron Manuel Lourenzo (Medea dos fuxidos, 2009) e Andrés Pociña (Medea en Camariñas, 2004). Recórdase tamén que Pociña foi o editor, xunto a Aurora López, de dous volumes que recollen diversos estudos sobre esta figura, así como o poema de Luz Pozo “Medea en Corinto”.

971

Primeiramente fala da obra *Onde o aire non era brisa*, de María Victoria Moreno, que versa sobre as vivencias dunha mestra de Castela nas que se plasman “situacións difíceis, poderes fácticos, penuria económica e social”. A seguir, comaenta a obra de Chus Pato, *Secesión*, un poema que é descrito como un “texto simbólico” e “existencial”. Finalmente, comaenta a obra de Diego Ameixeiras, *Dime algo sucio*, da que di “que non é unha gran novela” máis destaca aspectos do autor como que dota de “emocións” os “lugares comúns”, que “disecciona as marxes sociais”, e “non desbota a metáfora”.


Fala da obra *Acusación* (2009), de Xiana Arias Rego, da que destaca a súa “orixinalidade”, “paixón poética” e “talento”. A seguir, comaenta a obra de Xesús Manuel Marcos, *A táboa da hospitalidade* (2009), segunda entrega d’*O brindo de ouro*, da que di que segue a liña de Tolkien e engade que amosa o seu “diferenciado mundo marabilloso, (...) ambicioso e pleno movemento narrativo”. Indica tamén da obra *Os once* (2009), de Pierre Michon, que supón “unha crítica feroz da arbitrariedade e do poder”.


Coméntase a elección de Lois Pereiro como candidato a ser o protagonista do Día das Letras Galegas. Móstrase a perplexidade por non ter elixido a outros escritores como Ricardo Carvalho Calero, Xosé Filgueira Valverde ou Valentín Paz Andrade.


Cuestiónase a pertinencia de dedicarlle o día das letras galegas a Lois Periero e non a Ricardo Carballo Calero por cumprirse o seu centenario.


Comenta que ten escoitado voces sobresaintes do “establishment galego” sobre a “guerra do galego” e o “estado de sitio” que sofre a literatura galega por culpa do Goberno, e considera necesario “a réplica”. Neste senso, opina que non ve ningún estado de sitio para a literatura galega e que ademais son as “situacións sistémicas incómodas” as que alentan a creatividade dos autores. Así, invita a estes intelectuais que falan do antedito que intenten argumentar os seus criterios, engadindo ademais que a alta literatura “permanece, por fortuna, á marxe do poder”.


Coa excusa dunha nova ollada á *Historia da literatura galega* (1984), de Francisco Fernández del Riego, recórdase o seu labor como recuperador de Álvaro Cunqueiro para a literatura galega, fundador do Partido Socialista Galego, da Biblioteca Penzol e da editorial Galaxia e como traballador infatigábel polo seu país.


Apúntase que se achega a data conmemorativa do nacemento de Ramón Otero Pedrayo e coméntase que, tras a denominación de Feijoo e Zapatero como “gallegos”, realizada por Rosa Díez, se o escritor galego “levantase a cabeza” e escoitara isto “caería redondo do desgusto”. A seguir dise que é unha mágoa oír tales afirmcións, ainda que se considera que o merecemos “por non saber portar o testigo que estes loitadores nos deixaron en heranza”. Finalízase aludindo a que na RAE, a palabra “galego” significa “tonto” e comenta que despois de todo o loitado “os galegos, por definición, só conseguimos ser parvos”.

Lembranza de Francisco Fernández del Riego, último integrante do grupo Nós, polo seu compromiso con Galicia con iniciativas determinantes para a cultura galega como a fundación da editorial Galaxia. Coméntase que, a pesar do deterioro físico visíbel nos seus últimos anos, mantivo até os noventa e sete anos a súa colaboración en *La Voz de Galicia*.


Fálase con Luis Rei da súa relación con Muros, espazo no que se desenvolve parte da súa obra. Infórmase do proxecto no que anda inmerso e apúntase que, malia que se descoñexe a data de publicación e a trama, é probábel que se desenvolva en Muros. Citanse obras súas como *Monte Louro*, coa que gañou o premio Blanco Amor no 2009; ou *Imán Fisterra* (1995).


Infórmase do falecemento de Maruxa Boga, “unha das figuras do teatro galego na emigración”. Indícase que foi unha da actrices que representou *Os vellos non deben de namorarse*, de Daniel Rodríguez Castelao, en 1941.


Felicitase a Xesús Alonso Montero ao ser nomeado Doutor Honoris Causa pola UNED e a seguir destaca o seu labor en defensa de Galicia, da súa cultura e do seu idioma. Finalmente destaca unha das súas obras publicada en 1974 *Pedro Petouto*.


Realízase un panexírico de Francisco Fernández del Riego como persoio clave na defensa da lingua e literatura galegas e cuxa actividade abranguía multitude de eidos na política e na literatura, en moitas ocasións ao carón de Ramón Piñeiro e Xaime Isla.


Fálase do protagonismo de Lois Pereiro no Día das Letras Galegas. Coméntase o merecemento desta homenaxe ainda que a súa obra sexa pouca, como tamén foi o caso de María Mariño.


Comeza dicindo que Xosé Luís Méndez Ferrín é o novo presidente da Real Academia Galega e fai referencia á controversia existente entre as reaccións a dito acontecemento. Comenta que, tras a xestión de Xosé Ramón Barreiro, ao novo presidente “quédalle seguir navegando sen perder o rumbo”. Finalmente reflexiona ao redor das diferentes formas de falar o galego argumentando que todos, a pesares das diferenças, somos galegos e faille unha petición a Méndez Ferrín: que sexa capaz de facer ver que o galego “une, reconcilia e harmoniza”.


Refírese ao legado de Xohán Vicente Viqueira que pasará a formar parte da Real Academia Galega. Fálase do espazo que a institución precisará para poder albergar estes e outros legados. Apúntase que “gran parte da cultura galega está espallada, dispersa ou enterrada”.


Di que Rosalía de Castro aludiu nalgunas das súas composición ás diferenzas de xénero que se rexistraban no seu tempo, como a incomprensión das literatas, a desigualdade da muller no matrimonio ou a aspectos que teñen que ver coa condición feminina en relación coa alimentación. Con respecto a esta última afirmación, repara en que as mulleres da época “comían menos” e cataban unha ración de viño inferior aos homes, tal e como se ve no poema “Xan”, de Follas Novas. Dá conta doutras fontes onde se poden encontrar feitos similares, nos que as mulleres ocultaban a compra de viño para preservar o seu “creto público”.


Faise un repaso pola xeografía vinícola de Galicia da man das consideracións que, sobre os distintos caldos, facia Álvaro Cunqueiro.

Reprodúcese e coméntase un poema dedicado ao viño espadeiro por Ramón Cabanillas na súa obra *Da terra asoballada* (1917). Faisa referencia, ainda que de xeito máis sucinto, a outra composición co mesmo motivo, só que esta vez centrado no albariño, de Xosé María Álvarez Blázquez.


Realízase unha louvanza do viño albariño partindo das consideracións de Álvaro Cunqueiro n’*A cociña galega* (1973) e apúntase á teoría da xenealoxía teutona deste caldo como lenda que o engrandece pois, como argumentaba o mesmo autor nun dos seus artigos de prensa, “sería torpe cosa objetarme con eso que se llama la realidad histórica, a mí que defiendo el ejercicio de la imaginación en la elaboración de la historia”.


Primeiramente, cóntase a apertura en Compostela dun novo Centro Social de Caixanova e sinálase que, con motivo de dita inauguración, terán lugar tres mostras nas salas do Centro durante as primeiras semanas. Destácase unha delas, intitulada “Razón e Compromiso”, que recolle a colección de obras do poeta, promotor e creador de revistas, editor, ilustrador e pintor Luís Seoane, cen anos despois do seu nacemento. Finalmente, en referencia a dita exposición, sinálase a publicación do catálogo *Seoane. Razón e sentimento*.


Refírese á revista do Centro Galego de Bos Aires, *Galicia*. Explicase que o obxectivo é “manter un vencello, desde a distancia, coa realidade” de Galicia. Describese o contido da entrega correspondente ao ano 1971 no que se publica unha imaxe en cuberta de Eduardo Pondal e artigos de Luís Moure Mariño ou Rafael Dieste, entre outros.


Destaca a publicación no diario bonaerense *Correo de Galicia* dun número extraordinario no ano 1971 co gallo do Día das Letras Galegas dedicado a Gonzalo López Abente, intelectual próximo ao nacionalismo, participante na campaña a favor do Estatuto de Autonomía, poeta, narrador e dramaturgo. Comenta que estaba cheo de
colaboracións de intelectuais galegos como Ramón Cabanillas, Manuel María, Darío Xohán Cabana, os irmáns Álvarez Blázquez e Celso Emilio Ferreiro, entre outros.


Lembra a Álvaro Cunqueiro e sinala que unha das publicacións que recolleron información sobre a súa vida e obra foi a revista bimensual Los Cuadernos del Norte, da que ofrece algúns datos técnicos como o seu ideario, tiraxe, etc., ademais de destacar que entendía a cultura “no senso máis amplo”. Apunta que foi en 1981, coincidindo co pasamento do escritor mindoniense, cando esta publicación lle dedicou un número especial e onde se glosaron os “trazos máis caracterizadores” da obra cunqueirá.


Comeza reflexionando sobre a cuestión lingüística en Galiza e propón o seguinte interrogante: “Queremos vivir nunha soa lingua, nunha lingua entre dúas ou nunha para todas?”. A raíz desta pregunta, remite á conferencia dada pola profesora catalá Carme Junyent e destaca, que a mesma, contabilizou a existencia de trescentas linguas na área metropolitana de Barcelona. A seguir, María do Cebreiro traslada esta cuestión ao contexto galego, e repara en aspectos como a existencia de máis dunha lingua, incide en que “a diversidade lingüística é unha das proxeccións máis sofisticadas da creatividade humana”, subliña que as linguas “son instrumentos de comunicación pero tamén mecanismos de expresión”, que esta diversidade lingüística supón maior resistencia “aos procesos de substitución”, e engade que as políticas lingüísticas non poden defender ou afogar aquilo que o pobo non quere nin defender nin afogar. Continúa o discurso afirmando que a sociedade segue a ser presa “dunha ideoloxía da pureza das linguas” mais destaca proxectos como o de Estaleiro Editora, que ten por lema a liberdade normativa. Remata reafirmando que a imaxe dunha Galicia multilingüe debería ser a imaxe da potencia cultural de Galicia.


Primeiro di que está a ler Troppo vero, de Andrés Trapiello, e comenta que cre firmemente na afirmación que fai o autor da obra cando di “la literatura llevada a sus últimas consecuencias impide las relaciones sociales”. Continúa faldando da vinculación
entre a literatura e as relacións sociais e fai referencia a outra frase de Trapiello quen di que “hay muchos solitarios entre los amantes de los libros. Leen porque son solitarios, pero se hacen más solitarios porque leen”.


Fala de Isolino, o personaxe de Xaquín Marín, e fai referencia á viñeta publicada con motivo das manifestacións a prol do galego e do seu ensino, que dicía “para demostrar que es galego non precisas falar galego, pero se o falas no tes que demostrar nada!” . A seguir comenta que “ser galego é unha decisión do ánimo (...) algo que deciden o corazón e maila cabeza debidamente consorciados”, mais engade que moitos son os que pensan que tan só por falar galego xa está todo feito, afirmación ante a cal o autor do artigo se mostra en desacordo.


Comeza reproducindo as palabras de Isoliño, personaxe de Xaquín Marín, que din que “para demostrar que es galego non precisas falar galego, pero se o falas non tes que demostrar nada”. A seguir comenta que do mesmo xeito que durante moitos anos o galego mantívose a pesar das dificultades, non se pode obrigar a ninguén a falalo a través de ningunha lei. Conta tamén que é un erro pensar que só por falar galego xa abonda e engade que “a condición de galego e máis ainda a de galego demócrata, (...) demóstrase con feitos, actitudes...”. Finaliza facendo unha crítica a aqueles que consideran que por falar en galego están exentos de maiores compromisos.


Fala da diferenza existente entre dicir que a literatura e a cultura galegas teñen uns limites, a dicir, que estas son limitativas. Conta que a literatura galega ten uns limites impostos pola ausencia dun número de habitantes “que sosteñan debidamente o noso sistema cultural” máis engade que non é limitativa en si mesma. Finaliza salientando que é un erro que a persoa encargada de estruturar dita cultura, o conselleiro, dea a entender que a literatura e cultura galegas son limitativas.

**Conde, Alfredo, “Mimbres sí veo, pero no cesteros”, El Correo Gallego, “Opinión”, “Los otros días”, 8 marzo 2010, p. 4.**

Primeiramente fala da exposición sobre Gonzalo Torrente Ballester que tivo lugar na Universidade de Salamanca, cuxa comisaría foi Carmen Becerra coa colaboración de Miguel- Fernández Cid. A seguir comenta a necesidade de estudiosos como Carmen Becerra para a análise do resto de autores galegos que escriben en galego. Finalmente fala do seu desexo de que dita exposición chegue até Galicia.

Reproduce a carta que lle remitiu Sofía Kaus, docente de Literatura Europea Meridional, tras ler a súa columna sobre Gonzalo Torrente Ballester, na que afirma non entender porque a algúns lles custa recoñecer “a Torrente porque escribió en castellano, quando sus páginas tienen una identidad tan profundamente gallega” e na que engade que na súa docencia inclúe a literatura portuguesa e a galega na que inclúe ao autor ferrolán. A seguir, reproduce a súa carta de agradecemento a Sofía Kaus na que expresa a súa satisfacción porque a profesora introducise o portugués e o galego na súa docencia.


Comenta que no Foro convocado por El Correo Gallego, para falar do presente e do futuro do libro galego, se falaron cousas interesantes. Destaca as verbas de Carlos Mella, quen dixo que “a importancia das lingoas, (...) non se miden polo seu número de falantes senón polas cousas que se din nelas”.


Comeza aludindo á seguinte cita de Josep Pla: “una literatura – en todas sus formas- es el espíritu de una lengua. Fundir literatura y pueblo es darle un espíritu. Es la primera obligación de un escritor”. A partir de dita afirmación, reflexiona sobre se a literatura galega se funde co pobo a través da lingua. Comenta que a obra de Gonzalo Torrente Ballester, *Dafne y ensueños*, a pesar de estar escrita en castelán está chea de lembranzas infantís e mitos atlánticos a diferenza doutras obras de escritores galegos, escritas en galego. Finalmente, comenta que Pla ten razón e que, se a literatura se funde co pobo, se converte no espíritu da lingua.


Comenta que ao saír dun restaurante viu que unha das rúas se denominaba “Rúa do poeta da Maía”. A seguir lembra a Maximino Castiñeiras, o poeta da Maía, e comenta que as poucas veces que coincidiron falaban sobre todo da relación do poeta co tío e o pai do columnista, cando estaba na universidade. Remata indicando que sería mellor que a rúa se chamase “Rúa de Maximino Castiñeiras, Poeta da Maía”.

Explica que o seu primeiro poemario *Mencer de Lúa* cumpre corenta e dous anos dende a súa publicación. A seguir conta que naquel momento foi criticado polo seu contido, por publicar poemas de amor e comenta que no libro incluíu poemas dedicados aos labradores de Castrelo do Miño. Finaliza apuntando que corenta e dous anos máis tarde segue a ser criticado polas súas versas a pesares de tantos anos de publicar artigos.


Reffírese á figura de Eduardo Blanco Amor como “probablemente o mellor novelista co que contou daquela o sistema literario galego”. Indícase que, malia todo, foi un home ignorado e, incluso, desprezado ao regreso da súa estadía en América; o que non implica que a súa obra, como *A esmorga*, non se vendese. Fálase de Álvaro Cunqueiro e citase *O porco de pê*, de Ramón Otero Pedrayo.


Fálase do recital de poesía Camiños de amor e lúa (2009) celebrado no Centro Galego de Arte Contemporánea. Indícase que nel participaron María Lado, Caneiro e o músico X. M. Salgado.


Fálase de Daniel Rodríguez Castelao e do conto do negro Panchito así como de Xaquín Marín e o seu Isolino. Citase, tamén, a Alexandre Bóveda.


Fálase dos oteadores entendidos por Alfredo Conde como as persoas que non len un texto por estar en galego ou aquelas outras que deciden non mergullarse na lectura dun artigo por estar en castelán. Citase *O incendio das palabras* (2008), de Román Raña, e noméase a Vicente Risco.

**Conde Corbal, Moncho**, “Detrás del personaje”, *La Región*, “Ourense”, “Percepciones”, 24 agosto 2010, p. 9


Comenta o acto de *Literauria* que tivo lugar no Liceo de Ourense. Apunta os nomes das xentes que ali estiveron presentes como Camilo Franco, Emilio Bóveda e Pepelino Monxardín, entre outros. Sinala que “la metáfora llega” con Francisco Fernández Naval, que presentou a súa guía de Ourense en galego, apuntando que tamén está á venda a súa homónima en castelán.


Reflexiónase sobre o proceso de creación literaria e edición en Galicia. Indícase que o futuro da literatura galega depende da tradución a outras linguas e de conseguir facerse un oco no exterior. Refírese á necesidade da profesionalización.


Comeza relatando os inicios de Manuel María e as súas relacións co galeguismo, e incide no seu enfrontamento contra as vacilacións nalgúns ámbitos como no do monolingüismo e fronte ao programa de autonomía República galega. Por outra banda, fai referencia á relación do autor coa vangarda, á que consideraba un instrumento e non unha forma “de adornar o país con signos de modernidade”. Finalmente, destaca a obra *De catro a catro*, porque nela se cuestionan a utilidade dos “vellos conceptos do espazo ficcional”.


Comeza sinalando algunhas das “bondades e controversias” na concesión do Premio Nobel de Literatura a Mario Vargas Llosa, pregúntandose se realmente se valora só a súa obra ou tamén o carácter ideolóxico dos escritores á hora de conceder tal galardón. A continuación, sinala que o artigo pretende “tentar desagraviar” a memoria de Ricardo Carvalho Calero, que un ano máis quedou sen ser homenaxeado co gallo do día das Letras Galegas. Considera que o escritor e investigador reúne “sobradas razóns” para ter sido el o escollido neste ano. Neste senso, fálalle a el dicíndolle, con ironía, que “algo farías”, aproveitando para destaca algunhs dos seus labores máis destacados que fixo en vida.

Repara en certos estadios diglósicos na plasmación literaria no sistema galego. Deténse primeiramente na obra de Vicente Risco, dende os seus inicios na Xeración Nós, onde mantivo unha vontade normalizadora con respecto ao galego, até a etapa “ultraconservadora”, despois da Guerra civil, onde regresa ao uso da língua española. Opina que a literatura galega é aquela que só se escribe en galego e considera que a teoría e a historia da literatura, en xeral, sempre tiveron “receo” dos escritores que escribían en varias linguas. Finalmente, apunta que incluso actualmente estamos “obrigados teimudamente, sempre, a ter que enarbolar a bandeira”.


Indícase que no mesmo Día das Letras Galegas, Suso de Toro deu a noticia de que deixaba a súa profesión de escritor. A seguir fálase da profesión de escritor e coméntase que é unha profesión á que os escritores lle dedican o tempo restante que lle deixa a súa actividade laboral principal. Finalmente, apúntase a necesidade de profesionalizar dita actividade e que, deste xeito, ao tempo que se dignificaría a cultura galega, se podería axudar a saír da recesión económica, xa que é un sector que crea postos de traballo.


Fálase da poesía de Rosalía de Castro como unha poesía que pretendía dignificar Galicia. Indícase que a propia autora consideraba que os seus versos carecían de graza e se desculpaba pola falta de gramática.


Primeiramente recolle uns textos de *Sempre en Galiza*, de Alfonso Daniel R. Castelao, nos que o escritor reflexiona ao redor dos termos nación e patria. A seguir, coméntase que coa Revolución Francesa a palabra nación adquiriu o seu sentido actual “de unidade política”. Despois fala de que existen dous tipos de patriotismo: o verdadeiro e o falso. Indica que o verdadeiro é o daqueles que chegan a dar a súa vida pola patria e pon de exemplo o caso de Alexandre Bóveda. Logo coméntase que o patriotismo falso pode ser malvado como foi o dos ditadores; pode ser o patriotismo dos patrioteiros, que é o daqueles que alardean de selo; o patriotismod as almas pequenas, que define aqueles que non son quen de amar a ningunha patria e o patriotismo dos españolistas, que segundo o artigo é parecido ao dos ditadores e falsean a realidade de España. Finaliza coméntando a inclusión da acepción do español como “lengua común de todos los españoles” e indica que isto é unha falsedade.

Fálase de Rosalía de Castro e da “fermosura da súa obra”. Indícase que a cidade de Ferrol debería comprometerse coa figura e a creación desta escritora.


Citanse a diferentes autores galegos, como Álvaro Cunqueiro, Ánxel Fole ou Ricardo Carvalho Calero, con motivo dunha clase que Xosé María Dobarro deu aos seus alumnos de Filoloxía Galega. Preséntase a figura do lexicógrafo de Aníbal Otero e cítanse o dicionario de Xosé Luís Franco Grande e a novela *Dos anxos e dos mortos* (1977), escrita por Ánxel Adolfo Rei Ballestero.


Reprodúcese o poema “A Galicia. Cántiga”, de Ricardo Carvalho Calero, que se publicou o 20 de decembro de 1925 na revista *Maruxa*, dirixida por Vicente Beltrán.


Recórdase o que foi vivindo cando chegou a vivir a Cee. Indícase que ali coñeceu aos poetas do “Batallón da Costa da Morte”. Cítase a Miro Villar, aos irmáns Creus e a María Lado.


Lembra a Ricardo Carvalho Calero, que naceu o mesmo día que Miguel Hernández. Apunta que sen “facer comparación”, ambos estiveron alistados voluntariamente no exército da República na Guerra civil. Repara nun poema que realizou o ferrolán en plena trinchera. Alén de xenerar a ambos escritores ao final da contenda, volve ao presente, para apuntar que “con tódalas envexas e incomprensións do mundo” lle alegra “moito” a lembranza da súa figura que ten lugar nestes días pola vilá ferrolá.


Faise eco do acto na Universidade de Santiago de Compostela no que se defendeu a tese de doutoramento de Xosé Manuel Salgado Rodríguez, “Fra Vernero: Mostra e referencia das fontes literarias de Otero Pedrayo”. Ademais de mencionar a “oterianos” que formaron parte do tribunal, remata comentando que os seus “colegas maiores”, referíndose a Xesús Alonso Montero e X.L. Méndez Ferrín, afirmaron ter primeiras edicións de novelas do de Trasalba, compradas en librarías de vellos, e das que
comentaron que cando as adquiriron estaban sen ler posto que os pregos non foran cortados.


A partir do comentario dun suceso de actualidade, relacionado coa prohibición para os musulmáns de comer carne de porco, reproducícese un poema de Otero Pedrayo, “Oda ao xamón”.


Coa chegada do Nadal lémbrase a figura do poeta Ramiro Fonte, uns días antes homenadeado na súa vila natal, Pontedeume, ao tempo que se citan uns versos da súa obra *Luz de Mediodía* (1997), que falan da memoria do tempo da infancia.


Fala do *Diccionario Ramón Piñeiro* (2009) editado por tresCtres e cun limiar de Torres Queiruga. Sublinía as palabras deste cando di que é preciso coñecer as figuras que contribuíron na “construción da nosa identidade e da nosa Historia”. Comenta tamén que o libro se divide en dúas partes, unha dedicada ao “Autor”, na que se fai unha síntese biográfica do mesmo e a “Creación”, referida á súa obra.


Primeiramente fai alusión á petición de Ana Pontón, responsábel da área de cultura, de que Castelao é unha figura incómoda xa que o seu pensamento é completamente oposto á do goberno actual. Fala tamén de que Pontón lembra que entre as obras de Castelao se atopa o proxecto de Estatuto de 1936 e pregúntase “cando o PP se vai curar da aguda alerxia e do arrepío que lle ten a un novo Estatuto adaptado aos tempos presentes?”.


Céntrase na figura de Luís Seoane López co motivo do centenario do seu nacemento. Coméntase que naceu en 1910 en Bos Aires, fillo de emigrantes galegos, e que cando regresou a Galicia comezou a participar en actividades político-culturais, militando no Partido Galeguista. Dise tamén que a finais do ano 1936 se viu obrigado a exiliarse a Arxentina onde colaborou en xornais, ilustrou libros, etcétera. Coméntase que o xornalista e historiador Carlos Fernández Santander pensa que Seoane podería ser o autor de *Galicia Mártir–Terror Blanco en las Provincias Gallegas*, baixo o pseudónimo
de Hernán Quijano. Finalízase dicindo que o Consello da Cultura Galega vai celebrar un congreso internacional titulado “Luís Seoane. Galicia Argentina: doble ciudadanía”.


Informa da mostra que se está a celebrar no Museo Provincial de Lugo baixo o nome “A Derradeira Lección do Mestre”. Coméntase tamén que Alfonso Daniel R. Castelao é unha figura que segue a estar presente e que debería ser considerada como un “símbolo para a acción política”. Finalízase reivindicando a necesidade de lembrar a traxectoria desta figura ás novas xeracións.


Refírese á editorial Galaxia e ao seu director, Víctor Freixanes. Indícase que, segundo Freixanes, o xénero literario con máis dificultades de comercialización é o ensaio, sobre todo o ensaio de memória histórica. Fálase da política de subvención da Xunta de Galicia e do Decreto de Plurilinguismo.


Fálase d’*O primeiro retorno de Castelao*, libro que Manuel Dourado Deira fixo para publicar na Editorial Galaxia. Expícase que o volume versa sobre a “aventura peripecia do Busto que o Padroado de Cultura Galega de Montevideo construíu en bronce” e que recibiu financiación por subscrución popular. Indícase que, malia que Freixanes comprometeuse a remodelar o texto, non o fixo. Citase a preza teatral “O soño do barbeito de Pancho Martínez”, obra que sintetiza outros orixinais de autores como Daniel Rodríguez Castelao ou Rafael Dieste. Noméase, tamén, o volume *Conversas con Teresa Castelao*.


Inclúese nesta columna de opinión unha composición poética.


Fálase do “malditismo” de Lois Pereiro que reflectiu na súa “poética tan intensa e fonda” e que permite visibilizar a literatura periférica.

Fálase de Lois Pereiro con motivo da homenaxe que se lle fará no Día das Letras Galegas 2011. Indícase que os seus poemas son “reais como a vida mesa”. Citase a súa obra Poesía última de amor e enfermidade (1995).


Reñírese á conferencia impartida por María do Cebreiro en Bos Aires sobre a obra en prosa de Rosalía de Castro. Expícase que entre as características menos coñecidas da súa obra atópase o “fino sentido do humor” e a “presenza da vida urbana e industrial”.


Con motivo do Día Internacional da Muller Traballadora o articulista fai un breve repaso polas figuras femininas máis destacadas en Galicia en diferentes ámbitos artísticos, científicos e segundo o seu protagonismo nalgunhas batallas. No extenso repaso fai, finalmente, alusión ás escritoras máis destacadas da terra galega como son: Rosalía de Castro, Emilia Pardo Bazán e Concepción Arenal.


Faise eco das conferencias ofrecidas, tanto na Universidade de Oxford como en París, por dous escritores galegos internacionalmente recoñecidos: Manuel Rivas e Suso de Toro. Destácanse parte dos comentarios dos autores nos que se refiren ao impacto internacional de moitos dos escritores galegos capaces de transcender o ton localista e rexional. Recóllense tamén que denunciaron o feito de que “la recepción de nuestra cultura en España y en el extranjero venga muchas veces marcada e manchada por una ‘contaminación ideolóxica’” e, finalmente, o alegato de Manuel Rivas a favor de todos os libros.


Anúnciase a publicación de Literatura en galego no albor do século.Unha década da crítica literaria, de Héitor Mera, considerado un libro que dará a coñecer a opinión crítica do seu autor, a quen cualifica como “un dos nosos especialistas máis activos no ámbito da creación en galego” a comezos do século XXI. Asemade, apunta que nel poderase ver críticas a autores consagrados, a autores consolidados, aos máis novos e ás novas descubertas.

Cando se cumpren 75 anos da publicación dos *Seis poemas galegos*, de Federico García Lorca imaxina a posibilidade de gravar na pedra, na Praza da Quintana o poema “Danza da llúa en Santiago”. Tamén celebra o centenario do escritor Gonzalo Torrente Ballester e do pintor Luís Seoane, o XV aniversario da pintora Maruja Mallo e o XXV cabodano da morte de Vicente Aleixandre. Lembra outros nomes no esquecemento como Miguel Hernández, Ricardo Carvalho Calero e Ramón Gaya. No caso de Carvalho Calero comenta que fixo vinte anos da súa morte mais só é recoñecido dende o ámbito lingüístico do reintegracionismo, movemento do cal foi gran teórico e pensador, mentres para as institucións e o mundo cultural fica esquecido.

**Fernán Vello, Miguel Anxo, “Noticia de Luz Campello”, *Galicia Hoxe*, “Hoxe Galicia”, “Caderno aberto”, 22 xaneiro 2010, p. 3.**

Dáse conta da presentación do primeiro libro de poemas de Luz Campello que tivo lugar na Biblioteca de Poesía Uxio Novoneyra de Culleredo. Indícase que esta creadora, natural de Guitiriz, xa gañou o Certame de Poesía da Irmandade dos Centros Galegos de Euskadi co libro *Muller* (inédito), ofrece *Do corazón da terra* (2009), un libro chairego ao xeito de Manuel María ou Darío Xohán Cabana cun limiar de Pilar Pallarés e que está cheo de imaxes sensoriais e sensuais e que sorprende pola súa densidade e polo seu coidado formal, cheo de sensacións e percepcións que sen dúbida invadirá de imaxes a todos os seus lectores.


Celébrase a elección de Xosé Luís Méndez Ferrín como presidente da Real Academia Galega porque con el a lingua e a cultura estarán perfectamente protexidas e amparadas, un desexo que xa manifestara Manuel Murguía, o primeiro presidente da RAG porque para el o poblo que esquece a súa lingua é un poblo morto. Lémbrase a traxectoria de Ferrín cando no ano 1958 publicou *Percival e outras historias*, celebrado por Ramón Otero Pedrayo e Álvaro Cunqueiro. Apúntase que a partir de entónse a súa creación literaria foi *in crescendo* en imaxinación compositiva e en calidade estética dun dos grandes mestres literarios galegos. Finalmente coméntase que Ferrín foi proposto como candidato para o Premio Nobel de Literatura pola Asociación de Escritores en Língua Galega.

**Fernán Vello, Miguel Anxo, “Xeracions poéticas”, *Galicia Hoxe*, “Hoxe Galicia”, “Caderno aberto”, 2 de abril 2010, p. 3.**

Indícase que se cumpren trinta anos da denominada Xeración dos 80, unha xeración literaria que coma moitas outras foi produto do azar ou dos feitos políticos e históricos, aínda que non se estea de acordo en utilizar este termo que ten importantes finalidades didácticas e que permite diferenciar periodos importantes da historia e resolver o complexo feito da periodización da literatura. Salíéntase que o tempo será o que sitúe esta xeración no lugar que lle corresponde porque continúa a ser un grupo activo, diverso e que conforma un universo poético en expansión que ten moita vida.


Fálase do Instituto de Estudos Miñoranos, presidido por Carlos Méixome. Expícase que a organización naceu co obxectivo de “fomentar e coordinar diversas áreas de estudios e investigacións en materia científica, técnica e artística” relacionada co Val Miñor. Coméntanse as diversas publicacións que teñen entre as que se atopa a Revista de Estudos Miñoranos. Destácase o libro Escritos sobre arqueoloxía, de Xosé María Álvarez Blázquez.


Refútase a idea de que a literatura galega está subvencionada e que os “editores maman igualmente do teto das subvencions”. Acódese a unhas declaracións feitas por Xosé Luís Méndez Ferrín nas que apunta que a Xunta de Galicia “non concede premios nacionais de literatura” nin tampouco promove subvencions nin axudas aos escritores en lingua galega. Citase a súa obra Con pólvora e magnolias (1976).


Fálase da decisión do Concello de Melide de poñerlle á biblioteca municipal o nome de Xosé Vázquez Pintor e da queixa que, ante iso, fixo un representante da oposición. Quéixase do descoñecemento que existe arredor de figuras como Vázquez. Citase a William Hazlitt.


Reflexiónase sobre a importancia do tempo na poesía e da influencia que as xeracións anteriores tiveron nas novas xeracións literarias. Citase a Borges, Gaston Bachelard, Eusebio Lorenzo, Lois Pereiro e Manuel Rivas, entre outros.

Refírese ao sexto aniversario da morte de Manuel María. Fálase de “Lúas de Outono”, homenaxe que a Fundación Manuel María e a Concellería de Cultura lle fixeron e na que participaron Pilar Pallarés e Luz Pozo. Fálase da conferencia que Miguel Anxo Fernán fixo sobre a relación entre vida e poesía en María no Liceo de Ourense. Citase a súa obra Muiñeiro de brétemas (1950).


Achégase un comentario sobre a parte da obra plástica de Xosé Luís de Dios que se inclúe en Herbas de cego (2008), así como dos poemas de Manuel Rivas que dialogan con ela. Destácase esta publicación como “un tesouro bibliográfico”, cunha imaxe plástica e deseño formal que resulta conmovedora. Coméntase que se trata dun libro editado polo Concello de Ourense, que nunca foi presentado nin distribuído.


Refírese á celebración do centenario de Ricardo Carbalho Calero, recoñecendo o seu labor profesional e a súa traxectoria vital. A respecto do “denso e delongado” silencio que sofre no seu propio país a figura deste escritor, comenta que se está a converter no “caso Carvalho”, ao tempo que denuncia a ingratitude e o desagradecemento institucional sobre o intelectual, que el observa como “perigoso” para a cultura galega, en xeral.


Agradece a próxima saída ao mercado da antoloxía De sombras e poemas que son casas, de Xosé M.ª Álvarez Cáccamo, dentro dunha extraordinaria “nova colección de poesía”. Indica que o CD que o acompaña presenta unha selección de vinte e dous poemas recitados. De Álvarez Cáccamo resalta que é un poeta que mide en todo
momento a gravidade da súa voz e a súa adecuación ao poema resultando así unha “representación perfecta da súa poesía”.


Saliéntase do espectáculo-recital celebrado dentro da XVI edición do Seminario de Historia de Culleredo que nel Carlos Oroza recitou o poema “Eléncar”. Destácase tamén a proxección do vídeo-poema realizado polo pintor Carlos Vilas Bugallo. Remátase sinalando o bo facer do poeta que “nos infunde na mente e no corpo o espírito abisal da poesía”.


Partindo dunha afirmación de Suso de Toro (“a saúde dun país mídese ben observando como trata aos seus fillos, especialmente o que fai cos más lúcidos e valiosos”), reivindicase a figura de Ricardo Carvalho Calero, a quen mesmo Francisco Fernández del Riego propuxera dedicar o Día das Letras Galegas.


Panexírico de Marcos Valcárcel como valioso intelectual que se podería resumir na seguinte afirmación: “eu sempre lembrarei a Marcos Valcárcel, ademais de pola súa inmensa obra como historiador, ensaísta e activista cultural, polo seu sorriso”.


Comeza referíndose a diferentes guías centradas en Galicia, na Cidade de México e mais en Roma para despois anunciar a Guía de Ourense, publicada por Everest. Indica que conta con versos de Celso Emilio Ferreiro e mais que mantén un perfecto equilibrio entre o informativo e o descritivo.


Dedica a Víctor Campío esta lembranza de escritores de Ourense que tivo lugar no Liceo. Dos actos destaca o discurso de Camilo Franco, a mesa redonda na que participaron os autores do libro Narradores de cine (1996) e a música dos cantautores Carlos Rego e Magín Blanco. Tamén repara na presentación das obras de escritores, apuntando que a expectación foi “máxima” e “tristemente, a asistencia mínima”.

990

Fálase do Día do Apóstolo e refírese a Alba de groria, obra na que Castelao fala desta celebración. Coméntase que a xornada de festa está ensombrecida pola “mala situación xeral”, tanto política como económica. Citase a Camús e a Goethe.


Repaso dos datos máis relevantes da obra e vida de Ramón Cabanillas, por ser un home do seu país, da súa tradición e das súas xentes que procurou afondar no pasado, definir a tradición galega e trattou de reorganizar o mundo en termos de arte, un dos piares da literatura. Apúntase que aínda que Cabanillas afirmou que a súa era unha obra de circunstancias foi sempre sensíbel ás necesidades da realidade social do seu tempo. Indícase que naceu na vila de Fefiñáns, que ingresou no Seminario Maior de Compostela e que traballou como contable até que a vida o levou á emigración e comezou a escribir os versos de No desterro, labor como poeta que se lle recoñeceu á súa volta ingresando na Real Academia Española mentres pasaba tempadas en Madrid, Samos ou Baracaldo até vir pasar os seus derradeiros días ao seu Cambados natal.


Saliéntanse os importantes contactos que se estabeleceron entre as Irmandades da Fala e os persoeiros das letras e das artes portuguesas, que intercambiaron as súas publicacións para as revistas A Aguia, Descobrimento en Portugal e Nós ou A Nosa Terra en Galicia. Apúntase que afianzaron estes lazos Teixeira de Pascoaes, Xoán Vicente Viqueira e Vicente Risco, que a Semana Galega en Porto en 1935contribuíu a consolidar estas relacións, pois daquela visitaron a Editorial Nós de Ánxel Casal, coñeceran o Seminario de Estudos Galegos e recoñeceran que en Portugal Galicia era case descoñecida. Coméntase que naquela presentación tamén interviña Ramón Otero Pedrayo, que enxalzara a beleza das paisaxes portuguesas e que fixo posíbel grazas a unha gran cantidade de actividades unha maior unión entre un e outro pobo.


Faise un repaso polas diferentes editoriais que foron xurdindo en Galicia dende a creación da Biblioteca Galega en 1889 até a fundación da Editorial Galaxia en 1950. Citanse obras como A miña muller (1924), de Wenceslao Fernández, ou Histórica sintética de Galicia, de Ramón Villar Ponte, entre outros.

Refírese ao rexurdimento intelectual dos anos vinte e apúntase que na actualidade, malia existir unha “florecer vida intelectual galega” esta non é tan coñecida como debería. Fálase do que significou a guerra civil para este ámbito cultural.


Reprodúcese o derradeiro artigo de Francisco Fernández del Riego en La Voz de Galicia, no que se realiza unha crítica do novelista Stendhal e das súas obras, centrándose, sobre todo, n’O roxo e o negro, da que se analiza o tratamento dos personaxes e o estilo da súa prosa, para concluir afirmando que “Stendhal é unha figura singular cuia obra constitúe unha permanente lección que non se debe esquecer, e que hai que repasar cada día”.


Saliéntase que, en véspera da celebración do día do Libro, é unha boa oportunidade para ler grandes clásicos que se poden agasallar, como Les fleurs du mal, de Charles Baudelaire; Madame Bobary, de Flaubert; e as Metamorfosis, de Frank Kafka, pois en palabras de Cicerón, unha casa sen libros é un corpo sen alma. Indícase que tamén por esta celebración se escribiron os versos de Rosalía en todas as prazas das vilas e cidades galegas e que en algunha libraría tamén se agasallaba a compra de libros cunha botella de albariño que leva o nome da gran Rosalía. Dise que é unha boa desculpa para gozar da lectura, fonte de sabedoría e diversión.


Analízase a contribución de Francisco Fernández del Riego á Real Academia Galega na súa etapa como presidente, sentando “as bases dunha xeira”, renovándoa internamente e tamén na súa imaxe e no seu contacto coa sociedade.


Indícase que a obra de Castelao foi declarada Ben de Interese Cultural galego. Apúntase que Castelao foi o guieiro da emigración até a súa morte e que soubo interpretar as necesidades dos máis pobres a través do seu ideario e co seu compromiso. Saliéntase que os seus debuxos e os seus discursos foron definitivos e alentadores dun pobo necesitado de liberdade, por iso aínda hoxe parte da súa obra está nos andeis do Centro Galego de Bos Aires, igual que a súa obra dramática interpretada por primeira vez na capital arxentina até que os seus restos viñeron para o Cemiterio de Galegos Ilustres.

Fala da proposta que hai en internet pola que se recollen sinaturas de adhesión á candidatura de María Xosé Queizán á Real Academia Galega. Resúltalle “extraño” que aínda non estea dentro da institución.


Dáse conta do pasamento de Fernando Pérez-Barreiro, un home con moita facilidade para as linguas que dominaba o inglés, o alemán, o chinés, o hebreo ou o árabe. Indícase que as circunstancias fixeron que emigrase ao Reino Unido, onde fixo colaboracións e traducións para infinidade de empresas e deixou un oco difícil de encher en moito tempo.


Louvanza do incansábel labor de Francisco Fernández del Riego en Galaxia, na Fundación Penzol ou á fronte da Real Academia, sempre en defensa de Galicia e da súa lingua.


Apúntase que o ano 1910 foi a data na que naceron Ricardo Carballo Calero, Gonzalo Torrente Ballester e Luís Seoane. Infórmase que, sobre os dous últimos, se celebrarán debates, congresos e ponencias. Indícase que en 1994 se lle dedicou o Día das Letras Galegas a Seoane e reclámase tamén unha festa das letras galegas para Carballo Calero por ter sido un monumento das letras.


Fállase de Xosé Luís Méndez Ferrín e indícase que a súa prosa e o seu discurso son moi “poderosos”. Coméntase que o seu cargo de presidente da Real Academia Galega confirma o recoñecemento que todos lle teñen. Citanse obras súas como Arnoia, Arnoia ou Arrabalde do norte.


Refírese á decisión de Francisco Fernández del Riego de deixar de escribir, “polo menos da súa man”, para o suplemento “Culturás”. Coméntase que cada semana unha
investigadora da Fundación Penzol o visita para facerlle de mediadora e axudarlle a rematar o libro “que disque aínda lle falta”. Indícase que a Editorial Galaxia, a Fundación Penzol e Real Academia Galega lle entregaron unha placa para expresarlle o seu cariño. Fárase tamén, da decisión do Concello de Poio de poñerlle o nome de Xaime Isla Couso á Casa da Cultura de Raxón. Engádese que Isla Couto e Fernández del Riego son testemuñas vivas do grupo Galaxia, editorial que cumpriu sesenta anos.


Lémbrase a figura de Francisco Fernández del Riego en relación coa fundación da editorial Galaxia xunto con Ramón Piñeiro e Xaime Isla. Del disse que “era o pulmón, o músculo, o pulo incansable, a forza; tamén a carraxe, a afouteza, trabe que terma da estrutura e a fai habitable”. Asimesmo, tamén se menciona o seu importante labor en proxectos como a Fundación Penzol e a Real Academia Galega, como impulsor do Día das Letras Galegas ou como director de *Grial* xunto a Ramón Piñeiro, entre outros.


Realízase unha semblanza de Francisco Fernández del Riego destacando non xa os seus méritos como intelectual, senón a súa dimensión humana, “aquel pulo contaxioso, xigantesco, que empuxaba, arrastraba, prendía o lume do entusiasmo (e da esperanza) mesmo no medio da fraqueza” e que trouxo como froitos a biblioteca e o arquivo da Fundación Penzol, a publicación da obra de Álvaro Cunqueiro ou a celebración do Día das Letras Galegas.


Lémbrase a figura de Marcos Valcárcel como “unha das personalidades máis interesantes, activas, entusiastas e intelectualmente mellor dotadas da súa xeración, mesmo nos tempos que vivimos”. Faise referencia ao seu compromiso coa lingua e a literatura galegas dende proxectos como “As uvas da solaina”, o seu espazo de comunicación na Internet.


Celebra o Día Mundial da Tradución en Galicia e aproveita para poñer en valor o *Catálogo Virtual da Tradución Galega*, elaborado polo grupo Bitraga, sinalando a importancia da tradución de moitos títulos da literatura galega para outras linguas, ademais de dar cifras concretas. Neste senso, considera que a proxección da literatura galega no exterior xa non é “unha anéctoda” máis observa que segue a ser descoñecida en Galicia. Por isto cre necesario unha análise dos axentes (autores, editores, público,
etc.) para ver que relación ten o centro e a periferia, Galicia co resto do Estado, así como a relación da cultura galega naqueles lugares onde esta empezou a ter presenza.


Apúntase o éxito que tivo a manifestación solidaria do 21 de xaneiro para que a lingua galega continúe sendo o vehículo de comunicación da nación galega frente ao poder institucional. Indícase que non é a única manifestación multitudinaria, colectiva e solidaria con lemas acordados previamente, tamén as do día das Letras e outras datas nas que moitos miles de persoas acudiron en defensa da súa lingua e da identidade galega, sobre todo un grande número de rapaces novos que dan conta da excelente saúde da cultura galega como di Ánxel Fole, “despois da fala o meirande vencello que temos coa terra é a música popular”.


Analízase a historia da Real Academia Galega e dos seus presidentes agora que Xosé Luís Méndez Ferrín é o seu novo presidente. Apúntase que, dende a súa orixe, tanto Manuel Murguía coma Manuel Curros Enríquez soñaran con manter erguido o facho luminoso da tradición popular para facer da lingua galega un vehículo de expresión. Coméntase que esta institución pasou por períodos de menos mobilidade polas circunstancias políticas a cargo de Casás Fernández ou García-Sabell, que determinou un posicionamento claro dos seus membros. Saliéntase que a institución mudou coa presidencia de Xosé Ramón Barreiro e que ten en Ferrín unha esperanza para que sintonice cos novos tempos e para que o idioma teña vida independentemente das cores políticas sen que iso determine o seu destino.


Infórmase das diferentes efemérides que se celebran este ano, e entre as que salienta en Galicia o centenario de Luís Seoane, un dos persoais máis acreditados nas letras e na súa creatividade pictórica que fixo posíbel a resistencia dende a emigración reivindicando a defensa da súa terra galega.


Con motivo do centenario da morte de Antonio López Ferreiro (Santiago de Compostela, 1837-Vedra, 1910) faise unha análise da traxectoria deste clérigo ilustrado e un repaso pola súa obra máis coñecida, as novelas: *A tecedeira de Bonaval, O castelo de Pambre e O niño de pombas* xerando que apostou pola idioma galego, seguido os preceptos do Padre Sarmiento ou do cura de Fruíme. Saliéntase que foi unha testemuña
coherente que rachou cos prexuízos do galego e que tamén destacou polos seus estudos históricos, eclesiásticos e do simbolismo románico.


Reffirese ao centenario do nacemento de Luís Seoane, escritor que se salvou do asasinato por ter nacionalidade e pasaporte arxentino. Cítase o seu poemario *Fardel de Esiliado*.


Fálase da relación que Eduardo Pondal tiña con Portugal e reffirese á reivindicación que este facía sobre a “memoria común entre galegos e portugueses”. Expícase que Pondal vía na língua un “significado de unión” entre ámbolos dous territorios.


Reffirese á exposición “Castelao a derradeira lección do mestre” que o Museo Provincial de Lugo acolle sobre Daniel Rodríguez Castelao. Fálase do catálogo da mostra titulado *Por un Castelao á vista*. Apúntase que serven para revivir a Galicia “intensa e dinámica” pola que loitou o escritor.


Coméntase que a formación dunha literatura “estábela e comunitaria” para Galicia e Portugal non pasou desapercibida para Rosalía de Castro e Manuel Murguía. Indícase que en “Dende as fartas orelas do Mondego” a poeta recuperaba dúas figuras portuguesas de orixe galega como eran Inés de Castro e Luís de Camoes. Faise referencia ao discurso que Murguía pronunciou na Real Academia Galega e no que indicaba que a língua portuguesa e a galega eran o mesmo nas súas orixes, no seu desenvolvemento e nas súas condicións.


Coméntase que Manuel Curros Enríquez foi tradutor de poetas portugueses como Guerra Junqueiro, Teófilo Braga e Antero de Quenta. Apúntase que, ademais, a súa obra viuse influenciada por estes autores, tal é o caso d’*O Divino Sainete* (1888).

Infórmase do novo período de actividades culturais no Ateneo de Santiago que se abre coa conferencia de Xosé Ramón Barreiro, “A Ilustración en Santiago de Compostela”. Faisse ademais un balance das intervencións anteriores de figuras significativas do mundo xornalístico ou literario como Xosé María Álvarez Cáccamo, Antón Reixa, Suso de Toro ou Anxo Tarrío. Indícase que, ademais da conferencia de Barreiro, tamén estarán presentes cada luns estudiosos como Guillermo Rojo ou Andrés Torres Queiruga e que virán satisfacer a curiosidade intelectual da contorna compostelá.


Infórmase que na sesión dos Luns do Ateneo de Santiago o profesor Xosé Carro Otero vai lembrar a figura de Antonio López Ferreiro e as escavacións que este realizou na Catedral compostelá, ademais da súa obra histórica e literaria en lingua galega. Lémbrase tamén a placa conmemorativa na casa onde naceu, na praza da Universidade e o seu pasamento ao pé do Pico Sacro xunto aos numerosos estudos que existen con respecto á súa obra arqueolóxica de X. Barreiro, dos seus traballos literarios, con edicións de X. A. Palacio e Blanca-Ana Roig, de Anxo Tarrío e de Dolores Vilavedra. Apúntase que foi fundador da Real Academia Galega e que se lle dedicou o Día das Letras Galegas en 1978.


Infórmase que a lembranza do centenario do nacemento de Luís Seoane dá lugar a innumerábeis encontros, congresos e exposicións nos que van participar Xusto Beramendi, Antón Patiño e Ramón Villares. Dise que se analizará a obra deste creador e polifacético artista ademais de dinamizador da cultura galega ao que se lle dedicou o Día das Letras Galegas en 1994 e do que se lembra a estreita relación que o uniu á Asociación Cultural O Galo, un grupo de mozas e mozos nacionalistas que quixeron contar cos seus apoios e que participaron das súas ensinanzas e das controversias como as que mantiña con Ramón Piñeiro en canto ás súas opinións políticas. Saliéntase que foi un artista que procurou sempre prolongarse nas xeracións futuras e que a súa importante obra ten un recoñecemento merecido.


Fálase do Día da Patria Galega e refírese aos textos dos discursos que Ramón Otero Pedrayo e Daniel Rodríguez Castelao dedicaron a esta celebración. Coméntase que ámbolos dous escritos levaron por título *A siñificación espiritual do Día da Galiza*. Citase Alba de Groria, de Castelao.


Refírese ao programa do espazo de divulgación, análise e debate “Os luns do Ateneo”. Indícase que Víctor Fernández Freixanes impartirá unha conferencia-coloquio titulada “O libro e os novos soportes” e que Manuel Bragado levará a cabo o encontro “O futuro do libro. Reflexións no Ano da Lectura”.


Comenta que a Asociación de Escritores en Língua Galega (AELG) vén de cumprir tres décadas e repara nas lembranzas ao saber por boca de Cesáreo Sánchez Iglesias que se ía editar o cartafol *Poemas de Compostela*, para celebrar estes trinta anos de existencia. Entre outras cousas, fai referencia á Orde do Día da xuntanza fundacional na que deu comezou a AELG e, para rematar, cualifica o seu traballo como “realmente eficiente”.


Faise referencia á antoloxía mural “Poesía suspensa” que, logo de percorrer, despois dun proceso non exento de dificultades e atrancos, distintos albergues do Camiño, chega a Santiago. Co acompañamento de pinturas de Xurxo Gómez-Chao, Isabel Pintado e Fidel Vidal, recóllense composicións dun variopinto grupo de poetas en diversas linguas.


Entre outras celebracións, faise eco do 125 aniversario da morte de Rosalía de Castro e lémbrase o seu celebrado prólogo de *Cantares gallegos* e a obra *Follas Novas*, dúas obras que dan mostra da capacidade de creación da súa autora e que iniciaron o rexurdir literario galego, ademais de amosar a grandeza e intensidade da súa creadora. Indícase que estas obras situaron a Rosalía na literatura española ao nivel de Espronceda e Bécquer pola súa creación intimista e a súa temática social e profunda e que ademais conectou coas inquedanzas do galeguismo.

Fálase de Rosalía de Castro con motivo do cento vintecinco aniversario da súa morte e co obxectivo e “reivindicar á eterna Rosalía e a súa poesía”. Citanse as súas obras Follas Novas e Cantares galegos. Noméase, tamén, a Quinto Horacio Flaco.


Indícase que no 173 cabodano do nacemento de Rosalía de Castro se publican as súas obras completas editadas por Aguilar. Saliéntanse os seus versos que teñen a capacidade de transformar a quen os le e bótase en falla que a literatura galega non tivera sido coñecida nos tempos da escola para xeracións que non puideron acceder a esa voz valente e combativa por tanto tempo silenciada. Indícase que este legado debe facer reflexionar, como ben transmiten os versos que o autor reproduce para a ocasión onde se funden a paisaxe e a lingua.


Indícase que, cando se cumpren 173 anos do nacemento de Rosalía de Castro e á vez os 125 anos da súa morte, son moitas as rúas, prazas, avenidas e colexios que levan o seu nome, até o levan os billetes das antigas pesetas. Saliéntase que é unha das autoras máis traducidas e comentadas, a que máis conmove aos lectores de todos os recunchos do mundo. Mais pregúntase cantos len de verdade a Rosalía. Por último, reproducúese un dos poemas de Follas Novas, convidando a reler e redescubrir a Rosalía.


Informase que no día no que se celebra o aniversario do nacemento de Rosalía de Castro se presentou na Universidade da Coruña a tese de Doutoramento de Manuel Castelao Mexuto, un investigador privilexiado que fai honra ao seu apelido e tamén coñecido polo seu heterónimo, Raúl Veiga. Apúntase que neste traballo se fai unha análise de A noite estrelecida, de Ramón Cabanillas; Arredor de si, de Ramón Otero Pedraia; De catro a catro, de Manuel Antonio; Longa noite de pedra, de Celso Emilio Ferreiro; O incerto señor don Hamlet, de Álvaro Cunqueiro; e Os Eidos, de Uxío Novoneyra. Coméntase que ademais analízanse os vínculos que hai entre estes escritores, como acontece con Cabanillas e Novoneyra que en diferentes etapas souberon fundir o mellor da tradición coas correntes vangardistas. Saliéntase que Castelao, amosa a paixón pola literatura galega á que, como novo doutor, intenta colocar no lugar que ben merece polas súa características e a súa profundidade.

Apunta que a expresión latina de rebeldía Non serviam (non servirei), pronunciada por Luzbel, o anxo que descendeu aos infernos, é un berro como o que pronuncian moitas mulleres para proclamaren a súa identidade, e máis agora que se achen ó día da muller da muller traballadora. Indica que tal foi o berro de Rosalía de Castro que no 1858 escribía en Lieders: “Libre es mi corazón, libre es mi alma, y libre es mi pensamiento...”, ao xeito de Luzbel, cunha claridade e unha insolencia impactante. Dá conta dos postulados feministas modernos que tamén puxeron en marcha a grande obra de Rosalía, da que hoxe todos se senten orgullosos. Indica que este berro é o que se pronuncia nas homenaxes que por estas datas se lle fan a artistas como Uxía Senlle ou á poeta xa falecida Luísa Villalta.


Dáse conta do falecemento de Miguel Delibes, con case 90 anos, un dos escritores máis notábeis da segunda metade do século XX pola súa ampla obra narrativa. Indícase que foi un autor da posguerra moi prolífico se se ten en conta a mediocridade reinante nas letras españolas e que só se pode comparar con autores como Ramón Otero Pedrayo e Eduardo Blanco Amor, frente á represión e o silencio da represión e a censura da ditadura.


Dáse conta da celebración dun acto que, baixo o título “125 camelias para Rosalía de Castro”, reuniu a Antía Cal, Xosé María Álvarez Blázquez, Asunción Estévez e Marica Campo, entre outros, para recitar poemas da autora homenaxeada.


Refírese á exposición realizada en Atlántica. Centro de Arte na que participaron Olga Patiño, escritora; Isabel Pintado, pintora; e Soledad Penalta, escultora. Fálase da mestura de xéneros que xa estivo presente na poesía de Rosalía de Castro, na obra artística de Castelao ou na arte gráfica-poema de Noveoneyra. Coméntase, tamén, a influencia de Castelao e Corredoira en Valle Inclán.


Fálase de Manuel María, e da amizade que este mantivo con María Pilar García Negro, con motivo do sexto aniversario da súa morte. Refírese ao congreso “Manuel María: Literatura e Nación” que diversas organizacións, entre as que se atopa CIG Ensino e a Universidade da Coruña, fixeron ao ano seguinte do seu falecemento e que deron lugar
a unhas actas publicadas en 2009, ano no que tamén se incorporou a Fundación Manuel María de Estudos Galegos


Analízase a invisibilidade dalgúns autores internacionais máis coñecidos, caso de Salinger, autor d’*O vixía no centeo*, e de Pynchon, de Cid Cabido, autor galego que tampouco é dado ás aparicións públicas e tampouco se prodiga en entrevistas. Mais apúntase que hai que respectar esas decisións porque non é a imaxe o importante senón a escrita, aínda que non teña un rostro definido.


Descríbese a literatura irlandesa que está no camiño da construción dunha nova poesía e e confronta esta situación co estado da literatura galega. Indícase que se presentou a tradución inglesa d’*Os libros arden mal*, de Manuel Rivas e que haberá un congreso na Sorbona de París no que se falará del e mais de Suso de Toro. Infórmase que están a piques de saír antoloxías en inglés e que é o momento de deixar de adoptar a postura vitimista, pois a obra de Álvaro Cunqueiro foi aprezada alén das fronteiras galegas.


Indícase que o son do blues é unha das influencias máis importantes nos poemas de *Blues da crescente* (2009), de Mario Regueira. Saliéntase que a xeito de libro de viaxes o poeta vive en cidades onde non hai solpores e énchese de melancolía, un sentimento estático mentres soa ese blues no voo dos paxaros.


Fala da imposibilidade de definir a palabra “elegancia” e comenta que ten moito que ver co “misterio”, “os enigmas”, ou a “sinxeleza”. A seguir, aproveita este discurso para facer mención ao peche do semanario *A Nosa Terra*, do que di que aprendeu “compañerismo”, “curiosidade”, “alegría polo traballo”, “compromiso co traballo”, e “o amor ás palabras”. Subliña que ante este peche só pode sentir unha “elegancia furiosa”. Por outra banda, comenta o novo traballo de Maite Dono, *Sons-Nús*, inspirado en poemas de Uxío Novoneyra, e destaca a “forte carga de atrevemento e de orixinalidade” existente nas cancións incluídas nel.

**González Macías, Fernando, “¿Un nuevo presidente para la misma Academia?”, La Opinión, “Opinión”, “Al trasluz”, 24 xaneiro 2010, p. 27.**
Cualificase a Xosé Luís Méndez Ferrín coma o máis importante literato galego vivo, eterno aspirante a Premio Nobel. Indícase que foi elixido como presidente da Real Academia Galega e que esta nova se recibiu con inquedanza, sobre todo, dende o poder político. Agárdase que deixe a unha beira as súas posicións políticas en canto entre na rúa Tabernas e que continúe co traballo dos seus predecesores na institución, modernizando os espazos e reflectindo un aire renovador para conquistar as tan ansiadas mil primaveras da lingua galega.


Con motivo de que a empresa Travisur Noroeste leva a cabo unha iniciativa para incorporar a lingua galega aos seus servizos, lémbrase que hai anos xa unha empresa puxera a cada un dos seus autobuses os nomes de personaxes históricos e escritores. Apúntase que tamén se repartirá a serie de nove “Relatos de paisaxe” a cargo de Xesús Ferro Ruibal, Xosé Benito Reza e Clodio González Pérez, entre outros.


Con motivo da conmemoración dos cento vinte e cinco anos do nacemento de Wenceslao Fernandez Flórez, achéganse algúns dos títulos da súa producción literaria, entre os que se atopan dúas novelas curtas escritas en lingua galega e publicadas na colexión “Lar”: *A miña muller* (1924) e *O ilustre Cardona* (1927).


Reprodúcense neste artigo as tres caricaturas que Álvaro Cebreiro fixo de Valle-Inclán en diferentes etapas, unha representación moi esquemática do autor que destaca pola súa extrema delgadez, as longas barbas e a cabeza rapada ou a longa melena na última delas, todo feito cun único trazo. Indícase que foron moitas as caricaturas deste escritor pola súa singular figura, caso das recollidas polo artículista en *Castelao: caricaturas e autocaricaturas* (1986).


Fálase de Manuel María con motivo do sexto aniversario do seu pasamento. Refírese a *Sonetos á casa das Hortas* (1997) e coméntase que a súa casa natal será destinada para a creación dun museo. Citase a Blas de Otero.

Recolle o éxito da exposición de Antón Lamasares en Ourense, que recomenda vivamente despois do seu triunfo en Nova York; ao tempo que relata as historias marabillosas do veciño de Camba, Artemio Corral Farúa.


Reclámanse actos de homenaxe para celebrar o centenario do nacemento de Aquilino Iglesia Alvariño, grande poeta, tradutor e filólogo, ao que só se homenaxeou no seu Abadín natal grazas ao PEN Clube. Agárdase o recoñecemento por parte do Concello de Santiago de Compostela e da Real Academia Galega, porque son moitos os que estudaron a súa obra, como Manuel Bragado, Xosé Miranda e Ramón Loureiro e os proxectos foron quedando no baleiro para esta figura tan grande das nosas letras.


Recolle o intercambio de opinións con Jonathan Dunne, preocupado pola proxección exterior da literatura galega e que quere promover as boas traducións. Indica que tamén John Rutherford e o seu equipo de Oxford realizou unha excelente tradución dunha escolma de contos de Xosé Luís Méndez Ferrín e que os libros de Manuel Rivas están sendo traducidos ao inglés, co que se consegue tender pontes para lograr ese labor de exportación cultural tan importante.


Lémbrase do artista Luís Seoane, que tiña o seu país espallado polo mundo entre Santiago, A Coruña, Arca e Bos Aires, con motivo do centenario do seu nacemento. Tamén se nomea a Lorenzo Varela, nacido na Habana, Rafael Dieste, galego-uruguaio xunto a Carlos Maside, Ramón Cabanillas, Eduardo Blanco Torres e Alfonso Daniel R. Castelao que forxaron a súa creación entre dous mundos. Magóase de que os galegos sexan máis coñecidos nas Américas por traballadores e teimudos que polas súas creacións artísticas.


Lémbrase da celebración en Santiago de Compostela en 1975 do 25 aniversario do pasamento de Castelao, na que Ramón Otero Pedrayo fixo un discurso evocando o seu amigo Daniel que emocionou a todos os presentes. Apúntase que seica a movida cultural está cambiando e que agora o día da Poesía se celebra con escritores de Haití ou Chile.

Lembra as experiencias das súas viaxes trasatlánticas e tamén fala das historias que lle contou a súa veciña narradora. Afirma que as novidades editoriais resultan dunha linguaxe chá e de pouca habelencia discursiva, que rematan por cansar e que fican sen ler. Por último apunta que faltan ideas orixinais.


Fálase da sona e da capacidade das persoas para acomodarse ao interlocutor a través dunha anécdota que lle acontecera a Carlos Casares, e que este compartiu á súa vez con Ramón Piñeiro durante unha folga xeral contra o Goberno socialista de Felipe González en 1988.


Fálase da iniciativa levada a cabo pola Casa de Galicia de Toulouse de levar a cabo unha tradución ao francés d’*A esmorga*, de Eduardo Blanco-Amor. Indícase que a obra narrativa deste autor aínda “esperta lectores” xa que, “igual que en Tennesse Williams, latexa a lírica da transgresión”.


Recupérase o verso de Xosé Díaz Castro “un paso adiante e outro atrás, Galiza”, así como outro de Antón Losada Diéguez que di “estanos ben empregado por querermos salvar a un pobo de cabrós como é o pogo galego… Non conseguiremos impedito suicidio de Galiza”. Cítase o libro *Nimbos*, de Díaz Castro e noméase a Yolanda Castaño e a Uxío Novoneyra.


Reflexiónase sobre o nome de Víctor e saliéntase tres persoas importantes para Luís González Tosar que se chaman así. Fálase, polo tanto, de Víctor Casas, galeguista fusilado do que Ramón Otero Pedrayo dixo que “foi a proba da vida, leal” e de Víctor F. Freixanes. Cítase a obra *O capital da cultura*.

Fálase de Manuel Curros Enriquez e das tres composicións polas que, en 1877, lle deron dous mil reais, isto é, *O gueiteiro*, *Unha boda en Einibó* e *A Virxe do Cristal*. Recóllese a apreciación feita por Xesús Alonso Montero sobre o último poema, do que salienta a modernidade e os símbolos literarios que o seu autor manexa. Fálase do argumento.


Fai mención ao que leu na contra dun xornal onde se dicía que había unha “nova caste de narradores” na literatura galega, afirmando que se trata de “anti-mal-encónicos”. Neste senso, di que este asunto lle resulta “abondo aburrido”, pois “mataren aos pais” non é cousa “moi artística nin de relevo”. Alén do interese que lle suscitou o “atrevemento do articulista”, ao se referir a certos autores actuais como “seareiros dunha tristura nostálgica”.


Reproduce as palabras de Jorge Luis Borges falando dos momentos nos que estivo a “punto de ser borracho” da man de Paco Luis Bernárdez, co que paseou polos arrabaldes de Bos Aires. Aproveita para lemar que Bernárdez, este “intelectual de primeira”, acaba de ser nomeado fillo predilecto do Concello de Maside, malia nacer e morrer en Bos Aires. Apunta que foi nesta cidade onde se integró na vida literaria e onde fundou, xunto con Borges e outros escritores destacados, o grupo Florida.


Relata o momento no que, presentado por Xosé Luís Méndez Ferrín, coñeceu a Francisco Fernández del Riego. Faise referencia, ademais, á relación de complicidade que se establecía con el e remátase co pensamento de que “con el acábase a irmandade no galeguismo”.


Lémbrase a figura de Ramón Lorenzo como aquel profesor de Universidade, decano da Facultade de Filoloxía, que sempre empregaba o galego e que exerceu encantado de patrocinador do primeiro número de *Dorna*, unha revista impulsada por Xuxo Fernández, Manolo Loxo, Suso Otero Molanes e Luís González Tosar.

Fállase do libro *El Servicio de Extensión Agraria. Vivencias, recuerdos y vigencia*, de Amador Rodríguez Troncoso, José García Gutiérrez e Luís García Fernández e editado polo Ministerio de Medio Ambiente e Medio Rural e Mariño. Explicase que se trataba dun organismo educativo. Coméntase que se formou un grupo de teatro que chegou a representar *Os vellos non deben de namorarse*, de Daniel Rodríguez Castelao; e *A fiestra valdeira*, de Rafael Dieste.


Fáise mención da última visita realizada a Francisco Fernández del Riego na Fundación Penzol e do contacto mantido anteriormente en múltiples actos. Remántase sinalando a omisión feita por moitos á súa adscrición nos anos sesenta do século pasado ao Partido Socialista Galego na clandestinidade.


Fállase de Ramón del Valle Inclán con motivo do setenta e cinco aniversario do seu pasamento. Recóllese unhas palabras que lle dedica Daniel Rodríguez Castelao e fállase do compromiso que une a este autor con Valle Inclán, sobre todo cando comezou a dar unha serie de conferencias en varios lugares de América titulada “Galicia y Valle Inclán”. Menciónase a conferencia de Daniel Cortezón titulada “Castelao y la condición gallega de Vallé-Inclán”. Cítase a obra *Malpocado*, no que Valle Inclán reflicte o seu compromiso con Galicia.


Fala do narcisismo literario dalgúns escritores e pon como exemplo a Carlos Reigosa, que ademais de asinar as súas novelas cando as agasalla tamén asegura o gozo da propia lectura. Lembra o que lle aconteceu con Xabier Docampo certa ocasión cando foron a un colexio asinar exemplares. Afirma que son os riscos de querer promocionarse como escritor, mentres outros, como Cid Cabido, dan ao prelo creacións completas sen necesidade de expoñerse.


Fállase de que os organizadores do premio Booker Prize decidiron procurar a novela gañadora do ano 1970 con carácter honorífico e apúntase que esta podería servir na literatura galega para organizar un premio para os libros escritos en castelán nese ano, caso de *La colmena*, de Camilo José Cela; *La saga/fuga de JB*, de Torrente Ballester e *Laberinto y cía* e *El envés* de Álvaro Cunqueiro.

Reconcíliase coa nova novela de Paul Auster, *Invisible* (2009), ambientada no Vietnam. Coméntase que Rudolf Born é o protagonista que renega de toda fe humana e que ten tintes das personaxes de Francis Ford Coppola e tamén de Albert Camus. Afirma que Galaxia debería advertir que esta novela non é comprometida aínda que sexa un éxito en galego, para que ninguén se leve a enganos.


Entre outras cuestións infórmase que en Galicia Suso de Toro rematou por ser noticia non só pola súa última novela *Sete palabras* senón pola súa volta á docencia.


Indícase que Suso de Toro anunciou que deixaba a escrita e que o seu problema pasou de ser laboral para convertese en cultural, porque a xente prefire apostar por Dan Brown ou Stieg Larsson para garantir o entretemento. Apúntase que hai quen mestura as dúas opcións (literaria e popular), caso de Marcos Calveiro, Diego Ameixeiras e Domingo Villar que triunfan a pesar de que en Madrid soen ser máis coñecidos os autores arxentinos ou mexicanos que os galegos ou cataláns. Coméntase que só resisten Manuel Rivas ou Agustín Fernández Paz na literatura galega cun discurso sólido que foi mudando canda os tempos porque ataron os seus cadeados na ponte.


Coméntase o argumento d’*Os once* (2009), de Pierre Michon; e citanse *El Goloso*, de Conde de Sert; e *Memorias*, de Albert Speer.


Realízase unha louvanza do labor de Francisco Fernández del Riego en prol da lingua e literatura galegas, dende o evidente (Editorial Galaxia, Fundación Penzol, etc.), pero tamén a través do “oceánico volume da obra que non escribiu”.

Con motivo de asumir Xosé Luís Méndez Ferrín a presidencia da Real Academia Galega, Lezcano fala da diverxencia dos seus camiños e dos seus desiguais xuízos ao respecto de diferentes aspectos da vida pública. Menciona cando Ferrín rexeitou o premio Galicia ou cando exhumou Os Eoas. Sinálao como o único autor vivo en lingua galega de calidade superior e apunta que o agarda “unha xeira de xeiras polas que ha pisar como entre ortigas”.


Refírese á morte de Xosé Luís de Dios, quen na súa xuventude era un dos que se xuntaban arredor de Vicente Risco nos cafés da cidade. Indícase que nestes lugares foi onde o autor d’O porco de pé deu as súas últimas charlas. Apúntase que De Dios era o máis novo da xeración posterior á dos artistas Virxilio e Baltar, a dos escritores Antón Risco e Julio López Cid.


Lémbrase a figura de Francisco Fernández del Riego como crítico literario (baixo o seudónimo de “Salvador Lorenzana”) e como colaborador da Fundación Vicente Risco, pois foi “o único galeguista salientábel que lle permaneceu leal e que máis tarde dende a Editorial Galaxia, o rescatou para a lingua galega coa publicación de Lerías”.


Con motivo da presenza en Ourense dunha exposición dedicada a Luís Seoane que resume tres décadas da súa vida artística e cultural, repásase a súa vida e obra, destacando o seu labor artístico como pintor, gravador, debuxante, poeta e autor dramático e situándoo, a carón de Carlos Maside, Arturo Souto, Manuel Colmeiro, Torres, Mazas, Antonio Failde e Laxeiro, na xeración dos Renovadores que introduciron as vangardas artísticas en Galicia.


Refírese a Manuel Curros Enríquez e fálase dun dos versos publicados en Aires da miña terra. Cítase a Virxe do Cristal e faise unha reflexión sobre os conceptos demo, díaño e trasno.

1008

Dá conta da presenza, os días 11 e 12 de marzo, de Manuel Rivas e Suso de Toro no Centre de Recherches interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains da Universidade de París-Sorbonne, que dirixe Sadi Lakhdari. Sinala que os dous escritores galegos participaron no coloquio intitulado “Manuel Rivas et Suso de Toro: deux voix de la littérature galicienne contemporaine”, organizado co Centro de Estudos Galegos da capital francesa que dirixe Eric Beaumatin, co obxectivo de abordar todas as facetas da súas respectivas creacións.


Fálase dos retos aos que se enfronta a cultura galega na actualidade segundo a opinión de persoeiros como Ramón Villares e Marcos S. Calveiro. Refírese ao Decreto de Plurilingüismo, á homenaxe que se lle prestará a Lois Pereiro no Día das Letras Galegas 2011 así como ao éxito do filme *Todos vós sodes capitáns*, de Oliver Laxe, no festival de Cannes.


O debuxante e ensaísta Siro López achega neste suplemento, dedicado a conmemorar o sesenta aniversario do pasamento de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, unha carta persoal dirixida ao que considera o seu mestre e amigo na que pon de relevo as súas calidades como artista e como persoa. Conta como soubo da súa morte, aos sete anos, cando un amigo de seu pai llo comunicou a este pola rúa e como foi seu pai, Xosé López Bouza, quen lle contou que fora un gran galego, un gran político e un grande artista. Alicerza a súa personalidade en dúas claves: a sensibilidade moral e a humorística e valora as súas contribucións no eido da caricatura e do humor, que o colocan á vangarda artística.


Pregúntase Xesús López Fernández se a chegada de Méndez Ferrín á presidencia da Real Academia Galega suporá o comezo de novos tempos para a institución. Sinala que Ferrín ten por diante un reto importante: “que a RAG non volva ser unha especie de terminal nacionalista radical, que nadie lle dicte o seu papel en relación co estudio da língua popular e a elaboración de normas prá súa fixación”. Lembra os comezos compartidos no galeguismo na década dos cincuenta, valora a súa contribución literaria e confía e que o seu cargo na RAG leve aparello a osixenación da língua galega, desandar camiños e abandonar as querenzas portuguesas que xa denunciaba o Padre Sarmiento.

Opina sobre a repercusión mediática que tivo a noticia difundida por Suso de Toro ao respecto do seu abandono da súa dedicación profesional á escrita e a súa volta á docencia. Debulla as razóns esgrimidas polo creador sobre o feito da falta de lectores en galego ou o paso polo castelán como camiño para chegar a outras linguas do mundo, e considera que talvez Suso de Toro gañe nunha liberdade non remunerada que lle permita escribir cando queira e publicar un libro de novo.


Reflexiónase sobre as cousas que medran en Galicia, isto é, o desemprego, Inditex e a campaña publicitaria “Cando un galego crece toda Galicia crece”. Indícase que neste anuncio está presente o poema de Rosalía Adiós ríos, adiós fontes e apúntase a que este uso deturpa a literatura galega.


Acóllense o texto “Quizabes (poema inédito)”, de Xosé María Máiz Togores.


Fállase do dereito de elixir a estirpe e refirese a un verso que Lois Pereiro dedica a esa idea. Indícase tamén que Suso de Toro dedicou unha novela a crear a súa xenealoxía, Sete palabras (Xerais, 2009).


Con motivo da elección de Xosé Luís Méndez Ferrín como undécimo presidente da Real Academia Galega, apunta que non foi tarefa doada e que o camiño estivo cheo de descualificacións, entre elas, a alusión á súa militancia política. Alégrase da súa escolha,
deséxalle sorte e sinala entre os seus retos inmediatos afrontar as bases do decreto do galego no ensino e ter presenza no diálogo social entre as forzas políticas e sociais.


Repara en que Manuel Rivas sitúa a súa última novela nun lugar chamado Brétema e salienta que ese nome é o lugar onde se moven os seus personaxes de ficción, do que di que se trata dun lugar imaxinario “con retazos de moitos lugares”. Remata por afirmar que esta coincidencia con Rivas son “cousas que pasan”.


Lembra o verán de 1959 cando Bernardino Graña pronunciou unha conferencia no Club Rodeiramar de Cangas sobre o heroe e a contemporaneidade na que fixo referencia a L’Étranger, de Albert Camus. Apunta que naquela altura, Camus non gozaba de simpatías políticas en determinados círculos polas súas posicións con respecto á independencia e á descolonización de Alxeria, aínda que todos sentían un afecto salientábel por el. Alude tamén ao coñecemento da súa morte, en xaneiro de 1960, e á súa consideración como “mestre” ou “írmán maior” para a súa xeración.


Gaba a figura de Fernando Pérez-Barreiro Noll con motivo da súa morte. Percorre a súa biografía, deténdose na súa estadía en Londres, a carón da súa muller, a escritora galega Teresa Barro; no seu labor de tradutor, nas súas dotes de prosista, poeta, orador e “memorialista” e na calidade dos seus ensaios. Lembra tamén o momento no que o coñeceu, en 1956, en Santiago de Compostela.


Comenta que en 2010 se celebraron os centenarios de Gonzalo Torrente Ballester, Ricardo Carballo Calero, Luís Seoane e Carlos Velo, que considera intelectuais moi activos cos que se cruzou na súa vida.


Fala da importancia da figura de Luís Seoane con motivo de se celebrar o seu centenario en 2010 e lembra a súa primeira viaxe a Madrid procedente do seu exilio en Bos Aires, en 1959. Daquela, relata, entrou en contacto co grupo Brais Pinto e compartiu conversas con eles sobre política, arte, literatura e filosofía. Manifesta que aqueles mozos
quedaron encantados ao coñecerlo e ao compartiren con el as lecturas dos seus poemas e os doutros autores residentes no exilio, que coñecían grazas á Escolma de Poesía Galega. Os contemporáneos, elaborada por Francisco Fernández del Riego que tamén acollía eses textos. Conclúe destacando que as ideas de Seoane sobre o nacionalismo, a arte e a literatura coindían coas daqueles mozos que tamén afirmaban a función social e política da literatura.


Repasa o mito do lobishome a través do contacto que tivo ao longo dos anos con diferentes relatos que lle foron contando e que integraban elementos cinematográficos, folclóricos e históricos. Apunta que a presenza do mito é moi forte en Galicia, de aí a súa instalación no imaxinario colectivo e a súa aparición en textos literarios de Vicente Risco, Alfredo Conde, Xosé Miranda, Manuel Guede e Carlos Martínez Barbeito.


Reúne diversas consideracións sobre os hábitos de vida dos lobos e a súa presenza en Galicia, menciona tamén os estudos realizados por Juan Rof Carballo e mesmo apunta que ás veces a xente para se referir a el utiliza mots de couverture, tabús lingüísticos para agochar o seu nome, como divulgou Xesús Alonso Montero. Sinala os dous grandes mitos galegos que mesturan humanos e lobos: o lobishome ou lobo da xente e o da Pereira dos Lobos.


Fálase do edificio que antano fora o principal da Universidade, un símbolo “da secularización do coñecemento na Galicia contemporánea” onde se atopaba a Aula Un que, tras a remodelación do edificio, desapareceu. Expícase que na parede estaban
escritos uns versos de Ramón Cabanillas e onde impartiu unha clase Ramón Otero Pedrayo.


Fálase do acontecido na aula Un de Filoloxía e Letras tras a sublevación franquista, isto é, a intervención que o goberno fixo da Real Academia Galega. Indícase que, en 1941, no Paraninfo compostelán ingresaron dezanove novos académicos entre os que se atopaban Florentino Cuevillas, Gonzalo López Abrente, Xosé Filgueira, Fermín Bouza Brey e Paulino Pedret. Refírese á acta da xuntanza académica tamén celebrada nesta aula na que se refería a Manuel Casás, presidente da RAG. Engádese que na aula 1 figuraban uns versos de Ramón Cabanillas.


Fálase dos cambios políticos que foron sucedéndose no período 1963-1975 e do Plan de Desenvolvemento. Indícase que, como Galicia non estaba contemplada como unha unidade dentro dese Plan, leváronse a cabo protestas que culminaron cos discursos de Arcadio López Casanova e Salvador García Bodaño nas Festas Minervais Compostelanas. Fálase, tamén, da campaña promovida por Fraga Iribarne que celebraba os vinte e cinco anos do fascismo e da resposta que Celso Emilio Ferreiro lle deu.


Fálase do Conflito de Castrelo de Miño e da homenaxe que Lois Soto lle fixo a Celso Emilio Ferreiro. Explícase que Soto está a extraer as intervencións de Ramón Otero Pedrayo, Xesús Alonso Montero e Amadeo Varela entre outros.


Fálase das manifestacións obreiras do 10 de marzo de 1972. Coméntase que os poetas da esquerda nacionalista, como Manuel María ou Uxío Novoneyra, “proferiron textos de urxencia”.


Realizase un breve percorrido polos momentos máis destacados na evolución de autores como Vicente Risco, Ramón Otero Pedrayo, Arturo Noguerol ou Antón Lousada.
Diéguez dende os seus inicios nas Irmandades da Fala até a fundación da Sociedade Nazionalista Nós, de onde saiu a revista *A Nosa Terra* ou o boletín *Nós* (1920-1936), que “constituíu un rego cuixa afluencia cultural modificou en Galicia as mentalidades”. Remátase coa afirmación de que, a pesar da súa valiosa aportación á cultura galega, non se lles debe a este conxunto de escritores a fundación da prosa galega.


Destácase que a primeira tradución do *Ulysses*, de Joyce, foi feita en galego para a revista *Nós*, por Ramón Otero Pedrayo en 1928. Sinálase que o gusto por este autor non só se debe ao celtismo e nacionalismo republicano dos autores da Xeración Nós, senón por representar a revolución no campo literario mundial. Así, considérase que Otero Pedrayo ou Vicente Risco (*Dedalus en Compostela*, 1929) “conectan o campo literario galego, ao serviren de Joyce, coas correntes emergentes da literatura universal sen necesidade de pasar por España”.


Faise unha semblanza biográfica dos membros da Xeración Nós e dos seus lugares de reunión na cidade de Ourense, ao tempo que se debuxa a súa trayectoria dende as Irmandades da Fala até a incorporación á política activa.


Sinálase que a prosa galega tivo a súa orixe na cidade de Ourense, pero moito antes da constitución da Xeración Nós, no século XIX, e, así, citanse autores como Valentín Lamas Carvajal, Heraclio Pérez Placer ou Francisco Álvarez de Nóvoa. Opínase que grazas a eles “no século XIX, a prosa galega tivo en Ourense o seu núcleo máis dinámico”, aínda que os autores de Nós deran lugar a un anovamento da prosa.


Faise referencia a *Fra Vernero* (1934), de Ramón Otero Pedrayo, unha “novela europea, brillante, sabia, inspirada, que mudou a faz da prosa galega contemporánea”. Dela dixe que lle serviu a Álvaro Cunqueiro de inspiración para reatoparse coa súa lingua e para escribir historias marabillosas ambientadas fóra de Galicia.

Reprodúcese un anaco do Fra Vernero (1934), de Ramón Otero Pedrayo, novela da que se di que serviu de inspiración para a triloxía cunqueiriana composta por Merlin e familia (1955), As Crónicas do Sochantre (1956) e Se o vello Sinbad volvase ás illas (1961).


Lembra os conflitos que tiveron lugar polas expropiacións de terreos agrícolas do Val do Miño, que tiña como obxectivo construír o encoro de Castrelo, no que tiveron protagonismo partidos como a UPG ou o PCE, alén doutros “focos de resistencia”. Sinala que foi Lois Soto o “principal artífice” da homenaxe que se lle tributou a Celso Emilio Ferreiro antes de partir a Venezuela en 1965. Destaca as intervencións dos alí presentes e considera esta homenaxe como o “primeiro acto público da resistencia antifranquista” de Galicia. Exhorta aos historiadores a trabalbar nos acontecementos ao redor desta homenaxe así como aos feitos ocorridos polo asolamento do Val do Miño.


Ofrece algunhas notas “superficiais en forma de miscelánea” nas que trata o tema da resistencia galega ao fascismo. Refírese primeiramente ao grupo da “mariña de guerra” (mariñeiros, suboficiais, oficiais...); e continúa coas “unidades militares con bandeira galega”. No terceiro grupo fala dos galegos na “retagarda republicana”, destacando a Alfonso Daniel Rodríguez Castelao e a Bibiano Fernández Osorio-Tafall (como o “máis influínte”). No último apartado, destaca aqueles galegos que se pasaron das fileiras fascistas ás republicanas e apunta que hai dúas novelas que tratan de xeito autobiográfico “e de modo diferente” esta cuestión: Non agardei por ninguén, de Ramón de Valenzuela, e Matádeo mañá, de Elixio Rodríguez.


Logo de indicar que se vén de celebrar en Ourense o nonaxésimo aniversario da aparición do boletín Nóis, sinala que vai lembra a revista La Centuria (1917-1918), por ser “antepasada inmediata de Nóis”. Indica que a nomeada publicación saíu da imprenta Otero e que foi principalmente unha “emanación” de Vicente Risco, ao que se uniron outros ourensás, como Carlos Fernández-Cid, Ramón Otero Pedrayo ou Florentino Cuevillas. Apunta que La Centuria tiña “algun” de revista de colexio, ao xeito dunha “congregación ou clube adolescente” pero tamén di que era “de vangarda” á altura das que se constitúen outros lugares de Europa. A continuación, fai fincapé no feito de que posteriormente o “núcleo duro” da revista formara parte das Irmandades da Fala, para
pasar a configurar el grupo literario xa “intensamente nacionalista y de expresión galega” que sería Nós.


Nesta segunda parte de “Ourense en prosa” atende á intervención e ingreso nas Irmandades da Fala do cenáculo ourensán formado por intelectuais como Vicente Risco, Ramón Otero Pedrayo e Xaime Noguerol. Afirmó que Antón Losada Diéguez actuou, neste senso, como “instigador da tomada da conciencia patriótica do grupo”. Sinala que en 1920 formaron a Sociedade Nazionalista Nós, ao que se uniron as personalidades intelectuais da Coruña como Antón Vilar Ponte e Johán Vicente Viqueira. Do boletín Nós di que se converteu no “centro simbólico da cultura galega” e que permitiu un cambio nas mentalidades en Galicia.


Considera que Ourense, a partir da fundación do boletín Nós, foi “o centro de anovamento da prosa galega”, pero repara en que xa no século XIX a prosa tivo en Ourense o seu “núcleo máis dinámico”, salientando o labor de Valentín Lamas Carvajal, Heraclio Pérez Placer e, fundamentalmente, Francisco Álvarez de Nóvoa, autor de *Pé das burgas*. Deste último, afirma que actualizou a prosa naquela altura e destácalle o prólogo-manifesto do nomeado libro, no que agredía ao “rexionalismo, ó proto-nacionalismo e ó costumismo”, proclamando a necesidade de que a temática ollará tamén para as clases distinguidas.


Miscelánea de notas sobre a resistencia galega ao fascismo e sobre a presenza dos galegos na zona republicana durante a Guerra Civil. Primeiramente indica a participación dos mariñeiro na resistencia á opresión franquist e destaca o libro *La escuadra la manda los cabos*, de Manuel Benavides, onde se poden ampliar coñecementos sobre este tema. A seguir, fala de tres unidades de carácter nacional-popular galego como foron o Batallón Galicia (Asturias), o Batallón Celta (Exército de Euskadi) e o Batallón Galego (quinto Rexemento), e indica que sobre o quinto Rexemento refírese o poema “Homenaxe á bandeira do pobo”, de Farruco Sesto Novás. A continuación fala da retagarda republicana onde subliña os labores de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao e destaca que no libro de Ricardo Carballo Calero, *Scórpio*, fálase de galegos en Valencia que, como Lois Soto, quen fundou nesa cidade a Solidaridade Galega Anti-feixista, traballaron xestionando a vida dos galegos na zona republicana. Finalmente, alude a aqueles mozos que comenzaron loitando con Francisco Franco para despois pasarse ao bando republicano e destaca a obra de Elixio Rodríguez, *Matádeo mañá* (1994), no que conta a súa propia experiencia cando viaxou a Gibraltar para poñerse ao servizo da República.

Repasa os feitos máis significativos do percorrido persoal e político de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao con motivo de se cumprir sesenta anos da súa morte. Salienta que Castelao sintetizou os valores do galeguismo daquela etapa e acadou respecto político e presenza social, ofrecendo a través das súas obras os alicerces do ideario nacionalismo. Destaca tamén a valoración respectuosa que recibiu por parte dos seus coetáneos e compañeiros, malia os diferentes posicionamentos políticos de todos eles.


Fálase da Irmandade Galega de Bos Aires creada en 1942 e fundada por Daniel Rodríguez Castelao. Indícase que entre os seus primeiros directivos estivo Ramón Rey Baltar e que nela participaron, entre outros, Avelino Díaz e Daniel Nogueira. Engádese que durante a etapa en que Manuel Mera estivo na Irmandade se editaron dous libros, un de Vicente Risco e outro de Xohán Vicente Viqueira.


Cualifica de lamentábel que existan prazas, rúas e distincións dedicadas a persoeiros vinculados á ditadura e céntrase no acontecido co rueiro marinense, cuxo cambio foi impulsado polo BNG, do que Celso Milleiro Sánchez é responsábel local. Ao final do artigo defende a integración dunha figura como a de Rosalía de Castro reproducindo unhas palabras de Pilar García Negro a ela dedicadas: “(...) Cumpre devolver a esta escritora, galega, á verdade da súa produción literaria, ao seu radicalismo e a súa transgresión coma muller librepensadora, poeta, novelista, ensaísta, articulista, actriz... Rosalía representa a esencia e inicio da modernidade galega, é voz e intérprete principal da historia contemporánea de Galiza, a primeira feminista do seu tempo e se cadra da Europa do século XIX”.


Faise eco da estatua dedicada ao intelectual galeguista Ricardo Carvalho Calero situada na Alameda de Santiago de Compostela, por iniciativa da Fundación Meendinho. Ademais de pedir que poida ter o Día das Letras Galegas, fai unha “semblanza” da súa figura, da que destaca, fundamentalmente, a defensa que realizou da escrita etimolóxica e o reintegracionismo co portugués, dándolle “impulso e prestígio”.

1017

Logo de lembrar a Herminio Barreiro, membro do grupo Brais Pinto falecido recentemente, esbózase unha biografía de Francisco Fernández del Riego, acompañada de apreciacións persoais sobre a súa personalidade. Finalmente recoméndase a lectura dos seus libros de memorias, O río do tempo. Unha historia vivida (1990) como a mellor homenaxe que se lle pode facer.


Reflexiona sobre a presenza da lectura na sociedade actual e o predominio da prosa sobre a poesía e invita os lectores a ler de cando en vez a José Ángel Valente, Manuel María, Pere Gimferrer, Fernando Pessoa ou Pablo Neruda, assegurando que “su lectura reconforta y serena el espíritu”.


Confésase seguidor e admirador da poesía de José Ángel Valente e céntrase na súa estadía en Almería durante os seus últimos anos de vida, onde afirma que atopou a súa cidade de descanso e, en palabras de José Miguel A. Giráldez, a paisaxe na que se debuxa a súa poesía. Apunta tamén que nunca sentiu desapego por Galicia e que a súa traxectoria poética comezou nesa lingua.


Entre outras consideracións, sinala algúns trazos da escrita de Juan Benet e a de Álvaro Cunqueiro. Recolle que en Benet está a literatura de tradición inglesa e conecta co grand style do século XVI e que en Cunqueiro está Lord Dunsany: “imaxinación e santidad”.


A partir do significado de “logomaquia”, “discusión sobre palabras”, refírese á fermosura dalgunhas palabras da lingua galega, como “garitera” que empregaba Aquilino Iglesia Alvariño, sinala a súa plasticidade e cualifica de “paletos” ou “palurdos” os que a rexeitan.

Refírese a idea de Ramón Piñeiro de facer un mapa de poesía por bisbarras en Galicia. Cítase a Uxío Novoneyra, a Manuel María, a Luz Pozo e a Olga Novo. Engádese que as poesía feita por mulleres é a “mellor lírica da península Ibérica”.


Refútanse as comparacións que se fan entre Antonio Machado e Manuel María. Proponse que, xa que hai un libro chamado *De Pondal a Novoneyra* (1984), debería haber outro titulado *De Pondal a Manuel María*. Apúntase que quen máis se pode semellar a Machado é Antón Tovar Bobillo por algúns dos trazos estilísticos.


Apunta que é unha “mágoa” que Chus Pato, ao igual que outros autores, non escriba máis poesía, e opina, en sintonía con Antonio Gamoneda, que a mellor lírica a fan as mulleres no Noroeste da Península. Así, laméntase de que o Estado non dea un “peso por este país perdido”.


Sinala que a comezos da década dos anos 80 se fixo en Galicia “moi boa poesía” cun ton “minimamente épico”. Destaca a algúns poetas como Cesáreo Sánchez Iglesias, Xavier Seoane, Lorenzo Varela e Celso Emilio Ferreiro, entre outros. Repara nese “ruellar do surrealismo existencialista” que se deu en España na década dos anos corenta, afirmando que un dos cultivadores en Galicia desa liña foi Antón Tovar. Entre outros “poetas válidos”, dá os nomes de Claudio Rodríguez Fer e Alfonso Pexegueiro.


Comenta achegarse ao poeta Suso Valcárcel “porque é un home válido para o teatro”, para logo sinalar que hai que facer política activa, ao tempo que manifesta que “hai moito debate no nacionalismo”. Por outro lado, defende que hai que renovar a linguaxe poética galega, argumentando que o idioma galego é como “o heavy metal, cando máis bruído fas menos se escoita”.


Partindo da louvanza da obra de Ramón Otero Pedrayo, que se compara en certos trazos (“estilo corto, entrecortado”) coa de Antonio Azorín, insistese na necesidade desa
Galicia que soñaran os membros da Xeración Nós, “unha república de carros, unha república galega e tradicional”, aínda que con matices.


Con motivo do reencontro en Bos Aires coa redactora cubana Emma Romeu, coa que traballara en Cuba na revista infantil *Zunzún*, lembra a súa posterior traxectoria profesional como xornalista científica e narradora ao redor da natureza e o mar. Salienta a súa madureza de estilo, imaxinación e oficio.


Con motivo de se cumprir cen anos do comezo da súa obra, aborda o labor de Ramón Cabanillas en Cuba, onde se revelou como poeta en 1910 co poema “Lonxe”, publicado na revista *Suevia*. Apunta que viviu cinco anos en Cuba e volveu a Galicia con dous libros: *No desterro* (1913) e *Vento mareiro* (1915). Salienta tamén que a Real Academia Galega celebrou unha sesión solene conxuntamente co Concello de Cambados e que Edicións Xerais publicou a súa *Poesía galega completa* (2009), editada por Xosé Ramón Pena e Xosé María Dobarro, para lembrar os cincuenta anos do seu pasamento.


Dedica o artigo a María Dolores Cabrera, “Malós”, a compañeira de Víctor Freixanes, á que cualifica como “a persoa que máis coñece de libros, movementos literarios e editores galegos”. Salienta o seu traballo silandeiro e menciona o libro que lle dedicou a Xosé María Álvarez Blázquez cando foi homenaxeado no Día das Letras Galegas: *Xosé María Álvarez Blázquez, ourive de libros* (2008).


Con motivo do seu falecemento, achega unha nota biográfica de Antón Pérez Prado salientando a súa pertenza ás Mocedades Galeguistas, o seu labor de animador da Asociación Arxentina de Fillos de Galegos, as súas colaboracións na prensa, a súa participación no Congreso de Poetas Alófonos celebrado na Universidade de Santiago en 1993 e o seu libro *Los gallegos y Buenos Aires*, así como o seu traballo como divulgador científico na radio nos seus últimos anos e a autoria do documental *Castelao* que dirixiu Jorge Prelorán.

Recupera a traxectoria de Luís Seoane, aludindo ao seu nacemento e primeiros anos en Bos Aires, á súa volta a Galicia coa familia en 1916, que se instalou en Arca, onde medrou en contacto coa natureza e compartindo xogos e descubertas con outros rapaces. Apunta que a súa infancia foi semellante á de Xesús Lorenzo Varela en Monterroso e que Arca sempre foi para el unha referencia entrañábel.


Dálle a benvida á biografía de Alexandre Bóveda realizada por David Otero co título de Alexandre Bóveda na demanda de restauración (2008), e publicada pola editorial Laióvento. Salienta a prosa fluida e vibrante do traballo e o relato do proceso que conduce á súa morte brutal. Lembrá tamén a existencia doutro percorrido biográfico, Vida, paixón e morte de Alexandre Bóveda (1972), escrito por Xerardo Álvarez Gallego, e a instauración na diáspora arxentina do 17 de agosto, data do fusilamento de Bóveda, como Día dos Mártires Galegos.


Lembra que coñeceu a Xico Peña ou Xico de Cariño hai uns vinte anos e relata o seu labor como profesor de música e xornalista musical, escritor, adaptador e director de teatro e grupos musicais, así como a súa vinculación co mundo artístico brasileiro e cualificación de “precursor” e responsábel dos nexos culturais entre Galicia e Brasil.


Fálase do Ano do Libro e recoñécese que padeceu a “carencia de libros” até que emigrou a Bos Aires, onde votou a andar Follas Novas. Cítase Felicidade pela leitura onde Newton Sabbá Guimaraes fai un eloxio da lectura.


Fálase de Roberto Fernández Retamar con quien Xosé Neira Vilas estableceu amizade no congreso da Unión de Escritores e Artistas de Cuba presidido por Nicolás Guillén. Refírese a Conversa (Editorial Galaxia, 2009), antoloxía da súa obra poética que foi traducida ao galego por Xosé Álvarez Cáccamo.


Fálase da recadación de cartos que se organizou para erixir un mausoleo a Rosalía de Castro en Iria. Expícalo que posteriormente a Sociedade Económica de Amigos do País
quería trasladar os restos o Panteón de Galegos en Santiago de Compostela, idea que foi aceptada por Manuel Murguía. Coméntase que o Panteón de Galegos, onde tamén se atopan os restos de Alfredo Brañas, Ramón Cabanillas e Daniel Rodríguez Castelao, pertence ao Arcebispado por decisión do Tribunal Supremo.


Fálase do falecemento de Maruxa Boga, unha “galega nacida en Buenos Aires”. Explícase que participaba na Radio Rivadavia, que entrevistou a Daniel Rodriguez Castelao, Eduardo Blanco Amor e Colmeiro, entre outros, e que como actriz escenificou textos de Lugris Freire ou Álvaro de las Casas así como todos os capítulos d’*Os dous de sempre*, de Castelao.


Fálase de *Cartas de republicanos galegos condenados a morte* (1936-1948) de Xesús Alonso Montero (Edicións Xerais, 2009). Indícase que o libro está formado por cento vinte cartas.


Refírese ao falecemento de Eduardo Núñez Martínez e da petición que lle fixo a Xosé Neira Vilas para que escribiese unha necrolóxica cando lle chegase a morte. Indícase que Núñez Martínez ilustrou o libro *Nai* e enviou un debuxo para *Encontros con Laxeiro* ambas as dúas obras de Neira Vilas. Apúntase que Núñez Martínez formaba parte do “trío de artistiños” que participaban nas tertulias de Vicente Risco. Cítase a Ramón Otero Pedrayo.


Refírese a Luís López Álvarez, autor dun romance sobre a loita dos comuneiros de Castela que foi cantando por Amancio Prada. Cítase o disco do grupo A Quenlla que con texto de Manuel María e música de Baldomero Iglesias.


Fala do oficio de traducir e di que sobre este tema falou “moito” con Eduardo Blanco Amor en Bos Aires, pois ambos tiveron que autotraducirse. Apunta que de si mesmo traduciu seis libros e que ao galego verqueu obras de escritores como José Martí ou Alejo Carpentier. A continuación, publicita o traballo “erudito e brillante” do profesor
brasileiro Newton Sabbá Guimaraes, *Tradución. da súa importancia e dificultades*, nas que achega claves do oficio referido.


Lembra a Herminio Barreiro no ano 1971, cando se coñeceron na Habana e amigaron “deseguida”. Conta, entre outras cousas, que Barreiro o presentou en dúas ocasións: unha con motivo da saída do seu libro *Tempo novo*, e outro cando recibiu, da man de Olegario Sotelo, un premio do Centro Galego de Barcelona. Apunta que son “moitos os recordos” e sinala que Galicia perdeu “un patriota” e a Universidade “un profesor exemplar”.


Relátanse os encontros con Francisco Fernández del Riego en Bos Aires e Montevideo, momentos compartidos con outros exiliados, dos que xurdiu a organización “Follas Novas”, “algo así como unha feira permanente do libro galego en Buenos Aires”. Dáse conta tamén da estreita colaboración de ambos os dous en asuntos como o intercambio de obras prohibidas pola censura ou a publicación da obra de Xosé Neira Vilas, *Xente no rodicio* (1972), con prólogo de Fernández del Riego.


Faise referencia á experiencia do grupo de teatro Lugris Freire, integrado por exiliados en Bos Aires, “concienciados de que estabamos facendo algo en ben da cultura galega”. Reflexiónase, ademais, sobre a importancia do teatro galego na capital arxentina, presente xa dende finais do século XIX, e destácase, por exemplo, a estrea d’*Os vellos non deben de namorarse*, de Daniel Rodríguez Castelao, no ano 1941, por Varela Buxán, Maruxa Villanueva e Tacholas, entre outros proxectos significativos.


Fálase do “novo curso literario”. Coméntase o retorno de Víctor Freixanes ao ámbito da novela e as propostas de autores como Xosé Carlos Caneiro, Manuel Rivas ou Diego Ameixeiras.


Realízase un panexírico da figura de Marcos Valcárcel, “o profesor, o activista cultural, o investigador, o columnista en prensa, o ensaísta e historiador”, como traballador incansábel a prol de diversas actividades culturais.

Con motivo do anuncio de Suso de Toro do abandono da súa condición de escritor, apunta que compartiron angueiras e conversas dende 1977 e que el foi construíndo unha obra literaria dende a publicación de *Caixón desastre* en 1983, *Polaroid* en 1986 e *Tic Tac* en 1993, entre outros. Considéran un auténtico revolucionador da literatura galega, pois con el emerxe a Galicia urbana recollendo a tradición anterior. Cualifica a súa obra de singular e sitúa entre as mellores da literatura galega.


Conta como unha amiga se alegraba estes días de atopar na casa un libro perdido ao que lle chamaba “O libro dos contos”, que resultou ser *Contiños da terra*, de Manuel García Barros, “Ken Keirades”, publicado en 1931. Sinala que a reunión ao redor do libro era cotiá nesa e moitas familias, o cal desmente que a lectura se restrinxise a unha elite ilustrada. Recupera algúns datos da biografía de García Barros e salienta a súa defensa da lingua galega ao longo da súa vida, a súa depuración como mestre a partir de 1936 e a publicación da súa novela *As aventuras de Alberte Quiño* en 1942, meses despois da súa morte.


Refírese ao poemario *Moda galega* (2002), de María Reimóndez, sinalando que trata dun libro singular no que a autora percorría con mirada crítica as rúas comerciais de Vigo para reparar nos escaparates das tendas de moda e poñer de relevo os excesos da sociedade consumista, ao tempo que denunciaba actitudes como o sexismo, o comercio inxusto ou a explotación. A propósito do título do poemario, lembra tamén como o sector da moda galega despuntou na década dos oitenta e consolidou o seu prestixio cos anos dentro e fóra de Galicia, polo cal “resulta triste ver algúns dos grandes nomes que levaron a marca (...) polo mundo asinando, no seu día, manifestos da discordia na contra da nosa lingua”.


A propósito dunha anécdota, lembra o poema de Curros “Na chegada a Ourense da primeira locomotora”, publicado en *La Ilustración Gallega y Asturiana* en 1881 e incluído posteriormente en *Aires da miña terra* (1880). Sinala que Curros vía a chegada do tren como unha metáfora do progreso, necesario para liberar a Galicia dos seus atrasos endémicos, e apunta a súa vixencia na actualidade.

Dedica o artigo á erupción do volcán islandés que encheu o espazo aéreo de cinza e lembra como a cinza aparece na poesía galega contemporánea en títulos como *Arquitecturas de cinza* (1985), de Xosé María Álvarez Cáccamo; *Poemas de cinza* (1990), de Manuel Pereira; *Música de cinza* (2008), de Manuel Forcadela; e no estudo *A mazá e a cinza* (1991), de Miguel Mato Fondo.


Conta como o azar fixo coincidir a emisión dunha reportaxe sobre os aeroxeneradores coa lectura dun relato de estirpe cervantina pertencente a *Xentiario* (2009), de Carlos G. Reigosa, que aborda tamén o tema. Apunta tamén outras referencias en escritores actuais, como Carlos Solla e Mariña Pérez Rei.


Fálase da polémica que suscitou a decisión da Real Academia Galega de dedicarlle o Día das Letras Galegas a Lois Pereiro. Cítanse as súas obras como *Poemas 1981-1991* ou *Poesía última de amor e enfermidade*. Formúlase unha posíbel apertura da Real Academia que a leva, tamén, a adoptar unha determinada actitude perante o decreto do galego. Recórdase que no ano anterior o homenaxeado foi Uxío Novoneyra.


Refírese á campaña que levou a cabo a Federación de Asociacións Culturais Galegas para denunciar as manipulacións que sufriu a figura e a obra poética de Rosalía de Castro. Fálase da restrición do acceso ao Panteón de Galegos Ilustres de San Domingos de Bonaval. Indícase que un cortexo rememorou o cento vinte e cinco aniversario do traslado dos restos de Castro co que reivindicaban a “laicidade e a xestión pública do Panteón”.


Refírese ao poema “Galiza” do Colectivo Ronseltz publicado en 1994 e compárase coa plataforma cívica “Máis talento e menos cemento” que denuncia os efectos da urbanización en Barreiros.

Comenta que a mesma mañá que se celebraba, por un lado, a II Xornada da Crítica Galega dedicada á Literatura Infantil Xuvenil e, polo outro, a sesión do curso “A literatura oral na actualidade. Galicia Hispanoamérica” coñecíase a noticia do falecemento de Benito Varela Jácome. Lembra o seu labor profesional no eido da cultura, como investigador e divulgador da literatura. Dos traballos no ámbito galego, salienta algúns que considera pezas fundamentais “nunha historia da crítica galega que está aínda por escribir”.


Faise referencia a Francisco Fernández del Riego como o “chanto sobre o que pivotaron a resistencia galeguista e a recuperación cultural durante os difíciles anos da posguerra”. Destácase a extensa bibliografía do autor, así como a relevancia da súa obra non escrita. Asimesmo, faise mención da súa capacidade para o diálogo e a súa amplitude de horizontes.


Analízase a obra de Celso Emilio Ferreiro, convidando ao lector a non quedarse só coa etiqueta de poesía social, senón diversificando a lectura a outros rexistros como o intimista ou o experimental. Do mesmo xeito, reivindicase a vixencia das súas composicións nos nosos días.


Fálase do décimo aniversario da morte de José Ángel Valente, quen recibiu premios como o Reina Sofía de poesía. Explicase que Valente, a quen define como “un poeta da luz” adscrito á Xeración dos 50, estivo relacionado con Borges e con Lezama Lima. Coméntase que é autor de libros de arte en colaboración con Antonio Saura e Tapies. Cítase a súa obra *Número trece*.


Arredor da venda de libros antigos, algo que sinala pouco habitual en Lugo, relata como atopou dúas publicacións súas dos anos noventa na libraría Vetusta de Santiago e noutra de Valencia, El Asilo del Libro, onde descubriu, xunto a Xabier Queipo e Xan Arias, unha primeira edición de Gonzalo López Abente coas capas ilustradas por Luis Seoane.
Identifica como tendencias recentes na literatura galega a escrita de novelas extensas e a presenza da novela negra. Salienta que hai vinte anos predominaban a narrativa curta e a poesía.


Lembra a figura de Luis Seoane con motivo de se cumprir o seu centenario e se celebrar o congreso e a exposición dedicados á súa figura e impulsados polo Consello da Cultura Galega e a Fundación que leva o seu nome. Conta como o coñeceu e o visitou na súa casa en Bos Aires en setembro de 1976 e como este lle regalou os vinte e catro primeiros números da revista *Galicia Emigrante*, que gardo “coma un tesouro”.


Destácase o compromiso irrenunciábel de Francisco Fernández del Riego coa defensa de Galicia dende proxectos como a Editorial Galaxia, a Fundación Penzol, o Consello da Cultura Galega, a Real Academia Galega ou o Día das Letras Galegas e a súa tarefa de servir de ponte coa Galicia do exilio.


Considera que a mostra sobre o grupo Brais Pinto, que se exhibiu na Casa-Museo Casares Quiroga e coordinaron Patricia Amil e Xulia Santiso, permite poñer en valor unha aventura decisiva cultural e ideolóxicamente na Galicia moderna. Ao respecto da súa achega literaria, alude á creación dunha editorial para os poemarios de membros do grupo na que se publicaron *Poema do home que quixo vivir* (1958), de Bernardino Graña; *A noite* (1959), de Xosé Fernández Ferreiro; *O que se foi perdendo* (1959), de Ramón Lorenzo; *Acoitelado na espera* (1960), de Alexandre Cribeiro; e tamén *Bocarribeira*, de Ramón Otero Pedrayo. Valora tamén o carácter de laboratorio de ideas do grupo Brais Pinto, que unía iniciativas estéticas, políticas e ideolóxicas.


Salienta que todo o que se faga por espallar o traballo de Luís Seoane é pouco e valora as actividades levadas a cabo polo Consello da Cultura Galega e a Fundación do artista para conmemorar o seu centenario, tales como libros e catálogos, mostras e a edición do *Diccionario Seoane* que recolle os conceptos esenciais da súa vida e obra. Repasa a súa traxección e cualifica como “home-ponte” entre Galicia e América, transformador da industria editorial en Arxentina e militant do humanismo.

Cita o labor desenvolvido dende varios eidos para a recuperación da memoria dos mortos en Galicia durante a guerra civil: os traballos de Dionísio Pereira, Lourenzo F. Prieto e Bernardo Máiz, as obras de Carlos Fernández e o labor de Isaac Díaz Pardo con Ediciós do Castro. Entre os documentos que expresan a memoria persoal menciona *Vida, paixón e morte de Alexandre Bóveda* (1972), de Xerardo Álvarez Gallego; o *Diario de Syra Alonso*, viúva do pintor Francisco Miguel; *Memoria de ferro* (2005), de Antón Patiño Reguera e *Cunetas*, de Luis Pimentel.


Reivindicase a homenaxe no Día das Letras Galegas para Uxío Novoneyra e Lois Pereiro. Do poeta monfortino destácase a intensidade e as claves do percorrido “experiencia urbana, punk, contracultura, desexo” e un substrato da estética “simbolista e romántica”. Salientanse a cor negra como emblema, a “fasquia expresionista”, a economía expresiva e a “personalidade hipersensible” de Pereiro. Qualificanse os seus poemas como “radiografías da angustia” e reproducense o seu epitafio punk e unhas palabras do poeta monfortino que poden expresar o que podería sentir ao saber desta homenaxe.


Fálase do décimo aniversario da morte de José Ángel Valente, quen desenvolveu unha “notábel labor teórica” con obras como *La piedra y el centro*. Coméntase que a súa escrita se caracteriza polo rigor, a precisión e a paixón e que a súa vocación literaria naceu grazas aos libros da biblioteca de Basilio Álvarez e da relación que tivo con María Zambrano. Refírese á Cátedra Valente en Compostela que, dirixida por Claudio Rodríguez Fer, editou libros transcendentais que permiten coñecer novas caras da obra de Valente.


Dedica o artigo á morte de Fernando Pérez Barreiro-Nolla a quen cualifica como un exiliado exemplar. Menciona as súas traducións de *Macbeth*, de William Shakespeare, publicada en 1972, a primeira do autor inglés ao galego, de narrativa chinesa e de *Alicia no país das marabillas*, de Lewis Carroll, e apunta que o seu labor foi recoñecido co Premio Plácido Castro, o Pedrón de Honra e a Medalla Castelao 2009. Conta como o coñeceu en Escocia nun congreso sobre estudios galegos, gaba a súa capacidade para relatar anécdotas, así como o seu saber arredor do galeguismo e a normalización.
cultural, e finaliza aludindo á última vez que coincidiron, nun congreso en Birmingham en setembro de 2008 onde o invitou a falar sobre Plácido Castro.


Reffirese á falta de pulo da tradución de obras da literatura galega a outras linguas e propón a creación dun grupo de traballo integrado polos departamentos de Filoloxía galega das universidades, o Consello da Cultura, a Xunta de Galicia, a Asociación Galega de Editores, a Asociación Galega de Tradutores, a Asociación Internacional de Estudos Galegos e os directores dos Centros de Estudos Galegos no estranxeiro, co obxectivo de que realicen unha selección das mellores obras da literatura galega e a seguir se promocionen e se traduzan por parte dun equipo profesional e permanente de tradutores estranxeiros.


Resume algunhas das ideas que desenvolveu nun encontro celebrado sobre as literaturas española, catalá, vasca e galega na sede do Parlamento Europeo de Bruxelas arredor da literatura moderna galega, onde grazas aos intérpretes, as ideas en galego pasaban a todos os idiomas do mundo. Salienta a adopción das tendencias culturais europeas por parte da Xeración Nós, que colleron a remuda de Rosalía de Castro cos seus ecos de Heinrich Heine e do romanticismo, de Manuel Murguía coas súas lecturas de Thierry, Hippolyte Taine, Giuseppe Mazzini e Vincenzo Gioberti, e de Eduardo Pondal co ossianismo. Menciona as viaxes por Europa de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao e Vicente Risco, que deron lugar ao *Diario 1921* e a *Mitteleuropa*, respectivamente; o emprego das ideas culturais europeas na construción dunha identidade galega que propoñía Ramón Otero Pedrayo; e, posteriormente, a tradución de Ramón Piñeiro de Martin Heidegger e as achegas literarias da Nova Narrativa galega.


Lembra “con claridade” o folleo dos facsímiles da revista *Nós* nos sotos do Instituto Tayloriano en Oxford, para destacar a celebración do nonaxésimo aniversario desta publicación. Alén de destacar algúns traballos que se deron a coñecer nos números desta revista, indica que non agochaban “o lado oscuro dalgunhas facetas da súa cosmovisión”, e que eran sabedores da historia das “reinvindicacións autonómicas ou independentes”, aprendendo a lección de que a única maneira de “facerse respectar” era a unión dos obxectivos colectivos.
Amóse descontento pola decisión da Real Academia Galega de non terlle dedicado o Día das Letras Galegas a Ricardo Carvalho Calero. Citase o discurso que Carvalho Calero leu no ingreso na RAG titulado “Contribuíçom ao estudo das fontes literárias de Rosalía”. Ofrécese unha biografía súa, citanse obras como História da Literatura Galega ou Scórpio e recoméndase libros de conversas que Carvalho sostivo con persoas como Carme Blanco ou Salinas Portugal.

Con motivo de se cumprir cen anos de vida de La Región, realiza unha semblanza de Alejandro Outeiriño, destacando as súas ideas abertas, o seu apoio aos intelectuais ourensáns da xeración Nós, aos que abriu as portas do xornal ourensán, e cita as colaboracións nel de Vicente Risco, Ramón Otero Pedrayo, Florentino Cuevillas, e outros como Ben-Choo-Shey, Conde Corbal, Xocas, Ferro, etc. Conclúe cunhas lembranzas da súa infancia nas que estaba presente a súa paixón pola lectura e o xornal La Región.

Refírese ás bibliotecas que existen en Ourense, entre as que cita a recuperada de Manuel Albedea, as pendentes de recuperación de Ben-Choo-Shey, Eduardo Blanco Amor, Alberto Vilanova, a do psiquiatra Vicente Rodríguez Gracia e a do avogado Amadeu Varela, entre outros. Fala tamén da súa propia e ofrécea á cidade para que, xunto coas outras que mencionou, se instalen nun edificio digno de Ourense e poidan ser consultadas.

Fai notar que se cumpren coventa e sete anos da morte de Vicente Risco, acontecida o 30 de abril de 1963, a quen cualifica como un persoeiro fundamental para a cultura galega pola súa categoría intelectual. Cita algúns dos seus traballos, como as revistas A Centuria e Nós, o libro Teoría do nazionalismo galego. Refírese á súa infinitade de artigos, como os recollidos en Leria e As horas, e tamén ao seu diario Mitteleuropa, onde consta a súa admiración por Rabindranath Tagore e menciona a conferencia sobre o bengalí que pronunciou no Ateneo de Madrid en 1913, os artigos que lle dedicou en La Región e as traducións dos seus poemas e contos que deu a coñecer n'A Nosa Terra. Destaca tamén o amor de Risco pola cidade de Ourense, o seu labor cultural, os seus faladoiros, o apoio que lles deu a outros artistas, os seus estudios etnográficos e históricos, o seu amor por Portugal e Irlanda e a defensa das teses reintegracionistas. No eido pedagóxico e educativo destaca dous estudos: “Plano pedagóxico para a
galeguización das escolas”, de 1921, e o dedicado á vida da nenez na aldea galega, de 1957, e pon de manifesto a súa actualidade no contexto actual de ataque á lingua galega no ensino.


Fálase de Carlos Vázquez, profesor de Língua e Literatura Francesa do que se destaca a súa inquedanza por ensinar a pronunciar correctamente “a lingua de Molière, de Víctor Hugo, de Gide, de Stendhal e de Balzac”. Expícase que grazas a el, puido ler libros prohibidos das editoriais Era ou Ruedo Ibérico, así como Sempre en Galicia, de Daniel Rodríguez Castelao. Cítanse, tamén, os tres volumes da História de Galiza, coordinada por Ramón Otero Pedrayo e o álbum Nós, de Castelao.


Coméntase a doazón do legado de Joam Vicente Biqueira que recibiu a Real Academia Galega, institución que xa conta cos de Manuel Murguía, parte do de Rosalía de Castro, dos precursores das Irmandades da Fala e dos grandes políticos galeguistas. Pídese a Xosé Luís Méndez Ferrín que se lea os escritos de Biqueira (tales como Ensaio e Poesías ou O galego na escola) así como os de Murguía, Eduardo Pondal, Vicente Risco ou Ricardo Carvalho Calero para revisar o seu “anti-lusismo”.


Lembra a Ricardo Carvalho Calero, con motivo do centenario do seu nacemento, e destaca o seu labor de pioneiro pedagóxico, seguindo os modelos da Institución Libre do Ensino, que levou á práctica no colexio Fingoi de Lugo. Destaca algunhas das actividades que levou a cabo na nomeada escola, onde, entre outras cousas, se fomentou o amor pola cultura galega. Para rematar, recorda o convite feito a Carvalho Calero para participar no primeiro “Congreso de Movimentos de Renovação Pedagógica do Estado Español”, do que Paz formaba parte da comisión organizadora. Tamén comenta outros momentos compartidos co intelectual galeguista, como o que tivo lugar no Encontro de Poesía em Primavera, en Amarante (Portugal).


Comenta a homenaxe feita co motivo do centenario da morte de Ricardo Carvalho Calero de quen di que foi “un galego bom, generoso e digno”. Di que para esta homenaxe se inauguro un monumento co seu busto en bronce na rúa Juan Carlos I de Santiago de Compostela. Destaca que esta inauguración se puido levar a cabo grazas á “Fundaçom Meendinho” co apoio de entidades como a “Asociación Galega de Granito” e as empresas que forman o Clúster do granito galego, as universidades
galegas, AGLP, AGAL, ASPGP, e CIG. A seguir describe o acto da descuberta do busto e fai referencia as intervencións feitas durante ese acto: a profesora Margarida Martins, Javier Garbayo, Manuel F. Iglesias, Pilar G. Negro, Martinho M. Santalha (AGLP), José Paz Rodríguez (presidente da “Associaçcom Sócio-Pedagóga Galaico Portuguesa”), Valentim Fagin (AGAL), Guadalupe Rodríguez e Elvira Cienfuegos (representantes de concello de santiago), e a filla do homenaxeado Margarida Carvalho.


Coméntase a colaboración de Ricardo Carvalho Calero na revista Nós como creador literario e crítico para reivindicar a recuperación da súa figura como “educador, académico, literato, filósofo, conferencista e grande polígrafo” ao cumprirense noventa anos da saída ao prelo desta publicación.


Laméntase a perda de Marcos Valcárcel, a quen se califica de ourensán de pro. Valórase o seu amor por Ourense e por Galicia, a súa sensibilidade, o seu respecto polos que non compartían as súas mesmas opinións e o seu importante labor cultural.


Comenta que están os estudantes no Centro Cultural Torrente Ballester, en Ferrol, recitando poemas de Ricardo Carvalho Calero, motivo que lle resulta “paradoxo”. Refírese ao actos da cidadanía de Ferrol para celebrar a súa obra e fálalle ao intelectual para dicirle que sabe que “está orgulloso” do esforzo da Coordenadora de Equipas de Normalización Lingüística e do traballo de xentes diversas, entre as que tamén está o estudantado de Ferrol e comarca.


Fáiase referencia á homenaxe dada a Marcos Valcárcel en Ourense no ano 2008 na que se realizara unha louvanza del como “historiador erudito”, “escritor pulcro e cosmopolita”, “conferenciante exuberante” e “profundo coñecedor do galeguismo e dos galeguistas”.


Fálase dos norteamericanos e da posibilidade de que “se fosen xente culta” xa terían lido Os libros arden mal (2006), de Manuel Rivas.

Repara na data do 30 de outubro para facer mención ao nacemento de Ricardo Carvalho Calero e para se referir á aparición do primeiro número da revista ourensá Nós. Informa que o Ateneo de Ourense vén de organizar unhas actividades para lembrar o significado desta publicación para as letras galegas. Insiste en que Nós debe ser lida como “unha escolma” do labor cultura galego. Por outro lado, di que se está a celebrar en Santiago de Compostela a “Semana” dedicada a Carvalho Calero, por iniciativas de asociacións como AGAL ou a Fundación Meendinho. Apunta que sobre a súa figura lle resulta “especialmente difícil escribir” debido á perspectiva de “distancia emocional” por ser, o articulista, membro da primeira promoción de licenciados en filoloxía galego-portuguesa. Para rematar, defende que se lle dedique un día das Letras Galegas.


Fálase de Lois Pereiro e da súa entrega á estética centroeuropea con persoeiros como Paul Celan, Jean Lorraine, Paul Elouard, André Bretón ou Peter Handke, entre outros. Citase a atribución feita por Manuel Rivas sobre a súa figura que o leva a firmar que Pereiro contaba cun “radar oculto para detectar a modernidade e a excelencia”.


Opina que a elección de Méndez Ferrín como presidente da Real Academia Galega, así como a de Manuel Rivas como académico e a aprobación das alegacións contra o Decreto do galego da Xunta de Galicia, poñen de relevo que a RAG se afastará do ensimismamento e acomodamento que caracterizaron até o de agora a súa traxectoria para asumir un papel activo a prol da lingua e a cultura. Apunta tres sectores de traballo nesta nova andaina: acadar un nivel digno de financiamento, colaborar con outras entidades culturais e deseñar estratexias de relación coa lusofonía.


“Semblanza” dedicada a Manuel Rivas, a quen cualifica de escritor universal, salientando que se forxou na escola xornalística de *El Ideal Gallego*, a súa paixón polas viaxes e citando as traducións ao inglés das súas obras Os libros arden mal, O lápis do carpinteiro e Do desconocido ao desconocido (2003). Con respecto á presentación do primeiro dos volumes citados en Oxford, sinala que Rivas afirmou que o libro naceu da necesidade de darlle voz a unha memoria silenciada coa intención de reflectir un momento da historia de España, apoiando as súas palabras coa lectura de fragmentos en galego e en inglés.

Refírese á homenaxe que a Coral Polifónica “Follas Novas” lle rendeu a Rosalía de Castro con motivo do cento vinte e cinco aniversario da súa morte. Coméntase que a coral, en colaboración co concello da Coruña, editou un tríptico co programa e estrofas da escritora. Apúntase que no acto tamén houbo recital de poemas e cartas de Rosalía.


Fálase da “difícil tarefa” de titular os libros e de traducilos a outras linguas. Ofrécense exemplos de títulos traducidos como é o caso d’A xeira das árbores (2004), de Teresa Moure, que en castelán se pasou a chamar La jornada de las mujeres árbol (2006); ou Os libros arden mal (2006) de Manuel Rivas que en francés se titulou L’éclat dans l’abîme (mémories d’un autodafé).


Conta como a primeira vez que Luis G. Tosar e mais o articulista utilizaron a palabra “ourensanía” foi no marco dunha entrevista que lle fixo e como despois apareceu nun manifesto redactado en 2005 polo propio Tosar, asinado simbólicamente por medio cento de ourensáns. Trae isto a colación con motivo dunha intervención de José Manuel Baltar nun congreso do PP.


Agradece a publicación que lle fixo chegar Delfín Caseiro na que se recollen versións populares da lenda da Lagoa de Antela. Sinala que o libro foi publicado polo Centro da Cultura Popular do Limia, ao que sitúa como un dos tantos colectivos que traballan silandeiramente e dende o compromiso pola recuperación da historia das súas comarcas de referencia.


Ofrécese un fragmento de Los tontilistos tontalitarios escrito en 1977 por Celso Emilio Ferreiro.

Recupérase unha anécdota que lle aconteceu a Manuel Curros Enríquez e que recollen Xosé López e Rosa Aneiros. Explicase que Curros publicara un editorial no que “arremetía contra o ministro de Mariña” da época por ter beneficiado ao estaleiro de Cádiz e non ao de Ferrol. Coméntase que recibiu multas por iso pero que, malia todo, Curros decidiu volver a escribir outro editorial. Refírese á falta de liberdade de expresión en Cuba.


Reivindicase que Ourense teña un “Outono Cultural” que sexa referente nacional e faise eco da celebración da Semana da Literatura Histórica “Auria”, aplaudindo “tanto o concepto como o espazo e o tempo” no que se desenvolven os actos. Afírmase que os literatos ourensáns e as súas obras non tiveron o protagonismo “que inicialmente cabía agardar”.


Lembra que hai dezanove anos nunha viaxe a Zürich descubriu unha librería onde atopou a obra En las orillas del Sar (1884), de Rosalía de Castro, traducida ao alemán e comenta que nesa librería atopou un matrimonio coñecedor da obra da poetisa galega da que destacaban a súa novela La hija del mar (1859). A partir desta lembranza, o artículista menciona o acerto do Instituto de la Mujer de homenaxear a Rosalía de Castro no cento vinte e cinco aniversario da súa morte. A seguir destaca a sensibilidade e valentía desta poetisa ao escribir en galego a mediados do século XIX e felicita ao Instituto de la Mujer por elixir a frase “todavía no les es permitido a las mujeres lo que sienten y lo que saben”, pertencente a La hija del mar, para darlle sentido á homenaxe.


Lembra unhas palabras que lle dixera Álvaro Cunqueiro arredor da necesidade de que existisen moitos escritores, aínda que fosen mediocres, que escribisen en galego para así poder construír pirámides nas que destacaos os cumios. Dálle a razón e apunta ao respecto que estes días as obras de Suso de Toro e Manuel Rivas, “os nosos cumios presentes”, están a ser obxecto de estudo na Sorbona de París.


Cualifica de milagre que na cultura galega alguén logre sobrevivir co traballo de escritor, se ademais se trata dun artista incómodo para o poder. Relaciona este feito coa noticia de que Suso de Toro abandona a creación literaria, aconsellándolle que colla unhas vacacións e logo volta.
Ademais de se referir ao nomeamento do seu amigo Miguel Somovilla como xefe de prensa da Real Academia Española, alude ás reticencias que suscitou o pasado político de Xosé Luís Méndez Ferrín ao ser elixido presidente da Real Academia Galega, pois apuntouse o seu “independentismo radical” e o seu “marxismo radical”. Contrasta os datos biográficos que se recollen de Ferrín cos de Víctor García de la Concha, presidente da Real Academia Española, pois este “antes de ser catedrático de Literatura y luego académico (...) fue sacerdote y exerció como tal en Oviedo durante años”, algo que non adoita recollerse nos resumos biográficos que se fan sobre el malia que, ao seu ver, “en cierto sentido, se trata de un radicalismo mucho más radical y profundo que el nacionalismo radical o el marxismo radical”.

Fálase de Xosé Luís Méndez Ferrín ao que se define como un “ser excesivo” tanto na defensa da súa ideoloxía como no seu talento literario. Refírese á existencia dunha “literatura ferriniá” na que non existe distanciamento entre poesía e prosa. Citanse Voce na néboa (1957), Con pólvora e magnolias, Amor de Artur ou O crepúsculo e as formigas. Noméase a Álvaro Cunqueiro.

Fai referencia ao nomeamento como fillo predilecto de Maside ao poeta Víctor Campio de quen destaca o libro O aire, a luz e o canto (2008), con limiar de Manuel Outeiriño e epílogo de Xesús Alonso Montero, e que compendia a poesía reunida do homenaxeado. A seguir reproduce uns versos deste autor e destaca as verbas de Alonso Montero ao afirmar que con Víctor Campio “a poesía do mundo é máis rica, máis humana, máis nobre, máis cordial, máis grande”.

Dá conta da presenza de Manuel Rivas en Oxford con motivo da presentación da tradución d’Os libros arden mal ao inglés, realizada por Johathan Dunne. Refírese á presenza no acto de John Rutherford, a quen sinala como impulsor do Centro de Estudos Galegos na Universidade de Oxford e un gran divulgador da lingua e da cultura galegas entre os británicos.

Fálase de Amin Maalouf, quen conta cunha versión galega da súa obra *Le Periple de Baldassare*. Explicase que a Asociación de Escritores en Língua Galega quixeron facelo Escritor Galego Universal polo seu valor literario e pola actitude progresista que ten perante as cultures e as linguas minoritarias. Indícase que, porén, non o conseguiron. Apúntase que Maalouf recibiu o Premio Príncipe de Asturias. Citanse as súas novelas *León o Africano, A Rocha de Tanios e Samarcanda*.


Refírese á casa de Ferrol onde naceu Ricardo Carvalho Calero e apúntase que o estado ruinoso da mesma pode “servir como representación do deslexo das autoridades políticas e culturais galegas” sobre a figura deste autor. Indícase que Carvalho foi o primeiro crítico literario de María Xosé Queizán coa obra *A orella no buraco* (1965). Citase a súa obra *Historia da literatura galega contemporánea* (1963).


Fálase dos poetas dos anos 80 que coexisten con figuras como Álvaro Cunqueiro, Luz Pozo ou Manuel María. Explicase que os poetas desta xeración ofrecen “altísimas mostras de literatura, variadísimas inquietudes” así como “riquísimas temáticas”. Citase a Xavier Seoane e a súa obra *O sol de Homero* (2002).


Comenta o contraste existente entre a rolda de prensa dada por Miguel Ríos para presentar o seu concerto e á que asistiron numerosos medios, e a presentación feita por María Xosé Bravo e Pilar García Negro as actividades a desenvolver no centenario de Ricardo Carvalho Calero, na que finalmente só quedaron doux dos periodistas asistentes. Desta xeito, subliña o silencio ao que están sometidos algúns dos persoios máis importantes da cultura galega e incide en que deixamos que os “grandes nomes alleleos eclipsen o noso, a nosa cultura”. Incide, por outra banda, no tratamento que dende as institucións se fai de determinadas personaxes que resultan “incómodas” como é o caso de Carvalho Calero e comenta o caso das homenaxes celebradas con motivo do cento vinte e cinco aniversario de Rosalía de Castro e do centenario de Gonzalo Torrente Ballester, no que segundo o articulista, as homenaxes a Torrente Ballester superaron ás de Rosalía. Finalmente, se pregunta qué ocurrirá no ano 2011 co setenta e cinco aniversario da morte de Ramón María del Valle-Inclán, o centenario de Álvaro Cunqueiro e o cento vinte e cinco aniversario do nacemento de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao.

Anuncia que o poemario *De sombras e poemas que son casas*, de Xosé María Álvarez Cáccamo, percorrerá todo o itinerario vital e literario do seu autor conformando un corpus cronoloxicamente ben estruturado e definido. Apunta que neste colectánea se recollérán composicións dende *Praia das furnas* (1983) até *Vento de sal* (2006) e que nel poderase ver duras acusacións contra a ditadura e mais o compromiso acedo do seu autor contra as inxustizas do mundo. Finalmente indica que estamos perante unha selección dunha selección de poemas e que o CD presenta unha óptima calidade acústica.


Fárase do libro *Cosas de Orense* editado polo Concello de Ourense en homenaxe a Don Florentino L. Cuevillas no ano 1969. Explicase que o volume recolle artigos en castelán publicados en *La Región*. Refírese a Ramón Otero Pedrayo e a súa derradeira conferencia no Orfeón. Citase a autores como Álvaro Cunqueiro, Vicente Risco, Valentín Paz Andrade ou Ramón Piñeiro.


Refírese ao último artigo da serie “Deicotío” publicado por Francisco Fernández del Riego no que falou de Stendhal. Explicase que Del Riego foi quen puxo en marcha a Editorial Galaxia xunto con Ramón Piñeiro e Xaime Illa Couto, e que tamén dirixiu a revista *Grial*.


Recupérase a idea dos irmáns Goncourt que dicían que “o público compadecería aos escritores se soubese a que prezo (…) se chega a conseguir unha pequena notoriedade literaria”. Fárase de odio entre escritores foráneos, como Barbey d’Aurevilly e Prospère Mérimée. Coméntase que en Galicia tamén sucede pero coa diferenza de que ese odio é confidencial e non sae á luz. Citase a obra *Une histoire des haines d’écrivains*, de Anne Boquel e Étienne Kern.


Coméntase que o coñecemento do pasado depende máis da literatura que doutras disciplinas, polo cal considérase aos escritores como responsábeis da memoria da sociedade. Apúntase a falla de rehabilitación literaria e cultura dos mitos, lendas, crenzas e tradicións galegos. Citase a Álvaro Cunqueiro e a súa obra *Merlín e familia*, e a outros autores que si traballaron estas temáticas como Daniel Rodríguez Castelao, Ramón Otero Pedrayo, Xosé Luis Ferrín ou Víctor Freixanes, entre outros. Engádese
que este sentido mítico tamén se pode observar nos “renovadores da pintura galega” como Colmeiro ou Seoane.


Co gallo do pasamento de Francisco Fernández del Riego, relátase a viaxe deste e Álvaro Cunqueiro a Londres en 1966 para asistir á celebración do noveno centenario da batalla de Hastings e así “testemunhar a solidariedade histórica da súa terra cos vencedores en Hastings”, feito sobre o que Fernández del Riego escribiría nas súas memorias.


Lembra que fai dez anos que naceu en Ferrol Ricardo Carballo Calero e realiza unha semblanza biobibliográfica da súa figura, deténdose nos quince anos que pasou o escritor en Lugo dando clases no colexio Fingoi. Considera que os lucenses deben estar “orgullosos e convencidos” da importancia do paso deste illustre escritor pola cidade.


Comeza dicindo que Alfonso Daniel Rodríguez Castelao e Ramón Otero Pedrayo votarían con orgullo a candidatura de Xosé Luís Méndez Ferrín á presidencia da Real Academia Galega, por ser, ao seu ver, o último membro da Xeración Nós e representar os mesmos valores: intelixencia, paixón e modernidade ao servizo de Galicia. Salienta que Ferrín é un cúmulo e transmisor de saberes e lembra algunha das clases que recibiu da súa voz en COU, así como outros moitos momentos compartidos. Comenta que optou por ser marxista e clandestino, fala da súa humildade, do seu carácter de revolucionario da poesía con *Con pólvora e magnolias*, do seu labor crítico a contracorrente con *De Pondal a Novoneyra*. Conclúe sinalando que a súa chegada á Academia é unha boa noticia para Galicia.


Con motivo de se cumprir en 2010 os cen anos do nacemento de Ricardo Carballo Calero, Armando Requeixo faixe eco da práctica ausencia de celebracións, malia que os valores literarios do autor non desmerecen os dos ningún outro homenaxead. Apunta que existen razóns que teñen que ver coa súa toma de posíções respecto de cuestións culturais, identitarias e sociopolíticas, tal como a súa opción lingüística reintegracionista para o galego nos últimos anos da súa vida, que lle ocasionou enfrontamentos con galeguistas e mesmo inimizades que poden explicar “por que Carballo Calero non tivo
aínda un Día das Letras”. Menciona algúns dos seus traballos, como Pretérito imperfeito, A xente da Barreira, Scórpio, Auto do prisioneiro, Reticências ou a súa Historia da literatura galega contemporánea e comenta que non se lle perdoa a súa discrepancia de criterios. Insiste na necesidade de analizar os autores da literatura galega dende unha ollada obxectiva e libre de prexuízos de ningunha caste.


Fai referencia á exposición “Los mundos de Gonzalo Torrente Ballester”, que contén mais de catrocentas pezas, entre as cales hai manuscritos, libros, artigos de prensa, cartas, fotografías, cadros, debuxos, e documentos da iconografía persoal do escritor. Recomenda a procura de obras como Compostela y su ángel (1948), Cuadernos de la romana (1975) ou O conto da serea (1994), entre outras.


Fálas e da literatura de viaxes galega tamén coñecida como “literatura do eu” debido a fórmula que moitas veces adoptan, isto é, diarios ou dietarios. Refírese á colección “Ás Viaxes” da editorial A Nosa Terra e coméntase que algunhas das obras publicadas aquí foron reeditadas pola Asociación de Escritores en Lingua Galega co patrocinio da Xunta de Galicia e a coedición de A Nosa Terra. Indicase que a nova colección leva por nome “Viaxes Literarias” e nela atópase Terras de Compostela (2009) de Marilar Aleixandre; Terra de Iria (2009), de Anxo Angueira; Baixo Miño (2009), de Marta Dacosta e A Terra do Medio, de Xosé Vázquez Pintor. Cítanse outros volumes como A pegada das viaxes (2009), de Francisco Fernández del Riego; ou Imán Fisterra (1995), de Luís Rei.


Rememórase a figura de Lence Santar, cronista de Mondoñedo dende 1917 até 1960, historiador, etnógrafo, folclorista e poeta e gran amigo doutros destacados escritores galegos da época, tales como Manuel Leiras Pulpeiro, Antonio Noriega Varela, Álvaro Cunqueiro, Aquilino Iglesia Alvariño e Xosé Díaz Xácome. Del destácase que foi o prosista máis importante do período da guerra civil polos seus traballos por entregas no diario El Compostelano e que recuperou festas perdidas e descubriu valiosos documentos históricos e literarios (textos inéditos de Leiras Pulpeiro ou de Noriega Varela). En canto aos seus artigos de xorne histórico, infórmase que Isidro Fernández
Villalba tirou do prelo seis volumes baixo o título de “Mondoñedo, regreso al pasado” (1999-2004).


Sinálase que o legado literario de Rosalía de Castro continúa vivo, que ainda queda moito por estudar del e que, dalgunha maneira, todos somos “fillos culturais de Rosalía”. Faise eco tamén de que o Panteón de Galegos Illustres finalmente será aberto ao público para todos aqueles que queiran honrar a memoria da autora e dos outros persoeiros galegos ali soterrados.


Refírese ao centenario do nacemento de Xosé Díaz Jácome e infórmase do doceavo aniversario da súa morte. Fálase da súa vocación como xornalista e indícase que fundou coleccións de poesía como Albor, dirixiu revistas como *Pregón e traballo en xornais como Faro de Vigo*. Coméntase o número especial que a revista *Amencer* lle dedicou e explícase que inclúe unha documentada bio-bibliografía, unha ampla escolma así como unha entrevista ao fillo do poeta, Juan Ramón Díaz, entre outras cousas. Citanse as súas obras *Primeiras cantigas e amor* (1936) e *Pombal* (1963).


Opina que Xosé María Díaz Castro non ten recibido toda a atención que podería e considera que as xentes do mundo da cultura galega adoitan “reducir a proxección do escritor” á publicación do seu único poemario, *Nimbos*. Salienta outras facetas profesionais no eido cultural que desenvolveu o lucense, como a tradución no Centro Superior de Investigacións Científicas. Apunta tamén que unha das actividades “máis ignoradas da súa escrita” foi o seu labor como contista humorístico no xornal *La Hoja del Lunes*.


Realízase unha louvanza de Francisco Fernández del Riego pola súa entrega incansábel na loita e defensa da cultura galega, repasando sumariamente os seus fitos máis importantes e reproduciendo unhas verbas de Ricardo Carballo Calero ao ingresar...
Fernández del Riego na Real Academia que falan da “figura e o labor titánicos dun dos derradeiros patriarcas da nosa Historia Contemporánea”.


Faise referencia a “Exlibris Gallaeciae (Dos libros de Galicia)”, exposición inaugurada na Cidade da Cultura que pón de relevo a importancia do libro na constitución da nosa identidade como pobo, dende finais do século XIII até o remate do XX. Recoméndase a lectura do catálogo, con tres ensaios elaborados polos comisarios da exposición, Xosé Ramón Barreiro e Xosé Luís Axeitos, e polo presidente do Consello da Cultura Galega, Ramón Villares.


Ao fío dunha voda celebrada en Mondariz, apunta algunhas fontes nas que aparece o lugar e a loa das súas augas medicinais e sinala que a vila tiña imprenta de seu, da que saíu a revista mensual *Mondariz* entre 1888 e 1931, así como obras de Ramón Cabanillas. Tamén menciona que a vila acolleu a cerimonia de ingreso na Real Academia Galega de Ramón Cabanillas e Antonio Rey Soto e a homenaxe a Manuel Murguía.


Reivindica a figura do galeguista Plácido Castro no aniversario do seu nacemento e destaca que foi aprendendo inglés en Scarborough e Glasgow cando comezou a súa traxectoria intelectual vinculada co galego, “o punto de apoio e referencia desde o que poder abarcar un mundo sen límites”. Salienta tamén a súa militancia dende a política, a tradución e o xornalismo e a súa aposta por modelos de modernización que seguirían vixentes na Galicia actual.


Parécelle “excelente” a noticia de que, tal e como afirmou o conselleiro de Cultura e Turismo no Parlamento, se vaia crear a Dirección Xeral do Libro e Bibliotecas. Ademais, informa que o escritor Francisco López-Barxas vai ser o director, polo que aproveita para lle pedir unha “líña de actuación específica” en relación co fomento da poesía para recuperar espazos nas librérías, editorias e “especialmente nas casas dos lectores”.


Lémbranse as metáforas de Eduardo Moreiras en *Follas de vagar* (2009) a través das que se define a si mesmo como aquel que escribe coma un escaravell. De Álvaro Cunqueiro, Moreiras afirma que é como un grilo; de Ánxe Fole un vacalouro; e de Luís Pimentel unha curuxa. Conclúese que esta incógnita queda aberta para moitos escritores.


Comenta as palabras pronunciadas por Adolfo Domínguez, ao que define como noutrora “símbolo da modernidade, un fío da Bauhaus, unha síntese de Armani e Franqueira”, nas que manifestaba o seu apoio ao despido libre e o seu rexeitamento do estado do benestar. En columna á parte, retoma unhas palabras do ensaio *A novela policial: unha historia política* (2002), de Xesús González Gómez, nas que se incide no carácter moral como reflexo dun tempo da novela negra, para gabar a novela *1280 almas*, de Jim Thompson e situar no seu ronsel *Dime algo sucio* (2009), de Diego Ameixeiras. Apunta a calidade desta novela e tamén a de *Unha historia que non vou contar* (2009), de Xosé Cid Cabido.

Entre outras consideracións relacionadas coa Semana Santa e os seus rituais relixiosos, conta que descubriu as *Obras en Prosa y Verso del Cura de Fruíme, D. Diego Antonio Zernadas de Castro*, precisamente un Xoves Santo a mediados dos setenta.


Fálase de Rosalía de Castro e Emilia Pardo Bazán como as “dúas mulleres máis representativas do século XIX”. Expícase que as súas imaxes son contraditorias pero sen esquecer o feito de que a ambas as dúas autoras teñen trazos en común. Refírese a *Edición crítica* de Pardo Bazán no que Íñigo Sánchez Câmara destaca o papel que xogou Manuel Murguía no fomento do enfrontamento das dúas escritoras para “protexer a súa Rosalía”. Fálase de Rosalía de Castro como a Larra galega.


Refírese á indiferencia do goberno galego perante a figura de Rosalía de Castro, figura que cumpriu cento vinte e cinco anos do seu pasamento. Apúntase o esquecemento que tamén existe nas informacións turísticas culturais sobre Galicia. Fálase do poema “¡Jamás lo olvidaré…! De asombro llena…” de *En las orillas del Sar*, concibido como a súa derradeira crítica ao catolicismo. Citase a Verlaine, Rimbaud, Dickinson ou Bécquer.


Fálase da Real Academia Galega e do momento en que esta decida dedicarlle o Día das Letras Galegas a Ricardo Carvalho Calero e de incluír a María Xosé Quizán na institución. Citase a Lois Pereiro e fálase do peche do Panteón dos Galegos Ilustres por parte da Igrexa.


Recoméndase a lectura d’*O home inédito* (2009), de Carlos Meixide.


Fálase de Luis Seoane a quen se define como un traballador incansábel e creador imaxinativo e tenaz. Refírese á exposición que a acolle a Casa da Parra sobre a súa figura e a dedicatoria que Seoane lle dedicou a Lorenzo Varela e a Arturo Cuadrado. Citase a Ánxel Casal.

Lembra dúas mulleres escritoras esquecidas e que xa non están Betty Millarengo, de Neda, e Maruxa Orjales. Da primeira, ademais de recoller experiencias compartidas, cita as novelas De Soldado a Embajador, inédita e que chegou a estar como finalista no Premio Planeta, e O de Millarengo, editada por Ediciós do Castro, na que aborda a guerra de Independencia. De Maruxa Orjales, entre outras lembranzas, coma que a súa amizade con ela naceu por vía familiar e que algúns dos seus poemas apareceron no “Cultural” do ABC e mesmo ela conservaba algunhas notas manuscritas de Manuel Fraga referidas aos seus libros.


Dá conta da celebración dun acto en lembranza de Rosalía de Castro organizado pola Asociación de Escritores en Língua Galega en Ferrol, ao que asistiron unhas corenta persoas. Sinala que debería terse implicado activamente a Universidade, institutos e mesmo persoas falantes de castelán sensibilizadas coa cultura, o cal, na súa opinión, “di ben pouco do tecido cultural dunha cidade que se proclamou adaií dela Ilustración, pouco do asociacionismo cultural e moi pouco tamén da clase política en xeral”. Declara tamén que suscribe o manifesto lido no acto sobre os problemas da lingua galega, así como os poemas de Rosalía que se leron.


Partindo do pesar polo falecemento de Herminio Barreiro, coméntase a súa enriquecedora experiencia como alumna súa de Pedagoxía. Saliéntase a valía do mestre que sendo “un home comprometido cunha opción política, que polo tanto tivo que vivir nunha permanente loita e, non obstante, falaba sen acritude”.


Co gallo do nomeamento como fillo predilecto de Maside de Víctor Campio Pereira, rememórase a súa figura como mestre que facía partícipes aos seus alumnos “da recuperación das palabras en galego para que nunca se perdera a nosa lingua” e como “unha das voces máis rotundas e de maior sensibilidade da nosa lírica”.


Fálase de Lois Pereiro con motivo de ser o homenaxeado no Día das Letras Galegas 2011 e de Editorial Positivas, onde se publicou a súa obra. Coméntase que esta editorial tiña previsto reeditar a obra de Pereiro. Citase a Ramiro Caride e Sam Shepard.

Di que vai relembrar “historias pasadas que semellan contos” e sinala que nin sequera Camilo José Cela foi quen de contar “a fondo” o acontecer da súa vila. A continuación, dá a súa particular visión de Padrón nun pasado recente, falando da vida cotiá e das súas xentes. Entre outras cousas, sinala que na salón de peiteado de Agrasar paraba o núcleo intelectual galego, do mesmo xeito que afirma que era como si viñese “o mesmo Papa de Roma” cando pola vila pasaba Ramón Otero Pedrayo.


Fálase de José Paz e da atracción que este sinte por Rabindranath Tagore. Expícase que o ouresán chegou a facer unha biblioteca con máis de trinta mil volumes sobre Tagore. Citase a Vicente Risco, Florentino Cuevillas, Ramón Otero Pedrayo e James Joyce, entre outros. Apúntase que en Corna, onde naceu Paz, tiña devanceiros Camilo José Cela, algo que se observa na súa “Mazurca para dos Muertos”.


Acóllese o relato “Morte no xardín”, de Xavier Senín.


Acóllese o relato “A rolada de pitos”, de Xavier Senín.


Acóllese o relato “Músicos da banda”, de Xavier Senín.


Insírese o texto narrativo “Mañas”, de Xavier Senín.


Reprodúcese o relato “A ducha”, de Xavier Senín.

Acóllese o relato “Zapatos que mancan”, de Xavier Senín.


Insírese o relato “A lámpada dos bombeiros”, de Xavier Senín.


Insírese o relato “Dúas amigas”, de Xavier Senín.

Sucasas, José Luís, “Por que escriben Caneiro e Jaureguizar?”, *Xornal de Galicia*, “De parola nas eiras”, 25 novembro 2010, contracuberta.

Reflexiónase sobre o porqué da escritura, xustificándoa pola “conviccción de que nós podemos aportar algo que nunca antes se escribiu e poida que xamais se escriba”, ao tempo que se lamenta de que se trate de choromiqueiros a aqueles autores que se laían de que non os valoran o que valen.


Salienta a mirada incisiva e profunda de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao en toda a súa obra arredor da inxustiza e a súa ruptura co costumismo imperante, trazos que lle outorgan unha universalidade sen perder contacto co seu país de orixe.


Fálase dos materiais culturais que inspiraron á Xeración Nós e indicanse que estes se caracterizaban polo enxebrismo e polo universalismo, así como pola estética e o compromiso político, entre outras cousas. Refírese á “radicalidade política” que chegou Daniel Rodríguez Castelao. Expícase que todos os “ismos” que foron conformando a esta xeración eran importados e acomodados á lingua e á sociedade galega. Citase a George Steiner e a súa obra *Gramática da creación* así como a Edward Said e *O mundo, o texto e o crítico, que a crítica literaria e cultural*. 

A partir da frase “Los empresarios necesitan libertad para reorganizar sus empresas y que no les cueste una barbaridad prescindir de un individuo que ya no es bueno”, e enfatizando o adverbio “ya”, sinala que tal pensamento “encerra toda a purulencia que teñen no seu bolo cerebral os neocons” cuxo trasunto narrativo avant la lettre recoñece no personaxe de Celidonio Latas Tinajero d’O porco de pê (1928), de Vicente Risco, que o dotou de “unto no sitio do cerebro”. Cualifica a frase de perversa e apunta o lixo moral que encerra, común a certa “xentalla” da sociedade que caracteriza pola “súa condición solitaria, silenciosa, de moita pelota, moito poñerse firmes de quen consideran poderosos, moita bisagra lumbar e moito esfregar as mans; arteira, solermiña, aforricas, tacaña, agarrada, avara, usureira, lamecús, hipócrita, envexosa, encollida, pálida e sinistra”, que identifica coa rencaración do estereotipo moral dos tristes, a xente avara que pintou Marinus Reymerswaele e describiu “maxistralmente” Honoré de Balzac en Eugène Grandet (1833).


Fala de que recibiu do director da Academia Porteña del Lunfardo unha circular onde se alarma do deterioro da fala española da Arxentina, do mesmo xeito que manifestaba a preocupación que hai en Italia polos novos usos da lingua e polos comportamentos sociais, considerando que debaixo de “todo ese lixo” está o “turpiloquio”. Deste xeito, apunta que a sociedade se afixo aos rexistros escatolóxicos e considera que as raíces do asunto están na extrapolación á expresión literaria “da vangardista colaxe” nas artes visuais de comezos do século XX.


Reflexiona sobre o feito de poder chegar a emitir xuízos imparciais a través da crítica profesional e/ou docente “sen que se poida albiscar a animadversión”. A este respecto, considera as tendencias e as actitudes fronte a esta cuestión, achegando diversas solucións, ao tempo que ofrece casos concretos como a visión de Javier Marías ou Sainte-Beuve.


Apecha o peche do blog de Marcos Válcarcel, As uvas da solaina, do que considera un “foro dialéctico” que proporcionou “satisfaccións intelectuais e mesmo lúdicas”. De Válcarcel destaca certas cualidades, como a seriedade no traballo e a capacidade comprensiva, entre outras. Para rematar, considera que el e o seu blog marcaron un “fito imborrábel” na historia de Galicia, loando a súa humanidade “intelixente, discreta e sabia”.

1048

Apunta que a parodia e a caricatura serviron, dende a antigüidade clásica, de vehículo de expresión “a moi variadas causas e finalidades”, como a aldraxe ou destrución de algo ou algúen. Así, denuncia que hoxe en día estamos a vivir “unha desas escaladas de parodia”, a través da bulra e o uso prosmeiro dun poema de Rosalía de Castro que leva por título “Adiós ríos, adiós fontes”.


Comeza reproducindo as palabras escritas en 1992 e publicadas en 1994 coas que se refería á obra de Lois Pereiro, onde apuntaba que tiña que figurar entre os grandes valores da poesía galega. Ademais destaca o seu movemento “nas marxes do sistema” para apuntar que agora entrou “no centro”, por ser nomeado para o día das Letras Galegas 2011. Afirma que malia o “enterro multitudinario” que se lle prepara por parte da institución da Real Academia Galega seguirá sendo lido por unha “pequena parroquia de lectores” e dubida de que as súas cinzas se “remexan ao vento da alegría” por ser recoñecido o seu labor.


Di que é válido comparar unha empanada como alegoría do quefacer dunha novela pero “non sen serias limitacións, matizacións e comedimentos”. Apunta que non vale todo na súa elaboración, pois pode estragar o argumento, a historia ou o sabor. Neste senso, indica que hai prácticas escriturais que levan dentro “mensaxes letais”, como é o editorial que baixo o título “Contra la resignación” se publicou no xornal *La Voz de Galicia*, o día de Galicia.


Reflexiónase sobre a degradación do feito literario e o importante papel das editoriais pequenas, máis preocupadas da novidade creativa que de vender libros como outro producto calquera do mercado. Refírese tamén ao empobrecemento do uso da linguaxe, coa importante responsabilidade dos medios de comunicación ao non fomentar unha crítica seria. Remátese co lamento da pasividade do individuo occidental, que se transforma en consumidor de espectáculos e que renuncia, deste xeito, á lectura por esixir maior colaboración do lector.

Analiza a situación da literatura galega nos últimos trinta anos como un éxito artísticamente, mais como un fracaso se se considera social e nacionalmente. Expón o seu devalar como un paso da resistencia en mans dos galeguistas á existencia normalizada socialmente, tarefa das novas xeracións, que debían exportala e dala a coñecer como calquera outra literatura, mentres que a sociedade debía asumila e querela. Ao seu ver, na actualidade, a literatura galega segue a ser “hóspede no seu propio país” e mesmo “hóspede indeseado”, pois malia o aumento dos lectores en galego, a sociedade que elixe os seus gobernos, non a apoia. Sinala que “o actual Goberno da Xunta atrévese a dicir en voz alta que a existencia da nosa lingua e literatura son un problema e unha imposición”, o cal recoñece como unha grave desautorización e cuestionamento, e que “nin sequera a Xunta bipartida procurou resituar a literatura galega no centro da sociedade”. Apunta que se trata dun fracaso colectivo relacionado co fracaso da automía galega.


Percorre a biografía de Ramón Cabanillas a quen sitúa, recorrendo a palabras de Basilio Álvarez, como o sucesor de Manuel Curros Enríquez, con cuxa herdanza de poeta cívico cargou, mesmo até se converter nunha pesada carga. Detense no seus estudos no seminario compostelán, do que foi expulsado, na súa volta a Cambados, onde crea xornais efémeros e radicaliza as súas críticas ao caciquismo, e na súa viaxe a Cuba, onde nace o poeta rebelde da man de Basilio Álvarez. A seguir, aborda a etapa do seu regreso a Galicia, a súa participación en actividades políticas e culturais con Antón Vilar Ponte, quen o anima a escribir pezas teatrais como A man da Santiña e O Mariscal, e tamén o poema artúrico Na noite estrelecida, até a chegada da Guerra Civil, cando comeza un periplo que o leva a Valencia, onde volve escribir poesía militante, e despois ao bando nacional. Finalmente, dos seus últimos anos pasados en Cambados, retrata a súa situación de derrota, necesidades, humillacións que esixen os fascistas e a longa miseria moral do franquismo, reconstruíndo lazos persoais e literarios cos galeguistas, vendo reeditada no exilio a súa obra completa e editando en Bibliófilos Gallegos Antífona da cantiga, até a súa morte.


Comenta que está a escoitar música do coruñés Manuel Balboa e que a música lle acae ben á lectura de Follas de vagar, de Eduardo Moreiras. Apunta que o volume acaba de se reeditar e que constitúe “un logro silencioso” e un “espléndido obsequio para a nosa literatura” pola súa rareza. Apunta que foi editado en 1972, ano no que tiveron lugar diversas folgas xerais en Galicia e loitas universitarias, e que o autor, dende o Courel, recolle “momentos da vida”, como conversas, escenas rurais, descricions paisaxísticas e reflexións sobre arte e literatura, con referencias a Yehudi Menuhin, Stendhal, San Juan de la Cruz, Ramón Otero Pedrayo, Álvaro Cunqueiro e Plotino.

Percorre a vida do poeta Manoel Antonio salientando feitos como a morte do pai, que viviu con catro anos, e como influiu na vida da familia, pois apunta que probablemente de ter vivido, el estudaría unha carreira universitaria e non sería mariño. Cualificao de figura literaria única, comparándoo con Miguel Hernández, e de periférico na súa xeración, aínda que participou no movemento político e cultural do primeiro terzo do século XX. Detense na correspondencia que mantivo con Vicente Risco, na súa relación con Antón Vilar Ponte, na redacción do manifesto Mais alá!, que asina co debuxante Álvaro Cebreiro e no que se propón “literatura escrita en liberdade por individualistas”. Refire tamén a publicación en 1928 do poemario De catro a catro, que entende froito do manifesto polos seus poemas modernos e individualistas, e conclúe aludindo aos feitos acontecidos tras a morte do poeta e os materiais supostamente atopados na súa casa.


Reflexiona sobre a diferente vivencia do espazo na sociedade actual, onde a tecnoloxía permite reducilo, malia que segue a determinar a vida e as áncoras á realidade de cadaquén. Aplicándoo aos escritores, explica como a literatura do exilio ollaba dende lonxe a Galicia e foi obsessiva coa identidade, e, na actualidade, existen escritores que viven fóra do país e sería interesante escoitais para que conten “o que é ser escritor desterritorializado”. Menciona a Arcadio López Casanova, Vicente Araguas, Reigosa, Miguel Anxo Murado, Xelís de Toro e Xabier Queipo.


Percorrido polo labor desenvolvido por Ánxel Casal, a prol da “cultura e a literatura galega do primeiro terzo do século XX”, como alcalde de Santiago e fundamentalmente como editor e tipógrafo. Dá conta dos seus anos mozos cando emigrou a Bos Aires, donde aprendeu o oficio de tipógrafo, e o regreso a Galicia e o reforzo das súas “ideas republicanas e galeguistas” que xa bebera na súa propia casa coruñesa. Lembra que participou na fundación da Irmandade da Fala da Coruña en 1919 e na creación da Editorial Lar en 1924 con Leandro Carré Alvarellos e a posterior separación de ambos os dous socios debido “tanto a militancia de Casal como a súa vontade de ter unha empresa propia e ser editor profesional”. Apunta o fracaso empresarial do xornal republicano vespertino El Momento e o traslado de Casal a Santiago de Compostela, onde abriu un negocio de imprenta que serviu de “ponte entre a xeración republicana e galeguista coruñesa e a nova mocedade galeguista universitaria que se fraguaba neses anos”. Recolle opinións de Ramón Otero Pedrayo e Luís Seoane sobre Casal e a imprenta Nós en Santiago. Fala sobre como o prenderon e asasinaron en 1936, o mesmo día que a Federico García Lorca, a quen lle editara os seus seis poemas en galego, e do roubo posterior do material da imprenta Nós por parte dos fascistas e da fuxida da súa dona a Bos Aires. Conclúe afirmando que a historia da cultura en lingua galega no exilio e no interior continúa na actualidade co labor de cada editor e persoa que escribe en galego, “mesmo continúa na existencia destas páxinas. Nós existe en todos nós”.

1051
Percorrido pola figura de Emilia Pardo Bazán, a quen define como “unha muller humanamente forte e unha escritora literariamente poderosa, dinamitxeira”. Apunta trazos biográficas da súa nenez e mocidade en Madrid, unha cidade na que acudía con seu pai a tertulias políticas e literarias; unha estadía que “debeu ter importancia decisiva para imaxinarse ela, para proxeccionarse no futuro, para configurarse como intelectual e escritora” e que seguirá sendo determinante na súa vida adulta, a través das tertulias que Pardo Bazán organizaba na súa casa madrileña, ademais de na súa casa coruñesa. Destaca varios atributos da escritora coruñesa: a súa formación cultural, as súas vaixes por Europa e a súa capacidade intelectual que se sumaba ao “conocemento dunha terra afastada con pazos e cidades, de onde ela procedía”; e a súa vocación de se converter en “muller de letras”. Precisa que “necesitaba a vida en sociedade”, como se observa nun texto que lle escribe a Giner de los Ríos e noutro que publica en La Ilustración Artística, de aí que o articulista afirme que a tensión entre a Corte, mundo ao que quería pertencer e “a aldea”, na que tamén vivía, é “o seu motor literario”. En relación ao debate literario que se abriu naquelha época entre escribir en castelán ou non, indica que “Emilia entende que a súa língua é o castelán”, que “percibe agudamente a debilidade do galeguismo que está a nacer” e que “é consciente de que o galego non é a língua da clase dirixente”. Respecto á “belixerancia” dun comentario sobre Rosalía de Castro nunha conferencia de Pardo Bazán sobre La poesía regional gallega, o articulista explicaor por dous motivos: o combate da estética romántica de Rosalía porque Pardo Bazán defendía a naturalista; e porque para explicarse a si mesma, Pardo Bazán precisaba negar a capacidade da língua galega para expresar “reflexións profundas con altura literaria”. Ademais o articulista apunta que Galicia “como país” está impecablemente representada na obra de Pardo Bazán e que a visión persoal que defendeu na súa escrita “é parte da nosa memoria”.

A partir da consideración de que os narradores da vida dun país son os historiadores, sinala que a diferenza entre a escrita narrativa e a histórica é a linguaxe, pois a primeira utiliza unha linguaxe mítica e a segunda unha linguaxe lóxica de fontes limpas. Neste sentido, considera que a historiografía galega está moi por detrás da literatura e reivindica a recuperación dunha historia na que exista o Reino de Galicia e mais os galegos, unha liña aberta por “Camilo Nogueira no ano 97 en Grial, con Para unha crítica do castelanismo, que continuou en O Reino da Galaeica (Edicións Xerais, 2001)”.

Artigo dedicado a salientar aspectos da biografía de Álvaro Cunqueiro, ao que define como un home fráxil malia o seu aspecto, con alma de rapaz e fundador da súa propia patria: o mundo da infancia que transformou en literatura. Detense na súa mocidade e
comenta que a primeira lección que lle fendeu a vida foi o estoupido da guerra civil, pois con ela chegou a conciencia dos límites da realidade. Pregúntase como puido facer para se integrar nos círculos fascistas e apunta que “só é explicábel nun rapaz desvalido que precisa acubillo nunha irmandade intelectual, e que o encontra nesa xeración de camaradas bébedos de historia e de fascismo: Lain, Ridruejo, Tovar, Manuel Machado, Luis Rosales, Eugenio Montes, Pemán, Torrente Ballester, Leopoldo Panero, Eugenio D’Ors, Martín de Riquer...”. Recolle, a seguir, que o segundo golpe da vida chega no Madrid dos vencedores e está dominada pola autodestrución cando, tras traballar de xornalista na prensa falanxista, é denunciado e perde o seu traballo, o que ocasiona o comezo da súa segunda vida: o desterro en Mondoñedo, convertido axiña nunha “viaxe ao centro de si, á infancia”.


Fálase de Ramón Otero Pedrayo e do seu desexo que Galicia fose “unha grande república campesiña”. Indícase que Pedrayo, xunto con Vicente Risco e Florentino Cuevillas, compoñían un trio “intelectualmente prodixioso”. Coméntase a angustia de identidade persoal que padeceu e que reflexa na súa novela Arredor de si. Fálase, tamén, d’Os camiños da vida e Devalar. Citase a Voltaire e Schopenhauer.


Realízase un breve perfil de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, destacando o exilio que viviu e que o salvou de morrer fusilado como Ánxel Casal, Alexandre Bóveda e Víctor Casas. Refírese a serie de debuxos Atila en Galicia, Galicia Márter, Milicianos en memoria das vítimas asasinadas, e do seu libro Sempre en Galiza, no que “reconstrúe a existencia da Galiza na historia” así como a súa relación con Portugal. Citase, tamén, os deseños Cousas da vida e preséntase a nota que a Dirección Xeral de Prensa franquista escribiu tras a morte de Castelao.


Ofrécese a biografía de Antolín Faraldo, un dos fundadores da Academia Literaria. Explicase que nesta organización foi onde naceu a “corrente cultural e política, o galeguismo”. Céntrase na tarefa de xornalista de Faraldo.


Refírese a Benito Varela Jácome e a súa mestria na docencia do instituto masculino de Santiago, ensinando literatura e dando noticia das obras máis punteiras da época. Séguelle un retrato biográfico, para continuar destacando os seus méritos no ámbito profesional, como especialista no estudo e difusión da literatura contemporánea “galega,
española e sudamericana”. Sinálase ademais a súa posición nun “segundo plano” e os valores de “liberdade, curiosidade e da tolerancia” que transmitiu aos seus discípulos.


Faise referencia a sucesos biográficos claves na conformación da conciencia política de Manuel Antonio Martínez Murguía: a súa experiencia na Revolución de 1846; a súa primeira publicación, *La primera luz*, na que “a xeito dun catecismo con preguntas e respostas instrúe nas biografías, na xeografía e na historia de Galiza”; o apoio do labor de Rosalía de Castro como animador, crítico, propagandista e promotor; a súa promoción, tamén, da obra de Eduardo Pondal; e o seu traballo á fronte de diversas publicacións, *La ilustración gallega y asturiana*, por exemplo. Destácase, asimesmo, o seu enfrentamento con Emilia Pardo Bazán, por defender esta que o galego só era apto para a poesía costumista e rural, e con Juan Valera, polos seus comentarios xenófobos cos galegos. Coméntase finalmente o seu apoio á creación do que, máis adiante, sería a Real Academia Galega e o recoñecemento da súa figura como patriarca da cultura galega e xerme das Irmandades da Fala, punto de partida do Partido Galeguista.


Relata como Xosé Luís Méndez Ferrín é o culpábel da súa enfermidade literaria e lembra como “os intoxicou” de literatura no instituto aquel catedrático novo ao que prenderon por dicir que Galicia era unha nación, e como quedou interrompida unha das súas clases.


Refírese a *Escola de Menciñeiros*, de Álvaro Cunqueiro. Expícalase a figura do menciñeiro para concluír que os sanadores da actualidade deberían “recuperar o uso da palabra como instrumento de gran valor terapéutico”.


Artigo dedicado ao colectivo poético Diversos da Coruña, impulsado por Carlos Lourenzo, de Carral, e do que forman parte Ánxeles Cupeiro, Ángela Fernández, Enma Bermúdez, María Martínez, María Barcia, Mercedes Molares, Rocío Miranda, Eusebio Freire, Josefina Gómez, Concha Parga, M. Ángel Cabezas, Ana López, Antonio Fernández e Carlos Rico, entre outros. Menciona as dúas publicacións que tirou do prelo o colectivo, *Poesía Carral e Ciclo de plenilunios*, nas que se atopan propostas surrealistas e visionarias e outras máis clásicas e temas como o amor ou o paso do tempo.

Céntrase nos “Poetas de Ferrol” que recolle Miguel Carlos Vidal no seu libro Poesía viva (2009), vencellándoo aos faladoiros que se celebraban até finais dos anos setenta no Café Galiano, no Gran Café Suízo e no Café Bonilla. Cita a algúns deles: Mario Couceiro, Eduardo Santalla, Antonio Martínez Barcón, Julio Pérez de Gamarraga e Luis Alonso Girgado, que publicaron poesía en castelán, aos que engade os nomes de José Luis Prado Nogueira, Pilar Cebreiro, Vicente Araguas, Ramiro Fonte e Medos Romero.


Fálase da recuperación do vello camiño real por parte da Asociación Santo Grial do Cebreiro e José María Núñez Pérez. Reflexiónase sobre o símbolo do camiño na literatura de autores como Ramón Cabanillas, Celso Emilio Ferreiro ou Xosé Díaz Castro. Citase un verso de González Garcés e ofrécense refráns relacionados co camiño.


Reflexiónase sobre a idea exposta por Ángela Gavilán cando di que: “Todas as artes son una”. Fálase do III Encontro de Pintura e Poesía de Culleredo onde se ofrecen caligrafías de Miguel Anxo Fernán-Vello, un retrato que Yolanda Castaño fixo da cantante e intérprete de Manuel María e Celso Emilio Ferreiro, isto é, María Manuel. Refírese, tamén, ao libro Do corazón da terra (2009), de Luz Campello.


Fálase dos haikus e infórmanse de que na actualidade en Galicia se realizan varios certames deste xénero. Estabelécese diferenzas e semellanza entre os haikus e os microrrelatos e expícase que, mentres os primeiros son en verso, os segundos son en prosa. Refírese ao libro de aforismos A rosa imantada (Edicións Laióvento, 2009), de Xavier Seoane, e indicase que a Galería Atlántica acolle a exposición “Naturaleza haiku” con participación de Isabel Pintado e Olga Patiño Nogueira, entre outras.

Faise eco da presentación na Real Academia Galega do proxecto para a casa museo de Manuel María en Outeiro de Rei. Refírese tamén á colaboración das distintas deputacións provinciais, excepto a de Pontevedra, facendo referencia ao apoio co que contan este tipo de centros, promovendo a implicación activa e indispensábel para a súa viabilidade.


Fálase de Bernardiño Graña e coméntase a relación que este tipo con Xulio Valcárcel. Indícase que, como Manuel María e Lois Diéguez, Graña escolleu a cidade da Coruña para retirarse. Refírese á súa traxectoria e citanse obras súas como *Profecía do mar* ou *Protoevanxeo*.


Fálase da tradución ao galego feita por Gonzalo Navaza d’*As flores do mal* (2008), de Charles Boudelaire. Explicase que a edición ofrece os textos tanto no francés orixinal como a súa versión en galego e que, ademais, vai acompañada de notas sobre a obra e vida do autor. Coméntase outras edicións que tivo esta publicación. Citase a Edgar A. Poe.


Informa da exposición “Las huellas de la Justicia” que acolle a Real Audiencia, e na que se amosan “documentos variados e vistosos”. Entre eles destaca a figura de María Pita, os procesos penais, como o da morte do Marqués de Valladares, e unhas cartas dunha tal Ramonita, que lle lembra a “loita contumaz” de Antonio Benito Fandiño, autor d’*A Casamenteira* (1812), “contra o sistema”.


Explicase o acontecido co lobishome Manuel Blanco Romasanta, caso documentado en 1852 e que se pode ver na exposición “As pegadas da Xustiza”. Indicase que as historias de lobishomes inspiraron cantares de cego e novelas como *El bosque de Ancines*, de Carlos Martinez Barbeito; ou *Romasanta*, de Alfredo Conde. Apúntase que outros autores como Vicente Risco e Celso Emilio Ferreiro trataron tamén o tema.

Comenta a nova edición do Galeusca, do que di que o congreso non podía ser “máis oportuno” porque se cumpren trinta anos da Fundación da Asociación de Escritores en Língua Galega e porque “atravesamos unha situación difícil”. A este respecto, destaca algunhas das esixencias requeridas á administración por parte dos respectivos presidentes (galego, vasco e catalán), así como as doutros membros, como Anxo Angueira. Ademais de dar conta dalgunhas mesas redondas que se celebraron, fai xe das críticas “ao modelo actual do Congreso”. Neste senso, suxire crear outras formas de participación e diálogo “máis áxil, intenso e de mutua interrelación” para defender os intereses colectivos.


Dá conta da inauguración en Ferrol na Sede do Colexio de Arquitectos, da XXI edición de “*Galicia en Foco*”. Comenta que nesta exposición fotográfica se abordan temas tan variados como a “cultura, deporte, etnografía, política,...” e destaca o carácter itinerante da mostra. Por outra banda, incide na publicación que o Club de Prensa realiza a maiores da celebración de “*Galicia en Foco*”, e que se chama *Ferrol Análisis*. Desta última, destaca que é “unha das mellores do panorama ibérico, tanto polos contidos como polo perfecto acabado”. Finalmente, comenta que o premio desta edición da mostra, foi para Xosé Marra, “cunha inquietante instantánea, chea de carga, doble sentido e significado” na que se retrata a Feijóo observado por un grupo de inmigrantes nas lucenses festas do San Froilán.


Partindo da recente lectura das recopilacións de correspondencia de Ramón Piñeiro a diferentes interlocutores e doutra entre Pedro Salinas e Jorge Guillén entre 1923 e 1951, dáse conta da desaparición do costume de escribir cartas tanto entre os escritores como entre a xente do común en aras da modernidade e da maior utilización do correo electrónico hoxe en día. Remátsase cunha consideración en verbas de Goethe sobre a preponderancia das cartas fronte aos recordos e ás memorias por se manter no terreo da espontaneidade e non seren elaboradas, por tanto, con criterios estéticos e literarios.


Realízase unha semblanza da figura de Francisco Fernández del Riego, “fonte vivificadora de todo aquello que compón a propia identidade de Galicia”, poñendo como exemplos a creación da Editorial Galaxia en tempos ben difíciles ou o seu labor
na Fundación Penzol.


Tras sinalar que as grandes palabras convén matizalas, detense en “galeguista”, “simpatizante das cousas de Galicia, pero ¿que cousas?”. Recolle unhas palabras de Xesús Alonso Montero que inciden na importancia de Ourense no século XIX, pois despois do ano marabillos de 1880, foi Valentín Lamas Carvajal o encargado de dinamizar o panorama cultural cos seus libros e co xornal *O Tío Marcos da Portela*, e ademais en 1909 fundouse a Coral de Ruada da man de Xavier Prado Lameiro, unha das poucas cousas “galeguistas” que resistiu a chegada da guerra civil.


Refírese ao relato “O caso dos tres fornos”, de Rafael Dieste, para contar unha anécdota acontecida nun bar.


Dáse conta do inmenso labor de Francisco Fernández del Riego en prol da lingua e cultura galegas, pois propiciou a creación de Galaxia, *Grial*, a Fundación Penzol e o Día das Letras Galegas; alentou a obra de Álvaro Cunqueiro ou Anxel Fole e preparou antoloxías de Ramón Otero Pedrayo e Florentino Cuevillas; publicou a Vicente Risco e serviu de nexo coa Galicia cultural do exilio.


Faise referencia ao modo de afrontar a morte de Marcos Valcárcel, aos recoñecementos que se lle brindaron dende distintos ámbitos nos últimos tempos, para acabar concluíndo que “por iso, Marcos, que fixo tanto, vivirá mentres Galicia viva”, co que se recoñece o seu intenso labor en prol da cultura galega.


Faise referencia a un dos textos de despedida de Marcos Valcárcel, un verso dun poema de Pessoa (que se reproduce neste artigo) baseado nunha frase de Pompeo que recolle Plutarco nas súas *Vidas paralelas* (fragmento tamén presente ao citar a orixe do antedito verso). Conclúese que “a actitude de Pompeo, como a de Marcos, quedou como un canto á vida entregada, de servizo, de esforzo, de compromiso”.

1058

Fállase de Lois Pereiro con motivo de ser o homenaxeado no Día das Letras Galegas 2011. Indícase que a súa obra posúe un “carácter singular” e que é moi frecuente atopar nos seus libros citas a autores da modernidade europea. Fállase de Pereiro como un “fillo da Transición” e refírese ao seu gusto polos simbolistas franceses, como Baudelaire. Citase a Saramago.


Faise eco do dato publicado polo Gremio Español de Editores no seu informe anual, que sitúa a Galicia entre as sete autonomías menos afecionadas á lectura, cun 54,9% de lectores máis ou menos habituais. Sinala que se trata dun dato sorprendente tendo en conta que é un territorio fértil en fabuladores, o cal parece indicar que hai máis escritores que público. Detense tamén noutras preferencias de lecer dos galegos e galegas.


Cualifica *Cartas de republicanos galegos condenados a morte (1936-1948) (2009)*, de Xesús Alonso Montero, como “dramático” e “estremecedor”, e salienta que recolle 120 cartas de despedida de condenados a morte, entre eles, comunistas, socialistas, anarquistas, militantes da Esquerda Republicana, galeguistas, católicos como Alexandre Bóveda, Dario Álvarez Limeses e o mestre Antonio Mojón Vázquez, citando as súas palabras.


Rememóranse os días en que coñeceu a Herminio Barreiro na Facultade de Filosofía e Letras de Madrid a finais dos anos cincuenta, nos que compartiron experiencias como a lectura de libros chegados de maneira clandestina. Faise referencia á fundación do grupo Brais Pinto por Barreiro, Xosé Luís Méndez Ferrín, Ramón Lorenzo, Bernardino Graña e outros e á homenaxe que se lle brindou recentemente no seu pobo natal. Remátase reseñando as súas obras principais, coas que se di que renovou os estudos pedagóxicos en Galicia.


Pregúntase por que a cultura galega é irrelevante para o gran público na actualidade e compárao co acontecido anos atrás salientando feitos como a edición do disco cos
poemas de Rosalía de Castro que realizou Amancio Prada en 1975; as cancións iniciais de Fuxan os Ventos; os discos de Milladoiro; e o Premio Xerais 1984, *Crime en Compostela*, de Carlos Reigosa. A propósito dos libros sinala que tras o éxito d’*O lapis do carpinteiro*, o libro que máis vendeu en 2009 “es un recetario de larpeiradas”.


Gaba en ton poético a Xoán Carlos Domínguez Alberte con motivo da publicación do poemario *Incivil* (2009), que vai acompañado dun prólogo de Xesús Alonso Montero. Cualifica o creador como “un poeta-prosista do civilismo estremecido” e sinala que cómpre ler a súa obra con ten.


Recomenda a lectura de *Sebes contra o vento* (2009), de Alfonso Álvarez Cáccamo, ao seu ver “un dos mellores poetas do eremitorio comunal galego”. Considera que se trata dun dos mellores poemarios do ano.


Carta na que Manuel Vidal Villaverde, co seu particular estilo, felicita a Xosé Luís Méndez Ferrín por asumir a presidencia da Real Academia Galega e lembra a lectura de *Contra Maquieiro*, aludindo á amizade que levan compartindo tantos anos.


Continúa o artigo anterior nunha segunda entrega na que cita versos d’*O fin dun canto*, gaba o compromiso irrevogábel e irrenunciábel de Xosé Luís Méndez Ferrín e alude a moitas conversas compartidas arredor de creadores como Luís Pimentel, José Ángel Valente, Manuel Antonio e outros moitos.


Conclúe Manuel Vidal Villarverde con esta entrega as palabras que dirixe a Xosé Luís Méndez Ferrín aludindo á destrución do idioma galego por parte do poder e citando versos que se atopan na antoloxía poética *Era na selva de Esm* preparada por Iris Cochón en 2005, entre outras moitas vivencias compartidas.

Relata como coñeceu a Eduardo Blanco Amor na década dos setenta con motivo dunha conferencia que pronunciou no Círculo Mercantil de Vigo, un recordo que comparte con Valentín Arias, tamén presente naquel acto.


A respecto da recuperación da memoria percorre algúns versos que inciden no recordo e na recuperación de autores como Xosé Luís Méndez Ferrín, Pablo Neruda, Dante, Alfonso Álvarez Cáccamo, Luís Pimentel e Luz Pozo Garza.


Con motivo de se cumprir 74 anos da proclamación da República alude aos dramáticos feitos que se desencadearon en Galicia nos anos seguintes: a transformación do mosteiro de Celanova en cárcere de morte, o asasinato de Roberto Blanco Torres, a longa noite de pedra da que falou Celso Emilio Ferreiro e a implantación do terror e a persecución da lingua e a cultura galegas.


Reflexiónase sobre o significado que en galego e en francés ten o dito “ver o lobo”. Citase a Xosé Luís Méndez Ferrín, Xavier Cordal e Sartre.


Comeza dicindo que chove sobre o Tambre, para recordar, entre outras cousas, a Luísa Villalta, a quen lle escribiu un texto, entregado en Outeiro de Rei (Lugo), que levou por título *Algúns aspectos da loucura da literatura galega*. Entre outras reflexións, di memorizar a epístola-limiar que recibiu de Ramón Otero Pedrayo e as palabras que lle proferiu.


Di que a cuestión mediática “está sempre detrás da miseria capitalista” e apunta unha serie de recordos vividos, como os xornais traídos polo seu pai da imprenta e que el lia en segredo ou a paisaxe da infancia. Lembra tamén a Camilo Gonsar, xa falecido, na presentación do seu libro de versos, *Luceiros fuxídios* (1994), ao tempo quecoma que sairá reeditado nunha edición especial nos próximos meses. Reflexiona sobre o
significado da chamada sociedade de benestar, apuntando que “desta barbarie" 
tampouco está liberada a nosa nación “negada polo etnocentrismo”.


novembro 2010, p. 6.

Faise referencia ao legado de todos os papeis inéditos que Domingo García-Sabell 
gardaba da obra de Manuel Antonio. Coméntase que foron postos a disposición da Real 

Academia Galega por parte da Fundación Barrié e anúnciase que con eles se elaborará 
una obra completa do poeta rianxeiro.


Realízase unha lírica evocación da amizade e de momentos vividos e compartidos con 

Luz Pozo Garza, ao mesmo tempo que se insiren no texto, como verbas en clave, títulos 
de obras da poeta. Refírese a *As arpas de Iwerddon* (2005) para agradecerlle á poeta o 
seu envío.

xullo 2010, p. VIII.

Coméntase a situación da literatura dramática en Galicia e expícase que hai “poucos 
espaços para potenciar unha dramática propia” ao contrario do que acontece noutros 
países como Inglaterra. Fálase de iniciativas como a de Francisco Pillado cos actuais 

“Cadernos de Teatro” con Laiovento, ou as páxinas que *Casahamlet* ofrece aos novos 
autores e autoras. Indícase, tamén, que Laiovento publicou entre 2008 e 2009 os 
volumes *Novos Autores (I e II)*, composto por textos de persoas como Xabier Abalo, 
Eva F. Ferreira ou Vanesa Sotelo, entre outros.


“Notas de actualidade”, 26 febreiro 2010, p. 3.

Con motivo de se cumprir cento setenta e tres anos do nacemento de Rosalía de Castro, 

Helena Villar Janeiro lembra a vinculación da poeta coa cidade na que naceu, na que 
están os seus restos, se fixo adolescente, tomou contacto coas artes e ideas liberais e na 
que lle morreu un fillo. Indica que aínda quedan moitos aspectos importantes da súa 
biografía por descubrir que han ser subsanados axiña por investigadores.


“Notas de actualidade”, 19 marzo 2010, p. 3.

Dá conta dos actos realizados na Fundación Rosalía de Castro con motivo do Día 

Mundial da Poesía, que froito do acordo de colaboración entre esta entidade e a Cámara 

Municipal de Vila Nova de Famalicão. Alude á importancia de Rosalía de Castro e de 
Camilo Castelo Branco na súas respectivas literaturas e sinala que son “irmáns no
sentimento da dor creativa, soberanos escritores nas súas linguas, encarnacións dos seus respectivos pobos e venerados por eles”.


Menciona todas as actividades celebradas no mes de abril relacionadas con Rosalía de Castro: a realización do proxecto Follas Novas / Novas Follas, promovido pola rede museística da Deputación de Lugo, coordinado por Encarnación Lago e deseñado por Luz Darriba, que deu lugar a un rap de versos rosalianos; a celebración do Día do Libro nas prazas maiores de seis cidades de Galicia; un proxecto de Luz Darriba, con versos de Rosalía; e a exposición inaugurada na Câmara Municipal de Boticas o 27 de abril.


Fálase de Xacobe e Breogán, dúas figuras que “entraron no mito e que se fixeron operativas para o pobo”. Explicase que Breogán é o fundador da nación celta galega segundo o Leabhar Ghabhála Érenn (Libro das invasión) e que foi literariamente traído por Eduardo Pondal, que o incluíu no seu poema “Os pinos”, hoxe convertido en himno de Galicia.


Fálase da Casa da Matanza tamén coñecida como a Casa-Museo Rosalía, lugar simbólico desta escritora. Coméntase que esta está atendida polo Patronato. Cítanse as obras En las orillas del Sar e Cantares Gallegos e recórdase que se cumpre o cento vinte e cinco aniversario da súa morte.


Fálase de que Antonio considera a Rosalía de Castro como a “gran poeta da pobreza”. Indícase que Follas novas foi publicado em 1880 polos galegos emigrados a quen de Castro llo dedica. Engádese que neste volume a poeta describe os “sufrimentos do seu
arredor”. Apúntase que en Cantares Gallegos (1863) Rosalía amosaba unha preocupación pola “boa sona e o creto de Galicia”.


Comenta a invitación anual que todos os anos recibe para ir ao San Froilán e participar na cerimonia anual que lle dedica a Rosalía de Castro o concello de Lugo, cidade na que hai un parque que leva o seu nome e onde está un busto feito por Manuel Mallo. Ademais de dar conta de diversos momentos do acto, apunta que a mellor flor que se lle pode dedicar a Rosalía é “a súa actualidade”, aproveitando para dicir que ao redor do monumento había unha protesta pola mole de cemento, onde unha pancarta dicía que “Rosalía non se vende”.


Dáse conta, de xeito sumario, do inxente labor cultural de Marcos Valcárcel a través de proxectos como o seu blog As uvas na solainá, premio da Asociación de Escritores en Língua Galega (2010) no apartado de novas tecnoloxías; ou a súa colaboración no Galicia Hoxe. Lóuvase a súa bonhomía, proba da cal é, por exemplo, o libro Marcos Valcárcel. O valor da xenerosidade. Homenaxe dos amigos (2009), “onde un gran número de persoas teceron un mosaico de textos e creación plástica que se converteu nun verdadeiro monumento á amizade”.


Faise referencia á importancia que tivo a lírica medieval galega, as cantigas de amigo, de amor e de escarnio e maldicir no conxunto de Europa. Destácase a súa orixinalidade, mais tamén se apuntan as características da iniciación literaria, compartidas con outras culturas: “a expresión poética era vehiculada pola música e conectaba cunha corrente de creación colectiva que, afundíndose no tempo, perdurou ata os nosos días como literatura popular anónima”. Sinállase que, a pesar da decadencia da poesía medieval no século XV, o pobo segue mantendo unha lírica oral que pervive hoxe en día e destácase a figura de Rosalía de Castro na valoración da lírica oral como punto de partida da recuperación da língua escrita galega.
V.8. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: ENTREVISTAS


O artigo recolle unha entrevista a Luís González Tosar, presidente do Pen Clube galego, co motivo da celebración da II Festa da Palabra dedicada ao escultor Arturo Baltar. Presenta a Luís González Tosar coma membro da xeración dos 80 e especifica que este definese como “poeta maldito”. A continuación, recolle a entrevista feita, na que Tosar explica a necesidade de celebrar a Festa da Palabra xa que sente que na actualidade “as palabras foron perdendo non só forza fonética e maxia na construcción do discurso, senón tamén credibilidade e autoridade”. Continúa explicando o porqué desta celebración na Insúa dos Poetas, e os motivos que levaron a elixir a Arturo Baltar como o homenaxeado desta edición.


Fálase con Suso de Toro con motivo da publicación de *Sete palabras* (2009), unha novela sobre a “busca da identidade e das orixes”. Expícase que nela o escritor se converte en personaxe, protagonista e narrador autorreflexivo en segunda persoa. Fálase das doses de ficción e realidade que compoñen a novela, do significado do título así como de parte de investigación que precedeu á súa escrita, xa que *Sete palabras* pescuda no pasado do seu autor.


Recolle as verbas da editora Penélope Pedreira co motivo do xurdimento do seu novo proxecto editorial: Barbantesa. Explica así a protagonista, que este novo proxecto xorde pola necesidade de potenciar a presenza de escritoras, a publicación de obras en galego e non só traducións, e explorar outros xéneros como o da poesía, que non tiña cabida en “Rinoceronte Editora”. Neste senso, subliña a importancia de explorar “aquelas literaturas que están máis desatendidas no noso sistema literario”. Entre outras, destaca as obras editadas e de próxima publicación pola nova editora: *A balada do café triste* (2010), de Carson McCullers; *Os ditosos anos do castigo* (2010), de Fleur Jaeggy; *As médulas* (2010), de Silvia Bardelás; *Con peitos desenchufados* (2010), de Elías Portela; *Pan prós crocodilos* (2010), de Carlos Solla; *Poemas de África lonxe* (2010), de Jorge Arrimar e Eduardo Bettercourt; e, *A Arte do fracaso* (2010), Berta Dávila. Destaca que sentir fascinación polas obras publicadas é o criterio básico a seguir na súa elección.


Cóntase os piares básicos sobre os que a nova editora Barbantesa sustenta a elección das obras a publicar, destacando que o gusto persoal é un dos principais criterios a seguir. Engádese ademais que entre os obxectivos desta nova editora están a necesidade de dar
pulu as voces novas da literatura, a busca do equilibrio entre autores e autoras no eido da publicación, e a importancia de traducir obras das denominadas literaturas periféricas coma pode ser a literatura africana. Finalmente, a editora comparte o seu sentir respecto da entrada do e-book no eido literario, subliñando a necesidade de ser prudentes.


Fállase con Francisco Domínguez Martínez, sucesor de Francisco Fernández del Riego como director da Fundación Penzol. Ofrécese unha breve biografía do novo director e recóllese a súa opinión sobre o seu novo cargo, os obxectivos inmediatos da fundación ou as súas necesidades prioritarias. Engádense declaracións de Fernández del Riego sobre a súa dimisión e preséntase unha pequena biografía sobre o mesmo.


Fállase con Luís Rei, biógrafo de Ramón Cabanillas e autor de *Crónica de desterros e saudades* (2009), sobre a relación que o poeta cambadés tiña con Vigo. Explicase que esta cidade foi clave na súa obra pois “toda a súa produción e a súa vida social xiraron ó redor de Vigo”. Indicase que desta relación falará nunha charla na Casa da Cultura de Vigo.


Entrevístase a Alfonso Álvarez Cáccamo con motivo da publicación do seu segundo poemario, *Sebes contra o vento* (2009). Explicase que se trata da continuación de *Na flor do vento* (1999), pois mentres que o primeiro estaba centrado nas lembranzas da súa infancia a súa nova obra é “unha crónica de madurez”. Ofrécese unha breve biografía do autor e recóllese a diferenza particular que este fai entre prosa e poesía: “En prosa cóntanse historias, en poesía contas a túa historia”.


Debido á participación de Yolanda Castaño no ciclo “Poéticas para unha vida”, responde as cuestións formuladas pola entrevistadora nas que da a coñecer a esencia da súa proposta na lirica galega, que ela define coma un “espectáculo poético multimedia”.Neste senso comenta que a realidade literaria está a mudar por mor do xurdimento das empresas de tempo libre fomentando os recitais.

Anxo Angueira comenta, na entrevista realizada por mor da conferencia impartida na Escola Oficial de Idiomas, a importancia de *Cantares Gallegos* na literatura galega e subliña a súa dimensión social, así como a vertente persoal proyectada en dita obra onde se amosa o laicismo e feminismo da autora.


Suso de Toro da a coñecer os motivos polos que decidiu deixar indefinidamente o mundo das letras para regresar á docencia, e comentaalgúns dos aspectos principais da súa última novela, *Sete palabras*, na que repite o esquema formulado en obras anteriores: “unha viaxe ao pasado do personaxe para investigar algo da súa familia”.


Tras unha breve biografía do escritor Xurxo Sierra, iníciase a entrevista a este autor que acaba de presentar a primeira tradución ao castelán da súa novela *Los nombres del traidor*, editada por Factoría K. Saliéntase aspectos como a ausencia de dificultade na tradución da obra pola falta dunha ambientación cultural concreta, así coma a influencia na súa obra, da súa especificidade coma fillo de emigrantes.


Miguel Fernández Martínez responde a entrevista realizada tras a súa conferencia o “Bestiario cunqueirán”, e nela comenta que pensa que Cunqueiro viase a si mesmo coma Merlín “un home de mundo que acaba nunha aldeíña e coa capacidade de transformar a palabra”.


Fálase con Manuel Beceiro con motivo da presentación da súa obra *Medea dos fuxidos e outras pezas* (2009), que merecera o Premio Álvaro Cunqueiro. Indícase que se trata dun libro dirixido para “quen teña ilusión polo teatro”. Recóllese a súa opinión sobre a lectura de teatro en Galicia así como da situación que está a vivir o Centro Dramático Galego.

**Bugallal**, Isabel, “Me emociona María Casares, era una maravilla trabar trabar con ella”, *La Opinión*, 21 xaneiro 2010, contracuberta

Entrevístase ao actor, director, produtor e escenógrafo Josep María Flotats con motivo da representación en A Coruña da peza dramática “El encuentro de Descartes con Pascal joven”, que interpreta e dirixe. Coméntase que viu actuar a coruñesa María
Casares no Théâtre National Populaire Français e que “tuve la suerte” de traballar con el a nese mesmo teatro na peza “Mañana, la vigilia” na que ela facía de Victoria de Inglaterra e Flotats de seu fillo, o príncipe herdeiro. Apunta que lle “emociona” recordala e afirma que era “una actriz inmensa” e que lle falaba de Galicia e da súa familia.

**Bugallal, Isabel, “Non queremos ser galegos, queremos ser coruñeses ou vigueses”, La Opinión, 4 febreiro 2010, contracuberta.**


**Bugallal, Isabel, “¡Dios mío, usan el papel para hablar de la muerte del papel!”, La Opinión, 4 marzo 2010, contracuberta**

Fálase con Xan Arias-Andreu, editor de Trifolium e de Cuadernos de Estudios Oleirenses. Coméntase que acaba de estrear a colexión Musa Pedestris dedicada aos libros pequenos de pensamento xa publicados pero traducidos ao galego e que ten previsto publicar unha obra de Noam Chomsky, Bertrand Russell e Albert Camus. Fálase da súa obra *Viajeros por Galicia* e da súa fascinación por Ramón Gómez de la Serna, sobre todo, pola biografía que escribiu de Ramón María del Valle-Inclán.

**Bugallal, Isabel, “Xelmírez es el antecedente de Fraga”, La Opinión, 12 marzo 2010, contracuberta.**

Fálase coa escritora Mercedes Pintos con motivo da conferencia que vai impartir sobre as mulleres malas da Catedral de Santiago de Compostela, tema que tamén recolle en *Pedras de Compostela* (2009). Explicase a anécdota do seu segundo nome, Gualteria, na que ten especial protagonismo o hispanista irlandés Walter Starkie, autor de *El Camino de Santiago* (1958). Citase o *Códice Calixtino* e a obra *Historia Compostelana*, un libro encargado polo bispo Xelmírez e no que se conta a historia da creación de Santiago.
Bugallal, Isabel, “Pondal tenía la manía de escribir de pie”, La Opinión, 1 abril 2010, contracuberta.

Entrevistase ao historiador Felipe Valdés Hansen e coméntase que é descendente de Eduardo Pondal sobre o que escribiu unhas liñas en El director general de Aduanas José Valdés Díaz (1854-1916). Del Ponteceso de Pombal a la Paz de París (2005). Explica que aínda quedaban cartas inéditas e asuntos personais e familiares sen saír á luz. Engádese que Valdés Hansen tamén é coeditor da primeira biografía sobre o Padre Sarmiento escrita en 1782.


Gonzalo Canedo responsábel da editorial Libros del silencio, responde a unha serie de cuestións nas que deixa entrever o obxectivo de dita editorial na que asegura que pretenden “recuperar a autores olvidados que nunca se han publicado en España y descubrir nuevos valores”. Entre os títulos a publicar destaca Hidropesía y otras adiciones, e Oficio de tinieblas. Por outra banda, sinala o seu optimismo respecto da entrada do e-book no mundo editorial e as vantaxes deste.


Fálase con Xosé Méndez Ferrín tres meses despois de que fose nomeado presidente da Real Academia Galega. Recóllese a súa opinión sobre a situación da organización e a imaxe que a sociedade ten sobre esta institución. Fálase tamén dos obxectivos que pretende alcanzar, como o traballo sobre os dicionarios, e da política lingüística vixente. Sobre a súa escrita indica que escribiu pouco e en momentos “moi intensos” e que a creación literaria galega actual vive un momento “enormemente positivo” dende o século pasado. Sobre a visibilidade da literatura galega na prensa e as vendas apunta que hai que “resistir”.


Fálase con Carmen Blanco, autora do primeiro libro sobre Uxío Novoneyra que se publica neste ano en que o poeta é homenaxeado no Día das Letras Galegas. Coméntase a idea que Novoneyra tiña da poesía e alúdese á existencia de tópicos sobre a súa figura que, segundo Blanco, deberan desaparecer, como por exemplo que “só é o poeta da natureza e de Os Eidos”. Explicase que a súa produción en ciclos, un de Terra-Natureza-Lingua, centrado en Os Eidos; o ciclo político da Terra-Patria-Ser Humano, simbolizado por Do Caurel a Compostela; o ciclo elexiaco representado por Tempo de elexía e, finalmente, o Novoneyra último con Poemas caligráficos. Engádese que foi Dionisio Gamallo Fierros quen o animou a escribir, ao igual que a Luz Pozo Garza.

Entrevístase a Xabier Quiroga con motivo da publicación d’O Cabo do Mundo (2009), unha obra que está “a medio camiño entre a ficción histórica e a novela negra”. Explicase que o libro traballa na idea da busca dun mesmo. Citase, tamén, Atuado na braña (2002) co que gañou o Premio Losada Diéguez.


Entrevístase a Suso de Toro con motivo da publicación de Sete palabras (2009), una obra na que o escritor vai á “procura da identidade familiar” e que “saie da experiencia persoal”. Engádese que se trata dunha “reivindicación do poder da literatura e a súa transcendencia”. Indícase que o poeta que máis admira é César Vallejo e citanse outras obras de De Toro como Land Rover (1988), Polaroid (1986) ou Caixón desastre (1983).


Con motivo da organización dunha exposición que dará a coñecer os fondos da institución fundada en 1963, o artigo aborda entre outros aspectos: un breve resumo do significado da biblioteca Penzol para a conservación de unha boa parte do patrimonio cultural galego; continua facendo unha pequena reseña sobre Fermín Penzol Lavandeira; e, finalmente contén unha entrevista a Francisco Domínguez, director da Biblioteca Penzol. Entre outros aspectos, cómpre destacar o proxecto de dixitalización dos fondos da biblioteca a partir dun convenio coa Consellería que abarcaría, os libros do século XVI ao XIX, e algunhas pezas cartográficas. Por outra banda, o director asegura a súa intención de “popularizar” a biblioteca a pesar de que o seu uso está destinado principalmente a estudios especializados. Finalmente, remata comentando que a biblioteca segue a crecer grazas as doazóns tanto de editoriais como doutros personaxes ilustres como son Ramón Otero Pedrayo ou Ramón Piñeiro.


Fálase con David Otero con motivo da presentación de Nun bambán de non virar baldo (2009). Explicase que se trata dun libro formado por sete relatos curtos e que a primeira e a última historia, referidas á memoria histórica, son as que sosteñen ás outras cinco, produto da imaxinación do autor. Indícase o peso da obra recae nos diálogos e que se trata dun libro para todo tipo de lectores.


Conversa con Antonio M. Pazos co gallo da saída ao prelo de Vida e tempo de Sofía Casanova, na que o interese do coordinador pola figura desta escritora fai que se
aborden como temas a infravaloración que sufriu no sistema educativo galego, o labor da escritora en canto cronista e o seu estilo literario.


Conversa na que o director da editorial AR, Anxo Rabuñal, afirma que decidiu editar Alén do turismo, de Hakim Bey e con ilustracións de Federico Guzmán, por amor e gusto polo libro e pola literatura. Tamén sinala que Hakim Bey é o pseudónimo do ensaísta e poeta Peter Lamborn Wilson e con referencia ao libro indica que é para bibliófilos xa que contará cunha tiraxe de 500 exemplares.


Fálase con Rosa Enríquez, quen acaba de publicar a súa primeira novela, Unicrom (2009), unha obra de fantasía que naceu no seu blog. Recóllese explicacións do seu interese polas orixes do mundo e o pensamento relixioso.


Entrevístase a Baldo Ramos, poeta e artista plástico que acaba de publicar Palabras para un baleiro (2009), un libro “moi visual” co que gañou o Premio Fiz Vergara Vilarixo. Indicase que na presentación da obra estivo presente o director de Espiral Maior, o escritor Xosé A. Neira Cruz, e o músico Vítor Blanco. Explicase que a obra naceu da súa experiencia de ser pai e da experiencia literaria de “chegar ao límite da palabra”. Apúntase que o límite entre a súa produción literaria e a súa obra plástica márcao a caligrafía.


Conversa con Anxos Sumai con motivo da súa participación no club de lectura realizado pola ONG Implicadas no Desenvolvemento. Indicase que a sesión versou a súa novela Así nacen as baleas (2007). Explicase que Sumai quedou sorprendida polos enfoques diversos que se fan da súa obra.


Convérsase con Xosé Monteagudo con motivo do taller de narrativa que vai impartir a un grupo de alumnos. Fálase do programa que ten pensado para o taller e cítanse obras destes escritor como son Esta historia, Un tipo listo e As voces da noticia. Recóllese
unha cita de Flaubert referida ao talento e a escritura, que forma parte do titular do artigo.


Logo dunha breve semblanza biográfica, reproducése unha conversa con Daniel Buján, director da Biblioteca de Galicia na que se tratan asuntos como as aportacións de donacións e comodatos, a chegada dos fondos da Fundación Cela e as negociacións sobre a colección de Isaac Díaz Pardo.


Transcribese unha conversa con Francisco Fernández del Riego, datada no 2003, pouco antes de que se publicasen as súas memorias. Reflexiona sobre a homoxeneidade da xeración dos 50 e a súa militancia cultural, os novos horizontes que trouxeron para Galicia a Transición e a autonomía ou a situación da lingua galega.


Carlos Castro publica *Historia dunha investigación e de máis de dous asasinatos*, da que na entrevista realizada, comenta aspectos como que a novela trata de ser unha crítica aos actuais modos de facer novela histórica que o que tratan de facer e reflexar situacións do presente en contextos do pasado pero, en moitos casos, como sinala o autor, carecen de fontes documentais. Por outra banda, fai referencia ao modo pouco convencional no que está escrita a obra, seguindo unha estrutura mais similar a dunha tese doutoral.Sinala tamén que está situada a finais da idade media, fai fincapé na ironía constante dentro da obra e, á presenza de elementos autobiográficos.


Entrevístase a Antonio Campos Romay con motivo da presentación do seu libro *A ollada melancólica* (2009), sobre o que se comenta que se atopa repleto de referenciais políticas e que está composto de vinte e un relatos cheos de historias que camiñan
paralelas a “un país sen alma” e que se ambientan nos arredores “dunha cidade grande”.


Fálase do concerto que dará Cristina Pato e aprovéitase para falar da súa música na que recupera voces de escritores como Álvaro Cunqueiro con “Quen puidera namorala”, Rosalía de Castro, con “Negro caravel”, ou a lírica medieval de Martín Códax.

**Dopico, Montse, “‘Non se trata de saraos’”, *Galicia Hoxe*, “Maré”, “Ano do libro”, 18 abril 2010, p. 34.**

Co motivo da celebración do Ano do Libro, o director xeral de Promoción e Difusión Cultural, Francisco López, da a coñecer nesta entrevista parte das políticas a desenvolver por parte da Xunta para a promoción da lectura e o fomento do hábito lector. Destaca entre outros aspectos que a súa programación baséase en cinco piares básicos que son a animación cultural, a promoción e difusión do libro, congresos e conmemoracións, fomento da lectura e da escritura, e xestión do libro e bibliotecas. Asegura ademais, que en dita programación non só se seguen a levar a cabo actividades “xa herdadas do goberno” anterior senón que súmanse eventos novos como o primeiro encontro internacional de literatura de viaxes ou a semana da novela histórica. Por outra banda, incide nos proxectos que a Consellería está a levar a cabo coa pretensión de fomentar a lectura como son: “Hora de ler”; “Oes, eu leo”; “Bocaberta”; e “Letras Vivas”. Incide tamén na necesidade de proporcionar o consumo de libros dende espazos como “Palabra de autor, palabra de autora”, na TVG. Finalmente, remata defendendo a efectividade da política lingüística a hora de potenciar o uso do galego, pois segundo el “de nada sirve imposición”.

**Dopico, Montse, “A alma de blues de Ramiro Fonte”, *Galicia Hoxe*, “Maré”, 11 maio 2010, p. 37.**

Víctor Aneiros dÁ a coñecer os motivos que lle levaron a inspirarse en Ramiro Fonte para a realización do seu último traballo, o disco titulado “Brètemas da memoria” e comenta que o escritor “era un moi bo intérprete da vida nas cidades”.


Acóllese unha entrevista realizada a Carlos Casares no ano 2000 en relación á polémica da Fundación Sabino Arana por negarse a mostrar as cartas inéditas entre Daniel Rodríguez Castelao e o Lehendakari Aguirre por motivos políticos.

Reprodúcese unha entrevista realizada a Xesús Alonso Montero en 1990 con motivo da clausura do ciclo de conferencias sobre Luís Pimentel celebrado nesa data dentro do programa de actividades das Letras Galegas.


Acóllese un diálogo coa escritora galego-arxentina María Rosa Lojo e co novelista Xosé Carlos Caneiro. Fálase sobre a situación e as perspectivas da literatura galega tanto en Galicia como en Arxentina. Explicase que no país americano aínda non teñen unha literatura en galego, pero sí interese polos autores galegos. Recóllese a opinión de Caneiro cando sinala que, malia que para el a literatura galega é a que está escrita en lingua galega, “os autores galegos de Arxentina forman parte da cultura galega”.


Un dos impulsores do Círculo Poético, José Ramón Fernández, explica os seus primeiros contactos coa poesía na adolescencia tras caer nas súas mans un poemario de Neruda. Deste xeito, comenta como dende o Círculo Poético tentan acercar a poesía a cidade.


Recóllense as verbas de José Antonio Santos quen explica a necesidade de desenvolver actividades culturais continuadas ao longo do ano na cidade de Ourense. Comenta así, a importancia de celebración de eventos como o “Encuentro de Poesía” que axuda a vincular a poetas xoves con veteranos.


Javier González Roiz, un dos invitados ao “Encuentro Internacional de Poesía”, responde as cuestións plantexadas na entrevista, na que comenta a importancia deste tipo de eventos para tender pontes con outras partes do mundo como é o caso de México, a cal considera que pode ser “la fuente de creacción poética más rica y dinámica del mundo”.


Fálase da presentación da novela *Salgadoiro de queixo e mozzarela* (2009) de Exidio Cuiñas. Indícase que o limiar da obra foi escrito por Fernando Pazos quen di que o
volume “agocha unha particular visión do mundo”. Convérsase co autor sobre o título da novela ou os personaxes. Engádase que Cuiñas está preparando un segundo libro intitulado *Contos salgados*.


Reprodúcese unha breve entrevista con Cándido Pazó na que se fala da súa nova experiencia teatral dando vida ao neno labrego de Xosé Neira Vilas, un monólogo no que, segundo di Pazó, queda sitio para a improvisación dende o coñecemento profundo do texto. Menciónanse tamén as partes escollidas para a adaptación ou a responsabilidade de dar vida a un dos textos máis coñecidos da literatura galega. Por último, anunciase a estrea definitiva do espectáculo en 2011 en coincidencia co quincuaxésimo aniversario da publicación.


Entrevístase a Ánxeles Penas, escritora e escultora. Expícase que na súa obra existe unha “visión cósmica, telúrica, cun forte enraizamento coa terra”. Citanse obras súas como *Perfís e poéticas* (2006), no que lle escribe poemas a Gerardo Diego; *Amor*
deshabitado (2009); A volta de Edipo, coa que recibiu o premio Abrente en 1974; O santuario intocable (1992), con prólogo de Basilio Losada; e Algún deus está a soñar. Coméntase que os primeiros poemas publicaronsen na revista Grial por petición de Ricardo Carvalho Calero e que ten obras inéditas como O libro de Thot ou A vara do zahori. Citanse autores como Celso Emilio Ferreiro, Avilés de Taramancos, Rafael Dieste e Salvador García Bodaño.


Francisco Salinas Portugal explica entre outras cousas a situación de debilidade na que se atopa o ensaio galego debido a intensa dedicación e a formación que este precisa; destaca a importancia, a veces pouco valorada, da literatura medieval galego-portuguesa; e incide tamén, na necesidade de descubrir outras literatura como é a africana. Finalmente, incide en que un dos grandes problemas da crítica galega é a inexistencia dunha crítica especializada.


Recóllese a entrevista con Isaac Díaz Pardo incidindo na súa labor como dinamizador da cultura e arte galegas. Entre outras cousas comenta que de poder elixir gustaría ter con el a Luís Seoane; conta algunha anécdota con Castelao, como unha pequena disputa que tivo con el na que chamoulle reaccionario; e finalmente, explica como o día 17 de Agosto recibirá un premio que o “da Alexandre Bóveda (...) a Paco del Riego, Jaime Isla, Avelino Pousa e a [el]”.


Comeza cun breve repaso polo percorrido da escritora Elvira Riveiro Tobío, no que se sinalan os seus contactos cos relatos curtos na Rede, a poesía virtual, a lirica para nenos, e, a poesía en xeral; e destaca as súa publicacións Andar ao leu e Arxilosa. A continuación, da comezo a entrevista na que a escritora explica entre outros aspectos como “tropezou” coa poesía na súa infancia a través de Rosalía de Castro e a súa obra Follas Novas, para a continuación, na adolescencia, descubrir a Méndez Ferrín que converteuse na súa referencia. Considérese ademais, anárquica no que se refire a un itinerario de lecturas, o que lle leva a ter influencias de todo tipo na súa escrita aínda que destaca ante todo a influencia constante de Rosalía e Ferrín. Finalmente, recoñece que tardou en publicar debido a súa inseguridade e lembra a súa obra Palabras brancas, como finalista do Premio Merlín.

Inicialmente presenta ao escritor Xosé Manuel Martínez Oca do que destaca os seus premios acadados como son o Blanco Amor coa obra *A chamada escura dos caborcos*, no ano 1981 e dous anos mais tarde con *Beiramar*. De seguido, da comezo a entrevista co escritor que comenta o seu pensamento respecto do plaxio despois de que un crítico dixera que a súa obra *A chamada escura dos caborcos*, era debéndoa de *Los pasos perdidos* de Carpentier, e explica que toda a literatura está contida nos clásicos gregos, o demais non é máis que novos xiros sobre temáticas xa tratadas. Por outra banda, comenta que como lector e como escritor, considérase anárquico e polo tanto lee de todo aínda que recoñece a existencia de lecturas imprescindibles como pode ser *O mundo feliz*, de Huxley. Finalmente, remata contando que ultimamente o relato curio se lle resiste e dedicase máis a novela.


Logo dunha breve semblanza bibliobiográfica, reproducéuse unha conversa con Luz Pozo Garza. Nela reflexiónase sobre a inspiración para escribir, a presenza da forza da vida nos primeiros poemas do libro, a definición da súa escrita ou as súas lecturas habituais.


Dáse conta dunha conversa co escritor Andrés Neuman, encargado de inaugurar, xunto con Olga Novo, unha nova edición do ciclo “Poetas dí(versos)”. Nela fálase sobre a súa relación con Roberto Bolaño, o seu interese na unión de poesía e narrativa ou a súa opinión sobre a morte da novela como mecanismo de reciclaxe do xénero.


Fálase co escritor portugués José Luís Peixoto, quen explica que, a diferencia de nas novelas, cando nun poema fala dun “eu” é xustamente el. Coméntase o afastamento existente entre as literaturas galega e portuguesa, aínda que se engade que esta distancia tamén se observa noutros eidos.

**García Máñquez, Marta**, “Parece que o feo, o vello ou todo o que signifique perda de beleza non existe”, *El Ideal Gallego*, “A Coruña”, 5 marzo 2010, p. 15.

Conversa con Luz Campello, autora de *Do corazón da terra* (2009). Explicase que a obra, escrita dende unha visión moi positiva, é un “alegato á vida”. Indícase que, malia non contar con ningún tipo de apoio gráfico, os “poemas son tan claros que se poden ler, ver e ulir”. Engádese que Pilar Pallarés foi a encargada do limiar.

Fálsase das actividades que se levarán a cabo na Coruña co motivo da celebración do Día das Letras Galegas. Destácase a campaña “O galego medra contigo” inspirada no conto “Paula e as palabras que levou o vento” escrito por Xosé Carlos Cermeno en 1995. Sinállase que pretenden difundir esta mensaxe: a “importancia das palabras para desbribir o conto de cada un”.


Víctor Aneiros explica os motivos que lle levaron a inspirarse en Ramiro Fonte en sete dos temas do seu novo disco, incendiando en que “na súa poesía hai algo que [lle] cautivou, que é o espazo da cidade, a forma que tiña de captar eses segredos dos recuncho das urbes, as soñadas que atopamos nos bares” e que “era un poeta urbano que transmitía esa soñada, esa melancolía, como ninguén”. Comenta ademais que esta non foi a primeira vez que inspirouse en poetas clásicos para a composicións das súas pezas, sinalando que Rosalía de Castro era unha grande escritora de blues. Finaliza, enfatizando que dito estilo musical é un xénero que encaixa moi ben coa saudade, e polo tanto, encaixa ben dentro da lingua galega.


Avelino Pousa e elixido o escritor do mes e se incide na súa consideración como “mestre dos máis novos”. Ábrese así a entrevista ao autor elixido onde coméntase entre outras cousas a homenaxe recibida xunto a Isaac Díaz Pardo, Xaime Isla Couto e Paco del Riego, no quinto premio Galicia Mártr; destaca tamén a importancia do idioma que ha de ser considerado “algo sagrado para un galego”; por outra banda, faise tamén unha traxectoria polo percorrido deste autor tanto como escritor de poesía como polo seu


Xosé María do Barro comenta nesta entrevista como foron os seus primeiros contactos co reintegracionismo a partir da relación co seu mestre Ricardo Carvalho Calero e as causas da súa aposta por esta vía cando o galego comezou a instaurarse nas aulas galegas. Explica ademais os motivos polos cales se lle resiste o Día das Letras Galegas a Carvalho Calero, debido aos seus posicionamentos lingüísticos. De seguido fai fincapé na importancia das figuras de Rosalía de Castro, Curros Enríquez e Pondal, na historia da literatura galega. Finalmente, considera que na actualidade a literatura galega conta cun bo grupo de escritores, tanto poetas como narradores de relato curto, que poden representar ben a Galiza de maneira internacional.


Conversa con Raquel Miragaia co gallo da próxima saída do prelo do seu volume *O décimo terceiro mes*, dentro da colexión O lapis do taberneiro, en Edicións do Trece. Fálase sobre a inclusión do libro na antedita colexión; a liña temática do volume e os poemas que incluíu nel, como os de Fernando Pessoa e, finalmente, a existencia ou ausencia de diálogo entre a lingua galega e a castelá no ámbito da docencia.


Entrevístase a Román Raña, autor d’*O incendio das palabras* (2009) co que gañou o XXV Premio de Poesía cidade de Ourense. Expícase que neste poemario o escritor “viaxa á súa infancia e á súa adolescencia”. Recóllese a opinión de Raña sobre a Xeración dos 80, á que considera “irrepetíbel” e que “segue a producir obras magníficas”. Citanse a escritores como Xabier Rodríguez Baixeras, Manuel Forcadela, Cáccamo, Miguel Anxo Fernán Vello e Pilar Pallarés.


Convérsase con Rául Gómez Pato sobre a sú infancia, os seus estudios de Filoloxía Clásica e o seu labor de tradutor ao galego de *Safo de Lesbos*, entre outros temas. Indícase que Edicións Positivas publicou o seu poemario *Tratado de Zooloxía para corazóns mancados* (2009).


Entrevista con María Xosé Agra Romero, representante do movemento feminista e autora da obra *Corpo de muller* (1997), na que se analizaba a achega dun conjunto de mulleres, entre as que se inclúe a Rosalía de Castro, na conquista dos dereitos femininos.


Entrevistase a Álvaro Negro autor do libro *Abro a xanela e respiro o aire fresco da fin do mundo*, construído a base dunha combinación de poemas de Chus Pato, Celso Fernández Sanmartín e Carlos Negro, e fotografía. O autor comenta que a obra xurdiu da realización do catálogo de arte á que estaba ligada a exposición fotográfica, e que desexaba que a palabra e a imaxe poéticas se mesturasen nun mesmo proxecto. Por outra banda, destaca que o texto escrito recolle a súa experiencia vivida a través da mestura de xéneros, que percorren dende o microconto até reflexións da súa condición de artista. Comenta tamén que na súa obra non hai un lugar específico ao que faga referencia as alusións do título, aínda que recoñece que o libro está moi vinculado a Berlín como lugar metafórico e a influencia da película de Wim Wenders, *Ceo sobre Berlín*.


Entrevístase a Alexandre Nerium, o mariñeiro-poeta que vén de publicar *Aradomar...ecos cara á fin do mundo*, unha antoloxía poética sobre as Fisterras na que se presenta unha colectánea de poemas onde aparece a palabra Fisterra, Finisterre e semellantes e que se compón de poemas éditos e inéditos de autores de todo o mundo traducidos ao galego como Sylvia Plath, Mario Benedetti, Antonio Machado e outros galegos como Xosé Luís Méndez Ferrín, Salvador García-Bodaño ou Xosé María Álvarez Cáccamo. Na entrevista tamén se lembra a súa infancia ou o seu actual traballo.
como guía no Museo da Pesca en Fisterra.


A creadora viguesa Ledicia Costas participa no proxecto intercultural “O son da Bahía” e publicará un libro para nenos na editorial Galaxia, por estas razóns, é a protagonista desta entrevista na que comenta entre outras cousas a súa necesidade de escribir como unha cura que “alivia esa necesidade tan intensa de contar”, e como a pesar de ser unha nena educada en castelán, comezou a escribir asumindo un compromiso coa lingua galega. Por outra banda, destaca a súa obra Unha estrela no vento (2000), que escribiu aos dezasete anos froito das súas experiencias persoais. Tamén fala do seu proxecto Xardín de inverno, que resulta ser unha obra poética dende a danza contemporánea, a música, a videocreación e, a poesía. Comenta tamén o seu gusto polos microcontos polo exercicio de sintetización que estes supoñen. Finaliza, comentando o seu proxecto Baixo Terra, que lle deu a posibilidade de falar da violencia de xénero dende unha perspectiva poética.


Entrevista a Antonio Piñeiro con motivo do seu labor ao fronte da colección independente e en edicións limitadas, Colección Bourel. Logo dun parágrafo introdutorio no que se sinala a saída ao prelo do seu poemario Paisaxes de cinza na editorial Toxosoutos en 2002, dá comezo a conversa ao redor de cuestións como a orixe dos apelidos do escritor e a súa decisión de estudar a carreira de Historia; o seu labor nunha editorial que publica libros de xeito artesanal e o futuro do libro impreso; a publicación do seu relato “A carreta”, xunto ao poemario de Xabier Marqué, Caderno de ponza e o volume de Antón Riveiro Coello, As pantasmas de auga na súa colección e, por último, a relación existente entre o libro como tal e a sensualidade do poeta.


Xosé Manuel Pereiro, lembra nesta entrevista ao seu irmán Lois Pereiro a quen define coma “esencialmente poeta”, destacando aspectos do autor como o seu gustu polas vangardas que defende dende a militancia deste pola defensa da lingua galega. Comenta tamén como Lois Pereiro identificábase coa estética centroeurop xermanófiла, incide na personalidade do escritor como alguén a quen lle gustaba máis escoiar que falar resumindo a súa presenza como a de “un poeta dandi, pre-gótico” Finalmente, fai referencia a súa última obra Poesía última de amor e enfermidade.


Entrevista a Isaac Louriño na que comenta, entre outras cousas, o seu traballo como crítico asegurando que no momento de facer crítica el tenta “crear e ampliar debates” ao
tempo que trata de “expandir o significado do libro e formular preguntas”. Comenta tamén que parte de poesía de Xoán Novoneyra é irrecuperábel ao existir poemas que circulaban fora de revistas e libros, e fai referencia aos “campos magnéticos” que se establecían nun recital, onde o poeta ten a liberdade de cambiar o seu discurso. Di que considera que ao consolidarse a novela como o xénero “máis privilexiado nas literaturas normalizadas”, a poesía asumiu un carácter máis prestixioso pero dirixida a un número máis reducido de destinatarios. Por outra banda, Louriño conta que o proxecto colectivo Estaleiro Editora ten como un dos seus obxectivos principais publicar libros distintos aos doutras editoras galegas e que as persoas que colaboran no proxecto “son persoas con espírito crítico”. A seguir dá a coñecer as próximas publicacións da editora e destaca os libros de David Rodríguez (conxunto de ensaios recollidos do seu blog “O funambulista coxo”), unha selección de cartas escritas por António Gramsci, un poemario de Claudio Pato, e un libro de Rebeca Baceiredo. Engade que o teatro ocupa un lugar privilexiado dentro da editora e, finalmente, conta que a literatura pode ser unha ferramenta para a “afirmación de resistencia e para unha crítica radical do estado das cousas”.


Yolanda Castaño adianta que está a traballar en catro libros durante as vacacións estivais xa que nesta estación aproveita para traballar con moita máis tranquilidade. Comenta ademais que aproveita este período para dedicarse á lectura coma a do poemario *Autoría* de Julieta Valero. Finaliza, explicando que o período de vacacións é un bo tempo para o xurdimento de novas ideas.


Xosé María Álvarez Cáccamo comparte nesta entrevista as tarefas que lle ocupan o seu tempo no verán. Comenta deste xeito que ten pendente algúm proxecto literario e escultórico, e que está a dedicar o verán a escoita de música clásica e a lectura de obras como por exemplo unha antoloxía de poesía chinesa. Por outra banda, ante a cuestión de entender a escritura coma un hobby ou unha profesión, responde que el a entende coma unha “ocupación vital”.

**Gondar**, Adrián, “‘Coñecería a Franco’”, *Galicia Hoxe*, “Maré”, “Praia, montaña ou pluma?”, 10 agosto 2010, p. 27.

Suso de Toro comenta non ter proxectos pendentes de ningún tipo nestes momentos. Engade ademais que entre as lecturas que está a realizar no verán destaca *No hay bestia tan feroz*, de Edward Bunker. Por outra banda, explica o seu modo de entender a profesión de escritor considerándoa como “unha actividade artística que é íntima, intensa, profunda e densa”. Finaliza, constatando que nos períodos de relaxación son as épocas nas que xorden as ideas con máis naturalidade.
Anxos Sumai comparte cos lectores a súa próxima publicación consistente nun diario-novela de viaxes. Comenta ademais, que aproveita o verán para o visionado de series e a lectura dun libro de artigos da revista Rolling Stone. Remata engadindo o seu desexo de poder dedicarse enteiamente a escritura.

No artigo dáse a coñecer o traballo de Domingo Villar que aproveita as vacacións estivais para rematar a próxima entrega da saga de novelas policiais que teñen como protagonista a Leo Caldas. Comenta o autor que excepto no período que dedica á escritura, gústalle ler novelas policiais e na actualidade atópase lendo as novelas da escritora italo-americaña Ben Pastor. Engade ademais que a profesión de escritor non pode ser considerada un hobby senón un oficio que ó mesmo tempo disfrútase.

Alfredo Conde da a coñecer o nome da súa próxima novela, Huesos de Suerte “que fala de quen está na tumba do Apóstolo”. Por outra banda, comenta que está a ler os orixinais dun premio de literatura de viaxes que convoca unha cadea de hoteis. Engade ademais que o escritor sempre ten que ter un libro baixo o brazo.

Anxo Angueira explica cal será o seu próximo proxecto literario, que consistirá nunha novela longa ambientada en Galicia a finais dos anos 60. Comenta ademais que a profesión de escritor é ante todo “una entrega, unha paixón”. Remata asegurando que os escritores non sempre teñen un libro baixo o brazo, senón que teñen máis dun libro na cabeza.

Miguel Anxo Fernán Vello comenta algúns dos seus proxectos para a próxima temporada como son varias traducións pendentes tanto en italiano como en alemán. Segue a falar de cómo dende a perspectiva do editor vive “nun pequeno claro do bosque que [lle] permiten os libros que [lle] rodean”, confirmando que os escritores sempre teñen un libro baixo o brazo. Por outra banda, entre os libros que está a ler no verán, destaca Anthology of Galicia Literature, de Jonathan Dunne; El Imperio, de Kapuscinski; Xuvia-Neda, de Vicente Aragas. Para rematar asegura que a literatura para un escritor é “unha profesión, é un hobby e é un destino”.


Anxos Sumai comparte cos lectores a súa próxima publicación consistente nun diario-novela de viaxes. Comenta ademais, que aproveita o verán para o visionado de series e a lectura dun libro de artigos da revista Rolling Stone. Remata engadindo o seu desexo de poder dedicarse enteiamente a escritura.


No artigo dáse a coñecer o traballo de Domingo Villar que aproveita as vacacións estivais para rematar a próxima entrega da saga de novelas policiais que teñen como protagonista a Leo Caldas. Comenta o autor que excepto no período que dedica á escritura, gústalle ler novelas policiais e na actualidade atópase lendo as novelas da escritora italo-americaña Ben Pastor. Engade ademais que a profesión de escritor non pode ser considerada un hobby senón un oficio que ó mesmo tempo disfrútase.


Alfredo Conde da a coñecer o nome da súa próxima novela, Huesos de Suerte “que fala de quen está na tumba do Apóstolo”. Por outra banda, comenta que está a ler os orixinais dun premio de literatura de viaxes que convoca unha cadea de hoteis. Engade ademais que o escritor sempre ten que ter un libro baixo o brazo.


Anxo Angueira explica cal será o seu próximo proxecto literario, que consistirá nunha novela longa ambientada en Galicia a finais dos anos 60. Comenta ademais que a profesión de escritor é ante todo “una entrega, unha paixón”. Remata asegurando que os escritores non sempre teñen un libro baixo o brazo, senón que teñen máis dun libro na cabeza.


Miguel Anxo Fernán Vello comenta algúns dos seus proxectos para a próxima temporada como son varias traducións pendentes tanto en italiano como en alemán. Segue a falar de cómo dende a perspectiva do editor vive “nun pequeno claro do bosque que [lle] permiten os libros que [lle] rodean”, confirmando que os escritores sempre teñen un libro baixo o brazo. Por outra banda, entre os libros que está a ler no verán, destaca Anthology of Galicia Literature, de Jonathan Dunne; El Imperio, de Kapuscinski; Xuvia-Neda, de Vicente Aragas. Para rematar asegura que a literatura para un escritor é “unha profesión, é un hobby e é un destino”.

1083

Xabier Quiroga asegura estar “un pouquiño en punto morto” en canto a proxectos literarios refírese centrándose, practicamente, a unha tradución ao castelán dunha das súas obras. Respecto das lecturas que está a facer, destaca El tiempo entre costuras, de María Dueñas; Sol de inverno, de Rosa Aneiros; e, Sete palabras, de Suso de Toro. Continúa comentando que a literatura aos escritores galegos cústalles “traballo, horas, cartos e saúde”. Para finalizar, asegura que para un escritor é indispensábelter sempre un libro ao seu carón para estar en relación co obxecto do seu interese.


Entre outros proxectos, Luís González Tosar comenta atoparse ocupado cun libro de relatos curtos, actividade que combina ca lectura e relectura de moitos libros como son a novela de Antonio Torres; Contos da montaña, de Miguel Torga; ou Infancia, de Garciliano Ramos. Remata facendo fincapé, entre outras cousas, na idea de que a literatura “ten moito de oficio, de introspección, de vida,...”


Darío Xohán Cabana explica estar atarefado coa realización dunha antoloxía trobadoresca que recolle a poesía dos trobadores medievais occitanos dos séculos XII e XIII, con traducións ao galego. Para iso dedica o seu verán a lectura dalgúns capítulos da historia social da literatura e da arte que como el explica “se trata dunha consulta erudita”. Finaliza comentando que a literatura “é un vicio, pois unha vez que te metes nela é coma o tabaco, que non o dás deixado”.


María Xosé Queizán comenta na entrevista que se atopa repasando un ensaio pendente de saír en outono e que está a traballar nunha obra de teatro. Ó mesmo tempo, dedica o verán á lectura de Ideas sobre la complejidad del mundo, de Jorge Wagensberg; ou, Genes, pueblos y lenguas, de Luigi Luca Cavalli-Sforza. Respecto de se a literatura para un escritor é a vez unha profesión ou un hobby, asegura que “non a [cualifica] nin de hobby nin de profesión, (...) [cualifiquea] de vocación”.


Entrevista a Fran Alonso, autor de Folerpas de Novoneyra, na que fala do que lle gusta facer no verán, como ler e escribir algúns relatos nunha terraza porque ten máis
concentración. Comenta que acaba de entregar un libro de narrativa e que ten outro rematado dende hai un ano que sairá en 2011 e un poemario que sairía en outono. Sinala que para el escribir é unha profesión, que non escribe todo o que lle gustaría porque ten que compatibilizar a escrita cunha xornada laboral.


Tras os viaxes por Vietnam e Cambodia, Cesáreo Sánchez, comenta que fixo un diario que agarda publicalo algún día. Dita viaxe levoulle, tal e como indica, á lectura de textos da cultura xemer, e tamén sobre etnias e guerras do Vietnam para coñecer personaxes coma Ho Chí Minh. Por outra banda, asegura que a poesía para un escritor é “unha maneira de olla-lo mundo”.


Chus Pato adianta a súa próxima publicación para outono que se trata dunha antoloxía poética que recolle toda a súa obra publicada. De seguido, comenta que lle gustaría coincidir con Dante nun espazo virtual, xa que lle interesaría saber cómo fixo este para converter unha lingua non normalizada nunha lingua poética. Ademais da escritura, dedica o verán á lectura de dous libro de Giorgio Agamben, *La Fin du Poeme*; e *Idee de la prose*. Tamén está a ler *País de sombras*, de Peter matthissen. Remata asegurando que a literatura para un escritor “é unha chamada á que hai que estar atenta e requite unha atención continuá”.


Benardino Graña comenta estar ocupado na realización dunha noveliña que está inspirada nun conto popular e cunha muller como protagonista. Compaxina dita ocupación coa lectura durante o verán de *Carolus Rex*, de Ramón J. Sender. Finalmente, confirma a idea de cun escritor sempre ten algún libro ao seu redor, ben para documentarse ou polo simple pracer da lectura.


Fálase con Raúl Gómez Pato sobre o seu poemario *Tratado de Zooloxía para corazóns mancados* (2009). Explicase que o fío condutor desta obra é o mundo animal eque no poemario se tratan “derrotas persoais, amorosas e afectivas” xa que de todos os seres se poden descubrir “moitas cualidades poéticas”.

Conversa ao redor da tese doutoral do investigador da Facultade de Educación do Campus de Ourense Xosé Fernández, que se centra no intelectual, etnógrafo, literato, mestre e pedagogo Vicente Risco. Coméntase que conta cunha primeira parte que contextualiza o clima histórico, e cunha segunda centrada no labor desenvolto por Risco a prol do ensino, con iniciativas como o Plan Pedagóxico para a galeguización das escolas, referente a inicios do XX, e o Informe do irmán de Risco, que quería pór en funcionamento unha escola galeguista financiada por emigrantes ourensáns residentes en Bos Aires. Conclúese que a tarefa innovadora de Risco contemplaba a galeguización de todos os niveis de ensino e saliéntase que, alén de fundar a revista Nós, colaborou na revista As Roladas e con asociacións xuvenís como a dosULTreyas, que desebaran levar a galeguidade a mozos das cidades e vilas.


Conversa con Hixinio Puentes Novo, autor d’A do vinte e un (2009), gañadora do X Premio Vicente Risco de Narrativa, que se describe como unha novela histórica sobre a Armada entre 1800 e 1810, cuxo personaxe principal vive as súas aventuras en Ferrol, Cádiz e Londres, cunha base inspiradora e recorrente para o autor, o mar. O detonante da obra foi o achado dun xornal do XIX cunha semellanza do acontecido na ría de Barqueiro cando a flota inglesa ia tomar Ferrol. Hixinio entende o premio como un empurrón no sistema literario galego, e salienta a importancia dos ingresos para o escritor medio por medio de premios en metálico.


Recóllese unha entrevista con Arturo Baltar Santos, escultor e artista plástico, de formación autodidacta, a quen se lle dedicou este ano a Festa da Palabra celebrada en Guimarás. Nela abórdanse temas como o seu legado, o máis satisfactorio da súa profesión ou os recordos da época na que conviviou con Xaime Quesada, Ramón Otero Pedrayo, Eduardo Blanco Amor ou Vicente Risco.


Conversa con Alfredo Conde, autor de Xa vai o Griffon no vento (1984) e un dos once Premios Nacionais que piden a dimisión do conselleiro de Cultura Roberto Varela. Coméntase, entre outros aspectos, a súa decisión de deixar de escribir en lingua galega, algo que finalmente non fixo. Explicase que o autor publicou antes en Rusia que en España e que, grazas á tradución desas obras a outros idiomas como o italiano, foi sobrevivindo. Engádese que ten en camiño unha novela policía escrita en castelán e que será editada por Edhasa. Citanse as súas obras Memoria de Noa (1986) e María das batallas (2007) e fálase das diferenzas que existiron entre Conde, Carlos Casares e Ramón Piñeiro.

Fálase con Luisa Castro, gañadora do Premio Puro Cora polo seu artigo “Providence”. Indícase que neste artigo a autora aposta pola convivencia da lingua galega e a castelá e asegura que os escritores deben ser liberados da carga de defender a lingua na súa produción pois do contrario cáese na politización da “opción artística”. Coméntase que nas súas obras sempre hai unhas doses de realidade e de ficción pois explica que non lle interesa “ a literatura que non se sostén coa realidade”. Apúntase que o título do artigo premiado coincide co título da novela de Juan Francisco Ferré, que estaba a piques de publicar como este lle comentou cando ambos os escritores coincidiron nun encontro na Brown University.

Jaureguizar, “A lenda di que Leo Calas foi un poli vigués”, *El Progreso*, 1 marzo 2010, contracuberta.

Sométese ao “Test Impertinente” a Domingo Villar, o novelista de literatura negra “máis traducido”. Índicase, entre outras cousas, que a morte prematura de Manuel Vázquez Montalbán foi o que máis dano lle fixo ao libro e que existe unha lenda que asegura que o detective Leo Caldas creado por Villar é un policía de Vigo falecido fai anos.


A través dunha entrevista que parece seguir as pautas dun test, Afonso Becerra, comenta entre outras cousas que decidiu facerse actor posto que é a curiosidade nos demais a que nos axuda a coñecernos a nos mesmos; considera que é un mito considerar o teatro como algo innato; confesa que un soño por cumplir é que “a escena galega se asemelle un chisco á catalá [xa que] temos unha oferta diversa que se está a perder”; e afirma, que unha boa frase é <<disfruto moito co teatro, sobre todo nos descansos>>, de Groucho Marx.


Reprodúcese unha entrevista con Alfredo Conde co gallo da presentación en Galicia da súa última novela, *Huesos de santo*, na que se fala do porqué da temática escollida (unha novela sobre un asesinato relacionado cos restos de Santiago O Maior) ou a situación do sistema literario galego.

Con motivo da exposición *As misións pedagóxicas 1931-1936*, entrevístase a Eugenio Otero Utarza, director desta mostra na que se revisa o proxecto de achegamento da cultura ás vilas e aldeas máis ricas e dinámicas da Segunda República. Entre a maioría de mestres integrantes, citase a intelectuais como Miguel Hernández, Maruja Mallo ou Antonio Machado; e en territorio galego, Alejandro Rodríguez Cadarso, reitor da Universidade de Santiago; ou o autor Rafael Dieste. Saliéntase que este último dirixiu unha viaxe de cinco meses por aldeas e localidades das catro provincias galegas.


Antonio Durán, quen puxo cara a moitos dos personaxes do audiovisual e teatro galegos (como Castelao nos monólogos de Air Galicia) declara que se iniciou no instituto e no clube xuvenil de Teis a afección polo teatro, para logo ensaiar no Círculo Ourensán Vigués. Lembra os festivais de teatro independente (con obras de Castelao ou Roberto Vidal Bolaño) e o nacemento da TVG (1984), aparecendo no programa “O mellor”, que levaba Manuel Rivas. Fala da enorme diferencia económea entre a produción audiovisual española e galega, e recoñece que rexeitou proxectos en Madrid por seren pouco atractivos, do mesmo xeito que afirma sentirse ilusionado co filme sobre un texto de Roberto Vidal Bolaño, *Doentes*. Polo que respecta á identidade, o autor defende que nós mesmos xoguemos cos tópicos.


Entrevístase a Xosé Monteagudo, gañador do premio de novela longa Manuel García Barros 2009 por *Un tipo listo* (2009) e premiado co Blanco Amor 2002 con *As voces da noticia* (2002). Explica que a novela de 2009 trata dun desfalco bancario acontecido a comezos da década de 1990 co obxectivo de realizar un retrato da sociedade galega dende a Guerra Civil até que Manuel Fraga chegou ao poder. Indicase que a descripción meticulosa de espazos é unha técnica narrativa que lle interesa a Monteagudo e afirma ademais que é unha das súas “máximas como escritor”. Recóllese a opinión de Monteagudo sobre o futuro da literatura sobre a que imaxina que se mesturará co cinema e as artes escénicas.

**Lorenzo Gil**, César, “‘Se para vender 5.000 libros teño que facer novela policiaca, prefiero que me compren 500’”, *A Nosa Terra*, n.º 1.390, “Cultura”, 21-27 xaneiro 2010, p. 27.

Fálase con Xavier Queipo, autor de *Felices e diferentes* (2009) en relation a esta obars da que explica que recolle as columnas que locutou no “Diario cultural” de Radio Galega. Fálase, entre outras cousas, dos “escritores orgánicos” entendidos como escritores que “goberne quen goberne sempre están a carón do poder”; e da política lingüística. Reconécese que é un dos autores “peor vendidos” da literatura galega mais non o considera un “demérito”.

1088

A entrevista céntrase na figura da profesora e escritora Laura Tato, da que sinala a súa dedicación ao xénero do ensaio; que é experta en autores como Xaime Quintanilla ou Pero Meendiz de Fonseca; que traballa fundamentalmente dous ámbitos, o teatro galego e o da lírica medieval galego-portuguesa; e comenta que ven de rematar o seu estudio Muller e teatro, por encargo da Consellería de Cultura. De seguido da comezo a entrevista na que entre outras cousas a autora comenta que o ensaio en Galiza foi un dos últimos xéneros en cultivarse e que ademais vai dirixido a un publico moi especializado o que fai que este sexa un xénero pouco frecuente. Comenta ademais que o ensaio forma parte da súa profesión e que en boa medida escribe para os seus alumnos. Por outra banda, explica que moito dos textos dramáticos non chegan a coñecerse xamais o que coarta a produción dramática galega. Finalmente comparte a súas reflexións en torno a actual política lingüística admitindo non dar crédito a situación actual que está a vivir a lingua galega, mais enfatiza que o comprimo daqueles que defenden o galego é cada vez maior.


Convérsase con Bieito Ledo, director da editorial Ir Indo, sobre as novas tecnoloxías e o sector do libro. Apúntase que os libros electrónicos “hai que aceptalos e integralos” e anúnciase que dentro do obxectivo da incorporación da lingua galega ás novas tecnoloxías están a punto de lanzar un corrector con máis de 400.000 palabras. Fálase, tamén, do codecreto presentado pola Xunta en materia de lingua.


Entrevista a Bieito Iglesias, logo de indicar que Edicións A Nosa Terra publicará en breve a súa obra O ouro de Ourense, do que di que malia as fronteiras dos xéneros é “un libro de ensaios”, unha guía para coñecer Ourense, á marxe do sentido monumental. Ademais engade que o repaso á cidade o fai dende as súas vivencias, e “en parte dende o mundo literario”. Por outro lado, opina sobre o decreto do galego no ensino, así como o tema das subvencións, das que di que “tampouco son tan impresionantes como din”, pois a “proba é que os máis dos escritores temos outra profesión para vivir”.


Entrevístase a Xosé Sixto, investigador en xornalismo e escritor que vén de publicar Peitos e tetas nas noticias do domingo (2009). Explicase que se trata dun poemario no que constrúe o viaxe dun personaxe dende a súa infancia á súa madurez. Indícase que esta evolución se percibe tamén na “forma de contar as cousas”, isto é, mentres que nas primeiras páxinas impera a narrativa, a medida que o personaxe medra vai empregando
“primeiro unha poesía de verso libre, e logo outra máis depurada e elitista”. Apúntase que un dos temas que trata é o conflito lingüístico.


Fálase con Blanca Cendán tras ser nomeada directora do Centro Dramático Galego. Recóllense os obxectivos que quere alcanzar durante o seu mandato: a creación dun gabinete de asesoramento, levar o teatro musical ao CDG, potenciar o proceso de castings, ou darlle máis variedade aos programas e que poida haber pezas do teatro máis clásico como Shakespeare ou Oscar Wilde co teatro máis vangardista. Ofrícese un perfil da directora da que se indica que en 1996 foi premio Talente Momente e que entre as súas producións se atopa o espectáculo musical “Lili Berlín”. Engádese a súa opinión sobre o punto fêbel do teatro galego que, dende o seu punto de vista, é “a resistencia a saír do país”.


Recóllense as declaracións da escritora Marica Campo realizadas con motivos da súa presenza na festa do millo corvo como pregoeira. Nelas inclúense uns versos sobre dita celebración, así como o anuncio da publicación dunha novela xuvenil. Tamén se dá conta das correccións da cuarta edición dun libro e da reescritura dunha obra narrativa nas que está a traballar.

Martínez, Iago, “Nós apoiamos o libro galego e o ministerio o castelán; a xente é libre de escribir o que queira”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 10 xaneiro 2010, p. 40.

Entrevístase ao Director xeral de Promoción e Difusión da Cultura, Francisco López-Barxas sobre os obxectivos que persegue a subvención dos libros, a coexistencia da literatura galega coa castelá, a Lei do Libro e o decreto do plurilingüismo. Apúntase que para López-Barxas a “única literatura galega é a escrita en galego”. Citanse autores como Emilia Pardo Bazán, Wenceslao Fernández Flores e Ramón María del Valle-Inclán, e obras do entrevistado como a monografía No xardín das mandrágoras (2008).


Entrevístase a Isaac Díaz Pardo con motivo da súa expulsión da empresa que fundara xunto con Luís Seoane en 1963. Fálase de Basilio Losada, Xesús Alonso Montero, Alfonso Daniel Rodríguez Castelao e Manuel Curros Enríquez. Apúntase que intelectualmente se lle debe moito ao exilio “porque para alí marcharon os mellos”, tales como Lorenzo Varela, Rafael Dieste e Eduardo Blanco Amor.

Martínez, Iago, “O nacionalismo pode acabar afogando a lingua galega de tanto que a
Explica que mentres Xesús Alonso Montero ultima unha segunda edición ampliada do “estarrecedor” Cartas de republicanos condenados a morte (2009), ofrece unha entrevista sobre a lingua. Nela alude a que o nacionalismo galego non acaba de reconciliarse coa memoria republicana e fala dos sucesos acadeixidos coa lingua galega dende a última entrada do PP no goberno galego. Por outra parte, refírese á súa relación coa Real Academia Galega, á que non vai “en gran parte por culpa dunha ofensa protagonizada por Méndez Ferrín”, e apunta que a Academia moitas veces actúa heroicamente, porque nin ten medios nin conta, por parte dalgúnsas institucións, co respecto e a estima aos que ten dereito. Explica que o primeiro en decretar a morte en breve do galego foi Xosé Luís Méndez Ferrín e manifesta que a lingua “vai por mal camiño se non se toman medidas persuasivas, alentadoras (...) que poidan ser compartidas sen violencia”.


Vanessa Martínez Sotelo concede esta entrevista despois de gañar o premio de teatro Josep Robrenyo coa obra Memoria do incendio, e explica como xurdiu a obra en cuestión. Deste xeito, conta que a peza teatral xurdiu por inspiración dunha escultura situada en Praga dedicada a dous estudantes que se queimaron ao bonzo. Comenta que iso deu paso a constitución dun texto que consta de sete pezas e que ten o incendio e o sacrificio como fio condutor. Continúa falando da obra destacando outros aspectos como: a ubicación da acción nunha sala de autopsias, a existencia de rupturas temporais constantes no texto, etc. Finalmente, avanza o seu próximo proxecto dramático titulado, Kamouraska.


Entrevístase a Suso de Toro con motivo da reedición en castelán da súa novela Calzados Lola (1997). Indícase que malia que para el unha reedición é sempre unha alegría, ten dúbidas sobre a inclusión desta obra dentro dunha colección de novela negra en RBA. Apúntase que lle “encantaría” ver a novela no cinema e explicase que, de feito, a obra naceu como “un guión para Xavier Villaverde” pero finalmente o proxecto non saiu adiante. Fálase de que na actualidade está inmerso nun proxecto no que reaparece Manuel, o protagonista de Calzados Lola. Citase a Manuel Rivas pola participación de ambos nun congreso literario en París. Engádese, ademais, un pequeno perfil biográfico do autor.


Indica que para os poemas “Abrazo” e “Blues de maio” de Van Gogh e outras cancións, de Manuel Sieiro, foron musicados por Teo Cardalda, do grupo Cómplices. E na
conversa Sieiro afirma que a canción dedicada a Van Gogh escribiuna hao trinta anos e que na súa obra aparecen unidas a poesía, a música e a pintura, ademais da influencia da morte, a dor e o sufrimento cos que ten contacto na súa profesión de médico. Explica ademais o poeta que considera a música “unha arte suprema” e que, ao ser o home, corpo e espírito, a súa poesía caraterízase polo erotismo, o amor e tamén o compromiso social.


Entrevista a Guadi Galego, ex cantante do grupo folk galego Berrogüeto, co gallo da súa próxima actuación musical na que cantará versos da poeta galega Rosalía de Castro. Ademais de facerse a entrevista tamén se informa de cándo e onde será o espectáculo e dos músicos que acompañarán á voz de Guadi.

M. B., “Para comprender os sentimentos cómpre un certo grao de animalización”, A Nosa Terra, n.º 1.396, “Cultura”, 4-10 marzo 2010, p. 22.

Conversa co poeta Raúl Pato despois da recente publicación do seu último libro, Trazado de Zooloxía para Corazóns Mancados. Escritor e xornalista falan tanto do devandito libro como do panorama actual galego da tradución literaria.


Fálase con Begoña Caamaño con motivo da publicación da súa primeira novela, Circe ou o pracer do azul (2009), na que narra o que Homero non contou do mito de Penélope. Expilcase que a novela apostou pola recreación da linguaxe homérica e por ir á procura de “fórmulas que permitisen axeitar o noso idioma a unha lingua máis clásica”. Citase a Álvaro Cunqueiro en relación a que os mitos están de actualidade sempre e que neles están presentes os arquetipos da cultura europea.


Entrevista a Xoán Carlos Domínguez Alberete tras a súa última publicación: Incivil. Nela entrevistador e entrevistado falan sobre por qué se titula así a obra e sobre a Lei da Memoria Histórica.


Fálase con Alberte Anside sobre a recente fundación da Asociación Amigos e Amigas da Fundación Manuel María de Estudos Galegos cuxo obxectivo será adquirir a casa natal do poeta. Expilcase que a organización acollerá o legado de Manuel María, entre o
que se encontra a súa colección de pintura con cadros asinados por Alfonso Danile Rodríguez Castelao ou Isaac Díaz Pardo.


Entrevístase a Vicente Montoto, presidente da Asociación de Actores e Actrices de Galicia. Fálsase da homenaxe da entidade polo seu 25 aniversario, das axudas que recibe o sector así como dos aspectos que cambiaron a situación do actor galego no mundo.

**M. G. M.**，“Máis que amar a liberdade, na ditadura odiaban a quen llela roubou”, *El Ideal Gallego*, “A Coruña”, 10 abril 2010, p. 15.

A publicación da primeira obra individual de Antonio Campos Romay xustifica a entrevista que se lle fai. Trátase d’*A ollada melancólica* (2009), formada por relatos escritos en diferentes etapas pero cun fío condutor común: os protagonistas son persoas dun barrio situado na periferia dunha cidade galega. Coméntase que a obra se ambienta nos anos “máis tristes” das décadas de 1950 e 1960 e que pretende amosar escenas “de tempos que corresponden a un país sen alma e triste”. Campos Romay apunta, ademais, que o “gran culpable” da publicación deste volume foi Miguel Anxo Fernán Vello, quen lle comentou que os relatos “tiñan sentido como libro” por coincidir no tempo.


Entrevístase a Domingo Villar autor de *Ollos de auga* (2006) e *A praia dos afogados* (2009), e creador tamén do personaxe detectivesco Leo Caldas. Expícase que o bo da novela policial é que “permíte falar de calquera cousa”. Engádese que o importante dos espazos é que leven ao lector por lugares verosímiles. Refírese aos contos policiacos de autores como Emilia Pardo Bazán, Suso de Toro, Carlos G. Reigosa, Miguel Anxo Fernández e Daniel Ameixeiras. E fálsase d’*A esmorga* como unha das “grandes novelas policiaca” ainda que se “poida apartar do canon do xénero”.


Recóllese unha conversa con Francisco Fernández del Riego, co gallo de seu nonaxésimo sexto aniversario. Nela fálsase do seu estilo da vida, os seus libros de memorias ou a amargura que lle producía o trato que as autoridades viguesas daban ao seu legado.

Fálase con Alicia Díaz Balado con motivo da presentación de *Inés de Castro. De cinza e cerxeixas* (2009). Expícase que a obra é un diario desta personaxe no que se recollen “reflexións en primeira persoa e fragmentos dun narrador que fala da súa historia”. Indícase que se escollou a figura de Inés de Castro por ser un personaxe pouco estudado en Galicia, algo que non aconteceu en Portugal.


Ofrécese unha entrevista a Francisco Javier del Valle-Inclán Alsina, neto do escritor Ramón María del Valle-Inclán, na que entrevistador e entrevistado falan sobre o parentesco que unen ao avó do entrevistado con Álvaro Cunqueiro e mais os encontros que estes dous tiveron en Santiago na época de estudante de Cunqueiro. Por último tamén se toca o tema de se Valle prohibiu ou non que as súas obras se traducisen, entre outras línguas, á galega.


Entrevista a Ramón Chao que ven de presentar a súa obra *Prisciliano en Compostela*, con lúmiar de Ignació Ramonet e publicada por Terre de Brume. Entre outros aspectos o escritor da conta na entrevista dos seus comezos en París como locutor de radio; lembra tamén a súa primeira obra *O Lago de Como*, e como esta conmemora dalgún xeito a súa Vilalba natal; finalmente, lembra tamén a súa obra *Porque Cuba eres tu*, que o autor define como una mestura de crónica histórica e ficción, a través da figura da súa avoa, destacando os aspectos autobiográficos existentes en tódalas súas obras.


Comeza o artigo sinalando que Laura Seara, como Directora Xeral do Instituto Nacional de la Mujer, levou a cabo unha homenaxe á figura da poeta Rosalía de Castro, que tivo lugar en Madrid co gallo dos 125 anos da súa morte. Deste xeito, Laura Seara recoñece a necesidade de reivindicar a figura dunha muller que destacou por ser unha defensora dos dereitos da muller, por ser un dos nomes máis importantes na historia das letras españolas, e que destacou por ser unha precursora do movemento feminista.

**Pereira**, Damián, “A xente non aprecia os silencios nin se para a escoitar os sons que a rodean”, *Diario de Arousa*, “Arousa, un mar de cultura”, 24 xaneiro 2010, p. 32.

Tras unha breve presentación de Andrea Porto Mato como gañadora do certame “O Grelo” no 2009, galardón outorgado por Amigos de Galicia, comeza a entrevista feita a premiada na que se destacan aspectos tales como os motivos que levaron á autora a titular a súa obra como *ECO in aeternam*. Expícase así, que a pesar de que a obra fala do amor “ten un trasfondo de son e silencio e o eco é o símbolo para ver que ese son sempre está presente”. Afirma ademais que a obra non segue unha estrutura regular.
asemellándose aos actos dunha ópera. Para finalizar, asegura que escribe sobre o que sinte xa que a creación da poesía para ela é unha acción intuitiva.


Entrevistase a Luz Campello García, quen publicou o seu primeiro poemario *Do corazón da terra* (2009). Indícase que o libro, que a autora describe como “libro de natureza”, foi presentado por Manuel María, editado por Alfonso Blanco e o prólogo foi escrito por Pilar Pallarés. Explicase que malia que a maioría dos poemas foron escritos hai tempo, poderíase dicir que se trata de poemas novos con temática antiga. Engádese que Campello conta cun poemario inédito *Muller* que foi premiado un certame do País Vasco.


Co motivo da apertura do ciclo de monólogos no Fórum Metropolitano, realizase esta entrevista a Cándido Pazo, que comeza sublinhando os corenta anos deste comediante. Sinala ademais que o comediante fai unha mestura entre contacontos, coas novidades do século XXI e a “stand up comedy” americana. O monologuista asegura que a escritura é un exercicio de soifade, mentres que dirixir é unha experiencia divertida; e, que contar, finalmente, consiste nunha especie de comunión con el público. Finalmente, comenta que para a realización dos seus espectáculos bebe de tres fontes “tradición, vivencias e literatura”.


Nelson Quinteiro, director de Cabaré, con motivo da presentación do seu espectáculo “Varadas 2.0”, concede esta entrevista na que comenta que a súa obra creada en 2008 constitúe “unha nova forma de entender o cabaré, unha fusión de novas linguaxes e unha homenaxe á voz e sentimento da cantante Lhasa de Sela”. O actor comenta ademais a necesidade de que as institucións axuden a potenciar o mundo do espectáculo. Finaliza, sinalando o seu desexo de orquestar unha obra entorno o romanticismo.

Pichel, Cristina, “‘Ao final, un ten que quedar no lugar onde lle tocou nacer’”, *La Opinión*, “Cultura”, 29 agosto 2010, p. 62.

O artigo recolle as verbas de Xosé Neira Vilas que publica a obra *Presenza Galega en Cuba*, na que o escritor retrata a partir de diferentes testemuños, a emigración galega na illa caribeña. Comenta o autor que tras vinte e sete anos investigando a emigración na illa, conta cun bo número de artigos sobre músicos, pintores, políticos, libreiros, etc, que refixeron e fórmaron unha familia na illa. Subliña ademais o recoñecemento existente de Galiza, en Cuba.
**Pino, Concha, “Escribo sobre la diferencia porque forma parte de la realidad”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 1 febreiro 2010, p. 30.**

Entrevistase a Sarha Waters, escritora premiada co Premio de Novela Europea Casino de Santiago na sexta edición do certame con *A rolda nocturna* (2009). Explicase que as súas obras anteriores están ambientadas na época vitoriana e que as súas protagonistas son lesbianas, ao igual que acontece na novela premiada, que está centrada nos bombardeos sobre Londres durante a Segunda Guerra Mundial.


O poeta Antonio Gamoneda concede esta entrevista tras recibir o Premio Rosalía de Castro que lle concedeu o P.E.N. galego. Nela destaca aspectos da súa obra e da súa traxectoria como autor, como é a súa consideración da poesía como un feito existencial máis; o feito de que non sabe o que vai escribir cando se pon a elo, asegurando que é a rítmica do pensamento a que llo vai ensinando; explica o porqué do ton pesimista que aborda a súa obra; e, finalmente, da as súas consideracións respecto da poesía galega actual, a que considera superior a que se está a facer en castelán.

**Pino, Concha, “Fanme graza as etiquetas como a de ‘jóvenes poetas’, eu teño 34 anos e tardei en publicar”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 27 setembro 2010, p. 30.**

Branca Novoneyra é unha das gañadoras do certame poético “La Voz + Joven”, que convoca La Casa Encendida. Por este motivo na entrevista realizada, comenta entre outras cousas, a importancia deste galardón xa que a Casa Encendida é un referente cultural. Explica ademais, que para a participación no certame enviou unha pequena selección do libro *Dentro do Labirinto*, publicado por Espiral Maior. Finaliza dando a coñecer que unha das consecuencias da participación no certame, foi a presentación dun proxecto da editorial El Gaviero coordinado pola poeta, actriz e cantante Maite Dono.


Vicente Araguas, trala súa participación na mesa redonda “Biografías, da realidade á historia literaria” dentro das actividades de Semana de Literatura Histórica Auria, comentou entre outras cousas a importancia de Ourense no mundo literario afirmando que “ xa podería desaparecer toda a narrativa galega que, con que se salvase a Esmorga, xa estabamos salvados”. Sinala ademais que a súa ponencia na mesa redonda titulábase “Historia e vida” e explica que non considera que a literatura este nun momento de crise especial.

**Piñeiro, Carolina A., “En Ourense pasaron de min ainda que soe un pouco duro”, La Región, “Ciudad”, 11 novembro 2010, p. 15.**
A escritora Celsa Barja con motivo da publicación do seu primeiro libro en papel, *Espindo un bico*, explica que sobre todo é coñecida pola súa poesía erótica, aínda que tamén ten unha vertente reivindicativa relacionada coa infancia, eludindo temas profundos, pois pretende mandar unha mensaxe optimista. Por outro lado, a autora explica cómo comezou a escribir e cales son as súas fontes de inspiración, opinando tamén sobre Internet como medio de difusión da literatura.


José A. Ponte Far dedica, na sección “Conversaciones en la distancia”, a entrevista a un dos autores mais representativos e polifacéticos da nosa cultura, Carlos Casares. Deste xeito recolle as verbas do escritor destacando aspectos como o seu descubrimento do galego coma lingua literaria ao chegar a universidade de Santiago; como o seu galego ten a súa base no rural; o seu convencemento da problemática social e política que envolve a lingua galega desembocando nunha falta de compromiso e mobilidade social; os motivos que lle levaron a elixir o uso dunha linguaxe sinxela nas súas obras; e, finalmente a importancia do humor nas súas obras.


Recólleñense as verbas de Xosé Méndez Ferrín presidente da Real Academia Galega e destaca entre outros aspectos a súa consideración respecto da falta “da gran novela galega” tal e como dicía Torrente Ballester, ao que Ferrín responde dicindo que temos grandes autores noutros xéneros como son o conto, moito máis difícil de facer ca novela; da a coñecer tamén algúns dos obxectivos da academia entre os que se atopa a idea de dar a coñecer autores novos ao público a través do Día das Letras Galegas, ou o posicionamento da Academia respecto do trilingüismo.


Entrevista a Lidia Senra, Secretaria Xeral do Sindicato Labrego Galego durante dezaoito anos, na que fala das súas lecturas e amosa un grande interese polas obras escritas por mulleres, tanto para as súas lecturas persoais coma nas obras escritas para a infancia e que len os seus fillos. Fai algunhas recomendacións de obras de diferentes sistemas literarios e no referido ao galego lembra que coñeceu a Manuel María, ao que admiraba polo seu tratamento de temáticas do rural, como o agro, as industrias contaminantes, a loita coas celulosas, etc. Manifesta que non se está escribendo o suficiente sobre o abandono do rural en Galicia e interrogada sobre a obra *Asasinato no Consello Nacional*, de Diego Ameixeiras, di que non leu esa novela do autor senón *Tres segundos de memoria* (2006).

Fállase con Suso de Toro con motivo da edición en castelán da súa novela *Siete palabras* en Alianza Editorial. Explicase que se trata dunha viaxe persoal na que o motor de arrinque foi a evocación do seu avó. Recóllese que De Toro afirma que se fixo unha “lectura excesivamente política o, si lo prefiere, social” de *Siete palabras*, algo que el non busca nas súas novelas, senón que fala da soidade do home civilizado por ser salvaxe ou tamén a do adulto por ser neno, pero non como Peter Pan, figura que considera “siniestra”, senón como nostalxia da infancia. Fállase das técnicas xornalistícas ás que recorreu o escritor para contar a historia, xa que o reportaxe lle pareceu o “modo” máis axetado de contar esta novela xa que gran parte se basea nunha investigación e se narra o proceso da investigación, o que descobre o protagonista e o que sucede no seu interior. Indícase que a preocupación deste lector cando escribe é o lector, que o libro lle chegue ao lector. Remata falando das dioficultades que atopa para non mesturar as súas facetas de creador e crítico literario.


Reprodúcese unha conversa con César Antonio Molina, experto na obra de Álvaro Cunqueiro, na que se fala deste autor como periodista, destacando a súa faceta como articulista, da presenza de contidos políticos ou do humor nos seus artigos ou do estilo empregado para este xénero.


Entrevístase a David González Couso, director de publicacións da Editorial Toxosoutos con motivo da entrega do Premio de Historia Medieval de Galicia e Portugal 2009. Explicase que o certame está organizado pola Fundación Comarcal de Noia e Muros, o Concello muradán e a editorial Toxosoutos. Indícase que a obra gañadora foi *A casa de Soutomaior*, de Suso Vila e a finalista *As moedas medievais*, de Ernesto Iglesias. Fállase do recoñecemento do premio, dos beneficios que trae consigo ser premiado e dos valores actuais da editorial, entre as que se atopa a aposta polos novos creadores en narrativa.


Entrevista a Gloria López e Xosé Ramón Fandiño, comisarios da exposición “Ao pé do prelo” na que se recolle a obra gráfica de Luis Seoane. Neste senso, dan a coñecer os primeiros contactos de Seoane co mundo do libro no ambiente inquedo da penguerra en Compostela e da man de Ánxel Casal; comentan como a súa grande vocación estaba no deseño das tapas dos libros; ou da súa inspiración no pasado cultural galego. Por outra banda, tamén fan referencia a etapa do exilio de Seoane en Arxentina e a súa dedicación ao periodismo e ao libro neste ambiente, publicando na editorial Jean Flory, *Galicia*
bajo la bota de Franco. Finalmente, comentan as achegas de Seoane nas editoriais Botella ao Mar e Citania, e rematan dando a coñecer a grande influencia de Díaz Pardo, no autor.


Convérsase con Manuel Lourenzo, director, actor e autor teatral sobre a situación do teatro, a cultura galega e o papel que xogou a súa xeración no proceso de cambio. Indícase que é recoñecido por moitos como o “pai do teatro independente” en Galicia así como “un dos homes máis galardoados da cultura, con 150 premios”. Sobre o conxunto de pezas dramáticas *Medea dos fuxidos e dos mortos* (2009), apúntase que fora premiado en Ribadeo hai tempo pero naquel momento non estaba convencido de publicala.


Entrevístase a Xosé Luís Méndez Ferrín sobre as axudas que recibe a Real Academia Galega, sobre o significado do adxectivo “Real” no nome da institución así como os seus retos agora que é presidente da mesma. Indícase que entre os seus obxectivos está o de crear un dicionario, unha gramática e un catálogo de topónimos e antropónimos. Fálase do limiar que última para o poesía galega de Farruco Sesto Novás, cuxa edición está preparada por Yolanda Castaño. Cítase a Xestus Alonso Montero, Xosé Luís Franco Grande, Bernardino Graña e Pío Baroja. Noméase o volume *Consultorio dos nomes galegos* (2008) e o seu primeiro libro de narrativa, *Percival e outras historias* (1958).


Na entrevista Xosé Luís Méndez Ferrín, comenta entre outras cousas a política a seguir durante a súa presidencia na Real Academia Galega, coa que se pretende continuar con aquelas cousas consideradas como válidas do mandato anterior e están decíllidos a mellorar as regulares. Por outra banda, asegura que todo idioma para existir ten que ter unha serie de normas consensuadas. Continúa dicindo que a mellor recomendación que se lle pode facer aos rapaces para animalos a escribir é alentándoo a ler moito, xa que os escritores fórmanse lendo a outros escritores. Finaliza, engadindo que sente que nunca se poderá ser Premio Nobel escribindo en galego.


Recóllese a derradeira entrevista con Francisco Fernández del Riego na que se fala da súa participación na creación do Día das Letras Galegas, do seu trato con Uxío Novoneyra ou da súa opinión sobre o labor de Xosé Luís Méndez Ferrín na Real Academia Galega.

Entrevístase a Rosa Enríquez con motivo da publicación de *Unicrom* (2009). Explicase que se trata dunha novela de ciencia ficción e fantasía cun “trasfondo lírico e de pensamento” e cunha importante compoñente mística e relixiosa. Citase a Jean-Paul Sartre en relación á falta de respecto polos demais, a falta de solidariedade e a mentira, actitudes que detesta Enríquez.

Sueiro, Marcos, “‘Afastar o galego do portugués foi un erro propiciado pola dereita’”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 17 outubro 2010, p. 36.

Entrevista a Aníbal Malvar quen acaba de publicar a súa última novela *La balada de los miserables*, e que participou na Semana Aúria de Ourense onde amosou o seu punto de vista respecto da novela histórica. Comenta así, entre outros aspectos, como o rigor histórico non é un ingrediente necesario na produción da novela histórica, mas sí “o rigor sentimental coa historia que se está contando”; entende ademais, que no mundo literario se poden atopar grandes escritores sen un compromiso ideolóxico mentres outros, tentar facer unha crítica social a través dos seus textos; e, finalmente, comenta que pola súa banda, considera o xornalismo como un xénero literario.


Conversase coa escritora María Reimóndez sobre o seu traballo na ONG “Implicad@s no desenvolvemento” con motivo da celebración da quinta edición do festival Implicate co que a organización recada fondos. Fálase da da próxima publicación en Galaxia dunha antoloxía de poetas galegas e támites, *Vanakkam* (Benvidas), coa que se deron a coñecer “mulleres dun grupo étnico que sufría un masacre próximo ao xenocidio”. Citanse obras de Reimóndez como *O club da calceta* (2006) ou *Moda galega* (2002). Engádese que a gala estará presentada por Luís Tosar e Iolanda Castaño, e que participarán escritores como Ana Romaní, Anton Reixa e María Xosé Queizán.


Con motivo da próxima publicación do seguinte libro da saga sobre Leo Caldas, creada polo escritor Domingo Villar, ten lugar a entrevista ao autor na que descobre, entre outras cousas, aspectos da trama da última entrega. Deste xeito, comenta que a obra xirá en torno a investigación dunha morte na cidade de Vigo tendo como un dos seus escenarios, a Escola de Arte e Oficios desta cidade; asegura ademais, que a pesar de non considerar a Leo Caldas como o seu alter ego, confesa que o protagonistas contén aspectos do autor; e, finalmente, comenta como xorde a construcción das súas novelas afirmando, que a pesar de existir certa planificación na súa obra, posteriormente hai que deixarse levar.

Elías Portela comenta que se considera un loitador xa que di que “quien se siente gallego, se siente luchador”; asegura que a súa maior satisfacción até agora é ser o poeta máis representativo de islandia, ter un pensamento estético e poseer o don da palabra sempre e cando estas opcións, axuden a cambiar a situación do panorama literario e sociolingüístico galego; por outra banda, engade que a poesía serviulle para abrir novos horizontes, para rematar asegurando que a súa inspiración está na xente.


Comeza o artigo presentando a Luis Rei Núñez como o gañador do Premio Xerais con su obra *Nunca o imos conseguir*, obra que o propio autor define como “unha mostra de gratuidade ós heroes anónimos”. De seguido dá comezo a entrevista na que o autor comenta que a recepción deste premio supón unha dimensión máis ampla que pode axudarle a gañar lectores. Finaliza asegurando que a novela trata de recoller pequenos retallos da vida.


Entrevístase a Xosé Méndez Ferrín con motivo do seu nomeamento como presidente da Real Academia da Língua Galega. Recórdase que o escritor ingresou na organización no 2000 tras o pronunciamento dun discurso sobre a poesía medieval galega. Explícase que a decisión de presentarse ao cargo de presidente a tomou no momento en que tres académicos avalaran a súa candidatura: Xosé Ramón Barreiro, Xosé Luís Axeitos e Ramón Lorenzo. Coméntase que os retos máis inmediatos aos que se enfronta a institución son de carácter interno e que tamén é preciso o traballo no léxico, na gramática, na onomástica, na historia e na literatura.


Entrevista a Yolanda Castaño na que comenta, primeiramente, como afecta na venda das súas obras o sair tódolos días na televisión, asegurando que no seu caso nun supuxo un gran cambio; explica ademais, que ditas aparicións televisivas axúdelle a deixar “caer pistiñas” en canto á norma, na escrita da lingua galega; reivindica ademais, que a pesar de que a existencia de leis é necesaria na protección da linga, é necesario planificar estratexias que conleven un preixio ao idioma, posto que non polo feito de existir leis vaise a falar mais galego; e, finalmente, comenta que para ela “o exercicio da arte a a cultura co servizo á política non [cre] que casen ben”.

1101

Fálase co actor e presidente da Academia Galega do Audiovisual Xosé Manuel Oliveira sobre a rodaxe da película “Doentes”. Explicase que se trata da adaptación fiel dunha peza teatral de Roberto Vidal Bolaño na que se conta a historia de “un día na vida de dous personaxes desarraigados na Compostela de 1959 durante a visita de Eisenhower a Franco”. Coméntanse a rodaxe, o guión e o seu papel e o de Morris.


Entrevístase a An Alfaya, coa que se conversa sobre o significado que ten para ela a literatura e a situación actual da mesma. Explicase que *Areaquente* (2009), a súa última novela, posúe os “xérmolos” dalgún futuro proxecto. Coméntase que o estilo poético e emocional é o que marca o ritmo da súa narrativa e que, ademais, as tramas que ela crea teñen que versar sobre “as relacións humanas complexas, os comportamentos anómalos, as condutas desviadas, a psicoloxía e a socioloxía”.


Entrevístase a Begoña Caamaño, da que se ofrece unha pequena biografía. Recóllesle a opinión da xornalista sobre o Decreto de Normalización Lingüística, a situación do galego, a política, o machismo e a relixión, entre outros temas.

Entrevístase a Baldo Ramos, ao que se lle pide que faga un breve retrato autobiográfico. Citanse as súas obras *Palabras para un baleiro* (2009) e *Palimpsesto* (2009). Recóllese a opinión do poeta sobre a poesía galega e a súa relación coa narrativa e o ensaio.


Reprodúcese unha breve entrevista con Xiao Roel co gallo da publicación do seu poemario *Ortegal*. Nela o poeta cualifica a súa obra como composición épica que trata da creación, ademais de reflexionar sobre porque Marcel Proust non está traducido na súa totalidade en Galicia ou sobre a situación da poesía galega.


Comeza o artigo facendo unha breve revisión do traballo e da produción de Modesto Hermida, destacando as súas labores como inspector de educación, como socio fundador do PEN Clube de Galicia, e a realización de traballos tanto didácticos como académicos, como son os desenvolvidos no Instituto Ramón Piñeiro. A continuación comeza a entrevista, na que se abordan cuestións como as valoracións respecto do Decreto sobre a lingua do actual goberno da Xunta de Galicia; as controversias existentes entre a denominación nacionalidade histórica ou nación galega; a relevancia da monarquía; a situación actual da literatura galega, etc. Entre as respostas de Modesto Hermida cabe destacar que sinte a necesidade de atallar a controversia existente entre o esplendor da literatura galega e a falta de lectors en dita lingua; comenta o seu desexo de realizar un ensaio sobre a condición de poeta; a súa predilección pola poesía como lector; e, finalmente, comenta a dificultade que esixe facer ensaio e como a lingüística vai ocupando menos espazo dos seus intereses como obxecto de estudo.

Reprodúcese unha longa conversa con María Lado, poeta galega, da que, como comezo, se recolle unha breve bibliografía. Nela reflexiónase sobre a íntima unión na súa obra de vida e escrita e do paso da temática do amor-morte a outra co amor como intenso sentimento e eixo, a situación da lingua e literatura galegas, a presenza da ironía nos seus poemas, a importancia da ficción, as súas lecturas de cabeceira ou os seus próximos proxectos literarios.


Entrevístase a Amable Pillado Fernández ao que se lle pide que faga un breve retrato biobibliográfico. Fálase da relación de Pillado coa poesía, do que significa para el o tempo e do libro que lle gustaría escribir cuxo obxectivo sería convencér á humanidade de facer “un mundo mellor para todos”. Indícase que non ten ningún libro de cabeceira e citanse obras súas como *Don Toquexo de Galicia* e *Regresión al Mundo de los Muertos*.


Entrevístase a María de los Ángeles Alfaya Bernández, máis coñecida como An Alfaya, de quen se ofrece unha breve biografía introdutoria. Recóllese a súa opinión sobre o galego, o trilingüísmo impulsado polo PP, a monarquía, a relixión e o nacionalismo, entre outros temas. Citase a Erich Frömm, autor d’*O medo á liberdade* (1983).


Entrevístase a Xosé Lois García, ao que se lle pide que faga una autobiografía sobre si mesmo. Recóllese a súa opinión sobre os xéneros literarios, a súa relación coa poesía e o ensaio, a literatura galega actual e a figura de Uxío Novoneyra, a quen considera un “poeta fundamental na literatura galega”. Indícase que lee con asiduidade a obra completa de Rosalía de Castro así como os Cancioneiros medievais.


Entrevístase a Dolores Vilavedra da que se ofrece unha biobibliografía antes da principiar a conversa. Indícase que entre as obras que lle gustaría publicar nun futuro se atopan unha monografía sobre a narrativa galega do século XXI e outra monografía sobre “os catro grandes narradores de finais do XX”, isto é, Carlos Casares, Manuel Rivas, Xosé Luis Ferrín e Suso de Toro. Apúntase que é a tradutora ao castelán das obras de Manuel Rivas, de quen sinala que a súa “grande obra” é *Os libros arden mal* (2006), aínda que ¿Que me queres, amor? (1995) continúe entusiasmando ao público. Citase tamén *O
pobo da noite (1996), antoloxía poética tamén de Rivas. Fálase sobre a situación do galego, a monarquía ou a situación da literatura galega, entre outros temas.


Entrevístase ao filólogo Xosé Manuel P. Sardiña do que se acolle una breve autobiografía como introdución da conversa. Indícase que é un dos colaboradores do libro 55 mentiras sobre a lingua galega coordinado por H. Costas e doutras publicacións e proxectos dos que formou parte. Fálase sobre a situación da lingua e a literatura galega, a monarquía e a relixión, entre outros temas.


Valentín Arias ante a pregunta de como ve a situación do idioma galego, asegura que non considera que este estea a vivir unha situación agónica pois “o idioma galego cadra e ha de cadrar co pobo galego”. Continúan preguntándolle sobre as súa opinión respecto do novo decreto ante o cal o escritor afirma que é resultado dunha enfrontamento político e polo tanto asegura que “non sabería dicir se sinto rabia ou noxo”. Finalmente, comenta que pensa que a literatura galega actual está á altura doutras literaturas.


Entrevista a Rosa Méndez Fonte, escritora e investigadora, que comeza destacando parte da traxectoria da entrevistada e subliña a súa produción literaria con títulos como Poemas anobelados no tempo (2000), O raio verde (2005), ou, a súa labor como compiladora en Poemas e Mar de Fondo (2004). Entre outras cousas, a escritora destaca a necesidade de normalizar o estudo e o coñecemento do galego; destaca que a literatura galega está a vivir “un momento de especial creación, edición e difusión”, aínda que subliña que está realidade non ten por qué ir parella en termos de calidade; respecto da súa relación coa poesía comenta que as veces sinte que a escrita desta xorde como de unha segunda personalidade, reconectando que unha vez escritos deixan de pertencerlle; finalmente, da a coñecer as súas próximas publicacións, un libro de poesía conxuntamente con Jorge Letría, Xemelgos das mareas, e Ondatrasonda, anda polo porto.


plástico, onde se dá a coñecer primeiramente, cales son as obras das que se sente mais orgulloso, *Escura e transparente*, e *Palabras para un baleiro*, a primeira polo bo entendemento coa editora e a segunda porque coincidiu cos primeiros meses de vida da súa filla; comenta que está a explorar a mestizaxe entre poesía e pintura; respecto do momento que está a vivir a literatura galega afirma que “este é o momento da historia da literatura galega no que conviven a maior cantidade de excelentes poetas nas nosas letras”; reconece volver de vez en cando a lectura de *Livro do dessasosego*, á poesía completa de Roberto Juarroz, ao *Livro das devoracións*, a Manuel Villanova; e, finalmente, remata afirmando que a poesía cómpre non explicala demasiado para non se converter nun instrumento pedagóxico.


Primeiramente comézase cun breve repaso pola produción literaria do catedrático de Lingua e literatura Galegas, Xoán Ignacio Taibo, no que se destacan novelas como *Homes de ningures* (Premio da Crítica Española, en 1978), *A semancía*, *Doncos*, o *Pacífico*, *A Ponliña irlandesa*, *Por tras dos meus ollos*, ou, *Salvador de Occidente*; e tamén se subliñan, os libros de relatos tales como *Os inmortais*, *O fotógrafo* (Premio Mesón do labrego, en 1976), *Calendario*, *Informe Bestiario* (Premio Carvalho Calero do Concello de Ferrol en 1990), *A Odisea segundo Nacho*, *Víaxe atrás no tempo*, e *Flor do grelo*. De seguido, iníciase a entrevista onde o catedrático comenta entre outras cousas a súa impresión sobre a relación inversa existente entre o aumento de lectores en galego ao tempo que diminúen o número de galegofalantes, ao que o entrevistado considera que un dos motivos principais deste realidade atópase na falta de autoestima colectiva respecto ao idioma; respecto dos xéneros literarios que práctica recoñece non levarse moi ben co xénero da poesía, así coma tampouco realiza ensaio limitándose a produción neste senso a algunha publicación de divulgación; no que ao panorama literario se refire, considera que estamos a vivir un momento esplendoroso en canto a cantidade de producción existente, mais a pesar de que iso en principio supón maiores posibilidades de calidade, considera que algúns deses textos poden ser incidentais; finalmente, recoñece estar máis satisfeito da súa obra *Salvador de Occidente*.


Como escritor Emilio Xosé Ínsua asegura, nesta entrevista, sentirse un ensaísta, un investigador ou incluso un divulgador no campo das Humanidades. Comenta así, que o ensaio é o que máis lle realiza e destaca parte das súas publicacións neste xénero, coma son o escrito sobre a figura de Antón Villar Ponte, un libro sobre a historia e o topónimo de San Cibrao, varios artigos especializados sobre historia teatral, algunha crítica da poesía de Prados de Ledesma, e, confirma ter no prelo un traballo sobre a traxectoria biográfica da pintora Maruja Mayo en colaboración con Carlos Nuevo Cal. Finalmente, comenta que considera a súa poesía “como unha poesía sentida e sinxela, de ton confesional, sempre sobre temáticas humanistas e vivenciais e de escaso rebuscamento no plano formal”.


Primeiramente destácase a traxectoria do profesor e escritor Emilio Xosé Ínsua López, sublinando as súas publicacións en estudios literarios e ensaios, e repara tamén na súa producción literaria como poeta destacando os seguintes títulos: *Devalar das esperas* (Espiral Maior, 1995), e *Acontece ás veces a ternura* (Espiral Maior, 2005. Premio Prados Ledesma do Concello de Viveiro). Respecto da entrevista, o escritor tras dar as súas impresións sobre cuestión que atañen a situación actual da lingua galega, continúa a falar sobre a situación actual da literatura galega da que destaca “que hai sobrada calidade, pluralidade e interese en moito do que se escribe en galego é un feito evidente”, mais subliña a existencia dun desequilibrio entre dita produción e a súa achega a poboación. Por outra banda, comenta que na actualidade a súa producción limitase practicamente á crítica, á divulgación e ao ensaio; e, da a coñecer a súa última obra titulada *Orixe, periepecia e pertinencia do topónimo San Cibrao* (Cervo). Entre os libros dos que mais satisfeito se sinte subliña *O Mariscal*, pola carga da investigación, e *Acontece ás veces a ternura*, pola súa intensidade emotiva. Destaca tamén, que o seu libro de cabeceira é *Follas novas*. Finalmente, considera que o teatro “é un artificio con que disfrazamos a vida para poder poñela núa diante dos ollos,...”.


Comeza o artigo dando un profundo repaso pola traxectoria da escritora e artista plástica Ánxeles Penas, destacando a súa produción literaria, como son os poemarios *Galicia...*
fondo val, O santuario intocable, Fondo en malva, Perfís e poéticas e Amor deshabitado. Destaca tamén a súa producción en teatro como son A volta de Edipo (Premio Abrente de teatro de Rivadavia, 1974) e Algún Deus está a soñar. De seguido, recóllese as verbas da escritora, entre as que se comentan aspectos como o valor da súa obra poética Galicia, fondo do val, que segundo a autora recolle todo os “suxeitos centrais” característicos da súa poesía; recoñece ademais non existir diferenzas entre o seu imaxinario poético e imaxinario plástico, xa que a pesar do cambio das linguaxes, “todo xorde da mesma fonte”; comentam tamén levarse moi ben co ensaio e recoñece a existencia dalgúns inéditos en narrativa que á día no viron a luz; respecto do panorama actual da literatura considera que se está a publicar un número discreto de bos escritores, aínda que non exista un bo número de lectores; finalmente, entre os seus libros de cabeceira asegura que se atopan Bhagavad Gita.


Maica Álvarez explica na entrevista a importancia que ten coidar o significado e a intencionalidade coa que xorden as palabras, pois considera que é o uso que dan as persoas o causante do baleiro destas. Por outra banda, á pregunta de en que terreo das artes móvese mellor, a autora recoñece sentirse ben en calquera disciplina que lle permita sacar de si mesma, coma é o caso dos contacontos ou a música.


María Campo comenta que o seu poemario Pedinche Luz prestada, aborda o abraio, o amor, as preguntas sobre a existencia,... como xa fixera en obras anteriores como foron Tras as portas do rostro, ou Sextinario, por ser estas temáticas inesgotables. Comenta ademais que recentemente saíu unha novela súa titulada Onde houbo lume, na colección Mandaio de Biblos.


Ramón Nicolás dende a súa perspectiva como crítico literario asegura que na actualidade no espazo literario galego atópanse tanto libros de cualidade excepcional como outros non tan brillantes, mais afirma a necesidade de ambos para o avance e estabilización do sistema literario galego. Comenta ademais que acaba de saír do prelo unha tradución súa titulada 30 gramos, de Leonel Moura, en Alvarellos Editora.
Entrevista a Emma Lázare, filóloga e tradutora, da que primeiramente se destaca a recepción do premio Plácido Castro no 2004 pola tradución Eugénie Grandet, e coméntase ademais, que está a traballar na tradución do libro Cartas persas. De seguido recóllense as verbas da tradutora que tras dar a coñecer as súas impresións respecto da situación da lingua e cultura galegas, comenta outros aspectos relacionados co panorama da literatura galega actual. Desta, recoñece que neste momento é a máis esplendorosa de Europa; comenta tamén que considera que as edicións bilingües poden ser moi interesantes no caso da poesía, mais non pensa o mesmo respecto do resto dos xéneros; por outra banda, recoñece sentirse máis a gusto coa lectura da novela e do ensaio, pois gusta moito da filosofía; finalmente, comenta tamén que algúns autores como Xosé Luís Méndez Ferrín, Eduardo Blanco Amor, Baixeras ou Angueira, supuxeron unha grande influencia para ela.


Marta Dacosta tras facer un breve resumo pola súa traxectoria como autora, comenta sentirse máis cómoda dentro do xénero da poesía. Por outra banda, asegura que como dician Neruda ou Benedetti, calquera material é válido para a poesía porque “a creación debe darnos a súa visión do mundo, movernos á reflexión, poñernos en camiño á transformación da sociedade”.


No artigo recóllese as verbas de Alfonso Álvarez Cáccamo, dando a coñecer a posíbel publicación na Editorial Galaxia dunha novela breve que o autor acaba de escribir. O autor asegura estar satisfeito de meirande parte das súas obras xa que todas teñen algo especial e significan algo importante para o escritor. Destaca entre ditas obras os relatos de *Xente de mala morte* (1993) e as novelas *O Espírito de Broustenac* (1996) e *A evolución dos globos* (2008). Respecto á poesía asegura que non pensa publicar nada polo de agora, xa que a pesar de posuír bastantes poemas inéditos no seu haber, non existe unidade sentimental entre eles. Finalmente fai un percorrido polo número de obras que leva escritas.


Entrevista a Maribel Longueira da que primeiramente dase conta das súas publicacións literarias como son *O Papagayo*, con poemas de Luísa Villalta (2006), *Entremiradas I. Galicia-Bos Aires e Entremiradas II. Galícia-Cuba*, e, comenta que na actualidade está pendente da publicación do libro *Areas*, con poemas de Eva Veiga. Entre os aspectos comentados pola fotógrafa destaca a súa defensa en canto o status diferenciado da fotografía respecto da pintura, considerándoas artes diferentes; fai constara tamén a necesidade de educar aos rapaces na interpretación e lectura da imaxe; asegura que para ela as técnicas e as cores a empregar na fotografía varían en función do obxecto a representar; comenta tamén que gústalle fusionar a imaxe coa palabra, e por iso busca a cooperación con figuras do mundo das letras; por outra banda, comenta tamén que non se sente capaz de escribir unha novela mais si lle interesa a poesía visual; finalmente, comenta que na actualidade a literatura galega conta cunha abanico amplo e plural en canto a creadores.


Xosé Neira Vilas asegura estar ocupándose das correccións das probas dun libro que se publicará en Edicións Xerais de Galicia, titulado *Penúltimo dietario*, e que recolle a modo de diario todo os eventos culturais nos que o autor participou desde 1992 até
2009. O autor asegura ademais que entre todas as súas obras elixiría o conto “Home e gato”, xa que “reflexa a conducta humana da convivencia, do propio proveito”. Finalmente, considera que a súa obra Aqueles anos do Moncho, “é o testemuño dun momento histórico, dramático ollado e vivido no rural galego”.


No artigo coméntase cal será a próxima obra de Anxo Angueira a cal está ambienta nos anos da resistencia antifranquista dos sesenta, e a cal está “tecida con varios fíos”. Asegura o autor ademais, que o seu ensaio Bretaña, Esmeraldina supón unha novela na que se poetizan a identidade, a escritura, o regreso, entre outros.


Xosé Vázquez Pintor comenta sentirse máis comprometido co xénero da poesía xa que esta “conforma e cadra coas palabras e coa língua [que] ama. Podemos dicir todas e todos os galegos que somos portadores dunha língua poética”. Por outra banda, da a coñecer o seu desexo de publicar proximamente toda a súa obra poética froito de dez libros e corenta anos dedicados á poesía.

Vidal Villaverde, Manuel, “Levamos séculos de que se queira impor unha idea monolítica de España”, Galicia Hoxe, “Maré”, “Conversas contemporáneas”, 11 outubro 2010, p. 30. Tras facer un repaso pola traxectoria en Londres da escritora Teresa Barro, destacando a súa producción sobre todo no xénero do ensaio e nas traducións, da comezo a entrevista á escritora na que se destacan cuestións como a súa concepción da poesía afirmando que “as persoas e o mundo necesitan funcionar desde o nivel elevado da poesía, é dicir, do espírito, porque, se non, nin nos entendemos a nós mesmos nin podemos entender o mundo no que estamos”; considera ademais, que Rosalía é a grande poeta de Galiza da que quedan moitas cousas por contar; por outra banda, respecto do actual panorama na creación literaria galega, considera que faltan persoas capaces de exercela crítica con imparcialidade e con agudeza; finalmente, comenta que ten un libro escrito sobre Galiza e España en forma de cartas a Emilia Pardo Bazán que espera poder publicar, e que sempre retorna á lectura de Rosalía de Castro e Blake.


O escritor Antón Sobral responde na entrevista á pregunta de cal é a obra da que se sinte máis satisfeito, e comenta que non pode elixir unha xa que a súa obra é toda ela un continuo. Por outra banda, afirma que a poesía é a esencia da literatura e que a língua galega é un vehícullo perfecto para a poesía.
Carmen Blanco asegura amar o fluir dos xéneros sen a existencia de fronteiras na creación literaria. Por outra banda, comenta estar ocupada na escritura de varias obras á vez entre as que se atopa o libro de poemas *Miles de mulleres*, do que xa dera mostras na revista Unión Libre.


Na entrevista realizada a Dores Tembrás esta asegura que a poesía constitúe unha función esencial na súa vida xa que coida que “é unha pulsión de dirección, non tanto un estado: unha pulsión que [a] somete, á que [se] somete, no proceso”.


Logo dunha breve bibliografía, recóllese unha entrevista con Dores Tembrás na que se reflexiona sobre o significado do seu primeiro poemario, *O pouso do fume* (2009), a situación da lingua e literatura galegas, a ficción como via de acceso ao sublime ou as súas lecturas predilectas.


Entrevista con Xosé Manuel Pazos na que, logo dunha breve semblanza bibliográfica, se tratan temas como a proposta dunha definición do teatro, a situación da lingua galega, a ficción como parte da realidade, as súas preferencias en canto a xéneros literarios ou os seus libros de cabeceira.


Dáse conta dunha breve entrevista con Rosa Martínez-Vilas, na que se tratan asuntos como o porqué do seu seudónimo, Rosanegra, a temática da súa poesía (sobre todo existencialista, pero tamén de amor e combate) ou o seu xeito de escribir versos.


Reprodúcese unha conversa con Xosé Luís Méndez Ferrín, unha das numerosas reaccións tras a morte de Francisco Fernández del Riego. Nela reflexiónase sobre o seu importante labor en prol de Galicia tanto no ámbito político como cultural, o xeito en que quería ser lembrao ou a súa etapa como presidente da Real Academia Galega.

Entrevístase a Sara Waters con motivo da súa chegada a Compostela para recoller o Premio de Novela Europea Casino de Santiago. Indícase que, ademais, Waters presentou a tradución ao galego da obra gañadora *A rolda nocturna* (2009). Expícase que na novela, que conta con un importante traballo de documentación, “entrecrúzanse as vivencias de tres mulleres e un home” na cidade de Londres durante a II Guerra Mundial e da posguerra. Reflexiónase, tamén, sobre a súa etiqueta de “escritora lesbiana”.


Fálase con Blanca Cendán, nova directora do Centro Dramático Galego. Coméntase o “longo e complicado” proceso que a levou a ocupar o posto así como da polémica que a súa elección levantou. Coméntanse as bases do proxecto presentado no que destaca a compaxinación do teatro clásico e de vangarda, de autores galegos e foráneos, emerxentes e consagrados, o teatro musical e o teatro de rúa, entre outras cousas. Fálase, tamén, do proxecto de producir *A ópera de tres peniques* “con música en directo e nunha montaxe para grandes auditorios”.


Fernando Luís Pérez Poza, presidente da Asociación República das Letras, co motivo da organización do II Encontro Internacional de Poetas en O Grove comenta nesta entrevista aspectos como os seguintes: como comezou coa edición de libros ao necesitar unha canle para publicar a súa poesía, e a súa vez, comezou a publicar os libros dos seus amigos votando en marcha “El Taller del Poeta” con trescentos doce libros publicados; destaca tamén que dita editora está orientada principalmente á publicación de obras de autores noveles; e finaliza, destacando que a editorial traballa polo sistema de impresión baixo demanda posto que se trata dun taller artesanal.
V. 9. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: NOTAS, PRESENTACIÓNS E ESCRITOS VARIOS


Reproduce a tradución ao galego que el fai do poema “Digging”, do poeta irlandés Seamus Heany, do que di que é “un dos mellores e máis coñecidos poemas” do Nobel de Literatura.


Reprodúcese o conto inédito “O paraugas”, de Xoán Abeleira, que formará parte do libro Relatos en dous tempos.


Anúnciase a publicación dunha escolma en castelán de Ted Hughes, traducida e anotada por Xoán Abeleira, quen traduce ao galego un poema deste autor aquí reproducido: “Chuviera. Cheas. Xeada. E trala xeada, chuviera”.


Reprodúcese un poema de Xoán Abeleira intitulado “A túa mai cometeu un erro...”.


Tras referirse a dúas escolmas bilingües, en inglés e castelán, de Ted Hughes, traduce ao galego un poema deste autor intitulado “Un asasinato” e pertencente á obra Corvo.


Ofrécese de novo en galego un poema de Ted Hughes sobre a figura do wodwo, un ser metade home, metade animal. Coméntase que deu títuio a un dos seus libros máis insólitos, xa que mesturaba песía e narrativa.


Reprodúcese un texto de Xoán Abeleira intitulado “A tea”.

1114

Reprodúcese o texto poético “No aniversario de Marc Chagall”, de Xoán Abeleira.


Acóllese nesta columna fixa o poema “Primeiro o cavorco”, de Xoán Abeleira, que vai encabezado coa cita “A poesía é ocasión de caída”. Indícase que este poema vai ser inserido no poemario ainda inédito *Pan de Ánimas*, que verá a luz proximamente.


Insírense nove poemas numerados en romano de Xoán Abeleira.


Inclúense dous poemas titulados “1.-Magosto” e “II. O bebedoiro do raposo”, de Xoán Abeleira.


Acóllese o texto narrativo de Xoán Abeleira “Historias budistas (I)”.


Con motivo da semana das Letras Galegas nomea unha serie de actividades desenvolvidas ao redor da literatura. Alude a que no mes de abril se lembrou a Rosalía de Castro repartindo por varias prazas de Galicia cen mil volumes co poema “Negra Sombra”. Seguidamente céntrese na iniciativa “Desengaiolando libros” que entre os días dezasete e vinte e tres de maio se celebrou nas sedes da Fundación Caixa Galicia e
que consistiu en liberar un cento de libros de banda deseñada galega e de escritores varios como Carlos Casares, Manuel Rivas, Rosa Aneiros, Marilar Aleixandre, An Alfaya, Xosé Luís Méndez Ferrín, Inma López Silva, Xosé María Álvarez Cáccamo e Fausto Isorna. Remata animando a celebrar o Día das Letras Galegas. Finalmente recoméndase un enlace web para coñecer as actividades culturais e de ocio da Fundación Caixa Galicia, que tamén poden seguirse mediante a rede social Facebook.


Fai unha especie de crónica sobre a celebración das Letras Galegas que organizou a Consellería de Cultura. Relata que ao final da conmemoración, dedicada á Luis Pimentel, interviu o profesor Xesús Alonso Montero cunha ponencia titulada “Pimentel, poeta das súas menesterosidades”. Reproduce algunhas das palabras de Alonso Montero, coas que cualificou o poeta homenaxeado como un ser humano “frágil” e “indefenso” que vive nun mundo que “lo está hiriendo y vulnerando”.


Realízase unha breve biografía na que se describe a traxectoria de Manuel Luis Acuña Sarmiento (1879-1975), mestre galeguista e republicano de ideas moi avanzadas até que chegou a ditadura. Describese como unha persoa de aparente fraxilidade pero un gran defensor da liberdade e dos dereitos humanos. Saliéntase o seu labor de mestre durante a República en Ourense, no Centro de Ensinanza Bóveda, e tamén en Madrid, no colexio Concepción Arenal. Destácase ademais o seu poemario *Fírgoas*, publicado por Nós e reeditado por Xerais. Tanto o historiador Antonio Fernández García como o académico Darío Villanueva fan unha louvanza das súas composicións e denominamo coma “un Rimbaud nórdico”. Coméntase que tras a súa expulsión do corpo docente durante o rexime, optou pola chamada poética. Por último, lémbrase que na súa memoria xa se teñen celebrado varios congresos en Trives por ser considerado un emblema dos docentes da II República, homenaxe que se prolonga agora que o CEIP “A Carballeira” de Ourense vai levar o seu nome, feito que o seu fillo tanto agradece.

Infórmase de que os Institutos Porta da Auga e Gamallo Fierros de Ribadeo visitaron o concello de Samos, onde fixeron un percorrido pola ruta artística e literaria de Lóuzara Fiz Vergara Vilariño. Expícase que a ruta foi inaugurada en marzo. Engádese que a agrupación cultural Ergueitos presentará a publicación do poemario gañador da última edición do premio Fiz Vergara, de Francisco Fernández Naval, e que, ademais, convocará unha nova edición.


Presentáse o volume *Manuel Oreste Rodríguez López. Poesía completa* (2009), coordinado por Darío Xohán Cabana coa colaboración da Deputación de Lugo e o concello de Paradela. Coméntase que, entre outros, asistiron ao acto os familiares do autor, destacando un neto seu que interpretou dúas pezas co violín. Resáltese este poemario dentro das letras galegas, ademais dos premios que este recibiu en distintos certames literarios, colaborando así mesmo o autor con medios de comunicación galegos, cataláns ou arxentinos. Expícase que esa foi a razón tamén do nomeamento como fillo predilecto do concello de Paradela, onde ten un centro cultural e un premio de poesía e narrativa que levan o seu nome.


Acóllese un texto poético titulado “Hai quen ten ollos” dedicado a Sara Vieites.


Con motivo do CXIX aniversario dos Xogos Florais de Galicia, primeiro acto público realizado integralmente en galego, acóllese o programa de actividades que elaborou o concello de Tui para a conmemoración deste aniversario. Destácase, entre todas as actividades programadas, un recital poético que contará coa presenza dos poetas María Xosé Queizán e Darío Xohán Cabana e unha comida cuxo menú será semellante ao do acto de clausura dos Xogos Florais de 1891. Seguidamente, indicase o modo de inscrición para a devandita actividade gastronómica. Xa para finalizar, menciónanse as
declaracións do Concelleiro de Cultura tudense sobre ditas actividades, sobre as que manifesta que “sitúan a la ciudad en el ámbito de la cultura de Galicia”.


Coméntase a actividade do salón de actos de Marín onde tivo lugar a primeira edición do “Concurso de Contacontos”. Dise que o obxectivo deste evento é recuperar a tradición contística popular destinada aos nenos no que unha decena de persoas actuaron fronte a un xurado no que participaba todo o público presente, dotado cun premio patrocinado polas librarías da cidade. Afírmase que foi unha das actividades do Nadal deste concello que ademais organiza talleres de música, campamentos, etc. Engádese que se proxectou cine para nenos, houbo espectáculos de maxia e que se organizou unha feira na que se expoñen obxectos elaborados por artesáns de Marín.

**A. I.** “Noche de música y palabra solidaria en el Principal”, *El Correo Gallego*, “Santiago”, 10 xaneiro 2010, p. 25.

Anúnciase a celebración da gala “Implicate, noite de música e palabra solidaria”, presentada pola poeta Yolanda Castaño e o actor Luis Tosar. A seguir, dáse a coñecer o cartel dos participantes no evento no que, entre outros, están os seguintes representantes do ámbito literario: Antón Reixa, Ana Romaní, María Xosé Queizán e Lino Braxe. Por último, coméntase a finalidade dos fondos recaudados polo evento: a posta en marcha dunha asesoría legal na India que axude ás mulleres que sofren violencia de xénero.


Recolle a incorporación de catro novos títulos en 2009 á colección “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea” editada por Galaxia: *A fama*, de Daniel Kehlmann; *Neve*, de Orhan Pamuk; *Os once*, de Pierre Michon, e *A rolda nocturna*, de Sarah Waters. Sinala tamén a próxima incorporación de obras de Ana Gavalda, Kazuo Ishiguro e Jean-Philippe Touissant.


Faise eco da colaboración de Manuel Rivas e Rosa Aneiros no disco “Kosmogonías”, do grupo Berrogüetto, que se materializa no tema “Alalá da noite”, unha adaptación do alalá que aparece no poeirario de Rivas *A desaparición da neve* (2009) e no prólogo de Aneiros para presentar a agupación musical

Infórmase da conmemoración na localidade de Outeiro de Rei do pasamento do poeta Manuel María a través de diversos actos como un xantar conxunto ou recitais poéticos, a cargo de persoaiores como Marica Campo, Pilar García Negro, Xosé Neira Vilas ou Xosé Otero. Tamén se dá conta da entrega ao insigne galeguista Avelino Pousa Antelo dunha navalla dentro do último dos actos do día, o “rito da navalla”, obxecto moi prezado polo autor homenaxeado.


Reprodúcese un poema pertencente a *Desmentindo a primavera* (2003), de Marilar Aleixandre.


Inclúese a composición “nada resiste ao vento que humilla a herba…”, pertencente a *Desmentindo a primavera* (2003), de Marilar Aleixandre.


Reprodúcese o poema “Arrenego das pombas”, de Marilar Aleixandre.


Reprodúcese o primeiro capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha illusrtación de Abraldes en branco e negro.


Ademais dun resumo do xa publicado, reproducéase o segundo capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha illusrtación de Abraldes a cor.


Reprodúcese un resumo do xa publicado e o terceiro capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo
do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Ademais dun resumo do xa publicado, reprodúcese o cuarto capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Reprodúcese un resumo do xa publicado e o quinto capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Ademais do resumo do xa publicado, reprodúcese o sexto capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes a cor.


Reprodúcese un resumo do xa publicado e o sétimo capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Ademais do resumo do xa publicado, reprodúcese o oitavo capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.

Reprodúcese un resumo do xa publicado e o noveno capítulo da “Novela por entregas” 
*Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo 
do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes a cor.


Ademais do resumo do xa publicado, reprodúcese o décimo capítulo da “Novela por 
etregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* 
ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en 
branco e negro.

secundaria”, “Capítulo XI”, 11 agosto 2010, p. 38.**

Reprodúcese un resumo do xa publicado e o undécimo capítulo da “Novela por 
etregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* 
ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en 
branco e negro.

secundaria”, “Capítulo XII”, 12 agosto 2010, p. 38.**

Ademais do resumo do xa publicado, reprodúcese o duodécimo capítulo da “Novela por 
etregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* 
ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en 
branco e negro.

**Alfaya, An, “Dúas vítimas non fan un par de mortos”, La Voz de Galicia, “Relatos”, “Vía 
secundaria”, “Capítulo XIII”, 13 agosto 2010, p. 38.**

Reprodúcese un resumo do xa publicado e o décimo terceiro capítulo da “Novela por 
etregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* 
ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes.

secundaria”, “Capítulo XIV”, 14 agosto 2010, p. 46.**

Ademais do resumo do xa publicado, reprodúcese o décimo cuarto capítulo da “Novela 
por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de 
Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes 
a cor.

Reprodúcese un resumo do xa publicado e o décimo quinto capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñanse dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Ademais do resumo do xa publicado reproducécese o décimo sexto capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñanse dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Reprodúcese un resumo do xa publicado e o décimo sétimo capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñanse dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Ademais do resumo do xa publicado, reproducécese o décimo oitavo capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñanse dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Reprodúcese un resumo do xa publicado e o décimo noveno capítulo da “Novela por entregas” *Vía secundaria*, de An Alfaya, publicada nesta sección de *La Voz de Galicia* ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.

Ademais do resumo do xa publicado, reproducese o vixésimo capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes.


Reprodúcese un resumo do xa publicado e o vixésimo primeiro capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes.


Ademais do resumo do xa publicado, reproducese o vixésimo segundo capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Reprodúcese un resumo do xa publicado e o vixésimo terceiro capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes a cor.


Ademais do resumo do xa publicado, reproducese o vixésimo cuarto capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Reprodúcese un resumo do xa publicado e o vixésimo quinto capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.

Reprodúcese un resumo do xa publicado e o vixésimo sexto capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes a cor.


Ademais dun resumo do xa publicado, no que corrixe un erro de compaxinación e se indica que o capítulo do día anterior é o XXVII mentres o publicado neste día é o XXVI, tamén se reproduce o vixésimo sexto capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes a cor.


Reprodúcese un resumo do xa publicado e o vixésimo oitavo capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Ademais dun resumo do xa publicado tamén se reproduce o vixésimo noveno capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Reprodúcese un resumo do xa publicado e o trixésimo capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes en branco e negro.


Reprodúcese un resumo do xa publicado e o derradeiro capítulo da “Novela por entregas” Vía secundaria, de An Alfaya, publicada nesta sección de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto de 2010. Acompáñase dunha ilustración de Abraldes a cor.

Sinala como a obra de Rosalía de Castro, enmarcada nunhas circunstancias históricas concretas (a Galicia do século XIX), chegou a ser, por unha banda, única e universal, e por outra, fundacional para o rexurdir da cultura galega ao empregar unha língua denostada e alcanzar o cume do romanticismo peninsular, todo un clásico do noso tempo. Reflexiona, ademais, sobre a íntima relación da poeta co seu idioma, “esa cultura oral-campesina, que se le ha de haber infiltrado por las mil peripecias cotidianas de su vida, donde y desde donde surge la fuente rica y persistente de *Cantares gallegos* (1863) y *Follas novas* (1880)”.


Reprodúcese un poema pertencente ao poemario *Cidades de area* (2005), de Xurxo Alonso.


Acóllese o poema “As estatuas dos deuses...” do poemario *Cidades de area* (2005), de Xurxo Alonso.


Sección fixa na que se reproduce a composición “A corista de Bagdad...” do poemario *Cidades de area* (2005), de Xurxo Alonso.


Reprodúcese o poema “Corpos derivados en trozos...”, incluído en *Cidades de area* (2005), de Xurxo Alonso.


Sección fixa na que se se acolle o poema “A superficie ignora o tempo...”, pertencente a *Cidades de area* (2005), de Xurxo Alonso.

Comparte a súa lectura da *Obra completa* (2009), de Luis Pimentel, publicada por Galaxia nunha edición de Araceli Herrero, destacando o seu sentir producido polo poema titulado “En el depósito de cadáveres hay un niño”, incluído no libro *Barco sin luces*. Asegura que “é un dos poemas máis tristes cos que un se pode atopar”.


Refírese a Vigo como un berce de grandes personaxes artísticos. Indícase que xa na Idade Media os trobadores como Martín Códax cantaban a esta cidade. Fálase das tabernas Derby e Eligio, escenario de charlas literarias ás que acudían autores como Álvaro Cunqueiro, Celso Emilio Ferreiro ou Victoriano Taibo. Engádese que en 1949 Luis Viñas Cortegoso e Xosé María Álvarez Blázquez crearon Edicións Monterrey e, ao ano seguinte, nacería a Editorial Galaxia con Francisco Fernández del Riego, Xaime Isla Couto e Ramón Piñeiro.


Reprodúcese un poema pertencente ao poemario *Sebes contra o vento* (2009), de Alfonso Álvarez Cáccamo.


Acóllese o poema “ÁS ONCE da mañá...” pertencente ao poemario *Vento de sal* (2008), de Xosé María Álvarez Cáccamo.

**Álvarez Cáccamo, Xosé María, “Vento de Sal”, Galicia Hoxe, “MARÉ”, 25 xullo 2010, p. 31.**
Reprodúcese un texto poético do poemario *Vento de sal* (2008), de Xosé María Álvarez Cáccamo, que começa “Este é o tempo de agarimar a memoria...”.


Inclúese o poema “Sei que a sombra do meu corpo...”, tirado de *Vento de sal* (2008), de Xosé María Álvarez Cáccamo.


Acóllese nesta sección fixa a composición “TAMÉN aquel domingo en Camposancos...” pertencente ao poemario *Vento de sal* (2008), de Xosé María Álvarez Cáccamo.


Acóllese o poema “NO DERRADEIRO andar,...”, pertencente a *Vento de sal* (2008), de Xosé María Álvarez Cáccamo.


Reprodúcese a composición “DE ti non me afastei nin un minuto...”, incluída no poemario *Sebes contra o vento* (2009), de Alfonso Álvarez Cáccamo.


Dánse a coñecer as diferentes actividades que se levarán a cabo con motivo do centenario de Gonzalo Torrente Ballester promovidas a través da Sociedade Estatal de Conmemoración de Culturas en colaboración coa Fundación GTB. Destácase a exposición itinerante que percorrerá as diferentes cidades galegas relacionada coa biografía e a obra do escritor ferrolán e sinálase que ditas actividades tratarán de salientar as diferentes facetas do autor: a súa relación coa Historia, o cine e a literatura. Pola súa banda, saliúñanse as verbas da catedrática Carmen Becerra, quen espera que dita conmemoración sirva para darlle o seu lugar á figura literaria. Finalmente, a Fundación Casares anunciou a intención de celebrar un encontro que afonde na relación entre Torrente, Carlos Casares e Álvaro Cunqueiro.

**A. M.**, “Calero para min, Pedrayo para ti, Valle para o outro”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 1 novembro 2010 p. 35.
Fállase da homenaxe que o conselleiro de Cultura ofreceu a Ramón Mª del Valle-Inclán, da que lle fixeron o BNG e a Fundación Meendiño a Ricardo Carvalho Calero e, finalmente, da celebrada tanto por nacionalistas como por populares á Xeración Nós e á súa revista que cumpre noventa anos. Indícase que esta publicación foi creada por Vicente Risco, Daniel Rodríguez Castelao e Ánxel Fole. Recóllese a opinión dos nacionalistas sobre o feito de que Carvalho Calero aínda non fose homenaxeado no Día das Letras Galegas e infórmase que en 2011 o homenaxeado será Lois Pereiro e que hai quen fala de que en 2012 será Carlos Casares. Citase a obra Luces de Bohemia, de Valle Inclán.


Infórmase da exposición de escritos inéditos de Laxeiro que acolle a Fundación Laxeiro. Explícase que este é un avance do libro que será publicado e no que se recompilarán doucecentos textos.


Reprodúcese nesta sección fixa o poema “Hoxe”, de Antonio Amado.


Faise un breve percorrido pola constitución e finalmente a desaparición do grupo Brais Pinto, facendo fincapé na semente desta agrupación como referente das loitas nacionalistas en Galiza, así como para unha importante xeración de artistas. Deste xeito, sinálase o obxectivo do nacemento deste grupo, no Madrid do ano 1958, coa intención de situar Galicia en Europa.


Indica que Víctor Freixanes, na presentación dun número especial da revista Grial en Ourense, anunciou que Ignacio Villar levará ao cinema a novela A esmorga, de Eduardo Blanco Amor, co apoio da Deputación de Ourense, a editorial Galaxia e mais de Merlín Producions. Tamén se anunciou que está case rematada a versión inglesa d’A esmorga na editorial Planet.


Coméntase o proxecto do concello de Catoira ao redor da Escola Municipal de Teatro dirixida por Fátima Rey. Deste xeito, tal e como se sinala no artigo, o concello trata de apoiar e fomentar a práctica do teatro entre os veciños de Catoira. Destácase, ademais, o
comezo de dita iniciativa, fomentada pola tradición do municipio na representación anual da obra da Romería Vikinga.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Neste caso reproducécese o realizado por Íñigo X. Ansotegi Suárez, intitulado “Crawler”.


Dáse conta de que, segundo un estudo da Fundación Caixa Galicia coordinado por Alberto Meixide e Víctor Freixanes, dos libros editados en Galicia ao longo do 2007, antes da crise económica, tan só o corenta e cinco por cento foron en galego e que, con respecto ao resto do Estado, é o terceiro idioma que máis edita. Ademais, sublíñase o peso das editoriais privadas.


Anúnciase que entre o vinte e o vinte e sete de xuño se celebrou en Santiago de Compostela o Litvi 2010, o primeiro encontro internacional que aborda a literatura de viaxes. Explicase que o obxectivo era ofrecer unha plataforma nova que funcione como encontro entre editoriais e entre lectores e autores, e como congreso sobre a literatura do Camiño de Santiago. Apuntase que entre outros autores asistiron os galegos Suso de Toro, Manuel Lourenzo e Xavier Queipo. Recóllese que durante o Litvi 2010 se desenvolveron actividades de contacto entre editoriais e libreiros, sinaturas e presentacións de obras, entre outras.


Fálase de Culturgal, a Feira Galega das Industrias Culturais. Explicase que nun primeiro momento ía celebrarse na Coruña pero como o certame foi incorporado ao programa Creativa, un programa cultural de intercambio entre o sur de Galicia e o norte de Portugal, optouse por realizalo en Pontevedra. Infórmase, tamén, da creación da Asociación Cultural por parte de entidades como a Asociación Galega de Editores ou Escena Galega.

**A. R.,** “Galeusca tratará no seu congreso da Coruña o rol social do escritor”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 26 outubro 2010, p. 36.
Infórmase da 27ª edición do congreso Galeusca que se celebra na Coruña e que organizan asociacións de escritores vascos, galegos e cataláns. Indícase que o congreso versará sobre o papel da literatura no sistema cultural e que o tema da língua será tamén tratado. Engádese que entre os participantes se atopan Raul Veiga, Héctor Carré, Harkaitz Caño e Xulio L. Valcárcel. Apúntase que o lema do congreso é “literatura en galego, éuscaro e catalán: unha viaxe con futuro”.


Fálase do V Encontro de Escritores Novos que organiza a Asociación de Escritores en Lingua Galega. Indícase que os temas a tratar serán a defensa da língua, os premios literarios e a poesía. Sinálase que, entre os participantes, estarán María Lado e Olalla Tuñas. Engádese que, por vez primeira, o encontro non contará coa colaboración da Dirección Xeral da Xuventude. Infórmase, ademais, da inauguración das III Xornadas de Literatura de Tradición oral: Mitoloxía da Morte.


Fálase do ciclo “Poetas Di(n)versos”, dirixido por Yolanda Castaño, e no que participarán Gioconda Belli e Claudio Rodríguez Fer, ademais de Andrés Neuman e Olga Novo, entre outros.


Dá conta da celebración das xornadas Ricardo Carvalho Calero: cinecia, literatura e nación, organizadas pola Concellería de Cultura da Coruña e a Asociación Socio-Pedagógica de Galicia con motivo do centenario do autor. Indica tamén as temáticas sobre as que versarán as ponencias incluídas nas xornadas e destaca que comenzarán centrándose no perfil biográfico do autor (Francisco Pillado ou Miguel Anxo Fernández-Vello); outras xirarán en torno ao perfil nacionalista e a actividade universitaria do autor (Francisco Rodríguez, Pilar García Negro, ou José Luís Rodríguez); tratarase tamén a súa actividade literaria e a repercusión da mesma (Claudio Rodríguez Fer, Henrique Rabuñal ou César Morán) e, finalmente destaca aquelas que se centrarán no pensamento lingüístico do autor. Engade que durante as xornadas se celebrarán diferentes actividades culturais, entre as que destaca o recital poético no Teatro Rosalía de Castro e no que participan Lino Braxe, Flor Maceira, Santiago Fernández e Manu Clavijo.


Relátase a emotiva despedida dun dos grandes intelectuais galegos, Francisco Fernández del Riego (Vilanova de Lourenzá, 1913-Vigo, 2010), quen foi até o seu pasamento o protagonista dos cambios ideolóxicos, culturais e políticos galegos sempre
ao servizo da causa de Galicia, como asegura Xosé Luis Méndez Ferrín nas súas palabras. Apúntase que a súa andaina comeza nos anos trinta, que estuda en Madrid cando se proclama a II República e que ingresa no Seminario de Estudos Galegos e no Partido Galeguista xa na volta a Galicia. Indícase que traballou na clandestinidade a prol da política galega, co Estatuto de Autonomía e na recuperación da cultura galega; que foi membro activo e fundador da Editorial Galaxia (1950) e da revista Grial (1963); que no ano 60 ingresou na RAG, institución da que foi presidente entre 1997 e o 2001, e que conseguiu modernizala e socializala coma ninguén até ese intre. Destácanse entre as súas publicacións Historia da literatura galega (1984) e o Diccionario de escritores en linguas galegas (1992); dises que foi ademais compilador da obra de Álvaro Cunqueiro, e que en 1995 doa a súa biblioteca á cidade de Vigo. Remátase afirmando que a súa pegada, sen dúbida, será inesquecible.


Coméntase o acto do Consello da Cultura Galega que homenaxea a Rosalía de Castro no 125 aniversario do seu pasamento. Explicase que nel participaron Yolanda Castaño e Pilar García Negro, quen afondou na obra da poeta como muller e como feminista, comparándoa con Concepción Arenal ou Emilia Pardo Bazán. Indícase que se reivindicou a figura de Rosalía que non debe ser esquecida polas institucións públicas debido ao papel tan relevante que ten dentro da cultura galega.


Fálase de que a Real Academia Galega rende homenaxe a Luis Seoane no ano do seu centenario no cemiterio de San Amaro, lugar onde se atopan os restos do artista galego. Indícase que Xosé Luis Méndez Ferrín, presidente desta institución, e Xosé Luis Axeitos, secretario da mesma, ademais da concelleira de cultura da cidade herculina, tamén estiveron presentes no acto. Apúntase que se aproveitou para destacar as figuras de Manuel Curros Enríquez, Eduardo Pondal, Manuel Murguía ou Ánxel Casal, xa que todos están soterrados en San Amaro e algunhas das tumbas foron tamén visitadas nun percorrido ao son das gaitas. Destácase que acudiron tamén Luz Pozo Garza e Francisco Fernández Rei, quen depositaron unha coroa de flores coa cinta da bandeira galega na tumba de Seoane. Recóllese que Méndez Ferrín falou da importancia histórica de Seoane ao que hai que agradecerolle todos os seus contributos, tanto polo seu papel na emigración coma o seu compromiso con Galicia porque aínda que naceu en Bos Aires elixiu ser galego. Infórmase de que para finalizar a xornada, na Fundación Caixa Galicia, Méndez Ferrín e Axeitos analizaron a obra dun intelectual tan destacado no panorama cultural galego.


Acóllese o poema “MÓSTRAME UN RÍO QUE NON VERCA NUNCA”, pertencente ao poemario Xuvia revisitada (2008), de Vicente Araguas.

Infórmasse de que a exposición itinerante “Rosalía sempre viva. Viva Rosalía!”, se poderá visitar na Casa-Museo de a Matanza en Padrón dende o 20 até o 28 de outubro. Dise que é un percorrido pola vida e obra da poeta cun marcado carácter didáctico.


Entrevístase ao escritor Xosé Vázquez Pintor, poeta, ensaísta e profesor ao que o concello de Cangas decidiu dedicarlle unha rúa. Infórmasese de que o acto será aproveitado tamén para presentar o seu libro Más vidas (2009). Recóllese que Pintor, nado en Melide, afirma que agarda estar á altura de tan ilustre homenaxe no seu pobo natal, onde xa recibira o agarrimoso reconhecemento da Asociación de Escritores en Língua Galega; agora, o concello cangues, a súa vila de adopción, reconxece de novo os seus méritos. Lémbrase que tamén este mestre pasou os tempos da mocidade e de aprendizaxe en Agolada, a súa segunda morada; mais agora o mar de Cangas é o espello no que se mira toda a súa familia, sobre todo no val de Coiro, un dos lugares preferidos do poeta. Fálase tamén do vindeiro libro, que foi para el coma unha terapia, un agradecemento a todos os que pasaron pola súa vida e que deron lugar a tantas reflexións e outros tantos soños. Recóllese que considera que de Galicia, toda ela xenerosa, non sabería que lugar elixir, todo se aproveita, para este profesor de vocación que atopou na escrita un desafogo cando lembra con emoción o seu primeiro premio nos Xogos Frorais Minhoto-Galaicos con algo máis de vinte anos.


Informa que Xosé Vázquez Pintor destapou a praca da rúa que levará o seu nome en Coiro, no concello de Cangas, pobo no que este escritor creceu “como persoa” e escribiu Más vidas (2009), pese a ter nacido en Melide. Explica que ademais da descuberta da praca, os seus veciños asistiron no concello á presentación da obra citada na que descubriron parte da traxectoria literaria de Vázquez Pintor e os premios e homenaxes dos que foi obxecto, caso dos premios Esquío, Cidade de Ourense, Uxío Novoneyra, Carvalho Calero, Torrente Ballester ou Premio da Crítica Española, entre outros. Tamén se di que tivo lugar a homenaxe “Escritor na súa Terra” 2008, e menciónase que lle puxeron o seu nome á biblioteca central de Melide.


Dáse conta da próxima publicación de María Xosé Lamas, un poemario de carácter autobiográfico composto por unha trintena de poemas e titulado Con Fausto, por este río acima. A autora afirma que se trata dunha “obra complexa, moi pensada e redonda”
e explica que se inspirou no disco de Fausto Días Bordalho “Por ese río acima”.
Comenta que cada poema se corresponde a unha canción deste disco, que a súa vez nace dunha obra do autor portugués do século XV Mendes Pinto, titulada *A Peregrinación*. Asemade, nun apartado repásanse os títulos das obras xa publicadas pola autora e ofrecense algunhas das súas opiniões. Así, Lamas destaca o caráter intimista da súa poesía, na que recolle influenzas da paisaxística e literatura tradicional “da Galicia de sempre” e opina que internet é unha ferramenta clave para que os escritores de lingüas minorizadas se dean a coñecer, polo que ten previsto abrir algún blog ou participar nunha editora online.


Dáse conta que Juan Gelman, Miguel Anxo Murado, Helia Correia, Alberte Manguel e Xabier Docampo participarán no III Encontro Cidade da Coruña de Literatura e Viaxe, organizado polo Concello, a Asociación de Escritores en Língua Galega e a Real Academia Galega. Dise que os escritores lerán as súas obras e recólense as palabras da concelleira de Cultura, María Xosé Bravo, e do presidente da AELG, Cesáreo Sánchez.


Sección fixa na que se acolle nesta ocasión o poema “NON HAI estradas só de ida ou só de volta” pertencente ao poemario *Acusación* (2009), de Xiana Arias Rego.


Acóllese unha biobibliografía de Xiana Arias xunto co poema “Recoñézome no ruído...”, pertencente ao seu poemario *Acusación* (2009).


Reprodúcese un poema pertencente ao poemario *Acusación* (2009), de Xiana Arias Rego.


Reprodúcese un poema pertencente ao poemario *Acusación* (2009), de Xiana Arias Rego.


Reprodúcese un poema pertencente ao poemario *Acusación* (2009), de Xiana Arias Rego.


Reprodúcese un poema pertencente ao poemario Acusación (2009), de Xiana Arias Rego, titulado “SEI QUÉ preciso que me digas”.


Acóllese o poema “RECOÑÉZOME na dor”, do poemario Acusación (2009), de Xiana Arias Rego.


Sección na que se reproduce o poema “A LÁMPADA”, do poemario Acusación (2009), de Xiana Arias Rego.


Ofrécese un breve relato de Xiana Arias Rego no que se cita a obra Poemas para unha loia (1997) e se indica que o Día das Letras Galegas do ano 2009 foi dedicado a Ramón Piñeiro. Citase o poemario de Arias Acusación (2009).


Reprodúcese o poema “SEI QUÉ preciso que me digas”, pertencente ao poemario Acusación (2009), de Xiana Arias Rego.


Sección que acolle o poema “RECOÑÉZOME na dúbida” do poemario Acusación (2009), de Xiana Arias Rego.


Insiírese nesta ocasión o poema “NON HAI pistolas”, pertencente ao poemario Acusación (2009), de Xiana Arias Rego.
**Arias Rego, Xiana, “De ‘Ortigas”, Galicia Hoxe, “MARÉ”, 5 setembro 2010, p. 36.**

Inclúese a composición “Laura fala co chan”, do poemario *Ortigas* (2007), de Xiana Arias Rego.


Reprodúcese o poema “CANDO laura chorou souben que nunca choraba”, de *Ortigas* (2007), de Xiana Arias Rego.


Fálase de Herminio Barreiro e do colectivo Brais Pinto que el fundou xunto con persoeiros como Méndez Ferrín ou Bernardino Graña. Expícase que esta agrupación introduciu o marxismo na corrente de reflexión de Galicia. Refírese á relación que Barreiro mantivo con Novoneyra, a quen os membros de Brais Pinto chamaban *O lobo*. Finlamente citase a Revista Letras.


Indica que Xosé Luis Méndez Ferrín, nunha visita institucional como presidente da Real Academia Galega á Deputación de Ourense, salioutou o apoio desta deputación á lingua e literatura galegas e asemade destacou o apoio que dan á candidatura do propio Ferrín ao premio Nobel de Literatura.

**Asociación de escritores en lingua galega, “Manifesto no día de Rosalía”, Galicia Hoxe, “MARÉ”, 24 febreiro 2010, p. 36.**

Transcribese o manifesto que a Asociación de Escritores en Lingua Galega, con motivo do cento setenta e tres aniversario do nacemento de Rosalía de Castro, lle dedicou a unha das escritoras máis importantes do panorama literario galego e incídese “sobre os ‘días escuros’ que rodean o futuro do galego e a necesidade de crear o instituto para a promoción da Cultura galega que levaría o nome da escritora compostelá”. Comézase o manifesto facendo alusión á figura da homenaxeada destacando a súa influencia na exaltación da lingua e cultura galegas para, a seguir, deterse nas súas publicacións máis relevantes, *Cantares gallegos* (1863) e *Follas novas* (1880), así como nese labor de recoñecemento do acervo cultural galego. Finalízase o manifesto facendo a petición da creación do Instituto para a promoción da cultura galega.


Inclúese nesta sección fixa o texto poético intitulado “Contigo”, de Helena Asuen.

Reflexiona sobre a elección por parte da Real Academia Galega de Xosé Luis Méndez Ferrín como presidente e recorda a afiliación política deste sinalando que “van a tener muy difícil presentarse como una institución equilibradora en el debate lingüístico y escolar quando optan por encumbrar a un independentista reconocido”.


Faise unha análise da traxectoria de Luis Seoane co gallo do centenario do seu nacemento, un republicano e galeguista para quen Galicia foi sempre o centro das súas preocupacións por causa do exílio na ditadura. Coméntase que o artista reclamaba nos últimos anos da súa vida ser valorado polo conxunto da súa obra, coma unha araña, que aos poucos vai tecendo a súa tea, un artista fachendoso de Galicia, do seu pasado e da súa cultura, conceptos que se han facer realidade cando exista a liberdade para unha mellor construcción do porvir. Faise referencia á formación de Seoane nos tempos de estudiante en Compostela, onde foi consciente do conformismo, da falta de orgullo e da resignación do pobo; en palabras de Castelao, “Galicia non pide, e migra”. Apúntase que os momentos máis convulsos da historia sempre traen máis riqueza artística, máis compromiso, e funcionan coma unha canle de comunicación como acontece cos debuxos e gravados, coma os de Seoane, que a comezos dos anos trinta aparecen en revistas e xornais coma Resol, Yunque ou Guión. Afírmase que o artista condena, ao igual que Maside, a arte pola arte, buscando chegar a todos os grupos sociais. Coméntase o uso que o autor fai da publicidade e dos carteis para facer visíbel Galicia, defendendo a súa autonomía e a súa dignidade. Indícase que outro modelo a seguir para Seoane é o propio Maside, nome chave na súa evolución artística, coñecido en todo o estado pola súa obra expresionista; e tamén Ánxel Casal, outra das súas referencias culturais pola importancia que teñen as fundacións editoriais e xornalísticas durante a contenda civil, porque o libro ha ser a memoria dun pobo. Sublíñase que foron os manuscritos medievais os que tamén centraron a atención do pintor, tanto no eido literario coma no artístico, buscando neles as raíces galeacas, o que explicaría o desfile de frades, mendigos e cabaleiros na súa obra plástica, tamén coma unha homenaxe ao Santiago da II República. Precísase que a súa vocación terá continuidade no exílio, na procura da reconstrución e na solidariedade entre as diversas culturas reflectidas nas súas escenas de feira, romarías, mulleres, mariscadoras, leiteiras e emigrantes, sempre fiel a Galicia. Saliéntase o seu compromiso e a ética, prestando a súa voz aos débiles frente ao abuso de poder e o capitalismo, tal e como aparece tamén recollido na súa poesía, un exemplo total de solidariedade.


Recórdase a orixe do Día das Letras Galegas como proposta de diversos intelectuais, integrantes da Real Academia Galega, tales como Francisco Fernández del Riego, Manuel Gómez Román e Xesús Ferro Couselo, pedindo a colaboración de institucións
culturais de todos os Centros Galegos do mundo para conmemorar o centenario da publicación de Cantares gallegos (1863), de Rosalía de Castro. Coméntase que se pretendía que este día servise de promoción do libro galego como depositario do labor intelectual da terra e propiciase a elaboración dun modelo de nación, ao lle dar protagonismo a estudiosos da prehistoria, historiógrafos, periodistas, lexicógrafos, eruditos... de moi distinto horizonte ideolóxico.


Neste artigo faise referencia ás estratexias do nacionalismo galego, xa que Francisco Fernández del Riego nas súas memorias *O río do tempo* (1990) conta a súa chegada a Vigo fuxindo dos perigos de Compostela, onde ía cada día ao bufete de Valentín Paz Andrade, unha vez que se viran frustradas as posibilidades da docencia, e onde chamaban cada día por teléfono e soaba a mesma ameaza: “Sabe vostede que está a vivir co permiso do enterrador?” Indícase que este home sólido non deu un paso atrás, non cesou nos seus intentos de reconstrución do Partido Galeguista xunto a Enriqué Peinador (o propietario do Balneario de Mondariz) e asumiu os riscos que isto supuña a comezos dos anos correta. Explicase que xunto a outros intelectuais mantivo acesa a chama de Galicia, centrando os seus esforzos na sementeira cultural a través da Editorial Galaxia, con Ramón Piñeiro, Xaime Illa e Domingo García-Sabell, espallándose nos diversos partidos políticos e inflúndo nos diversos eidos sociais e políticos, aínda que para outros, como Paz Andrade, foi un erro deixar esmorecer o PG, unha ausencia e un oco que chega á actualidade, unha eiva da Galicia contemporánea. Pregúntase por cales foron os éxitos ou fracasos do nacionalismo, agora que Fernández del Riego xa non vai estar xa que el dedicou todos os esforzos a esta causa, manténdose leal a ela nas circunstancias máis complexas dende os catorce anos que tiña en 1931, cando começou no PG, até 1978, ano no que se deu de baixa do PSG. Faise unha análise dos resultados das votacións para o BNG, que tivo o seu punto máis alto no 1997 e valórase a posibilidade de que no seu declive actual chegue a ter unha total irrelevancia. Ábrese entón unha nova xeira, con novas perspectivas e a necesidade de someter os tempos pasados a unha revisión. Noutro apartado extráense anacos dunha entrevista anterior de Xan Carballa a Fernández del Riego nas páxinas de “Luces”, de *El País*, cando esta dirixía a Fundación Penzol e onde afirma que “queimamos a vida en defender a cultura do país”, na que inclúe as louvanzas para Florentino López Cuevillas, Ramón Otero Pedrayo ou Vicente Risco, intelectuais dunha sólida formación que, sendo admiradores do simbolismo, entregáronse a unha Galicia por descubrir. Destácase o labor da Editorial Galaxia que será recoñecido e transformado no futuro e afirma que fixeron posíbel a súa teima de europeizar unha lingua que até entón fora menosprezada.


Recólense as diferentes actividades realizadas en Vigo na celebración do día das Letras Galegas. Entre ditas actividades sinálase, por unha banda, a homenaxe a Rosalía de Castro a través da conformación dun dos versos do seu poema “Negra Sombra” feito con libros na Praza da Estrela. Por outra banda, destácase o ciclo de conferencias “Librando Letras”, posto en marcha polo Colexio Montecastelo de Vigo.

Faíse eco do último adeus que os persoeiros da cultura ofreceron ao intelectual galeguista cun funeral relixioso na Concatedral de Vigo ao que asistiron máis de trescentas persoas, entre as que destacaron o presidente da Xunta, Alberto Núñez Feijóo, o director de Galaxia, Víctor Freixanes ou o presidente da Academia, Xosé Luis Méndez Ferrín. Destaca a calidade humana e intelectual do falecido. Comenta que moitos foron os que sentiron a morte do presidente da Fundación Penzol, xa que exercete de mediador dos traballadores de Citröen e era seareiro do Celta de Vigo. Dende os máis nenos até os máis vellos víronse mostras de afecto a Fernández del Riego. Afirma que a trascendencia do acontecido chegou até o ministro de Educación, Ángel Gabilondo, que recoñeceu en Vigo a valía do finado quen tanto defendeu a lingua e a cultura galegas. Engádese que o ministro visitou o memorial na súa honra e a Fundación Penzol, onde asinou no libro de condolencias. Dise que o concello de Vigo decretou dous días de loito oficial e as bandeiras ondearon a media asta, onde o alcalde fixo referencia na lectura do pleno á medalla de ouro da cidade e ao título Doutor Honoris Causa da Universidade de Vigo para un persoeiro que loitou toda a vida pola dignidade de Galicia. Recólense noutro apartado os diferentes testemuños sobre a consideración de Francisco Fernández del Riego: Luis Paradelo, escritor; Efrén Juanes Rodríguez, alcalde de Nigrán; Xerome Calero, actor teatral; Pedro Solveira, artista plástico de Teis; Xosé Cermeño, escritor; Secundino Aleixo Bueno Fernández, publicista; Gustavo Luca, xornalista; Juan Antonio Rodríguez, exreitor da Universidade de Vigo e Catedrático; María Pereira, representante de Caixanova e Ramón Fraga Pena, avogado. Salientase que todos eles concordan no fondo pesar que esta nova trae para Galicia, unha grande perda á que algúns lle deben os seus comezos nas letras, unha gran persoa e un exemplo a seguir para outros. O alcalde de Nigrán, vila que o nomeou Fillo predilecto, lembra os paseos que Fernández del Riego facía na cala de Lourido.


Coméntase que o Presidente do Consello da Cultura Galega, Ramón Villares, pechou o ciclo de Conferencias celebrado pola Fundación Alfredo Brañas no Hotel Araguaney de Santiago. Explicase que Villares, na súa intervención “Alfredo Brañas e o rexionalismo”, destaca o papel fundamental de Brañas á fronte do xornal *El Libredón*, figura chave do rexionalismo do século XIX en relación clara co rexionalismo vasco e catalán, xa que a súa obra *El Regionalismo* (1889) publicouse primeiro en Barcelona onde foi moi influente. Salientase igualmente a importancia do Panteón de Galegos Ilustres e o monumento aos mártires de Carral, do que Brañas foi relevante na súa creación, ademais de ser o segundo soterrado neste Panteón, despois de Rosalía de Castro.

Dá conta da programación de cabaré “Ultranoite Antolóxica II” que se celebrou na sala Nasa compostelá. Destaca a historia deste espazo alternativo que puxo a andar a compañía Chévere, na que se formaron importantes actores galegos recoñecidos internacionalmente, e dise que é “el mejor catálogo de los artistas escénicos de estos últimos años”. Explica que nesta antoloxía escénica rescataron algúns dos setenta espectáculos celebrados nestes dezasete anos repartidos en dúas fins de semana, das que só apunta que na segunda delas intervón Paula Carballeira, Duelirium Circus, Simone Negrín, Carlos Blanco, Os Tristáns e a compañía Chévere.


Informa que se celebrou no compostelán parque de Bonaval a gala final do programa poético e musical “Camións de amor e lúa”. Dá conta de que actuaron os poetas María Lado, Carlos Caneiro, Olalla Cocina e Rivadulla Corcón, acompañados de música, e que a gala finalizou co recitado conxunto dun poema de Uxío Novoneyra por parte dos dez artistas.


Fálase dos cursos “Cultura do viño, literatura e música”, organizados por Lar. Expícase que estes serán impartidos por Xavier Castro e que neles se traballarán a autores como Charles Baudelaire, Miguel de Cervantes, Rosalía de Castro ou Pablo Neruda, entre outros.


Con motivo da celebración do Entroido destaca a incorporación por parte do Círculo das Artes de Lugo, entre outros espectáculos musicais, da interpretación do poema “Negra Sombra” de Rosalía de Castro, a través das verbas do lucense Xoán Montes.


Comunica a presentación de Inés de Castro. De cinza e cereixas (2009), de Alicia Díaz Balado, na sala da galería de Sargadelos. Sinala ademais a temática da obra, centrada na vida “de la que se dice que fue reina de Portugal después de muerta”. Por último, achega unha serie de datos en canto ao narrador en priimeira persoa, que se xustifica coa forma de diario persoal.

Informa que até o mes de xullo se puido visitar no Museo Provincial de Lugo unha mostra sobre a arte e personalidade de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao durante os seus anos de exilio, dende 1936 a 1950, e os fondos que doou Álvaro Gil en 1965. Loa que os comisarios da exposición, Pilar García Negro e Felipe Senén, documentaron acertadamente distintas facetas vitais e intelectuais do autor rianxeiro, e balizaron “atinadamente a súa evolución” dende o costumismo e a influencia modernista ao realismo social de influencia expresionista e popular. Explica que Castelao soubo plasmar a psicoloxía do home galego, o mundo cotián e os problemas do pobo por medio dunha “coñida construcción plástica”, e nomea varios obras súas e as características que presentan. Completa o artigo o parte “Ideal humano de perfección” no que precisa que o “realismo social” é a estética predominante na produción plástica de Castelao, e detense nos trazos e significación dos debuxos de tres álbums de guerra.


Faise unha análise sobre o pintor Laxeiro, artista do Movemento Renovador da Arte Galega, home vitalista, de obras impactantes e de carácter expresionista. Coméntase que Laxeiro non foi un pintor tan teórico como o poderían ser Luis Seoane ou Carlos Maside. Infórmase de que a mostra Laxeiro, escritos, pensamentos, recordos e relatos celebrase na Fundación que leva o seu nome e que nela se expoñen algúns escritos case descoñecidos que engaden máis valor á obra plástica. Indícase que Javier Pérez Buján é o comisario da exposición, na que se presentan os manuscritos sós, nus, adiante do que será unha vindeira publicación cun total de douscentos textos, case todos inéditos. Faise fincapé na variedade destes textos: narrativos, poéticos, oníricos, onde Laxeiro se implica co Movemento Renovador da Arte Galega, coñecido coma Os Novos (en referencia a Maside, Manuel Colmeiro, Arturo Souto) na procura dunha pintura Nacional, fundindo o primitivo co popular e a arcaicidade co granito (propios do románico ou do barroco). Apúntase que nestes textos están moi presentes as historias populares, as tradicións galegas, as condicións dos labregos cinguidos ao soño e á fantasía, todo vinculado á cultura máis atlántica e nórdica, de xeito que aparece un Laxeiro coherente co seu mundo actual que reflicte o que considera o núcleo de identidade galega. Fálase tamén da contraposición do mundo celta europeo fronte ao clasicismo dende unha perspectiva romántica e non clásica. Búscase comprender o misterio do home e da natureza recorrendo aos mitos, ao celtismo e á súa concepción da creación e da fertilidade, que os textos do artista plástico transmiten con tanta claridade. Precísase que para a exposición, segundo o comisario, se elixiron un total de sete documentos nos que a Fundación Laxeiro estivo traballando durante todo o ano 2010, os cales se dispuxeron en vitrinas e coa letra orixinal, coa caligrafía propia do artista, e acompañados das correspondentes transcricións impresas, ademais dos seus debuxos.


Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu La Voz de Galicia para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos.
e adultos. Neste caso reproducécese o realizado por Enrique Bernárdez Reigosa (vinte e oito anos), intitulado “Ola Deus, son Manuel”.


Dá conta dunha exposición conmemorativa polo centenario do nacemento de Luis Seoane (Bos Aires 1910-A Coruña 1979) onde se pode dar unha nova lectura ao seu traballo na Fundación, que leva o seu nome. Encóntrase baixo o nome de “Seoane: A configuración do posible”, e está dividida en sete apartados, un deles dedicase á súa produción literaria e á súa faceta coma ilustrador, e o resto á súa faceta como pintor. Sinálase que Seoane sempre tivo gran respecto pola cultura, a historia e a lingua galega e isto é o que plasma ao longo da súa obra. Fálase que Seoane sentiu gran admiración polo expresionismo alemán, en especial por George Grosz ao que lle escribíu unha monografía, e que foi unhas das fontes de inspiración para o artista. Remata apuntando que na Biblioteca Pública da Coruña Miguel González García presentou o volume *Poemas alumeados* no “IV Agasallo a Luis Seoane” e que se poderán visitar na mesma biblioteca os orixinais deste traballo. Esta celebración conmemorativa estivo acompañada dunha actuación musical e da plantación de ruda e allo verde, aludindo desta maneira ao volume de relatos *Tres hojas de ruda y un ajo verde*, na Praza Luis Seoane.


Dáse a nova do ingreso do poeta e dramaturgo de Cangas Bernardino Graña na Real Academia Galega. Menciónase que Graña se enrolo dende moi novo na actividade cultural, xa que foi redactor da revista poética *Alba*, e colaborador de *La Noche e Faro de Vigo*. Ramón Lorenzo encargouse de darlle a contestación ao homenaxeo e memorou os contos tradicionais galegos e a obra de Rosalía de Castro. Tamén se citan os xoglares e trovieres que cantaban xa daquela ao mar de Cangas, como son Xohán de Cangas, Mendinho ou Martín Codax. Remátase apuntando que Graña foi o responsable e primeiro presidente da Asociación de Escritores en Lingua Galega, acompañado por numerosos académicos.


Recóllese a presentación do libro *Ramón Piñeiro e a revisión do nacionalismo* (2009), de Miguel Barros, publicado pola editorial Galaxía en dous tomos. Saliéntase ademais o labor de Miguel Barros tras dedicar nove anos a pescudar na documentación existente sobre Ramón Piñeiro, traballo que deu como resultado a primeira tese sobre o intelectual.

Fálase de Luis Seoane con motivo da exposición “Cento por Cento Seoane”, que acolle a Fundación Caixa Galicia. Explicase que o fundamental da mostra é demostrar que Seoane era moito máis que un pintor. Destácanse facetas súas como a de editor de escritores como Julio Cortázar ou Ernesto Sábato, muralista, deseñador, gravador, ilustrador e cronista xornalístico, entre outras. Asegúrase que Seoane e Daniel Rodríguez Castelao foron as “duas personalidades galegas do século XX”. Citanse As cruces de pedra na Galiza, obra de Castelao, e Castelao artista, obra de Seoane. Indícase que foi editor de revistas como Correo Literario.


Indícase que a exhumación dos restos de Roberto Blanco Torres non se puido levar a cabo por non os teren atopado. Ofrécese un fragmento da autopsia do escritor.


Recoméndase nesta sección fixa do suplemento a lectura de Episodios galegos (2009), de Manuel Rivas, unha obra a medio camiño entre o xornalismo e a literatura; a tradución ao galego de Neve (2009), de Orhan Pamuk, e Espazos do poema (2009), unha reflexión de Xosé Mª Álvarez Càccamo.


Nesta sección fixa dos suplementos acólлense, entre outras obras do sistema literario galego, un breve descritor da novela Un tipo listo (2009), de Henrique Monteagudo, Premio García Barros 2009; outro do conxunto de dez relatos Para seguir bailando (2009), de Francisco X. Fernández Naval; e do percorrido poético por A Terra do Medio (2009), de Xosé Vázquez Pintor.


Recoméndase nesta sección fixa do suplemento a lectura de obras do sistema literario galego como Areaquente (2009), de An Alfaya, Premio Lueiro Rey 2009, e Cando o futuro comezaba (2009), que recolle a correspondencia entre Ramón Piñeiro e Xosé Luis Franco Grande.

Nesta sección fixa dos suplementos na que se descreben obras do sistema literario galego acóllese, entre outros, un breve descritor da novela para adultos Unicrom (2009), de Rosa Enríquez, reparando nas voces narrativas e “na técnica do manuscrito encontrado”.


Sección fixa dos suplementos na que se descreben varias obras do sistema literario galego, tanto novidades como obras recentes. Acólense esta semana breves descritores de catro obras publicadas no ano 2009. En primeiro lugar céntrase na recopilación e trasvase ao galego da literatura dramática de Sarah Kane, Obra dramática completa, destacando o labor desta autora no contexto da escena inglesa de finais do século XX e na pervivencia na actualidade da súa produción; a seguir, na crónica A deleiba do mundo, de Amin Maalouf, salientando a visión esperanzada que transmite en relación ás identidades culturais; na novela de adultos O náufrago, de Xosé Antonio Pet Posse, da que destaca o mozo protagonista e describe o comezo da historia narrada; e no volume de contos Xentiario, de Carlos G. Reigosa, fixándose na tipoloxía dos personaxes.


Sección fixa dos suplementos na que se descreben varias obras do sistema literario galego, tanto novidades como obras recentes. Acolle esta semana breves descritores de dúas publicadas en 2009: o poemario Acusación, de Xiana Arias Rego, do que destaca a linguaxe empregada para amosar a necesidade de “expoñerse como voz”; e da monografía Terra de Iria: terra de Rosalía de Castro, de Anxo Angueira, no que este propón dúas viaxes literarias polo centro e a periferia dese enclave nas que se repara na súa dimensión “histórica, xeográfica, económica, social, cultural e política”.


Sección fixa dos suplementos na que se descreben varias obras do sistema literario galego, tanto novidades como obras recentes. Esta semana selecciónanse tres obras publicadas no ano 2009: dúas novelas, o trasvase ao galego da novela A rolda nocturna, de Sarah Waters, da que salienta o contexto e a historia dos catro mozos protagonistas, a tradutora e que a novela mereceu o Premio Novela Europea 2008; e Bartleby, o escribente, de Herman Melville, da que destaca o argumento, a publicación en 1853 e a tradutora; e tamén a monografía Bos tempos para a lírica, de Xavier Rodríguez Baixeras, na que se estuda detidamente a once poetas da xeración dos oitenta.

Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Ofrécese un pequeno descritor da antoloxía Roberto Fernández Retamar. Conversa. Antoloxía 1951-1966 no que se destaca a figura do poeta cubano, a versión do editor e as características da poética elixida; de Más vidas fálase da traxectoria de Xosé Vázquez Pintor e das sesenta e tres “crónicas de dentro” que se insiren; de Delimvois explica o seu título, o texto no que se basea e os obxectivos que persegue a peza teatral; e de Tratado de zoología para corazóns mancados, de Raúl Gómez Pato, a súa estrutura a modo de bestiario, o tema, a tipoloxía do poemario e outros títulos da súa bibliografía.


Sección fixa dos suplementos na que se acolle, entre outras obras, un breve descritor d’O país dos mil ríos (2009), de Xosé Lois Ripalda, no que se reflicte que esta guía describe os ríos galegos e tamén explica a súa simboloxía dentro da cultura de Galicia, e ademais repara nas fotografías que a ilustran.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, tanto novidades coma obras recentes. Esta semana selecciónanse, entre outras, a primeira narración do dramaturgo Manuel Lourenzo, O hóspede escandinavo (2009), do que destaca a traxectoria do autor e o tratamento que este fai do mito de Hamlet e a intertextualidade con O incerto señor Don Hamlet, Príncipe de Dinamarca (1958), de Álvaro Cunqueiro.


Sección fixa dos suplementos na que se acolle, entre outras obras, un breve descritor de Manuel Rodríguez López. Poesía completa (2009), unha antoloxía coordinada por Darío Xohán Cabana da que destaca que reúne os seus catro poemarios editados en vida e dos capítulos máis. Así mesmo reproducense palabras de Xosé Luís Méndez Ferrín sobre o poeta, saliéntase que conta cun epílogo e indícanse outras obras de Manuel Rodríguez.

Sección fixa que se refiere ao poemario *de]construçom* (2009), de Susana Sánchez Arins.


Tras reproducir o texto narrativo “o libro /2”, de Xurxo Borrazás, citase a súa novela *Costa Norte/ZFK* (2008).


Analiza o concepto de vangarda, limitado no caso da historiografía literaria galega ás referencias a Manuel Antonio e Luis Amado Carballo. Considera que nos seguintes anos se empregaron etiquetas cronolóxicas ou de grupo en detrimento da atención concedida ás achegas individuais, caso do grupo poético da década de 1980, Brais Pinto, ou da narrativa dos noventa. En calquera caso, afirma que o acontecido en Galicia pode considerarse experimentalismo e non vangarda. Tras analizar o caso do sistema literario español, volve referirse ao galego para concluir que se precisaríax una maior confrontación dialéctica e capacidade de afrontar riscos para gañar vitalidade artística.

**Botrán, C.,** “Unha inxección cultural de 30.000 euros”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 21 xullo 2010, p. 27.

Infórmasese do convenio de colaboración asinado pola Deputación da Coruña e a Fundación Rosalía de Castro para a promoción e difusión do legado rosaliano ao financiar diversos actos culturais no cento vinte e cinco aniversario do falecemento da autora tales como faladoiros, recitais poéticos ou publicación de volumes con temática rosaliana.

**Botrán, Cristina,** “La figura de Ánxel Casal centra en Teo el homenaje a las víctimas ‘da infamia”, *El Correo Gallego*, “Área de Compostela”, 12 agosto 2010, p. 38.

Relátanse os diferentes actos da homenaxe da Fundación Castelao, a asociación A Oliveira e o concello de Teo ao último alcalde republicano de Santiago, galeguista e promotor do Estatuto de Autonomía, Ánxel Casal, detido e “paseado” nos primeiros días da guerra civil, tales como concertos, ofrendas florais ou conferencias-coloquios.


Faise unha semblanza do poeta Lois Pereiro, integrante dunha xeración de estudantes galegos no Madrid dos anos setenta que axudou a cambiar substancialmente a cultura e a sociedade galega en xeral. Salienta as principais características da súa poética como son a pegada áspera e o forte impacto cognitivo. Recorda o encontro co poeta nunha
longa viaxe en coche de Monforte a Santander para participar no espectáculo *Chove sobre Mollado (Semana de las Fuerzas Atroces del Noroeste)* e destaca o seu “talento cósmico”. Por último loa que a Real Academia Galega recupere a Pereiro no Día das Letras Galegas, decisión que considera como a expresión dun cambio.


Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu *La Voz de Galicia* para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Neste caso reproducéuse o realizado para adultos por J. Manuel Bouzamayor Riola, intitulado “Os penedos”.

**Bouzas, Paula, “Castaño: Participar no obradoiro supón situar o galego no mapa”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 1 xuño 2010, p. 38.**

Fálase de que é a primeira vez que a literatura galega vai estar no Obradoiro de Tradución Poética en Eslovenia. Dise que sete poetas de todo o mundo, entre os que se encontra Yolanda Castaño, porán en común a súa producción literaria, traducirana ao inglés, como idioma base, e máis tarde a idiomas como o chinés ou o maltés. Este feito porá a literatura e a llingua galega dentro duns marcos mundiais. Coméntase tamén como se vai a levar a cabo, xa que pola mañá adicaranse ao traballo colectivo e pola tarde á tradución dos textos ás sete linguas participantes. Sinálase que o resultado do traballo se poderá ver nas revistas literarias galegas ou noutras producións periódicas. O artigo remata ca carreira profesional de Yolanda Castaño e salienta os dous premios que recibiu: Fermín Bouzas Brey e Crítica Española.

**Bouzas, Paula, “Feijóo insiste no bilingüismo na apertura da bienal do PEN Clube”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 3 xuño 2010, p. 37.**

Dáse a nova de que se está a celebrar a III Bienal Literaria Internacional a cargo do PEN Club de Galicia en Santiago e na provincia de Ourense. Dise que a principal misión é fomentar o diálogo entre os escritores e non deixar que as linguas minoritarias queden desarraiguadas do plano cultural. Coméntase que grazas á literatura galega a llingua e o país seguen en pé. Alúdese a que estas xornadas baseadas no diálogo van a fomentar a liberdade de expresión e o multiculturalismo. Tamén se di que acto foi presidido polo presidente do clube galego que é Luis González Tosar, a vicepresidenta do PEN Internacional Gloria Guardia, o presidente da Xunta de Galicia Núñez Feijóo, que deu o discurso bilingüe, e Sánchez Bugallo alcalde de Santiago.

**Bouzas, Paula, “Víctor Aneiros ponlle música aos versos de Ramiro Fonte”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 4 xuño 2010, p. 38.**

Alúdese á presentación do disco *Brétemas da memoria* que se basea en sete poemas do autor xa finado Ramiro Ponte. Coméntase que foi o seu carisma para cantar á soledade e ás nostalxias o que levou ao artista a escoller este poeta para o seu disco de blues en galego. Sinálase que contén un traballo do poeta Xosé Carlos Caneiro, *Axúdame*. Díse
que tamén o escritor Eduardo Galán lle axudou no disco e foi o nexo entre o poeta finado e o artista.


Reprodúcese o poema “Mar amante” pertencente ao poemario *In aeternum* (2007), de Pablo Bouza Suárez.


Acóllese un texto poético que comeza “Rozado o teu corpo e...” do poemario *In aeternum* (2007), de Pablo Bouza Suárez.


Inclúese o poema “Ego” pertencente ao poemario *In aeternum* (2007), de Pablo Bouza Suárez.


Nesta sección acóllense os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Nesta ocasión reproducése “Auga de choiva”, de María Brañas Costas.


Recóllese a reacción emotiva de Manuel Rivas, quen propuxo a candidatura do escritor, ante a escolha de Lois Pereiro por parte da Real Academia Galega para ser homenaxeado o Día das Letras Galegas 2011 de entre a docena de nomes propostos. Xosé Luis Méndez Ferrín salienta a intensidade vital e a orixinalidade formal da súa obra dentro da lírica contemporánea e apunta que formou parte da xeración dos oitenta. Indícase que en 2006 xurdiron voces en defensa da súa candidatura. Finalmente nomeánse os dous volumes publicados en vida, con pegadas expresionistas e trazos da contracultura, a aparición en antoloxías colectivas como *De amor e desamor I e II* (1984, 1985) e a súa participación nas revistas *Loia* e *Luizes de Galiza*.

Recóllese a reacción emotiva de Manuel Rivas, quen propuxo a candidatura do escritor, ante a escolla de Lois Pereiro por parte da Real Academia Galega para ser homenaxeado o Día das Letras Galegas 2011 de entre a docena de nomes propostos. Xosé Luís Méndez Ferrín salienta a intensidade vital e a orixinalidade formal da súa obra dentro da lírica contemporánea e apunta que formou parte da xeración dos oitenta. Indícase que en 2006 xurdiron voces en defensa da súa candidatura. Noméanse os dous volumes publicados en vida, con pegadas expresionistas e trazos da contracultura, a aparición en antoloxías colectivas como De amor e desamor I e II (1984, 1985) e a súa participación nas revistas Loia e Luces de Galiza. Tamén se apunta que un dos seus poemas foi musicado por Radio Océano e reproducéuse o epitafio grabado na súa tumba en Santa Cristina do Viso, no Incio.


Fálase da vixésimo sétima edición do congreso Galeusca, cuxo obxectivo é debatir sobre a importancia das literaturas en lingua propia como subministradoras de contidos para alcanzar unha industria cultural fértil.


Co gallo da aparición d’*O tranvía de Soutelo* entrevístase ao seu autor, Rosendo González. Expícase que o seu título se corresponde xustamente co do primeiro conto que fixo para a *Revista Río*, publicación na que comezou a súa andaina literaria. González explica que as súas historias se fundamentan na cultura popular, cultura que reinventa, contextualiza e enriquece con datos da transmisión oral, da toponimia e mesmo intenta situarlas no tempo e no espazo “para darlles certo estilo e coherencia”. No que respecta á lingua, o autor apunta que usa un estilo cotián con palabras da zona. Finalmente engade que ademais de ser lector de escritores como Leopoldo Alas Clarín, Gonzalo Torrente Ballester ou Leo Tolstói, os seus mestres foron Don Joaquín e Don Vicente (mestres en Goián), Baltasar (un amigo) e Borges. Cita tamén a Carlos Alonso, un amigo seu a quen dedica o libro.


Alúdese á presentación deste poemario, editado pola Fundación Manuel María en 2009, nun acto na Casa Habanera de Guitiriz ao que acudiu Marica Campo. Dise que, para rematar, Luz Campello leu varios poemas.


Infórmase da presentación en Guitiriz de “Os Irmandiños”, un traballo discográfico cedido á Irmandade Manuel María da Terra Chá, con textos deste escritor.

Infórmase da presentación, na Casa Habanera de Guitiriz, do volume de Xosé Bergantiños, Lerias, que acolle artigos de actualidade e varias narracións.


Sección que acolle un texto poético que comeza con “Ás miñas costas, calada...”, de Ramón Cabanillas.


Recóllense as dúas recomendacións literarias de Quico Cadaval que se corresponden cos libros de Murado, O soño da febre (2007) e Outra idea de Galicia. Do primeiro dise que é un conxunto de relatos que se corresponden cos soños de Murado ao sufrir un ataque de febre no Cairo; e do segundo, que o seu obxectivo é “despexar os tópicos de Galicia”.


Dáselle a palabra a Marcos S. Calveiro, quen asegura ser un “escritor de tempada outono-inverno” xa que o frío é o que o deixa diante do escritorio. Confesa as rutinas que segue para escribir como, por exemplo, escotitar My Favourite Things na versión de Coltraine e, coa chegada do Twitter, a atención que lle presta aos seus seguidores. Engádese que as súas novelas “teñen moito de obra colectiva”.


Resúmense as perspectivas do actual presidente da Academia audiovisual galega sobre o estado do teatro en Galicia. Así, destácanse as súas impresións sobre a necesidade de
promover contidos de calidade que enchan os teatros da cidade compostelá, as dificultades de presidir unha academia que representa a tantos colectivos diferenciados dentro do audiovisual, os momentos escuros da escena teatral, o actual apoxeo do cine galego, etc.

**Camesella, Silvia**, “Los versos de Rosalía resucitan en las plazas”, *Faro de Vigo*, “Sociedad”, 24 abril 2010, p. 44.


Fálase da exposición “Brais Pinto. O afiador revolucionario” que acolle o Museo Verbum en Vigo. Indícanse os nomes dos integrantes do grupo Brais Pinto, entre os que se atopan Xosé Luis Méndez Ferrín e Raimundo Patiño. Explícase que a agrupación organizaba faladoiros, actividades culturais e, ademais, fundaron unha editorial e unha colección de poesía. Infórmase do encontro que protagoniza Xosé Luis Méndez Ferrín. Cítase a súa obra *Retorno a Tagen Ata*.

**Caneiro, Xosé Carlos**, “De ‘Camiños de amor e lúa”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 2 xaneiro 2010, p. 32.

Reprodúcese un poema pertencente ao poemario *Camiños de amor e lúa* (2009), de Xosé Carlos Caneiro.


Anuncia que o novo presidente da Real Academia Galega será Xosé Luis Méndez Ferrín. Deste xeito, incide en que, tras consultar con diferentes académicos, probablemente o novo presidente se decante por unha política continuista. Por outra banda, destaca os obxectivos principais desta nova executiva: a defensa do idioma galego, a apertura da Academia á sociedade e o incremento da presenza da literatura galega no ámbito internacional. Por último, recolle as diferentes impresións dos
membros da Academia Galega, dende os partidarios de Méndez Ferrín até aqueles que non se pronuncian ao respecto.

**Caño, X. M. del,** “Ferrín se hará cargo de una Academia con graves problemas de financiación”, *Faro de Vigo, “Sociedad”,* 23 xaneiro 2010, p. 43.

Primeiramente dáse a coñecer a nova presidencia da Real Academia Galega que está encabezada por Xosé Luis Méndez Ferrín e sinálase que ao seu lado contará con Xosé Luis Axeitos como secretario e con Manuel González como tesoureiro. Por outra banda, destacase que esta nova presidencia se atopará con dous grandes problemas: un en relación á problemática financeira que está a ter a Academia e a confrontación que a institución mantén co actual goberno da Xunta en materia lingüística. Finalmente comunicanse, pola contra, dúas boas noticias para a actual presidencia: o remate da remodelación das casas de Rosalía de Castro e Manuel Murguía e a celebración do Día das Letras Galegas dedicado a Uxio Novoneyra.


Faise eco da proposta por parte da Asociación de Escritores en Lingua Galega, que preside Cesáreo Sánchez, e o Pen Clube de Galicia, presidido por Luis González Tosar, de escoller a Xosé Luis Méndez Ferrín Premio Nobel de Literatura. Por outro lado, recóllense as dúvidas destes organismos respecto ao coñecemento da obra do intelectual por parte dos académicos suécios e sinálase o obxectivo que dende a Real Academia Galega se procura: traducir a obra dos grandes autores galegos a outras linguas. Por último, destacase que o recoñecemento a Ferrín como premio Nobel suporía “que la literatura gallega se sitúe en el mapa internacional y pueda ser ‘visible’ para otras culturas y zonas geográficas del mundo”.


Dáse conta do pasamento do Profesor Marcos Valcárcel, cuxos restos van ser incinerados na intimidade familiar e logo as súas cinzas van ser esparexidas en Fisterra, onde acostumaba pasar as súas vacacións. Recórdase a súa lucidez mental e as dificultades físicas. Sinálase que a súa morte supón unha grande perda para Galicia, polo pulo cultural que ten dado este intelectual a Ourense e porque viñera cubrir un espazo baleiro deixado polos do cenáculo ourensán: Ramón Otero, Vicente Risco ou Florentino Cuevillas, entre outros. Tanto Alfonso Vázquez Monxardín, amigo do historiador, como o deseñador Roberto Verino fan referencia á fonda tristura polo acontecido no campo da investigación e do estudo. Tamén o pintor Virxilio, o escultor Manuel Buciño ou X. L. Axeitos manifestan a orfandade na que fica a cidade ourensá. X. L. Méndez Ferrín resalta a importancia da obra realizada por Valcárcel que colocou a esta cidade no foco de atención cultural porque foi un estudoso que traballou dun xeito
“escrupuloso e científico” no eido histórico e no xornalístico seguindo a tradición da Xeración Nós. Finalmente tamén o Conselleiro de Cultura e Turismo, Roberto Varela ou o presidente da Deputación de Ourense, Baltar, manifestaron o seu pesar por quen foi un dos mellores historiadores das últimas décadas digno herdeiro dos intelectuais ourensáns aos que dedicou boa parte da súa obra.


Fai referencia á base de datos que recolle a obra gráfica e artística do rianxeiro Daniel Rodríguez Castelao e sinala a coordinación de dito traballo da man de Miguel Anxo Seixas, vicepresidente segundo da Fundación Castelao. A seguir, salienta o labor dos bolseiros dos diversos países nos que residiu o artista e destaca, polo tanto, a colaboración de Moscova, os Estados Unidos, Arxentina, Uruguai, México e de España, especialmente de Galicia. Por outra banda, comenta os contidos constituíntes da base nos que se inclúen os orixinais da pintura e ilustracións de Castelao.


Recolle as diferentes actividades da Fundación Luis Seoane con motivo do seu centenario. Destaca así a exposición que leva por nome “33 escritores debuxados por Luis Seoane”, así como o congreso internacional que se celebrará baixo a denominación “Luis Seoane. Galicia-Arxentina: unha dobre cidadanía”, no que especialistas galegos e arxentinos analizan a súa figura multifacética. A seguir, continúa facendo un breve resumo da traxectoria do artista, destacando a súa percepción da arte como compromiso e a súa convicción da necesidade de comunicación que deben alentar os proxectos artísticos, incluídos os literarios.

Carballa, Xan, “Paus nas rodas ao Instituto Rosalía”, A Nosa Terra, n.º 1.396, “Cultura”, 4-10 marzo 2010, p. 27.

Faise referencia ao manifesto do vinte e catro de febreiro da Asociación de Escritores en Língua Galega no que se defendía a constitución do Instituto Rosalía. En referencia a isto, alúdese a dita proposta e a non realización de dito proxecto comentando a falta de compromiso existente por parte dos organismos pertinentes.

Carballa, Xan, “Mª Pilar García Negro gaña o Vicente Risco”, A Nosa Terra, n.º 1396, “Cultura”, 4-10 Marzo de 2010, p. 27.

Alúdese ao ensaio O clamor da rebeldía. O nacemento do ensaio na literatura galega contemporánea, simultáneo ao nacemento da conciencia de xénero: análise e interpretación de textos rosalianos, gañador do premio Vicente Risco de Ciencias Sociais, escrito por Mª del Pilar García Negro. A continuación, faise referencia ao contido de dito ensaio no que se reflexiona sobre a figura de Rosalía de Castro.
Coméntase a nova do pasamento de Francisco Fernández del Riego aos noventa e sete anos de idade, logo de toda unha vida dedicada á súa terra. Destácase o seu labor coa Xeración Nós e con Galaxia, traballando até o final dos seus días na Fundación Penzol (creada en 1963) dende que comezara alá polos anos trinta a súa incansábel actividade; tamén foi membro do Seminario de Estudos Galegos e do Partido Galeguista, ademais de formar parte do Consello Galego de Galeuzca. Recórdase que traballou arreo no eido cultural a carón de Xaime Illa e Ramón Piñeiro en Galaxia dende 1950 sempre a prol do compromiso con Galicia. Afirmase que o seu paso pola Academia Galega, na que ingresou en 1960, foi decisivo xa que contribuíu á súa promoción e reforzo do Día das Letras Galegas, sendo unha proposta súa a dedicarlle esta data cada ano a un autor galego coincidindo co centenario da publicación de Cantares Gallegos, de Rosalía de Castro. Indícase que foi tamén presidente da RAG en 1997. Destácanse no artigo os innumerábeis recoñecementos da súa vida como o Premio Trasalba, o Pedrón de Ouro ou a Medalla Castelao, entre outros. Decríbense, finalmente, os fortes lazos de unión entre a cidade de Vigo e o intelectual galeguista, xa que á cidade chegou ao remate da contenda civil, nela conseguiu traballo como docente, onde tamén fundaron Galaxia, logo a Fundación Penzol, e ali están todos os fondos bibliográficos, máis de 20.000 títulos, ao servizo dos investigadores para seren consultados. Saliéntase que Vigo recensionou tamén coa Medalla de Ouro da Cidade, foi nomeado Doutor Honoris Causa da Universidade viguesa e leva o seu nome o premio de xornalismo que cada ano outorga Caixanova, ademais dunha praça cun busto do insigne galeguista. Conclúese que se trata dun dos autores máis importantes do século XX e apaixonado do labor cultural. Apúntase que baixo o seudónimo Salvador Lorenzana deixou unha cantidad de publicacións en xornais e revistas de América, Galicia, Madrid e Cataluña; ademais dun número cuantioso de ensaios, Cos ollos do noso esprito (1949), Galicia no espello (1954) ou A xeración Galaxia (1996). Fixo análises das linguas estranxeiras e destaca polas súas narracións e libros de viaxes, sen esquecer as biografías sobre importantes persoios galegos, como Antolín Faraldo ou os seus libros de memorias, como O río do tempo (1991) e Camiño andado (2004).


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu Xornal de Galicia. Neste caso reproducéuse o realizado por Silvia Carregal, intitulado “Agardando”.


Dáse conta das xornadas que a Fundación Alfredo Brañas organiza en honor deste historiador que se convertiu a finais do s. XIX no creador da teoría do rexionalismo galego, pensamentos que resistiron o paso do tempo e que están plenamente vixentes, segundo asegura Pedro Puy, deputado do PPdeG que inaugurou este ciclo de
conferencias na capital galega, avogando igual que o investigador pola descentralización dende unha perspectiva económica e política baseada en criterios racionais e baseando a súa intervención na contraposición entre o rexionalismo e a autonomía. Considérase que as ideas de Alfredo Brañas chegaron dende o extremo galego a conectar con autores italianos e suecos que até fai ben pouco estaban no esquecemento. Reivindícase que se faga justiza con Brañas e que se recoñezan os seus aportes, aínda que sexa criticado pola súa relixiosidade, que estaba moi lonxe dos círculos reaccionarios, porque el era un reformista social, segundo a visión do propio Pedro Puy. Coméntase que ademais tamén intervirán nestas actividades o Catedrático de Historia Contemporánea Ramón Villares ou Antonio Erias, novo presidente da Fundación Alfredo Brañas que destaca o interese por organizar seminarios sobre diversos temas de actualidade.


Resáltase neste artigo a gran calidade do artista plástico pois nel conflúen esa urxencia histórica por conseguir en Galicia unha cultura pública, a natureza social e política da arte e a necesidade de explorar outras artes. Sinállase que estas ideas aparecen reflectidas nos seus ensaios e nos seus textos xornalísticos que son todo un exemplo de galeugidade nos que o artista busca a conexión co seu público rexecitando toda clase de elitismos culturais, segundo o pensamento de Seoane é o autor o que ten que achegarse á sociedade. Considérase que por esta razón sempre está na procura da reorientación da cultura para unha construción nacional que abra para Galicia un mundo de posibilidades, unha Galicia á que lle tiñan usurpado os bens, os discursos e até os símbolos. Apúntase que se trata de buscar qué hai en común nos seus libros de poemas, obras teatrais, libros de relatos, contos ou nas pezas de ensaio concibidas para a emisión radial Galicia Emigrante. Considérase que foi quen de integrar e transcribir coma ninguén esas lendas e saberes tradicionais dentro dos relatos. Engádese que foi el tamén quen adoptou as novas poéticas alemás da obxectividade nos cincuenta e quen elixiu os espazos e as xeografías discursivas nas que predominan Compostela por unha banda e a diáspora pola outra. Sinállase que así é como se percibe no poemario Brétema de Sant-Iago (1956) e nos contos Tres hojas de ruda y un ajo verde (1948). Opínase que o seu público son os espectadores que fican diante das críticas sociais da súa obra escrita, da súa obra mural, e da súa obra plástica onde todo semella estar ao redor do Mestre Mateo e George Grosz, quietude e movemento á vez mentres fai unha exhaustiva análise da realidade. Saliéntase que lle fala sempre ao nós e que nos relata como aconteceu a historia mentres desfilan ante a mirada atónita dese espectador personaxes como Ramón Cernadas que cruza a Pampa a finais do s.XVIII no Fardel do eixilado (1952).


Reprodúcese o poema “Retrato espellado: Rosalía”, de Yolanda Castaño.

Reprodúcese o poema “¡PRA A HABANA!” do poemario Follas Novas (1880), de Rosalía de Castro (Santiago de Compostela 1837-Padrón, 1885).


Coméntase a presentación do libro Do corazón da terra (2009), de Luz Campello, publicado pola Fundación Manuel María na Biblioteca “Uxío Novoneyra”.


Anúnciase a presentación do libro Os días adiados (2009), de Xavier Correa Corredoira, na Biblioteca de Poesía Uxío Novoneyra.


Faise eco da proposta do Concello de Melide que ten por obxecto a distribución, polo Día da Muller, dun conxunto de trípticos e marca páxinas de ilustres galegas, caso de Rosalía de Castro, Emilia Pardo Bazán, Concepción Arenal, Francisca Herrera, Clara Campoamor, María Barbeito, Maruxa Mallo, María Casares, Filomena Dato, Olimpia Valencia, Inés de Castro e Sofía Casanova. Por outra banda, sinala o contido dos trípticos que recollen dende aspectos da vida persoal até a vida profesional das doce figuras da sociedade e cultura galegas. Dise tamén que ditos trípticos e marca páxinas serán repartidos por todos os centros educativos da localidade.


Dáse a coñecer o acto inaugural do segundo “Obradoiro de poesía”, que será impartido polo poeta e o editor Miguel Anxo Fernán Bello dentro da programación “Primavera de las Letras” promovida pola Concellería de Cultura de Culleredo.


Coméntase a presentación do libro Poesía Galega Completa (2009), de Ramón Cabanillas, dentro da programación “Primavera de las Letras” da Concellería de Cultura de Culleredo. Sinálase tamén que o acto terá lugar na Biblioteca Uxío Novoneyra.

Refírese á inauguración, a cargo do fillo de Uxio Novoneyra, da Feira do Libro, que contará con presentacións de libros e conferencias de autores como Xosé Vázquez Pintor, Sergió Villamor, Joaquín Vázquez, Xavier Alcalá ou Pepe Cáccamo, ademais doutras actividades como teatro ou música.


Fálase da mostra “Rosalía ilustrada” que a Deputación Provincial de A Coruña promove por dez concellos. Indícase que a exposición en Melide leva o subtítulo “Rosalía sempre viva. Viva Rosalía!”. Expícase que o obxectivo é conmemorar o cento vinte e cinco aniversario da súa morte.


Dáse conta da homenaxe que o Concello de Culleredo vai render ao escritor Manuel Rivas polo seu compromiso con Galicia e a súa cultura. Sinálase que nesta ocasión Rivas plantará unha cerdeira no xardín do Pazo Melania que se está a converter no “Xardín da poesía”. Anúnciese tamén que habrá a actuación dun dúo de guitarra e voz de dúas alumnas do Conservatorio de Música da vila.


Infórmase de que a exposición itinerante “Rosalía sempre viva. Viva Rosalía!”, organizada pola Fundación Manuel María e a Área de Igualdade da Deputación, se poderá visitar na Casa Museo Rosalía de Castro de Padrón dende o vinte até o vinte e oito de outubro.


Reprodúcese un poema titulado “O POEMA”, pertencente ao poemario  *Os Hemisferios* (2006), de María do Cebreiro.

Acóllese o poema titulado “AS ORFAS” d’*O barrios das chinesas* (2004), de María do Cebreiro.


Inclúese o texto poético titulado “Un parto (nove lúas)”, de María do Cebreiro.


Reprodúcese un poema titulado “A MACIÑEIRA”, pertencente ao poemario *Os Hemisferios* (2006), de María do Cebreiro.


Reprodúcese a composición “A DIFERENZA”, pertencente ao poemario *Os Hemisferios* (2006), de María do Cebreiro.


Fai referencia ao roteiro realizado pola Asociación Cultural Ergueitos conmemorando a figura de Fiz Vergara Vilariño. A continuación, describe os contidos que se poden atopar durante o traxecto constituído por trece puntos sinalados con diferentes esculturas, que lemban algún poema ou aspecto da vida do poeta, e que remata na casa onde naceu o artista. Finalmente, destaca unha escultura que reproduce o artista situada na Fonte da Cova, lugar emblemático na súa obra.


Sección fixa na que se acolle nesta ocasión o poema “de que morreu o mar morto...” pertencente a *Cantáteis. Cantos elegíacos de amozade* (2008), de Chico César.

Reprodúcese o poema “toma este esparadrapo…”, incluído en Cantáteis. Cantos elegíacos de amozade (2008), de Chico César.


Dáse conta da celebración do espectáculo “Mulleres de Palabra”, a cargo de Charo Pita, dentro das actividades organizadas para conmemorar o Día da Muller Traballadora por parte da Concellería da Muller e a Biblioteca Municipal. A seguir, desébírese o contido da obra que consta dun conxunto de relatos onde se mesturan as relacións humanas e as fábulas, e abarca dende a vida e o mundo das bisavoas na emigración, até a vida cotiá das mulleres de hoxe en día. Por último, coméntase que a actividade se enmarca dentro do programa “Letras Vivas” da Consellería de Cultura da Xunta de Galicia.


Primeiramente comenta a celebración en Compostela das seguintes actividades: a terceira Bienal Literaria Internacional do Centro do Pen en Galicia, a cuarta Conferencia da Fundación Iberoamericana do Pen e, por último, a iniciativa a nivel internacional “Libera a palabra!”. A continuación sina a os escritores que participarán na Bienal deste ano: Sergio Ramírez, Luis Sepúlveda, Antonio Sarabía, Paco Ignacio Taibo II e Cristina Peri-Rossi. Entre os autores peninsulares, destaca a Rosa Regás, José María Merino e Antonio Muñoz Molina. Do ámbito galego enumera os seguintes: Xosé Luis Méndez Ferrín, Manuel Rivas, Chus Pato, Fernán-Vello, Tucho Calvo, Bieito Iglesias e Anxos Sumai. Finalmente, coméntase o obxectivo da actividade “Libera a palabra!” de abrir a relación entre os lectores e os escritores.


Dáse conta da presentación da novela Un tipo Listo (2009), de Xosé Monteagudo, gañadora do Premio García Barros 2009, nun acto organizado pola Asociación A Caban, a editorial Galaxia, e o colectivo A Taboada. Por outra banda, coméntase o argumento da obra na que o protagonista é un vello mestre republicano de Sabucedo.


Infórmase que o centro cultural de Sigüeiro acolleu o recital poético “Camiños de amor e lúa” a cargo da poeta Olalla Cociña, dentro das actividades do Ano Xacobeo.

Alúdese ao evento de animación á literatura “Camíños de amor e lúa”, que se leva en trinta municipios por onde pasa o camiño de Santiago e que coincide co ano Xacobeo e co proxecto o Ano do Libro e da Literatura. Desta vez, fálase que este acto tivo lugar na Biblioteca Municipal de Pontecesures e dise tamén que foi presentado polo poeta cesureño Cándido Duro Domínguez. Coméntase que o acto se dividiu en tres partes, e que o primeiro en participar foi o poeta Xosé Carlos Caneiro, co Recital de Amor e Lúa, seguido da poetisa María Lado que estivo acompañada por o guitarrista Xosé Manuel Salgado. Remátase dicindo que este ciclo de eventos finalizará a finais do mes de xuño na capital galega.


Coméntase que o Museo do Pobo Estradense Manuel Reimóndez Portela presentou o décimo terceiro volume anual A Estrada, Miscelánea Histórica e Cultural, publicación que ofrece unha serie de estudos sobre toponimia, biografías, arte, arquitectura ou outras curiosidades como a traxectoria vital do doutor José Pena Eirín, de Genaro Pena Chinarro, de Fermín Bouza Brey, de Xesús Palmou, ou un traballo do filólogo brasileiro Newton Figueiras sobre Neira Vilas. Saliéntase que artigos de Susana Pazo Maside e do propio director do museo, Juan A. Fernández, pechan este “interesante catálogo”.


Anúnciase o falecemento de Suso Díaz, integrante da compañía Sarabela Teatro. Indícanse os recoñecementos que obtivo tales como os premios María Casares. Finalmente recóllese palabras de pésame de Manuel Rivas.


Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu La Voz de Galicia para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Neste caso reproducéuse para a categoría de adultos “A cunca”, de Manuel Mª Chain Pérez.


Recolle a recomendación por parte do actor Ernesto Chao do libro A Praia dos afogados (2009), de Domingo Villar. O actor comenta o seu interese polos libros de intriga así como pola obra de Villar, do que xa tiña lido a súa obra anterior Ollos de auga.

Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu *La Voz de Galicia* para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Nesta ocasión reproducécese para a categoría de adultos “Se busca”, de Félix Cid Conde.


Trátase dun texto “in memoriam” de Loboneyra.


Comeza comentando que a Feria de Industrias Culturais Culturgal aspira a converterse en “A gran casa da cultura galega” ampliando relacións con Brasil e Portugal, e que ofrecerá foros, debates, actuacións musicais e teatrais, exposicións e talleres para nenos e adultos, en diferentes salas; actividades nas que destacan as tertulias ofrecidas por Diego Ameixeiras, Iolanda Zúñiga, Antón Lopo, Xurxo Sierra, Iván García, Fina Casalderrey, Elena Gallego, Manuel Rivas, Marcos Calveiro e Manuel Portas. Explica que esta feria está organizada pola Asociación Cortugal e que conta coa financiación da Consellería de Cultura e a Axencia Galega das Industrias Culturais.


Fálase do Festival Ponte-Poética cuxo obxectivo é acercar a poesía ó público con distintos recitais en espazos públicos. Indícase que está dirixido por Yolanda Castaño e que entre os participante se atopa David Castillo, autor de *Espalda desnuda*, *Downtown* ou *Antoloxía bandeira negra*.


Acóllense o texto narrativo titulado “1. Ruído de Fondo”, de Xabier Cordal.


Realízase unha semblanza da periodista e actriz Maruxa Boga, filla de emigrantes á Arxentina e firme defensora da cultura e a lingua galegas por medio do seu labor como locutora de radio ou da fundación, xunto co actor Fernando Iglesias, “Tacholas”, da compañía de teatro Boga-Tacholas, que levou a escena *Os vellos non deben de
namorarse, de Daniel Rodríguez Castelao.


Nesta sección acóllense os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu Xornal de Galicia. Nesta ocasión reproducéuse “Alexander Selkirk”, de Daniel Costas.


Faise eco do acto de presentación do primeiro poemario de Luz Campello, publicado en 2009, no que estará acompañada de Marica Campo e do editor Alfonso Blanco.


Coméntase nesta crónica que o único integrante do grupo de teatro Ditea dende a súa formación en decembro de 1960 nun bar da rúa do Vilar, é o médico Luis Rodríguez Míguez, xa que os demais xa faleceron. Segue a decir que en Compostela, onde se constituiron, xa leva chovido moito, e que nese bar houbera unha armería chamada “La escopeta”, onde eles mesmos levaron as cadeiras que faltaban para estaren cómodos no local. Afirmase que así foi como asinaron a acta fundacional da compañía teatral que aportaría citas moi interesantes á vida cultural da capital galega, ademais de animar a moita máis xente para que fosen membros do grupo. Saliéntase que o acontecido era publicado en El Correo Gallego e unha vez foron portada do diario La Noche. Destácase os asesores literarios do grupo: Manuel Rabanal, Jesús Precedo Lafuente e Manuel Paz Sueiro e outros moitos colaboradores da agrupación durante todos eses anos. Anúncanse os asesores literarios do concello: Manuel Rabanal, Jesús Precedo Lafuente e Manuel Paz Sueiro e outros moitos colaboradores da agrupación durante todos eses anos. Anúnciase que co gallo da celebración das vodas de ouro o concello lle vai render unha homenaxe. Recóllense tamén diversas anécdotas do grupo que fixo a súa estrea en Noia e Muros e logo representou Melocotón en almibar, de Miguel Mihura no Teatro Principal de Santiago. Milagro foi a peza que estrearon en Compostela. Destácase este grupo pola súa posta en escena e pola súa vistosidade.


Tomando como referente a publicación dun artigo do fillo de Álvaro Cunqueiro titulado “Don Ramón María de Valle- Inclán na vida de Álvaro Cunqueiro”, comenta o breve encontro entre estas dúas figuras literarias facendo alusión ao posíbel parentesco entre ambos. A partir de aquí, fai un breve repaso pola vida de Valle-Inclán destacando a súa actitude respecto aos mozos escritores galegos e as críticas recibidas polos máis “radicales das Irmandades da Fala por non escribir en galego”.

1161

Reprodúcese o poema “DEBUXAR mapas novos...” de As amantes de Hamlet (2003), de Marta Dacosta.


Reprodúcese o poema “aquí...” do volume As amantes de Hamlet (2003), de Marta Dacosta.


Conmemórase o aniversario da primeira vez que se encontraron en París María Casares e o escritor Albert Camus. Citanse as memorias da actriz galega, que foron publicadas no 1980 en Francia baixo o nome Residénte privilégiée e que máis tarde foron traducidas ao español e ao galego no ano 1981 e 2009, respectivamente. No artigo alúdese á historia de amor que tiveron en París e menciónanse tamén as numerosas amantes do premio Nobel de Literatura.


Acóllese o texto narrativo titulado “Un encargo”, de Manuel Darriba.


Reprodúcese nesta sección fixa o poema “Ten coidado”, de Kiki Demoula.


Faise unha louvanza de Antón Lopo como escritor e periodista comprometido, que convive co sistema sen deixar que lle reste liberdade de pensamento.


Comeza dando conta das homenaxes que nas principais cidades galegas tiveron lugar para celebrar o aniversario de Rosalía de Castro. A seguir, fai un breve percorrido pola vida da escritora destacando o descoñecemento que se ten da súa personalidade. Destaca datos como que é filla non recoñecida dun sacerdote, que viviu no rural até
casa con Manuel Murguía e que viviu na mesma rúa que Gustavo Adolfo Béquer, entre outros detalles. Remata lembrando que “Rosalía significa dignificación da lingua galega, voz da liberdade e luz, a luz que guía a todos os galegos para estar orgulhosos da súa patria”.


Dáse conta da entrega da documentación do escritor galego Xoán Casal, por parte da viúva de Raimundo Patiño, á Real Academia Galega. Por outra banda, sinala os contidos da arca entre os que se atopan, ademais de debuxos e escritos, unha serie de poemas producidos durante a “longa noite de pedra”. Así, destaca entre as obras o poema titulado “Campo da Rata” e unha aventura xuvenil literaria en Madrid.

**Díaz, Noelia, “A casa de Manuel María será un museo e albergará a biblioteca persoal do autor”, *La Opinión*, “Cultura”, 18 xuño 2010, p.61.**

Sinálase que a Real Academia Galega presentou o proxecto da Casa Museo Manuel María en Outeiro de Rei. Citase tamén que se poderá visitar a biblioteca persoal do escritor chairego e a propia colección de arte. Côntase que se podrá ver a habitación do reloxo que lle foi de gran inspiración para o autor. Alúdese a que uns dos principais obxectivos era divulgar a súa obra e que o están conseguido grazas a unha publicación da obra inédita *Cecais hai unha luz* (1979). Remátase dicindo que a pesar de ser da Terra Chá tivo unha especial conexión coa cidade d’A Coruña, onde viviu dende que se xubilou.

**Díaz, Noelia, “Méndez Ferrín pide para a Academia o legado dos grandes escritores galegos”, *La Opinión*, “Cultura”, 28 setembro 2010, p. 54.**

Infórmase de que a Real Academia Galega recibiu o legado do escritor e filósofo Xoán Vicente Viqueira. Indícase que no acto estiveron presentes Xosé Luis Méndez Ferrín e Xosé Manuel Beiras, este último encargado de transportar o legado dende México a Galicia. Engádese que a RAG xa conta con legados como o de Manuel Murguía e parte do de Rosalía de Castro. Ofrecense unhas notas biográficas de Viqueira.


Infórmase que a Real Academia Galega cede á Fundación Curros Enríquez a coroa de ouro e prata que recibiu en 1904 e a medalla honorífica de académico. Expícase que ambos os dous obxectos pasarán a formar parte da exposición permanente que leva por título “Na fronte unha estrela da Casa dos Poetas de Celanova”. Coméntase que a mostra está formada por seis espazos. Engádese que a RAG tamén cede outros elementos como un busto do poeta. Finalmente citase a obra *Aires da miña terra*. 

1163

Fálase da sinatura do convenio de colaboración entre a Real Academia Galega e a Fundación Barrié. Indícase que con el se creará “Clásicos da Academia”, unha nova serie editorial que dedicará os seus primeiros títulos a Manuel Antonio, isto é, Prosa e Poesía, Correspondencia e Biografía. Engádese que, con este acordo, se tratará de renovar o compromiso coa lingua galega.


Infórmase de que o teatro Bergidum de Ponferrada acollerá unha homenaxe ao poeta Antonio Fernández Morales organizada pola Universidade de Vigo e pola Asociación Berciana da Lingua Xarmenta. Anúnciase que contará con recitais poéticos, con música e imaxes e con conferencias sobre Antonio Fernández Morales.


Anúnciase que a Asociación Berciana da Lingua Xarmenta entregará o vinte e dous de xuño de 2010 en Ponferrada os seus premios de Debuxo nun acto no que se representará a obra O cego dos Monifates.


Indícase que os académicos correspondentes da Galicia non administrativa de fala galega propuxeron ao poeta Antonio Fernández Morales como autor homenaxeado no Día das Letras Galegas de 2011.


Anuncia que a Asociación Berciana da Lingua Xarmenta propuxo mediante unha carta enviada á Real Academia Galega que Antonio Fernández Morales sexa o poeta homenaxeado no Día das Letras Galegas de 2011 fundamentando a súa proposta en que en 2011 se celebra o cento cincuenta aniversario da publicación da obra de Morales.

Afirma que a Asociación Berciana da Lingua Xarmenta reivindica que o Día das Letras Galegas de 2011 se lle dedique a Antonio Fernández Morales. Asemade, fai unha aproximación á vida de Fernández Morales e indicase que segundo a Axencia EFE esta asociación xa lle enviou á Real Academia Galega unha carta coa súa solicitude que conta co apoio do Concello de Cacabelos, Fundación Martín Sarmiento e mais do Instituto de Estudios Bercianos.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Neste caso reproducécelo o realizado por Mario Docampo, intitulado “A realidade dunha mañá de inverno”.


Acóllese o texto narrativo titulado “A muller e as pombas”, de Xabier P. Docampo.


Preséntase o grupo teatral Furafollas liderado por Barrangas, un galego afincado en Barcelona. Por iso, fai un breve resumo da traxectoria do actor e as razóns polas cales naceu esta agrupación teatral. Refírese a súa aparición no seu dunha iniciativa da Universidade de Barcelona para promover o contacto coa lingua galega entre os estudantes de filoloxía. Sinálase, deste xeito, que a finalidade do grupo radica en ver o teatro “como herramienta para difundir la cultura y la lengua gallega”.

Infórmase do xurdimento de Redelibros.es, unha plataforma virtual cuxo obxectivo é servir de punto de encontro entre todo o universo do libro en Galicia.


Acóllese o texto narrativo titulado “Monólogo exterior”, de Antonio Doñate.


Comenta que o Club de Prensa de Ferrol presenta a vixésima primeira Edición de “Galicia en Foco”, na que participan fotógrafos de diferentes medios de comunicación, e destaca o “valor testimonial” da mostra. Subliña ademais a participación de Xulio Valcárcel, quen engadiu “o suplemento poético” ao catálogo que recolle a mostra fotográfica.


Refírese ao segundo poemario do escritor Alfonso Álvarez Cáccamo, constituído por recordos da súa adolescencia e os seus primeiros anos de madurez, marcados pola morte do seu irmán e do seu amigo Xosé Humberto Baena. A continuación, destácanse as temáticas tratadas no poemario titulado *Sebes contra o vento* (2009), como son a dor e a perda dos seres queridos e a aceptación da morte con naturalidade.


Dáse a coñecer a obra de Xavier Rodríguez Baixeras titulada *Bos tempos para a lírica. A xeración de 1980* (2009), na que pretende homenaxear a súa xeración poética. Destácase o labor do autor na súa pretensión de abordar os puntos en común da xeración dos oitenta e subliñanse as súas palabras ao salientar “a acusada variedade estilística da eclosión poética destes anos”. Finalmente coméntase o obxectivo desta xeración, que pretendía crear un discurso “culto, rico, para a lírica do país, e non tanto de referencias doutras artes”.


Describese *El otro medio siglo. Antología incompleta de poesía iberoamericana* (2009), coordinada polo profesor, ensaísta e crítico literario Antonio Domínguez. Sinálase que o volume foi editado pola Editorial Espiral Maior. Por outra banda, coméntase o contido desta obra que recolle en seiscentas doce páxinas un total de cento once poetas de Suramérica, España, Galicia, Cataluña e País Vasco nos seus respectivos idiomas propios, agás no caso do éuscaro. Apúntase que os poetas galegos escollidos son Manuel Cuña, José Ángel Valente, Manuel María, Uxío Novoneyra, Antón Avilés de
Taramancos, Xosé Luís Méndez Ferrín, Arcadio López Casanova, Xavier Rodríguez Baixeras, Anxeles Penas, Xosé María Álvarez Cáccamo, Xulio López Valcárcel, Xavier Seoane, Claudio Rodríguez Fer, Miguel Anxo Fernán Vello e Eusebio Lorenzo Baleirón. Por último, coméntase que a edición do libro forma parte do proxecto de Auliga (Asociación Internacional de Amigos da Universidade Libre Iberoamericana en Galicia).


Describese Klásicos (2009), de Marcelino Fernández Mallo, e coméntanse as súas peculiaridades en canto ao narrador elixido, o ton no que está escrito, cuestións temáticas, etc. Así, saliéntase o ton irónico co que son retratadas as clases altas dentro dunha historia que “xurdiu da observación da realidade”. Caracterízase a obra como un retrato da sociedade que pretende facer visíbeis as diferenzas entre os seus diversos grupos.

**Dopico, M.**, “Noite de inverno. Tiros na montaña”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 4 febreiro 2010, p. 34.

Dáse a coñecer a peza teatral de Manuel Lourenzo Medea, publicada xunto con outras cinco obras do dramaturgo en Medea de fuxidos e outras pezas (2009), volume editado por Biblos Clube de Lectura. A continuación, cóntase o argumento da peza da que se sinala que “o fondo da traxedia de Eurípides é, así, actualizado e situado na guerra civil”. Finalízase sinalando que a peza teatral obtuvo o premio da Sociedade Filantrópico-Dramática de Ribadeo no 1984.


Coméntase a exposición “Brais Pinto. O afiador revolucionario”, que trata de recoller o percorrido do grupo e as súas influencias na cultura galega e no nacionalismo. Con motivo de dita exposición, faise unha breve traxectoria pola constitución e obxectivos principais do grupo. Primeiramente fálase da finalidade deste grupo de poñer Galicia dentro de Europa e da vangarda para, a seguir, comentar a heteroxeneidade dos membros pertencentes ao grupo: dende responsábeis da banca até executivos de empresa, pasando por cineastas e historiadores. Remátase indicando que a finalidade da mostra é analizar os antecedentes e actividades do grupo.


Aborda a obra Unicorn (2009), de Rosa Enríquez, facendo referencia ás semellanzas das inquedanzas insertas nesta obra e as do seu anterior poemario, *Vestíbulo de devastación* (2007). A seguir, enumera as diferentes temáticas tratadas, salientando a problemática político-social, o existencialismo e a vida comunitaria, entre outras. Por outra banda, salienta a crítica de fondo patente no texto, dende a que se poñen en
evidencia as desíguales sociais, o abuso de poder ou o individualismo. Remata comentando a técnica empregada para a realización do libro, elixindo o “manuscrito encontrado”.

**Dopico, M.**, “Sopa de alg-as”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 20 febreiro 2010, p. 34.

Recolle as diferentes actividades artísticas e culturais levadas a cabo polo grupo Alg-a dentro das xornadas de Sopa de Alg-as, destacando o curso de poesía con María Lado. Entre outras das actividades, sinala a instalación de poesía visual de Ellas (Antía Sánchez e Lucía Romani), unha actuación de poesía e danza de Ledicia Costas, así como os recitais dalgunhas composicións incluídas n’*A porta verde do sétimo andar* (2007), por parte de Elvira Riveiro e Silvia Pernas. Por último, describe o nacemento desta agrupación como un espazo de encontro entre artistas até chegar a constituír o Laboratorio considerado coma “unha obra constante”.


Afirmase que *A ollada melancólica* (2009), de Antonio Campos Romay, está formada por vinte e un relatos que retratan os tempos “de penuria e miseria moral que seguiron ao golpe do 36”. Coméntase que se inicia cun relato sobre a República nun barrio de Vigo, no que se rememora a “época triste” cun estilo directo e unha prosa “contundente”. En definitiva, asegúrase que se trata dunha crónica do retroceso social, cultural e político que supuxo o franquismo. Ademais, citanse outras obras de Campos Romay como é o caso do volume inédito *A illa das deusas sen sorte* e *Desde a Fosa da Morte*, que escribiu xunto con Mari García Añón e Fernando González Laxe.

**Dopico, Montse**, “Para cantar o noso”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 14 abril 2010, p. 34.

Dáse conta do proxecto organizado pola Asociación Cultural Musical Sofía en colaboración coa concellería de Cultura de Santiago e que leva por nome “Os nosos poetas a través da música”. Así, enumera o repertorio de poetas e composicións que conforman a iniciativa e destaca “Rosas” e “A Saleta”, de Manuel Maria; “Negra Sombra”, de Rosalía de Castro; “Lela”, de Daniel Rodríguez Castelao; “Apreixar o vento”, de Marta Dacosta; e “Soneto a Terra Chá”, de Chao Rego, todos eles musicados por Xosé Carlos Seráns, Mato Hermida e Xoán Montes.


Faise eco do acto de presentación do volume colectivo coordinado por Antonio M. Pazos *Vida e tempo de Sofía Casanova* (1861-1958), e comenta a orixe da publicación no seminario “Feminino Singular: vida e tempo de Sofía Casanova”, organizado polo mesmo Instituto en 2008. Sinala que conta cun limiar a cargo de Eduardo Pardo de Guevara e que se inclúe unha recensión de Encarna Otero sobre esta escritora no *Álbum de Mulleres* do Consello da Cultura Galega. Destaca asemade o seu nomeamento como
membro correspondente da Real Academia Galega en 1952, xunto á análise que Rosario Martínez, autora de *Sofía Casanova: mito e literatura* (1999), leva a cabo no volume. No aparte “Unha cronista do ‘ABC’ moi popular” comenta unha das comunicacións recollidas no volume a cargo de Kirsty Hooper, autora de *A Stranger in My Own Land: Sofía Casanova, a Spanish Writer In the European Fin de Siècle*. Salienta os exemplos que ela aduce das reacções de escritores masculinos como Miguel de Unamuno ou Juan Valera perante esta muller e pasa a comentar a comunicación de Olga Osorio, centrada no seu labor de correspondente do *ABC*, xunto á de Carmen Blanco, que compara a súa traxectoria coa da anarquista Emma Goldman. En tres breves parágrafos tamén á parte subliña o rol de cronista de Casanova, así como o de testemuña da revolución bolxevique e da ocupación de Polonia polos nazis.


Dáse conta da celebración do Festival de Poesía do Condado, que celebra a súa XXIV edición baixo o lema “Lingua e Serviços em mao comúm”. Tras falar das diferentes propostas e actividades a realizar con motivo do festival, céntrase na publicación dunha antoloxía da poesía feminista que está a preparar a Assembleia de Mulheres do Condado. Desta destácase que participan un total de vinte e dúas poetas, entre elas Yolanda Castaño, Ana Romaní, Andrea Nunes, e Eva Veiga. Finalmente, apúntase que este colectivo é unha organización feminista que traballa no rural cunha acción directa.


Lémbrase o falecemento de Ricardo Carballo Calero en 1990 recuperando un artigo publicado nese ano. A seguir, recórdase a contribución do intelectual ás letras galegas e sinálase o seu labor como historiador, crítico e escritor, así como a súa defensa na difusión do idioma galego. Finalízase sinalando a figura de Ricardo Carballo Calero como un dos expoñentes do galeguismo de posguerra.


Díse que o autor Alfredo Conde foi galardoado pola súa novela *El Griffón* co Premio Grinzane Cavour de literatura. Alúdese a que esta tamén recibira o Premio Nacional de Literatura no ano 1986, o Premio Nacional de Crítica Literaria Española e o Premio Eduardo Amor, entre outros. O autor afirmou que con este premio o galego deu un paso máis cara a súa normalización. Díse que foi traducida por Giuseppe Tavani especialista mundial da lírica galaico medieval.


Di que a Universidade Nacional de Educación a Distancia (UNED), distinguirá con catro doutorados honoris causa a diferentes representantes das linguas do estado. Neste
senso, destaca ao distinguído co honoris causa Xesús Alonso Montero e engade que no seu discurso de agradecemento homenáxeairá aos “poetas galegos do antifranquismo”. Di tamén que incluírá no mesmo a Lorenzo Varela, un inédito de Dario Xohán Cabana, e composicións de Xesús Rábade Paredes ou Arcadio López-Casanova.


Dáse conta da cita do bienal da diversidade lingüística por parte do PEN Clube galego. Di que este ano se reúnen baixo o lema “Todas as literaturas, a literatura” e alúdese a que o encontro e maioritariamente latinoamericano xa que Galicia é un punto de encontro para as linguas sudamericanas. Tratarase do valor literario de moitas linguas e da implicación de Babel. Sinálase que esta cita estase a dar en Santiago, aínda que o sábado pasarán o día en Ourense. Di que tamén que a esta cita non faltaron numerosas personalidades como o responsábel do PEN galego xunto ao presidente internacional da asociación, entre outros.


Comenta as traducións dende o galego ao inglés e os autores. Indica que o número total de libros traducidos é de trinta e tres e que, entre eles, seis títulos pertencen a Manuel Rivas, o último *Os libros arden mal*. De autores clásicos, comenta que tan só se fixeron tres escolmas poéticas de Rosalía de Castro, que suman un total de cento vinte e cinco poemas. Di tamén que o único autor con perfil comercial a parte de Rivas é Álvaro Cunqueiro, coa tradución de *Merlín e familia*. Outro autor destacado é Domingo Villar, coas traducións dos seus libros dende o castelán. Finalmente salienta que outros dos libros traducidos son *Arredor de sí*, de Ramón Otero Pedrayo; *Memorias dun neno labrego*, de Xosé Neira Vilas; *Vento ferido*, de Carlos Casares; *Xente de aquí e de acolá*, de Álvaro Cunqueiro e *De catro a catro*, de Manuel Antonio.


Coméntase o inicio da Feira do Libro na Alameda de Santiago de Compostela e sinálase que contará con vinte e dous expositores (cinco máis que o ano anterior). Destácase ademais que, paralelamente á feira, terá lugar A Feria das Artes Plásticas, así como diferentes actividades: contacontos, obradoiros de realización de marca páxinas, recitais poéticos ou maxia.


Dáse conta da celebración dunha misa en San Domingos de Bonaval o vinte e cinco de xullo, co gallo do cento vinte e cinco aniversario da morte de Rosalía de Castro, e anúnciase que acudirán diversos representantes da vida política e das principais institucións galegas.

Anúnciase a inauguración da mostra poética e pictórica na sala Zona C entre as diversas actividades programadas para os peregrinos e visitantes de Compostela, mostra na que destacan cadros e ilustracións de Xurxo Gómez-Chao, Isabel Pintado ou Fidel Vidal e textos das poetas Úrsula Heinze ou Xohana Torres, entre outros.


Faise eco da inauguración da casa da cultura de “A. D. Rodríguez Castelao” en Salceda, dando a coñecer as diferentes actividades culturais propostas pola iniciativa. Sinállase que na apertura estivo Avelino Pousa Antelo, presidente da Fundación Castelao, quen recoñeceu a figura do intelectual.


Con motivo do segundo aniversario do pasamento do escritor e poeta Xosé Carlos Gómez Alfaro, incide na posibilidade de nomear este autor fillo adoptivo da Garda e mesmo de crear un premio de poesía que leve o seu nome. Ante a falta de realización destas peticions, critica a falta de compromiso das organizacións pertinentes para, a seguir, rematar facendo un repaso polas publicacións do escritor.


Alúdese ao acto que tivo lugar en Tui en conmemoración dos primeiros Xogos Florais de Galicia de 1891. Sinállase que o acto estivo acompañado de música e literatura por parte de Marga do Val, Darío Cabana que foi o tradutor ao galego d’_A Divina Comedia_ e _O Cancioneiro_, e María Xosé Queizán.


Recolle a iniciativa proposta pola responsábel da área de Cultura do Grupo Parlamentario do BNG, Ana Pontón, que defende a declaración como Ben de Interese Cultural da obra e vida do político galeguista Alfonso Daniel Rodríguez Castelao. A seguir, dá conta dos motivos que tratan de avalar dita proposta, como a necesidade de proxección do legado do intelectual, ou dar a coñecer a súa importancia e relevancia no ámbito da ensinanza e na aprobación do Estatuto de 1936.

Faise eco das actividades levadas a cabo no Ano do Libro e da Lectura e que terán lugar na TVG e a radio coa finalidade de incluílas en ambos espazos informativos para promocionar os escritores galegos e a súa obra. A seguir, explica as iniciativas propostas: por unha banda, na televisión, destácase a actividade que leva por nome Palabra de autor/Palabra de autora, coa que se pretenden dar a coñecer as novidades literarias en Galicia; e por outra, na radio, sinálase o espacio denominado Biblioteca Aberta, que contará con ilustradores e directores de bibliotecas. Por último, fai referencia á inscrición das actividades de promoción do libro e da lectura na celebración do Xacobeo.

Dá conta das actividades propostas pola Escola Superior de Arte Dramática de Galicia e a Axencia Galega das Industrias Culturais a través de tres ciclos que recollen a historia do teatro en Galicia. A seguir, enumera as personalidades coas que conta cada un dos ciclos. Destaca dentro do ciclo “Memorias do Teatro” un relatorio do actor Antón Durán Morris, conferencias da actriz e dramaturga Dorotea Bárcena, do actor e director Xulio Lago e do dramaturgo Cándido Pazó. Ao mesmo tempo, destaca do ciclo “Drumaturxias.com” que contará coa escritora María Xosé Queizán, co actor e director Gustavo Pernas e co guionista e dramaturgo Raúl Dans. Finalmente, do curso de “Literatura Dramática Galega”, coméntase a impartición das clases por parte de Manuel F. Vieites.

Coméntase a inauguración da exposición “As misións Pedagóxicas 1931-1936”, na Casa das Associações de Santiago de Compostela. Destácase, deste xeito, a figura de Rafael Dieste e sinálase o seu traballo durante seis meses percorrendo as catro provincias galegas nun labor alfabetizador.
Dá a coñecer o nomeamento da nova directora do Centro Dramático Galego, a actriz Blanca Cendán. Acto seguido, comenta as actividades a realizar por esta na institución como: exercer a dirección artística do centro, coordinar e planificar a actividade das sedes ao seu cargo, formular o plan de programación anual do CDG e do Salón Teatro, encargarse de seleccionar e contratar as empresas de produción dos espectáculos programados, etc. Por último, remata facendo un breve percorrido pola vida profesional da nova directora e destaca a súa especialización en cabaré e teatro musical, que a levou en 2002 a fundar a compañía BB Produción. Sinala tamén a súa participación como actriz de teatro nas obras Os vellos non deben de namorarse, de Teatro do Morcego; Eliana en ardentia, de Nordesía e A matanza dos seixas, de Teatro alla Scala 1:5. Tamén comenta a súa participación en series de televisión como Pratos combinados, Galicia Expréss, Fíos, A vida por diante, Terras de Miranda e Padre Casares.

Comenta que a Semana do Libro e da Lectura comezou en Lugo cun ciclo de conferencias chamado Canto de permanencia e di que diferentes expertos analizarán a creación literaria de Uxío Novoneyra. Engade que a inauguración das mesmas correu a cargo do Vicepresidente da Deputación de Lugo, Antón Bao, e do Presidente da Asociación Socio-Pedagóxica Galega, Xoán Costa.

Sinala que a Asociación de Escritores en Lingua Galega (AELG) celebrará a décimo sexta edición do homenaxe O Escritor na súa Terra e di que este ano se dedicará a Marilar Aleixandre. Comenta tamén que o obxectivo de dita celebración é recoñecer “a entidade literaria de insignes figuras das letras galegas” e que para elo se realiza a entrega dun galardón, se dispón a plantación dunha árbore e a colocación dun elemento conmemorativo no lugar de orixe do escritor.

Infórmase do convenio de colaboración asinado pola Consellería de Cultura e a Fundación Curros Enríquez para a realización de actividades culturais ao redor da obra deste autor, como a mostra “Exposición na fronte unha estrela” e o curso “Gravados para Curros Enríquez”.


Infórmase que o director de cinema Ignacio Vilar xunto coa Editorial Galaxia queren levar ao cine a obra *A Esmorga*, de Eduardo Blanco Amor. Indícase que no acto estiveron presentes persoas como Víctor Freixanes. Apúntase que as tres grandes forzas políticas de Galicia están de acordo no proxecto.


Fálase da adaptación ao cine da novela de Eduardo Blanco Amor, *A Esmorga*. Expícase que este proxecto lévano a cabo o director de cinema Ignacio Vilar e a Editorial Galaxia. Apúntase que as tres grandes forzas políticas de Galicia están de acordo coa idea.


Anúnciase que os tres grupos políticos con representación no Parlamento instaron á Xunta para que iniciase a preparación dos actos conmemorativos do centenario do nacemento de Álvaro Cunqueiro.


Anúnciase a homenaxe que a Xunta de Galicia renderá a Francisco Fernández del Riego, falecido aos noventa e sete anos, presidida polo titular do Executivo autonómico, Núñez Feijóo e que terá lugar no CGAC, xunto a representantes do Consello da Cultura Galega, a Fundación Penzol ou a Editorial Galaxia. Sinálase que estarán presentes os familiares do intelectual e que intervirán Ramón Villares, X. L. Méndez Ferrín, Alfonso Zulueta de Haz ou Víctor Freixanes, ademais da ambientación musical que estará a cargo do Cuarteto Rosalía en honra de quen foi un dos grandes persoeiros da cultura galega.


Reprodúcese un poema de *Apostasía* (2006), de Óliver Escobar.


Insírese un texto do poemario *Apostasía* (2006), de Óliver Escobar.


Inclúese unha composición extraída do poemario *Apostasía* (2006), de Óliver Escobar.

Inclúese nesta sección fixa “Ti”, composición de Arturo Esteban.


Dáse conta da homenaxe literaria que se celebrou na casa museo de Rosalía de Castro e na que se reinvindicou a figura da ilustre poeta pola súa modernidade e por ser unha autora innovadora e comprometida co seu pobo, segundo afirmou a Secretaría de Igualdade Marta González Vázquez. Destácase que entre os asistentes estaban o Secretario de Política Lingüística, Anxo Lorenzo, a presidenta da Fundación Rosalía, Helena Villar Janeiro, a escritora Marina Mayoral, Xosé Miranda e Belén Fortes, que participaron tamén nunha mesa redonda e coincidiron en declarar a Rosalía como un valor imprescindíbel do patrimonio cultural galego.


Sección fixa na que se acolle o poema “detrás dos muros...” pertencente ao poemario *Os veos da paisaxe* (2009), de Eduardo Estévez.


Sección fixa na que se acolle o poema “na cociña unha avoa...” pertencente a *Os veos da paisaxe* (2009), de Eduardo Estévez.


Reprodúcese o poema “a paisaxe ocúltase” d’*Os veos da paisaxe* (2009), de Eduardo Estévez.


Comunicárase a doazón da Xunta de Galicia dun millar de libros en galego á biblioteca Rosalía de Castro, situada en Bos Aires e integrada noutra denominada Julio Cortázar. Sinálase que se pretende dar a oportunidade aos emigrantes galegos en Arxentina a acceder a libros escritos na súa língua de orixe. Por outra banda, destácase que a iniciativa forma parte dun proxecto maior que ten como finalidade facer chegar a literatura e a cultura galega a outros países. Así, coméntase que na mesma cidade de Bos Aires tamén se levarán libros en galego á Biblioteca Nacional de Bos Aires.
Especifícanse tamén algúns dos autores que se poden atopar nas bibliotecas, entre os que están Rosalía de Castro, Celso Emilio Ferreiro e Daniel Rodríguez Castelao. Finalízase comentando a elección de comezar polo galego tendo en conta as vinculacións entre ambos países.


Anúnciase que o Museo de la Emigración Gallega de Bos Aires dixitaliza os documentos do Centro Republicano.


Fálase das xornadas sobre Luís Seoane que se celebraron en Bos Aires e nas que se analizaba a traxectoria deste autor. Indícase que Silvia Dolinko organizou o evento co fin de conmemorar o centenario do nacemento de Seoane. Apúntase que outro dos obxectivos era fomentar o diálogo entre os distintos investigadores arxentinos que traballan sobre esta figura.


Faise unha crónica da historia da Federación de Sociedades Gallegas de la Argentina (FSG) co gallo dos seus noventa anos de vida, fundada a finais de outubro de 1921 e que naceu coa intención de denunciar a explotación dos campesiños galegos por parte da clase caciquil dominante, e cun pensamento claramente de esquerdas. Entre os seus postulados estiveron os de defender a República e axudar aos exilados que chegaban a Bos Aires durante a guerra e a ditadura. Apunta Ruy Fariñas, historiador e investigador do Museo da Emigración Galega (Mega) arxentino, que a emigración tivo un papel decisivo no desenvolvemento político e social galego ao longo de todo o s. XX. Destácase a iniciativa da institución de crear un xornal, *El despertar gallego*, que logo pasaría a chamarse *Galicia*, páxinas nas que se pode ver claramente cal era a súa postura ideolóxica e que foi clave non só para a vida social da colectividade galega arxentina senón que tamén era moi lido en Galicia. Entre os intelectuais que por aquela época foron chegando á capital arxentina, destacan as polémicas entre Castelao (partidario da creación doutros centros nas provincias do país latinoamericano) e Eduardo Blanco Amor, Arturo Cuadrado ou Luís Seoane, contrarios a esta postura. Chegou esta federación a integrar máis de dez mil membros; na actualidade, cuns catro mil afiliados, o seu presidente é Francisco Lores, que é moi contundente nas súas afirmacións xa que seguen moi de preto o que acontece en Galicia e están en contra do afogamento da lingua galego ao igual que defende rotundamente o voto dos emigrantes.


Destácanse os aspectos máis relevantes da última obra de Suso de Toro publicada por Xerais e que leva por título *Sete palabras* (2009). En referencia ao seu argumento, sinálase a intención de mergullar o lector na Historia de España a través da visión dun autor que trata de atopar as súas orixes. Aclámase ademais a capacidade do escritor para combinar o interese por contar unha boa historia coa consecución de técnicas e recursos narrativos. Remátese recoñecendo o labor do autor para traspasar as fronteiras, ao tempo que mantén o seu compromiso con Galicia.


Fálase da mostra Poesía Suspensa distribuída ao longo do Camiño de Santiago nos albergues máis representativos. Indícase que o obxectivo é “seducir ao peregrino ou ao visitante cara ao pensamento”. Explícase que está formada por cincuenta e tres pezas poéticas de autores como Gioconda Belli ou Luz Pozo, e de cadros de autores como Xurxo Gómez Chao ou Fidel Vidal. Engádese que cada poema está exposto na súa lingua orixinal acompañada dunha tradución ao galego, exceptuando aqueles escritos orixinalmente en castelán ou portugués.


Destácanse os eloxios ao falecido Francisco Fernández del Riego pola súa promoción e difusión do Día das Letras Galegas e anuínciase que os seus restos serán incinerados en Vigo. Saliéntase tamén o seu inxente labor participando na elaboración do Estatuto de Autonomía, a creación da Editorial Galaxia e da Fundación Penzol, ademais de ser el o único que conectou cos grupos da emigración, como asegura Isaac Díaz Pardo nas súas declaracións. Tamén Roberto Varela, conselleiro de Educación, afirma que foi un piar fundamental da cultura galega durante todo o s. XX, mentres que Xosé Luis Méndez Ferrín (RAG) ou Cesáreo Sánchez (AELG) falan da importante sementeira que deixou entre nós para que os devanceiros sigan as súas pegadas. Por último, faise referencia ao memorial instaurado na Casa Galega da Cultura onde se sitúa a sede da Fundación Penzol e a invitación a participar en todos estes actos na memoria de don Paco.


Infórmase dos actos de conmemoración do aniversario da morte de Celso Emilio Ferreiro na terra que dá nome ao seu poemario *Onde o mundo se chama Celanova*, tales como recitais, unha cea popular ou xogos tradicionais. Faise eco tamén da homenaxe que lle brindarán a Fundación Celso Emilio, as Redes Escarlatas e o colectivo cultural Arraianos no cemiterio de San Breixo, que arrincará coa presentación do novo número da revista *Arraianos* e seguirá cun recital poético e musical a cargo de poetas como Xosé Luís Méndez Ferrín e músicos da terra.


Infórmase de que a Casa dos Poetas de Celanova entra a formar parte da nova xunta directiva da Asociación de Casas Museo y Fundaciones de Escritores de España que aglutina corenta e cinco casas-museo, entre as que se atopa a de Cervantes ou Rosalía de Castro.


Infórmase de que a Real Academia Galega cede á Fundación Manuel Curros Enríquez a coroa de loureiro de ouro e prata que a cidade da Coruña lle regalou a Curros en 1904. Indícase que estiveron presentes na firma do convenio Xosé Luís Méndez Ferrín e Xosé Luis Axeitos. Explícase que as pezas poderán verse na mostra “Na frente unha estrela”.


Infórmase de que Manuel Curros Enríquez é un dos posíbeis nomes que podería levar a estación do AVE de Ourense, xa que o poeta foi pai e avó de ferroviarios que
traballasson na “Compañía del Norte”. Destácase igualmente o alegato que este escritor fixo sempre en favor da chegada do tren como símbolo de prosperidade para a provincia ourensá. Apúntase que este escritor progresista ten na súa obra unha gran cantidade de poemas nos que aparecen diversas referencias ao ferrocarril coma n'O divino sainete, onde relata a viaxe en tren até Roma. Finalmente sinálase que o alcalde de Celanova xa remitiu cartas ao concello de Ourense e ao Ministerio de Fomento informando desta iniciativa, e ademais xa começaron unha campaña de adhesións en institucións e entidades culturais para que sexa decidido co consenso de todos pois Curros é ben merecente de que a futura estación ferroviaria leve o seu nome.


Fálase da presentación, polo Día da Muller Traballadora, de *Elas teñen a palabra*, de Marcela, Lara e Andrea Porto Mato. Indícase que a obra vai acompañada de ilustracións de Roberta Vázquez.


Faise fincapé no importante labor dos intelectuais galegos no exilio como voz crítica contra o réxime franquista a través de diferentes publicacións como *Galicia Hoy*, de Isaac Díaz Pardo; *Os Dez Puntos da UPG*, coordinado por Foz; ou *Terra e Tempo*, órgano oficial da UPG, con colaboracións de Eduardo Blanco Amor e Celso Emilio Ferreiro. Destácase, finalmente, a omnipresencia de Luis Seoane como artista comprometido coa realidade galega da época.


Entre outras informacións, alude a que nunha visita a Moscú na época do “Viejo Régimen” tivo a ocasión de comprobar que na editorial Progreso se esgotou en dúas horas unha edición que era a “última novedad”. Explica que se trataba da tradución ao ruso d’*A esmorga*, de Eduardo Blanco Amor.

**Fernández, Xurxo, “Pastora”, El Correo gallego, “Crisol”, 1 novembro 2010, p. 56.**

Baixo o título “Ars longa, vita brevis”, indica que Xavier Castro impartirá un curso en “Lar das meigas” sobre a relación do viño coa literatura. Precisa que para o primeiro nivel tratará a relación que se establece con Charles Baudelaire, Álvaro Cunqueiro, Miguel de Cervantes, Ramón Mª del Valle-Inclán e Aymeric Picaud. Apunta que, no segundo e avanzado nivel, Castro analizará a conexión cos escritores Rosalía de Castro, Emília Pardo Bazán, Federico García Lorca, Pablo Neruda e Ernest Hemingway.

**Fernández, Xurxo, “Unha fonte infinita de leda e complexísima sabedoría”, El Correo Gallego, “2 domingo”, 14 novembro 2010, p. 3.**
Fálase da revista *Nós*, creada por Daniel Alfonso Rodríguez Castelao, Ánxel Casal e Vicente Risco. Refírese a Ramón Otero Pedrayo e sinálase a súa condición de crítico e afeccionado á música clásica.


Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “Busca”, de X. X. Fernández Abella.


Reprodúcese un texto de Francisco Fernández del Riego (Vilanova da Lourenzá, 1913-Vigo, 2010) redactado en outubro de 2004, no que rememora a súa adolescencia nas festas estivais de San Lourenzo en Foz e do Conde Santo na súa vila natal xunto a Álvaro Cunqueiro.

**Fernández Naval, Francisco X., “Un dramaturgo galego afincado en Portugal e México”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 16 decembro 2010, p. 53.**

Obiturio de Xosé M. Blanco Gil, falecido aos sesenta e catro anos en Ciudad Juárez, México, director teatral ourensán que estaba a cargo da compañía Candilejas del Desierto cando estaban a piques de estrear a súa nova representación na cidade mexicana. Faise un repaso da súa traxectoria formando parte da compañía Histrión nos anos setenta e obtendo importantes éxitos co espectáculo *Tempo de chorar*, baseado nos poemas de *Longa noite de pedra*, de Celso Emilio Ferreiro ou con pezas de Ionesco e Camus. Instalouse despois en Lisboa fundando Teatro Ibérico con importantes montaxes como *Vodas de sangue* de Lorca, representación á que acudiu o mesmo Eduardo Blanco Amor e que o propio autor do artigo coñeceu nesa data. Apúntase que a súa actividade no país luso foi recoñecida polo goberno coa Orde do Mérito. Coméntase que ten dirixido, non sen controversia, o Centro Dramático Galego, causas polas que se distanciou da súa terra natal.


Sección fixa na que se acolle nesta ocasión o poema “ASISTIMOS á cremación...” pertencente a *Metal central* (2009), de Alfredo Ferreiro.

**Ferreiro, Alfredo, “De ‘Metal central”, Galicia Hoxe, “MARÉ”, 24 maio 2010, p. 32.**

Reprodúcese o poema “A FÁBRICA” de *Metal central* (2009), de Alfredo Ferreiro.

Insírese o poema “MEDO” de *Metal central* (2009), de Alfredo Ferreiro.


Sección fixa na que se acolle o poema “CONSUMOS...” pertencente a *Metal central* (2009), de Alfredo Ferreiro.


Inclúese a composición “Medo”, do poemario *Metal central* (2009), de Alfredo Ferreiro.


Reprodúcese “CONSUMOS”, poema incluído en *Metal central* (2009), de Alfredo Ferreiro.


Insírese a composición “CUALIDADES” do poemario *Metal central* (2009), de Alfredo Ferreiro.


Sección fixa na que se acolle nesta ocasión o poema “MEDO” pertencente ao poemario *Metal central* (2009), de Alfredo Ferreiro.


Comenta o terceiro encontro literario “Cidade da Coruña” e sinala que as actividades inscritas para o encontro se dedicarán a potenciar a consideración da literatura de viaxes, baixo o epígrafe “Literatura e viaxe”. Entre os escritores invitados, destácase a presenza de Juan Gelman, Helia Correia e Alberto Mangel, entre os estranxeiros; e a de Miguel Anxo Murado e Xavier P. Docampo, entre os galegos. Con respecto a este último, reproduce as verbas da concelleira de cultura, quen enfatiza as viaxes imaxinarias do autor.


Recóllese a iniciativa levada a cabo na “Fiesta del libro” que se celebra nos xardíns de Méndez Núñez na Coruña. Describe, deste xeito, o servizo de asistencia médica posto a disposición dos lectores, no que un grupo de bibliotecarios, na pel de doutores, receitan os libros máis indicados para cada tipo de lector. A seguir, pone un exemplo co libro de Xosé Carlos Caneiro, *Amote* (2003), para aqueles que padecen mal de amores.


Dáse conta das actividades levadas a cabo para conmemorar o Días do Libro a través dunha iniciativa da Xunta nomeada “Agora libros. Os libros nas prazas”. Descríbese así, o contido de dita actividade, que proponía constituir os versos do poema “Negra sombra”, de Rosalía de Castro, no chan das prazas empregando libros doados para a constitución dos mesmos. Finalmente, sublíñase que o obxectivo de dita actividade é promover a reutilización de libros.


Dáse conta dunha gala cultural na que se homenaxeará na Coruña a Manuel María a través dun recital con algúns dos seus poemas postos en boca de poetas e cantantes como Uxía, Miguel Anxo Fernán Vello, Pilar Pallarés, Luz Pozo Garza ou Cesáreo Sánchez Iglesias, e que, segundo a concelleira de Cultura, servirá como reivindicación da lingua e a literatura galegas.


Dá conta da exposición *Castelao e Nós*, organizada pola Asociación Socio-Pedagóxica Galega en colaboración coa Concellería de Mocidade, e di que dita exposición
conmemora o noventa aniversario da exposición Nós, organizada polas Irmandades da Fala da Coruña en 1920. Comenta que en dita exposición do 1920 participaron coas súas conferencias Johán Vicente Viqueira, Vicente Risco, Xaime Quintanilla e Castelao. Engade que coa nova exposición trátase de homenaxear a figura de Castelao e que para elo conta cunha instalación que se estrutura en sete bloques temáticos: “Economía e Sociedade, Emigración, Lingua, Institucións, A Guerra do 36, Antimilitarismo e antimperialismo, e Nacionalismo e autodeterminación”. Finaliza destacando a vontade didáctica coa que naceu a exposición.


Fálase da exposición “A Coruña na creación do libro galego” que celebra o bicentenario da primeira impresión en galego, isto é Proezas de Galicia, de Xosé Fernández e Neira. Indícase que foi editada en 1810 e que nel dous labregos relataban episodios da resistencia contra os franceses. Expícase que a exposición está dívida en varias mesas e paneis nos que se poden ver edicións orixinais de obras de autores como Eduardo Pondal ou Ramón Cabanillas.


Fálase da exposición que a Fundación Caixa Galicia dedica a Luis Seoane con motivo do centenario do seu nacemento. Indícase que se trata dunha exposición que percorre a vida e obra do autor.


Preséntase na Coruña a gala que vai ter lugar no Teatro Rosalía de Castro a cargo da Asociación Cultural Manicómicos que terá como temática o mundo dos piratas. Esta gala anual, que xa vai pola súa séptima cerimonia, na que van participar malabaristas, bailarins, músicos e paisaos será para financiar os múltiples proxectos artísticos e educativos que desenvolve Manicómicos durante o ano. Apúntase que na presentación da gala estiveron parte do elenco deste espectáculo perfectamente ataviados coas roupas de piratas e a concelleira de Cultura do concello da Coruña, María Xosé Bravo; tamén o presidente da asociación, Carlos Sante, co obxectivo de difundir e promover a comedia e outras artes escénicas.

**F. F., “El historiador Luis Rei recibe hoy un distinitvo por su trabajo de fomento de la figura de Cabanillas”, Diario de Arousa, “Cambados”, 9 novembro 2010, p. 11.**

Infórmase de que Luis Rei recibirá un distinitvo pola súa labor de fomento da figura de Ramón Cabanillas. Citase a súa obra Crónica de desterros e saudades (2009). Indícase que se celebra o cincuenta e un aniversario da morte do poeta cambadés.

Destaca a influencia e o labor de Camilo Díaz Castro coa finalidade de “a construción dum País, Galiza”. Deste xeito, pide ao goberno galego que asuma a petición do fillo de Isaac Díaz Pardo para que se conserve o seu legado cultural nunha fundación que leve o nome do galeguista.


Refírese a Sinfonía de alboradas’, o primeiro libro de gran formato de Xosé Luis Muñoz Portabales, como unha novela intimista na que se narra una historia de amores e desamores, mitos, lendas e fantasías coa Ruta Xacobea como pano de fondo.


Informa da presentación dun volume colectivo coordinado por Antonio M. Pazos, Vida e tempo de Sofía Casanova (1861-1958), no Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento. Destaca o labor de Sofía Casanova como correspondente de prensa e subliña, doutra banda, a presenza no acto da Secretaria Xeral de Igualdade da Xunta de Galicia, Marta González, de Eduardo Pardo e do propio coordinador do volume.


Reprodúcese o poema “As afinidades electivas”, pertencente ao poemario Adeus Norte (1991), de Ramiro Fonte.


Acóllese o poema “NUNHA NOITE DE INVERNO” de Adeus Norte (1991), de Ramiro Fonte.


Insírese o poema “SÁBELO” de Adeus Norte (1991), de Ramiro Fonte.


Rememórase a figura de Rosalía como referente indiscutíbel das letras galegas, dende moi diversas perspectivas ás que dá lugar a interpretación da súa obra: os comezos
románticos (*La flor*, 1857), o realismo (*Cantares gallegos*, 1863) e o simbolismo francés (*Follas novas*, 1880). Destácanse tamén os versos que lle dedicaron poetas como Manuel Curros Enríquez (un dos cales dá título ao artigo), Antonio Noriega Varela ou Luis Pimentel, así como os puntos de vista dende os que foi estudada a súa obra: a autora contestataria, feminista, visionaria, etc. Remátase sinalando que a autora se converteu en símbolo de Galicia e nunha das escritoras máis analizadas da historia da literatura.


Dáse a coñecer que o legado máis importante do avogado e galeguista Xulián Magariños, fundador do Seminario de Estudos Galegos, ten por fin, tras case un década dende a súa doazón, unha localización definitiva na Casa da Cultura de Negreira.


Describese parte do legado de Xesús Canabal doado ao Concello de Pino polas tres fillas do ilustre galeguista. A seguir enumérase o seu contido conformado por máis de trescentos obxectos persoais e que permiten coñecer e investigar sobre o autor. Destácase parte deste legado, como a estatua tallada a man de Daniel Rodríguez Castelao e obxectos de Eduardo Blanco Amor ou Ramón Otero Pedrayo.


Alúdese ao acto polo centenario da morte de Antonio López Ferreiro que tivo lugar en Vedra por parte da profesora da Universidade de Santiago de Compostela Aurora Marco. Remátase dicindo que ao acto acudiron ao redor dunhas vinte persoas e sinálase que tiveron a oportunidade de escutar un repaso da súa vida e obra, a que cabe resaltar as novelas históricas *A tecedeira de Bonaval, O Castelo de Pambre e O niño das Pombas*.


Dá conta da celebración dunha actuación do Coro Universitario de Vigo que interpretará *Villancico Extrafino*, compendio de catro poemas intitulados: “Camiño de Belén”, “O nacemento”, “Os tres reis” e “Os pastores”. Subliña ademais que a adaptación musical da obra poética foi feita por Juan Pérez-Berná e que a tradución ao galego correu a cargo de Pamela Rodríguez.
Fraga, Xesús, “A obra de vinte poetas galegos actuais chega aos lectores británicos”, 

Anúnciase unha nova publicación da revista *Poetry Review* editada pola Poetry Society do Reino Unido e que nesta ocasión esta dedicada á literatura galega; e presentan trinta e nove escolmas de dezanove autores entre os que destacan Xosé María Álvarez Torneiro, Yolanda Castaño, María do Cebreiro, Miguel Anxo Fernán Vello, Xosé Luís Méndez Ferrín, Luz Pozo Garza, Manuel Rivas ou Xavier Seoane. Indícase que os textos foron seleccionados e traducidos por Jonatan Dunne, quen quixo afondar na poesía galega contemporánea para presentarla a un público que a descoñece, e que os propios poetas foron quen lle enviaron a selección das súas creacións. Anóttase tamén que, segundo Jonatan Dunne, non é difícil entrar no sistema literario anglofono e é necesario facer máis traducións da producción literaria para a súa difusión. Coméntase que Dunne tamén traduci ó inglés *O único que queda é o amor*, de Agustín Fernández Paz, e que ademais desta escolma que abrange o período entre 1196 e 1981, pensa en facer unha segunda parte que chegue até a actualidade. Destácase a idea de publicar algunha outra tradución, xa que el e a súa muller traduciron ao inglés e ao búlgaro *O lapis do carpinteiro*, de Manuel Rivas, no 2009.


Anúnciase a publicación dun libro inédito de Francisco Fernández del Riego a cargo da editorial Galaxia que recollerá textos sobre as súas visitas a París e outras cidades europeas daqueles intres nos que esas viaxes eran o único xeito de conectar a cultura galega totalmente illada da europea, tendo en conta a admiración deste intelectual polas letras francesas, xa que a miúdo dedicaba artigos a Chateaubriand ou Proust. Apúntase que a tarefa de recompilación correrá a cargo da investigadora Malores Villanueva e verá a luz, segundo Víctor Freixanes, ao longo do 2011. Destácase tamén a homenaxe cultural e literaria a Fernández del Riego que a editorial Galaxia organiza en Vigo, a cidade na que pasou unha grande parte da súa vida.


Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu *La Voz de Galicia* para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Nesta ocasión reproduçouse “Historia dun vello”, de Raúl Fraguela Vale (trinta e cinco anos).


Texto que resulta do compendio das respostas a tres preguntas: “¿como falar de poesía cando a xente non chega a fin de mes?”, “¿como falar de poesía cando non é seguro que a xente queira escoitar?” e, por último, “¿como falar de poesía?”. Destacan comentarios como o de Luz Pozo Garza, quen considera que “a poesía non é un luxo senón esencial...
don do ser”. Pola súa banda, Xosé María Álvarez Cáccamo propón o uso da poesía “para denunciar ó sistema”. Finalmente, Francisco X. Fernández Naval comenta que “a poesía, por principio, supón pluralidade, liberdade, algo de transgresión, atención ao que sucede, solidariedade”.


Con motivo do centenario de Luis Seoane faise referencia ás diferentes actividades previstas para homenaxear o artista. Así, destaca o congreso que se celebrará coa finalidade de pór en relación as diferentes facetas do autor e, por outra banda, fai alusión á exposición que tratará de mostrar a obra plástica do artista. A seguir, comenta que o obxectivo de ditas actividades é “amosar como mudou a imaxe estética de Galicia grazas á obra de Seoane”. Finalmente, comenta a estrea dun documental que fará un repaso pola vida e o labor de Luis Seoane.


Dáse a coñecer a xuntanza de diferentes poetas que teñen en común proceder de países nos que tivo lugar unha catástrofe, nun encontro promovido polo Pen Clube de Galicia. Así, coméntase que os poetas invitados compartiron as súas experiencias con motivo da celebración do Día Mundial da Poesía.


Recóllese a iniciativa proposta pola Consellería de Cultura para conmemorar o Día do Libro nun acto que pretende homenaxear a Rosalía de Castro, componendo os versos do seu poema “Negra Sombra” nas diferentes prazas de Galicia. Indícase, por outra banda, que para a reconstrución dos versos se empregarán libros doados que finalmente serán repartidos entre os participantes. Ditas actividades inscríbense dentro do programa “Agora libros”.


Dátase a terceira Bienal do Pen Clube que se está a celebrar no mes de xuño en Santiago e Ourense. Alúdese a importancia que teñen, as literaturas e afirmase que non coñecen fronteiras. Sinárase o bo momento que esta a ter Galicia, non só no plano da literatura senón tamén da lingua. Coméntase que se encargou ó profesor Arcadio López-Casanova facer un repaso de toda a literatura galega e a súa importancia ao longo dos séculos. Tamén se dá conta dos asistentes, entre os que se encontraba o presidente do Pen Clube Internacional John Ralston, o presidente de Galicia e o alcade de Santiago.
Destánanse as reaccións á morte de Francisco Fernández del Riego, entre elas a de X. L. Méndez Ferrín (Real Academia Galega), quen se considera un amigo e discípulo do galeguista dende hai moitos anos e con quen se sentiu sempre identificado polos seus ideais nacionalistas. V. Freixanes (Galaxia) lamentou a súa perda e declarou que “todos somos fillos de don Paco”. O presidente da Xunta, Núñez Feijóo, declarou que foi un dos personaxes da cultura do s. XX formando parte de iniciativas que han seguir vixentes na actualidade. O alcalde de Vigo, Abel Caballero, sinalou que é unha triste nova para a cultura galega. Tanto o rexedor vigués como o de Vilanova de Lourenzá anunciaron días de loito e bandeiras a medio pau. Para todos, a morte de Fernández del Riego foi un gran pesar por todo o labor que exerceu ao longo de toda a súa traxectoria vital.


Entre outras novas, faise eco da velada poética o Instituto de Estudios Miñoranos na Aula de Cultura Ponte de Rosas de Gondomar na que Gonzalo Navaza presentou tres libros de Xosé María Álvarez Cáccamo, Manuel Forcadela e Rodríguez Baixeras.

Reprodúcense anacos dunha conversa con Alberto Casal, notario e valedor de intelectuais e artistas como Álvaro Cunqueiro, Valentín Paz Andrade e José María Castroviejo, dos que conta anécdotas froito da súa relación de amizade.

Fálase da vida de María del Carmen Kruckenberg, poeta nacida en Vigo. Indícase que a autora conta con trinta libros publicados nos últimos sesenta anos e que foi galardoada coa Medalla Castelao e a Medalla de Galicia, entre outros recoñecementos. Fálase, por exemplo, da súa familia materna e paterna, da súa infancia e dos seus amores.
Coméntase que durante a súa estadía en Bos Aires coñeceu a persoeiros como Luis Seoane, Borges ou Lorenzo Varela.

**Franco, Fernando,** “Lo mejor de la vida es vivirla y yo lo hice a mi aire e intensamente”, *Faro de Vigo*, “Sociedad”, “Memorias (y 2)”, 27 setembro 2010, p. 18.

Fálase da vida da poeta María del Carmen Kruckenberg, concretamente da súa vida na adolescencia, xuventude e da súa produción literaria. Indícase que coñeceu a Miguel Ángel Asturias, Borges e Daniel Rodríguez Castelao, entre outros. Expícase que a súa vida literaria comeza coa publicación de *Palabras olvidadas* (1950) e *Cantigas do vento* (1956), seguidos d’*A voz da auga*, volume co que pretende despedirse da poesía.


Infórmase da conferencia “O Bestiario de Cunqueiro”, que impartirá Miguel A. Fernández Martínez na asociación de veciños de Bouzas.


Diríxese a diferentes personalidades femininas, entre elas a Cruz Martínez. Apela directamente á poetisa e dille que o seu “sustento”, o seu “refuerzo sentimental” foi sempre a poesía. Continúa dicíndolle que sabe que agora está en *Penúltimo acto* (http://penultimoacto.blogspot.com) e engade que dito grupo, no que tamén participan Rosanegra e Enrique Leirachá, se dedica á acción poética. Finalmente di que este grupo presentou o libro *Acción Poética* con Antonio Fontán como introdutor.


Refírese á homenaxe que lle fixeron a Ramón Cabanillas no Balneario de Mondariz aproveitando o estreno da súa obra *O Mariscal* en Caixanova. Indícase que entre os asistentes estaban Isaac Díaz Pado.


Coméntanse os obxectivos básicos da Fundación de Estudos Galegos Manuel María, entre os que destaca a difusión da obra poética do autor e a constitución dunha Casa Museo que recolla os manuscritos de persoas relevantes da cultura galega coas que Manuel María tivo relación como son Ramón Otero Pedrayo, Celso Emilio Ferreiro e mesmo Ramón Piñeiro. Respecto ao primeiro dos obxectivos, destaca que se está a facer unha sistematización de toda a obra do autor e, respecto do segundo dos aspectos, comenta que se porá en marcha antes do verán.

Fálase da revista *Nós*, escrita en galego e promovida por Vicente Risco, Daniel Rodríguez Castelao, Ramón Otero Pedrayo, Florentino López Cuevillas e Antón Losada Diéguez. Indícase que se tratou dun “vínculo de superación definitiva do illamento rural da Galicia literaria”.


Comeza o artigo destacando a indignación por parte da Fundación Rosalía de Castro ao coñecer a cuantía económica concedida á Fundación Camilo José Cela, contía que supera en dez veces a cantidad concedida á primeira das fundacións. Recolle as verbas da directiva da institución, quen quere deixar patente o agravio comparativo que dende a Consellería de Cultura se está a cometer e engade que “Galicia tiene una deuda pendiente con Rosalía”. Finalmente, engade que a Fundación Rosalía de Castro tan só recibe ingresos económicos, a maiores das subvención da Consellería de Cultura e a concedida pola Secretaría Xeral de Política Lingüística, das entradas que permiten a entrada ao centro (aínda que moitas persoas acceden de forma gratuita).


Sinálase que a Fundación Rosalía de Castro manifesta o seu desacordo coas axudas económicas recibidas: trinta e cinco mil euros, por parte da Consellería de Cultura, mentres que a Fundación Camilo José Cela vén de recibir por parte do mesmo organismo un total de trescientos cincuenta mil euros, tendo en conta que Rosalía é todo un símbolo da Galicia plural e que o que se fai na casa da Matanza é un labor de conservación da casa, da memoria da gran Rosalía e da difusión da súa obra literaria. Tamén se dá conta dun feito que proba a importancia da obra rosaliá xa que unha autora internacional solicitou o permiso para escribir un libro sobre casas-museos de escritores españois, e entre elas vai tratar ademais de Rosalía, a figura de Emilia Pardo Bazán. Finalmente apúntase que ademais da Consellería de Cultura, tamén reciben una pequena axuda de Política Lingüística e da Deputación da Coruña para pagarelles a varios empregados que se encargan do mantemento e da atención da Casa da Matanza.


Sinálase o congreso que vai a ter lugar na capital de Galicia do vinte ao vinte e sete de xuño acerca da Literatura de viaxes, baixo o nome de Litvi 2010. Fálase que o principal é dar a coñecer este xénero. Tamén se alude a que o programa organizado por Trevisani e co patrocinio da Consellería de Cultura conta con trinta participantes, que serán os encargados de levar a cabo un tramo do Camiño de Santiago que vai comezar en Estella.
No artigo faiuse unha aproximación dos comezos deste xénero até agora. O artigo remátase citando a programación para os primeiros días.


Fai un repaso polos diferentes exemplos que durante anos vincularon a poesía con diferentes cantautores e grupos musicais, para rematar detallando os exemplos existentes desta colaboración na terra galega. Así destaca a realización de Juan Montes co poema “Negra Sombra”, de Rosalía de Castro, ou Amancio Prada, que lle dedicou un disco a Rosalía de Castro e que tamén lle puxo música a diferentes poemas de Álvaro Cunqueiro.


Coméntase que a apertura ao público da Biblioteca Fermín Penzol en 1963 xogou un papel fundamental na resistencia galeguista fronte á ditadura, pois aínda hoxe é unha das máis senlleiras bibliotecas galegas con volumes que van dende o ano 1135 até á actualidade. Indícase que como conmemoración se abriu unha exposición ao público onde se repasa parte da súa historia, pois o seu creador foi un cazador de libros, e aínda que Rei Soto, Cotarelo Valledor ou Vaamonde Lores buscaban facerse tamén con material semellante non dubidou á hora de facer esforzos para conseguir grandes obras e máis cando estaban relacionadas con Galicia. Infórmase que foi no ano 1956 cando fixo entrega do seu legado a Galaxia, editorial que el tamén axudara a fundar e que foi no ano sesenta e tres, aquel annus mirabilis cando se puido ter acceso a ela. Indícase que a relación de Penzol non só foi estreita con Fernández del Riego pois tamén os seus contactos foron importantes con Ramón Cabanillas, Ramón Piñeiro, Vicente Risco ou Castelao, entre outros. Por iso a súa biblioteca é un centro de referencia para o estudo da historia do galeguismo que inclúe até o legado do cineasta exiliado en México Carlos Velo. Saliéntase que esta exposición trata de amosar a importancia de tomar conciencia da relevancia que tivo o traballo de recompilación de Fermín Penzol con gran esforzo, que hoxe está ó dispor de quen o necesite e que compeende trinta e oito mil quinientos libros impresos ademais de xoias raras que datan do século XII ou do XVI, pasando polas creacións do Padre Sarmiento até chegar ás edicións do Rexurdimento ou dos Séculos Escuros até a actualidade, un verdadeiro tesouro do que deberíamos estar orgullosos.


Mergúllase o autor na acción e pensamento de Fernández del Riego tanto polo seu activismo político, as súas relacións con Alexandre Bóveda e Alfonso Daniel R. Castelao como pola súa faceta de gran orador que comezou con só dezaoito anos en Mondoñedo izando a bandeira galega aquel vinte e cinco de xullo cun afervoad discurso. Apúntase que presenciou en Madrid a chegada da II República xunto ao seu pai, sempre tendo presente a idea de Galicia coma unha nai que hai que coidar, á que hai
que defender e reivindicar a través do sentir das xentes, como ben dicía Castelao. Coméntase que chegou logo o seu período máis activo ao entrar a formar parte do Seminario de Estudos Galegos, colaborando con xornais e revistas e nos parladoiros composteláns. Saliéntase que Galicia se converteu na razón da súa existencia durante a ditadura e loitou por devolverlle a súa lingua e a súa cultura, defendendo tamén os intereses económicos e sociais e chegando a formar parte do equipo de redacción do Estatuto de Autonomía. Considérase por iso un pioneiro cultural, a pesar do tempo que pasou agochado nos comezos da contenda civil, retomando as actividades no bufete de Paz Andrade mentres recuperou os lazos con todos os exilados ao xeito epistolar, como Castelao, fundando Galaxia, Grial e enchendo os ocos baleiros da base cultural e literaria da cultura galega que culminaron coa Fundación Penzol que dirixiu até este ano.


Reprodúcese un texto poético que comeza “Agora que vou para grande éme doado falar do que me parece...” do poemario *Gardádeme a esperanza* (2009), de Isabel Fresco Otero.


Inclúese “XI”, poema de *Gardádeme a esperanza* (2009), de Isabel Fresco Otero.


Recolle o nomeamento de Xosé Luis Méndez Ferrín como presidente da Real Academia Galega e, con motivo de dito acontecemento, lembra, entre outras cousas, o pasado político do escritor e dá conta das pretensións do novo presidente de manter unha etapa continuista. Por outra parte inclúe algunhas das súas declarácions, entre as que salienta “que será ‘inflexible’ con la defensa del idioma de Rosalía de Castro y Castelao”.


Reportaxe na que se xustifica que segundo un estudo de José Santos Puerto, publicado en 2008 no *Anuario Galego de Historia da Educación*, o Padre Sarmiento non naceu en Vilafranca do Bierzo senón que o fixo en San Xoán de Cercedo, en Pontevedra, na aldea de seu pai.

Dáse conta do ingreso na Real Academia Galega de Bernardino Graña Villar que foi identificado polo presidente, Ramón Vázquez, como “o poeta do mar” xa que se di que a súa temática principal é o amor e o mar. Na gala fixose fincape na vida e obra do poeta de Cangas, quen afirmou xa estar vinculado á literatura dende o ventre da súa nai. O acto foi presidido por Vázquez e Xosé Luís Méndez Ferrín, antigos compañeiros de estudos.


Refire a homenaxe que o Concello de Mondoñedo realiza a Álvaro Cunqueiro, o seu escritor máis ilustre, propoñendo ao tempo un percorrido pola vila. Comeza coa tumba de Cunqueiro ou Pascual Veiga no cemiterio antigo, até o casco histórico ou as Covas do Rei Cintolo, as máis grandes de Galicia.


Informa da constitución da Asociación de Amigos da Fundación Manuel María de Estudios Galegos, no Museo do Pobo Galego de Santiago, para conseguir a Casa das Hortas, actual vivenda do irmán do escritor. Comenta que esta casa, construída en Outeiro de Rei no 1891, alén de musealizarse como edificio natal sería mostra do patrimonio artístico-cultural dunha casa de labranza. Engádese que o proxecto, que promociona a figura do autor chairego, acollería unha biblioteca coa mellor colección particular de libros en galego e sobre Galicia, un fondo artístico e un salón de actos.


Afírmase que a Fundación Manuel María, presidida pola viúva do poeta, Saleta Goy, recibe importantes apoios para a creación da casa-museo do escritor: o das deputacións de Lugo, Ourense, A Coruña, os concellos de Monforte e Outeiro de Rei, empresas privadas, Berrogüetto, alcaldías como Foz, Ribadeo, Mondoñedo, etc. Sinálase que o obxectivo principal da organización é a adquisición da casa natal do autor, a Casa das Hortas en Outeiro de Rei. Ademais de pór en valor a figura do escritor, a casa museo concibese como en equipamento cultural local, con biblioteca, fondo artístico e salón de actos abertos. Ao mesmo tempo, refírese a constitución da asociación Amigos da Fundación Manuel María de Estudos Galegos en Santiago, no Museo do Pobo Galego, con representantes do ámbito cultural como Alfonso Álvarez Blázquez, Paco Martín, Pilar García Negro e María Xosé Bravo, entre outros.

Infórmase da subvención e axudas que a Fundación Manuel María de Estudos Galegos recibirán para a adquisición, restauración e acondicionamento da casa natal de Manuel María para transformala en casa museo.


Anúnciese que o sétimo Curso de Interpretación e Creación Literaria, no que o seu alumnado se achegará ao mundo literario, contará coa presenza dos profesores Xosé Carlos Caneiro e Ramón Gutiérrez Izquierdo. Como anexo engádese unha breve conversa con Caneiro na que anuncia que en maio sairá na editorial Galaxia a súa novela “máis caneirista” titulada *De ánima*.


Anúnciese que Xosé Luis Méndez Ferrín (Ourense, 1938) se converterá no mes de xaneiro en novo presidente da Real Academia Galega, sendo apoiada a súa candidatura por Xosé Ramón Barreiro Fernández, Xosé Luis Axeitos e Ramón Lorenzo Vázquez. A candidatura única, que vén sendo habitual dende a morte de Domingo García Sabell, valórase tamén como sinal de unidade nun momento de necesaria visibilidade social da RAG ante o decreto sobre o galego. Sinálanse tamén detalles sobre a renovación de cargos directivos, as votacións e os estatutos.


Dáse conta da presentación da exposición “Brais Pinto, o afiador revolucionario” na casa-museo Casares Quiroga. Sinálase que esta serviu como catalizador do reencontro dos compoñentes do colectivo: Xosé Fernández Ferreiro, Xosé Luis Méndez Ferrín, Herminio Barreiro, Bautista Álvarez, Bernardino Graña, César Arias, Ramón Lorenzo, Raimundo Patiño e Alexandre Cribeiro, o grupo de estudantes que en 1958, en Madrid, recolleron toda manifestación artística, social ou política que situase a Galicia en
Europa. Coméntase ademais que crearon unha editorial e mantiveron unha serie de actos culturais procurando reorganizar o nacionalismo. Conclúese que a súa desaparición en 1964 non implicou a desaparición da súa pegada.


Refíre as propiedades da Real Academia Galega, de gran importancia cultural e simbólica para a historia galega: dende artigos persoais como a chistera de Manuel Murguía, até o molde que Asorey fixo para o monumento de Manuel Curros Enríquez, pasando por cadros de Seoane, Souto, Díaz Pardo, trescentos corenta e un títulos das revistas das comunidades galegas en América, primeiras edicións de *Cantares gallegos e Follas Novas* ou o fondo musical de Marcial del Adalid. Advírtese do perigo que uns setenta mil libros e dezanove mil revistas corren pola humidade que un terceiro andar con tellado de uralita, recuberto de estores, pode transmitir.


Faise eco da intervención de Miguel Anxo Murado, “Inventar un lugar en vez dunha historia”, no Encontro Cidade da Coruña, organizado pola AELG e a Concelaría de Cultura. As peregrinacións a Santiago, a plausible viaxe de Fontán para a realización do mapa, as inexactitudes de Marco Polo ou “a invención de América” foron algúns dos temas tratados de xeito documentado e divertido, arredor do eixo: ten sentido a literatura de viaxes “cando todo o mundo viaxa”?

**García, Rodri**, “Presentado un poemario inédito de Manuel María, que terá a súa nova casa museo en Outeiro de Rei”, *La Voz de Galicia, “Cultura”*, 18 xuño 2010, p. 34.

Indícase que os versos máis comprometidos e tamén máis líricos escritos no ano 1979 forman parte da creación poética de Manuel María que agora se publica baixo o título *Cecaíais hai unha luz* (2009) e que se presentou na Real Academia Galega a cargo do secretario da Fundación Manuel María, Alberto Ansede. Infórmase que dita fundación ten previsto a publicación doutros inéditos así como seguir co proxecto da casa-museo dedicada ao escritor en Outeiro de Rei. Coméntase que Saleta Goi, a súa viúva e tamén a presidenta da Fundación, xunto con outros colaboradores, téñen pensado habilitar a vivenda e facer un auditorio para uso público ademais de organizar roteiros culturais para atraer os visitantes.


Recóllese a decisión da Real Academia Galega de escolher a Lois Pereiro para as Letras Galegas 2011, quen contou co favor de Margarita Ledo, Xosé Luís Axeitos e Manuel
Rivas, entre nomes como Valentín Paz Andrade ou Filgueira Valverde. Apúntase a vida e obra do poeta monfortino, marcada pola súa enfermidade, con versos expresionistas e a presenza das aves. Indícase que Pereiro cultivou unha imaxe e estética que o fixeron “autor de culto” e que foi un dos afectados pola intoxicación do aceite de colza adulterado. Por último, Xosé Luis Méndez Ferrín compárao con Manuel Antonio.

**García, Rodri, “Berrogüetto y siete poetas gallegos homenajean al escritor Jonh Berguer”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 1 xullo 2010, p. 32.**

Faise conta da homenaxe ao escritor John Berguer que tivo lugar onte, baixo o nome “Terra Berguer”, na antiga prisión provincial coruñesa e que estivo acompañada por músicos e poetas. Dise que John Berguer intenta reflectir na súa obra os oprimidos e os excluídos sociais. Segundo afirmou Susan Sontag “ escribe sobre aquel é importante e non simplemente é o interesante”. O acto contou cos poemas de Lupe Gómez dedicados ás vacas que aluden as citadas por Berguer en *Porca terra* (2007). Citase a Isabel Coixet, xa que foi a encargada de facer a montaxe do último libro de Berguer, *From A to X*, que está baseado nunha muller que escribía cartas a un home que está en prisión. O artigo remátese co tempo de intervencíons por parte dos poetas entre os que se encontraban Rosa Aneiros, Yolanda Castaño e Manuel Rivas.


Infórmase da inauguración da exposición sobre Rosalía de Castro “Rosalía sempre viva. Viva Rosalía!” que percorrerá localidades coruñesas como a de Santiago, Melide ou Padrón e da que se destaca o seu carácter didáctico.


Menciónase que a xeración poética dos oitenta cumpre trinta anos cheos de fertilidade cultural e con carreiras literarias amplas, diversas entre si e consolidadas. Saliéntase o primeiro recoñecemento dun deles, Lois Pereiro, como autor ao que se lle dedica o Día das Letras Galegas 2011, contextualizando os seus inicios na explosión cultural daqueles anos da movida vigoresa e nos que aparecen Milladoiro, a editorial Xerais ou o Premio de Poesía Esquío. Recólense as observacións de integrantes deste grupo, como Pilar Pallarés, quen dubida de que a xeración exista como algo pechado e reflexiona sobre o feito dos inicios en castelán destes autores, posto que o galego lles fora negado. Xosé Álvarez Cáccamo lembra o labor de Sotelo Blanco e as coleccións “Leliadoura” ou “Pedro Meogo”, así como as numerosas antoloxías que recolleron a súa produción.

**García, Rodri, “Uxía y cuatro poetas homenajearon a Manuel María”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 8 setembro 2010, p. 46.**

Infórmase do espectáculo-homenaxe a Manuel María (*Luas de Outono. Uxía canta a Manuel María*) no teatro Rosalía de Castro da Coruña, cidade na que pasou os seus
derradeiros anos ao cumprírense seis anos do seu falecemento, que contou coa
participación de diversos artistas, tales como Uxía, Miguelanxo Fernán Vello, Pilar
Pallarés, Luz Pozo Garza ou Cesáreo Sánchez Iglesias. Neste acto lembrouse tamén a
Uxío Novoneyra, moi amigo de Manuel María e homenaxeado este ano no Día das
Letras Galegas.

García, Rodri, “Las viudas de artistas gallegos avivan su memoria abriendo

Fálase das fundacións que as viúvas de escritores galegos xeran arredor da figura do seu
marido. Refírese ás fundacións de Carlos Casares, Camilo José Cela, Manuel María,
Uxío Novoneyra e Quessada.

García, Rodri, “Una exposición repasa la historia de la edición de libros en gallego”, La

Fálase da mostra “A Coruña na creación do libro galego”, dedicada á historia da edición
de libros en lingua galega. Indícase que Proezas de Galicia, de Xosé Fernández e Neira,
foi o primeiro libro publicado hai doucentos anos. Refírese aos editores Martínez
Salazar, Leandro Carré ou Ánxel Casal. Finalmente, citase Los precursosores, de Murgía.

García, Rodri, “Representantes de Galeusca alertan en A Coruña de los problemas de
crecimiento de las lenguas autonómicas”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 31 outubro
2010, p. 63.

Refírese a Galeusca, o Congreso das Literaturas Catalá, Galega e Vasca. Coméntanse os
asuntos tratados, entre os que se atopa o escaso crecemento das linguas autonómicas.
Finalmente citase a mesa redonda “A literatura como fornecedor de contidos da
industria cultura: a literatura e o audiovisual”.

García, Rodri, “A Barrié e a RAG publicarán 15 textos inéditos de Manuel Antonio”,

Infórmase da publicación de quince textos inéditos de Manuel Antonio na colección
“Clásicos da Academia” por parte da Fundación Barrié de la Maza e a Real Academia
Galega. Indícase que os primeiros títulos que se publicarán serán Prosa, Poesía,
Correspondencia e Biografía.

García Márquez, Marta, “O ciclo ‘Poetas di(n)versos’ trae as voces de Peixoto, De

Recolle a presentación de tres novas parellas poéticas para os tres meses seguintes do
ciclo “Poetas di(n)versos”, na casa da cultura Salvador de Madariaga. Anúnciase en
febreiro a José Luis Peixoto, autor revelación da última década en Portugal e o escritor
galego Miguel Anxo Fernán Vello; en marzo, a Luis Alberto de Cuenca, que foi director


Coméntase que no lugar no que Daniel Rodríguez Castelao amosara a súa toma de conciencia política e cultural a partir do debuxo de escenas cotiás (recollidas máis tarde en Cousas da vida), o Circo de Artesanos, a Concellería de Mocidade e a AS-PG realizan a mostra “Castelao e nós”. Afírmase que se trata dun posíbel complemento pedagóxico para os alumnos de Bacharelato que recolle temáticas actuais, incidindo na economía, sociedade, emigración ou papel da lingua nas orixes do nacionalismo.


Refírese á presentación do novo traballo de Berrogüetto e as ligazóns literarias deste. No mesmo teatro Rosalía do presente acto, celebrárase o primeiro directo do grupo, a partir do que Manuel Rivas lles enviara un escrito cun dos seus poemas d’A desaparición da neve (2009). Recorron tamén a Rosa Aneiros para escribir un texto introdutorio e a Olaia Sendón para unha videocreación. O grupo, que se abastece das letras de Manuel María e recoñece a importancia do autor en ámbitos como a escola, con obras como Os soños na gaiola (1968), destinará parte do recadado ao proxecto de converter en museo a casa natal do poeta, en Outeiro de Rei.


Infórmase da celebración da Feira do Libro da Coruña e das actividades que terán lugar, tales como a presentación de varias obras, obradoiros, monicreques, maxia e espectáculos varios. Sinálase que se conta coa asistencia de escritores como Manuel Rivas, Suso de Toro, Marilar Aleixandre e Xosé Neira Vilas.


Fálase da mostra “Cen por cen Seoane, 100 anos, 100 lugares” da Fundación Caixa Galicia. Expícase que o obxectivo é realizar unha aproximación á personalidade e á obra de Luis Seoane. Indícase que Daniel Rodríguez Castelao o designou para que coidase da súa obra As cruces de pedra na Galiza. Citase a súa publicación Trece estampas da tradición, así como o volume Sobre los ángeles, de Rafael Alberti.

Infórmasé de que a Fundación Barrié e a Real Academia Galega editarán trinta títulos inéditos de Manuel Antonio. Expícase que o farán coa obra en prosa para, posteriormente, facer unha segunda entrega coa poesía, correspondencia e biografía. Engádese que a Fundación Barrié tamén apoiará os traballos lexicográficos da Real Academia.


Coméntase que a Asociación cultural Manicómicos celebrará no Teatro Rosalía da Coruña o seu sétimo aniversario cunha gala para financiar as actividades que levan a cabo durante todo o ano. O seu presidente, Carlos Sante, sinala a importancia deste colectivo como dinamizador cultural da cidade, que nesta ocasión presentará un show para todos os públicos moi creativo e con actuacións circenses e humorísticas para difundir as actividades que desenvolven dentro desta agrupación.


Achégase un comentario de dúas obras de Xosé Bergantiños, Arredor do meu río, conxunto de relatos do ano 1996, e Lerias, obra composta por artigos que semanalmente publicou no Diario de Ferrol os últimos catro anos. Destácase destas breves narracións o emprego do galego popular, o amor á natureza e ás xentes, o recordo a seus pais, as descríxións paisaxes, a tenrura e o emprego dunha “poética prosa fluida e directa”. Asemade, indicase que nestes “contos” Bergantiños expón a súa opinión sobre temas de actualidade e considérase que mesmo entrega os seus pensamentos íntimos e permite así achegarse á esencia da súa personalidade. Remátase o artigo declarando a relación de amizade que une ó autor do artigo co escritor.


Enxalza e repasa a figura do poeta berciano Antonio Fernández Morales e recalca que sería “un vibrante episodio de la vida cultural de Galicia y del Bierzo” que o Día das Letras Galegas de 2011 se lle dedicase á súa figura.


Dáse conta de que o selo Edhasa adquire o total da editorial Castalia, que era a encargada de editar os textos clásicos españoles e latinoamericanos. Segundo o editor de Fuente Castalia, Daniel Fernández, actualizaranse as biografías e disse que se van a ofrecer novas versións como os clásicos adaptados para nenos por figuras filolóxicas, mentres que La Marca Hispánica fará edicións bilingües en galego, castelán e éuskaro.
Gil, M., “Muros rinde homenaje a Xosé Agreló con un busto”, El Correo Gallego, “Área de Compostela”, 12 noviembre 2010, p. 34.

Fálase da homenaxe que o Concello de Muros lle fai a Xosé Agreló Hermo. Indícase que Agreló foi galardoado con premios como O Facho de contos infantís, así como o Leixapren, entre outros.


Referénciase a tradución de Profundidade de campo (2007) ao castelán na editorial Visor, logo da realizada do Libro de la egoísta (2003) en 2006, ambos poemarios de Yolanda Castaño. Destácanse as calidades de madurez e perpetua renovación, a sofisticación, a seguridade ou a fermosura que sabe enfrentarse “sin caretas a la soledad del cuerpo y sus circunstancias”.


Sinálase o final do encontro que tivo lugar en Santiago con mor do Litvi que contou co tradutor do Quixote ao inglés, John Rutherford, e co escritor galego Suso de Toro. Afírmase que este encontro non foi só unha reunión de experts na materia, senón tamén unha forma de compartir novas experiencias, técnicas e ideas que rompan co anterior. Este ano o Litvi adicouse ao Camiño de Santiago e compárase cos Contos de Canterbury de Chaucer xa que tamén ían de peregrinación. Tamén se alude ao escritor Julio Lamazares, xa que afirmou que o importante é coñecer a xente que vive nos lugares que se visita.


Fálase da semana da literatura histórica que se celebra en Ourense. Indícase que nela participa Almudena de Artega, autora de La princesa de Éboli e Angeles custodios. Recóllese a súa opinión sobre a etiqueta dos best-sellers, que considera “perigosa” pois recolle tanto a obras boas como malas.


Dáse conta do I Congreso de literatura e violencia de xénero que se celebra en Santiago, pois no ámbito literario é onde se ve até que grao as mulleres foron as personaxes secundarias que aparecen como seres submisos. Coméntase que o seu papel, parello á realidade, foi mudando, sobre todo se temos en conta a creación literaria feita por mulleres que reflice os grandes cambios sociais que se foron dando ao longo da historia e que foron analizados nas intervencións de Marilar Aleixandre, Nativel Preciado, Luisa
Castro, Ángeles de la Concha ou Carlos Caneiro. Apúntase que todos eles profundaron na evolución da violencia a través da narrativa, da sexualidade e do coñecemento así como os mitos de Adán e Eva, fenómenos que hai que seguir estudando á hora de cambiar certas condutas.


Coméntase que o Concello de Cuntis ten como obxectivo recuperar o Premio Blanco Torres de periodismo de opinión. Expícase a cronoloxía do galardón e indícase que entre os premiados en anos anteriores están Xosé Luis Méndez Ferrín, Carlos Casares ou Isaac Díaz Pardo.


Citase a presentación do libro de Miguel Barros Piñeiro e a revisión do nacionalismo (2009) no Café Moderno. Coméntase que foi acollido por numerosos pontevedreses e que o acompañaron na mesa de presentación Víctor F. Freixanes, Fernando Filguera e Aniceto Núñez.


Dáse a coñecer que o Museo Provincial de Pontevedra acolleu unha conferencia de Ana Acuña sobre o grupo Brais Pinto, acto enmarcado na exposición que percorre a historia do grupo de mozos galegos culturalmente inquedos en Madrid: Xosé Luis Méndez Ferrín, Bernardino Graña, Reimundo Patiño, Xosé Fernández Ferreiro, Bautista Álvarez, Ramón Lorenzo, César Arias, Herminio Barreiro e Alexandre Cribeiro.


Recoméndase a exposición “Ao pé do prelo. Luis Seoane editor e artista gráfico” que acolle o Museo de Pontevedra.


Fálase das apostas literarias de Galaxia en canto ás traducións ao galego xa que foi a pioneira neste eido con Da esencia da verdade (1956), de Heidegger, realizada por Fernández de la Vega e Piñeiro, nun momento en que ainda se necesitaba demostrar que o galego servía para todo tipo de textos. Indícase que as traducións xa comezaran con anterioridade da man de Florencio Baamonde, Carrè Aldao, Rosalía de Castro e Manuel
Curros, que verqueron os clásicos ao galego como parte dun proceso que na actualidade levan a ter editoriais como Xerais ou Kalandraka que fixeron posible que se poidan ler os autores máis actuais ao mesmo tempo en castelán ou en galego mentres o sector intenta profesionalizarse. Apúntase que outras editoras como Rinoceronte, a cargo de Moisés Barcia, acuden ás literaturas minoritarias en finés, checo ou polaco, feito que trae moitas complexidades para o tradutor, xa que a maioría está especializado en inglés, por iso se procura xente con vocación mais con sensibilidade literaria e riqueza lingüística tamén no que respecta á lingua galega. Coméntase que a estas complexidades hai que engadir a disminución de axudas institucionais á tradución para as editoriais e a escaseza de lectorado consolidado, fronte ao xigante das traducións feitas en español, que a pesares de todo segue adiante no seu labor.


Coméntase que Iago Pérez Santalla relata n’*O ilímite das persoas* (2009, Toxosoutos) a superación da parálise cerebral e a obriga moral de construír un mundo mellor a partir da propia identidade. Salientase que Pérez Santalla, con vinte e seis anos, parte da experiencia persoal, discapacidade que non lle impidiu unha traxectoria exitosa, con continuidade no seu doutoramento. Disé que María Xesús Nogueira, encargada do prefacio, definiu o volume como unha crónica de autoconocemento e superación. Finalmente refírese á presentación no Centro Social Caixanova, que se inclúe no ciclo sobre “A superación persoal”, e que acolleu así mesmo as consideracións de Manuel Rivero, ex director territorial de formación de BBVA, sobre fortaleza, creatividade e cooperación.


Dáse conta do setenta e cinco aniversario do descubrimento dos seis poemas de Federico García Lorca en galego. No artigo faise unha síntese acerca da “importancia” do galego ao longo do século XX e cales foron os seus principais divulgadores, como Ánxel Casal, que foi o encargado de publicalos en Nós. Tamén se alude ás diferentes críticas que tivo este traballo, até si realmente fora Lorca o que escribira os poemas xa que non tiña competenzas na lingua galega e disé que foi Ernesto Guerra da Cal o responsable de axudar a escribir os poemas.


Fálase que traballar como profesor de galego para a universidade estaba moi mal pagado e alúdese á oferta de traballo que lle fixera o decano da facultade de Filosofía e Letras de Santiago, Abelardo Moralejo Laso, a Ricardo Carballo Calero no ano 1965. Citase que Carballo Calero xa publicara a Historia da literatura galega contemporánea, e era o director do Colexio Fingoi de Lugo, por iso reunía todos os méritos para desempeñar o posto. Remátase o artigo facendo fincapé no legado de Carballo Calero,
que o desempeñan corenta e oito profesores hoxe en día, e tamén se di que se debería galardoar o escritor cun Día das Letras Galegas.


Infórmase da homenaxe que se organizou a Ricardo Carvalho Calero con motivo do centenario do seu nacemento. Explicase que se inaugurou un monumento preto da casa Carreira do Conde, onde residiu.


Infórmase que se celebran os setenta e cinco anos da publicación na imprenta Nós, de Ánxel Casal, dos Seis poemas galegos de Federico García Lorca. Apúntase que estes poemas, de proxección internacional, foron traducidos a diversas linguas xunto ao prólogo realizado por E. Blanco Amor, ademais da clara influencia de Ernesto Guerra da Cal, principal investigador da creación de ditas composicións. Alúdense as disputas sobre a autoría dos poemas, en parte orixinados pola fascinación de Lorca por Santiago en varias das súas viaxes e en parte axudado na tradución ao galego, como se viu no artigo publicado en 1985 en La Voz de Galicia. Saliéntase que estes poemas nunca deixaron de reeditarse até agora, sobre todo pola presenza da cidade compostelá da que se cita até oito veces a praza da Quintana e tamén a figura de Rosalía de Castro. Saliéntase que o primeiro dos poemas, “Madrigal a la ciudad de Santiago”, foi publicado en 1932 nas revistas Yunque e Resol en homenaxe á cidade que visitara varias veces, como ben demostran J. L. Franco Grande e J. Landeira Yrago nos seus estudos, nos que apuntan que pronunciou ponencias no colexio san Clemente, visitou a tumba de Rosalía en Bonaval e o hotel Compostela, onde interpretou as cantigas de Martín Codax ao piano.


Refire a morte dun “galego universal” o luns 4 de xaneiro de 2010: o tradutor e intelectual ferrolán Fernando Pérez-Barreiro Nolla (1931), residente en Inglaterra nas últimas catro décadas. Admiración profesional e afectiva conxugábanse cara a el, segundo o xornalista Nicolás Vidal ou o matrimonio formado polo escritor Francisco Xosé Fernández Naval e a fotógrafa Maribel Longueira. Xenerosidade, expresividade e sabedoría son algunhas das calidades aquí destacadas. Dise que Pérez-Barreiro estudou Dereito en Santiago a finais dos sesenta, integrouse no grupo Aturuxo en Ferrol e, xa en Londres, fundou o Grupo de Traballo Galego (1970) con Manuel Fernández Gasalla, Carlos Durán e Xabier Toubes. Coméntase que este grupo, se ben fóra de Galicia, forneceu aos mestres das escolas galegas de material escrito para traballar co idioma e debateu cuestións da actualidade galega como a situación da lingua ou a nova lei de educación, xa fose con artigos en Grial ou na rede. Outra capacidade que se destaca para definir a actividade de Pérez-Barreiro foi a tradución: verqueu textos chineses, de Shakespeare, Lewis Carroll ou Oscar Wilde ao galego dende as fontes directas.
Distintas figuras do ámbito cultural galego destacan a Pérez-Barreiro como exemplo de compromiso e renovación alén fronte iras nos anos da ditadura franquista.


Cunha introdución que conecta coa imaxinativa versión de Alicia no País das Marabillas do director Tim Burton, refire a nova edición de Follas de vagar (2009), de Eduardo Moreiras por Central Literaria, en A Nosa Terra. Describeo como un diario moi heteroxénero e orixinal, con poesía, filosofía e relatos caracterizados pola frescura e sinxeleza a partes iguais.


Comeza reflexionando sobre as cores para despois indicar que Lóxica borrosa, de Marga Alborés, fala dunha Compostela fantasiosa, verde e hipnótica e mais que se publicou na colección O lapis do taberneiro.


Reprodúcese o poema “SE HAI QUE SEGUIR” de Mar aberto (2006), de Xosé Carlos Gómez Alfaro.


Reprodúcese o poema “ALBA” de Mar aberto (2006), de Xosé Carlos Gómez Alfaro.


Sección na que se insiore un texto poético que comeza “HEI de mañá singrar esa paisaxe...”, de X. C. Gómez Alfaro.


Acóllese nesta sección o poema “ILLAS” de Mar aberto (2006), de Xosé Carlos Gómez Alfaro.

Insírese nesta ocasión un fragmento poético de *Alén do lume* (2002), de X. C. Gómez Alfaro, que comeza “RÓMPESTE, amor, en zumes ar dorosos...”.


Con motivo do quincuaxésimo aniversario da morte do nobel existencialista Albert Camus, vólvese sobre a ligazón deste coa gran actriz galega do século XX, María Casares. Lémbrase que a filla de Casares Quiroga, xefe do Goberno da República con Azaña, segue á súa nai no exilio francés sendo adolescente e, nun París ocupado polos nazis, conseguirá formarse como actriz. Coméntase que foi nesa cidade, en 1944, onde Camus e Casares se coñeceran, para logo iniciar a coñecida relación. Sinálase que as cartas de Jean Paul Sartre, así como os testemuños dos biógrafos alemáns e ingleses, confirman que a de Casares e Sartre foron influencias considerábeis no pensamento do escritor de *La Peste*.


Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “Caracol”, de Raúl Gómez Pato.


Inclúese o poema “Elefante” de *Tratado de zooloxía para corazóns mancados* (2009), de Raúl Gómez Pato.


Reprodúcese o poema “Escaravello” de *Tratado de zooloxía para corazóns mancados* (2009), de Raúl Gómez Pato.

Reprodúcese o poema “Mosca” de Tratado de zoología para corazones mancados (2009), de Raúl Gómez Pato.


Sección na que se insere o poema “Perdiz” de Tratado de zoología para corazones mancados (2009), de Raúl Gómez Pato.


Acóllese nesta ocasión o poema “Escaravello” de Tratado de zoología para corazones mancados (2009), de Raúl Gómez Pato.


Inclúese o poema “Paporrubio” de Tratado de zoología para corazones mancados (2009), de Raúl Gómez Pato.


Reprodúcese o poema “Tigre” pertencente a Tratado de zoología para corazones mancados (2009), de Raúl Gómez Pato.


Sección na que se acolle un fragmento poético que se inicia “Negro o cabelo, imitador undoso...”, da Fábula de Polifemo e Galatea, de Luis de Góngora.


Fálase da solicitude que a corporación municipal tudense fixo para conseguir que o Teatro Principal de Tui se converta en Ben de Interese Cultural. Expícase que este edificio foi escenario dos Xogos Florais de Galicia de 1891 presididos por Manuel
Murguía e que tamén acolleu intervencións de Alfredo Brañas e Manuel Lago González.


Reffírese aos Xogos Florais que se están a dar en Tui no cento dezanove aniversario da primeira edición e recórdase ao autor tudense, Díaz Punch, que facía a presentación dos xogos no 1891 cunha forte tendencia galeguista. Desta vez, cóntase coa participación de escritores como Marga do Val, María Xosé Queizán e Darío Xohán Cabanas. Remátase dicindo que este ano virán acompañados da gastronomía típica daquel tempo.


Dáse conta da homenaxe brindada en Tui a Darío Álvarez Blázquez, médico e humanista, e ao diplomático Camilo Bargiela, poñendo de relevo a súa contribución á cultura de Galicia en diversos ámbitos. Destácase que este último pertenceu á tuna universitaria que inspirou a obra de Alejandro Pérez Lugín, *La Casa de la Troya*, e que foi compañero de autores da “Xeración do 98” como Azorín ou Baroja.


Refíre a actividade artística de tres irmás: Andrea, Lara e Marcela Porto Mato. Dise que cunha esperábel base na lectura, comparten paixón pola literatura e a música. Coméntase que Andrea, antiga alumna do colexio Peleteiro de Santiago, estudante de 3º de Educación Musical na USC e tamén no Conservatorio Superior de Vigo, cun dos mellores expedientes galegos ao remate do Bacharelato, actúa a xeito de guía e conselleira. Salientase que as tres irmás comparten, en distintas edicións, premios como o Minerva, o Ánxel Casal e o Francisco Añón, entre outros. Reconéñense que é cuestión de organizarse e traballar, en convención cos pais, orgullosos da súa capacidade de esforzo.


Renóvase o acordo de publicación por parte de Galaxia dun dos premios consolidados da literatura galega, o de novela Manuel García Barros, dotado con nove mil euros. A carón del salientou Víctor Fernández Freixanes os premios Blanco Amor e Xerais como estesos da historia última da narrativa galega, con títulos como *As rulas de Bakunin* (2004), de Antón Riveiro Coello. Anúnciase que unha das novidades que se tratou é a edición dixital na vindeira edición (XXII), á imaxe do que acontecerá co premio Valladares de poesía.

Refírese á serie de conferencias sobre Fermín Bouza Brey organizadas polo Concello de Ponteareas e ofrecidas en institutos do lugar co desexo de achegar a figura do autor da vila. Indícase que a introdución “Ponteareas, la cuna amante” corre a conta do arquiveiro municipal, Antonio José Groba Diéguez, e a “Semblanza de Don Fermín Bouza Brey”, a cargo do historiador e etnógrafo Clodio González Pérez. Celébrase tamén un acto de homenaxe na casa consistorial.


Nesta sección acóllense os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Nesta ocasión, reproducése “Atentado no camiño”, de Farruco Graña.


Saliéntase que a Cátedra José Ángel Valente de Poesía e Estética, que xestiona a Facultade de Filoloxía da Universidade de Santiago de Compostela desde o 2000 e dirixe Claudio Rodríguez Fer desde 2005, publicou un total de sete libros e proxectos de tese: *La idea del lenguaje en la poesía española*, de Arthur Terry; *Fragmentos de un libro anterior*, de José Luis Pardo; *Valente: texto y contexto*, de Antonio Gamoneda, *Referentes europeos en la obra de Valente*, de Manuel Fernández Rodríguez, David Conte Imbert, Jonathan Mayhew, María Lopo e Rosa Marta Gómez Pato; e *José Ángel Valente y el discurso místico*, de Fatiha Benlabbah. Dos investigadores, becarios e docentes da Cátedra saiu a publicación *A palabra e a suá sombra. Valente: o poeta e as artes* (2003), catálogo da exposición homónima. Sinálase que o material da biblioteca persoal do poeta foi cedido á USC e se atopa na biblioteca da Facultade de Filoloxía.


Faise eco da programación para febreiro e marzo do 2010 no Auditorio ourensán, co desexo de xerar público novo entre os cativos. Entre as citas inclúense música de Dulce Pontes ou unha homenaxe ao poeta Manuel María. Lémbrase que performances coma *Noites de Retranca* pecharon a programación de Nadal de 2009, ano que acolleu cento oitenta e oito espectáculos escénicos.


Anúnciase que a Casa da Xuventude de Ourense celebra o Día Internacional do Teatro (27 de marzo) coas xornadas “Teatradías2010”, nas que se enmarcan espectáculos de
maxia, malabarismo, improvisacións, baile... e a actividade “24 horas teatrais”, unha maratón de obras sucesivas, idea de Marañao teatro, Abran paso, N+1 e dos obradoiros e grupos a cargo de Loly Buján e Esther Movilla.


Coméntase que a III Semana da Poesía Salvaxe se insire na cotidianeidade dos barrios, mercados, restaurantes e rúas, facendo que os poetas galegos sorprendan ao público “salvaxemente”. Destácase que dende o palco da música do Cantón de Ferrol, Víctor M. Díez, Guillermo Fernández e Karlotty celebran o aniversario da II República ao tempo que recupuran a memoria de Miguel Hernández ou Uxío Novoneyra, en conexión coas “masas populares”.


Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu *La Voz de Galicia* para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Nesta ocasión reproducéouse “Paxaros de papel”, de Verónica Hermida Longa (trinta e tres anos).


Coméntase que a viúva de Raimundo Patiño, amigo do escritor coruñés Xoán Casal, depositou na Real Academia Galega a obra inédita deste último, que fora legada en 1960 ao seu marido. Encádra a Xoán Casal, vítima temperá dunha doenza cardíaca, na Nova Narrativa Galega e sinálanse na súa obra trazos propios do expresionismo alemán e unha temática baseada na morte, a tolemia ou o exilio galego. Afírmase que, agás O camiño de abaixo (1970), Casal deixou inédita a súa obra literaria, polo que na arca permanecen poemas, microrrelatos, debuxos ou unha novela inacabada.


Recórdase que “O’Volter”, o “bar do Tucho” (por Antonio Fontenla, o dono), foi dende os anos sesenta o lugar de continuación dunha “Atenas de Galicia” que a Xeración Nós inaugurara. Afírmase que Tucho Fontenla fora mestre e que a súa especial sensibilidade artística congregar a escritores (Carlos Casares, X. L. Méndez Ferrín, Millán Picouto), pintores (Quessada, De Dios, Virxilio, Alejandro, Vidal Souto), escultores (Acisclo, Failde, Buciños...) ou xornalistas. Sinálase que estes pintaron e escribiron nas paredes, en tertulias encabezadas por Vicente Risco. Lémbrase que a mediados dos setenta Almeida, vinculado ás tertulias, fotografou os murais do local e encadernou as imaxes para regalarlas a Tucho. Apúntase tamén que en 1985 se derribou O’Volter coa condescendencia da desidia institucional e que, dúas décadas máis tarde, as fundacións
Carlos Casares e Vicente Risco, xunto co Pen Clube, homenaxearon a súa memoria, cun roteiro dirixido por Alfonso Vázquez-Monxardín. Tras o libro de Sofía Tros, O Volter (1998), editouse o manuscrito orixinal de Almeida coas fotos e textos de José María Pérez Álvarez, Chesi, Francisco Fernández Naval e Chus Pato: O Volter, fragmentos para a memoria (2009).


Expícase a desaparición dos restos mortais de Roberto Blanco Torres nalgún “osario do entorno do camposanto de Galez” en Ourense. Coméntase que a familia e os investigadores tiñan a seguridade de coñecer o lugar exacto onde se atopaban pero que, finalmente, resultou erróneo.


Fálase da visita que Xosé Luis Méndez Ferrín fixo ao cárcere de Pereiro de Aguiar, onde impartiu unha charla na que reivindicaba o idioma galego. Infórmase de que Méndez Ferrín foi encerrado no cárcere durante dous anos tras ser apresado pola policía franquista. Expícase que o motivo foi ter na súa casa un libro inédito dedicado ao maquis. Cítanse as súas obras Con pólvora e magnolias e Bretaña Esmeraldina (1987, Premio da Crítica).


Dáse conta do baleiro que deixa a morte do intelectual e historiador Marcos Valcárcel (Ourense, 1958), especialista na Xeración Nós, despois dunha longa enfermidade dexenerativa. Indícase que xa tiña pechado o seu blog “As uvas na solaina” no que se daban cita moitos colaboradores e contertulios. Apúntase que foron innumerábeis as mostras de afecto recibidas durante a súa convalecencia sempre coas súas achegas a través dun coidador que retransmitía cada unha das súas verbas. Saliéntase que no ano 2008 recibiu unha homenaxe popular organizada polos seus amigos, onde se presentou o seu libro Historia de Ourense, e que sempre estivo aberto á europeización da sociedade, mantivo o espírito do nacionalismo a través da militancia política e foi un intelectual crítico dende unha idade moi temperá.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu Xornal de Galicia. Neste caso, reproducíuse o realizado por Roser Ibáñez Cortina, intitulado “Tristura”.


Dáse a coñecer o “Festival Implícate, noite de música e palabra solidaria”, resultado do traballo da ONG Implicadas/os no Desenvolvemento en India e Etiopía. Anúnciase que a gala será presentada pola poeta Yolanda Castaño e o actor Luis Tosar, e que por ela, alén dunha representación musical, actoral e teatral, pasarán figuras do ámbito das letras: Antón Reixa, Ana Romaní, María Xosé Queizán e Lino Braxe.


Faise eco da entrega a Sarah Waters do VI Premio de Novela Europea Casino de Santiago, escollido polos lectores, pola súa cuarta obra: Ronda nocturna (2009), que se impuxo a Os ollos de K, de Antón Riveiro Coello; El regreso, de Bernhard Schlink; La elegancia del erizo, de Muriel Barbery e Mira si yo te querré, de Luis Leante. Coméntase que a narradora, posuidora de varios premios como o Sumerset Maugham e o Sunday Times Young Writer of the Year, aproveitou a súa visita a Compostela para asistir á presentación da tradución ao galego de Ronda nocturna, acto conducido por Carlos Lema, da Editorial Galaxia. Saliéntase que xa fora finalista neste mesmo certame coa novela Falsa identidade.


Fálase da entrega dos Premios Literarios Arcebispo Juan de San Clemente na súa XV edición. Refírese á homenaxe aos premios Nobel José Saramago e Mario Vargas Llosa, así como a Rosa Aneiros e á editorial Tusquets. Indícase que os premiados foron Inma López Silva por Memoria de cidade sen luz e Martínez Pisón por Dientes de leche. Apúntase que Hennign Mankell, galardoado por El Chino, tivo que aprazar a súa viaxe.


Indícase que Luis Seoane desenvolveu a temática da emigración non só na súa pintura senón tamén na creación poética que empezou con Fardel do eisilado (1952) e que rematou con A maior abondamento (1977). Apúntase que non tiveron tanta difusión os seus relatos de ambiente medieval, reeditados por Ediciós do Castro nos anos noventa, e que tampouco a súa obra teatral foi levada a escena. Destacanse tamén todas as súas emisións radiofónicas que fixo para “Galicia Emigrante” en Arxentina e o seu
epistolario, que fica aínda sen reeditar. Coméntase que, por formar parte do exilio, ocupa unha parte mínima na historia cultural galega, xa que o seu traballo estivo comprometido coas clases populares, pensando na reconstrución da súa Galicia, cunha raíz claramente marxista e buscando sempre modernizar o sistema literario, caso da producción dramática na que apuntaban as ideas de Rafael Dieste e Alfonso Daniel R. Castelao.


Dáse conta da redución económica, do vinte por cento, ao Centro Dramático Galego que está a cargo de Blanca Cendán. Fálase que se estreará a tempada coa obra *Salomé*, de Óscar Wilde, adaptada por Pepe Sedón, e que se intentará potenciar o teatro galego.


Infórmase da celebración dun ciclo de cine (“Risco na República de Weimar”), que recrea a Alemaña que coñeceu Vicente Risco na súa estancia nos anos trinta cunha bolsa para ampliar os seus estudos de etnografía e que o deixou profundamente impresionado. Coméntase que amosou isto en *Mitteleuropa* (1934) con observacións como que “En lujo, divertimentos, traballo, política, etc., Berlín es muy superior a París. Ahora se desplazó para aquí el cerebro de Europa”. Anúnciase tamén que proxectarán filmes de Von Stenberg, Ruttmann ou Lamprecht.


Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu *La Voz de Galicia* para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Nesta ocasión reproducése “Adaptación”, de Elisa Iglesias Gil (vinte e seis anos).


Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu *La Voz de Galicia* para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Nesta ocasión reproducése “Salitre”, de Manuel Iglesias Nanín (corenta e un anos).

Refírese as críticas positivas que a tradución da nova obra de Manuel Rivas recibe no sistema literario anglofóno, que xa acollera In The Wilderness, Vermeer's Milkmaid, Butterfly's Tongue e From Unknown to Unknown. Books Burn Badly (Harvill Secker, 2010), traducido por Jonathan Dunne. Destácase que Tom Adair, dende The Scotsman, considere a escrita de Manuel Rivas única; que Amanda Hopkinson o cualifique como un “libro excepcional dun escritor excepcional”, en The Independent, e que Alison Ribeiro de Menezes no, Irish Times, o sina como unha meta máis no curso literario do autor.


Infórmase da saída ao mercado editorial galego de dous libros, complementados cos seus respectivos CD, que compoñen dúas antoloxías sonoras dos poetas Xosé M.ª Álvarez Cáccamo e máis de Chus Pato. Con respecto ao volume de Cáccamo afirma que consta de case cen textos que abranguen vinte e cinco anos de produción poética e mais que o CD foi gravado nos meses de marzo e abril de 2010 na casa do poeta.


Infórmase da chegada de Redeliberos.com, considerada a primeira rede social galega. Explicase o seu funcionamento e apúntase que o seu obxectivo é que os usuarios poidan “valorar, compartir e recomendar” libros así como participar en concursos ou crear comunidades de interese. Anúnciase a creación doutra ferramenta de carácter comercial.


Reprodúcese a composición “ATRÁS DOS TEMPOS”, incluída no poemario Acontece ás veces a ternura (2005), de Emilio Xosé Insua.


Inclúese “DÓEME a dor...”, poema de Acontece ás veces a ternura (2005), de Emilio Xosé Ínsua.


Fálase do vixésimo quinto aniversario da reapertura do Café Moderno de Pontevedra. Explicase que en 1932 foi o espazo onde Federico García Lorca foi aclamado pola xente nova aprendiz da revista Cristal. Indícase que alí acudían Daniel Rodríguez Castelao, Alexandre Bóveda, Ramón Cabanillas ou Manuel Quiroga. Ofrécese un fragmento dun
dos poemas que foi incluído como poemas póstumos nas súas Obras Completas. Citase a súa obra Romancero Gitano.


Coméntase que os lectores de El Progreso na súa versión dixital escolleron Deter o día cunha flor, de Luz Pozo Garza, como Libro Galego do Ano 2009. Apoiaron novamente un texto lírico, coma no 2008 con Estúrígida materia, de Luis González Tosar e deixaron nos postos seguintes E Xoel aprendeu a voar, de Marica Campo; A estación violenta, de Manuel Jaboí; Sete palabras, de Suso de Toro, que empata con O sombreiro chichiriteiro, de Manuel Rivas, e a novela gañadora do Premio Xerais 2009, Sol de inverno de Rosa Aneiros. Os seguintes clasificados son a recompilación de poemarios de Yolanda Castaño Vivimos no ciclo das erofanías e Un bico de amor e vida de Xosé Antón Neira Cruz. Tras eles, escolleronse varias obras de Literatura infanto-juvenil: Mago Goma, de Toño Núñez; No cubil da lúa, de Xoán Neira, e A lúa do Senegal, de Agustín Fernández Paz, Premio Nacional de Literatura Infantil e Xuvenil.


Explica que grazas a Casamanita Galicia tamén se suma ao fenómeno de libros que se fan a man que triunfa en Latinoamérica. Indica que está promovida por Eva Cabo e que presentou en Lugo os catro primeiros poemarios realizados en cartón e papel reciclados e que os poetas lugueses imprimiron, coseron e pegaron eles mesmos na súa casa. Precisa que os poemarios que se insiren na colección en galego “Chantarela” son Poemas alcoólicos, de José Cedrón, e Verde amianto, de Raquel López Cendán. Remata recollendo as palabras de Carlos Coira, encargado de presentar a nova editora, nas que apunta que tirarán trinta exemplares e que o prezo ronda os oito e os quince euros para poder “editar máis obras”.


Coméntase que co nome dunha das obras de Daniel Rodríguez Castelao gardadas na Casa de Galicia en Bos Aires, A derradeira lección do mestre, titúlase unha mostra que percorre a actividade artística e intelectual do escritor galego. Afírmase que a mostra, comisariada por Pilar García Negro e Felipe Senén, foi presentada no Museo Provincial de Lugo a carón dunha sala específica e permanente destinada ao gravado e debuxo galegos. Na exposición recóllese un cento de debuxos do artista, mais tamén obxectos persoais, como as gafas que se converteron en elemento indispensábel das caricaturas a el realizadas. Saliéntase que a exposición, montada cronologicamente, vai reflectindo cambios, dende un Castelao modernista, “mozo da casa da Troia” nas súas palabras, a alguén concienciado políticamente que prepara os carteis para animar a votar ao Estatuto ou última Sempre en Galiza. Alén da mostra, prepárase música, charlas e visitas guiadas.

Destácase que a fundación Cumulum, coa colaboración da Xunta de Galicia, conseguiu articular o poema “Negra Sombra”, de Rosalía de Castro, en seis cidades galegas, coloando volumes para formar os versos. Dise que José Reigosa coordinou a actividade en Lugo, onde se precisaron nove mil volumes para a Praza Maior.


Dáse conta da presentación de *Acusación* (2009), de Xiana Arias, quen estivo acompañada do poeta sarriao Manuel Darriba e do director literario de Galaxia, Carlos Lema. Recóllese que a autora concebiu o poenario de xeito dramatizado, facendo que Lisa se defende das acusacións das Nenas, teorizando sobre a imposibilidade de renunciar ao que vivimos e gañando en sinxeleza e oralidade dende a anterior entrega, *Ortigas* (2007). Anúnciase que o personaxe de Lisa terá continuidade nun conxunto de relatos.


Indica que, no marco da Feira do Libro de Lugo na que a lectura do pregón correu a cargo de Isidro Novo, participaron varios autores asinando libros, entre eles, Rosa Aneiros o día vinte con *Sol de inverno* (Premio Xerais 2009).


Afirmase que ser muller non condiciona a Rosa Aneiros á hora de escribir e dise que é simplemente un condicionante máis como ter nacido nunha vila mariñeira, entre outros factores da súa vida. Dise que a escritora acudiu á feira do libro de Lugo para asinar os seus dous últimos libroso, *Sol de inverno* (2009), gañador do Premio Xerais 2009, e *Ás de bolboreta* (2009), que levou o Premio Fundación Caixa Galicia no mesmo ano. Remátase o artigo dicindo que a escritora non cre que unha novela teña que ser curta para que se lea, xa que se alude ao fenómeno Larsson, e que os rapaces non len porque o fan máis que antes porque len por internet.


Dáse conta de que o autobús cos participantes do Litvi, que provén de Estella con motivo de percorrer o Camiño de Santiago, chegará a Lugo o dezaio de xuño e recorrerá algúns sitios de interese que aparecerán reflexados no caderno de viaxes e
enmarcará o Ano do Libro e da Lectura. Citase que este congreso terá lugar na capital de Galicia e contarán con moitos escritores do panorama intelectual galego e portugués.


Sinállase un dos encontros que se está a levar a cabo en Santiago con motivo do Litvit (Literatura de viaxes). Fállase da escritora galega Susana Fortes, quen afirma como tras unha lectura de dúas horas cambiou o ritmo da súa vida e comezou a viaxar. Dise que toda a literatura posue unha viaxe detrás e noméanse novelas como *Ulises* ou *Marco Polo*. Alúdese ao profesor da USC José Manuel González Herrán, quen é o encargado de facer un achegamento á vida de Emilia Pardo Bazán, xa que foi unha das pioneiras galegas en viaxar por Europa no século XIX e interesarse polos escritores, costumes, xeito de vestir, etc. Remátase o artigo facendo fincapé na necesidade de viaxar para abrir a mente.


Dáse conta das actividades que acollerá Mondoñedo co gallo do centenario do nacemento de Álvaro Cunqueiro e doutras que terán lugar noutros puntos de Galicia (Santiago, Vigo), tales como veladas literarias, exposicións, congresos e a montaxe teatral da súa obra *O incerto señor don Hamlet*.


Recóllese a reflexión que fai José de Cora sobre o concepto “novela mítica” fronte ao de “novela histórica”. Indícase que de Cora asinou exemplares do seu libro *La verdadera historia del último inquisidor y el maravilloso oráculo de la vida*, que el considera novela mítica. Indícase, tamén, que Cora debateu sobre a narrativa histórica con Marcos Calveiro, Ramón Loureiro e Víctor Freixanes.


Fálase da versión cinematográfica que Gerardo Herrero está a preparar d’A praia dos afogados, de Domingo Villar. Coméntase que aínda que Ollos de auga, a novela anterior, foi tamén considerada, o escritor e produtores decidiríronse pola segunda. Infórmase de que Villar está a escribir o terceiro volume da serie que “será moi urbana pero con viaxes ao Morrazo”.


Dáse conta da asistencia dos rapaces do concello do Barco ao obradoiro “Teatro á feira”, fruto da colaboración de Gargallada Teatro e o sector do Comercio da Asociación Empresarial de Valdeorras. Sinálase que para achegar o mundo das artes escénicas de xeito lúdico aos rapaces se aproveitaron xogos de palabras para coñecer o léxico da escena, maquillaxes, disfraces, fotografías e até un “casting” informal. Recórdase que esta compañía xa representou Os sete pecados capitais, dirixida por Manuel Caramés, e anúnciese que está a preparar unha nova obra.


Anúnciese que a Fundación Manuel María recuperará a Casa das Hortas, lugar de nacemento de Manuel María, para rehabilitala e musealizala con biblioteca, auditorio, espazo expositivo e documentación referente ao autor de Outeiro de Rei. Posibilitariase deste xeito, un espazo para a investigación e divulgación da súa obra, acompañado dunha pátina en liña con imaxes e material audiovisual. Destácase que no acto de presentación no Museo do Pobo Galego, Camilo Gómez Torres deu a benvida a unha obra inédita, Cecais hai unha luz (1979), salientando a unidade, coidado formal e estético do volume de cincuenta e tres páxinas, que patrocinou a Deputación da Coruña.


Refírese a unha das maiores polémicas no século XX por mor dos Seis Poemas, nos que se aludía a unha suposta relación homosexual entre Federico García Lorca, Eduardo Blanco Amor (xeración do 27) e Ernesto Guerra da Cal (xeración do 36), aínda que este último negou os feitos xa que se di que podería perder o seu prestixio internacional. Sen embargo citase que Blanco Amor nunca negou esta relación.


Anúnciese que o Concello de Vigo propón a María Xosé Queizán para o ingreso na Real Academia Galega polo “seu valor humano e intelectual”, así como polo seu “activismo cultural”. Indicase que nesta institución só hai catro mulleres tras o falecemento de Olga Gallego Domínguez.
Indícase que o poeta e mestre Vázquez Pintor, nacido en Melide e cangués de adopción, foi homenaxeado cunha rúa que levará o seu nome nun acto ao que asistiron amigos e familiares e no que se presentou MÁIS VIDAS (2009). Coméntase que Pintor agradeceu moi emocionado todas a mostras de agarimo da vila canguesa.


Destacan o acto de despedida a Francisco Fernández del Riego que terá lugar na Fundación Penzol, na Casa Galega da Cultura, onde se instalou un memorial e un libro de condolencias para todos os que queiran achegarse e expresar a súa dor. Informan que, tanto a Fundación coma a Editorial Galaxia convidaron a toda a cidadanía a participar nos actos en honra á lembranza de don Paco, tanto polos ideais que defendeu coma polos servizos que prestou a Galicia toda a súa vida. Indican que a Real Academia Galega, de quen o homenaxeado foi membro e presidente, está a preparar tamén un acto cívico na súa sede, e que Manuel Bragado manifestou a grande perda que supón a desaparición deste persoñeo que contribuíu á cultura galega coa creación de Grial e Galaxia, a posta en marcha do Día das Letras Galegas e a dirección da Fundación Penzol. Por último comentan que o Consello da Cultura Galega, a través do seu presidente, Ramón Villares, tamén expresou a súa dor polo seu pasamento pois del Riego foi o encargado da unión entre a Galicia interior e a exterior, ademais de formar parte desta institución co seu traballo de entrega á lingua e cultura galegas.


Sinálase que Edicións Tambre, empresa do Grupo Editorial Luis Vives, ten como obxectivo a educación en valores e a aposta pola creatividade dende uns parámetros de solidariedade, sobriedade e consumo racional. Coméntase que nestes obxectivos inclúen a edición de libros de texto e de literatura en galego, con coleccións como “Ala Delta” ou “Catavento”, que inclúen a un amplo abano lector.


Considérase que a editorial Sotelo Blanco aposta por unha liña independente de claro apoio á cultura galega con coleccións infantís, xuvenís e de estudos e investigación. Salientase entre as novidades a edición do número oitenta d’A trabe de Ouro e traducións como A muller do mediodía (2009), de Julia Franck; premios como o Vicente Risco con A do vinte e un (2009), de Hixinio Puentes; Unicrom (2009), de Rosa Enríquez ou A idade da inocencia (2009), de Edith Wharton. No caso do ensaio destácase a obra gañadora do Premio Vicente Risco de Ciencias Sociais 2010, O clamor da rebeldia. Rosalia de Castro: ensaio e feminismo, de Pilar García Negro.

Infórmase da presentación do ciclo “Outono Pondaliano” por parte da Fundación Eduardo Pondal. Fálase do seu programa no que participarán, entre outros, Anxo Angueira e Dario Xohán Cabana.


Apúntase que a escritora e profesora Marilar Aleixandre será durante o mes de outubro a protagonista da Galería das Mulleres. Tamén se indica que a Biblioteca da Muller de Muxía conta con catrocentos corenta títulos formados por obras escritas por mulleres, sobre mulleres ou ao redor de temáticas que lles afectan.


Fálase do VII Encontro de escritores ourensán e das diferentes actividades que o conforman, entre as que se atopa “Relato Express”, na que en menos de doce horas os escritores deberán escribir o seu relato a partir de dez palabras propostas polos participantes.


Dáse conta da presentación do novo disco de blues en galego de Víctor Aneiros, *Brétemas na memoria*, que está baseado en sete poemas do escritor Ramiro Fonte. Sinálase que desta maneira as persoas que nunca leran poesía achéganse ás letras deste
poeta eumés. Disc que neste disco tamén hai un tema con letra contemporánea procedente de Xosé Carlos Caneiro. O artigo remátase sinalando que os responsábeis de divulgar a cultura galega non o fan do xeito apropiado, xa que moitas veces prevalece o de fóra.


Reprodúcese nesta sección fixa a composición “hai paisaxes coma coitelas no lugar...”, do poemario *Nove* (2008), de María Lado.


Recórdase que a taberna do Eligio, próxima á rúa Príncipe, foi un dos centros culturais de Vigo nos anos sesenta e que estaba frecuentada por Urbano Lugris, Eduardo Blanco Amor, Laxeiro, Carlos Maside, Celso Emilio Ferreiro, Álvaro Cunqueiro, Castroviejo, Lodeiro ou Paco del Riego. Explicase que a parte dereita acollía ás persoas máis achegadas á esquerda política, e viceversa, para tecer variadas discusións arredor de tazas de viño do Ribeiro, no centro da cidade antigamente próximo á redacción do xornal *El Pueblo Gallego* (Vigo, 1924) e coa presenza dalgún policía secreto que todos recoñecían. Sinálase que o actual propietario é Carlos Álvarez, xenro de Eligio, quen recoñece a presenza na poética taberna de moitas persoas de profesións liberais, mesmo personaxes literarios como Leo Caldas a través de Domingo Villar.


Sinálase que “Castelao: A derradeira lección do mestre” é o título da exposición sobre “o galego máis importante do século XX”: debugante, xornalista, escritor, pensador e político nacionalista. Sobre a mostra, que se inaugura no Museo Provincial de Lugo, dise que percorre a etapa final da súa vida, o exilio, en tres salas de museo. Coméntase tamén que gravados, cadros, manuscritos e obxectos persoais pretenden reflectir o polifacético das súas actividades no sexaxésimo aniversario do seu pasamento. Os comisarios Felipe Senén e Pilar García Negro, salientaron a programación complementaria, na que se inclúe a proxección de *Miss Ledya*, rodada en 1916 con Castelao como actor, obradoiros de caricatura ou a apertura dunha sala monográfica de debuxos e gravados de artistas galegos.

Anuncio do Festival Arte e Integración (FAI) celebrado na Coruña, no que se analizan iniciativas integradoras a nivel social como a música e o teatro. Coméntase que espectáculos coma os do grupo La Luciérnaga, dirixido por Víctor Duplá, conseguem reunir a persoas con discapacidades e sen elas, enfrontalas ás súas dificultades e normalizar a representación para o público. Dende o punto de vista galego, un dos proxectos integradores premiados a nivel europeo que se exporán é “O Pelouro”, ensinanza conxunta de nenos con algunha dificultade con outros sen ningún problema.


Breve referencia á inauguración da Escola Fermín Penzol, en Ponferrada, da que se indica que contará cun recital poético en galego a cargo de Anxo Angueira e do alumnado de galego do Bierzo. Tamén se indica que esta Escola se crea en homenaxe ao poeta cacabelense Antonio Fernández Morales.


Insírese o poema “Ela”, de Roberto Lemos.


Comenta que para conmemorar o Día Internacional do Libro, a Xunta de Galicia puxo en marcha “Ágora Libros. Os libros nas prazas” dentro das iniciativas organizadas para celebrar o Ano do Libro e da Lectura, e sinala que o proxecto está organizado por Luz Darriba a través da Fundación Cumulum e coa colaboración da Fundación SEUR. Sinala tamén que con dita actividade se empregarán cerca de oito mil libros para constituir estrofas de *Negra Sombra* de Rosalía de Castro, na praza da Ferrería e en prazas de Santiago, A Coruña, Lugo, Ourense, Pontevedra e Vigo.


Reprodúcese nesta sección fixa o poema “Sms”, incluído en *Cartafol de néboas*, de Xosé Manuel Lema Mouzo.

Fálase da velada poético–musical que tivo lugar no Auditorio de San Francisco e na que participaron Andres Álvarez coa súa música, Toño Monteiro coa súa escultura e Manuel de Dios coa súa poesía.


Realízase un percorrido pola vida de Thelma Joy Putnam, nacida nas Illas Salomón baixo dominio británico, cunha adolescencia no Caribe e un regreso a Gran Bretaña, inscribíndose todas estas viaxes nas ocupacións do pai, conselleiro de Educación. Coméntase que estudou arte dramática e que posteriormente se trasladou a Ourense, onde colaborou co Centro Dramático Galego como coreógrafa e formou parte do grupo de jazz e folk Puerto Escondido. Engádese que dende 2006 traballa na Escola de Teatro de Ourense e escribiu unha obra en galego e portugués titulada *Entre ambos ríos*.


Partindo das ligazóns Galicia-Irlanda, preséntase ao secretario do Instituto de Estudos Irlandeses, o escocés David Clark, un especialista en Literatura Inglesa que coñeceu Galicia por medio de Cataluña, onde viviu e aprendeu catalán. Clark sinala semellanzas entre o nacionalismo escocés e o galego da Xeración Nós, defende o celtismo fronte á tradición mediterránea e sitúa a lingua galega como principal patrimonio que protexer, sen coartadas redutoras como a introdución do inglés.


No sesenta cabodano de Daniel Rodríguez Castelao, pai do galeguismo, saliéntase o emprego partidista da súa figura polos responsables da Xunta en datas simbólicas coma o vinte e cinco de xullo. Este tipo de achegamentos ao escritor rianxeiro foron rexitados por Avelino Pousa Antelo, presidente da fundación que leva o seu nome, Guillerme Vázquez, voceiro nacional do BNG ou Anxo Quintana, ex vicepresidente da Xunta, con especial referencia ao debate lingüístico e identitario.


Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu *La Voz de Galicia* para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Nesta ocasión reproducéuse “As miñas viaxes con John”, de Jorge Lombos García (trinta e catro anos).

Faise eco dos actos que no cento setenta e tres aniversario do nacemento de Rosalía de Castro, a Asociación de Escritores en Língua Galega (AELG) simultaneou en seis grandes cidades galegas. Expícase que a homenaxe consistiu na lectura dun manifesto por parte dos escritores Manuel Rivas, Xavier Seoane, Luz Pozo, Antía Otero, Antonio Reigosa, Marilar Aleixandre, Agustín Fernández Paz e Luis Rei Núñez, este último en Pontevedra. Destácase a Rosalía como padroeira da literatura galega actual, deféndese a lingua frente ás agresións amparadas contra natura nas leis e reclámase á Xunta de Galicia a creación do Instituto Rosalía de Castro, como plataforma para espallar a cultura e lingua galegas ao mundo.


Fala da exposición itinerante “Brais Pinto, o afiador revolucionario” inaugurada no Sexto Edificio do Museo de Pontevedra. Destaca que o obxectivo da mesma é “dar a coñecer as inquietanzas vitais dos mozos galegos da época” e que está constituída por material persoal dos membros, publicacións cedidas pola Real Academia Galega e artigos da época. Comenta a conferencia “Brais Pinto como autoaprendizaxe” dada por Herminio Barreiro, un dos membros do colectivo, quen destacou que a relevancia do grupo residía nas preocupacións políticas así como na configuración do grupo como “un colectivo de autoaprendizaxe”. Explica a traxectoria deste grupo, do que xurdiron importantes artistas e que naceu arredor do Centro Galego de Madrid e do polígrafo José Ramón Fernández, e se separou en 1962 debido ás diferentes traxectorias dos seus compoñentes.


Fálase da presentación do Festival de Poesía das linguas do estado Ponte-Poética. Indícase que na súa primeira edición está organizado polo Ateneo e dirixido por Yolanda Castaño. Coméntase que a súa finalidade é “achegar a poesía á cidadanía a través das catro linguas do Estado”. Expícase que nel participarán dez poetas de diferentes lugares de España tales como Mieren Agur Meabe ou Maria Lado.


Fálase de Herminio Barreiro, de quen se anuncia o seu falecemento. Infórmase da celebración dun acto civil no que participaron Xosé Luís Méndez Ferrín e Luis Cochón. Indícase que Barreiro formou parte do grupo Brais Pinto, que era colaborador de Galicia Hoxe e do suplemento “Revista das Letras”, e que entre as súas obras se atopa Lorenzo Luzuriaga y la renovación educativa en España (1889-1936), así como Recordar doe (2008), o seu libro de memorias. Fálase tamén da súa ideoloxía.

Preséntase unha crónica da homenaxe civil que se lle rendeu en Sisán a Herminio Barreiro. Explicase que este fundou o grupo Brais Pinto xunto con Xosé Luis Méndez Ferrín, Ramón Lorenzo e Carlos Arias.


Dá conta da apertura da Quinta de San Fiz, a casa de Xoán Vicente Viqueira, e destaca o acto de homenaxe que se realizará ao impulsor da Institución Libre de Enseñanza en Galicia. Indica que Xesús Torre Regueiro, autor dun libro sobre Viqueira, será o encargado de facer de guía para os asistentes comentando o patrimonio existente na casa, que foi visitada, entre outras figuras, por Juan Ramón Jiménez. Remata comentando o papel da filla de Viqueira, Luisa Viqueira, como creadora da revista *Vieiros* e da UPG.


Faise unha análise das ideas de Alfredo Brañas quen, segundo Ramón Villares, aínda que non concibiu Galicia coma unha nación, como logo si o farían os intelectuais do século XX, deixou moitas teses que hoxe aínda estarían en vixencia pola súa reivindicación de recuperar o medievalismo. Indícase que Manuel Murguía tivo unha maior repercusión coa súa tese celtista. Saliéntase que as dúas teses non son excluíntes e que a historia se vai construindo día a día sobre as bases que foron sentando intelectuais coma Brañas.


Dáse conta da traxectoria de Marcos Valcárcel, quen se mantivo activo a través do seu blog “As uvas na solaina”, e saliéntase que dedicou toda a súa vida á causa galeguista dende o seu Ourense natal. Indícase que se instalou unha capela ardent e que se celebrará un acto cívico no que se lerán poemas. Apúntase que Marcos Valcárcel foi nos seus últimos anos un gran activista cultural, nacido en Ourense en 1958, doutor en Historia e catedrático de Literatura e Lingua Galegas, que destacou polos seus traballos sobre historia, literatura ou xornalismo, colaborando en *Galicia Hoxe* e obtendo, entre outros premios, a Medalla Castelao. Destácanse as verbas do seu amigo Monxardín, quen o lembra polo compromiso e eficacia porque foi o cronista oficial da cidade ourensá. Por último tamén a fundación Curros Enríquez manifestou o pesar polo pasamento do intelectual porque foi un dinamizador cultural e fecundo da cidade áurea.

Destácase a importancia do xa falecido Marcos Valcárcel quen, entre outras actividades, foi colaborador do xornal *Galicia Hoxe*. Sublíñanse as verbas do seu amigo Monxardín ou da fundación Curros Enríquez da que el mesmo formaba parte. Indicase que a súa figura permanecerá na Casa dos Poetas polas amizades deste nacionalista co resto da intelectualidade galega do país.


Recóllense os diferentes recoñecementos a Marcos Valcárcel dende que se viu aqueixado da súa grave enfermidade até o seu recente falecemento, pois recibiu importantes premios como o outorgado polo PEN Clube de Galicia ou a Medalla Castelao, entre outros.


Reprodúcese a correspondencia mantida entre Lupe Gómez e John Berger que, xunto a outras cartas intercambiadas con Xohana Torres e Uxío Novoneyra, darán lugar a unha publicación na editorial Laiovento.


Faise eco dunha exposición que tivo lugar na Coruña co obxectivo de dar a coñecer a obra artística de dezasete mulleres inspirada noutras mulleres que admirase. No caso de Ánxeles Penas foi a escritora Rosalía de Castro a súa fonte de inspiración.


Invítase a coñecer o roteiro literario e artístico que a asociación cultural Ergueitos de Sarria organiza como homenaxe a Fiz Vergara Vilariño, un espazo ao aire libre no que se pode observar un conxunto escultórico inspirado nos seus poemas.


Con motivo do centenario do poeta, escritor, gravador, periodista, activista, político, empresario, editor e mecenas Luis Seoane, reproducénsese algunhas das súas obras pictóricas máis representativas. Ao mesmo tempo, recóllense as opinións e descricións sobre o polifacético artista de persoeiros como Lorenzo Varela, Xosé Manuel Beiras, Arturo Cuadrado e Rafael Dieste, entre outros.

Afírmase que en Todas as mulleres que fun, de Andrea Nunes Brións, pode observarse un cambio de rexistro con respecto a Corrente do esquecemento (2007), aínda que en ambos están moi presentes os temas do feminismo e o lesbianismo. Finalmente, reproducense algúns destes poemas.


Reprodúcese a peza É un dicir, de Alfonso Becerra de Becerreá, considerado “un dos dramaturgos galegos máis orixinais”. Ademais, lémbrase parte da súa traxectoria no eido teatral e os galardóns obtidos coas súas obras.


Introdúcese o conxunto de poemas “Desobediencia”, de Rosa Enríquez, cun breve resumo da súa participación en diversas revistas e volumes colectivos, así como a publicación de obras como a novela Unicrom (2009).


Lémbrase a estrea como escritor de Marcelino Fernández Mallo coa novela A trenza (2008), seguida de Klásicos (2009), para despois inserir o texto “O mendigo instruído”.


Achégase un adianto de Versos fatídicos (1994-2010), escrito por Alberto Ferreiro e ilustrado por Alberto Esperante, volume no que se reúne unha escolma de poemas inéditos ou difundidos en publicacións non comerciais.


Reprodúcese o texto “A mar”, de Raquel Miragaia, sobre o que se comenta que, do mesmo xeito que n’O décimo terceiro mes, se trata o tema da soidade cunha prosa “fresca, fluida, atenta aos detalles que normalmente pasan desapercibidos”. Tamén se destaca que afonda na psicoloxía e nas emocións dos personaxes.

Expícase que a orixe da serie de textos que se reproduce, “18 brancos”, de Manuel Darriba, é Branco (2009), pois trátase dunha serie que a editorial Galaxia lle encargou para o seu blog tras publicar esa novela e que abrangue cuestións como a creación literaria e a identidade.


Suplemento en homenaxe a Herminio Barreiro, falecido no mes de novembro de 2010, polo labor desenvolvido tanto na renovación pedagóxica de Galicia como na dinamización do panorama político e cultural. Inclúese unha entrevista realizada por Miro Villar en abril de 2003 para falar da obra poética de Xosé Alexandre Cribeiro, Indo pra mais perto (1979) e A señarde no puño (1966), publicada na colexión “Biblioteca das letras galegas” de Edicións Xerais. Refírese tamén a outros integrantes do Grupo Brais Pinto (Xosé Luis Méndez Ferrín, Bernardino Graña, César Arias e Ramón Lorenzo, entre outros) e faiase balance da xénese e relacións do colectivo. Por último, inclúese un texto, “As orquídeas de Herminio Barreiro”, no que Mercedes Martínez, Sonia e David Barreiro manifestan os seus sentimentos cara ao homenaxeado e expresan o seu agrademento por todas as mostras de afecto recibidas.


Infórmasese de que a nova edición de Culturgal, a Feira das Industrias Culturais de Galicia, se celebrará en Pontevedra. Expícase que o feito de que non se realice na Coruña débese á incorporación do evento ao programa de intercambio cultural entre o Sur de Galicia e o Norte de Portugal, Creativa. Indícase que o obxectivo é “darlle visibilidade á oferta cultural” de Galicia. Finalmente, infórmasese da programación.
López, Belén, “Que veñen os Dani e os Crebinsky”, *Diario de Pontevedra*, “Pontevedra”, 7 outubro 2010, p. 64.

Fálase da programación do Pazo da Cultura de Pontevedra. Infórmase das iniciativas culturais Ponte-Poética, o primeiro festival de poesía de Pontevedra que está coordinado por Yolanda Castaño, e Cantos Maré, o festival da lusofonía coordinado por Uxía. Explícase que a feira das industrias galegas Culturgal volve á cidade de Pontevedra despois de tres anos celebrándose na Coruña.


Infórmase do regreso da Feira das Industrias Culturais a Pontevedra, así como da súa inclusión dentro do programa Creativa de intercambio entre o Sur de Galicia e o Norte de Portugal.


Infórmase do festival Ponte-Poética organizado polo Ateneo e coordinado por Yolanda Castaño. Indícase que este acontecemento reunirá en Pontevedra a dous poetas de cada unha das linguas oficiais do Estado, entre os que se atopan Ada Salas, Elena Medela, Lucía Aldao ou David Castillo.


Resáltase a traxectoria do intelectual Francisco Fernández del Riego pola súa entrega total a Galicia e a súa actividade política e intelectual en Vigo que sen dúbida marcou un antes e un despois e que, logo da súa morte, será un punto de inflexión no devir da historia cultural e lingüística en Galicia por todo o labor que desenvolveu durante case un século de vida.


Faise eco da exposición “Da vida e do compromiso” no Pazo da Cultura de Pontevedra, unha mostra divulgativa que inclúe documentos e fotografías conservados pola familia de Alexandre Bóveda, onde se poden ver as cortizas do piñeiro contra o que foi asasinado o galeguista na Caeira. Apúntase que o seu fillo, Xosé Luis Bóveda, estivo presente coa súa irmá Amalia en representación da familia para dar a coñecer un legado tan importante dentro do panorama cultural galego.

Acóllese nesta sección fixa o poema “Morder”, de Eva López.


Reprodúcese nesta sección fixa a composición “Imposible amor”, de Maribel López.


Nesta sección acóllense os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Nesta ocasión, reproducécese “O cadro”, de Carlos Paulo López.


Afirmase que o Ano Xacobeo pon banda sonora aos camiñantes cunha visión persoal do histórico itinerario en trece cancións baixo o título de *Cantigas do Camiño*, editadas en Libro-CD pola discográfica Boa Records co apoio de Xacobeo 2010 e a Xunta de Galicia. Sinálase que a combinación de música tradicional e contemporánea galega recolle temas de Susana Seivane, Guadi Galego con Vaamonde, Lamas e Romero, Leilía, Sondeseu, Fuxan os Ventos, Treixadura, Milladoiros, Bonovo, Emilio Rúa ou Berrogüetto. Salientase que hai tamén espacio para a representación literaria, coa interpretación do “Romance de Don Gaiferos”, por Luar na Lube, e “Casa da Xente” sobre un poema de Celso Emilio Ferreiro, do que se encarga a bossa-nova de Uxía e Fred Martins.


Sinálase que Pilar García Negro e Felipe-Senén López presentan a exposición “Castelao. A derradeira lección do mestre” no Museo Provincial de Lugo, comisariada por eles. Apúntase que o transo temporal recollido é 1936-1950 e coméntase que pretende documentar o fértil período do exilio no traballo plástico, pensamento e acción política. Precísase que a mostra recolle obxectos persoais, como os seus lentes, autorretratos, manuscritos ou estampas de Nós, pero tamén colaboracións que o revisan e actualizan, como as de Miguel Anxo Seixas, Xosé Carlos Valle, Manuel Rei Romeu, Xoán Carlos Garrido ou Lois Diéguez. Presentase por último a sala monográfica que, por doazón de Álvaro Gil Varela ao Museo, acollerá vinte e cinco debuxos gravados e unha acuarela de Castelao.

Dáse conta da III Bienal Literaria Internacional que se está a dar nas cidades de Santiago e Ourense. Sinálase a importancia de axudar a aquelas linguas minoritarias que están a piques de desaparecer. Alúdese ao primeiro encontro, “Libera a palabra!”, que tivo lugar no Centro Social Caixanova e que contou coa participación do catedrático Dario Villanueva, Kalma Barsy e Luisa Castro, entre outras personalidades.


Dáse conta do falecemento da xornalista e actriz Maruxa Boga, filla de emigrantes galegos na Arxentina, grande impulsora do teatro e da cultura galega en xeral nese país.

**Lorenzo, Fran P., “Barbantesa presenta os novos títulos de Silvia Bardelás e Elías Portelas”, El Correo Gallego, “Tendencias”, 7 agosto 2010, p. 50.**

Informa como Barbantesa, nova editorial galega, traballa con varias liñas literarias, entre elas, a africana. Mostra disto é a publicación de *Poemas de África lonxe* (2010), de Jorge Arrimar e Eduardo Bettencourt Pinto.


Despídese a figura de don Francisco Fernández del Riego cunha louvanza á súa personalidade, ao seu traballo e á súa entrega á causa galeguista. Dise que foi un político, intelectual e estudioso da língua e literatura galegas e que foi unha testemuña esencial da evolución e dos cambios sociais que transformaron Galicia.


Indícase que no derradeiro adeus a Fernández del Riego, ao que concorreron os representantes culturais e institucionais máis importantes do país, o presidente da Real Academia Galega lémbrao como o motor da reconstrución heroica dunha Galicia castigada que fixo posíbel a rexeneración política, cultural e literaria grazas ao labor de don Paco e o seu esforzo aglutinador entre as diversas correntes intelectuais galegas.

**Lorenzo, Fran P., “María Fechoría saca a poxa un tesouro bibliográfico galego”, El Correo Gallego, “Tendencias”, 10 decembro 2010, p. 46.**

Infórmase que son varios os símbolos bibliográficos que saen á poxa en Poio, na Cova da Serpe, durante unha sesión titulada “Libro histórico galego”, organizada por María Fechoría, na que se poderán ver primeiras edicións de Vicente Risco ou Luis Seoane. Saliéntase que moitas delas son tesouros documentais coa sinatura autógrafa de Eugenio Granell, Rafael Dieste, Ramón Cabanillas, Lorenzo Varela ou Emilio Pita, ademais das achegas gráficas de Arturo Souto, Laxeiro, Colmeiro e Maruja Mallo.
Anúnciase que, trinta anos despois, Espiral Maior acollerá ensaios que reflecton sobre a Xeración dos oitenta, considerada por algúns críticos, como Xesús González Gómez ou Xosé Manuel Eyré, o cume da poesía galega do século XX. Citanse ensaios de Manuel Forcadela, Xavier Rodríguez Baixeras, Xosé María Álvarez Cáccamo (tres protagonistas dese momento poético), Xulio Valcárcel ou Arturo Casas. Miguel-Anxo Fernán Vello cre que é preciso máis tempo para valorar o impacto dos oitenta, ao tempo que valora a súa esixencia lingüística e rigor poético. Logo de que Rafa Villar iniciase a polémica no I Congreso de Escritores Novos de 1996 co seu desexo de “matar o pai”, en referencia aos oitenta, tanto el como María Lado recoñecen a “normalización” da literatura e a tradición creada. No entanto, a poeta cre que puideron funcionar como “referencia inversa”, a carón de Ronseltz, Lois Pereiro ou Xosé María Álvarez Cáccamo. Antía Otero reivindica tamén a Ana Romaní, mentres Rafa Villar engade a Pilar Pallarés, escola na que coincide Fernán-Vello. Pola súa banda, o crítico Xosé Manuel Eyré engade a Manuel Forcadela, Lino Braxe, Afonso Pexegueiro, Xela Arias, Cesáreo Sánchez ou Xulio Valcárcel.

Recoméndanse libros referentes ao Camiño de Santiago ou á cidade xa que por mor do Xacobeo dise que se volve a crear interese sobre os mitos e lendas relativos a esta cidade. Son eles Camiñar a Santiago cun libro na mán, de Antón Pombo; Libro del Camino de Santiago, de Xosé Miranda Ruíz; Sinfonía de alboradas, de X. Luis Muñoz; Códice Calixtino, que aparece por primeira vez integramente en galego, e A cripta do Apóstolo, de Pere Tobaruela, entre outros.

Analízase a escasa difusión da literatura galega no conxunto do Estado español, recollendo as reflexións de autores como Manuel Rivas ou Suso de Toro, quen consideran que á literatura central non lle importan demasiado as periféricas; ou de Víctor Freixanes, quen apunta que a razón estaría no escaso peso da economía galega no conxunto do Estado.

Coméntase que a Plataforma Queremos Galego organiza un Festival pola Lingua no Teatro Principal, Diario de Pontevedra, Pontevedra, Ciudad, 26 xaneiro 2010, p. 8.

Coméntase que a Plataforma Queremos Galego organiza un Festival pola Lingua no Teatro Principal de Pontevedra co obxectivo de protestar polo borrador do decreto do plurilingüismo do Goberno galego. Destácase a representación literaria do escritor Carlos Fontes e do autor de banda deseñada Kiko Dasilva, voceiro de Queremos Galego.

Anúnciase que a Consellería de Cultura da Xunta de Galicia renova o convenio co Real Padroado de Sargadelos do que Isaac Díaz Pardo é secretario, entidade sen relación co grupo empresarial Sargadelos. Fináncianse así con trinta mil euros as actividades da institución, mantendo a cantidade que recibía co bipartito, para coidar e manter aberta a primeira Casa de Administración da fábrica de Sargadelos en Cervo (Lugo) e desenvolver o proxecto de exposición permanente do Museo Histórico de Sargadelos. Camilo Díaz Arias, fillo de Díaz Pardo, asegura que o edificio de Cervo é demasiado pequeno para acoller todos os obxectos históricos que reuniu o seu pai: cartas dos galeguistas históricos, os fondos bibliográficos de Edicións do Castro, pinturas de Isaac ou Reimundo Patiño. Xesús Alonso Montero ou Antón Patiño lembran que non debe descoñécese o patrimonio dun proxecto cultural, social e político sen precedentes.

Coméntase que Lois Oreiro, xornalista, ensaísta e poeta, presentou en Santiago de Compostela *Uns ós outros* (2009). Confesa ser reticente a explicar a súa poética, mais recoñece partir da súa cultura, da lingua, a xente e o mundo que o rodean. Polo que respecta ao contexto galego, critica os localismos e a diglosia crónica, que acaba por converterse nunha loita dos galegos contra si mesmos e reproba a actitude dos medios, que colocan en paralelo os argumentos “preconstituicionais” de Galicia Bilingüe e os de intelectuais recoñecidos.

Infórmasese de que a Xunta de Galicia, representada polos conselleiros de Cultura, Roberto Varela, e de Educación, Jesús Vázquez, conmemorou os cento setenta e tres anos do nacemento de Rosalía de Castro no instituto santiagués que leva o seu nome, facendo lectura de poemas e deixando as valoracións sobre esta figura a Anxo Lorenzo, secretario xeral de Política Lingüística. Ao mesmo tempo, a Asociación de Escritores en Lingua Galega (AELG) lembrou a figura da “fundadora da nosa modernidade, non só literaria” por medio dun manifesto que reivindicou o galego e a creación dun organismo que difunda a cultura galega, o Instituto Rosalía de Castro. O manifesto lérono autores nas distintas cidades galegas: na Coruña, Cesáreo Sánchez, Luz Pozo, Xabier Seoane e Mercedes Queixas; en Vigo, Agustín Fernández Paz, Marta Dacosta, Álvarez Cáccamo e María do Carme Kruckenberg; en Lugo, Isidro Novo e Antonio Reigosa; en Santiago, Antía Otero e Marilar Aleixandre; Rosa Méndez en Ferrol e Luis Rei Núñez en Pontevedra.


Anúnciase que a Axencia Galega das Industrias Culturais convoca unha comisión de valoración do concurso a director do Centro Dramático Galego e recóllese que esta comisión confirmou que ningun dos candidatos acadou a puntuación mínima, chegado ao final: Blanca Cendán, actriz e cofundadora da Sala Nasa; Antonio Simón, escritor e director teatral, e o checo David Súbik. Vicente Montoto, presidente da Asociación de Actores e Actrices de Galicia, é partidario de estabelecer condicións máis adaptadas á realidade do teatro galego. Ernesto Chao, presidente da Asociación Escena Galega, confirmou que Blanca Cendán foi a máis valorada dos tres candidatos. A actriz conta tamén co apoio de ducias de profesionais do sector que asinaron unha carta pedindo o seu nomeamento. O CDG pode aceptala ou declarar deserto o concurso, alongando os sete meses sen coordinador dende a saída de Cristina Domínguez. Coméntanse tamén as subvencións a industrias culturais para o ano 2010.

Dáse conta do labor da editorial sarriana Ouvirmos en prol da difusión do patrimonio musical galego, con proxectos como a serie “Itinerarios histórico-musicaís” ou as audioguías “Sóache Galicia”, recoñecida con premios como o Rosalía de Castro á mellor iniciativa editorial ou o da Critica de Galicia.


Recóllese a presentación da novela *O náufrago* (2009), de Xosé Antón Pet Posse, e destácanse as declaracions do autor, quen sinala que escribir en lingua galega é un intento de que “se reconozca la belleza de nuestro idioma”.


Destácase que Mondoñedo e Ferrol, cidades que comparten a capitalidade da Diócese de San Rosendo, celebran xuntas o cabodano de Álvaro Cunqueiro. Anúnciase que en Mondoñedo se realizará unha ofrenda floral no Cemiterio Vello e a lectura pública de *Merlín e familia* (1955) no Salón de Sesións do Palacio Municial. Recórdase que en 2011 se cumprirá un século do nacemento do autor d’*As crónicas do sochantre* (1956).


Trátase a presentación en Arteria Noroeste do quinto disco de blues do ferrolán Víctor Aneiros, *Brétemas na memoria*, que se basea en sete poemas do escritor xa finado Ramiro Fonte. Sinálase que é unha manería de brindarlle homenaxe ao universo poético de Fonte. Cóntase que no CD hai unha canción dun poema de Xosé Carlos Caneiro. O artigo remátese aludindo a todas as colaboracións de tipo musical que fan posíbel o disco, e fai que Aneiros se mostre satisfeito co resultado.


Indícase que *Brétemas da memoria* é o título do disco do compositor ferrolán Víctor Aneiros co que pretende render tributo á poesía de Ramiro Fonte que para o artista era todo un universo e que será presentado no Teatro Jofre de Ferrol.

Coméntase que a agrupación cultural Ergueitos, de Sarria, instalou as dúas últimas esculturas das trece que compoñen a ruta literaria do poeta Fiz Vergara Vilariño en Lóuzara, pertencentes a Manuel Buciños e Violeta Bernardo. Se a peza de Buciños fusiona un poema en aceiro do autor cun bloque granítico e unha rosa en bronce, a de Violeta representa un bosque pintado que eleva as palabras de Fiz. Expícase que ambas as dúas pezas se inspiran nos poemas do autor e se instalán en lugares significativos da súa vida ou obra. Afirmase tamén que o parque escultórico, promovido por Ergueitos e a Asociación de Escritores en Língua Galega, ten un percorrido de sete kilómetros e medio, iniciado en Airapadrón e con remate no pozo de Beltrán, e anúnciase a súa inauguración para o dezaoito de marzo de 2010.


Sinálase que o Instituto de la Juventud (Injuve), organismo pertencente ao Ministerio de Igualdade, fixo públicos os premios Creación Injuve para o ano 2010 nas súas oito modalidades. Coméntase que a pontevedresa Antía Díaz foi a galardoada na categoría de propostas escénicas coa obra *Diola*, que obterá un dos tres premios da modalidade de catro mil euros. Indícase que o director xeral do Injuve felicitou aos premiados e dixo que apostaban pola cultura, a innovación e a creatividade dos mozos, polo que se farán exposicións, concertos e representacións escénicas coas obras dos premiados, así como a súa publicación e edición en catálogos. Finalmente, destácase que o certame Creación Injuve, no seu vinte e cinco aniversario, fará unha exposición para mostrar como se foi desenvolvendo durante este tempo.


Infórmase do cambio de nome da biblioteca municipal de Sarria que pasa a levar o nome de Camilo González Suárez-Llanos, coñecido como Camilo Gonsar. Citanse as súas obras entre as que se atopa *Cara a Times Square* ou *Como calquera outro día*. Ofrécese á súa biografía e indícase que era membro da Real Academia Galega á que entrou coa lectura do discurso “Sobre a literatura galega: un achegamento subxectivo”.


Logo da lectura da novela de intriga *O frío azul* (2007), de Ramón Caride Ogando, o Club de Lectura de Piñor gozou dunha viaxe a Oseira, escenario dunha parte da trama, acompañados polo historiador Xosé Lois García. Cóntase que á tarde se encontraron co propio autor, natural de San Cristovo de Cea, para conversaren sobre a novela. O alcalde de Piñor agradece a colaboración da editorial Sotelo Blanco, que se interesou polo clube para desenvolver estas actividades.

Dáse conta da homenaxe que a Fundación Manuel María de Estudos Galegos e o Concello de Ourense organizaron no Auditorio Municipal de Ourense. Coméntase que neste acto aberto se realizou un percorrido pola vida e obra do escritor coa axuda dun cuarteto de clarinetes e dramatizando Inés Cuadrado algunhas composicións. Destácase o seu carácter combativo e comprometido, e os seus temas: o amor, a arte, a mitoloxía, o mundo animal...


Coincidiendo co seu noventa e sete aniversario, Francisco Fernández del Riego renuncia ao seu posto na Fundación Penzol. Comeza por citar a inxente memoria e erudición dun dos máis entregados e polifacéticos galeguistas do século XX, que era quen de coidar a biblioteca especializada de Penzol (eufemismo por nacionalista), coordinar a revista *Grial*, a editorial Galaxia e a revista *Industrias Pesqueras*, colaborando coa prensa do exilio e escribindo unha páxina de letras no xornal local. Todas elas actividades que estaban no límite da permisividade da época ditatorial. Recórdase que o Director General de Prensa de Franco, Juan Aparicio, denunciou *Grial*, pero non foron estas as únicas multas e ameazas. Nestas coordenadas, Fernández del Riego gardou os marcos da resistencia e a continuidade nun sacrificio de defensa que unha parte da esquerda galeguista non acabou de aceptar.


Faise un repaso da traxectoria vital e do anecdotario coas situacións ás que tivo que enfrontarse durante case un século de vida o insigne galeguista Francisco Fernández del Riego, ademais das empresas culturais e políticas que levou a termo para a difusión cultural da língua e literatura galegas, un incesante traballador sempre ao servizo da causa de Galicia.


Informase de que na Libraría Torga de Ourense se presentará o vindeiro vinte e oito de xaneiro o poemario *Gramática da afirmación* (2009), de Paulino Peña Martínez, nun acto que tamén contará coa presenza de Miguel Anxo Fernán Vello.


Conta que con motivo da celebración dos cento vinte e cinco anos do falecemento de Rosalía de Castro, a Fundación Rodríguez Iglesias, organizou un homenaxe no que tivo lugar un recital da Coral Polifónica Follas Novas, dirixida por Julio CaboMeseguer. Di que ao acto asistiron o secretario da RAG, Xosé Luis Axéitos; o xefe territorial de
Cultura de la Xunta, Manuel Varela; o reitor da UDC, José María Barja e o presidente da entidade organizadora Francisco Rodríguez.


Alúdese a unha exposición de fotografía e literatura que terá lugar en Casal de Ferreirós (Poio). Citase que os retratos se basean na xente nova que se dedica a traballar na terra e disse que queren dar unha homenaxe á esperanza e facer un chamamento para non perder os alicerces da terra. Sinálase que conta coa participación de Fina Casalderrey, María Xosé Queizán, María Álvarez Cáccamo e Xesús Constela, entre outros.


Realízase un repaso da biografía de Francisco Fernández del Riego con motivo do seu pasamento no que se destaca como a gran figura do galeguismo polas súas fazañas como líder durante a posguerra, levando a termo empresas culturais e políticas impensábeis nese intre coa colaboración dos galegos do exílio e os galegos do interior. Indícase que agora, sen a súa figura, Galicia perde unha testemuña fundamental do seu desenvolvemento.


Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu La Voz de Galicia para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Nesta ocasión reproducécese “Vouche contar”, de Arcadio Mallo Castro (vinte e seis anos).


Indícase que a Real Academia Galega rende homenaxe a Luis Seoane no ano do seu centenario no cemiterio de San Amaro, onde se atopan os restos do artista galego. Apúntase que Xosé Luis Méndez Ferrín, presidente da RAG, e a concelleira de cultura da cidade herculina estiveron presentes no acto e que se aproveitou para destacar as figuras de Manuel Curros, Eduardo Pondal, Manuel Murguía e Ánxel Casal, xa que todos están soterrados en San Amaro e algunhas das tumbas foron tamén visitadas nun percorrido ao son das gaitas. Dise que acudiu tamén Luz Pozo Garza e que Méndez Ferrín falou da importancia histórica de Seoane, ao que hai que agradecerlle as contribucións no panorama cultural galego.

Señala que es la primera vez que Santiago acoge un congreso dedicado a la literatura de viajes, donde se está de éxito, ya que cuenta con la participación de importantes escritores como Julio Llamazares, Paco Nadal y Lois Celeiro, entre otros muchos. Afirmase que autores no galegos se interesan más en escribir historias a redor del Camino de Santiago, ya que es de estranjar. También alude a especial que es el Camino debido a que fue feito por millones de personas desde sitios tan afastados como América.


Anúnciese el éxito de un libro de autoría galega en el Curdistán. Se trata de *Made in Galiza* (2007), del payo Sécu Sende, que consiguió vender más de tres mil exemplares. Dije que es un libro que pode ayudar a abril a mente que se centra nun conflicto que está tendo lugar en diferentes partes do mundo e que Sende consigue tratarlo dun xeito fantástico e con humor. Asegúrase que o autor se sentiu identificado co que estaba a pasar coa lingua curda porque, dalgún xeito, é o que lle pasou ao galego ou o que lle está a pasar.


Informase do éxito da recente editora Anasacostas Edicións, que conseguió vender trescentas copias da súa primeria publicación, *Cartafol de néboas*, antes da súa presentación oficial. Tamén se recolle que a nova editora baralla a posibilidade de publicar unha obra que recolla os mellorres traballo do colectivo lirico Nove Novas.


Informase que o Concello de Vigo propuxo a María Xosé Queizán para o seu ingreso na Real Academia Galega pola “seu activismo cultural e mais pola seu valor humano e intelectual”.


Fálase dos actos que se van levar a cabo co gallo do cincucentenario da morte do poeta Ramón Cabanillas, concretamente da publicación de *Poesía Galega completa* (2009), unha edición de Xosé Ramón Pena e Xosé María Dobarro na cal se reúnen todos os seus poemarios engadindo tamén a súa obra dispersa e importantes comentarios ecdóticos.


Ao mesmo tempo que se informa do noventa e sete aniversario do intelectual Francisco Fernández del Riego, señala tamén a súa substitución no cargo de director da biblioteca da Fundación Penzol, que pasa a ser ocupado por Francisco Domínguez.
Martínez, de quen se di que traballou pola implantación da liturxia en galego, entre outras cousas.


Dáse conta do feito de que ao non presentárens máis candidatos, o día vinte e tres do mes corrente á publicación deste artigo, Xosé Luis Méndez Ferrín vai ser elixido presidente da Real Academia Galega como substituto de Xosé Ramón Barreiro, co apoio de todos os membros da Academia menos dous: Xosé Luis Franco Grande e Xesús Alonso Montero. Recóllense as palabras do propio Ferrín, quen anuncia unha continuidade da liña que vai seguir durante a súa presidencia da Academia con respecto á de Barreiro. Salientase que isto coincide cun período de moito movimiento para a Academia, xa que varios dos seus membros veñen de elaborar un informe que censura o borrador do decreto do galego elaborado polo Director Xeral de Política Lingüística, Anxo Lorenzo.


Infórmase que o conselleiro de cultura, Roberto Varela, di que non pensa dimitir tras a carta que asinaron os once escritores galegos Alfredo Conde, Paco Martín, Antón Santamarina, Xabier Docampo, Manuel Rivas, Fina Casalderrey, Manuel Lourenzo, Suso de Toro, Ruben Ruibal, Agustín Fernández Paz e Xusto Beramendi pedindo o seu cesamento polo que eles cualifican como un “escaso coñecemento e falta de consideración” pola cultura do país e unha “descualificación da nosa identidade colectiva” tras as afirmacións de Varela, como por exemplo “a cultura galega limita”, ou “a cultura galega está ensimesmada e acomplexada”. Tamén se sinala o orzamento que se destinará ao Ano do Libro e da Lectura e en qué consistirá.


Dáse conta do remate do proxecto de catalogación universal da obra de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, levado a cabo pola Fundación Castelao, e tamén da presentación deste catálogo no Auditorio Municipal de Rianxo, presidida por Roberto Varela (Conselleiro de Cultura). Tamén se sinala que asistiron á presentación Avelino Pousa Antelo (presidente da fundación), Pedro Piñeiro (alcalde de Rianxo), Xerardo Fernández Albor (ex -presidente da Xunta), Diego Calvo (delegado da Xunta na Coruña) e o vicepresidente da fundación e cordinador do proxecto Miguel Anxo Seixas.

Infórmase que ao día seguinte da publicación desta nova se vai levar a cabo na Casa da Cultura de Salvador de Madariaga un recital de poesía dentro do ciclo “Poetas di(n)versos”, no que intervirán Miguel Anxo Fernán Vello e José Luis Peixoto.

**mare**, “Galicia, Chile, Haiti, L´Aquila”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 20 marzo 2010, p. 27.

Cóntase que ao luns seguinte da publicación deste artigo, o PEN clube galego, en colaboración co Consello da Cultura Galega, van celebrar en Santiago o Día Mundial da Poesía, ao mesmo tempo que esta efeméride se celebra noutras lugares como París, Ámsterdam ou Bogotá. Con motivo desta celebración, anúnciase en Santiago un recital poético no Centro Social Caixanova, no que intervirán diversos escritores e se declamarán poemas que farán ao público lembrarse de lugares que recentemente sufriron catástrofes naturais. Sinálase tamén a morte do director do PEN clube haitiano, George Anglade, no recente terremoto.


Faise eco da celebración do Día Mundial da Poesía, que dará lugar a un recital poético en Santiago en homenaxe ao falecido escritor haitiano George Anglade organizado polo PEN clube en colaboración co Consello da Cultura Galega. Coméntase que nel intervirán, entre outros, Luisa Castro e Luis González Macías. Tamén se sinala que o día anterior á publicación deste artigo, se celebrou na Coruña un roteiro rosaliano pola cidade.


Infórmase da celebración do congreso “Galicia-Arxentina, unha dobre cidadanía”, que lembra o centenario do nacemento de Luis Seoane e analiza a súa figura e a súa relación con Galicia. Afírmase que o congreso, organizado pola Fundación Luis Seoane e o Consello da Cultura Galega, se celebrará en Santiago e na Coruña. Tamén se informa de que se vai inaugurar na sede da Fundación Luis Seoane na Coruña o último día do congreso unha exposición sobre as preocupacións estéticas e intelectuais de Seoane.


Explicase que a Asociación Berciana da Língua Xarmenta presenta a candidatura, por cuarta vez, de Antonio Fernández Morales para ser o homenaxeado do Día das Letras Galegas 2011. Engádese unha biografía do autor e indicase que entre os seus títulos se atopa *Ensaios poéticos en dialecto berciano*, publicado en León en 1861 antes da publicación de *Cantares galegos* de Rosalía de Castro. Indicase que esta candidatura xa fora comentada na sesión extraordinaria que a Real Academia Galega celebró o Día das Letras Galegas. Coméntase tamén que outros dos persoías propostos para o dezasete de maio son Ricardo Cardo Carvalho Calero e Lois Pereiro.
**maré, “Un ‘outsider’ de culto”, Galicia Hoxe, “MARÉ”, 27 xuño 2010, p. 31.**

Indícase que a elección de Lois Pereiro para o Día das Letras Galegas 2011 supón o recoñecemento da Real Academia Galega á vía marxinal da poesía galega e que se valorou o compromiso, a temática e a forma das súas obras e o seu carácter contemporáneo. Coméntase que o seu irmán, Xosé Manuel Pereiro, destacou a “aposta valente” da RAG, salientou o compromiso activo de Pereiro coa vangarda universal e que fixo colaboracións e traballos con pseudónimo. Recóllese a súa traxectoria vital e profesional, coa publicación en vida de dous poemarios “duros e espidos”, coa presenza en antoloxías colectivas, a participación con artigos, poemas e relatos en La Naval, Trilateral, Das Capital ou Luzes de Galiza e a redacción de guiños televisivos.

**maré, “Unha dobre cidadanía”, Galicia Hoxe, “MARÉ”, 5 abril 2010, p. 28.**

Comunícase o programa do congreso “Luis Seoane. Galicia-Arxentina: unha dobre nacionalidade”, que se celebrará no Consello da Cultura Galega, entidade organizadora do congreso xunto coa Fundación Luis Seoane, entre os días seis e oito do mes de abril de 2010 e no que participarán profesores universitarios, profesionais da xestión cultural e artistas de Galicia e Arxentina.


Dáse conta do nomeamento por maioria simple de Branca Cendán como responsábel do Centro Dramático Galego. Recóllese as súas declaracións sobre o desexo de comezar a tempada próxima con William Shakespeare ou Óscar Wilde, aínda que tamén lle gustaría que se representasen pezas tanto de autores galegos recoñecidos como de autores galegos emerxentes e incluso teatro musical, aínda que o primeiro que se propón é crear un gabinete que a asesore.


Anúnciase que María Xosé Queizán pronunciará unha conferencia no Salón de Actos da Escola Oficial de Idiomas de Vigo, na que falará sobre o Vigo da república e a represión franquista reflectido na súa obra Amor de tango (1992).

**maré, “A poesía salvaxe toma Ferrol”, Galicia Hoxe, “MARÉ”, 15 abril 2010, p. 36.**

Infórmase que no día anterior á súa publicación comezou en Ferrol a III Semana de Poesía Salvaxe, que durará até o sábado vinte e sete de abril e que se levará a cabo en diferentes lugares da cidade. Coméntase que a música tamén terá cabida nestes encontros, xa que ademais de recitais poéticos haberá sesiões de jazz-balcánico-africano.

Anúnciase a constitución en Santiago da Asociación de Amigos de Manuel María no Museo do Pobo Galego. Destácase que o obxectivo central vai ser adquirir a casa natal do poeta para restaurala e convertela en casa museo do escritor na que acoller a súa biblioteca, a súa collección de pinturas e os numerosos manuscritos que o autor posuía de diferentes persoiros da cultura galega.


Infórmase que a casa natal de Manuel María pasará a ser un museo onde se poderá visitar a súa biblioteca persoal, que se considera unha das máis amplas en canto a libros editados en galego e que tamén acolle manuscritos do propio autor e de persoas contemporáneas a el como Otero Pedrayo, Ramón Piñeiro e Celso Emilio Ferreiro, entre outros. Dise que se poderá acceder a collección de obras de arte, documentación de carácter fotográfico, videográfico, etc. O museo tamén contará cun auditorio. Sinálase que o proxecto foi impulsado pola Asociación de Amigos e Amigas da Fundación Manuel María co fin de dar a coñecer un pouco máis a este escritor e a súa vila natal. Cítase que o proxecto se presentou no Museo do Pobo Galego e contou con moitas personalidades do panorama literario.


Dáse conta da presenza galega de vinte e unha editoriais pertencentes á Asociación Galega de Editores na XXXVIª Feira Internacional do Libro de Bos Aires, na que os editores galegos expoñerán a súa produción nun stand compartido co Centro Galego de Bos Aires. Citanse os persoeiros galegos que pasarán por dito stand, patrocinado pola Dirección Xeral de Promoción e Difusión da Cultura da Xunta de Galicia, caso de María do Cebreiro Rábade Villar e Xosé Carlos Caneiro, entre outros.


Infórmase da inauguración nos xardíns de Méndez Núñez da Festa do Libro na que participarán trece librarias da Coruña e as Bibliotecas Municipais. Entre as actividades, saliéntase a presentación da peza *Sí quero*, da compañía Entremans; a ronda poética do batallón literario da Compañía Femme Fatale e o encontro poético no Kiosko Alfonso.


Infórmase da intención de Suso de Toro, segundo el mesmo publicou no seu blog, de deixar de dedicarse profesionalmente á escritura e da súa intención de volver ao seu posto como profesor de instituto.

Faise unha relación dalgúns dos actos máis destacados con motivo da celebración do Día Internacional do Libro, que se levou a cabo nas prazas máis importantes das principais cidades galegas. Así, lémbrese que versos da poeta Rosalía de Castro foron debuxados no chan en papel de xornal e posteriormente foron cubertos de libros doados por centros de ensinanza, persoas anónimas, etc., e que estiveron a disposición de quen os quixo rescatar e levar para a súa casa. Afírmase que esta actividade coincidiu co cento vinte e cinco cabodano da morte da poeta e que na praza do Obradoiro asistiron a ela Anxo Lorenzo (secretario xeral de Política Lingüística), Roberto Varela (conselleiro de cultura) e Xosé Sánchez Bugallo (alcalde de Santiago). Tamén se sinala que en Bos Aires xa deron comezo as actividades do Ano do Libro e da Lectuta, onde hai un stand de Galicia no que están representadas vinte e unha editoriais galegas e que se levou a cabo ali unha homenaxe a Rosalía de Castro.


Anúncianse as datas da próxima III Bienal Literaria Internacional que terá lugar nas cidades de Santiago e Ourense baixo o nome “Libera a palabra!” Sinálase a importancia que teñen eses encontros porque queren que Galicia e máis a súa lingua sexan un punto de encontro a nivel mundial. Ademais, tamén se afirma que é moi positivo que os escritores galegos enten en contacto cos demais escritores e tomen parte doutras literaturas. Este acto estivo presidido por Xabier Castro, Luis González Tosar, Roberto Varela e Xosé Sánchez Bugallo.

[**maré**, “Entre a palabra e a música”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 12 maio 2010, p. 34.]

Infórmase do novo proxecto por mor do Ano da lectura e do Ano Santo chamado “Camiños de amor e lúa”, que vai constar de trinta concertos arredor de pobos galegos por onde pasa o Camiño de Santiago durante seis semanas. Dise que se comezará polos concellos máis afastados, e a medida que se chegue cara o final se aproximará máis a capital e terá un acto final no parque de Bonaval, en Santiago, o dous de xullo. Trátase dunha combinación de música e poesía xa que se afirmou que esta mestura sempre estivera moi presente no Camiño. Con esta iniciativa, quere fomentar o hábito lector. Remátase dicindo que o poemario de Xosé Carlos Caneiro foi o elixido para dar nome ao proxecto e será o primeiro en estrear o programa.


Anúnciase que as editoriais 2.0, Positivas, Urco e Rinoceronte se uniron nun proxecto denominado “Módicos” co fin de abaratar os costos. Sinálase que só se poderá adquirir por Internet. Dise que será unha revolución literaria xa que porán á man de todos produtos culturais galegos que son difíciles de atopar. Alúdese que se tomou esta iniciativa para paliar os problemas de demanda e de tirada habituais. Citase que pódese atopar libros de ciencia-ficción, poesía e traducións das grandes obras maestras da literatura universal.

Dátese a morte dunhas das pioneiras en traducir ao ruso Literatura galega, Alexandra Koss. Sinálase que foi profesora da Universidade de Vigo, onde puido perfeccionar o seu galego. Gañou o Premio María Casares pola súa tradución *Tía Vania de Chekhov* para A Factoría. Tamén se di que traduciu obras como *Os contos de Antón Chekov* ou *O conto ruso do XIX*.


Dáse conta da primeira vez que Santiago acolle un congreso dedicado á literatura de viaxes, Litvi. Dise que está a contar coa colaboración de persoeiros como Xavier Queipo ou César Antonio Molina, quen afirmou que non había mellor cidade para impulsar esta iniciativa que Santiago, xa que conta con moita xente pertencente a diversos países grazas ao Camiño. Fárase de que os libros de viaxes son como a base da literatura xa que están sempre presentes. Anúncase que Queipo aproveitou a súa intervención para presentar o seu último libro *Saladina*. Tamén se citan os actos que están previstos e noméanse varias escritoras femininas que terán o seu propio ciclo, entre as que se atopan Marilar Aleixandre ou Luisa Castro.

**maré**, “A RAG decide mañá a quen lle dedica o próximo 17 de maio”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 25 xuño 2010, p. 34.

Alúdese a que a Real Academia Galega dirá mañá nunha comparecencia quen vai a ser o elixido para o Día das Letras Galegas do 2011. Aínda que non se sabe quen podería ser o elixido, especúlase co berclano António Fernández Morales, un dos percusores do Rexurdimento galego, e Ricardo Carvallo Calero. Saliéntase que foron moitas as asociacións que están a pedir o recoñecemento destes dous grandes autores. Remáttase dicindo que tanto a comarca do Bierzo e a aldea natal de Fernández Morales levan facendo mobilizacións a favor do que escribiu antes en galego que a mesma Rosalía de Castro.


Coméntase que o poeta de Monforte de Lemos Lois Pereiro será o homenaxeado por parte da Real Academia Galega para o Día das Letras Galegas do 2011. Sinálase que aínda que fora breve a súa produción en vida, os seus poemas son innovadores debido á súa forma e temática contemporánea. Afírmase que é considerado un “outsider” porque estivo fora dos círculos literarios. Díse que a súa candidatura foi apoiada dende todo momento polo seu compañero Manuel Rivas e fárase de que estes dous xunto con Antón Patiño e Manuel Pereiro fundaron a revista *Loia*, en Madrid. No artigo faiase fincapé en que Ricardo Carvallo Calero terá que esperar polo menos un ano máis.

Dáse conta do acordo entre a Consellería de Cultura e o Arcebispado de Santiago sobre a xestión do Panteón de Galegos Ilustres, polo que a Xunta xestionará, dirixirá e manterá o monumento, mentres que a titularidade seguirá na Igrexa. Tamén se anuncia a reapertura antes do vinte e cinco de xullo e recóllese a petición de que se garanta o acceso público ao recinto, tal e como solicitaba a Asociación de Escritores en Língua Galega nun acto en lemnbranza do traslado dos restos mortais de Rosalía de Castro.


Infórmase da exposición “Ao pé do prelo”, situada na Casa da Parra de Santiago, sobre a obra de Luis Seoane como editor gráfico. Entre as pezas expostas figura o libro de debuxos *Homenaje a la Torre de Hércules, 49 dibujos*, que conseguiu o Premio Pierpont Morgan Library como un dos libros mellor deseñados entre 1944 e 1946. Afírmase que se recollen nesta mostra tamén as súas colaboracións con distintas editoriais, así como fondos procedentes da Biblioteca da Universidade de Santiago, do Museo de Arte Galega Contemporánea Carlos Maside ou do Museo do Pobo Galego, entre outros.

**maré**, “Para non esquecer”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 1 agosto 2010, p. 32.

Recóllese a homenaxe que se lle brindará á recentemente falecida profesora de tradución da Universidade de Vigo, Alexandra Koss, por ser a tradutora de obras do ruso ao galego e viceversa, como por exemplo, a tradución de Manuel Curros Enríquez ao ruso ou *O Tío Vanía*, de Chekhov, que lle valeu o Premio María Casares á Mellor Tradución. Infórmase, así mesmo, da colaboración da Xunta de Galicia no Día Internacional da Tradución, a través de actos como a promoción da tradución da literatura galega ás grandes linguas da literatura contemporánea e da recuperación das axudas ao sector.


Destácase que estudiosos como Pilar García Negro, Francisco Rodríguez, Kathleen March ou Diego Pardo propoñen na revista *Galegos* unha revisión da figura de Rosalía dende puntos de vista que non manipulen a súa imaxe, posto que “contra todas as evidencias, transmitiuse dela unha imaxe de ‘corte e confección’, adecuada aos propósitos reducionistas da súa persoa, obra e nacionalidade, levando a lela como un lenzo só parcialmente desvendado e ocultando ou deturpando aspectos esenciais de toda a súa producción. Así, por exemplo, García Negro destaca a súa épica de suxeito femenino; Rodríguez, o seu afán patriótico persistente, a súa paixón amorosa desbordante e o desacougo relixioso anti-dogmático; March, o seu feminismo, tantas veces ignorado, e Pardo cuestiona a influencia de Manuel Murguía na difusión da obra rosaliana.

Dáse conta do pasamento de Xosé Luis de Dios, pintor vinculado ao grupo do Volter, cunha obra de tendencia informalista marcada polo compromiso entre a vida e as ideas, pois estivo ligado aos movementos antifranquistas. Lembrase a orixe do grupo formado polo propio Xosé Luis de Dios, Acisclo Manzana e Xaime Quessada, reunidos nos anos cincuenta en Ourense, ao redor da figura de Vicente Risco. Destácase tamén que a súa obra estaba marcada polo dominio do debuxo e da cor.


Infórmase da celebración dun recital titulado “Os Camiños de Oz” na Librería Couceiro de Compostela por parte de cinco poetas vinculados ao Grupo Bilbao. Coméntase que este colectivo está formado por unha serie de poetas galegos asentados en Madrid, como son Ana Cibeira, Begoña Regueiro, Xurxo Fernández Martíns, Enma Pedreira e Dores Tebras. Asemade, anúncanse a publicación dunha antoloxía do grupo, realizada por Xabier Trías, Abranguendo marés nos pouso do café. Por outro lado, tamén se destaca a labor como ilustradora de Emma Pedreira en obras como Xoguetes póstumos. No tocante á obra de Cibeira, destácanse os volumes colectivos Letras Novas da Asociación de Escritores de Língua Galega(AELG) ou Poesía alén.


Infórmase que o Bloque Nacionalista Galego levará unha proposta ao Parlamento para que se recoñezca o traballo de Ricardo Carvalho Calero, con motivo do centenario do seu nacemento. Tamén se dá conta dalgún dos poucos actos de conmemoración de tal efeméride, tales como a apertura dunha páxina web específica que servirá de guieiro pola traxectoria do autor, a homenaxe en Ferrol ou as actividades levadas a cabo por diversos colectivos reintegracionistas.


Fálase do monográfico El Extramundi, publicación na que se fala da admiración que Camilo José Cela tiña por Antonio Noriega Varela, Ramón Otero Pedrayo e outros persoais como Isaac Díaz Pardo. Expúlsase que a publicación inclúe textos que Cela lle dedicou a Lugo e tamén achegas en galego de Carmen Blanco ou Olga novo, e en castelán de Jaureguizar e Milagros Frías. Cítase a súa obra La Rosa (1959) e o libro Do ermo, de Noriega.


Infórmase que a Real Academia Galega conta co legado de Xoán Vicente Viqueira. Expúlsase que a documentación foi trasladada por Xosé Manuel Beiras dende México até España. Engádese que a RAG xa conta cos legados de Manuel Murguía, parte do de Rosalía de Castro, de precursores e de continuadores das Irmandades da Fala.
**maré**, “Couceiro une poet as irlandesas e galegas”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 1 outubro 2010, p. 27.

Anúnciase o recital que acolle a Librería Couceiro e no que participan poetas como Luz Pozo Garza ou Mary O’Donell. Indícase que o acto será presentado por Olivia Rodríguez.


Infórmase da inauguración da exposición Teatralmente na Escola de Arte Dramática de Galicia, en Vigo. Indícase que a mostra é do escenógrafo galego Carlos Alonso, do que se presenta a súa biografía.


Infórmase da mesa redonda “Poesía de muller. Poesía feminista” na que participan Estíbaliz Espinosa e Dores Tembrás. Indícase que o acto forma parte do ciclo de Escritores/as na Universidade organizado pola AELG. Cítanse autoras vinculadas co feminismo como Ana Romaní, María Reimóndez ou Rosalía de Castro.


Anúnciase as xornadas “As artes escénicas e a crise: presente e futuro” presentadas por Escena Galega. Indícase que o obxectivo é “achegar solucións ante a ausencia de propostas sólidas” neste ámbito así como crear un documento final que agrupe as conclusións ás que se chegue para enviar ás institucións públicas. Explícase que as xornadas estarán divididas en dúas fases: debates matutinos para o público en xeral e mesas de traballo pola tarde para profesionais.


Recóllexense as conclusións ás que se chegaron no Encontro Galeusca 2010. Indícase que entre as reivindicacións se atopa a necesidade dunha maior presenza das literaturas nacionais na ESO e no Bacharelato así como o desacordo coa Xunta por ter eliminado o termo “Nacionais” do nome dos “Premios de Creación Nacional”.

1247

Recóllense as propostas ás que se chegaron nas xornadas “As artes escénicas e a crise: presente e futuro, un espazo de debate” levadas a cabo por Escena Galega. Indícase que nelas se tratou, entre outras cuestións, a falta de formación en teatro por parte dos programadores.


Recóllense as propostas xurdidas ao longo da segunda xornada do encontro “As artes escénicas e a crise: presente e futuro, un espazo de debate”. Indícase que entre elas se atopa a proposta de apostar “polo fomento das compañías residentes e por un maior equilibrio nas pautas de financiamento”.


Describese a exposición “Laxeiro, escritos” e tamén se anuncia que un libro, que se publicará proximamente, recollerá doucecentos textos de Laxeiro. Asemade apúntase que será un volume galego-español cun estudo de Javier Pérez Buján.


Fálase da colección que a Fundación Barrié de la Maza e a Real Academia Galega levarán a cabo co título “Clásicos da Academia”. Indícase que a obra de Manuel Antonio será a primeira en publicarse, comezando pola súa prosa, poesía, correspondencia e biografía. Citase o poemario *De catro a catro* e o manifesto *Máis alá!*. Noméase, tamén, a Rosalía de Castro e Lois Pereiro, homenaxeado no Día das Letras Galegas 2011.


Fálase do Encontro de Escritores/as Novos/as e recóllense as reflexións dos participantes, entre os que se atopa Olalla Tuñás, María Lado e Daniel Costas. Citase a Eduardo Pondal, Manuel Curros e Rosalía de Castro.


Di que o presidente da Real Academia Galega, Xosé Luis Méndez Ferrín, e o investigador Luis Cochón, participarán na homenaxe civil a Herminio Barreiro. Tamén di que nel participarán ademais Branca Novoneyra, Narciso Gabriel e Daniel Pino.

Infórmase da aparición da primeira rede social de Galicia, Redelibros. Expícase que se trata dunha plataforma literaria que ten como obxectivo ser un espazo de encontro entre editores, escritores, libreiros, lectores e bibliotecarios. Anúnciase que Redelibros está formada por unha segunda plataforma, que aínda non viu a luz, que serve de difusión para os libros electrónicos e en papel.


Infórmase que se celebraron as III Xornadas Lois Obelleiro, organizadas pola Fundación Bautista Álvarez e nas que participou Lois Diéguez, quen falou sobre o papel desenvolvido pola AN-PG durante a transición e de como se foi reorganizando o nacionalismo nesta etapa. Apúntase que tamén participaron nestas xornadas a filóloga Carme Fernández Rei, que reivindicou a necesidade de revisar a figura de Ramón Otero Pedrayo dentro das forzas nacionalistas; Manuel Rei, Xosé Manuel Carril e o galeguista Avelino Pousantelo, que analizaron varios aspectos relacionados cos movementos políticos de esquerdas en Galicia.


Coméntase que Pancho Martínez, o escrito e director teatral rianxeiro, faleceu aos cincuenta e dus anos de idade cando estaba a piques de estrear a peza *Sempre en Rianxo. O soño do barbeiro*, obra baseada n’A fiestra valdeira, de Rafael Dieste, e n’Os vellos non deben namorarse, de Castelao. Saliéntase que o director entrara en contacto co teatro a través de Bernardino Graña e que se dedicou ao xornalismo e á dobraxe; tamén traballou con Roberto Vidal Bolaño. Apúntase que chegou a coñecer a Rafael Dieste, co que percorreu as rúas de Rianxo buscase asesoramento para a montaxe d’A fiestra valdeira, e que ten participado nos últimos anos en obras teatrais, en varias series de TVG e en películas galegas como *Sempre Xonxa*.


Lémbrase a figura de Francisco Fernández del Riego por parte de Ramón Villares, presidente do Consello da Cultura Galega, e recóllese as reaccións dos integrantes da Feira das Industrias Culturais (Culturgal) e de Antón Louro, delegado do Goberno, ademais de anunciarse o pesar por parte do PSdeG e do BNG por consideralo o último patriarca das letras galegas.

Saliéntase que, ademais de todos os actos en homenaxe polo pasamento de Francisco Fernández del Riego, tamén a Xunta de Galicia anunciou un acto conxunto en honra da figura do intelectual galeguista.


Infórmase que en Vigo haberá dous días de loito oficial polo pasamento de Francisco Fernández del Riego e que a cidade de Lugo tamén o lembrou. Anúncianse asame os actos que vai desenvolver a Xunta de Galicia, a Real Academia Galega e a Fundación Penzol.


Lémbrase o recén desaparecido Fernández del Riego, definido por Xosé Luis Méndez Ferrín, Zulueta de Haz, Ramón Villares e Rosa Aneiros como un faro, unha luz na homenaxe de despedida organizada pola Xunta de Galicia en Santiago de Compostela. Indícase que o mesmo Ferrín foi quen deu a benvida a don Paco ao reino da posteridade coas súas verbas.


Saliéntase que Luis Seoane será o protagonista da poxa María Fechoría que se vai celebrar en Raxó, Pontevedra, e que se titula Libro Histórico Galego. Apúntase que entre as xoias bibliográficas se atopan *Sempre en Galiza*, de Castelao, e edicións de Euxenio Granell, Rafael Dieste, Ramón Cabanillas, Francisco Fernández del Riego, Lorenzo Varela e Ramón de Valenzuela. Dise que todos os exemplares son primeiras edicións e forman parte de tiradas limitadas e ilustradas por Souto, Laxeiro e Colmeiro e outras é a primeira vez que saen á luz, coma dúas obras de Luis Seoane.


Anúnciase o primeiro dos recitais poéticos do ciclo Poetas Di(n)versos a cargo de Olga Novo e Andrés Neuman, unha iniciativa mensual organizada pola Conceñaría de Cultura do concello da Coruña e impulsada por Yolanda Castaño, que reunirá á poeta galega co escritor arxentino afincado en Granada. Indícase que logo se procederá á venda dos exemplares coa que se pretende poñer en valor a poesía galega e seguir de preto a actualidade literaria española.

Dise que se celebrou o acto de Homenaxe a Rosalía de Castro no cento vinte e cinco aniversario, un acto que contou coa presenza da secretaria de Igualdade do goberno galego, Marta González; o director xeral de Política Lingüística, Anxo Lorenzo; a presidenta da Fundación Rosalía de Castro, Helena Villar; a escritora Marina Mayoral e o fundador de Rei Zentolo, Xosé Miranda, entre outros asistentes. Indícase que todos eles concordaron na necesidade de lembrar tan insigne figura porque Rosalía foi a voz dun pobo mais tamén a voz das mulleres oprimidas na literatura galega.


Faise eco do acto co se abre o ano ‘Lois Pereiro’, a quen se lle dedica o Día das Letras Galegas 2011, mentres se deixa atrás o ano no que se conmemorou a data a Uxío Novoneyra. Apúntase que estiveron presentes Manuel Rivas, Dario Xohán Cabana, Antón Patiño e X. L. Méndez Ferrín, quen destacou que era só o aperitivo para homenaxear ao autor de Poesía última de amor e enfermidade, un autor rompedor en todos os sentidos que formou parte da Xeración dos oitenta, un grupo moi heteroxéneo marcado a través do colectivo De amor e desamor.


Infórmase que a Cidade da Cultura de Galicia inicia o seu ciclo ‘Galicia, ceo das letras’ para homenaxear cada sábado a unha gran figura da literatura galega. Dise que pasarán por este espazo figuras como María Kodama, Pedro Almodóvar, Milos Forman e Dulce Pontes e que haberá unha actuación artística ligada ao autor celebrado, como Rosalía de Castro, Manuel Antonio, Álvaro Cunqueiro e Eduardo Blanco Amor, ademais de sesións especiais dedicadas a Jorge Luis Borges, Fernando Pessoa e Salvador Espriu. Indícase que Rosalía de Castro será a primeira das protagonistas, que intervirá María do Cebreiro e que haberá un espectáculo teatral con textos de Rosalía dramatizados e musicados dirixido por Manuel Lourenzo. Apúntase que son varias as institucións que colaboran nestas actividades, entre as que destacan a Fundación Penzol, a Real Academia Galega, o Consello da Cultura Galega e a Asociación de Escritores en Língua Galega.


Dáse conta do centenario do nacemento de Luis Seoane en 2010 e anúnciase que para conmemoralo o Consello da Cultura Galega e máis a Fundación Luis Seoane van levar a cabo diversas actividades, entre as que sobresae o congreso “Galicia-Arxentina, unha dobre cidadanía”, que se levará a cabo en Santiago do seis ao oito de abril. Coméntase que nel participarán expertos galegos e arxentinos e que se clausurará na sede da fundación que leva o seu nome no nove de abril, día no que dará comezo a exposición “Luis Seoane: a configuración do posible”. Tamén se fai eco da intención de Silvia Longueira, vicepresidenta da fundación e edil do concello da Coruña, de achegar a colexios e centros cívicos da cidade a figura deste artista e o propósito das tres universidades galegas de estudar o legado deste autor.

Coméntase que o día anterior á súa publicación foi nomeado presidente da Real Academia Galega Xosé Luis Méndez Ferrín, quen declara que vai exercer o seu labor dun xeito continuista á do seu predecesor, Xosé Luis Barreiro. Na rolda de prensa posterior ao seu nomeamento, Ferrín explicou tanto a súa preocupación con respecto ás finanzas da institución, única desta clase en Europa que non recibe axuda do seu parlamento, como os obxectivos da RAG para esta nova etapa. Tamén se realiza un pequeno percorrido pola biografía de Méndez Ferrín.


Recóllense as primeiras palabras de Xosé Luis Méndez Ferrín como presidente da Real Academia Galega, nas que declarou querer levar a cabo o seu labor dun xeito continuista a como o desenvolveu o seu predecesor, Xosé Ramón Barreiro. Na rolda de prensa posterior a este nomeamento, os académicos amosaron a súa preocupación polo estado das finanzas da institución e reclamaron unha asignación fixa por parte da Xunta. Segundo Ferrín, os obxectivos da súa etapa presidencial na RAG serán: maior presenza en actos públicos, maior efectividade nos traballos de lexicografía, onomástica e gramática e tamén a actualización permanente do dicionario da RAG.


Infórmase de que a Real Academia Galega recibíu, da man de Xosé Manuel Beiras, o legado de Xoán Vicente Viqueira. Indícase que a RAG xa conta co de Manuel Murguía, parte do de Rosalía de Castro, de precursores, de continuadores e das Irmandades da Fala.


Infórmase da inauguración da macroexposición que a Fundación Caixa Galicia dedica a Luis Seoane. Citanse os nomes dos que estaban presentes e explicase a organización da mostra, que comeza coa súa infancia e remata coa arte popular galega.


Apúntanse varias posibilidades como libros do verán pontevedrés, destacando o rescate de autores galegos clásicos, como Xosé Neira Vilas, Rosalía de Castro ou Daniel
Rodríguez Castelao, ou máis modernos, como Domingo Villar, autor de novelas policíacas.


Indícase que o Fondo Teatral María Casares engadiu case cincuenta títulos máis á súa coleción de máis de mil volumes que inclúe pezas de dramaturgos e revistas especializadas en teatro como *Ade, Hamlet e Primer Acto*. Coméntase que os responsábeis do Fondo presentaron a doazón feita pola Universidade de Murcia que consta de textos de dramaturgos españoles e outros sobre a teoría e a historia do teatro, material que será dixitalizado e estará a disposición dos usuarios na rede de bibliotecas da Xunta de Galicia.

Martínez, Iago, “Ferrín presidirá a Real Academia cunha executiva de continuidade”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 22 xaneiro 2010, p. 36.

Infórmase que ao día seguinte á publicación deste artigo, Xosé Luis Méndez Ferrín será nomeado presidente da Real Academia Galega e que a executiva coa que contará para exercer a súa presidencia terá unha liña continuísta á do seu predecesor. Tamén se fai referencia á súa traxectoria política, literaria e vital.


Sinálase que o día anterior á publicación deste artigo, Xosé Luis Méndez Ferrín foi nomeado presidente da Real Academia Galega, sucedendo ao historiador Xosé Ramón Barreiro, de quen continuará as súas liñas. Tamén se informa que será a súa executiva facendo un pequeno percorrido pola vida de cada un dos seus membros, das liñas de traballo que pretende seguir Ferrín e das necesidades económicas e procura dun novo modelo de financiación da institución. Por último fai un percorrido por todos os presidentes da RAG anteriores a Ferrín e infórmase de cómo foi o discurso que pronunciou Ferrín na súa entrada na Academia no ano 2000, facendo tamén un breve percorrido pola súa traxectoria vital e literaria.


Cóntase como once escritores galegos que foron Premio Nacional de Literatura e que nunca antes se xuntaran (Manuel Rivas, Suso de Toro, Alfredo Conde, Agustín Fernández Paz, Xabier P. Docampo, Xusto Beramendi, Paco Martín, Fina Casalderrey, Manuel Lourenzo e Ruben Ruibal) se uniron agora para pedir en bloque a dimisión do conselleiro de cultura, Roberto Varela, tras afirmacións deste como que a cultura galega é unha cousa “ensimesmada e acomplexada” e un tema “espiñento”.

1253

Anúnciase a futura presenza en Francia de Suso de Toro e Manuel Rivas no coloquio internacional “Manuel Rivas et Suso de Toro: deux voix de la littérature galicienne contemporaine”, do que aínda non se sabe a data exacta, pero será no mes de marzo seguinte á publicación desta nova na Universidade de Paris-Sorbonne IV. Coméntase que na organización desta charla colabora o Centro de Estudos Galegos de París, dirixido por Eric Beaumatin (grande especialista na literatura de Manuel Rivas), que se atopa dentro do Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Iberiques Contemporains, dirixido polo hispanista Sadi Lakhdari. Despois disto refírese á traxectoria literaria internacional de Manuel Rivas e Suso de Toro, así como aos momentos e maneiras en que algunha das súas obras son traducidas ao francés e ao inglés. Por último, dedícanse unhas liñas a facer unha pequena comparativa entre a obra de Rivas e a de Toro.


Relátase por qué Veronika Gergeley, húngara, estudou galego ademais de xaponés, alemán, portugués, castelán, inglés e italiano. Vera, como asi a chaman os que a coñecen, interesouse por aprender galego cando estudou as Cantigas de Santa María nunha Universidade de Budapest, pois quería entendelas. Coméntase que ademais de Vera, quen está a traballar nun artigo sobre Álvaro Cunqueiro, hai máis xente de nacionalidades diversas que estuda galego sen unha “utilidade aparente”, por exemplo Daria, estudiante rusa que está facendo unha tesiña na que aparecerán versos traducidos ao ruso de Sechu Sende; a malagueña Eva Carrión, que traduciu Resistencia (2002), de Rosa Aneiros, ao castelán; a enxeñeira informática brasileira Nilsa Areán, quen estuda a posibilidade de traducir para o portugués do Brasil a Daniel Rodríguez Castelao; a grega Sofía Karatza, quen pasou ao grego textos de Xosé Luis Méndez Ferrín, Manuel Rivas e Miguel Anxo Murado; e o xaponés Takekazu Asaka, autor dunha versión bilingüe de Cantares Gallegos (1863) e que ocupa agora o seu tempo en traducir para o xaponés a Ramón Cabanillas e en traducir para o galego contos nipóns. Tras falar destes estudiosos do galego, refírese aos que se interesaron pola lingua galega por outros motivos moi diferentes como o fútbol, que é o caso do marroquí Hicham Suisse. Por último, persoas diferentes de diversas nacionalidades, como por exemplo polaca, nipona e india, dan a súa opinión sobre a situación actual da lingua galega e por qué cren eles que se debe conservar, sobre o bo ou malo que é que unha lingua esta politizada, sobre se unha língua “ten que ser útil” ou se simplemente “ten que ser”.


Infórmase que a revista londinense Litro, que se reparte gratutamente mes a mes na área de Londres, vai facer para o seu número noventa e catro unha escolma de autores do estado español en linguas diferentes ao castelán, da que serán representantes polo
bando da lingua galega Xurxo Borrazás, Lois Pereiro, Suso de Toro e Antón Reixa, en tradución para o inglés de John Rutheford e Alan Floyd.


Dáse conta do feito de que o día anterior á publicación deste artigo, Suso de Toro anunciou no seu blog que deixaba a escrita profesional para regresar á docencia. O autor afirma que hai diversos motivos para tomar esta decisión, de entre os que sinala a crise cultural.


Infórmase da recente aparición da tradución de *Non son de aquí* (2008), da poeta galega María do Cebreiro, no mercado editorial inglés baixo o título *I Am Not From Here*, editada polo selo Shearsman Books, que xa anteriormente publicara poesía galega traducida para o inglés. Tamén se fala doutros títulos galegos pertencentes a diversos autores e de diferentes xéneros que se traduciron e editaron xa en inglés nesta ou noutras editoriais e da colaboración entre Shearsman Books e a directora do Centro de Estudos Galegos na Universidade de Gales-Bangor, Helena Miguélez.


Anúnciase a visita á Coruña de Alberto Manguel para participar no III Encontro Cidade da Coruña, que organizan o Concello da Coruña, a Asociación de Escritores en Língua Galega e a Real Academia Galega. Tamén se informa como Manguel, canadense nado en Arxentina e residente en Francia, se achegou á literatura galega e explicase que significa para el a literatura.

**Martínez, Iago,** “Seoane contra a historia, cen asaltos”, *Xornal de Galicia, “Cultura”*, 23 outubro 2010, p. 36.

Fálase da exposición “Cen por cen Seoane. 100 anos, 100 lugares” sobre a biografía de Luis Seoane. Explicase que a mostra acolle libros, manuscritos, fotografías e cartas, entre outros materiais, e indícase como está organizada. Citase a obra *Homenaje a la Torre de Hércules*


Anúnciase que a Editorial Libros del Silencio ten previsto publicar a obra completa de Lois Pereiro na que se atoparían dous textos en prosa, isto é, o ensaio *Modesta proposición para renunciar a facer xirar a roda hidráulica dunha historia universal da...*
infamia, que se atopa dentro do volume *Poemas para unha loia* (Espiral Maior, 1996), e a novela inacabada *Náfuragos do paradiso*. Indícase que a publicación do volume coincidiría co Día das Letras Galegas 2011 dedicado a este autor. Apúntase que a tradución corre da man de Daniel Salgado. Engádese que Pereiro sería o terceiro autor galego do que se publica nesta editorial, na que xa se editou *El afinador de habitaciones*, de Celso Castro e *Elisa y Marcela*, de Narciso de Gabrielle.

**Martínez, Iago**, “Os escritores de Galeusca buscan unha fronte común ante a ‘recentralización’”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 31 outubro 2010, p. 36.

Fálase do encontro Galeusca que reune a escritores galegos, vascos e cataláns. Indícase que entre os participantes se atopan os tres presidentes das asociacións de escritores das tres nacións, isto é, Guillem-Jordi Graells, Ander Iturriotz e Cesáreo Sánchez Iglesias, ademais de Héctor Carré, Anxo Angueira e Diego Amado, entre outros. Engádese que o peche do encontro consistirá nun recital colectivo con participación de Olalla Cociña, Dores Tembrás e Xabier Díaz.


Coméntase que entre as diversas homenaxes que recibiu Marcos Valcárcel estivo o recoñecemento a toda unha vida de investigación e de divulgación da historia e da cultura galegas a causa da súa recente desaparición despois dunha longa enfermidade. Destácanse as palabras de Bieito Iglesias nas que apuntou que Valcárcel nunca renegou do seu pensamento e sempre defendeu o seu ideario nacionalista sendo un gran creador cun número inxente de publicacións ademais do seu labor a través do seu blog “As uvas na solaina”.


Dáse conta do programa da sesión de contacontos que terá lugar en Tui dous días despois da presentación deste artigo da man de Quique Cadaval e Jorge Serafim, do seu horario e de onde conseguir as entradas. Tamén se fai unha breve introdución ás carreiras de cadanseu artista.


Reprodúcese o poema “NA lentitude das flores...” de *Na terra desluada* (2009), de Ricardo Martínez-Conde.

Insírese o poema “¿QUEN nos revelará o coñecemento...” de *Na terra desluada* (2009), de Ricardo Martínez-Conde.


Sección fixa na que se acolle a composición “¿QUE agardamos agora?, ¿a levidade,...”, incluída no poemario *Na terra desluada* (2009), de Ricardo Martínez-Conde.


Inclúese nesta sección fixa o poema “VOLTA a longa teima: desexos, desexos...” do poemario *Na terra desluada* (2009), de Ricardo Martínez-Conde.


Dáse conta da edición da XXIX Feira do Libro de Santiago, que se celebra no paseo central da Alameda. Cónsase tamén que foi Marcos Calveiro quien a inaugurou este ano acompañado de Francisco López, director xeral de Promoción e Difusión; Xosé Sánchez Bugallo, alcalde de Santiago; Antonio Fernández, coordinador de toda as Feiras do Libro de Galicia e Isabel Ares, presidenta da agrupación de libreiros de Santiago. Por último, tamén se informa das actividades que se inclúen nesta Feira.


Entre outras cuestións, dáse conta do éxito da tradución ao castelán de *Ojos de agua*, do escritor vigués Domingo Villar.


Infórmase da homenaxe que se levou a cabo en Vigo a Francisco Fernández del Riego no seu noventa e sete aniversario, que consistiu na interpretación musical de tres pezas e na solta de noventa e sete pombas, unha por cada ano do homenaxeado. Díse que entre os participantes na homenaxe, estaba a escritora galega María Xosé Queizán.
Xunto a outras noticias do eido cultural aparecen neste artigo dúas novas relacionadas coa cultura galega. Por unha banda, unha sobre a edición en italiano, inglés e alemán da obra de Domingo Villar A praia dos afogados, da que se enumeran as súas diferentes edicións tanto en castelán coma en galego, así como se nos informa dos próximos plans de traballo do autor vigués. Por outra banda, dáse conta da saída á venda do producto ideado a partir dun proxecto de Miguel Anxo Prado, Quotidiana, a primeira banda deseñada interactiva para iPhone e Ipod Touch.


Informa que Xosé M.ª Álvarez Cáccamo presentou o vinte e nove de novembro de 2010 en Vigo este volume. Del o propio autor comenta que os poemas do CD que acompaña a este libro foron gravados nunha fin de semana e máis que o libro é un percorrido cronolóxico pola súa obra dende o seu primeiro poemario até Vento de sal (2008). Asemade anunciou que non realizou modificacións aos seus poemas e que se reproducen tal cal se publicaron orixinariamente.


Destaca, entre as mostras de condolencia que tiveron lugar polo pasamento de Franscisco Fernández del Riego, a homenaxe de Aldara, unha nena de dez anos que deixou escrito no libro de condolencias que lle dese unha aperta a Castelao. Dise que se deron cita os máis insignes persoeiros da cultura galega, como X. L. Méndez Ferrín, Víctor Freixanes, X. Manuel Beiras, Alonso Montero ou Camilo Nogueira, para darlle o último adeus a don Paco.


Repítense as mostras de agarido pola morte de Franscisco Fernández del Riego xa que a Fundación Penzol e Galaxia ofrecerán un memorial aberto para toda a cidadanía e habérase un libro de condolencias para todo aquel que queira expresar as súas impresións sobre o ilustre galeguista.

Indícase que Vanesa Sotelo, de Cangas, obtivo o galardón do Premio Robreyno coa súa segunda obra, *Memoria do incendio*, que lle foi entregado no Centro Galego de Barcelona. Dise que o premio está dotado con tres mil euros e que recoñece unha obra escrita en galego nun momento no que a lingua está posta en dúvida. Dise que a obra foi froito dunha viaxe a Praga e da historia de inmolación de dous estudantes que a finais dos anos sesenta morreron queimados en protesta pola invasión de Checoslovaquia.


Animase a toda a cidadanía a expresar o seu sentir no libro de condolencias que a Fundación Penzol dispuxo na Casa da Cultura Galega de Vigo para todos os que queiran asistir a darlle a despedida a don Paco, ademais das homenaxes institucionais que se van celebrar e as cerimonias relixiosas en honra do ilustre galeguista.


Fálase da inauguración no museo Verbum de Vigo dunha exposición ao redor de seis áreas temáticas sobre a figura do escritor Álvaro Cunqueiro. Sinálase que nela se presenta o seu lado máis persoal por medio de fotografías, documentos mecanografados e obxectos familiares privados.

**Mauleón, Amaia**, “Más de 100.000 volúmenes ‘dibujarán’ los versos de Rosalía de toda Galicia”, *La Opinión*, “Cultura”, 23 abril 2010, p. 54.

Infórmase que nas principais cidades galegas se vai celebrar o Día do Libro escribindo versos de Rosalía de Catro con libros nunha importante praza de cada cidade e de que posteriormente os libros serán regalados aos viandantes. Tamén se fala de que en Buenos Aires o Día do Libro será festexado coa presenza das letras galegas.


Dáse conta da intención do escritor galego Suso de Toro de deixar profesionalmente a literatura e da súa volta á docencia, segundo el mesmo anunciou no seu blog. Tamén se refíxen os motivos polos que o escritor tomou esta decisión e diversas opinións doutros autores galegos sobre se de Toro será capaz ou non de non volver a escribir.


Dáse conta das medidas que están a tomar os diferentes artistas galegos ante a crise que se está a vivir. Afírmase que a poeta Yolanda Castaña pensa que no mundo da poesía se dan máis seguidores ca nunca xa que é unha moí boa maneira de evadirse do mundo real e que, ademais, este tipo de actos onde se poñen en común ou se len diferentes poemas
son gratuitos. Citase tamén a David Rubín, debuxante de cómic, quen asegura que se debe escapar de se ‘sempre e tempo de innovar’. Sinálase que Rubín di que en tempos de crise o lecer é máis caseiro e a produción vólvese maior. Pola contra, cóntase que os músicos, arquitectos, coreógrafos e deseñadores non se mostran tan ledos xa que é tempo de cambiar e non hai cartos suficientes para levalo cabo.


Fálase tanto do novo traballo do grupo, Kosmogonías, coma do seu novo cantante e do seu novo estilo máis achegado ao son tradicional e que se intenta achegar tamén a outras artes como a videocreación ou a literatura. Para aproximarse a esta última, a introdución do disco corre da man de Rosa Aneiros e o primeiro poema está firmado por Manuel Rivas.


Fálase da exposición antolóxica inaugurada en Lugo “Castelao: a derradeira lección do mestre”, e que está comisariada por Felipe Senén Vázquez e María Pilar García Negro, quen destaca a “inmensa carga de denuncia” que contén a obra de Castelao e que xira arredor do eixo temporal que vai de 1936 a 1950. Sinálase que nesta exposición se incluen estampas dos álbums Galicia mártir, Atila en Galicia e Milicianos; varios Debuxos negros; máscaras da representación de Os vellos non deben de namorarse; unha primeira edición de Sempre en Galiza e unha serie de obxectos que pertenceron ao artista.


Infórmase que é a primeira vez que Santiago acollerá un congreso internacional de Literatura de Viaxes que terá lugar do vinte ao vinte e sete de xuño. Sinálase que contará coa presenza de personalidades como Julio Llamazares, César Antonio Molina, John Rutherford, Luisa Castro e Suso de Toro, entre outros moitos intelectuais do momento. Afírmase que o maior obxectivo do programa é o de fomentar un foro internacional deste xénero literario. Citase que na Alameda se celebrará a Feira do Libro de Viaxes que poderá visitar todo aquel que se queira achegar até ali, e tamén haberá diversas actividades e a posibilidade de tomar un café con algún dos autores que participen no programa.


Trátase da presentación do último disco de blues do ferrolán Víctor Aneiros, Brétemas na memoria, que utiliza poemas do escritor Ramiro Fonte. Sinálase que é unha maneira de brindarlle homenaxe ao universo poético de Fonte xa que en vida sempre estivo na
sombra e non tivo suficiente recoñecemento. Dise que este non foi o primeiro disco no que utiliza versos de escritores galegos xa que no seu anterior disco, *Heroe secreto*, incluíu temas de Rosalía de Castro, Manuel Curros Enríquez e Luis Pimentel. Remátase facendo fincapé en que a literatura galega lle cae ben á música e dise tamén que Rosalía de Castro foi unha escritora sensacional de blues que parece que foi sacada das mesmas terras que rodean o Delta do Mississippi.


Preséntase o novo disco de blues de Víctor Aneiros baixo o nome *Brétemas na memoria* en Arteria Noroeste. Dise que o ferrolán se baseou nos poemas do escritor Ramiro Fonte porque o considera único tratando o tema da soidade. Côntase que é unha maneira de brindar ao poeta o recoñecemento que se merece. Alúdese a que tamén hai diversas colaboracións por parte de músicos e do poeta Xosé Carlos Caneiro. Remátase o artigo dicindo que Aneiros está satisfeito porque agora é coñecido no seu país tras varios anos tocando fóra.


Dáse conta da celebración en Poio da exposición “A ollada do desexo”, organizada polo Concello de Poio e a Editorial Galaxia e producida por Merlín Comunicación. Coméntase que nesta exposición se mostran cincuenta fotografías realizadas por Eduardo Blanco Amor.

**M. CH.**, “La Iglesia accede a reabrir el Panteón de Galegos Ilustres porque la Xunta lo costeará”, *La Voz de Galicia*, “Cultura”, 1 xullo 2010, p. 35.

Dáse conta da reapertura do Panteón de Galegos Ilustres situado en San Domingos de Bonaval. Alúdese a que tras varios acordos a Xunta decidiu costear os gastos de mantemento, xa que antes o facía a Igrexa. Dise que se volverá abrir despois de dous meses.


Cóntase como foi homenaxeado o escritor Eduardo Pondal na súa vila natal de man de alumnos de primeiro de bacharelato do instituto que leva o seu nome, o día que se cumpriron cento setenta e cinco anos do seu nacemento. Sinálase que o acto foi organizado polo Equipo de Normalización Lingüística dese instituto e a Fundación Eduardo Pondal.

Infórmase do programa “Outono Pondaliano” levado a cabo pola Fundación Eduardo Pondal co fin de difundir o estudo sobre o autor. Expícase que está formado por seis ciclos, que está aberto a todos os públicos e que nel participarán persoas como Manuel Ferreiro ou Xesús Ferro Ruibal.


Fálase da morte de Hermnio Barreiro. Recórdase un artigo publicado por el na primeira páxina do *Faro de Vigo* en 1958 e que levaba por título “Cornalyna Deneese”.


Faise unha semblanza da figura do poeta José Ángel Valente tras dez anos da súa morte, ao tempo que se pon de manifiesto a vixencia e universalidade da súa obra, tal e como sinala o profesor e poeta Claudio Rodríguez Fer, quen considera que foi un poeta universal, conectado con culturas e pensamentos ecuménicos de todo o mundo e destaca que “és un poeta de la luz. Lo que sucede es que indaga en las realidades oscuras del ser humano”. Como mostra da vixencia da súa producción menciónanse as múltiples traducións a distintas linguas.


Infórmase da realización dun curso de verán na sede ferrolá da Universidade a Distancia dedicado a Gonzalo Torrente Ballester e a Ricardo Carvalho Calero. Disc que se inclúen diversas conferencias sobre o contexto histórico, entre elas unha a cargo do director do Centro Galego de Arte da Imaxe, Guillermo Escrigas, que disertou sobre o Ferrol da época ou vida e obra dos autores, e outras a cargo de Luis Iglesias Feijóo, Miguel Viqueira, Dolores Vilavedra e a filla de Carvalho Calero.


Infórmase da homenaxe que a Asociación Cultural Vagalumoes da Estrada organiza a Xoseme Mosquera Carbón. Indícase que nela participará David Otero así como Paulo Porta, autor de *Dame a túa man*, entre outros.

Dáse conta da presentación do volume número trece da revista Miscelânea do museo estradense. Indícase que recolle catorce estudos sobre xenealoxía, historia e cultura, entre os que se atopa a biografía de Fermín Bouza Brey, de Jesús Palmou e a de Xosé Neira Vilas, realizada polo filólogo brasileño Nweton Sabbá.


Enuméranse os títulos literarios máis demandados como regalos de Nadal. No tocante á literatura galega, os que aparecen sinalados como máis exitosos en vendas son Episodios Galegos. Tempos de esperpento, de Manuel Rivas, e Tempo de centeo, de Xosé Fernández Ferreiro, en narrativa. No campo da poesía, os títulos sinalados son Os eidos, de Uxío Novoneyra, e a Obra completa, de Luis Pimentel.


Cítanse os autores que van ser os integrantes de dito encontro: Juan Gelman, Miguel Anxo Murado, Hélia Correia, Alberto Manguel e Xabier P. Docampo. Faise eco do programa do encontro e sinálase o que Cesáreo Sánchez, da AELGA, comenta sobre o feito de que, segundo el, A Coruña é unha cidade “literaria”.


Comeza destacando a boa acollida da Feira do libro organizada pola Concelería de Cultura e a Asociación de Libreros da Coruña, que tivo lugar nos xardíns de Méndez Núñez. Subliña algunhas das actividades realizadas como a creación de blogs relacionados coa literatura, obradoiros para potenciar a escritura ou obradoiros de edición e encadernación de livros, se ben de entre esas actividades destaca a homenaxe a escritores que están de aniversario: Rosalía de Castro, Luis Seoane, Uxío Novoneyra, Ricardo Carvalho Calero ou Eduardo Blanco Amor, dentro do programa “A cidade que le”.


Faise referencia á inauguración en Arteixo da exposición organizada pola Deputación da Coruña e a Fundación Manuel María sobre Rosalía de Castro, “Rosalía sempre viva. Viva Rosalía!”, que percorré diferentes concellos coruñeses e que tenta achegar a súa figura aos máis novos, afondando en aspectos como o forte vínculo que mantiña coa dramaturxia e a música, a educación que recibiu de nena ou os exemplos literarios que a sitúan dentro dos referentes mundiais.

Dáse conta dun proxecto itinerante do profesor Luciano Rodríguez que tenta conectar poemas e obras pictóricas nos albergues do Camiño de Santiago partindo da escolma “Poesía Suspensa”, con composicións de cincuenta e dous autores, tales como Xosé Luís Méndez Ferrín, Salvador García Bodaño, Miguel Anxo Fernán Vello, Xulio Valcárcel ou Pilar Pallarés, así como outros autores do resto do Estado e doutros países. Expícase que delas, as escritas en galego, castelán e portugués non aparecen traducidas e que o resto se atopa na lingua orixinal e en galego.


Fálase da exposición “A Coruña na creación do libro galego”, organizada pola Concellería de Cultura e a Real Academia Galega. Expícase que o obxectivo é “situar ao visitante hai 200 anos” e indicase que a primeira obra en galego foi publicada en 1810. Coméntanse as diferentes pezas que integran a mostra, como Os rogos d'un galego, de Manuel Pardo de Andrade, e apúntase que os particulares tamén cederon para a exposición “parte do legado editorial que consta que naceu na cidade” da Coruña.


Infórmase do programa cultural da Coruña, como por exemplo o reparto de libros no Materno e nos mercados, ou as visitas guiadas á Real Academia. Fálase tamén do ciclo “Poetas di(n)versos” e das xornadas sobre Carvalho Calero.


Fálase do encontro de autores mozos no que participan Celso Fernández Samartín, Oliver Laxe, Olalla Cociña e Ledicia Costas, entre outros. Expícase que se reflexionará sobre a situación da literatura galega “ante o seu idioma”.


Refírese ao ciclo “Poetas di(n)versos”, coordinado por Yolanda Castaño, no que participará Gioconda Belli así como Claudio Rodríguez Fer. Indícase que tamén participarán Andrés Neuman, Premio Alfagura por *El viajero del siglo*, e Rosa Alice, premio Espiral Maior por oito poemarios.

Dáse conta de que, ao son da gaita e con centos de caraveis, foron agasallados e homenaxeados algúns dos ilustres galegos do cemiterio de San Amaro, entre os que se atopan Luís Seoane ou Manuel Murguía. Dise que a comitiva estivo encabezada por X. L. Méndez Ferrín nun acto que rematou coa interpretación do Himno Galego e no que tamén se homenaxeou a Manuel Lugrís, no centenario do seu nacemento, a Ánxel Casal, Álvaro Cebreiro e Francisca Herrera, a primeira muller que entrou na Real Academia Galega.


Anúnciase o primeiro dos recitais poéticos do ciclo Poetas Di(n)versos a cargo de Olga Novo e Andrés Neuman, unha iniciativa mensual organizada pola Concellaría de Cultura do concello da Coruña e impulsada por Yolanda Castaño que reunirá á poeta galega co escritor arxentino afincado en Granada. Indícase que é un dobre recital que fará as delicias de todos os públicos para logo proceder á venda dos exemplares co que se pretende poñer en valor a poesía galega e seguir de preto a actualidade literaria española. Saliéntase que os dous autores protagonistas deste acto son ben coñecidos pola súa traxectoria artística, xa que Neuman obtivo, entre outros, o Premio da Crítica e Olga Novo conta con publicacións ben destacadas como *Nós Nus* (1997) ou *A cousa vermella* (2004).


Infórmase que a Asociación Berciana da Lingua Xarmenta entregou en Ponferrada os seus premios de Debuxo nun acto que contou coa presenza do grupo Viravolta Títeres e o seu espectáculo *O cego dos Monifates*. Asemade apúntase que Xarmenta desexa que o Día das Letras Galegas 2011 se lle dedique ao escritor berciano Antonio Fernández Morales.


Ofrécese unha breve historia da micoloxía e relaciónase coa literatura. Expícase que a presenza de nomes de cogomelos na literatura galega “segue a ser moi escasa”, aínda que existen referentes como Emilia Pardo Bazán, Wenceslao Fernández Flórez, Álvaro Cunqueiro ou, máis recentemente, Agustín Fernández Paz en *Contos por palabras* (1991), obra pola que recibiu o Premio Lazarillo.


Recóllese a celebración de varias mesas redondas sobre o patrimonio material e inmaterial de Sanxenxo, organizadas polo Foro Galicia Milenio. Infórmase que na cea
de clausura se entregarán os Premios Sanxenxo 2010 e que entre os galardoados estarán Gerardo Fernández Albor ou a Asociación Cultural Abiñadoira.


Con motivo de se celebrar o Día Mundial do Teatro, sinala que a festividade foi creada en 1961 en Viena polo Institutu Internacional do Teatro para destacar a relevancia que ten o traballo de todas as persoas que se relacionan co mundo da dramaturxia. Recolle opinións recadadas de tres persoas que forman parte da escena teatral coruñesa: Santiago Fernández, director da compañía teatral CasaHamlet; María Torres, actriz e membro da compañía Elefante Elegante, e Rubén Ruibal, director da Aula de Teatro da Universidade da Coruña. Os tres opinan sobre a escena teatral coruñesa, a oferta da programación e as súas respectivas celebracións persoais deste día.


Cóntase como dentro das xornadas “O mundo na encrucillada: os desafíos no século XXI”, levadas a cabo na USC de man dos Comités, se inclúe a conferencia sobre o tema “Cómo se forxou a identidade galega a través da lingua e da literatura”, impartida pola profesora Dolores Vilavedra e que toca o tema de se para ser un escritor galego cómpre ou non escribir en galego e estar dentro do circuíto literario galego.


Refírese á presentación do poemario de Cesáreo Sánchez Iglesias *O paraíso das sombras*, publicado por Biblos, na galería Sargadelos. Sinálase que xunto ao autor tamén participaron na presentación Eva Veiga e Tucho Calvo.


Cóntase que vai comezar a III Semana de Poesía Salvaxe de Ferrol, da que se ofrece a súa programación e na que participarán poetas galegos, portugueses, leoneses, vallisoletáns e extremeños. Anúnciase que tras este acontecemento, começará a XXI Feira do Libro de Ferrol, rebautizada como Festa da Lectura, do Libro e da Palabra, da que tamén se fai referencia ao seu programa.


Dáse a nova de que o investigador John Thompson presentou *As novelas da memoria. Trauma e representación da historia na Galiza Contemporánea* (2009) na galería de Sargadelos en Santiago de Compostela. Sinálase que este traballo xurdiu despois de
facer a súa tese doutoral e disse que tamén tomou de referencia as novelas da memoria histórica. Cómense que o libro se basea na II República, a guerra civil e o franquismo, e que vai a suscitar moitas críticas e que se espera unha democratización maior nos sectores máis radicais da sociedade.


Dise que a escritora Carme Blanco pechou o ciclo “As miñas lecturas favoritas” e expresou que é unha lectora libre de prexuízos que goza da lectura. Indica que, segundo foi medrando, tamén foron variando as súas preferencias, así San Juan de la Cruz e Teresa de Jesús foron centro de atención pola súa linguaxe simbólica. Tamén o teatro de Valle-Inclán e a grande Rosalía de Castro están entre os autores de libros que merecen ser relidos ao igual que Shakespeare con *O rei Lear*, centrado na liberdade e o amor, os temas que máis lle interesan á autora. En canto ás súas lecturas de nena lembra os contos de fadas aos que seguíron logo Carvalho Calero e Xohana Torres.


Fálase e preséntase a biografía de Juan e Alfonso Silvent, dúas persoas que naceron na barraca popular que percorría Galicia. Indicase que o espectáculo “Barriga Verde” se levaba polos pobos e cidades no verán.


Infórmase do recital poético de Yolanda Castaño no IES de Santa Comba.


Faise eco da concesión do XV Premio Reimóndez Portela, dotado con mil quinientos euros, diploma e talla conmemorativa, ao profesor e literato Xosé María Lema do que se salienta o artigo xornalístico “A destrución pola destrución”.


Fálase da exposición itinerante do décimo certame “Poesía e Imaxe en Galego, sen filtro”, cuxo obxectivo é fomentar o uso do galego no ámbito educativo. Expícase que a mostra recolle o traballo dos estudantes gañadores dos colexios participantes no proxecto.

Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Neste caso reproducéuse o realizado por Alberte Momán, intitulado “Sipylus e a señora D’Eon”.


Sección fixa na que se acolle o poema “CARGADO de anos retorno” tirado do poemario *Eume* (2007), de César Antonio Molina.


Nesta sección acóllense os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Nesta ocasión reproducéuse “Peixoto”, de Eva Moreira Fontán.


Acóllese nesta sección o poema “desde París dicir...” pertencente a *Elexías de luz* (2006), de Mª Victoria Moreno.


Inclúese a composición “Eu quixera esculpir en luz e aire...”, de *Elexías de luz* (2006), de María Victoria Moreno.

Refírese ao congreso Galeuska centrado no debate sobre a “importancia das literaturas en lingua propia como subministradores de contidos para acadar unha fértil industria cultural”. Indícase que entre os participantes están os tres presidentes das asociacións de escritores de lingua galega, catalá e vasca, isto é, Cesáreo Sánchez, Guillem Jordi Graells e Ander Iturriotz.


Dáse conta da apertura da rolda de visitas de estudantes de instituto, como base da futura xeración de investigadores, á biblioteca Penzol. Sinálase que o percorrido se iniciou coa exposición sobre Ramón Cabanillas e seguiu co gabinete de Ramón Piñeiro, para xa finalizar coa visita á sala de lectura e á biblioteca. Por último, infórmase tamén do proceso de dixitalización de fondos nos que está inmersa a Fundación Penzol.


Recóllese o derradeiro adeus a Francisco Fernández del Riego, un símbolo do galeguismo histórico que faleceu con noventa e sete anos na súa casa da praza viguesa de Compostela e que até fai ben pouco foi o encargado da Fundación Penzol. Anúncianse ademais as diferentes homenaxes e actos en honra do falecido e que a futura pinacoteca do Casco Vello levará o nome do galeguista.


Resáltanse as actividades do intelectual Francisco Fernández del Riego pola súa entrega total a Galicia e a súa actividade política e intelectual en Vigo, que marcou un antes e un despois e que, logo da súa morte, será un punto de inflexión no devir da historia cultural e lingüística de Galicia por todo o labor que desenvolveu durante case un século de vida.


Refírese ao discurso dado por Helena Villar sobre Rosalía de Castro no acto tradicional do Domingo das Mozas. Recóllese a información ofrecida por Villar, como o interese que a obra da poeta espertou en Juan Ramón Jiménez e en Federico García Lorca.

Faise eco das queixas do Bloque Nacionalista Galego polos recortes da Xunta de Galicia no orzamento destinado ao fomento da lectura e a promoción e difusión do libro en galego e pola escasa relevancia outorgada a Rosalía de Castro no cento vinte e cinco aniversario do seu pasament.


Infórmase da inauguración dunha exposición sobre a vida e a obra de Rosalía de Castro que, partindo de Arteixo, municipio natal de Murguía, percorrerá varias cidades coruñesas. Destácanse os adxectivos cos que os organizadores da mostra cualifican a escritora e que se ven plasmados nos vinte paneis que a compoñen: autodidacta, rebelde, intelectual, progresista, adiantada ao seu tempo, etc. Recóllense as verbas de Diego Pardo, comisario da exposición, que afonda na súa figura como unha das poucas mulleres que, no seu tempo, pretendeu vivir do seu traballo sen esconderse baixo un seudónimo.


Recóllese a escasa afluencia de visitantes tras a reapertura do Panteón de Galegos Ilustres, onde están soterradas algunhas das figuras literarias máis importantes de Galicia, así como as queixas sobre a falta de información sobre o lugar.


Recóllese a traxectoria do grupo teatral de Rianxo Airiños, que leva setenta e sete anos dandoo vida a obras en galego de autores do lugar, incluso durante os tempos da ditadura, tales como *A Retirada de Napoleón*, *Na casa do ciruxano* ou *Os vellos non deben namorarse*, e que recolleu premios como o Alexandre Bóveda. Tamén figuran as valoracións e recordos do actor máis veterano e do máis novo da compañía.


Dá conta da monografía que Antón M. Pazos levou a cabo sobre a escritora decimonónica Sofía Casanova, *Vida e tempo de Sofía Casanova*, saída do prelo grazas á iniciativa do Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento (IEGPS). Tras apuntar o descubrimento da figura desta escritora durante o período da edición por parte de Pazos do *Archivo Goma* da guerra civil española, salienta a súa condición de cronista da loita sufraxista inglesa, da formación do partido bolxevique en Rusia e das dúas guerras mundiais. Destaca, por outra banda, a súa colaboración como correspondente no xornal *ABC* durante trinta anos e a súa ausencia no volume de Alfonso Rojo, *La historia secreta de los corresponsales*. Sublinha a inclusión de dez cartas inéditas no volume de Pazos grazas a Rosario Martínez, autora de *Sofía Casanova: mito y literatura* (1999),
para despois reproducir un comentario de Blanca de los Ríos, amiga de Casanova, sinalar o volume *Exóticas e escritos xornalísticos* publicado pola Xunta de Galicia en 2008 e concluir coa mención do documental en preparación da produtora galega Saga TV.


Fálase da actividade “Rincones urbanos”, visitas guiadas ao Concello da Coruña, os xardíns de Méndez Núñez e ao Cemiterio de San Amaro. Infórmase de que nese camposanto están os restos do Rexurdimento Galego, boa parte da literatura galega e castelá e gran parte dos políticos. Indícase que “realmente el Panteón de Galegos Ilustres é San Amaro”. Apúntase que os enterros de Eduardo Pondal e Manuel Curros Enríquez foron multitudinarios.


Acóllese nesta sección fixa o poema “Construés o que afirmas amar...”, de *Bater de sombras*, de Gonzalo Navaza.


No marco dunha noticia política, fáise referencia á Xeración Nós, Ramón Otero Pedrayo, Vicente Risco e ao galeguismo desta xeración, cuxo legado é agora “reclamado” por José Manuel Baltar, quer presentou “Atlántida”, o rebautizamento do Instituto Ourensán de Estudios Políticos e Sociais, para o cal contou coa axuda do presidente saínte da Real Academia Galega, Xosé Ramón Barreiro, quer pronunciou unha conferencia titulada “Da Xeración Nós a Gómez Franqueira”.

Preséntase a edición diñital do volume *Educación e linguas en Galicia*, a cargo de Bieito Silva, Xesús Rodríguez e Isabel Vaquero. Indícase que a Universidade de Santiago ten a pretensión de estimular os centro formadores de profesorado para mellorar a formación lingüística dos futuros e futuras docentes e que estes satisfagan as demandas do sistema educativo actual. Saliéntase que o servizo de publicacións ademais tamén presenta os seus novos números de revistas coma o *Boletín Galego de Literatura*, o *Obradoiro de Historia Moderna e Sémata*, entre outras publicacións e traducións.


Relata a amizade co recentlymente falecido Francisco Fernández del Riego, unha relación que comezara en Bos Aires hai case cincuenta anos. Apunta que xa daquela se sabía que o galeguista publicaba na revista *Galicia* co pseudónimo de Salvador de Lorenzana. Comenta que asistiu tamén ás súas conferencias no Centro Galego, nas que falou sobre Manuel Murguía, Eduardo Pondal e outros temas de interese. Lembra a ocasión na que estaban na casa de Manuel Puente en compañía de Suárez Picallo e Alonso Ríos e don Paco cantou o *Nouturnio* e recitou versos de Pondal. Salienta que no Centro Ourensán lle entregaran uns cantos mozos un exemplar especialmente encadernado de *Por os vieiros da saudade*, de Ramón Otero Pedrayo, e que de ali xurdiría a idea de organizar Follas Novas e unha feira do libro galego en Bos Aires. Apunta que conserva as súas cartas e lembra como logo, en Cuba, recibía todos os libros publicados xunto á revista *Grial*, ademais de terlle publicado en Galaxia algún dos seus libros.


Insírese o poema “NEMBRANEMBRANDO o val aló pola seriña...”, de *Vogar de couse* (2003), de Alexandre Nerium.


Faise referencia á tertulia na que se fala sobre Federico García Lorca debido ao setenta e cinco aniversario da publicación dos seis poemas que escribiu en galego. Nela tamén se mencionan outros autores como Eduardo Blanco Amor ou Guerra de Cal que pudieron intervir na galeguización dos poemas.


Indícase cal é o libro que recomenda Martiño Noriega, alcalde de Teo, *A desaparición da neve*, de Manuel Rivas, o último poemario do autor. O rexedor tamén explica as
virtudes deste autor, de quen se recollen afirmacións sobre esta obra.


Reprodúcese un poema de *Sonetario impertinente*, de Isidro Novo.


Inclúese o poema “Sabemos xa o noso imposíbel...”, de *Esteiro de noites falecidas* (2007), de Isidro Novo.


Reprodúcese a composición “SABEMOS xa o noso imposíbel...”, de *Esteiro de noites falecidas* (2007), de Isidro Novo.


Insírese nesta sección fixa “DO POETA QUE ABRAZOU O MAR...”, de *Esteiro de noites falecidas* (2007), de Isidro Novo.


Explica que a estatua de Daniel Rodríguez Castelao que está na praza da Imprenta da cidade de Ourense e na que se realizan numerosos actos institucionais vai ser retirada desta praza para salvaguardala debido a que nela se van a realizar unhas obras.


Fálase de Juan Eslava Galán, participante na Auria Semana da Literatura Histórica. Recóllese a súa opinión sobre a falta de distancia por parte dos escritores á hora de escribir sobre a guerra civil española. Indícase que foi Premio Planeta con *En busca del unicornio*. Engádese que no ciclo tamén participaron autores como Carlos Reigosa e Carlos Mella, entre outros.

Infórmase da realización do sétimo Encontro de Escritores en Ourense. Disé que nel varios escritores, entre os que se atopaban Ramón Caride, Francisco Fernández Naval e Camilo Franco, elaboraron relatos con dez palabras e se encadernaron e editaron un cento de volumes de *Relato Espress 2010*.


Infórmase do taller literario que imparte Henrique Dacosta na biblioteca municipal de Ferrol. Indícase que Dacosta gañou dúas veces o premio Carvalho Claero e que é autor dun volume de investigación literaria titulado “Ferroláns na Historia da Literatura Galega” así como d’*O prezo da tentación e Unha mada de doce relatos*. Refírese ás obras e autores seleccionados para o seu taller entre os que se atopan Domingo Villar, con *A praia dos afogados*, e Vicente Araguas, con *Xuvia-Neda*, entre outros. Fálase da existencia doutros talleres impartidos por Guillermo Fernández, Juan Carlos Valle e Aurora Varela.


Fálase do taller literario impartido por Eduardo Estévez na Casa a Cultura de Fene. Expícase que dese taller saíron autores como María López Rivera con *A sombra das queirogas* e Matilde Castro con *Pequenas paisaxes*. Engádese que por el tamén pasaron autores como Vicente Araguas ou Henrique Dacosta e que teñen previsto participar Yolanda Castaño e Xavier Alcalá. Recóllense experiencias sociais do taller e apúntase que a narrativa e a poesía son os xéneros máis utilizados polos participantes.


Fálase da charla impartida por Santiago Jaureguízar na Bilbioteca Central durante a cal asegurou ser un escritor madrugador a favor das lecturas caóticas e non ordenadas. Citanse a Verne, Conrad, Baroja e Diego Ameixeiras como autores seus de referencia. Infórmase da edición que fará Galaxia da obra de Murakami, Auster e Martín Amis, mentres que Xerais fará o mesmo con Herta Müller. Citanse as súas obras *Casa Skylab* e *Cabaret Voltaire*. Fálase, tamén, do Club de Lectura de Narrativa coordinado por Aurora Varela e no que se falará d’*O lector de Bernard Schlink*.


Infórmase que o concello de Ferrol, apurando a celebración do centenario de Ricardo Carvalho Calero, celebrou unhas xornadas na Biblioteca Central ao redor da súa figura e unha exposición que leva o seu nome. Disé que os participantes neste acto foron Martinho Montero Santalla, Pilar García Negro, Araceli Herrero Figueroa, Aurora
Marco, Mª do Carme Henríquez Salido e José Luis Rodríguez. Apúntase que con estes actos se pretende potenciar a figura do escritor e profesor ferrolán.


Dáse conta da homenaxe que a Asociación de Escritores en Lingua Galega, co apoio doutras entidades, lle brinda a Rosalía de Castro no aniversario da súa morte cunha marcha cívica dende o cemiterio de Padrón até o Panteón de Galegos Ilustres, pasando pola Praza do Toural, a Praza da Universidade ou a de Cervantes. Coméntase que ao longo do percorrido tiveron lugar varios recitais de poemas e actuacións musicais a cargo de, entre outros, Teresa Moure, Marica Campo, María Xosé Queizán, Ana Romaní, Uxía Senlle ou Isidro Novo. Infórmase ademais que a AELG tivo que pedir permiso para celebrar a homenaxe no Panteón, feito co que a Asociación non está de acordo xa que reivindican que a propiedade tan só debe ser do pobo galego, pois alí atópanse soterrados símbolos nacionais.


Fálase da exposición que, baixo o título “A configuración do posible”, conmemora os cen anos do nacemento de Luis Seoane e que se celebrou na Coruña. Coméntase que nesta exposición se recollen obras do autor e se reflicten cales foron as súas paixóns artísticas. Por último, faise un percorrido por todo o traballo intelectual de Seoane e pola súa ideoloxía anticapitalista.


Coméntase que até o día dezanove de abril vai estar exposta no Círculo de Artesanos da Coruña (lugar onde se expuxo por primeira vez hai noventa anos) a colección “Nós”, de Castelao, que nesta volta está acompañada dun folleto de citas de Castelao, dous documentais que trazan a súa vida e a súa obra e a historia das Irmandades da Fala.


Coméntase que Lois Pereiro, o homenaxeado no Día das Letras Galegas 2011, será o “mito contemporáneo”, autor de culto, representante da eclosión creativa dos oitenta e da contracultura. Indícase que a súa candidatura encarnaba a renovación da celebración e o seu achegamento aos lectores máis novos.

Desvélase que o homenaxeado no Día das Letras Galegas 2011 será o “mito contemporáneo” Lois Pereiro, autor de culto, representante da eclosión creativa dos oitenta e da contracultura, comparado con Manuel Antonio. Recólnense as verbas de Manuel Rivas, quen considera a súa obra “vanguardista, universal e dramática”. Indícase que a súa candidatura encarnaba a renovación da celebración e o seu achegamento aos lectores máis novos e que venceu a Xosé Filgueira Valverde. Apúntase que participou na revista experimental madrileña Loia e en 1985 no Grupo de Amor e Desamor da Coruña. Coméntase que foi incluido en 1987 na antoloxía Después de la modernidad e que postumamente se publicou Poemas para unha loia, que recollía unha recompilación poética e o ensaio Modesta proposición para renunciar a fazer xirar a roda hidráulica dunha cíclica historia universal da infamia, e a novela inconclusa Navífragos do paradiso.


Infórmase que o semanario A Nosa Terra deixará de editarse en papel por problemas económicos e que estará só dispoñíbel en Internet. Así mesmo, faise unha breve semblanza da traxectoria deste medio, portavoz das Irmandades da Fala (1916-1932) e do Partido Galeguista (1932-1936). Lémbrase que, tras a sublevación militar, pasou a editarse na Arxentina, converténdose en difusor dos ideais nacionalistas no exilio, e que contou con colaboracións de persoeiros da cultura galega tan destacados como Alexandre Bóveda, Daniel Rodríguez Castelao, Álvaro Cunqueiro, Vicente Risco, Ramón Suárez Picallo, Ricardo Carvalho Calero, Xosé Filgueira Valverde e Ramón Cabanillas.


Fálase da mostra dedicada á edición en Galicia. Expícase que nela se pode ver o primeiro libro impreso en galego, Proezas de Galicia, de José Fernández y Neyra; así como o primeiro éxito editorial, Os Rogos d’un gallego, de Manuel Pardo de Andrade ou a primeira publicación periódica denominada O Vello do Pico Sagro.


Fálase da mostra realizada pola Fundación Caixa Galicia en conmemoración do centenario de Luís Seoane. Indícase que ao longo do percorrido van aparecendo artistas como Lorca, Alberti, Laxeiro ou Castelao.

Explicase que tras as conclusións da obra aínda inédita de Grato Amor Moreno e José Sánchez de la Rocha, hai un lazo que une xenalxicamente a Ramón Maria del Valle-Inclán con Álvaro Cunqueiro, que comparten un séptimo grao de consanguinidad, co que uns bisavós de Valle-Inclán resultan ser tamén tataravós de Cunqueiro.


Expón que a homenaxe a Eduardo Blanco-Amor no cincuenta aniversario da publicación d’*A Esmorga* non deu rematado no seu ano, senón que o fixo en 2010. Enuméranse os acontecementos conmemorativos desta efeméride.


Anúnciase que catro editoriais (Positivas, Rinoceronte, Urco e 2.0) se van unir para vender nunha única colección que calquera poida solicitar a través do portal toupa.net, ofrecendo deste xeito literatura en galego a un baixo coste.


Como tema de fondo deste artigo, no que se recollen as opinións persoais de Cristina Pato (gaiteira e pianista), Antón Castro (ex-director do Instituto Cervantes de Milán), Félix Fernández (artista audiovisual), Xabier Queipo (escritor), Manuel Lombao (director do Instituto Cervantes de Brasilía), Helena González (profesora de literatura galega na Universidade de Barcelona), Xabier Cid (estudante de mestrado en Stirling), María Ruído (autora de diversos ensaios visuais), Laureano Domínguez (socio de “Astiberri”, principal editora en banda deseñada de España) e Constantino Bértolo (director editorial de “Caballo de Troya”), está a cuestión de se a cultura galega está ben proyectada cara fóra ou non.

Fálase dos recortes en orzamentos por parte da Consellería de Cultura co fin de “priorizar as actividades máis rendibles”. Refírese a Estaleiro Editora onde se publicou, entre outras cousas, a prosa autobiográfica de Bobby Sands. Engádese a opinión desta editorial sobre as subvencións, así como a do poeta Emilio Araúxo, editor de *Amastra-n-galtar* sobre as políticas anteriores.


Cóntase como á espera da comunicación oficial dentro de cinco días do seu cese no Instituto Galego de Información, Isaac Díaz Pardo empeza a embalar as súas pertenzas para trasladalas ao seu domicilio familiar no Castro-Sada. Sinállase que tanto Díaz Pardo como outros ex-traballadores deste centro amosan a súa preocupación sobre os fondos documentais do IGI, temendo que unha mala xestión do novo equipo de goberno poida “desmantelalos ou vendelos”. Tamén se informa que *Galicía Hoxe* intentou poñerse en contacto cos novos administradores, Santiago Sineiro e José Luis Vázquez, para coñecer a súa versión, pero que estes declinaron facer declaración algunha, aínda que en anteriores ocasións sempre sinalaron que Sargadelos se atopa nunha situación económica insostíbel debido a unha mala xestión por parte de Díaz Pardo. Por último, fáise unha enumeración de moitos dos documentos que se atopan neste arquivo.


Dáse conta da publicación por parte da editorial Espiral Maior de *Blues da Crecente* (2009), de Mario Regueira. Fáise unha descripción da obra e das súas partes, incluíndo comentarios do propio Mario Regueira. Por último, inclúese un percorrido pola biografía de Regueira.


Infórmase de como Francisco Domínguez pasou a estar á fronte da Biblioteca da Fundación Penzol, substituíndo a Francisco Fernández del Riego. Recólense palabras do propio Domínguez que explican a súa intención de acercar máis ao pobo o patrimonio desta biblioteca e algúns dos proxectos que pretende levar a cabo. Infórmase tamén do financiamento da Fundación e fáise un breve percorrido pola biografía de Francisco Domínguez.


Expícase como Francisco Domínguez pasou a estar á fronte da Biblioteca da Fundación Penzol, substituíndo a Francisco Fernández del Riego, de quen se recolle unha gabanza
de man de Alfonso Zulueta, vicepresidente primeiro da fundación. Tamén se inclúen palabras do propio Domínguez que explican a súa intención de achegar máis ao pobo o patrimonio desta biblioteca e algúns dos proxectos que pretende levar a cabo. Tamén se informa do financiamento da Fundación, da súa creación en 1963 e do índice numérico de volumes e coleccións que a integran. Por último, faixe un breve percorrido pola biografía de Francisco Domínguez.


Dáse conta da obra publicada pola Editorial Galaxia baixo o título Conversas, que é unha tradución ao galego dunha antoloxía do poeta cubano Roberto Fernández Retamar, levada a cabo por Xosé María Álvarez Cáccamo, quen concheu a Retamar na Feira do Libro da Habana de 2008. Fálase das diferentes dimensións do poeta cubano e vese a contestación na boca de Álvarez Cáccamo ás palavras vertidas do conselleiro de cultura, Roberto Varela, sobre que a cultura galega está “ensimesmada e acomplexada”. Por último faixe un breve percorrido pola biografía de Retamar.


Fálase da edición bilingüe galego-castelán da obra do poeta Arturo L. Regueiro Galicia Cajún, que consta tamén do deseño de Fausto Isorna, as fotografías de Tino Viz, o prólogo de Xurxo Borrazás, o epílogo de Xosé Luis Mosquera e un texto de Petre Paraños. Entre outras afirmacións que se poñen na boca do autor sobre a súa propia obra, faixe unha referencia á obra de Mario Regueira.


Dáse a nova da estrea da páxina web do proxecto “Nomes e voces”, onde se inclúen datos sobre as persoas que sufrieron a represión en Galicia entre 1936 e 1939. Coméntase que entre os materiais históricos recollidos, considerados de gran interese para a historia de Galicia, se atopa o poemario de Claudio Rodríguez Fer Amote vermella (2009).


Fala dos “Círculos Poéticos Abertos na defensa da lingua”, organizados polo grupo poético Penúltimo Acto, o cal define a súa poesía como “social”. Destaca a asistencia de poetas como Pere Tobaruela, Iolanda Aldrei, Concha Rousia, Dara Escribano, Simón Cabo, Belém Grandal, Telmo Rodríguez ou Xosé Uxío Diz Tilve. Comenta que o grupo Penúltimo Acto aproveitará o acto para presentar o seu libro colectivo Acción Poética, que edita o selo pontevedrés Taller del Poeta e no que se reúnen os seus versos.

Dáse conta da investidura como doctor *honoris causa* pola UNED ao cadeiradego de literatura galega, Xesús Alonso Montero. Tamén se fai un percorrido pola biografía do profesor e publicanse as opinións do autor con respecto a varios temas, como por exemplo se algún día vai volver á RAG ou sobre as declaracions do conselleiro de cultura, Roberto Varela. Por último, faiense referencia aos proxectos de traballo que ten actualmente Alonso Montero.


Cóntase que o profesor Arturo Casas, da USC, e o presidente da RAG, Xosé Luis Méndez Ferrín, clausuraron o congreso sobre Luis Seoane na Fundación Seoane da Coruña. Explícase que nas súas conferencias abordarono a temática do desencontro do artista co piñeirismo e a amizade que mantiña cos integrantes do Grupo Brais Pinto. Reflicísen tamén as opinións de ambos os dous conferenciante sobre o seu trato con Seoane ou a súa historia vital e política. Faiense referencia á presenza do director xeral de Promoción e Cultura, Francisco López, a este acto e á presentación aos medios da exposición “Luis Seoane: A Configuración do Posible” (da cal se informa que durará até o catro de xullo e se dá noticia das partes nas que está dividida), recolléndose tamén a opinión deste sobre Seoane e súa obra.


Abórdase a cuestión de que se un autor novel publica a súa primeira obra e esta é agasallada cun galardón, isto debería ser *a priori* unha porta aberta para entrar nun sistema literario. Posteriormente, cos testemuños de autores como Xosé Manuel Pacho, Anxo Quintela e Ramón Neto, pódese comprobar que non sempre é así.


Infórmase da curtametraxe coa que Alejandra Castro leva ao cine a obra de Blanco-Amor baixo o título *Herdanzas*, estreada no Fórum Metropolitano da Coruña e que naceu baixo a idea de homenaxear este autor por parte da Escola de Imaxe e Son da Coruña. Fálase tamén das diferentes partes en que está dividida e por último exprésase a opinión de Castro de que esta é unha obra que non “pasa de moda”.


Informa sobre a creación dunha nova empresa de publicacións, Edicións O Cabaliño do Demo, dirixida por Fernando Vilaboa. Este pretende que os libros se comercialicen a
través dunha páxina web, xa que existe unha sociedade consumista. Comezará cunha obra anónima de poesía e continuará coa publicación dun segundo volumen en castelán no outono.


Comenta que os contadores de historias galegos decidiron organizarse nunha asociación denominada “Variosventos” para dignificar o seu oficio e que se teña en conta o que eles fan. Tamén menciona a creación por parte destes monologuistas dunha páxina web despois do verán.


Reprodúcese as reaccións e reflexións de escritores e críticos como Cesáreo Sánchez Iglesias, Helena González, Manuel Forcadela, Xavier Rodríguez Baixeras ou Arturo Casas, quen se mostran satisfeitos polo acerto da Real Academia Galega en escoller a Lois Pereiro, un poeta marxinal que practica unha poesía “urbana e radical”, para un dos actos institucionais centrais da cultura galega, o Día das Letras Galegas 2011. Por último, indícase que en 2003 o profesor Arturo Casas publicou Antoloxía consultada da poesía galega 1976-2000, na que duascentas persoas elixían os poetas e os libros máis destacados e na que estaba Lois Pereiro como un dos poetas máis representativos, representante da tradición expresionista e alemá.


Dáse conta da homenaxe que lle brindan diversos autores (tales como Manolo Rivas, Xoán Abeleira, Yolanda Castaño, Lupe Gómez, Rosa Aneiros, Cesáreo Sánchez ou Xabier Seoane) ao poeta, crítico de arte e pintor británico John Berger, do que se sinala que é un escritor comprometido co seu tempo, “unha conciencia lúcida”, en verbas de Abeleira, tradutor da súa única obra vertida ao galego, Porca Terra (2007). Destácanse as valoracións que fan da súa obra participantes na homenaxe, como Yolanda Castaño, que di que “axiña me deslumbrou como unha voz esencial, primordial, dono dunha mística terreal, case terráquea, unha voz de verdade e con capacidade para converter en grandes historias as cousas pequenas”.


Faise eco de que o secretario da Real Academia Galega, Xosé Luís Axeitos, cualificou a Francisco Fernández del Riego como un corazón de ouro. Segundo Manolo González, don Paco foi un dos motores da recuperación cultural de Galicia polo seu compromiso político; tamén Alonso Montero, moi amigo do finado, lembrou a súa figura como unha
peza fundamental na súa formación intelectual e todos os que acudiron a esta homenaxe póstuma estiveron de acordo en consideralo un dos fillos máis ilustres de Galicia.


Coméntase que a Fundación Manuel María publica o ensaio inédito Galiza de Manuel María e que o presentou o un de decembro de 2010 na sede da RAG na Coruña. Indícase que esta obra non se publicou antes debido a que este ensaio didáctico fora encargado por unha editorial catalá que desapareceu.


Indícase que diversos símbolos bibliográficos saen á poxa en Poio, Pontevedra. Dise que a sesión Libro histórico galego terá lugar na Cova da Serpe e que organizada por María Fechoría & Associados, na que se poderán ver primeiras edicións de Vicente Risco ou Luis Seoane, auténticos tesouros documentais coa sinatura autógrafa de Eugenio Granell, Rafael Dieste, Ramón Cabanillas, Lorenzo Varela e Emilio Pita ademais das achegas gráficas de Arturo Souto, Laxeiro, Colmeiro ou Maruja Mallo. Tamén se comenta que habrá obras máis actuais como as de Antón Reixa, Claudio Rodríguez Fer e Menchu Lamas.


Destácase a traxectoria vital de Francisco Fernández del Riego e o seu período máis activo ao entrar a formar parte do Seminario de Estudos Galegos colaborando con xornais e revistas e nos faladoiros composteláns. Dise que Galicia se converteu na razón da súa existencia durante a ditadura e que loitou por devolver a súa lingua e a súa cultura, defendendo tamén os intereses económicos e sociais e chegando a formar parte do equipo de redacción do Estatuto de Autonomía. Considérase que foi un pioneiro cultural, a pesares do tempo que pasou agochado nos comezos da contenda civil xunto a intelectuais como Celestino Fernández de la Vega, Álvaro Cunqueiro e Celso Emilio Ferreiro. Dise que fundou Galaxia, xunto a Ramón Piñeiro e Xaime Illa Couto, creou Grial e encheu os ocos baleiros da base cultural e literaria da cultura galega que culminan coa Fundación Penzol que dirixiu durante corenta e sete anos.


Nesta sección o Xornal de Galicia acolleu relatos inéditos durante o mes de agosto. Nesta ocasión reproducense “A libraría do señor Magufi”, de Marina Ónega Folgueira (corenta e catro anos).

Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto ofreceu *Xornal de Galicia*. Nesta ocasión reproducése “Recordos de area”, de María Xosé Ónega Folgueira (trinta e oito anos).


Reprodúcese o poema “A rosa de Warhol”, de Antía Otero.


Infórmase da mostra dedicada a Rosalía de Castro con motivo do cento vinte e cinco aniversario da morte da escritora. Expícase que a exposición é itinerante e que será acollida por municipios da provincia da Coruña, como Melide. Engádese que se editarán trípticos dedicados a Rosalía.


Transcripción dun artigo publicado por Ramón Otero Pedrayo neste mesmo xornal e exactamente nesta mesma data hai setenta e cinco anos, con motivo da presenza de Álvaro Cunqueiro en Ourense.


Destácase no panorama da actualidade de 1985 a saída do primeiro número da revista ourensá *Follas Secas*, considerada un intento de recuperar o espírito de Nós.


Fálase da revista *Ánfora* de literatura, arte e pensamento editada en Verín. Coméntase que o seu consello de redacción estaba formando, entre outros, por María José García.
Dobarro e Baldomero Vázquez. Expícase que no seu primeiro número se dedicou un recordo a outras publicacións de carácter periódico con sede en Verín, como *El Eco* ou *El Clamor*.


Recóllese o artigo así titulado de Vicente Risco do ano 1930.


Recóllese o artigo así titulado do que se indica que é de 1960.


Reprodúcese un artigo publicado en 1960, no que se comunica que *Lanza de soledad*, de Aquilino Iglesía Alvariño, obtivo o galardón Marina de Poesía. Asemade, recóllese nun artigo asinado por Ramón Otero Pedrayo con esa mesma data o nomeamento de Sebastián Martínez-Risco Macías como presidente da Academia Galega, así como o ingreso nela de Francisco Fernández del Riego. Tamén se recorda o papel dos ourensáns que participaron nesta institución dende a súa creación, caso de Manuel Curros Enriquez e Valentín Lamas Carvajal, entre outros.


Dáse conta da presentación de *El otro medio siglo. Antología incompleta de poesía iberoamericana* (2009) en Madrid a cargo da editorial galega Espiral Maior. Coméntase que a obra está coordinada por Antonio Domínguez Rey, profesor e crítico literario que seleccionou e prologou o volume (sección dedicada á poesía castellá e galega). Afírmase que recolle poemas nas linguas iberoamericanas con tradición literaria e entre os galegos destacan os versos de Manuel Cuña Novás, José Ángel Valente, Uxío Novoneyra, Avilés de Taramancos, Xosé Luis Méndez Ferrín, Arcadio López Casanova e Eusebio Lorenzo Baleirón. Considérase un magno proxecto no que só se traducen os poemas éuscaros, xa que as linguas románicas resultan moi próximas entre si.


Refírese a Edicións do Trece, unha iniciativa editorial xurdida no Café Bar 13 de Santiago de Compostela que xa deu a lume tres libros. A primeira obra publicada na colección “O Lapis do Taberneiro” foi *Acantinado* (2009), de Carlos Santiago, que sentaría as bases da colección: relatos ambientados nunha taberna dunha extensión
máxima de cen páxinas. O segundo dos libros é *Trece xogos* (2009), de Mingolo Alborés, que versa sobre o mundo do xogo na taberna. E o último, *O décimo terceiro*, de Raquel Miragaia, conta unha historia de amor que nace entre copas de viño. Coméntase que todos os volumes poden descargarse da rede a través do servizo editorial web de Calameo. Finalmente, anúnciase que as dúas próximas obras serán de carácter máis humorístico.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Neste caso reproducíuse o realizado por María del Mar Paradela González, intitulado “O anxo na pista de xeo”.


Destácase o importante fondo documental do instituto pontevedrés “Sánchez Cantón”, con pezas como o expediente de Ramón María del Valle Inclán ou documentos escritos de Daniel Rodríguez Castelao, Osorio Tafall ou Xosé Filgueira Valverde na súa etapa como profesores, ademais doutras con gran valor histórico. Infórmase tamén de que o centro participa, un ano máis, no Congreso de Institutos Históricos e recóllese unha breve memoria das diferentes situacións de tan emblemático edificio.


Nesta sección acóllense os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Neste caso reproducíuse “A cova de Fingal”, de Antón Patiño.


Reprodúcese nesta sección fixa o poema “A miña lingua nativa é o fascismo”, de Chus Pato.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Neste caso reproducíuse o realizado por Cristina Pavón Mauriz, intitulado “Sereo”.


Reprodúcese o poema “Non hai alguén fóra...”, incluído en Materia de Lucrecio (2006), de Xabier Paz.


Percorrido pola obra do cineasta Xan Leira (Bos Aires, 1955), da que se salienta que o eixe que a vertebra é a busca de identidade e a recuperación da memoria de Galicia dende un punto de vista cultural e humanista. Citanse algúns dos seus traballos documentais nos que latexa a súa ideoloxía de esquerdas, tales como Castelao e os irmáns da liberdade, Atila en Galicia, Exílios –sobre a biografía do poeta Lorenzo Varela–, Fillas do mar, fillos da terra, Ánxel Casal, a luz impresa e Alexandre Bóveda, unha crónica da Galiza mártir, e saliéntase que neles se lles cede a palabra aos perdedores da guerra civil para fusionar a lembranza individual coa memoria colectiva. Conclúe apuntando que estes documentais son máis culturais ca políticos e mencionando outros traballos afíns como Lembranzas de Castelao, Neira Vilas, Memorias dun neno labrego ou Crónica da represión lingüística, que dan conta dun autor comprometido coa causa galeguista, que achega materiais que deberían ser recibidos con entusiasmo no sistema educativo.


Fálase do programa de actividades co que se celebra o centenario da Unión Mugardesa de Mugardos, asociación que puxo en funcionamento un centro educativo aínda hoxe vixente. Indícase que a apertura se fará coa representación teatral Sempre en Galicia.

Nesta sección acóllense os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu Xornal de Galicia. Nesta ocasión reproducéuse “Encontros en Compostela con André Breton”, de Gustavo Peaguda Pérez.


Infórmase da mostra “A Coruña na creación do libro galego” coa que se celebra o bicentenario do primeiro libro editado en galego, Proezas de Galicia, e na que se mostra a evolución histórica do libro galego impreso. Apúntase que entre os volumes que a integran está A fonte do xuramento, de Francisco María de la Iglesia. Indícase que a exposición está organizada pola Real Academia Galega xunto coa Concellería de Cultura.


Indícase que foron moitas as personalidades e representantes institucionais que se achegaron para darlle a despedida a don Paco nun emotivo acto que tivo o seu punto de máxima expresión cando a secretaria da Fundación Penzol, Marian, leu un poema de Xaime Isla Couto, quen non puido acudir á Casa Galega da Cultura de Vigo. Contouse ademais coa interpretación de Carlos Núñez dunha peza musical como tributo a este gran intelectual.


Coméntase que don Paco é un dos persoais que nunca debería morrer e que ter que escribir ao redor da súa traxectoria implica escribir do mellor de Galicia. Analízase o seu período máis activo, ao entrar a formar parte do Seminario de Estudos Galegos, colaborando con xornais e revistas e nos faladoiros compostelán. Apúntase que Galicia se converteu na razón da súa existencia durante a ditadura e loitou por devolverlle a súa lingua e a súa cultura, defendendo tamén os intereses económicos e sociais chegando a formar parte do equipo de redacción do Estatuto de Autonomía. Considérase un pioneiro cultural, a pesares do tempo que pasou agochado nos comezos da contenda civil, retomando as actividades no bufete de Paz Andrade mentres recuperou eses lazos con todos os exilados ao xeito epistolar, como Castelao. Dise que fundou Galaxia, Grial e encheu os ocos baleiros da base cultural e literaria da cultura galega que culminaron coa Fundación Penzol, que dirixiu até o ano 2010, ademais da presidencia da Real Academia Galega. Inclúuese tamén as verbas de pesar de Víctor Freixanes, Manuel Bragado, Bieito Ledo, Martín Curty e Carlos Príncipe polo seu pasamento.


Faise eco do labor literario do cangués Elías Portela Fernández, quen se instalou en
Reykjavík e obtivo un grande éxito como poeta en islandés. Sinálase que tamén publicou Imaxes na pel (2008) e varias traducións das sagas islandesas, así como se alude aos seus proxectos futuros. Por outra parte, o autor refírese ás dificultades no eido literario galego e á falta de cultura no país islandés, non antes de destacar aqueles poucos persoéiros interesantes “en grao sumo”.


Reprodúcese un poema de Gramática da afirmación (2009), de Paulino Peña Álvarez.


Acóllese o poema “NAIS da Terra”, de Gramática da afirmación (2009), de Paulino Peña Álvarez.


Insírese o poema “Vai soa cara ao eido moi soa”, do poemario Gramática da afirmación (2009), de Paulino Peña Álvarez.


Reprodúcese o poema “ABRAZO o é do pereiro colgado…”, de Gramática da afirmación (2009), de Paulino Peña Álvarez.


Inclúese a composición “Moialde pupila aberta…”, de Gramática da afirmación (2009), de Paulino Peña Álvarez.


Reprodúcese nesta sección fixa a composición “Eu son de bafo de vulva de terra úbere…”, do poemario Gramática da afirmación (2009), de Paulino Peña Álvarez.

Fala da presentación en Vilagarcía do poemaario *Eco in aeternam* (2009), de Andrea Porto, quen gañou o Premio “O Grelo”. Comenta que a obra foi publicada por Amigos de Galicia e que acolle poemas que falan do amor xuvenil, tinguídos de notas musicais, dado o interese da autora por esta disciplina. Tamén apunta que no acto se abordaron as composicións de Javier Rivas (“Catro papiros”), Fátima Coto (“Un corte profundo”) e Laura Castro (“Bagullas de mel”), premiados no Certame “Xaquina Trillo”.


Exprésase o balance positivo dos proxectos levados a cabo por colectivos e escritores cambadeses no Ano Cabanillas. Refirese á recuperación do proxecto proposto por Francisco Fernández Rei de crear a Fundación Cabanillas, como sinala Maribel Iglesias, autora dunha biografía en imaxes de Cabanillas, e o portal de internet “Cambados tk”. Coméntase que centos de actos se sucederon ao longo do ano dentro e fóra de Galicia (Nova York e Bos Aires), por centros escolares e colectivos culturais: dedicación do Carnaval 2010 (“Grande Chea”), exposicións, mostras teatrais, publicacións, festivais, etc.


Fala da iniciativa a prol do galego levada a cabo pola empresa Travibus, que ademais de fomentar o uso do idioma reparte exemplares da colección “Relatos da paisaxe” entre os pasaxeiros de diversas rutas pontevedresas. Comenta que a colección acolle seis relatos que versan sobre a paisaxe que os clientes habituais destas liñas poden visualizar no seu traxecto.


Faise referencia ao libro-disco de María do Ceo, *Celme encantado*, que inclúe catorce cancións, das que catro son poemas musicados de Ramón Cabanillas.


Anúnciase que con motivo do centenario do pintor, deseñador industrial, escritor e pintor Luis Seoane (Bos Aires, 1910-A Coruña, 1979) se realizarán diversos actos e se mostrarán publicamente os fondos da súa colección co obxectivo de que saia ao exterior, como sinala o director da Fundación Luis Seoane, Alberto Ruiz de Samaniego. Por outra banda, coméntase que terán lugar conferencias en Vigo, Santiago e A Coruña sobre as diversas facetas do artista, así como as exposicións “Luis Seoane. A configuración do posible” e “Luis Seoane. De mar a mar”.

1289

Recolle unha breve historia sobre a Real Academia Galega recordando o seu tesoureiro Xosé Luis Axeitos e os avatares da súa formación. Lembra que naceu grazas ao pulo da emigración en 1906 e que, tras ocupar varios lugares, se instalou na rúa Tabernas da Coruña, actual sede. Comenta que, tras o mandato de Manuel Murguía, a institución entrou nun período de inactividade a pesar do ingreso dos antigos membros do Seminario de Estudos Galegos. Salienta que houbo un novo intento de renovación que chegou con Domingo García-Sabell, pero tivo confrontamentos co chamado “piñeirismo”. Remata referindo que en 1985 sobrevén a “pax sabelliana” cun novo grupo de escritores: Xosé Luis Méndez Ferrín, Uxío Novoneyra, Manuel María, Miguel Anxo Fernán Vello e Anxo Reixa.


Refírese á exposición “Brais Pinto. O afiador revolucionario” impulsada por Patricia Amil na Casa Quiroga da Coruña. Con tal motivo, dáse conta da formación do grupo e o seu labor. Coméntase que nove deles eran estudantes, a excepción de César Arias e Reimundo Patiño, e que levaron a cabo numerosas iniciativas inquedos polas novas correntes artísticas e literarias de Europa. Saliéntase que a pesar da súa disparidade ideolóxica os seus membros (Bautista Álvarez, Xosé Luis Méndez Ferrín, Bernardino Graña, Ramón Lorenzo, Herminio Barreiro, César Arias e Xosé Fernández Ferreiro), foron berce da Nova Narrativa Galega, da Editorial Brais Pinto e da primeira formación nacionalista en 1936 (Unión do Povo Galego). Conclúese que a exposición recolle estes feitos até que o grupo se desfixo no ano 1965.


Coméntase que a Real Academia Galega recibiu o legado de Xohán Casal (A Coruña, 1935-1960), escritor existencialista que só publicou en vida un artigo sobre Rosalía de Castro e foi grande amigo de Reimundo Patiño, quen sacou á luz o seu relato *O camiño de abaixo* (Edicións do Castro, 1970), cun prólogo de Xosé Luis Méndez Ferrín. Tamén se destaca que o seu labor abrangue ámbitos diversos, como o manifesto “Hacia un mapa de colores”, as novelas inacabadas *Un traxe aldeán* e *Os profetas* ou ensaios sobre literatura, arte e historia. Afírmase que neste acto de entrega a familia doa esta obra, ademais de manuscritos, textos mecanografados, debuxos e cartas.


Recolle a iniciativa proposta pola fundación Manuel María de converter a casa do escritor en Outeiro de Rei nun museo. Afirma que a proposta pretende recuperar o
fondo bibliográfico do autor que conta cunha das coleccións máis completas de libros galegos dende a posguerra até hoxe, cads (Castelao, Maside, Laxeiro...), manuscritos e cartas de diversos autores. Tamén se comenta que Xan Casabella, Francisco Leiro e o grupo Berrogüeto participan neste proxecto.


Fállase de que Arturo Cuadrado na súa última visita a Bos Aires en 1998, antes de morrer, ficou abraiado cando veu enmarcada na parede da casa patricia unha das súas obras que levaba a portada de Luis Seoane. Apúntase que é tan valorada a faceta do Seoane pintor coma a de creador, cartelistra, ilustrador e muralista. Só polas súas portadas é merecente de pasar á historia, segundo conta Patiño, quen debe ter ao redor de douscientos cincuenta libros ilustrados polo artista. Segundo indica Manuel Díaz, non foi até 1944 cando Seoane comezou coa súa creación artística, unha maneira de compromiso e un xeito de vida que financiaba moitos dos proxectos que ansiaba desenvolver, proxectos como a Editorial Nova, a editora Botella al Mar, ou revistas como *De mar a mar* e *Galicia Emigrante*. Coméntase que, xunto ao italiano Attilio Rossi e o alemán Jacob Hermelin, foi un dos grandes renovadores das gráficas arxentinas nos anos corenta. Apúntase que a súa vida transcorreu nas imprentas e nas editoriais dos galegos, porque el era un apaixonado da arte popular, un muralista coherente que usou a expresión artística como vehículo de comunicación e que foi un dos artífices, xunto a Isaac Díaz Pardo, do Laboratorio de Formas de Galicia, ademais de loitar toda a súa vida pola liberación de Galicia.


Infórmase da morte de Herminio Barreiro. Ofrécese datos biográficos nos que se indica que formou parte do grupo Brais Pinto e mantivo amizade con Uxío Novoneyra e Reimundo Patiño. Citase a súa obra *Recordar doe* (2008).

**Pérez, Claudio**, “Xa non estarei”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 26 setembro 2010, p. 32.

Acóllese nesta sección o poema “Xa non estarei”, de Claudio Pérez.


Fáise eco da presentación no Festival de Pardiñas (Guitiriz) do novo disco da Quenlla, “Os Irmandiños”, con textos de Manuel María. Afírmase que nela intervirón diversos persoéiros do mundo da cultura galega como Xosé Neira Vilas ou Marica Campo, que salientaron a vixencia e a posibilidade da lectura actual das composicións deste poeta.

Anúnciase o feito de que Darío Xohán Cabana sexa o “quinto escritor galego que conta cun hectómetro literario no Paseo dos Soños da Madalena de Vilalba”. Recóllese citas das intervencións feitas por Marica Campo, Paco Martín ou o propio Cabana.


Infórmase que o espectáculo “Lúas de outono” homenaxeou no Teatro Rosalía da Coruña a Manuel María como artista comprometido coa súa terra. Saliéntase que asistiron autores como Miguel Anxo Fernán Vello, Pilar Pallarés, Luz Pozo Garza ou Cesáreo Sánchez Iglesias, ademais da encargada de musicar os poemas do homenaxeado, Uxía. Ao mesmo tempo, lembrouse a Uxío Novoneyra, grande amigo de Manuel María.


Fálase da mostra “De puño e letra” coa que a Casa Museo de Casares Quiroga lle rinde homenaxe á vida e obra de Ricardo Carvalho Calero con motivo do primeiro centenario do seu nacemento. Refírese á correspondencia que Carvalho mantivo con Francisco Fernández del Riego como un elemento “clave” para coñecelo. Engádese que, malia ser o primeiro autor da historia da Literatura galega, non obtivo o recoñecementon que si lograron outros autores como Daniel Rodríguez Castelao ou Rosalía de Castro.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Neste caso, reproducése o realizado por Lois Pérez Díaz, intitulado “Os canibais”.


Nesta sección acóllese os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Nesta ocasión reproducése “Levade aí estes tomates”, de Xoán Antón Pérez Lema.


Un dos membros da asociación cultural Manicómicos lembra a homenaxe a Carlo
Colombaioni, mestre dos *clowns*, que dirixiu o seu espectáculo *Os colombaiños* en 2005. Recorda que Carlo chegou a Galicia dende Lyon para impartir cursos desta disciplina: “a vella arte de facer rir ós demais”. Finalmente, destaca unhas divertidas anécdotas sobre a pegada desta figura.


Nesta sección o *Xornal de Galicia* acolleu relatos inéditos durante o mes de agosto. Nesta ocasión reproducese “Rostro sen nome”, de James Pett (sesenta e seis anos).


Dá conta dos libros máis solicitados e recomendados na Festa do Libro en Méndez Núñez (A Coruña), ademais dos diversos actos que se realizaron. Apunta que a librería Roget apostou por *A praia dos afogados* (2009), de Domingo Villar, entre outros. Tamén anuncia algúns dos actos que se celebran nesta Festa: ronda poética pola compañía Femme Fatale; cafés literarios, onde Yolanda Castaño ofreceu a charla titulada “Páxinas que compartir”, xunto a Xurxo Souto, Xabier P. Docampo, Dores Tembrás e Martín Paulew, e “Contamos contigo”, unha sección fixa de monólogos.


Recóllese a inauguración da Feira do Libro da Coruña por César Antonio Molina, quen reivindicou a presenza no mercado do libro en formato papel, con declaracións como “o libro electrónico ou o ebook poderanlle roubar terreo ao libro impreso, pero dificilmente o poderá expulsar das nosas vidas”, así como a necesidade da lectura e do gusto por adquirir coñecementos máis alá da pantalla dun ordenador. Infórmase, tamén, das múltiples actividades organizadas ao abeiro do evento (talleres, firmas de libros por parte de Rosa Aneiros, Alfonso Costa, Francisco Fernández Naval, Camilo Franco, Francisco Castro, Jesús María Reiriz Rey e Catherine FranÇois, etc.) e faise eco das opinións e recomendacións dos responsábeis das librerías.


Recolle emotivas impresións que sobreveñen á despedida, tras nove décadas de intenso traballo, de Isaac Díaz Pardo no seu adeus ao Instituto Galego de Información. Apunta que foron corenta e seis os intelectuais que asinaron un manifesto de apoio ao artista e fai un repaso ao material que agora se embala: libros galeguistas, figuras de Sargadelos, obras de Luís Seoane, debuxos de Camilo Díaz Baliño, etc.


Informa sobre a presentación da Fundación Antón Losada Diéguez no pazo de Moldes, en Boborás, onde naceu o ilustre galeguista e onde se conserva o seu legado, que terá como finalidade a difusión da figura e obra do autor. Comenta a participación da concelleira de Cultura, Eva Pardo, e de Mercedes Losada, entre outros.


Recóllese a noticia da homenaxe rendida ao poeta Xosé Carlos Gómez Alfaro no cementerio de San Sadurnín. Tamén se di que o presidente do centro Pen Club, Luís Tosar, interviu presentando dous tomos publicados en 2009 que recollen a obra completa do poeta. Fálase tamén de Uxío Novoneira, ao cal o poeta homenaxeado lle dedicara un poema.


Entre outras informacións, dá conta da presentación, na Libraría Couceiro, do libro *Abro a xanela e respiro aire fresco da fin do mundo* (2009), que contén poemas de Celso Fernández Sanmartín, Chus Pato e Carlos Negro para acompañar ás fotografías que Álvaro Negro realizou en Berlín cunha bolsa concedida por Unión Fenosa. Apunta que o resultado deste proxecto de interacción entre textos e imaxes é un catálogo en galego, castelán e inglés a un prezo asequíbel.


Dá conta da entrega do Premio de Novela Europea 2009 a Sarah Waters por *A rolda nocturna* (2009), traducida por Eva Almazán. Refire que o acto se celebrou no Casino de Santiago, onde acudiron numerosos persoairos da vida cultural e política galega (libreiros, profesores, concelleiros e veciños santiagueses). Destaca tamén o discurso que a autora ofreceu, así como o poema de Fermín Bouza Brey que Xosé Ramón Fandiño recitou.

Fala de que co gallo do cento setenta e tres aniversario do nacemento de Rosalía de Castro, o instituto compostelano ofreceu un recital poético das seguintes composicións: “O toque da alba”, lido por Varela Fariña; “Amores cativos” e “Quen non xime?”, por Vázquez Abad; e “A aventura traïdora” e “A xustiza pola man”, por Anxo Lorenzo.

**Pino, Concha, “Por el Camino Inglés o el del golf”, La Voz de Galicia, “La Voz de Santiago”, “Patio de vecinos”, “Crónica”, 9 abril 2010, p. L16.**

Informase que Ernesto Chao recibiu o galardón do Festival de Cans en recoñecemento da súa traxectoria profesional na escena galega así como polo seu compromiso co audiovisual.


Informase da entrega de galardóns dos diferentes concursos do programa Correlingua no Museo do Pobo Galego.


Comenta que El Patito Editorial, dirixida por Fausto Isorna e Gemma Sesar, distribuírá exemplares pola zona vella e parques composteláns para que se promova a lectura e tamén o préstamo dentro do chamado *bookcrossing*. Tamén fala da inauguración da exposición “Universo Galimatías” na Casa das Asociacións.


Informase da inauguración dunha exposición intitulada “Ao pé do prelo. Luis Seoane, editor e artista gráfico”, na Casa da Parra sobre o Seoane editor, ilustrador e diagramador de libros en diversas editoriais de Galicia e Arxentina, dos seus propios álbumes de debuxos e gravados e de obras literarias das que tamén foi autor. Della forman parte materiais que saíron da Biblioteca da Universidade de Santiago, do Museo de Arte Galega Contemporánea Carlos Maside, do Museo de Pontevedra, do Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento ou do Museo do Pobo Galego. Coméntase tamén que no seu catálogo se recollen textos de Seoane, de Daniel Buján ou de Isaac Díaz Pardo e que neste percorrido se parte dos inicios na Editorial Nós, para seguir en Bos Aires e regresar a Galicia.


Conta que a revista *Gallegos*, publicada por Ézaro Ediciones, colaborou na celebración do cento vinte e cinco aniversario da morte de Rosalía de Castro coa realización dun...
cuadernillo donde se comenta la vida y obra de la escritora por parte de especialistas como Adrés Pociña, Aurora López, Francisco Rodríguez, Pilar García Negro ou Kathleen March.


Fálase da Semana Santa da Literatura Histórica Auria celebrada en Ourense e na que participan, entre outros, Manuel Rivas e César Vidal. Infórmase da mesa redonda “Do libro ao cine e viceversa” moderada por Miguel Anxo Fernández e da proxección da película *O lapis do carpinteiro*. Engádese unha entrevista con Rivas na que se recolle, por exemplo, a súa opinión sobre o ciclo e o proceso documental no que se mergulla o escritor.


Destácase a presenza nas rúas ourensás de esculturas de artistas da terra que representan escritores como Valentín Lamas Carvajal, Eduardo Blanco Amor, Ramón Otero Pedrayo ou Vicente Risco, con situación ben pensadas, en lugares moi coñecidos e transitados polos homenaxeados. Utilízase como exemplo a escultura de Blanco Amor, obra de Xosé Cid, que está situada nos Xardíns do Bispo Cesáreo por onde o autor adoitaba pasear. Así mesmo, fálase de rúas que son todo un recordo da actividade cultural da cidade nos inicios do século XX como pode ser a Rúa da Paz, onde naceron Otero Pedrayo, Risco ou “Xocas”, ou doutro punto de visita obrigada, o cemiterio de San Francisco, onde descansan os restos de José Ángel Valente, Blanco Amor, Otero Pedrayo, Lamas Carvajal, Florentino López Cuevillas ou “Xocas”, entre outros. Conclúese que transforman Ourense nun museo sempre aberto ao público.


Alude a que no transcurso dun acto en homenaxe a Ramón Cabanillas, en Mondariz, se presentou a opereta *O Mariscal. Lenda histórica, traxediada* en edición facsímile e asemade infórmase de que se publicarán outras dúas obras relacionadas con Eduardo Rodríguez Losada, autor desta opereta.


Refírese a dous mestres xubilados (María Teresa López Taboada e Jaime Lago Rodríguez) do colexio Ramón Piñeiro de Láncara, que reivindican maior respecto á figura do profesor como antano, así como a vocación e dedicación a esta profesión. Lémbanse especialmente da boa aceptación de *Memorias dun neno labrego* (1961), de Xosé Neira Vilas, que ademais consideran moi representativa da época que viviron.

Faise unha descripción de seis libros imprescindíbeis para poder achegarse aos mundos literarios de Francisco Fernández del Riego. Destaca a súa obra ensaística, como *Cos ollos no noso espírito* (1949), publicada no exilio arxentino grazas ao Centro Galego de Bos Aires; *Galicia no espello* (1954), tamén publicada en Arxentina e que presenta pequenos artigos sobre a cultura galega; *Ánxel Casal e o libro galego* (1983), escrita dende unha fonda admiraicón polo seu protagonista motivada pola súa contribución ás letras galegas; *Álvaro Cunqueiro e o seu mundo* (1991), estudo sobre a figura do narrador como unha testemuña persoal; *Historia da literatura galega* (1975), e *Diccionario de escritores en lingua galega* (1990), con centos de entradas sobre os autores que escribiron en galego ao longo dos séculos.


Saliéntase que o dezasete de maio de 2011 o selo Libros del Silencio publicará a obra completa de Lois Pereiro, por primeira vez en edición bilingüe galego-castelán traducida por Daniel Salgado, na colección “Preciosa y el aire”, coa pretensión de demostrar que Pereiro é un dos mellos poetas da literatura española da segunda metade do século XX.


Reprodúcese o poema “Non che furten raíña”, de Luz Pozo.


Sección fixa que reproduce nesta ocasión un poema de Luz Pozo Garza dedicado a Xosé María Álvarez Blázquez.


Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “Ánfora”, de Luz Pozo Garza.

Nesta ocasión reprodúcese o poema “8 Sumario” deuz Pozo Garza, pertencente a *Deter o día cunha flor* (2009).


Reprodúcese o poema “OFRÉCESME ESTE COFRE...” pertencente a *Deter o día cunha flor* (2009), de Luz Pozo Garza.


Insírese o poema “VIA SACRA (a Miguel-Anxo)” de *Deter o día cunha flor* (2009), de Luz Pozo Garza.


Acóllese o poema “6” incluído en *Deter o día cunha flor* (2009), de Luz Pozo Garza.


Sección que reproduce o poema “II Subida ó Pía Paxaro”, de *Deter o día cunha flor* (2009), de Luz Pozo Garza.


Reprodúcese o poema “4”, pertencente a *Deter o día cunha flor* (2009), de Luz Pozo Garza.


Nesta ocasión reprodúcese o poema “3 Ánfora” incluído en *Deter o día cunha flor* (2009), de Luz Pozo Garza.

Reprodúcese o poema “II Subida ó Pía Paxaro”, tirado de Deter o día cunha flor (2009), de Luz Pozo Garza.


Inclúese a composición “Ofrécesme este cobre verde xade…”, de Deter o día cunha flor (2009), de Luz Pozo Garza.


Fala dos traballos realizados polo Centro de Estudos do Corgo sobre o patrimonio, a arte, a lingua e a historia do municipio, entre os que se destaca unha análise do vínculo do escritor Ánxel Fole co municipio de Rebeca Fernández.


Dá conta da polémica que xurdiu á morte de Xoán Vicente Viqueira no 1924 para ser enterrado de forma laica no cemiterio de Ouces porque o cura se opuxo marxinando a tumba do filósofo galego. Recolle as opinións de estudiosos da súa obra como Manuel Rivas García, quen afirma o espírito panteísta de Viqueira, e Xesús Torres Regueiro, un dos especialistas da obra biográfica máis completa (Xoán Vicente Viqueira e o nacionalismo, 1987), quen apunta que a ideoloxía do autor se desprende dos seus textos, así como dos descubrimentos da lírica galego-portuguesa. Proponse a creación dunha “Fundación Viqueira”, tendo como sede o domicilio familiar, a quinta de Vixoi. Informa brevemente do labor do autor ao que se lle dedicou o Día das Letras Galegas no ano 1974, sendo un dos precursores do nacionalismo galego ao ingresar nas Irmandades da Fala e na Xeración Nós. En palabras do profesor Rivas García, quen destaca a Viqueira como potenciador do lusismo, o nacionalismo do autor aséntase “sobre o elemento do celtismo e da propia raza, pero sen chegar ós extremos racistas de Risco”.


Indícase que a Feira da Cultura celebrada en Riotorto acadou o seu punto álxido co recital poético de autores da Xeración dos oitenta como Manuel Forcadela, Cesáreo Sánchez ou Xulio Valcárcel

Acóllese o texto narrativo titulado “Os arroaces de Muros”, de Xavier Queipo.


Infórmase do lanzamento dunha edición especial con motivo dos vinte e sete anos do nacemento deste xornal vilbé, publicación cultural comprometida coa defensa da lingua galega que agora se edita en formato dixital, reservando o exemplar escrito para unha publicación anual e as edicións especiais. Anúnciase que este número contarás con colaboracións de diversos persoais da zona, tales como Antón Baamonde (ensaísta e filósofo nado en Vilalba), Xavier Puente Docampo e Paco Martín (escritores), Alfonso Blanco Torrado (presidente da Agrupación Cultural Xermolos de Guitiriz), Chema Felpeto (directivo do Instituto de Estudos Chairegos) ou María Xosé Lamas (poetisa chairega). Afirmase que os promotores seguen sendo os mesmos que o crearon nos anos oitenta: o xornalista Moncho Paz, o sociólogo Paulo Naseiro e o filólogo Mario Paz González.


Infórmase da participación de Domingo Villar no festival alemán de literatura policiaca Mord am Hellweg. Indícase que é o único representante español. Fálase da promoción que está facendo da súa novela *A praia dos afogados* (2009), explicase que forma parte da serie policiaca que inaugurou con *Ollos de auga* (2006) e engádese que está traballando na terceira entrega. Fálase, tamén, do protagonista das súas obras, Leo Caldas, co que o autor ten aspectos en común. Apúntase que entre os seus referentes se atopa Andrea Camille.

Comeza dicindo que o “Instituto de la Mujer”, para conmemorar o cento vinte e cinco aniversario do falecemento de Rosalía de Castro, escolleu o lema “Porque todavía no les es permitido a las mujeres escribir lo que sienten y lo que saben”, pertencente ao prólogo da súa novela La hija del mar. Destaca, entre os actos organizados para homenaxear á escritora, este evento que ten como obxectivo primordial enfatizar a súa figura como precursora do movemento feminista. Explica que o evento contou coa participación de tres mulleres moi recoñecidas no ámbito feminista como son Laura Seara, Amelia Varcárcel e Pilar García Negro, quen destacou que Rosalía era unha “feminista na sombra”.


Faise referencia ao enterro de Roberto Vidal Bolaño e ao mesmo tempo recolle historias dende as primeiras actuacións de actores e actrices galegos que pouco a pouco se van desprazando a distintos campos do teatro e do cine, traballando pola honra galega.


Reprodúcese o poema “Equilibrio”, de Rosa Ramírez.


Refírese á petición feita por Xosé Luis Méndez Ferrín á administración na que reclama máis orzamento para “equiparar a situación da institución galega coas súas equivalentes no estado”. Infórmase, tamén, da cesión de obxectos persoais e documentos de Manuel Curros Enríquez á Fundación Curros Enríquez por parte da Real Academia Galega. Cítase a obra *O Divino Sainete*.


Trata da V Edición do Festival Implícate no Teatro Principal de Santiago de Compostela, para o que se celebran diversos actos de música (con Carmen Rey, Narfe e Susana Seivane), literatura (con María Xosé Queizán, Antón Reixa, Ana Romani e Lino Braxe) e teatro (con Cándido Pazó e Patricia de Lorenzo). Apunta tamén que ao longo da celebración se fará entrega do IV Premio de relatos.


Reivindica o legado de Daniel Rodríguez Castelao como Ben de Interese Cultural, tras ser ignorado sesenta anos despois do seu pasamento. Apunta que o Bloque Nacionalista
Galego defende esta iniciativa para recoller as tres mil pezas do traballo de Castelao espalladas polo mundo e das que só se recolleron mil seiscentas.


Sinálase a presentación do libro *La Casa de Troya*, de Alejandro Pérez Lugín, nunha nova edición fruto da colaboración do Consorcio de Santiago e Auga Editora. Destácase a presentación desta nova versión coas ilustracións de Suso Cubeiro. Por outra banda, coméntase que esta nova edición será a que inicie unha colección baixo o nome de “Célebres” e sinálase que a próxima publicación serán unha edición bilingüe de *Follas Novas*, de Rosalía de Castro.

**Ramos, Alberto,** “Salceda dedícallle a Castelao a súa Casa da Cultura”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 7 marzo 2010, p. 43.

Fala da inauguración da Casa da Cultura Alfonso Rodríguez Castelao en Salceda de Caselas, que materializa a colaboración entre o Concello e a Fundación Castelao. Sinala que con este feito se pretende coa súa creación “dinamizar a vida cultural do municipio e difundir a figura do autor de *Sempre en Galicia*”, así como “Francia dignifica a Molière ou Inglaterra a Sheakespeare”, tal e como afirma Miguel Anxo Seixas Seoane, vicepresidente da Fundación Castelao.

**Ramos, Alberto,** “Galicia celebra o día mundial da poesía con versos solidarios”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 23 marzo 2010, p. 36.

Dá conta da celebración do Día Mundial da Poesía no Centro Social Caixanova en Compostela, onde cinco poetas recitaron versos en apoio ás vítimas dos terremotos do último ano. Refire que neste acto se contou coa presenza de Luís González Tosar, quen recitou varias pezas da súa obra *Estúrdiga materia* (2008), e Luisa Castro, quen leu un poema sen título pero que comeza “Construír a miña alma ao modo dos fabulosos granxeiros...” e que, a pesar de non estar feito co motivo desta celebración, dá mostra da dor humana, así como fixeron outros poetas, caso do chileno Sergio Macías Bevris, a
italiana Federica D´Amato e o haitiano James Nöel. Remata aludindo á intervención de Dario Villanueva sobre a figura de Gabriela Mistral.


Explica que Manuel Rivas tamén creou o blog O máis estraño (manuehrivas.blogaliza.org) como xa fixeran moito tempo antes outros autores como Anxos Sumai en Anxos da garda onde volcaban apuntamentos a modo de diario que remataron sendo capítulos dun libro. Recolle opinións de Eva Rivas, directora de 2.0 Editora, e de Manuel Bragado resaltando a iniciativa da Regueifa e destacando a importancia do blog considerado xa un “xénero multimodal”. En relación co feito de que algúns escritores decidiron empregar o blog para conseguir así prolongar a vida da súa producción sina o caso de Xabier Quiroga respecto á novela *O cabo do mundo* (2009) e de Mario Regueira co poemario *Blues da crecente* (2009). Concúe apuntando que “os autores consagrados acaban mergullándose na rede para competir pola atención do lector” e recollendo que Mario Regueira considera que os lectores precisan de editores e de selos de confianza como Estaleiro Editora que os aconsellen sobre que ler.

**Ramos, Alberto, “A rede, a grande oportunidade perdida para a literatura galega”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 4 abril 2010, p. 35.**

Repara na incursión da literatura galega na rede, polo que se refire ás achegas de Anxos Sumai (culturagalega.org) e os experimentos de Camilo Franco. Faise eco da sección “Anxos e Diaños e Anxos de garda”, da que saiu unha obra, así como do “grande experimento literario galego” na rede: *Por conto allea* (2003), de Camilo Franco, que durante cincuenta días escribiu un conto diario coas palabras dos internautas. Denuncia, finalmente, que os blogs resultan insuficientes a medida que aparecen novos programas na rede, polo que se converten nunha oportunidade perdida.

**Ramos, Alberto, “Cultura celebrará o Día do Libro co reparto de 100.000 exemplares”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 21 abril 2010, p. 39.**

Faise eco da iniciativa da Xunta de Galicia de publicar preto de cen mil exemplares de *Ágora Libros. Os libros nas prazas*, cos que se debuxarán nas prazas das principales cidades galegas os versos do poema “Negra sombra”, de Rosalía de Castro.


siluetas de Patiño, Antón Reixa e Menchu Lamas forman un cómic descoñecido. Remata coas mostras dos “berros” de Patiño, apartado no que o artista traballou intensamente, e o chamado “Laboratorio”, na que se poden atopar as obras máis antigas co tipo de documentación. Recolle brevemente a biografía de Antón Patiño (Monforte, 1957) e os contactos cos diversos persoais que durante cinco anos, como a implicación na revista Loia (1975) ou o grupo “Rompente”.


Fala da unión de catro editoriais (Rinoceronte, Urco, 2.0 e Positivas) para crear a colección “Módicos”, que porá á venda libros baixo previo encargo na páxina web toupa.net. Di que todos eles terán o mesmo formato, cambiando soamente o título do libro e o nome da editorial, e tamén ofrecen exemplares de diversos xéneros.


Coméntase que a Real Academia Galega decidiu renderlle tributo a Lois Pereiro, o poeta galego da contracultura, quince anos despois do seu falecemento, ao dedicarlle o Día das Letras Galegas 2011. Di que a súa breve obra en vida deixou unha “forte pegada” na nosa literatura. Recóllese que Manuel Rivas se sentiu emocionado pola decisión de homenaxear a un “mito contemporáneo en potencia” e pola oportunidade que supón para difundir a súa obra. Indícase que se recoñece a obra dun autor urbano exemplo da polifonía da cultura galega. Por último fai uso unha achega bio-bibliográfica de Lois Pereiro.


Infórmase de “Terra Berger”, unha homenaxe poético-musical a John Berger celebrada no antigo cárcere da Coruña. Indícase que o acto forma parte da exposición de Isabel Coixet “From I to J”, inspirada na obra do mesmo nome de Berger. Recóllese declaracións de Manuel Rivas e Yolanda Castaño sobre o autor, de quen se citan obras como Porca terra, O sentido da vista e Modos de ver, ademais de ofrecer unha información biográfica.

**Ramos, Alberto, “Unha mostra reúne 300 publicacións para lembrar ao Luis Seoane editor”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 22 xullo 2010, p. 37.**

Infórmase da inauguración da Casa da Parra dunha mostra sobre a figura de Luis Seoane como editor, dividida en diferentes apartados, cada un deles dedicado ás editoriais nas que verteu o seu talento: a fundación de Emecé, xunto con Arturo Cuadrado; Nova, Botella al mar, Citania, Galicia ou Edicións do Castro. En relación co seu traballo periodístico, destácanse as súas colaboracións en distintas publicacións, caso do xornal
quincenal *Correo literario* ou *Galicia emigrante*, e a súa frutífera relación con Isaac Díaz Pardo, a quen se lle dedica tamén a exposición.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Neste caso, reproducécese o realizado por Alberto Ramos, intitulado “Ao outro lado da madeira”.


Dáse conta da programación prevista para o XXIV Festival da Poesía no Condado, celebrado en Salvaterra do Miño, baixo o lema “Lingua e serviços em nao comun”. Indícase que entre os actos programados se presentará o volume *Colectánea de Poesía Feminista Galega*, editado pola Assemblea de Mulheres do Condado de Salvaterra do Miño.


Fálase da conferencia impartida por Antonio Gamoneda no ciclo de conferencias “Camiño ao Andar”, celebrado no Centro Galego de Arte Contemporánea, e no que participou tamén Erride Luca. Indícase que a súa intervención versou sobre “as achegas artísticas estéticas derivadas do Camiño de Santiago”. Inclúense declaracións que Gamoneda fixo sobre a produción poética de Galicia. Cítanse obras súas como *Sublevación inmóvil* (1960), *León de la mirada* (1979) ou *Un armario lleno de sombras*.


Fálase das xornadas sobre a crise do sector das artes escénicas organizadas por Escena Galega. Recóllense as esixencias que lle fan ao director da Axencia Galega das Industrias Culturais, Juan Carlos Fasero, entre as que se atopa a creación dun Plan Estratéxico das Artes Escénicas.


Fálase do V Encontro de Escritores Novos organizado pola Asociación de Escritores en Língua Galega. Infórmase dos temas que se debateron, como a importancia dos galardóns e da poesía ou a situación idiomática e a literatura galega. Indícanse os nomes dos participantes, entre os que se atopan Olalla Cociña e Leticia Costas. Apúntase que o peche o puxo un recital poético no que participaron Arsenio Iglesias Pazos, Dores Tembrás e Susana Sánchez, entre outros.


Dá conta do falecemento de Francisco Fernández del Riego aos noventa e sete anos, quen nacera en Vilanova de Lourenzá e fora fillo adoptivo de Vigo. Explica que fora amigo de Vicente Risco, interlocutor de Castelao e cómplice de Ramón Otero Pedrayo e Álvaro Cunqueiro, e que pola súa personalidade destacou dentro do Partido Galeguista até na clandestinidade en 1942, estratega da iniciativa de Galaxia con Ramón Piñeiro e incentivador de obras de Cunqueiro abrindo novos camiños ao galeguismo cultural durante o rexime ditatorial e deixando a política a unha beira até chegar á presidencia da RAG. Apunta que o Presidente da Xunta de Galicia, Alberto Núñez Feijoo, e o presidente da Real Academia Galega, Xosé Luís Méndez Ferrín, entre outras personalidades manifestaron o seu pesar pola perda que supón a desaparición deste insigne galeguista.


Reprodúcese un poema de Monólogo do calígrafo (2008), de Baldo Ramos.


Reprodúcese o poema “Agóchanse na escrita” pertencente a Palimpsesto (2009), de Baldo Ramos.


Reprodúcese un poema pertencente a A árbore da cegueira (2002), de Baldo Ramos.

Reprodúcese o poema “Medra o poema en vertical”, pertencente a *Palimpsesto* (2009), de Baldo Ramos.


Reprodúcese un poema de *Palimpsesto* (2009), de Baldo Ramos.


Reprodúcese un poema de *Palabras para un baleiro* (2009), de Baldo Ramos.


Reprodúcese o poema “Cartas que foron adiado anticipo” pertencente a *Palimpsesto* (2009), de Baldo Ramos.


Reprodúcese de novo o poema “Medra o poema en vertical”, pertencente a *Palimpsesto* (2009), de Baldo Ramos, que xa fora publicado o vinte e un de xaneiro de 2010.


Reprodúcese un poema pertencente a *Palabras para un baleiro* (2009), de Baldo Ramos.


Reprodúcese o poema “Que palabra silenciada...” d’*A árbore da cegueira* (2002), de Baldo Ramos.

Sección fixa que acolle o poema “AGORA é tarde.”, d’*A árbore da cegueira* (2002), de Baldo Ramos.


Insírese o poema “Agóchanse na escrita” pertencente a *Palimpsesto* (2009), de Baldo Ramos.


Insírese o texto poético “non sentes as mans” pertencente a *Palabras para un baleiro* (2009), de Baldo Ramos.


Reprodúcese a composición “SOUBEN da terra que pisaba...”, d’*A árbore da cegueira* (2002), de Baldo Ramos.


Sección fixa na que se insiere a composición “ACEPTO O ARTIFICIO COMO LUGAR...”, de *Palimpsesto* (2009), de Baldo Ramos.


Dáse conta da actividade organizada pola Escola de Verán da Asociación Cultural Monte Branco, consistente nunha ruta a pé até Ponteceso polo Roteiro Pondaliano Val Nativo, para participar nunha sesión de xogos interactivos e visitar a vivenda natal de
Eduardo Pondal.


Inclúese nesta sección fixa o poema “Cretino”, de Raúl Ramos.


Reprodúcese o poema “Pra que os mortos respiren...” d’*O incendio das palabras* (2009), de Román Raña.


Recolle o material exposto pola Asociación Candea en “Unha viaxe con Ramón Cabanillas a través da fotografía” no Verbum de Vigo. Apunta que se trata dunha serie de fotografías realizadas por once artistas contemporáneos que se inspiran nos textos de Cabanillas (*Vento Mareiro*, *Da terra asoballada*, *No desterro*, etc). Dá conta ademais dunhas notas biográficas do autor nado en Cambados no 1876 que levou a cabo un labor literario ao servizo da terra como colaborador n’*A Nosa Terra* e membro das Irmandades da Fala.


Dá conta das dúas exposicións dedicadas a Luis Seoane na Coruña sobre as facetas literarias de editor, ilustrador, crítico e prologuista. Sobre a primeira, “33 escritores debuxados por Luis Seoane”, afirma que está agrupada en tres bloques: escritores galegos, hispanoamericanos e aqueles en idiomas diferentes ao castelán. Refire que na segunda exposición, “Seoane: *Sobre los ángeles*”, se elixe unha serie de poemas surrealistas en técnica de gravado, como xa fixera con Lorca, Unamuno ou Neruda, así como noutras mostras sobre a figura do anxo. Apunta, finalmente, outros traballos que relacionan a Alberti e a Seoane, como *El ceñidor de Venus desceñido de botella al mar*, ¡Eh, los toros! (gravado en madeira) e *Campesinos de Seoane*, na que Alberti achega un poema.


Reprodúcese o poema “NAQUEL inverno do carburo...”, de *Shakespeare mata o porco cunha rosa* (2007), de Ramón Reboiras.

Nesta sección acóllense os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu Xornal de Galicia. Nesta ocasión reproducense “Andaina pola acordanza”, de Pilar Rego.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto ofreceu Xornal de Galicia. Nesta ocasión reproducense “Non é tempo de namorar”, de Sandra Rego Rey (dezaño anos).


Reproduciuse un poema pertencente a Blues da crecente (2009), de Mario Regueira.


Acóllese o poema “No ritmo da choiva nas noites…”, de Blues da crecente (2009), de Mario Regueira.


Inclúese a composición “PALPITA o oco no medio da noite, os cascos…”, do poemario Blues da crecente (2009), de Mario Regueira.


Sección fixa na que se reproduce a composición “(CAEN os muros da fortaleza asediada,...”, pertencente ao poemario Blues da crecente (2009), de Mario Regueira.


Acóllese o texto narrativo “As mans na fariña”, de María Reimóndez, dedicado ás súas compañeiras de Implicadas no Desenvolvemento.

Dáse a nova da homenaxe ao escritor John Berguer que se celebrará o trinta de xuño no cárcere provincial da Coruña, con entrada gratuita. Faise mención tamén á montaxe de Isabel Coixet inspirada no autor de *Puerca tierra*.


Reprodúcese o poema “Armario De Xestos Ortopédicos” pertencente a *Látego de almas* (2008), de Antón Reixa.


Fálase da XIX Feira do Libro Antigo e de Ocasión de Lugo e infórmase dos libros que nela se poden atopar de autores como Rosalía de Castro, Emilia Pardo Bazán ou Ramón Otero Pedrayo.


Reprodúcese o poema “Inversimil”, de Eladio Riós.


Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “Sentimentos” pertencente a *O adeus do vello mariñeiro* (2007), de X. H. Rivadulla Corcón.


Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “Selene reflectida”, de Rivadulla Corcón.


Primeira entrega dunha serie de artigos escritos en primeira persoa sobre as vivencias do escritor e xornalista.

Segunda entrega da serie autobiográfica escrita por Manuel Rivas.


Reprodúcese a terceira entrega da serie “Storyboard”, inspirada nas memorias do escritor e xornalista.


Inclúese nesta ocasión o capítulo cuarto da serie autobiográfica realizada por Manuel Rivas.


Quinta entrega da serie de artigos “Storyboard’, baseada nos recordos persoais do escritor e xornalista.


Reprodúcese o capítulo sexto das memorias de Manuel Rivas.


Inclúese nesta ocasión o capítulo séptimo da serie autobiográfica realizada por Manuel Rivas.


Oitava entrega da serie de artigos “Storyboard’, baseada nos recordos persoais do escritor e xornalista.


Acóllese nesta ocasión o capítulo noveno da serie autobiográfica realizada por Manuel Rivas.

Insírese o décimo capítulo da serie de artigos “Storyboard’, baseada nos recordos persoais do escritor e xornalista.


Décimo primeira entrega da serie de artigos “Storyboard’, baseada nos recordos persoais do escritor e xornalista.


Acóllese nesta ocasión o capítulo décimo segundo da serie autobiográfica realizada por Manuel Rivas.


Reprodúcese o capítulo décimo terceiro das memorias de Manuel Rivas.


Décimo cuarta entrega da serie de artigos “Storyboard’, baseada nos recordos persoais do escritor e xornalista.


Inclúese nesta ocasión o capítulo décimo quinto da serie autobiográfica realizada por Manuel Rivas.


Péchase a serie de artigos “Storyboard’, baseada nos recordos persoais do escritor e xornalista, co décimo sexto e último capítulo.

Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu Xornal de Galicia. Neste caso reproducéuse o realizado por Manuel Rivas García, intitulado “O cheiño e os reactores”.


Fala da traxectoria galeguista de Antón Moreda, cun activismo político que o diferenciaba do grupo Ramón Piñeiro e que o facía simpatizar con Lois Ares (bibliotecario do Centro Galego en Arxentina) e con Fiz Fernández (presidente das Irmandades da Fala). Destaca outras figuras que foron purgadas en Lugo por esquerdistas como Xosé Luis Méndez Ferrín, Manuel María ou Saleta Goy.


Dá conta da morte de Antón Moreda, secretario do Consello da Mocidade Galega na década dos sesenta, en Lugo aos setenta e dous anos. Afirma que foi un defensor activo do ideal mantido por Daniel Rodríguez Castelao (a autodeterminación) fronte ao culturalismo de Ramón Piñeiro, así declarado na súa última entrevista realizada por Cristina Arias para O progreso. Apunta que o seu labor en Arxentina foi moi productivo: lidera a operación “Pomba Mensaxeira”, contacta cos núcleos nacionalistas arredor das Irmandades da Fala e participa nas Mocidades Galegas coas que publicou o xornal Adiante. Lembra que á volta traballou como vixilante de Galaxia, contactando co grupo Brais Pinto e formando o Consello da Mocidade do que sería expulsado anos despois. En último termo, resume as propostas de asociacións culturais (Ollomao) e políticas (BNG) para que non caía no esquecemento esta figura tan relevante.


Reprodúcese a composición “Varredora de autorretratos caducos...”, tirada do poemario Andar ao leu (2005), de Elvira Riveiro Tobío.


Inclúese nesta sección fixa o poema “Calmizo”, de Andar ao leu (2005), de Elvira Riveiro Tobío.

Faixa eco do roteiro celebrado polas rúas da Coruña con motivo do Día Internacional da Poesía seguindo as pegadas de Rosalía de Castro, así como de diversos actos poéticos sobre os versos da padronesa, destacando “Negra sombra”, musicado por Xoán Montes, ou “Unha noite na eira do trigo.


Informa da liberación de libros, todos eles editados ou coeditados polo Departamento de Publicacións de Caixa Galicia na sede coruñesa da entidade, para que os lectores poidan coller, devolver e compartir os seus libros mediante o método do bookcrossing, sobre o cal tamén se achega información a cerca do seu nacemento. Comenta que os libros escollidos inclúen títulos de narrativa para adultos, de Literatura infantil e xuvenil, poesía, ensaio, banda deseñada e teatro.


Nesta sección o Xornal de Galicia acolleu relatos inéditos durante o mes de agosto. Nesta ocasión, reproducéuse “Un enfermeiro provisional”, de Manuel Robles González (oitenta e catro anos).


Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “Subir ao faiado”, de Alfonso Rodríguez.


Infórmasese que Hércules Ediciones ten previsto chegar até os sesenta e catro tomos da enciclopedia Proxecto Galicia, que tenta recoller todo o saber sobre Galicia en canto a aspectos como a historia, arte, xeografía, cartografía, antropoxía, literatura, natureza, ecoloxía, dereito, heráldica e economía. Apúntase que o presidente da editorial sinala que, polo momento, están máis centrados noutra colección sobre os camiños de Santiago, intitulada “A grande obra dos camiños de Santiago”. Recólense, así mesmo, as súas reflexións sobre o futuro dos libros en formato papel, ante o que non se amosa inquedo, e sobre os libros de actualidade que, segundo el, “teñen que mimar moito a fotografía e darlle prioridade ao deseño”.


Fálase da Festa da Cultura que se celebra en Riotorto. Indícase que acolle a corenta colectivos culturais e sociais da Terra Chá e da Mariña. Infórmasese das actividades que
compoñen o programa entre os que destaca o recital no que participarán integrantes da Xeración dos oitenta, como Xulio Valcárcel ou Xosé María Álvarez Cáccamo.


Dá conta das propostas da Fundación Luis Seoane tras o centenario do seu nacemento sobre a relación entre o galeguista e a literatura, que se materilizan en dúas mostras: “33 escritores debuxados por Luis Seoane” e “Seoane ilustra a Alberti: Sobre los ángeles”. A primeira refire cada unha das funcións que realizou no ámbito literario, agrupadas en tres bloques, mentres que na segunda se acollén os gravados en madeira do poemario surrealista. Apunta finalmente que unha terceira exposición, “De mar a mar”, reflicte a relación entre Seoane e outros artistas da modernidade ao outro lado do Atlántico.


Infórmase da celebración do XXXI Festival de Pardiñas con actividades como concertos, talleres de música e danza, mostra de artesanía ou unha feira de libros, que contará coa presenza de autores como Bernardiño Graña, David Otero, Xosé Neira Vilas ou Marica Campo e a presentación de *Emilia Pardo Bazán e a poesía romántica*, de Yago Rodríguez, quen descubriu un poema da autora en galego.


Dise de Fernández del Riego que foi o enlace, o conciliador entre as posturas diverxentes viaxando a cotío a Bos Aires, Portugal, Madrid e Barcelona, buscando a maneira de entenderse con todos. Destaca que tamén fixo importantes contribucións editoriais, caso de facer unha historia da literatura, refacer o vocabulario e reunir o máis importante da poesía galega. Afirma que este labor, ás veces ingrato, foi fundamental para a reconstrución dun país ao que se lle negaba a historia que sumou ás actividades na revista *Nós* e no Seminario de Estudos Galegos. Indica que logo continuou ese traballo na Fundación Penzol e na presidencia da Real Academia Galega e que a súa figura e o seu labor sempre serán lembraos pola importante contribución ao desenvolvemento cultural galego.

Refiere a obra de Lev Tólstoi Anna Karenina e a tradución ao castelán realizada por Víctor Gallego Ballesteros, así como diversas críticas e un pequeno apartado centrado no argumento. Remata coa opinión dos críticos galegos Joaquim Ventura e Armando Requeixo sobre unha posible conexión entre Tólstoi e Ramón Otero Pedrayo, situados na liña realista, da que a pesar do distanciamento cronolóxico, comparten trazos estilísticos. Apunta a semellanza doutros autores situados nesta liña coma a Xeración Nós, Anxel Fole ou o realismo social “á rusa” de Francisco Fernández Naval ou Luis Rei.


Explica que o descubrimento realizado por Grato Amor Moreno e José Sánchez de la Rocha constatou o parentesco de curmáns entre Álvaro Cunqueiro e Ramón María del Valle-Inclán do que antes só se sospeitaba pola presenza do apelido Montenegro en ambos os escritores, en Cunqueiro como segundo apelido do pai e como segundo apelido no propio Valle-Inclán. Indica que Amor Moreno e Sánchez de la Rocha dairon o vínculo cos bisavós no matrimonio de María Dolores de Saco y Lira e Antonio de Montenegro y Sánchez, de forma que a avoa paterna de Cunqueiro era curmá carnal da nai de Valle-Inclán. Recolle unha anécdota dunha visita realizada por Cunqueiro ao enfermo Valle-Inclán a quen admiraba, anécdota que descoñecía o neto de Valle-Inclán, Francisco Javier, pero que afirma que seu aavó recibiu un exemplar dedicado en galego por Cunqueiro de Cantiga nova que se chama riveira (1933), que en El Correo Gallego do un de agosto de 1935 se publicou un artigo no que este estaba a favor da compra dun pazo para Valle-Inclán, que se publicou un telegrama de condolencia pola morte de Valle-Inclán asinado por Cunqueiro en El Pueblo Gallego o nove de xaneiro de 1936, que o propietario da madrileña papelería El Sol afirmou que Valle-Inclán lle tiña preguntado polo médico parente seu José Cunqueiro Montenegro e que Carlos del Valle-Inclán trataba de curmán a Cunqueiro, á parte das mostras de admiración de Cunqueiro entre as que se reproducen unhas liñas publicadas no des de decembro de 1952 no Faro de Vigo. Precisa o articulista que Castelao e Cunqueiro levaron a ombros o ataúde de Valle-Inclán, segundo apunta Antonio Castro Villacañas en Apuntaciones sobre Valle-Inclán y el pasado mañana. Remata referindo as semellanzas discursivas dos dous autores curmáns.


Apunta que a valoración da figura de Luis Seoane se vai incrementando co paso do tempo, como se deduce das opinións de Ramón Villares e Isaac Díaz Pardo que se reproducen. Perfila a trabectoria de Luis Seoane en Galicia e no exilio, aspecto este último que se abordou no congreso internacional celebrado entre os días seis e oito de
abril na Coruña, no que se trataron así mesmo a distancia estratéxica entre Castelao e Seoane, a análise da súa obra artística (como periodista e editor de libros e publicacións periódicas) e como impulsor de calquera iniciativa que se vinculase con Galicia. E remata citando as causas do seu regreso dende Arxentina a Galicia.


Fálase da Residencia de Estudiantes de Madrid, considerada o primeiro centro cultural da España de entreguerras. Ofrécese unha breve historia e indicase que por ela pasaron persoaxos como Ramón Menéndez Pidal, Rafael Diste, Severo Ochoa, Juan Ramón Jiménez, Vicente Aleixandre, María Zambrano ou Maruja Mallo, estas últimas cando se creou a Residencia de Señoritas. Fálase tamén de Federico García Lorca e dos Seis Poemas Galegos (“Madrigal á cibdá de Santiago”), así como de Jesús Bal y Gay, autor do Cancioneiro Galego.


Refírese á Residencia de Estudiantes de Madrid considerada o primeiro centro cultural da España de entreguerras. Fálase da súa historia e indicase que por ela pasaron persoaxos como Ramón Menéndez Pidal, Rafael Diste, Severo Ochoa, Juan Ramón Jiménez, Vicente Aleixandre, María Zambrano ou Maruja Mallo, estas últimas cando se creou a Residencia de Señoritas. Fálase de Federico García Lorca e dos Seis Poemas Galegos (“Madrigal á cibdá de Santiago”) así como de Jesús Bal y Gay autor do Cancioneiro Galego. Coméntase tamén a relación da Institución Libre de Enseñanza con Galicia xa que os seus fundadores pasaban tempo en Bergondo.

Rodríguez, Xosé Manoel, “Unha fundación divulgará o legado e a memoria de Losada Diéguez”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 15 maio 2010, p. 50.

Recóllese a presentación oficial da fundación Losada Diéguez no pazo de Moldes, en Boborás. Fálase da presenza de membros e integrantes da propia fundación e doutras como a Real Academia Galega.


Refírese á presentación que Ignacio Vilar fixo no Festival de Cine Independente de Ourense de levar ao cine A esmorga, de Eduardo Blanco Amor. Recóllese unha declaración de Víctor Freixanes na que informa que nos anos setenta el e outros mozos quixeran tamén levala ao cine pero que, ao final, o proxecto non se levou a cabo.

Fálase da conmemoración que a Real Academia Galega celebrou polo noventa aniversario da publicación da revista Nós. Recóllense as declaracións de Xosé Luis Méndez Ferrín cando sitúa á cidade de Ourense no “cerne do movemento literario e cultural galego” e recorda a Manuel Curros Enriquez, o Catecismo do labrego, de Valentín Lamas Carvajal, a Francisco Álvarez e a Heraclio Pérez Placer. Indícase que Memorias dun neno labrego é, xunto coa obra citada de Lamas Carvajal, o libro máis vendido e traducido. Refírese, tamén, á morte de Olga Gallego.


Anuncia que o Teatro Principal de Ourense acollerá o vinte e tres de decembro o espectáculo literario “Poemas de amor para tempos difíciles” que contará coa presenza de Xosé Carlos Caneiro acompañado coa guitarra de Xosé Manuel Salgado.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto ofreceu Xornal de Galicia. Nesta ocasión reproducécese “A morte”, de María Francisca Rodríguez Cabanas (oitenta anos).


Nesta sección acóllense os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu Xornal de Galicia. Nesta ocasión reproducécese “O tempo do caruncho”, de María Francisca Rodríguez Cabanas.


Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “Nocturno”, de Ramón Rodríguez Porto.


Refírese ao aniversario da revista Nós, considerada “o maior proxecto cultural da Nosa Terra” e saliéntase que foi levado a cabo pola Xeración Nós, composta por Ramón Otero Pedrayo, Vicente Risco e Florentino L. Cuevillas. Fálase dos tres proxectos que “engrandeceron” á xeración: La Centuria, a revista Nós e o ingreso nas Irmandades da
Fala. Coméntase a producción literaria de Arturo Noguerol en *Nós*, onde publicou tamén artigos sobre a política social e laboral e de carácter etnográfico.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Neste caso reproducéese o realizado por X. Henrique Román García, intitulado “Aventura no ozarrom”.


Sección fixa que reproduce nesta ocasión o breve poema “Esa luz”, de Xosé Romeo.


Recórdase o sesenta aniversario do pasamento de Daniel Rodríguez Castelao celebrado polo BNG, que pediu que o legado do pai do galeguismo se mantña vivo e catalogado como Ben de Interese Cultural, inclusive a casa natal, fronte á nula xestión das casas de Rafael Dieste e Manuel Antonio. Coméntase que as actividades se repartiron entre a lectura de fragmentos do discurso bonaerense “Alba de Groria” do autor, a interpretación do himno galego e a ofrenda floral no busto do paseo da Ribeira.


Dá conta da homenaxe que a Xunta de Galicia e a Fundación Castelao lle renderon ao escritor rianxeiro no auditorio municipal presentando o proxecto para catalogar e dixitalizar toda a obra que deron rescatado durante tres anos tras contactar con institucións públicas e particulares de todo o mundo. Explica a tipoloxía das obras que se recuperaron de Castelao e como se creou unha ficha das tres mil oitocentas pezas na que se indica a localización, as reproducións que se fixeron e as exposicións nas que participou. Recolle diversas opinións sobre o labor que desenvolve a Fundación Castelao e refire os distintos actos celebrados con motivo do cento vinte e catro aniversario do nacemento de Castelao.


Semblanza de Xosé Luis Méndez Ferrín con motivo da súa elección como presidente da Real Academia Galega. Destaca o seu labor como profesor comprometido, a influencia do “máxico romantísmo á irlandesa” na súa vida e obra, as súas vivencias de mozo en
Compostela, a súa vinculación ao grupo poético Brais Pinto, a súa estadía na universidade de Oxford e a súa influencia como “profesor, intelectual e escritor sobre varias xeracións”.


Comeza cualificando como “el último patriarca” a Francisco Fernández del Riego, nacido en Vilanova de Lourenzá e fillo adoptivo de Vigo até a súa morte, con noventa e sete anos. Indica que foi a amigo de Risco, interlocutor de Castelao e cómplice de Otero Pedrayo e Cunqueiro, e que pola súa personalidade destacou dentro do Partido Galeguista até na clandestinidade en 1942, estratega da iniciativa de Galaxia con Ramón Piñeiro e incentivador de obras de Cunqueiro abrindo novos camiños ao galeguismo cultural durante o rexime ditatorial e deixando a política a unha beira. Recolle que tanto o Presidente da Xunta, Alberto Núñez Feijoo, como o Alcalde de Vigo, Abel Caballero, e o expresidente do Consello da Cultura Galega expresaron a súa mágoa pola perda deste intelectual galeguista e lebraron o labor realizado durante toda a súa vida a forza de sacrificio e xenerosidade.


Reprodúcese nesta sección fixa a composición “perdeuse na distancia…”, incluída en Poesía barata (2006), de Manuel M. Romón.


Sección fixa na que se reproduce o poema “busca…”, incluído en Poesía barata (2006), de Manuel M. Romón.


Con motivo do centenario do nacemento de Luis Seoane lémbrase que formou parte dunha xeración de intelectuais que na época de 1920-1930 optou polo vangardismo. Consideráse un humanista do século XX que participou como articulista en Resol, Galicia Emigrante e La Voz de Galicia, dramaturgo n’A Soldadeira (1957), poeta en Fardel do Eisilado (1952), editor de xornais e revistas, ilustrador e pintor, entre outras facetas.

Dá conta da homenaxe que a Asociación da Memoria Histórica do 36 de Ponteareas realizou sobre Fermín Bouza Brey e da negativa do seu fillo, Fermín Bouza Álvarez, de dar unha conferencia sobre a figura do seu pai polo que o encargado foi o historiador e etnógrafo Clodio Gonzalez Pérez. Detalla que a xornada, organizada polo Concello de Ponteareas para dar a coñecer a Bouza Brey no mes do seu nacemento, comezou con “Ponteareas, o berce querido” a cargo do arquiveiro municipal e contou con actividades para escolares, adaptadas ás súas idades.


Recóllese a afirmación, no Día de Galicia, do portavoz nacional do Bloque Nacionalista Galego, Guillerme Vázquez, de que o Panteón de Galegos Ilustres pertence ao pobo galego, dono do seu legado simbólico, e a petición de que sexa un espazo público, afirmando que “debe estar regulado polas institucións democráticas galegas” e lembrando que “a súa condición orixinaria era de espazo laico, condición pola que Rosalía quixo estar aquí e non nun cemiterio católico”.


Infórmase da celebración dunha misa en San Domingos de Bonaval en memoria de Rosalía de Castro, con presenza de numerosas autoridades e unha ofrenda floral. Sinálase que antes de iniciarse a cerimonia, Marcelino Agís realizou un breve percorrido pola vida da poeta e destacou a vixencia do seu pensamento.


Reprodúcese un fragmento poético tirado de Memoria dos ríos perdidos (2009), de Xosé Lois Rúa.


Comeza e remata o artigo reproduciendo os versos dun poema de Manuel Antonio dedicado ao mar. Tomando o poema como referencia o resto do artigo versa sobre a experiencia persoal de Xoán Rubia contemplando o mar durante un temporal cuxa cicloxénese explosiva se denominou “Becky”, e destacando a forza do mar, os estragos do temporal así como a fermosura do mesmo.


Inclúese nesta sección fixa o poema “Eco”, de Alberto Ruse.

Apunta que polo momento o único candidato a ser presidente da Real Academia Galega é Xosé Luís Méndez, proposto polo anterior presidente, Xosé Ramón Barreiro Fernández. Recolle que Méndez Ferrín tenta ser cauto ante a decisión de cubrira vacante da presidencia da RAG polo que se reserva a posibilidade de retirar a súa candidatura se outros membros da institución propoñen a outro candidato. Informa que o pleno para a elección do novo presidente se celebrou o vinte e etres de xaneiro. Recolle reflexións de Méndez Ferrín sobre o seu labor se é elixido presidente, explicando que procuraría unha presidencia continuadora das acccións desenvolvidas por Francisco Fernández del Riego e Xosé Ramón Barreiro Fernández. E remata reproducindo a opinión do escritor ourensán sobre o borrador da Xunta de Galicia para o decreto do galego no ensino.


Informa que o prazo para presentar candidatos á presidencia da Real Academia Galega rematou ás doce horas do vinte e un de xaneiro e que a elección se produciu o día vinte e tres de xaneiro. Explica o sistema de votación e recolle as opinións de Xosé Luis Axeitos, Xosé Ramón Barreiro e Ramón Lourenzo apoiando a candidatura de Xosé Luis Méndez Ferrín e confiando na súa elección como presidente da RAG.


Informa da presentación da tradución ao inglés d’Os libros arden mal no Ashmolean Museum de Oxford na que interviron o autor, Manuel Rivas, e o tradutor, Jonathan Dunne. Explica como se desenvolveu a presentación de Manuel Rivas, a partir das preguntas de Dunne, ao redor de varios aspectos: o feito de que non se deben queimar libros debido á importancia que ten a memoria, que para Rivas está na orixe da literatura, “na Odisea, no reencontro entre Ulises e o seu pai, onde só grazas á memoria houbo recoñecemento”; a cidade da Coruña e o seu faro; a familia, principalmente os seus avós e a necesidade de “poñer a memoria silenciada na boca da literatura, e de darlle forma de libro”. Remata recollendo que para Manuel Rivas o sorriso é unha
estratexia, xa que “a ironía é a gran arma do mundo moderno, unha mestura entre morriña e humanidade”.


Reprodúcese o poema “Eu son a final da viaxe”, d’*A Ollada de Astarté* (2007), de Pura Salceda.


Insírese o poema “A TARDE É UN ACIO MADURO”, d’*A Ollada de Astarté* (2007), de Pura Salceda.


Inclúese o poema “EU SON A FINAL DA VIAXE” recollido n’*A Ollada de Astarté* (2007), de Pura Salceda.


Comenta que o Consello da Cultura Galega firmou un protocolo de colaboración co Instituto Camões de Portugal co obxectivo de fomentar “la realización de actividades conjuntas y el intercambio de experiencias culturais”. Di tamén que entre os responsábeis do acordo, xurdiu a idea dunha comunidade lingüística e cultural común. Sinala que un dos obxectivos do protocolo de colaboración é “el intercambio de publicaciones, conferencias, seminarios, exposiciones, recitales literarios o conciertos...”.


Indica que Xosé Luis Méndez Ferrín en 1974 con *Retorno a Tagen Ata* fixo un diagrama do estado da cuestión do “piñeirismo contra a esquerda marxista” e que en 1976 fixo temblar os “baixíos da literatura galega” cos poemas de *Con pólvora e magnolias*, e que mesmo en *De Pondal a Novoneyra* (1984) abriu un debate sobre o canon poético, que precisa “unha enmenda á totalidade”. Destaca os relatos curtos de Méndez Ferrín, dos que é un “maxistral facturador” e lembra as súas estadías no cárcere. Salienta que despezou a antiga dicotomía ética-estética, o canto anticapitalista realizado en *Contra Maquieiro* e o seu labor na revista *A trabe de ouro*, ademais de resaltar que amosa a súa admiración por Camilo José Cela, que é un erudito en “materia
valleinclanesca” e que agora custodia as palabras que tanto agromaron nos seus contos e ensaios.


Comeza apuntando datos biográficos de Suso Vahamonde, un dos membros do colectivo Voces Ceibes, grupo sobre o que Vicente Aragúas publicou o volume homónimo Voces Ceibes en 1991, do que se extraen comentarios sobre Vahamonde. Anuncia que Aragúas vai publicar proximamente O que non contei en Voces Ceibes e recóllense tamén opinións doutros membros do grupo sobre as actuacións de Vahamonde, as letras das cancións e varios concertos do grupo.


Recolle opinións de distintos escritores e estudiosos da literatura galega sobre as características que definen a poesía dos anos oitenta. Alude a obras nas que os propios poetas analizan o labor poético da súa xeración: Bos tempos para a lírica (2009), de Xavier Rodríguez Baixeras, no que presenta unha “lectura sentimental”; Siete lecciones de poesía (2009), de Manuel Forcadela, marcada polo “rigor teórico” do seu autor; e Espazos do poema (2009), caracterizado polo “criticismo literario puro” de Xosé María Álvarez Cáccamo. Precisa o labor como editor de poesía contemporánea que realiza Miguel Anxo Fernán Vello e recolle as súas opinións sobre a poesía dos anos oitenta. Tamén se reproducen as opinións de Xavier Seoane en A caluga do paxaro (1979) e A rocha imantada (1987), quen reivindica que a poesía anterior á desta xeración non se reduce ao realismo social; as de Pilar Pallarés sobre os trazos deste “grupo de poetas”; as de Isidro Lourido sobre a necesidade de analizar “o uso da anonimia e dos pseudónimos”, e as reflexións de Álvarez Cáccamo destacando as lecturas comúns a estes poetas e concluíndo que a importancia radica no “estilo singular, o libro fundamental, o verso iluminado”.


Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “Rosalía de Castro”, de Daniel Salgado.


Reproduce as opinións que Arturo Casas e Xosé Luis Méndez Ferrín expresaron nas súas intervencíons no congreso “Luis Seoane. Galicia-Arxentina: unha dobre cidadanía”. Recolle que Casas destacou o labor de Seoane como pintor, editor, “poeta brechtian”, dramaturgo dos condenados, home de esquerdas e exílio, e que foi antagonista de Ramón Piñeiro, Castelao, Celso Emilio Ferreiro e Isaac Díaz Pardo. Apunta que Méndez Ferrín referiu a visita que Seoane fixo en Madrid ao grupo Brais Pinto, explicou as ideas que o separaban de Piñeiro e rematou relatando a súa propia
estadía en Cárcel de El Dueso entre 1972 e 1974, á que fai referencia Lorenzo Varela na súa dedicación de *Cantiga nova que se chama cadea*, poemario editado por Seoane en Arxentina.


Comeza recollendo as facetas de Luis Seoane que destacou Ramón Villares, encargado xunto á Fundación Luis Seoane de preparar o congreso “Luis Seoane. Galicia-Arxentina: unha dobre cidadanía”, que se celebró entre os días seis e nove de abril e do que resalta os participantes e o título das súas intervencións. Remata explicando a estrutura da exposición “Luis Seoane. A configuración do posible”, inaugurada o nove de abril, e apuntando a edición de *Dicionario Luis Seoane*.


Fálase da creación do Laboratorio de Formas por parte de Luís Seoane e Isaac Díaz Pardo, empresa ideada en 1963. Entre outras cuestións, coméntase que escritores exiliados como Eduardo Blanco Amor, Rafael Dieste e Lorenzo Varela achegaron diferentes ideas a este proxecto no que tamén contou, entre outras iniciativas culturais, coa “póla editorial” mediante a creación de Ediciós do Castro.


Fai referencia ás obras publicadas ao longo do ano anterior, entre as que se destacan as novelas *Sete Palabras*, de Suso de Toro, cun carácter fronteirizo dentre ficción e non ficción, e *Branco*, de Manuel Darriba, cunha prosa “fortemente visual”. Dos poemarios menciónanse *Secesión*, de Chus Pato, “porque rompe os esquemas de lectura e de catalogación”; *Palimpsesto e Palabras para un baleiro*, que consolidan a Baldo Ramos; *Deter o día cunha flor*, de Luz Pozo; *O pouso do fume*, de Dores Tembrás, *Blues da Crecente*, de Mario Regueira; *Acusación*, de Xiana Arias, no que “os textos adquiren forza e corporalidade” e *A desaparición da neve*, de Manuel Rivas. Entre os textos dramáticos noméanse *Delimvois*, de Rubén Ruibal, un texto “entre a distopia, o cyberpunk e o absurdo”; *Onde andas Karl? e Estigma*, de Ruibal en coautoria con Jacobo Paz e Vanesa Martínez Sotelo. Entre as traducións destaca *Pequeno panteón portátil*, de Alain Badiou; *Rolda nocturna*, de Sarah Waters, e *O caderno dourado*, de Doris Lessing.


Interprétase a homenaxe da Real Academia Galega a Lois Pereiro no Día das Letras Galegas como un recoñecemento á literatura urbana e contemporánea. Recólense opinións que amosan as contradicións desta escolha: Margarita Ledo fixase nos nexos...
transversais entre institución e cultura independente; María do Cebreiro salienta que se escolla a un poeta punk, unha figura da resistencia non nacional senón marxinal; Xulio López Valcárcel destaca o “aggiornamento” da institución que é quen de ir co tempo e homenaxear un poeta que foi vítima das drogas e da sida; e Fernández Campos fala da tensión da decisión académica e pregúntase como se abeirará a marxinalidade de Pereiro.


Coméntase que o libro máis vendido en lingua galega en 2009 foi *O neno do pixama a raíñas*. Tamén se refire á importancia da poesía en 2009 con volumes como *Samos e No desterro*, de R. Cabanillas; *Makinaria*, de Carlos Negro, ou *Os eidos* de Uxio Novoneyra. No referente ás novidades poéticas de 2009 saliéntase *Silencio*, de Mario Regueira; 750 versos de ausencia, de Roberto Salgueiro; *Fascinio*, de Chus Pato; *Estremas*, de Ana Romaní ou *Derradeiras conversas co Capitán Kraft*, de Oriana Méndez. Tamén destaca a publicación de poemarios por parte de pequenas editoriais como Acha Escrava (*Antítese negativa*, de Manuel L. Rodríguez), Rinoceronte Editora (*Pan prós crocodilos*, de Carlos Solla; *Poemas de África lonxe*, dos angolanos E. Bettercourt e J. Arrimar e máis *Con peitos desenchufados*, de Elías Portela) ou Estaleiro Editora (*Plan de fuga*, de Alberto Lema, ou *Suburbia*, de Óscar Mourave).


Fálase de Emilia Pardo Bazán, autora de *Los pazos de Ulloa*, e do descubrimento feito por Yago Rodríguez Yáñez, quen atopou o primeiro texto escrito en galego por esta autora. Explícase que se trata de “A música galega” publicado en *Correo de Galicia*. Apúntase que outro “risco oculto” desta autora é a súa creación poética. Coméntase que a meirande parte do seus poemas publicouse en revistas e xornais e que o seu único volume é *Jaime* (1881). Cítase a John Keats e a Prudencio Canitrot e menciónase a relación que Pardo Bazán mantiña con Rosalía de Castro.


Infórmase da morte de Herminio Barreiro e ofrécese unha breve biografía do finado indicando, por exemplo, que formaba parto do grupo Brais Pinto xunto con Reimundo Patiño ou Uxio Novoneyra. Recóllese declaracións de Xosé Luis Méndez Ferrín sobre o historiador. Cítase a súa obra *Recordar doe* (2008).


Comenta que Xosé Luis Axeitos se encargará de editar unha obra en catro volumes sobre Manuel María financiada pola Fundación Barrié e a Real Academia Galega que inclúe prosa, poesía, correspondencia e unha biografía do autor. Precisa que os contidos
pertencen ao legado inédito de Manuel María, gardado até agora por Domingo García-Sabell, e que neste había prosas poéticas, furibundos artigos políticos, cartas, traducións dos fundadores da modernidade poética europea, poemas inéditos e cadernos de notas, entre outros. Conta que o material de García-Sabell “redimensiona a figura e o traballo dun personaxe central de poesía do século XX e abre novas portas para achegarse ao proxecto manuelantoniano”. Apunta que o primeiro dos volumes incluirá a prosa do poeta ao que lle seguirán a poética, a correspondencia e unha biografía, que completarán a apertura da colección “Clásicos da Academia”.


Dáse conta da inauguración da exposición “Exlibris Gallaeciae. Dos libros de Galicia”, dividida en catro seccións: “Da identidade”, con documentos como o Códice Calixtino ou Sempre en Galiza (1944), de Daniel Rodríguez Castelao; “Da lingua”, “a trabe de ouro da cultura”, en verbas dun dos seus comisarios, Xosé Ramón Barreiro, con textos de obras como Cantares gallegos (1863), de Rosalía de Castro ou Más alá (1922), de Manuel Antonio; “Do coñecemento”, coas achegas dos galegos á comunidade científica internacional e, por último, “Do país”, sobre a maneira en que os galegos se explican a si mesmos, onde se recollen pezas como Ayes de mi país, de Valladares.


Lémbrase tras o falecimento de Francisco Fernández del Riego que este intelectual fixo posíbel o entendemento e a unión destas dúas vertentes, xa que retomou a relación epistolar con Seoane, e non só reorganizou a vida cultural galega, senón que foi un galeguista exemplar en todos os seus actos, a pedra angular do nacionalismo en palabras do actual presidente da Real Academia Galega, Xosé Luís Méndez Ferrín, pola súa participación na creación da Editorial Galaxia en 1950, a fundación de Grial en 1963, onde tivo que empregar o pseudónimo Salvador de Lorenzana en moitos dos seus artigos. Apúntase que ingresou na Real Academia Galega, institución que tamén presidiu, que dirixiu a Fundación Penzol, que obtivo a medalla Castelao. Destácanse entre as súas publicacións O río do tempo e Camiño andado e estudos sobre literatura como a Escolma de Poesía Galega.


Apunta que a fenda do nacionalismo e a ruptura entre os galeguistas do interior e o exilio son as consecuencias da guerra civil que deron lugar a desarticular o Partido Galeguista, no que só Francisco Fernández del Riego fixo posíbel o entendemento e a unión destas vertentes que se lebran neste artigo con motivo do seu pasamento. Explica que retomou a relación epistolar con Seoane, e non só reorganizou a vida cultural galega, senón que foi un galeguista exemplar en todos os seus actos, a pedra angular do nacionalismo, en palabras do actual presidente da Real Academia Galega, Xosé Luís Méndez Ferrín, pola súa participación na creación da Editorial Galaxia en
1950, a fundación de *Grial* en 1963, onde tivo que empregar o pseudónimo Salvador de Lorenzana en moitos dos seus artigos. Indica que ingresou na Real Academia Galega, institución que tamén presidiu, que dirixiu a Fundación Penzol, que obtivo a medalla Castelao e destaca entre as súas publicacións *O río do tempo* e *Camiño andado*.


Fálase da quinquaxésima edición da Romaría Vikinga na que participaba o grupo danés *Vikingespil* coa representación da obra teatral *Arnulf, o amigo de Fernis*. Infórmase da lesión que sufríu un dos seus actores, Simon Schawrz, no último ensaio. Recóllese, tamén, a denuncia do alcalde de Catoira da falta de apoio por parte da Xunta.


Reprodúcese o poema “lacena” do poemario *De (de)construçom* (2009), de Susana Sánchez Aríns.


Inclúese nesta sección fixa o poema “forno”, tirado de *De (de)construçom* (2009), de Susana Sánchez Aríns.


Insírese a composición “poeira”, incluída no poemario *De (de)construçom* (2009), de Susana Sánchez Aríns.


Reprodúcese o poema “água” do poemario *De (de)construçom* (2009), de Susana Sánchez Aríns.


Inclúese nesta sección fixa o poema “enigma”, tirado de *De (de)construçom* (2009), de Susana Sánchez Aríns.

Acóllese o poema “O silencio que se fai coa pel máis dura das palabras...”, de Hoxe, que vén o vento do sur (2006), de Miguel Sande.


Recolle que a crítica de Amanda Hopkinson de The Independent apunta sobre a tradución ao inglés d’Os libros arden mal: “este é un libro excepcional dun escritor excepcional” e que esta obra é “insólita” entre todas as publicadas sobre o tema da guerra civil. Reproducuse así mesmo que Amanda Hopkinson destaca que Rivas fai unha aposta “moderada e exquisita” nunha novela de grande extensión, dimensión que coincide case coa suma das catro anteriores novelas traducidas ao inglés por Jonathan Dunne. Recolle ademais que Hopkinson salienta a combinación do “lirismo folclórico”, xa presente en En salvaxe compañía, co tema bélico, que xa aparecía en O lápis do carpinteiro. Remata apuntando que, ademais da positiva crítica de Hopkinson, Os libros arden mal (Books Burn Badly) tamén obtivo o recoñecemento de Tom adair de News.scotmans.com, quen destacou as lecturas únicas que realiza Manuel Rivas e o seu estilo a camiño entre a poesía, a traxedia e a farsa grazas a recursos estilísticos como as comparacións e “os golpes de sintaxe”.


Dá conta da celebración do cincuenta aniversario do Comité de Escritores Presos do PEN Internacional na que se homenaxeou a cincuenta escritores encarcelados no último século e que contaron con campañas de apoio do Pen Club. Indica que o único escritor galego foi Xosé Luis Méndez Ferrín, a quen o Pen lle dedicou a campaña 1972 para homenaxear a detención da que fora obxecto o vinte e cinco de xaneiro de 1959 tras un rexistro policial na súa casa, no que deron con tres copias da novela inédita entón e mesmo na actualidade Os corvos, a figueira e a fouce de ouro, dedicada a varios guerrilleiros. Explica polo miúdo as varias detencións que sufriu Méndez Ferrín e a visita que lle fixo en Madrid o dramaturgo británico Peter Elstob, encargado naquela época do Comité de Escritores Presos do Pen Club.


Infórmase da recuperación da ópera O mariscal, onde Ramón Cabanillas conxuga o tema mítico e épico da historia de Galicia coa figura de Pardo de Cela. Indícase que Rodríguez Losada foi o autor da obra que, posteriormente, foi revisada por Joam Trillo.

Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “Asinado en Bastavales” de Marifé Santiago Bolaños, que se insire na recopilación colectiva _Poetas con Rosalía II_ (2007).


Comenta a celebración do Día Internacional dos Museos co lema “Museos para a harmonia social” no xacemento do Castro, onde se escenificou a vida dos habitantes de hai dous mil anos e se ofreceu no Verbum unha actuación teatral dirixida por Ana Carril e escrita por María Fernanda Cosí. Tamén fala da celebración por parte doutros museos ao longo da semana. E por último fai referencia ao recorte presupostario nos museos de arte contemporáneo en España.

**Santos**, A. de, “Una exposición retrospectiva ofrece el compromiso de Luis Seoane con Galicia”, _Faro de Vigo_, “Sociedad”, 3 xuño 2010, p. 43.

Recóllese a presentación da exposición “Seoane. Razón e compromiso” na sala de Exposiciones Caixanova de Vigo composta por corenta e cinco obras do artista galego de maior relevancia durante a segunda metade do século XX, entre as cales se atopan _Muller en Amarelos_ (1954) ou _Homenaje a Juan Gris_ (1975). Fálase das distintas facetas de Luis Seoane como escritor, debuxante, editor, grabador ou pintor e da importancia que ten o seu país de orixe e a súa vontade cosmopolita e de modernidade.


Recolle o nomeamento de Bernardino Graña como novo membro e substituto de Constantino García na Real Academia Galega. Conta como se procedeu ao seu nomeamento e ao seu posterior discurso centrado nos contos populares e en Rosalía de Castro. Este sería contestado polo filólogo Ramón Lorenzo para rematar cun convite ao que asistiron boa parte dos asistentes ao acto. Tamén fai referencia a Bernardino graña como un dos fundadores do grupo Brais Pinto en Madrid ou como fundador e primeiro presidente da AELG (Asociación de Escritores en Lingua Galega) e á súa obra, que inclúe nove libros de poemas, tres de teatro, unha narrativa xuvenil e unha novela longa.


Comeza recollendo unhas palabras pronunciadas por Herminio Barreiro para resumir a esencia do grupo Brais Pinto. A seguir, indica o contido e estrutura da exposición de homenaxe a este colectivo que organizou a concellería de Normalización Lingüística do concello de Pontevedra. E reproduce así mesmo outras declaracions de Herminio Barreiro sobre o labor deste grupo, os seus obxectivos e a nómina dos seus integrantes.

Infórmase sobre o ingreso na Real Academia Galega do escritor Bernardino Graña, quen pronunciou un discurso titulado “Contos populares e Rosalía”, temas arredor dos cales se centraron por completo todas as súas verbas. Coméntase que o autor cangués foi participe de grupos intelectuais como Brais Pinto ou a Asociación de Escritores en Língua Galega e que se agarda a edición da súa próxima obra xa premiada *Larpancia saborosa do lobo e a raposa*.


Infórmase da celebración no Pazo da Cultura de Pontevedra da Feira das Industrias Culturais (Culturgal) que tivo como protagonista a Lois Pereiro. Dise que Lino Braxe presentou o espectáculo escénico *Mundo Lois*, idea de Antón Reixa, no que se le, interpreta e revisa a poesía de Pereiro. Coméntase que houbo unha reivindicación espontánea e anónima da figura deste poeta nas prazas de Vigo, onde un autor descoñecido realizou varios grafitis coa súa imaxe.


Informa de que se van subastar obras de Seoane, Castelao, Del Riego, Blanco Amor, Cabanillas, Pondal e Díaz Pardo na terceira edición da poxa de María Fechoria&Asociados, que terá lugar en Poio, Pontevedra. Apunta que O *Libro Histórico Galego* é o nome da sesión e que todos os exemplares son primeiras edições, a maior parte ilustradas por Arturo Souto, Laxeiro, Colmeiro ou Maruja Mallo. Apunta que unha das pezas máis importantes é a *Descripción do Reino de Galicia*, de Fernández Ojea. Recóllese que, aínda que conta con pouco apoio institucional e un prezo baixo inicial de saída, se pensa que son documentos de grande importancia e transcendencia histórica e cultural.


Faise eco de que o dezasete de maio de 2011 estará dedicado ao poeta Lois Pereiro. Dáse noticia das súas obras e da súa participación en revistas como *Loia* ou *Luces de Galicia*.


Apúntase que o dezasete de maio de 2011 estará dedicado ao poeta Lois Pereiro, quen publicou en vida só dúas obras: *Poemas* (1992) e *Poesía última de amor e enfermidade*.
(1995), nas que se fan patentes as pegadas expresionistas e mais as referencias á literatura xermánica. Saliéntase a súa participación en revistas e o seu irmán Xosé Manuel Pereiro considéran un “outsider”.


Fálase da mostra “Biblioteca de Libros Fantásticos” que organiza o Concello de Cerceda e Títeres Cachirulo. Expícase que o obxectivo é acercar o obxecto-libro “baixo unha mirada aberta que esperte a imaxinación”.


Entre outras novas, dáse conta brevemente da presentación na Casa de Galicia de Madrid de *Ramón Piñeiro e a revisión do nacionalismo* (2009), de Miguel Barros, á que asistiron o autor e o director xeral da Editorial Galaxia, Víctor F. Freixanes, entre outras personalidades.


Infórmase da celebración dun taller dentro do Festiclown 2010 para a formación de mulleres clowns en reivindicación, segundo Darina, actriz mexicana encargada de impartilo, da figura feminina dentro dun mundo de homes.


Dá conta da presentación de *Corazón entre desertos* (2009), de Tucho Calvo, na que este explicou o seu oficio literario similar ao traballo nun “xardín serodio”. Recolle que Calvo reivindica a felicidade de apreciar as pequenas cousas cotiás, que lle serviron para reescribir dezanove contos publicados en *Corazón entre desertos* (2002), aos que sumou tres tirados de *Astra o confín* (1982) e a ilustración de Xaime Quessada para este volume no que tamén inclúe unha ilustración de Miguelanxo Prado. Remata apuntando que o autor, Tucho Calvo, referiu que nesta reescritura perviven as súas teimas: “a comunicación, a soedade e a emigración”.


Dáse conta da presentación, na casa consistorial de Lugo, da reedición dos seis números da revista *Ronsel*, levada a cabo polo Centro Ramón Piñeiro, publicación que acolle a edición facsímil de número que conmemoraba o cincuentenario e un estudo de Otello Tavari, no que cualifica á revista como un “exemplo de vangarda intelixente”, capaz de influír na cultura por moito tempo. Asemade achégase a nómina de colaboradores.

Anúnciase a conferencia “No 125 aniversario da morte de Rosalía de Castro: cousas que cómpre sabermos”, que impartirá en Sarria o profesor e catedrático en Filoloxía Latina da Universidade de Granada Andrés Pociña Pérez, estudos da literatura galega en xeral e da figura de Rosalía en particular sobre a que ten publicados sete libros en colaboración con Aurora López.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto ofreceu *Xornal de Galicia*. Nesta ocasión para adultos reproducense “Crise”, de Antón Sobral.


Informa da homenaxe que se lle rendeu en Rianxo a Castelao por mor do sesenta aniversario da súa morte e reproduce as opinións de varios cargos políticos asistentes ao acto. No breve aparte “Todo a punto para expropiar la casa” apunta a intención do concello rianxeiro de expropiarse a casa natal de Castelao, declarada BIC, ante a negativa da familia de vendela.


Dá conta do labor desenvolvido pola Fundación Castelao dende a súa constitución en 1984 para lograr catalogar toda a obra pictórica do autor rianxeiro. Explica como o historiador rianxeiro e trinta estudiosos da obra de Castelao levaron a cabo ao comezo do traballo un labor de descuberta de “tesouros ocultos” de Castelao que rematou coa catalogación de tres mil oitocentas obras pictóricas que supoñen o noventa por cento do total. Remata apuntando que este traballo de catalogación que, recentemente presentaron en Rianxo distintas personalidades da cultura galega, puido ser rematado grazas ao apoio da Consellería de Cultura o ano anterior.


Apunta que Francisco Fernández del Riego deixou de exercer como director da Fundación Penzol tras corenta e seis anos e que propuxo para remplazalo a Francisco Domínguez Martínez, que foi elixido por unanimidade. Resume brevemente o perfil profesional do elixido e a opinión do vicepresidente da Fundación, Alfonso Zulueta. No aparte “Cánticos e pombas no noventa e sete aniversario de don Paco” informa da iniciativa que tiveron os seus amigos para agasallalo nesa data: ceibar unhas pombas


Recóllense as declaracións de Francisco Fernández del Riego, quen anuncia que deixa de publicar o seu artigo semanal no suplemento “*Culturás*” de *La Voz de Galicia*. Asemade, realizase unha breve semblanza da súa faceta como articulista e impulsor de múltiples actividades culturais, escritor e intelectual galeguista, académico e noutrora presidente da Real Academia Galega.


Comenta que a morte de Francisco Fernández del Riego aos noventa e sete anos foi motivo de achegamento dos seus innumerábeis amigos para dar o pésame aos familiares, un intelectual tan querido por todos polo seu traballo incesante na dirección da Fundación Penzol e por manter lúcida a súa retranca até o final, sempre lendo, sempre co seu puro preto e o seu whisky despois de xantar, para este artífice da Editorial Galaxia xunto a Ramón Piñeiro e Xaime Illa Couto. Apunta que fixo de todo por Galicia, na política e no eido cultural, creando o Día das Letras Galegas, presidindo a Real Academia Galega, entre outras actividades. Dá conta de que o seu último desexo foi descansar a carón da súa muller, en Nigrán, que sempre expresou a ansia por atoparse con Castelao e outros amigos na viaxe alén da vida porque nunca tivo medo á morte. Resúmense parte da súa biografía e da súa obra publicada, ademais dos numerosos premios recibidos, entre os que se mencionan, a Medalla Castelao (1985) e o recoñecemento de Vigués Distinguído e Galego Ilustre, que tanto merecía pola súa traxectoria.


Nesta sección o *Xornal de Galicia* acolleu relatos inéditos durante o mes de agosto. Nesta ocasión para adultos reproducése “Tabaco e sal, mestura de amor”, de Fernando Soto Loureiro.


Inclúese o poema “Cheguei ata aquí...”, d’*A árbore seca* (2008), de David Souto.

**Souto, Paco,** “De ‘As horas de María”, *Galicia Hoxe*, “MARÉ”, 9 xullo 2010, p. 32.
Reprodúcese o poema “EXTRAPERLO” do poemario *As horas de María* (2007), de Paco Souto.


Insírese o poema “Herbaseca” do poemario *As horas de María* (2007), de Paco Souto.


Inclúese o poema “CANTIGA” do poemario *As horas de María* (2007), de Paco Souto.


Explica que a comarca do Barbanza, berce de Valle-Inclán, Castelao, Dieste e Manuel Antonio, puxo en marcha as chamadas estancias literarias, apoiadas pola Consellería de Cultura, paquetes que inclúen aloxamentos en casas rurais, menús literarios, visitas teatralizadas e contacontos nocturnos para que os visitantes poidan coñecer mellor a biografía destes autores. Informa de que en Rianxo hai un mariñeiro que representa os debuxos de Castelao mentres outros percorren as rutas máis importantes da vila por onde trancorreu a vida destes ilustres escritores. Destaca entre as atraccións gastronómicas o menú Manuel Antonio a base de produtos mariños, e outros máis variados en diferentes restaurantes da contorna, unha maneira de poñer en valor o patrimonio cultural e turístico desta zona que pretende converterse en referente das viaxes en familia ao contar tamén con actividades para que os nenos acrecenten os seus coñecementos dun xeito lúdico.


No comentario da novela *Unha historia que non vou contar* (2009), de Xosé Cid Cabido, salienta que nela se cuestionan “os moldes da propia ficción” e que parte dun suceso real sucedido en Vigo nos anos setenta. Remata apuntando como achega á novela a súa intriga, o humor, a orixinalidade e as constantes referencias cinematográficas.


Infórmase de que Vía Láctea xunto coa Editorial Galaxia levarán ao cine o libro *A esmorga*, de Eduardo Blanco Amor. Indícase que a presentación se fixo no Festival Internacional de Cine de Ourense.

Fálase da mesa redonda na que participaron Manuel Rivas e Antón Reixa na Semana Auria da Literatura Histórica. Indícase que o moderador foi Miguel Anxo Fernández e que o tema central foi a relación entre cine e literatura, para o que partiron dunha frase de Saramago. Refírense á película O lapis do carpinteiro e fálase doutras obras literarias que tamén foron levadas ao cinema, como Os mortos, de Joyce, ou A Odisea, de Homero. Apúntase que autores como Mario Vargas Llosa ou Javier Marías “nunca quedaron satisfeitos coas adaptacións que se fixeron de varias das súas obras”.


Fálase da celebración do noventa aniversario da publicación da revista Nó. Indícase que será utilizado como gancho para que a cidade de Ourense consiga a denominación da Cidade Europea da Cultura no ano 2020. Anúnciase que se publicará unha edición facsímile da revista e que a Real Academia Galega celebrará unha sesión extraordinaria. Infórmase, tamén, da conferencia “Burgomuseo Literario e Antropolóxico de Ourense” a cargo de Xan Rodríguez González e Camilo Fernández Valdehorras no Ateneo de Ourense.


Informa de que un acto cívico celebrado en homenaxe do historiado ourensán Marcos Valcárcel foi moi emotivo, e que se aproveitou para facer mención a Lamas Carvajal, á Xeración Nó ou a Bóveda, nómina que agora pasará a engrosar o homenaxeado. Explica que Méndez Ferrín fixo fincapé no compromiso militante e a reinvidicación da historia para o país que sempre reclamara Valcárcel, labor que desenvolveu parte da súa vida. Apunta que entre os asistentes destacan Suárez Canal, o editor Henrique Alvarellos, o seu gran amigo Vázquez Monxardín e outros representantes institucionais da cidade nun acto que rematou coa lectura dunha carta do falecido ditada aos seus colaboradores agradeceo os recoñecementos, os premios e os coidados ante un público emocionado cando a súa filla interpretou un tema de Caetano Veloso, “Navegar é preciso, vivir non é preciso”.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu Xornal de Galicia. Neste caso reproducense o realizado por Diego Taboada, intitulado “O xastre”.

Acóllese o texto narrativo titulado “As trompas”, de Nacho Taibo.


Recolle as palabras coas que Helena Villar Janeiro, presidenta da Fundación Rosalía de Castro, pechou o seu discurso de benvida ao encontro cos representantes portugueses da Universidade Sénior de Famalicão e da Fundación Castelo Branco. Explica que o encontro se iniciou cunha intervención de Villar Janeiro na que fixo unha lembranza biobibliográfica de Rosalía de Castro, en sintonía coa cualificación “Rosalía, poeta con varios poetas dentro” que desto poeta fixera Xesús Alonso Montero, e que continuou coas intervencións de representantes lusos de ambas as institucións, tendo como peche do encontro declamacións de versos de Rosalía de Castro e de Castelo Branco por parte de varios membros de ambas institucións, galega e lusa.


Comeza lembrando unha cita de David Hume referida á semellanza do futuro co pasado para explicar que con motivo do vinte e tres de abril os libreiros despregan unha “manobra amistoso-invasiva que busca gañar adeptos fóra das librarías”. Informa da presenza de vairas editoras nos puntos de venda da ourensana rúa do Paseo e recolle fragmentos do discurso do conselleiro de Cultura, Jesús Vázquez, celebrado no marco da iniciativa “ÁgoraLibros” levada a cabo na praza Maior coa que se escribiu con miles de libros un verso do poema “Negra sombra” de Rosalía de Castro.


Infórmase que o dezaseis de novembro de 2010 tivo lugar en Mondariz Balneario unha homenaxe a Ramón Cabanillas e máis que nese mesmo acto se presentou unha edición facsímile do libreto *O Mariscal. Lenda histórica, traxediada* que conta cun prólogo de X. L. Méndez Ferrín.


Reprodúcese o poema “sen título”, de Dores Tembrás.

Informa que o profesor da universidade da Sorbona Jorge Vaz organizou con Sadi Lakhadari o congreso “Dúas voces da literatura galega contemporánea” no que doce académicos de Europa e EE.UU. analizaron a obra de Manuel Rivas e Suso de Toro. Apunta que Vaz coñecera hai anos a obra de Suso de Toro e que tempo despois, grazas a unha edición portuguesa d’O lapis do carpinteiro, descubriu a Manuel Rivas, sobre quen fixo a súa tese de doutoramento. Indica que Vaz, axudado pola profesora Dolores Vilavedra, mobilizou a expertos de todo o mundo para estudar o naufraxio, a emigración, o ecofeminismo e a poesía posnacional na obra de ambos escritores galegos. Recolle as opinións de Rivas; de Benoit Mitaine, da universidade de Caen quen na súa tese estuda a identidade galega na obra de De Toro a partires d’A sombra cazadora (1994); de Catherine Puig sobre “poética de fronteira” na idea da emigración expresada por Rivas en obras como Os comedores de patacas (1991) e Os libros arden mal (2006); de Vaz, quen estudou para este encontro a psicanálise en ¿Qué me queres, amor? (1996) e O lapis do carpinteiro (1998); de Kirsty Hooper, quen estuda a Rivas como “posnacional”, e de Elina Likanen, quen observa o tratamento de Rivas da guerra civil como forma de “crear solidariedade con outros grupos oprimidos”.


Infórmase do II Encuentro Internacional de Poetas que organiza a Asociación Cultural República das Letras. Fálase do programa do encontro do que destaca, por exemplo, a lectura de poemas ao aire libre e a presentación dunha antoloxía poética coordinada por Mila Pérez Villanueva. Indícase que esta edición do encontro é en homenaxe a Aurora Vidal Martínez con motivo do centenario do seu nacemento.


Coméntase a representación da obra teatral Before I sleep, na cal participa Xelís de Toro e que se levará a cabo no festival de Brighton. Anunciase que está inspirada na obra de Antón Chekhov O xardín dos cereixeiros, e pertence á compañía británica Dreamthinkspeak. Proporcionanse datos a cerca do argumento da obra, unha narración en clave cómica do declive económico da aristocracia rusa, do escenario, un edificio de catro plantas cohabitado por vinte e tres actores no cal os espectadores se van desprazando polas distintas estancias.


Entre outros aspectos, destácase que dos cinco escritores galegos que se encargarán de elaborar o guión do primeiro filme X en galego están “dous Premios Xerais”. Indica que un dos guionistas, Alejandro Tobar, foi quen tivo a idea e foi quen lle fixo a proposta ao resto. Recolle que este filme tira o seu nome do “poema satírico anticlerical” O divino saíntete (1888), do celenovés Manuel Curros Enríquez. Reproducese un fragmento do guión que se pode consultar en liña.

Infórmase das dúas novas edicións do curso “Cultura do Viño, Literatura e Música” organizado por Xavier Castro. Explícase que un dos cursos está orientado a novos alumnos mentres que o outro se enfoca aos máis veteranos. Indícase que o obxectivo é “integrar a cultura do viño coa creación literaria e musical”, polo que se comentarán aquelas obras literarias nas que se menciona o viño, como é o caso de autores como Charles Baudelaire, Álvaro Cunqueiro, Rosalía de Castro ou Pablo Neruda, entre outros. Ofrécese o programa dos cursos.


Informa de que Marilar Aleixandre, Fina Casalderrey, Luísa Castro e Xosé Carlos Caneiro participaron nun congreso, organizado pola Xunta de Galicia, sobre violencia de xénero e a relación que esta ten coa novela negra. Explica que todos estes autores ven na literatura un espazo para reflexionar sobre a muller e as súas responsabilidades, un lugar onde as féminas teñan participación directa á hora de intervir en todos os eidos da sociedade actual. Reproduce os diferentes aspectos da muller á hora de padecer a violencia, o seu rol dentro da familia e os efectos que isto causa nos fillos das parellas para, finalmente, engadir un poema de Luísa Castro sobre a vida das mulleres soas, traballadoras e nais de familia que loitan por saír adiante pese ás trabas sociais impostas.


Destácase a importancia da figura de Ramón Piñeiro durante o franquismo e o labor cultural e ideolóxico da editorial Galaxia, pois chaman a atención publicacións con portadas de Xohán Ledo, Laxeiro, Posada, Virxilio ou Seoane, imaxes que eran o símbolo dun compromiso coa terra como as publicadas por Seoane en *La Voz de Galicia* na sección “Figuracións”. Saliéntase a Seoane por ser un prodixio na selección das súas figuras además de incisivo e elegante, dando continuidade a ese proxecto de país que se iniciara para algúns dende o exilio e que traía un aire fresco e cosmopolita dende un país liberado, por iso o seu pulo e a súa intelixencia foron fundamentais para unha Terra imaxinada ao lonxe por un artista e un home de moita grandeza e tan frutífero para o desenvolvemento cultural galego.


Dedica este artigo a explicar as razóns que o levaron a deixar de ser escritor e reintegrarse á súa praza de profesor de ensino medio. Indica que, ante os rumores que andaban a circular, decidiu contalo el mesmo no seu blog. Sorpréndelle que sexa noticia que “algúen pase de dedicarse á escrita a dedicarse ao ensino” e alédalle saber que “à
sociedade galega xa lle importan os seus escritores” fronte aos anos oitenta cando el se iniciara e debido a que “a sociedade á máis madura que os poderes que a tutelan”. Respecto aos motivos do seu mutis, apunta que abondaría coa crise económica que agudizou “a crise das industrias da comunicación, do xornalismo, da edición de libros”, da que achega varias das súas consecuencias, que resume en que “a miña figura de escritor, de autor que vai tecendo unha obra, xa non ten lugar” e que neste tempo “sen memoria” só ten sentido a novidade e “todo é espectáculo”. Precisa que Sete palabras (2009) xa fora “unha despedida como tal” porque “un sente que literariamente xa dixo o que tiña que dicir, máis nada”, sensación que atribúe a atravesar a fronteira dos cincuenta anos e a que os escritores chegan a “sentir afogamento” por vivir mental e emocionalmente o seu país. Reflexiona sobre aspectos xa tratados en varias obras: a nula consideración do escritor en lingua galega, a idea sabida e asumida de que “ser escritor galego é apandar cunha carga ética e moral en por si” e sobre que este precisa da tradución para poder vivir da súa obra. Considera que “a relación particular do autor coa literatura galega nunca cambiará” por máis que el crea que “un autor afortunado” grazas ao respaldo dos lectores e pese ao custo pagado por ter significado en “temas sociais e posíciuns políticas”. Remata destacando que “nunca a literatura galega foi tan diversa” e solicitando do director de El País seguir mantendo un espazo para tratar de escritores, libros e “outras cousas miúdas”.


Faise un repaso da traxectoria vital de Francisco Fernández del Riego, un fillo ilustre de Galicia pola súa lucidez e gran valía que padeceu a guerra e o franquismo, xa que dende o seu nacemento, alá por 1913 tivo afección pola lectura, xa o seu pai era líder agrario da comarca. Tiña vocación de escritor literario pero esa veríase frustrada por outras necesidades, compartiu aulas con Cunqueiro, participou dos parladoiros madrileños na súa época de estudante de dereito con persoas coma Dieste, Torrente, Maside ou Lugris; coñece ali tamén a Teoría do nazonalismo galego de Vicente Risco e entra en contacto co galeguismo político. Logo virá o Seminario de Estudos Galegos, a participación nos mitins políticos nos anos trinta e a súa participación en innumerables xornais, algúns republicanos, como El Pueblo Gallego ou A Nosa Terra. A guerra obrigou a afocharse e a trasladarse a Vigo baixo a protección de Valentín Paz Andrade. Virá logo a longa amizade con Maside e o contacto con Ramón Piñeiro botando a andar Galaxia, presidida por Otero Pedrayo, mentres volve medrar o nacionalismo nos anos 60, longos anos de traballo político e cultural que o levaron á presidencia da RAG; unha vez máis seguiu sendo o lazo de unión entre intelectuais do galeguismo, entre os do interior e os do exilio. Foi un patriarca que será lembrado pola súa personalidade afábel e cordial.


Sinálase que a figura de Rosalía de Castro pasou por diferentes fases na súa asimilación pola sociedade: dende ser obviada ou manipulada na súa época (a da Restauración borbónica, na que se produce o traslado dos seus restos mortais ao Panteón, feito auspiciado polo clero e a burguesía e denostado polos progresistas e intelectuais por
levarse a cabo por aqueles que non vian con bos ollos a obra da autora) até converterse nunha marca (“Rei Zentolo” comercializa a “Rosalía Monroe” pola súa significación dentro da cultura galega, tan semellante, segundo eles, a de Marilyn na cultura norteamericana), pasando pola representación como romántica chorona (segundo Azorín, ela era unha “romántica rezagada”) ou o intento da xeración de Daniel Rodríguez Castelao de recuperar a súa imaxe combativa e política, sen conseguido por poder máis a imaxe oficial da escritora.


Recóllense as afirmacións de Pilar García Negro, estudiosa de Rosalía de Castro, tales como que se despreza a súa obra por parte das institucións actuais, aínda que a autora é un símbolo progresista e moderno. Así, manifesta que “ábrese paso a idea da extraordinaria potencia creativa da súa obra, da súa cultura, do talento creativo contestatario e revolucionario da súa obra”, pero que “a súa homenaxe está a cargo de organizacións cívicas e do nacionalismo, e non do goberno, que sería o lóxico”.


Destácase o éxito das novas novelas policiácas, de crimes e misterio, de Domingo Villar, Ollos de auga (2006) e A praia dos afogados (2009), protagonizadas polos mesmos personaxes: un inspector de policía da comisaría de Vigo, Leo Caldas, e un aragonés incapaz de comprender o talante galego, Rafael Estévez. Coméntase que a primeira conta o asasinato dun saxofonista na torre de Toralla, mentres que a segunda se centra na morte dun mariñeiro en estrañas circunstancias, casos que deberán resolver os protagonistas, en tramas cheas de intriga e humor.


Entre outras actividades, anúnciase a homenaxe no Teatro Rosalía de Castro da Coruña ao poeta Manuel María polo seu compromiso coa cultura galega.


Percorrido pola primeira estadía de Manuel Curros Enríquez en Madrid, entre 1866 e 1877, anos nos que “toma conciencia de seu inserindo a lingua na descrición do país”. Recolle opinións do profesor Francisco Rodríguez Sánchez e do científico Xosé Rodríguez Carracido sobre a lembranza dos aniversarios dos escritores que se fai noutros países fronte a Galicia, xa que o centenario da morte de Curros Enríquez en 2008 non tivo repercusión mediática. Explica como foi a viaxe de Curros a Madrid en 1866, a relación que matiña con seu pai e irmáns e os estudos aos que asistiú na capital madrileña, destacando que optara por “combinar os estudos de Bacharelato cos de
Dereito, que nunca rematará”. Dá conta do seu matrimonio civil e relixioso, do tempo que estivo no cárcere do Saladero e das súas primeiras achegas xornalísticas.

**Tuñas, Olalla, “Ferretes do país”, Diario de Pontevedra, “Vivir aquí”, 30 setembro 2010, contracuberta.**

Indica que os escritores galegos Diego Ameixeiras, Iolanda Zúñiga, Xabier Cid, Begoña Paz e Alejandro Tobar son os guionistas do “primeiro filme X en galego”. Conta que xa se pode consultar en liña o argumento e apunta que o título alude a *O divino sainete* (1888), de Manuel Curros Enríquez, e que tamén aparecerán no guión “chiscadelas” a Rosalía de Castro. Precisa que o filme é unha iniciativa da organización virtual GalegoLab para contribuír á normalización no emprego do galego.

**Trillo, J., “Teatro y música centran los actos de la casa de la cultura de Vimianzo”, El Correo Gallego, “Área de Compostela”, 29 setembro 2010, p. 26.**

Infórmasese do programa de actividades que organiza o Concello de Vimianzo e no que estará presente o teatro, a música e a danza. Cítase, por exemplo, a sesión de contacontos infantis que terá lugar na biblioteca.


Indica que é o terceiro ano que a Casa-Museo Rosalía de Castro participou na conmemoración do Día Mundial da Poesía. Explica que realizou unha lectura pública e aberta dos versos desta poeta e apunta os colectivos aos que pertencen algúns dos participantes. Precisa que a propia Casa-Museo achegaba o libro para a lectura, actividade á que convidara a distintas asociacións do concello de Padrón e ao público en xeral.


Recolle a recepción que se lle fixo a Sergio Toledo, presidente da Federación de Sociedades Galegas de Cuba e do Centro Cultural Galego da Habana Rosalía de Castro, na Casa–Museo de Rosalía de Castro por parte do concelleiro de Cultura de Padrón, Eloy Rodríguez, e os responsábeis da institución rosaliana. Faise referencia tamén aos emigrantes cubanos que axudaron a Rosalía nos últimos e precarios anos da súa vida.


Recóllese a publicación da obra *Palabras que ten ás*, de Darío Xohán Cabana, con motivo do centenario do periódico *La Voz de la Verdad*. Por outra banda, saliéntase que o volume contén cen poesías extraídas das diferentes publicacións de dito periódico. Por
último, faise referencia ás ilustracións feitas por Anxo Barreiro e á realización do prólogo por Cabana.


Reprodúcese nesta sección fixa a composición “Amor”, de Marga do Val.


Informase da participación de Olga Novo nun acto na súa vila natal, A Pobra do Brollón, no que se puxo o seu nome á casa da cultura por ser “a persoa máis relevante do municipio dentro do ámbito cultural durante o último século”, en verbas do alcalde da localidade. Refírese o contido do discurso de agradecemento da poeta, quen lembrou a todos aquellos “que foron veciños nosos e morreron por defender a democracia” e fixo fincapé en que o seu nome na casa da cultura “tamén significa muller, lingua e traballo”.


Faise referencia á despedida do historiador Marcos Valcárcel no seu blog As Uvas da Solaina para dar as grazas a amigos e amigas, a entidades como o Pen Clube de Galicia, a Asociación de Escritores en Língua Galega e a Asociación de Editores Galegos, entre outras.


Reprodúcese a presentación que fixo Marcos Valcárcel de Francisco Fernández del Riego como presidente da Real Academia Galega por mor da inauguración dun ciclo ourensán dedicado a Castelao no 50 aniversario da súa morte en Bos Aires. Expúxeuse que se escolleu a Fernández del Riego porque forma parte de historia da Galicia contemporánea e foi o fio condutor de todo o que aconteceu na historia do país. Indícase que a voz de don Paco é a imaxe de Galicia e así será lembrado no século XXI, unha xeración que loitou pola lingua e pola cultura propias, unha figura só comparábel á de Manuel Murguía ou Ramón Otero Pedrayo pola laboura que desenvolveu, por exemplo, no Seminario de Estudos Galegos, na constitución de Galeuzka e no Partido Galeguista na clandestinidade, multiplicándose en pseudónimos Salvador de Lorenzana ou Cosme Barreiros, sendo autor de libros como Galicia no espello (1954). Apúntase que foi e é un símbolo da forza de vontade e do esforzo para a revitalización da vida cultura galega, un corazón xeneroso cheo de vida e memoria fructífera.

O articulista lembra que as súas primeiras lecturas comezaron cos tebeos, dos que eran os os seus preferidos os de “Crispin”, coas lecturas mitolóxicas e con clásicos grecolatinos como A Iliada ou A Odisea. Recoñece que sen dúbida A divina comedia, de Dante, marcou esta etapa da súa vida, igual que os poemas de Quevedo ou o teatro de Shakespeare, para continuar logo co Werther, de Goethe, ou con Frankenstein e Drácula que, xunto aos relatos de Lovecraft, produciron os primeiros medos. Indica que as súas obras preferidas foron as novelas de García Márquez, Sábado ou Borges, xunto ás de Mario Vargas Llosa, e os versos de Pablo Neruda, para namorar as mozas. Afirma que tamén incursionou na liríca arábigo andaluza e nos haikus xaponeses, ademais de Cavafis ou Whitman. En canto ás letras hispánicas destaca a Alberti, Lorca, Valente ou José Hierro a carón dos portugueses Fernando Pessoa ou Miguel Torga. Apunta que hai milleiros de libros na súa biblioteca: dende Steinbeck até Nabokov ou Auster, pasando por Torrente Ballester e Emilia Pardo Bazán, podendo seguir cunha longuísimax listaxe de recomendacións como Dostoyevsky ou C. S. Lewis. Da literatura galega salienta a Blanco Amor, Cunqueiro, Pimentel, C. E. Ferreiro, Manuel María ou Luz Pozo Garza, e tamén os libros de Méndez Ferrín, Carlos Casares, Manuel Rivas, Víctor F. Freixanes, Olga Novo, Suso de Toro, Miguel Anxo Fernán Vello ou María do Cebreiro, que son entre outros moitas parte das súas lecturas. E no apartado do ensaio quere, finalmente, destacar as obras de Eduardo Galeano, Octavio Paz ou Kapuscinsky, entre outras moitas recomendacións que se poderían facer de marabillosas lecturas.


Nómina dos libros que marcaron a infancia, adolescencia e primeiras lecturas de nove escritores galegos: Francisco Calo Lourido, Alexander Vórtice, Fina Casalderrey, Manuel Jabois, Marilar Aleixandre, An Alfaya, Luis Rei, Manel Loureiro e Santiago Jaureguía. Estes autores escollén os libros que marcaron as súas vidas e explican a significación de cada obra. Así, Calo opta por Os Pescadores (1925), de Raul Brandão; Vórtice por ¿Qué me quieres, amor? (1995), de Manuel Rivas; Casalderrey por Enderezo descoñecido (1938), de Katherine Kressmann (quen asina como Kressmann Taylor); Jabois por Vento ferido (1967), de Carlos Casares, libro co que se animou a escribir tras lelo na adolescencia; Marilar Aleixandre por Poemas y canciones, de Bertol Brecht; An Alfaya por Juegos de la edad tardía (1989), de Luis Landero; Luis Rei por Historias e invenciones de Félix Muriel (1943), de Rafael Dieste; Loureiro por Rebelión en la granja (1945), de George Orwell, e Santiago Jaureguía por Zalacaín el aventurero (1908), de Pío Baroja.


Recólense as reflexións do líder do Bloque Nacionalista Galego sobre o Día de Galicia como oportunidade para reclamar maiores cotes de autogoberno. Con respecto ao Día das Letras Galegas, lémbranse as primeiras celebracións de 1964 e 1965, dedicadas a Daniel Rodríguez Castelao e Eduardo Pondal respectivamente, que se describen como actos de escasa repercución en comparación cos actuais debido ás incorporacións das primeiras promocións de língua e literatura galegas.

Infórmase do proxecto de Ignacio Vilar de levar ao cine a novela A Esmorga, de Eduardo Blanco Amor, cunha adaptación aos tempos actuais. Engádese que a idea de levar esta obra ao cine xa xurdira no ano 1977 cando un grupo de mozos decíron crear Nos Cinematográfica xustamente con ese obxectivo.


Fálase da clase maxistral que Xosé Luis Méndez Ferrín deu no cárcere de Pereiro de Aguiar onde falou sobre o idioma galego, a literatura, a política e a historia. Indícase que Méndez Ferrín citou a autores como Rosalía de Castro e Celso Emilio Ferreiro como contribuíntes á defensa da lingua. Recóllese a pregunta que un dos reclusos lle fixo en relación á súa estadía no cárcere como preso político. Citase a súa obra Arnoia, Arnoia (1985), volume que o escritor recomendou aos presentes por ser un libro “que trata dun rapaz que busca a liberdade”.


Reprodúcese o poema “(tumba de alexandre bóveda)”, pertencente ao poemario Arcaico o tempo que respira (2008), de Paulino Vázquez.


Insírese “O áspero tempo que respira na penumbra, na eterna…”, poema incluído en Arcaico o tempo que respira (2008), de Paulino Vázquez.


Fálase con Paz Vázquez, comisaria de Auria, sobre o éxito das semanas temáticas de literatura. Indícase que se trata dunha feira onde os libreiros ofrecen as súas distintas publicacións. Apúntase que nela participarán autores como José Luis Corral ou Almudena Arteaga, ademais de haber diferentes debates, como un no que participarán Manuel Rivas e Antón Reixa para falar sobre cine e literatura e da creación d’O lapis do carpinteiro.

Nesta sección o Xornal de Galicia acolleu relatos inéditos durante o mes de agosto. Nesta ocasión reproducéese “Ollos de lobo”, de Pablo Vázquez Iglesias (vinte e cinco anos).


Fálase da inauguración por parte de Xerardo Fernández Albor dunha aula dedicada ao intelectual Ramón Piñeiro no xeriátrico A Veiga, da Pobra de San Xiao. Maniféstase que esta aula será utilizada para eventos sociais e culturais. E tamén se comenta que o peche da inauguración se levou a cabo coa interpretación do himno galego polo gaiteiro Marcos Vázquez.


Sección fixa que reproduce nesta ocasión o poema “Confidencia imposible...”, de Antonio Vázquez Tierra.


Informa do comezo da Feira do Libro 2010 en Marín á que asistiron Manuel Torres Viqueira, quen asinou exemplares da súa novela *Vento mareiro*, e Pepe Carreiro, autor da serie infantil “Os Bolechas”. Indica que se celebrou un recital no que participaron Cesáreo Sánchez Iglesias, Gonzalo Navaza, Marilar Aleixandre e Luis González Tosar.


Informa da celebración dun faladoiro sobre lingua e literatura galegas desenvolvido na biblioteca municipal Vidal Pazos, de Marín, no que interviron o profesor de literatura galega Anxo Angueira e a investigadora Ana Outón.


Insírese o poema “A caída”, de Rafael Velasco.


Díse que Claudio Rodríguez Fer impartiu un obradoiro poético na Biblioteca Pública de Pontevedra, dentro do programa cultural “Letras vivas” da Consellería de Cultura.

Dáse noticia de que Goretti Canario presentou o seu libro de poemas *Entre abril e decembro*, o terceiro título da colección “Cíes”, dedicada á poesía, e continuación da denominada “Tambo”, na que xa se editaron libros de Manuel Janeiro e Sabino Torres.


Fálase da existencia de camposantos que poden ser considerados “auténticos museos ao aire libre”. Citanse alguns como O Pantéon de Galegos Ilustres, onde están enterrados Rosalía de Castro e Alfredo Brañas; San Amaro, onde se atopa Eduardo Pondal e Juana de Vega; San Francisco en Ourense, onde están os restos de Vicente Risco e Ramón Otero Pedrayo, ou o cemiterio de Mondoñedo, onde se atopa Álvaro Cunqueiro. Indícase que os camposantos de Lugo e Camariñas son os únicos cemiterios municipais de Galicia que están incluídos na Asociación de Cementerios Significativos de Europa.


Semblanza da figura de Fernando Pérez-Barreiro por mor da súa morte, na que destaca que fora xefe de tradución da Organización Internacional do Café, profesor da universidade de Westminster, tradutor ao galego de clásicos universais como Lewis Carroll, William Shakespeare e autores chineses, colaborador do suplemento “Nordesía” e de *A Nosa Terra*, ademais de coñecer quince linguas e promover o coñcemento da lingua galega en Londres ao crear un Grupo de Traballo Galego para fornecer de materiais en galego ao profesorado. Refire que o labor como tradutor foi recoñecido pola Xunta de Galicia, que recibiu a Medalla Castelao e que mereceu o premio ao mellor labor cultural 2006, que concede o seu ferrolán concello natal.


Indícase que María Lado e Lucía Aldao “reinventan con concepto recital ao unir versos con espectáculo”. Fálase de “A hostia en verso”, o seu último proxecto que se anuncia como una “gran velada poética”. Citase o seu poemario musicado *Berlín*.  

1348

Repaso polas obras publicadas en galego no ano 2009. Respecto á poesía apunta que os poetas galegos seguen a transitar ou cuestionar a memoria, como ocorre coas voces consagradas de Román Raña n’*O silencio das palabras* e Alfonso Álvarez Cáccamo en *Sebes contra o vento*, e mesmo nas novas voces de Mario Regueira en *Blues da crecente*, Xiana Arias en *Acusación*, no primeiro poemario de Branca Novoneyra, *Dentro do labirinto*, e en *Palabras para un baleiro*, de Baldo Ramos, un “poeta e artista inclasificable” de quen destaca a súa “sobriedade discursiva” e que baleira as palabras até “convertelas no espazo do non discurso”. En relación á narrativa coma que “semella camiñar nos bicos dos pés agardando que remate a costa de xaneiro” pero que grazas á estratexia editorial de Sotelo Blanco Edicións de ir dosificando as súas publicacións pódese ler *A muller do mediodía*, de Julia Franck, novela orixinal polas dúas protagonistas e sobre todo por como as encadra a autora na época; e *Areaquente*, de An Alfaya, da que destaca a versatilidade e inconfonxionalismo creativo da autora. Ademais coma que dúas novelas que tratan o “mundo da corrupción do establishment” no que se apoia o franquismo “para sobrevivir”: *Un tipo listo*, de Xosé Monteagudo, da que critica o exceso de tecnicismos financieros e o anódino protagonista; e *Unha historia que non vou contar*, de Xosé Cid Cabido, de quen loa o aproveitamento que fai do asasinato dun empresario conserveiro nos anos setenta e como consegue amosar “o potencial literario de Vigo”, reflectido xa en *Panificadora* (1994). Recomenda para os que queiran enfrentar os desafíos da “mellor literatura” *Os once*, de Pierre Michon, autor que use en xa o cadro apócrifo de François-Elie Corentin para reivindicar tacitamente a ficción.


Apunta a escaseza de textos literarios contemporáneos que se inspiran no Camiño de Santiago e desenvolven a temática xacobea e destaca a recente publicación da novela xuvenil *A cripta do Apóstolo*, de Pere Tobaruela, “un alófono multilingüe”. Percorre as “ fabas contadas” que tratan o tema e cita os galegos: *As frechas de ouro* (2004), de John Rutherford; *Compostellanum* (2004), de Ángel de la Cruz, e *A cruz dos farrapos* e *Peregrino de sombra* (2009), na colección infantil “Branco de Cores”, ambos de Pere Tobaruela e Ana Boullón. No eido do teatro salienta a achega que supuxo a convocatoria por parte da Xunta do Premio Camiño de Santiago, coincidindo co ano Xacobeo novententa e tres, pois del saíron pezas “tan interesantes” como *O peregrino errante que cansou o demo*, de Xavier Lama, ou *A lexión sonámbula*, de Manuel Lourenzo; e tamén *Dias sen gloria* (Premio Rafael Dieste) e *As actas escuras*, de Roberto Vidal Bolaño. Detense ademais na abordaxe ao priscilianismo en clave histórica que propón Victorino Pérez Prieto no seu estudio *Prisciliano na cultura galega. Un símbolo necesario*. Conclúe aludindo ás novas literarias que máis satisfacción lle causaron, entre as que está o anuncio de que o Premio García Barros de Novela aparecerá editado no futuro tamén en formato dixital para e-book; dúas publicacións dedicadas a Uxío Novoneyra: *Tempo de elexía* e *Do Courel a Compostela*, ambas acompañadas dun CD coa voz do poeta recitando, e *Uxío, poeta do silencio*; e, finalmente, no eido do ensaio, *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, e *George
Steiner en *The New Yorker*, “cuxa tradución debemos entender como un louvable esforzo de poñeremos en diálogo co melloriño do pensamento do noso tempo”.


Nesta sección acóllense os relatos inéditos que durante o mes de agosto e os primeiros días de setembro ofreceu *Xornal de Galicia*. Nesta ocasión reproduúcese “Palabra maldita”, de María G. Villalobos.


Fálase de Camilo Díaz Baliño, pai de Isaac Díaz Pardo, e infórmase de que a Xustiza Arxentina aceptou investigar os crimes cometidos durante o franquismo entre os que se atopa o nome de Díaz Baliño. Ofrícese o poema que Díaz enviou ao seu fillo dende o cárcere. Indícase que Manuel Rivas lle dedicou *O lapis do carpinteiro*. Expícase, tamén, que o concepto de “memoria histórica” naceu en Bos Aires no exilio.


Informa de que “Ex libris Gallaeciae. Dos libros de Galicia” é o título da exposición que chegou á Cidade da Cultura con oitenta e tres ediciones comisariadas por Xosé Ramón Barreiro, expresidente da Real Academia Galega, quen manifestou que se trataba de xoias bibliográficas que demostran que a cultura galega é unha cultura de distinción e que son un exemplo do que define a historia do país. Recolle que Xosé Luís Axeitos, tamén comisario da exposición, afirma que se trata de auténticos tesouros entre os que se inclúen *Los Decretales Gregorii Papae IX*, un exemplar de *Proezas de Galicia*, o libro impreso en galego máis antigo ou o *Catecismo d’a doutrina galega*. Apunta que tamén había unha das cinco versións completas do *Codex Calixtinus*, manuscritos da *Historia de Galicia*, ou o *Sempre en Galiza*, de Castelao. Apunta que outro dos apartados desta exposición contiña o *Coloquio de 24 gallegos rústicos*, de Frei Martín Sarmiento, cartas a Rosalía de Castro ou o Manifesto ¡Máis alá!, de Manuel Antonio, entre outros documentos importantes que renden unha homenaxe á cultura galega do país nun escenario ideal para a súa admiración.


Reprodúcese o poema “Ali”, de Inma Viña.

Entre outras actividades, anúnciase a presentación na feira do libro de Santiago do poemario de Xiana Arias Rego, *Acusación* (2009), na que tamén participarán Carlos Lema e Manuel Darriba.


Entre outras actividades, anúnciase a exposición na Casa da Parra de Santiago titulada “Ao pé do prelo. Luis Seoane. Libros: editor e artista gráfico”, que acolle trescentas pezas, libros e carpetas de grabados.


Entre outras actividades, anúnciase un encontro e unha mesa redonda con Manuel Rivas dentro das actividades de Auria na semana da novela histórica, e as Xornadas de Banda Deseñada na Casa da Xuventude de Ourense.


Informese do recital de poemas na Biblioteca de Fingoi en Lugo como homenaxe do cento vinte e cinco aniversario do falecemento de Rosalía de Castro.


Informa da presentación do catálogo virtual da obra gráfica de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, tras dous anos de traballo na busca e catalogación do mesmo. Apunta as autoridades e figuras da cultura galega que asistiron e recolle a preocupación da Fundación Castelao para lograr recoller unha obra “dispersa e numerosa”. Explica que na base de datos se acollen as colaboracións en prensa, debuxos, cartas, discursos parlamentarios e obras literarias, pero que aínda faltan unhas cen obras sen catalogar. Remat apuntando que este catálogo está á disposición dos investigadores.


Informese do retorno da ópera *O mariscal*, de Ramón Cabanillas e Eduardo Rodríguez-Losada, considerada a primeira obra de autor galego. Expícalose que despois d’*O mariscal* chegaron outros títulos como *O arame*, de Juan Durán e Manuel Lourenzo. Fálase da creación de Rodríguez-Losada, na que se atopa o ballet *El diablo mundo* e a ópera *El monte de las ánimas*. Coméntanse que, malia existir unha obra anterior titulada *Inés e Bianca*, esta non se chegou a representar no seu día.


Comeza explicando que a chegada de Xosé Luis Méndez Ferrín á Real Academia Galega representa o cumio da normalización que se levou a cabo nesta institución dende 2002 cando se elixiu presidente a Domingo García Sabell quen, xunto ao secretario Xosé Ramón Barreiro, decidiu renovar as cadeiras baleiras e dar entrada aos membros que estaban pendentes de ler o seu discurso de ingreso nesta institución. Explica que tamén acordaran seguir unha liña de continuidade a través do reforzo do “peso social e a presenza da Academia na vía pública”. Indica que Méndez Ferrín foi elixido co apoio de vinte dos vinte e tres académicos presentes na sesión do vinte e un de xaneiro, e que Xosé Luis Axeitos pasa a ser o secretario; Manuel González, o tesoureiro; Francisco Fernández Rei, o vicepresidente, e Euloxio Ruibal, o arquiveiro. Recolle as opinións de Méndez Ferrín sobre o labor que vai desenvolver nesta institución, nomeando os obxectivos externos e internos referidos á lexicografía e gramática.


Explica que na monografía Crónica do exilio galego. Venezuela (2009), Xurxo Martínez Crespo dá conta gráfica e documental dos emigrantes políticos a Venezuela. Indica que nas primeiras páxinas o autor estabelece unha simetría entre a vida de exiliado do escritor Rómulos Gallegos e a relación dos exiliados durante toda a súa vida política. Precisa que Crespo tamén sinala que o exilio galego entrou abertamente en Venezuela dende 1945 e que continuou nas décadas dos cincuenta e sesenta, “con repuntes episódicos nos 70 e 80”. Apunta que nos años cincuenta se exilia voluntariamente o pintor e galeguista Xosé Sesto e a republicana María Teresa Cuenca e algúns irmáns seus, que Pura Vázquez e Xoán Noia emigraron intermitentemente en varias ocasións, e que Celso Emilio Ferreiro se decantou polo autoexilio nos anos sesenta.


Dá conta dalgunhas das actividades desenvolvidas para conmemorar o centenario de Luis Seoane, entre elas o congreso organizado pola Fundación Luis Seoane e o Consello da Cultura Galega. Indica que os temas abordados nese congreso foron: a galeguidade en Arxentina, a cultura e a política, o papel dos exiliados como ponte entre a “cultura
democrática e antifascista arxentina” e Seoane como renovador da arte galega. Resume que na universidade de Bos Aires Beatriz Sarlo dividiu en catro etapas a estadía de Seoane en Arxentina, mentres o historiador Fernando Devoto falou da acción dos exiliados na política arxentina e da emigración que estaba “polarizada politicamente”, e destacou que Seoane tentou, aínda que obtivo escasos froitos, ser ponte entre “a vida cultural da súa comunidade inmigrante e a cultura máis xeral arxentina”. Por outra banda recolle que Xosé Manoel Núñez Seixas salientou que a finais dos anos cincuenta existía unha desproporción entre a patria vista polos “antigos residentes mobilizados e emigrantes” e polos “novos inmigrantes”. Apunta que no congreso tamén se tratou que Seoane sintetiza o movemento de renovación da arte galega que se estaba a producir en Europa nos anos previos á guerra civil e tamén nos anos da república española. Refire que esta faceta foi abordada por Arturo Casas, quen definiu a Seoane como “o gran renovador dos repertorios da cultura galega”, e por Xosé Luis Axeitos, quen salientou como idea recorrente en Seoane que “a única liberdade está na cultura do pasado que temos a obriga de coñecer”, idea que explica o interese do intelectual galego pola historia e pola Idade Media, e tamén que Seoane posuía un “espíritu rebelde e entusiasta”, un “proceder dialogante” e que a base da súa arte xa estaban na súa obra e reflexión teórica previa a 1936. Remata nomeando a outros relatores participantes do congreso, e no aparte “A lección indelébel do artista’ (Ferrín)” recolle que Xosé Luis Méndez Ferrín, no relatorio “Seoane no fondo dos espellos. Notas para un libro de memorias que se cadra non escribo”, apuntou os compromisos éticos e políticos de Seoane para defender a demoracia e a liberdade en Galicia, e as diferenzas entre Seoane e Ramón Piñeiro, o encontro que mantivo co grupo Brais Pinto e o apoio prestado ao Consello de Galicia.


Faise referencia á publicación da tese de doutoramento de Miguel Barros, centrada en Ramón Piñeiro, no mesmo ano que se lle adicou o Día das Letras Galegas. Fálase das pescudas durante anos que fixo Miguel Barros para obter o material preciso e tamén da afinidade coas teses de Piñeiro.


Dá a nova da entrada de Bernardino Graña como académico na Real Academia Galega. Fala do seu discurso referido ao conto popular, vivencias que el tivo dende moi pequeno, e tamén a Rosalía de Castro, poeta nacional. Di que o percorrido que fixo Bernardino Graña foi unha reivindicación da literatura popular tal e como apareceu en Galicia.


Explica que Luis Seoane mantivo unha “fértil relación coa literatura” como “autor, editor, ilustrador, critico, divulgador...”, relación da que dan conta dúas mostras que
organizou a Fundación Luis Seoane para conmemorar o centenario da súa figura. Refire que “33 escritores debuxados por Luis Seoane” se compón de debuxos e gravados sobre nomes que xa despuntaban no *boom* latinoamericano (Gabriel García Márquez, Juan Rulfo, Alejo Carpentier, Ernesto Sábato), narradores europeos que se converteron en anovadores (Frank Kafka, James Joyce, Jean-Paul Sartre) e novos escritores galegos (Manuel María, Uxío Novoneyra e Xosé Luis Méndez Ferrán); retratos de grande fondura de Julio Cortázar, Pablo Neruda, Sergei Yesenin, dramatismo dos retratos de Henry Miller e Miguel Hernández, a ironía do título “Sartre ou a última novidade dalgunhas damas” e os xogos de sombras para marcar o desasosego de Kafka. Explica que Seoane vai máis aló para tentar “captar o misterio da creación literaria dos titulares deses rostros” e que, respecto a Van Gogh, apuntaba que outro creador é quen mellor enxerga “a violencia expresiva e esgazada”. No aparte “A dupla natureza da arte” salienta os dez gravados realizados para o poemario *Sobre los ángeles*, de Rafael Alberti, dos que destaca dous: unha bailarina que se converte en anxo e un anxo labrego. E apunta que os gravados son das mellores achegas da arte de Seoane porque nelas se observan trazos da súa identidade artística: “o expresionismo, a violencia da liña, o encontro da tradición coa mellor liñaxe vangardista”.

**Xestoso.** Manuel, “Un galego na corte literaria inglesa”, *A Nosa Terra*, n.º 1. 397, “Cultura”, 11-17 marzo 2010, p. 27.

Informa que se celebrou na libraría londinense Foyles unha xornada sobre lecturas e mesas redondas sobre algúns dos principais autores que publican na editorial Harvill Secker: A. S. Byatt, Nicolas Shakespeare e Joseph O’Connor entre outros, para conmemorar o centenario desa editorial. Afirma que a curiosidade deste acto literario radica na presenza de galegofalantes xa que se produciu o lanzamento da tradución ao inglés d’*Os libros arden mal* (2006), de Manuel Rivas, anunciada como “*rare apparition*”. Explica como se desenvolveu a presentación a cargo do autor, Manuel Rivas, e do tradutor, Jonathan Dunne, e a complicidade entre ambos os dous, e a posterior intervención de Rivas contando anécdotas nas que debulla como concebe a literatura. Refire que no coloquio os ingleses se interesaron polo proceso creativo de Rivas, as piras nas que remataron as bibliotecas coruñesas e o influxo da relixión na visión do mundo que ten Rivas. No apartado “Emotivo, audaz e guapo” dá conta das motivacións que levan aos lectores a se interesar por certos libros e autores e recolle opinións dalgunxs lectores ingleses asistentes a esta presentación.


Dáse a nova da creación da primeira asociación de narradores orais de Galicia, Variosventos, presidida por Candido Pazó. Dise que o que pretenden estes contacontos é que se lles regulen e melloras as condicións de traballo, un traballo que nunca lles faltou pero que adoita pasar desapercibido. Recollese que a televisión lles axudou e que agora non deberían desaproveitar iso que lles proporcionou.

Informa sobre a visita de John Ralston, presidente do PEN Internacional, á redacción do diario para defender a riqueza da variedade lingüística. Comenta a opinión de John Ralston acerca da diversidade lingüística e o multiculturalismo, e tamén a defensa de linguas como o galego ante xóvenes lectores.


Infórmase do ciclo “Palabras na Illa do Pensamento” que fusiona música e literatura e que terá lugar na Illa de San Simón. Expícalose que a iniciativa se puxo en marcha tras a performance literaria con tango na que participaron Manuel Rivas e Pulpinho Vilascón. Indícase que se levará a cabo outra performance inspirada na obra Alicia nas illas, de Carlos Oroza.
VI. CLÁSICOS GRECO-LATINOS TRADUCIDOS

VI.1. REEDICIONES COMENTADAS E FACSÍMILES. TEXTOS RECUPERADOS


Este libro de Xosé Antonio López Silva ofrece unha das obras de Plauto, Os Xemelgos ou Menecmos. No limiar préséntanse os obxectivos deste texto e introducense o autor, Plauto. Considera que os seus presupostos escénicos están vixentes hoxe en día e que ten interesantes posibilidades de análise crítica. Inténtase evitar a literalidade na tradución e buscar unha que sexa áxil e de lectura doada. O texto galego complementase co latino porque deste xeito é máis doado comprender o texto na súa totalidade. Tamén informa o autor que traduciu o quinto acto da obra dramática de Shakespeare titulada The Comedy of Errors, que inclúe nas actividades de traballo. A introdución que aparece a continuación elabórase seguindo un mesmo enfoque, tratando de situar históricamente o teatro de Plauto mentres que se fai unha presentación do contexto histórico deste teatro até o século II a. C. e logo até a época republicana co seu contexto escénico, e desta obra en particular, situada nas súas coordenadas culturais, históricas e literarias. Continúa facendo un repaso á comedia palliata posterior a Plauto, a Togata, e menciona a tradición manuscrita para terminar ofrecendo ideas e bibliografía que axuden a entender a comedia plautina e o que significa dentro do ámbito do teatro da República Romana. Segúelle nesta orde a obra de Plauto Os Xemelgos, primeiro en galego e o orixinal en latín a continuación. A trama argumental é enrevesada e apóiasée na sucesión de episodios cómicos provocados pola confusión entre dous irmáns xemelgos, Menecmo I e Menecmo II, separados cando tiñan sete anos. O primeiro vive en Epidamno, está casado e acostuma estar enleado cunha prostituta veciña, Erotión. Esta manda o seu cocixeiro ao mercado para conseguir o que precisa para celebrar unha festa e este atópase con Menecmo II, que vén en busca do seu irmán. Coa confusión Erotión invítalo a xantar, despois confúndelo co seu irmán de novo e comeza todo o lío. A diferenza doutras obras plautinas, o amor sentimental está substituído aquí polo amor fraternal, que motiva a busca e os episodios cómicos subseguintes. Co mesmo obxectivo, mais cunha perspectiva didáctica, concíbese a guía de lectura que ocupa a parte final do libro. Elaborouse co fin de ser aproveitada e utilizada polos alumnos de Bacharelato así como para unha posíbel posta en escena de Menecmos. Esta parte analiza a trama e resúmea para despois presentar a estrutura da obra e o espazo escénico no que se desenvolve. Logo pasa a analizar os personaxes, que corresponden, segundo o autor, aos modelos típicos da Comedia Nova, para terminar co estudo da linguaxe e o estilo da obra xunto coa métrica dos versos, que ten moito que ver coas incidencias argumentais e o avance da trama. Este traballo finaliza cunhas actividades de traballo onde se fan preguntas sobre o argumento, os personaxes, as cuestións relativas ao contido, suxestións de debate e de comentario de texto onde introduce unhas escenas do último acto da obra de Shakespeare The Comedy of Errors para que o comentario se poida facer de tipo comparativo con parte desta obra.
Recensións:


Apunta que a tradución dos clásicos grecolatinos á lingua galega é escasa, polo que é unha satisfacción que unha editorial privada aposte por esta obra de Plauto. Refírese aos contidos abordados polo tradutor, X. A. López Silva, no apartado introdutorio, que se aproximan a cuestións relativas ao ámbito literario e extraliterario. Sinala que a versión galega se acompaña do texto latino e anota que por comodidade se agradecería que os textos estivesen enfrontados e non un a continuación do outro. Sinala que se botan de menos algunhas notas para explicar referenciais a aspectos do mundo antigo descoñecidos para os lectores profanos, pero imprescindíbeis para a comprensión do texto. Comenta que López Silva ofrece unha versión agradábel de ler e mesmo axeitada para a representación, cunha linguaxe actualizada e na que se fixo un esforzo por reproducir os xogos de palabras, que son un dos piarares do humor plautino. Por último, alude á guía de lectura que inclúe e determina que o libro é acaído para profanos e especialistas e, sobre todo, para que os profesores traballen con el nas aulas, ainda que bota en falta unha corrección máis coidada.


Reflexiona sobre diferentes aspectos da obra *Os xemelgos*, de Tito Maccio Plauto, e sinala que a súa trama se articula arredor dun encontro entre dous xemelgos que foran separados logo dunha traxedia familiar. Tamén comenta que Plauto foi un escritor serodio en lingua galega xa que a primeira tradución data de 1962 grazas a Aquilino Iglesia Alvariño con *Aulularia*.


Primeira tradución ao galego desta obra de Luciano de Samósata (Samósata, Siria 125-181) tamén coñecida como “Historia verdadeira” na que xa no propio título, totalmente satírico, se reflicte a intención deste escritor e intelectual sirio. Esta edición comeza coa dedicatória “A Carmen y Uxía” e cunha longa cita de Álvaro Cunqueiro; precedendo aos relatos atópase unha pequena pero interesante introdución realizada por Xosé Abilleira e Xurxo Pereira, tamén autores das incontables notas ao pé de páxina que acompañan o texto. Baixo a forma narrativa dun diario de abordo, o relato fai unha singradura pola filosofía e a literatura da época ao mesmo tempo dun mundo coñecido como recreado ou imaxinado. Trátase dunha viaxe conta en primeira persoa e levada a cabo por cincuenta e un homes que se embarcan co único fin de saber cal é o final do océano e que xente habita máis aló das Columnas de Hércules, punto de partida do periplo. Así, mentira tras mentira, cuestión que o propio autor non oculta, Luciano de Samósata vai debullando unha serie de aventuras fantásticas, vividas polo descoñecido protagonista e os seus compañeiros, nas que suceden os máis variados avatares, corren as máis incribeis experiencias navegando dunha illa descoñecida a un país ignoto ou se
atopan cos personaxes máis extravagantes, cuxo único fin é parodiar e satirizar, cunha forte dose de humor, todo o que autores como Heródoto, Hesíodo e, sobre todo, Homero relatan, logrando así unha inesperada modernidade. Ao final do libro engádese un índice, por orde alfabética, de nomes de personaxes e lugares citados nos relatos cunha breve explicación de cada un deles para facilitar a comprensión do texto. A obra está considerada como precursora da narrativa de ciencia ficción e é o primeiro libro de viaxes conservado íntegro da literatura occidental que, por exemplo, relata unha viaxe á lúa.


Edición bilingüe (latín e galego) da obra *Bucólicas*, de Publio Virxilio Marón (Andes, hoxe Pietole, Italia, 70 a.X.C.-Brindisi, 19 a.X.C.), conxunto de dez églogas (un tipo de poema de extensión máis ben breve e de temas non moi definidos entre os que se inclúen amorosos, pastoriles, mitolóxicos) de entre sesenta e tres e cento once versos, escritas entre o ano 42 e o 39 a.X.C, aínda que a número dez foi engadida ao conxunto no ano 37 porque non se publicaron en orde cronolóxica, xa que o autor reorganizou os poemas seguindo un criterio puramente estético. O metro empregado é o hexámetro dactílico (verso da poesía grega e latina que consta de seis pés formados por dáctilos e espondeos, ou troqueo se é o sexto pé, sendo obrigatorio que o quinto sexa un dáctilo. Pode presentarse en series de só hexámetros ou ben en parellas constituídas por un hexámetro e un pentámetro). A primeira égloga ten oitenta e tres versos e está estruturada como un diálogo entre os pastores Melibeo e Títiro, cuxo asunto principal é a confiscación de terras que sufriu a familia do primeiro deles. A segunda égloga ten unha extensión de setenta e trece versos e está escrita entre os pastores Melibeo e Títiro, cuxo asunto principal é a confiscación de terras que sufriu a familia do primeiro deles. A segunda égloga ten unha extensión de setenta e tres versos na que o pastor Coridón trata de conquistar ao mozo Alexis intentando destacar ante este todas as súas calidades. A terceira égloga, con cento once versos, ten por tema a rivalidade dos pastores Menalcas e Dametas no canto a e a poesía, realizándose o desafío poético en forma de canto amebeo (dous versos por intervención de cada un) que finaliza coa intervención de Malemón que os xulga iguais na arte de cantar ao amor. A cuarta égloga de sesenta e tres versos escapa ao concepto bucólico, xa que se trata dun poema con marcado acento mitolóxico, con toques misteriosos e proféticos, un canto ao fin das guerras e á prosperidade futura. A quinta ten unha extensión de noventa versos e presenta un diálogo pastoril entre Mopso e Menalcas no que ambos deciden regularse os seus versos, o primeiro canta á morte de Dafne e o segundo á súa apoteose. A súa estrutura está próxima aos cantos amebeos, pero falta a competición entre ambos os pastores. A sexta con oitenta e seis versos é un canto a Sileno, pero tamén un poema mitolóxico de corte alexandrino e de asunto variado con ata unha declaración de principios literarios por parte de Virxilio. A sétima contén setenta versos onde volven os debates poéticos entre pastores, neste caso Coridón e Tirsis, baixo a arbitraxe de Melibeo, con descricións sobre a vida pastoril, sen que falten as alusións mitolóxicas. A oitava consta de cento dez versos na que dous pastores, Damón e Alfésibeo, cantan os seus poemas de amor contrariado, de home o primeiro, de muller o segundo. Na novena, unha extensión de sesenta e sete versos, volve tratarse o tema das expropiacións de terras en Cremona e Mantua a través do diálogo dos pastores Licidas e Meris, e na décima Virxilio dedica os seus setenta e sete versos ao poeta Cornelio Galo, que sufría de amor contrariado polo abandono da súa amante, chamada nesta égloga Licoris. En canto á estrutura, as nove primeiras églogas...
están organizadas de forma circular, a quinta serve como eixo xeométrico e a décima ten a función de epílogo na obra. Esta edición é unha arriscada tradución ao galego de Xoán Fontes Castro, xa que ao universo poético de Virxilio só lle importa a consecución da beleza formal. Consta dun limiar do propio tradutor (pp. 5-18) e un apéndice ao final da obra poética con nomes e referencias variadas (pp. 79-86) para a súa mellor comprensión.

Referencias varias:


Artigo que recolle as novidades literarias do outono. No aparte “Aposta polas traducións” informa da saída ao prelo desta obra canónica.
VI.2. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: ARTIGOS DE OPINIÓN E COLABORACIÓNS FIXAS


Comenta as diferentes aparicións do Lobishome no mundo clásico en diferentes obras gregas e romanás, e en autores como Heródoto, Plinio o Vello, Ovidio ou Petronio.
VII. LITERATURA INFANTIL E XUVENIL

VII.1. NARRATIVA

VII.1.1. NARRADORES GALEGOS


Volume narrativo e poético, froito do proxecto levado a cabo por ASPANEX (Asociación a favor das persoas con Discapacidade Intelectual da Provincia de Pontevedra). Acompáñase das ilustracións dun pequeno grupo de rapaces pertencentes á citada asociación, que estivo coordinado polas profesoras Carmen Jiménez Morales e Mª José Ramos Martínez, e nelas resulta evidente o estilo infantil que lle achega inxenuidade ás figuras e ás imaxes. Os textos narrativos son:


Nesta historia An Alfaya (Vigo, 1964) invita os lectores a xogar coa súa imaxinación a través da historia de Raúl e Arancha, que xogan a atrapar segredos que ven de diferentes cores en función dos olores e sabores que os rodean.


Agustín Fernández Paz (Vilalba, 1947) mostra a historia dunha nena chamada Branca quen descubre con tristura que xa é maior para que o seu pai lle conte contos pola noite, pero, o mesmo día que isto acontece, descobre unha serea de tamaño diminuto no interior dunha buguina. A serea convértese na súa nova contadora de historias.

- Irene Pérez Pintos, “Cousas que facer un día de chuvia”, pp. 67-78.

Irene Pérez Pintos ofrece un texto no que se interactúa constantemente cos máis novos, invitándoos a facer falcetruadas e xogos divertidos, con frases como “Descálzate. Colle un pé. Conta as dedas. ¿Tes catro?. Fáltache unha. ¿Tes seis?. Sóbrache unha. Conta outra vez. Seguramente terás cinco”.

Tamén descrito no apartado VII. II. Literatura Infantil e Xuvenil. Poesía deste Informe.

Referencias varias:

Faise referencia aos personaxes, Arancha e Raúl, do relato escrito por An Alfaya que está incorporado no libro Quéroche contar un conto. Coméntase que un grupo de membros de Aspanaex foi o encargado de ilustrar os relatos incluídos neste volume, entre os que se atopan tamén pezas de Francisco Castro, Xosé Cermén, Agustín Fernández Paz e Irene Pérez Pintos. Finalmente, alúdese á súa presentación.


Dáse conta da publicación do volume Quéroche contar un conto, do que se di que inclúe relatos de An Alfaya, Francisco Castro, Xosé Cermén, Agustín Fernández Paz e Irene Pérez Pintos. Tamén se fai referencia á presentación do libro no Museo de Arte Contemporáneo de Vigo.


Neste conto de Xoán Babarro (Calvelo de Maceda-Ourense, 1947) narrase en trece capítulos a historia de Mª Dolores Castro Cid que, convidada polo seu irmán a participar do seu ciberconto, se verá somerxida nun espazo virtual coñecido como o País de Palabra, onde renacerá coma unha fada chamada María Mil Eses. Neste mundo alfabético aparece como antagonista da pequena fada Desatado Ventifón que, como todos os ventos, gustaba de soprar polos camiños sementando o caos ao seu paso, até o punto de converter o País de Palabra nun lugar destruído pola catástrofe. Será nese momento cando a protagonista, consciente do seu cometido no universo paralelo, emprenderá unha viaxe en busca do opresor co obxectivo de restablecer o equilibrio no seu novo fogar. O lectorado agardado poderá acompañar esta peculiar fada nun percorrido onde paso a paso, e tras sortear os diferentes obstáculos que atopará no seu camiño, irá esgotando as diferentes etapas nas que, entre outras cousas, aprenderá a necesidade de recuperar o significado da palabra amor e da solidariedade como o antídoto para acabar coa violencia e a loita características dunha sociedade opresiva. Un dos aspectos máis caraterísticos do libro é o uso simbólico que das palabras se fai no texto, verdadeiras protagonistas da historia máis alá do seu mero uso instrumental. As ilustracións de Nuria Díaz Berride deste libro de tapas brandas con lapelas presentan, xa no exterior, unha imaxe que xoga visualmente co título, facendo unha ilustración na contracuberta que funciona en paralelo coa ilustración da cuberta. As imaxes do interior seguen fíelmente escenas destacadas dentro da narración, presentando uns protagonistas que conviven nun mundo no que as palabras están representadas visualmente coas letras. As tonalidades claras e pouco contrastadas predominan en todo o libro. O estilo é figurativo pero deixa lugar a imaxes de corte fantástico.
Recensións:


Con motivo da publicación da obra de Xoán Babarro, *Palabra era un universo paralelo*, faise un breve apuntamento do autor lembrando os seus comezos a partir da peza dramática *Teatro de todo o ano* (1978), publicada na colección “Cadernos da Escola Dramática Galega”. A continuación, céntrase en *Palabra era un universo paralelo* da que se cita o premio que mereceu e quen a ilustrou. Destácase ademais que este texto se sitúa entre o realismo e o marabilloso, e que supón unha viaxe iniciática para a súa protagonista. Tamén se sinala que a obra segue a estela de clásicos como *Alicia no País das Marabillas*, de Lewis Carroll.


Neste conto de María Becerra Gestal e Xabi Juiz nárrase a historia de Lelo, un burriño que chega a unha granxa que será o seu novo fogar. Ao principio sénéte triste e só pero pouco a pouco irá coñecendo outros animais e aprendendo cal será a súa tarefa alí. Ao final estará feliz e ilusionado. Inclúese un CD co conto narrado e unha canción. A ilustración da cuberta reproduce o burriño, a granxa e a fraga que a rodea, un debuxo moi colorido e alegre que invita a ler unha obra que presenta valores como a amizade, a responsabilidade e a valentía. As imaxes do interior están realizadas cunha técnica dixital que achega tridimensionalidade ás composicións. Os textos son necesarios para seguir a narración que se ve enriquecida polas ilustracións.


Conto de Concha Blanco (Lires, Cee, A Coruña, 1950) no que unha terceira persoa narra a historia de Aitema, orixinariamente o amuleto co que a nena Sofía curaba das súas doenças, pero que, tras cumprir esta misión, tomou vida propia converténdose nun pequeno e estranxo ente con corpo de garavanzo, pernas de forma humana, aletas de peixe e ás de paxaro. Aitema viixa por Galicia voando, andando e nadando, pasa por sitios tan reais coma Fisterra e a illa Lobeira, ao tempo que traba amizade con diferentes seres fantásticos coma dragóns e sereas; animais reais coma pombas mensaxeiras, morcegos e esquíos; e obxectos coma globos infantís e espantallos. A todos estes personaxes que coñece na súa peregrinación, Aitema, que ten poderes máxicos posiblemente herdados da menciñeira que o creou, ofrécese para cumprirles un desexo. Tras unha longa viaxe, Aitema decide regresar á terra na que foi creado e buscar a súa artífice, a menciñeira, a quen atopará grazas á súa amiga a Lúa. As ilustracións figurativas son de Ana Santiso (Touro, 1981). Na cuberta vese o protagonista, un ser máxico indefiníbel con características propias de diferentes animais. As cores quedan
relegadas á cuberta porque as imaxes do interior só teñen distintas gamas de verde. As escenas ilustradas do interior refírense a escenas importantes no transcurso da narración, amosando paisaxes, animais e personaxes protagonistas.

Recensións:


Comeza sinalando que Concha Blanco é unha das autoras máis salientábeis e produtivas da Literatura infantil e xuvenil galega. Apunta que case trinta anos despois da súa primeira narración para os máis novos, O planeta ceboleiro, escribe outra historia de aventuras ambientada na zona da Costa da Morte. Resume o argumento e destaca a funcionalidade dos personaxes da curandeira e da serea, a linealidade da historia e o dominio da linguaxe e dos recursos narrativos. Remata salientando a elección de só tres cores por parte da ilustradora sen que se resinta a plasmación das situacions máis destacábeis da historia.


Coméntase que a Editorial Galaxia publicou, dentro da colección “Árbore” dirixida a nenos de entre oito e dez anos de idade, a obra Os poderes máxicos de Aitema, escrita por Concha Blanco e ilustrada por Ana Santiso. Sinálase que a historia comeza cando unha nena chamada Sofía se pon maliña e seus pais, desesperados, a levan á menciñeira Lela que lles entrega un amuleto que deben tirar cando a pequena se recupere. Indícase que o amuleto, perdido no campo, se converte nun ser peculiar chamado Aitema (‘co Ai de aire voará coa axuda dunhas ás, co Te de terra camiñará grazas a unha pernas áxiles e, co Ma de mar, sairanlle unhas aletas e unha cola para que se poida mover polas augas de Fisterra”), que vivirá moitas aventuras. Para rematar, recóllese unha pequena ficha biográfica da autora e outra da ilustradora, un anaco do relato e algunhas suxestións de libros que poden ler os nenos durante o verán.

Referencias varias:


Entre as próximas publicacións, anúnciase Os poderes máxicos de Aitema, de Concha Blanco.


Conxunto de vinte e tres relatos de Concha Blanco (Lires, Cee, A Coruña, 1950), dedicado a todas as persoas que, como Alfonso Daniel Rodríguez Castelao (Rianxo, A Coruña, 1886- Bos Aires, 1950), están comprometidas con Galicia no 2010, ano da Lectura. As historias levan por título vinte e tres palabras que se refiren á vida e obra de
Castelao e que seguen unha orde alfabética: Arxentina, Boticario, Cruceiro, Debuxos, Esqueleto, Fiestra, Gaivotas, Homes, Inglés, Lela, Médico, Namorarse, Ña, Ollo, Pedriño, Que…?!?, Rianxo, Segredo, Tola, Universidade, Virxinia, Xustiza, Galiza. Todas esas pequenas historias son partes da vida de Daniel Rodríguez Castelao ou de personaxes das súas obras e familia, ambientadas en épocas distintas, começando dende a nenez de Castelao até a súa madureza. Ao final da obra inclúense os porqués da escolha das vinte tres palabras que a autora considera importantes ao longo da vida deste intelectual. A ilustración de Manel Cráneo (A Coruña, 1973) da cuberta consiste nunha caricatura de Castelao levando unhas letras, en fondo branco sen detalles. Na contracuberta aparece unha sinopse mais unha ilustración que está no interior do libro. As ilustracións do interior iluminan o texto, algumas de forma máis poética e outras máis descritivas. As imaxes que nos encontramos son a dobre páxina, aínda que nalgunhas ocupan unha páxina con pequenos detalles na seguinte. Trátase de ilustracións a cor en tons grises realizadas a ordenador.

Recensións:


Comeza indicando que a colección “Ler e Vivir” da Editorial Everest lles ofrece aos máis novos a posibilidade de achegarse a figuras da Literatura galega de xeito natural. Comenta a obra da escritora e mestra Concha Blanco, *Do A ao Z con… Castelao*, aludindo á súa estrutura e disposición dos elementos. Indica que a autora emprega a prosa nas historias curtas en extensión e de pouca intensidade narrativa. Remata reparando nas ilustracións de Manel Cráneo que dotan de cor os curiosos personaxes dos relatos.


Describe e comenta brevemente toda unha serie de novidades editoriais, entre as que se atopan novas entregas da colección “Do A ao Z con…”, que abordan as figuras de Uxío Novoneyra, Castelao e Cabanillas.


Publicación de Natí Borrajeto que forma parte dunha campaña promocional da Xunta de Galicia e do Xacobeo 2010 na que colabora Galaxia, incluída na programación do Camiño Infantil e deseñada co obxectivo de introducir os nenos no Camiño de Santiago dun xeito didáctico. No texto, narrado en primeira persoa por María, contase como Aldara, Martiño, Dani e a propia María organizan unha acampada no xardín da casa desta no mes de agosto para viviren por primeira vez o espectáculo das estrelas fugaces. Así mesmo, grazas á información que lles proporciona Xabi, o irmán de María, coñecen como comezou a historia do Camiño de Santiago e como chegaron os primeiros peregrinos para visitar a tumba do Apóstolo Santiago. As sete ilustracións de Manel
Cráneo (A Coruña, 1973) acompañan o texto achegando diferentes escenas desta noite especial que viven os rapaces. O libro vai acompañado dun DVD que contén unha curtametraxe de doce minutos, que combina animación con imaxes reais, O fillo do trono, realizada por Bren e dirixida por Chema Gagino a partir dun guión de Diego Guerrero, na que se conta a historia de Santiago Apóstolo e como comenzaron as peregrinacións. Os debuxos e ilustracións foron realizados por Pablo Martín e Germán Michelen.


Conxunto de doce relatos de Alicia Borrás (Vigo) ambientados na Galicia mariñeira e con localizacións próximas á comarca pontevedresa do Baixomiño. En xeral, predomina a visión dun narrador adolescente que, en primeira persoa, traslada feitos vividos ou que lle foron contados da súa contorna e dos seus familiares, cunha forte pegada de subxectividade e un ton próximo á oralidade. Os títulos son breves e aluden á temática central de cada historia, como “Marisol”, “O mar é noso”, “A señorita”, “Compañeiro”, “O avó Benigno”, “A filla do cura”, “O dono da praia”, “Rosendo”, “Pepiño”, “O asasino”, “Carolina” e “O enterro”. Cada un dos relatos ábrese cun epígrafe, en forma de cita, no que se reproducen versos da tradición oral que adiantan ou acenan cara á temática do texto ou que están relacionados coa historia narrada. Temáticas como a descuberta do amor, as relacións interxeracionais, o traballo dos mariñeiros e a súa relación co mar, a visión do mundo da infancia, as paixóns desenfreadas e o retrato de personaxes peculiares configuran un retrato poliédrico dunha sociedade que semella parada no tempo. Só ten ilustración a cuberta cunha imaxe a cor duns peixes que concordan coa temática dos relatos do interior, deseñada e composta por Fausto Isorna (Catoira, 1961).

Recensións:

Salienta a publicación deste libro de Alicia Borrás, destacando a prosa fluída e “salferida” cun ton poético que emprega a autora. Sinala que contén doce contos curtos que teñen ao mar como protagonista e que cada conto vai precedido por versos de diferentes cantigas de tradición popular.

Referencias varias:

Entre as próximas publicacións, anúnciase O mar é noso, de Alicia Borrás.

1366
Entrevista a Alicia Borrás por mor da publicación do seu último libro, *O mar é noso*, na que a autora fala de cómo iniciou o libro e o papel que xoga o mar nos contos. Tamén explica a relación que garda a súa obra cos contos de tradición oral e os proxectos nos que está a traballar neste momento.


Dá conta da publicación do libro *O mar é noso*, por parte da actriz de dobraxe e profesora de teatro Alicia Borrás e explica a razón pola que os doce relatos que componen o libro teñen como protagonista o mar. Repasa brevemente o argumento de varios contos e indica que a maioría teñen que ver cos versos das cantigas tradicionais que preceden os relatos. Nun á parte repasa a traxectoria profesional de Alicia Borrás, tanto no campo literario coma no do teatro e cine.


Entrevista a Alicia Borrás na que dá uns pequenos apuntes biográficos, fala do libro que vén de publicar, *O mar é noso*, e opina doutros temas máis xerais como o amor, a vida e a poesía.


Relato de Pepe Cáccamo (Vigo, 1950) no que o protagonista repasa, en primeira persoa, a súa vida a través dunha constante que o marcou: a impuntualidade. Esta característica sérvelle para rememorar dende a madureza como distintos atrancos provocaron que chegara tarde á escola, ás festas, ás citas de traballo e coas rapazas das que estaba namorado, producíndolle unha forte sensación de perda de oportunidades ao longo da súa vida. Un retrato persoal e íntimo a través do que o eu narrativo se interroga sobre as dificultades da vida, as renuncias persoais e a perda de valores na sociedade actual, evidenciando un claro pesimismo e a consciencia do paso do tempo. Un sinxelo texto que se complementa coas ilustracións figurativas de Manuel Pizcueta (Cangas, Pontevedra, 1962), nas que priman as imaxes próximas ao imaxinario infantil. Nelas o protagonista aparece transitando ao longo das diferentes páxinas do libro en composicións nas que predomina as cores escuras e frías, que se suceden en estreita relación cos feitos narrados e os estados de ánimo, ademais de conformar imaxes que seguén unha estética surrealista que xa se aprecia na cuberta, onde a cabeza do protagonista é substituída por un relxo.

Referencias varias:

Infórmase da presentación das novidades editoriais en Festigal, entre as que se atopa *Un home impuntual*, de Pepe Cáccamo.


Indica que no Festigal 2010 se presentaron, entre outras novidades literarias da Galería das Letras, o volume *Un home impuntual*, de Pepe Cáccamo.


Marcos Calveiro (Vilagarcía de Arousa, 1968) achégase aos derradeiros días en Auvers da vida do pintor Vincent, personaxe que se identifica co recoñecido Vincent Willem Van Gogh (Países Baixos, 1853- França,1890), artista do que ao longo do relato se ofrecen datos biográficos e da súa produción pictórica, á que xa se alude dende a cuberta do libro na que está presente un dos seus cadros máis considerados. A través dun narrador en primeira persoa, testemuña dos feitos, o lectorado agardado descobre a un tempo a plenitude vital deste narrador, un adolescente de dezaseis anos, e a perda das ganas de vivir que levarán á morte do “pintor do sombreiro de malvas” (nome co que nalgún momento da narración se identifica o personaxe de Vincent pola súa vestimenta). A chegada deste último a Auvers supón para o narrador a descuberta dunha nova visión da vida. Ao longo de trinta e seis capítulos numerados, o mozo protagonista dá conta dos trazos do temperamento do pintor (facundia, angustia existencial, irritabilidade, etc.), así como da súa propia personalidade, que se vai conformando grazas á relación co artista e cos demais membros da colectividade da pequena vila do sur de Francia que, en moitas ocasións, atafegan a súa liberdade. É no momento da morte de Vincent cando o adolescente terá que decidir se queda en Auvers, onde non amigou cos mozos do lugar, que mesmo mallan nel por mor da súa relación coa rapaza da taberna, e onde Adeline aspira a que compartan un futuro común que nada ten que ver cos seus proxectos ou se deixa atrás todo o que o rodea para definir un novo futuro. O estilo da pintura da cuberta e dos debuxos son de Ramón Trigo (Vigo, 1965) e están inspirados na obra de Vincent Van Gogh. A cuberta presenta unha ilustración a toda cor dunha paisaxe cun artista pintando. No interior hai pequenos debuxos abocetados relacionados cos textos.

**Recensións:**

Lérmbrase o argumento d’*O pintor do sombreiro de malvas*, de Marcos Calveiro, así como o feito histórico no que está baseado. A seguir, dise que a obra foi a gañadora do premio que concede a Organización Española para el Libro Infantil (OEPLI) na categoría “Creación Literaria” e que foi publicada en galego, castelán e éuscaro. Baixo o epígrafe “Letras xuvenís” ofrecense algúns datos biográficos de Calveiro e dise cales foron as súas primeiras obras publicadas para o público infantil e xuvenil. Pola súa parte, nos apartados “Crítica social” e “Espazos finais”, sinálanse algúns dos títulos de narrativa que ten publicado tanto para o lectorado adulto coma para o infanto-xuvenil, e lembre que, malia ser recoñecido nesta última modalidade literaria, tamén se ten achegado á poesía na que mereceu algún galardón.


En primeiro lugar lérmbrase a traxectoria na Literatura infantil e xuvenil galega de Marcos Calveiro e a recepción da súa produción. A continuación, coméntase *O pintor do sombreiro de malvas*, infórmase da súa estrutura e debúllase o seu argumento. Finalmente, afirmase que é unha obra “ben documentada, de léxico moi rico e coidado”.


Dá conta da publicación por Edicións Xerais de Galicia da obra que mereceu o Premio Lazarillo de Literatura Infantil e Xuvenil 2009, *O pintor do sombreiro de malvas*, de Marcos Calveiro. Repásase o argumento e sinálsese que, a partir dos protagonistas, se poderá coñecer un pouco máis a engaiolante personalidade artística e humana de Vincent Van Gogh.


Comeza destacando que tanto en *Settecento* como n’*O pintor do sombreiro de malvas* Marcos Calveiro empraza “unha trama argumental nun tempo histórico moi concreto”. A seguir, dá conta do argumento desta obra que ten como protagonistas un adolescente e un pintor que coinciden “por desemellantes motivos” na localidade de Auvers. Finalmente, destaca que a novela presenta “indubidábel interese” tanto para o lectorado adulto coma para o xuvenil e loa as “acertadas ilustracións da cuberta e interiores” de Ramón Trigo.

**Referencias varias:**


Lérmbrase que o Premio Lazarillo 2009 foi outorgado a Marcos Calveiro pola novela *O pintor do sombreiro de malvas*, obra que competiu con outras escritas en castelán, catalán e éuscaro.

Entrevista a Marcos Calveiro por mor da recente publicación en Edicións Xerais de Galicia d’*O pintor do sombreiro de malvas e Settecento*. Nela, entre outros aspectos das súas obras, comenta como é a xénesis das súas producións, especialmente como foi a da novela *Settecento*; fala da importancia de coidar o texto á hora de escribir; dá a súa opinión sobre a dualidade literatura de adultos/literatura infantil e sinala a Álvaro Cunqueiro como o autor ao que sempre recorre e que “ten a culpa de que eu sexa escritor”.


Menciona o tradicional anuario da editorial SM para destacar o seu labor e analizar as tendencias máis representativas dos últimos meses. Sintetiza que a produción infantil creceu case 1.5% en 2009, unha subida na que, asegura, tivo moita importancia o xénero da fantasía e o de aventuras. Non esquece tampouco aludir á Literatura galega, posto que a súa consolidación e proxección internacional nestes anos non poden considerarse banais. Todo isto permite que conclúa cualificando esta etapa como a “época dourada da pequena literatura”. A seguir, dá a coñecer brevemente o argumento d’*O pintor do sombreiro de malvas*, baseado nun neno e un pintor que tratarán temas cotiás da vida, como o amor e a morte. Tamén afirma que esta chegada é unha das máis esperadas polo público lector.

- Xosé A. Neira Cruz, “O pintor do sombreiro de malvas”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, “Na mesa de noite de…”, 8 maio 2010, p. 139.

Recomenda a lectura d’*O pintor do sombreiro de malvas*, de Marcos Calveiro, polas súas referencias a un período histórico interesante e a un personaxe coñecido como é Vincent Van Gogh, así como pola “prosa limpa e ben construída” e pola “tenrura de fondo”. Para rematar, tamén recomenda a lectura de *Rinocerontes e Quimeras*, do propio Calveiro.


Coméntase que por mor das pantallas instaladas polo concello na Praza de Compostela para que os vigueses vexan os partidos de fútbol nos que está xogando a selección española no Mundial de Sudáfrica se teñen cancelado, e posiblemente se sigan a cancelar, varias presentacións de libros galegos programadas nos actos da feira do libro de Vigo. Recólense as palabras dalgún dos afectados, entre os que se atopa Marcos Calveiro, quen ía presentar na feira *O pintor do sombreiro de malvas*.


Opina sobre a relación fútbol e literatura e comenta que, aínda que ela considera que non son incompatíbeis, nesta ocasión, na que coincide a presentación do libro de Suso de Toro no marco das actividades da feira do libro de Vigo coa proxección en pantalla
xigante dos partidos da selección española no Mundial de Sudáfrica, si o foi. Agarda
que o mesmo non vaia acontecer coa próxima presentación que terá lugar na feira, a d’*O
pintor do sombreiro de malvas*, de Marcos Calveiro e ilustrado por Ramón Trigo


Ademais de falar sobre a importancia e o traballo dos libreiros e de cualificalos como
“vendedores de soños”, recomenda a lectura d’*O pintor do sombreiro de malvas*, de
Marcos Calveiro, que considera unha “historia sinxela, delicada e moi ben escrita”.

- M. Blanco Rivas, “Andel de novidades”, *Faro de Vigo*, “Faro da Cultura”, n.º 348,

Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario
galego, caso d’*O pintor do sombreiro de malvas*, de Marcos Calveiro, Premio Lazarillo
2009; *Brais e os demais*, de Manuel Darriba; *Corazón de chocolate*, de Jaureguizar; e
* Cultura e paisaxe*, de Roxelio Pérez e Francisco Javier López.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como
traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas comentadas nesta
páxina. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras
pertencentes a escritores galegos, menciónase *O pintor do sombreiro de malvas*, de
Marcos Calveiro.

**Canosa, María, Do A ao Z con... Neira Vilas. Clásicos en voces contemporáneas,** ilust.

Relato de María Canosa (Cee, 1978) no que, partindo das letras do abecedario, se
presentan as palabras que dan título a outros vinte e tres textos nos que se combina a
primeira persoa e o narrador omnisciente. Trátase de historias sobre a vida e a obra de
Xosé Neira Vilas e que serven de tributo ao seu labor. Ao final recólleanse, baixo o
mesmo título dos contos, os fitos máis importantes da faceta literaria e biográfica do
escritor pontevedrés: as súas principais obras (*O cabaliño de buxo, Memorias dun neno
labrego* ou *Xente no rodicio*), as fontes de inspiración para os escenarios e as historias
(a comarca do Deza, a memoria da nenez a través da cal se analiza a situación da
sociedade galega ou o mundo da emigración en Bos Aires a comezos do século XX), o
seu labor de reivindicación da cultura galega (creación, xunto con Anisia Miranda da
organización libreiro-editorial “Follas Novas”) ou en prol da Literatura infantil e
xuvenil dende a dirección da revista *Zunzún*. A través dunha prosa áxil, clara e sinxela
que combina ficción e realidade, ofréceselle ao lectorado unha aproximación á vida e á
obra de Xosé Neira Vilas, mais tamén á realidade da época que o autor tenta retratar na
súa literatura.
Referencias varias:


Entrevista á escritora María Canosa, quen publicou no verán dous libros para cativos: Do A ao Z con... Neira Vilas, en Everest, e Matías, un pito de campionato, en Galaxia. Do primeiro libro citado comaña que foi unha ousadía facer unha homenaxe a un escritor vivo porque o feito de que o homenaxeado poida opinar do resultado impón moito, pero confesa que a ela Memorias dun neno labrego marcouna moito. Sinala que nunca tivo medo a escribir porque, como súa nai tamén é escritora, sempre o viu como algo natural. Afirma que é inevitábel que se fagan comparanzas entre nai e filla, aínda que teñen estilos moi diferentes. Indica que se sente máis cómoda escribindo para o público infantil ca ao principio, xa que empezou escribindo para a xente da súa idade, pois era máis cómodo porque tiña que utilizar a súa linguaxe. Destaca que en 2009 publicou un libro para adultos, Faiscas, e que nese momento estaba a preparar un texto para adultos que pretendía ser unha novela ou unha novela curta, aínda que lle prestan os relatos curtos porque é de ciencias e tende a sintetizar. Para rematar, opina que a Literatura infantil está considerada un pouco por debaixo das outras, o cal lle parece inxusto.


Álbum ilustrado de aventuras de María Canosa (Cee, 1978) que se abre cunha dedicatoria a Santiago, Jaime, Daniel e Alejandro. Sitúase localmente nunha granxa e temporalmente na infancia do protagonista, o pito Matías. A través dun narrador omnisciente en terceira persoa cóntase que Matías xa era un pito moi espelido cando estaba dentro do ovo, pois tiña moitas gañas de saír porque era o último e tiña curiosidade polo que había fóra. Súa nai, Raimonda, ensinoulles a comer grans e a meter o peteiro nos buracos para comer miñocas. Pero as miñocas eran moi listas e cando Matías metía o peteiro polo buraco, elas saían por outro lado para mofarse del. Entón Matías comezou a darse conta e segundo metía o peteiro ia correndo ao outro buraco para sorprender as miñocas, xa que só quería xogar con elas, non quería comelas. Así foi como se converteu nun campión e empezou a participar en competicións de carreiras. Fixose famoso e dona Carme, a súa ama, fixo unha granxa-escola para que os nenos puidesen visitar os animais e observar a velocidade de Matías. A narración apoiouse nunha linguaxe sinxela acompañada de ilustracións de David Soler de cores frías e moi significativas nas que se mostra de xeito moi creativo escenas da obra. Na cuberta, a imaxe deixa entrever o pito protagonista rompendo a casca do ovo. As composicións alternanxe entre páxinas enteiras e páxinas dobles. O estilo realista amosa unhas ilustracións que serven para completar os textos. A técnica empregada é a pintura que, neste caso, está aplicada cuns trazos moi expresivos e con cores moi contrastadas.

Referencias varias:
Entrevista á escritora María Canosa, quen publicou no verán dous libros para cativos: *Do A ao Z con... Neira Vilas*, en Everest, e *Matías, un pito de campionato*, en Galaxia. Do primeiro libro citado conta que foi unha ousadía facer unha homenaxe a un escritor vivo porque o feito de que o homenaxeado poida opinar do resultado impón moito, pero confesa que a ela *Memorias dun neno labrego* marcouna moito. Sinala que nunca tivo medo a escribir porque, como súa nai tamén é escritora, sempre o viu como algo natural. Afirma que é inevitábel que se fagan comparanzas entre nai e filla, aínda que teñen estilos moi diferentes. Indica que se sente máis cómodo esribindo para o público infantil ca ao principio, xa que empezou escribindo para a xente da súa idade, pois era máis cómodo porque tiña que utilizar a súa linguaxe. Destaca que en 2009 publicou un libro para adultos, *Faíscas*, e que nese momento estaba a preparar un texto para adultos que pretendía ser unha novela ou unha novela curta, aínda que lle prestan os relatos curtos porque é de ciencias e tende a sintetizar. Para rematar, opina que a Literatura infantil está considerada un pouco por debaixo das outras, o cal lle parece inxusto.


Novas entregas da colección de Pepe Carreiro (Vigo, 1954). N’*Os Bolechas queren saber... como aforrar auga* a familia Bolechas vai amosando aos lectores as graves consecuencias que pode ter un consumo excesivo de auga e por suposto o feito de desperdiciala en grandes cantidades. Ao longo das páxinas do libro, tamén se vai ensinando como é o ciclo da auga e danse consellos para facer un uso responsábel da mesma, expí conscénsese os diferentes tipos de auga que hai na natureza (augas residuais, auga do mar, auga subterránea) e a cantidade de litros por persoa que se gastan e malgastan en diferentes partes do mundo e en concreto en Galicia. Entre outras cousas, insistense na necesidade de pechar ben as billas da casa, facer un bo uso de electrodomésticos como lavadora ou lavalouzas, usar correctamente a ducha ou regar as plantas de xeito responsábel. Ao final, atópase un apartado co título de “Lembra” que actúa a modo de resumo sintetizando os principais consellos e ensinanzas que se expuxeron no libro. N’*Os Bolechas queren saber....como se marisca a pé* a familia Bolechas vai até O Grove para coñecer como se marisquea a pé e en que consiste todo o proceso posterior de venda dos moluscos. Para levalo a cabo están acompañados por dúas mariscadoras, Raquel e Paca, que os levan á praia para explicarlle como se realiza a extracción do marisco, como se selecciona e vende na lonxa e, ao mesmo tempo, cales son os nomes dos apeiros necesarios para este traballo ou cal é o tamaño que deben ter as diferentes especies que se recollan. Ao final, atópase un apartado co título de “Lembra” que actúa a modo de resumo sintetizando os principais consellos e ensinanzas que se expuxeron no libro. N’*Os Bolechas queren saber que se fai co lixo que chega ao Complexo Medioambiental de Sogama* dáse a coñecer o proceso que segue o lixo que producimos. O tema principal do libro é máis ben didáctico, pois cêntrese en explicar.
fundamentalmente o tratamento que recibe o lixo en Sogama, aínda que tamén procura crear uns hábitos axeitados no lector. O narrador é unha terceira persoa omnisciente, que coñece pormenorizadamente todo o que conta. Así explica que os concellos máis afastados da zona levan o lixo a unha planta de transferencia para despois transportalo a Cerceda, lugar onde se atopa Sogama. O lixo dos contedores amarelos selecciónase segundo o envase na Planta de Clasificación de Enveses Lixeiros, para logo reciclalo e así aproveitar o lixo. Pero para iso cómpre separalo na casa e botar cada cousa no seu contedor. O lixo xenérico, que xeralmente non se pode reciclar, lévase á Planta de Elaboración de Combustíbel onde mediante un guindastre se introduce nunha tobeira e a parte máis grosa do lixo triturase mentres que a máis fina se leva á planta de secado. Logo mestúranse e dan lugar ó Combustíbel Derivado de Resíduos que se queima na Planta Termoeleéctrica para producir electricidade. Finalmente o narrador conta a utilidade de realizar compost doméstico e a importancia de pór en práctica os tres R: Reducir, Reutilizar e Reciclar. Tamén lembra brevemente o tratado durante o libro.

Conta cunha nota inicial do presidente de Sogama seguido dunha presentación dos personaxes dos Bolechas. Durante o mesmo cabe salientar a presenza de varias palabras en negriña durante o texto, así como algunhas etiquetas azuis que explican as ilustracións detalladamente. En canto ás ilustracións do propio autor, os personaxes de todos os títulos están debuxados cunhas formas redondeadas e con cores fortes sen pretensión volumétrica. Son figurativas, están realizadas con tintas planas e con formas remarcadas por unha liña grosa. As escenas, de pánxina completa, corresponden totalmente ao texto. A narración pódese seguir perfectamente só coas imaxes.

**Referencias varias:**


Fálase da entrega de premios do concurso de debuxo “O mundo e as profesións do mar”. Indícase que entre o lote que recibiron os gañadores se atopaba a última obra de Pepe Carreiro, *Os Bolechas queren saber... como se marisca a pé*. Infórmase de que se está a preparar un concurso literario dirixido para os escolares de secundaria do Salnés.


Dise que unha historieta destes personaxes achega aos nenos o labor medioambiental do complexo de Sogama.


Fálase sobre a obra de Pepe Carreiro *Os Bolechas queren saber... que se fai co lixo que chega so Complexo Medioambiental de Sogama*, na que se aprende aos nenos e nenas como funciona o sistema de reciclaxe e coa que a Sociedade Galega do Medio Ambiente quere concienciaren os máis pequenos para que coiden a súa contorna natural. Dise que esta publicación didáctica xa chega aos colexios galegos de infantil e primaria e por último describese o complexo medioambiental e danse consellos de reciclaxe.

Novas entregas da colección “Os Bolechas”, de Pepe Carreiro (Vigo, 1954), nas que por medio de narradores omniscientes e moito diálogo se contan distintas trasnadas dos irmáns Bolechas e outros personaxes. N’*Os Bolechas van en coches de bombeiros* cóntase como se provoca unha liorta entre algúns dos irmáns Bolechas e outros nenos por montar nun coche de bombeiros mecánico. Como non hai acordo sóbense varios e a atracción acaba por romper, polo que chegaba a dona da máquina e todos teñen que marchar. N’*Os Bolechas fan unha empanada* reláttase como o avó Marcelo, que é panadeiro, lles ensina aos irmáns a facer unha empanada, que despois comerán todos eles e mais a avoa Balbina. As ilustracións, feitas polo autor do libro, son figurativas e con cores moi vivas e serven, sobre todo, para situar os personaxes nos lugares aos que foron. De feito, nas dúas últimas páxinas, móstranse en miniaturas todos os espazos da viaxe e tamén se presentan os Bolechas no reverso da capa e a contracapa. Os personaxes destes dous títulos están debuxados cunhas formas redondeadas co uso de cores fortes sen pretensión volumétrica. Son figurativas, están realizadas con tintas planas e con formas remarcadas por unha liña grossa. As escenas, de páxina completa, corresponden totalmente co texto. A narración pódese seguir perfectamente só coas imaxes.


Nova entrega desta serie creada por Pepe Carreiro (Vigo, 1954). Desta vez a acción transcurre en Cambados, onde o grupo de personaxes que conforman a familia d’Os Bolechas vai pasar unha xornada, xunto á súa amiga Carmiña. Un narrador omnisciente refire a historia dende a súa chegada á estación de autobuses de Cambados. A seguir, marchan a hospedarse nunha pousada que admite animais. Na recepción hai unha morea de cans pequineses e un *husky* siberiano idéntico a Chispa, o can dos Bolechas. Mentres súa nai lles cociña unhas vieiras propias da rexión, os nenos e nenas van dar un paseo pola cidade co seu can. Será nese paseo cando advirtan que Chispa non se comporta como é habitual, xa que non para de brincar e meterse en todas partes. Braulio, un dos nenos, descobre que non se trata do seu can xusto antes de levalo ao veterinario, ao pensar que debía ter algunha doença. Deciden, pois, regresar á pousada e no camiño atopan un hóspede de paseo cun can que resulta ser Chispa. Xa na pousada todos gozan da comida que lles tiña preparada súa nai. A linguaxe da que fai uso Carreiro é rica en léxico ao tempo que sinxela e directa, mentres que as ilustracións, tamén do propio autor, son figurativas e con cores moi vivas. Serven, sobre todo, para situar os personaxes no lugar visitado. De feito, nas dúas últimas páxinas móstranse en miniaturas todos os espazos da viaxe e tamén se presentan os Bolechas no reverso da capa e contracapa. Os personaxes destes dous títulos están debuxados cunhas formas redondeadas co uso de cores fortes sen pretensión volumétrica. Son figurativas, están realizadas con tintas planas e con formas remarcadas por unha liña grossa. As escenas, de páxina completa, corresponden totalmente ao texto. A narración pódese seguir perfectamente só coas imaxes.

Neste conto fantástico de Fina Casalderrey (Xeve, Pontevedra, 1952), nárrase, despois dunha dedicatoria a Marcos, a Rocío e ao propio lector, a historia de Marqués e Malta, dous cans, que mortos de fame, deciden ir buscar comida ao vertedoiro. Mentres Malta busca entre o lixo algo para comer, Marqués contalle dende a beira o que faría por ela se fosen diferentes animais, obxectos e persoas como por exemplo unha bolboreta ou un papaventos. Logo de moito remexer, Malta atopa un delicioso zanco de polo que decide compartir con Marqués despois da pregunta que este lle fai de “e ti que farías por min?”.

O conto remata con Malta convidándoo a comer xunto dela e rifándolle para que se espreguice. Na ilustración de Manolo Uhía (Portonovo, Pontevedra, 1944) da cuberta aparece unha escena dos protagonistas da historia, en fondo branco. Na contracuberta hai texto e unha pequena ilustración dunha colección de obxectos. As gardas son as dúas iguais e representan unhas bolboretasamarelas. As ilustracións do interior a dobre paxina complementan o texto, que aparece cada dúas paxinas arriba á esquerda a modo de introdución á ilustración. As imaxes están realizadas todas en acuarela.

Recensións:


Recoñécese o valor da traxectoria literaria de Fina Casalderrey dentro do sistema da literatura infantil e xuvenil como parte desa xeración de mestras que apostou na década dos noventa con forza pola renovación pedagóxica e literaria. A seguir, destácase que se incorporen á súa producción ¿E ti que farías por min? e *Un saco de estrelas*, dúas obras narrativas dirixidas ao lectorado autónomo. Describese a primeira como unha historia sobre a amizade entre Malta e Marqués, dous cans que se axudan a sobrevivir na rua e que amosan unha relación de complicidade a pesar do desigual esforzo na busca de alimentos. Ao mesmo tempo, infórmase que Manuel Uhía, ilustrador desta historia, xa colaborou con Casalderrey en obras como a premiada *Os misterios dos fillos de Lúa* (1995).


Afirmase que este conto é unha proba máis da habelencia literaria de Fina Casalderrey, así como da calidade do labor ilustrativo de Manuel Uhía. Interprétese que esta historia reproduce a través dos seus protagonistas caninos os tópicos do macho que delega na femia labores como a procura de alimento. Sinállase que a través dunha estrutura repetitiva se amosa o carácter pícaro de Marqués e que ao final quedan patentes os valores da amizade incondicional e a xenerosidade nunha sentencia humorística.
Referencias varias:

- Fina Casalderrey, “¿E ti que farías por min?”, *El Progreso*, “Pícaros”, “O conto”, 15 maio 2010, p. 3.

Insírese nesta sección fixa un fragmento da obra *Un saco de estrelas*, escrita por Fina Casalderrey e ilustrada por Manolo Uhía.


Entrevístase a Fina Casalderrey por mor da publicación en Edicións Xerais de Galicia de *¿E ti que farías por min?* e *Un saco de estrelas*, “duas historias distintas dirixidas a un público diferente tamén”. Na conversa a autora do Lérez explica a diferencia entre ambas as historias, dá conta de como constrúe os personaxes en xeral e os destas obras en particular e en que se inspirou para crearlos. Finalmente, dá a súa opinión sobre a relación da nenez coa lectura antes e agora e sobre qué supón ser escritor e escribir libros para os máis novos e de literatura infantil.


Dáse conta brevemente do argumento de *¿E ti que farías por min?* e *Un saco de estrelas*, de Fina Casalderrey, así como da colección “O club da ciencia”, de Víctor Raga, presentadas todas elas como novidades da editorial Xerais. Con respecto á primeira, destácase o humor desta historia “que se converte de simple en orixinal”, así como o carácter preguiceiro dun dos protagonistas.


Edición exenta do con texto publicado no volume narrativo *Un saquiño de contos* (2001), no que participaron Xoán Babarro González, Fina Casaderrey, Antonio García Teijeiro e Gloria Sánchez e que saiu á luz co motivo da conmemoración do número 100 da colección “Merlín” de Edicións Xerais de Galicia. Esta primeira edición, que fora ilustrada por Xan López Domínguez (Lugo, 1958), está descrita no *Informe* correspondente. *Un saco de estrelas*, agora actualizado á normativa actual do galgo, é un conto fantástico dedicado á nai de Fina Casalderrey (Xeve, Pontevedra, 1952) sobre a figura do arco da vella. A protagonista deste conto é descrita por un narrador omnisciente en terceira persoa como unha muller etérea, extravagante e alcalde aos medos que a súa simple presenza provoca na nenez de Sobredorrío. Tan só unha rapaza, Alba, descobre a súa verdadeira natureza por azar e achégase a ela motivada en principio pola curiosidade ante o seu saco que aumenta progresivamente de tamaño e despois pola bondade desprendida polo seu sorriso. Finalmente, a anciá comparte o segredo que contén o seu saco coa inagua rapaza e entregalle un diadema coas sete cores da bufanda a Alba como agasallo. A superación dos prexuízos e o respecto ante a diferencia son os valores defendidos nesta narración cun punto de vista positivo e optimista. As ilustracións figurativas están realizadas por Enjamio, nome profesional do ilustrador.
Luis Castro Enjamio (A Habana, Cuba, 1962), e recollen o seu estilo característico: personaxes moi expresivos, cabezas esaxeradas e gran relevancia dos ollos. Emprega unha técnica moi actual creando as ilustracións con montaxes feitas co ordenador sobre fondos brancos, azuis ou negros. As cores que predominan son grises contrastando con pequenos detalles multicores. As composicións, cun estilo imaxinativo para describir situacións fantásticas nas que a maxia está presente, son variadas e ocupan todas as páxinas con distintos puntos de vista, deixando espazos baleiros para situar o texto.

Recensións:


Despois de facer unha serie de consideracións sobre o álbum, afirma que Un saco de estrelas tece con firmeza e fermosura elementos dispares que van máis alá do harmonioso avanzar das ilustracións de Enjamio co texto de Fina Casalderrey. Sinala que esta tea literaria vai apalpando a cerna dos mitos, que volven neste libro coa forza primixinia de tentar explicar a través da imaxinación os fenómenos naturais e os misterios da vida, ademais de sinalar que busca a maxia das adiviñas. Comenta que estas fontes aparecen nunha atractiva actualización e que tamén se revisita o papel das que escolleron tecer soas a súa tea, así como defende o poder da curiosidade para coñecer, descubrir e querer. Conclúe dicindo que é un relato como a tea que sae do saco da vella, longo e infinito, cheo de cores que agardan arrastrar tras de si as nosas curiosas olladas e facelas máis comprensivas e sabias.


Incidese no peso da fantasía no conxunto da obra de Fina Casalderrey e neste conto en particular, que se describe como unha historia de utopías e esperanzas en contraposición aos medos suscitados polo descoñecido e diferente. Tamén se destaca o valor estético do texto e das ilustracións de Enjamio, que se consideran evocadoras de mundos marabillosos e da actitude de respecto transmitida nesta historia protagonizada por unha vella de comportamento extravagante e sorriso permanente xunto á rapazada de Sobredorrio.


Tras recoñecer a importancia do labor literario de Fina Casalderrey, destácase que se incorporen á súa producción ¿E ti que farías por min? e Un saco de estrelas, dúas obras narrativas dirixidas ao lectorado autónomo. Con respecto á segunda afirmase que a través da súa protagonista, unha muller considerada extravagante na súa contorna, se transmite unha mensaxe sobre o respecto ante a diferenza. Considérase unha narración entrañábel que aborda a superación dos prexuízos cun punto de vista positivo e optimista. Finalmente salienta a reedición d’Un can no piso (2003) como unha proba máis da aceptación que Casalderrey ten alcanzado no sistema literario galego.
Referencias varias:


Entrevistase a Fina Casalderrey por mor da publicación en Edicións Xerais de Galicia d’Un saco de estrelas e ¿E ti que fariás por min?, “duas historias distintas dirixidas a un público diferente tamén”. Na conversa a autora do Lérez explica a diferenza entre ambas as historias e dá conta de como constrúe os personaxes en xeral e os destas obras en particular. Finalmente, achega a súa opinión sobre a relación da nenez coa lectura antes e agora e sobre qué supón ser escritor e escribir libros para os máis novos e de literatura infantil.


Dáse conta brevemente do argumento d’Un saco de estrelas e ¿E ti que fariás por min?, de Fina Casalderrey, así como da colección “O club da ciencia”, de Víctor Raga, presentadas todas elas como novidades da editorial Xerais. Con respecto á primeira, salíntase a reacción da protagonista fronte a todos os insultos recibidos, así como a súa maxia e bondade.


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’Un saco de estrelas, escrito por Fina Casalderrey e ilustrado por Enjamio.


Tras describir brevemente o argumento da historia e a traxectoria da autora, reproducéuse un fragmento d’Un saco de estrelas.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas recensionadas nesta páxina. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras pertencentes a escritores galegos, menciónase Un saco de estrelas, de Fina Casalderrey, da que se salientan a superación dos prexuízos e o respecto ante a diferenza.

Este volume, que se distribúe con motivo da celebración do Día Internacional do Libro Infantil, conta coas ilustracións figurativas de David Pintor. Na cuberta, en cores alegres, aparece unha figura estilizada dun lagarto en bicicleta e no interior, introduciendo cada parte, hai unha imaxe en branco e negro, que resulta de fragmentar a imaxe da cuberta e que se relaciona co nome da colección e non coa temática dos textos. Os relatos que inclúe son da autoría de:


Nesta peza de Jacobo Fernández Serrano (Pontevedra, 1971), a nena Menfita vai ver a Bruxa Mademoiselle Maldita Bestora, que no oitavo día da semana, en lugar de comer os nenos, cúmprelles os seus desexos. Menfita consigue chegar até ela nese día e pidelle dous desexos: ser maior que seus pais e ter un xardín de plastilina. A Bruxa cumpre os seus desexos mais o resultado non é exactamente o que ela esperaba.


Charo Pita (A Coruña, 1966) realiza este texto “En homenaxe ao Señor dos Cactos de Donlebún”.


Xavier Queipo (Santiago de Compostela, 1957) dedica este relato “Aos que perden a memoria e recuperan a fantasía”. Un narrador en primeira persoa conta as historias dun home que perdeu a memoria pero que, a través da súa caixa dos tesouros, converte os seus recordos en fantasías.

Tamén descrito no apartado VII. II. Literatura Infantil e Xuvenil. Poesía deste Informe.


Volume publicado nunha edición conmemorativa do Día Internacional do Libro Infantil. Está composto por relatos e unha serie poética. A cuberta ten unha ilustración de Manuel Cráneo que representa un lagarto azul e que supón un aceno ao nome da colección. A imaxe non ten relación cos contos e repítese no interior, en branco e negro, para introducir cada texto. Os relatos que recolle son de:

- Francisco Castro, “As dúas orellas e o rabo”, pp. 5-21.

Nesta historia de Francisco Castro (Vigo, 1966), un mosquito vinga a dor e a morte dun touro co que xogaba dende cativo picando un home que permitira ese sufrimento.

Neste texto de Eva Moreda (Vegadeo, Asturias, 1981), unha primeira persoa conta como o seu tío “pailán”, á vista da familia e da xente que o coñece, decidiu deixar a súa vida na aldea para ir ver o sol de medianoite primeiro en Islandia e despois en China, ante a incomprensión de toda a familia, porque non muda a súa existencia aínda que viaxa.


Neste relato de Carlos Vila Sexto (A Coruña, 1977), unha primeira persoa narra acontecementos que se producen nunha viaxe en tren de xente moi cansa polo traballo: Arturo, que comeza a ver persoas reflectidas no cristal e despois xente en varios lugares do tren até nubrárselle a vista, e despois Fernando, quen comeza a ver a Arturo no cristal, momento no que remata o relato, quedando o final aberto.

Tamén descrito no apartado VII. II. Literatura Infantil e Xuvenil. Poesía deste Informe.


Novela de Francisco Castro (Vigo, 1966) coa que, dende a ficción, recrea un dos episodios vitais máis significativos deste comerciante e explorador veneciano, do que a historiografía se centrou en recoller as súas viaxes polas ignotas rexións do Afastado Oriente. Pese ao que cabería agardar deste seu título, o protagonismo central desta narración non é asumido por Marco Polo, senón que por outro Marco, un infante da Academia da Gelichi namorado da *principessa* Naia e sometido á crueldade e despotismo do pai, o Primo Xeneral. O amor puro que Marco profesa pola *principessa* é, xa que logo, o vértice desta novela e a partir del irradian novas liñas argumentais que desvelan outros amores, así como evocan as aventuras do Milione e a vida cortesá da Venecia do século XIII. A sintonía entre as partes dálle corpo a unha armazón que adquire maior consistencia e unha gran dose de realidade, a través do seu encade nun tempo e nun espazo reconstruídos sobre todo por medio de numerosas referencias históricas. Esta simbiose entre as partes é tan manifesta que o propio espazo muda en función do estado de ánimo de Marco, polo que a lordenta Venecia se transforma nunha cidade brillante ao verse correspondido por Naia. Baixo esta trama tutelada por un narrador un tanto retranqueiro, agóchase unha serie de valores que, lonxe de posuír carga didáctica, alentan a derrocar a tiranía, procurar a liberdade e loitar polos soños. O mozo infante, influenciado e amparado por Marco Polo, rompe os códigos impostos e navegará en busca do seu dourado, acompañado dunha tripulación que comparte os seus mesmos principios. Amor, aventura, intriga e historia son alguns dos ingredientes que se ofrecen nesta historia que presenta na súa cuberta un deseño de Fausto Isorna (Catoira, 1961). Sobre un fondo liso de cor vermella destacan as letras do título e do autor da novela, mostrándose na esquina superior esquerda unha pequena imaxe dunha escultura representando a figura mítica dun león alado.

**Recensións:**

Comenta que en Venecia converxe *O segredo de Marco Polo*, de Francisco Castro, que sitúa no século XII unha andamiaxe na que intervén ficcionalmente o universo do lendario Marco Polo, coa finalidade de reescribir unha historia e un espazo que afondan nas constantes que caracterizan as propostas anteriores do autor: reescribir unha historia de amor para erixir unha crítica ao poder e amosar a confianza en valores da condición humana como a amizade e a busca da liberdade persoal. Faise eco doutras virtudes desta novela relativas á súa documentación, personaxes, puntos de vista narrativos, etc., que callan nunha lectura moi recomendábel.


Logo de revisar a produción literaria de Francisco Castro e referirse a outras das súas actividades no ámbito literario, centra o seu comentario n’*O segredo de Marco Polo*. Sinala que nesta novela recrea un dos episodios vitais máis significativo deste comerciante e explorador veneciano. Achega o seu argumento e apunta que baixo esta trama que atraía polo atractivo do seu argumento, unha estimulante intriga xa explícita no título e unha escrita áxil dirixida por un narrador un tanto retranqueiro, se agochan unha serie de valores. Conclúe afirmando que o amor, a aventura, a intriga e a historia son algúns dos ingredientes desta proposta narrativa de Francisco Castro.

**Referencias varias:**


Infórmase da presentación das novidades editoriais en Festigal, entre as que se atopa *O segredo de Marco Polo*, de Francisco Castro.


Entrevista con Francisco Castro na que comenta que un dos puntos fortes d’*O segredo de Marco Polo* é o intento de demostrar o poder da viaxe, sendo a viaxe máis importante a que vai por dentro, “a interior, dun soldado que pasa de asumir o seu destino con mala uva, a atreverse a tentar facerse dono de seu”. Refírese ás conexións desta novela coa súa produción anterior e sinala que a técnica narrativa que empregou nesta súa última entrega estivo condicionada por dirixirse a un público xuvenil. Tamén entra na análise dos seus protagonistas e valora como o cambio de goberno pode afectarlle á cultura galega.


Aínda que afirma que *O segredo de Marco Polo* non ten como obxectivo transmitir ningunha clase de valor didáctico, admite que posúe uns valores moi claros: o dereito á liberdade e a necesidade de perseguir os propios soños. Sinala que nesta novela o importante é a trama e valora o papel que nela ten a cidade de Venecia. Refire como se sente coa escrita de novela ou de relato, ademais de falar do seu labor nas redes sociais,
xa que se considera un “talibán” das novas tecnoloxías. Pecha esta entrevista falando da relación entre internet e o libro.


Sección fixa dos suplementos na que se acolle, entre outros, un breve descritor d’O segredo de Marco Polo, novela de Francisco Castro; Asasinato no Consello Nacional, de Diego Ameixeiras; e As horas baixas (2008), de Manuel Lourenzo.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas recensionadas nesta páxina. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras pertencentes a escritores galegos, menciónase O segredo de Marco Polo, de Francisco Castro, “unha novela chea de amor, aventura, intriga e historia”.


Acóllense neste volume os poemarios e relatos gañadores dos XXXVII Premios Literarios “Minerva” 2009, precedidos por un limiar de Manuel Quintáns Suárez, que tamén actuou como presidente do xurado na modalidade de narración. Homenaxéase no limiar a figura de Avelino Abuín de Tembra (Dodro, 1931), de quen se destaca dende o seu papel como Profesor de Lingua e Literatura no Colexio Manuel Peleteiro até a súa función como animador e promotor de fundacións coma o Pedrón de Ouro e os Premios Minerva, fundados no ano 1963. A seguir, realizase unha reflexión evocadora histórico-ficcional polo significado e nacemento dos Xogos Floraís. Colocando a celebración máis temperá en Toulouse (1323), cita os Xogos Floraís da cidade de Barcelona en 1393 e 1859 para chegar aos Xogos Floraís da Coruña (1861), Pontevedra (1886) e Tui (1891), acto público consagrado historicamente polo emprego oral do galego. Diante desta tradición, sitúanse os Xogos Floraís do Colexio Manuel Peleteiro de Santiago de Compostela como os primeiros Xogos Floraís de Galicia de Ensino Medio, cunha estrutura, escenario e bases claras, entre as que destacan unha “laudatio” por parte de persoais do ámbito das letras ou a incorporación das modalidades de ensaio e narración breve en 1971. A versión última do certame inclúe unicamente poesía e narración breve en galego. O actual volume acolle os seguintes relatos:

- Daniel Martínez Mariño, “Camiño do leste”, pp. 73-[78].

O primeiro Premio de Narración recaeu no texto de Daniel Martínez Mariño, no que se recrea a curiosa relación entre o protagonista e o señor Wo, propietario dun restaurante de comida chinesa, que acabarán como “novos Marco Polos” camiño do Leste, en moto.

- Lorena Riveiro Rodríguez, “Coma unha boneca rusa”, pp. 79-[86].
O segundo Premio de Narración correspondeulle a Lorena Riveiro Rodríguez por un relato, no que se bota man do suspense e da complexa temática do desexo dun fillo e o aborto para resolver a estraña atracción pola veciña da porta do lado.

- Aldo Dagrazza Valverde, “O francés”, pp. 87-[92].

O terceiro Premio de Narración recaeu na peza de Aldo Dagrazza Valverde, na que se indaga no coñecemento, dificultades vitais e relación interpersoal cun vagabundo francés.

- Itziar Domínguez Uriarte, “A promesa”, pp. 93-[98].

O primeiro Accésit de Narración foi para Itziar Domínguez Uriarte por unha historia da memoria, do reencontro cos lugares vitais máis significativos e a construción dun futuro dende eles.


O segundo Accésit de Narración mereceuno Brais Lamela Gómez por un texto no que un pai conta historias interpretadas en clave fantástica polo fillo, que virán a descubrirse reais, coa confirmación da historia da baioneta de ferro que, na guerra civil, lle cravara un amigo.

Tamén descrito no apartado VII. II. Literatura Infantil e Xuvenil. Poesía deste Informe.

Recensións:


Conto fantástico de Manuel Castro e Mª Mar Ameixeiras que se inicia coa seguinte dedicatoria: “A Ofelia do Souto de Moraña e ‘Chito Cabesudo’ do Grove polas súas historias do magosto e a noite dos calacús…”. Narra a historia dun rato que tenta recuperar a súa casa, unha fermosa cabaza que fora collida por Úxia e seu avó. Na súa procura salva a Breogán, un porco de morte segura, e os dous coñecen unha avelaíña. Estes novos amigos axudaranlle a recuperar a súa cabaza e, sen sabelo, vanse mergullar na noite do Samain descubrindo as tradicións das festas do Magosto galego. Ao rematar
o conto, hai unha parte de xogos, cantigas e outras actividades para que os máis cativos coñezan o Samaín. Con respecto ás ilustracións de Francisco Ameixeiras, observase na cuberta o rato protagonista. As imaxes do interior son debuxos coloreados con acuarela e comparten protagonismo as personas e os animais nunhas composicións a dobre páxina. As imaxes teñen referencia ao ambiente rural galego: hórreos, palleiros, lareiras, alambiques, etc. Utiliza cores suaves nas primeiras páxinas e outras máis escuras nas últimas, que nos levarán polas distintas escenas.


Conto de María Corleone que se inicia cunha dedicatoria da autora: “Para os nenos que esperan colgando de calquera lúa de auga polos seus aloumiños. Para os bicos de nais e de pais que queren voar cara aos seus meniños e aínda non atoparon o camiño. Para ti, Jesús, meu vento favorable e compañheiro, por soprar sen dubidalo xameis ata levantarme ao encontro de todos os meus soños. Para Alfonso e Carlos, por facerme lembrar como pensar e senten os nenos, e por me aprender a querer como o fan as nais e, sobre todo, para Antón, meu fillo pequeno, o verdadeiro autor deste conto e de todos os sentimentos que alberga dentro”. No relato unha primeira persoa, a través dunha linguaxe sinxela, dá conta das vivencias de Antón, un neno de catro anos que, utilizando a súa potente imaxinación, fabrica a súa propia historia para entender que non saíu da barriga da súa nai, senón que foi adoptado. O relato compleméntase con actividades didácticas que se estruturan nos apartados “Despois de ler”, “Plan de diálogo” e “Pero a historia non remata aquí”, e cunha reflexión final da Asociación de Filosofía para Nenas e Nenos de Galicia na que se invita o lectorado, neno e adulto, a ir máis alá do conto e meditar sobre o significado deste e dos interrogantes que poida suscitar. Está ilustrado pola mesma autora dos textos cunhas imaxes que mesturan a colaxe, a pintura e a fotomontaxe. As composicións teñen un marcado carácter infantil.

**Referencias varias:**


Indícase que Everest Galicia saca á luz o proxecto “Miroscopio”, tutelado por María Corleone e no que colabora a Asociación de Filosofía para Nenas e Nenos de Galicia, para dar resposta a moitas das preguntas dos nenos que os adultos non saben responder. Sinálase que este proxecto está composto por cinco volumes titulados co nome dun neno, por exemplo *Antón*, que busca respostas aos seus catro anos, polo que inventa un aparello, co que pode mirar á súa maneira e atopar gnomos ou luas de auga quente.

Conto de María Corleone que se inicia coa seguinte dedicatoria da autora: “Para os que saben baixar estrelas do ceo á sopa e plantar mimosas nos meniños. Para os grandes narradores da miña infancia, os da casa e os de Parada, en Oza dos ríos. Par todas as mestras que fixeron felices aos meus fillos: Elena, Cristina, Mari Carmen, Fita, Elisa, Vicky, Gorgoso... Para Vicente Traver, o gnomo que máis brillou por Faxilde. Para a protagonista deste conto: María Tejuelo Real e a súa familia”. A través dun narrador en primeira persoa cóntase o que María, a protagonista do conto, realizará unha vez que poida saír soa á rúa. O máis importante é que, xunto coa súa boneca Laica viaxará ao espazo e chegará ao sol, visitando tamén os aneis de Saturno e a Lúa. Xunto coa súa paixón polo espazo, intercala preguntas para os lectores, facéndoos así partícipes da historia. Tamén fai descrícións moi superficiais dalgúns elementos do cosmos como as estrelas das que ademais conta que súa nai, que é máxica, báixaaas do ceo e dallas na sopa e, grazas a iso, ten unha galaxia na barriga que lle fai cóxegas, estírase e faille rir e chorar. Como remate, nos apartados: “Despois de ler”, “Plan de diálogo” ou “Pero a historia non remata aquí”, atópanse uns recursos didácticos para traballar a lectura do libro atendendo a aspectos como a importancia de imaxinar o que vai vir e o que se quere vivir. Está ilustrado pola mesma autora dos textos cunhas imaxes que mesturan a colaxe, a pintura e a fotomontaxe. As composicións teñen un marcado carácter infantil.

Referencias varias:


Indícase que Everest Galicia saca á luz o proxecto “Miroscopio”, tutelado por María Corleone e no que colabora a Asociación de Filosofía para Nenas e Nenos de Galicia, para dar resposta a moitas das preguntas dos nenos que os adultos non saben responder. Sinálase que este proxecto esté composto por cinco volumes titulados co nome dun neno ou nena. Coméntase que María soña con ser independente e poder saír soa da casa, pero tamén con viaxar polo espazo coa súa boneca Laica e, así, amósanos o seu mundo interior.


Conto fantástico-realista de María Corleone que se inicia coa seguinte dedicatoria da autora: “Para os perseguidores de soños, e para todas e cada unha das miñas incombustibles compañías. Para ‘a xefa’ dos contos e o meu apoio imprescindible neste proxecto, Carmen Loureiro, e para todo o grupo de FPN de Galicia; para a comadrona destas historias, Ana Cáceres; para a miña rescatadora en todos os meus atoamentos, Diana Paris, para o meu escudeiro e irmán de barrio e alma, Julio Zarra; para o rei das posibilidades insólitas, Alfonso Franco, o meu ‘boss’; para o artista ao que máis puxen fóra de si e que mellor fala das miñas láminas, Pepe de Jiménez, e, por suposto, para Clara e Eva Nieto Peña, para os seus pais e, en especial, para Ana Peña e as fermosas palabras en galego que colecciona e regala”. O presente conto trata sobre unha nena de
catro anos, chamada Lara, que vive en Faxilde na casa dos seus avós porque os seus pais xa non queren vivir xuntos. A nena é a narradora en primeira persoa da súa historia e nela fala da súa familia e amosa os seus gustos, os seus soños, as súas ideas... pero sempre facendo preguntas ao lector. Ao longo do relato inventa un conto, reescribindo os de transmisión oral, “A princesa dos ollos tristes”, que intercala con explicacións persoais e sobre como realizar esta narración, que diferenza do texto xeral a partir da cor. Lara, como non sabe escribir, recolle as súas historias nunha gravadora que lle regalou seu pai. Ademais, cando inventa os contos vainos pintando. Deste xeito, anima a todos os nenos e nenas a que inventen contos aínda que non saiban escribir e mesmo que rematen o proposto. Ao final do conto, aparecen unhas pequenas fichas e suxestións (“Despois de ler”, “Plan de diálogo” e “Pero a historia non remata aquí”) para os adultos que acompañen os nenos nesta lectura. Tamén se explica a iniciativa do proxecto “Miroscopio” e a súa filosofía e recóllese unha reflexión final da Asociación de Filosofía para Nenas e Nenos de Galicia. Está ilustrado pola mesma autora dos textos cunhas imaxes que mesturan a colaxe, a pintura e a fotomontaxe. As composicións teñen un marcado carácter infantil.

**Referencias varias:**


Indícase que Everest Galicia saca á luz o proxecto “Miroscopio”, tutelado por María Corleone e no que colabora a Asociación de Filosofía para Nenas e Nenos de Galicia, para dar resposta a moitas das preguntas dos nenos que os adultos non saben responder. Sináise que este proxecto está composto por cinco volumes titulados co nome dun neno ou nena. Cóntase que Lara é a única escritora do mundo que aínda non sabe escribir nin pintar máis, polo que seu pai lle regalou unha gravadora para que non se perdan os seus contos, cuxas protagonistas non teñen mans, o que condicionan moito as histories desta contista de catro anos.


Conto fantástico-realista de María Corleone que comeza con esta dedicatoria da autora: “Para todos os nosos sofás, desde os meus coxíns brandiños ata os meus recuncho secretos. Para os meus amigos e provedores de toda sorte de materiais e fotos. Para os meus axudantes ao pincel, en especial, para Vicky Longa. Para as miñas costureiras e recortadoras (miña nai a ‘más’ de todas), para os meus taxistas, para os meus fotógrafos, Vítor Mejuto e Fuco Reyes; para os meus tradutores; para os meus músicos; para os meus cociñeiros; e para Irene, a miña entusiasta editora: E, como non!, para o neno máis ríseiro da terra e mellor amigo de Antón: Óscar Ventoso García e a súa familia”. A continuación, reproducese a narración dunha primeira persoa que corresponde ao seu protagonista, Óscar, un neno de catro anos que describe, a través de sentencias encadeadas, o que para el significa a amizade. Ao final da obra aparecen tres apartados (“Despois de ler”, “Plan de diálogo” e “Pero a historia non remata aquí”),
además dunha reflexión final da Asociación de Filosofía para Nenas e Nenos de Galicia nos que se convida o lectorado, nenos e adultos, a cavilar sobre o relatado, que se pretende que sexa un “estímulo do pensamento”. Está ilustrado pola mesma autora dos textos cunhas imaxes que mesturan a colaxe, a pintura e a fotomontaxe. As composicións teñen un marcado carácter infantil.

**Referencias varias:**


Indícase que Everest Galicia saca á luz o proxecto “Miroscopio” tutelado por María Corleone e no que colabora a Asociación de Filosofía para Nenas e Nenos de Galicia, para dar resposta a moitas das preguntas dos nenos que os adultos non saben responder. Sinálase que este proxecto está composto por cinco volumes titulados co nome dun neno ou nena. Destácase que Óscar imaxina a qué se dedicará de maior (futbolista, nadador nun mar cheo de golfinos e quenllas sen dentes, etc.), mentres nos describe o que é para el, un neno de catro anos, a amizade.

**Corleone, María (texto literario e ilustracións), Salvatore, textos didácticos da Asociación de Filosofía para Nenas e Nenos de Galicia, música Alfonso Casi Siempre, A Coruña: Everest Galicia, col. Ler é Vivir (Miroscopio), [lectorado autónomo], 2010, [40] pp. (ISBN: 978-84-403-1171-9).**

Conto fantástico-realista de María Corleone que figura precedido da seguinte dedicatoria: “Para os lambedores de feridas, para os remendadores de ás, para os entaladores de penas e de medos, para as enredadeiras cicatrizantes e, en especial, para un gnomo cordobés que fabricou para min, cando máis falta me facía, o bosque máis medicamentosos e acolledor da terra. Para Adán e Magada, por se converter en romanos e no que fixese falta; para César Desviat, por retratalos; para Miguel Ángel, por todas as fotos que me enviou e polo cariño que sempre me regala; para Mario e Gloria, por ser eles e deixarme usalos de avós e, xa que logo, para Juan Miguel Pazos Loureiro, o cachorríño máis fermoso desta historia”. O conto está relatado en primeira persoa polo seu protagonista, un rapaz romano de catro anos chamado Salvatore, que vive cos seus avós nunha granxa de Faxilde. Salvatore conta que o seu compañero de noite é Miguel, un coello que, coma el, leva cueiro polas noites pero, como Salvatore xa non se mexa por riba, ponlle un cueiro ao seu amigo, pero cando se deitan na cama si que lle entra un cueiro pola ventá e méteselle no pixama. Ademais Salvatore, cando come as pizzas, os espaguetes e os batidos de froita que lle fan os seus avós, soña con ser maior para poder vivir cos seus pais que traballan e viven en Roma, onde traballará de “Veterinario Planetario”. Ao final do relato, ofrécese ao lectorado a posibilidade de reflexionar sobre o contido e o sentido da narración, partindo das propostas de tres apartados (“Despois de ler”, “Plan de diálogo” e “Pero a historia non remata aquí”), ademais dunha reflexión final da Asociación de Filosofía para Nenas e Nenos de Galicia sobre a necesidade de estimular a capacidade de mergullarse nos interrogantes. Está ilustrado pola mesma autora dos textos cunhas imaxes que mesturan a colaxe, a pintura e a fotomontaxe. As composicións teñen un marcado carácter infantil.
Referencias varias:


Indícase que Everest Galicia saca á luz o proxecto “Miroscopio” tutelado por María Corleone e no que colabora a Asociación de Filosofía para Nenas e Nenos de Galicia, para dar resposta a moitas das preguntas dos nenos que os adultos non saben responder. Sinálase que este proxecto está composto por cinco volumes titulados co nome dun neno ou nena. Saliéntase que Salvatore desexa vivir con seus pais en Roma e de maior quere ser un veterinario “planetario”, pero antes ten que resolver o problema dun cueiro voador que todas as noites entra no seu cuarto e se mete dentro do seu pixama sen permiso.


Volume de Antón Cortizas (Ferrol, 1954) iniciado por un limiar no que o autor relata as súas experiencias en Carnota e a petición feita ao seu alumnado, entre once e quince anos, para que, como actividade de aula, descubiran a riqueza da literatura oral da zona. O material foi tan abundante e interesante que decidiu ordenalo e publicalo. O obra está dividida en once capítulos que recollen os diferentes tipos de relatos. “Cantareas” é a sección máis extensa, xa que recolle mil cincuenta e nove composicións divididas en varias seccións dependendo da súa temática: amores e namorados, burlas e escarnios, cantar e bailar, casorios, cregos, desamores, festas do ano, fiadas e muiñadas, ir e vir, lugares, mocidade, mundo non humano, nais, oficios, parentela, retesías, santoral, sociais, vellas e vellos. A continuación, “Triades” recolle duascentas setenta e oito coplas de diversa temática como o mar, o amor, a choiva, o canto e referencia á toponimia galega. Na sección “Regueifas e similares” recollense corentos e un exemplos que tratan casamentos, o Entroido, a primavera, un naufraxio e personaxes concretos como Farruco e Maruxiña, María da Canceliña e Marcelino. A seguinte sección inclúe duascentas setenta “Adiviñas” de moi diferente temática e as súas solucións. No apartado de “Trabalinguas” inclúe dezanzove trabalinguas moie breves. En “Lengalengas infantis” contase a historia do Chascarraschás, a da vella que tiña un can, a vella que plantou un toxo e que plantou unha col. Unha nota a pé de páxina no apartado “Cancións” explica que as trinta e unha cancións recollidas son moi coñecidas en toda Galicia aínda que algunhas presentan variantes. En “Outras composicións” recollíanse algunhas moie breves que non tiñan cabida nos apartados anteriores e que son parte de cantigas, burlas e lengalengas infantis. A sección de “Ditos e refráns” recolle trescentos vinte e seis refráns sobre animais, casamentos, comida, días do ano, homes, lugares, meses, mulleres, o agro, o tempo, a pobreza e a riqueza, saúde e traballos. O apartado “Costumes” describe certos hábitos da zona en canto, por exemplo, as herbas de San Xoán, as laradas, a noite de facer mal, o día de ramos, o serán, os bolos do muiño, o aire de morto, os endemoñados, casamentos, a xuntanza, a matanza e a tosferina. A recolización remata con “Contos”, sección na que se inclúen contos fantásticos como “O león que botaba moedas de ouro”, “Xan pequeno”, “Os tres ladróns” e “O rei e os burladores”; contos de parvos espelidos, “Xan pequeno e más.

Tamén está descrito no apartado VIII.1. Literatura de Transmisión Oral deste Informe.

**Recensións:**


Comeza sinalando que esta obra é froito dunha recolla levada a cabo en Carnota durante os primeiros anos da década do oitenta por un grupo de alumnado dirixido por Antón Cortizas. Explicita pormenorizadamente o número de cada unha das modalidades estróficas recollidas e as múltiples temáticas que abordan, deténdose a seguir no material paremiolóxico, no que sinala os temas e as dificultades para encadrar moitos dos refráns. Apunta tamén a convivencia entre material de carácter local e outro máis xeral, achegando numerosos exemplos. Detense nas opcións lingüísticas, nas que o autor nuns casos adaptou algúns castelanismos e noutros preferiu conservalos marcándoos en cursiva; e na presenza de dialectalismos, entre os que chama a atención sobre a eliminación de dous trazos característicos na zona de recollida, o seseo e a gheada. Remata sinalando a importancia e necesidade de que se sigan publicando traballos coma este, fundamentais para o estudo da cultura e que definen o perfil espiritual dun poblo ao estabeleceren “o que hai de orixinal na súa visión do mundo”.


Nesta análise de Ao pé da Laxa da Moa sinala que Antón Cortizas recolle material tradición oral e musical, que clasifica, ordena e organiza o traballo recompilado polo seu alumnado. Explica que aparecen temas e motivos recorrentes, composicións similares ás recollidas noutras zonas de España e outras propias e singulares da zona galega concreta onde se tomaron, aínda que, como apunta Cortizas, predomina a área de Carnota xa que tentou o seu alumnado valorase a riqueza do patrimonio histórico e arqueolóxico e da transmisión oral da súa zona.
Despois de comentar que a literatura de tradición oral estivo considerada como unha creación menor e atendida por eruditos de etnografía e antropoloxía que recollían mostras con afán documental, incidense en que nos últimos tempos se publican obras en galego, que recollen textos de tradición oral ou ensaios e estudios de “grande rigor”, que analizan estes testemuños. Saliéntase que este cambio de interese se reflicte na monografía Ao pé da Laxa da Moa, de Antón Cortizas, que recolle “máis de milleiro e medio de textos poéticos, preto de trescentas adiviñas, outras tantas expresións paremiolóxicas, medio cento de contos, algunas lendas e trabalinguas e outros textos puntuais” da tradición oral das terras de Carnota. Incídese na importancia deste traballo non tanto polo seu rigor científico senón polo seu afán de recuperación do saber literario oral. Por último, animase a continuar con este crecente interese polas producións literarias da tradición oral, mediante a organización de xornadas e a publicación de obras que “axuden a visibilizar” esta literatura “relegada por longo tempo”, ademais de desexar que a xente nova esperte a súa curiosidade e transmita este saber que, sen a súa participación activa, acabará por esmorecer.

Coménntase que esta obra de Antón Cortizas é un canto á particularidade e unha porta aberta á expresión a través dunha colectánea de cantareas, tríades, regueifas, adiviñas, trabalinguas, cancións e ditos, entre outras manifestacións, que foron recollidos nas terras de Carnota a inicios da década dos anos oitenta. Expícase que esta obra xurdiu como exercicio escolar para potenciar entre os máis novos o amor pola lingua e cultura galegas e unha forma de valorización da riqueza inmaterial para a súa sobrevivencia. Ofrecense os datos do número de composicións recollidas, algunas das temáticas que tratan e saliéntase o respecto á forma dos informantes, achegando así un “gran de área á conservación do noso patrimonio inmaterial”.

Referencias varias:


Entrevista a Antón Cortizas na que anuncia a publicación de varios dos seus traballos, como un libro de fotografías sobre a construción de brinquedos tradicionais, a reedición d’O merlo de ferro e a colectánea de literatura de tradición oral Ao pé da Laxa da Moa, realizada polo seu alumnado hai máis de trinta anos. Sobre a súa relación con distintos xéneros literarios, sinala que ten escrito moita poesía, aínda que permanece inédita, e que o ensaio e a novela son os que máis se coñecen da súa obra. Comenta que sempre ten máis dun libro na mesiña de noite e que está satisfeito de modo xeral con todos os seus libros. Remata referíndose ao momento de esplendor que vive a literatura galega e aos problemas de minorización e autoodio que aínda existe en Galicia, ademais de falar da importancia da diferenza e da diversidade.
Reproduce o comezo dunha lenda recompilada nesta obra e indica que Antón Cortizas foi profesor na vila de Carnota nos cursos 1980 e 1981, nos que durante medio curso lle pediu ao seu alumnado que recollera na casa manifestacións orais en galego. Apunta que foi organizando e clasificando todo ese material e outras composicións que inventara o propio alumnado, ao fío das que recolleran. Reproduce algunhas das cantareas retranqueiras e lengalengas, ademais de precisar que se recolle unha regueifa sobre o naufraxio do barco grego *Filtric* e datos sobre costumes e personaxes lendarios. Tamén dá conta das dificultades que tivo Cortizas nasqueiros anos de ensino en galego e das opinións do seu alumnado sobre as clases nesa lingua. No á parte “O perfil” salienta que Antón Cortizas é “un dos autores máis premiados da literatura infantil e xuvenil” e achega unha relación das súas obras para este lectorado.


Nesta sección fixa na que se ofrecen breves descritores de varias obras do sistema literario galego, entre outras, selecciónase *Ao pé da Laxa da Moa. Literatura de tradición oral de Carnota*, de Antón Cortizas, da que se precisa que non se trata do traballo dun “erudito etnógrafo” senón unha recolleita de cantares, adiviñas, trabalinguas, contos, lendas e mais refráns. Remata apuntando que este volume reivindica o valor da cultura galega fronte “ao imperio do castelán” e o “andazo da falsa globalización”.


*Diario de PiChük. Quen é PiChük?* é o primeiro conto da serie “Diario de PiChük” onde se presenta o protagonista. Nesta historia de Manuel Cráneo (A Coruña, 1973) cóntase onde nace este personaxe da especie dos hirflós que habita nunha aldea do planeta Mincha. Tamén se describe cómo se desenvolveu toda a súa vida e a paixón que sentiu, xa dende cativo, por todo o relativo ao espazo exterior. Esta fascinación levouno a estudar na Escola de Ciencia Tecnolóxica Avanzada e fixo que posteriormente viaxara até a Lúa de Hirflos, lugar de meditación e tamén a residencia do seu avó. Nesa viaxe, PiChük, ao observar o planeta Mincha dende outra óptica, sentiu-se chamado a entender o seu funcionamento. Dende entón traballou como científico e dedícase a percorrer o seu planeta estudando as diferentes etnias, a fauna, a flora e a cultura. Do material resultante da investigación fixose unha copia para enviar polo espazo, a través dunha cápsula, coa finalidade de dar a coñecer o mundo dos hirflós entre individuos doutras especies. O conto remata cunha interpelación ao lectorado para que se anime a coñecer, na medida do posíbel, a súa propia contorna. O planeta Mincha é o espazo principal no que acontece esta historia, aínda que cobra considerábel relevancia, no desenvolvemento do argumento, o espazo exterior. Nesta historia lineal retrocedese até
o nacemento do protagonista, de idade adulta, para partir dende dito punto e
evolucionar, paulatinamente, até o presente. Diario de PiChük. As minchas de
Aridöndia é un relato de tendencia fantástica, de ciencia ficción e de transmisión de
valores. O narrador é PiChük, un científico que traballa como investigador do Planeta
Mincha. Presenta nel as razas e as especies da rexión de Aridöndia. Ao principio do
relato nomea moitos animais curiosos que viven ali, pero na metade deste fálanos da
caste máis antiga do Planeta, as Minchas, existentes antes de que houbese mundo.
Teñen un coñecemento innato do medio e sobreviven moi ben nel, así como un
comportamento social moi marcado e, a través de diferentes posíxions (permanecendo
inmóbiles incluso varios días), poden transmitir mensaxes. PiChük non é capaz de
descifrar sempre as súas posíxions. As Minchas destacan pola irradiación de
sentimentos positivos, polo seu carácter comunicativo e pola vontade de colaboración
con outras especies. O libro remata, seguindo a liña de capítulos anteriores, cun
proverbio Hirfló: “A comunicación entre diferentes é a porta da igualdade”. As
ilustracións son do propio autor e preséntanse en composicións de dobre páxina. As
imaxes describen visualmente as paisaxes do planeta no que vive o protagonista, as súas
vivendas, os seus vehículos e a morfoloxía dos seus habitantes. O estilo das ilustracións
recorda os cómics, porque os personaxes e os ambientes están configurados cunha liña
grosa e a cor aplicada en tintas planas. As tonalidades cálidas que predominan fan
pensar na atmosfera dun planeta tórrido. As ilustracións axudan a seguir a narración con
aspectos visuais que a enriquecen. Na imaxe da cuberta aparecen diferentes seres
fantásticos.

Recensións:

galegas”, 10 xullo 2010, p. 7.

Coméntase que a primeira entrega da serie “Diario de PiChük”, dirixida á iniciación á
lectura dos máis cativos, fai uso das letras maiúsculas e dunha linguaxe sinxela pero
chea de bos valores que poden ser interiorizados na vida cotiá de cada un. Ademais, dise
que o texto vén acompañado dunhas ilustracións moi vivas que captan a atención dos
nenos. Afírmase que no primeiro conto, Quen é PiChük?, preséntase o protagonista da
serie, un científico das pradarías de Vërdia, que é unha das rexións dun planeta
imaxinario, Mincha, onde se vai asentar a trama. Saliéntase que nesta primeira entrega o
protagonista trata os costumes deste lugar imaxinario onde todo o leván a cabo con
parsimonía. Disé tamén que PiChük se dedica á investigación porque el nunca
comprendeu a seus pais. Explica que isto o leva a viaxar ao redor deste planeta até a
Lúa, onde encontra o seu avó. Así conclúe que se debe ser constante e esforzarse na
vida para chegar ás cousas. Considérase que o que fai especial este conto é que o
protagonista é capaz de ver todo dende fóra do planeta e é isto o que fai achegarse, en
certo modo, a decatarse da realidade. Por último, faise alusión á traxectoria profesional
do autor e ilustrador, Manuel Cráneo, que xa é coñecido no mundo da banda deseñada.

- Paula Fernández, “No planeta Micha”, Faro de Vigo, “Faro da Cultura”, n.º 334,
outubro 2010, p. 7.
Dáse conta da segunda entrega da serie “Diario de Pichük”, *As Minchas de Anidöndia*, que pretende axudar os máis cativos a entender o mundo no que viven e a relativizar os problemas que lles xorden a diario, xa que este planeta xoga con certo paralelismo co planeta Terra. Dise que isto é posíbel, xa que o protagonista e mais o seu robot se dedican a investigar unha especie, que lle dá nome ao seu planeta, onde aprenden unha nova linguaxe textual que lle axuda a predicir certos comportamentos transcendentais. Aclárase que isto axuda os máis cativos a madurar. Afirmase que o autor faino cunha maneira moi sinxela e moi comprensíbel para os rapaces, sen deixar de lado a opinión dos lectores adultos. Engádese tamén que é un libro moi axeitado e atractivo para todos aqueles que lles gusten os mundos exóticos e estraños.

**Referencias varias:**


Describe e comenta brevemente toda unha serie de novidades editoriais entre as que se atopan *As minchas de Aridöndia e Quen é Pichük?*, da serie “Diario de Pichük.


Novela de aventuras de Manuel Darriba (Sarria, 1973) que se sitúa localmente nunha vila sen determinar, que pode ser calquera vila galega, e temporalmente nuns días ou nuns meses. A historia está composta por dezasete episodios titulados e está narrada en primeira persoa polo protagonista, Brais, un neno de nove anos, que nos conta como é a súa vida, principalmente nas fins de semana. Fala das súas aventuras pero tamén dos seus veciños e amigos. Así, conta que os sábados vai ao garaxe do señor Roberto para axudarlle a amañar cousas como unha aspiradora ou montar uns estantes; ou vai axudarlle ao señor Luís na súa horta e tamén fai para a clase un informe de como pasa os domingos, no que conta que pola tarde normalmente visita os seus avós. Por outra banda, relata a súa relación cos seus pais que lle comunican que vai ter un irmán ou cos seus amigos Petate, Xonxa, Clara e Felipe, xa que el está namorado de Clariña e sente celos de Felipe. Tamén está presente a fantasía, por exemplo, cando o neno conversa cun antepasado do señor Roberto que sae dun retrato para falar con el; no episodio “A horta”, no que intervén a policía por Brais ir sen documentación enriba dunha cabaza; ou en “Bartolo” cuxo protagonista vai falar co sol, o vento e o mar cando estes están xogando ás cartas. Tamén aparecen algúns elementos máxicos como os regalos que os seus amigos lle fan polo seu aniversario: un contador de nubes, un atrapasombras, chicles de sabor infinito, lentes de ver do revés, un cortanéboas, unha botella con líquidos dos desexos, etc. Conta con ilustracións figurativas de Ana Santiso (Touro, 1981). Na cuberta hai unha imaxe a toda cor que ten relación co título do libro, xa que se ve o protagonista no centro dun círculo de casas, e que se completa na contracuberta. No interior os debuxos teñen só tonalidades laranxas en dous tipos de ilustracións: páxina enteira e pequenos debuxos que comparten páxina cos textos. As imaxes teñen o cometido de completar os textos con escenas que se describen na narración e nas que aparece sempre o protagonista.
Recensións:


Coméntase o volume *Brais e os demais*, de Manuel Darriba, comezando por destacar a referencia declarada polo autor á hora de construílo: *Le Petit Nicolas*, de Goscinny. Reconhécense os elementos similares que presentan ambas as obras e sublíñase que sorprende a elección dun modelo referente tan “clásico” nun escritor que arriscou en obras como *Paf Xarope* (1996) e *Experimentos coa mentira* (2005). Fálase dos dezasete capítulos titulados da historia, nos que o protagonista relata en primeira persoa anécdotas amábeis e divertidas, centradas no espazo familiar e escolar e dentro do microcosmos dun barrio, continuando a tendencia do reflexo literario da vida cotiá, abondo frecuentada polos creadores e creadoras de LIX galega desde décadas atrás. Sinálase que tanto os temas tratados –amizade, familia, relacións cos veciños, descuberta do amor, rivalidade infantil, cuestionamento dos adultos, trasnadas, chegada dun irmán…-, coma o deseño dos personaxes e as ilustracións ofrecen un retrato bastante inxenuo que semella alimentarse dunha recreación nostálxica dunha infancia do pasado, o que fai albergar dúvidas sobre a posíbel identificación dun lector ou lectora de hoxe en día e tamén sobre a recomendación editorial a partir dos dez anos. O que se recoñece no personaxe é a súa sinceridade, fóra do politicamente correcto en ocasións, e en conxunto á historia a súa atinada linguaxe e os toques de brillantez que aparecen en certos capítulos, cando asoman a ironía e a expresión de sentimentos e cando as historias transgriden os lindes da realidade e se decantan pola fantasía e o poder da imaxinación.

Referencias varias:


Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, *Brais e os demais*, de Manuel Darriba.
Dáse noticia da publicación na colección “Árbore” de Galaxia de dous libros para rapaces de dez anos en diante: *Amar unha serea*, de X. H. Rivadulla Corcón e *Brais e os demais*, de Manuel Darriba. Coméntase que en *Brais e os demais*, con ilustracións de Ana Santiso, cóntanse en dezasete capítulos as historias cheas de imaxinación de Brais, un neno de nove anos, ao que todo lle chama a atención e que lle gusta parolar cos seus veciños e que rescata un can da rúa que acaba sendo o extraviado Nicolás. Finalmente, opinase que estas dúas propostas sérvenlles aos nenos para que poidan adquirir vocabulario e soltura na lectura e, ao mesmo tempo, rir.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso de *Brais e os demais*, novela de aventuras de Manuel Darriba; *O pintor do sombreiro de malvas*, de Marcos Calveiro; *Corazón de chocolate*, de Jaureguzar; e *Cultura e paisaxe*, de Roxelio Pérez e Francisco Javier López.


Conto fantástico-realista de Asun Estévez (Bueu, Pontevedra) que se abre cunhas palabras asinadas por “Mamá”, entre as que din “sigo aquí porque os teus bicos de sol fanme invencible”. A continuación, preséntase un oso, Barullo, quen informa que Sofía, a súa amiga, non quere xogar con el, pois está triste debido á enfermidade de súa nai. Por medio dunha voz narrativa en terceira persoa (ás veces mesturada coa voz do oso) e de diálogos entre nai e filla, trátase o impacto que supón a cuestión da enfermidade no seo da familia, o modo de enfrontarse a ela, así como a dor ante a morte ou a vergoña do sentir. O conto, ateigado tamén de fantasía pola intención de transmitir ilusión, presenta situacións irreais, como o momento no que Barullo, Nai e Filla comezan a xirar pola alfombra como unha buxaina e voan “espantando así os seus medos”. Este relato, apoiado nunha linguaxe sinxela, tenta fortalecer a naturalización da enfermidade, considerándoa parte da aprendizaxe da vida e pretendendo o coidado mutuo a través dos “bicos de sol”, pois cunha actitude positiva é máis fácil pensar que “todo sairá ben”, tal e como di Sofía, os días previos á operación da nai. Péchase o conto con dous apartados de dedicatorias persoais, un da autora e outro da ilustradora: “Para o meu fillo Carlos, porque sei que sen os seus bicos de sol nada sería o mesmo. Para Aisha e Toni, dúas estreliñas de outono que comenzañ o camiño. E para Navar, o cazador se soños. e “A Carlos polo seu alento. Aos meus fillos, Álvaro, polos seus brillantes comentarios e Sara, a patinadora, por ser fonte de inspiracións”. Este conto acompañase das ilustracións figurativas de María Xosé Fernández (Vigo, 1961). Emprega un estilo infantil para unhas imaxes que completan os textos. As cores son luminosas e alegres.

Referencias varias:

Faise eco da presentación de Bicos de Sol, de Asun Estévez, na Sala de Exposiciones Amalia Domínguez Búa en Bueu. Infórmase de que a autora percorrerá os centros educativos do municipio para falar do contido do libro. Recóllese algunhas declaracións de Estévez, quen afirma que o conto quere “desdramatizar a enfermidade” e apunta que o mellor “é sempre dicir a verdade”. Ademais considera que o libro o deben ler conxuntamente “os rapaces e os maiores”. Para rematar, a autora apunta que escribe dende moi pequena e que non sabe se “o fai ben ou mal”, pero que está “satisfeita” de poder dicir o que pensa.


Narración realista de Xavier Estévez (Bélxica, 1969), ambientada na Segunda Guerra Mundial, que retoma elementos da dramática historia de Ana Frank para ampliala e acentuar o seu dramatismo, acheando un novo punto de vista que garda relación co procedemento cinematográfico presente en Rear Window, de Alfred Hitchcock. Lucas recibe o día do seu once aniversario un telescopio para mirar as estrelas, a súa gran paixón, co que seus pais tentan animalo tras pasar dous meses enfermo e sen ir á escola e paliar tamén a tristeza na que viven. Ao mirar polo seu telescopio, Lucas repara na presenza dunha rapaza na fiestra de enfrente da súa casa, nun vello edificio dunha fábrica de marmeladas abandonada. Ao primeiro pensa que se trata dunha pantasma, pero axiña descobre que é unha rapaza real e ambos comezan a se comunicar escribíndose mensaxes que se amosan polos cristais. Deste xeito nace a amizade entre Ana, que vive agochada na fábrica porque é xudía, e mais Lucas, que comeza un proceso de maduración ao se facer consciente da realidade que o arrodea, a guerra e a persecución dos xudeus, e ser quen mesmo de manter un segredo sobre a súa casa. Conforme avanza a narración vanse aclarando con diferentes pinceladas o contexto espazo-temporal e as circunstancias nas que vive a familia de Lucas e cal é a orixe do seu desazo, ao se desvelar que transcurre en Ámsterdan mentres dura a ocupación nazi. Tamén contra o final sabremos que esa rapaza é Ana Frank e Lucas coñecerá que foi deportada coa súa familia cando recibe de mans de Miep —a muller que axudou a familia Frank na realidade— o seu diario coas dramáticas revelacións. As dez ilustracións interiores de Fernando Llorente (As Palmas de Gran Canaria, 1954) van dando conta da relación que estabelecen ambos os rapaces e suxiren o ambiente bélico da cidade, poboada por soldados. A ilustración da cuberta reforza o título, ao presentar a imaxe da rapaza escribindo vista dende a fiestra de Lucas.


Conto de María Fernández protagonizado por unha pescada de nome Aida que gusta de pasear polo Océano Atlántico, no que vive coa súa familia e amigas. Nun do seus
habituais paseos Aida atópase cun ser estranxo para ela, o polbo Venancio, quen se asusta pola presenza da pescada e desprende a súa tinta. Nese intre as augas entúrbanse, Aida perde as súas curmáns e non sabe volver á súa casa. O polbo Venancio convidaa a pasar a noite na súa cova e ofrécele unha nécora para cear, pero Aida descoñecía que era aquilo, entón Venancio decide ensinarlle outras especies que ela tamén descoñecía. Así, presenta Aida Aurelia, unha estrela de mar, e a Bruno, un orizo de mar. Cando todos estaban en conversa, aparece Antón, un melgacho, e Aida alerta a todos para que se agochen, pero Antón tranquilíza os dicindo que só come peixes pequenos. Finalmente Venancio e Antón axudan a Aida a atopar a súa familia, ela despídese contenta por todo o que aprendera sobre o mar e únese ao seu banco de pescadas. O conto complétase cunhas imaxes figurativas de Domingo Alvite que ilustran este libro flexible, na que os animais mariños protagonistas da historia están deseñados con estilo infantil, con cores saturadas e as formas rodeadas dunha liña negra. Predominan as cores azuis da auga e os contrastes cos laranxas do fondo e os animais.

Referencias varias:


Dáse conta da presentación de Aida coñece o mar por parte da Asociación de Artes Menores de Galicia (Asoar-Armega), co que se procura concienciar os máis novos do coidado e preservación do ecosistema mariño. O conto, segundo se comenta, será repartido en todos os centros escolares de comarca de Fisterra. Asemade, destácase o feito de que esta iniciativa se enmarca dentro dunha iniciativa máis ampla, “Aprendendo do mar”, levada a cabo por esta asociación.


Esta nova entrega de Tere Fernández dos Lanuxe abrere nunha nota que aclara quen son estes bonecos de la e presenta os nomes do elenco de personaxes acompañados de pequenas fotos. Por medio dun narrador en terceira persoa e a través dos diálogos, contase a historia de Hip. Este confésalles aos seus amigos que quere ser funámbula e, entrementres, ensaia na casa pero cae na corda da roupa. Crispín, un dos seus amigos, cóntalle a Xade e Tula, que traballan no Circo, o desexo de Hip. Eelas dinlle que fale con Atara, quen intenta persuadila, pois nesta profesión hai que levar moitos croques. Malia todo, Hip está convencida e decide probar sorte. Á maña seguinte, vai ao circo acompañada por Crispín, Paulosqui, Boliña, Punkín e Punkiño, que se encuentran con Xade e Tula. Na proba, Hip sobe á corda e, ao querer facer máis arriscado o espectáculo, Paulosqui sobe tamén, pero finalmente caen ao chan. Xa na casa, mentres curan os croques, en compañía dos outros lanuxes, Hip confesa que xa non quere ser funámbula, senón oficinista como Paulosqui. Todas as páxinas van numeradas e nelas aparecen as fotografías, agás nonha, na que ocupa dúas páxinas (12 e 13). Logo de rematado o conto, apúntase como “facer lanuxes”, indicando os utensilios, os materiais e as pezas (a tamaño real) e explicando ademais cómo se fan os pompóns e a montaxe do boneco de la chamado Paulosqui. As ilustracións da propia autora consisten en fotografías de escenas protagonizadas polos bonecos e nas composicións a ilustradora.
xoga coa iluminación dos focos da pista. As cores son intensas e alegres como correspónde ás descricións dunha función de circo.

Referencias varias:


Presenta os bonecos de la creados por Tere Fernández e, logo de sinalar que son “familia” d’Os bolechas, refírese aos dous volumes nos que podemos ver aos Lanuxe: A funámbula e Viaxe a Terranova (2009). Para rematar, sinala que os dous números conteñen un apéndice final que ensina como confeccionar o teu propio Lanuxe.


Terceira entrega da serie creada por Francisco X. Fernández Naval (Ourense, 1956) que ten como protagonista o detective Suso Espada, empregado da axencia ADN (Axencia de Detectives Nabucodonosor), na que se recorre ás claves habituais deste xénero e a reiteracións relacionadas coas diferentes historias dadas a coñecer previamente. Nesta ocasión, o detective ten entre mans unha investigación sobre o suposto mal de ollo que caeu sobre un home, cando recibe un correo electrónico de seu curmán Francisco, que vive en México, pedíndolle axuda. Suso Espada emprende a viaxe, mais ao chegar a Oaxaca descobre que Francisco foi secuestrado e que a súa familia está ameaza por involucrarse no pasado, cando vivían nouro Estado, no tráfico de drogas. A intriga céntrase en resolver o enigma que rodea o secuestro para o cal Espada rexistra o ordenador do rapaz, descobre distintas facetas da súa personalidade, fala cos seus amigos e compañeiros da Facultade de Dereito, e coñece un fotógrafo chamado El Negro, que lle explica que Francisco semella ter conflitos coa súa sexualidade e sofre o acoso constante do inspector Porfirio Luaces. Feitos como o rexeitamento de Francisco ás antigas actividades do pai e a chantaxe que sofre por parte de Luís María Cano, un dos seus profesores, por mor do seu desexo de marchar estudar a España, manteñen a intriga e enguedéllanse nun final que conclúe coa resolución do caso e que amosa un mundo dominado pola corrupción e a violencia incontrolada. Suso Espada consegue tamén resolver o caso do mal de ollo. Das ilustracións de Beatriz García Trillo (A Coruña, 1960) salienta a creación dunhas figuras humanas bastante estilizadas sen intencións volumétricas. Ademais, a autora resalta dun xeito significativo os elementos
do ambiente exótico que dan máis indicios sobre onde se atapan os protagonistas: grazas ás imaxes incorpóranse datos sobre as arquitecturas, as vestimentas e os costumes do país onde transcorre o relato.


Libro de contos integrado no material didáctico dun proxecto de estimulación da linguaxe oral que ten como obxectivo previr e detectar posíbeis alteracións da fala estimulando o seu correcto desenvolvemento. Tanto o proxecto coma o conto están escritos por Sabela Fernández Trelles, Ana Isabel Iglesias González, Mª Eugenia Martínez Mella e Laura Mª Pampín Ares, que dedicaron o libro a todas as persoas que creron nelas e fixeron posíbel o proxecto. Está estruturado en once capítulos, cada un cunha temática diferente: a familia do dragón, o comezo da escola, o Samain, o Magosto, o Nadal, o Día da Paz, o Entroido, o poder máxico de Pepón, o Día do Libro, o Día das Letras Galegas e o verán. O narrador omnisciente en terceira persoa describe en primeiro lugar a familia de Pepón, coas súas peculiaridades e poderes máxicos, que Pepón aínda non coñece. Nos seguintes capítulos párase a contar as festas que celebra e algunhas datas concretas do calendario para narrar a vida de Pepón ao longo de todo un curso escolar, durante o cal descubrirá o seu poder máxico secreto. Ao ser parte dun proxecto de estimulación da linguaxe oral, a técnica da transmisión oral está moi presente en toda a obra. As ilustracións, complementarias da imaxe e con finalidade educativa, son de Fhermando Gago e Jesús Carnota, que utilizan cores moi vivas. O libro está feito nun formato triangular, similar ao dos almanaques, de modo que o libro se pode ler en fronte aos nenos e eles só verán as imaxes.


Álbum de Antón Fortes (Sarria, Lugo, 1957) de tendencia realista no que se trata o tema da pobreza e as enfermidades como a SIDA nos países subdesenvolvidos. Ao comezo reproduce un paratexto no que sinala a quen vai dedicado o álbum: “Aos que lle teñen amor á vida e testemuñan a loita que implica”. Ademais inclúese outro paratexto no que se indica que o autor cede os dereitos do libro á ONG guineana ALTERNAG. A narradora en primeira persoa é unha nena guineana que relata as súas rutinas diarias como ir á escola (onde lle ensinan conceptos como a discriminación, cooperación, epidemia, praga de lagostas, etc.), ao hospital por mor da SIDA (tema central ao que se fai referencia en todo momento no relato), á praza a bailar e vender cacahuetes e de ali á súa humilde casa. A figura da árbore do anacardio simboliza a paz e o refuxio que a nena pode atopar para escapar un pouco da vida miserábel que contempla todos os días e as condicións precarias nas que vive. Na narración recórrrese moitas veces a fórmulas de repetición utilizadas para a transmisión oral. Nas ilustracións figurativas Simona Mulazzani (Milán, 1964) emprega a técnica da pintura e as cores saturadas das figuras que se achegan o lectorado a un país tropical con moita luz e cor. As imaxes serven para describir as características étnicas dos protagonistas, os tecidos das roupas e os
ambientes onde transcorre a narración. A cuberta presenta a protagonista á beira dun árbore, as gardas están decoradas e a portada ten unha rama de anacardio.

**Recensíons:**


Salienta desta obra, que contou coa colaboración da ONG Asemblea de Cooperación pola Paz, a brillantez coa que o autor, Antón Fortes, resolveu o reto de achegarse a unha temática tan complexa e dura como é a incidencia da Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida que padecen moitos nenos e nenas no mundo. Na toma de consciencia entre os máis novos das realidades sociais que padecen moitas persoas no mundo que busca esta obra salienta o emprego dunha linguaxe sinxela e realista que contribúe a emocións veladas a través da relación da nena guineana protagonista coas persoas e o medio que a rodea. Considera que o estilo de Fortes posibilita a empatía dos máis novos cos seus textos e entre os recursos sobresaen aquellos elementos que se calan, nos que axexa a traxedia, ao verse todo impregnado pola morte a través de elementos como a máscara-caveira de Entroido ou as cancións para bailar na rúa. Non obstante sinala que tamén hai elementos que apuntan cara á esperanza, representada polos coidados médicos e a escola, capaz de facer desaparecer o medo, a tristeza e anguria. Remata aludindo ao traballo plástico de Simona Mulazzani que integra o equilibrio entre a imaxe e a palabra, completando dende o visual o literario e abre vías de interpretación máis alá do texto escrito.

**Referencias varias:**


Dáse conta das novidades de OQO Editora, nas que se amosa o seu compromiso social. *Á sombra dos anacardios*, de Antón Fortes, é unha delas, na que se fala da SIDA en Guinea Bissau. Refirese tamén a *Andrés cabeza abaixo*, de Pablo Albo.


Infórmase da presentación en Sarria d’*Á sombra dos anacardios*, de Antón Fortes.


Primeira entrega dunha futura triloxía de Elena Gallego Abad (Teruel, 1969) que, como o propio título suxire, conta o renacemento do último dragón galego. Nun día normal de aulas, Hadorián descobre, na fachada da igrexa de San Pedro, a presenza dun dragón que se asemella a unha das caras presente na medalla que herdara de seu pai. A partir dese
momento, a presenza do dragón forma parte do imaxinario do mozo estudante e as
lembranzas dos contos narrados por seu pai na súa infancia adquiren novos significados.
Hadrían xunto a súa amiga Mónica inician un proceso de investigación coa finalidade
de entender a relación existente entre os dous obxectos, buscando máis informacións
referentes ao misterioso dragón. En consonancia coa temática, a estrutura dada ao libro
é similar á da narrativa detectivesca, na que os personaxes son os encargados de
relacionar os diferentes elementos descubertos na tentativa de cubrir as lagoas
existentes na trama. Nese sentido, esas “pistas” convértese nun recurso narrativo
estimulante e orientador do texto, conducindo tanto o protagonista coma o lector ao
punto máximo da historia, na que se dá o encontro e a fusión de Hadrían co dragón nas
catacumbas da igrexa de San Pedro. A pesar da mestura identitaria, moitas preguntas
permanecen abertas: “Quen é Dragal e que quere? Quen decidiu que eu debo ser o Gran
Mestre dunha orde da que ninguén máis sabe nada? Como vai rematar todo isto?” (p.
151). Recórrese ao universo mitolóxico e o seu discurso literario diferénciase por
incorporar a ese tipo de escritura elementos identitarios galegos. Dese modo, o prestixio
de Dragal incide no feito de crear un universo marabilloso conforme á cultura de
Galicia. A ilustración da cuberta de Miguel Abad presenta unha imaxe que fala de
misterios e ocultismo. A imaxe está centrada nun relevo de estilo medieval cun dragón
no que refuxe uns raios verdes no seu ollo. A tipografía empregada para o título
achéganos tamén a unha época de cabaleiros e arcanos.

Recensións:

Gallego, “Tendencias”, “Literatura Infantil e Xuvenil”, “Elos de lectura”, 19 outubro
2010, p. 40.

Coméntase a obra de Elena Gallego Abad Dragal. A heranza do dragón, finalista do
IV Premio Caixa Galicia de Literatura Xuvenil 2009. Sinálase que é un libro que
ficcionaliza unha temática moi recorrente na literatura para mozos na actualidade: a
abordaxe do universo de seres sobrenaturais como o dragón. Tamén se di que é unha
obra que presenta elementos literarios moito similares á famosa saga do bruxo Harry
Potter. Remáttase recomendando que se agarde as outras dúas publicacións da serie, xa
que se trata dunha triloxía, como xa divulgou a escritora.

Referencias varias:


Transcríbese unha entrevista con Elena Gallego Abad, autora de Dragal. A heranza do
dragón, na que se fala do xermolo desta obra, primeira dunha triloxía, e doutras que
agarda publicar, tanto en prosa como en verso.

- Cecilia Martínez, “Suso de Toro leerá el pregón de la Feira do Libro de Cangas”,

Infórmase da inauguración da Feira do Libro de Cangas con Suso de Toro como
pregoeiro. Ademais, anúnciase a presentación das súas últimas obras por parte de
autores como Elena Gallego Abad (Dragal. A herdanza do dragón), Xosé Álvarez Cáccamo (Un home impuntuall), Camiño Noia (Catálogo tipolóxico do conto galego de tradición oral), Xesús Alonso Montero (Cartas de republicanos galegos condenados a morte 1936-1948) ou Xavier Castro (A rosa do viño).


Sección fixa dos suplementos na que se descreben varias obras do sistema literario galego, caso de Dragal, unha historia fantástica de Elena Gallego; e Radiografía do abismo, de Antón Patiño.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algúns delas recensionadas nesta páxina. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras pertencentes a escritores galegos, menciónase Dragal. A herdanza do dragón, de Elena Gallego cunha “trama detectivesca chea de elementos identitarios galegos”.


Conto de Antonio García Teijeiro (Vigo, 1952) dedicado “A Emilio e Amalia. A Susi, Antón e Noa que tanto querían a Darkiño”, sobre a historia de Dark e Noa, unha estraña parella de seres diferentes (un can e unha nena) que, baixo o influxo da Lúa, se entenden perfectamente nun mundo feito á súa medida no que comparten experiencias. A través dun narrador omnisciente en terceira persoa saliéntase a importancia de valores como a amizade ou a solidariedade. Os dous senten amor pola Lúa e pregúntanse o porqué da súa cor, ademais de falarlle dos seus asuntos. O can na súa lingua cóntalle cousas sobre outros cans como Galopín, un can sen dono, ou Tartufo, un can que o seu dono abandonara no monte, e tamén dous amigos. Noa fálalle de Troitiño, un vello coa roupa gastada que recitaba poemas populares, ou de Tola, unha muller non moi maior que arrolaba unha boneca acotía sentada nun banco do parque, así como dos seus propios amigos que viñeran de África e América. Así ían transcorrendo os días: o can ladráballe á Lúa e a rapaza escribía, mentres a Lúa escoitaba. Un día a Lúa cambiou de cor e a rapaza creu escoitar que esta lle falaba. Logo o can viu un papel que flotaba no aire e avisou a Noa, pero ela só vía un papel en branco; pola contra, o can, que en segredo sabía ler, leuno. No papel, a Lúa respondía a todas as preguntas que os dous lle facían. Era noite e, logo disto, Dark foi durmir, mentres Noa soñaba que facía unha viaxe ao País da Ilusión co seu can. A ilustración de Noemí López (Lugo, 1974) na cuberta presenta a imaxe dun dos protagonistas do relato, o can. No interior as ilustracións, tamén de Noemí López, están dispostas en recadros da parte superior da páxina, deixando a parte inferior para os textos. As imaxes van seguindo con fidelidade os textos completándoos con aspectos visuais que non están referenciados na parte escrita. As cores son moi alegres e variadas e a representación da Lúa resulta moi tenra.
Referencias varias:


Tras comentar a serie “Miroscopio”, faiuse referencia á estrea de Cos ollos na Lúa, que trata sobre a amizade dunha nena e o seu can, influída pola Lúa.


Novela de tendencia fantástico-realista de Teresa González Costa (Grove, 1975) na que mediante un narrador omnisciente se conta en doce capítulos a historia de Serafina, filla dun ladrón de bicicletas, que queda a vivir nunha vil mariñeira coa súa tía dona Perfecta, unha cantante de ópera excéntrica, enxevosa e maniática. Serafina pensa todo o día en andar coa súa bicicleta Celerífera facendo malabarismos, pois soña con ser unha artista de circo, mentres que a súa tía só quere impoñer orde e disciplina á súa sobriña. Un día Serafina compite nunha carreira de bicicletas con Martiño o Bravo. Durante a carreira Martiño máncase e Serafina acode a socorrelo ao tellado da vella fábrica, empregando a súa mestria coa bicicleta. Esta fazaña chama a atención dos xornalistas da revista Xente Extraordinaria e Serafina faise famosa, feito que provoca a enxeva de súa tía, quen iniciala un ruxerruxe de meiga ladroa para desprestixiar a Serafina e planeará a desaparición de Celerífera. Coa axuda dos seus amigos, Milo e o vello inventor Elías, descubrirán o misterio do roubo e atoparán a bicicleta e os culpábeis. No último capítulo, mediante un flash-forward, preséntase Serafina nunha escena circense facendo malabarismos con Celerífera mentres que seu pai a observa con orgullo dende o público. No interior algunhas ilustracións de Jacobo Fernández Serrano (Vigo, 1971) achegan información visual ás escenas máis significativas. As imaxes empregan un estilo caricaturesco para as figuras que non teñen intencións volumétricas, facéndoo expresivas a pesar da súa sinxeleza. As cores son variadas e aplicadas de forma plana sobre unhas formas realizadas cunha liña fina de tinta.

Recensións:


Entre as características que presenta esta obra de Teresa González salienta a pegada do teatro que cultiva a autora, que se manifiesta nos diálogos áxiles e as actitudes dos personaxes, que por veces se achegan máis á caricatura, e cuxo resultado é unha historia singular e fóra do común que bebe do máxico poder dos soños e a súa capacidade de cambiar a vida das persoas. Repasa o argumento da novela e compara a protagonista, Serafina, coa Matilda de Roald Dahl, nas que ve a capacidade de crítica á sociedade actual, ao capitalismo voraz e á influencia da publicidade na vida das persoas. Considera que a diferencia entre ambas é que Serafina conta cunha rede de apoios máis
consolidada cá protagonista de Dahl, aínda que a conclusión en ambos os autores é a mesma: a ruindade provoca máis ruindade e a bondade, máis bondade. Finalmente alude ás ilustracións de Jacobo Fernández Serrano que potencian o elemento caricaturesco dos personaxes e complementan o texto, ademais de acadar un grande equilibrio entre a crítica social e a crenza nos soños persoais.


Faise eco da publicación do Premio Merlin, escrito por unha polifacética muller con formación dramática que conta cunha mención no certame Barriga Verde e os premios Álvaro Cunqueiro e Manuel María. Saliéntase que é a primeira novela da autora e daxe conta do seu argumento. Apúntase que está ilustrada polo vigués Jacobo Fernández Serrano, que conseguiu o Premio Castelao de Banda Deseñada e o título de Autor Español Revelación.


Dáse conta da saída do prelo do XXV Premio Merlin de Literatura Infantil, A filla do ladrón de bicicletas, que “articula unha historia canónica de protagonismo infantil”. Saliéntase que é a primeira incursión de Teresa González no xénero narrativo e que se trata dunha historia sinxela. A seguir noméanse os personaxes como a tía dona Perfecta, marcada por “pingas de crueldade e egoísmo”, a ridiculización da súa conduta, a bicicleta Celerífera, o vello Elías e a panda de Martiño Bravo. Finalmente, coméntase que se poderia sacar máis partido de Celerífera, un obxecto máxico que cede espazo ao ámbito fantástico; que amosa problemas sociais, como a estigmatización, as mentiras tendenciosas e a hipocrisia social e considera un acerto o ritmo dinámico, debido ao seu “carácter parateatral”, a presenza do universo circense e as referencias literarias e musicais.


Entre outras propostas, comenta esta obra na que salienta os “diálogos áxiles, frescos e divertidos”, as accións extraordinarias que acaban un achegamento real ao lector, o fío condutor argumental da bicicleta, a historia “tenra e humorística” e a invitación á reflexión sobre a dobre moral.


Coméntase que a vixésimo quinta edición do Premio Merlin foi para unha autora coñecida por pezas teatrais como Sempre quixen bailar un tango e Pingueiras e tarteiras. Apúntase que o texto irradia “enerxía e ilusión”, daxe conta do seu argumento e describense os personaxes principais. Saliéntase que aparecen valores e contravalores como a “idoneidade de acumular bens, da fachenda como modo de vida” e o modelo de felicidade, e o “extraordinario rigor plástico”.
Referencias varias:


Conversa con Teresa González Costa co gallo da súa nova e premiada publicación, A filla do ladrón de bicicletas. As cuestións tratadas foron a sinopse da obra, os seus xermolos como escritora, a súa relación cos eidos da poesía e do ensaio e a conxugación de entretemento e didactismo nas súas escritas.


Despois dunha biobibliografía da escritora Teresa González Costa, galardoada co Premio Merlin 2010 con A filla do ladrón de bicicletas, na que se apunta a súa traxeatoria profesional, a súa faceta teatral, os galardóns recibidos e os títulos publicados, realizase unha entrevista na que fala do seu compromiso coa cultura e a lingua galega, do novo Decreto de Normalización Lingüística, do dereito de autodeterminación, do laicismo e do capitalismo. Tamén reflexiona sobre o auxé da literatura galega e sobre a necesidade de ter criterio propio para pensar.


Preséntanse as novidades de Xerais, entre elas A filla do ladrón de bicicletas, Premio Merlin de Literatura Infantil 2010, primeira novela da escritora do Grove Teresa González Costa. Saliéntase que é unha “noveliña” que conta a historia de Serafina que aspira a ser equilibrista nun circo coa súa bicicleta Celerífera. Coméntase que o xurado destacou a “perfecta combinación de tenrura e humor” e que se recomenda para lectores de 11 anos en diante.


Insírese nesta sección fixa un fragmento xunto cunha ilustración d’ A filla do ladrón de bicicletas, escrito por Teresa González Costa e ilustrado por Jacobo Fernández Serrano.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso d’A filla do ladrón de bicicletas, unha historia de Teresa González Costa protagonizada por Serafina e a súa bicicleta Celerífera; Pel con pel, un volume colectivo; e O gume dos espellos, de Ramón Caride.

Achégase unha listaxe de autores galegos que ao longo do ano 2010 foron recompensados con determinados galardóns ou recoñecementos, tanto de Galicia como foráneos, polo seu labor a prol da LIX. Entre eles, menciónase *A filla do ladrón de bicicletas*, de Teresa González Costa.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras pertencentes a escritores galegos, menciónase *A filla do ladrón de bicicletas*, de Teresa González, que relata a historia dunha nena que soña con ser equilibrista de circo.


Relato de Ánxela Gracián (Castroverde, Lugo 1968) no que se xoga intertextualmente dende o título até os personaxes co conto protagonizado por Carapuchiña vermella. No comezo atopase a letra da canción da que se fala no texto, ademais dun pequeno fragmento que consiste nunha modificación do conto tradicional de Carapuchiña. Tamén inclúe unha dedicatoria a todas as mulleres maltratadas e varias frases de personaxes famosos con referencia a este conto. Trátase dunha historia amorosa na que se revisa o modelo de amor e os roles femininos e masculinos e se critican as actitudes machistas, misóxinas e patriarcais e se racha coa idealización do amor. Tras unhas citas da autora, de Charles Dickens e Roal Dalh, e a letra da canción “La vie en rose”, de Edit Piaff, comeza este relato conducido por un narrador omnisciente quen conta que a bruxa do bosque para axudar o Lobo embruxara un espello para reflectilo coma un príncipe azul. O Lobo conquista a Carapuchiña, que se dedica a escribir contos, e casa con ela. Unha vez casados fai da súa vida un inferno maltratándoa. Carapuchiña vaine aturando mentres recorda os bos tempos pasados co Lobo. Un día, farta do comportamento do Lobo, recorre a un psicólogo en busca de axuda. O psicólogo, chamado Leñador, estaba namorado de Carapuchiña dende que a salvara do lobo sendo ela unha nena e indicalle que a culpa non é dela senón do Lobo e comeza a relatar como tratarí a unha muller. Coa axuda do Leñador mellora, pero isto non dura. Un día no que Carapuchiña estaba moi triste atopouse cun río no que se viu reflectida como unha fermosa moza e non como a moza sen valía que dicía Lobo. Tamén atopou o espello máxico e guindouno á auga. Lobo foi un día beber no río e, ao ver a súa imaxe tan horribel reflectida no espello, deixouse afundir. Entón Carapuchiña emprendeu unha pequena aventura coa súa nova vida nunha pequena barca recorrendo o río e atopouse co Leñador, quen estivera entretendo a bruxa para que ela puidese liberarse do Lobo. Nese intre decatouse de que o seu verdadeiro príncipe azul fora sempre o Leñador. As ilustracións de Manel Cráneo (A Coruña, 1973) nalgúns casos complementan o texto. Empreganse as cores negras, marróns, blancas e vermellas para os elementos que se desexan salientar.

**Recensións:**
Coméntanse que Ánxela Gracián realiza un exercicio de intertextualidade entre o conto clásico “Carapuchiña vermella” de Charles Perrault e a realidade actual mediante os personaxes que amosan o concepto de transcendencia e a trama que estabelecen un vínculo pasado/presente en clave crítica que analiza os roles femininos e masculinos na sociedade. Dise que Carapuchiña ‘en rose’ presenta a historia de amor entre o Lobo e Carapuchiña que devén nunha historia de maltrato e que pretende captar a atención dos rapaces, lanzando unha “mensaxe de carácter reivindicativo”, e facelos reflexionar sobre a idealización do concepto de amor e as actitudes machistas. Por último incídese en que é un “acertado exemplo da literatura posta ao servizo da educación”.


Novela de aventuras de Mar Guerra (Madrid, 1963) que continúa a serie iniciada con *Xenaro e o misterio da mochila verde* (2008), Premio Merlin en 2008. De novo Xenaro Conese Maiúsculo é o protagonista e narrador en primeira persoa da actividade dunha panda do colexio Universal, pero nesta entrega a historia adquire unha especial importancia no fio argumental, xa que os esforzos desta panda cada vez máis integrada se centran en resolver o misterio da “hucha do indiano”. Este suposto tesouro alochado no corazón da Horta dos Reis pertencía a Maríño Reis de Toralla, que se exiliou a Cuba por mor da guerra civil e volveu na década de 1930 a España, onda morreu en 1951. Trátanse tamén outras cuestións, como as primeiras relacións afectivas da pre-adolescencia e o inicio dunha diferenza máis marcada entre sexos como consecuencia da súa progresiva maduración. Ao mesmo tempo, refereuse o tema da prevención do consumo de drogas a través do rexeitamento do tabaquismo e a defensa do idioma galego como unha fonte de riqueza cultural. Entre os personaxes aparecen tanto os membros da panda do protagonista coma outros da súa contorna familiar ou social. Nesta novela salienta a intertextualidade a través da cita de obras mestras da literatura xuvenil como *A illa do tesouro*, de Robert Louis Stevenson; *Tarzán, rei dos monos*, de Edgar Rice Burroughs; as novelas protagonizadas por Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle; e *A viaxe ao centro da terra*, de Jules Verne. Asemade, son numerosas as alusións a figuras históricas do mundo da política, a filosofía, o cinema e a arte. Os personaxes caracterízanse polos alcumes, a presenza de frases feitas (en galego, inglés), formacións orais (“superespectacular”) e un xogo coas letras iniciais de certas palabras chave en determinada altura, que amplía os niveis de lectura: “qué (con que de queixume, queimar e querenza)” ou “Rubiosdebatea (con erre de ridículo, rebatemento e rochedo)”. Esta cuestión conecta coa importancia do tema lingüístico na obra. A carón de misterios como o da mochila verde ou o da propia hucha do Indiano, obsérvase o día a día de Xenaro tras a lente da súa perspicacia e humor. Os debuxos figurativos de Fernando Llorente (As Palmas de Gran Canaria, 1954) ilustran o texto que xa dende a cuberta anuncia unha obra de intriga e misterio. O interior está salpicado con ilustracións de páxina enteira a toda cor que describen visualmente escenas claves na trama, amosando os protagonistas en diferentes situacións. O estilo sintético das figuras non lles resta expresividade, xa que presentan distintas emocións nas súas caras.
Recensions:


Xustifícase o éxito da primeira obra de Mar Guerra, *Xenaro e o misterio da mochila verde* (2009), que alcanzou o Premio Merlín de Literatura Infantil en 2008, pola súa capacidade para achegarse tanto aos máis novos coma aos adultos. Sobre esta segunda entrega, coméntase que dialoga de continuo coa primeira a través do protagonista, dalgúns personaxes secundarios e da contorna na que se desenvolve a acción. Por unha banda, considérase un grande acerto a invitación sutil á lectura a través das abondosas referencias literarias, mesmo con presenza argumental. E por outra banda, sublíñanse os valores de amizade e de respecto á diferenza reflectidos nesta novela cunha resolución cualificada de sorprendente.


Enténdese a continuidade das aventuras de Xenaro Conese Maiúsculo, de Mar Guerra, pola boa aceptación que *Xenaro e o misterio da mochila verde* (2008), Premio Merlín 2008, tivo nos centros escolares. Afírmase que nesta segunda entrega, aínda que se manteñen os trazos característicos do protagonista e a mesma contorna, obsérvase a evolución dos personaxes e aparece un novo escenario no que se desenvolverá a trama ao redor do misterio da hucha do indiano. Tamén se apunta que se manteñen valores como o amizade e o respecto entre compañeiros. Saliéntase a riqueza da linguaxe empregada e o ritmo dinámico da narración e dos diálogos.

Referencias varias:


Mar Guerra confesa nesta entrevista que non tiña previsto crear unha saga co personaxe de Xenaro até que gañou o Premio Premio Merlín de Literatura Infantil en 2008 coa primeira entrega e percibiu a boa acollida dispensada polo lectorado nos colexios, factor determinante para escribir *Xenaro e a hucha do indiano*. Declara a súa intención de imaxinar o que lle gusta a nenez á hora de escribir, sen esquecer un fin didáctico, que nesta segunda parte ocupa un lugar secundario fronte ao suspense. Por último, deixa entrever a posibilidade de continuar esta serie se existe demanda por parte do lectorado.

Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, tanto novidades como obras recentes. Esta semana seleccionanse, entre outras, a novela de aventuras Xenaro e a hucha do indiano, de Mar Guerrero; Ramón Otero Pedrayo. Poesía, unha recompilación editada polo profesor Xesús Alonso Montero; e Do A ao Z con... Pondal (2009), de Xoán Babarro.


Recoméndase, entre outras, a lectura da segunda entrega das aventuras de Xenaro Conese Maiúsculo, na que o protagonista terá que enfrontarse a novas e maiores dificultades para resolver o misterio da Horta dos Reis. Ademais da intervención de personaxes da primeira entrega, coméntase a aparición dalgúns novos, como Sefí, a madrileña, ou os irmáns Lourido.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras pertencentes a escritores galegos, menciónase Xenaro e a hucha do Indiano, de Mar Guerra, “segunda entrega desta serie de aventuras”.


Colección de cinco álbums fantástico-realistas de Manuel Guisande (A Coruña,1958) e Xosé Tomás (Betanzos, A Coruña, 1971), nos que un narrador en terceira persoa conta as aventuras do paxaro Rodribico. En Rodribico aprende a voar, coa axuda dalgúns diálogos entre os personaxes, preséntase o protagonista, o paxaro Rodribico, unha pega marza que vive nunha árbore, onde ten de todo, pero que aínda non sabe voar. Desenvólvese no outono, época das castañas, polas que devece. Para conseguius é axudado polo castiñeiro Cubeiro e Ernesto Xunqueira dos Santosbico que llas achegan, e o oso Emiliano que lle proporciona mel para comelas. Na súa andaina coñece e comparte aventuras coa colibrí Mariví e a aguia Carmela, das que envenxa que voen, cousa que el tamén consegue, a pesar dos medos, despois de subir ao Monte Rebumbio e pensar en volver ao seu castiñeiro para gozar das castañas polas que devecía. En Rodribico e o mar un narrador en terceira persoa conta unha situación na que este animal, por curiosidade, decide ir bañarse ao mar. Ali, descobre unha especie de mundo paralelo submarino, no que entra en contacto coa vexetación e fauna mariña, e co que queda fascinado. Finalmente, á tardiña, despidese dos amigos que fixo no mar e promete volver outro día cos seus amigos do bosque. Volve moí canso ao seu castiñeiro e cae durmido ao pouco tempo. Intercalados coa narración en terceira persoa, aparecen
diálogos. Utilizan tamén formas da transmisión oral, como na canción que canta Rodribico ao ducharse: “Desde peteiro ata o rabíño este paxaro queda limpiño”. En Rodribico vai ao circo cóntase o porqué da visita do paxaro protagonista ao circo dende que o viu nunha chaire cando estaba a voar e no que se invitaba a ver o animal máis fero do mundo. A curiosidade levouno a entrar para comprobar de quen se trataba. Ali viu unha representación na que participaban varios animais até que apareceu un león enorme que asustou tanto o paxaro coma o público. O susto quedou amortecido coa aparición dunha criatura que o animal agarmou até que rematou o espectáculo. O paxaro marcha reflexionando sobre a importancia do amor entre os pais e os fillos, representado no león e no seu cachorro. En Rodribico visita a cidade o amigo do protagonista, o corvo Ernesto Xunqueira dos Santosbico, tras a súa visita a cidade, esperta a curiosidade do paxaro por este lugar até o de agora descoñecido para el. Acompanyado polas pulgas Casimirez, coas que estaba xogando ás agachadas, e polo corvo Ernesto, emprende unha viaxe á urbe que o fascina polas súas construcións e polo seu ruido. A estes compañeiros que realizan a viaxe con el, hai que engadir as novas amizades que atopa na cidade coma un parrullo e unha pomba mensaxeira. Xa no seu niño o protagonista comeza a escribir unha carta aos amigos que coñeceu na cidade. En Rodribico e a noite a aventura iníciase cunha mala dixestión que lle obriga a dar un paseo nocturno. Desta maneira casual, observa os cambios producidos no bosque, iluminado pola lúa e as estrelas. Mentres os animais diúrmos descansan, outros, como os vagalumes, o bufo e os lobos mostranse moi activos. O texto está complementado polas ilustracións figurativas de Xosé Tomás. A imaxe da cuberta complétase na contracuberta e presenta o protagonista, mentres que as do interior describen visualmente os ambientes e lugares onde transcurre a acción. As cores adáptanse ás distintas contornas e contrástanse nalgunas escenas.

Recensións:


Coméntase que Manuel Guisande, na súa primeira incursión na literatura infantil, recolle unha serie de contos, que relataban as aventuras dun mesmo personaxe, nunha colección de dez títulos, dos que cinco xa se puxeron á venda, acompañados das imaxes do ilustrador Xosé Tomás, que tamén colabora nos textos. Sinárase que os relatos falan das inquietanzas e inseguiridades de Rodribico, unha pega marza que vive na fraga e que convide os nenos a que coñezan con ela o mundo que os rodea: o ceo, o mar, os animais do circo, a cidade e a noite, cos seus medos e animais que non dormen. Opínase que a capacidade de sorpresa, curiosidade ou fascinación dos pequenos vese reflectida neste paxaríño que lles ensinará a ver, escotitar e percibir o seu arredor nun texto nos que só se busca o deleite dos rapaces ante circunstancias que lles son próximas.


Anúnciase que Baía Edicións sacou cinco números dunha colección, dirixida ao público infantil a partir dos tres anos e integrada por dez títulos, da autoría de Manuel Guisande e do ilustrador Xosé Tomás, nos que se nos contan as aventuras de Rodribico, unha pega marza que ten a súa casa nunha fraga. A seguir, recóllese o argumento de
Rodribico aprende a voar, Rodribico e o mar, Rodribico vai ao circo, Rodribico visita a cidade e Rodribico e a noite.

Referencias varias:


Entrevista a Manuel Guisande para falar dos cinco títulos da serie de Rodribico, publicados por Baía Edicións, e que escribiu el e ilustrou Xosé Tomás. Guisande admite que lles lia contos ás súas fillas de pequenas, pero que, cando se aburrían, inventaba aventuras de ratos, gatos, etc. até que lle deu vida a este paxaro que vivía nunha árbore, á que sempre volvía (era o momento de rematar o conto e durmir para que, ao día seguinte, a pega puidese saír buscar máis aventuras). Indica que son libros educativos, o que non significa que sexen aburridos, e didácticos, xa que teñen mensaxes. Sinala que é sinxelo escribir para nenos pero que é un público moi crítico, polo que os personaxes teñen nomes estranxos porque lles gusta aos pequenos. Salienta que lles pasa os libros aos fillos dos seus amigos para ter en conta a súa opinión e que as súa fillas quedaron alucinadas cando viron publicados os relatos que lles contaba cando eran nenas.


Sinálase que o escritor Manuel Guisande e o ilustrador Xosé Tomas presentan unha colección editada por Baía Edicións e composta por cinco libros titulados: Rodribico aprende a voar, Rodribico vai ao circo, Rodribico visita a cidade, Rodribico e o mar e Rodribico e a cidade, nos que o personaxe principal é un paxaro que comeza a coñecer o mundo. Indícase que as cinco historias son froito das noites en que Guisande contaba contos ás súas fillas á hora de durmir, xa que aburrido sempre das mesmas historias inventou un personaxe, unha pega, e foi improvisando todo o que lle ocorría; así, a pega saía do niño, vivía moitas aventuras e volvía á casa para durmir. Coméntase que estes relatos inculcan valores como a amizade, o respecto pola natureza ou o a importancia de comer ben.


Neste conto fantástico-realista de Carme Hermida Gulías (Portela de Lamas-Pardesoa, Forcarei, Pontevedra, 1961) cóntase a historia da loba branca do Courel que, defendendo a súa manada, foi asasinada polos cazadores da aldea e estes lle arrincaron a pel como sinal de triunfo. Pasaron os días e durante as noites os lobos ouveaban tan preto da aldea que os seus habitantes estaban asustados e decidiron desfacerse da pel da loba branca. Así, os ouveos dos demais marcharon con ela. En 1930 nace, no Courel, Uxío Novoneyra e permanece ali até o bacharelato. Novoneyra viaxa, estuda Filosofía e Letras, escribe versos e participa en recitais de poesía. Volve a Galicia, a Santiago, e comeza a escribir poesía en galego. Regresa ao Courel por mor dunha enfermedade e ali escribe Os eidos e, xa curado, Os eidos 2. Co paso do tempo convértense na imaxe da poesía de Galicia e busca as formas de difundir a lingua e literatura galegas na
sociedade. Morre en 1999 en Compostela. Cóntase no Courel que a loba branca nunca desapareceu e que se lles aparece ás persoas en soños, así como que, unha mañá cedo, alguén viu saír unha loba branca da fiestra onde durmía Novoneyra. Ao longo de toda a historia, incorpóranse fragmentos de poemas do courelán. As ilustracións figurativas de Dobbelézó están centradas na figura de Uxío Novoneyra, autor que aparece representado na cuberta. Son formas planas, recortadas sobre fondos sen perspectiva.

Tamén está descrito no apartado IV.2 Día das Letras galegas deste Informe.


Conto fantástico de Alicia Hernández Luján protagonizado polos Zul, os Vir, os Milla, os Roham, os Nanja e os Rada, seis familias de dragóns milenario e máxicos que gardan un gran tesouro na cor da súa pel: o feito de ser de diferentes cores, o que lle permite formar o arco da vella. A pesar de seren seres sabios e respectuosos, a animadversión que senten cara a eles algunhas persoas fai que estes réptiles, afectados a xogar no medio ambiente, se afasten da súa contorna e se escondan nun lugar seguro para non ser asediados polos seus inimigos. Por esta razón crese que desapareceron, “pero paráronse a mirar detidamente o arco da vella”, pregunta o narrador omnisciente deste relato infantil. Completan a narración unhas cantas páxinas máis, onde se inclúen unha chamada ao lectorado, un debuxo dos personaxes asinado por un neno de catro anos e unha guía dedicada aos pais, nais e titores, na que se dan pautas para fomentar a atención, a aprendizaxe de idiomas, cores, etc. Con respecto á tipografía, obsérvase que teñen cores diferentes: en negro está o relato en galego e en vermello a tradución ao inglés. A publicación péchase con dúas notas; unha dedicatoria: “Para Javier. For Javier”; e uns agradecementos: “Grazas a/Thanks to: Julia Luján, Julia, Pepi, Raquel, Javi, Julita, Javier, Juan, Leslie Ann, Ana Vitoria”. As ilustracións, da mesma autora, seguen un estilo infantil e xiran ao redor dos dragóns de cores que adoptan formas variadas e achegan dinamismo ás imaxes. Os debuxos están realizados con lapis de cores. Ao final hai un espazo que invita a debuxar.


Conto fantástico de Alicia Hernández Luján en inglés e galego que se acompaña dunha serie de exercicios dedicados, por unha banda, á nenez e, por outro, aos pais, nais ou titores. En canto á narración, trátase dunha historia ambientada na natureza, onde todos os personaxes son animais. Os protagonistas son a especie dos Tikis- Mikis, seres que fisicamente “eran semellantes aos saltóns e aos escaravellos”, pero psíquicamente se diferenciaban do resto por pasaren o día anoxados, xa que nada era do seu agrado. Esta actitude cambia o día en que unha Tikis- Mikis sofre un accidente, pois a axuda que lle ofrecen os seus compañeiros de contorna fai que a especie se mostre máis benévola e riseira. Como o libro é unha edición bilingüe, ao final aparece un breve vocabulario didáctico con debuxos, tamén unha actividade de relacionar concepto con imaxe, outra para esbozar unha figura a través de puntos numerados e, para rematar, unha folla en
branco para a creación artística do lectorado. A isto engádese a guía de lectura para o adulto, unha dedicatia: “Para Julia. For Julia”, e uns agradeceamentos finais: “Grazas a/Thanks to: Julia Luján, Julia, Pepi, Raquel, Javi, Julita, Javier, Juan, Leslie Ann”. As ilustracións, da mesma autora, seguen un estilo infantil e están realizadas con lapis de cores. Ao final hai un código visual para axudar a coñecer as palabra nas dúas linguas e un pequeno pasatempo para debuxar.

**Referencias varias:**


Nova da publicación de tres contos de Nova Galicia Edicións na coleción “Contos de Mamá”. Entre os títulos sina *Os Tikis-Mikis da pradería de Garonte*, un texto de marcado carácter didáctico no que se promove a familiarización con dúas linguas, galego e inglés, tanto desde o punto de vista da fonética coma do vocabulario. En cadro á parte tamén describe a liña argumental do conto.


Relato fantástico-realista de Arturo Iglesias, dedicado a Antón e Carolina (“con eles íria ata o fin do mundo. Sí tal!”). A narración en terceira persoa presenta a vida do neno Antón dunha orixinal forma, introducindo unha serie de acontecementos, aos que responde unha voz segundo a estrutura “Sí tal!” se a afirmación é certa e “Non tal!” se a afirmación é falsa. O relato está dividido en dúas partes. A primeira, na que se emprega a estrutura “afirmación-negación” tal que: “Antón vive onde morre o sol pero non pensa que este sexa unha froita” até chegar á popular canción “Reirei cantos anos vivrei…”. E a segunda, na que a orde cambia a “negación-afirmación” tal que: “Antón non pode tocar a Lúa co seu dedo pero cando sexa maior será astronauta”, até chegar á canción “Rabo de boi, rabo de besta…”, que marca a fin da segunda parte. Remata o relato coa conclusión: “Antón vai co seu pai até o fin do mundo. Sí tal!”'. Este relato acompañase das ilustracións figurativas de Xosé Tomás (Betanzos, A Coruña, 1971) que mesturan a pintura con obxectos variados para crear unhas imaxes creativas e moi cambiantes. As composicións seguen aos textos complementándooos.

**Referencias varias:**


Indica que entre as novidades de marzo de Baía Edicións se debe reparar en *Antón, si tal!*, de Arturo Iglesias e con ilustracións de Xosé Tomás, porque “se come devagar”. Explica que serve para achegar á nenez historias e imaxes que lle potencian a fantasía e que, ao aproximarlle elementos cotiás, lle axuda a formar o seu coñecemento e o da súa contorna.

Santiago Jaureguizar (Bilbao, 1965) inicia a colección das aventuras de Tintimán con esta primeira entrega na que, a través dun narrador en primeira persoa, se descobren as andainas de Uxío Lobos, un inquedo rapaz de dezaseis anos que cambia radicalmente de vida tras falecer seu pai. Perdelo mentres exercía o seu traballo de correspondente de guerra en Iraq obrigao a enfrentarse ao seu pasado e decide manter viva a súa memoria e os seus ideais ocupando o seu lugar no xornal compostelán *Diario Galego*. Don Anxo, un xornalista da vella escola que dirixe o rotativo dende unha ateigada oficina da praza Cervantes, decide acollelo con certas reticencias, pero pronto Uxío demostrará a súa capacidade para pescudar nas condicións máis comprometidas en busca da noticia, axudado polo infalíbel instinto do Señor Grozni. O gato torto forma parte da herdanza de Norberto Lobos, quen tamén deixa ao fillo unha casa na rúa das Hortas onde establecerá a súa residencia a pesar da oposición da nai. Grazas á axuda de Mónica, instálase confortablemente no seu novo fogar, que tamén compartirá con Maika, fotógrafa do *Diario Galego*. O descubrimento casual dun labirinto baixo o Obradoiro será o fío que se aproveitará para introducir o lectorado agardado na historia da capital de Galicia. Os acontecementos ao redor do descubrimento de América, datado no século XII por documentos atopados no arquivo catedralicio, darán un xiro radical polos achados do temerario rapaz que, neste aspecto, recibe o asesoramento de Anselmo, catedrático de Historia no seu instituto e padrasto. Xa no presente, os percorridos do protagonista polos corredoiros subterráneos do Obradoiro descubrirán a implicación dos poderes relixiosos e políticos da sociedade actual nos escándalos relacionados cunha sociedade secreta. A información obtida por Uxío verá a luz pública no *Diario Galego* baixo o alias de Tintimán, unha expresión moi utilizada por seu pai. O texto complétase coas ilustracións figurativas de Matalobos. A cuberta, que presenta unha fotomontaxe dun debuxo do protagonista sobre unha fotografía do Pórtico da Gloria, sitúa a acción na cidade de Santiago. Nas páxinas interiores, debuxos a tinta con liñas grosas de carácter expresivo e planos con texturas visuais ou grises, apoian os textos en escenas significativas da narración.

Recensións:


Dáse conta da aparición desta nova serie baseada nos misterios de Tintimán, que se inicia con esta historia desenvolto en Santiago de Compostela e que continuará na Coruña. Sinálase que o misterio é o elemento principal desta serie destinada aos adolescentes e ambientada nas urbes galegas. Ao mesmo tempo, explicase que o nome da serie se debe a unha revista viguesa na que se deron a coñecer Miguelanxo Prado e Antón Reixa, entre outros artistas, na década de 1980. Por último, repasa a traxectoria profesional do autor, Santiago Jaureguizar, quen ademais de dedicarse á literatura realizou diversas actividades relacionadas coas artes gráficas.
Coméntase que despois de publicar varias novelas xuvenís, Santiago Jaureguizar, achega ao panorama literario galego unha serie coa que rende homenaxe á revista Tintimán. Considérase que en Corazón de chocolate se mesturan os elementos reais e ficticios para construír unha novela de aventuras detectivesca con doses de romanticismo. Do mesmo xeito, enténdese que suscitar interrogantes ao redor da Historia pode resultar útil para captar a atención do lectorado.


Considérase que a serie iniciada por Santiago Jaureguizar con dous títulos sobre as aventuras dun aprendiz de xornalista é unha proba máis da súa capacidade para conectar co lectorado mozo. En relación co argumento da primeira entrega, Corazón de chocolate, ofrecénsense numerosos datos sobre o protagonista, Uxío Lobos, coa intención de amosar a súa evolución até se converter en Tintimán, nome que utiliza para asinar as súas informacións. Tamén se destacan algúns elementos que se converterán en trazos característicos da serie: o xiro sorprendente dun acontecemento histórico a partir dun achado inesperado e o ritmo trepidante dos feitos narrados.

Referencias varias:


Comunícase a volta de Santiago Jaureguizar á novela dirixida á mocidade con dúas entregas dunha serie que invita o lectorado agardado a realizar un percorrido polas principais cidades galegas e así acompañar o protagonista nas súas aventuras. Ademais de se referir aos personaxes secundarios da serie, saliéntase o labor do ilustrador Matalobos, quen acabou “de definir o personaxe en papel” co estilo propio do cómic.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso de Corazón de chocolate, de Jaureguizar, ambientada en Santiago de Compostela; Brais e os demais, de Manuel Darriba; O pintor do sombreiro de malvas, de Marcos Calveiro; e Cultura e paisaxe, de Roxelio Pérez e Francisco Javier López.


Anúnciase a publicación no verán de 2011 dunha nova entrega da serie de Tintimán ambientada en Vigo, que trata sobre os galeóns de Rande e será continuada por outras historias localizadas cada unha delas nunha das grandes cidades galegas. Ao mesmo tempo, faíse eco das declarcións de Jaureguizar, quen recoñece o propósito didáctico e
de promoción da lectura desta serie, caso de *Corazón de chocolate*, un percorrido por Compostela e pola vida de Xelmírez.


Anúnciase a realización dunha serie de actividades do programa Nadalxogo, organizado polo concello de Santiago, que se inspiran nesta primeira novela da serie Tintimán. Coméntase tamén que o seu autor, Jaureguizar, dirixirá uns obradoiros de escrita sobre este personaxe xuvenil, interpretado no Nadalxogo polo actor Alberto Rolán.


Segunda entrega da colección das aventuras de Tintimán, escrita por Santiago Jaureguizar (Bilbao, 1965). De novo un narrador en primeira persoa refire as pescudas de Uxío Lobos e os seus encontros e desencontros amorosos con Mónica, Maika e Sonia. As dúas primeiras xa apareceran na aventura compostelá, pero Sonia xorde por primeira vez para axudarlle a resolver o caso e atopar a noticia. Nesta ocasión don Anxo, director do xornal compostelán *Diario Galego*, no que traballaba seu pai como correspondente de guerra, volve demostrar a confianza depositada neste xornalista revelación pedindolle que se ocupe dun asunto que xa se anunciaba ao final de *Corazón de chocolate*. De novo, mestúranse os acontecementos presentes cos misterios do pasado histórico dunha cidade galega, neste caso a Batalla de Elviña, que tivo lugar na capital brigantina en 1809. Para a recreación da contenda contouse coa “coroa de Napoleón”, unha xota de valor inxenlável cedida por Francia para a ocasión, que un descoñecido roubou a pesar dos desvelos de Tintimán/Uxío. Ao mesmo tempo que se seguen as pegadas do ladrón, ofrécense datos que demostrarán a posíbel estadía do emperador francés na Coruña. Esta narración complétase coas ilustración figurativas de Matalobos. A cuberta, que presenta unha fotomontaxe dun debuxo do protagonista correndo cara a Torre de Hércules, sitúa a acción na cidade de A Coruña. Nas páxinas interiores, debuxos a tinta con liñas grosas de carácter expresivo e planos con texturas visuais ou grises, apoian os textos en escenas significativas da narración.

**Recensións:**


Tras expoñerse brevemente o argumento, describese o protagonista como unha “sorte de xornalista-investigador” ou unha especie de “superheroe algo impertinente”. A seguir, coméntase que estes elementos son os propios da novela de detectives para adolescentes e considérase que o lectorado agardado pode identificarse especialmente co tratamento de temas como a emancipación, que neste caso resulta sumamente precoz. Tamén se salienta o contrapunto das situacións de maior tensión cos momentos cómicos e relaxados. Por último, conclúese que esta mestura de elementos ten éxito porque
Santiago Jaureguizar semella sentirse cómodo nas novelas de trama urbana, ritmo dinámico e que explotan o seu particular humor.


Lémbranse algunha das obras narrativas que consolidaron a Santiago Jaureguizar como escritor e destacánselxe as características esenciais tanto da serie como do protagonista, ao mesmo tempo que se sinalan as liñas argumentais da segunda entrega. Coméntase que n’*A coroa de Napoleón* se mesturan de novo os acontecementos presentes cos misterios do pasado dunha cidade galega. Opínase que o cambio de escenario, de Santiago de Compostela á Coruña, non influé na natureza do protagonista, cualificado como unha sorte de precoz detective aventureiro e sedutor. Finalmente, anúnciase a continuidade das súas andainas e a posíbel aparición de máis conquistas nunha nova entrega.

**Referencias varias:**


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso d’*A coroa de Napoleón*, novela de aventuras de Jaureguizar; *Fascínio*, de Chus Pato; e *Xoa*, de Antonio Yáñez.


Narración de misterio de Carlos Laredo (Mera, Oleiros, 1939) ambientada nun contexto rural –que se desvela nun plano inicial das ruínas do mosteiro de Carboeiro en Silleda, escenario da novela–, dividida en trece capítulos e que retoma as historias de estirpe popular arredor da existencia dos lobishomes. Lena, unha rapaza que dende a morte de seu pai se trasladou coa nai a vivir á aldea de Donas, coa avoa, á casa familiar dos Castro, volve unha noite da verbena coas súas curmás e no último treito do camiño, que debe facer soa, ten un misterioso encontro cun ser de ollos brillantes que a acariña e a axuda a atravesar o río e que semella ser un animal. Estrañada polo feito, e ao tempo seducida perante aquel excitante contacto, comeza a indagar e descobrere, grazas aos relatos que escoita na casa na voz da avoa e da Bruxa da aldea, que se trata dun lobishome maldicido pola súa nai e involucrado na estraña morte dunha rapaza chamada Elvira, acontecida hai anos, por mor dun enfrontamento por celos co seu mozo. Lena séntese cada vez máis atraída pola historia, malia se produzir un ataque contra Santiago, o mozo co que está comezando unha relación, e mesmo a morte de Suso cando tentaba darlle caza ao lobo. Ten máis encontros co suposto lobishome e decide axudalo a se liberar do feitizo, aínda que sente medo por esta estraña experiencia que está a vivir e descobre que non todo o que lle contaron é certo. Ander reláltalle como ela foi a elixida para levar a cabo unha vinganza contra a súa avoa e que en realidade é seu tío, froito dos amores ilícitos de seu avó, xa morto, coa Bruxa. O desenlace aberto da trama acentúa a sensación de misterio e fantasía que paixón sobre a historia.

Conto de Rafael Laso Lorenzo (Xinzo de Limia, Ourense, 1965) que arrinca cunha dedicatoria persoal. Trátase dun relato contado pola personaxe protagonista, a ra Ramona, que se autodefine como moi faladora. A trama argumental estrutúrarse ao redor de nove capítulos que levan por título: “De cómo unha ra se nos presenta pero non nos fala de sí”, “Onde se continúa a historia da ra Cantora”, “Onde se fala do pescantín de ras con máis sona”, “Dos aparellos dos pescantíns e outras cousas”, “Os segredos das ras e a historia da ra Albina”, “Onde a ra nos fala de si mesma e do por qué do seu nome”, “Ramona explica como rematan as ras e non remata de todo”, “O Campionato de saltos de ras” e “Onde Ramona remata o conto”. Ao longo destas divisións o autor explica, valéndose da voz da protagonista, todo o relacionado coa vida e hábitat destes anfibios. Para isto Ramona, tras unha presentación de si mesma, fala dunha ra da súa familia que se fixo famosa porque tiña o don de cantar. Tras estenderse a súa fama alén das terras galegas, ofrecéronlle mudarse ao zoo de Madrid para vivir nunhas condicións de luxo. A ra cantante aceptou e, a pesar de que lle deixaron levar a varios amigos a vivir con ela, esta non quixo compartir o seu luxo con ninguén. Froito desta decisión o seu representante e namorado colleu unha depresión. Posteriormente foi capturado por un pescantín. O home que o capturou era un zapateiro baixo, delgado e de avanzada idade e moi coñecido entre os anfibios polo seu tino como pescador. Chegados a este punto do argumento, Ramona aproveita a ocasión para falar das diversas técnicas de pesca que empregan os pescantíns para a súa captura, así como das dúas causas principais da morte das ras: ser capturadas por outros animais, ás que se refire como causas naturais; ou ser capturadas por seres humanos, causas artificiais. Tras finalizar a historia sobre a ra famosa, a protagonista céntrase en relatar aspectos característicos da vida dos animais da súa especie tales como o ritual de bautizo, que se produce coa maioría de idade, ou o nacemento e evolución dos cágados en ras. As ilustracións figurativas de Rodrigo Chao Blanco (Boiro, 1976) do interior representan as diferentes partes da narración. Son composicións moi dinámicas de páxina enteira que amosan ras con expresións variadas: tristes, enfadadas, asustadas, etc. Sen perder a súa condición de animais, ás veces van acompañadas de obxectos propios de persoas. Só ten cor a imaxe da cuberta, que presenta unha ra saudando o lectorado e enmarcada dentro dunha lúa.

Recensións:


Dáse conta do argumento d’*Unha vida de ra*, que se describe como unha historia fantástica dunha ra coñecida como Mona, e afirmase que puido ser motivada polas lembranzas da antiga lagoa de Antela de Rafael Laso Lorenzo. Coméntase que ten o poder de falar e que é a responsable de achegar a vida destes animais ao ser humano a través de contos e historias onde dá todo tipo de información. Sinálase que a pesar de falar da vida destes anfibios dende unha perspectiva temática e lingüística, con expresións que poden resultar descoñecidas para o lectorado, o autor trata esta cuestión
de maneira sinxela para que poida ser entendido. Salientase o sentido do conto, xa que a través da protagonista afirmase que os humanos somos cada vez máis parecidos ás ras porque identifica os seus movementos co comportamento do ser humano e fai alusión ao aspecto físico e ao rexeitamento social por mor de ser diferente, entre outras cousas.

Referencias varias:


Describense varios textos publicados pola editorial Tambre para cativos prelectores, entre os que se atopa Unha vida de ra, de Rafael Laso Lorenzo, que achega a oportunidade de coñecer unha ra que fala polas ancas e fala moito, pero nunca ás toas.


Entrevista a Rafael Laso Lorenzo pola obra Unha vida de ra, na que comenta que está inspirada nas súas lembranzas, pois cando el era un rapaz ía pescar a esta lagoa co seu tío. Afirma que elixiu unha ra como protagonista polo seu colorido e a súa diversidade. Isto lévao a facer un paralelismo entre os seres humanos e estes anfibios deixándolle unha crítica construtiva ao lector. Refírese á importancia de inculcar á nenez o hábito lector e recorda que as novas tecnoloxías axudan tamén a colollo, a pesar das críticas. Declara a súa paixón pola literatura e di que empezou de neno, pero que máis tarde a deixou para dedicarse aos estudos e retomouna xa definitivamente grazas a un diario de verán.


Faise un repaso da traxectoria de Rafael Laso Lorenzo como escritor e dos diversos premios que obtivo. Ademais, anúnciase a presentación d’Unha vida de ra na Casa da Cultura de Xinzo de Limia. Recóllese a ledicia do escritor por ser o encargado de inaugurar as festas da súa vila natal.


Conversa con Rafael Laso Lorenzo sobre a literatura e os seus libros, entre os que se destaca unha dirixida ao lectorado infantil e xuvenil: Unha vida de ra. Laso afirma que se sinte máis cómodo coa narrativa que coa poesía ou o ensaio. Opina que a literatura galega vive unha etapa de esplendor, xa que cada día se está a editar, escribir e traducir máis nesta língua.


Terceira entrega dunha serie de aventuras de piratas escrita por Rafael Lema (Ponte do Porto, Camariñas, A Coruña, 1967). Tras Capitán Araña (Sotelo Blanco, 2000) e
Crónicas corsarias (Editorial Luis Vives/Tambre, 2008), Lema publica *O tesouro da corsaria* que como os títulos precedentes se caracteriza por unha profunda documentación histórica, a presenza do narrador Roi Martins quen forma a súa personalidade ao tempo que participa nas aventuras, as abordaxes no Caribe, a localización a inicios do século XIX, as referencia a gobernantes españois e de países que se relacionaron económicamente e políticamente con España, e a intertextualidade con obras canónicas de piratas que lle o narrador. Esta entrega constitúe as memorias corsarias do narrador Roi nas que conta aventuras piratas nas que foi testemuña e tamén participo xunto a grandes heroes. A intención de Roi é salvar estas memorias para a posteridade. Presenta o convulso mundo anterior á batalla de Trafalgar, marcado por intrigas políticas e loitas entre distintos grupos sociais que ampcionan poder económico e social: dende a Royal Navy e o Santo Paí até distintas embaixadas pasando por ianquis, españois, fernandinos, francmasóns e xudeus. Estas intrigas e traición consegúen ter sentido ao final da novela xa que o capitán Araña consegue engarzar pistas que quedaran soltas con personaxes da segunda e terceira entregas. Lema constrúe esta aventura de piratas botando man de tópicos da literatura e do cinema case do tesouro de Jack Rackman, o naufraxio dun barco e o Santo Graal e nela amosa a destreza, heroïcide e lealdade de varios personaxes e destaca varias mulleres piratas e o narrador que vai madurando ao longo da novela e que lembra a Jim Hawkins *A illa do tesouro*, de Stevenson. O deseño da cuberta é unha fotografía de AGE Fotostock que alude á temática da novela xa que presenta unhas moedas antigas de ouro sobre un antiguo mapa.

Referencias varias:


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas. Danse ademais pequenos acens sobre as súas temáticas. Entre as obras pertencentes a escritores galegos, menciónase *O tesouro da corsaria*, de Rafael Lema.


Obra narrativa xuvenil escrita por Manuel P[érez] de Lis (Vigo, 1954) na que se conta a viaxe dun home na procura da orixe do Ser, río que transcorre polos Ancares. Pero non é unha viaxe simple, senón dobre. A viaxe física, polo río, e a viaxe espiritual, polo coñecemento, camiñando cara á súa mesma orixe, con afán de descubrimento. O río será o seu xuiz, sinala o protagonista que en primeira persoa narra esta aventura, antes de explicar o motivo da súa andaina, propiciada por unha casualidade, a dunha “particularidade topónica tan filosófica”, situado ademais nos Ancares, unha terra por el coñecida e admirada. O autor aproveita para convencer o lector a que respecte a terra e as xentes dos Ancares, dos que percorre unha boa parte sempre á procura da orixe do Ser. O mapa do comezo ilustra o difícil camiño que segue o viaxeiro, que con máis de corenta anos se arrisca a facer unha viaxe destas características, sen case comida e
durminando ao raso, en calquera sitio. Cun vocabulario rico no campo semántico da natureza, da flora e da fauna, amósase un bo coñecemento destas terras, que se percorren coa mesma paixón coa que se narra: Pena Moura, os muíños de Olmos, a fraga da Franxeira... Estes nomes mestúranse igualmente con referencias de todo tipo que se destacan na narración: Rosalía de Castro, Daniel Rodríguez Castelao, Hamlet, Spinoza... Ao igual que un salmóń río arriba, el procura a orixe do río e a da súa mesma persoa: descobre por qué e para qué vive, poñendo á proba a súa resistencia física e mental. E é que todo estaba no Ser. Finaliza indicando que rematou de escribilo “No Piornedo, a 26 de agosto de 2003”. Respecto ás ilustracións, só ten imaxe a cuberta que conta cunha fotomontaxe de Antonio Seijas, na que presenta unha figura recortada sobre unha paisaxe natural. A evanescencia da figura e a coloración irreal da fotografía sitúa o lectorado nun escenario irreal de viaxe interior.

Recensións:


Indica que o Ser do título A viaxe do Ser, de Manuel P. de Lis, se refire a un río da Serra dos Ancares e salienta a “bella y arcaica” toponimia, a natureza e a paisaxe da montaña como verdadeiros protagonistas deste relato que son descritos con “sugerentes imáxenes sensoriais”. Apunta que nesta viaxe non só hai percepcións externas senón que o lector participa dos sentimentos íntimos que vive o protagonista e narrador. Tamén se destaca a presenza de mitos e lendas da natureza.


Dá conta da publicación da primeira obra de Manuel Pérez de Lis, A viaxe do Ser. Indica que nesta novela o “eu protagonista identificado co autor” percorre un río, denominado Ser, e conta esa viaxe xeográfica e, ao mesmo tempo, espiritual realizada en 2003. Tamén salienta que o relato ofrece unha visión panteísta da natureza e serve para coñecer as vivencias dos montañeiros. Destaca a súa tensión narrativa, a riqueza das descricions xeográficas e toponímicas.

Referencias varias:


Entre as publicacións recentes que se recomandan para ler, cita un conxunto de títulos de Edicións Xerais de Galicia: Samos e No desterro, de Ramón Cabanillas; A espiral no espello, de Anxo Angueira; Lingua de calidade, de Xosé Freixeiro Mato; Os Eidos, de Uxío Novoneyra; Úxio Novoneyra revisitado, de Xosé Lois García; A intervención, de Teresa Moure; Setecento, de Marcos S. Calveiro; Bilbao-New York-Bilbao, de Kirmen Uribe; Lapidarias, de David Rodríguez; (Retro)visor, de Antía Otero; A paixón de Alexandra, de Xulio Ricardo Trigo; e A viaxe do ser, de Manuel Pérez de Lis.
Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, *A viaxe de ser*, de Manuel Pérez de Lis.


Relato fantástico-realista de Rosa Llorente no que se narra en terceira persoa a historia dunha nena-necoriña que non quere bañarse, que tamén intervén en primeira persoa cando lle canta a súa canción aos pais. Ao principio do conto, preséntase a Iria, unha meniña moi festeira, que xoga a imitar os seres mariños pero que, cando lle chega a hora do baño, se transforma nunha necoriña de coletas encruchadas. Iria funga, ata que un día os pais estranxados lle preguntan o quén pasa. A nena para contestar-lles cántalle unha canción na que explica que ás necoriñas non lles gustan os baños con escuma, pois queren ser aseadas por un camarón raiado coma no mar, sen escuma e con cóxegas. Ao día seguinte seus pais danlle unha esponxa de plumas alaranxadas, que converte os baños de Iria nunha festa rachada e por fin a nena bota gargalladas. Neste relato maniféstase a imaxinación que pode ter unha nena e como os pais, ás veces, teñen que ser creativos para conseguir que os nenos perdán os seus medos. Este relato complétese coas ilustracións Pablo Rosendo. A cuberta e a contracuberta están formadas por unha mesma ilustración, presentada en tapas brandas na que se amosa unha escena onde aparece a protagonista. A cuberta está chea de elementos que chamán o lectorado. As cores son planas e en tons pastel, predominando o azul. As gardas descreben o antes e o despois da historia do libro. As ilustracións son a dobre páxina e o texto incrustase na ilustración.

**Referencias varias:**


Coméntase o argumento de dous volumes integrados na colección “Tartaruga” de Galaxia. Trátase d’*Un baño de gargalladas*, de Rosa Llorente, con ilustracións de Pablo Rosendo, que trata sobre unha nena a quen lle custa bañarse a diario; e *Un soño na bandexa*, de Marine Lorenzo Corcoba.


Álbum fantástico-realista de Mariné Lorenzo Corcoba que trata temas como os soños, a amizade e o amor. A nena protagonista pidelle en primeira persoa a un camaréiro que lle traía unha serie de cousas, comezando por unha cunca de chocolate quente e un vasiño de anís e deixando voar a súa imaxinación e soños para pedírle moitas máis (os Reis Magos e Papa Noel, un sorriso grande e un queixo con mel, unha folla de papel para...
escribir unha carta de amor, unha aperta forte de amigo envolta en caramelo torrado, un día moi frío para compartirlo ao seu lado, un bico doce, etc.). As ilustracións figurativas de Ana Francisco e Jorge Vázquez son moi imaxinativas, empregan cores moi alegres e atractivas e forman unha unidade cos textos para poder comprender o relato. Os protagonistas presentan expresións variadas que reflicten as emocións das que se fala nos textos. As gardas presentan unha narración relacionada coa temática do relato.

**Referencias varias:**


Coméntase o argumento de dous volumes integrados na colección “Tartaruga” de Galaxia. Trátase d’*Un soño na bandexa*, de Mariné Lorenzo Corcoba, ilustrado por Ana Francisco e Jorge Vázquez; e *Un baño de gargalladas*, de Rosa Llorente. Afírmase que o volume de Lorenzo Corcoba está protagonizado por unha rapariga soñadora que pide cousas moi especiais a un camareiro.


Conversa na que a escritora Mariné Lorenzo, co gallo da publicación d’*Un soño na bandexa*, comenta o duro transo da prematura morte da súa filla e a súa experiencia como nai adoptiva. No tocante a publicación, explica que se trata dun conto cheo de fantasía, protagonizado por unha rapariga que pide a un camareiro cousas que pertencen aos seus soños e fala de valores, de cousas que non se poden comprar nin vender.


Dáse conta da charla que ofreceu a escritora Mariné Lorenzo, nun colexio de Campolongo, acerca dos valores perdidos, tema que aborda no seu libro *Un soño na bandexa*.


Faise eco da sinatura de orixinais d’*Un soño na bandexa*, de Mariné Lorenzo.


Infórmase da presentación d’*Un soño na bandexa*, de Mariné Lorenzo Corcoba, e cóntase o argumento. Segundo a autora, trata sobre valores, cousas que non se poden mercar nin vender. Destácase o fin solidario do libro, cuxos dereitos foron doados á Asociación Española Contra o Cancro.

**Lóriga**, Lupe, Kofu e o medo, ilust. Michel Casado, Vigo: Nova Galicia Edicións,
Conto de Lupe Lóriga sobre as dificultades dos rapaces e rapazas para vencer os medos que lles asaltan ao longo da súa infancia. Por medio dun narrador en terceira persoa que se mestura cos diálogos entre os personaxes, o lectorado coñece a historia de Kofu e Luisiño, dous amigos entusiasmados co baloncesto. Cando Kofu lle propón a Luisiño a súa idea de apuntarse ao próximo campionato de baloncesto, este respóndelle que non está polo labor, xa que o ano anterior o seu equipo perdera o campionato pola súa culpa e non quere que a historia se repita. Luisiño consegue convencelo e finalmente gañan o campionato. É de sublinhar o feito de que Luisiño sexa un neno de raza negra, fomentando así a integración e o compañeirismo ante situacións difíciles entre amigos de distintas partes do mundo. Pechan o volume actividades cuxo obxectivo é o de ensinar ao lectorado a superación de medos e temores. As ilustracións figurativas de Michel Casado completan a narración con información sobre as contornas cotiás dos protagonistas e axudan a distinguir os aspectos raciais de cada neno. Na cuberta aparecen os protagonistas do conto e apréciase unha sombra ameazadora na parede. Os debuxos teñen unhas cores alegres e as formas están rodeadas dunha grosa liña negra.

Referencias varias:


Repaso pola narrativa infantil co gallo da celebración do Samain galego. Logo de explicar a orixe deste vocábulo e de comparalo co de Halloween na lingua inglesa, comeza o percorrido polas diferentes editoriais galegas con publicacións sobre este tema dirixidas aos máis cativos, nomeando o volume Kofu e o medo, de Lupe Lóriga e ilustrado por Michel Casado, na editorial Nova Galicia Edicións.


Volume patrocinado polo Concello de Ourense e a Xunta de Galicia que recolle os textos premiados no XXVII Concurso de Contos para a Mocidade na súa edición de 2010, nas súas diferentes modalidades: Premio Ourense e Premio Eduardo Blanco Amor máis catro accésits. Os textos, tamén dispoñíbeis en www.casaxou.com, son os seguintes:


Alba Cid (Ourense, 1989) ambienta o seu relato na terra de Oristzenbe, sometida á destrución e a ameaza, e recupera o seu pasado a través de diferentes textos procedentes dos arquivos do Museo de Historia dese país: dúas cartas persoais, a folla do diario dun dos seus habitantes e un fragmento dunha gravación da voz dun actor. A estes engádense
unha mensaxe de móbil e a entrada dun blog. Todos eles refírense a unha cultura confinada entre as parede dun museo e comparten o ton íntimo, poético e desacougante.


Relato de Andrés Ocampo dividido en seis partes que presenta os monólogos interiores dos protagonistas dun triángulo amoroso: os dun home escritor que evoca os seus remoros por abandonar a muller por outra rapaza máis nova e que sofre un ataque ao corazón que provoca a súa percepción de caer nun inmenso baleiro; os da muller, ateigados de ira e odio cara á súa rival; e os da amante de vinte e dous anos que espera un fillo del.


Narración de Lucía Gil que recupera unha anécdota de pouso popular, ambientada en Ourense no ano 1956 e centrada na perda do traxe de voda do Severino o día do seu casamento con Manuela, o cal non impediu que estivesen xuntos corenta e dous anos.


Relato de Miguel Rodríguez en primeira persoa que debulla os ritos cotiáns dun personaxe dende que se ergue da cama ata que decide cambiar o seu traxe habitual por roupa e calzado cómodos que merca de súpeto nunha tenda de deportes. A seguir, regálalle o traxe a un esmoleiro, que, ao poñer o traxe, se converte nun home de éxito e esperta olladas de admiración.


Narración de Enrique Bernárdez estruturada en nove breves partes tituladas, na que o personaxe relata en primeira persoa o que lle aconteceu tras morrer por se afogar coa pebida dunha ameixe e chegar ao alén, onde a súa pel se volve negra e o reciben nun espazo cheo de flores e música. Tras o xuízo, no que se decide que debe purificar a súa alma, é conducido a un lugar no que sente unha gran felicidade, pero como se aburre viaxa ao inferno cheo de trasnos, coñece un espazo intermedio e pasa a formar parte da Santa Compaña, ata rematar metido nun cadaleito.


Beatriz Parada é a autora desta historia relatada por Patricia, unha moza viguesa de vinte e tres anos, que conta como naceu a súa relación coa que se converteu co tempo na súa mellor amiga, Laura, e como esta morreu de cancro.


Novela de aventuras de Andrea Maceiras (A Coruña, 1987) na que relata a historia de Pao e de Alén, dous adolescentes pertencentes a culturas diferentes, pero que conseguen salvar o pobo de Pao do asoballamento que está a sufrir por parte daqueles que eren
posuír unha cultura e un poder superiores. A autora xoga cos títulos das partes desta novela -“Aquí”, “Alá”, “Máis Alá” e “Alén”- para marcar as distancias, reiterando así a temática central do libro: a distancia entre as diferentes culturas e o descoñecemento que existe sobre o que se atopa máis alá das fronteiras de cada cultura. Maceiras tematiza aspectos como o racismo, o abuso de poder, o engano, o uso da información como arma de dominación, o medo á diferenza, a industrialización e o asoballamento ao medio ambiente. Cada unha das catro partes desta novela vai antecedida por un texto: unha canción de berce tradicional da Illa Tamura, un discurso do Presidente do Continente Luminoso, un recorte de prensa e unha carta de Cairo para o seu sobriño Pao; textos que adiantan datos importantes no desenvolvemento de cada parte. O xogo léxico coa distancia tamén se aprecia a nivel da voz narrativa, xa que o narrador en primeira persoa se converte nun narrador en terceira persoa na parte “Alá”; un cambio que se produce cando o principal protagonista sofre “amnesia”. Esta novela complétase coas ilustracións de Rodrigo Chao Blanco (Boiro, 1976). Xa na cuberta anticipa unha historia nun mundo imaxinario e estranxo no que as cores son todas violetas. No interior as ilustracións de Chao Blanco, que son de páxina enteira e non teñen cor, axudan a crear no lector as imaxes dun mundo distinto.


Xesús Manuel Marcos (Seoane do Caurel, 1967) escolle de novo o mundo da mitoloxía popular e os saberes tradicionais galegos nesta nova entrega narrativa, estruturada en sete capítulos titulados, dos cales o primeiro e o último enmarcan o resto da narración. Así, en “O fiadeiro” relátase como tras o exorcismo ao que é sometida Rentar aos sete anos co fin de tirarlle os espíritos malignos do corpo, ela e su pai son desterrados á fraga de Outar e desposuídos de todos os seus bens. En “A noite de San Xoán”, Rentar, que fai catorce anos, atópase coa nai, unha moura desencantada anos atrás por su pai, obrigada a renunciar á maternidade para cumprir as regras que estableece a súa pertenza ao País de Embaixo. Os capítulos intermedios desenvolven as intervencións do esconxurador naquellos lugares nos que se reclama a súa presenza para poñer en práctica a súa sabedoría e solucionar problemas relacionados co mal do aire, en vexas, vinganzas, encantamentos ou intervencións de mouroas e tranos rebuldeiros. Ademais da tradición mítica que marca o devalar destes personaxes, Rentar vive, ao longo dos sete anos que abrangue a narración, un proceso de aprendizaxe a carón do pai e unha experiencia iniciática na que asume a súa diferenza e o rexeitamento que provoca no restos, alén de ter que decidir o seu destino. A cuberta está deseñada por Fausto Isorna (Catoira, 1961) cunha imaxe parcial dunha escultura románica. A figura fantástica mergulla o lectorado nun mundo fantástico que o achega ás lendas e contos da terra.

Recensións:


Sitúase *O Esconxurador* dentro da obra de Xesús Manuel Marcos e cualifícase de relato menos ambicioso, en planificación e extensión, que a saga *O Brindo de Ouro*, malia
amosar unha vez máis o talento do autor para tirar rendemento da mitoloxía popular e os saberes tradicionais. Destácase a estrutura da narración, enmarcada polo capítulo introdutorio e o final e que acolle entre medias as distintas intervencións do esconxurador en diferentes lugares, e coméntase que a historia garante unha lectura intensa. Por último saliéntase a experiencia iniciática da protagonista, Rentar, quen aprende a asumir a súa diferenza, a súa transformación en muller e a toma de posicionamento final.


Identifica n’O esconxurador, de Xesús Manuel Marcos, unha historia que recende a maxia e historias contadas ao redor do lume da lareira, porque integra o imaxinario ancestral e elementos do acervo popular. Gaba tamén a rica linguaxe e o desenvolvemento dunha intrigue que atrapa o lector. No apartado intitulado “Da palabra” abórdase o percorrido da colección “Costa oeste”, sinalando que naceu en 1997 coa obra Mecanoscrito da segunda orixe, de Manuel Pedrolo, e que se renovou en 2003 coa novela O armiño dorme, de Xosé Antonio Neira Cruz, cun total de 68 títulos publicados. Reproducese un fragmento da novela de Marcos e mais unha ficha biográfica e recoméndase a lectura doutros títulos da colección.

Referencias varias:


Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, O esconxurador, de Xesús Manuel Marcos.


Sección fixa dos suplementos na que describe varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónase, entre outras, O esconxurador, de Xesús Manuel Marcos, da que se indica que esta novela conta cons tres ingredientes que conseguem captar a atención do lectorado: “medo, intriga e pasado”. Tamén apunta que se trata dunha “amea lectura” pola variedade de historias que acolle.


Indica que Isidro Novo foi o encargado de ler o pregón da Feira do Libro de Lugo na que, entre outras novidades, estivo Xesús Manuel Marcos o día 16 asinando exemplares d’O esconxurador.


Entre outras actividades, anúnciase a firma de exemplares por parte de Xesús Manuel Marcos da súa obra O esconxurador, que terá lugar na Feira do libro de Lugo.

Entre outras informacións que recollen as ideas fundamentais do pregón de Isidro Novo para a inauguración da Feira do Libro de Lugo (perda constante de falantes e lectores en galego e a importancia do libro), anunciase a sinatura de exemplares d’*O esconxurador* por parte de Xesús Manuel Marcos.


Faise eco da celebración da Feira do libro en Monforte. Alén de informar das librerías que estarán presentes, nomea os escritores que asinarán exemplares dos seus libros, entre os que se atopa Xesús Manuel Marcos con *O esconxurador*. Ademais dá conta doutras actividades destinadas ao público infantil.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aqui recensionadas. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras pertencentes a escritores galegos, menciónase *O esconxurador*, de Xesús Manuel Marcos, unha obra que relata a experiencia iniciática da protagonista.


Xosé A. Neira Cruz (Santiago de Compostela, 1968) continúa a historia que dera a coñecer en *Violeta non é violeita* (2009), dándolle protagonismo á pequena bruxa Mo que vive con ela metida nunha cunca de té. Mo é unha bruxa peculiar, pois ademais de medir só sete centímetros e non ser quen de asustar a ninguén, sente un medo tremendo dos nenos e sofre horribles pesadelos que fan que acorde no medio da noite. As súas colegas, Cacatúa Desdentada e Ana Marrana, rinse seguido dela. Grazas á súa amiga Violeta, que a leva ao colexio cando ela, aprende que a mellor menciña contra o medo é a amizade e entre risos e cancións anuncia que setembro será a fin das bruxas noxentas. Conta con ilustracións figurativas de Sara Rojo Pérez (Madrid, 1973). A ilustración da cuberta redunda visualmente no que avanza o título: o medo da protagonista está simbolizado cunha mancha negra que ten ollos, como se dunha pantasma se tratara, e no centro desta forma atópase unha figura pequerrecha con expresión asustada; ademais sábese que é moi pequena porque está subida enriba dunha cunca de porcelana. No interior, ao comezo do libro, o peso das ilustracións na narración é superior ao texto, que vai gañando presenza até que, nas últimas páxinas, as ilustracións funcionan só como complemento dos textos. As cores son fortes, saturadas e contrastadas presentando un aspecto alegre. A disposición do texto segue pautas diferentes en cada páxina ocupando os espazos baleiros de formas na composición que é case sempre de dobre páxina. As ilustracións seguen fielmente o texto, amosando visualmente unha
escena relevante no contido da historia. O estilo empregado estiliza as figuras e describe cunha maior precisión á bruxiña protagonista.


Xosé A. Neira Cruz (Santiago de Compostela, 1968) constrúe unha narración que combina dúas temporalidades a través das similitudes que existen entre a vida de dúas mulleres, Marta (no presente) e Ranunca (no pasado) e que logran comunicarse en soños. Marta non deixa de cavilar e de se facer preguntas sobre as súas orixes e o paradoiro e a identidade de seu pai, o que nunca coñeceu, igual que ocorreu con seu avó. Nin a nai nin a avoa, por diferentes razóns, viviron nunca coas súas respectivas parellas e sempre se valeron por si mesmas. Un día, grazas a Carlota, unha compañeira do instituto, descobre nunha páxina web a historia dun clan de mulleres do pasado que só precisaban dos homes para seren fecundadas e continuar así a súa estirpe matriarcal, e que mesmo exercían a violencia contra eles. Marta sántese atraída por esta historia, nomeadamente ao coñecer como unha dasas mulleres, Ranunca, traizouz a súa caste fuxindo na busca de Um, o pai de súas fillas, até dar con el na illa dos leprosos (San Simón), curiosamente a aldea á que Marta acede às festas da aldea que celebra a súa familia. A historia de Marta e a de Ranunca acabarán confluindo cara ao final da trama, aínda que a adolescente dos tempos actuais non está tan soa como Ranunca, pois conta co seu primeiro amor, Xaime, un rapaz que comprende as súas dúbidas, e con súa nai, a través da que coñece por fin o que aconteceu con seu pai. Só ten imaxe a cuberta que presenta unha fotografía dun rostro feminino en primeiro plano, deseñada por Gerardo Domínguez.


Volume de microrrelatos de Manuel Núñez Singala (Lugo, 1963) que constitúe a segunda achega ao público infantil e xuvenil tras a peza dramática *Comedia bífida* (2007). Presenta a estrutura dunha carta ou menú gastronómico dun restaurante seguindo os distintos pratos que a compoñen, que funcionan como bloques do volume. Baixo o título “Carta” (en lugar de índice ou sumario) encádranse vinte relatos agrupados nos pratos “Para picar” (pp. 11-19), “Entrantes” (pp. 22-34), “Primeiros” (pp. 35-60), “Segundos” (pp. 61-104) e “Sobremesas” (pp. 105-111). Esta estrutura permite que o lector conforme o seu propio itinerario de lectura elixindo ao seu gusto “o prato literario” que máis lle guste; non obstante, todos os relatos curtos do volume non son completamente independentes uns dos outros, senón que presentan fundamentalmente o engano e a mentira como fío común, que dá coherencia ao conxunto do volume. Esta temática concértase en distintas perspectivas comúns segundo cada un dos pratos ou bloques. En conxunto, *Menú de enganos* caracterízase por trazos de ironía, humor e retranca empregados por Manuel Núñez Singala para criticar actitudes hipócritas ante comportamentos enganosos que se producen a cotiño. A cuberta segue un deseño de Fausto Isorna (Catoira, 1961). Sobre un fondo liso de cor violeta destacan as letras do título e do autor da novela. Na esquina superior dereita unha pequena imaxe dunha culler e letras de pasta para sopa esparexidas arredor fan un aceno visual ao título.
Recensións:


Cita os enganos que son protagonistas deste volume de Manuel Núñez Singala que se presenta a modo de menú de restaurante. Así, en cada unha das distintas opcións “gastronómicas” (“Para picar”, “Entrantes”, “Primeiros”, “Segundos” e “Sobremesas”) inclúense catro propostas cuxa extensión garda relación formal co tipo de “prato” ofrecido. Sinala que o importante é ese anaco de vida que desfila antes nós como testemuña das nosas contradicións máis internas, dos nosos soños de amor, de solidariedade, de ecoloxía, de cultura… e que Núñez Singala mostra logrando manter na maioria das ocasións ese difícil pulso de depuración requintada, a través da peneira do superfluo, que impón o xénero do relato, en loita contra o tempo e o espazo. Refírese aos contidos abordados nalgúns dos relatos e afirma que o libro convence por esa capacidade do autor de “estoupalo conto nas verbas derradeiras, dempóis de inzalo poderosamente”, tal e como dicía Rafael Dieste. Tamén agarda que esta proposta literaria traspase as fronteiras das marcas de idade, pois está dirixido tamén para un público adulto.


Tras un breve percorrido pola produción literaria de Manuel Núñez Singala, descríbese esta última obra do autor, partindo da descripción do tema tratado e salientando as súas características máis significativas. Entre elas, destaca a estrutura elixida polo autor que se presenta en forma de “carta de restaurante literario”, a extensión variábel das súas prosas e a crítica social que reflicte, para rematar coa recomendación da súa lectura.


Descríbese esta obra partindo dos contidos dos temas tratados. Destácase a súa estrutura articulada nun conxunto de relatos que teñen como fio condutor o engano, e que se presentan coma a carta dun restaurante con entrantes, primeiros pratos, etc. En canto á prosa empregada destaca a retranca, unha característica que enche os textos de Menú de enganos, de Manuel Núñez Singala.


Destaca que o núcleo desta obra é “a presenza do humor e a ironía”, dous elementos pouco habituais e menos aínda na literatura galega. Apunta que Manuel Núñez Singala se abeira a unha escritura á que xa se achegaran entre outros X. L. Martínez Pereiro, Gonzalo Navaza, Carlos Negro e Afonso A. Cáccamo. Explica que “esta opción” xa estaba presente na súa última peza teatral, Comedia bífida (2007), un dos títulos da bibliografía de Singala, conformada ademais pola novela Mar de fondo (1997), outras
obras de literatura dramática e ensaios referidos á normalización lingüística galega, entre os que salienta En galego, por que non? (2009). Indica que en Menú de enganos os relatos se estruturan seguindo a orde dun menú “literario” composto por pratos “para picar”, “entrantes”, “primeiros”, “segundos” e “sobremesas”. Considera que nos “epígrafes” titulados “para picar”, “entrantes” e “sobremesas” Singala se limita a expor sucedidos anecdóticos cunha “intención crítica e ridiculizadora”, que “non cobren as expectativas” do lector e que “resultan excesivamente previsibles”. Apunta que “os pratos fortes”, nos que Nicolás insiere os de “maior corpo” e dos que refire que constitúen o núcleo da obra, contan coas marcas autoriais de Singala da “presenza do engano, do paradoxo, do equívoco, da ironía, do humor e mais da retrañade”. Refire que nestes últimos apartados a sorpresa destaca sobre a “inversión ou deformación da realidade” e que neles Singala amosa “máis habelencia”, unha prosa máis áxil e maior conexión co lectorado conseguida a través de “xogos lingüísticos” e “mensaxes cifradas” que rematan en “finais inesperados”. Engade que algúns apartados contan cunha “reacción final máis ou menos cruel” ao narrado onde aparecen traizón, vinganza, prexuízos e desexo, entre outros conceptos. Resalta os menús “O tobo” e “A rapaza do bikini verde”, que considera “o mellor” porque, a través dun “excelente xogo de espellos”, se explora a identidade, falsidade e amizade para tentar “reapropiarse vitalmente” do pasado proxeptado no presente. Conclúe que Menú de enganos é “satisfactorio” en conxunto e por iso anima a Singala “a perseverar” na perspectiva empregada nel.


Comeza precisando que o vilalbés Manuel Núñez Singala, “aínda que nacera en Lugo”, como “activista” da lingua galega publicou con anterioridade Comedia bifida (2007) e En galego, por que non? (2009). En relación a Menú de enganos, destaca a “apetitosísima división” dos seus apartados gastronómicos e apunta que, aínda que “a temática vai collida con fíos”, a idea de partida “semella simpática”. Explica que Singala tenta “enganchar” e despois “sorprender” e que, se ben o consigue con algúns relatos, outros como “O inhalador” presentan un final previsíbel, mentres “Trampas” non remata de xeito “ben afinado”. Precisa que, ademais dos relatos, Singala insiere contos cun trazo “fantástico” como son “O tobo” e “A rapaza do bikini verde”, dos que Araguas recolle o argumento; e tamén “microrrelatos” que non son do gusto do articulista por achegarse “á chistonada”, faltarlle o “ponto de cocción” e carecer dunha abordaxe “con máis afouteza”, que si observa en “Elocuencia”. Remata cualificando o volume de “irregular como a vida mesma. Do (e da) que se trata”.


Comeza afirmando que un humor “nobre” percorre a traxectoria dramática de Manuel Núñez Singala desde O achado do Castro (1991), “unha das pezas de teatro máis representadas da literatura galega”, até Comedia bifida (2007), que foi obxecto de numerosas críticas. Apunta que, como diría Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, Menú de enganos acolle “cousas de rir que arrepián” e “cousas tráxicas que fan rir”. Explica
que presenta a estrutura da “carta dun restaurante” e que o autor domina “todos os xéneros” do relato breve: a anécdota, en “Para picar”, ao modo das Cousas (1926, 1929 e 1934), de Castelao; anécdotas máis amplas como “Entrantes”; “Arquivos”, á maneira de Rafael Dieste nos “Primeiros” e “Segundos”; e “Sobremesas” breves. Precisa que Núñez Singala, ao igual que Gonzalo Navaza e Séchu Sende, é dos autores que mellor saben levar o ritmo discursivo da historia narrada. Define este volume como un tratado sobre distintos tipos de “engano”: mentira social, autoengano e frustración, exemplificados en “O comezo das vacacións”, “O tobo” ou “Inhalador”. Salienta “A rapaza do bikini verde” como maxistral porque o novelo do enredo remata xerando curiosidade ao final do relato. Considera que o segredo do volume está nas palabras finais, e que os remates dos relatos son “rotundos e sorprendentes, sobre todo vingativos”, ademais de “nada indixestos”, xa que o segredo está en “saber comer o que se le”, comer un bo menú, como é este volume.

Referencias varias:


Faise eco da última obra publicada por Manuel Núñez Singala, Menú de enganos, publicada pola editorial Galaxia na súa colección “Costa Oeste”. De seguido, describe a peculiaridade desta publicación que a cataloga coma “literatura á carta” e continúa coa entrevista feita ao escritor, na que se fala de aspectos destacábeis da obra: o emprego do engano como o fío condutor que unifica o conxunto de relatos; a posibilidade de ser lidos de forma independente, elixindo o texto segundo a súa extensión en función do tempo dispoñíbel para a súa lectura; a dificultade que supón escribir un conto; e a existencia da retranca coma recurso de crítica social, entre outros.


Primeiramente describe o novo volume publicado por Manuel Núñez Singala, Menú de enganos, e destaca como a precisión e concreción no uso da palabra por parte do autor se ven sobradamente reflectidas na obra. A seguir, reproduce unha entrevista co autor na que se destaca, entre outros aspectos, que a obra é un conxunto de relatos co engano como fío condutor, a dificultade que supón a escritura de relatos pola súa brevidade, e a organización dos relatos por extensión e densidade.


Sección fixa dos suplementos na que se acolle, entre outros, un breve descriptor de Menú de enganos, conxunto de vinte relatos de Manuel Núñez Singala; e A Galicia de Montevideo, de Manuel Losa Rocha.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas.
Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras pertencentes a escritores galegos, menciónase *Menú de enganos*, de Manuel Núñez Singala, “unha carta gastronómica de microrrelatos”.


Neste álbum fantástico-realista de Fran Nuño (Sevilla, 1973) un narrador en primeira persoa conta o soño dun pixama dun neno. Nel todas as persoas usaban este tipo de vestimenta a diario, tanto os nenos no colexio coma os que adoitan ir con traxes e gravata, as persoas que a diario usan uniforme, os varredores, os xogadores de deporte, etc. O día fixoselle moi longo e acabou canso. Ao fin esperta e séntese moi contento de ter unha vida de pixama normal. Acompáñase de ilustracións figurativas de Alberto Toval. A imaxe da cuberta é unha das imaxes do interior e tanto esta imaxe coma a das gardas presentan pixamas animados. As ilustracións complementan visualmente o conto e a técnica empregada é a acuarela, empregándose cores suaves.


Álbum ilustrado de Amalia Pérez Otero (Vigo, 1974) no que a través dun narrador omnisciente e principalmente do diálogo se relata a aventura vivida por dous irmáns, Dalia e Daniel, na illa de San Simón. O trasno Illote, que asexa mentres o avó dos nenos lles conta historias fantásticas acontecidas na illa de San Simón, decide sorprender os cativos, así cando estes espertan pola noite con ganas de ir ao baño, atópanse que no lugar do váter hai unha porta que os irmáns deciden traspasar. Dalia decártase de que foron dar á illa de San Simón e pronto se atopan co capitán Nemo, que os irmáns identifican como o vello da barba branca dos contos do avó. O capitán anima a atopar un tesouro que leva media vida procurando, pero a Daniel entra no medo e decide agocharse baixo unha árbore. Entón intervén de novo Illote que fai caer un coquiño do eucalipto sobre o rapaz, polo que este berra e Dalia atópao. O capitán Nemo, como ve que os nenos andan a enredar e non se deciden a seguilo, dálles o mapa que indica onde vai agochar o tesouro, posto que el xa vai vello. Finalmente Dalia e Daniel espertan no seu cuarto, coa voz do avó que os chama para almorzar. As ilustracións figurativas realizadas por Michel Casado (Vigo, 1978) acompañan a orde da lectura textual e ofrecen información sobre a paisaxe da illa. Teñen unhas cores alegres nas roupas dos nenos en contraste coas cores máis matizadas da contorna natural. As formas están rodeadas dunha grosa liña negra.

**Referencias varias:**


Conto fantástico-realista de Amalia Pérez Otero (Vigo, 1974) sobre a amizade, a solidariedade, a comprensión e outros valores. A historia está narrada en primeira persoa pola protagonista, unha nena de oito anos. Óntase como a xanela dun edificio observa que todo o mundo que ali vive se lle acerca, até que descobre que hai una nena que nunca o fai. A xanela non entende nada xa que está acostumada a que todo o mundo se lle acerque e observe dende ela as súas fermosas vistas. Un día decide falar coa nena para saber a razón pola que nunca se lle acerca, pero a nena non mostra interese. Deste xeito, descubrirá que a rapaza é cega, cuestión que dá inicio a unha amizade entre ambas, baseada na tolerancia, na axuda e no coñecemento mutuo. Mentres a rapaza escoita grazas á xanela todo o que existe alén dos vidros, a xanela deixará a un lado a vaidade. O conto complétase coas ilustracións figurativas de Nieves González Prado (Baiona, 1979). A técnica dixital empregada facilita a creación de planos de cor. O estilo é sintético, dando lugar a unhas formas estilizadas e simples que achegan a información xusta dos interiores e das figuras. Non teñen intención volumétrica e presentan cores alegres. As composicións esténdense pola páxina e os textos dispónense enriba delas.


Conxunto de vinte e oito relatos de David Pintor (A Coruña, 1975) e Carlos López (Boimorto, A Coruña, 1967), dous humoristas gráficos máis coñecidos por Pinto & Chinto. Nesta ocasión os autores ofrecen para aqueles e aquelas que, como no título se anuncia e se subliña na presentación, “dormen deseguida” e non chegan a escoitar o remate dos contos de antes de durmir por ter estes, habitualmente, unha extensión demasiado longa. Para evitar que o interesado lectorado, desexoso de descubrir o final da historia, quede durmido nestes momentos de lectura, en Contos para nenos que dormen deseguida ofrecenxe historias moi breves, sumamente condensadas nalgúns casos, pero completamente pechadas, nas que aparecen personaxes próximos ao imaxinario infantil que os máis novos recoñecen ben por ser os protagonistas de contos da transmisión oral, ben por formar parte dos seus tenros xogos. Así, relatos como “O pirata Moitabarba”, “O príncipe e a princesa”, “A bruxa e o leñador” e “A serea e o humano”, entre outros, introducen a quen le, mesmo dende o propio título, no mundo da contística de transmisión oral por medio de personaxes (piratas, príncipes e princesas, bruxas, leñadores, sereas e, noutros ocasións, fadas, xigantes, ananos, etc.) que agora ven subvertido ou modificado o seu papel tradicional. Pola súa banda títulos como “O reloxo de Emma”, “Héctor e o boneco de neve”, “A margarida”, “O castelo de naipes” e “O neno que imaxinaba” achéganse a xogos propios da infancia, nos que a imaxinación
e a fantasía son os protagonistas e nos que pequenos e grandes se poden ver representados. Noutras das historias recollidas neste volume ofrecese unha explicación posíbel e con certa lóxica, pero sobre todo divertida e inesperada, a fenómenos da natureza. Deste xeito, por exemplo, en “O vento”, sábese a razón pola que existen os tornados: porque o vento baila nos seus momentos de lecer; en “A montaña”, descóbreme por qué as montañas grandes teñen xeo na súa cima; en “A viaxe do río”, a causa pola que o percorrido dun río para chegar ao mar é sinuoso, e en “O arco iris”, por qué aparece este despois de chover. As ilustracións son dos mesmos autores. É unha edición moi coidada, presenta papel de calidade, tapas duras, gardas impresas cun xogo visual da colección e ilustracións na cuberta. A imaxe da cuberta é de estilo caricaturesco, presenta un músico tocando un saxofón, lembra a imaxe dun xogar que conta historias e é a mesma que a dun conto do interior. Cada conto ocupa só unha páxina e ten do lado unha ilustración de páxina enteira que completa visualmente a pequena narración con escenarios e personaxes diversos. O estilo é un pouco caricaturesco e, ás veces, fantástico. Os debuxos están feitos cunha liña expresiva de tinta negra e logo con tintas planas aplicase a cor.

Recensións:


Dáse a benvida ao volume Contos para nenos que dormen deseguida, de Pinto e Chinto, na colección “Sete leguas” da Editorial Kalandraka. Destácase que reúne vinte e oito relatos dirixidos aos máis cativos que, como apunta o título, dormen deseguida sen chegar a escoitar a fin dos contos por seren longos, de aí a brevidade dos textos. Apúntase tamén que neles aparecen personaxes próximos ao imaxinario infantil e que boa parte presentan un parentesco notábel coa transmisión oral, coa intención de modificar os seus papeis coñecidos. Conclúese falando do humor que impregna estes contos, un trazo recorrente na produción destes autores.


Comeza sinalando que a brevidade das vinte e oito historias de Contos para nenos que dormen deseguida permite que o lectorado agardado escoite o conto até o final antes de se quedar durmido. Fernández comenta os diferentes tipos de personaxes que se poden atopar nesta obra, uns clásicos e outros non tanto, e valora positivamente tanto a brevidade coma o estilo sinxelo das historias. A seguir, detense nas características da súa estrutura, no espazo e nos temas tratados. Finaliza valorando positivamente a conxunción entre a parte literaria e a plástica desta obra.

Referencias varias:

Despois de lembra que os expertos recomendán que os contos que se len aos máis novos antes de durmir deben ser breves, infórmase de que Pinto & Chinto seguen esas pautas no seu libro *Contos para nenos que dormen deseguada*. Entre outros aspectos destánanse a brevidade das historias, a agudeza narrativa e os xireos literarios. Para rematar, férase brevemente de como comezaron a colaborar estes dous autores e dos premios que a súa producción ten acabad.


Dise que o último libro editado por David Pintor e Carlos López para o público infantil se titula *Contos para nenos que dormen deseguida*. Dáse conta do seu contido e saliéntanse que as historias neste libro recollidas se caracterizan por presentar arquetipos infantís que buscan o riso do lector, pola súa brevidade e polo humor. Recólense algúns comentarios dos autores en relación a esta publicación ou ao seu traballo na prensa como autores de tiras cómicas e, finalmente, anúnciase a presentación de *Contos para nenos que dormen deseguida*, editado en galego, castelán e portugués, na Feira do Libro da Coruña o próximo 7 de agosto.


Preséntanse como propostas de lectura de verán *Contos para nenos que dormen de seguida*, de Pinto & Chinto; *Luís vai á praia*, de Guy Delisle e Oli, e *Oh, as cores*, de Jorge Luján. Cualificanse como “propostas que engaiolan pola súa fermosura e coidada frescura, pola súa calidade”. Dáse conta do seu contido e destánanse as súas principais características.


Infórmase da clausura da feira do libro da Coruña e ofrécense datos cuantitativos relacionados co número de visitantes e co número de vendas. Finalmente, noméanse os autores e libros máis vendidos tanto en galego coma en castelán. En lingua galega, citanse as obras *A praia dos afogados*, de Domingo Villar, e *Luz de Tebra*, de Ángel Vázquez de la Cruz, pertencentes á Literatura institucionalizada ou de adultos, e *Contos para nenos que dormen deseguida*, de Pinto&Chinto, e as aventuras de Bob Esponja e Gerónimo Stilton no que á Literatura infantil e xuvenil se refire.

- Rodri García, “La feria del libro de A Coruña se cierra con 200.000 visitantes y un 10% menos de ventas”, *La Voz de Galicia*, “Cultura”, 11 agosto 2010, p. 36.

Despois de ofrecer as principais cifras que resumen os resultados das actividades dos dez días que durou a trixésimo novena Feira do Libro da Coruña e de poñelas en relación cos acabados na feira do ano anterior, sinálanse os libros máis vendidos, tanto en galego coma en castelán. Pola súa parte, no que á Literatura infantil e xuvenil se refire, dise que os máis vendidos foron *Contos para nenos que dormen deseguida*, de Pinto&Chinto, os protagonizados por Bob Esponja e os pertencentes á colección de Gerónimo Stilton.
Despois de dar conta dalgunhas das historias que acolle o novo título de Pinto&Chinto, *Contos para nenos que dormen deseguida*, traducido ao castelán como *Cuentos para niños que duermen enseguida*, Marta Otero di que nel se recollen vinte e oito historias breves que “más que invitar a dormir, se acaban colando en tus sueños”. Destaca a gran dose de imaxinación que as historias presentan, aínda que tamén a presenza do sentido común cun chisco de ironía. Finalmente, comenta a relación entre o texto de Carlos López e as ilustracións de David Pintor para, unha vez máis, “regalarnos una oportunidade para sonreír y soñar”.

Entrevista a David Pintor e Carlos López na que os autores de *Contos para nenos que dormen deseguida* falan das vantaxes que supón o traballar xuntos. Comentan como é o proceso de creación das súas historias e as diferenzas e semellanzas entre a produción dunha tira cómica e un conto para os máis novos. Finalmente dan conta dalgúns dos premios que teñen recibido e da súa intención de seguir achegando novos títulos á Literatura infantil e xuvenil.

Tras describir brevemente o argumento da historia e a traxectoria dos autores, reproducéuse un fragmento de *Contos para nenos que se dormen deseguida*.

Fixase a atención nesta ocasión no labor das editoriais Factoría K e Kalandraka en prol da lectura e destácase que ao longo do verán tiveron unha presenza moi activa nas feiras e salóns do libro ou presentacións celebradas en toda a xeografía galega. Entre os títulos achegados ao lectorado infanto-xuvenil a través destas actividades, atópanse *Contos para nenos que se dormen de seguida*, de Pinto & Chinto; *Milu*, de Manuel Rivas; e *O burato do inferno*, de Ramón e Xosé Manuel Trigo. Tamén se dá conta da promoción da lectura da iniciativa “Verán lector. Que calor!” a través das suxestións como *Luis vai á praia*, de Guy Delisle; *O insólito ascenso de Madame Pôl*, de Nicolás Arispe e *Historias de mestre raposo*, de Bruno Heitz, entre outras moitas.

Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algúns delas aquí recensionadas. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras pertencentes a escritores galegos, menciónase *Contos para nenos que dormen deseguida*, de Pinto&Chinto, un conxunto de “vinte e cinco relatos moi breves salpimentados de humor”.


Caderno de artista de David Pintor (A Coruña, 1975) que reúne unha colección de ilustracións dedicadas a Compostela. Tras un breve parágrafo de presentación, no que o autor suxire os requisitos ideais para gozar do libro, inclúense trinta estampas a dobre páxina que comparten o fío común de presentaren a figura dun violinista –que xa aparecería en entregas anteriores do ilustrador como *Ciudades de papel* (El Patito Editorial, 2009)–, ataviado con sombreiro e longo gabán, cando a súa bicicleta e os seus trebelleos de pintor, elementos que outorgan unidade ao conxunto e da man dos cales o lectorado pasea pola cidade. O relato visual propón sen palabras múltiples historias, soños e sensacións, pois a través do paseo dese protagonista o lectorado percorre unha cidade deserta, visitamos cafés, prazas, rúas, casas, tellados e mesmo o pintor bota a voar ou imaxina que o mar chega á Praza da Quintana. Ademais da utilización de cores brillantes, salienta a combinación da actitude contemplativa do personaxe coa sensación de constante movemento, que se consegue plasmando o revoar das follas, o movemento das campás ou os cafés fumegantes.

**Referencias varias:**


Fálase da última obra do ilustrador David Pintor, que crea un personaxe que deambula por unha Compostela máxica, afastada do habitual. Lémbrase que o autor xa retratara Santiago noutras ocasións, pero que esta vez faino para a editorial Kalandraka, e dunha maneira especial, cun “realismo máxico” que dá unha imaxe diferente da cidade compostelá.


Relato de Adelaida Pittaluga Albo no que se conta a historia dun caramelíñoxo que nace na fábrica de caramelos onde se creaban os doces máis ricos do mundo. A peculiaridade deste caramelíñoxo reside en que non ten sabor nin cor, situación que o fai sentirse profundamente triste. Non obstante, os seus compañeiros (chocolates, piruletas, gominolas…), dispostos a facelo feliz, deciden axudalo, cedéndolle parte das súas cores e sabores. Este relato, que se inicia cunha frase propia dos contos da transmisión oral, “Nun país moi, moi afastado,…”, é un alegato a favor da amizade, do traballo en equipo e da comprensión das diferenzas. Presenta trazos que resultan axecitados para un lectorado autónomo como son a inexactitude espacial e temporal, a humanización de obxectos, o emprego da maxia e a estrutura lineal, entre outros. Unha mostra deste gusto por conectar con este lectorado son o uso de símiles ao comparar as cores e sabores dos diferentes doces con situacións de ledicia recoñecíbeis polos máis novos, como se pode observar en “E os bombóns déronlle as cores: crema, framboesa, augamariña e fucsia; e
sabores a ceo, a recreo, a parque e a aniversario”. Complétase este relato coas ilustracións de Francisco López. A ilustración da cuberta está feita cun deseño dixital e amosa diferentes caramelos e doces animados: teñen ollos, boca e pelo. A técnica empregada no interior é diferente: debuxos a tinta coloreados con acuarelas. As imaxes creadas por Francisco López amosan un mundo fantástico no que cobran vida os doces e os caramelos dunha fábrica.

Recensións:


Comeza destacando a importancia da amizade para os cativos, antes de centrarse nunha obra publicada por Nova Galicia Edicións, O carameliño sen cor e sen sabor, na que a amizade xoga un papel central. A seguir, fai un breve resumo do libro onde se conta como un día nunha fábrica de caramelos nace un carameliño sen cor e sen sabor. Finalmente, salienta os valores transversais tratados no libro.


Relato de Antonio Reigosa (Zoñán, Mondoñedo, 1958) sobre as aventuras dun gato chamado Lu e dun rato chamado Go nos seus periplos polo adarve da muralla romana da cidade lucense. Estruturado ao redor de dezanove capítulos, a historia narra o conxunto de ocorrencias acaecidas a estes dous personaxes en clave de humor e optimismo que contaxia o lectorado. Lu e Go deciden ir percorrer o mundo que os rodea e pouco a pouco vanse introducindo nos misterios da muralla luguesa. A través da escavación do arqueólogo Enrique Alcorta, os dous animais intérnanse no microcosmos da muralla, que lles ofrece a posibilidade de atopar o tesouro do que falaba a lenda de Álvaro Cunqueiro. Así, logo de vivir unha serie de aventuras, Lu e Go rematan na UCI dun hospital veterinario para recuperarse do accidente do museo, no que Lu case consigue atrapar a Go. Os títulos de cada capítulo sintetizan o suceso descrito neles por medio da ironía, as máis das veces. É de salientar a linguaxe empregada nas descricions espaciais do relato, dunha gran riqueza léxica que favorece a aprendizaxe do lectorado mozo. Só ten ilustrada a cuberta cun debuxo de Marta Álvarez. A imaxe responde exactamente ao título da obra: Lu e Go son un gato e un rato que camiñan por enriba dunha muralla segundo de xeito redundante o que di o título. A composición é dinámica, o gato ocupa a diagonal e reforza a súa presenza coa forza do negro e porque a muralla segue o mesmo trazado. O estilo é figurativo e os animais teñen os trazos estilizados.

Recensións:

Infórmase da saída ao prelo deste relato de Antonio Reigosa en Edicións Obradoiro. Describese primeiramente o seu fío argumental para despois destacar a inclusión de personaxes como recurso para introducir información verídica na historia, a mestura de planos fantásticos, o simil entre cidade e texto e o emprego dunha prosa espelida e directa.

**Referencias varias:**


Comenta que Antonio Reigosa se inspirou nos debuxos animados “Tom e Jerry” para escribir *Lu e Go pola muralla*. Salienta tamén o espazo, personaxes e referencia lucenses que aparecen no volume, así como ás referencias a *Tesouros novos e vellos* (1964), de Álvaro Cunqueiro, e *Das cousas de Ramón Lamote* (1985), de Paco Martín.


Dáse conta da saída ao prelo deste relato de Antonio Reigosa editado por Alfaguara Obradoiro. Tras destacar a inspiración do autor nos debuxos animados “Tom e Jerry”, explica a orixe dos nomes dos personaxes protagonistas, Lu e Go, que non teñen que ver co nome da cidade galega na que se basea o relato. Describe o seu fío argumental e salienta a aparición de personaxes identificados con persoeiros lugueses como Paco Martín, Xaime Dapena, Enrique Alcorta, Tareixa Campo, Paloma Lugilde, Pepe Álvez ou o alcalde de Lugo, José López Orozco. Mentiona finalmente a presentación do volume que contou coa presenza da editora, Ana Guerra.


Relato amoroso de Xosé Henrique Rivadulla Corcón (A Coruña, 1962) de vinte e dous capítulos, que contén unha cita introdutoria de Uxío Novoneyra e unha dedicatoria ao seu amigo Miguel Betés. Álvaro, máis coñecido como Varucho, é un neno de oito anos que vive na vila mariñeira de Muxía e que o seu primeiro día da escola, despois do verán, recibe “unha sorpresa”, ao coñecer a Almudena, unha compañeira nova da que queda profundamente namorado. Para tentar ser o seu mozo pensa agasallala cunha cola de serea, que lle fai o seu amigo Pulga. A nena séntese ferida co regalo porque pensa que teñen mágoa dela pois, ao non poder andar, ten que usar unha cadeira de rodas. Varucho cre que é “un estúpido”, tal e como ela lle di. Ten que aprender o valor de “loitar polo que amamos” ou renunciar a namorar unha serea. Sabe ademais que os poemas son o remedio para “todos os males” e que, grazas a eles, será feliz. Ademais, a poesía vai axudar a que os seus amigos, especialmente a señora Elina e Marcelino (máis coñecido como o Pulga), atopen a súa propia felicidade, a través dunha secundaria historia de amor. Por outro lado, no libro hai referencia ás obras doutros autores da literatura galega, como *Profecía do mar* (1966), de Bernardiño.
Graña; *Os Eidos* (1952-1954), de Uxio Novoneyra; e *Abracadabaras* (2009), de Marica Campo. Conta con ilustracións figurativas de Antonio Seijas (Ares, 1976). A imaxe da cuberta é en cores frías e sobre ela destaca a figura do protagonista escribindo no chan e desvelando a forma da serea. No interior as ilustracións ocupan composiciones de páxina enteira amosando escenas relevantes para a narración que conseguen transmitir candidez e dozura, grazas ao emprego das cores cálidas. As imaxes, moi coidadas, conseguem atraer a atención do lectorado. O estilo empregado, con formas esvaecidas, resulta suxestiva e combina ben coa temática da historia. As imaxes do interior están tratadas cunha gama de laranxas e tostados.

**Recesións:**


Preséntase *Amar unha serea*, escrita por X. H. Rivadulla Corcón e ilustrada por Antonio Seijas. Explicase que a obra trata sobre a historia do primeiro amor e o respecto ás diferenzas, así como ás dificultades coas que, en ocasións, se nace.

**Referencias varias:**


Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, *Amar unha serea*, de Xosé Henrique Rivadulla Corcón.


Dáse noticia da publicación na colección “Árbore” de Galaxia de dous libros para rapaces de dez anos en diante: *Amar unha serea*, de X. H. Rivadulla Corcón e *Brais e os demais*, de Manuel Darriba. Indicase que a primeira é unha novela, de vinte e un capítulos ilustrados por Antonio Seijas, na que o protagonista, Varucho, que ten oito anos e vive en Muxía, coñece o primeiro día de clase a súa nova compañeira, Almudena, da que se namora e á que tamén intentará conquistar o Puga. Finalmente,
opínase que estas dúas propostas lles serven aos nenos para que poidan adquirir vocabulario e soltura na lectura e, ao mesmo tempo, rir.


Tras describir brevemente a traxectoria do autor e o argumento da historia, reproduécese un fragmento de *Amar unha serea*.


Relato curto de Manuel Rivas (A Coruña, 1957) que mestura o fantástico co real e trata a familia e a soidade como temas centrais. Baseándose neles, faixe unha crítica da familia desestruturada. A través dun narrador en terceira persoa contase a historia dunha nena chamada Milu que cando era pequena seu pai lle regalou unha televisión que ela chamou Nana. Pasaba o día enteiro con ela, gustáballe moito a súa compañía e mirar pola fiestra as dúas xuntas. O pai de Milu era moi alegre até que por medio da bebida perdeu a alegría feito que estrañou a Milu, pois seu pai xa non lle cantaba porque perdera as canciões. Súa nai tamén começou a perder cousas, pero Milu sabía que ela tiña a Nana e que nunca a perdería. Un día seu pai marchou da casa e non volveu, súa nai non se levantaba da cama e a nena cambiou a súa forma de ser. A mestra decatouse disto e falou coa nai de Milu. A nena tivo que marchar a un centro de acollida, xa que a súa nai perdía a esperanza. Un día ollando pola fiestra viu unha parella que se acercaba ao centro. Eran Lorenzo e Catarina, os seus novos pais de acollida e foi vivir con eles. Milu e Nana foron moi felices. Un día, despois dun soño estranxo, Lorenzo contoulle que alguén a estaba buscando. Eran seus pais, que atoparan todo aquilo que perderan e viñan recuperala. O final da historia tínguese de esperanza coa recuperación e reaparición dos pais. A obra está cargada de emocións e transmite a perfección a idea de soidade e impotencia que sente a nena protagonista, utilizando, en varias ocasións, as metáforas. Este relato complementéase coas ilustracións figurativas de Aitana Carrasco (Valencia, 1978). A imaxe da nena protagonista que saúda dende a fiestra da cuberta invita o lectorado a mergullarse neste conto. Todas as páxinas xiran ao redor da nena e refliciten os sentimentos que lle embargan nos distintos momentos da narración: felicidade, soidade, anguria e serenidade. A maneira de facelo é polas expresións do rostro e tamén polas composicións: espazos grandes e baleiros onde se sente pequena, espazos pequenos onde se agocha para esconderse, corredores profundos onde non se ve o fin, entre outras. As imaxes son sinxelas pero os poucos obxectos que hai nelas están elixidos polo seu significado simbólico para contar visualmente moitas cousas dun xeito paralelo aos textos. As páxinas están enmarcadas nun recadro gris. As cores son cálidas e moi mesturadas. As formas están rodeadas por unha liña negra e recheas por planos de cor e texturas decorativas.

Recensións:

Despois de sinalar que Galicia é unha “potencia incontestable” no ámbito da literatura infantil e xuvenil e chamar a atención sobre a importancia de ofrecer lecturas de calidade aos máis novos como garantía de futuro, detense en dúas novidades editadas por Kalandraka: Dióxenes, de Pablo Albo, e Milu, de Manuel Rivas. Da obra de Rivas sinálase que constitúe unha obra senlleira da Literatura infantil e xuvenil galega por realizar un “feliz exercicio de acomodación” ao lectorado agardado a través da sinxeleza, a priorización da comunicación e a sensibilidade, cuxo resultado considera excelente. Incídese no tratamento das carencias afectivas e nos coidados elementais dos máis novos, ademais de referirse á súa adecuación ao lectorado agardado, considerándose moi acertado o emprego dunha pequena televisión como única compañía da protagonista. Das ilustracións de Aitana Carrasco apúntase que son un elemento substancial da obra e indisolúbeis do texto, ademais de presentaren unha proximidade visual e conceptual co estilo de Xaquín Marín. Remátase aludindo aos fins solidarios do volume que o fan un “libro necesario, un libro exemplar”.


Con respecto a Milu, de Manuel Rivas, destácase que se trata dun libro solidario que Kalandraka incorporou ao seu catálogo coincidindo coa celebración do Día Mundial da Infancia e en colaboración coa Fundación Meniños, que recibirá o 10% das vendas e mais os dereitos de autor. Coméntase que se trata dunha historia triste que se presenta con frases simples e evocadoras, escenas intensas e cargadas de dramatismo, elementos metafóricos, que conflúen nun doce final, axeitado ao lectorado previsto, a partir dos seis anos, e a mestura de pinceladas realistas e fantásticas. Destácase tamén o traballo da ilustradora valenciana Aitana Carrasco, que atende á dimensión psicolóxica e onírica da protagonista, plasmando os seus soños e comportamentos e a súa mirada de desconcerto, cunha variada galería de cores, técnicas e texturas.


Dáse conta desta colaboración de Manuel Rivas coa Fundación Meniños para facer un libro solidario, Milu, no que a rapaza protagonista, do mesmo nome, sente na súa propia pel o que é a soidade. Os seus pais non lle fan demasiado caso e é levada a unha familia de acollida até que estes poidan coidala ben. Destácanse as ilustracións de Aitana Carrasco, que se corresponden magníficamente co texto de Manuel Rivas. Conclúese coa mensaxe de esperanza de Milu, malia tanto sufrir.

Referencias varias:


Dáse conta da presentación na Fundación Luís Seoane do volume Milu, de Manuel Rivas e Aitana Carrasco, feito a beneficio da Fundación Meniños. Explicase que se trata dun texto no que se trata a indefensión da infancia ante os conflíitos familiares e cuxos beneficios se destinan á loita contra o abandono dos máis pequenos. Saliéntase que
ningún dos creadores elude a crueza dos feitos narrados e gábase o acerto na presentación destes ao lectorado agardado, a través do recurso a metáforas. Remárase aludindo ao final feliz e ao reencontro da protagonistas cos seus pais.


Comézase dicindo que Manuel Rivas retrata de forma “máxica” a soidade da infancia nun texto, *Milu*, que vai directo á conciencia do lectorado, mentres que a ilustradora Aitana Carrasco o sitúa no universo da protagonista. A seguir explicase que o libro foi presentado na Fundación Luís Seoane e avánzase a liña argumental do conto, no que se salienta a crueza pero tamén a esperanza da historia narrada. Saliéntase a tenrura que lle imprime Rivas ao texto e o colorido das ilustracións de Carrasco, que inciden na esperanza a través da combinación de estampados e texturas con gravados e os ambientes realistas con outros de marcado carácter onírico.


Sinálanse as liñas temáticas de *Milu*, de Manuel Rivas e Aitana Carrasco, un conto sobre a indefensión da infancia e a capacidade de superación na busca da felicidade. Saliéntase que é un relato duro, que o autor compara cos contos clásicos, nos que os protagonistas teñen que loitar coas súas propias armas para superar as dificultades e preservarse da dureza da vida. De Milu destácase a súa extraordinaria imaxinación e a súa capacidade para humanizar todo tipo de obxectos. Tamén se chama a atención do xogo con elementos do onírico que desenvolven tanto autor coma ilustradora, nun texto no que hai tristeza e soidade pero tamén esperanza e ilusión.


Alude á presenza de diferentes autores nas feiras do libro e aos seus particulares estilos nas sinaturas, entre os que se sinala a Manuel Rivas, que estivo presente na feira do libro de Madrid asinando exemplares da súa obra *Milu*. Saliéntase a orixinalidade dos métodos que aplica nas súas dedicatorias manuscritas, entre as que se lembra a súa primeira participación na feira do libro da Coruña, na que os exemplares de *Comedores de patacas* (1991) foron rubricados cun selo feito de pataca. Recóllese que o autor destaca a importancia do contacto co lector e o poder dedicarlle tempo durante este acto, aspecto no que coincide con Xosé Ballesteros, quen amosa a satisfacción que sente ao seguir asinando exemplares d’*O coelliño branco* (1998) e que se pregunta como será a sinatura dos autores na era dixital.


Incide en que “a esperanza” é o aspecto que vertebra o segundo intento de literatura infantil de Manuel Rivas, *Milu*, obra onde os dereitos de autor son destinados á Fundación Meniños. Asegura que a presenza deste estado de ánimo é fundamental no relato porque a protagonista nunca deixa de loitar, pois sempre ve que hai unha saída pola que continuar camiñando.
Fixase a atención nesta ocasión no labor das editoriais Factoría K e Kalandraka en prol da lectura e destácase que ao longo do verán tiveron unha presenza moi activa nas feiras e salóns do libro ou presentacións celebradas en toda a xeografía galega. Entre os títulos achegados ao lectorado infanto-xuvenil a través destas actividades, atópanse _Milu_, de Manuel Rivas; _O burato do inferno_, de Ramón e Xosé Manuel Trigo; e _Contos para nenos que se dormen de seguida_, de Pinto & Chinto. Tamén se dá conta da promoción da lectura con iniciativas como “Verán lector. Que calor!”, a través de suxestións como _Luis vai á praia_, de Guy Delisle; _O insólito ascenso de Madame Pôl_, de Nicolás Arispe e _Histórias de mestre raposo_, de Bruno Heitz, entre outras moitas.


Paloma Rodríguez e Cristina Justo abordan dende os tres libros pertencentes á colección “A igualdade conta” diferentes historias cuxo eixo xira ao redor da defensa dos dereitos humanos. Atópanse temáticas que van dende a defensa da igualdade entre homes e mulleres, ao rexeitamento da violencia, ou a loita contra a opresión e a intolerancia. O primeiro dos relatos, _O segredo de Flora_, está escrito en terceira persoa. Deste xeito achégase unha historia protagonizada por Flora, unha nena que tras sentir un baile de formigas polo seu corpo, non pode refrear a necesidade de pegarlles a aqueles que a rodean. O tema principal abordado dende a narración fai alusión á violencia, salientando a necesidade de fomentar o diálogo como ferramenta na resolución de problemas. No texto utilízase a metáfora das formigas para facer alusións aos desexos difícilmente controlábeis, inspirados moitas veces pola ira. Cómpre sublinhar tamén a utilización do recurso da cantiga para mandar unha mensaxe de calma e autocontrol á rapazada. Dita ferramenta non só axuda a liberar a tensión transmitida nalgúns pasaxes do texto, senón que ao tempo, o ritmo e a musicalidade da cantiga invita ao lectorado a participar na historia. Por outra banda, o segundo libro, _A urna dos desexos_, trata o tema das “eleccións políticas” dende unha posición de igualdade, que se fai patente a través do protagonismo das mulleres en dito acto. O texto comeza lembrando o motivo polo cal a protagonista e narradora en primeira persoa leva o nome de Clara, en homenaxe a Clara Campoamor polo seu papel decisivo na consecución do voto feminino. Para destacar dita importancia, incorpora unha foto real de Clara Campoamor que destaca sobre o resto das ilustracións. Por outra banda, o papel da muller faise patente tamén na súa participación como candidata nas eleccións, nalgúns dos partidos que se presentan na convocatoria; e, finalmente, cando a nai da protagonista decide ir votar mentres é seu pai quen fica na casa. No último dos libros, _O país dos mandóns_, sitúase ao lectorado no País dos Mandóns, onde ás mulleres só se lles permite traballar e traballar, despoxándoas dos seus dereitos. Dun xeito sutil, refírese a cuestións como os dereitos humanos, a opresión, as ditaduras e, finalmente, a consecución da Constitución. A través dun narrador en terceira persoa fanse constantes apelacións ao lectorado agardado. Tamén se empregan estruturas que recordan os contos de fadas. Un exemplo diso é a forma na que a historia comeza “Había unha vez moi lonxe, moi lonxe,...”.
Destaca o papel que a ilustración ten no conxunto da obra, completando a mensaxe achegada polo relato. É dicir, non só acompañan o texto contextualizando a narración, senón que a dotan dun significado mais profundo que axuda a captar a intensidade das emocións transmitidas. Son frecuentes os xogos tipográficos coas palabras tentando destacar sobre as demais aquelas que posúen unha carga significativa maior. No caso d’O segredo de Flora é moi característico o uso que se fai da cor de maneira que cando Flora está leda e relaxada as imaxes aparecen cun fondo a toda cor (laranxa, verde), mentres que cando se atopa enfadada, o negro é a cor protagonista. Por outra banda, naqueles momentos que o seu mal comportamento é reprendido, o fondo que invade a ilustración é de cor vermelha. É digno de salientar que, nos momentos nos que Flora canta para tratar de calmarse, o fondo da imaxe se enche de flores. Finalmente, para plasmar os personaxes que se corresponden cos adultos que reprenden a Flora polas súas accións, a ilustradora debúxaos coa boca aberta (en sinal de berros) e coas palmas da man en cor vermello (o que destaca tendo en conta que os personaxes só son retratados en branco e negro). N’A urna dos desexos resulta significativo o uso da cor nas imaxes que representan os candidatos dos partidos políticos, amosando os fondos da cor que identifica a cada un deles. Tampouco parece casualidade que a cor que identifica o partido que vota a nai de Clara sexa a violeta. Por último, é de sinalar que palabras relevantes como “democracia” aparecen resaltadas no texto a través de diferentes cores. Tal é como sucede noutros textos das autoras, a ilustración complementa o significado do texto á hora de representar O país dos mandóns, para o que se empregan de maneira sistemática as cores branca, negra e vermelha, que simbolizan a tristura, a ira, a soñade, etc. Do mesmo xeito, cada vez que o País dos Mandóns é nomeado na historia utilizanse letras de cor vermelha e en maiúsculas. Para representar os cidadáns oprimidos de dito país, a ilustradora decantouse por mostrar uns personaxes en branco dando a nota de cor unicamente aos obxectos que empregan nas súas tarefas ou para remarcar os seus soños non cumpridos. Nese sentido e en relación ás obrigas dos cidadáns do País dos Mandóns, o texto aparece coma unha listaxe de obrigas que comezan cun “NON” en maiúsculas e en cor vermello, a cor da prohibición. Tamén é característico que para mostrar o inconformismo dos habitantes coa súa situación, a ilustradora opte por cubrir a imaxe do País dos Mandóns cun borrón de tinta negra. En liña con isto, no momento no que os cidadáns deciden acabar coa situación, as letras negras do texto dan paso a un texto con letras máis grandes, en diferentes tamaños, simulando os berros, a rebelión. Por outra banda, os personaxes vinculados cos “señores mandóns” aparecen con rostros máis severos e elementos vermellos e negros que simbolizan o seu nome (por exemplo, o señor “Quedasnacasa” leva un cerrollo debuxado na súa camiseta). Chegando ao final, todos os habitantes deciden loitar polos seus dereitos, o que é retratado cunha queda de homes e mulleres que aparecen xa vestidos de cores e cun pano lila. Pola súa contra, os señores mandóns aparecen ilustrados co rostro vermello mostrando ira. Finalmente, o País dos Mandóns convértese no País da Igualdade, trocando as súas cores brancas e negras, por un País de moitas cores. As ilustracións figurativas de Špela Trobec (Eslovenia, 1974) empregan un estilo moi próximo ás imaxes do debuxo infantil. As figuras son de aspecto simpático e as composicións, a dobre páxina, completan os textos facendo un relato visual moi atractivo con cores moi contrastadas e trazos expresivos. A tipografía é variada e, ás veces, está debuxada.

Recensións:

Explica que é unha colección sobre a igualdade escrita por dúas consultoras en igualdade e fundadoras da sociedade Gaela. Indica que a colección está ilustrada por Spela Trobec. Precisa que *O segredo de Flora* serve para facer comprender á nenez que a violencia é intolerábel. Explica que Flora ten un secreto: aprendeu unhas palabras máxicas de xeito que non ten ganas de pegar nin de enfadarse. Apunta que n’*A urna dos desexos* Clara aprende o que son as eleccións e a democracia e que na obra se reivindica a figura de Clara Campoamor, quen logrou o voto das mulleres. Indica que n’*O país dos mandóns* os que mandan non permiten que as nenas, as mamás e as avoas xoguen, traballen fóra e saian. Destaca a importancia da educación como factor igualizador e a necesidade de evitar os estereotipos de xénero. Afirma que estas obras contribúen a facilitar ferramentas axeitadas para tratar esta temática na educación infantil.


Álbum narrativo de Rubén Pérez Puig e Antón Romero (Ces, Vilagarcía de Arousa, 1970), RuAn, no que un neno protagonista narra como interpreta el o planeta terra e os fenómenos meteorolóxicos a través da súa visión infantil chea de xogos e pequenos monstros, que contrasta coa visión adulta de seu pai, explicación que lles resulta incomprensíbel a el e a súa irmá. O texto apóiese en cada páxina cunhas vistosas ilustracións figurativas da man dos propios autores que invitán á reflexión sobre a maneira axeitada de transmitir a información aos máis novos para acadar a súa comprensión. As ilustracións figurativas dos autores do texto seguen un estilo infantil con cores moi saturadas para as figuras que se recortan sobre uns fondos tratados por ordenador. As imaxes seguen fielmente aos textos que empregan unha tipografía grande, irregular e de diferentes tamaños.


Edición exenta do conto que se publicara no volume narrativo *Un saquiño de contos* (2001), de Xoán Babarro González, Fina Casalderrey, Antonio García Teijeiro e Gloria Sánchez, que se editara para conmemorar o número 100 da colección “Merlín” de Edicións Xerais de Galicia e que ilustrara Xan López Domínguez (Lugo, 1958). Esta primeira edición, que xa foi descrita no *Informe* correspondente, adaptouse á normativa vixente do galego. Neste relato de Gloria Sánchez (Vilagarcía de Arousa, 1958), escrito en terceira persoa, o rei Martiño era o rei dos corrichos e todo estaba moi porco. Un día a raíña, Martina de Corticela, ten un só cochiño, o que pareceu un mal agoiro. Chamáronlle Martiño Tonecho Segundo, aínda que lle chamaban Quiniño. A medida que crecía, as cousas parecían ir mal, xa que empezou a ducharse, falaba cun vocabulario correcto e tiña bos modais. O rei pensaba desterralo, pero a raíña convencelle e dixolle que debía buscar unha esposa que o fixera ser moi porco. Un día a raíña, Martina de Corticela, ten un só cochiño, o que pareceu un mal agoiro. Chamáronlle Martiño Tonecho Segundo, aínda que lle chamaban Quiniño. A medida que crecía, as cousas parecían ir mal, xa que empezou a ducharse, falaba cun vocabulario correcto e tiña bos modais. O rei pensaba desterralo, pero a raíña convenceu e dixolle que debía buscar unha esposa que o fixera ser moi porco. O pobo chámalle Florentino polo seu gusto polas flores e o seu comportamento exquisito. Non lle apareceu candidata e tivo que marchar. Unha noite encontrou unha porca batuxando na lama. É a princesa Cocha Alba, filla do rei Cochón Radiante. Todos son moi limpos.
e educados pero ela non, polo que o pai encerrouna nunha torre de cristal altísima. Merlín regalolle un traxe máxico para escapar de noite a batuxar na lamela. Este conto complétase coas ilustracións de Xan López Domínguez (Lugo, 1957). A cuberta mostra a protagonista da historia. A ilustración abrange a cuberta e a contracuberta en tapas duras. As gardas mostran un pequeno detalle en azul e ambas as dúas son iguais. O libro compónse dunha ilustración por páxina acompañada por texto, aínda que nesa parte inclúe pequenos bosquexos en azul. As ilustracións están delimitadas dentro dun rectángulo e son máis pequenas que o tamaño da páxina. Están realizadas a ordenador con trazos a pluma ou bolígrafo.


Conto de Gloria Sánchez (Vilagarcía de Arousa, 1958) no que se relatan as aventuras de Mamá Cabra e as súas cinco cabritiñas na cidade. Así, as peripecias das pequenas lévanes a separarse continuamente da súa proxenitora, xunto á que sempre acaban regresando, para experimentar en novos territorios como pode ser o mar. Ao mesmo tempo, cada un dos once capítulos inclúe unha canción, que se pode escoiar e interpretar coa axuda do DVD karaoke e do CD de música. Este conto completase coas ilustracións figurativas de Kristina Sabaite. A cabra protagonista aparece en todas as composicións acompañada doutros animais. O estilo empregado presenta os animais con actitudes de persoas, vestidos, tocando instrumentos musicais... As imaxes seguen os textos para complementálos.

**Referencias varias:**


Coméntase, dentro dos actos previstos con motivo do Culturgal, a presenza do grupo infantil Mamá Cabra, que interpretará varios temas do seu último disco, *Ola, ola, la!*


Sinálase que Mamá Cabra é pioneira da música infantil galega, cun repertorio baseado en poemas de Gloria Sánchez, Ana María Fernández ou Antonio García Teijeiro. Reproducese, ademais, unha entrevista con Gloria Mosquera, unha das integrantes do grupo, na que se reflexiona sobre o nacemento de Mamá Cabra, a súa evolución, o seu último traballo ou o auxe da literatura infantil e xuvenil.


Menciónase que Galicia Bocaberta, un programa que leva a cabo a Secretaría Xeral de Política Lingüística da Xunta de Galicia, conta entre as súas actividades cun karaoke con cancións do último proxecto de Mamá Cabra, no que se mesturan a música e a narración.

Relato de Xavier Seoane (A Coruña, 1954) protagonizado por unha parella de corvos casados en Finlandia polo mago Vainamoinen e habitantes dun carballo do Castro da Dorneda, no cerne da Fraga. A lonxevidade e grandes coñecementos de Filiberto, tamén menciñeiro, permite realizar unha revisión de diferentes historias e anécdotas nas que estivo presente. Deste xeito, se “A primeira historia de Filiberto e Sofonisba da que se ten memoria” relataba a invasión dos Lobos Brancos, neutralizada pola resistencia e ataque vitorioso dos animais dos bosque; outras historias inciden na cruelidade dos cazadores ante unha Cerva-Nai; o encallamento da heroica balea Moby Blue na abra de Dexo, etc. É identificábel un trasfondo de mensaxes de proximidade afectiva (“A ferida do poldro”, “O parto da Mansa, a vaca de Malvado”) e enxalzamento do poder da natureza (ante a destrución humana, visíbel no poderio das máquinas e a estrada en “Onde conto outras lembranzas da Fraga”), parello á defensa da identidade natural (estralotes, cuco-rei), cultural e antropolóxica galega (“A historia da meiga Chuchona”, “Presentación de Tirla, Sonia e Dana. A historia da Santa Compaña”…). Tal especificidade contextual dunha serie de aventuras que poderían ser independentes de por si. Aínda que impide atopar os intertextuais: o cetáceo Moby Blue que lembra o Moby-Dick de Herman Melville; ou a simbólica cerva, presente na tradición literaria dende as cantigas medievais e rastrexábel en productos como X. L. Méndez Ferrín. Na ilustración de Ana Santiso (Touro, 1981) para a capa deste álbum de tapas flexíbeis aparece un home ollando os paxaros protagonistas. As imaxes son de estilo figurativo e realista nas formas dos animais, aínda que hai licencias á imaxinación e algunhas escenas son de corte fantástico. As composicións son de páxina enteira. Só ten cor a imaxe da cuberta.

**Recensións:**


Consídérase *Filiberto e Sofonisba* como unha colección de aventuras en episodios, que poderían ser independentes de por si. Despois dun breve resumo do argumento e da presentación dos personaxes principais, o corvo Filiberto e a súa muller, describe o lugar da acción, unha fraga onde estes animais conviven cos seus compañeiros e cos humanos. Explicase a continuación que a obra, que introduce nunha atmosfera fantástica, contén moitos fragmentos insistindo, quizais demasiado, na defensa do medio ambiente, exaltando a natureza e a conservación do medio. Máis adiante faise referencia á versatilidade de Xavier Seoane como escritor, que se adapta con facilidade á prosa, ao ensaio, á crítica e mesmo á poesía. Tamén se menciona a calidade literaria da súa prosa, coa que transmite sensacións similares ás que provoca a poesía.

**Referencias varias:**
Describense varios textos publicados pola editorial Tambre, entre os que se inclúe *Filiberto e Sofonisba*, de Xavier Seoane, que fala dunha parella de corvos casados hai tempo en Finlandia e pola que non parece pasar o tempo. Saliéntase que el sabe da fala humana e viven unha aventura nun mundo moi especial.


Conto bilingüe de carácter realista de Lawrence Shimel (Nova York, 1971) con connotacións didácticas e que está relatado por un narrador omnisciente. Nel cóntase como unha familia de raza branca acolle un rapaz de cor negra e intenta integrarlo como un máis. O feito de que todos os membros da familia leven gafas fai que Kwame queira unhas, aínda que non as necesite. Van á óptica e o neno proba estilos parecidos aos da familia pero non lle gustan até que proba unhas vermellas. Kwame non as quita nin para durmir. Os pais e mais o irmán deciden que eles tamén queren semellarse ao rapaz e peitéanse cunhas trenzas coma o rapaz. Remata coa satisfacción de todos os membros da familia. Este relato salienta valores como a igualdade e o respecto aos demais. O texto complementase cunhas ilustracións de Doug Cushman (Springfield, EE.UU, 1953) de cores atractivas e alegres.

**Referencias varias:**


Explica que Ediciones del Viento sacou a lume a primeira colección bilingüe galego-inglés de contos infantís, “Tiny Tornado (Remuíño)”, nome tamén do primeiro título. Indica que estes contos están escritos por Lawrence Shimel, un autor que escribe en inglés, castelán e galego. Precisa que se trata de historias para a nenez a partir de cinco anos e nas que se incide na integración, a convivencia e a tolerancia, entre outros valores, sendo todos os contos “multiculturais e multirraciais” e protagonizados por familias monoparentais. Recolle que os dous primeiros contos son *Just like them/Igual que eles* e *The shrinking tree/A árbore minguante*.


Neste relato bilingüe galego-inglés, de connotacións didácticas de Lawrence Schimel (Nova York, 1971) e narrado en terceira persoa, a nena protagonista chamada Arancha dáse conta de que está medrando e empíeza a pensar as cousas que poderá facer cando sexa máis alta. Sae ao xardín e intenta coller unha mazá pero non o consegue. Entón mide a árbore e, ao non ser o suficientemente alta, decide medir a sombra. No almorzo dille ao seu veciño Wilson canto media e el quere comprobalo. Despois de medila varias
veces parece que a sombra minguou e alértanse, xa que a árbore parece que encolleu. Máis tarde, ao anoitecer, volveron á casa e comentár conlle ao pai de Arantxa o que pasaba coa árbore. Ao medir de novo, comproban que medrara de novo. O relato intenta xogar e darlle explicación ao que pasa coas sombras. Vén acompañado por unhas ilustracións de Luis Sopelana con cores moi vivas tales coma verdes, roxos e azuis.

Referencias varias:


Explica que Ediciones del Viento sacou a lume a primeira colección bilingüe galego-inglés de contos infantís, “Tiny Tornado (Remuíño)”, nome tamén do primeiro título. Indica que estes contos están escritos por Lawrence Shimel, un autor que escribe en inglés, castelán e galego. Precisa que se trata de historias para a nenez a partir de cinco anos e nas que se incide na integración, a convivencia e a tolerancia, entre outros valores, sendo todos os contos “multiculturais e multirraciais” e protagonizados por familias monoparentais. Recolle que os dous primeiros contos son *Just like them/Igual que eles* e *The shrinking tree/A árbore minguante*.


Relato realista de Lawrence Schimel (Nova York, 1971) narrado en terceira persoa e que presenta unha nena chamada Sara que está de aniversario e axuda a súa nai a preparar a festa. Pouco a pouco, chegan os seus amigos e tráenlle un regalo e unha comida, xa que un é intolerante ao ovo, outro á lactosa e outra é celíaca e non poden tomar a torta. A protagonista como é tan larpeira ponse contenta, pola contra, despois de xogar, séntese mal porque comeu demasiado. A narración remata cunha reflexión da propia rapaza na que comenta aos seus amigos que pode comer de todo pero non todo ao mesmo tempo. O vocabulario empregado na narración achea as enfermidades máis comúns dos nenos e alúdeas de modo didáctico. O texto vén acompañado dunhas ilustracións de Sally Cutting sinxelas e vivas que complementan a narración, e fan fincapé na diversidade cultural.


Este relato curto fantástico-realista de Lawrence Shimel (Nova York, 1971), narrado en terceira persoa, ten como protagonista un rapaz que se sente intrigado por un home que se dedica a observar todo o que pasa na vila. Un día o rapaz, farto de non saber o que escribía no seu caderno, achegouse e non conseguiu entender a linguaxe do home misterioso. O neno comentou cos seus amigos o que vira e dixo que era un detective. Eles, alarmados, dixeronlle aos pais, que decidiron botalo do pobo. Un mozo, que estudara no estranxeiro e que entendía o que alí poñía, dixo que o home silencioso era
n poeta a quen lle gustaba observar as cousas e que non era nin un detective nin escribía nun código segredo, só na súa lingua. O rapaz, que quere entender a todo o mundo, decide estudar tradución e aprender todas as linguas posíbeis. As ilustracións sinxelas e de cores frías de Jaime Martínez (Madrid, 1974) acompañan o texto.


Un total de nove entregas forman parte da colección “Camiño conto a conto”, escrita por Pere Tobaruela (Barcelona, 1965) e ilustrada por Andrés Meixide (Vigo, 1970). Todas elas presentan a mesma estrutura e paxinación: un protagonista que describe unha particular peregrinación a Santiago de Compostela, acompañado con información relevante deste camiño e rematando co seu mapa (indicando os albergues, localidades importantes e estradas) e mais con pasatempos relacionados coa narración. Na primeira, *Camiño do Mar de Arousa e Río Ulla*, un can de palleiro chamado Quisquis describe unha aventura, que comeza en Xerusalén no ano 44, sobre como chegan a Compostela dende Palestina os restos dos Apóstolo Santiago. Nesta narración tamén aparecen a rañã Lupa, dous dos discípulos do Apóstolo (Teodoro e Anastasio), o ermitán Paio ou o rei Afonso II. Como información complementaria á narración e relacionada coa literatura atópase a descrición do Liber Sancti Iacobi e mais da vila de Padrón con referencias á Casa-Museo de Rosalía de Castro e a Prisciliano. En *Camiño Primitivo* un asturcón, cabalo pequeno das montañas asturianas, chamado Oveto narra o seu percorrido polo Camiño Primitivo dende Ovieu até Santiago de Compostela. Nesta narración tamén aparecen a serpe de Mazaeda de Neiro, un teixugo e referencias ao rei Afonso II. Como información complementaria á narración e relacionada coa literatura temos unha alacrán, uns ladróns e a nai de Godiña. Como información complementaria á narración e relacionada coa literatura temos a descrición do Liber Sancti Iacobi e de Carlomagno. En *Camiño francés* unha gata parisiense chamada Chat Rosé é quen nos conta a súa viaxe dende París até Santiago se ben a súa narración se centra no percorrido dende O Cebreiro. Como información complementaria á narración e relacionada coa literatura temos unha mención ao Códice Calixtinus e ao romance de don Gaiferos. En *Camiño Portugués* atópase unha narración ambientada no século XVIII e que ten como protagonista un galo portugués chamado Galogaroto, natural de Barcelos, quen describe a súa viaxe dende Barcelos até Santiago de Compostela. Nesta narración aparecen tamén uns ladróns e o monstro do lago Ness. Como información complementaria á narración e relacionada coa literatura aparece unha aproximación aos cancioneiros galego-portugueses e a descrición dos consellos de hixiene do Liber Sancti Iacobi. En *Camiño Ingles* un adiñeirado raposo londiniense chamado mister Fox narra a súa travesía en barco até A Coruña coa presenza duns piratas que o prenderon, a súa chegada a nado até a contorna de Ferrol e despois o seu percorrido até Santiago de Compostela coa compañía de Marlén, unha princesa de Alemaña que fora convertida en
araña. Como información complementaria a narración e relacionada coa literatura inclúese a descripción da peregrina María Balteira ou do poder de curación do Apóstolo. En *Camino do Sueste (Vía da Prata)* un detective dromedario natural de Marrocos, residente en Sevilla dende hai anos e chamado Said Iamalún, é quen amosa a súa investigación sobre unha estranxa desaparición en Santiago de Compostela. Nesta narración tamén aparecen Matilde, quen solicita ao dromedario que investigue a desaparición das campás da catedral de Santiago xunto con Almanzor, os seus soldados e as tropas cristiás. En *Camino de Fisterra-Muxia* a toupa Uxia, que é unha superheroína, describe a súa experiencia no santuario da Nosa Señora da Barca, en Muxía. Nesta narración tamén aparece unha nave dourada que emerxeu diante do santuario de Muxía ou unha serea. Por último, en *Destino final: Santiago* unha xornalista de *La Voz de Galicia* chamada Andrea atopa os personaxes principais dos oito contos anteriores. Primeiramente a mister Fox, despois o galo Galogaroto, a lontra Godiña, a gata Chat Rosé, o can de palleiro Quisquis, o asturcón Oveto, a toupa Uxia, etc., e a seguir ve como todos os personaxes principais e secundarios destes contos se reúnen na praza do Obradoiro. Finalmente a toupa Uxia dille a Andrea que publique artigos nos que fale da necesidade de recuperar a ilusión e a imaxinación e de súpeto todos os personaxes que estaban no Obradoiro desaparecen por arte de maxia. Estas nove entregas en tapa branca contan coas ilustracións de Andrés Meixide (Vigo, 1970). Na cuberta obsérvase unha ilustración bastante descritiva do que se pode atopar en cada libro, enmarcada nun recadro branco e o personaxe sinalando cara ela. A contracuberta non ofrece información visual. Son libros de percorridos onde as ilustracións axudan o lectorado a situarse espacial e temporalmente, ademais o personaxe que presentan na portada acompaña os protagonistas. As ilustracións non son todas iguais, algunhas ocupan media páxina e outras un pequeno curruncho. Ao finalizar cada entrega, aparece un mapa que explica todo o percorrido e unha páxina de pasatempos referidos aos contidos que se poden encontrar en cada libro.

**Referencias varias:**


Conversa na que Pere Tobaruela indica que de todos estes contos o lector sacará unha conclusión e que teñen a maxia como punto de partida. Asemade apunta que teñen contido didáctico que permitirá coñecer en sentido amplo a realidade do Camiño de Santiago. Finalmente faiase unha descripción de cada un dos protagonistas desta serie comezando polo can de palleiro Quisquis e rematando coa xornalista Andrea.


Entrevista a Andrés Meixide, debuxante desta colección, onde comenta que se puido publicar nun ano que non fose Xacobeo xa que amosa as orixes e as rutas do Camiño de Santiago. Tamén se anuncia que o 3 de outubro de 2010 se publicará, xunto co xornal *La Voz de Galicia* e de xeito gratuito, a primeira entrega desta colección baixo o título de *Camino do Mar de Arousa e Río Ulla.*

Novela xuvenil na que o seu autor, Pere Tobaruela (Barcelona, 1965), rende unha homenaxe á investigadora Dian Fossey, internacionalmente coñecida polo seu estudo dos gorilas de montaña na África oriental e pola desmitificación do seu comportamento violento, antes de ser brutalmente asasinada polos cazadores furtivos, tal como se recolle na obra. A partir desta base real, constrúese unha ficción na que o protagonista Xiao lembra, dende a época actual, a súa estadía en Ruanda de cinco semanas no campamento da investigadora Dian Fossey como premio a un concurso literario convocado polo Zoo de Barcelona que el gaña. A través dun narrador en primeira persoa, cóntase como Xiao vai lembrando a experiencia vivida entre finais de 1985 e principios de 1986, cando el tiña dezaseis anos. Os preparativos da viaxe, a chegada ao campamento, os días a carón de Dian Fossey e o contacto cos gorilas até o cruento asasinato da investigadora, que el mesmo observa, conforman os precedentes á fuxida dos cazadores furtivos asasinos a través da selva. Nesa fuxida recibe a axuda de varios pigmeos mozos entre os que destaca Nzigui, o cal lle salva a vida, e a do fotógrafo Fran Lamas, amigo de Fossey. Ten unha estrutura ben marcada: ábrese o libro cun pequeno apartado, “A fotografía do rapaz pigmeo”, título que fai alusión á fotografía da cuberta do libro e a unha reportaxe aparecida, segundo o narrador, no suplemento do xornal *El País*. A partir de aí a obra divídese en catro partes de diferente extensión que levan por título “África” (con dez capítulos), “Karisoke” (con once capítulos), “A cerna da selva” (con oito capítulos) e finalmente “O Río Congo” con dous capítulos. A cuberta ten unha fotografía de Olga Seoane Paulus que serve para representar o mundo descoñecido da África máis profunda.

Referencias varias:


Infórmase de que dentro dos múltiplos actos que terán lugar dentro do Culturgal de Pontevedra se presentarán os volumes *Na cerna da Selva*, de Pere Tobaruela, *O capital da cultura*, de Víctor Freixanes e Alberto Meixide, e a colección de “Antoloxías Poéticas Sonoras” da editorial Do Cumio.


En sintonía cos best-sellers da serie “Os fillos da terra”, da autora norteamericana Jean M. Auel, David Daniel Vázquez Álvarez (Arcos de Valdeorras, Vilamartín, Ourense, 1953) presenta unha novela ambientada na época paleolítica que dedica ás mulleres, para que non se rendan no desexo d'iguáidade. Ao igual que acontecía n’*O clan do oso cavernario* (1980), o arrinque da trama é un terremoto, que obriga os membros dunha tribo a buscar un novo asentamento para seguir subsistindo e escapar da destrución da terra. Emprenen así unha longa e difícil viaxe até dar cun lugar coas condicións precisas para se manter e se instalar. Na tribo vive Zor, o fillo do xefe Brei, de quen
Agar, o meigo e seu avó, adoita dicir que naceu antes de tempo polas diferenzas que presenta cos demais en canto á súa maneira de pensar sobre a condición humana, a súa intelixencia e a súa innata sabedoría, todo o cal se demostrará cando comeza a sentir unha irresistible atracción por Mae que se afasta do domínio e a posesión violenta habitual dos homes do clan con respecto ás mulleres. Axíña comezan a xurdir receos entre os demais que pouco a pouco van instalando unha nova maneira de pensar e actuar entre as famias, que se limitaban até daquela a coidar os fillos e obedecer as parellas. Mais o comportamento de Zor, ao se rebelar conforme pasa o tempo contra as tradicións impostas, será castigado por Brei co desterro. Zor e Mae vivirán sos e descubrirán unha nova maneira de se relacionar, como compañeiros, e formarán unha familia de seu en comunión coa natureza. A historia acompañase de longas descricións sobre as cazarías, as tradicións, colleitas, paso das estacións, sistemas curativos, a aceptación de roles, as reunións, os ritos de comunicación cos espíritos ou a caza do cobizado mamut. As ilustracións en branco e negro de Xan López Domínguez (Lugo, 1957) acompañan o texto sen achegar ningún elemento novo. Correspóndese coas escenas mais salientábeis da narración. As formas están construídas cunha liña de tinta negra e recheas con planos grises. As composicións son de páxina enteira e nelas figuran os protagonistas.


Xurxiño ten seis anos e gústalle ir cos pais cando saen de compras. Na peixería, na carnicería e na granxa do leite todos os comerciantes reparan na súa considerábel altura e pregúntanlle que quere ser de maior. Como Xurxiño é tímido apenas consigue responder, mais os responsábeis de cada posto do mercado sinalan que daría un bo mariñeiro, un carnicero e un gandeiro, respectivamente. O neno imaxina a seguir como sería exercer esas profesións e axiña as desbota porque se marea cos ondas do mar, porque non lle gusta o sangue e porque ser gandeiro dá moito traballo, malia o moito que lle gustou muxir a vaca co señor Nando. Porén, cando seus pais paran a saudar a Luis, que está a pintar unha paisaxe cunha vaca, Xurxiño descobre o que quere ser, aínda que non ten gana de dicilo. Días despois, anúncialles a seus pais que quere ser pintor, pero eles non lle fan caso ningún porque están mirando a televisión. Así que se pecha no cuarto e dá en pintar as paredes, perante a sorpresa dos adultos, que daquela sabrán o que quere ser Xurxiño de maior. Miguel Vázquez Freire (Corcubión, 1951) constrúe este texto narrado en terceira persoa utilizando a expresión recorrente que lle dá título e repetindo a mesma situación que vive o rapaz en tres ocasións, ás que se suma un desenlace sorprendente. Xosé Tomás (Betanzos, 1971) utiliza a pregunta reiterada integrando un interrogante na camiseta que viste o protagonista e achega unhas ilustracións maioritariamente sobre fondos brancos e coas súas características formas deformadas e curvas exageradas para definir as figuras humanas. As ilustracións introducen o lectorado en diferentes personaxes e sobre todo nas inquedanzas dun neno que se chama Xurxiño, co estilo persoal de Xosé Tomás: formas corporais redondeadas e dinámicas, imaxes tratadas con ordenador e formas volumétricas cunha liña negra que as rodea. Os diferentes escenarios onde aparece o personaxe principal, Xurxiño, axudan a completar o que van desvelando os textos. As cores son cálidas e escurhas.

Referencias varias:

Destaca Xurxiño quere ser, de Miguel Vázquez Freire e con ilustracións de Xosé Tomás. Explica que distintos personaxes lle amosan a Xurxiño as bondades do oficio de cada un, pero que Xurxiño prefere algo máis divertido para cando sexa maior, facendo que os seus pais se sorprendan da súa escolla.


Tras unha dedicatoria persoal: “Para Iago e Iván, que encheron de ledicia a miña vida. Para Carlos e Rober, porque me mostran outros mundos para que non me perda neste”, Leticia Vila Sexto (París, 1970) conta nesta novela a historia de Santi, un rapaz de dez anos que acaba de mudarse cos seus pais a San Telmo. Alí descubrirá, o día do seu undécimo aniversario, que ten o don de comprender a linguaxe dos animais e, axudado por Marcela, a súa compañeira de pupitre na escola, e polas súas mascotas (o gato Bigotes e o can Gus), investigará unha rede de contrabando de animais que os levará a vivir arriscadas aventuras. O ritmo da historia é dinámico combinando a narración e o diálogo en estilo indirecto a través dun narrador omnisciente. Na acción principal vanse introducindo diegeticamente outros elementos a través dos relatos doutros personaxes que contribúen a xustificar a trama e a potenciar o seu dinamismo e supoñen unha alteración da linealidade temporal do relato. A narración acompáñase das ilustracións figurativas de María Lires (A Coruña, 1973), que complementan os textos. Emprega unha técnica mixta que funde papeis con debuxos e texturas dixitais. As cores están limitadas a unha gama de rosas e grises. As composicións varían: obxectos en detalle; persoas en primeiros planos; algumas son de dobre páxina e outras de páxina enteira; e tamén hai pequenos debuxos salpicados entre o texto. Entre as imaxes vese letras que forman parte da composición pero que tamén reforzan a mensaxe do texto.

Recensións:


Informa da publicación da primeira obra de Leticia Vila Sexto que conta a historia de Santi, un neno que ten un don especial para comunicarse cos animais. Indica que coa súa amiga, Marcela, iniciarán unha aventura na que levarán a cabo unha investigación sobre o contrabando de animais na que se transmite a defensa do medio e se promove o respecto cara á natureza. Salienta que é unha historia para nenos de dez anos en adiante cun claro ton didáctico e adobiada de motivos de novelas para preadolescentes, como son a dicotomía rapaz/rapaza, a escola como escenario e tópicos literarios universais como os tesouros piratas que se insiren con naturalidade nesta historia “de acción e aventuras” que engancha na súa lectura.
Narración de Antonio Yáñez Casal (Ferrol, 1959) que se inscribe dentro da fórmula clásica da fábula, na que a acción, vista e contada a través dos ollos dun narrador omnisciente, se desenvolve ao longo da vida dunha xoaniña dende que nace até que se converte en adulta. Para chegar a este estado de desenvolvemento ten que levar a cabo un longo percorrido de aprendizaxe, separarse de súa nai e, en solitario, someterse a unha serie de probas, en concreto sete, para poder obter os consabidos sete puntos negros, tan propios da súa especie e que son, ao cabo e debido á súa transformación física, o que lle dará a categoría dunha xoaniña adulta. Con esta alegoría do mundo animal, Yáñez Casal ensina á nenez, utilizando unha gran forza expresiva na linguaxe, como a vida non é máis que unha carreira de obstáculos que hai que ir salvando, unhas veces con enxeño e outras con intelixencia, para lograr a madurez e alcanzar os fins que un se propón. As ilustracións figurativas son de Rodrigo Chao (Boiro, 1976). A imaxe da cuberta con bote de pintura e unhas pingas negras sobre o fondo vermello non parece avanzar nada do contido da narración, aínda que despois da lectura o lectorado se decate do xogo visual coas manchas características das xoaniñas. As imaxes do interior presentan o universo duns bichiños, con puntos de vista moi próximos a eles, en composicións dinámicas con predominiño das curvas e con cores naturais e deseños dos bechos simpáticos e amábeis. As imaxes ocupan dobres páxinas espareañas entre os textos e describen escenas importantes da narración textual.

Referencias varias:


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso de Xoa, de Antonio Yáñez, finalista do Premio Merlín 2009; A coroa de Napoleón, de Jaureguizar; e Fascinio, de Chus Pato.


Preséntanse as novidades de Xerais, entre elas Xoa, de Antonio Yáñez Casal que conta con “impresionantes ilustracións” de Rodrigo Chao. Apúntase que foi finalista do Premio Merlín 2009, que se trata dunha noveliña dirixida ao lectorado de sete anos en diante e que narra o proceso de madureza dunha xoaniña que terá que superar sete probas.

Nova edición deste relato de Fina Casalderrey (Xeve, Pontevedra, 1952), xa publicado pola editorial viguesa no ano 2003 na colección “¿E que?”, dirixida a un lectorado a partir de oito anos e dedicado nesta ocasión “A todos os nenos e nenas do C.E.I.P. Igrexa Valadares. A ti, que comprendes a linguaxe dos animais”. Na edición de 2003, xa descrita no Informe correspondente, aparecen numeradas as páxinas fronte á de 2010, na que se observan ademais certos cambios textuais, algúns debidos á adaptación á normativa do galego do ano 2003 e outros a razóns estilísticas: cambio dunha frase enunciativa por outra exclamativa, por exemplo, ou dun termo por outro (“cuspidiñas” por “iguais”). Algúna frase incluída nos diálogos entre os personaxes converteuse nunha intervención da narradora-protagonista, pasando así do estilo directo ao indirecto, ao mesmo tempo que outras oracións, antes inseridas tamén nos diálogos, se suprimiron. No tocante ao labor ilustrativo, as achegas de Mikel Valverde substituíronse polas de Kristina Sabaite (Kaina, Lituania, 1979). Neste libro de acabado coidado, de tapas duras, as ilustracións tratan de complementar os textos e fácer máis atractiva a lectura a un público infantil. A cuberta, as gardas e a portada teñen imaxes que introducen ao lectorado xa na historia que vai ler. As ilustracións son dun estilo esquemático pero realista, non teñen perspectiva, as tintas son planas e as figuras van reforzadas cun perfilado de liñas grosas e negras. Predominan as cores cálidas pero cunha paleta gráfica reducida: os vermellos para as roupas e algúns detalles como as lazadas, os beizos e a lingua do can; o crema e o ocre para as caras e o pelo; e o branco e o negro para algúns obxectos e a contorna das composicións. As ilustracións dispóñense dun xeito dinámico, nunha páxina só hai imaxes e na outra o texto comparte espazo cunha ilustración que ás veces avanza dende a páxina do lado facendo unha composición de dobre páxina. As composicións están centradas nas figuras e describen as emocións dos protagonistas pese á súa estética minimalista.

Recensións:


Indícase que Galaxia reedita nunha versión coidada, moderna e con moita cor do relato clásico de Fina Casalderrey ¡Un can no piso!, cuxo éxito está no seu estilo didáctico e de fácil comprensión para os nenos. Sinálase que o relato se centra nunha rapaza que leva un can para a súa casa, a pesar da negativa dos pais, polo que no fondo deste tenro, humorístico e cotián conto están valores como a convivencia cos animais e a necesidade de que os máis pequenos asuman responsabilidades.

Referencias varias:

Tras se referir á publicación de ¿E ti que farías por min? e Un saco de estrelas, saliéntase a reedición de Un can no piso (2003) como unha proba más da aceptación que Fina Casalderrey ten alcanzado no sistema literario galego.


Reedición do volume de once contos que Xosé A. Neira Cruz (Santiago de Compostela, 1968) publicara no ano 2006 na mesma editorial dentro da colección “Camaleón” (n.º 11), serie “Azul”, dirixida ao lectorado a partir de 12 anos. A ilustración da cuberta de Luis Castro Enjamio da primeira edición, xa descrita no Informe correspondente, é substituída por un deseño de Gerardo Domínguez, mentres que as ilustracións interiores
desaparecen. Trátase dunha fotografía dun remeiro de Venecia debaixo dunha ponte, en plano xeral, mentres que no primeiro plano aparecen dúas siluetas: unha dun león e outra dunha leoa, superpostas na fotografía.


Reedición da primeira publicación desta narrativa de Xosé Neira Vilas (Gres, 1928) realizada en 1971. A narrativa consta de vinte e unha cartas que Toño de Loureiro, dende un lugar pouco poboado de Galicia, envía ao seu amigo de infancia Lelo, que emigrou ao Brasil. Nos relatos rexístrase o cotián dos personaxes, sobre todo, polo biés das diferenzas culturais. Nótese inclusive que son as diferenzas identitarias as que motivan o intercambio epistolar entre os interlocutores: Toño pola gran curiosidade que presenta por mundos distintos do seu e Lelo pola nostalxia que sente da súa terra natal. É de destacar que o propio escritor nesta nova edición reafirme a súa intención de destinar a obra a un público xuvenil nun texto que se lle engade. Nese sentido, fala do prexuízo que pode ocasionar o cambio desta obra á colección “Literaria”, que se identifica máis coa literatura institucionalizada. Este libro de tapas brandas conta coas ilustracións de Luis Seoane (Bos Aires, Arxentíña, 1910-A Coruña, 1979). Na portada observouse un fragmento do cadro “Mariñeiro” deste ilustrador e a contraportada dividese en sinopse e un fragmento da ilustración da portada. No libro hai ilustracións a liña con pluma no remate dalgunhas das cartas a páxina completa, que axudan a asentar o que din os relatos. Son ilustracións simples, sen moito detalle.


Trátase da 1ª edición na colección “Biblioteca Neira Vilas” e supón a 31ª edición en galego desta obra de Xosé Neira Vilas (Gres, Vila de Cruces, 1928). Engádese un limiar de Víctor F. Freixanes no que explica a historia de *Memorias dun neno labrego* dende a súa primeira edición na Editorial Follas Novas en Bos Aires no ano 1961 até esta última que inaugura esta colección con este “título fundamental da nosa literatura”. A seguir, reproducéuse o limiar ou proemio de Xesús Alonso Montero á vixésima edición de 1999 e o texto narrativo actualizado á normativa galega actual. Péchase o volume cunha “Breve historia editorial de *Memorias dun neno labrego*” na que se dá conta das diferentes edicións e reedicións, das tiradas, das línguas ás que foi traducido, das súas adaptacións teatrais, da utilización como libro de lectura en colexios e institutos de Galicia, Castela, Cantabria e Cuba e dos estudos, como teses de licenciatura, cursos e homenaxes dos que foi obxecto esta obra coa que nace “a literatura galega para nenos e adolescentes”. Conta coa cuberta de Luís Seoane (Bos Aires, Arxentíña, 1910-A Coruña, 1979) para a primeira edición e no interior reproduce as ilustracións de Isaac Díaz Pardo (Santiago de Compostela, 1920) para a primeira edición en Edicións do Castro do ano 1968.

Segunda edición desta novela curta, xa publicada na colexión “Xabarín” de Edicións Xerais de Galicia en 1985 co subútculo “Travesía e disfraz de Marcos Andrade”. Nesta ocasión adaptouse á normativa do galego de 2003 e foi revisada polo autor, Manuel Rivas (A Coruña, 1957), quen describe esta “segunda vida” no texto “A literatura vadía”. Coméntase que fora escrita a finais de 1981 e que con motivo do vixésimo quinto aniversario da publicación decidiu realizar algúns cambios sen afectar a “cerna” da súa primeira achega narrativa. Reláltase o acontecido ao xornalista deportivo Marcos Andrade na súa estadía en Brasil por medio dunha linguaxe nídica e sinxela, complementada ás veces polo discurso en portugués dalgun dos personaxes, co que se pretende captar a atención do lectorado cara ao universo de Andrade. A trama desenvólvese sen flash-backs ou outros recursos literarios que a dotan de complexidade, baixo unha temática propia da novela negra. Narrada en terceira persoa, refire como dende a súa estancia no motel de Leidi, o protagonista se ve envolto nunha lea por mor da desaparición do seu colega Jean Claude e do asasinato da dona do hotel. A novela reflice unha sorte de humor íronico pero tamén lúdico. Esta segunda edición incorpora un epílogo do autor intitulado “Manifesto por un fútbol atlántico”, no que se describe de xeito crítico a situación e a categoría do fútbol galego. Inclúese tamén a reflexión de Xavier Seoane, incluída como prólogo na edición de 1985. Baixo o título “Travesía e disfraz de Manuel Rivas”, ofrecéronse datos da traxectoria vital do autor, así como da súa produción poética, para finalmente achegar unha crítica desta novela, incidindo en aspectos como a súa heterodoxia, estrutura ou temática. Con anterioridade reproducéronse as catro ilustracións que María Rivas Barrós realizou para a primeira edición en branco e negro e con trazos suaves e lenos... A ilustración da cuberta de Xosé Díaz substituíuse por unha fotomontaxe de Antonio Seijas (Ferrol, 1976). Nesta imaxe aparecen elementos que sitúan o lectorado no contexto da novela: a estatua de Cristo que o sitúa en Río de Xaneiro, o balón de fútbol no céspede contextualiza a actividade do protagonista arredor dese deporte e, finalmente, a inquedanza que achegan as pingas de sangue salpicando toda a cuberta, que falan da morte violenta. As cores e a iluminación empregada tamén falan de desasosego.

**Referencias varias:**


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, tanto novidades como obras recentes. Esta semana selecciónanse, entre outras, a reedición de *Todo ben*, revisada por Manuel Rivas; a antoloxía de literatura galega de Jonathan Dunne; e *Atrapado na torre* (2009), de Xoán Babarro e Ana María Fernández.


Recoméndase, entre outras, a lectura de *Todo ben*, novela de Manuel Rivas que se reedita na colexión “Fóra de xogo” vinte e cinco anos despois. Tras opinar que mantén
“a súa forza e o seu enxeño” e resumir brevemente o seu argumento, destácase a singularidade da súa localización en Brasil e das temáticas do fútbol e da política.
VII.1.3. ADAPTACIÓN


Inés Almagro válese dun narrador omnisciente, que de cando en vez lle cede a quenda da palabra aos personaxes, para elaborar unha nova versión do tradicional conto de Carapuchiña. Os protagonistas son os mesmos, pero a aventura é diferente. Esta transgresión é percibida pola propia nena, quen se dá conta de que os sucesos que lle pasan non son os esperados. Estas alteracións débense a unha razón fundamental: a visita que Carapuchiña fai á súa avoa ten lugar en inverno, polo que non hai flores, nin cesta, nin lobo que a ataque. O frío que trae consigo a estación provoca que a vestimenta da pequena sexa diferente (xersei, bufanda e manoplas) e que o feroz animal, o leñador e a avoíña se resgarden na casa desta última. Cando Caparu, así a chama o narrador, chega ao seu destino, sorpréndese da escena, pero de seguida o lobo acláralle a situación: “Con este frío, non hai xeito de contar o noso conto de sempre. E a casa da avoa é a única que ten chimenea”. A historia remata cos catro personaxes tomando unha cunca de chocolate quente e xogando ao parchís. As ilustracións son de Mikel Mardones. A ilustración da cuberta e contracuberta mostra distintas escenas da versión orixinal da Carapuchiña vermella y tamén a nena protagonista. A edición é en tapa dura. Na primeira garda mostra unha escena dos dous protagonistas enmarcada por unha contorna de flores ao igual cá garda do final, aínda que a escena é distinta, mostrando outro personaxe da historia. Na páxina de créditos, móstrase a vestimenta do personaxe principal. Dentro do libro as ilustracións son a dobre páxina con texto. Son ilustracións realistas a óleo ou acrílico cunha gama de cores frías. A información visual que achegan estas imaxes é importante para enriquecer a narración desta versión dun clásico contextualizado na época actual.

Referencias varias:


Reprodúcense nesta sección fixa un fragmento d’*As manoplas da Carapuchiña*, escrito por Inés Almagro e ilustrado por Mikel Mardones.


Detense nas propostas de Oqo Editora para agasallar os máis novos no Nadal, entre as que se salientan *As manoplas de Carapuchiña* e *Se os gatos levasen botas gobernarían as ras*. Do primeiro sinálase que se trata dunha reinterpretación do conto clásico a cargo de Inés Almagro e Mikel Mardones, na que se xoga coa complicidade do lector e da protagonista, ao facer que a historia transcorra de modo nada convencional, tanto dende o punto de vista do texto coma das imaxes.

Páxina na que se ofrecen algunhas das novidades que poden ser agasallos de Nadal para os máis novos, entre as que se ofrece o fio argumental d’*As manoplas de Carapuchiña*, de Inés Almagro e Mikel Mardones. Sinálsase que é un álbum no que se busca a sorpresa ao xogar coa transgresión do conto popular e se propicia a complicidade do lector e a protagonista, que se presuñen coñecedores da versión popular.


Conto de fadas do escritor e poeta danés Hans Christian Andersen (Odense, Dinamarca, 1805-Copenhaguen, Dinamarca, 1875) no que se narra a historia de amor entre un soldadiño de chumbo ao que lle falta unha perna e unha bailarina de papel. Tras moitos avatares, ambos acabarán sendo devorados polo lume da cheminea e convertidos nunha figura con forma de corazón perpetuando así o seu amor.

**Recensións:**


Comeza falando da recuperación pola editorial Edicións do Cumio e grazas tamén á adaptación e ilustracións de Rosa Fuentes dun clásico da literatura infantil como é *O soldadiño de chumbo*, de Hans Christian Andersen, que a pesar do tempo transcorrido, segue sen perder vixencia e atractivo, tanto para os lectores máis novos que aínda non saben ler coma para aqueles xa iniciados na lectura. O conto, que narra a historia do soldadiño de chumbo que se namora dunha bailarina de papel, conta no orixinal cun final tráxico que nesta adaptación ao galego se respecta e que non é moi habitual nas narracións infantís, pero que encerra un fermoso simbolismo, elemento da literatura que os lectores máis pequenos tamén teñen que saber interpretar. Coméntase que o desenvolvemento lineal, pero progresivo da historia e o encadeamento de aventuras fan o seu ensino fundamental é a importancia da fortaleza do amor.

**Referencias varias:**


Dáse conta da publicación de tres contos clásicos na editorial Edicións do Cumio. Trátase, en primeiro lugar, d’*O soldadiño de chumbo*, adaptado e ilustrado por Rosa Fontes, formato en tapa dura e de gran tamaño, con ilustracións en cores pastel. En segundo lugar, refírese á adaptación, en gran formato e a todo cor, da novela de Lewis Carrol, *Alicia no País das Marabillas*, adaptada por Maria Lado e ilustrada por Ana Santiso. Por último, coméntase que *O gato con botas*, adaptado e ilustrado por Fino
Lorenzo, se presenta en tapa dura e gran tamaño, con ilustracións realizadas a modo de colaxe con anacos de papel de distinta textura, para facelas máis atractivas aos nenos. Conclúese que todas son adaptacións pensadas para os lectores máis pequenos.


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’*O soldadiño de chumbo*, adaptado e ilustrado por Rosa Fuentes.


Adaptación de Xavier Senín a partir da curtametraxe dirixida por Virxinia Curiá e Tomás Conde do conto de fadas do escritor e poeta danés Hans Christian Andersen (Odense, Dinamarca, 1805-Copenhaguen, Dinamarca, 1875). A historia está ambientada no Museo do Xoguete de Allariz e nela cóntase que un soldadiño de chumbo coxo, tras cobrar vida, se namora doutra figuriña: Aldina, a fermosa bailarina capaz de manterse sobre unha soa perna. Pero o soldadiño terá que baterse co cigarrón, un duro e malvado opoñente que compite polo amor de Aldina. O volume, que conta coa axuda da Consellería de Cultura e Deporte da Xunta de Galicia e co apoio de ICCA e o Concello de Allariz, inaugura a colección “Contos de Cine” da editorial Galaxia e vén acompañado dun DVD que contén a curtametraxe. As ilustracións están extraídas da curtametraxe producida por Continental Producciones e Algarabía Animación, *O soldadiño de chumbo*, dirixida por Virginia Curiá e Tomás Conde.

**Referencias varias:**


Coméntase que a editorial Galaxia xunto a Continental Produccións e Moonbite Games presentou unha adaptación ao texto de H. C. Andersen, *O soldadiño de chumbo*, nun libro editado como álbum en formato grande, o cal inaugura a colección “Contos de cine”, xa que o volume vén acompañado por unha curtametraxe de animación e, ao mesmo tempo, como conto interactivo para iPad.


Anuncia o lanzamento d’*O soldadiño de chumbo*, en formato 2.0 con texto ilustrado, curtametraxe e aplicación de Ipad por parte de Continental Games, Moonbite e a editorial Galaxia na súa colección “Contos de Cine”. Indica que o conto está adaptado por Xavier Senín, mentres que a curtametraxe está dirixida por Virxinia Curiá e Tomás Conde. Explica que a iniciativa ten por obxecto ampliar a experiencia cultural do libro co elemento audiovisual e interactivo.

Nova entrega da colección “Contos que len outros nenos do mundo” da autoria de Abraham Carreiro (Vigo, 1981). Desta vez o relato ten como protagonista un porco espiño que, canso de que animais coma o lobo ou o oso o queiran comer, fai uso das espiñas dun piñeiro para conseguir que o deixen en paz. Abre o volume a figura do narrador, unha cegoña que anuncia ao lectorado que o conto que están a piques de ler é proveniente da rexión dos indios chipewa do Canadá. A linguaxe que emprega é nídia e contén un léxico de dificultade media para o lectorado. O texto aparece grafado en negro e, por veces, en branco. O marco espacial sitúa a historia nos bosques de Canadá. O final do conto semella conter certo carácter didáctico, ao intentar explicar aos lectores e lectoras as orixes das espiñas dos porco espiños. Na ilustración do autor do texto que aparece na cuberta atópase o protagonista en primeiro plano no espazo onde se desenvolve a historia. A través da ilustración da contracuberta ofrécense detalles dos personaxes da historia e unha pequena sinopse deste conto. Axudan a situarse temporal e espacialmente, ainda que non hai moitos detalles. Trátase de composicións a dobre páxina con texto nos espazos baleiros, realizadas en acuarela, en cores suaves e tons terra.

Referencias varias:


Recoméndanse lecturas para os máis novos, achegándose o argumento de dous contos de Abrahan Carreiro, titulados *As espiñas do porco espiño* e *O Cazador de Cambodia* (2009), que edita A Nosa Terra e se enmarcan dentro dunha colección que ofrece contos doutras culturas, de países distintos. Asemade, achégase o argumento dos dous últimos títulos da colección “Contos das Illas”, tamén editada por A Nosa Terra, *O libro da illa de San Simón* e *O libro da illa de Cortegada* (2009).


Adaptación de María Lado (Cee, A Coruña, 1979) deste conto fantástico-realista de Lewis Carroll (Daresbury, Cheshire, 1832-Guildford, Surrey, 1898) que a través dun narrador en terceira persoa e abundantes diálogos conta as aventuras da nena Alicia, que visita o País das Marabillas durante un soño á beira do río. Neste lugar ten que tomar diversas sustancias para poder coller polas portas ou casas que visita. Algúns dos seus amigos nesta aventura son un coello tardón ao que persegue, un leirón e unhas cartas xerarquizadas que gobernan o rei e a raíña. Esta última ten moi mal xenio, polo que cada vez que a alporizan manda cortar a cabeza ao culpábel. Cando as cartas a perseguen para cortarlle a cabeza, esperta xunta a súa irmá. Esta adaptación complétase coas ilustracións figurativas de Ana Santiso Villar (Touro, 1981). Crea imaxes
figurativas para recrear o mundo fantástico no que transcorre a historia de Alicia. As cores alegres e os debuxos detallados conseguen construír unhas composicións que complementan os textos.

Recensións:


Afiirma que a absurda lóxica que atravessa o orixinal inglés axita tamén a adaptación que María Lado fai do Alicia no País das Marabillas, de Lewis Carroll, pois bota man dunha retraña de raizame galega no sentido de penetrar nun plano máis intelectual e emocional. Sinala que esta adaptación vai dirixida a primeiros lectores e a lectores autónomos, así como foi concibida con sensibilidade para a nenez galega, a través de palabras escollidas con criterio memorialista, que tamén determina a selección presente no campo semántico das lambetadas. Por outra parte, sinala que o álbum de gran formato e a toda cor presenta unha sobria proposta gráfica de Ana Santiso, que nos permite viaxar con Alicia a un mundo de paisaxes oníricas de factura delicada e suxestiva.


Refírese a esta adaptación ao galego por parte de María Lado como unha volta máis ás aventuras da Alicia de Lewis Carrol a partir da selección dos elementos principais da narración orixinal. Destácase o coidado desta edición e a súa calidade plástica, en especial das ilustracións de Ana Santiso, que axudan á lectura do texto ao mesmo tempo que permiten unha lectura independente.

Referencias varias:


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’Alicia no País das Marabillas, adaptado por María Lado e ilustrado por Ana Santiso.


Dáse conta da publicación de tres contos clásicos na editorial Edicións do Cumio. Trátase, en primeiro lugar, a novela de Lewis Carrol, Alicia no País das Marabillas, adaptada por María Lado e ilustrada por Ana Santiso, da que salienta o gran formato e as ilustracións a todo cor. En segundo lugar, refírese a O soldadiño de chumbo, adaptado e ilustrado por Rosa Fontes, formato en tapa dura e de gran tamaño, con ilustracións en cores pastel. Por último, coméntase que O gato con botas, adaptado e ilustrado por Fino Lorenzo, se presenta en tapa dura e gran tamaño, con ilustracións realizadas a modo de colaxe con anacos de papel de distinta textura, para facelas máis
atraíventes aos nenos. Conclúese que todas son adaptacións pensadas para os lectores máis pequenos.


Darabuc (nome literario de Gonzalo García Rodríguez) é o autor deste álbum fantástico realista. Nel cóntase a historia de cando María Raposa e Xan Gato chegaron ás portas do palacio de Xan Rata, que vivía no deserto de Nonhainada custodiado por cen cans. Pedironlle algo de comer e Xan Rata, mentíndolles, dixo que non tiña nada. Os viaxeiros prestáronse para facer algo prodixioso chamado sopa de nada e entón convidounos a pasar pensando que se ía rir. Os convidados comezan pedindolle pedras lisas e redondiñas, logo unhas areas de sal, un pouco aceite, nabos e todos os ingredientes que lle fixeron falta para facer a sopa ao seu gusto, mentres o dono da casa ía sen darse conta proporcionándolles o que precisaban. Unha vez feita, papárona, avisando ao anfitrión que nunha fonte de ouro deixaran o máis suculento do cocido. Hoxe en día, o anfitrión está a roer as pedras daquela sopa. A ilustración de Rashin Kheirieh (Khoramshar, Irán, 1979) da cuberta consiste nunha imaxe dos tres protagonistas dentro dunha cazola e achega un pequeno dato do relato do interior. Trátase dunha ilustración realizada con tampon de cores que ofrece moita textura de pintura e recortes de papel que representan os personaxes. Na contracuberta aparecen elementos da cociña e non hai texto. As gardas son iguais, con figuras moi simples de aparellos para comer. No interior atópanse ilustracións a dobre páxina, con fondo de papel marrón texturado, onde se desenvolven todas as accións. Nas representacións dos personaxes en colaxe e na escenografía con pintura en tampon e liñas a laps predominan cores como o verde e o marrón. É unha historia de acumulación, polo que a secuenciación de imaxe ten que ser parecida cos mesmos personaxes e as mesmas accións.

**Recensións:**


Comenta a publicación desta fábula construída á maneira tradicional e en verso cunha estrutura repetitiva e acumulativa cargada de humorismo. Fai un breve resumo do argumento destacando a importancia dos seus protagonistas, unha raposa e un gato, que chegan a un palacio e son enganados pola súa dona, Xan Rata, símbolo da avaricia. Tamén fai referencia a que a historia está ilustrada pola artista iraniana Rashin Kheiriyeh cunha “plástica conceptual” que visualiza os valores positivos e negativos presentes no texto narrativo.

**Referencias varias:**

Informa das novidades editoriais no eido da Literatura infantil e xuvenil no ano 2010. Así, menciona as editoriais de OQO Editora, con Caixa de cartón, de Txabi Arnal e Hassan Ameikan, Sopa de nada, de Gonzalo Darabuc Rashin Kheiryeh e A nena e o grilo, de Magín Blanco e Iván Prieto; Kalandraka, con O tempo voa, de João Pedro Messeder e ilustracións de Gémeo Luís, e Ovelliña dámela, de Isabel Minhos Martins e ilustracións de Yara Kono; A Nosa Terra, con contos de Bernardino Graña e unha nova entrega d’Os Megatoxos, de Anxo Fariña e d’Os Bolechas, de Pepe Carreiro; Galaxia, coa novela Eu amei unha serea, de X. H. Rivadulla Corcón e Bras e os demais, de Manuel Darriba e finalmente, Sotelo Blanco, con A cruz dos farrapos (2009) e Peregrino a Santiago (2009).


Insírese nesta sección fixa un fragmento de Sopa de nada, escrito por Darabuc e ilustrado por Rashin Kheiryeh.


Tras desribir brevemente o argumento da historia e o labor do escritor, reproducécese un fragmento de Sopa de nada.


Subliña que OQO editora presenta catro libros moi interesantes. Fala da posíbel influencia en Sopa de nada do conto popular da sopa de pedra que é diferente segundo o país. Conclúe que o relato se converte nunha fábula que axuda os nenos a ser solidarios e usar a imaxinación. Destaca que a ilustradora logra plasmar a irreverencia do autor usando personaxes raros vestidos de negros e con gafas escuras.


Adaptación de Guillaume Frolet, tal e como reza no título, dun dos grandes contos clásicos onde se narra a historia do carpinteiro Xepeto creador dun boneco de madeira chamado Pinochio que cobra vida e que chegará a convertearse no fillo que tanto deseaba. Unha vez feito, Xepeto manda o seu fillo á escola, pero no camiño atópase cun raposo e un gato que o enganan, a pesar das advertencias do grilo, e conseguên quedar co diñeiro que seu pai lle dera para que mercase os libros necesarios. Perdido no bosque, a topase cunha fada, quen, ao non responder ás preguntas desta coa verdade, fai que o seu nariz empece a crecer, feito que a fada lle dixo que sucedería cada vez que mentísse. Xepeto saiu na procura de Pinochio e, ao final, tivo que sacalo do ventre dunha balea e o ancián chegou á casa moi enfermo. Isto serviuille a Pinochio para ser responsábel, facerse cargo del e convertese nun mozo obediente e traballador, o cal foi recompensado pola fada transformándoo ao cabo nun neno de verdade. Guillaume Frolet leva a cabo unha persoal adaptación do conto orixinal na que o boneco de
madeira se relaciona tanto con persoas coma con animais que falan, ademais da fada e o grilo que é quen intenta conducilo polo bo camiño. Nesta edición predomina a narración e aparecen inseridos pequenos diálogos estruturados en parágrafos curtos e sempre coa mesma tipografía. As ilustracións figurativas de Estudio Esclética son imaxes a dobre páxina que presentan composicións variadas con puntos de vista moi acusados, centradas na figura do protagonista, e descreben as escenas máis representativas da historia. A imaxe da cuberta complétase coa contracuberta presentando a Pinochio e o grilo sobre o seu nariz e as gardas e a portada aparecen decoradas.

Referencias varias:


Tras describir brevemente o formato, as ilustracións e o argumento da historia, reproducéuse un fragmento de Pinocquio.


Reedición deste conto dos irmáns Grimm, Jacob (Hanau, Alemaña, 1785-Berlín, 1863) e Wilhelm (Hanau, Alemaña, 1786-Berlín, 1859), xa publicado en 1999 pola editorial Kalandraka na colección “Os contos do trasno comodín” e descrito no apartado correspondente do Informe de Literatura 1999. A adaptación de Xoán Couto deixa paso á tradución de Marc Taeger e Xosé Ballesteros, ao mesmo tempo que Gabriel Pacheco (Cidade de México, México, 1976) substitúe a Noemi López no labor ilustrativo. Contase a historia de catro animais, un burro, un can, un gato e un galo, que se van atopando no camiño, despois de que os seus amos non os queiran na casa porque xa son vellos e non serven para o traballo. Na orde citada van aparecendo no libro e deciden formar un grupo musical. Unha noite, na cal vai moito frío, atopan unha casa no monte. Nela había un grupo de delincuentes e entre os catro animais bótanos fóra para despois vivir nela para sempre. Neste conto, adaptado á normativa do galego de 2003, Gabriel Pacheco presenta na cuberta os catro amigos. As gardas están decoradas cunha banda de paus de cores que se interrompe nas traseiras cunhas notas musicais. As imaxes céntranse nos animais humanizados -van erguido, están vestidos e tocan instrumentos musicais- e case non descreben os ambientes. As composicións teñen unha cor de fondo gris e as cores intensas son para os personaxes e as casas.

Recensións:

Indícase que Marc Taeger e Xosé Ballesteros realizaron a tradución do orixinal *Die Bremer Stadtmusikanten*, de Jacob e Wilhelm Grimm, baixo o título *Os catro amigos*. Apúntase que os filólogos alemáns tomaron como fontes a xente sinxela do pobo coa intención de conservar e transmitir con fidelidade a trama, o ton e as expresións nos seus relatos adaptados, nas lendas e as historias da tradición e transmisión oral recollidas en *Contos infantís e do fogar*. Destácanse a graza e sinxeleza da súa escritura, virtudes polas que os Grimm son recoñecidos universalmente. A seguir, descrebese o argumento do conto e as súas mensaxes de que todos somos útiles e de que a unión fai a forza, salientando os valores de solidariedade e xustiza que amosa e o carácter pedagóxico/didáctico, reforzado polas ilustracións de Gabriel Pacheco, que conxugan fantasía e realidade e presentan unha proposta plástica interesante.


Relato adaptable e ilustrado por Fino Lorenzo (Pontevedra, 1962) ao que se reescribe o conto de fadas, *O Gato con botas*, de Charles Perrault (París, 1628-1703) e que mantén case todos os elementos do conto orixinal. Cóntase a través dun narrador en terceira persoa e varios diálogos como un mariñeiro deixa un gato de heranza ao seu fillo máis pequeno e este, desolado, non sabe qué facer, pero o gato promételle que o fará rico. Coas botas do seu amo logra andar a moita velocidade e decide cazar para agasallar o rei e dicirlle que fora o seu amo, o marqués de Carabás, quen lle enviaba os agasallos. Desta maneira, gañando a confianza do rei, aconsellou ao seu amo que se bañara no río, posto que o rei e súa filla ían pasar por allí. Despois de finxir o suposto afogo do amo, o gato conseguiu que o rei prestase a súa axuda ao fillo do mariñeiro e que o acompañase ao seu pazo. De camiño, grazas aos amaños do gato, todos os campesiños lle dixeron ao rei que esas terras eran do marqués, cando en realidade pertencían a un ogro, de quen o gato se encargou para que todo estivese listo cando o rei, o amo e a princesa chegasen ao pazo do ogro. Despois de observar a riqueza, a humildade e a modestia do mozo, o rei decidiu que el sería o elixido para casar coa súa filla. Con respecto ás ilustracións, realizadas polo autor do texto, observábase que todas aparecen sobre un fondo branco e que se trata de recortes de debuxos de nenos a modo de aclaracións do texto. Utilízase a técnica da colaxe e mestúranse tanto as cores frías como as cálidas. As composicións empregan dobre páxina deixando un espazo baleiro na parte de abaxo, onde se disponen os textos. O estilo é esquemático, con formas planas e cortantes, non é realista pero a superposición das figuras xera perspectivas e crea espazos que exemplifican as diferentes situacións. As imaxes acompañan aos textos pero non achegan máis información, pois textos e ilustracións conviven case en igualdade. Nas gardas preséntase un bosque misterioso que contextualiza a narración.

**Referencias varias:**


Dáse conta da publicación de tres contos clásicos na editorial Edicións do Cumio. Trátase, en primeiro lugar, *O gato con botas*, adaptado e ilustrado por Fino Lorenzo,
que se presenta en tapa dura e gran tamaño, con ilustracións realizadas a modo de colaxe con anacos de papel de distinta textura, para facelas máis atractivas aos nenos. Da novela de Lewis Carrol, *Alicia no País das Marabillas*, adaptada por Maria Lado e ilustrada por Ana Santiso, saliéntase o gran formato e as ilustracións a toda cor. Finalmente destácase d’*O soldadito de chumbo*, adaptado e ilustrado por Rosa Fontes, o seu formato en tapa dura e gran tamaño, con ilustracións en cores pastel. Conclúese que todas son adaptacións pensadas para os lectores máis pequenos.


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’*O Gato con botas*, adaptado, traducido e ilustrado por Fino Lorenzo.


O motivo que desencadea este conto de tendencia fantástica de Raquel Saiz (Cuenca) é unha nova moda implantada en Cheeseburgo pola condesa de Figurino: calzar os gatos. Os primeiros que proban esta decisión son os felinos que pertencen á alta sociedade, despois os da clase media e, para rematar, os máis pobres de toda a cidade. Xorde, entón, un problema e é que, ao levar botas, estes animais non poden andar nin correr, polo que son incapaces de espantar e cazar os ratos e Cheeseburgo vese rapidamente invadida de roedores. Ante tal situación, os monarcas non saben que facer e deciden chamar o Frautista de Hamelin, quen, chanceando, díelles que os enviaren á Lúa. A ignorancia dos mandatarios fai que se tomen en serio o comentario deste último e, tras mandar construír aos seus mellores enxeñeiros un potente artefacto, os ratos son trasladados ali. Unha vez no satélite, estes pequenos animais divírtense co aparello e tanto tocan e xogan con toda a maquinaria que un día acaban rompendo a corda que sostén todo o complexo mecanismo. Como consecuencia, a Lúa, cos roedores dentro, precipitase cara á terra e esnaquiza a casa dunha bruxa, quen, montada en cólera, toma como represalia converter a todos os príncipes en ras. Vólvese a xerar, de tal maneira, outra problemática en Cheeseburgo. Agora a solución é reunir as princesas para que logren transformar, cun bico, estes batracos en seres humanos. Con todo, este obxectivo non se consegue, motivo polo cal os monarcas, facendo caso omiso das protestas levadas a cabo pola nobreza, deciden modificar as leis: as ras serán coroadas e gozarán dos mesmos dereitos que o resto dos cidadáns. O conto infantil de Saiz péchase, así, coa mesma idea que abre o libro: “Así que xe o sabedes, non o tomes a broma: Se todo fose coma nos contos, o mundo sería un desastre”. Empréganse tamén elementos peritextuais, tales como, diferentes tamaños de letra e certas palabras en negriña para resaltar o texto. Este relato conta coas ilustracións de Rashin Kheiriyeh. Na cuberta aparece un gato, mirando cara ao espectador; pola contra, na contracuberta aparece ese mesmo gato saíndo da escena. Na ilustración predomina o vermello para resaltar o gato branco. As tapas son duras e nas gardas aparecen un par de botas que se contraponen ás gardas do final. En todo o libro hai ilustracións a dobre páxina con texto inserido nos seus baleiros. As ilustracións teñen moita forza cromática e texturas.
Referencias varias:


Reprodúcese nesta sección fixa un fragmento de *Se os gatos levasen botas gobernarían as ras*, escrito por Raquel Saiz e ilustrado por Rashin Kheiriyeh.
VII.1.4. TRADUCIÓNS OU VERSIÓNS E REEDICIÓNS


Primeiro álbum editado de Arturo Abad (pseudónimo literario de Arturo Fernández Guerra, Gran Canaria) que se inicia coa dedicatoria “Para Ana que me aprendeu a pintar estrelas polos teitos de Granada”. Conta a historia de Matías, dono dun taller de corazóns, é dicir, un taller onde repara corazóns xeados quentándosos cunha estufa de leña, cose corazóns que están rotos ou os axusta para que non se entristezan con recordos pasados. É un artesán que cre que os danos emocionais se poden reparar do mesmo xeito que os materiais. Pero Matías ten un segredo: está perdidamente namorado de Beatriz. O seu amor, cheo dunha xenerosidade sen límites, levarao ao maior dos sacrificios que pode facerse por amor: dar a súa propia vida. A historia está contada en terceira persoa, con pequenas pinceladas de discurso directo, e os diálogos aparecen resaltados en negriña e con outra tipografía. Toda ela contén unha gran dose de tenrura e está repleta dun simbolismo afectivo e dun forte sentimentalismo, expresados a través dunha linguaxe sinxela e en parágrafos breves. Este álbum de tapas duras, coas gardas, e a cuberta coidadas e papel satinado, está ilustrado por Gabriel Pacheco (Ciudad de México, México, 1976). A imaxe da cuberta só pode ser entendida despois de ler o conto, xa que entón sábese que as latas acumuladas da imaxe conteñen os sentiments cos que o protagonista repara os corazóns. As tonalidades empregadas alternan o vermello e o azul como cores vinculadas ao corazón. As paisaxes son iguais de forma, pero as cores e as flores nos troncos das árbores simbolizan a primavera. As imaxes necesitan dos textos para ser comprendidas, pero á súa vez achegan un ambiente delicado e misterioso que enriquece a narración. É de salientar a presenza do fío como un elemento que sempre está representado nas composicións e que serve de nexo de unión entre as páxinas.

Recensións:


Fai referencia ao texto de Arturo Abad, *Taller de corazóns*, no que o autor presenta unha orixinal e profunda historia de amor entre Matías, un mozo que non só arranxa corazóns rotos, senón que tamén os fabrica; e Beatriz, a cuxa casa se dirixe cada ano para tan só depositar un agasallo e irse sen esperar resposta. Comenta que o feito de que Matías nunha das ocasións non dese sinais de vida, fai que Beatriz rompa a súa indiferenza e se sinta obrigada a saír a buscalo. Explica que ao atopalo inmóbil e sen vida, terá ela que atopar o xeito de revivilo para así xerar novas ilusións. Conclúe que se trata dunha historia baseada nun ambiente irreal, onde os obxectos cobran funcións que non lles son propias, e que recrea a dozura, a tenrura, a delicadeza e, sobre todo, o amor incondicional, dotando ao paso do tempo un papel fundamental para a solución dos problemas. Destaca das ilustracións de Gabriel Pacheco a importancia que adquiren as cores vermella e azul na historia.
Referencias varias:


Detense en catro publicacións infantís sacadas ao mercado pola editora OQO: Taller de corazóns, A caixa dos recordos, Lucas e o Oso e A vella Lulula. Do primeiro sinala a temática amorosa e a maxia dos protagonistas: Matías crea corazóns de todos os tipos para Beatrix, quen carece del.


A auga, a terra, o lume e o aire son os protagonistas dunha historia infantil de Cecilia Afonso Esteves (Bos Aires, 1977). Presentados como “Elas”, estes catro elementos forman parte esencial da natureza, xa que sempre escortan os seus pedidos elementais. Así, por exemplo, mentres un, o fume, axuda a cocer o pan e acender as luminarias; outro, como o aire, move a herba e os muiños. A idea que subliña o narrador en terceira persoa ao pechar o libro é a presenza incondicional destas catro forzas naturais, que “sempre levan”. A carga narrativa deste álbum recae nas imaxes. A sutileza visual da cuberta repítese en todas as páxinas do interior. A técnica empregada consiste en superpoñer recortes de papeis de cores suaves e matizados. Os sinxelos textos seguen unhas ilustracións de marcado carácter simbólico. Trátase dunha edición coidada de pequeno formato, con papel mate, tapas duras e gardas de distintas cores. A sutileza das imaxes tamén se aplica ao uso da cor que cambia en función das figuras representadas: vermellos para o lume, verdes e azuis para a auga e ocre para a terra.

Recensións:


Subliña a Mención Especial que recibiu Elas, de Cecilia Afonso Esteves, por parte do xurado do II Premio Internacional Compostela do Álbum Ilustrado, quen cualificou a achega desta autora como “un canto ao feminino”. Asegura que os protagonistas deste relato, os catro elementos naturais (a auga, a terra, o lume e o aire), permiten crear un texto no que cobra importancia a “xeración” da vida e a “enerxía” das mulleres.


Fai mención a Cecilia Afonso Estevez e, en concreto, a Elas, onde se eloxia o xénero feminino. Entre outras cousas, comenta cal é o argumento, o ton descritivo que predomina no texto, a facilidade de lectura, as ilustracións de colaxe que revelan “con
exactitude o enunciado no texto” e o “fermoso feito” de comparar metaforicamente a muller con elementos naturais. Comenta, ao mesmo tempo, o ilustrativo título que preside a tradución ao castelán, Las que llevan, xa que alude ao importante rol social que tivo a muller ao longo da historia da humanidade: traballadora dentro e fóra de casa, como no seu día, asegura, xa apuntou Rosalía de Castro no poema “Xan”.

Referencias varias:


Informa de Elas, proyectado de carácter feminista asinado por Cecilia Afonso e dado a coñecer por Kalandraka o 8 de marzo de 2010, Día Internacional da Muller. Isto fai que reflexione previamente sobre cal é o papel social e familiar desta figura e incida en que o volume, merecedor do II Premio Internacional Compostela de Álbum Ilustrado, sexa todo un “aloumiño para a muller”, repleto de musicalidade, linguaxe plástica e ilustracións “sereas” e “delicadas”.


Conto infantil dedicado por Pablo Albo (Alacante, 1971) á biblioteca de Villanueva del Ariscal, en Sevilla, onde o autor contou esa historia por primeira vez. O neno protagonista, Andrés, é engulido por un ogro que, a modo de boneca rusa, ten no seu estómago un dragón, que á súa vez ten a un oso, un león e un lobo feraz, criaturas voraces coñecidas sobradamente polos pequenos, que vai visitando Andrés a medida que vai caendo nos sucesivos estómagos. A través dun narrador en terceira persoa, déixase claro o pesimismo que se apropia do neno dende un primeiro momento. É precisamente isto o que non permite ao rapaz escapar desa situación na que se atopa. No mesmo instante en que comeza a pensar positivamente, consigue saír de ali, pasando por todos e cada un dos animais polos que se deslizada cabeza abaixo, esta vez, en lugar de por onde entran os alimentos, por onde se expulsan, nun acto de demostración de que todos somos iguais. Conta con ilustracións figurativas de Roger Olmos (Barcelona, 1975). Na cuberta unha imaxe estranxa presenta o protagonista. A narración embrionaria que presentan as gardas ten que ver co contido da narración. As ilustracións están feitas a dobre páxina e resultan significativas á hora de reflectir explicitamente o significado da historia. A narración préstase a un desexo no que as distorsións e as deformacións das imaxes acentúan o dinamismo das composicións, nas que predomina as formas curvas.

Referencias varias:


Dáse conta das novidades de OQO Editora, nas que se amosa o seu compromiso social. Afirma que Andrés cabeza abaixo, conto escrito por Pablo Albo, parece explicar a
Ley de Murphy aos máis pequenos nunha historia fantástica e divertida. Refírese tamén A sombra dos anacardios, de Antón Fortes.


Pablo Albo (Alicante, 1971) recolle en dezaseis capítulos diversas anécdotas do protagonista Dióxenes, cuxo nome nunca aparece na obra, narradas en primeira persoa, cun particular humor absurdo e sen seguir unha orde temporal. A extensión dos capítulos varía e non sempre existe conexión entre eles. En “Duna” aparece a duna creada no cuarto de Dióxenes despois de traer buciñas da praia. En “Eucaliptos” o protagonista continúa relatando como lle gusta apañar cousas e levalas á casa. Un día levou eucaliptos e agora ten un bosque. En “A miña irmá” explica que á súa irmá tamén lle gustan os objectos inútiles. En “O meu avó e os charcos” conta que o avó Paulo e a súa moza Patricia fixeron unha lagoa despois de almacenar charcos. En “A miña avoa” o protagonista tamén relata como se aproveitaba todo e o mesmo acontece en “Os meus pais”. En “O meu irmán” conta como ao seu irmán lle gustaba contar. En “Vermes de seda” os pais do protagonista alugan un camión para traer follas de moreira para os moitos vermes de seda que tiñan na casa. En “Bolboretas” o seu irmán contaba os vermes que se transformaron en bolboretas. Un día o seu tío solteiro trouxo á casa un naufraxio que non se via pero era pesado como conta en “O naufraxio”. En “O barco (I)” o protagonista busca un barco para o naufraxio do seu tío, namentres un día trouxera unhas campás. En “Cartas(I)” o seu tío solteiro, que era carterio, coleccionaba cartas de amor doutras persoas. En “O das campás” o irmán conta as campás e mesmo aparece un transatlántico debaixo da fiestra. Non podía deixalo no lago porque estaba o submarino. En “O submarino” encontra un submarino mergullando e léva para a casa pero o son das sirenas esperta a todos. En “O barco(II)” explica como levou o barco coa tripulación e pasaxeiros para a casa e ás veces molesta un pouco. Finalmente en “Cartas (II)” o tío chora e chora por unha carta de amor que escribiría el e que non entregaría nunca. As ilustracións de Pablo Auladell (Alacante, 1972) presentan xa na cuberta o protagonista cunha mochila que está chea de cousas estrañas e variadas; imaxe que unida ao título anticipa o argumento. No interior as ilustracións figurativas ocupan todas as páxinas pares co emprego dunha técnica mixta na que usa trazos de tinta, de lapis e planos de cor e de texturas variadas. As imaxes presentan composicións de corte surrealista, mesturando escenas normais con feitos irrealis, que acaen á liña argumental da historia.

Recensións:


Despois de sinalar que Galicia é unha “potencia incontestable” no ámbito da Literatura infantil e xuvenil e chamar a atención sobre a importancia de ofrecer lecturas de calidade aos máis novos como garantía de futuro, detense en dúas novidades editadas por Kalandraka: Dióxenes, de Pablo Albo, e Miňu, de Manuel Rivas. Do primeiro sinálase que trata o trastorno de comportamento da síndrome de Dióxenes e que é unha
obra que recibió el Premio Lazarillo 2008. Saliéntase da obra a subversión dos patróns da enfermidade, ao presentar un protagonista que non carece dunha contorna familiar nin de afecto, senón que comparte coa súa familia a obsesión por coleccionar cousas. Destácase a sinxeleza da linguaxe, por veces minimalista, e o lírismo, a carga imaxinativa, que chega mesmo ao absurdo, a tenrura, o humor e a imaxinación. Das ilustracións de Pablo Auladell saliéntase que son moi acaídas e que reflicten á perfección o camiño intermedio entre o real e o imaxinario.


Logo de loar os libros da editorial Kaladraka, explica en que consiste o síndrome de Dióxenes. Indica que o libro de Pablo Albo, Dióxenes, ilustrado por Pablo Auladell, trata este tema logrando unha historia sinxela, poética e fermosa, xa que acumular dunas, cartas de amor, submarinos e palabras é un xeito libre e divertido de vivir e acumular xoguetes, cancións, árbores e contos é un xeito de amar a vida. Conclúe que a nenez se sentirá moi a gusto con esta historia.


Afirma que Dióxenes, de Pablo Albo, parece una selección de ideas inconexas pero que reflece que se pode aproveitar case todo e sublíña o poder da nosa imaxinación e intelixencia. Comenta os premios recibidos tanto polo autor coma polo ilustrador Pablo Auladell.

Referencias varias:


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras traducidas, fálase de Dióxenes, de Pablo Albo.


Álbum de Pablo Albo (Alacante, 1971) de tendencia fantástico-realista e baseado no tema da amizade que se inicia coa seguinte dedicatoria: “Para a miña sobriña Carla, a que lle pasou algo parecido; e para Paloma, súa nai, que nolo contou”. A través dun narrador en primeira persoa e formas de transmisión oral como as repeticións, cóntase a historia da desaparición dun chupete e como se descobre que o roubou a Lúa. Na busca deste obxecto tan prezado, o cativo atopa polo casa obxectos que perdera. Ao final, tras chegar á Lúa dun chimpo, regállalle a esta o chupete porque pensa que vai ter máis falta ca el. As ilustracións figurativas son de Pierre Pratt. Na cuberta aparece unha imaxe da lúa con ollos e boca que ocupa case toda a superficie cun espazo de cor claro onde se
dispoñen o título e os nomes dos autores e a editorial. As gardas están decoradas cunha pintura dunha ventá na que se asoma unha figura que será importante no transcorrer da narración. A técnica empregada é a pintura, aplicada de forma densa, con pinceladas expresivas e cores moi intensas e saturadas. As composicións, de dobre páxina, están centreadas nas dúas protagonistas: a Lúa e a nena, de xeito que a conxunción entre texto e imaxe é necesaria para seguir a evolución do conto. A riqueza das imaxes achega posibilidades para recrearse nos distintos ambientes.


Álbum de Roberto Aliaga (Argamasilla de Alba, Cidade Real, 1976) no que se narra unha historia de animais que ocorre nun mundo fantástico. A obra presenta dúas dedicatarías no seu inicio: unha do autor para Aitana, e outra do ilustrador dirixida a todos os lectores do libro. A través dun narrador en terceira persoa, cótase unha historia situada nun planeta repleto de lobos de diversas formas, onde entre todos eles habita o Lobo Papón, a quen lle gusta moito comer. Desesperado por ter algo que levar á boca, fai que todos os lobos se poñan a buscar alimentos. Despois de tanta busca, un dos lobos decidiu sacar as gadoupas fóra do conto e atrapou unha nena para comela, pero ao Lobo Papón dalle tanta pena vela chorar que decide comer o primeiro número de todos os trinta de cada páxina, facendo que o conto volva comezar. As ilustracións figurativas son de Roger Olmos (Barcelona, 1975). Este álbum presenta unha cuberta que inquieta cunha posta en escena, na que se observa un lobiño dentro dun gran lobo coa boca aberta, que nos desvela o que se vai encontrar no interior. As imaxes enriquecen unha narración que non contén referenciais espaciais, pois presentan a historia nunha especie de raro parque de atraccións cunhas máquinas, plataformas e estruturas polas que transitan os protagonistas: uns lobos de aspecto amábel e moi colorido. Nas últimas páxinas as imaxes son esenciais para o desenvolvemento da narración e salientan a presenza da numeración debuxada nas páxinas que, ate ese momento, pasa desapercibida e que provoca unha nova lectura.


Álbum ilustrado bilingüe galego-inglés de Xoana Álvarez (O Grove, Pontevedra, 1983) e Raquel Álvarez (Santiago de Compostela, 1983), no que se conta a historia de Lola, unha nena que quere ir pasear á praia. A cuestión é que o paraugas de lunares tamén quere ir, mais hai días que non chove e isto supón un problema. O asunto soluciónase cando os lunares cobran vida, independizanse da súa dona e saen á rúa en busca da choiva, coa axuda das gaivotas e das nubes, o que obrigará a Lola a buscar o seu paraugas. Trátase dunha historia que fala da amizade, a solidariedade e a ilusión. O álbum ofrece a posibilidade de ir adquirindo coñecementos meteorolóxicos, así como a aprendizaxe de ambas as dúas linguas. As ilustracións deste álbum son de Xoana Álvarez. Na cuberta aparece unha nena rodeada de lunares de cores. As gardas tamén teñen lunares de cores cos nomes das cores en galego e en inglés. As composicións son de páxina dobre e con cambios de orientación da lectura das páxinas. As imaxes están

Álbum infantil de Xoana Álvarez (O Grove, 1983) en dúas linguas (galego e inglés), que se poden ler xirando o libro. Nel unha nena intenta contar o que lle acontece á súa avoa. O tema principal son as lembranzas da avoa e a narradora da historia é a súa neta. En múltiples ocasións, dialoga con ela e co pai para sabér o que lle acontece, intercalando así a narración e o diálogo. Mediante metáforas relacionadas co nobelo de la e a calceta, destacadas con letras de cores e tamaños diferentes, sabemos que a avoa non se lembra do seu pasado e que só conseguí falar dela cando está calzando. A partir dos diálogos, intétanse explicar as frustracións da avoa e os seus intentos porque non lle aconteza o mesmo á súa neta. As ilustracións son dos autores do texto. A da cuberta consta case exclusivamente de tipografía coa técnica de colaxe, cun pequeno debuxo dun gato. A da contracuberta é a mesma pero en inglés. As gardas son as dúas iguais e trátase dunha fotografía en cor duns fíos de la. As ilustracións do interior son a dobre páxina, con debuxos, pintura e colaxes de tela, papeis, fíos, etc., todas elas de gran forza visual e con moitas texturas. A maioría do texto está enmarcado cun fondo branco para destacar dentro da ilustración.


Novela de María Teresa Andruetto (Arroyo Cabral, Arxentina, 1954) co tema da emigración como eixo fundamental. Stefano, un mozo italiano, vese abocado a vivir a dura experiencia da emigración a Arxentina en plena adolescencia e ali comezará a tecer a súa vida e a madurar. Cóntase a historia da evolución do seu protagonista, na que este intenta reconciliar o propio co allelo, o coñecido co novo, en definitiva, a infancia coa madurez. O diálogo é peza clave na novela, non só dende o punto de vista da temática, senón tamén dende a súa estrutura, xa que tece o fío condutor entre dúas narracións diferentes, pero necesarias para o discorrer da historia. Existen dous narradores: un omnisciente, que conta dende que Stefano parte de Italia até que coñece á súa esposa Ema en Arxentina e cuxa narración é lineal; e o propio Stefano, que describe máis detalladamente a súa vida antes de marchar ao país suramericano e que dá saltos atrás no tempo para complementar a historia. Tipograficamente non existe un cambio entre os narradores, cada liña narrativa deixa baleiros que a outra vai completando, sen existir, en canto á llinguaxe, cambios de voces entre o italiano e o español. Nesta novela Andruetto reflexiona sobre a procura da nova identidade e o intento de conxugar os dous mundos que lle tocou vivir ao protagonista e lévaa a cabo por medio dos personaxes femininos da historia. A composición da cuberta é de Fausto Isorna (Catoira, 1961) e nela vemos un anaco dun instrumento musical que se relaciona coa importancia que a música ten ao longo de toda narración.
Tras a dedicatoria inicial “A Riccardo” de F. C. e “a Natalia” de R. A., comeza a historia de Xanecas, un meniño de catro anos, a quen se lle presenta unha gran dúbida: por que ten embigo? Até o momento, o rapaz non se decatara de que no centro da súa barriga tiña un pequeno buraco, polo que cando o descobre, non perde o tempo en pescudar a razón da súa existencia. Comeza así a historia de Xanecas, un relato no que o narrador omnisciente cede a palabra aos protagonistas, creando un dinámico diálogo entre os diferentes personaxes que entran en escena. A interrogante, que se mantén ao longo de todo o texto, vaise aclarando coa intervención do avó, quen lle dá unha pista para que atope na súa nai a resposta definitiva: o embigo permite que a nai nutra ao feto até o seu nacemento. A historia de Ramón Aragüés Peleato compleméntase coas ilustracións de Francesca Chessa. A ilustración da cuberta ocupa tamén a contracuberta, aínda que sen información visual importante. Nela aparece o protagonista realizando unha acción significativa para narrar a historia, cun fondo verde e unhas burbullas. Trátase dunha ilustración realizada ao óleo acrílico, con textura de pincel. As gardas do comezo do libro mostran unha escena familiar co protagonista, mentres que as gardas do final se poden identificar como o remate do conto. As ilustracións do interior son a dobre páxina con texto colocado en ocos só con fondo de cor plana. Consisten en debuxos figurativos, sen intención de ser moi detallistas, realizados en cores pastel con pequenas colaxes nalgunhas ilustracións.

Recensións:


Fala do conto *O embigo de Xanecas*, onde o seu autor, Ramón Aragüés, coa axuda da ilustradora italiana Francesca Chessa, constrúe unha anécdota infantil a partir dun ritual tan básico como é o baño. Sinala este motivo como o pretexto escollido para dar vida a un relato moito máis complexo, no cal se subliñan esas ganas que mostra un neno por atopar resposta a todo o que o rodea. Considera, así, que a aproximación do narrador e o modo de dar a coñecer a trama permite ao pequeno lector identificarse co personaxe e tomar conciencia dun suceso real.

Referencias varias:


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’*O embigo de Xanecas*, escrito por Ramón Aragüés Peleato e ilustrado por Francesca Chessa.

Comeza facendo unha reflexión sobre esa etapa da infancia na que os cativos se preguntan constantemente os “porqués” das cousas que os rodean. Este preámbulo permitelle dar paso á achega literaria de Ramón Aragüés Peleato, *O embigo de Xanecas*. Deste libro comenta o desacougo polo que pasa un neno de catro anos ao descubrir que no medio da barriga ten un buraco; motivo polo que se fai a seguinte pregunta: “Pero, por que teño embigo?” Deste traballo engade que Aragüés crea un personaxe alegre e entrañábel, co que o lectorado se pode sentir identificado, axudando, así, ao proceso de aprendizaxe dun modo “natural” e “imperceptible”. De modo paralelo, destaca a contribución de Paloma Sánchez: *Cando non atopas a túa casa*.


Txabi Arnal (Ermua, Bizcaia, 1967) aborda neste relato o tema da inmigración dende o punto de vista dunha nena pequena. A rapaza protagonista trata en pasado e en primeira persoa a súa propia experiencia. A súa nai pona nunha caixa de cartón e merca un billete para viaxar nun barco a un bo lugar. O barco sofre un naufraxio, a caixa rompe e a nai consegue achemala a unha praia. Despois de varios días, encontran unha caixa grande de cartón que se converte na súa casa. Buscan comida nos vertedoiros e un día atopan unha muller que viñera con eles no barco. Varias amigas poñen as caixas delas ao seu carón e xorde a ledicia, até que un home as queima e a nena non volve ver a nai e a súa amiga. Levan a nena a un orfanato e queren devolverla ao seu país. Finalmente, adóptana e logra ser feliz. No cuarto ten unha caixa de cartón e sempre recorda o sorrizo da nai. As ilustracións de Hassan Amekan (Irán) resultan imprescindíbeis para seguir o relato, xa que completan a narración coa sinxeleza das imaxes que non lle restan expresividade á figura do coelliño. Na cuberta a elección do papel kraft recorda o das embalaxes, o que unido á elección das cores vermellas, negras e brancas lembra a tinta da tipografía das caixas. Na contracuberta tamén hai un xogo visual coas caixas: o cartel de fráxil e as frechas coa forma correcta de abrils.

**Recensións:**


Afirma que o libro trata o tema da inmigración dende unha nova perspectiva máis humana, sen estatísticas e análises xornalísticas. Apunta que se refire ao tema da fame, as mafíase e o odio mais que hai esperanza, xa que a nena protagonista é adoptada e comeza unha nova vida. Comenta que o feito de utilizar cartón nas ilustracións reflicte a fraxilidade dos emigrantes.


Comenta que o autor trata o tema da inmigración dende unha nova perspectiva dun xeito moi apropiado para que os primeiros lectores descubran a alguén que sofre fame e
miseria. Destaca a valentía da nena até que logra unha segunda oportunidade. Subliña o traballo do ilustrador que utiliza tons pardos nas ilustracións, a cor do cartón, e xoga coa simboloxía da fraxilidade do cartón que se converte logo nunha arma letal. Para rematar fala da colaboración da editorial OQO coa organización CREART que fomenta a educación infantil a través da arte.


Comenta que a Editorial OQO publicou esta obra de Txabi Arnal, a segunda entrega da súa colección Qontextos. Indica que nela o escritor amosa o drama da inmigración a través dunha nena protagonista que relata a súa experiencia en primeira persoa. Por último, destaca as imaxes e colaxes realizadas por Hassan Amekan.

Referencias varias:


Informa das novidades editoriais no eido da Literatura infantil e xuvenil no ano 2010. Así, menciona as editoriais de OQO Editora, con Caixa de cartón, de Txabi Arnal e Hassan Amekan, Sopa de nada, de Gonzalo Darabuce Rashin Kheiriyeh e A nena e o grilo, de Magín Blanco e Iván Prieto; Kalandraka, con O tempo voa, de João Pedro Messeder e ilustracións de Gémeo Luís, e Ovelliña dame la, de Isabel MINhos Martins e ilustracións de Yara Kono; A Nosa Terra, con contos de Bernardino Graña e unha nova entrega d’Os Megatoxos, de Anxo Fariña e d’Os Bolechas, de Pepe Carreiro; Galaxia, coa novela Eu amei unha serea, de X. H. Rivadulla Corcón e Brais e os demais, de Manuel Darriba e finalmente, Sotelo Blanco, con A cruz dos farrapos (2009) e Peregrino a Santiago (2009).


Tras describir brevemente o argumento da historia e o labor do escritor éus e do ilustrador iraní Hassan Amekan, reproducese un fragmento d’A caixa de cartón.


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’Caixa de cartón, escrito por Txabi Arnal e ilustrado por Hassan Amekan.


Nicolás Arispe (Bos Aires, 1978) é o autor do texto e das ilustracións deste álbum ilustrado no que un narrador en terceira persoa conta como dun xeito incríbel unha muller que forma parte dun truco de maxia desaparece pola ventá aberta debido ao
vento e voa polas rúas. Activan un mecanismo de rescate pero non conseguenc rescatala até que finalmente a maxia o logra. O texto só aparece nunha liña ao pé da maioria das páxinas, ocupadas por ilustracións en branco e negro cheas de expresividade. Este álbum é de formato moi alongado, de apertura apaísada, con tapas duras e, aparentemente, sen ilustración na cuberta. As tapas son de cor vermella, en papel mate, e o título e o nome do autor destacan en letras brancas debuxadas. Sobre a cuberta, en cor vermella tamén pero en acabado brillante, está a figura da protagonista. Na contracuberta unha pequena ilustración soporta o código de barras. As composicións do interior son de formato dobre e moi alongadas, amosando o espazo polo que se despreza a protagonista. A técnica empregada é o debuxo a tinta, os trazos están aplicados con variación de tramas para conseguir contrastes de tonalidades. O estilo recorda as ilustracións do século XIX. A combinación de texto e imaxe e imprescindíbel para seguir a narración.

Referencias varias:


Breve nota que dá conta das novidades editoriais que se presentarán no Salón Viñetas desde o Atlántico da Coruña, entre as que se atopa O insólito ascenso de Madame Pôl, de Nicolás Arispe.


Dálle a benvida a dúas bandas deseñadas editadas por Faktokiia: O burato do inferno, dos irmáns Ramón e Xosé Manuel Trigo, unha historia de contrabandistas localizada en A Guarda; e O insólito ascenso de Madame Pôl, a tradución da obra orixinal do ilustrador e narrador arxentino Nicolás Arispe, donde conta disparates que provoca un número de maxia.


Fixase a atención na iniciativa das editoriais Factoría K e Kalandraka “Verán lector. Que calor!”, que promove a lectura a través de suxestións como O insólito ascenso de Madame Pôl, de Nicolás Arispe; Luis vai á praia, de Guy Delisle; e Historias de mestre raposo, de Bruno Heitz, entre outras moitas. Tamén se destaca que ao longo do verán tiveron unha presenza moi activa nas feiras e salóns do libro ou presentacións celebradas en toda a xeografía galega. Entre os títulos achegados ao lectorado infanto-xuvenil a través destas actividades, atópanse O burato do inferno, de Ramón e Xosé Manuel Trigo; Milu, de Manuel Rivas; e Contos para nenos que se dormen de seguida, de Pinto & Chinto.

Baía Edicións, A illa do tesouro segundo a novela de Robert Louis Stevenson (L’Îlle au trésor, d’après la roman de Robert Louis Stevenson, Éditions Philippe Auzou, 2009),
Adaptación infantil do clásico de Robert Louis Stevenson (Edimburgo, 1850-Vailima, Samoa, 1894) que narra as aventuras de Jim Hawkins, un rapaz que vive cos seus pais nunha illada pousada e que soña con realizar emocionantes viaxes por mar. A oportunidade para el virá coa chegada e posterior morte dun enigmático mariñeiro, xa que atopa na habitación do defunto o mapa do capitán Flint. Jim embarcarase na procura da illa do tesouro cunha estranha tripulación da que pronto descubrirá a súa auténtica identidade: piratas. A historia, narrada en terceira persoa por unha voz omnisciente, vén acompañada de dinámicos e coloridos debuxos de Sandrine Gambart, que reflicten o trepidante ritmo e a intriga desta arriscada aventura. A cuberta xa ten unha imaxe significativa dun pirata de aspecto simpático e un neno e ao fondo unha illa. As gardas presentan un barco rumbo a unha pequena illa perdida. Son composicións de dobre páxina que alternan planos xerais con planos dos protagonistas nunhas vivas imaxes de cores intensas e contrastadas. O estilo esquemático presenta uns personaxes expresivos e simpáticos, sen que estea reflectida a fereza dos piratas. A técnica elixida para facer as ilustracións é a pintura e está aplicada con frescura con trazos soltos por enriba das manchas de cor.

Referencias varias:


Recolle a proposta de dúas obras da colección “Grandes Clásicos Adaptados” de Baía Edicións de cara aos agasallos de Nadal: *A illa do tesouro*, segundo a novela de Robert Louis Stevenson; e a adaptación de Virginie Hanna do clásico de Xulio Verne *20.000 leguas baixo dos mares*, ambas as dúas con ilustracións de Sandrine Gambart e tradución de ASLI Santiago SC. Salienta o bo traballo que se está a desenvolver na Literatura infantil galega como alternativa ao ordenador ou á televisión.


Juan Alfonso Belmontes recrea neste conto infantil en terceira persoa a historia do casamento do Galo Pinto, que pretendía a leiteira Xiana. A vaca Gallarda era a que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura voda, a raposa, a única no que facía de medianeira entre o galo presumido e a moza ilusa, que accede finalmente a casar con el. Mentres todo o pobo está contento, contribuíndo como poden coa futura vodo...
escapan ao monte, lonxe daquela disputa e dispostas a esquecer todo. Belmontes fala, no fondo, de homes e mulleres, de sentimentos e de castigos. As ilustracións figurativas son de Natalie Pudalov quen emprega unha técnica mixta, combinando a pintura coa introdución puntual de diversos elementos. Na cuberta e na contracuberta aparecen os personaxes protagonistas, deseñados cunha estilización moi persoal. Tamén están decoradas as gardas e a cuberta cunha grilanda que vai dirixindo a mirada cara a adiante. As figuras imaxinativas e as composicións do interior crean un universo fantástico para describir visualmente a narración deste álbum infantil. As tonalidades que predominan son cálidas e as ilustracións presentan numerosos detalles para deterse durante a súa lectura.

Recensións:


Indícase que Juan Alfonso Belmontes pertence ao colectivo “Légolas”, mediante o que transmite o seu mundo de fantasía aos máis pequenos. Considérase que A voda do gallo Pinto é unha historia de amor un tanto especial, que incita o lectorado a reflexionar sobre os sentimentos encontrados dos personaxes principais. Sinálase que as ilustracións focalizan as metáforas literarias que plasma o autor, facilitando así, dende unha clara perspectiva visual, a lectura aos máis pequenos.

Referencias varias:


Subliña que OQO editora presenta catro libros moi interesantes. D’ A voda do Galo Pinto destaca que, tendo como personaxes principais o Galo Pinto, Xiana e unha raposa, o relato é unha historia de amor, celos, enganos e cobiza. Destaca as ilustracións de Natalie Pudalov, xa que contribúen á caracterización dos personaxes.


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’A voda do Galo Pinto, escrito por Juan Alfonso Belmontes e ilustrado por Natalie Pudalov.


Relato de Marco Berrettoni Carrara (Roma) sobre o tema do autismo narrado en primeira persoa. O protagonista describe os sentimentos que lle provoca a súa irmá Sara, que sempre está silenciosa e encerrada no seu mundo. Reflictense os seus cambios de estado de ánimo, o medo e amor que sente por ela e a relación coa familia,
sublinlando o feito de que é única. As ilustracións que empregan unha técnica mixta con recortes, colaxes, pintura e debuxos con lapis e carbón son de Chiara Carrer (Venecia). A cuberta presenta unha casa na que aparece en pequeno o debuxo da protagonista pechado nun recadro dentro da casa. Nas imaxes do interior xógase coas sombras e as transparencias para reflectir sentimentos da protagonista como o medo, a incerteza, a anguria ou a soledade. O estilo dos debuxos é sinxelo e recorre a imaxes para explicar as cousas e axudar visualmente o texto. A tipografía dos textos varía de tamaño diferenciando as voces dos protagonistas e as cores non están saturadas e presentan harmonías suaves e pouco contrastadas.

Referencias varias:


Reprodúcese nesta sección fixa un fragmento de *Fálame*, escrito por Marco Berretoni Carrara e ilustrado por Chiara Carrer.


Salienta *Fálame*, de Marco Berrettoni Carrara, por pretender que a nenez aprenda a convivir coa enfermidade. Citanse tamén *Na punta do pé*, de Pesdelán; *O tigre que veu tomar o té*, de Judith Kerr; e *Qué fai falta?*, de Gianni Rodari.


Álbum de Quentim Blake que se inicia cunha dedicatoria ao “equipo QB”. Côntase que a señora Loreto ten un abrigo moi especial, cheo de petos dos que saca todo tipo de cousas: paraugas para os días que chove, toallas e traxes de baño por se quenta o sol, barcos, patos e até un elefante, entre outras cousas. Ten tantos petos que non se sabe o que pode sacar deles e sorprender os nenos. O texto, estruturado con frases curtas, acompaña de ilustracións figurativas de Blake, feitas cunha liña expresiva e confusa que achega dinamismo aos personaxes. O estilo caricaturesco que emprega axuda a facer aínda máis grotescas as situacións nas que se ven envoltos os protagonistas do relato. As composicións centranse na figura de Loreto quen, co seu abrigo cheo de petos de cores, é o eixo da narración, a cal necesita das imaxes para facer unha lectura completa, xa que os textos son moi escasos.

Recensións:

Recomenda a publicación da editorial Kalandraka d’Os Petos de Loreto, do autor inglés Quentin Blake. Salienta os procedementos do autor para achegar os máis pequenos á lectura como son as repeticións, as rimas e as enumeracións e a acertada personalidade da figura central do conto, unha estrafalaria muller con respostas para todo que consegue captar a atención dese lectores noveles.

Referencias varias:


Menciona o tradicional anuario da editorial SM para destacar o seu labor e analizar as tendencias máis representativas dos últimos meses. Sintetiza que a produción infantil creceu case un e medio por cento en 2009, unha subida na que, asegura, tivo moita importancia o xénero da fantasía e o de aventuras. Non esquece tampouco aludir á Literatura galega, posto que a súa consolidación e proxección internacional nestes anos non as considera banais. Todo isto permite que conclúa cualificando esta etapa como a “época dourada da pequena literatura”. A seguir, fai referencia ao relato de Quentin Blake, Os petos de Loreto, que presenta un entretido e divertido argumento desbordante de imaxinación.


O labor conxunto de Tim Bowley (Londres, 1945) no texto e Óscar Villán (Ourense, 1972) nas ilustracións dá como resultado a publicación deste volume, subvencionado polo Ministerio de Cultura. Nel recóllense algúns dos contos máis coñecidos do escritor inglés. En “Páxaro de Fogo”, os deseños dun rei provocan que a vida dun nobre mozo quede supeditada á vontade do seu señor. En “A Auga da Vida”, para conseguir chegar ao trono, tres irmáns teñen que atopar a auga milagrosa que curará o seu pai dunha enfermedade fulminante. En “O Rei Oso Branco”, un mozo de moi bo ver é vítima dunha feísima feiticeira, a Raíña Troll, quen o converte en oso para poder conseguir o seu dese xo: casar con el; maña todo, a chegada ás súas vidas dunha bela rapaza fará que os seus destinos cambien de rumbo. “Barbazul” é o relato dun terríbel monstro que come as súas esposas. En “A semente”, a honradez dunha rapaza pobre ábrelle as portas para converterse en raíña. En “Milpeles”, unha moza, tras a morte da súa nai, vese obrigada a contraer matrimonio co seu pai. Paralelamente aos títulos mencionados corren outros: “Fedot”, “Os dous irmáns”, “A Ninfa dá Presa” ou “Pés de pluma”. Aínda que en todos eles se poden ler historias diferentes, o seu transfondo é similar, pois en conxunto presentan unhas mesmas características, xa que son contos do mundo, contos tradicionais, nos que os seus protagonistas, reis e raíñas, principes e princesas, bruxas, adiviños, curandeiros, medios irmáns e medias irmás vingativos, animais personificados.. viñan até lugares marabillosos, irrealis e imaxinativos para vivir as máis insólitas aventuras con final feliz. Contados a partir da voz dun narrador omnisciente que, de cando en vez, dá paso ao diálogo entre os diferentes personaxes, estes sucintos relatos logran adaptarse ao xénero remitido. Acompañase de ilustracións figurativas de Oscar Villán. A ilustración da cuberta é unha das do interior, a que se
corresponde co conto que serve de título ao libro, e presenta un oso cun anel enredado entre as silvas. As composicións de páxina enteira acompañan a cada relato cunha imaxe figurativa que recrea visualmente un aspecto clave da narración. As cores suaves e matizadas son as que predominan.

Recensións:


Comeza referíndose á actividade de Tim Bowley como contacontos e responsábel de obradoiros con seleccións de contos da transmisión oral de diferentes lugares do mundo, convertendo este material en mapas de autocoñecemento e depositario de sabedoría ancestral. Explica que a adaptación de contos de diferentes tradicións e procedencias é o que fai tamén n’O Rei Oso Branco, volume no que conviven as súas propias versións de contos de autores clásicos como Charles Perrault con outros de orixe descoñecida, da tradición celta ou do antigo Exipto. En xeral considera que son textos nos que prima o valor pedagóxico, ao reforzar os personaxes máis débiles e situáus como vencedores grazas ao enxeño e a valores como a humildade, a sagacidade, tenacidade e esforzo, que provocan o intercambio de papeis dos personaxes. Remata aludindo ás ilustracións de Óscar Villán que interpretan as escenas máis representativas de cada conto e imprimen colorido aos textos.

Referencias varias:


Menciona o tradicional anuario da editorial SM para destacar o seu labor e analizar as tendencias máis representativas dos últimos meses. Sintetiza que a producción infantil creceu case un un e medio por cento en 2009, unha subida na que, asegura, tivo moita importancia o xénero da fantasía e o de aventuras. Non esquece tampouco aludir á Literatura galega, posto que a súa consolidación e proxección internacional nestes anos non as considera banais. Todo isto permite que conclúa cualificando esta etapa como a “época dourada da pequena literatura”. Remite ao conxunto de contos fantásticos creados polo londinense Tim Bowley e ilustrados polo galego Óscar Villán: O Rei Oso Branco.


Álbum de Pep Bruno (Barcelona, 1971) que se inicia con dúas dedicatorias: a do autor “Para a familia B” e a da ilustradora “Para Pol, que sempre me fai rir coas súas pallasadas”. Conta a historia dunha familia que adora o circo. Levan unha vida normal, pero todas as súas accións cotiás están envoltas dentro da maxia circense, o que
fai que a rutina do día a día se converta nunha mestura de realidade-irrealidade que todo o alaga. Esta álbum conta con ilustracións de Mariona Cabassa (Barcelona, 1977). Na cuberta aparecen os personaxes protagonistas do libro e as ilustracións están realizadas coa técnica da colaxe, con debuxo a lapis empregando cores moi vivas. Na contratuberta hai ilustración pero non achega datos da historia. O libro ten tapas duras e as gardas son de cor plano sen información. Todo o libro ofrece ilustracións a colaxe que fan un percorrido dun día da familia C. Son a dobre párina e axudan a comprender a breve historia.

Recensións:


Despois de sinalar o importante que é que os álbums non levan a idade especificada para o lectorado ao que se dirixen e que así obrigue ao mediador a recomendar en función da súa dificultade, detense no comentario de dous álbums gañadores de cadanxe premio: Diablote, de Teresa Duran, recoñecido co Apel.l.es Mestres 2002, e A familia C, de Pep Bruno, galardoado co Premio Compostela 2010. Do segundo álbum considera que o texto é dunha sinxeleza extrema e introduce de modo provocador a compoñente plástica da obra, na que Mariona Cabassa combina con mestría a colaxe e as figuras debuxadas, así como a alternancia das posiciones das figuras na dobre párina, cos raiados e espazos baleiros, que provocan un gran dinamismo e contribúen a que o lector volva atrás para comprender porque a familia protagonista é tan peculiar.

Referencias varias:


Reprodúcese nesta sección fixa un fragmento d’A familia C, escrito por Pep Bruno e ilustrado por Mariona Cabassa.


Coméntase o feito de que na sociedade actual se vive nunha permanente tensión e recoméndase, para ver a vida doutro xeito, a lectura do libro A familia C, escrito por Pep Bruno e ilustrado por Mariona Cabassa, gañador do III Premio Internacional Compostela de álbum ilustrado. Afírmase que conta unha historia do circo, un espectáculo compartido pola Familia C, unha familia normal, pero cuxa imaxinación exacerbada fai que se mesture a realidade e a irrealidade na súa vida. Faise referencia a que se utilizou unha técnica mixta na composición das ilustracións conseguido con iso que cobren vida propia. Mencionanse tamén os nomes dos membros do xurado que outorgou o premio (Mercedes Rosón, Xavier Senín, Gustí, D. Pintor, Manuela Rodriguez, J. M. R. Abella e Beatriz Varela).

Faise referencia ao libro de Pep Bruno, *A familia C*, galardoado co Premio Internacional Compostela de álbums ilustrados no que, cun texto breve e espléndidas ilustracións, se narra o día a día dunha familia normal, composta polo pai, a nai e un fillo, os cales se reúnen ao final da xornada para ir xuntos a gozar da súa paixón: o circo, un lugar máxico onde todo é posíbel. Coméntase que se trata dun historia para nenos a partir de seis anos e que se publicou en varias linguas, entre as que se inclúe o galego.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras traducidas, fálase de *A familia C*, de Pep Bruno.


Neste álbum de José Campanari (Bos Aires) Lucas enfróntase aos seus primeiros medos. Polas noites Lucas e o seu amigo Oso teñen moitas aventuras até que un día deciden atrapar o monstro da xerra da auga que todas as noites lles moll a cama. Ese día está todo mollado outra vez e Lucas di a seus pais que os cordóns dos zapatos lle fixeron cóxegas ao oso e mexou por el. Ao final aparecen durmidos na cama e impacientes por ir á escola por primeira vez. O texto é moi breve, xa que se reduce a un par de frases narradas en terceira persoa e cunha linguaxe moi sinxela. As ilustracións para este álbum están feitas por Kristina Andres. Son unhas composicións moi dinámicas nas que as fantasías do protagonista se fan realidade e as imaxes reflicten os conflitos de Lucas mesturando os soños coa realidade. A técnica empregada é a tinta para debuxar as figuras e as manchas de cor con acuarelas. As cores son suaves e harmoniosas.

Recensións:


Coméntase o argumento de *Lucas e Oso*, de José Campanari, e menciónase que reflicte un problema que afecta a boa parte da nenez: non poder controlar a urina, incontinencia que aumenta en relación co primeiro día de colexio e que pode superarse grazas ao papel tranquilizador dos pais. Opínase respecto ás ilustracións de Kristina Andrés que contribúen á mensaxe de valentía, ao mesmo tempo que os coidados detalles atraen con forza a atención dos nenos.

Referencias varias:

Detense en catro publicacións infantís sacadas ao mercado pola editora OQO: *Lucas e o Oso, A vella Lulula, Taller de corazóns e A caixa dos recordos*. Do primeiro eloxia a naturalidade do autor para tratar un motivo tan habitual nos nenos: facerse pis na cama.


A obra comeza co apartado “Sobre a autora”, un prólogo cun breve perfil biobibliográfico sobre Dorothy Canfield Fisher (1879-1958), onde se recomenda que os pais informen os seus fillos sobre este clásico antes da súa lectura, xa que se inscribe no método Montessori, unha alternativa educacional centenaria baseada na aprendizaxe individual e progresiva. A seguir, en once capítulos, preséntase a historia de Elizabeth Ann, unha orfa de nove anos que debe facer fronte a un cambio na súa vida cando ten que deixar a cidade, onde reside sobreprotexi da polas súas tíes, para trasladarse á granxa de Vermont xunto a uns primos aos que non coñece e nun contexto totalmente hostil para unha persoa que nunca fixera nada por si mesma. A vida rural resulta ser unha continua aprendizaxe para a pequena, chea de retos que, pouco a pouco, a irán convertendo nunha neniña forte e autosuficiente. A compoñente didáctica está presente ao longo de todo o conto e xa é perceptíbel nas primeiras liñas cando, ás veces, a voz narrativa cambia a terceira persoa para dirixirse ao lector empregando as apelacións en segunda persoa, o que propicia a reflexión e contribúe de maneira directa á súa finalidade didáctica. A ilustración de Isaac Suicasas da cuberta representa a protagonista da maneira en que comeza a viaxe relatada na historia. Trátase dunha ilustración realista que describe o vagón do tren no que se encontra a protagonista. No interior atópanse pequenos detalles, ilustracións a media páxina e a páxina completa, todas en cor verde realizadas a lapis e ordenador, que mostran accións claves do relato.


Conxunto de cinco relatos que recrean literariamente un cadro do pintor Diego Velázquez. Ten na cuberta un fragmento dunha pintura de Velázquez e no interior, servindo de inicio a cada conto, hai unha obra deste autor que serve de pretexto aos autores dos textos para facer as súas historias. Péchase o volume cunha breve nota bibliográfica de cada un dos escritores. Os relatos que contén son:


Nesta historia de Eliacer Cansino (Sevilla, 1954), Xonás conta en primeira persoa a vida dun grupo de mozos: Antonio, Marta, Zulema, o Indio e el mesmo. Antonio quere ser pintor e cre que Velázquez pode ser a solución aos seus problemas. Un día durante unha discusión entre os amigos Antonio golpea o Indio deixándoo grave. Cando a policía chega á súa casa para prendelo está pintando *O vendedor de auga de Sevilla*, de Velázquez.
Este relato de Joan Manuel Gisbert (Barcelona, 1949) consta de doce apartados breves, nos que un narrador omnisciente en terceira persoa descriptirá como un enigmático personaxe, Ignacio Sobradiel, lle pide a unha reputada copista, Mercedes Cambra, que copie para el unha sibila de Velázquez. Ao rematala, Mercedes entenderá as razóns que levaron a esa encomenda.

- Xosé A. Neira Cruz, “Os fíos dunha historia”, pp. 75-91.

Neste texto de Xosé A. Neira Cruz (Santiago de Compostela, 1968), unha primeira persoa conta como recibe a encarga de escribir un conto baseado en Velázquez, pero non ten inspiración. Unha amiga, Candela, suxirelle que o gato de *As filandeiras* de Velázquez é igual que Marús, o gato da avoa, quen lle relata a verdadeira historia de Chinto, un antepasado do gato, que lle servirá de asunto para o seu conto.


O neno protagonista desta historia de Daniel Nesquens (Zaragoza, 1967) relata en primeira persoa como a tía Olimpia lle revela que o seu estraño nome se debe ao retrato do Papa Inocencio X feito por Velázquez, que viran cando estaban en Italia, despois da morte dos seus pais.

- Xavier P. Docampo, “Retrato dun home que se parecía a Esopo”, pp. 117-137.

A través dun narrador omnisciente en terceira persoa, neste relato de Xavier P. Docampo (Rábade, Lugo, 1946) cóntase como Velázquez contrata un vagabundo para que lle sirva de modelo. Os seus interesantes e transcendentais comentarios filosóficos levan a Velázquez a pensar que o vagabundo é en realidade Esopo.

**Recensións:**


Comentario de cada unha das historias que forman parte de *Cinco contos sobre Velázquez*, volume no que se reúnen “As mans transparentes”, de Eliacer Cansino, inspirado no cadro *O augador de Sevilla* e no que se trata a temática da degradación; “Os soños da Sibila”, de Joan Manuel Gisbert, no que recrea este personaxe pero de forma desaliñada e con poderes premonitorios; “Os fíos dunha historia”, de Xosé Antonio Neira Cruz, inspirado en *As filandeiras* e no que fala de cuestións do presente, pasado e futuro; “Retrato dun home que se parecía a Esopo”, de Xabier P. Docampo, do que se destaca o diálogo entre o artista e o personaxe para dar a coñecer a realidade da época; e, por último, o conto de Daniel Nesquens, do que se salienta o paralelismo entre a vida de Inocencio, inspirado no *Retrato do Papa Inocencio X*, e a de Velázquez, especialmente pola relevancia da viaxe a Italia nos dous casos. Sublinanse de todos eles o
xogo da palabra como representación simbólica da gradación que o pintor lle imprimiu á luz das súas obras, ademais do poder evocador dos textos e a interrelación de planos.


Novela de Maite Carranza (Barcelona, 1958) que se afasta radicalmente dos seus rexistros anteriores (costumismo humorístico, aventuras, amor e misterio e fantasía) para se mergullar nunha temática realista que trae á memoria experiencias recentes de desaparicións e secuestros prolongados no tempo, como o da austríaca Natascha Kampusch. Carranza aborda os abusos sexuais, o secuestro e o maltrato de xénero e faino reconstruíndo o caso de Bárbara Molina, desaparecida hai catro anos, cando tiña quince, e cuxo cadáver nunca apareceu. A través da técnica elixida para contar a historia, en clave de intenso thriller policial que transcurre nun só día, apóstase pola narración retrospectiva na voz de catro personaxes en capítulos alternos. Isto obriga a un complexo encaixe de perspectivas no que cómpre calibrar o grao de reiteración e dosificación de pistas para que o lectorado constrúa a súa propia versión do acontecido. Deste xeito, o inspector Lozano recompila o labor policial, ao que achega a frustración obsesiva, persoal e profesional, por non resolver o caso antes de se xubilar. Nuria Solís ilustra a desolación dunha nai que non soubo ver nin reaccionar a tempo e renunciou ás súas illusións. Eva Carrasco ofrece os detalles ocultos dos comportamentos adolescentes, aos que engade os remorsos persoais e a transformación sufrida pola súa amiga. O máis difícil irrompe coa presenza do relato en primeira persoa da propia Bárbara dende o zulo, para debullar a súa agonante vida cotiá sen saída e os duros acontecementos previos ao secuestro. Carranza resolve o reto de plasmar os complexos sentimentos de Bárbara, dende a súa perda de autoestima, á culpabilidade, a angustia, a soledade e o medo á morte. A intensidade da historia mantense até a última páxina, non en van, estamos perante a crónica dun día no que o caso se reactiva tras catro anos sen avances, e arrastra a barallar diferentes culpábeis. Salienta tamén que a narración non elude escenas duras, acordes co tema, aínda que non cae na morbosidade, de aí que a editorial recomende a novela a partir dos dezaseis anos. Só ten ilustrada a cuberta dunha fotografía de Jupiter Images Corp. A imaxe dunha rapaza que se tapa o rostro con as mans e o título adiantan unha historia de mentiras e desesperación.

**Recensións:**


Comentario centrado na novela Palabras envelenadas, de Maite Carranza, Premio Edèb 2010 na súa modalidade xuvenil. Apúntase a destacada traxectoria da autora, mencionando o éxito da súa triloxía “A guerra das bruxas” (2005-2007) e o cambio de rexistro que supón esta nova creación, pois abandona o mundo da fantasía e aposta por unha temática realista de gran crueza: os abusos sexuais, o secuestro e o maltrato de xénero. Saliéntase a técnica elixida para contar a historia, en clave de thriller policial e a
através da voz de catro personaxes principais: o inspector Lozano, Nuria Solís, Eva Carrasco e a propia secuestrada, Bárbara Molina, dende o zulo no que está encerrada. Coméntase así mesmo que a intensidade da historia se mantén até a última páxina e que a narración non elude escenas duras, aínda que non cae na morbosidade.


Cualifica *Palabras envelenadas*, de Maite Carranza, de historia valente por amosar o compromiso da autora coa sociedade ao abordar o tema dos abusos sexuais a menores. Salienta a sensación de verosimilitude da historia e o tratamento literario dos feitos, envoltos nun misterio que se mantén e que se resolve no intre de máxima tensión. Resume a trama e comenta que achega a perspectiva de distintos personaxes dende a terceira persoa omnisciente mais a visión directa da protagonista, Bárbara Molina, co cal consegue aumentar o grao de implicación do lector coa historia.

**Referencias varias:**


Breve conversa con Maite Carranza con motivo da presentación en Santiago de *Palabras envelenadas*, novela coa que acadou o Premio Edebé de Literatura Xuvenil. Nas súas respostas, Carranza sinala que os casos acontecidos en Estados Unidos e Austria lle permitiron coñecer detalles sobre a monstruosidade dos abusos e o acoso infantil, e que a literatura debe entreter e transmitir emocións.


Dá conta da presentación en Santiago de Compostela de *Palabras envelenadas*, de Maite Carranza. Recolle algunhas das ideas reiteradas pola autora, como a súa intención de romper o tabú sobre o maltrato infantil e darlle visibilidade, a súa inspiración en casos reais como o de Natasha Kampush ou Elisabeth Fritzl, o perfil deste tipo de abusos, que adoitan basearse no silencio, a hipocrisía social e o engano dos maltratadores e o reto que supuxo enfrentarse por primeira vez a unha novela policial. Ademais, inclúe un extracto da presentación de Xavier Senín, que se encargou de perfilar a traxectoria de Maite Carranza, que sempre “foxe do didactismo e do politicamente correcto”.


Comenta que *Palabras envelenadas*, de Maite Carranza, se presentou en Santiago coincidindo case coa celebración, o 25 de novembro, do Día internacional para a eliminación da violencia contra as mulleres, e que a novela aborda precisamente esa temática reflectindo o abuso exercido contra unha adolescente. Indica que o público que asistiu ao acto estaba composto por alumnos e alumnas que escoitaron detalles sobre a xestación do libro, a documentación e diversas entrevistas que a autora mantivo con vítimas, moitas delas invisíbeis.
Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras traducidas, noméase *Palabras envelenadas*, de Maite Carranza.


Relato da escritora italiana Anna Castagnoli (Versalles, 1971), no que a protagonista é unha nena que ten unha caixa cunha bóla, pedras, un rotulador, un paxaro, unha pulseira, migallas de pan e un Ollo de Tigre. Como non quere os recordos que están dentro, decide tirar a bóla pola rúa e as pedras na praia; pinta follas co rotulador de punta fina; regálalle a Rita o Ollo de Tigre; bota as migallas á fonte para que as coman os peixiños; pon o paxaro no estante preto da ventá; e vende a pulseira, polo que co diñeiro que consegue compra cola para pegar a estrela rota á tapa. A bóla chegou a un neno no seu aniversario, as follas chegaron ao país das árbores rosas e unha mañá de verán o paxaro xa non estaba. O relato está narrado en primeira persoa e presenta unha linguaxe sinxela. Con el a nenez pode aprender que o valor dun obxecto depende da carga afectiva que se lle atribúe. As ilustracións son de Isabelle Arenault (Montreal, 1978). O deseño da cuberta presenta unha caixa da que saen diferentes obxectos e, ao despregar a cuberta, vese a protagonista desta historia ollando para a caixa. As gardas están decoradas con formas de cor vermella. A técnica empregada é a da acuarela e lapis sobre papel e tamén se pegan formas recortadas e pintadas. As cores son suaves, alternanse páxinas de cores frias con páxinas de cores cálidas. O estilo figurativo achega moita información sobre os lugares por onde pasa a protagonista e as cousas que vai recollendo. Aínda que a lectura visual é moi completa, é necesario o texto para comprender a narración.

**Recensións:**


Coméntase que *A Caixa dos recordos*, de Anna Castagnoli e Isabelle Arsenault, recolle emocións, sentido de xustiza e solidariedade. Sobre a nena protagonista cóntase que tras abrirla a caixa enumera o seu contido para logo liberalo. Opínase que se desprender dos bens materiais é como unha liberación e implica unha aprendizaxe vital: os valores universais permanecen e a percepción da realidade muda. Salíéntase que os recordos contribúen a definir trazos da personalidade e permiten madurar. Finalmente, afirmase que as imaxes evocan tamén o paso do material ao espiritual.

**Referencias varias:**

Tras describir brevemente o argumento da historia e o labor da escritora e da ilustradora, reproducécese un fragmento d’*A caixa dos recordos*.

- Romina Bal, “Mira para as estrelas alá no alto e moi atento a elas”, *Galicia Hoxe*, “*Lecer*”, n.º 825, “*Cativadas*”, 15 agosto 2010, p. 11.

Detense en catro publicacións infantís sacadas ao mercado pola editora OQO: *A caixa dos recordos*, *Lucas e o Oso*, *A vella Lulula* e *Taller de corazóns*. Do primeiro destaca a capacidade dos personaxes para demostrar que nun obxecto aparentemente trivial se pode esconder un gran tesouro.


Rosa Fuentes é a encargada de levar a cabo o proxecto de adaptación e ilustración deste conto de Charles Dickens (Portsmouth, Inglaterra, 1812-Gads Hill Place, Inglaterra, 1870), dándolle un xiro a este clásico da literatura universal que, manténdose fiel ao orixinal, introduce un toque de orixinalidade trasladando ao señor Scrooge ao vórtice do século XXI. Por outra banda, a adaptadora matiza a ironía e simplifica as longas descricions características do autor británico, asimilando o texto ás capacidades lectoras propias do lectorado aguardado. Ambas modificacións, a sinxeleza e claridade na mensaxe transmitida, así como a contextualización da obra nunha contorna fácilmente reconcíbel pola cativada, axuda á comprensión do texto. Cómpre destacar que as modificacións introducidas no relativo ao espazo e ao tempo non supoñen grandes mutacións nos diálogos e nas escenas descritas no orixinal, que son mantidas praticamente na súa totalidade. Deste xeito, consérvese a esencia do tradicional ao tempo que se abordan temáticas máis actuais coma son a inmigración, o consumismo, a intolerancia, etc. Finalmente, grazas ás ilustracións creadas por Rosa Fuentes nesta revisión do conto de Dickens, apréciase que está contextualizado na época actual. Trátase dunha edición coidada, con tapas duras, gardas con debuxo alusivo ao tema económico e papel de calidade. Na cuberta unha imaxe do protagonista voando entre estrelas de Nadal situúa a narración e as imaxes do interior son de páxina enteira e de dobre páxina con composicións variadas que cobran sentido coa lectura dos textos. A técnica empregada é o debuxo con aplicación de tintas de cor con pinceladas de acuarela e o estilo esquemático e parco en detalles é suficientemente expreso.


Relato de Teresa Duran (Barcelona, 1948) que reflicte a capacidade de resolver problemas usando imaxinación, enxeño e cousas sinxelas. Cóntase en terceira persoa como a bruxa Cacapodrida non pode voar porque ten problemas coa súa vasoira. Cada
día da semana tenta na casa facer unha vasoira nova, mais non para de mancarse aínda que sempre dun xeito moi divertido. Ao final non logra o obxectivo, mais polo menos logra non mancarse tras facer unha vasoira sinxela. Este álbum de tapas flexíbeis conta con ilustracións figurativas de Teresa Martí. A bruxa ten un deseño xeométrico conformado con planos de distintas cores. As composicións son moi dinámicas e contrastadas, xa que os grises do fondo opóñense ás cores saturadas da bruxa. As imaxes complementan os textos e presentan unha protagonista simpática á cal lle ocorren distintas peripecias coas vasoiras.

**Referencias varias:**


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’*A vasoira da bruxa*, escrito por Teresa Duran e ilustrado por Teresa Martí.


Conxunto de microrrelatos e poemas de María José Ferrada Lefenda (Chile, 1977), nos que se achega unha compoñente artística, imaxinativa e poética. Componse de breves relatos nos que os protagonistas das diversas historias, María, Sara, Juan, Rodrigo, Antonio e Carolina, son igualmente os seus narradores. Todos se coñecen e comparten as súas historias, construindo así un mundo ficcional, persoal e marabilloso, que brota das súas mentes. Os textos son as experiencias infantís deste grupo de rapaces, que idean e debuxan un mundo propio, o do seu pensamento. Na narración emprégase a fórmula do conto tradicional, que Ferrada Lefenda alterna con poemas que continúan a liña xeral da historia, achegando un punto de quietude e sosego ao ritmo do relato. Esta edición coidada, de tapa dura e papel satinado conta cunhas ilustracións figurativas de Nicolai Troshinsky (Moscú, 1985). Na cuberta aparecen as siluetas de cinco persoas recortadas en diferentes papeis observando unha flor. Ao principio, xunto á descripción textual dos protagonistas, aparecen as siluetas recortadas dos protagonistas, cada un cun papel que ten que ver coa súa personalidade: a bailarina nun papel de curvas, a debuxante nun papel estampado, o músico nunha partitura, o inventor nun papel con esquemas técnicos, etc. Conforme van imaxinando o seu mundo, as cousas aparecen en imaxes recortadas nos diferentes papeis. Os textos poéticos aparecen ao pé das ilustracións cunha estética moi coidada, con cores suaves e delicadas. A colaxe é a técnica utilizada nestas composicións feitas con figuras recostadas en papeis de diferentes cores e texturas.

**Recensións:**

Refírese ao labor literario e ilustrativo de Mª José Ferrada Lefenda e Nicolai Troshinsky recollido n’Un mundo raro como un conxunto de microrrelatos e poemas nos que seis cativos (María, Sara, Xoán, Rodrigo, Antía e Catarina) crean un mundo segundo as súas circunstancias vitais. Enumera, ademais, algunhas das características representativas do libro: a combinación do elemento irreal co real e do onírico co empírico e a estrutura flexíbel da narración, pois o fío argumental non é lineal, senón que as digresións son unha constante nesta contribución ao xénero.


Sinálase a mestura entre poesía e narrativa elixida pola autora para describir Un mundo raro, un mundo no que domina a imaxinación, ademais da inocencia das mentes dos más pequenos. Coméntase que o mundo debuxado podería ser calquera, debido á inexistencia de referenciais espacio-temporais na obra. Afirmase que o único que se conoce co seguridade son os nomes dos protagonistas (María, Sara, Xoán, Antía, Rodrigo e Catarina), compañeiros de xogos e moi bos amigos. Saliéntase que cada un deles compón o seu mundo a partir da súa imaxinación, facultade que se recomenda explotar a todas as persoas. Tamén se destaca que a poesía e o microrrelato teñen o seu lugar nesta obra e que non resulta unha lectura tan doada para os pequenos. Indícase que, de poder clasificar as obras infantís entre obras propiamente literarias e obras de divertimento, esta pertencería ao primeiro grupo.

Referencias varias:


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’Un mundo raro, escrito por María José Ferrada Lefenda e ilustrado por Nicolai Troshinsky.


Novela fantástica de Cornelia Funke (Dorsten-Alemaña, 1958) que constitúe a primeira entrega dunha pentaloxía sobre contos europeos de transmisión oral do século XIX. Funke emprega o tópico do manuscrito atopado, a fórmula literaria do espello, a intertextualidade e a imaxinación desbordante para crear o universo literario de
Reckless. Carne de pedra. Bota man dos contos de transmisión oral ao recuperar a fórmula inicial típica destes, “Había unha vez”, para comezar o primeiro capítulo da novela, e a fórmula final, “E foron felices”, no último capítulo. A influencia dos contos de transmisión oral tamén está presente na escolha do nome e parentesco entre os personaxes protagonistas, os irmáns Jacob e Will Reckless, como homenaxe aos irmáns Grimm, recompiladores destes contos. Outras influencias aprécianse a nivel lírico do léxico empregado por Funke que bebe de Astrid Lindgren e Charles Perrault, ademais das aventuras vividas por Alicia nas obras de Lewis Carroll. A autora alemá reescribe nesta novela os contos da transmisión oral, principalmente os de fadas, a través da subversión dos roles tradicionais que desenvolvían os personaxes malvados para facer reparar ao lectorado nunha nova realidade, marcada polo medo, que resulta a un tempo descoñecido e atraínte. Jacob é o irmán maior e debátese entre o medo que lle causa ver como é realmente e o profundo_sentimento de culpabilidade que sente por ter abandonado o irmán pequeno Will para fuxir cara a unha nova realidade que se agocha tras o espello e así mesmo por cometer un erro que ten graves consecuencias para o irmán pequeno. Esta dualidade ben/mal tamén se amosa na actitude negativa e desesperada de Jacob ao ver que Will se vai transformando en “carne de pedra” por mor do xade, o que provoca que a dureza se apodere do corazón de Jacob. Ambos os dous irmáns orfos mÓvense entre o tenebrismo e a luz que está presente nas dúas realidades nas que viven: o mundo real e o mundo fantástico que aparece ao traspasar o espello. Esta nova realidade resulta inquietante mais vainos envolvendo e atrapando. A dualidade tamén se reflicte no comportamento doutros personaxes tomados tamén dos contos da transmisión oral caso dos ananos, bruxas, fadas, Barbazul, Lorelay, Rapunzel, e na escolha de Cornelia Funke de distintos elementos que simbolizan o ben e o mal: a espiña dunha rosa, un bico que permite espertar e a casa de Hansel e Gretel, entre outros. Esta novela conta cun narrador omnisciente mais en momentos climáticos da historia pasa a ser a conciencia de Jacob, se ben ao comezo semella ser a voz do pai morto que, ao descubrir os perigos que se viven ao cruzar o espello, o oculta no seu despacho, fóra da vista da súa familia. As ilustracións da propia autora avanzan, xa na cuberta, un ambiente barroco e misterioso. A cara verde da imaxe é unha cuestión principal na novela, xa que, ao protagonista, se lle transforma en xade a súa pel. As ilustracións do interior son debuxos en branco e negro, feitos con lapis. A disposición das ilustracións é sempre a mesma: un debuxo de páxina enteira para introducir cada capítulo, que ten un recadro branco no medio co seu título e as súas primeiras oracións. O estilo figurativo empregado é naturalista e achega moita información visual sobre a época na que se enmarca a narración, as roupas dos protagonistas, as paisaxes, os personaxes fantásticos que aparecen e teñen un papel significativo no desenvolvemento da trama, etc. O detalle co que están feitos os debuxos enriquece a lectura desta novela.

Recensións:


Comeza destacando a felicidade da autora ao presentar a súa última novela en doce linguas, entre elas o galego, linguá que está traducida Os irmáns corazón de León, de Astrid Lindgren. Destaca que Funke tira a concepción das súas obras de Lindgren e que realiza un traballo de investigación etnográfica seguindo os preceptos da “Naturpoesie”
da literatura tradicional que rescataron os irmáns Grimm. Apunta que esta novela, tomando moitos elementos biográficos dos irmáns Grimm, os converte nos Reckless. Salienta o alto lirismo da linguaxe na edición orixinal e na tradución galega. Resume brevemente o argumento e indica a intertextualidade dos personaxes e outros elementos. Remata recomendándoa como galano de Nadal.

Referencias varias:


Comeza sinalando que a crítica literaria e profesora da Universidade de Kingston, Norma Clarke, no suplemento de The Times do 10 de setembro destacou a importancia da Literatura infantil e xuvenil no mundo e o estudo que se realiza dela na universidade. A seguir, apunta que esta profesora analiza Children’s Literature and Social Change, de Dennis Butts e que salienta de Reckless. Carne de pedra a rigorosa tradución de María Xesús Bello Rivas. Indica que a autora alemá emprega o símbolo do espello “como metáfora de entrada a un novo mundo”, como “un espazo que atrae e aterra á vez”, mais co que toda a xente soña nalgún momento. Destaca o labor ilustrativo da propia autora e a coordinación do lanzamento editorial simultaneamente en doce linguas, no que estivo presente Edicións Xerais de Galicia.


Sección fixa nos suplementos na que se descreben varias obras do sistema literario galego, caso da tradución ao galego de Reckless, de Cornelia Funke; Treze ensaios sobre Pessoa, de Carlos Taibo; Os libros prestados, de Xavier López López; e Xuvia-Neda, de Vicente Araguas.


Entre as impresións xurdidas a raíz da súa participación no Líber de Barcelona e na Feira do Libro de Frankfurt, indica que na feira alemá observou que os libros impresos conviven cos dixitais, aínda que ambos os dous articulan “cadeas de valor e comercialización diferentes”, características que serán a tónica predominante na edición nos próximos anos. Entre outros títulos, salienta que os asistentes á Feira de Frankfurt quedaron “abraiados” ante a “ficción gótica de calidade” das novelas que escribe Cornelia Funke e alude a que están sendo transvasadas ao galego.


Dáse conta das variadas novidades que saen do prelo en galego. No caso da Literatura infantil e xuvenil, destacase que as versións en galego de best-sellers como este de Cornelia Funke non se retrasen respecto a outras.
Conversa con Cornelia Funke por mor da publicación da primeira entrega dunha pentaloxía sobre os contos da transmisión oral europea do século XIX. Explica que o seu interese polos contos galegos, que ocuparán un lugar destacado na cuarta entrega, se debe a que lle escribiron uns nenos galegos contándolle que as súas meigas son moi “terroríficas” e lle dixeron que viaxara a Galicia para coñecelas, viaxe que pensa facer para documentarse sobre todos os contos das distintas “regiones” de España. Así mesmo, indica que tivo contacto coa nenez española hai dous anos na Feira do Libro de Madrid e descubriu que entenden “muy bien la poesía y el lado fantástico de la realidad”. Considera “un piropo” que a chamen a “J. K. Rowling alemá” e, respecto á nenez actual, afirma que é agora máis inocente e que sabe menos da vida. Precisa que os contos de fadas poden ser moi “reaccionarios” e que a inspirou o universo dos irmáns Grimm, aínda que recoñece que os lles dan a algúns temas, así como entende o medo como un elemento “clave de la vida”. Precisa que o recurso do espello serve en Reckless de entrada a “un reino oscuro”, onde se produce un maleficio. Recolle que, aínda que se segue a considerar a Literatura infantil e xuvenil como “un género menor”, Funke pensa que é “máis divertida” e que seguirá escribindo para a nenez porque ao mesmo tempo tamén o fai para os adultos que lle len os contos en alta voz e porque lle encanta que aos máis pequenos só lles interesa que os atrape a historia, non quen sexa o seu autor.

Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras traducidas, noméase Reckless. Carne de pedra, de Cornelia Funke.


Álbum de Mikel Gurrutxaga (Amezketa, Guipúzcoa, 1972) no que se conta en primeira persoa como unha nena chamada Isabel fala do seu amigo imaxinario, Álex, que a acompaña sempre. Primeiro na casa de campo, na que vivía con seus pais, e despois na cidade, a onde se muda coa familia e onde non se atopaba tan cómoda. Alex convértense, polo tanto, nese bo amigo que ela non tiña debido, en parte, aos cambios de residencia da súa familia. Conta con ilustracións de Maite Gurrutxaga. Xa na cuberta aparece a imaxe dos protagonistas: o monstro, nun debuxo, e a nena e a presenza da man que o debuxa. As ilustracións do interior, a dobre páxina, xogan nas composicións con enfoques moi diferentes que semellan cambios de punto de vista propios dunha linguaxe cinematográfica: primeiros planos centrados no rostro de Isabel, panorámicas do campo onde xogan a nena e o monstro, picados focalizando os protagonista… As cores suaves empregadas achegan sensacións amábeis e de proximidade. O deseño do monstro
protagonista presenta una figura amigábel conseguida con trazos delicados con liñas a lapis. As ilustracións ao comezo do libro amosan o mostro incompleto como querendo sublinhar a súa inexistencia e pouco a pouco vano definido até que ao final, nas últimas páxinas, só aparecen escenas nas que a nena está integrada cos novos amigos.

**Recensións:**


Sinálase o motivo do amigo imaxinario, moi estudado pola psicoloxía, coma principal desencadeante da fábula. Cóntase que Isabel, a rapaza protagonista, é quen narra en primeira persoa a súa historia. Dáse conta do interesante que é a obra dende un punto de vista pedagóxico e da posibilidade de aproveitalo nas aulas con este fin. Destácase tamén o premio recibido pola obra, Etxepare ao mellor proxecto para a creación dun álbum infantil, ademais da calidade das ilustracións.

**Referencias varias:**


Dáse conta de que en tempos do Samain, sae do prelo *O meu amigo Álex*, gañador da IV Bolsa Etxepare 2010 ao mellor proxecto para a creación dun álbum infantil en euscaro. Refírese tamén a *Qué bonito é Panamá!* e á reedición de *A qué sabe a lúa* (1999).


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’*O meu amigo Álex*, escrito por Mikel Gurrutxaga e ilustrado por Maite Gurrutxaga.


Conto de Virginie Hanna a partir da novela de Jules Verne, *20.000 leguas baixo os mares*, no que a traballa dun narrador en terceira persoa se contan as aventuras do Nautilus, onde hai de todo e viven moi ben. En 1866 algo comeza a provocar naufraxios inexplicábeis. Unha expedición dirixida polo capitán Farragut parte para acabar coa besta a bordo da fragata americana Abraham Lincoln. En París, o profesor Pierre Aronnax segue este apaixonante misterio dende o comezo, até que lle propoñen que se una á tripulación. Un bo día descobren que esa cousa non era unha criatura animal, como pensaban, senón que era un submarino que fai que a fragata naufrague. Oito homes recollen os náufragos do Abraham Lincoln para facelos entrar ao Nautilus, onde o capitán Nemo os agarda cos brazos abertos. Ao mesmo tempo que se marabillan das
aventuras que viven, teñen ganas de volver coas súas familias. Polbos xigantes atacan ao submarino, pero Nemo consegue gañar a batalla. Os integrantes da fragata que se atopaban no Nautilus queren fuxir xa, e despois de navegar vinte mil leguas, preparan unha inminente fuga, pero afunden nunha barca intentando escapar. De súpeto, espertan xuntos nunha cabana de pescadores das illas Lofoden. Conclúe así unha viaxe alucinante e incríbel. Acompáñase das ilustracións de Sandrine Gambart. A cuberta xa ten unha imaxe significativa cun mariñeiro atacado por un polbo xigante. As gardas representan algas do fondo mariño. Son composicións de dobre páxina que alternan planos xerais con planos dos protagonistas nunhas imaxes dinámicas. O estilo esquemático presenta uns personaxes expresivos e simpáticos e as cores son intensas e contrastadas. A técnica elixida para facer as ilustracións é a pintura e está aplicada con frescura con trazos soltos por riba das manchas de cor.

Referencias varias:


Recolle a proposta de dúas obras da colección “Grandes Clásicos Adaptados” de Baía Edicións de cara aos agasallos de Nadal: a adaptación de Virginie Hanna do clásico de Xulio Verne, 20.000 leguas bajo los mares, e A illa do tesouro, segundo a novela de Robert Louis Stevenson, ambas as dúas con ilustracións de Sandrine Gambart e tradución de ASLI Santiago SC. Salienta o bo traballo que se está a desenvolver na Literatura infantil galega como alternativa ao ordenador ou á televisión.


Relato de Janosh, pseudónimo de Horst Ecker (Hindengurb, Alemaña, 1931) que viu a luz en 2001 na colección “Seteleguas” (descrito no Informe correspondente) e que se reedita en 2010 en “Tras os montes”, xa adaptado á normativa do galego do ano 2003 e nun formato algo maior modificando a ilustración da cuberta. Nela pode observarse un pequeno oso e un pequeno tigre camiñando na procura de Panamá, mentres que na anterior edición a parella protagonista aparecía estática e de fronte cunha expresión de gran ledicia, ao mesmo tempo que se manifestaba unha maior complicidade entre eles ao aparecer abrazados. Esa mesma ilustración reproducíase tamén na primeira páxina, mentres que na edición de 2010 se optou por outra diferente, na que se atopan os dous animais colocando un cartel indicador da dirección a seguir cara ao país panameño. A continuación, obsérvase que a edición inserida na colección “Tras os montes” non aparece numerada fronte á anterior que ocupaba corenta e oito páxinas. Con respecto ao texto, salienta que o novo formato permite que se dispoña nun menor numero de liñas. Por unha banda, cámbianse algúns signos de puntuación, termos (“cheiraba” por “ulía”) e mesmo frases enteras. Por outra banda, engádense adverbios ou interxeccións, por exemplo, así como algunhas frases introdutorias da acción. Estas últimas, xunto a outras oracións xa recollidas na edición de 2001, aparecen en gris en contraposición á cor negra utilizada no resto do texto, do mesmo xeito que o subtítulo (“A historia de como tigre pequeno e oso pequeno foron a Panamá”), tamén presente con anterioridade. O
emprego de dúas cores de tinta para desdobrar con distintos graos de omnisciencia a voz narrativa achega un ton máis crítico e reflexivo ás accións da parella protagonista. O narrador diríxese alternativamente aos protagonistas e ao lectorado implícito nesas intervencións, entre as que salienta a que pecha o relato a modo de balance da experiencia, última das novidades presentadas nesta edición. As ilustracións figurativas están realizadas polo mesmo autor do texto. A técnica empregada é a tinta iluminada por manchas de cor con acuarela e as ilustracións correspondense con algunha escena significativa do texto. Presentan uns animais figurativos pero que adoptan actitudes antropomórficas: levan chapeu, empregan ferramentas e viven en casas.

Referencias varias:


Dáse conta de que en tempos do Samaín, sae do prelo Què bonito é Panamá!, na que uns animais, tigre e oso, exaltan a amizade. Refirese tamén a O meu amigo Álex e A que sabe a lúa (1999).


Conto de Judith Kerr (Berlín, 1923) “Para Tacy e Matty” no que, a través dun narrador en terceira persoa, se transmite a historia da visita que reciben Sofía e súa nai mentres toman un té na cociña. Un tigre peta na porta declarándose morto de fame e, amabelmente, convidan a un té, pero devora non só a comida da casa, senón toda a bebida e até a auga das tubaxes. Cando chega o pai para cear, elas contíñelle o sucedido e el invítan a unha cea nun restaurante. Ao día seguinte, Sofía e súa nai van facer a compra e non se esquecen dunha lata enorme de comida para tigres, por se volve aparecer, aínda que isto nunca ocorre. Este relato surrealista conta dunha estrutura dialogada e segue un esquema repetitivo, empregando un vocabulario do eido da alimentación e do fogar. A narrativa textual completase cunhas ilustracións que ocupan páxinas enteras, dobran e tamén comparten espaços com textos, que sitúan as escenas nun ambiente caseiro e que amosan detalles dunha casa cun aspecto moi normal, con obxectos cotiás onde destaca a presenza do tigre. O animal, que está representado cun estilo figurativo realista, comparte coas protagonistas o interior dun fogar.

Referencias varias:


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’O tigre que veo tomar o té, escrito e ilustrado por Judith Kerr.

Cualificase O tigre que veu tomar o té, de Judith Kerr, como “un dos libros máis populares, valorados e vendidos das últimas décadas en numerosos países”. Citanse tamén Na punta do pó, de Pesdelán; Fálame, de Marco Berrettoni Carrara; e Qué fai falta?, de Gianni Rodari.


Álbum ilustrado de An Leysen que ten como protagonista a Tanneke, unha bruxa de verdade, con roupa, pelo e sombreiro de bruxa que fai todo o que elas fan: feitizos, pocións máxicas e voar cunha vasoiña. Pero Tanneke soña con moitas outras cousas, como son carrozas douradas, castelos no aire, vestidos de festa e príncipes con coroa. O que máis lle gustaría sería atopar un príncipe encantado. Pero un día Tanneke está no chan soñando, cando un forte ruído a esperta comezando así historias grazas ás cales ella conseguirá os seus soños. As ilustracións corresponden a Louise, filla da autora, a quen tamén está dedicado o conto: “Cun bico grande, para a miña princesa Louise”. As ilustracións deste álbum están centradas na figura do protagonista, amosando unha bruxiña amável, de aspecto simpático. As composicións dispoñen as figuras sobre un fondo moi traballado que ten texturas, debuxos infantís, estampacións e anacos de papeis. A pintura coa que traballa a ilustradora está aplicada dun xeito solto, expresivo, con pintura espesa e mesturas pouco traballadas, empregando cores alegres e contrastadas. O libro ten un formato alongado de apertura apaisada, con gardas ilustradas, deseño na portada e cun xogo interesante coa tipografía.


Relato de Gonzalo Moure (Valencia, 1951) sobre a importancia de contar contos aos nenos, no que se destaca a complicidade que se estabelece entre a nai que conta o conto e a nena que o escoita e como isto lle axuda a desenvolver a súa imaxinación. O mellor momento para a protagonista, Malva, é xusto antes de ir durmir cando a súa nai lle conta un conto, quedo durmida e soña co que acaba de escoitar. Pero pasa o tempo e vaise facendo maior e xa pode ler os seus contos e como a nai está sempre moi cansa dille que lea ela os contos. Tamén o seu pai evita lerlle o conto pola mesma razón. Malva entón ten a idea de mandar os seus pais á cama, xa que están tan cansos que non lle poden ler un conto á súa filla. Os pais sorpréndense pola súa reacción, pero terminan obedecéndoa e é entón cando Malva lle conta un conto. Cando a nai se dorme entende a importancia dese momento diario para a súa filla, pídelle desculpas e dille que era polo seu ben, para que empezase a practicar o exercicio da lectura. Este relato, que se estrutura en catro partes, está narrado en primeira persoa e enriquécese cos diálogos entre os protagonistas. Ao final do libro, baixo o epígrafe de “Escribiron e debuxaron”, atópanse
unhas breves entrevistas co autor e ilustradora, acompañadas das súas respectivas fotografías. As ilustracións figurativas son de Lucía Serrano (Madrid, 1983). A imaxe da cuberta mergulla o lectorado no universo fantástico que a rapaza protagonista vive dende a súa cama cando lle len un conto. No interior, cada dúas páxinas de texto hai unha ilustración de páxina enteira ou de páxina dobre, na que se presenta unha nena de aspecto simpático que é espectadora dun mundo imaxinario poboado de animais protagonistas dos contos ou amósase a relación da nena cos seus pais. As composicións son moi variadas e van dende primeiros planos dos personaxes até planos máis xerais onde as escenas mostran contornos moi ricas en detalles, co emprego da técnica do pastel, aplicado con trazos expresivos e dinámicos, con tonalidades cálidas que fan as ilustracións próximas e intimistas.

Recensións:


Salienta de Cama e conto, de Gonzalo Moure, as ilustracións “atenuadas” e “suxestivas” de Lucía Serrano que acompañan o texto. Eloxiar a habilidade do autor para recrear un suceso cotiá (as vivencias polas que pasa unha nena coa lectura nocturna), a perspectiva lingüística que manexa, pois permite tratar ao lectorado con intelixencia, e, sobre todo, o valor instrutivo da literatura, xa que a través da dislocación de roles (os pais son os nenos e viceversa), o autor pode reflectir diferentes comportamentos e opinións.

Referencias varias:


Cita unhas palabras do relato de Gonzalo Moure, Cama e conto, para sinalar a importancia que ten a lectura nocturna entre pais e fillos, actividade que crea fortes lazos de unión afectiva: “créanse complicidades e acádanse ilusións comúns”. Sostén e corrobora a súa postura incluíndo experiencias persoais.


Novela de Rodrigo Muñoz (Madrid, 1967) construída a partir de voces narrativas infantís que abordan conflitos do seu contexto familiar con humor, ironía e acenos que buscan a identificación do lectorado. Incídese nos desacordos que xorden na convivencia e a cuestión do ideal de perfección, neste caso a través da existencia da “xenialidade”.“Chámome Lola, teño dez anos e gústame o fútbol”. Esta é a presentación desta narradora arrodeada de música e de músicos, nunha casa na que cómpre respectar estritas normas para non perturbar os ensaios de Xenxo, o seu irmán de quince anos, un virtuoso do piano que non fai outra cousa que tocar. Lola ten que asistir desmotivada ás
clases de violín por imposición da nai, cando o que de verdade lle presta é xogar no equipo masculino do colexio e fantasiar con caneos imposíbeis. O seu malestar tradúcese en reclamar idéntica atención para os seus gustos deportivos e en cuestionar a idea que adoita repetir súa nai: “O mundo divídese en dous tipos de persoas: os xenios e os demais”. Más para Lola, o mundo pódese dividir doutras moitas maneiras, por exemplo, Messi e os demais. Ou acaso Mozart, o músico máis excepcional para súa nai, sería quen de meter goles tan asombrosos? O conflito xorde cando cómpre elixir entre música e fútbol e, por suposto, os intereses familiares decántanse polo concurso de piano de Xenxo. A rapaza non conseguirá convencer nin a seu pai, máis afastado das teorías sobre os xenios da nai, se cadra porque el tampouco pertence á categoría dos excepcionais. Emporiso, tras a rebelión de Lola, será ela a única que comprenderá a actitude de seu irmán e logará achegarse a el, abrindo un camiño de complicidade entre irmáns. O relato, de estrutura sinxela e ateigado de anécdotas protagonizadas por xenios da música (Mozart, John Cage, Beethoven ou Bach) propón diferentes posicionamentos arredor da xenialidade, a obsesión e o traballo, e aborda como ás veces os adultos impoñen as súas afeccións persoais, en vez de estaren atentos a descubrir e despó liñarda as aptitudes dos fillos. Contra a tradición figurativa do catalán Jordi Sempere (Barcelona, 1963). A cuberta ten unha imaxe a cor na que aparecen os dous principais personaxes da historia, Lola e seu irmán Xenxo, acompañados dos elementos clave: o piano e o balón. O estilo é algo caricaturesco, o colo moi longo e a figura sentada adáptase ao piano dun xeito pouco natural. Na contracuberta aparece un anaco da mesma imaxe. As imaxes do interior son en branco e negro e ocupan páxinas enteras. As composicións xogan cun recadro gris de fondo que, ás veces, é sobreprasado polos debuxos, achegándose dinamismo. Os debuxos caracterízanse por unos trazos rápidos e expresivos que amosan a forza da man, xerando ás veces liñas fortes e outras liñas máis delicadas; e a sensación de volume vén dun emprego dun sombreado que lle achega aspecto descoidado, como de bosquexo, ás imaxes. O estilo é sinxelo pero con expresións coidadas nos rostros dos personaxes.

Recensións:


Dá conta da edición en galego do relato premiado co Premio Edebé de Literatura Infantil 2010 na súa modalidade infantil, Meu irmán, o xenio, de Rodrigo Muñoz Avia, publicado con ilustracións de Jordi Sempere e en tradución de Ricardo Fernández Sabín. Sinálase que ao igual que acontecía n’Os perfectos, tamén premiado nese certame en...
2007, o autor volve abordar o tema dos desacordos que xorden na convivencia e a cuestionar o ideal de perfección. Destácanse aspectos como a voz en primeira persoa da protagonista, Lola, que vive arrodeada de músicos e ten que defender a súa paixón polo fútbol, o cal levará a un conflito que acada solución suavizando as respectivas posturas; a introdución de anécdotas que teñen como protagonistas a grandes xenios da música; e a proposta de diferentes posicionamentos arredor da xenialidade e os límites da obsesió e do traballo.

Referencias varias:


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras traducidas, noméase Meu irmán o xenio, de Rodrigo Muñoz Avía.


Este conto infantil de Elena Ocampo correspóndese co primeiro número da colección “Verdades de conto e contos de verdade” coa que se pretende dar a coñecer especies animais diferentes. Neste libro introdúcense especies nocturnas como protagonistas: kincauíns, petauros, morcegos, possums, gálagos e xenetas. A historia conta como os inquilinos do Nocturama, unha cuadrilla de animais nocturnos, acaban de instalarse recentemente en Vigozoo, así como todas as súas aventuras e trasnadas, que teñen lugar durante a noite. Vigozoo destina o dez por cento dos fondos recadados coa venda do volume ao financiamento do futuro programa de cría en catividade do galápago europeo, a tartaruga de auga doce máis ameazada de Galicia, presente en moitos contos e fábulas populares.


Relato en terceira persoa con elementos da transmisión oral e dos contos de fadas escrita por Mar Pavón (Manresa, 1968). Nela a protagonista, a ra Ranilda, está moi descontenta co seu aspecto, aínda que todos coñecen a súa fermosura. Para que dunha vez por todas cesen as súas queixas, o seu amigo o sapoconcho decide facerlle unha broma convencéndoa de que é un príncipe encantado, que só precisa un bico dunha muller para volver ao seu estado normal. Todo era unha broma para que se dera conta dunha vez por todas de que é unha ra, seguirá sendo unha ra e morrerá sendo unha ra. Ranilda non tardou demasiado en aceptarse tal e como era, deixando atrás todos os seus prexuízos, para desexar non saír da súa poza endexamais. A autoestima, a amizade e o humor son tres piares decisivos para Mar Pavón neste breve relato. As ilustracións son de Chloé
Rémiat. Na cuberta aparece a imaxe da protagonista cun aspecto amábel e simpático. As gardas están decoradas con pegadas de ra e na cuberta hai dúas ras. As imaxes complementan os textos, que son imprescindíbeis para seguir a historia. As composicións de paxína dobre están centradas na ra protagonista. Os enfoques varían: ás veces están moi próximos e a ra está en primeiro plano, e outras están centrados en figuras humanas e a ra aparece pequeniña. As cores son moi suaves e predomina a cor verde da charca e das ras. Mestura unha técnica tridimensional para as figuras con pintura para os fondos.

Recensións:


Dáse conta da novidade editorial de OQO para os máis pequenos, Ranilda, unha fábula escrita por Mar Pavón, autora recoñecida neste eido por obras como Picurruchos (2009) ou A vella Lulula. Despois dun breve resumo do argumento, explicase o principal problema que tiña Ranilda, a inseguridade e a incapacidade de aceptarse tal e como é. Considérase que os lectores participarán das emocións desta ra, nesta historia considerada fresca e sorprendente, boa para o público infantil. Valórase ademais a riqueza lingüística e ilustrativa da obra.

Referencias varias:


Menciona o tradicional anuario da editorial SM para destacar o seu labor e analizar as tendencias máis representativas dos últimos meses. Sintetiza que a produción infantil creceu case un un e medio por cento en 2009, unha subida na que, asegura, tivo moita importancia o xénero da fantasía e o de aventuras. Non esquece tampouco aludir á Literatura galega, posto que a súa consolidación e proxección internacional nestes anos non as considera banais. Todo isto permite que conclúa cualificando esta etapa como a “época dourada da pequena literatura”. A seguir, eloxa a autoestima e a amizade que logra transmitir Mar Pavón en Ranilda, unha historia na que a protagonista, unha ra, provoca risas entre os máis pequenos ao querer bicar unha muller.


Repasa Ranilda, Nariz de ouro e Viches o león?, tres publicacións que OQO Editora saca ao mercado para a campaña de verán. Para concluír, di do título de Mar Pavón que é un “divertido álbum”, no que se enxalzan calidades psíquicas en lugar de físicas, un enfoque que fai que o volume se distancie dos valores que pretende implantar a actual sociedade.
Conto de Mar Pavón (Manresa, 1968) dedicado “Á memoria da avoa Frasquita, que tiña un patio, tendía nunha cerdeira e me daba lentellas para merendar” e protagonizado por Lulula, a anciá dun só dente. Tras faceralgúns labores do fogar, diríxese a colgar a roupa, e de suposto dáse conta de que o seu tendal non está. Como non hai nin rastro del, vaille preguntando aos diferentes elementos naturais que a rodean se saben onde está. A resposta que obtén sempre é a mesma: “-Agarda ao sete e verás”. Lulula conta, así, até ese número, pero nunca pasa nada: o seu tendal segue sen aparecer. Aínda que o único que fan a cerdeira, o patinete, o legón, o pozo, o balancín e o papagaio é disuadila do seu empeño polo agoiro de tormenta que se aveciña, a vella cre que todos a están enganando, por iso decide ir deixando neles todas as pezas de roupa que ten na colada. Unha vez finalizada a tarefa, Lulula métese na súa casa, prepara a comida e bótese unha sesta mentres cae a forte choiva. Cando esperta e sae a recoller o tendido, descobre que non hai rastro do camiós de algodón, da bata de seda, das medias de punto, da saia de pana, da blusa de liño, do mantón de la e das luvas de felpa. Volve preguntarles entón aos obxectos e seres de antes, que a invitán a que mire para o ceo: no arco iris de sete cores estaban colgadas as sete prendas que buscaba. Lulula alégrase de que todo volva á normalidade, a pesar de que esa mesma noite perda o seu único dente. Esta anécdota dialogada en formato de álbum está amenizada polas ilustracións figurativas de Alessandra Cimatoribus, nas que emprega a técnica de pintura acrílica, aplicada dun xeito espeso e con cores claras. As imaxes de estilo naif con formas redondas e sen perspectiva conseguen sensación de profundidade ao superpor os diferentes obxectos. A cuberta presenta a rapaza protagonista e as gardas elementos representativos da narración: un tendal e a propia casa de Lulula, que se conectan por medio dunha frecha que anima a pasar de páxina. Nas composicións a ilustradora xoga con diversos puntos de vista facendo variada a lectura do álbum, de xeito que o texto e as imaxes se complementan para contar esta historia.

Recensións:


Comentario deste conto acumulativo no que se salienta a frescura e enerxía que irradia a protagonista, creando entre o lectorado un grande interese pola historia que se narra. Adiántase o argumento e os diferentes personaxes que participan e destácase a importancia do número sete, presente nas historias tradicionais, asociado no texto ao misterio. Repásase a presenza deste número en diferentes tradicións culturais e saliéntase o interese que espertou dende a antigüidade, o que probablemente levou á autora a introducir no texto coa referencialidade clásica e coa intención de que os máis pequenos o interioricen. Destácase a lectura intelixente que propicia o volume e a complicidade que require do receptor, ao que lle achega valores como a necesidade de loitar para conseguir a felicidade. Remátase chamando a atención sobre a forza plástica das imaxes en simbiose co texto.
Referencias varias:


Fala de Mar Pavón e do seu libro infantil, *A vella Lulula*, un conto cheo de xogo, onde o lectorado atopará enigmas e ecos da literatura tradicional, pois o número sete, tan presente nos relatos clásicos, permite ganduxar e enredar a anécdota. Non deixa de facer mención, ao mesmo tempo, das ilustracións que “realzan” o conxunto.


Detense en catro publicacións infantís sacadas ao mercado pola editora OQO: *A vella Lulula*, *Taller de corazóns*, *A caixa dos recordos* e *Lucas e o Oso*. Do primeiro subliña o seu transfondo tradicional e afirma que, como nos relatos clásicos, a autora evoca continuamente o número sete, permitindo que o lector xogue coa protagonista ao longo da aventura.


Álbum ilustrado de Armando Quintero (Uruguai, 1944), no que presenta unha historia cargada de adiviñas e intriga, onde unha ra anda buscando o rei da selva para entregarlle unha carta. Repetindo a mesma pregunta a cada animal que se atopa, a ra consegue espertar a curiosidade de toda a selva. Así, axudada polas pistas que lle dan o resto de animais, consegue atopar o león e descubrir por qué andaba perseguindo á lúa. Conta con ilustracións de Géraldine Alibeu (Echirolles, 1978). A cuberta ten unha imaxe que se completa coa da contracuberta para describir unha paisaxe onde se xoga coa presenza do león escondido na lúa ou no rabo que fai o signo de interrogación. Na disposición das imaxes alternanse páxinas dobles sen texto e páxinas co texto a carón de páxinas ilustradas. A gama cromática é moi limitada: grises, ocres e azuis escuros.

Recensións:


Define *Viches o león?* como unha lírica composición, na que os silencios teñen tanto que dicir como as palabras. Resume o argumento desta historia de Armando Quintero e analiza con certo detalle as ilustracións de Géraldine Alibeu, que considera indispensábeis para crear a atmosfera do relato. Sinala que a través das ilustracións coñecemos tamén un pequeno neno que segue o desenvolvemento da historia como espectador, o que considera un dos grandes acertos do libro, así como o emprego de ilustracións sen texto. Sinala que pasa de ser un intrigante relato sobre un león triste e errante a converterse nunha fermosa historia de amor pola que sabemos que quen intenta o imposíbel, como subir á lúa, ou está tolo ou está namorado.
Referencias varias:


Repasa *Viches o león?, Nariz de ouro e Ranilda*, tres publicacións que OQO Editora saca ao mercado para a campaña de verán. Do traballo de Armando Quinteiro sinala o proceso polo que ten que ir pasando a protagonista para dar co seu obxectivo: atopar o león, quen se comporta como un “tolo” ao desexar alcanzar a lúa. Asegura que este mecanismo permite ao lectorado formar parte da historia e ir reconstruíndo pistas, as cales son dadas polos diferentes personaxes que participan no relato.


Relato de Víctor Raga de tendencia realista no que podemos atopar temas como a amizade e a natureza. A obra contén un prólogo no que se nos presentan os tres protagonistas da historia: Martiño, Helena e o señor Viramontañás. Martiño e Helena van á mesma escola e están sempre xuntos, ademais de teren como veciño o señor Viramontañás, quen lles ensina moitas cousas e pasan moito tempo con el. A historia, que se transmite a través dun narrador en primeira persoa e diálogos, transcorre un día que van á casa do señor Viramontañás e el convíden a leite con galletas mentres lles conta unha historia sobre unha excursión que fixera hai cincuenta anos co seu curmán Estevo na busca do nacemento do río que había no poblo de Estevo. As ilustracións de Montse Español Rodié só teñen cor na cuberta. Presentan unha escena relacionada coa temática a desenvolver no libro e un estilo de trazo solto e expresivo. Os debuxos do interior, que serven para complementar os textos, plasman escenas importantes da narración e ás veces son de corte didáctica con esquemas e gráficos.

Referencias varias:


Dáse conta brevemente do argumento da colección “O club da ciencia”, de Víctor Raga, así como de *¿E ti que farías por mí?* e *Un saco de estrelas*, de Fina Casalderrey, presentadas todas elas como novidades de Edicións Xerais de Galicia. A colección mencionada considérase ideal para fomentar as inquedanzas intelectuais e achegar coñecementos científicos e compromiso social ao alumnado de segundo e terceiro ciclo de Primaria. Anúnciase a publicación de seis números, entre os que se atopa *Descenso ao barranco do Demo*, unha introdución á botánica.


Víctor Raga presenta unha nova entrega da colección “O club da ciencia”. Antes de comezar a historia presenta os personaxes que son os nenos Martiño, Helena e o señor Viramontes. O narrador é o propio Martiño, un neno un pouco medorento, que xunto coa súa amiga Helena e o Señor Viramontes van pasar uns días a unha granxa. A granxa pertence á curmá do señor Viramontes que coma sufriu unha escordadura nun brazo necesita axuda para atendela. De camiño á granxa e xa nela, o señor Viramontes aproveita calquera situación para explicarlles aos nenos cousas relacionadas coa natureza e os animais. Así explicalles cantas clases de animais existen, como se reproducen, como viven o a importancia da cadea alimenticia, entre outras cuestións. Con todo isto ademais ensinanlle a xestión do medio ambiente e os seres vivos. Na granxa os nenos realizan moitas actividades como muxir unha vaca ou recoller herba para os animais, e até teñen un susto cunhas abellas. Ao final Martiño conta como asisten ao parto da vaca Negra, algo que a el o impresiona moito. Hai un apartado ao final do libro que é o experimento do señor Viramontes. Nesta ocasión propón que vexamos na propia casa, mercando os ovos e criándoos, a metamorfose do verme de seda. As ilustracións de Montse Español Rodié só teñen cor na cuberta. Presentan unha escena relacionada coa temática a desenvolver no libro e un estilo de trazo solto e expresivo. Os debuxos do interior, que serven para complementar os textos, plasman escenas importantes da narración e ás veces son de corte didáctica con esquemas e gráficos.

Referencias varias:


Dáse conta brevemente do argumento da colección “O club da ciencia”, de Víctor Raga, así como de ¿E ti que farías por mi? e Un saco de estrelas, de Fina Casalderrey, presentadas todas elas como novidades de Edicións Xerais de Galicia. A colección mencionada considérase ideal para fomentar as inquedanzas intelectuais e achegar coñecementos científicos e compromiso social ao alumnado de segundo e terceiro ciclo de Primaria. Anúnciase a publicación de seis números, entre os que se atopa Un día na granxa, que analiza os animais e seres humanos na contorna dunha granxa.


Conto realista de Víctor Raga no que se narra, ao longo de dous capítulos, a relación de dous nenos co señor Viramontes. No primeiro, Martiño, que é o narrador, conta algo sobre como se coñeceron os tres e sobre unha tarde na que lle van axudar ao señor Viramontes co seu invernadoiro e os convida a cea, xunto coa súa amiga Otilia que vai vir de visita. Xa no segundo capítulo relátese o devir da cea e da súa conversa sobre a forte tormenta que se estaba a producir. A obra remata con Martiño e Helena secando o
piso inundado de auga e co señor Viramontes acompañando en taxi a súa amiga Otilia ao hotel. Finalmente, o señor Viramontes ensina cómo facer un experimento seu: o anemómetro. Conta con ilustracións de Montse Español Rodié. Só teñen cor as imaxes da cuberta que presentan unha escena relacionada coa temática a desenvolver no libro. Os debuxos do interior, que serven para complementar os textos, plasman escenas importantes da narración e ás veces son de corte didáctica con esquemas e gráficos. As liñas son expresivas e os planos grises están traballados con deseño dixital.

Recensións:


Explica que Un furacán chamado Otilia, escrita por Vitor Raga, pertence á colección “O club da ciencia”, cuxo obxectivo é achegar a ciencia á nenez dun xeito lúdico. Subliña o enfoque didáctico do conto, xa que se tratan nocions como a formación dos furacáns, os elementos atmosféricos ou o efecto invernadoiro. Afirma que se trata dunha obra de interese tanto para o lectorado infantil pola súa temática e humor como para os profesores porque é un recurso útil para levar ás aulas.

Referencias varias:


Dáse conta brevemente do argumento da colección “O club da ciencia”, de Víctor Raga, así como de ¿E ti que farías por min? e Un saco de estrelas, de Fina Casalderrey, presentadas todas elas como novidades de Edicións Xerais de Galicia. A colección mencionada considérase ideal para fomentar as inquedanzas intelectuais e achegar coñecementos científicos e compromiso social ao alumnado de segundo e terceiro ciclo de Primaria. Anúnciase a publicación de seis números, entre os que se atopa Un furacán chamado Otilia, un conto sobre os fenómenos atmosféricos.


Conto realista de Víctor Raga protagonizado por Martiño, Helena e o señor Viramontes que se desenvolve nun bosque montañoso. Saliéntase a importancia da cuestión medioambiental, insistindo na importancia de conservar a masa forestal polo tempo que precisa a súa formación, que contrasta coa rapidez en que se pode destruír pola acción humana. Ao longo deste paseo, móstrase a riqueza da contorna e explicase a clasificación e características das plantas. As ilustracións de Montse Español Rodié só teñen cor na cuberta, que presenta unha escena relacionada coa temática desenvolta. Os debuxos do interior, que serven para complementar os textos, plasman escenas importantes da narración e ás veces son de corte didáctica con esquemas e gráficos.
Referencias varias:


Dáse conta brevemente do argumento da colección “O club da ciencia”, de Víctor Raga, así como de ¿E ti que farías por min? e Un saco de estrelas, de Fina Casalderrey, presentadas todas elas como novidades de Edicións Xerais de Galicia. A colección mencionada considérase ideal para fomentar as inquedanzas intelectuais e achegar coñecementos científicos e compromiso social ao alumnado de segundo e terceiro ciclo de Primaria. Anúnciase a publicación de seis números, entre os que se atopa Mi madriña, que paisaxe!, ao redor da diversidade de paisaxes da Terra.


Neste conto de Víctor Raga o señor Viramontañas ensinalle a Martiño e a Helena a importancia dos cinco sentidos. Pola súa banda, Martiño manifestalle a súa curiosidade polas diferenzas físicas entre os corpos femininos e masculinos. Os seus interrogantes conducirán a que se traten cuestións como as etapas da vida, as partes co corpo humano e as súas funcións. As ilustracións de Montse Español Rodié só teñen cor na cuberta. Os debuxos do interior, que serven para complementar os textos, plasman escenas importantes da narración e ás veces son de corte didáctica con esquemas e gráficos. As liñas son expresivas e os planos grises están traballados con deseño dixital.

Referencias varias:


Dáse conta brevemente do argumento da colección “O club da ciencia”, de Víctor Raga, así como de ¿E ti que farías por min? e Un saco de estrelas, de Fina Casalderrey, presentadas todas elas como novidades de Edicións Xerais de Galicia. A colección mencionada considérase ideal para fomentar as inquedanzas intelectuais e achegar coñecementos científicos e compromiso social ao alumnado de segundo e terceiro ciclo de Primaria. Anúnciase a publicación de seis números, entre os que se atopa Sempre tes que meter o nariz, no que se explican os cinco sentidos do ser humano.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso de Sempre tes que meter o nariz, escrito por Víctor Raga e narrado polo
personaxe Martiño; *O imposible de desatar*, de Iván García Campos; *A viúva preñada*, de Martin Amis; e *A avoa Encarna fai niño* (2009), de Xosé A. Neira Cruz.


Nesta entrega narrativa de Víctor Raga cóntase a partir dos diálogos dos personaxes e do propio protagonista unha historia sobre a rutina diaria que seguen os protagonistas, Martiño e Helena. Ambos os dous pasan moito tempo xuntos porque son veciños. Ademais Helena vai todas as artes á casa de Martiño porque súa nai volve tarde do traballo. Un venres a nai de Martiño déixan na casa e Helena decide baixar á azotea do señor Viramontañas co seu amigo Martiño, a pesar de que este lle tiña medo, para ver o seu invernadoiro e o seu telescopio. Baixan e unha vez que están dentro do invernadoiro atópaos o señor Viramontañas, quen os manda marchar. Os nenos deciden axudalo limpándolle a azotea e o invernadoiro e logo son invitados polo dono da casa a mirar a través do telescopio. Despois dunhas longas explicacións sobre temas de ciencia, son interrompidos por un home que ameaza ao señor Viramontañas co botalo da casa, situación que consegue resolver Helena. Despois volven ser interrompidos pola nai de Martiño que os vai buscar. Ao final, o señor Viramontañas invítaos de novo á súa casa para contemplaren de noite as estrelas dende o telescopio. As ilustracións de Montse Español Rodié só teñen cor na cuberta, que presenta unha escena relacionada coa temática a desenvolver no libro. O estilo dos debuxos é de trazo solto e expresivo. Os debuxos do interior, que serven para complementar os textos, plasman escenas importantes da narración e ás veces son de corte didáctica con esquemas e gráficos.

**Recensións:**


Informa do argumento que, xunto coas ilustracións de Montse Español Rodié, Víctor Rago pon en marcha n’*Un veciño cheo de sorpresas*: dous nenos, Martiño e Helena, e un investigador entrado en idade, Viramontañas, protagonizan, ademais de varias aventuras “milagreiras”, un proceso de aprendizaxe sobre os elementos e o funcionamento do sistema solar. Destaca da historia a técnica narrativa do diálogo, posto que permite a implicación do lector e, por conseguinte, unha lección sobre ciencia. Por este motivo, recomenda a lectura para os ciclos intermedios de Primaria (segundo e terceiro). Engade, finalmente, unha nómina de obras creadas polo mesmo autor e publicadas tamén en Xerais: *Descenso ao Barranco do Demo, Sempre tes que meter o nariz ou Un furacán chamado Otilia*.

**Referencias varias:**

Dáse conta brevemente do argumento da colección “O club da ciencia”, de Víctor Raga, así como de ¿E ti que fariás por min? e Un saco de estrelas, de Fina Casalderrey, presentadas todas elas como novidades de Edicións Xerais de Galicia. A colección mencionada considérase ideal para fomentar as inquedanzas intelectuais e achegar coñecementos científicos e compromiso social ao alumnado de segundo e terceiro ciclo de Primaria. Anúnciase a publicación de seis números, entre os que se atopa Un veciño cheo de sorpresas, centrado no tema do universo.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso d’Un veciño cheo de sorpresas, escrito por Víctor Raga e narrado polo personaxe Martiño; Unha obra para un país, de Mª Dolores Cabrera e Henrique Monteagudo; e Peitos e teitos nas noticias (2009), de Xosé Sisto García.


Elisa Ramón Bofarull (Barcelona, 1957) dedica este conto a Clara Peya e nel a nena protagonista soña con que a música guíe o mundo. Clara vive rodeada dende que naceu de instrumentos musicais, pois os seus pais son músicos e adora a música e a arte de combinar os sons, ademais de pensar que a música afasta a tristeza. De maior convértense nunha afamada trompetista e actúa nos escenarios do mundo acompañada de seus pais. Un día recibe unha carta do Ministerio da Guerra que a obriga a incorporarse a filas, é dicir, tiña que ir á guerra e loitar polo seu país. Na estrada coñece outros soldados que non queren ir loitar e xa no campamento coñece un violinista, co que toca para afastar o medo. Ao día seguinte, son enviados ao fronte e non queren disparar, polo que para apartar o medo empezan a tocar. De súpeto, no campo inimigo soa tamén unha frauta e un saxofón e pronto se xuntan no medio do campo de batalla. Ao pouco tempo, rodenos os seus compañeiros e inimigos, que na vida civil teñen diferentes profesións. Só os sarxentos profesionais berran que volvan, pero xa non fan caso. A música êncheo todo e abandonan as armas. Os políticos e as autoridades que organizan as guerras por intereses particulares sántense avergoñados e non teñen máis remedio que asinar a paz.

As ilustracións de Roger Olmos (Barcelona, 1975), feitas a dobre páxina, resultan significativas á hora de reflectir explicitamente o significado da historia. O estilo xoga coa expresividade ao deseñar as características dos distintos personaxes, empregando distorsións e deformacións que acentúan o dinamismo nas composicións. As cores resultan máis frías nas escenas da guerra polo emprego da cor verde militar e máis alegres noutras.

Recensións:

Incide no convencemento que ten a protagonista d’*A orquestra de Clara* sobre as propiedades terapéuticas da música: a tristeza que lle produce ir ao campo de batalla é capaz de expresala a través de notas musicais. Aínda que subliña o ambiente surrealista e máxico da narración, considera que o tema que trata Elisa Ramón nesta achega, reforzada polas ilustracións de Roger Olmos, ten unha base real: o abuso contra as minorías; inxustiza contra a que se pode loitar se se entoa unha boa melodía.


Céntrase na publicación de Elisa Ramón e sinala a capacidade que ten a protagonista d’*A orquestra de Clara* para transmitir a todos os seres que a rodean o seu amor pola música. Fala de como esta actitude lle permite loitar contra as amarguras da vida e demostrar, por conseguinte, o poder terapéutico que posúe esta arte. Non deixa de mencionar tampouco o labor ilustrativo de Roger Olmos, quen axuda a reflectir ese “universo de contrastes”, positivo pola música, negativo pola realidade circundante.

**Referencias varias:**


Describense varios textos publicados pola editorial Tambre para cativos prelectores, entre os que se atopa a obra de Elisa Ramón, *A orquestra de Clara*, con ilustracións de Roger Olmos. Coméntase que relata a vida da protagonista e como se criou entre música. Explicase que tocar a trompeta é o que máis lle gusta, pois sabe que axuda a compartir a alegría. Tamén se conta sobre o argumento que Clara deberá ir á guerra, mais esta rematará cun tratado de paz grazas á sorte de ter a música.


Novela xuvenil de Xulio Ricardo Trigo (Betanzos, A Coruña, 1959) narrada en terceira persoa. Alexandra é unha estudante de Bacharelato ucraína que vive en Barcelona e que debece pola cantante islandesa Björk, polo escritor e tradutor Haruki Murakami e pola lectura, ademais de non cesar na busca da súa propia identidade. É a única que fala catalán da súa clase, xunto coa arxentina Eva, algo que as dúas empregan para sentirse ben diferentes do resto. Non queren parecerse a ninguén e facer o que fai todo o mundo, danzando ao son do ditaminado polas normas xerais de convivencia. Ambas son inmigrantes e gozan desa diferenza que as fai sentir especiais. Eva é quen lle descobre o bookcrossing, espazo web de persoas que deixan libros para que outros os atopen. Así é como van atopando en distintos lugares libros de poemas de Alexandra Pizarnik, poeta arxentina que suspiran tanto Eva coma a mesma Alexandra. Pizarnik inflúe na súa maneira de ser e no seu espírito dunha maneira decisiva. As dúas mozas comezan a ser cada vez máis amigas, mais Alexandra segue sen coñecer do pasado oculto da súa compañeira arxentina, algo que se desvela ao final desta obra e que demostra o gran sufrimento que tivo que acompañar a Eva ao longo da súa vida. Só ten ilustración na
cuberta cunha montaxe fotográfica de Antonio Seijas. Aparece a imaxe dunha boneca rusa aberta dentro da cal aparecen dous libros, un dentro doutro e un terceiro cunha interrogante. Ao fondo aprécianse unhas sombras nunha ventá. A ilustración non garda relación co título pero si coa temática da novela que vai desvelando as distintas capas que ocultan a verdadeira personalidade do ser humano.

Recensións:


Destaca que Xulio Ricardo Trigo é un autor polifacético e que esta é a súa última obra xuvenil. Indica que está ambientada en Barcelona e que trata o amor aos libros, a integración dos inmigrantes, a amizade, a música e o alcoholismo. Apunta que Alexandra é a protagonista e que descubrirá o mundo do bookcrossing, do cruzamento casual de libros, da man da súa nova amiga Eva. Explica que ao ser amante da obra de Haruki Murakami sentirá paixón por ler a obra da escritora arxentina Alejandra Pizarnik, cuxos poemas están presentes na novela. Manifesta que a obra é demasiado breve a hai unha certa precipitación no remate. Precisa que Trigo xa manexara unha temática similar, xa levara o libro ao libro, en dúas obras previas dirixidas ao público xuvenil: El misteri del Barri Gòtic (1996) e Unha lectora de Txékhov (2006).

Referencias varias:


Entre as publicacións recentes que se recomenden para ler, cita un conxunto de títulos de Edicións Xerais de Galicia: Samos e No desterro, de Ramón Cabanillas; A espiral no espello, de Anxo Angueira; Lingua de calidade, de Xosé Freixeiro Mato; Os Eidos, de Uxío Novoneyra; Uxío Novoneyra revisitado, de Xosé Lois García; A intervención, de Teresa Moure; Settecento, de Marcos S. Calveiro; Bilbao-New York-Bilbao, de Kirmen Uribe; Lapidarias, de David Rodríguez; (Retro)visor, de Antía Otero; A paixón de Alexandra, de Xulio Ricardo Trigo; e A viaxe do ser, de Manuel Pérez de Lis.


Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, A paixón de Alexandra, de Xulio Ricardo Trigo e traducida do catalán por Eva Lozano.


Sección fixa dos suplementos nas que se acolle, entre outras obras, un breve descritor do transvase ao galego da novela A paixón de Alexandra, de Xulio Ricardo Trigo. Resume o argumento e destaca a figura da escritora Alejandra Pizarnik na historia narrada.

Marta Rivera Ferner (Arxentina) dá forma a este conto dirixido aos máis novos cunha clara intención didáctica. Partindo dun texto sinxelo cheo de repeticións e paralelismos, presentanse diferentes personaxes en grupos de tres comezando por figuras do mundo animal e vexetal (ras, flores, gatos, paxaros…) até chegar a figuras humanas de diferentes razas e culturas para transmitir a mensaxe de que tras as aparentes diferenzas todos somos iguais. Esta historia trata os temas do respecto, a tolerancia e a igualdade.

Nan cuberta aparecen parte dos personaxes deste relato, aos que fai referencia o título, facéndose evidente dende o primeiro momento a diferente procedencia étnica dos rapaces. As ilustracións da propia autora a toda cor aproveitan as posibilidades compositivas do ordenador, técnica que lle permite conxugar debuxos e fondos con texturas diversas para completar as imaxes.

Recensións:


Comenta *Tres iguais*, conto de Marta Rivera Ferner dirixido a primeiros lectores e editado por Everest, que ten por protagonistas a tres nenas de diferentes razas pero semellantes entre si. Destaca que valéndose de estruturas sintácticas repetitivas e partindo do paralelismo con distintos seres da natureza, a autora transmite aos máis cativos unha mensaxe de respecto polas outras culturas cun claro obxectivo didáctico.


Conto de Gianni Rodari (Lombardía, 1920- Roma, 1982) ilustrado con vistosas colaxes de Silvia Bonanni (Milán, 1972). Partindo de sinxelos enunciados con estruturas paralelas sobre a finalidade dos obxectos comúns e a través dunha estrutura circular, inicia os máis pequenos no pensamento deductivo. Rodari emprega a rima poética como xoguete, destacando a importancia da poesía no xogo infantil mais sen renunciar á importancia do contido, o que remata nunha positiva mensaxe: a importancia das cousas máis sinxelas. O texto da obra é coñecido por seren unha canción de berce, *Che cosa ci vuole?*, con letra do propio autor e música de Sergio Endrigo. A tipografía na cuberta do libro de Silvia Bonani ten moito peso visual e nela tamén aparece a protagonista da historia e unha mesa, ambos elementos realizados en colaxe. Na contracuberta repítese a mesa protagonista e, despois de ler o libro, descóbrela o porquê. As gardas son iguais: compoñense de colaxes formando flores. Dentro do libro, as ilustracións a dobre páxina con texto sempre están no centro do libro e están formadas por moitos elementos coa técnica da colaxe.
Referencias varias:


Cualifícase, *Quê fai falta?*, de Gianni Rodari como un álbum divertido e orixinal “de esencial sinxeleza”. Citanse tamén *O tigre que veu tomar o té*, de Judith Kerr; *Na punta do pé*, de Pesdelán; e *Fálame*, de Marco Berrettoni Carrara.


Raquel Saiz (Cuenca) dedica este conto a súa nai que lle dixo unha vez que non cambiase nunca. Defende nesta historia a postura dun neno que é motivo de burlas por parte dos seus compañeiros polo que outros consideran un defecito: ter o nariz grande. O protagonista chámase Eduardo e é moi serio. Súa nai, ao ver que se burlan del, cóntalle o conto do Patiño Peo todas as noites. De todos os xeitos, el non comparte a historia do cisne porque se sente ben como patiño, é dicir, sénsele ben como é e non quiere cambiar, nin desexa unha transformación, sobre todo cando descobre as vantaxes de ter un nariz grande: serve para colgar calcetins, para que se pousen os paxaros, para cheirar mellor as flores e meterse os dedos no nariz sen esforzo. Até lle serve para converterse en heroe nun dos seus soños ao salvar un barco do naufraxio, xa que aguanta máis que ninguén baixo a auga. Nese mesmo soño condecoran e chámalle “nariz de ouro”, ademais de construírle unha estatua como homenaxe e baixo o seu nariz resgárdate a xente da choiva. As ilustracións son de Juliana Bollini e na cuberta aparece o protagonista que, xunto co título, xa ofrece unha idea clara da temática do libro. As ilustracións son de páxina dobre e os textos sitúanse nos espazos baleiros de imaxe. Ás veces a disposición e o tamaño das letras xogan coas figuras e o texto está disposto na páxina aproveitando o seu impacto visual. As imaxes contan co apoio dos textos pero son suficientemente claras para seguir a narración sen axuda. A técnica mixta empregada consecve unhas ilustracións con relevo, que teñen texturas variadas, e están pintadas con cores alegres pouco contrastadas. Todas as composicións xiran ao redor do protagonista quen, a pesar do nariz esaxerado que presenta, resulta simpático e próximo.

Recensións:


Coméntase que Eduardo, o protagonista de *Nariz de ouro*, de Raquel Sainz, ten un nariz prominente do que todos se mofan e para superalo a autora recorre ao valor terapéutico da imaxinación. Sublíñase a intención pedagóxica da obra e o feito de que a intensidade da narración varía en referencia aos valores e ao afán de superación. Avalíase positivamente a intertextualidade e a alusión ao clásico de Hans C. Andersen, xa que se reivindica o feito de ser diferente. Considérase que as ilustracións enxalzan a cara máis
soñadora do protagonista con xogos de cores e texturas que logran unha lectura pracenteira.

Referencias varias:


Repasa Nariz de ouro, Viches o león?e Ranilda, tres publicacións que OQO Editora saca ao mercado para a campaña de verán. No caso de Raquel Saiz, destaca a intertextualidade, posto que permite dar novos tratamentos e interpretacións ao tradicional tema do Patiño feo. Esta autora, valéndose do conto de Andersen, Nariz de ouro, crea a historia de Edu ou Eduardiño: un neno de nariz enorme a quen lle é indiferente chegar a transformarse nun cisne.


Conto fantástico de Paloma Sánchez Ibarzábal. Na historia, narrada en segunda persoa, alguén, de quen non se coñece sequera o seu sexo, pérdese polo monte na noite escura e atópase ante un perigo que a el lle semella real, o de non atopar a súa casa. Preséntase unha viaxe por atmosferas oníricas e por mundos insólitos, nos que o protagonista pasea por escenarios misteriosos, que o levan até o mesmo infinito. Non se atopa el só, senón que obxectos inanimados coma as estrelas ou as pedras animano a continuar coa súa viaxe. É un camiño fantástico e labiríntico, do que semella imposíbel escapar. A ilustración de Joanna Concejo ocupa parte da cuberta e as gardas compleméntanse e vanse desfacendo. As ilustracións a dobre paxina representan un mundo onírico, segundo unha interpretación moi persoal da ilustradora. Consiste nunha imaxe realizada a carbón, lapsis de cores, colaxes, rotulador e ceras.

Recensións:


Dáse conta do argumento de Cando non atopas a túa casa, álbum ilustrado co que os máis pequenos poden facer frente aos seus medos nocturnos. Detense en sinalar a unión que consegue realizar a súa autora, Paloma Sánchez Ibarzábal, entre a tradición e a modernidade. A primeira no que se refire a temática;e a segunda, ao método de transmisión: o narrador en segunda persoa permite que as aventuras do protagonista sexan tamén vividas polos lectores.


Coméntase sucintamente o argumento deste conto infantil, no que o ambiguo
protagonista, do que non se coñece nin tan sequera o seu nome, se interna entre soños nun mundo descoñecido e fantástico que non o leva a ningún lugar. Opínase que é unha viaxe cara a adiante, cun ritmo que non descende acompañado dun texto breve, pero recorrente, no que a realidade e a ficción, o mundo dos soños e o mundo real, non son tan fáciles de distinguir. Sinálase que a segunda persoa axuda a atopar esa complicidade buscada co lectorado, para o que a interpretación é “fundamental á hora de analizar o lirismo das ilustracións e da prosa”.

Referencias varias:


Comeza facendo unha reflexión sobre esa etapa da infancia na que os cativos se preguntan constantemente os “porqués” das cousas que os rodean. Este preámbulo permitelle dar paso a Cando non atopas a túa casa, de Paloma Sánchez Ibarzábal. Alude, agora, ao enfoque moderno que lle dá a autora a esta composición (a terceira persoa cédelle a quenda de palabra a unha segunda persoa, permitindo que o lectorado se sinta identificado), sen deixar de renunciar ao conto tradicional, xa que o argumento, asegura, entra dentro dos patróns clásicos. Continúa con este título para engadir que o espazo no que habitan as ficcións de Sánchez Ibarzábal pertencen a lugares oníricos e irreais, o que permite que o protagonista viva aventuras fantásticas, imposíbeis de alcanzar sen o traballo ilustrativo de Joanna Concello. De modo paralelo, destaca O embigo de Xanecas, de Ramón Aragüés Peleato.


Tras a dedicatoria “para Joel Franz Rosell, que me ensinou a non conformarme coas primeiras versións, e a Miguel Ángel Mendo, pola amizade inesperada”, iníciase unha historia de fondo mariño de Paloma Sánchez Ibarzábal. Na que un pescador persegue sen descanso unha balea perdida da súa manda. A soidade dos dous protagonistas tamén se reficte na estrutura do conto, dividido en breves escenas precedidas polas indicacións temporais “Amañece” ou “Anoitece”, feitas sempre de maneira sucesiva que semellan marcar o paso do tempo e a soidade dos personaxes. O desenlace da historia narra o encontro final entre o pescador e a balea e como, tras mirarse fronte a fronte por primeira vez, el decide deixala marchar. O texto está apoiado polas ilustracións de Iban Barrenetxea (Elgoibar, Gipuzkoa, 1973) en suaves gamas cromáticas asociadas a cada un dos momentos do día. O ambiente onírico atópase tanto no texto, cun pescador que soña con alcanzar as estrelas, coma nas ilustracións, esvaecidas e cunha clara estética surrealista que xoga ao tempo coa variedade de tamaños.

Recensións:

Subliña que OQO editora presenta catro libros moi interesantes. Afirma que O cazador e a balea é unha clara homenaxe a Herman Melville, autor de Moby Dick. Explica que a obra fala de soildades e que relata a loita entre home e natureza, a inutilidade do home, un feito que o ilustrador reflicte xogando co tamaño das cousas.


Explica que a obra trata a obsesión sen límites de perseguir e capturar unha balea, neste caso unha balea perdida nunha tormenta e que busca a súa manda. Indica que a referencia á obra Moby Dick, de Herman Melville é evidente. Comenta que as imaxes e os detalles da loita entre o animal e o home son únicas e que os movementos se descreben dun xeito moi singular. Apunta que o relato de aventuras serve para que o lector interprete texto e imaxes, onde pode identificar, entre outros temas, a soildade, a obsesión, o idealismo e a xerarquía. Ao final, as forzas da natureza gañan ao home sen que este poida facer nada.

Referencias varias:


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’O cazador e a balea, escrito por Paloma Sánchez Ibarzábal e ilustrado por Iban Barrenetxea.


Comenta a estrea do espectáculo O cazador e a balea, adaptada polo Seminario Permanente de Jazz de Pontevedra (SPJP) e a editorial OQO, desenvolta a modo de concerto didáctico no Pazo da Cultura de Pontevedra. Afirma que a narración do conto foi mesturada coa música de Darren Barrett Quintet.


Segundo álbum da serie que o ilustrador checo M[iroslav] Sasek (Praga, 1916-Suíza, 1980) dedicou ás cidades do mundo, escollendo o formato dunha guía de viaxe especialmente pensada para pequenos lectores. O álbum presenta un percorrido por Londres no que, a través de textos sinxelos acompañados de ilustracións, Sasek evoca o espírito da cidade, que nos recibe coa súa característica brétema e nos espanta coa chuva, amosando unha completa información sobre as súas xentes, a indumentaria, o transporte local, os parques, as prazas, o río, a hora do té, o caos de Piccadilly... Na parte final do volume aparece un breve apéndice que detalla as diferenzas máis salientábeis entre a cidade que se presenta na guía e a actual. O traballo gráfico de Sasek caracterízase polos seus trazos estilizados e as súas elegantes composicións, nas que salienta o uso dos fondos brancos sobre os que se presentan personaxes, obxectos ou monumentos en cores intensas. A edición deste álbum presenta varios indicios de
calidade, o primeiro é a presenza, non habitual, de sobrecuberta; tamén destaca a calidade do papel de máis gramaxe, as gardas e o formato máis grande e vertical. A imaxe da cuberta e a da contracuberta non deixan dúvidas do que o lector vai atopar no interior: un percorrido polos lugares emblemáticos da capital británica. As ilustracións son a toda cor, están feitas con acuarelas para a mancha cromática e con liñas de tinta negra cando se necesita máis precisión no trazo que describe os monumentos. A disposición das imaxes é variada e as figuras que animan as composicións presentan un estilo esquemático e non teñen intencións volumétricas, achegándose unha idea de cidade amigábel. Neste álbum as ilustracións son totalmente imprescindíbeis para seguir a narración que se basea nas imaxes para amosar o máis característico de Londres.

Referencias varias:


Dáse conta da presentación de dous álbums ilustrados de Miroslav Sasek: Esto es Londres e Esto es París, textos moi sinxelos para a nenez dentro dunha colección de quince libros que publicará progresivamente El Patito Editorial.


El Patito Editorial recupera en edición galega esta guía de viaxe en formato álbum para os lectores máis pequenos, creada polo ilustrador checo M[iroslav] Sasek (Praga, 1916-Suíza, 1980). Isto é Paris, a primeira entrega dunha serie de guías dedicadas a diferentes cidades, homenaxea a capital francesa. O autor comeza ofrecendo unha panorámica da cidade para centrarse despois nun detallado percorrido polas súas rúas, conformando un retrato, que combina sinxelos e breves textos cargados de humor con ilustracións da personalidade e da atmosfera da cidade, os costumes das xentes e as tradicións, os cafés, os artistas, os xendarmes, os recantos máis pintorescos... Dedica tamén atención a espazos emblemáticos e coñecidos, como tal, o museo do Louvre, Notre Dame ou a Torre Eiffel, conformando un paseo con pinceladas de humor e ironía. Na parte final do volume aparece un breve apéndice que detalla as diferenzas máis salientábeis entre a cidade que se presenta na guía e a actual. O traballo gráfico de Sasek caracterízase polos seus trazos estilizados e as súas elegantes composicións, nas que salienta o uso dos fondos brancos sobre os que se presentan personaxes, obxectos ou monumentos en cores intensas. A edición deste álbum presenta varios indicios de calidade, o primeiro é a presenza, non habitual, de sobrecuberta; tamén destaca a calidade do papel de máis gramaxe, as gardas e o formato máis grande e vertical. A imaxe da cuberta e a da contracuberta non deixa dúvidas do que o lector vai atopar no interior: un percorrido poloslugares emblemáticos da capital francesa. As ilustracións son a toda cor, están feitas con acuarelas para a mancha cromática e con liñas de tinta negra cando se necesita máis precisión no trazo que describe os monumentos. A disposición das imaxes é variada, às veces pequenos debuxos de obxectos como o billete do metro e outras toda a páxina para reflectir un mercado. As figuras que animan as composicións presentan un estilo esquemático e non teñen intencións volumétricas; pola súa actitude, achegan unha
idea de cidade amigábel xa que amosan expresións simpáticas. Neste álbum as ilustracións son totalmente imprescindíbeis para seguir a narración que se basea nas imaxes para amosar o máis característico de París.

Referencias varias:


Comenta que Esto es París e Esto es Londres son dous álbums ilustrados do escritor Miroslav Sasek con textos moi sinxelos para a nenez dentro dunha colección de quince libros da que se están preparando novas entregas.


Novas entregas da colección “Xurxo” protagonizada por este personaxe creado por Liesbet Slegers (Bélxica, 1975). Na páxina dereita o neno protagonista sempre se presenta sorrindo e cun obxecto que aparece na páxina esquerda xunto cunha breve e sinxela frase dita polo neno en primeira persoa e utilizando o posesivo “miña”. En A xogar a referencia é ao coche, a pelota, os cubos, o tambor, o libro e o carriño para gardar os xoguetes. En Voume bañar o neno fala da súa bañeira, da roupa, da manopla, do xampú, do barco e da toalla. Estes libros de Liesbet Slegers presentanse nunha edición de follas de cartón con ilustracións en todas as páxinas. Seguen sempre o mesmo esquema: na páxina da esquerda presenta un obxecto centrado sobre fondo branco e os textos; e na da dereita, o protagonista co obxecto nunha ilustración de páxina enteira. As ilustracións, de tipo figurativo pero cun estilo infantil nas formas dos personaxes, presentan cores moi saturadas. As formas están delimitadas por unha liña grosa de pintura negra e recheas de forma imprecisa con pintura espesa de cores.

Recensións:


Destaca que os dous libros forman parte dunha colección protagonizada por Xurxo, un rapaz simpático e de cara regordecha. Explica que se trata dunha colección de tapas duras moi axeiadas para os primeiros lectores e na que a cara do neno en primeiro plano logra describir accións cotiáns e familiares. Comenta que en Voume bañar aparecen os obxectos típicos do baño dos máis pequenos como a bañeira, a manopla ou o barquiño xunto con frases moi breves e expresivas que resultan moi axeiadas para o achegamento á lectura e o divertimento entre nenos e pais.

Referencias varias:
Descríbense varios textos publicados pola editorial Tambre para cativos prelectores cun dos persoñeiros máis repoludos do panorama literario infantil actual -o pequeno Xurxo-, e outros tres libros para os lectores de cinco, oito e dez anos. Os primeiros títulos protagonizados por Xurxo falan das actividades diarias e as cousas que fai como durmir, cantar, bañarse ou xogar. Estes libros, escritos por Liesbet Slegers e traducidos por Ignacio Chao, levan por título A durmir (2009), A Xantar (2009), Vístome (2009), No meu aniversario (2009), e agora, a editorial publica Voume bañar e A xogar, libros que familiarizan os nenos coa súa vida cotiá e ensínano a ter un chisco de autonomía.


Álbum de Vanina Starkoff, narrado en primeira persoa, no que se relata a obsesión dunha pequena nena por bailar coas nubes. Mediante frases breves e descricións claras, faise chegar esta historia de tolerancia e convivencia, na que esta pequena consegue ao final o soño. A nena desexaba bailar algún día coas nubes, aínda que súa nai se encargaba de estragarlle o soño facéndole ver a simple realidade. Un bo día a aldea na que vivía comeza a medrar e unha noite, mentres soñaba, espertárona uns ruidos. Era Mateo, un novo veciño, construíndo unha casa debaixo da dela. Maios tarde chegou Teresa, unha cantante, que se instalou tamén nunha nova planta no baixo da casa. Así, a rapaza atopábase cada vez nun piso máis arriba da casa en constante construción, a un paso máis do seu soño. Chegou tamén Ulises, fabricante de papaventos e moitos veciños máis, e como a casa da nena estaba tan alta, xa non podía sair dela. Un bo día chegou a estar ao lado das nubes. Co papaventos que lle fabricara Ulises, consegue o seu soño, pero a súa vida cambiara de tal maneira, imersa nun silencio e nunha soidade permanente, que non aguantou máis a situación e decidiu volver a xunto de todos, baixar das nubes. As ilustracións de estilo naif beben de fontes folclóricas latinoamericanas e son imprescindíbeis para seguir a narración. As cores moi saturadas e de alto contraste serven para dar sentido temporal ás escenas, empregando unha gama de azuis para a noite e unha explosión de cores nas escenas de día conha técnica de pintura aplicada en planos de cor caso planos. As imaxes contextualizan o conto nun país da América latina con referencias visuais á cor da pel, ás roupas, aos costumes e ás arquitecturas en composicións moi dinámicas que presentan unha progresión ascendente en canto ao número de persoas.

Referencias varias:


Coméntase o feito de que na sociedade actual se vive nunha permanente tensión e recoméndase, para ver a vida doutro xeito, a lectura de A bailar nas nubes, de Vanina Starkoff, na que se conta a historia dunha vila que vai crecendo aos poucos e na que, a
través do soño dunha nena que quere bailar coas nubes, se aproxima ao lector a cultura latinoamericana e reflexiónase sobre a importancia do intercambio cultural nas sociedades actuais. Resáltanse conceptos como a mestizaxe, a tolerancia ou a convivencia, ofrecendo a mensaxe final de que se se quere, pódese.


Insírese nesta sección fixa un fragmento de Bailar nas nubes, escrito e ilustrado por Vanina Starkof.


Entregas da serie escrita por Elisabetta Dami e protagonizada polo rato xornalista Geronimo Stilton. Na primeira, Unha aloucada viaxe a Ratiquistán, a través da primeira persoa narrativa, Geronimo e a súa familia emprenden unha longa e ardua viaxe a Ratiquistán co único fin de facer unha guía turística desas terras descoñecidas, idea que maquinara seu avó, coñecido como Trocado Furafollas, co que se incomoda de seguido. Coma o avó xa está moi maior, el é o encargado de resolver todos os problemas e avatares que se topaban polo camiño. Antes do remate da obra, Geronimo Stilton reflexiona sobre a importancia daqueles seres maiores, os avós, aos que non se debe deixar de lado en ningún momento, e cos que se deberían compartir todos os momentos posíbeis. N’A carreira máis desatinada do mundo, Geronimo relata en primeira persoa como Pinky o inscribe na carreira máis tola do ano organizada polos patrocinadores duns novos patíns con foguetes e cuxo diñeiro será para os ratos orfos. Geronimo liase cos mecanismos dos patíns e vai por outro recorrido, pero gaña as diferentes etapas da carreira. Ao rematar a proba, Pinky inscríbeo na travesía do Gran Lago de Xeo pola mesma causa. Contan con ilustracións de Larry Keys, que teñen grande importancia na historia, xa que non só os debuxos son necesarios para seguir as narracións, senón que tamén teñen importancia visual os xogos coa tipografía e coas imaxes transparentes sobre os textos. O estilo é figurativo e amosa uns ratos con aspecto simpático en actitudes antropomórficas. As imaxes están salpicadas entre os textos, ás veces de páxina enteira e outras son debuxos pequenos que obrigan os textos a adaptarse a elas. A tipografía presenta múltiples variacións, con palabras de cores, con tipos de fantasía, con palabras de maior tamaño, con liñas que se inclinan ou se ondulan, con moitos símbolos, etc. facendo unhas pónicas atractivas visualmente. A técnica empregada é a acuarela e as cores saturadas alegres e contrastadas.

Recensións:

Infórmase da tradución dun dos “fenómenos editoriais do universo literario infantil dos últimos anos”, o do rato Geronimo Stilton. Indícase que Elisabetha Dami é a autora italiana que se esconde baixo o nome do rato e explícase que os libros desta serie son pequenas obras de arte para o público de máis de oito anos de idade. Apúntase que as diferentes e coloridas tipografías que se empregan neles contrastan cos debuxos intercalados no texto, e cos olores que se desprenden das follas das mellores edicións destas obras. Precísase que se ben en galego se acaba de publicar a primeira da serie, Unha aloucada viaxe a Raticiustán, non farán falta demasiadas cousas para que os rapaces sigan as aventuras deste simpático rato, que xa sae en internet e na televisión.


Pere Tobaruela (Barcelona, 1965) presenta neste Ano Santo unha novela de aventuras ao longo do camiño francés da Ruta Xacobeu. Dividida en dúas partes, a primeira, de cincuenta e catro páxinas, conta de xeito novelado a lenda de Jacob, decapitado no ano 44 por ser apóstolo de Xesús de Nazaret e o traslado dos seus restos mortais por parte de dous dos seus discípulos Teodoro e Atanasio a terras galegas. A segunda parte da historia, composta por trinta e dous capítulos titulados, fai un salto cronolóxico que sitúa o lectorado no ano 2010 cando catro rapaces: Xacobe, Jaume, Paula e Candela, que saen do ano Xacobeo o Camiño de Santiago acompañados polos seus compañeiros de clase e un grupo de profesoras e monitores. Dende o inicio da viaxe os catro amigos, alertados polo estraño soño que Xacobe ten na véspera da partida, senten sobre eles unha ameaza e comezan a seguir distintas pistas que parecen conducir un dos monitores que acompaña o grupo. O tempo do relato é lineal e correspóndese cos dezaseis días que dura a viaxe que son frecuentes ao achegaren lendas e datos históricos que recrean as orixes do Camiño. A voz narrativa é a dun narrador omnisciente que achega o lectorado aos personaxes principais da historia: os catro rapaces e o misterioso monitor Enrique. A ilustración da cuberta é unha fotomontaxe de Antonio Seijas, na que aparece en primeiro plano un monxe de costas coa cruz do apóstolo no hábito sobre unha imaxe da fachada da Catedral de Santiago iluminada dun xeito fantástico, como de luz sobrenatural, facendo referencia á sacralidade da cripta da basílica.

Recensións:


Comenta A cripta do apóstolo, de Pere Tobaruela, unha historia de misterio ambientada no Camiño de Santiago dirixida a un público xuvenil. Comeza facendo referencia a un artigo publicado por Dolores Vilavedra que falaba sobre a escaseza de interese que parece espantar actualmente esta temática, destacando o feito de que sexa un autor alófono quen escriba unha obra de materia xacoeira en galego. Salienta a fotomontaxe fotográfica da cuberta e recoñece o seu valor didáctico e o labor de documentación realizado polo autor.

1531
Referencias varias:


Entrevista ao escritor Pere Tobaruela por mor da publicación en galego e castelán da súa primeira novela infantil, *A cripta do Apóstolo*, co acordo entre Edicións Xerais e Ediciones B. Recolle que o autor anticipa a temática desta novela de aventuras que trata a tradición xacobea nun intento de dar a coñecer o camiño de Santiago neste ano xacobeo.


Considera que esta novela xuvenil de Pere Tobaruela amosa carencias con respecto á linguaxe e intriga literarias. Ao mesmo tempo, refírese a *O espello do serán* (1966), de Ramón Otero Pedrayo; *Do Courel a Compostela* (1988), de Úxio Novoneyra; *Caminantes, un itinerario filosófico* (2009), de Marcelino Agís Villaverde; *A rollda nocturna* (2009), de Sarah Waters, e *Xuvia-Neda*, de Vicente Araguas.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, tanto novidades como obras recentes. Esta semana seleccionánse *A cripta do apóstolo*, novela de aventuras de Pere Tobaruela; *O grito de Ipiranga*, de Luis Manuel García Mañá; *No castelo de Marbel* (2009), de Bernardino Graña; e *Cachiños do meu cernete* (2008), de Fuco Paz Souto.


Tras unhas dedicatorias das autoras, arrinca este álbum ilustrado de Ana Tortosa no que se narra o que unha nena está pensando regalarlle a un amigo. O texto, en letra negriña e en diferentes tamaños, complementase coas ilustracións de Cecilia Varela, que parecen representar o que pasa pola cabeza da nena. Con respecto á cuberta, cómpre destacar a imaxe da protagonista agarrando un temón de barco, todo sobre un fondo azul (un ceo). A cuberta, a contracuberta, as gardas e a portada presentan ilustracións. As composicións son de paxína dobre e alternanzanse imaxes reais con imaxes fantásticas que reflicten os pensamentos da nena protagonista. En todas as ilustracións aparece un polbo ou os seus tentáculos, sen que nos textos aparezca referencia algunha a este animal, pero visualmente marca o ritmo de lectura das imaxes.

Recensións:

Fala dos innovadores valores que se traballan no álbum ilustrado de Ana Tortosa: Coas mans baleiras. Asegura que a prosa poética, o esquema pregunta-resposta da protagonista, o suceso de Mario, as ilustracións de Cecilia Varela e a presenza de animais en travesías mariñas son os factores que lle permiten á autora enxalzar a amizade, a imaxinación ou o interese pola natureza, afastándose de tal modo das esixencias materialistas e consumistas polas que avoga a sociedade das últimas décadas.


Considérase esta fábula moi interesante para a reflexión dos pequenos sobre a importancia real das cousas materiais. Despois de facer un breve resume da historia narrada (os pensamentos de Ana, que vai a xunto do seu amigo Mario sen nada material, reflexionando polo camiño sobre o mellor regalo que lle pode facer a este, que é a súa presenza), indícase a clara intención pedagóxica desta obra de Ana Tortosa, Coas mans baleiras, que non é outra que facer reflexionar aos lectores sobre o ser, que “debe situarse sempre por riba do ter”. Destacanse igualmente as ilustracións de Cecilia Varela.


Conto que comeza coa dedicatoria da autora “A ti neno, que coa túa inocencia podes crer ainda na maxia e no misterio. E aínda que chegues a maior. Nunca deixes de ser neno. Dedicado a Raquel Fernández Barcala, miña querida serea”. Conchita Ximénez (Barcelona, 1923) presenta este conto de Nadal que contén unha fermosa reflexión sobre a beleza interior e o destino que cadaquén ten reservado. David e Raquel son dous nenos orfos que viven co seu avó, un vello un pouco feiticeiro que no seu obradoiro constrúe figuras do belén que inexplicabelmente cobran vida. Un día David dá forma a unha fermosísima estrela incapaz de asumir o seu destino e que, vaidosa da súa beleza, decide marchar para coñecer mundo. Observando a través dunha bola de cristal, David e Raquel seguen a perigosa viaxe da estrela ata acadar o seu destino onde, aprendendo dos seus erros, descobre que o verdadeiro brillo está no interior de cada ser. As ilustracións figurativas de Rosa Sánchez (O Grove, 1959) en cores pasteis acompañan o texto deste conto, no que a narración en terceira persoa se mestura co diálogo apoianto unha mensaxe sinxela e positiva. Son pinturas cun estilo infantil pouco desenvolvido que se basean nos textos.

Álbum de Iñaki Zubeldia (Guipúscoa, 1945) sobre la historia de Catarina, una vieja cigüeña que todos los días reúne a sus vecinos para contárselas las historias que su abuela le contaba cuando era pequeña. Tras rematar los cuentos de la niña y la bolboreta, Catarina tiene a todos entusiasmados, excepto el torpe Machín, que no deja de pedirle que contará los cuentos de sus. Catarina pronto se dará cuenta de que tiene que incluir en su repertorio a la niña con la que patín y bolboreta, Catarina, que sabe la historia de cómo el patín pasó a ser saltón. La historia es un relato meta-literario que recoge tres cuentos breves narrados por la protagonista central, la cigüeña Catarina, con la intención de destacar la temática de la literatura de transmisión oral. Las ilustraciones de Estibaliz Jalón (Álava, 1984), realizadas con acuarela, presentan un mundo fantástico en el que los insectos adoptan actitudes y expresiones humanas. El universo imaginario que refieren las ilustraciones está descrito con mucha delicadeza. Los dibujos tienen gran cantidad de detalles que incitan a mirar las ilustraciones una y otra vez, descubriendo detalles nuevos sobre los protagonistas y los escenarios en cada lectura, que enriquecen los textos con una lectura visual muy estimulante. Las cores que predominan son los verdes y los vermellos.

Recensiones:


Recomienda As historias da avoa Catarina, de Factoría K de Libros, tercera colaboración de Iñaki Zubeldia y la ilustradora Estibaliz Jalón, que fue premiada con la III Beca Etxepare al mejor proyecto para la creación de un álbum infantil en euskera. Considera que esta obra es una homenaje a la cultura de transmisión oral inspirado en recuerdos infantiles de la ilustradora, quien baseó el personaje principal de la cigüeña en su propia abuela.
VII.1.5. ANTOLOXÍAS


Antoloxía concibida como complemento do Itinerario de lecturas. De Camiño a Compostela pola LIX, na que se recompila unha selección homoxénea e coherente de catorce textos narrativos en lingua galega, correspondentes a relatos ou capítulos completos de obras sobre o Camiño e a peregrinación a Compostela. A través desta escolma de obras de dez autores e tres autoras, o lectorado recibe unha visión do panorama da LIX galega a partir do fío argumental do Camiño santiagués. Na introdución trátase o concepto de antoloxía, desenvolvéndoo en canto á súa relación e interacción coa historia da literatura. Tamén se salienta a figura do mediador na función de educar literariamente o lectorado agardado, de aí que a selección das obras teña en conta tres aspectos fundamentais, como son a instrución, a pedagoxía e a educación. Critícase obxectivamente o feito da escaseza de antoloxías previas da LIX galega e da inclusión nelas de escritores canónicos que prevalecen sobre autores e autoras máis novos sen deixar espazo para outros criterios de selección de obras que se desvían do canon. Por último, coméntase a falta de antoloxías de carácter temático fronte ás máis comúns de carácter poético ou dramático. A seguir, recóllense os textos escolmados en orde alfabética de autor, acompañados da cuberta da obra, a ficha bibliográfica, un descritor do contido de cada un dos títulos presentados e unhas notas biobliográficas dos seus respectivos escritores e ilustradores. Nos textos escollidos a temática é sobre todo ficcionada en obras de índole histórica, malia estaren presente outras de carácter detectivesco ou policial, con tendencia fantástico-realista, nas que personaxes típicos da tradición Xacobea recrean, de modo lúdico e humorístico, as súas aventuras ao longo do Camiño. Os fragmentos reproducidos pertencen a: O bordón e a estrela: de Roncesvalles a Náxera e O Camiño de Santiago de Compostela: o bordóm e a estrela (1993) (pp. 15-34), de Joaquín Aguirre Bellver; O milagre das estrelas (Aventuras do mago Antón no Camiño de Santiago) (1993) (pp. 35-38), de Dario Xohán Cabana; De como o Santo dos Croques se fai peregrino (2002) (pp. 39-49), de Pepe Carballude; Lúas de nácara (2003) (pp. 50-62), de Fina Casalderrey; O peregrino a Compostela. Diario dun mago (1998) (pp. 63-69), de Paulo Coelho; A pousada do sétimo día (1998) (pp. 70-75), de Juan Farias; As flores do meu amigo (2000) (pp. 76-81), de Rafael Fernández Lorenzo; Suso Espada. O misterio do Grial (2002) (pp. 82-90), de Francisco Fernández Naval; O único que queda é o amor (2007) (pp. 91-106), de Agustín Fernández Paz; Endrina e o segredo do peregrino (1992, 2004) (pp. 107-119), de Concha López Narváez; O bocexo do puma (2000) (pp. 120-152), de Gonzalo Moure; Resalgario (2001) (pp. 153-159), de Antonio Reigosa; e A Galiña da Paz (2002) (pp. 160-166), de Gloria Sánchez.

Recensións:

Despois de referirse á presenza do fenómeno do Xacobeo na literatura, centra o seu comentario en dous volumes que estima emblemáticos e imprescindíbeis para coñecer como este asunto foi abordado na literatura para os máis novos. Así, describe os contidos incluídos en Itinerario de lecturas. De camiño a Compostela pola LIX, que baixo a edición de Blanca-Ana Roig e Mª Jesús Agra, amosa un corpus plural de cincuenta e cinco obras en galego sobre o tema en cuestión. Tamén indica que, como complemento deste volume, se articulou a antoloxía A Santiago. Relatos infanto-xuvenís para o Camiño, editada por Blanca-Ana Roig e Carmen Franco que recompila unha selección homoxénea e coherente de catorce textos narrativos sobre o tema. Considera que se trata de dúas mostras singulares que non só permiten revivir un feito socio-político-cultural que propiciou o diálogo entre múltiples culturas, senón que informan da ampla variedade de estratexias literarias coas que aparece tratado o Camiño de Santiago, suscitando o interese pola lectura das obras completas.

Referencias varias:


Infórmasese da presentación dos libros Itinerario de lecturas. De camiño a Compostela pola LIX e A Santiago. Relatos infanto-xuvenís para o Camiño, dos que o director xeral de Promoción e Difusión da Cultura, Francisco López, salientou que son “unha forma de establecer alianzas entre as xentes interesadas na arte e no entendemento”.


Tras salientar a función deste apartado como ferramenta para coñecer un pouco máis a historia da LIX, anúnciase que na data presente se achegan algunhas monografías que asemade contribúen a este labor. Entre elas, menciónase A Santiago. Relatos infanto-xuvenís para o Camiño, que se salienta como unha das poucas antoloxías temáticas de literatura infantil e xuvenil galega.
VII.2. POESÍA

VII.2.1. POETAS GALEGOS


Volume narrativo e poético, froito do proxecto levado a cabo por ASPANEX (Asociación a favor das persoas con Discapacidade Intelectual da Provincia de Pontevedra). Acompáñase das ilustracións dun pequeno grupo de rapaces pertencentes á citada asociación, que estivo coordinado polas profesoras Carmen Jiménez Morales e Mª José Ramos Martínez, e nelas resulta evidente o estilo infantil que lle achega inxenuidade ás figuras e ás imaxes. Os textos poéticos son:


Neste conto rimado de Francisco Castro (Vigo, 1966) reflectense os medos que teñen algúns pais a deixarlles liberdade ao seus fillos pequenos para xogar, alertándooos de todos os posíbeis perigos. Existe un constante uso da reiteración e a enumeración e destácase en cursiva os versos que recollen as verbas do pai e a filla protagonistas.

- Xosé Cermeño, “Historia de Don Ramón e o susto que pudo levar cando a marea subía e non quería baixar”, pp. 41-53.

Xosé Cermeño (A Coruña, 1959), a través dun conto rimado con constantes apelacións ao lector, presenta a historia de Don Ramón o Almirante, que abrindo e pechando unha billa consegue que a marea suba e baixe, até que un día enfermou e a auga subiu e subiu, cubríndoo todo ao seu paso.

Tamén descrito no apartado VII. I. Literatura Infantil e Xuvenil. Narrativa deste Informe.

Referencias varias:


Faise referencia aos personaxes, Arancha e Raúl, do relato escrito por An Alfaya que está incorporado no libro Quéroche contar un conto. Coméntase que un grupo de membros de Aspanaex foi o encargado de ilustrar os relatos incluídos neste volume, entre os que se atopan tamén pezas de Francisco Castro, Xosé Cermeño, Agustín Fernández Paz e Irene Pérez Pintos. Finalmente, alúdese á súa presentación.

Dáse conta da publicación do volume *Quéroche contar un conto*, do que se di que inclúe relatos de An Alfaya, Francisco Castro, Xosé Cermeño, Agustín Fernández Paz e Irene Pérez Pintos. Tamén se fai referencia á presentación do libro no Museo de Arte Contemporáneo de Vigo.


**Recensións:**


Afirma que se está perante un mosaico de textos, cancións e debuxos acompañados de carismáticos músicos como Uxía, Fred Martin ou Guadi Galego. Tamén sinala que este libro-CD está pensado para conectar a escola coa vida.


Detállase que este volume é un ronsel de historias cheas de agarimo cunha perfecta harmonía entre o ritmo e unhas “letras que se disfrazan da más fermosa das poesías”. O propio Magín Blanco indica que para o compor música é como facer poesía e comenta que este CD conta con trece temas.
Asegura que este libro é unha combinación de contos e cantos que aparecen baixo formas literarias diferentes e que nel se interrelacionan textos, cancións e mais debuxos. Tamén indica que o fío condutor de todas as historias narradas e cantadas está representado por unha nena e mais por un grilo que viven no país das Apertas e asemade subliña que as ilustracións de Iván Prieto están cheas de simbolismo e colorido.

**Referencias varias:**


Expícase que neste libro están entrelazados os contos e as cancións e que os seus protagonistas son a música, a colaxe e a palabra. Remata informando de que o espectáculo “A nena e o grilo” se estreará en Pontevedra no mes de marzo.


Magín Blanco repasa nesta entrevista a súa faceta musical e detalla que lle resultou sorprendente que o seu álbum *Ellas* lle gustase tanto aos cativos e comenta que o detonante d’*A nena e o grilo* son os contos.


Tras describir brevemente o argumento da historia e o labor do escritor e dos músicos que participan neste libro-CD, reproducéuse un fragmento d’*A nena e o grilo*.


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’*A nena e o grilo*, escrito por Magín Blanco e ilustrado por Iván Prieto.

Conversa na que Magín Blanco comenta que despois de ver como os fillos dos seus amigos se sabían todas as cancións do seu disco Ella comezou a escribir algúns contos que foron os alicerces deste volume. Fala das ilustracións do libro e recalca que o 14 de marzo, na clausura do Salón do Libro de Pontevedra, se estreará o espectáculo “A nena e o grilo”.


Afírmase que Magín Blanco pasou con este traballo do pop á literatura musical infantil, cuxa orixe está na escrita dunha serie de contos infantís. Deste libro-CD coméntase que é un conxunto de contos sobre a relación afectuosa entre unha nena e un grilo.


Infórmase de que a XI edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra terá como derradeira actividade o espectáculo “A nena e o grilo”, que se representará grazas ao apoio de OQO Editora.


Coméntase que o espectáculo de imaxes e contos “A nena e o grilo” pechará o Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra e, con respecto ás súas cancións, detállase que non parten de ningún estilo en concreto, senón que resultan da amálgama de músicas variadas.


Ofrece un balance das xornadas do Salón do Libro Infantil e Xuvenil celebrado na cidade teucra. Menciona os comentarios da concelleira de Cultura, Lola Dopico, sobre a falta de apoio económico da Xunta e nun epígrafe intitulado “A fidelidade dos asistentes” sina de a representación da peza A nena e o grilo, de Magín Blanco e salienta a homenaxe a Agustín Fernández Paz e as mostras baseadas n’O Libro das Viaxes Imaxinarias (2008), de Xabier P. Docampo e ilustrado por Xosé Cobas. Conclúe cunha referencia á temática do Salón, centrada nas cidades.


Conversa na que o debuxante deste volume, Iván Prieto, comenta que a técnica que empregou para a súa ilustración foi a da colaxe, pero desta vez cunha textura pictórica onde primeiro pintou e a seguir recortou.

Indica que se está perante un traballo ben feito que se mergulla “nun eclecticismo estético” e destaca que esta obra está a medio camiño entre o pop e a música de autor.


Comenta que este traballo é un xiro no rock poético de Magín Blanco e que o resultado é un produto cultural de primeira orde. Comenta que con *A nena e o grilo* se intentan transmitir valores e que o deseño e traballo gráfico desta edición estivo a cargo de Iván Prieto.


Infórmase de que o espectáculo “A nena e o grilo” chegou á cidade de Lugo e detállase que está a percorrer Galicia no verán de 2010 e mais que este espectáculo se plasmou nun CD homónimo.


Conversa na que Magín Blanco fala da súa infancia, da súa etapa como integrante da “movida” e mais do grupo La Rosa. A seguir reflexiona sobre este disco-libro onde fala da súa relación con Camilo Franco, Uxía Senlle e mais Iván Prieto para a realización desta obra. Sinala que cada vez goza máis escribindo e tamén se refire á súa colaboración no espectáculo “Palabras contadas” de Camilo Franco.


Asegura que a novidade deste libro-CD é máis musical que escénica e que conta con cancións marcadas polo gusto do rock tranquilo e do pop clásico. Tamén comenta que o espectáculo “A nena e o grilo” está máis apegado ás letras das cancións cá música.


Repasa a traxectoria de Magín Blanco, subliña o seu gran talento e finalmente apunta que en 2010 se asociou cun gran número de músicos para dar forma a este libro-CD infantil.


Informa de que dentro do programa Bocaberta, e en clave de conto, está presente este CD onde a súa canción “Cricri” serve de base para o obradoiro “Eu falo así”.

1541
Escolma de poemas de Ramón Cabanillas (Cambados, 1876-1959), feita por Ramón Caride (Cea, Ourense, 1957), que se abre logo dunha cita de Xosé Luis Méndez Ferrín. Trátase de vinte e tres composicións que, seguindo a orde do alfabeto e presentadas con palabras claves (“Agras”; “Brúa”; “Cambados”; “Dona”; “Escalibor”; “Fouce”; “Galego”; “Herdanza”; “Irlanda”; “Lonxe”; “Merlo”; “Nais”; “Fefiñáns”; “Outono”; “Parra”; “Quentura”; “Roseira”; “Samos”; “Teatro”; “Umia”; “Ventura”; “Xoquín” e “Zanfona”), permiten ao lectorado coñecer aspectos vitais e profesionais do escritor cambadés, ao se trazar toda unha simboloxía, creada a partir de referentes diversos. Neles, alúdese ao seu ideario político (agrariño), aos aspectos biográficos (paisaxes e lugares da comarca do Salnés, familia) e bibliográficos (obra poética, fundamentalmente, pero tamén teatral), ás liñas temáticas recorrentes (amor/desamor, materia da Bretaña, celtismo) ou a cuestións tales como a lingua e a cultura popular, á vida na aldea, etc. Ao final, inclúese o apartado “Voces de Cabanillas”, a modo de índice, no que se explica brevemente a presenza de cada unha das palabras chaves. Todas as composicións aparecen cada dúas páxinas e van acompañadas por unha ilustración. As ilustracións de Xosé Cobas (Logrosa, Negreira, A Coruña, 1953) son de estilo figurativo. Están concibidas con liberdade e son unha tradución visual dos textos dos poemas. En canto a técnica, emprega trazos esvaecidos de pintura con xogos cromáticos para os fondos e trazos máis concretos para as figuras.

Referencias varias:


Describe e comenta brevemente toda unha serie de novidades editoriais entre as que se atopan novas entregas da colección “Do A ao Z con…”, que abordan as figuras de Uxío Novoneyra, Castelao e Cabanillas.


Sección fixa dos suplementos onde se acolle un breve descritor de Do A ao Z con... Cabanillas, de Ramón Caride, quen evoca a época recreada nas composicións deste poeta; e O soño (re)dirixido, de Víctor Vaqueiro.
Este volume, que se distribúe con motivo da celebración do Día Internacional do Libro Infantil, conta coas ilustracións figurativas de David Pintor. Na cuberta, en cores alegres, aparece una figura estilizada dun lagarto en bicicleta e no interior, introducindo cada parte, hai unha imaxe en branco e negro, que resulta de fragmentar a imaxe da cuberta e que se relaciona co nome da colección e non coa temática dos textos. A achega poética é de:


Nesta serie poética de Yolanda Castaño (Santiago de Compostela, 1977) tematízanse cuestiões comúns e tradicionais da contorna máis coñecida polos máis cativos, botando man do humor presente en estrofas como a seguinte: “Todos eses namorados/ teñen parvo o corazón,/ collen unha margarida/ e danelle a ela razón”.

Tamén descrito no apartado VII. I. Literatura Infantil e Xuvenil. Narrativa deste Informe.


Volume publicado nunha edición conmemorativa do Día Internacional do Libro Infantil. Está composto por relatos e unha serie poética. A cuberta ten unha ilustración de Manuel Cráneo que representa un lagarto azul e que supón un aceno ao nome da colección. A imaxe non ten relación cos contos e repítese no interior, en branco e negro, para introducir cada texto. A achega poética é de:


Carlos Negro (Lalín, 1970) ofrece os poemas “Vía rápida” e “Chapa e pintura”, nos que se alude ás sensacións de velocidade que impregnan a vida dos alumnos de quince anos, ademais de interrogarse se para estes mozos as engrenaxes da vida son ou non “pezas firmes e sólidas” coma as dos coches, pezas quen non esvaran nin manchan a alma.

Tamén descrito no apartado VII. I. Literatura Infantil e Xuvenil. Narrativa deste Informe.


Acólense neste volume os poemarios e relatos gañadores dos XXXVII Premios Literarios “Minerva” 2009, precedidos por un limiar de Manuel Quintáns Suárez, que tamén actuou como presidente do xurado na modalidade de narración. Homenaxéase no limiar a figura de Avelino Abúin de Tembra (Dodro, 1931), de quen se destaca dende o seu papel como Profesor de Lingua e Literatura no Colexio Manuel Peleteiro até a súa función como animador e promotor de fundacións coma o Pedrón de Ouro e os Premios
Minerva, creados no ano 1963. A seguir, realízase unha reflexión evocadora histórico-ficcional polo significado e nacemento dos Xogos Florais. Colocando a celebración máis temperá en Toulouse (1323), cita os Xogos Florais da cidade de Barcelona en 1393 e 1859 para chegar aos Xogos Florais da Coruña (1861), Pontevedra (1886) e Tui (1891), acto público consagrado historicamente polo emprego oral do galego. Diante desta tradición, sitúanse os Xogos Florais do Colexio Manuel Peleteiro de Santiago de Compostela como os primeiros Xogos Florais de Galicia de Ensino Medio, cunha estrutura, escenario e bases claras, entre as que destacan unha “laudatio” por parte de persoéiros do ámbito das letras ou a incorporación das modalidades de ensaio e narración breve en 1971. A versión última do certame inclúe únicamente poesía e narración breve en galego. Nun primeiro bloque aparecen as seguintes composicións poéticas:

- Federico Pedreira Nores, “Pausas”, pp. 21-[28].

Os tres poemas de Federico Pedreira, gañador do Primeiro Premio de Poesía, caracterízanse por unha combinación de elementos cotiás e referencias (literarias, artísticas...) que tenden ao confesional con certas pinceladas surrealistas.

- Lara Porto Mato, “Xoves”, pp. 29-[36].

Nos tres poemas de Lara Porto, gañadora do Segundo Premio de Poesía, obsérvase unha escrita en primeira persoa marcada pola oralidade e clara recorrenza a recursos reiterativos (anáforas, paralelismos...) nos que subxace a temática amorosa.

- Daniel Martínez Mariño, “Aladaiña do verdugo”, pp. 37-[44].

Os tres poemas de Daniel Martínez, gañador do Terceiro Premio de Poesía, presentan unha ollada crítica dende a perspectiva do verdugo.

- Sabela Rodríguez Lorenzo, “Unha mirada hostil”, pp. 45-[52].

Este Primeiro Accésit de Poesía, que recaeu en Sabela Rodríguez, deita unha ollada reflexiva sobre a dureza, o frío, a negritude das relacións interpersoais e das relacións coa natureza.

- Alejandro Coucheiro Limeres, “Desenrolo inútil”, pp. 53-[62].

O Segundo Accésit de Poesía, que foi para Alejandro Coucheiro, distribúe os poemas segundo ritmos musicais, conseguido unha enunciación virada cara á música, a oralidade e as referencias interartísticas.

- Juan J. Esturao Pena, “Miradas cúpricas en ceos de chumbo”, pp. 63-[70].

O Terceiro Accésit de Poesía, que mereceu Juan J. Esturao, perfila unha dicción poética diferenciada, xa sexa da man das referencias mitolóxicas ou da man de imaxes crúas sobre a realidade urbana.

Tamén descrito no apartado VII. I. Literatura Infantil e Xuvenil. Narrativa deste Informe.
Recensións:


Material didáctico no que se inclúen poemas de Antón Cortizas (Ferrol, 1954), debuxos de Jacobo Fernández Serrano (Vigo, 1971) e xogos de Carlos Coira. Alternanse trucos de maxia e poemas. Unha gran peculiaridade do libro é que conta cun soporte de cartón que fai que se poida aguantar de forma vertical. En canto aos trucos, clasifícanse en función da súa dificultade (Aprendiz, Mago e Supermago) e detállanse os materiais para poder realizalos, así como os pasos para fácelos e consellos para que saian ben. Salteados cos trucos están os poemas e os xogos de palabas. Ao final do libro hai unha paxina para poder apuntar notas, seguida doutras onde hai materiais para a realización da maioría dos trucos. Xa para rematar encontramos un diploma de supermago. A cuberta descobre o que hai no interior e as gardas son en vermello e repiten a silueta que aparece na cuberta. Este libro de xogos de maxia está cheo de pequenas ilustracións descritivas acompañadas de texto e anexa recortábeis ao final. Non predomina ningunha cor, debido á variedade de debuxos que ofrece.

Referencias varias:


Fállase das novidades que se publican no tempo das festas de Nadal: o libro-xogo *Abrapalabra*, no que Antón Cortizas verte a súa poesía, en forma de trípode; e o libro CD-DVD *Na punta do pé*. Afírmase que ambas as dúas son propostas para o entretemento.


Esta obra de Ana María Fernández (Palma de Mallorca, 1949) e Xoán Babarro (Calvelo de Maceda, Ourense, 1947) iníciase cun paratexto a modo de introdución, no que se conta como foi achado o corpo de Santiago Apóstolo e como se suceden as peregrinacións tras o seu descubrimento. Tamén se explica o contido do álbum polo
miúdo e aléntase á súa lectura. Nestes textos cóntanse historias sobre cabaleiros como don Roldán e dragóns, así como de oureiros e camiños, de ríos como o Ebro, dos quilómetros percorridos polos peregrinos, dos museos, da compañía atopada nas viaxes, das paisaxes que se gozan e as súas cores, da gastronomía coma o queixo e as vieiras, dos mosteiros... Todo isto é ofrecido por unha voz en primeira persoa que vai relatando a súa peregrinación dende o comezo até o fin pasando por Roncesvalles, Pamplona, Logroño, Burgos, Ponferrada... até chegar a Santiago e ao Pórtico da Gloria. Os títulos dos poemas comezan con cada unha das letras do alfabeto seguindo esa orde. No texto utilizanse fórmulas de transmisión oral como as repeticións e recursos como as metáforas tamén están presentes. Complétanse estes textos coas ilustracións figurativas de Luisa Vera, que se trazan a partir dun estilo esquemático. Son formas rodeadas dunha fina liña negra e cores planas e texturas visuais para encher os planos.

Referencias varias:


Describe e comenta brevemente toda unha serie de novidades editoriais, entre as que se atopa *Do A ao Z. O Camiño de Santiago*, de Ana María Fernández e Xoán Babarro, que se acompaña dun CD interactivo.


Francisco X. Fernández Naval (Ourense, 1956) crea un abecedario que desenvolve termos ligados a Uxío Novoneyra e á súa poética. Destaca elementos do medio natural, en “Biduíiro”, “Courel, O”, “Devesa”, “Eidos”; personaxes relevantes no mundo cultural galego próximos ao poeta, en “Otero Pedrayo”, “María Mariño”; elementos de definición colectiva, como “Fala”, “Galicia”, “Home”, “Nacionalismo”; ou símbolos centrais da poética de Novoneyra: “Auga”, “Río”, “Silencio”, “Terra”... Algúns dos versos máis célebres do poeta do Courel ecoan nestoutros, que por máis que esmiúcen contidos con coidadas escollas léxicas, non perden pulsión lírica nin ritmo. A interpretación de Fernández Naval complementáse coas ilustracións figurativas de Manuel Uhía (Portonovo, 1944) quean presenta composicións a lapis de cores con tonalidades suaves e harmónicas a dobre paxina, deixando espazo sen imaxes para dispor a mancha gráfica das poesías. Observase un predominio da liña curva nas formas dos personaxes e as paisaxes e o emprego dun xeito decorativo nos fondos das imaxes. As formas descreben as persoas e os lugares aos que se refiren os poemas.

Tamén está descrito no apartado VI. Día das Letras Galegas. Uxío Novoneyra deste *Informe*.

Recensións:

Coméntase que Everest Galicia publica Do A ao Z con Uxío Novoneyra, a cargo de Francisco Fernández Naval, no que destaca a poética do homenaxeado nas Letras Galegas do 2010. Saliéntase que se debuxa o universo poético e cultural de Uxío Novoneyra e que natureza e frescura se dan a man nas composicións, unha para cada letra do abecedario. Dise que hai poemas a escritores, poemas paisaxísticos, poemas sobre a língua, o nacionalismo, etc. Tamén se recolle a traxectoria do poeta do Courel, que residía “tanto na língua coma na Terra” dende as súas palabras, con obras como Os Eidos, Elexías do Courel e outros poemas ou Poemas caligráficos, mais tamén con títulos destinados ao público infantil como O cubil do Xabarín, Gorgorín e Cabezón ou Ilda, o lobo, o corzo e o xabarín.


Fai referencia aos volumes da colección “Clásicos en voces contemporáneas”, reparando na súa estrutura de abecedario e nos seus contidos. Di que están editados “con mimo” e informa dos outros volumes da colección, dando o nome do autor clásico, xunto co escritor e ilustrador, encargado de facer o libro.

Referencias varias:


Lémbrase como coñeceu a Uxío Novoneyra en Compostela no ano 1991 e o posterior contacto que seguiron mantendo. Recoméndase a lectura do libro Do A ao Z con ...Uxío Novoneyra (Everest/Galicia), de Francisco Fernandez Naval, así como do monográfico Cadernos de Ramón Piñeiro (XIV) dedicado á figura de Uxío Novoneyra.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Destaca destas publicacións a monografía Do A ao Z con Uxío Novoneyra.


Sección fixa dos suplementos onde se acolle un breve descritor de Do A ao Z con... Uxío Novoneyra, de Francisco X. Fernández Naval, na que se ofrece a súa visión particular deste poeta homenaxeado no Día das Letras Galegas; Dos soños teimosos, de Uxío Novoneyra; Denso recendo a salgado, de Manuel Portas; e Confidencias do mar gregos (2009), de Andrés Sánchez Robayna.
Describe e comenta brevemente toda unha serie de novidades editoriais entre as que se atopan novas entregas da colección “Do A ao Z con…”, que abordan as figuras de Uxío Novoneyra, Castelao e Cabanillas.


Poemario de Santiago Freire (Moaña, 1972) que se inicia cunha breve presentación da irmá do autor e coa dedicatoria ao seu fillo. Nel recóllese a meirande parte do universo dos nenos facendo constantes referencias a eses pequenos acontecementos que enchen os seus días. Atópanse deste xeito poemas que teñen a escola como obxecto dos seus versos, o magosto como símbolo do outono, o boneco de neve como protagonista do inverno, o mar como o representante da cor azul e así sucesivamente, dando como resultado un poemario divertido, cheo de asociacións e metáforas, que o converten nunha perfecta ferramenta de xogo para os máis cativos grazas á gran sonoridade e musicalidade das pezas que o compoñen. O uso de onomatopeas para imitar os sons dos animais ou o das ferramentas empregadas en diferentes oficios, así como a rima moitas veces elixida, converten a moitos poemas en excelentes estrofas de cancións infantís que invitan ao xogo entre pais e nais e fillos/as. Non parece de estrañar, por tanto, que o poemario estea dedicado ao seu fillo Martín e moito menos sorprende, que o título da obra conteña entre as súas letras o mesmo nome: Martingadas. Para rematar, é importante facer referencia tanto á ilustración da cuberta de Diego Seixo (a única que contén o libro) como á súa estrutura. Respecto á primeira, a pesar de ser un poemario cuxo destinatario principal é a nenez, non se atopa nin unha soa imaxe que incite a imaginación dos nenos, tan só na cuberta aparece a imaxe dunha buxaina facendo unha rápida alusión ao mundo dos xogos dos máis cativos. Á parte da ilustración, na cuberta xa se anuncia o conxunto de poemas para o lectorado infantil: Martingadas; poemas para nenos”. A continuación aparecen as distintas composicións líricas agrupadas nos seguintes apartados: “Froitas” (pp. 13-15), “Animais” (pp. 16-25), “Oficios” (pp. 26-32), “As cores” (pp. 33-35), “Os meses, as estacións e o tempo” (pp. 36-41), “Os medios de transporte” (pp. 42-44), “Os sentidos” (p. 45), “As árbores” (pp. 46-47), “Celebracións” (pp. 48-51), “Alegria e tristeza, saúde e enfermidade” (pp. 52-57), “A escola” (pp. 58-60), “Instrumentos musicais” (p. 61), “Letras e números” (pp. 62-64), “Viaxes e países” (p. 65), “Máquinas e aparellos” (pp. 66-67), “As partes do corpo” (p. 68), “Personaxes fantásticos” (pp. 69-72), “Libros, poesías, palabras” (pp. 73-77), “A terra e o espazo” (pp. 78-79), “A casa e a familia” (pp. 80-82), “A arte e os artistas” (p. 83), “A cidade” (pp. 84-86), “O circo” (p. 87) e, por último, “Versións” (pp. 88-89).

**Recensións:**

Comeza fixándose na xénsese deste conxunto de poemas que segundo afirma “ían xurdindo como material didáctico de numerosos libros de texto que precisaban dunha maior galeguización de textos orixinais...”. Continúa comentando cal é a clave fundamental do texto, no que destaca a súa sensibilidade cara ao mundo da infancia, dun xeito perspicaz e intelixente. E eloxia o tratamento no poemario, de temáticas tanto alegres coma tristes.


Conto rimado acumulativo de Bernardino Graña (Cangas do Morrazo, 1932) no que se conta o desexo dun corvo chamado Corval de comer un gorrión. Xa dende pequeno sentía unha certa aversión por ir á escola e isto traerá consigo que, debido á súa ignorancia, acabe converténdose en pato tras unha longa peregrinación polo pobo, na que moitos dos seus habitantes se mofarán del. As ilustracións de Anxo Fariña (Vigo, 1977) están realizadas cunha técnica que conxuga o debuxo coas cores planas. As formas son figurativas e o colorido alegre e variado. A liña de contorno das figuras está concibida cun estilo solto e dinámico. As ilustracións enriquecen a lectura ao mostrar imaxes que completan os poemas.

**Recensións:**


Analízase esta nova entrega da colección dedicada pola editorial A Nosa Terra ao lectorado infantil e xuvenil. Destácase que se trata dun conto rimado que remata dun xeito sorprendente e resúmese brevemente o argumento, un corvo torpe e irreverente que descobre por accidente a súa verdadeira identidade animal. Coméntase o emprego dunha linguaxe expresiva e chea de humor e de repeticións que lle dan ritmo ao texto e que suxiren unha lectura en voz alta.

**Referencias varias:**


Fai referencia ao ingreso na Real Academia Galega do poeta, narrador e dramaturgo Bernardino Graña, en substitución do falecido Constantino García, cun ampol apoio social e do mundo da literatura en Galicia. Coméntase que Graña é autor d’*O corvo que andou de pato*. Resáltase a importancia da figura deste escritor na creación do grupo de intelectuais Brais Pinto en 1958 ou na fundación da Asociación de Escritores en Língua Galega en 1980. Coméntase que, con motivo do seu ingreso na Academia, preparou un discurso titulado “Contos populares e Rosalía”, no que une a súa paixón dende neno polas pequenas historias e a súa simbiose persoal coa poeta galega, ao cal responderá, por parte da Academia o catedrático de Filoloxía Galega Ramón Lorenzo, que recordará anécdotas e repasará episodios da súa carreira profesional.
Faise referencia á publicación de varios contos de Bernardino Graña, membro da Real Academia Galega dende xullo de 2010, en Edicións A Nosa Terra presentados en forma de poesía, cun toque retranqueiro e cheos de singularidade e enxeño. Afírmase que n’O corvo que andou de pato conta a historia dun corvo, un pouco parvo, que quere comer un gorrión e ao que non lle gusta ir á escola; a súa ignorancia lévao a unha peregrinación polo pobo, onde moitas habitantes se mofan del. Sobre Un porco con chapeau (2009) afírmase que conta a historia dunha nena que fabrica un chapeu de flores e, como a ela non lle gusta como lle queda, vai-lo probando a todos os animais até que atopa un que lle senta ben. Sobre No castelo de Marbel (2009) sinállase que trata dunhas damas que vivían no castelo de Marbel, no que só pode quedar unha, aquela que saiba comer ben, ler e saber estar, pero como á maioría delas só lles gustan as lambonadas e non comen nin froitas nin verduras, un estranxo tangaráñio aféaas e enfriquecen, e será finalmente a lectora Uxía quen quede no castelo e coide del. Considérase que esta historia ensina á nenez a comer ben e intenta incentivar o pracer da lectura. Coméntase que estes contos orixinais, ilustrados por Anxo Fariña, son perfectos para iniciar os máis pequenos no difícil mundo da poesía.


Conto rimado de Bernardino Graña (Cangas do Morrazo, 1932) sobre a historia dunha parella de raposos, que se ve truncada pola morte do macho, despois dunha enchente de gallo, que non quixera compartir con ninguén, nin tan sequera coa súa compañeira. A raposa cor de mel, tan axeitada, amaba ao louro raposo, que só pensaba en comer. En terceira persoa relátase como a raposa, nun momento en que se atopaba moi aflixida pola perda do seu amado, ten que elixir, de novo, compañeiro co que compartir a súa vida. Pola súa casa van desfilando os diferentes candidatos, aos que vai rexeitando a medida que pasan. O primeiro é un gran can, antes dun lobo cinzentu que tamén o intentou. Até incluso un oso vai á súa porta. Pero finalmente ela queda co último, un raposo tamén louro, coma o seu falecido compañeiro, pero cunha diferenza, o seu carácter bondadoso e xeneroso ao aparecer cun gallo para invitala a xantar. Transmitese así a mensaxe de que o carácter e a xenerosidade resultan moi importantes. As ilustracións de Anxo Fariña (Vigo, 1977) están realizadas cunha técnica, que conxuga o debuxo coas cores planas. As formas son figurativas e o colorido alegre e variado. A liña de contorno nas figuras está concibida cun estilo solto e dinámico. As composicións son de páxina dobre e os textos sitúanse en espazos de cor baleiros de formas.

Referencias varias:

Faise referencia á publicación de varios contos de Bernardino Graña, membro da Real Academia Galega dende xullo de 2010, en Edicións A Nosa Terra presentados en forma de poesía, cun toque retranqueiro e cheos de singularidade e enxeño. Apúntase que A raposa cor de mel trata sobre unha raposa que queda viúva cando o seu compañeiro, un raposo louro, guapo, pero moi lambón morre ao comer unhas galiñas. Engádese que, como consecuencia, terá que esperar no seu tobo até que chegue outro raposo que a leve a comer fór. No caso d’Un porco con chapeau (2009) afirmase que conta a historia dunha nena que fabrica un chapeu de flores e, como a ela non lle gusta como lle queda, vaio probando a todos os animais ata que atopa a un que lle senta ben. Historia que fala dos animais e das súas características, libro de fácil lectura que intenta aproximar aos máis pequenos á poesía. Sobre No castelo de Marbel (2009) sinálase que trata dunhas damas que vivían no castelo de Marbel, no que só pode quedar unha, aquela que saíba comer ben, ler e saber estar, pero como á maioría delas só lles gustan as lambonadas e non comen nin froitas nin verduras, un estranxo tangaraño aféas e enfraquecen, e será finalmente a lectora Uxía quen quede no castelo e coide del. Considérase que esta historia ensina á nenez a comer ben e intenta incentivar o pracer da lectura. Coméntase que estes contos orixinais, ilustrados por Anxo Fariña, son perfectos para iniciar os máis pequenos no difícil mundo da poesía.


Libro-CD que acolle un proxecto musical destinado aos máis pequenos ideado pola mestra Susa Herrera (Pontevedra), autora tamén das melodías. Contén dez textos que corresponden ás letras das cancións, nos que os protagonistas son outros tantos animais: o camaleón Ramón, o dinosauro, o can Tomi, o morcego, o coello Milo, o coala Basilio, o pingüín, a ratiña Loliña, o porco e o pito Cucut, que se describen a si mesmos con humor e dende un espírito lúdico. A intención didáctica deste traballo complétase coa inclusión das correspondentes partituras e mais das coreografías que poden acompañar a cada unha das cancións, todas elas recollidas no CD-ROM. Este libro está ilustrado por María Noel Toledo (Uruguai, 1962). Na cuberta vense os protagonistas do libro nunha gran festa representados dentro dun pano de teatro e na contracuberta aparece o pano baleiro. As ilustracións son fotografías de figuras en plastilina, nas que predominan as cores vivas, e as expresións dos protagonistas son moi optimistas. Nas gardas do comezo mónstrase unha imaxe do comezo da festa, mentres nas do final obsérvase a imaxe dos restos dunha gran festa, onde se inclúe un CD-ROM con cancións que aparecen ao final do libro. Vanse presentando os personaxes un a un e tras as presentacións propóñense xogos con eles. As cores brillantes predominan en todo o libro.

Referencias varias:


Especifícase que esta obra é a terceira publicada por Susa Herrera, na que a mestura da música e a poesía arrinca sorrisos a grandes e pequenos. Indícase que o libro está
baseado nunha colección de contos da editorial catalá Corimbo. Inclúese coa obra un CD e un DVD con material audiovisual.


Poemario de Rosalía Morlán Vieites (A Coruña, 1959), dedicado a Irina, que se inicia cun prólogo de Xosé Neira Vilas sobre a importancia de coñecer a nenez para poder realizar obras axeitadas ás súas necesidades. Está inspirado na lúa e todo o que a rodea (a noite, a escuridade…) xunto con poemas nos que se transmiten emocións e sentimentos relacionados coa lúa. Neste poemario, no que está sempre presente a lúa e a tenacidade, combínanse formas de transmisión oral con outras composicións de técnica, ritmo e rima. A cuberta ten unha ilustración de Paco Lareo. É un debuxo dun rostro en primeiro plano cunha lúa ao seu lado. Na parte de atrás ten unhas pequenas imaxes a cor que tamén están no interior en branco e negro.

Referencias varias:


Informase da presentación na Fundación Novacaixagalicia dunha novidade poética a cargo de Rosalía Morlán, sanitaria e poetisa vocacional que con A coitada lúa, gañou o Premio Arume de poesía para nenos. Dáse conta da intervención de Xosé Neira Vilas na presentación.


Fálase de Rosalía Morlán, supervisora de Enfermería do hospital de Conxo, que acaba de publicar un libro de poemas que se presenta no Centro Social Novacaixagalicia, A coitada lúa. Indícase que esta autora tiña xa unha pequena traxectoria, aínda que case oculta ao público xeral, agás á súa familia, á que dedica esta obra.


Pesdelán, grupo formado pola unión de músicos, bailadores e mestres galegos e portugueses no 2008, achenxe neste volume pezas tradicionais en galego, portugués e mirandés (lingua falada nas terras portuguesas de Miranda do Douro, Vírpio e na zona de Trás-os-Montes), de Mercedes Prieto e Montse Rivera. Tras unha breve presentación de Susa Herrera aparecen once pezas tradicionais, ilustracións dos bailes e partituras dos temas divididos en seccións. Atopanse ao final das letras unhas rimas que serven para coñecelos mellor dende un punto de vista humorístico. A obra, con carácter pedagóxico, trae consigo un CD e un DVD co cal, axudándose das indicacións que aparecen no
glosario, permite aprender as danzas. Este recomplatorio de bailes ten as ilustracións dos bailes con imaxes feitas por João Vaz de Carvalho (Fundão, Portugal, 1958). A cuberta presenta uns zapatos de tacón que bailan e nas gardas as pernas dos bailarins. Nas páxinas interiores ségüe sempre o mesmo esquema: nas da esquerda, acompañando o texto da canción, un pequeno debuxo relacionado coa letra da canción; e nas da dereita, unha parella, enmarcada nun círculo, bailando as diferentes danzas. No deseño das figuras destaca a importancia dos ollos saltóns e a estilización das extremidades. As cores empregadas son o branco, o negro e o vermello sobre un fondo cálido. As formas redondeadas e o predomínio das curvas achéganlles o dinamismo necesario a estas imaxes.

**Referencias varias:**


Infórmase do grupo Pesdelán, de Compostela, formado por sete integrantes interesados na música galega que acaban de publicar un libro CD-DVD, *Na punta do pé*, animando a todo o mundo a cantar e bailar, en fin, a gozar da música. Inclúese unha entrevista con Montse Rivera, unha das impulsoras do colectivo, na que se fala da orixe e do nome do grupo, dos beneficios do baile, da función educativa da música, do novo libro e, en xeral, da música tradicional galega coa que experimentan.


Fálase das novidades que se publican no tempo das festas de Nadal: *Na punta do pé*, que aposta polo baile e a música e o libro-xogo; e *Abrapalabra*, de Antón Fortes. Afirmase que ambas as dúas son propostas para o entretemento.


Fálase de *Na punta do pé*, traballo musical do colectivo Pesdelán, que dende Compostela ofrece aos lectores un libro CD-DVD co que poder bailar. Ségüese coa transcrición dunha entrevista a Montse Rivera na que se fala do mesmo colectivo, dos seus obxectivos, do CD e da súa versión portuguesa.


Coméntase sobre *Na punta do pé*, o libro CD-DVD editado por Kalandraka do colectivo Pesdelán, que se trata dun repertorio completo para facer bailar a todos, con música galega, brasileira e portuguesa e ilustrado por João Vaz de Carvalho. Precíxase que doce dos temas que o componen están escritos en galego, portugués e mirandés. Como agasallo de Nadal escóllesne, ao lado desta, *Fálate*, de Marco Berrettoni Carrara; *O tigre que veu tomar o té*, clásico de Judith Kerr; e *Qué fai falta?*, de Gianni Rodari.

Conxunto de doce breves contos en verso que forma parte do proxecto pedagóxico dos membros de AGAL (Associaçom Galega da Língua), co obxectivo de fomentar o respecto polo medio ambiente. O argumento central deste volume ten como protagonista un paxaro que descobre o vocábulo “paz” nunha árbore e decide transmitila de aldea en aldea aos seus habitantes máis pequenos e pequenas. O narrador é o bardo Abelardo, encargado de traducir a linguaxe da fauna e da flora ao idioma dos seres humanos. O primeiro e segundo contos inclúen unha cantiga ao final e o penúltimo adopta asemade a forma dunha cantiga, como indica o seu título. A linguaxe empregada adáptase con facilidade ao lectorado agardado e consta de gran variedade léxica. As ilustracións son todas en tinta negra e sobre temas da natureza, con algún que outro retrato de mulleres e nenas. Pecha o volume un apuntamento sobre as orixes deste proxecto e doutros anteriores en Galicia e Portugal e a listaxe dos membros do grupo musical. Nun CD que acompaña o libro veñen incluídos os mesmos textos mais musicados, xunto a tres composicións máis (“Polca de estevo”, “A pastoriça” e “Salgadinha”), todas elas instrumentais. Os textos que aparecen no CD están baseados nos contos de Anxo Moure e adaptados por Servando Barreiro con música do grupo homónimo ao título deste volume.
VII.2.2. REEDICIÓNS. TEXTOS RECUPERADOS


Poema breve de Rosalía de Castro (Santiago de Compostela, 1837-Padrón, 1885) con claras referencias formais á transmisión oral, que se compón de once estrofas de catro versos predominando os pentasílabos e a rima consonante nos versos pares que lle dá musicalidade ao poema. Neles incitase a unha nena a lavarse no pío da Fontiña e Minguíñu é obrigado a facer o mesmo, xa que, do contrario, será castigado. As nenas despois de lavarse parecen unha rosa e os meniños semellan repolos. No poemario interveñen tamén persoas maiores como Antona, que peitea a nena e lle dá unha cunca de leite, e o pai de Mariquín. Ao comezo, aparece o poema enteiro escrito nunha soa páxina e logo este mesmo repartido ao longo de todo o libro. Nas ilustracións figurativas Isabel Pintado (Madrid, 1964) emprega a técnica do pastel, aplicado con trazos suaves ou esvaecidos, así como cores harmoniosas. As gardas presentan un mosaico que repite en pequeno as ilustracións do interior. As composicións de páxina dobre ocupan todo o espazo, deixando planos libres de imaxe para dispor os versos, e presentan escenas que seguen fielmente os textos, apoianto de forma visual o poema.


Poema breve de Emilio Pita (A Coruña, 1909-1981) composto por sete estrofas de catro, tres e doux versos que presentan un mazarico que pica as flores, pólas e graíñas do campo. Ao comezo ofreceese o poema enteiro escrito nunha soa páxina e logo este mesmo repartido ao longo de todo o libro. En cada estrofa atópanse claras referenciaes formais á transmisión oral, con repeticións que achegan ritmo e musicalidade á composición. Este poema acomplárase das ilustracións figurativas de Isabel Pintado (Madrid, 1964). As gardas presentan un mosaico que repite en pequeno as ilustracións do interior. As composicións son de páxina dobre e ocupan todo o espazo, deixando planos libres de imaxe para dispor os versos. As ilustracións presentan escenas do paxaro que seguen fielmente os textos, apoianto de forma visual o poema. A técnica empregada é o pastel, aplicado con trazos suaves ou esvaecidos e cores harmoniosas: cálidas para o día e frías para a noite.


Terceira edición deste poemario de Aurora Vidal Martínez (Pontedeveda, 1910-2005) publicado por vez primeira en 1958 pola editorial Alborada e pola segunda vez en xuño de 2000 por Follas Novas nunha edición de Luís Alonso Girgado e Natalia Regueiro,
aos que se suma Alexandra Cillero nesta terceira edición motivada polo centenario do seu nacemento. Tras un limiar dos editores, atópanse unhas verbas de Aurora Vidal Caramés, queu loa esta homenaxe por recuperar un poemario atemporal e ilocalizábel ao esgotarse a segunda edición. A seguir, no prólogo de Faustino Rey Romero lóase a poesía da escritora pontevedresa, equiparada á de Gabriela Mistral e Xohana de Ibarbourou. Trátase dun conxunto de vinte e tres poemas de curta extensión nos que se emprega un verso octosílabo maioritariamente. Como o seu propio título indica, a temática xira ao redor da infancia, que aparece tanto de protagonista como de interlocutora do eu lírico, e da natureza e as súas criaturas, representadas a partir dos impactos sensoriais provocados. Con respecto ás ilustracións, substituíense as acuarelas de Paula Paradela da segunda edición polas ilustracións de Aurora Rodríguez Vidal e mantéñense as de Marcial Pantín Folgar. Na portada pode verse unha ilustración moi descritiva sobre o título, xa que aparece unha meniña cun paxaro nunha fiestra como inmersa nun soño. A contraporta ofrece a mesma ilustración que na contraportada a menor escala. O primeiro capítulo do libro é unha biografía da autora dos poemas. Algúns dos poemas están ilustrados por Marcial sendo estas ilustracións máis contundentes en canto ao trazo e ao uso da mancha, pola contra as ilustracións de Aurora son máis sensíbeis, máis retidas con moito detalle de primeiro plano, realizadas á liña. Ambos os ilustradores utilizan moito espazo en branco na páxina completa e ningunha é a cor.

Recensións:


Coméntase a terceira reedición da obra Poemas de nenos e paxariños, de Aurora Vidal Martínez, na editorial Follas Novas, dentro da colección “Libros da Frouma”. Dise que a obra se publicou por primeira vez en 1958 na editorial Alborada creada por Xoán Vidal Martínez nos anos vinte en Pontevedra. Agora, segundo se di, acompañase a edición de fotos da autora, ilustracións do seu home, Marcial Pantín Folgar, e Aurora Rodríguez Vidal e conta cun limiar de Aurora Vidal Caramés. Tras achegar varios datos biográficos sobre a autora dise que o poemario é un exemplo de tradición e modernidade e que está próximo ao movemento hilozoísta. Destácase, por último, o emprego de adxectivación, diminutivos, prosopopea, anáfora e versos octosílabos.
VII.2.3. TRADUCIÓNS E VERSIÓNS


Texto de Jorge Luján que por medio dunha voz impersoal vai aludindo, a través dunha expresión poética, ás diferentes cores que están presentes en elementos naturais como, por exemplo: a praia (beixe), a rosa (rosa), o sol (amarelo), a laranxa (laranxa), o solpor (violeta), etc. Xunto ás imaxes que presiden a páxina aparece o breve texto que, en forma de poema, se coloca nunha marxe. A publicación saiu á luz o 5 de xuño de 2010, Día Mundial do Medio Ambiente. Neste álbum alongado e de apertura apaisada ilustrado por Piet Grobler (Nylstroom, 1959) as cores son as protagonistas e os textos acompañanlas. A técnica da acuarela crea unhas imaxes delicadas e poéticas coma os textos. As gardas están ilustradas con pequenos debuxos que unen a garda dianteira coa traseira. A imaxe da cuberta co título, un bosque de día, reflíctese detrás na páxina dos créditos, o bosque de noite. Ao longo da narración hai un pequeno debuxo dun cervo que provoca o lector a buscalo en cada páxina.

Referencias varias:


Preséntanse como propostas de lectura de verán *Oh, as cores*, de Jorge Luján; *Luís vai á praia*, de Guy Delisle; e *Contos para nenos que dormen de seguida*, de Pinto & Chinto. Cualificanse como “propostas que engaiolan pola súa fermosura e coidada frescura, pola súa calidade”. Dáse conta do seu contido e destácanse as súas principais características.


Conto rimado de João Pedro Mésseder (seudónimo literario de José António Gomes, Porto, 1957) no que se trata o tema do paso do tempo. Mediante diálogo e narración en primeira persoa cóntase como se loita contra o tempo, tocando así todas as medidas temporais, dende os meses aos segundos. O narrador manifesta a escaseza de tempo e dá a coñecer a súa intención de amplialo. No libro aparece un peritexto ao final onde se fai referencia á mención especial que recibiu no I Premio Internacional Compostela de Álbums Ilustrados. As imaxes deste álbum son de Gémeo Luís (Maputo, Mozambique, 1965) e están elaboradas con siluetas de papel recortado cuxas formas planas contrastan coa cor de fondo, sempre plano. Nas páxinas pares dispense o texto e unha pequena figura en negro, e na páxina oposta unha imaxe, na que o tempo e o seu pasar se simbolizan en diferentes relooxos, deformados e camuflados e cunhas agullas que teñen vida propia e se espallan pola páxina conseguindo achegar moito dinamismo á ilustración.
Recensions:


Comenta as novidades da editorial Kalandraka nos primeiros meses do 2010 salientando dúas obras: Ovelliña dáme la e O tempo voa. Indica que O tempo voa é unha historia rimada dirixida recomendada para nenos maiores de 4 anos do portugués João Pedro Mésseder e ilustrado por Gémeo Luís, na que se reflexiona sobre o tempo e o seu uso.


Recensión do álbum O tempo voa, mención especial do xurado no I Premio Internacional Compostela, que conxuga o texto rimado de João Pedro Mésseder, nome literario do profesor e investigador José António Gomes, e as imaxes de Gémeo Luís, tamén pseudónimo artístico de Luís Mendonça. Ofrecense datos sobre a produción de ambos os creadores e destácase que o álbum, traducido por Xosé Ballesteros, achégase á estruturação convencional do tempo a través dun diálogo de preguntas e respostas rimadas entre dous interlocutores, afondando en conceptos como descansar, gozar con alegria, enganar o tempo, viaxar, xogar, soñar e, mesmo, a arela de poder respirar. Sinálase que nunha segunda parte, marcada polo ton reflexivo, se incide na tremenda velocidade do paso do tempo, o cal configura unha reflexión sobre o mundo e a vida actual, ateigada de présa incesante e sen tempo que chegue, algo que afecta por igual a grandes e pequenos.


Comeza apuntando que na literatura universal un dos temas máis recorrentes é o paso do tempo. Explica que este tema serve ao home como “motor, referencia, cambio, ritmo, instrumento ou materia”. Engade que a reflexión sobre o concepto do tempo ten sido un fio condutor da “historia da filosofía e da ciencia” e que, segundo as persoas, tamén cambia a súa percepción. Indica que n’O tempo voa, de João Pedro Mésseder, a nenez é introducida no tópico do “Labuntur anni” e na idea do tempo subxectivo en contraposición ao tempo absoluto. Comenta como este conto rimado sobre o tempo presenta os periodos temporais e reflexiona sobre a subxectividade do tempo e o trepidante ritmo de vida que a sociedade leva hoxe en día, reclamando que existan máis espazos temporais para actividades que se practican pouco e que son “as que animan o corazón”. Remata precisando que o tempo cronolóxico que aparece no texto se reflicte no labor plástico de Gémeo Luís, quen presenta “imaxes dinámicás sobre un fondo liso” que representan obxectos que marcan o paso “inexorable” do tempo e que serven para amosar “diferentes formas de entender a vida”.

Referencias varias:


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’*O tempo voa*, escrito por João Pedro Mésseder e ilustrado por Gêmeo Luís.


Indícase que as traducións sempre foron un piar da Literatura infantil e xuvenil galega. Por ese motivo se recommendan ler dúas obras portuguesas: *O tempo voa*, dos creadores João Pedro Mésseder e Gêmeo Luís; e *Oveliña dáme la*, de Isabel Minhós Martins e Yara Kono. Apúntase que ambas as dúas, editadas por Kalandraka, mereceron Mencións Especiais no Premio Internacional Compostela de Álbums Ilustrados, galardón iniciado en 2008 e presentado en 2010 na Feira de Boloña.


Conto rimado de Isabel Minhós Martins (Lisboa, 1974) narrado a través do diálogo de dous personaxes: un neno e unha ovelliña. O neno pídelle a unha ovelliña que lle dea a súa lã para tecer diferentes pezas de roupa (un xersei, un gorriño, unha bufanda, unhas luvas, unhas medias e un abrigo) para que o frío non o colla, xa que a súa lã é moi quentiña e axudaralle a non ter constipado, a ter a cabeça quentiña e a non ter as mans e os dedos fríos. A ovelliña dille que lle dará a la que el queira para calcetala e que así non teña frío. Finalmente, o neno decide compartir con ela esa la facéndolle unhas pantuflas, un chaquetón e unhas medias e que así a ovelliña tampouco pase frío no inverno. Desta maneira, os dous xuntos pasarán o inverno abrigados e sen frío. A ilustración de Yara Kono (São Paulo, 1972) da cuberta mostra un fondo verde a liñas con tipografía e un pequeno personaxe de onde sae un fio de lã, que leva a ilustración da contracuberta, que é unha cesta de bolas de lã con unha boneca. Ambas ilustracións están realizadas por ordenador. As gardas son unha continuación da outra. Na primeira observarse un neno tecendo unha bufanda que chega á garga do final, que é unha ovella en fondo de cor plana ocre. Trátase de ilustracións a dobre páxina que apoian o texto.

Recensións:
Comenta as novidades da editorial Kalandraka nos primeiros meses do 2010 salientando dúas obras: *Ovelliña dáme la* e *O tempo voa*. Refire que *Ovelliña dáme la* é un conto para primeiros lectores da lisboeta Isabel Minhós Martins con ilustracións da autora brasileira Yara Kono escrito en formato dialogado que, seguindo as estacións do ano, ensina o que se pode facer coas propias mans.


Manifesta que hai tres anos, cando estaba de membro do xurado do I Premio Compostela de Álbum Ilustrado, se namorou desta obra de Isabel Minhos (texto) e Yara Kono (ilustracións), integrantes do equipo luso Planeta Tangerina de deseño e edición. Sinala que os textos rimados de *Ovelliña dáme la* máis ca na forza ou graza da linguaxe, alcanza a súa maior eficacia na forma en que constrúe a historia, ademais de referirse con detalle ás ilustracións. Por último, considera que este é un bo álbum porque nel texto e ilustracións se dan vida mutua, sen crear xerarquías valorativas e construíndo unha historia que só con ambos os elementos acada a posibilidade de comprensión.


Coméntase que Kalandraka Editora inclúe na súa colección “Demademora” a tradución de *Ovelhinha, dá-me lá* de Isabel Minhos Martins, unha narración en verso para primeiros lectores coa utilización de estruturas baseadas na repetición para introducir o diálogo entre un rapaz e a ovelha, a quen lle pide lá para elaborar diferentes pezas de vestir. Logo de darlle a lá das diferentes partes do seu corpo, é a ovela a que pasa a ter frío. O neno, entón, comparte as pezas de la que teceu. Considérase unha defensa á amizade e á importancia de compartir entre seres diferentes. Neste caso dise que a narración en verso recorda bastante as “Nursery Rhymes” inglesas. Tamén se refire ás ilustracións da brasileira Yara Kono que reforzan a idea das pezas de vestir para o inverno con liñas sinxelas e suaves.

**Referencias varias:**


Informa das novidades editoriais no eido da Literatura infantil e xuvenil no ano 2010. Así, menciona as editoriais de Kalandraka, con *Ovelliña dáme la*, de Isabel Minhós Martins e ilustracións de Yara Kono e *O tempo voa*, de João Pedro Messeder e ilustracións de Gémeo Luis; OQO Editora, con *Caixa de cartón*, de Txabi Arnal e Hassan Amekan, *Sopa de nada*, de Gonzalo Darabuc e Rashin Kheiriyeh e *A nena e o grilo*, de Magín Blanco e Iván Prieto; A Nosa Terra, con contos de Bernardino Graña e unha nova entrega d’*Os Megatoxos*, de Anxo Fariña e d’*Os Bolechas*, de Pepe Carreiro; Galaxia, coa novela *Eu amei unha serea*, de X. H. Rivadulla Corcón e *Brais e os...*


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’Ovelliña dáme la, escrito por Isabel Minhós Martins e ilustrado por Yara Kono.


Indícase que as traducións sempre foron un piar da Literatura infantil e xuvenil galega. Por ese motivo se recoméndan ler dúas obras portuguesas: Ovelliña dáme la, de Isabel Minhos Martins e Yara Kono, e O tempo voa, dos creadores João Pedro Mésseder e Gémeo Luís. Apúntase que ambas as dúas, editadas por Kalandraka, mereceron Mencións Especiais no Premio Internacional Compostela de Álbums Ilustrados, galardón iniciado en 2008 e presentado en 2010 na Feira de Bolôña.
VII.3. TEATRO

VII.3.1. DRAMATURGOS GALEGOS


Peza dramática escrita por Concha Blanco (Lires, Cee, 1950) de tendencia fantástico-realista, dividida en tres escenas que representan situacións problemáticas da vida cotiá que van ser resoltas por voces que representan valores para unha boa convivencia. A primeira está situada nun colexio e protagonizada por unha profesora, Fina, seis alumnos (Margarida, Antón, Ana, Féliz, Martiño e Carme) mais unha voz, neste primeiro caso a Experiencia. Nesta escena represéntase unha clase na cal dende o primeiro momento se está a discutir e semella non chegar a acordo até que aparece esta voz e lles dí que teñen que “dialogar”. Todos deciden facer caso e amañar os problemas mediante o diálogo. Na segunda, o escenario é unha casa na que viven uns pais, Carme e Bieito, os fillos, Brais e Lúa, e a Razón, a voz da paz nesta escena. O problema xorde porque Brais quere un móbil e para conseguilo chega tarde á casa. Os pais están preocupados e cando Brais chega, este dilles que se tivese un teléfono podería avisalos e daquela non sufrirían máis. Enfádanse até que entra unha voz que os invita a razonar. Fanlle caso e rematan dirixíndose cara ao público dicindo “hai que razonar”. Na derradeira, represéntase unha rúa e unha discusión entre uns amigos, xa que un deles, Luís, está a recibir maltrato por parte doutros, Salvador e Mina. Os amigos, Lúa e Pedro, inténñanx convencer para que este os denúncie. Non lles fará caso até que a voz da Xustiza se entremeta e repita que “hai que denunciar”. Remata cun diálogo entre a voz e todos os personaxes, aludindo aos valores anteriormente citados. A obra só vén acompañada dunha ilustración abstracta na cuberta de Manuel Fragoso.


A actriz e autora de textos dramáticos Begoña García Ferreira (Santiago de Compostela, 1979), xa galardoada en 2008 co IIº Premio Diario Cultural de Teatro Radiofónico por *O mal da vaca* (Xerais, 2008) que a Radio Galega e o Centro Dramático Galego convocaron, dedica esta peza a Carlos Losada. Nela achega ao lectorado galardoado unha historia situada na Galicia actual, un divertido e ameno conflito entre a mafia italiana e o gran cocineiro Enrico Pastorelli, que se presenta ao longo de nove breves escenas dispostas en páxinas a toda cor. A voda de conveniencia de Francesca arranxada polo seu pai, o Padríño, máxima autoridade do crime organizado en Italia, supón o fin do amor entre a rapaza e o cocineiro, a quen ao seu tempo deben buscar os empregados do mafioso, Pito Pito e Gorgorito, para encargarlle o pastel de vodas, feito que o sume na tristura. Tras diversas situacións que provocan o riso do lector/espectador e nas que asemade se verán implicados outros personaxes alé,os ao problema como Xurela e
Raiola, veciñas de Enrico, ou Albino Coco, famoso pintor, resólvese o nó deste texto de estrutura clásica coa benevolencia do Padriño en favor dos namorados, tras coñecer a mágoa que fere o cocíñeiro e a súa filla. Ademais, este texto dramático pensado para a representación achega elementos tales como as didascalias, que ofrecen datos precisos de cara á posta en escena, ou diversas intertextualidades, que crean unha ponte entre o texto e a realidade do lector mediante a mención de personaxes mediáticos como Aramis Fuster, Laura Pausini ou o propio Padriño. Todo está acompañado de ilustracións que resultan atractivas de cara á ollada infantil realizadas por Fran Pereira, que amosan as características físicas dos personaxes desta obra de teatro. As imaxes, de páxina enteira, mostran algunha situación característica da obra.

**Recensións:**


Comeza referíndose aos galardóns acadados por Begoña García Ferreiro, entre eles o premio Barriga Verde por *Bon appétit*, peza que qualifica como unha comedia de enredo protagonizada polo cocíñeiro Enrico Pastorelli e unha serie de personaxes que vai describindo. Sinálase que o humor é o alicerce fundamental da obra, ao igual ca en obras anteriores que se fixeron co galardón, como *O afundimentodo Tiránic* (2007), de Breogán Riveiro, e que na obra convive a parodia e a crítica solapada á arte contemporánea e á alta cocíña. Láise de que estas referencias pasarán desapercibidas para o lectorado máis novo, o que fai pensar en que a autora tamén se quere dirixir ao público adulto. Remátase considerando un erro a situación no final da obra da carta que revela a imposibilidade do amor dos protagonistas, o que lle resta cohesión ao texto, aínda que considera que García Ferreira é unha voz nova e singular na dramaturxia galega.

**Referencias varias:**


Achéase, por unha banda, información sobre os premios que a AGADIC (Axencia Galega das Industrias Culturais) convoca anualmente para textos dramáticos de literatura infantil, entre eles o Premio Barriga Verde. Por outra banda, infórmase da obra gañadora da sétima edición do premio antedito, *Bon Appétit*, de Begoña García Ferreira, comentando o seu argumento e salientando características, como as didascalias ou as intertextualidades, que dan conta da calidade literaria da obra e da adecuación do texto dramático de cara á súa posta en escena.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras pertencentes a
escritores galegos, menciónase Bon appétit, de Begoña García, “que escenifica o conflito da mafia italiana cun cociñeiro”.


Peza teatral de Xosé Lois García (Lugo, 1945) dividida en tres actos e protagonizada por doce iniciados que foron seres terreais e agora son emisarios de redención na Táboa Redonda. Entre eles están, por exemplo, Artur, Merlín, Perceval, Morgana ou a que, como ser terreal, foi María Balteira. Unha voz misteriosa anúncialles a estes doce elixidos que están nunha terceira dimensión e que nela terán que liberar unha terra oprimida por medio de diferentes probas. Os protagonistas están chamados a construír a Vía Láctea, o Camiño de Santiago, moi presente na toponimia, ao tempo que se fai referencia ao Codex Calixtinus. A través dunha visión de Dandrane na que aparece un pavón que chouta a un tímpano, descobren que o Camiño de Santiago se fixo para que a Táboa Redonda procure o Graal. O final constitúe toda unha defensa a prol da patria e da liberdade. Cabe destacar o ambiente premonitorio que percorre as páxinas da obra e que a fai misteriosa e atraente e a presenza constante da materia artúrica, a simboloxía relixiosa e a numérica. Consta con ilustracións figurativas de Xosé Cobas (Logrosa, Negreira, 1953). A ilustración da cuberta representa un labirinto e recorda a tradición de petróglifos celtas. Os debuxos do interior representan os personaxes, os obxectos e lugares descritos na obra. Son imaxes figurativas pero cun estilo persoal conseguido a base de trazos sinxelos e cores de masas escuras. As figuras están recortadas sobre uns fondos traballados con manchas de cor sen perspectiva algunha. A técnica empregada é o lapis de ceras sobre papel escuro. Predominan as cores cálidas.


Peza dramática escrita por Xosé Lois García (Lugo, 1945) estruturada nun só acto e dividida en tres escenas, nas cales interveñen catro personaxes: Don Nicanor, Salustiana, Candorosa e Cipriana. A obra comeza nun salón cunha mesa de lectura chea de libros e tres cadeiras. A partir deste momento, relátase a historia de Don Nicanor que vive no pazo da familia coa súa servente Salustiana. Aparece en escena Candorosa, unha doutora en Historia da Arte amiga de don Nicanor, que trata temas do románico con Don Nicanor. Mentres toman un café, Candorosa pidelle a Don Nicanor que lle conte os seus comezos no sexo, que foron con Salustiana. Pero agora el está namorado de Cipriana, que entra en escena ao final pero non participa, xa que tan só é unha cabra. Só ten como única ilustración, unha imaxe na cuberta e na portada de Manuel Fragoso (Codeseda, A Estrada, 1956): a pintura dunha muller que non garda especial relación coa temática.

Teresa González Costa (O Grove, 1975), licenciada en Filoloxía Inglesa e Italiana con formación teatral en Francia e Italia e actriz de diversas compañías que obtivo varios premios polas súas publicacións coma o Merlin de literatura infantil 2010, presenta esta peza teatral que ten lugar no Hotel de Lola. Unha casa de hóspedes de verán, na que, mentres ela conta unha historia de medo aos demais sobre a casa encantada, se van presentando os diferentes personaxes e chega un novo hóspede, Astolfo Tintanegra, experto en sombras. Á vez a Raiña volve de facer a compra, o detective xa descubriu os seus misterios e vanse mesturando coa domadora de pulgas e a florista, ao tempo que se decatan de que a Raiña ten agora a sombra de Renato Avaricia, porque sentou na súa cadeira na ca da noite anterior, para non ter que limpar, porque era a súa quenda e todo se fai entre todos neste hotel desorganizado, que agora está de moda nos contos de terror en vez das casas encantadas. Esta peza só conta cunha ilustración, unha imaxe na cuberta e na portada de Pedro Díaz Lorenzo. O debuxo dunha nena proxeñando unha sombra misteriosa alude directamente á temática da obra e concorda visualmente co título.


Peza dramática escrita por Fernando González Graña (Cuntis, 1962) e dedicada a Manuel e Avelina. Nesta peza cunha soa escena interveñen tres personaxes: o varredor, a alcaldesa e Dióxenes. O primeiro en aparecer é o varredor que critica a actuación da alcaldesa, que só quere os votos da xente, cando esta mesma o interrompe para saber por que está tan limpo sendo varredor e onde está todo o lixo. Discuten entre eles e comproban que non hai lixo en toda a cidade. Dióxenes é o terceiro personaxe e el é quen recolle todo o lixo na súa casa, gardándoo como un tesouro. Descóbrese que este último padece unha enfermidade e tanto a alcaldesa como o varredor convéncenlo de que serán respectuosos co medio ambiente. Ao final da obra o público deposita o lixo nos distintos contedores. Na cuberta atópase un debuxo de M. Rivera, que reflicte a problemática da reciclaxe nas cidades.


Comedia de Fernando González Graña (Cuntis, 1962) constituída por unha soa escena que se sitúa nun tramo do Camiño de Santiago en Galicia. Os protagonistas son dúas personaxes antagónicas xa dende o mesmo nome: Optimista e Pesimista, actitudes que demostran perante diversas situacións e temas de tipo social e relixioso. A conclusión á que se chega a través das disparatadas historias que suceden é a maxia que envolve o Camiño cara a Compostela. Ten unha imaxe na cuberta e na portada de Manuel Fragoso (Codeseda, A Estrada, 1956). O debuxo mostra unha figura dun personaxe correndo.


Farsa en verso de lance único de Bernardino Graña (Cangas do Morrazo, 1932) que pode ser representada por monifates ou actores e que foi ideada a modo de fábula de ambiente campestre, na cal se contrasta o mundo animal e humano e ao mesmo tempo urbano e rural. Comézase presentando os personaxes cunha pequena dedicatoria en verso, e mesmo ao longo de toda a obra está presente a través das breves instrucións acerca da posta en escena. Tales personaxes pertencen tanto ao mundo animal (un lobo, una raposa, unha vaca, un porco e un mosquito) coma humano (dous labregos e catro viliagos) e son estes os que, a través das súas propias voces e de xeito humorístico, mostran, cunha linguaxe bucólica e un léxico de carácter patrimonial, as diferenzas entre o campo e a cidade, utilizando como nexo temático as disputas do lobo e a raposa pola comida. Introdúcese ademais referencias formais á tradición oral por medio das repeticións, nuns metros que son sobre todo octosílabos, hexasilabos e pentasilabos. Só ten imaxe a cuberta que presenta unha granxa con animais de cores variados e alegres.


Tras dun limiar de Xosé Neira Vilas que refire a relación da que foi a súa muller, Anisia Miranda (Ciego de Ávila, Cuba, 1932-Gres, 2009), co teatro infantil, os premios recibidos e as obras que escribiu, segue a breve peza para representar con monicreques, Que lle pasou a coelliño? Conta con tres personaxes -Coelliño, Coella e Curuxa- e céntrase no desexo de Coelliño de abandonar a escola para traballar. Súa nai e a Curuxa semellan aceptar a proposta sen rifarlle, mais será o propio cativo o que chegue á conclusión de que debe aprender antes de traballar, xa que non sabe realizar ningún dos labores que elas lle propoñen. Complétase esta edición cunha biografía de Anisia Miranda, cun extracto de textos tomados do volume Homenaxe a Anisia Miranda (2010), coordinado por Valentín García Gómez. Nela repásanse acontecementos da vida da escritora dende o seu nacemento en Ciego de Ávila, o seu traslado á Habana para estudar, a época na que viviu en Bos Aires, onde comece o que será seu home, as actividades galeguistas nas que participou, o retorno a Cuba e os traballos que desempeñou e os anos que pasou en Galicia dende 1992. Recóllese tamén os libros publicados e os recoñecementos que recibiu. Conta cunha imaxe na cuberta e na portada de Manuel Fragoso (Codeseda, A Estrada, 1956). Trátase dun debuxo que mostra unhas figuras de animais de aspecto estranxo. No interior as mesmas figuras aparecen como a posibel caracterización dos personaxes da obra. Tamén hai unha imaxe dun retrato da autora da obra e varias fotografías persoais dela.

Peza dramática póstuma de Anisia Miranda (Ciego de Ávila, Cuba, 1932-Gres, Vila de Cruces, 2009), que se abre coa reprodución dun retrato da autora realizado polo pintor arxentino Alberto Bruzzone, dedicado e datado en marzo de 1961. No limiar “Anisia e o teatro”(p. 6), Xosé Neira Vilas destaca a traxectoria literaria da autora e subliña algumas das súas obras máis representativas. A peza dramática (pp. 7-11) comeza co dramatis personae no que se describe brevemente a personalidade dos cinco personaxes: a cóbrega, o ourizo cacho, o cabalo, o boi, e o merlo. Un ourizo cacho, tras escotar uns berros de auxilio, descobre a cóbrega presa nun burato do que é incapaz de saír e, moi alporizada e de malos modos, esixe que a axude, ao que o ourizo cacho se dispón rápidamente. Tras conseguiu e canso polo esforzo realizado, sorpréndelle que a cóbrega queira comelo para satisfacer así a súa fame e non entende que, tras axudala, esta decida pagarle o seu ben, cun mal, e pídelle que lle deixe demostrar que está errada. Buscan tres testemuñas para que decidan quen ten razón, segundo un pacto: se dúas das tres testemuñas consideran que un ben se paga cun mal, a cóbrega comerá o ourizo; mais, se a maior parte, considera que un ben se paga cun ben, a cóbrega desistirá da súa tentativa. Actúan como testemuñas o cabalo, o boi e o merlo. O cabalo considera que un ben se paga cun mal, pois despois de traballar toda a vida para o seu dono, ao facerse vello, este deixou de alimentalo ben e puxoo a turrar dun carro; o boi, coma o cabalo, deulle a razón á cóbrega. O ourizo cacho, pese a resignarse ante a ledicia da cóbrega, quixo preguntarlle á última das testemuñas, o merlo. Ao lle explicaren o acontecido, o merlo non entendía a situación e requiriu, para tomar unha decisión, a reprodución dos feitos. A cóbrega, ansiosa por comer canto antes, non dubidou en meterse novamente no burato. Ao estar presa de novo, o merlo e o ourizo, gozoso ao descubrir que escapara do seu destino, comenzaron a peteirala. Esta peza dramática conta cunha imaxe na cuberta e na portada de Manuel Fragoso (Codeseda, A Estrada, 1956). O debuxo mostra unhas figuras de animais de aspecto estraño. No interior as mesmas figuras aparecen como a posíbel caracterización dos personaxes da obra.


Nesta obra dramática de Xosé Antonio Neira Cruz (Santiago de Compostela, 1968), dedicada “Para Dália Dopico Rodríguez, cun bico de amora”, preséntase o simpático Doutor Amorodo, encargado de curar os males da humanidade, especialmente, os de amor. Está na procura da fórmula da sopa de xarope de amora, que prepara a súa cociñeira e ama de chaves, Dona Chismunda, por quen sente unha tenrura especial. Dona Cigana, medio meiga, Casimiro, o sapo de confianza do doutor, o mancebo Valdemaro e os criados Socorro e Auxilio forman xunto coas tres princesas resistentes ao amor (Pitussa, Floripa e Philiperta) e os seus pais, os reis e as raíñas contrariados, o elenco desta peza teatral. A teima do Doutor Amorodo era conseguiar facer esa famosa sopa de amora que o volvía tolo, como a súa ama de chaves. Un bo día chéganlle de súpeto unha morea de cartas. Unha delas contiña un espello, do que se proxectou unha película que deixou abraiado o doutor: os Reinos Unidos na Pena Suprema expresanlle o seu malestar e as súas temíbeis intencións, que rematan por deter a Dona Chismunda por suposta terrorista, ao levar unha sopeira que crián que era para envelenaros. Finalmente, nesta comedia áxil en tres actos, resólvese todo, o Doutor Amorodo atopa
uns candidatos moi especiais para as princesas, mentres el queda a gusto con Dona Chismunda, á que segue preguntando até o final pola fórmula da famosa sopa de xarope de amora. As ilustracións de Marta Álvarez Miguens da cuberta e a contracuberta presentan os protagonistas, feminino e masculino, no canto de tomar a sopa de amorodo (obxecto principal da narración). É unha ilustración figurativa con cores cálidas e contrastadas e formas redondeadas que achegan unhas imaxes amábeis e próximas. As gardas están decoradas con utensilios propios da cociña directamente relacionados coa temática da obra. Os personaxes protagonistas están descritos cun estilo simpático con colores e nariz vermello. As figuras están traballadas con sensación de volume nunhas composicións dinámicas, nas que predominan as curvas e as cores contrastadas e alegres. As ilustracións ocupan unha páxina enteira e son relevantes para a comprensión dos escenarios e os personaxes da obra de teatro, amosando visualmente a época na que transcurre a historia polo vestiario e os obxectos que os acompañan.

Recensións:


Despois de se referir ao papel do Premio Manuel María de Literatura Dramática Infantil na dinamización dunha modalidade textual pouco frecuentada, centra o seu comentario en *Sopa de xarope de amora*, de Xosé Antonio Neira Cruz, coa que gañou a última edición do citado galardón. Sinala que a peza se constrúe a partir da recorrida ao humor, que produce situacións disparatadas e absurdas, xogando coa transformacións de certos referentes para potenciar a súa vertente cómica. Acheo o seu argumento e alude a certas conexións que esta obra mantén coa produción anterior do escritor compostelán, para logo afirmar que é unha sorte de conto moderno que desafía as convencións partindo dos contos tradicionais. Tamén considera que se trata dunha magnífica proposta con didascalias dirixidas á representación, así como define de “acaídas” as ilustracións de Marta Álvarez.


Alude á publicación en Edicións Xerais de Galicia de *Sopa de xarope de amora*. Reproduce fragmentos do ditame do xurado, entre outros: “unha comedia áxil e divertida, protagonizada por uns personaxes estrambóticos que actualizan algúns dos tradicionais contos de fadas creando unha atmosfera que estimula a imaxinación”; e a “critica social” supón “o trasfondo que está ao longo de toda a obra”.


Preséntase *Sopa de xarope de amora “coma un bo petisco ou larpeirada para levarse á boca nas tardes de estío”. Defínese como “comedia áxil e entretida” e ofrécese como unha lectura “que logrará abrirlles o apetito a pais e fillos para que consuman máis literatura dramática infantil”. Sublinaxe a “fermosa edición acartonada, ilustrada por Marta Álvarez” e deséchese a proposta de actualización de contos de fadas. A continuación, cualifícase a obra de “hilarante” e relátase con detalle o seu fío
argumental. Menciónase a crítica da linguaxe teatral e televisiva e a crítica aos poderes estabelecidos como elementos a destacar do subtexto e lembra o premio que acadou a peza en 2009. Conclúese coa apreciación persoal da autora a respecto deste tipo de recoñecementos, “que, como ten destacado o autor, danlle visibilidade a un xénero que aínda non está no lugar que lle corresponde”.


Indícase que con esta obra, Sopa de xarope de amora, o compostelán Xosé A. Neira Cruz gañou o Premio Manuel María de teatro infantil. Especificase, ademais de apuntar o argumento da obra, que esta é unha comedia na que o autor dá a volta aos tópicos dos contos tradicionais. Cun ritmo áxil e acelerado, e anotacións cheas de recursos musicais, podería ser representada polos maiores de primaria, como se di. Fálase tamén das ilustracións de Marta Álvarez que a sitúan na época medieval, aínda que con obxectos tecnolóxicos que actúan como contrapunto humorístico.
VII.3.2. POSTAS EN ESCENA

VII.3.2.1. CICLOS, ENCONTROS, FESTIVALIS, MOSTRAS, SALAS ALTERNATIVAS E SEMANAS

Arzúa, IVº Ciclo de Teatro no Outono de

Ciclo de teatro celebrado no concello de Arzúa. Na edición de 2010, que se desenvolveu entre o dezasete de outubro e o vinte e un de novembro, acolleu as representacións *Go on!*, por parte de Malasombra; *Comedia bifida*, por Ateaco Teatro; *Vostede ten ollos de muller fatal*, polo grupo de Teatro Xuvenil Baltasar; *Acto imprevisto*, a cargo de Ditea Teatro; e *Contos de pés*, d’O Catre Teatro.

Referencias varias:


Destácanse unicamente as datas nas que se desenvolverá o IV Ciclo de Teatro que organiza o Concello de Arzúa.


Indica que se celebrou a segunda representación programada dentro do ciclo teatral de Arzúa: *Go on!,* a cargo da agrupación Malasombra. E apunta que o ciclo se pechou o día vinte e oito coa peza *Comedia bifida*, representada polo grupo Ateaco na casa da cultura arzuá. Tamén se indica que o ciclo de teatro de Boqueixón remata o mesmo día coas postas en escena *Romeo e Xulieta e Leite de Cabra* que se representaron na casa da cultura de Camporrapado.

Bande, XVº Encontros de Teatro Escolar e Amateur de

Encontros organizados polo Concello de Bande, o IES Aquis Querquernis e o CEIP Xaquín Lourenzo, no que colaboran os centros de ensino da localidade. Nel participan estudantes de educación primaria e secundaria obrigatoria dos centros de Lobios, Celanova, Os Blancos, Ourense, Baños de Molgas, Barbadás, a Coruña e Lugo. Na edición de 2010 acolléronse trece colexios de Ourense e Lugo durante unha semana, con comezo o día dezaoito de maio.

Barbadás, VIº Mostra de Teatro Infantil de

Mostra de teatro infantil organizada pola asociación de pais de familia dos colexios Filomena Dato e Ruxidoiro de Barbadás, coa colaboración da aula de teatro do colexio
Madre de Dios de Sobrado. A edición de 2010 tivo lugar dende o vinte e tres até o trinta de abril.

**Brión**, Festival de Títeres de

Festival de títeres organizado no concello de Brión, con emprazamento no centro social de Pedrouzos. Esta edición de 2010 contou coas representacións *Hip, Hip, Hurra*, de Viravolta Títeres; *Varietés*, de Títeres Seisdedos; *O pazo de papel*, de Teatro Buratini; e *Un agasallo para Xaquín*, polos Monicreques de Kukas.

**Calvo Sotelo**, XIIIº Festival de Teatro Escolar e Afeccionado

Festival de teatro escolar e afeccionado patrocinado pola Deputación da Coruña e Coca-Cola e organizado polo grupo Candelexas do colexio Calvo Sotelo que se realiza nas instalacións deste centro da cidade herculina. As compañías presentes participan ademais nun concurso onde se galardoa a mellor actuación, vestiario e escenografía. Na edición de 2010 representouse a obra *O frautista de Hamelin*, polo Grupo de Teatro Infantil do Colexio Ponte dos Brozos, ademais doutra a cargo do Grupo de Teatro Infantil da Asociación de Pais do Colexio A Rabadeira, de Oleiros.

**Referencias varias:**


Refírese ao certame de teatro escolar e afeccionado do Calvo Sotelo e explicase que, tras trece anos, esta é a súa edición máis “accidentada” debido á intervención que sufriron da Sociedade Xeral de Autores. Expícase que esta institución lles indicou que as compañías sénior que quixeran representar obras con dereitos de autor xestionados por ela deberían pagar unha taxa.

**Cambados**, Ciclo de Teatro Infantil de

Ciclo de teatro realizado en Cambados dende xaneiro até marzo. Na edición de 2010 representáronse as obras *Flis-flis-flis-flas*, de Matapiollos; *Contos maríñeiros*, a cargo de Gazhafellos; *Os Bolechas*, de Caramuxo; o musical *O paxaro de lume*, da man de Viravolta; e, por último, *Tristán, cara de can*, a cargo da compañía Elefante Elegante.
Referencias varias:


Fai referencia á presentación do ciclo de teatro infantil de Cambados a cargo do alcalde, Luís Aragunde e do coordinador, Luís Rei. Comenta que o programa se desenvolverá durante cinco domingos consecutivos e ambos destacan a oportunidade que teñen os nenos de achegarse ao teatro. Así mesmo, salienta a representación d’*Os Bolechas* como a de maior popularidade. En columna á parte recolle as obras que se van representar.

**Cambados, IIª Mostra da Escola Municipal de Teatro de**


Referencias varias:


Comenta o programa de actividades organizadas como homenaxe á figura de Ramón Cabanillas en Cambados no Día das Letras Galegas. Sinala a entrega do premio Ramón Cabanillas a Miguel Anxo Fernández, a ofrenda floral e poética coordinada polo Instituto Ramón Cabanillas, a interpretación do conto musical “Band Land”, de Derek Bourgeois e do concerto das Letras Galegas pola Banda de Música de Castrelo e do gaiteiro Xaquín Xesteira e un espectáculo de monicreques. Indica asemade, entre outros, o remate da Mostra de Teatro Escolar coa posta en escena da peza *Rechonchiña*, baseada nun conto de Eduardo Baamonde, por parte da Escola Infantil A Pastora, así como da peza *A praia*, versión dun conto de Anisia Miranda, polos alumnos e alumnas do CEIP San Tomé.

**Candilejas Don Bosco, Certame de Teatro Escolar e Afeccionado**

Certame de teatro aficionado organizado polo colexio Calvo Sotelo da Coruña. Na edición de 2010 representáronse as obras *O rinoceronte*, polo colexio Compañía de María, e *Smóking*, polo grupo de Tetro Liceo de Noia.

Referencias varias:

Fállase do certame de teatro escolar e afeccionado Candilejas Don Bosco organizado polo colexio Calvo Sotelo dende hai vinte e cinco anos. Indícase que nesta edición se representarán noventa obras entre as que se atopa *La casa de Bernarda Alba* ou *O rinoceronte*. Expícanse, tamén, os premios e as categorías.

**Descubrir o Teatro**, XXIª Mostra de Teatro escolar

Presentado por Carlos González Garcés, contará coa participación de preto de cincocentos alumnos de Educación Infantil, Primaria e ESO da cidade da Coruña.

Referencias varias:


Informa sobre o comezo da XXI Mostra de Teatro Escolar organizada polo Concello da Coruña e a ampla participación que se agarda. Así mesmo, tamén destaca que os grupos de teatro poden solicitar axuda económica ao Concello para a posta en escena das obras.

**Domingos do Principal**, Ciclo de Teatro Infantil de Pontevedra

Ciclo de teatro dirixido a un público familiar, que se vén organizando dende o ano 2000 como campaña teatral que parte da iniciativa do Concello de Pontevedra e do grupo Teatro Akatro, que é o encargado, como especialista en teatro para a nenez, de seleccionar os espectáculos que cobren esta programación. Nas dúas primeiras edicións celebrouse durante os meses da primavera, pero a partir de 2002 pasou a celebrarse no inverno. No ano 2010 participou o grupo galego Berrobambán, con *Bicharada*.

Referencias varias:


Fállase da undécima edición do ciclo de teatro familiar Domingos do Principal. Indícase que as dúas novidades deste ano son a creación dunha dobre sesión para cada un dos espectáculos e a creación dun abono para as oito funcións do ciclo. Refírese aos grupos participantes, como Berrobambán, e ás obras que se representarán, como *Papiro... flexia. Breakdance multimedia show*. Expícase que o obxectivo é que estean representadas case todas as técnicas: monicreques, teatro de sombras, musicais, etc.


Dá conta do inicio do ciclo de teatro familiar Domingos do Principal, organizado polo Concello de Pontevedra e que terá lugar no Teatro Principal. Comenta que a programación foi preparada por Akatro e informa que a primeira actuación corre a cargo da compañía Berrobambán coa obra *Bicharada*. Expíca que na obra os protagonistas
son unha araña, unha formiga e un escaravello, e salienta que a peza está construída a partir da linguaxe visual e o humor sen palabras. Finalmente, dá conta do elenco de actores (Paula Carballeira, Chiqui Pereira e Anabel Gago), a dirección artística a cargo de Evaristo Calvo e de todos os responsábeis da montaxe.

**Escena en Familia**

Ciclo de teatro protagonizado por teatro de títeres e de actor que se celebra na sala compostelá Arteria Noroeste, organizado pola SGAE galega. Na edición de 2010 participaron as compañías Titiritempo, coa obra *Osofete*; Caramuxo, con *Zapatos*, e Títeres Cachirulo, con *Catro contos da China*.

**Festiclown, XIº Festival Internacional de Clown de Galicia**

Festival internacional de clown realizado en Vigo, logo de se desenvolver as primeiras edicións en Pontevedra e Santiago. Conta con diversas seccións: a Sección Oficial, destinada a compañías femininas; Festiclown & Amigos, onde actúan compañías que formaron parte do festival dende os seus inicíos; Formaclown, un taller de formación en clown impartido por profesionais; Maracloon, espazo para aquelas compañías que levan a cabo os seus espectáculos na rúa; Mostra Internacional, onde teñen cabida compañías de ámbito estatal e europeo; Certame Intergaláctico, onde cinco compañías presentan os seus espectáculos para seren valorados polo público; Clown Off, que acolle novos proxectos aínda en proceso; Clown Session, zona de improvisación aberta para todos aqueles que desexen participar; e Isto non é Walt Disney, sección adicada exclusivamente aos máis pequenos. A edición de 2010, celebrada entre o seis de xullo e o un de agosto, contou coa participación dos artistas Peter Punk, Leo Bassi, Elliot, Pepe Viyuela, Darina Robles, Chacovachi e Claire Durcreux, ademais das compañías Res de Res, o Circ Bover, o colectivo Monstrenko e a galega Os Sete Magníficos +1.

**Referencias varias:**


Anúnciase a celebración do XIº Festival Internacional de Clown de Galicia en Vigo con máis dun cento de actuacións na rúa e máis dunha quincena no interior de teatros e carpas da cidade olíctica. No apartado Mostra Internacional dise que intervirán Leo Bassi, Elliot, Pepe Viyuela, Darina Robles, Claire ou as compañías Res de Res, o Circ Bover e o colectivo Monstrenko. Sinálosa que ademais completarán os espectáculos tres galas de luxo: a Gala Clown, a Gala do Novo Circo Galego e a Gala de Aéreos Feminina. Por último, saliéntase o Certame Intergaláctico de Exterior, do que se di que asegurará as risas do público.


Dise que o Festiclown se levará a cabo en Vigo cunha programación que inclúe a todos os públicos, con máis de cento cincuenta espectáculos por parte de corenta compañías,
entre as que destacan: Leo Bassi, Pepe Viyuela, Elliot, Claire, Dorina Robles e a compañía Res de Res e Circ Bover. A seguir relátase como a proposta se completa con galas como Clown por Palestina, Formaclown, Novo Circo Galego e Aéreos Feminina; a recadación destinarase ao Festival Internacional de Clown de Palestina de finais de outubro.


Dise que Leo Bassi estreará en exclusiva The Best na apertura da undécima edición do Festival Internacional de Clown de Galicia que se celebra en Vigo e á que acudirán corenta compañías e artistas que rebaixaron o seu caché para participar e recadar fondos na Gala Clown por Palestina, destinada á creación dun festival nestes territorios.


Dise que o Festiclown de Vigo conta con actuacións divididas en diferentes programas, como o Formaclown, a Mostra Internacional, o Maraclown e o Terrazaclown, ademais das actuacións máis esperadas de Leo Bassi como primeiro participante e de Pepe Viyuela. Perséguese que Vigo se convirta en sede permanente do Festival.


Coméntase a obra que na primeira xornada do Festiclown d.e Vigo as compañías de Baleares Res de Res e Circ Boven representaron na Porta do Sol sobre unha estrutura móbil de sete metros de altura. Dise que esta montaxe recrea o xéodo de oito personaxes que se ven obrigados a deixar o seu país de orixe para se refuxiaren noutras terras, fuxindo da fame, a guerra e a inxustiza.


Coméntase que o Festiclown reúne a pallasos de medio mundo en escenarios ao aire libre e en auditorios en Vigo. Dise que o evento contará con presentacións por parte do director, Iván Prado, a pallasa mexicana Darina Robles e máis Leo Bassi, que estreará The Best, un espectáculo creado para a ocasión, e que actuará na Gala Clown por Palestina. Por outra parte, dise que as compañías Res de Res e Circ Boven abrion a sección da Mostra Internacional.


Trata de que Leo Bassi comezou as actuacións do Festiclown en Vigo ataviado coma o actual Papa Benedicto XVI, fusionando diferentes números das súas obras no espectáculo creado especialmente para a ocasión, The Best, que ten como principais bazas a provocación e maila polémica.

- Alejandro Cerqueira, “Más humor, más payasos y más solidaridad”, Faro de Vigo,
Coméntase que o Festiclown de Vigo ofrece na súa programación talleres de formación, coma o denominado Formaclown, e actividades de carácter social, por exemplo, a actuación do galego Peter Punk no Hospital Xeral maila Gala Clown por Palestina, cuxa recaudación se dedicará a organizar un festival internacional de clowns en Palestina. Tamén se di que os vigueses gozarán da bailarina Claire Ducreux, da actuación dos Sete Magníficos e do arxentino Chacovachi.


Dixe que o Festiclown de Vigo conta con acróbatas, actuacións solidarias, equilibristas, pasarrúas e danza con humor, ademais dunha Gala por Palestina para recadar fondos.


Coméntase que Elliot, un dos artistas xestuais máis famosos do mundo, actuará no Festiclown de Vigo cunha representación na que o artista se converte nun gladiador especial loitando para gañar o amor do espectador. Dixé que Elliot ofrecerá tamén un taller de clown durante toda a semana na que o Festival continuará enchendo as rúas da cidade de humor absurdo e solidaridade.


Iván Prado, director do Festiclown de Vigo, nun encontro cos medios repasou cada un dos departamentos que forman parte do evento. Sinálase que afirmou que este Certame se converteu nun referente internacional, motivo polo que pasa o mellor plantel de Europa, democratizando e popularizando o espectáculo.


Dixe que o Festiclown continúa co seu programa de actividades, entre as que destacan Elliot, Darina Robles e Pepe Viyuela.


Ademais de comentar que o escritor e dramaturgo brasileiro Augusto Boal foi o creador do método denominado Teatro do Oprimido, que ten como obxectivos facer das persoas oprimidas as protagonistas e transformar a sociedade a través do diálogo e o arte mediante o debate e a reflexión, dixo que o Festiclown contou cunha obra deste autor que se integra na sensibilización ‘Trocando Peles’ da ONG Acsur que segue a mesma metodoloxía.

Dise que o undécimo Festival de Clown de Vigo rematou tras decenas de actuacións, entre as que destacaron a de Leo Bassi, Pepe Viyuela e a do belga Elliot. As novidades deste ano centraronse no Formaclown que dispónía de cursos de formación, que impartiron consagrados profesionais do mundo do clown, e da Gala Clown por Palestina, que recadaba fondos para realizar ali un festival de clown.


Anúnciase que rematou o Festiclown con máis de vinte mil espectadores repartidos nos seus cento cincuenta espectáculos de interior e exterior, esgotando entradas nalgúnhas das actuacións.

**Galícreques, XVº Festival Internacional de Títeres**

Este festival vénse organizando desde o ano 1996 en Santiago de Compostela pola Asociación Barriga Verde, baixo a dirección de Xurxo Rey. Desde o ano 1998 comezou a levar representacións a outras cidades galegas como Lugo, Betanzos e Pontevedra. Actualmente, o festival ten lugar en Lugo, Compostela e mais os concellos pertencentes ao Consorcio das Mariñas. A asociación organizadora contou co patrocinio de cada un dos Concellos nos que se celebrou e, desde a edición de 2000, co apoio do IGAEM (Instituto Galego de Artes Escénicas e Musicais), agora substituído pola AGADIC (Axencia Galega das Industrias Culturais), e o INAEM (Instituto Nacional de Artes Escénicas y Musicales). O nome de "Galícreques" adoptou no ano 2002. As representacións están divididas en dous apartados: Títeres nos Teatros, que teñen lugar nas diferentes salas; e Títeres na Rúa, que se desenvolven nas prazas e barrios dos concellos participantes. Na edición de 2010, celebrada desde o dous até o dez de outubro, participarán até vinte compañías de países como Sri Lanka, Bulgaria, Portugal, Arxentina, Chile e Alemaña. Como compañías galegas participaron A xanela do Maxín, con *O rei destronado*; Fantoches Baj, con *O asombro*; Títeres Alakrán, Cascanueces e Il canto del capro, con *Os títeres da via láctea*, e Títeres Cachirulo, con *Do, re, mi, Mozart xoga aquí*. Como agrupacións foráneas contouse con Pizzicatto Teatro y Títeres, desde Arxentina-Madrid; Norma Suzal, desde Arxentina; Pequeño Teatro de Muñecos, desde Colombia; Teatro Arbolé, desde Aragón; La gotera de Lazotea, desde Andalucía; Teatro Estatal de Marionetas de Varna, desde Bulgaria; Kamante Teatro, desde Asturias; Beto Hincha Teatro de Marionetas, desde Brasil; Teatro de Marionetas La Estrella e Xarop Teatre, desde Valencia; S. A. Marionetas-Teatro & Bonecos e MAO con Varazim Teatro, desde Portugal; Candelilla e Vagabundo Títeres, desde Chile; The Fifth Wheel, desde Alemaña-Rusia; Fundus Marionetten Dresden, desde Alemaña; Sri Anura Puppet Society, desde Sri Lanka; e Toni Rumbau-La Fanfarra, desde Cataluña.

**Referencias varias:**


Informa da presentación por parte da concelleira de Cultura, Socorro García, do xerente
do Auditorio de Galicia, Paulo Rodríguez, e do responsábel da Asociación Cultural Barriga Verde, Jorge Rey, da nova edición do festival internacional de monicreques Galicreques, celebrado en Santiago de Compostela no mes de outubro.


Indícase que o Festival de Títeres Galicreques cumpre quince anos e que contará con vinte compañías de países como Sri Lanka, Bulgaria, Portugal, Arxentina, Chile e Alemaña e que actuarán en varias salas da cidade.


Dá conta da décimo quinta edición de Galicreques, o Festival Internacional de Títeres, en Santiago de Compostela, organizado pola Asociación Cultural Barriga Verde e dirixido por Jorge Rey. Salienta a presenza de compañías de monicreques procedentes de diversos países e enumera os lugares onde terá lugar o Festival dentro de Santiago. Indica asemade as exposicións “Marionetas de Mali, África” e “Títeres con poesía e 25 aniversario de Títeres Cachirulo”. Remata cunha referencia ao baixo orzamento co que contou este ano a edición do Festival.


Indica a nova edición do Festival Internacional de Títeres Galicreques no Consorcio das Mariñas na Fábrica. Sublíña as actuacións dunha compañía alemá e dun cabaré de monicreques de corda, por parte tamén doutra compañía alemá.

Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

Xornadas organizadas polo Concello de Lugo en colaboración co Colexio Fingoi e Palimoco Teatro, co obxectivo de reunir espectáculos de diversas artes escénicas, tales como o teatro, a danza, a música ou o cine. Esta edición celebrouse dende o vinte e catro de maio até o once de xuño e contou coa participación de até catrocentos rapaces e rapazas nun total de dezaoito actuacións. Entre eles contouse con 4º EP do Colexio Fingoi de Lugo, coa representación de Do Mono ao Multi; o CPI Dr. López Suárez, de Friol, con Algo más que pan e queixo; Teatro Solidario As Ínsuas, dende Muros, con Agromar; o CPI de Vedra e CPI de Touro, con Palabras; 3º EP do Colexio Fingoi de Lugo, con A familia Pirulero Pirulera no vertedoiro; Teatro con Cachelos, do CEIP Anexa de Lugo, con O achado do castro; Os Lelis da Lelis, do IES Lelis Pulpeiro de Lugo, con Comedia bifida; A Armonía dos Xiraxes, dende o Hospital San Xosé de Lugo, con Escenas de vivos e mortos; a Aula de Teatro da Escola Arte e Lecer Fingoi de Lugo, con Cheira a podre en Dinamarca; Noite Bohemia, do IES Ramón Menéndez Pidal da Coruña, con Bodas de sangue; Vai no Dentista, do IES Xelmírez de Santiago de Compostela, con Hamlet eu non son; o Grupo da Biblioteca de Antas de Ulla, con O país acuático; Velai Tes Teatro, do Centro de Convivencia Uxío Novoneyra de Lugo, con Desaqueloutrados; Trasnadas Teatro, da Escola Arte e Lecer Fingoi, con Non quero medrar; Turbina Teatral, de Meira, con Borralliña e Upiaska Teatro, da Escola Arte e
Lecer Fingoi de Lugo, con *Across the Universe*.

**Referencias varias:**


Anúnciese a apertura do prazo para participar nas XI Xornadas de Artes Escénicas organizadas polo Concello de Lugo, o colexio Fingoi, a Escola Arte e Lecer e Palimoco Teatro. Indícase que hai tres modalidades: teatro, danza e música.


Fálase do comezo da undécima edición das Xornadas de Artes Escénicas, coordinadas por Palimoco Teatro. Indícase que haberá dezaoito representacións.


Anúncianse as Xornadas de Artes Escénicas nas que colaboran a Concellería de Benestar Social, a Escola Arte e Lecer, o colexio Fingoi e o grupo Palimoco Teatro. Expícase a programación e o proceso de inscrición e indicase que as modalidades que inclúen son teatro, música, danza e cine.

**María José Jove, VIº Festival de Títeres**

Festival organizado pola Fundación María José Jove e o Concello da Coruña a través do Instituto Municipal Coruña Espectáculos (IMCE). É unha continuación do Festival de Teatro e Cine infantil iniciado no ano 2003. Nesta edición de 2010, celebrada dende o vinte e seis até o trinta de decembro, contouse coas representacións *O galo Quirico e os seus amigos*, por Seisdedos; *Un día moi especial*, por Páprika Teatro; *A caixa de música*, por Viravolta Títeres; e *Historia dunha semente*, por Caramuxo Teatro. Tamén participaron dende fóra de Galicia as compañías El Retablo Teatro de Títeres e Rodorin Teatro, dende Madrid; Teatro Paraíso, dende País Vasco e La Carreta Teatro, dende Alicant.

**Referencias varias:**


Informa da nova edición do Festival de Monicreques María José Jove no concello da Coruña, organizado polo Instituto Municipal Coruña Espectáculos. Destaca a presenza de diferentes compañías españolas de monicreques.

- M. G. M., “Fundaciones y museos ofrecen actividades especiales para los niños en sus

Informa sobre o calendario de actividades dirixidas para os máis cativos por parte de varias Fundacións. Comeza co programa da Fundación Caixa Galicia, do que salienta a sesión de maxia de Cristian Magic e a sesión “Ciencia divertida”, a cargo dun grupo de profesores cómicos. Nun epígrafe á parte, “Un montaje”, menciona as actividades do MACUF, das que destaca o proxecto “Todos construímos paisaje” e a mostra “Vacío no es nada”, dirixidas a nenos e nenas e a pais e nais, respectivamente. Nun derradeiro epígrafe, tamén á parte, “Funciones en el Fórum, la Fundación Jove y el Andamio”, recolle o programa do festival de teatro: a cuarta edición do Festival de Títeres organizada pola Fundación María José Jove.


Alude a tres ciclos de teatro e monicreques celebrados en Galicia e dirixidos aos máis cativos: a Mostra de Teatro de Nadal, no Salón Teatro de Santiago de Compostela; a sexta edición do Festival de Títeres María José Jove, na Fundación María José Jove da Coruña e o MOTI, en Ourense, cunhas quince representacións. Dos tres ciclos apunta os correspondentes programas e remata cunha referencia a unha nova montaxe da compañía Galitoon, *Basilio, meu amigo imaxinario*, da que destaca o seu reparto de personaxes reais mesturados con monicreques.


Infórmase da representación no Festival de Títeres María José Jove d’*O galo Quirico e os seus amigos*, a cargo da compañía Seisdedos e dirixida por Anxo García.

**Miño, IVª Mostra de Teatro Afeccionado do**

Mostra de teatro afeccionado organizada polas direccións xerais de Creación e Difusión Cultural e de Xuventude e Solidariedade, a Asociación Cultural Feixó-Araúxo e Espazo Xuvenil Galiza-Portugal. Celébrase na Guarda e Goián e ten como obxectivo a difusión de grupos teatrais galegos e portugueses, para o que se concede o premio especial do público. Na edición de 2010 esta mostra ampliou os seus escenarios ao Rosal e nela participaron media dúcida de representacións.

**Referencias varias:**


Fálase da IV Mostra de Teatro do Miño formada por seis obras teatrais. Expícase que está organizada pola Asociación Cultural Feixó de Araúxo en colaboración coa Xunta de Galicia. Indícase que nesta edición amplía a súa dimensión ao sumarse o escenario do Rosal aos da Guarda e Goián (Tomiño).
**Monforte**, XIXº Certame Centros de Ensino de

Certame de teatro organizado polo departamento de Cultura do Concello de Monforte. Na edición de 2010 representáronse, entre outras obras, a peza *Anxos e demos*, a cargo do alumnado do colexio Nuevo.

**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúnciase a decimo novena edición do certame de teatro para centros educativos no que se representará na Casa da Cultura de Monforte a obra *Anxos e demos*, dos alumnos do colexio Nuevo.

**MOTESMO**, XIIIª Mostra de Teatro de Ensino Secundario do Morrazo

Conta co patrocinio da Deputación de Pontevedra, dos Concellos de Marín, Bueu, Cangas e Moaña, así como de Caixanova. Colaboran tamén a APA do Colexio de San Narciso de Marín, Kalandraka Editora, Editorial Anaya, Edicións Xerais de Galicia e o Centro de Recursos de Bueu. Nela participan grupos de teatro de colexios e centros de bacharelato desta comarca e ao seu redor organízanse outro tipo de actividades como conferencias e actuacións teatrais fóra de concurso. A edición de 2010 contou coa representación de *Vento ferido*, por parte de Teatro Aurin.

**Referencias varias:**


Realízase unha crónica da Mostra de Teatro do Ensino Secundario do Morrazo, destacando a importancia da práctica teatral na escola e o rol crecente no ensino da “dramatización”. Coméntase tamén o diálogo aberto entre os grupos que toman parte no evento e que converte os grupos de teatro en pequenas escolas das que sae alumnado da ESAD de Galicia. Sinálase tamén a oferta dunha “Tornamostra”, a repetición das representacións nun lugar e horario aberto ao público en xeral. Finalmente, faise referencia aos espectáculos presentes nesta edición da Mostra, en especial a *Vento ferido*, con textos de Carlos Casares, a cargo de Teatro Aurin, compañía da que se destaca que é bo exemplo de como, começando polo teatro escolar, se segue polo afeccionado e continúa na ESAD e no teatro profesional.

**MOTI**, VIIª Mostra de Teatro Infantil

Organizada polo Concello, o Teatro Principal e a Universidade de Ourense, esta mostra...
naceu no ano 2004 co obxectivo de converterse nunha oferta cultural máis da cidade de Ourense para o público infantil nas datas de Nadal. Dirixida por Fernando Dacosta ten como escenarios o Teatro Principal, o Auditorio e a Universidade de Ourense. Parte da recadación destinase a UNICEF. A edición de 2010 celebrouse do vinte e cinco até o trinta de decembro e contou coas representacións por parte de compañías galegas De fábula, pola Aula Universitaria Artello de Vigo; Cecilia e a súa boneca, polo grupo Aula Infantil Gepeto; Próxima estación: a MOTI, por Trécola Teatro; Trogloditas, por Tanxarina Titeres; O soño de Cabá, por Arroutada Teatro; O forno de Flordelís, por Elefante Elegante; Contos do vento acatarrado, por Os Monicreques de Kukas; Rosalía, a pulga que escribía, por Galitoon, ademais de Inconsciente Teatro e Sarabela. Como compañías foráneas participaron L’Home Dibuixat e La Carreta Teatro, dende Valencia; Teatro Paraíso S. A. L., dende Euskadi; Liliput Cabaret, dende Madrid; Arena en los Bolsillos, dende Andalucía e Teatro Mutis, dende Castela-León.

Referencias varias:


Dá conta da sétima edición da Mostra de Teatro Infantil de Ourense (MOTI). Menciona o número total de representacións, dezanove, dirixidas a nenos e nenas e a súa inauguración co espectáculo Próxima estación, por Trécola Teatro, nunha das rúas da cidade ourensá. Reproduce a seguir o comentario do director da Mostra, Fernando Dacosta, sobre a principal novidade desta edición e fala dun espectáculo para bebés, dos monicreques de vara coa peza Trogloditas e do teatro de actor. Continúa coa mención dalgúnhas das compañías participantes e remata coa mención dos prezos das funcións.


Alude á nova edición da Mostra de Ourense de Teatro Infantil (MOTI). Destaca a posta en escena da peza Próxima estación coa que se inaugura a Mostra, a cargo de Teatro Trécola, e as actuacións das compañías Tanxarina e Liliput Cabaret.


Dá conta da nova edición do MOTI (Mostra de Ourense de Teatro Infantil). Destaca a estrea das pezas O forno de Flordelís, da compañía Elefante Elegante; Rosalía, a pulga que escribía, de Andrea Bayer, a cargo de Galitoon; e De fábula, a cargo da compañía Aula Universitaria Artello de Vigo, ademais dunha obra por La Carreta Teatro. De cada unha delas describe o seu argumento.


Alude a tres ciclos de teatro e monicreques celebrados en Galicia e dirixidos aos máis cativos: a Mostra de Teatro de Nadal, no Salón Teatro de Santiago de Compostela; a
sexta edición do Festival de Títeres María José Jove, na Fundación María José Jove da Coruña e o MOTI, en Ourense, cunhas quince representacións. Dos tres ciclos apunta os correspondentes programas e remata cunha referencia a unha nova montaxe da compañía Galitoon, Basilio, meu amigo imaxinario, da que destaca o seu reparto de personaxes reais mesturados con monicreques.


Sinala o programa de actividades do Nadal organizado polo Concello de Ourense dende o vinte e catro de decembro até o catro de xaneiro. Destaca o concerto da coral Auria Canta que inaugura o programa, así como as estreas dunha chea de pezas co gallo da Mostra de Teatro Infantil (MOTI), un Encontro téxtil, a décimo sexta edición do Certame de Vilancicos e Panxoliñas, o tradicional mercado de Nadal, unha exhibición de graffiti, o concerto da Coral de Ruada e, nun epígrafe á parte, o percorrido dos Reis magos dende a estación do tren até a Praza Maior.


Coméntase que na última semana da Mostra de Teatro Infantil de Ourense poderá verse De fábula, unha obra da Aula Universitaria Artello de Vigo, e Cecilia e a súa boneca, do grupo Aula Infantil Geppetto.

Nadal, Mostra de Teatro Infantil de

Mostra de teatro infantil organizada polo Centro Dramático Galego que se celebra no Salón Teatro de Santiago de Compostela. A edición de 2010, celebrada dende o vinte e seis até o trinta de decembro, acolleu as representacións O día que chegou unha nube e choveu, por parte de Títeres Trompicallo; Os 4 da Xunqueira, por Limiar Teatro; Bicharada, por Berrobambán; Trogloditas, por Tanxarina Títeres, e Oh, que bonito é Panamá!, por Panamesiana Teatro.

Referencias varias:


Alude a tres ciclos de teatro e monicreques celebrados en Galicia e dirixidos aos máis cativos: a Mostra de Teatro de Nadal, no Salón Teatro de Santiago de Compostela; a sexta edición do Festival de Títeres María José Jove, na Fundación María José Jove da Coruña e o MOTI, en Ourense, cunhas quince representacións. Dos tres ciclos apunta os correspondentes programas e remata cunha referencia a unha nova montaxe da compañía Galitoon, Basilio, meu amigo imaxinario, da que destaca o seu reparto de personaxes reais mesturados con monicreques.

Narón e Ferrol, Mostra de Teatro Infantil e Xuvenil de
Organizada por primera vez en 1998, quere achar o teatro a miles de escolares do Concello de Narón durante o mes de novembro, á vez que recuperar a vella mostra infantil “Xeración Nó”, que celebraban dende 1984 os sete concellos da Mancomunidade. Durante os anos 2001 e 2002 sumouse ao Concello de Narón o Padroado de Cultura do Concello de Ferrol e contou coa colaboración do IGAEM (Instituto Galego de Artes Escénicas e Musicais), agora substituído pola AGADIC (Axencia Galega das Industrias Culturais), e da Deputación da Coruña. A edición de 2010 celebrouse dende o dous até o dezanove de novembro, e nela participaron alumnos de colexios e institutos de Ares, Cedeira, Fene, Ferrol, Mugardos, Neda e Pontedeume. Contouse ademais coa presenza de Sarabela Teatro, coa obra Konrad ou o neno que saiu dunha lata de conservas, e Títeres Trompicallo, con Violeta coletas contra as salchichas gulp!

Pequeteatro, Ciclo Teatral

Ciclo teatral de obras infantís organizado pola Concellería de Cultura de Redondela que se celebra no Auditorio do Multiusos da Xunqueira. Na edición de 2010, celebrada os días vinte e oito, vinte e nove e trinta de decembro, representáronse as obras Bicharada, de Berrobambán; Konrad ou o neno que saiu dunha lata de conservas, por Sarabela Teatro; e Flis-fli-ris-flas, de Matapiollos.

Referencias varias:


Comenta o programa de festas de Nadal organizado polo Concello de Redondela. Destaca en primeiro lugar o obradoiro de creación musical “Detrás da canción”, parte do programa Bocaberta da Secretaría Xeral de Política Lingüística, para despois aludir á celebración de “Pequeteatro”, un ciclo de representacións teatrais dirixidas aos máis cativos.

Redondela, Memorial Juanjo Amoedo, XIº Festival Internacional de Títeres de

Organizado por primeira vez no ano 2000 polo grupo Tanxarina e o colectivo Erre que erre, conta co patrocinio do Concello de Redondela, a Consellería de Cultura, a Deputación Provincial e a obra social de “La Caixa”, ademais dun grupo de cen pequenos empresarios. Dirixido por Miguel Borines co apoio dos compoñentes do colectivo Xente Titiriteira, ten como obxectivo fundamental o achegamento dos monicreques ao público infantil e mostrar as distintas técnicas de manipulación que se empregan actualmente no teatro de marionetas, así como servir de homenaxe a Juanjo Amoedo, falecido en 1999 e promotor desta iniciativa. A edición de 2010, celebrada dende o dezanove até o vinte e tres de maio, contou coa participación dos grupos foráneos Contadores de Estórias, Os Croquetas, Marionetas en Libertad, Plansjet, C’É Orquestra Pantasma, Compagnie Jatoba, Rodorin, Girovago&Rondella Family Theatre, Creatius, The Turre’s Band, La Baldufa e a arxentina Veleria Guglietti. Estiveron
presentes asemade as galegas Boneca Lareta, con *A familia Nolfini*, e O Retrete de Dorian Gray, en coproducción co CDG, con *Rúa Aire*.

**Referencias varias:**


Fai referencia á celebración da undécima edición do Festival de Títeres de Redondela organizado pola Asociación Xente Titiriteira. Achega as queixas por parte dos organizadores da escasa axuda económica recibida este ano, o que supuxo a ausencia de funcións escolares. Así mesmo, informa que este festival de títeres “Memorial Juanjo Amoedo” conta con diversidade de espectáculos de compañías procedentes de diferentes países como Brasil, Arxentina, Italia, etc.


Destaca que este ano no Festival Internacional de Títeres de Redondela, debido ao recorte das axudas económicas, a programación só contará con espectáculos de rúa e de sala, excluíndo as funcións escolares. Reflicte as queixas dun dos organizadores do festival, Miguel Borines, e salienta a colaboración do Concello de Redondela e dos comerciantes da localidade. A seguir, informa que o programa acolle corenta e seis representacións de rúa e nove representacións de sala. Ademais, indica que o festival contará con vinte e unha compañías de diversos países e, por último, dá conta do traballo das máis importantes.

- Antonio Pinacho, “Redondela se vuelca con la organización del Festival de Títeres con 50 voluntarios”, *Faro de Vigo*, “Redondela”, 15 maio 2010, p. 16.

Dá conta do inicio da undécima edición do Festival de Títeres de Redondela que este ano acolle quince agrupacións artísticas chegadas de distintas partes do mundo. En palabras do edil do Concello, Eduardo Regueira, salienta a importancia internacional deste festival e loa o labor desenvolvido pola Asociación Xente Titiriteira, organizadores do evento, que contan ademais con cincuenta voluntarios. A seguir, achega as palabras dun dos organizadores, Miguel Borines, quen destaca a calidade e diversidade dos espectáculos e critica a redución económica deste ano.


Dá conta do inicio do Festival de Títeres de Redondela que comeza coa actuación do grupo brasileiro Contadores de Estórias. Indica que se trata dunha peza para adultos e fala sobre a traxectoria desta compañía. A seguir, salienta a calidade e a variedade dos espectáculos e, en palabras do concelleiro de cultura, Eduardo Reguera, destaca o prestixio deste festival e comenta a perda das funcións escolares debido á redución económica.

Dá conta da celebración do décimo primeiro Festival Internacional de Títeres de Redondela que este ano vén marcado pola crise debido á redución económica, que obrigou á organización a suprimir as funcións escolares e manter só a programación ao aire libre e de sala. Acheoos datos en palabras dun dos organizadores, Miguel Borines, quen asegura a calidade, variedade e multiplicidade de técnicas de manipulación de bonecos coas que conta o festival. A continuación, pasa a falar dalgunhas das compañías foráneas participantes.


Fai referencia á celebración do Festival de Títeres de Redondela que este ano conta cun recorte orzamentario, mais aumenta o volume de espectáculos na rúa, chegando case ás cincuenta funcións xunto a nove funcións de sala. A seguir, comenta a variedade dos espectáculos destacando as técnicas dos títeres, os bonecos, a manipulación de obxectos, as sombras chinesas, etc.


Fai referencia á celebración do Festival de Títeres de Redondela que este ano viú reducida a súa proposta por motivos económicos e que conta con quince compañías galegas, madrileñas, catalás e doutros países. Así mesmo, comenta que serán cincuenta e cinco representacións en distintos lugares da cidade e destaca a variedade de espectáculos e a diversidade de técnicas de manipulación e escenificación. Por último, comenta a realización dun taller de construcción de títeres.


Informa sobre a celebración do décimo primeiro Festival de Títeres de Redondela, que este ano mudou o seu cartel pasando das mans que sinalaban cos dedos o número da edición, a un autobús, ambos deseñados por Pablo Giráldez. Así mesmo, destaca a redición dos carteis e a abundante venda de obxectos promocionais mais critica a redución económica de trinta mil euros. Debido a esta situación, explica en palabras dun dos membros organizadores, Miguel Borines, que tiveron que eliminar as funcións escolares. Por último, cita algunhas das compañías participantes.


Dentro do programa do Festival Internacional de Títeres de Redondela, dá conta da realización dun taller de creación de monicreques organizado por A Tenda de Candelaria. Destaca a abundante participación e comenta que o obxectivo do taller é conseguir que os nenos desenvolvan a imaxinación e fomenten a reciclaxe. Así mesmo, recolle algúns comentarios dos participantes.

Fai referencia á clausura do Festival de Títeres de Redondela que, despois de cinco días, remata cun alto nivel de participación e de calidade. Indica que intervivan quince compañías de todo o mundo as cales presentaron espectáculos moi variados: marionetas de bonecos, de fíos, manipulación de obxectos, sombras chinesas, etc.

**Riveira, XIIIª Mostra de Teatro Infantil de**

Mostra de teatro organizada pola Concellaría de Cultura, en colaboración coa Asociación Cultural Alfaia, que está inscrita ao programa Maio Cultura 2009. Nela participan alumnos e ANPAs de diversos colexios de Galicia, ademais do Grupo Municipal Infantil de Teatro de Riveira. Na edición de 2010 participaron os grupos dos colexios de Bayón e da ANPA do centro educativo de Palmeira, coa obra *A princesiña Socorro, o trobeiro Carolo e o demo dos cornos* e *O rei Maragato estaba triste*; o grupo da ANPA do colexio Galaxia, coa peza *As cagadas dos cans e Grease*; o colexio A Milagrosa, de Oleiros, con *A consulta do doutor Jeep*; o colexio Galaxia, con *Cousas do ceo*; o colexio Aguiño, con *A tía Lambda*; a ANPA do colexio Aguiño, con *O flautista de Hamelín*, e os alumnos do CEIP O Grupo, con *Fabuloso*.

**Tarabelo, VIº Certame de Teatro**

Certame de teatro organizado polo grupo teatral Tarabelo con representacións no auditorio do Pazo Emilia Pardo Bazán. A edición de 2010 celebrouse dende o cinco até o oito de decembro e contou coas representacións *Razóns de peso*, por Teatro da Pinguela; *Camiño de historias*, por Migallas Teatro, e *Tocounos a primitiva*, polos Títeres O Tarabelo.

**Titeregroove, IIIº Festival de Títeres**

Festival organizado pola Concellería de Cultura a raíz dun convenio entre o Concello do Grove e o Festival Internacional de Títeres de Redondela. Celebrado no Concello do Grove con emprazamento no IES As Bizocas de San Vicente, esta terceira edición, tivo lugar os días vinte e un, vinte e douz e vinte e tres de maio. Participaron as compañías Marionetas en Liberdade, con *O chapeu tolo*; e Títeres Cascanueces, con *Un conto de sempre*.

**Referencias varias:**


Dá conta das diferentes actividades que se van desenvolver no Grove e, entre elas, destaca a celebración do IIIº Certame TitereGrove, no que participarán títeres procedentes de Francia, Cataluña e Galicia.

- T. M., “Los vecinos y visitantes disfrutarán este fin de semana del ‘III Certame

Informa da celebración do IIIº Certame TitereGrove organizado polo Concello do Grove e que conta coa participación de diversas compañías. Salienta a actuación de Marionetas en Liberdade, a posta en escena que Títeres Cascanueces levou a cabo e, por último, cita a representación que realizará Pelele Marionnettes.

**Titirideza**

Festival de títeres celebrado no auditorio Municipal da capital do Deza, Lalín, que conta ademais cunha edición específica celebrada durante o entroido, o Titerentroido. Na edición de 2010 participaron os grupos Trompicallo Teatro, Kalina Teatro, Tanxarina, Caramuxo Teatro, Os Quinquilláns e a compañía Forquilla Teatro de Castelló.

**Referencias varias:**


Brevemente refire que o festival Titirideza se celebrou no auditorio de Lalín e comenta algunhas das actuacións coas que contou.

**Ti-ti-Ritando de Emoción, IIIª Mostra Teatral**

Mostra teatral organizada pola Concellería de Cultura de Ribeira, en colaboración co departamento municipal de Educación, dedicada ás marionetas con motivo do seu protagonismo na programación do Abril Literario neste concello. Esta mostra consta de catro funcións representadas ao longo das fins de semana do mes de abril. As compañías participantes foron Títeres Buratini, coa peza *Pazo de papel*; Títeres Titirimaña, con *Xoaniña Dentes Verdes*; Títeres Cachirulo, con *A guerra das Galicsias*, e Títeres Viravolta, con *Hip, hip, hurra!*

**Todo Público, Ciclo**

Ciclo de teatro organizado polo colectivo ‘Todo Público’ no que se representan unha serie de obras coa finalidade de achegar as artes escénicas aos máis pequenos. Cada edición deste ciclo dá comezo a finais de ano para estenderse até ben entrado o ano seguinte, co quao a edición de 2010 comezou o trece de novembro e continuou até o sete de maio de 2011. Ao longo do ano 2010 contouse coas representacións *A pequena lúa*, por A Xanela do Maxín e *Os músicos de Bremen e Saltimbanquis*, por Teatro do Morcego. Participaron tamén as compañías Teloncillo Teatro, Galitoon e Katarsis. Contouse ademais coas compañías foráneas Auraco e Taetteri Sudenenne, dende Finlandia; La Baracca, dende Italia; Ara Malikan, dende Armenia; La Machina, dende Cantabria; La Rous, dende Andalucía e Teloncillo Teatro, dende Castela-León.
Referencias varias:


Fálase do ciclo dramático para escolares Todo Público, organizado polo Instituto Municipal Coruña Espectáculos. Expícase que o programa está formado por once producións de teatro infantil procedentes de creadores diferentes de todo o mundo e de diferentes culturas. Inclúese o programa do encontro, no que se conta con granadinos La Rous, os italianos Baracca e os fineses Taetteri Sudenenne.


Dáse conta do comezo, no Fórum Metropolitano da Coruña, dun ciclo de teatro destinado a degustar en familia e cos nenos, dentro do cal participarán a compañía italiana La Baracca, a filandesa Auraco, os andaluces La Rous e a cántabra La Machina. Ademais, Teatro do Morcego porá en escena unha adaptación do conto *Os músicos de Bremen*, e tamén participarán os grupos Teloncillo Teatro, Galitoon e Katarsis.


Entre outras actividades culturais da fin de semana de finais de novembro na Coruña, indica que dentro do ciclo “Todo público”, que se celebrou no Fórum Metropolitano, se representou o día vinte *A pequena Lúa*, d’A Xanela do Maxín. Explica que nesta peza se transmiten valores como a tenrura, o respecto e a solidariedade nun mundo onde non ten lugar a violencia. Refírese que o espectáculo se dirixe á nenez de entre tres e nove anos e apunta o prezo da entrada.

**Touro, 1ª Festa do Teatro de**

Xornada teatral organizada pola ANPA do CPI Fontes Díaz, o CPI de Vedra e as escolas de teatro de Laxe e de Palas de Rei. Nesta primeira edición participaron os Grupos de Teatro de Vedra e Palas de Rei, con *Palabras*.

Referencias varias:


Refírese á Festa do Teatro do Concello de Touro. Expícase que a iniciativa xurdiu da man da ANPA do CPI Fontes Díaz ao que tamén se sumaron o CPI de Vedra e as escolas de teatro de Laxe e Palas de Rei. Indícase que a cita comezou coa representación de *Palabras*, por parte dos membros das agrupacións de Vedra e Palas de Rei.

**Venres Familiares, Ciclo**
Ciclo organizado na localidade de San Sadurniño en colaboración coa Axencia Galega das Industrias Culturais (antigo IGAEM). Con emprazamento no Teatro Lope, a edición de 2010 acolleu a representación *Tristán, cara de can*, por parte da compañía Elefante Elegante.

**Vigo, 1ª Xornadas de Teatro Escolar de**

Xornadas teatrais destinadas ao teatro escolar organizadas pola Escola Municipal de Teatro co patrocinio da Concellería de Educación. A súa finalidade é recoñecer o labor creativo que se está a desenvolver nos centros de ensino. A edición de 2010 celebrouse dende o vinte e cinco até o vinte e oito de maio.

**Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro**

Mostra de teatro celebrada na localidade de Muros cuxas postas en escena se levaron a cabo, na edición de 2010, entre o vinte e nove de abril e o vinte e nove de maio. Participaron Talía Teatro, con *Menos Lobos*; Teatro Mutis, con *Ave María Purísima*; o CEIP Touro e o EMT de Laxe, con *Fábrica de soños*; Galitoon, con *Golulá*; O xeito Teatro, con *Noite de Lobos*; A Mámoa Teatro, con *Só unha noite*; G. M. Teatro de Milladoiro, con *Cal é Valentin*; Fantoches Baj, con *Tio Miseria*; a Aula de Teatro da USC, con *As cuñadas*; OT Ramón de Artanza, con *Todo é un conto*; o Quinto curso do Esteiro, con *Ai que demo de Farruco*; o terceiro ciclo de Louro, con *O tesouro do dragón*; o Cuarto B Ramón de Artaza, con *Telemuros News*; O. Teatro Ricardo Tobío de Esteiro, con *A moa*; O. Teatro Agra de Filgueira, con *Os cinco dedos da man*; Segundo B Ramón de Artaza, con *O chouto da ra*; O. Teatro de Muros, con *Carapuchiña vermella, máis ou menos*; Teatro Solidario As Ínsuas, con *Agromar*, e o Obradoiro de Teatro de Muros, con *A estraña familia*.

**Referencias varias:**


Dise que o Concello de Muros continúa coa IV Mostra de Teatro Xosé Agrelo na que as representacións correrán a cargo do colexio Esteiro e Ramón de Artaza e do grupo teatral Agra de Filgueira.
VII.3.2.2. ESTREAS

VII.3.2.2.1. GRUPOS ESTÁBEIS OU PROFESIONAIS

Abrapalabra: *Memorias das memorias dun neno labrego*, texto Neira Vilas, dirección Cándido Pazó.

Referencias varias:


Recóllese a estrea no Auditorio da Illa de Arousa deste monólogo escénico narrativo e humorístico que conmemora os cincuenta anos da publicación da novelia homónima de Xosé Neira Vilas. Inclúe videomontaxes e música e contará coa presenza de Neira Vilas nunha das catro funcións previstas neste Auditorio.


Dáse conta da estrea deste espectáculo “da cabalo entre o monólogo e a narración teatral”, que conmemora a publicación da obra de Neira Vilas. Sinala Pazó que se parte da historia do libro, pero incorporando outros contos e humor.


Dáse conta da presentación na Illa de Arousa dos actos de homenaxe ao escritor Xosé Neira Vilas co gallo do cincuenta aniversario da publicación da súa obra *Memorias dun neno labrego*. Dise que na presentación dos actos está presente o propio escritor e o guionista e monologuista Cándido Pazó que presenta e pon en escena o seu espectáculo *Memorias das memorias dun neno labrego*, co cal estará de xira por toda Galicia. Os alumnos do IES da Illa, segundo se di, son o público dese prima representaion na que o propio Neira Vilas é un espectador máis que logo comparte unha conversa co alumnado respondendo ás preguntas que estes lle fagan.


Infórmase da estrea desta peza teatral na que “a narración oral e relato escénico van da man e da boca do seu único intérprete” e que contou coa presenza de Neira Vilas, que respostou ás preguntas de escolares de Arousa. Así, sinalou que a obra non era autobiográfrica, que conta a historia dun neno prototípico e que Galaxia realizará unha edición especial coincidindo co cincuenta aniversario da primeira edición.

Abrentiños: *Qué lle pasou a Coelliño*
Referencias varias:


Fálase da homenaxe que Edicións Fervenza e outras institucións lle fixeron a Anisia Miranda. Indicase que o acto comezou cunha intervención de Rosalía Morlán que leu os versos d’A coitada líua. Sinálase a intervención de Leticia Pavó con Esto es Cuba, hermano e a do grupo Abrentiños coa súa versión de Qué lle pasou a Coelliño. Refírese, finalmente, á intervención de Xosé Luna, director de Edicións Fervenza, que sinalou como denominador común da obra de Miranda a súa autenticidade. Coméntase que no acto tamén estivo presente o seu viúvo, Xosé Neira Vilas.

Producións Acontrabutaca: Reciclax@, texto Fernando González Graña, dirección Xosé Lueiro.

Títeres Alakrán/Cascanueces/Il Canto del capro: Os títeres da Vía Láctea

Ver Galicreques, XVº Festival Internacional de Títeres

Teatro do Andamio (1): A pequena líua

Teatro do Andamio (2): A verdadeira historia dos tres porquiños e o lobo feroz

Referencias varias:


Comenta que o Concello da Coruña vai organizar un taller de arte dramática para rapaces de entre seis e doce anos. Indica que a actividade se desenvolverá durante tres meses no centro cívico de San Diego e informa que os nenos gozarán do teatro tamén como público xa que habrá un ciclo de representacións que se iniciarán coa obra A verdadeira historia dos tres porquiños e o lobo feroz.


Anúncianse as postas en escena d’A ratiña laranxa e A verdadeira historia dos tres porquiños e o lobo feroz por parte de Caramuxo Teatro e Teatro do Andamio, respectivamente.
**Animar-T: O elixir máxico**

**Referencias varias:**


Fai referencia á programación cultural do concello de Valga, da que salienta as actividades dirixidas aos máis cativos, o festival de corais e a actuación do monologuista Carlos Blanco. Dentro das actividades infantís subliña a representación d’*O elixir máxico*, a cargo da produtora Animar-T; *As aventuras de Lila e Lolo*, da compañía Barafunda Animación, e o obradoiro “Montacontos”, impartido por Nieves Soutelo co gallo do Día Mundial das Bibliotecas. Alude asemade ao Festival de Outono, do que menciona as corais participantes.

**Teatro Aparte: Caperucita soa**

**Argallando Teatro: Charlie e a fábrica de chocolate*, texto Roald Dahl.**

**Artestudio: Contos no ar, texto Ramiro Neira.**

Ver apartado III.3.1 deste *Informe*

**Referencias varias:**


Fálase de *Contos no ar*, de Ramiro Neira, unha peza teatral ideada para un público familiar no que se “reivindica a forza da palabra e a necesidade de manter a tradición oral”.


Coméntase que Ramiro Neira, director de Artestudio, na súa peza dramática *Contos no ar* propón unha viaxe ao país dos contos meténdose na pel dun personaxe chamado “Ti” para impartir un curso co que o público aprenda a contar contos, historias das que di que se atopan en “gaiolas fabricadas coas palabras”. Sinállase que a obra se perde en longos discursos cheos de simbolismo e poesía cos que pretende achegar moitas mensaxes á vez.

Informa das actividades culturais levadas a cabo nos concellos da Estrada, Touro, Ames, Cee, Brión e Muxía durante as vacacións de Nadal. Destaca o obradoiro de pintura sobre tea da Estrada e, no caso de Touro, os obradoiros de elaboración de figuras artesanais do Belén. Con respecto ao concello de Ames, subliña as representacións de *Contos no ar*, a cargo de Artestudio Teatro, e no referente a Brión a de *Varietés*, da compañía Seisdedos Títeres, e *O pazo de papel*, de Teatro Buratini. Finalmente, do concello de Cee destaca a sesión de contacotos “A bruxiña sen vasoira”.

**Artello Teatro Alla Escala 1:5 (1): De fábula**

Ver MOTI, VIIª Mostra de Teatro Infantil

**Artello Teatro Alla Escala 1:5 (2): A do libro**

Ver apartado III.3.1 deste *Informe*

**Ateaco Teatro: Comedia bifida**

Ver Arzúa, Ciclo Teatro no Outono de

Teatro **Aurin: Vento ferido**, texto Carlos Casares.

Ver MOTESMO, XIIIª Mostra de Teatro de Ensino Secundario do Morrazo

**Axente das Palabras: Aventuras e desventuras dunha espiña de toxo chamada Berenguela**, texto Manuel María.

**Barafunda** Animación: *As aventuras de Lila e Lolo*

**Referencias varias:**


Fai referencia á programación cultural do concello de Valga, da que salienta as actividades dirixidas aos máis cativos, o festival de corais e a actuación do monologuista Carlos Blanco. Dentro das actividades infantís subliña a representación d’*O elixir máxico*, a cargo da produtora Animar-T; *As aventuras de Lila e Lolo*, da compañía Barafunda Animación, e o obradoiro “Montacontos”, impartido por Nieves Soutelo co gallo do Día Mundial das Bibliotecas. Alude asemade ao Festival de Outono,
do que menciona as corais participantes.

**Boneca Lareta: A familia Nolfini**

Ver Redondela, Memorial Juanjo Amoedo, XIº Festival Internacional de Títeres de

**Referencias varias:**


Presenta a Alba Fernández, que está a percorrer Galicia cun espectáculo de rúa no que actúa e toca a caixa. A conversa céntrase sobre a montaxe que se chama *A familia Nolfini*, estreada xa no festival de títeres de Redondela. A actriz dá conta doutras experiencias en espectáculos anteriores e di que entre os novos proxectos escénicos está o de intervir de asistente de Suso Díaz nunha montaxe da compañía Palimoco.

**Títeres Buratini: Pazo de papel**

Ver Brión, Festival de Títeres de
Ver Ti-ti-Ritando de Emoción, IIIº Mostra Teatral

**Referencias varias:**


Informa das actividades culturais levadas a cabo nos concellos da Estrada, Touro, Ames, Cee, Brión e Muxía durante as vacacións de Nadal. Destaca o obradoiro de pintura sobre tea da Estrada e, no caso de Touro, os obradoiros de elaboración de figuras artesanais do Belén. Con respecto ao concello de Ames, subliña as representacións de *Contos no ar*, a cargo de Artestudio Teatro, e no referente a Brión a de Varietés, da compañía Seisdedos Títeres, e *O pazo de papel*, de Teatro Buratini. Finalmente, do concello de Cee destaca a sesión de contacontos “A bruxiña sen vasoa”.

**Títeres Cachirulo (1): Camiño de aventuras**

**Referencias varias:**


Dá conta das actividades culturais que promove o concello de Pontecesures para os
meses de xuño e agosto, e que forman parte do programa Camiños da Cultura 2010. Cita a actuación do grupo de marionetas Cachirulo que representará Camiño de Aventuras, tamén informa da actuación do mago Cayetano Lledó co espectáculo Pequeno circo mexicano e, por último, dá conta da participación do grupo de títeres Viravolta, coa obra O horroroso crime de Xan miñoca.


Dá conta do programa cultural que presentou o concello de Ribas de Sil, financiado pola Deputación de Lugo e a Xunta de Galicia. Entre as actividades a desenvolver destaca a inauguración a cargo de Títeres Cachirulo do espectáculo Camiño de aventuras, e informa que proximamente actuará Achádego Teatro.


Informase da celebración do vinte e cinco aniversario de Títeres Cachirulo e coméntase que para o festexo se recuperan sete das súas montaxes máis importantes. Indícase que a compañía está a preparar un musical baseado na historia d’Alicia no país das marabillas e ofrécese un repaso pola historia da compañía referíndose, por exemplo, á incorporación de obras para adultos e á “investigación teatral e na construción de obxectos escénicos que perfeccionan con cursos e charlas”. Finalmente fálase con Carme Domech, integrante da compañía centrada na construción de marionetas, sobre a elaboración de decorados e a creación de historias.

Títeres Cachirulo (2): Catro contos da China

Ver Escena en Familia

Referencias varias:


Informase da celebración do vinte e cinco aniversario de Títeres Cachirulo e coméntase que para o festexo se recuperan sete das súas montaxes máis importantes. Indícase que a compañía está a preparar un musical baseado na historia d’Alicia no país das marabillas e ofrécese un repaso pola historia da compañía referíndose, por exemplo, á incorporación de obras para adultos e á “investigación teatral e na construción de obxectos escénicos que perfeccionan con cursos e charlas”. Finalmente fálase con Carme Domech, integrante da compañía centrada na construción de marionetas, sobre a elaboración de decorados e a creación de historias.

Títeres Cachirulo (3): O libro da selva
Referencias varias:


Infórmase da celebración do vinte e cinco aniversario de Títeres Cachirulo e coméntase que para o festexo se recuperan sete das súas montaxes máis importantes. Indícase que a compañía está a preparar un musical baseado na historia d’*Alicia no país das marabillas* e ofrecese un repaso pola historia da compañía referíndose, por exemplo, á incorporación de obras para adultos e á “investigación teatral e na construción de obxectos escénicos que perfeccionan con cursos e charlas”. Finalmente fálase con Carme Domech, integrante da compañía centrada na construción de marionetitas, sobre a elaboración de decorados e a creación de historias.

Títeres Cachirulo (4): *Titiriarte*


Ver apartado III.3.1 deste *Informe*

Referencias varias:


Comenta o estado da compañía teatral Caramuxo co gallo da representación da peza *Mensaxe sen botella*, dirixida aos máis cativos. Menciona outras pezas tamén coordinadas pola compañía, como *Zapatos e Glub glub*, e describe o seu fío argumental ao tempo que sublíña a presenza de monicreques e disfraces nas súas postas en escena.


Comenta a oferta teatral dirixida aos máis cativos na cidade coruñesa. Destaca as representacións de *Pedro e o Lobo*, por parte da compañía Tres Globos, *Mensaxe sen botella*, *Os Bolechas*, *Zapatos e Glub glub* de Caramuxo Teatro. Describe os argumentos das dúas primeiras e nun epígrafe á parte intitulado “O gato con botas’ llega hoy por la mañana al teatro Colón”, sinala a representación da peza antedita, da que tamén comenta o seu fío argumental.


Critícame que, dos cinco espectáculos programados para o público infantil e xuvenil, ningún parte dunha obra dramática galega para estes grupos de idade. Sinálase que o abano de idade dos seis aos once anos foi o que contou con maior número de
representacións e coas más novísimas, como Botazz! O swing do jazz, de Galitoon. Menciónanse as pezas Mensaxe sen botella, de Caramuxo Teatro, e outra da compañía La Rous, por seren espectáculos que priman unha fonda mirada sobre o mundo. Coméntanse que, para o público máis novo, Títeres Trompicallo creou O día que chegou unha nube e choveu e, para o público xuvenil, presentouse Frankenstein, de Ghazafellos. Censúrase que as propostas estean orientadas principalmente cara ao público entre seis e once anos, que se adopten recursos como o humor e que se ignore que a normalización se mida a través da relación entre textos publicados e representacións.

**Caramuxo Teatro (2): A ratiña laranxa**

**Referencias varias:**


Anúncianse as postas en escena d’A ratiña laranxa e A verdadeira historia dos tres porquíños por parte de Caramuxo Teatro e Teatro do Andamio, respectivamente.

**Títeres Cاسcanueces (1): O gran Ketumba Ketamba**

**Títeres Cاسcanueces (2): Redoblante e Meñique**

**Contraste/Estudio de Teatro N+1: O día que voou Rebata**, texto Federico del Barrio.

**Crearre: Coñece a Rosalía**

**Eme2 Emoción & Arte: O conto do zoo**

**Emilio Menéndez: Enerxías alternativas**

**Expresión Contacontos: Conto contigo**

**Referencias varias:**


Fálase das actividades que integran as festas da Peregrina de Pontevedra. Destácase a
peza de teatro infantil *Conto Contigo* creada por Expresión Contacontos.

**Fantoches Baj (1): O asombro**

Ver Galicreques, XVº Festival Internacional de Títeres

**Fantoches Baj (2): Tío Miseria**, dirección Ignacio Vilariño.

Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro

**Fantoches Baj (3): Velocíclopes**

**Fas-que-fas: Cascanoces e o rei dos ratos**

**Galén: O corazón e a botella**, texto Oliver Jeffers.

**Referencias varias:**


Fálase da conmemoración dos dez anos de existencia de Galén coa obra *O corazón e a botella*. Expícase que esta peza é unha obra de Oliver Jeffers, cuxo eixo central é unha nena que, cada día, descobre algo novo.

**Galitoon (1): Basilio, o meu amigo imaxinario**

**Referencias varias:**


Realiza un percorrido pola historia da compañía teatral Galitoon dende a súa fundación na Coruña en 2005 até a actualidade. Comeza por mencionar os nomes dos seus fundadores, Chisco Casteleiro, Andrea Bayer e Santiago Alonso, para despois indicar os nomes doutras persoas que se uniron a eles, como Óscar Ramos e Luís Miguel Rodríguez. Tras sinalar o seu lema, “Hacemos realidad lo que imaginamos. Hacemos realidad lo que imaginás”, alude á técnica que empregan, a de Henson e aos materiais que priman nas súas funcións, como os *body-puppets*, dos que posúen un total de oitocentos, entre os que destaca o de Golulá, o galo do programa televisivo Supermartes, Bruno, o canguro da peza *Rosalia, a pulga que escribia*, e Basilio, da iniciativa *Cousiñas*. Nun epígrafe intitulado “Toons’ sin fronteras”, salienta a orixinalidade das pezas desta compañía, xunto ao guión, o vestiario e a música,
especialmente a da peza Bolazz! O swing do jazz, da que tamén sinalan os seus obxectivos, como o de introducir aos máis cativos no mundo do jazz e dedicarlle unha homenaxe aos debruaxes animados das décadas de 1950 e 1960. Menciona a seguir os proxectos que están a poñer en marcha, como son Basilio, o meu amigo imaxinario e Os limóns de dona Alicia. Desta última peza sinállase o carácter de homenaxe a Luís Seoane e tráese á memoria outras pezas anteriores como Babiliglub ou Golulá. Conclúese cunha referencia á compaixonación das pezas con outros espectáculos infantís como “Os Axóuxeres”, “Festas”, así como á aprendizaxe do manexo dos monicreques por parte dos actores e actrices.


Infórmase da representación no Teatro Principal do espectáculo Basilio, o meu amigo imaxinario, de Galitoon.


Alude á estrea da peza de Galitoon, Basilio, o meu amigo imaxinario, no Teatro Principal de Santiago. Sinala de xeito moi conciso a súa liña argumental e remata coa referencia á duración da peza e á idade da audiencia á que vai dirixida.


Alude a tres ciclos de teatro e monicreques celebrados en Galicia e dirixidos aos máis cativos: a Mostra de Teatro de Nadal, no Salón Teatro de Santiago de Compostela; a sexta edición do Festival de Títeres María José Jove, na Fundación María José Jove da Coruña e o MOTI, en Ourense, cunhas quince representacións. Dos tres ciclos apunta os correspondentes programas e remata cunha referencia a unha nova montaxe da compañía Galitoon, Basilio, meu amigo imaxinario, da que destaca o seu reparto de personaxes reais mesturados con monicreques.


Anúnciase o espectáculo de monicreques Con Basilio, meu amigo imaxinario, de Galitoon, que se cualifica como unha historia de aventuras na que se mesturan os bonecos cos actores.

**Galitoon (2): Botazz! O swing do jazz**

Ver apartado III.3.1 deste Informe

**Referencias varias:**


1600
Realiza un percorrido pola historia da compañía teatral Galitoon dende a súa fundación na Coruña en 2005 até a actualidade. Comeza por mencionar os nomes dos seus fundadores, Chisco Casteleiro, Andrea Bayer e Santiago Alonso, para despois indicar os nomes doutras persoas que se uniron a eles, como Óscar Ramos e Luís Miguel Rodríguez. Tras sinalar o seu lema, “Hacemos realidad lo que imaginamos. Hacemos realidad lo que imaginamos”, alude á técnica que empregan, a de Henson e aos materiais que priman nas súas funcións, como os body-puppets, dos que posúen un total de oitocentos, entre os que destaca o de Golulá, o galo do programa televisivo Supermartes, Bruno, o canguro da peza Rosalia, a pulga que escribia, e Basilio, da iniciativa Cousiñas. Nun epígrafe intitulado “Toons’ sin fronteras”, salienta a orixinalidade das pezas desta compañía, xunto ao guión, o vestiario e a música, especialmente a da peza Bolazz! O swing do jazz, da que tamén sinalan os seus obxectivos, como o de introducir aos máis cativos no mundo do jazz e dedicarlle unha homenaxe aos debuxos animados das décadas de 1950 e 1960. Menciona a seguir os proxectos que están a poñer en marcha, como son Basilio, o meu amigo imaxinario e Os limóns de dona Alicia. Desta última peza sinálase o carácter de homenaxe a Luís Seoane e tráese á memoria outras pezas anteriores como Babiliglub ou Golulá. Conclúese cunha referencia á compaxinación das pezas con outros espectáculos infantís como “Os Axóuxeres”, “Festas”, así como á aprendizaxe do manexo dos monicreques por parte dos actores e actrices.


Anuncia a estrea da peza Os limóns de dona Alicia, da compañía teatral Galitoon, no Museo de Belas Artes da Coruña. Tras indicar a idade da audiencia á que vai dirixida, sinala o feito de que a estrea constitúe unha homenaxe a Luís Seoane. Describe a seguir o fío argumental e apunta as orixes da compañía en 2005, así como os seus obxectivos. Menciona finalmente o seu proxecto máis recente, Cousiñas, no eido audiovisual, e os de Que medo, que medo..., Botazz! O swing do jazz e Golulá, no eido teatral.


Críticase que, dos cinco espectáculos programados para o público infantil e xuvenil, ningun parte dunha obra dramática galega para estes grupos de idade. Sinálase que o abano de idade dos seis aos once anos foi o que contou con maior número de representacións e coas máis novidas, como Botazz! O swing do jazz, de Galitoon. Mencíonanse as pezas Mensaxe sen botella, de Caramuxo Teatro, e outra da compañía La Roue, por seren espectáculos que priman unha fonda mirada sobre o mundo. Coméntase que, para o público máis novo, Títeres Trompicallo creou O dia que chegou unha nube e choveu e, para o público xuvenil, presentouse Frankenstein, de Ghazafellos. Censúrase que as propostas estean orientadas principalmente cara ao público entre seis e once anos, que se adopten recursos como o humor e que se ignore que a normalización se mida a través da relación entre textos publicados e representacións.
Galitoon (3): Golulá, texto e dirección Andrea Bayer.

Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro

Referencias varias:


Realiza un percorrido pola historia da compañía teatral Galitoon dende a súa fundación na Coruña en 2005 até a actualidade. Comeza por mencionar os nomes dos seus fundadores, Chisco Casteleiro, Andrea Bayer e Santiago Alonso, para despois indicar os nomes doutras persoas que se uniron a eles, como Óscar Ramos e Luís Miguel Rodríguez. Tras sinalar o seu lema, “Hacemos realidad lo que imaginamos. Hacemos realidad lo que imaginamos”, alude á técnica que empregan, a de Henson e aos materiais que priman nas súas funcións, como os body-puppets, dos que posúen un total de oitocentos, entre os que destaca o de Golulá, o galo do programa televisivo Supermartes, Bruno, o canguro da peza Rosalía, a pulga que escribía, e Basilio, da iniciativa Cousiñas. Nun epígrafe intitulado “Toons’ sin fronteras”, salienta a orixinalidade das pezas desta compañía, xunto ao guión, o vestiario e a música, especialmente a da peza Bolazz! O swing do jazz, da que tamén sinalan os seus obxectivos, como o de introducir aos máis cativos no mundo do jazz e dedicarlle unha homenaxe aos debuxos animados das décadas de 1950 e 1960. Menciona a seguir os proxectos que están a poñer en marcha, como son Basílio, o meu amigo imaxinario e Os limóns de dona Alicia. Desta última peza sinálase o carácter de homenaxe a Luís Seoane e tráese á memoria outras pezas anteriores como Babiliglub ou Golulá. Conclúese cunha referencia á compaxinación das pezas con outros espectáculos infantís como “Os Axóuxeres”, “Festas”, así como á aprendizaxe do manexo dos monicreques por parte dos actores e actrices.


Anuncia a estrea da peza Os limóns de dona Alicia, da compañía teatral Galitoon, no Museo de Belas Artes da Coruña. Tras indicar a idade da audiencia á que vai dirixida, sinala o feito de que a estrea constitúe unha homenaxe a Luís Seoane. Describe a seguir o fío argumental e apunta as orixes da compañha en 2005, así como os seus obxectivos. Menciona finalmente o seu proxecto máis recente, Cousiñas, no eido audiovisual, e os de Que medo, que medo..., Botazz! O swing do jazz e Golulá, no eido teatral.
Galitoon (4): Os limóns de dona Alicia

Referencias varias:


Realiza un percorrido pola historia da compañía teatral Galitoon dende a súa fundación na Coruña en 2005 até a actualidade. Comeza por mencionar os nomes dos seus fundadores, Chisco Casteleiro, Andrea Bayer e Santiago Alonso, para despois indicar os nomes doutras persoas que se uniron a eles, como Óscar Ramos e Luís Miguel Rodríguez. Tras sinalar o seu lema, “Hacemos realidad lo que imaginamos. Hacemos realidad lo que imaginas”, alude á técnica que empregan, a de Henson e aos materiais que priman nas súas funcións, como os body-puppets, dos que posúen un total de oitocentos, entre os que destaca o de Golulá, o galo do programa televisivo Supermartes, Bruno, o canguro da peza Rosalia, a pulga que escribía, e Basilio, da iniciativa Cousiñas. Nun epígrafe intitulado “Toons’ sin fronteras”, salienta a orixinalidade das pezas desta compañía, xunto ao guión, o vestiario e a música, especialmente a da peza Bolazz! O swing do jazz, da que tamén sinalan os seus obxectivos, como o de introducir aos máis cativos no mundo do jazz e dedicarlle unha homenaxe aos debuxos animados das décadas de 1950 e 1960. Mentiona a seguir os proxectos que están a poñer en marcha, como son Basilio, o meu amigo imaxinario e Os limóns de dona Alicia. Desta última peza sinálase o carácter de homenaxe a Luís Seoane e tráese á memoria outras pezas anteriores como Babiliglub ou Golulá. Conclúese cunha referencia á compaxinación das pezas con outros espectáculos infantís como “Os Axóuxeres”, “Festas”, así como á aprendizaxe do manexo dos monicreques por parte dos actores e actrices.


Anuncia a estrea da peza Os limóns de dona Alicia, da compañía teatral Galitoon, no Museo de Belas Artes da Coruña. Tras indicar a idade da audiencia á que vai dirixida, sinala o feito de que a estrea constitúe unha homenaxe a Luís Seoane e tráe á memoria o fío argumental e apunta as orixes da compañía en 2005, así como os seus obxectivos. Mentiona finalmente o seu proxecto máis recente, Cousiñas, no eido audiovisual, e os de Que medo, que medo..., Botazz! O swing do jazz e Golulá, no eido teatral.

Galitoon (5): Que medo, que medo...

Referencias varias:


Anuncia a estrea da peza Os limóns de dona Alicia, da compañía teatral Galitoon, no
Museo de Belas Artes da Coruña. Tras indicar a idade da audiencia á que vai dirixida, sinala o feito de que a estrea constitúe unha homenaxe a Luís Seoane. Describe a seguir o fío argumental e apunta as orixes da compañía en 2005, así como os seus obxectivos. Menciona finalmente o seu proxecto máis recente, Cousiñas, no eido audiovisual, e os de Que medo, que medo..., Botazz! O swing do jazz e Golulá, no eido teatral.

**Ghazafellos (1):** *Contos para escagarriñarse*

**Referencias varias:**


Entrevista a Anxo García, un dos fundadores da compañía lalinense Viravolta Títeres, co gallo da inauguración do programa “Domingos de Títeres e Maxía”, dirixido aos máis cativos. A conversa xirou en torno a cuestións como o peche da Sala Yago e a creación da compañía teatral antedita, as súas orixes e a súa recente expansión; a primeira sesión do mago Romaris; o repertorio de espectáculos de monicreques que posúe a compañía, a súa evolución e o seu estado actual; o apoio a este tipo de compañías por parte das autoridades e a creación do Museo Galego da Marioneta. Nun epígrafe á parte intitulado “Hoxe tocalle a quenda a ‘Varietés’ de Seisdedos Títeres”, informa do programa da compañía Seisdedos Títeres, do que destaca a estrea de *Contos para escagarriñarse*, a cargo de Ghazafelhos e *O Poliño Feo*, de Viravolta Títeres, así como describe brevemente os seus fíos argumentais.

**Ghazafellos (2):** *Frankenstein*

Ver apartado III.3.1 deste *Informe*

**Referencias varias:**


Critícase que, dos cinco espectáculos programados para o público infantil e xuvenil, ningún parte dunha obra dramática galega para estes grupos de idade. Sinálase que o abano de idade dos seis aos once anos foi o que contou con maior número de representacións e coas más novas, como *Botazz! O swing do jazz*, de Galitoon. Menciónanse as pezas *Mensaxe sen botella*, de Caramuxo Teatro, e outra da compañía La Roux, por seren espectáculos que priman unha fonda mirada sobre o mundo. Coméntase que, para o público máis novo, Títeres Trompicallo creou *O día que chegou unha nube e choveu* e, para o público xuvenil, presentouse *Frankenstein*, de Ghazafellos. Censúrase que as propostas estean orientadas principalmente cara ao público entre seis e once anos, que se adopten recursos como o humor e que se ignore que a normalización se mida a través da relación entre textos publicados e representacións.


Anúnciase a estrea de compañía teatral Ghazafelhos, que leva por título *Frankenstein*, dando conta do argumento, temática, elenco e escenografía. En palabras dos propios actores, Pepablo Patinho, Montse Piñón e Jorge Casas, trátase dunha comedia para toda a familia, na cal convive o suspense, o medo e o disparate, abórdase o tema da autoestima e tamén se introducen títeres.

**Higiénico** Papel Teatro: *Unha casa*

**Gorakada**: *A cidade inventada*

**Referencias varias:**


Comenta todas as actividades que se levan a cabo no Salón do Libro Infantil e Xruenil de Pontevedra e, entre elas, dá conta da actuación do colectivo Gorakada que representou a peza *A Cidade Inventada* e informa que hoxe o grupo Galitoon interpretará a obra *Rosalía, a pulga que escribía*.

**Javier Muro**: *As aventuras de Paquito Llons*

**Referencias varias:**

- Chechu López, “El programa de Riveira presenta talleres, juegos, cine, animación,”

Comenta o programa de actividades organizado polo concello de Ribeira durante o Nadal de 2010. Destaca, no “Nadal Xogo”, dirixido a nenos e nenas, que ofrece proxeccións de filmes e sesiões de monicreques, como “O aprendiz de Pai Noel e o misterio do saco dos agasallos” e “A casiña de chocolate”. Tamén se refire á representación dos espectáculos infantís Valentino Rufini e Akil Pillabán, a cargo da compañía Talía Teatro; Os Bolechas, por parte de Títeres Cachirulo; A luz da sombra, de Sherezade Bardají; e As aventuras de Paquito Llons, de Javier Muro. Doutra banda, subliña a sesión de contacontos “Camiño de Santiago musical”, o quinto circuíto galego de maxia cos ilusionistas Antón, Romarís, Richard, Marín Camiña e Vituco.

Limiary Teatro: Os 4 da Xunqueira, texto Fran Núñez e Mary Paz Alonso, dirección Fran Núñez.

Ver Nadal, Mostra de Teatro Infantil de

Referencias varias:


Anuncia a posta en escena da peza Os 4 da Xunqueira, coproducida entre Limiar Teatro, MAO e AGADIC coa colaboración do Centro Dramático Galego e dirixida por Fran Núñez, co gallo do décimo quinto aniversario da xira Ponte nas Ondas en Pontevedra. Indica as orixes da peza na lenda dos “músicos de Bremen” ou “dos catro amigos” e nun epígrafe intitulado “Varios días”, sinala as quendas das representacións e os prezos das entradas, xunto aos comentarios da directora do CDG, Blanca Cendán, de Santi Veloso e de Fran Núñez, este último de Limiar Teatro.


Apunta a estrea da peza Os 4 da Xunqueira, a cargo da compañía Limiar Teatro, no Teatro Principal de Pontevedra, ante unha audiencia composta polos alumnos e alumnas dos colexios Álvarez Limeses, Calasancias, A Lama e Isidoro Riestra de Poio. Salienta a mestura de danza, acrobacia, monicreques, música, malabares e interpretación presente na peza.

Lulius XIII: Nadia Plus Kibita

Referencias varias:

Sinala a programación especial de música e teatro no Burgo (Culleredo), co gallo da homenaxe a Roberto Vidal Bolaño a partir dos Encontros Culturais de Outono 2010. Apunta asemade a estrea de Nadia plus Kibitka a cargo da Agrupación Cultural Lulios XIII, xunto á d’Os Bolechas, por parte de Caramuxo Teatro. Describe desta última a súa trama e indica a redacción do texto entre os membros da compañía e Pepe Carreiro, autor da serie homónima.

**Mamá Cabra:** *Patatín, patatán*

**As Marías:** *Contos de nadal*

**Marionetas en Liberdade:** *Chapeu tolo*

Ver Titeregrove, IIIº Festival de Títeres

**Maxín Teatro:** *A viaxe do Principiño*

**Migallas Teatro:** *Camino de historias*

Ver Tarabelo, VIº Certame de Teatro

**Teatro do Miolo:** *Un nadal no polo norte*

**Monacreques** de Kukas: *Andainas dun monacreque*, texto Marcelino de Santiago “Kukas”, dirección Isabel Rey Pousada.


**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúnciase a representación da adaptación do *Lazarillo de Tormes* pola compañía Teatro do Morcego no Auditorio de Ribadeo, realizada por Celso Parada.

Teatro do **Morcego** (2): *Os músicos de Bremen*
Ver Todo Público, Ciclo


Ver apartado III.3.1 deste Informe
Ver Todo Público, Ciclo

Referencias varias:


Infórmase da presentación, no Auditorio de Cangas, do espectáculo musical infantil Saltimbanquis, baseado nun conto dos irmáns Grimm. Expícase que a montaxe, adaptada para Teatro do Morcego por Celso Parada e dirixida por Carlos Alonso, conta a historia dun burro que decide escapar dos malos tratos do seu amo e dirixirse á cidade, unha aventura na que se atopa con outros animais e cos que formará un conxunto musical.


Comenta que a compañía Teatro do Morcego vai interpretar no Salón Teatro a peza Saltimbanquis, espectáculo inspirado nun conto dos irmáns Grimm e dirixida por Celso Parada. A seguir, narra o argumento do primeiro musical galego infantil e dá conta dos actores que forman o elenco: Mundo Villalustre, Mighello Blanco, Iolanda Muíños e Blanca Cendán. A continuación, dá conta da programación teatral e musical do Salón Teatro.


Dáse conta da programación para o trimestre do Salón de Teatro compostelán, que arrincará coa montaxe Saltimbanquis, de Teatro do Morcego. Dise que a obra, adaptada para a escena e dirixida por Celso Parada, está baseada nun famoso conto dos irmáns Grimm e adiántase o seu argumento.


Comenta a obra Saltimbanquis representada por Teatro do Morcego e afirma que se trata dunha peza na que o máis importante é a música, sobre todo, polas letras pegadizas. Tamén critica a escasa ambición do argumento. De todos xeitos, Camilo Franco loa este primeiro musical destinado aos nenos xa que o conxunto da montaxe amosa calidade.
Teatro Mutis: *Ave María Purísim*, texto Xosé Agrelo, dirección Xosé Manuel Fernández.

Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro

Panamesiana Teatro: *Oh, que bonito é Panamá!,* texto Janosch, dirección Petra Hofmann.

Ver Nadal, Mostra de Teatro Infantil de

**Referencias varias:**


Fállase de *Oh, que bonito é Panamá!,* a nova proposta teatral de Panamesiana Teatro. Explicase que está dirixida a un público infantil e que está baseada no conto homónimo de Janosch. Engádese que a obra está vinculada co respecto ao medio ambiente. Apúntase que entre o elenco se atopa Mónica García, actriz de *Pratos combinados*, e fállase da aceptación que a peza tivo no festival austríaco La Strada onde, por primeira vez, participa unha compañía galega.


Fállase con Tomás Lijó, membro de Panamesiana Teatro, con motivo da representación do espectáculo infantil *Oh, que bonito é Panamá!.* Explicase que a peza se basea nun conto popular alemán e coméntase a xira que a agrupación fixo por Alemaña e Austria, así como a aceptación que agrupación ten en Galicia.

Páprika Teatro: *Un día moi especial*

Ver María José Jove, VIº Festival de Títeres

Asociación Teatral Paso de Valverde: *Un día no circo*

Pequeñoles: *Maxia da Terra*

**Referencias varias:**


Apunta a entrega de premios do concurso “Sanxenxo no Nadal 2010” no pazo Emilia.
Pardo Bazán de Sanxenxo. Salienta a inclusión na gala do espectáculo de monicreques *Cumba, Maxia da Terra*, por parte da compañía Pequeñoles.


**Pífano** Teatro (2): *Ventos*, dirección Xabier Picallo.

**Referencias varias:**


Infórmase da representación da obra *Ventos*, de Pífano Teatro, baseada na vida e obra de Celso E. Ferreiro.

**Sarabela** Teatro (1): *Cara ao campo das estrelas*

**Sarabela** Teatro (2): *Konrad ou o neno que saiu dunha lata de conservas*

Ver apartado III.3.1 deste *Informe*
Ver Narón e Ferrol, Mostra de Teatro Infantil e Xuvenil de Ver Pequeteatro, Ciclo Teatral

**Referencias varias:**


Infórmase da estrea de *Konrad ou o neno que saiu dunha lata de conservas*, de Sarabela Teatro, con motivo do seu trinta aniversario. Expícase que se trata dunha historia sobre “a importancia da educación afectiva” e no que se explora “o poder das relacións entre adultos e nenos” baseada no libro *Konrad oder Das Kind aus der Konservenbüchse* (1975) de Christine Nöstlinger. Recórdase que esta compañía recibiu o premio María Casares por *A esmorga*, de Eduardo Blanco Amor, e que pola peza *Tics* tamén recibira catro premios María Casares.


Anúnciase que se abre o mes de teatro no centro sociocultural da Ramallosa coa obra *Konrad ou o neno que saiu dunha lata de conservas*, da compañía Sarabela.

Dise que se ofrece a representación da obra Konrad pola compañía Sarabela Teatro no Edificio de Servizos Múltiples do Burgo, dentro da programación de Teatro “Roberto Vidal Bolaño”, dedicada ás compañías profesionais, e dentro dos “Encontros culturais de Outono”.

Títeres Seisdedos (1): Dueto

Títeres Seisdedos (2): Varietês

Ver Brión, Festival de Títeres de

Referencias varias:


Entre outras novas, saliéntase o espectáculo para todos os públicos Varietês, do grupo de teatro Seisdedos, representado na Biblioteca Pública Antonio Odriozola de Pontevedra.


Fálase da peza da compañía de Títeres Seisdedos Varietês e tamén da adaptación para o público infantil de Hamlet realizada por Raquel Pintos que leva por nome Hamletín. Infórmase, tamén, doutras actividades como a xornada de libros organizada pola editorial Kalandraka e a libraría Couceiro.


Informa das actividades culturais levadas a cabo nos concellos da Estrada, Touro, Ames, Cee, Brión e Muxia durante as vacacións de Nadal. Destaca o obradoiro de pintura sobre tea da Estrada e, no caso de Touro, os obradoiros de elaboración de figuras artesanais do Belén. Con respecto ao concello de Ames, sublíña as representacións de Contos no ar, a cargo de Artestudio Teatro, e no referente a Brión a de Varietês, da compañía Seisdedos Títeres, e O pazo de papel, de Teatro Buratini. Finalmente, do concello de Cee destaca a sesión de contacontos “A bruxiña sen vasoira”.

Os Sete Magníficos + 1: Un paíaso en apuros

Ver apartado III.3.1 deste Informe
Sherezade Bardají: *A luz da sombra*

Referencias varias:


Comenta o programa de actividades organizado polo concello de Ribeira durante o Nadal de 2010. Destaca, no “Nadal Xogo”, dirixido a nenos e nenas, que ofrece proxeccións de filmes e sesións de monicreques, como “O aprendiz de Pai Noel e o misterio do saco dos agasallos” e “A casiña de chocolate”. Tamén se refire á representación dos espectáculos infantís Valentino Rufini e Akil Pillabán, a cargo da compañía Talía Teatro; Os Bolechas, por parte de Títeres Cachirulo; *A luz da sombra*, de Sherezade Bardají; e *As aventuras de Paquito Llons*, de Javier Muro. Doutra banda, subliña a sesión de contacontos “Camiño de Santiago musical”, o quinto circuito galego de maxia cos ilusionistas Antón, Romarís, Richard, Marín Camiña e Vituco.

Spaguetti Títeres: *Historias para unha mar*

Talía Teatro (1): *Carta urxente para Máximo Toxo*, texto e dirección Diego Rey.

Referencias varias:

- C. G., “Talía Teatro actúa mañá no Milladoiro cunha obra infantil”, *El Correo Gallego*, “Área de Compostela”, 18 decembro 2010, p. 34.

Indica a posta en escena do espectáculo *Carta urxente para Máximo Toxo*, a cargo da compañía Talía Teatro, na casa da cultura de Milladoiro. Sinala finalmente e de xeito moi conciso a súa liña temática.

Talía Teatro (2): *Mundos contados*


Referencias varias:


Informa da representación de *Ah, ah, ah, estamos monstros de risa*, por parte da compañía Tanxarina Teatro e dirixida por Luís Cuntín e Cándido Pazó, no Teatro
Municipal de Tui. Sinala a súa liña temática e argumental, os prezos das entradas e a idade da audiencia á que vai dirixida esta peza.

**Tanxarina** Títeres (2): *Trogloditas*, dirección Evaristo Calvo.

Ver apartado III.3.1 deste Informe  
Ver MOTI, VIIª Mostra de Teatro Infantil  
Ver Nadal, Mostra de Teatro Infantil de

**Teatrovador:** *Hamelim BomBom*

**Referencias varias:**


Infórname da estrea de *Hamelim BomBom*, coa que a compañía Teatrovador recrea a historia do *Frautista de Hamelin*. Indícase que a peza conta coa achega musical do Cuarteto Xerión. Anúnciase que a próxima creación da compañía irá dirixida a un público adulto.

**Telón Partido:** *Hamletín*, texto William Shakespeare, adaptación e dirección Ana Contreras e Afonso Becerra.

**Referencias varias:**


Fálase da peza da compañía de Títeres Seisdedos *Varietés* e tamén da adaptación para o público infantil de *Hamlet* realizada por Raquel Pintos que leva por nome *Hamletín*. Infórname, tamén, doutras actividades como a xornada de libros organizada pola editorial Kalandraka e a libraría Couceiro.

Títeres **Titirimaña (1):** *Perico o congrexo*

Títeres **Titirimaña (2):** *Xoaniña Dentes Verdes*

Ver Ti-ti-Ritando de Emoción, IIIª Mostra Teatral

**Trécola** Teatro: *O vello que quería ver o tren*
Títeres Trompicallo: *O día que chegou unha nube e choveu*, texto Marian González e Luís González, dirección Luís González.

Ver apartado III.3.1 deste *Informe*
Ver Nadal, Mostra de Teatro Infantil de

**Referencias varias:**


Critícase que, dos cinco espectáculos programados para o público infantil e xuvenil, ninguno parte dunha obra dramática galega para estes grupos de idade. Sinálase que o abano de idade de seis aos once anos foi o que contou con maior número de representacións e coas máis novas, como *Botazz! O swing do jazz*, de Galitoon. Mencíonanse as pezas *Mensaxe sen botella*, de Caramuxo Teatro, e outra da compañía La Rous, por seren espectáculos que priman unha fonda mirada sobre o mundo. Coméntase que, para o público máis novo, Títeres Trompicallo creou *O día que chegou unha nube e choveu* e, para o público xuvenil, presentouse *Frankenstein*, de Ghazafellos. Censúrase que as propostas estean orientadas principalmente cara ao público entre seis e once anos, que se adopten recursos como o humor e que se ignore que a normalización se mida a través da relación entre textos publicados e representacións.

**A Tropa de Trapo: Contos coas mans abertas**

**Referencias varias:**


Apunta a representación da peza *Contos coas mans abertas*, a cargo da compañía A tropa de trapo, no teatro Principal da Estrada. Menciona os nomes dos actores protagonistas, Marta Ortiz e Brais Gutiérrez, e remata cunha referencia á liña temática da peza.

**Tusitala Contacontos: Contos dos sete mares**

**Referencias varias:**

Fai referencia á representación de *Contos dos sete mares*, a cargo da compañía Tusitala. Contacontos no salón de actos da Biblioteca Pública de Pontevedra. Describe o seu argumento e dá a súa opinión sobre o teatro.

**Vagalume**, Grupo Infantil: *O testamento do tío Nacho*

**Referencias varias:**


Dá conta da celebración do certame amateur de teatro que terá lugar no colexio Calvo Sotelo da Coruña e reflicte os problemas que teñen coa SGAE. Así mesmo, en columna á parte, cita a estrea de tres obras infantís: *A bela non durminte*, a cargo do grupo da Casa da Xuventude de Carballo; *O testamento do tío Nacho*, representada polo grupo infantil; e *Patito* do grupo xuvenil, ambos da compañía Vagalume.

**Vagalume**, Grupo Xuvenil: *Patito*

**Referencias varias:**


Dá conta da celebración do certame amateur de teatro que terá lugar no colexio Calvo Sotelo da Coruña e reflicte os problemas que teñen coa SGAE. Así mesmo, en columna á parte, cita a estrea de tres obras infantís: *A bela non durminte*, a cargo do grupo da Casa da Xuventude de Carballo; *O testamento do tío Nacho*, representada polo grupo infantil; e *Patito* do grupo xuvenil, ambos da compañía Vagalume.

Títeres da **Vía Láctea** (1): *O ferreiro e o diña*, adaptación de Tiarajú Gomes e Camilo de Lelis.

**Referencias varias:**


Infórmase do espectáculo de títeres organizado por Títeres da Vía Láctea, isto é, un grupo de titiriteiros das compañías Alakrán, Cascanueces e Il Canto dil Capro. Entrevístase a Borja Insua, integrante do grupo, e explícase que o espectáculo percorrerá Galicia dende o Cebreiro até Fisterra con tres espectáculos, entre os que se atopa *O ferreiro e o diña*, baseado nun texto de Blanco Amor. Indícase que o obxectivo é
retomar as “misións pedagóxicas que se facían na República” co fin de levar a cultura aos sitios máis remotos e desfavorecidos.


**Viravolta** Títeres (1): Barrigaverde

**Viravolta** Títeres (2): A caixa de música, dirección Ánxeles Cuña.

Ver María José Jove, VIº Festival de Títeres

**Referencias varias:**


Informa que Viravolta Títeres vai representar no Teatro Municipal de Tui o espectáculo musical A caixa de música. Indica que a música foi creada por Elvira García Ríos e a peza está dirixida por Ángel García. Así mesmo, dá conta dos manipuladores dos títeres: Pilar Álvarez, Julio Balado e Ángel García. Por último, narra brevemente o argumento.

**Viravolta** Títeres (3): Cando chove e raia o sol

**Viravolta** Títeres (4): Hansel e Gretel

**Referencias varias:**


Explica que entre as actividades de música e teatro que programou a Concellería de Cultura do Concello de Soutomaior está a representación para o “público joven” do conto musical Hansel e Gretel, por parte da compañía de títeres Viravolta, o domingo 18 de xullo na Alameda de Talo Río, en Arcade.

**Viravolta** Títeres (5): Hip, hip, hurra

Ver Brión, Festival de Títeres de
Ver Ti-ti-Ritando de Emoción, IIIª Mostra Teatral
Referencias varias:


Dáse conta da representación no auditorio do centro social de Brión de Hip, hip, Hurra, da compañía Viravolta Títeres.

Viravolta Títeres (6): Historia do soldado

Viravolta Títeres (7): O horroroso crime de Xan Miñoca

Referencias varias:


Dá conta das actividades culturais que promove o Concello de Pontecesures para os meses de xuño e agosto, e que forman parte do programa Camiños da Cultura 2010. Cita a actuación do grupo de marionetas Cachirulo que representará Camiño de Aventuras, tamén informa da actuación do mago Cayetano Lledó co espectáculo Pequeno circo máxico e, por último, dá conta da participación do grupo de títeres Viravolta, coa obra O horroroso crime de Xan miñoca.


Dáse conta dos actos programados con motivo do Día Internacional do Libro na cidade de Ourense, entre eles, a representación da obra inspirada nunha das “farsas para títeres” de Eduardo Blanco Amor, O horroroso crime de Xan Miñoca, a cargo da compañía Viravolta.


Dáse conta das actividades que terán lugar para celebrar as festas no barrio de Porto (Pontecesures), entre as que se destaca a posta en escena d’O enfermo imaxinario, de Barcarola, e O horroroso crime de Xan Miñoca, a cargo de Títeres Viravolta.


Coméntase que Viravolta Títeres recupera a barraca e figuras de Barriga Verde (a través de fotografías da época) e que foi, segundo o director Anxo García, “un importante testimonio da cultura popular gallega”. Infórmase que neste proxecto colabora
ade mais Comba Campoy. Dáse noticia tamén do horario e día no que terán lugar os espectáculos.

Viravolta Titeres (8): *A nena e o grilo*

Viravolta Titeres (9): *O paxaro de lume*

Ver Cambados, Ciclo de Teatro Infantil de

Referencias varias:


Dá conta da actuación que realizou Caramuxo Teatro no Auditorio da Xuventude de Cambados da obra *Os Bolechas*, unha comedia musical con monicreques. Destaca a afluencia de público infantil que gozou coa obra e informa que os seguintes en participar serán os títeres de Viravolta coa peza *O paxaro de lume*.

Viravolta Titeres (10): *O poliño feo*

Referencias varias:


Entrevista a Anxo García, un dos fundadores da compañía lalinense Viravolta Titeres, co gallo da inauguración do programa “Domingos de Títeres e Maxia”, dirixido aos máis cativos. A conversa xirou en torno a cuestións como o peche da Sala Yago e a creación da compañía teatral antedita, as súas orixes e a súa recente expansión; a primeira sesión do mago Romaris; o repertorio de espectáculos de monicreques que posúe a compañía, a súa evolución e o seu estado actual; o apoio a este tipo de compañías por parte das autoridades e a creación do Museo Galego da Marioneta. Nun epígrafe á parte intitulado “Hoxe tócalle a quenda a ‘Varietés’ de Seisdedos Títeres”, informa do programa da compañía Seisdedos Títeres, do que destaca a estrea de *Contos para escagarriñarse*, a cargo de Ghazafelhos e *O Poliño Feo*, de Viravolta Títeres, dos que describe brevemente os seus fíos argumentais.

Viravolta Titeres (11): *Varietés*
VII.3.2.2. GRUPOS ESCOLARES, DE ASOCIACIÓNS OU AGRUPACIÓNS VARIAS


Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro

ANPA do CEIP Aguíñó: *O flautista de Hamelín*

Ver Riveira, XIIIª Mostra de Teatro Infantil de

Alumnos do CEIP Aguíñó: *A tía Lambida*

Ver Riveira, XIIIª Mostra de Teatro Infantil de

Compañía de Teatro de Ames: *Cal é Valentín?*

**Armonía dos Xirasoles** do Hospital San Xosé de Lugo: *Escenas de vivos e mortos*

Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

**Arroutada** Teatro: *O soñó de Cabú*

Ver MOTI, VIIª Mostra de Teatro Infantil

Aula de Teatro da Escola Arte e Lecer Fingoi: *Cheira a podre en Dinamarca*

Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

Grupo do CPI Atios: *A cebra Camila*

**Aturuxo de Melpómene**, Teatro Escola de Narón (1): *Non todos os ladróns veñen por mal*

Ver apartado III.3.1 deste Informe

Referencias varias:
Entre outras actividades teatrais, indica que a agrupación teatral de Narón O Aturuxo de Melpómene representou no auditorio municipal de Cordeiro a “comedia histérica” Non todos os ladróns veñen por mal. Apunta que se trata dunha “historia de enredo amoroso preconstitucional” escrita por Darío Fo e dirixida por José Luís Prieto. Finalmente refire o elenco, que integran Alberto Suárez, Antonio Estévez, Celia González, Gena Hernández e Leandro Lamas.

**Aturuxo de Melpómene**, Teatro Escola de Narón (2): *As tres mosqueteiras na procura de D'Artagnán*

Ver apartado III.3.1 deste *Informe*

**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Cine Teatro de Ribadeo da obra infantil que Aturuxo de Melpómene porá en escena, *As tres mosqueteiras na procura de D’Artagnán*.

Alumnos de Infantil dos Colexios de **Baamonde e Begonte**: *Os meses do ano*

Alumnos de Primaria dos Colexios de **Baamonde e Begonte**: *Romance do Conde Olinos*

Grupo de Teatro Xuvénil Don **Baltasar**: *Vostede ten ollos de muller fatal*

Ver Arzúa, Ciclo Teatro no Outono de

Grupo de Teatro do colexio de **Bayón** e ANPA do centro educativo de **Palmeira** (1): *A princesa So corro, o trobeiro Carolo e o demo dos cornos*, adaptación e dirección Mingos Armetal.

Ver Riveira, XIIIª Mostra de Teatro Infantil de

Grupo de Teatro do colexio de **Bayón** e ANPA do centro educativo de **Palmeira** (2): *O rei Maragato estaba triste*, texto Cipriano Fernández.

Ver Riveira, XIIIª Mostra de Teatro Infantil de
Grupo da Biblioteca Antas de Ulla: *O país acuático*

Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

Teatro con Cachelos do CEIP Anexa de Lugo: *O achado do castro*

Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

**Cambados**, Escola Municipal de Teatro (1): *O amor de Frida*, texto Sara Kane, dirección Noelia Toledano.

**Referencias varias:**


Infórmase de que o alumnado da Escola de Teatro municipal de Cambados continúa co ciclo dramático ideado para os últimos fins de semana do ano. Neste caso coméntase que no escenario do auditorio da Xunqueira ponse en escena a obra *O amor de Frida*, da escritora Sara Kane. Tamén se di que a súa directora é Noelia Toledano e logo noméase o elenco que participa na mesma.

**Caracol** Teatro: *Dentro do bosque*, dirección Olga González.

**Referencias varias:**


Salienta o bo traballo que está a desenvolver a compañía afeccionada Teatro Caracol, que este ano volveu triunfar entre os máis novos coa obra *Dentro do bosque*. En palabras da súa directora, Olga González, comenta a satisfacción dos compoñentes do grupo e indica que a peza é unha adaptación do musical de Stephen Sondheim. Destaca a importante participación do público e indica que a obra pretende facer reflexionar sobre o comportamento dos adultos cando queren acadar os seus desexos.

Grupo do IES Carballo Calero: *Palabras no tempo*

Alumnos da Escola Casa da Xuventude de Carballo: *A bela non durminte*
Referencias varias:


Dá conta da celebración do certame amateur de teatro que terá lugar no colexio Calvo Sotelo da Coruña e reflicte os problemas que teñen coa SGAE. Así mesmo, en columna á parte, cita a estrea de tres obras infantis: A bela non durminte, a cargo do grupo da Casa da Xuventude de Carballo; O testamento do tío Nacho, representada polo grupo infantil; e Patito do grupo xuvenil, ambos da compañía Vagalume.

O Catre Teatro: Contos de pés

Ver Arzúa, IVº Ciclo de Teatro no Outono de

Grupo do Colexio Compañía de María: O rinoceronte

Ver Candilejas Don Bosco, Certame de Teatro Escolar e Afeccionado

Escola Artística de Cuntis (1): Câmbiache o conto

Ver apartado III.3.1 deste Informe

Escola Artística de Cuntis (2): O pozo

Ver apartado III.3.1 deste Informe

Divercia: Matarratos Darwin

Referencias varias:


Comenta que se vai representar a obra Matarratos Darwin en Vilagarcía grazas á Concellería de Cultura e o Ateneo de Arousa. Explica que este é un espectáculo no que se mestura o teatro e a ciencia co obxectivo de facer máis atractiva a divulgación científica. Así mesmo, indica que os actores do ‘discurshow’ son Vicente de Souza e o científico Xurxo Mariño.

Entre outras actividades, anúncianse as representacións da obra *Aulularia*, do grupo de teatro Achádego, no auditorio de Lugo; de *Vélorio de Xan de Perolo*, da agrupación Axoúxeres de Vilaronte, no Teatro Pastro Díaz de Viveiro dentro do ciclo Buxiganga; e de *Matarratos Darwin*, da agrupación Divercia, na Sala Bahía de Foz.

Aula de Teatro **Don Bosco**: *Teatro Exprés*, texto e dirección Jesús Villegas.

Fundación **Down Compostela**: *Esopo e as súas fábulas*

**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúnciase a representación na Sala Nasa de Santiago da obra *Esopo e as súas fábulas*, a cargo da compañía de teatro da Fundación Down Compostela.

**CPI Dr López Suárez** de Friol: *Algo máis que pan e queixo*

Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

**Compañía do Elefante Elegante**: *O forno de Flordelís*

Ver MOTI, VIIª Mostra de Teatro Infantil

**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúnciase a representación no Auditorio de Ribadeo da obra *O forno de Flordelís*, da compañía Elefante Elegante.

Alumnos da **Escola Superior de Arte Dramático**: *Lela anda en bicicleta*, texto Carlos Casares, dirección Ricardo Solveira.

**Referencias varias:**

Dá conta do proxecto Toromelos levado a cabo pola Fundación Carlos Casares para dar a coñecer os personaxes do autor. Explica que a iniciativa consiste en representar a obra de teatro *Lela anda en bicicleta*, baseada na obra de Casares *Lelo anda en bicicleta*. Os actores son quince alumnos dirixidos por Ricardo Solveira que estrearán a obra na Escola Superior de Arte Dramática. Así mesmo, comenta que se realizarán máis actuacións para os escolares de Vigo e tamén viaxarán a Santiago e Coruña.

Quinto Curso de **Esteiro**: *Ai que demo de Farruco!*, texto Socorro Tajes Fernández, dirección Chefa Sestayo.

Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro

Escola de Teatro Os **Falcatruieiros** (1): *O cruzar a rúa*

**Referencias varias:**


Coméntase que os grupos de teatro infantil e de adultos da Asociación Cultural Falcatruieiros de Monterroso estrearán no mes de maio tres obras: *O cruzar a rúa* e *O eterno instante*, a cargo do grupo infantil; e *A máquina de Hamlet*, do grupo de adultos.

Escola de Teatro Os **Falcatruieiros** (2): *O eterno instante*

**Referencias varias:**


Coméntase que os grupos de teatro infantil e de adultos da Asociación Cultural Falcatruieiros de Monterroso estrearán no mes de maio tres obras: *O cruzar a rúa* e *O eterno instante*, a cargo do grupo infantil; e *A máquina de Hamlet*, do grupo de adultos.

3º EP do Colexio **Fingoi** de Lugo: *A familia Pirulero Pirulera no vertedoiro*

Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

4º EP do Colexio **Fingoi** de Lugo: *Do Mono ao Multi*

Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas
ANPA do colexio **Galaxia** (1): *As cagadas dos cans*, dirección Cipriano Fernández.

Ver Riveira, XIIIª Mostra de Teatro Infantil de


Ver Riveira, XIIIª Mostra de Teatro Infantil de

Grupo do colexio **Galaxia**: *Cousas do ceo*, dirección Cipriano Fernández.

Ver Riveira, XIIIª Mostra de Teatro Infantil de

**Gepetto**, Aula Universitaria de Ourense (1): *Cecilia e a súa boneca*

Ver MOTI, VIIª Mostra de Teatro Infantil

Escola Municipal de Teatro de **Gondomar**: *A illa amarela*

Alumnos do CEIP O **Grupo**: *Fabuloso*

Ver Riveira, XIIIª Mostra de Teatro Infantil de

Escola de Teatro da **Guarda-Infantil**: *Tarambanas*, texto Italo Calvino.

**Referencias varias:**


Dáse noticia da creación da Escola de Teatro da Guarda, baixo a dirección de Irene Moreira, que xa conta con dúas seccións: un grupo infantil e outro de adultos, que coas súas representacións intentan achegar ao público unha mostra de todo o que aprenderon durante o curso. Coméntase que o grupo infantil estreou a obra *Tarambanas*, de Italo Calvino, adaptación escénica dun conto popular italiano no que os seus personaxes, axudados dos seus superpoderes, lle dan un escarmento á princesa de París, que é unha nena mimada e acostumada a gañar sempre. Indícase que os adultos estrean *Zeus*, de Woody Allen, e *Catalina Zucco*, escrita por Bernard-Marie Koltes e dirixida por Irene Moreira, que trata dunha asasina que escapa da súa propia vida.


Sinálase que a Escola Municipal de Teatro do concello da Guarda conta cun grupo
infantil e outro de adultos, que van celebrar o final de curso coa representación das obras *As Tarambanas*, por parte dos primeiros, e *Catalina Zucco*, por parte dos segundos. Indícase que na Escola se imparte interpretación ao alumnado adulto e iniciación ao teatro ao grupo infantil, e que se traballa a expresión corporal, técnicas vocais e improvisación. Afirmase que a directora fai unha valoración positiva da Escola á que asisten catorce adultos e dez nenos e asegura que o ano seguinte ten intención de que se oferten máis materias como circo ou caracterización.

**Imaxina** Teatro: *O merlo branco*

Teatro Solidario As Ínsuas: *Agromar*, dirección Xosé Taxes.

Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro

**Os Lerias do Lerias** do IES Leiras Pulpeiro de Lugo: *Comedia Bífida*

Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

**Liceo de Noia: Smóking**

Ver Candilejas Don Bosco, Certame de Teatro Escolar e Afeccionado

**Referencias varias:**


Infórmase de que o grupo de teatro do Liceo de Noia, dirixido por Ramón Carredano, conseguiu o segundo premio no XIII certame de teatro afeccionado Don Bosco, organizado pola agrupación Candilejas da Coruña.

Terceiro Ciclo de **Louro**: *O tesouro do dragón*, dirección Carmen Cancela Díaz.

Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro

**Marañao** Teatro (1): *A auténtica historia dos tres porquínos*

Ver apartado III.3.1 deste *Informe*

**Marañao** Teatro (2): *O pirata patapalo*

Ver Cambados. Ciclo de Teatro Infantil de
Ver Pequeteatro, Ciclo Teatral

Referencias varias:


Apunta, nun epígrafe intitulado “Matapiollos Teatro puso en escena la obra *Flis-Fli-Ris-Flás*”, a representación do espectáculo antedito, dirixido a nenos e nenas de cinco anos, por parte da compañía Matapiollos Teatro. Describe o seu argumento e sinala os nomes dos seus directores, Jorge Yáñez e Carlos Coira.

Matapiollos (2): *A rebelión dos monicreques*

Grupo de Escolares de Meira: *Unha de pantasmas*

O Mellor de cada casa: *A burla do galo*

Metátese Teatro: *Fábrica de soños*

Ver apartado III.3.1. deste *Informe*

Referencias varias:


Comenta que baixo a iniciativa da Fundación Meniños o grupo de teatro Metátese vai representar no Teatro Principal a obra *Fábrica de soños*, co obxectivo de recadar diñeiro para os nenos desfavorecidos. Así mesmo, comenta que a peza está formada por varias escenas independentes que fan sentir aos nenos “vivencias heteroxéneas”.


Ver Riveira, XIIIª Mostra de Teatro Infantil de

Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro


Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro


Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro

Navia Teatro Escolar de Vigo: *O mundo escuro*

Ver apartado III.3.1. deste *Informe*

Noite Bohemia do IES Ramón Menéndez Pidal da Coruña: *Bodas de sangue*

Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

Alumnos do Colexio Nuevo: *Anxos e demos*

Ver Monforte, XIXº Certame Centros de Ensino de


Cambados, IIª Mostra da Escola Municipal de Teatro de

Grupo de Teatro Infantil do Colexio Ponte dos Brozos: *O frautista de Hamelin*

Ver Calvo Sotelo, XIIIº Festival de Teatro Escolar e Afeccionado


Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro


Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro

Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro


Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro

Alumnos do CEIP San Tomé: *A praia*

Ver Cambados, IIª Mostra da Escola Municipal de Teatro de

Teatro Solidario As Ínsuas de Muros: *Agromar*

Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

Teatro Sumergido: *De noite, as bonecas... recordan*, texto Benjamín Jiménez e Cristina Collazo.

TalytaKumy: *A árbore da vida*

**Referencias varias:**


Indica que, coincidindo coa festividade dos Dolores, a Sociedade Cultural Deportiva de Samieira celebrou diversas actividades dentro da VIIª Semana Cultural, entre elas teatro. Precisa que o domingo se representou o espectáculo para todos os públicos *A árbore da vida*, da compañía TalytaKumy.

Títeres Tarabelos (1): *O gato con botas*

Títeres Tarabelos (2): *Mistos e dragóns*

**Referencias varias:**

- U. L., “El teatro inculca a más de 600 alumnos de la capital del Sar valores como la

Explica que a Oficina Municipal de Voluntariado de Padrón realizou un programa para promover a solidariedade e o traballo en valores nos colexios de educación infantil e primaria. Indica que o programa contou coa representación de *Mistos e dragóns*, por parte de Títeres Tarabelos, entre o tres e o cinco de maio, en sesión dobre que se dirixía ao alumnado dos niveis educativos citados do CEIP Flavia e da escola unitaria de Carcacía. Precisa que esta peza serviu para traballar a eliminación de prexuízos e ensinar a igualdade de todos, en dereitos e deberes. Engade que este programa continuou noutros días da semana con máis sesións de teatro para un total de seiscentos sesenta e oito alumnos.

Títeres *Tarabelos* (3): *Polgariña*

Títeres *Tarabelos* (4): *Sabela e o paxaro máxico*

Títeres *O Tarabelo* (5): *Tocounos a primitiva*, texto Rafael Mendizábal.

Ver Tarabelo, VIº Certame de Teatro

**Ten**, Escola Teatro de Narón: *A porta das mentiras*, texto Paula Carballeira, dirección Inma António.

**Teterella**: *Un corazón perfecto*, texto Carmen Blanco.

**Referencias varias:**


Fálase da compañía Teterella conformada por alumnos procedentes da escola de Teatro de Narón. Indícase que debutou no auditorio municipal de Ferrol coa obra *Un corazón perfecto*, escrita por Carmen Blanco. Refirese, tamén, ao ciclo de teatro afeccionado Domingos a Escena que pechou coa representación d’*O meu home tolea*, da compañía Ad Libitum. Indícase que ao acabar a función darase a coñecer o gañador do Premio do Público.

**Titirimaña**: *Pequetecontas*

**Referencias varias:**
Entre otras actividades organizadas polo Concello de Ponteceso para conmemorar o Mes do Libro, saliéntase a representación na escola infantil da obra Pequetecontas, da compañía Titirimña.

**Titirimña Teatro: Osofete, texto Claudia Massotto.**

Ver Escena en Familia

**Os Tolitates: O anel máxico, texto Carlo Goldoni.**

**Referencias varias:**


Entre outras informacións culturais dá conta da representación d’*O anel máxico*, de Carlos Goldoni, por parte da compañía Os Tolitates, composta por quince traballadores do Colexio La Salle. Indícase que a representación foi no salón de actos do propio centro educativo e que acudiron o alumnado e os seus familiares. Indícase a nómina de actores que participaron na representación, entre os que destaca a Marco Dieguez, Ángeles Goas, Tamara Tejo, Luisa Pájaro e Antonio Rodríguez.

Grupo do CEIP de **Touro** e EMT de **Laxe**: Fábrica de soños, dirección Alfonso García.

Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro

**Trasnadas** Teatro, da Escola de Arte e Lecer Fingoi: *Non quero medrar*

Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

**Trécola** Teatro: *Próxima estación: a MOTI*

Ver MOTI, VIIª Mostra de Teatro Infantil

**Tres Globos**: *O parrulo feo*

**Referencias varias:**

- Begoña Mouriño, “Melide danza ao ritmo da música tradicional na súa sexta foliada”,

Comenta que na xornada de celebración da sexta foliada de Melide tivo cabida o teatro, da man de Títeres Tres Globos, que puxo en escena a obra *O parrulo feo*.

**Turbina** Teatral de Meira: *Borrallíña*
Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

**Upiaska** Teatro, da Escola de Arte e Lecer Fingoi: *Across the universe*
Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

**Vai no Dentista** do IES Xelmírez de Santiago de Compostela: *Hamlet eu non son*
Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

**CPI de Vedra e CPI De Touro:** *Palabras*
Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas
Ver Touro, Iª Festa do Teatro de

**Velaí Tes** Teatro, do Centro de Convivencia Uxío Novoneyra de Lugo: *Desaquelotrados*
Ver Lugo, XIª Xornadas de Artes Escénicas

**A Xanela do Maxín** (1): *Os contos do titiriteiro*

**A Xanela do Maxín** (2): *A pequena lúa*
Ver Todo Público, Ciclo

**A Xanela do Maxín** (3): *O rei destronado*
Ver Galicreques, XVº Festival Internacional de Títeres

**O Xeito** Teatro: *Noite de lobos*, texto Xosé Agrelo, dirección Pablo Núñez Núñez.
Ver Xosé Agrelo, IVª Mostra de Teatro
VII.3.2.3. POSTAS EN ESCENA QUE CONTINÚAN EN CARTEL

VII.3.2.3.1. GRUPOS ESTÁBEIS OU PROFESIONAIS

Teatro do Andamio: Pingueiras e tarteiras, texto Teresa González Costa, dirección Álvaro Guevara.

Referencias varias:

- Víctor Castro, “Pingueiras e tarteiras’, obra teatral para niños”, El Ideal Gallego,
“Área metropolitana”, “Atalaya mariñana”, 5 novembro 2010, p. 20.

Informa do inicio da programación de outono no Auditorio da Casa da Cultura “Pintor Francisco Llorens” do concello de Sada. Salienta a representación de Pingueiras e tarteiras, de Teresa González e a cargo da compañía Teatro do Andamio. Desta peza indica o nome dos e das intérpretes e dos encargados e encargadas da escenografía, iluminación, vestiario, música e deseño. Indica asemade que esta peza foi merecente do Premio Manuel Maria.

Artello Teatro Alla Scala 1:5: Polgariño, texto Rosa Hurtado e Santiago Montenegro, dirección Manuel Pombal.

Referencias varias:


Comunicábase a representación da obra Polgariño por parte de Artello Teatro en relación ás actividades culturais da vila.

Babaluva Teatro (1): Lume, texto Alberto Varela Ferreiro, dirección Mariza Basso.

Babaluva Teatro (2): Marusía, dirección Tatán.

Referencias varias:

- Laura V. Torres, “La Brújula. Agenda de ocio, cultura y tiempo libre”, El Progreso,

Entre outras actividades, anúnciase a representación na Praia da Rapadoira de Foz da obra Marusía, do grupo Babaluva, dentro da programación de San Lourenzo; e da obra
*Ifixenia non quere morrer*, de Teatro Arume, no Teatro Principal de Pontevedra.


Entrevístase a Larraitz Urruzola, integrante da compañía de teatro Babaluva, con motivo da representación de *Marusia*, un espectáculo de monicreques. Indícase que o obxectivo da actuación é sensibilizar aos máis pequenos acerca do medio ambiente, concretamente do mar. Sinálase que o teatro para nenos conta con pouco apoio institucional.


Ver Domingos do Principal, Ciclo de Teatro Infantil de Pontevedra
Ver Nadal, Mostra de Teatro Infantil de
Ver Pequeteatro, Ciclo Teatral

**Referencias varias:**


Infórmase da representación en Monforte da obra *Bicharada*, de Berrobambán Teatro.


Infórmase da representación en Santiago da obra *Bicharada*, de Berrobambán Teatro

Referencias varias:


Títeres Cachirulo (1): As aventuras de Pinoccio, texto Carlo Collodi.

Referencias varias:


Infórmase da celebración do vinte e cinco aniversario de Títeres Cachirulo e coméntase que para o festexo se recuperan sete das súas montaxes máis importantes. Indícase que a compañía está a preparar un musical baseado na historia d’Alicia no país das marabillas e ofrécese un repaso pola historia da compañía referíndose, por exemplo, á incorporación de obras para adultos e á “investigación teatral e na construción de obxectos escénicos que perfeccionan con cursos e charlas”. Finalmente fálase con Carme Domech, integrante da compañía centrada na construción de marionetas, sobre a elaboración de decorados e a creación de historias.

Títeres Cachirulo (2): Un bo rato con algúns ratos

Títeres Cachirulo (3): Do, re, mi, Mozart xoga aquí, texto e dirección Jorge Rey.

Ver Galirêques, XVº Festival Internacional de Títeres

Referencias varias:


Dentro da celebración do Salón do Libro Infantil de Pontevedra, destaca a
representación da obra de títeres Do, re, mi, Mozart xoga aquí.


Infórmase da celebración do vinte e cinco aniversario de Títeres Cachirulo e coméntase que para o festexo se recuperan sete das súas montaxes máis importantes. Indícase que a compañía está a preparar un musical baseado na historia d’*Alicia no país das marabillas* e ofrecese un repaso pola historia da compañía referíndose, por exemplo, á incorporación de obras para adultos e á “investigación teatral e na construcción de obxectos escénicos que perfeccionan con cursos e charlas”. Finalmente fálase con Carme Domech, integrante da compañía centrada na construcción de marionetas, sobre a elaboración de decorados e a creación de historias.

**Títeres Cachirulo (4): A guerra das Galicsias**

Ver Ti-ti-Ritando de Emoción, IIIª Mostra Teatral

**Referencias varias:**


Infórmase da celebración do vinte e cinco aniversario de Títeres Cachirulo e coméntase que para o festexo se recuperan sete das súas montaxes máis importantes. Indícase que a compañía está a preparar un musical baseado na historia d’*Alicia no país das marabillas* e ofrecese un repaso pola historia da compañía referíndose, por exemplo, á incorporación de obras para adultos e á “investigación teatral e na construcción de obxectos escénicos que perfeccionan con cursos e charlas”. Finalmente fálase con Carme Domech, integrante da compañía centrada na construcción de marionetas, sobre a elaboración de decorados e a creación de historias.

**Títeres Cachirulo (5): Típico Tópico, dirección Jorge Rey e Carmen Domech.**

**Referencias varias:**


Infórmase da celebración do vinte e cinco aniversario de Títeres Cachirulo e coméntase que para o festexo se recuperan sete das súas montaxes máis importantes. Indícase que a compañía está a preparar un musical baseado na historia d’*Alicia no país das marabillas* e ofrecese un repaso pola historia da compañía referíndose, por exemplo, á incorporación de obras para adultos e á “investigación teatral e na construcción de obxectos escénicos que perfeccionan con cursos e charlas”. Finalmente fálase con Carme Domech, integrante da compañía centrada na construcción de marionetas, sobre a
elaboración de decorados e a creación de historias.

**Caramuxo Teatro (1): Os Bolechas**

Ver apartado III.3.1 deste *Informe*
Ver Cambados, Ciclo de Teatro Infantil de

**Referencias varias:**


Informa da actuación da compañía Caramuxo no auditorio da Casa de Cultura Pintor Francisco Llorens de Sada, que representará a comedia musical *Os bolechas*.


Dá conta da actuación que realizou Caramuxo Teatro no Auditorio da Xuventude de Cambados da obra *Os Bolechas*, unha comedia musical con monicreques. Destaca a afluencia de público infantil que gozou coa obra e informa que os seguintes en participar serán os títeres de Viravolta coa peza *O paxaro de lume*.


Comenta que o inicio da programación cultural do primeiro semestre do Concello de Tui vén da man de Caramuxo Teatro coa representación de *Os Bolechas*. Explica que se trata dunha comedia musical que pon vida aos personaxes creados por Pepe Carreiro, quen tamén participou na redacción do texto teatral. Así mesmo, indica que a peza conta con partes musicais cantadas e outras melodías interpretadas polos músicos da Xoven Orquestra Sinfónica de Galicia e refire que os manipuladores dos monicreques son Xosé Esperante, Juan Rodríguez e Laura Sarasola.


Destaca a representación das obras *Rosalía, a pulga que escribía* e *Os Bolechas*, dentro da programación de actividades do Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra.


Comenta que Caramuxo Teatro vai representar en Arteria Noroeste o espectáculo *Glub, glub*, destinado a rapaces de entre seis meses e tres anos. Explica que a historia trata da amizade entre un barco de papel e un peixe.

- M. Pérez, “La doble oferta de teatro infantil del sábado inicia a los pequeños en las
Comenta a oferta teatral dirixida aos máis cativos na cidade coruñesa. Destaca as representacións de *Pedro e o Lobo*, por parte da compañía Tres Globos, *Mensaxe sen botella*, *Os Bolechas*, *Zapatos e Glub glub* de Caramuxo Teatro. Describe os argumentos das dúas primeiras e nun epígrafe á parte intitulado “O gato con botas’ llega hoy por la mañana al teatro Colón”, sina a representación da peza antedita, da que tamén comenta o seu fio argumental, no teatro Colón de Coruña.


Sinala a programación especial de música e teatro no Burgo (Culleredo), co gallo da homenaxe a Roberto Vidal Bolaño a partir dos Encontros Culturais de Outono 2010. Apunta asemade a estrea de *Nadia plus Kibitka* a cargo da Agrupación Cultural Lulios XIII, xunto á d’*Os Bolechas*, por parte de Caramuxo Teatro. Describe desta última a súa trama e indica a redacción do texto entre os membros da compañía e Pepe Carreiro, autor da serie homónima.


Infórmase da representación no Auditorio Gustavo Freire d’*Os Bolechas*, de Caramuxo Teatro.


Comenta o programa de actividades organizado polo concello de Ribeira durante o Nadal de 2010. Destaca, no “Nadal Xogo”, dirixido a nenos e nenas, que ofrece proxeccións de filmes e sessións de monicreques, como “O aprendiz de Pai Noel e o misterio do saco dos agasallos” e “A casiña de chocolate”. Tamén se refire á representación dos espectáculos infantís *Valentino Rufini e Akil Pillabán*, a cargo da compañía Talía Teatro; *Os Bolechas*, por parte de Títeres Cachirulo; *A luz da sombra*, de Sherezade Bardaji; e *As aventuras de Paquito Llons*, de Javier Muro. Doutra banda, sublíña a sesión de contacontos “Camiño de Santiago musical”, o quinto circuíto galego de maxia cos ilusionistas Antón, Romarís, Richard, Marín Camiña e Vituco.

**Caramuxo Teatro (2): Glub, glub**, texto e dirección Juan Rodríguez.

**Referencias varias:**


Comenta o estado da compañía teatral Caramuxo co gallo da representación da peza *Mensaxe sen botella*, dirixida aos máis cativos. Menciona outras pezas tamén
coordinadas pola compañía, como *Zapatos e Glu glú*, e describe o seu fío argumental ao tempo que subliña a presenza de monicreques e disfraces nas súas postas en escena.


Comenta a oferta teatral dirixida aos máis cativos na cidade coruñesa. Destaca as representacións de *Pedro e o Lobo*, por parte da compañía Tres Globos, *Mensaxe sen botella, Os Bolechas, Zapatos e Glub glub* de Caramuxo Teatro. Describe os argumentos das dúas primeiras e nun epígrafe á parte intitulado “O gato con botas’ llega hoy por la mañana al teatro Colón”, sinala a representación desta peza, da que tamén comenta o seu fío argumental, no teatro Colón da Coruña.

**Caramuxo Teatro** (3): *Historia dunha semente*, texto e dirección Juan Rodríguez.

Ver María José Jove, VIº Festival de Títeres

**Caramuxo** Teatro (4): *Zapatos*, texto Juan Rodríguez Santiago, dirección Montse Piñón e Pepablo Patinho.

Ver Escena en Familia

**Referencias varias:**


Indica que na biblioteca municipal de Xermade tivo lugar a representación dun espectáculos para a nenez de entre 1 e 4 anos, *Zapatos*, por parte da compañía Caramuxo Teatro. Indica que esta peza lle amosou aos máis pequenos o que lles ocorre aos zapatos que carecen de dono. Remata indicando que a representación foi ás 18h e que a asistencia foi gratuíta, tendo que apuntarse previamente.


Fálase da obra *Zapatos* coa que a compañía Caramuxo Teatro narra as historias que levan os zapatos abandonados. Apúntase que a actividade foi organizada pola Biblioteca Municipal en colaboración coa Xunta.


Comenta o estado da compañía teatral Caramuxo co gallo da representación da peza *Mensaxe sen botella*, dirixida aos máis cativos. Menciona outras pezas tamén coordinadas pola compañía, como *Zapatos e Glu glú*, e describe o seu fío argumental ao tempo que subliña a presenza de monicreques e disfraces nas súas postas en escena.

Comenta la oferta teatral dirigida a los más pequeños en la ciudad coruñesa. Destaca las representaciones de Pedro e o Lobo, por parte de la compañía Tres Globos; e Mensaxe sen botella, Os Bolechas, Zapatos e Glub glub, de Caramuxo Teatro. Describe los argumentos de las dos primeras y en un epígrafe aparte se menciona la representación de la última pieza, sobre la que también se comenta su enfoque argumental.

Casahamlet: Ratiña linda, texto Manuel Lourenzo, dirección Santiago Fernández

Títeres Cascanueces (1): Un conto de sempre

Ver Titeregrove, IIIº Festival de Títeres

Títeres Cascanueces (2): O ferreiro e o díaño

Referencias varias:


Nun a parte titulada “Otras propuestas” da cuenta de dos representaciones teatrales de los Títeres Cascanueces que tuvieron lugar en el Paseo da Alameda santiaguesa. Así, se hace referencia a que en O ferreiro e o díaño se representa la tragedia de un hombre que le vende su alma al diablo, por medio de marionetas de hilo y de siluetas.

Centro Dramático Galego/O Retrete de Dorian Gray: Rúa Aire, coproducción, texto O retrete de Dorian Gray, dirección Jordi Farrés.

Ver apartado III.3.1 deste Informe

Ver Redondela, Memorial Juanjo Amoedo, XIº Festival Internacional de Títeres de

Referencias varias:


Manuel Xestoso achega a súa visión persoal da montaxe Rúa Aire, da compañía O Retrete de Dorian Gray e dirixido por Jordi Farrés. Xestoso comenta que se trata de teatro de manipulación de obxectos para espectadores de calquera idade, no que se prescinde da palabra, asentándose na poética das imaxes. Explica tamén que a historia é
una fábula que ten moito de tráxica e que non aforra crueldades ao espectador. Xestoso atopa neste espectáculo a harmonía entre a linguaxe clásica e os achádegos novidosos.


Díse que o Salón Teatro acolle a profesionais da arte circense de doce países distintos con motivo da primeira edición aberta a Europa do programa *Jeunes talents*. Coméntase que se combinan as actividades formativas coa exhibición dos espectáculos *Rúa Aire*, da compañía O Retrete do Dorian Gray e outro de Doble Mandoble. Con respecto ás xornadas didácticas, coméntase que nelas participará a compañía galega Circo Expreso e outras, como Nova Galega de Danza.

**Danthea Teatro:** *Carapuchiña vermella ou o conto do lobo*, dirección Pepe Cáccamo.

**Referencias varias:**


Entre outras actividades, anúnciase a representación da obra *Estigmas*, da compañía Ardora, dentro do ciclo de teatro organizado pola asociación de mulleres rurais As Espalladoras, e que será levado a cabo no pavillón de San Román de Cervo; o espectáculo de títeres *Carapuchiña vermella ou o conto do lobo*, a cargo de Danthea Teatro, no centro social de Alfoz; e o espectáculo *Cacerolas*, da compañía arxentina Tangoleando, no Festival de Teatro de Ourense.

**Factoría Teatro:** *Señor Mundo, digame?*, texto Paula Carballeira, dirección Alfredo Rodríguez.

Títeres **Falcatrúa** (1): *O espírito do bosque*, texto e dirección, Esteban Losada.

Ver apartado III.3.1 deste *Informe*

Títeres **Falcatrúa** (2): *Linocho e a lúa*


**Referencias varias:**

Realiza un percorrido pola historia da compañía teatral Galitoon dende a súa fundación na Coruña en 2005 até a actualidade. Comeza por mencionar os nomes dos seus fundadores, Chisco Casteleiro, Andrea Bayer e Santiago Alonso, para depois indicar os nomes doutras persoas que se uniron a eles, como Óscar Ramos e Luís Miguel Rodríguez. Tras sinalar o seu lema, “Hacemos realidad lo que imaginamos. Hacemos realidad lo que imaginamos”, alude á técnica que empregan, a de Henson e aos materiais que priman nas súas funcións, como os body-puppets, dos que posúen un total de oitocentos, entre os que destaca o de Golulá, o galo do programa televisivo Supermartes, Bruno, o canguro da peza Rosalia, a pulga que escribía, e Basilio, da iniciativa Cousiñas. Nun epígrafe intitulado “Toons’ sin fronteras”, salienta a orixinalidade das pezas desta compañía, xunto ao guión, o vestiario e a música, especialmente a da peza Bolazz! O swing do jazz, da que tamén sinalan os seus obxectivos, como o de introducir aos máis cativos no mundo do jazz e dedicarlle unha homenaxe aos debuxos animados das décadas de 1950 e 1960. Menciona a seguir os proxectos que están a poñer en marcha, como son Basilio, o meu amigo imaxinario e Os limóns de dona Alicia. Desta última peza sinábase o carácter de homenaxe a Luís Seoane e tráese á memoria outras pezas anteriores como Babilíglub ou Golulá. Conclúese cunha referencia á compaxinación das pezas con outros espectáculos infantís como “Os Áxouxeres”, “Festas”, así como á aprendizaxe do manexo dos monicreques por parte dos actores e actrices.


Infórmase da representación no Auditorio Gustavo Freire de Lugo do espectáculo Babilíglub.

Galitoon (2): Rosalia, a pulga que escribía, texto Andrea Bayer, dirección Santiago Alonso, Andrea Bayer e Luís Miguel Rodríguez.

Ver MOTI, VIIª Mostra de Teatro Infantil

Referencias varias:


Comenta todas as actividades que se levan a cabo no Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra e, entre elas, dá conta da actuación do colectivo Gorakada que representou a peza A Cidade Inventada e informa que hoxe o grupo Galitoon
interpretará a obra *Rosalía, a pulga que escribía*.

- Cuca M. Gómez, “*Pequeños teatreros*”, *Diario de Pontevedra*, “*Gente a diario*”, 9 febreiro 2010, p. 94.

Con motivo da celebración do Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra, comenta que a compañía Galitoon representou a obra de teatro *Rosalía, a pulga que escribía*. A seguir, conta o argumento desta obra de marionetas cuxos actores son Santiago Alonso e Rogelio Lema, dirixidos por Andrea Bayer, responsable tamén do guión da peza.


Destaca a representación das obras *Rosalía, a pulga que escribía* e *Os Bolechas*, dentro da programación de actividades do Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra.


Informa que o programa Cultura Vai do Concello das Pontes se pon en marcha coa representación da obra *Rosalía, a pulga que escribía*, a cargo da compañía Galitoon. Indica que a obra está dirixida a nenos de máis de dous anos e informa sobre o horario das representacións.


Realiza un percorrido pola historia da compañía teatral Galitoon dende a súa fundación na Coruña en 2005 até a actualidade. Comeza por mencionar os nomes dos seus fundadores, Chisco Casteleiro, Andrea Bayer e Santiago Alonso, para despóis indicar os nomes doutras persoas que se uniron a eles, como Óscar Ramos e Luís Miguel Rodríguez. Tras sinalar o seu lema, “Hacemos realidad lo que imaginamos. Hacemos realidad lo que imaginás”, alude á técnica que empregan, a de Henson e aos materiais que priman nas súas funcións, como os *body-puppets*, dos que posúen un total de oitocentos, entre os que destaca o de Golulá, o galo do programa televisivo Supermartes, Bruno, o cangudo da peza *Rosalía, a pulga que escribía*, e Basilio, da iniciativa Cousiñas. Nun epígrafe intitulado “Toons’ sin fronteras”, salienta a orixinalidade das pezas desta compañía, xunto ao guión, o vestiario e a música, especialmente a da peza *Bolazz! O swing do jazz*, da que tamén sinalan os seus obxectivos, como o de introducir aos máis cativos no mundo do jazz e dedicarlle unha homenaxe aos debuxos animados das décadas de 1950 e 1960. Menciona a seguir os proxectos que están a poñer en marcha, como son *Basilio, o meu amigo imaxinario* e *Os limóns de dona Alicia*. Desta última peza sinárase o carácter de homenaxe a Luís Seoane e tráese á memoria outras pezas anteriores como *Babiliglub* ou *Golulá*. Conclúese cunha referencia á compaxinación das pezas con outros espectáculos infantís como “*Os Axóuxeres*”, “*Festas*”, así como á aprendizaxe do manexo dos monicreques por parte dos actores e actrices.


**Ghazafellos**: *Contos mariñeiros*, texto e dirección Pepablo Patinho.

Ver Cambados, Ciclo de Teatro Infantil de

**A Loca Motora (1)**: *Carlota e Marieta dan a volta ao planeta*

**A Loca Motora (2)**: *O tenderete da cachifallada*

**Referencias varias:**


Entre outras actividades, saliéntase a representación da obra *O tenderete da cachifallada*, a cargo da compañía A Loco-motora dentro da XX Feira do Libro de Brión.

**Migallas Teatro (1)**: *¡Canta connosco!*, guión e dirección de María Campos e Carlos Yus.

**Migallas Teatro (2)**: *O libro máxico*

**Referencias varias:**


**Monicreques** de Kukas (1): *Un agasallo para Xaquín*, texto Marcelino de Santiago (Kukas), dirección Isabel Rey Pousada.

Ver Brión, Festival de Títeres de
**Monicreques** de Kukas (2): *Contos do vento acatarrado*, dirección Marcelino Santiago.

Ver MOTI, VIIª Mostra de Teatro Infantil

The **Pinga** Teatro: *Unha rosa no xardin*, texto e dirección Miguel Condal.

**Pista Catro** Produtora de Soños: *Ringorrango*, dirección Marcos Orsi e Rolando San Martín.

Ver apartado III.3.1 deste *Informe*

**Referencias varias:**


Anúncianse as actividades do Día do Neno do Concello de Touro, entre as que salienta a representación de monicreques *Ringorrango*, da compañía Pista Catro.

**Sarabela** Teatro: *Cósima*, texto Cris Baldwin, dirección Ánxeles Cuña.

**Referencias varias:**


Informa que a concellería de cultura de Tui inicia o seu programa de actividades coa representación da obra *Cósima*, interpretada por Sarabela Teatro. Comenta que esta peza infantil foi escrita por Chris Baldwin e dirixida por Ánxela Cuña Bóveda. Tamén dá conta do elenco de actores, formado por Fernando Dacosta, Tito R. Asorey, Sabela Gago e Elena Seijo. Finalmente, resume brevemente o argumento.

**Os sete magníficos + 1: O gordo e o calvo van ao médico**

**Referencias varias:**


Informa da presentación do espectáculo de clown *O gordo e o calvo van ao médico* que a compañía Os 7 magníficos +1 representou no colexio San Fermín de Caldas. Recolle
que o coordinador da compañía e mais actor, Fran Rei, explicaron que a peza constitúe “unha revisión cómica do mundo da medicina, dos médicos e, sobre todo, da sanidade pública”. Apunta que el, como calvo, e Pedro Brandariz, como o gordo, compartén escenario para dar vida a eses personaxes que se crearan en 2001 para a peza O gordo e o calvo que alcanzara máis dun centenar de representacións e que agora recuperan para denunciar o sistema sanitario público por medio dun humor “directo y sencillo”. Indica que se ben a peza, dirixida por Iván Calvo, está aberta a todos os públicos, Fran Rei conclúe, tras tres anos de representacións, que os adultos e maiores se senten máis cómodos e identificados coas situacións vividas ao facer uso da sanidade pública.

Títeres Seisdedos: O galo Quirico e os seus amigos, dirección Anxo García.

Ver María José Jove, VIº Festival de Títeres

Referencias varias:


Entre outras actividades, anúnciase a representación do conto popular O galo Quirico a cargo da compañía Seisdedos, que terá lugar no Cantón de Ribadeo.

Talía Teatro (1): Menos lobos, texto e dirección Artur Trillo.

Ver Xosé Agrela, IVª Mostra de Teatro

Talía Teatro (2): Valentino Rufino e ákil pillabán, de viaxe a Milán (e van sen un can), texto e dirección Roberto Salgueiro.

Referencias varias:


Comenta o programa de actividades organizado polo concello de Ribeira durante o Nadal de 2010. Destaca, no “Nadal Xogo”, dirixido a nenos e nenas, que ofrece proxeccións de filmes e sesións de monicreques, como “O aprendiz de Pai Noel e o misterio do saco dos agasallos” e “A casiña de chocolate”. Tamén se refiere á representación dos espectáculos infantís Valentino Rufini e Akil Pillabán, a cargo da compañía Talía Teatro; Os Bolechas, por parte de Títeres Cachirulo; A luz da sombra, de Sherezade Bardají; e As aventuras de Paquito Llons, de Javier Muro. Doutra banda, subliña a sesión de contacontos “Camiño de Santiago musical”, o quinto circuíto galego de maxia cos ilusionistas Antón, Romaris, Richard, Marín Camiña e Vituco.

Tanxarina Teatro (2): *Titiricircus*, texto e dirección Tanxarina.

Titiritempo Teatro: *Os tres porquiños e algún outro*, texto Mario Tomás.

Referencias varias:


Entre outras actividades culturais que se desenvolveron entre o un de xullo e o cinco de agosto nos xardíns da Deputación Provincial de Lugo os xoves, dáse conta da actuación da compañía Titiritempo coa peza "Os tres porquiños e algún outro", e espectáculo musical de Magín Blanco, *A nena e o grilo*.


Fálase do programa infantil Mércores Miúdo dentro do que se integra a representación d’*Os tres porquiños e algún outro*, da compañía Titiritempo. Expícase que se trata dun espectáculo infantil baseado nunha renovación do conto clásico. Cítanse outros espectáculos que se poideron ver no programa.

Tres Globos: *Pedro e o Lobo, singular versión*, texto e dirección Xan Pérez.

Referencias varias:


Comenta a oferta teatral dirixida aos máis cativos na cidade coruñesa. Destaca as representacións de *Pedro e o Lobo*, por parte da compañía Tres Globos; e *Mensaxe sen botella, Os Bolechas, Zapatos e Glub glub*, de Caramuxo Teatro. Describe os argumentos das dúas primeiras e nun epígrafe á parte sinala a representación da última das pezas, da que tamén comenta o seu fío argumental.

Títeres Trompicallo: *Violeta Coletas contra as Salchichas Gulp!*, texto Luís González e Marian González, dirección Marian González

Ver Narón e Ferrol, Mostra de Teatro Infantil e Xuvenil de
Referencias varias:


VII.3.2.3.2. GRUPOS ESCOLARES, DE ASOCIACIÓNS OU AGRUPACIÓNS VARIAS

Compañía do **Elefante Elegante**: *Tristán, cara de Can*, texto François Kah, Gonçalo Guerreiro, Helene Gilbert e María Torres; dirección Gonzalo Guerreiro.

Ver Cambados, Ciclo de Teatro Infantil de
Ver Venres Familiares, Ciclo

**Referencias varias:**


Informe da actuación da compañía Elefante Elegante no auditorio da Casa de Cultura Pintor Francisco Llorens de Sada, que representará a comedia *Tristán, cara de can*, destinada a rapaces de entre dous e doce anos. Ademais resume brevemente o contido da obra.

**Malapécora** Teatro: *A parábola da Rá*, texto e dirección José Luís Prieto Roca.

Ver apartado III.3.1 deste *Informe*

Títeres **Tarabelos**: *A que cheiran os contos?*

VII.4. CÓMIC

VII.4. 1. GALEGOS


Banda deseñada editada con motivo de se dedicar o Día das Letras Galegas de 2010 a Uxío Novoneyra (Parada de Moreda, O Courel, Lugo, 1930-Santiago de Compostela, 1999). Kike Benlloch (A Coruña, 1974) e David Rubín (Ourense, 1977) constrúen unha historia na que se desenvolve a existencia paralela de dous protagonistas, Novoneyra e un personaxe ficticio, integrando referencias ao contexto que ambos compartiron. A acción, que abrangue dende os anos cincuenta até a actualidade, comeza en Compostela, cando Celestino está a estudar o bacharelato e asiste a un recital do seu paisano Novoneyra. Axiña consigue o libro, *Os Eidos*, o primeiro na lingua dos pais, e sénese recoñecido naquelhas palabras e nos lugares retratados polo poeta. Co paso do tempo, e aléo ao labor intelectual do poeta do Courel, Celes abandona os estudios polas dificultades económicas da familia e vive confuso a súa falta de horizontes. Nos tempos do seu servizo militar, Celes segue a ler a Novoneyra e comeza a traballar co seu irmán en Madrid, até que en febreiro de 1963 volve ter noticias del e decide retomar os estudios. Nesta nova etapa intégrase nos círculos culturais grazas á súa moza Teresa, coa que casa, ao tempo que segue a traxectoria do seu admirado paisano nuns anos marcados pola clandestinidade e a resistencia cultural. Recóllese tamén o que representou a morte de Novoneyra en 1999 e as dúvidas de Celes na actualidade a respecto da transmisión do importante labor arredor da lingua e a cultura galegas. As viñetas e imaxes dos personaxes reálizadas por David Rubín presentan un deseño clásico en diferentes tonalidades para situar no tempo as distintas etapas da vida do protagonista.

Tamén está descrito no apartado IV.2 Día das Letras Galegas deste *Informe*.

Recensións:


Abéirase ao álbum *A voz herdada*, no que o debuxo de David Rubín e o guión de Kike Benlloch, talvez polo moito que teñen de poetas, teceron unha historia na que explican con lucidez xenial a relación entre o lector, o poema e o autor. Profunda no argumento deste álbum e considera que constitúe un excelente xeito de comprender a Uxío Novoneyra, xa que a través do protagonista, Celes, dáse vida aos textos do poeta do Courel cada vez que o seu maxín volve a eles á procura de sí mesmo. Incide en que nós, coma Celes, chegamos a través destas páxinas a Uxío polos seus versos e só desa maneira que o coñecemos, pois dende o recitado en voz alta da primeira mocidade á reflexiva lectura da vellez, é a peripécia de Celes a que nos guía a través da súa
traxectoria como escritor, permitindo en ocasións descubrir pequenos detalles da súa vida.

**Referencias varias:**


David Rubín fala nesta entrevista da publicación do cómic *Uxío Novoneyra: A voz herdada*, o seu último traballo, realizado en colaboración co guionista Kike Benlloch para dar a coñecer o homenaxeador co Día das Letras Galegas 2010. Tamén anuncia que está a preparar *O heroi*, unha revisión do mito de Heracles e as súas doce probas coa intención de humanizar o personaxe. Apunta que presentou o proxecto no festival de Angoulême e que recibe propostas de diferentes países do mundo para publicalo. Refírese tamén ao tempo que traballou en Dygra, até que rescindiu o seu contrato en 2009 por problemas co pagamento, ao seus comezos de cativo como debuxante e o seu labor profesional na actualidade, que se mantén gracias aos traballos que publica fóra do país.


Dá conta das actividades que se realizarán dentro da programación cultural realizada para celebrar o Día das Letras Galegas dedicado a Uxío Novoneyra, entre as que destaca unha biografía en formato cómic, *Uxío Novoneyra, a voz herdada*, do debuxante ourensán David Rubín e o guionista Kike Benlloch.


Informa da presentación do programa que a Consellería de Cultura desenvolveu para o Día das Letras Galegas 2010. Precisa que esta consellería mercou para distribuír o 17 de maio a edición bilingüe d’*Os Eidos* que publicou a editora madrileña Ardora. Apunta que se representou o espectáculo poético e de danza do grupo, *Tender a man*, e o ciclo de conciertos de Emilio Cao, *Interseccions. A ollada de Novoneyra*; que se editou *Uxío Novoneyra, a voz herdada* e que se mencionou un congreso que a Xunta de Galicia ía realizar xunto coa Real Academia Galega sobre a biobibliografía de Novoneyra e outros actos promovidos pola Xunta de Galicia como o musical *Dúas beiras*, a promoción de Novoneyra no programa televisivo *Palabra de autor* e “unha declaración institucional de recoñecemento e posta en valor do libro e da lectura en galego”. Recolle tamén á parte que “Gadis imprime poemas en bolsas da compra”.


Faise eco da inauguración da XXVI Feira do Libro por parte de Teresa Moure e destaca a intervención destas que “non quedou somente ningúnha invitación ao pracer de ler senón que levou consigo unha auténtica defensa do libro en galego”. Posteriormente, sinala, dentro das diferentes actividades realizadas durante a feira, a presentación do cómic *Uxío Novoneyra: A voz herdada*, de Kike Benlloch e David Rubín.

Primeiramente recolle a presentación de *Uxío Novoneyra: a voz herdada* na feira do libro de Ourense, a cargo do ilustrador David Rubín e do escritor Kike Benlloch. Sinala ademais que se repartirán sete mil exemplares entre as escolas, bibliotecas e feiras do libro galegas. Entre as intervenciós dos diferentes participantes que asistiron á presentación, destaca as verbas do director xeral de Promoción e Difusión da Cultura, Francisco López, quen afirmou “que se trata de achemos a figura do autor a cidadanía”.


Entrevista ao creador de tebeos David Rubín con motivo da presentación da súa obra que ten como protagonista a Solomon Kane (heroe creado por Robert Howard). Destaca que dita obra non é un cómic senón un libro de “narrativa con ilustracións”. Por último, fai referencia aos seus proxectos futuros coa publicación dunha “novela cómica” titulada *O Heroe*, ao mesmo tempo que recolle as impresións do autor sobre a acollida desta banda deseñada realizada xunto a Kike Benlloch sobre a figura de Uxío Novoneyra.


Novas entregas de Pepe Carreiro (Vigo, 1954) na colexión Os Bolechas en banda deseñada protagonizadas polos irmáns Bolechas. En *Goooool!* os irmán xogan a meterse goles. Así, primeiro Pili está de porteira e Sonia tira moi alto e despois intercambianse e cando Pili tira, escápalle o zapato que vai buscar o seu can, Chispa; a continuación, Tatá chora porque, aínda que é moi pequena, tamén quere xogar pero despois non quere pasarles o balón; deseguido a pelota queda nunha póla e Sonia, erguida por seus irmáns, cóllea pero pensa que a deixaron colgada; finalmente, comeza o partido de verdade. En *Roscón con pelos*, Loli e Braulio fan masa de roscón, que proba Carlos e atopa un pelo; entón o avó dilles que teñen que poñer un gorro para traballar e Braulio pon o gorro mexicano de Sonia e que comparte con ela; a continuación aparece Pili cunha cabeleira postiza, polo que non lle deixan entrar no obradoiro até que rematen para que non caian pelos na masa; unha vez rematado, pónense a comer o roscón e atopan un pelo de Sonia mentres ela canta unha ranchera. As ilustracións do mesmo autor que o texto están realizadas con deseño de cómic. As imaxes vanse sucedendo en viñetas sempre do mesmo tamaño: catro por páxina. Os personaxes están debuxados cunhas formas redondeadas co uso de cores fortes sen pretensión volumétrica.


Cuarto entrega deste cómic histórico e humorístico realizado por Pepe Carreiro (Vigo,
1954) no que os protagonistas son os habitantes do Castro de Baroña que, nesta ocasión, se preparan para a celebración dunha das festas máis importantes: o solsticio de verán. A xuventude, principalmente as nenas, están loucas coa actuación do grupo Coirostone de Sanfins que será un dos eixes da festa. No relato mestúranse dun xeito divertido temas como a enfermidade, o amor, a vellez, a familia e as tradicións ancestrais. Na cuberta atópanse moitos personaxes do cómic, dispersados pola páxina. Na contracuberta hai texto e ilustración, aínda que pouco significativa. As gardas son iguais, en fondo azul cun debuxo en cor branca dunha aldea da idade de ferro. Todos os debuxos do interior están realizados en cor plana, con contorno e ao ordenador. En ocasións hai ilustracións a dobre páxina e con moito detalle.

Referencias varias:


Tras repasar a obra de Pepe Carreiro, anuncia a publicación dunha nova entrega da serie “Os Barbanzóns”, titulada A noite das cacharelás, ambientada no solsticio do verán. Destaca o uso do anacronismo con fins humorísticos, un trazo recorrente no autor, así como a parodia e a burla do presente a través do retrato do pasado. Sinala tamén que o autor recomenda esta obra para lectores maiores de doce anos.


Alfonso Martínez López adapta esta historia ao formato da banda deseñada a partir dunha peza escrita para o teatro en 2003 por Juan Junquera e Nathan Carter. Trátase dunha tiraxe limitada de 300 exemplares editada en gran formato, cosido e cunha capa dura que adianta o espírito da obra, pois nela aparecen Xesucristo e Superman botando un pulso. Ambientada na cidade de Macrópole, a historia comeza presentando unha situación caótica tras o impacto dun obxecto nun edificio do rañaceos Top of The World. Os superhéroes que aínda seguén en activo, Aracnos, Mole, o Sr Escuro e o Sr. Mundo, lonxe do esperado, emprenden unha intensa reflexión sobre as súas habilidades e a súa razón de existir no mundo actual. Combinanse os tópicos das avenidas de superhéroes cun tratamento irónico e retranqueiro, visíbel sobre todo nos diálogos, baleiros de contido grandilocuente e achegados ao modo de pensar galego, ademais de introducir referencias metaliterarias á banda deseñada, á relixión, á política ou a acontecementos recentes da historia da humanidade, para plasmar unha época de perda das crenzas e desmitificación dos grandes heroes.

Referencias varias:

Nota dedicada ao primeiro título publicado pola editorial Volta, o cómic O regreso do caralludo Sr. Mundo, de Nathan Carter, Juan Junquera e Alfonso Martínez López. Saliéntase que a editorial nace impulsada por Pablo Portero e Fernando F. Rego e que nace na rede coa intención de “sacar á luz produtos culturais de calidade, respectando o autor, que sexan rendibles para todos e que ademais se movan nunha esfera de inquietude, creatividade e paixón, relacionada co cine, a literatura, a música, o audiovisual, a fotografía...” Resúmese o argumento do cómic e defínese como unha sátira do mundo bíblico e a sociedade do espectáculo.


Infórmase do nacemento de Volta Editores, unha empresa creada por Pablo Portero e Fernando F. Rego, que pretende acoller todo tipo de manifestacións artísticas con gran respecto polo autor. Apúntase que a súa carta de presentación é O regreso do caralludo Sr. Mundo, unha novela gráfica realizada por Nathan Carter, Juan Junquera e Alfonso Martínez López, publicada nunha edición limitada de luxo.


O texto introdutorio de Mariano Casas (Madrid, 1971) que abre o volume compara o acto da creación dunha historia coa cociña e o labor do cociñeiro perante o reto de crear un prato nunha antes realizado por ninguén, e mesmo se propón a posibilidade de que para narrar algo novo haxa que pasar pola deconstrución do creador, ademais de anticipar o sentido da historia que começa a seguir. Ramón, un guionista, recibe a encarga de escribir unha historia, para o cal se retira a unha localidade preto do mar na procura da soildade e da inspiración. Axiña se decata de que por moito que o intenta, non logra escribir nada e que as continuas interrupcións de Ramiro, que vive na localidade e tenta que se distraía, conseguén irritalo. A medida que pasa o tempo sen avance ningún no seu proxecto, Ramón decide darlle un xiro radical á súa vida e a historia remata cun desenlace inesperado. O estilo supón unha nova posta en práctica da liña experimental de Casas, visíbel na redución textual, que mesmo desaparece en boa parte das páxinas, e a presenza de cores intensas e contornos de liñas negras.

Referencias varias:


Informa sobre a presentación do cómic A historia xamais contada, de Mariano Casas, no Dado Dadá de Compostela. Tras se referir ao seu argumento e salientar que se trata dun traballo autoeditado polo autor grazas a unha axuda concedida pola Consellería de Cultura, apunta que a historia reflexiona sobre o oficio do narrador e o momento no que nace unha historia cun estilo minimalista e recorrendo a accións paralelas. Así mesmo, indica que o autor se inspirou nas paisaxes reais de Corrubedo e da Mariña lucense e apunta a súa vinculación co “Fartismo”, “un movemento social crítico coas concepcións artísticas que se expresan de costas ao público”.

1654
Manolo López Poy (Sarria) e Miguel Fernández Vázquez (Baralla-Lugo) recrean a biografía de Toribio, pseudónimo do bandoleiro galego Mamed Casanova, cuxas accións entre a realidade e a lenda, levadas a cabo a finais do século XIX e comezos do XX, acadaron sona na bisbarra de Ortigueira durante tres anos e espertaron as iras dos poderosos da contorna e da garde civil ao non dar conseguido apresalo. A historia parte do ano 1928, cando Toribio sae do cárcere de Figueres tras vinte e cinco anos apresado e fai memoria sobre a súa vida tras regresar á súa aldea, As Grañas do Sor, e comprobar que o seu mundo xa non existe. Recupéranse deste xeito varios episodios que recrean as súas accións dende 1890, cando tras profanar a tumba dun morto e roubar a súa roupa, pretende marchar a Cuba e desafía os caciques da contorna no Casino de Ortigueira bailando con María Cobeiro, o que desencadea unha feroz persecución. Toribio logra escapar e agocharse nos montes. En 1900 involúcrase no asalto á reitoría das Grañas coa intención de darlle un escarmiento ao cura e é acusado do asasinato de Manuela, a criada do crego, aínda que o culpábel foi o Balseiro, que non dubita en delataro. Toribio escapa, mais é detido e, tras pasar preso oito meses, volve escapar. En 1902 foxe dunha persecución polo monte tras matar o garda civil Vicuña até que o cura de Freixo o entrega á xustiza. En abril de 1903, no cárcere da Coruña, argalla un motín en protesta pola escaseza de comida e o maltrato dos vixilantes. Finalmente é condenado a morte, pero a nai consegue o indulto de Afonso XIII na súa visita á Catedral de Santiago e conmutánnle a pena pola de cadea perpetua. O estilo do debuxo aposta por unha ambientación escura, favorecida pola escolla do branco e negro, que lembra a influencia do cinema. Con respecto á ilustración, trátase dun cómic cun estilo figurativo, no que destaca o emprego das luces e as sombras. Ese contraste entre o branco e o negro, que nos vai acompañar durante toda a narración, acentúa-se polo fondo negro no que se enmarcan as viñetas. As composicións son moi variadas, cun deseño clásico de viñetas mesturado con roturas do espazo con liñas oblicuas, círculos ou páxinas sen viñetas. Hai recursos cinematográficos nas composicións das viñetas: primeiros planos, picados, secuencias temporais e visuais, etc. As referencias que contextualizan a historia na Galicia rural de finais do século XIX son de tipo visual: as roupas, as edificacións e os apeiros que levan os personaxes.

Referencias varias:


Breve nota que dá conta das novidades editoriais que se presentarán no Salón Viñetas desde o Atlántico da Coruña, entre as que se atopa O fillo da furia, de Manolo López Poy e Miguel Fernández.

Aproximación a Demo Editorial, selo creado por Manel Cráneo e especializado na edición de banda deseñada, que xa conta con tres títulos no mercado: Os lobos de Moeche, do propio Cráneo; O fillo da furia, de Manolo Poy e Miguel Fernández; e Sen mirar atrás, de Dani Montero. Coméntase que a súa intención é publicar temas ben escollidos e acometer un intenso labor de promoción. Resúmese o contido d’O fillo da furia, destacándose que está dedicada ao bandoleiro Mamed Casanova e inspirada na estética do cinema negro. Tamén se recollen as palabras dos seus creadores, que declaran a súa intención de recrear o contexto de Galicia a começo do século XX para o cal emprenderon un intenso labor de documentación.


Anúnnciase a publicación do cómic Mamed Casanova. O fillo da furia por parte de Demo Editorial e recólłense as declaraciúns do guionista, Manuel López Poy, que resume os principais acontecementos da vida do personaxe, como o feito de que comenzou moi novo con delitos menores que o levaron a un reformatorio e a unha intensa carreira de delincuente na adolescencia e na mocidade. Sinálase así mesmo o seu interese polo tema do bandoleirismo e a auréola romántica que arrodeou o personaxe.


Coméntanse as lendas que arrodearon o bandoleiro galego Mamed Casanova, citando os retratos que aparecen en crónicas, artigos e novelas aos que se une o cómic O fillo da furia, de Manolo López Poy e Miguel Fernández. Defínese como unha novela negra que presenta un Toribio melancólico e vello cando regresa á súa aldea tras pasar vinte e cinco anos no cárcere de Figueres. Recólłense tamén as palabras dos seus creadores e deste xeito López Poy sinaísa as dificultades de conxugar as distintas versións populares sobre a súa figura, que mesmo espertou o interese de Ramón María del Valle-Inclán, que se inspirou nel para escribir Las galas del difunto. Apúnťase que Miguel Fernández o define como un personaxe con partes moi escuras que canalizaba a rabia da xente contra os poderosos.


Breve nota na que se destaca que o cómic Mamed Casanova. O fillo da furia, de Manolo López Poy e Miguel Fernández, glosa a figura deste bandoleiro pouco coñecido en Galicia e faino sen caer no ton épico, entenendo a súa figura como vítima do contexto e cun debuxo que aposta polo negro para evocar un tempo escuro.


Informa da colaboración das editoriais Demo e Diábolo para editar a tradución ao castelán de Mamed Casanova. O fillo da furia, de Manolo López Poy e Miguel Fernández, e que esta nova edición contará con máis páxinas. Inclúe tamén unhas notas sobre o argumento desta novela gráfica, salientando que recupera a figura dun
bandoleiro atípico que os autores abordan sen mitificalo e cun estilo expresionista cun toque esesperpético.


Repásase a biografía de Mamed Casanova e os delitos que se lle atribúen, salientando que se trata dun bandoleiro que se enfrontou ao destino, á fame, á miseria e á desigualdade da Galicia do século XIX, e cuxa sona pasou aos cantares de cego e do que falaron Ramón María del Valle Inclán, Emilia Pardo Bazán ou Julio Camba, aos que se une o cómic Mamed Casanova. O fillo da furia, de Manolo López Poy e Miguel Fernández. Reproducense as palabras que lle dedicou Valle-Inclán: “El célebre bandolero tiene el gesto sombrío, dominador y galán, con que aparecen los antiguos capitanes del Renacimiento: es como un bastardo de César Borgia. En el retrato de Mamed Casanova nada delata al asesino. Su rostro lo mismo puede ser el de un penitente que el de un hidalgo sombrío. Mamede mató siempre sin saña, con frialdad...”; e as consideracións de Camba, que destacou a veneración que suscitaba no pobo, e Pardo Bazán, para quen era “una suerte de encarnación del anticristo”.


Primeira obra completa publicada de Dani Montero (Catoira, 1977) que aborda a amizade entre un mozo e un can, así como as reviravoltas da vida e o pasado que arrastran as persoas. A historia parte da ruptura sentimental de Xaime, tras a cal o mozo decide dar un xiro á súa vida, coller os seus trebellos, o seu can, Toby, e facer unha viaxe sen destino. Mais as complicacións aparecen axiña cando sofren unha avaría no coche e non teñen máis remedio que botar a andar até que atopan unha gasolineira abandonada. Mentres esculcan pola fiestra, un oso avanza cara a eles ruxindo e ambos os dous foxen. Xaime, na carreira, perde a mochila e con ela todo o que posuía. Comeza entón a vida no campo, obrigados a subsistir até que Xaime e Toby deciden trasladarse a unha nova cidade na que volve comezar unha vida rutineira que se rompe cando Xaime, por non ser do lugar, é acusado da desaparición dunha nena e sofre a violencia dos seus parentes para que confese. Cando logra escapar, deambula polas rúas como un esmoleiro sen recursos até que se volve reencontrar co seu can. Un desenlace imprevisto porá de relevo as verdadeiras razóns da fuxida inicial de Xaime. A edición complétase con debuxos dos protagonistas, interpretados por outros autores: Patricia Castelao, Pinturero, Javi Montes, Jose Zazo, Víctor Hernández, Santy Gutiérrez, Renato Roldán, Raúl Ariño, Manel Cráneo, Robles, Marcos Calo e José Domingo. Na cuberta a imaxe dos protagonistas, un home e o seu can. Os debuxos son en branco e negro e as composicións enriquécense con manchas de grises. O estilo é solto con trazos expresivos. Emprega a cor vermella de forma puntual para salientar o dramatismo dalgunhas escenas de tortura e algunhas viñetas especialmente violentas. O deseño das viñetas é clásico aínda que nalguna pánixas se omite a liña de borde. Son viñetas moi dinámicas nas que se empregan recursos visuais propios do cinema coma os contrapicados ou secuencias de achegamento aos personaxes. As figuras amosan gran cantidade de emocións nos rostros a pesar do estilo descoidado dos debuxos.
Recensións:


Sinala que *Sen mirar atrás*, de Dani Montero, converte en orixinal unha trama en aparença ben repetida baseada no fracaso dunha relación amorosa, abordando a soidade, a esquizofrenia e a irrealidade. Comenta que o debuxo non conta con grandes alardes e que se trata dunha narración áxil, lineal e ás veces desatinada na que, con todo, “hay un punto desconcertante en la trama, un momento que obliga a volver atrás y que lleva a cerrar el tebeo con una mueca de extrañeza”.

Referencias varias:


Recollendo as palabras do autor, indicase que o cómic *Sen mirar atrás*, de Dani Montero, naceu a partir da observación dunha escena cotiá na que un indixente falaba co seu can na rúa. Resúmense tamén as palabras de Miguelanxo Prado, comisario do Premio Castelao, na presentación da obra, nas que destaca que conta cun guión sólido e unha boa conclusión gráfica.


Resumo do acto de presentación do cómic gañador do Premio Castelao de Banda Deseñada, *Sen mirar atrás*, de Dani Montero, quen comentou que a obra naceu a partir da observación dunha escena na rúa e que nela reflexiona sobre os acontecementos que provoca a soidade extrema. Pola súa parte, Miguelanxo Prado, comisario do certame, indicou que o premio está limitado a obras en lingua galega e que potencia a lingua e a cultura galegas. O presidente da Deputación da Coruña, Salvador Fernández Moreda, destacou a traxectoria do premio.


Dáse a coñecer a programación do Salón da Coruña Viñetas desde o Atlántico, destacando as principais actividades: as exposicións de Will Eisner, Jaume Vaquer, Carlos Pacheco, Camille Jourdy e Víctor Rivas; e a presenza do ilustrador británico Dave McKean. Destácase tamén que Daniel Montero, gañador do Premio Castelao de Banda Deseñada con *Sen mirar atrás*, será obxecto dunha mostra.


Breve nota que dá conta das novidades editoriais que se presentarán no Salón Viñetas desde o Atlántico da Coruña, entre as que se atopa *Sen mirar atrás*, de Dani Montero.

Anúnciase a celebración dunha mostra composta por corenta orixinais do cómic *Sen mirar atrás*, de Daniel Montero, no marco do Salón do Cómic Viñetas desde o Atlántico da Coruña. Resúmese a traxectoria do debuxante, que publicou en *Golfiño* e *Polaqia* e está a preparar unha curtametraxe, e resúmese o argumento da súa primeira obra editada en álbum.


Aproximación a Demo Editorial, selo creado por Manel Cráneo e especializado na edición de banda desenhada, que xa conta con tres títulos no mercado: *Os lobos de Moeche*, do propio Cráneo; *O fillo da furia*, de Manolo Poy e Miguel Fernández; e *Sen mirar atrás*, de Dani Montero. Coméntase que a súa intención é publicar temas ben escollidos e acometer un intenso labor de promoción. Con respecto a *Sen mirar atrás*, apúntanse que se trata dunha “historia sobre a amizade e a necesidade de compañía” que supón a primeira obra publicada de Dani Montero.


Tras a presentación do cómic *Sen mirar atrás* na librería Kómic de Santiago, Dani Montero explica nesta breve entrevista que a edición en galego da súa obra conta con máis páxinas que a castelá, nas que outros autores, como Javi Montes, Santi Gutiérrez ou Patricia Castelao debuxan a súa interpretación dos personaxes da historia.


José Manuel Trigo (Vigo, 1954) e o seu irmán Ramón (Vigo, 1965) asinan esta novela gráfica que recupera unha historia ambientada no século XIX nas terras da Guarda e a figura dos raqueiros, piratas de terra que enganaban as embarcacións dende a costa prendendo fogueiras para que encallasen, ademais de integrar o contrabando no Baixo Miño e o poder dos caciques. A trama comeza cando Xosé acode á chamada de seu pai, Bieito o Lindo, que está a piques de morrer e quere acalmar a súa conciencia polos feitos realizados no seu pasado como raqueiro. Este entrégalle unha caixa que contén o relato do acontecido anos atrás no cal se explica por que tivo que fuxir. Xosé terá que buscar no buraco do inferno as riquezas que lle permitirán vivir con folgura toda a vida, ademais de resarcir con cartos as familias das vítimas do navío Santa Rosa de Lima, cuxo naufraxio ordenara o cacique Manuel Bárcena, e levarlle as escrituras do paz do Rosal á súa dona, Isabel Ozores. Mais nada acontecerá como Xosé esperaba. A nivel narrativo, a historia combina dous planos temporais (o presente e o pasado) e varias voces narrativas: ao narrador omnipresente que conduce o relato e aclara determinados fíos da historia, súmanse o diario de navegación do Santa Rosa de Lima e as metáforas visuais. As ilustracións figurativas desta edición moi coidada son de Ramón Trigo.
(1965). Na cuberta, a imaxe achega moita información sobre o que acontece no interior: un personaxe inquietante cun puñal e ao fondo divisase o mar. A expresividade das imaxes é suficiente na maioria do relato para seguir a narración dun xeito visual e só cando é imprescindíbel unha aclaración aparece o texto. Os personaxes, debuxados con poucos detalles, amosan riqueza de emocións nos xestos e nas actitudes. O deseño das viñetas varía en función das imaxes. As composicións beben de fontes cinematográficas, con picados e contrapicados, con escenas de planos sucesivos e enfoques graduais até un fragmento importante da escena. O tempo narrativo non é continuo, pois xógase coa liña tempo que vai dende o presente ao pasado. A técnica elixida é o lapis e o carbón que serven para crear unha atmosfera brumosa e chea de misterio; os contrastes de branco e negro dos debuxos semellan a oposición entre a luz e a escuridade, o ben e o mal. Pola súa banda, o estilo expresivo empregado materialízase nos trazos oblicuos, enérxicos e vigorosos, que achegan moito dinamismo ás imaxes. É un exemplo importante de narrativa visual, na que se pon de manifesto a eficacia das imaxes para mergullar o lector na historia dunha maneira directa e cunha riqueza de matices que se van descubrindo en lecturas sucesivas, xa que a información que achega non se esgota na primeira ollada.

Recensións:


Sinálase que O burato do inferno é a primeira novela gráfica dos ilustradores Ramón e Xosé Manuel Trigo, irmáns que xa teñen colaborado noutras creacións. Explícase que a obra nace dun guión para cine que non se chegou a realizar, o que contribúe a que a historia non precise o amparo de moito texto. Da trama dise que és áxil e marcada por unha atmosfera escura e un ambiente nocturno, así como a variedade de voces narrativas. A seguir detense no argumento, do que se sina que está baseado na historia dos raqueiros, que ten como escenario a Guarda e que representa a loita entre un pasado difícil de compensar e un presente construído sobre o remorso. Este retrato faise extensíbel ao caciquismo, ao estraperlo e a unha sociedade moi real e próxima, con espazos facilmente recoñecíbeis.

Referencias varias:


Breve nota que dá conta das novidades editoriais que se presentarán no Salón Viñetas desde o Atlántico da Coruña, entre as que se atopa O burato do inferno, de José Manuel e Ramón Trigo.


Breve nota que dá conta da presentación d’O burato do inferno, de José Manuel e Ramón Trigo na Atalaia da Guarda, lugar que os autores escolleron porque, ademais de
manteren lazos afectivos coa localidade, estarán preto dos escenarios que recrea a súa obra.


Entrevista cos creadores d’O burato do inferno, José Manuel e Ramón Trigo, tras a súa presentación no Salón do Cómic Viñetas desde o Atlántico da Coruña. Os autores contan que a historia naceu como un guión de cine que escribiu José Manuel e que transformaron en novela gráfica. O ilustrador apunta que apostou polo branco e negro para acadar a atmosfer a que buscaban recrear a figura do raqueiro. Sobre a situación da banda deseñada galega, consideran que está no seu mellor momento, malia ser a súa edición aínda minoritaria. Entre os seus próximos proxectos, anuncian a publicación de Kartoffel, co que conseguiron quedar finalistas do Premio Castelao.


Breve entrevista cos creadores d’O burato do inferno, José Manuel e Ramón Trigo, no que os creadores manifiestan que levaban traballando neste proxecto varios anos e que quixeron crear un ritmo cinematográfico e moi visual, axeitado a unha historia que tenta recrear unha época de fame e contrabando por necesidade. Entre os seus próximos proxectos, anuncian dúas historias do xénero negro e mais a publicación de Kartoffel, finalista do Premio Castelao, ambientado en Vigo e que presenta a relación de Galicia cos nazis.


Dá conta da presentación d’O burato do inferno novela gráfica de José Manuel e Ramón Trigo editada no selo Factoría K, no marco do Salón do Cómic Viñetas desde o Atlántico da Coruña, resumindo o seu argumento e destacando as ilustracións que, en palabras de Ramón Trigo, queren transmitir a sensación de escuridade que rodea os personaxes.


Con motivo da presentación da novela gráfica, O burato do inferno, de José Manuel e Ramón Trigo no marco do Salón do Cómic Viñetas desde o Atlántico da Coruña, recóllesee declaracións dos seus autores. Estes salientan que a súa intención foi retratar a piratería da Guarda, que entenden como produto da miseria do século XIX. Ramón Trigo sinala que o traballo naceu dun guión de cine que escribiu seu irmán e que el transformou en imaxes cun ton tétrico, escuro e misterioso.

Ademais de dar conta do contido da exposición “Ciudades sumergidas” que se celebra no marco do Salón do Cómic Viñetas desde o Atlántico, e que coordina Antonio Guiral, composta por trinta paneis que repasan as historietas que transcorren nas profundidades do mar, e de anunciar outras actividades previstas, dedica un parágrafo a destacar a presentación da novela gráfica, *O burato do inferno*, de José Manuel e Ramón Trigo, indicando que tamén está relacionada coas aventuras mariñas ao recuperar unha historia sobre os raqueiros ou piratas de terra que facían encallar os barcos.


Dálle a benvida a dúas bandas deseñadas editadas por Faktokía K: *O burato do inferno*, dos irmáns Ramón e Xosé Manuel Trigo, unha historia de contrabandistas localizada en A Guarda; e *O insólito ascenso de Madame Pôl*, a tradución da obra orixinal do ilustrador e narrador arxentino Nicolás Arispe, onde conta os disparates que provoca un número de maxia.


Fixase a atención nesta ocasión no labor das editoriais Factoría K e Kalandraka en prol da lectura e destácase que, ao longo do verán, tiveron unha presenza moi activa nas feiras e salóns do libro ou presentacións celebradas en toda a xeografía galega. Entre os títulos achegados ao lectorado infanto-xuvenil a través destas actividades, atópanse *O burato do inferno*, de Ramón e Xosé Manuel Trigo; *Milu*, de Manuel Rivas; e *Contos para nenos que se dormen de seguida*, de Pinto & Chinto. Tamén se dá conta da promoción da lectura da iniciativa “Verán lector. Que calor!” a través das suxestións como *Luis vai á praia*, de Guy Delisle; *O insólito ascenso de Madame Pôl*, de Nicolás Arispe e *Historias de mestre raposo*, de Bruno Heitz, entre outras moitas.


Repasa as novidades editoriais de 2010 no eido do cómic. No que atinxe a *O burato do inferno*, de José Manuel e Ramón Trigo, que edita Factoría K, apúntase que naceu como un proxecto destinado ao cinema e que se converteu nunha novela gráfica sobre o contrabando en Galicia no século XIX, na que destaca a pegada de Edgard Allan Poe.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas. Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras pertencentes a escritores galegos, menciónase *O burato do inferno*, de Ramón e José Trigo.
VII.4. 2. REEDICIÓNS. TEXTOS RECUPERADOS


Volume que supón outra achega por parte de El Patito Editorial ao seu propósito de posta en valor do labor dos pioneiros da historieta galega, neste caso a través da obra de Xaquín Marín (Ferrol, 1943). Tras un prólogo contextualizador asinado polo director da colección, Fausto Isorna, no que se resume a achega de Marín ao eido do humor gráfico galego e da banda deseñada, a presente edición reúne dúas historietas: a inédita até o de agora “Buscando outro mundo” e, a seguir, a reedición de “A longa viaxe de volta dende as estrelas”. En “Buscando outro mundo”, preséntase en clave simbólica a trepidante viaxe dun home común na procura da felicidade. No seu percorrido ateigado de pexas, o home supera o túnel da ignorancia e o mar da incomprensión, foxe dos cantos das sereas, loita coa besta do consumo e é salvado do casamento cunha muller obxecto polas misteriosas mans dos intelectualoides. Cando consegue chegar a Culturalandia e semella que acadou o seu obxectivo, sofre novos contratempos e un fatal tropezo coa burocracia que o leva á morte. Soprendentemente, será neste intre cando atope ese mundo distinto e feliz que procuraba. A segunda das historias, “A longa viaxe de volta dende as estrelas”, foi dada a coñecer no volume 2 *Viaxes*, publicado orixinalmente en 1975 por Brais Pinto, onde Marín compartía autoría e inquietudes con Patiño. A edición recupera o prólogo que asinou Patiño daquela, verdadeiro manifesto fundacional que abriu o desenvolvemento do cómic en Galicia, daquela ermo. Tras a lectura de “A longa viaxe”, percíbense as concomitancias temáticas coa historieta anterior, froito da postura crítica e comprometida do seu autor, aínda que neste caso cuns presupostos máis enraizados no contexto galego. Arbolicia, o planeta maldito e esquecido, morre de pobreza e tristura e fornece escravos ao resto do mundo. Todas as esperanzas están postas no Capitán Zelta, pero este sucumbe aos engados dun novo planeta no que permanece sen memoria durante anos, até que lembra as súas orixes e regresa á terra nai. O desacougante desenlace pon de manifesto que, se cadra, xa é tarde de máis. Ambas as obras de Xaquín Marín representan os seu primeiros atoutiños no xénero e propoñen unha lectura en clave simbólica na que se percibe a presenza do seu compromiso social e político, cinguido ás preocupacións do contexto no que foron creadas, e conforman unha lúcida reflexión de alcance universal e imperecedoiro, ao tempo que dan conta dos trazos que conformarán o seu estilo propio, como son a súa orixinal proposta de rotulación, as grafías, a figuración, a composición da paxíña e o uso dos seus característicos pés. En relación á parte visual, trátase dun cómic en branco e negro no que o peso da narración visual é importante. Xoga coa tipografía e o tamaño das letras para resaltar escenas impactantes. Os contrastes entre brancos e negros son constantes nas viñetas que seguen un deseño cambiante e creativo.

Recensións:

Ademais de presentar os contidos do volume, *As dúas viaxes de Xaquina Marín*, publicado por El Patito Editorial e de salientar o compromiso político e social dende unha postura crítica e comprometida do autor ferrolán, a nota integra as palabras de Gemma Seser, responsábel da editora, que destaca que a publicación deste libro quere “demostrar que a banda deseñada galega non é tan recente como adoitamos pensar”. Conclúese anunciando as novidades da empresa para o ano 2010: Lobezno, Carapuchinha vermella e Dick Turpin.


En primeiro lugar dánselle os parabéns a El Patito Editorial pola posta en marcha da colección “Clásicos de Historieta Galega” que recupera os pasos iniciais da literatura gráfica en Galicia. A continuación, destácase a Xaquina Marín como autor pioneiro do cómic e fálase d’*As dúas viaxes de Xaquina Marín*, primeira entrega da colección nomeada con anterioridade. Discí que despois dun prólogo contextualizador de Fausto Isorna se reproduce en castelán o relato inédito de Marín “Buscando outro mundo” ao que lle segue “Longa viaxe de volta dende as estrelas”, dada a coñecer en 1973. Finalmente sinálase que “as concomitancias coa historieta anterior son evidentes”.


Anuncia a publicación do volume *As dúas viaxes* sinalando que El Patito Editorial reúne nel unha historieta inédita, “Buscando outro mundo”, e outra datada en 1975, “A longa viaxe de volta das estrelas”, unidas polo compromiso social e político de Xaquina Marín.

**Referencias varias:**


Considérase de grande interese a colección “Biblioteca Clásicos da Historieta Galega” por parte de Patito Editorial, tamén valorada por dar ao prelo obras escondidas de
autores como Miguelanxo Prado. Coméntase tamén que *As dúas viaxes* inclúe un artigo introdutorio, un traballo editado en 1975 e outro inédito.
VII.4. 3. CÓMICS TRADUCIDOS OU VERSIONADOS


O coñecido mutante Lobezno, un dos personaxes máis carismáticos do universo Marvel Comics, é o protagonista das dúas historias curtas que reúne esta edición en galego. Curva perigosa e Revólver, guionizadas respectivamente por Joseph Clark e Victor Gischler, acompañados do traballo gráfico do debuxante Das Pastoras (nome artístico de Julio Martínez, Santa Uxía de Ribeira, 1962), que ofrece a súa interpretación do personaxe, son as dúas aventuras illadas do personaxe recollidas no volume, a primeira en relación coas sinistras actividades que leva a cabo o shérif dunha afastada vila, e a segunda arredor dun enfrontamento entre seres crueis e monstruosos. As imaxes de Das Pastoras ofrecen un Lobezno temíbel en atmosferas desacougantes, insistindo no retrato de personaxe dunha boa cantidade de planos curtos e escenas cargadas de tensión e agresividade. Trátase dun formato novidoso que conta cunha maquetación de Fausto Isorna para una cómic clásico da factoría Marvel. A edición é a toda cor con papel satinado de calidade, gardas decoradas e lapelas.

Recensións:


Dálles a benvida ás novas publicacións de El Patito Editorial: Stratos, de Miguelanxo Prado e Lobezno, de Das Pastoras. Con respecto a Lobezno destaca o talento do debuxante galego a todos os niveis: volumes, texturas, cor, captación da luz e dos movementos; o cal contrasta coa pobreza dos guións, asinados nas dúas historias que inclúe o volume por Joseph L. Clark e Victor Gischler.

Referencias varias:

- maré, Galicia Hoxe, “A Marvel falará galego”, “MARÉ”, 7 maio 2010, p. 31

Anúnciase que a editorial El Patito está preparando o primeiro cómic de Marvel en galego: Lobezno, ilustrado polo galego Xulio Das Pastoras e que recolle dúas historias: “Switchback” e “Revolver”. Coméntase que Xulio Martínez, máis coñecido como Das Pastoras, vive en Barcelona e que traballou para as revistas de cómic máis populares e participou en mostras internacionais e álbums colectivos como A Historia do blues, que é un proxecto de Siniestro Total, xa que se adapta unha canción do grupo no álbum colectivo Pop español. Tamén se di que traballou para o mercado franco-belga, con guión de Carlos Portela. Por último, afirmase que acudirá ao Salón do Cómic de Barcelona onde terá unha caseta coa exposición de obra de autores de cómic galegos.

Cómic sen texto de Guy Delisle (Quebec, 1966) no que se conta como Luís, o protagonista, esperta o seu pai e lle pregunta se poden ir a praia. Ao chegar ali, comézanlle a pasar moitas cousas. O pai mándao ir mergullarse, vai cunha nena e chegan ao fondo do mar onde lle caen enriba bolsas de lixo dos barcos. Despois intenta facer un castelo de area e un señor axúdato. Á noite volven á casa e Luís estaba completamente queimado polo sol excepto un punto na boneca e dorme. Baséase nunha sucesión de imaxes sinxelas que están dispostas en pequenas viñetas cadradas. Trátase de pequenas historias en que lle ocorren a un neno pequeno no seu día de praia: facer un castelo de area, xogar coa pelota, facer travesuras cos amigos e sortear as olas, entre outros enredos. Todas as imaxes están tratadas dende o punto de vista infantil. A sucesión de imaxes é moi dinámica, con secuencias case cinematográficas. Os debuxos son moi sinxelos pero expresivos. O cromatismo empregado é moi austero, predominando a cor area e o azul do mar, con algunha nota de cor para os demais obxectos.

Recensións:


Infórmase da novidade da editora Kalandraka *Luís vai á praia*, tradución dun orixinal de Guy Delisle. Trátase dunha banda deseñada sen texto, pero pese a isto considérase unha historia completa e coherente. Despois de facer un breve resumo do argumento, coméntase a técnica cinematográfica empregada polo autor, que conta cun estilo inconfundíbel, áxil e humorístico.

Referencias varias:


Breve nota na que se inclúe na sección de novidades o cómic para cativos *Luís vai á praia*, de Guy Deslisle, do que se salienta a forza expresiva das súas imaxes na sucesión de viñetas, que representan os xogos dun pequeno bañista na praia.


Preséntanse como propostas de lectura de verán *Luís vai á praia*, de Guy Delisle; *Contos para nenos que dormen de seguida*, de Pinto & Chinto; e *Oh, as cores*, de Jorge Luján. Cualificanse como “propostas que engaiolan pola súa fermosura e coidada frescura, pola súa calidade”. Dáse conta do seu contido e destácanse as súas principais características.

Breve nota que dá conta das novidades editoriais que se presentarán no Salón Viñetas desde o Atlántico da Coruña, entre as que se atopa Luís vai á praia, de Guy Delisle.


Fixase a atención na iniciativa das editoriais Factoría K e Kalandraka “Verán lector. Que calor!” que promove a lectura a través de suxestións como Luís vai á praia, de Guy Delisle; O insólito ascenso de Madame Pól, de Nicolás Arispe; e Historias de mestre raposo, de Bruno Heitz, entre outras moitas. Tamén se destaca que ao longo do verán tiveron unha presenza moi activa nas feiras e salóns do libro ou presentacións celebradas en toda a xeografía galega. Entre os títulos achegados ao lectorado infanto-xuvenil a través destas actividades, atópanse O burato do inferno, de Ramón e Xosé Manuel Trigo; Milu, de Manuel Rivas; e Contos para nenos que se dormen de seguida, de Pinto & Chinto.


Edición en álbum da historia de ciencia ficción con pinceladas épicas dada a coñecer por entregas no primeiro ano de existencia da revista xuvenil Galimatías que edita El Patito Editorial. O relato é fruto da colaboración entre o escritor e produtor americano David DiGilio e o debuxante galego Alex Cal (Vigo, 1985), que debutou profesionalmente no selo norteamericano Boom Studios! con esta historia. A acción traslada o lectorado a un escenario dominado pola desolación e a destrucción. No planeta Terra, tras o desxeo dos polos e a mudanza das correntes do océano, o vento do norte trouxo un inverno sen fin. Os poucos sobreviventes resisten refuxiados nas grandes cidades conxeladas, nas que a vida é unha loita continua na procura da calor. Os habitantes de Lost Angeles deben aturar a tiranía implacábel de Matachín Joe e mais da súa banda de necrófagos. Mais entre os proscritos hai un rapaz afouto, Pak, a quen as circunstancias lle aprenden cedo o significado do sufrimento. Tras a morte de súa nai, que perde a vida porque os homes de Joe atacan o poboado, é adestrado polo Peleteiro, co que vive até a morte deste. Unha vez morto o guerreiro, dirixese a Lost Angeles coa intención de vingar a morte de súa nai. Ali atopa ainda vivos algúns dos seus amigos, como é Mulligan, pai da súa compañeira de xogos e válese del para decatarse como están as cousas. Nun festival en honra de Joe intenta vencer un oso para poder achegarse á súa antiga amiga e filla de Mulligan. Aínda que non é o vencedor final, considérase como tal e concédeselle pasar un intre coa moza e esta decátese de quen é e tratan de fuxir xuntos pero son perseguidos. Finalmente, chegan á súa antiga aldea e volven para salvar o pai da moza, que por medo a que lle ocorra algo á súa filla, axudou os viláns. Nese intre ten lugar unha grande explosión por unha fuga do combustíbel que utilizan para quentarse noutro festival que se celebra co motivo da voda do malvado Joe coa moza que adoptara, filla de Mulligan. Na confusión, Pak pidelle á súa amada que fuxa a lombos de Queirón, o bisonte do vello guerreiro que educou a Pak, mentres que el queda para tratar de salvar a todos os que poida pero morre como tantos outros na loita.
O final está ben reflectido nas ilustracións, nas que se ve como a moza, pasados uns anos, conta a un adolescente a fazaña de seu pai, Pak, no intento de salvar a humanidade. É unha epopea moderna na que se aprecia o obxectivo do autor por mostrar aínda que hai esperanza na humanidade. A nivel ilustrativo a cuberta presenta un personaxe misterioso montado nun animal con cornos e vestido cunha capa que move o vento. As ilustracións interiores de Álex Cal (Vigo) presentan viñetas que varián en cada páxina, axeitadas á narración e dispostas sobre un fondo negro. As cores son escuras e adáptanse ao discorrer da historia sendo más frías as escenas do exterior xeado e máis cálidas cando amosan interiores. O estilo empregado é minucioso achegando moita información sobre os ambientes, as roupas e os utensilios empregados polos personaxes, así como as expresións dos rostros dos protagonistas que presentan emocións variadas en cada viñeta. A narración está apoiada no discorrer das imaxes con páxinas enteiras que só teñen imaxes e onomatopeas.

Referencias varias:


Dáse conta da publicacións por parte de El Patito editorial da obra escrita polo produtor americano David DiGilio, Vento do Norte, ilustrada polo vigués Alex Cal. Expícase que esta historia de ciencia ficción xa foi publicada por entregas en España na revista xuvenil Galimatías e nos Estados Unidos en 2008 polo selo Boom Studios en cinco capítulos. Sobre o escenario coméntase que se trata do planeta Terra destruído e desolado, nunha nova idade de xeo, polo vento do norte. Afírmase que os humanos deben convivir cos animais polares e que os superviventes tentan resistir nas cidades conxeladas como Lost Angeles, na que ademais soportan a tiranía de Matarife Joe e a súa banda. Por contra, os proscritos organizanense en comunidades pero a tranquilidade racha cun acontecemento inesperado que trocará as vidas dos habitantes e do protagonista, Pak. Considérase que ten un ton romántico, pois o protagonista loita pola dignidade entre tanta violencia. Engádese que unha produtora norteamericana vén de mercar os dereitos para levala ao cine, ao mesmo tempo que anuncia que o ilustrador Alex Cal traballa agora para Marvel e que xa debuxou para eles unha historia de vinte e dúas páxinas para o Amazing Spiderman family, un dos seus heroes favoritos dende cativo.


Díase que o estado español produciu un número máis elevado de autores de cómic do que un mercado interno pode manter. Por iso algúns autores de talento emigran, sobre todo debuxantes dende los anos sesenta e setenta. Pero afírmase que agora esta emigración non é real, xa que, grazas á forma de traballo, poden seguir vivindo aquí e envían os seus traballos por internet a Estados Unidos ou Francia. Menciónanse autores como Esteban Maroto, Joaquín Blázquez ou Purita Campos e así seguen facendo os autores das novas xeracións. Coméntase que na colección “Universo Galimatías”, pensada para publicar en galego, se edita o primeiro volume d’O vento do Norte, do debuxante vigués Alex Cal con guión do norteamericano DiGilio, que xa se publicou por entregas na revista Galimatías. Engádese que a editorial El Patito quere achegar a obra a un número
maior de público con este traballo publicado nun tomo. Afírmase que se trata dunha historia de ciencia ficción con toques de épica e que se desenvolve no planeta Terra abatido por unha glaciaciación. Gemma Sesar, directora de El Patito, afirma que a editorial está preparando novos títulos doutros debuxantes galegos como A Mansión dos murmurios, de Tirso Cons, un con de terror ambientado nun orfanato en 1949 e que foi publicado en Francia en 2007. Anúnciase que lle seguirá a edición doutra serie sobre unha familia de superheroeis e Silvana. A Filla do Explorador, de Ramón Marcos, outro ilustrador galego bastante esquecido.


Saliéntase que o Saló do Cómic de Barcelona encarou a crise coa maior superficie expositiva até a data e con ocos para o cine e os videoxogos. Afírmase que grazas ao Premio Nacional se venderon numerosos exemplares en castelán d’As Serpes cegas (2008), do ilustrador Bartolomeu Seguí, con guión de Felipe Hernández Cava. Engádese que a revista BD Banda tamén ten caseta no Saló, que comparte con Retranca e con Ariadna Editorial, mentres que pola súa banda El Patito comparte embaixada no Salón do cómic con Sins Entido. Coméntase que o seu reclamo é a presentación de Vent de Norte, ilustrado por Álex Cal, xunto a outros cómics como Hexed a marca de Lucifer (2009), de Emma Ríos con guión de Michael Alan Nelson. Engádese que Ríos tamén asina o cartel “Un Camiño de Viñetas”, mostra colectiva que promociona o Ano Santo. Finalmente, faise eco da presenza da Consellería de Cultura con outra caseta onde autores como Fran Jaraba ou David Rubín, entre outros, asinarán as súas obras. Menciónase o premio concedido á novela gráfica Maus, de Art Spiegelman, que axudou a que se recoñezca máis a arte do cómic.


Nova edición en galego, froito dunha tradución máis dende o orixinal, de Astérix o galo, o primeiro tomo da serie protagonizada por Astérix no que aparecen apuntados os elementos que definen o mundo creado por Goscinny (París, 1926-1977) e Uderzo (Fismes, 1927) e que estes desenvolveron en sucesivas entregas ao longo dos anos. Tras nos situar no ano 50 a.C. e presentar a aldea gala, a única que resiste a ocupación do Imperio romano na Galia, aparece Astérix loitando cuns romanos aos que vence con facilidade. Estes, ao regresar ao seu campamento en Petibónun, informan ao centurión, Caius Bonus, da extraordinaria forza dos galos, tras o cal os romanos deciden descubrir o seu segredo e enviar un espía á aldea. O espía non tarda en ser descuberto pero antes logra tomar a poción máxica que fabrica o druída Panorámix e consegue demostrarlle aos romanos a descomunal forza que outorga a quen a bebe. Daquela os romanos raptan o druída para que lles revele a fórmula, mais non o conseguenc. Finalmente, Astérix rescata a Panorámix tras enganar os romanos cunha poción que fai que lles medren o pelo e a barba. Os debuxos de Albert Uderzo están marcados por un estilo caricaturesco para os personaxes galos que xa son un clásico. Trátase de imaxes con moito detalle na descrición de ambientes e lugares polos que pasan os protagonistas.

Nova edición en galego, froito dunha nova tradución dende o orixinal, da segunda entrega das aventuras de Astérix creadas por Goscinny (París, 1926-1977) e Uderzo (Fismes, 1927). Neste caso a historieta conta como a tranquilidade da aldea gala se ve truncada cando a Panorámix lle rompe o seu fouciño de ouro, sen o cal non poderá acudir ao encontro anual de druídas por non poder cortar visgo. Para solucionar o problema, Astérix e Obélix viaxan a Lutecia coa intención de conseguir un fouciño dos fabricados por Amérix, curmán de Obélix. Pero en Lutecia todo se complica. Astérix e Obélix atopan pechada a tenda de Amérix e saben da súa desaparición misteriosa, ata descubriren as crueis intencións de Gracus Astutus e de Gangstérix. Unha vez resolta a situación, os dous heroes galos volven á súa aldea co prezado fouciño. Os debuxos de Albert Uderzo están marcados por un estilo caricaturesco para os personaxes galos que xa son un clásico. Trátase de imaxes con moito detalle na descrición de ambientes e lugares polos que pasan os protagonistas.


Versión de Bruno Heitz (Francia, 1957) deste conto clásico da literatura francesa dos séculos XII e XIII á banda deseñada, na que se divide a historia nun prólogo e catro capítulos que presentan as aventuras dos dous personaxes centrais: Mestre Raposo e o lobo, tío seu e antagonista da historia. Ambientada nunha época medieval marcada pola fame e as penurias económicas, esta fábula antropomórfica presenta a través da sátira social a picaresca dos menos favorecidos tratando de saír adiante usando o seu enxeño a costa da avaricia dos que viven nunha situación máis desafogada. A obra inclúe ao final un aceno ás editoriais (neste caso, Faktoría K) a modo de epílogo cunha nova serie de viñetas en dúas páxinas a branco e negro que tratan de explicar as tarefas de adaptación e o proceso editorial situando os personaxes da historia na casa do propio autor, en Saint-Rémy de Provence. Este cómic está deseñado polo propio autor e o formato das viñetas é de estilo clásico. Os debuxos están realizados cunha liña de tinta negra e manchas de acuarela para aplicar a cor. Os protagonistas son todos animais e adoptan actitudes antropomórficas. A sociedade que reflicten as imaxes está localizada na Idade Media, o que se aprecia polas edificacións, as roupas e os utensilios que empregan os protagonistas.

**Recensións:**


Sinala a nova publicación de Faktoría K do cómic *Historias do mestre raposo*, de Bruno Heitz, ao tempo que reflexiona sobre o impacto que puideron ter na súa época as historias de Rénart, loando a súa loita contra as convencións sociais, e o acerto de Heitz...
de levar esta peza ao xénero do cómic. Destaca tamén o epílogo da obra, onde o autor é asaltado polos seus personaxes.

Referencias varias:


Breve nota que dá conta das novidades editoriais que se presentarán no Salón Viñetas desde o Atlántico da Coruña entre as que se atopa Historias do mestre raposo, de Bruno Heitz.


Fixase a atención na iniciativa das editoriais Factoría K e Kalandraka “Verán lector. Que calor!” que promove a lectura a través de suxestións como Historias do mestre raposo, de Bruno Heitz; O insólito ascenso de Madame Pól, de Nicolás Arispe; e Luis vai á praia, de Guy Delisle, entre outras moitas. Tamén se destaca que ao longo do verán tiveron unha presenza moi activa nas feiras e salóns do libro ou presentacións celebradas en toda a xeografía galega. Entre os títulos achegados ao lectorado infanto-xuvenil a través destas actividades, atópanse O burato do inferno, de Ramón e Xosé Manuel Trigo; Milu, de Manuel Rivas; e Contos para nenos que se dormen de seguida, de Pinto & Chinto.


Jan (nome literario de Juan López Fernández, Bierzo, 1939), bebendo das fontes clásicas, presenta o heroe Superlópez nunha nova aventura. Os deuses das principais civilizacións (grega, exipcia, hindú e azteca) están á procura da caixa de Pandora, un valioso e perigoso obxecto que agocha un terríbel segredo para a humanidade e que fora escondida na cidade de Barcelona durante a guerra civil. O protagonista da historia, o heroe de dobre identidade Superlópez é o elixido para tratar de protexer a caixa. O autor desta banda deseñada mestura humor, acción e intriga a través de dinámicas viñetas ao tempo que consegue achegar a mitoloxía aos lectores conducindoos cara a un inesperado e sorprendente final. Trátase dun clásico do panorama español, con debuxos de estilo caricaturesco e moi detallados en ambientes e escenarios.

Referencias varias:


Informa das novas culturais máis recentes entre as que se anuncia no apartado “Banda Deseñada” a saída ao prelo dunha nova edición en lingua galega do cómic Superlópez, do debuxante Juan López (Jan), baixo o título d’A caixa de Pandora.
Saliéntase que a editora Cerditos de Guinea, especializada na tradución ao galego de clásicos da banda deseñada continental, inclúa no seu catálogo os álbuns *A caixa de Pandora*, de Jan, o creador do personaxe sátira dos superheroeis de Marvel, Superlópez; e *Spirou en Nova York*, assinado por Tome e Janry. Explicase que a editora chegou a un acordo con Edicións B para mercar os dereitos de tradución de Superlópez e que estas novidades se presentaron no salón do cómic coruñés deste ano. Tamén se lembra que esta editora comezou en 2006 a editar obras dos autores galegos como Gochi, o director da editorial, pero que a partir de 2008 empezou a publicar traducións como *Gárgolas*, de D.P. Filippi e J. Etienne, na estética Disney. Coméntase que nesta banda deseñada se narra a historia de Gregor, un rapaz que se muda con seus pais a unha casa herdada fronte a unha igrexa chea de gárgolas, na que se suceden diferentes aventuras, cos monstros que cobran vida e viñan no tempo. Engádese que foi seguido da publicación d*’Os cinco loitadores* (2009), serie de culto ao redor do mundo da loita libre. Gochi indica que a editora aproveitou o boom do cómic galego nos últimos anos e a implicación da Xunta na súa promoción en Europa. Por último, afírmase que un dos problemas do mercado editorial galego radica no baixo número de lectores especializados, polo que as tiraxes deben ser reducidas, pero moi ben editadas, para que os editores estranxeiros, acostumados a vender grandes tiraxes, acepten vender os dereitos de tradución a Galicia.


Edición en álbum da historieta que Ramón Marcos (Lugo, 1962) publicara previamente por entregas na revista *Galimatias* e que conformará unha serie. Trátase dunha historia de aventuras e misterio cuxa protagonista é a intrépida e afouta Silvana, a filla do famoso explorador Jorge Baena, que se atopa na selva de Sumatra levando a cabo unha expedición zoolóxica. Nesta primeira aventura, Silvana irá reunirse con el para pasar as vacacións e viñará acompañada por seu tío Hércules, un xornalista sempre envolto en investigacións de fenómenos paranormais e misteriosos. Mais a viaxe comeza dun xeito accidentado e Silvana e Hércules pasarán antes por Eixipto, onde uns estraños demos ou espíritos están a atacar os participantes dunha escavación arqueolóxica. A rapaza ten un papel destacado na resolución deste misterio. Con respecto á ilustración, trátase dun cómic de estilo clásico, con viñetas debuxadas a toda cor. O seu estilo é figurativo e moi detallado con información sobre os escenarios, as paisaxes, as persoas e os monstros. É unha edición coidada con lapelas e gardas decoradas.

**Referencias varias:**

Dise que o estado español produciu un número máis elevado de autores de cómic do que un mercado interno pode manter. Por iso algunos autores de talento emigran, sobre todo debuxantes dende os anos sesenta e setenta. Pero afirmase que agora esta emigración non é real, xa que, grazas á forma de traballo, poden seguir vivindo aquí e envían os seus traballos por internet a Estados Unidos ou Francia. Menciónanse autores como Esteban Maroto, Joaquín Blázquez ou Purita Campos e así seguen facendo os autores das novas xeracións. Tras comentar que na colección “Universo Galimatías”, pensada para publicar en galego, se editou o primeiro volume d’*O vento do Norte*, do debuxante vigués Alex Cal con guión do norteamericano DiGilio, recólense as palabras de Gemma Sesar, directora de El Patito, quen afirma que a editorial está preparando novos títulos doutros debuxantes galegos como Ramón Marcos, outro ilustrador galego bastante esquecido. Tamén se refire a Tirso Cons, autor d’*A Mansión dos murmurios*.


Con motivo da presentación en Santiago do cómic, *Os espíritos azuis*, o debuxante lugués afincado en Valencia Ramón Marcos, salienta neste breve cuestionario que se trata dunha aventura destinada a rapaces e rapazas entre os 7 e os 12 anos, un público ao que só atendan os mangas xaponeses por estar bastante descoidado nas creacións españolas. Apunta tamén que se trata do seu primeiro traballo para este público e que a súa pretensión é publicar unha entrega ao ano.


Reprodúcense as declaracións de Ramón Marcos a respecto d’*Os espíritos azuis*, a primeira entrega da serie *Silvana, a filla do explorador*, que foi creada para a revista *Galimatías* e que está dirixida a lectores entre os 7 e os 12 anos, un público que o autor considera interesante e que pensa que está bastante descoidado na banda deseñada. Resúmese o argumento desta aventura da afoita protagonista e sitúase no ronsel do cómic de aventuras como *Tintín*.


Dá conta da presentación en Santiago d’*Os espíritos azuis*, a primeira entrega da serie titulada *Silvana, a filla do explorador*, cuxa protagonista, segundo destaca, é unha rapaza de quince anos que buscará tesouros por todo o mundo. Ofrece algunhas notas sobre a traxectoria do debuxante, Ramón Marcos, nacido en Lugo pero afincado en Valencia dende hai trinta anos, e adianta que a segunda entrega da serie cambiará o escenario exipcio por Sudamérica e a aventura gardará relación co tráfico de animais.


Reúnense neste volume do madrileño Jack Mircala dous contos rimados, “Contos do castelo de Malvadia” e “Verlián e o talismán extravidiado”, que comparten a mesma
ambientación, na remota rexión de Malvadia, poboada de misterios que proceden de
tempos antigos. Comeza “Contos do castelo de Malvadia” con dous epígrafes
introductórios nos que o narrador, un intrépido viaxeiro que comeza o seu percorrido o
19 de xaneiro de 1809, perde o bo camiño e se interna nesas terras, transcribindo a
seguir os feitos asombrosos que viviu nos relatos “E el que se agocha no soto?”,
“Berelace de Malvadia e o Corsario Negraflor”, “A emparedada Castizia”, “A laneira
apestada” e “O retrato da violinista”, que conclúen coa fuxida do castelo de Malvadia.
Todos eles se desenvolven nun ambiente lóbrego e romántico, inzado de “ruídos e voces
doentes, lendas de antepasados, retratos de tristes rostros, espectros namorados, unha
laneira apostada e mesmo un bico envelenado”. “Verlián e o talismán extraviado”
recupera unha historia atopada entre os escritos dun poirento andel: a lenda do fanado
romance entre Verlián e Ibelda. Ademais dos gustos literarios do autor, entre os que se
contan o imaginario da literatura gótica, Poe, Gorey e Burton, nas ilustracións despreza
o seu peculiar estilo, recreando diferentes escenas cunha combinación das manualidades
en cartolina, a escenografía e a fotografía.

Referencias varias:

  “Cómic”, 27 outubro 2010, p. 27.

Anúnciase a presentación na libraría Couceiro desta obra e a celebración dun obradoiro
de Mircala na Fundación Caixa Galicia.

- Xabier Sanmartín C., “Cómic, novedades de otoño y repaso a un 2010 que busca dar

Entre outras novas relacionadas co cómic español, informa da publicación por parte de
El Patito Editorial de libros para público xuvenil como a presentación na libraría
Couceiro de Lóbrego romance, pálida fantasma.


Recoméndanse diversas obras para a súa lectura ou relectura, tanto galegas como
traducidas, que dende o comezo desta sección foron algunhas delas aquí recensionadas.
Danse ademais pequenos acenos sobre as súas temáticas. Entre as obras traducida,

Muñoz, David (guión), Tirso Cons (debuxos) e Javi Montes (cor), A mansión dos
Isabel Soto, Santiago de Compostela: El Patito Editorial, col. Universo galimatías, n.º 3,

Tradución ao galego do primeiro volume da serie creada para o mercado francés polo
guionista David Muñoz (Madrid, 1968) e o debuxante Tirso Cons (Pontevedra, 1969),
coloreada por Javi Montes (A Coruña, 1975). A mansión dos murmurios presenta nesta
primeira entrega o arrinque dunha aventura en clave fantástica na que se introducen
retallos da realidade. A acción sitúase en Checoslovaquia en 1949, a finais da Segunda Guerra Mundial. Nun bosque nos arredores de Praga existe unha misteriosa mansión que fai as veces de orfanato. Nela cúranse nenos e nenas vítimas dun terríbel virus espallado polos nazis que transforma as persoas infectadas en monstros. Mais esta é a versión oficial dese estraño mal que afecta os internos da Fundación Broemel, pois o certo é que a historia se remonta ao pasado, como suxiren as páxinas iniciais, ambientadas na Idade Media. Sara ten dez anos e acaba de chegar á mansión, despois de que a súa familia morrese nun ataque do que ela non é quen de lembrar nada. Guiada por unha voz que só ela escoita e na compañía doutros rapaces internados –Milos, Jan e Marketas–, Sara percorrerá os corredores da casa e descubrirá algúns dos seus segredos, como a procedencia dos estraños murmúrios que se escoitan ao arrimar a orella ás paredes. A intriga bota man de recursos como a creación dun espazo pechado e desacoguante e as transformacións de seres humanos en monstros que Tirso Cons combina co desenvolvemento de movementos dinámicos e Javi Montes reafirma co emprego de cores sombrías e xogos de sombras e luces de estirpe cinematográfica.

Referencias varias:


Dise que o estado español produciu un número máis elevado de autores de cómic do que un mercado interno pode manter. Por iso algúns autores de talento emigran, sobre todo debuxantes dende os anos sesenta e setenta. Pero afírmase que agora esta emigración non é real, xa que, grazas á forma de traballo, poden seguir vivindo aquí e envían os seus traballos por internet a Estados Unidos ou Francia. Menciónanse autores como Esteban Maroto, Joaquín Blázquez ou Purita Campos e así seguen facendo os autores das novas xeracións. Tras comentar que na colección “Universo Galimatias”, pensada para publicar en galego, se editou o primeiro volume d’O vento do Norte, do debuxante vigués Alex Cal con guión do norteamericano DiGilio, recólense as palabras de Gemma Sesar, directora de El Patito, quen afirma que a editorial está preparando novos títulos doutros debuxantes galegos como A Mansión dos murmurios, de Tirso Cons, un conto de terror ambientado nun orfanato en 1949 e que foi publicado en Francia en 2007. Seguiralle a edición doutra serie sobre unha familia de superheroeis e Silvana. A Filla do Explorador, de Ramón Marcos, outro ilustrador galego bastante esquecido.


Breve nota que dá conta das novidades editoriais que se presentarán no Salón Viñetas desde o Atlántico da Coruña, entre as que se atopa A mansión dos murmurios, de David Muñoz, Tirso Cons e Javi Montes.


Repásanse as novidades editoriais de 2010 no eido do cómic. No que atinxe a A mansión dos murmurios, de David Muñoz, Tirso Cons e Javi Montes, que edita El
Patito Editorial, defínese como un cómic que non entende de idades definidas e saliéntase a traxectoria de Cons no mercado francés.

**Powel, Martin (guión) e Víctor Rivas (debuxos), Carapuchiña vermella (Red Riding Hood, 2009), versión galega Isabel Soto, Santiago de Compostela: El Patito Editorial, [lectorado autónomo], agosto 2010, [34] pp. (ISBN: 978-84-938225-0-7).**

O guionista Martin Powell e o debuxante Víctor Rivas (Vigo, 1965) revisitan o conto clásico de Carapuchiña vermella. Esta versión sitúa a acción en Transilvania, localización relevante polas asociacións que esperta no lector e plasmada no aire escuro e gótico co que arrinca e conclúe a historia. A avoa de Carapuchiña visita a Magda, a adiviña que anos atrás vaticinou que levaría unha vida feliz e tería unha preciosa netiña, e nesta ocasión advirte unha grande ameaza por parte das malvadas criaturas que inzan os bosques, polo cal lle ofrece un nobelo encarnado para que teza unha peza de roupa que terá efectos protectores só durante o día para quen ela máis quere. Tempo despois, Rubí recibe como agasallo de aniversario de súa avoa unha capa con carapucha e vaina visitar porque está enferma. Malia as advertencias de seus pais, a rapaza fala co lobo, que a entretén e consegue adiantarse e chegar antes á casa de súa avoa á que come. Cando Rubí chega xa ben entrada a noite, no intre en que o lobo tamén a vai comer, arreponse a el e consegue vencelo sen axuda ningunha e liberar as almas da xente que papou o lobo.

**Referencias varias:**


Breve nota que dá conta das novidades editoriais que se presentarán no Salón Viñetas desde o Atlántico da Coruña, entre as que se atopa Carapuchiña vermella, de Víctor Rivas.


Terceira tradución ao galego dunha obra de Miguelanxo Prado (A Coruña, 1958) que publica a editora compostelá especializada en banda deseñada, dentro do seu obxectivo de traducir todos os títulos do coruñés. A edición reproduce tamén o prólogo asinado por X. L. Méndez Ferrín na primeira aparición da obra en álbum en 1987, tras ser publicado por entregas previamente na revista Zona 84. Nel o escritor interpreta a proposta de Prado como unha reflexión poética sobre a dexeneración do sistema capitalista e os absurdos aos que conduce a acumulación, e percibe uns disimulados trazos de humor que alivian a tensión. Stratos, o segundo álbum na obra de Prado, compone de sete capítulos que comparten a complexidade narrativa, a ambientación nun tempo futuro, ao redor do ano 2115, e un panorama que non acolle moitas trazas de optimismo. Dende as claves da distopía, preséntase unha sociedade baseada no consumo, na destrución sen control dos recursos naturais e, sobre todo, estritamente dividida en clases sociais —de aí o título
escollido–, dende o estrato máis baixo, o dos proletas, até o máis alto, o das oito persoas que controlan na sombra e economía e o poder mundiais. As sete historias ofrecen un percorrido por estes estratos, engarzado por mor da aparición de sucesivos personaxes secundarios que van acabadando protagonismo nas diferentes historias. Así, no primeiro relato, os protagonistas son dous obreiros que están a piques de ser despedidos da empresa para a que traballan. Un deles non dubida en matar o compañeiro para conservar o seu emprego, aínda que finalmente tamén está abocado ao paro. No segundo asistimos á obsesión polo consumo; no terceiro ao racismo exacerbado, cando un grupo de altos executivos van a África para ver unha auténtica tribo salvaxe; e no cuarto, á terribel corrupción que mesmo é quen de tapar unha morte. O nivel social máis alto aparece no quinto relato, onde a protagonista é Ilka Meséjic, unha das oito persoas que controla o mundo, aínda que cara á sociedade figure como unha alta directiva dunha empresa de computadoras. Cando entra en crise vai visitar un vello membro dese club de elixidos, Einar, que vive retirado no campo e tras conversar con el, Ilka introduce nos ordenadores os datos suficientes para acelerar o proceso de degradación mundial e fóxe onda Einar. O resultado deste acto desenvólvese nos dous capítulos finais, pois os estratos desaparecen e nace unha nova sociedade moito máis agresiva, violenta e cruel. O proleta do primeiro relato agora é un gángster que controla un sector da cidade; o arquitecto, que acaba de regresar de África, decide, perante esta nova situación, volver á súa vida cos salvaxes. O capítulo derradeiro ofrece a imaxe de Ilka, no seu refuxio do campo, despois da morte de Einar e a súa decisión de volver ao mundo que coñece. Conta con debuxos moi minuciosos e detallados en branco e negro de Miguelanxo Prado. A técnica empregada é a tinta negra aplicada a plumilla. Hai predominio da liña sobre a mancha. O estilo realista achega moita información sobre as localizacións interiores das escenas, as paisaxes e as características dos personaxes, entre outros aspectos.

Recensións:


Dálles a benvida ás novas publicacións de El Patito Editorial: Stratos, de Miguelanxo Prado e Lobezno, de Das Pastoras. Da obra de Prado salienta a forza de cada unha das súas páxinas e o seu esmero na inclusión de detalles para describir esta historia de deshumanización que resulta, ao seu ver, ben profética.

Referencias varias:


Dá conta da publicación en galego, por parte de El Patito Editorial, de Stratos, de Miguelanxo Prado, da que indica que supuxo a consolidación do estilo do autor, así como a súa vixencia na actualidade. Apunta o ton de denuncia da historia a través da sátira e a ollada desencantada.


Primeira entrega dunha serie publicada en Francia en 2009 que supuxo o debut conxunto do guionista americano coñecido polo pseudónimo de Sam Timel e mais do debuxante Corentin (París, 1983). A historia leva o lectorado a Moscova na década de 2000 para recrear a azarosa vida de Micha Khodorov dende a infancia, cando o seu mundo muda e o perde todo. Seu pai, un rico empresario, convértese en obxectivo dos corruptos gobernantes rusos, que non desexan que siga a acumular poder, e acaba preso. Xa mozo, Micha estuda nun internado suízo e o seu contacto co pai limitárase ás conversas que manteñen a través do ordenador, cheas de historias familiares que o pai insiste en que grave. Cando matan a seus medio irmáns noutro que semella un accidente de avión e tamén a seu pai no cárcere, Micha vese obrigado a fuxir e só pode confiar no seu fiel gardacostas Igor. Con el, foxe das reiteradas ameazas perante unha morte segura se o atapan e deberá adquirir unha nova identidade, o cal favorece os intereses da intriga e mais o ritmo da narración, articulada a través de accións paralelas e localizacións diversas –Moscova, Suíza, Os Ánxeles ou Nova York. Esta primeira entrega remata deixando a trama aberta arredor do futuro do personaxe. Conta con “Agradecementos de Sam Timel para Chuck Austen, Jonathan Tanner, Philippe Thirault e Tom Wilson. Agradecementos de Corentin para François Boucq”. Neste cómic debuxado por Corentin obsérvase unha ilustración figurativa moi realista dos personaxes sobre fondo branco. Na contracuberta atópase texto e unha pequena ilustración do protagonista. As gardas son en cor negra plana. Os debuxos do interior son moi realistas, con alto grao de detalle e en cores planas, ainda que utiliza toques de luz e sombras para ofrecer máis realismo a cada viñeta.


Cómic de Tome (Bélxica, 1957) e Janry (Zaire, 1957) que comeza facéndose eco das supostas oportunidades que ofrecen Estados Unidos e a súa bolsa. Dun xeito paralelo a mafía en Manhattan prepara un importante golpe. Unhas semanas despois en París Spirou e Fantasio, arruinados, discuten por rexeitar unha oferta da revista Turbina para cubrir a final da Car-ball en Nova York. Nese momento encontran nunha pizza a chave dunha caixa de seguridade no Lucky’s Bank de Nova York e deciden ir buscar ese diñeiro sen sospeitar que é unha trampa da mafía. As aventuras sucédense incluídas

Referencias varias:

- Xosé Lois García, “Cerditos de Guinea traduce a Spirou e Superlópez”, A Nosa Terra, n.º 1.396, “Cultura”, 4-10 marzo 2010, p. 32.

Saliéntase que a editora Cerditos de Guinea, especializada na tradución ao galego de clásicos da banda deseñada continental, incluíu no seu catálogo os álbums Spirou en Nova York, asinado por Tome e Janry, e A caixa de Pandora, de Jan, o creador do personaxe sátira dos superheroes de Marvel, Superlópez. Expícase que a editora chegou a un acordo con Dupuis, editora francesa das aventuras do botóns de hotel máis popular do cómic europeo, e que estas novidades se presentaron no salón do cómic coruñés deste ano. Tamén se lembra que esta editora empezou en 2006 a editar obras dos autores galegos como Gochi, o director da editorial, pero que a partir de 2008 empezou a publicar traducións como Gárgolas, de D.P. Filippi e J. Etienne, na estética Disney. Coméntase que nesta banda deseñada se narra a historia de Gregor, un rapaz que se muda con seus pais a unha casa herdada fronte a unha  igrexa chea de gárgolas, na que se suceden diferentes aventuras, cos monstros que cobran vida e viaxan no tempo. Engádese que foi seguido da publicación d’Os cinco loitadores (2009), serie de culto ao redor do mundo da loita libre. Gochi indica que a editora aproveitou o boom do cómic galego nos últimos anos e a implicación da Xunta na súa promoción en Europa. Por último, afírmase que un dos problemas do mercado editorial galego radica no baixo número de lectores especializados, polo que as tiraxes deben ser reducidas pero moi ben editadas para que os editores estranxeiros, acostumados a vender grandes tiraxes, aecpten vender os dereitos de tradución a Galicia.
VII.5. ENSAIO. TEORÍA XERAL. CRÍTICA

VII.5.1. MONOGRAFÍAS, BIOGRAFÍAS, CRÓNICAS E LIBROS COLECTIVOS


Monografía sobre Uxío Novoneyra (O Courel, 1930-Santiago de Compostela, 1999) de Fran Alonso (Vigo, 1963) que consta de trinta capítulos breves, numerados e titulados, nos que se trata a vida e obra do poeta do Courel, mediante simpáticas anécdotas, e se proporcionan datos históricos e socio-económicos da época. A continuación no “Epílogo do autor” coméntase que este libro “naceu coa intención de constituír unha primeira descuberta, de revelarlle aos lectores e lectoras infantís os pequenos segredos do poeta, do mundo que habitou e, sobre todo, da súa poesía”, pero que tamén é unha biografía que busca a “conciliación permanente entre a vida e a obra de Novoneyra”. Sinálase que a monografía bebe de toda a información publicada sobre Uxío Novoneyra, tanto libros como artigos, entrevistas, cartas ou estudios de investigación literaria. A seguir, no apartado “Uxío Novoneyra na rede”, ofrécese unha listaxe de páxinas en liña onde se poden consultar datos do autor, así como vídeos nos que aparece este recitando os seus poemas e os lugares destacábeis da súa vida e obra. Deseguido aparece o apartado “Cronoloxía” onde se recollen os datos máis destacábeis da vida e da obra do poeta entre 1930 e 1999, resumidos e ordenados cronoloxicamente. Finalmente, no apartado “Antoloxía poética” recólense unha serie de poemas, os máis sobresantos da súa obra, como mostra para os máis novos da súa poesía. Na cuberta, a cor, vemos un retrato de Novoneyra feito por Manuel Uhía (Portonovo, 1944) e no interior hai fotografías cedidas pola familia do escritor acompañando aos textos.

Tamén está descrito no apartado IV.2 Día das Letras Galegas deste Informe.

Recensións:


Recoméndanse a lectura de *Folerpas de Novoneyra. Biografía e antoloxía*, de Fran Alonso, porque non lle parece doado recoller nun volume a figura do autor e unha achega poética representativa sen perder a perspectiva de que está dirixida ao público máis novo. Coméntase que divide o texto en breves capítulos, introducidos por amenas anécdotas, e cada un centrado nun episodio importante da súa vida, como por exemplo, a súa relación cos escritores da época ou o seu compromiso coa lingua. A continuación, apúntase que Alonso elixe unha escolma representativa para o alumnado de educación primaria, na que se achega o pensar do poeta, o seu gusto pola variedade de recursos, polos simbolismos e pola fala courelá.

Referencias varias:

Salienta que Fran Alonso, no seu libro Folerpas de Novoneyra, unha biografía e antoloxía para o lectorado máis novo, di que Novoneyra cría que nacera para traballar a palabra, para ensanchala, imprimirle beleza, comunicala, transmitila, dicila, escribila e reinventala. Precisase que se tratan algúns trazos da figura humana e literaria de Uxío Novoneyra.


Comenta que Folerpas de Novoneyra é a terceira biografía que escribe e confesa que a escribiu porque hai tres anos xa publicou a biografía de María Mariño, coa que rompeu as dificultades que supuña enfrontarse a unha biografía, xénero que nunca pensou cultivar; pero asegura que desta vez lle resultou máis doado porque o traballo de campo xa estaba feito. Sinala que escribir unha biografía supón que o escritor poida ver cos ollos doutra persoa, polo que para el Novoneyra non é a mesma persoa antes de comezar o traballo que despois de rematado, pois descubriu con el un xeito novo de sentir a poesía.


Comenta o protagonismo que se deu a Uxío Novoneyra, tras a súa homenaxe no Día das Letras salientando títulos de ocasión como Folerpas de Novoneyra, de Fran Alonso, considerada unha obra idónea para achegar o escritor ao lectorado novo.


Volume monográfico que reúne unha selección de estudos que tratan os diferentes diálogos combinados entre a literatura e o cinema infanto-xuvenil da cultura occidental e latino-americana. No traballo “A modo de introducción. Sobre los discursos infanto-juveniles”, as editoras establecen os obxectivos do monográfico distribuído en dous bloques (“literatura infantil e xuvenil” e “cine infantil e xuvenil”) e salientan as achegas que se centran nas propiedades discursivas e o interese das potencialidades educativas, abordándose as súas funcións estética e lúdica, a súa incidencia no proceso de formación lectora e a análise da articulación da ficción literaria cos novos medios tecnolóxicos e audiovisuais. En relación coa literatura galega, acóllense os seguintes traballos:

- Carmen Franco Vázquez e José M.ª Mesías Lema, “Breve análise da ilustración en las editoriales máis emergentes de Galicia durante el siglo XX”, pp. 57-70.

Breve percorrido historiográfico da ilustración galega do século XX, onde se descreben os escasos antecedentes xurdidos antes da década dos cincuenta, centrándose
posteriormente no estudo da segunda metade do século, época na que se produce un paulatino desenvolvemento da producción que se plasma nunha preocupación intelectual e editorial polas obras escritas en galego e na que nace a primeira casa editorial como porta aberta á creación pictórica efervescente dos decenios seguintes. Reflexiónase sobre as dimensións plástica, compositiva e estética das imaxes que conquistan as obras ilustradas de cada época, sobre todo o asentamento da ilustración nos anos 1980-2000, deténdose no boom do álbum ilustrado no que salienta o labor da editora pontevedresa Kalandraka.


Aproxímanse á historia do audiovisual galego, dirixido ao espectador infantil e baseado en textos literarios, co obxectivo de analizar o impacto que teñen estas adaptacións na educación literaria, artística e lectora. Despois dun estudo breve sobre os programas emitidos pola Televisión Galega, comentan as producións propias que máis éxito de público e de versións tiveron, para concluir tratando a efectividade da interrelación. Por outro lado, demostran a case inexistencia destes produtos no panorama televisivo e cinematográfico galego, suscitando a reflexión ao redor da influencia dos canais estranxeiros na producción galega.


Volume de Pepe Carreiro (Vigo, 1954) que contén, en vinte e nove breves apartados, unha historia ilustrada polo propio autor, sobre a lingua galega dende as súas orixes até os nosos días. Explicase de forma breve e con certas doses de ironía e humor a evolución histórica da lingua galega, partindo das influencias dos pobos prerromanos, pasando pola chegada dos romanos, a división do reino galaico-portugués, a Idade Media, o comezo da diglosia durante o reinado dos Reis Católicos, a etapa da Ilustración e o Rexurdimento até chegar á época contemporánea e á actualidade. Nesta época actual están presentes “a longa noite de pedra” producida pola guerra civil, a situación de supervivencia da lingua e cultura no exilio, a chegada da democracia e dos primeiros textos legais que protexen o idioma (Constitución Española, Estatuto de Autonomía e Lei de Normalización Lingüística) e a referencia no último apartado ao avance do castelán en vilas e cidades e á suposta “imposición do galego” que aducen os que supostamente ven “o castelán en perigo en Galicia”. A linguaxe colloquial e próxima fai que o didactismo da obra sexa evidente provocado pola franxa de idade á que vai dirixida. As referencias constantes á actualidade mesmo para explicar etapas antigas fai que a obra se faga ainda máis próxima para o lectorado novo: “daquela non había mp3 nin mp4, nin redes sociais”. Este volume acompañase de ilustracións do propio autor nunhas composicións de páxina enteira cunha imaxe en clave de humor. O estilo caricaturesco propio deste ilustrador mostra unhas figuras que representan en imaxes a idea que se desenvolve na páxina con textos. As cores son planas e non hai sensación de volume.

Referencias varias:

A nova obra de Pepe Carreiro, *Historia da lingua galega*, editada por A Nosa Terra, publicase, segundo se di, “con humor e ironía para contrarrestar os ‘ataques á lingua galega’ que se suceden nos últimos tempos”. Dise que segue a liña de obras como *55 mentiras sobre a lingua galega*, coordinada por Henrique Costas, e que nela se percorre a historia do galego dende os seus inicios na época castrexa pasando polo esplendor medieval até a actualidade.


Volume de Pepe Carreiro (Vigo, 1954) que conten, en vinte e oito breves apartados, unha historia ilustrada, polo propio autor, sobre a lingua galega dende as súas orixes até os nosos días. Explicase de forma breve e con certas doses de ironía e humor a evolución histórica da lingua galega, partindo das influencias dos pobos prerromanos, pasando pola chegada dos romanos, a división do reino galaico-portugués, a Idade Media, o comezo da diglosia durante o reinado dos Reis Católicos, a etapa da Ilustración e o Rexurdimento até chegar a época contemporánea e a actualidade. As ilustracións do autor do texto ocupan unha páxina enteira cunha imaxe en clave de humor. O estilo caricaturesco propio deste ilustrador presenta unhas figuras que representan en imaxes a idea que se desenvolve na páxina con textos. As cores son planas e non hai sensación de volume.

**Referencias varias:**


Salienta todo o labor desenvolvido por Pepe Carreiro como ilustrador, debuxante, humorista e narrador. Comenta que acadou grande éxito cos Bolechas pero tamén coa súa *Historia da Lingua Galega* e polo seu traballo como humorista. Na súa actividade narrativa destaca pola construcción de historias autónomas con gran capacidade comunicativa.


Ampla panorámica da industria cultural en Galicia que se inicia cunha presentación institucional, seguida do apartado “As industrias culturais na construcción dun discurso social integrado” a cargo de Víctor F. Freixanes. Nel definense industrias culturais
como “aquelas formas de producción, difusión e comercialización que, integradas na sociedade de consumo e no mercado de masas, configuran a gran rede de distribución de contidos simbólicos (información, educación e lecer) que conforman o imaxinario social”. A continuación, atópanse doce apartados máis que analizan a economía da cultura en Galicia, a industria editorial, os medios impresos, a radio, a televisión, o cine e o audiovisual, a múa, as artes escénicas, as artes plásticas, a comunicación publicitaria, as novas tecnoloxías e as políticas culturais e o desenvolvemento económico. Destes apartados resulta de interese para a literatura infantil e xuvenil galega o realizado por Freixanes sobre a industria editorial, que centra a súa atención no libro en lingua galega no período 2007-2008. Tras amosar brevemente a evolución histórica do sector, dende o Rexurdimento até a actualidade, con abondosos datos estatísticos, trata a cuestión da base social do libro galego. A seguir, dedica algunha das reflexións sobre os axentes e a oferta editorial ao libro infantil e xuvenil (pp. 109-110).

A este respecto coméntase que unha das novidades editoriais das últimas décadas é a produción de obras e a aparición de autores e autoras que obtiveron coas súas creacións importantes recoñecementos fóra de Galicia. Citanse algúns antecedentes, como os Tres contos marabillosos (1921), e márcanse como fitos na a literatura infantil e xuvenil os denominados “textos fundacionais” das décadas de 1960 e 1970 debidos a Carlos Casares, Xosé Neira Vilas ou Manuel María, así como a revista Vagalume (1975-1978). Finalmente, data a eclosión e consolidación do libro infantil e xuvenil (LIX) nas dúas últimas décadas, fenómeno que vincula ao mercado escolar, cuestión que trata con máis detalle no subapartado “Importancia do mercado escolar” (pp. 132-133), e aos galardóns literarios, elemento tamén salientado no caso da literatura institucionalizada ou de adultos xunto a outros instrumentos promocionais. Para ampliar o coñecemento sobre este “subsector”, “ámbito” ou “xénero”, Freixanes remite na bibliografía que pecha este apartado aos Informes de Literatura (1998-2003) e “A literatura infantil e xuvenil en Galicia”, un traballo de Blanca-Ana Roig Rechou recollido n’A literatura desde 1936 ata hoxe (2000).


Referencias varias:


Víctor Freixanes resume as claves do seu estudo económico titulado O capital da cultura, no que se analiza a situación deste sector en Galicia co fin de deseñar unha estratexia de futuro.


Infórmase de que dentro dos múltiplos actos que terán lugar dentro do Culturgal de Pontevedra se presentarán os volumes O capital da cultura, de Víctor Freixanes e Alberto Meixide; así como Na cerna da Selva, de Pere Tobaruela, e a colección de “Antoloxías Poéticas Sonoras” da editorial Do Cumio.


Tamén descrito no apartado VIII.1. Literatura de transmisión oral.

**Referencias varias:**


Recóllese as palabras de ilusión do escritor cangués Bernardino Graña quen lerá o seu discurso de ingreso na Real Academia Galega no Auditorio de Cangas do Morrazo. Dise que o discurso leva por título *Contos populares e Rosalía* e que fará referencia ás narracións de raíz popular que foron a súa inspiración e ás súas coincidencias con Rosalía de Castro. Coméntase que a resposta correrá a cargo de Ramón Lorenzo. Despois trátase a súa traxectoria literaria e a súa vinculación coa poesía, as obras pendentes de publicación polo seu desexo de mellorarlas e as súas impresións sobre o novo decreto de plurilingüismo da Xunta de Galicia. Nun á parte, titulado “Cita en San Simón”, incídese en que o discurso de ingreso de Bernardino Graña coincide coa entrega dos premios de Edicións Xerais de Galicia (o Xerais e o Merlín) e o da Fundación Caixa Galicia e noméanse os lemas finalistas e a contía dos galardóns.


Infórmase da celebración do acto oficial de recepción do escritor Bernardino Graña como académico numerario da Real Academia Galega no Auditorio Municipal de Cangas do Morrazo. Dise que o escritor, que cobre a vacante do filólogo Constantino García, foi proposto por Francisco Fernández Rei e Ramón Lorenzo e que contaba con amplio apoio social e literario. Despois refírese a que Bernardino agardaba a publicación de *Larpancia saborosa do lobo e a raposa*, V Premio Estornela de teatro para nenos, e que este ano publicou *O corvo que andou de pato*. Indícase que o seu discurso titulado *Contos populares e Rosalía* relaciona o relato tradicional co conto de Rosalía e que Ramón Lorenzo contestará a Graña, recordando anécdotas biográficas compartidas e sinalando episodios fundamentais da traxectoria literaria do escritor.


Dise que a influencia das narracións de raíz popular na obra de Rosalía de Castro centrou o discurso de ingreso de Bernardino Graña na Real Academia Galega, titulado *Contos populares e Rosalía*. Indícase que estivo acompañado de amigos do grupo Brais Pinto, como Xosé Luís Méndez Ferrín e Ramón Lorenzo, encargado de responderlle, lembrando os anos de estudo en Madrid e a súa traxectoria literaria, entre a que se nomean obras de poesía, como *Poema do home que quixo vivir* (1958); de teatro, como
Con motivo da entrada na Real Academia de Bernardino Graña, gábase a este escritor que adquiriu o herdo popular na vila canguesa e codificou as cantigas e os contos. Coméntase que a oralidade adquirida foi o inicio da súa aprendizaxe como escritor e que a sensibilidade é a marca “dun dos nosos mellores escritores contemporáneos”. Tamén se apunta que a poesía de Bernardino presenta o espazo mariñeiro, testemuña o amor pola busca da identidade galega e zumega tenrura e naturalidade. Lémbranse os seus anos universitarios coa militancia patriótica no grupo “Brais Pinto”. Saliéntase a súa autenticidade que define tanto a súa obra coma a súa calidade persoal e a súa paixón por Rosalía que reflectiu no discurso de ingreso, Contos populares e Rosalía. Por último o articulista recorda os seus encontros co escritor.


Volume no que se recollen os traballos baseados nas propostas presentadas durante os “15º Encontros Luso-Galaico-Franceses do Livro Infantil e Juvenil”, celebrados na Biblioteca Almeida Garrett do Porto en novembro de 2009. Coordinado por investigadores da Rede Temática “As Literaturas Infantís e Xuvenís do Marco Ibérico e Iberoamericano” (LIXMI) e apoiado pola Consellería de Cultura e Turismo da Xunta de Galicia, o volume está estruturado en cinco apartados principais: “Estudos”, “Encontros con autores”, “Encontros con editores”, “Ateliers” e “Exposicións”. Conta cunha “Introdución” dos organizadores na que se explica a distribución e natureza da publicación, e unha “Presentación”, de José António Gomes, na que aborda a temática do monográfico e evoca obras da literatura portuguesa e universal nas que ten presenza o mar como elemento central, á vez que salienta a riqueza que representa esta obra multilingüe e multidisciplinar. Os traballos referidos á literatura galega incluídos nesta obra son os que seguen:


Panorámica na que as autoras estudan e sistematizan as obras poéticas dirixidas aos máis novos publicadas nos primeiros oito anos do século XXI e que tratan a temática do mar. Comezan sinalando a considerábel debilidade deste xénero literario xunto coa literatura dramática no sistema literario infantil e xuvenil galego, dato que se revela de modo claro nos “Informes de literatura”, e establecen unha tipoloxía para clasificar os poemarios, que estruturan arredor dos marbetes “poesía é xogo”, “poesía é música”, “poesía é conto” e “poesía é maxia”, unha clasificación que foi establecida pola propia Roig Rechou en obras anteriores e dentro das que salienta autores significativos. Así, inclúen en “poesía é xogo” e “poesía é música” as composicións anónimas e reescrituras que representan o primeiro contacto da infancia coa poesía e dentro de que destacan a

Por último, en “poesía é maxia” achéganse a aqueles poemas construídos con formas poéticas más libres e experimentais, formas subversivas, reflexivas e con recursos como os simbolismos e os xogos, que esixen unha maior abstracción e formación do lectorado agardado. Neste caso as obras nas que se deteñen son as de Xoán Babarro Ten, ten a miña casa ten... (2001) e deste autor con Ana María Fernández Do A ao Z. Galicia (2008), así como Era unha vez na Quimbamba (2006), de Antón Cortizas; Belidadona (2002), O souto do anano (2007) e Na praia dos lagartos (2004), de Helena Villar Janeiro e con Xesús Rábade Paredes Doña e Don (2004). Conclúen que a través de todas estas obras se constata a preocupación dos creadores galegos por abordar temas transversais para ofrecer instrumentos para a educación dos máis novos.


Texto no que Marcos Calveiro evoca o mar da súa infancia e das lecturas que na súa formación levou a cabo dos clásicos universais, como Xulio Verne e Emilio Salgari, aos que lembra a través dos seus personaxes máis recoñecíbeis; da mitoloxía grega e galega, recreado en obras como a protagonizada por Ulises ou a recreada por Álvaro Cunqueiro. Todos estes elementos vertebran un percorrido polo universo de lecturas que configuraron a súa infancia e xuventude e que están na base da súa propia obra creativa.


Reflexión de Belán López Vázquez, da editora galega Baía Edicións, na que reflexiona sobre a escasa presenza que o mar ten nas obras editadas pola súa empresa, malia a particular disposición xeográfica do territorio galego bordeado por case dous mil quilómetros de costa. Repasa algúns títulos da produción nos que aparecen alusións ao mar, como O son da buguina (2006), de Carlos Labrañá; Hércules e Xerión (2005), de Manuel Almofrei; e Tanta miga e a súa barriga (2005), de Eduardo Pérez Baamonde. Conclúe que malia a importancia do mar na vida/historia da humanidade ten pouca presenza aínda na literatura infantil e xuvenil galega editada por Baía Edicións.


Texto de carácter práctico no que se presentan suxeptións de traballo para desenvolver na sala de aula ao redor da temática central da obra: a poesía e o mar. Co fin de crear unha base sólida para o labor dos mediadores, as autoras ofrecen indicacións de estudos teóricos que son ferramentas fundamentais, entre as que salienta A poesía infantil no século XXI (2000-2008) (2009), coordinado por Blanca-Ana Roig Rechou; e Disfrutar escribindo. A narración e a poesía nas aulas (1990) e A poesía é necesaria. Lectura e
creación poética na aula (2009), de Antonio García Teijeiro, ao que engaden outros materiais didácticos e antoloxías de poesía galega, así como páxinas web que contribúen a un amplo tratamento do tema e do xénero no ámbito da lectura.


Breve reflexión de Xosé Cobas sobre a linguaxe gráfica que se vén desenvolvendo no sistema literario galego con motivo da inauguración da exposición “Vai de mar”, da que é o coordinador. Explica brevemente a imaxe que os creadores participantes proxectan da súa visión do mar.

Referencias varias:


Tras salientar a función deste apartado como ferramenta para coñecer un pouco máis a historia da Literatura Infantil e Xuvenil (LIX), anúnciase que na data presente se achegan algunhas monografías que asemade contribúen a estee labor. Entre elas, menciónase este volume que recolle reflexións sobre a literatura e o mar na LIX galega e portuguesa.


Volume no que se reúnen as comunicacións presentadas no Congreso Internacional “Las Relaciones entre las literaturas ibéricas”, celebrado na Universitat Pompeu Fabra (Barcelona) entre o 18 e o 20 de xuño de 2009, baixo a organización dos grupos de investigación “Traducción, recepción y literatura” (Universitat Pompeu Fabra) e “TRELIT: tradución e recepción de las literaturas” (Universitat de Barcelona). Conta cunha introdución dos editores na que explican a orixe dos traballos e a súa complementariedade con outros dous volumes, Traducción y autotraducción en las literaturas ibéricas e Relaciones entre las literaturas ibéricas y las literaturas extranjeras, nos que se recollen trabalbos centrados nos fenómenos vinculados coa tradución entre as literaturas ibéricas, en especial a autotradución, e nos vínculos, contactos e interferencias entre as letras peninsulares e as literaturas estranxeiras, respectivamente. A seguir detéñense nos trabalbos que configuran este volume, centrados nas relacións literarias e nos que se tratan aspectos como a mediación literaria e cultural e a recepción crítica ou a intertextualidade. Os trabalbos de interese para este Informe de literatura son os que seguen:

Traballo centrado nos contactos e intercambios que a través da Literatura Infantil e Xuvenil se produciu entre as literaturas periféricas do Estado español, no que comezan referíndose aos condicionamentos da marxinalidade da Literatura dirixida aos máis novos nestes territorios. A seguir detéñense nas relacións que ao longo do século XX mantiveron a Literatura Infantil e Xuvenil catalá, galega e vasca dende o punto de vista do sistema galego, que funciona a modo de vértice destes intercambios e diálogos a través da tradución. Aproximanse ás condicións nas que xurdiron os tres sistemas literarios, as súas obras inaugurais e intérnanse no proceso de transvasamento interperiférico que dende os anos sesenta se deu entre estas literaturas e que coincide, a grandes trazos, coas etapas de constitución, asentamento e consolidación do sistema literario infantil e xuvenil galego. Repasan pormenorizadamente as primeiras traducións, editadas baixo a fórmula das coedicións, que contribuíron á creación do sistema literario infantil e xuvenil galego e á ampliación do mercado de empresas editoras doutros ámbitos, especialmente catalá, nas que estudan os títulos acollidos en coleccións como “A galea de ouro”, “Desplega velas” e “A galea”, que demostran en boa medida o monopoliño na tradución do sistema catalán. A seguir centranse nos anos oitenta e nove nos que salienta a diversificación editorial, propiciada pola entrada da lingua galega no ensino e a necesidade de proporcionar unhas obras materiais adecuadas aos diferentes niveis de ensinanza, así como o crecente número de potenciais lectores en lingua galega, que ademais da fórmula das coedicións tamén lle abriu a porta a múltiples coleccións, novas empresas editoras e formatos innovadores, adecuados ás necesidades do público. Do mesmo modo, sinalan a importancia que van adquirindo algún creadores galegos, que viron traducidas as súas obras a diferentes linguas do Estado español e rematan deténdose brevemente nos primeiros anos do século XXI, nos que o sistema literario galego infantil e xuvenil instaurou unha liña de creación de produtos literarios innovadores, que foron denominados “artextos” e que marcaron un avance moi importante na relación entre as traducións do sistema literario galego e o catalán e vasco. Finalmente ofrecen unhas conclusións xerais sobre a evolución histórica que dende os anos sesenta experimentaron as traducións interperiféricas.

Os artigos correspondentes á Literatura institucionalizada e á Literatura de Transmisión Oral están descritos nos apartados V e VIII deste Informe.


Recompilación de trinta e catro comentarios sobre obras dirixidas ao público infantil e xuvenil, que, como se di na contracuberta, foron publicadas por Héitor Mera en Faro de Vigo, A Nosa Terra e Cartafol de Libros do portal Vieiros. Se se volve ao interior do volume o que se atopa son, efectivamente, trinta e catro achegas xornalísticas que o autor publicou nos medios citados entre o ano 2003 e o ano 2009, nas que marca as súas preferencias, posicionándose cara á recomendación ou rexeitamento de trinta e catro obras coas que, posibelmente, como se di na cuberta, quixo guiar a “mestres e proxenitores” para que “non se deixen seducir pola simple oferta das mesas de novidades” e se fixen máis en calidades literarias e didácticas que el salienta nos seus comentarios. O conxunto vai encabezado por un prólogo de Carlos Solla e un breve preámulo do autor no que se ofrece unha panorámica desta literatura en Galicia. Nel reflexiónase sobre a tardía aparición deste tipo de literatura en Galicia por condicionamentos sociais, culturais, políticos e económicos, que logo xorde con gran
forza, con máis variedade temática e formal que a literatura entendida para adultos e que 
axuda a dar un pulo ao sistema literario galego. En canto ás recensións, cabe citar a 
presenza de obras de autores como Suso de Toro, Bernardino Graña, Andreu Martín, 
Xosé Neira Cruz, Xoán Babarro, Pepe Carballude, Jordi Sierra i Fabra, An Alfaya, Xosé 
Miranda ou aquelas con contidos máis teóricos, como, por exemplo, *Teatro infantil: do 
texto á representación* (2007), coordinado por Blanca-Ana Roig-Rechou, Pedro Lucas 
Domínguez e Isabel Soto López.

**Recensións:**

- Armando Requeixo, “Dúas lecturas críticas de textos literarios en galego”, *Diario de 
  Arousa*, “O Salnés Siradella”, n.º 750, “Páxina literaria”, Letras atlánticas”, 4 xullo 

Sinálase que un dos parámetros para medir o nivel de importancia dunha literatura é a 
existencia dunha crítica independente, bo exemplo da cal sería a obra tratada, na que se 
recollen os traballos críticos divulgados na prensa periódica polo autor durante a 
primeira década do século XXI sobre os autores galegos máis recoñecidos e outros que 
inician a súa carreira literaria. Valórase, ademais, as súas visións abertas ao diálogo e ao 
contraste de pareceres.

- Celestino Amarante, “Peritextos enganosos”, *El Correo Gallego*, “Literatura Infantil e 

Comeza aledándose pola publicación dunha nova obra que estuda a Literatura infantil e 
 xuvenil, *Unha década de literatura infantil e xuvenil en galego* (2009), de Héitor Mera, 
 en Edicións Morgante, un selo editorial alternativo de Rinoceronte Editora, editorial ben 
considerada no polisistema galego grazas ao labor que realiza a prol da tradución. 
Considera que son varias as razóns para non lle poder dar os parábens editoriais: 
cualificar de “ensaio” o primeiro capítulo da obra, xa que o propio autor indica que se 
trata do “resumo dunha conferencia”; tentar trazar a historia da Literatura infantil e 
 xuvenil galega dende os inicios ao momento actual sen marcar fitos do sistema da 
Literatura para adultos polo que Mera cae en “xeralidades”; tentar abordar toda a 
Historia da Literatura infantil e xuvenil “en tan poucas páxinas” en lugar de cinguirse a 
a unha década o a un xénero; incorrer en “simplicidades” e “confusións terminolóxicas”, 
como a mestura de sistema, narrativa e xénero; e o título enganoso de “década”. Apunta 
que tras a “introdución” se acollen trinta e catro comentarios de Mera que viran a luz en 
*Faro de Vigo, A Nosa Terra e Cartafol de Libros* do portal Vieiros entre 2003 e 2009 
para tentar guiar a “mestres e proxenitores” na busca da calidade literaria e didáctica das 
obras en lugar de seguir as novidades editoriais. Remata loando o “labor de selección e 
reflexión” levado a cabo por Mera pese a que deixara que se publicase cun título “que 
defraudou as expectativas do lector” ao non tratarse dunha “década” senón dunha 
introdución e a reprodución dos citados comentarios.

**Referencias varias:**
Tras salientar la función deste apartado como ferramenta para coñecer un pouco máis a historia da Literatura infantil e xuvenil, anúnciase que na data presente se achegan algunhas monografías que asemade contribúen a este labor. Entre elas menciónase este volume recompilatorio de comentarios publicados en xornais sobre obras dirixidas á infancia e mocidade.


Este monográfico forma parte da colección “Diálogos intertextuales” que conta con varios volumes. Este número 4 céntrase en Discursos (audio)visuales para un receptor infantil y juvenil. Acolle nove traballos que responden, como se di na “Introdución”, á calorosa acollida dos produtos narrativos de nova xeración que veñen da man dos videoxogos, xogos on line, realidades virtuais, pero tamén do cinema, televisión e vídeos. Entre eles figuran un traballo que trata a literatura galega. Débese a:


Traballo no que se achegan á relación texto-imaxe nas narrativas de ficción e á súa potencialidade educadora no desenvolvemento social, comunicativo, afectivo e cognitivo da nenez. Despois de oralizar o valor educativo dos libros ilustrados céntrase n’A lingua das bolboretas, de Manuel Rivas e Miguel Anxo Prado, e falan da relación da ilustración co relato que neste caso só funcionan como ferramentas de atracción e non como complemento do texto. Dan as claves literarias do texto e relacionan-o coa versión cinematográfica da obra.


Volume que recolle un corpus plural de cincuenta e cinco obras de Literatura Infantil e Xuvenil (LIX) en lingua galega, centrado na temática do Camiño de Santiago. Especificase na súa introdución a tonalidade multiculturalista que o Camiño de Santiago outorgou á cidade a través da peregrinación e saliéntase o feito que este Camiño, denominado asemade “Camiño das Estrelas”, “Campo da Estrela” ou “Locus Sanctus”, teña conseguido atraer todo tipo de xentes á cidade compostelá, especialmente nos Anos Santos Xacobeos. A metodoloxía que se ofrece parte duns obxectivos nídoi, como son ofrecer ao mediador obras nas que se traten as viaxes de Peregrinación e as tradicións que delas se recolleron, emprestando especial atención a certos enclaves literarios das diferentes rutas xacobeas. Engádese ademais a pertenza ao canon potencial da LIX das
obras que constitúen esta guía de lectura. É de salientar o gráfico que se inclúe nesta introdución e que establece unha orde cronolóxica das obras presentadas, destacando en negrita as publicadas nos Anos Santos Xacobeos, como por exemplo as de 1993, 1999 e 2004. A partir deste gráfico fixase a data de inicio desta temática xacobea na LIX, tomando como base o nomeamento de Santiago de Compostela como Ben Patrimonio da Humanidade pola UNESCO en 1985, así como a distinción que o Consello Cultural Europeo outorgou á Ruta Xacobea proclamándoo Itinerario Cultural Europeo. Estes feitos levaron consigo o xurdimento dunha serie de iniciativas como a de OQO Editora, co seu proxecto “Os Contos do Camiño” ou a tradución do latín ao galego que Xosé López Díaz levou a cabo do Códice Calixtínus (2010). As obras distribúense en dúas partes. Na primeira, titulada “Peregrinaxes a Compostela”, acollense trinta e dúas obras centradas no Camiño de Santiago, nas súas diferentes rutas e etapas, ademais das referenciais a lendas, tradicións, personaxes ou outros símbolos históricos e culturais, adaptados ao destinatario preferencial. En “Compostela e Xacobeo” describese o conxunto das obras xenericamente vinculadas a enclaves da propia cidade e da Ruta Xacobeo. Ademais de presentar a cuberta, a ficha bibliográfica e un descritor do contido de cada un dos títulos, ofrécense unhas notas biobibliográficas dos seus respectivos escritores e ilustradores.

Recensions:


Despois de referirse á presenza do fenómeno do Xacobeo na literatura, centra o seu comentario en dous volumes que estima emblemáticos e imprescindíbeis para coñecer como este asunto foi abordado na literatura para os máis novos. Así, describe os contidos incluídos en Itinerario de lecturas. De camiño a Compostela pola LIX, que baixo a edición de Blanca-Ana Roig e Mª Jesús Agra, amosa un corpus plural de cincuenta e cinco obras en galego sobre o tema en cuestión. Tamén indica que como complemento deste volume, se articulou a antoloxía A Santiago. Relatos infanto-xuvenís para o Camiño, editada por Blanca-Ana Roig e Carmen Franco.

Referencias varias:


Infórmase da presentación dos libros Itinerario de lecturas. De camiño a Compostela pola LIX e A Santiago. Relatos infanto-xuvenís para o Camiño, dos que o director xeral de Promoción e Difusión da Cultura, Francisco López, salientou que son “unha forma de establecer alianzas entre as xentes interesadas na arte e no entendemento”.


Recoméndase a lectura de varias obras de Bernardino Graña entre as aproximadamente dúas ducias de títulos, tanto de narrativa como de teatro e poesía, que o académico


Monografía colectiva do grupo de investigadores da Rede Temática de Investigación “Las Literaturas Infantiles y Juveniles del Marco Ibérico e Iberoamericano” (LIJMI), coordinada por Blanca-Ana Roig Rechou, Isabel Soto López e Marta Neira Rodríguez, que analiza a presenza, a través da reescritura, do conto de transmisión oral na literatura infantil e xuvenil do período 2000-2009, producida nos diferentes ámbitos lingüísticos da Península Ibérica (castelán, catalán, éuscaro, galego e portugués) e de Iberoamérica (México e Brasil). Conta conha introdución teórica “Reescritures de les rondalles en el s. XXI (2000-2009)”, a cargo de Caterina Valriu, na que establece catro tipos de reescrituras: uso referencial (cando o referente popular non é modificado); uso lúdico (cando se transforma o referente popular por medio do xogo e do humor); uso ideolóxico (cando o referente popular presenta unha ideoloxía determinada); e uso humanizador (cando os personaxes dos contos populares adquiren características humanas); e sete estudos sobre os diferentes sistemas literarios infanto-xuvenís dos distintos ámbitos lingüísticos. Tamén contén “Unha selección para a educación literaria” na que presenta un cento de obras de LIX representativas do proceso de reescritura dos contos populares publicadas entre os anos 2000-2009, analizadas nos correspondentes estudos seguindo criterios de recepción crítica, galardóns obtidos e calidade literaria; e unha “Bibliografía seleccionada e descrita sobre o conto” que recolle estudos teóricos, recompilacións, dicionarios, catálogos e índices tipolóxicos de contos, actas de congresos e publicacións en revistas. En relación coa Literatura infantil e xuvenil galega aparece o seguinte estudo:


Conta conha introdución na que Blanca-Ana Roig Rechou e Carmen Ferreira Boo se achegan brevemente ao proceso de reescritura na Literatura Infantil e Xuvenil galega dende Margarida a do sorriso d’Aurora (1927), de Evaristo Correa Calderón, até finais do século XX, coa creación en 1998 da colección “Cabalo bulígán” por parte de Edicións Xerais de Galicia, para recuperar a literatura de transmisión oral galega e ofrecerlla ao lectorado infantil e xuvenil. Despois analizan a produción do período 2000-2009, consultando os Informes de Literatura e seguindo os usos establecidos por Valriu no estudo teórico, presentan a cantidade de obras que fan uso da reescritura e comentan unha ou dúas obras escollidas en cada uso, atendendo á súa estrutura, argumento, personaxes, finalidade, paratextos e localización. No uso referencial, denominado polas autoras “instrumental”, salientan o labor de adaptación realizado por Kalandraka Editora e OQO Editora e o labor recompilatorio da colección “Cabalo
buligán” de Edicións Xerais de Galicia, nomean as diferentes coleccións editoriais que atenderon ao conto de transmisión oral e distinguen tres tipos diferenciados: a recompilación, na que analizan a estrutura, argumento e trazos dos contos de animais en Contos de animais I e II (2001) e Más contos de animais I e II (2002), de Xosé Miranda, Antonio Reigosa e Xoán Ramiro Cuba; a adaptación dos contos no álbum A Princesa do Caurel (2006), de Patacrúa na que salienta o traballo ilustrativo de Javier Solchaga que enlaza a tradicionalidade do texto coa modernidade visual e gráfica; e o conto de autor O misterio do príncipe pastor (2007), de Xoán Babarro, no que mantén fielmente as características estruturais, argumentais, espacio-temporais, estilísticas e os personaxes dos contos populares. No uso lúdico salientan a creación de situacións humorísticas a partir da descontextualización, a desmitificación e a ruptura de estereotipos, como acontece en Vanesa non quere ser princesa (2004), de Xosé A. Perozo, que rompe coa idealización deste personaxe dos contos, e en Unha bruxa ben rara (2006), de Carlos Mosteiro, no que se modifica o rol da bruxa e se desmitifica mediante o emprego da comicidade. En canto ao uso humanizador, destacan a humanización de personaxes “agresores”, como bruxas, trasnos e diáños, caso de Feitizo (2001), de Xosé Miranda, no que se relata a rebeldía xeracional da adolescente bruxa Marta, e de Resalgario (2001), de Antonio Reigosa, no que conta as aventuras e namoramento dun rebelde diño adolescente na súa peregrinación a Santiago de Compostela. Por último, no uso ideolóxico, comentan a finalidade destas obras en inculcar valores como a defensa medioambiental, a igualdade xenérica, a identidade nacional ou a defensa da pluralidade e a tolerancia. Apuntan que Titiritesa (2007), de Xerardo Quintiá, innova ao subverter o papel pasivo da muller, ao reivindicar a igualdade xenérica e ao tratar con naturalidade o tema do lesbianismo.

Recensións:


Dá conta da saída ao prelo do monográfico Reescrituras do conto popular (2000-2009), baixo a coordinación de Blanca-Ana Roig, Isabel Soto e Marta Neira, como parte da Rede Temática LIJMI (Las literaturas infantiles y juveniles del marco ibérico e iberoamericano). Destaca a claridade da introdución, redactada por Caterina Valriu, na que especifica os catro tipos de reescritura existentes e salienta os estudos incluídos sobre a reescritura dos contos populares en cada sistema literario, para concluír cunha referencia á bibliografía achegada no volume.


Describese o monográfico Reescrituras do conto popular (2000-2009), coordinado por Blanca-Ana Roig Rechou, Isabel Soto López e Marta Neira Rodríguez, no que o grupo de investigadores da Rede Temática de Investigación “Las Literaturas Infantiles y Juveniles del Marco Ibérico e Iberoamericano” (LIJMI) revela a forte presenza da tradición oral na literatura infantil e xuvenil contemporánea dos diferentes ámbitos que constituíen esta Rede. Tamén se comentan as partes que compoñen o monográfico, a introdución teórica, os estudos de cada ámbito e as sesiões de referencias bibliográficas.
Remátese destacando a importancia do monográfico para os estudos de contos populares e para a literatura infantil e xuvenil.

Referencias varias:


Faise eco da presentación de Reescrituras do conto popular (2000-2009), polo que recolle parte das intervencións do director de Edicións Xerais de Galicia, Manuel Bragado, e do especialista en literatura de tradición oral, Antonio Rodríguez Almodóvar. Por outra parte, refírese aos contidos incluídos neste volume e reproduce partes do estudo realizado por Blanca-Ana Roig Rechou e Carmen Ferreira sobre o conto popular galego. A partir das súas conclusións, destaca que no período abordado se publicaron no noso país 165 reescrituras de contos populares, sobre todo relatos marabillosos seguidos, en menor proporción, polos contos de animais, así como salienta que habría que agardar ao século XXI para que agromasen todo tipo de reescrituras “como acto de afirmación nacional, como clave simbólica dos problemas actuais ou como reivindicación da narrativa oral dando lugar a reescrituras instrumentais, lúdicas, ideolóxicas e humanizadoras”.


Tras salientar a función deste apartado como ferramenta para coñecer un pouco máis a historia da Literatura Infantil e Xuvenil (LIX), anúnciase que na data presente se achegan algunhas monografías que asemade contribúen a este labor. Entre elas menciónase esta monografía da Rede Temática LIJMI que analiza a presenza da transmisión oral na LIX contemporánea.


Edición facsimíle do manuscrito autógrafo d’Os Eidos, de Uxío Novoneyra, ao coidado de Anxo Tarrío Varela (Santiago de Compostela, 1945), que abre o volume cunha introducción, na que, entre outras cuestións, agradece a disposición e xenerosidade da familia García-Sabell, especialmente á profesora Teresa García-Sabell Tormo, quen conservaba e custodiaba o devandido manuscrito. Apunta que este caderno contén a “base e fundamento primordial” do que será o ciclo poético d’Os Eidos, que comeza en 1955 e remata coa edición d’ Os eidos. Libro do Courel (1981). Por outra parte, incide no sentimento de comunicación coa Terra, así como na condición de “poeta” de Uxío Novoneyra, para os que aplica unhas palabras tomadas do texto “Poesía como diálogo” de Xosé María Álvarez Cácamo, logo de reproducir ademais un artigo que Ramón Otero Pedrayo publicara en La Noche, onde lle tomaba o “pulso poético” ao daquela mozo Novoneyra. Para rematar, comaenta cada un dos traballos que proxectan “distintas
miradas cara a outros aspectos” da obra do poeta do Courel e explica que, malia seren necesarios, son “insuficientes en número”, xa que debido á crise económica, tiveron que renunciar a un total de máis de duascentas páxinas “xa elaboradas que fican á espera de novas oportunidades de ver a luz”. Tarrió Varela inclúe, finalmente, unha serie de anotacións respecto da compaxinación do orixinal e pecha cuns agradecementos. Logo dos cinco traballos, que se describen a continuación, está o manuscrito autógrafo, que permite observar a escritura orixinal e reparar nos danos ocasionados polo paso do tempo (perda de cor, engurras, etc). Así mesmo, a técnica utilizada reflicte claramente as transparencias do orixinal. Cada un dos apartados/artigos van acompañados ao comezo por fotografías da montaña do Courel. A imaxe da cuberta/contracuberta foi realizada por Carlos Valcárcel en 1974 (fotografía pertencente ao arquivo familiar). O traballo relacionado coa Literatura infantil e xuvenil galega que se recolle neste volume é:


Achégase á producción literaria xuvenil e infantil que realizou Novoneyra dende o ano 1991, coa publicación de No cubil do xabarín. Comenta que nesta obra se manifiesta tamén o sentimento de abandono do eido rural, o mesmo que conforma o denominado “ciclo poético courelán”. Atende tamén a outras obras infantís de Novoneyra, como Gorgorín e Cabezón (1992), Ilda, o lobo, o corzo e o xabarín (1998). Deles, apunta algúns cuestións, entre as que está o percorrido pola xeografía courelá. Ademais repara nas ilustracións dos devanditos volumes, os dous primeiros feitos por Manuel Quintana Martelo e o último, por Manuel Uhía. Para rematar, opina que “consciente ou inconsciente”, Novoneyra manexou nestas obras unha serie de elementos “necesarios para crear o imaxinario da nenez” e afirma que plasmou a preocupación estética e identitaria “que xa manifestara nas dirixidas aos adultos”.

Tamén está descrito no apartado IV. Día das Letras Galegas deste Informe.

Recensións:


Comeza facendo referencia aos “actos máis íntimos e próximos coa esencia creativa do proceso literario” que é a composición manuscrita, para sinalar que o homenaxeado do días das Letras Galegas 2010, Uxío Novoneyra, tamén fixo da “caligrafía e dos manuscritos unha parte esencial do seu quefacer poético”. Considera que esa maneira de escribir e trazar foi esencial en toda a súa obra e, especialmente, no volume número un dos Cadernos da Gadaña, intitulado Poemas caligráficos. Logo disto, alude á “fortuna de coñecer” a versión autógrafo do seu poemario Os eidos. Terras outas e sóias do Courel, grazas ao labor da USC e da familia García-Sabell, quen cedeu o manuscrito. Entre outras cousas, coincide con Anxo Tarrió en sinalar que neste manuscrito está a base e esencia do que sería un “ciclo poético que Novoneyra iría pechando por volta de 1981”.

Refírese á unión por parte da Universidade de Santiago de Compostela á celebración do día das Letras Galegas, que homenaxea a Uxío Novoneyra coa publicación do libro *Uxío Novoneyra. Día das Letras Galegas 2010*, do que se mencionan as achegas dos diversos estudiosos e alude, entre outras cousas, ao universo poético e creador do poeta. Para rematar, recóllense brevemente as palabras da “Introdución” do volume, escritas por Anxo Tarrío.


Ademais de valorar positivamente e recomendar a lectura deste monográfico polo seu contido e porque é unha das poucas ocasións de poder acceder a un manuscrito autógrafo e así ter a oportunidade de apreciar nel “a caligrafía, vacilacións e mudanzas no proceso creativo dun autor”, repara en que aínda é menor a posibilidade de que un facsímile deste tipo conte con estudo sobre a Literatura infantil e xuvenil do autor. Entre os traballos recollidos no monográfico, detense en analizar con máis detalle o estudo “Uxío Novoneyra: identidade e soños” realizado por Blanca-Ana Roig Rechou. Indica que esta profesora contextualiza a Novoneyra e que a seguir analiza as obras que este escribió para os máis novos. Explica que na súa análise salienta que o poeta courelán reflicte en *No cubil do xabarín* (1991) o amor pola terra nos peritextos e na narración que responde á forma das narracións de pandas. Precisa que nela fai uso dunha “prosa áxil e visual, chea de suspense e técnicas do cinema”, características que reaparecen en *Gorgorín e Cabezón* (1992). Apunta así mesmo que Roig indica que nesta narración, na que se retoma a “figura do home do saco”, existe un predominio da xeografía da Serra do Courel, que constitúe así mesmo o marco xeográfico e identitario de *Ilda, o lobo, o corzo e o xabarín* (1998). Destaca que Roig repara en que Novoneyra reescribe nesta narración contos de fadas e de lendas como a de Ildara, que xa aparecera con anterioridade en poemas de *Do Courel a Compostela 1956-1986* (1986). Remata o artigo aludindo a que Roig resalta que Novoneyra empregou elementos que axudan á nenez a crear o seu imaxinario infantil e a formar o hábito lector de lectura, ao que se suma que Novoneyra asenta o seu discurso literario no espazo da Serra do Courel.

Referencias varias:


Sinálanse algunhas das apostas actuais do Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, que dirixe Juan Luís Blanco Valdés. Entre elas, coméntase a decidida aposta polo libro electrónico. Ademais, indicase que este Servizo ten un “camiño xa expedito” con Google Books Search, con quen en 2009 asínou un convenio para a dixitalización dos seus libros. Outras das apostas é a creación de novas coleccións como a Biblioteca de Divulgación. Blanco Valdés comenta outras coleccións que están á disposición do público e sinala as cinco catedras de letras que dispón a USC, subvencionadas parcialmente por outras entidades financeiras. No á parte, “A Universidade de Santiago publicará a edición facsimilar de ‘Os eidos’ a finais de marzo”, informase que o Servizo de Publicacións da USC ten prevista a edición de varias novidades literarias, como a edición facsimilar do
manuscrito autógrafo d’Os eidos, da autoría de Uxío Novoneyra, e un libro de Jesús Simal, entre outras.


Informa da presentación na Universidade de Santiago de Compostela da obra en facsimíl do manuscrito orixinal do poemario Os Eidos, de Uxío Novoneyra. Recólense as declaracións de Anxo Tarrío, coordinador do volume, quen manifiesta que os traballos recollidos “intentan axudar a comprender mellor” o legado literario e cultural do poeta do Courel. Juan Blanco Valdés, o director do Servizo de Publicacións da USC, comenta a “técnica moderna” que se utilizou para a impresión e incidiu ademais na importancia da obra. Recolle que no acto tamén estivo presente Branca Novo, a filla do poeta, quen ademais de reivindicar a figura do pai, confía en que Os Eidos facilite a “esperanza da recuperación da memoria”.


Presenta o volume Uxío Novoneyra. Día das Letras Galegas 2010, co que a Universidade de Santiago de Compostela lle rendeu homenaxe ao poeta do Courel. Reproducense as palavras do encargado da edición, Anxo Tarrío, quen salienta as “diferentes facetas do poeta”, ademais de indicar que o manuscrito orixinal d’Os Eidos, conservado pola familia García-Sabell foi cedido por Teresa García-Sabell para a súa reprodución. Recólense ademais as declaracións da filla do poeta, Branca, de Elvira Fidalgo (vicerreitora de Cultura da USC) e de Juan Blanco (director do Servizo de Publicacións da USC), que asistiron ao acto de presentación do volume. A continuación, describese brevemente o volume, deténdose na introdución e mencionando os traballos previos á reprodución facsimilar da devandita obra.


Mencíonase o volume co que a Universidade de Santiago de Compostela conmemora o Día das Letras Galegas e que se trata do manuscrito autógrafo d’Os Eidos, que Uxío Novoneyra compuxo entre 1952 e 1954. Informase do acto de presentación, que tivo lugar no Colexio de Fonseca. Destácase esta “xoia bibliográfica”, así como os traballos dos editores da USC. Logo de recollérense as declaracións da filla do poeta, Branca Novo, sobre Os eidos, sinálase ademais que o volume inclúe un conxunto de estudos de diversos profesores de Filoloxía Galega. Tamén se informa da presentación doutro libro sobre a figura do poeta: Uxío Novoneyra e terra, editado por Toxosoutos. Ademais de sinala o nome dos participantes, indícase que a obra recolle a relación dos poetas galegos con Novoneyra e un estudo sobre o léxico da flora e fauna d’Os Eidos, ademais doutro textos e documentación inédita do autor.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010,
Obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras”, que creou unha poesía “orixinal e singular”. Destaca os estudos literarios Uxío Novoneyra. Día das Letras galegas 2010 e Novoneyra/ Celso Emilio; as reedicions dos poemarios Os Eidos. Libro do Courel; Tempo de elexia; Do Courel a Compostela; e das conversas Dos soños teimosos; as antoloxías poéticas Esta coor da soidá. (Escolma poética) e Antoloxía poética; e as biografías Folépas de Novoneyra, que tamén é antoloxía; A distancia do lobo; Uxío Novoneyra, que tamén é estudo; as monografías Novoneyra, revisitado; Uxío Novoneyra. Home e terra; Dicionario Uxío Novoneyra; e Do A ao Z con Uxío Novoneyra; o libro de homenaxe Homenaxe a Novoneyra. Letras galegas 2010; e a recompilación de inéditos en A casa o val! A patria homilde! Celebración de Uxío Novoneyra (1930-1999).


Infórmase da publicación do manuscrito autógrafo do poemario Os Eidos de Novoneyra. Sinálase que Anxo Tarrío recordou que deste xeito se dá “continuidade ao traballo do departamento de Filoloxía Galega da USC desde 1970”. Nesta liña, recólense as cualificacións feitas sobre esta “xoia bibliográfica”. Ademais, reproducense as declaracións do director do Servizo de Publicacións da USC, Juan Blanco Valdés, a respecto da edición, e de Blanca Novo, a filla do poeta. Nun á parte, danse detalles da montaxe audiovisual Canto de permanencia, que lembra o poeta do Courel.


Fala dos libros que enchen as librarias do país para homenaxear ou lembrar a figura do Día das Letras Galegas 2010. Entre estas eles, menciónanse Uxío Novoneyra. Día das Letras Galegas 2010, a publicación que realizou a USC dun facsímile do manuscrito orixinal d’Os Eidos.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para ser homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creou unha poesía “orixinal e singular”. Destaca entre estas publicacións a monografía Uxío Novoneyra. Día das Letras Galegas 2010.


Informa da publicación do manuscrito autógrafo d’Os Eidos, co que a USC homenaxea a Uxío Novoneyra, escritor ao que se lle dedica o Día das Letras Galegas 2010. Apunta a “coidada lección maxistral” de Anxo Tarrío, coordinador do volume, no acto de presentación e, por outro lado, dá conta dos outros “segredos encantos” que garda o libro.
Tras salientar a función deste apartado como ferramenta para coñecer un pouco máis a historia da Literatura infantil e xuvenil, anúnciase que na data presente se achegan algunhas monografías que asemade contribúen a este labor. Entre elas menciónase este volume que trata tamén a obra infantil do poeta.


Monografía en lingua castelá na que se acollen diferentes achegas á Literatura Infantil e Xuvenil (LIX) dende o punto de vista das teorías feministas. Ábrese cunha extensa introdución da profesora da Universidade de Vigo Celia Vázquez García na que explica as razóns que a levaron a organizar este *Diálogos intertextuales 3* e entre as que destaca o reducido número de traballos nos que os estudosos e as estudosas se aproximaron en España á literatura para os máis novos dende a crítica literaria feminista, así como o feito destas achegas estaren caracterizadas polo emprego de “criterios eclécticos y polarizados hacia corrientes anglosajonas” (p. 7). A investigadora viguesa ofrece unha breve historia deste movemento na que presenta cómo xurdiu e na que nomea as teóricas máis relevantes a nivel mundial. Tamén se detén polo miúdo naquelas autoras que estudaron a cuestión do xénero en relación con a LIX. Para rematar, Vázquez García ofrece un resumo de cada unha das colaboracións que se inclúen a continuación anticipando desta maneira o seu contido. O corpo central deste *Diálogos Intertextuales 3* é unha mostra das investigacións realizadas actualmente en España e Latinamérica sobre o tándem LIX e feminismo e está formado por un conxunto de dezaseis traballos centrados maioritariamente na representación e papel da muller na Literatura infantil e xuvenil en xeral ou en temáticas concretas, aínda que tamén se poden atopar achegas ao binomio LIX-feminismo centrados na historia literaria, na literatura comparada, nos produtos periféricos da LIX, etc. No que á Literatura galega se refire son de interese os seguintes traballos:

- Francesca Blockeel, “La mujer y la joven en la narrativa juvenil sobre la guerra civil”, pp. 41-66.

Francesca Blockeel, despois dunha breve introdución, describe a evolución do papel atribuído á muller na sociedade española, para, a partir de varios títulos publicados na súa maioría a partir do ano 2000, dar conta da “imagen global de cómo vivía la mujer española en el período tratado”. Detense polo miúdo na representación da “muller miliciana”, a “mestra” e a “muller común” de antes e despois da guerra do 1936-1939, aínda que tamén se ocupará das mulleres da posguerra tanto dos vencedores coma dos vencidos. No que aos libros de autoria galega se refire ten en conta nesta súa análise, por exemplo, *A sombra descalza*, de An Alfaya, *Corredores de sombra*, de Agustín Fernández Paz e *Tristes armas*, de Marina Mayoral.

As autoras fan un repaso pola participación da muller no desenvolvemento da Literatura infantil e xuvenil galega dende os seus inicios até o ano 2006, dando conta das súas achegas máis destacadas nas diferentes correntes formais e temáticas. Ofrecen datos cuantitativos e clasifican en tres grupos as autoras segundo sexan “pioneras”, “creadoras con abundante producción” y “las más jóvenes, que se han iniciado en los primeros años del siglo XXI”.

1703
VII.5.2. MONOGRAFÍAS E LIBROS COLECTIVOS TRADUCIDOS OU NOUTRAS LINGUAS


Diccionario que se inicia cos denominados “Criterios de selección” e no que se inclúen autores que se caracterizan pola profesionalidade ou popularidade; por ser pioneiros ou de referencia; por estar comprometidos co fomento da lectura; e pola calidade e orixinalidade das súas obras. Avisase que este diccionario se actualizará na páxina en liña www.diccionariolij.es. A seguir, ofrecese a listaxe alfabética de autores por países, anunciando que aqueles que están en negriña son os que se estudan con máis detalle. Dentro do grupo de autores de España figuran os galegos An Alfaya, Fran Alonso, Concha Blanco, Fina Casalderrey Fraga (en negriña), Xavier Docolme, Agustín Fernández Paz (en negriña), Lola Gándara, Antonio García Teijeiro, Xosé Antonio Neira Cruz e Gloria Sánchez García. O apartado seguinte recolle a descrición dos autores e avisase de que os que están marcados con asterisco son obxecto dunha entrevista final. Nas fichas de cada autor consta o país e as obras organizadas por distintas bandas de idade (6-7/a partir de 9/a partir de 14/audiovisual), as características biográficas, documentación e comentarios e dos que están en negriña tamén se ofrecen textos. Remata cos apartados “Bibliografía básica”, “Premios literarios” e “Entrevistas”.

Recensións:


Comeza destacando o labor docente e bibliotecario desenvolvido por Juan José Fernández Lage, autor recoñecido co Premio Nacional al Fomento da Lectura en 2007 e co Premio da Organización Española para el Libro Infantil y Juvenil. Precisa que nesta monografía leva a cabo “un pormenorizado e exhaustivo estudio de la literatura infantil-juvenil”, á que o articulista cualifica como un “género” que segue a ser “aún desconocido para muchos”. Explica que se estrutura nunha relación alfabética por países dos autores máis salientábeis e que desta selección Fernández Lage fai unha análise en profundidade dos que considera os cento trinta e nove escritores máis sobresaíntes do século XX. Precisa que na monografía se insire unha bibliografía articulada segundo as idades, características principais da producción, documentación referida a cada autor, comentarios das obras “máis significativas” de cada autor e unha selección dos seus textos “más representativos”. Apunta que achega unha guía orientativa dos “tres ou cuatro libros máis importantes” e unha bibliografía básica para profesionais da Literatura infantil e xuvenil, unha relación dos autores galardoados nos principais premios nacionais e internacionais e vinte entrevistas con algún dos autores tratados no segundo capítulo. Agradece que os libros aparezcan clasificados por bandas etarias e que se sinteticen as características literarias dos distintos autores. Tamén comenta que esta monografía ha contribuír á “revalorización y dignificación de la
literatura infantil y juvenil”. Remata destacando que esta monografía seguirá ampliándose e actualizándose na páxina en liña do autor (www.diccionariolij.es).


Informa da saída ao prelo do Diccionario histórico de autores de la literatura infantil y juvenil contemporánea, da autoria de Juan José Lage. Destaca o seu carácter pedagóxico e de fomento da lectura entre un lectorado mozo, así como a recompilación que abrangue de autores de varios países, xunto coas súas fichas bibliográficas. Salienta a figura de Roal Dahl como o autor preferido de Lage, por conseguir atraer dende sempre o lectorado coas súas obras. Menciona asemade algúns dos autores e autoras españolos que incluíu no diccionario e remata cunha cita de Michael Ende sobre o neno que sobrevive no seo do adulto.


Fai un estudio detallado da presenza de voces femininas na Literatura infantil indicando que na produción da editorial Kalandraka constitúen o setenta por cento e salientando a súa proxección internacional no catálogo desta editorial. Destaca o labor de seis escritoras: Paula Carballeira, Luisa Aguilar, Natalia Colombo, Beatriz Osés, Olalla González e Carmen Montalbán.


VII.5.3. PUBLICACIÓN EN REVISTAS


Sinala que Antonio García Teijeiro é un dos autores considerados clásicos contemporáneos e apunta que con As palabras están a mirarse arredor da mesa (2009) acéga un novo título aos seus máis de trinta poemarios. En relación a súa produción anterior, considera que esta nova proposta poética sorpréndenos cuns modos de poetizar actuais e cunha precisión formal que sustentan unha escrita máis sobria, madura e introspectiva. Fai un repaso comentado polos diferentes textos do volume e apunta cuestións relativas aos temas, estrutura, formas, recursos, etc. practicados, conclúndo que a reprodución dalgúns textos son unha invitación a somerxerse nun primoroso poemario que, dende a súa sobriedade e austeridade, nos inunda de experiencias, sentimentos e cavilacións metapoéticas. Tamén alude á proposta ilustrativa de Xosé Cobas que recolle a esencia dos poemas.


Céntrase no labor realizado por Ana María Fernández no proceso de conformación do sistema literario infantil e xuvenil galego, que se iniciou na década dos anos setenta do século XX e chegou até o arrinque do XXI. Acéga certos datos sobre a súa biografía e labor profesional nas aulas escolares, onde começou a realizar as súas primeiras prácticas literarias e onde mostrou o seu compromiso coa língua e cultura galega en xeral. A partir de aí, entra nunha análise pormenorizada da súa produción literaria nos tres grandes xéneros canónicos dentro da literatura infantil e xuvenil, dando ao prelo moitas obras en colaboración co seu marido Xoán Babarro. Salienta que Ana María Fernández foi unha das mestras que contestou con máis firmeza dende a institución escolar á chamada urxente de constituir un sistema literario infantil e xuvenil de cuño propio. Tamén destaca que a súa contribución foi constante e supuxo todo un exercicio de superación, pois, ademais de incorrer no ámbito da narrativa, da poesía e do teatro, tentou achegarse a todos os segmentos do lectorado e nunca deixou de explorar novas tendencias e correntes, o que a converte nunha das figuras de referencia do citado sistema literario.


Afirma que a celebración do décimo aniversario do Centro de Estudios de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil (CEPLI), vinculado á Universidade de Castilla-La Mancha, deu orixe á monografía Lectura, Infancia y Escuela. 25 años de libro escolar...
Después de referirse a los contenidos incluidos en la introducción, detene en el comentario de los diez artículos que aportan investigadores de diferentes universidades españolas, que aparecen artuculados en catro secciones, cada una de las cuales presenta una doble panorámica: la referida al libro escolar y la relativa a la literatura infantil española. Sinala que se trata de una panorámica conjunta que se caracteriza por su suave armonía, poeas las súas colaboraciones respectan unos mismos parámetros en canto a los contenidos a abordar e o ton xeral da súa escrita transloce certa empatía cara aos represaliados, así como de repulsa cara a lo que supuxo o movimiento nacional. Conclúe indicando que esta monografía é unha chega a 25 anos do libro escolar en España (1931-1956) presentada nunha edición moi atractiva, na que é de obriga aterrar para reparar na memoria duns anos transcendentais da historia do Estado español, que ficou oculta polos efectos dunha guerra que cernou os logros escolares, literarios e sociais conquistados na Segunda República.


Acóllese o cómic, en branco e negro, “Xeitos de ver a G no Bierzo”, de Pablo Baladrón no que se describen de xeito humorístico os avatares que van ter que realizar os habitantes do Bierzo para poder seguir a ver a TVG despois do cesamento da emisión da televisión analóxica no Bierzo.


Acóllese a banda deseñada en cor “ApaGón analóxico”, de Pablo Baladrón que se centra nos problemas que están a ter os bercianos para ver televisión en língua galega debido ao remate da emisión da G no Bierzo coa aparición da TDT e o remate do sinal da televisión analóxica.


Faise eco da aparición do monográfico *Teatro para a Infância e Juventude. Aproximacións á Literatura Dramática* (2008) co obxectivo de continuar cunha liña de investigación en Literatura infantil e xuvenil que xire ao redor do texto dramático. Tras darse conta do contido da publicación, catro ensaios sobre dito xénero nos ámbitos galego, portugués, inglés e alemán e escritos en galego e portugués, describense brevemente cada un dos traballos incluídos informando de determinados datos de interese sobre o xénero tratado, como son: autores, obras e a representabilidade das pezas no caso do ámbito portugués; a evolución do xénero no tocante ao ámbito galego; a importancia dunha das primeiras obras representadas para nenos, *Peter Pan*, no ámbito inglés; ou a dependencia da evolución do xénero de factores externos ao texto, no ámbito alemán. Finalmente, saliéntase a importancia do monográfico como unha
iniciativa que contribúe a dar a coñecer o cada vez máis en auxé xénero dramático infantil mediante o que se cataloga como unha guía informativa destinada a mediadores.


Trei á memoria a noveliña de Francisco Castro, *Chamánde Simbad* (2009), publicada na colección “Ábore” da Editorial Galaxia. Tras establecer unha certa similitude con Álvaro Cunqueiro e mesmo con Stevenson na súa redacción, salienta a calidade da súa narración e recomenda a súa lectura á xente de todas as idades.


Conta a importancia do tratamento pedagóxico con respecto aos romances de cegos e cegas. Sinala unha posibel metodoloxía para realizar este traballo de dar a coñecer a devandita importancia e enumera as habelencias dos romanceiros e romanceiras como a súa capacidade memorística e coñecementos musicais, entre outras e remata cuns versos tirados dunha cuarteta da zona dos Ancares.


Preséntase a Lista de Honor de CLIJ elaborada a partir de 500 títulos que foron recensionados na revista durante o ano 2009. Entre os galegos destánanse nas franxas de idade que marcan os seguintes: “De 0 a 5 anos” *A araña e mais eu*, de Fran Alonso; “De 8 a 10 anos”, *Fume*, de Antón Fortes; “De 10 a 12 anos”, *Lúa do Senegal*, de Agustín Fernández Paz; e *Restaurante Farruco*, de Chus Pereiro; “De 12 a 14 anos” *O canto dos peixes*, de Marcos Calveiro; “Más de 14 anos”, *Caderno de animalista*, de Antón Fortes e *A cabeza de Medusa*, de Marilar Aleixandre.


Neste “Informe”, despois de facer unha listaxe dos premios e dos galardoados nos diferentes xéneros no ano que se describe, pásanse a facer uns breves comentarios sobre o creador galardoado, citanse os outros galardóns alcanzados e achégase unha biobibliografía seleccionada e un descritor da obra premiada. Dise que os autores galegos que mereceron algún galardón este ano foron: Rosa Aneiros, Premio Fundación Caixa Galicia, con *Ás de bolboreta*; Marcos Calveiro, Premio Lazarillo de Creación, con *O pintor do sombreiro de malvas*; e Jacobo Fernández Serrano, Premio Merlin, con *Mil cousas poden pasar. Libro I*. 

1709

Con motivo da celebración do VII Simposio do Libro e da Lectura, organizado pola Asociación Galega de Editores e sufragado polo Centro Español de Dereitos Reprográficos (CEDRO), expíxose que os directores do evento, Fran Alonso e Luz Picos, fixeron unha achega á situación das experiencias asociacionais e de persoas de diferentes ámbitos do marco ibérico baixo o título “Fomento da lectura: unha fronteira para o libro”. Detense no contexto lexislativo, marcado pola aprobación da Lei do Libro e da Lectura e a declaración do ano 2010 como Ano do Libro e da Lectura de Galicia, e sinala que o Simposio busca a promoción e fomento da lectura do libro galego.

Reflexíonase sobre a importancia do libro na sociedade actual e a lexislación que o lexitima como instrumento. Expíxose que a intervención inaugural foi de Manuel Bragado, presidente da AGE, que falou sobre a situación actual do sector, o consumo cultural e a mudanza dos modelos e participación colectiva. Tamén se dá conta da intervención de Itziar Zubizarreta e Joan Portell, que falaron de proxectos realizados no País Vasco e Cataluña na promoción da lectura, e da participación doutros representantes portugueses e galegos. Describese cada unha delas e expíxose que no caso galego participou Concha Costas con Espazo Lectura, que busca normalizar a lectura en contextos non escolares en Gondomar. Tamén se dá conta da participación de Cristina Novoa, que falou das bibliotecas escolares e do labor docente. Remátase reflexionando sobre o estatuto do lector, especialmente pola irrupción das novas tecnoloxías, onde é preciso manter a individualidade e que representan unha nova orde simbólica.


Aproximación ás traducións que durante o ano 2009 levaron a cabo da obra de Edgar Allan Poe as editoriais Galaxia e Cumio, na que se comeza reflexionando sobre a falta dunha política organizada de traducións no sistema literario galego e a influencia das subvencións neste terreo. Da obra do autor americano salíntense o desenvolvemento do horror baseado en atmosfér as psicolóxicas, nas que se reciclan os esquemas do romanticismo e do terror gótico, ademais de ter creado os primeiros relatos detectivescos e de ficción científica. Confróntanse as obras publicadas por Galaxia e Cumio, salientando das primeiras, *Contos completos I e II*, o coidado e traballado da tradución nos que se parte da concepción do autor como un elo do canon literario; pola contra, d’ *Os crimes da rúa Morgue* e *O escaravello de ouro* dice que responden a unha concepción máis popular e eféméra dos contos, nunha edición singular, na que é difícil atopar elementos comúns nos contos seleccionados, que nalgúns casos semellan escollidos unicamente pola extensión, e na que a tradución resulta pouco coidada e non está á altura do esmero lingüístico do autor, especialmente no léxico, elemento central na consecución dos efectos buscados polo creador norteamericano. Pola contra, dos volumes editados por Galaxia destácase a calidade da tradución de Eva Almazán, que logra trasladar a escrita contundente do orixinal e que foi recoñecida co Premio Lois Tobío ao Libro Traducido do 2009 da Asociación Galega de Editores. Saliéntase así mesmo o coidado da selección, que parte dunha edición previa presentada como canónica, permitindo observar a evolución literaria de Poe polo que esta obra ha mudar “o significado de Poe dentro do [sistema] galego”.

1710

Apunta que *Memorias dun neno labrego* se converteu nun clásico incontestábel como o proba o feito de que fose incluído en *1001 libros que hay que leer antes de morir. Relatos e historias de todos los tiempos*, proecto dirixido na súa adaptación española por José-Carlos Mainer. Dá conta doutras publicacións e eventos realizados ao redor desta obra, con motivo da celebración do cincuenta aniversario da súa edición. A seguir, cenfrase no comentario da tradución tirada do prelo por Kalandraka Editora baixo o título de *Memorias de un niño campesino* en 2009 e refírese á presenza de novas ilustracións de Xosé Cobas, á incorporación dunha dedicatoria inédita, á fasquía infantil e xuvenil da presente edición e á nova tradución ao castelán feita polo propio Xosé Neira Vilas.


Despois de referirse á importancia dos relatos épicos como forma de fixar a memoria, detense na novela *O Brindo de ouro II. A Táboa da Hospitalidade* (2009), de Xesús M. Marcos que contribúe á literatura nacional cunha modalidade imprescindíbel, na liña doutros creadores como X. L. Méndez Ferrín e Darío Xohán Cabana. Recomenda a lectura deste tipo de literatura para os mozos novos, salienta a pegada nesta obra de J. R. R. Tolkien, autor d’*O señor dos aneis*, e sinala que se trata da epopea dun pobio, na que aparecen todo tipo de ingredientes propios da estrutura clásica do xénero. Remata aludindo á incardinación do universo fantástico co espazo recoñécebel polo lectorado, favorecendo a reflexión sobre o mundo e o tempo presente, o que converte a obra nun exercicio de aprendizaxe.


Aproxímase ao volume de Paula Carballeira, *O lobishome de Candeán* (2009). Describe o seu argumento polo miúdo e incluso comenta o seu final, coa reproducción das derradeiras verbas que pechan o volume.


Lembra o poemario de Carlos Negro, *Makinaria* (2009). Tras mencionar a súa liña temática, comenta a dedicatoria coa que se abre o volume, a língua de tipo coloquial dirixida a un lectorado adolescente e o seu fio argumental. Recomenda finalmente a súa lectura.

Despois de describirse a historia que se conta, dise que se presenta como un conto de amizade e resistencia fronte ás imposicións inxustas, ademais de cualificarse como “una fábula que denuncia todas las barreras, unas visibles y otras invisibles, que en la actualidad separan y discriminan a los seres humanos”. Saliéntase o canto á esperanza que zumega o libro a pesar de que os muros seguen en pé. Faise unha referencia especial ao tratamento editorial e ás ilustracións de Xan López Domínguez.


Comeza referíndose ás claves que singularizan a “creación de Santiago Jaureguizar para los lectores juveniles”. Continúase describindo o argumento desde que a súa protagonista tenta buscar a verdade da súa familia e sobre ela mesma até que ten que decidir cal das versións que se presentan debe ser a súa. Saliéntase precisamente que a obra se centra en saber a causa que levou ao pai da protagonista a abandonala. Destácase o tema das familias rotas, que é unha das claves da obra deste autor.


Coméntase que de novo se reúnen estes dous creadores, é dicir, Carlos López e David Pintor para realizar unha obra “muy interesante en la que la fantasía y el humor van de la mano” para proporcionar unha “grata lectura llena de situaciones alucinantes y de divertidas sorpresas”. A seguir, descóbreme o argumento que di está pautado polos sucesivos encuentros que reflicten diálogos divertidos caracterizados pola “seriedad” e polo surrealismo do humor absurdo que empregan. Remátase recordando que a obra mereceu o galardón do VII Premio Raíña Lupa.


Indícase que en Viaxes d’un can de palleiro (2009), de Pere Tobaruela, se recrea fielmente a Odisea de Ulises no “discurrir del texto” mais é orixinal na voz narradora que é un “resabido perrucho”, testemuña presencial dos feitos que acompaña a Ulises e emprega unha linguaxe desenfadada con retranca. Tamén se salienta a escolla do marco espacial: as terras do Barbanza; e o cambio de dedicación de Ulises, que nesta historia é un comerciante de acibechería.

Dáse conta do argumento de *Fiz, o coleccionista de medos* (2009), de Fina Casalderrey, que conta a historia do neno Fiz na que se trata o tema dos medos infantís e o modo de superalos. Saliéntase o apoio nas ilustracións de Teresa Lima para amosar o “lado risible” dos medos, que son retratados con propia personalidade e que van decrecendo nas escenas.


Tras salientarse a capacidade de Jacobo F. Serrano para crear universos propios e criaturas fantásticas, preséntase o seu relato *Mil cousas poden pasar. Libro I* (2009), merecente do Premio Merlín de Literatura Infantil 2009. Describese a súa trama que se sitúa en dous mundos paralelos, o mundo dentro do mar e o mundo de fóra, e na que destacan as “aventuras absolutamente surrealista e disparatadas” con toque de humor negro que viven os protagonistas, Neda e Mercurín. Por último, apúntase que se trata dun relato “muy ágil e divertido” que se complementa coas ilustracións do autor que axudan a crear este universo fantástico onde o inverosímil rexe a vida cotiá.


Inicia esta panorámica salientando que, en termos xerais, se presenta como unha continuidade dos últimos anos, é dicir, cunha produción dirixida fundamentalmente aos mozos e aos máis pequenos, cun nivel medio de calidade e que a narrativa segue a ser o xénero máis representado. A continuación, cita as obras que considera máis destacábeis seguindo os tramos de idade, polo que, entre 14 e 16 anos, destaca *O pintor do sombreiro de malvas*, de Marcos Calveiro, Premio Lazarillo 2010; *Ás de bolboretas*, de Rosa Aneiros, premio Fundación Caixa Galicia de Literatura Xuvenil 2009; *O lobishome de Candeán*, de Paula Carballera; *Corazón de Chocol*, de Xesús Manuel Marcos; *Dragal, a heranza do dragón*, de Elena Gallego Abad; *A Coroa de Napoleón*, de Ánxela Gracián; *O brindo de Ouro, II, A táboa da hospitalidade*, de Xesús Manuel Marcos; *Olga e o dinosauro*, de Breogán Riveiro; *Jan estivo alí*, de Xosé Antonio Neira e David Soler; *O segredo de Marco Polo*, de Francisco Castro; *A nena e o grilo*, de Magín Blanco; *Quen é PiChük?* e *As minchas de...*
Aridónía, de Manel Cráneo; Do A ao Z. O camiño de Santiago, de Ana María Fernández e Xoán Babarro; Sopa de xarope de amora, de Xosé Antonio Neira Cruz; Xenaro e a hucha do indiano, de Mar Guerra; A ánfora exipcia, de An Alfaya. E as traducións: Diógenes, de Pablo Albo; Un mundo raro, de María José Ferrada Lefenda; Elas, de Cecilia Afonso; O Rei e o Oso Branco, de Tim Bowley; Luís vai á praia, de Guy Delisle. Para “Prelectores y Primeros lectores”, salienta: Un becho estraño, de Mon Daporta e Óscar Villán; Tic-Tac, de Pablo Díaz; Fiz, o coleccionista de medos, ¿E ti que farías por min?, ¡Un can no piso! e Un saco de estrelas, de Fina Casalderrey; Milu, de Manuel Rivas; A illa dos cangrexos violinistas, de Jesús Cisneros; Os oficios de Chuquelo, de Pinto & Chinto; Bechos pequerrechos, de María Lires; tamén fai unha listaxe de traducións: Cando? Onde?, Que é?, Quen é?, de Leo Lionni; Onde viven os monstros, de Maurice Sendak; Libro das M’Alicias, por Miquel Obiols e Miguel Calatayud; Oda a unha estrela, de Pablo Neruda; Os petos de Loreto, de Quentin Blake; Taller de corazóns, de Arturo Abad; Os catro amigos, dos irmáns Grimm; Un gran soño, de Felipe Ugalde; Oh, as cores, de Jorge Luján; O corazón do xastre, de Txabi Arnal; A vella Lulula, de Mar Pavón; Construtores, de Xulio Gutierrez e Nicolás Fernández. De todos eles dá unas notas valorativas, ademais de facer un breve resumo do seu contido.


Inicia comentando que tanto neste texto coma n’A coroa de Napoleón (2009) se presenta ao personaxe Tintimán, personaxe que describe. A seguir, comenta o argumento da primeira das obras e di que “el principal atractivo de estos libros es su protagonista y narrador” que fala das súas aventuras nun ton “desenfadado y ágil”, aínda que tamén salienta que este personaxe é machista e pagado de si mesmo. Remata cunha breve referencia ás ilustracións.


Inicia o comentario referíndose ao éxito deste autor nos poucos libros que leva publicado até o momento e salienta a expectación deste novo título co que mereceu o galardón do Premio Lazarillo, unha obra na que o autor recrea un tema que di “parece interesarle: la presencia del adulto que con su actitud vital ejerce una gran influencia en la formación del joven protagonista”. A seguir, describe a historia que se conta para rematar dicindo que “La novela, muy interesante en la recreación de la historia y en la elección del punto de vista narrativo” esta enriquecida polas ilustracións de Ramón Trigo.

Considera que as historias persoais que configuran esta novela, premio Fundación Caixa Galicia de Literatura Xuvenil 2009, forman unha “urdimbre” como se fose un tapiz e que se estruturan ao redor dun espazo común e nun curto período de tempo. Describe as historias que se narran e delas salienta que encerran unha problemática moi actual: “el terrorismo, la inmigración, la violencia de género la guerra, los efectos...”.


Comeza apuntando que Mil cousas poden pasar. Libro I (2009), de Jacobo Fernández Serrano, obra gañadora do Premio Merlín de Literatura infantil e xuvenil 2009, é unha reescrita por amplificación e especificación das bandas deseñadas que viran a luz en varios números da revista Golfiño e nas que comezara a historia de Pouco e Lina. Precisa que a diéxese do relato se articula na parella namorada e que Lina, a quen a dedica, é trasunto da tía avoa de Fernández Serrano. Apunta que o azar produce un xiro inesperado no devir da historia narrada e un desprazamento físico dos personaxes a outro mundo, paralelo a onde vivían. Afirma que esta parella protagonista une o “nobelo de historias” que están marcadas polo amor, a amizade, a fantasía e a liberdade, entre outros aspectos. Indica que Fernández Serrano tira elementos da mitoloxía clásica e da toponimia galega e que se estabelecen intertextualidades con Lewis Carroll e Tim Burton. Considera que a dualidade caracteriza as estratexias narrativas deste relato como se observa no espaço físico e nas relacións dos personaxes; e que a estrutura aberta permite adiantar a historia e dá coherencia argumental e estilística á multiplicidade de personaxes e situacións engarzados ao longo de todo o relato. Refiere que Fernández Serrano reescribe as súas bandas deseñadas subvertendo trazos de elementos e personaxes cos que se estabelecen intertextualidades para facer unha crítica social e para que o lectorado máis novo reflexione sobre distintos temas. Apunta que Mil cousas poden pasar achega unha lectura visual para o lectorado infantil e xuvenil, e unha textual, para o público adulto. Explica que esta lectura icónica complementa a textual ao achegar datos non presentes no relato e na ampliación intertextual e temática de detalles. Remata cualificando as historias deste relato como “aventuras ocorrrentes, disparatadas e cheas de tenrura, amor e simbolismo”.


Comeza aledándose de que se reeditase novamente en 2009 As laranxas máis laranxas de tôdalas laranxas, de Carlos Casares Mouriño, da que indica o premio que mereceu no ano 1968, ademais de achegar datos de todas as reedicións que tivo a peza teatral. Destaca o valor fundacional e na configuración da literatura infantil e xuvenil galega que tivo a obra e recolle todas as achegas do escritor ourensán á literatura para os máis novos. Indica en que edición se basea o texto reeditado e dá conta das variacións que este presenta a nivel paratextual, ademais de precisar os elementos que se manteñen e a novidade de acoller unha fotografía de Casares. Apunta que as reedicións non manteñen a variante coloquial do galego propio da zona xeográ fica na que se situaba Casares e
opina que a adaptación á normativa vixente do galego fai perder frescura ao texto orixinal. Salienta que a peza constitúe un texto fundacional da literatura dramática en galego e recolle os elementos intertextuais que destaca Blanca-Ana Roig Rechou. Expón os valores que reflicte, a estrutura que presenta e sintetiza o seu argumento. Recolle que existen dous tipos de personaxes, os que son coñecidos polo seu nome e os que o son por algún trazo que os caracteriza. Remata reparando nos bosquexos de figurinos e do decorado xeral creados por Luís Seoane e dá conta dos personaxes que aparecen nas ilustracións.


Destaca esta monografía entre as publicadas por mor da homenaxe no Día das Letras Galegas 2008 a Xosé María Álvarez Blázquez (Tui, 1915-Vigo, 1985). Apunta que na “presentación” do catedrático Anxo Tarrío este lembra que o Departamento de Literatura galega da Universidade de Santiago, “por iniciativa e baixo a responsabilidade” do seu primeiro catedrático de Literatura galega, Ricardo Carballo Calero, desde 1970 se suma a esta efeméride. Precisa que Tarrio refire que aínda que o escritor, editor, arqueólogo e investigador “humanista” Álvarez Blázquez loitou pola “modernización de Galicia”, non tivo homenaxes en vida, enumera brevemente os estudios que conforman esta monografía e achega agradecementos á profesora e pintora Berta Álvarez Cáccamo quen ilustra a monografía. Explica que esta monografía é unha das poucas que atende a obra infantil e xuvenil do escritor tudense e que acolle traballos sobre a Literatura de transmisión oral, e que, se ben atenderá a todos os traballos, se centrará nos referidos directamente á Literatura infantil e xuvenil ou que traten temáticas a ter en conta na conformación destes dous sistemas literarios. Apunta que María Xesús Nogueira se achega temática e esteticamente á poesía do tudense e destaca os elementos que distingue ao analízala, e as características da poesía infantil e xuvenil de Álvarez Blázquez; que Blanca-Ana Roig Rechou estuda polo miúdo as reedicions de Roseira do teu mencer (1950) publicadas en 1992, 1998 e 2007; e que da primeira achega bibliográfica activa e pasiva do tudense que presenta Marta Neira Rodríguez como peche desta monografía hai que destacar que é a primeira bibliografía que dá conta da súa produción infantil e xuvenil e que ademais acolle as antoloxías que a incluíron e a recepción crítica desta producción. Remata salientando que as facetas que amosa esta monografía do tudense permiten coñecer o seu labor cultural e a súa obra e indirectamente a doutros escritores que Álvarez Blázquez deu a coñecer como editor. Considera útil, como complemento desta monografía, consultar a bibliografía achegada por cada estudoso e consultar o Informe de Literatura 2008, para coñecer a recepción que mereceu o tudense no ano que foi homenaxeado no Día das Letras Galegas.

Comeza apuntando que este título temático agocha as temáticas “inocencia infantil, inseguridade ante o descoñecido e superación persoal”. Apunta que neste relato incide nunha situación común na nenez: sentir medo ante xente e cousas que se atopen fóra da súa contorna cotiá, que exemplifica Fina Casalderrey coa actitude de Fiz ante distintos tipos de medo. Refire o uso de onomatopeas e dunha voz narrativa omnisciente. Expón que unha idea da avoa axuda a Fiz a “subverter a angustia que sufría” el, os seus amigos e o resto do mundo. Establece diferenzas entre este relato e Ola, estúpido monstro peludo! (2007) e describe brevemente o argumento de Fiz, o coleccionista de medos. Indica a recreación do mito da caixa de Pandora engadindo as connotacións dun baúl, do cal explica a súa gran significación neste relato. Describe brevemente os trazos máis característicos das ilustracións de Teresa Lima e o que achegan ao relato. Remata salientando que como formas de superación aparecen nesta historia “a unidade, o compañeirismo e o sorriso” e cualificando este relato como “ocorrente e cheo de amizade, simbolismo e esperanza”.


Comeza apuntando que este manual de divulgación teórico-práctica de Antonio García Teijeiro é o resultado de máis de “vinte anos de labor docente e creación poética”. Explica que o título está tomado duns versos de Gabriel Celaya e indica os dous debuxos que reproduce, dedicados por Rafael Alberti e Luis Eduardo Aute, as citas de escritores e poetas que influíen na poesía de García Teijeiro e a dedicatoria persoal inicial. Informa da estrutura do manual e detense nos trazos máis importantes de cada capítulo. Destaca da primeira parte, a definición da poesía como “a alma das palabras” na introdución; as posíbeis finalidades da poesía; a xénese deste manual como axuda para os mediadores ante o traballo na aula; o proceso creativo do seu primeiro poema; a importancia da figura do mediador; a necesidade da poesía no devir cotiá; distintas estratexias para ler poesía na aula; o contactio como unha forma de que a poesía entre na aula e os pasos a seguir para esa entrada da poesía; e da segunda parte, exemplos poéticos propios para traballar coa poesía na aula caso de crear poemas, “o detonante poético” como resposta ao medo que provoca o papel en branco; a festa da palabra; a presenza da poesía na nenez; e o significado do termo “filtrar”. Apunta que o manual se pecha conhas “Chiscadelas poéticas” con recursos para o mediador e a bibliografía empregada. Conclúe que García Teijeiro pretende que o mediador “comparta e reflexione” a súa proposta de “teoría e praxe divulgativas” polo que amosa a súa experiencia como mestre, a súa sensibilidade e amor pola palabra e o ensino, e tamén recolle opinións de escritores e investigadores literarios, recomenda lecturas e acolle creacións poéticas do seu alumnado.


Primeiramente dáse conta da nova etapa desta revista iniciada a partir do n.º 15, na que se reforza a vertente científica e se estabelece unha periodicidade semestral, que acolle textos en galego e portugués que contribúan á formación sobre a escrita para a infancia,
a ilustración, a educación literaria, a promoción da lectura e a formación lectora; ademais de describir as súas diferentes seccións. Despois describense os contidos do n.º 16 que na sección “Perfil” ofrece dous traballos que se achegan a Paulo Cotrim e Agustín Fernández Paz, dous autores recoñecidos na Literatura infantil e xuvenil portuguesa e galega. No primeiro deles, titulado “A palabra ao sabor da imaxe: apontamentos para a leitura da obra de João Paulo Cotrim”, de Ana Margarida Ramos, destácase a “sinergía” que estabelece Paulo Cotrim nas súas obras entre a linguaxe verbal e a pictórica e o carácter innovador e experimental da súa escrita. No segundo, “Agustín Fernández Paz: un clásico contemporáneo da Literatura Infantil e Xuvenil galega”, dice que Blanca-Ana Roig Rechou refirese á obra deste escritor, salientando a súa destacada posición na Literatura infantil e xuvenil galega, mais tamén á súa vida, a través dunha biobibliografía e ofrece unha entrevista co autor. Apúntase que na sección de “Estudos” se recollen sete estudios, tanto teóricos como prácticos, “moi interesantes para investigadores, pero sobre todo para os mediadores en xeral” pois presentan pautas de interpretación de obras e autores, ademais de incidir na formación lectora da nenez e adolescencia. Con respecto aos estudios interpretativos de obras e autores, refírese a “Para onde fogem os amantes mortos”? Revisitacións do mito inesiano en algúna literatura portuguesa de potencial recepción infanto-juvenil”, de Paulo Alexandre, onde se achegan análises temáticas, estilísticas e paratextuais das adaptacións deste mito, feitas por diferentes autores dirixidos tanto a un público infantil como xuvenil; e nas que se tratan os cambios operados na historia mediante os que se consegue a finalidade pedagóxica-didáctica de xeito máis acertado, segundo a idade do lectorado; a “Traición da tradição? Releituras e reescritas contemporáneas de narrativas tradicionais”, de José António Gomes, Ana Margarida Ramos, Sara Reis da Silva, no que se analiza a obra narrativa de Luisa Ducla Soares, centrándose nas diferentes adaptacións de textos tradicionais nos que se salientan os recursos da modernización como as modificacións nas coordenadas cronolóxicas, a deconstrución de estereotipos, a reinterpretación das figuras femininas e as ilustracións futuristas; a “Do medo ao sonho: duas narrativas infantis, uma leitura para adultos”, de Ercília Mara Branca da Cruz Amador, no que se ofrece unha análise histórica, sociolóxica e políticamente comprometida das obras O Ladrão de Palabras e O Gato Karl, de Francisco Duarte Mangas, comparando o significado explícito e o implícito; e a “Literatura Portuguesa para a infancia e humor: para unha análise da comedia literaria en Pergunte aos Vossos Gatos e aos Vossos Çães....”, de Sara Reis da Silva, no que se analiza o emprego da ironía, a sátira social e os xogos de palabras con finalidade humorística en autores como Luisa Ducla Soares, António Torrado, Mário Castrim e Manuel António Pina. En canto a aqueles estudios que inciden na formación lectora, nomea “A Literatura Infantil e Xuvenil ao servicio de la sociedad”, de Blanca-Ana Roig Rechou e “O valor literário e a promoción da leitura”, de Cláudia Sousa Pereira, nos que se reflexiona sobre a importancia da promoción da lectura na nenez e adolescencia, se incide na educación literaria e na sensibilidade estética e artística e na necesidade da formación dos promotores da lectura. Tamén se comenta que se trata a multiculturalidade no traballo de Carina Miguel Figueirido, “A promoción da multiculturalidade en ‘Desejos de Natal’”. Polo que respecta á sección “Prácticas”, indícase que se presentan achegas didácticas en “Mistérios da escrita: ler para desvendar”, de Maria Elisa Sousa, que pretende concienciar sobre a importancia dos textos literarios no proceso lector; e en “Unha experiencia didáctica: a narrativa visual a partir de contos infantís”, de Carmen Franco Vázquez e Marta Neira Rodriguez, na que a partir da análise literaria intratextual, temática, estrutural e estilística de catro contos orais recollidos polos irmáns Grimm e Hans Christian Andersen, se realiza unha creación visual de espazos, escenarios e personaxes con materiais reciclados, que
persegue traballar a educación visual, a imaxinación e a liberdade creativa. Coméntase que na sección “Reler” se presenta o traballo “Viagem e discursos do sagrado em ‘O Anjo de Timor’, de Sophia”, de Ana Vasconcelos, onde se fai unha relectura da obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, centrada en analizar a función simbólica da viaxe; e que en “Recensões e notas críticas”, subdividida en “Livros para criñanzas e jovens” e “Estudos e revistas”, se ofrecen recensións críticas en portugués e galego de obras dos dous sistemas literarios. Finalmente valórase a importancia desta publicación que cobre un “baileiro crítico” e que se une a outras revistas como Ocos, CLIJ ou Lazarillo no marco ibérico que “apostan pola análise da produción de Literatura Infantil e Xuvenil”.


Realízase un percorrido pola historia de OQO Editora, dende a súa creación no ano 2005, e noméanse as súas coleccións. Despois apúntanse as principais características da colección “O. Contos a pedir de boca” e saliéntase a súa achega ao álbum ilustrado, entendido como “artexto” e “caracterizado pola complementación e interdependencia de texto e ilustracións”. A seguir, distingúense nesta colección os títulos que son adaptacións de contos populares daquelas obras de autor “que reescriben os contos populares realizando un exercicio de intertextualidade coa tradición pero cunha finalidade referencial, lúdica, ideolóxica ou humanizadora”. En relación aos primeiros, citanse algunz dos títulos e analízase *Corre, corre cabaxiña* (2006), adaptado por Eva Mejuto. En relación aos segundos, apúntase o seu sentido lúdico ou humanizador e a inversión dos roles estabelecidos, estudados en *Titiritesa* (2007), de Xerardo Quintiá, no que se inverte o rol da muller e se insiere o tema da homosexualidade, e en *Chocolata* (2006), de Marisa Núñez, que fai uso das características das fábulas. Despois noméanse os galardóns alcanzados por algunz títulos da colección, como o Segundo Premio ás Mellores Ilustracións do Ministerio de Cultura, concedido no ano 2006 ao conto *A princesa que bocexaba a todas horas* (2005), ilustrado por Elena Odriozola e escrito por Carmen Gil; a Mención White Raven 2006 e o Premi Llibreter 2006 ao mellor álbum ilustrado para *A cousa que máis doe do mundo*, de Paco Liván e Roger Olmos; a Mención White Raven 2007 d’*A princesa do Caurel*, adaptado por Patacrúa e ilustrado por Javier Solchaga; o Primeiro Premio Internacional do Libro Infantil da Fundación Espace Enfants de Suiza no ano 2007 para *Chocolata* (2006), de Marisa Núñez; o premio de ilustración 2008 no certame premio visual de deseño de libros para *O oso e o corvo*, de Monika Klose con ilustracións de André de Loba; e en 2009 o premio CJ First Picture Book Awards 2008, outorgado pola CJ Culture Foundation, a Juan Darién por *A guerra dos números*. Por último, destácanse os trazos característicos e recorrentes desta colección “que unen a tradición coa modernidade”, como son o uso de recursos da narrativa oral (estruturas repetitivas e acumulativas, fórmulas de inicio, uso do humor, presenza simbólica do número tres, presenza de personaxes arquetípicos), xunto ao emprego “imprecedibel” da ilustración, o xogo coa tipografía e o tamaño da letra e o emprego de diferentes técnicas na ilustración.

**Ferreira Boo, Carmen,** “Pequeña memoria recobrada: libros infantiles del exilio del 39, de Ana Pelegrín, María Victoria Sotomayor y Alberto Urdiales (eds.)”, *Malasartes.*
Descríbese a monografía *Pequeña memoria recobrada: libros infantiles del exilio del 39* (2009), que xunto a María Victoria Sotomayor e Alberto Urdiales, supón o último proxecto en vida da profesora Ana Pelegrín (Arxentina, 1938-Madrid, 2008). Dise que acolle panorámicas xerais e estudos específicos sobre escritores e ilustradores no exilio, que salientan a importancia da súa produción no conxunto da Literatura infantil e xuvenil, dos que se ofrecen uns pequenos apuntamentos. Coméntase que na “Presentación” se explica o contexto de producción dos anos 20-30 e o descoñecemento da Literatura infantil e xuvenil do exilio, debido ao difícil acceso ao material. Expícase que o volume se divide en dúas partes: a primeira acolle “interesantes panorámicas xerais da narrativa, a ilustración e o teatro xunto a propostas máis puntuais e singulares que amosan o estado da investigación e o panorama da Literatura Infantil e Xuvenil do exilio”; e a segunda consiste nun “elaborado e rico catálogo bibliográfico, en formato papel e CD”, estruturado alfabeticamente por autores, título e ano de publicación e dividido en tres etapas históricas, no que se reproducen cunha “calidade excellente” as cubertas, e que rescata obras e autores do exilio. Despois salienta tres das achegas: a primeira, “Una aproximación a los libros infantiles en el exilio español (1939-1977)”, de Ana Pelegrín, supón “unha breve pero encomiábel síntese” da produción española entre 1920 e 1936, na que destaca a renovación pedagóxica, a creación das Misións Pedagóxicas e as achegas de Rafael Dieste ao teatro de guíñol e analiza a produción de Literatura infantil e xuvenil no exilio de escritores españois como Rafael Dieste, Juan Ramón Jiménez, Rafael Alberti, Antonio Robles ou Elena Fortún; a segunda, “La imagen exiliada”, de Alberto Urdiales, trata o tema da ilustración e a súa importancia na Literatura para os máis novos coa súa importancia na produción de libros infantiles e xuveniles, cunha análise de pintores, ilustradores e outros artistas exiliados, como Alfonso Rodríguez Castelao que ilustrou volumes da “Biblioteca Billiken” da editorial Atlántida, Uxio Fernández Granell, Luís Seoane e Manuel Colmeiro; e a terceira, “Memorias dun neno labrego y la obra de Xosé Neira Vilas”, de Blanca-Ana Roig, analiza a importancia dos emigrados galegos á América na configuración do sistema literario infanto-xuvenil galego, centrándose na figura de Neira Vilas e na análise das características máis salientábeis de *Memorias dun neno labrego* como os paratextos, o protagonista Balbino, a súa finalidade crítica e reivindicativa, a estrutura en forma de memorias, a técnica realista ou o seu éxito, que levan á investigadora a considerar o autor como o primeiro clásico do sistema literario infantil e xuvenil galego. Por último, saliéntase o interese deste monográfico para os investigadores, pois abre novas vías de investigación e permite coñecer e recuperar un material esquecido ou silenciado para trazar a historia da Literatura infantil e xuvenil de España.


Despois de apuntar que María Victoria Moreno Márquez (Valencia de Alcántara-Cáceres, 1941-Pontevedra, 2005) é considerada un clásico da Literatura infantil e xuvenil galega e de trazar unha pequena biografía da autora, na que se destaca o seu compromiso con lingua e cultura galega, sobre todo a través do ensino, suxírese unha relectura de *Mar adiante*, considerada unha das obras fundacionais da Literatura infantil...
e xuvenil galega, publicada por primeira vez en 1973 e reeditada en 2009. Apúntase brevemente o contexto socio-político-cultural dos anos 70 en Galicia, no que se destaca ademais da importancia dos axentes sociais e culturais para o recoñecemento da lingua e a cultura galegas, a necesidade de dotar os mestres de materiais para o ensino do galego e de escribir obras de literatura infantil para promover a lectura en galego. Coméntase o argumento desta obra, os temas tratados (o amor polos animais e a natureza e a preocupación polo mundo do ensino) e as súas estratexias narrativas, como o emprego da historia marco con historias secundarias “á maneira dos contos tradicionais”, caso da historia da traballadora Mariquiña, que é “un exercicio de hipertextualidade con Carrapuchiña vermella” na ambientación e no inicio, mais racha co tipo popular do lobo para inculcar amor cara aos animais. Finalmente, fai unha análise comparativa dos paratextos das diferentes edicións (1973, 1986 e 2009), na que se repara nos cambios máis significativos que teñen que ver sobre todo coas ilustracións, realizadas respectfully por Carmen Arias, Araceli Liste e Manuel Uhía; co subtítulo eliminado a partir da 2ª edición; coa editorial (Ediciós do Castro e Edicións Xerais de Galicia); e co poema-dedicatoria inicial, engadido a partir da 2ª edición.


Fai un repaso polo programa do 32º Congreso do IBBY que se celebrarán entre o 8 e 12 de setembro en Santiago de Compostela. Primeiramente reflexiónase sobre a súa temática: a forza das minorías no mundo da Literatura infantil e xuvenil, a súa defensa identitaria e o dereito de acceso ao mundo dos libros. Indícase que os debates trataran de cómo as situacións de minoría impactan na nenez e como se reflicte na Literatura infantil e xuvenil, reivindicando a súa importancia e os valores de respecto, pluralidade, convivencia e tolerancia. Tamén se nomean as entidades que organizan, patrocinan e colaboran neste Congreso. A seguir dáse conta das actividades, conferencias plenarias, temáticas das sete mesas redondas, comunicacións, obradoiros e encontros profesionais que se desenvolverán e indicase que se entregarán os premios Hans Christian Andersen ao autor británico David Almond e á ilustradora alemá Jutta Bauer e os premios IBBY-Asahi. Entre os ponentes das conferencias plenarias salientan a escritora brasileña Lygia Bojunga, Teresa Colomer e o escritor galego Manuel Rivas; nas mesas redondas indicase que na titulada “Centros de Investigación y Promoción de la Lectura”, coordinada por Pedro Cerrillo, participará Blanca-Ana Roig; e nos obradoiros Eva Mejuto. Por último, coméntase a organización de exposicións, visitas e concertos dirixidos aos participantes, e animase á participación.

**García López, José Ángel, “Apuntamentos sobre a lírica de Emilio Pita”, Raigame. Revista de arte, cultura e tradiciones populares, n.º 32, maio 2010, pp. 14-27.**

Tras uns apuntamentos referidos á biografía do escritor Emilio Pita Robelo (A Coruña, 1910-Bos Aires, 1981) –nacemento na Coruña nunha familia de escasos medios, emigración a Bos Aires, formación en Economía e Comercio, interese polos estudios musicais, dedicación á poesía e morte na capital arxentina–, García López detense nas ideas fundamentais que conforman a súa poética e no seu pensamento sobre a lingua galega coa intención de explicar os alicerces da súa produción, integrada por cento
sesenta poemas, a maioría deles publicados nos cinco libros que deu ao prelo en vida: *Jacobusland* (1942), *Cantigas de nenos* (1944), *Os relembros. As cantigas* (1959), *O ronsel verdegal* (1964) e *Serán* (1974). Repasando as súas declaracións en diferentes medios, sinala que a esencia da súa lírica radica nunha constante procura sen límites espaciais ou temporais, na súa unión e identificación co mundo sensíbel e a dimensión telúrica, na musicalidade, na liña practicada por Luís Amado Carballo e Eduardo Pondal e presente na lírica medieval, e na súa fidelidade á lingua galega, entendida como elemento definidor da identidade nacional, cunha decidida actitude sociolingüística. A seguir, apoíándose na bibliografía existente, pon de relevo a estética, os modelos literarios e os fíos fundamentais que sustentan a obra de Pita, apuntando entre eles a súa vinculación co vangardismo, imaxinismo e neotrobadorismo, a presenza dun fondo tradicional e folclórico e a dimensión íntima do suxeito poético. Achega a interpretación de *Jacobusland*, considerado o primeiro gran libro galego da posguerra, entendéndoo como un poemario de clara intención cívica, reparando na orde nada gratuíta das composicións, o cal o irmanda ao seu ver coa tradición reivindicativa de Manuel Curros Enríquez e Ramón Cabanillas, co celtismo de Pondal e a épica de Florencio Vaamonde Lores. Conclúe afirmando que “a contribución de Emilio Pita á cultura galega posue calidades expresivas e elementos de interese abondos, o que xustifica a importancia do seu corpus literario e mais a pertinencia de futuros estudos arredor da produción lírica deste autor”.


Achega ao relato *A noite das filantes* (2009), de Xabier P. Docampo e Xosé Cobas, do que se sinala que segue unha liña que vén sendo moi habitual na colaboración de ambos creadores. Apúntase que na obra se estabelece un claro xogo de intertextualidade coa obra canónica *O Principiño*, de Antoine de Saint-Exupéry, especialmente pola busca permanente do individuo fronte á immensidade do universo, a soidade dun neno e os espazos de liberdade, elementos que Docampo emprega para deconstruír e reinterpretar dende o seu propio estilo, marcado pola mestura do cotián co imaxinario. Explicase que no relato se presenta un neno sobrenatural capaz de descifrar os signos do universo, entre os que figura unha estrela fugaz, que o autor prefire denominar “filante” partindo da palabra en francés, e que dará paso á imaxinación e á aparición de lugares máxicos ao adoptar múltiples formas, aínda que ningunha delas é igual que a que está nas mans do neno sobrenatural. Remata referíndose á peculiar sintaxe da obra, as reviravoltas hermenéuticas postas ao servizo do misticismo cheo de imaxes e metáforas, que toman forma nas ilustracións de Cobas, cunha atmosfera suxestiva e chea de sentimento.


“Achegándonos á aula”, céntrase na figura de Rosalía, en especial nos seus *Cantares Gallegos* e nas diferentes versións do poema “Airiños, airiños, aires”. Analiza, así pois, as versións compostas polos grupos Resonet, Los Tamara, Amancio Prada e as Pandeireteiras de Baio e Astarot. Remata cunhas conclusións sobre a súa análise.


Saliéntase que Enrique Vázquez Pita mestura ficción e realidade na novela histórica *Sansón Troleyro. Estudante de pan e sardiña* (2009), ambientada na cidade de Santiago de Compostela do século XVII e protagonizada por un fidalgo do condado de Gondomar alucinado “estudante de pan e sardiña” pola súa falta de recursos económicos. Sobre a súa estrutura coméntase que se distinguen tres partes centradas no presente, pasado e futuro do protagonista respectivamente. Coméntase que na primeira parte se atopan as escenas máis rocambolescas e humorísticas, mentres que na segunda se abre unha paréntese de reflexión e, xa na última, recupérase o ritmo na narración dos acontecementos. Ao mesmo tempo sinálase que o remate ten un carácter aberto, xa que se anuncia unha triloxía sobre as andainas de Sansón Troleyro, cualificado como un antiheroe feito a si mesmo. Deste xeito, conclúese que se pode considerar unha novela de superación persoal cun transfondo de denuncia social que revisa o pasado histórico.


Recórdase *Memorias dun neno labrego* (Arxentina, 1961), de Xosé Neira Vilas, con motivo da tradución ao castelán realizada en 2009 por parte da editorial Kalandraka. Tras lembrarse a súa importancia como primeira obra ambivalente que se publicou en galego, saliéntase a calidade desta edición, con especial incidencia no valor artístico das ilustracións de Xosé Cobas. Como remate, alúdese aos seus compoñentes autobiográficoss e á súa continuidade en *Cartas a Lelo* (1971) e *Aqueles anos do Moncho* (1977), que deron lugar ao denominado “Ciclo do neno”.


Inicialmente saliéntase a importancia que tivo o Premio Merlín polo seu labor canonizador no sistema literario infantil e xuvenil galego e pola revitalización da creación, así como a traxectoria de Jacobo Fernández Serrano no eido da ilustración e do cómic. A seguir, céntrase na obra galardoada na edición de 2009: *Mil cousas poden pasar. Libro I*. Unha vez estabelecidos os antecedentes desta novela de aventuras, procede a describir a súa estrutura, baseada en tres partes (“Lina e Pouco”, “A viaxe de ida” e “A morte, o mar, a praia”) e en dous escenarios, entrecetidos a través das accións dos personaxes. Asemade, analízase a posición do narrador e as numerosas
alusións directas ao lectorado, un recurso que se considera axeitado para promover a intriga e a reflexión. Do mesmo xeito, obsérvanse como características esenciais a fluidez con que transcorre a acción e a abondosa cantidade de personaxes. Por último, achégase un breve resume do argumento e destácase, tanto da linguaxe do texto como das imaxes realizadas polo propio autor, a súa calidade estética e expresiva.


Trata a décimo terceira edición do festival Viñetas do Atlántico de Banda Deseñada da Coruña, celebrado anualmente desde 1998. Comeza coa mención dos codirectores do festival, Miguelanxo Prado e Carlos Portela, para despois salientar a exposición principal do festival, a cargo de Prado, comisariada polo seu editor, Dennis Kitchen. Sinala a seguir as catro exposicións temáticas incluídas no festival: “Cidades Mergulladas”, “Esqueletos”, “O Cómic de Prensa nos EE.UU.: un paseo polo século XX” e a que xirou ao redor do labor da editorial compostelá El Patito e a súa revista Galimatias. Subliña a presenza de autores como Carlos Pacheco -quen expuxo algúns dos seus traballos para os cómics de Superman e Iron Man, xunto a algunhas das súas ilustracións para Arrowsmith, cómic publicado en España en Norma Editorial- ou Raule & Roger, quen mostraron as súas ilustracións de Jazz Maynard (Diábolo). Nun apartado intitulado “Novidades e expectación”, sinala a presenza no festival do autor e autora franceses Émile Bravo e Camille Jourdi, coas súas respectivas obras Diario de un ingenuo e a trilogía Rosalie Blum; do ilustrador Dave McKean e do guionista Neil Gaiman, autor de Señal y ruido e Mr Punch. Comenta asemade a exposición comisariada por Jaume Vaquer, sobre os clásicos de prensa, xunto á de Víctor Rivas e Dani Montero, merecente este último do V Premio Castelao da Deputación de A Coruña por Sen Mirar Atrás. No seguinte apartado, “Escasa aposta editorial”, salienta o espazo Rúa de Banda Deseñada, no que diversas editoriais presentan as súas novidades. Destaca os proxectos de Demo Editorial, dirixida por Manel Cráneo; Cerditos de Guinea, dirixida por Gochi; Faktoria K, que presentou O Burato do Inferno, de José Manuel e Ramón Trigo e Luís vai á pravia, de Guy Delisle; El Patito Editorial, que presentou Loberizo, de DasPastoras e Carapuchiña Vermella, ilustrado por Víctor Rivas e Polaqia, que presentou a súa revista Barsowia. Menciona ademais os concursos celebrados de cosplay, nos que a xente se disfraza de personaxes de cómic ou manga, así como o bo nivel de venda do que gozou este espazo editorial.


Analiza a produción de traducións de obras doutras linguas ao galego ao longo do ano 2008. Destaca as iniciativas levadas a cabo durante ese período, como son a presenza de Galicia nas principais citas editoriais europeas e iberoamericanas, o acordo entre o PEN Clube de escritores de Galicia e a Secretaría Xeral de Política Lingüística ou a aparición da Axencia Literaria Galega, que conseguiron aumentar o número de traducións á lingua galega. Comenta os éxitos editoriais estabelecendo distintos apartados e, no referido á Literatura infantil e xuvenil, repasa a produción das distintas editoriais e sinala a importancia dos premios como aval que garante o éxito das obras. Pecha cun listado das obras traducidas, clasificadas segundo o seu xénero.

Realízase unha reflexión sobre as aventuras de piraterías na Literatura xuvenil española, e de como esta figura representa a liberdade de xeito diferente en cada época da historia, ofrecendo ademais ao lector a visión de tempos e emprazamentos afastados, co que se favorece o contraste coa propia cultura. A modo de exemplificación do exposto, nun primeiro apartado faise un breve percorrido por algunhas das obras máis coñecidas, como as de Verne, Stevenson ou Salgari. A continuación, no segundo apartado, describese o argumento de dúas obras ambientadas na Costa da Morte, Bala Perdida (1996), de Manuel Rivas, e Aún quedan piratas en la Costa da Morte (1994), de Consuelo Jiménez de Cisneros. Con respecto á primeira delas, defínese como humorística, aínda que dotada dun estilo poético, para finalmente salientar a obra por tratar con mestria unha mestura entre historia e ficción na que asemade se poden estudar certas intertextualidades.


A partir da convicción de que a fotografía dixital é unha tecnoloxía moi contemporánea e motivadora para os nenos e nenas da sociedade actual na súa formación integral como persoas, describese a experiencia artística de animación á lectura a través desta técnica, amosando as peculiaridades da cámara fotográfica nun obradoiro de ilustración para os máis pequenos. Explícase que o proceso de aprendizaxe consta de tres fases diferenciadas, nas que a primeira consiste nunha análise literaria e artística do álbum ilustrado Manu (2001), escrito por Irene Pérez Pintos e ilustrado por Ramón Trigo, no que se narran as peripecias que vive o protagonista a partir dun feito real: os consellos que lle dá súa nai pero que el transforma a partir da súa imaxinación infantil. Explica que a función do texto vai máis alá da didáctica formativa, ao inculcar valores como a obediencia, aínda que sen moralina; que a obra está cargada de humor; e que recorre á sinxeleza lingüística. Tamén sinala que as ilustracións teñen un gran colorido, estilo figurativo e diferentes puntos de vista, o que lle imprime un grande interese e atractivo para os máis novos. En segundo lugar explica que é preciso facer unha lectura visual e textual da obra cos nenos e, para finalizar, na terceira fase os participantes, sempre contando co apoio do mediador, teñen que involucrarse na realización das ilustracións por medio da fotografía dixital.


A tradución da primeira entrega dunha serie brasileira é aproveitada para reclamar un diálogo máis fluido do sistema literario galego coa lusofonía. A seguir cêntrase en
Poderosa. Diario dunha rapaza que tiña o mundo na man (2008), de Sérgio Klein, primeiro título deste autor brasileiro, do que se salienta a calidade literaria e a excelente recepción que tivo no seu país, onde foi finalista do Prémio Jabuti 2006. Expícase que, malia as expectativas suxestionadas polo título, é unha novela dirixida ao público adolescente, pero de interese para o público en xeral, tanto pola temática tratada coma pola perspectiva adoptada pola narradora. Do contido destácase que trata as experiencias e vivencias de Joana Dalva, unha moza de trece anos que busca o seu lugar, enfrontándose á vida con valentía e sentido crítico, o que lle confire unha madureza maior do que sería de agardar para a súa idade. Sinálase que a acción se centra na contorna familiar, onde sofre polos constantes enfrontamentos entre os seus pais e a enfermidade que padece a súa avoa; e a contorna escolar, onde analiza as relacións e caracteres dos seus iguais, á vez que vive as primeiras experiencias amorosas. Considérase un dos elementos máis relevantes da obra a visión crítica coa que se analizan elementos como a hipocrisía social, as aparencias, o poder exercido polos medios de comunicación ou a visibilidade da literatura de consumo, fronte á indiferencia pola literatura de calidade. Expícase que todos estes problemas, propios da adolescencia, son superados pola fantasía que demostra a protagonista, ainda que non por iso chega a perderse a verosimilitude da novela.


Nota na que se convida ao lectorado a achegarse á lectura dalgunhas obras de Jules Verne, reeditadas na colección “Xabaril”, de Edicións Xerais de Galicia. Critícase a falta de traducións de autores clásicos en lingua galega e a súa tardía entrada no sistema literario xuvenil, arrastradas polas demandas da institución escolar, o aumento de empresas editoras e o apoio institucional á tradución. Sitúanse nesa liña as primeiras traducións das novelas de Verne e repásanse os diferentes títulos que dende 1983 viron a luz nesta colección. Describense as características paratextuais da primeira edición da colección e a seguir detense na reedición das obras publicadas vinte e cinco anos despois, en 2008, cun deseño e formato totalmente renovados e modernizados. Percórrense algúns dos cambios que presenta a nova edición, como a desaparición da introdución, a contextualización da obra e a xustificación do proceso de tradución. Considérase que deste modo se abre o espectro de potencial lectorado cara a un público máis amplo, nunha colección sem marcas etarias e situada na denominada “literatura de fronteira”. Remátase felicitando a iniciativa de Edicións Xerais de Galicia.


Do relato A profesora Ripaldi (2009), de María Alcañiz Lorenzo, comeza sinalando que é unha historia tinguida polo misterio, a intrig, o xogo de perspectivas e temporalidades, no que os mundos paralelos serven de marco á trama. A seguir explica a estrutura e o xogo de voces narrativas a través das que se narran as vivencias da protagonista, Sarita Palodi, unha investigadora obsesionada polo traballo. Salienta o
recurso á presentación da realidade paralela como materia onírica, o que acentúa a incredulidade e o cuestionamento. Considera un acerto a dosificación da información que fai o narrador por incrementar o interese do lectorado en descubrir respostas a cuestións de gran relevancia para a comprensión do texto, como a identidade do propio narrador. Salienta as referencias culturais empregadas polo narrador, moitas delas aclaradas en notas á pé de páxina para favorecer o interese do potencial lectorado por elementos culturais ou personalidades, personaxes literarios e grupos de música actuais. Do estilo sinala a importancia das notas aclaratorias, a habelencia no tratamento da linguaxe e as indicacións dadas ao lectorado, ao que se anima a buscar máis información en fontes como a Internet ou en obras de carácter xeral. Do mesmo modo tamén destaca a presenza de elementos identitarios, a metarreferencialidade á ficción científica, ás súas convencións e temáticas máis queridas, a simboloxía dos soños e o emprego de neoloxismos.


Describese o volume monográfico A poesía infantil no século XXI (2000-2008), coordinado por Blanca-Ana Roig, Isabel Soto López e Marta Neira Rodríguez que, segundo se indica, é resultado do labor que vén desenvolvendo a Rede Temática “As Literaturas Infantís e Xuvenís do Marco Ibérico” (LIXMI) dende 2004 para promover e dar a coñecer o estudio das diferentes literaturas infantís e xuvenís integradas no marco ibérico. Dice que se centra no estudo do desenvolvemento da poesía infantil e xuvenil nos últimos anos e que ofrece aos mediadores (docentes, animadores á lectura, investigadores) unha actualización do estado da cuestión nas diferentes literaturas ibéricas e un estudo de textos seleccionados. Indícase que tras a introdución do equipo redactor, no que se adiantan os contidos do volume, Pedro C. Cerrillo ofrece un estudo teórico no que, baseándose na teoría historicista, desenvolve o concepto de poesía lírica e a importancia destes textos no ámbito escolar. Destácase que a obra posúe carácter plurilingüe, coa excepción da lingua vasca, que é a única que vai acompañada da súa tradución, e que deste xeito aparece cada unha das panorámicas escritas na súa língua orixinal por investigadores como Jesús Díaz Armas, do ámbito castelán; Caterina Valriu, do ámbito catalán, e, por último, Manu López Gaseni e Xabier Etxaniz, do ámbito vasco. Deseguido dise que se inclúen tamén análises como a da poesía alemá, realizado por Veljka Ruzicka Kenfél, na cal se fai un resumo histórico desta lírica, a de Vera Teixeira de Aguiar que repasa as tendencias máis representativas da poesía infantil brasileira e que se pecha este apartado coa introdución á poesía infantil inglesa, de Celia Vázquez García, na que se repasan aspectos de autores incluídos en antoloxías ou daqueles considerados clássicos no ámbito británico. Pásase a continuación, segundo se comenta, aos ámbitos galego e portugués, e sinálase que baixo o título de “A poesía infantil no século XXI en Galicia”, Blanca-Ana Roig-Rechou, Eulalia Agrelo Costas e Marta Neira Rodríguez ofrecen abondosos datos cuantitativos da produción poética infantil e xuvenil galega do século XXI, en comparación coa produción narrativa e en relación á súa autoría xenérica. Indícase que se repasa o desenvolvemento desta producción, encadrándoa en catro modalidades: “poesía é xogo”, “poesía é música”, “poesía é conto” e “poesía é maxia”, e que se comenta en cada grupo o canon potencial e ofrecese un canon selectivo. Dise logo que se aborda a obra de autores e autoras de
gran prestigio no corpus poético infantil e xuvenil galego actual como Antonio García Teijeiro, Antón Cortizas, Gloria Sánchez, Xoán Babarro e Helena Villar Janeiro. Tamén se di que se reproduce un estudo no cal Mª Jesús Agra, Carmen Franco e José Mª Mesías comentan as principais tendencias da ilustración inserida nos poemarios publicados en Galicia durante o período estudiado, reflexionando ao mesmo tempo sobre as potencialidades dos talleres de ilustración e poesía para sensibilizar o lectorado infantil e xuvenil. Refírese despois a un estudo de Mª Jesús Agra, Carmen Franco e José Mª Mesías que se dedican a analizar as tendencias da ilustración e poesía en Galicia durante o período estudado, reflexionando ao mesmo tempo sobre as potencialidades dos talleres de ilustración e poesía para sensibilizar o lectorado infantil e xuvenil. Estos estudios se centran en autores como Antonio García Teijeiro, Antón Cortizas, Gloria Sánchez, Xoán Babarro e Helena Villar Janeiro. Tamén se menciona que se reproduce un estudo de Mª Jesús Agra, Carmen Franco e José Mª Mesías que comentan as principais tendencias da ilustración e poesía en Galicia durante o período estudado, reflexionando ao mesmo tiempo sobre as potencialidades dos talleres de ilustración e poesía para sensibilizar o lectorado infantil e xuvenil. Estes estudios se centran en autores como Antonio García Teijeiro, Antón Cortizas, Gloria Sánchez, Xoán Babarro e Helena Villar Janeiro.


Comeza chamando a atención sobre a relevancia que teñen acadado os Encontros Luso-Galaico-Franceses do Livro Infantil e Juvenil como foro de debate e reflexión sobre a literatura para os máis novos, así como nicho de publicacións científicas de interese para investigadores e mediadores, como demostra esta mesma obra. Salienta a complementariedade dos traballos incluídos no volume e, seguindo a estrutura que presenta, debulha os contidos que se recollen baixo os epígrafes: “Estudos sobre Literatura e Memória”, que contén estudos teóricos e panorámicos dos representantes de cada ámbito lingüístico; “A escrita da memória”, que reproduce as conversas e reflexións dos escritores An Alfaya, Agustín Fernández Paz e António Torrado; “A Edición”, no que editores de cada un dos ámbitos falan dos seus proxectos e de cómo foi enfocado o tratamento da memoria nalgunas das obras que publicaron; “Experiências de Promoção da Leitura”, en que os mediadores achegan datos sobre os proxectos que levaron a cabo fundamentalmente en bibliotecas; e, por último, “Espaços de Formación”, no que se recollen aquelas actividades vinculadas coa formación de mediadores, tanto dende o punto de vista práctico (talleres), coma teórico, priorizando pautas e reflexións sobre estas prácticas. A seguir detense en cada un dos apartados e nos contidos que presentan, contrastando a evolución no sistema portugués coa que se pon de manifiesto no galego, que seguiron vías diferentes derivadas das circunstancias históricas ás que se viron sometidos, e que no caso portugués constata a revalorización da memoria histórica como fenómeno contemporáneo, moitas veces máis como afán pedagóxico ca literario, mentres que no galego a LIX se considera un elemento fundamental para a recuperación da memoria histórica e o achegamento a feitos que inciden aínda na actualidade, evitando o esquecemento e a perda da identidade. Sobre a participación dos creadores explica que An Alfaya insistiu na grande influencia de Agustín Fernández Paz, ao que considera un autor de referencia e un dos que máis ten tratado esta temática, mentres...
que ambos creadores se referiron a elementos recorrentes, como as sombras, símbolos que identifican co seu afán por loitar contra o esquecemento e a desmemoria. Dos editores, despois de deterse nas reflexións de José Oliveira, da Editorial Caminho, explica que a galega Ánxela Gracián, de Sotelo Blanco Edicións, insistiu na importancia do editor como lector especializado e responsábel de suscitar novas ideas, o que non se constata no repaso pola Literatura infantil e xuvenil galega até o momento. Por último, dos traballos de promoción da lectura, explica as contribucións de diferentes mediadores, como Concha Costas, presidenta de Espazo Lectura; e as prácticas e ferramentas pedagóxicas, nas que se inclúen talleres de creación, reflexións sobre as actividades de promoción da lectura entre os adolescentes, as achegas sobre o concepto de “memoria colectiva” e as diferentes lecturas e versións que dende o século XII coñeceu a figura do Preste Xoán. Remata salientando a importancia de obras como esta para o mellor desenvolvemento do labor dos mediadores entre o libro e a lectura e a importancia do diálogo e o intercambio entre diferentes literaturas.


Recensión do volume monográfico *A Memória nos Livros: História e histórias* (2009), coordinada por investigadores portugueses e galegos, cuxos traballos tiveron a súa orixe nos Encontros Luso-Galaico-Franceses do Livro Infantil e Juvenil celebrados en 2008. Explica que a temática central da obra é o tratamento da memoria histórica nas literaturas infantís e xuvenís portuguesa, galega e francesa, o que favorece unha lectura comparativa a través das diversas análises propostas, abordadas dende perspectivas metodolóxicas e teóricas complementarias, que se enriquecen coas reflexións críticas de creadores, editores e mesmo mediadores. Explicase a organización interna da obra, na que se identifican cinco bloques: “Estudos sobre Literatura e Memória”, no que se recollen estudos teóricos e panorámicas de cada ámbito lingüístico; “A escrita da memória”, no que se reproducen as conversas cos creadores participantes; “A Edición”, no que se presentan proxectos de diferentes editores; “Experiencias de Promoción da Leitura”, no que os mediadores proporcionan datos sobre proxectos en bibliotecas; e, por último, “Espaços de Formación”, no que se recollen propostas vinculadas á formación dos mediadores. Centra-se con detalle nos contidos de cada un destes apartados, describindo que no referido á literatura galega se inclúe a panorámica “A memoria histórica a través da LIX en galego”, de Blanca-Ana Roig Rechou, Eulalia Agrelo Costas, Isabel Mociño González, Marta Neira Rodríguez e Celia Vázquez García, na que analizan como se fixo memoria histórica a través da literatura dirixida á infancia e xuventude galega até a actualidade. Continúa coas entrevistas de Miguel Vázquez Freire á escritora galega An Alfaya, “Os libros/As palabras da memoria”, na que reflexiona sobre o tratamento da guerra civil, tanto na súa obra coma noutras do sistema literario galego, en especial de Agustín Fernández, autor que protagoniza a conversa con Isabel Soto e Xavier Senín, “A escrita da memoria”, na que responde a cuestións sobre as diferentes perspectivas e connotacións que presenta a memoria nas súas obras, así como a importancia na transmisión de valores da memoria colectiva e do pasado en xeral. Canto á edición explicase que se reproduce a intervención de Ánxela Gracián, quen en “Guerra civil. LIX e edición”, salienta as debilidades do papel do editor e do sistema editorial neste eido. Por último, tamén se recolle a intervención de
Concha Costas, presidenta de Espazo Lectura, que en “Espazo Lectura: ler, contar, dinamizar”, describe as actividades levadas a cabo pola asociación que preside e que se centran na promoción da lectura; de Elena Gálkina que en “Narración e vida na memoria” reflexiona sobre a profunda crise actual entre a sociedade e a escola; e de Alexia Dotras Bravo e Ana Belén Chimeno del Campo que en “Unha lenda medieval a través da imaxe: distorsión histórica na actualidade” repasan as lecturas e versións que dende o século XII se coñecen do Preste Xoán. Remata chamando a atención sobre o enfoque multidisplinar e multilingüístico da obra, o seu interese para os mediadores e a súa concepción de ferramenta indispensábel sobre esta temática.


Pártense dunha breve introdución na que se destaca o pouco tratamento do que foi obxecto a Literatura infantil e xuvenil galega dende o punto de vista das teorías feministas. Despois analízanse dúas obras, dirixidas aos máis novos e que tratan o conflicto bélico da Guerra civil español, para ver como os autores presentan as actuacións activas ou pasivas dos personaxes femininos. Trátase d’*A sombra descalza* (2006), de An Alfaya, e de *Corredores de sombra* (2006), de Agustín Fernández Paz.


Despois de sinalear os títulos cos que Carlos Negro se ten aproximado á Literatura institucionalizada ou de adultos, infórmase da publicación de *Makinaria* (2009), primeira achega do autor á Literatura infantil e xuvenil. Dáse conta polo miúdo das partes en que está divido este poemario e debúllase o seu contido sinalando os temas tratados. Despois de sinalear que a linguaxe empregada é moi próxima ao lectorado ao que se dirixe, destacácase o glosario que acompaña *Makinaria* e o texto de Rosa Aneiros co que se pecha. Finalmente, dice que, “malia que pode resultar nalgún momento demasiado adoutrinante” e mesmo alleeo a determinado tipo de lectorado, é un texto que se debe valorar aínda máis se se coñece a orixe da súa xestación.


Critícase que, dos cinco espectáculos programados para o público infantil e xuvenil, ningun parte dunha obra dramática galega para estes grupos de idade. Sinálase que o abano de idade dos seis aos once anos foi o que contou con maior número de representacións e coas máis novas, como *Botazz! O swing do jazz*, de producións Galitoon. Menciónanse as pezas *La casa del abuelo*, da compañía La Roux, e *Mensaxe sen botella*, de Caramuxo Teatro, por seren espectáculos que priman unha fonda mirada sobre o mundo. Coméntase que, para o público máis novo, Títeres Trompicallo creou *O día que chegou unha nube e choveu* e, para o público xuvenil, presentouse
Frankenstein, de Ghazafellos. Censúrase que as propostas estean orientadas principalmente cara o público entre seis e once anos, que se adopten recursos recorrentes como o humor e que se ignore que a normalización se mida a través da relación entre textos publicados e representacións.


Tras unha brevísimana “semblanza” biográfica, analízase a produción literaria de Agustín Fernández Paz a través de seis palabras: “Tradición”, sobre a que sinala que Fernández Paz se insire conscientemente no contexto cultural galego e que o reivindica, atopando inspiración en Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, Ramón Otero Pedrayo, Álvaro Cunqueiro e Xosé Luís Méndez Ferrín e empregando a Literatura infantil e xuvenil como elemento normalizador da lingua galega; “Reivindicación”, no senso de defensa da existencia e da necesidade da literatura xuvenil para a formación lectora, ofrecendo ao lectorado infantil e xuvenil novas lecturas ao inserir nas súas obras referenciais a autores clásicos como Jules Verne, Gianni Rodari, Roal Dahl e Robert Louis Stevenson; “Renovación”, palabra que Pena Presas emprega para falar de novas temáticas, formas e figuras na obra de Fernández Paz e do papel relevante das mozas; “Misterio”, elemento que a articulista considera fundamental nas súas ficcións, e do que apunta que se mestura, en ocasións, co terror e a ciencia-ficción. Tamén apunta que, despois de configurar espazos e atmosferas de aparente tranquilidade, se converte, de cando en vez, en punto de partida doutras temáticas como a ecoloxía ou a importancia da memoria; “Amor”, entendido tanto como o sentimento case puro no camiño cara á adolescencia coma as complicacións do sentir adulto; e, finalmente, “Premios”, palabra que utiliza para salientar que Fernández Paz é un dos autores máis premiados da literatura galega, e que acadou todos os galardóns importantes da Literatura infantil e xuvenil.


Considera que as bategadas da crise e os recortes do apoio do goberno autonómico á industrial cultura galega poñen máis pedras nun camiño, xa de si enlamado polos
ataques á materia prima da que se nutre, o galego. Así, comaña que mesmo a prosa de ficción, o eido máis cultivado polas editoriais, vai ao ralentí. Apunta que é na Literatura infantil e xuvenil onde menos se nota o descenso de traballos dos publicados e aproximase ás seguintes obras: Un can no piso, de Fina Casalderrey; Un pito de campionato; de María Canosa; Obradoiro de corazóns e A vella lulula, de Ogo; Contos para nenos que dormen de segunda, de Pinto & Chinto. Pola súa banda, comaña que Faktoria K vén de traducir unha das últimas producións da literatura infantil e xuvenil vasca, As historias da avoa Catarina, e vai publicar unha das obras literarias máis antigas da literatura francesa, Historias de Mestre Raposé: Le roman de Renart. Engade que tamén saberemos das andanzas en varias entregas da pega Rodribico, con texto de Manuel Guisande e ilustracións de Xosé Tomás, ademais de poder ler un novo conto de Miguel Vázquez Freire, Xurxiño quere ser, e unha nova obra dirixida non só ao público máis novo de Xosé María Álvarez Cáccamo, Un home impuntual. Para os rapaces máis medrados, anuncia Xenaro e a hucha do indiano, de Mar Guarda; e Amar unha serea, de Xosé Henrique Ribadulla Corcón. No limiar da adolescencia, a partir dos doce anos, sitúa Brais e os demais, de Manuel Darriba; e Ninguén nace antetempo..., de David Vázquez, e para o público xuvenil: Menú de enganos, de X. M. Núñez Singala; e O segredo de Marco Polo, de Francisco Castro. Indica que a escrita dramática, nas estremas menos abundantes da industria editorial, nos sorprende con varios títulos: Canibalismo, de Marcos Abalde; Flores de Dunsiname, coa que Manuel Lourenzo mereceu o Álvaro Cunqueiro; Sopa de xarope de amor, de Xosé Antonio Neira Cruz dirixida para o público máis novo; Labyrinthus, de Xosé Lois García, e Catro pezas, de Caryl Churchill. Nos eidos do cómic, destaca a tradución dun Marvel ao galego, Loberzno, a través do traballo de D’AS Pastoras; e a saída do prelo de Stratos, de Miguelanxo Prado e Golfiño e os invasores, de Fausto Isorna. Pecha manifestando que, máis a colleita vir escasa, non por iso ha ser o froito menos gorentoso.


Comenta que neste outono as editoriais galegas deixan de publicar, debido a que están nunha situación agónica marcada pola caída de vendas e a que a Xunta de Galicia ainda non asinou coas empresas editoriais o contrato para a compra de libros que abastecen as bibliotecas coas novidades do ano anterior. Malia esta situación, sínalá que o sector resiste e faiar eco das publicacións deste comezo de curso nos diferentes xéneros da literatura de adultos e da literatura xuvenil. Di que a actualidade da literatura xuvenil estará marcada polo lanzamento mundial da nova triloxía de Cornelia Funke, Reckless. Carne de pedra, e a nivel galego, pola aparición de Fantasmas de luz, de Agustín Fernández Paz e Miguelanxo Prado. Da literatura infantil, destaca A sombra dos anacardios, de Antón Fortes; A filla do ladón de bicicletas, de Teresa González Costa; e Rosalia e os equinodermos, de Antón Cortizas.


Repaso xeral aos proxectos que se acaban de poñer en marcha con motivo da celebración do 8 de Marzo e do Día das Letras Galegas. Percorre as diferentes propostas ao redor de Uxío Novoneyra nas que explica pormenorizadamente os títulos que se
foron editando. Sobre a Literatura Infantil e Xuvenil percorre as diferentes bandas de idade, dende os prelectores aos que se dirixe Antón, si tal!, de Arturo Iglesias, así como diferentes álbums de Kalandraka e OQO. Continúa con outros títulos de autores consagrados como Fina Casalderrey, Xoán Babarro e Gloria Sánchez, ademais de novelas xuvenís, como O brindo de ouro, de Manuel Marcos, e Dragal, de Elena Gallego.


Estudo contrastivo dun relato do francés Catulle Mendès e outro do inglés Roald Dahl que aínda non contan con tradución á lingua galega e cuxo título orixinal é “Le danger pour tous” (1896) e “Vengeance is Mine Inc” (1980). Repasa brevemente a obra de cada un dos autores, salientando a produción para os máis novos de Dahl, nos que destaca a “pátina escatolóxica”, a opción do grotesco e de pinceladas desagradábeis, mentres que de Mendès salienta a notoriedade que lle deron os seus contos de fadas e de relatos mitolóxicos, destacando como outro dos trazos característicos da súa produción o erotismo. Sinala como aspectos comúns na produción de ambos creadores a subversión de roles, a transgresión, a escolla do onírico fronte ao real e a estreita fronteira entre o humor e o erotismo. Para a análise dos contos reproducense diferentes parágrafos nos que se poñen de manifesto as concomitancias dende o punto de vista argumental, ainda que tamén outros elementos diferentes, como o humor de Dahl que é máis moderno, adecuado á época na que foi escrito e no que critica a clase alta e o xornalismo sensacionalista, mentres que o conto de Mendès ten vontade máis formal. É por iso que remata o traballo preguntándose se Roald Dahl foi influenciado por Catulle Mendès.


Comezando salientando que Paco Martín creou un personaxe literario inesquecible no imaginario literario galego, Ramón Lamote, un profesor de chairego e debuxante de soños, protagonista principal de Das cousas de Ramón Lamote. Analiza esta obra que se estrutura en oito relatos e comenta aspectos relativos á súa temática, estilo, recursos, recepción, etc., chegando a sinalar que os trazos que a caracterizan, xunto coa forza do protagonista, un ser insignificant en aparenza, sen ambición, xeneroso, ocorrente, que vai descubrindo, case no anonimato, a hipocrisia e ambição desmesurada dos habitantes da cidade, son o emprego singular do humor, o uso da fantasía, a súa mestura coa realidade, a tenrura e a crítica mordaz adobada cos trazos anteriores. A seguir, ofrece unha breve biobibliografía deste escritor nacido no barrio de Recatelo (Lugo) e un percorrido pola súa traxectoria na literatura para os máis novos. Tamén reproduce unha breve entrevista con Paco Martín na que fala da literatura infantil e xuvenil galega e portuguesa, da crítica, da súa obra e das debilidades e fortalezas da literatura para a infancia e xuventude.

Considera que tanto Agustín Fernández Paz como Lygia Bojunga Nunes actuaron dende os seus sistemas literarios, o galego e o portugués, asumindo obxectivos cara a unha estratexia común no campo literario correspondente, estabeleceron “conexións xeracionais” con outros autores e viviron “situacións xeracionais” conxuntas. A seguir, realiza un breve percorrido polos datos máis significativos da vida e obra destes dous escritores, que os conduciñon ao centro dos seus respectivos sistemas literarios, apuntando as diferenzas que se poden estabecelcer entre eles e destacando as súas similidades. Por estas aproximacións, entra no estudo de Fernández Paz sobre todo para darlles a coñecer ao mediador e lectorado brasileiro este autor galego que considera merece ser lido. Fai un percorrido detallado polo seu periplo vital e, a seguir, aborda a súa obra separando aquelas obras dirixidas á nenez daqueloutras encamiñadas para a adolescencia, para logo facer unha serie de consideracións sobre o escritor vilalbés e a narrativa xuvenil, abordando cuestións relativas ás formas, temáticas, protagonistas, etc. dos seus textos literarios. Conclúe salientando algunhas “marcas da casa” da poética de Fernández Paz e sinalando aquelas que se poden atopar tamén na producción literaria de Bojunga Nunes.


Aproximación á obra de Xosé Neira Vilas Querido Tomás (1980), partindo das consideracións que Anxo Tarrío Varela fai na súa obra Literatura galega. Aportacións a unha historia crítica (1994). Despois de sinalar que considera que esta é unha das obras máis logradas do autor de Gres, malia empregar unha técnica “antiquada, ultrapassada desde o surgimento do nouveau roman e suas ramificações”, detense nas liñas temáticas vertebradoras, como é o seu afán memorialístico, o enraizamento no ethos galego e o mergullo no pasado. Salienta tamén o ton melancólico que se reflicte no apego á memoria e a reiteración de perspectivas ao longo da súa obra, na que tamén percibe os xogos de “intertextualidade discreta” da súa simpatía polos republicanos que considera como elemento enriquecedor do texto. Cualifica Querido Tomás como unha das obras de máis rico contido “lírico, rememorativo e sentimental” da literatura galega, ademais dun retrato psicolóxico de toda unha xeración. Sinala que Neira Vilas crea unha obra orixinal “e de grandes vôos universais, partindo do local”, en especial polo personaxe de Sara, figura que transcende a aldea galega e se converte nun ser intemporal, capaz de comprender a situación do presente e facerse máis forte, persuasiva e envolvente ca Tomás, “anti-heroésem grande destaque”, ademais de símbolo da Terra nai, comparábel a personaxes como Mariana de Amor de perdição, de Camilo Castelo Branco, ou Alice de O Tronco do Ipê, de José de Alencar. Detense na descrición do personaxe de Sara, a súa entrega, modernidade e grandese, no seu constante rememorar o amor por Tomás, o que lle imprime á novela unha forte dimensión psicolóxica e a converge nun “imenso e nostálgico monólogo”. Considera esta novela a máis madura de Neira Vilas, na que lle deu unha nova imaxe á soidade feminina como consecuencia da emigración e unha das obras máis “belas e sentidas” da moderna ficción galega.

Dá conta do segundo tomo do volume editado por Veljka Ruzicka Kenfel e Lourdes Lorenzo García e coordinado por Carmen Valero García, saído ao prelo en 2008 na editorial ovetense de Septem. Destaca o limiar de Valero Garcés, no que dá conta do auxxe das traducións de LIX dende 1999 e indica a estruturación do volume en torno a dous eixos. Analiza a seguir cada un dos artigos recollidos en cada eixo e conclúe cunha recomendación da súa lecatura.


Informa da saída ao prelo da adaptación da ópera de George Gershwin nun volume dirixido a un lectorado mozo, editado por Kalandraka en 2008. Tras achegar uns datos sobre a produción artística do autor e do ilustrador, describe o fío argumental da historia e salienta a súa proposta estrutural e o labor ilustrativo presentes no volume e indica finalmente a inclusión dun CD no mesmo que contén cancións de Ella Fitzgerald e Louis Armstrong, para ser escoitado durante a lectura do volume.


Trata a saída ao prelo do conto de Yolanda Castaño, Cando eu saiba ler, na editorial Galaxia en 2009. Comeza coa mención dalgúns dos premios dos que foi merecente a autora, para despois describir a súa liña temática e argumental, destacando en particular o emprego da rima, os xogos eufónicos, a musicalidade e o labor ilustrativo de Xosé Tomás. Remata cunha referencia á lingua galega empregada pola autora, de gran valía para o lectorado máis cativo ao que vai dirixido o conto.


Artigo en inglés que describe a obra monográfica resultado do labor investigador realizado pola Rede temática de investigación “Las Literaturas Infantiles y Juveniles del Marco ibérico e Iberoamericano”, centrada desta vez ao redor de reflexións sobre a poesía infantil do século XXI. Comezando polo primeiro apartado, de natureza teórica, fai unha relación dos diversos artigos que o compoñen, cada un deles pertencente a un ámbito do marco ibérico, ademais do inglés, alemán e brasileiro. No tocante ao galego
comézase por achegar datos relativos á produción de poesía en galego en comparación coa narrativa nos últimos nove anos, para a continuación tratar as diferentes tendencias existentes na poesía da LIX galega, cada unha delas exemplificada con textos de autores comprendidos no período 2000-2008, para rematar aludindo a autores que se suman a traballar este xénero literario. Ademais do referido, describense os traballos dos ámbitos portugués, catalán, castelá, vasco, alemán, brasileiro e inglés, cada un deles analizando un aspecto da poesía dedicada á infancia no ámbito correspondente. Anúnciase o peche desta publicación cun artigo de novo referente ao ámbito galego pero desta vez sobre a ilustración na poesía de LIX, onde salienta a análise feita sobre o seu estado. Coméntase a parte final da obra, composta por unha achega bibliográfica de setenta e catro títulos representativos das diferentes tendencias na poesía de LIX durante o século XXI, e seguida de comentarios sobre doce publicacións, entre elas Aire Sonoro (2001) e Estela de versos (2008), de Antonio García Teijeiro, ou Amar e outros verbos (2002), de Ana María Fernández, Premio Lazarillo de Creación Literaria 2002; todo isto destacado como material para o mediador e a formación lectora. Péchase con consideracións da obra como un gran traballo que mediante estudios comparativos e complementarios contribúe a dar un paso adiante na investigación, mediación e promoción lectora.


Situá as tres obras que Uxío Novoneyra (Parada do Courel, 1930-Santiago de Compostela, 1999) escribiu para a infancia –O cubil do xabarín (1991), Gorgorín e Cabezón (1992) e Ilda, o lobo, o corzo e o xabarín (1998)– no seu proxecto literario, sinalando que nacen do seu desexo de recrear a literatura tradicional, o léxico da súa contorna e tamén dun afán didáctico para lles proporcionar aos máis pequenos contos na lingua de seu. Apunta a defensa de Novoneyra dunha literatura infantil de calidade que defenda a liberdade e a xustiza e que presente os soños como un espazo necesario para manter a esperanza. Salienta tamén a presenza da caza nestas tres historias, a carón da mentira, a narración e a ficción, a defensa da ecoloxía, os topónimos e unha defensa da lingua galega.


Dá conta de dous contos de Xosé Antonio Neira Cruz: Unha chea de familias (2008), ilustrado por Rodrigo Chao; e Violeta non é violeta (2009), ilustrado por Judit Morales. Destaca do primeiro o exercicio de visibilización inherente á súa lectura e o seu argumento, o cal describe, de gran carácter didáctico. Do segundo sinala a súa consecución do Premio Lazarillo de ilustración compartido e Nacional de Ilustración, así como a súa publicación na colección “Librosaurio” da editorial McMillan. Del describe o seu fío argumental e recomenda finalmente a súa lectura.

Antes de se deter no seu argumento, cualifica de “moi adecuado” o título deste “fermoso disparate pleno de orixinalidade e fantasía”. Apunta que Mil cousas poden pasar. Libro I (2009) é unha historia “divertida”, contada de forma áxil e “moi persoal”, cun ritmo que non deixa lugar a repousar na lectura. Alude ao estilo surrealista e de estética figurativa das ilustracións do autor e ilustrador, Jacobe Fernández Serrano, e ás citas en pareado e ao humor que caracterizan as histories paralelas que a articulista describe brevemente, conformando “unha labarada de cousas sen sentido”, “unha alegación contra o sentido común”. Remata agardando pola segunda entrega xa anunciada deste autor que comezara no cómic porque “a imaxinación non ten límites e a experimentación tampouco”.


Comentario do álbum de Xosé A. Neira Cruz e David Soler, Jan estivo ali (2009), que deu comezo á colección “Árbore. Arte” de Galaxia. Destácase que nel se indaga no segredo que agocha o retrato do matrimonio Arnolfini, obra do pintor flamengo Jan van Eyck e citanse outros libros similares pola súa indagación na arte, como Gran libro dos retratos dos animais (OQO, 2006), de Svjetlan Junakovic; Mirar a pintura a través dos séculos (Factoría K, 2006), de Caroline Desnoëttes; Guernica (Kalandraka, 2008), de Heliane Bernard e Olivier Charpentier; O cadro máis bonito do mundo (Kalandraka, 2001), de Miquel Obiols e Roger Olmos; ou Moncho e a mancha (Kalandraka, 2001), de Kiko Dasilva. Repárase pois no pouso de didactismo da proposta, no mellor sentido do termo, e na invitación a fixarse nos detalles para interpretar o sentido da historia, un aspecto especialmente coidado nas ilustracións de David Soler.


Recensión da novela Lúa do Senegal (2009), de Agustín Fernández Paz na que se destaca a elección dun tema de grande actualidade, a emigración, abordado dende a dimensión de doloroso proceso ateigado de desarraigamento e conflitos emocionais. Ofrécese unha lectura da historia como o reflexo dun mundo de dualidades, visible na contraposición recorrente de dous espazos e das súas paisaxes, costumes e ritos, dous tempos e mais dúas voces narrativas: a de Khoedi e a do narrador externo, que completa os espaços baleiros nos capítulos 4, 8 e 12. Insístese na presenza de recreacións de contos fundacionais africanos e no protagonismo que acada a Lúa, único elemento común que atopa a rapaza entre dúas realidades, narratario intradiexético da historia e leitmotif que marca o paso do tempo e o ritmo. Salientase tamén a presenza de moitas das claves recorrentes do autor: voz feminina, diarios, recortes de prensa, utilización da primeira persoa, personaxes con devoción polos libros e a lectura, intratextualidades e, sobre todo, a construcción dunha historia “de fronteira” que abre as fiestras cara ao mundo, ás películas, aos poetas doutras latitudes. Con respecto ás ilustracións de Marina Seoane valórase a súa adecuación aos intereses do relato e as achegas persoais da artista para elaborar unha metáfora da emigración e a presenza de dous mundos referenciais. Conclúese incidindo en que a obra foxe deliberadamente das xeneralizacións e da
perspectiva sociolóxica para descender ao particular, ao íntimo, aspecto que “se ben non é totalmente alleo a outras obras do autor, si acada neste caso un protagonismo salientábel”, pois o relato non se sustenta no deseño dunha trama convencional, senón que se centra na creación dun personaxe críbel e na expresión da súa intimidade, decantándose por un ritmo lento e un ton evocativo.


Tras dunha presentación do labor literario da xornalista Rosa Aneiros no eido infantil e xuvenil, defínese a novela *Ás de bolboretas* (2009), IV Premio Fundación Caixa Galicia de Literatura Xuvenil, como un texto “de fronteira” pola súa ambivalencia de lecturas. Sinálase que o fío argumental da novela apenas ten peso, pois priviléxianse os temas sobre a peripecia convencional e a estrutura aberta e carente de linealidade; incidense na ampla galería de personaxes que presenta, de diversas procedencias e culturas; e apúntase que a voz narradora se asemella a unha cámara, pois individualiza algúns destes personaxes en microrrelatos analépticos, esgazados da estrutura principal, ben nun movemento de vaivén, ben concedéndolles o seu espazo nunha única ocasión. En opinión de Soto, talvez non se trate dunha historia para o gran público, senón para aquel que supere o desconcerto deste tipo de lectura que require dun papel activo e interprete con acerto as claves manexadas, por escaparen estas ás veces do público potencial. Conclúe apuntando a nómina de temas tratados, entre eles, a morte, o medo, a soidade, a familia, os malos tratos, a ideoloxía machista e dominadora, política e relixión, a inmigración ou a adoptión.


Recensión de *Oda a unha estrela* (2009), poema de Pablo Neruda que orixinalmente foi incluído na obra *Tercer libro de las Odas* (1957) e agora traducido por Xosé Ballesteros e ilustrado por Elena Odriozola. Explica que o texto está composto por nove estrofas heterométricas que se reparten polas páxinas do álbum, no que tamén se ofrece unha localización espazo-temporal de acción dun suxeito poético semellante a Prometeu que roubou unha estrela. Destaca a verticalidade dos edificios en contraste coa luminosidade da estrela roubada. Reproduce algúns versos e sinala que o roubo da estrela trae consecuencias moi prexudiciais, polo que decide soltar a estrela, momento que coincide co emprego de tons brancos que compoñen o fondo luminoso das ilustracións e transmite a sensación de serenidade, reflectindo a esperanza e fertilidade dos tons verdes e a harmonía dos tons azuis. Considera que a mensaxe profunda do texto está moi ligada aos cromatismos que acentúan o apoderamento dun mortal dun elemento celeste que é de todos, privando os homes da claridade. Chama a atención sobre a secuencialidade do texto e das ilustracións no xogo de interior/externo que se reproduce. Tamén destaca a alternancia de segmentos textuais e espaciais, así como o descritivismo lírico do texto e o xogo de cromatismo coas atmosferas recreadas, nas que a ilustradora enlaza a mensaxe inmersa nas ilustracións coa concepción da poesía como expresión dun eu.


Informa da celebración entre o 8 e o 12 de setembro en Compostela do 32 Congreso Internacional do IBBY, a segunda ocasión en que este evento bianual ten sede en España, e apunta que a representación galega correu a cargo de GÁLIX. Estrutura o artigo en “A forza das minorías”, lema do congreso, “Do Popol Vuh aos libros de Tara Books”, “Historias de amor e palabras insurxentes” e “Oito debates”, e vai detallando os temas e aspectos abordados por todos os participantes no congreso. No primeiro apartado afirma que a psicopedagoga arxentina Emilia Ferreiro, discípula de Jean Piaget, demostrou que a aprendizaxe de distintas linguas en idade temperá non crea “confusións e defectos na aprendizaxe” e defendeu a “riqueza derivada das linguas en contacto”, e alude aos relatores das sesións plenarias e á conferencia de clausura a cargo de Manuel Rivas. No segundo apartado detalla o labor de Montejo como escritor e adaptador para os máis novos do Popol Vuh, “a compilación de relatos míticos dos
pobos indíxenas do Quiché”, de Mohammed Yousef e de Gita Wolf, editora de Tara Books. En “Historias de amor e palabras insurxentes”, céntrase na intervención de Lygia Bojunga Nunes, quen só falou dos grandes autores e libros que lle espertaron paixóns, e na conferencia de Rivas, quen falou da Literatura infantil e xuvenil como “arte insurxente”, ademais de reivindicar a “cédula de universalidade” da cultura propia e a lingua galega. Toma o título do último apartado do artigo, “Oito debates”, dos apuntados por Teresa Colomer no seu relatorio: complexas relacións entre a literatura de transmisión oral e as novas creacións literarias para a infancia, a loita pola independencia da Literatura infantil e xuvenil, a Literatura infantil e xuvenil entendida como “literatura sen adxectivos”, a súa visibilidade nos medios de comunicación, a “arañeira da animación lectora”, a presión do mercado impondo o “reino da mediocridade” ante a que debe reaccionar a crítica, e a influencia das “novas pantallas sobre a construción de novas modalidades de ficción”. Alude a outras actividades levadas a cabo no marco do Congreso: mesas redondas, obradoiros, exposicións de libros e ilustracións, encontros de creadores con editores, estudiosos e bibliotecarios; á entrega do Premio Andersen e dos diplomas da Lista de Honra a Agustín Fernández Paz e a Ignacio Chao; e á celebración da asemblea ordinaria do IBBY, onde Marilar Aleixandre entrou a formar parte do novo comité executivo. Conclúe Vázquez Freire evocando a Xosé Antonio Neira Cruz a quen, aínda que foi substituído por “discrepancias sobre a xestión do comisariado”, considera Vázquez Freire que “é de xustiza ter un recordo e recoñecemento”.


Por mor do centenario do nacemento de Luís Seoane, céntrase nun aspecto que considera “está a pasar desapercibido” nas exposicións e publicacións sobre a súa obra: o seu labor como ilustrador de libros infantís. Destaca que foi un “artista multifacético” e considera de maior valor o seu traballo como ilustrador, grafista e deseñador que o de pintor, do que son bos exemplos os “niveis innovadores” das capas das coleccións “Losada” e “Emecé” nos anos cincuenta e sesenta. Destaca o labor que realizou na primeira edición de Memorias dun neno labrego (1961), de Xosé Neira Vilas e lamenta que as reedicións en Galicia non recuperaran a capa orixinal. Alude a que Neira Vilas non acepta plenamente que esta obra se considere unha novela infantil ou xuvenil, aínda que ten grande aceptación entre este lectorado, xa que ten escrito para os máis novos obras como “a parábola” O espantallo amigo, a máis lograda segundo Vázquez Freire. Informa do labor desenvolvido por Seoane dende os anos sesenta en que volveu do exilio en Sargadelos e en Ediciós do Castro, onde ilustra novas obras de Neira Vilas: Cartas a Lelo (1971) e Historias de emigrantes (1975, 1ª edición en Montevideo, 1968), ilustración que tampouco se recupera nas seguintes reedicións e que explica con miudeza. Seguindo a Agustín Fernández Paz considera estas dúas obras “fronteirizas”, e a continuación detense en dúas pezas dramáticas claramente infantís: As laranxas mais laranxas de todas as laranxas (1973, de Carlos Casares, “a obra maior de Luís Seoane como ilustrador de libros para a infancia”), e Viaxe ao país de ningúres (1977), de Manuel Lourenzo, das que precisa os trazos das súas ilustracións. Remata aludindo, por non ter máis espazo, á “dimensión de ideólogo das artes” de Seoane en ensaios que influiron nos artistas galegos e pecha o artigo cunha cita de Textos encol da arte galega (1979).

Fai referencia a Ramón Cabanillas. Escolma poética (2009), publicada por Faktoria K e ilustrada por Anxo Pastor. Comenta que o libro recolle trece composicións de distintos poemarios do poeta e salienta a súa sinxeleza, así como a súa adecuación para iniciar os máis pequenos na lectura poética. A seguir, destaca algúns dos poemas e acha un breve comentario de cada un: “Camiño longo”, “Amor de neno”, “A rosa que sangra”, “Galicia”, “En pé!”, “A calzada de Cambados”, “Lume no pazo” e “Do berce á cova”. Finalmente, salienta o labor realizado por Anxo Pastor quen debuxou unhas imaxes cheas de colorido e acordes con cada composición.
VII.5.4. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: ESTUDOS E RECENSIÓNS


Sinala que, deixando a un lado textos aparecidos nas publicacións periódicas ou as fábulas de Amador Montenegro Saavedra, foi na década de 1920 cando apareceron as primeiras obras dirixidas ao lectorado infantil e xuvenil. Así refírese a *Margarida a do sorriso d’aurora* (1927), de Evaristo Correa Calderón; *Conto de Guerra* (1928), de Camilo Díaz Balaño e *Os nenos* (1925), de Xosé Filgueira Valverde. Por outra parte, destaca a publicación de dous números da primeira revista para a infancia e mocidade, *As Roladas*, dirixida por Ramón Cabanillas.


Comeza recomendado a lectura e consulta de *Lectura, Infancia y Escuela. 25 años de libro escolar en España: 1931-1956*, un monográfico editado por Pedro C. Cerrillo e Carlos J. Martínez Soria, que aborda o ensino e a literatura infantil dun dos periodos máis convulsos da historia recente de España. A seguir, aproximase aos dez artigos “ben enfiados e documentados” que se inclúen nunha “primorosa edición”, froito dunha exposición realizada polo Centro de Estudios de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil (CEPLI), da Universidad de Castilla-La Mancha con motivo do seu décimo aniversario. Por último, considera que esta monografía é unha valiosa contribución á recuperación da memoria histórica dende a literatura e a escola e un dos seus máximos expoñentes, os libros.


Comeza apuntando as obras que na década dos sesenta de publicaron no exilio e na emigración: *Fábulas galegas para nenos e grandes* (1960), de Xosé Rubinos Ramos e *Memorias dun neno labrego* (1961), de Xosé Neira Vilas. Tamén apunta que esta obra fundacional da Literatura infantil e xuvenil galega, malia non ser concibida para o lectorado máis novo, foi reeditada 1968 por Ediciós do Castro cun limiar de Xesús Alonso Montero e as ilustracións de Isaac Díaz Pardo. Por outra parte, alude ás iniciativas culturais e publicacións xurdidas en Galicia a partir de 1963 e que contribuíron á configuración do sistema literario infantil e xuvenil galego.


Salientanse algunha das obras narrativas da década dos setenta, na que a produción literaria para os máis novos aínda era reducida. Entre elas, está *Mar adiante* (1973), de María Victoria Moreno, onde se avoga por un sistema educativo máis creativo e na que
se achega a preocupación pola educación literaria como elemento formativo fundamental para conformar o imaxinario dos máis novos. Por outra parte, refírese ás obras narrativas que Xosé Neira Vilas publicou nesta década, nas que salientan valores como a emigración, a hipocrisia, o sistema educativo, a amizade, a solidariedade, o respecto á diferenza, etc.


Continuando coa literatura traducida durante a década dos anos setenta da que se falou nesta paxína o 14 de setembro, apunta que esta segue a proporcionarlle enriquecemento e innovación á literatura infantil e xuvenil galega, mediante a achega de novos xéneros literarios e obras canónicas, das que se carecía neste sistema. Entre elas, refírese á aparición d’O Principiño, da serie Astérix e da reedición da lenda publica en 1922 por Céltiga, O catro císeis brancos: lenda celta.


Anuncia que a piques de cumprirse medio século da aparición de Memorias dun neno labrego, a editorial Kalandraka acaba de reeditar a versión castelá desta obra, que xa coñeceu máis de vinte edicións na súa lingua orixinal. Refíre algúns datos relativos á vida e obra de Xosé Neira Vilas e aproxímase á súa obra máis emblemática, que foi publicada por vez primeira en 1961 cunhas ilustracións de Luís Seoane. Detense no deu argumento e componentes, ademais de considerar que esta edición de Kalandraka, Memorias de un niño campesino, honra a traxectoria desta obra, ao ser recuperada nun volume de tapas duras engalanado cunhas evocadoras e magníficas ilustracións de Xosé Cobas. Por outra parte, reclama que esta peza literaria, que abre unha triloxía testemuño da Galicia rural e da emigración, volva ser incluída entre as recomendacións lectoras das escolas por ser un documento histórico que, incluso na súa versión en castelá, zumega galeugidade en toda as súa páxinas.


Continuando coa análise da narrativa dos anos 80 iniciada nesta sección na paxína da semana pasada, indica que no referido á ficción científica, ademais dalgún relato, viron a luz tres obras para o lectorado infanto-xuvenil, que introducen no sistema literario innovacións formais e temáticas dunha modalidade narrativa ausente até o momento. A continuación, comenta brevemente estas tres obras: A viaxe alucinante de Peter o cosmonauta (1986), de Xoaquín Aguilla Pizcueta; Proxecto pomba dourada (1987), de Miguel Vázquez Freire; e Moncho e Driar (1988), de María García Yáñez.

Recomenda a lectura da obra de Jacobo Fernández, *Mil cousas poden pasar* (2009), da que salienta a súa beleza plástica e mais a frescura argumental. Cita algúns dos personaxes do libro e indica que a obra foi gañadora do Premio Merlín de Literatura Infantil outorgado por Edicións Xerais. Por último, destaca que o libro supón un agasallo para os cinco sentidos.


Propón dous contos para agasallar no Nadal. Trátase d’*A boneca e a castiñeira* (2008), de Roberto Aliaga, publicado por OQO, no que se salienta que fai reflexionar sobre a necesidade dun consumo responsábel, a realidade dos países pobres e ser conscientes das inxustizas diarias. Así mesmo, resúmese o argumento do conto. A seguir, citase *Cando Martiño tivo ganas de mexer na noite de Reis* (1999), do escritor Chema Heras e ilustrado por Kiko Dasilva, publicada por Kalandraka, como outra boa proposta para regalar aos máis pequenos.


Realiza varias propostas de lectura para os máis pequenos publicadas pola editorial OQO Editora. O primeiro volume que cita é *Os mil brancos dos esquimós* (2009), escrito por Isabel Minhós Martins e ilustrado por Madalena Matoso. Salienta a importancia das palabras e as imaxes deste libro, así como o descubrimento da vida dos esquimós; tamén fai referencia á técnica da colaxe para a construcción do libro. A continuación comenta a obra de Txabi Arnal, *O corazón do xastre* (2009), destinada a rapaces de entre oito e doce anos. Explica que a obra conta a historia dun xastre que sente un gran baleiro e decide realizar unha viaxe. De seguido, destaca a importancia das ilustracións de Cecilia Varela, para o desenvolvemento da historia. Finalmente, refire outra obra, *A princesa que bocexaba a todas horas* (2009), de Carmen Gil, na que os lectores aprenden o valor da amizade e na que salienta as ilustracións de Elena Odriozola.


Comenta o álbum de Fran Alonso, A araña e mais eu (2009), destacado pola súa beleza artística e literaria. Explica que a historia se centra no recorrido que fai unha araña polo corpo dunha meniña comparando cada parte do corpo cunha froita. Refire que se trata dun relato poético cheo de metáforas. Así mesmo, indica que a obra foi traducida ao castelán, inglés e portugués e tamén cita os premios que obtivo. En dúas columnas á parte, achega a traxectoria artística do ilustrador Manuel G. Vicente e mais a traxectoria literaria e xornalística de Fran Alonso.


Refírese á obra de Fina Casalderrey, Fiz, o coleccionista de medos (2009), publicada por OQO Editora. Explicase que o relato favorece a expresión de sentimentos xa que narra a historia de Fiz, quen coa axuda da súa avoa, consegue superar o terror que lle ten a case todo. Salientanse as ilustracións da artista lusa Teresa Lima, así como a técnica empregada e, finalmente, destácase o labor editorial de OQO. En dúas columnas á parte, achégase a traxectoria artística da ilustradora Teresa Lima e mais a traxectoria literaria e xornalística de Fina Casalderrey. Tamén se recolle un pequeno fragmento do relato.


Analiza algunhas propostas de literatura infantil saídas ao prelo grazas a Nova Galicia Edicións, como son De maior quero ser (2009), Soños de algodón (2008) e Andrés o mentireiro (2008). Da primeira, escrita por Ana Belén González Nóvoa e ilustrada por Michel Casado, describe o seu argumento e salienta o seu carácter contemporáneo e a inclusión dunha breve unidade didáctica no final do volume. Da segunda, da autoría de Amalia Pérez Otero e ilustrada por Alba Grimaldi Pérez, indica a súa liña temática e subliña a súa orixinalidade e labor ilustrativo. Da terceira, de Lupe Lóriga e ilustrada por Michel Casado, apunta o seu fío argumental e fai referencia á mensaxe implícita nela, sobre a importancia de dicir sempre a verdade. Conclúe cunha recomendación de lectura das tres propostas.


Faise referencia ao libro de Carlos López, A peripecia de Roi (2009), publicado por Edicións Tambre na súa colección Ala Delta. Indícase que o volume está destinado a nenos a partir dos oito anos e resúmese brevemente o mínimo argumento da obra; tamén se comenta que o libro foi gañador da VII edición do Premio de Literatura Infantil e Xuvenil Raíña Lupa. En dúas columnas á parte, achégase a traxectoria artística do ilustrador do libro, David Pintor, e mais a traxectoria literaria de Carlos López. Tamén se reproduce un pequeno fragmento da obra.

Resúmese a historia que se desenvolve na obra *A abella abesullona* (2009), que ten como protagonista unha abella que consegue ensinar aos nenos a importancia da autonomía e o feito de decidir por un mesmo. Indícase que a obra é de Manuel Janeiro e foi publicada pola editorial Galaxia na súa collección “Árbores”. Así mesmo, apúntase que as ilustracións son obra de Marta Álvarez. En dúas columnas á parte, achégase a traxectoria artística de Marta Álvarez e mais a traxectoria literaria de Manuel Janeiro. Por último, inclúese un pequeno fragmento da historia.


Refire que para todos os nenos de Compostela, Sotelo Blanco acaba de publicar o volume sete, *A cruz dos farrapos* (2009), e oito, *Peregrino na sombra* (2009), da súa collección “Branco de Cores”, dirixida por Carme Hermida e coeditada en colaboración co Consorcio de Santiago. Explica que con estes contos os nenos poden coñecer a cidade de Santiago a través da man de varios escritores e con ilustracións de Andrés Meixide. Así mesmo, salienta algúns dos protagonistas dos oito libros que conforman a colección como un cabalo, a cativa Sara, a vaca Gallarda, etc. e tamén destaca que a obra potencia a imaxinación e mantén a intriga do lectorado até o final. En columna á parte, aparece a portada e un breve resumo de cada un dos títulos da colección.


Faise referencia á obra dirixida ao público infantil, *Tres mulleres do seu tempo* (2009), de Heidi Kühn, formada por tres pezas teatrais. Dise que a primeira obra trata sobre a historia de Brigantia, a segunda sobre Xoana de Vega e a terceira versa sobre a vida de María Casares. Explicase que as pezas reflicten a vida destas tres personaxes femininas en tres épocas históricas diferentes e saliéntase o bo coñecemento da técnica teatral que emprega Kühn, así como a mestura nas historias do mundo real e fantástico, este último amosado a través de animais. En dúas columnas á parte, refirese á traxectoria de Heidi Kühn como ilustradora e tamén se achega unha breve biografía, citando as súas publicacións. Alén disto, reproducéuse un pequeno fragmento dunha das pezas.


Narría o argumento da novela de Marica Campo, *E Xoel aprendeu a voar* (2009), baseada na historia dun neno obsesionado con internet, abúlico e sen apenas relacións sociais. Indica que a obra mantén a intriga do lectorado até o final e salienta os contidos didáctico-pedagóxicos que presenta como a educación intercultural, a educación na rede, o tratamento da lingua, etc. En dúas columnas á parte presenta a traxectoria da
ilustradora da obra Noemí López Vázquez e tamén a traxectoria vital e literaria de Marica Campo. Ofrece un pequeno fragmento da novela.


Dáse conta do argumento da novela *Lúa do Senegal* (2009), de Agustín Fernández Paz, que trata o tema da emigración a través dos ollos dunha nena de dez anos. Indícase que a protagonista relata as dificultades que se atopa ao chegar a Galicia e a morriña do seu mundo. Así mesmo, coméntase que a novela foi ilustrada por Marina Seoane, da que salienta a súa capacidade para reflectir, a través das imaxes, as paisaxes de dous mundos tan diferentes. En dúas columnas á parte, achéganse datos biográficos sobre a ilustradora Marina Seoane e resúmese a traxectoria vital e literaria de Agustín Fernández Paz. Reproducécese un anaco da novela.


Apúntase o argumento da obra *Chamádeme Simbad* (2009), de Francisco Castro, que se centra nas aventuras dun neno e o seu avó que soña con que é mariñeiro. Destácase a mestura da imaxinación coa realidade e indícase que a historia transmite a ensinanza do respecto aos maiores. Por último, coméntase que foi gañadora do premio ao mellor libro infantil de 2009 outorgado polos lectores da web Fervenzas Literarias; tamén se indica que foi ilustrado por Manel Cráneo e publicado na colección “Árbore” da Editorial Galaxia. En dúas columnas á parte, achega as traxectorias literarias e vitais do ilustrador e do autor. Reproducécese un anaco do relato.


Fálase d’*A illa dos cangrexos violinistas* (2009), de Xavier Queipo. Explicase o argumento, isto é, que conta a historia do Moi quen quere saber máis sobre os cangrexos violinistas. Indícase que a idea que quere deixar no lector é que “sempre hai cousas novas que aprender”. Destácanse as súas ilustracións feitas por Jesús Cisneros, así como o seu poder de evocación. Ofrécese a biografía tanto de Queipo como de Cisneros e recólleñense as lecturas recomendadas polo escritor, entre as que se atopa *A pota que trota* (2009), de Patacrúa e Kristina Andrés.


Preséntase *Ás de bolboreta*, de Rosa Aneiros (2009), obra galardoada co Premio Fundación Caixa Galicia 2009. Recólleñense as declaracións que o xurado do certame fixo sobre a obra, que concluíu que “é un relato triste e esperanzador ao mesmo tempo, fondamente humano, solidario e internacionalista”. Engádese que tamén foi galardoada co Premio The White Ravens (Internationale Jugend Bibliothek, 2010). Ofrécese unha
biografía da autora, un fragmento do libro así como obras por ela recomendadas, entre as que se atopa A cabeza da Medusa (2008), de Marilar Aleixandre. Recóllese tamén a descrición que Concha Costas fai da colección “Fórade xogo” de Xerais.


Fálase de Makinaria (2009), obra coa que Carlos Negro pretende transmitir “unha mensaxe clara e didáctica sen botar man de artificios”. Indícase que o prólogo está escrito por Rosa Aneiros. Ofrécese a biografía do autor así como recomendacións de libros feitas por el, entre as que se atopa Poetízate, de Fran Alonso. Recóllese a descripción que Concha Costas fai da colección “Fórade xogo” da Editorial Xerais.


Traela memoria o conto de Pinto & Chinto, Os oficios de Chuquel, editado por Galaxia na colección “Árbore” en 2009 a partir de catro concisos apartados. No primeiro, “Que conta?” describe o seu argumento e indica a colección á que pertence o volume. No segundo, “De palabra e imaxe”, comenta a creación deste dúo artístico coñecido como Pinto & Chinto en 1993 e sina de suas colaboracións en diferentes xornais e editoriais, ademais da creación do seu personaxe de cómic Tito Longueirón. No terceiro, “Un anaco”, reproduce un parágrafo do conto e no derradeiro apartado, “Quen é quen”, achega algúns datos biobibliográficos deste dúo, por separado, Carlos López Gómez, o guionista e David Pintor, o ilustrador. Nun epígrafe á parte, “Recomendado”, propón a lectura doutros contos publicados na colección “Os Duros” da Editorial Galaxia, como por exemplo ¿Que contan as ovellas para durmir?, de Kiko da Silva; Lolo anda en bicicleta, de Carlos Casares, Rato pinch, de Gloria Sánchez, Mola que chova, de Renata Otero e De cores e de amores, de Xabier P. Docampo, así como Contos para nenos que dormen deseguida, editado por Kalandraka.

Trea á memoria o volume de relatos de María Canosa, Faíscas, publicado en 2009 na colección “Costa Oeste” da Editorial Galaxia, a partir de catro pequenos apartados. No primeiro, “Que conta?”, describe o argumento do volume e salienta a axilidade da súa prosa. No segundo, “Da palabra”, comenta a colección da que forma parte este volume, dende a súa creación en 1997 até a actualidade. Destaca dela o seu criterio de incluír novos autores e autoras xunto aos clásicos de sempre. No terceiro, “Un anaco”, reproduce tres parágrafos do volume e no derradeiro, “Quen é quen”, achega uns datos biobibliográficos sobre a autora. Nun epígrafe á parte, “Recomendado”, propón a lectura doutros volumes da colección antedita como Anagnórise, de María Victoria moreno; Horario de clase, de Christine Nöstlinger; Gárgola, de Carlos Vila Sexto; Emboscadas no gran norte; de Margarida Aritzeta, Mecanoscrito da segunda orixe, de Manuel de Pedrolo; Noites no mar, de Gerd Fuch e De ratos e homes, de John Steinbeck.


Achégase información sobre os primeiros volumes de literatura dramática infantil e xuvenil publicados na década dos anos trinta, Agromar. Farsa para rapaces, de J. Acuña, e Teatro dos nenos. Monólogos, de Álvaro de las Casas, das cales ademais se salientan datos sobre a súa estrutura e temática.


Infórmase da iniciativa levada a cabo pola editorial Galaxia na década dos sesenta consistente nun proxecto coeditorial coa catalana La Galera, coa que contribuíu de xeito notábel á conformación do sistema literario infantil e xuvenil galego. Dáse conta das obras narrativas publicadas en galego grazas a esta cooperación, todas elas traducidas por Xohana Torres, e infórmase asemade do único volume traducido dende o galego, Polo mar van as sardiñas, cuxas linguas meta foron o catalán e éuscaro.


Dáse conta da recuperación que na década dos setenta se fixo de diversas formas poéticas que conforman o Cancioneiro Infantil e que constitúen as reescrituras de composicións líricas da transmisión oral. Deste xeito, saliéntanse as obras Oriolos neneiros. Poesía infantil galega, de Dora e Pura Vázquez, Cantarolas e contos prá xente miúda, de Anisia Miranda e Xosé Neira Vilas, e O libro das adiviñas, de Paco Martín, achegando de cada unha delas breves comentarios.

Con motivo do centenario da aparición novelada do emblemático personaxe Peter Pan recórdase a súa creación, polo escocés James Matthew Barrie, e saliéntase a súa supervivencia no imaxinario infantil mediante adaptacións ou versións que da obra se seguen a facer. Dáse conta de como o personaxe apareceu inicialmente no marco dunha pequena obra teatral escolar en 1904, para ir evolucionando como personaxe noutras obras, como *O pequeno paxaro*, antes de xurdir como o que hoxe en día é Peter Pan na obra *Peter Pan e Wendy*. A continuación, dise que foi a colección “Árbore” de Galaxia a que primeiro chegou a obra en galego, e pásease a comentar outras traducións de obras cuxo protagonista é o neno que nunca medra, así como as diversas edicións e adaptacións ao galego que delas se fixeron ao longo dos anos. A seguir, fai mención dalgunhas das adaptacións cinematográficas, como a realizada e dirixida polo mago da animación Walt Disney, para rematar salientando a actualidade dun clásico que fascina tanto a infantes coma a maiores.


Infórmase das primeiras publicacións de carácter divulgativo en torno á literatura infantil, que tiveron lugar na década dos setenta tanto en revistas específicas, *Vagalume*, coma en revistas de carácter xeral, *Teima*, ou en xornais galegos, *La Voz de Galicia*. Salienta a finalidade didáctica de tales publicacións. A seguir, fai eco da ausencia deste sistema literario en manuais historicistas, que só acolleron obras ambivalentes ou traballo con materias de transmisión oral, entre os que se menciona a monografía realizada por Manuel Lourenzo e Francisco Pillado Mayor, *O teatro galego*, onde se fala do teatro infantil e xuvenil.


Comenta que o novo proxecto Biblioteca de Intervención Social/Didáctica, da Editorial Galaxia, está a dar os seus froitos coa nova obra de Antonio García Teijeiro, *A poesía necesaria* (2009). Salienta o labor de creador literario de García Teijeiro e afirma que esta obra aumenta a calidade da didáctica da literatura galega actual xa que con ela o autor intenta achegar a poesía ás aulas e facer aos docentes reflexionar sobre o xénero.


Recoméndase a lectura do relato de Breogán Riveiro, *Olga e o dinosauro* (2009), publicado na colección “Árbore” da Editorial Galaxia. Citanse algúns dos fíos condutores da historia narrada en terceira persoa, como é o caso da importancia das matemáticas e os números, a relevancia das normas de boa educación, o papel da escola,


Fai referencia á nova achega de Xosé A. Neira Cruz, *Jan estivo alí* (2009), da que salienta a perfecta mestura entre o texto literario e o texto plástico. Así mesmo, indica que as ilustracións son de David Soler e, de seguido, narra o argumento da obra baseado na creación do cadro “O matrimonio Arnolfini”, de Jan van Eyck. Por último, advirte o lectorado da importancia de comprender máis alá dunha primeira lectura.


Comenta a obra de Xacobe Fernández Serrano, *Mil cousas poden pasar. Libro I* (2009), e comeza falando sobre a “desamparo teórico crítico” da Literatura infantil e xuvenil. Indica que esta obra é a actual gañadora do Premio Merlín e salienta a perfecta mestura entre o texto e o desenho. Afirma Eyré que a parte plástica dun libro é tan importante como a textual e define o obxectivo dos deseños. De seguido, analiza os personaxes da obra dos que salienta a súa humanidade e, finalmente, volve resaltar a importancia das ilustracións.


Fai referencia ao novo libro do escritor Xosé Mondelo, *O informe do empregado Mendes* (2009), do que salienta a presenza da ilusión e fantasía tan necesaria para os nenos e fala sobre a importancia do narrador. Destaca que o libro está formado por sete contos dirixidos á nenez e comenta a brevidade das obras, en xeral, de Xosé Mondelo. De seguido, narra o argumento de cada conto e fai referencia aos recursos formais do libro como a selección léxica ou o emprego de estruturas e personaxes propios dos contos. Por último, comenta que a obra tamén é propicia para os adultos.


Coméntase a novela publicada por Xesús Manuel Marcos, *O Brindo de ouro II. A táboa da hospitalidade* (2009). Apúntase que este volume é continuidor da historia *O Brindo de ouro I. A chamada do Brindo* e saliéntase a calidade da escrita literaria, así como a presenza de personaxes planos que se desenvolven nunha trama que acontece nunha atmosfera fantástica. Tamén se destaca o xogo de símbolos ao longo da novela e mais a
mestura dos desexos e as aspiracións humanas. A seguir, apúntase que a obra amosa influencias de J. R. Tolkien e de Eduardo Pondal e, finalmente, saliéntase algún aspecto lingúístico, como o emprego de vocabulario do argot dos arxinas, a “misteriosa/mitica lingua dos canteiros”.


Indícase que Edicións do Cumio sacou unha nova obra dentro da súa colección de clásicos da Literatura Infantil e Xuvenil, *Os tres porquiños* (2009), adaptada por Cruz Gómez e ilustrada por Fino Lorenzo. Saliéntase deste clásico o compoñente simbólico dos personaxes e a intención didáctica da obra. Tamén se apunta que o lectorado capta facilmente a mensaxe do conto grazas á sinxeleza e á linealidade dos acontecementos. Por último, lóase o traballo do adaptador e do ilustrador.


Coméntase que a editorial Everest Galicia acaba de publicar na súa colección “Clásicos en Voces Contemporáneas” a obra *Do A ao Z con Pondal* (2009). Explícase que se trata dunha escolma de poemas realizada por Xoán Babarro co obxectivo de achegar a poesía aos nenos de Primaria e que consiste en que cada letra do abecedario introduce un poema de Pondal cos que se repasan lugares e motivos do universo poético do autor de Ponteceso. Así mesmo, indicase que o libro presenta un glosario no que se trata o tema e as características de cada poema.


Saliéntanse as ilustracións detalladas e a prosa do libro *A dama da luz* (2009), álbum ideado e ilustrado por Jorge Magutis e escrito por Agustín Fernández Paz. Nárrase o seu argumento e indicase que o conflito central acontece entre as estacións da Primavera e o Inverno como personaxes simbólicos, mesturando o real co marabilloso. Así mesmo, tamén se destaca o dominio da arte da evocación de Fernández Paz e as ilustracións “cálidas” que completan o texto.


Indica que Maite Carranza sacou á luz o volume *A maldición de Odi* (2009), que constitúe a terceira parte da triloxía publicada pola Editorial Rodeira. Narra o argumento das tres obras e destaca a perfecta construción dun mundo fantástico que
amosa verosimilitude e que mantén o lectorado coa curiosidade até o final. Comenta que esta novela está a triunfar e refire que xa foi traducida a máis de vinte idiomas. Así mesmo, salienta o feito de que está protagonizada por mulleres e escrita nunha prosa áxil e próxima.


Coméntase o álbum *A illa dos cangrexos violinistas* (2009), ilustrado por Jesús Cisneros e escrito por Xavier Queipo. Apúntase o argumento do conto ambientado nunha illa do Caribe e indicase que a historia consta de tres partes. Así mesmo, citanse algúns dos temas universais tratados como o respecto á natureza, a reivindicación de estilos de vida diferentes, etc.


Fai referencia ao conto en verso de Bernardino Graña, *O castelo de Marbel* (2009), publicado por A Nosa Terra. Indica que nesta obra, o mesmo que noutras obras dirixidas ao público infantil, o autor reflicte as súas preocupacións a través duns personaxes femininos nos que só un consegue salvarse grazas ao seu hábito pola lectura. Expúlsase que a historia ten unha estrutura tripartita e repetitiva e, finalmente, saliúntase o traballo de Anxo Fariña, como ilustrador do volume.


Fai referencia ao novo traballo plástico da editorial Kalandraka titulado *Oda a unha estrela* (2009) e explica que este álbum ilustrado está baseado no poema homónimo de Pablo Neruda. Indica que as ilustracións son obra de Elena Odriozola e relata o argumento da obra destacando a importancia que se lles dá ás cousas sinxelas e cotiás. Tamén saliúntase o sentimento das imaxes e a perfecta comunión entre o texto e a ilustración.


Comenta que dezanos despois da súa primeira edición, Xerais acaba de reeditar o libro de An Alfaya, *O maquinista Antón* (2009), na colección “Merlín.” Indica que esta peza teatral dun só acto é un xogo para o lectorado que está cheo de personaxes excéntricos cuxo obxectivo é conseguir que o maquinista poña en marcha o tren. Refire que na obra hai momentos caóticos e de tensión, mais tamén que o xogo se amosa coas
adivínas, as cantigas e as referencias ao onírico. Por último, destaca as ilustracións de Santy Rodríguez.


Indícase que existe unha gran tradición oral na literatura galega e que neses contos orais unha das características fundamentais é o didactismo. Propoñese como exemplo de personaxes didácticos os protagonistas do conto A ratiña fachendosa (2009) e Os tres porquíños (2009), que acaba de tirar do prelo Edicións do Cumio. A seguir, explicase o didactismo de A ratiña fachendosa e indícase que esta versión do clásico foi adaptada por Cruz López e ilustrada por Fino Lorenzo. Saliéntase o emprego da linguaxe, a abundante adxectivación, o uso de recursos de repetición e o emprego das formas xeométricas e a colaxe nas ilustracións.


Faise referencia ao libro publicado por OQO Editora Fiz, o coleccionista de medos (2009), da autora Fina Casalderrey. Coméntase que a historia se centra nun neno que tenta fuxir dos seus medos facéndolles fronte e conségueo grazas, en ocasións, ao riso. Saliéntase de Fina Casalderrey a súa formación pedagóxica e o emprego da linguaxe, así como o labor ilustrador de Teresa Lima quen consegue “reflectir plasticamente todos os matices evocados no texto” co emprego de tonalidades cálidas e o desequilibrio das proporcións.


Comenta o contido do conto de Txabi Arnal, O corazón do xastre (2009), que evoca os libros de viaxes tradicionais e salienta a presenza de lugares exóticos na historia. Destaca ademais o alto contido metaliterario e a simboloxía conceptual, así mesmo loa o traballo de Cecilia Varela como ilustradora do conto e a perfecta mestura entre o texto e a ilustracións.


Comeza destacando a “fermosura estética” da obra de X. A. Neira Cruz titulada Jan estivo ali (2009), baseada na obra do pintor flamengo Jan van Eyck. Salienta deste álbum ilustrado tres puntos de vista: o artístico, o didáctico e o literario, e comenta o argumento da obra, indicando que a prosa está cargada de lirismo e chea de verosimilitude, xa que a historia está contada cun narrador en primeira persoa que foi
testemuña dos acontecementos que narra. Por último, refire que a obra exalta o amor e a maternidade e, sobre todo, destaca a beleza estética.


Fálase da novidade de Christine Nöstlinger que acaba de publicar a editorial Oxford, *Unha historia familiar*. Afírmase que nela o contido social está bastante explícito, pois escóllese un divorcio como arranque desta narración xuvenil, na que o amor e os problemas entre parellas están á orde do día. Estes temas considéranse interesantes para os adolescentes que queren ler cousas máis comprometidas, introduciéndose pouco a pouco nun mundo adulto. Conclúese que a reflexión adolescente, por conseguinte, está asegurada.


Comenta a última novela de Ángel Burgas titulada *O ocupante* dirixida a un público adolescente e que presenta unha historia onde mestura o sobrenatural e a realidade cunha alta dose de intriga e suspense. Critica o desenlace da obra considerando que “empobrece o traballo narrativo anterior”, ademais de ser un tanto apurado e de amosar certas incoherencias debido ás pretensións argumentais e estruturais do autor. Destaca a rica linguaxe da obra que mostra un amplo abano de rexistros e estilos adaptados aos diferentes personaxes.


Comeza apuntando que dúas obras de Carlos Casares (Ourense, 1941-Vigo, 2002), *A galiña azul* (I premio do I Concurso Nacional de Contos Infantís O Facho 1968) e *As laranxas máis laranxas de todas as laranxas* (I Concurso de Teatro Infantil Galego 1972) merecen ser relidas por “achegar innovacións técnicas, recursos formais, unha linguaxe propia do lectorado agardado, novos modelos de sociedade e un cambio de valores” e por “afondar nas críticas sociais, modernizar a LIX e inaugurar a literatura de tendencia fantástico-realista”. Explica que Casares se iniciou na Literatura infantil e xuvenil con *A galiña azul* (1968), que dedicou a Ana Lasquetti González-Pardo e que construíu a partir do *leit motiv* dunha carta que lle envía coa finalidade de que non esqueza a súa orixe galega. Indica os cinco relatos que conforman o volume, dos que precisa os títulos e os seus nexos de unión. Remata a análise deste volume de contos precisando as ilustracións da primeira edición. En relación coa peza teatral *As laranxas máis laranxas de todas as laranxas* (1973), indica que consta dun só acto e precisa a anécdota coa que se inicia. Apunta que na peza se enlanzan outras anécdotas que se caracterizan polo *nonsense*, hipérbole, humor e surrealismo e refire os personaxes que as protagonizan. Destaca as ilustracións da primeira edición de Luís Seoane López (Bos.
Aires, 1910-A Coruña, 1979). En conxunto, apunta o que com parten ambas as dúas obras casarianas, e remata destacando os valores que transmiten e a crítica que Casares plasmou nelas.


Afirma que nos anos 40 se escribiron para a infancia e mocidade obras de literatura dramática e lírica. Apunta que aínda que Xesús San Luís Romero escribiu en 1942 no penal do Porto de Santa María a breve peza teatral O conto do abó, esta non se publicou até 1983. Refire que no exilio en Rosario (Arxentina) se continuaron editando obras para a infancia como é o caso de Cantigas de nenos (Arayl, 1944), de Emilio Pita. Precisa que se trata dun poemario cuxos paratextos son axectados ao seu receptor. Indica que este se divide en dúas partes, “Cantigas” e “Os romanciños”, e que nelas se canta o mundo máis próximo á infancia e se recordan as características diferenciadoras da terra, partindo dos materiais de transmisión oral.


Continuando coa breve historia da Literatura Infantil e Xuvenil galega dos anos 60 salienta que con O lobo e o raposo. Contos populares, unha reescritura instrumental de contos de transmisión oral, a editorial Galaxia inicia a súa primeira colección infantil propia. Apunta que estes contos teñen como fío condutor os animais nomeados no título e que están ilustrados polos fillos dun portadista dese editorial, Xohán Ledo. Afirma que ao proxecto cultural de Galaxia para crear un sistema literario infantil e xuvenil se sumaron asociacións como a coruñesa Asociación Cultural O Facho (1968), convocando premios para recoñecer os tres xéneros canónicos da LIX, sendo o primeiro deles o I Concurso Nacional de Contos Infantís en galego “O Facho”, un galardón que chegou a se converter nun dos eixes e elementos canonizadores da LIX e que na primeira edición recaeu en Carlos Casares por A galiña azul, un texto fundacional en defensa da diferenza, publicado na citada colección infantil de Galaxia, na que tamén viu a luz a obra galeguizada O león e o paxaro rebelde (1969), de Bernardino Graña, na que a loita dunha sociedade polos seus dereitos a simboliza o paxaro Pimpín.


Destaca que nesta década a poesía infantil galega se foi formando grazas aos poemarios de Manuel María (Outeiro de Rei, Lugo, 1929-A Coruña, 2004): Os soños na gaiola, publicado na década nos anos 60 e que se reeditou en 1972 na Editorial Celta para corrixir os erros que presentaba a edición orixinal; e As rúas do vento ceibe (versos pra nenos) (1979) no que se dirixía ao lectorado máis desgaleguizado, o que vivía na cidade. Precisa que este último poemario se presenta como un “manual” para explicar a “nacionalidade galega” e tamén como un “resumo” da historia galega. Indica que se estrutura ao redor dos eixes temáticos “a patria, a cidade, a natureza e as cousas e os
heroes”. Sinala que considera ao mundo rural como vertebrador da entidade galega e como o exemplo “máis representativo do ser galego”. Ademais apunta que en 1972 viu a luz Un tempo de sol a sol (poemas do neno galego) (1972), o primeiro poemario de Manuel Lueiro Rey (Fornelos de Montes, 1916-O Grove, 1990) no que protesta polo modo de vida que ten a infancia rural no ano 1969.


Apúntase que a Literatura Infantil e Xuvenil galega se consolidou na década dos 80. Explicase que esta consolidación foi resultado dunha serie de feitos nos que participaron a maioria dos axentes da comunicación literaria. Precisase que aos feitos desenvolvidos iniciados nos 70 se sumaron nos 80 outros, conseguíndose así que a língua galega chegase nesta década a ser materia de estudo “en todos os niveis de institución escolar”, o que creou a necesidade de elaborar produtos “didáctico-formativos, literarios e mesmo estudos” sobre estes. Indícase que entre os axentes que interviñeron están as normas que regулaron o uso e coñecemento do galego: a aprobación do Estatuto de Autonomía (1981) e a Lei de Normalización Lingüística (1983). Sinálase que a estas normas se engadiu que a Compañía da Radio Televisión Galega, dende 1985, difundise a lingua galega e que asociacións creadas na década dos 80, como a Asociación Socio-Pedagóxica Galega (1980) e a Nova Escola Galega (1983), divulgasen e asentasen o galego e que ademais promovesen “a renovación didáctica e a galeguización do ensino”.


Comeza apuntando que Antonio García Teijeiro achegou á Literatura infantil e xuvenil galega en 2009 un manual divulgativo sobre a poesía, unha obra que cualifica de “fundamental para o mediador ante a escaseza” de traballos deste tipo, polo que a recomenda por conter teoría e práctica, resultante de vinte anos como profesor e poeta. Explica as intertextualidades e homenaxes que aparecen no título, así como a estrutura do manual. Detense en destacar as definicións de poesía que se recollen na introdución; e a reflexión sobre a poesía que fai García Teijeiro nos oito capítulos da primeira parte, dos que salienta as ideas máis importantes. Alude ás citas que encabezan a segunda parte e recolle algunhas das estratexias que propón García Teijeiro para traballar coa poesía na aula, ademais de reproducir exemplos que realizou co seu alumnado.


Sinala que na década dos 80 comenza as “novelas e relatos de aprendizaxe e iniciación”, unha tipoloxía narrativa que presenta a busca da identidade dun personaxe por medio da súa formación intelectual, moral e sentimental. Explica que o protagonista pasa da mocidade á madureza a partir da experiencia que alcanza tras a superación das dificultades e riscos dunha viaxe exterior ou interior, na que conta coa axuda dun...
conselleiro e guía, obxectos máxicos ou amuletos. Precisa que entre estas narrativas que se publican sobre todo a finais da década e que se dirixen principalmente ao lectorado xuvenil, cómpre destacar obras que se constrúen fundamentalmente a partir de elementos mitolóxicos e de trazos que ofrecen datos sobre a identidade galega, moitas veces comparándoa con outras culturas, e que son obra de autoras e autores xa coñecidos na literatura para público adulto. Destaca, entre elas, *O segredo da Pedra Figueira* (1985), de María Xosé Queizán; *Arnoia, Arnoia* (1985), de Xosé Luís Méndez Ferrín; *Libro das viaxes e dos soños* (1986), de Eusebio Lorenzo Baleirón (Dodro, 1962-1986) e *O talismán dos druídas* (1989), de Pepe Carballude.


Apúntase que a década dos cincuenta arrincou coa creación da editorial Galaxia e a publicación do poemario *Roseira do teu mencer*, de Xosé Mª Álvarez Blázquez, un conxunto de poemas inspirados na transmisión oral. Tamén se comenta que en 1958 saíu a lume a peza teatral *Pauto do demo*, de Ánxel Fole, e en 1959 o poemario *Os relembros. As cantigas*, de Emilio Pita.

**Ferreira Boo, Carmen, “Fina Casalderrey”, El Correo Gallego, “Tendencias”, “Literatura Infantil e Xuvenil”, “Protagonistas eLIXidos”, 1 xuño 2010, p. 50.**

Primeiramente apúntase que neste ano Fina Casalderrey foi proposta pola OEPLI como candidata a The Astrid Lindgren Memorial Award e foi titora do premio Biblos-Pazos de Galicia. Despois apúntanse os títulos desta autora publicados nos anos 2009 e 2010. Coméntase o argumento d’*O misterio da Casa do Pombal* (2009), un relato no que fantasía e realidade se mesturan por medio do motivo da casa enfeitizada. Dise que a historia comeza coa fórmula introdutoria dos contos tradicionais e que relata o que lle aconteceu a unha familia ambulante na Casa do Pombal, na vila mariñeira de Vilacova. Por último, saliúntase a “temática, a prosa sinxela, áxil, coidada e chea de lirismo” e a transmisión de valores como a solidariedade e o altruísmo, “coa suficiente dose de misterio e intriga para atrapar o lectorado agardado”.

**Ferreira Boo, Carmen, “60”, El Correo Gallego, “Tendencias”, “Literatura Infantil e Xuvenil”, “Para coñecela +”, 15 xuño 2010, p. 50.**

Dáse conta de que na década dos sesenta se empezou a conformar a poesía infantil, grazas a *Os soños na gaiola: versos para nenos*, de Manuel María, un conxunto de corenta e dous poemas agrupados en seis eixos temáticos; a *Rondas de Norte a Sur: poesía infantil*, de Pura Vázquez, dividido en cinco apartados temáticos; e a *Un poema cada mes*, de Dora Vázquez.
Despois de salientar que Paco Martín foi o primeiro galego en gañar o Premio Nacional de Literatura Infantil y Juvenil do Estado Español no ano 1986 coa obra Das cousas de Ramón Lamote (SM/Galaxia, 1985), apunta que no ano 2008 reeditouse esta obra na súa renovada colección “Árbores” e publicouse a súa continuación Das novas cousas de Ramón Lamote. Dise que o seu protagonista o profesor chairego Ramón Lamote aparecera por vez primeira nas páxinas de Axóuxere. Semanario do neno galego (1974-1975), suplemento infantil dirixido por Paco Martín en La Región. A seguir resúmese o seu argumento, saliéntanse o seu humor e a mestura de “elementos fantásticos (en ocasións absurdos) e realistas para facer unha reflexión crítica e mordaz da sociedade e das vaidades e hipocrisías dos que sustentan o poder”, ademais de lembrar que axiña foi traducida a outras linguas do marco ibérico e mesmo conta cunha versión en braille.


Dise que na década dos setenta se continuaron publicando reescrituras instrumentais dos contos de transmisión oral. Saliéntanse as adaptacións publicadas por Galaxia na súa primeira colección infantil, Don Gaifar e o tesouro, Cousas de Xan e Pedro e Carliños e o avó, con ilustracións realizadas por nenos. Tamén se nomean os volumes Cantarolas e contos para xente, de Xosé Neira Vilas e Anisia Miranda, e O raposo pillabán, de Xoán Babarro e Ana Mª Fernández.


Coméntase que foi na década dos setenta cando se começou a configurar o teatro infantil grazas á convocatoria dende 1972 do Concurso Nacional de Teatro Infantil O Facho, ás actividades da Asociación Abrente e á posta en marcha desde 1978 da Escola Dramática Galega e a publicación dos seus Cadernos, dirixidos por Francisco Pillado e coordinados por Manuel Lourenzo. Tamén se salienta que Xoán Babarro, Eduardo Blanco Amor, Carlos Casares, Bernardino Graña, Manuel Lourenzo e Pura e Dora Vázquez publicaron nesa década pezas teatrais infantís e que grupos profesionais e afecionados como Atlas, Martín Códx, Fingoy, Agroco, Xestrudo e Monicreques se interesaron pola producción escénica para o público infantil.


Despois de comentar a reedición no ano 2009 de Mar adiante, de María Victoria Moreno Márquez (Valencia de Alcántara, Cáceres, 1941-Pontevedra, 2005), unha das “obras fundacionais da Literatura Infantil e Xuvenil galega”, analízanse os cambios de editorial e paratextuais das edicións dos anos 1973, 1986 e 2009. Tamén se comenta o argumento desta historia que “trata o mundo do ensino e a escola e promove unha forma de vida baseada na amizade e a aprendizaxe en contacto coa natureza”, ao mesmo tempo que se insiren historias independentes, á maneira dos contos tradicionais ou das fábulas, “cheas de simbolismo, tenitura e fantasía, que insiren valores como a
solidariedade, o respecto aos animais e á natureza, a conciencia ecolóxica, a vida harmónica ou o amor”. Destas historias saliéntase a protagonizada por Mariquiña, narración que lembra o conto da Carrapuchiña Vermella, mais cun lobo humanizado, que axuda a Mariquiña e a defende do medo á escuridade. Por último, convidáse a reler esta obra na que se tratan temas aínda de actualidade, como a defensa ecolóxica ou a preocupación polo ensino, “cunha concepción renovadora que critica os métodos represivos da escola tradicional e propón unha aprendizaxe empírica en contacto coa natureza, ademais de recuperar unha autora comprometida coa língua e a cultura do seu país de adopción”.


Saliéntase na década dos oitenta o aumento no investimento en Literatura Infantil e Xuvenil das empresas editoriais, debido ao seu voluntarismo e a intereses comerciais, que posibilitou unha produción considerábel. Tamén se destaca o papel de premios como o Barco de Vapor, o Lazarillo ou o Merlín na consolidación de tendencias e correntes novísimas.


Defínense os contos infantís realistas e fantástico-realistas, caracterizados polo humor e a linguaxe, e apúntanse as súas principais temáticas na década dos oitenta, como foron a renovación pedagóxica, a defensa medioambiental, a recreación dos mitos, a igualdade xenérica, a defensa da diferenza e a solidariedade, os elementos identitarios e as fantasías e anécdotas infantís.


Iníciase cunha reflexión filosófica sobre a relación do home co tempo, un transcorrer acelerado que non deixa espazo para reflexións. A seguir, destácase que *Xograres dun tempo novo* (2009), de Pepe Carballude é unha obra que tematiza unha tráxica historia de amor, pero con moitos recordos bonitos. Entre estes, ademais do forte amor entre Agustín e Francisca, saliéntase tamén a actuación militar da parella nas Misións Pedagóxicas. Remátese apuntando que a narrativa de Carballude tamén homenaxea algunhas personalidades importantes, que loitaron pola promoción cultural en Galicia nese proxecto, como Rafael Dieste, Carmen Muñoz, Lorenzo Varela e Urbano Lugrís, entre outros.

Faise referencia ao libro de María Solar, *O Fillo do Pintamonas* (2009), do que comenta que é unha historia con varias lecturas na que os protagonistas son os Nubelos e os Grislás. Cita o contido da obra e destaca a sinxeleza dos personaxes, as accíons e as aventuras.


Comenta a novela de Francisco Castro, *Chamádeme Simbad* (2009), dirixida a nenos a partir dos doce anos e na que se mestura a realidade e a fantasía. Salienta a lixiraxe tenra e sinxela combinada co humor desta historia relatada en primeira persoa, entre un neto e un avó que sofre alzheimer.


Destácase a importancia no context da literatura dramática da década dos sesenta de *Barriga verde: farsa pra bonecos* (Editorial Castrelos, colección “O Moucho”, 1968), peza dramática de Manuel María na que se explica quen é Barriga Verde, a súa relación co demo e a historia dunha rapaza que quere casar. A seguir, coméntase que se trata dunha homenaxe a José Silvent Martínez (1890-1979), creador de Barriga Verde e á súa familia, que percorrían coa súa barraca as feiras de Galicia cun espectáculo con monecos fixos. Finalmente, faise fincape en que foi esta a primeira obra de Manuel María que se levou a escena en Ribadavia no ano 1969.


En relación co panorama do teatro da década de 1970, afirmase que a literatura dramática está asociada maioritariamente aos premios O Facho. Asemade, entre as pezas dramáticas galardoadas, destánanse dúas: *As laranxas más laranxas de todas as laranxas* (Galaxia, 1973), de Carlos Casares, obra fundacional da Literatura infantil e xuvenil galega, que inaugurou a corrente fantástica e que axudou á configuración deste sistema literario; e *Viaxe ao país de Ningures* (Galaxia, 1977), de Manuel Lourenzo, na que se amosa unha gran preocupación ambiental e cuestiona o progreso entendido como ataque á natureza e industrialización masiva.


Coméntase con respecto á reescritura dos materiais narrativos de transmisión oral na década de 1980 que os escritores empregaron estes materiais con diferentes usos. Dentro do uso instrumental, coa intención de recoller e conservar esta tradición, saliéntanse títulos como *Contos vellos pra rapaces novos* (1983), de Xosé Neira Vilas, e


Considérase que as novelas policiais, negras ou detectivescas se iniciaron da man de creadores que ambientaron as súas obras en contextos urbanos, nos que se recrearon moitos vicios e problemas da sociedade galega do momento. Sobre o personaxe do detective, afírmase que responde aos arquetipos do xénero, mentres que os protagonistas son normalmente adolescentes guiados nas súas pescudas por un adulto. Entre os títulos producidos na década dos 80, saliéntanse A chave das noces (Vía Láctea, 1987), de Xabier P. Docampo; e Investigacions 091 (Galaxia, 1989), de Pepe Carballude. Tamén se lembra que nesta década se recuperou para o lectorado mozo Todo ben (Xerais, 1985), de Manuel Rivas.


Fai referencia ao libro de Xoán Neira, No cubil da lúa (2009), publicado pola editorial Baía na súa colección “Xiz de Cor”. Tamén indica que o volume está ilustrado por Juan Darién e dirixido a nenos de máis de sete anos. A seguir, salienta que a obra consegue que os lectores se familiaricen coa linguaxe dos versos a través da figura do cervo, o grilo, a toupa, a lebre, a tartaruga, a donicela ou o esquío, entre outros.


Comézase destacando algúns trazos da identidade do escritor Herikberto M. Quesada e pasa a comentar a súa novela O home do traxe branco. O accidente (2009). Defínese esta obra coas palabras do propio autor como “novela ‘cachonda’ e de realismo fantástico”, narrada en primeira persoa e centrada na historia dun neno que loita cos seus amigos contra os alieníxenas na Guarda. A seguir, fai referencia ao estilo e ao uso dunha linguaxe correcta, grazas ao bo traballo das tradutoras e tamén se destacan as ilustracións do libro.

Dáse conta do argumento dos seis relatos que conforman *Nube de seda e outros relatos* (2009), de Xosé Luís Vázquez Somoza, que presentan unha unidade en canto estruturas argumentais, personaxes, motivacións e recursos, así como un estilo con vocación romántica, cargado de “malabarismos simbolistas”, *flashes* e prosopoeas, segundo se comenta. Destácanse tamén a orixinalidade e o emprego de tópicos, que ás veces caen no folclorismo e outras veces adquiren un ton didáctico destinado aos adolescentes.


Narra o argumento da obra de Fina Casalderrey, *Fiz, o coleccionista de medos* (2009), coa que a autora pretende que os nenos afronten os seus medos. Así mesmo, destaca as ilustracións realizadas pola artista portuguesa Teresa Lima cunha “luminosidade que nos interna nun mundo fascinante”.


No repaso pola historia da Literatura Infantil e Xuvenil galega da década dos anos setenta centrase no panorama do teatro e saliéntanse tres obras: *Tres cadros de teatro galego*, de Dora Vázquez; *Sinfarainín contra don Perfeuto*, de Bernardino Graña; e *Teatro todo o ano*, de Xoán Babarro González, das que explica a liña argumental e a temática predominante en cada unha delas.


Despois de reivindicar a tradución de máis obras de Xulio Verne repásanse os títulos deste autor traducidos á lingua galega e centrase nas novelas incluídas na colección “Xabaril” de Edicións Xerais de Galicia, *A volta ao mundo en oitenta días* (1983, 2008) e *Viaxe ao centro da Terra* (1985, 2008). Explicase que na reedición as obras sufriron algúns cambios paratextuais, como a introdución, a biobliografía do autor e un breve estudo da súa produción, así como as abondosas notas a pé de páxina. Considérase que os cambios favorecen un espectro máis amplo de potencial público receptor, áida que se trata de dous títulos moi indicados para os mozos, dado que son obras cunha prosa moi elaborada, nas que se recrea con acerto o pensamento científico e se promoven valores plenamente vixentes, polo que acaba recomendando a súa lectura para a xuventude.

Achega á obra de Herbert George Wells, do que sinala que é un dos autores pioneiros da ficción científica e recoñecido como un dos clásicos da literatura universal, capaz de preconizar feitos ocorridos con posterioridade ás súas obras. Salienta a innovación e modernidade das súas novelas, asentadas nos avances científicos e nunha gran dose de imaxinación. A seguir apunta que polo de agora foron moi poucas as obras traducidas á lingua galega de Wells, do que só se conta con catro títulos. Considera que isto é síntoma da falta dunha polítiha planificada de tradución, polo que para cambiar a situación reclama axudas institucionais, a participación dos profesionais da tradución e seleccións de títulos de calidade, cos que proporcionalle á mocidade obras de interese que lles deán a coñecer o rico patrimonio universal.


Comeza sinalando que unha das correntes temáticas e formais máis transitadas na narrativa da década dos anos oitenta foi a novela de pandas, nas que comeza a observarse un maior protagonismo infantil. Entre as características destas obras apunta a súa débeda coas novelas de aventuras clásicas e a inclusión de elementos dos contos marabillosos e fantásticos. Das temáticas indica que ademais das peripecias do grupo tamén se tratan cuestións como os conflitos familiares ou sociais e se realzan valores como a amizade e solidariedade, á vez que se critican contravalores como a desigualdade derivada do xénero. Entre os títulos publicados nesta década saliéntase Primeiro libro con Malola (1985), de Xoán Babarro e Ana María Fernández; A casa abandonada (1987), de Úrsula Heinze; e O misterio das badaladas (1986), de Xavier P. Docampo.


Continuando coa historia da Literatura Infantil e Xuvenil durante os anos oitenta, céntrase naquelhas obras que reivindicaron unha escola renovada con respecto ao sistema anterior, na que se proporcionala unha educación máis atractiva e participativa. Entre os creadores galegos que reflectiron esta preocupación nas súas obras, citase a Concha Blanco con Contos pra escola (1981) e Gloria Sánchez con A pequena historia de Oscariño (1984) e saliéntase a Helena Villar Janeiro con títulos como O día que choveu de noite (1985) e Ero e o capitán Creonte (1989), dos que se ofrece brevemente a liña argumental.


Coméntase a obra de Agustín Fernández Paz, Valados (2009), publicada por Edicións Xerais na súa colección “Merlín”. Nárrase o seu argumento e indicase que os protagonistas son dous nenos, Helena e Xoel, que conseguen evitar que se levante un muro na súa vila. Saliéntase a nota de humanidade e harmonia que se desprende do texto e destácase o escritor como un bo coñecedor do público infantil.

Indícase que o volume *A sopa queima* (2009), escrito por Pablo Albo, ilustrado por André Letría e publicado por OQO Editora, se trata dun texto sinxelo cheo de contido e centrado nun momento do día dos máis pequenos: a hora da comida. Cóntase brevemente o argumento da historia e destácase a importancia da mensaxe na que unha rapaza afronta o reto de comer a sopa do xantar.


Destácase a obra de María Canosa, *Entre papoulas* (2009), publicada por Everest Galicia na súa colección “Ler é vivir”. Tamén se comenta que o texto está acompañado polas ilustracións de Marta Rivera Ferner e que se centra no reino vexetal e animal, así como noutros elementos da natureza. De seguido, fálase sobre a protagonista do conto, unha papoula, e saliéntase que o texto está na súa totalidade escrito en letras maiúsculas o que favorece a ensinanza didáctico-pedagóxica.


Comézase salientando a imaxinación da escritora Mar Pavón na súa obra *Picurruchos* (2009), publicada por OQO Editora, que se acompaña das ilustracións de João Vaz de Carvalho. Cualifícase ao texto de surrealista e coméntase que a autora quere denunciar a través do absurdo varias eivas das persoas. De seguido, nárrase o argumento da historia e asegúrase que a obra, ademais de promover a fantasía nos nenos, axúdaos a reflexionar sobre os comportamentos humanos.


Cóntase o argumento do conto de Arnold Lobel, *O porquiño* (2009), publicado por Kalandraka Editora e no que explica o que lle acontece a un cocho fóra do seu hábitat natural. Dise que outro dos temas tratados no libro é a dualidade entre campo/cidade. Por último, saliéntase a mestura da realidade e da fantasía.

Coméntase a novela de Paula Carballérra, *O lobishome de Candeán* (2009), que se desenvolve a partir da morte dunha rapaza, Elvira. Saliéntase que a autora mantén a tensión narrativa e a intensidade do relato e que narra a sucesión de acontecementos, nos que se mestura a realidade con seres e poderes sobrenaturais.


Relátase o argumento do libro *Furacán* (2009), de Txabi Arnal, no que unha bolboreta provoca o caos nunha rexión. Indícase que a historia se centra no feito de cómo un ser tan pequeno é capaz de cambiar o mundo. Saliéntase ademais o punto de vista plástico da obra, mesturando ilustracións en branco e negro con outras en cores, e, finalmente, faiense referencia á estrutura repetitiva do texto que crea a sensación de eterno retorno.


Coméntase que OQO Editora publicou o libro de Ana García Castellano, *A figueira de Pelostortos* (2009), e nárrase o argumento deste conto co que se pretende ensinar aos nenos o valor da xenerosidade e aprender a compartir o que un ten. Así mesmo, saliéntase o traballo do ilustrador Mikel Mardones, superponendo as súas creacións ao texto.


Nárrase o argumento da obra de María Reimóndez, *O monstro das palabras* (2009), publicada por Edicións Xerais na súa colección “Merlín”. Coméntase que a historia se centra en dúas personaxes, Alba e Lela, que teñen que loitar para que non desapareza a súa lingua. Dise que a obra amosa a importancia de loitar polos ideais e demostrar a constante evolución que sempre están a sufrir as linguas.


Saliéntase a mestura de acontecementos agradábeis e inquietantes que se ofrecen na obra *A casa da miña avoa* (2009), publicada por OQO Editora na súa colección “O”. Expícase que se trata dunha historia de medo que mantén a atención do lectorado en cada instante e saliéntase o traballo ilustrador do italiano Matteo Gubellini que consegue interrelacionar o mundo da literatura e o cinema.

Faise referencia ao libro de Toño Núñez, *Mago Goma* (2009). Expícase que se trata dun conto rimado que consta de estrofas de catro versos octosílabos con rima asonante, baseados no mundo dos soños. Saliéntase a importancia da imaxinación en toda a obra, sobre todo, na descripción do mago, tanto física como interior, e destácase o labor do ilustrador Adriá Fruitós coa creación de imaxes moi simbólicas.


Indícase que Edicións Xerais publicou a obra *Linda á espreita* (2009), de Alexander Stefensmeier, a partir dunha obra orixinal alemá e apúntase que está dirixida aos primeiros lectores. A seguir, nárrase o argumento da peza centrado na protagonista, Linda, unha vaca que está namorada do carteiro da granxa na que vive. Refírese as ensinanzas que oferece o libro e saliéntase a presenza dos animais na historia como unha forma de amosar diferentes sentimentos. Por último, apúntase que a obra ensina que con empeño se pode conseguir o que se queira.


Comézase destacando a “fermosura estética” da obra de X. A. Neira Cruz titulada *Jan estivo alí* (2009), baseada na obra do pintor flamengo Jan van Eyck. Saliéntase deste álbum ilustrado tres puntos de vista: o artístico, o didáctico e o literario, e coméntase o argumento da obra, indicando que a prosa está cargada de lirismo e chea de verosimilitude, xa que a historia está contada cun narrador en primeira persoa que foi testemuña dos acontecementos que narra. Por último, indica que a obra exalta o amor e a maternidade e, sobre todo, destácase a beleza estética.


Dáse conta da novidade da editorial Oxford de Vicente Muñoz Puelles, na recentemente estreada colección “A árbore da lectura”, traducida ao galego por Roxelio Xabier García Romero, *A expedición dos libros*. Saliéntase o protagonismo absoluto que teñen nela os libros con vida propia dunha biblioteca que, xeración tras xeración, foi crecendo nuns andeis do soto dunha casa de campo. Cóntase que un bo día desaparece un deles, o primeiro tomo das *Obras completas* de Jules Verne, e isto mobiliza os demais exemplares para facer unha expedición ao exterior en busca desa obra, aproveitando o momento para informar da penosa situación de abandono na que se atopan. Sinálase que o interese do lector está asegurado.

Comenta a publicación do volume Dor de rosa e outros contos, de Pep Albanell, da que salienta a súa distribución en tres bloques temáticos: ”A señora realidade”, “Cousas que pasan” e “Fantasías auxiliares”. Destaca do autor o humor, a fantasía e a súa capacidade para relativizar as situacións negativas facendo que sempre revertan en algo positivo


Infórmase da publicación de Makinaria (2009), primeira achega de Carlos Negro á Literatura infantil e xuvenil. Dise que este poemario está ateigado de referencia musicais, cinematográficas e literarias e dáse conta, polo miúdo, da súa estrutura. Tamén se destaca o glosario que acompaña este poemario e o texto de Rosa Aneiros co que este se pecha. Finalmente, dise que é unha obra que “se achega a unha temática pouco tratada nos libros para os máis novos cunha linguaxe próxima a eles”.


Comézase comentando o labor dos artistas españols no exilio derivado da guerra civil para sinalar que a Literatura infantil e xuvenil segue sendo unha das parcelas nas que poucas investigacións se atopan a este respecto. Dise que a publicación Pequeña memoria recobrada. Libros infantiles del exilio del 39 (2008) contribúe a solucionar esta eiva. A seguir, debúllase o contido dos diferentes traballos que a monografía acolle. No que á LIX se refire, sinálase a achega de Blanca Roig sobre Xosé Neira Vilas. Finalízase falando do catálogo bibliográfico co que se pecha esta Pequeña memoria recobrada.


Continúaase coa reescritura dos materiais narrativos de transmisión oral nos anos oitenta e sinálanse diferentes contos de autor que responderon aos usos lúdico, humanizado e ideolóxico. Entre outros, destácanse a Agustín Fernández Paz, Xabier P. Docampo, Xesús Pisón e María Xosé Queizán.


Con motivo do cincuenta aniversario da morte de Ramón Cabanillas, dáse conta da publicación de dous volumes, un deles é a *Escolma Poética* (2009) de Cabanillas publicada por Faktoría K na súa colección “Trece Lúas”. Explicase que a antoloxía son trece poemas escolmados por Luís Rei e acompañados cada un por unha ilustración realizada por Anxo Pastor.


Comenta a obra de Pinto & Chinto, David Pintor e Carlos López respectivamente, *Os oficios de Chuquelo* (2009), baseada na historia dun can que non dá atopado o seu lugar na vida. A seguir, salienta os dezasete anos de traballo que levan xuntos Pinto & Chinto e as abundantes historias e personaxes que achegaron á Literatura galega, a base de esforzo e creatividade.


Comeza destacando a imaxinación coa que escribe Carlos López e que amosa na súa obra *A peripecia de Roi* (2009), gañadora do sétimo premio Raíña Lupa de Literatura Infantil e Xuvenil da Deputación da Coruña. Salienta que a obra está chea de orixinalidade e humor ao redor do protagonista, Roi, un neno que realiza unha viaxe ao espazo. Indica que as ilustracións corren a cargo de David Pintor, quen escolleu os tons grises para crear as ilustracións.


Comenta que a Editorial Xerais na súa colección “Merlín”, acaba de reeditar a peza teatral, *O maquinista Antón* (2009), que fora gañadora do Premio de Teatro Xeración Nós en 1991. Explica que a peza só conta dun acto e que a acción se desenvolve nunha estación de tren. Así mesmo, salienta o emprego de diálogos directos, a presenza do humor e, finalmente, fai referencia ás ilustracións creadas por Santy Gutiérrez.

Fai referencia á novela escrita por Daniel Ameixeiro, *O caderno vermello* (2009). Comenta que é unha historia narrada en primeira persoa polo protagonista que conta a transición da nenez á adolescencia e os cambios que nela se producen. Indica que a novela se divide en corenta capítulos de diferente extensión e salienta a prosa fluida e os vivos diálogos nos que se observa un ton humorístico.


Comenta que a Editora Kalandraka acaba de reeditar *Libro das M’Alicias* (2009), de Miquel Obiols, escollido pola Fundación Germán Sánchez Ruipérez como un dos mellores cen libros infantís do século XX en España. Indica que este álbum ilustrado destaca polas ilustracións vangardistas de Miguel Calatayud e pola temática e que está dividido en doce contos curtos nos que agroma o simbolismo, a fantasía e o humor.


Faise eco de que a Editorial Galaxia sacou do prelo a colección “Audiocontos”, coa que pretende dar a coñecer aos nenos o mundo dos contos de forma oral e escrita. Indícase que foron publicados catro títulos (*Os sete cabuxos, Branca de neve, Os sete ananos* e *Os catro amigos*), nos que destaca a música, os efectos de son e a dramatización xunto á narración do libro. Ademais apunta que *Os sete cabuxos* (2009) foi escrito por Xesús Carballo Soliño e ilustrado por Federico Fernández.


Comenta a novela de intriga de María Reimóndez, *O monstro das palabras* (2009), na que a autora reivindica o respecto á cultura propia. Así mesmo, sinala que as ilustracións son obra de Iván Sende e que a novela está dividida en trece capítulos contados por un narrador omnisciente que, ás veces, deixa paso ás protagonistas, Alba e Lela, as cales loitan pola defensa da súa lingua.

Informa que a Editorial Galaxia acaba de publicar o primeiro libro da súa nova colección “Árbole-Arte”, *Jan estivo ali* (2009), cuxo obxectivo é unir a literatura coa arte. Explica que esta obra de Xosé A. Neira Cruz se basea no cadro *O matrimonio Arnolfini*, do pintor Jan Van Eyck e salienta a capacidade creadora de Neira Cruz, así como a reprodución plástica de David Soler. Finalmente, indica que o último capítulo da obra recolle un breve estudo sobre o artista e a súa producción pictórica.


Dá conta da publicación por parte da Editorial Kalandraka da obra *Afrontar os medos* (2009), de Maurice Sendak. Comenta que se trata dun álbum ilustrado no que o autor reivindica o poder da imaxinación dos nenos a través do protagonista Max.


Comenta a obra de Manuel Janeiro, *A abella abesullona* (2009) e destaca o uso dunha linguaxe rica en recursos expresivos, con trazos poéticos e humor. Ademais, indica que a obra se estrutura en tres capítulos curtos nos que alterna o uso da terceira persoa con diálogos. Finalmente, refire que as ilustracións foron realizadas por Marta Álvarez.


Fai referencia ao libro de Ramón Caride, *O tareco de Sara* (2009), co que o autor reivindica a imaxinación como un medio fundamental do desenvolvemento do ser humano. A seguir, narra o argumento da historia que lle acontece á protagonista, Sara, e finalmente, cita á illustradora do libro, María Lires.


Comenta a obra gañadora do Premio Merlín 2009, *Mil cousas poden pasar*, de Jacobo Fernández Serrano. Indica que con esta obra o autor agocha o seu mundo imaxinario que transmite ao lector cheo de sensacións. Ademais refire que a obra se divide en tres
partes constituídas por cincuenta e catro capítulos nos que se atopan personaxes e situacións surrealistas. Así mesmo, destaca o humor dos xogos lingüísticos, as referencias ás tradicións populares ou ao mundo dos soños.


Fálase de *Linda á espreita* (2009), álbum escrito e ilustrado polo alemán Alexandre Steffensmeier. Expícase que o volume foi editado en Alemaña en 2006 cunha grande acollida por parte do público infantil. Coméntase que se trata da primeira entrega dunha serie de tres títulos que protagoniza a vaca Linda.


Preséntase *Chrystyan Magic. Atrapado na torre* (2009), de Xoán Babarro e Ana Mª Fernández. Expícase que o argumento desta obra dirixida a lectores a partir de dez anos se centra na “historia dun rapaz cuxo maior desexo na vida é a de ser mago”. Destácanse os seus “ricos diálogos” nos que está presente o humor e apúntase que está narrada en terceira persoa.


Fálase d’*Os oficios de Chuquelo* (2009), dos humoristas gráficos David Pintor e Carlos López. Expícase que se trata dunha historia lineal narrada en terceira persoa e que conta as peripecias que padece Chuquelo, o seu protagonista. Destácase a caracterización humana dos personaxes.


Tras a celebración do curso de formación permanente “As literaturas infantís e xuvenís ibéricas. A súa influencia na formación lectora”, organizado pola Universidade de Santiago e dedicado nesta ocación á poesía infantil do século XXI, fai referencia á publicación do volume monográfico *A poesía infantil no século XXI (2000-2008)* (2009). Indica que a obra comeza cun extenso artigo de Pedro César Cerrillo Torremocha sobre os limites do xénero da poesía infantil e xuvenil, seguido doutros estudios específicos en diferentes linguas (catalá, alemá, castelán, etc.). A continuación salienta o traballo sobre a ilustración na poesía infantil galega do século XXI, a selección de setenta e catro obras poéticas, así como as páxinas destinadas aos comentarios sobre a formación lectora nos que se analizan polo múdo trece obras. No artigo cita os dous primeiros comentarios realizados por Eulalia Agrelo, quen fai referencia ás obras *Amar e outros verbos* (2002), de Ana María Fernández e *Aire sonoro* (2001), de Antonio García Teijeiro.

Cita algúns obras de Xesús Manuel Marcos López e salienta a recente publicación do segundo libro das aventuras de Selmo, protagonista d’*O Brindo de ouro II. Tábua da Hospitalidade* (2009). Destaca a sonoridade dos nomes dos personaxes que axudan á creación dunha atmosfera atemporal e enigmática nesta novela de acción e aventuras. Tamén fai referencia ao espazo e mais ás fontes literarias. Por último, comenta que a obra é finalista dos premios 2010 da Asociación de Escritores en Lingua Galega, na categoría de Literatura infantil e xuvenil.


Repaso xeral aos proxectos que se acaban de poñer en marcha con motivo da celebración do 8 de Marzo e do Día das Letras Galegas. Sobre a Literatura infantil e xuvenil percorre as diferentes bandas de idade, dende os prelectores aos que se dirixe *Antón, si tal!*, de Arturo Iglesias, así como diferentes álbums de Kalandraka e OQO. Continúa con outros títulos de autores consagrados como Fina Casalderrey, Xoán Babarro e Gloria Sánchez, ademais de novelas xuvenís, como *O brindo de ouro*, de Manuel Marcos, e *Dragal*, de Elena Gallego.


Solicita a tradución ao galego da obra canónica *O Vento nos Salgueiros*, de Kenneth Grahame, tras dar conta dos moitos transvases dos que xa foi obxecto. A continuación, fai mención da boa acollida que a obra tivo en Portugal, centrándose neste caso na edición que Tinta-da-China puxo á disposición dos lectores. Coméntase o seu argumento, as aventuras de varios animais humanizados que o autor escribe na forma de cartas ao seu fillo e mediante as que transmite diversos valores humanos, con engadidos de humor e incluso sátira. Saliéntanse determinadas características da obra, como a axilidade narrativa, o dinamismo das accións, o espazo descrito ou os cambios discursivos, definidas todas elas como particularidades que fan da tradución unha apostaxe fiel ao estilo orixinal e que, asemade, contribúen a que a peza siga a vencer o paso do tempo conservando certa atemporalidade, para o que tamén se di que contribúen as ilustracións, simples pero expresivas.


Cre que a estrea en 2010 do filme de Tim Burton, *Alice in Wonderland*, tivo como consecuencia a reedición das obras máis emblemáticas de Lewis Carroll, *Alicia no País das Maravillas*.
das Marabillas (1865) e Alicia do outro lado do Espello (1871). Sinala que Galicia se suma a este novo agromar cunha reescritura d’Alicia no País das Marabillas, publicada por Edicións do Cumio, da man de María Lado e Ana Santiso Villar. Apunta que esta obra fora obxecto doutra reescritura en 1983 e que no 1984 unha tradución merecera o primeiro galardón no Premio Nacional de Tradución 1985, ademais de engadir que dende esas datas só se publicaron dúas reescrituras máis e unha tradución d’Alicia do outro lado do espello. Detense no comentario destas obras e explica que nelas, a modo de permanente desafío, mesmo dende o punto de vista linguístico e literario, se parodia o universo das rimas e dos textos tradicionais da herdança cultural inglesa, pois a narración rompe os límites do verosímil, vivindo dun hábil entrenzado de fantasía e nonsense.


Dá conta das oito obras traducidas ao galego dunha das autoras máis importantes do universo literario portugués, Alice Vieira. A seguir, centra o seu comentario n’Os ollos de Ana Marta (1993), unha das máis emblemáticas novelas xuvenís da literatura para a mocidade. Sinala que nesta obra a narrativa cruza liñas temáticas como a perda ou o abandono afectivo, seguindo un fío cronolóxico lineal e asiduamente interrompido por memoriás e pola presenza de accións e personaxes secundarios. Profunda no argumento desta novela na que o universo familiar é pano de fondo para un texto onde os personaxes, case sempre no final da infancia ou en plena adolescencia, procuran resposta para os seus problemas de crecemento, de identidade e de afirmación individual. Tamén sinala que a focalización interna, combinada coa manipulación temporal e o xogo con diferentes fíos narrativos, se alía coa abertura que caracteriza varias das intrigas, creando textos que nunca propoñen lecturas unívocas e redutoras.


Comenta o libro Valados (2009), de Agustín Fernández Paz, reparando no seu “formato especial” próximo ao álbum ilustrado. Sinala que este relato longo concentra “o mellor do escritor chairego” e explica porque cre que é un “texto clave” para a literatura.
xuvenil galega. Salienta algúns temas como son o da amizade e a igualdade dos seres humanos para “non falar de realidades dolorosas” como os “valados que separan”.


Comenta a novela de Xosé Neira Cruz, Jan estivo ali (2009), baseada no cadro do pintor Jan van Eyck. Explica o argumento da obra e indica que a través dela o lector pode coñecer mellor a obra do pintor e obter novas interpretacións. Explica tamén que as ilustracións do libro, realizadas por David Soler, están inspiradas en cadros do pintor.


Anuncia o comezo da presente sección falando dunha obra do xa considerado clásico da Literatura infantil e xuvenil galega, Agustín Fernández Paz. Despois de comentar a orixinalidade que caracteriza a produción deste autor, di que en 2009 publicou até tres títulos, entre os que se atopa o protagonista do artigo, Lúa do Senegal, unha peza que achega a realidade da emigración/immigración de xeito maxistral ao lectorado xuvenil. A seguir, destaca a especial dedicación que Fernández Paz emprega para a súa escrita, pois di que se documenta en profundidade, feito evidente mediante a presenza de datos, vocabulario ou peritextos. A continuación, comenta o argumento da obra, cón que imaxe da lúa serve de conexión entre as dúas terras. Para rematar, danse acenos da emigración galega e recomendase a súa lectura.


Apunta que na década dos anos 70 é cando as traducións ou versións ao galego de obras orixinais nutrous lingüas “comezan a influír na consolidación da Literatura Infantil e Xuvenil” en lingua galega. Aclara que estas traducións ou versións xa se iniciaran na década dos anos 60 por medio de coedicións, como xa se apuntara nesta mesma sección, pero que seguen realizándose nos anos 70 porque persiste a “pobreza editorial”. Indica que é nos anos 70 cando se produce un aumento no número de traducións, motivado por fins didáctico-pedagóxicos que apoian as institucións educativas e porque se precisa “encher un baleiro”. Explica que comezan “novas modalidades xenéricas didáctico-educativas” con Oña e Ori un día na escola (1978); Os animais con Scarry (1978) e os dez volumes Eu son..., de M. A. Pacheco e J. L. García Sánchez, traducidos por doux “inigualables e destacados escritores galegos”, Salvador García-Bodaño e Carlos Casares. Remata salientando as adaptacións de materiais da transmisión oral en coedicións de clásicos da literatura universal como o traxe novo do emperador (1979), de H. C. Andersen, na colexión “A Galea: Contos Populares”, por mor de que a escola necesitaba obras literarias.

Apúntase que na narrativa dos anos 80 se seguen as correntes formais e temáticas que recuperan e recrean o material da transmisión oral, se consolidan e anovan as tendencias da novela ou relato da vida cotiá e sociedade en xeral e o conto realista e fantástico-realista, que xa foran ensaiadas anteriormente, e continúanse as autobiografías, crónicas e memorias. Indícase que tamén comezan novos modelos formais e temáticos, distintas tipoloxías das novelas e relatos de aventuras: as “de pandas”, que se caracterizan por narrar unha aventura grupal; as de “ficción-científica”, sobre viaxes no espazo e prospección de futuro; as “detectivescas, policiais ou negras”, onde se resullen casos pouco claros que precisan de investigación; e as de “iniciación” ou bildungsroman, onde o protagonista madura. Engádese que tamén comezaron nesta década a tratarse novas temáticas non abordadas con anterioridade: preocupacións ecolóxicas, novos conflitos familiares e socias (delincuencia, drogadición, entre outros) e cuestións de xénero, sobre todo localizadas en “espazos urbanos e suburbiais”.


Nesta sección, dedicada a protagonistas relevantes da Literatura infantil e xuvenil galega, destácase a traxectoria do Premio Fundación Caixa Galicia e resúmense brevemente as súas catro convocatorias dende a súa creación en 2006. Sinálase que o galardón se converteu co tempo nun escaparate das tendencias, temas e autores do século XXI dentro da ampla etiqueta da “literatura xuvenil”. A seguir, ofrecécese un breve comentario da novela galardoada na cuarta edición, Ás de bolboreta (2009), de Rosa Aneiros, sinalando que aborda a contemporaneidade, tanto na temática coma na estrutura fragmentaria e aberta que elixe, e apuntando que esta perspectiva obriga o lectorado a superar as esixencias do texto e a participar nel activamente. Fálase tamén da conxunción de técnicas literarias e cinematográficas e do retrato global que ofrece o texto a partir do pequeno café no que se desenvolve, trasladando á ficción o efecto bolboreta que evoca o título.
VII.5.5. PUBLICACIÓN EN XORNAIS: ARTÍCULOS DE OPINIÓN E COLABORACIÓNS FIXAS


Sinala que a prensa galega non se fixo eco “o ano pasado” do bicentenario de Louis Braille, inventor do sistema de escritura para os invidentes. A este respecto, considera que xa en 1902 as institucións galegas que acollían cegos utilizaban o sistema braille e resalta dúas páxinas “de extraordinaria orixinalidade”, recollidas do número 406 da *Revista Gallega* (28/12/1902). Indica que houbo unha festa o día de Noiteboa na escola gratuíta de nenos cegos e pobres, instruídos polo presbítero José María Salgado, na que participaron os nenos Julio Velo, Ramiro Puga e José Villar Longueira e que na revista se reproducen cada un dos textos. Apunta que a prosa e o poema en galego dos dous últimos nenos nunca foron recollidos en volume, manifestando que Eugenio Carré Aldao, acolleu textos “menos curiosos” na súa antoloxía de 1911, e que eran “insólitos” os textos galegos en actos literarios escolares.


Felicita a varias persoas relacionadas coa cultura galega e, entre elas, ofrece os seus para bens aos escritores Agustín Fernández Paz e Xabier P. Docampo xa que as súas obras, *Contos por palabras* e *Cando petan na porta pola noite*, respectivamente, foron seleccionadas como das máis representativas do século XX.


Comeza apuntando que Agustín Fernández Paz rexeitou o galardón dos Premios da Cultura que lle foi concedido, mentres que a Editorial Galaxia si o aceptou. A seguir, reflexiona sobre a cuestión da existencia ou non de límites na aceptación das políticas e formas de facer do goberno. Contrapón a posición do creador e da editorial, sublinhando o afastamento existente entre autores e aquelas institucións destinadas a difundir o seu traballo, profundiendo unha fenda entre aqueles que deberían estar “no mesmo barco”. Finalmente, eloxia a postura de Fernández Paz e agradece que “nos retratase a todos, sen focos, nin cámaras, nin excesiva acción”.


Fálase da Literatura infantil e xuvenil galega con motivo do 32 Congreso do International Broad of Books for Young People en cuxa organización participou a Asociación Galega do Libro Infantil e Xuvenil responsábel de xestionar o programa.
Indícase que o obxectivo da cita que ten por lema “A forza das minorías” é “promover a lectura na infancia”. Recórdase a coincidencia do congreso co cincuenta aniversario da publicación de Memorias dun neno labrego, de Xosé Neira Vilas. Apúntase que a Literatura infantil e xuvenil galega “é un exemplo máis da forza transformadora das minorías” e citanse a escritores como Manuel María, autor do primeiro poemario infantil galego titulado Os soños na gaiola (1968) ou a Carlos Casares, autor da primeira peza de teatro infantil, As laraxas máis laranxas de todas as laranxas (1973). Fálase, tamén, dos membros da Xeración Lamote.


Fálase de José Silven Martínez, pioneiro en espectáculos de monicreques coñecido como Barriga Verde. Coméntase que dende 2006 conta cunha rúa en Pontevedra e que en 1968 Manuel María recuperara a súa figura para, posteriormente, pasar ao esquecemento até o ano 2001 cando recibiu unha homenaxe no Festival Internacional de Títeres de Santiago. Preséntase a súa biografía.


Indica que o conto Eu tamén son fonte (2008), de Teresa Moure, editado por Galaxia, analiza a maternidade, feito que sempre sorprende, sobre todo se temos en conta a sociedade capitalista na que vivimos inmersos, onde todo transcorre con celeridade dominados polo tempo e as présas para o traballo, para a comida, ás carreiras para todo, até para atender os fillos. Con todo iso existen iniciativas como o Obradoiro de Lactancia Materna, na aula do Liceo de Ourense onde se anima as nais a dar de mamar aos fillos e os beneficios que iso trae para os nenos, un pracer marabilloso co que a natureza nos agasalla.


Achega as súas impresións sobre unha serie de obras literarias. Entre elas destaca Viaxe aos Ancares (2009), de Xosé Lois Ripalda, publicado na colección infantil da editorial Ir Indo, que recolle a viaxe dun grupo de nenos por Galicia; e outras dúas que teñen coma escenario a cidade de Vigo: A praia dos afogados (2009), de Domingo Villar e Unha historia que non vou contar (2009), de Emilio Alonso.


Conta a súa experiencia dun coloquio que mantivo cos alumnos do colexio Couceiro Freijomil de Pontedeume sobre a súa obra Faragulliña (2009). A seguir fala sobre a protagonista da historia e comenta que o obxectivo da obra é amosarlle aos nenos a importancia da amizade e da boa alimentación. Tamén indica que o conto foi publicado pola Área de Promoción Económica, Emprego e Turismo da Deputación da Coruña e
finaliza salientando a importancia de que a nenez debe estar sempre preto dos libros xa que son o noso futuro.


Defende os escritores que se dedican a escribir Literatura infantil e xuvenil argumentando que non se trata dunha literatura de “segundas”, senón que ten tanta calidade e, ás veces máis, que a literatura para “adultos”. Na súa defensa fai referencia ao escritor Alfredo G. Cerdá, gañador do Premio Nacional de Literatura Infantil e Xuvenil, quen nun artigo publicado en *Babelia* defende a súa profesión de escritor.


Tenta tranquilizar un amigo seu sobre a situación da Literatura infantil e xuvenil galega, afirmando que hai mestres que recomandan aos seus alumnos lecturas en galego e cita algúns exemplos de bos libros. Refire os audiocontos con CD publicados por Galaxia (*Os catro amigos, Branca de Neve e os sete ananos, Os sete cabuxos e O galo Quirico*), tamén fai referencia ao libro de Jacobo Fernández, *Mi l cousas deben pasar* (2009), editado por Xerais, e por último, a obra de Pablo Díaz, *Tictac*, publicada por Kalandraka.


Comenta que cando os seus alumnos len a algúñ escritor, para que a súa visión sobre a literatura se enriqueza, busca a posibilidade de que estes teñan un contacto directo coa persoa ou a través de cartas. De seguido relata como a poeta Carmen Gil agasallou os alumnos cunha carta sobre a lectura dos seus versos.


Comeza definindo o concepto de emoción e salienta que leva anos intentando que os seus alumnos se emocionen cos libros poéticos. Ademais propón como exemplo de poemario emotivo a obra de Ricardo Martínez-Conde, *Na terra desluada* (2009), publicada por Espiral Maior, da que cita algúns versos.


Relata a súa participación xunto a Fina Casalderrey na Feira do Libro Infantil e Xuvenil de Boloña. Destaca a afluencia de público e a boa presentación de todas as editoriais galegas. Cita algúns dos editores cos que estivo e resalta a fermosura do pavillón da


Opina sobre o labor que desenvolven os mediadores en relación á promoción da lectura nas escolas. Comenta que animar os rapaces a que lean e inculcarlle o hábito lector é un traballo de primeira magnitude e para iso os mediadores deben ser conscientes do papel que xogan.


Loa a Paco Ibáñez pola súa defensa que fai sempre sobre o galego e comenta que participou en Vigo nun recital no que cantou algúns poemas como “Que ocorre na terra?” e “Chove” de Celso Emilio Ferreiro. Así mesmo, cita algúns temas que defendeu Ibáñez e indica que durante o xantar interpretou tres poemas da obra de García Teixeiro, *Paseniño, paseniño* (2003).


Fálase da invisibilidade da Literatura infantil e xuvenil referíndose, sobre todo, aos medios de comunicación, dos que se di que “acostuman a dar as costas á literatura para os pequechos”.


Recoméndase a lectura de *La manía*, de Andres Trapiello, do que se recolle unha cita, así como a obra *Quen matou a Inmaculda de Silva?*, de Marina Mayoral, da que tamén se ofrece un fragmento. Tamén se engaden citas de Estíbaliz Espinosa e Benjamín Prado.


Desenvolve un exemplo para demostrar que a Literatura infantil e xuvenil galega ainda segue illada no noso país e reclama á Real Academia Galega que pense en ofrecerlles unha cadeira aos escritores Agustín Fernández Paz e a Xabier Docampo.

Refírese á obra do artista Xosé Manuel Rodríguez Mojón, “Moxom” e apunta que procede do mundo da banda deseñada, como pioneiro dende o Frente Comixario de Ourense a finais da década dos oitenta. Entre as súas obras, menciona as súas esculturas en madeira, as acuarelas coas que ilustrou un libro de Alberto Cacharrón e as ilustracións para O lobo da xente, adaptación do conto de Risco publicado en 2009 pola Fundación Vicente Risco e BD Banda.


Comenta a situación actual da Literatura Infantil e Xuvenil en Galicia (LIX). Alude á aprobación da Lei de Normalización Lingüística como un factor positivo perante a publicación de novos volumes de LIX. Enumera a seguir algúns dos eidos nos que estes novos volumes van aumentado a súa expansión e remata cunha referencia a Corea do Sur como a meirande potencia de LIX na actualidade.


Fai referencia á visita da crítica e ensaísta Marga Romero a Gres e a outros dos seus amigos e amigas de Alemaña, como Simon Werner, Karl Schneider e Johan Snabl, Klaus Bochmann (quen promoveu a edición alemá de Memorias dun neno labrego), Ulf Herrmann e Sabine Albrecht, todos eles interesados pola cultura e literatura galegas.


Fálase do teatro para nenos e nenas. Indícase que, até hai un tempo, os textos para eles escaseaban de aí que se decidise a crear o Premio Estornela. Indícase que outra contribución importante correu da man de Xosé Luna Sanmartín, que creou a colección “A Pinguela” de teatro escolar que xa publicou setenta e tres pezas de autores como Avelina Valladares ou David Otero. Apúntase que moitas destas obras foron levadas á escena por escolares.


Recóllense as reflexións de María Xesús Nogueira sobre a literatura infantil que lía na súa nenez. Fálase d’O globo de papel de Elisa Vives; Unha nova terra, de Francisco Candel; e A galiña azul, de Carlos Casares, volumes que asentaron “os piares da literatura infantil galega”. Apúntase que os dous primeiros foron traducidos por Xohana Torres e que foron publicados grazas a un acordo entre Galaxia e unha editora catalá. Engádese que a situación actual da Literatura infantil e xuvenil galega mudou até converterse “nunha producción de referencia”.


Comenta algunhas das publicacións sobre Celso Emilio Ferreiro, como Celso Emilio Ferreiro para os nenos (1989), do profesor Xesús Alonso Montero, do que describe os seus contidos e salienta a inclusión do “Monólogo do vello traballador” no volume, xunto a unha serie de breves escritas autógrafas. Indica a seguir a súa publicación por parte da Dirección Xeral de Cultura da Xunta de Galicia con motivo do Día das Letras Galegas dedicado a Celso Emilio Ferreiro, así como apunta que o seu deseño recaeu en Francisco Mantecón.


Anúnciase a XII edición das Xornadas de Banda Deseñada en Ourense cun programa no que se inclúen proxeccións de películas, encontros con autores, entrega de premios e oito exposicións. Entre elas, destácase Un Camiño de viñetas, que conta con dezasete ilustradores galegos que dan a súa visión sobre o Camiño de Santiago.


Celébrase na Estrada o cincuenta aniversario da publicación de Memorias dun neno labrego, de Xosé Neira Vilas, en Bos Aires. Dito acto conmemorativo clausurará o club de lectura impulsado polo concello, no que os participantes recibirán un exemplar da obra citada firmada polo autor. Anúnciase que ademais contará coa presenza da editorial Galaxia que reeditou a novela e realizou unha edición especial de toda a obra do autor.


Cita aos dous escritores galegos que se atopan entre os nominados ao Astrid Lindgren: Agustín Fernández Paz e Juan Farias. Comenta que dito premio é o que outorga maior contía económica da Literatura infantil e xuvenil.


Coméntase a repercusión positiva do XXXII Congreso Internacional do IBBY na cultura e na língua galegas, sobre todo, no ámbito da Literatura infantil e xuvenil.


Alude á edición que A Nosa Terra leva a cabo do cómic Os Bolechas van de viaxe: A moda de Lugo, da autoría de Pepe Carreiro. Destaca o seu éxito de difusión entre o lectorado máis cativo e as ilustracións topográficas da cidade lucense que contén.


Despois de facer unha serie de consideracións sobre as adversidades que ten superado a cultura galega, refírese á súa alegria polo feito de Agustín Fernández Paz estar nomeado para o prestixioso premio de Literatura infantil e xuvenil Astrid Lingren Memorial. Considera que Fernández Paz é un bo home, polo que a súa literatura chega con facilidade e fondura aos seus lectores. Afirma que escribe os seus libros dende a súa verdade máis íntima e que a súa é unha literatura baseada na sinceridade entre o escritor e lector, tal e como o exemplifican as súas obras Lúa do Senegal (2009) e Valados (2009).


Ofrécese un texto en memoria de Pura e Dora Vázquez.

Trae á memoria o conto de Guillerme Abeixón, *Choio e o rei Talento* (1971), publicado por Ediciós do Castro e con ilustracións de Xosé Díaz. Salienta o coidado co que foi realizada esa edición e mostra as súas sospeitas de que Guillerme Abeixón sexa un pseudónimo de Manuel Beiró Buxán ou de Alonso Montero. Describe finalmente a súa liña temática e o fío argumental en gran detalle.


Comenta que unha escritora lembra a vez que participou nun concurso literario co gallo de celebrar o Día das Letras galegas e, tras conseguir o premio, a autora María Victoria Moreno lle regalou a obra *Anagnórise* (1988). Esta anécdota relationaa con outra suceso actual.


Comenta que no Auditorio de Vila de Cruces se celebrou unha homenaxe a Anisia Miranda en lembranza da súa figura e polo seu traballo como escritora. Repasa brevemente a traxectoria de Miranda e o seu labor en Cuba, onde publicou obras de literatura infantil e sacou adiante a revista *Zum Zum*.


Dáse conta do cincuenta aniversario da saída do prelo da Editorial Follas Novas, que fora fundada en Arxentina por Xosé Neira Vilas e a súa compañeira Anisia Miranda, de *Memorias dun neno labrego*. Reivindicase a xusta homenaxe como o libro máis popular e querido e coméntase o intenso labor cultural a prol de Galicia levado a cabo polo seu autor e outros exiliados na Arxentina da época.


Refire o desenvolvemento dun obradoiro que están realizando Luz Darriba e Encarnación Lago sobre a obra de Rosalía de Castro. Exalta o labor das súas organizadoras e indica que o proxecto pretende comprender as migracións a través da obra rosaliana. Ademais, comenta que a actividade está dirixida ao alumnado de Primaria e Secundaria e que o traballo realizado vixará posteriormente a Arxentina para celebrar o Día do Libro, xunto ao Día da Poesía e mais o Ano de Achegamento entre Culturas.
VII.5.6. PUBLICACIÓN EN XORNALIS: ENTREVISTAS


Entrevista a Carmen Márquez quen fala sobre a nova colexión, “Makakiños día a día”, que está a publicar conxuntamente a editorial Kalandraka e BATA (Baión Asociación de Tratamento del Autismo). Márquez explica cal é a intención desta nova colexión e cómo se compoñen os contos, ademais de salientar que Kalandraka se faise cargo das ilustracións. Indica que os libros van dirixidos a nenos e adultos con diversidade funcional. A seguir, explica en qué consiste un dicionario pictográfico e fai referencia ao escaso material adaptado co que se pode traballar. Finalmente, indica cómo levaron a cabo a idea de difundir os libros e asegura que esta iniciativa tamén é óptima para os adultos.


Con motivo da presentación en Vigo do programa “Un mar de viñetas”, achégase unha entrevista realizada a Kiko da Silva, quen explica o obxectivo desta proposta e fala sobre a situación actual do cómic galego. Por último, salienta que o deseño e a historia no cómic teñen a mesma importancia.


Recupérase unha entrevista con Fina Casalderrey e María Victoria Moreno do ano 2000, con motivo da súa participación no Día do Libro que se celebraba en Pontevedra, na que achegaban as súas opinións sobre a feira. Casalderrey afirmaba que é importante o contacto do lector co libro e sobre todo co autor e apoia a iniciativa dos libreiros pontevedreses. Por outra banda, Moreno tamén destacaba o seu apoio aos libreiros e salientaba que queren mostrar aos lectores que os libros “non morden”.


Brevísima conversa con Xosé Neira Vilas co gallo do seu recibimento na Illa de Arousa pola posta en escena dun espectáculo sobre o seu volume, Memorias dun neno labrego. Comenta o seu regreso á vila despois de catorce anos e o ben que o recibiron no Concello arousán.

Antón Cortizas explica que a incorporación dos xogos populares nas aulas supón unha “riquisima cultura lúdica” e ademais un incentivo da motivación na escola. Comenta que esta tradición está moi perdida e engade que “unha misión que ten a escola é a de transmisión deste extraordinario patrimonio lúdico”. Recoñece que o descoñecemento destes xogos implica que haxa que “empurrar” os rapaces para participar neste tipo de xogos e engade que este recurso pode ser empregado dende calquera disciplina. Remata apuntando que ten un libro publicado en Edicións Xerais de Galicia, titulado *Chirlosmirlos. Enciclopedia do xogo popular*, que recolle todo o material que recolleu seguindo un proceso de documentación que procede da súa propia experiencia de cando era cativo.


Conversa con Fina Casaldarrey co gallo do seu encontro co lectorado do seu libro, *A pomba e o degolado* (2007), como parte do programa da Asociación Galega do Libro Infantil e Xuvenil (GÁLIX). Destaca a cantidade de preguntas que o lectorado lle fixo á escritora, a presenza dun lectorado maioritariamente feminino e a influencia do seu labor como mestra á hora de escribir.


Breve entrevista a Marisa Irimia con motivo do seu obradoiro de lectura para nenos e nenas na Biblioteca da Fundación Caixa Galicia. Salienta a actividade manual, en especial as “transparencias aladas”, organizada ao redor da lectura do conto “O león, o grilo e o raposo”, co que a ilustradora e narradora intentou potenciar a capacidade creativa dos rapaces e rapazas.


Entrevístase a bibliotecaria Beatriz Prado con motivo do obradoiro que a Biblioteca Fundación Caixa Galícia organiza para os nenos de entre 4 e 13 anos. Expícase que o obxectivo é “sensibilizalos coas posibilidades que lles ofrece a lectura” co cal, e despois de ler lles un conto segundo as idades, os rapaces deben crear o seu propio debuxo.

**Ferreiro, Luis, P.,** “É un privilexio programar a exposición de Will Eisner”, *La Opinión, “A Coruña”*, 9 agosto 2010, p. 5

Entrevístase a Miguelanxo Prado, director do festival de cómic “Viñetas desde o Atlántico”. Infórmase que nesta edición se ofrece unha exposición de Will Eisner creador de *Spirit*, así como visitas de Dave McKean e Carlos Pacheco. Recórdase que en edicións anteriores o homenaxeado foi Alberto Breccia.

Realízase unha entrevista á escritora Fina Casalderrey sobre a relación da Literatura infantil e xuvenil cos adultos. Comenta que hai moitos escritores que descobren un gran tesouro na Literatura para os máis novos e que con ela se pode explorar o ser humano. En canto ao tempo que dedican hoxe en día os rapaces á lectura, considera que agora teñen un amplo abano de actividades de ocio e que entre elas a presenza da lectura é abundante, aínda que os soportes lectores mudaron moito de cando ela era pequena. A seguir, afirma que a Literatura infantil e xuvenil lle debe moito á escola e valora os profesores que practican a satisfacción da lectura nas aulas, ademais de falar sobre a presenza do didactismo nas obras. Finalmente, alude á a súa práctica na literatura gastronómica.


Salienta a prolífica produción do escritor Agustín Fernández Paz, destacando que os seus libros foron traducidos a varias linguas e que acadou un abundante número de premios coas súas novelas. A seguir, realiza unha entrevista ao escritor quen explica como lle nacen as ideas de narrar sobre un determinado tema a partir da observación da realidade que o rodea e tamén conta a súa relación coa escrita, iniciada na escola. Sobre o éxito das súas novelas, Fernández Paz salienta a importancia de relacionarse cos lectores e destaca a súa satisfacción ao gañar o Premio Nacional pola súa novela *O único que queda é o amor.* Por último, critica algunhas actuacións do conselleiro e destaca a súa satisfacción ao gañar o Premio Nacional pola súa novela *O único que queda é o amor.* Por último, critica algunhas actuacións do conselleiro e destaca a súa satisfacción ao gañar o Premio Nacional pola súa novela *O único que queda é o amor.*


Entrevista ao escritor Bernardino Graña quen lembra a súa mocidade vivindo en diferentes cidades galegas e españolas. Tamén recorda a súa estadía no Brasil e o seu paso como membro do grupo Brais Pinto en Madrid. Así mesmo, cita algúns dos seus alumnos que hoxe en día tamén son escritores como Anxo Angueira e refire a relación que mantivo con Uxío Novoneyra ao fronte da Asociación de Escritores en Lingua Galega. Por último, asegura que continúa a escribir, sobre todo, literatura infantil e critica o feito de que as editoriais queiran clasificar os libros segundo a idade dos receptores.

Con motivo da publicación do conto O fillo do pintamonas (2009), acha unha entrevista a María Solar quen fala sobre a súa función como comunicadora, despois de traballar na radio ou no xornalismo e de estudar maxisterio, xornalismo e bioloxía. Afirma que é unha gran “faladora” e defende a mestura da súa formación. A seguir, fala sobre a súa última obra que está destinada en principio para o público infantil e xuvenil e afirma que se trata dun libro sobre os “nubelos” que está pensado para ler e non “para que entre polos ollos”. Afirma que está preparada para escribir unha novela longa destinada aos adultos e comenta que realiza a escrita nos momentos libres e que non ten unha disciplina horaria de escritura. Finalmente, refire as súas influencia literarias.


Entrevístase a Xosé Ballesteros, director e confundador de Kalandraka. Coméntase a evolución desta editorial que pasou de ser un proxecto “monolingüe en galego” á internacionalización e a contar cunhas políticas de alianzas con outras editoriais que lle permite publicar noutras sete linguas máis. Recóllese a opinión de Ballesteros sobre a situación da Literatura infantil e xuvenil galega da que asegura que conta con autores e ilustradores “que están no seu mellor momento”. Cítase a Agustín Fernández Paz e a Xabier Docampo e considérase que a situación do libro está a cambiar coa chegada do e-book.


Entrevista a Pablo Díaz co gallo da saída ao prelo do seu disco-libro, Tic Tac (2009), editado por Kalandraka e ilustrado por Marc Taeger. A conversa xirou ao redor de cuestións como os recordos da súa infancia, as súas vivencias no eido rural galego durante a década de 1990, a oferta de música para nenos, os obradoiros de animación á lectura realizados pola editorial Kalandraka, a súa canción “Rock do porco celta” e as colaboracións de Guadi Galego, Carmen Rey e Xabier Díaz no antedito disco-libro.


Realízase unha entrevista ao pintor Anxo Pastor, autor dun poemario publicado por Espiral Maior na súa colección “A Illa Verde”, baixo o título de Sombra fértil (1999). Pastor lembra os seus inicios na pintura dende a infancia e a relación coa poesía. Afirma que os seus debuxos teñen sempre unha raíz poética e asegura que a poesía para el é un “misterio”. A seguir, defende a vixencia do libro en papel fronte ao libro electrónico e tamén fala sobre a importancia de Ramón Cabanillas como poeta renovador da poesía galega. Fai referencia ao seu traballo de ilustrador da obra de Cabanillas na colección “Trece Lúas”, publicada por Kalandraka e dirixida para os lectores de máis de oito anos. A continuación, refire a súa amizade con Uxío Novoneyra e fala sobre o poemario de Branca Novoneyra, Dentro do labirinto (2009), que el mesmo ilustrou. Finalmente,
Nesta entrevista Agustín Fernández Paz refire como está pasando o verán e fai certos comentarios ao redor da época estival e da súa actividade. Sinala que durante o verán estivo escribindo un conxunto de contos de misterio que deixou practicamente acabado e que ten por título *As fronteiras do medo*. Fala do seu traballo de escritor e di que esixe constancia e continuidade. Tamén apunta que compartiría unha conversa con Franz Kafka na Praga daqueles tempos.


Achega unha entrevista á escritora Marisa Núñez quen salienta a súa orixe de Sarria e afirma que é un dos espazos presentes nos seus contos. Explica que o seu gusto pola escrita empezou por necesidade e tamén por oficio e considera que escribir para os nenos comporta unha gran responsabilidade. Afirma que para escribir literatura infantil é necesario recuperar a infancia e que ela se basea na súa propia experiencia, ademais de destacar a importancia das ilustracións nestas obras. Conclúe citando os proxectos nos que está a traballar e asegura que a boa literatura infantil é aquela que non se desgasta, sinxela e entendible para os nenos. En columna á parte, Marisa Núñez coma...
unha persoa que le de neno tamén o fará de adulto e asegura que os contos son universais e que poden ser lidos por calquera neno en calquera país do mundo.


Conversa con Xosé Neira Vilas con motivo do quincuaxésimo aniversario da publicación de Memorias dun neno labrego (1961). As cuestións tratadas xiraron ao redor da popularidade da novela, a cantidade de datos autobiográficos presentes nela, os seus primeiros lectores e lectoras, as memorias do falecido Herminio Barreiro, a súa estadía en Cuba por mor da emigración, a revolución cubana, a ausencia de filiación política por parte do escritor, a marcha de Isaac Díaz Pardo da empresa de Sargadelos, a nova política lingüística da Xunta de Galicia e a falta de autoestima por parte dos galegos e galegas.


Fálase con Manolo Mandianes, antropólogo e escritor, con motivo de ter quedado como finalista do Premio Constantino Nigra coa obra Raposiño e o cego (Limaia Producions, 2008). Explicase o argumento do volume e coméntanse as valoracións que o xurado fixo dela, da que destacaron o seu interese etnográfico e a beleza literaria da súa expresión. Engádese unha breve ficha persoal do autor.


Breve entrevista con Lola Dopico, concelleira de Cultura, sobre a undécima edición do Salón do Libro infantil e xuvenil de Pontevedra. A conversa xirou ao redor de cuestións como o número de visitas que recibiu o Salón e as claves de tal éxito, así como o apoio económico da Xunta ao Salón e a Culturgal.


Realizase unha breve entrevista a Manuel Janeiro en relación ao seu libro A abella abesullona (2009), publicado pola Editorial Galaxia. Janeiro explica como naceu este libro escrito hai doux anos e refire parte da temática dos seus libros. Por último, comenta que se produce literatura infantil en exceso e que está supravalorada, ademais de afirmar que a industria é a que crea o produto antes de que se reciba.

Con motivo da homenaxe ao escritor Agustín Fernández Paz no Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra, realizase unha entrevista ao homenaxeado, que mostra a súa satisfacción polo recoñecemento ao seu traballo de tantos anos e fala sobre os premios que reciben algúns dos seus libros. A continuación, refire a situación actual da lingua galega e considera que a aprobación do decreto é un retroceso. Toma como referencia o título do seu libro *Valados* (2009) para afirmar que na sociedade galega se están a crear moitos valados que separan a xente.


Fálase con Brais Rodríguez, debuxante galego galardoado co Premio Injuve na categoría de Banda Deseñada. Ofrecense datos biográficos e indícase que tamén foi gañador do I Certame Galego de Cómico sobre Teatro, no que se debían facer adaptacións á banda deseñada da obra *Doentes*, de Roberto Vidal Bolaño. Recóllese a súa opinión sobre o apoio que recibe este traballo das institucións.


Infórmase que a sección española do IBBY é a Organización Española para o Libro Infantil e Xuvenil que, á súa vez, está constituída polas seccións dos diferentes sistemas literarios do Estado español, isto é, o castelán, o galego, o catalán e o vasco. Fárase do congreso que se celebra en Santiago e coméntase que o obxectivo é sentar as bases para que as minorías conten cunha presenza na Literatura infantil e xuvenil, sobre todo as minorías lingüísticas. Anúnciase que a idea de crear un centro IBBY na Cidade da Cultura quedou suspendido polo momento pola situación económica.


Indícase que a empresa Itbook Editorial converteu contos populares coma *Carrapuchiña Vermella, Alicia no País das Marabillas, A lebre maila tartaruga e Os tres porquíños* en descargas dixitais para Iphone, Ipad e Ipok touch en nove linguas, entre elas o galego.

Coméntase que o CEIP de Pazos inaugurou a biblioteca Juan Farias, cuxo nome é o dun escritor nado no mesmo lugar que non puido asistir por problemas de saúde. De todos os xeitos, dous amigos de Farias: Paco Martín e Xabier Docampo estiveron no acto onde Docampo subliñou a importancia do escritor na Literatura infantil e xuvenil. Na homenaxe léronse fragmentos de *Carta del abuelo a los Reyes Magos* e de *El hombre, el árbol y el camino* e culminou cunha proxección dun vídeo creado polo centro educativo que reflectía os aspectos máis relevantes da obra de Farias. Por último, citanse os premios que recibiu Juan Farias na súa traxectoria: Premio Iberoamericano e Premio Nacional de Literatura Infantil e Xuvenil.


Fálase con Henrike Fesefeldt, comisaria do 32º Congreso Internacional do IBBY en substitución de Xosé Antonio Neira Cruz. Coméntase que o lema do encontro é “A forza das minorías” e que o programa é “moi completo e interesante” ao contar coa participación de persoas como Manuel Rivas, Gita Wolf, Lygia Bojunga ou Víctor Montejo. Recóllese a opinión de Fesefeldt que considera que a Literatura infantil e xuvenil galega “está en moi bo camiño”.


Fálase das similitudes entre o protagonista de *Memorias dun neno labrego* (1961), de Xosé Neira Vilas, e mais a biografía da autora do artigo, dada a súa procedencia aldeá e a diferenza de clases que existían tanto na obra como na vida dos avós da autora.


Refire unha breve entrevista a Agustín Fernández Paz sobre a súa última obra, *Valados* (2009), publicada por Xerais. Comenta que realizou unhas dez ou doce redaccións da obra e que quería falar dos valados de maneira xeral sen centrarse nun en concreto. Refire que o ilustrador da obra foi o seu amigo Xan López Domínguez e remata comentando que está a traballar nunha nova novela.


Coméntase a proposta de Anxo Moure coa cal se leva a cabo un traballo de concienciación e de educación ambiental a través dos contos.


Pequena entrevista a Veljka Ruzicka con motivo das xornadas celebradas en Vigo ao redor da Literatura Infantil e Xuvenil. A conversa xirou en torno á falta de recensións sobre a LIX, ao aumento no nivel de calidade da LIX grazas á serie de Harry Potter, á LIX en Galicia, ao feito de Agustín Fernández Paz rexeitar o premio da Cultura Galega e ao carácter sinistro dalgunhas ilustracións infantís.


Entrevístase a Miguel Anxo Prado, director do salón “Viñetas desde o Atlántico”. Fálase da súa chegada á Real Academia de Belas Artes Nosa Señora do Rosario. Coméntase que na actualidade anda preparando a súa novela gráfica *Ardalén* e fálase do compromiso de ilustrar unha novela curta de Torrente Ballester titulada o *Conto da Serea*. Recóllese a súa opinión sobre a situación do cómic en Galicia do que asegura que “está nunha posición cómoda”.


Realiza un recorrido pola produción literaria e a traxectoria laboral de Antonio García Teijeiro, así como cita algúns dos premios obtidos polo escritor. A seguir, achega unha entrevista realizada a García Teijeiro, quen comeza falando sobre a situación da lingua galega e pasa a destacar que o xénero no que máis cómodo escribe é o poético. A continuación, volve ao tema da situación da lingua galega na sociedade e da relación entre o galego e o castelán. Destaca que a literatura galega actual está ao nivel de calquera estatal e afirma que se deben facer máis traducións de obras á lingua galega. De seguido, comenta algúns aspectos de política e afirma que para el X. L. Méndez Ferrín é un referente literario, ademais de destacar a importancia de Manuel Rivas e de Suso de Toro.

Convérsase con Fina Casalderrey quen asegura que a narrativa para adultos non a considera unha materia pendente. Fálase de Luas de nácara (2003) que, malia formar parte dunha colección xuvenil, pola súa temática, estrutura e complexidade narrativa podería incluírse entre a narrativa para adultos.


Entrevista a Pepe Carreiro co gallo da vindeira saída ao prelo dos seus volumes O mito de Sísifo, de Albert Camus e A espera de Godot, de Samuel Beckett. Tras realizar un percorrido pola súa traxectoria literaria e artística, indicando a súa fundación da revista en chave de humor Can sen dono, abre a conversa coa cuestión do seu compromiso político con Galicia en canto nación, para proseguir coa situación da nova política lingüística galega, o recente éxito da Literatura infantil e xuvenil en lingua galega, o intento de aniquilación do galego por parte da política de dereitas española, a súa posición ante os eidos ensaísticos e poéticos e a liberdade como soño a alcanzar polos galegos e galegas.


Conversa con Antonio García Teixeiro sobre a súa escrita poética, o seu volume publicado favorito, Paseniño, paseniño (2003), a nova política lingüística da Xunta de Galicia e os seus escritores e escritoras galegos preferidos.


Nesta entrevista, Helena Villar Janeiro comenta, entre outros aspectos, que se sente máis cómoda na poesía que na narrativa, aínda que esta lle interesa moito por considerala un reto e admirar moito como lectora o ensaio. Conta que ten especial cariño por aqueles poemas escritos no principio do seu casamento con Xesús Rábade Paredes e destaca outras obras como Festa do corpo, poemario erótico en diálogo con Poldros de Música, de Xesús Rábade; ou, Símbolos de Galicia. A bandeira, o escudo e o himno. Apunta que Morrer en Vilaquinte, “é unha novela coral na que un acordeón chega tamén a personaxe” e que supón unha homenaxe a seu pai. Respecto das súas obras de cabeceira, recoñece que se fixo poeta por Juan Ramón Jiménez e que os libros de cabeceira dun lector mudan co tempo, así como sinala que o único que conserva destes é Le Petit Prince, de Antoine de Saint-Exupéry. Precisa que ten ganas de escribir un libro misceláneo no que “reflexione sobre o feito educativo como educanda e como educadora” e remata afirmando que “a poesía é a primeira manifestación literaria dos pobos”.

1794
VII.5.7. PUBLICACIÓN EN XORNAIS: NOTAS, PRESENTACIÓN E ESCRITOS VARIOS


Infórmase da exposición “Caminando entre libros cara a Compostela: a LIX no Camiño de Santiago” que acolle a Biblioteca da Fundación Caixa Galicia. Indícase que está conformada por títulos como Cantigas de Santa María de Alfonso X (1996), en edición de Bernardino Graña; Endrina e o segredo do peregrino (1993), de Concha López Narváez; e Corazón de chocolate (2010), de Jaureguizar, entre outros.


Cóntase a reunión na Fundación Santiago Rey Fernández-Latorre de dez creadores de Literatura infantil e xuvenil galega: Xosé Ballesteros, Marcos Calveiro, Concha Blanco, María Canosa, Manuel Guisande, Jacobo Fernández, Noemí López, Patricia Castelao e o tándem creativo Pinto&Chinto (David Pintor e Carlos López). Coméntase que todos concluíron que dito sector move ao redor do vinte por cento das ventas de libros en Galicia e do cambio de paradigma coa aparición das novas tecnoloxías. Por último, reivindican o feito de que se debería crear unha industria máis forte.


Apúntase que a biblioteca Xosé Vázquez Pintor de Melide realizou un intercambio de libros, ademais dunha representación teatral con motivo do Día do libro.


Sinala que a Escola Municipal de Teatro organizada pola Concellería de Cultura, Educación e Participación Veciñal ten abierto o prazo de inscrición para un curso destinado a nenos de entre cinco e trece anos cuxa profesora será Alba Tamara González Campos, compoñente do grupo Migallas Teatro. Engade que ao rematar a actividade se lles entregara un diploma acreditativo aos participantes.


Apunta que ao cumprirse trinta anos da morte e noventa do nacemento de Gianni Rodari, institucións italianas declararon o 2010 “Ano Rodariano” co fin de lembrar o
escritor recoñecido co Premio Hans Christian Andersen (1970). Recordaalgúns datos da súa biografía e formación académica, ademais de indicar cales foron as orixes da súa escrita, que se caracterizou pola súa extraordinaria capacidade para, dende unha escrita particular e espontánea, potenciar a fantasía e o humor, sen esquecerse da crítica social. Indica que a súa primeira obra traducida ao galego foi Contos ó teléfono e achega un breve comentario de Gramática da fantasía, que permite experimentar coa palabra e idear novos mundos, ao mesmo tempo que fomenta a capacidade imaxinativa e faculta os máis novos para entender e actuar sobre a realidade.


Dáse conta da presenza de Pepe Carreiro na Feira do Libro celebrada en Marín.


Indícase que o colectivo Proxectoterra celebra o seu décimo aniversario cunha exposición na que se recolle todo o material elaborado até o momento, a documentación impresa e o visionado audiovisual das actividades desenvolutas durante todos eses anos, entre as que se atopa a publicación da *Mansión dos Pampín* (2002), de Miguelanxo Prado.


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’A sopa queima (2009), escrito por Pablo Albo e ilustrado por André Letria.


Fálase da inauguración do 32 Congreso Internacional do International Board on Books Young People. Recollense declaracións da ministra de Cultura, Ángeles González Sinde, e de Alberto Núñez Feijóo, presidente da Xunta de Galicia, quen destacou as achegas dos escritores galegos á extensión da cultura galega polo mundo e felicitou a Agustín Fernández Paz por estar incluído dentro da lista de honra do IBBY. Indicase que o lema do Congreso é “La fuerza de las minorías” co que pretenden reivindicar a importancia das minorías no eido da Literatura infantil e xuvenil co obxectivo de transmitir valores de pluralidade, respecto, tolerancia e convivencia. Engádese que no marco do congreso se celebrarán mesas redondas así como a entrega dos Premios Hans Christian Andersen 2010 ao escritor David Almond e á ilustradora Jutta Bauer.

Anuncia que dentro dos “Encontros co Autor” do Concello de Ourense será protagonista Antonio García Teijeiro coa súa obra *Bolboretas no papel* (2008).


Comenta a celebración do cento setenta e tres aniversario do nacemento de Rosalía de Castro organizada pola Fundación que leva o seu nome en Padrón. Salienta a asistencia do alumnado do colexio Eusebio Lorenzo Baleirón de Dodro, ao que lle foi ofrecido a proxección audiovisual de *Mou*, que reunía diferentes personaxes das obras da poeta.


Informa da presentación da entrega número corenta da colección “Os Bolechas van de viaxe” (2009), dedicada á cidade viguesa. Tras describir brevemente o argumento da historia e salientar as ilustracións referidas a diversos lugares da cidade, sinala a presenza do autor, Pepe Carreiro, do tenente de alcalde Santiago Domínguez e de Pepe Puga, de Edicións A Nosa Terra. Destaca asemade a iniciativa do reparto gratuito de tres mil exemplares da historia xunto a mil quebracabezas das Illas Cíes e reproduce finalmente tres ilustracións do volume referentes á panificadora, á Praza Juan de Villavicencio e á pasarela de Laxe.


Dá conta da adaptación dos catro contos que conforman a colección “Audiocontos” da editorial Galaxia, *O galo Quirico, Branca de Neve e os sete ananos, Os catro amigos e Os sete cabuxos*, todos eles publicados en 2009 e acompañados dun CD con música que contén a versión dramatizada de cada un deles levada a cabo por Teresa Santamaría e Paco Barreiro baixo o labor de dirección de Tero Rodríguez. Salienta as adaptacións á cultura galega a cargo de Xavier Senín, Ánxela Gracián e Xesús Carballo Soliño, para despox describir o argumento de cada conto. Sinala finalmente as ilustracións de Noemí López, Ánxeles Ferrer, Kristina Sabaite e Federico Fernández respectivamente.


Indica que no catálogo de 2010 de Baía Edicións figuran, entre outros, o álbum despregábel *A araña máis intelixente* (2008), de Zdenko Basic.


Faise unha recomplición de obras procedentes de OQO Editora que foron premiadas para ler polos máis cativos: *Cantas pingas na cidade!* (2009), de Eva Montanari; e *Os mil brancos dos esquimós* (2009), de Isabel Minhós Martins e Madalena Matoso, que obtiveron o segundo e o terceiro premio de Mellor Libro Editado en 2009; *A grande viaxe* (2009), de Anna Castagnoli e Gabriel Pacheco, galardoado co Premio Isaac Díaz Pardo no mesmo ano; *O último canto* (2009), de Pablo Albo e ilustrado por Miguel Ángel Díez, que foi recoñecido co premio Feira de Boloña 2010 cun White Raven; *Cocorico* (2006), de Marisa Núñez e Helga Bansch, que quedou entre os tres melldores segundo a votación popular realizada en todas as ikastolas do País Vasco; *Os sete cabritos* (2008), de Tareixa Alonso e Teresa Lima, que recibiu unha distinción especial do Xurado nos Premios Nacionais de Ilustración de Portugal, e, por último, *E que podo facer eu?* (2008), de José Campanari e Jesús Cisneros, que foi seleccionado para o Premio Literario Cidadanía en Francia.


Repaso pola narrativa infantil co gallo da celebración do Samain galego. Logo de explicar a orixe deste vocábulo e de comparalo co de *Halloween* na lingua inglesa, comeza o percorrido polas diferentes editoriais galegas con publicacións sobre este tema dirixidas aos máis cativos. Os primeiro contos que menciona son *O Samain* (2008), editado por Francisco Castro e ilustrado por Jacobo Fernández e Indo para o Samain (2002), de Carlos e Sabela Labraña e ilustrado por Fernando L. Juárez, das editoriais Galaxia e Everest Galicia, respectivamente, e centros de xeito específico no Samain galego. Baixo a liña temática do medo menciona *Este é o medo* (1992), de Oli e Pepe Carreiro, editado por Ir Indo e *O gato Guille e os monstros* (2000), de Rocío Martínez en Kalandraka. Para vencer e superar medos específicos indica os contos de Ella Burfoot, *A miña amiga a escuridade* (2008); *Raquel ten medo* (2004) e *¡Que medo mamá Raquel!* (2005), ambos editados por Xerais e da autoria de Agustín Fernández Paz; *Ruidos sombras e medos* (2008), de Marta Rivera Ferrer; *Flis-fli-ris-flás* (2009), de Araceli Gonda e ilustrado por Xosé Tomás; *O dragón comemedo* (2009), de RuAn en Baía Edicións; *O Sacapenas; E leva os nenos que non comen, non* (2002), de Gort Geertje e traducido ao galego por Xosé A. Neira Cruz e finalmente *Tento e mailo medo* (2001), un conto popular adaptado por Xosé Ballesteros e ilustrado por Roger Olmos. Nun epígrafe á parte describe, á vez que recomenda, o volume *Samain: A festa das caliveras* do profesor Rafael López Loureiro editado por Ir Indo en 2003. Tras comentar o seu fío argumental, salienta as tradicións milenarias de Galicia contadas na súa escrita e a súa condición de primeiro estudo antropolóxico versado no Samain galego.


Tras describir brevemente o argumento da historia e o labor do escritor e do ilustrador Juan Vidaurre, reproducéuse un fragmento de *Imaxina animais* (2008).


Comenta a undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil levada a cabo na Sala de Exposícións do Pazo da Cultura da cidade tucra. Salienta a recreación do Pazo da cidade real realizada por alumnos de Belas Artes e da Escola de Tempo Libre Paspallás, así como a exposición da mostra de Fruela Alonso na galería Sargadelos ou a de “A cidade e os libros” na Biblioteca Pública. Indica asemade nun epígrafe á parte a homenaxe a Agustín Fernández Paz no Pazo da Cultura polas súas achemas á LIX.

Informa da saída ao prelo do cómic da autoría de Miguelanxo Prado, *Quotidianía delirante* (2003), en soporte multimedia de iPhone ou iTouch, baixo a denominación de *iMotion Comic* ou còmic multimedia. Destaca o labor de Pancho Casal á fronte de Continental, a produtora deste novo soporte, e o vindeiro obxectivo de estender esta tecnoloxía a outros soportes multimedia.


Informa da entrega de premios do certame provincial de poesía infantil e xuvenil de Nadal organizado pola Biblioteca provincial de Lugo. Menciona os nomes dos gañadores e gañadoras segundo as categorías estabelecidas por idades, de até oito anos; de nove a once anos e de doce a dezaseis anos. Sinala asemade a presenza no acto de José Carlos Rodríguez Andina, xefe territorial de Cultura; Jaime Santoalla, inspector de Educación e Mariol González Regal, directora da Biblioteca. Conclúe coa mención da presentación do volume *Os nenos e o Nadal*, unha compilación dos poemas gañadores da pasada edición.


Coméntase a presenza de Pepe Carreiro, autor da serie dos Bolechas, no centro escolar Illa Verde ao mesmo tempo que o alumnado da escola de arte Ramón Falcón realizou nun taller unha curtametraxe de animación a partir do álbum ilustrado *Pulga e xigante* (2009), de Serenella Quarello.

Entre outras novas de actualidade, fai unha breve alusión á Mostra de Teatro Especial de Galicia organizada pola Fundación Anade, dirixida ao público infantil e na que participará o grupo Funcasor.


Dáse conta da presentación da primeira obra individual de Xosé Luis Vázquez Somoza, *Nube de seda e outros relatos* (2009), no Instituto Lucus Augustí.


Coméntase a recuperación da lenda do Apalpador por parte da área de Cultura da Deputación de Lugo. Deste xeito, dito personaxe de Nadal percorreu as rúas da cidade preguntándolles a nenos e nenas se comen san en vez de seguir a lenda ao pé da letra, na que se lle apalpaba a barriga para comprobar se estaban famentos, para logo regalarlles castañas.


Saliéntanse en primeiro lugar as múltiples iniciativas que ANILIJ (Asociación Nacional de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil), creada en 1999 ao abeiro da Universidade de Vigo, leva a cabo para promover a investigación en LIX; entre elas menciónanse congresos, xornadas, seminarios, publicacións ou a creación do Premio de Investigación Internacional en Literatura Infantil e Xuvenil. Asemade dáse conta das súas dúas seccións: ELOS, formada por investigadores da lusofonía e creadora da páxina na que dita nova se inscribe, e ANILIJ-América, formada por investigadores iberoamericanos. No segundo apartado recórdase a creación por parte de ANILIJ do *Anuario de Investigación en Literatura Infantil e Xuvenil (AILIJ)*, revista científica escrita en inglés e castelán para a difusión da investigación en LIX. A seguir, descríbese o segundo volume de 2009, pois dise que conta con dúas publicacións anuais, destacando os traballos en relación á LIX galega, como o centrado no autor Carlos Casares. Para rematar coméntase que a publicación pecha as súas páxinas con recensións de obras monográficas de cara á súa difusión.


Dividido en dous apartados, no primeiro recórdase a figura literaria de Samoel Langhorne Clemens, coñecido como Mark Twain, con motivo do centenario da súa morte. No segundo informáse das dúas traducións existentes ao galego dunha das súas obras máis emblemáticas adaptadas para o público xuvenil, *As aventuras de Tom Sawyer*. A continuación, coméntase a obra achegando datos sobre o seu argumento,
estrutura ou estilo literario, sempre salientando a adecuación desta obra de aventuras e iniciación á ollada adolescente.


**Benlloch, Kike, e David Rubín**, “O cómic sempre gaña!”. Unha aventura de Chisca Faíscas!! E Chicharrón, o seu fiel aliado”, *La Voz de Galicia*, “Culturas”, n.º 376, 7 agosto 2010, cuberta e contracuberta,

Reprodúcese este cómic de Kike Benlloch e David Rubín con motivo da celebración do Salón do Cómic na cidade da Coruña.


Faise eco do programa de actividades da Biblioteca Provincial de Lugo con motivo do Ano do Libro, entre as que nomea a sesión de contacontos, obras de teatro e obradoiro. Coméntase que tamén se realizará no mes de maio a actividade “Fábulas no berce” para o prelectorado. Díse que con estas actividades se pretende fomentar o hábito lector.


Sinálase o programa de Nadalxogo que se leva a cabo no Multiusos Fontes do Sar con actividades coma talleres, deportes, contacontos, espectáculos e moitos xogos; ademais de actividades extraordinarias como a compañía do Mago Adri e o Mago Joan, o Carteiro Real, a figura tradicional do Apalpador e varios personaxes de debuxos animados coma Bob Esponja, Pocoyó, Piolín ou o Pato Donald.

Coméntase que a plataforma Meubook oferta unha aplicación na que deseñar, a través dunha fotografía, o teu propio avatar e inserilo como caricatura nunha historieta do libro *Eu tamén son Bolechas*, exitosa serie deseñada polo debuxante Pepe Carreiro.

Coméntase a utilidade da plataforma Meubook concibida para a posta en valor de contidos culturais e de formación a través da web. Ademais contén unha aplicación na que se pode crear un avatar coa propia fotografía e inserilo dentro da obra *Eu tamén son Bolechas*, do debuxante Pepe Carreiro.

Sección fixa na que se presenta o volume monográfico da Rede Temática de Investigación sobre Literatura Infantil e Xuvenil do Marco Ibérico (LIJMI), *A poesía infantil no século XXI* (2009), baixo a coordinación da profesora Blanca Roig. Saliéntase que está destinado aos mediadores e que presenta unha introdución na que se trata a historia e características do xénero.


Sección fixa dos suplementos na que describe varias obras do sistema literario galego, tanto novidades coma obras recentes. Acolle esta semana un breve descritor da narración *Jan estivo alí* (2009), de Xosé A. Neira Cruz, no que repara en como resolve o autor o misterio que envolveu este cadro, e nas imaxes de David Soler que son “xogos” coa obra pictórica de Van Eyck. Tamén repara na peza de literatura dramática para o público infantil e xuvenil, *Unha primavera para Aldara* (2009), de Teresa Moure, da que ofrece un breve descritor do argumento.

Entre as obras seleccionadas nesta sección fixa dos suplementos, acóllese o relato *Valados* (2009), de Agustín Fernández Paz, do que se destaca ao argumento e a súa loita para manter a súa amizade.


Sección fixa dos suplementos na que describe varias obras actuais do sistema literario galego. Esta semana selecciónase, entre outras, un álbum ilustrado para o público infantil e xuvenil, *A serea do mundo*, de Encarna Otero e con ilustracións de Elisa Gallego Abad, do que se indica que a propia autora é quen narra a amizade que ten cunha serea, e do que reproduce varias citas.


Sección fixa dos suplementos na que describe varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónase, entre outras, *Olga e o dinosauro* (2009), de Breogán Riveiro. Resume brevemente o comezo do conto e achega datos editoriais.


Nesta sección fixa na que se ofrecen breves descritores de varias obras do sistema literario galego, esta semana, entre outras, selecciónase *A abella abesullona* (2009), de Manuel Janeiro, no que se resume o argumento e se indica que as ilustracións son obra de Marta Álvarez.


Acóllese nesta sección fixa un fragmento d’*A casa da miña avoa* (2009), escrito por Pep Bruno e ilustrado por Mateo Gubellini.


Fálase da programación para o Nadal da Biblioteca Municipal de Tui na que haberá diferentes actividades dirixidas aos máis cativos, entre elas, unha sesión de contacontos levada a cabo pola compañía “As Marias”, a proxección de películas de animación e

1805
máis unha nova proposta de lectura coa creación dun punto de intercambio de libros xa lidos na propia biblioteca.


Fálase das exposicións “Viñetas Descubertas” e “Miña Terra Galega” que acollen Conxo e Fontiñas, respectivamente. Expícase que a primeira inclúe obras dos gañadores dos concursos máis importantes do cómic celebrados en Galicia e no segundo se presenta a visión sobre os tópicos e outros temas vinculados con Galicia. Recóllense os nomes dos participantes.

**Camesella, Silvia**, “¿Dónde están los gallegos?”, *Faro de Vigo*, “TV/Espectáculos”, p. 79./*La Opinión*, “Cultura”, 8 maio 2010, p. 61.

Alúde ao final da vixésimo oitava edición do Salón do Cómic de Barcelona, Ficomic, no que salienta a presenza de autores e autoras galegos, como por exemplo Kiko da Silva, editor de *BD Banda*, merecente do Premio Nacional de Cómic 2009 e de *Retranca*; Fran Jaraba, Brais Rodríguez, David Rubín ou Emma Ríos, esta última autora do cartel “Un camiño de viñetas”. Reproduce asemade os seus comentarios sobre o proxecto con Marvel e o seu éxito de *Hexed. La marca de Lucifer*.


Reprodúcese un poema de *Abracadabras* (2006), de Marica Campo.


Reprodúcese o poema “Soño cunha casa...”, que se insire no poemario *Abracadabras* (2006), de Marica Campo.


Anúnciase a morte da escritora Dora Vázquez Iglesias e expícase que formaba un “tándem literario” coa súa irmán, tamén finada, Pura Vázquez. Indícase que a Deputación de Ourense lle dedicou o Premio de Narrativa e Ilustración Infantil e Xuvenil. Recóllense diferentes declaracións sobre a escritora feitas por Alberto Núñez Feijío e Xosé Luís Baltar. Ofrécese a súa biografía e citanse obras súas como *Cascabel, o cabaliño do circo* (1979).

Recomenda a lectura de Sete casas, sete bruxas e un ovo (2009), de Gloria Sánchez, editado por Barco de Vapor. Menciona asemade os casos de Agustín Fernández Paz, Xabier P. Docampo ou Stevenson como escritores dunha Literatura infantil e xuvenil de gran calidade e alude, doutra banda, á posta en escena da compañía de teatro Berrobambán da que forma parte a actriz, da peza Pressing Catch, da súa autoria. Conclúe cunha loanza ás ilustracións de Xan López Domínguez.


Tras describirse brevemente o argumento da historia e o labor do escritor, reproducéuse un fragmento de Queres xogar comigo? (2007), de Eric Carle.


Recóllese en “Bule Bule”, cualificada como “a única revista infantil que ten un suplemento para adultos chamado A Nosa Terra”, unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Inclúese en “Bule Bule”, cualificada como “a única revista infantil que ten un suplemento para adultos chamado A Nosa Terra”, unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Acóllese en “Bule Bule”, cualificada como “a única revista infantil que ten un suplemento para adultos chamado A Nosa Terra”, unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Reprodúcese nesta sección d’A Nosa Terra unha breve historia dos irmáns Bolechas.

Insírese unha breve historia dos irmáns Bolechas nesta sección d’*A Nosa Terra*.


Acóllese en “Bule Bule”, cualificada como “a única revista infantil que ten un suplemento para adultos chamado *A Nosa Terra*”, unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Reprodúcese nesta sección d’*A Nosa Terra* unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Insírese unha breve historia dos irmáns Bolechas nesta sección d’*A Nosa Terra*.


Acóllese en “Bule Bule”, cualificada como “a única revista infantil que ten un suplemento para adultos chamado *A Nosa Terra*”, unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Reprodúcese nesta sección d’*A Nosa Terra* unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Insírese unha breve historia dos irmáns Bolechas nesta sección d’*A Nosa Terra*.

Acóllese en “Bule Bule”, cualificada como “a única revista infantil que ten un suplemento para adultos chamado A Nosa Terra”, unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Reprodúcese nesta sección d’*A Nosa Terra* unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Insírese unha breve historia dos irmáns Bolechas nesta sección d’*A Nosa Terra*.


Acóllese en “Bule Bule”, cualificada como “a única revista infantil que ten un suplemento para adultos chamado A Nosa Terra”, unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Reprodúcese nesta sección d’*A Nosa Terra* unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Insírese unha breve historia dos irmáns Bolechas nesta sección d’*A Nosa Terra*.


Acóllese en “Bule Bule”, cualificada como “a única revista infantil que ten un suplemento para adultos chamado A Nosa Terra”, unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Reprodúcese nesta sección d’*A Nosa Terra* unha breve historia dos irmáns Bolechas.

Insírese unha breve historia dos irmáns Bolechas nesta sección d’*A Nosa Terra*.


Acóllese en “Bule Bule”, cualificada como “a única revista infantil que ten un suplemento para adultos chamado *A Nosa Terra*”, unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Reprodúcese nesta sección d’*A Nosa Terra* unha breve historia dos irmáns Bolechas.


Refírese á celebración na Biblioteca Municipal de Poio dun taller de elaboración de cómic, no que os debuxantes poden aprender os trucos dun xénero, no que tanto a ilustración coma os textos teñen grande importancia.


Informa da posta en marcha do programa “Animación a la lectura” na Biblioteca Municipal de Sigüeiro, no Centro Cultural Fernando Casas y Novoa, organizado polo Concello de Oroso. Salienta a distinción do programa co premio de animación á lectura María Moliner convocado polo Ministerio de Cultura, así como a sesión de contascontos “A familia pantasma”, coa que deu comezo o programa e outras sesions semellantes como “Quén é o máis forte?”, “Os cabalos de Ana” ou “Cormorán”.


Informa das actividades do programa de “Animación a la lectura” organizado pola Concellería de Cultura do Concello de Culleredo, como as sesións de contascontos de Marisa Irimia, “Poucapalla”, na Biblioteca Xosé Cardeso Liñares e “Neve, reneve, requeteneve”, na Biblioteca Miguel González Garcés do Burgo.

Dise que a concellería de Cultura de Culleredo xunto ás bibliotecas municipais Xosé Cardeñoso Liñares, Uxío Novoneyra e Miguel González Garcés realizarán diferentes actividades con motivo da Semana do libro baixo o lema “Algo más que libros”, entre as que se salienta obradoiros de ilustración e poesía, contacontos e teatro.


Dáse conta de que na sala de exposicións do Edificio Multiusos de Melide se acolle a cuarta edición do Premio de Banda Deseñada Castelao, que tivo como gañador a Mariano Casas co cómic Mensaxes.


Sección que acolle os relatos que durante o mes de agosto ofreceu La Voz de Galicia para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Neste caso reproducéese “Na praia”, de Marta Castro Romaní (10 anos).


Dáse conta do programa de actividades culturais organizadas con motivo da quinta edición da Semana do Libro de Soutomaior, entre as que se inclúe un taller de ilustración a cargo de Pablo José Martínez.


Apunta a homenaxe á escritora Anisia Miranda coa presenza do seu viúvo, Xosé Neira Vilas, os escritores Víctor Freixanes e Marica Campo, o alcalde de Vila de Cruces Jesús Otero e o director xeral de Cultura Francisco López-Barxas.


Infórmase da exposición en Melide “Historia da Galicia” de Pepe Carreiro.

Infórmase sobre os actos que tiveron lugar no centro escolar do Foxo para honrar o seu antigo mestre e escritor, David Otero.


Infórmase que o Concello de Touro ofrece unha sesión de contacontos na piscina a cargo de Títeres Cachirulo.


Indica que o departamento de Cultura do Concello de Arzúa realiza durante o mes de outubro un programa lúdico de actividades para os máis pequenos. Explica que Mamá Cabra porá en escena *Patatín Patatán* e que Títeres Cachirulo, unha adaptación de *Alicia no País das Maravillas*.


Indica que o Instituto Cervantes de Manchester participou no Manchester Literature Festival coa presenza de Miguelanxo Prado, que destacou como un dos seus logros máis creativos a película *De profundis*.


Anúnciase a convocatoria do concurso de viñetas “A química a través do cómic” por parte do Colexio Oficial de Químicos de Galicia e a Asociación de Químicos de Galicia.


Anúnciase que se levará a cabo na casa da cultura do Milladoiro os obradoiros de Galimatías, un proxecto da Secretaría Xeral de Turismo en colaboración coa editorial El Patito, que ademais incorpora a edición quincenal dunha revista que publica o mellor do cómic galego.

Infórmase da morte de Dora Vázquez e recórdase que, xunto coa súa irmá Pura Vázquez, constituían unha “referencia literaria” tanto en Galicia coma en Ourense. Sinállase que a Deputación de Ourense creou fai nove anos un premio de Narrativa e Ilustración Infantil e Xuvenil na súa homenaxe. Ofrecécese a súa biografía e citanse obras súas como Cascabel, o cabaliño do circo (1979).


Fálase da 32 edición do Congreso Internacional de Literatura Infantil e Xuvenil. Indícase que forman parte do comité Ana Luna, Marilar Aleixandre, Manuel Bragado e Agustín Fernández Paz, este último gañador do Premio Nacional de Literatura Infantil e Xuvenil 2008. Sinálase que o lema do encontro é “La fuerza de las minorías” e que nel se tratarán temas referidos a grupos minoritarios e excluídos e a súa vinculación coa literatura.


Alude ao eixo temático da undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra, ao redor da cidade e as cidades. Indica que as mostras se exporán no Pazo da Cultura, xunto a diversos obradoiros, sesións de contacontos e de teatro dirixidos a rapaces e rapazas. Salienta a homenaxe a Agustín Fernández Paz nun acto presentado por Xabier P. Docampo e a apertura do Salón na xornada de tarde como novidade. Sinala asemade a presenza de autores como Xurxo Souto, Inma López Silva ou Marcos Sánchez Calvéiro nas conferencias celebradas no Café Moderno e na Casa das Campás, así como a situación das exposicións en lugares como a galería Sargadelos ou a Biblioteca Pública.


Fálase da barraca dos anos 50 de José Silvent Martínez, un “pioneiro do espectáculo de marionetas” máis coñecido como “Barriga Verde”. Indicase que a barraca volverá a instalarse en Lugo e que Tintimán Audiovisual pretende realizar o documental “Os mundos de Barriga Verde”.


Infórmase da inauguración do 32 congreso internacional IBBY que abordará o tema das minorías. Recólense declaracións feitas no encontro pola ministra de Cultura e polo presidente da Xunta de Galicia. Apúntase que Alberto Núñez Feijóo citou obras como
El patito feo, El soldadito de plomo e Merlin e familia (1955), de Álvaro Cunqueiro, ao tempo que felicitou a Agustín Fernández Paz por estar nas listas de honra do IBBY.


Fálase da exposición Blue Book Group, na que participan noventa e seis ilustradores de vinte e sete nacionalidades distintas e que está enmarcada dentro do Congreso internacional do IBBY. Indícase que entre os participantes se atopan Óscar Villán, David Pintor e Marc Taeger. Apúntase que este último ofrece unha visión vangardista n’A verdadeira historia de Carapuchiña (2005).


Refírese aos contidos do Salón do Cómic de Cangas que nesta edición se realiza no outono e non no verán e que contará coa presenza dos debuxantes David Rubín e Kike Benllock, protagonistas dunha exposición de orixinais pertencentes á biografía ilustrada sobre Uxío Novoneyra que realizaron conxuntamente. Anúnciase así mesmo o taller que impartirá Jacobo Fernández e a mesa redonda que reunirá a Fran Jaraba, Bartolomé Seguí e Felipe Hernández Cava. Finalmente, saliéntase que o xénero acadou unha gran visibilización en Galicia nos últimos anos, como demostra a creación do selo Demo Editorial ou a nova colección de novela gráfica que editará proximamente Rinoceronte, na que aparecerán títulos como Persépole, de Marjane Satrapi ou Contrato con Deus, de Will Eisner.


Bieto Iglesias destaca que Memorias dun neno labrego ten a virtude de facer coincidir nun mesmo texto o realismo máis cru coa visión do neno do rural dos corenta.


Antón Lopo opina que o rural non volveu protagonizar unha obra máis importante que Memorias dun neno labrego, de Xosé Neira Vilas, considerada “un punto e final, un clásico”.


Ademais de identificarse coa historia de Memorias dun neno labrego e valorar a súa reivindicación do mundo rural, Xabier P. Docampo considera fundamental esta obra para a evolución da Literatura infantil e xuvenil posterior.
Inma López Silva comenta que *Memorias dun neno labrego* é un relato sobre a Galicia rural desangrada polo éxodo e o sometemento clasista, por isto mesmo expón unha reflexión universal.

Manuel Rivas recoñece que a través de *Memorias dun neno labrego* se narra a infancia de Galicia. Destaca a súa actualidade e o seu valor como documento histórico, característica que amplía a toda a obra de Xosé Neira Vilas.

Marilar Aleixandre comenta a súa propia dúbida de se *Memorias dun neno labrego* é un libro para nenos ou para adultos que amosa un mundo alleo para os estudantes de hoxe. Aleixandre subliña tamén a didáctica nas vivencias de Balbino, un neno con aspiracións.

Fálase de Nanonasa, un campamento de verán para nenos de entre 6 e 11 anos que ten como obxectivo “descubrir, tentear, tocar o mundo das artes escénicas” no propio espazo da Nasa e con profesionais. Fálase das actividades que se realizan no campamento.

Infórmase dun encontro que se celebrou en Santiago de Compostela, no que participaron seiscentos escritores, editores e expertos na Literatura infantil e xuvenil. Apúntase que a comisaría foi Henrike Fesedelt. Indícase que o lema foi “A forza das minorías” e que os temas a tratar foron a transmisión oral e as minorías sen literatura escrita e a invisibilidade cultural, entre outros. Alúdense á charla na que participará Manuel Rivas e que leva por título “A literatura infantil como insurxencia poética”.

Coméntase que dende o punto de vista de Xosé Luís Méndez Ferrín, presidente da Real Academia Galega, *Memorias dun neno labrego* se atopa dentro da tradición de Daniel Rodríguez Castelao ou Rafael Dieste. Destácase a introdución do realismo crítico na Literatura galega a través da publicación desta obra.


Indícase de que para Agustín Fernández Paz *Memorias dun neno labrego* é un clásico co que experimentou dúas fases de recepción: a primeira na súa vertente social e na segunda aprendeu que “as palabras serven para nomear o mundo e contar a súa historia”.


Alberto Lema compara a Balbino, protagonista de *Memorias dun neno labrego*, con Huckleberry Finn, personaxe da literatura americana, porque di que ambos tratan o tema do descubrimento do mundo, da novela de aprendizaxe. Destaca tamén o conflito de classes representado na obra de Xosé Neira Vilas.


Rosa Aneiros comenta que estudou galego na escola onde contactou con *Memorias dun neno labrego*, de Xosé Neira Vilas, e compara a situación na aldea que ela viviu coa da obra.


Alfonso Eiré afirma que descubriu a través de *Memorias dun neno labrego* que a aldea podía converterse en tema escrito, ademais de constatar o sentido da obra de ir contra as inxustizas, contra a represión dos que falaban galego e contra a discriminación que supuña ser de aldea.


Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu *La Voz de Galicia* para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos.


Infórmase da exposición “Títeres del mundo”, que se pode ver en Área central, na que se amosa unha recompilación de bonecos e técnicas de manipulación.


Infórmase da actividade “Hora do conto” da biblioteca da Fundación Caixa Galicia na que participará Paula Carballeira.


Coméntase a presentación do proxecto do libro de contos personalizado *Eu tamén son Bolechas*, no que calquera neno se pode converter en personaxe.


Laméntase que o Premio Barco de Vapor do ano 2009 quedase deserto e manifiéstase o desexo de que isto non volva ocurrir na convocatoria deste ano.


Saliéntase a importancia da presenza de tres escritores galegos entre os aspirantes a The Astrid Lindgren Memorial Award: Agustín Fernández Paz, Fina Casalderrrey e Juan Farias. Ao mesmo tempo, comunícase a concesión do que se pode considerar o Premio Nobel da Literatura Infantil neste ano á escritora belga Kitty Crowther.


Felicítase a Agustín Fernández Paz porque o seu volume de relatos *O único que queda é o amor* (2007), que merecera o Premio Nacional de Literatura Infantil en 2008, foi incluído na Lista de Honra do IBBY e porque el foi homenaxeado no XI Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra.

Dánselles os parabéns á editorial Kalandraka e á editorial Callis por crear o selo Kalandraka Brasil. Tamén se felicita a editora galega por seguir avanzando na súa proxección internacional no mundo editorial.

Faise eco da ampliación da inscrición do 32º Congreso Internacional do IBBY “A forza das minorías”, a celebrar en Santiago do 8 ao 12 de setembro. Sinala que se trata dun evento que acolle escritores e especialistas de Literatura infantil e xuvenil de todo o mundo.

Sinala que o Salón do Cómic de Barcelona, por medio da axuda da Consellería de Cultura da Xunta de Galicia, contará coa presenza de diversos creadores e editoriais galegas, como BD Banda e El Patito Editorial.


Dáse conta do inicio duns obradoiros sobre o Camiño de Santiago e do reparto de carteis de Fausto Isorna na Biblioteca da Fundación Caixa Galicia.

Apúntase que varias das obras das editoriais galegas Kalandraka e Faktoría K figuran na lista de gañadores dos “Mejores libros para niños y jóvenes del Banco del Libro de Venezuela”.

Convidáse a que o libro infantil e xuvenil ocupe un lugar destacado no museo, no que se acaba de converter a casa natal do poeta Manuel María.

Dánselle os parabéns a Bernardo Carvalho, ilustrador portugués coñecido en Galicia, por ser galardoado co Premio Nacional de Ilustración Depressa Devagar.

Infórmase da apertura da libraría viguesa Peles Guedellas e das súas primeiras actividades para o coñecemento da Literatura infantil e xuvenil e a promoción da lectura.

Infórmase da concesión do segundo e do terceiro galardón do Premio outorgado polo Ministerio de Cultura ao Libro Mellor Editado en 2009 a Cantas pingas na cidade! e Mil brancos dos esquimós, ambos editados por OQO Editora.

Anímate aos ilustradores galegos a participar no Premio Internacional de Ilustración, que convoca a Feira do Libro Infantil de Boloña e a Fundación SM.
Dáse conta da celebración do noventa aniversario do nacemento do escritor e pedagogo Gianni Rodari, así como da declaración do 2010 como Ano Rodariano por parte de varias institucións italianas.

Felicítase a OQO Editora pola elección de *Cocorico* (2006), adaptación de Marisa Núñez e de Helga Bansom, como mellor libro do ano 2010 no certame Eleccións literarias.

Lémbrase que a Asociación Nacional de Investigación (ANILIJ) ten aberta a convocatoria do Primeiro Premio de Investigación Internacional en Literatura Infantil e Xuvenil para traballos monográficos inéditos de autores menores de 35 anos de idade.

Celebra o feito de Bernardino Graña se convertese en membro da Real Academia Galega cun discurso que versou sobre “Contos populares e Rosalía”.

Sinala que é de celebrar a iniciativa da coruñesa Ediciones del Viento, que acaba de poñer en circulación no mercado unha colección infantil “Tiny Tornado”, que acollerá obras bilingües en inglés e en cada unha das linguas oficiais de España.

Comenta que se escolleu a Biblioteca Fundación Caixa Galicia como protagonista por ser a única institución bibliotecaria especializada en Literatura infantil e xuvenil. Explica que neste ano Xacobeo se une ás actividades que se están a realizar con motivo desta efeméride cunha exposición, “Camiñando entre libros cara a Compostela: a LIX no camiño de Santiago”, que permite coñecer a bibliografía existente sobre o Camiño das Estrelas.
Danse a coñecer os espectáculos de monicreques ofrecido polas compañías Alakrán e Cascanueces, que percorrerán o Camiño con representacións como *O ferreiro e o díaño*, adaptación dun texto de Eduardo Blanco Amor.

Dálles a benvida a dous cómics traducidos por Faktoría K: *Luis vai á praia*, de Guy Delisle, e *Historias de mestre raposo*, de Bruno Heinze. Indica que o primeiro é un cómic sen palabras mentres que no segundo se realiza unha parodia da épica e a literatura de cabalerías.

Lémbrase a James Mattew Barrie, o autor escocés que nacera hai máis de cento cincuenta anos e que creou o personaxe Peter Pan, que lle inspirou a morte sendo neno do seu irmán maior; e escribiu a peza teatral *David* e as novelas *Tommy e Grizel*, na que xa se albiscaba o personaxe que protagoniza dúas novelas que están traducidas ao galego, *Peter Pan e Wendy* e *Peter Pan nos xardíns de Kensington*. Remátase afirmando que Barrie, este autor clásico da Literatura infantil e xuvenil, segue a estar presente na actualidade por medio das adaptacións deste personaxe e grazas a que Barrie cedeu os seus dereitos ao Hospital Infantil Greet Ormond Street para que convocasen un premio que permitira crear novas novelas protagonizadas por Peter Pan.

Anúnciase unha nova edición do “Salón Viñetas desde o Atlántico”, evento que a cidade herculina pon á disposición dos interesados na ban da deseñada. A continuación salióntase a súa ampla oferta formativa, para rematar mencionando a presenza de importantes artistas galegos, como o debuxante Dani Montero.

Céntrase na figura do autor clásico Leo Lionni, de quen se di que ten unha forte presenza no panorama editorial galego. A continuación fálase da importancia da súa obra, merecedora de diversas distincións, para continuar falando da súa primeira achega ao público galego, *Pequeno azul e pequeno amarelo*. Remata falando da celebración
que a editorial Kalandraka levou a cabo para conmemorar o centenario do seu nacemento, a publicación de 100 anos de Leo Lionni.


Felicitase a compañía de Títeres Cachirulo polos 25 anos de existencia. Entre o seu labor, destaca a organización, por medio da Asociación Barriga Verde, do Festival Internacional de Títeres Galicreques, que nese ano 2010 alcanza a XXV edición, a realización de cursos de investigación teatral e a creación de obxectos escénicos.


Manifesta que a Editorial Galaxia é a protagonista elixida por estar a celebrar o seu “60 aniversario”, un fito de grande importancia na historia de Galicia. Sinala que esta editora fundada en 1950, da man de Ramón Piñeiro e outros intelectuais galeguistas, iniciou un proxecto cultural que segue a perdurar. Alude ás persoas que estiveron na súa dirección e, entre as accións realizadas por este selo editorial, destaca aquelas relacionadas coa Literatura infantil e xuvenil.


Lémbrase aos mediadores o VII curso de Formación Continua “As literaturas infantís e xuvenís ibéricas. A súa influencia na formación lectora”, que se celebrará do 6 ao 8 de setembro na Biblioteca Fundación Caixa Galicia e que tratará as “Reescrituras actuais do conto popular. Século XXI”.


Con motivo do falecemento do escritor J. D. Salinger, revisítase *O vixía no centeo* (Xerais, 1999), que pronto foi publicada con grande éxito en coleccións dirixidas ao lectorado xuvenil. Saliéntase que en lingua galega esta obra alcanzou oito reedicións e que o “consagrou como clásico xuvenil” co personaxe de Holden Caulfield, “que representa as inquietudes propias destas idades”.


Anúnciase a participación no VII Curso de Formación Continua e Perfeccionamento “As literaturas infantís e xuvenís ibéricas” de Antonio Rodríguez Almodóvar, recoñecido estudoso da literatura de transmisión oral, especialmente do conto. Finalízase destacando que foi Premio Nacional de Literatura no ano 1985.

Anúnciase a celebración do 32º Congreso Internacional do IBBY “A forza das minorías”. Ofrécese as características deste colectivo e sinállanse as asociacións das que está formado, entre as que figura a Asociación Galega do Libro Infantil e Xuvenil (GALIX). Finalmente, anúncianse alguns dos eventos que terán lugar no marco deste congreso.


Infórmase do comezo do 32º Congreso Internacional do IBBY “A forza das minorías”, no que participaran especialistas de Literatura infantil e xuvenil en conferencias, comunicacións e obradoiros e se entregará o Premio Hans Christain Andersen.


Salientase a figuras deste escritor que creou o personaxes de Sherlock Holmes. Indícase que da man de Edicións Xerais de Galicia e a Editorial Galaxia se chegou a tradución dos seus títulos máis emblemáticos, entre os que destaca *O mundo perdido*, unha novela con trazos de ficción científica.


Infórmase de que a Rede Temática de Investigación “Las Literaturas Infantiles y Juveniles del Marco Ibérico e Iberoamericano” (LIJMI) celebró a súa reunión anual no Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades. Apúntase a data de creación desta Rede e dáse conta do número de membros que a compoñen na actualidade e das universidades ás que pertencen. Salientanse dúas das actividades desta Rede no curso 2010-2011: as vinculadas ao tema que se estudará no curso de formación continua do ano 2012, e as que centrarán os Encontros Luso-Galaico-Franceses do Livro Infantil e Juvenil a celebrar en novembro de 2010 en Porto, “Para maiores de 12: Tendências da Literatura Juvenil”. Remátese indicando que estas investigacións se plasmarán en publicacións monográficas e noutros soportes.


Anuncia que a editorial Barriga Verde volve estar de actualidade grazas á posta en escena da compañía Viravolta e a produtora Tintimán, que ofrecen un espectáculo de monicreques e un documental no que recuperan o personaxe que fixo popular a familia
Sivent Martínez. Tamén recorde que Manuel María o homenaxeou en *Barriga verde: farsa para bonecos* (1968).


Apúntase que Alice Vieiera é autora de varias decenas de obras en diferentes xéneros literarios, logo de iniciar a súa dedicación para os máis novos en 1979. Así mesmo, indicase que é a protagonista desta sección por ter cumprido trinta anos de actividade literaria. Citanse algúns dos premios cos que foi recoñecida, ademais de darse conta das súas obras que se poden ler en galego.


Anúnciase a celebración no Consello da Cultura Galega da II Xornada da Crítica Galega, dedicada por vez primeira á Literatura infantil e xuvenil, por parte da Asociación de Escritores en Língua Galega en colaboración coa Rede Temática de Investigación LIJMI.


Infórmase de que até o 8 de outubro se pode visitar unha exposición sobre ilustradores que se enmarca nas actividades desenvolvidas para celebrar o 32º Congreso internacional do IBBY. Indícase que nesta exposición, denominada “Blue Book Group”, se acolleron ilustracións de noventa e seis autores gráficos de vinte e sete nacionalidades, entre os que destacaban figuras “tan importantes” como David Pintor, Marc Taeger e Óscar Villán.


Lémbrase que *Vinte mil leguas baixo dos mares*, “unha das obras máis emblemáticas do inigualable” Jules Verne se publicou hai 140 anos, entre 1869 e 1870, na revista *Magazine d’Éducation et de Récréation*. Apúntase que esta novela de aventuras está protagonizada polo capitán Nemo, que é comandante dun submarino que simboliza a loita contra os poderosos e o progreso técnico e científico, o Nautilus. Indícase que nesta novela se auguran as escafandras, as máquinas de osíxeno e o submarino, e se dá a coñecer mundialmente a Ría de Vigo. Laméntase que non se puidera ler en galego até 2003, na colección “Clásicos”, de Ir Indo Edicións. Infórmase de que a reedición de 2004, *20.000 leguas de viaxe submarina*, foi nunha edición para o lectorado infantil e xuvenil, na serie “As mellores aventuras de Xulio Verne”.  

---

1824
Nota de homenaxe a Dora Vázquez con motivo do seu falecemento na que se lebran alguns dos títulos desta autora dirixidos aos máis novos. Saliéntase a importancia das súas obras para o sistema literario infantil e xuvenil galego e entre as súas achegas citanse títulos como *Estrelíña e o mar*, 2º premio do II Concurso Nacional de Contos o Facho, *Tres cadros de teatro galego* (1973) e *O troleiro e outros contos* (1999).

Anunciase a celebración das III Xornadas “Mitoloxía da morte: agoiros, ánimas e fantasmas”, patrocinadas pola Área de Cultura da Deputación Provincial e coordinadas por Antonio Reigosa e Isidro Novo, e saliéntase que nelas se acollen composicións para a infancia e mocidade.

Infórmase que a compañía Títeres Cachirulo poñerá en escena a adaptación de *Alicia no país das maravillas*, de Lewis Carroll, unha obra imprescindíbel para conformar o imaxinario infantil.

Faise eco de que Agustín Fernández Paz por *O único que queda é o amor* (2007) e Ignacio Chao pola tradución ao galego d’*A noite d’O Risón* (2007), de Gonzalo Moure, entraron na Lista de Honra do IBBY, unha listaxe de carácter bienal iniciada no ano 1956 que recoñece escritores, ilustradores e tradutores dos países membros do IBBY.

Infórmase de que Marilar Aleixandre foi elixida membro do Comité Executivo do IBBY, que conta con dez representantes de varios países que escollan cada dous anos as seccións nacionais do IBBY, encargadas tamén de “definir as actuacións e programas anuais”. Afírmase que co nomeamento de Aleixandre “a LIX galega crecerá en visibilidade no eido internacional”. Destácase que Aleixandre desde 1973, ano desde o que reside en Galicia, optou polo galego como “lingua propia”, creando nela unha traxectoria literaria pola que recibiu galardóns como o Premio Merlin (1994) e o Premio da Crítica de Galicia (1995) por *A expedición do Pacífico*, o Premio Lazarillo de Literatura Xuvenil (1999) por *A banda sen futuro*, e o Premio Fundación Caixa Galicia


Anúnciase a presenza do Director Xeral de Promoción e Difusión Cultural, Francisco López Barxas, na inauguración dos 12 Encontros Luso-Galaico-Franceses do Livro Infantil e Juvenil, nos que se di que a temática desta edición é a literatura xuvenil.


Anúnciase a celebración por primeira vez da Xornada Internacional de Crítica e Investigación en Literatura Infantil e Xuvenil organizada por ANILIJ e ELOS en Vigo, da que se sinala que está dirixida a grupos e redes e que contará coa presenza de investigadores internacionais.


Con motivo do centenario da publicación, recoméndase a volta á lectura da novela *O fantasma da ópera*, de Gaston Leroux. Lémbrase que conta con múltiples versións teatrais e cinematográficas, así como traducións, entre as que se cita a publicada por Edicións Xerais de Galicia en 1998 na colección “Xabarín”. Remátase salientando a absorbente narración desta novela, na que conflúen o amor, a intriga e o terror.


Infórmase de que o ao día seguinte se estreará o filme *A casa da luz*, dirixido por Carlos Amil Serantes, que é unha adaptación da novela homónima de Xabier P. Docampo, que vira a luz en 2002 na colección “Sopa de Letras” da Editorial Anaya para o lectorado de máis de 12 anos. Expícase que a boa acollida desta novela levou a que se traducise a outras linguas.


Indícase que o “Protagonista eLIXido” é este autor clásico da LIX contemporánea, xa que foi nomeado, como ocorrerá en 2007 e 2009, ao Premio ALMA entre outros 175 escritores deste sistema literario. Expícase que este premio convóca o goberno sueco desde 2002 en memoria dunha das súas escritoras máis “populares”, creadora do personaxe de Pippi Langstrumpf. Precisase o que premia este galardón, a súa contía e a
composición do xurado. Remátase referindo que Agustín Fernández Paz foi proposto pola Organización Española del Libro Infantil y Juvenil (OEPLI).


Infórmase que na asemblea de ANILIJ, celebrada o 18 de novembro en Vigo, se decidiu por unanimidade escoller como presidenta a Blanca-Ana Roig Rechou e como vicepresidenta a Veljka Ruzicka, ademais de planificárense actividades e publicacións futuras.


Indícase que Paula Carballeira foi nomeada Xograr de Outono no XIX Festival Internacional Outono de Teatro de Ourense. Dise que foi escollida pola súa traxectoria na promoción do teatro en Galicia. Por último, dáse conta do seu labor profesional como actriz na compañía teatral Berrobambám, como contacontos e como escritora de literatura dramática para o público infanto-xuvenil.


Saliéntase a figura do intelectual galeguista Francisco Fernández del Riego quen formou parte do grupo Galaxia e se preocupou por facer unha colección para a nenez. Tamén se indica que axudou a visibilizar a Literatura infantil e xuvenil dende a revista *Grial*.


Anúnciase a selección que a Asociación de Investigadores Galegos e Portugueses (ELOS) ofrece este día na páxina do xornal, composta por traballos analizados na devandita sección dende o seu comezo en abril e por outros considerados de interese.


Ademais de achegar unha listaxe de autores galegos que ao longo do ano 2010 foron recompensados con determinados galardóns ou recoñecementos, tanto de Galicia como foráneos, polo seu labor en prol da Literatura infantil e xuvenil, indícase que Agustín Fernández Paz foi proposto candidato ao premio ALMA e que *O único que queda é o amor* entrou na Lista de Honra do IBBY.

Anúnciase a selección que a Asociación de Investigadores Galegos e Portugueses (ELOS) ofrece este día na páxina do xornal, composta por efemérides que deron lugar a reedicións de autores clásicos e revistas que foron recensionadas nesta páxina dende o seu comezo en abril.


Como apoio á historia da Literatura Infantil e Xuvenil que semanalmente se desenvolve nesta sección, os membros de ELOS salientan as revistas que foron recensionadas nesta páxina ao longo de 2010: AILIJ (Anuario de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil), Malasartes e OCNOS. Revista de Estudios sobre Lectura. Indícase que todas ,
achegan traballos multidisciplinares e que cobren baleiros ao tempo que visibilizan, promoven e recoñecen a Literatura infantil e xuvenil.


Dá conta da saída ao prelo en formato libro dos vinte primeiros números da revista xuvenil de cómic galego *Galimatías*, parte do programa “Bocaberta” de promoción da lingua galega organizado pola Secretaría Xeral de Política Lingüística. Menciona a súa creación en 2009 e a súa publicación gratuita a través do xornal *El Correo Gallego* e salienta a debuxantes que participaron na súa creación como Fran Bueno, Enma Ríos, Ramón Marcos ou Álex Cal.


Anuncia o curso “Xosé Neira Vilas. Da Galicia de Balbino á Galicia de hoxe” ao redor da produción literaria deste escritor. Indica a presenza de Francisco López, director xeral de Promoción e Difusión da Cultura e de Román Rodríguez, concelleiro de Cultura de Lalín, así como a colaboración da Consellería de Cultura e a organización da Universidade de Santiago de Compostela. Sinala asemade a conmemoración, a través do


Infórmase dos principais actos deste Salón Internacional do Cómic, coordinado por Miguelanxo Prado, tales como a homenaxe a Will Eisner, conferencias ou diversas exposicións. Destácase tamén a participación de Dani Montes.


Infórmase do falecemento de Dora Vázquez Iglesias e recórdase que era irmá da tamén falecida Pura Vázquez. Ofrécese datos biográficos e citanse obras súas como *As pontes do amor* ou *Noite*. Indícase que a Deputación de Ourense creou en homenaxe destas dúas escritoras o Premio de Narrativa e Ilustración Infantil e Xuvenil.

E. P., “Política Lingüística impulsa el gallego entre los jóvenes con más de 700 actos lúdicos”, *El Progreso*, “Galicia”, 16 outubro 2010, p. 27.

Fala da nova edición do programa Bocaberta, que está composto por máis de setecentas propostas musicais, teatrais e literarias que se desenvolverán nos municipios da comunidade coa finalidade de promover o uso do galego entre os máis novos e que foron impulsadas pola Secretaría Xeral de Política Lingüística e outras catorce entidades colaboradoras.


Infórmase da celebración da xornada “A crítica e a literatura infantil e xuvenil”, que inaugurou Ramón Villares e Blanca-Ana Roig, quen apuntou que esta literatura “ten características das literaturas emerxentes e en proceso de descolonización”.


Infórmase da celebración da xornada “A crítica e a literatura infantil e xuvenil”, que inaugurou Ramón Villares, quen apuntou que Galicia é unha “potencia” nesta literatura.

Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu *La Voz de Galicia* para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Nesta ocasión reproducése “A mascota perfecta”, de Marta Espasandín (12 anos).


Dá conta da saída ao prelo da novela de ciencia ficción *El hombre del traje blanco. El accidente* (2009), de Herikberto Muela Quesada, en castelán na editorial Anaya e en galego na editorial Xerais. Tras describir moi brevemente o seu argumento, salienta o feito de que esta novela forme parte xunto a outras tres, tamén de ciencia ficción, dunha saga que xermolou dun proxecto que conxugaba arte e bioloxía que o seu autor comezara hai vinte anos. Destaca asemade as ilustracións e os deseños sobre alieníxenas realizados polo autor, pertencentes á súa “teoría dos deseños coincidentes”, que explica a evolución similar entre o ecosistema da Terra e o doutros planetas. Outro aspecto a sublinhar é o ton irónico inherente á súa narración, que contén unha mensaxe social crítica a favor do respecto á fauna. Nun epígrafe intitulado “Es una historia de realismo fantástico” describe máis en detalle a novela, salientando o seu carácter ensaístico ao redor da astrobioloxía.


Informa do comezo da undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra, no seu Pazo de Congresos e Exposicións, ao redor da cidade como núcleo temático. Sinala a presenza de Lola Dopico, concelleira de Cultura, na presentación do evento e resume o programa de actividades previstas. Indica finalmente a homenaxe que se lle renderá a Xabier Puente Docampo polo seu volume *O libro das viaxes imaxinarias* (2008).

**Estévez-Saa, José Manuel.** “Manuel Rivas, Papá Noel e os Reis Magos fronte ao Faro”, *El Correo Gallego*, “Cultura”, 10 xaneiro 2010, p. 60.

Faise referencia ás obras publicadas por Manuel Rivas no seu ano de ingreso na Real Academia Galega. Os libros que se nomean son: por unha banda o conto infantil *O sombreiro Chichiriteiro* (2009), ilustrado por Patricia Castelao Costa, no que se enxalza a amizade e a sensibilidade pola natureza; e *Episodios galegos. Tempos de esperpento* (2009). Finalizase destacando o premio Portapaz do Seminario Galego de Educación para a Paz, que recibiu por dita obra.

**Estévez-Saa, José Manuel.** “O poder formativo da arte e o mito na literatura actual”, *El Correo Gallego*, “Cultura”, 14 marzo 2010, p. 64.

Considera que Marilar Aleixandre ofrece n’*A Cabeza de Medusa* (2ª edición) todo un canto á mocidade, que aparece descrita no texto con todas as súas inquedanzas, deseños
ou frustracións nun contexto educativo, no que se reivindica o potencial formativo das humanidades. Tamén apunta que a combinación de arte, mitoloxía e literatura actúa como unha especie de tapiz sobre o que se desenvolven os acontecementos, ademais de salientar a riqueza da linguaxe utilizada e o emprego dunha técnica narrativa que mestura diálogos de grande intensidade, eficaces alusións literarias, agudas fórmulas xornalísticas e sutís pasaxes expositivas. Afirma que se trata dun texto que se debería aconsellar aos máis novos polo aleccionador e revelador que resulta para todos.


Comenta a adecuación das bibliotecas ás novas tecnoloxías tomando como modelo a Biblioteca Fundación Caixa Galicia de Santiago. Salienta a dispoñibilidade de máis de dezaseis mil volumes e trescentos cincuenta DVD nun espazo que acolle diariamente un gran número de actividades de animación á lectura dirixidas a nenos e nenas, como por exemplo a exposición “A historieta galega”, sobre a banda deseñada en Galicia, “2009: Boa colleita de lecturas” ou os Premios Lazarillo 2009.


Fálase da conmemoración do cincuenta aniversario do CEIP Álvarez Limeses cun acto no que se recordou a conformación do colexio dende os anos sesenta até a actualidade, ademais de facer un repaso pola biografía de Gerardo Álvarez Limeses, poeta, educador e inspector que lle puxo nome ao centro.


Sección que acolle relatos que durante o mes de agosto ofreceu *La Voz de Galicia* para, ao rematar o mes, dar a coñecer o gañador das dúas categorías: menores de quince anos e adultos. Nesta ocasión reproducése “Sol de medianoite”, de Marta Fernández Franco (14 anos).


Explica que a Biblioteca Pública Municipal de Tui na súa programación para o Nadal conta con diversas actividades de animación, entre elas, a sesión Contos de Nadal, a cargo da compañía “As Marías” e a proposta dun punto de intercambio de libros xa lidos preparados para regalar.


Fálase do festival de cómic “Viñetas dende o Atlántico” e indícase que este ano o homenaxeado é Will Eisner. Ofrécese datos biográficos deste estadounidense e recórdase que en anos anteriores o homenaxeado foi Alberto Breccia.


Fálase de “Viñetas desde o Atlántico” que, na súa decimo terceira edición, ten como protagonistas a Dave McKean e a Will Eisner. Recóllense declaracións do director do festival, Miguelanxo Prado, quen asegurou que “Viñetas desde o Atlántico” é o festival español e probabilmente europeo con máis orixinais expostos. Tamén se informa da visita de Carlos Pacheco.


Fálase de “Viñetas desde o Atlántico”. Indícase que na súa inauguración participaron Denis Kitchen, Camille Jourdy e Víctor Rivas falando sobre a industria do cómic.


Fálase da dificultade de lograr éxito nas disciplinas artísticas e recóllense as experiencias do debuxante Roger Ibáñez e do guionista Raule, participantes nas “Viñetas desde o Atlántico”.

Indica que a asociación cultural Manicómios presentou o seu programa de formación apoiado polo Ministerio de Cultura o que permitiu un aumento da oferta e a contratación de persoal cualificado para impartir os módulos. O portavoz do grupo, Carlos Sante, comentou que o obxectivo é fomentar a espontaneidade do alumnado mediante a formación corporal e a expresión dinámica do movemento.


Comeza falando das actividades conmemorativas que se están a realizar para celebrar os quince anos de Tanxencia cómics e destaca que cando esta se creou en 1966 tan só estaba Miguelanxo Prado. Conta que na actualidade están a destacar autores como David Rubín e Emma Ríos e finaliza dicindo que é preciso que xurda un cómic que transcenda os afeccionados como ocurrera con *Maus*, *Persépolis* ou *Watchmen*.


Fala da rodaxe da curtametraxe *Querido Tomás*, adaptación da obra homónima de Xosé Neira Vilas, na que o escritor actuou facendo un pequeno papel de analfabeto, que acode á profesora protagonista, Sara, para que lle axude a escribir unha carta. Explica que a encargada de facer o papel protagonista foi a actriz Uxía Blanco e que a película é un proxecto “altruista” no que colaboran a produtora Saga TV e o Concello de Touro.


Dá conta da rodaxe da película *Querido Tomás* na que actuou Xosé Neira Vilas, autor da novela homónima. Indica que o papel protagonista foi realizado pola actriz Uxía
Blanco, seguindo un desevo do escritor; e que os interiores foron gravados no interior da casa da actriz no Concello de Touro, mentres os exteriores se gravaron en Gres. Tamén apunta que a filmación foi feita de xeito “altruista”, colaborando na súa realización a produtora Saga TV e o Concello de Touro.

**Franco, Fernando, “El clan redondelán de los titiriteros”, Faro de Vigo, “Vigo”, 2 setembro 2010, p. 10.**

Fállase de Tanxarina, agrupación de Redondela de títeres que deu lugar ao Festival Internacional de Títeres.


Comenta o paso de dúas mostras de banda deseñada (BD) pola comunidade galega: “Viñetas descubertas” e “Miña terra galega”, a primeira sobre os ilustradores e ilustradoras máis relevantes de Galicia e a segunda sobre sete autores e autoras galegos que crearon as súas obras ao redor de temas como a emigración, o tempo ou o mundo dos espíritos. A seguir estabelece un panorama da situación da BD en Galicia a partir da mención de creadores como Miguelanxo Prado, David Rubín ou Emma Ríos entre outros e outras. Salientan álbums como As serpes cegas (2008), de Cava e Seguí, merecente do Premio Nacional do Cómics Español; a versión en cómic de Xosé Manuel Rodríguez Moxom d’O lobo da xente, de Vicente Risco; a revista Galimatias ou Retranca, dirixida por Kiko da Silva. Destaca asemade o festival “Viñetas do Atlántico”, celebrado na Coruña dende 1998 e dirixido por Miguelanxo Prado; o Salón do Cómics de Cangas ou as Xornadas Galegas de BD de Ourense. nun epígrafe á parte desenvolve brevemente o pensamento de Ernst Gombrich e a relación entre o cómic e o cinema. Conclúe cun percorrido pola década de 1980 ao redor da situación da BD en Galicia, no que sublinha a aparición dos fanzines; a publicación Valiundiez, de Fausto Isorna, Arturo Regueiro e Pedro Sardiña; a revista pioneira A cova das Choias (1973) e a obra iniciadora da BD en Galicia, O home que falaba vegliota [sic], de Reimundo Patiño.

**Fraga, Xesús, “Un pioneiro da tradución”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 6 xaneiro 2010, p. 46.**

Con motivo da morte do tradutor Fernando Pérez-Barreiro Nolla ofrécese un breve resume da súa traxectoria profesional e persoal. Destacanse así os seus comezos como articulista na revista Aturuxo, o seu traslado á capital inglesa para traballar na BBC e outros traballos como os realizados na Organización Internacional do Café. Coméntase tamén que impartiu clases de tradución coma docente universitario e que foi recoñecido pola tradución de obras como Alicia no País das Marabillas (2002). Finalízase lembrando que foi académico da Real Academia Galega e membro do consello asesor do IGADI.
Frieiro, Fátima, “Esperanza Salnés se cuela entre los finalistas del concurso nacional de teatro de la DGT”, *Diario de Arousa*, “Cambados”, 24 xuño 2010, p. 12.

Comenta que o centro cambadés Esperanza Salnés se atopa entre os tres centros finalistas do concurso nacional de seguridade vial organizado pola Dirección Xeral de Tráfico no que participaron vinte e sete centros de toda España, centro que contou coa colaboración da agrupación Teatro Caracol.


Dá conta da proliferación dos audiocontos no eido da Literatura infantil e xuvenil galega. Destaca a colección “Audiocontos” da editorial Galaxia e a saída ao prelo das versións dramatizadas dos contos tradicionais de *Branca de Neve e os sete ananos; Os sete cabuxos; O Galo Quirico e Os catro amigos*. Nun epígrafe intitulado “Sesión en Ferrol” salienta o disco-libro *Tic tac* (2009), da editorial Kalandraka, ilustrado por Marc Taeger; *Pesadelo no tren de chocolate* (2009), de Fina Casalderrey e ilustrado por Patricia Castela; *O maquinista Antón* (2009), de An Alfaya, com ilustracións de Santy Gutiérrez; *Mil cousas poden pasar. Libro I* (2009), de Jacobo Fernández, merecente do Premio Merlin; e *Valados* (2009), de Agustín Fernández Paz. Nun derradeiro epígrafe, “Do Courel a Carballo”, subliña a crecente demanda de literatura fantástica, como por exemplo a da autoría do debuxante Xoán González, creador da figura do Apalpador, protagonista do seu conto homónimo, xunto a outros títulos dos que destaca *Contos azuis* (2009), de Fernando Cabeza e ilustrado por Ruán, quen redactou e ilustrou *O dragón comemedo* (2009); *No cubil da lúa* (2009), de Xoán Neira; *A avoa do nobelo branco* (2009), de Paco López; *E Xoel aprendeu a voar* (2009), de Marica Campo; ou *O contador de estrelas* (2009), de Jaureguizar, finalista no certame do mellor libro de 2009 para os editores galegos.


Comenta a figura do ilustrador galego Xosé Tomás co gallo da reportaxe que sobre el publicou a revista taiwanesa *DPI Magazine*, da editorial Chiamin Liu. Saliúnta, en palabras do propio ilustrador, a entrega dos xornalistas taiwaneses á hora de levar a cabo a reportaxe, así como o extenso número de visitas da páxina en liña da asociación de ilustradores galegos. Destaca asemade a inclusión de ilustracións inéditas na reportaxe e o seu novo volume *El gran libro de relatos de piratas y corsarios*, de próxima presentación na Feira de Boloña. Conclúe coa alusión ao convite feito ao ilustrador por parte da Embaixada de Nixeria en España.


Informa da terceira edición do encontro literario “Cidade da Coruña”, baixo o tema “Literatura e viaxe”, presentado pola concelleira de Cultura da Coruña, María Xosé Bravo. Despois de traer á memoria o volume de Xabier P. Docampo e Xosé Cobas, *O


Dáse conta de que Miguelanxo Prado ilustra a obra El cuento de sirena, de Gonzalo Torrente Ballester, con motivo do centenario do nacemento do autor do relato e que publica Ézaro Edicións.


Fálase da 13 edición de “Viñetas desde o Atlántico”. Indicase que se trata dunha “ocasión única” para achegarse á obra de Will Eisner autor de The Spirit. Engádese que o salón contará coa presenza de Dave Mckean, Camille Jourdy e Carlos Pacheco. Apúntase que no Kiosko Alfonso se mostrarán as obras de Raule e Roger Ibáñez así como de Daniel Montero, gañador do Premio Castelao 2009 por Sen mirar atrás, e que El Patito Editorial tamén colgará proxectos sobre a revista Galimatías.


Fálase do salón do cómic “Viñetas desde o Atlántico”. Expúlsase que na súa décimo terceira edición o autor estrela é Will Eisne, considerado “pai da novela gráfica” e que compartirá espazo con Dave Mckean. Infórmase de que no Kiosko Alfonso repetirá Carlos Pacheco e tamén estarán Camille Jourdy, Víctor Rivas e Émile Bravo.


Infórmase de “Viñetas desde o Atlántico”, no que participan Denis Kitchen, Camille Jourdy ou Víctor Rivas, autor, este último, do personaxe Harry Pórrez. Fálase da produción dos participantes así como da relación de amizade entre Kitchen e Will Eisner, o invitado estrela do salón. Tamén se alude á charla impartida por Raule e Roger Ibáñez.

Indica que o programa da asociación cultural Manicómicos consta de doce materias nas que se inclúe teatro infantil, xuvenil e de adultos e que se completa con actividades máis concretas orientadas a perfeccionar as técnicas de clown, mimo e circo. Apunta que este ano contan co apoio do Ministerio de Cultura, polo cal puideron contratar maior número de persoal para administrar este abanono de actividades.


Fala de que a Editorial Galaxia e a produtora Perro Verde en colaboración coa empresa tecnolóxica de Milrayas crearon unha aplicación para iPad e iPhone que consta de cinco contos en galego, que tamén poden ser visualizados en castelán e en inglés e que proporcionan diversas posibilidades de uso como cambiar de narrador ou de argumento ao seu antollo. Sinala que a iniciativa se presentará no Foro Internacional dos Contidos Dixitais de Madrid dentro do proecto ContoPlanet e que contará coa axuda económica de AGADIC (Axencia Galega das Industrias Culturais).


Comenta a comunicación que Héitor Picallo presentou a un grupo de alumnos e alumnas de Educación Infantil e Primaria no CPI Don Aurelio de Cuntis, sobre a arte da ilustración nos libros de Literatura infantil e xuvenil. Sinala, doutra banda, o festival celebrado no colexio caldense de San Fermín sobre os países que conforman a Unión Europea como parte do programa “Semana de Europa” e a programación elaborada polo alumnado da unitaria de Lamas co gallo do Día das Letras Galegas e do Día do Libro na Biblioteca Municipal de Moraña.


Coméntanse as actividades que se levarán a cabo na Biblioteca Pública Padre Martínez Ferro de Caldas: sesións de animación á lectura; a intervención da contacontos Marisa Irimia, que relatará “KKK: Kontos de aki e akolá”; agasallos de libros infantís; e unha función de monicreques protagonizada pola compañía Seisdedos.


1838

Alude, entre outros eventos, á visita de dúas profesoras da Universidade de Lituania ao CIFP Carlos Oroza como parte do Programa de Aprendizaxe Permanente da Unión Europea e á nova edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil celebrado na cidade teucra.


Comenta algúns dos actos culturais e literarios celebrados na cidade pontevedresana, como a comunicación “Pautas educativas na familia”, impartida pola psicóloga Bibiana Camaño Rodal no Instituto Torrente Ballester; a presentación das obras de Fina Casalderrey, Francisco Castro e Mariné Lorenzo Corcoba no centro de Educación de Personas Adultas (EPA) polos propios escritores e escritoras; ou a mostra de fotografía “Olladas no Camiño de Santiago. Xacobeo 2010”.


Fálase de Andrea, Lara e Marcela Porto Mato, tres irmáns que comparten paixón pola música e pola literatura. Indícase que Andrea foi gañadora de varios certames literarios como o de Ames e o de Cambre e que presentará en Vilagarcía *Eco in aeternam*, obra
coa que conseguiu o XV Premio de Poesía O Grelo. Engádese que Lara, pola súa parte, se fixo con premios como o Minerva, Ánxel Casal, o Francisco Añón ou o Varela Buxán; e que Marcela foi gañadora en 2009 do primeiro premio de Poesía e o segundo de narrativa do Concello de Cambre.


Fálase da recuperación da festa das escolas que se celebraba nos anos 20 e indícase que eran financiadas polas “sociedades de instrución creadas no exterior polos emigrantes galegos”. Infórmase do programa de actividades, entre as que se atopa a representación de *De mulleres non me fales* (1981), de Manuel Daniel Varela Buxán, e indícase que a lectura do pregón correu da man de Xosé Neira Vilas.


Faise eco da celebración na Estrada do cincuenta aniversario da publicación de *Memorias dun neno labrego*, escrita por Xosé Neira Vilas e que contará coa presenza do autor que asinará exemplares da obra máis lida da Literatura galega.


Tras describir brevemente o argumento da historia de *Pinga de choiva* (2009) e de referirse ao labor da escritora Ánxela Gracián e do ilustrador Daniel Díaz, reproducécese un fragmento desta obra.


Fálase do falecemento e funeral de Dora Vázquez, irmá de Pura Vázquez, xa falecida. Recólense as declaracións feitas por Alberto Núñez Feijóo, Francisco Rodríguez e José Luis Baltar sobre o suceso. Refirense ao premio literario Pura e Dora Vázquez de narrativa e ilustración creado pola Deputación de Ourense. Coméntase que a biblioteca da escritora será doada á institución provincial respectando os seus desexos.


Fálase sobre a vixésimo segunda edición das Xornadas de Banda Deseñada que organiza a Casa da Xuventude de Ourense e que traen como novidade a proxección de dous filmes relacionados co mundo do cómic internacional: *Gainsbourg. Vida de un héroe*, dirixida por Joann Sfar e premiada en festivais de cine de Nova York, San
Francisco e Estambul; e Maria y yo, dirixida por Félix Fernández de Castro e que foi seleccionada no festival de Málaga. Sinálase que as Xornadas acollerán tamén cinco exposicións de consagrados debuxantes como Pablo Auladell, Clara-Tanit Arqué, Manuel Bartual, João Fazenda e Dani Montero; tres exposicións colectivas sobre o Certamen de Cómic e Ilustración Injuve 2009, sobre o concurso de Xuventude Crea 2010 e outra dedicada ao Camiño de Santiago; ademais de presentacións e encuentros con debuxantes.


Tras describir brevemente o argumento da historia e o labor do escritor e do ilustrador Xosé Miguel Ribeiro, reproducíuse un fragmento d’O neno que aprendeu a voar (2007).


Fálase da última xornada do Congreso do International Board on Books for Young People que iniciou Manuel Rivas cunha conferencia sobre o “influenxio poético na literatura infantil”. Indícanse os nomes dos participantes entre os que se atopa David Almond, gañador do Premio Hans Christian Andersen. Recóllense declaraciós nas que os asistentes fan un balance do congreso, entre eles atópase Marcos S. Calveiro, Henrike Fesefeldt, comisaria do encontro, e Manuel Bragado, director de Xerais quen recordou a coincidencia do congreso co 50 aniversario da publicación de Memorias dun neno labrego (1961).


Dá conta da campaña de animación á lectura organizada pola concellería de Educación e a editorial Kalandraka na cidade teucra e dirixida por Xosé Ballesteros. Salienta a creación do xornal O Cartafol do Lérez, na que participan ao redor de catrocentos
alumnos e alumnas de colexios pontevedreses. Nun epígrafe á parte, “Gallego”, destaca o obxectivo da campaña de achegar a lingua galega a través da lectura e das bibliotecas aos máis novos e novas. Noutro epígrafe, “Vertiente digital en formato blog”, sinala o formato blog co que contará este xornal e finalmente reproduce o comentario de Ballesteros sobre a importancia desta campaña.


Insirese nesta sección fixa un fragmento de *Contos en cantos* (2008), de Almudena Janeiro.


Comeza destacando a homenaxe ofrecida a Agustín Fernández Paz no Salón do Libro Infantil e Xuxenil de Pontevedra pola súa traxectoria como autor de Literatura infantil e xuvenil durante os últimos vinte anos con máis de corenta libros publicados. Describe así os diferentes documentos e obxectos que se poden atopar na mostra e que conforman o material empregado polo autor na realización das súas obras. Finalmente, fai referencia a *Fantasma de luz*, “protagonizada por un acomodador cincuentero dun gran cine que pecha, quedando el no paro”, da cal se pode atopar material da mesma na mostra.


Indica a realización da serie de animación audiovisual “Contos no Camiño-Never-Ending Tales” da editora OQO en colaboración coa produtora Imagina International Sales. Destaca as historias de tipo “stop motion” dirixidas a nenos e nenas de entre tres e sete anos a partir dos comentarios do representante da editorial, Marcos López, e subliña o seu contido temático alicerzado na relación de diversos países co Camiño de Santiago, xunto ao feito de cada episodio estar realizado por diferentes directores como Coke Riobóo ou Iván Prieto entre outros. Salienta asemade o feito de estar gravados en tres linguas, castelán, galego e inglés, así como a súa presentación na Feira do Libro Infantil e Xuxenil de Boloña, previo paso á do MIP TV Cannes en Francia.


Indica que, no marco da Feira do Libro de Lugo na que a lectura do pregón correu a cargo de Isidro Novo, participaron varios autores asinando libros, entre eles, Rosa Aneiros o día 20 con *As de bolboreta* (Premio Fundación Caixa Galicia).

Achega o argumento dos relatos que en breve vai publicar Agustín Fernández Paz baixo o título d’*As fronteiras do medo*. Explica que esta obra é fruto dunha petición de Alfonso García Sanmartín, director de Rodeira, que o animou a recuperar un conto ambientado en Fene e publicado na localidade coruñesa. Tamén apunta que ou autor vilalbés está a traballar nun novo libro, que xirará ao redor do cinema e que conta coa colaboración de Miguel Anxo Prado como ilustrador.


Faise eco da última serie novelística de Marcos Calveiro, “El samurai del rey”, sobre as andainas dun samurai na España do XVII, baseada nunha anécdota real. Expícase que estará formada por catro entregas ilustradas por Ramón Trigo: *El camino de Levante, La calavera del indio* (xa rematados en galego para que despois os traduzan), *La corte de los milagros* e *La cofradía de los locos*. Anúnciase a publicación por parte de Edelvives dos dous primeiros títulos en Nadal e dos outros dous no mes de marzo de 2011.


Indícase que o XIV Salón do Cómic de Cangas conta coa novidade de celebrarse durante o curso escolar polo que se levarán a cabo exposicións e actividades nos institutos María Soliño e Rodeira, ademais de permitir admirar a primeira banda deseñada de España: *As Cantigas de Santa María*, segundo o traballo feito por Breixo Harguindey. Apúntase que este certame conta coa colaboración da asociación cultural Banda Deseñada (BD) e que nel participarán os autores: David Rubín, Kike Benlloch, Jacobo Fernández, Norberto Fernández, Felipe H. Cava, Bartolomé Seguí e Fran Jaraba. Recálcase que o Salón do Cómic é tamén unha aposta polo galego.


Refírese á exposición “Camiño a Muxía” elaborada con obras de nenas e nenos de entre seis a doce anos. Indícase que o obxectivo é promocionar o Xacobeo.


Insírese nesta sección fixa un fragmento de *Pegadas xigantes* (2006), escrito e ilustrado por Fernando Krahn.

Acóllese nesta sección fixa un fragmento de *Lendas de Leonardo da Vinci* (2009), traducido por María Lado e ilustrado por Rossana Casano.


Insírese nesta sección fixa un fragmento de *Un becho estraño* (2009), escrito por Mon Daporta e ilustrado por Óscar Villán.


Sinala a undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra e a súa celebración no Pazo da Cultura. Salienta a presenza do alcalde Miguel Fernández Lores e da concelleira de Cultura, Lola Dopico, xunto á exposición de Agustín Fernández Paz, figura homenaxeada do evento.


Dáse conta de que *Puag, que noxo!* (1997), de Fina Casalderrey é o primeiro dos títulos do proxecto Contoplanet que abre un abano de posibilidades lúdicas e didácticas e supón a estrea oficial da lingua galega na empresa Mac, aínda que xa existía na web unha ampla oferta de aplicacións informáticas en galego grazas ao labor de grupos como o proxecto Trasno que traduce ao galego software libre.


Fai un balance sobre a undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil da cidade de Pontevedra, tomando como base o seu récord de asistencia de público, en torno ás vinte e cinco mil persoas. Indica a presenza da concelleira de Cultura, Lola Dopico, e os lugares onde se levaron a cabo as actividades programadas ao redor do tema das cidades imaxinadas. Nun epígrafe á parte intitulado “Homenaje a Fernández Paz” explica a homenaxe que con esta edición se lle rendeu á figura do escritor e á de Anisia Miranda e salienta a calidade das ilustracións de Xosé Cobas n’O libro das viaxes imaxinarias (2008), de Xabier P. Docampo.


Infórmase de que o director da editorial pontevedresa, Xosé Ballesteros, salientou a venda dos seus produtos e a campaña de animación á lectura en colexios de primaria en colaboración coa Concellería de Educación.


Tras salientar a importancia que tivo o Premio Merlín na modernización do sistema literario infantil e xuvenil galego, lémbrase a obra galardoada na edición de 2009: Mil cousas poden pasar. Libro I, de Jacobo Fernández Serrano. Coméntase que esta novela de aventuras está situada en dous escenarios, entrecoidos a través das accións dos personaxes, e que se caracteriza pola fluidez e a abondosa cantidade de personaxes. Ademais de achegar un breve resume do argumento, destácase a linguaxe do texto, considerada tan envolvente e atractiva como as imaxes realizadas polo propio autor, ben coñecido no eido da ilustración e do cómic.


Tras describir brevemente o argumento da historia e o labor do escritor e da ilustradora Anna Laura Cantonne, reproducíuse un fragmento d’O traxe de luces (2006).


Dá conta da saída ao prelo da liña editorial da firma teucra Rei Zentolo a partir do seu personaxe principal, Centoloman. Destaca a presenza de Pablo “Zentolo”, Rodrigo Cota e Jano, editor, guionista e debutante, respectivamente, na presentación desta banda deseñada na Coruña. Subliña asemade os premios dos que Cota foi merecente e a súa autoría de “Colon, Pontevedra, Caminha”. Doutra banda, incide nos obxectivos desta banda deseñada de fomentar a cultura galega e finalmente sinala o seu proxecto Homenaxe a Uxío Novoneyra (2009), un volume sobre arte, literatura e historia ao redor da vida e obra do poeta.

Dá conta da saída ao prelo de *Nicolás va de compras* e *Nicolás cocina sin fuego* na editorial Kalandraka en colaboración coa asociación arousá Bata, dirixidos a un lectorado autista, na colección “Makakiños día a día”. Salienta o labor ilustrativo de Alicia Suárez e menciona adaptacións anteriores de contos tradicionais nesta colección como *El conejo blanco*, *La ratita presumida*, *Chivos chivones* ou *El patito feo*, ao sistema SPC (símbolos pictográficos para a comunicación), orixinal de Mayer Johnson. Menciona finalmente a presentación desta colección no Congreso Internacional de Autismo celebrado en Toledo e o fío argumental de cada volume.


Comenta o éxito da undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil celebrado en Pontevedra. Alude ao balance positivo que a concelleira de Cultura realizou do evento e á gran demanda por parte dos pais e nais que asistiron. Sinala as actividades extraordinarias a engadirse ás restantes xa programadas, a cargo de Papaventos, Títeres Cachirulo, Golfinhos ou Queliña, entre outros.


Comenta a clausura da undécima edición do Salón do libro Infantil e Xuvenil celebrado na cidade teucra. Salienta o discurso de Xabier P. Docampo, no que agradece ao homenaxeado Agustín Fernández Paz a súa amizade e a súa produción literaria a través de cada letra do alfabeto. Nun epígrafe intitulado “Aperta sincera”, destaca a aperta entre os escritores e as palabras de Fernández Paz sobre o resultado positivo da edición e sobre a homenaxe a el rendida. Nun derradeiro epígrafe, “De perito industrial a profesor de Língua”, acéga uns breves datos da súa traxectoria profesional e literaria.


Alude ao peche da undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra. Sinala a homenaxe ao escritor Agustín Fernández Paz e o discurso de Xabier P. Docampo, quen repasou as letras do alfabeto adxudicando a cada unha delas un vocábulo relacionado co escritor. Indica asemade a réplica do escritor sobre a edición do Salón e as súas palabras de agradecemento.

Alude ao balance que a concelleira de Cultura, Lola Dopico, fixo da undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra. Destaca o número de visitas recibidas, de preto de vinte e cinco mil persoas e a grande asistencia ás actividades teatrais. Salienta asemade o feito de ter que ampliar a oferta de actividades no marco do programa “Tardes na Sala” debido á gran demanda familiar. Menciona finalmente a homenaxe que esta edición realizou ás figuras dos escritores Agustín Fernández Paz e Anisia Miranda.


Preséntase o programa de actividades infantís organizadas por diferentes institucións públicas e privadas para as vacacións de Nadal en Pontevedra e que contará coa Orquestra Pantasma, o mago Rei Midas, malabaristas, un curso de animación á lectura, outro de repostería e obradoiros. Sinálase que nas parroquias do Concello tamén habérase contacontos.


Dá conta da undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil na cidade teucra. Destaca a presenza de Lola Dopico, concelleira de Cultura, e o acto de apertura a cargo do grupo Aula Folque co seu espectáculo “Cidades imaxinarias”. Salienta doutra banda
as comunicions presentadas por Xurxo Souto, Inma López Silva e Marcos Sánchez Calveiro. Nun epígrafe á parte intitulado “Para os papás”, desenvolve o comentario de Dopico sobre as actividades dirixidas a nenos e nenas, pais e nais, así como as homenaxes na honra de Agustín Fernández Paz e Anisia Miranda. Menciona finalmente as exposicións sobre a figura do homenaxeado e sobre O libro das viaxes imaxinarias (2008), de Xabier P. Docampo.


Informa da xornada do Día Internacional do Libro Infantil e Xuvenil de 2010 en Pontevedra. Destaca a presenza do escritor Eliacer Cansino, que abriu e pechou o Manifesto do Día e de Ánxela Gracián que traduciu a mensaxe de conmemoración do Día, dende o IBBY (International Board on Books for Young People), xa que este ano era España a encargada da realización dos carteis sobre o evento, a través de Noemí Villamuz. Salienta a organización dalgunhas actividades no colexio Marcos da Portela, de Monte Porreiro e na Biblioteca Pública Antonio Odriozola, na que se desenvolveu unha sesión de contacontos a cargo da compañía Migallas Teatro, así como na Biblioteca de Santiago, cunha exposición organizada pola Concellería de Cultura e GALIX. Sinala a organización da trixésimo segunda edición do Congreso do IBBY celebrada na cidade compostelá baixo o lema “A forza das minorías”, xunto á presentación do catálogo Galician Books for Children. Nun epígrafe á parte intitulado “Gálix repasa 50 anos de literatura galega”, conta a exposición itinerante “Mundos da historia. Historias do mundo”, organizada pola biblioteca Ánxel Casal de Santiago e que contou coa presenza de Manuel Figueiras, presidente de GALIX e Francisco López Rodríguez, director xeral de Promoción e Difusión da Cultura, quen salientaron a homenaxe que esta exposición facía ao escritor Xosé Neira Vilas. Noutro epígrafe á parte, “Resolvendo a débeda con Balbino”, informa do cursiño “Xosé Neira Vilas. Da Galicia de Balbino á Galicia de hoxe”, ao redor da figura do escritor. Menciona os participantes no curso, como Xosé Luís Axeitos e Dolores Vilavedra, así como o propio escritor.


Preséntanse dous obradoiros infantís no Concello de Pontevedra: o primeiro centrarase na expresión dramática coordinado polo grupo de teatro Migallas e o segundo na animación á lectura. Ademais coméntase que o Salón do Libro Infante e Xuvenil de Pontevedra terá como tema central a mentira.


Apunta que Agustín Fernández Paz rexeitou o premio que lle foi concedido dentro dos Premios da Cultura Galega 2010 a través dun comunicado no que explicaba a “coherencia” coa súa postura manifesta en desacordo con estes premios. Indica as diferenzas existentes entre a nova convocatoria dos premios e os do goberno tripartito: a desaparición do cualificativo “nacional”, a redución de categorías, e a exención da dotación económica. Remata aludindo ao manifesto asinado pola plataforma ProLingua en defensa da lingua galega.


Dá conta dos aspectos máis destacados do Culturgal celebrada en Pontevedra, onde os contidos web tiveron pouco espazo na programación, fronte a actividades de tipo máis clásico: presentacións de libros, de discos; teatro, cine e actividades infantís. Da oferta
dixital destacou: a primeira guía dixital editada en España por Baía Edicións titulada *As 50 árbores máis comúns de Europa Occidental*, a mostra dos avances tecnolóxicos realizados pola empresa Ceo Aberto, o obradoiro lúdico Game Over e, por último, o primeiro encontro inaugural da feira denominado *Futuros, retos, financiamento e experiencias de éxito no sector audiovisual*.


Refírese ao que Gloria Sánchez comenta do II Salón Internacional do Libro Infantil e Xuvenil: a importancia da poesía nos cativos, na literatura, na educación e no futuro do libro como soporte literario a longo prazo. Saliéntase que esta autora recibiu o Premio Lazarillo de Creación Infantil a nivel nacional a mesma semana da Mostra.


Informa da creación de bolsas destinadas a proxectos de banda deseñada en galego, dotadas cun orzamento de trinta mil euros, por parte da Concelería de Cultura e Turismo. Salienta o obxectivo destas bolsas de contribuír á normalización da lingua galega e crítica a neglixencia da Mesa da Banda Deseñada a cargo de Ánxela Bugallo. Reproduce asemade os comentarios ao respecto destas bolsas de David Rubín e Kiko da Silva.


Anuncia o debut de Pablo Díaz co seu disco-libro Tic Tac (2009), editado por Kalandraka e ilustrado por Marc Taeger. Sinala as orixes deste volume así como a idade do lectorado ao que vai dirixido. Indica asemade a colaboración de Xabier Díaz, Guadi Gallego e Carmen Rey no aspecto musical do volume e conclúe cunha referencia ao seu carácter lúdico.


Indica que o Concello de Pontevedra maila editorial Kalandraka organizaron un campaña de animación á lectura denominada “O Cartafol do Lérez”, o primeiro colexio en participar foi o CEIP Marcos da Portela.


Informa da exposición “O Principiño arredor do mundo” no Auditorio Municipal da cidade áurea, centrada no relato de Antoine de Saint-Exupéry e organizada pola Fundación Carlos Casares.


Avisa da visita que a escritora Rosa Aneiros realizará aos alumnos e alumnas do IES Fontenla de Poio. Sinala a súa autoría da novela Eu de maior quero ser (1999) e do volume de relatos Corazóns amolecidos en salitre (2002). Conclúe cunha mención dos premios dos que a escritora foi merecente.


Fai referencia á visita que os alumnos e alumnas do Centro de Educación Infantil Concertado Campelo Caixanova realizaron á edición do Salón do Libro de Pontevedra.


Comenta que a Biblioteca Municipal de Poio puxo en práctica a técnica teatral Kamishibai e explica que dito método naceu nos templos budistas de Xapón arredor do século XII, e que consiste no emprego de debuxos en lugar de actores para contar unha historia. Di tamén que Marisa Irímia foi a encargada de levar a cabo a actividade.
coordinada pola Concellería de Cultura de Poio dentro do programa Letras Vivas Animación. Engade que Marisa Irimia é autora de numerosas ilustracións para libros de literatura infantil e traballa en diferentes proxectos didácticos e de fomento da lectura.


Dá conta da programación que se desenvolverá no Centro Cultural Xaime Illa Couto de Raxó en Poio. Entre as actividades relacionadas coa cultura galega cita a conferencia “O galego, lingua trobadoresca na Idade Media, lingua de amor” e o taller infantil “Canta música”, incluído na campaña Bocaberta da Xunta.


Indícanse as actividades de Nadal que se levarán a cabo en Poio: na Biblioteca Municipal sortearanse cestas de libros para os usuarios aos que foron emprestados libros en novembro ou decembro e obsequiarse cun lote de libros ao lector infantil e adulto que máis obras colleron durante o ano; ademais levarase a cabo un ciclo de cine denominado “Un Nadal de película” e un contacontos da compañía A illa dos nenos.


Reportaxe sobre a intervención de Pepe Carreiro, creador d’Os Bolechas, no colexio Illa Verde da cidade lucense. Sinala a creación de volumes de prelectura e preescritura para nenos e nenas de até catro anos por parte do humorista gráfico e comenta os seus obxectivos en canto a este tipo de iniciativas en Galicia. Subliña a existencia de coleccións didácticas dirixidas aos máis cativos como “A Nosa Historia”, da editorial A Nosa Terra, e conclúe cos comentarios da directora do colexio, María Isabel Pin, sobre o evento.


Coméntase que a editorial Cerditos de Guinea xunto a Ler Librerías levaron a cabo unha charla-obradoiro no colexio Barrié da Maza de Santa Comba coa participación de David Prieto “Gochi”, un debuxante galego que ten no seu haber máis de vinte e cinco premios.


Informase de que Xosé Neira Vilas participou na curtametraxe Querido Tomás, baseada na súa novela.

Saliéntase que Ás de bolboreta (2009), novela escrita por Rosa Aneiros, vai formar parte da mostra “The White Ravens 2010”, organizada anualmente na Fiera del Libro per Ragazzi de Boloña.


Refírese á decisión da Consellería de Cultura e Turismo de levar á Feira Internacional do Libro Infantil e Xuvenil que se celebra anualmente en Boloña unha caseta na que se amosarán as principais novidades e autores galegos. Anúnciase que exporán na caseta editoras coma por exemplo Kalandrala ou Toxosoutos e que se contará coa presenza de Fina Casalderrey e Antonio García Teijeiro.


Dáse conta da conferencia de Antón Fortes en Vigo sobre as claves literarias, pictóricas, musicais e cinematográficas do álbum Caderno de animalista (2008), realizado co ilus
trador Maurizio A. C. Quarello.


Indícase que a X Xuntanza do Obradoiro Internacional das Artes Plásticas organizada pola Fundación Solaina de Piloño terá como homenaxeada á finada Anisia Miranda, da que se ofrecen datos biográficos. Infórmase de que se fará entrega da medalla Amiga da Soliana a título póstumo e que será recollido polo seu viúvo Xosé Neira Vilas. Sinálase que no encontro se levará a cabo unha mesa redonda sobre Miranda, na que participarán Concha Blanco e David Otero, entre outros. Apúntase que Rosalía Morlán será a encargada de ler “A coitada lúa chea” e que rapaces da vila lerán poemas da autora en galego.


Trata sobre o nomeamento de Marilar Aleixandre como novo membro do Comité Executivo do IBBY, decisión tomada na asemblea xeral celebrada no último congreso desta institución. Sinala que esta autora destaca en Literatura infantil e xuvenil con títulos como A formiga coxa ou A expedición do Pacífico, que obtivo o Premio da Crítica de Galicia en 1995.

Indica a nova constitución do Consello Directivo da Asociación Galega do Libro Infantil e Xuvenil (GÁLIX), na cal o escritor e profesor Francisco Castro foi elixido presidente; Ánxela Gracián, vicepresidenta primeira; Montse Pena, secretaria; e Leticia Costas, tesorreira.


Coméntase a programación do décimo cuarto Salón do Cómic cangués, que este ano apostou por unha maior implicación nos centros educativos, levando a cabo neles: talleres de desenho, proxeccións de películas e charlas de autores. Explícase que para isto se conta coa participación de sete debuxantes, cinco deles galegos: Jacobo e Norberto Fernández, David Rubín, Kike Benlloch e Fran Jaraba, mais Bartolomé Seguí (Palma de Mallorca) e Felipe Hernández Cava (Madrid). Puntualízase que o programa se centra en sete exposicións, entre as que destacan: “As Cantigas de Santa María de Alfonso X”, ilustrada polo debuxante Breixo Harguindey; “A voz herdada”, de Uxío Novoneyra, ilustrada por David Rubín; traballo do libro que recibiu o Premio Nacional de Cómic 2009; e orixinais que pasaron polo salón cangués durante as sucesivas edicións.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto ofreceu Xornal de Galicia. Nesta ocasión reproducése “Recordos de area”, de Sara Martínez García (13 anos).


Refírese ao ciclo “Domingos de títeres e maxia” no que participan, entre outros, Javier Conde e Anxo García. Expícase que se trata dun espectáculo de “monicreques, títeres e maxia”.


Fálase da décimo terceira edición do festival “Viñetas desde o Atlántico” no que participan Dave McKean, Carlos Pacheco, Camille Jourdy ou Roger Ibáñez, entre outros. Indícase que unha das exposicións que compoñen o salón está dedicado a Will Eisner. Infórmase de que no Palacio de Exposiciones haberá outra exposición formada por obras orixinais de autores como Al Capp ou Cliff Sterret.


Fálase da 32ª edición do Congreso Internacional do IBBY centrada no tema “A forza das minorías” no ámbito da Literatura Infantil e Xuvenil. Indícase que o encontro está formado por conferencias plenarias, mesas redondas e seminarios temáticos, e apúntase que Manuel Rivas intervirá na clausura do congreso cunha conferencia titulada “Escribir literatura nunha lingua minorizada”. Anúnciese a entrega do premio Hans Christian Andersen que recae, este ano, en David Almond. Coméntase que entre os participantes do congreso se atopa María Reimóndez e Marcos Calveiro, entre outros. Recólense declaraciones da Ministra de Cultura, Ángeles González Sinde, quen asegura que só Estados Unidos, Gran Bretaña e Alemaña supera a España na edición de títulos para o público máis novo.


Informa das consecuencias para artistas como Miguelanxo Prado, Carlos Portela, David Rubín, Kike Benlloch ou Emma Ríos, entre outros e outras, que implica a convocatoria das axudas para o cómic galego realizada pola Xunta de Galicia. Tras resumir de xeito moi conciso as bases da convocatoria, comenta a denuncia do colectivo Polaqia ao respecto. Nun epígrafe intitulado “Onde se estuda cómic?”, deixa ver os comentarios de
Kiko da Silva, director da revista Retranca e voceiro do colectivo BD Banda, acerca dos erros das bases da convocatoria. Tamén reproduce as opinións de Enma Ríos e David Rubín sobre o tema.


Comenta a creación da revista Galimatías, dirixida por Gemma Sesar e Fausto Isorna, co gallo da publicación da súa vixésima entrega no volume intitulado Galimatías Ano Cero (2009). Destaca a aparición no seu primeiro número de Terra gótica, con texto de Isorna e ilustracións de Macaco. Salienta a temática da revista e a creación das series Hedex, de Emma Ríos e Vento do norte, de Álex Cal no seu seo. Indica, doutra banda, certas publicacións que acolleu a revista como Silvana, a filla do explorador, de Ramón Marcos; Fernández, de Primitivo Marcos; Peter Petrake, de Miguel Calatayud, merecente do Premio Nacional de Ilustración 2009 e Novas historias extraordinarias, de Alfonso Fugueras. Nun epígrafe intitulado “Novidades en febreiro”, menciona a publicación da serie La manoir des murmures, de Tirso Cons en colaboración co ilustrador Javi Montes. Noutro epígrafe á parte, “Historietas actuais para a mocidade”, resume o xa comentado na noticia e menciona o número de exemplares de cada tirada, agradecendo o apoio da Secretaría Xeral de Política Lingüística a través do seu programa “Boca aberta”.


Informa da presenza do cómic galego na Feira do Libro de Angoulême. Salienta as figuras de David Rubín e Alberto Vázquez como convidados na Feira, a partir da recente publicación do primeiro, O hero, unha “novela río” da que describe o seu argumento e as súas orixes na revista Humo en 2006. Nun epígrafe intitulado “Cárceres de papel e psiconautas”, menciona os volumes salidos ao prelo de Vázquez, Evanseo de Xudas e Psiconautas, xunto ao de Kiko da Silva, Baixo a sombra das pedras flotantes, versión en BD d’O xardín das pedras flotantes (2008), de Manuel Lorenzo. Sinala outros volumes presentados na Feira como O golfoño e os invasores e Silvana, a filla do explorador, de Ramón Marcos e Cidades de papel, de David Pintor. Nun derradeiro epígrafe á parte, “A consellaría recapacita”,coma o apoio que Francisco López, director xeral de Promoción e Difusión da Cultura, quere mostrar cos autores e autoras galegos no Salón Ficomic de Barcelona, tras as críticas recibidas sobre as subvencións do cómic galego.


Reprodúcese nesta sección fixa un fragmento d’Os mil brancos dos esquimós (2009), escrito por Isabel Minhós Martins e ilustrado por Madalena Matoso.

Fálase da primeira Festa do Libro Infantil e Xuvenil co que a Concellería de Cultura e a Agrupación de Libreiros do Grove celebran o Ano do Libro. Indícanse as diferentes actividades que rodean a festa entre as que se atopan talleres de ilustración infantil e xuvenil, contacontos ou a proxección dun audiovisual sobre o proceso de execución dunha obra de ilustración.


Comenta a presentación do disco-libro *Tic Tac* (2009), de Pablo Díaz e ilustrado por Marc Taeger en Sargadelos. Destaca as súas orixes no proxecto da editorial Kalandraka e a recopilación de diferentes ritmos no argumento do volume, así como as colaboracións de Guadi Gallego, Carmen Rey, Ruote, Fran Amil, Tito Calviño, Xabier Díaz ou Pedro Lamas. Sinala a traxectoria artística de Pablo Díaz e a sesión de contacontos xunto a Patricia Pérez. Salienta finalmente a presenza do ilustrador no evento e a introdución do volume a cargo de Santiago Auserón.


Alude ao acto de presentación en Sargadelos de *Jan estivo alí* (2009), de Xosé Antonio Neira Cruz e ilustrado por David Soler, na colección “Árbore”, de Galaxia. Destaca a presenza de Víctor Freixanes e sinala as opinións de Soler sobre o seu labor ilustrativo.


Faise un repaso pola historia do salón do cómic “Viñetas desde el Atlántico” e explicase que comezou, hai trece anos, como un “medio de difusión artística e cultural” con apoio institucional, xa que o por aquel entón alcalde Francisco Vázquez é un gran afeccionado aos cómics. Fálase de Miguelanxo Prado como un dos “grandes autores “ do cómic moderno e coméntase que coñecía os debuxantes e guionistas do panorama internacional, o que permitiu que o salón contase cunha proxección maior da esperada. Indícase que o salón contou en todas as súas edicións con invitados de renome internacionais así como con exposicións das mellores firmas.


Insírese nesta sección fixa un fragmento de *Soidades* (2008), escrito por Neus Moscada e ilustrado por Chiara Fatti.

Alude ás actividades programadas polo Concello de Santiago e mais por entidades empresariais, entre as que destaca as do programa Nadalxogo.


Fálase do Congreso de Literatura infantil e xuvenil do IBBY. Indícase que os participantes se amosaron moi positivos no tocante ao futuro desta literatura e recóllese a declaración feita por Henrike Fesefeldt, comisaria do congreso, cando se referiu á literatura feita en Galicia como unha literatura de éxito debido ás traducións destas obras a outros idiomas. Expíxase que o congreso estivo composto por mesas redondas, nas que se trataron temáticas como a importancia do cómic e a ilustración como unha forma de aproximarse á xuventude. Infórmase que os galardoados cos premios IBBY-Asahi de Promoción da Lectura foron o pobo de Medellín, a Fundación Taller de Letras, Jordi Sierra i Fabra e Osu Children’s Library. Anúnciase, tamén, a entrega dos premios Hans Christian Andersen e infórmase de que o broche do congreso o porá Manuel Rivas.


Comenta a saída ao prelo do cómic *As vidas de Galileo. Viaxe pola historia da Astronomía* (2009), do ilustrador sueco Fiami, con motivo do Ano Internacional da Astronomía. Tras describir o seu argumento e o seu protagonista, un rapaz que ten de viaxar a varios destinos, describe, nun epígrafe intitulado “O telescopio, un invento crucial para a astronomía”, dous dos destinos deste personaxe e, finalmente, no epígrafe “A Teoría do Big Bang e o Universo en expansión” coma o destino final do rapaz e menciona a edición en castelán do cómic xunto a outras versións noutros idiomas e outros cómics deste ilustrador como *As vidas de Einstein* ou o seu proxecto audiovisual *Debúxame as estrelas*.


Informa da saída ao prelo do volume escrito por Xosé Antonio Neira Cruz e ilustrado por David Soler, *Jan estivo ali* (2009), na editorial Galaxia. Tras achegar uns datos sobre o cadro de Jan van Eyck sobre o que se baseou o volume e sobre o seu contido e a figura do pintor, describe o argumento do volume e destaca o labor ilustrativo de Soler. Sinala o capítulo “O pintor e a súa obra” que completa o volume e que presenta unha biografía sobre o pintor e o seu lenzo, xunto a outros lenzos como “O Xardín do Paraíso” ou “Natividade do Bautista”.

1858

Acóllese nesta sección fixa un fragmento de No cubil da lúa (2009), escrito por Xoán Neira e ilustrado por Juan Darién.


Insírese nesta sección fixa un fragmento de Jan estivo alí (2009), de Xosé A. Neira Cruz.


Reprodúcese nesta sección fixa un fragmento de Oda a unha estrela (2009), escrito por Pablo Neruda e ilustrado por Elena Odriozola.


Informase de que a XIII edición do Salón do Cómic “Viñetas desde o Atlántico” homenaxea a Will Eisner, considerado o pai da novela gráfica e pai de Spirit. Indícase que no salón tamén participarán Dave McKean, Carlos Pacheco e Raule e Roger, entre outros. Anúnciese unha das exposicións que forman parte do salón e que está dedicado ás tiras de prensa dende a súa aparición na prensa norteamericana hai un século.


Inclúese nesta sección fixa un fragmento d’O león Kandinga (2009), escrito por Bonifacio Ofogo e ilustrado por Elisa Arguilè.


Percorrido pola historia da Literatura Infantil e Xuvenil en galego co gallo do Día Internacional do Libro Infantil e Xuvenil. Destaca a saída ao prelo do Anuario sobre as publicacións de LIX editado por SM e sublíña a publicación de Manuel Rivas, O sombreiro Chichiriteiro (2009), ilustrado por Patricia Castelao e Xavier Queipo. Sinala as palabras de Xosé Antonio Neira Cruz sobre a escasa presenza da poesía na LIX e menciona algúns dos poetas galardoados con premios de poesía, como Xoán Babarro, Ana María Fernández e Antonio García Teijeiro. No epígrafe intitulado “Os mellores libros segundo blogs e portais web”, ofrece algunhas direccións en liña onde consultar os libros preferidos polos lectores e lectoras, como por exemplo Lúa do Senegal (2009), de Agustín Fernández Paz; Mil cousas poden pasar. Libro I (2009), de Jacobo Fernández Serrano, merecente do Premio Merlin 2009; Ás de bolboreta (2009), de Rosa Aneiros e Un bico de amor e vida (2009), de Neira Cruz. Menciona asemade a Lista de Honra de The White Rave ns ao respecto da produción de LIX en galego e os libros favoritos no blog “Fervenzas literarias”. Nun epígrafe á parte, “As cifras”, desenvolve o sector de LIX ao respecto da venda dos volumes saídos ao prelo e menciona a aparición do libro electrónico como algo positivo para a LIX. Así mesmo, en catro pequenos epígrafes á parte, indica o eido do teatro infantil; as traducións ao galego de relatos clásicos contemporáneos; o recoñecemento de ilustradores e ilustradoras galegos e o mercado de Cataluña e do País Vasco no sector da LIX.


Fálase da 32ª edición do Congreso Internacional de Literatura Infantil e Xuvenil que se celebra baixo o lema “A forza das minorías”. Infórmase que o programa está composto por mesas redondas, conferencias e obradoiros, nos que se tratarán temas como o impacto das minorías na vida dos nenos e como se representa isto na Literatura infantil e xuvenil. Indicase que, entre os participantes, se atopa Fina Casalderrey, Miriam G. Möllers, Emilia Ferreiro ou Manuel Rivas, quen tratará “o desafío que supón a creación literaria nunha lingua minorizada como é o galego”. Infórmase, tamén, da exposición “A literatura infantil e xuvenil galega e as minorías”, a entrega dos Premios Hans Christian Andersen a David Almond e Jutta Bauer, a entrega dos premios IBBY e, finalmente, a entrega dos diplomas acreditativos da Lista de Honra IBBY a Agustín Fernández Paz por O único que queda é o amor e a Ignacio Chao pola tradución da novela A noite d’O Risón, de Gonzalo Moure.


Fálase das sesións sobre xénero e opción sexual que se levaron a cabo no marco do 32 Congreso IBBY. Infórmase que, entre os participantes, está a profesora Francisca Sánchez que falou sobre a figura da escritora María Luz Morales, ou Vera Teixeira que se centrou sobre a literatura xuvenil en Brasil a partir das obras Sapato de salto de Lygia Bojunga e Cartas Marcadas: uma História de Amor Entre Iguais, de Edson Gabriel.
García e Antonio Gil. Anúnciase a presentación dos Diplomas da Lista de Honra que serán entregados a Agustín Fernández Paz por O único que queda é o amor e a Ignacio Chao pola tradución da novela A noite d’O Risón de Gonzalo Moure, así como a entrega dos Premios IBBY-Asahi de Promoción da Literatura.


Refírese ás sesións que no marco do 32 Congreso IBBY se centraron na ilustración como unha ferramenta para a representación das minorías. Indícase que entres os participantes se atopa Teresa Durán, Carmen Diana Dearden ou Miguelanxo Prado, autor de Trazo de tiza, Quotidianía delirante e Fragmentos de la enciclopedia Délftica. Anúnciase a entrega dos Premios Andersen a David Almond e a Jutta Bauer.


Recomenda para todos os públicos a lectura da obra A Casa da Luz, de Xabier P. Docampo, novela que conta como Alicia e os seus amigos se fan amigos do vello Pumariño e da que xa se fixo unha adaptación cinematográfica na que intervén o propio “Pico”.


Fálase de “Viñetas dende o Atlántico” que, na súa XIII edición rende homenaxe a Will Eisner. Indícase que os visitantes poderán ver os orixinais de The Spirit, do estadounidense pai do cómic moderno. Coméntase que tamén estarán presentes moitos dos discípulos de Eisner como Víctor Rivas, Carlos Pacheco ou Dave McKean. Informase, tamén, da exposición centrada na historia do cómic coas tiras de prensa.


Fálase da XIII edición de “Viñetas desde o Atlántico” dedicada a Will Eisner, pai da novela gráfica. Informase das actividades que se levarán a cabo como exposicións, conferencias, visitas guiadas ou a feira do cómic. Indícase que o Kiosko Alfonso acollerá una exposición de Carlos Pacheco, Camille Jourdy, Émile Bravo, Raule-Roger e Víctor Rivas. Apúntase que Palexco se estrea como sede do salón coa exposición de Dave McKean. Destácase, tamén, a exposición de tiras clásica da prensa norteamericana.

Fálase da exposición que ofrece “Viñetas dende o Altántico” sobre as tiras de prensa en Estados Unidos ao longo do século XX. Expúxese que a mostra comeza cos personaxes e autores primixenios como Little Nemo de McCay e Krazy Kat de Herriman, e finaliza coa historieta de ciencia ficción e extraterrestres relacionadas coa “paranoia” comunista da época. Dáselle a palabra a Marcos S. Calveiro, quen asegura ser un “escritor de tempada outono-inverno”, xa que o frío é o que o deixa diante do escritorio. Indícanse as rutinas que segue para escribir como, por exemplo, escoller My Favourite Things na versión de Coltraine e, coa chegada do Twitter, a atención que lle presta aos seus seguidores. Engádese que as súas novelas “teñen moito de obra colectiva”.


Entre outras actividades, anúnciase o espectáculo musical de Magín Blanco “A nena e o grilo” nos xardíns da Deputación provincial de Lugo.


Sinala a exposición organizada por El Patito Editorial na Fundación Torrente Ballester de Santiago ao redor do cómic *Aventura no Camiño de Santiago* (2009), de Primitivo Marcos Ferreiro e describe o seu argumento. Doutra banda, subliña a actividade de promoción do libro e animación á lectura que leva a cabo a compañía Trinke trinke.


Menciona o conto recentemente saído ao prelo do escritor Xosé Antonio Neira Cruz, *Jan estivo ali* (2009), na colección “Arbore Arte” da editorial Galaxia, ilustrado por
David Soler e cunha pequena biografía ao final sobre o pintor do cadro ao que alude o conto.


Fálase do festival do cómic “Viñetas desde o Atlántico” e indicase que, entre as persoas que pasaron polo festival, se atopa Roger Ibáñez, Carlos Pacheco ou Émile Bravo. Anúncianse as charlas de Dave McKean e Denis Kitchen así como a exposición dedicada a Will Eisner e a formada por obras de Camille Jordy e Víctor Rivas, entre outros. Recóllense diversas recomendacións dos encargados dos postos do festival.


Comenta, a partir dos datos recollidos no *Anuario del libro infantil y juvenil 2010* da Fundación SM, a situación actual da Literatura Infantil e Xuvenil en galego no eido económico. Nun epígrafe intitulado “El mercado gallego” trata precisamente a situación da LIX no mercado autóctono e a solidez das editoriais galegas. Destaca os comentarios de Xosé A. Neira Cruz, autor do informe da Fundación antedita, sobre a creación de novas coleccións especializadas en LIX malia a crise económica actual, como por exemplo “Árbore Audicontos”, de Galaxia. Cruz salienta asemade a presenza da LIX en eventos como a Feira de Bolonia e nas publicacións de escritores e ilustradores en 2009.


Reprodúcese nesta sección fixa un fragmento de *Instrucións para espertar a unha cadeira durmida* (2007), escrito e ilustrado por Pablo Prestifilippo.


Revisa as novidades que se anuncián e que están a ver a luz no inicio do ano. Por último detense nas novidades para os máis novos, nas que en poesía sinala a publicación de *Verbas de sal e Recendos de aire sonoro*, de Antonio García Teijeiro; *A cobiza do verme Noel e A rebelión na charca*, ambas de Miro Villar, ás que se engaden algunhas novidades de OQO e Kalandraka.


Tras describir brevemente o argumento da historia e o labor da escritora e do ilustrador Maurizio A. C. Quarello, reproducéuse un fragmento de *Pulga & xigante* (2009).


Fala da mostra de literatura infantil e xuvenil “Mundos da historia-historias do mundo” na Biblioteca Pública Ánxel Casal, que percorre a historia da creación galega, facendo fincapé en *Memorias dun neno labrego* (1961), de Xosé Neira Vilas. Dá conta tamén da V Feira do libro Infantil e Xuvenil Galego, así como os talleres e contacontos que se realizaron.


Informa do programa europeo “Os contos do Camiño”, dirixido a rapaces e rapazas como parte da axenda infantil do Xacobeo 2010 coordinado pola editorial OQO. Destaca o seu obxectivo de difundir o patrimonio cultural e artístico inherente ás rutas xacobeas por medio de obradoiros creativos. Sinala a presentación deste programa no CGAC (Centro Galego de Arte Contemporánea) por parte de Ignacio Santos, director da S. A. de Xestión do Plan Xacobeo, e nun epígrafe intitulado “Música, palabra e imagen” indica as actividades de “Un Camiño de contos” dirixidas a nenos e nenas de entre cinco e oito anos coas que percorren algunhas rutas xacobeas; de “A arte do Camiño”, dirixidas a nenos e nenas de entre nove e onze anos, nas que aprenden sobre as obras de arte ao longo dalguns das rutas; e de “Ilustrar un conto con...”, coas que ilustradores e ilustradoras europeos lles ensinan cuestións da creación artística. Destaca a selección deste programa no Programa Cultura 2007-2013 da Unión Europea e nun derradeiro epígrafe, “Francia y Portugal”, sina o itinerario das actividades deste programa, dende Francia até Santiago.


Dise que o pasado mes de maio se deron a coñecer os títulos gañadores do Premio “Los Mejores Libros para Niños y Jóvenes 2010 del Banco del Libro de Venezuela” entre os que se atopen tres obras que se poden ler en galego: *A viaxe do bisavó*, de Marta Farias; *Estás na lua*, de Carmen Montalbán, e *A historia de Rainbow*, de Warrior. Recoméndase a tradución ao galego da outra das premiadas, *Lágrimas de cocodrilo*, de
André François, estudada por Carina Rodrigues por estar traducida recentemente ao portugués.


Saliéntase que OQO Editora non deixa de ser recoñecida pola “súa creatividade e o seu orixinal labor”. Así coméntase que Cantas pingas na cidade! (2009), de Eva Montanari e Os mil branco dos esquimós (2009), de Isabel Minhós Martins, traducidos ao galego por Antón Fortes, mereceron o segundo e terceiro premio ao Libro Infantil e Xuvenil Mellor Editado en 2009 do Ministerio de Cultura. Apúntase que o primeiro álbum “recrea a viaxe alegórica e fantástica de dez pingas de auga” nun formato orixinal “pola súa configuración vertical” que reforza “os efectos de superficie e profundidade” das ilustracións que complementan o texto verbal “cargado de lirismo”. Por último, coméntase que o segundo álbum estimula a curiosidade do lectorado pola vida da civilización esquím, a través dunha compoñente verbal “sínxela e atractiva” e dun conxunto de “expresivas e orixinais ilustracións” que fan uso da colaxe.


Recóllense as declaracións feitas por Manuel Bragado, presidente da Asociación Galega de Editores, no marco do congreso internacional IBBY. Indícase que Bragado definiu a Literatura infantil e xuvenil como un xénero que carece de temas vetados. Anúnciase a conferencia plenaria impartida por Manuel Rivas sobre o desafío de “Escribir literatura nunha lingua minorizada”. Sinálase a participación do Premio Christian Andersen do 2010, David Almond.


Nesta sección, que acolle relatos inéditos durante o mes de agosto, reproducécese “Na praza”, de Silvia Rodríguez Fernández (15 anos).


Dá conta da undécima edición da revista Enormic coa saída ao prelo de catorce mil exemplares. Destaca a colaboración de Enrique Conde e José María Fernández na cuberta e Susana Sánchez Aríns, merecente do Premio Nacional de Poesía Pérez Pallaré, no limiar. Comenta o acto de presentación a cargo de Xabier Camba e menciona a historieta coa que se abre a revista, “O rei de cartón”, así como a colaboración de Uxío López na cuberta do próximo número.


Reprodúcese nesta sección fixa un fragmento d’*O dragón comemedo* (2009), escrito e ilustrado por RuAn.


Insírese nesta sección fixa un fragmento de *Chuzos de punta* (2008), escrito por Raquel Saiz e ilustrado por Maja Celija.


Fálase do 32 Congreso Internacional do IBBY e infórmase de que o lema deste encontro é “A forza das minorías”. Recóllense diversas declaracións dos participantes no encontro como Emilia Ferreiro ou Jochen Weber sobre a división entre a Literatura infantil e xuvenil e a Literatura para adultos. Cítanse obras como *Alicia no país das marabillas* de Lewis Carroll e *A expedición do Pacífico* de Marilar Aleixandre. Fálase, tamén, da serie de paneis sobre a historia da literatura infantil en galego dende a publicación de *Memorias dun neno labrego*.


Dá conta da saída ao prelo do volume que pecha a triloxía de Fran Jaraba, *De sangre y ron mi Cuba*, editado por Glénat. Menciona primeiramente a revista de cómic Xofre, creada polo ilustrador para despois continuar coa súa categoría de pioneiro no eido do cómic en Galicia. A seguir describe o volume escrito en lingua castelá e destaca a súa vindeira presentación no Salón do Cómic de Barcelona. Alude asemade ao seu labor como ilustrador e ás súas ideas para o volume que vén de publicar. Conclúe cunha sinopse da temática e dos personaxes do volume.

Anúnciase a chegada da XIII edición de “Viñetas desde o Atlántico”, dirixida por Miguelanxo Prado. Informase de que, malia que o salón sufriu recortes no seu orzamento, mantén a súa esencia con autores de nivel internacional e local, presenza feminina e firmas noveles. Dáse o nome dos participantes entre os que se atopa Dave McKean, Émile Bravo e Víctor Rivas. Fálase da situación do cómic en Galicia e sinálase o logro de contar cunha industria editorial asentada. Tamén se engade que a Xunta de Galicia aproveitou o Día das Letras Galegas para editar un álbum sobre Uxío Novoneyra de David Rubín e Kike Benllock.


Realiza un percorrido pola traxectoria creativa de Herikberto M. Quesada, autor da saga de ciencia ficción “El hombre del traje blanco”, na que se inclúe *O accidente* (2009). Desenvolve a seguir o argumento deste volume da saga e conclúe cunha referencia á súa produción artística.


Comenta o programa europeo “Os contos do Camiño”, coordinado pola editorial OQO e a S. A. de Xestión do Xacobeo, ao seu paso polo Museo Thyssen-Bornemisza de Madrid. Salienta a súa promoción do patrimonio artístico e cultural do Xacobeo entre nenes e nenas de primaria e conclúe coa mención da súa selección no Programa Cultura 2007-2013 da Unión Europea.


Comenta a creación do primeiro *iMotion Comic* para *iPhone* e *iPod Touch* pola produtora coruñesa Continental en colaboración co Grupo MAR (Multimedia, Animación e Realidade Virtual) do Departamento de Electrónica da Escola Superior de Enxeñería da Universidade de Santiago de Compostela. Salienta o labor de dirección de Miguelanxo Prado e as orixes deste cómic animado no seu propio cómic *Quotidiana delirante* (2003), así como o labor do produtor Pancho Casal, do que reproduce a súa conversa coa xornalista que firma esta noticia. A conversa xirou sobre cuestións como a novidade do formato *iMotion Comic* e a súa recepción; os dous seguintes números do
cómic de Prado neste formato e os seus destinatarios. Reproduce finalmente os comentarios de Julián Flores González, director do Grupo MAR.

**Santos, A. de e S. Camesella.** “La igualdad no se aprende en los clásicos”, *Faro de Vigo*, p. 40./*La Opinión*, “Sociedad”, 10 abril 2010, p. 43.

Comenta a proposta de prohibición da lectura de contos “sexistas” realizada pola ministra de Igualdade, Bibiana Aído, nos centros escolares. Menciona primeiramente a campaña organizada polo Ministerio de Igualdade, o Instituto da Muller e o sindicato FETE-UGT, “Educando en igualdad”, dirixida a estudantes de primaria. Reproduce a seguir os comentarios ao respecto de Rosa Fontaíña, presidenta da Rede de Mulleres Veciñais contra os Malos Tratos; de Elena Rodríguez, do departamento de Igualdade de CC.OO.; do profesor Antonio García Teijeiro; da escritora Marilar Aleixandre; de Virgilio Cantes, presidente de CONFAPA, (Confederación de ANPA de centros públicos); de Mónica Touza, presidenta de FOANPAS (Federación de Nais e Pais de Alumnos) e do psicólogo Alejandro Torres.


Desenvolve a falta de apoio por parte da Xunta de Galicia ao cómic galego na principal feira do cómic de Europa celebrada en Angoulême. Reproduce os comentarios ao respecto de Manel Cráneo e Santy Gutiérrez, director e presidente do AGPI (Asociación Galega de Profesionais da Ilustración), respectivamente. Conclúe coa petición do BNG no Parlamento da reprobación do concelleiro Varela polas súas críticas á cultura galega e á subvención do libro.


Coméntase que con motivo do cincuenta aniversario de *Memorias dun neno labrego*, de Xosé Neira Vilas, a editorial Galaxia publicará un volume coa capa orixinal de Luís Seoane, un proemio de Víctor Fernández Freixanes e un estudo de Xesús Alonso Montero. Faise eco tamén dunha edición con debuxos de Xaquín Marín, así como dun volume homenaxe no que participarán numerosos autores nas súas linguas respectivas.
mil copias da primeira edición, trescentas viaxaron a Galicia logrando unha boa acollida.


Dá conta do xénero fantástico nas recentes publicacións das editoriais galegas. Menciona primeiramente a espera pola saída ao prelo do *Anuario del libro infantil y juvenil 2010*, para despois salientar o nivel de vendas de volumes do xénero antedito como *Ghost Girl*, *Réquiem*, *Crepúsculo*; de corte realista como *Barro de Medellín*, merecente do Premio Nacional 2009 ou dos dirixidos ao lectorado infantil como *Mago Goma* ou *Onde viven os monstros*. Acompañan a noticia unha serie de sinopses sobre as publicacións en galego de *Libro das M’Alicias*, de M. Calatayud e M. Obiols; *Mil cousas poden pasar*, de Jacobo Fernández; *O apalpador*, de Xoán González; *Unha grande viaxe*, de Anna Castagnoli; *Un hecho extraño*, de Mon Daporta e Óscar Vilán e *Oda a unha estrela*, de Pablo Neruda; en castelán, *Barro de Medellín*, de Alfredo Gómez Cerdá; *Cuentos de Poe*, de Edgar Allan Poe; *Un granizado de moscas para el conde*, da editorial Destino infantil; *Estudio en escarlata*, de Arthur Conan Doyle; *Violeta no es violeta*, de Xosé A. Neira Cruz; e *Réquiem. La puerta oscura*, de David Lozano.


Describe a undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil celebrado na cidade pontevedresa. Destaca a súa temática centrada no eixo urbano e as actividades organizadas para os máis cativos, como as sesións de contacontos “Carballo con botas” da compañía Papaventos ou as funcións teatrais como a d’*Os Bolechas*. Nun epígrafe á parte recomenda as pezas *Rosalía, a pulga que escribía*, de Galiton, e *La ciudad inventada*, de Gorakada Teatro, así como o espectáculo de *Pacama*, dirixido a bebés.


Fálase de *Radiografía dun autor de tebeos*, documental de Marcos Nine onde filma a vida de catro autores, entre eles, David Rubín. O primeiro deles, que trata do propio Rubín, proyectarase no festival compostelán Cineuropa, na próxima edición do salón do cómic coruñés “Viñetas dende o Atlántico” e na feira de Barcelona.


Dá conta da undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil celebrado en Pontevedra. Tras mencionar os seus obxectivos e a súa temática centrada nas cidades imaxinarias, desenvolve, nun epígrafe intitulado “Maiores e pequenos”, os comentarios
de Lola Dopico, concelleira de Cultura, sobre o Salón e a homenaxe a Agustín Fernández Paz e Xabier P. Docampo pola súa historia *O Libro das Viaxes Imaxinarias* (2008), así como o aspecto das actividades organizadas para os rapaces e rapazas a cargo do grupo Paspallás, entre outros.


Dá conta da lectura colectiva a xeito de homenaxe á poeta Anisia Miranda co gallo do seu recente pasamento. Destaca a presenza de Fina Casalderrey e Xosé Neira Vilas e nun epígrafe intitulado “Participantes” menciona os nomes dos asistentes ao acto como Carlos Fontes, Antón Sobral, Avilleira, Alejandro Soto, Carme Vidal ou Miguelanxo Prado. Conclúe cunha serie de datos biobibliográficos sobre a poeta.


Informa da quinta edición do Día Internacional do Libro Infantil e Xuvenil celebrada en Santiago, no centro comercial Área Central, a partir da Feira do libro Infantil e Xuvenil Galego, organizada polo Consorcio Editorial Galego. Destaca a venda de libros na Feira das editoriais Baía Edicións, Sotelo Blanco e A Nosa Terra e conclúe cunha referencia ás actividades organizadas para os máis cativos.


Tras describir brevemente o argumento da historia e o labor do escritor e ilustrador, reproducéuse un fragmento de *Onde viven os monstros* (2000, de Maurice Sendak).


Informase que a Asociación Cultural Ullán ofreceu unha nova edición do festival Cultur Patio no que ofreceu, entre as súas actividades, teatro para os máis pequenos na Casa da Cultura de Santa Cruz.


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’*A nube de Martín* (2008), escrito por Carlos Sobrino e ilustrado por Rebeca Luciani.

Esta nova dividida en dous apartados dedica o primeiro deles a salientar a funcionalidade do devandito premio como seleccionador de boas obras de literatura xuvenil galega no século XXI. Dise que o galardón foi creado en 2006, a raíz dun acordo entre a Fundación Caixa Galicia e Edicións Xerais de Galicia, e remárcase o estilo e temática preferentes das obras gañadoras seguindo os gustos da mocidade. O segundo apartado está dedicado á obra gañadora da súa cuarta edición, *Ás de bolboreta*, de Rosa Aneiros. Saliéntase a súa orixinalidade e dise que require a participación activa do lectorado de cara á comprensión da narrativa; a continuación coméntase o seu argumento, enfiado por unha sucesión de diversos personaxes inconexos cuxas historias se entretencen para conformar o fío narrativo; e finalmente fálase das técnicas cinematográﬁcas empregadas para describir os espazos.


Infórmase da tradución ao galego de *Platero y yo* de Juan Ramón Jiménez. Expícase que a tradución a realizaron alumnos de segundo da ESO dos institutos Número Un e Coroso de Ribeira. Coméntase que coa presentación desta actividade comeza a VI Semana das Letras do IES Número Un e ofrécese o programa de actividades entre as que se atopa o concurso Cifras e letras e o recital poético dedicado a Uxío Novoneyra, entre outros.


Faise eco das actividades do Concello de Ribeira con motivo do Abril literario, entre as que salientan as actuacións das compañías de títeres Buratini, Titirimaña, Cachirulo e Viravolta.


Indícase que o museo da Pobra conta cunha visita dramatizada na que se caracteriza a Valle-Inclán, Manuel Murguía e Rubén Darío.


Sección que acolle os relatos inéditos que durante o mes de agosto ofreceu *Xornal de Galicia*. Nesta ocasión reproducense “Miradas”, de Ana Souto Villanustre (14 anos).
Acóllense nesta sección fixa un fragmento de *Linda á espreita* (2009), escrito e ilustrado por Alexander Steffensmeier.


Coméntase o programa para a celebración do Día da Biblioteca no Colexio Rosalía de Castro: unha exposición titulada *O museo do conto interactivo* e a visita do escritor e ilustrador Anxo Fariña, responsábel de dúas sesiões de taller (ilustración e animación á lectura).


Indícase a programación de Nadal de Engrobes, na que se fará a entrega de premios do concorso de carteis, actuacións de monicreques, xogos e actividades para os máis pequenos. Expícase que todo isto se fai co obxectivo de dinamizar o comercio local e ofrecer posibilidades de ocio.


Infórmase do comezo do XXXII Congreso do IBBY (International Board on Books for Young People) considerado o “acontecemento literario máis importante no mundo editorial da literatura infantil e xuvenil”. Expícase qué e o IBBY e ofrécese información sobre o programa, que comezará coa conferencia de Emilia Ferreiro titulada “La diversidad en el acercamiento a lo escrito ¿obstáculo o ventaja?” e se pechará cunha conferencia de Manuel Rivas. Anúnciase, tamén, a presentación dos Diplomas da Lista de Honra IBBY 2010.

Fálase da inauguración oficial do XXXII Congreso do IBBY (International Board on Books for Young People) no que participaron, entre outros, a ministra de Cultura Ángeles González-Sinde e o presidente da Xunta Alberto Núñez Feijóo. Recólense declaracións de Sinde que falou sobre o “seu compromiso coa literatura infantil e xuvenil”, así como declaracións de Feijóo que destacou o papel de escritores como Agustín Fernández Paz na promoción da cultura galega. Ofrecéuse información sobre o programa que comezará coa conferencia de Emilia Ferreiro titulada “La diversidade en el acercamiento a lo escrito ¿obstáculo o ventaja?” e se pechará cunha conferencia de Manuel Rivas. Anúnciase a presentación dos Diplomas da Lista de Horna IBBY 2010 que serán recibidos por Agustín Fernández Paz por O único que queda é o amor e por Ignacio Chao pola tradución d’A noite d’O Risón.


Entre outras actividades, anúncianse as exposicións “Viñetas descubertas” e “Miña terra galega” que amosan o traballo de dezaseis autores galegos de banda deseñada e que se poden visitar no Centro de Interpretación da Mariña en Foz.


Refírrese á situación do eido de animación galega a partir de publicacións como El bosque animado (2001), P3k: Pinochio 300 (2004) ou Pérez, el ratoncito de tus sueños (2007). Destaca os cómics de Miguelanxo Prado, Trazo de Tiza (2003), e de Paco Roca, Arrugas, e as súas adaptacións ao cinema por parte de David e Álex Pastor no primeiro caso e por Ignacio Ferraras e Ángel de la Cruz no segundo. Nun epígrafe intitolado “Para tecnofílicos” trata as adaptacións doutros cómics ao cinema como Watchmen, The Spirit, Daredevil, Catwoman ou Hulk e do novo formato iMotion Comic para iPhone e iPod Touch, ao que se adapta o cómic de Miguelanxo Prado, Quotidianía delirante (2003). Nun derradeiro epígrafe, “El síndrome de la isla”, destaca os elementos comúns entre o antedito cómic de Prado e o seu filme De Profundis, fronte ao cómic Arrugas anteriormente mencionado.


Fálase da 13ª edición de “Viñetas desde o Atlántico”. Infórmase das exposicións que a conforman: unha dedicada a Will Eisner, outra á serie Jazz Maynar, unha terceira ao xénero das tiras de prensa e, finalmente, outra sobre esqueletos. Infórmase que, entre os participantes, se atopan Dave McKean, Carlos Pacheco e Victor Rivas. Anúncianse as diferentes actividades que se desenvolverán como conferencias, firma de exemplares ou a feira de libreiros e editores.

Trata a cuestión da Fundación Neira Vilas, situada en Santiago de Gres, Vila de Cruces, topónimo vinculado a *Memorias dun neno labrego* (1961), de Xosé Neira Vilas. Nun primeiro epígrafe intitulado “A Casa-Fundación” desenvolve a historia da que pouco a pouco se convertería na Fundación antedita. Destaca a súa biblioteca-museo e algunhas das amizades do escritor, para despois comentar, nun segundo epígrafe, “Catro illas unidas”, o Festival de Bandas de Música que se celebra na devandita localidade e a homenaxe que a AELG lle rendera alí hai xa tempo. Conclúe cunha referencia á ponte próxima e á veciña aldea de Ponteledesma.


Informa do programa de actividades da Asociación Parroquial Neira Marcos no Concello de Vimianzo, presidida por María Teresa Ferreira, do que destaca o balance do obradoiro do cómic do ano anterior, a cargo de Saleta Ameixeiras.


Explica que a Oficina Municipal de Voluntariado de Padrón realizou un programa para promover a solidariedade e o traballo en valores nos colexios de educación infantil e primaria. Indica que entre outras actividades o programa contou coa visita de Anxo Moure quen mostrou *O carballo con botas* (2008).


Trata o proxecto da organización Bata (Asociación Baión de Tratamento do Autismo), presidida por Carmen Vázquez e centrado na adaptación de contos á lectura de nenos e nenas autistas. Destaca as adaptacións d’*O patiño feo*, *A ratiña presumida* ou *O coello branco*, coas que a editorial Kalandraka creou a colección “Makakiños”. Salienta asemade a creación da liña editorial cos contos de *Nicolás vai de compras* e *Nicolás cocíña sen lume*, ilustrados por Alicia Suárez e dirixidos tamén a este lectorado. nun epígrafe á parte, “Colección”, sinala o feito de o protagonista da colección antedita levar o nome do fillo da ilustradora.


Infórmase do recital que o grupo Brétema lle dedica á escritora Fina Álvarez. Coméntase que no acto intervirán preto de vinte poetas así como o grupo de gaiteiras do...
centro de Priegue. Ofrécense datos biográficos de Álvarez e citanse algunha das súas obras como As bolboretas de Benitiño ou La princesa solitaria.


Transcribese o pregón que Xosé Vázquez Pintor ofreceu co gallo da Festa dos Peóns en Melide, centrado na nostalxia dos xogos populares e fai un percorrido por todos eles até chegar á industria e ao comercio actual.


Informa da conmemoración do Concello de Santomé do Día Internacional do Libro Infantil e Xuvenil a partir das súas actividades relacionadas coa Biblioteca Rural. Destaca a entrega de exemplares conseguidos pola Asociación Cultural Santomé á devandita Biblioteca e as actividades dirixidas aos máis cativos, como o concurso de relatos e ilustración ao redor da figura de Uxío Novoneyra co gallo da súa homenaxe no Día das Letras Galegas.


Dá conta da cuarta edición de Memorias dun neno labrego (1961), de Xosé Neira Vilas, por Kalandraka, en língua castelá e ilustrada por Xosé Cobas. Reproduce os seus comentarios sobre a orixe das súas ilustracións e sinala elementos recorrentes nelas como a metáfora. No epígrafe intitulado “En la casa de Neira Vilas”, sinala a visita que o ilustrador realizou á casa do autor para poder levar a cabo as súas ilustracións.

Reprodúcese nesta sección d’A Nosa Terra, redactada e ilustrada por Gonzalo Vilas, unha breve banda deseñada sobre a historia do cine.


Coméntase que a Biblioteca Municipal Ánxel Fole da parroquia de San Pedro de Nós en Oleiros reabriu as súas portas tras as reformas para triplicar o seu antigo espazo. Sinálase que o acto de reapertura coincidiu co anuncio polo Ministerio de Cultura de que o programa de animación á lectura das bibliotecas oleirenses é un dos trescentos seleccionados de España con motivo dos premios María Moliner. Destácase que estas bibliotecas albergan polo Nadal o programa de contacontos “Contos para contar na lareira”.


Entre outras actividades, anúncianse as exposicións de banda deseñada “Viñetas descubertas” e “Miña terra galega” que se poden visitar na Casa habanera de Guitiriz.


Comenta a proxección en Lugo da serie dos álbums Caracois, cinco libros de NanOQOs, da editorial OQOs. Afirma que esta peza audiovisual consta de vinte e seis capítulos en galego con música da compositora María Mendoza e que está dirixida polo mexicano Luís Téllez. Apúntase que a Deputación de Lugo fixo unha achega económica de cen mil euros pola cativeza de propostas deste tipo para o público infantil en lingua galega.


Insírese nesta sección fixa un fragmento d’*O pazo máxico* (2009), escrito por Pedro Volta e ilustrado por Carlos Silvar.


Indica o grande éxito de asistencia á undécima edición do Salón do Libro Infantil e Xuvenil celebrado na cidade teucra. Destaca a posta en escena d’*Os Bolechas* pola compañía Caramuxo Teatro no Pazo da Cultura e a homenaxe que o Salón lle dedicou ao escritor Agustín Fernández Paz.

Informa brevemente da presentación por parte da editorial Kalandraka do Premio Internacional Compostela de Álbum Ilustrado na cuadraxésimo sétima edición da Feira Internacional do Libro Infantil e Xuvenil de Boloña. Destaca a presenza da editorial Faktoria K no evento.


Infórmase da concesión do segundo e terceiro premio ao Libro Mellor Editado en 2009 a Cantas pingas na cidade (2009), de Eva Montari, e Os mil brancos dos esquimós (2009), de Isabel Minhós, respectivamente.


Dá conta de que a campañá “ContoQontigo” está ideada por Oqo Editora e pola Deputación Provincial de Lugo. Informa de que se desenvolverá no mes de outubro e que consistirá en achegar a cultura dos países lusófonos a 800 escolares da provincia lucense por medio dunha carpa-iglú.

Volume de Antón Cortizas (Ferrol, 1954) que se inicia cun limiar no que o autor relata as súas experiencias en Carnota e a súa intención de que o seu alumnado, de entre once e quince anos, descubrira a riqueza da literatura oral da zona, como actividade de aula. Indica que como o material foi tan abundante e interesante decidiu ordenalo e publicalo. A obra está dividida en once capítulos: “Cantareas”, a sección máis extensa con mil cincuenta e nove composicións, divididas segundo a súa temática (amores e namorados, burlas e escarnios, cantar e bailar, casorios, cregos, deceres, desamores, festas do ano, fiadas e muiñadas, ir e vir, lugares, mocidade, mundo non humano, nais, oficios, parentela, retesías, santoral, sociais, vellas e vellos); “Triades” que recolle duascentas setenta e oito coplas de diversa temática como o mar, o amor, a choiva, o canto e referencias á toponimia galega; “Regueifas e similares” con corenta e un exemplos que tratan casamentos, o entroido, a primavera, un naufrazio e personaxes concretos como Farruco e Maruxiña, María da Canceliña e Marcelino; duascentas setenta “Adiviñas” de diferente temática, acompañadas das súas solucion; “Trabalinguas” no que se inclúen dez anova trabalinguas mois breves; “Lengalengas infantís” no que se conta a historia do Chascarraschás, a a vella que tiña un can, a vella que plantou un toxo e que plantou unha col; “Cancións” con trinta e unha cancións moi coñecidas en toda Galicia; “Outras composicións” no que se recompilan algunhas mois breves que non tiñan cabida nos apartados anteriores e que son parte de cantigas, burlas e lengalengas infantís; “Ditos e refrán” con trescentos vinte e seis refrán sobre animais, casamentos, comida, dias do ano, homes, lugares, meses, mulleres, o agro, o tempo, a pobreza e a riqueza, saúde e traballos; “Costumes” no que se describen certos hábitos da zona en canto, por exemplo, as herbas de San Xoán, as laradas, a noite de facer mal, o dia de ramos, o serán, os bolos do miúdo, o aire de morto, os enemófaos, casamentos, a xuntanza, a matanza e a tosferina; e “Contos”, no que se inclúen contos fantásticos como “O león que botaba moedas de ouro”, “Xan pequeno”, “Os tres ladróns” e “O rei e os burladores”; contos de parvos espelidos como “Xan pequeno e máis Xan grande”, “O tolo capaz de todo” e “O tolo é listo”; contos de listos, de tolos e de tolemias como “O burro de Pedro”, “Palla para un mes”, “Parentes”, “¡Qué quer laranxas!” e “O xestre e máis a cadela”; contos de homes e mulleres como “O home que quería casar”, “No fondo”, “A chulona”, “Parto precoz”, “Ao pé da letra, quero un dos doús”, “O vicario”, “¡Pobre de mí e máis doutro!”, “¡Cata no forno!” e “De Cuba”; contos de curas e santos como “A última cea”, “A Cristo non se le escapa unha”, “As burras, ¿onde está Deus?”, “Santo Antonio Labrador” e “Quen rouba salva a quen rouba”; contos de animais como “O lobo de Quinta Nadueñas”, “O raposo máis o galo”, “O raposo e mais a aguía”, “O afo da casa e o rato do monte”, “Os animais compañeiros” e “O raposo e mais o lobo”; sucesos como “Os choros da morte”, “O demo do monte”, “A casa enmeigada”, “Case pesa o demo!”, “Pasou en Parada”, “O morto movéndose”, “A sombra da ponte”, “Desaparecida”, “A cruz”, “O lobo e o mariñeiro”, “Se Deus quer...”, “O barco afundido”, “A costurera”, “A sabia do monte” e “O demo baixo as pedras”; e, por último, lendas como “Os alarbios”, “A casa da raíña lupa”, “Datos lendarios sobre os mouro” e “O cabalo de ouro.”

Recensións:

Comeza sinalando que esta obra é froito dunha recollida levada a cabo en Carnota durante os primeiros anos da década dos anos oitenta por un grupo de alumnado dirixido por Antón Cortizas. Explicita pormenorizadamente o número de cada unha das modalidades estróficas recollidas e as múltiples temáticas que abordan, deténdose a seguir no material paremiolóxico, no que sinala os temas e as dificultades para encadrar moitos dos refráns. Apunta tamén a convivencia entre o material de carácter local e outro máis xeral, presentando numerosos exemplos. Detense nas opcións lingüísticas do autor nas que adaptou algúns castelanismos e noutras preferiu conservalos marcándos en cursiva; na presenza de dialectalismos, entre os que chama a atención sobre a eliminación do seseo e a gheada, dous trazos característicos na zona de recollida. Remata sinalando a importancia e necesidade de que se sigan publicando traballos fundamentais para o estudo da cultura e que definenn o perfil espiritual dun pobo ao establecieren “o que hai de orixinal na súa visión do mundo”.


Sinala que Antón Cortizas recolle a tradición oral e musical e que clasifica, ordena e organiza o traballo recompilado polo seu alumnado. Explica que aparecen temas e motivos recorrentes, composicións similares ás recollidas noutras zonas de España e outras propias e singulares da zona galega concreta, aínda quenpredomina a área de Carnota xa que Cortizas tentou que o seu alumnado valorase a riqueza do patrimonio histórico e arqueolóxico e da transmisión oral propia.


Despois de comentar que a literatura de transmisión oral foi considerada unha creación menor e atendida por eruditos de etnografía e antropoloxía que recollían mostras con afán documental, incidense en que nos últimos tempos estanse a publicar obras en galego, que recollen textos de tradición oral, e ensaios e estudos de “gran rigor”, que analizan estes testemuños. Saliéntase que este cambio de interese se reflicte nesta monografía de Antón Cortizas, que recolle “máis de milleiro e medio de textos poéticos, preto de trescentas adiviñas, outras tantas expresións paremiolóxicas, medio cento de contos, algunhas lendas e trabilinguas e outros textos puntuais” da tradición oral das terras de Carnota. Reivindícase a importancia deste traballo non tanto polo seu rigor científico coma polo seu afán de recuperación do saber literario oral. Por último animase a continuar con este crecente interese polas producións literarias da tradición oral, mediante a organización de xornadas e a publicación de obras que “axuden a visibilizar” esta literatura “relegada por longo tempo”, ademais de desexar que a xente nova esperte a súa curiosidade e transmita este saber que, sen a súa participación activa, acabará por esmorecer.
Coméntase que esta obra de Antón Cortizas é un canto á particularidade e unha porta aberta á expresión a través dunha colectánrea de cantareas, tríades, regueifas, adiviñas, trabalinguas, cancións e ditos, entre outras manifestacións, que foron recollidos nas terras de Carnota a inicios da década dos anos oitenta. Explícase que xurdiu como exercicio escolar para potenciar entre os máis novos o amor pola lingua e cultura galegas e para valorar a riqueza inmaterial co propósito da súa conservación. Ofrecense datos sobre o número de composicións recollidas e as temáticas tratadas e saliéntase o respecto aos informantes, achegando así un “gran de area á conservación do noso patrimonio inmaterial”.

Referencias varias:


Entrevista a Antón Cortizas na que anuncia a publicación de varios dos seus traballo, como un libro de fotografías sobre a construción dos brinquedos tradicionais, a reedición d’O merlo de ferro e a colectánrea de literatura de tradición oral Ao pé da Laxa da Moa, realizada polo seu alumnado hai máis de trinta anos. Sobre a súa relación con distintos xéneros literarios, sinala que ten escrito moita poesía, aínda que permanece inédita, e que o ensaio e a novela son os que máis se coñecen da súa obra. Comenta que sempre ten máis dun libro na mesiña de noite e que está satisfeito de modo xeral con todos os seus libros. Remata referíndose ao momento de esplendor que vive a literatura galega, aos problemas de minorización e autoodio que aínda existen en Galicia, á importancia da diferenza e da diversidade.


Reproduce o comezo dunha lenda recompilada nesta obra e indica que Antón Cortizas foi profesor na vila de Carnota nos cursos 1980 e 1981 nos que durante medio curso lle pediu ao seu alumnado que recollera na casa manifestacións orais en galego. Apunta que foi organizando e clasificando todo ese material e outras composicións que inventara o propio alumnado, ao fío das que recolleran. Reproduce algunhas das cantareas retranqueiras e lengalengas, ademais de precisar que se recolle unha regueifá sobre o naufraxio do barco grego Filtric e datos sobre costumes e personaxes lendarios. Tamén dá conta das dificultades que tivo Cortizas naqueles primeiros anos de ensino en galego e das opinións do seu alumnado sobre as clases nesa lingua. No á parte “O perfil” salienta que Antón Cortizas é “un dos autores máis premiados da literatura infantil e xuvenil” e achega unha relación das súas obras para este lectorado.

Sección fixa na que se ofrecen breves descritores de varias obras do sistema literario galego que, entre outras, se selecciona Ao pé da Laxa da Moa. Literatura de tradición oral de Carnota, de Antón Cortizas, da que se precisa que non se trata do traballo dun “erudito etnógrafo” senón unha recollida de cantares, “adiviñas, trabalinguas, contos, lendas e mais refráns”. Remáñase apuntando que esta volume reivindica o valor da cultura galega frente “ao imperio do castelán” e o “andazo da falsa globalización”.


Volume de Xesús Ferro Ruibal (Moraña, 1944) e Pedro Benavente Jareño estruturado en función das diferentes relacións socio-linguísticas, culturais e tamén literarias que se poden facer no marco do ámbito galego en relación coa figura da vaca, acollendo dende aspectos do mundo rural nos que se pode enmarcar este animal tan protagonista do mundo agrario, coma as diferentes razas que da vaca se poden distinguir ou os termos empregados para denominar as súas distintas partes físicas. Divídese en dezasete capítulos segundo unha temática máis específica. En relación coa literatura cabe salientar a inclusión de composicións líricas, narrativas e refránis como se recolle no capítulo denominado “A vaca na literatura” en relación a este animal que é protagonista de moitas páxinas literarias.

Referencias varias:


Faise eco da presentación deste volume de Xesús Ferro Ruibal e Pedro Benavente Jareño, que tivo lugar no pazo de Fontefiz, en Ourense. Sinálase que ten o propósito de se converter nun referente lingüístico da tradición galega e coméntase que veu a lume da man do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, como resultado de case vinte anos de estudos de campo en douscentos noventa e cinco dos trescentos quince concellos galegos. A seguir, dáse conta brevemente dalgúns contidos do libro. Tamén se refire ás palabras pronunciadas polos seus autores na presentación e dice que ao acto asistiu o presidente da Xunta, Alberto Núñez Feijóo, de quen se recollen algunhas declaracions. Nun á parte, explicase porque o texto se presentou en Fontefiz, “centro de referencia” dedicado á explotación de gando vacún.


Gonzalo Xosé de Francisco da Rocha estuda o mar en tanto constituinte principal do espazo xeográficó e do imaxinario literario galego. Dedicado a Sara e Elvira e cunha cita cunqueiriana, o volume amosa unha estrutura tripartita que comeza cunha introdución intitulada “O mar está por estudar...”, na que enlaza o mar co mundo do Alén a través dunha serie de fragmentos de Estrabón, Ramón Otero Pedrayo e Manuel...
Antonio. A primeira parte comprende dous capítulos, “Xeografías mariñas” e “Mergullando no pasado”. O primeiro, dividido en cinco seccións, trata do elemento do océano; alude á definición deste elemento, á creación dos continentes e ao quentamento global do planeta coas súas consecuencias; detense nas rías galegas, nas condicións climáticas do Atlántico Norte; trata a riqueza dos mares galegos e a sobreexplotación dos seus recursos e refire a historia da industria mariña. O segundo capítulo, de dez seccións, trata das orixes do home e da súa relación co mar; da construción de naves megalíticas e comerciais na cultura atlántica; da civilización romana e do concepto que daquela se tiña do Outro Mundo; dos navegantes bárbaros e do Bispo Xelmírez; das embarcacións góticas; do tempo do medioevo e como o mar se viu reflectido na produción literaria, especialmente na temática funeraria; dos descubridores do mar como Vasco Núñez de Balboa e do mar na época do Barroco. A segunda parte abrangue tres capítulos. No primeiro deles, “Sentido”, dividido en cinco seccións, desenvolve temas como a creatividade; a simboloxía da auga, da area, do faro e da sal. No segundo, “Deuses, heroes e sereas”, fala da historia dos deuses do Máis Alá e dos seus heroes, xunto á das sereas e á das viaxes ao xe de mundo e da historia dalgúns dos discípulos de Xesús ao respecto da súa relación co mar. O último capítulo refire a temática das viaxes ao Alén, a partir das realizadas pola monxa Exería, Marco Polo, Cristóbal Colón, Don Quixote, Frei Martiño Sarmiento, Robinson Crusoe e o capitán Nemo. A derradeira parte do volume consta dun único capítulo, “Viaxando polas lindeiras acuáticas”, dividido en dez seccións, que trata a cuestión das mariñas setentrionais, o arco ártabro, a Costa da Morte e a súa relación ao Alén, o mar de Muros e Noia, o de Arousa, o de Pontevedra, o de Vigo e o río Miño co encoro de Belesar e as augas da cidade áurea. En cada unha destas seccións aparecen infinidade de fragmentos que axudan a entrelazar os seus contidos co eido literario e histórico. O texto presenta unha linguaxe coidada, de gran riqueza léxica, nidia e dun estilo non demasiado complexo. As fotografías amosan paisaxes e construcións que axudan a unha mellor comprensión visual do contido temático.


Cartafol que recolle o discurso de Bernardino Graña (Cangas do Morrazo, 1932) con motivo do seu ingreso na Real Academia Galega e a resposta de Ramón Lorenzo Vázquez. Iníciase o discurso, dividido en seis apartados, cos agradecementos iniciais e a lembranza do seu antecesor, o filólogo Constantino García. Despois analiza as obras de Literatura Infantil e Xuvenil nas que fixo emprego da literatura de transmisión oral. No primeiro apartado “O feitizo das primeiras palabras” apunta a importancia da literatura oral creada por mulleres na súa vida, xa dende antes de nacer coas conversas da xente, da súa avoa e súa nai. En “O león e o paxaro rebelde” explica a xénese deste conto cunha clara intención de protesta contra o réxime franquista que mereceu o Premio O Facho en 1969. Comenta que partiu dun conto que escoitara en Xinzo de Limia en 1964 a un alumno co título de “O pícaro paxariño” no que posteriormente comprobaron unha clara dependencia co conto escrito por Cecilia Böhl de Faber. A seguir comenta que en 1995 publicou unha pequena novela, *Contra o león covarde*, continuación deste conto. No terceiro apartado titulado “Planeta de ratos tolos e parvos” indica que no conxunto de contos homónimo inseriu un dos contos que lle contaba a súa avoa, “Do Galo


Recóllese as palabras de ilusión do escritor cangués Bernardino Graña quen lerá o seu discurso de ingreso na Real Academia Galega no Auditorio de Cangas do Morrazo. Dise que o discurso leva por título *Contos populares e Rosalía* e que fará referencia ás narracións de raíz popular que foron a súa inspiración e ás súas coincidencias con Rosalía de Castro. Coméntase que a resposta correrá a cargo de Ramón Lorenzo. Despois trátase a traxectoria literaria de Bernardino Graña e a súa vinculación coa poesía, as obras pendentes de publicación polo seu desexo de melloralas e as súas impresións sobre o novo decreto de plurilingüismo da Xunta de Galicia. Nun á parte, titulado “Cita en San Simón”, incídese que o discurso de ingreso de Bernardino Graña coincide coa entrega dos premios de Edicións Xerais de Galicia (o Xerais e o Merlín) e o da Fundación Caixa Galicia.


Infórmonse da celebración do acto oficial de recepción do escritor Bernardino Graña como académico numerario da Real Academia Galega no Auditorio Municipal de Cangas do Morrazo. Dise que o escritor, que cobre a vacante do filólogo Constantino García, foi proposto por Francisco Fernández Rei e Ramón Lorenzo e que contaba con amplio apoio social e literario. Despois refírese a que Bernardino agarda a publicación de *Larpancia saborosa do lobo e a raposa*, V Premio Estornela de teatro para nenos. Indícase que no seu discurso relaciona o relato tradicional co conto de Rosalía e que Ramón Lorenzo contestará a Graña, recordando anécdotas biográficas compartidas e sinalando episodios fundamentais da traxectoria literaria do escritor.


Dise que a influencia das narracións de raíz popular na obra de Rosalía de Castro centrou o discurso de ingreso de Bernardino Graña na Real Academia Galega. Indícase que estivo acompañado de amigos do grupo Brais Pinto, como Xosé Luís Méndez Ferrín e Ramón Lorenzo, encargado de responderlle, lembrando os anos de estudo en Madrid e a súa traxectoria literaria, entre a que se nomean obras de poesía, como *Poema do home que quixo vivir* (1958); de teatro, como *Vinte mil pesos crime* (1962); e de narrativa xuvenil, como *O gaiteiro e o Rato Pérez* (1994), Premio Merlin.


Con motivo da entrada na Real Academia de Bernardino Graña, gábase a este escritor que adquiriu o herdo popular na vila canguesa e codificou as cantigas e os contos. Coméntase que o inicio da súa aprendizaxe como escritor foi a oralidade e que a sensibilidade é a marca “dun dos nosos mellores escritores contemporáneos”. Tamén se apunta que a poesía de Bernardino presenta o espazo mariñeiro, testemuñúa o amor pola busca da identidade galega e rezuma tenrura e naturalidade. Lérmanse os seus anos universitarios con militancia patriótica no grupo “Brais Pinto” e saliéntase a súa
autenticidade que define tanto a súa obra coma a súa calidade persoal e a súa paixón por Rosalía, reflectida no seu discurso de ingreso. Por último o articulista recorda os seus encontros co escriván.


Volume de Xoán Carlos García Porral (Goiás-Lalín, 1974) que se abre cunha cita recollida d’*O Señor dos Aneis* e que continúa cun limiar, asinado polo xeógrafo e historiador Antonio Presas, que se refire “dun xeito libre e case espontáneo” ás lendas e á recollida das mesmas. Posteriormente, hai unha introdución, na que o autor explica que o que presenta nesta obra é “fruto dunha preocupación existencial polo mantemento, perpetuación e comprensión das nosas tradicións”. Ademais, comenta como se organizou para elaborar o presente traballo (redacción, ilustracións, etc.) e manifesta que entende a tradición oral como elemento do “patrimonio inmaterial” (parte de todo o patrimonio cultural). A obra estruturase en seis capítulos: “A tradición oral asociada á cultura castrexa”, no que se xustifica baixo a recollida de lendas no mundo rural galego (concretamente na comarca do Deza) e se delimitan e definen os conceptos de “conto” e “mito”. A continuación, atópase unha división en máis de trinta parroquias (con cada unha castro) e coméntase a(s) lenda(s) asociada(s) a cada un dos xacementos. No segundo apartado, “Temática das lendas castrexas”, tómase unha clasificación feita por González Reboredo e Llinares García para delimitar a variedade temática (mournidade, enterramentos e tesouros dos mouros, referentes a localizacións castrexas, infraestruturas subterráneas e agochadas, encantamentos, etc.). A partir desta clasificación, estabellécese tres categorías vinculantes: os habitantes, os tesouros ocultos e a animalística castrexa e realizase unha análise da distintas temáticas. No terceiro apartado, intitulado “Que nos di a lenda? Aproximación antropolóxica ó valor das lendas”, analízase o desenvolvemento da identidade sociocultural en relación á localización temporal das lendas, ás súas funcións de aprendizaxe e a interiorización de determinadas ensinanzas morais, e a súa existencia como “nexos sociais”, entre outras cuestións. O capítulo “A función da toponimia” amosa a simbolización lingüística dos espazos como “parte dunha experiencia cultural”, onde os nomes dos lugares non son “aleatorios senón que levan consigo un significado preciso”. Para tal fin, e tomando como exemplos topónimos da zona de Lalín, realizase unha clasificación segundo tres criterios: os nomes como sinalizadores da calidade e uso práctico, os que fan referencia ás condicións xeográficas dun determinado espazo e os que aluden a acontecementos do pasado. No penúltimo apartado, “A tradición oral como arqueoloxía da paisaxe: a ‘Fonte dos Meniños’ pártese dun principio teórico a un principio práctico, analizando o devandito topónimo. Péchase o volume coas fontes bibliográficas. Ao longo do volume, pódense visualizar mapas xeográficos do concello de Lalín e ilustracións de Bernardo Insua Sanmartín e fotografías do propio autor.

**Recensións:**

Breve descripción de *Lendas castrexas. Antropoloxía da tradición oral* de X. Carlos García Porral, na que se comentan as dúas partes do libro, así como a conclusión coas ensinanzas morais. Apúntase tamén que o final contén un estudo monográfico dunha tradición oral na toponimia relacionado coa “Fonte dos Meniños”.


Volume no que se reúnen as comunicacións presentadas no Congreso Internacional “Las Relaciones entre las literaturas ibéricas”, celebrado na Universitat Pompeu Fabra (Barcelona) entre o 18 e o 20 de xuño de 2009, baixo a organización dos grupos de investigación “Traducción, recepción y literatura” (Universitat Pompeu Fabra) e “TRELIT: traducción y recepción de las literaturas” (Universitat de Barcelona). Conta cunha introdución dos editores na que explican a orixe dos traballos e a súa complementariedade con outros dous volumes, *Traducción y autotraducción en las literaturas ibéricas* e *Relaciones entre las literaturas ibéricas y las literaturas extranjeras*, nos que se recollen traballos centrados nos fenómenos vinculados coa tradución entre as literaturas ibéricas, en especial a autotradución, e nos vinculos, contactos e interferencias entre as letras peninsulares e as literaturas estranxeiras, respectivamente. A seguir detéñense nos traballos que configuran este volume, centrados nas relacións literarias e nos que se tratan aspectos como a mediación literaria e cultural e a recepción crítica ou a intertextualidade. Os traballos de interese para este *Informe de literatura* son os que seguen:


Comeza referíndose á imposibilidade de determinar a orixe dos contos folclóricos, a diversidade de orixes dos temas narrativos e as investigacións e teorías que sinalan a presenza de temas e motivos dos contos procedentes de tradicións como a oriental, a literatura greco-latina e a Biblia. Sinala que á influencia do labor evanxelizador da Igrexa hai que engadir a adaptación dos temas, motivos e formas ás particularidades da comunidade na que circulaban. A seguir deténense nas relacións entre a oralidade e a escritura, nas que parte da suposición de que na Idade Media se puxeron por escrito moitos materiais, que posteriormente circularon en ambos códigos por diferentes ámbitos sociais, intercambiando temas e motivos. Repasa alguns estudios de folcloristas que detectaron a presenza de materiais da tradición oral nas obras de autores universais e sobre a circularidade entre a oralidade e a escritura, nunha retroalimentación imprescindible para a súa conservación. Despois analiza os motivos orais e escritos en tres contos rexistrados en linguas peninsulares que tratan a temática da falsa acusación da muller por infidelidade conxugal ou immoralidade, partindo das unidades conceptuais de tipo e motivo, elementos que considera claves nun traballo comparatista para observar as diferenzas e semellanzas nos relatos orais e escritos dunha mesma historia. Os textos seleccionados son “Crescencia”, “La apuesta sobre la castidad de la mujer” e “La muchacha inocente calumniada”, correspondentes no catálogo tipolóxico de Aarne-Thompson cos números 712, 882 e 883A, inserido o primeiro en contos de maxia e os outros dous nos novelescos. Explica a historia que subxace nos tres casos, a existencia...
ou non de versións en lingua galega, así como as fontes nas que se poden localizar e outros elementos como o axudante que por veces é a Virxe e outras unha cabra ou corza. Conclúe que a partir dunha historia xorden motivos de novas historias que circulan de forma independente por diferentes áreas lingüísticas, que a transferencia de motivos e cruces entre as dúas realidades, oral e escrita, foron constantes en todas as épocas e que grazas ao transvasamento de temas, motivos e ideas das historias orais puido nacer a narrativa escrita nos países europeos nunha época temperá.

Os artigos correspondentes á Literatura institucionalizada e á Literatura Infantil e Xuvenil aparecen descritos nos apartados V e VII deste Informe.


Estudo etnolóxico no que Aurora Lestón Mayo (Muros, 1977) dá contido á hipótese que vincula a lenda do Vákner co Fáfner, o dragón máis coñecido das culturas xermánica e escandinava. Comenta que o xermolo desta investigación se atopa nas pescudas exhaustivas de Fernando Alonso Romeno sobre a orixe da lenda do Vákner no territorio próximo a Cee e Fisterra. Comeza o estudo cun detido repaso da presenza da figura do dragón na literatura relixiosa, nos relatos míticos da Biblia e nas cantigas relixiosas, así como nos poemas épicos, na literatura de transmisión oral, nos tratados científicos e na arte. A autora sostén e xustifica a súa hipótese na semellanza etimolóxica dos nomes de ambos os dous seres mitolóxicos e nas relacións históricas entre o territorio do noroeste peninsular e os pobos xermanos, sendo a invasión dos suevos (pobo que mantivo contacto directo cos hunos, protagonistas directos deste mito) a máis importante. Péchase o volume cunha bibliografía e os agradecementos.


Monografía de Xosé Ramón Mariño Ferro (Castrofeito, A Coruña, 1950) e Xosé Manuel González Reboredo (Lugo, 1946) que se estrutura en catro seccións: “Introdución”, “Glosario”, “Bibliografía” e “Índice de termos”. Na “Introdución” dáse conta do que pode atopar o lectorado neste dicionario: información “sobre cuestións concretas nos tres ámbitos nos que se adota dividir toda cultura e sociedade: o material, o social e o propio das crenzas e os saberes”, e diversas consideracións sobre os datos manexados e a maneira escolvida para achegalos ao lectorado. Ademais, sinálase que o fin último do estudo é a posta en valor do patrimonio cultural galego como base sólida para construír o futuro. No “Glosario”, en forma de dicionario enciclopédico, as entradas aparecen acompañadas de numerosas ilustracións. Ofrecese información sobre a produción agraria, os cultivos, os apeiros, o gando, a pesca, os oficios, os alimentos, o transporte, a vivenda e as feiras, a familia, a herdanza, a infancia, a vellez e o casamento, as festas e romarias, as crenzas, a relixiosidade, a literatura oral, a música, a medicina e a bruxería.

Recensións:
Comeza apuntando que nos últimos anos se foron cubrindo baleiros bibliográficos na cultura coa publicación de Dicionario galego de filosofía (2005) e Dicionario Enciclopedia do Pensamento Galego (2008), aos que se sumou agora este Dicionario de etnografía e antropoloxía de Galiza, obra de dous “antropólogos e etnógrafos recoñecidos e de moi amplo currículo”: Xosé Ramón Mariño Ferro e Xosé Manuel González Reboredo. Recolle que no prólogo os propios autores afirman que achegan “información sobre a cultura material, os aspectos sociais e as crenzas e saberes de noso”. Destaca aspectos contidos no estenso volume e recoñece que hai unha descompensación no nivel das entradas, entre unhas que ofrecen unha “cabal descrición das realidades tratadas” e outras que “non acaban de satisfacer”, se ben as maiores pexas se refiren á literatura de transmisión oral onde faltan entradas, outras se insiren “na redacción doutras” e mesmo hai deficiencias na redacción dalgúns “xéneros” os cales son “deficiente e tendenciosamente tratados”. Así mesmo afirma que falta rigorosidade cando se critican teorías sen citar o traballos criticados, cando se fan teorías propias e non se explican as razóns doutros para non secundalas, e cando se modifica o título orixinal das obras analizadas e o topónimo Galicia por Galiza, opción que non escolleran os autores citados. Apunta ademais outros posíbeis elementos a discutir pero en conxunto decántase por un saldo positivo e recoñece o esforzo dos autores por achegar un manual co que se “seguirá ampliando e mellorando o noso discurso analítico futuro”.

Referencias varias:


Comeza alendándose pola saída do prelo dunha obra coa que poder “saber o esencial de calquera termo etnográfico ou antropolóxico”. Comenta que os autores achegan información sobre os tres ámbitos da cultura e da sociedade: “o material, o social e as crenzas e saberes”. Recolle varios dos termos e aspectos tratados en cada un dos ámbitos e insiste na idea de que “as culturas e as sociedades non son estáticas; están en continuos cambios”. Apunta que unhas palabras están “máis cumpridas que outras, segundo a importancia” e que existen termos actuais aínda que predominan os comprendidos entre finais do século XIX e mediados do século XX, que é cando se produciron importantes cambios na etnografía e na antropoloxía. En sintonía co afirmado polos autores no limiar advirte que os costumes e usos tradicionais non son só debidos á ignorancia de “campesiños, artesáns e mariñeiros, senón que son resposta razonable a factores xeográficos, históricos, económicos ou demográficos”. Remata salientando que a riqueza da cultura popular galega será máis valorada a partir de agora ao se coñecer máis.

Catálogo tipolóxico de Camiño Noia Campos (Santiago de Compostela, 1945) no que clasifica e antologa contos galegos de transmisión oral, complementándoo cunha bibliografía final e apéndices. Tal como a autora adianta no “Limiar” (pp. 5-12), os contos recollidos pertencen á área lingüística do galego, de aí que se reproduzan os referidos á comunidade autónoma de Galicia e os das comarcas limítrofes. Ao explicar a estrutura da obra, Noia Campos precisa que parte da proposta tipolóxica de Antti Aarne e Stith Thompson, *The Types of the Folktales* (1910), que revisou e ampliou Jörg Uther en *The Types of International Folktales* (2004), pero que ademais inclue unha antoloxía de contos, semellante á do *Catálogo Tipológico del Cuento Folclórico Español*, de Julio Camarena e Maxime Chevalier. Apunta que este catálogo responde á seguinte estrutura: cada tipo (subtipo) de conto presenta un conto modelo ealgún tipos (subtipos) contan tamén con referencias das súas versións escritas dende a antigüidade grecolatina e oriental á actualidade, recompiladas por Chevalier, Camarena, Monserrat Amores, José Luís Agundez García e Jesús Suárez, á parte das pescudas de Noia Campos. Exemplifica cada tipo ou subtipo cunha versión do conto na que se indican os datos do informante e do seu lugar de procedencia. Os contos aparecen clasificados e inventariados segundo a tipoloxía do catálogo internacional do ano 2004 (AT) e dos catálogos rexionais, nos contos non recollidos no índice ATU, clasificación que se reflicte no título inglés ou castelán que levan a maioía dos tipos (subtipos). A transcrición dos contos buscou “o equilibrio entre a eufonía da fala e as normas da escrita” vixente, sen marcar os castelanismos léxicos, fónicos e sintácticos que empregan os informantes inconscientemente e destacando en cursiva frases que pronuncian nos contos marabillosos e relixiosos personaxes de nivel social superior. O limiar dá conta asiméntico dos obxectivos deste catálogo e péchase con agradecementos. A tipoloxía é: “Contos de animais” (pp. 13-121); “Contos de maxia ou marabillosos” (pp. 123-333); “Contos relixiosos” (pp. 335-431); “Contos realistas (Novelle)” (pp. 433-520); “Contos do ogro estúpido (demo, xigante)” (pp. 521-548); “Anécdotas e chistes” (pp. 549-918); e “Contos de fórmula” (pp. 919-946). Este catálogo péchase cunha bibliografía final (pp. 947-971), estruturada en Catálogos de contos, Coleccións de contos e obras con etnotextos galegos, Coleccións de contos doutras áreas lingüísticas, Obras de carácter xeral para o estudo da narrativa oral, coleccións de fábulas e de contos e Revistas con etnotextos galegos; e dous apéndices finais (pp. 973-1.013): un de Tipos complementarios do ATU, tirados de AT e de índices rexionais, con novas propostas (pp. 975-982); e un Índice alfabético de tipos e subtipos (pp. 983-1.013).

**Recensións:**


Primeiramente sublíñase que esta obra é o segundo libro publicado por Camiño Noia Campos, despois da publicación de *Contos galegos de tradición oral* (2002), e que a temática central son os contos populares. A seguir, destácase a importância da existencia de traballos como este, debido á escasa tradición e investigación sobre o conto tradicional galego, e saliéntase a relevancia do conto como “o principal substrato
para a (...) constitución [de] linguas literarias”. A continuación, describese o volume de Camiño Noia, destacando a súa estrutura na que a autora toma como referencia a proposta de clasificación do Motif-Index of Folk-Literature, de Antti Aarne e Stith Thompson. Finalmente, remáttase indicando que nesta colección de contos de Camiño Noia se está constantemente remitindo a un corpus denominado pola autora AGANO.

**Referencias varias:**


Recolle unha entrevista na que Camiño Noia comenta aspectos relevantes do Catálogo tipolóxico do conto galego da tradición oral: clasificación, antoloxía e bibliografía, como o feito de que é fruto dun labor de recollida de contos de transmisión oral na comunidade galega; especifica que segue a metodoloxía do catálogo universal, feito na Escola de Folclore de Helsinki; e que os contos galegos son menos misóxinos que os do acervo universal.


Fai referencia á publicación da obra de Camiño Noia, destacando o esforzo e o reto que supón esta investigación e salientando como os seus contidos teñen parámetros sociolóxicos, etnográficos e incluso antropolóxicos. Destaca ademais o valor pedagóxico do mesmo ao indagar “sobre o ser e o estar nunha realidade social determinada como é a que se circunscribe en Galiza”.


Volume N da revista *Escrita Contemporánea* que recolle as conferencias e mesas redondas das IIIªs Xornadas de Literatura de Tradición Oral, organizadas pola AELG e apoiadas pola Área de Cultura da Deputación de Lugo, celebradas en Lugo en novembro de 2010 sobre a temática da morte. Despois das presentacións do Vicepresidente primeiro da Deputación Provincial de Lugo e de Cesáreo Sánchez Iglesias, Presidente da Asociación de Escritores en Lingua Galega, recóllese o “Limiar”
dos coordinadores destas xornadas, no que salientan a importancia da morte en diferentes culturas e relixiões e o seu tratamento nos contos tradicionais, que exemplifican cun apólogo de orixe hindú sobre a inexorabilidade da Morte, recollido no Tratado Sukka 53 do Talmud de Babilonia (Século VI). Despois presentan estas xornadas que reúnen especialistas de antropoloxía, lingüística e literatura de tradición oral. Por último, indican as liñas xerais dos relatorios de Marcial Gondar Portasany, Joan Soler, Camiño Noia e Xoán Ramiro Cuba e realizan os agradecementos. A seguir reproducense os seguintes traballos de interese para a literatura galega:


Nesta conferencia Marcial Gondar (Pontevedra, 1948) estuda as narrativas e estratexias ao redor da morte nas diferentes sociedades, tanto tradicionais coma urbanas. Tamén fala dos protocolos que recolle a tradición para xestionar a angustia do paso da Morte e defende a conexión da literatura popular co seu contexto de uso. Analiza a semántica (sentido) e pragmática (funcción), é dicir, o sentido profundo e o uso político das narrativas da cultura tradicional galega dedicadas á ars moriendi. Primeiramente contextualiza esta resposta á morte dentro das dinámicas socioculturais galegas actuais baseadas na modernización do mundo rural, mediante a penetración da economía liberal e os medios de comunicación, que producen un cambio nas relacións interxeracionais e nos sistemas de valores que consideraban o antigo como algo de prestixio. A seguir compara as formas de enfrontarse á morte na sociedade tradicional galega e no mundo moderno urbán. No caso da resposta urbana comenta que oculta todo o relacionado coa morte, considerado un suceso privado e un tabú que provoca o traslado dos velorios aos tanatorios e aos cemiterios nos arredores de cidades e vilas. Finalmente céntrase en analizar a conduta do grupo nas parroquias galegas do rural e os comportamentos fundamentais (entrada, lerias, xogos e bromas, pranto e banquete funerario) a través dos que se contribúe á normalización das tensions xeradas nos individuos máis directamente afectados pola morte.

- Antonio Reigosa, “A morte pre-vista”, pp. 53-64.

Nesta mesa redonda moderada por Antonio Reigosa os diferentes intervintes comentan certas prácticas rituales funerarias como o simbólismo de comer enriba da tumba, a conexión da festa do Magosto co Día de Defuntos, o mal agoiro de deixar un rego aberto, as comidas dos velorios, as adaptacións de contos árabes á cultura galega, a simboloxía da Vella co Inverno ou a Morte, o aire do morto, o tópico do convidado de pedra, un conto oral versionado por Tirso de Molina, os contos do tipo “A Morte Madriña”, nos que se fala da posición da Morte e da simboloxía de que o morto saía de casa cos pés por diante, entre outras cuestións de interese.


Relatorio no que Camiño Noia Campos (Santiago de Compostela, 1945) analiza a presenza da Morte nos contos de transmisión oral galegos e da tradición oral universal que ilustra con fragmentos de textos. Indica que a representación da Morte na narrativa oral europea até o século XX dependeu da doutrina cristiá dende que a Igrexa transformou os vellos mitos. Comenta que hai un número apreciábel de contos nos que perviven restos de mitos sobre a morte, por exemplo nos contos marabílosos. Diferenza
duas series de relatos que mesturan as creñzas pagás con ritos cristiáns: os contos dos mortos que regresan ao mundo dos vivos de xeito individual ou como estadeas da Santa Compaña e os contos coa morte personificada. A seguir analiza o personaxe da Morte na narrativa oral, presente nos tipos 330 a 335 que se corresponden na contística galega con “Xan soldado”, “O tío Miseria”, “A Morte matriña”, “O vello quere enganar á morte” e “Os avisos da Morte”, exemplificando con diferentes versións. Despois explica que clasificou como variantes do tipo “A flor da Morte” dous contos simbólicos sobre a morte de xente nova e analiza a vida literaria do tipo 845, “O vello e a morte”, dende a fábula atribuída a Esopo. Por último estuda os trazos definitorios do personaxe da Morte que se presenta humanizada e indefinida xenericamente, aínda que, por medio de exemplos, se pode observar unha duplicidade xenérica no personaxe nas tradicións galegas, castelá, portuguesa e francesa. Indica que a representación nas artes plásticas como unha muller con gadaña dende o século XIII pudo influir na literatura oral e, sobre todo, nos contos reescritos polos seus colectores. Conclúe que na tradición oral a representación da Morte se asocia a aspectos positivos: actúa con xustiza, é compasiva, avisa da súa chegada e dialoga.

- Xoán Ramiro Cuba, “Ánimas, aparecidos e mortos en compañía na tradición galega”, pp. 81-93.

O ofrece Xoán Ramiro Cuba (Lugo, 1958) neste relatorio unha análise do mundo imaxinario das ánimas e aparecidos na tradición galega, caso da Santa Compaña. Primeiramente presenta os conceptos de alma e ánima na cultura tradicional galega e explica as diferentes maneiras que teñen os mortos de facerse visíbeis (aparicións individuais e colectivas), apoiándose en relatos para ilustrar a explicación. Das aparicións individuais apunta que a forma máis frecuente é cando o morto se presenta coa mesma figura que cando estaba vivo, para amañar algo que deixou mal feito, para pedir axuda e que cumpran as promesas incumpridas en vida e para avisar desgrazas. Tamén se pode aparecer en forma de animais como aves (pombas), reptiles e porcos ou cans que en ocasións teñen o don da fala; por medio de ruidos e sombras e luces; reencañándose en algo inanímado; entrando no corpo dun vivo ou a aparición do ruín, é dicir, ánima dun morto condenado ao inferno. Das aparicións colectivas ou Compaña enumera as súas denominacións, ofrece algunhas referencias dela na literatura galega, como Rosalía de Castro e Vicente Risco, e analiza o seu ámbito de actuación, o horario e a imaxe dos seus componentes. Expón algunhas das visións máis convencionalas da Compaña extraídas das descripcións de Manuel Murguía, Leandro Carré e Risco, seguidas de remedios para defenderse dela e bosquexa as manifestacións e comportamentos arrepiantes da Compaña, que exemplifica co relato de Claudio Cuveiro en 1866, de Nicolás Fort en 1901 e do etnógrafo portugués Consiglieri Pedroso.

- Isidro Novo, “Mortos de ida e volta”, pp. 95-103.

Mesa redonda moderada por Isidro Novo que recolle as intervencións de conferenciantes e público nas que falan do conto de “O tío Miseria”, do xénero da Morte, de diferentes contos galegos e casteláns sobre este personaxe, do debate dos folcloristas sobre a emigración ou universalidade dos contos de transmisión oral, dos agoiros sobre a morte, da santificación da Compaña e das súas diferentes representacións, entre outras cuestións.

Péchase o volume coas biobibliografías dos conferenciantes Camiño Noia Campos,
Joan Soler i Amigó, Marcial Gondar Portasany e Xoán Ramiro Cuba Rodríguez (pp. 105-108). Todos os traballs ilústranse no encabezado con retallo de O triunfo da Morte, de Brueguel, e acompañanse de notas a rodapé aclaratorias.


Jesús Alfonso Parada Jato (Meiraos, O Courel) comenta no Limiar que este volume supón a continuación doutro anterior sobre a cultura popular do Courel, a partir de lembranzas de diferente tipo como restos arquitectónicos, agricultura, gandería, paisaxe, comparación entre o pasado e o presente do Courel, tarefas do campo, desenvolvemento tecnolóxico, gastronomía, historia dalgúns das súas aldeas, costumes, xogos populares, cultura castrexa e mesmo referencias a monarcas como Dona Urraca. Entre todas estas recolleitas de datos etnográficos salientan os apartados nos que se inclúen textos relacionados coa literatura popular de transmisión oral característica da zona courelá: cantigas, coplas, romances, lendas, contos e mitos. Así recolle, entre outras manifestacións líricas da literatura de transmisión oral, o “Romance do Conde-Niño”, o “Romance da mora linda”, cantigas de regueifa, de afiador, a “cantiga de Adelaida”, que era cantada na seitura do mes de xullo, a “Copla da lúa” e a “Copla do Cebreiro”. Tamén no apartado de contos destacan aqueles que teñen como elementos temáticos a morte e as supersticións, así como as oracións e crenzas relixiosas, é o caso de “contos da morte”, “contos dos cardos”, “conto da serpe”, “o milagre das rosas” e “conto do lobo”. En canto ás lendas e mitos recollidos na zona reproduce a Lenda do Cemiterio de Meiraos, a Lenda do Tesouro de Paderne, a Lenda do Souto de Vilasibil, o mito da Santa Compañía e dos “Troneiros”, dous dos máis importantes da zona, e outros relacionados con bruxas e meigas. Ilústrase o volume tamén con fotografías da orografía courelá, da súa paisaxe e das súas construcións.


José Luís do Pico (O Grove, 1969) e Isabel Rei (A Estrada, 1973) coordinan esta edición crítica de Ayes de mi país, o cancioneiro de Marcial Valladares (Vilancosta, A Estrada, 1821-1903) datado en 1865 e composto por vinte e tres composicións. Trátase dunha proposta interdisciplinar que aúna historia, musicoloxía, lingüística e estética e na que a parte literaria se presenta por medio dunha edición diplomática e as partituras dunha edición facsímile. O volume dividese nun “Estudo historiográfico”, a cargo de José Luís do Pico, que se xebra en “Apresentación”, na que se dá conta do procedemento de reconstrución do cancioneiro; “Ayes de mi país: o contexto”, onde se fai un repaso pola vida musical en Vilancosta, os precedentes do cancioneiro e o porquén da súa elaboración e pola presenza da música patrimonial na obra de Marcial Valladares; “Ayes de mi país: o texto”, onde se analizan elementos como os destinatarios, as múltiples fontes, a repercusión da obra e algunhas notas historiográficas en torno á clasificación das formas musicais en Ayes de mi país. Despois nas “Conclusôes” reflexiónase sobre a importancia da figura de Manuel Murguía como recuperador da música tradicional galega nos caderniños da Historia de Galicia, ademais de profundar na pegada da obra de Marcial Valladares en traballos posteriores. Seguidamente, acóllense as “Partituras
facsímile e críticas”, as “Letras” e a “Análise das partituras”, a cargo de Isabel Rei, ademais duns “Apéndices” con máis letras e partituras. Pecha a edición a “Bibliografía” empregada.

Referencias varias:


Faise eco da publicación dun estudo sobre o cancionero popular, datado en 1865, con pezas de Marcial Valladares, a quen se reivindica tamén como músico. Coméntase que a obra se divide en catro partes: un estudo historiográfico, o cancionero en si, a análise musical de cada partitura e un apéndice con partituras adicionais.


Guía práctica de Antonio Reigosa (Mondoñedo, 1958) que se inicia con varios peritextos: dúas citas, unha de Jorge Luis Borges e Margarita Guerrero do Libro de los Seres Imaginarios, e outra de Celso E. Ferreiro de “A nena afogada” de Viaxe ao País dos Ananos; unha “Introdución” na que o autor e ilustradora presentan os lugares, seres e animais que van a tratar e apelan á imaxinación do lectorado para a pervivencia deles; os “Agradecementos”; e un mapa xeográfico no que se sitúan os trinta e cinco lugares máxicos descritos. A seguir, a modo de dicionario e por orde alfabética, Reigosa fai un percorrido descritivo-literario polos diferentes reinos, cidades, vilas, illas, covas, camiños, montes, pozos e lagoas e polos seres mitolóxicos, humanos e animais que habitan nestas xeografías do imaxinario popular galego, presentando as lendas, anécdotas e explicacións sobre eles. Así describe as asolagadas ou soterradas vilas de Alcaián, Alcaparra do Bierzo, Cachiquimbra e Gaifar; as cidades de Alcaparra dos Ancares, Antioquia, Boedo, Brea, das tres doncelas transparentes, Duio, Estabañón, Figueiredo, Libunca, Lucerna, Malverde, Roma, Trentínán, Valverde, Veiga do Real, Veira e Vilachá; o lugar de Armenteira; as illas Atlántida, Balea, Santo Amaro, San Barandán e Grande de Solistición; o país Borrón; o camiño subterráneo a Santo André de Teixido; a Cova da Curuxa; as lagoas do Castelo e Louro; a Escola Diabólica; o Monte Medulio e o Pozo da muller morta. Despois en “Conta dalgúns outros lugares invisibles de Galicia” ofrece por orde alfabética un pequeno descritor e a localización de sesenta e cinco lugares máis; e en “Para saber máis” amplía a información sobre algún dos lugares descritos, apuntando as referencias literarias. Por último, ofrece unha “Bibliografía”. Todos os lugares descritos acompañanse das ilustracións a cor de Noemí López (Lugo, 1974). Na ilustración da cuberta, que coincide cunha das do interior, vese a imaxe misteriosa dun castro habitado por unha serpe. No interior, as composicións ocupan páxinas dobre, deixando diferentes espazos aos que se adaptan os textos. Nas imaxes predomina as liñas curvas e nélas conviven as figuras con personaxes míticos e contruccións perdidas ou esquecidas. A técnica utilizada no tratamento das ilustracións é a acuarela con tons moi matizados, entre os que predomina os verdes e as gamas de ocre e tostados.

Tamén está descrito no apartado VII.5.1 Literatura Infantil e Xuvenil deste Informe.
Recensións:


Preséntanse as novidades de Xerais, entre elas esta guía ilustrada, considerada unha “xoia” chea de “tradición e agaño”. Dise que contén reinos, cidades, vilas, xentes anfibias e seres mitológicos, que se presenta como “guía práctica” para viaxar por mundos soterrados e mergullados como Antioquia ou o camino a Santo André de Teixido e que recupera o imaxinario popular galego coa “singular perspectiva” ilustrada de Noemí López.


Apúntase que o escritor Antonio Reigosa recolle nesta guía historias de cidades e vilas asolagadas da xeografía galega. Coméntase que nestes lugares habitan xentes normais, personaxes recoñecidos do Cristianismo, princesas e príncipes. Dise que a maioría deles cometeron un erro ou falta que provocou a ira dos seres sagrados. Tamén se sinala que a guía recolle a lenda da lagoa de Antela, da Atlántida e do monte Medulio. Por último saliéntanse as “preciosas” ilustracións, a súa “coidada edición” e valórase a recompilación do patrimonio inmaterial e a súa transmisión.

Referencias varias:


Dáse conta que o escritor lucense describe neste manual cen lugares míticos da xeografía galega acompañados de trinta e cinco ilustracións de Noemí López e dun mapa xeral de Galicia no que se localizan reinos, cidades, vilas, illas, covas, camiños e montes lendarios. O autor comaenta que o elemento común destas xeografías míticas e o
cataclismo natural debido a unha maldición divina e que transmiten un ideal de rexeneración do mundo. A seguir, explicase a desaparición da cidade Alcaparra dos Ancares e o topónimo do areal de Alegrín en Suevos (O Vicedo).


Dixe que nesta guía ofrécese un mapa dos reinos, cidades, vilas, illas, covas, camiños e lugares de fantasía e misterio que “a cultura popular soñou, creou e reinventou”. Apúntase que está ilustrada por Noemí López e que xuntos ofrecen un percorrido pola tradición mítica galega.


Saliéntase que Antonio Reigosa se achega aos espazos máxicos galegos, como son as cidades e vilas desaparecidas, as illas misteriosas e os personaxes etéreos, para explicar a orixe dos emprazamentos. Dixe que é un mundo no que a realidade e a ficción se confunden e no que habitan animais fantásticos, héroes lendarios ou divindades.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, caso desta Guía da Galicia invisible, de Antonio Reigosa, un manual para coñecer o intanxíbel; A Galicia heterodoxa, de Carlos Pereira Martínez; Dicionario de termos teatrais, de Xohán Xabier Baldomir Cabanas; e Contos completos III, de Edgar Allan Poe.


Fálase da presentación na galería Sargadelos desta obra, escrita por Antonio Reigosa e ilustrada por Noemí López, baseada na tradición oral. Dixe que nela se tratan lugares míticos asolagados, referencias toponímicas lendarias existentes en Galicia e seres mitolóxicos, animais míticos e plantas máxicas. Conclúese salientando que se inclúen lendas inéditas.


Rodrigo Vázquez García (Antas de Ulla, Lugo, 1977) realiza un traballo de investigación e análise do material etnomusical da comarca da Ulloa co fin de pór en valor o patrimonio cultural e artístico galego dende unha perspectiva docente. Offerce un cantigueiro, xunto co estudo sistemático das estruturas musicais e textuais das pezas, e un repertorio adaptado para a súa utilización nas aulas. Comeza cun poema de Marica Campo, ao que segue unha dedicatoria (“Ao meu avó, e a todos os homes e mulleres
que coa súa voz manteñen vivo o son da nosa terra”), os agradecementos e o índice da obra, ademais do “Prólogo”, a cargo de Luís Costa Vázquez, da Universidade de Vigo, quen louva a valía desta escolma de cantigas e a vocación docente coa que se recolleron. A seguir acólense apuntamentos formais e metodolóxicos nos apartados “Introdución”, “Obxectivos e contexto da investigación”, “O método” e os “Principios de catalogación do material”, tras os que figura a “Análise do repertorio”, onde Vázquez García afonda no estudo de nove cantigas; a “Coda”, na que analiza a posta en práctica na aula desta experiencia docente, valorándoa moi positivamente; e “Pezas”, a reproducción de vinte cantigas coa súa notación musical, antes de pechar o volume coa bibliografía empregada.

Recensións:


Breve descrición deste libro na que se informa que o interese da obra é dobre, polo seu estudo etnográfico e cultural e porque serve de estudo analítico para profesionais da música. A continuación, noméase o repertorio das cantigas que recolle o volume.


Recensions:


Dá conta do contido deste libro que non se trata dun “simple glosario ou semellante”. Considera que o traballo é o reflexo “da vizosa mitoloxía popular de Galicia enteira”. Sobre o estilo literario de Carlos Solla comenta que é do “máis completo e complexo que se teña visto na nosa literatura recente”, opinando que ao autor o deberían nomear fillo predilecto da Terra de Cerdedo.

Referencias varias:


Sección fixa dos suplementos na que se acollen, entre outros, un breve descritor desta edición ampliada de *Almanaque de encantos*, de Calros Solla; *Todo é silencio*, de Manuel Rivas; e *Branco* (2009), de Manuel Darriba.

Faise eco da reedición do libro de Calros Solla, que ve a luz con “algunhas modificacións”. Recóllense algunhas palabras do autor nas que afirma, entre outras cousas, que a recompilación do material toponímico e mitolóxico sobre a terra de Montes o fixo “de porta en porta”. Finalmente, infórmase que ten outro libro no prelo co título O vero xido. A fala segreda dos canteiros de Cerdedo, e que ademais está a traballar noutro volume dedicado aos amuletos do nomeado concello.

Libro de viajes por Galicia de Pemón Bouzas (Palmeira, Riveira, 1957) que constituye un paseo xeralista e profundo por terras galegas e non unha guía de lugares que visitar ao uso. Así, ademais de nomear lugares salientábeis pola súa beleza paisaxística, costumes galegos, mitos, curiosidades, sentimentos e produtos gastronómicos, entre outros, nomea a escritores galegos como Rosalía de Castro, de quen destaca o sentimento plasmado nas súas composicións poéticas, salientando Cantares gallegos, a súa obra máis coñecida; e Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, do que destaca a súa faceta política, ademais da de debuxante e escritor, consagrado por grandes obras coma Os dous de sempre e Os vellos non deben de namorarse. Tamén reserva un lugar para Ramón María del Valle-Inclán, do que salienta o seu labor como dramaturgo, poeta e novelista e a súa faceta política e o seu especial sentido do humor, que derivou no esperpento.

Referencias varias:


Insístese dende o primeiro momento en que a elección dos cien aspectos para a creación desta guía non era sinxela. Coméntase que o percorrido comeza en Santiago, algo obrigado ao publicarse esta obra en Ano Xacobeo, e que continúa polas catro provincias galegas, dando a coñecer recursos difíciles de atopar noutras guías ao uso. Salientase o interese do resultado, mestura de espazos, tradicións, festas, gastronomía e lendas de cada zona. Sinárase a coincidencia no mercado do seu maior éxito editorial, Mitos, ritos y leyendas de Galicia, coa publicación desta obra e, por último, dáse conta do novo proxecto ao que está dedicado o autor, que regresa ao terreo da ficción cunha novela actual ambientada nunha vila costeira de Galicia.


Considérase que nesta guía se ofrecen moitas opcións para coñecer lugares, cousas ou tradicións de interese en Galicia, partindo de Santiago de Compostela. Lémbrase que Pemón Bouzas, escritor, guionista e presentador de televisión, ten dúas novelas, mais a súa obra máis reeditada e con maior éxito é Mitos, ritos y leyendas de Galicia, que escribiu conxuntamente con Xosé A. Domelo. Salientase a gran dificultade existente na selección das cien cousas que contén este “todo en un”. Coméntase tamén o proceso de recopilación e de documentación, que o obligou a percorrer de novo moitos lugares xa coñecidos para o autor. Indícase por último que con este libro se inicia unha nova colección.

Saliéntase a variedade dos fragmentos que componen esta obra asinada por Pemón Bouzas, profesional da radio, da televisión e da prensa escrita, pois nela se recollen dende rutas turísticas, gastronomía, costumes, curiosidades, monumentos até efemérides varias, entre outras cuestións. Transcríbese a continuación unha pequena entrevista co autor, na que se comenzan moitas cousas, como o percorrido que segue, partindo de Santiago e rematando na Coruña e arredores. Bouzas indica que fixo ou probou de volta todas as suxerencias do libro, para poder ofrecer unha boa e renovada visión da comunidade, atraendo así turistas neste Ano Xacobeo. Considérase que non é, polo tanto, unha mera guía xeográfica turística, senón unha obra fácil de ler e accesíbel para todos, na que a literatura ocupa un bo lugar, xa que figuras determinantes para a cultura galega como Rosalía de Castro, Ramón María del Valle-Inclán, Álvaro Cunqueiro, Eduardo Pondal ou Daniel Rodríguez Castelao aparecen polas páxinas deste “todo en un”. Por último, fálase do éxito editorial acadado coa obra Mitos, ritos y leyendas de Galicia e do seu próximo proxecto, unha novela actual que transcorre nunha vila costeira de Galicia.


Sinálase a dificultade de concentrar nun libro de pequeno formato e en tan só cén entradas toda a riqueza que posee Galicia, algo do que é consciente o autor, Pemón Bouzas, xornalista e escritor. Coméntase que a editorial Martínez Roca lle encargou este “todo en un” a modo de guía para o viaxeiro que non coñeza Galicia, pero tamén para o que quere redescubrila. Achéganse algúns detalles da obra antes de falar da situación actual do autor, nado en Ribeira, que se atopa na actualidade presentando un programa na TVG2, Eirado. Continúase comentando algunha das cén cousas que se poden facer en Galicia, e non só que se poden facer, senón coñecer, comer, ullar, mirar, sentir e até participar delas. Inclúese finalmente unha entrevista ao autor, na que se comenta, ademais da súa situación profesional actual e a súa opinión sobre a cultura galega e o idioma na actualidade, o nacemento deste proxecto e a importancia que ten a tradición oral nel. Tamén saliéntase a presenza dos grandes escritores galegos na obra, sempre vinculados á súa terra natal. Dixese que non se pode entender Galicia sen ler a Rosalía de Castro, Ramón María del Valle-Inclán e Daniel Rodríguez Castelao, autores de obras determinantes para a cultura galega.


Entre outras cuestións salienta o labor do xornalista Pemón Bouzas na divulgación da tradición galega a través de Mitos, ritos y leyendas de Galicia, conxuntamente con Xosé A. Domelo, e 100 cosas que hacer en Galicia al menos una vez en la vida, no que fala de lendas, usos, costumes, tradición oral gastronomía e da importancia do mindoniense Álvaro Cunqueiro e os padróneses Rosalía de Castro e Camilo José Cela.

Coméntase que o programa da Televisión de Galicia Zigzag Diario, dedicado nesta ocasión á literatura, consta de varias partes esenciais. Nunha delas, Xosé Luís Méndez Ferrín fala da Real Academia Galega e noutra ten lugar unha entrevista ao profesor e historiador Ricardo Gurriarán. Faise eco ademais de novidades literarias, entre elas, 100 cousas que facer en Galicia polo menos unha vez na vida.


Pemón Bouzas (Palmeira, Ribeira, 1957) escribe xunto a Xosé Antonio Domelo (Santiago de Compostela, 1965) esta obra de tipo divulgativo destinada aos interesados nas tradicións de Galicia. Na introdución desta décimo segunda edición, revisada e ampliada, os propios autores comentan o interese que suscitan as obras sobre o legado cultural e de como este axudou a construír o momento histórico actual. Ao mesmo tempo, opinan que o coñecemento das tradicións axuda a entender a sociedade na que vivimos. O volume está estruturado en nove capítulos con títulos xerais, seguidos dun apéndice, dos agradecementos e dunha breve bibliografía. O primeiro capítulo, “El enigma de las piedras”, refírese ao culto lítico e contén descricións de cruceiros e petos de ánima, entre outras, referidas aos diversos traballos dos canteiros. No segundo capítulo, “Celtas: entre mito y realidad”, trátase de levar a cabo un repaso cronolóxico sobre a natureza destes antigos poboadores da costa de Galicia e da defensa que estas teorías tiveron por parte dos escritores do Rexurdimento. En primeiro lugar describense os celtas como un pobo de raíz aria e fálase da súa forma de vida para continuar preguntándose as razóns polas que viñeron ao finis terrae europeo. Menciónase a estrutura social destes pobos, así como a vida nos castros, os deuses e as súas funcións, os guerreiros celtas e o sistema defensivo dos castros. Neste capítulo, un dos máis extensos, fálase dos celtas de Galicia e da súa distribución xeográfica, así como da caída ante Roma, para continuar coa relación de Galicia con Irlanda e a súa conquista. Menciónase xa que logo ao monxe irlandés Brandán, navegante celta, e a lenda da Pedra do Destino. Tamén se analiza a relación de Galicia cos celtas de Britania, salientando a figura de Maeloc. No terceiro capítulo, referente aos lugares máxicos e personaxes de lenda fálase das cidades mergulladas, mito asentado no litoral atlántico, e das furnas. Menciónase tamén, entre outras, a controvertida lenda do ocupante do sepulcro de Compostela que podería ser Prisciliano. No cuarto capítulo céntrase na capital de Galicia e na súa historia, cun importante papel do arcebispo Xelmírez. Pasado o ecuador do texto, tránzanse os hábitos, usos e costumes medievais e no apartado literario refírese ao ciclo artúrico e á “Canción de Roldán”. Xa no sexto capítulo titulado “Los referentes del calendario” presentaanse festas típicas e os lugares nos que son máis populares, así como as figuras representativas de cada zona. No séptimo capítulo afondan nas explicacións relativas ás romarias e outras celebracións populares, para pasar a falar no penúltimo capítulo dos moradores da escuridade, como son os que forman a Santa Compaña ou as bruxas e meigas, e de todo o relacionado coa morte e as súas crenzas. Tamén se fala do meigallo e outras maldicións. O último destes capítulos é máis xeral e relacionado coa actualidade. Refírese aos galegos, o galego e outras historias. Péchase cun apéndice onde se reproducen o xuramento dos mestres da orde do temple da provincia de Portugal (séculos XII e XIII), as ordenanzas do gremio de acibecheiros, a credencial do peregrino, o romance de Don Gaiferos, o himno de Galicia e unha breve recupilación de refráns galegos, xunto coa receita do polbo á galega e o conxuro da
queimada. O texto está acompañado de fotos en branco e negro dalgúns lugares que se mencionan, así como de mapas indicativos para facilitar a súa localización.

Referencias varias:


Ademais de falar da temática de *100 cosas que hacer en Galicia al menos una vez en la vida*, sinálase a coincidencia no mercado co seu maior éxito editorial, *Mitos, ritos y leyendas de Galicia*, e, por último, dásese conta do novo proxecto ao que está dedicado o autor, que regresa ao terreo da ficción cunha novela actual ambientada nunha vila costeira de Galicia.


Lémbrase que Pemón Bouzas, escritor, guionista e presentador de televisión ten dúas novelas, pero afirmase que a súa obra máis reeditada e con maior éxito é *Mitos, ritos y leyendas de Galicia*, que escribiu conxuntamente con Xosé A. Domelo. Ademais, saliéntase a gran dificultade existente na selección das *100 cosas que hacer en Galicia al menos una vez en la vida* que contén este “todo en un”. Indícase por último que con este libro se inicia unha nova colección, pero “sobre seguro” polo Ano Santo e o éxito acadado con *Mitos, ritos y leyendas de Galicia*.


Tras comentar as características de *100 cosas que hacer en Galicia al menos una vez en la vida*, de Pemón Bouzas, lémbrase o éxito editorial acadado coa obra *Mitos, ritos y leyendas de Galicia* e faise eco do seu próximo proxecto, unha novela actual que transcurre nunha vila costeira de Galicia.


Entre outras cuestións salienta o labor do xornalista Pemón Bouzas na divulgación da tradición galega a través de *Mitos, ritos y leyendas de Galicia*, conxuntamente con Xosé A. Domelo, e *100 cosas que hacer en Galicia al menos una vez en la vida*, no que fala de lendas, usos, costumes, tradición oral gastronomía e da importancia do mindoniense Álvaro Cunqueiro e os padroneses Rosalía de Castro e Camilo José Cela.
VIII. 4. ANTOLOXÍAS


Con respecto á literatura de tradición oral, precisase que foi escolmada por Helena González (textos de autor anónimo), Antonio Fraguas Fraguas (*Conto*, de autor anónimo), Xosé Manuel González Reboredo (*Lenda*, de autor anónimo), Domingo Blanco (*Romance*, de autor anónimo), Xesús Ferro Ruibal e Paco Martín (*Refráns e adiviñas*, de autor anónimo), Mercedes Brea (*Respice finem*, de Pedro Vázquez de Neira), Isaac Díaz Pardo (*Entremés famoso sobre da pesca do río Miño*, de Gabriel Feixoo de Araúxo) e Henrique Monteagudo (*Coloquio de 24 gallegos rústicos*, de Martín Sarmiento). Pechan a antoloxía tres apéndices que recollen a escolma, as edicións e as traducións publicadas en inglés dos textos galegos.

Tamén está descrito nos apartados I.4 Narrativa, II.4 Poesía, III.4 Teatro, V.4 Ensaio e XI.5 Literatura medieval deste Informe.

Recensións:


Sinala que até o de agora non hai máis ca trinta e sete libros galegos traducidos ao inglés e que a política cultural de cara ao mundo anglofono continúa a ser unha tarefa pendente, polo que a recente publicación desta antoloxía de Jonathan Dunne pretende dar outro paso neste sentido. Comenta que é a primeira vez que se reúne unha selección
bilingüe da historia literaria galega como ferramenta de divulgación en lingua inglesa e que, despois de trece anos de traballo, Dunne, que traduciu trinta e un dos cincuenta e cinco textos, propón todo un canon da literatura galega do período 1196-1981, elaborado con criterios máis democráticos do que é o habitual. Considera reducida a presenza de autoras e apunta que sería importante que as estratexias de tradución empregadas fosen analizadas por especialistas, xa que parece existir unha tendencia a neutralizar o texto de partida. Por outra parte, refírese a aspectos paratradutivos e pregúntase polas razóns que xustifiquen a ausencia dunha proxección mediática máis potente para lanzar esta publicación, da que tampouco convence a tradución inglesa da carta dos editores Manuel Bragado e Víctor Freixanes.


Refírese á antoloxía editada por Jonathan Dunne, deténdose no afirmado no prólogo, onde se di que a obra vai dirixida a especialistas “editores, críticos, tradutores e axentes literarios”. Con todo, opinase que a antoloxía non é unha obra para un público especialista británico, pois do contrario, sobraría a versión galega dos textos. Repárase tamén en que a ausencia de comentaristas ou anotacións bibliográficas dificulta o labor dos especialistas. Asemade, indicase que as traducións son “valiosísime”, do mesmo xeito que destaca outras “mans” que se ocuparon deste labor. Defíñese a obra como unha proposta de canon “moi tradicional, masculino e nacionalista” e faise especial fincape no feito de que se poña o límite en 1981. Para finalizar, reflexiónase sobre a financiación por parte da Xunta de Galicia da que gozou este proxecto.


Recomenda a antoloxía bilingüe (galego-inglés) do tradutor Jonathan Dunne, *Anthology of Galician Literature*, editada conxuntamente por Galaxia e Edicións Xerais. Destaca o gran labor de coordinación entre tradutores e antólogos para levar adiante este proxecto que recolle textos de todos os xéneros literarios nun período que abrague dende 1196 até 1981, ano da aprobación do Estatuto de Autonomía galego, e que supón un percorrido literario polas grandes voces da literatura galega de todos os tempos.


Comeza mencionando a importante edición en 1949 de *Poesía inglesa e francesa*, de Plácido Castro, Delgado Gurriarán e Lois Tobio pola Federación de Sociedades Galegas da Arxentina e salientando o novo reto do século XXI de achegar a cultura galega aos circuitos literarios mundiais. Neste sentido destaca o labor que están a facer distintas universidades europeas como é o caso das alemás Trier e Kiel coas antoloxías poéticas *20 Gedichte aus Galicien e Ein rosenfeuer, das uns verstört, 4 dichter aus galicien*. Finalmente recolle a publicación *Anthology of Galician Literature*, de Jonathan Dunne, afirmando “que vai ser de referencia obrigada”.

**Referencias varias:**
Informa da presentación da versión inglesa d’*Os libros arden mal* (2006) a cargo do tradutor inglés de Manuel Rivas, Jonathan Dunne. Sinala que, dende a edición en 2001 de *The Charpenter’s Pencil*, todas as versións inglesas da producción de Rivas pasan polas súas mans. Tamén comenta que Dunne está a ultimar unha escolma que as editoriais Xerais e Galaxia sacarán á luz en edición bilingüe no mes de abril, unha antoloxía da literatura galega dende 1196 até 1980 e que será o número trinta e cinco dos títulos galegos traducidos á lingua inglesa.

Indica que a maioría dos textos incluídos nesta antoloxía son do século XXI –trinta e un fronte a vinte e catro textos da época medieval, dos séculos XVI-XVIII e do Rexurdimento- e que pertencen á literatura oral, ensaio, poesía, ficción e teatro. Explica como foi a xestación deste traballo, no que contou coa axuda de escritores e especialistas galegos, así como de tradutores que estaban a traballar no eido da tradución galego-inglés. Comenta que con este libro estamos nas portas da literatura galega contemporánea e que agarda que sexa posíbel sacar un segundo volume, unha antoloxía dedicada aos anos 1981-2011, que sería de moita utilidade para os editores estranxeiros interesados en publicaren autores galegos.

Anúnciase que xa está lista a antoloxía que publican Edicións Xerais e a Editorial Galaxia, cuxo responsable é o tradutor británico Jonathan e na que se realiza un percorrido por oito séculos de literatura galega e participan un total de cento vinte e catro persoas entre antólogos, tradutores e autores. Destácase a importancia da obra para o coñecemento da literatura galega dende as súas orixes e que fosen autores galegos os que decidiron os textos a incluír. Por último dese que un elemento primordial para o coordinador do proxecto é que as traducións están feitas por anglofonos.
Dise que se publica a primeira antoloxía da literatura galega en lingua inglesa cun amplo percorrido por todos os xéneros e autores dende 1196 até 1981. Trátase de *Anthology of Galician Literature 1196-1981*, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne e que se publica conxuntamente entre Xerais e Galaxia. Coméntase que o proxecto comezou en 1997 e que contou coa colaboración de cincuenta e cinco antólogos, escritores e especialistas galegos. Apúntase tamén que o propio autor suxire a posibilidade de que sería positivo a realización dun novo volume que se centrase na etapa contemporánea dende 1981 até o 2011. Por último exprésase a necesidade de promocionar a cultura galega no ámbito anglofono.


Fálase sobre a aparición da primeira antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-ingles, na que se reúnen oito séculos de produción poética, narrativa e ensaística e que ademais conta cun epígrafe para a literatura de tradición oral. Indícase que cincuenta e cinco escolmadores reúnen textos de corenta e catro autores e seis anónimos que se encadrán cronoloxicamente entre 1196 e 1981 e que xa hai en preparación un segundo volume que inclúe a produción até 2011. Logo fálase do seu proceso creativo.


Coméntase a presentación en Santiago de Compostela da primeira antoloxía da literatura galega en edición galego-ingles, realizada por Jonathan Dunne e presentada conxuntamente pola Editorial Galaxia e Edicións Xerais de Galicia. Indícase o contido da obra e destácase a intención de distribuír máis de tres mil exemplares por centros especializados, universidades e bibliotecas. Despois recólense as palabras de Manuel Bragado e Víctor Freixanes sublinhando a importancia deste feito.


Indícase que da primeira antoloxía de literatura galega en edición bilingüe inglés-galego, *Anthology of Galician Literature 1196-1981*, distribúense ao redor de tres mil exemplares en centros de estudos galegos de todo o mundo así como en universidades con estudios de Hispánicas ou de Lusofonia, principais medios de comunicación especializados ou con atención á literatura e tamén entre as máis destacadas feiras do libro internacionais. Fálase tamén sobre o proceso de elaboración da mesma por parte do seu autor, Jonathan Dunne e da preparación dun segundo volume que será publicado en 2012.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego, tanto novidades como obras recentes. Esta semana selecciónanse, entre outras, esta antoloxía de Jonathan Dunne, que abrangue o período entre a Idade Media e o ano 1981 (data de aprobación do Estatuto de Autonomía de Galicia); *Todo ben*, de Manuel Rivas; e *Atrapado na torre* (2009), de Xoán Babarro e Ana María Fernández.

Dá conta da publicación conxunta entre Edicións Xerais e a Editorial Galaxia da antoloxía bilingüe realizada por Jonathan Dunne, que presenta textos de máis de corenta escritores galegos escolmados por expertos literarios de recoñecido prestixio e traducidos por vinte e dous especialistas. Sinala ter lido que esta publicación vai ser enviada a centros de estudo galegos de todo o mundo e salienta o acerto da obra ao dar a coñecer a cultura de Galicia alén das súas fronteiras. Recomendando de novo este labor de espallamento, remata anunciando a recente edición de *Ein rosenfeuer, das uns verstört. 4 dichter aus galicien*, traballo realizado polo profesor Javier Gómez-Montero na universidade alemá de Kiel.


Infórmase da publicación de *Anthology of Galician Literature*, de Jonathan Dunne, salientando a importancia da proxección universal, especialmente nas obras literarias escritas en linguas historicamente sometidas, como é o caso da lingua galega. Menciona tamén a presentación de dous libros do profesor Javier Gómez Montero no congreso sobre “Torrente Ballester e outros escritores galegos” celebrado na cidade alemá de Kiel: unha antoloxía poética bilingüe (galego-alemán) nomeada *Ein rosenfeuer, das uns verstört, 4 dichter aus galicien* e unha selección de textos de temática xacobea titulado *Alá no noroeste...Unha cartografía literaria do Camiño en León*. Ademais de citar a Gómez Montero, sinala ao profesor Luciano Rodríguez como o outro responsábel e impulsor destas publicacións.


Describese o desenvolvemento dunha reunión de tradutores e escritores en Astorga, na que se fala tamén da aparición da *Antoloxía da literatura galega* en edición bilingüe galego-inglés e da importancia que este feito supón para a proxección internacional da literatura galega da que se seleccionan máis de seiscentas páxinas.


Sinala a presenza de editoriais galegas na feira de Frankfurt e na Liber de Barcelona tratando de combater a crítica situación que afecta a este sector. Destaca a presentación en Frankfurt no mes de outubro da *Antoloxía da Literatura Galega* en galego e inglés, de Jonathan Dunne, considerada unha boa obra para proxectar a literatura galega no estranxeiro.

Dá conta da presentación na feira do libro de Fráncfort da antoloxía bilingüe en inglés e galego asinada por Jonathan Dunne. Comenta que esta obra é unha historia da literatura galega até a década dos oitenta que terá unha segunda parte cara ao ano 2012.


Volume integrado nunha colexión subvencionada pola Xunta de Galicia que se inicia cunha introdución da responsábel da escolma sobre a importancia da figura de Frei Martín Sarmiento (1695-1772) e os trazos principais do seu pensamento: o compromiso cos problemas da súa época, a dignificación da lingua galega e a educación dos máis novos. Continúa cunha breve biografía e cronoloxía cos fitos máis relevantes da súa existencia. Recóllense de seguido unha “Antoloxía en galego”, cunha parte do *Coloquio de 24 gallegos rústicos* (1889), a súa única obra en galego, aínda que, como se sinala ao comezó do seguinte apartado, estivo profundamente comprometido coa defensa de Galicia, da súa cultura e da súa lingua. A continuación recóllense fragmentos das súas principais obras en castelán: *Demonstración crítico-apologética del teatro crítico universal*, *Viaje a Galicia*, *Hierbas*, *Colección de voces y frases gallegas*, *El porqué si y porqué no*, *Onomástico etimológico*, *Elementos etimológicos según el método de euclides*, *La educación de la juventud*, *Discurso apologético por el arte de rastrear las más puras etimologías*, *Meco-moro-agudo: epítetos del impostor Mahoma*. *Por qué los Gallegos no pueden ni deben perdonar á Meco*. Pecha o volume unha bibliografía da obra de Frei Martín Sarmiento, tanto en galego coma en castelán, e outra comentada brevemente coas principais obras que analizan a súa produción.

Faise un estudo sobre a orixe e o significado da lenda galega da existencia de dúas trabes: unha de ouro e a outra de xofre ou veleno, que pertence ao mito do eixo do mundo, comparándoa coa árbore simbólica que une os mundos subterráneo, a terra e o ceo. Indícase que as orixes da lenda da trabe de ouro están na chegada dos suevos a Galicia; analízanse os elementos que aparecen nesas lendas (tesouros, guerreiros, dragóns, perigos máxicos e os mouros) e as crenzas ao redor dela, caso da relación cun castro ou castelo e a existencia de dúas trabes; e localizase a maioria das lendas sobre a trabe de ouro na zona norte de Galicia, facendo unha comparación dos diferentes elementos da lenda coa tradición xermánica, británica e escandinava. Tamén se apunta a importancia da compoñente cronolóxica, que relaciona este mito coa máxica noite de San Xoán, do seu significado topográfico para delimitar un espazo sagrado, que sufriu un proceso de cristianización, e da compoñente simbólica e astronómica, reflectida na súa orientación equinoccial. Argumentase a súa relación co rito iniciático e analízase a compoñente onfálica, referida á crenza nun *axis mundi*, é dicir, unha árbore ou piar que sostén o mundo, do que se presentan diferentes exemplos das mitoloxías celta, irlandesa, saxona, nórdica e bíblica. Por último, conclúe que a actual lenda da trabe de ouro é unha interpretación popular do mito da árbore do mundo ou *axis mundi* e ofrécese unha bibliografía.


Dá conta da publicación d’*O noso refraneiro* (2009), de Manuel Quintáns Suárez, integrado por dous volumes, *Estudo e clasificación temática* e *Do Fisterra galego e de Celanova*. Indica os contidos de ambos volumes e sinala que o máis innovador é a aplicación de conceptos novos para o estudo das expresións galegas, tomadas dos traballos da fraseoloxía eslava de Valerii Mokienko, e no “non illamento entre os xéneros da literatura oral”. Remata por subliñar a boa organización dos materiais.


Opina que da espada Excalibur parece que “ninguén entendeu aínda o seu verdadeiro significado” como consecuencia de interpretar os relatos lendarios literalmente. Deste modo pasa a comentar a historia da espada de pedra, reparando ademais na morfoloxía da palabra Excalibur, que explica porque se pode considerar a primeira espada coñecida forzada en ferro. Nomea algúns libros como o libro de Anne Ross *Druidas, Heroes e Deuses da Mitoloxía Celta* e o *Diccionario dos Seres Míticos Galegos*, para se referir á versión da lenda así como ao oficio do ferreiro, respectivamente. Para rematar, repara noutros aspectos como o deitamento de espadas de bronce no leito dos ríos e lagos na Idade de Bronce.

Faise un estudo xenealóxico de tres personaxes femininas procedentes do imaxinario oral, as ninfas Ana, Xoana e Viviana. Sinálanse os seus antecedentes a través de citas tomadas de distintos autores, antigos e contemporáneos: as deusas gregas Afrodita, Hera e Atenea, mediante un fragmento da Andrômaca, de Eurípides; as ninfulas tentadoras inventadas pola mitoloxía panteísta e grega (citas de Matilde de Cal/Bertolo Ballesteros (2005) e de Roman Gubern, 2002) ás que se lles dedicaban os ninfeos, santuarios que posiblemente existisen nalgunhas localizacións galegas a xulgar polas inscricións rexistradas por Antonio Balboa Salgado (2007) e os restos de catorce aras a elas dedicadas nunha piscina romana de Lugo, documentadas en cita de Antonio Rodríguez Colmenero (2003). Seguen citas de Fermín Bouza-Brey (1973), Gubern (2002) e Matilde de Cal/Bertolo Ballesteros (2005), de índole histórica e mitográfica. No segundo e terceiro epígrafes, dáse conta do significado simbólico de todo sistema ternario, o infinito e eterno, a tripla espiral, e relaciónase cos emblemas e as lendas da mitoloxía celta, en dúas citas de Jean Markale (1997). Establecécese unha enumeración correlativa de símbolos e metáforas ternarias (as tres partes do mundo, as tres fases da lúa, etc.) na que figuran as tres ninfas. A seguir con citas de Xoán Xosé Teijeiro Rey (2002); Xesús Pisón (2001); Xesús Ferro Ruibal e outros (1998), Xosé Manuel Sánchez Rei (2010), Jean Markale (1997), Xesús Pisón, Manuel Lourenzo e Isaac Ferreira (2005) e Isaac Ferreira (2003), debúllase a xenealoxía mítica das tres ninfas e a súa pegada europea. No último epígrafe retrátase a existencia da trindade divina das fontes na Galicia Castrense e a súa posterior cristianización. Péchase cun apartado final de referencias bibliográficas e acompañase dunha ilustración de Karina Kawai.


Opínase sobre os fenómenos dixitais actuais relacionados coa literatura, como son os ebooks e os blogs. Dise que non son fenómenos tan novos e que non teñen porque supoñer a desaparición doutras formas de literatura, pois comentase que a literatura xa atravesou outros períodos históricos semellantes, caso da aparición do libro escrito no século XV que non supuxo a desaparición da literatura manuscrita e oral. Tampouco se considera algo tan novosido a literatura “fanfin”, na que os lectores poden modificar ou rematar as súas lecturas preferidas, xa que esto aconteceu dende sempre na literatura de tradición oral. Remátase afirmando que a literatura galega só será plenamente moderna cando sexa capaz de xuntar as manifestacións orais e populares cos textos literarios trasmitidos a través do libro tradicional ou os medios dixitais.


Realízase unha análise da importancia da auga como elemento determinante da economía en Galicia, que se reflicte emodismos, en microtopónimos, na toponimia e
en supersticións populares cristiáns como as rogativas a San Roque. Coméntase a importancia do refranearo referido á auga no calendario agrícola e os agoiros para prediccir o tempo atmosférico. Tamén se analiza a auga como elemento que condicionou o asentamento da poboación e as relacións sociais nas fontes públicas e lavadoiros e como fonte de enerxía dos muiños. Por último, céntrase na simboloxía e culto da auga. Así comenta que en Galicia hai moitos ríos que levan o nome de Deva e que a crenza animista da cultura tradicional galega recoñece seres poboadores das augas como os encantos, os xigantes, as feiticeiras, os xacios e xacias, os homes-peixes e as lavandeiras, aos que Xesús Taboada Chivite engade as mouras, as donas, as mozas e as lumias ou virxes. Finalmente, expónse o significado da auga, herdado da cultura celta e xudeu-cristiá, como símbolo de vida e fecundidade e tamén de purificación e rexeneración, reflectido no relato bíblico da Arca de Noé ou no ritual cristián do Bautismo. Disé que na tradición galega perviven costumes, crenzas e rituais, relacionados coa auga como elemento purificador, que traspasan os lindeiros do eido relixioso e manteñen un sentido animista e naturalista.


Nota biográfica sobre a figura histórica do mariscal Pero Pardo de Cela e sobre o seu proceso de mitificación popular, como emblema da resistencia contra a Igrexa e os Reis Católicos, após da súa degolación: pola vía da tradición oral e pola vía escrita a partir do Rexurdimento. Reprodúcese ao final do texto o Pranto pola Frouseira, cantado en feiras, festas e romarías da Mariña Luguesa a partir do século XVI. Acompáñase dunha ilustración de Xosé Blanco.


Fálase do proxecto “Oralidades”, unha iniciativa do Programa Europeo Cultura 2007-2013, no que colaboran os concellos de Ourense (Galicia), Évora, Idanha-a-Nova e Mértola (Portugal), Ravenna (Italia), Birgu (Malta) e Sliven (Bulgaria). Indícase que o programa se basea en analizar a tradición musical de Europa do Sur e a tradición oral de contos populares, cancioneiros, romanceiros e historias de vida; organizar festivias e encontros co obxectivo de establecer unha relación “permanente e equilibrada entre tradición e modernidade”. Apúntase que este ano o organizador do “Encontro Cidade da Tradición Oral” foi o Concello de Ourense. A seguir faiase un percorrido virtual polas localidades europeas que participan neste proxecto e polas actividades que desenvolven ao redor do seu patrimonio inmaterial.


Lémbrase o compositor de orixe valisoletano, Mauricio Farto Parra quen, ademais de dirixir o orfeón Cantigas da Terra primeiramente e Queixume dos Pinos e Saudade máis adiante, exerceu un importante labor de recompilador do folclore musical galego.
Indícase que o historiador Ramiro Cartelle contabilizou estas recollas en duascentas pezas.


Comeza falando da arte da improvisación e destaca algunhas variantes dentro da transmisión oral, da que di que é a máis estendida “por razóns lóxicas de dominio da linguaxe”. Opina que a improvisación máis coñecida en Galicia é a regueifa, e que o seu uso máis estendido era nos casamentos, malia nacer noutros tipos de festas colectivas. Volvendo aos inicios, apunta que xa fora tomada en consideración polos coros galegos no primeiro terzo do século XX. Indica tamén a mestría no arte da regueifa que tiveron bergantiñáns como Costa de Xaviña ou Calviño de Tallo, xa falecidos, e outros, como Fermín da Feira Nova e Guillermo de Rabadeira, que están “a colaborar con asociacións para levar a regueifa” ás escolas. Ademais, nomea outros reguefeiros, como Xurxo Souto ou Pinto d’Herbón.


Dise que en Galicia, por ser un país en contacto coa natureza, foi necesario coñecer a fondo o medio e saber “das condicións óptimas para que o rendemento fose máximo”, de modo que entre esas condicións está o clima, que para coñecelo o pobo se serviu de múltiples variábeis. Así pásase a apuntar este tipo de previsións, a medio camiño entre o rigor ecolóxico, “as previsións banais” e “as previsións de tipo adiviñatorio”. Clasifícase o traballo en tres apartados. O primeiro, “Animais”, distribúese segundo a orde zoolóxica (insectos, arácnidos, moluscos, crustáceos, equinodermos, peixes, réptiles, aves e mamíferos) e ao tempo que se fala deles, reproduécense algunhas frases feitas e refráns sobre formas de adiviñar o tempo que tratan sobre os animais mencionados. Salientanse aqueles tomados do *Mentireiro verdadeiro* do ano 1989 para se referir ás formas de predición do tempo en base ao rabo do burro. Nos outros dous apartados, “O arco da vella” e “As néboas”, combinase a explicación de ambos efectos climáticos, ao tempo que se dá conta do material de acervo popular que se recolleu en diversas localidades.
VIII.6. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: ESTUDOS E RECENSIÓNS


Despois dunhas verbas de Ramón Otero Pedrayo, coméntase a guía de Xosé Lois Ripalda, *O país dos mil ríos* (2009), que se define como unha obra amena e didáctica. Indícase que o volume aborda cuestións relacionadas coa xeografía, as realidades culturais e a literatura ao redor da rede fluvial galega, ademais de facer un chamamento en prol da súa conservación.


A partir dunha reflexión de Ramón Otero Pedrayo sobre a consideración da literatura popular, afirmase que os tres trazos distintivos desta forma de literatura serían, seguindo a Pedrayo, a oralidade, o anonimato das composicións e a naturalidade na expresión, fora de toda retórica. Saliéntase a compilación de *Refráns e ditos populares galegos* (1972), de Federico Zamora Mosquera, estruturada temáticamente. Afrírmase que este volume se converteu nunha fonte importante para outros estudiosos.


Coméntanse os eixos temáticos da guía de Xosé Lois Ripalda, *O país dos mil ríos* (2009), na que se describen as singularidades das correntes fluviais. Indícase que nela se trata a literatura xurdida ao redor dos ríos como as cantigas populares e regueifas, lendas e contos e que se afonda no aproveitamento económico dos ríos. Lémbrase que a carón deles xurdiron poboacións e tipoloxías arquitectónicas características e que se aborda a súa vertente lúdica e a explicación sobre o descenso da pesca nos ríos.

Despois dunha introdución na que se recordan nomes de estudiosos dos ríos galegos, de poetas, narradores e polígrafos que fixeron algunha achega á cultura fluvial galega, coméntase a publicación de Xosé Lois Ripalda, *O país dos mil ríos: Cultura fluvial en Galicia* (2009). Indícase que nela se subliña a beleza dos cursos fluviais e as súas contornas e se fai un percorrido polo patrimonio literario (cantigas, regueifas, lendas) e arquitectónico que se foi tecendo ao redor dos ríos. Tamén se comenta que o volume remata cun chamamento en prol da conservación da beleza dos ríos galegos e se achegan solucións para tal fin. Por último opinase que o libro aborda moitas cuestión e é rápido de ler, pero que se bota en falla o emprego de referentes bibliográficos como Ramón Otero Pedrayo.


Dáse conta da presentación do *Cancioneiro de Celanova e outros cancioneiros* (2009), de Manuel Quintáns Suárez, da que se destaca a división epistemolóxica segundo o predominio temático, xerando así un índice que “reflicte precisamente o contexto sociocultural do pobo que xerou estas cantigas”. Saliéntase tamén a riqueza do tratamento formal.


Repara no intenso labor desenvolvido por Manuel Quintáns como compilador e analista da literatura galega de tradición oral e informa que vén de publicar *O noso refraneiro* (2009) en dous volumes. Describe o contido das dúas entregas e apunta que o material recollido, que xa fora dado noutras monografías de autor, non tiña recibido até agora un tratamento e catalogación tematolóxicos “tan completos”. Ademais de considerar o “meritorio traballo” de Quintáns, reflexiona sobre a importancia da recollida e análise desta literatura.


Despois de comentar que a literatura de tradición oral estivo considerada como unha creación menor e atendida por eruditos de etnografía e antropoloxía que recollían mostras con afán documental, incídese en que nos últimos tempos se publicaron obras en galego que recollen textos de tradición oral ou ensaios e estudios de “grande rigor” que analizan estes testemuños. Saliéntase que este cambio de interese se reflicte na vogalía dedicada á Literatura de Tradición Oral da Asociación de Escritores en Lingua Galega, que publicou un novo volume da revista *Escríta contemporánea*. Dise que este volume transcribe a Acta das II Xornadas de Literatura Oral, centradas no motivo “O mito que fascina: do lobo ao lobishome”. Coméntase que nel se analiza o universo literario de tradición oral galego do lobo e tamén o seu hábitat e costumes. Indícase que
estudiosos como Xabier P. Docampo, Antxon Gómez Lorente, Alberte Reboreda e José Luis Garrosa Gude, coordinados por Antonio Reigosa e Isidro Novo, se deron cita en Lugo co propósito de tratar a importancia do lobo na literatura escrita, o seu papel como animal totémico, os espazos lupinos e foxos galegos e o licantropismo como eixo temático do imaxinario universal. Por último animase a continuar con este crecente interese polas producións literarias da tradición oral, mediante a organización de xornadas e a publicación de obras que “axuden a visibilizar” esta literatura “relegada por longo tempo”, ademais de desexar que a xente nova esperte a súa curiosidade e transmitan este saber que, sen a súa participación activa, acabará por esmorecer.


Coméntase o volume Cancioneiro de Celanova e outros cancioneiros (2009), de Manuel Quintáns Suárez, considerado un destacado estudioso da literatura galega de tradición oral. Tras lembrar outros títulos anteriores sobre este tema, indicase que neste volume se atopan máis de dous milleiros de cantigas de temática variada, na súa maioría das terras de Celanova, aínda que se completa con outras achegas menores que proveñen da bisbarra da Costa da Morte e da área de influencia de Santiago de Compostela, recollidas polo alumnado de bacharelato de diferentes centros galegos. A pesares que Quintáns Suárez critica a falta de rigor na recollida deste material, valora moi positivamente este tipo de publicacións coas que se preserva a “nosa raiceira máis xenuína”, nunha sociedade que camiña cara a “homoxeneización depauperadora” da aldea global.


Coméntase a monografía O outro mundo na cultura popular galega (2006), de Manuel Quintáns Suárez, que parte da investigación sobre as crenzas no máis alá na tradición galega. Destácase o estudo sobre o papel da muller “no nacemento da nova relixión”, reproduciendo opinións ofensivas e inxustas, pero tamén a súa capacidade na mitoloxía de dominar a natureza. Sinállase que outro dos temas tratados é a relación dos santos cristiáns coas vellas crenzas. Por último, menciónase o mal de ollo e os variados remedios para combatelo.


Coméntase o volume conxunto de Rosa Benigna Vizcaya e Francisco A. Vidal, Dos fastos e os festexos. Dos antigos mitos á relixiosidade galega (2009), no que se recollen lendas, tradicións, costumes, contos, ditos… relacionados con santos, maiores e menores. Expícase que moitos ritos e costumes actuais teñen unha orixe antiga e que se cristianizaron moitos ritos pagáns. Ademais coméntase que no presente volume os
autores achegan un paralelismo entre os novos santos e os antigos deuses, salientando a súa extraordinaria erudición. Tamén se destaca o estilo literario directo e ceremonioso e a importancia desta publicación na descuberta das conexións entre a antigüidade e a actualidade.
VIII.7. PUBLICACIÓNNS EN XORNAIS: ARTIGOS DE OPINIÓN E COLABORACIÓNS FIXAS


Califica a Xosé Chao Rego como un dos “máis importantes pensadores galegos contemporáneos”, do que semella estarmos “diante dun antropológo” en obras como O misterio do Lume (1985) e O libro da Auga (1995). Reproduce unhas palabras do “Limiar” que Basilio Losada asinou para este último libro e opina que se recoñece certa “dificultade de especificar o xénero ao que pertence o ensaio”. Por outro lado, apunta que, malia poder “xurdir discusións”, Chao Rego é tamén un teólogo e, deste xeito, pasa a comentar algunhas obras súas que versan sobre teoloxía.


Comenta o contido do Libro de San Cipriano ou Libro do feiticeiro, atribuído a un monxe alemán chamado Jonás Sufirino. Apunta que nel se relacionan filtros, feitizarías e sortilexios e dá conta dunha anécdota que lle aconteceu a un coñecido seu que fixo un filtro para namorar seguindo as instrucións do libro.


Apunta algunha das crenzas e supersticións máis enraizadas en Galicia e tamén recorda o argumento dalgún conto, como o do crego que fixo que os seus rezos apareceran nun nubeiro. Recolle algunhas crenzas ao redor dos nubeiros e tronantes e a descrición que Manuel Curros Enríquez fixo no seu momento do ritual para procurar o mal do Tangaraño.


Comeza explicando que en Galicia, un país que as crónicas obvieron e a historia oficial tratou marximalmente negándoo e deformando a súa historia, a maneira de transmitir de xeración en xeración explicacións sobre o mundo foi a través dos contos e lendas, que se relatan como elemento do pasado, aínda que se poderían dar en calquera momento do presente e o futuro. Tamén se recollen algunhas lendas, relatadas pola súa avoa Pepa e que a súa tía lle axudou a fixar, sobre as Dunas de Olveira e Corrubedo.


Expícanse algúns contos que serven como parangón a problemas contemporáneos. Así sinálanse as semellanzas entre o caso do accidente do Prestige ou do desastre da
vertedura dunha plataforma petrolífera fronte as costas de Lousiana coa vella lenda de “A trabe deouro e a trabe de alquitrán”. Tamén se comenta que o mito do rei Midas pode axudar a entender a crise, que o conto de “A camisa do home feliz” é unha lección de austeridade e que o conto de “Os tres irmáns” serve para exemplificar as consecuencias de renunciar á propia lingua.


Recóllense algúns ditos e cantigas con respecto á sardiña e coméntase a situación de carestía que tiveron que soportar os mariñeiro, así como os diferentes usos deste alimento básico na súa dieta.


Coméntase a alegría e animación coa que se vivían as vendimas no primeiro terzo do século XX na comarca do Ribeiro. Exemplificase a través de frases extraídas de *A Lagarada* (1928), de Ramón Otero Pedrayo e dos versos de Eladio Rodríguez, entre outros.


Sinálase que o viño de Ribadavia gozou de grande prestixio no século XVI. Indícase que nesa época era máis cotizado o branco que o tinto, aínda que as clases populares gostaban máis do tinto, escolla que se reflicte nas coplas e paremias. Remátese sinalando a potencialidade do viño como fonte de riqueza para Galicia e animase a súa promoción e consumo mediante o turismo etnolóxico.


Apunta que a poesía de Rosalía de Castro afronta ben o paso do tempo e obsérvaa dende a “sensibilidade actual”, para sinalar o seu interese etnolóxico, reparando nunha composición popular, recreada pola poeta en *Cantares gallegos* (“Has de cantar,/ meñina gaiteira/...) no que saen a “reducir pratos moi apetitosos”, como son as “sopas con viño”, alimento de forza de moitos galegos daquela época e en datas máis recentes, segundo testemuños coñecidos do autor.


Co motivo do ano santo, comenta as diferentes lendas existentes sobre o camiño. Primeiramente, fala de “A raíña santa” e comenta que algúns cren que se refire á dona
Urraca e outros pensan que alude a Isabel de Portugal. A seguir, conta tamén a lenda “Gallo de Barcelos”, recollida por Castelao na súa viaxe a Bretaña e a lenda de Jean Tournai. Finalmente comenta que tamén existen poemas dedicados a Santiago e ao camiño de diferentes autores como Rosalía de Castro, Agustín de Foxa, Federico García Lorca, Gerardo Diego e Gutiérrez Albelo.


Achégase o significado da festividade de San Xoán a partir de ditos populares. Sinálase tamén que tradicionalmente se coñece o mes de xuño como o de San Xoán, así como novembro é o de Santos ou Defuntos, decembro o de Nadal, etc; aínda que se apunta que estas formas, que permaneceron no refraneiro e na lingua dos máis vellos, se están a perder.


Con motivo do concerto da protagonista da serie televisiva infantil, Patito Feo, na Coruña, deféndese que os títulos dos contos tradicionais se traduzan ao galego, en lugar de empregar a tradución do castelán, como é o caso de *Parruliño Feo, Carapuchiña vermella, Os tres porquiños ou Cincenta*.


Partindo dun conto de Herta Muller, “O baño suabo”, que trata sobre a realidade dunha familia romanesa que se bañaba os domingos no mesmo balde até que a auga tornaba negra, lembra que na Galicia rural era normal lavarse unicamente polas festas e que no Nadal se ía cantar os Reis polas casas para pedir o aguinaldo, pois daquela os magos de Oriente non traía xoguetes senón que eran os nenos quen tiñan que enxeñalos. Comenta tamén que había tradicións emparelladas co moderno Papá Noel, como a do Apalpador do Caurel e a do Pandigueiro de Trives, homes do saco que agasallaban os pequenos con chilindradas.


Con motivo da súa desconformidade coa lei que regula o aproveitamento eólico de Galicia, trae a colación refráns e destaca a abundancia e diversidade do refraneiro galego, como demostra o volume de Francisco Vázquez Saco, composto por vinte e tres mil refráns.

Inclúense fragmentos de coñecidas cantigas populares neste apuntamento no que se analiza a temática do cancioneiro popular. Apúntase que o tema máis importante é o amor, aínda que tamén se versifica sobre a firmeza da lealdade, os santuarios, as festas patronais, os artesáns, os mariñeiros, as costureiras, os xastres, os canteiros e mais os cegos, ademais daquelas que atenden ás tarefas da sega, da espadela, da vendima e da noite de San Xoán.


Achéganse distintas versións que explican a pouca importancia da produción de aceite de oliva en Galicia, en contraposición, co que acontece ao outro lado do Miño, onde houbo e aínda pervive unha produción destacada. Tamén se recollen os títulos de estudos que se dedicaron a profundar sobre a cultura do aceite de oliva e se reproducen unha breve cantiga, un refrán e unha adiviña que teñen como tema a oliveira.


Relátanse unha serie de lendas ou crenzas ao redor do lobo, como é a lenda do lobo Bandua e feitos reais sobre este animal, como a captura dun exemplar en Cotobade no ano 1952 ou a corrida ao lobo no Morrazo en 1956, que inspirou un poema de Henrique Massô Bolíbar titulado “O lobo do Morraço”, incluído no poema Retrouso a Colón (1960). Asemade, destácase o volume de varios autores, titulado O mito que fascina: do lobo ao lobishome (2009), no que se fala do lobo real e do imaxinario e se conclúe que os mitos sobre o lobo, a pesar de presentar semellanzas, son propios de cada cultura.


Explicase a orixe etimolóxica do termo “lobishome”, que sería un “calco invertido” do panxermánico werewulf, presente na lingua propia dos suevos. Recólレンsome algúns topónimos TAXX (Topónimos procedentes de Antropónimos xermánicos en Xenírito latino) e coméntase a existencia, no Concello de Samos, dun lugar chamado Gorolfe, que proviría do nome propio Gorolfus, nome que se explica a través da voz xermánica werewulf. Por último interrógase sobre a procedencia do mito do lobishome, presente nas culturas celta, grega e romana.

Destácase entre a obra da escritora do século XII, que pasou a historia co nome de María de Francia, uns contos en verso do xénero denominado lais, referidos ao mundo mítico de Bretaña, no que aparecen casos de transformacións de homes ou mulleres en animais salvaxes. Asemade, recóllese o argumento dun destes contos, o lais titulado Bisclavret, e coméntase a orixe desta palabra, procedente do bretón, apuntándose varias etimoloxías segundo a opinión de diferente estudiosos.


Recupera a figura do afiador e fai referencia ao libro que lle dedicou Olegario Sotelo Blanco, ao que se une agora outro do antropólogo Xosé Antonio Fidalgo. Alude a que inclúe gravados franceses e alemáns do século XVI, un vocabulario do barallete e un percorrido pola presenza do afiador na literatura popular.


Segundo o fío dunha pasaxe de O ano do xardineiro (2009), de Karel Capek, traducida agora ao galego, na que se describe o mes de febreiro, achéganse un par de ditos da nosa tradición oral, nos que se fai referencia ao frío e á brevidade deste mes.


Informa da celebración en Lugo das III Xornadas de Literatura Oral, que este ano estaban dedicadas á mitoloxía da morte. Salienta os temas dos relatorios e das mesas redondas como “brillantex digna de encomio” e repara no aumento da capacidade de convocatoria destas xornadas que considera que está “consolidado”. Ademais, comenta a actividade que se desenvolveu na antigua casa-escola de Merlán, en Chantada, na que participaron xentes como Xosé Lois García e Xavier Blanco.


Comenta que ao longo da súa vida ten desempeñado diversos papeis navideños, como o de ser paxe de Melchor, rei ou Herodes, pero que nunca foi apalpador. Desta figura di que non sabe “quen raios a inventou”, pero remata por dicir que viva o “andazo revisionista das tradicións”.


Coméntase a lenda urbana do rapto de mulleres para roubarles os órganos, en tendas rexentadas por chineses, lenda que comezou a circular a finais do século XX e na
primeira década do século XXI en España, Portugal e diferentes partes do mundo, sendo difundida por vía oral, prensa ou internet. Dáse conta doutras lendas relacionadas, que tiveron lugar en diferentes partes do mundo e momentos históricos.


Explicase a lenda da tía Xuana, unha bruxa vella e fea, cun só ollo e un só dente, que vivía no faiado dunha casa de Vilaemil, coa que se atemorizaba os nenos desa casa. Indícase que este personaxe mítico se emparella coa Guajona cántabra, a Gauza e a Anjana asturianas, a Chuchona galega e coas Graias, irmás das Gorgonas, da mitoloxía clásica. Finalmente dáse conta doutros seres míticos da mesma “familia”, que teñen en común o ter só un ollo.


Cóntase a lenda sobre a construción da chamada Ponte de Gatín en Liber (Becerreá), seguindo a versión achegada por F. López para a páxina web Galicia Encantada. Segundo se recolle, esta ponte sería o resultado dun pacto entre o demo e un home obrigado a cruzar todos os días o río para ir visitar a súa namorada e a súa construción tería lugar nunha noite. Coméntase que en pago da obra o home entregaría a alma do primeiro ser vivo que nacera na súa casa, que resultou ser un gato, de aí o nome da ponte.


Relátase outra versión da lenda da ponte de Gatín achegada polo informante José María Carricoba para a páxina web Galicia Encantada. Indícase que nesta versión son os veciños os que pactan co demo a reconstrución da ponte e o demo pide, en pago da obra, a primeira cousa que atravese a ponte pola mañá, resultando ser un gato que botaran os propios veciños. Por último coméntase que se trata dun tema narrativo antigo e universal que se corresponde co tipo 756 B do catálogo internacional de contos.


Recóllese a lenda da desaparición da aldea chamada Alegrín, na parroquia de Suegos, no concello de Vicedo, lenda relatada por Francisco Xabier Moure Salgado na páxina web Galicia Encantada, a partir da versión oral de José Ínsua.

Dáse conta de dúas versións de lendas que teñen como protagonista a un cego que tocaba a zanfona, unha delas achegada por dous veciños de Cabreiros, no municipio de Xermade e outra que se conta na parroquia de Vilasobroso, no concello de Mondariz.


Coméntase o costume de tirar unha moeda ao pozo coa esperanza de ver cumprido un desexo, como acontece na fonte do claustro do Museo Provincial de Lugo. Indícase que este costume ven de antigo e xa estaba documentado polo escritor latino do século I, Plinio o Xove.


Informase dunha versión dunha lenda, recollida en Buxío, na parroquia de San Estevo de Parga (Guitiriz), protagonizada por unha nena orfa de nai, quen se atopa todos os días cunha muller cando vai buscar auga á fonte que lle entrega unhas moedas, o que alivia a miseria que había na súa casa. Asemesmo recóllense referencias impresas deste lenda en *Guitiriz. Paraíso termal* (2000), de Aurora Gay, e en *A flor da auga. Historias de encantos, serpes e cidades mergulladas* (2006), de Xosé Miranda e Antonio Reigosa.


Reprodúcese unha lenda na que unha moza, de nome Aldara, desaparece cando estaba a piques de casar para se transformar en cerva, até que o seu namorado lle dá caza. Coméntanse brevemente outras lendas e pasaxes mitolóxicos nas que unha cerva é a protagonista.


Recóllese unha lenda que explica a orixe dos apelidos Bolaño e Pallares, relacionada co asedio de Almanzor á cidade de Lugo. Segundo se conta, os defensores tiran dende a
muralla bolos de pan e un ano, nunha versión, e espigas segundo outra versión, facendo
ver que aínda teñen comida e que resistiran, polo que Almazor decide levantar o asedio.
Dáse conta doutra lenda similar que explicaria a orixe do nome da cidade francesa de
Carca.

“Cultura”, “Lugo encantado”, 18 abril 2010, p. 82.**

Dáse conta da orixe británica da lenda das once mil virxes da lagoa de Caque ou de
Bardancos, na parroquia de Ribeiras de Lea (Castro de Rei). Indícase que o frade
dominico galego Pedro de Santa María e Ulloa propuxo a súa orixe galega e recreou a
lenda irlandesa medieval do príncipe aventureiro grego Gatelo, suposto fundador dunha
dinastía de reis de Galicia.

encantado”, 25 abril 2010, p. 76.**

Coméntanse aspectos relacionados coa tribo dos baluros ou valuros, de orixe misterioso,
que exercían de curandeiros, esmoleiros, predicadores, santeiros, etc procedentes de
Valura, Valuria ou montañas Valuras, con centro na parroquia de Triabá, Castro de Rei.
Segundo outra versión indicase que serían descendentes dos adoradores de Baal, que
vivían en Veria, cidade asolagada por maldición divina baixo a lagoa de Cospeito.

“Lugo encantado”, 9 maio 2010, p. 82.**

Faise eco das lendas relacionadas co paso do heroe cristián Roland, protagonista do
poema épico *Chanson de Roland*, escrito probablemente no século XI, pola provincia de
Lugo e da lenda relacionada coa chamada “Pena Roldan”, que se atopa en Guitiriz.

encantada”, 1 agosto 2010, contracuberta.**

Recóllense a lenda de “As bocas do sangue” que acontece, segundo algúns informantes,
na Cova de Mouros de Cervás, no Concello de Ares, que chegaba até Meá, en
Mugardos.

encantada”, 29 agosto 2010, contracuberta.**

Dáse conta da lenda sobre o sartego de Osorio Gutiérrez, coñecido como o Conde Santo
de Lourenzá, que na actualidade se atopa no Museo de Arte Sacra de Lourenzá.
Segundo se recolle, o Conde adquiriu o sartego en Xaffa e este navegou solo até chegar
ao porto de Moreda, a actual Foz. Tamén se achegan datos históricos sobre esta peza e
sobre os restos atopados no seu interior que, segundo os especialistas, sería fabricada en Aquitania, ao redor do século V.


Centra a súa atención no feito de que cada comunidade galega, á marxe do seu tamaño, ten lendas, contos ou historias locais propias e, como exemplo, conta un relato sobre unha suposta aparición dun defunto que tivo lugar entre Mugardos e Obaño.


Recóllense ditos relacionados co santo André de Teixido e relatase a orixe desta crenza que leva a moita xente a peregrinar até este santuario.


Reivindicanse os contos da transmisión oral sobre as profesións ou oficios, que se están a perder. Tamén se relata un conto sobre un liberado sindical.


Opínase sobre a progresiva desaparición da cultura popular de tradición oral desprazada pola cultura popular televisiva, polo que se anima a recoller e inventar contos sobre as novas profesións ou ocupacións da sociedade. Tamén se relata un conto sobre un liberado sindical.


Advirte do estado de ameaza no que se atopa a torre de Torés, que data do século XV, por coincidir co trazado dunha estrada secundaria. Dá conta dunha versión da lenda da cerva abatida, relacionada con esta torre.
Entrevista ao antropólogo José Rodrigues dos Santos, que vén de participar na Conferencia Internacional de Tradición Oral de Ourense. Fala da diferencia entre conversación e preservación das culturas orais e opina sobre o legado da cultura oral, referíndose ao caso galego. Sinala que hai “varias estratexias” para que o galego se apoie no portugués, como é a entrada de Galicia na comunidade de países de língua portuguesa. Por outro lado, di que o problema é “o Estado Español e o portugués” e destaca algunhas actividades que se poderían facer para que o galego se reforzara e non estive isolado. Opina que o proxecto Ponte... nas Ondas que promove o patrimonio inmaterial común galego-portugués “nunca vai ir adiante porque a Unesco sempre escolle cousas máis concretas”. Ademais, considera que un xeito de prestixiar o galego sería que houbera unha “cátrea de literatura galego-portuguesa” e que os galegos fixeran seu o patrimonio da língua portuguesa. Nun á parte, informase doutras actividades e participantes na Conferencia Internacional de Tradición Oral de Ourense.

Conversa con Santi Veloso, presidente de Ponte... nas ondas!, a asociación impulsora da candidatura do Patrimonio Inmaterial Galego-Portugués. Denuncia que a día de hoxe “nin o goberno portugués nin o galego asumiron o compromiso de relanzar esta candidatura”, que cumpre cinco anos. Considera que o feito de desbotar esta candidatura, “porque era difícil de acreditar cales eran os portadores deste patrimonio”, queda en evidencia de que “só eran escusas”, se se ten en conta o acontecido na declaración de Patrimonio da Humanidade do flamenco, o silbo gomiero e a dieta mediterránea. Neste senso, opina que se a candidatura do galego-portugués caeu no limbo foi a “falta de xestión política”.

Conversa con Manuel Quintáns, quen apunta que non é de Santiago “pero como se o fora”. Dos seus anos na aldea natal, en Freixeiro (Santa Comba) lembra que foi decisiva a mestra que tivo na escola. Defínese como “un auténtico defensor do ensino” e resume a súa traxectoria profesional. Sinala que a literatura o mantivo vinculado até hoxe co colexio Peleteiro, porque preside o xurado de narrativa do certame literario Minerva dende 1969. Por outro lado, recorda cómo e onde empezou o seu labor de investigador nos ámbitos da tradición oral e dese que actualmente segue a traballar na casa, pero que continúa vinculado ao Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, onde traballa dúas tardes á semana no departamento de Literatura en estudos sobre a presenza da emigración galega no estranxeiro a través dos medios de comunicación.
escritos. Nun á parte, refírese á persoa de Roberto Vidal Bolaño, como “un antes e un despois na historia do teatro galego”.


Entrevista con Xosé Lois Ripalda, que comeza cunha breve autobiografía, na que ademais de comentar o seu interese pola etnografía, anuncia a próxima publicación dun feixe de relatos, de textos para teatro e pequenos ensaios, dedicados ao lectorado infantil.
VIII.9. PUBLICACIÓNNS EN XORNAIS: NOTAS, PRESENTACIÓNS E ESCRITOS VARIOS


Infórmase da celebración en Ourense da Conferencia Internacional de Tradición Oral, coa que se reflexionará sobre a súa importancia como ferramenta de diálogo cultural e de construción do patrimonio. Coméntase que a cidade das Burgas forma parte tamén do programa europeo Oralites, dirixido a promover actividades de posta en valor da música tradicional e popular, a tradición oral e a organización de festivais de música antiga e do Renacemento. Finalmente, dásese conta dos pasos que hai que dar de querer participar nos debates que se establecerán neste simposio.


Faise eco da recuperación d’O Mintireiro Verdadeiro para o ano 2011, redactado polo párroco xa falecido José Regadío. Infórmase ademais doutro calendario, “el Zaragozano”, que contén predicións de ámbito nacional. Indícase que este último foi fundado en 1840, mentres que o Mentireiro Verdadeiro en 1952 e comenta que “en outros tiempos” foi unha “especie de biblia” para moitos agricultores. Por outro lado, sinálanse algúns dos contidos destes míticos calendarios, engadindo que ambos son “una especie de pequeña enciclopedia de refranes y citas clásicas”.


Recóllense as afirmacións de Rodrigo Romaní, director da orquestra flok SondeSeu, co motivo da publicación do seu terceiro disco, titulado Barlovento, no que se versionan ou reinterpretan temas pertencentes ao patrimonio musical oral galego.


Refírese ao traballo que un equipo de arqueolólogos do CSIC está desenvolvendo no Monte Lobeira e indícase que o imaxinario popular fabulou en lendas e contos sobre a existencia de pasadizos e tesouros de mouros baixo este monte.


Apoiándose en diferentes estudos, explicase a verdadeira historia de María Soliña, que realmente se apelidaba Soliño e que foi falsamente acusada de bruxería pola Inquisición, xunto con outras oito mulleres cando reclamou os seus dereitos de
presentación que o seu home, morto no ataque dos mouros e turcos a vila de Cangas no 1617, posuía en San Martiño de Moaña e na Igrexa de San Cibrán del Aldán. Reproducéuse un poema popular, recollido no Mosteiro de Celanova, que trata sobre a invasión moura.


Crónica da celebración da festa dos Maios en Monforte na que se dá conta dos premiados no certame de coplas que organizou o Concello e da temática das mesmas.


Dáse conta dos gañadores no Concurso dos Maios, celebrado na Praza da Ferrería en Pontevedra. Tamén se reproduce a cantiga gañadora co premio máis importante, presentada polo Colexio Marcos Portela.

M. A. C., “El concurso de Maios de Poio repartirá 1.620 € en premios, la misma cifra que el año pasado”, Diario de Pontevedra, “Pontevedra/Poio”, 11 marzo 2010, p. 15.

Apúntanse as bases e a contía dos premios do Concurso dos Maios, que organiza a Concellería de Festexos do Concello de Poio.


Informa que no Calvario estivo o fin de semana o Apalpador “sacado do folclorismo”, opinando que “nadie hasta ahora conocía su existencia”. Afirma que “ni siquiera en O Courel” coñecían a tradición e que os grupos “ultranacionalistas” están “empeñados en que se convierta en un olentzero vasco a la gallega”.


Faise eco da inminente inauguración do Centro Sociocultural de Santa María de Xeve, e da próxima construcción dun museo etnográfico, co que se procurará poñer en valor tanto a riqueza natural deste termo municipal coma o seu patrimonio inmaterial, como son cantigas, lendas e contos.

Comézase facendo alusión ao personaxe do Nadal galego, o Apalpador, apuntando que este carboeiro é o que aparece no cartel anunciador da actividade do Nadal en Santiago de Compostela. A continuación, infórmase do programa de actividades, como os Campamentos Abertos de Nadal, obradoiros de recetas de Nadal e panxoliñas, entre outros.


Infórmase da celebración dun curso na Universidade de Santiago, titulado “A literatura oral na actualidade: Galicia e Hispanoamérica”, co que se procura atender á literatura oral no ámbito académico.


Reprodúcese nesta sección fixa dedicada ás efemérides algunhas das coplas populares dos Maios ourensáns conservadas na Biblioteca da Deputación dende 1917.


Reprodúcese un fragmento do estudo conxunto de Vicente Risco e Xaquín Lorenzo Fernández, no que se conta cómo se leva a cabo a selección dos veciños que representan as diferentes personaxes no misterio que se escenifica na festividade do tres de maio en Laza.


Dá conta do encontro de escritores, músicos e bailadores que participan nunha “polavila” no Museo Etnográfico e Comarcal da Fonsagrada. Ademais de apuntar que esta reunión está organizada pola AELG, informa dos músicos e bailadores participantes e comenta que entre os narradores estarán Manuel de Seoane e Pacífico Pardo e que asistirán os escritores Isidro Novo e Xía Arias.


Lémbrase a Xosé María Regadio Vázquez, crego que viu cumprida a súa teima de contar co seu propio prelo, do que anualmente saía o Mentireiro verdadeiro, un libriño no que se trataban temas diversos, aínda que o seu fin último era o de predicir a meteoroloxía anual. Coméntase que Regadio iniciara unha ambiciosa empresa, unha publicación por fascículos, titulada Refrános galegos, no que por orde alfabética se
recollían ditos, proverbios, máximas, sentenzas, aforismos, adaxios e paremias, do que só chegou a saír o primeiro.


Faise eco da presentación por parte da concelleira de Xuventude da Coruña, Ermitas Valencia, das actividades para o Nadal, entre as que está a visita do Apalpador a oito centros cívicos, ao tempo que se desenvolverán outras actividades infantís. Sinálase que esta actividade pretende “difundir entre el colectivo infantil la cultura navideña gallega” e coñecer o personaxe así como a flora e a fauna do seu ámbito de procedencia. Infórmase que os participantes recibirán o libro *O Apalpador* (2009), de Xoán González.


Comeza facendo referencia á historia do apalpador, destacando a súa orixe precristiá “moi anterior á de Santa Claus”. Comenta o tronco común que o une co Olentzero vasco ou co leñador Esteru cántabro e asturiano. Indica que o Apalpador destaca polo seu carácter “enxebre, humilde e por galego falante” e repara en que a súa fisonomía e certas características “non están moi claras”. Salienta que a súa tradición foi recollida por xentes como o etnógrafo José Andrés López González no Portal Galego da Língua, a asociación A Gentalha do Pichel e o colectivo lucense Madia Leva. Tamén informa da publicación do conto *O apalpador* (2009), de Xoán G. Por outro lado, faise eco doutra figura propia do país como a do etnógrafo José Andrés López González no Portal Galego da Língua, a asociación A Gentalha do Pichel e o colectivo lucense Madia Leva. Tamén informa da publicación do conto *O apalpador* (2009), de Xoán G. Por outro lado, faise eco doutra figura propia do país como a do Demo Asubiador, na zona de Figueirido (Vilaboa), que escolle “ao parvo da aldea” e lle dá un asubío, que está a recuperar a asociación ecoloxista Vaipolorío. Di que este trasno se recolle no libro *Andar primeiro do río*, de Carlos Solla.


Dáse conta da celebración dunha xornada na biblioteca de Rois na que, da man do escritor Antonio Reigosa, se lembraron contos da tradición oral galega en xeral e da relacionada con este concello.


Informa de que trece grupos e artistas galegos como Leilía, Fuxan os ventos, Milladoiro e Berrogüeto, entre outros, se uniron para facer o libro-disco *Cantigas do Camiño*. Indica que Xoán Luaces Fandiño se encargou de facer unha semblanza musical do Camiño xacobeo na que abrangueu a *Chanson de Roland* e a batalla de Roncesvalles, os himnos recollidos no *Códice Calixtino* ou *Liber Sanctii Iacobi*, a lírica medieval galego-

1932
portuguesa, os trobadores e a lírica popular galega, entre outras. Refire que neste libro-disco tamén se acollen pezas recuperadas da liturxia compostelá, o *Romance de don Gaiferos* e o himno “Ultreia (et suseia)”, “Camiño da romaría” de Fuxan os Ventos, peza que bebe da literatura de transmisión oral, e outras do resto de grupos e artistas que participan en *Cantigas do Camiño*. Apunta que o grafismo tamén dá conta do imaxinario xacobeo.


Detense en aspectos da vida persoal e profesional de Anxo Rivas (Eirexúa, Pontenova), único narrador oral galego que participou, xunto con outros sete contadores de toda España, no proxecto “La memoria de los cuentos”: unha iniciativa que pretende recuperar e revalorizar a literatura oral. Inciden, por isto, tanto a xornalista como o entrevistado, nas repercusións sociais que trouxeron consigo os novos medios de comunicación, en concreto, a televisión. Engade á súa exposición un relato oral recitado polo mesmo Rivas, “A casa de polavila de Pontenova”, motivo que lle permite destacar os seus dotes de narrador.


Acóllense nesta sección un poema de Manuel Curros Enríquez, “Ahí ven o maio...”, publicado en 1880, ao mesmo tempo que se explica o carácter satírico das coplas elaboradas expresamente para esta celebración.


Faise eco de que o Nadal carballinés contará este ano coa figura do Apalpador, que percorrerá as rúas repartindo castañas, noces e larpeiradas. Anúnciese tamén un taller didáctico infantil para coñecer máis amplamente este personaxe típico galego.
IX. REVISTAS

Neste apartado acollemos as revistas con ISSN e as edicións facsimilares, Das demais só se descreben os traballos relacionados coa literatura galega no apartado “Publicacións en revistas” deste Informe.

ADIANTE. Semanario d’a Mocedade Galeguista. Ed. facsimilar


Revista editada polo Museo do Pobo Galego que naceu co obxectivo de ser un vieiro de comunicación entre as persoas asociadas, unha canle de expresión na consolidación do Museo do Pobo Galego, ademais de fomentar o intercambio con outros organismos e institucións museísticas dentro e fóra da xeografia galega. Saíu do prelo no mes de novembro do 2005 co número 0. Dende o inicio o consello de edición estivo formado por Fátima Braña Rey, Rosa Mª Méndez García, Xaquin Penas Patiño e Manuel Vilar Álvarez e no ano 2008 pasou a estar composto por Fátima Braña Rey, Rosa Mª Méndez García, José Mª Laredo Codorniú, Nolo Suárez e Manuel Vilar Álvarez. Estrutúrase nas seguintes seccións: “Limiar” e “Artigos” dedicados a diferentes temas. No ano 2010 publicouse o número 5. Os artigos relacionados coa literatura galega son descritos nos apartados correspondentes deste Informe.

AGÁLIA. Revista de ciencias sociais e humanidades (ISSN: 1130-3557) (DL: C-250-1985).


**AILIJ** (Anuario de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil)

Anuario editado pola Asociación Nacional de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil (ANILIJ), cuxa sede se atopa na Facultade de Filoloxía e Tradución da Universidade de Vigo, publicado por dita universidade e dirixido por Celia Vázquez García. Asemade conta coa axuda da Dirección Xeral de Investigación, desenvolvemento e innovación da Xunta de Galicia. Trátase dunha publicación científica, dirixida a un público nacional e internacional especializado, que acepta colaboracións de investigadores procedentes de calquera institución ou país, sempre que se trate de traballos de investigación orixinais (non publicados con anterioridade) e que o contido do artigo ou da recensión estea relacionado coa investigación que se vén realizando no campo da literatura para a nenez e a mocidade con carácter nacional como internacional. O seu primeiro número, o número 0, saíu a lume o ano 2001 e dende o ano 2003 no que se publicou o número 1 ten periodicidade anual. As editoras son Veljka Ruzicka Kenfel, Celia Vázquez García e Lourdes Lorenzo García. O comité de redacción intégrano Margarita Carretero (Universidad de Granada), Pedro Cerrillo (Universidad de Castilla-La Mancha), Teresa Colomer (Universitat Autónoma de Barcelona), Marisa Fernández López (Universidad de León), Cristina García de Toro (Universidad de Castellón), Esther Laso e León (Universidad de Alcalá de Henares), Manuel López Gaseni (Universidad del País Vasco), Lourdes Lorenzo García (Universidade de Vigo), Antonio Moreno Verdulla (Universidad de Cádiz), Mª José Olaziregi (Universidad del País Vasco), Isabel Pascua (Universidad de Las Palmas de Gran Canaria), Blanca-Ana Roig Rechou (Universidade de Santiago de Compostela), Veljka Ruzicka Kenfel (Universidade de Vigo), Victoria Sotomayor (Universidad Autónoma de Madrid), Mª do Carmen Valero Garcés (Universidade de Alcalá de Henares), Celia Vázquez García (Universidade de Vigo) e Manuel Vieites (Universidade de Vigo). Esta publicación, que se estrutura en “Artículos” e “Reseñas/Reviews” publicou no ano 2010 os números 7 (2) e 8. Os artigos relacionados coa literatura galega son descritos nos apartados correspondentes deste Informe.

Referencias varias:
Como apoio á historia da Literatura Infantil e Xuvenil que semanalmente se desenvolve nesta sección, os membros de ELOS salientan as revistas que foron recensionadas nesta páxina ao longo de 2010, caso de AILIJ (*Anuario de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil*), da que apuntan que achega traballos multidisciplinares e que cobre baleiros ao tempo que visibiliza, promove e recoñece a Literatura Infantil e Xuvenil.

**AMASTRA-N-GALLAR**

(ISSN: 1696-0718) (DL: C-134-2002).

Revista de poesía e pensamento poético vinculada á editorial Amastra-n-gallar, que dá tamén ao prelo unha serie de cadernos poéticos de autores galegos e estranxeiros non venais. A súa periodicidade é variábel. Foi fundada no ano 2001 co obxectivo de difundir a creación, o ensaio e a tradución de poesía. Da dimensión filosófica da revista deu testemuño xa o seu primeiro número, onde diferentes autores fixeron as súas achegas ao redor do concepto de “acto poético”. O director da publicación é Emilio Araúxo. Na revista é habitual que os textos dos colaboradores estranxeiros se traduzan ao galego na primeira parte de cada volume, para ser reproducidos despois na súa língua orixinal.

**Referencias varias:**


Recóllense algunhas afirmacións de Emilio Araúxo, editor desta revista, que ofrece reflexións ao fío, elude algunhas censuras e comparte algunhas rupturas. Coméntase asemade, que co mesmo selo editanse uns libríños, non comerciais, nos que publicaron autores como María do Cebreiro, Lupe Gómez, Anne-Marie Albiach ou Royet-Journoud.

**ANIMA+L.** Revista cultural para todas as especies

(ISSN: 1137-599X) (DL: C-541-96).

Publicación creada en febreiro de 1991, editada por Edicións Positivas, e que se presenta cunha periodicidade variábel. Comezou a súa andaina tendo a Xelís de Toro como director e coordinador, até que no ano 2007, Francisco Macías asumiu a súa dirección. No ano 2010 non saíu do prelo ningún número.

**ANUARIO BRIGANTINO**


Referencias varias:


Entre outras publicacións salienta o número 32 da revista de investigación do Concello de Betanzos Anuario Brigantino.


Dáse conta da nova entrega desta revista, analizando de xeito sumario as súas principais seccións, “Historia” e “Arte, Literatura e Antropoloxía”, e os seus contidos con traballos de diferentes investigadores, entre eles o director do Anuario, Alfredo Erias Martínez, ao tempo que se eloxía a súa dedicación á “cultura con maiúsculas”.

ANUARIO GRIAL DE ESTUDOS LITERARIOS GALEGOS


ARRAIANOS

Revista de ámbito limiá, de periodicidade anual, vinculada á Asociación Arraianos, fundada no ano 2004 por Aser Álvarez que exerceu de coordinador. Tomando como inspiración a obra homónima de Xosé Luís Méndez Ferrín, a publicación pretende dar a coñecer os fenómenos culturais da Baixa Limia. Pódense consultar en formato pdf os cinco primeiros números (http://www.arraianos.com). Co número VII, correspondente ao mes de xaneiro de 2008, inicouse unha nova etapa con máis colorido, baixo a dirección de Aser Álvarez e a coordinación de Lois Codias, cun consello de redacción composto por Alberto Augusto Miranda, Américo Rodrigues, Armando Requeixo, Baldo Ramos, Felipe Castro, José Domínguez, Henrique Alvarellos, Ramón Nicolás, Xoán Carlos Domínguez, Xosé Paulino Estévez e Xulio Medela. A revista consta das seguintes seccións: “Limiar”, “Entrevista”, “Entre arraianos”, “Arredor da lareira”, “Pensamento”, “Creación” e “Andel de libros”. A partir do número VII houbo un cambio de depósito legal que se consigna na entrada, debido a que pasou a ser editada por Alvarellos Editora. No ano 2010 publicouse o número VIII, titulado “Vivir na raia”, que está ilustrado pola serie “Vivir en la Raya”, de Antonio Covarsí. O consello neste número está integrado por Alex P. Meire, Américo Rodrigues, Armando Requeixo, Baldo Ramos, Luis Boulosa, Luis Gil Pita, Luis Codias, José Domíngues, Daniel Rodicio, Ramón Nicolás e Henrique Alvarellos. Na sección de “Creación” atópanse as seguintes composicións poéticas e narrativas: “No labirinto da luz de Antonio Covarsí” (pp. 161-162), de Baldo Ramos; “Na periferia: sete posibilidades de movemento a carón do centro” (pp. 163-164), de Álvaro Negro; “O lugar dos caminhos” (pp. 165-166), de Fernando Martínho Guimarães; “Dereito de autodeterminación” (p. 166), de Carlos Negro; “As fronteiras existen” (pp. 167-168), de Franck Meyer; “[sen título]” (p. 169), de Xurxo Sierra Veloso; “Morte da Historia en Lindoso” (p. 170), de Alberto Lema; “Ás ruinas de una dama” (p. 171), de José María de Aguiar Carreiro; “As caixas contiñan a Delimitación” (pp. 172-173), de Olalla Cociña; e “O salvoconducto” (pp. 174-175), de Antón Riveiro Coello. Os artigos relacionados coa literatura galega son descritos nos apartados correspondentes deste Informe.

Referencias varias:


Anúnciase que varios poetas das Redes Escarlatas (Cláudio Pato, Alberto Lema e Elvira Ribeiro, entre outros) homenaxearán a Celso Emilio Ferreiro en Celanova a través de diferentes accións poéticas. Afírmase que esta “Acción de ferreiro” percorrerá as rúas da vila recitando poemas do autor ou doutros poetas que se seleccionen e confluirán nun punto no que se recitará entre todos “Lingua proletaria”. Coméntase tamén que as mesmas Redes Escarlatas, xunto coa Fundación Celso Emilio Ferreiro e o Colectivo
Arraianos, rendiránlle homenaxe no cemiterio de San Breixo, coa presentación do novo número da revista *Arraianos* e un recital poético e musical.


Coméntanse a temática do oitavo número desta revista, na que se reivindica a periferia. Destácase asemade o artigo de Xosé Luís Méndez Ferrín, que fala de “arraianos, raianos e raiotos”. Indícase que este número se dedica á literatura e á fronteira, ás relacións entre Galicia e Portugal e aos arraianos de todo tipo, deixando lugar tamén para a creación e a crítica. Saliéntanse asemade as ilustracións do fotógrafo Antonio Covarsi.


Coméntase o oitavo número da revista *Arraianos*, no que se presentan cincuenta e un traballos, en edición trilingüe (galego, portugués e castelán). Apúntase que, no tocante á temática, se trata a relación entre galegos e portugueses, en literatura, artes e diferentes manifestacións culturais.


Dáse conta da presentación, na Libraría Couceiro de Santiago, do oitavo número da revista *Arraianos*, coa que se pecha un ciclo, segundo o seu director Aser Álvarez. Expícase que se trata dunha publicación sen ánimo de lucro que pretende reflectir o mundo esquecido da periferia, con sobranceiros colaboradores como Xosé Luís Méndez Ferrín, Santiago Lamas, Fermín Bouza, Juan J. Moralejo, Franck Meyer e Mercedes Queixas. Coméntase tamén que neste número se recupera a obra inédita do fotógrafo estremeño Antonio Corvasí, xa falecido.


Analízanse os contidos de tres revistas culturais, entre elas, *Arraianos*. Coméntase que este oitavo número trata a temática de “vivir na raia” e que os diferentes colaboradores afondan na realidade histórica, etnográfica, antropolóxica, cultural, lingüística e económica dese territorio.

**ATENEA**

(ISSN: 1575-9679) (DL: C-1937/99).


**AURIA**

(ISSN: 1138-0837) (DL: OU-46-97).

Publicación mensual, distribuída gratuitamente co xornal La Región o derradeiro domingo de cada mes, que naceu en marzo de 1997 ao saír do prelo o seu número 0 co título de Auria (Revista mensual de Caixa Ourense). Este nome trocou en agosto de 1999-numero 28-, ao comezar o proceso de fusión das Caixas do Sur de Galicia, quedando como Auria (Revista mensual de Caixavigo e Ourense); en xullo de 2000-numero 39- pasou a titularse Auria (Revista mensual de Caixanova) pero dende setembro de 2008-numero 137- presenta o seu actual título Auria. Estivo sempre editada por La Región en colaboración con Caixanova e mais coa Consellería de Cultura e Deporte da Xunta de Galicia até febreiro de 2008 (n.º 130); dende marzo de 2008 (n.º 131) até agosto de 2008 (n.º 136) seguíu só coa colaboración de Caixanova mais dende setembro de 2008 (n.º 137) só participa na súa edición La Región. A colaboración institucional retomouse en febreiro de 2009 (n.º 142) coa Deputación de Ourense, acrecentada en maio de 2009 (n.º 145) co Concello de Ourense e mais en agosto de 2009 (n.º 148) con Caixanova, se ben desde dezembro de 2010 (n.º 164) baixo o nome de Novacaixagalicia. Tivo a Alfonso Sánchez Izquierdo como director dende a súa fundación até agosto de 2008 (n.º 136) cando pasou a ser Xosé Pastoriza Martínez, a José Luis Outeiriño Rodríguez como editor dende a súa fundación, a Antonio Piñeiro Feijoo como director de cada edición dende agosto de 2000, e conta ademais cun amplio aban do de colaboradores dos máis diversos campos. Cada número conta cunha “Agenda” que dá conta dos principais fitos e actividades culturais: teatro, conferencias, exposicións, música, etc., e desde setembro de 2004 (n.º 89) cada número comeza cun texto en español titulado “Firma invitada”. Despois disto aparecen artigos, con abondoso apoio fotográfico, que tocan variados temas de lecer, especialmente referidos...
ao turismo, natureza, música, tradicións, cine, fotografía, cultura, etc. Até setembro de 2008 (n.º 137) pechábase cun apartado que falaba especificamente das noticias económicas e institucionais de Caixanova. Dende maio de 2007 (n.º 121) conta cun renovado maquetado e deseño e con presenza de textos en língua galega case nula, tendencia que comezou a cambiar en 2009. Ao longo de 2010 publicárонse 12 números, concretamente dende o número 153 ao 164. Cómpre sinalar que dende febreiro de 2010 (n.º 154) conta na portada cun logotipo conmemorativo do centenario do xornal ourensán La Región e mais que todos os números publicados en 2010 contan coa sección “Poesías de Auria” que recolle textos literarios en galego e en español. Na sección “Literatura” no número 156 reproducéncelle dous poemas titulados “I” e “II”, de Manuel Curros Enríquez sobre a chegada da locomotora a Ourense; no 157 o texto poético “Beira das augas do craro Miño...”, de Valentín Lamas Carvajal; no 158 “Vamos Ourense pra ver a ponte...”, de Valentín Lamas Carvajal, do libro Ourense, craro río, verde val (a cidade na voz dos seus poetas) (2001), unha escolma de Marcos Valcárcel; no 159 o texto poético “Escoita”, de Xosé Conde, aparecido no poemario Os meus cantiles (1981); no 160 o poema “Ourense”, de Perfecto Sulleiro, tirado de Á beira do vida. Pequenas e tenras lembranzas (1993); no 161 o poema “Cos húmidos zapatos fixen noite en Ourense...”, de Miro Villar, pertencente a Ausencias pretéritas (1992); no 163 o texto poético “San Trocado”, de Víctor Campio, do poemario Perdida Luz (2000); e no 164 “Palabras para ti”, de Edelmiro Vázquez Naval, d’As luces de noutrora (2011). Os artigos relacionados coa literatura galega son descritos nos apartados correspondentes deste Informe. 

BARBANTIA. Anuario de Estudos do Barbanza (ISSN: 1889-0946) (DL: C-2792-05).

**estadia no inferno** (1873), de Arthur Rimbaud, xunto a súa versión en francés e a tradución ao galego realizada por Eme Cartea e “Algunhas puntualizacions” á poética, versificación, ritmo e arte de Rimbaud.

**Referencias varias:**


Coméntase a edición, por parte da Asociación Cultural Barbantia de Boiro, do número correspondente ao 2010 deste *Anuario*, coordinado por Manuel Cartea e Alberto Piñeiro, que conta con traballos sobre historia, literatura, economía, música, na súa maior parte de interese local. Destácase, ademais, o estudo de P. Sampedro sobre os libros de Novoneyra para a infancia e unha das seccións, “Aires de fóra”, na que se dan a coñecer versións en lingua galega de autores estranxeiros, inserindo tamén o texto orixinal.

**BARSOWIA**

(ISSN:1887-6226)

Fanzine editado polo colectivo de autores galegos de banda deseñada Polaqia, fundado en 2001 e integrado por David Rubín, Kike Benlloch, Sergio e Hugo Coveló, Emma Ríos, Álvaro López, Luís Sendón, Jose Domingo, Bernal, Brais Rodríguez, Roque Romero e Diego Blanco. En 2008 Jose Domingo substituíu na presidencia do colectivo a Hugo Coveló. A publicación ten no seu haber o Premio do Público ao Mellor Fanzine de España en 2005, o Premio do Salón Internacional do Cómic de Barcelona como Mellor Fanzine de España en 2006, o Premio do Salón de Barcelona 2007 e o Premio Ourense 2007. Ao longo de 2010 publicouse o número 15 (agosto 2010), cuxa portada é de Fernando Iglesias “Kohell” e Kike Benlloch, e que recolle creacións de dezanove autores de Galicia, España e o estranxeiro. Nel inclúense historietas firmadas por Diego Blanco, Manel Cráneo e Kike Benlloch; Hugo Coveló e Dylan Horrocks; Brais Rodríguez; Luis Sendón e Iván Serrano; Martín Romero; e R.E.M.

**Referencias varias:**


Breve nota que dá conta das novidades editoriais que se presentarán no Salón “Viñetas dende o Atlántico” da Coruña, entre as que se atopa o número 15 de *Barsowia*.


Dáse conta da saída do prelo da décimo quinta entrega de *Barsowia*, revista que acolle os mellores debuxantes da banda deseñada española contemporánea e os veteranos, con temáticas e estéticas diferentes.
**BD BANDA**  
(Vg- 325/07)


**Referencias varias:**


Breve nota que dá conta das novidades editoriais que se presentarán no Salón “Viñetas dende o Atlántico” da Coruña, entre as que se atopa o especial de *BDbanda* sobre *As serpes cegas*.

**BOLETÍN GALEGO DE LITERATURA**  
(ISSN: 0214-9117) (DL: C-641-1989).

Revista de periodicidade semestral dirixida por Anxo Tarrío Varela dende a súa aparición en 1989. Trátase dunha publicación da Universidade de Santiago de Compostela subvencionada pola Xunta de Galicia e na que colaboraron diversas institucións até que a partir do ano 1998 colaboran Ámbito Cultural/El Corte Inglés, que a subvenciona. Acolle artigos de crítica e historiografía sobre calquera literatura do mundo e tamén traballos de investigación en Teoría da Literatura, Crítica Literaria, Poética, Retórica, Hermenéutica, Semiótica, etc., é dicir, todo un amplio campo de coñecemento de tan longa tradición como o desenvolvido ao redor do feito literario nun senso amplo. Consta dun consello científico no que figuran catedráticos de universidades de todo o mundo; dunha secretaría da que formaron parte sucesivamente Xosé Luis Sánchez Ferraces, Miguel-Anxo Seixas Seoane, Blanca-Ana Roig Rechou,

Referencias varias:


Infórmase da tradución, a cargo de Enar de Dios Rodríguez e incluída nunha separata do Boletín Galego de Literatura, cunha introdución de Manuel Outeiriño, de Caderno dun retorno ao país natal, longo poema do poeta e político africano Aimé Césaire.

CASAHAMLET. Revista de teatro

Revista anual de teatro, dirixida por Francisco Pillado Mayor. Botou a andar en 1999 co apoio da Deputación Provincial da Coruña. No seu consello de redacción figuran Santiago Fernández, Manuel Lourenzo e Xesús Pisón e, como novo membro desde o ano 2003, Isaac Ferreira, que pasou a ser director no número 10. Até o número 9 estruturábase en catro seccións: “Editorial”, “Colaboracións”, “Creación” e “Documentación” e o resto eran variábeis, artellándose monográficamente ao redor dunha sección de teoría, seguida da presentación de textos dramáticos. No ano 2007, na súa estruturación cambiouse o apartado “Colaboracións” por “Teoría”. No ano 2010 publicouse o número12 (maio 2010) que na sección “Creación” acolleu as seguintes pezas dramáticas: Liturgia de Jerusalém, de Marcos Abalde Covelo, acompañada dunha ilustración de Miguelanxo Varela; Servizos, de Eva F. Ferreira, cunha ilustración de Xesús Pisón; Nulla dies sine linea (Jacques Le Fataliste, de Denis Diderot), de Teresa González Costa, cunha ilustración de Jacobo Fernández; Peter Pan no cabo do mundo,
de Carlos Labraña, acompañada dunha ilustración de Xosé Cobas; *A muller da Xanela (Dexanira)*, de Manuel Lourenzo, con ilustración de Paula Alvite; *Azrael*, de Jacobo Paz, con ilustración de Miguelanxo Varela; *Absolut Wonderland: fantasía macerada nunha botella de vodka*, de Olivia Pena, con ilustración de Ana Pillado Vega; *Mala estrela*, de Gustavo Pernas Cora, con ilustración de Maria Alcañiz; *Pez de Frankenstein*, de Xesús Pisón, con ilustración de Xusto Moreda; *Venecia é un espello*, de Rubén Ruibal, con ilustración de Alberto Carpo; e *Vampira*, de Roi Vidal, con ilustración de Alicia Puchades. Os artigos relacionados coa literatura galega son descritos nos apartados correspondentes deste Informe.

**Referencias varias:**


Coméntase o décimo primeiro número desta revista, dedicado a obra dramática, non teatral, de Xesús Pisón. Indicase que nel se ofrece un percorrido ao redor da biografía e bibliografía do autor, se dan as claves para entender a súa obra e a súa épica e se recollen tres textos seus: *A vía láctea, Os ollos e Animal/vacio*, dos que se achega o seu argumento. Reivindícase tamén que se dea a coñecer ao grande público esta parte da obra de Pisón, a través dunha estrea institucional.


Coméntase a décimo segunda entrega da revista *Casahamlet*, na que se atopa reflexión, fondura e sentido filosófico, así como compromiso. Apúntase tamén que neste número están colaboradores habituais.


Saliéntase o estudo da filóloga galego-portuguesa Cilha Lourenço Módia, “Teatro Circo. Tres textos”, presentado no undécimo número da revista *Casahamlet*, un traballo “somero y conciencudo”, no que se achegan tres textos, “Crónica del sol de invierno”, “Hipólito” e “Erros e fervor de Pedro Madruga”.

**DORNA.** Expresión Poética Galega

(ISSN: 0213-3806) (DL: C-94-1982).

Publicación que comezou a súa andaina como revista poética o 17 de maio de 1981, baixo a coordinación de Luís González Tosar “Che”, Manolo Loxo e Suso Molanes, editada pola Asociación Dorna. A partir do número 2, a súa publicación foi asumida polo Departamento de Filoloxía Galega da Universidade de Santiago de Compostela, en colaboración coa Consellería de Educación e Ordenación Universitaria da Xunta de Galicia. Henrique Monteagudo, Dolores Vilavedra, Xosé Manuel Salgado, Miro Villar, Mª Xesús Nogueira e, dende o ano 2001, Inmaculada López Silva, no lugar de Iris Cochón, compoñían o comité de redacción, mentres que Ramón Lourenzo ocupaba o


**ESCRITA CONTEMPORÁNEA**

(ISSN: 1889-9579) (DL: VG-1293-2005)

Revista da Asociación de Escritores en Lingua Galega (AELG) que naceu no ano 2005 coa intención de ser instrumento de normalización cultural e literaria para que tamén os escritores participen na construcción dunha literatura nacional. A súa coordinación e estrutura é diferente en cada número, pois xeralmente ten carácter monográfico. No ano 2010 editouse o número monográfico N que recolle as actas das IIIª Xornadas de Literatura de Tradición Oral, coordinado por Isidro Novo e Antonio Reigosa. Este número describese no apartado dedicado á Literatura de transmisión oral neste Informe.

**FADAmorgana**


Esta publicación naceu no ano 1999 co obxectivo de encher certos baleiros de
información entre os encargados de achegar os rapaces á lectura e ao libro; en canto á crítica, estudo e reflexión sobre os camiños que se ian trazando nese eido; e para estar cabo das restantes producions literarias. Estaba dirixida por Xosé A. Neira Cruz e conta cun consello de redacción formado por Marilar Aleixandre, Xabier Cid, Xabier P. Docampo, Agustín Fernández Paz, Manuel Figueiras, Ánxela Gracían, Mayte Leis, Xosé A. Neira Cruz, Cristina Novoa, Antonio Reigosa, Magdalena de Rojas, Pilar Sampedro, Gloria Sánchez e Miguel Vázquez Freire, así como cunha coordinadora de redacción que foi Montse Pena. Consta das seguintes seccións: “Fadario”, “A ilustradora”, “Des-pezas”, “Novidades” “Adiantos” e “Diario de morgana”. Deixouse de publicar no ano 2007.

FERROLANÁLISIS. Revista de pensamiento y cultura (ISSN: 1576-4540) (DL: C-1106-1990// C-1873-03).


Referencias varias:


Dáse conta da publicación do caderno de Ferrolanálisis, O humor desde Ferrol: Siro e Xaquín Marín, no que se acolle a obra máis destacada destes dous artistas coetáneos ferroláns. Indícase que a publicación inclúe caricaturas de Siro e mostras do humor.
gráfico de Xaquín Marín e que se reproducen textos de autores como Domingo García-Sabell, Carlos Rodríguez Solvar e fotografías de persoas como Ramón Piñeiro.


Entre outros temas, incide en que o Club de Prensa publica *Ferrol Análisis*, revista da que destaca que é “unha das mellores do panorama ibérico, tanto polos contidos como pollo perfecto acabado”.

**FESTA DA PALABRA SILENCIADA.** Publicación Galega Feminista (ISSN:1139-4854) (DL:VG-241-1983).


**Referencias varias:**


Con motivo da conmemoración do vinte cinco aniversario da creación da revista *Festa da palabra silenciada*, faise un percorrido pola historia desta publicación, que se define como un foro de opinión, investigación e creación sobre mulleres e de mulleres. Coméntase que un dos logros máis importantes da revista, escrita integralmente en galego, é a visibilización das escritoras.


Coméntanse brevemente algúns dos traballos do último número da revista, no que se conmemora os vinte e cinco anos da publicación, que se mantén grazas á colaboración da Concellería de Igualdade de Vigo, ao apoio do grupo Feministas Independentes.
galegas e ao traballo da súa directora María Xosé Queizán. Con respecto ao ámbito literario, destácase o impulso que a revista deu ao xénero ensaístico, o apoio a renovación poética galega dos anos noventa, así como a introdución das narradoras contemporáneas.


Achega ao contexto no que xurdiu e se desenvolveu esta revista con motivo da publicación do vixésimo quinto número (2009), da que considera que é un estexo do pensamento feminista en Galicia. Evoca a figuras femininas galegas relevantes, como Rosalía de Castro e Concepción Arenal que tiveron que enfrontarse cunha sociedade machista, que ao longo do século XX viu como evolucionaba até a creación da Asociación Galega da Muller (1976), que se escindiu dous anos despois nas Feministas Independentes Galegas, o que revela a puxanza do movimiento, que converteu a revista no seu veceiro cultural. Salienta a dilatada traxectoria da publicación e a través dos contidos que deu ao prelo durante os vinte e oito anos sobracéase o seu labor de desmontar e reconstruír os textos fundacionais da nación e de acoller textos de creación e ensaísticos cos que cuestionou os códigos globais da cultura. Tamén chama a atención sobre o avanzado dos contidos e a propagación de ideas hoxe plenamente aceptadas, que a converteron co paso do tempo nunha referencia, nun órgano que foi evolucionando co paso do tempo e que se situou sempre ao lado da transmodernidade. Entre os proxectos de futuro sinala o reto de dixitalizar os fondos da revista.

**GALEGOS**
(ISSN: 1889-2590) (DL: VG 549-2008)


**GALICIEN MAGAZIN**
(ISSN: 1433-2647).

**GALIMATÍAS**  
(D.L. C 925-2009)

Publicación quincenal de dezaseis páxinas nacida en abril de 2009 distribuída de forma gratuita en Galicia cos xornais *El Correo Gallego e El Mundo*, editada por El Patito Editorial e incluída no programa de dinamización lingüística da Xunta de Galicia “Boca aberta”. Conta coa dirección de Gemma Sesar e a dirección artística de Fausto Isorna. Ao longo de 2010 empezou a segunda época da publicación a partir do mes de setembro e publicáronse os números: 21 (3 de setembro), 22 (17 de setembro), 23 (1 de outubro), 24 (15 de outubro), 25 (29 de outubro), 26 (12 de novembro), 27 (26 de novembro), 28 (10 de decembro) e 29 (24 de decembro). Neles, ademais de concluír a serie “Vento do norte”, con debuxos de Alex Cal, cor de Renato Faccini e guión de David DiGilio, publicáronse por entregas: “A mansión dos murmúrios”, debuxada por Tirso Cons, con cor de Javi Montes e guión de David Muñoz; e “Carapuchiña vermella”, con guión de Martin Powell e debuxos de Víctor Rivas.

**Referencias varias:**


Inforámase sobre o acto de presentación no Salón “Viñetas desde o Atlántico” da segunda tempada da revista de cómic *Galimatías*, que constará doutros vinte números quincenais e gratuitos distribuídos por *El Correo Gallego*, coa axuda da Xunta de Galicia. Recóllense as palabras da directora da publicación, Gemma Sesar, quen sinalou que a tirada ascende a 30.000 exemplares; de Carlos Portela, quen valorou positivamente a traxectoria da publicación; e de Anxo Lorenzo, secretario xeral de Política Lingüística, quen declarou que se trata dunha proposta moi interesante que vai dirixida á mocidade e conta co apoio dunha paxina en liña.


Realízase unha crónica da segunda xornada do Salón do Cómic da Coruña “Viñetas desde o Atlántico”, na que se detallan os contidos da charla impartida por Jaume Vaquer sobre a tira de prensa, e a dos creadores cataláns Raule e Roger. Ademais, recóllese a presentación da segunda tempada da revista *Galimatías* na que Carlos Portela destacou a calidade da publicación e Anxo Lorenzo, secretario xeral de Política Lingüística, considerouna un instrumento para a dinamización da lingua.


Resúmense as declaracións vertidas por Anxo Lorenzo, secretario xeral de Política Lingüística, no acto de presentación da revista *Galimatías* no Salón do Cómic da Coruña “Viñetas desde o Atlántico”, ao redor do decreto do galego.
GRIAL. Revista Galega de Cultura
(ISSN: 0213-3806) (DL: C-94-1982).


Referencias varias:


Entre outras actividades, anunciase a presentación na Feira do libro da Coruña do número 186 da revista Grial, dedicada á figura de Luís Seoane.
Coméntase que a nova entrega da revista *Grial*, que fai o número cento oitenta e seis, se centra en boa parte na figura poliédrica de Luís Seoane. Indícase que conta con achegas de Ramón Villares, que analiza a relación do artista cos galeguistas galegos do interior; de Silvio Dolinko, que estuda a súa proxección no contexto cultural porteño; e de Xosé Díaz, que se ocupa da súa producción gráfica.

Infórmase, entre outras novas, da saída ao prelo do último número da revista *Grial*, centrado na figura de Luís Seoane. Coméntase que conta con tres estudos de Ramón Villares, Silvia Dolinko e Xosé Díaz, nos que se afonda na relación que o artista mantivo cos galeguistas do interior e o seu traballo en edicións culturais arxentinas, así como no Laboratorio de Formas, respectivamente. Asemade, coméntanse outros temas tratados nesta entrega da revista.

Dáse conta dos contidos do número cento oitenta e seis da revista *Grial*, na que se conmemora o nacemento do polifacético creador Luís Seoane. Saliéntase o editorial de Víctor Freixanes, na que se achega unha panorámica cultural do século XX, que se detén na explicación da situación de posguerra. Destácase o estudo de Ramón Villares “Héroes calados”. As relacións de Luís Seoane con galeguistas do interior. 1946-1960”; e os outros dous, asinados por Aires Silvia Dolinko e Xosé Díaz, que tratan a dimensión artística de Seoane. Por outra banda, describense brevemente os demais contidos desta entrega.

nas novidades editoriais. No ano 2010 saíron do prelo os números 40 e 41. Os artigos relacionados coa literatura galega están descritos nos apartados correspondentes deste Informe.

Referencias varias:


Informése da presentación dun novo número desta revista da Biblioteca do Seminario Diocesano de Lugo, no que se tratan asuntos como o papel de Elías Valiña no auxo do Camiño, a dimensión social das caixas de aforro galegas ou a minaría na provincia de Lugo.


Referencias varias:

Refírese brevemente á revista Madrygal, dirixida por Carmen Mejía, na que segundo se conta, teñen cabida artigos, crónicas, páxinas de creación literaria, recensións e unha entrevista a Fermin Bouza Álvarez.

**MALASARTES.** Cadernos de Literatura para a infancia e a juventude (ISSN: 0874-7296) (DL: 144641/99).


**Referencias varias:**


Eloxia esta revista sobre a literatura infantil e xuvenil, escrita ao cincuenta por cento en galego e portugués, destacando o labor do seu director José António Gomes, da súa subdirectora Blanca-Ana Roig, do director artístico António Modesto, así como do comité científico. Comenta que a publicación acolle entrevistas con creadores, textos orixinais, estudios profundos sobre Literatura Infantil e Xuvenil, experiencias creativas, prácticas lectoras, referencias a coleccións literarias e críticas de libros.


Como apoio á historia da Literatura Infantil e Xuvenil que semanalmente se desenvolve nesta sección, os membros de ELOS salientan as revistas que foron recensionadas nesta páxina ao longo de 2010, caso de Malasartes que acelga traballos multidisciplinares e cobre baleiros ao tempo que visibiliza, promove e recoñece a Literatura Infantil e Xuvenil.
Edición facsímile do primeiro número da revista Nós, publicada en Ourense e que vira a luz o 30 de outubro de 1920. Esta edición facsimilar publicouna o concello de Ourense o 30 de outubro de 2010 co gallo do XC aniversario da saída do prelo do número príncipeps da revista. Conta cun prólogo titulado “Proemio: eis acesa a chama áurea na nación-cultura galega”, obra de Camilo Fernández Valdehorras, onde realiza unha aproximación histórica á revista Nós, cualificada como “un dos máis valiosos símbolos hemerográficos do patrimonio da Galiza contemporánea” e onde comenta os alicerces intelectuais sobre os que se asenta esta revista. A seguir aparece a reproducción facsimilar do primeiro número de Nós, que conta con ilustracións e con abondosa publicidade en lingua galega, incluso de obras literarias como Teoría do Nacionalismo Galego (1920), de Vicente Risco; Do ermo (1920), de Antonio Noriega Varela e A carón do lume (1918), de Xavier Prado Lameiro. Presenta as seguintes colaboracións: “Primeiras verbas”; o poema “Fala do sol”, de Teixeira de Pascoaes; “O sentimento da terra na raza galega”, de Vicente Risco; “Poetas de Galizia”, de Phileas Lebesgue; “Dos nosos tempos”, de Florentino L. Cuevillas; “O probrema do traballo en Galicia”, de Arturo Noguerol Buján; “Archivo filolóxico e etnográfico de Galizia” e mais “Os homes, os feitos, as verbas”.

Referencias varias:


Dáse conta da apresentación desta edición facsímile no concello de Ourense nun acto no que estiveron a concelleira de Cultura do Concello de Ourense, Isabel Pérez, xunto con Francisco González e mais Luís Martínez Risco. Indícase que terá unha tiraxe de mil exemplares e coméntase que neste acto se presentaron outros actos relacionados coa revista Nós.


Infórmase do manifesto asinado polas fundacións Losada Diéguez, Vicente Risco, Castelao, Otero Pedrayo, Penzol e Isla Couto, con motivo da conmemoración do noventa aniversario da revista Nós.


Fálase do noventa aniversario do nacemento da revista Nós e da homenaxe que lle rendeu o Comité Cívico Ourensán Aberto aos intelectuais que a sacaron adiante. Indícase que a publicación foi comandada por Vicente Risco, Alfonso Daniel Rodríguez Castelao e Ánxel Casal. Coméntase que posteriormente Xosé Luis Méndez Ferrin
celebrou un acto onde “os académicos destacaron o labor da revista a favor do logocentrismo e ou etnocentrismo galego” así como da lingua, o pobo e a patria. Apuntes que as persoas asistentes fixéronse cun exemplar da edición facsimilar do primeiro número da revista.


Destácase a intervención de X. L. Carrión no acto de conmemoración do noventa aniversario da revista *Nós*, no edificio Simeón, dedicada aos anunciantes do primeiro número desta publicación, que se recordan tamén neste artigo.


Entrevista co director da Editorial Galaxia, Víctor Freixanes quen, co gallo da conmemoración do noventa aniversario da revista *Nós*, comenta a orientación desta publicación, que representa a apost pola modernidade da lingua e cultura galegas, abertas ao mundo. Asemade recóllese que destaca a súa interdisciplinaridade.

**O OLLO PÚBLICO.** Revista das artes  


**RAIGAME.** Revista de arte, cultura e tradicións populares (ISSN: 1136-3207) (DL: OU-75/95).


**Referencias varias:**


Dáse conta do acontecido na presentación do monográfico dedicado a Uxío Novoneyra que edita a revista Raigame. Sublíñase asemade a “excelencia” dos contidos do número trinta desta publicación, e saliéntanse dúas investigacións: “Os cabeceiros de madeira no Eo-Navia”, de Carlos Xesús Varela Aende e “Os apuntamentos sobre a lírica de Emílio Pita”, de José Ángel García López.

**RETRANCA** (ISSN: 1888-1971) (DL: Vg 1017-2007).

Revista que edita Retranca Editorial desde novembro de 2007 e acolle historietas curtas e humorísticas relacionadas coa actualidade galega, que pasou de ser mensual a bimestral a partir do número 22 (outubro-novembro 2009). O seu director é Kiko da Silva e conta cunha ampla nómina de colaboradores: Guitián, Mel, Leandro, Pinto&Chinto, Xaquin Marín, Luís Davila, Fernando Iglesias (Kohell), Colectivo Pestinho + 1, J.L. Rubiño, Andrés Meixide, Malagón, Rei Zentolo, Juan Silva, Branda, Miguelanxo Prado, Xosé Lois, Alberto Montt, Bernal, Óscar Villán, Jerónimo Piñeiro, Miguel Fernández, Manuel Lourenzo González, Xosé Manuel Fernández, Carlos López, An, Manuel Jabois e o propio Kiko da Silva. A publicación recibiu en 2010 o Premio Ourense á Mellor Iniciativa de Banda Deseñada e celebrou no mes de outubro o seu terceiro aniversario cun acto no Café Moderno de Pontevedra. Corresponden a 2010 os números 23 (decembro-xaneiro), dedicado ao Xacobeo; 24 (febreiro-marzo), dedicado á fusión das caixas galegas e á problemática lingüística suscitada polo decreto do galego;
25 (abril-maio), con chistes sobre Rosa Diez; 26 (xuño-xullo), arredor das medidas contra a crise de Zapatero; 27 (agosto-setembro), dedicado á baixa natalidade en Galicia; 28 (outubro-novembro), especial visita do Papa; e 29 (decembro-xaneiro 2011), dedicado a Feijoo.

Referencias varias:


Despois dunha panorámica sobre a situación do humor gráfico na prensa actual, achegando as opinións de debuxantes como Santy Gutiérrez, Xaquín Marín, Kiko da Silva, Pepe Carreiro e do investigador Alberto Pascual Carballo, quen publicou Humor gráfico galego. Da transición ao século XXI (2009), no que ofrece unha análise de tres revistas galegas de humor xa desaparecidas, Can sen Dono, Xo! e Sapoconcho. Coméntase que Retranca, despois de catro anos na rúa, cunha tirada de cinco mil exemplares, recolleu o testemuño destas publicacións.


Breve nota que dá conta das novidades editoriais que se presentarán no Salón “Viñetas desde o Atlántico” da Coruña, entre as que se atopa o número 27 da revista Retranca.


Dáse conta do conflito xurdido entre a dirección da revista Retranca e a Imprenta Jiménez Godoy, ante a negativa desta empresa de facilitar á distribuidora os exemplares do último número da publicación, no que se crítica o excesivo gasto que vai supoñer a visita papal a Galicia.


Infórmase da saída do prelo do último número de Retranca, tras problemas pola negativa da empresa encargada da súa impresión de entregar a tirada á empresa distribuidora, alegando a súa moral cristiá, xa que o último número da revista satiriza a visita do papa a Galicia.


Dáse conta da presentación do accidentado número vinte e oito de Retranca, no tradicional cabodano que celebra o equipo da revista no Café Moderno. Coméntase que neste número participan os autores habituais.

- Ch. L., “‘Retranca’ celebra su tercer aniversario y la salida del número que una empresa se negó a imprimir”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 31 outubro 2010, p. 61.
Infórmase da celebración do terceiro aniversario de *Retranca* e da saída á rúa do último número da publicación. Recóllense as palabras do seu director, Kiko da Silva, quen salientou as mensaxes de apoio que recibiron, ante a negativa da imprenta murciana coa que traballaban de facilitar a distribución do número dedicado á visita do Papa.

**REVISTA DE ESTUDOS ROSALIANOS**


**REVISTA GALEGA DE EDUCACIÓN**

(ISSN: 1132-8932) (DL: C-22/1986).

Revista de periodicidade irregular que mantén un carácter educativo e interdisciplinario, que comezou a súa andaina no ano 1986 e que interrompeu a súa edición no ano 2002. É unha publicación da Nova Escola Galega, dirixida por Manuel Bragado Rodríguez, na súa primeira xeira, e editada por Edicións Xerais de Galicia. Na segunda xeira, que comezou no 2006, está dirixida por Suso Rodríguez e conta cun consello de redacción composto por Antón Costa Rico, Carmen Díaz Simón, Manuel González Seoane, Xulio Pérez Pérez, Ana Mª Pose Blanco, Xosé Ramos Rodríguez, Miguel Vázquez Freire, Francisco Veiga García e Mª Helena Zapico Barbeito. Cunha periodicidade de tres números anuais publicase coa intención de constituir un material de axuda para os profesionais da educación e ser expoñente das súas necesidades e problemas, ademais de promover a actividade docente. Nela participan profesores das tres universidades galegas de Ciencias da Educación, xunto cun amplo grupo de profesionais do ensino. A revista conta con numerosas seccións, entre as que se salientan: “O tema”, parte monográfica que trata unha temática diferente en cada número, “Entrevista”, “Novas tecnoloxías”, “A escola rural”, “Experiencias”, “Recursos do contorno”, “Pais e nais”, “Xoguetainas e brinquetainas”, “Estudos e informes”, “Panoraula” e “Recensions” ou “Reseñas”. No ano 2010 publicáronse o número 46 (abril), o 47 ( xuño) e o 48 ( decembro) que na sección monográfica trataron respectivamente “Aulas hospitalarias”, a “Música tradicional” e “As bibliotecas escolares”. Os artigos que fan referencia á literatura galega son descritos nos apartados correspondentes deste Informe.

Referencias varias:


1959
Recóllense as opinións de Xesús Rodríguez, director da Revista Galega de Educación e de Yesica Teijeiro, encargada de coordinar o número monográfico 46, dedicado ao mundo das aulas hospitalarias.

**REVISTA GALEGA DE FILOLOXÍA**  

Publicación do Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística da Universidade da Coruña, de periodidade anual e que iniciou a súa andaina no ano 2000. O seu director é Xosé Ramón Freixeiro Mato, o subdirector Manuel Ferreiro e o secretario Xosé Manuel Sánchez Rei. O consello de redacción está formado por Manuel Fernández Ferreiro, María Pilar García Negro, Xoán Carlos Lagores, María Aldina Marques, Xoán López Viñas, Anxo M. Lorenzo Suárez, Goretti Sanmartín Rei e Xavier Varela Barreiro. Como formantes do comité científico aparecen Evanildo Bechara, Ataliba T. de Castilho, José Luiz Fiorin, Rafael Lluis Ninyoles, Andrés Pociña, Álvaro Porto Dapena, José Luis Rodríguez, Sebastiá Serrano, Telmo Verdelho, Mário Augusto do Quinteiro Vilela e Roger Wright. A revista divídese nos apartados “Artigos” e “Recensións” que no ano 2008 se ampliaron cun terceiro denominado “Notas”. No apartado final aparecen as normas para a presentación de traballos e apúntase que se consagra “á publicación de traballos de investigación que desenvolveren algún aspecto lingüístico ou filolóxico do ámbito galego-portugués, como tamén á promoción e coñecemento da lingua no seo da sociedade. Do mesmo xeito, recensións de obras que tratan algún tema relacionado coa lingüística en xeral, ou coa galega e portuguesa en particular, serán obxecto de consideración para seren publicadas”. No ano 2010 publicouse o n.º 11. Os artigos referidos á literatura galega atópanse nos apartados correspondentes deste Informe.

**REVISTA GALEGA DE TEATRO**  

“danza”, “Documentos” e “Espectáculos” sen unha estrutura estábel e variando a súa aparición. Todos os números inclúen un caderno numerado, co título de “Textos teatrais”, no que a revista dá a coñecer distintas pezas teatrais, con frecuencia traducións ao galego. Todos os números inclúen un caderno numerado, co título de “Textos teatrais”, no que a revista dá a coñecer distintas pezas teatrais, con frecuencia traducións ao galego. No ano 2010 apareceron os números 62 (primavera), 63 (verán), 64 (outono) e 65 (inverno). Na sección “Textos teatrais”, no número 62, aparece unha peza de Gustavo Pernas Cora, Colgados; no número 63, A muller que perdía todos os avións, de Joseph Maria Miró; e no número 64, Por que as acacias non han dar xarope?, de Luis Araújo. Os artigos referidos á literatura galega atópanse nos apartados correspondentes deste Informe.

Referencias varias:


Entrevista con Antón Lamapereira, director da Revista Galega de Teatro, quen comenta a agradábel sorpresa da concesión do premio que outorga o Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral (Celcit) a esta publicación. Asemade opina sobre a situación de ameaza na que se atopa a revista, despois da retirada do apoio económico que percibían da Consellería de Cultura.


Infórmase da situación de ameaza na que se atopa a Revista Galega de Teatro, única publicación en língua galega especializada no campo das artes escénicas, ante a retirada da subvención da Consellería de Cultura.

REVISTA DE NEDA. Anuario Cultural do Concello de Neda (ISSN: 1139-1154) (DL: C-837/98).

Revista de periodicidade anual, editada polo Concello de Neda e dirixida por Manuel Pérez Grueiro, que pretende dar a coñecer a historia, a etnografía e a cultura deste concello. Conta con grupo numeroso e heteroxéneo de colaboradores, denominado Colectivo Libunca, ademais doutras firmas individuais entre as que salientan Manuel Pérez Grueiro, Xosé Neira Vilas, Vicente Araguas e Fernando Dopico Blanco, entre outros. Consta das seguintes seccións: “Homenaxes e lembranzas” e “Humanidades”. No ano 2010 publicouse o número 12 que na sección de “Humanidades” reproduce os relatos “Exit” (pp. 63-65), “Onde a ponte que xa non leva, como levaba, os animais totémicos dos Andrade” (pp. 65-67), “Austin of England” (pp. 67-68) pertencentes a Xuvia-Neda (2010), de Vicente Araguas. Os artigos referidos á literatura galega atópanse nos apartados correspondentes deste Informe.

SERENDIPIA. V.O. Comunicación&cultura (ISSN: 1887-3138) (DL: C 3262-2006).
Revista bilingüe (galego-castelán) de periodicidade bimestral editada por Dardo ds dende o ano 2006, empresa editorial dedicada tamén ao deseño gráfico e á creación de páxinas en liña. O seu nome obedece a un neoloxismo que sinala unha alianza coa sorte e certo senso de sorpresa que “intenta reflectirse na orixinalidade dos artigos propostos e nunha imaxe coidada”. Pretende ser un instrumento independente dos poderes político e económico e plural ao servizo dos intelectuais. Os artigos están escritos en galego ou castelán indistintamente e abranguen temas de arquitectura, arte contemporánea, tendencias, literatura, cine, música, artes escénicas e outras manifestacións como a economía e a política. O primeiro número tiña como director a Xoán Barro, como subdirectores a Pablo G. Quintas e Luís Vázquez-Pena e un Consello asesor, formado por David Barro, Patricia Dopico, Conchi Mayo, Basilio Pampín e Carlos Teijo e Daniel Salgado. Nos números 2 e 3 a dirección correu a cargo de Pablo G. Quintas e Luís Vázquez-Pena e a revista contou cun Consello asesor, formado por David Barro, Xoán Barro, Patricia Dopico, Conchi Mayo, Basilio Pampín e Carlos Teijo. A partir do número 5 apareceu como redactor xefe Rubén Blanco Hervés e non hai consello asesor. Non está estruturada en secións fixas, senón que se suceden os artigos, entrevistas e reportaxes sobre arte, literatura, cine e música. No número 6 (12 de 2007 a 02 de 2008) comezou unha nova etapa, cambiando a súa periodicidade, “cun novo formato, con máis do dobre de páxinas e cun verdadeiro sentido temático que fará que cada número teña un coordinador editorial dependendo do tema a tratar”. No ano 2010 non se publicou ningún número. Os artigos referidos á literatura galega atópanse nos apartados correspondentes deste Informe.

**TABOADA, A.** Revista das asociacións culturais de A Cabana e O Meigallo (ISSN: 1577-9483) (DL: PO-109/00).


**Referencias varias:**


Reprodúcese o parágrafo co que comeza o relato “Profesionais”, de Xosé Monteagudo, feito ex profeso para a revista A Taboada. Asemade dásese conta do título dos demais artigos e do nome do resto de colaboradores do número quinze desta revista.

**TEMPOS NOVOS.** Revista mensual de información para o debate (ISSN: 1137-6945) (DL: C-588/97).

Referencias varias:


Entrevista ao director de Tempos Novos, Luís Álvarez Pousa, na que explica a visión pesimista no tocante á sociedade civil, ofrecida no Informe Galicia 2010, xustificada pola ausencia dun poder político que asuma o país como proxecto de futuro. Reclama asemade un pacto pola língua, opina sobre a situación actual dos medios xornalísticos en galego e explica que Tempos Novos resiste porque fixeron un estudo de viabilidade ao que se adaptaron.


Revista de pensamento crítico, editada por Sotelo Blanco Edicións, de periodicidade trimestral. Foi fundada en 1990. O seu director é Xosé Luís Méndez Ferrín. Conta cun consello de redacción formado por Miguel Anxo Seixas, Francisco Sampedro, Antón

UNIÓN LIBRE (ISSN: 1137-1250) (DL: C-1668-1996).

Revista cultural publicada por Edicións do Castro, de periodicidade anual. Fundada en 1996, e coordinada por Claudio Rodríguez Fer e Carmen Blanco, o seu propósito é dar cabida a diversas manifestacións creativas, preferentemente literarias, dende unha perspectiva “radicalmente aberta, crítica, independente e libertaria”. O comité de redacción está integrado por Xosé Luís Axeitos, Vsévolod Bagno (San Petesburgo), Diana Conchado (Nova York), María Lopo (Bretaña), Carme Junyet (Barcelona), Lily Litvak (Texas), Katheleen N. March (Maine) e Olga Novo (San Tiago de Compostela). No ano 2010 saíu do prelo o número 15 titulado “Meus amores celtas”.

Referencias varias:


Entrevista a Claudio Rodríguez Fer, co gallo da presentación do número catorce da revista Unión Libre, que coordina xunto con Carmen Blanco. Comenta que se trata dunha revista multicultural e internacional que ofrece “unha pequena volta arredor do mundo”, na que se tratan temas universais en galego e dende unha perspectiva galega, achegando o compromiso polo que consideran valores esenciais: paz, xustiza, liberdade e memoria. Por outra banda, achégase a nómina de colaboradores deste número.

XARMENTA. (Revista da Asociación Berciana da Língua Xarmenta) (ISSN: 2171-1941) (DL: LE-1813-06)

Publicación anual da Asociación Berciana da Língua Xarmenta, coordinada por Ricardo López Temez, Manuel Mañá González e mais Rafael Adán Rodríguez, que sacou do...
prelo o seu primeiro número o 13 de decembro de 2006. Publicácase na vila berciana de Ponferrada e conta co apoio de diversas institucións e empresas do Bierzo e mais de Galicia. No ano 2010 saiu do prelo o n.º 4 (12 marzo 2010) no que aparecen variados artigos relacionados coa Asociación Berciana da Lingua Xarmenta, fundada en marzo de 2005 en Ponferrada co fin de defender e promover a lingua galega do Bierzo, e coa presenza da lingua galega no Bierzo. Nela aparecen dúas bandas deseñadas “Xeitos de ver a G no Bierzo” e mais “ApaGón analóxico”, de Pablo Baladrón. Todos os artigos referidos á literatura galega aparecen descritos nos apartados correspondentes deste Informe.

Referencias varias:


Danse a coñecer e coméntanse todas as actividades que a Asociación Berciana da Lingua Xarmenta desenvolveu no Bierzo dende a publicación do número 3 da revista Xarmenta, que tivo lugar o 10 de decembro de 2008, até a publicación do número 4, o 12 marzo 2010. Infórmase de que Xarmenta organizou encontros escolares sobre o Día das Letras Galegas; entregou os premios do II Concurso Literario “Poeta Fernández Morales” ou participou na XIV Feira do Libro de Ponferrada. Remátese este artigo sinalando que o número 4 da revista Xarmenta se presentou o 12 de marzo de 2010 dentro da V Escola Permanente Fermín Penzol.

**XISTRAL.** Revista Lucense de Creación Poética

López (Pradeda, Guntín, 1954); “Amor musical” e “Amandi”, de Luís Fernández Guitián (Sober, 1962); “Déjà vu”: eu cá já estive” e “Tarde de primavera nas costas do Parque”, de Adela Figueroa (Lugo, 1948); “A volta” e “Espiñas”, de Antón Fortes (Sarria, 1957); “Foron caendo...” e “Son de ningunha parte...”, de Teresa Gómez Senra (Lugo, 1966); “Que difícil é” e “Asoma lentamente”, de Baldomero Iglesias (Mero) (Vilalba, 1951); “Só”, “Constatación” e “Programa oculto”, de Emilio Xosé Ínsua (Viveiro, 1967); “Navegar” e “Chamada do mar”, de María Xosé Lamas (Vilalba, 1961); “Bailarei” e “No país da herba e o litoral”, de Lomarti (Lugo, 1957); “Na area branca” e “Arredor dub pequeno universo”, de Miguel Anxo Macía (Lugo, 1955); “Equilibrio natural” e “Crise”, de Manuel C. Matalobos (Lugo, 1959); “Mar embravecido de recordos e formas.” e “Os nosos corpos uníronse, nun só.”, de Sara Méndez Palmeiro (Foz, 1970); “Busca” e “Corpo”, de Enrique Mora Morandeira (Friol, 1942); “O pazo pescador” e “Arceas nos liñares!”, de Manuel Xosé Neira (Meilán, Lugo, 1964); “Os fillos da fame”, de Xoán Neira (Meilán, Lugo, 1953); “Unha cascada” e “Meta”, de Isidro Novo (Lugo, 1951); “Danza da Bisavaoa Descalza”, de Olga Novo (Pobra de Brollón, 1975); “Man” e “Guerreiro”, de Toño Núñez (Navia de Suarna, 1959); “Automóbil” e “Lugo”, de Xosé Otero Canto (Castro de Rei, 1951); “Néboa” e “Inxustizas”, de Jesús Alfonso Parada Jato (O Courel, 1967); “Lembranza”, de Pepa, nome literario de Mª Josefa Prado Vázquez (Lugo, 1938); “Pintor”, de Meliana Pérez Cruz (Lugo, 1983); “Ao Sr. Feijóo.” e “Cando nacín”, de Vicente Piñeiro (Lugo, 1954); “Sarria” e “Lugar da Matanza”, de André Pociña (Lugo, 1947); “Últimas visións do Pazo”, de Luz Pozo Garza (Ribadeo, 1922); “Pictórica”, de Xerardo Quintiá (Friol, 1970); “Grafoloxía” e “Haikus dende o cemiterio”, de Francisco Javier Rejía Melchor (Lugo, 1973); “Perdido”, de Sabela Rodríguez (A Coruña, 1992); “O ronsel do ronsel”, de Claudio Rodríguez Fer (Lugo, 1956); “Recordos”, de Margarita Rodríguez Otero (Monforte, 1934); “Mosaicos soterrados”, de Martín Tallo Lagares (Hamburgo, 1975); “Morre loitando”, de Xosé Manuel Valcárcel (Lugo, 1955); “Meu moi amado planeta”, de Milo Valdonedos (Quiroga, 1948); “Detiveches as ondas un intre...”, “A aperta” e “Bilocación”, de Saturnino Valladares (Lugo, 1978); “O mago Mías” e “O artista”, de Diana Varela Puñal (Corme, 1981); “Pranto polos nenos de Haití”, de Lois Vázquez Fernández (Chavaga, Monforte, 1938); “Lendas”, de Elvira Veloso (Monforte, 1942); e “Once hai-kus de inverno”, de Helena Villar Janeiro (Becerreá, 1940).

Referencias varias:


Entre outras actividades culturais, anunciouse a presentación no Concello de Lugo do número 13 da revista Xistral.


Coméntase o debut de seis poetas no número trece da revista como son: Calvo García, Jesús Corredoira, o pintor Miguel Ángel Macía, Natalia Alonso Ramos, Sabela Rodríguez e Martín Tallo Lagares, que se veñen a sumar á nómina de colaboradores habituais, dos que tamén se dá conta. Recóllese que segundo o coordinador da publicación, Camilo Gómez Torres, os poemas coinciden na preocupación polo ser
humano, aínda que tamén se achegan neste número homenaxes á cidade de Lugo, ao río Miño e poetas como Uxío Novoneyra e Rosalía de Castro.


Entre outras publicacións salienta o número 13 da revista lucense de creación poética *Xistral* que conta con achegas de cincuenta e dous autores.
**X. PREMIOS**

**X.1. NARRATIVA**

Premio de Narración Curta Álvaro Paradela

Premio de narración curta convocado pola Sociedade Artística Ferrolana coa finalidade de render homenaxe ao escritor, columnista e poeta Álvaro Paradela. A primeira edición do premio celebrouse no ano 1993 e dende aquela, participantes deste país e do estranxeiro presentaron os seus traballos a concurso, aínda que os premios foron sempre simbólicos, posto que non existe dotación económica, tan só se fai entrega dunha placa conmemorativa e se fala do gañador na revista *Poesía Galicia*. No ano 2010, o xurado da XIVª edición de 2009, composto por Ricardo Díaz-Casteleiro Romero, en calidade de presidente, a poeta e profesora Aurora Varela Caabeiro, a poeta e profesora Rosa María Martínez Dios, e José Ramón Vázquez Martínez, catedrático de Literatura Española, como vogais e actuando de secretaria África Otero Beltrán, reunido no Parador de Turismo de Ferrol o 22 de febreiro decidiu conceder o galardón a Ana Julia Martínez Fariña (Culleredo), polo seu relato “Pequeña gran reliquia”.

Certame Literario de Relato de Aventuras Antón Avilés de Taramancos

Convocado polo Concello de Noia e organizado pola revista *Casa da Gramática* do IES Virxe do Mar coa colaboración da Deputación da Coruña. Poden concorrer a este certame todas as persoas de calquera nacionalidade, cun único traballo en galego de temática libre que sexa inédito, encadrado no relato de aventuras. Comezou a súa andaina cunha dotación económica de 1.800 euros; a partir da segunda edición o galardón pasou a ser de 3.000 euros e unha escultura conmemorativa realizada polo artista local Alfonso Costa. Ademais, a editorial Toxosoutos publica a obra gañadora. Os orixinais, que se enviaron ao Concello de Noia até o 30 de abril, tiñan que ter unha extensión entre setenta mil e cen mil caracteres, presentándose por cuadriplicado en exemplares separados, mecanografados por unha soa cara, debidamente grampados, cosidos ou encadernados sen firma cun lema baixo plica no Concello de Noia (Rosalía de Castro, 2, 15200 Noia). O xurado da novena edición, correspondente ao ano 2010, constituido por Xosé Gándara, Xerardo Agrafoxo Pérez, Henrique Neira, Xavier Castro, que actuou de secretario e Rafael García Guerrero, alcalde de Noia e Presidente de honra do xurado, decidiu conceder o galardón a Costa Necrópole, da autora Mariña Pérez Rei.

**Referencias varias:**


Fálase da presentación do noveno certame literario de relatos de aventuras Avilés de Taramancos na que participaron Josem González, concelleiro de Cultura de Noia, e


Anúnciase que a escritora de Ames, Mariña Pérez, foi galardoada na novena edición deste certame pola súa obra *Costa necrópole*. Dise que o galardón conta con 3.000 euros e a publicación da obra.


Dáse a coñecer a gañadora do Premio de relatos de aventuras Avilés de Taramancos convocado polo Concello de Noia cunha dotación de tres mil euros, unha estatua do artista Alonso Costa e a publicación da obra, a cal leva por título *Costa Necrópole* da autora Marina Pérez Rei. Coméntanse tamén outros premios por ela gañados e recólleanse as palabras da escritora sobre o contido da obra e a importancia do premio.


Entrevístase á profesora e escritora compostelá Marina Pérez Rei tras gañar o premio Avilés de Taramancos de relatos de aventuras, convocado polo Concello de Noia. Fálase sobre cal é o fío condutor da obra e faise referencia tamén outros dous recentes premios que a escritora vén de gañar: o Eusebio Lorenzo Baleirón de Poesía e o premio Lueiro Rey de Novela curta.

**Premio Literario ***Arcebispo Juan de San Clemente***


**Referencias varias:**


Fálase dos finalistas da décimo sexta edición do Premio Literario Arcebispo Juan de San Clemente, un certame organizado polo Instituto Rosalía de Castro e no que o xurado está composto por alumnos de bacharelato. Indícase os finalistas de cada modalidade e expícase en qué consiste o premio, ademais de citar os gañadores de anteriores edicións como Mario Vargas Llosa, Antonio Tabuchi, Inma López Silva, Ignacio M. Pisón ou Henning Mankel entre outros.


Indícase o nome dos finalistas da décima sexta edición do Premio Literario Arcebispo Juan de San Clemente organizado polo Instituto Rosalía de Castro e cuxo xurado está composto por estudantes. Engádese que *A praia dos afogados* é “o segundo éxito editorial” de Domingo Villar que se converteu nun súpervendas con *Ollos de auga*, a súa primeira novela. Fálase, tamén, da temática d’*O cabo do mundo* e de *Areaquente*.


Dáse conta do ditame do xurado da 16ª edición do Premio San Clemente de novela que organiza o IES Rosalía de Castro de Santiago e no cal son os propios estudantes os que deciden os gañadores. Dise que a obra gañadora en lingua galega foi *Areaquente*, de An Alfaya, e que en lingua castelá e lingua estranxeira os gañadores foron respectivamente William Ospina e Erri de Luca. Tamén se coma para que a entrega do premio pode atrasarse bastante pola incompatibilidade de datas dos tres autores gañadores. Finalmente saliéntase o labor dos trinta mozos e mozas que compoñen o xurado e o recoñecemento ao seu labor.


Danse a coñecer os nomes dos autores galardoados co premio San Clemente e que foron escollidos polo alumnado de catro centros de ensino galegos. Entre elas, dise que a obra seleccionada en galego foi *Areaquente*, de An Alfaya, a cal xa recibira o premio Lueiro Rey de novela curta.

Indícase que o Premio de Novela San Clemente, que organizan catro institutos de ensino secundario de Galicia e no cal son xurado os propios alumnos e alumnas, recaeu na modalidade de lingua galega na obra de An Alfaya, *Areaquente* (2009). Tamén se dan os nomes das obras e autores gañadores en lingua castelá e lingua estranxeira e lémbrase que obras galegas alcanzaron o premio na primeira e cuarta edición. Fálase tamén moi brevemente do argumento da obra de An Alfaya.


Entrevista a An Alfaya tras recibir o Premio San Clemente de novela que organiza o IES Rosalía de Castro de Santiago de Compostela e no cal o xurado está formado polo alumnado de catro institutos de secundaria. A escritora comenta a importancia que ten para ela ser escollida por un xurado tan especial e logo profundízase no contido da súa novela e das posíbeis influencias que esta ten.

- M. B., “Na narrativa curta hai menos espazo para o desperdicio literario”, *A Nosa Terra*, n.º 1.413, “Cultura”, 1-7 xullo 2010, p. 27.

Entrevista a An Alfaya, que vén de gañar o premio San Clemente por *Areaquente*. Sinala a autora que escribiu o libro para un lector adulto, aínda que considera que os “rapaces de bacharelato xa dispoñen dun criterio literario bastante formado”. Apunta cálés cre que foron as claves para impoñerse a súa obra á de Domingo Villar (*A praia dos afogados*) e á de Xabier Quiroga (*O cabo do mundo*). Logo de aludir ao comezo do xogo literario por onde discorre a novela, sinala que García Márquez é a “influencia máis importante” do libro, de aí as doses de realismo máxico presentes no texto. Por outro lado, sinala que é “bastañte egoísta” cando escribe, pois narra “o que me apetee sen preocuparme de a quen lle vai gustar”, e di que pensa no público en xeral “e non no lector”. Indica ademais que lle gusta escribir novela curta porque “hai menos espazo para o desperdicio literario”.


Recórdanse os nomes de destacados escritores distinguidos en diferentes edicións deste certame, entre eles autores que posteriormente tamén acadaron o Nobel de Literatura como Mario Vargas Llosa ou José Saramago. Tamén se destacan outros nomes como Suso de Toro, Taric Alí, Paul Auster, Hariku Murakami, Carlos Fuentes que teñen este premio no seu palmarés. Asemade achéganse os nomes dos premiados da última edición
deste premio, nas diferentes categorías, premio fallado por un xurado composto por alumnos de catro institutos galegos.


Primeiramente disse que os gañadores do XV aniversario do Premio Literario Arcebispo Juan de San Clemente, foron Henning Mankell, Inma López Silva e Ignacio Martínez Pisón. Tamén se comenta que este ano se outorgarán unhas insignias de ouro a varias personalidades importantes na historia do certame como foron José Saramago, Mario Vargas Llosa e Rosa Aneiros. Por outra banda, recóllense as verbas de Ubaldo Rueda, director do Instituto Rosalía de Castro, que coma que nesta edición no xurado do premio participaron, a parte de estudantes de institutos galegos, alumnado dun instituto de ámbito nacional como xurado na categoría de lingua castelá, alumnado do entorno cultural galego como Portugal, Brasil, Ángola ou Mozambique, e, alumnado dun Instituto da Unión Europea, nesta caso un instituto francés.


Dáse conta dos actos programados con relación á entrega dos XV Premios San Clemente. Asemade infórmase do nome dos finalistas e dos galardoados nas diferentes categorías. Recóllese que a obra de Inma López Silva, *Memoria de ciudades sen luz*, saiu vencedora na categoría de mellor obra en galego, novela que xa fora recoñecida cun Premio Blanco Amor no ano 2007. Por outro lado tamén se comenta que foron galardoadas a novela *Dientes de Leche*, de Ignacio Martínez Pisón, no apartado de lingua castelá e *El Chino*, de Henning Mankell no de lingua estranxeira.


Dáse conta da visita á cidade de Santiago do escritor sueco, Henning Mankell, galardoado na XV edición dos Premio Arcebispo Juan de San Clemente, xunto con Inma López Silva e Ignacio Martínez de Pisón. Asemade, coméntase que nesta edición se homenaxeou a Mario Vargas Llosa, José Saramago, a Rosa Aneiros e a editorial Tusquests.


Infórmase da cerimonia de entrega dos premios literarios Arcebispo Juan de San Clemente a Inma López Silva, coa nova en lingua galega, *Memoria de ciudades sen luz* e a Ignacio Martínez Pisón, coa nova en lingua española, *Dientes de leche*. Indícase que o terceiro premiado, Henning Mankel, recollirá o galardón na entrega dos premios da dezaseis edición. Destácase que o galardón está outorgado por alumnado de secundaria de cinco institutos galegos. A seguir, céntrase nas temáticas desenvolvidas nas novelas premiadas de López Silva e Martínez Pisón e recóllese as impresións dos autores tras resultar premiados. Subliñase que ambas novelas versan sobre a memoria histórica tendo como base a guerra civil do trinta e seis e coméntase que, no caso de Martínez Pisón, o relato se centra na historia dunha saga familiar ao longo de tres
xeracións, e na novela de López Silva, a historia se desenvolve a través da memoria dun home que grazas á axuda dunha muller liberal, conseguiu sobrevivir. Remátese o artigo, recollendo as verbas da autora de Memoria de cidades sen luz, quen considera que as novelas sobre a contenda do trinta e seis interesan aos adolescentes por ofrecer unha versión diferente da historia recente.


Alúdese ao acto de entrega do XV Premio Arcebispo Juan de San Clemente e recóllense as declaracións do director do instituto Rosalía de Castro, Ubaldo Rueda, alma máter dos galardóns e do conselleiro de Educación, Xesús Vázquez Abad, quen considera que estes premios, fallados por un xurado de alumnos de secundaria, constitúe unha exemplar actividade pedagóxica. Asemáde, destácase tamén que foron entregadas insignias de ouro a Rosa Aneiros, Mario Vargas Llosa e José Saramago, a título póstumo, co gallo da conmemoración do décimo quinto aniversario do certame. Tamén se comenta a ausencia dun dos galardoados desta edición, Hennig Markel.

**Premio Biblos-Pazos de Galicia**

Premio creado pola editora Biblos no ano 2004, aberto á participación de menores de 25 anos que presentaron unha memoria das súas respectivas novelas até o 16 de marzo, cunha extensión de entre 30 e 40 folios á editora Biblos (Quintá, 8-Mandaio. 15391 Cesúras-A Coruña) (www.biblosclube.com), na que se incluíña unha exposición das características da súa futura novela así como un capítulo ou fragmento para valorar o seu estilo. Os finalistas deberon presentar antes do 13 de xuño as súas novelas cunha extensión de 150 folios. Esta editora designa todos os anos un titor para completar e perfilar a obra xunto co gañador durante unha estadía no mes de outubro na Casa Grande do Bachao. Cada un dos finalistas ten dereito a unha fin de semana para dúas persoas nalgún dos estabelecementos da rede de Pazos de Galicia. O/a gañador/a, ademais da estadía na Casa Grande do Bachao xunto co seu titor durante un mes, recibiu un ordenador portátil, a escultura creada para o premio, deseñada polo artista lugués Luís Loureira, a publicación da súa obra na colección “Mandaio” e a tradución ao castelán. Cada edición anterior foi rematada por un autor ou autorha de renome, como Iria López, Alberto Ramos, Patricia Casas, Berta Dávila e Pablo García. O ano 2010 (6ª edición) o xurado estivo compost por Fina Casalderrey, Pablo García Martínez, gañador da anterior edición, e Tucho Cavo; o titor foi Fina Casalderrey e a gañadora Elena Veiga Rilo (Guíxamo, 1991) coa novela Morto en fucsía. A entrega do galardón tivo lugar o 23 de xullo nunha cea na Casa Bachao.

**Referencias varias:**

- María Varela, “Unha madriza para as letras novas”, Diario de Pontevedra, 28 febreiro 2010, contracuberta.

Indícase que Fina Casalderrey, Premio Nacional de Literatura Infantil e Xuvenil, será a encargada de axudar a rematar a súa novela á persoa gañadora do VI Premio Biblos-
Pazos de Galicia para menores de 25 anos. Recóllese que, para a escritora, esta experiencia “é todo un reto”.


Anúnciase o nome das finalistas da sexta edición do Premio Biblos-Pazos de Galicia: Elena Veiga Rilo, polo seu traballo “Morto en fucsia”; e Andrea Maceiras Lafuente, por “A caixa da memoria”. Indícase que o xurado estivo composto pola titora da gañadora, Fina Casalderrey; por Pablo García Martínez, o gañador da anterior edición; e por Tucho Cavo, representante de Biblos.


Dise que o escritor e xornalista Alberto Ramos presenta en Vigo a súa segunda novela, que leva por título Acuse de recibo, e xunto a el outros gañadores, autores novos do premio Biblos como Iria López ou Patricia Casas.


Entrevista con Elena Veiga, gañadora na última edición coa súa novela, Morto en fucsia. Explica que a novela, dividida en tres partes, é unha crítica á sociedade dende diferentes puntos de vista, coa que pretende que o lectorado reflexione sobre os problemas sociais. O nexo de unión, segundo comenta a autora, é un asasinato de cal se coñecen víctima e autor dende o principio, xa que non pretendía facer una novela de detectives. Tamén explica que o feito de que o xurado a considere “expoñente da que podería ser a nova xeración Feisbuc” é debido á destacada presenza que teñen nesta novela as novas tecnoloxía e internet. Por último, comenta os seus gustos literarios e achega a súa opinión sobre o panorama literario actual. Por outro lado, ofrécese unha crónica da cea de entrega do premio na que, ademais de dar a coñecer a vencedora desta edición, se entregou o II Premio á Colaboración Necesaria ao libreiro Xesús Couceiro e se homenaxeou a todos os titores das diferentes edicións deste premio: Xosé Luís Méndez Ferrín, Darío Xohán Cabana, Helena Villar Janeiro, Agustín Fernández Paz, Manuel Rivas e Fina Casalderrey.


Entrevista á gañadora do VI Premio Biblios-Pazos de Galicia, Elena Veiga Rilo, quen valora este galardón como unha grande oportunidade para aprender. Tamén opina sobre as novas tecnoloxías e afirma que as redes sociais e blogs supoñen unha nova vía de promoción para os escritores e unha ferramenta para propiciar o contacto fundamental entre o escritor e o lectorado.

Entre outras cuestións no apartado “Premios” menciona o premio Biblos-Pazos de Galicia concedido a Elena Veiga Riño por Morto en fucsia (2010).

**Premio Blanco-Amor de Novela Longa**

Por iniciativa do Concello de Redondela, creouse no ano 1981 este premio promovido e financiado por un consorcio de concellos que achegaban 300 euros cada un, e que cada ano foi sendo máis numeroso até chegar á actual contía de 12.020 euros. A organización do premio adxudicase por sorteo a un dos concellos do consorcio, que é o encargado de correr con todos os actos que leva consigo a convocatoria: entrega do premio e difusión da obra gañadora do Premio Eduardo Blanco-Amor. As obras presentadas deben ser inéditas e ter unha extensión mínima de cento cincuenta folios mecanografados por unha cara e a dobre espazo (tamaño de fonte 12). Poden participar nel todos os autores, de calquera nacionalidade, que presenten unha ou varias obras escritas en lingua galega, segundo a normativa oficial. Os interesados deben enviar cinco copias das súas obras por correo, sen remite e baixo lema ao concello encargado da edición. Nun sobre anexo, pechado e baixo o mesmo lema, indicarase o nome e enderezo do autor ou autora, e de ser posible, o seu teléfono e enderezo electrónico. O prazo de admisión dos orixinais rematóu o 30 de decembro do 2009. O xurado do premio está composto por cinco membros que deberán ser escritores ou críticos literarios da literatura galega. De cada obra presentáronse cinco copias asinadas con lema, en paquete sen remite dirixido ao Excmo. Concello organizador, facendo constar no exterior “Para o Premio Blanco-Amor”. Os galardóns en edicións anteriores foron para Luís Rei Nuñez en 2009 con Monte Louro; Inma López Silva en 2008 por Memorias de cidades sen luz; Xesús Rábade Paredes en 2007 por Mentres a herba medra; Francisco Castro en 2006 por Spam; Dolores Ruiz Gestoso en 2005 por Dentro da illa; Séchou Sende en 2004 con Orix; Xosé Monteagudo en 2002 por As voces da noticia; Xosé Antonio Perozo en 2001 con Martázul; Xosé Carlos Caneiro en 2000 con Ébora; Xosé Cid Cabido en 1999 con Grupo abeliano; Xavier Alcalá en 1998 con Alén da desventura; Suso de Toro en 1997 con Calzados Lola; Xavier Lorenzo Tomé en 1996 por O paxaro que canta un nome; Xosé Cid Cabido en 1994 con Panificadoras; Úrsula Heinze en 1993 por Culpable de asasinato; Ramón Caride Ogando en 1992 con Soños eléctricos; Fran Alonso en 1991 por Tráiler; Valentin Carrera en 1990 por RíoSil; Román Raña en 1989 con O crime da rúa da Moeda Vella; Miguel Suárez Abel en 1988 con Turbo; Lois Diéguez en 1986 con A canción do vagamundo; Xoán Manuel Casado en 1985 por O inverno do lobo; Alfredo Conde en 1984 con Xa vai o griffon no vento; Xosé Manuel Martínez Oca en 1983 con Beiramar; Víctor Fernández Freixanes en 1982 con O tríángulo inscrito na circunferencia e Daniel Cortezón en 1981 por A vila sulagada. Na edición de 2010 a organización correu a cargo do Concello de Poio. De entre as vinte e tres novelas presentadas o escritor Iván García Campos fixose co XXVIII Premio Eduardo Blanco Amor de novela por O imposible de desatar, presentada baixo o lema “Invisibles”. O acto de entrega tivo lugar no Casal de Ferreirós o 24 de abril e o xurado estivo integrado por Teresa Bermúdez Montes, María Xesús Nogueira Pereira, Bieito Iglesias Araúxo, Carlos González Figueiras, Xesús Constela Doce e Silvia Díaz Iglesias, Concelleira de Cultura do Concello de Poio, actuando como secretaria.

**Referencias varias:**

Anúnciase a homenaxe que a Asociación de Escritores de Língua Galega fará aos 52 concellos que organizaron o Premio de Novela Eduardo Blanco Amor dende 1981 premiándoo co galardón Os Bos e Xenerosos pola súa actividade na difusión da cultura galega. Explicanse as orixes do premio Blanco-Amor, a súa vocación itinerante e indicase que o primeiro gañador do mesmo foi Daniel Cortezón coa obra A vila sulagada. Citanse outros gañadores deste galardón como Víctor Freixanes, Alfredo Conde, Suso de Toro ou Xesús Rábade. Coméntase que a Editorial Galaxia publicará unha edición restaurada d’A Esmorga na que se incluirán “fragmentos restaurados que foron cambiados por parte do autor por imperativo da censura franquista”. Engádese que esta nova edición ten a súa orixe no artigo “As vicisitudes editoriais d’A Esmorga” de Xosé Manuel Dasilva.


Comenta que a reunión para decidir o gañador do Premio Blanco Amor de Novela Longa terá lugar no Concello de Poio, responsábel de organizar o certame literario. Destaca que a concelleira de cultura, Silvia Díaz, deu a coñecer que o número de participantes na convocatoria foi de vinte e tres novelas.


Indícase que Iván García Campos é o gañador do premio Blanco Amor de novela pola súa obra O imposible de desatar. Indícase que o xurado, formado por Teresa Bermúdez, Bieito Iglesias, María Xesús Nogueira, Carlos Figueiras, Xesús Constenla e Silvia Díaz, destacou o seu carácter “innovador” en relación ao estilo e ás técnicas narrativas, así como a “coherencia e o equilibrio entre a forma e o fondo e o retrato da cara oculta da sociedade actual” grazas a uns personaxes “cargados de humanidade”. Engádese que García Campos xa fora gañador do Modesto Rodríguez Figueirido por “Unha casa chea de xanelas”, o premio Ánxel Fole de Narración Breve e Os Viadutos de Redondela. Infórmase, tamén, da data de entrega do premio.


Fálase de que O Imposible de Desatar é a primeira novela de Iván García Campos coa que gañou o Premio Blanco Amor. García Campos explica que “parte dun tipo de narración diferente” onde se xoga co lector a través dos tempos narrativos e do silencio, recurso que “se converte nun protagonista máis”. Recóllese a opinión do gañador sobre os relatos curtos dos que é lector e defensor e cos que gañou premios como o Ánxel Fole ou Contos Cidade de Ourense. Indícase que o xurado, formado por Teresa Bermúdez, Bieito Iglesias, Maria Xesús Nogueira, Carlos Figueiras, Xesús Constenla e Silvia Díaz, destacou o seu carácter “innovador” en relación ao estilo e ás técnicas narrativas, así como a “coherencia e o equilibrio entre a forma e o fondo e o retrato da cara oculta da sociedade actual” grazas a uns personaxes “cargados de humanidade”.

1976
Apúntase que a editorial Galaxia, fundadora do premio, será a encargada de publicar a obra.


Entrevístase a Iván García Campos, gañador do premio Blanco Amor coa súa novela *O imposible de desatar* da que o xurado destacou o seu “carácter innovador no tocante ao estilo e às técnicas narrativas”. Recóllese a opinión do escritor sobre a súa propia novela, da que salienta a maneira de contar a historia e na que xogan un papel fundamental os silencios entre os personaxes, recurso que requirirá certa interpretación por parte do lector. Fálase das tácticas que segue García Campos á hora de escribir e engádese que xa foi gañador doutros premios de relatos como o Ánxel Fole.


Fálase con Iván García Campos, gañador do premio Blanco Amor coa súa novela *Imposible de Desatar*, da que se explica que trata sobre a incomunicación e o tránsito aos novos tipos de familia. Indícase que é a súa primeira novela, aínda que xa recibira galardóns como o Modesto Figueiredo, o Ánxel Casal ou o Cidade de Ourense. Recóllese a opinión que o autor ten sobre o seu propio traballo, do que destaca a súa “técnica narrativa” da que forma parte o silencio, os xogos narrativos e as contradicións dos personaxes. Engádese que a obra está dividida en tres partes e un extra. Indícase que o xurado destacou o seu carácter “innovador” en relación ao estilo e as técnicas narrativas, así como a “coherencia e o equilibrio entre a forma e o fondo e o retrato da cara oculta da sociedade actual” grazas a uns personaxes “cargados de humanidade”. Engádese, finalmente, unha explicación sobre os premios Blanco Amor dentro da que se citan aos gañadores de anteriores edicións.


Anúnciase o acto de entrega do Premio Blanco Amor de Novela Longa que gañou Iván García Campos pola súa obra *O imposible de desatar*. Expícase en que consistirá a celebración, así como as súas diferentes partes.


Infórmase que o Concello de Santiago de Compostela será o encargado de organizar a próxima edición do concurso literario Blanco Amor de Narrativa, que neste ano contou coa participación de vinte e tres autores.
Concurso de Narración Curta **Boca de la ría**

Convocado pola Sociedade Artística Ferrolana (SAF), premiou a mellor narración curta, escrita en galego ou castelán, relacionada co mar. As persoas que desexasen participar neste certame debían presentar traballos cun máximo de tres folios ao apartado de correos 339 de Ferrol. Os orixinais debían ser mecanografados, acompañados dunha fotocopia do DNI do autor ou autora. No ano 2010, o xurado da edición de 2009, composto por Ricardo Díaz-Casteleiro Romero, en calidade de presidente, a poeta e profesora Aurora Varela Caabeiro, a poeta e profesora Rosa María Martínez Dios, e José Ramón Vázquez Martínez, catedrático de Literatura Española, como vogais e actuando de secretaria África Otero Beltrán, reunido no Parador de Turismo de Ferrol o 22 de febreiro decidiu conceder o galardón a Rocio Leira Castro (Pereira, Cee), por “Onde abrazan a cintura das gamelas”.

**Premio Literario Camilo José Cela de Narrativa**

Convocado dende o ano 1989 polo Concello de Padrón como homenaxe perpetua á “figura humana e literaria do egregio escritor”. Os relatos, de tema libre, escritos en castelán ou galego, tiñan que ser inéditos e orixinais e ter unha extensión de doce a vinte e cinco folios, mecanografiados a dobre espazo. Debían enviarse, por quintuplicado, con lema e plica, ao Rexistro do Concello de Padrón (Rúa Longa, 27, 15900, Padrón). O premio estaba dotado con 1.500 euros, diploma acreditativo e a publicación do traballo nun libro conmemorativo. A data límite de entrega foi o 15 de xullo e a resolución deuse a coñecer antes do 31 de decembro. A resolución do xurado da XXª edición de 2009, deuse a coñecer no mes de xaneiro de 2010. O xurado formado por Eloy Rodríguez Carbia, como presidente; Carmen Becerra Suárez; Anxo Abuín González, Carlos Arias Iglesias e Beatriz Vázquez, como vogais e Cruz Taboada como secretaria decidiu por unanimidade outorgar o galardón ao dominicano Félix Juan Gerónimo Deltré polo seu relato “Variaciones del frío”, presentado baixo o lema Salomé. Na XXIª edición de 2010, presentáronse cento setenta e unha obras e excluíronse dez por non se axustaren ás bases. Foi galardoado José Manuel Moreno co seu relato “Mutación”.

**Referencias varias:**


Infórmase da data na que o xurado do XX Premio de Literatura Camilo José Cela se reunirá para fallar o certame. Apúntase que foi esta a edición con máis participación cun total de 176 obras que chegaron dende Galicia, España, Europa e América. Fálase do premio que recibirá o gañador e indícase o nome das persoas que constitúen o xurado.

Anúnciase que Félix Juan Gerónimo Deltré é o gañador do XX Premio de Literatura Camilo José Cela. Indícase que este avogado dominicano foi galardoado con outros premios como o Premio Nacional de Cuentos de la República Dominicana; e que parte da súa obra está publicada na rede. Infórmase de que a vixésima edición deste premio foi a que tivo máis participantes ao recibir 176 obras que chegaron dende España, Europa e América incluindo, tamén, novelas de autores palestinos, xudeus ou australianos. Fálase, tamén, do premio que recibirá o gañador e indicase o nome das persoas que conforman o xurado.


Infórmase que Félix Juan Jerónimo Beltre foi o gañador do Premio de Narrativa Camilo José Cela polo seu traballo Variaciones del Frío. Recóllese a opinión do xurado en relación a esta obra da que valoraron a orixinalidade dunha estrutura narrativa soportada polo tratamento da temporalidade e polo xogo intertextual que inserta o conto na tradición do “relato metaficcional”. Apúntase que a vixésima edición do certame foi a que máis obras recibiu cun total de 176 chegadas de España, Europa e América.


Infórmase de que a XXI edición do Premio Literario Camilo José Cela, contarán total de cento setenta aspirantes, na súa maioría do ámbito estatal, aínda que tamén se achegaran obras de países como os Estados Unidos, Costa Rica, Arxentina, Venezuela, Italia, Francia e Xapón.


Díse que o Concello de Padrón pechou o prazo de entrega de traballos para participar neste premio de narrativa curta e que ao premio concorre cento setenta e un traballos de todo o ámbito nacional. Sinálase que dez traballos quedaron excluídos por non se adaptaren á normativa.


Comeza sinalando que a obra de Manuel Moreno Pérez, Mutación, resultou gañadora do XXI Premio Literario Camilo José Cela de Padrón. Destaca tamén, que o xurado sinalou desta a obra a súa orixinalidade no tratamento da violencia de xénero. A continuación comenta que ao certame se presentaron cento setenta traballos e finaliza falando do gañador, do que salienta que non se define a si mesmo como escritor senón como un “imaginador de historias”.

Primeiramente fala da elección da obra Mutación, presentada baixo o lema Bruxas, como gañadora do vixésimo primeiro Premio Literario Camilo José Cela entre as cento setenta e unha obras presentadas ao certame. A continuación sinala que o xurado destacou a orixinalidade do traballo no tratamento dun tema moi actual como é o da violencia de xénero. Disé tamén que o relato destaca pola recreación da vida interior dun personaxe. Finalmente, remata dando a listaxe dos membros do xurado.

Premio de Microrrelato Carlos Casares

Premio convocado polo Liceo de Ourense que leva o nome dun dos seus socios máis ilustres, Carlos Casares, e que se centra na modalidade de microrrelato. O premio estableceu dúas categorías, unha para maiores e outra para menores de 25 anos, cunha dotación económica de 600 euros para cada unha delas, que na convocatoria do ano 2007 aumentou a 1.500 euros para o primeiro premio. Podía concorrer calquera persoa con tres traballos inéditos da súa autoria como máximo, redactados en galego ou castelán. Os orixinais non podían superar unha extensión máxima de 1.500 caracteres, debendo ser presentados por quintuplicado, antes do 21 de maio, na Secretaría do Liceo de Ourense (Rúa Valentín Lamas Carbajal, 5, 32005, Ourense). Cada orixinal tiña que ir baixo lema e axuntouse nun sobre pechado o nome completo, enderezo e teléfono do autor, e o título definitivo da obra. Na convocatoria do ano 2010, 9ª edición, o xurado estivo integrado por José Carlos Martínez-Pedrayo, presidente do Liceo de Ourense, os membros da Sección de Literatura, Marcos Valcárce López, Teresa Devesa Graña, Loly Conde Fernández, Delfín Caseiro Nogueiras e Segismundo Bobillo Morgade, actuando como secretario José Luís Troitíña Mota, xerente do Liceo. De entre as cincoocentas cincuenta obras presentadas, o galardón concedese ao ourensán Xerardo Méndez polo relato “Non hai regreso”, presentado baixo o lema “Non chovía en París”. A entrega dos galardóns tivo lugar nun Acto Literario enmarcado nas Festas do Liceo, o 28 de maio.

Premio de Novela Europea Casino de Santiago

Creado no ano 2003, este premio é convocado polo Casino de Santiago e o IES Rosalía de Castro, coa axuda d’El Corte Inglés, e está dotado con 3.000 euros. Unha comisión seleccionadora elixiu un grupo de novelas que xa foron publicadas recentemente nalgún país da Unión Europea. Con este galardón preténdese fomentar a lectura entre os composteláns, por iso un trinta por cento da resolución do xurado será o resultado da votación de residentes ou persoas que realizan a súa ocupación laboral na cidade de Santiago, que tamén levarán un premio. A tal efecto abriuse un prazo de votación até o 5 de xullo, para que o lectorado emitise o seu voto ben no Casino de Santiago, onde tamén se lles ofrecía as novelas finalistas en préstamo, ben no Centro Comercial Compostela d’El Corte Inglés. A porcentaxe restante cubriuse cos socios do Casino (que contaron un vinte por cento) e as votacións de dez representantes de varias institucións da cidade (cun peso do cincuenta por cento). Nas edicións anteriores resultaron galardoadas Expiación, de Ian Mc Ewan (2003); A Menurala, de Simonetta Agnelo (2004); Xuntos e mais nada, de Ana Gavalda (2005); Nunca me abandones, de Kazuo Ishiguro (2006); Sobre a beleza, de Zadie Smith (2007); A rolda nocturna, de Sarah Waters (2008). As obras finalistas da sétima edición de 2009 foron: Festina Lente, de Marcos S. Calveiro; La casa de los encuentros, de Martín Amis; Pólvora Negra, de
Montero Gred: *El accionista mayoritario*, de Petros Markaris; e *Caos Calmo*, de Sandro Varonesi, quien levou o galardón o 23 de xaneiro, despois da fase de votación iniciada o 15 de xaneiro de 2010. Na oitava edición de 2010 os finalistas foron *La mujer del mediodía*, de Julia Franck; *La puerta de los infiernos*, de Laurent Gaudé; *La extraña desaparición de Esme Lennox*, de Maggie O’Farrell; *Otras islas*, de Manuel Lope; e *Sol de inverno*, de Rosa Aneiros. O xurado, integrado por estudantes, persoal do concello, socios do Casino e outros sectores da sociedade compostelá concedeu o 20 de decembro o primeiro premio da oitava edición a *La extraña desaparición de Esme Lennox*, de Maggie O’Farrell.

Referencias varias:


Anúnciase que o prazo de votación para a VII edición do Premio Novela Europea Casino de Santiago. Indícanse os títulos das novelas finalistas: *Festina Lente*, de Marcos S. Calveiro; *La casa de los encuentros*, de Martín Amis; *Pólvora Negra*, de Montero Gred; *El accionista mayoritario*, de Petros Markaris; e *Caos Calmo*, de Sandro Varonesi. Infórmase da data de entrega do premio da edición anterior a Sarah Walters pola súa obra *Ronda Nocturna*.


Recórdase o prazo para votar as obras finalistas na VII edición do Premio Novela Europea Casino de Santiago. Indícase o nome das obras finalistas: *Festina Lente*, de Marcos S. Calveiro; *La casa de los encuentros*, de Martín Amis; *Pólvora Negra*, de Montero Gred; *El accionista mayoritario*, de Petros Markaris; y *Caos Calmo*, de Sandro Varonesi. Infórmase, finalmente, da data de entrega do premio da edición anterior a Sarah Walters polo seu libro *Ronda Nocturna*.


Recórdase o prazo para votar as obras finalistas na VII edición do Premio Novela Europea Casino de Santiago. Indícase o título das obras e a data de entrega do premio da edición anterior a Sarah Walters polo seu libro *The Night Watch*, que foi traducido por Laura Almazán como *A Rolda Nocturna*.


Anúnciase que Sandro Varonesi é o gañador da sétima edición do Premio Novela Europea Casino de Santiago pola súa obra *Caos calmo*, editada en castelán por Anagrama. Citase a Marcos Calveiro, Petros Markaris, Martín Amis ou Montero Gred como outros escritores finalistas. Infórmase da data na que Sarah Waters recollerá o galardón da edición anterior do concurso pola súa obra *Ronda nocturna* traducida ao galego.

Fálase con Elvira Araxes Mazás, profesora titular de Parasitoloxía da Facultade de Farmacia e membro do xurado do Premio de Novela Europea Casino de Santiago. Explícase que o xurado deste certame está formado por tres seccións e, nunha delas, “é fundamental” que haxa persoas de “diferentes ámbitos e sectores da sociedade compostelá”. Indícase que Ares Mazás dera o seu voto a *Caos calmo*, a obra gañadora e citanse outras dúas novelas premiadas en edicións anteriores *A Menulara* e *Xuntos e mais nada*.


Fálase d’*A rolda nocturna* de Sarah Walters, gañadora da sexta edición do Premio de Novela Europea Casino de Santiago, así como do acto que se celebrará con motivo da entrega do premio. Indícase que estarán precedido pola presentación da tradución ao galego feita por Eva Almazán e editada por Galaxia dentro da Biblioteca Compostela de Narrativa Europea que naceu a partir da segunda edición do certame. Anúnciase o nome do gañador da sétima edición, Sandro Veronesi pola novela *Caos calmo* que superou en votos a outras obras como *Festina lente* de Marcos S. Calveiro, ou *Pólvora negra* de Montero González, entre outras. Faise, finalmente, un repaso das obras gañadoras das edicións anteriores como é o caso de *Expiación* de Iain Mc Ewan ou *A Menulara* de Simonetta Agnelo, entre outras.


Infórmase de que o gañador da sétima edición do Premio de Novela Casino de Santiago é o escritor Sandro Veronesi pola súa novela *Caos calmo* publicada en 2005 e levada ao cine por Nani Moretti. Apúntase que a editorial Galaxia será a encargada da súa tradución ao galego e da súa posterior publicación dentro da colección “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea” que leva publicados vinte volumes entre os que se atopa *Neve*, de Orhan Pamuk ou *A rolda nocturna* de Sarah Waters, gañadora da anterior edición. Engádese información sobre o acto de entrega do galardón do premio do 2009. Indícase, tamén, que *Caos calmo* se impuxo as outras finalistas de autores como Martin Amis ou Marcos S. Calveiro, entre outros. Citanse, finalmente, o nome doutros volumes que serán publicados na colección de “Narrativa Europea” como é o caso de *Nocturno*, escrito por Kazuo Ishiguro.


Dáse a coñecer o nome do gañador do Premio Novela Europea Casino de Santiago 2009, Sandro Veronesi, pola súa novela *Caos Calmo*, da que se ofrece o argumento. Citanse as outras novelas finalistas, infórmase de que a obra gañadora será publicada por Galaxia na súa colección “Biblioteca Compostela de Narrativa Europea” e fálase
tamén da celebración de entrega do premio da pasada edición, que recaeu en Sarah Walters por *A rolda nocturna*, novela traducida ao galego por Laura Almazán.


Fálase do acto de entrega do sexto Premio de Novela Europea Casino de Santiago a Sarah Waters, autora de *Rolda Nocturna*. Anúnciase, tamén, a presentación da tradución ao galego da novela editada por Galaxia. Recórdase que, na edición do 2009, a obra de Waters competiu con outras como *Os ollos de K*, de Antón Riveiro Coello; *El regreso*, de Bernhard Schlink; *La elegancia del erizo*, de Muriel Barbery; y *Mira si yo te querré*, de Luis Leante. Indícase que o gañador da última edición do certame foi Sandro Veronesi por *Caos calmo*, novela que competiu coa de escritores como Martín Amis ou Montero Gred.


Indícase que a revista *Granta*, un dos medios máis importantes que conta entre os seus colaboradores con Paul Auster, Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa, anuncia varios dos premios de Novela Europea Casino de Santiago, caso de Ian McEwan; Martin Amis, Julian Barnes e Kazuo Ishiguro. Apúntase tamén que Sarah Waters, Premio do Casino de Santiago 2009 con *Ronda nocturna*, publicada por Xerais e traducida por Laura Almazán, recibiu o galardón.


Fala do sorteo realizado entre os votantes da octava edición do Premio de Novela Europea Casino de Santiago, cuxas dúas afortunadas recibiron un lote dos dez títulos máis vendidos. Tamén se dá a coñecer o título da obra gañadora, *Caos calmo*, do italiano Sandro Veronesi.


Coméntase cales son as obras escollidas como finalistas para o premio Novela Europea Casino de Santiago entre as que se salienta a obra de Rosa Aneiros, *Sol de inverno*. Dáse o nome dos asistentes ao acto de presentación das obras no Casino de Compostela e por último infórmase da composición do xurado.


Comeza destacando que o obxectivo do Premio de Novela Europea Casino de Santiago, é o de promover a lectura e o espírito europeísta convertindo os composteláns no xurado dun certame que cumpre a súa oitava edición. A continuación sinala que o comité selecciona entre un mínimo de cinco obras e un máximo de dez, de diferentes países da Unión Europea publicadas no ano en curso. De seguido dá a coñecer os títulos seleccionados para a participación no certame: *La puerta de los infiernos*, de Lauren
Gaudé; La mujer del mediodía, de Julia Frank; Otras islas, de Manuel de Lope; Sol de invierno, de Rosa Aneiros; e, La extraña desaparición de Esme Lennos, de Maggie O’Farrel. Finaliza comentando que no mes de febreiro será a entrega do premio ao gañador do ano pasado Sandro Veronesi, coa obra Caos calmo.


Primeiramente fala de cómo teñen que facer os votantes para participar na elección da obra gañadora do Premio de Novela Europea Casino de Santiago e sinala cáles son as obras participantes.


Comenta que a escritora escocesa Maggie O’Farrel impúxose co 65.15% dos votos ante o resto dos participantes da oitava edición do Premio de Novela Europea Casino de Santiago, resultando gañadora a súa obra La extraña desaparición de Esme Lennox. Di tamén que a obra trata sobre as duras consecuencias que soportan aqueles que rexeitan as convencións sociais.

Concurso Internacional de Novela Curta Cidade Centenaria de Ribeira

Organizado polo área de Cultura do Concello de Ribeira cos obxectivos de potenciar, apoiar e difundir a literatura en lingua galega e conmemorar a concesión de título de cidade. É un certame literario en lingua galega de ámbito internacional e de carácter bienal, no que pode participar calquera persoa, sen límite de idade ou nacionalidade, sempre que presente un traballo escrito en galego, orixinal e inédito, de temática libre cunha extensión mínima de 80.000 caracteres e máxima de 120.000. O premio conta cunha contía de 3.000 euros, diploma e a publicación da obra. O traballo débese entregar por quintuplicado e mecanografado na Área de Cultura do Concello de Ribeira. Na primeira edición de 2007 gañou a novela As mellores intencións, da coruñesa Begoña Paz, e na segundá edición de 2009, Vertixes, do carballés José Ignacio Silva Regueira. No ano 2010 non lle correspondeu convocatoria, mais convocouse a terceira edición do ano 2011 e rubricouse un convenio con Edicións Xerais de Galicia para publicar a obra gañadora.

Premio de Narración Curta do Concello de Curtis MON AMOUR

Certame convocado polo Concello de Curtis no que os textos presentados debían estar escritos en lingua galega, ser inéditos e non premiados en ningún outro certame, e ter unha extensión comprendida entre os 3.000 e 5.000 caracteres (espazos incluídos). Debían presentar catro copias de cada traballo, baixo lema ou pseudónimo, xunto cun sobre pechado cos datos do autor/a (nome completo, fotocopia do DNI, enderezo e teléfono de contacto). Debían entregarse antes do 31 de outubro de 2010 no Concello de Curtis (Praza de España, 1, CP 15310 Teixeiro, Curtis). Estabelecéronse catro categorías: A (dos 12 ós 18 anos); B (dos 19 anos en diante); C (persoas que teñan entre 12 e 18 anos empadroadas no Concello de Curtis) e D (persoas de 19 anos en diante empadroadas no Concello de Curtis) cunha
dotación económica de 150 euros, para a categoría A e C e 250 euros, para a B e D. Na edición de 2010, os relatos tiñan que ser sobre temática “Mon amour”. Os galardóns da VIIª edición faranse públicos no ano 2011.

Referencias varias:


Certame de Contos Cultura Quente do Concello de Caldas de Reis

Convocado pola Biblioteca Municipal Padre Martínez Ferro, de Caldas. A convocatoria foi aberta a todas as persoas e estabelecéronse tres categorías: A, para nenos de 10 a 13 anos; B, para nenos entre 14 e 17 anos, e C para maiores de idade. Os contos tiñan que estar escritos en lingua galega, orixinais e inéditos, e cunha extensión entre cinco e quince folios. As obras presentáronse directamente ou ben enviáronse por correo certificado á Biblioteca Pública P. Manuel Martínez Ferro (Paseo Román López, 9, 36650 Caldas de Reis-Pontevedra) até o 10 de xuño en sobre pechado por triplicado, co título da obra e lema do autor, acompanyado doutro pequeno sobre, tamén pechado, no que constaba o auténtico nome e apelidos do autor, así como o teléfono, enderezo, a fotocopia do DNI e a indicación da modalidade na que participaba. O Concello poderá publicar os relatos gañadores. A contía dos premios foi a seguinte: na categoría A, 150 euros en libros e material escolar; na categoría B, 150 euros en libros e material escolar e na categoría C un premio de 1.000 euros e un accésit de 500 euros. O prazo de presentación remató o 11 de xuño e a entrega do galardón tivo lugar en xullo durante o Festival Cultura Quente. Na duodécima edición correspondente ao ano 2010 resultaron galardoados: Paula Piñeiro Guimeráns, na categoría A co conto titulado “O tesouro de Emilio”; e na categoría C Marcos Fontán Castrelos co conto titulado “Meigallo” e Xulio Romero Suárez, cun accésit, co conto titulado “O conselleiro de Cultura”, mentres quedou deserta a categoría B. A entrega dos galardóns tivo lugar o 15 de xullo na Biblioteca Municipal de Caldas de Reis.

Referencias varias:


Infórmase da convocatoria da duodécima edición do Certame de Contos Cultura Quente na que se estabelecen tres categorías: categoría A para rapaces de dez a trece anos, categoría B para rapaces de catorce a dezaseis anos e a categoría C para maiores de dezaoito anos. A seguir, coméntanse as normas de participación e a contía dos galardóns. Apúntase tamén que a Concellería de Cultura será a encargada de seleccionar os membros do xurado entre os integrantes dos clubs de lectura da Biblioteca e do
persoal do Departamento de Cultura. Finalmente, disse que os gañadores recibirán unha acreditación do premio acadado.


Dáse conta dos nomes dos gañadores da décimo segunda edición deste premio en cada nunha das categorías.


Entre outras actividades, infórmase dos nomes dos autores e traballos premiados no Certame de Contos Cultura Quente.


Dáse conta da entrega, na Biblioteca de Caldas, dos galardóns do concurso de contos Cultura Quente. Noméanse os autores e relatos gañadores.

Certame de narrativa **Gonzalo Torrente Ballester**

Certame instituído pola Deputación Provincial da Coruña no ano 1989 como reconxecemento á obra narrativa de Gonzalo Torrente Ballester e coa intención de contribuir ao reforzamento da calidade creativa dos escritores, dotado dende a décimo cuarta convocatoria con 25.000 euros e a publicación da obra. Os orixinais poden estar escritos en galego ou en castelán e debían presentarse por duplicado, numerados e en tamaño DIN-A4, escritos por unha cara a dobre espazo e acompañados de plica, na que se facía constar o nome, apelidos e nacionalidade do autor, tanto novela, como relatos ou conxunto de relatos. Os traballos, de tema e extensión libres, enviáronse á Deputación Provincial (Avda. Alférez Provisional, 2, 15006 A Coruña) antes do 1 de xullo. En edicións anteriores recibiron os galardóns as seguintes obras en lingua galega: *A cidade dos Césares*, de Victor F. Freixanes en 1992; *¿Que me quieres, amor?,* de Manuel Rivas en 1995; *Un xogo de apócrifos*, de Xosé Carlos Caneiro Pérez en 1996; *A memoria do boi*, de Xosé Vázquez Pintor en 2000; *As humanas proporcións*, de Xesús Constela Doce en 2003; *A choiva do mundo*, de Xosé Manuel Pacho Blanco en 2007; e *O xornalista. A vida do outro*, de Carlos González Reigosa en 2008. Na XXIIª edición do ano 2010 presentáronse trescentos oitenta exemplares dunha vintena de países. O xurado formado por Salvador Fernández Moreda, presidente da Deputación; Caridad González Cerviño; Ángel Basanta Folgueira; Rosario Canal Otero; Amalia Iglesias Serna; Milagros Frías Albalá; José Antonio Ponte Far; José Mª Pozuelo Yvancos; Mercedes de la Torre-Monmany Ruiz e Rogelio López Cardalda, actuando como secretario, decidiu o 17 de novembro por unanimidade conceder o galardón a *El hermano pequeno*, de José María Guelbenzu. O acto de entrega tivo lugar o 17 de decembro na gala de cultura da Deputación da Coruña no Pazo de Mariñán.

**Referencias varias:**

1986

Fálase da chegada ás librarías d’*El verano de la nutria*, o novo libro co que Milagros Frías gañou o Premio de Narrativa Torrente Ballester. Entrevístase á autora que asegura que este novo traballo constitúe un paso máis cara á realidade “tan esquiva e volátil” que costa tanto plasmar. Citanse obras anteriores súas como *Ars amandi*, *Paisajes de invierno* e *La alambrada de Levi*.


Entrevista coa escritora Milagros Frías, gañadora do Premio Torrente Ballester de Narrativa, coa súa última publicación e primeira novela de aventuras, *El verano de la nutria*. Comenta que a novela conta a historia dunha muller que ten que afrontar os perigos, medos e a soidade que supón vivir nunha illa deserta, sendo o recordo da horda da súa tribu o que lle dá forzas para loitar. Explica que a obra non é só unha homenaxe a *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, senón que tamén conta como referentes a Mark Twain, Joseph Conrad e Jack London.


Tras unha introdución na que se reflexiona ao redor do azar, achégase o argumento da novela gañadora do último Premio Torrente Ballester, *El verano de la nutria*, de Milagros Frías. Dise que a protagonista é unha tradutora, chamada Clara, que tras romper coa súa parella, inicia unhas vacacións nun paraíso que lle supón catro anos de soidade nunha illa deserta.


Entrevista coa escritora María Frías, despois de gañar a XXI edición do premio Torrente Ballester, cunha novela de acción titulada *El verano de la nutria*. Comenta que a novela trata sobre a fraxilidade humana e o azar e que a protagonista é unha moza chamada Clara, tradutora de profesión, que decide afastarse da súa cotidianidade, embarcándose nunhas vacacións que se tornan en algo tràxico, quedando recluída nunha illa. Explica que esta viaxe resume a existencia da humanidade e a súa épica á hora de sobreponerse a situacions adversas. Salienta que a illa constitúe unha metáfora da soidade do home civilizado ante o perigo e recoñece a influencia de obras como *A Odisea*, de Homero e *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe.


Achega a temática da novela de Milagros Frías, *El verano de la nutria*, merecedora do XXI Premio Torrente Ballester, unha historia terríbel, kafkiana ou apocalíptica. Comenta que nesta novela aparecen “mucho Homero digerido e aprovechado”, así como trazos de Daniel Defoe e mesmo de Edgar Allan Poe. Tamén semella un exercicio
filosófico á maneira de Peter Weiss e polo espazo do absurdo atopa heranzas de Herman Melville e Franz Kafka.


Infórmase das actividades culturais previstas, organizadas pola Deputación da Coruña, con motivo do ditame do XXII edición do premio de narrativa Torrente Ballester.


Infórmase que a obra de José María Guelbenzu, *El hermano pequeño*, resultou gañadora do XXII Premio de Narrativa Torrente Ballester. Destácase tamén as verbas do autor que comenta que a novela conta a historia da morte dunha modelo moi fermosa nunha cidade da costa cantábrica, e di que a importancia do premio é a súa repercusión literaria. De seguido, conta que un dos motivos que impulsou ao autor a presentarse ao certame literario é que coincidiu co centenario de Torrente Ballester. Indícase que a novela gañadora é a continuación dunha saga. Por último saliéntanse outras obras do galardoado.


Primeiramente sinala que o escritor José María Guelbenzu foi designado o gañador do premio de narrativa Torrente Ballester, coa súa novela *El hermano pequeño*. A continuación, nunha entrevista o autor destaca que Torrente Ballester foi xunto con Delibes o “gran creador de mundos novelescos” e sinala que a súa obra é unha novela policial e non negra.


Recóllense as verbas do xurado que proclamou a José María Guelbenzu gañador do XXII Premio de Narrativa Torrente Ballester coa súa novela *El hermano pequeño*. Indícase que o xurado sinalou a visión auténtica de España reflectida na obra, a maxistral construcción dunha intriga e a complexa caracterización dos personaxes. A continuación destácase a traxectoria de Guelbenzu e sinálanse outros galardóns recibidos.


Dá conta do gañador da vixésimo segunda edición do premio de narrativa Torrente Ballester, José María Guelbenzu, coa novela *El hermano Pequeño*. Di que o xurado destacou a plasmación da corrupción social e da política que rexen o sistema. A continuación comenta que na actual edición se presentaron un total de trescentas oitenta e unha obras das que sesenta e dúas procedían de dezanove países estranxeiros. Finalmente, sinala outras obras de Guelbenzu.

Informase do gañador do premio de narrativa Torrente Ballester, no ano do centenario do nacemento do escritor, Jose María Guelbenzu coa súa obra El hermano pequeño e coméntase que o xurado destacou a súa “visión auténtica de la España actual”.

- Rodri García/Juan Torreiro, “José María Guelbenzu recibe el Torrente con una novela de intriga”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 18 novembro 2010, p. 44.

Faise eco do acto no que José María Guelbenzu recibiu o Premio de Narrativa Gonzalo Ballester pola súa obra El hermano pequeño e destácase que o autor quere con esta obra dar proxección literaria á novela negra. Por outra banda, dáse conta das verbas do autor durante este acto nas que sinala que esta obra é a quinta dunha saga. Comenta tamén o seu desinterese pola actual novela policial, xénero que recoñece se está a degradar. Finalmente, dice que o autor intervívio fai uns meses nunha conferencia na cidade de Ferrol sobre a figura de Torrente Ballester e que foi nese momento cando decidiu presentar a súa novela ao certame.


Dáse conta da entrega dos premios culturais convocados pola Deputación da Coruña durante a III edición da Gala da Cultura e sinálase que o gañador do premio de Narrativa Torrente Ballester foi José María Guelbenzu.


Fala da III Gala da Cultura celebrada no Pazo de Mariñán na que se entregaron os premios convocados pola institución provincial. Deste xeito destaca entre os premiados José María Guelbenzu, co Torrente Ballester de narrativa.

Certame de Microrrelatos Lonxa Literaria

Organizado polo colectivo moañés Lonxa Literaria, conta coa subvención da Consellería de Educación da Xunta de Galicia e a colaboración do Concello de Moaña. Os microrrelatos tiñan que estar escritos en galego normativo, cunha extensión máxima de quince liñas a dobre espazo. En cada convocatoria os relatos teñen que introducir unha palabra obrigada. Remitíronse tres copias á Lonxa Literaria (Centro Cultural Daniel Castelao, Quintela s/n, 36950, Moaña, Pontevedra) até o 30 de outubro. Convocouse unha única categoría á que se dotou cun premio de 300 euros e dous accésits sen dotación económica. Na VIIIª edición de 2010 a palabra obrigatoria foi “mar”, o prazo de admisión rematou o 31 de outubro e non se concedeu dotación económica. O ditame fixose público o 19 de novembro e concedeu o galardón a Beatriz Lorenzo López polo seu relato “Sabedoria popular”.

Premio de Novela Longa Manuel García Barros (Ken Keirades)

Referencias varias:


Entre outras noticias indicase que o gañador da vixésimo segunda edición do premio de novela Manuel García Barros, convocado polo Concello da Estrada, foi Antón Lopo coa obra titulada *Obediencia*, presentada baixo o lema Gödel, e engádese que o xurado destacou a súa verosimilitude ao trasladar o lectorado a unha Galicia do futuro.


Coméntase o argumento da obra gañadora da vixésimo segunda edición deste premio, *Obediencia*, de Antón Lopo. Díse que se trata dunha novela de ficción científica,
ambientada na Galicia do século XXII, na que, a semellanza de obras anteriores, o autor introduce o lector nun universo imaginario con historias paralelas. Coméntase que a trama está protagonizada por Elba Mácara, unha matemática que foxe dun psiquiatra e se enreda na busca do número perdido, LEF. Salíentase que o xurado do premio destacou o emprego da linguaxe das matemáticas e do cinema. Recóllese que o autor considera que a novela mostra a frustración ante o futuro, a reacción ante unha situación de manipulación ideolóxica dunha sociedade que camiña cara á perda da liberdade e da solidariedade como valor. Tamén se indica o palmarés deste multidisciplinar escritor, que xa conta co Premio Esquio de Poesía, por Fálame, e co Cunqueiro de teatro por Os homes só contan ata tres.


Comeza dando a coñecer o nome do autor gañador do XXII Premio de Novela Manuel García Barros, o escritor e xornalista de Galicia Hoxe, Antón Lopo, coa obra Obediencia, que edita Galaxia. Continúa dicindo que tras a presentación terá lugar un faladoiro no que participarán críticos e gañadores doutras edicións do premio. De seguido, sinala que a obra traslada o lector a unha Galicia futurista, mesturando a linguaxe das matemáticas e do cinema. Finalmente, nomea outros galardóns conseguidos polo autor como o Galicia da Xunta, o Reimóndez Portela, o Irmandade do Libro da Federación de Libreiros e o da Asociación de Escritores polo conxunto da súa traxectoria.

Certame Literario Manuel Lueiro Rey de Novela Curta

Convocado polo Concello do Grove dende o ano 1992, en colaboración con Sotelo Blanco Edicións, para honrar a figura do galeguista que lle dá nome e promocionar a literatura galega e os seus autores. Nun principio era un certame literario que previa dúas modalidades: narración curta (para maiores de 18 anos) e narración xuvenil, mais na V convocatoria o certame pasou a ser monolingüe en galego e reduciuse a unha única modalidade sen requisitos de idade. Na VII edición mudou a súa especialización substituíndo a de narración curta pola novela curta. Os traballos debían presentarse no Concello do Grove (Praza do Corgo, s/n. 36980) por quintuplicado e precedidos polo título e un lema. Asemade, había que entregalos nun sobre pechado no que figurara por fóra o título e lema e dentro os datos do autor. Debían ser orixinais e inéditos e aterse á normativa vixente, ademais de ter unha extensión mínima de cincuenta folios e máxima de cen. O prazo de presentación remató o 30 de xaneiro e o galardón consiste en 3.000 euros e a publicación por parte de Sotelo Blanco da obra gañadora. O xurado, que se deu a coñecer antes da concesión do premio, estivo formado por cinco membros relacionados co mundo da literatura. Un deles é o gañador da edición anterior do premio, dous son nomeados polo comité organizador e outros dous son representantes de Sotelo Blanco. Nas edicións anteriores foron merecedores deste galardón: en 2008 An Alfaya con Areaquente; en 2007, Ramón Caride Ogando con O frío azul; en 2006, Marina Pérez Rey con Canícula; en 2005, Manuel Riveiro Loureiro con Xullo-Agosto; en 2004, Teresa Moure con A xeira das árbores; en 2003, Pilar Buela con Ácaros verdes; en 2002, Xabier López López con O mono no espello; en 2001, Santiago

**Referencias varias:**


Recóllense algunhas impresión da gañadora da última edición do premio de novela Manuel Lueiro Rey, Chelo Suárez Muíños, e do xurado, que destacou, a pesares de ser unha novela contextualizada na guerra civil, que está escrita cunha “gran forza poética”. Dise que esta novela titulada *As horas rotas* conta a historia dunha muller que ve truncada todas as súas expectativas. Suárez Muíños comenta que esta novela foi froito dun traballo minucioso, xa que sufriu varias correccións, e que se resume á perfección a través dun poema de Miguel Mato, titulado “Casa de Sombras”, que se inclúe como epílogo do volume. Tamén expresa a súa ledicia ante a concesión deste premio, xa que afirma que ela escribe para ser lida. Pola súa banda, o xurado destacou o volume e gran calidade de traballos presentados nesta convocatoria do premio, feito que fixo atrasar o ditame.


Indícase a ledicia de Chelo Suárez Muíños ao coñecer que o galardón do XVII premio Manuel Lueiro Rey recaeu na súa obra *As horas rotas*. Noméase a contía do premio e o xurado.


Recóllense algunhas das valoracións do xurado que ditou a última edición do Premio Lueiro Rey, no que foi recoñecida a obra de Chelo Suárez Muíños, *As horas rotas*. Dise que a novela achega un novo enfoque sobre o tema da guerra civil, abordándoo dende a visión dunha muller que ve frustrada a súa vida co comezo da contenda; e dende o punto de vista dun guerrilleiro que se entrega a unha causa que considera xusta. O xurado asemade, resaltou o lirismo e o seu sentido poético co que se trata a historia. Tamén se recollen declaracións da autora, quen explica o argumento da obra. Nun á parte destácase o alto nivel alcanzado nesta derradeira edición do premio, pola calidade e volume de traballos presentados, que chegaron a un total de vinte e seis.

Certame de Narracións Breves **Manuel Murguía**
Convocado polo Concello de Arteixo, dende o 1991, para contribuír ao desenvolvemento da narrativa galega e honrar a Manuel Murguía. Poden concorrer todas as persoas que o desexen cunha única obra de temática libre e escrita en lingua galega, cunha extensión entre quince e trinta folios mecanografados a duplo espazo por unha soa cara. Os traballos, orixinais e inéditos, debían entregarse antes do 1 de marzo, por cuadriplicado, xunto cunha copia nun CD en formato PDF, ao Concello convocante (Praza do Alcalde R. Dopico, 1, 15142 Arteixo), nun sobre onde figurase só o título da obra e un lema. Así mesmo, nun sobre pechado debía achegarse o título, lema, nome, enderezo, teléfono e currículo de quen se presentaba. O premio consistiu na publicación da obra premiada, así como 3.665 euros. En anteriores edicións resultaron galardoados Samuel Solleiro con Caída de Abraham Rosenblath en 2009; Alva Martínez Teixeiro por Un domingo amarelo para dentro en 2008; Miriam Rodríguez Debasa con Mentras espero en 2007; Xesús Manuel Marcos con A caía da folla en 2006; Inma López Silva con Aqueles que retratan o vento en 2005; ex aequo para Xosé Luís Álvarez, con Detrás dos meus ollos e Xaime Domínguez Tojo por A casa dos alicerces mariños en 2004; ex aequo para Bieito Iglesias con Comentario ó Apocalipse e para Paula Sano Vicente por As idades dela en 2003; ex aequo para Emma Pedreira por A flor perfeita e Daniel Asorey por Soñar pedras con fútbol en 2002; ex aequo para Rosa Aneiros con Mares de Xabre e Xosé Luis Martínez Pereiro por Palamades e a Bestia Ladradora en 2001; ex aequo para Xosé Luís Vázquez Somoza, por A fervenza e Xosé Carlos Caneiro por As flores en Irlanda en 2000; ex aequo para Manol Riveiro Loureiro con O río da tristura e David Pérez Iglesias con Sámago fascismo en 1999; ex aequo para Alfonso Álvarez Cáccamo con Cannis fugit e Xosé Luís Álvarez con Amencer en 1998; Marilar Aleixandre con Desaforados muños en 1997; Anón Riveiro Coello con O nome do espello en 1996; Isidro Novo con Cabalos do demo en 1995; Xesús Manuel Marcos con A celad de arame en 1994; ex aequo para Xavier Alcalá con Relación de feitos de sangue e José Antonio Lozano con Retrato antigo: pinturas e superficies en 1993; e ex aequo para Xosé Manuel Marcos con Fuxidos en 1992 e Joel Gómez Para un clima supremo. No ano 2010, XIXª edición, concorreron a este certame corenta e seis obras e o xurado deu a coñecer o 15 de maio. O xurado composto por Montse Collazo, María Anxo González, Julio Mancebo e Samuel Solleiro proclamou vencedora a obra As dúas vellas do Iguasú, de Andrés Pociña Pérez. Quedaron como finalistas Manuel Alvite con Brais Olveira e Antonio Bazarra con Cristal. A entrega do galardón tivo lugar o 15 de maio no centro cívico de Arteixo.

Referencias varias:


Anúnciase a convocatoria do XIX Certame de Narracións Breves Manuel Murguía e publicanse as bases do premio.


Comeza contando que o galardón Manuel Murguía é un certame literario que cumpre xa vinte anos e polo que pasaron escritores como Yolanda Castaño, Xosé Carlos Caneiro,
Xulio Valcárcel e Marilar Aleixandre. Continúa dicindo que o concurso naceu no ano 1991 e xa conta con sete libros de relatos publicados. De seguido, comenta que na edición actual ao habitual primeiro premio, o acompañarán dous premios máis. Finalmente destaca as verbas de Pilar Souto, a alcaldesa, que foi a encargada de presentar as bases do concurso.


Dá conta da presentación das bases do certame Manuel Murguía e destaca os seus vinte anos de existencia. Comenta tamén que este ano ao primeiro premio sumaránsele dous premios máis para os finalistas. A continuación, fai un repaso polas dúas décadas do premio, destacando que se celebraron desanove edicións, que o xurado leu un total de novecentos nove relatos e que o Concello publicou xa sete exemplares. Destaca tamén que a primeira edición do premio tivo lugar no ano 1991 coa intención de engrandecer a cultura e a lingua en Arteixo. Finalmente conta que no certame participaron escritores recoñecidos como Carlos Casares, Yolanda Castaño ou Riveiro Loureiro.

Certame de Relatos de Muller Matilde Bares

Organizado a través do CIM pola Concellaría da Muller de Bueu en homenaxe a esta profesora buenense que realizou un destacado labor profesional e persoal no municipio. Dotado cun único premio de 600 euros, que ascende actualmente aos 1.500 euros, a organización estabeleceu dúas modalidades lingüísticas, galego ou castelán. Os traballos presentados só podían estar nunha das dúas línguas, debendo ser orixinais e inéditos e non premiados con anterioridade noutro concurso ou certame. Podían presentarse concursantes, maiores de idade e residentes en Galicia e debían axustarse á temática da muller, valorándose o tratamento da igualdade de oportunidades entre os dous sexos, a corresponsabilidade nas obrigas familiares e a violencia de xénero. Os criterios de selección foron a orixinalidade no tratamento do tema, a expresión e a utilización dunha linguaxe non sexista. As obras debían entregarse ou enviarse por correo por cuatriplicado antes do 30 de abril no Rexistro Xeral do Concello de Bueu (Eduardo Vincenti, 8, 36930 Bueu-Pontevedra), facendo constar no sobre “V Certame de Relatos de Muller Matilde Bares”, ademais de nome e apelidos, enderezo, teléfono e fotocopia do DNI do autor e o título da obra no exterior. Presentáronse en soporte papel e informático cunha extensión non inferior a vinte folios nin superior a corenta. Nesta edición de 2010, o prazo de presentación rematou o 31 de maio. O xurado composto por Román Raña Lama, María Navarro García, Xosé Alfredo Naz Fernández e Montserrat González, como secretaría, concedeu o galardón ao relato Xénero imperfecto, de Alex Alonso.

Referencias varias:

Entre outras actividades, infórmase da celebración da sexta edición do Certame de Relatos Literarios Matilde Bares.


Anúnciase a sexta edición do Concurso de Relatos de Muller Matilde Bares. Inclúese información das bases do concurso.


Indícase que o pontevedrés Alex Alonso é o gañador do concurso Matilde Bares de relatos convocado polo concello de Bueu, coa obra *Xénero imperfecto*, da que é protagonista unha muller maltratada.

Certame de **Micronovela do Concello de Soutomaior**

Iniciouse no ano 2007 da man do Concello de Soutomaior e Edicións Xerais de Galicia. Nel podían participar persoas de calquera nacionalidade cunha ou máis obras orixinais, inéditas, escritas en lingua galega e non presentadas a ningún outro certame a celebrar entre a convocatoria e a resolución. Os traballos debían ter unha extensión mínima de trinta e cinco folios e máxima de sesenta, escritos a dobre espazo. Tiñan que enviarse por cuadriplicado, con pseudónimo e baixo plica na que constasen os datos de quen escribiu a micronovela, á Casa do Concello de Soutomaior (Rúa Alexandre Bóveda n.º 8, 36691 Soutomaior) até o día 17 de maio. Se o xurado o estimase oportuno podería outorgar un accésit, sen dotación económica, e en caso de declarar deserto o premio, por mala calidade das obras, o Concello dará unha mención de honra, cun premio simbólico. Podíase obter información na páxina web de Edicións Xerais de Galicia. Até o ano 2009 a dotación era de 2.000 euros para o primeiro premio e de 1.000 euros para o segundo e a publicación das obras por Edicións Xerais de Galicia, pero ese ano outorgouse un único premio de 3.000 euros. En anteriores edicións foron galardoados en 2008 Andrea Maceiras Lafuente, pola súa obra *Diario dun proxecto Bolboreta* e en 2009 José Ignacio Silva Regueira pola obra *Escintileos*. No ano 2010 non houbo convocatoria.

Certame de **Minicontos de Outono**

Convocado polo Centro Pen de Galicia e o xornal gratuíto *LV* do Grupo El Progreso co obxectivo de ampliar horizontes para a lingua e a cultura de Galicia por primeira vez no ano 2010. Conta cunha contía de 600 euros para o primeiro premio, 300 para o segundo e 100 para o terceiro. Poden presentarse tres traballos inéditos por autor, escritos en lingua galega, segundo a normativa vixente, e de libre temática cunha extensión máxima de 1.200 caracteres (sen contar os espazos) até o 15 de decembro no enderezo electrónico minicontosoutono@pen-galicia.org ou a LV (Rúa Salvadas, 27, 15705, Santiago). No ano 2010 a decisión do xurado, presidido por Luis González Tosar e composto por Santiago Jaureguizar, Bieio Iglesias, Resina Vega, Daniela Sotgiu, Xavier Catro, Diego de Cora e Juan Méndez, deuse a coñecer o 20 de decembro e foron galardoados Silvia Álvarez polo seu miniconto “No ventre morno do río” co primeiro
Certame Nacional Galego de Narracións Breves Modesto R. Figueiredo do Pedrón de Ouro

Convocado dende o ano 1974 pola Fundación do Padroado do Pedrón de Ouro, é o decano dos premios literarios galegos para promover a literatura narrativa en lingua galega e render homenaxe a Xaquin Lorenzo “Xocas”. Podían participar persoas de calquera nacionalidade cunha ou máis obras escritas en galego e inéditas, que nunca se presentaran a ningún certame literario. Os orixinais debían presentarse por quintuplicado, mecanografados a dobre espazo e por unha soa cara e debían contar cunha extensión mínima de cinco folios e máxima de trinta. Os traballos debían enviarse antes do 15 de novembro sen remite ou outra forma de identificación e baixo o sistema de plica á Fundación do Padroado Pedrón de Ouro (Apartado de Correos 627, 15780 Santiago de Compostela) ou ao Concello de Vilagarcía de Arousa (Concellería de Cultura-Auditorio; Avda. da Mariña, 27, 36600). O tema foi libre, pero tívose en conta o tratamento e as técnicas narrativas empregadas, así como a pureza lingüística e a altura literaria. O primeiro premio e os accésits son publicados por Ediciós do Castro. A dotación económica para o primeiro premio foi de 1.000 euros e 400 euros para cada accésit. O xurado estivo formado por catro especialistas en crítica literaria designados pola Fundación co asesoramento e colaboración da Asociación de Escritores e o Concello de Ourense, reservando a Fundación os postos de presidente, secretario e moderador (estes dous últimos con voz pero sen voto). Este certame conta co apoio dun concello diferente cada ano, correspondéndolle nesta edición ao Concello de Arzúa. En anteriores edicións resultaron galardoados co primeiro premio: en 1975 Xoán Ignacio Taibo con A enquisa; en 1976, Xavier Alcalá, con A fundición; en 1977, João Guisán Seixas con Número de patente; en 1978, ex-aequo para Xosé Manuel Martínez Oca por A negra e para Víctor Fernández Freixanes por A caza das cascadus; en 1979, Xoán Ignacio Taibo por Pacifico sul; en 1980, Lourenzo Álvarez Ruiz, por RATP; en 1981, ex-aequo para Tacho Calvo por A gran novela e Xosé Manuel Martínez Oca por Noite de luar; en 1982, Miguel Suárez Abel con O quiquiriquí; en 1983, Antón Castro con Vida infame de Tristán Fortesende; en 1984 ex-aequo para Amancio Liñares Giraut por Nun cuarto para agardar e Román Raña por O último hexagrama; en 1985, Miro Villar por Augas de silencio; en 1986, Antón Rodríguez Castro por O xardín despois da chuva; en 1987, Miro Villar por Verbas cruzadas con Amaranta; en 1988, ex-aequo para Bieito Iglesias por Luanda e Xosé Miranda por Na terra sombría; en 1989, ex-aequo para Manuel Riveiro Loureiro por Vindo de volta e Xan Frenla por Conto do diluvio; en 1990, Xoán Piñeiro Coello con A liga dos Lambetas; en 1991, Helena Villar Janeiro por O cadro; en 1992, Isidro Novo por A pin up de Beautiful Street; en 1993, Xosé Luís Santos Cabanas por Ahoulouuuu...!; en 1994, Manuel Riveiro Loureiro por O coxo da Gamboa; en 1995, Antón Riveiro Coello por Bruca Manigua; en 1996 Xosé Antón Moreno por As xeiras de don Xoán; en 1997, Antón Riveiro Coello por Sete traxes; en 1998, ex-aequo para Rosa Aneiros por A eídosa que izaron as bandeiras e Luis González Tosar por Catro dedos por debaixo do embigo; en 1999, Xosé Luís Álvarez Pérez por Marisol de outono; en 2000, Beatriz Dacosta por Na sombra da lúa; en 2001, Álvaro Lago por O crime de Pombal; en 2002, Emma Pedreira por Os doces devorados; en 2003, Xosé L. Vázquez Pérez por De noite non reces aos idólos; en

Nesta XXXVIª convocatoria, do ano 2010, contou coa colaboración do Concello de Vilagarcía de Arousa. De entre os sesenta e tres relatos presentados, resultou galardoado co primeiro premio e co primeiro accésit o profesor vigués Xosé Alfredo Naz cos relatos “O Mal” e “A sombra da curuxa” e recibiu o segundo accésit Clara Isabel Rodríguez con “Retallos da memoria perdida”. O xurado estivo integrado polos escritores Marcos Calveiro, Miro Villar, Ramón Caride e o técnico do Concello, Manuel Campos. A entrega dos galardons tivo lugar o 29 de decembro.

Referencias varias:


Fálase con Juan Tallón Salgado, gañador da trinta e cinco edición do certame de Narracións Breves Modesto Rodríguez Figueirido que organiza a Fundación Pedrón de Ouro. Explica que en *Era el*, obra coa que gañou o certame, reflexiona sobre a creación e sobre “os límites dos autores e onde empeza a identidade dun e onde acaba a doutro”.


Co gallo da celebración da trixésimo sexta edición do premio de narracións breves “Modesto Figueirido”, opinase sobre a necesidade que teñen algúns concellos de contar coa implicación da deputación correspondente para poder afrontar os gastos que isto supón.


Dáse conta do gañador da trinta e seis edición do certame Modesto Figueirido que foi o vigués Xosé Alfredo Naz Fernández coa obra *O Mal*. Coméntase tamén que o xurado deu dous accésit ás obras *A somba do curuxa*, tamén de Xosé Alfredo Naz e *Retallos da memoria perdida*, de Clara Isabel Rodríguez Giráldez. Destácase que no certame participaron sesenta e seis orixinais de toda Galicia e que o xurado salientou a alta calidade e a variedade das obras. Por outra banda, fálase de que o certame está organizado pola Fundación Penzol e que cada ano se celebra nun municipio distinto de Galicia. Finalmente, noméase a composición do xurado.

**Premio de Relatos Mulleres Progresistas**

Convocado pola Asociación de Mulleres Progresistas de Vigo. Podían participar mulleres de calquera nacionalidade ou cultura, cun máximo de dous relatos orixinais e
inéditos, de tema libre en galego normativo, cunha extensión mínima de quinze páxinas e máxima de trinta. Cada relato presentouse cun pseudónimo e baixo plica na que figurasesen os datos da concursante (nome, apelidos, domicilio e teléfono). Debían presentarse cinco copias impresas en papel e unha copia en soporte informático (diskette ou CD), preferiblemente en formato Word na sede da Asociación Mulleres Progresistas (r/ Polícarpo Sanz, 12-14, 2º VIGO 36202). O xurado determinará cinco finalistas, entre os que se elixirán os tres galardóns do certame, dotados con 500 euros, figura e diploma: 250 euros e diploma e 150 euros e diploma, respectivamente. Se o nivel dos relatos presentados é adecuado, designaranse diferentes mencións especiais que, xunto cos finalistas e os premios serían publicados nun volume. O prazo de admisión da cuarta edición pechouse o 31 de decembro do 2010.

Premio Nacional de Narrativa

Ver apartado X.5. deste Informe.

Premio de Literatura Erótica Narrativas Quentes


Referencias varias:


Informa das novas culturais máis recentes entre as que nomea no apartado “Premios” a gañadora da quinta edición de Narrativas Quentes, Eva Moreda, por Organoloxía (2010).

Concurso para Autores Novela por entregas

La Voz de Galicia e Canal Voz convocan este premio dende 2001, que conta coa colaboración co Ámbito Cultural de El Corte Inglés. Nel podían participar todas as persoas que presentasen unha novela inédita e que non optasen a outros concursos, escrita en galego e dividida necesariamente en trinta e un capítulos da mesma extensión (tres mil cincocentos caracteres, con espazos incluídos). As obras enviárnonse até o 8 de
xuíño, á sede do xornal no polígono industrial de Sabón (Arteixo) ben polo correo ordinario ben polo correo electrónico redac@lavoz.es. As obras presentáronse en catro copias, impresas a dobre espazo por unha soa cara, e polo sistema de placa pechada. Estabeleceu un único premio dotado con 6.000 euros e a publicación da novela na sección “Páxinas Literarias” de La Voz de Galicia ao longo do mes de agosto e simultaneamente na súa páxina de La Voz de Galicia. Ademais, levarase a cabo unha edición da obra gañadora en formato libro, dentro do ano, e nas condicións habituais de devengo de dereitos de autor. Trátase dun galardón paralelo ao de narrativa curta “Relatos de verán”, que este ano cumpriu a súa novena edición e que comezou no ano 2000. Na primeira edición deste premio, o xornal convocante publicou, por fascículos e fora de concurso, a novela O xabaril branco, de Tucho Calvo; a partir de entón, as obras a publicar por entregas soméntense a este concurso. En anteriores edicións resultaron gañadores Marílar Aleixandre con Unha presa de terra, Miguel Suárez Abel con O repenique de Beatriz Goldar, Xosé Antonio Perozo con Caderno de Riparia, Ángel de la Cruz con O descenso do derradeiro ocaso, Carlos Freire Cordeiro con Acio sanguento, Santiago Lopo con Game over, Concha Blanco con Habitación 202, Emilio Alonso con Mercurio e Alberto Ramos co título Con acuse de recibo. Na edición do ano 2010, o xurado composto por Luis Ventoso, Xosé Carlos Caneiro, Ramón Loureiro, Luís Pousa e Ramón Nicolás galardoou a obra Vidas cruzadas, de An Alfaya.

Referencias varias:


Infórmase do acto de entrega do Premio de Novela por Entregas de La Voz de Galicia, de la obra de An Alfaya, Vidas Cruzadas. Coméntase que a obra premiada é unha historia formada por varias tramas na que se afonda sobre a soidade e incommunicación nos nosos días. Tamén se dá conta da composición do xurado e da nómina de asistentes, destacándose a intervención do presidente da Real Academia, Xosé Luís Méndez Ferrín, quen confesou que creu na autora dende os seus comezos e afirmou que recuperar a novela por entre gas é unha idea fantástica; así como a de Ramón Pernas, director do Ámbito Cultural de El Corte Inglés.


Entrevista coa gañadora da décima edición do Premio de Novela por Entregas de La Voz de Galicia. An Alfaya, coa súa novela Vía secundaria presentada baixo o lema Vidas Cruzadas. Trátase, segundo se recolle, dunha “historia coral” de personaxes perdedores, vítimas da soidade e incommunicación. Alfaya comenta que estes temas xa os tratou en novelas anteriores, incluso nas súas obras de narrativa infantil e xuvenil. Tamén explica que a elaboración desta novela foi un exercicio de contención, xa que había que acomodarse a un espacio pautado, pero comenta que se divertiu na súa escrita, que só se estendeu escasos quince días, a pesar que a idea desta novela xa lle roldase anteriormente, e afirma que o máis importante é procurar enganchar ao público; ainda que sen renunciar á súa prosa elaborada, que o xurado valorou, pois para a autora é tan importante a forma coma o fondo. Por outro lado, Alfaya é preguntada acerca das súas fontes literarias, que confesa que son os escritores latinoamericanos, en especial Gabriel
García Márquez, Mario Vargas Llosa e Ernesto Sábato e Luis Landero, entre os nacionais.

Premio Pastor Díaz de Novela

Convocado polo Concello de Viveiro, ten carácter bienal e está destinado a homenaxear a figura de Nicomedes Pastor Díaz. Nel podían participar autores e autoras de calquera nacionalidade que presentasen obras escritas en lingua galega. Os traballos debían ser inéditos e contar cunha extensión mínima de cen folios escritos a dobre espazo, debidamente grampados, cosidos ou encadernados. A contía do premio é de 3.000 euros, que se outorga a unha única obra e pode quedar deserto cando a calidade dos traballos presentados sexa insuficiente. O xurado resérvase o dereito de publicación da obra. As obras enviáronse, sen remite e baixo un lema, ao Concello de Viveiro, Departamento de Cultura, 27850 Viveiro (Lugo), coa indicación no sobre de “VII Premio Pastor Díaz de Novela”. Acompanhárone dun sobre pechado e baixo o mesmo lema, indicándose o nome, enderezo, currículo e teléfono do autor. De cada obra remitíronse cinco copias. O xurado do premio está composto por membros escollidos entre figuras do mundo da cultura e dase a coñecer ao mesmo tempo cá resolución do premio. No ano 2010 non se convocou este premio.

Concurso Internacional de Relatos Pousadas de Compostela

Coincidiendo coa celebración do Ano Santo o grupo Pousadas de Compostela convou este concurso co afán de promover a literatura relacionada coa cidade e co Camiño de Santiago. Podían participar persoas de calquera nacionalidade cun texto orixinal e inédito relacionado co tema “Santiago de Compostela e o Camiño”, escrito en lingua galega ou en calquera das linguas do Camiño coa correspondente tradución ao galego. Os relatos debían ter unha extensión de entre 7 e 15 páxinas (12.000-30.000 caracteres). Entregáronse por cuadriplicado con pseudónimo e acompañados dun sobre pechado cos datos persoais do autor ou autora en Pousadas de Compostela (rúa Virxe da Cerca 27-15703) antes do 15 de xuño. Conta con dous galardóns de 3.000 e 1.000 euros para o gañador e o finalista, ademais dunha fin de semana no Mosteiro de Aciveiro ou no Pazo de Lestrove. O xurado, composto por Luís Manuel García Mañá, Xosé Luís Barreiro Rivas, John Rutherford, Gonzalo Navaza e Luz Méndez, acordou o 24 de xullo en Santiago de Compostela conceder os galardóns aos relatos “O Despacho de Molly Bloom”, de Inma López Silva e a “Codex Calixtinus”, de María Carmen Simón Martínez.

Referencias varias:


Fálase do novo certame literario internacional posto en marcha pola empresa Pousadas de Compostela con motivo da celebración do Ano Santo e publicanse as bases do concurso.

Dá conta da clausura dos cursos “Lingua e cultura galegas para estranxeiros e para españoles de fóra de Galicia”, impartidos por persoeiros como Manuel Rivas e Yolanda Castañ. Tamén sinala que Inma López Silva, escritora, profesora e crítica de arte vén de gañar o Concurso de Relatos Pousadas de Compostela con *O despacho de Molly Bloom*, sendo finalista Carmen Simón Martínez, por *Codex Calixtinus*.

Concurso de relatos eróticos **Punto e seguido**

Organizado polo Centro de Información á Muller do Concello de Soutomaior co obxectivo de dar a coñecer o Punto de Información e coa idea de que a literatura é unha poderosa ferramenta para comunicar ideas. Puideron participar maiores de idade galegos ou residentes en Galicia cun máximo de dúas obras por participante. As obras debían ser orixinais, inéditas e escritas en galego cunha extensión máxima de seiscentas palabras e debían presentarse por triplicado co CIM (Rúa Peirao, 8, 36690, Arcade). O tema debía ser erótico e valorárse as historias que promoveron valores de igualdade. O galardón consistiu nunha fin de semana gratis no castelo de Soutomaior. Na primeira edición resultou galardoado o relato “Erótica Anécdota Cotiá”, de Angélica Muíños Muíños. O prazo de presentación da 2ª edición do ano 2010 rematou o 15 de outubro. O xurado decidiu outorgar o galardón ao relato “Por que sorrís?”, de Carmen María Barrizal Fernández. A entrega do galardón tivo lugar o 11 de novembro no Centro Multiusos de Arcade.

**Referencia varias:**


Entre outras actividades destaca a entrega de premios do II Concurso de Relatos Eróticos a Carmen María Barrizal Fernández, co relato *Por que sorrís?* Recolle as verbas de Marián Muíños, membro do xurado e gañadora do premio Punto e seguido do pasado ano, quen destaca que é un relato “divertido, orixinal e picante”, cunha forte carga erótica e cheo de “sutilezas”. Finalmente, subliña que o relato incentiva valores de igualdade e promove a ruptura de “estereotipos sexistas”.

Certame Literario **Ramón del Valle-Inclán**

Convocado pola Asociación de Amigos do Museo que A Pobra dedica ao escritor arousán. Este galardón estivo dotado con 1.000 euros para o primeiro premio e 500 para o segundo máis diploma. Puideron participar todos os autores a partir dos dezaseis anos que presentasen traballos en galego de temática libre e con extensión máxima de vinte folios. Os relatos enviáronse por quintuplicado nun sobre pechado co nome do certame e pseudónimo á Asociación (Apartado de Correos, 15940) ou ao Concello da Pobra (Rúa Gasset, n.º 28). No interior do sobre, nun folio, especificáranse os datos persoais do participante. O prazo de entrega finalizou o 23 de xullo, a resolución do xurado
deuse a coñecer en setembro e o acto de entrega tivo lugar o 25 de setembro.

Referencias varias:


Infórmase das contías dos premios deste certame.

**Premio Relato Curto da Asociación de Antigos Alumnos e Amigos da Universidade de Santiago**

Certame convocado pola Asociación de Antigos Alumnos e Amigos da Universidade de Santiago de Compostela sobre tema libre e escrito en galego ou castelán, ao que poden concorrer todos os membros desta asociación. O relato debía ter un máximo de sete folios, que se presentou por triplicado, mecanografado a dobre espazo en DIN-A4 e a unha cara, con tipo 12 de Times New Roman. Os traballos enviáronse por correo certificado á sede da Asociación de Antigos Alumnos: Casa de la Concha, rúa da Conga, 1, 15704 Santiago de Compostela. Os relatos presentáronse necesariamente con pseudónimo, acompañando a tal fin un sobre pechado, en cuxo exterior figuraba o pseudónimo e no interior daquel unha folha co nome e apelidos, enderezo, número de teléfono e dirección de correo electrónico do autor. A Asociación resérvase a facultade de editar as narracións como estime oportuno, que quedarán en poder da institución convocante, sen que os autores teñan dereito a compensación económica algunha. O xurado estivo composto por persoas enteñidas na materia e podía declarar deserto o premio, sendo a súa decisión inapelábel a todos os efectos. O galardón foi unha figura da colección Alba da Groria de Castelao, realizada por Sargadelos, e un premio en metálico de 300 euros. No ano 2010 o prazo de admisión dos traballos estivo aberto até o 30 de setembro de 2010 e o xurado decidiu declarar deserto o premio da Vª edición.

**Concurso Relatos de Verán. La Voz de Galicia**

No ano 2000, por vez primeira, *La Voz de Galicia* convidou aos escritores afeccionados a que enviasen os seus relatos para seren publicados durante todos os días do mes de agosto na sección “Páxinas literarias”. Estas páxinas incluíron fóra de concurso unha sección dedicada a escritores coñecidos, para daren cabida tamén á publicación por capítulos da obra que resultara gañadora do premio “Novela por entregas”. Dende ese ano, *La Voz* de Galicia e Canal Voz convocaron este concurso dirixido a persoas de todas as idades con textos inéditos, de tema libre, escritos en galego ou castelán. Os interesados debían enviar o seu relato, xunto a unha pequena ficha con fotografía tamaño carné e os datos persoais, a *La Voz de Galicia* (Avda. da Prensa, 84-85, Polígono de Sabón, 15142 Arteixo-A Coruña) ou ao correo electrónico relatos@lavoz.es até o 15 de xullo. Os orixinais, non podían exceder as vinte e cinco liñas mecanografadas de corpo once (uns 2.100 caracteres). Un xurado encargouse de seleccionar os relatos para ser publicados ao longo do mes de agosto no xornal e na súa páxina web. A seguir, o lectorado de *La Voz* elixiu cada semana o mellor conto dos autores e autoras noveis que se publicaron durante ese período facendo o seu voto por
medio duns cupóns diarios que apareceron no xornal. Polo feito de participar na votación, entraron nun sorteo semanal dun lote de libros de Edicións Xerais de Galicia. Establecéreronse dúas modalidades: menores de 15 anos e maiores de 15 anos. Os premios na convocatoria de 2010, undécima edición, consistiron nun iPad 3G para a modalidade de menores de 15 anos e unha viaxe a Londres para dúas personas, para a outra modalidade. Na categoría de maiores de 15 anos resultou galardoado Félix Cid Conde polo relato “Se busca” e, na categoría infantil, Enrique Rey Luiz, por “El último minuto del mundial”.

Referencias varias:


Infórmase do peche do prazo de presentación para os traballos aspirantes ao concurso de Relatos de Verán. Asemade recórdanse as bases do concurso e os premios que conseguiran os gañadores.


Dásese conta dos gañadores da undécima edición do premio Relatos de Verán de La Voz de Galicia. Dise que o relato de Enrique Rey Luiz, de dez anos, gañador na categoría de menores de quince anos, trata sobre un neno que tiña soños premonitorios sobre o que ía acontecer ao día seguinte. Coméntase que o vencedor da categoría absoluta, Félix Cid Conde, quen con esta suma tres edicións gañadas, presentou un relato titulado “Se busca”, no que se narra unha historia dun intenso amor adolescente, con triste final. Ademais infórmase dos galardóns cos que foron agasallados cada un dos gañadores.

Concurso **Relatos de Verán. Xornal de Galicia**

No ano 2009, por vez primeira, Xornal de Galicia convidou os seus lectores a enviar os seus relatos para seren publicados durante todos os días do mes de agosto. Este concurso está dirixido a persoas de todas as idades con textos inéditos, de tema libre, escritos en galego ou castelán. Os interesados debían enviar o seu relato, xunto cos seus datos persoais, ao correo electrónico: opinion@xornaldegalicia.com. Os orixinais debían comprender entre os 6.000 e 6.500 caracteres. Nesta segunda edición os relatos enviáronse entre o 1 de xullo e o 24 de agosto.

**Premio Narrativa Breve Repsol YPF**

Premio convocado dende o ano 2006 polo complexo Repsol-YPF en colaboración coa Secretaría Xeral de Política Lingüística da Xunta co fin de promover a lingua e literatura galegas. Conta co apoio da Real Academia Galega, a Asociación Galega de Editores e a Asociación de Escritoras e Escritores en Lingua Galega e coa colaboración da Editorial Galaxia. Até o momento estivo dotado cun premio de 6.000 euros, ainda que na terceira edición a contía aumentou até os 9.000 euros, e dunha tirada de 3.000
exemplares do libro pola editorial Galaxia para o gañador/a. Puideron concorrer todos os autores e autoras que o desexasen, agás o gañador/a da edición anterior. Os traballos tiñan que ser orixinais e inéditos, escritos en língua galega seguindo a normativa vixente, cunha extensión entre os cincuenta e os cento vinte folios e presentáronse encadernados en oito copias, mecanografadas a dobre espazo nas que figuraba o título da obra e o lema. Ademais, xunto coas copias, debía achegarse un sobre pechado no que se incluían os datos persoais do autor ou autora ao Complexo Industrial Repsol YPF (Apartado 700, 15080 A Coruña). En edicións anteriores o galardón recaeu en Se algún día esta muller morta, do xornalista Miguel Sande en 2006; Así nacen as baleas, de Anxos Sumai en 2007; A verdade como mal menor, de Xosé Luís Martínez Pereiro en 2008. No ano 2010, o prazo de presentación abrangueu até o 21 de xullo e o ditame do xurado da IVª edición fixose público o 21 de setembro. O xurado presidido polo escritor Francisco Pillado e composto polo filólogo Modesto Hermida, o secretario da RAG, Xosé Luís Axeitos, a escritora María Canosa e o director de edición da Editorial Galaxia, Carlos Lema, decidiu galardoar a Xurxo Sierra Veloso (Caracas, 1969) pola súa obra Os Fíos, de entre as corenta e unha obras presentadas. O acto de entrega do galardón tivo lugar o 22 de novembro na Fundación Seoane.

Referencias varias:


Infórmase de que o vicepresidente da Fundación Repsol e o secretario xeral de Política Lingüística asinaron o convenio polo que se convoca o IV Premio Repsol de narrativa breve. Publicanse as súas bases e citanse os gañadores de anteriores edicións entre os que se atopa Anxos Sumai e Miguel Sande.


Infórmase de que a Fundación Repsol e a Secretaría Xeral de Política Lingüística asinaron o convenio das bases para a cuarta edición do premio de narrativa breve Repsol. Indicase que a convocatoria pretende enaltecer a brevidade “como sinónimo de calidade cando a concisión e a imaxinación teñen que limitarse a un espazo pequeno”. Fálsese do premio que recibirá o gañador así como da data na que se dará a coñecer o ditame do xurado. Coméntase que, na edición anterior, o galardoado foi Xosé Luís Martínez Pereiro por A verdade como mal menor.


Dáse conta do ditame do xurado da cuarta edición do Premio de narrativa breve Repsol, que por unanimidade recaeu na obra de Xurxo Sierra Veloso, Os Fíos. Ademais de recibir nove mil euros, verá a súa obra publicada pola Editorial Galaxia.

Dáse conta do ditame do xurado deste premio que recaeu na obra de Xurxo Sierra Veloso, *Os Fíos*. Díse que se trata da quinta publicación do autor na que se conta como conflúe a vida de tres personaxes, tras un cúmulo de casualidades.


Infórmase da concesión deste premio a Xurxo Sierra Veloso, pola súa obra *Os fíos*. Coméntase que esta novela se impuxo aos outros corenta aspirantes, pola súa “ironía e a pulida e traballada narrativa”, así como pola “orixinalidade no tratamento literario”, en palabras do portavoz do xurado, o escritor e editor Francisco Pillado. Indícase que Sierra Veloso xa ten publicadas outras catro novelas, a última delas: *Os nomes do traidor*. Finalmente, recórdanse os nomes dos gañadores das tres edicións anteriores deste premio.


Recólense algunhas impresións do gañador da última edición deste premio, Xurxo Sierra Veloso, quen explica que non pode desvelar moito sobre o argumento da obra galardoada, *Os fíos*; pero comenta que se trata de tres historia cruzadas e condicionadas polo azar e as casualidades, cun final sorprendente e inesperado. Explica tamén que a limitación da obra a cento vinte páxinas, conforme as bases do concurso, non lle supuxo ningún problema xa que é na novela curta onde se sente máis cómodo. Recolle a influencia na súa producing do ambiente surrealista da película de Cuerda, *Amanece que no es poco*. Asemade, recóllese a composición do xurado que por unanimidade decidiu a obra gañadora entre as cinco finalistas (dos corenta e un traballos presentados), destacando a ironía e a pulida e traballada narrativa, así como a orixinalidade no tratamento literario e o afastamento orixinal. Finalmente, recórdanse os nomes dos gañadores das anteriores edicións e coméntase que Sierra Veloso, presentará proximamente unha tradución ao castelán da súa novela *Os nomes do traidor*.


Dáse conta da entrega do galardón do IV Premio de Narrativa Breve Repsol. Díse que o acto de entrega se celebrou na Fundación Luís Seoane, que a Editorial Galaxia publicará a obra galardoada e que o xurado estivo formado polo editor Francisco Pillado, o filólogo Modesto Hermida, o secretario da RAG, Xosé Luís Axeitos, a poeta María Canosa e o director editorial de Galaxia, Carlos Lema.


Faise eco da entrega do cuarto Premio de Narrativa Breve Repsol ao escritor Xurxo Sierra Veloso pola súa obra *Os Fíos*. Recóllese a composición do xurado e a súa valoración da obra, da que salienta o xogo de distanciamento, a ironía e a pulida narrativa do autor. Tamén se comentan as bases do certame, a traxectoria narrativa do galardoado e a historia do certame.
Premio Rosalía de Castro do Pen Clube


Referencias varias:


Anúnciase a escolha feita polo Pen Clube de Galicia dos gañadores da oitava edición dos Premios Rosalía de Castro. Indícase que os galardoados, dos que se publica unha breve traxectoria literaria, son o brasileiro Lédo Ivo, a vasca Itxaro Borda, o catalán Francesc Parcerisas e o asturiano-leonés Antonio Gamoneda. Engádese que o xurado estaba integrado por Miro Villar, Anxo Anguera ou Manuel Outeiriño, entre outros.


Entre outras cuestións no apartado “Premios” menciona os premios Rosalía de Castro para Antonio Gamoneda, Leão Ivo, Itxaro Borda e Francesc Parcerisas.


Dáse conta da entrega e do nome dos galardoados da VIII edición dos Premios Rosalía de Castro, ademais de recordarense os nomes dos gañadores do ano anterior. Destácanse as verbas de Luís G. Tosar, presidente do PEN Galicia, quen salientou o altruismo cultural ao redor desta xornada, na que as letras galegas amosan o seu recoñecemento ás demais. Coméntase que entre os asistentes ao acto estaba o director xeral de Promoción

Infórmanse da inminente entrega destes galardóns, que recaeron en Antonio Gamoneda, en lingua castelá; Lêdo Ivo en literatura portuguesa; en literatura éuscara en Itxaro Borda, mentres que o vencedor en literatura en catalán foi Francesc Farcesisas. Asemade, recórdanse os nomes doutros autores distinguidos con estes premio anteriormente.


Faise eco da cerimonia de entrega da oitava edición destes premios na que estiveron todos os galardoados agás o brasileiro Lêdo Ivo, quen non puido asistir por problemas de saúde. Nun á parte, recórdanse os nomes de destacados autores que tamén contan no seu palmarés cun premio Rosalía de Castro.


Explícase o xerme e finalidade destes premios, nos que se recoñece a escritores que publican noutras linguas do ámbito iberoamericano (castelán, portugués, éuscaro e catalán). Dise que con este premio foron recoñecidos autores sobranceiros como José Saramago, Gonzalo Torrente Ballester, Pierre Gimferrer, Manuel Vázquez Montalbán, Bernardo Atxaga, Ernesto Sabato e Álvaro Mutis. Recóllese algunhas afirmacións dos gañadores da última edición: Antonio Gamoneda, na categoría de lingua castelá e Francesc Farcesisas, en lingua catalá e Itxaro Borda, autor recoñecido no apartado de literatura éuscara. Dáse conta, por outra parte dos persoais asistentes á entrega destes premios e coméntase a ausencia Ledo Ivo, premiado en literatura en lingua portuguesa, debida a un problema de saúde.


Con motivo da recente entrega dos Premios Rosalía de Castro, reflexiona sobre a significación da figura da poeta galega, a través das definicións dadas por persoais como Ricardo Carvalho Calero, Ramón Piñeiro, Darío Villanueva e Xosé Luís Méndez Ferrín. Tamén achega os nomes dos gañadores desta oitava edición e aproveita para recordar os nomes doutros escritores recoñecidos con este premio.


Opina que a gran maioría dos escritores e escritoras recoñecidos polos Premios Rosalía teñen en común o seren “mestres da literatura”. Asemade, detense en definir a poesía dun dos galardoados da última edición destes premios, Antonio Gamoneda, a quen sitúa na “orbita das grandes voces poéticas de todos os tempos”.

2007
Despois de salientar a importancia da figura de Rosalía de Castro, a partir das afirmacións dadas por Ricardo Carvalho Calero, Xosé Luís Méndez Ferrín e Pilar García Negro, comenta que os tres premiados na última edición destes galardóns, que levan o nome desta poeta galega, destacaron a súa universalidade, aspecto no que reflexiona.

Opina sobre a importancia e transcendencia dos Premios Rosalía de Castro, destaca o labor do PEN Clube, entidade organizadora de ditos galardóns e felicita aos premiados.

**Premio Rubia Barcia de Novela-Cidade de Ferrol**

Premio bienal que convoca o Liceo homónimo de Ferrol coa finalidade de perpetuar a memoria do autor que lle dá nome. A temática é libre e a súa extensión non debe superar os 200 folios, mecanografados a dobre espazo. Podénsese presentar traballos en língua galega e castelá, e estableceranse dous premios de 2.000 euros para cada modalidade lingüística. Os orixinais teñen que ser entregados por triplicado na sede social do Liceo Rubia Barcia-Centro Cívico de Caranza ou remitidos ao Departamento de Cultura do Concello de Ferrol antes do 31 de xullo e os gañadores coñécense no mes de decembro.

**Premio Táboa Redonda**

Premio convocado por iniciativa d’*El Progreso e Diario de Pontevedra* para premiar o “Mellor Libro Galego do Ano”. Foron os propios lectores de ambos xornais os que elixiron o gañador. A votación fixose a través de Internet, nas páxinas das edicións dixitais, nas que aparecía unha listaxe de quince obras publicados no ano, escritas en galego e por un autor vivo. Existía tamén a posibilidade de participar por medio de suxestións, que se chegaban a cinco votos podían engadir novas obras á listaxe.

**Certame de Creación Literaria Terra de Melide**

Convocado dende o ano 1999 polo Concello de Melide, a través da súa Sección Estudos e Publicacións. Ten por obxecto honrar a memória daquelas persoas que traballaron polo desenvolvemento cultural de Melide, os do Grupo Nós e os seus colaboradores melidenses, e, ao mesmo tempo, incentivar a creación literaria en galego. Poden concorrer todos os autores cunha única obra narrativa, novela ou relato curto cunha extensión mínima de sesenta páxinas. As obras teñen que ser inéditas e escritas en galego, aínda que se respecta a liberdade normativa, presentándose por quintuplicado, mecanografiadas a duplo espazo, grampadas ou encadernadas, baixo plica e debían enviarse antes do 15 de abril á Secretaría Xeral do Concello de Melide (Praza do
Convento, nº 5, Melide, A Coruña). O premio está dotado con 6.000 euros e mais a publicación da obra en Edicións Xerais de Galicia. Na IXª edición do ano 2010 o xurado formado por Manuel Bragado, Santiago Jaureguizar, Mercedes Queixas, Noelia Vázquez e Xoaquín Vázquez seleccionou o 7 de xuño como gañadora a novela A Veiga é como un tempo distinto, de Eva Moreda entre as vinte e cinco obras presentadas. A entrega do galardón tivo lugar o 30 de xuño na casa do Concello melidense.

Referencias varias:

- S. F., “Abren el plazo de entrega de obras para el IX Certamen Literario Tierra de Melide”, El Correo Gallego, “Área de Compostela”, 4 marzo 2010, p. 34.

Infórmanse da apertura do prazo de entrega para o IX Certame de Creación Literaria Terra de Melide, así como das súas bases e das do VI Certame de Investigación Terra de Melide.


Fálase do IX Certame de Creación Literaria Terra de Melide que recibiu un total de vinte e cinco traballos, cinco máis que na anterior edición. Infórmanse do premio que recibirá o gañador así como dos integrantes do xurado entre os que se atopa Santiago Jaureguizar, gañador da anterior edición.


Infórmanse de que a gañadora da novena edición do Certame de Creación Literaria Terra de Melide é Eva Moreda coa obra A veiga é como un tempo distinto. Segundo se comenta, o xurado destaca do libro a súa literatura moderna e a súa frescura e dise tamén que o seu contido xira ao redor da inmigración galega en Londres entre os anos sesenta e setenta. Despois fálase sobre a traxectoria profesional e persoal da autora e por último indicase cal é a contía do premio.


Coméntase que Eva Moreda gañou con A Veiga é como un tempo distinto o premio de Terra de Melide e saliéntase a valoración do xurado, que premiou esta obra “pola frescura” e “a actualización do tema da emigración galega”. Tamén se fai mención doutras obras desta autora.


Tras anunciar que a gañadora da novena edición do Premio Terra de Melide é Eva Moreda coa súa obra A veiga é como un tempo distinto, que se centra na emigración galega en Londres na década dos anos sesenta, entrevístase á autora. Fálase sobre a súa traxectoria na que se inclúen varios premios literarios, sobre o contido da obra e sobre
as emocións que se reflicten na mesma así como tamén se inclúen as impresións de Eva Moreda acerca do actual panorama literario galego.


Lémbrase primeiramente que tras dezaoito anos de traxectoria do Premio Xerais de Novela, no ano 2001 foi premiada por primeira vez unha muller, Marililar Aleixandre, con *Teoría do caos*, e na súa última edición neste ano 2010 tamén é unha muller a que recibe o premio. Dise que é Iolanda Zúñiga e que fai así o número seis de mulleres premiadas coa súa obra *Periferia e* indícase que hai xa unha nova xeración de escritoras galegas que marcan un relevo xeracional importante. Faise deseguido referencia a que é tamén unha escritora, Eva Moreda, a gañadora do Premio Terras de Melide 2010 coa obra *A veiga*, ambientada na emigración galega en Londres. Outras escritoras como Inma López Silva, (Premio Rúa Nova en 1996 por *Neve en abril*; Premio Blanco Amor 2007 con *Memoria de cidades sen luz*), Rosa Aneiros, Teresa Moure ou María Reimóndez expresan tamén a súa opinión sobre a nova xeración de escritoras galegas e lémbrase a importancia do volume *Narradoras* que publicou Xerais en 2000 e no que se recollen vinte e cinco relatos inéditos de escritoras galegas, unhas novas e outras consolidadas.


Fala da entrega do premio do IX Certame de creación literaria Terra Melide á escritora Eva Moreda pola súa obra *A veiga é como un tempo distinto* e di que, ademais da dotación económica, a obra será publicada por Xerais. Comenta que a encargada da entrega do premio foi a alcadesa de Melide, Socorro Cea, e engade que á celebración asistiron o edil de Cultura e Normalización Lingüística, Conchi Castro e Manuel Bragado, membro do xurado do certame.


Entre outras cuestións no apartado “Premios” menciona o premio Terra de Melide outorgado a Eva Moreda por *A veiga é como un tempo distinto* (2010).

**Premio Risco de Creación Literaria**, anteriormente coñecido como Premio Risco de Literatura Fantástica

En 1999 o Concello de Ourense, a Fundación Vicente Risco e a Editorial Sotelo Blanco convocaron por primeira vez este premio, concibido como homenaxe á memoria de Vicente Martínez-Risco e do seu fillo Antón Martínez-Risco, para premiar a mellor obra de literatura fantástica do ámbito galego. A súa dotación foi de 6.000 euros e a publicación do texto. A extensión dos traballoís, inéditos e redactados na normativa vixente, podía variar entre os 150 folios e os 300. Os orixinais presentáronse por sextuplicado, en soporte de papel (tamaño DIN-A4), mecanografiados por unha soa cara e a dobre espazo, e baixo lema. Debían adxuntar en sobre pechado o nome completo,
enderezo e teléfono da persoa que concorría ao premio, así como o título definitivo da súa obra e enviarse ao Rexistro Municipal do Concello de Ourense antes do 1 de outubro. O xurado estivo composto por cinco persoas escollidas entre personalidades recoñecidas do mundo da literatura, unha das cales é elixida polo Concello para actuar como presidente. En anteriores edicións foron premiadas A rosa de Borges, de Xosé Carlos Caneiro no ano 2000; O Caderno, de Xabier López López en 2001; A embaixada do vinagre, de Xosé Luís Martínez Pereiro en 2002; O sangue dos camiños, de Ramón Caride Ogando en 2003; Un escuru rumor tralo silencio, de Isidro Novo en 2005; Os mércores de Fran, de Xurxo Sierra Veloso en 2006; Lira, de Xosé Vázquez Pintor en 2007; e A do vinteún, de Hixinio Puente Novo en 2009. No ano 2010, undécima edición, o xurado composto por Luis Martínez-Risco, como secretario, Ánxela Gracián, Hixinio Puente, Carmen Fernández Pérez San Julián, Xulio García Golpe e Arturo Lezcano concedeu o galardón á novela Deus xogando aos dados, de Fernando Méndez.

Referencias varias:


Comeza dando conta das diferentes temáticas e tramas abordadas na novela de Fernando Méndez titulada Deus xogando aos dados, e destaca que a novela conta cun sacerdote desaparecido hai vinte anos, con altas xerarquías eclesiásticas implicadas no tráfico de ouro nazi, mafiosos e oportunistas que buscan dar o golpe da súa vida. Sinala, ademais, que dita novela resultou gañadora do Premio Vicente Risco de Creación Literaria. Finaliza sublinhando que esta é a primeira obra de ficción do escritor.


Primeiramente destaca as tramas que conforman a obra de Fernando Méndez, Deus xogando aos dados, coa que o autor gañou o Premio Vicente Risco de Creación Literaria. Sinala tamén que dita obra apunta pola nova novela policial. Remata comentando que esta é a primeira vez que o autor escribe unha obra de ficción, aínda que di que ten moita experiencia como articulista.


Conversa na que Fernando Rodríguez Méndez fala da súa novela Deus xogando aos dados, coa que gañou o Premio Risco de Literatura, e da que sinala que xa a tiña escrita hai tres anos pero que neste verán a pechou e na que tamén se refíre ás vítimas do “Caso do Metílico” e mais á súa obra Historia dun crime. O caso do Metílico (1998).

Certame Literario de Relatos Curtos Os Viadutos

Organizado pola Concellaría de Xuventude do Concello de Redondela, o certame estaba dirixido a persoas con idades comprendidas entre os 18 e os 35 anos que presenten
orixinais, inéditos escritos en galego, de tema libre e cunha extensión mínima de dez folios e máxima de quince. Os orixinais debían presentase antes do 26 de abril no rexistro de entrada do Concello ou por correo certificado á Conceillera de Xuventude (rúa Reveriano Soutullo, 1, 36800 Redondela). No interior debían incluírse catro copias sen asinar e encabezadas polo título do relato e pseudónimo e nun sobre pechado, os datos do autor e unha fotocopia do DNI. Estabeleceuse un primeiro premio de 1.202 euros e un segundo de 601 e o ditame do xurado fíxose público entre o 15 e o 23 de maio. Os relatos premiados serán publicados por Edicións Xerais de Galicia. Na XIª edición de 2010 resultou galardoado o relato “Vodka on the rocks”, de Silvia Álvarez Baamonde, o segundo premio foi para Darío Portela Núñez por “Os cans” e concedéronse dous accésits a Helia Mariño por “Pingas da vida” e a Paula Rodríguez Fraga por “A fin do mundo”.

**Premio Xerais de Novela**

e “O avesso do avesso”. O xurado composto por Comba Campoy, Manuel Ángel Candelas Colodrón, Roberto Pérez Pardo, Belén Regueira, Antón Sobral e Fran Alonso, como secretario con voz e sen voto, decidiu galardoar por unanimidade a Iolanda Zúñiga pola súa novela *Periferia*.

**Referencias varias:**


Anúnciase a convocatoria da XXVII edición do Premio Xerais de Novela e a XV edición do Premio Merlin de Literatura Infantil dos que se publican as bases. Recórdase que a gañadora en 2009 do certame de novela foi Rosa Aneiros con *Sol de inverno*, mentres que no de literatura infantil o gañador foi Jacobo Fernández Serrano por *Mil cousas poden pasar. Libro 1*.


Anúnciase a convocatoria da XXVII edición do Premios Xerais de Novela e da XV do Premio Merlin de Literatura Infantil, abertos a todas aquelas obras orixinais e inéditas escritas en lingua galega. Indícase que o gañador do Xerais recibiría vinte e cinco mil euros fronte aos dez mil que obtería o vencedor do Merlin.


Pártese do anuncio da concesión do Premio Xerais de Novela 2010 e do Premio Merlin de Literatura Xuvenil a dúas escritoras, Iolanda Zúñiga e Teresa Moure, respectivamente, para afirmar a continuación que se pode xa falar dunha nova xeración literaria galega á que a autora do artigo denomina Xeración Merlin e na que cobran protagonismo as mulleres. Coméntanse cales serían algunhas das características que definirían a xeración, como que se iniciaron na lectura a partir da creación do Premio Merlin. Lémbrase tamén que ao tempo que se realiza o acto na Illa de San Simón se celebra o acto de ingreso de Bernardino Graña na Real Academia Galega en Cangas. Logo dáse conta de varias novidades editoriais como *O coitelo de novembro*, de Marilar Aleixandre; *Cartas marcadas*, de Xabier Queipo; e *Covalladas*, de Xurxo Borrazás.


Despois de informar do acto de ingreso de Bernardino Graña na Real Academia Galega no Auditorio de Cangas do Morrazo, nun á parte, titulado “Cita en San Simón”, incidese que este acto coincide coa entrega dos premios de Edicións Xerais de Galicia (o Xerais e o Merlin) e o da Fundación Caixa Galicia e noméanse os lemas dos finalistas e a contía dos galardóns.


Informa da concesión do Premio Xerais de Novela a Iolanda Zúñiga por *Periferia*. Logo de indicar o argumento da obra, sinálase que no acto de entrega, Manuel Bragado, o director de Xerais, fixo fincapé na renovación narrativa e autoral en Galicia, malia a crise do sector editorial. Lémbranse tamén as palabras da mantedora, Fina Casalderrey. Nun á parte, realizase unha entrevista a Iolanda Zúñiga, quen afirma que gañar este premio non cre que “cambien moitas cousas”. Apunta a relación que hai entre este libro e o anterior, *Vidas Post-it* e comenta o espazo de São Paulo, como escenario concreto da novela.


Fálase do acto de entrega dos Premios Xerais de Novela e do Premio Merlín de Literatura Infantil ás escritoras Iolanda Zúñiga e Teresa González Costa, respectivamente, polas súas obras *Periferia* e *A fillo do ladron de biciletas*. Indícase a dotación de ambos premios e a celebración do acto de entrega na Illa de San Simón e logo recóllese as palabras do xurado sobre ambas obras. Tamén se di que ao mesmo tempo se celebra en Cangas o acto de ingreso de Bernardino Graña na Real Academia Galega. Por último, fai una breve achega á traxectoria persoal e profesional de ambas escritoras, destacando que as dúas nacen en 1975 e están ligadas ao mundo da música e do teatro.


Presenta o Premio Xerais foi para Iolanda Zúñiga por *Periferia*. Recóllese as palabras do ditame do xurado, que destacou o argumento “moi sinxelo” e o “sutil fío narrativo”, propio dunha novela do século XXI, poñendo “cargas de dinamita nos piares da nosa propia concepción do que debe ser unha novela”. Tamén se destaca a ambientación, o ser unha novela polifónica, con “constantes referencias á cultura popular, á cultura de masas” e cun tecido onde se mesturan textos de carácter posmoderno.


Informa da gañadora da 27ª edición do Premio Xerais de Galicia, Iolanda Zúñiga. Sinálase o feito de ser unha escritora nada despois de 1975, que recibiu escolarización en galego. Ademais, este dato, unido ao número crecente de escritoras premiadas noutros concursos, como Rosa Aneiros, que levou ao director de Xerais, Manuel Bragado, a “celebrar la existencia de cantera”, que tamén manifestou que “vivimos en la primera década de las narradoras gallegas”. Entre outras cousas, coméntase ademais a
traxectoria profesional da premiada, do mesmo xeito que se destacan as palabras do xurado sobre a obra.


Tras lembrar que no acto de entrega dos premios Xerais na Illa de San Simón acompañou o sol despois dunha semana chuviosa, lembra que este é o lugar escollido dende hai cinco ou seis anos pola Editorial Xerais para realizar dito acto. Logo dáse o nome das escritoras premiadas, Teresa González e Iolanda Zúñiga respectivamente, das que se destaca a súa mocidade e calidade literaria e sinálase a importancia de escoller a lingua galega para seguir construindo historias que se poidan visualizar fóra das fronteiras galegas.


Despois dunhas palabras de Iolanda Zúñiga referentes á súa novela Perifería coa que vén de gañar o Premio Xerais de Novela 2010 fáiselle unha entrevista na que se fala, entre outras cousas, do estilo narrativo da obra; do seu contido, centrado na realidade cotiá, neste caso nas vidas das persoas que viven nos suburbios e nas favelas do Brasil; da importancia da música na súa literatura e da intención de que a lectura desta obra sirva para reflexionar sobre a falta de solidariedade e de tolerancia.


Indícase que Comba Campoy, a portavoz do xurado, sinalou da novela gañadora do Premio Xerais, a súa “potencia narrativa, a capacidade para xogar e incluso derrubar os límites tradicionais do xénero novelesco”. Infórmase que o xurado a premiou por unanimidade e que se espera pronto a súa conversión en libro electrónico. Repárase en que o discurso de Iolanda Zúñiga foi “moi literario” e que nel sobardou as propias referencias á súa novela, que describiu como “relato negro, africano, a ritmo de rap”. Ademais reembrou a orixe do libro, dende que en 1996 a autora coñecera a música da cantante Marisa Monte, e aos poucos, aumentou a fascinación polo Brasil. Di que o libro foi concibido como “un texto contra a soberbia, contra a estupidez, contra a ignorancia”, entre outras cousas.


Faise unha extensa gabanza de Iolanda Zúñiga tras recibir o Premio Xerais de Novela 2010 coa súa novela Periferia, centrada no mundo das favelas de São Paulo no Brasil. Pártese de enxalzar o seu carácter alegre e a verdade que se encerra na súa escrita. Logo lémbranse os títulos anteriores dentro da súa traxectoria que son tamén, segundo se comenta reflexo dunha escrita libre e renovadora. Finalmente faise referencia ao feito de que nos últimos dez Premios Xerais foron premiadas seis escritoras, todas de gran potencia literaria.
Lémbrase primeiramente que tras dezaoito anos de traxectoria do Premio Xerais de Novela, no ano 2001 foi premiada por primeira vez unha muller, Marilar Aleixandre, con *Teoría do caos*, e na súa última edición neste ano 2010 tamén é unha muller a que recibe o premio. Dise que é Iolanda Zúñiga e que fai así o número seis de mulleres premiadas coa súa obra *Periferia* e indícase que hai xa unha nova xeración de escritoras galegas que marcan un relevo xeracional importante. Faise deseguido referencia a que é tamén unha escritora, Eva Moreda, a gañadora do Premio Terras de Melide 2010 coa obra *A veiga*, ambientada na emigración galega en Londres. Outras escritoras como Inma López Silva (Premio Rúa Nova en 1996 por *Neve en abril*; Premio Blanco Amor 2007 con *Memoria de ciudades sen luz*), Rosa Aneiros, Teresa Moure ou María Reimóndez expresan tamén a súa opinión sobre a nova xeración de escritoras galegas e lémbrase a importancia do volume Narradoras que publicou Xerais en 2000 e no que se recollen vinte e cinco relatos inéditos de escritoras galegas, unhas novas e outras consolidadas.

Saliéntase a calidade da escritora Iolanda Zúñiga á que o autor do artigo descobre coa obra *Vidas post-it* (2007) segundo se comenta e que vén de recibir o Premio Xerais de Novela 2010 co libro *Periferia*. Dise que ela representa a nova xeración de escritoras galegas de gran talento e das que se pode dicir, segundo Manuel Bragado, que grazas a elas vivimos na primeira década de narradoras galegas.

Entre outras cuestións no apartado “Premios” menciona o Premio Xerais de Novela concedido a Iolanda Zúñiga por *Periferia* (2010).
X.2. POESÍA

Premio de Poesía Avelina Valladares

Convocado anualmente polo Concello da Estrada, xunto coa Asociación de Amas de Casa e Consumidores, para contribuir á difusión da lírica galega, valorar o traballo dos poetas, descubrir novos valores, perseverar o cultivo da lingua galega como sinal de identificación e diferenciación de Galicia e colaborar coa divulgación da obra da poeta estradense Avelina Valladares, precursora, xunto ao seu irmán Marcial Valladares, do cultivo literario da lingua galega no século XIX. Os textos, en galego e inéditos, foron presentados baixo lema por cuadriplicado, con liberdade de tema e forma, contando cun mínimo de cento cincuenta versos e un máximo de catrocentos. Debían remitirse ao Concello da Estrada (Praza da Constitución s/n, 36680) xunto cun sobre pechado co nome completo, enderezo e teléfono do autor. O premio aumentou en 2008 a súa contía a 2.000 euros. Na edición de 2010, o xurado composto por Celia Parra, Xosé Luna, Charo Golmar e Noni Araújo decidiu galardoar a Andrea Porto Mato pola obra SalGada. A entrega do galardón tivo lugar o 17 de maio.

Referencias varias:


Indícase a programación das Letras Galegas do Concello da Estrada, na que salienta a entrega do Avelina Valladares de poesía.


Anúnciase a gañadora do XIV Premio Avelina Valladares de poesía. Trátase de Andrea Porto Mato coa súa obra SalGada. Infórmase que o volume desta moza, que xa gañou varios certames literarios e ten varias obras publicadas, será editado por Fervenza.


Dise que uns días antes da celebración do Día das Letras Galegas ten lugar a resolución do premio Avelina Valladares de Poesía.

Premio de Poesía Fermín Bouza Brey

Certame de carácter bienal convocado polo Concello de Vilagarcía de Arousa dende o ano 2001 como homenaxe á figura de Fermín Bouza Brey. Os traballos poéticos, inéditos e en lingua galega, terían que ter unha extensión mínima de catrocentos versos e ser enviados mecanografados por quintuplicado e sen remite ao Concello de Vilagarcía de Arousa, levando un lema no exterior do sobre, dentro do que se incluirian os datos persoais, o enderezo e o teléfono de contacto. O premio de carácter indivisibel
consiste en 3.000 euros e a publicación da obra. O xurado compónse por persoeiros
destacados dentro do campo da poesía e da cultura galegas, designado polo Concello e
resérvase o dereito da obra premiada. En anteriores edicións recibiron o galardón Emma
Pedreira por *Os cadernos d’amor e os velenos* en 2001; Xurxo Alonso por *Cidades de
area* en 2003; Xerardo Quintiá por *Poesía en ruta* en 2005; David Souto por *A árboreseca* en 2007. O xurado da Vª edición do ano 2010 formado por Fermín Bouza Álvarez,
o escritor Xosé María Álvarez Cáccamo, Miguel Anxo Fernán Vello, o profesor Xosé
Maria Dobarro e o historiador Gonzalo Bouza Brey decidiu deixar deserto este premio
polo baixo nivel de participación e da calidade das dez obras presentadas. Decidiuse
sumar a contía do galardón á próxima edición que contarán con 6.000 euros.

**Premio de Poesía Cidade de Ourense**

Premio convocado pola Concellaría de Cultura do Concello de Ourense dende 1980 no
que podían participar persoas de calquera nacionalidade sempre que os traballos se
presentasen en galego ou portugués, fosen orixinais e inéditos e contivesen un mínimo
de seiscentos versos. Debían presentarse mecanografiados a dobre espazo por unha soa
cara en exemplar sextuplicado, grampados, cosidos ou encadernados, baixo lema.
Ademais, debiase incluír un sobre pechado, lacrado no que figurasen o nome, apelidos,
número de DNI e enderezo do autor. Todo isto tiña que ser entregado no Rexistro do
Concello de Ourense directamente ou por correo certificado, facendo constar no sobre
que se trataba dunha obra dirigida ao certame. Os concursantes de orixe portuguesa
podían entregar as súas obras na Cámara Municipal de Vila Real nos mesmos prazos
que indicaba a convocatoria. O concurso estaba dotado cun único galardón de 6.000
euros, unha placa de prata e a publicación da obra. No ano 2010, na XXVI edición,
presentáronse corenta orixinais, o prazo de admisión rematou o 30 de abril, o xurado
estivo presidido por Isabel Pérez e composto por Antonio Pires Cabral, representante do
Grémio Literario-Vilarense, Teresa Devesa, profesora de lingua e literatura galega,
Román Raña, gañador da anterior convocatoria do premio, Miguel Anxo Fernán Vello,
responsábel da editorial Espiral Maior e o gañador foi o poeta caboverdiano José Luís
Tavares polo seu traballo *As irrevogábeis trevas de Baldick Lizardro*.

**Concurso de Poesía Concello de Carral**

Concurso de poesía organizado polo Concello de Carral dende 1997 ao que poden
concorrer autores e autoras maiores de idade, con traballos orixinais e inéditos, cunha
extensión mínima de catrocentos versos, escritos en galego e baixo un lema, dotado cun
único galardón de 1.200 euros, que na edición do ano 2008 ascendeu a 2.000 euros, e a
publicación da obra gañadora pola editorial Espiral Maior, na súa colección de poesía.
O prazo de admisión rematou o 31 de marzo e os traballos entregáronse por triplicado
na Biblioteca Pública Municipal de Carral (Casa da Cultura, Rúa de Paleo, 17, 15175
Carral). En anteriores edicións foron premiados en 1997 Fernando Díaz-Castroverde por
*Camíno de pintegas*; en 1998 Rafael Lema por *Atlántica*; en 1999 Rafa Villar por *Días
de Sherezade*; en 2000 Lucía Novas por *Epiderme de estío*; en 2001 Baldo Ramos por *A
árbores da cegueira*; en 2002 Eduardo Estévez por *Derrotas*; en 2004 Xurxo Alonso por
*Breviario de Aldemunde*; en 2005 Marcos S. Calveiro por *Cartas do terceiro día*; en
2006 Isidro Novo por *Esteiro de noites falecidas*; en 2007 Xosé Luís Mosquera Camba
por *Nadja c’est moi*; en 2008 Paulino Peña Álvarez por *Gramática da afirmación* e en
2009 Eli Ríos por Nós escoitando o badalo de marienplatz. Na XIIIª edición de 2010 o xurado, presidido pola concelleira de Cultura, María Xosé García Fariña, e formado polos poetas Eli Ríos, Baldo Ramos e Tati Mancebo, que tamén contou co técnico municipal de Cultura e coordinador do premio, Carlos Lorenzo Pérez, como secretario, acordou elixir como gañador o poemario titulado As crebas, de Miro Villar, de entre os corenta e seis traballos presentados. O acto de entrega do premio tivo lugar o 28 de maio na Casa da Cultura de Carral.

Referencias varias:


Entre outros acontecementos no apartado “Premios” destaca o Premio de Poesía do Concello de Carral outorgado a Miro Villar por As crebas; premios da Agrupación Cultural O Facho do concurso “Contos de nenos para nenos” a Matías Núñez por Evaristo, o piollo listo, a Lorena Barreiro por Un verán moi especial, a Brais Lamela por Seis de diamantes, a Laura Rivadulla por Unha bágoa e unha flor e a Sofía Calvo por Meu xardín maldito e finalmente o Premio de Xornalismo Nano Cambeiro a Guillermo Rodríguez por “A Peneira do Miñor”.

Certame de Poesía do Concello de Mugardos

Certame de poesía en galego celebrado con motivo do Día da Poesía (21 de marzo) que convoca a Concellería de Cultura do Concello de Mugardos que conta coas modalidades de maiores de 18 anos e menores de idade. Os traballos debían ser orixinais, inéditos e estar escritos en língua galega, cunha extensión máxima dun folio, podendo presentarse até un máximo de tres poesías por participante que debían enviarse a dita Concellaría do Concello de Mugardos (Avda. de Galicia, 45, 15620, Mugardos) até o 5 de marzo. O galardón consistiu nun bono por valor de 50 euros para os menores de idade e 100 euros para os maiores de idade. No ano 2010 convocouse a súa IIIª edición. O xurado composto por José Antonio Bouza Rey, concelleiro de Cultura e Deportes; Pilar Castro Barreiro, profesora de Secundaria; Dulce López Rivera, profesora de Secundaria; Jaime Pereira Maroto, Ana Begoña Alonso Gonzalez, bibliotecaria municipal; a escritora Clementina Vidal Caramés e Mª del Mar Nóvoa Conde actuando de secretaría, o xoves 25 de marzo de 2010 decidiu deixar deserto o premio da Categoría de menores de 18. Na categoría de maiores de idade resultou gañador Miguel Ángel Alonso Fernández con “Verán” e recibiron mencións especiais Rocío Leira Castro con “A vertixe do silencio” e “A victoria arelada”.

Premio de Poesía Espiral Maior

Premio convocado dende 1992 pola editorial Espiral Maior e o club poético do mesmo nome coa intención de abrir canles de publicación para as novas xeracións (menores de trinta e cinco anos) que non tivesen ningún libro editado. Dende 2008 está convocado pola editorial Espiral Maior, o club poético do mesmo nome e Âmbito Cultural El Corte
Inglés. Dende a novena edición, o premio abriuse tamén a poetas de calquera idade e con obra publicada. A partir de 2006 abriuse a obras en portugués e dotouse con 12.000 euros, cantidade que ascendue na edición de 2008 a 15.000 euros e a publicación da obra gañadora na colección “Espiral Maior Poesía” cunha tiraxe de dous mil exemplares. Os traballos presentados (por cuadriplicado, mecanografiados a dobre espazo e baixo plica e lema) tiñan que ter un mínimo de seiscentos versos, escritos en galego ou portugués, e ser remitidos a Espiral Maior (Rúa da Democracia, 10-Urbanización Mansosol, 15174-Rutis, Culleredo, A Coruña). En edicións anteriores resultaron galardoados Cemiterio de gaivotas en 1992, de Rafael Lema; Das últimas ruinas en 1993, de Martín Veiga; Thanatos ou as árvores do incesto en 1994, de Francisco Souto; Sombra acesa en 1995, de Cristina Cabada; Humídosas en 1996, de Emma Couceiro; As linhages do frio en 1997, de Carlos Penela; No límiar do silêncio en 1998, de Mário Herrero Valeiro; Morte do fadista en 1999, de Manuel Forcadela; Desde Arcadia para Govinda en 2000, de Chorro Pita; Número e en 2001, de Estibaliz Espinosa; In-vento en 2002, de Xoán Xosé García; En concreto en 2003, de Luísa Villalta; Vostede non sabe con quen está a falar en 2005, de Manuel Darriba; Para unha luz ausente en 2006, de Xavier Seoane; Profundidade de campo en 2007, de Yolanda Castaño; Açougue en 2008, de Amadeu Baptista e O gado do Senhor en 2009, de Rosa Alice Branco.

Referencias varias:


Céntrase na figura de Fernando Bores, fundador do Premio Esquío de Poesía e director da colección do mesmo nome, loando o seu labor. Sinala que o premio convertía Ferrol na capital da poesía e que en diferentes edicións contou con figuras destacadas como José Hierro, Miguel d’Ors, Rafael Guillén, Moshe Bemaroch, Vicente Araguas ou Ramiro Fonte. Apunta as dificultades nas que se atopa o certame, que poderían causar a súa desaparición, e comenta o último poemario publicado dentro da colección “Esquío”, Al otro lado del silencio (2009), da artista multidisciplinar Eloísa Sánchez Barroso.

Premio Esquío de Poesía

Dende 1980 este premio foi convocado pola Fundación Caixa Galicia e a Sociedade Cultural Valle-Inclán de Ferrol. A partir de 2008 a Fundación Caixa Galicia retirou o seu patrocinio, polo que a convocatoria corre a cargo da Sociedade Cultural Valle-Inclán de Ferrol. Neste certame estabelecéronse dous premios indivisíbeis de 9.000 euros con cadanseo accésit de 1.500 euros para traballos presentados en lingua galega e castelá, respectivamente. No 2008 as contías aumentaron a 10.000 euros e 2.500 euros, no caso dos accésits. Podían concorrer poetas nacionais e estranxeiros, sempre e cando os orixinais estivesen escritos en calquera dos idiomas citados. Cada premio ou accésit adxudicouse a un libro de poemas con tema libre e extensión mínima de cincocentos versos. Os orixinais tiñan que ser inéditos e non premiados noutra certame. Até o ano 2007 os traballos, que tiñan que se presentar por cuadriplicado, mecanografiados a dous espazos e baixo plica, había que envialos á Fundación Caixa Galicia (Unidade

Premio de Poesía Eusebio Lorenzo Baleirón

Convocado anualmente polo Concello de Dodro dende 1988 para contribuír á reaffirmación da lírica galega, tan importante na historia cultural de Galicia, e honrar a memoria do poeta que lle dá nome ao certame. Conta coa colaboración da Deputación da Coruña. Podían concorrer todas as persoas que o desexasen, sempre que as obras coas que participasen estivesen escritas en lingua galega, fosen orixinais e de temática libre e tivesen un mínimo de catrocentos versos. Así mesmo, as obras debían ir cun lema, que figurase no exterior da plica, onde se incluían tamén os datos persoais do autor. Os catro exemplares debían remitirse ao Concello de Dodro. Estabeleceuese un único e indivisíbel premio de 2.300 euros e a publicación da obra pola editorial Sotelo Blanco, sendo publicada anteriormente na colección de poesía “Eusebio Lorenzo Baleirón” de Ediciós do Castro. O Concello de Dodro reservarase os dereitos desta primeira edición e, a partir da segunda, a obra pasará a ser propiedade do seu autor, quen, en sucesivas edicións, deberá facer constar a condición de ser premiada con este galardón. O xurado foi designado, polo Concello de Dodro, entre personalidades de Galicia vinculadas á poesía e á crítica literaria. En anteriores convocatorias os galardóns foron para Xosé Manuel López Ardeiro en 1988 por O matiz esmeralda na sombra; Gonzalo Navaza en 1989 por Fábrica íntima; Xavier Rodríguez Barrio en 1990 por Alba no muro; Helena Villar Janeiro en 1991 por Nas hedras da clepsidra; Palmira González Boulosa en 1992 por Asoladamente, o teu nome; Xabier Cordal en 1993 por Fruto do teixo; Xosé Manuel Millán Otero en 1994 por As palabras no espello; Xosé Miranda en 1995 por Amantes e viaxeiros; Isidro Novo en 1996 por Dende unha nada núa; Emma Couceiro en 1997 por As entrañas horas; Estevo Creus en 1998 por Teoria.
do lugar; Emma Pedreira en 1999 por Grímorio; Carlos Penela en 2000 por Acaso o inverno; Xosé Lois Rúa en 2001 por O tránsito da auga; Eduardo Estévez en 2002 por Caderno apócrifo da pequena defunta; Maria Comesaña Besteiro en 2003 por Zoonose; Lupe Gómez en 2004 por Azul estranxeira; Mariña Pérez Rei en 2005 por Fanerógama; Rafa Villar en 2006 por Escoración dos días; Nieves Soutelo en 2007 por Código poético; Xabier Xil Xardón en 2008 por Cando menos, a derrota; e Xosé Daniel Costas Currás en 2009 por Conservas. Nesta XXIII edición do ano 2010 presentáronse corenta e cinco obras, o prazo de admisión rematou o 13 de novembro e o xurado, formado polo alcalde dodrés Arturo Díaz Díaz; Xosé Daniel Costas Currás, gañador da edición pasada; o poeta Modesto Fraga Moure; a profesora, poeta e tradutora Ánxeles Penas; a profesora Dolores Vilavedra e a tenente de alcalde Vitoria Rei ditou o premio o 11 de decembro. Premiouse a Luís Valle Regueiro polo poemario Palabras, palabras e palabras. A gala de entrega tivo lugar o 19 de decembro no Centro Público Integrado Eusebio Lorenzo Baleirón.

Referencias varias:


Infórmase da presentación das bases da XXIII edición do premio de poesía Eusebio Lorenzo Baleirón e do gañador do pasado ano, Daniel Costas.


Coméntase que dentro da programación que desenvolveu a concellaría de Cultura do Concello de Dodro para honrar a figura do autor homenaxeado no Día das Letras Galegas 2010, o concelleiro de Cultura, Anxo Franco, presentou as bases da vixésimo terceira edición do Premio de poesía Eusebio Lorenzo Baleirón. Tamén se di que no acto se presenta ao poeta gañador da edición anterior, Daniel Costas.


Anúnciase que a concellaría de Cultura do Concello de Dodro fixo pública a convocatoria para o premio de poesía Eusebio Lorenzo Baleirón, que fai vinte e tres anos e que está dotado con dous mil trescentos euros. Anúnciase que a convocatoria e as bases do certame se poden consultar na web municipal e que os traballos deben ser inéditos e teñen que se presentar antes do trece de novembro. Sinálase que o xurado, composto por persoas do mundo das letras, se vai reunir o once de decembro para emitir o ditame e que o dezanove dese mesmo mes se fará entrega do premio ao gañador. Por último, indicase que a obra gañadora vai ser publicada por Sotelo Blanco.

Dáse noticia de que a concellaría de Cultura de Dodro anuncia a convocatoria da XXIII edición do Premio de Poesía Eusebio Lorenzo Baleirón, cuxo prazo de recepción de obras remata o día trece de novembro. Coméntase que o certame está dirixido a traballo orixinal e inédito escritos en lingua galega, con tema e forma libres. Indícase que o ditame se fará público o once de decembro, que a entrega terá lugar o dezanove dese mes e que o premio constará dunha dotación de dous mil trescentos euros e a publicación da obra galardoada dentro da colección de “Poesía Eusebio Lorenzo Baleirón”.


Infórmase que concorren á vixésimo terceira edición do premio de poesía Eusebio Lorenzo Baleirón do Concello de Dodro cuarenta e cinco traballas. Tamén se apunta a composición do xurado e que o ditame se fará público o 11 de decembro.


Coméntase que o Concello de Dodro recibiu un total de corenta e cinco obras na vixésimo terceira edición do Premio de Poesía Eusebio Lorenzo Baleirón. Sinálase ademais que todos os traballos serán valorados polo xurado do certame cuxo ditame será o día once de decembro.


Entre outras cuestións informa do acto de entrega deste galardón a Luís Valle, no que actuou Eva Veiga e se agradeceu a colaboración de persoas como Avelino Abuín de Tembra, Anxo Angueira e Helena Villar Janeiro, entre outros.


Sinálase que o Concello de Dodro dará a coñecer o gañador do Premio de Poesía Eusebio Lorenzo Baleirón. Coméntase que nesta edición do certame participaron corenta e cinco obras.


Dise que o gañador do Premio de poesía Eusebio Lorenzo Baleirón foi Luís Valle coa obra Palabras, palabras e palabras. Indícase que a obra foi seleccionada entre as corenta e cinquenta participantes. Coméntase que o xurado afirmou que a obra destacou pola súa profundidade temática, a súa orixinalidade das imaxes, a musicalidade, etcétera. Finalmente, saliéntase o elevado número de obras que participaron no certame.

Dáse a coñecer o gañador do Premio de Poesía Eusebio Lorenzo Baleirón, Luís Valle Regueiro coa obra *Palabras, palabras e palabras*. De seguido achégase a opinión do xurado que destacou a profundidade temática, a orixinalidade das imaxes e a musicalidade da obra. Remátese valorando positivamente o elevado número de obras participantes no certame.


Comeza destacando que Luís Baleirón resultou gañador do Premio de poesía Eusebio Lorenzo Baleirón. Sinala que a encargada de dar o premio foi a presidenta da Fundación Rosalía e a coordinadora deste ano do premio, Helena Villar. Comenta que Eva Veiga puxo voz a poemas de Rosalía, Novoneyra e o propio Baleirón. Subliña, finalmente, que a obra gañadora, *Palabras, palabras e palabras*, foi elixida polo xurado pola súa profundidade temática, a musicalidade, etcétera.

**Premio de Poesía Feliciano Rolán**

Certame convocado pola Agrupación Cultural Guardesa e patrocinado polo Concello da Guarda, ao que podían presentarse poetas de calquera nacionalidade, con poemas orixinais e inéditos de temática e forma libre, escritos en galego ou castelán. Cada concursante podía enviar un máximo de dous poemas por quintuplicado ao Apartado de Correos 69, 36780, A Guarda. Estabeleceronse tres premios dotados con 360, 120 e 60 euros respectivamente e unha placa conmemorativa, ademais da concesión dun accésit. Na XXIVª edición de 2010 o prazo de admisión dos traballos pechouse o 14 de agosto e o xurado formado pola filóloga Mª Fernanda de Santiago Moure, a poeta e pintora María Asunción Vázquez Vicente; Florentina Andrés Álvarez; Carmen Mª Baz Baz; e Fátima Pérez Sobrino galardonou co primeiro premio a Xosé Manuel Esperante Davila, de Escarabote (Boiro), polo poema *Imposible-O meu corpo pide terra*; a Xosé Alberto Álvarez Rodríguez, de Tomiño, por *Procurando a ollada cómplice* e a Rocío Leira Castro, de Cee (A Coruña), por *O alento do solpor*. A entrega dos premios tivo lugar o 27 de agosto no Centro Cultural e Social da Guarda.

**Referencias varias:**


Dáse noticia de que o Centro Cultural da Guarda entregou os premios do XXIV Certame de Poesía Feliciano Roldán. Sinálase que o acto foi presentado por Manuel Santos e que comezou coa lectura, por parte da poeta Chuni Vázquez, dalgúns dos poemas de Roldán. Indícase que o terceiro premio foi para o poema “O alento do solpor”, de Rocío Leira, de Cee (A Coruña); o segundo para “Procurando a ollada cómplice”, de Xosé A. Álvarez Rodríguez, de Tomiño; e o primeiro para “Imposible-O meu corpo pide terra”, de Xosé M. Esperante Davila, de Escarabote-Boiro (A Coruña).
**Festa do Aquelarre Poético**

Convocada pola Comisión promotora das Fogueiras de San Xoán da Coruña pode participar calquera persoa non premiada en edicións anteriores con até tres composicións poéticas orixinais e inéditas, en castelán ou galego, sobre a noite de San Xoán e a súa aparición no folclore. Cada poema terá un mínimo de cen versos que se presentará mecanografado, xunto cunha copia nun sobre baixo lema e nun sobre á parte a plica cos datos persoais do autor ou a través do correo electrónico info@hoguerassanjuan.com. Estabelecéronse dous galardóns: un primeiro premio consistente nunha flor natural e 900 euros e un segundo premio, dunha flor natural e 450 euros en efectivo. O prazo de admisión da XL Festa do ano 2010 rematou o 10 de maio e o ditame do xurado coñeceuse o 23 de maio. Nesta edición o primeiro galardón foi declarado deserto e o segundo foi para Esther López Castro co poema titulado “San Juan y su embrujada noche”.

**Referencias varias:**


Coméntase que durante a celebración coruñesa da noite das fogueiras de San Xoán terá tamén lugar a Festa do Aquelarre Poético que constitúe o evento máis singular da festa xurdida en 1971 na que se proclama a Meiga maior e as meigas de honra. Disé que se achegan poetas de toda España a recitar textos poéticos e que unha personalidade do mundo da cultura ou da política le o pregón ao final da velada. Coméntase tamén que ao día seguinte se celebra a Festa do Solsticio Poético que comezou no ano 1988 e, por último, lémbrase que a coruñesa Esther López foi a premiada no certame.

**Premio de Poesía Fiz Vergara Vilariño**

Naceu no ano 2000 para homenaxear o poeta de Lóuzara, Fiz Vergara Vilariño, co obxectivo de que figure entre os primeiros de Galicia dedicados á poesía. Está organizado pola Agrupación Cultural Ergueitos e o Concello de Sarria. Até 2007, este premio estaba dotado con 3.000 euros, que se aumentou na edición 2008 até 6.000 euros, e a publicación da obra en Espiral Maior e unha obra plástica inédita de Eduardo Valiña, composta por unha fotografía dixital. En edicións anteriores foron galardoados Olalla Cociña, Baldo Ramos, Xosé Antonio Neira Cruz e Martín Veiga. Os traballos tiñan que ser orixinais, inéditos, escribirse en galego, cunha extensión mínima de catrocentos versos e presentarse por quintuplicado, mecanografados a dous espazos e baixo plica, en sobre pechado e baixo pseudónimo. Ademais debían enviarse ao Concello de Sarria (Rúa Maior, 14, 27600 Sarria). En anteriores edicións recibiron o galardón: Marica Campo en 2001 por *Pedinche luz prestada*; Xesús Pereiras en 2002 por *Cantos da seiva*; Estevo Creus en 2003 por *Decruía*; Miguel Mato Fondo en 2004 por *O whiskey na barrica*; Emma Pedreira en 2005 por *Cantos de orfas*; Martín Veiga en 2006 por *Fundaxes*; Xosé Antonio Neira Cruz en 2007 por *É oco habitado*; Olalla Cociña en 2008 por *Libro de Alicia e Baldo Ramos en 2009 por Palabras para un baleiro*. Na Xª edición, o prazo de presentación rematou o 31 de xaneiro de 2010 e a
decisión do xurado deuse a coñecer no primeiro trimestre de 2010. Presentáronse oitenta e seis obras e o xurado formado por Olalla Cociña, Cesáreo Sánchez Iglesias, presidente da AELG, o escritor Miguel Anxo Fernán-Vello, Xermán Arias, concelleiro de Cultura de Sarria e María Casar, presidenta da Asociación Ergueitos, estes dous últimos con voz pero sen voto acordaron o ditame o 27 de marzo, que foi outorgado a *Bater de sombras*, de Francisco X. Fernández Naval. O acto de entrega tivo lugar o 22 de maio no hotel Alfonso IX de Sarria.

**Referencias varias:**


Fálase da creación do blog ergueitos.blogaliza.com onde a agrupación cultural Ergueitos comparte as inquietudes da ruta literaria e o certame de poesía Fiz Vergara Vilariño. Indícase que, neste portal, se atopan as bases da décima edición do premio literario así como fotografías de presentacións dalgúns dos poemarios gañadores do certame, entre outras cousas.


Infórmase que á décima edición do premio poético Fiz Vergara se presentaron 86 poemarios, cifra similar á de anteriores convocatorias. Anúnciase que o ditame do xurado se coñecerá o 27 de marzo e que a entrega do premio se realizará durante unha gala literaria e musical celebrada en Sarria nos primeiros días de maio con motivo dos dez anos de vida do premio. Indicase que a intención desta celebración é reunir a todos os gañadores do certame así como aos artistas plásticos que colaboraron achegando algunha das súas obras que cada ano reciben os gañadores do certame, xunto cos 6.000 euros e a publicación do seu poemario pola editorial Espiral Maior. Sinálase, tamén, que a asociación Ergueitos, unha das organizadoras do certame, estreou logotipo con motivo do décimo aniversario do premio e que, ademais, está a piques de completar a ruta literaria por Lóuzara en honor de Fiz Vergara Vilariño.


Apúntase a data na que se dará a coñecer o ditame da décima edición do premio de poesía Fiz Vergara Vilariño de poesía, organizado pola agrupación cultural Ergueitos e o Concello de Sarria. Indicase que a esta edición se presentaron un total de oitenta e seis poemarios e que o xurado que terá dereito a voto estará composto pola gañadora da octava edición, Olalla Cociña; o presidente da Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega, Cesáreo Sánchez; e o poeta e editor Miguel Anxo Fernán-Vello.


Faise eco do ditame da X edición do Premio de Poesía Fiz Vergara Vilariño, premio que foi parar ás mans de Francisco Fernández Naval co seu libro *Bater de sombras* que


Convérsase con Francisco Fernández Naval, gañador do Premio Vergara Vilariño co seu poemario Bater de sombras; un libro sobre a viaxe ao lado escuro que “se pode enmarcar nunha tradición poética implicada nos ámbitos do eu” e da que Fernández Naval cita a persoas como Rimbaud, Oscar Wilde ou Vicente Aleixandre. Indícase que o volume se divide en catro partes, a primeira das cales é moi persoal habendo outra na que desenvolve un percorrido por internet, “un ámbito de luz pero tamén de moitas sombras”. Coméntase que aínda que os seus libros anteriores tiveron sempre un ámbito xeográfico con referencia, dende Miño (2007) a Mar de Lira (2005), en Bater de sombras o ámbito é o mundo virtual. Recóllese a opinión do autor sobre o seu propio libro o cal considera “maduro” cunha “linguaxe limpa, pouco adxectivada e de significados claros” con numerosas referencias mitolóxicas. Citanse outras obras anteriores súas como Unha cita co aire (2005) ou O bosque de antas (1988), e fálanse dun libro de viaxes por Níxer que publicará proximamente en Xerais.


Coméntase que o poemario Bater de sombras do escritor Francisco Fernández Naval foi o gañador do premio Fiz Vergara Vilariño, ao que se presentaron 86 traballos. Recóllese a opinión do escritor, editor e membro do xurado Miguel Anxo Fernán Vello quen destacou o “pouso intimista” da obra, non sen antes sinalar a importancia e a traxectoria do certame que nesta edición cumpre dez anos. Enuméranse os gañadores doutras edições e lémbrase que Fernández Naval, tamén foi o gañador do premio Xerais de novela en 1998 con O bosque das antas e do Cidade de Ourense en 1980 e 2007 por A fonte abagañada e Miño, respectivamente. Citanse outras novelas súas como Tempo de crepúsculo (1993), Sombras no labirinto (1997) e Unha cita co aire (2005).


Entrevístase a Francisco Fernández Naval, gañador do Premio Fiz Vergara Vilariño de poesía coa obra Bater de sombras na que pretende “coñecer a parte de sombra que habita dentro de nós”. Explicase que o nome do libro vén do primeiro poema que escribiu e que o levaría a escribir sobre o lado escuro cunha “linguaxe limpa e transparente”. Recóllese unha referencia que o autor fai sobre o poeta que dá nome ao certame do que di que, aínda que non chegou a coñecerlo, goza da súa obra. Faise referencia ao pseudónimo que Fernández Naval utilizou no certame: Marlow, o protagonista d’O corazón das tebras, de Joseph Conrad. Indícase que no propio libro hai unha parte que leva ese mesmo título ademais de haber citas de Blake, Aleixandre,
Novalis, Rimbaud ou Baudelaire, entre outros. Citase o libro de crónicas de Nixer que o gañador vén de publicar con outros autores.


Anúnciase a gala de entrega do premio do certame de poesía Fiz Vergara Vilariño que, na súa décima edición, galardouo a obra *Bater de sombras*, de Francisco Fernández Naval. Infórmase da contía coa que está dotado o certame, así como do nome dos participantes na gala, entre os que se atopa o escritor e membro do xurado Miguel Anxo Fernán-Vello. Por último indícase que o broche da celebración o porá un espectáculo “Moita poesía, pouca diversión” de María Lado e Lucía Aldao.


Indícase que o artista plástico Jorge Varela é o creador da obra coa que se obsequia o gañador do décimo premio de poesía Fiz Vergara Vilariño, o escritor Francisco Fernández Naval co poemario *Bater de sombras*. Dise que o propio autor plástico explica que a súa obra é bautizada Manolo Muñeco e que vén a ser unha reprodución de si mesmo. Por último aclárase que a presentación da obra ten lugar no consistorio de Sarria e que a entrega ten lugar uns días despois nun acto poético-musical.


Entre outras actividades, anúnciase a entrega o 22 de maio do X Premio Fiz Vergara Vilariño a Francisco Fernández Naval no hotel NH Alfonso IX de Sarria.


Fálase de cómo transcorreu a gala de entrega do décimo premio Fiz Vergara Vilariño que recaeu no escritor Francisco Fernández Naval. Indícase que a obra gañadora, *Bater de sombras*, e da que leu un fragmento durante a celebración, está vinculada cunha experiencia persoal e as sombras que “todos levamos dentro”. Citanse as persoas presentes no acto entre as que se atopaba a presidenta de Ergueitos, María Casal, quen recordou os dez autores que recibiron nesta década o galardón.


Faise eco da presentación de *Bater de sombras*, de Francisco Fernández Naval, obra gañadora do décimo premio Fiz Vergara Vilariño. Dise que o acto tivo lugar na Casa da Cultura de Sarria e que o gañador recibiu 6.000 euros e unha obra dun artista plástico.

Ofrécense as bases da convocatoria do undécimo premio de poesía Fiz Vergara Vilariño convocado pola Asociación Ergueitos e o Concello de Sarria. Indícase a contía do galardón, o prazo de presentación e a composición do xurado. Tamén se recolle que a obra Bater de sombras se presentou na Coruña.


Anúnciase a vindeira celebración do festival de Nadal en Sarria a cargo da agrupación cultural Ergueitos e que contará con actuacións de danza e poesía a cargo das poetas Lucía Aldao e María Lado. Indícase que a asociación Ergueitos mantén tamén aberto o prazo para concorrer ao certame de poesía Fiz Vergara Vilariño.

Premio de Poesía O Grelo, anteriormente Suso Vaamonde

Coa finalidade de fomentar o uso do galego entre as novas xeracións e axudar a potenciar os poetas novos, a Fundación O Grelo Amigos de Galicia convocou este certame, coa colaboración do Concello de Vilagarcía de Arousa e o patrocinio da Consellería de Educación da Xunta de Galicia. Podían concorrer poetas ou escritores de calquera nacionalidade a condición de que non tivesen publicado ningún libro de poesía e presentasen os seus traballos en galego, de tema libre e cunha extensión mínima de seiscentos versos. Os orixinais presentáronse por quintuplicado, mecanografados a dous espazos e enviáronse, baixo plica, á sede compostelá da Fundación Amigos de Galicia (Rúa Fontecarmoa, 63, baixo, 33.600 Vilagarcía de Arousa) ou por correo electrónico a informacion@fundacionamigosdegalicia.org antes do 30 de abril. Estabeleceu un único premio de 1.000 euros mais cen exemplares da obra gañadora. Na XVIª edición de 2010 o ditame do xurado tivo lugar o 15 de maio e resultou gañador o ourensán Eladio Medel Iglesias co poemario Fóra do mundo, presentado co pseudónimo “Lobiño”. O galardón entregouse o 17 de maio en Vilagarcía xunto co “Xaquina Trillo”.

Premio de Poesía Erótica “Illas Sisargas”

Convocado pola Asociación Caldeirón e o Concello de Malpica. Ademais da dotación económioca de 500 euros, que na actualidade ascende a 1.500 euros, o premio inclúe a edición da obra gañadora na colección “Caldeirón” e a entrega de 30 exemplares ao gañador. Podían optar ao premio todos os autores de calquera nacionalidade, excepto os que xa foran premiados en anteriores edicións, que presentasen obras inéditas de temática erótica e non premiadas con anterioridade, escritas en galego. As obras terán unha extensión inferior a seiscentos versos e han de presentarse por triplicado, en exemplares separados, tamaño DIN A4, por unha soa cara e grampados, baixo título e lema, acompañados dun sobre cos datos persoais do autor. O prazo de admisión de orixinais pechouse o 15 de outubro. Os participantes debían enviar os seus traballos ao Concello de Malpica (Avenida Emilio González López, 15113). En edicións anteriores obtiveron o galardón: o poemario Arredor do teu corpo, do vigués Antonio García Teixeiro; Alberte Momán con Baile Atha Cliath; Emma Pedreira con Xoguetes póstumos; e Eduardo Estévez e Eli Ríos con Rúa da cancela. Na Vª edición de 2010, o xurado outorgou o galardón a María Lado (Cee, 1974) por Amantes.
Referencias varias:


Indícase que o Concello de Malpica de Bergantiños, en colaboración coa Asociación Cultural Caldeirón, convocou a quinta edición deste certame, cuxo gañador recibirá un premio de mil euros e verá a súa obra publicada. Sinállase que os traballos presentados, mediante o seu envío ao Concello, deberán ser de temática erótica, cunha extensión inferior a seiscentos versos e os textos deberán presentarse baixo un título ou lema, xunto cos datos do autor nunha plica que acompañará o texto. Coméntase que o prazo de presentación conclúe o quince de outubro e que o xurado estará presidido por un representante do concello, un membro da asociación Caldeirón e o gañador da anterior convocatoria do certame, quañ Dará a coñecer o ditame durante a Ceas das Letras.

Premio de Poesía Johán Carballeira

Organizado polo Concello de Bueu dende 1996 para recuperar do esquecemento a figura do político e escritor local Johán Carballeira. Dende inicios de 2000 simultanéase este premio co homónimo de xornalismo. Podían concorrer a este certame todos os autores que presentasen textos inéditos, escritos en lingua galega e cunha extensión superior aos catrocentos versos. O premio tiña unha dotación única de 1.500 euros e a publicación da obra. Deban remitirse tres copias en tamaño folio, mecanografiadas a dobre espazo e asinadas con pseudónimo ou lema, xunto a un sobre pechado cos datos persoais do participante, ao Concello de Bueu (Rúa Eduardo Vicenti, 8, 36930 Bueu-Pontevedra) coa indicación “Premio de Poesía Johán Carballeira”. O xurado compunse por cinco membros relacionados co mundo da cultura e mais un secretario, con voz e sen voto, en representación da Corporación. O Concello de Bueu reserva durante un ano os dereitos de publicación da obra premiada, en todas as linguas do Estado. En anteriores edicións foron premiados Xosé Carlos Caneiro en 1996 por A valga do triste amor; Yolanda Castaño en 1997 por Vívimos no ciclo das eroñanías; Emma Pedreira en 1998 por Diario bautismal dunha anarquista morta; Adolfo Caamaño en 1999 por Poemario irlandés; Emma Pedreira en 2000 por Velenarias; Xurxo Alonso en 2001 por Onde viven os saqueadores de naufraxios; Carlos Negro ex aequo en 2002 por Héleris e Alexandre Nerium por Vogar de couse; Lupe Gómez en 2003 por O útero dos cabalos; Diego Cousillas en 2005 por Faltas de ortografía; Francisco Souto en 2006 por As horas de María; Carlos Lema en 2007 por O xeito de Freud. Transferencias da realidade; Mario Regueira en 2008 por Blues da Crecente. Na edición XIIIª edición de 2009 o prazo de admisión rematou o 16 de novembro e o ditame fixose público o 9 de xaneiro de 2010. O xurado formado polos escritores Mario Regueira, Helena de Carlos e Rosa Enríquez decidiu conceder o galardón a Lucía Novas Garrido pola súa obra Neve.

Referencias varias:

Infórmanse que a gañadora do XIII Premio de Poesía Johan Carballeira é Lucía Novas Garrido coa súa obra *Neve*, poemario que fai referencia ao inverno e no que a propia neve é utilizada como un recurso estilístico e simbólico. Indícase que o xurado do certame recoñeceu a capacidade de Novas ao ser capaz de crear unha obra “orixinal a partir de técnicas compositivas clásicas” así como a súa “riqueza léxica” para configurar unha nova perspectiva da poesía paisaxística. Engádese que é autora de diversas obras como *Epiderme de Estío* (2001) e que participou en antoloxías colectivas ademais de resultar gañadora doutros certames como o Premio de Poesía do Concello de Carral.

**Premio de Poesía María Mariño**

Organizado pola Asociación Teenses pola Igualdade de Teo dende o ano 2007 está dirixido a todas as persoas maiores de idade que participarán cun só poema. Os poemas que se presenten teñen que ser orixinais, inéditos, sendo libres o tema e maila forma, e escritos en língua galega con máximo de cem versos. O galardón contou con dous premios de 500 euros e 300 euros. Os poemas debíanse presentar baixo lema por quintuplicado, cun sobre cos datos persoais do autor, á Asociación Teenses Pola Igualdade (Escola de Vilanova, 1º andar, Recesende, 15895, Teo). En edicións anteriores resultaron galardoados “Elexía dos aléns” (1º premio 2007), de Adolfo Caamaño Vázquez; e “De novo a náusea” (1º premio 2009), de Celia Parra Díaz, e “Comendo mazás no medio do deserto” (2º premio 2009), de María Xosé Canitrot Trillo. No ano 2010 abriuse a convocatoria da IIIª edición, patrocinada por Feseguros, cuxo prazo de presentación dos traballos rematará o 16 de abril de 2011. O acto de entrega coincidirá coa semana das Letras Galegas.

**Referencias varias:**


Coméntase a convocatoria e as bases da terceira edición deste certame, dotado con 500 e 300 euros e patrocinado por Feseguros.

**Premio de Poesía Miguel González Garcés**

Convocado dende 1991 pola Deputación da Coruña, dende o ano 2000 a súa convocatoria é bienal. As súas bases recollían que os traballos, orixinais e inéditos, debían estar escritos en galego e a súa extensión non seria inferior aos trescentos versos. Presentáronse por quintuplicado, mecanografados a dobre espazo e acompañados dun sobre pechado no que constaba, por fóra, o título da obra e, no interior, o nome e dirección do seu autor. Enviaronse á Deputación Provincial da Coruña (Alférez Provisional s/n) antes do 15 de abril. O premio estivo dotado de 5.050 euros e a publicación da obra por parte da Deputación, quen podía sacar a primeira edición sen dereitos para o autor, a quen se lle entregarían trinta exemplares. Os poemarios galardoados nas edicións anteriores foron: *Visitantes*, de Xavier R. Baixeiras en 1991;
Prometo a flor de loto, de Luz Pozo Garza en 1992; Memoria de agosto, de Xulio L. Valcárcel en 1993; Un áspero tempo de caliza, de Paulino Vázquez Vázquez en 1994; Pel de ameixa, de Marta Dacosta Alonso en 1995; Areados, de Estevo Creus Andrade en 1996; Mínima moralidade, de Ramiro Fonte en 1997; Luz de facer memoria, de Manuel Álvarez Torneiro en 1998; Vocabulario das orixes, de Xosé Mª Álvarez Cáccamo en 1999; Campo segado, de Manuel Álvarez Torneiro en 2000; Eloxio da desorde, de Román Raña Lama en 2002; Capital do corpo, de Miguel Anxo Fernán Vello en 2004; O pozo da ferida, de Luma en 2006; e Cabalos do alén, de Xavier Lama López en 2008. No ano 2010 (XV ª edición) resultou premiado o poemario Os indios deixaron os verdes prados, de Manuel Darriba, escollido por unanimidade de entre os 78 orixinais presentados. O xurado estivo formado por Salvador Fernández Moreda, presidente da Deputación; Caridad González Cerviño; Xosé Mª Álvarez Cáccamo, Manuel Álvarez Torneiro, Xabier Lama López; Mª Ángeles Penas García, Enrique Rabuñal Corgo e Rogelio López Cardalda, actuando como secretario. O acto de entrega tivo lugar o 17 de decembro na gala de cultura da Deputación da Coruña no Pazo de Mariñán.

Referencias varias:


Fálase sobre a concesión do Premio de Poesía González Garcés ao poemario de Manuel Darriba co título Os indios deixaron os verdes prados, do cal se destaca o seu ton melancólico e unha maior elaboración formal respecto ás obras anteriores do autor. Tamén se di que ademais da dotación económica o premio conleva a publicación da obra e que para isto Manuel Darriba pediu a colaboración do artista Lomarti como ilustrador.


Tras indicar que Manuel Darriba é o gañador o Premio González Garcés de poesía coa obra Os indios deixaron os verdes prados, a cal se impuxo a outras setenta e sete, recollense varias reflexións do escrito acerca do poemario e da súa traxectoria literaria. Indicanse como características máis destacadas que se compón de poemas breves e concisos, o seu ton melancólico e irónico e a presenza temática de experiencias cotiás. Noméanse outras obras que xa ten publicadas o autor e que tamén foron premiadas como Calor (1997), e Vostede non sabe con quen está a falar (2006), galardoada co premio Espiral Maior. Sinálase, por último, que xa é un escritor de referencia para os autores máis novos.


Infórmase de que a obra gañadora do Premio González Garcés de Poesía foi Os indios deixaron os verdes prados, de Manuel Darriba. Indicase cal é a dotación do premio, cales foron as valoracións do xurado para escoller este poemario e as palabras do propio autor sobre o contido e a elaboración do mesmo.

Primeiramente indícase que Manuel Darriba é o gañador do Premio González Garcés coa obra “Os indios deixaron os verdes prados” e deseguido faise unha breve entrevista ao autor. Este destaca o valor do premio ao imporxe a outras setenta e sete obras e que o paso do tempo segue sendo o fío condutor da súa poesía. Di que este poemario supón un cambio respecto aos anteriores por presentar unha maior maduración. Por último, lembra que a literatura anglosaxoa é unha das maiores influencias da súa obra.


Entre outras cuestións no apartado “Premios” menciona o premio do Certame de Poesía Miguel González Garcés concedido a Manuel Darriba por *Os indios deixaron os verdes prados* (2010).


Fala da III Gala da Cultura celebrada no Pazo de Mariñán na que se entregaron os premios convocados pola institución provincial. Deste xeito destaca entre os premiados a Manuel Darriba, recoñecido co González Garcés de poesía.


Infórmase da entrega dos premios culturais convocados pola Deputación da Coruña durante a III edición da Gala da Cultura e sinálase que o gañador do premio de poesía González Garcés foi Manuel Darriba.

**Certame de Poesía Mulleres do noso tempo**

A Delegación de Benestar e Igualdade, en colaboración co Centro de Información á Muller do Concello de Cee, convoca este certame co gallo da celebración do Día Internacional da Muller para fomentar a igualdade entre homes e mulleres, a orixinalidade e a transversalidade na transmisión de valores de convivencia. Podían participar todas as persoas, maiores de idade, cun tema que reflita a situación actual das mulleres e cun máximo de tres poemas. Os poemas inéditos debían estar escritos en galego, cun mínimo de vinte versos e un máximo de cen e remitirse nun sobre á Rúa Domingo Antonio de Andrade, s/n, 15270, Cee. Estabeleceronse tres premios de 295 euros, 200 euros e100 euros.

**Premio Nacional de Poesía**

Ver o apartado X.5. deste *Informe*. 
Premio de Poesía Novacaixagalicia

Naceu, froito dun convenio entre a entidade bancaria Caixanova e o PEN Clube de Galicia, no ano 2001 co obxectivo de impulsar a edición de poesía en galego. Poden concorrer todos os poetas que o desexen, presentando unha soa obra escrita en lingua galega segundo a normativa vixente e non menor a seiscentos versos. O premio é indivisíbel e está dotado con 12.000 euros e a publicación da obra gañadora na colección “Arte de Trobar”, coeditada polo PEN Clube de Galicia e a editorial Danú. Os traballoss presentados tiñan que ser inéditos, cunha extensión mínima de seiscentos versos e enviáronse por quintuplicado, mecanografados a dobre espacio e baixo lema e plica ao Departamento de Obras Sociais de Caixanova (Centro Social Caixanova, Avda. Policarpo Sanz, 24-26, 36201 Vigo). O prazo de admisión dos orixinais rematou o 31 de outubro e a resolución deuse a coñecer no mes de decembro. En anteriores edicións resultaron galardoados: en 2002 Xavier Seoane, por Dárseñas do ocaso; en 2003 María do Cebeiro, por Non queres que o poema te coñeza; en 2004 Román Raña, por As metamorfoses do túnel; en 2005 Arcadio López-Casanova, por Herdo do canto; en 2006 Marilar Aleixandre, por Mudanzas; en 2007 Carlos Penela por Sombras, rosas, sombras; en 2008 Luís Valle por A caída; e en 2009 Xabier Rodríguez Baixeras por Deserto diamantino. Na IXª edición de 2010, o premio, debido á fusión de Caixanova e Caixa Galicia, pasou a denominarse Novacaixagalicia. O xurado composto pola directora de acción cultural da Obra social de Novacaixagalicia, María Pereira Otero; o presidente do PEN Club de Galicia, Luís González Tosar; o tradutor e editor Jonathan Dunne; o poeta Modesto Hermida; o gañador da edición anterior Xabier Rodríguez Baixeras; a escritora Rexina Vega; e Xabier Castro Martínez, quen actuou de secretario, con voz e sen voto, escolleu como gañador o poemario Antítese da ruína, presentado baixo o lema “Yorik”, de Emma Pedreira Lombardía (A Coruña, 1978), de entre os corenta e nove poemarios presentados. Neste ano tamén se entregou o 7 de setembro o galardón da IIIª edición do ano 2009 a Xavier Rodríguez Baixeras no Pazo de San Roque en Vigo.

Referencias varias:


Entrevista a Xavier Rodríguez Baixeras polo premio a Deserto diamantino, gañador do VIII Premio de Poesía Caixanova. Coméntase que o galardón consiste na recepción de doce mil euros e na publicación do poemario e que o xurado estivo composto pola escritora Luísa Castro e os críticos literarios Ana Acuña e Carlos L. Bernárdez, entre outros. Baixeras indica que Deserto diamantino é un libro de poemas inspirado en Brasil, que expresa como a vida consiste nunha serie de denuncias e perdas, onde entran en xogo as lembranzas, a imposibilidade de amar, de escribir, de vivir como antes, de usar a lingua orixinal, etc. Sinala que o título do libro está inspirado en dúas terras do Estado de Bahía (Brasil), onde hai augas con diamantes pero tamén deserto, porque a vida é como un diamante que se vai desertizando. Para rematar, di que ás veces é difícil escribir poesía pola cuestión da lingua polo que cre que hai que deixar dun lado a sociedade e expresar o que un sente de verdade.
Dáse conta da obra *Antítese da ruína*, de Emma Pedreira Lombardía, gañadora do Premio Novacaixagalicia, convocado pola entidade de aforro xunto co Pen Club. Sinálase que a obra é fruto dunha profunda reflexión da autora sobre a morte e a realidade e que investiu nela tres anos. Coméntase tamén que a autora e unha das poetas máis prolíficas e admiradas da xeración dos noventa e dise que se deu a coñecer con *Diario bautismal dunha anarquista morta* (1999). Tamén se di que o tema da morte e da desaparición é reiterativo na obra de Pedreira. Finalmente, recóllense as palabras do xurado do certame que valorou o valor poético da obra.

Con motivo de que o Premio de poesía Novacaixagalicia foi para Emma Pedreira fáselle unha entrevista na que a autora di que en *Antítese da ruína* volcou os dous últimos anos da súa vida. Comenta tamén que a ruína da que se fala na súa obra fai referencia ao desmoronamento interior e emocional das persoas e recoñece sentirse identificada coa etiqueta de perteñecer á xeración dos noventa.

Recóllense as verbas de Luís González Tosar sobre a obra gañadora do IX Premio de Poesía Novacaixagalicia, quen afirmou que *Antítese da ruína* ten un gran valor poético. A continuación, dáse a coñecer aos membros do xurado que tivo que avaliar as corenta e nove obras participantes. Finalmente indicase que a obra foi presentada co lema Yorik.

Entrevístase a Emma Pedreira, gañadora do Premio Nocacaixagalicia de poesía coa obra *Antítese da ruína.* Destácase que forma parte da Xeración dos noventa e que reflexiona sobre o paso do tempo e as perdas que sofre o ser humano. Pedreira conta que na súa obra reflexiona sobre a morte; que a casa é unha metáfora da evolución da vida, que pasa de estar chea de vida, “chea de vida”, a estar valeira. Comenta tamén que hai diversos tipos de premios de poesía pero que moi poucos poden supoñer o cumio dunha carreira poética. Sinala que no sistema educativo non se forman bos lectores de poesía; e remata, afirmando que unha forma de democratizar a poesía e saír en busca da xente.

**Premio de Poesía *O poeta azul. Xosé María Pérez Parallé***

Convocado pola Sociedade Artística Ferrolana (SAF) e patrocinado polo Real Coro Toxos e Froles, o premio consistiu nunha placa e unha figura dun gaiteiro e a publicación do poema gañador na revista *Poesía Galicia* da SAF. Podiase enviar un poema por autor, orixinal ou inédito, escrito en galego e con tema libre. O poema escrito a máquina remitiuse ao apartado de Correos 339, 15480 (Ferrol) cos datos do autor antes do 31 de outubro. No ano 2010, o xurado da XVIIIª edición de 2009, composto...
por Ricardo Díaz-Casteleiro Romero, en calidade de presidente, a poeta e profesora Aurora Varela Caabeiro, a poeta e profesora Rosa María Martínez Dios e José Ramón Vázquez Martínez, catedrático de Literatura Española, como vogais e actuando de secretaria África Otero Beltrán, reunido no Parador de Turismo de Ferrol o 22 de febreiro decidiu conceder o galardón a Rosa María Milleiro Domínguez, de Ferrol, polo seu poema titulado “Emprendin o meu amor”.

Certame Literario San Ramón

Co fin de estimular e potenciar a creación poética galega, o Concello de Vilalba convocou este certame no que se concederon dous premios dotados con 3.000 euros e 1.000 euros xunto cunha flor natural e un diploma. Podían concorrer todos os autores de calquera nacionalidade e condición que presentasen orixinais e inéditos, de extensión e tema libre, escritos en galego. Os orixinais presentáronse por quintuplicado mecanografados a dobre espazo e envíaronse, xunto cun sobre cos datos persoais do autor, ao Concello de Vilalba (Praza da Constitución n.º 1, 27800 Vilalba). Na XXXVIª edición de 2010 o prazo de inscrición rematou o 19 de xullo, a resolución deuse a coñecer o 25 de agosto e a entrega de premios realizouse o 30 de agosto durante as festas patronais da vila. O primeiro premio foi para o poemario Na intimidade do Azougue, de Pablo Bouza, e o segundo para Nos labirintos da alma, de Martiño Maseda.

Referencias varias:


Dise que o Concello de Vilalba pechará o prazo de entrega dos traballos presentados a trixésima sexta edición do Certame Literario. Engádese que os membros do xurado daranse a coñecer no mesmo acto no que se dirá o nome dos gañadores.


Ademais de dar noticia da presentación dos poemarios Ingrávido signo, de Pablo Bouza, e Outono, mancebo céfiro de ás ergueitas, de Xosé Otero Canto; gañadores en 2009 do primeiro e segundo premio, respectivamente, deste certame literario, fanse públicos os gañadores do XXXVI Certame Literario, cuxo acto de entrega se celebrará o día trinta dese mes: o poeta de Fene, Pablo Bouza repite triunfo e recibirá tres mil euros grazas aos versos de Na intimidade do Azougue e o segundo premio, dotado con mil euros, recaeu no escritor local Martiño Maseda, pola obra Nos labirintos da alma.


Entrevista ao filólogo vilalbés Martiño Maseda como gañador do segundo premio no Certame Literario do Concello de Vilalba polo poemario Nos labirintos da alma. Indicase que é a segunda vez que este escritor se fai cun premio neste concurso, xa que
en 2005 gañou o primeiro premio grazas a *Diario dun ser perdido*. Comenta que os concursos literarios son unha vía para publicar e para facer públicos os seus pensamentos, emocións e inquedanzas. Confirma que lle gusta que o certame sexa en lingua galega porque, debido á situación actual desta, é bo que se fomente. Sinala que *Nos labirintos da alma* son expresións da alma que foxe do seu propio inferno e que nesa fuxida se perde nos seus labirintos, polo que evoca emocións e inquedanzas dese estado de perdición. Afirmo que el só publicou a raíz dos premios literarios en revistas e coleccións, pero que publicar en solitario non é algo que persiga porque para el a literatura é unha saída para as súas doenzas de espírito, non un labor profesional nin un acto vocacional. Para rematar, destaca que lle gusta que a poesía, e a literatura en xeral, sexan accesíbeis e que a xente poida entendelas.


Dáse noticia do acto de clausura do XXXVI Certame Literario da Terra Chá, no que se entregarán os premios aos galardoados deste ano: o poeta de Fene, Pablo Bouza, que repite triunfo e que recibirá unha recompensa de tres mil euros grazas ao poemario *Na intimidade do Azougue*, e o vilalbés Martiño Maseda, que obtivo o segundo premio dotado con mil euros por *Nos labirintos da alma*.


Infórmase da lectura do pregón, por parte de José Luís Novo Cazón, das festas de San Ramón e Santa María en Vilalba; así como, de que os poetas Pablo Bouza, natural de Fene, e Martiño Maseda, de Vilalba, se fixeron co primeiro e segundo premio, respectivamente, dotados cun total de catro mil euros, do Certame Literario patrocinado polo Concello de Vilalba, grazas aos poemarios *Na intimidade do Azougue* e *Nos labirintos da alma*, que serán editados previsiblemente en 2011.

**Premio de Poesía Victoriano Taibo**

Convocado por primeira vez no ano 2008 pola Entidade Local de Morgadáns de Gondomar e o Instituto de Estudios Miñoranos (IEM). Podía concorrer calquera persoa cun poemario inédito, escrito en galego e cunha extensión mínima de trescentos versos. Os traballos debían enviarse á Aula de cultura Ponte das Rosas (Avenida da Feira, n.º 10, baixo, apartado de correos 30, 36380, Gondomar). O premio consistiu nunha dotación de 3.000 euros, unha escultura conmemorativa, realizada polo artista miñorán Fino Lorenzo, e a edición da obra nunha colección de poesía do IEM, chamada “Colección Victoriano Taibo”. Nas edicións anteriores resultaron galardoados en 2008 Carlos Negro con *Cultivos transxénicos* e en 2009 *ex aequo* para Mª Carmen Caramés con *Cuarto Minguante* e Elvira Riveiro e Silvia Penas con *Biografia da Multitude*. O prazo de admisión da IIIª edición, correspondente ao ano 2010, rematou o 30 de xullo e o acto de entrega tivo lugar na segunda semana de novembro. Das corenta e tres obras presentadas, o xurado presidido polo Presidente da Entidade Local de Morgadáns, Urbano Esmerode Domínguez (sen voto) e formado por Gonzalo Navaza Blanco, Marta Dacosta Alonso, Elvira Riveiro Tobío, Mª Carmen Caramés Gorgal, Araceli Gonda Cabreira, Miguel Anxo Mouriño Fernández, que actuou como secretario (sen voto) e en
representación do IEM, acordou o 9 de setembro outorgar o galardón ao poemario titulado *Devastacións dispoñibles*, de Mª Goretti Fariña Caamaño (San Xoán de Baión-Vilanov de Arousa, 1965). O acto de entrega tivo lugar o 11 de decembro na Escola de Guillufe.

**Referencias varias:**


Fálsase das actividades que leva a cabo o Instituto de Estudos Miñoranos, unha asociación cultural que naceu hai dez anos no Val Miñor que pretendía poñer “a súa curiosidade intelectual ao servizo do local”. Indícase que entre o seu programa de actividades se atopa o premio de poesía Victoriano Taibo, en homenaxe a esta importante figura do galeguismo republicano.


Entre outras cuestións no apartado “Premios” menciona o premio de Poesía Victoriano Taibo da Entidade Local de Morgadáns concedido a María Goretti Fariña Caamaño por *Devastacións dispoñibles* (2010).


Indícase que a gañadora do Premio de poesía Victoriano Taibo foi María Goretti Fariña co poemario *Devastacións dispoñibles*. Coméntase que o premio é promovido polo Instituto de Estudos Miñoranos e a Entidade Local Menor de Morgadáns.

**Xogos Florais de Cedeira**

Convocados polo Concello de Cedeira. Na X edición de 2010 presentáronse catorce poemas e resultou galardoado Carlos del Río por “Paixón e morte dun poeta”, o segundo premio foi para Cristina Fraga por “Promesa” e o terceiro para Mª Victoria Lamigueiro Zaera por “Nana da avoa”. Os galardóns consistiron nunha violeta en bronce macizo. O xurado estivo composto por Mª Paz Díaz, Belén Caridel, Álvaro Porto Dapena e Lázaro Domínguez.

**Certame Nacional de Poesía Xosé María Pérez Parallé**

Convocado polo Círculo Mercantil e Industrial-Unidade de Fene, o Concello de Fene e a Editorial Espiral Maior, coa colaboración da deputación da Coruña, dende o ano 1987 para homenaxear a figura do poeta ferrolán Xosé María Pérez Parallé. Neste certame galardóanse poemas (catro como máximo) inéditos escritos en galego cunha extensión mínima de trescentos versos. Os orixinais tiñan que se enviar por triplicado e cun pseudónimo ou lema á sede do Círculo (Rúa Porto do Río, 21, San Paio-Fene, A
Coruña) e debían entregarse mecanografados por unha soa cara e baixo o sistema de plica. O galardón consistiu na publicación da obra pola editorial Espiral Maior cunha tiraxe de oitocentos exemplares e unha peza de cerámica deseñada por Francisco Pérez Porto. Na XXIIIª edición de 2010 o prazo de admisión rematou o 1 de outubro e o xurado, formado Ramón Nieto, Antía Otero e Pedro Casteleiro, decídu por unanimidade galardoar Nómade, de María Rosendo Priego (Vigo, 1984), presentado baixo o pseudónimo “Verdecente”. A entrega do premio levouse a cabo nun acto que tivo lugar o sábado 20 de novembro na sede do Círculo Mercantil e Industrial-Unidade de Fene.

Referencias varias:


Anúnciase que María Rosendo Priego é a gañadora da XXIII edición do Premio Xosemaría Pérez Parallé, destinado a traballos inéditos e que convoca o Círculo Mercantil e Industrial Unidade, de Fene, grazas ao seu poemario Nómade. Afirma a autora que escribe dende sempre pero que este é o primeiro poemario que completa seguindo un fío condutor, xa que até agora só escribia poesías soltas e estaba vencellada a proxectos como as Redes Escarlata ou a Rebelión da Décima Musa II. Indica que o libro ten moitas referencias a Bos Aires, cidade na que rematou o último curso de Filoloxia Inglesa en 2007, pero tamén a Galicia e a un espazo propio, polo que o nomadismo fai referencia á migración física pero tamén á mudanza dun mesmo. Comenta que os poemas teñen moito traballo e que lle custou poñerlle un final á obra, pola súa contínua revisión. Asegura que para ela o maior premio é que valorasen a súa aposta por unha liña nova e o seu contido potente e fóra do cotián. Para rematar, indicase que a poeta recollerá o premio o vinte de novembro na sede do Círculo Unidade e que o xurado estivo integrado por Pedro Casteleiro, escritor e xurista ferrolán; Antía Otero, vicepresidenta da Asociación de Escritoras e Escritores en Lingua Galega, poeta e actriz da Estrada; e Ramón Neto, escritor, filólogo e gañador da anterior edición do certame.


Coméntase que para a escritora María Rosendo foi unha sorpresa que o seu poemario Nómade gañase o XXIII Premio Nacional de Poesía Xosemaría Pérez Parallé, até o punto de que xa enviara a obra a Estaleiro Editora, os cales estaban interesados en publicarlla en 2011. Indicase que o galardón, convocado polo Círculo Mercantil e Industrial-Unidade de Fene, está dedicado a promover a obra dun autor inédito en galego e será entregado nun acto o vinte de novembro na sede do Círculo. Sinállase que en Nómade se reflicte a experiencia vital da autora durante o ano que estivo vivindo en Bos Aires en 2007; xa que deixa patente a busca dun lugar físico, pero tamén dun espazo propio, dun sitio individual no mundo. Rosendo afirma que escribe poesía dende os dezasete anos como un mecanismo de supervivencia, pero eran poemas sen relación. Anúnciase que o premio consistirá na edición do libro na colección de Poesía Espiral Maior, cunha primeira edición de oitocentos exemplares. Para rematar, cóntase que nas últimas edições se fixeron con este premio as que xa se poden considerar voces da nova
poesía galega, como Xiana Arias (en 2006) ou Mario Regueira (en 2005); polo que Rosendo opina que as escollas do xurado son arriscadas, o cal é moi gratificante porque ve no galardón unha oportunidade para abrirse camiño como nova creadora de versos.
X.3. TEATRO

Premio Abrente para Textos Teatrais

Coa intención de incentivar a creatividade no ámbito teatral e en lembranza dos “Concursos de textos teatrais” da Asociación Cultural Abrente (1969-1983), o Concello de Ribadavia e a Secretaría Xeral de Política Lingüística a través da Mostra Internacional de Teatro convocou este premio no ano 2006 por primeira vez. Poden optar ao premio todos os autores de calquera nacionalidade que presenten obras inéditas e non premiadas escritas en lingua galega normativa. Estabeleceu un premio único e indivisibel, dotado con 3.000 euros e a entrega de vinte e cinco exemplares, reservando o Concello, durante un prazo de doce meses, os dereitos de editala e de representala. As obras deberán ser de tema e extensión libres, presentaranse por quintuplicado, en exemplares separados, mecanografiados a dobre espazo, numerados, grampados ou encadernados baixo un título e lema, acompañados dun sobre cos datos persoais do autor, e enviarianse ao Concello de Ribadavia (Praza Maior s/n, 32400 Ribadavia-Ourense). O prazo de admisión de orixinais rematou o 1 de xullo. Na quinta edición do ano 2010 a decisión do xurado, presidido polo alcalde de Ribadavia e integrado polo Concelleiro de Cultura, Anxo Collarte, o director da MIT, Roberto Pascual, xunto a Santi Prego, Cristina Domínguez e Tito Asorey, fixose pública o 24 de xullo, coincidindo coa clausura da Mostra. O xurado decidiu conceder por maioría o galardón a Manuel Lourenzo pola súa obra *Aquelas cousas do verán*, de entre as doce propostas presentadas. O premio de Honra foi para a actriz e directora Ana Vallés e o iluminador e deseñador escénico Baltasar Patiño de Matarile Teatro e o premio do público para a obra infantil *Zoo*, da compañía Yllana.

Referencias varias:


Fálase da presentación da quinta edición dos Premios Abrente de Textos Teatrais. Anúnciase tamén que a Mostra Internacional de Teatro promoverá unha colección “específica de publicacións” dedicada á divulgación de textos dramáticos en galego dentro de certame Abrente. Indícase que o obxectivo é recoller os textos gañadores do certame e incorporar traducións de autores relevantes do teatro internacional.


Entre outras cuestións no apartado “Cine e teatro” destaca o premio Abrente de Textos Teatrais outorgado a Manuel Lourenzo González por *Aquelas cousas do verán* (2010).

Premio Álvaro Cunqueiro para Textos Teatrais

Premio instituído no ano 1988 polo Instituto Galego das Artes Escénicas e Musicais (IGAEM) e actualmente organizado por AGADIC (Axencia Galega das Industrias
Culturais), pertencente á Consellería de Cultura, para promover o ámbito da literatura teatral galega contemporánea e incentivar a creatividade na dramaturxia, e convocado xunto co Premio Manuel María para Textos Teatrais (ver o apartado X. 7 deste Informe) e o Barriga Verde de Textos para Teatro de Monicreques. Os interesados debían remitir ou entregar nas oficinas de AGADIC (Rúa da Vesada s/n, San Lázaro, 15703 Santiago de Compostela) os seus textos inéditos, escritos en galego normativo, non representados nin premiados noutros concursos, de temática libre e sen límite de extensión, quedando excluídas as obras de teatro breve e os textos para teatro de monicreques. Os textos debían ser presentados por sextuplicado en DIN A-4, mecanografiados a dobre espazo co título e lema do premio na portada, xunto cun sobre pechado cos datos persoais do autor. O premio está dotado de 6.000 euros e a obra premiada pode ser publicada nas coleccións de AGADIC, que se reserva durante un prazo de dous anos o dereito a editalas. Segundo as bases da convocatoria, complementariamente ás calidades literarias e aos contidos dramáticos das obras, o xurado valora positivamente aqueles factores que inciden na súa viabilidade escénica: número de personaxes, espazo escénico, condicións técnicas, etc. Nas edicións anteriores galardouse en 1988 O arce do xardín, de Roberto Salgueiro; en 1989 Azos de esguello, de Euloxio R. Ruibal; en 1990 Os rebertes, de Agustín Magán; en 1991 Saxo Tenor, de Roberto Vidal Bolaño; en 1992 Copenhague, de Andrés A. Vila e Xosé Cid Cabido; en 1993 O prazo, de Manoel Riveiro; en 1994 Lugar, de Raúl Dans; en 2000 Eliana en ardentía ou Bernardo destemplado, de R. Salgueiro; en 2001 Agnus patris, de Afonso Becerra de Becerreá; en 2002 Molière final, de Roberto Salgueiro; en 2003 Hai que confiar na esperanza, de Siro López; en 2004 Os homes só contan até tres, de Antón Lopo; en 2005 Limpeza de sangue, de Rubén Ruibal; en 2006 Ocaso Otero, de Manuel Guede; en 2007 Historia da chuvia que cae todos os días, de Roberto Salgueiro; en 2008 Sempre quixen bailar un tango, de Teresa González Costa; e en 2009 Flores de Dunsinane, de Manuel Lourenzo. Nesta XIXª edición de 2010 o período de admisión rematou o 11 de xuño e o xurado, integrado por Dolores Vilavedra, actuando como presidenta, Marcelina Calvo Domínguez, como secretaria, e polos vogais Ánxeles Cuña Bóveda, Roberto Leal Jiménez, Eduardo Rodríguez Cunha, Ricardo Solveira Díaz e María de los Ángeles Alfaya Bernárdez, reunido o 11 de outubro, decidiu por maioria conceder o galardón a Chegamos depois a unha terra gris, de Raúl Dans Mayor.

Referencias varias:


Dáse noticia de que, na apertura da Feira Galega das Artes Escénicas, se fixo entrega dos galardóns dos premios de teatro convocados por AGADIC. Indícase que a décimo novena edición do Premio Álvaro Cunqueiro foi para Raúl Dans (que xa conseguira este mesmo premio en 1994 coa obra Lugar) por Chegamos después a unha terra gris, peza que “retrata perdedores e anti heroes modernos que se ven mergullados na descomposición dun núcleo familiar”. Finalmente, cóntase que nesta apertura da Feira se fixo unha homenaxe ao falecido actor Suso Díaz e se puxeron en escena as montaxes de Ónfalo Teatro, Teatro do Morcego e Teatro de Ningures; que ao día seguinte será a quenda de Galitoon, DLLoira, Lagarta Lagarta e SOLODOSneodans; e que O incerto señor don Hamlet, de Sarabela Teatro será suspendida pola morte de Suso Díaz.
Coméntase que na Feira Galega das Artes Escénicas se deron a coñecer os gañadores dos catro premios de textos escénicos que promove Agadic. Así, sinálase que o Premio Álvaro Cunqueiro foi para **Chegamos despois a unha terra gris**, de Raúl Dans.

**- C. F., “O éxito para min é que a obra se pareza en algo ao que pensei”, La Voz de Galicia, “Cultura”, 19 outubro 2010, p. 45.**

Entrevista a Raúl Dans, que acadou o Premio Álvaro Cunqueiro, na que comenta que leva anos escribindo sen chegar aos espectadores nin aos lectores, só o consegue facer a través dos premios, xa que cre que só teñen posibilidades os autores que teñen compañía. Indica que gañar un premio supón a publicación da peza, pero que de aí aos escenarios hai unha distancia porque el non lle vai pedir a ningún director que lla represente, polo que cre que ser dramaturgo é moi frustrante, pero para el o éxito consiste en que a peza rematada se pareza ao que tiña na cabeza. Sinala que el cando escribe lle sae teatro, porque empezou de actor, e que non vai cambiar á novela porque esta esixe moitas palabras e hai que dedicarle moito tempo e o prefire darlle voltas aos personaxes, ás accións e á trama. Di que esta obra está protagonizada por mulleres pero que non hai ningunha reivindicación nese feito, senón que na súa obra sempre destacaron os personaxes femininos.


Indícase que AGADIC fixo públicos os gañadores dos premios Cunqueiro, Manuel María e Barriga Verde, dotados con seis mil euros cada un. Coméntase que Raúl Dans gañou o Cunqueiro con **Chegamos despois a unha terra gris**.


Sinálase que Raúl Dans recibiu o Premio Álvaro Cunqueiro por **Chegamos despois a unha terra gris**, unha historia de destrución dun núcleo familiar, con catro xeracións de mulleres, polo que o xurado recoñeceu nela unha “singular xenealoxía das mulleres”, ademais da sobriedade do texto, o tratamento dun tema de actualidade e outros temas que latexan como o fracaso, o amor, a morte e a dualidade dos seres humanos que queremos agochar o noso ser. Dans comenta que cantos máis premios mellor, pero que o ideal sería non ter que se presentar a concursos cando xa se ten unha traxectoria definida, porque parece que se teñen que gañar premios para que se publiquen as obras. Indícase que parece que as compañías non están interesadas nos autores galegos e que se deron casos de textos galardoados que non foron publicados a pesar de que nas bases incluían ese compromiso. Finalmente, fáise referencia ao programa que se vai desenvolver ese día na Feira.

Premio Internacional de Teatro para Títeres **Barriga Verde de Textos para Teatro de Monicreques**
Convocado polo IGAEM (Instituto Galego das Artes Escénicas e Musicais), actualmente AGADIC (Axencia Galega das Industrias Culturais) da Consellería de Cultura, conxuntamente co Premio Álvaro Cunqueiro para textos teatrais e o Manuel María de Literatura Dramática Infantil. Este certame presentouse como o primeiro en España creado especificamente para textos destinados a obras representadas con monicreques. Dividiuse en dous apartados, dotados con 3.000 euros cada un: textos dirixidos ao público infantil, e textos escritos para o público adulto, que na convocatoria de 2009 ascendeu a 6.000 euros en cada modalidade. As obras poden ter tema e extensión libres, tendo en conta o principio de duración normal dun espectáculo completo. A obra premiada pode ser publicada nas coleccións de AGADIC, que se reserva durante un prazo de dous anos o dereito a editalas. Os orixinais deben presentarse por sextrupicado, mecanografados a dobre espazo baixo lema e un sobre pechado cos datos persoais do autor a AGADIC (Rúa da Vesada s/n, San Lázaro, 15703 Santiago de Compostela). Segundo as bases da convocatoria, complementariamente ás calidades literarias e aos contidos dramáticos das obras, o xurado valora positivamente aqueles factores que inciden na súa viabilidade escénica: número de personaxes, espazo escénico, condicións técnicas, etc. En anteriores edicións resultaron galardoadas na modalidade infantil as seguintes pezas dramáticas: en 2003 Cucho, Coco e o dilema do 6, de Tino Antelo; Cataventos e Cia. Ou a verdadeira historia de Amanda, a princesa, e Leonardo, o poeta, de Celia Díaz Núñez; en 2006 O afundimento do Titanic, de Bregogán Riveiro; en 2008 O punto da escarola, de Xosé A. Neira Cruz; e en 2009 Bon appetít, de Begoña García Ferreira. E na categoría de adultos: en 2003 O Soñador. Pezas de títeres para adultos, de Gabriel Castilla Raspa; en 2005 Misterio en Guernica, de Xosé Manuel Fernández Castro; e en 2009 Auga que non vas beber..., de Ignacio Vilarriño Sanmartín. Na VIIIª edición de 2010 o período de admisión rematou o 11 de xuño e o xurado integrado por Dolores Vilavedra, actuando como presidenta, Marcelina Calvo Domínguez, como secretaria, e polos vogais Ánxeles Cuña Bóveda, Roberto Leal Jiménez, Eduardo Rodríguez Cunha, Ricardo Solveira Díaz e María de los Ángeles Alfaya Bernárdez, reunido o 11 de outubro, decidiu por maioría conceder o galardón na modalidade de teatro para adultos a Pedra sobre pedra, de Xosé Antonio Neira Cruz, presentada baixo o lema “Samarúa”, e na modalidade infantil a Fábula galénica, de Ignacio Vilarriño Sanmartín.

Referencias varias:


Infórmase da entrega dos galardóns de AGADIC. Coméntase que os premios Barriga Verde de textos para teatro de monicreques recaeron nesta oitava edición en Xosé Antonio Neira Cruz na modalidade de adultos coa obra Pedra sobre pedra, que trata sobre o Mestre Mateo e o Pórtico da Gloria e Inacio Vilarriño, que gañou o premio na modalidade infantil por Fábula galénica. Finalmente, cóntase que nesta apertura da Feira se fixo unha homenaxe ao falecido actor Suso Díaz e se puxeron en escena as montaxes de Ónfalo Teatro, Teatro do Morcego e Teatro de Ningures; que ao día seguinte será a quenda de Galiton, DLoira, Lagarta Lagarta e SOLODOSneodans; e que O incerto señor don Hamlet, de Sarabela Teatro será suspendida pola morte de Suso Díaz.
Coméntase que na Feira Galega das Artes Escénicas se deron a coñecer os gañadores dos catro premios de textos escénicos que promove Agadic. Así, sinálase que o Barriga Verde no apartado de textos de monicreques para adultos foi para Pedra sobre pedra, de Xosé A. Neira Cruz e Inacio Vilariño gañou o premio para cativos con Fábula galénica.

Indícase que AGADIC fixo públicos os gañadores dos premios Barriga Verde, dotados con seis mil euros cada un. Coméntase que no Barriga Verde, os galardoados foron Inacio Vilariño en infantil con Fábula galénica e Xosé Antón Neira Cruz en adultos con Pedra sobre pedra.

Infórmase que Xosé Antón Neira Cuz e Inacio Vilariño se fixeron cos premios Barriga Verde para adultos e infantil, respectivamente.

Achégase unha listaxe de autores galegos que ao longo do ano 2010 foron recompensados con determinados galardóns ou recoñecementos, tanto de Galicia como foráneos, polo seu labor a prol da LIX. Entre eles menciónase a Inacio Vilariño por recibir o Barriga Verde Infantil con Fábula galénica.

**Premio Diario Cultural de Teatro Radiofónico**

Convocado pola Radio Galega e o Centro Dramático Galego, co patrocinio da Consellería de Cultura e Deporte da Xunta de Galicia, coa intención de fomentar a escrita de textos dramáticos para a radio e recuperar o xénero de teatro radiofónico mediante o incentivo á creación de guións radiofónicos dramáticos. Contou con dous galardóns, o Premio do Xurado, cunha dotación de 3.000 euros, e o Premio da Audiencia, de idéntica contía. As obras seleccionadas polo xurado emitironse na Radio Galega e editouse un libro-CD cos textos finalistas. Puideron participar todos os escritores e escritoras que o desexaran sempre e cando non mantiveran unha relación laboral coa CRTVG e calquera das Sociedades que comprende (TVG e RG). Os traballos presentados debían ser orixinais e inéditos, escritos en lingua galega e non podían ser adaptacións. Debían estar libres de todo compromiso anterior con emisoras de radio, televisións, editoriais ou entidades semellantes. Os traballos adoptaron o formato de guión radiofónico dramático e a súa duración en antena non podía ser inferior a quince minutos nin exceder os vinte minutos. As obras tiñan un reparto de cinco personaxes como máximo. Os autores podían utilizar, coas indicacións pertinentes, cantos recursos radiofónicos considerasen necesarios para que o texto fose realizado de maneira axeitada: música, planos sonoros, efectos, etcétera. O director das
dramatizacións radiofónicas podía facer as adaptacións necesarias para a súa realización e emisión. Non se admitiron máis de dous guións por autor e de cada obra presentarónse orixinal e catro copias. Os autores concursaron polo sistema de plica. Os traballos fixéronse chegar por correo ao seguinte enderezo: Radio Galega, Diario Cultural “II Premio Diario Cultural de Teatro Radiofónico”, San Marcos, 15820 Santiago de Compostela. Conserváronse durante un mes a partir da data na que se fixo pública a resolución do xurado e logo destruíronse os que non foran solicitados polos seus autores. Os argumentos das obras foron de temática libre. O xurado estivo integrado por profesionais de recoñecido prestixio do ámbito da escena galega e un representante do Diario Cultural da Radio Galega. O xurado valorou especialmente a calidade literaria e dramática das obras e a súa adaptación ao medio radiofónico. Os autores comprometéronse a autorizar a dramatización e emisión pola Radio Galega das obras presentadas de seren estas seleccionadas, así como a súa edición en libro-CD. A tal fin os autores premiados e finalistas entenderon cedidos a favor da Radio Galega os dereitos de comunicación pública, reproducción e distribución precisos para a posta en antena da obra e a súa primeira edición en libro e disco compacto. Os autores que o desexasen puideron enviar co texto as gravacións das dramatizacións en soporte de CD. As gravacións non foron tidas en conta na valoración dos textos teatrais polo xurado pero sí serán emitidas, de seren finalistas os textos, pola Radio Galega para a votación da audiencia, en lugar da dramatización realizada polo equipo artístico coordinado polo CDG. O xurado escolleu entre as obras presentadas un premio único dotado con 3.000 euros e catro finalistas como máximo. En anteriores edicións os galardóns foron para O Bambán, de David Rodríguez en 2007; O mal da vaca, de Begoña García Ferreira en 2008; e Peter Buckley, de Rubén Ruibal e César Candelas en 2009. Na cuarta edición do ano 2010, o xurado composto por Ánxeles Cuña, directora de teatro e dramaturga; Ana Romaní, directora do “Diario Cultural” da Radio Galega; Rubén Ruibal, dramaturgo e gañador da última edición; María Paredes, coordinadora de programación da Agadic, e o crítico teatral Camilo Franco decidiu por maioría conceder o galardón á obra Indoor, de Vanesa Martínez Sotelo (Cangas, 1981), e quedou como finalista Nunca me esquecerei de ti, de David Rodríguez Rodríguez. O premio da Audiencia foi para O vento da Illa, de Begoña García Ferreira que obtivo oitenta e sete votos. A entrega de premios tivo lugar o 15 de abril na edición de Espazo Radioscenico no Teatro Principal de Ourense. Neste ano abriuse o prazo de presentación de orixinais até o 31 de decembro para a quinta edición de 2011.

Referencias varias:


Entrevistase a Vanesa Sotelo, gañadora do premio Diario Cultural de Teatro Radiofónico coa peza Indoor, elixida polo xurado. Fala da posíbel posta en escena, das diferenzas de escribir para a escena ou para a radio e que o papel do dramaturgo é tentar achegar máis detalles. Indícase que a obra seleccionada pola audiencia foi O vento da illa, de Begoña García.

Ademais da gala dos Premios María Casares, sinálase que o xurado do IV Premio Diario Cultural de Teatro Radiofónico escolleu como gañadora a obra *Indoor*, de Vanesa Sotelo, mentres que o público optou por *O vento da illa*, de Begoña García Ferreira. Coméntase que os galardóns se entregarán o 15 de abril na edición de Espazo Radioescénico que se desenvolverá no Teatro Principal de Ourense.


Coméntase o acerto do certame de creación dramática radiofónica organizado polo Diario Cultural da Radio Galega, que recupera o drama radiado e fai que estea agromando unha fornada de novas voces. A seguir coméntanse as obras premiadas e apúntase o seu argumento. De *Indoor*, de Vanesa Martínez Sotelo, Premio do Xurado, saliéntase o texto aberto a moi diversas interpretacións. En canto a *O vento da Illa*, de Begoña García Ferreira, Premio da Audiencia, dise que trata o tema do maltrato e a dominación masculina. Por último, da finalista *Nunca me esquecerei de ti*, de David Rodríguez Rodríguez, coméntase que recrea o motivo do esquecemento e da memoria. Nun á parte saliéntase o trazo común das tres obras ainda que se empreguen formas diferentes: o fenómeno da petrificación, é dicir, a manipulación que fai o ser humano para converter outros seres humanos en obxectos, para anular a súa vontade e identidade.


Coméntase que o Centro Dramático Galego (CDG) e a Radio Galega abriron a convocatoria para a V Edición do Premio Diario Cultural de teatro radiofónico. Dise tamén que é o pioneiro a nivel estatal no fomento da escritura de textos dramáticos para a radio e engádese que este premio está patrocinado pola Axencia Galega das Industrias Culturais. Por último indicase que o relato gañador será dramatizado por un equipo de actores no espazo Diario Cultural da Radio Galega.

Premio de teatro A Guerra da Independencia en Valga

Convocado polo Concello de Valga dende o ano 2009 para obras inéditas en galego. O autor/a deberá ter en conta que se trata dunha representación popular na que participarán actores e actrices afecionados e que a presentación será ao aire libre. O tema deberá gardar relación coa Guerra da Independencia e centrarase no episodio da revolta popular dos veciños de Casal do Eirigo contra as tropas francesas e terá como escenario de representación o recinto da Capela da Saúde. Presentaranse os orixinais, mecanografiados e por quintuplicado sen asinar, co título da obra e pseudónimo do/a autor/a, así como un precaderno de dirección no que se describa a posta en escena do
espectáculo e nun sobre os datos persoais do autor e enviaranse ao Concello de Valga (Avda. Coruña, 14, 36645 Valga-Pontevedra). Establécese un único premio de 2.500 euros que implica a obriga de colaborar coa dirección da obra para a súa posta en escena. Ademais da calidade das obras, valorarase a viabilidade da súa posta en escena. Na segunda edición do ano 2010 presentouse unha soa obra ao certame, titulada Casal do Eirigo, na estela do camiño, de Juan Ramón Angueira Castiñeiras e Begoña Piñeiro Busto, presentada baixo o pseudónimo “Os peregrinos no camiño”, que levou o galardón por cumprir cos requisitos de escenificación. Neste ano tamén se convocou a terceira edición cuxo prazo de presentación rematou o 30 de decembro.

Referencias varias:


Indícase que o Concello de Valga convoca a terceira edición do premio de teatro A Guerra da Independencia en Valga, que se instaurou en 2009 para conmemorar o bicentenario da Batalla de Casal do Eirigo. Sinálase que as bases do certame establecen que só se poden presentar obras inéditas en galego que teñan relación coa revolta popular que os veciños de Casal do Eirigo tiveron contra as tropas francesas, polo que se debe ter en conta que o espectáculo se vai desenvolver ao aire libre e nel participarán actores afeccionados. Explicanse as características da convocatoria e lémbrase que en 2009 se representou a obra Caracoo!, de Toño Pena, e en 2010 Casal do Eirigo na estela do Camiño, de Juan Ramón Angueira e Begoña Piñeiro.

Premios María Casares

Son anuais e foron creados en 1997 pola Asociación de Actores e Actrices de Galicia (AAAG) para serviren de estímulo e recoñecemento ao labor desenvolvido pola profesión teatral galega. O nome dos premios foi decidido por considerar que o prestixio desta actriz galega, ademais de merecer unha homenaxe, podería servir de promoción para o teatro galego. A organización destes premios correu a cargo da Asociación de Actores e Actrices, coa que colaborou o Concello da Coruña (cidade na que se realiza a gala de entrega dos premios por ser María Casares filla predilecta desta cidade). Optaron a estes premios todas as producións feitas en lingua galega, estreadas en Galicia entre o 1 de xaneiro e o 31 de decembro do ano anterior á concesión dos premios, así como todos os profesionais que participaron nas montaxes comprendidas nese período de tempo. Os premios concedéronse nos seguintes apartados: Maquillaxe, Vestuario, Iluminación, Música orixinal, Adaptación /Tradución, Texto orixinal, Escenografía, Actor secundario, Actriz secundaria, Actor protagonista, Actriz protagonista, Dirección, Espectáculo e Premio de Honra Marisa Soto, á traxectoria persoal ou labor de promoción do teatro. Os premios non tiveron dotación económica, consistiron nun busto de cerámica da actriz María Casares e decíronselle nun proceso que cubriu o primeiro trimestre do ano. Nesta décimo cuarta edición de 2010 a resolución dos premios coñeceuse o día 24 de marzo, nunha gala celebrada no Teatro Rosalía de Castro da Coruña. Os gañadores foron para: A esmorga, de Sarabela Teatro, dirixida por Ánxeles Cuña, que obtivo os galardóns de Mellor espectáculo, Mellor
Actor Secundario a Tito Asorey, Mellor Adaptación-Traducción a Begoña Muñoz e Carlos Couceiro e Mellor Escenografía e Iluminación a Suso Díaz; *O Segredo dos Hoffman*, da compañía Lagarta lagarta, dirixida por Rosa Álvarez, que obtivo Mellor dirección, Mellor Actriz protagonista a Belén Constenla, Mellor Actriz Secundaria a Rebeca Montero e Mellor Música Orixinal a Narf; *Palabras encadeadas*, de Talía Teatro, dirixida por Artur Trillo, que levou o galardón á Mellor dirección, Mellor Actor protagonista a Toño Casais; *Shakespeare para ignorantes*, de Producións Teatrais Excéntricas, levou o Mellor texto orixinal a Mofa e Befa; *Testosterona*, de Chévere levou Mellor Maquillaxe a Fannybel; e *Bicharada*, de Berrobambán, Mellor Vestuario a Cloti Vaello. O premio de honra Marisa Soto, foi para Gonzalo Uriarte. Neste ano abriuse o 15 de decembro o prazo para a presentación de candidaturas á décimo quinta edición de 2011.

Referencias varias:


Entrevístase a Gonzalo Uriarte, que foi distinguido pola Asociación de Actores de Galicia co Premio de Honra 2010. Recóllese a súa opinión en relación ao galardón cando asegura que o premio é de toda a xeración que formaron a asociación en 1985.


Infórmase que a Asociación de Actores e Actrices de Galicia desvelou o nome dos finalistas nos XIV Premios María Casares durante a terceira edición da Festa dos Nominados. Indícase a que premios opta cada obra e destácase que *A esmorga* de Sarabela Teatro e *O segredo dos Hoffman* de Lagarta Lagarta son os espectáculos que parten como favoritos. Tamén se recollen as palabras do presidente da AAAG, Vicente Montoto, quen salienta o labor destes galardóns na difusión e promoción do teatro galego. Por último, indicase que Gonzalo Uriarte recibiu o Premio de Honra Marisa Soto.


Anúnciase que a Asociación de Actores e Actrices de Galicia desvelou o nome dos finalistas aos XIV Premios María Casares durante a terceira edición da Festa dos Nominados. Indícase a que premios opta cada obra e destácase que *A esmorga* de Sarabela Teatro e *O segredo dos Hoffman* de Lagarta Lagarta son os espectáculos que parten como favoritos.


Anúnciase o nome das obras finalistas dos Premios de Teatro María Casares convocados pola Asociación de Actores e Actrices de Galicia. Indícase que catorce espectáculos dos trinta e catro que se presentaban conseguiron nomeamentos nalguna


Infórmase de que María Xosé Queizán é a asinante do Manifesto Galego do Día Internacional do Teatro na XIV edición dos Premios de Teatro María Casares. Indícase que no escrito Queizán reivindica o “gran papel que (o clan do teatro) ten nas súas mans, nunha sociedade que tanta necesidade ten de acción, de progreso e de transgresión”. Sinálase que a lectura se fará durante a Gala de entrega dos galardóns. Citase un traballo seu, Amor de Tango, e indícase que é a directora da revista Festa da palabra silenciada. Engádese que a montaxe favorita para estes premios é A esmorga, dirixida por Anxeles Cuña Bóveda e producida por Sarabela Teatro.


Fálase de que a XIV edición dos Premios de Teatro María Casares renden homenaxe a Asociación de Actores e Actrices de Galicia, da que o seu primeiro presidente foi Gonzalo Uriarte, galardoado co Premio de Honra Marisa Soto. Indícase que a obra que parte como favorita nestes premios é A esmorga de Sarabela Teatro, seguida por Os segredo dos Hoffman de Lagarta Lagarta, Testosterona de Chévere e Saltimbanquis de Teatro do Morcego. Refírese, tamén, ao cincuenta aniversario da publicación do libro A esmorga, de Blanco Amor.


Anúnciase que a adaptación que Sarabela Teatro fixo da obra d’A Esmorga, de Eduardo Blanco Amor, non só era a favorita, senón que ademais alcanzou cinco galardóns. Recórdase a primeira vez que A Esmorga pasou polos María Casares e apúntase que nesta XIV edición “o resultado foi considerablemente mellor que naquela que hai trece anos”. Engádese que a segunda que máis premios conseguiu foi O Segredo dos Hoffman de Lagarta Lagarta, seguida de Palabras Encadeadas. Fálase, tamén, dos vinte e cinco anos de funcionamento da Asociación de Actrices e Actores de Galicia cuxo primeiro presidente, Gonzalo Uriarte, recibiu o premio de honra Marisa Soto. Faise referencia ao discurso da manifestante, María Xosé Queizán, quen sinalou que “o teatro é a escola do mundo moral e polo tanto ten unha gran responsabilidade ética”.


Faise unha crónica da Gala de entrega dos Premios María Casares na que, ademais das entregas dos galardóns, houbo chamamentos á defensa da lingua galega. Infórmase de
que *A Esmorga*, de Sarabela Teatro, gañou cinco dos doce premios aos que estaba nominada e que Gonzalo Uriarte recibiu o premio de honra.


Infórmase de que na XIV Gala dos Premios María Casares *A esmorga* de Sarabela Teatro foi a obra que máis premios alcanzou, seguida por *O segredo dos Hoffman, Palabras encadeadas e Shakespeare para Ignorantes*. Engádese que o premio de honra Marisa Soto foi parar ás mans de Gonzalo Uriarte. Coméntase, ademais, que a gala tamén serviu para celebrar os 25 anos da Asociación de Actrices e Actores de Galicia.


Infórmase de que *A esmorga* de Sarabela Teatro obtivo nos Premios María Casares cinco dos doce galardóns aos que aspiraba. Engádese a reivindicación feita por María Xosé Queizáñ sobre o compromiso público e ético do teatro, “xénero político por excelencia”.


Indícase que a “grande triunfadora” dos Premios María Casares foi *A esmorga* da compañía Sarabela que recibiu cinco premios, seguida por *O segredo dos Hoffman* de Largarta Lagarta, *Palabras encadeadas* e *Shakespeare para ignorantes*. Recóllense as declaracións feitas por Rosa Álvarez, Ánxeles Cuña Bóveda e Belén Constenla durante a recollida dos seus galardóns.


Fálase da gala dos Premios María Casares na que María Xosé Queizáñ leu o Manifesto Galego do Día Internacional do Teatro e fixo un “chamamento” ás xentes do teatro co fin de que “seguisen traballando por unha sociedade que tanta necesidade ten de acción, de progreso e de transgresión”. Indícase que as dúas montaxes con máis galardóns foron *A esmorga* de Sarabela Teatro e *O secreto de Hoffmann* de Lagarta Lagarta. Apúntase que o Premio de Honor Marisa Soto foi entregado a Gonzalo Uriarte, primeiro presidente da Asociación de Actores e Actrices de Galicia. Noméanse tamén as obras gañadoras do IV Premio Diario Cultural de Teatro Radiofónico.


Entre outras cuestións no apartado “Cine e teatro” destaca os Premios María Casares outorgados ao grupo Sarabela pola súa adaptación d’*A Esmorga* e ao grupo Lagarta Lagarta pola súa peza *O segredo de Hoffmann* (2009).

Premio de Interpretación Teatral **Maruxa Villanueva**
O Concello de Padrón convocou este premio en homenaxe a Maruxa Villanueva, que foi case tres décadas guardesa da Casa-Museo de Rosalía de Castro e tamén recoñecida actriz de teatro. Podían concorrer aqueles actores e actrices que, durante o ano, participasen nun espectáculo teatral en galego, ademais de ser extensivo a un artista de recoñecida traxectoria neste ámbito. Contou cunha contía de 1.200 euros, diploma acreditativo e estatuíña de bronce do busto de Maruxa Villanueva. Na IXª edición de 2010 o xurado estivo presidido polo concelleiro de cultura padronés, Eloy Rodríguez, e composto polos especialistas Inma López Silva, Carlos C. Biscainho, Roberto Pascual e Afonso Becerra, que actuaron como vogais; os representantes dos grupos políticos do pleno de Padrón, Antonio F. Angueira, Manuel García e Xoan Andrés Santaló; e Mª Cruz Taboada, como secretaria. O xurado decidiu por unanimidade salientar a traxectoria interpretativa de Gonzalo Martín Uriarte, sobre todo o seu traballo en O xogo de Yalta. Afterplay, da compañía Teatro do Atlántico. O acto de entrega tivo lugar o 13 de novembro no Auditorio de Padrón.

Referencias varias:


Anúnciase que Gonzalo Martínez Uriarte foi o gañador do IX Premio de Interpretación Teatral Maruxa Villanueva. Engádese que o xurado caracterizou de “brillante” a súa traxectoria interpretativa destacando o traballo realizado na obra Afterplay da Compañía de Teatro do Atlántico. Indícanse, tamén, os nomes dos compoñentes do xurado.


Infórmanse que o IX Premio de Interpretación Maruxa Villanueva recaeu en Gonzalo M. Uriarte polo traballo realizado na obra Afterplay. Indícase, ademais, os nomes dos compoñentes do xurado e a contía do galardón.


Indícase que o actor IX Gonzalo Uriarte recollerá no Auditorio de Padrón o IX Premio de Interpretación Teatral Maruxa Villanueva e que se porá en escena a obra pola que foi galardoado, O xogo de Yalta. Afterplay.


Dáse noticia da concesión do IX Premio de Interpretación Teatral Maruxa Villanueva de Padrón ao actor Gonzalo Martín Uriarte polo seu amplo currículo profesional sobre as táboas dos teatros galegos dende 1978, pola súa participación en longametraxes e series de televisión; pero tamén pola súa participación na obra Afterplay, de Brian Friel, na que dá vida a Andrei Prozorov. Coméntase que lle dedicou o premio á súa dona, á súa
familia, a Xulio Lago, director da obra mencionada anteriormente, e a todo o equipo do Teatro do Atlántico. Sinálase que o premio, created polo Concello de Padrón en 2001, está dotado con mil doucentos euros, un diploma e un busto da actriz Maruxa Villanueva, falecida o vinte e catro de novembro de 1998.


Recolle a entrega do Premio Teatral Maruxa Villanueva ao actor Gonzalo Uriarte e dá conta da traxectoria, tanto teatral coma cinematográfica. Destaca tamén a súa última interpretación na obra Afterplay, de Brian Friel, na que dá vida a Andrei Prozorov. Finalmente salienta as verbas do edil de cultura do Concello de Padrón quen defendeu no seu discurso o teatro galego.

Premios MAX de las Artes Escénicas

En 1998 naceron os premios Max das Artes Escénicas, organizados pola Fundación Autor da Sociedade Xeral de Autores e Editores (SGAE), co propósito de estimular e premiar o talento dos artistas e profesionais das artes escénicas. A este premio concurren todos os espectáculos estreados ou en xira na temporada anterior. Os premios concédense en vinte e tres apartados distintos como autores, tradutores, adaptadores, compositores, escenografía, iluminación, etc., que foron elixidos mediante os votos dos seus compañeiros. Dentro do apartado do premio ao mellor autor teatral nas primeiras convocatorias só se contemplaba a escritura en castelán, pero máis tarde tivéronsen tamén en conta as outras linguas do estado. Nesta XIIIª edición de 2010 a obra A esmorga de Sarabela Teatro foi candidata a Mellor Espectáculo Revelación e os finalistas no apartado de Mellor Autor Teatral en galego foron Anxeles Cuña, polo seu texto Dáme veleno. Eu tamén soñar; Cándido Pazó, por A piragua; Jorge Rey, por Frida; e Roberto Salgueiro, por Valentino rufini e A kil Pillabán de viaxe a Milán (e van sen un can). O galardón foi para Anxeles Cuña, polo seu texto Dáme veleno. Eu tamén soñar. O acto de entrega celebrouse o 3 de maio no Museo Raíña Sofía de Madrid.

Referencias varias:


Anúnciase os nomes dos finalistas do Premio Max no apartado de mellor autor teatral galego, isto é, Anxeles Cuña, polo seu texto Dáme veleno. Eu tamén soñar; Cándido Pazó, por A piragua; Jorge Rey, por Frida; e Roberto Salgueiro, por Valentino rufini e A kil pillabán de viaxe a Milán (e van sen un can). Engádese que a obra favorita dos galardóns é Urtain dirixida por Andrés Lima, séguea Mort d’un viatjant adaptada por Eduardo Mendoza e, finalmente, La casa de Bernarda Alba, unha montaxe de Lluis Pasqual. Fálase, tamén, dos Premios de Teatro María Casares.

Infórmase dos nomes dos finalistas dos Premios Max na categoría de Mellor Autor Teatral en Galego: Ánxelles Cuña Bóveda, Cándido Pazó, Jorge Rey e Roberto Salgueiro. Indícase que as obras coas que participan son Dáme veleno, eu tamén soñar, A piragua, Fidra, e Valentino Rufini e ákil pillabán de viaxe a Milán, respectivamente. Fálase, tamén, da lista completa dos elixidos para formar parte das 23 nominacións. Engádese, como exemplo, a categoría de Mellor Espectáculo de Teatro e a información sobre a orixe dos premios.


Indícase que Ánxelles Cuña, por Dáme Veleno, eu tamén soñar; Cándido Pazó, por A piragua; Jorge Rey, por Frida; e Roberto Salgueiro, por Valentino Rufini e A kil Pillabán de viaxe a Milán (e van sen un can), son os catro candidatos ao mellor autor teatral en lingua galega nos Premios Max. Engádese que os favoritos a facerse con galardóns son Urtain dirixida por Andrés Lima, Mort d’un viatjant que se representa na adaptación de Eduardo Mendoza e La casa de Bernarda Alba adaptada por Lluis Pasqual.


Fálase da gala da XIII edición dos Premios Max, galardóns que teñen como finalidade “promocionar e reivindicar o mundo do teatro e a danza nas súas diferentes expresiós”. Indícase que na categoría de Mellor Autor Teatral en Galego son finalistas Ánxelles Cuña, por Dáme Veleno, eu tamén soñar; Cándido Pazó, por A piragua; Jorge Rey, por Frida; e Roberto Salgueiro, por Valentino Rufini e Akil Pillabán de viaxe a Milán (e van sen un can). Fálase tamén dos finalistas das categorías en castelán, catalán ou valenciano e éuscaro, así como dos que se presentan a outras modalidades como a de Mellor actor protagonista ou Mellor espectáculo teatral.


Anúnciase que Ánxelles Cuña Bóveda conseguiu o galardón a Mellor Autor Teatral en Galego por Dáme veleno, eu tamén soñar nos Premios Max. Infórmase das gañadores doutras categorías entre as que destaca a obra Urtain, gran triunfadora desta edición dos premios tras obter un total de oito mazás.


Fálase do erro informático que permitiu coñecer a lista completa dos gañadores dos Premios Max horas antes da gala de entrega dos premios. Indícase que a obra favorita foi Urtain, vencendo en nove das doce categorías ás que se presentaba. Engádese que no apartado de teatro en galego a gañadora foi Ánxelles Cuña Bóveda por Dáme veleno, eu tamén soñar.

Entrevistase a Ánxeles Cuña, que obtivo o premio Max a Mellor Autor Teatral en Galego por Dáme veleno, eu tamén sei soñar, obra que conta a historia “dun escritor de soños que reclama o seu dereito a amar, morrer e vivir dignamente”. Expícase que a compañía Sarabela Teatro, da que Cuña é directora, tamén tiña outra candidatura ao mellor espectáculo revelación pola obra A Esmorga. Fálase da filtración da SGAE, que publicou antes de tempo o nome dos gañadores.

Premio Nacional de Teatro

Ver o apartado X.5. deste Informe.

Premio de Teatro Rafael Dieste

Este premio iniciado no ano 1988, creouse coa intención de incentivar a creatividade no ámbito do teatro, por ser unha das formas artísticas de maior incidencia social, e en lembranza do autor rianxeiro que lle dá nome. A partir da edición de 1999, a súa convocatoria é bienal. A Deputación Provincial da Coruña, entidade convocante, estableceu, desde o ano 2001 que ao Premio de Teatro Rafael Dieste podían optar todos os autores de calquera nacionalidade, que presentasen obras inéditas e non premiadas con anterioridade, escritas en lingua galega, concedendo un premio único e indivisibel dotado con 6.500 euros. A Deputación publicará a obra premiada, reservándose durante un prazo de dez oito meses os dereitos de editala e de representala, e entregará ao gañador trinta exemplares, do mesmo xeito que poderá contratar unha compañía teatral galega para realizar a montaxe e representación da obra premiada, sen que isto supoña unha compensación complementaria para o autor. As obras foron de tema e extensión libres e presentáronse por quintuplicado, en exemplares separados, mecanografiados a dobre espazo, en tamaño DIN-A4, por unha soa cara, numerados, grampados ou encadernados. Os orixinais presentáronse baixo un título e un lema, constando na plica o título e o lema no seu exterior e no interior o nome e apelidos do autor, o seu enderezo, nacionalidade e número de teléfono. Os participantes tiñan a obriga de comunicar á Deputación a concesión de calquera premio que obtivera a obra presentada, no momento en que esta situación se producise, o que daría lugar á súa exclusión do concurso. O xurado actuou en pleno, en sesión a ser posíbel única, sendo necesaria a asistencia dos dous terzos dos seus membros. As deliberacións foron secretas e delas redactouse a acta correspondente. Sendo un dos obxectivos deste concurso a posta en escena da obra premiada, estimáronse positivamente os factores que inciden na súa viabilidade escénica: número de personaxes, condicións técnicas, etcétera. O xurado non pode declarar deserto o premio e a súa proposta é obxecto de resolución da Presidencia desta Deputación, órgano competente para resolver o premio. Os textos tiñan que enviarse á Deputación da Coruña, Avda. Alférez Provisional, s/n, 15006 A Coruña, indicando no sobre “Premio de Teatro Rafael Dieste”. En anteriores edicións resultaron premiadas as seguintes obras dramáticas: Ei, Feldmühle, de Xesús Pisón en 1991; Días sen gloria, de Roberto Vidal Bolaño en 1992; Matalobos, de Raúl Dans en 1993; Velenos, de Xesús Pisón en 1994; O serodio remordemento do amor, de

Premio de Teatro **Romaría Vikinga**

Organizado polo Concello de Catoira e a Universidade de Santiago de Compostela dende o seu programa de sensibilización das culturas vikinga e galega e ao mesmo tempo co desexo de contribuir á creación teatral. As obras para presentar debían ser inéditas, escritas en galego e nas que o tema gardase relación con calquera dos aspectos das incursións vikingas e defensa das mesmas, lendas, costumes, personaxes e símbolos, valores e sensibilidades propios do tema en Galicia. O autor debía ter en conta que se trataba dunha representación popular na que participarán actores e actrices aficionados en gran número, nacidos ou residentes en Catoira. A dirección da obra correrá a cargo do autor. A presentación ao concurso esixiu a presentación de dous sobres (A e B) adxuntos e pechados que contiñan: o sobre A orixinais, mecanografados e por quintuplicado sen asinar, co título da obra e o pseudónimo da persoa que presentou o texto e que permitía a súa posterior identificación, así como un precaderno de dirección no que se describira a posta en escena do espectáculo. O sobre B debía incluír o nome, teléfono e enderezo, xunto coa fotocopia do DNI, indicando por fóra o título da obra e o pseudónimo. Os residentes do concello debían escribir “Catoira” no exterior do mesmo. Os dous sobres debían ir pechados para enviar ao enderezo: Concello de Catoira (Rúa do Concello, 6, 36612, Catoira, Pontevedra) até o 15 de novembro. Estabeleceu un único premio de 4.808 euros, que na convocatoria do ano 2009 ascendeu a 5.000 euros, coa obriga de dirixir ensaios, ambientación, escenografía, atrezzo e os seis días de escenificación nas Torres de Oeste. Se o autor/a propón a outra persoa para a dirección será baixo a súa responsabilidade artística e económica. Ademais da calidade das obras valorouse a visibilidade da súa posta en escena, así como a innovación no libreto e que os autores non representaran as obras en anos anteriores. A organización e composición do xurado correspondeu á USC e ao Concello de Catoira e formaron parte del dous representantes do Concello de Catoira, tres persoeiros do mundo do teatro, un representante da USC e un da Consellería de Cultura e Turismo. O xurado podía declarar deserto o premio se non reunía as condicións artísticas e de calidade. O autor da obra premiada cede en exclusiva ao Concello os dereitos de reproducción, distribución, comunicación pública e transformación da obra, en todo o territorio da Unión Europea, para a súa explotación e execución teatral, edición e produción. Dado que a convocatoria é bienal, unha das obras será elixida para a representación do ano seguinte ao da convocatoria, tendo en conta que o/a autor/a non representara en anos anteriores. Neste caso terán preferencia os residentes en Catoira para darlle así oportunidade ás persoas de Catoira. Na convocatoria do ano 2009, na organización participou a Dirección Xeral de Creación e Difusión Cultural, o prazo de admisión pechouse o 15 de novembro, presentáronse oito propostas e o xurado fixo pública a súa resolución en febreiro do ano 2010. Concedeu o galarón á obra *A Chave*, de Alberto Dosil Caamaño, obra que se representará na Romería Vikinga do 2011. O xurado tamén seleccionou o
texto titulado *Hendrik o Cruel*, de José Ferreirós Gómez, para representar na Semana de Teatro Romería Vikinga do 2012.

**Referencias varias:**


Anúnciase que Alberto Dosil Caamaño é o gañador do Premio Bienal de Teatro Romería Vikinga coa obra *A Chave* da que o xurado destacou a posibilidade escénica nun espazo aberto, así como o entretemento dos espectadores. Indícase que a obra será representada no entorno das Torres do Oeste no 2011 durante a semana previa á Romería Vikinga. Engádese que o texto titulado *Hendrik o Cruel*, de José Ferreirós Gómez, foi a obra seleccionada para representar na Semana de Teatro Romería Vikinga do 2012. Explicase que esta decisión se levou a cabo debido ao carácter bienal do premio.


Indícase que, coincidindo coa celebración da Romaría Vikinga de Catoira, o concello organiza uns actos culturais de promoción e que desta vez inclúen a presentación en Santiago dunha peza teatral, *Arnulf, o amigo de Fenris*, montaxe do grupo danés “Vikingespi”, que se representa en Catoira na semana previa á romaría. Deseguido indicase que esta compañía provén de Frederikson, localidade que traballa conxuntamente con Catoira nos preparativos da festa e no intercambio cultural entre ambas localidades.
X.4. INVESTIGACIÓN

Premio Literario Ánxel Fole

Premio convocado pola Fundación Caixa Galicia e o xornal El Progreso dende 1986 para premiar orixinais escritos en galego ou castelán sobre a vida e a obra dunha personalidade da cultura galega. Poden optar a el todas as persoas, con traballo en galego ou en castelán, inéditos, cunha extensión mínima de cen folios e máxima de douscentos, mecanografados a dobre espazo, referidos a calquera aspecto da vida ou da obra de Xosé Díaz Jacomé. Os orixinais tiñan que se enviar, por cuadriplicado e baixo plica, á sede da Fundación Caixa Galicia en Lugo (Praza maior, 16, 27001, Lugo) ou ao xornal El Progreso (Rúa Ribadeo, 5, 27002, Lugo). O premio está dotado con 9.000 euros, ademais da publicación da obra, e o ditame do xurado, constituído por personalidades designadas polas entidades convocantes, realizouse o 27 de outubro. Na XXIVª edición de 2010, o prazo de admisión rematou o 15 de setembro e resultou gañador o ensaio literario Xosé Díaz Jacomé. Poeta e xornalista, de Armando Requeixo Cuba. O xurado estivo composto por José de Cora, Director Xeral d’El Progreso, o escritor Paco Martín, Juan Ramón Díaz, fillo do homenaxeado, e Sinesio Pérez, director da Fundación Caixa Galicia en Lugo.

Referencias varias:


Indícase que a obra Xosé Díaz Jácome. Poeta e xornalista, de Armando Requeixo, foi recoñecida como XXIV Premio Ánxel Fole, convocado pola Fundación Caixa Galicia e o Grupo El Progreso e dotado con nove mil euros. Sinálase que esta edición foi dedicada ao estudo da vida e obra de Xosé Díaz Jácome, poeta neotrobadoresco de Mondoñedo que tamén foi redactor xefe do Faro de Vigo. Coméntase que o xurado desta edición lles suxeriu á organización que dedicase a próxima edición do certame ao estudo da vida e obra de José Almoina Mateos, membro do exilio na República Dominicana que denunciou a ditadura de Trujillo.


Sinálase que o xurado do premio literario Ánxel Fole declarou como vencedor a Armando Requeixo polo seu ensaio Xosé Díaz Jácome. Poeta e xornalista, unha completa biografía deste autor referida a dúas vertentes: a de poeta pertencente á Xeración do 36 e a de xornalista que remata con documentos, fotografías e unha estensa biografía de e sobre Díaz Jácome. Destácase a calidade e amenidade da escrita de Requeixo, que utilizou os coñecementos doutros libros e outros poetas do seminario mindoniense. Requeixo afirma que Jácome é un autor que xa tratou en Escritores mindonienses (1998) e sobre o que quería volver; ademais de que xa escribiu un dos textos introdutorios do facsimilar do poemario Primeiras cantigas do amor (1936).
Tamén cre que é básico recuperar a figura de Jácome porque foi un autor humilde, polo que non tivo moita proxección e ningunha revista especializada tratou a súa figura nin a súa obra poética composta por *Primeiras cantigas do amor, Pombal* (1963) e *Muíño Fidel* (1983). Para finalizar, cóntase que o ensaio premiado conta con cento oitenta páxinas, das que as cento vinte primeiras están dedicadas á biografía e á obra xornalística e literaria do autor, e as últimas conteñen dous apéndices: un documental e outro ortográfico.

**Premio Dámaso Alonso de Investigación Filolóxica**

A Universidade de Santiago de Compostela, o Concello de Ribadeo e o Grupo Voz, editor do xornal *La Voz de Galicia*, co gallo do centenario do nacemento de Dámaso Alonso Fernández de las Redondas, que estivo afectiva e intelectualmente moi vinculado a Galicia, acordaron o 10 de xullo de 1998 convocar anualmente, baixo o nome de tan egrexio poeta, profesor e académico, un premio para dar a coñecer a mellor das obras de filoloxia realizadas por investigadores novos sobre os eidos que cultivou Dámaso Alonso. O premio, dotado coa suma de 6.000 euros, foi entregado polo Concello de Ribadeo á conta dos dereitos de edición da obra por parte do Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela. Podían concorrer orixinais inéditos de extensión comprendida entre cento cincuenta e dúascentas cincuenta follas tamaño DIN-A4, escritas mecanicamente a dobre espazo e por unha soa cara, en letra de paso non compensado, que debían ser enviados por sextuplicado ao Rexistro Xeral da USC (Rectorado-Colexio San Xerome, Praza do Obradoiro, s/n, 15705 Santiago). Os exemplares tiñan que ir acompañados de todos os datos persoais do autor, que non debía ter aínda os trinta anos de idade. A lingua das obras de investigación filolóxica podía ser o galego ou o castelán e o tema debía tratarse dos eidos cultivados por Dámaso Alonso: estudios lingüísticos peninsulares, estudios e ensaios historico-críticos sobre as literaturas románicas peninsulares de todas as épocas, edicións e comentarios de textos literarios hispánicos, estilística e teoría da literatura ou historia da crítica literaria.

**Premio Condado de Pallares**

Certame convocado dende o ano 2007 pola asociación Amigos do Mosteiro de Ferreira de Pallares, aberto a traballos escritos en galego sobre linguística, historia, arte, arqueoloxía, etnografía e folclore do antigo Condado de Pallares, patrocinado pola Deputación Provincial de Lugo, a Secretaría Xeral de Política Lingüística, a fundación Caixa Galicia e os concellos de Guntín e Taboada. Conta cunha contía de 3.000 euros ademais de ser publicado polo departamento de cultura da Deputación Provincial de Lugo. En edicións anteriores foron galardoados Almudena Figueiras; Juan Manuel Sobrado Vázquez; e Xosé Luís Vázquez Somoza. Na súa cuarta edición de 2010 o xurado integrado polos profesores da Universidade de Santiago, Carlos Baliñas e Gonzalo Suárez, e polo escritor e investigador Jaime Delgado, decidiu o 23 de outubro galardoar o profesor José Luís Díaz Castroverde Lodeiro polo seu traballo titulado “Morgados e xurisdicións na terra de Taboada”. A entrega do galardón tivo lugar o 17 de decembro na Casa da Cultura de Guntín.
Referencias varias:


Sinálase que a Asociación de Amigos do Mosteiro de Ferreira de Pallares convoca o cuarto premio de investigación Condado de Pallares, para fomentar estudos sobre o patrimonio dos concellos que forman o condado. Deseguido, indícase quen foron os asistentes ao acto de presentación en Lugo; cal é a dotación do premio e as bases do mesmo. Dise, por último que a sede desta edición está no Concello de Guntín.


Dáse notícia de que José Luís Díaz Castroverde Lodeiro gañou a cuarta edición deste certame de investigación polo traballo “Morgados e xurisdicións na terra de Taboada”, no que analiza a historia familiar da Casa de Taboada entre os séculos XV e XVIII. Coméntase que o premio está dotado con tres mil euros e a publicación da obra por parte do departamento de cultura da Deputación. Indícase que os gañadores das edicións anteriores e sinálase que o concurso está dirixido a traballos escritos en galego sobre lingüística, historia, arte, arqueoloxía, etnografía e folclore do antigo Condado de Pallares.


Faise eco da cerimonia de entrega en Guntín deste galardón ao profesor coruñés José Luís Díaz Castroverde Lodeiro polo seu traballo “Morgados e xurisdicións na terra de Taboada”. Indícase que recibiu 3.000 euros e un diploma e que a Deputación publicará a obra. Tamén se apuntan as bases deste certame que está patrocinado pola Xunta de Galicia, a vicepresidencia primeira da Deputación, a Fundación Caixa Galicia e os concellos de Guntín e Taboada.

Premio **Manuel Murguía de Ensaio**

Convocado dende 1998 pola Deputación Provincial da Coruña co obxecto de enxalzar a vida e obra “dunha figura das letras galegas, un precursor do galeguismo, político, literato e historiador”. Está dotado cun premio de 6.500 euros e a publicación da obra gañadora. Podían concorrer todo tipo de ensaios de carácter histórico referidos a calquera aspecto da Comunidade Autónoma de Galicia non premiados nas tres edicións anteriores. A extensión dos textos é libre e enviáronse por quintuplicado, en exemplares separados, mecanografados a dobre espazo, por unha soa cara, en tamaño DIN-A4, numerados, grampados ou encadernados. Os orixinais presentáronse baixo un título e un lema no seu exterior e contendo no interior o nome e apelidos do autor, o seu enderezo, nacionalidade e número de teléfono. Debían enviarse á sede da Deputación da Coruña (Avda. Alférez Provisional s/n, 15006 A Coruña) e o prazo de admisión de orixinais finalizou o día 15 de abril. En edicións anteriores recibiron o galardón La insurrección de Ferrol de 1872, de Alfonso Gomis Rodríguez en 1998; El patrimonio histórico y la representación de la memoria, de Marcelino Abuín Duro en 1999; Raza e alteridade: A
reflexión sobre a diversidade humana na Galicia do século XIX, de Fernando Pereira González en 2000; As cartas do destino, de Raúl Soutelo Vázquez e Xosé Manoel Núñez Seixas en 2002; A raíña Lupa. As orixes pagás de Santiago, de Antonio Balboa Sagado en 2004; Medios de comunicación comarcal en Negreira, A Baña e Brión no século XX, de X. Amancio Liñares Giraut e Omayra Lista Liñares en 2006; e Una familia gallega y un océano de por medio. Vínculo y experiencia a través de la memoria fotográfica y epistolar, de María Liliana da Orden en 2008. No ano 2010, VIIIª edición, o galardón foi para Sabela Taboada, polo ensaio E fixose nación. A idea de nación española: liberais versus absolutistas na prensa galega da Guerra da Independencia. O xurado estivo formado por Salvador Fernández Moreda, presidente da Deputación; Caridad González Cerviño; Xosé Manuel Alfeirán Rodríguez; Pedro Armas Diéguez; Carmen Margarita Valderrama Currás e Rogelio López Cardalda, actuando como secretario. O acto de entrega tivo lugar o 17 de decembro na gala de cultura da deputación da Coruña no pazo de Mariñán.

Referencias varias:


Entrevistase a Sabela Taboada, gañadora do premio de ensaio Manuel Murguía polo seu libro E fixose nación. A idea de nación española: liberais versus absolutistas na prensa galega da Guerra da Independencia. A autora comenta que analiza as posturas políticas dos diarios galegos de comezos do século XIX, ademais de falar da súa xénese.


Anúnciase que a gañadora da VIII edición do premio Manuel Murguía, convocado pola Deputación da Coruña, é a compostelá Sabela Taboada González, cun ensaio titulado E fixose a nación. A idea de nación española: liberais vs absolutistas na prensa galega da Guerra da Independencia (1804-1814). A propia autora sinala que a prensa da época foi a principal fonte de información e que foi unha tarefa moi custosa. Describese o contido da obra e profundízase nalgún contido concreto. Por último dise que o xurado destaca que é un traballo ben estruturado, de lectura atractiva e cun grande interese científico e social para os medios de comunicación.


Fala da III Gala de la Cultura celebrada no Pazo de Mariñán na que se entregaron os premios convocados pola institución provincial. Deste xeito destaca entre os premiados Sabela Taboada, co Manuel Murguía.

Premio Nacional de Ensaio

Ver o apartado X.5. deste Informe.
Premio de Investigación Concello de Pontedeume


Premio de Ensaio Ramón Piñeiro

A Editorial Galaxia convocou por primeira vez este premio no ano 2000 con motivo do seu cincuentenario e co décimo cabodano de Ramón Piñeiro. En edicións posteriores sumouse á convocatoria o Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades coa colaboración da empresa eléctrica Unión Fenosa. Con el preténdese contribuír á difusión do ensaio breve en lingua galega, xénero que Ramón Piñeiro cultivou con asiduidade e ao que fixo importantes contribucións. Nel podia participar calquera persoa interesada, a excepción do persoal pertencente ao Centro Ramón Piñeiro, con traballos orixinais e inéditos, en lingua galega, axustados á normativa oficial do idioma que versasen sobre o ámbito xeral do pensamento humanístico (lingua, literatura, antropoloxia, filosofía, historia). O tema dos ensaios foi libre e os traballos debían evitar o enfoque de investigación especializada ou de carácter estritamente académico. Os traballos debían estar asinados cun lema ou pseudónimo, e a extensión dos traballos abrangueu entre doucentos mil e trescentos mil caracteres, incluídos espazos. Debían ser presentados por quintuplicado, en formato DIN-A4, mecanografiados a dobre espazo e por unha soa cara. Os orixinais enviaronse por correo certificado, baixo plica, á Editorial Galaxia (Avenida de Madrid, 44, 36204, Vigo). Estabase un único premio, consistente en 6.000 euros que foi outorgado ao ensaio que posuía maior fondura e orixinalidade e reunía suficientes méritos estilísticos e literarios. Este galardón é único e indivisíbel e o xurado, formado por personalidades de relevo da vida cultural galega, podia recomendar a publicación de traballos de interese que presentaron pero que non recibiron o premio e así mesmo podía declaralo deserto. A contía do premio incluíu os dereitos de autor pola primeira edición do texto gañador, que será publicado pola Editorial Galaxia na súa colección “Ensaio”. O prazo de recepción de orixinais rematou o 30 de outubro e a resolución deuse a coñecer no mes de decembro. En edicións anteriores recibiron o galardón A submission das masas. Do poder do progreso ó progreso do poder, de Basílio Lourenço Fondevilla en 2001; Tempo e venganza, de Anxo A. Rei Ballesteros en 2002; A terra quere pobo, de Xosé Luís Barreiro Rivas en 2003; Outro idioma é posible, de Teresa Moure en 2004; O suxeito posmoderno. Entre a estética e o consumo, de Rebeca Baceiredo en 2005; Psicopatoloxía do retorno, de Ramón Area Carracedo e Alexandre García-Caballero en 2006; Paisaxe e nación (A creación discursiva do territorio), de María López Sánchez en

**Referencias varias:**


Dá conta do traballo gañador do Premio Ramón Piñeiro de Ensayo 2010, convocado pola Editorial Galaxia e o Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, baixo o título *A arte do imposible. Ensayos a contrafio sobre o valor da política*, de Ramón Maíz. A continuación comenta os seus temas centrais e destaca que pretende ser “unha reivindicación crítica del bipartito”. Finaliza destacando a tese principal defendida por Máiz que di que “hacer política en tiempos de crisis conlleva cambiar la hipótesis de la abundancia por la de la escasez y lo sostenible”.


Dise que Ramón Maíz resultou gañador do X Premio Ramón Piñeiro, un galardón convocado por Política Lingüística, a través do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, e tamén pola Editorial Galaxia coa colaboración de Gas Natural Fenosa. A continuación nunha entrevista o galardoado destaca aspectos como a necesidade de recuperar o valor da política como arte do imposíbel; comenta que hai que tratar de construír un proxecto político diferenciado; engade que o traballo é un ensaio de reflexión autocrítica; subliña a existencia dun capítulo no ensaio dedicado á consideración que se ten da democracia; e finaliza comentando que é o momento de poñer en pé o concepto de cidadanía e reivindicar a paixón como raíz da política.

**Premio de Investigación Xesús Ferro Couselo**

Organizado polo Concello de Valga, trátase dun premio de investigación de ámbito galego dentro das especialidades de etnografía, paleografía, numismática, arqueoloxía e historia da arte. Está dirixido a autores, de calquera nacionalidade, cunha ou máis obras, escritas en lingua galega, inéditas e cunha extensión mínima de cincuenta folios e máxima de 300 que se entregarán por quintuplicado no Rexistro do Concello. O premio contou con dúas modalidades: unha para estudios de etnografía, paleografía, arqueoloxía e historia da arte e outra para proxectos de estudios históricos, etnográficos ou sobre personalidades de Valga, cunha contía de 4.000 e 3.000 euros respectivamente. No ano 2010, XVª edición, presentáronse oito traballos á primeira modalidade e dous proxectos á segunda e o prazo de admisión rematou o 15 de xuño. O xurado presidido por José María Bello Maneiro e composto por Fernando Acuña Castroviejo, Marcial Gondar Portasany, Xulio Rodriguezz González, Pegerto Saavedra e Pablo Sánchez,
secretario con voz e sen voto, concedeu o galardón a María de los Ángeles Verea Castelo por *Estudo das migracións estacionais dos telleiros do Baixo Miño (1750-1900)* na primeira modalidade e a Alejandro Fernández Palicio polo proxecto “O patrimonio industrial e Valga: as telleiras e as fábricas de cerámica”. Tamén se concederon dúas mencións especiais na primeira modalidade a Isidro Parga Pondal: as redes de coñecemento científico e a Emigrados galegos en Portugal durante a Guerra Civil e a posguerra. Os galardóns entregárionse o 29 de agosto.

**Referencias varias:**


Expícanse as bases do premio de investigación Xesús Ferro, convocado pola Concellería de Cultura de Valga cuxa finalidade é promover e incentivar a investigación no eido das ciencias históricas. Indícase que o galardón está formado por dúas modalidades. A primeira consiste nun traballo de investigación de ámbito galego que verse sobre a etnografía, paleografía numismática, arqueoloxía, historia e historia das artes. Dise que os traballos deberán estar escritos en galego, ser inéditos e cunha extensión de entre 50 e 300 folios. Coméntase que na segunda modalidade se convoca unha beca de estudios para proxectos centrados en estudos históricos, etnográficos ou sobre personaxes de Valga e que os interesados deben presentar un guión no que se especifiquen os obxectivos, a metodoloxía e as fases de realización.


Comunícase que son oito os traballos de investigación presentados á XV edición do premio Xesús Fero Couselo, convocado polo concello de Valga, como homenaxe ao galeguista e para incentivar o estudo no campo das ciencias históricas. Logo dice cal é a contía do premio, dáse conta da formación do xurado e tamén se indica que se publica en breve a obra gañadora na edición anterior, *Exército e terrorismo no este peninsular*, de José Manuel Costa García.


Indícase que María de los Ángeles Verea Castelo foi a gañadora do XV Premio de Investigación Xesús Ferro Couselo co traballo *Estudo das migracións estacionais dos telleiros do Baixo Miño entre os anos 1750-1900*. Coméntase o interese da autora por esta profesión e contido da obra. A autora asegura que o principal problema na investigación foi a falta de fontes, xa que non había censos oficiais que contabilizasen os desprazamentos, polo que tivo que recorrer a protocolos notariais, o que lle levou varios anos. Destácase que o premio consta de catro mil euros nesta modalidade e que o xurado na acta tanmén fixo mención a outros dous traballos: *Isidro Parga Pondal. As redes de coñecemento científico e Emigrados galegos en Portugal durante a Guerra Civil e a posguerra*. Anúnciase que na segunda modalidade do certame (unha bolsa de tres mil euros para proxectos centrados en estudos históricos, etnográficos ou sobre
persoeiros do Concello de Valga), o gañador foi Alejandro Fernández Palacio coa súa “Investigación sobre o patrimonio industrial en Valga: as telleiras e as fábricas de cerámica”.

Premio Xohana Torres de Ensaio

A Concellaría da Muller do Concello de Santiago de Compostela convocou dende 1993 este premio dirixido a galardoar o labor inédito da investigación referido a calquera aspecto da muller dentro da nosa comunidade: sociolóxico, humano, histórico, etcétera. A partir do ano 2001 a contía do premio pasou dos 1.800 euros iniciais a 3.000 euros para o único traballo premiado. No ano 2009, a convocatoria abriuse ao ensaio tanto literario como científico para abarcar disciplinas como a filosofía, a historia, a antropoloxía, a literatura, etc, pasando a denominarse Premio Xohana Torres de Ensaio. Nas bases recollíase que o traballo inédito debía consistir na defensa dun punto de vista persoal e subxectivo sobre un tema humanístico, científico, filosófico, político, social, etc, referido á muller galega, o seu mundo e vivencias, presentado de xeito individual ou colectivo. As obras debían ter unha estrutura fixa (introdución, desenvolvemento, conclusións e bibliografía), estar escritas en lingua galega e mecanografiadas a dobre espazo. Tiñan que se presentar por duplicado no Rexistro Xeral do Concello baixo pseudónimo e acompañadas cun sobre pechado co mesmo lema no que se incluían os datos dos participantes. O prazo de admisión de traballos abrangue dende o 8 de marzo até o 31 de decembro de cada ano e a decisión do xurado dáse a coñecer o 8 de marzo do ano seguinte nun acto público que se celebra na Casa do Concello. A concesión do premio implica a cesión en exclusiva ao Concello dos dereitos de propiedade intelectual e de explotación do traballo premiado nos termos da lexislación vixente (RDL 1/1996, do 12 de abril) e a publicación do traballo correu a cargo do Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago. No ano 2010 resultou merecente deste galardón Iria Presedo Martínez polo seu traballo Transféminas ou como deconstruír o corpo co martelo. A esta edición do certame presentáronse cinco ensaios.

Referencias varias:


Refírese á entrega do Premio de Ensaio Xohana Torres que iniciou os actos conmemorativos do Día da Muller Traballadora. Apúntase que o galardón foi para Iria Presedo Martínez polo seu traballo Transféminas ou como deconstruír o corpo co martelo. Dise que nel denuncia o tratamento que reciben estas mulleres ao ser consideradas enfermas mentais. Finalmente, indícase que se trata da primeira vez que recibe o galardón un ensaio despois dunha longa traxectoria como premio de investigación.

Fálase dos actos celebrados en Santiago de Compostela con motivo do Día Mundial da Muller Traballadora. Entre eles destaca a entrega do premio de ensaio Xohana Torres a Iria Presedo cun traballo sobre a transexualidade. Indícase que na edición de 2010 é a primeira vez que se recoñece o premio a un ensaio e non a unha investigación.

**Premio Valle-Inclán**

Organizado pola Deputación Provincial de Pontevedra e o Concello de Vilanova de Arousa e cunha dotación de 24.000 euros. Foi constituído no ano 2004 co obxectivo de difundir e promover a obra do creador do “esperpento” e para profundar, a través de estudios rigorosos e de prestixio académico, en distintos traballos da súa biografía e do seu traballo literario. Puideron concorrer traballos orixinais e inéditos, escritos en calquera das linguas oficiais de Galicia, dos que se debían presentar cinco exemplares mecanografados a dobre espazo, que se presentaron baixo lema ou pseudónimo, caso no que se achegou a correspondente identificación do autor nun sobre á parte. A presentación das solicitudes por parte dos candidatos fixose no rexistro xeral desta Deputación a partir do día seguinte ao da publicación desta convocatoria no Boletín Oficial da Provincia (BOP). Nas edicións anteriores recaeu en XaQUÍN NúNEz SABARíS, por *ValLE- Inclán en el fin de siglo. estudio crítico de “fEMEninas”* en 2005; EULoxIO RuíBal, polo estudio *ValLE-Inclán e o teatro galego* en 2006; ex aequo para ANXO ABuín GonzáLvez, por *La palabra en los ojos o el alfabeto en movimiento: una aproximación a la dramaturgia de Valle-Inclán desde la estética del silencio*, e EIlANNE Lavaud-FaGe, por *ValLE-Inclán: ¿un sistema literario?* en 2007; *TodO Valle-Inclán en Roma*, do Grupo de Investigación Cátedra Valle-Inclán da USC en 2008; e ex aequo para Ramón del Valle-Inclán: *Luces de bohemia, una revolución dramática con una carta autógrafa inédita de C. Rivas Cherif*, de Jean Marie Lavaud; e JosefinA BLANCO y Ramón del Valle-Inclán: *pedestal de los sueños*, de Antonio DeAñO Gamallo e Jesús Rubio Jiménez en 2009. No ano 2010 abriuse a convocatoria da VIIª edición deste premio que se anovou convocando con carácter bienal dúas modalidades, teatro e ensaio, alternativamente.

**Premio Vicente Risco de Antropoloxía e Ciencias Sociais**

Convocado dende 1994 polos Concellos de Castro Caldelas e Allariz en colaboración coas Fundacións Vicente Risco e Sotelo Blanco. Estivo dotado con 6.000 euros e a publicación da obra pola Editorial Sotelo Blanco. Podían concorrer os que presentasen obras orixinais e inéditas, escritas en galego normativo, sobre o ámbito rural galego dende o punto de vista antropolóxico ou das ciencias sociais (historia, economía, socioloxía, literatura, etc). Os textos, cunha extensión mínima de cento cincuenta e máxima de trescentos folios a dobre espazo, tiñan que ser presentados, por quintuplicado, antes do 31 de decembro, na Fundación Sotelo Blanco (San Marcos, 77, 15820 Santiago de Compostela) baixo lema ou título e acompañados dun sobre pechado no que constasen os datos persoais e enderezo do autor. O xurado está composto por cinco membros, relacionados co mundo da cultura, actuando un deles de secretario. Nas edicións anteriores premiouse a Santiago González Avión en 1999 por *Abrente incerto*; a Rosa Brañas en 2001 por *Deuses, heroes e lugares sagrados*; a Anxo Fernández Ocampo en 2002 por *A esperanza Bretona*; a Elixio Villaverde en 2003 por *Galegos en México (1878-1936)*; a Julia Varela en 2004 por *A Ulfe, sociología dunha comunidade rural galega*; a Maria Montserrat Varela Vázquez en 2005 por *Trazos da escolma da
Referencias varias:


Coméntase que María Pilar García Negro vén de gañar o XV Premio Vicente Risco de Ciencias Sociais co seu estudo titulado O clamor da rebeldía. O nacemento do ensaio na literatura galega contemporánea, simultáneo ao nacemento da consciencia do xénero: análise e interpretación de textos rosalianos. Dise que neste volume García Negro estuda a figura de Rosalía de Castro e que foi escollido entre un total de seis estudos.


Fálase do traballo de María Pilar García Negro, gañadora do XV Premio Vicente Risco polo seu ensaio sobre a figura de Rosalía de Castro, O clamor da rebeldía. O nacemento do ensaio na literatura galega contemporánea, simultáneo ao nacemento da consciencia do xénero rosalianos. Dise que profundiñaza no “féminismo radical” da escritora e que o xurado valorou a “gran madurez” deste traballo no que demostra que Rosalía “supo reivindicar la lengua gallega y también la dignidade de los gallegos como pueblo”.


Coméntase que a profesora Pilar García Negro foi galardoada co Premio Vicente Risco de Ciencias Sociais polo seu traballo *O clamor da rebeldía, Rosalia de Castro: ensaio e feminismo*, no que se homenaxea a memoria da poeta de Galicia e, en cuxo acto de entrega, un cuarteto interpretou poemas rosalianos coma “Campanas de Bastavales”. García Negro indica que o seu interese por Rosalía de Castro comezou cando era estudante de Filoloxía Hispánica e fixo un traballo sobre *En las orillas del Sar*, polo que realizou estudos, reflexións e publicacións sobre a poeta que recompilou no volume premiado. Finalmente, faise un pequeno resumo da traxectoria profesional de García Negro.
X.5. MIXTOS (VARIAS MODALIDADES)

Premio **Antón Losada Diéguez**

Referencias varias:


Achégase á vida de Antón Losada Diéguez e repasa a historia da súa Fundación, xurdida en 2006, centrándose no premio Losada Diéguez, creado en 1986. Indícase que está convocado polos concellos ourensáns do Carballiño e de Boborás e que nel se recoñecen dúas obras publicadas durante o ano anterior, unha de creación literaria e outra de investigación. Ofrícese tamén un cadro con todos os premiados neste galardón, desde 1986 até 2009, quer como Creación literaria, quer como Investigación.


Comenta que na vixésima quinta edición do premio Antón Losada Diéguez, se lle outorgaron os galardóns a Pablo Carpintero, no eido da investigación e do ensaio, do que se destaca “a singularidade dunha obra que recupera un mundo que se está a perder” e a Domingo Villar, no campo da creación literaria, do que o xurado dixo que destaca pola “súa excelente construcción narrativa, que desenvolve unha trama chea de ritmo”.


Fálase d’*A praia dos afogados*, a segunda novela de Domingo Villar coa que gañou o Premio Losada Diéguez no apartado de Creación Literaria. Indícase que o xurado destacou a “súa excelente construcción narrativa”, “a solidez dos personaxes” e a “gran capacidade do autor para atraer novos públicos á literatura en galego”. Engádese que a novela xa encarou a terceira edición en galego, a oitava en castelán, conta con tradución ao alemán e espera a súa publicación en italiano e inglés. Apúntase que *A praia dos afogados* vén precedida por *Ollos de auga* (2006), primeiro libro da serie narrativa protagonizada polo investigador Leo Caldas, e que tamén recibiu o premio Irmandade do Libro na categoría de Libro do Ano.


Entre outros acontecementos no apartado “Premios” destaca os Premios Losada Diéguez para Domingo Villar por *A praia dos afogados* (2009) e Pedro Carpintero por *Os instrumentos musicais na tradición galega* (2009).


Fálase d’*A praia dos afogados* de Domingo Villar como unha novela policial “amena e divertida” cunha trama “excelentemente montada” que transcurre en espazos recoñecíbeis e próximos como os bares do porto de Panxón ou a praia da Madorra e que
ten como protagonista a Leo Caldas, detective presente xa na obra anterior *Ollos de auga*. Indícase que a novela foi premiada co Losada Diéguez de 2010 que a recoñece como a mellor obra literaria galega do 2009. Engádese que este mesmo premio reconéceu como mellor autor de ensaio a Pablo Carpintero por *Os instrumentos musicais na tradición galega*.


Anúnciase a presentación oficial da Fundación Antón Losada Diéguez no Pazo de Moldes, propiedade da familia, creada en colaboración cos concellos de Boborás, O Carballiño, A Estrada e Pontevedra, para promocionar, conservar e difundir a súa obra. Indícase tamén que se cumpre o vinte e cinco aniversario do premio literario que leva o seu nome e no que este ano resultaron gañadores Domingo Villar con *A praia dos afogados* e Pablo Carpintero con *Instrumentos musicais na tradición galega*.


Dise que na localidade de Moldes, no municipio de Boborás, ten lugar a entrega do premio “Antón Losada Diéguez” nas súas vodas de prata. Tamén se di que no pazo da familia Losada, o presidente do Pen Clube de Galicia, Luis González Tosar, presenta os dous galardoados deste ano: *Os instrumentos musicais na tradición galega*, de Pablo Carpintero, e o autor de *A praia dos afogados*, Domingo Villar.


Dise que na entrega dos premios Antón Losada Diéguez na súa XV edición, recaeron en Domingo Villar con *A praia dos afogados* e en Pablo Carpintero con *Instrumentos musicais na tradición galega*, gabouse a figura do galeguista que lles dá nome e felicitouse aos dous gañadores.


Coméntase que os gañadores da XV edición do Premio Antón Losada Diéguez foron Domingo Villar con *A praia dos afogados* e Pablo Carpintero con *Instrumentos musicais na tradición galega*, e que o acto de entrega tivo lugar no Pazo da familia na localidade de Moldes, concello de Boborás. Tamén se indica que se presentou a publicación do *Epistolario de Vicente Risco e Antón Losada* que recolle cartas orixinais dos dous galeguistas nas que falan de temas políticos, de amizade e de proxectos.

- Ana Baena, “Por fuera, mi obra es una novela policiaca, por dentro es un canto de amor a mi tierra”, *Atlántico Diario*, “Vigo”, “Entrevista”, 15 xuño 2010, p. 16.

Tras gañar o premio Antón Losada Diéguez pola súa obra *A praia dos afogados* (2009), entrevístase ao seu autor Domingo Villar, quen fala sobre o seu proceso de escrita desta obra e da homenaxe a Galicia que pretende ao situar a acción na súa terra.
Premio da Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega (AELG)

Está organizado pola Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega, recoñecéronse con este premio os mellos libros do ano anterior. Non tivo dotación económica e entregouse un galardón simbólico consistente nunha pluma estilográfica. Os escritores socios foron os que debían elixir a mellor obra literaria do ano anterior. No ano 2006 creouse o I Premio Internacional AELG, baixo o lema “Escritor Galego Universal”. Na edición de 2007 aumentaron as categorías, premiando obras de Literatura Infantil e Xuvenil, teatro, narrativa, poesía, tradución e ensaio, co obxectivo de ofrecer unha visión máis ampla do panorama literario galego. No ano 2009 contou coas novidades do galardón da categoría de “Blog literario” e “Escritor galego universal”. Na edición de 2010 mereceron os galardóns, na categoría de Literatura Infantil e Xuvenil, Agustín Fernández Paz por *Lua do Senegal*; en narrativa, Xosé Cid Cabido por *Unha historia que non vou contar*; en poesía, Luz Pozo por *Deter o día cunha flor*; pola súa traxectoria xornalística, Manuel Rivas; en teatro, Rubén Ruíbal por *Delimvois*; en ensaio, Xesús Alonso Montero por *Cartas de republicanos galegos condenados a morte (1936-1948)*; en tradución María Alonso Seisdedos e Bartug Aykam pola versión ao galego do *O museo da inocencia*, de Orhan Pamuk, e en blog literario, Manuel Bragado. Finalmente, o premio da categoría Institucións recaeu no Salón do Libro de Pontevedra, a Escritora Galega Universal a e o Escritor Galego Universal ao poeta arxentino Juan Gelman. O acto de entrega tivo lugar durante a Cea das Letras no Hotel Palacio del Carmen de Santiago, o día 17 de abril.

Referencias varias:


Entre outros acontecementos menciona o galardón de Escritor Galego Universal concedido a Juan Gelman.


Anúnciase que o 17 de abril é a data na que a Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega entregará os seus premios anuais na Cea das Letras. Infórmase do nome dos finalistas: na categoría de Traxectoria xornalística compiten Fran P. Lorenzo, Anxo Tarrío, Ana Romani, Xosé Manuel Pereiro, Belén Regueira, Bieito Iglesias, Lino Braxe e Manuel Rivas; na de blogs literarios faran Manuel Bragado, Santiago Jaureguizar, Alfredo Ferreiro, Francisco Castro, Marcos Valcárcel e a propia AELG; dentro de poesía os finalistas son Luz Pozo Garza por *Deter o día cunha flor* e Dores Tembrás, e indicase que deste apartado se retirou *O paraíso das sombras*, de Cesáreo Sánchez. Engádese que en narrativa os finalistas son Luis Rei Núñez con *Monte Louro*, Xabier Quiroga con *O cabo do mundo* e Cid Cabido con *Unha historia que non vou contar*; en teatro están Rubén Ruíbal con *Delimvois*, Manuel Lourenzo con *Medea dos fuxidos* e Teresa González Costa con *Sempre quixen bailar un tango*; os finalistas de ensaio son Manuel Forcadela con *A mecánica da maxia*, Henrique Monteagudo con *As razóns do galego*, Alonso Montero con *Cartas de republicanos galegos condenados a morte* e María Xesús Nogueira con *Soñadores e familia*; na modalidade de literatura xuvenil
compite Agustín Fernández Paz con Lúa do Senegal e Valados; Rosa Aneiros con Ás de bolboreta, e Xesús Manuel Marcos con Brinco de Ouro II; e finalmente en tradución os finalistas son Isabel Soto por Dlanagan. Flash-Back, de Jaume Ribera, Bartug Aykam e María Alonso Seisdedos por O museo da inociencia, de Orhan Pamuk, Manuel F. Vieites por Obra dramática completa, de Sarah Kane e Ana Belén Martínez por Residente privilexiada, de María Casares.


Recorda que a mediados de abril estivo en Galicia o poeta Juan Gelman para recoller o recoñecemento de Escritor Galego Universal que entrega a Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega. Así mesmo, alude á súa intervención na Real Academia Galega que principiaba o ciclo “Literatura e viaxe”. Sinala que o poeta nacido en Buenos Aires lembrou na súa estancia en Galicia o traballo da comunidade galega e dos seus descendentes na Arxentina, a partir de Luís Seoane e o poeta Rodolfo Alonso, aos que engadiu os nomes de Castelao e de Rafael Dieste, ente outros. Por outra parte, comenta a cuestións da súa biografía marcada pola ditadura arxentina e da súa obra, achegando unha serie de consideracións sobre a súa poética.


Ao ser recoñecido como Escritor Galego Universal pola Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega, debuxa o perfil biográfico do poeta Juan Gelman, que está fortemente marcado pola ditadura vivida por Arxentina, así como se refire á súa escrita. A partir dunha serie de referencias propias do autor, apunta que para este bonaerense de nacemento o amor é fundamental e o poema é lugar de exilio a salvo de todos os exíolos, un lugar de encontro e liberación, a memoria contra a sombra e que foi preciso penetrar ata a raíz da dor e da cólera para poder reflexionar e dicir.


Infórmase de que Juan Gelman recibirá a pluma do galardón Escritor Galego Universal que entrega a Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega na Ceada das Letras. Fálase, tamén, das diferentes actividades nas que participará durante a súa estadía, entre as que destaca a presentación do seu libro Bajo la lluvia ajena dentro do III Encontro Cidade da Coruña.


Fálase de Luz Pozo Garza, galardoada co premio á mellor obra de poesía publicada en 2009 da Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega pola súa obra Deter o día cunha flor, grazas á cal tamén recibiu o Premio da Crítica española no apartado de poesía en língua galega. Engádese que Pozo Garza xa fora gañadora do Premio de Poesía Miguel González Garcés por Prometo a flor do loto e elixida a mellor autora nos XIX premios Irmandade do Libro da Federación de Libreiros de Galicia. Anúncianse o resto de galardoados na Ceada das Letras, isto é, Xesús Alonso Montero por Cartas de
republicanos galegos condenados a morte (1936-1948), na modalidade de ensaio; Agustín Fernández Paz por Lua do Senegal, en Literatura Infantil e Xuvenil; Xosé CID Cabido por Unha historia que non vou contar, en narrativa; Bartug Aykam e Maria Alonso Seisedos pola tradución d’O museo da inocencia, de Orham Pamuk; Rubén Ruibal por Delimvois, en teatro; Manuel Rivas pola súa traxectoria xornalística; Manuel Bragado polo seu blog Brétemas; o Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra, na modalidade de institucións; e Juan Gelman, na de Escritor Galego Universal.


Fálase da intervención de Juan Gelman durante a terceira edición do ciclo Encontro Cidade da Coruña. Infórmase de que foi galardoado pola Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega co Premio de Escritor Galego Universal e de que, durante a súa estadía en Coruña presentou a última edición do seu libro Bajo la lluvia ajena. Cítanse outros traballos seus como Carta Abierta e Carta a mi madre ademais de facer un breve repaso pola súa traxectoria profesional.


Recóllese a intervención de Juan Gelman na terceira edición do ciclo Encontro Cidade da Coruña. Indícase que foi nomeado Escritor Galego Universal pola Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega. Cítanse dúas obras súas, isto é, Bajo la lluvia ajena (Notas al pie de una derrota) e De atrásalante en su porfia.


Faise eco da entrega do Premio de Escritor Galego Universal que a Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega outorgou a Juan Gelman. Faise referencia ás distintas intervencións levadas a cabo polo presidente da AELG, Cesáreo Sánchez, e polo Conselleiro de Cultura, Roberto Varela, ademais das palabras pronunciadas polo propio Gelman durante o acto.


Infórmase de que Juan Gelman, Premio Cervantes 2007, recibiu o premio ao Escritor Galego Universal outorgado pola Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega. Indícase que se trata do segundo latinoamericano ao que lle outorgan este galardón, sendo a primeira Elena Poniatowska. Recólense ideas expostas polo propio Gelman ao longo do acto e cítanse tres obras súas, isto é, Violín y otras cuestiones (1956), Gotán (1963) e Mundar (2007).


Faise un repaso pola vida de Juan Gelman designado pola Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega como galego universal.

Faise referencia á intervención de Juan Gelma durante o acto de entrega do Premio de Escritor Galego Universal que lle outorgou a Asociación de Escritoras e Escritores en Lingua Galega. Indícase que durante este acto Gelman fixo unha lectura do texto A árbore sen follas que dá sombra e do seu traballo memorialístico Bajo la lluvia ajena, do que tamén se publica un fragmanto.


Destácase o labor de coñecemento, apoio e dignificación do escritor galego feito pola Asociación de Escritoras e Escritores en Lingua Galega ao longo dos seus trinta anos de existencia. Indícase o nome dos galardoados na Cea das Letras que premia ás mellores obras publicadas ao longo do 2009, isto é, Agustín Fernández Paz coa súa novela Lúa do Senegal, na categoría de Literatura Infantil e Xuvenil; Alonso Montero con Cartas de republicanos galegos condenados a morte, en ensaio; Xosé Cid Cabido con Unha historia que non vou contar, en narrativa; Bartug Aykam e María Alonso Seisdedos pola tradución ao galego d'O museo da inocencia, de Orham Pamuk; Ruben Ruibal por Delimvois, en teatro; Luz Pozo Garza por Deter o dia cunha flor, en poesía; Manuel Bragado na categoría de blog literario; o Salón do Libro Infantil e Xuvenil de Pontevedra, premio ás institucións; Manuel Rivas, premiado pola súa traxectoria xornalística; e Juan Gelman, declarado Escritor Galego Universal. Engádese que houbo un recoñecemento a todos aqueles escritores que participaron na AELG ao longo das tres últimos décadas, tal é o caso de Bernardino Graña, Yolanda Castaño ou Fernán Vello, entre outros. Apúntase, ademais, que o traballo de Pozo Garza foi galardoado tamén co Premio da Crítica.


Fálase da vida e obra de Juan Gelman, nomeado pola Asociación de Escritoras e Escritores en Lingua Galega como Escritor Galego Universal. Coméntase que a súa poesía se “erixe en “conciencia dos silenciados e ilumina unha tráxica zona de sombra que alcanzará á condición humana”. Citanse traballos seus como Carta Abierta, Carta a mi madre, Hechos, Los poemas de Sydney West ou Dibaxu.

Certame Carvalho Calero

Premio organizado polo Concello de Ferrol e a Asociación Medulio en memoria deste professor licenciado en Dereito e Filosofía e Letras pola Universidade de Santiago. Contou coas modalidades de investigación lingüística e creación literaria. Cada un dos premiados recibiu 3.606 euros e verá a súa obra publicada na editorial Laiovento. No ano 2010 déronse a coñecer no mes de xaneiro os galardoados da XVIIª edición do ano 2009. O xurado, presidido pola concelleira de Cultura, Mercedes Carbajales, e formado polo asesor cultural Roberto Taboada Fernández; o escritor ferrolán Henrique Dacosta;
a escritora María Reimóndez; a mestra e escritora Marica Campo; os profesores Manuel Rei Romeu e Benigno Fernández Salgado; e como secretaria a poeta ferrolá Iolanda Gomis Parada acordou por unanimidade deixar deserto o galardón no apartado de Narrativa, mentres que no de Ensaio decidiu outorgar o premio a Carlos Pazos Justo, profesor da Sección de Estudos Españois e Hispanoamericanos da Universidade do Minho (Portugal), pola súa obra *Trajectória de Alfredo Guisado e a súa relaçao coa Galiza 1910-1921*. Na XVIIIª edición de 2010, o prazo de publicación abrangueu do 15 de abril ao 15 de xuño, a convocatoria pasou a ser biénal, contou cunha contía de 3.700 euros e estableceu un prazo de dez anos no que os gañadores non podrán volver presentarse. A modalidade de creación literaria quedou deserta mentres que na modalidade de investigación resultou galardoado *Elucidacións na sombra. Análise e interpretación de dúas pezas de Carvalho Calero*, de Manuel Castelao Mexuto (Santiago de Compostela, 1951). O xurado estivo composto por Xabier P. Docampo, Rosa Aneiros, Carlos Garrido, Vitoria Salgado, Carlos Pazos, e Mercedes Carbajales, actuando como presidenta e Ángeles González como secretaria. A entrega do galardón foi o 30 de novembro no salón de plenos do Concello de Ferrol.

**Referencias varias:**


Comeza falando da convocatoria da décimo oitava edición do Premio Ricardo Carvalho Calero, para homenaxear a figura do escritor. A seguir comenta que en Compostela, onde se trasladou para estudar a carreira de Dereito e Filosofía e Letras, militou no Partido Galeguista e que co estalido da guerra civil loitou no bando republicano. Di que tras a guerra estivo dous anos no cárcere e despois se dedicou ao ensino até conseguir a primeira cátedra de Lingüística e Literatura galega da Universidade compostelá. Finalmente, alega a necesidade de que se lle conceda o Día das Letras Galegas.


Entrevista ao profesor Carlos Pazos, gañador do XVII Certame Carvalho Calero na categoría de ensaio pola obra *Trajectória de Alfredo Guisado e a súa relaçao coa Galiza 1910-1921*, na que sinala que o seu interese por este autor foi por casualidade xa que fixo un traballo de investigación sobre el. Comenta que Guisado traballou na revista *Seara Nova*, polo que facía de enlace entre galegos e portugueses, xa que na súa produción literaria e ensaística detéctanse os mesmo ideoloxemas que había en Antón Vilar Ponte ou Alfonso Daniel Rodríguez Castelao; así, tivo contacto con Castelao e Ramón Cabanillas, polo tanto, no seu poemario *Xente d’a Aldea*, cuxa capa é un deseño de Castelao, pódese notar a presenza de Cabanillas e Rosalía de Castro.


Dáse noticia de que o premio Carvalho Calero no apartado ensaístico foi concedido a Manuel Castelao Mexuto, coñecido polo seu pseudónimo cinematográfico Raúl Veiga, co traballo *Elucidacións na sombra. Análise e interpretación de dúas pezas de Carvalho...*
Calero, no que se analizan *A sombra de Orfeo e Auto do prisioneiro*. Coméntase que o premio, que se decidiu facer bienal, consiste nunha dotación económica de tres mil setecentos euros e a publicación da obra na editorial Lãovento e que o premio quedou deserto no apartado de narrativa por segundo ano consecutivo. Destácase que esta obra é un traballo rigoroso, interpretativo e atractivo para o público non especializado. Para rematar, faise un resumo da traxectoria profesional do gañador.


Dáse a coñecer o galardoado do Premio Carvalho Calero que foi o autor Manuel Castelao co seu ensaio *Elucidacións na sombra. Análise e interpretación de dúas pezas de Carvalho Calero*. Coméntanse tamén as valoracións do xurado do certame que dixo da obra que era un traballo rigoroso e que implica un esforzo didáctico na lectura. Dise que o ensaio naceu coma resultado do traballado realizado polo autor nuns talleres que impartiu no IES Salvador de Madariaga do que é docente, e no que traballaba en doux textos dramáticos de Calero, *A Sombra de Orfeo e Auto do prisioneiro*. Salíentanse as impresións de Castelao quen comenta “que é significativo que aínda non se lle dedicase un Día das Letras”.


Dise que Manuel Castelao acadou o Premio Carvalho Calero cun ensaio sobre as obras teatrais *A sombra de Orfeo e Auto do prisioneiro*. A seguir reproducéuese unha conversa co autor na que fala do seu interese pola obra dramática de Calero, da capacidade de comunicación, do contributo á literatura galega e do descoñecemento e falta de recoñecemento de don Ricardo, da relectura que propón de Ramón Otero Pedrayo, Ramón Cabanillas, Manuel Antonio, Celso Emilio Ferreiro, Álvaro Cunqueiro e Uxío Novoneyra na súa tese de doutoramento e da súa faceta como director e guionista de cine.


Indícase que Manuel Castelao Mexuto foi o gañador do premio Carvalho Calero na súa modalidade de ensaio co seu traballo, *Elucidacións na sombra. Análise e interpretación de dúas pezas teatrais de Carvalho Calero*. A continuación recólleense as palabras de agradecemento do galardoado, quen destaca este premio como unha referencia para a recuperación e difusión da figura de Carvalho Calero. De seguido dásé conta dos obxectivos marcados para o premio neste ano e díse que entre eles está o de celebrar o centenario do nacemento do autor. Finalmente, remáttase comentando que se lle regalou aos asistentes unha edición da obra gañadora o ano pasado *Trajectoria de Alfredo Guisado e a su relación con a Galiza* (1919-1921), de Carlos Pazos Justo.

Certame Literario **Concello de Ames de Narrativa e Poesía**

O Concello de Ames convoca este certame literario de narrativa e poesía para textos inéditos escritos en galego, con tres categorías en cada modalidade: primeira categoría
para nenos e nenas até 13 anos, segunda categoría dirixida a rapaces de 14 a 18 anos e a terceira para persoas de máis de 18 anos. Hai tres premios en metálico en cada categoría: 120 euros, 90 euros e 60 euros na primeira categoría; 150 euros, 120 euros e 90 euros na segunda; e 210 euros, 150 euros e 120 euros na terceira. Todas as persoas que desexasen participar no certame debían enviar antes do 17 de abril de 2010 catro exemplares do seu texto, en folios mecanografados por unha soa cara e a dobre espazo ao Concello de Ames. Servizo de Normalización Lingüística (Avda de Azcárraga n.º 5, Bertamiráns, 15220 Ames, A Coruña) acompañados dun sobre cos datos persoais. A extensión mínima foi de dúas páxinas en narrativa e de vinte versos en poesía, mentres que a máxima foi de seis páxinas en narrativa e de cincuenta versos en poesía. O tema foi libre e só se puido presentar un traballo por persoa en cada unha das modalidades. O acto de entrega tivo lugar o Día das Letras Galegas. No ano 2010 presentáronse cento trinta e oito traballos nas dúas modalidades e o xurado estivo composto por Antía Otero Rodríguez, Mariña Pérez Rei, Armando Requeixo e Rosa Moreiras en representación do Concello, con voz e sen voto. Na modalidade de narrativa foron galardoados na categoría de até 14 anos Irene Fernández Franco, Marcela Porto Mato e Arro Miguéns; na categoría de 14 a 18 anos, José Ismael Ramos, Patricia Mollánedo e Ana Túñas Puentes; e na categoría de adultos, José Manuel Pérez, Mario Caneiro Ameneiros e Xosé Manuel Esperante Dávila. Na modalidade de poesía recibiron os galardons até 14 anos, Marcela Porto Mato, Marta Redondo Porto e Sandra Abel Grandío; na categoría de 14 a 18 anos, José Ismael Ramos, Lara Porto e Noelia Martínez; e na categoría de adultos, Javier Rodríguez González, Gonzalo Hermo e María Xesús Blanco.

Referencias varias:


Fálase dos beneficios da existencia de certames literarios que “contribúen a visualizar o labor” das persoas que comezan a dar os seus pasos no eido literario. Apúntase que, entre estas plataformas, unha das máis importantes son os premios para escolares. Destácanse os Premios Minerva convocados dende 1963 polo Colexio Manuel Peleteiro de Santiago de Compostela e no que actuaron como mantedores persoais como Álvaro Cunqueiro, Ricardo Carballo Calero ou Carlos Casares. Engádese que en edicións pasadas foron gañadores destes premios escritores como Darío Xohán Cabana ou Xosé Antonio Neira Cruz. Infórmase da publicación en Galaxia do último volume que recolle os textos premiados na anterior convocatoria. Fálase, tamén, doutros premios como o Certame Francisco Añón de Poesía, organizado polo Concello de Serra de Outes; o Premio Ánxel Casal para poesía, conto e teatro, organizado polo Concello de Santiago; e o Certame Literario do Concello de Ames. Apúntase que todos eles contan con edicións en formato libro dos textos premiados.

Fálase de José Ismael Ramos Castelo, galardoado con seis premios literarios durante o mes de maio. Indícase que gañou o primeiro premio en narrativa e poesía do certame literario que organiza o Concello de Ames polos seus traballos _Retrato dun despertar incómodo_ e _16+V E só pido unha cousa polo meu aniversario_; o primeiro premio de narrativa Minerva co seu traballo _O factor humano ou a vida privada dos pronomes_ e o segundo premio de poesía por _Oda á cafeína (o anecdotario dun amor de inverno)_ e, finalmente, conseguiu o primeiro premio de narrativa e o segundo de poesía do certame que convocan os dous institutos noieses. Engádese que Ramos escribe grazas ao apoio da súa profesora de galego que foi quen lle deu a coñecer obras de poetas como Yolanda Castaño, Berta Dávila ou Estíbaliz Espinosa, mentres que en narrativa foi o club de lectura do instituto o que lle acercou a autores como Amy Hempel.

Certame Literario de poesía e narración breve **Concello de Cambre**

Co obxectivo de estimular a creación literaria e fomentar a súa difusión entre a mocidade, os Equipos de Normalización e Dinamización Lingüística e os Departamentos de Língua Galega e Literatura dos dous institutos, as Asociacións de Nais e Pais así como a Concellería de Cultura e Turismo de Cambre convocaron este certame. Conta con tres categorías: de 12 a 14 anos, de 15 a 18 anos e de 19 a 26 anos; e dúas modalidades: poesía e narración breve dotadas con dous galardóns que oscilan entre os 170 e os 400 euros. Os traballos debían estar escritos en lingua galega e ser orixinais e inéditos. Nesta XVIIª edición de 2010 o prazo de entrega rematou o 23 de abril e o xurado formado por Amelia Sánchez Pérez, Carme Fernández Rodríguez, François Davo, María do Mar Hermida Pico e María Pilar Paz Delgado concedeu galardóns na modalidade de poesía a Samuel González; Noelia Martínez Rey e María Paula Currás Prada; e na modalidade de narración a Andrés Nicolás Ibáñez Ramos, Paula Sánchez Varela e Lorena Barrera López. O acto de entrega tivo lugar o 28 de maio no instituto de secundaria Alfonso X.

Premio de Creación Literaria e Ensaio da Facultade de Filoloxía da **Universidade da Coruña**

Organizado pola Facultade de Filoloxía e dirixido a todos os estudantes da Universidade da Coruña. Conta con seis modalidades: poesía, narrativa e ensaio, en língua galega e en língua castelá. Nas modalidades de narrativa e ensaio pódense presentar obras cun máximo de 15 folios, mecanografados a dobre espazo; na modalidade de poesía prémiase un poema ou un breve grupo de poemas con unidade temática; e na de teatro un traballo cun máximo de trinta folios. O prazo de entrega dos traballos rematou o 27 de abril. O galardón consistiu nun vale para canxearen por libros na Libraría Xiada e a publicación das obras galardoadas nun libro conxunto. O xurado está formado por profesorado de Filoloxía e personalidades de recoñecido prestixio cultural e o ditame do premio fixose público na segunda quincena de maio.

Premios da **Crítica de Galicia**

facer público o recoñecemento que, dentro do marco xeral da cultura galega, merezan os labores individuais ou colectivos que cristalicen en achegas relevantes para o desenvolvemento do eido particular no que xurdan. Os criterios que se utilizaron (como calidade, incidencia social, oportunidade ou outros) para a avaluación dos traballos concorrentes en cada modalidade foron da competencia exclusiva de cada xurado. Ben entendido que, en calquera caso, o interese concreto que para a cultura galega ofrecían as achegas que se consideraron había de ser a guía fundamental do proceso de avaluación. A periodicidade dos premios é anual. As decisións, que se deron a coñecer no decurso dun acto público que se celebrou o sábado anterior ao Día das Letras Galegas, atinxiron á produción xurdida entre o 1 de xaneiro e o 31 de decembro do ano anterior. En cada modalidade o premio foi un e indivisíbel e podí quedarse deserto. Todas as producions que se consideraron merecedoras de premio tiñan que ser presentadas á Fundación dos Premios da Crítica Galicia, antes do 1 de marzo. O xurado, atándose aos períodos fixedos, podia incluír traballos non presentados polos seus autores, por terceiras persoas ou por entidades. O xurado de cada modalidade compúxose de sete membros, un deles o gañador da edición anterior. A Fundación designou un presidente que tivo a misión de dirixir os debates e resolver, co seu voto de calidade, en caso de empate. O secretario auxiliou o presidente e demais membros do xurado, redactou e leu a acta na entrega dos premios. Os membros de cada xurado foron persoas de recoñecida competencia, polo menos nun sector da modalidade do premio, e non debían ter relacións de autoria ou dirección dos traballos concorrentes e ademais deberían aceptar estas bases. Todos os xurados quedaron nomeados cun mínimo de dous meses de antelación respecto da data da decisión. Os seus membros tiñan que ter coñecemento ao seu tempo de todas e cada unha das achegas que se ian cualificar e correspondeulle unísona sesión de traballo que se celebrou o mesmo día da entrega do premio e permaneceran secretas mentres os secretarios non deron lectura pública ás correspondentes actas. Os Premios da “Crítica Galicia” abranguen as seguintes modalidades: I) Creación literaria. Considéranse premiábeis nesta modalidade todas aquelas obras de poesía ou narrativa, incluído o teatro, editadas no prazo sinalado de cada convocatoria; II) Ensaio e pensamento. Atinxe esta modalidade todos os traballos breves, didácticos e interpretativos nos que o autor aborde dende un punto de vista persoal e subxectivo, con flexibilidade de métodos e clara vontade de estilo, temas -preferente, pero non exclusivamente- da realidade de Galicia; III) Investigación. Considéranse premiábeis nesta modalidade todos aqueles traballos que, desenvolvidos tanto no eido da humanística coma na investigación positiva e empírica, fagan uso do método científico; IV) Música; V) Ciencias e artes da representación. Téntase nesta modalidade dar acollida ás manifestacións encadrábeis no amplo abano da cultura audiovisual. Abranguen, polo tanto, todas aquelas producions de transmisión, comunicación ou expresión que se articulan a partir de códigos verbo-icónicos (pintura, fotografía, deseño, cine, cómic e outros análogos) verbo-corporais (danza, mimo, teatro e similares) ou calquera outro que conforma o ámbito xenérico da representación. O xurado terá que poñer especial tino en evitar calquera tipo de competencia entre as distintas formas converxentes na modalidade, premiando em cada edición o feito de maior transcendencia na cultura audiovisual galega; VI) Iniciativas culturais. Nesta modalidade enxergaranse todos aqueles feitos ou labores que, levados a cabo por persoas ou institucións, destaquen na orixinalidade e eficacia en defensa, pulo ou espallamento da cultura galega e que, podendo ser consequencia dunha traxectoria principiada fóra do periodo definido nesta convocatoria, permanezan vixentes no
devandido período. A Fundación dos Premios da Crítica de Galicia nomea, dende 1993, "Galego Egrexio" a aquela personalidade que pola súa traxectoria de entrega a Galicia se considere merecente dela. O galardón consistiu nunha estatuíña, deseñada por Isaac Díaz Pardo, que representaba a Martín Codax. Dende a súa primeira edición na modalidade de "Creación literaria" foron galardoados Alfonso Pexegueiro en 1978 por Mar e naufraxios; Álvaro Cunqueiro en 1979 por Os outros feirantes; Carlos Casares en 1980 por Os esceuras soños de Clío; Antón Tovar en 1981 por Calados esconxuros; Alfredo Conde en 1982 por Breixo; Víctor Fernández Freixanes en 1983 por O triângulo inscrito na circunferencia; Arcadio López-Casanova en 1984; Ramiro Fonte en 1985 por Designium; Manuel Vilanova en 1986 por A lenda das árbores de prata; Suso de Toro en 1987 por Polaroid; Xosé Luís Méndez Ferrín en 1988 por Bretaña Esmeraldina; Víctor Fernández Freixanes en 1989 por O enxoval da noiva; Antón Risco en 1990 por As metamorfoses de Proteo; Fiz Vergara Vilarinho en 1991 por Nos eidos da bremanza; Xosé Luís Méndez Ferrín en 1992 por Arraianos; Antón Avilés de Taramancos en 1993 por Obra viva; Manuel Rivas en 1994 por En salvaxe compañía; Marilar Aleixandre en 1995 por A expedición do Pacifico; Xavier Rodríguez Baixeras en 1996 por Nadador; Pilar Pallarés en 1997 por Livro das devoracións; Xosé María Álvarez Cáccamo en 1998; Carlos Casares en 1999; Bieito Iglesias en 2000 por O mellor francés de Barcelona; Xosé Manuel Villanueva en 2001 por Adegus India, adeus; Manuel María en 2002 por Obra completa; Carlos Casares en 2003 por O sol do verán; Anxos Sumai en 2004 por Anxos de garda; Luísa Villalta en 2005 por En concreto; Xavier Alcalá en 2006 por Nas catacumbas; Manuel Rivas en 2007 por Os libros arden mal; Miguel Anxo Murado en 2008 por O soño da febre; e Luís González Tosar en 2009 por Estúrdiga materia. Neste ano 2010, a XXXIIIª edición, os galardóns nas diferentes modalidades foron para Suso de Toro por Sete palabras, na modalidade de "Creación literaria"; Miguel Barroso en "Investigación" con Ramón Piñeiro e a revisión do nacionalismo; Manuel Forcadela en "Ensaio e Pensamento" con A mecánica da maxia; en "Música" para Joam Trilho pola colección "Ars Gallaeciae Musicae"; en "Iniciativas Culturais" para a Casa das Ciencias da Coruña; e en "Ciencias e arte da representación" para Xosé Enrique Acuña. O xurado da modalidade de Creación literaria estivo composto por Alfredo Conde Cid, como presidente, Isabel Mociño González, como secretaria, José Manuel Estévez-Sáa, Luís González Tosar e Rexina Rodríguez Vega; o de Ensaio por Luíz Quinteiro Fíuza, como presidente, Camiño Noia Campos, como secretaria, Manuel Ferreiro Losada, Camilo Nogueira Román e Ramón Regueira Varela; e o de Investigación por Salustiano Mato de la Iglesia, como presidente, Ricardo Gurriarán Rodríguez, como secretario, Pilar Allegue Aguete, Henrique Monteagudo e Laura Sánchez Piñón. O premio "Galego Egrexio" decidiuse outorgar ao maxistrado Xosé Xoán Barreiro Prado, nunha gala celebrada o 29 de maio no Balneario de Mondariz.

Referencias varias:


Coméntase a concesión do galardón “Galego Egrexio” nos Premios da Crítica 2010 ao maxistrado-presidente da sección 2ª da Audiencia da Provincia de Pontevedra, Barreiro Prado, pola súa defensa dos valores identitarios, da cultura e da lingua galega. Gábase a súa persoa e destácase, entre outros méritos, a reparación do patrimonio documental
redactado en galego que desaparecera polo século XVIII, ser membro fundador da “Asociación de Funcionarios para a Normalización Lingüística de Galicia” en 1983, inspirar a creación da Irmandade Xurídica Galega e sobre todo por ser impulsor da fixación dunha linguaxe xurídica galega.


Entrevista a Xosé Xoán Barreiro Prado, maxistrado-presidente da sección 2ª da Audiencia de Pontevedra ao que a Fundación Premios da Crítica-Galicia lle concedeu a distinción de Galego Egrexio. Sinala que no seu eido o emprego do galego foi cambiando pouco a pouco e conta que se plantou o uso do galego no traballo por rachar cunha “dicotomía persoal”, afirmando que nunca se atopou con rexeitamento, só provocou “sorprega, despois suspicacias”. Para rematar, indica que recibirá o galardón de Galego Egrexio “mio contento”, pero que lle “fastídía un pouco” converterse en “protagonista por isto”.


Entrevista ao maxistrado e presidente da Audiencia de Pontevedra Xosé Xoán Barreiro Prado, tras recibir o galardón de “Galego Egrexio”, concedido pola Fundación Premios da Crítica 2010, pola súa contribución ao uso do galego no ámbito da xustiza. Na entrevista exponse a situación actual da lingua galega no ámbito xudicial e administrativo e destácase tamén a idea do premiado de que “a lingua non se defende só dende a literatura”.


Indícase que se entregaron os sete galardóns da trixésimo terceira edición dos Premios da Crítica Galicia 2010, que avalian os traballos de persoas e entidades comprometidas con Galicia e a súa cultura e linguaxe en diferentes eidos da cultura, as artes e as letras. Sinálase que o premio de Galego Egrexio foi para o maxistrado da Audiencia Provincial Xosé Xoán Barreiro, polo seu uso do galego en milleiros de sentenzas e procedementos ao longo de vinte anos no ámbito da xustiza. Coméntase que o premio de Ensaio e
Españo

Referencia ás referencias.


Coméntase que a última obra de Suso de Toro, *Sete Palabras* (2009) foi galardoada co Premio da Crítica 2010 á creación literaria. Dise que é unha das mellores obras do autor e destácase que consegue espertar o interese no lector e que ten un estilo depurado. Criticase finalmente que haxa na obra un exceso de trazos lingüísticos vulgares e coloquiais.


Dise que se celebrou en Mondariz o acto de entrega dos Premios da Crítica 2010 e indicase cal é a nómina de premiados. Logo faiase unha mención especial de tres dos premiados. Primeiramente a obra de Joan Trilho, “Ars Gallaeciae Musicae”, unha colección de música fundada en 1992 e dirixida por el mesmo. Deseguido destácase o labor da Casa das Ciencias da Coruña polos vinte e cinco anos de difusión científica e por último o labor arduo a prol da cultura e a lingua galega no ámbito xudicial e administrativo do maxistrado Xosé Xoán Barreiro Prado distinguido como “Galego Egrexio”.


Fálase en primeira persoa da entrega dos Premios da Crítica 2010 celebrada no Balneario de Mondariz e, tras citar a nómina de galardoados, detense no pracer que lle supón ter formado parte do xurado en Creación Literaria e ser el quen recolle o galardón de Iniciativas Culturais en nome da Casa das Ciencias da Coruña. Sinálase que en Creación Literaria o gañador foi Suso de Toro coa obra *Sete palabras*, da que se destaca o dominio da técnica narrativa e da palabra. Tamén se describe como é o labor desenvolvido polo xurado e indicase finalmente que durante a xornada houbo tempo para reflexionar sobre moitos temas de interese relacionados coa cultura galega.


Entre outras cuestións no apartado “Premios” menciona a trixésima terceira edición dos Premios da Crítica, co premio de Creación Literaria a Suso de Toro por *Sete palabras* (2009), de Ensaio e Pensamento a Manuel Forcadela por *A mecánica da maxia. Ficción e ideoloxía en Álvaro Cunqueir* (2009), de Investigación a Miguel Barros por *Ramón Piñeiro e a revisión do nacionalismo: 1943-1981* (2009), de Ciencias e Artes da Representación a Xosé Enrique Acuña, de Música a Joan Trilho por *Ars Gallaeciae Musicae* e de Iniciativas Culturais á Casa das Ciencias da Coruña. Comenta que nesta edición se concedeu tamén o título de Galego Egrexio a Xosé Xoán Barreiro Prado.
Premios da Crítica Española


Referencias varias:


Fálase de dous dos gañadores dos Premios da Crítica 2010, concedidos cada ano pola Asociación Española de Críticos Literarios. No apartado de novela en língua galega, a obra gañadora, segundo se indica, foi *O cabo do mundo* de Xabier Quiroga e en poesía a obra de Luz Pozo Garza, *Deter o dia cunha flor*. Destácase tamén o recoñecemento xa recibido por Quiroga como finalista do premio Arcebispo Juan de San Clemente, do IES Rosalía de Castro de Compostela, e dise que ademais os dous premiados tamén están nomeados para os premios da AELG (Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega). Logo indicanse as características máis salientábeis de cada unha das obras.


Anúnciase que Andrés Neuman é o gañador do premio da Crítica pola súa novela *El viajero del siglo* coa que gañou o ano pasado o Premio Alfaguara e da que o xurado destacou a súa gran dimensión reflexiva sobre a música, a literatura e o pensamento. Engádese que na modalidade de poesía o premio foi para Francisco Ferrer Lerín por *Fámulo*; nas categorías de narrativa e poesía en língua galega os premiados foron Xabier Quiroga por *O cabo do mundo* e Luz Pozo Garza por *Deter o dia cunha flor*; en narrativa catalá o premio foi para Francesc Serés con *Contes russos* e en poesía catalá para Carles Miralles por *L’ombra dels dies roja*; finalmente na categoría de éuscaro os premios foron para Fermín Etxegoien con *Autokarabana* e Juanra Madariaga por *Eroriaren logika*, en narrativa e poesía, respectivamente.

- Olivia Rodríguez, “A crítica premia os versos de Luz Pozo e a prosa de Xabier Quiroga”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 18 abril 2010, p. 36.

Infórmase do ditame dos Premios da Crítica que concede a Asociación Española de Críticos Literarios. Indícase que en poesía os gañadores foron, en língua castelán Francisco Ferrer por *Fámulo*, en lingua catalán Carles Miralles por *L’ombra dels dies roja*; en lingua vasca Juana Madariaga por *Eroriaren logika* e en língua galega Luz Pozo Garza por *Deter o dia cunha flor*. Engádese que na modalidade de narrativa en língua castelán o premiado foi Andrés Neuman por *El viajero del siglo*; en língua catalá foi Francesc Serés con *Contes russos*, en lingua vasca Fermín Etxegoien con *Autokarabana* e en língua galega Xabier Quiroga con *O cabo do Mundo*.

Fálase dos galardoados polo Premio da Crítica. Indícase que o gañador de narrativa castelá foi Andres Neuman mentres que Francisco Ferrer Lerín foi na categoría de poesía. Engádese que nas categorías de narrativa e poesía en língua galega os premiados foron Xabier Quiroga por *O cabo do mundo* e Luz Pozo Garza por *Deter o día cunha flor*; en narrativa catalá o premio foi para Francesc Serés con *Contes russos* e en poesía catalá para Carles Miralles por *L’ombra dels dies roja*; finalmente na categoría de éuscaro os galardóns foron para Fermín Etxegoin con *Autokarabana* e Juanra Madariaga por *Eroriaren logica*, en narrativa e poesía respectivamente.


### Premios da Cultura Galega

Entregados por primeira vez en xuño de 2008 pola Consellería de Cultura e Deporte no Pazo de Congresos co nome de Premios Nacionais da Cultura Galega. A dotación dos galardóns foi de 15.000 euros en cada categoría, de carácter indivisíbel. O xurado, único para todas as categorías, contou con representantes de todos os sectores da cultura galega e estivo composto de quince membros, variando a súa composición en cada edición. O premio na súa primeira edición contou con dez categorías: Literatura, Arquitectura e espazos públicos, Artes visuais, Artes escénicas, Música, Cine e audiovisual, Pensamento e cultura científica, Iniciativas culturais, Cultura tradicional e de base e Patrimonio Cultural. No ano 2010, 2ª edición, reformuláronse mediante un cambio na súa denominación, pasando a denominarse Premios da Cultura Galega, ademais de reducir os galardóns a sete categorías (Letras, Artes Plásticas, Artes Escénicas, Patrimonio Cultural, Promoción da Cultura Exterior, Música e Creación Audiovisual) e cambiar a dotación económica por unha escultura conmemorativa e un diploma acreditativo. O xurado estivo presidido polo Conselleiro de Cultura, Roberto Varela, e contou coa participación como vogais institucionais do director xeral de Promoción e Difusión Cultural, Francisco López; o presidente do Consello da Cultura Galega, Ramón Villares; o reitor da Universidade da Coruña, José María Barja; o vicerrector de extensión universitaria, cultura e sociedade da Universidade de Santiago, Javier Garbayo, e a presidenta da Real Academia de Belas Artes Nosa Señora do
Rosario, Mercedes Goicoa; ademais do catedrático de Teoría da Literatura e secretario da RAE, Darío Villanueva; o profesor e crítico de arte, Antón Castro Fernández; a arquitecta Isabel Aguirre Urcoa e o compositor Juan Vara García. Este xurado o 16 de novembro acordou galardoar a Menchu Lamas nas Artes Plásticas, a Eduardo Alonso nas Artes Escénicas, á Fundación Barrié no apartado de Iniciativas a prol do Patrimonio Cultural, á editorial Galaxia como mellor labor de Promoción Cultural, á Orquestra Sinfónica de Galicia en Música, á produtora Vaca Films en Creación Audiovisual e a Agustín Fernández Paz en Letras, quen rexeitou o galardón.

Referencias varias:


Infórmase que os Premios da Cultura Galega serán o substitutos dos galardóns Nacionais que entregaba o bipartito. Indícase que, ademais do cambio na denominación, modificáronse e reducironse á metade o número de categorías. Apúntase que os novos premios contarán con cinco modalidades diferentes, isto é, Letras, Artes Plásticas, Artes Escénicas, Patrimonio Cultural e Promoción da Cultura no Exterior. Fálase da composición do xurado e da dotación económica coa que contarán os premios.


Fálase da substitución dos Premios Nacionais de Cultura Galega do bipartito polos Premios da Cultura Galega. Indícase que este cambio implica non só unha modificación no nome, senón tamén unha redución da dotación e a redución das categorías. Sinálsese que no novo galardón só haberá categoría de Letras, Artes Plásticas, Artes Escénicas, Patrimonio Cultural e Promoción da Cultura no Exterior; mentres que nos anteriores premios había as modalidades de Literatura, Artes Escénicas, Cine e Audiovisual, Arquitectura, Música, Cultura Científica, Cultura Tradicional, Iniciativa Cultural e Patrimonio. Recóllese a opinión de Emma Lustres, directora de Vaca Films; de Bieito Romero, membro de Luar na Lubre; e do actor Antonio Durán Morris, entre outros.


Coméntase a recuperación dos Premios da Cultura creados en 2008 coa denominación de Premios Nacionais da Cultura e as modificacións que sufriron para se converteren nos Premios da Cultura Galega. Fálase da redución á metade do número de categorías deixando fóra as de Arquitectura, Espazos Públicos, Música, Pensamento e cultura científica, Cine e audiovisual e Cultura tradicional e de base e introduciendo no seu lugar a de Promoción Cultural no exterior. Engádese a redución do xurado onde “se cambía a pluralidade e especialización” do premio do bipartito por unha “representación institucional”. Citanse outros premios como o Mestre Mateo, o Blanco Amor de Novela, os premios da AELG, da Crítica Galega, da Asociación de Críticos Literarios Españoles, de Xerais ou os María Casares.
Recóllese a rectificación feita por Roberto Varela, conselleiro de Cultura, sobre as categorías que integrarán os Premios da Cultura das que asegura que “ningunha disciplina quedará fóra”, aínda que si optarán por reducirlas “para darlles máis relevancia e porquê en tempos de austeridade non podemos permitirnos dez premios”. Engádese unha explicación de Varela sobre as categorías de Patrimonio e Promoción Exterior.

Saliéntase que a Consellería de Cultura debería apurar os prazos se quere conceder os Premios da Cultura Galega en 2010, xa que non fixo pública a convocatoria, nin nomeou o xurado nin definiu as súas categorías; cando a Concellería de Cultura do bipartito xa publicara a convocatoria en marzo, nomeara o xurado en abril e anunciara a relación de premiados en xuño. Coméntase que o conselleiro de Cultura, Roberto Varela, anunciara en marzo a revitalización dos Premios da Cultura Galega, que contarian con cinco categorías: Letras, Artes Plásticas, Artes Escénicas, Patrimonio Cultural e Promoción da Cultura no Exterior; porén, o bipartito concedeu un total de dez premios, polo que, o número de apartados se reduciría á metade, aínda que se mantería a dotación de quince mil euros para cada premiado. Indícase que así Varela deixaría fóra disciplinas como a música e o audiovisual e que se convocarían cinco ou seis categorías como se pode ler nas *Liñas Estratéxicas de Difusión e Promoción da Cultura*, presentadas pola Dirección Xeral de Difusión e Promoción.

Sinálase que se publicou a convocatoria dos novos Premios Cultura Galega, que substitúen os Premios Nacionais da Cultura Galega que o goberno bipartito entregara por primeira e última vez en 2008. Coméntase que, fronte ás dez categorías que se estableceran daquela, os novos galardóns só prevén sete: Letras, Artes Plásticas, Artes Escénicas, Iniciativas en prol do Patrimonio Cultural, Promoción Cultural de Galicia, Música e Creación Audiovisual. Indícase que cada un dos premiados recibirá unha estatua e un diploma e que os quince mil euros con que estaba dotado cada un dos dez Premios do bipartito desaparecen. Por outra banda, saliéntase que a composición do xurado tamén sofre cambios: estará formado por doce persoas, en vez de quince coma antes, e terá un carácter institucional; así, mentres antes estaba formado por profesionais de recoñecido prestixio en cada sector, agora estará integrado polo conselleiro de Cultura, como presidente, e once vogais: o presidente do Consello da Cultura Galega, os tres reitores das universidades galegas, o presidente da Real Academia Galega, a presidenta da Real Academia de Belas Artes, o director xeral de Promoción e Difusión da Cultura e catro profesionais de recoñecido prestixio. Destácase que o prazo para presentar as candidaturas é de vinte días naturais e que se descoñece cal será a data de entrega e a canto ascenderá finalmente o orzamento.
Coméntase que se publicou no Diario Oficial de Galicia a convocatoria dos Premios da Cultura Galega, con sete categorías e sen dotación económica. Indícase que os premiados nas modalidades de Letras, Artes Plásticas, Artes Escénicas, Iniciativas en prol do Patrimonio Cultural, Promoción Cultural de Galicia, Música e Creación Audiovisual só recibirán un diploma e unha figura conmemorativa realizada por un artista galego de prestixio; polo que o conselleiro de Cultura, Roberto Varela, non cumpre co seu compromiso de manter a dotación económica do 2008. Sinálsese que tamén varía a composición do xurado, formado agora por doce membros: o conselleiro de Cultura, como presidente, e un funcionario desta consellería, como secretario, e dez vogais: o presidente do Consello da Cultura Galega, os tres reitores das universidades, o presidente da Real Academia Galega, a presidenta da Real Academia de Belas Artes e o director xeral de Promoción e Difusión da Cultura. Finalmente, saliéntase que as candidaturas se poden presentar nun prazo de vinte días naturais.


Dáse noticia de que a plataforma Prolingua en defensa do galego insta a non aceptar os Premios da Cultura Galega convocados pola Xunta, cuxo presidente lexislou por primeira vez en contra da lingua galega. Coméntase que estes galardóns, que substitúen os Premios Nacionais creados polo bipartito, non terán dotación económica, só un diploma e unha escultura, o que consideran un despropósito xa que teñen como fin que a lingua e cultura galegas queden subxugadas ao castelán. Finalmente, destácase que Prolingua compara estes premios sen compensación económica cos Premios Nacionales e os homónimos da Generalitat e os Premios Euskadi; así como premios similares en Valencia, Extremadura ou Andalucía.


Indícase que o conselleiro de Cultura, Roberto Varela, restou importancia á polémica creada por mor dos novos Premios Cultura Galega, que recoñecerán o traballo a prol da cultura de sete autores ou institucións sen ningún tipo de compensación económica, afirmando que o importante dos premios é a honra e o recoñecemento, non os cartos, e que non supón ningún agravio comparativo xa que hai moitos premios que non teñen dotación económica. Dise que Galicia é a única comunidade que carece dun premio institucional con dotación económica para a cultura. Varela afirma que se fose un galardón para xente nova, si sería importante darlle unha pequena compensación económica para axudarlle a seguir adiante; pero no momento de crise que vivimos non ten sentido darlle importancia á dotación.


Saliéntase que os Premios Nacionais da Cultura Galega, creados en 2008 polo bipartito, sufriron co novo goberno unha serie de retoques: retiróuselles a categoría de “nacionais”; o xurado pasa a estar integrado polo conselleiro, un secretario da Consellería, os tres reitores, o presidente do Consello da Cultura Galega, o presidente da Real Academia Galega, a presidenta da Real Academia de Belas Artes e catro persoas designadas pola Consellería; elimínouse a dotación de quince mil euros por categoría e
substituíuse por un diploma; e, finalmente, reducironse as categorías a sete debido á austeridade. Para rematar, opinase que é conveniente que os galardoados rexeiten o premio, porque o único que van perder vai ser un diploma.


Informa, por medio de diferentes apartados, dos acontecementos máis destacados da cultura e literatura galegas. No derradeiro apartado, “Premios”, informa dos ditames dos Premios da Cultura Galega, dos que salienta o rexeitamento por parte do escritor Agustín Fernández Paz do premio do que foi merecente, por non concordar coa política lingüística da Xunta de Galicia.


Dáse conta da volta dos Premios da Cultura promovidos pola Xunta de Galicia e destácanse os cambios sufrídos por estes premios respecto das convocatorias anteriores sublinhando a desaparición dos premios durante dous anos, o retiro da categoría de nacionais e a composición do xurado. Respecto do xurado, sinálase que o máis lóxico sería que para premiar a excelencia artística o xurado estivese composto por outros artistas. De seguido, faise referencia ao feito de que se elimine a cantidade económica que con anterioridade perciban os galardoados e tamén se xulga o feito de que as categorías premiadas neste certame se reduzán de dez a sete.

- Iago Martínez, “Varela reestructurará a Consellaría de Cultura antes de que remate o ano”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 3 novembro 2010, p. 35.

Dáse noticia de que o xurado dos Premios Cultura Galega 2010 avaliou na súa primeira reunión as vinte e unha candidaturas presentadas nas sete categorías. Indícase que a deliberación estivo presidida polo conselleiro de Cultura, Roberto Varela, e que como vogais asistiron: o director xeral de Difusión da Cultura, Francisco López; o presidente do Consello da Cultura Galega, Ramón Villares; o reitor da Universidade da Coruña, José María Barja; o reitor da Universidade de Santiago de Compostela, Juan Casares Long; o reitor da Universidade de Vigo, Salustiano Mato; e a presidenta da Real Academia de Belas Artes, Mercedes Goicoa; e como profesionais de prestixio asistiron o catedrático de Teoría da Literatura e secretario da Real Academia Española Darío Villanueva; o profesor e crítico de arte Antón Castro; a arquitecta Isabel Aguirre Urcola e o compositor Juan Vara. Finalmente, coméntase que o xurado ten prevista unha segunda reunión para resolver a listaxe definitiva dos galardoados.


Coméntase o rexeitamento de Agustín Fernández Paz do Premio da Cultura Galega das Letras. Dáse conta dos motivos que levaron o escritor a tal rexeitamento e remite ao manifesto publicado por Prolingua o 8 de outubro. A continuación sinálanse os galardoados nas outras categorías: no apartado de artes plásticas a artista Menchu Lamas, proposta polo Consello da Cultura Galega; na categoría de artes escénicas foi
para Eduardo Alonso Rodríguez, proposto por Escena Galega; o premio á Promoción Cultural foi para a Editorial Galaxia, proposta por varios membros do xurado; no apartado de Música, foi galardoada a Orquestra Sinfónica de Galicia, proposta pola Real Academia de Belas Artes Nosa Señora do Rosario; na sección de Creación Audiovisual, foi galardoada VacaFilms; e por último, o Premio Cultura Galega ás Iniciativas en prol do Patrimonio Cultura, foi para a Fundación Barrié de la Maza.


Destácase o merecemento de todos os galardoados dos Premios da Cultura Galega a recibir dito recoñecemento. Saliéntase a figura de Menchu Lamas e a súa participación no deseño dunha obra especificamente para o caderno de lanzamento Xornal de Galicia. Por outra banda, recoñécese que a artista merece máis que un diploma e unha escultura pola súa traxectoria. Finalmente, subliñase que a integración da artista na Asociación Grupo Atlántico foi o comezo da súa proxección.


Alúdese ao rexeitamento por parte de Agustín Fernández Paz do Premio da Cultura Galega e destácase que o autor se acolleu ao manifiesto da plataforma Prolingua. Por outra banda, sinálase que os premios chegaron dende o seu comezo cargados de polémica. De seguido, recóllense as verbas de Fernández Paz ao rexeitar o galardón, lembrando que el asinara este manifiesto e que o premio consta dun diploma e unha escultura.


Dí que Agustín Fernández Paz rexeitou o premio que lle foi concedido dentro dos Premios da Cultura Galega 2010, nun comunicado no que explicaba que a causa de tal rexeitamento débese á “coherencia” coa súa postura manifesta en desacordo con ditos premios. Tamén fala das diferenzas existentes entre a nova convocatoria dos premios e os do goberno tripartito: a desaparición do cualificativo “nacional”, a redución de categorías e a exención da dotación económica. Finalmente, fala do manifiesto asinado pola plataforma ProLingua en defensa da lingua galega.


Díse que o escritor Agustín Fernández Paz rexeitou o premio da Cultura Galega das Letras e acolleuse á postura expresada pola plataforma ProLingua. Destácase o chamamento feito pola plataforma baixo o epígrafe “Rosalía nunca aceptaría dito premio”. Subliñanse tamén as verbas do autor que asumiu a distinción de dito premio mais afirmou que en coherencia coa súa postura o rexeita. Finalmente, faiase referencia ao resto dos galardoados.

Comenta o feito de que Agustín Fernández Paz rexeitase o Premio Cultura Galega das Letras pola defensa do “bilingüismo señorito” do goberno.

Indícase que o autor Agustín Fernández Paz non quere entrar en polémicas tras rexeitar o Premio da Cultura Galega que lle foi concedido. Coméntase que é unha das figuras máis celebradas da cultura galega e un dos autores máis lidos e premiados en Europa dentro do xénero da Literatura Infantil e Xuvenil. De seguido, dáse conta dos agradecementos do autor pola concesión do premio e dos motivos que o levaron a rexeitalo. Destácase tamén que o escritor é un dos integrantes máis activos da plataforma Prolingua.

Comenta a polémica que se orixinou tras o rexeitamento por parte de Agustín Fernández Paz do galardón que lle foi concedido nos Premios da Cultura Galega 2010. Recolle que este escritor quere que a situación pase o antes posíbel e que, aínda agradecendo o premio ao xurado como recoñecemento ao labor dos escritores, en “coherencia” coa súa postura decidiu rexeitalo. Explica que Fernández Paz é un membro moi activo da plataforma ProLingua e destaca a súa traxectoria literaria, subliñando que o Gobierno Español lle concedera o Premio Nacional de Literatura.

Coméntase que a Editorial Galaxia recollerá o Premio da Cultura Galega á Promoción Cultura de Galicia e disse que a editorial acepta este premio polo galardón en si mesmo e non pola institución que o entregue. A continuación, disse que a Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega, felicitou o escritor Agustín Fernández Paz pola súa postura ao rexeitar o Premio Cultura Galega de Literatura. Finalmente, fai referencia a que dito rexeitamento se debe ao manifesto da plataforma Prolingua.

Destaca o rxeitamento de Agustín Fernández Paz do Premio da Cultura Galega convocado pola Consellería de Cultura e Turismo. Comenta que o rxeitamento se debe ao manifesto asinado polo escritor emitido pola Plataforma Prolingua. Finaliza facendo referencia á idea promulgada polo manifesto: “Rosalía de Castro non aceptaría este galardón”.

Lémbrase a primeira convocatoria dos Premios Nacionais da Cultura Galega no ano 2008 e sublíñase que a raíz do cambio de goberno se pasan a convocar no 2010 como Premios da Cultura Galega. A seguir, dáse conta do rxeitamento e o descordo mostrado
por moitos autores, entre eles Agustín Fernández Paz. A continuación, indícase que o rexeitamento do autor ao Premio da Cultura galega na categoría de Literatura remite ao manisesto asinado por Prolingua. Faise referencia tamén á supresión da dotación económica do premio e, finalmente, fálase tamén do desacordo mostrado por Xavier Alcalá “con la llamada al boicot que hizo ProLingua contra los Premios da Cultura”.


Recóllense as valoración do presidente da RAG, Xosé Luis Méndez Ferrín, e do presidente da Xunta de Galicia, Alberto Núñez Feijoo, respecto do rexeitamento por parte de Agustín Fernández Paz do Premio da Cultura Galega. Reproducícese que Ferrín afirma que os premios foron moi devaluados coa redución de categorías e que recibiu “con moita simpatía” a decisión de Fernández Paz, ademais de aclarar que a institución “non tivo nada que ver cos galardóns”; e que o Presidente da Xunta de Galicia comentou que eles recoñecen a liberdade dos galardoados para aceptar ou rexeitar os premios concedidos. Así mesmo recóllense as verbas da concelleira de Cultura da Coruña e a as da colaboradora do Xornal de Galicia, Pilar García Negro, apoianto ao escritor.


Recolle as verbas de Roberto Varela, conselleiro de Cultura, con motivo do rexeitamento do Premio da Cultura Galega por parte do escritor Agustín Fernández Paz e sinala que o conselleiro lamenta a súa decisión, aínda que a respecta por ser coherente co seu pensamento. Sinala tamén a postura da Real Academia Galega, que afirma que eles non tiveron nada que ver co proceso de concesión destes premios. Finalmente, destaca que o conselleiro afirmou que se abstivo de todas as votacións.


Fai referencia aos Premios da Cultura Galega, sinala o feito de que se lle retirara o adxectivo de “nacionais” respecto das convocatorias anteriores e subliña a retirada da dotación económica.


Faise eco das razóns polas que Agustín Fernández Paz rexeitou o Premio da Cultura Galega e da súa gratitude ás persoas do xurado.


Dáse conta do rexeitamento de Agustín Fernández Paz do Premio das Letras da Xunta e das posturas encontradas sobre estes galardóns entre persoeiros como Víctor Freixanes, Xabier Docampo ou Marcos Calveiro.

Destaca e valora a posición de Agustín Fernández Paz de rexeitar o premio outorgado pola Xunta de Galicia. Por outra banda, tamén fai referencia á postura de Víctor Freixanes que se mostra de acordo a aceptar os premios.


Comeza dicindo que vai amosar como perciben os lectores de literatura galega a posición do goberno da Xunta con respecto a esta, e destaca que ten a sensación de que esta literatura é tratada con desprezo. Fai referencia aos Premios da Cultura Galega e incide no feito de que se lle retire o adxectivo de “Nacionais”, sublinando que esta postura proyecta nos lectores a idea de que a literatura galega é por tanto, “unha literatura rexional, ou comarcal, ou folklorica, ou etnográfica...”. Por outra banda, salienta que a eliminación da dotación económica do premio é percibida polos lectores como se os seus escritores fosen membros dalgunha asociación veciñal. Sinala que esta actitude devalúa as figuras dos escritores en lingua galega. Remata facendo alusión a un ano “verdadeiramente lúgubre para a Lingua Galega”.


Informase da entrega dos premios da Cultura Galega no que se deixou fóra a Agustín Fernández Paz, o único dos galardoados que non acudió á gala de entrega. Salienta entre os que asistiron á artista Menchu Lamas, representante da Editorial Galaxia, e a actores e produtores. Expícase que durante a gala se fixo lembranza de figuras destacadas recentemente falecidas, Marcos Valcárcel, Francisco Fernández del Riego e Ana Kiro.


Informa da entrega dos Premios da Cultura Galega e critica a actitude daqueles que non participan destes premios argumentando que pola súa condición ideolóxica se senten propietarios intelectuais do xen da Cultura Galega e “cando lles toca xestionala á dereita –ou centro-dereita- non participan”. Finaliza destacando a necesidade de tolerancia.


Destaca a postura de Agustín Fernández Paz ao declinar o Premio da Cultura Galega na categoría de Literatura. Indica que Menchu Lamas e Manuel Meixide recuperaron o espírito crítico durante a entrega dos galardóns e salienta as verbas de cada un deles ao afirmar a primeira a necesidade dun consenso na cuestión da lingua e ao asegurar Meixide que o galego é unha marca de identidade. Nomea tamén os gañadores do resto dos galardóns Oriol Ponsa, a Fundación Barrié de la Maza, Emma Lustres e Eduardo Alonso. Finalmente, subliña que durante a entrega de premios houbo un espazo para o recordo de Ana Kiro, Marcos Valcárcel e Francisco Fernández del Riego.
Faise referencia ás posturas de Menchu Lamas e Manuel Meixide no acto de entrega dos galardóns ao facer alusión á necesidade de consenso e defensa da lingua galega. A continuación, nomeanse o resto dos galardoados e sinárase a actitude de Agustín Fernández Paz que renunciou ao premio. Fálase tamén da petición de Eduardo Alonso quen lembrou o momento crítico que está a vivir a escenografía galega. Finalízase destacando as verbas do conselleiro de cultura que afirma que a cultura non pode ser considerada un accesorio.

Recolle a entrega dos Premios da Cultura Galega e, tras lembrar o rexiteamento do galardón por parte do escritor Agustín Fernández Paz, dá conta dos premiados no resto das categorías: Menchu Lamas, premio das artes plásticas; a Editorial Galaxia, premio á promoción cultural; Eduardo Alonso, premio das artes escénicas; a Fundación Barrié de la Maza, premio a iniciativas a prol do patrimonio cultural; Oriol Pons, premio da música; e, Vaca Films, premio de creación audiovisual.

Fai alusión ao rexiteamento por parte de Agustín Fernández Paz do Premio da Cultura Galega que lle foi outorgado. De seguido dá conta da entrega destes premios ao resto dos galardoados, destacando a postura de cada un. Neste senso indica que Menchu Lamas pediu concordia e consenso na cuestión do idioma; o conselleiro delegado da Editorial Galaxia reclamou lealdade á lingua; Eduardo Alonso comenta que subliñou o momento delicado que está a vivir o sector teatral; e, finalmente, tamén se destaca os agradecementos dos outros galardoados Emma Lustres, Oriol Ponsa e a Fundación Barrié de la Maza.

Dáse conta da entrega dos Premios da Cultura Galega e faise alusión á polémica na que estes se viron envoltos. A continuación destácanse os discursos de Menchu Lamas, premio das artes plásticas, e Manuel Meixide, premio á promoción cultural, na defensa e consenso nas cuestións da lingua. Tamén se subliñan as verbas de Eduardo Alonso, galardoado en Artes escénicas e se destaca que non se mostrou conforme coa Cidade da Cultura. Por outra banda, faise alusión ao resto dos galardoados: Emma Lustres, de Vaca Films, premio á creación audiovisual; a Fundación Barrié de la Maza, premio de iniciativas a prol do Patrimonio Cultural; e, Oriol Ponsa, xerente da Orquestra Sinfónica de Galicia, premio da música. Finalízase lembrando as figuras desaparecidas de Ana Kiro, Marcos Valcárcel e Francisco Fernández del Riego.
Entrevista a Roberto Varela, Conselleiro de Cultura, tras a entrega dos Premios da Cultura Galega na que fala da lei de bibliotecas, das actividades para conmemorar o Ano da lectura, do proxecto da cidade da cultura e fai referencia á gala de entrega dos premios, incidindo en que comprende a posición de Agustín Fernández Paz ao rexeitar o galardón por ser coherente coa súa postura. Subliña que non considera que a gala estivera chea de críticas ao Goberno da Xunta.


Inclúese entre os protagonistas de 2010 a Agustín Fernández Paz pola súa elección como escritor galego do ano segundo o xurado dos Premios da Cultura Galega e polo seu posterior rexeitamento do galardón en protesta pola política lingüística da Xunta.

Premios da Edición

Convocados por primeira vez no ano 2005 pola Asociación Galega de Editores (AGE) e patrocinados polo Centro Español de Dereitos Reprográficos (Cedro) cos que se pretende recoñecer a excelencia no ámbito editorial. Os galardóns teñen seis categorías: Premio Xosé María Álvarez Blázquez ao Autor ou Autora do Ano; Premio Ánxel Casal ao Libro de 2010; Premio Lois Tobío ao Libro Traducido, Premio Isaac Díaz Pardo ao Libro Ilustrado; Premio Xosé Neira Vilas ao Libro Infantil e Xuvenil e o Premio Francisco Fernández del Riego á Cooperación no Labor Editorial. No ano 2010 abriuse a convocatoria aos Premios da Edición 2010.

Referencias varias:


Fálsese da V Noite da Edición celebrada no Liceo Ourensán na que se entregaron os premios da Edición. Indícase que un deles foi parar ás mans de Millán Picouto e outro a Rosa Aneiros.

Premio literario Fernando Arenas de narrativa e ensaio

Convocado pola libraría Arenas co fin de favorecer a creatividade dos mozos e promover un mellor ambiente cultural. Podía concorrer calquera persoa cun traballo libre inédito e referido á cidade da Coruña, Galicia ou España en lingua galega ou castelá cunha extensión entre 150 e 350 páxinas que debía presentarse na propia libraría (Cantón Pequeño, 25) baixo lema e cun sobre cos datos persoais do autor. O premio consiste na publicación da obra gañadora e 1.500 euros. No ano 2010 convocouse a undécima edición e o ditame do xurado terá lugar no mes de abril de 2011.
Referencias varias:


Dá conta da apertura do prazo para a XI Edición do Premio Literario Fernando Arenas Quintela de ensaio e narrativa e lembra as palabras do premio Nobel Camilo José Cela, quen dixo que con dito galardón “se recuerda a uno de los mejores libreros de España, enamorado del libro y gran difusor de la literatura”.

Premios Irmandade do Libro

Están organizados pola Federación de Libreiros de Galicia e foron creados en 1992 para recoñecer anualmente o labor en favor da cultura literaria galega realizado por medios de comunicación, editoriais, autores, institucións, libreiros e centros educativos. Na edición do ano 2007 engadiuse un premio para o mellor libro en galego. As propostas de participación podían ser presentadas na Federación de Libreiros de Galicia (R/ República del Salvador, 28 entrechán B. 15701 Santiago de Compostela). O galardón, para cada unha das sete modalidades, consistiu nunha figura de bronce deseñada por Ismael López Fernández e a categoría de Centros de Ensino e Fomento da Lectura, única con dotación económica, contou con 1.500 euros e dous accésit de 300 euros para a adquisición de libros en calquera das librarias integradas na Agrupación de Libreiros á que pertencia a localidade do colexio gañador. Na edición do ano 2009 creouse unha nova modalidade, Fomento da Lectura. Na XIXª edición de 2010 o prazo de presentación de propostas rematou o 5 de marzo. Os galardóns recaeran no colexio San Martiño de Salcedo na categoría de Centros de Ensino; n’*A praia dos afogados*, de Domingo Villar, como Libro do ano 2009; en Luz Pozo Garza, como Mellor Autor; na Asociación Cultural Monte Branco do Couto (Ponteceso), na categoría de Institucións; na colección Contemporánea de Rinoceronte Editora, como Obra Editorial; e , finalmente na librería Porta de Vila de Viveiro, por Mellor Libraría e no Espazo de Lectura de Gondomar na modalidade de Fomento da Lectura. A gala de entrega de premios tivo lugar no hotel Alfonso IX de Sarria o 10 de abril.

Referencias varias:


Comenta que a escritora Luz Pozo Garza foi elixida gañadora dos XIX Premios Irmandade do Libro, organizados pola Federación de Libreiros de Galicia, na modalidade de mellor autor. Conta, ademais, co premio foi outorgado pola “súa impecable traxectoria literaria” e a súa “fecundidade e calidade da súa obra poética”, así como destaca o seu labor como académica da Real Academia da Língua Galega.

Anúnciase que Luz Pozo Garza é a gañadora na modalidade de autor da decimonovena edición dos premios Irmandade do Libro que convoca a Federación de Libreiros de Galicia. Recóllese a opinión do xurado sobre a súa traxectoria literaria que caracteriza de “impecable”, engadindo que outros dos motivos que os levaron a outorgarlle o premio foi a “fecundidade e calidade da súa poética”, o seu traballo impartindo charlas e conferencias, o seu labor como docente e como académica da Real Academia da Língua Galega. Indícase que as outras seis modalidades que premia o certame son as de centros de ensinanza, mellores libros e obra editorial do 2009, institucións públicas, iniciativas de fomento da lectura e libraria; porén, aínda non se fixeron públicos os nomes dos seus gañadores. Fálase dos premios que recibirán os galardoados e da cerimonia de entrega. Engádese que Pozo Garza recibiu o ano pasado o premio Ramón Piñeiro Facer País.


Infórmase dos gañadores dos premios Irmandade do Libro; así o CEIP San Martiño de Salcedo foi premiado polas súas actividades de promoción á lectura, Luz Pozo Garza foi elixida a autora do ano pola súa “impecable traxectoria literaria e a fecundidade e calidade da súa obra poética”, Domingo Villar levou o premio ao mellor libro do ano con A praia dos afogados, a asociación Espazo Lectura de Gondomar foi recoñecida polo fomento á lectura, a institución Monte Branco do Couto foi resaltada polo seu traballo a favor do hábito lector, Porta da Vila en Viveiro gañou na modalidade de librarías e Contemporánea de Rinoceronte Editora na de editoriais. Fálase da entrega dos premios e do programa de actividades que xiraron ao redor da celebración. Indícase que o mantedor do acto foi o escritor Xavier Rodríguez Barrio e que a apertura cultural do acto de entrega de galardóns fara o escritor Darío Xohán Cabana.


Apúntase os nomes dos galardoados cos premios Irmandade do Libro, organizados pola Federación de Libreiros de Galicia. Dise que na modalidade de institucións a premiada foi a asociación Monte Branco do Couto, o colectivo Espazo Lectura de Gondomar foi recoñecida polo fomento a lectura, a mellor obra editorial foi Colección Contemporánea de Rinoceronte Editora, A praia dos afogados de Domingo Villar foi o mellor libro do 2009, o colexio San Martiño de Salcedo gañou na modalidade de centros de ensinanza, Porta da Vila en Viveiro fixoo na categoría de libraría e Luz Pozo Garza foi proclamada a mellor autora. Fálase do galardón, as actividades que se levaron a cabo e dos asistentes ao acto de entrega presentada polos escritores Xavier Rodríguez Barrio e Darío Xohán Cabana.


Infórmase dos nomes dos galardoados cos XIX premios Irmandade do Libro. Indícase que A praia dos afogados, elixido o mellor libro do 2009, pretende pór de relevo como “as decisións tomadas nalgún momento, inesperadamente, acaban determinando o noso futuro”, xa fora nomeada finalista nos premios Arcebispo San Clemente do Instituto Rosalía de Castro, nos premios do Gremio de Libreiros de Madrid e nos premios da edición 2009. Engádese que esta novela é a continuación de Ollos de auga ainda que con esta segunda obra Villar pretende afondar máis nos personaxes.

Fálase d’*A praia dos afogados*, a segunda novela de Domingo Villar, coa que gañou o Premio Losada Diéguez no apartado de Creación Literaria. Apúntase tamén que *A praia dos afogados* recibiu o premio Irmandade do Libro na categoría de Libro do Ano.

**Premio aos Libros Mellor Editados do Ministerio de Cultura do Estado español**


**Referencias varias:**


**Certame Literario Manuel Oreste Rodríguez López**

Convocado polo Concello de Paradela para honrar a figura de Manuel Oreste Rodríguez López. Podían presentarse ao certame obras, orixinais, inéditas e non premiadas, en galego ou en castelán. Constou de dúas modalidades unha de narrativa e outra de poesía, cunha extensión máxima de vinte folios na modalidade de narrativa e de cen versos en poesía. As obras debían enviarse mecanografiadas (ou a ordenador) a dobre espazo, por sextuplicado, sen firma e con lema, ao Concello de Paradela (Rúa Cabaleiros de Santiago, nº 15, 27611). Estivo dotado con 600 euros para cada unha das modalidades. No ano 2010 o ditame do xurado da 15ª edición coñeceuse o 9 de abril. Presentáronse 215 obras, 107 na categoría de poesía, dezasete en galego, e 108 en narrativa, 12 en galego. O xurado, presidido por José Manuel Mato Díaz, alcalde do Concello de Paradela, e formado por Santiago Rodríguez López; José Carlos Rodríguez Andina, Xesús Mato Mato, Xulio Xiz Ramil e Xavier Rodríguez Barrio concedeu os galardóns
na categoría de poesía a *Caderno de Lisboa*, de Emma Pedreira, e accésits a *Tan solo por ser mujer*, de Manuel García Díaz Pintado (Ciudad Real), presentada baixo o lema “El precio de la libertad”, e a *Defensa da domesticación*, de Rosa Piñeiro Fariña (Santiago de Compostela), baixo o lema “Ronchi Aurea”; e na categoría de narrativa a “Sibila y hada mayor de la Ribeira Sacra”, baixo o lema “Vendimiador”, de Pepe Pol (Montefurado-Lugo) e accésits para “A meiga do xiabre”, baixo o lema “Xoaniña”, de Noa María Carballa Rivas (San Lorenzo de Nogueira-Orzán); e a “O paquete do emigrante”, baixo o lema “Por Gaia”, de Mercedes Blanco Iglesias (Vigo). Tamén se convocou a 16ª edición na que o prazo de admisión rematou o 30 de novembro.

**Referencias varias:**


Coméntase que o Concello de Paradela convocou a decimosexta edición do certame literario Manuel Oreste Rodríguez López, nas modalidades de narrativa e poesía, dotado cun galardón de seiscentos euros en cada categoría, aínda que o xurado pode deixar deserto o certame ou conceder os accésits oportunos sen dotación económica. Sinálase que os traballos teñen que enviarse ao Concello de Paradela antes do trinta de novembro de 2010 e teñen que ser inéditos, orixinais, en galego ou castelán, e cunha extensión máxima de vinte folios para os relatos e cem versos para os poemas, mecanografados a dobre espazo. Indícase que os participantes deben adxuntar seis exemplares sen asinar e cun lema e un sobre pechado no que debe constar o lema e os datos persoais; e que o Concello se reserva o dereito de edición das obras premiadas durante doce meses.


Dise que os gañadores dos premios literarios Manuel Oreste Rodríguez López foron por unha banda, na modalidade de poesía para Emma Pedreira polo seu traballo *Caderno de Lisboa*, e pola outra, na modalidade de narrativa para Pepe Pol coa obra *Sibila y hada mayor de la Ribeira Sacra*. Finalmente dáse conta do acto de entrega dos premios e destaca que a edición coincidiu co vixésimo aniversario do falecemento de Manuel Oreste.
(antes do 9 de setembro). No ano 2010 o galardón foi para o sacerdote Lázaro Domínguez Gallego polo poema “En ronda de fe sincera”.

Concurso literario da *Mimosa*

Convocado polo Casino Recreativo do Carballiño con dúas modalidades: narrativa e poesía en lingua galega ou castelá. Contou con dous premios de 200 e 70 euros. Na décima edición de 2010 o prazo de admisión rematou o 11 de marzo e o ditame do xurado tivo lugar o 20 de marzo na XCIV edición da Festa da Mimosa.

**Referencias varias:**


Infórmaose da convocatoria da décima edición do Concurso Literario Da Mimosa, organizado polo Casino Cultural e Recreativo de Carballiño e o Instituto de Estudios Carballiñeses, do que se publican as bases.

**Premios Nacionais de Literatura**


**Referencias varias:**


Dáse conta dos Premios Nacionales deste ano no eido da Literatura Infantil e Xuvenil que foron en literatura para Eliacer Cansino por *Una habitación en Babel* (Anaya) e o de ilustración para Ana Juan polo conxunto da súa obra.
Certame Literario da Asociación Cultural A Pipa de Becerreá

Convocado pola Asociación Xuvenil Cultural A Pipa de Becerreá, coa colaboración das delegacións provinciais de Cultura e Vicepresidencia, a Deputación Provincial e o Concello de Becerreá. Contou coas modalidades de poesía, relato, narración e conto, cun máximo de cincuenta versos na primeira e cinco folios na segunda, conforme as bases. Cada participante puido presentar un ou máis traballos escritos en lingua galega, que debían ser enviados antes do 23 de decembro á sede da entidade organizadora (Rúa Ancares, número 57, 27640 Becerreá-Lugo). O certame estableceu tres categorías en función da idade: infantil, dos oito aos catorce anos; xuvenil, de catorce a dezañito; e de adultos, a partir dos dezañito anos. Para cada categoría establecéronse dous premios e os accésits que o xurado considerou oportunos. O premio consistiu nunha estatua de Sargadelos, un lote de libros e un título acreditativo. O xurado estivo composto pola xunta directiva da entidade convocante. Nesta XIXª edición de 2010 presentáronse cento vinte traballos. O xurado, reunió o 23 de decembro de 2010 e composto por Afonso Becerra Arrojo, actuando como presidente do Xurado, Amparo Becerra Arrojo, Marta Rodríguez López e Rafael Ramos, en representación da Asociación Xuvenil Cultural “A PIPA” estableceu conceder os galardóns na categoría infantil (dos 8 aos 14 anos) na modalidade de relato a: “A banda dos cazamisterios”, de Carlos Tacón García (Pacios-Santa María, Baralla) (1º premio); “Óscar aprende a importancia das tradicións galegas”, de Celtia García Crespo (Sigüeiro, Oroso) (2º premio); “As historias de Mariña”, de Gael María Núñez Vázquez (As Nogais, Lugo) (3º premio); e dous accésits a “Pedro e o oso”, de Adrián Rodríguez Pardo (Aucella, Cervantes, Lugo) e “O engano de Carmiña”, de Laura García Díaz (Baralla, Lugo); e na modalidade de poesía concedéronse dous accésits a “O Nadal”, de Pablo López Lolo (Gundián, Baralla, Lugo) e a “O capitán deste navio son”, de Carlos Tacón García (Pacios, Santa María, Baralla). Na Categoría Xuvenil (dos 14 aos 18 anos) o xurado decidiu deixar desertos os premios das dúas modalidades. E na Categoría Revista para Maiores de 18 anos, na modalidade de relato os galardóns foron para: “A fábrica de iogures”, de Beatriz López Dorado (Lugo) (1º premio); “O libreiro da rúa Gran Teatro”, de María Xosé Ónega Folgueira (Gueimonde, A Pastoriza) (2º premio) e “No velorio”, de Xulio Romero Suárez (Arteixo) (acésit); mentres que na modalidade de poesía foron para: “O que din os silencios”, de Rocío Leira Castro (Pereira, Cée) (1º premio) e “Aceptación”, de Natalia Alonso Ramos (Foz, Lugo). Os premios entregáronse na XIX Noite Poética celebrada o 26 de decembro na Casa da Cultura de Becerreá.

Referencias varias:


2103
Premio de Tradución Plácido Castro

Convocado pola Fundación Plácido Castro para reivindicar a figura, a obra e o pensamento de Plácido Ramón Castro del Río (1902-1967), especialmente no campo da tradución, do pensamento e xornalismo. Está destinado a promover entre todos os tradutores de Galicia versións en lingua galega das grandes obras da literatura universal e dirixise a todas as persoas que teñan publicado na Biblioteca Virtual algunha tradución ao galego da literatura universal. Está dotado con 3.000 euros. O xurado do premio componse por cinco membros pertencentes ou designados por cada unha das seguintes institucións: Asociación de Tradutores Galegos (ATG), Fundación Plácido Castro, Real Academia Galega, Departamento de Tradución e Interpretación da Universidade de Vigo e Xunta de Galicia. Nesta IXª edición de 2010 participaron os Concellos de Cambados e Vilagarcía. O xurado composto por Xosé Castro Ratón, edil de Cultura de Vilagarcía e representante da Fundación Plácido Castro; Carlos Arias Iglesias, en representación da Xunta; Xosé María Gómez Clemente, presidente da Asociación de Tradutores Galegos; Ana Luna Alonso, do departamento de tradución da Universidade de Vigo e Alberto Álvarez Lugrís, en calidade de secretario, reunido en Cambados, entregou os galardóns o 16 de outubro no salón de plenos deste Concello a Emilio Valadé pola tradución de A evolución humana, de Antonio Bracinha Vieira; e a Natália Cora, Rebeca Lemat e Susana Collazo pola tradución de Lord Jim, de Joseph Conrad.

Referencias varias:


Sinálase que o xurado acordou entregar o premio de tradución Plácido Castro 2010 a Emilio Valadé, pola tradución do traballo científico d’A Evolución Humana, de Antonio Bracinha Vieira; e a Natália Cora, Rebeca Lemat e Susana Collazo polo clásico da literatura universal Lord Jim, de Joseph Conrad. Indícase a composición do xurado e a data de entrega dos premios.

Certame literario Ramón Martínez López

O Concello de Boiro e a Biblioteca Pública Municipal co obxecto de fomentar a creación literaria entre o alumnado do Concello convocan este certame nas modalidades de conto, relato e poesía para salientar a figura deste fillo predilecto boirense. Diríxese ao alumnado dos centros de ensino primario e secundario do Concello de Boiro e os nacidos ou residentes en Boiro. As obras debían ser inéditas, escritas en lingua galega, e de tema libre. Cada participante podía presentar un único traballo. Estabaleceronse seis categorías na modalidade de narrativa: A (3º e 4º de primaria) cunha extensión máxima de 2 folios, B (5º e 6º de primaria) cun máximo de 4 folios; C (1º e 2º de ESO), cun máximo de 8 folios; D (3º e 4º de ESO), cun máximo de 12 folios; E (bacharelato e formación profesional) cun máximo de 20 folios e F (poboación en xeral), cun máximo de 20 folios; e unha categoría única (calquera persoa maior de 13 anos) na modalidade de Poesía cunha extensión máxima de setenta versos. Os primeiros clasificados das
categorías A, B e C de Narrativa recibiron un vale de 100 euros, os segundos clasificados, un vale de 60 euros, e os terceiros clasificados un vale de 40 euros, para mercar en calquera comercio de Boiro; na Categoría D e E a contía ascendeu a 150 euros, 100 euros e 60 euros, e na Categoría F houbo un 1º premio de 150 euros. Na modalidade de poesía o galardón foi de 150 euros. O xurado podia declarar deserto algún premio ou concedelos “ex aequo”. Os traballos debían presentarse até o 30 de abril na Biblioteca Pública Municipal de Boiro (1ª planta da Casa da Cultura “Ramón Martínez López”). No ano 2010 ampliouse a tres categorías a modalidade de poesía: primeira, para alumnos de primeiro, segundo, terceiro e cuarto de ESO, cun máximo de setenta versos; segundoa, para bacharelato e formación profesional, cun máximo de noventa versos e terceira, para poboación en xeral, cun máximo de cento dez versos. Nesta edición os galardóns foron para Carlos Piñeiro, Paula Vidal, Maitane Dacosta, Lucía Laín, José R. Laín; Lorena Riveiro, Dense Triñanes, Borja Triñanes e Carmen Triñanes.

Referencias varias:


Publicanse as bases da terceira edición do certame literario Ramón Martínez López presentadas polos concelleiros de Cultura e Educación de Boiro.


Anúnciase o nome dos galardoados e a entrega destes galardóns.

Premios de Relato, Poesía e Tradución da Universidade de Vigo

Premio convocado pola Universidade de Vigo a través da Área de Normalización Lingüística e co patrocinio da Secretaría Xeral de Política Lingüística. Foron tres as modalidades que se estableceron: poesía, relato curto e tradución literaria. Podían participar todos os membros da Universidade de Vigo, agás, a modalidade de tradución literaria e tradución científico-técnica, convocado para o profesorado que imparte docencia na titulación de Tradución e Interpretación. Os orixinais debían estar escritos en lingua galega e axustarse á normativa que recolle os cambios aprobados pola Real Academia Galega en xullo 2003. Estabeleceuuse un premio de 700 euros e dous accésits de 250 euros para cada unha das modalidades. Todos eles podían ser declarados desertos a xuízo do xurado. Os orixinais debían ser inéditos e non premiados noutro certame. Na modalidade de poesía o tema foi libre, cun mínimo de cen versos e máximo de cento cincuenta. Na modalidade de relato curto o mínimo foi de oito folios e o máximo de doce folios. Na modalidade de tradución literaria, o texto fonte debía ser un texto literario en calquera idioma, cun mínimo de oito páxinas e un máximo de vinte, e foi necesaria a entrega dunha copia do texto fonte, indicando claramente o seu autor, a lingua de publicación e a editorial. Os traballos debían presentarse por quintuplicado e mecanografados a dobre espazo, presentando tamén o lema elixido polo autor e os seus datos persoais. A entrega dos traballos debía facerse na Área de Normalización
Lingüística en calquera dos rexistros da Universidade de Vigo. O xurado, presidido polo reitor ou persoa en quen delegue, estivo integrado por persoas de recoñecida traxectoria nos ámbitos de creación poética e narrativa, da crítica literaria e mais da tradución. No ano 2010, XIIIª edición, na modalidade de relato curto recibiu o primeiro premio Lecedia Costas Álvarez polo relato “A rúa do home abatido” e o primeiro accésit Alberto Comesaña Campos polo relato “Ninfulas”; na modalidade de poesía alcanzou o primeiro premio Xosé Daniel Costas Currás co poemario Marés de xiz, primeiro accésit Raquel Vázquez Vázquez, polo poemario A dama que fela e o segundo accésit Pablo Lourido Fernández, polo poemario mmHg; e na modalidade de “Tradución Literaria” o primeiro premio foi para Carmen Barros Rodríguez, pola tradución dun texto de Hilary H. Carter e o primeiro accésit para M.ª Isabel Arjones Porto, pola tradución dun texto de Guy de Maupassant.

Certame literario Rosa de Cen Follas do Colexio Oficial de Psicología

Concurso literario en lingua galega, en homenaxe a Rosalía de Castro. Contou con dúas modalidades en prosa e verso, cun galardón de 250 euros para o mellor traballo de cada xénero en lingua galega, de temática libre, con dúas páxinas como extensión máxima. Había que enviar catro exemplares á sede da institución (rúa Espiñeira, 10, baixo, Santiago) antes do 31 de maio. Na terceira convocatoria correspondente ao ano 2010 resultaron galardoados: Mario Caneiro Ameneiro con “As moscas” na modalidade narrativa e Rocío Leira Castro con “As feridas das enrugas” na modalidade de poesía.

Referencias variadas:


Dá conta da entrega de premios da terceira edición do certame literario Rosa de cen follas, do Colexio oficial de Psicología de Galicia. Sinala que os gañadores foron: na modalidade de narrativa Mario Caneiro Ameneiro con “As moscas” e, na modalidade de poesía, Rocío Leira Castro con “As feridas das enrugas”.

Certame Literario Terras de Chamoso

Premio convocado pola Asociación Cultural Arumes do Corgo, coa colaboración da Área de Cultura da Deputación de Lugo, co que se pretende premiar todos os autores que expresen no papel os seus sentimentos empregando como ferramenta a lingua do país co obxectivo de incentivar a imaxinación e a creación de textos en galego nos concellos que formaban o antigo “comitatus Flammusus”, é dicir, O Corgo, Castroverde, parte de Láncara e Baralla e un anaco de Becerreá e Lugo. A única norma é que a obra se redacte en lingua galega con dúas modalidades, poesía e narrativa, e tres categorías: categoría infantil (dos 10 aos 14 anos), categoría xuvenil (dos 14 aos 18 anos) e categoría adultos (maiores de 18 anos). Na modalidade de poesía a extensión foi de trinta a sesenta versos mentres que en relato curto foi de tres a seis folios escritos a dobre espazo, excepto a categoría infantil que non tiña límite de espacio. Cada participante podía presentar varios traballo, non premiados noutros certames literarios,
e entregábanse mecanografados, achegando nun sobre pechado a información persoal. Os traballos remitíronse á Asociación Cultural Arumes do Corgo (Antigas escolas do Corgo s/n, 27.163 O Corgo-Lugo). O prazo de entrega rematou o día 26 de novembro de 2010. Estabeleceronse dous premios en cada modalidade que consistiron nunha figuríña de cerámica do país, un lote de libros e o correspondente diploma. O xurado estivo composto por membros da Xunta Directiva da Asociación, profesores de llingua galega e por profesionais de recoñecido prestixio do mundo das letras. O ditame dos premios tivo lugar o 14 de decembro no Corgo e o xurado estivo composto por Xurxo Xosé Rodríguez Lozano, Xosé Manuel Castro Castedo, Xabier P. Docampo, Isidro Novo e Pilar García Negro, exercendo de secretario do xurado, sen voto, o secretario da AC Arumes, Mario Outeiro Iglesias e de asesores do xurado, Consuelo Vázquez Castro, Josefa González Díaz e Roberto Rodríguez Páramo. Na cuarta edición do certame presentáronse cento trinta e tres obras (oitenta e oito en relato curto e corenta e cinco en poesía) e os premiados nas diferentes modalidades e categorías foron: en poesía, na categoría de adultos, Xosé Otero Canto, de Lugo pola obra Chuchas acaroadas das vagas e Natalia Alonso Ramos, de Vilarante (Foz), pola obra A equilibrista e o circo; na categoría infantil, Ana Celeiro Sal, de Espasande (Castroverde), pola obra O outono, e María López Pérez, de Cela (O Corgo), pola obra A beira do Neira; na categoría xuvenil, Elisabet Rey González, de Noia, pola obra O que eramos e agora xa non somos, e Cristina Pernas Pereiro, de Paradela (O Corgo), pola obra O Corgo. En relato concedéronse os dous premios na categoría infantil a Judit Lourido Villa, de Nadela (Lugo), por “Lobezno e a lúa”, e a Silvia López López, de Mirandela (Castroverde), por “Cousas da vida, xa sabes”; na categoría xuvenil a Sandra López López, da Veiga de Anzós (Láncara), por “Carta a unha amiga maltratada”, e a Antía Tacón García, de Lugo, na categoría de adultos, Pedro Naveira Pedreira, da Coruña, por “Unha viaxe desacougante”, e Xosé Luís Vázquez Somoza, de Zolle (Guntín), por “Conta xusta”. Ademais na categoría infantil na modalidade de poesía concedeuose un accésit a Ángela Rincón Rodríguez, de Sañudo, pola obra A liúa e na modalidade de relato dous accésits a Andrea Varela Díaz, de Barredo (Castroverde), por “O trasno do Monte Patuco”, e a Rubén Manuel Torrón Vázquez, de Manán San Cosme (O Corgo), por “A fábula de Wall Street”.

Referencias varias:


Coméntase que a asociación cultural Arumes, do Corgo, convoca a cuarta edición do certame literario Terras de Chamoso, no que se establecen tres categorías, infantil, xuvenil e adultos, e dúas modalidades (poesía e relato curto). Indícase que as obras presentadas terán que estar escritas en galego e a temática é libre e que os participantes podrán presentar varios traballos mecanografados e nun sobre pechado, no que terán que indicar a modalidade, o título, o pseudónimo e os datos. Finalmente, sinálase que hai dous premios en cada modalidade dotados cunha figura de cerámica, un lote de libros e un diploma.

Premio de Creación Literaria e Ensaio Universidade da Coruña
Organizado pola Facultade de Filoloxía, coa colaboración da Libraría Xiada, dirixido ao alumnado da Universidade da Coruña. Conta con catro modalidades: Poesía, Narrativa, Teatro e Ensaio en lingua galega e castelá. Na modalidade de poesía prémiasi un poema ou un breve grupo de poemas con unidade temática; en Narrativa e Ensaio un traballo dun máximo de quince folios, mecanografados a dobre espazo; e en Teatro un traballo dun máximo de trinta folios, mecanografado a dobre espazo. O xurado está integrado por Profesorado da Facultade de Filoloxía e personalidades de recoñecido prestixio cultural. Os textos debían entregarse baixo plica na Secretaría do Decanato até o día 24 de marzo. Os premios consisten na publicación, en libro conxunto, dos traballos gañadores e dos accésits concedidos en cada modalidade e ademais un vale canxeábelpor libros.

Certame literario Xosé Lois Miguéns da Asociación Cultural Os Penoucos

Convocado pola asociación cultural Os Penoucos de Valga, este certame dividese en dúas categorías na modalidade literaria: menores de doce anos e maiores de idade. O xénero, o tema e a extensión dos traballos é libre, mais deben estar escritos en galego e cada participante pode presentar os textos que desexe. Os traballos debían presentarse até o 14 de maio nas secretarías dos institutos e colexios do Concello. Na quinta edición no ano 2010 o gañador foi Mario Fernández Tubío.

Referencias varias:


Infórmasese das actividades que se levaron a cabo no encontro lúdico e cultural organizado pola asociación cultural Os Penoucos para celebrar o día das Letras Galegas. Sinálase que a asociación convocou a quinta edición do Certame-Artístico-Literario Xosé Lois Miguéns.

Premios Xuventude Crea

Certame galego de creadores novos, cunha idade comprendida entre os dezaseis e os trinta anos, convocado pola Consellería de Traballo e Benestar, a través da Dirección Xeral de Xuventude e Voluntariado da Xunta de Galicia, que substitúe ao anteriormente coñecido como GZCrea. Inclúe as modalidades de teatro, artes plásticas, composición para banda de música, moda, música, relato, poesía, videocreación, banda deseñada, graffiti, carteis, videoclips e deseño de xoias. Nas modalidades de Relato, Poesía e Banda deseñada, os textos debían ser orixinais, inéditos e en galego, tendo temática libre, e debían ser presentados en formato papel e en CD. Para cada modalidade estabeleceranse tres premios: 3.000 euros para o primeiro, 1.500 para o segundo e 1.000 para o terceiro, podendo outorgarse mencións de honra sen dotación económica. Para calquera información adicional, podíase consultar a páxina web da Consellería de Traballo e Benestar e de Xuventude. Nesta edición 2010, o premio de banda deseñada foi para Robot xigante, de José Domingo, mentres que o segundo premio foi para O Humor de Mr. T, de Diego López, e no terceiro lugar quedou Ombre umbre, de Miguel
Taboada. O xurado da modalidade de banda deseñada estivo presidido pola subdirectora xeral de Promoción de Actividades, Yolanda Otero, e integrado por Jaime Asensi, Manel Cráneo, Carlos Rafael, Henrique Torreiro e Benito Losada. O xurado de poesía composto por Yolanda Otero Balsa como presidenta e como vogais a Luís Blanco Vila, Noemi Martínez Ferreiro, David Pérez González e María Jesús López Ceradas, como secretaria, concedeu os galardóns a: Gonzalo Hermo González, pola obra “Crac” (1º Premio); Jacobo Llamas Martínez, pola obra “Terapia gestáltica” (2º Premio); e o terceiro premio compartido a Roí Vidal Ponte, pola obra “Pop” e a Celia Parra Díaz, pola obra “Código morse”. Na modalidade de narrativa, o xurado composto por Yolanda Otero Balsa, como presidenta, Luís Blanco Vila, Noemi Martínez Ferreiro e Anxos García Sumay, como vogais; e como secretaria Consuelo Méndez Mouzo, galardouo co 1º Premio a Enrique Bernárdez Reigosa pola obra “Xetréceme”, co 2º Premio a Lorena Rivero Rodríguez pola obra “Barlovento” e co 3º Premio compartido a Tito Pérez Pérez pola obra “O derradeiro lobo cerval” e a Elena Rojo Joga, pola obra “O día que voltou a moda dos dinosaurios”. Na modalidade de teatro o xurado formado por Yolanda Otero Balsa, actuando como presidenta, os vogais Mela Casal Devesa, Xavier Picallo Piñón e David Lendoiro Perdomo e a secretaria Ángela Fernández Rey concedeu o 1º premio a Mequetrefes Teatro, pola obra In-comunicando, o 2º premio a Non si? Teatro, pola obra Xogando Shakespeare e o 3º premio compartido para a Asociación Cultural Bicodobrelo, pola obra Matilde e para Teatro da Falúa, pola obra The Faluas's Rocky Horror Show. A gala de entrega dos galardóns foi o 30 de novembro no Teatro Colón da Coruña.

Referencias varias:


Destácase que entre o un e o dezasete de outubro terán lugar as Xornadas de Banda Deseñada en Ourense que contarán con tres exposicións de artistas galegos e foráneos, un encontro entre creadores e o seu público, a proxección de dúas películas baseadas no cómic, a presentación da nova editorial especializada Demo e a entrega do premios Ourense á revista Retranca e Xuventude Crea a José Domingo.


Indícase que a agrupación afeccionada Andaravía Teatro quedou finalista neste certame pola obra A cantante calva, unha adaptación dun texto de Eugène Ionesco.


Recollénsese as opinións de Gonzalo Hermo, sobre o seu poema “Crac”, gañador do Premio Xuventude Crea, escrito segundo indica dende a perspectiva de algún que se sente marxinal, con odio cara a unha sociedade que o exclúe por galego e homosexual. Comenta que o poema denuncia “a preversidade da sociedade actual” e xorde de ler a Judith Butler, a Teresa de Laurentis e a autoras do pensamento queer. Crítica o teórico Harold Bloom, quen arremetía contra as novas escolas feministas e queer. Noutra orde
de cousas, o autor tamén opina sobre outros representantes da súa xeración, que algúns estudiosos chaman *Novísimos*, aínda que non concorda con esta denominación.
X.6. PREMIOS A UNHA VIDA

Premios Barbantia da Cultura


Premio Bos e Xenerosos

Creado en 2004 pola Asociación de Escritoras e Escritores en Lingua Galega (AELG), quere homenaxear persoas ou institucións que traballasen a prol da língua, literatura ou cultura galega. Na sétima edición de 2010 homenaxeouse aos concellos encargados de organizar o galardón Blanco-Amor de novela longa nun acto celebrado o 6 de marzo no Museo do Pobo Galego de Santiago no que se lle entregou unha placa conmemorativa ao Concello de Poio, organizador da edición deste ano en representación de todos os concellos.

Referencias varias:


Anúnciase a homenaxe que a Asociación de Escritores de Lingua Galega fará aos cincuenta e dous concellos que organizaron o Premio de Novela Eduardo Blanco Amor dende 1981 premiándos co galardón Os Bos e Xenerosos pola súa actividade na difusión da cultura galega. Expícanse as orixes do premio Blanco-Amor e citanse algúns dos gañadores deste galardón, ademais de comentar que a Editorial Galaxia publicará unha edición restaurada d’A Esmorga na que se incluirán “fragmentos restaurados que foron cambiados por parte do autor por imperativo da censura franquista”.


Fálase dos Bos e Xenerosos, galardón que a Asociación de Escritoras e Escritores en Lingua Galega outorgou este ano aos concellos que impulsaron o Premio Blanco Amor
de Novela que este ano organiza o concello de Poio e cuxa primeira edición correu da man do concello de Redondela. Cítanse os gañadores de edicións anteriores como Avelino Pousa Antelo ou o Museo do Pobo Galego, entre outros. Expícase que se trata dun premio que recoñece a entrega que persoas ou colectivos fan a prol da cultura galega.


Menciónase o Premio Blanco Amor de novela longa con motivo da asistencia de nenos pontevedreses no Salón do Libro Infantil e Xuvenil. Expícase que os concellos patrocinadores deste galardón, como o de Poio e o de Marín, obtiveron o premio Bos e Xenerosos. Concrétase que o Concello de Poio recibiu unha placa conmemorativa por ser o organizador do premio deste ano.


Informase do convenio que a Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega asinou coa consellería de Cultura e Turismo para a realización conxunta dun programa de actividades literarias con motivo da celebración do Ano do Libro e da Lectura de Galicia 2010. Entre esas actividades atópase a edición do premio Bos e Xenerosos que concede a Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega e que este ano premia a rede de concellos que manteñen vivo o Premio Eduardo Blanco Amor de Novela Longa. Expícase que se trata dun premio literario que naceu no 1981 e que “supuxo un antes e un despois no desenvolvemento do xénero narrativo galego”. Indícase que o convenio tamén apoia os Premios AELG, galardóns concedidos por escritores para escritores que en anteriores edicións galardoaron a Cid Cabido e Manuel Rivas, entre outros.

Premio Celanova. Casa dos Poetas

Creouse en 1985 por parte do Padroado Curros Enríquez e patrocinao o Concello de Celanova. O premio tenta recoñecer cada ano unha persoa ou entidade que, ao longo da súa existencia, se teña significado especialmente por desenvolver un intenso labor a prol da cultura galega en todas as súas facetas, ou da propia Galicia. O galardón non tivo ningunha dotación económica e consistiu nunha medalla de prata, obra do escultor Acisclo Manzano, que reproducía por unha face a casa de Curros Enríquez e pola outra cinco “C” concéntricas, que simbolizan a letra pola que comezan os elementos identificativos deste premio “Casa, Curros, Celanova, Castor e Celso”. Cabe destacar que o nome de Castor se refire a Castor Elices, poeta romántico contemporáneo de Curros, que naceu tamén en Celanova, e o de Celso identifica a Celso Emilio Ferreiro. Así mesmo, o galardoados recibiu tamén unha placa de prata na que se recollía un extracto da acta do acordo, co fin de dar fe da concesión do premio e firmou no libro de honra do premio. O xurado, presidido polo alcalde, estivo composto exclusivamente pola Xunta directiva do Padroado Curros Enríquez, que preside o alcalde, en calidade de presidente de feito do Padroado e da que forman parte xentes de diversos ámbitos culturais de Celanova, tendo como figura máis salientábel no seu seo a do escritor orixinario de Vilanova dos Infantes, Xosé Luís Méndez Ferrín.
Todos os galardoados co premio convértese en Patróns de Honra, con dereito a asistir ás reunións da Fundación, con voz pero sen voto. Nesta edición de 2010 a Fundación Curros Enríquez decidiu conceder o 26º galardón ao arquitecto Manuel Gallego Jorreto nun acto celebrado o 5 de setembro.

Referencias varias:


Cóntase que o arquitecto Manuel Gallego Jorreto será o vixésimo sexto galardoado co premio Celanova, Casa dos Poetas. Sinálase que con este galardón, a Fundación Manuel Curros Enríquez pretende “abrir una nueva vía de gratitud y reconocimiento”, á marxe da literatura e das artes galegas. Noméase algunhas das personalidades que se deron cita na reunión para fallar o premio e disse que se aproveitou a sesión para presentar a programación anual, que entre outras cousas, destaca pola finalización do proxecto “Poemas na rúa”.


Destácanse as palabras do xurado do premio Celanova, Casa dos Poetas, que este ano recaeu no arquitecto Manuel Gallego Jorreto, de quen se valorou a súa independencia “á marxe dás modas”. Ademais recóllese que o xurado manifestou que tamén dende a arquitectura “á medicina e dende a ciencia ás novas tecnoloxías” tamén se pode “cumprir con ese compromiso de facer que Galiza sexa cada día un pouco máis Galiza”.


Entre outras cuestións no apartado “Premios” menciona o Premio Celanova Casa dos Poetas a Manuel Gallego Jorreto polo seu compromiso coa arquitectura galega.


Ofrece unhas notas biográficas e profesionais do arquitecto Manuel Gallego Jorreto, quen foi merecente este ano do Premio Casa dos Poetas. Por último felicita a este profesional e agradece á Fundación Curros Enríquez este premio “para mellor olla as arquitecturas”.


Dáse noticia que, no acto de celebración do trixésimo primeirísimo aniversario da morte de Celso Emilio Ferreiro, a Fundación Curros Enríquez entregoulle o vixésimo sexto premio Celanova, Casa dos Poetas ao urbanista e arquitecto Manuel Gallego Jorreto, alumno de Xaquín Lorenzo Fernández, “Xocas”. Indícase que o premio consistiu nunha
medalla esculpida por Acisclo Manzano e un diploma cun gravado de Xosé Pondrás. Finalmente, nunha pequena entrevista, o propio Gallego Jorreto asegura estar moi contento por ese premio.


Indícase que o vixésimo sexto premio Celanova, Casa do Poetas foi para Manuel Gallego Jorreto, debido á súa traxectoria, o seu coñecemento do patrimonio cultural, a súa visión de futuro e o compromiso con todo o que Galicia representa. Coméntase que Gallego Jorreto declarou que foi unha sorpresa que lle concederan o premio, pero que o seu interese por Galicia é visceral.

**Chairego de Honra**

Galardón concedido pola Fundación Manuel María e a Asociación Cultural Xermolos, de Guitiriz, que supón o recoñecemento da traxectoria cultural e social de persoas relacionadas coa Terra Cha sen nacer nela. En anos anteriores premiouse a Xosé Neira Vilas e Anisia Miranda, Marica Campo, Avelino Pousa Antelo, Bernardino Graña, Paco Martín e Fiz Vergara Vilariño. Na edición de 2010 obtivo esta distinción o arqueólogo e historiador Felipe-Senén López nun acto celebrado o 7 de novembro no Muíño do Rañego, en Vilalba.

**Referencias varias:**


Comenta que a Irmandade Manuel María nomeará como Chairego de Honra ao historiador Felipe Senén López e engade que na mesa redonda organizada para o evento, participarán Xoan Naveiro, Xosé Neira Vilas, Francisco Pillado e David Otero.

**Premio O Facho de Ouro**

Convocado pola Asociación Cultural O Facho para galardoar a traxectoria vital de persoeiros galegos comprometidos coa lingua e cultura galegas. No ano 2010 concedouse a Xesús Alonso Montero pola súa longa traxectoria na defensa e dignidade do país. A entrega do galardón tivo lugar o 30 de xaneiro no transcurso dunha homenaxe que se celebrou no Hotel Riazor da Coruña.

**Referencias varias:**

Entre outros acontecementos menciona o galardón Facho de Ouro da Agrupación Cultural o Facho concedido a Xesús Alonso Montero.


Infórmase que a Agrupación cultural O Facho premiou co seu galardón a Xesús Alonso Montero pola súa traxectoria en defensa da dignidade e da cultura de Galicia. Coméntase que é unha gloria das letras, un excelso mestre, un bo orador e un insuperábel exemplo de compromiso, entre outros eloxios repartidos ao longo do artigo.

Premio Laxeiro


Homenaxe Letra E. Escritor na súa terra

Creado en 1995 pola Asociación de Escritoras e Escritores en Lingua Galega, pretendeu recoñecer a traxectoria dun escritor galego vivo na súa localidade de orixe. Organizouse baixo o lema “O escritor na súa terra”. Non tivo dotación económica e constiúi na plantación dunha árbore en homenaxe ao escritor, na inauguración dunha pedra que leva gravado un texto do autor e un xantar de confraternización. Dende a entidade convocante fixéronse as xestións institucionais oportunas para que se lle dedique unha rúa ao galardoado. Ao mesmo tempo, entregóuselle unha escultura feita por Acisclo Manzano coa letra “E”, de escritor. É o primeiro premio que os escritores galegos conceden a outro escritor. Na XVIª edición de 2010 concedéuselle o galardón a Marilar Aleixandre nun acto de homenaxe celebrado en Santiago de Compostela no que se plantou un abruñeiro no parque de Belvís e se celebrou un xantar-xuntanza.
Referencias varias:


Infórmase de que a homenaxe “O escritor na súa Terra”, “Letra E”, da Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega (AELG), recaeu en Marilar Aleixandre e, con anterioridade, en Agustín Fernández Paz. Saliéntase a sensibilización da AELG cara á Literatura Infantil e Xuvenil.


Entre outros acontecementos no apartado “Congressos. Comunicacións” alude á homenaxe que a Asociación de Escritoras e Escritores en Língua Galega rendeu a Marilar Aleixandre co gallo da décimo sexta edición dos Premios á Escritora na súa Terra.


Indícase que foi Santiago o lugar escollido por Marilar Aleixandre, para recibir a homenaxe “A Escritora na súa Terra”, impulsado pola AELG, recoñecemento que é unha alegria moi grande. Aleixandre sinala que se sente unha privilexiada por traballar nesta cidade dende fai máis de vinte anos e manifesta que “quizás por no haber nacido aquí, soy más capaz de seguir admirando la hermosa ciudad a través de los ojos de los turistas”. Infórmase dos actos que terán lugar durante a homenaxe, que principiará coa plantación dun abruñeiro.


Dáse conta da homenaxe que a AELG lle rende a Marilar Aleixandre, “compostelana de adopción y con vocación” coa distinción de “A Escritora na súa terra”, outorgado pola unanimidade pola asamblea de socios da entidade. Coméntase que o acto, que terá lugar no parque de Belvís, comezará coa plantación dun abruñeiro, a árbore simbólica da autora.


Sinálase que Marilar Aleixandre escolleu un abruñeiro para plantar no acto que se lle fará homenaxe. Coméntase que á autora lle gusta que ese recoñecemento veña “dos propios escritores”, pois di que “esas son das cousas que máis me gustan”. Apúntase que a elección desta árbore ten moito que ver co que significa a escrita para ela. Entre outras cousas, Aleixandre reflexiona sobre a problemática da compra-venda de libros en
Galicia. Á parte, dase información do acto no que Ana Romaní será a encargada de ler a súa laudatio e dicse que o instituto Cervantes de Dublín vén de presentar unha antoloxía de poetas galegas, entre as que está a homenaxeada.


Entrevista a Marilar Aleixandre, con motivo da homenaxe que a AELG lle rende como escritora na súa terra. Ademais de comentar a relación que ten con Santiago, lugar onde vive, reflexiona sobre esta cidade como espazo literario. Por outro lado, explica a simboloxía do abruñeiro, a árbore que vai plantar nesta homenaxe, da que ademais de indicar que é unha “árbores venturería”, manifesta que ten moitas resonancias literarias en distintas linguas. Sobre a súa obra, informa que está preparando unha obra de teatro e que lle gustaría afondar na poesía. Ademais, afirma que os escritores galegos seguen precisando de actividades como as da AELG para a súa visibilidade.


Alúdese á homenaxe que a AELG lle rendeu a Marilar Aleixandre coa letra E de escritora na súa terra, quen no acto explicou porqué elixiu Santiago para recibir este recoñecemento e que se encomendou “a un abruñeiro para seguir soñando”. Por outro lado, infórmase que foi Ana Romaní, a encargada da laudatio, quen a través dun texto poético (“E foi unha delas”) realizou un percorrido biobliográfico de Aleixandre, a través do que destacou a mirada feminista da súa obra.


Achega á figura de Marilar Aleixandre, de quen di que a colocou no seu maxín, xa nos anos setenta, como “unha Alicia que chegara a esta terra coa equipaxe de esperanzas incompleta e alma virxe fronte a outra língua”. Ademais de referirse á forma de tomar a “bandeira da cultura galega” por parte da escritora, indica que lle embargou “unha inmensa dúbida” sobre a terra que Aleixandre escollería para plantar a árbore, ao saber que ía ser a homenaxeada deste ano, pois di que “calquera curruncho do país é a súa terra por dereito propio”.


Aplauze o premio da AELG a Marilar Aleixandre. Sinala que a devoción pola súa obra é “antiga”, dende que Manuel Rivas falou dela “en termos encomiásticos”. Considérea unha autora interdisciplinar e apunta algunhas das súas obras, ademais de facer fincapé na súa relevante achega á Literatura Infantil e Xuvenil. Así mesmo, repara noutros escritores que como Aleixandre non naceron en Galicia, pero que decidiron escribir e falar en galego.
Premio Letras de Bretaña e Medalla do Reino de Merlín

O premio Letras de Bretaña foi creado no ano 2005 para homenaxear as persoas preocupadas por destacar a importancia da Galicia do Norte e o seu espírito cunqueirán. Concedeuño o Real Coro Toxos e Froles e contou cos patróns dos Concellos de Ferrol e Mondoñedo (localidades onde se entrega o galardón) e o Bispado desta diocese. Ten carácter honorífico e careceu de dotación económica. Unha placa de prata como símbolo da rexión representa a distinción. Cada ano galardoa o traballo dun escritor ou escritora da Galicia do Norte. Ademais tamén se concedeu a Medalla do Reino de Merlín.

Premio Manuel María á Dignidade Nacional

Creado en 2005 pola Asociación Socio-Pedagóxica Galega (AS-PG), a Mesa pola Normalización Lingüística e a CIG-Ensino, coa finalidade de recoñecer publicamente a contribución de persoas ou institucións públicas e privadas que durante o ano promovesen inicativas que tivesen consecuencias destacadas na mellora da dignidade nacional. O galardón consistiu nunha peza única de cerámica elaborada por Pérez Porto. Na edición de 2007 tamén se sumou como promotora a Asociación de Escritores e Escritoras en Língua Galega.

Medallas de Ouro de Galicia e Medallas Castelao

Para homenaxear a personalidades e institucións que se distinguiron polo seu mérito ao servizo da comunidade en calquera aspecto social, cultural e económico, a Xunta de Galicia concedeu as Medallas de Galicia, que consistiron nunha medalla de ouro, quince de prata e trece de bronce. Dende o ano 2006, a entrega de medallas ten un único protagonista. Así mesmo, concedeu as Medallas Castelao, galardón creado en 1984 para conmemorar o retorno a Galicia dos restos de Castelao o 28 de xuño daquel ano, para distinguir a aqueles galegos que sexan autores dunha obra merecedora do recoñecemento do seu pobo no campo artístico, literario, doutrinal ou de calquera faceta de actividade humana. Na edición de 2010 concedéronse as Medallas de Ouro de Galicia ao Cabido da Catedral de Santiago, José María Díaz Fernández, e ao ex conselleiro Víctor Manuel Vázquez Portomeñe e a Medalla Castelao no campo literario a César Antonio Molina. O acto de entrega das Medallas de Ouro tivo lugar o 25 de xuño e das Medallas Castelao o 28 de xuño.

Referencias varias:


Sinálase que entre os galardoados coa Medalla Castelao están Luz Casal e César Antonio Molina, dos que sina que o seu mérito profesional é “independente de su condición gallega”. Ademais apunta que Rosalina Celada, Antón Lamazares e Prudencia Santasmarinas tamén foron merecedores deste premio.
Informe que o día 28 de xuño se fará entrega das Medallas Castelao 2010, que este ano foron para a cantante Luz Casal, a matrona Rosalina Celada, o pintor e escultor Antón Lamazares, o investigador e político César Antonio Molina e a traballadora de administración pública, Prudencia Santasmarinas Raposo. De cada un deles fai un breve repaso da súa traxectoria profesional. Nun á parte, titulado “Objetivos: engrandecer la realidade gallega” apunta que as obras e o labor deste galardón, segundo decreto, debe “ser fruto de la entrega de una vida e el reflejo de un traballo realizando con entrega e con fe en la cultura, la historia e en el ser de un pueblo” e que ademais este premio foi creado para os galegos/as que deben ser guía para as xeracións futuras.

Nomea ás persoas que este ano serán distinguidas coa Medalla Castelao 2010: Luz Casal, César Antonio Molina, Antón Lamazares, Rosalina Celada e Prudencia Santasmarinas.

Faíse eco da polémica que xurdiu logo da sentencia que dá a titularidade do Panteón de Galegos Ilustres ao Arcebispado de Santiago de Compostela e comenta que foi nese lugar onde Alberto Núñez Feijóo presentou aos galardoados das Medallas Castelao 2010. Coméntase que os distinguidos agradeceron a honra e repárase en certas partes dos respectivos discursos, que tiveron a Galicia como protagonista.

Dá conta da entrega das Medallas Castelao 2010 a Luz Casal, que non puido asistir por motivos de saúde, César Antonio Molina, Antón Lamazares, Prudencia Santasmarinas e Rosalina Celada. Reproducense algunhas palabras do discurso do presidente da Xunta, Núñez Feijóo, e recólense as emocións dos premiados, entre as que están a do ex-ministro de Cultura, que manifestou sentirse “orgullo do meu labor”, negando a "soberbia ou altivez".
Faise eco da cerimónia da entregas das Medallas Castelao, que tivo lugar na igrexa de San Domingos de Bonaval. Dise que ali estiveron todos os galardoados, agás Luz Casal, quen foi representada polo alcalde da Boimorto, José I. Portos, vila natal da cantante. Apúntase as palabras do presidente da Xunta de Galicia, Núñez Feijóo, quen dixo dos premiados que son “gallegos que ayudaron a cumplir los sueños insatisfechos que duermen en el Panteón de Gallegos Ilustres”. Reprodúcense ademais outras palabras do discurso de Feijóo durante o acto e recóllense tamén as impresións dos galardoados. Por outro lado, infórmase doutras autoridades galegas que asistiren á cerimónia.

Comenta o acto social que tivo lugar no Panteón de Galegos Illustres con motivo da entrega das Medallas Castelao 2010. Informa que Luz Casal, unha das galardoadas, non puido asistir por estar operada dun cancro de mama. Sinala que as palabras do resto de persoeiros distinguidos foron breves, agás a de César Antonio Molina, que falou un minuto menos que Alberto Núñez Feijóo, quen dixo que a traxectoria dos premiados amosa que “o noso galleguísmo practica un pacifismo expansionista”.

Recóllense as palabras coas que Núñez Feijóo definiu o labor e o mérito das tres mulleres e dos dous homes que foron galardoados coas Medallas Castelao 2010: Luz Casal, Prudencia Santasmarinas, Rosalina Celadas, Antón Lamazares e César Antonio Molina. Destaca aspectos do discurso pronunciado por cada un deles, como o compromiso coa terra de Luz Casal ou as citas de Alfonso Daniel R. Castelao, por boca de Lamazares e Santasmarinas.

Con motivo da concesión da Medalla de Castelao, outorgada pola Xunta de Galicia, gábase a figura do escritor César Antonio Molina polo seu labor literario pero tamén polo seu labor como ministro de Cultura e o interese que puxo en favorecer no que puido á cidade da Coruña, da que el é nativo.

Considera que a Xunta estat “de rebaixas” e que así o proba a concesión das Medallas Castelao. Pregúntase se neste país non hai “algúen máis presentable?” e critica que “aos que soñaron unha Galicia libre” a Xunta actual nunca os tería distinguido. Opina tamén que este galardón non debería levar o nome de Castelao. Por outro lado, argumenta, continuando coas “rebaixas”, que a RAG “non queda atrás”. Así se explica “que nunca
cheguemos a nada” e que quedemos á altura intelectual dos “Coros e Danzas da Sección Feminina”.

**Premio Otero Pedrayo**

Convócano cada ano, dende o 1976, as Deputacións provinciais para perpetuar e honrar a memoria do exegrixio home de letras, premiar un labor que constituía unha achega eminente á cultura galega, fomentar os valores propios de Galicia e as obras que leven ao esclarecemento e á mellora dos seus homes e institucións. Podían optar ao premio persoas, grupos, entidades ou institucións presentadas por elas mesmas, por entidades académicas ou culturais, por institucións, polos presidentes das Deputacións a proposta das respectivas comisións de cultura, pola Xunta de Galicia, oída a Consellería correspondente, e polo propio xurado. A presentación do candidato tivo que enviarse ao presidente da Deputación convocante, no prazo de tres meses a partir da convocatoria, e debían achegarse os seguintes documentos: descripción biográfica breve da persoa que aspiraba ao premio e documentos antecedentes, que se considerasen de interese para o coñecemento da dimensión literaria ou científica da persoa que se propuña. Entregáronse cinco exemplares, mecanografados a dobre españo, do traballo co que se optase ao premio, no caso de que a proposta estivese baseada nunha obra ou producción singular concreta. No caso de personalidades e institucións, un exemplar do regulamento ou estatutos polos que se rexiren e unha relación de tarefas levadas a cabo en relación co obxecto do premio. Está dotado con 30.050,61 euros e conta cun xurado constituído polos presidentes da Xunta de Galicia e das catro Deputacións Provinciais e polos representantes da Universidade de Vigo, da Coruña e de Santiago de Compostela, xunto con algún membro da Real Academia Galega e do Instituto Padre Sarmiento de Estudios Galegos. Nas edicións anteriores resultaron galardoados os seguintes grupos, entidades, institucións e personalidades: Carlos Casares Mouriño (1977); a sección de arqueoloxía do Instituto Padre Sarmiento (1979); Eligio Rivas Quintas (1980); a Fundación Otero Pedrayo (1981); Joaquín Lorenzo Fernández e José Fariña Jamardo (1982); o grupo Marcelo Macías (1983), Antonio Fidalgo Santamariña (1984); José López Calo (1985); Xosé Filgueira Valverde (1986); Emilio Duro peña e Dario Xohán Cabana (1988); o Instituto da Lingua Galega (1989); Isaac Díaz Pardo (1990); Xosé Traperro Pardo (1991); Antonio Fraguas (1992); o Museo de Pontevedra (1993); a Asociación de Amigos do Museo Arqueolóxico Castelo de San Antón (1994); Francisco Fernández del Riego (1995); Julio Francisco Ogando Vázquez (1996); a Comunidad del Monasterio de Oseira (1997); o Museo do Pobo Galego (1998); Manuel María Fernández Teixeiro e Xuxo Novoneyra (1999); Miguel Anxo Araújo Iglesias (2000); Fundación Pedro barrié de la Maza (2001); o Centro Gallego de Buenos Aires (2002); o Centro Gallego de Montevideo (2003); a Irmandade Galega de Venezuela (2004); A Real Sociedade Benéfico Española-Hospital Espanhol de Brasil (2005); a Real Academia Galega e o Laboratorio de Formas (2006); Dario Xohán Cabana (2007); Marcos Valcárcel López (2008). Nesta edición de 2010 resultou galardoado Manuel Fraga Iribarne quen recolleu o premio o 5 de novembro no Pazo Provincial de Pontevedra.

**Referencias varias:**
Sinálase que as catro deputacións provinciais decidiron concederlle o premio Otero Pedrayo a Manuel Fraga Iribarne porque, durante os case dezaseis anos que presidiu a Xunta, se apoio no galeguismo moderado, fixo un uso constante do galego, potenciou a cultura tradicional, aprobou a Lei de Normalización Lingüística e potenciou o Xacobeo e o Camiño de Santiago; en definitiva, pola “súa longa traxectoria de traballo en pro de Galicia e da cultura galega”, mediante a investigación, promoción e difusión cultural. Indícase a composición do xurado, a súa contía e que o primeiro galardoado foi Carlos Casares en 1977, a quen seguiron, entre outros, Filgueira Valverde (1986), Alonso Montero (1988), Díaz Pardo (1990), Museo de Pontevedra (1993), Fernández del Riego (1995), Museo do Pobo Galego (1998) e Manuel María (1999).

Saliéntase que o xurado do premio Otero Pedrayo, convocado cada ano por unha das deputacións provinciais galegas, decidiu conceder o galardón da edición deste ano ao ex presidente da Xunta, Manuel Fraga Iribarne. Indícase que o premio está dotado con pouco máis de trinta mil euros e o xurado está constituído polo presidente, Alberto Núñez Feijóo, representantes das tres universidades galegas, da Real Academia Galega, do Instituto Padre Sarmiento de Estudos Galegos e de cinco persoas de autoridade científica e literaria, designadas pola Xunta e as Deputacións.

Coméntase que o ex presidente da Xunta, Manuel Fraga Iribarne, foi elixido gañador do premio Otero Pedrayo pola súa traxectoria, xa que Galiza sempre estivo no centro da súa vida e obra con múltiples estudos e traballos como A cultura galega, pasado, presente e futuro (1990) e Álvaro Cunqueiro: dous discursos (1991), entre outros. Indícase a contía do premio e a composición do xurado. Sinálase que a organización é rotatoria entre as deputacións e que os seus obxectivos son: perpetuar e honrar a memoria de Otero Pedrayo, premiar un labor que constitúía unha contribución á cultura galega e promocionar os valores propios de Galicia e as obras que leven á mellora dos seus homes e institucións. Finalmente, destácase que poden ser candidatos aos premios persoas, grupos de traballo ou institucións que se caractericen pola difusión e mantemento da cultura galega.

Destácase que o ex presidente da Xunta, Manuel Fraga, recibirá o premio Otero Pedrayo en recoñecemento ao seu traballo en pro de Galicia e a cultura galega, polo seu labor de investigación, promoción e difusión cultural reflectido nos seus trece libros que teñen como tema central Galicia, ademais doutros traballos como os estudos sobre o conde de Gondomar. Indícase que tamén se lle recoñece outros méritos como que se apoio no galeguismo moderado, utilizou o galego, aprobou a Lei de Normalización Lingüística e potenciou o Xacobeo e o Camiño de Santiago.
Indícase que outorgarlle o premio Otero Pedrayo a Manuel Fraga indica unha anormalidade na realidade galega e representa un erro que marca todo o que ten de disfuncional o país, porque, segundo a súa opinión, Fraga foi ministro da ditadura que acabou cos dereitos democráticos dos galegos, non foi capaz de quitar o país do seu atraso económico e tardou moito en preocuparse cando o Prestige estragaba a vida laboral dos galegos e o seu medio natural.


Sinálase que a decisión de escoller a Manuel Fraga para recibir o premio Otero Pedrayo, non foi unánime, xa que as universidades de Santiago e A Coruña non acudiron á cita, tampouco a Deputación da Coruña; e a Deputación de Lugo abstívose á hora de votar en sinal de disconformidade. Noméanse as persoas que acudiron á reunión e indicase que a candidatura de Fraga foi engadida unha vez comenzada a reunión, xa que en prazo só chegara unha, a do escritor Darío Xohán Cabana, que foi rexitada.


Saliéntase que, unha vez feita pública a concesión a Manuel Fraga do premio Otero Pedrayo 2010, a súa elección provocou unha polémica e reveláronse aspectos das deliberacións do xurado que deberían manterse en segredo. Pénse que esta polémica non fai máis que desprestixiar o galardón e a quen lle dá nome e cre que o Fraga de antes quizais rexeitase o premio e os trinta mil euros de dotación, aínda que agora non o faga a pesar de que lle doía que cuestionen os seus méritos para recibilo.


Declárase a indignación sentida polo recoñecemento de Manuel Fraga Iribarne como premio Otero Pedrayo. Coméntase que a concesión do galardón non foi unánime. Indicase que o representante da RAG matizou que o seu voto se debeu a que este presidente aprobou o Plan Xeral de normalización da linguaxe galega. Saliéntase tamén que é un insulto á memoria de Ramón Otero Pedrayo e que só hai un argumento para entender a concesión do galardón a Fraga: por contraposición entre a política cultural e educativa dos seus mandatos e a política de Feijóo e o chamado decreto de plurilingüismo. Con todo crese que, aínda que as tácticas destes dous para rematar co galego son diferentes, conducen ao mesmo obxectivo.


Conférase que un queda xeado cando se decata de que o premio Nobel da Paz foi concedido a Barack Obama ou que o Otero Pedrayo foi para Fraga, e pensa que non debería estrañarnos que en Galicia se premien ex ministros franquistas polo seu mérito e
traxectoria. Opínase que España é un país plurilingüe, pero segue a considerar o castelán como a única lingua do estado e non existe respecto nin recoñecemento intercultural recíproco.


Indícase o asombro que produce a concesión do premio Ramón Otero Pedrayo a Manuel Fraga Iribarne en recoñecemento do seu traballo en pro da cultura galega. Sinálase que é curioso porque Fraga, cando foi ministro de Franco, desposuíu a don Ramón da súa cátedra por demócrata e galeguista. Finalmente, indicase que citan o Xacobeo pero non o mausoleo do Gaiás, e que o premio é un agravio para a cultura do país.


Dáse noticia da entrega do premio Otero Pedrayo ao ex presidente da Xunta Manuel Fraga Iribarne nun acto presidido polo presidente da Xunta, Alberto Núñez Feijóo, e o presidente da Deputación de Pontevedra, Rafael Louzán. Coméntase que o acto celebrouse no salón de plenos da deputación e, aínda que acudiron numerosas personalidades, destacouse a ausencia do alcalde de Pontevedra, Miguel Anxo Fernández Lores, que asegurou non estar de acordo co galardón. Sinálase que a homenaxe rematou cos acordes do antigo himno do Reino de Galicia, interpretado pola Banda de Gaitas da Deputación.


Sinálase que o ex presidente da Xunta Manuel Fraga Iribarne recibiu o premio Otero Pedrayo nun acto presidido polo presidente da Xunta, Alberto Núñez Feijóo, e o da Deputación de Pontevedra, Rafael Louzán. Coméntase que ao acto asistiron personalidades da vida política, social e cultural, agá o alcalde de Pontevedra, Miguel Anxo Fernández Lores, por non estar de acordo co galardón.


Dá conta da entrega do Premio Otero Pedrayo a Manuel Fraga e recolle tamén as verbas do galardoados, quen incidiu nun dos motivos polos que lle foi outorgado o galardón: a súa política “galeguista”. Di tamén que Fraga recoñeceu sentirse “supergalego” pois di ser “un galeguista cumprido”.


Informa, por medio de diferentes apartados, dos acontecementos máis destacados da cultura e literatura galegas. No derradeiro apartado, “Premios”, informa do Premio Otero Pedrayo outorgado a Manuel Fraga Iribarne por parte da Deputación de Pontevedra.
**Pedrón de Ouro e Pedrón de Honra**

Certame que convoca anualmente la Fundación do Padroado Pedrón de Ouro na Casa Museo de Rosalía Castro dende 1964, nun acto que se celebrou o domingo seguinte ao Día das Letras Galegas. Concedéronse dous premios: o “Pedrón de Ouro”, que tratou de destacar aquela personalidade ou entidade viva residente en Galicia que sobresaiu na defensa da cultura nacional, e o “Pedrón de Honra”, que distinguiu a aquelhas persoas vivas ou entidades, galegas ou non galegas, que engrandecen a nación e cultura galegas. O premio consistiu nunha medalla e nun pergamo. En edicións anteriores, recibiron o Pedrón de Ouro Isidro Parga Pondal, Xohana Torres, Xosé Filgueira Valverde, Isaac Díaz Pardo, Anxo Fole, Álvaro Cunqueiro, Francisco Fernández del Riego, Antón Fraguas, Xosé Manuel Beiras, Francisco Xavier Río Barja e Xusto G. Beramendi. No ano 2010 o “Pedrón de Ouro” recaeu no político e ensaísta Camilo Nogueira polo traballo a favor da cultura nacional ao longo da súa vida e o “Pedrón de Honra” no sociólogo Fermín Bouza pola defensa irredutibile da lingua galega. A entrega dos galardóns tivo lugar o 23 de maio na Casa-Museo de Rosalía en Padrón.

**Referencias varias:**


Infórmase dos gañadores dos premios da Fundación Pedrón de Ouro. Fállase de Camilo Nogueira como o galardoado co Pedrón de Ouro polo traballo a favor da cultura nacional ao longo da súa vida; e de Fermín Bouza como o premiado co Pedrón de Honra pola defensa irredutible da lingua galega. Recólense as opinións de ambos sobre a situación da lingua e a cultura nacional. Infórmase de que a entrega dos premios terá lugar o 23 de maio.


Anúnciansen os gañadores dos premios Pedrón de Ouro e Pedrón de Honra da Fundación Pedrón de Ouro. Indícase que o primeiro, que premia á persoa ou á entidade viva e residente en Galicia que máis destacara na defensa e promoción da cultura galega ao longo do ano ou durante toda a súa vida, foi para Camilo Nogueira. Citanse volumes nos que participou como *A Galiza na Encrucillada* e *O poder industrial en Galicia*; e obras súas como *Población y desarrollo económico, A memoria da nación. O Reino de Gallaecia, A terra cantada, Galiza na Unión. A porto atlántica e Europa. O continente pensado*. Dise que o segundo galardón, que distingue a personalidade ou entidade viva galega ou non e residente fóra de Galicia que máis achegara ao engrandecemento de Galicia, foi parar ás mans de Fermín Bouza Álvarez. Citanse novelas súas como *Memoria do díaño e Longo voo de paxaro*, así como os poemarios *O tempo na auga e Labirinto de inverno*.

Entrevístase a Camilo Nogueira, economista e político que recibiu o premio Pedrón de Ouro 2010 da Fundación Pedrón de Ouro. Móstrase, ao longo do artigo, a súa opinión sobre a situación actual da língua galega. Inclúese tamén a opinión do escritor e sociólogo Fermín Bouza, gañador do Pedrón de Honra, sobre a mesma temática.


Fálase de Fermín Bouza Álvarez, poeta e narrador premiado co Pedrón de Honra. Citase o seu blog “El voto con botas” que o autor do artigo, Vicente Araguis, considera “excepcional” no político, no sociolóxico e no lingüístico. Faise referencia a Fermín Bouza-Brey, pai do galardoado.


Entre outros acontecementos no apartado “Premios” destaca o Premio da Fundación Pedrón de Ouro a Fermín Bouza Álvarez e a Camilo Nogueira Román.


Infórmase do acto de entrega deste galardón a Camilo Nogueira e Fermín Bouza Álvarez, que terá lugar na sede da fundación.


Considera que a fundación que premia a Camilo Nogueira e a Fermín Bouza, co Pedrón de Ouro e o Pedrón de Honra, respectivamente, “premia a ética que orientou a súa vocación de homes comprometidos coa xustiza e coas liberdades”, así como a vontade política de facer país. Sinala que malia seren dúas personalidades singulares e de levaren camiños diferentes, comparten o teren “pasado a maior parte das súas vidas na tensión, existencial e cívica a un tempo”. Fai unha achega á persoa de cada un deles, e manifesta o difícil que lle resulta gardar as distancias pois ambos galardoados son “amigos de sempre”. Opina que nun momento como o actual, “co país nas mans de dirixentes afásicos”, volven ser necesarios referentes como os que “hoxe van recoller en Padrón os Pedróns deste ano”.


Informa da entrega do Pedrón de Ouro a Camilo Nogueira “polo seu compromiso con Galicia” e do Pedrón de Honra a Fermín Bouza “polo súa defensa belixerante, pero razoada, do galego”. Comenta que as coincidencias dos dous homenaxeados foi unha constante tanto no discurso do patrono da Fundación, Xosé Ramón Fandiño, como no premiado co Pedrón en 2008, Xusto Beramendi, que destacaron a súa pertenza “á segunda xeración do nacionalismo galego” e a defensa da língua galega nos seus
respectivos ámbitos profesionais. Por outro lado, indica que o debate sobre o decreto do plurilingüismo non estivo ausente e que moitos dos asistentes o definiron como un “atentado contra o galego”.


Comeza lembrando a primeira vez que viu a Camilo Nogueira, en 1977, e segue cuns apuntamentos sobre a súa traxectoria intelectual e política. Apunta que a achega política esencial de Nogueira foi a de “liderar a modernización do proxecto nacional galego”, no que ofrece unha proposta de nacionalismo “desmitificadora que concibe o mundo deste a Terra nosa”.


Comenta que a Fundación Pedrón de Ouro, que cada ano distingue co seu galardón a personalidades recoñecidas na defensa da cultura galega, concedeu o premio Pedrón de Ouro ao político Camilo Nogueira e o Pedrón de Honra ao sociólogo Fermín Bouza Álvarez. Engade tamén que o premio Pedrón de Ouro se lle concede a unha persoa residente na Galicia, mentres que o Pedrón de Honra recae en alguén que vive no exterior.


Pide que no 2020 o Pedrón de Ouro se lle dea a Henrique Tello, como “vítima de la misma purga que acabó en el premiado de este ano”, referíndose a Camilo Nogueira que se pón no Panteón de “Gallegos Illustres Vivos”, despois de ter sido “maltratado por los suyos”, afirmando que o nacionalismo “devora a sus hijos y después los galardona”. Deste xeito, considera que “a los vencidos en cada refriega les deja el consuelo del Pedrón de Ouro y otros festejos similares”, pois di que “ya resultan inofensivos”.

Premio **Pen Clube Voz de Liberdade**

Concedido polo Pen Clube e destinado a unha personalidade da literatura galega que teña destacado na defensa dos dereitos de expresión e opinión recollidos na Carta Fundacional do International P. E: N. O galardón sen dotación económica consiste nunha peza artística única e irrepetíbel dun artista galego.

Premio **Ramón Cabanillas da Asociación de Libreiros de Pontevedra**

Convocado pola Asociación de Libreiros de Pontevedra, en colaboración coa Asociación Unha Grande Chea e o Concello de Cambados. En edicións anteriores recibiron os galardóns os escritores Mª Victoria Moreno, Adela Leiro, Ramón Caride, Xosé Vázquez Pintor, Fina Casalderrey e Francisco Fernández Rei. Na sétima edición do ano 2010 recibiu o galardón o escritor Miguel Anxo Fernández nun acto celebrado o 14 de maio na Casa da Xuventude.
Referencias varias:


Dise que a Libraría Ramón Cabanillas e Contos, a Asociación Cultura Unha Grande Chea, Chourizo Films e o Concello de Cambados, decidiron outorgarle o premio Ramón Cabanillas a Miguel Anxo Fernández. Tras comentar o lugar e hora no que se celebrará o evento e comentar algunha das posíbeis actividades que se realizarán durante a cerimonia, dise que ao día seguinte terá lugar unha nova edición da Feira do Libro.


Coméntase que a Asociación de Libreiros de Cambados manifesta que o formato elixido polo Concello para lembrar o 51 aniversario da morte de Ramón Cabanillas plaxia as características, a idea e a forma do Premio Cabanillas que esta asociación concede dende hai sete edicións a figuras da literatura que están relacionadas coa vida ou obra de don Ramón; así como, a celebración dunha gala musical, a entrega dun distintivo a unha persoa destacada e o premio é un busto de Cabanillas. Sinálase que é unha falta de respecto, xa que non recibiron nin un só euro da administración local, que só colaborou na cartelería no Ano Cabanillas, e non se sabe cal vai ser o futuro da celebración do Premio Cabanillas, que coincide cada ano co Día das Letras Galegas. Indícase que a asociación de Libreiros aclara que esta polémica non ten nada que ver coa entrega da distinción de honra a Luís Rey, xa que eles tamén tiñan pensado homenáxelo. Saliéntase que xa foron premiados algúns persoeiros como o académico cambadés Francisco Fernández Rei e a literata Fina Casalderrey.


Faise eco da polémica entre a Asociación de Libreiros de Cambados e o Concello por plaxiar as características, a idea e a forma do Premio Cabanillas que esta asociación concede.

Premio Ramón Piñeiro. Facer País

Premio convocado pola Asociación Cultural Val de Lánca, en colaboración con outros colectivos, co que se pretende enxalzar a vida e obra de persoas e institucións que no día a día loitaron por facer país. Non posúe dotación económica. O primeiro persoio que recibiu este premio foi o empresario e artista Isaac Díaz Pardo e nas seguintes edicións recaeu no actor Luís Tosar, no grupo de música folk Milladoiro, no político Xosé Manuel Beiras, no escritor Xosé Neira Vilas, no semanario *A Nosa Terra*, en Avelino Pousa Antelo e na escritora Luz Pozo Garza. No ano 2010, 9ª edición, a data límite para a entrega das propostas foi o 15 de agosto e a concesión do galardón fixose pública o 27 de agosto, aniversario do pasamento de Ramón Piñeiro. De entre as trinta e sete
candidaturas presentadas, o galardón foi para a Real Academia Galega e entregóuselle a finais de outubro.

Referencias varias:


Fálase da asociación Val de Lánzara e do seu compromiso coa cultura galega. Menciónase o lema Facer País co que, ademais de trasladalo á actividade diaria, fan bandeira cada ano para conceder os premios Ramón Piñeiro López. Explicase que o obxectivo do galardón é recoñecer o traballo daquelas persoas ou institucións que traballaron pola dignificación de Galicia como foron Isaac Díaz Pardo, Luís Tosar, Milladoiro ou A Nosa Terra. Apúntase tamén que o premio carece de dotación económica.


Dáse noticia de que o premio Ramón Piñeiro Facer País, convocado pola Asociación Cultural Val de Lánzara, recoñecerá por noveno ano o labor de persoas ou entidades que destacan pola promoción e defensa de Galicia en calquera faceta cultural. Coméntase que o premio consiste nunha obra de arte e que o acto de entrega se celebraría en Lánzara, vila natal de Piñeiro. Indícase que poden proponer candidaturas todas as asociacións culturais de Galicia e as creadas na emigración até o quince de agosto. Finalmente, sinálase que as edicións anteriores recoñeceron o labor e traxectoria de Isaac Díaz Pardo, Luís Tosar, Milladoiro, Xosé Manuel Beiras, Xosé Neira Vilas, A Nosa Terra, Avelino Pousa Antelo e Luz Pozo Garza.


Coméntase que o premio Ramón Piñeiro Facer País, convocado pola asociación Val de Lánzara e cuxo xurado está composto por catorce organizacións e asociacións, recaeu na súa novena edición na Real Academia Galega, polo constante labor a prol da defensa e potenciación da lingua e cultura galegas. Indícase que o gañador foi escollido entre trinta e sete candidaturas, que o premio consiste nunha obra de arte dun autor galego que a Escola de Artes Ramón Falcón de Lugo lle cede ao galardoado, que lle será entregada á institución de mans da anterior galardoada, Luz Pozo Garza, e que o acto de entrega será en Lánzara, pero aínda non se sabe a data exacta.


Sinálase que o premio Facer País-Ramón Piñeiro, convocado pola asociación cultural Val de Lánzara, recaeu na Real Academia Galega, polo labor de defensa e potenciación da lingua e cultura galegas. Coméntase que se presentaron trinta e sete candidaturas, propostas por distintas institucións de diferente tipo do país, a un premio que non ten dotación económica pero que quere recoñecer o traballo de persoas e entidades que promocionan e defenden Galicia, mediante calquera manifestación cultural. Indícase
que na cerimonia de entrega, que aínda non ten data, a anterior premiada, Luz Pozo Garza, fará entrega á institución, da que ela tamén forma parte, unha peza artística cedida pola Escola Superior de Arte e Deseño Ramón Falcón de Lugo.


Con motivo da entrega do Premio Facer País á Real Academia Galega faiense unha loa da institución e repásase a súa historia, dende as primeiras voces que reclamaron a constitución dunha institución destas características, como a de Aureliano Pereira en 1886 en El Regional, pasando polas xestións da Xunta de Defensa creada na Coruña en 1893, até as voces dos membros da Liga Gallega da Coruña, cuxo voceiro foi a Revista Gallega. Explicanse os pormenores da súa constitución, na que tiveron un papel moi relevante José Fontenla Leal e Manuel Curros Enríquez. Sobre o seu funcionamento sinálase que prevaleceu durante un tempo a erudición e a historia sobre a lingüística e a literatura. Non obstante, considérase que é un dos grandes legados do rexionalismo galego, malia a precariedade coa que naceu de apoios económicos e as tensións internas que tivo que superar debido ao diferente grao de galeguismo dos seus membros. Lémbrese a falta de actividade que tivo durante a ditadura franquista, situación que se considera que se debeu cambiar co remate do réxime, pero que se mantivo pola longa presidencia de Domingo García-Sabell. Sinálase que o punto de inflexión da institución foi a chegada á presidencia de Francisco Fernández del Riego en 1997, que iniciou unha dinámica de renovación continuada até a actualidade. Finalmente considérase moi oportuno o premio outorgado á institución como incentivo para continuar co seu labor a prol da cultura galega.


Indícase que o vinte e tres de outubro en Láncara terá lugar o acto de entrega do noveno premio Ramón Piñeiro Facer País, convocado pola asociación cultural Val de Láncara e concedido á Real Academia Galega (RAG). Coméntase que este acto se vai celebrar ante o antigo consistorio de Carracedo e que contará coa presenza do presidente da RAG, Xosé Luís Méndez Ferrín, o catedrático de Historia Contemporánea Xusto Beramendi, a última gañadora, Luz Pozo Garza e a xornalista Belén Regueira, que será a encargada de conducir a gala. Sinálase que o galardón carece de dotación económica, aínda que acadou un gran prestigio debido ás persoas e entidades premiadas. Saliéntase que esta institución foi elixida entre trinta e sete candidaturas, que o xurado estivo formado por catorce asociacións da comarca de Sarria e do Corgo e que o premio consistiu nunha peza de cerámica dun autor galego, cedida pola Escola de Arte Ramón Falcón de Lugo.


Saliéntase que o secretario da asociación cultural Val de Láncara e o alcalde de Láncara presentaron o programa de actos da entrega do noveno premio Ramón Piñeiro Facer País á Real Academia Galega; entre eles destácase a entrega do galardón ao presidente da RAG, Xosé Luís Méndez Ferrín, por parte da última premiada, Luz Pozo Garza. Indícase que o xurado estivo formado por catorce colectivos de Sarria e do Corgo.

Destaca que as catorce Asociacións Culturais da comarca de Sarria organizan a novena edición do premio Ramón Piñeiro Facer País, que carece de dotación económica. Felicita aos que foron distinguidos co galardón: Isaac Díaz Pardo, Luís Tosar, Milladoiro, Xosé Manuel Beiras, Xosé Neira Vilas, *A Nosa Terra*, Avelino Pousa Antelo, Luz Pozo Garza e a Real Academia Galega (RAG). Indica que a RAG contituíuse na Coruña en 1906, impulsada por unha comisión que crearan un ano antes Manuel Curros Enríquez e outros emigrantes galegos na Habana.


Coméntase que a Real Academia Galega (RAG) recolleu en Láncara o noveno premio Ramón Piñeiro Facer País, sen dotación económica, pola súa defensa da lingua e a cultura galegas. Sinálase que na cerimonia de entrega se fixeron unha serie de actos, entre os que se destaca a entrega do premio que abriu Elena López, unha veciña de Sarria de quince anos que deu unha visión poética de Galicia, seguíu con Xusto Beramendi que repasou a traxectoria da RAG e finalmente, o presidente da RAG, Xosé Luís Méndez Ferrín, recolleu a distinción de mans de directivos de Val de Láncara, xa que a anterior premiada, Luz Pozo Garza, non puido asistir.


Sinálase que no acto de entrega do premio Ramón Piñeiro Facer País á Real Academia Galega destacouse o labor que desenvolve esta entidade e houbo alusións aos actuais ataques á lingua galega. Coméntase que Xusto Beramendi fixo un percorrido histórico no que destacou o papel desempeñado por Manuel Murguía, as tensións internas de carácter ideolóxico e a precariedade económica, que foi a causante de que estivese setenta anos sen sede. Indícase que o secretario da RAG, Xosé Luís Axeitos, leu un escrito de Luz Pozo Garza, a anterior premiada, que non puido asistir. Finalmente, Xosé Luís Méndez Ferrín destacou que a RAG foi o referente de Galicia, xa que sempre se mantivo na liña de defensa da lingua.


Alonso Montero lembra os seus anos coma docente en Lugo e comenta a entrega do Premio Ramón Piñeiro Facer País á Real Academia Galega, celebrada no concello de Láncara. A continuación fai referencia ás actividades que tiveron lugar en dito acto e destaca o papel da alumna de cuarto curso de ESO, María Elena López González.

Premio Roberto Vidal Bolaño das Redes Escarlatas

Creado polo colectivo Redes Escarlata en 2004, este premio está destinado ao recoñecemento público daquelas persoas ou entidades comprometidas coa lingua e
cultura galega e coa emancipación de Galicia. O premio, que non tivo dotación económica, consistiu nun cadro do artista ourensán Xosé Luís de Dios. No 2010 o xurado, composto por Aser Álvarez González, Francisco Fernández Rei, Alexandra Cabana Outeiro, Oriana Méndez Fuentes, Xosé A. Laxe Martiñán e Mario Regueira Fernández acordou entregar o premio a Iván Prado, representante de Pallasos en Rebeldía.

Referencias varias:


Entrevista a Iván Prado, o pallaso expulsado de Palestina, ao que as Redes Escarlata lle concederon o premio Vidal Bolaño polo seu labor á fronte de Pallasos sen fronteiras. Comenta que o recoñecemento dunha entidade que representa os valores da cultura comprometida co país e que apoia o teatro alternativo e político supón un compromiso para construír modelos alternativos de cultura, que transforme as estruturas político-económicas vixentes. Sinala que, persoalmente, este premio o emociona porque admira as Redes xa que forman parte da historia do país e porque se apoian neles para dicir o que fan Pallasos sen fronteiras. Cre que os proxectos como as Redes son as poucas esperanzas para a esquerda galega e a cultura do país, e que o feito de recibir este premio é un alicerce para celebrar o Festiclown en Palestina, que naceu para apoiar a poboación palestina e un discurso que abra fronteiras, para o cal vai recorrer ao Ministerio do Exterior español.

Premios San Martiño de Normalización Lingüística da Estrada

Premios que concede anualmente a Fundación San Martiño a distintas persoas e entidades que co seu labor contribuían á normalización e promoción do galego. O galardón consistiu nunha estatuíña realizada polo escultor estradense Manuel Villaverde. No ano 2010 resultaron galardoados a Sociedade Cooperativa Monte Cabalar na modalidade de difusión da lingua na comarca Tabeirós-Terra de Montes, a empresa R na sección de ámbito galego e Olimpio Arca Caldas como defensor do galego. Os galardóns entregáronse nunha gala celebrada o 11 de novembro no Teatro Principal da Estrada.

Referencias varias:


Danse os nomes dos galardoados co premio San Martiño de Normalización Lingüística, que recollerán cadansúa estatua de pedra e madeira do escultor Manolo Villarverde nun acto que se celebra o once de novembro. Coméntase que o premio á difusión da lingua galega na comarca de Tabeirós-Terra de Montes recaeu na cooperativa galega Monte Cabalar. Sinalase que na modalidade de normalización no ámbito galego, o gañador foi a empresa de telecomunicación galega R. Finalmente, indica que o premio á
normalización durante toda unha vida é para o escritor, historiador e mestre Olimpio Arca por ser un defensor do galego; xa que como investigador publicou distintas obras de recuperación da memoria histórica galega e como dramaturgo é autor de varias obras premiadas en distintos certames. Salíntase que Arca é un especialista en teatro escolar en galego e que as súas obras teatrais son pezas abertas, flexíbeis, que expoñen dúvidas e fan reflexionar o espectador.


Coméntase que o Padroado dos Premios San Martiño de Normalización Lingüística, que concede a Asociación Cultural O Brado da Estrada, comunicou que os premios 2010 se entregarán nun acto público o once de novembro. Indícase que o premio na modalidade de difusión da lingua na comarca de Tabeirós-Terra de Montes foi para a Sociedade Cooperativa Galega Monte Cabalar. Sinálase que o Premio San Martiño á normalización no ámbito galego foi concedido á empresa R. Finalmente indícase que o profesor, investigador e escritor Olimpio Arca Caldas foi premiado como defensor do galego durante toda unha vida, xa que destaca polos seus múltiples premios e recoñecementos, polo labor na recuperación da memoria galega con obras como *Emigrantes sobranceiros* e *Mestres estradenses que fixeron escola*.


Díse que os galardoados cos Premios San Martiño de Normalización Lingüística foron a empresa de telecomunicacións R, a cooperativa Monte Cabalar e o mestre Olimpio Arca. Finalmente, dáse conta da satisfacción transmitida polo secretario xeral da Política Lingüística, Anxo Lorenzo, ao destacar que dous dos galardoados son entidades do sector socioeconómico.


Infórmase da celebración dos vinte anos de vida dos premios San Martiño e que recoñecen a persoas e institucións na defensa do galego. Noméanse os galardoados con esta distinción: a Sociedade Cooperativa Monte Cabalar, a empresa R e Olimpio Arca Caldas.

**Premio Trasalba**

Premio creado no ano 1980 pola Fundación Ramón Otero Pedrayo que se outorga todos os anos, segundo o criterio do seu Consello Reitor, para conmemorar o pasamento de Ramón Otero Pedrayo. É un galardón anual de carácter honorífico, que recompensa o labor cultural e galeguista de distintos persoeiros vivos e que se entrega na casa-museo do escritor en Trasalba (Amoeiro-Ourense). O galardón consistiu nun debuxo adicado de Isaac Díaz Pardo, unha placa e un libro dos amigos conmemorativo do acto. Na edición de 2010, o galardón foi entregado o 27 de xuño na casa grande de Cimadevila, en Trasalba, no concello de Amoeiro, ao historiador e académico Xosé Ramón Barreiro Fernández (Ribeira, 1936).
Referencias varias:


Entrevistase a Xosé Ramón Barreiro con motivo de ter gañado o Premio Trasalba. Recóllese a opinión do historiador e académico sobre o feito de ser el o gañador cando di “é un galardón que se me outorga porque formei parte da institución moitos anos e acabo de deixar a RAG”. Engádese que para Ramón Barreiro os doux espazos principais da galeguidade son a Casa-Museo Rosalía de Castro e a Fundación Otero Pedrayo.


Fálase do gañador do Premio Trasalba 2010: Xosé Ramón Barreiro. Indícase que o galardón ten carácter honorífico e é concedido anualmente pola Fundación Otero Pedrayo co fin de recompensar o “labor cultural e galeguista de distintas figuras vivas ou falecidas recentemente”. Coméntase que na edición anterior o gañador foi Xosé Manuel Beiras e que anteriormente fora gañado por figuras como Xosé Luís Méndez Ferrín ou Xosé Neira Vilas. Engádese unha biografía de Ramón Barreiro na que se fai fincapé nas súas achegas literarias, destacando a atención que, dentro da súa actividade como investigador, fixo de Manuel Murguía, primeiro presidente da RAG. Remata anunciando a publicación dunha “importante biografía” sobre este escritor.


Recóllese o agradecemento de Xosé Ramón Barreiro Fernández por ter recibido o Premio Trasalba 2010 que outorga a Fundación Otero Pedrayo. Expícase que o galardón lle foi outorgado como recoñecemento pola súa traxectoria ao servizo da cultura galega. Engádese a opinión do historiador e ex presidente da RAG cando di que, para el, hai doux espazos sagrados de galeguidade: “a casa de Rosalía de Castro e Trasalba”.


Anúnciase que Xosé Ramón Barreiro Fernández é o galardoado co Premio Trasalba 2010 que lle outorgou a Fundación Otero Pedrayo co fin de recoñecer a súa traxectoria ao servizo da cultura galega. Engádense datos biográficos deste historiador e ex presidente da RAG entre os que destaca a autoría dunha biografía sobre Manuel Murguía que acaba de rematar. Citanse traballos de investigación seus como El carlismo gallego (1976), El levantamiento de 1846 e el nacimiento del galleguismo (1977) e Historia Contemporánea de Galicia (1981), pola que recibiu o Premio da Crítica 1982, entre outros traballas.

Entrevista a Xosé Ramón Barreiro, por recibir o premio Trasalba 2010 da Fundación Otero Pedrayo. Afirmá que se sente moi satisfeito por ser obsequiado con este galardón e informa que xa ten preparado o seu discurso. Pensa que os seus traballos “permitiron facer unha reinterpretación da Historia de Galicia” e sinala que actualmente ten rematada unha biografía de Manuel Murguía e que está a traballar nun libro intitulado Os perdedores.


Dáse noticia de que Xosé Ramón Barreiro recibirá o premio Trasalba, en recoñecemento á súa traxectoria ao servizo da cultura galega. Reconóce o galardoado que para el hai dous espazos sagrados: a casa de Rosalía de Castro e a de Ramón Otero Pedrayo, en Trasalba, e que por este motivo “é unha satisfacción recibir este premio”, así como “figurar entre as grandes personalidades premiadas”.


Infórmanse que o ex presidente da Real Academia Galega, Xosé Ramón Barreiro, vén de recoller o Premio Trasalba 2010, outorgado pola Fundación Otero Pedrayo. Recólense algumas palabras do discurso pronunciado polo homenaxeado e infórmanse dos persoais da cultura galega que estiveron presentes no acto, como o seu amigo Xosé Luís Méndez Ferrín, encargado tamén da laudatio ao historiador, e de quen se recollen algunas pasaxes do seu discurso. Por último fáise un breve repaso biográfico e da súa traxectoria profesional.


Coméntase que X. Ramón Barreiro recolleu o Premio Trasalba 2010 de mans de Xosé Manuel Beiras, galardoado na anterior edición. Recólense as palabras do presidente da Fundación, Víctor Freixanes, quen afirmou que o premiado “representa o espíritu de Ramón Otero Pedrayo”. Por outro lado, vérquense declaracións de X. L. Méndez Ferrín sobre a obra do homenaxeado e reproducéncase as palabras do propio Barreiro. Ademais, indícase que o galardoado recibiu o libro de homenaxes, asinado polos membros da fundación, unha placa conmemorativa e unha mensaxe de Isaac Díaz Pardo.


Dáse conta da recollida do Premio Trasalba, que concede a Fundación Otero Pedrayo. Sináltase que na entrega estiveron presentes a veciñanza do lugar, amigos e compañeiros do homenaxeado, X. Ramón Barreiro. Coméntase que o acto principiou cunhas palabras de Xesús Alonso Montero e, a seguir, recólense pasaxes do discurso de Xosé L. Méndez Ferrin, que dixo da obra de Barreiro “que contempla a Galicia como unha nación que se constituíu en Reino a partir do século XVIII”. Disé que logo de recibir o premio, Barreiro debullou o seu discurso “en clave de futuro”. Nun á parte, coméntase que o acto de entrega do premio Trasalba tamén deu lugar á presentación doutras iniciativas editoriais da Fundación Otero Pedrayo.

Entre outras cuestións no apartado “Premios” menciona o Premio Trasalba da Fundación Otero Pedrayo a Xosé Ramón Barreiro Fernández.

Premio Xarmenta

Convocado pola Asociación Berciana de Lingua Xarmenta dende 2005, dirixido a institucións e personalidades que máis se implican na promoción da língua galega no Bierzo. O galardón consiste nunha figura de Sargadelos. Dende a cuarta edición é de carácter bienal. No ano 2010 non lle correspondeu convocatoria.

Premio Xoán Manuel Pintos

Convocado polo Concello de Pontevedra e a Rede de Entidades Amigas da Lingua (REAL) contou coas categorías local e autonómica, e tivo como finalidade facer recoñecemento público do labor de impulso da língua galega de persoas, empresas, asociacións ou entidades e, ao mesmo tempo, manter viva a memoria de Xoán Manuel Pintos.
X.7. LITERATURA INFANTIL E XUVENIL

Premio Ala Delta

A Editorial Luís Vives (Edelvives) convocou o Premio Ala Delta de Literatura Infantil coa finalidade de promover a creación literaria para nenos. Estableceu-se un premio único, dotado con 12.100 euros e a publicación, por parte de Edelvives, da obra premiada na colección “Ala Delta”. A extensión das obras, mecanografiadas a dobre espazo, foi dun mínimo de cincuenta folios e un máximo de cento vinte. Os orixinais debían ser inéditos e estar escritos en castelán ou en calquera lingua do estado. O tema dos orixinais foi libre, igual que o xénero literario, e enviáronse baixo plica cos datos do autor, á Editorial Luís Vives “Para o premio Ala Delta” (Xauradó, 25, 28034 Madrid) antes do 2 de novembro. O xurado foi nomeado por Edelvives e estivo formado por especialistas en literatura e educación, sendo un deles membro da Asociación Española de Amigos del Libro Infantil y Juvenil. En anteriores edicións obtivo este galardón O carteiro de Bagdad, de Marcos S. Calveiro (2007). No ano 2010 o gañador do XXI Premio Ala Delta foi o escritor segoviano Ignacio Sanz coa obra Una vaca, dos niños, trescientos ruiseñores.

Premio Arume de Poesía para Nenos

Convocado por vez primeira en 2001 pola Fundación Xosé Neira Vilas, é o único premio específico de poesía para nenos e con el ténanse fomentar a lectura deste xénero entre os máis pequenos. Complementase co Premio Estornela de Teatro, que foi convocado por vez primeira no ano 2002, alternándose ambas as modalidades en anos sucesivos. Ao Premio Arume poden concorrer persoas de calquera nacionalidade con textos escritos en galego que deben enviar, xunto con tres copias, á Fundación Xosé Neira Vilas (Gres, Vila de Cruces, 36587 Pontevedra). As obras debían levar un título que tamén debía constar nun sobre pechado e separado onde figuraban os datos do autor. O prazo de admisión de orixinais rematou o 31 de outubro e tivo unha dotación de 1.000 euros que foron outorgados a un poemario inédito cun mínimo de trescientos cincuenta versos, ademais da publicación da obra en Ediciós do Castro. En anteriores edicións, resultaron gañadores en 2001 Xosé Mª Álvarez Cáccamo con Lúa de pan, en 2003 Helena Villar Janeiro con Na praia dos lagartos, en 2005 Marica Campo con Abracadabras; en 2007 Concha Blanco con Cantos da rula e en 2009 Xoán Babarro con A princesa de Taramundi. No ano 2010 non lle correspondeu convocatoria.

Concurso do Libro Infantil O Barco de Vapor

Convocado pola Fundación SM dende o ano 1978 xunto ao Premio Gran Angular, a convocatoria en lingua galega comezou en 1984 para “promove-la creación dunha literatura infantil para nenos que fomente o gusto pola lectura nesa idade e transmita, con calidade literaria auténtica, uns valores humanos, sociais, culturais ou relixiosos que axuden a construír un mundo digno”. As obras que se presentaron debían ter unha extensión mínima de cincuenta páxinas, mecanografiadas a dobre espazo, e enviáronse tres exemplares xunto cunha versión en soporte informático (disquette ou CD), a Ediciones SM (Impresores, 2, Urbanización Prado del Espino, 28660 Boadilla del
Monte, Madrid), acompañadas dun sobre pechado no que constaba por fóra un pseudónimo e dentro o enderezo do autor, antes do 15 de xaneiro. Podían presentarse todas as obras que se axustasen ao concepto de novela e debían estar escritas en galego, ser orixinais, inéditas e non estar premiadas noutro concurso, nin corresponder a autores falecidos con anterioridade á convocatoria. O xurado foi nomeado pola Fundación Santa María e estivo constituído por especialistas en literatura, pedagogía e educación e un representante da entidade patrocinadora. Contaba cunha dotación económica de 6.000 euros e a publicación da obra en SM Xerme, pero a partir de 2007 a contía do galardón aumentou a 10.000 euros para potenciar a creación de Literatura Infantil e Xuvenil en galego. Nas edicións anteriores resultaron galardoadas as seguintes obras: Das cousas de Ramón Lamote, de Paco Martín (1984); Primeiro libro con Malola, de Xoán Babarro e Ana Mª Fernández (1985); Aventuras de Sol, de Alberto Avendaño (1986); O globo máxico, de Andrés García Vilarriño (1987); Memorias dun río, de Antón Cortizas Amado (1988); Barrigaverde e o dragón Achís, de Xoán Babarro e Ana Mª Fernández (1989); O deus desaparecido, de Pepe Carballude (1990); O conto dos sete medos, de Antón Cortizas (1991); Os naúfragos de Malakadula, de Alberto Avendaño (1992); O castrón de ouro, de Dario Xohán Cabana (1993); O misterio dos fillos de Lúa, de Fina Casalderrey (1994); Os gritos das Illas Lobeiras, de Antón Cortizas (1995); A pirata Penamoura, de Daniel Buján (1996); Valdemuller, de Xosé A. Neira Cruz (1997); A lenda do capitán Miñoca, de Dolores Ruiz (1998); Os ollos do tangaleirón, de Xosé A. Neira Cruz (1999); Alén das estrelamores, de Xoán Xosé Lago Pereira (2000); De como o santo dos croques se fai peregrino, de Pepe Carballude (2002), O meu nome é Skywalker, de Agustín Fernández Paz (2003); Unha bruxa ben rara, de Carlos Mosteiro (2006); e O canto dos peixes, de Marcos S. Calveiro (2008). Na XXVIª edición do ano 2010 o galardón consistiu en 6.000 euros e quedou deserto.

Referencias varias:

Infórmase dos premios literarios do Barco de Vapor e do Terras de Viveiro, que ficaron desertos, debido á falta de fondos económicos ou a que os textos que se presentaron son desalentadores. Apúntase que aínda así sempre hai un editor disposto a sacar beneficios dun libro premiado como xa aconteceu coas que logo foron as exitosas publicacións de Jules Verne.

Premio Internacional de Teatro para Títeres Barriga Verde

Ver apartado X.3. deste Informe.

Concurso BD Vigo

A Biblioteca Pública Central de Vigo convocou este premio de banda deseñada por primeira vez no ano 2010 que conta coas seguintes categorías: Infantil (nenos até 11 anos), Júnior (mozos entre 12 e 16 anos); Sénior (mozos entre 17 e 30 anos). O tema é libre, con textos en galego para obras orixinais non premiadas cunha extensión
mínima de dúas páxinas e máxima de catro, a cor ou branco e negro, con técnica libre e de autoria individual ou dun equipo debuxante/guionista. Os traballos debían presentarse até o 20 de maio en sobre pechado baixo lema e con outro sobre cos datos persoais na Biblioteca Pública Central de Vigo (Joaquín Yáñez, 6, Vigo). Establecécese o seguinte premio: lote de produtos relacionados co mundo da banda deseñada. Ademais o Xurado pode facer Mencións Especiais. Na Iª edición resultaron galardoados nas tres categorías: Martín Rodríguez en Infantil por “O monstro oloroso”, Lucas Rocas en Junior por “No último instante” e Iago Barreiro e Ángela Curro en Sénior por “O monstro do lago Ness” e “Elección de protagonista”.

Referencias varias:


Premio de Banda Deseñada Castelao

Referencias varias:


Dáse noticia de que Brais Rodríguez Verde é o gañador da sexta edición do premio Castelao de Banda Deseñada, que convoca a Deputación da Coruña, coa obra A man do díaño, un alegato humanista e antibelicista construído a partir dunha anécdota. Coméntase que o galardón está dotado con seis mil euros e a publicación da obra. Finalmente, sinaíse que gañadores de pasadas edicións coma David Rubín, Antonio Seijas, Jacobo Fernández ou Mariano Casas son agora autores recoñecidos no mundo do cómic galego.


Indícase que a sexta edición do Premio de Banda Deseñada Castelao, que convoca a Deputación da Coruña, foi concedida a Brais Rodríguez Verde pola súa obra A man do díaño, un alegato antibelicista de estilo moderno que narra a historia de tres soldados enviados a un conflito bélico que o autor non quixo situar nin no tempo nin no espazo. Sináíse que o premio está dotado con seis mil cincocentos euros e a publicación da obra. Coméntase que Brais Rodríguez é licenciado en Belas Artes e durante anos compaxinou a faceta de historietista coa de pintor, aínda que agora se decantou pola primeira porque é un medio narrativo. Díse que se deu a coñecer en fanzines e publicacións non especializadas, que foi cofundador de Carne Líquida e habitual na revista Barsowia, que participou no álbum colectivo H2OIL e que recibiu o primeiro premio do GZ Crea 2009, o Valencia Crea 2007 e o certame galego de cómic sobre teatro.


Entrevista a Brais Rodríguez, gañador da sexta edición do premio de banda deseñada Castelao, na que di que este premio é unha motivación para seguir no cómic. Sinala que ten moitas referencias ao estilo da nova historieta europea, por exemplo o cómic francés dos últimos anos ou o español, e que adoita traballar en branco e negro. Comenta que as editoriais apostan polos autores galegos, pero até agora non o facían por iso el se moveu máis entre historias curtas en fanzines e revistas. Indica que antes había xente facendo cousas boas, como Miguelanxo Prado ou Víctor Rivas, pero dende hai cinco anos apareceu xente con moita calidade. Destaca que son importantes as axudas institucionais, pero sobre todo os autores son os que teñen que se mover, e que na universidade coincidiu con xente de Barsowia, como Diego Blanco ou Alberto Vázquez.


Coméntase que Brais Rodríguez é o gañador da sexta edición do premio de banda deseñada Castelao por A man do díaño, unha reflexión sobre o absurdo dos...
enfrontamentos bélicos, que parte dunha anécdota e remata como un alegato contra a guerra. Indícase que o premio, dotado con seis mil cincocentos euros e a publicación da obra, ten como obxectivo promocionar novos artistas; así, o gañador do ano anterior, Daniel Montero, participou con posterioridade no salón do cómic de Múnich. Sinálase que n’A man do díaño non recibiu ningunha influencia directamente pero que traballa moi ben os recursos do medio, cun estilo propio da banda deseñada máis nova, e que non se sitúa nun tempo e lugar determinados, dándolle á obra un aire de incerteza e centrándose, así, nos personaxes. Indícase que o premio Castelao suporá un pulo para a carreira artística deste autor, o cal ve que hai cantidade e calidade no actual cómic galego.


Destácase que o premio Castelao de banda deseñada, convocado pola Deputación da Coruña, foi para A man do díaño, de Brais Rodríguez, unha reflexión sobre o absurdo das guerras, cuxo uso de recursos narrativos converten unha anécdota nun alegato humanista e antibelicista. Sinálase a composición do xurado e coméntase que a intención do autor foi plasmar o punto de vista humano e forzar os personaxe, de personalidades moi distintas, a se atoparen con situacións difíciles que precisan unha resposta. Indicase que Brais Rodríguez xa conta con outros premios, como o GIZ Crea 2009 e o certame de Cangas do Morrazo en 2005, e que traballou no “Fanzine Enfermo”, na revista Dos veces breve, no álbum colectivo H2oil e ten publicadas historietas nos compilatorios do principal concurso de banda deseñada en 1999 e 2003. Destácase que este galardón ten efectos secundarios, xa que os seus cinco premiados en edicións anteriores ocupan un nome dentro do xénero. Finalmente, saliéntase que o premio pretende promocionar a aparición de novos autores de banda deseñada, polo que está dotado con seis mil cincocentos euros e a publicación da obra.


Sinálase que A man do díaño, de Brais Rodríguez Verde, foi a gañadora do VI premio do cómic galego Castelao, que convoca a Deputación da Coruña. Coméntase que na obra, unha reflexión sobre o absurdo das guerras, se constrúe un alegato humanista e antibelicista, mediante o uso de recursos narrativos cun estilo moderno e vinculado á nova banda deseñada europea. Indicase que con este premio se pretende promocionar os novos valores. Para rematar, faise unha referencia á traxectoria do galardoado.


Saliéntase que Brais Rodríguez Verde foi galardoado coa sexta edición do premio Castelao de banda deseñada grazas á historieta A man do díaño, que narra a historia de tres soldados que durante a súa misión van vendo a dimensión humana da guerra e dubidan do sentido da súa misión. Sinálase que a historieta non está situada nun país concreto; así, as situacións e implicacións dos personaxes levan ao lector a unha reflexión sobre o absurdo das guerras en xeral. Coméntase que o galardón, convocado pola Deputación da Coruña, supón un pulo para a súa motivación, xa que a obra se verá publicada o vindeiro ano e ten unha dotación económica de seis mil cincocentos euros;
además da súa proxección. Infórmase de que o xurado tamén destacou os recursos narrativos da obra premiada, grazas a un estilo moderno e vencellado á nova banda deseñada europea; aínda que el admite que tamén ten influencia doutros artistas non tan novos coma Chester Brown, referente do cómic independente dos anos noventa nos Estados Unidos, ou os españoles Bruguera, Vázquez ou Superlópez. Para rematar, recóllese un resumo da traxectoria profesional do gañador.


Informa, por medio de diferentes apartados, dos acontecementos máis destacados da cultura e literatura galegas. Así, no dedicado á “Banda Deseñada” sinala a sexta edición do Premio Castelao da Deputación da Coruña, con Brais Rodríguez Verde como un dos gañadores por *A man do Díaño*.


Informa de que Brais Rodríguez Verde resultou gañador da sexta edición do Premio Castelao de Banda Deseñada, convocado pola Deputación da Coruña e dotado con seis mil cincocentos euros, pola obra *A man do diánio*, un alegato antibelicista que parte dunha misión militar que se vai complicando e na que participan tres soldados nun territorio inimigo. Comenta que se interesou pola banda deseñada aos dezaoito anos, “despois de ler os cómics de Crumb, Clowes ou Charles Burns” e cre que o premio pode axudarlle nun futuro, pero o que realmente abre portas é o traballo e o seu resultado. Considera que é un bo momento para a banda deseñada en Galicia xa que hai unha gran cantidad de debuxantes dispares e diversos, aínda que pode precisar unha reformulación dende as institucións culturais e educativas. Afirma que espera seguir facendo historias curtas como agora, a pesar de ter gañado o primeiro premio de Banda Deseñada do certame GZ-Galiza Crea en 2009 e o primeiro premio do certame de Cangas en 2005.


Fala da III Gala da Cultura celebrada no Pazo de Mariñán, na que se entregaron os premios convocados pola institución provincial. Deste xeito destaca entre os premiados a Brais Rodríguez, galardoado co Castelao de banda deseñada.


Achégase unha listaxe de autores galegos que ao longo do ano 2010 foron recoñecidos con determinados galardóns, tanto de Galicia como foráneos, polo seu labor en prol da LIX. Entre eles menciónase a Brais Rodríguez por recibir o Premio de Banda Deseñada Castelao coa banda deseñada *A man do diánio*.

Premio **Internacional Compostela para Álbums Ilustrados**
O concello de Compostela convocou no ano 2007 por primeira vez este premio no marco da súa VIII Campaña de Animación á Lectura e do X aniversario da Editorial Kalandraka co obxectivo de estimular os creadores de calquera nacionalidade. Nas bases do premio definiuse o álbum ilustrado como un “libro no que o relato se conta a través de imaxes e textos, de tal xeito que ambos se complementen”. O premio está dotado de 12.000 euros. Poden presentarse orixinais inéditos, con lema ou pseudónimo, realizados polo creador ou creadores do texto e da ilustración, en calquera das linguas oficiais da Península Ibérica, con exclusión dos empregados de Kalandraka e en calquera tamaño, técnica e formato. A súa extensión non pode superar as corentes dúas páxinas interiores e deben presentarse cinco copias do texto, tres ilustracións orixinais e cinco fotocopias en color de cada unha das ilustracións, así como unha maqueta co deseño. Deben enviarse en sobre pechado ao Rexistro Xeral do Concello de Santiago (Rúa do Presidente Salvador Allende, 4, 15705, Santiago de Compostela). O xurado está formado por persoas de recoñecido prestixio na área da literatura e ilustración infantil. A obra premiada editase en todas as linguas oficiais pola Editorial Kalandraka. O prazo de entrega rematou o 26 de febreiro e a decisión do xurado deuse a coñecer o Día Internacional do Libro Infantil e Xuvenil, 2 de abril. O xurado da IIIª edición, composto por David Pintor, Xosé M. Rodríguez-Abella, Manuela Rodríguez Lorenzo, Gustavo A. Rosemfett “Gusti”, Mercedes Rosón Ferreiro, Xavier Senín e Beatriz Varela decidiu galardoar a La familia C, con texto de Pep Bruno e ilustracións de Mariona Cabassa, mentres que quedaron como finalistas Raimon Juventeny Corberó, con Manual del buen paseante. Descripción de veinte puntos, e Vanina Soledad Starkoff por Bailar en las nubes. A esta edición presentáronse cincocentos dezanove traballos de vinte e dous países. O acto de entrega do galardón tivo lugar o 26 de outubro.

Referencias varias:


Fálase da terceira edición dos Premios Compostela para Álbums Ilustrados que organiza a editorial Kalandraka e que premiou o texto de Pep Bruno e as ilustracións de Mariona Cabassa, que se mesturan no volume La familia C, o seu terceiro traballo xuntos. Indícase que ser galardoado con este premio implica a publicación do traballo en galego, castelán, catalán, éuscaro e portugués.
Infórmase da próxima tradución ao galego e a outras linguas da obra de Pep Burno e Mariona Cabassa gañadora do III Premio Internacional Compostela para Álbuns Ilustrados.


Anúnciase a entregado do galardón do III Premio Internacional de Álbuns Ilustrados concedido á obra A familia C, escrito por Pep Bruno e ilustrado por Mariona Cabassa.


Infórmase que Mariona Cabassa e Pep Bruno, aproveitando a súa estancia en Compostela para recoller o Premio Internacional de Álbum Ilustrado por A familia C, mantiveron un encontro co alumnado de Bacharelato do Instituto de Sar.


Coméntase que a Concellería de Educación do Concello de Santiago e Kalandraka Editora acaban de convocar o IV Premio Internacional Compostela para Álbums Ilustrados.


Lóase este premio convocado pola editorial Kalandraka e polo Concello de Santiago que premia álbums de calquera nacionalidade e que tamén visibiliza a lingua galega. Indícase que se publicaron o galardoado A familia C, de Pep Bruno, que nos achega “á vida diaria dunha familia singular” e o finalista Bailar nas nubes, de Vanina Starkoff, no que se transmite “o respecto polo outro, pola cultura e identidade propias”, usando “as cores e as técnicas dos contos populares”.


Felicítase ao Concello de Santiago e á Editorial Kalandraka por convocar a IV edición de Premio Internacional Compostela para Álbums Ilustrados e indicase a contía e o prazo de admisión.

Premio Edebé de Literatura Infantil e Xuvenil
Foi creado pola editorial Edebé no 1992 para premiar obras narrativas novas e diferentes, sorprendentes e imaxinativas, en castelán ou en calquera das linguas do Estado. Foron dúas as modalidades convocadas: a infantil, para obras narrativas dirixidas ao lectorado de entre sete e doce anos, dotada con 25.000 euros; e a xuvenil, para obras dirixidas ao lectorado de máis de 12 anos, dotada con 30.000 euros. Os orixinais tiñan que ter unha extensión mínima de vinte páxinas e un máximo de oitenta para a modalidade infantil, e de oitenta a duascentas para a xuvenil. Presentáronse mecanografiados a dobre espazo e enviáronse por triplicado, baixo plica, antes do 15 de setembro á Editorial EDEBÉ (Paseo San Juan Bosco, 62, 08017 Barcelona), con especificación clara da modalidade á que se opta. O xurado estivo formado por especialistas en literatura e educación e a súa composición deuse a coñecer no momento da realización do ditame do premio, fixado para finais de xaneiro. Nas edicións anteriores recibiron este galardón as seguintes obras en lingua galega: Doutor Rus, de Gloria Sánchez (1994); O estanque dos parrulos pobres, de Fina Casalderrey (1995), e A escola de piratas, de Agustín Fernández Paz (2005) na modalidade infantil; e Trece anos de Branca, de Agustín Fernández Paz (1994) na modalidade xuvenil. Na edición de 2010 o xurado na categoría infantil estivo composto por Teresa Colomer, Pep Durán, Esperanza Nova, Roberto Santiago e Vicenc Villatoro, mentres que na xuvenil estivo integrado por Xavier Brines, Victoria Fernández, Anna Gasol, Rosa Navarro Durán e Robert Saladrigas. A obra premiada publicouse primeiro na lingua orixinal e despois traduicuose ás outras linguas do estado. Nesta XIXª edición presentáronse doucecentos sesenta orixinais (cento cincuenta e sete na modalidade infantil e cento tres na xuvenil), quince deles en galego. Mereceron o galardón Mi hermano el genio, en literatura infantil, de Rodrigo Muñoz Avia, e Palabras envenenadas, en xuvenil, de Maite Carranza. O ditame do xurado fixose público o 27 de xaneiro en Barcelona.

Premio de Teatro para Nenos Estornela

Coa finalidade de estimular a creación teatral e de proporcionarlle a nenas e nenos obras que poidan representar, a Fundación Xosé Neira Vilas convoca este premio que alterna anualmente co Premio Arume de Poesía para Nenos. Puideron concorrer todas as persoas que o desexasen, de calquera nacionalidade, con textos inéditos escritos en lingua galega. Cada orixinal podía conter unha ou varias pezas teatrais. Os traballo envíaronse, un orixinal e dúas copias, á sede da Fundación Xosé Neira Vilas (Gres, 36587 Vila de Cruces, Pontevedra). A Fundación escolleu un xurado de recoñecido prestigio e o galardón consistiu nunha dotación económica de 1.000 euros e a publicación do traballo premiado. En edicións anteriores os galardóns foron para Música na noite, de Manuel Lourenzo en 2000; Os mumiños, de Heidi Kühn-Bode en 2002; O ensaio, de Xosé Agrello, O porco que perdera a cabeza, de Ana María Galego Gen e Xoguetes, de Fran Peleteiro en 2004; O filibusteiro do mar da Marola, de Antonio Cordero Álvarez en 2006; e Larpancia saborosa do lobo e a raposa, de Bernardino Graña en 2008. No ano 2010, o prazo de admisión rematou o 30 de outubro e contou coa colaboración da Secretaría Xeral de Política Lingüística. O xurado formado por Xosé Neira Vilas, Valentín García Gómez e Xoán Andrés Fernández Castro acordou por unanimidade conceder o VI Premio Estornela, de entre os dezaio orixinais presentados, a Carlos Labraña (Cedeira) por Teatro de Xoguete, que comprende tres representacións “Á procura das andavías xigantes”, “Os xoguetes esquecidos” e “Voa, voa, papaventos”. Tamén decidiu conceder un accésit ao escritor
estradense Xosé Luna Sanmartín por Tulipáns Vermellos. O acto de entrega tivo lugar o 19 de decembro na Fundación Xosé Neira Vilas.

Referencias varias:


Dáse noticia de que o vicepresidente da Fundación Neira Vilas, Luís Reimóndez Vilas, presentou o VI premio Estornela de teatro escrito infantil, dotado cun premio metálico de mil euros e a publicación da obra gañadora. Sinálase que a presentación de orixinais remata o trinta de outubro de 2010.


Anímase á participación no VI Premio Estornela de Teatro para Nenos da Fundación Xosé Neira Vilas e lémbrase que se começou a convocar en 2002 para complementar o Premio Arume de Poesía para Nenos da mesma Fundación.


Comenta que o escritor Carlos Labraña resultou gañador do VI Premio Estronela de Teatro para nenos convocado pola Fundación Xosé Neira Vilas, coa recompilación de obras presentadas baixo o título Teatro de Xoguete. Di tamén que as tres pezas que se inclúen no volume son “A procura das andavías xigantes”, “Os xoguetes esquecidos” e “Voa, voa, Papaventos”.


Dáse conta do gañador do premio Estornela de teatro infantil que foi Carlos Labraña coa obra Teatro de Xoguete. Coméntase que a obra gañadora consta de tres representacións que levan por título “A procura das andavías xigantes”, “Os xoguetes esquecidos” e “Voa, voa, Papaventos”. Engádese ademais que estas pezas inclúen moralexa para enriquecer os valores formativos dos lectores. Finalmente, coméntase que o xurado decidiu dar unha mención de honra á obra Tulipáns vermillos, de Xosé Luna.


Salienta o valor léxico e argumental da obra Teatro de xoguete, do escritor Carlos Labraña, que resultou gañadora do VI Premio Estornela de Teatro. A seguir recolle unha entrevista co autor na que recoñece que é un premio moi especial porque é un premio da Fundación Neira Vilas e que está moi dirixido ao teatro para ser representado para os nenos. Comenta tamén os argumentos das tres pezas teatrais incluídas no volume e di que decidiu escribir estas pezas ao se dar conta de que os colexios buscaban
textos dramáticos para representalas cos escolares. Por último destaca a importancia das ilustracións nos textos dramáticos.


Informa da entrega da sexta edición do premio Estornela de teatro infantil. A continuación destaca a figura do gañador, Carlos Labraña, como un dos referentes do xénero en Galicia e comenta que este é o sexto galardón que recibe o autor. De seguido, sinala que a obra gañadora, *Teatro de xoguete*, compila tres pezas teatrais “Á procura das andavías xigantes”, “Os xoguetes esquecidos” e “Voa, voa, Papaventos”, e que será publicada por Edicións Embora. Tamén dá conta da mención de honra que recibiu Xosé Luna coa súa obra, *Tulipán’s Vermellos*.

**Premio Frei Martín Sarmiento**

Convocado dende o ano 2005 pola Federación Española de Relixiosos de Ensinanza-Centros Católicos en Galicia (FERE-CECA Galicia) recoñece, a partir do lectorado de primaria e ESO, as mellores obras da Literatura Infantil e Xuvenil. Estableceu catro categorías: 1º e 2º de Educación Primaria; 3º, 4º e 5º de Primaria; 6º de Primaria, 1º e 2º de ESO; e 3º e 4º de ESO e 1º de Bacharelato. A dinámica de selección das obras que entraron a concurso ten tres fases: unha primeira escolla por parte das editoras; unha segunda selección por parte dun grupo formado por profesores e alumnos que determinou os tres finalistas; e, por último, a votación do alumnado nunha escala de cero a dez. Na sexta edición correspondente ao ano 2010, os galardoados nas diferentes categorías foron: na primeira categoría (1º e 2º de primaria) Manuel Uhía; na segunda categoría (3º a 5º de primaria) *Lía e as zapatillas de deporte*, de María Reimóndez; na terceira categoría (6º de Primaria a 2º de ESO) *Os piratas da illa da esperanza*, de Xosé Rivadulla Corcón; na cuarta categoría (3º de ESO a Bacharelato) *A cabeza de Medusa*, de Marilar Aleixandre.

**Referencias varias:**


Anúncianse as obras gañadoras do Premio Frei Martín Sarmiento organizado polos Equipos de Normalización Lingüística da FERE en Galicia e outorgados por lectores de Primaria, Educación Secundaria e Bacharelato. Apúntase que os libros premiados foron *Lía e as zapatillas de deporte*, escrita por María Reimóndez e ilustrada por Iván Sende na categoría de 3º a 5º de Primaria; *Os piratas da illa da esperanza*, de Xosé Rivadulla e ilustrada por Adrián Solleiro na de 6º de Primaria a 2º de ESO; e, por último, *A cabeza de medusa*, de Marilar Aleixandre na categoría de 3º de ESO a Bacharelato. Coméntase que todas estas publicacións foron editadas por Edicións Xerais de Galicia.
Premio Fundación Caixa Galicia de Literatura Xuvenil


Ver apartado X.1. deste Informe.

Referencias varias:


Laméntase que a Fundación Caixa Galicia non convoque en 2010 o seu premio de Literatura Infantil e Xuvenil e indícanse algúns dos escritores gañadores deste premio en anteriores edicións. Agárdase que a crise non supoña a súa desaparición definitiva.

Premio de Literatura Infantil da Fundación Espace Enfants (FEE), de Suíza

Premio que convoca cada dous anos, dende hai dúas décadas, en Saint Pierre des Clages, Vila Suiza do Libro, a Fundación Espace Enfants que se dedica á investigación no ámbito da psicología infantil. Con este premio inténanse dar a coñecer a todo o mundo obras de literatura de calidade que mellor conectan coa psicología dos nenos. Na edición do ano 2007, cun xurado formado por especialistas en Literatura Infantil de Suiza, Francia, Italia, China, Xapón, Brasil e un representante do continente africano, por primeira vez, recibiu o premio a escritora galega Marisa Núñez por Chocolata (2006), entre as máis de cento cincuenta obras presentadas.

Premio de Literatura Infantil e Xuvenil Lazarillo

dotacións económicas e a posibilidade de presentar orixinais en calquera das linguas oficiais do Estado. Na convocatoria de creación literaria, dende 1997, contemplaronse dúas categorías que van alternando cada ano, unha infantil (obras destinadas a un lectorado menor de 12 anos) e outra xuvenil (obras destinadas a un lectorado maior de 12 anos). Na actualidade, a dotación ascende a 8.000 euros para a obra gañadora e 2.000 para aquela merecedora dun accésit. Os textos que optaron ao premio (que poden comprender unha ou varias obras) tiñan un mínimo de oitenta páxinas (dous mil cem caracteres cada unha), no caso de narrativa e teatro, e un mínimo de doucecentos cincuenta versos para obras de poesía. Unha mesma obra podía optar ao Premio Lazarillo de creación Literaria e ao de ilustración. O xurado estará presidido por quen ocupe a Presidencia da Organización Española para o Libro Infantil e Xuvenil; serán vogais un representante de cada unha das seccións da OEPOLI e un representante do Ministerio de Cultura; e actuará como secretaria, con voz e sen voto, a secretaria da OEPOLI. As persoas que concursaron remitiron á Secretaría da OEPOLI (Santiago Rusiñol, 8, 28040 Madrid) catro exemplares de cada unha das obras coas que desexaban concorrer. Os orixinais debían presentarse baixo lema, xunto con sobre pechado co lema identificador e o título antes do 30 de maio. En anteriores edicións recibiron o galardón as seguintes obras en galego: en 1990 Contos por palabras, de Agustín Fernández Paz; en 1999 A banda sen futuro, de Marílar Aleixandre; e en 2001 Amar e outros verbos, de Ana María Fernández Martínez; en 2005 A sombra descalza, de An Alfaya; e en 2004 A noite da raíña Berenguela, de Xosé Antonio Neira Cruz e en 2009 O pintor do sombreiro de malvas, de Marcos S. Calveiro. Nesta edición de 2010, convocouse a modalidade xuvenil e o xurado de Creación Literaria, presidido por Sara Moreno Valcárcel, Vicepresidenta de OEPOLI, e integrado por Paloma de Miguel, Ignacio Chao, Marta Martí e Mikel Ayerbe, actuando como secretaria, sen voz nin voto, Ana Cendán, concedeu o premio o día 26 de novembro a Pilar Lozano e Alejandro Rodríguez, pola obra titulada Marco Polo no fue solo; e mentres que o xurado de Álbum Ilustrado, presidido por Sara Monereo Valcárcel, Vicepresidenta de OEPOLI e en representación da Presidenta Mª Jesús Gil, e integrado por Eider Eibar, Alberto Urdiales, David Pintor e Oblit Baseiria e Ana Cendán, que actuaou como secretaria, concedeu ex aequo o galardón a Enrique Flores, pola obra titulada Parchís e a Lluïsot, por El sueño de viejo marinero. Presentáronse cincuenta e tres obras, delas seis en galego.

Premio María José Jove de Teatro Infantil

Premio bienal convocado pola Fundación María José Jove co fin de promover a creación dunha Literatura Infantil a través de textos dramáticos pensados para a súa posta en escena. Establece un único premio, indivisíbel, de 30.000 euros e, ademais, a obra premiada representarase, sempre que sexa posíbel, no Encontro de Cine e Teatro Infantil María José Jove. Poderán optar ao premio todos os escritores que o desexen, sempre que as obras que presenten se axusten ao concepto comunmente aceptado de obra teatral, tanto para actores coma para monicreques, escritas en galego ou castelán, sexan orixinais, inéditas e non premiadas anteriormente. A duración das obras na súa posta en escena non poderá exceder dunha hora e o número de personaxes non será maior de dez. Os textos remitiranse por triplicado e baixo pseudónimo en folios DIN-A4, mecanografiados a dobre espazo e encadernados ou cosidos e en disquete á Fundación María José Jove.
Premio de Literatura Infantil e Xuvenil **Meiga Moira**

Convocado por primeira vez no ano 2004 por Baía Edicións. Está dotado cun único premio de 2.500 euros e a publicación da obra na colección “Meiga Moira” de Baía Edicións. A súa convocatoria é bienal. Está dirixido a obras inéditas de creación literaria dirixidas a nenas e nenos de 8 a 16 anos. A lingua do texto foi o galego conforme a normativa vixente, sen límite de páxinas. Da obra inédita e non premiada deben enviarse cinco copias baixo lema nun sobre pechado cos datos persoais do autor antes do 17 de maio a Baía Edicións (Polígono Pocomaco, 2ª avda., parcela G-18, nave Posterior, 15190 A Coruña). O xurado está composto por cinco persoas de recoñecido prestixio, unha delas da editorial, que actuou como secretaria. En edicións anteriores recibiron o galardón *O lume dos soños*, de Cibrán Ulloa (2004); *Lóbez*, de Antonio Yáñez Casal (2006); e os *Globos de andar*, de Xavier López Rodríguez (2008). Nesta cuarta edición de 2010, a resolución deuase a coñecer o 1 de outubro e o premio foi para Andrea Maceiras Lafuente por *Violeta tamurana*, novela presentada baixo o lema “Arquipélagos”.

**Referencias varias:**


Entrevista a Andrea Maceiras, gañadora da cuarta edición do Premio Meiga Moira de Literatura Infantil e Xuvenil, que convoca Baía Edicións, pola súa novela *Violeta tamurana*. Indica que este premio lle dá a posibilidade de dar a coñecer a obra e supón un empuxo para seguir escribindo. Comenta que os temas da novela son a importancia das cores, o amor polo pasado, a importancia de cambiar as cousas, e que os protagonistas son: o heroe, Pao, que asiste ao exterminio das flores tamuras, que medran na illa de Tamurana onde el vive, polo que decide que non pode seguir vivindo nesta cultura e emprende unha viaxe arriscada da que sairá victorioso; e o mentor, o seu tío Ciaro, o primeiro habitante da illa que se atreve a pasar o límite do mar ao que ninguén se atrevera, polo que lle abre o camino ao heroe. Opina que a novela conecta ben cos adolescentes porque reivindica a liberdade, a procura dos soños, ou pensar que todo é posible, e que nas descricions que fai dos espazos naturais da illa intenta reflectir o sentimento do protagonista cara ao seu pais, ao que acaba regresando. Cre que o sistema literario galego conta con moitos premios que permiten aos autores novos darse a coñecer e que pensa seguir escribindo Literatura Infantil e Xuvenil porque o público é moi agradecido, porque a esas idades as lecturas marcan moito e porque esta literatura está en auxe, o cal cre que é un reflexo da necesidade de que os rapaces vexan a lectura como unha maneira de ocio e do fomento do galego como lingua literaria.


Escóllese a Andrea Maceiras Lafuente como protagonista por ter merecido o IV Premio de Literatura Infantil e Xuvenil Meiga Moira 2010 con *Violeta tamurana*. Ademais de ofrecer os motivos que impulsaron a decisión do xurado, achéganse algúns datos biobibliográficos da tamén autora de *Proxecto Bolboreta* (2008), Premio Certame de Micronovela Concello de Soutomaior 2007.

Achégase unha listaxe de autores galegos que ao longo do ano 2010 foron recompensados con determinados galardóns ou recoñecementos, tanto de Galicia como foráneos, polo seu labor en prol da LIX. Entre eles menciónase a Andrea Maçeiras polo Premio Meiga Moira con *Violeta tamurana*.

**Premio Nacional de Cómic**


**Premio Nacional de Literatura Infantil**

Ver o apartado X.5. deste Informe.

**Premio Manuel María de Literatura Dramática Infantil**

Convocado polo Instituto Galego das Artes Escénicas e Musicais (IGAEM), actualmente AGADIC da Consellería de Cultura, conxuntamente co Premio Álvaro Cunqueiro para Textos Teatrais (ver o apartado X.3 do Informe) e o Barriga Verde de Textos para Teatro de Monicreques. Poden optar textos teatrais inéditos en galego dirixidos especificamente ao público infantil, quedando excluídas as obras de teatro breve e os textos para teatro de monicreques. A contía era de 4.000 euros, que na convocatoria do ano 2009 ascendeu a 6.000 euros. As obras foron de tema e extensión libres, tendo en conta o principio de duración normal dun espectáculo completo, quedando excluídos os textos para monicreques e as pezas de teatro breves. A obra premiada pode ser publicada nas coleccións de AGADIC, que se reserve durante un prazo de dous anos o dereito a editalas. Os orixinais deben presentarse por sextuplicado, mecanografados a dobre espazo baixo lema e un sobre pechado cos datos persoais do autor a AGADIC (Rúa da Vesada s/n, San Lázaro, 15703 Santiago de Compostela). Segundo as bases da convocatoria, complementariamente ás calidades literarias e aos contidos dramáticos das obras, o xurado valora positivamente aqueles factores que inciden na súa viabilidade escénica: número de personaxes, espaço escénico, condicións técnicas, etc. Nas edicións anteriores concedese o galardón en 2006 a *Boas noites*, de Paula Carballeira; en 2007 a *Game over*, de Carlos Losada; en 2008 a *Pingueiras e tarteiras*, de Teresa González Costa; e en 2009 a *Sopa de xarope de amora*, de Xosé A. Neira Cruz. Nesta V edición de 2010 o periodo de admisión rematou o 11 de xuño e o xurado integrado por Dolores Vilavedra, actuando como presidenta, Marcelina Calvo.
Domínguez, como secretaria, e polos vogais Ánxeles Cuña Bóveda, Roberto Leal Jiménez, Eduardo Rodríguez Cunha, Ricardo Solveira Díaz e María de los Ángeles Alfaya Bernárdez, reunido o 11 de outubro, decidiu por maioría conceder o galardón á obra Os reloxos preguiceiros de Néboa, de Francisco Xavier Lama López, presentada baixo o lema “O tempo misterioso de Cuco Campá”.

Referencias varias:


Infórmase da entrega dos galardóns dos premios de teatro convocados por AGADIC na Feira das Artes Escénicas. Indícase que Xavier Lama gañou a quinta edición do Premio Manuel María de Literatura Dramática Infantil pola obra Os reloxos preguiceiros de Néboa, que parte da situación dunha cidade chamada Néboa, onde os reloxos deixan de marcar a hora. Finalmente, cóntase que nesta apertura da Feira se fixo unha homenaxe ao falecido actor Suso Díaz e se puxeron en escena as montaxes de Ónfalo Teatro, Teatro do Morcego e Teatro de Ningures; que ao día seguinte será a quenda de Galitoon, DLoira, Lagarta Lagarta e SOLODOSneodans; e que O incerto señor don Hamlet, de Sarabela Teatro será suspendida pola morte de Suso Díaz.


Coméntase que na Feira Galega das Artes Escénicas se deron a coñecer os gañadores dos catro premios de textos escénicos que promove Agadic. Así, sinálase que o premio Manuel María de textos teatrais para cativos foi para Xavier Lama e a súa obra Os reloxos preguiceiros de Néboa.


Indícase que AGADIC fixo públicos os gañadores dos premios Cunqueiro, Manuel María e Barriga Verde, dotados con seis mil euros cada un. Coméntase que Xavier Lama levou o Manuel María de Literatura Dramática infantil grazas a Os reloxos preguiceiros de Néboa, unha reflexión fantasiosa sobre o paso do tempo.


Infórmase que Xavier Lama recibiu o Manuel María por Os reloxos preguiceiros de Néboa. Finalmente, faise referencia ao programa que se vai desenvolver ese día na Feira das Artes Escénicas.


Achega á figura de Xavier Lama con motivo da concesión do V Premio Manuel María de Literatura Dramática pola obra Os reloxos preguiceiros de Néboa, da que o xurado
destacou a orixinalidade do tema, a fantasía dos personaxes, a elaboración literaria e a singularidade do mundo creado. Expí placebo quen é a entidade convocante e salientanse outras facetas creativas de Lama.


Achégase unha listaxe de autores galegos que ao longo do ano 2010 foron recompensados con determinados galardóns ou recoñecementos, tanto de Galicia como foráneos, polo seu labor en prol da LIX. Entre eles menciónase a Xavier Lama por recibir o Premio Manuel María con Os reloxos preguiceiros de Néboa.

**Premio Merlín de Literatura Infantil**

Foi creado no ano 1986 por Edicións Xerais para premiar orixinais inéditos en lingua galega. Dotado con 10.000 euros, podían participar todos aqueles autores de calquera nacionalidade que presentasen os seus orixinais en lingua galega, conforme á normativa vixente. De cada orixinal presentáronse seis copias en papel tamaño folio ou holandesa, mecanografados a dobre espazo, nos locais da editora (Dr. Marañón 12, 36211 Vigo). Co orixinal, que debía ser presentado baixo lema, acompañouse, baixo plica, o nome completo, enderezo e teléfono do autor, así como o título do libro, indicando no sobre para o Premio Merlín de Literatura Infantil. O xurado estaba integrado nos primeiros anos por escritores e especialistas na materia pero, desde 1988, estivo constituído por cinco membros, escolleitos, para cada edición, entre lectores, algúns recoñecidos profesionais da cultura e un secretario con voz e sen voto nomeado pola editorial. Por outra parte, Edicións Xerais de Galicia, que reserva os dereitos de edición sobre a obra premiada en todas as linguas do Estado español, coa posibilidade de ceder tales dereitos a terceiros, poderá publicar esta sen limitación do número de exemplares nin de edicións. Os cinco mil primeiros exemplares vendidos estarán libres de pagamento de dereitos de autor e o beneficiario do premio, que se compromete a renunciar expresamente a calquera pretensión sobre os devanditos dereitos, recibirá gratuitamente cincuenta exemplares da obra publicada. Así mesmo, Edicións Xerais de Galicia resérvase durante o prazo de seis meses, a contar dende o día do outorgamento do premio, a opción de publicar calquera das obras presentadas ao mesmo, subscribindo a tal efecto, cos autores, os correspondentes contratos de edición. En edicións anteriores o galardón foi para: A casa abandonada, de Úrsula Heinze en 1986; A princesa Lúa e o enigma de Kian, de Palmira González Boullosa en 1987; O outro lado do sumidoiro, de Xosé A. Neira Cruz en 1988; As flores radiactivas, de Agustín Fernández Paz en 1989; Fafarraíos, de Gloria Sánchez García en 1990; Días bágoas por Máquina, de Fina Casaldey Fraga en 1991; Os Mornias, de Dolores González Lorenzo en 1992; O gaitiero e o Rato Pérez, de Bernardino Graña en 1993; A expedición do Pacífico, de Marilar Alexiandre en 1994; Perigo vexetal, de Ramón Caride Ogando en 1995; Na fogueira dos versos, de Antonio Garcia Teixeiro en 1996; ¡Sireno, Sireno!, de An Alfaya en 1997; A noite das cabras do aire, de Bieito Iglesias en 1999, As cousas claras, de Xosé A. Neira Cruz en 2000; A merla de trapo, de Antón Cortizas Amado en 2001; Pel de lobo, de Xosé Miranda Ruiz en 2002; Irmán do vento, de Manuel Lourenzo González en 2003; O Brindo de Ouro, de Xesús Manuel Marcos López en 2004; Unha branca de cobre para Martiño, de Ramón Carredano Cobas en 2005; O tesouro da lagoa de Reid’Is, de Agustín Agra Barreiro en 2006; Minimaladas, de Carlos

Ver tamén apartado X.1. deste Informe.

Referencias varias:


Anúnciase a convocatoria da XXVII edición do Premios Xerais de Novela e da XV do Premio Merlin de Literatura Infantil, abertos a todas aquela obras orixinais e inéditas escritas en lingua galega. Indícase que o gañador do Xerais recibiría vinte cinco mil euros fronte aos dez mil que obtería o vencedor do Merlin.


Pártese do anuncio da concesión do Premio Xerais de Novela 2010 e do Premio Merlin de Literatura Xuvenil a dúas escritoras, Iolanda Zúñiga e Teresa Moure, respectivamente, para afirmar a continuación que se pode xa falar dunha nova xeración literaria galega á que a autora do artigo denomina Xeración Merlín e na que cobran protagonismo as mulleres. Coméntanse cales serían algunhas das características que definirían a xeración, como que se iniciaron na lectura a partir da creación do Premio Merlin. Lémbrase tamén que ao tempo que se realiza o acto na Illa de San Simón se celebra o acto de ingreso de Bernardino Graña na Real Academia Galega en Cangas. Logo dáse conta de varias novidades editoriais como *O coitelo de novembro*, de Marilar Aleixandre; *Cartas marcadas*, de Xabier Queipo; e *Covalladas*, de Xurxo Borrazás.


Despois de informar do acto de ingreso de Bernardino Graña na Real Academia Galega no Auditorio de Cangas do Morrazo, nun á parte, titulado “Cita en San Simón”, incídes que este acto coincide coa entrega dos premios de Edicións Xerais de Galicia (o Xerais e o Merlin) e o da Fundación Caixa Galicia e noméanse os lemas dos finalistas e a contía dos galardóns.


Apunta a obra gañadora do Premio Merlin e indica que asistiron ao acto máis de tres persoas do eido editorial e representantes doutras entidades. Comenta a intervención de
Celia Torres, presentadora do acto; de Fina Casalderrey, mantedora da velada; e de Manuel Bragado, director da editorial. Nun á parte, realizase unha breve aproximación á temática da obra premiada, A filla do ladrón de bicicletas, de Teresa González Costa.


Informa da concesión do Premio Merlin a Teresa González Costa por A filla do ladrón de bicicletas. Logo de indicar o argumento da obra, sinálase que no acto de entrega, Manuel Bragado, o director de Xerais, fixo fincapé na renovación narrativa e autorial en Galicia, malia a crise do sector editorial. Lémbrase tamén as palabras da mantedora, Fina Casalderrey. Nun segundo á parte, a entrevista a Teresa González Costa ábrese falando da súa experiencia na narrativa, despois do teatro. Apunta que o texto é unha aventura e que ten un “pouco de conto clásico, con eses personaxes antagónicos” e sinala que tamén hai algo de intriga.


 presentan o Premio Merlin de Literatura que foi para Teresa González Costa por A filla do ladrón de bicicletas. Indícase que o xurado salientou a “perfecta combinación de tenrura e humor”, así como a construción dos diálogos “áxiles, ocorrentes, frescos, divertidos” e próximos ao teatro, destacando ademais os aspectos lúdicos.


Informa das gañadoras da 27ª edición do Premio Xerais de Galicia e do 25º Premio Merlin de Literatura Infantil, Iolanda Zúñiga e Teresa González, respectivamente. Sinálase o feito de seren escritoras nadas despois de 1975, que recibiron escolarización en galego. Ademais, este dato, unido ao número crecente de escritoras premiadas nunos concursos, como Rosa Aneiros, dice que levaron ao director de Xerais, Manuel Bragado, a “celebrar a existencia de cantera”, que tamén manifestou que vivimos na primeira década das narradoras galegas e entre as razóns que explican esta renovación salientou a colección “Merlín” que entende como clave para a consolidación da Literatura Infantil e Xuvenil galega. Entre outras cousas, coméntanse ademais a
traxectoria profesional das premiadas, do mesmo xeito que se destacan as palabras do xurado sobre as nomeadas obras.


Tras lembrar que no acto de entrega dos premios Xerais na Illa de San Simón acompañou o sol despois dunha semana chuviosa, lembrase que este é o lugar escollido dende hai cinco ou seis anos pola Editorial Xerais para realizar este acto. Logo dáse o nome das escritoras premiadas, Teresa González e Iolanda Zúñiga, das que se destaca a súa mocidade e calidade literaria e sinálase a importancia de escoller a lingua galega para seguir construindo historias que se poidan visualizar fóradas fronteiras galegas.


Recólлense as impresións de Teresa González Costa, que vén de gañar o Premio Merlín de Literatura Infantil coa obra A filla do ladrón de bicicletas. Sinala que este premio “é tranquilizador, axudache a seguir traballando” e que foi precioso recollelo “polo que significa o premio na historia da literatura infantil galega”. Sobre a obra, apúntase que centra a súa atención na dobre moral e na hipocrisía social, así como na competividade e no materialismo. Malía todo, comenta a autora que tratou de “contar a historia con moito humor” e repara no significado que ten a bicicleta para ela, que na obra “é unha figura tutelar, unha compañeira que nunca marcha”, por iso di, “que a rouben é traumático”.


Sinálase que a vencedora do Premio Merlín de Literatura Infantil foi Teresa González Costa coa obra A filla do ladrón de bicicletas. Dise que o portavoz do xurado, Antonio García Teixeiro, gabou “o ritmo case teatral do libro e as frescuras dos personaxes”.

Logo de resumir a historia da obra, noméase aos membros do xurado.


Comézase falando da cuestión da innovación en tempos de crise, para destacar o labor de dez pontevedreses e pontevedresas que alcanzaron o triunfo nas súas respectivas actividades profesionais. Faise unha pequena selección de cidadáns que representan “la imagen del éxito”, á que se lle engaden nomes como os de Susana Fortes, Magín Froiz, Mariano Rajoy, etc. Nun á parte, destácanse entre outros, a Teresa González, natural do Grove e gañadora da XXV edición do Premio Merlín de Literatura pola obra A filla do ladrón de bicicletas. Destácase o argumento do libro así como outras obras da escritora, quen manifesta que o éxito é “poder facer o que queres día a día” e que os premios son un incentivo para seguir creando, “non unha meta”.

Entre outras cuestións no apartado “Premios” menciona o Premio Merlín de Literatura Infantil concedido a Teresa González Costa por *A filla do ladrón de bicicletas* (2010).


Achégase unha listaxe de autores galegos que ao longo do ano 2010 foron recompensados con determinados galardóns ou recoñecementos, tanto de Galicia como foráneos, polo seu labor en prol da LIX. Entre eles menciónase a Teresa González Costa quen recibiu este galardón por *A filla do ladrón de bicicletas*.

**Premio Ourense de Banda Deseñada**


**Referencias varias:**


Sinálase que a revista *Retranca*, que recibiu o Premio Ourense á mellor iniciativa de Banda Deseñada, conseguiu vivir tres anos sen subvencións, xa que os temas que tratan (crítica política e social) teñen que estar afastados dos organismos públicos. Coméntase que, a pesar de que a crise e a caída da publicidade os obrigou a reducir a súa periodicidade de mensual a bimestral, teñen un público fiel, xa que falan do que non se fala na prensa seria e a crítica chega mellor a través do humor. Indícase que até agora en Galicia nunca houbo revistas satíricas de humor e, despois de tres anos, conseguiron que os autores que colaboran nela perderan o medo a falar de certos temas. Así coméntase que o seu éxito é ver a xente tratada dende outro punto de vista, pero con moito respecto. O seu máximo responsábel, Kiko da Silva, asegura que segue existindo a censura, xa que hai certo medo por parte dos políticos. Finalmente, saliéntase que polas páxinas da revista pasaron a gran maioria dos humoristas gráficos galegos actuais e moitas traducións de autores españois, arxentinos e chilenos, e que impulsou na serie “Colección Retranqueira” os álbums recompilatorios *Jalisia Caníbal*, de Luís Davila, e *Fito e Pita*, de Guitián.

Destácase que entre o un e o dezasete de outubro terán lugar as Xornadas de Banda Deseñada en Ourense que contarán con tres exposicións de artistas galegos e foráneos, un encontro entre creadores e o seu público, a proxección de dúas películas baseadas no cómic, a presentación da nova editorial especializada Demo e a entrega do premios Ourense á revista Retranca e Xuventude Crea a José Domingo.


Infórmase da entrega na Casa de Xuventude de Ourense do Premio Ourense de Banda Deseñada á mellor iniciativa á revista Retranca polo seu emprego do cómic como linguaxe primordial, por dar cabida a autores galegos publicándoos sempre en lingua galega, polo que se converteu no principal escaparate para os humoristas gráficos galegos actuais. Sinálase que o director da revista, Kiko da Silva, recibiu unha estatuíña de Manolo Figueiras e declarou que o mellor premio é seguir nos quioscos tres anos despois cun proxecto polo que ninguén apostaba.

Premio de Ilustración e Narración Infantil e Xuvenil Pura e Dora Vázquez

Convocado pola Deputación de Ourense dende o ano 2003 e dotado con 3.000 euros para cada modalidade, ilustración e narración. Os orixinais de narrativa presentáronse antes do día 12 de setembro, mentres que para a modalidade de ilustración o prazo rematou o 20 de decembro. No ano 2010 deuse a coñecer o gañador da VII edición do premio, correspondente ao ano 2009, na modalidade de ilustración que foi Nuria Díaz Berride, que contou como xurado con Xoán Babarro González, Ana Malingre Rodríguez, Alejandro González Caporale e Modesta Solano Póveda. O xurado da oitava edición de 2010, composto por José Luís Valladares Fernández, deputado de Cultura; Xoán Babarro González, gañador da anterior edición; Isaac Alonso Estraviz, educador e investigador; Isabel Almuíña González, técnica bibliotecaria da Biblioteca Provincial da Deputación de Ourense; e o profesor José Manuel Fernández López outorgou o galardón á obra O papaventos de Laura, de María Canosa, de entre os quince orixinais presentados.

Referencias varias:


Fálase de Nuria Díaz, a gañadora da sétima edición do Premio Pura e Dora Vázquez na modalidade de ilustración que convoca a Deputación de Ourense. Indícase que as ilustracións pertencen a Palabra era un universo paralelo de Xoán Babarro, texto gañador no apartado de narración. Ademais, infórmase de que a Deputación editará a publicación e que se utilizará nunha campaña de animación á lectura dirixida á xente moza.

Faise eco da entrega do Premio Pura e Dora Vázquez de Narración e Ilustración Infantil e Xuvenil ao escritor Xoán Babarro e á ilustradora Nuria Díaz por *Palabra era un universo paralelo*. Tras achegar información sobre as bases deste galardón e os argumentos que determinaron a decisión do xurado desta edición, xustifícase a elección de Babarro como protagonista polo seu compromiso coa LIX.


Entrevista a María Canosa, gañadora do premio Pura e Dora Vázquez coa novela infantil e xuvenil *O papaventos de Laura*, que ten como protagonista un papaventos, cuxa dona é Laura e que relata unha serie de aventuras. Afirma que lle fai moita ilusión gañar este premio porque xa o gañou súa nai hai uns anos e porque Dora e Pura Vázquez foron as primeiras en ler o que ela escribía cando tiña trece anos. Indica que só coincidiu con Dora nalgún recital pero nunca foron amigas e que, unha vez que remate a parte de ilustración, publicará a novela. Finalmente, admite que escribe por gusto e que cando era moza camezou a escribir para o público xuvenil, pero cando medrou decidiu dirixirse aos nenos, aínda que segue a escribir para adultos.


Sinálase que *O papaventos de Laura*, de María Canosa, se fixo co VIII Premio Pura e Dora Vázquez, convocado pola Deputación de Ourense, na modalidade de narración. Para a autora a súa concesión foi moi emotiva, xa que estas escritoras foron as primeiras que leron a súa primeira obra *Bramido maino*, que escribiu con trece ou catorce anos. Indicase que a obra conta unha historia coma as de antes, divertida e próxima, xa que os protagonistas poden ser un veciño da vila dos nenos, e na que se fai un canto á constancia, á tenacidade para conseguir as cousas, á loita polos soños, aínda que implique facer esforzos. Salientase que a segunda parte do premio comeza nese momento, xa que se abre o prazo para ilustrar a obra que se publicará en 2011. Canosa comenta que para ela a escrita é unha via de escape, xa que non ten nada que ver co seu traballo, polo que ela escribe por puro pracer. Salientase que a obra poética de Canosa está recollida en volumes e que estaba a preparar nese momento un libro de poemas para primeiros lectores; e que en narrativa ten publicados varios títulos, todos eles pertencentes á Literatura Infantil e Xuvenil, xa que para ela é un reto, pois os contos para nenos son máis difíciles de construír do que se pensa, pero tamén é moi gratificante, porque os nenos cando len teñen unha inocencia e espontaneidade da que carecen os adultos. Para rematar, tamén se fai referencia aos premios que acudou esta autora.


Entrevista a María Canosa, gañadora da oitava edición do certame literario Pura e Dora Vázquez na modalidade de narración coa obra infantil e xuvenil *O papaventos de Laura*. Comenta que non sabe cando empezou a súa paixón polas letras, xa que os libros sempre tiveron un lugar preferente na súa casa e non concibe a vida sen libros. Asegura que compaxinar a vida laboral e familiar coa escritura é complicado e sinxelo a un
tempo. Sinala que a obra é unha novela infantil-xuvenil cunha historia de sempre, coma as que ela lía de pequena, pero cunha nova visión, con novas ideas. Finalmente, salienta que a obra se publicará cando se decida o premio de ilustración.


Informa de que a Deputación Provincial de Pontevedra deu a coñecer que María Canosa mereceu o VIII Premio Pura e Dora Vázquez na modalidade de narrativa con *O papaventos de Laura*. Tamén dá conta de que se abriu o prazo da modalidade de ilustración previo á publicación da obra gañadora.


Achégase unha listaxe de autores galegos que ao longo do ano 2010 foron recoñecidos con determinados galardóns, tanto de Galicia coma foráneos, polo seu labor en prol da LI. Entre eles menciónase que se outorgou o Premio Pura e Dora Vázquez a María Canosa por *O papaventos de Laura*.

**Premio Raíña Lupa** de Literatura Infantil e Xuvenil

Referencias varias:


Infórmase que Marcos Calveiro vén de gañar o premio Raíña Lupa coa novela *Centauros do norte*, que conta a historia dun trompetista “enrolado en las huestes de Pancho Villa” e que relata as aventuras dun personaxe baseado no músico Rafael Méndez. Ademais indicanse outros aspectos que “pululan” polas páxinas da obra, como o cineasta Raoul Walsh. Para rematar, o autor resume que o libro é unha homenaxe ao *western* e que aos máis pequenos lles gusta, malia non coñecelo “como lo conocimos los de mi quinta”.


Entrevista ao novelista Marcos Calveiro, gañador do premio Raíña Lupa por *Centauros do norte*. Ademais de comentar cómo se lle ocorreu escribir esta obra, ambientada na revolución mexicana, indica que se documentou moito, lendo libros de autores como John Reed ou Ambrose Bierce, e salienta ademais que tivo un gran peso a bagaxe cinematográfica, que se ve xa no título, como homenaxe á película de John Ford, *Centauros do deserto*. Por outro lado, apunta que esta novela é a terceira parte dunha triloxía que fixo sobre as súas “paixóns”, ofrecidas xa en *O pintor do sombreiro de malvas*, sobre Van Gogh, e *Setecento*, sobre a música barroca.


Coméntase que Marcos Calveiro gañou coa novela *Centauros do Norte* o premio Raíña Lupa cunha novela que é unha homenaxe ao *western* e que reflexiona sobre a vinganza e sobre se “a fin xustifica os medios”. Repárase ademais no feito de que esta é a primeira vez que é galardoado en Galicia.

- V. Oliveira, “Revivindo a revolución de Pancho Villa”, *Galicia Hoxe*, “Maré”, 9 xuño 2010, p. 34.

Saliéntase que a VIII edición do premio de Literatura Infantil e Xuvenil Raíña Lupa, convocado pola Deputación da Coruña e dotado con seis mil cincocentos euros e a publicación do libro, foi para unha obra sobre a revolución mexicana, *Centauros do Norte*, de Marcos Calveiro, o cal afirmaba que lle facía moita ilusión por ser un premio de aquí, xa que el conseguiu premios de fóra de Galicia como a Ala Delta por *O carteiro de Bagdag*, o Lazarillo por *O pintor de sombreiro de malvas*, o Barco de Vapor por *O canto dos peixes* e o da Crítica española en lingua galega con *Festina Lente*. Coméntase que a obra mestura personaxes reais e imaxinarios coma Pancho Villa, Raoul Walsh, Tina Modotti ou o protagonista, Rafael Espinosa, baseado na figura real de Rafael Méndez, músico famoso nos anos cincuenta e sesenta do século pasado, un trompetista de dezasete anos que vivirá un “periplo de aventuras, experiencias e maduración persoal”, xa que se une a Pancho Villa para facer a revolución e coñece unha rapaza revolucionaria coa que ten unha relación. Sinállase que a obra xira sobre o tema da violencia, de se o fin xustifica os medios e se merece a pena loitar por
conseguió; así, no protagonista hai un proceso de vinganza persoal; e tamén ten referencias históricas á guerra civil española, onde remata contando a vida dos protagonistas vinte anos despois. Indícase que o xurado seleccionou por unanimidade a obra de Calveiro de entre as trinta e catro presentadas porque cren que é un autor de relevancia que trae aire novo e que lle dará prestixio ao premio, pero sobre todo porque a obra é unha perfecta “imbricación de literatura e historia”, pola súa prosa coidada e a estrutura ben artellada.


Felicítase a Marcos Calveiro por ser galardoado co Premio Raina Lupa 2010 pola novela *Centauros do norte*.


Dáse noticia da obra que gañou a VIII edición do premio Raina Lupa. Coméntase aquilo que estaba no “maxín de Marcos Calveiro” para escribir esta novela, que construíu a partir do personaxe trompetista que se chama Rafael para ficcionar sobre a revolución mexicana. Ademais coméntase outros personaxes que están no libro, como Pancho Villa, Tina Modotti ou Reina. Apúntase que a historia invita “á reflexión sobre a violencia, as inxustizas, o horror da guerra e a señora vinganza”. Ademais destácase que o xurado premiou a “prosa áxil, a linguaxe coidada do libro cunha estrutura case perfecta”. Nun á parte, o presidente da Deputación, Salvador Fernández Moreda, explica que a decisión do xurado foi unánime, entre as trinta e catro propostas e Isabel Soto sinalaba que as obras de Calveiro lle dan á literatura xuvenil un aire novo.


Entre outras cuestións no apartado “Premios” menciona o premio Raina Lupa concedido a Marcos Calveiro por *Centauros do norte* (2010).


Fala da III Gala da Cultura celebrada no Pazo de Mariñán na que se entregaron os premios convocados pola institución provincial. Deste xeito, destaca entre os premiados a Marcos Calveiro, galardoado co Raíña Lupa de Literatura Infantil.


Infórmase da entrega dos premios culturais convocados pola Deputación da Coruña durante a III edición da Gala da Cultura e sinálase que o gañador do premio Raíña Lupa de Literatura Infantil foi Marcos Calveiro.

Achégase unha listaxe de autores galegos que ao longo do ano 2010 foron recompensados con determinados galardóns ou recoñecementos, tanto de Galicia como foráneos, polo seu labor en prol da LIX. Entre eles menciónase a Marcos Calveiro que acadou o Raíña Lupa de Literatura Infantil.

Concurso Teatro Infantil O Facho

No ano 2008 a Asociación Cultural O Facho recuperou este concurso no que poden participar obras inéditas en lingua galega non representadas, nin premiadas noutros certames cun máximo de oitenta folios, presentadas por quintuplicado a dobre espazo, baixo lema, e acompañadas dun sobre cos datos persoais do autor. Estabeleceuise un galardón único de 500 euros, a edición da obra e un mínimo do 40% da edición. Os orixinais debían enviarse por correo á sede da Asociación Cultural O Facho (R/ Frederico Tápia n.º 12-1º, 15005, A Coruña) ou a Caixa de Correos n.º 46, Oficina Principal da Corunha até o 31 de marzo de 2010. O ditame do xurado, composto por Amalia Gómez, Xosé Manuel Rabón e Francisco Pillado fixose público no mes de maio, quen decidiu deixar deserto o premio.

The White Ravens Galegos

A Biblioteca Internacional da Mocidade, con sede en Munich, publica anualmente unha selección das mellores obras de Literatura Infantil e Xuvenil. Na edición deste ano 2010, dúas obras galegas conseguiron entrar nesta lista internacional, composta por 250 títulos publicados en todo o mundo durante o 2009. Foron As de bolboreta, de Rosa Aneiros e O último canto, de Pablo Albo e Miguel Ángel Diez, de OQO Editora.

Referencias varias:


Anuncia que As de bolboreta, Premio Fundación Caixa Galicia de Literatura Xuvenil 2009, de Rosa Aneiros, alcanzou a súa segunda edición, ademais de ser seleccionada para a The White Ravens 2010.


Achégase unha listaxe de autores galegos que ao longo do ano 2010 foron recoñecidos con determinados galardóns, tanto de Galicia coma foráneos, polo seu labor en prol da LIX. Entre eles menciónase a Rosa Aneiros por entrar nesta selección.
X. 8. PREMIOS ESCOLARES E XUVENÍS

Acóllense neste apartado todos aqueles certames, premios escolares de creación literaria que tiveron recepción na prensa diaria ou nas revistas e que se dirixen a escolares de distintos niveis de ensino, aínda que tamén se abran a outros participantes. Tamén aquellos que nos foron achegados polas entidades convocantes enviando as súas bases. En xeral, aínda que pode haber algunha excepción, debido á traxectoria do premio, alfabetízanse polo nome do concurso e indicase a entidade convocante.

Concurso de Viñetas Cómic A Medias

En conmemoración do 8 de marzo, Día das Mulleres Traballadoras, a Deputación da Coruña convocou este certame para fomentar a implicación dun xeito activo do público xuvenil na importancia da igualdade de xénero, a conciliación da vida familiar, persoal e laboral e o reparto equilibrado das responsabilidades familiares e tarefas domésticas con visos a avanzar na consecución dunha sociedade máis equitativa. O obxectivo foi empregar a viñeta cómic ou tira de viñeta (máximo 4 viñetas) para salientar actitudes positivas en materia de igualdade de xénero, conciliación e corresponsabilidade. Está dirixido a adolescentes de entre 12 e 18 anos, de calquera nacionalidade, que se presenten individualmente ou en grupo con unha única obra orixinal e inédita escrita en galego. Os traballos debíanse presentar en cartolina, empregando técnica libre, baixo lema e nun sobre pechado os datos do autor ou autora no Rexistro Xeral da Deputación Provincial da Coruña (Avda. Alférez Provisional 2, 15006 A Coruña). Estabelecéronse tres premios: un ordenador portátil e unha colección de cómics para o primeiro premio e unha colección de cómics para o segundo e o terceiro. Nesta primeira convocatoria de 2010 o prazo de admisión abrangueu dende o 8 de marzo até o 8 de maio. O xurado estivo presidido polo Presidente da Deputación e formado pola deputada delegada na área de Políticas de Igualdade de Xénero, a técnica de Igualdade e Políticas Públicas da Deputación, unha técnica da área de Servizos Sociais e un profesional de recoñecido prestixio no eido das artes ou do deseño gráfico. Os galardóns foron para Begoña Sanz Fonseca, Xulia Pousa Dorado e Jesús Blanco Castro.

Concurso Literario Achegamento ao Libro

Coa finalidade de animar os escolares a ocupar o seu lecer na creación literaria e propiciar neles unha reflexión sobre o mundo dos libros e a lectura como fonte irrenunciábel de pracer e de coñecemento, a Biblioteca Pública Municipal Don Francisco Mayán e a Delegación de Educación e Cultura do Concello de Cee, coa colaboración de Caixanova, convocaron este concurso. Nel puideron participar todo o alumnado de calquera dos centros educativos da bisbarra. Os traballos, que foron en galego, debían ser orixinais e inéditos e ter unha extensión máxima de dous folios. Así mesmo, o seu tema estivo relacionado co achegamento ao libro, buscando sempre fomentar o hábito de lectura da poboación. Entregáronse, sen asinar, cos datos do autor nun sobre á parte, na Biblioteca Pública Municipal. Estabelecéronse cinco premios de diferente contía para os distintos ciclos de primaria e secundaria. Tales cantidades non foron entregadas en metálico, senón que o seu valor foi dado en vales para material didáctico e libros, unha parte dos cales foron doados pola entidade Caixanova. O xurado tivo facultade para outorgar accésits ou declarar deserto o premio. Na edición de 2010

Referencias varias:


Fálase do acto de entrega dos premios dos concursos literarios de Achegamento ao Libro, Achegamento ao Teatro e En busca do noso Marcapáxinas, organizados pola Biblioteca Municipal Francisco Mayán de Cee e a Concellería de Cultura e Educación. Apúntase que no concurso de lectura se entregaron premios en cinco categorías (tres ciclos de Educación Primaria e dous de Secundaria xunto con varios accésits), mentres que nos otros só houbo un gañador e varios accésits.

Premio Literario Poeta Antonio Fernández Morales

Organizado conxuntamente polo Concello de Cacabelos e a Asociación Berciana da Língua Xarmenta para homenaxear a figura de Fernández Morales. Poden participar todas as persoas que presenten relatos ou poesías orixinais e inéditos en lingua galega ou castelá. Estabelécese tres categorías: A para nenos de 6 a 9 anos, B para nenos entre 10 e 13 anos e C para os maiores de 14 anos. Os orixinais debían presentarse por quintuplicado sen asinar, mecanografados a dobre espazo por unha soa cara, acompañados dun sobre cos datos persoais do autor e entregarse no Concello de Cacabelos (Praza maior, 1, 24540 Cacabelos), na Biblioteca Pública (Ángel Basante,
15) ou ben por correo electrónico ao enderezo participacion@cacabelos.org. Cada autor pode presentar un poema ou relato, cuxa extensión non sexa superior aos douscentos versos ou tres folios, no caso dos relatos. Concédese un premio para poesía e relato por modalidade lingüística e categoría, que consiste nunha colección de libros máis diploma acreditativo. No ano 2010 non se convocou.

Certame relato curto **Antonio Fernández Pécerez**

Convocado, dende o ano 2009, polo Concello de Verín, está dirixido a fomentar a creatividade literaria dos estudantes de terceiro ciclo de Primaria, ESO, Bacharelato e Ciclos formativos dos centros de ensino da comarca. O relato ten que ser orixinal, inédito, con temática e o estilo totalmente libre, escrito en galego, en texto mecanizado ou en letra manuscrita lexíbel, cunha extensión que non supere dous folios e asinado cun lema. O prazo de admisión abrangueu até o 6 de maio. Os traballos preseleccionados recibirán como premio un lote de libros e estabelécese tres premios de 90 euros, 60 euros e 30 euros por cada un dos catro niveis nos que se pode concursar. O ditame dos galardóns dos dous certames tivo lugar na Casa da Cultura de Verín con motivo do Día das Letras Galegas. No ano 2010 resultaron galardoados: no ciclo de primaria co 1º premio “A peregrina Macarena”, de Ana García Nóvoa do Colexio María Inmaculada; co 2º premio “A gran misión de Alan”, de Janira Freitas Toro do CEIP de Oimbra e co 3º premio “Diario”, de Concha Caneiro Losada do Colexio María Inmaculada; en 1º Ciclo ESO, co 1º premio “A un metro do chan”, de Ana María Añel Prieto do IES Xesús Taboada Chivite, co 2º premio “O burro e o cabalo”, de Xabier Vivián Pérez do IES Castro de Baroncei e co 3º premio “Poder especial”, de Silvia Lorenzo Estrella do IES Castro de Baroncei; en 2º Ciclo ESO, co 1º premio “O xogo das agachadas”, de Hilda Fernández Rodríguez do Colexio María Inmaculada; co 2º premio “AM”, de Alejandro Gallego Santamarina do Colexio Apostólico Mercedario e co 3º premio “Sempre sae o sol”, de Pablo Martínez Boo do Colexio Apostólico Mercedario; e en Bacharelato, “Sombras de liberdade”, de Lara Salgado Santos do IES Xesús Taboada Chivite

**Concurso Literario Ánxel Casal, Concello de Santiago**

Creado no ano 1996 polo Concello de Santiago a proposta do Instituto de Bacharelato Arcebispo Xelmírez I para conmemorar o cento cincuenta aniversario do nacemento de Ánxel Casal e promover o coñecemento deste galeguista entre a mocidade. O Concello comparte a organización deste premio cada ano cun centro de ensino secundario da cidade, pois está dirixido ao alumnado de ensino non universitario a partir dos 14 anos. As obras en galego presentadas debían ser inéditas e de tema libre, cunha extensión mínima de cen versos para a modalidade de poesía e de dez páxinas a dobre espazo nas modalidades de conto e teatro. Os orixinais debían remitirse ao Concello de Santiago (Departamento de Educación, Praza do Obradoiro, 1, 15705) antes do 30 de xuño. O certame estivo dotado dun primeiro premio de 900 euros e dun segundo de 600, que se ampliou na edición de 2009 a 1.000 e 700 euros, respectivamente, para cada unha das modalidades (poesía, conto e teatro), engadíndose esta última modalidade nas bases da sexta edición para estimular a creación de textos teatrais. A presidencia do xurado correspondelle ao alcalde de Santiago e está composto por unha representación dos institutos, unha representación dos creadores de poesía e conto e outra do concello. No
XVª edición do ano 2010, a organización correspondeulle ao Instituto de Sar e a entrega tivo lugar o 16 de decembro. Tamén con motivo do Xacobeo 2010 Edicións Xerais de Galicia e o Departamento de Educación do Concello de Santiago acordaron editar un libro que recolle os traballos premiados nesta edición. O xurado decidiu galardoar: na modalidade de poesía a Afonso Francisco Traficante Fernández (IES número 1 de Ordes) polo poema “Nós corredizos”; na modalidade de conto a Brais Lamela Gómez (IES Basanta Silva de Vilalba) por “Fiat Voluntas Tua” e en teatro a Lara Porto Mato (Colexio Manuel Peleteiro de Santiago) por “Sagrada Familia”.

Referencias varias:


Fálase dos beneficios da existencia de certames literarios que “contribúen a visualizar o labor” das persoas que comezan a dar os seus pasos no eido literario. Apúntase que, entre estas plataformas, unha das máis importantes son os premios para escolares. Destacanse os Premios Minerva convocados dende 1963 polo Colexio Manuel Peleteiro de Santiago de Compostela e no que actuaron como mantedores persoeiros como Álvaro Cunqueiro, Ricardo Carballo Calero ou Carlos Casares. Engádese que en edicións pasadas foron gañadores destes premios escritores como Darío Xohán Cabana ou Xosé Antonio Neira Cruz. Infórmesa da publicación en Galaxia do último volume que recolle os textos premiados na anterior convocatoria. Fálase, tamén, doutros premios como o Certame Francisco Añón de Poesía, organizado polo Concello de Serra de Outes; o Premio Ánxel Casal para poesía, conto e teatro, organizado polo Concello de Santiago; e o Certame Literario do Concello de Ames. Apúntase que todos eles contan con edicións en formato libro dos textos premiados.


Sinálanse os gañadores da décimo quinta edición dos premios literarios Ánxel Casal, convocado polo Concello compostelán para escolares de toda Galicia, entre os que se atopan na modalidade de teatro, Lara Porto Mato; na modalidade de poesía, o primeiro premio foi para Afonso Francisco Traficante Fernández, o segundo para José Ismael Ramos Castelao e houbo unha mención especial para Jesús Castro Yáñez; e, na modalidade de conto o gañador foi Brais Lamela Gómez e o segundo para Iria Aldomar Dosouto.

Certame de Narración Curta Ánxel Fole

Organizado polo Concello de Lugo co gallo da celebración do Día das Letras Galegas de 1997, dedicado a Ánxel Fole, consta de dous primeiros premios de 900 euros e dous segundos de 450 euros, que a partir da convocatoria de 2008 ascenderon a 1.000 euros e 500 euros en cada premio e modalidade e a el puideron concorrer cantos autores o desexaran, cun máximo de dúas obras orixinais e inéditas e escritas en lingua galega ou
castelá, de tema libre. A extensión non podía superar os vinte folios mecanografados a dobre espazo, por unha soa cara. Os traballos debían presentarse por triplicado no Departamento de Cultura do Concello (Concello de Lugo, Praza Maior, 1) en sobre pechado, baixo un pseudónimo ou lema na parte exterior. No ano 2010 presentáronse á XIIª edición corenta e sete obras á modalidade en lingua galega e cincuenta á castelá. O xurado da modalidade de galego, composto polo escritor e docente Toño Núñez, o profesor Primitivo Iglesias e a profesora Carmen Silva, decidiu galardoar o 9 de maio os relatos “Encontros e desencontros”, do compostelán Alberto Gómez Aneiros (Santiago de Compostela) e “O sangue que tinxes as rúas de Gottam”, de Alberto Rodríguez de Ourense. Neste ano tamén se convocou a XIIIª edición, á que se podían presentar os traballos en soporte dixital até o 30 de decembro.

Certame de Teatro Infantil e Xuvenil Atenea, do Ateneo Ferrolán

Convocado polo Ateneo Ferrolán e Caixanova e dirixido a Centros de Ensino, Entidades ou Sociedades Culturais que teñan sección infantil ou xuvenil de actividades, coa finalidade de promover entre eses primeiros segmentos da nosa cidadanía o interese, afección e amor ás letras e á representación escénica. Puideron participar e optar aos premios que se estableceron todos os grupos teatrais, non profesionais, vinculados a colexios públicos e privados, a sociedades culturais ou veciñais, que se correspondan coas categorías que se estableceron nas bases. Son catro as categorías nas que se puido participar: Grupos de Teatro Infantil, Grupos de Teatro Primaria, Grupos de Teatro Xuvenil e Educação Especial. A idade límite para participar como actor ou actriz foi de vinte anos, agáns nos casos excepcionais que foron valorados polo xurado. Cada grupo participante só puido presentar ao certame unha obra. A duración da representación de cada obra estabeleceuse entre vinte e setenta e cinco minutos. Hai unha distinción especial para aqueles grupos que presenten unha obra inédita en galego. Todos os grupos que quixeron participar debían enviar as súas solicitudes ao Ateneo Ferrolán (Rúa da Magdalena, 202-204, 1º, apartado 303, 15402 Ferrol) ou ao correo electrónico: a_ferrol@teleline.es. Nas solicitudes fixose constar o nome do colexio ou entidade e persoa responsable cos datos correspondentes ao grupo presentado (nome do grupo, nome da obra, número de actores e idades, duración da obra e espazo necesario). O prazo de presentación para a participación no Certame rematou o 20 de marzo. Co gallo de facilitar a asistencia e traballo do xurado, xunto coa solicitude debía achegarse unha copia do texto da obra. Os grupos, optativamente, podían presentar unha gravación da obra en formato DVD. A representación das obras, na súa primeira fase, tivo lugar nos meses de marzo, abril e maio dese ano, dentro dun programa que estivo en función do número de participantes. O xurado fixo unha selección de dous grupos nas categorías A, B e C, así como na categoría D houbo un só grupo seleccionado. O xurado valorou en cada representación a “Mellor posta en escena” e a “Mellor representación”. O xurado foi nomeado, de mutuo acordo, entre o Ateneo Ferrolán e Caixa Nova. Os grupos finalistas, como parte do premio, podían ser seleccionados para unha representación o día da entrega de premios nun lugar a determinar pola organización. Tamén recibiron unha cantidade en metálico, igual para todos con importe de 250 euros que debían ser destinados á adquisición de materiais para a formación e promoción das artes escénicas. No ano 2010 non se convocou.
Certame de Poesía **Aurelio Aguirre**

Organizado polo Concello de Santiago de Compostela e polo Centro Sociocultural Aurelio Aguirre de Conxo para celebrar, xunto co Certame Literario José Saramago de Relato Curto, o cento corenta e nove aniversario do Banquete de Conxo. Ambos os premios contaron cunha contía de 300 euros e 500 euros, respectivamente, que a partir da convocatoria do ano 2008 ascenderon a 1.000 euros. Podían participar todas as persoas maiores de catorce anos e residentes en Galicia. O tema dos orixinais foi libre e podía presentarse indistintamente en lingua galega ou castelá. Só se puido entregar un poema por autor cunha extensión de entre cincuenta e cen versos. O enderezo ao que había que enviar os traballos era o Rexistro Xeral do Concello de Santiago (Presidente Salvador Allende, 4, baixo) até o 31 de decembro. Nesta convocatoria tamén se incluíu a obrigatoriedade de presentar o traballo de forma escrita e en formato dixital. Na edición de 2009, a resolución do xurado deuse a coñecer a finais de marzo de 2010. Na VII edición o premio recaeu en Alberte Momán Noval polo seu texto poético *Sermos un*. O xurado estivo formado por Socorro García Conde, Patricia Núñez Sánchez, Rosa Enríquez Noya e Xulio Noia Liste. O galardón entregouse o Día do Libro, nun acto conxunto no que tamén se concedeu o IX premio de relato curto José Saramago, celebrado na biblioteca do local As Fontiñas de Santiago de Compostela.

**Referencias varias:**


Fálase de *Sermos un*, poemario co que Alberte Momán gañou o premio de poesía Aurelio Aguirre. Díse que se trata dunha obra que o propio Momán considera un berro “contra a renuncia de moitos galegos á súa propia identidade”, así como dalgúns partidos políticos tanto de esquerda como de dereita. Sinálase que o conxunto de poemas nos que o autor cuestiona o sistema económico, a estrutura do Estado e incluso a Constitución, foron escritos a xeito de discurso a partir dunha frase de Fidel Castro: “Queremos paz”. Reconéñense nestas novas composicións características do escritor noutras obras anteriores, como *A crise irredutible* (2009), e o estilo, “se cadra máis limpo e directo” en *Sermos un*. Citanse, tamén, os galardóns recibidos por Momán ao longo da súa traxeortoria literaria, como o Premio de Poesía Francisco Añón no 2004 por *Erótica*, o Premio de Poesía Erótica Illas Sisargas con *Baile Átha Chiath* no 2008 e o Narrativas Quentes por *O lobo da xente*.

Certame de **Banda Deseñada para escolares de Vigo**

Organizado pola Concellería de Educación do Concello de Vigo e dirixido a todo o alumnado de Educación Primaria e Secundaria dos colexios públicos e privado-concertados de Vigo co obxectivo de fomentar o uso da banda deseñada como recurso expresivo, incentivar o uso do galego e desenvolver a capacidade de creación. Podía participar calquera alumno cun traballo de tema e técnica libres en lingua galega ou castelá cunha extensión entre un folio e catro páxinas. Establecéranse dúas categorías: Primaria (de 6 a 12 anos) e Secundaria (de 12 a 16 anos). O prazo de inscrición rematou
o 23 de abril e a entrega dos galardóns tivo lugar o 25 de xuño. O galardón consistiu nun curso de cómic e un kit completo de material artístico.

Certame Literario Benxamín Paz

Certame que organiza o CEIP Ínsua Bermúdez, a Asociación de minusválidos Benjamín Paz e o Centro Cultural e recreativo de Vilalba dirixido ao alumnado de Educación Infantil e de Primaria dos centros educativos da Terra Chá. Conta con tres modalidades: poesía e narrativa para Primaria, de temática libre en lingua galega e debuxo para Infantil e tres premios por modalidade. Os traballos debían remitirse ao CEIP Antonio Ínsua Bermúdez (Rúa Cuart de Poblet s/n, 27800 Vilalba). Os galardóns das modalidades de poesía e narrativa consistiron en 90 euros, 75 e 60 xunto cunha flor natural e diploma. Nesta XIVª edición o prazo de admisión rematou o 9 de abril. Na modalidade de poesía, resultaron premiados Mariña Villarino Villarino, gañadora no apartado de primeiro ciclo de Primaria con “Falen e falan”; Ainé Shilpa Novo Yaéz e Uxía Gato, gañadoras no apartado de segundo ciclo con “As letras falan” e “O vento”; Lydia Prado Pernas gañadora no apartado de terceiro ciclo con “Os sentimentos”. Na modalidade de narrativa, os galardoados foron Nerea Rego Campello con “A fada amor”; Silvia López Lorenzo foi a galardoada no segundo ciclo de Primaria con “A serea do río”; e Laura Santiso Montenegro e Ainhoa González Rodríguez foron as premiadas no apartado de terceiro ciclo por “O libro ladrón” e “O feitizo de Romina”, respectivamente.

Referencias varias:


Fálase dos gañadores da XIV edición do certame Benjamín Paz organizado polo CEIP Ínsua Bermúdez. Infórmase dos gañadores da modalidade de poesía, de narrativa e de debuxo nas diferentes categorías.

Premios Buero de Teatro Joven

Premio denominado até 2007 Premio Candilejas, que organizaban o Ministerio de Cultura, Ministerio de Educación e Ciencia e a Fundación Coca-Cola Juan Manuel Sáinz de Vicuña, para promover o gusto e a afección polo teatro e estimular a creatividade artística dos mozos. Naceron en honor do insigne académico español Antonio Buero Vallejo, considerado un dos dramaturgos máis importantes da segunda metade do século XX. Contan con dúas categorías, a fase autonómica e a fase nacional. Na fase autonómica estabelecéronse as seguintes categorías: Centro Escolar, Finalista Autonómico, Centros Culturais e Mencions Especiais. Os premios consistiron para o grupo teatral gañador da categoría de Centro Escolar e o grupo teatral pertencente a Centros Culturais, nun lote de material para a actividade teatral, unha copia da gravación da súa montaxe teatral e un lote de material didáctico sobre teatro; para o Finalista Autonómico, nun galardón acreditativo e un lote de material didáctico sobre teatro; e as Mencions Especiais, nun diploma acreditativo. Pola súa banda, na fase
nacional, establecieron premios para los cuatro grupos finalistas: primero, segundo e tercero clasificados en la categoría de Centros Escolares y Ganador en la categoría de Centros Culturales. El galardón consistió en una invitación de la organización, con todos los gastos pagados, para representar sus obras en el Teatro Nacional de Madrid durante un transcurso de cinco días, mientras que los ganadores de las Menciones Especiales recibieron un galardón acreditativo. No año 2010, séptima edición, el plazo para presentarse abarcó hasta el 26 de abril. Ganó la compañía Teatro Tarumba de la Universidad Laboral de Ourense con la obra *Don Juan Tenorio* y el grupo experimental Upiaska fue distinguido con el tercer puesto en la fase autonómica por la adaptación del clásico *Antígona*.

**Referencias varias:**


Informamos que el grupo Rosalía Teatro formado por alumnos del instituto Rosalía de Castro fue el ganador del XV Certame de Teatro Intercentros de Compostela y Comarca y que culminó la representación de su obra adaptada *O espello da alma*, dirigida por José Arca, en el Teatro Principal. Engádese que este grupo está esperando el dictamen de los Premios Buero Vallejo de Teatro Joven, un concurso nacional a que se presentaron con dos obras y en el que el año pasado ganaron un accésit a mejor dirección y el mejor vestuario.


Díse que en la fase autonómica de los premios Buero Vallejo de “teatro joven” fue distinguido el grupo de teatro Upiaska, la adaptación del clásico *Antígona*.


Cóntase que el grupo de teatro del IES Rosalía de Castro de Santiago de Compostela, formado por alumnado de segundo y tercero de ESO, vén de ganar el segundo premio Buero Vallejo, organizado por la Fundación Coca-Cola para grupos aficionados de las diferentes comunidades autónomas. Díse que a montaxe leva por título *Aires de vinganza* e que el profesor deste IES que se encarga de formar las distintas compañías estudiantiles de secundaria y bacharelato, Xoán Arca, levou o premio ao mejor director teatral de grupos aficionados.


Entrevista a Tito Asorey, que dirixe o grupo Tarumba, que recibio o seu terceiro Premio Nacional Buero de Teatro Joven consecutivo con la obra *Don Juan*, na que se mestura teatro contemporáneo con música en directo e unha estética punk. Asegura que
a clave do éxito de Tarumba é a paixón que mostra o grupo e a ilusión por conseguir o éxito. Finalmente, comenta que o feito de que os alumnos da Universidade Laboral sexan os actores fai que se convertan en espectadores profesionais, que valoren mellor este traballo e que agudicen a súa inquedanza pola cultura en xeral.


Dáse noticia de que se representará en dúas sesións, unha para escolares e outra para adultos, a obra *Don Juan*, adaptación moderna dese clásico escrita e dirixida por Tito Asorey e representada por actores afeccionados de catorce a dezanove anos, que gañou a sétima edición dos premios Buero de Teatro Joven, que organiza a Fundación Coca-Cola. Asorey comenta que hai moitas obras para adultos e para nenos pero non nesa etapa dos catorce aos vinte anos e que eles intentan contar historias que lles interesen aos adolescentes. Indica, tamén, que en *Don Juan* botaron man dun texto clásico pero con estética contemporánea, revalorizando así a figura do sedutor secular machista.


Indícase que a compañía Teatro Tarumba da Universidade Laboral de Ourense gañou a sétima edición dos premios Buero cunha versión moderna de *Don Juan Tenorio* dirixida a adolescentes.

Concurso de Literatura mariñeira **BUEUINFORMA**

Organizado pola Confraría de Pescadores San Martiño de Bueu, pode participar o alumnado dos niveis de infantil, primaria, secundaria obrigatoria (ESO) e bacharelato, escolarizados nos centros e instituto de educación secundaria Illa de Ons, Instituto de educación secundaria Johan Carballeira, Colexio concertado Virxe Milagrosa, Colexio de educación infantil e primaria A Pedra, Colexio de educación infantil e primaria da Torre-Cela, Colexio de educación infantil e primaria Montemogos de Beluso, Instituto de Educación Secundaria Pedra da Auga de Ponteareas, Colexio Sagrado Corazón de Celanova. Tamén o alumnado residente no Concello de Bueu. Establécese oito categorías: Infantil, Primaria (1º ciclo, 2º ciclo e 3º ciclo); 1º e 2º de ESO; 3 e 4º de ESO, Bacharelato e PCPI. O alumnado de infantil tiña que realizar un traballo colectivo por clase de formato libre de temática mariñeira e o restante traballas cun máximo de dúas páxinas. O prazo de entrega rematou o 30 de abril e o ditame do xurado fíxose público no mes de maio. No ano 2010 os primeiros premios en cada categoría foron para Lara Llorente, Adrián Moital, David Enriquez e Ángela Martínez; os segundos premios para Daniel Fariña, Raquel Avendaño, Aida Queimaño e Arabia Garrido. O CEIP A Pedra e o IES Illa de Ons foron galardoados co premio aos centros máis participativos.

Referencias varias:

Faise eco da entrega dos galardóns do Concurso de Literatura Mariñeira “BuenInforma 2010” e dánse os nomes dos gañadores dos primeiros e dos segundos premios en cadansúa categoría.

Premio Literario Escolar Caixanova

Premio convocado por primeira vez no ano 2008. Podían presentarse alumnos dos niveis de ESO e Bacharelato, dos centros de Galicia e a partir do ano 2009 alumnos de terceiro ciclo de Primaria. Tras unha primeira selección no centro, podían enviarse un máximu de doce trabalbos en total, tres por cada nivel: 3º ciclo de Primaria, 1º ciclo de ESO, 2º ciclo de ESO e Bacharelato. Os trabalbos debian ser orixinais e inéditos, escritos en lingua galega ou castelá, de xénero poético ou narrativo. En poesía presentáronse tres poemas de tema e forma libres, no caso de narración o texto tivo unha extensión máxima de cinco folios mecanografados a dobre espazo e de tema libre. Os exemplares presentáronse por quintuplicado con título e o pseudónimo ou lema; e nun sobre pechado os datos persoais do autor, así como o nome do profesor que avalaba a presentación do orixinal. Os exemplares enviáronse ao Centro Social Caixanova (Policarpo Sanz, 24-26, 36202 Vigo). Entregouse un premio por cada nivel que consistiu nun equipo informático completo (ordenador portátil e impresora) para os estudantes e un ordenador portátil para os mestres. Nesta terceira edición, presentáronse centro trinta e cinco trabalbos de sesenta e dous centros escolares e o prazo de admisión rematou o 9 de abril. O xurado estivo presidido polo escritor Francisco Castro e o director da Obra Social Novacaixagalicia, Guillermo Brea, e formado polo crítico literario Ramón Nicolás Rodríguez, a poeta Dores Tembrás, o xornalista e escritor Álvaro Otero e a escritora Beatriz Fraga Cameán. Os premios, nos diferentes niveis educativos, déronse a coñecer o 6 de maio e foron para: Sebastián Pérez Reiter, do CEIP A Guía (Meira, Moaña) na categoría de 3º ciclo de Primaria por “El misterio del diamante”, avalado pola mestra Elena Díaz Martínez; Manuel Lorenzo Diéguez, do Colexio Mariano de Vigo, na categoría de 1º ciclo da ESO por “O príncipe da Sabana”, avalado polo profesor Juan Francisco Ortiz Rey; Sara Freaza Vila, do Colexio Ændersen de Vigo, na categoría de 2º ciclo da ESO, por “No hay un solo hombre que se merezca la sal de mis lágrimas”, avalado polo profesor Francisco Veira Pérez; e na categoría de Bacharelato, Alicia López Fernández, do Colexio San Xoán Bosco da Coruña, por “No derradeiro suspiro”, avalado pola profesora Rita Ventoso Castro. Tamén se outorgaron cinco mencións de honra a Sergio Pita Freire, do CEIP Piñeiros de Narón (A Coruña), na categoría de 3º ciclo de Primaria, con “O Pobre Xan”, avalado por Mª del Pilar Cartelle Lago; Alberto Riveiro Costas, do IES Frei Martín Sarmiento de Pontevedra, na categoría de 1º ciclo da ESO, con “Al Otro Lado”, avalado por Jorge Ángel Martín Hernando; Brais Lamela Gómez, do IES BASANTA SILVA DE VILALBA (Lugo), con “O cuarto prohibido”, avalado por Anxos Vidal Suárez; e Elena López González, do centro NOVA SEÑOAR DE ASUNCION DE SARRIA (Lugo), con “Melocotóns maduros”, avalado por Rosa María López Núñez, na categoría de 2º ciclo de ESO; e Ana Rey-Alvite Simón, do IES ROSALIA DE CASTRO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA, con “O soar do teléfono”, avalado por Rosa Mª López Gato, na categoría de Bacharelato.

Certame de Cómic de Cangas
A Concellería de Xuventude de Cangas organizou este certame de cómic que transcorreu paralelamente ao Salón de Cómic de Cangas, onde permaneceron expostos os traballos gañadores entre o 20 e o 26 de xullo. Asemade, as obras premiadas publicárse no sexto número da revista O tebeo, editada polo Concello de Cangas. As obras podían ser individuais ou colectivas e tiñan que ser orixinais e inéditas escritas en galego, con temática e técnica libre e cunha extensión de catro páxinas para as categorías A e B e de dúas a catro na Viñeta Xove. Distinguíronse tres categorías: a categoría A, destinada a maiores de dezaoito até os trinta e cinco anos, cun premio de 300 euros para o primeiro, de 200 para o segundo e de 100 para o terceiro; a categoría B, destinada a mozos con idade comprendida entre os catorce e os dezasete anos, premiada con 100 para o primeiro, 50 para o segundo e un lote de libros para o terceiro; e a modalidade de Viñeta Xove, na que competiron nenos de menores de catorce anos por un lote de libros. Os traballos podían presentarse, de xeito individual ou conxunto entre guionista e debuxante, na Casa da Xuventude de Cangas (Rúa Real, 29, 36940) antes do 9 de outubro. Nesta XIIª edición de 2010 resultaron galardoados na categoría A o vigués Pablo Álvarez Rosendo (1º premio), o pontevedrés Daniel Iglesias Padrón (2º premio) e a viguesa Laura Viteitz Comesaña (3º premio); na categoría B, o cangués Juan Molina Fernández; e en Viñeta Xove o marinense Marcos García López; e concedese un accésit a Miguel Collazo do Río. O xurado estivo formado por Fernando Iglesias “Kohell”, Kiko da Silva e o xornalista Xermán Hermida.

Concurso de Contos de Nenos para Nenos Carlos Casares. Asociación Cultural O Facho

No ano 2008 a Asociación Cultural O Facho convocou este certame en homenaxe ao primeiro gañador do Certame de Literatura Infantil no ano 1968 coa obra A galiña azul. Está dirixido a rapaces e rapazas que presenten os seus relatos orixinais e inéditos en lingua galega. Os orixinais cos datos persoais do autor debían enviarse por duplicado por correo á sede da Asociación Cultural O Facho (R/ Frederico Tápia n.º 12-1º, 15005, A Coruña) ou entregarse no seu centro escolar até o 31 de marzo de 2010. Establecér nons dúas categorías: A, para nenos e nenas de 6 a 12 anos, cun máximo de cinco folios; e B, para rapazes e rapazas de 13 a 16 anos, cun máximo de dez folios. Os galardóns contan cunha dotación de 400 euros e 500 euros, respectivamente. No ano 2010 entregár nonsense galarás, xunto cos do Concurso de Teatro infantil O Facho, o 22 de maio no local da Fundación Caixa Galicia da Coruña. O xurado, composto por Mar Hermida, Xavier Docampo, José Mondelo, J. L. Rodríguez Pardo e Soledad González Maside, decidiu conceder os galardóns: na categoría A, a “Evaristo, o piollo listo”, de Matías Núñez Gil do IES Celanova; e “Un verán moi especial”, de Lorena Barrera López do CEIP Vista Alegre de Burela; e na categoría B a “Seis de diamantes”, de Brais Lamela Gómez do IES Basanta Silva de Vilalba; e “...E na terra, un mar de bágoas”, de Laura Rivadulla Costa do IES Agra de Raíces de Cee. Tamén acordou conceder dous accésits na categoría B a “Unha bágoa e mais unha flor”, de Uxía Barrientos Reboiras do IES Agra do Orzán da Coruña, e a “O meu xardín maldito”, de Sofia Calvo Soares do IES As Lagoas de Ourense.

Referencias varias:
Entre outros acontecementos no apartado “Premios” destaca os premios da Agrupación Cultural O Facho do concurso “Contos de nenos para nenos” concedidos a Matías Núñez por “Evaristo, o piollo listo”, a Lorena Barreiro por “Un verán moi especial”, a Brains Lamela por “Seis de diamantes”, a Laura Rivadulla por “Unha bágoa e unha flor” e a Sofia Calvo por “Meu xardín maldito”.

Certame de Teatro Xuvenil Xóvenes Promesas. Premios Carballo, Folla de Ouro, da Asociación C. D. de Interese Social Eira Vella de Pontevedra

Organizado pola Asociación C. D. de Interese Social Eira Vella de Pontevedra e coa colaboración do Concello de Ribanumia e da Deputación de Pontevedra. Podían concursar todas as asociacións e grupos teatrais da Província de Pontevedra, con idades dos actores comprendidas entre os 12 e os 30 anos. Divíduse nas categorías Folla de Ouro para a mellor posta en escena, Folla de Ouro para o mellor actor/actriz principal, Folla de Ouro para o mellor actor/actriz secundario/a e Folla de Ouro para o mellor decorado. Cada asociación ou grupo teatral podía participar cunha única obra. A obra non debía ter unha duración superior aos setenta minutos e sería representada en idioma galego. Os grupos teatrais ou asociacións debían enviar nun DVD unha representación ou ensaio da obra que presentaban a concurso e no mesmo sobre debían remitir os seguintes datos: o nome do grupo teatral, relación de actores propostos para cada categoría, fotocopia do DNI dos actores, o enderezo social, correo electrónico e número de teléfono de contacto, que serían enviados ao seguinte enderezo (Asociación de Interese Social Eira Vella de Pontevedra, Escusa Capital, 3, 36636 Ribanumia, Pontevedra). Os premios para as seis agrupacións teatrais ou asociacións finalistas foron: 300 euros pola representación, diploma e trofeo conmemorativo do IV aniversario. Nos envíos por correo ou transporte, considerouse a data de recepción. A organización non asumiu ningunha responsabilidade polos danos ou desperfectos que os DVDs presentados puideran sufrir en tales envíos, cuxos gastos corrían a cargo dos concursantes. A decisión do xurado foi inapelábel. Non se mantivo correspondencia cos actores ou agrupacións (agás cos finalistas á hora de comunicarles a súa designación, así como o día e hora de actuación), nin se devolveron os DVDs. A todos os grupos envióuselles un correo electrónico comunicándolles o resultado da selección. Os finalistas tiveron a obriga de representar as obras no día e hora que acordou a organización.

Concurso de relatos Como te imaxinas na USC?

Co obxectivo de coñecer a visión do estudantado sobre os diferentes aspectos da vida universitaria, a Universidade de Santiago de Compostela convocou este certame dirixido aos estudiantes de 4º de ESO, ciclos formativos e bacharelato. Debían presentarse un máximo de tres relatos, cunha extensión máxima de tres folios, por cada centro de ensino que se remitiron ao Pavillón estudiantil (Campus Sur, 15782, Santiago) ou ao correo electrónico aponte@usc.es, acompañados dun folio cos datos persoais do
Os galardóns consistiron nun primeiro premio (un ordenador persoal portátil) e unha mención (un teléfono móbil). No ano 2010 resultou galardoada co primeiro premio a estudante do IES Rosalía de Castro Noelia María Muño González e coa mención Laura Villar.

**Referencias varias:**


Recóllense as impresións de Noelia Muño e Laura Villar, gañadoras da última edición deste concurso de relatos curtos, xunto coas apreciacións do xurado que ditaminou o premio. Así, o xurado destacou, a diversidade de temas e o compromiso social do relato de Noelia Muño e valorou a creatividade e o concepto de universidade como centro emisor de cultura que Laura Villar presentou no seu relato.

**Concurso de Contos do Concello de Vedra**

Organizado polo Concello de Vedra para contos orixinais e inéditos, redactados en lingua galega. Estabalecéronse oito categorías por franxa de idade, dende os tres aos dezaoro anos, con galardóns con contías de 40 euros (para a categoría de 3-5), de 50 euros (para as categorías de 6-7 anos, 8-9 e 10-11), de 60 euros (para as categorías de 12-14 e 15-18 anos) e de 70 euros para a categoría de maiores de idade, xunto cun diploma. Nas categorías de 12 a 18 anos os traballas debían ter unha extensión mínima dun folio de estar mecanografado, ou de dous se estaba escrito a man. Cada orixinal debía entregarse cun sobre pechado cos datos do autor/a. Na XIV edición de 2010 presentáronse cento vinte e catro traballas e foron galardoados: Javier Justiniano Prado por “A bruxa e o príncipe”, na categoría de 3 a 5 anos; Lucía Castro Deverell por “O golfiño Splashy”, na categoría de 6 a 7 anos; Lucía Méndez Senra por “O lápis da sorte”, na categoría de 8 e 9 anos; Diego Varela Seijas por “A mascota que nunca tiven” na categoría de 10 e 11 anos; Anxo Lema Saavedra por “Destrución masiva”; e recibiu un accésit Óscar Mougán Rey por “O futuro Galiza”, na categoría de 12 a 14 anos; Nerea Ruanova de la Fuente con “Todo para logo seres só unha imaxe” na categoría de 15 a 18 anos; e Pedro Naviera Pedreira con “Amizades enxeberes”, na categoría de máis de 18 anos. Tamén se concedeu un accésit a Óscar Mougán Rey por “O futuro Galiza”, na categoría de 12 a 14 anos. A entrega dos galardóns tivo lugar o 23 de maio na Casa da Cultura de Santa Cruz de Ribadulla.

**Referencias varias:**


Infórmase que o acto de entrega dos galardóns deste concurso será o 23 de maio.
Certame **Contos infantís do Concello de Negreira**

O Concello de Negreira, coa colaboración da Fundación Feiraco, organizou o concurso “Cóntame un conto”, por primeira vez no ano 2007, dirixido a mozos e mozas galegos ou residentes de idades comprendidas entre os 7 e 15 anos, cun máximo dunha obra por autor. Os contos debía ser orixinais e inéditos, non premiados noutros concursos e escritos en lingua galega cunha extensión máxima de oito folios que se enviaron por quintuplicado á Delegación de Cultura e Deportes do Concello de Negreira baixo pseudónimo cun sobre cos datos persoais do autor. O prazo de presentación abrangueu dende o día 13 de marzo até o 6 de maio. Estabelecéronse tres premios de 150 euros, 100 euros e 50 euros, xunto un lote de material escolar para cada un. A decisión do xurado fixose pública o 13 de maio e a entrega dos galardóns tivo lugar o 16 de maio na Casa da Cultura. No cuarto certame de contos infantís, correspondente ao ano 2010, a gañadora Carla Rodríguez Fernández co relato “Pódese ser feliz sendo diferente”; o segundo premio foi para Delia Valledor Mera polo conto “Onde está Manel”, e o terceiro para Paula Pais Tuñas por “Un soño moi real”.

**Referencias varias:**


Dáse conta da entrega dos premios de contos infantís pola Concellería de Cultura de Negreira e destácase que se presentaron máis de cincuenta traballos. Disé que a gañadora foi Carla Rodríguez Fernández, coa obra “Pódese ser feliz sendo diferente”; que o segundo premio se lle outorgou a Delia Valledor Mera co conto “Onde está Manel”; e que o terceiro premio foi para Paula Pais Tuñas coa obra “Un soño moi real”.

Certame de **Contos da Lareira. Asociación Cultural O Arrieiro de Moraña**

Concurso organizado pola Asociación Cultural O Arrieiro de Moraña que pretende premiar a tradición oral dos contos. Estabelecéronse dúas categorías: A, até quince anos, e B, para maiores desa idade. A temática foi libre e o texto integranente en galego. En canto á extensión pediuse un mínimo dun folio, que se presentou baixo pseudónimo no Concello de Moraña ou na Casa da Cultura ADR Castelao (Rúa, 3, 36660 Moraña). Os datos persoais foron nun sobre pechado. O prazo de presentación dos orixinais rematou o 7 de maio. Houbo tres primeiros premios en cada categoría, consistentes en lotes literarios e diploma honorífico acreditativo. O xurado valorou o contido literario pero tamén a presentación e inclusión de ilustracións. Nesta sétima edición de 2010 presentáronse ao redor de corenta obras e a decisión do xurado emitiuse nun acto o Día das Letras galegas. Os galardóns foron para Cecilia Méndez Troncoso (11 anos) polo relato “Recordando”; Lidia Hervés González (14 anos) por “A lúa de mel”; e Laura Casal Tizado (13 anos) por “A luciña do Portamós”.

2177
Concurso Escolar Emilia Estévez Villaverde

Organizado polo Museo de Pontevedra dende 1987 e dirixido ao alumnado do ensino primario da Comunidade Autónoma galega e das escolas da emigración. Debía entregarse na Secretaría do Museo (Rúa Pasantería 2-12, 36002, Pontevedra) unha composición poética cun máximo de dous folios ou un conto cun máximo de seis folios, preferentemente escritos en língua galega até o 30 de abril. O galardón consiste nun diploma e unha viaxe cultural á Casa-Museo Rosalía de Castro de Padrón e a Santiago de Compostela. No ano 2010 foron galardoados na modalidade de narrativa no primeiro ciclo Lucía Rodríguez Casal (CEP de Riomaíor-Vilaboa) con “La gatita y sus amigos”, e accésit para Ana Casal Calvar, con “A princesa encerrada”; no segundo ciclo Laura Varela Graña (CEIP Carballal-Viñas Blancas de Marín) con “O desatino de Nico” e accésit para Marcos González nanín (CEIP Álvarez Limeses, Pontevedra) con “Camiño entre amigos” e no terceiro ciclo Cristina Fernández Silvosa (CEIP Rosalía de Castro de Bóveda) con “Amigos no Camiño” e accésit para Lucía Fernández García (CEP de Riomaíor). Na modalidade de poesía, no primeiro ciclo, Desiré González Eidón cun poema sen título e accésit para Alejandro García González (CEP de Riomaíor) por “Bo Camiño”; no segundo ciclo Kaoutar Khalafi (CEP Marcos da Portela de Monte Porreiro) con “Camiños” e accésit para Iván González Fraga (CEIP Carballal) con “O noso patio”; e no terceiro ciclo Lucía Fernández García (Colexio Riomaíor) con “Un libro é un amigo” e accésit para Carla Martínez Martínez (Colexio Marcos da Portel) con “Os farois”.

Referencias varias:


Dáse noticia da entrega dos galardóns dos Concursos Escolares do Museo de Pontevedra, cuxos diplomas foram outorgados pola vicepresidenta da Deputación, Teresa Pedrosa. Ademais, indicanse os nomes dos gañadores na modalidade de narrativa (Lucía Rodríguez Casal, Laura Varela Graña e Cristina Fernández Silvosa, nos respectivos ciclos) e na de poesía (Desiré González Eidón no primeiro ciclo, Kaoutar Khalafi, no segundo ciclo e Lucía Fernández García no terceiro).

Certame Francisco Añón de Poesía. Concello de Outes

Convocado polo Concello de Outes e organizado pola Oficina de Información Xuvenil deste Concello coa intención de fomentar os valores da creación literaria en galego da xente nova e promover aspectos vinculados co pensamento do ilustre escritor. No ano 2008 estabelecéronse cinco categorías: A) para nenos de seis a sete anos cun premio dun vale de 90,15 euros en libros e publicación da obra; B) para os de oito a nove anos cun premio dun vale de 120 euros en libros e publicación do poema; C) para os nenos de 10 a 11 anos cun premio dun vale de 150 euros en libros e publicación do poema; D) para os mozos de doce a catorce anos cun premio dun vale de 180 euros en libros e publicación do poema; E) para mozos de quince a dezasete anos cun vale de 230 euros e publicación da obra; e F) para os maiores de dezaio anos cun cheque por valor de 1.000 euros e publicación da obra. En todas as categorías contemplouse a
posibilidade de conceder un accésit. Nas modalidades E e F estabeleceu unha extensión mínima de cento cincuenta versos. Os orixinais debían presentarse en sobre pechado no que constase o título da obra, a categoría e o lema ou pseudónimo do autor e, dentro, outro sobre, que tivese os datos persoais e fotocopia do DNI ou CIF. Os traballos entregáronse na Casa da Cultura (Avda. de San Campio, s/n, 15230 Outes). Na décimo cuarta edición de 2010, o prazo de admisión rematou o 13 de abril, dándose a coñecer a decisión do xurado o 17 de maio. Os gañadores foron: na categoría A Carlos Amado Trillo, coa obra O tren rápido e un accésit para Nerea Piñeiro Rodríguez; na categoría B, Carmen Quintela Vilariño por “A campá da igrexia” e mención para Noelia Blanco e Nerea Dosil; na categoría C, Lorena Barreira López, pola obra “Historias a rentes do mar”, recibindo distincións Ignacio Mañá Mesas por “Vendaval sentimental”; na categoría D, Francisco Traficante Fernández con “Fíos de tinta” e Marcela Porto Mato distinguida con accésit por “Self check”; na categoría E, Jésica Amado Dosil co traballo “Inconclusa Margarida” e mención para Carme Eyo Conde por “Razóns de máis”; e na categoría F recaeu en Olalla Tuñas por Split screen e un accésit para Xosé García Rodríguez, veciño de Melide, polo seu poemario Solsticio de río. Os galardóns entregáronse nunha gala celebrada na casa da cultura de Outes o Día das Letras Galegas.

Referencias varias:


Fálase dos beneficios da existencia de certames literarios que “contribúen a visualizar o labor” das persoas que comezan a dar os seus pasos no eido literario. Apúntase que, entre estas plataformas, unha das máis importantes son os premios para escolares. Destánanse os Premios Minerva convocados dende 1963 polo Colexio Manuel Peleteiro de Santiago de Compostela e no que actuaron como mantedores persoxeiros como Álvaro Cunqueiro, Ricardo Carballo Calero ou Carlos Casares. Engádese que en edicións pasadas foron gañadores destes premios escritores como Darío Xohán Cabana ou Xosé Antonio Neira Cruz. Infórmase da publicación en Galaxia do último volume que recolle os textos premiados na anterior convocatoria. Fálase, tamén, doutros premios como o Certame Francisco Añón de Poesía, organizado polo Concello de Serra de Outes; o Premio Ánxel Casal para poesía, conto e teatro, organizado polo Concello de Santiago; e o Certame Literario do Concello de Ames. Apúntase que todos eles contan con edicións en formato libro dos textos premiados.


Infórmase do ditame do xurado deste certame.

Premio de Poesía Díaz Jácome para Novos Creadores. Concello de Mondoñedo
Convocao o Concello de Mondoñedo, en colaboración coa Área de Cultura da Deputación, co afán de estimular a creación poética entre os mozos. Puideron optar a este premio todas as persoas, de idade non superior a trinta anos, que presentasen poemas orixinais e inéditos, escritos en galego de tema e metro libre, non premiados e cunha extensión máxima de cento cincuenta versos. Os orixinais debían enviarse en DIN-A4 mecanografados a dobre espazo cun lema e plica en sobre pechado, onde constase o lema, o título da obra, os datos persoais e unha breve nota biográfica do autor. A entrega dos traballos debía facerse no Concello de Mondoñedo (Praza do Concello, 1, 27740 Mondoñedo). Houbo un primeiro premio de 1.500 euros, placa e diploma, un segundo de 600 euros, placa e diploma e un terceiro de 300 euros, placa e diploma. Na edición de 2010 o prazo de admisión rematou o 1 de xullo e outorgóuselle o primeiro premio da XIª edición a Xacobo Casal Villares (Cervo, A Coruña), con “O blues das primeiras follas do caderno da soidade”, o segundo premio a Lucía Barrera (Foz, Lugo) con “Infinda sonata” e o terceiro a Noelia Martínez (Lugo) por “Vagarosamente inxenua”. O galardón entregouse o 27 de novembro na Sala de Plenos do Concello.

Premios Efemérides

Son moitos os concellos, colexios (APAS), asociacións, centros culturais e comerciais, etc., que, por medio das súas bibliotecas, Concellarias de Cultura, aulas de normalización, gabinetes e ámbitos culturais convocaron premios para animar a xente nova a participar con motivo do Día Internacional da Poesía, do Día do Libro ben con relatos, microrrelatos, ou poesías como é o caso de “Poemas en Primavera” da biblioteca municipal de Caldas, do Concello de Meaño, do Ateneo Santa Cecilia; do Ano do Libro e a Lectura como o Concello de Camariñas.

Referencias varias:


Coméntase que a Biblioteca Municipal de Caldas deu a coñecer o nome dos gañadores da cuarta edición do concurso Poemas en Primavera, celebrado co motivo da celebración do Día Internacional da Poesía. Dise que foron galardoados Pablo Iglesias Blanco, Iria Rodríguez Atanes, Mariña Longa Iglesias, Carla Souto García e Irene Martínez Campos.


Fálase da conmemoración do Día da Poesía que se conxugou coa festa ecolóxica do Día Mundial Forestal na que participaron escolares de Caldas de Reis. Anúnciase que os gañadores do concurso de Poemas en Primavera organizado pola biblioteca e a Concellería de Cultura foron Pablo Iglesias Blanco, Iria Rodríguez Atanes, Mariña Longa Iglesias, Carla Souto García e Irene Martínez Campos, que recibiron un diploma e un lote de libros.

Anúnciese o nome dos gañadores do XV Concurso de Contos que organiza o Ateneo Santa Cristina para celebrar o Día do Libro e cuxo obxectivo é animar aos escolares a estimular a súa imaxinación e espertar o seu interese polos contos e os libros. Indícase que a gañadora da categoría A é Inés Piñeiro Guimeráns co seu traballo “A voda do cullerón e a escumadera”; na categoría B gañou Laura Varela Graña polo conto “Andrés e as Letras”; na C a premiada foi Noelia Rosales Crespo por “Cinco ancianas surfían na Antártida”; na D gañou Paula Piñeiro Guimeráns con “O caderno branco” mentres que Pablo Jácome Ferrer levou un accésit polo traballo “O exame”; e, finalmente, na categoría F o premiado foi Jonathan Juncal Pombal por “Un viaxe a Marte”. Recóllese a apreciación feita polo xurado do concurso que expresou a dificultade a hora de tomar decisións debido a cantidade e calidade dos traballos presentados.

- José Manuel Ramos, “Camariñas convocó un certamen de poesía, cómic y narrativa”, *El Correo Gallego*, “Área de Compostela”, 9 abril 2010, p. 34.

Infórmase do certame literario intercentros que convocou o Concello de Camariñas co obxectivo de conmemorar o Ano do Libro e da Lectura. Anúnciese as tres modalidades existentes (poesía cómic e narrativa) e apúntase que os alumnos de infantil non terán que cinguirse a ningunha especialidade. Explicanse, tamén, as características que deberán ter as obras presentadas así como o prazo no que terán que ser entregadas.

Concurso Literario da Asociación **Os Fanagueiros de Eirexalba. Incio**

Convocado pola Asociación Veciñal e Cultural Os Fanagueiros de Eirexalba, no Incio, para animar os escolares á creación literaria. Constou de categorías diferenciadas para o alumnado de primeiro, segundo e terceiro ciclo de educación primaria e habilitouse unha cuarta categoría para as persoas que quixeren concorrer e non estivesen englobadas en ningunha das tres anteriores. Cada modalidade contou con tres premios, sendo o primeiro de 40 euros, o segundo de 30 euros e o terceiro de 20 euros que se destinaron a libros e material escolar; os premiados recibiron un diploma. A extensión dos traballos foi como máximo de seis folios, escritos en galego normativo. A entrega de premios tivo lugar o día 31 de outubro no marco dunha comida de confraternidade e un magosto, organizados pola asociación convocante. Na edición de 2010 presentáronse cincuenta e sete traballos. Resultaron galardoados Estevo Aldea, Xurxo López, Carolina Aldea, Cristina Mato, Lucía García, Alba González, Ignacio Gayoso e Sergio López, do colexio de Oural; Héctor Corujo, Paula Armesto, Odei Duarte, Silvia Mourelo, Iván Balboa, Uxía Gallego e Eduardo Mao, do colexio do Incio; e Pablo Tallón, Erika Pérez, Tamara Corral, Raúl López, Laura López, Yasmina López, Iris Pérez e Adrián Díaz do colexio de Triacastela.

**Referencias varias:**

Dáse noticia de que a asociación Os Fanagueiros de Eirexalba do Incio premiou os traballos literarios de vinte e tres nenos, dos que se dan o nome, dos colexios de Oural, O Incio e Triacastela. Salientase que ao concurso chegaron cincuenta e sete traballos que destacaron pola súa calidade, segundo indica o presidente da asociación. Para rematar, faise referencia ás actividades que se van desenvolver durante a entrega dos premios, prevista para o seguinte domingo.

Certame literario IES Ferrol Vello

Co obxectivo de estimular a creación literaria e fomentar a súa difusión entre os mozos, os Departamentos de Língua Castelá, Língua Galega, Inglés e Francés do IES Ferrol Vello, convocan esta certame dirixido aos alumnos do IES Ferrol Vello e alumnos de 3º ciclo de Primaria dos centros adscritos CEIP Cruceiro de Canido e San Rosendo. Estabaleceronse tres categorías: A (5º e 6º de Primaria), B (1º e 2º de ESO) e C (3º e 4º de ESO) e dúas modalidades (Poesía e Relato Curto). Na modalidade de poesía debían presentarse dous poemas como mínimo, con tema e forma libres, e na modalidade de relato curto, a extensión máxima foi de tres folios impresos ou cinco manuscritos. Os traballos debían estar escritos en lingua castelá, galega, inglesa ou francesa, ser orixinais e inéditos e entregarse baixo lema ou pseudónimo, xunto cun sobre cos datos persoais do autor. Concédense dous galardóns en cada categoría que consisten nun cheque regalo por valor de 60 euros en material deportivo/roupa e un libro, o primeiro premio, e un cheque regalo por valor de 30 euros en material deportivo/roupa e un libro, o segundo premio; e os galardóns dos accésits son un cheque regalo por valor de 20 euros en material deportivo/roupa e un libro. Na terceira edición correspondente ao ano 2010 o prazo de presentación remató o 28 de xaneiro e os galardóns entregáronse o 6 de febreiro e foron para Gala Dacosta na categoría A; Ignacio Lamas, Ángel Veiga, María Dopico e Lydia Lebrero na categoría B; e Natividad Bedoya, Rocío Rodríguez e Laura Barreiro na categoría C.

Premio de Narrativa do IES Gregorio Fernández de Sarria

Certame que convocou o IES Gregorio Fernández de Sarria, coa colaboración dos Concellos da comarca (Sarria, O Páramo, Paradela, Lánca, Samos e Triacastela), a Secretaría Xeral de Política Lingüística da Xunta de Galicia, Obra Social de Caixa Galicia e área de Cultura da Deputación de Lugo. Está dirixido a todos os seus centros educativos de primaria, ESO, BAC e ciclos formativos para fomentar a afección á escritura e á lectura entre os escolares, e ao colexio Paul Eluard da Bretaña francesa. As obras debían ser inéditas e escritas en lingua galega (preferentemente) ou castelá, agás os alumnos franceses que podían presentar os seus traballos na lingua francesa ou bretoa. A extensión máxima dos traballos estabaleceuse en oito folios para BAC e Ciclos Formativos, seis para 2º de ESO, cinco folios para 1º ciclo de ESO, tres folios para 3º ciclo de primaria e dous folios para 2º ciclo de Primaria. A temática debía centrarse nos valores culturais da comarca e os traballos tiñanse que enviar por triplicado ao IES Gregorio Fernández (Rúa Castelao, Sarria). Establecénsese os seguintes premios, en metálico, que se aboaron en Caixa Galicia: na Categoría BAC e Ciclos formativos un premio de 300 euros; nas Categorías de segundo ciclo de ESO e primerio ciclo de ESO, un 1º premio de 300 euros e un 2º premio de 150 euros; e en 3º ciclo de Primaria un 1º premio de 300 euros, un 2º premio de 150 euros e un 3º premio de 100
euros; en segundo ciclo de Primaria un premio único de 120 euros, e para os traballos do Instituto Collége Paul Eluard un premio único de 120 euros. Os traballos gañadores serán publicados en formato libro, nunha edición na que colabora a Obra Social de Caixa Galicia. Na VIIª edición de 2010 a organización correspondeulle ao concello de Sarria, o ditame do xurado tivo lugar no mes de maio e o acto de entrega o 8 de xuño. Concedéronse galardóns a Nicolás López López; Lucía Pombo Capón, María Elena López González, Gloria López Castro, Tamara Corral Rodríguez, Yedra Carretero López, Fiz Rey Armesto, Alba Vázquez González, Lorena Gómez López, David Díaz Castro e María Cristina Arme Pérez. O premio especial para alumnos do colexio Paul Eluard foi para Aurélie Merlinge. Neste ano tamén se convocou a VIIIª edición que estará organizada polo concello de Triacastela.

Referencias varias:


Infórmase do acto de entrega do Premio Gregorio Fernández, no que participarán alcaldes e concelleiros da comarca, entre outros persoiros.


Dánse a coñecer os gañadores e gañadoras do primeiro premio nas distintas categorías, ademais de mencionar o premio especial para alumnos do colexio Paul Eluard, da Bretaña. Destácase que na entrega de premios estiveron presentes, entre outras autoridades, a poeta Yolanda Castaño, mantadora do acto, e que lembrou os seus inicios no mundo da literatura en certames. Dise que tamén aproveitou a ocasión para animar os máis novos a seguir escribindo. Nun á parte, sublíñanse as palabras, ao peche do acto, de Antón Bao, vicepresidente da Deputación, así como do alcalde de Sarria, Claudio Garrido.


Dáse conta da oitava edición do certame literario IES Gregorio Fernández e sinállase que este ano por primeira vez incorpora a categoría de ilustración. Tamén se di que o premio vai destinado a todo o alumnado de Primaria, ESO, Bacharelato e ciclos formativos de todos os centros de ensinanza da comarca de Sarria. De seguido, coméntase que os traballos gañadores serán publicados nun libro. Finalízase indicando que este galardón naceu co obxectivo de fomentar a escritura e a lectura.

Concurso Literario **İmos darlle a volta aos contos clásicos**

Dende a Concellería de Igualdade do Concello de Marín, a través do Centro de Información as Mulleres, convocouse este certame dirixido ao alumnado dos centros educativos de ensino primario, secundario e bacharelato do Municipio, con motivo dos actos realizados en conmemoración do 25 de novembro “Día internacional para a
eliminación de la violencia contra la mujer”. Tiñan que adaptar libremente contos clásicos co obxectivo de modificar os roles de comportamento non igualitarios que persisten neles. Estabeleceronse catro categorías: A (1º, 2º, 3º Educación Primaria), B (4º, 5º, 6º Educación Primaria), C (1º, 2º, 3º, 4º Educación Secundaria) e D (Bacharelato). Os traballos debían ser orixinais e inéditos e estabeleceronse dous premios para cada categoría, un para o centro educativo e outro para a alumna/o premiado. Os traballos enviaronse ao rexistro xeral do Concello. Na primeira edición de 2010 o prazo de presentación dos traballos foi até o 12 de decembro. O xurado estivo composto pola Concelleira Delegada de Igualdade e persoal técnico do Centro de Información ás Mulleres.

Certame literario IES Sanxenxo

Co obxectivo de fomentar a creatividade literaria e anímear a ler e a escribir, o IES de Sanxenxo a través da Biblioteca do centro e en colaboración cos Departamentos de Galego, Castelán, Plástica e Normalización Lingüística convoca este certame. Conta cunha fase de selección de participantes até o 13 de abril e unha fase de participación o 23 de abril. O traballo pode estar escrito en lingua galega ou castelá e en prosa ou verso cunha extensión dun folio a dobre cara. Estabelécese catro categorías: A (3º ciclo de Primaria), B (1º ciclo de ESO); C (2º ciclo de ESO) e D (Bacharelato) e dous premios de 80 e 50 euros e cada categoría, mediante vales canxeábeis nas librarías. Na VI edición de 2010 resultaron galardoados: Irma Otero e Isabel Lima en Primaria; Carla Varela e Thalía García en 1º ciclo de ESO; Carlos Soutullo e Patricia López en 2º ciclo de ESO; e Laura Cacheda e Sara Aguín en Bacharelato. Os galardóns entregáronse o 14 de xuño no pazo Emilia Pardo Bazán.

Referencias varias:


Nomea os gañadores e gañadoras do VI Concurso Literario organizado polo instituto de Sanxenxo, que concursaron entre máis de douscentos alumnos. Ademais de aludir á dinámica do concurso, dise que os dez traballos seleccionados tamén serán publicados posteriormente. Coméntase que o certame está xa consolidado e que por este motivo aos seus organizadores “elles resulta cada vez máis fácil” conseguir apoios, como é o da Librería Nós. Infórmase que no acto de entrega dos premios a protagonista “indiscutible” foi Yolanda Castaño.

Certame literario José Saramago de Relato Curto

Organizado polo Concello de Santiago de Compostela e o Centro Sociocultural José Saramago de Vite para celebrar, xunto co certame de poesía Aurelio Aguirre, o cento corenta e nove aniversario do Banquete de Conxo. Ambos os premios contaron cunha contía de 300 euros e 500 euros, respectivamente, que a partir da convocatoria do ano 2008 ascenderon a 1.000 euros. Podían participar todas as persoas maiores de catorce anos e residentes en Galicia. O tema dos orixinais versou sobre ficción científica e tiñan
que presentarse en lingua galega. Só podía entregarse un traballo por autor cunha extensión de entre cinco e vinte e cinco páxinas, do que se presentou unha copia mecanografada a dous espazos e unha copia en formato dixitalizado no Rexistro Xeral do Concello de Santiago (Presidente Salvador Allende, 4, baixo). Na IXª edición de 2009, o prazo de presentación rematou o 31 de decembro e a resolución deuse a coñecer a finais de marzo de 2010. Nesa edición o premio recaeu en Diego Giráldez polo seu relato “Un cometa para unha despedida”. O xurado estivo formado por Xulio Noia Liste, Estibaliz Espinosa e Francisco Cillero Montes. O galardón entregouse o Día do Libro, nun acto conxunto no que tamén se concedeu o VII premio de poesía Aurelio Aguirre, celebrado na biblioteca do local As Fontiñas de Santiago de Compostela.

Referencias varias:


Fálase de Diego Giráldez, gañador do IX Certame de Relato Curto José Saramago co seu traballo “Un cometa para unha despedida” e director da revista cultural Malladoura. Indícase a apreciación feita polo xurado que destacou da obra a súa solidez da linguaxe, a tensión dosificada ao longo do relato, a intriga, o misterio e a descripción detallada dos personaxes. Engádese a temática do relato e a data de entrega do premio.


Anúnciase que Diego Giráldez é o gañador da novena edición do certame de Relato Curto José Saramago co seu traballo “Un cometa para unha despedida”, un conto de “cine negro” do que o xurado destacou a descripción precisa dos personaxes, a fluidez e a sólida linguaxe na que está escrito. Engádese a data de entrega do premio.


Fálase de Sermos un, poemario co que Alberte Momán gañou o premio de poesía Aurelio Aguirre e recollense as palabras de ledicia e sorpresa de Diego Giráldez, galardoado co premio José Saramago polo seu relato “Un cometa para unha despedida”, quen resume o seu argumento e declara a dificultade da trama de ficción científica que contén unha chiscadela ao xénero do “thriller histórico, tratado con certa ironía”.

Premios Letras Galegas e Nadal

Son moitos os concellos, colexios (APAS), asociacións, centros culturais e comerciais, etc., que, por medio das súas bibliotecas, concellarias de cultura, aulas de normalización, gabinetes e ámbitos culturais convocaron premios para animar a xente nova e adulta a participar con motivo do Nadal e do Día das Letras Galegas, ben con relatos, microrrelatos, redaccións, poesías ou debuxos como é o caso da Xunta de Galicia, dos Concellos de Ames, Cabanas, Castro de Rei, Cee, Coirós, Marín, Narón, Nigrán, Noia, Poio, Ordes, Oroso, Pontedeume, Ribeira, Rois, Santomé, Sarria, Trazo,
Vilalba e Xermade; das bibliotecas municipais da Pastoriza, de Monforte, de Lugo, de Sober e de Outeiro de Rei; de asociacións como as ANPAS de Catoira, Valga (Baño e Cordeiro) e Pontecesures, a Federación de ANPAS (Fesanpas) da Estrada, a Asociación Castrillón-Urbanización Soto, a Agrupación Socialista Coruñesa, a Asociación Falcatruxeiros e o Centro Cultural Ateneo Corredoira de Combarro; centros de ensino secundario como o de Sanxenxo, Fene, IES Mestre Landín do Morrazo e empresas como La Opinión.

Referencias varias:


Fálase dos gañadores do certame de Nadal convocado pola biblioteca municipal e a concellería de Cultura do Concello de Sarria. Indícase que na categoría de menores de oito anos os gañadores foron Elena Vilela Vázquez, Marco Fernández López e Miguel Abelaíras García; na de nove a once anos os premios recaeran en Alba Vázquez González, Laura López López e Leticia Sánchez Lebón; mentres que na de doce a dezaseis anos os premiados foron María Elena López González, Alba Montero Haspido e Noemí Vázquez Valcárcel. Coméntase o acto de entrega no que Xermán Arias, concelleiro de cultura, recoñeceu o esforzo dos poetas, así como a calidade das máis de medio cento de obras que se presentaron ao certame.


Danse a coñecer os nomes dos gañadores do concurso Cuentos de Navidad que organiza La Opinión e ao que se presentaron cincuenta textos no apartado de adultos e dez na categoría infantil. Indícase que na sección de adultos o gañado foi Ángel Martínez Moar por “Vértigo” e a finalista Ángela Fernández por “Un cajero en Navidad”; mentres que na categoría infantil o premiado foi David Sobrino por “O agasallo de Reis” e a finalista Lara Brañas por “Papá Noel va en moto”. Infórmase, tamén, en que consisten os premios e publicanse os textos gañadores.


Fálase da entrega dos premios do concurso de poesía Nadal 2009 que se celebrará na biblioteca municipal de Xermade. Indícase o nome dos gañadores: Adán Blanco Prado, Gabriel Blanco Vivero e Cristina Otero Corral, na categoría A; María Castro López, Xiao Ares Montés e Joselyn Lisbeth Mera Cabezas, na categoría B; Rosalía Poupariña Piñeiro e Fernanda Mera Cabezas, na categoría C.


Dáse conta entre outros asuntos da apertura do concurso de literatura e ilustración Uxío Novoneyra, organizado con motivo da súa homenaxe no Día das Letras Galegas.

Comenta que as ANPAS dos colexios públicos de Baño e Cordeiro (Valga) e Catoira e Pontecesures, cooperarán na celebración do Certame Intercentros Letras Galegas 2010. Di ademais cales son as bases do certame no que se poden presentar redaccións, poemas ou contos en galego de temática libre e que os participantes pertencerán a 3º, 4º, 5º, e 6º de Primaria.


Anúnciase a convocatoria do Concurso de relatos breves en galego do Concello de Oroso para celebrar o Día das Letras Galegas. Dise que conta con dúas categorías (de 6 a 14 anos e adulto) e que se poden entregar tres relatos por participante até o 13 de maio.


Comunícase a terceira convocatoria do Certame de Poesía Día das Letras por parte do Concello de Ordes, no que se establecen tres categorías: unha infantil (até doce anos), con primeiro premio de cento vinte euros e un segundo de cen; outra xuvenil (de trece a dezaseis anos), con premios de similar contía á categoría infantil; e, por último, unha categoría xeral (de dezaseis anos en diante) con dous premios de trescentos e cento oitenta euros, respectivamente.


Anúnciase o novo concurso literario convocado pola Concellería de Cultura de Marín con motivo da celebración do Día das Letras Galegas. Publicanse as súas bases e infórmase do premio que recibirá o gañador.


Fálase da entrega dos premios do XV Concurso de Contos, acto programado dentro da Feira do Libro.


Anúñciase a convocatoria do “Concurso de relatos breves en galego” con motivo do Día das Letras Galegas por parte do Concello de Oroso, aberto a todos os veciños do municipio. Expícase que existen dúas categorías: a infantil, de seis a catorce anos, e a de adultos a partir desa idade. Asemade, especificase que cada participante poderá achegar tres relatos inéditos en galego, mecanografados a dobre espazo, até un máximo de quince follas.
Indícanse os nomes dos gañadores da XXVIII edición do certame literario que convoca o Concello de Poio o Día das Letras Galegas: Álex Nogueira López e Alan San Jorge Iliazagic (categoría de seis a oito anos); Andrea Duarte Otero e María José (na de nove a once anos); Níquea Outeiral Galiano e Juan José Solla Outón (na de doce a trece anos); Noelia Viéitez Fuentes (na de catroce a quince anos); Lucía Viéitez Fuentes (na de dezaseis a dezaoitio anos); e Paula Piñeiro Fernández (na de dezaoitio a vinte e cinco anos). Engádese o recoñecemento que a concelleira de Cultura de Poio, Silvia Díaz, e o representante da Sociedade Cultural e Deportiva Raxó, Juan Pedro Sanza, deron ás sesenta obras presentadas. Citanse outras actividades que se levarán a cabo ao longo do día 17 de maio, tales como contacontos, Carreira Popular das Letras ou a conferencia ‘Lingua e literatura’ de Ana María Outón Barral, quen tamén participou nalguna edición do concurso literario Xaime Isla Couto.

Infórmase sobre a convocatoria dun certame literario con motivo do Día das Letras Galegas por parte do concello vilalbés, na que se distinguen as contías dos premios e as seis categorías: dúas para os escolares e catro para os residentes en Vilalba. Asemade, especificase que se admitirán tanto traballos narrativos coma poéticos.

Recórdase a data límite de entrega de obras para o certame literario Lorenzo Varela que convocou a asociación cultural Falcatrueiros con motivo do Día das Letras Galegas para os alumnos de Primaria, ESO e Bacharelato. Infórmase, tamén, das bases do concurso.

Comenta que o secretario xeral de Política Lingüística da Xunta de Galicia, Anxo Lorenzo, presidiu o acto de entrega dos premios dos certames convocados pola Xunta de Galicia co gallo da celebración do Día das Letras Galegas. Sinala que destacou a importancia da celebración destas convocatorias, pola axuda que supoñen na conservación da lingua e da literatura galega. Recolle as felicitacións da alcaldesa de Guitiriz, do director do CPI Virxe dos Remedios de Castro Caldelas e do director do Ceip Santo Estevo de Parga tanto aos docentes como ao alumnado que participaron na convocatoria.

Informa do acto de entrega de premios do Certame Literario das Letras Galegas 2010 que organiza o Concello de Vilalba e enumera a listaxe de gañadores nas seis categorías das que consta o certame. Apunta que Brais Lamela Gómez, coa narración O visitante nocturno, levou o Premio Manuel Mato Vízoso para mozos de quince a dezaoitio anos;
Laura Santiso Montenegro, coa obra *O libro ladrón*, o Premio Xosé Lois García Mato para menores de quince anos; Jesús Fernández Crego, con *O vento da Terra Cha*, o Premio Antonio García Hermida; Silvia López Lorenzo, con *A serea do río*, o Premio Carmiña Prieto Rouco na categoría de menos de dez anos; e Óscar Lozano Lozano, o Ramón Piñeiro coa poesía *As vacacións*. Engádese ademais que o premio de poesía Xosé Lois García Mato quedou deserto.


Fálase da clausura da XXI edición do certame Intercentros no que participaron os escolares de Narón e a ONG Lema. Indícase que este ano a organización correu da man do colexio de Piñeiro e que a vindeira tocaralle a Solaina. Engádese que os traballos dos participantes ainda se podían ver na entrada do Pazo da Cultura.

- C.G., “Premio para os relatos escolares con Fesampas”, *El Correo Gallego*, “Área de Compostela”, 16 maio 2010, p. 34.

Anúncianse os nomes dos gañadores do II Certame de Relatos da Federación de Anpas, isto é, Carlota Carrilo, Damián Campos, Diego García do Pérez Viondi, Francisco Villar e Mónica Servide.


Fálase das múltiples actividades organizadas na bisbarra para festexar o Día das Letras Galegas centreadas, principalmente, na figura de Uxio Novoneyra. Indícase que a Agrupación Socialista Coruñesa resolveu a VIII edición dos premios Narra Breve 2010. Anúnciase que na categoría de adultos resultou gañadora Noelia Martínez Rey co seu traballo *Inspiración* mentres que a xuvenil quedou deserta. Recóllese a mención especial do xurado á obra *As pegadas da amargura* da que destacou a calidade.


Faise eco da entrega de galardóns do Concurso Literario de prosa, poesía e banda deseñada para escolares en Ribeira.


Dá a coñecer o nome dos premiados no certame de narración convocado pola Biblioteca Municipal da Pastora con motivo das Letras Galegas e destaca o nome dos gañadores: Iván López Fernández, Daniel García Riego, Nair Machado Losada, Laura Iglesias López, Silvia Obarrio López, Aída Pérez Flores e Cristina Barrera Fernández.

Dise que na edición de 2010 do certame “Igualando a lingua” os galardóns foron para Felipe Domínguez (1º e 3º premio) e para Rocío Leira (2º premio).


Infórmase dos dezasete escolares, gañadores da fase local do Certamen de Narración e Debuxo das Letras Galegas.


Infórmase que Andrea Domínguez conseguiu o galardón no certame de Relatos Breves do Concello de Oroso na modalidade infantil e que tamén foron premiados Óscar do Val Parada e Sofía Zapata Fermín.


Apúntase que o IES Mestre Landín celebrou un coloquio no que participaron alumnos de primeiro e segundo da ESO, así como a actriz Uxía Blanco. Ademais, indícase que entre as diversas actividades que organizou o centro educativo para celebrar “la lengua gallega” estivo a entrega dos premios do Concurso de Narración e Poesía en Lingua Galega.


Entre outras novas destaca a celebración no instituto de Sanxenxo, da entrega de premios do certame literario convocado por este centro e dise que Yolanda Castaño participou no acto.


Coméntase o concurso de relatos da Federación de Anpas do Concello da Estrada e dise que nel poden participar alumnos de Primaria e Secundaria. Coméntase quen son os participantes, o xurado e tamén se agradece a colaboración do Concello e de algunhas empresas que doan os premios (bicicletas, ordenadores, cámaras de foto e vídeo).


Coméntase que o Centro Cultural Ateneo Corredoira de Combarro vai realizar o seu I Certame Nacional de Poesía sobre o Nadal, ao que se poderán presentar textos en galego e castelán, que traten o tema do Nadal, nos que a construcción dos poemas e a súa medida son libres, e cuxos orixinais se deben remitir, antes das doce do día seis de xaneiro, por triplicado á Sede do Ateneo de Combarro. Sinálase que o gañador será galardoado con seiscentos euros e unha estatuíña de Sargadelos e o segundo clasificado, con trescentos euros e outro galardón conmemorativo.
Concurso literario **Luís Antonio Alonso**

Convocado polo instituto Ramón Cabanillas co obxectivo de manter a memoria deste profesor e fomentar a creatividade literaria, tanto en galego como en castelán. Este certame está dirixido ao alumnado de ESO e Bacharelato.

Certame literario **Luísa Villalta**

Convocado polo IES Isaac Díaz Pardo de Sada co obxectivo de homenaxear a poeta coruñesa e dirixido ao alumnado de Secundaria. Contou con dúas categorías: poesía e relato curto e tres premios en cada categoría. Na VI edición de 2010 os galardóns na categoría de poesía foron para Tamara Paredes Gestal, do IES Mosteirón, por “Escorredizas bolboretas”; Alicia Correa Asensio, do IES Adormideras, por “As estacións dos soños”; e Lucía Otero Varela, do IES Fernando Wirtz, por “Miña terra, meu lar”. Na categoría de relato curto os premios foron para Pablo Díaz Bouza, do IES Mosteirón, por “Morazón”; Ignacio F. Ares Gestal, do Obradoiro, por “Outro negro máis”; e Ana Taibo Martínez, do Obradoiro, por “Universos paralelos”.

Premio de poesía infantil e xuvenil **Manuel Masdías**

Convocado pola Sociedad Artística Ferrolana (SAF) e patrocinado por TV Ferrol Canal31. No ano 2010 non se convocou.

Certame Literario **Minerva. Colexio Peleteiro de Santiago**

Certame convocado polo Colexio Peleteiro de Santiago dende o ano 1972 e conseguido por escritores consolidados hoxe en día como Lois Diéguez, Anxeles Penas, Darío Xohán Cabana, Anxo Rei Ballesteros, Suso de Toro ou Xabier Queipo. Nel podía participar o alumnado de segundo ciclo de educación secundaria e bacharelato, que cursase os seus estudos en centros de Galicia e non tivese cumprido os vinte anos o 31 de decembro do ano en curso. Os traballos debían ser orixinais e inéditos, escritos en lingua galega e podían concorrer nas seguintes modalidades: poesía (un conxunto de tres poemas, de tema e formas libres) e narración (de tema libre e dunha extensión máxima de seis folios, mecanografados a dobre espazo). Enviáronse cinco exemplares, con pseudónimo ou lema, xunto a un sobre pechado no que figuraban os datos do autor, que debían vir selados polo Seminario de Galego para acreditar a súa condición de alumno ou alumna do centro. No exterior do sobre figuraban o pseudónimo ou lema e o título da obra e debían remitirse ao Certame Literario Minerva (Colexio M. Peleteiro, San Pedro de Mezonzo, 27, 15701 Santiago de Compostela). Concedéronse tres galardóns en cada unha das dúas modalidades, de 750, 450 e 300 euros, respectivamente, medalla de prata conmemorativa do certame e publicación das obras galardoadas nun libro editado polo centro que convoca o certame. O xurado, que estivo constituído por escritores e profesorado de lingua ou literatura de distintos centros de Galicia, deu a coñecer o seu ditame nos medios de comunicación e a entrega de premios celebrouse no decorrer dun acto literario organizado no centro educativo. Durante o
acto, os galardoados debían ler a súa obra total ou parcialmente. Nesta XXXVIIIª edición do ano 2010 o prazo de presentación dos orixinais rematou o 23 de marzo. O xurado, na modalidade de narrativa, estivo presidido por Manuel Quintáns Suárez, acompañado dos vogais Armando Requeixo Cuba; Anxos Sumai, Ramón Mariño e Josefa Lourido. Na modalidade de poesía o xurado estivo presidido por Luís Alonso Girgado, acompañado dos vogais Xosé Mª Álvarez Cáccamo, Olalla Cociña, Branca Novoneyra e Alberto Muñiz. Na modalidade poética, o gañador foi Jesús Castro Yáñez, do IES Pedregal de Irinia de Meira, con “De paxaros e outros minerais”; o segundo premio foi para José Ismael Ramos Castelo, do IES Virxe do Mar de Noia, con “Oda á cafeína (ou anecdotario dun amor de inverno)” e o terceiro para Daniel Martínez Mariño, do Colexio Junior’s de Santiago, por “Lingua franca”. Así mesmo concedéronse tres accésits para Jessica Amado Dosil, do IES Campo de San Alberto de Noia, por “Triteticismos de corpo morto”; Afonso Francisco Traficante Fernández, do IES n.º 1 de Ordes, por “Grotesque”; e Sabela Rodríguez Lorenzo, do IES Monelos da Coruña, por “Sen título”. Na modalidade de narración o gañador foi José Ismael Ramos Castelo, do IES Virxe do Mar de Noia, co relato “O factor humano ou a vida privada dos pronomes”; o segundo premio foi para Brais Lamela Gómez, do IES Basanta Silva de Vilalba, por “Talento por encargo”; e o terceiro para Marta González González, do IES As Lagoas de Ourense, por “Crónicas do cotián”. Concedéronse dous accésits a Daniel Martínez Mariño, do Colexio Junior’s de Santiago, por “Transformation” e a Óscar Rivero Salgado, do IES Cidade de Antioquía de Xinzo de Limia, por “Viaxe ao corazón”. O acto de entrega tivo lugar o 20 de maio no Colexio Peleteiro.

Referencias varias:


Fálase dos gañadores dos XXXVIII Premios Minerva ao que se presentaron cento corenta e un traballos. Indícase que os gañadores na modalidade de narrativa foron José Ismael Ramos Castelo por “O factor humano ou a vida privada dos pronomes”, Braís Lamela por “Talento por encargo” e Marta González González por “Crónicas do cotián”. Engádese que na modalidade de poesía os galardoados foron Jesús Castro Yáñez por “De paxaros e outros minerais”, José Ismael Ramos Castelo por “Oda á cafeína (ou anecdotario dun amor de inverno)” e Daniel Martínez Mariño por “Lingua franca”. Anúncase, tamén, o nome dos participantes que mereceron un accésit e recóllese a apreciación feita polo xurado ao destacar a “extraordinaria calidade dos poemas”. Infórmase sobre a data de entrega de premios na que estará como mantedor Xosé María Álvarez Cáccamo e engádese que do certame Minerva saíron autores como Daño X. Cabana, Xosé Antonio Neira Cruz ou Ánxeles Penas.


Danse os nomes dos gañadores dos traballos presentados aos XXXVIII Premios Minerva, nas modalidades de relato e poesía. Indícase que o xurado, presidido por Luís Alonso Girgado e Manuel Quintáns, destacaron, por un lado, “a extraordinaria calidade dos poemas”, así como a “sorprendente cultura poética dos premiados”, e por outro, “a
notábel calidade e variedade nas temática e estilos dos relatos”. Dise que no acto de entrega actuará de mantedor Xosé Mª Álvarez Cáccamo.


Fálase dos beneficios da existencia de certames literarios que “contribúben a visualizar o labor” das persoas que comezan a dar os seus pasos no eido literario. Apúntase que, entre estas plataformas, unha das máis importantes son os premios para escolares. Destácanse os Premios Minerva convocados dende 1963 polo Colexio Manuel Peleteiro de Santiago de Compostela e no que actuaron como mantedores persoeos como Álvaro Cunqueiro, Ricardo Carballo Calero ou Carlos Casares. Engádese que en edicións pasadas foron gañadores destes premios escritores como Darío Xohán Cabana ou Xosé Antonio Neira Cruz. Infórmase da publicación en Galaxia do último volume que recolle os textos premiados na anterior convocatoria. Fálase, tamén, doutros premios como o Certame Francisco Añón de Poesía, organizado polo Concello de Serra de Outes; o Premio Anxel Casal para poesía, conto e teatro, organizado polo Concello de Santiago; e o Certame Literario do Concello de Ames. Apúntase que todos eles contan con edicións en formato libro dos textos premiados.


Fálase de José Ismael Ramos Castelo, galardoado con seis premios literarios durante o mes de maio. Indícase que gañou o primeiro premio de narrativa Minerva co seu traballo *O factor humano ou a vida privada dos pronomes* e o segundo premio de poesía por *Oda á cafeína (o anecdotario dun amor de inverno)*; recibiu o primeiro premio en narrativa e poesía do certame literario que organiza o Concello de Ames polos seus traballos *Retrato dun despertar incómodo* e 16+V E só pido unha cousa polo meu aniversario e, finalmente, conseguiu o primeiro premio de narrativa e o segundo de poesía do certame que convocan os dous institutos noieses. Engádese que Ramos escribe grazas ao apoio da súa profesora de galego que foi quen lle deu a coñecer obras de poetas como Yolanda Castaño, Berta Dávila ou Estíbaliz Espinosa, mentres que en narrativa foi o club de lectura do instituto o que lle achegou a autores como Amy Hempel.


Dáse información sobre a entrega dos Premios Literarios Minerva, no que actuará de mantedor Xosé Mª Álvarez Cáccamo. Sinálanse algúns dos galardoados nas dúas modalidades: relato e poesía.

Fálase do acto de entrega e dos gañadores da XXXVIII edición dos Premios Literarios Minerva, un dos certames con máis tradición no ámbito educativo. Indícase que nesta edición se presentaron un total de cento corenta e un traballos, noventa e oito na modalidade de narrativa e corenta e tres na de poesía dos que o xurado destacou a súa “extraordinaria” calidade. Infórmase que o primeiro premio de narrativa e o segundo de poesía foron para José Ismael Ramos Castelo polos seus traballos O factor humano ou a vida privada dos pronomes e Oda á cafeína (o anecdotario dun amor de inverno); mentres que Daniel Martínez Mariño gañou o terceiro premio de poesía co poemario Lingua franca e o primeiro accésit en narrativa por Transformación. Engádese que o mantedor do acto foi o poeta Xosé María Álvarez Cáccamo.


Coméntase a entrega dos premios Minerva e dánse os nomes dos gañadores en narrativa (José Ismael Ramos, Brais Lamela Gómez e Marta González González), ademais do accésit que se lle concedeu a Óscar Rivero Salgado. Por outro lado, infórmase que os gañadores na modalidade de poesía foron José Ismael Ramos Castelo, Daniel Martínez Mariño, na que igualmente se concederon accésits a Jéssica Amado Dosil, Afonso F. Traficante Fernández e Sabela Rodríguez Lorenzo.

Certame de Relato Curto do Concello de Mugardos

Certame de relato curto en galego que convoca a Concellería de Cultura do Concello de Mugardos que conta coas modalidades de maiores de 18 anos e menores de idade. Os traballos debían ser orixinais, inéditos e estar escritos en lingua galega, cunha extensión máxima de dez folios, podendo presentarse até un máximo de tres traballos por participante que debían enviarse á Concellaría de Política Lingüística do Concello de Mugardos (Avda. de Galicia, 45, 15620, Mugardos). O galardón consistiu nun cheque por valor de 300 euros para os menores de idade e 400 euros para os maiores de idade. Nesta VIIIª edición de 2010 o prazo de entrega comezou o 15 de setembro e rematou o 15 de outubro. Os galardóns entregáronse o 27 de novembro no Salón de Plenos do Concello de Mugardos e recaerón, na modalidade de menores de idade, no relato “Miña esperanza”, de Tania Vázquez García, asinado co pseudónimo, e houbo unha mención especial para “As laranxas tamén entristecen”, de Moncho Iglesias Míguez.

Concurso de relato curto Novos Talentos de Coca-Cola

Organizado pola Fundación Coca-Cola para fomentar a escritura creativa entre os escolares de 2º ESO co apoio institucional da Consellería de Educación da Xunta de Galicia. Contou con dúas modalidades: relato curto e vídeo-relato. Constou dunha convocatoria a nivel estatal en castelán e diferentes edicións do concurso a nivel autonómico, apostando polas distintas lingüas oficiais (galego, eúscaro e catalán). A edición en galego contou con varias fases: unha fase escolar, na que o docente seleccionou os alumnos que representarían o centro escolar na fase provincial, celebrada no mes de abril nas principais cidades galegas, na que se escolleron seis participantes,
que recibiron un obsequio e un lote de artigos marca Coca-Cola; posteriormente na fase autonómica participaron o relato gañador de cada sector provincial que recibiu unha viaxe de carácter cultural e de ocio, para na fase nacional os dezasete finalistas un xurado estatal seleccioñou os seis mellores relatos, dos que saíu o relato gañador. Os participantes tiñan que escribir un relato curto en menos de dúas horas a partir de seis palabras e incluír no traballo dunha extensión máxima de dúas follas. Na edición de 2010, a gañadora autonómica en lingua galega foi Soraya Sendón Lago de Cee, tamén se premiou a Mónica López Lópxez por Ferrol, Sebastián García Mouret por Lugo, Anaís Noela Álvarez González por Santiago, Candela Rodríguez Millamé por Ourense e Jesús Rico Fuentes por Pontevedra. Tamén foron premiados entre outros Pablo Fraguela Casás e Álvaro Varela da Compañía de María, Xerezade Ansedes López do IES Catabois, Juan Manuel Couto Lema do IES Saturnino Montojo e Victoria Méndez Fraguela do colexio Jorge Juan o 28 de maio en Santiago de Compostela.

Referencias varias:


Infórmase da participación de case setenta alumnos de Secundaria da provincia de Lugo na proba escrita do concurso Coca-Cola Jóvenes Talentos-Premio Relato Corto.


Infórmase que catrocentos escolares de ESO participaron no Concurso de Novos Talentos de Coca-Cola.


Faise eco da entrega dos premios da segunda edición do concurso “Novos Talentos. Premio de Relato Curto”. Di que a primeira clasificada pola Coruña foi Soraya Sendón Lago, de Cee, “vencedora absoluta do certame”, e que se impuxo aos primeiros premiados de cada sector.


Comenta que a alumna Soraya Sendón Lago, do colexio Manuela Rial Mouzo no municipio de Cee, resultou gañadora no concurso autonómico de Nuevos Talentos. Subliñá tamén que tivo que competir con trinta e seis finalistas de diferentes colexios da provincia da Coruña.

Dise que Laura Abraira Carballido, alumna de segundo de ESO, gañou o primeiro premio do concurso de narradores de Coca Cola, mentres que Sebastián García Mouret chegou á final na categoría do idioma galego.

**Premio Ourense de contos para a mocidade.** Agrupación de Libreiros e Casa da Xuventude

Convocado dende os seus inicios pola Agrupación de Libreiros e pola Casa da Xuventude de Ourense, conta co patrocinio da Concellaría de Cultura e a Delegación Provincial da Igualdade e do Benestar, como contribución á festa do Día das Letras Galegas. Ten o obxectivo declarado de promover a creación literaria en galego entre a mocidade, para iso, este premio dirixiuse á mocidade de entre catorce e trinta anos de idade que elaborase, nun mínimo de seis e máximo de vinte folios a duplo espazo, un relato inédito e orixinal de tema libre. Os premios consistiron nun primeiro de 800 euros e en catro accésits de 250 euros cada un, ademais da publicación da obra. O xurado sempre estivo constituído por persoas pertencentes ou directamente nomeadas polas entidades convocantes. No ano 2009 (XXVIª edición) engadiuse o galardón de homenaxe a Eduardo Blanco Amor, dotado con 500 euros para o mellor conto escrito por un alumno matriculado nun centro de ensino de Ourense. Na XXVIIª edición, ano 2010, o xurado decidiu premiar o relato “Eu tamén souben de Oristzenbe”, de Alba Cid, concedéronse catro accésits a Lucia Gil Iglesias por “O traxe de voda de Severino”; a Miguel Ángel Rodríguez Fervenza por “O respecto vai de escuro”; a Enrique Bernárdez Reigosa por “Maldita pebida”; e Beatriz Parada Fernández por “Unha última esperanza”.

**Certame Literario da Asociación de Pais do Colexio Peleteiro de Santiago**

Certame convocado pola Asociación de Pais de Alumnos do Colexio M. Peleteiro para o alumnado de 3º, 4º, 5º e 6º de educación primaria e 1º e 2º de ESO nas modalidades de poesía e narración. Na edición de 2010 resultaron gañadores, en terceiro de educación primaria, na modalidade de narrativa, Ana García Miguëns, Mario Padrón Tardáguila e Carlota Corredoira Sierra. En poesía os premiados foron Javier Castro Luaces, Pablo Saborido Fernández e Alba Fernández Martínez. En cuarto de Primaria, os gañadores en Narración foron Ángela Carballal Barca, Elena Pantín Carro e María Tomé Castro, sendo os premiados en Poesía, Juan Blanco Silva, Carmen Rodríguez Courel e Ana Prieto Sánchez. En quintu de Primaria obtiveron galardóns en Narración Laura Gamundi Mella, Sara Pazo Padrón e Fernando Mostaza Malvar, mentres que en Poesía, María Tritiñanes Millán, Blanca Sieira Cantorna e Andrea Abalo Martínez. A entrega dos galardóns tivo lugar o 11 de maio.

**Referencias varias:**

Informa da entrega do premio do certame literario que organiza a ANPA do Colexio Peleteiro e dánse a coñecer os gañadores nas respectivas modalidades (poesía e narrativa) dos tres primeiros premios en terceiro, cuarto e quinto de primaria.

Certame Literario da Asociación Cultural A Pipa de Becerreá

Ver o apartado X.5. do Informe.

Ponte nas ondas!

Organizado pola Asociación Cultural e Pedagóxica “Ponte... nas ondas!” e patrocinado pola Dirección Xeral de Creación e Difusión Cultural da Consellería de Cultura e Deporte da Xunta de Galicia e a Delegación Regional de Cultura do Norte de Portugal (DRCN) e a Dirección Regional de Educación do Norte (DERN), que promoveu este premio dentro do programa da Semana de Literatura de Tradición Oral co obxectivo de que os centros escolares continúen co labor de conservación do Patrimonio Inmaterial Galego-Portugués, contribuindo á promoción e transmisión das expresións desta tradición. Estabelecéronse catro categorías de premios: ensino primario, secundaria, bacharelato e ciclos formativos e no ano 2009 engadiouse a categoría de ensino universitario. Cada un deles recibiu un primeiro premio de 1.000 euros e un segundo de 500, ademais dunha escultura de Antón Román creada para a ocasión. Os traballos podían ser de calquera das expresións da tradición oral, tanto en prosa coma en verso.

Certame de Contos e Lendas Ramón Piñeiro

A Concellería de Cultura, Educación e Participación Veciñal do Concello de Tomiño, convocou este premio, co gallo da celebración do Día das Letras Galegas, por primeira vez en 2009. A súa finalidade foi dar a coñecer a figura do escritor Ramón Piñeiro; recoller os contos e lendas tradicionais dos distintos lugares e parroquias, creando o primeiro Banco Documental do Concello, e fomentar a afección da narrativa entre os nenos e nenas. Estabecéronse dúas categorías: Infantil 1 (8-9 anos); Infantil 2 (10-11 anos); Xuxenei 1 (12-13-14 anos) e Xuxenei 2 (15-16-17 anos). Podían presentarse traballos, orixinais e inéditos, con temática libre, en formato de conto ou lenda cunha extensión máxima de cinco folios, que se entregaron no Servizo de Cultura do Concello de Tomiño até ó 23 de marzo, xunto cun sobre cos datos persoais do autor/a. Concedéronse tres galardóns por categoría, compostos por unha bicicleta, un diploma e a publicación do traballo, para o primeiro, e un lote de libros, diploma e publicación das obras, para o segundo e o terceiro.

Certame de Relatos de Ciencia-Ficción de Gradiant

Organizado polo centro Tecnolóxico de Telecomunicacións de Galicia, coa colaboración da Dirección Xeral de I+D+i da Consellería de Economía e Industria no marco da Semana da Ciencia. Conta con tres categorías: C (alumnado do primeiro ciclo de Secundaria); B (alumnado do segundo ciclo de Secundaria) e A (alumnado de Bacharelato). Debían entregar un relato curto, en galego con temática libre pero dentro das coordenadas da ficción científica, no que se presenten ideas sobre a tecnoloxía do futuro, que se pode complementar con ilustracións ou deseños das propostas de innovación, cunha extensión máxima dun folio na categoría C e dous folios nas categorías B e A. Os traballos debían remitirse por correo ordinario (GRADIANT ETSI Telecomunicación, Lagoas Marcosende, s/n, 36310, Vigo), xunto cun sobre pechado cos datos do autor ou por correo electrónico a actividades@gradiant.org, antes do vindeiro 12 de novembro de 2010. Estabеliceuse un 1º Premio (consistente nunha XBox 360 con Kinect) e dous accésits por categoría (unha Nintendo DS lite). Na IIª edición de 2010 os gañadores déronse a coñecer o martes 16 de novembro de 2010 e a entrega de premios tivo lugar no Salón de Actos da ETSE Telecomunicación (Universidade de Vigo) o venres día 19 de novembro de 2010. Resultou galardoad Ramón Portela Suárez, entre os cincuenta traballos que se presentaron.

Referencias varias:


Dise quen foi o gañador do III Certame de Relatos de Ciencia Ficción do Centro Tecnolóxico de Telecomunicación de Galicia, Ramón Portela Suárez, entre os cincuenta traballos que se presentaron. Finalmente, coméntase o argumento do relato no que unha persoa ve como se destrúe a súa cidade e logra refuxiarse nun búnker dende o que relata a súa experiencia a través das novas tecnoloxías.
Certame de literatura xuvenil Suárez Ferrín do Concello de Culleredo

Organizado pola área de Cultura do Concello de Culleredo e o Instituto de Estudios Políticos e Sociais, está dirixido a mozos de menos de trinta anos que presenten un relato para salientar os valores cívicos e morais da sociedade en galego ou castelán. Deben presentarse cinco copias baixo lema cunha extensión entre oito e quince folios, mecanografados a dobre espazo. O galardón consiste nun premio de 1.000 euros. No ano 2010 non se convocou.

Certame Terra Chá de Literatura e Deuxbo Infantil

Organizado pola Asociación Cultural Xermolos de Guitiriz conta coas seguintes modalidades de participación: a) debuxos e pinturas, b) contos e c) poesías. Os contos e poesías terán unha extensión máxima de dous folios. Conta con dous grupos de premios, ca mesma calidade e cantiidade: un para os traballos procedentes da Terra Chá, e outro para os traballos dos outros Colexios, Escolas e Institutos Galegos. Establécese tres premios (50 euros para o primeiro, 40 para o segundo e 30 euros para o terceiro, investidos en libros, discos...) para cada nivel e especialidade: Educación Infantil, tres ciclos de Educación Primaria e dous Ciclos de Educación Secundaria e Bacharelato. Os traballos deben mandarse até o 1 de xuño nun sobre pechado cun lema e outro sobre os datos persoais do autor a Asociación Cultural Xermolos (Apartado 4, 27300 Guitiriz, Lugo). Os premios fanse públicos a comezos do mes de xuño, e entregáanse na Feira da Música e da Arte, a celebrar no Balneario de Pardiñas a primeira fin de semana de agosto. Na XXI edición de 2010 presentáronse novecentos vinte traballo nas tres modalidades, procedentes de cincuenta e dous coleixos e os premios entregáronse o 8 de agosto no XXXI Festival de Pardiñas. Na modalidade de narrativa os galardóns foron para os seguintes rapaces de Colexios de fora da Terra Chá: no 1º ciclo de Primaria para Sabela López Rodríguez-Goy (Ramón Cabanillas-Santiago), Lucía Agrelo Martínez (Foz nº 1) e Sara Gayol Rivas (Foz nº 1); no 2º ciclo para Laura Castro Paz (Eugenio López de Cee), Raquel González Quintela (Lois Tobío de Viveiro) e Nerea Lema Moledo (Eugenio López de Cee); e no 3º ciclo para Nacho Mañá Mesas (Valentín García da Ponferrada), Miriam Abad Girón (Lois Tobío de Viveiro), Brais Baltar Salgueiro (Lois Tobío de Viveiro) e Andrea García Ordóñez (Lois Tobío de Viveiro); e no 1º ciclo de ESO para Sheila Parada (Nº 1 A Estrada), Gloria Mallón (Nº 1 A Estrada) e William Cabileón Taboada (Nº1 A Estrada). Mentes que os galardóns dos Colexios da Terra Chá foron: no 1º ciclo de Primaria para Alba Cruz Lombao (Rábade) e Tania García Alonso (Monseivane); no 2º ciclo para Lucía Campos González (Parga) e Raul Pena Fernández (Rabade) Susana Adkinson (Rabade); e no 3º ciclo para Elena Casanova Fernández (Rabade), Thomas Valero Vazquez (Insua Bermúdez-Vilalba) e Antía Fernández Quintela (Mato Vizoso-Vilalba). Na modalidade de poesía os galardóns foron para os seguintes rapaces de Colexios de fóra da Terra Chá: no 1º ciclo de Primaria para Clara Manín López (Foz nº 1) e Eliza Lyugenova Georgieva (Foz nº 1); no 2º ciclo para Beatriz Pena López (Lois Tobío de Viveiro) e Carmen Ayala Lago (Eugenio López de Cee); no 3º ciclo para Eugenio Martínez Canay (Lois Tobío de Viveiro) e Paula Pérez López (Xanceda); e no 1º ciclo de ESO para Noemí García Carbia (A Estrada), Uxía Iglesias Reviejo (Xanceda) e Sofía Dono García (Xanceda); e no 2º ciclo para Ana Lea (nº1 da Estrada), Pablo Cacho (nº 1 da Estrada), Miguel Iglesias (nº 1 da Estrada) e Minerva Cao (nº 1 da Estrada). Tamén se deron os seguintes premios especiais: a 3º da ESO PDC o IES nº 1 da Estrada, en relato curto, polo seu traballo “A

Referencias varias:


Indícase que máis de novecentos traballos concorreron ao Certame Infantil Terra Chá. Ademais de sinalar as modalidades, tamén se informa do agrupamento dos participantes, segundo o seu nivel de estudos, e dos premios especiais que concedeu o xurado. Dise que a entrega será o día 8 de agosto, no transcurso dos actos do Festival de Pardiñas.

Certame de Contos e Relatos Curtos Trapero Pardo. Concello de Lugo

Dende o ano 1995 o Concello de Lugo convoca para todos os alumnos e alumnas de entre doce e dezaoito anos de calquera centro público ou privado este certame de contos e relatos curtos que conta con dúas categorías: unha para rapaces entre doce e catorce anos e outra para mozos entre quince e dezaoito anos. Os contos debían ser de temática libre, escritos en lingua galega e cunha extensión máxima de dez páxinas e remitidos á Concellería de Educación (Centro Social Uxío Novoneyra 3º andar. Rúa Quiroga Ballesteros, n.º 1–27001 Lugo) até o día 20 de novembro de 2010. Estabeléceronse tres premios en cada categoría. Na décimo sexta edición de 2010, na categoría de 12 a 14 anos o xurado outorgou o primeiro premio a Iris González Rivas pola obra “Cadaleito de materia escura”, o segundo a María Elena López González polo traballo “Pons Minae” e o terceiro a Aitor Arello por “A chusca dos meus ollos”. Na segunda categoría, de 15 a 18 anos, o primeiro premio foi para Brais Lamela Gómez por “O pozo prohibido”, o segundo para Lucía Barreira López por “Naquela noite de San Xoán” e o terceiro para Noelia Martínez Rey por “Un verso do poema”.

Referencias varias:


Anúncianse os nomes dos premiados no certame Trapero Pardo que convoca o Concello de Lugo. Indícase que na categoría de doce a catorce anos os premios foron para Iris González Rivas pola obra “Cadaleito de materia escura”, María Elena López González polo traballo “Pons Minae”, e o terceiro para Aitor Arello por “A chusca dos meus ollos”; na categoría de quince a dezaoito anos os premiados foron Brais Lamela Gómez por “O pozo prohibido”, Lucía Barreir López por “Naquela noite de San Xoán” e
Noelia Martínez Rey por “Un verso do poema”. Coméntase, tamén, en que consisten os premios.

Premio de relato curto Varela Buxán

Convocado polo Concello de Lalín e aberto á participación de todos os mozos nados ou residentes en Galicia. Estabaleceronse dúas categorías: de 12 a 14 anos e de 15 a 18 anos, dotadas cun primeiro premio de 100 euros e dous segundos de 50 euros. Ademais, o xurado pode conceder até un máximo de seis mencións cunha achega económica de 30 euros a aqueles traballos que considere oportuno. Os orixinais debían estar escritos en galego, cun mínimo de tres follas e un máximo de dez, mecanografadas a dobre espazo por unha soa cara, de tema libre. Debían presentarse catro copias con seudónimo na Biblioteca Municipal Varela Jácome ou no Museo Municipal Ramón María Aller até o 24 de abril. Os galardóns na categoría de 12 a 14 anos foron para Andrea García e Ana Belén Chao Riádigos, mentres que quedou deserto o primeiro premio na categoría de 15 a 18 anos e finalista Tania Vázquez. Entregáronse o 17 de maio no museo de Lalín. Todos os textos premiados serán editados polo Seminario de Estudios de Deza.

Referencias varias:


Infórmase da entrega dos galardóns deste certame e de que o xurado deixou deserto o primeiro premio na categoría de quince a dezaoito anos.

Concurso de Contos Vila de Pontedeume

Convocado polo Concello de Pontedeume e dirixido ao alumnado de segundo ciclo de ESO, Bacharelato e Cíeles Formativos de grado medio e superior que non superen os vinte anos, que presentasen un relato en galego inédito cunha extensión entre seis e dez folios mecanografados a dobre espazo que se debía entregar no rexistro do Concello (Rúa Real, n.º 13) para potenciar o uso do galego e o interese pola literatura. O galardón consistiu nun premio de 732 euros e a posibilidade de outorgar un accésit. Cada cinco anos editase un libro cos textos premiados e os finalistas. No ano 2010 convocouse a vixésima edición, o prazo de admisión rematou o 31 de marzo e a decisión do xurado e o acto de entrega tivo lugar o día 17 de maio no salón de plenos do Concello de Pontedeume. O xurado, presidido polo escritor Agustín Fernández Paz, e composto por Pablo García Campos, Angel González Arias, Cristina Fraga López e o bibliotecario eumés Alejandro Caínzos decidiu conceder o galardón a Verónica Cabo Jiménez por “A memoria esquencida”, o segundo foi Andrés Ocampo Lourido por “Crise de fe”, e Patricia Tuñas Gesto obtivo o terceiro lugar co conto “E despois chegaches tí”.

Concurso Literario Xaime Isla Couto
Organizado pola Concelería de Cultura do Concello de Poio coa colaboración das Sociedades Culturais Deportivas de Raxó e Samieira, o Ateneo Corredoira de Combarro, a Associación Boureante da Seara e a Associación Vides Novas de San Salvador. Pode participar todo o alumnado dos distintos centros escolares do municipio de Poio en idades comprendidas entre seis e dezaio anos e, a partir do ano 2006, tamén calquera persoa de entre dezaio e vinte e cinco anos, cun só traballo individual e inédito, escrito en língua galega para cada modalidade. As modalidades do concurso son relato curto ou conto e poesía de temática libre, cunha extensión máxima de tres folios para o relato curto ou conto e un folio para poesía. Os traballos debían presentarse nas oficinas municipais, nos centros educativos de Poio e nos locais das asociacións colaboradoras nun sobre pechado xunto cos datos persoais do autor. Conta con cinco categorías: categoría A (de 6 a 8 anos); categoría B (de 9 a 11), categoría C (de 12 a 13), categoría D (de 14 a 15), categoría E (16 a 18) e F (de 18 a 25 anos). Os galardóns nas categorías A, B, C e D consisten nun agasallo, nun diploma e un vale de 70 euros para a compra de material escolar; na categoría E nun diploma e un vale de 90 euros para a compra de material escolar; e na categoría F nun diploma e 300 euros, en cada modalidade. O xurado está presidido por Xaime Isla e composto por unha representación do Consello Municipal de Cultura. No ano 2010 o prazo de presentación rematou o 21 de abril e a entrega dos galardóns foi o 17 de maio na sede da Confraría de Pescadores de Raxó. Nesta XVIII edición foron premiados os traballos de Álex Nogueira López e Alan San Jorge Iliazagic na categoría de 6 a 8 anos; Andrea Duarte Otero e María José Argibay Torres na categoría de 9 a 11 anos; Niquea Outeiral Galiano e Juan José Solla Outón na categoría de 12 a 13 anos; Noelia Viéitez Fuentes na categoría de 14 a 15 anos; Lucía Viéitez Fuentes na categoría 16 a 18 anos e Paula Piñeiro Fernández na categoría de 18 a 25 anos.

Referencias varias:


Fálase da aprobación por parte do Consello Municipal de Cultura de Poio das bases da decimosétima edición do Concurso Literario Xaime Isla Couto e publícanse as bases do certame.


Anúnciase o peche do prazo para presentar obras ao XVII Concurso Literario Xaime Isla Couto que organiza o Consello Municipal de Cultura de Poio. Infórmase das bases, dos premios, así como das modalidades de traballe para presentar, isto é, relato curto ou conto e poesía.

Premios Relatos Curtos Xaquina Trillo

Certame coñecido anteriormente como Premio de Relatos Curtos e Contos Daniel HORTAS que na súa décima edición de 2009 pasou a denominarse Xaquina Trillo na honra da escritora vilagarcia nada en 1916 e falecida en 2004. Está convocado, xunto co
Premio de Poesía O Grelo, polo Fundación Amigos de Galicia, coa colaboración do Concello de Vilagarcía de Arousa, e o patrocinio da Secretaría Xeral de Política Lingüística, perteñente á Consellería de Educación e Ordenación Universitaria da Xunta de Galicia, co dobre obxectivo de fomentar a creación literaria entre os nenos e mozos e o uso do galego. Estabeleceronse dúas categorías con catros premios en cada categoría: categoría A para rapaces até 12 anos e categoría B para rapaces até 18 anos. A contía dos catros premios foi de 200, 150, 100 e 75 euros nas dúas categorías. A data limite de entrega foi o 30 de abril e o lugar de presentación dos traballos a sede da Fundación Amigos de Galicia (Rúa Fontecarmoa, 63, baixo, 33.600 Vilagarcía de Arousa) ou por correo electrónico a informacion@fundacionamigosdegalicia.org. Os contos e relatos dos colexios e institutos foron de temática libre e a extensión mínima de cinco folios na categoría A e de dez na modalidade B, presentándose dúas copias até o 30 de abril. Na XIª edición de 2010 o ditame do xurado tivo lugar o 13 de maio e o galardón entregouse o 17 de maio no Auditorio Municipal de Vilagarcía xunto co Premio de Poesía O Grelo. O xurado formado por Luís G. Tosar, Xosé Alonso e Antón Grande e Jesús Busto Peteiro, actuando como Secretario con voz pero sen voto, outorgou os galardóns a: David Souto Veiga, de 5ª EP do CPI Luís Díaz Moreno de Baralla (Lugo) por “A Moeda Encantada” (1º Premio); Esther Álvarez Álvarez, de 1º ESO do IES Eduardo Blanco Amor de OureNSE por “O meu xoguete e mais eu” (2º Premio) e Tamara Corral Valcárcel, do CPI Luís Díaz Moreno de Baralla (Lugo) por “O Libro invisible” (3º Premio) na categoría A; e María Laura Carillo Neira, do IES Manuel García Barros da Estrada (Pontevedra) por “Renacer da Eternidade” (1º Premio); Adrián Pérez Bote, do IES Politécnico de Vigo (Pontevedra), por “O Gardián e o Fuxido” (2º Premio) e aos alumnos 3 PDC do IES Nº 1 de A Estrada (Pontevedra) por “A Cousa” (3º Premio), na categoría B.

Certame de poesía Xela Arias

Organizado polo Instituto da Sangriña da Guarda en homenaxe á escritora Xela Arias, dirixido ao alumnado de Ensino Secundario, Bacharelato e Ciclos formativos con dúas modalidades: A (de 12 a 15 anos) e B (de 16 a 20 anos). Podían presentarse catro poemas inéditos, de tema e forma libres e escritos en galego baixo lema ou pseudónimo, xunto cun sobre cos datos persoais do autor no IES A Sangriña (Avda. de Portugal, 21, 36780 A Guarda). Concedéronse dous premios en cada modalidade de 150 e 100 euros (modalidade A) e 200 e 150 euros (modalidade B). Na IV edición do ano 2010 o ditame do xurado, compostoxo Pilar Carro Loureiro como presidenta, Marisa Guerra Cañizo como Secretaria, Pilar Piñeiro Iglesias, Carlos Negro, Uxío García Lobeira e Carme Díaz Pernas deuse a coñecer o 7 de xuño. O acto de entrega tivo lugar o 9 de xuño. Os galardóns na modalidade A foron para Sara Martínez García do IES de Sanxenxo (Pontevedra) (1º Premio) e Óscar Rodríguez Goyáis do IES A Sangriña (A Guarda) (2º Premio); e na B para Lucía Barrera López do IES Perdouro de Burela (Lugo) (1º Premio) e Adela Dávila Fernández do IES Virxe do mar de Noia (A Coruña) (2º Premio) e por unanimidade entregase un terceiro premio de 100 euros a Jessica Amado Dosil do IES Campo de San Alberto de Noia (A Coruña). Tamén se acordou outorgar mencións especiais na categoría B a Jesús Castro Yáñez do IES Pedregal de Irimia da Pastoriza (Lugo) e a Sabela Rodríguez Lorenzo, do IES de Monelos (A Coruña).

Certame de poesía Xosé A. Barral
Organizado pola Biblioteca e o departamento de música do IES As Bizocas do Grove, coa colaboración da concellería de Cultura do Grove, a compañía de RTVG e o IES Monte da Vila. Estaba dirixido ao alumnado de ESO e Bacharelato, establecéndose dúas categorías: ESO e Bacharelato, cunha dotación de 125 euros e diploma. Os textos tiñan que ser orixinais, inéditos, escritos en galego cunha extensión mínima de vinte versos e máxima de vinte e cinco. Tiñan que enviarse seis copias de cada poema baixo lema ou pseudónimo, xunto cun sobre cos datos persoais do autor á Biblioteca do IES As Bizocas (36988 San Vicente, O Grove) até o 5 de abril. Os poemas gañadores foron musicados e estreados no Festival Música nas túas Palabras, que tivo lugar no mes de xuño, acto no que se entregaron os premios. Nesta cuarta edición de 2010, o galardón foi para Minerva Cao Puente do IES n.º 1 da Estrada con “A lúa parece azul...”.

Certame de Poesía Xosé Carlos Caneiro Pérez

Convocado polo Concello de Verín, está dirixido a fomentar a creatividade literaria dos estudantes de terceiro ciclo de Primaria, ESO, Bacharelato e Ciclos formativos dos centros de ensino desa comarca. O poema ten que ser orixinal, inédito, con temática e o estilo totalmente libre, escrito en galego, en texto mecanizado ou en letra manuscrita lexíbel, cunha extensión que non supere os vinte e catro versos e asinado cun lema. O prazo de admisión abrangueu até o 6 de maio. Os traballos preseleccionados recibirán como premio un lote de libros e estabelécese tres premios de 90 euros, 60 euros e 30 euros por cada un dos catro niveis nos que se pode concursar. O ditame dos galardóns dos dous certames tivo lugar na Casa da Cultura de Verín con motivo do Día das Letras Galegas. No ano 2010 resultaron galardoados: en Primaria “Vivencias dun estudante”, de Manuel Sánchez González (1º premio); “A vida é fermosa”, de Sandra Larralde Sarralde (2º premio) e “As Cores”, de Paula Rodríguez Vila (3º premio), do CEIP de Oímbra. En 1º Ciclo de ESO: “O vello Ramón”, de Ana María Añel Prieto, IES Xesús Taboada Chivite (1º premio); “Quedaron atrás”, de Esther Estévez Casado, IES Xesús Taboada Chivite (2º premio) e “A luz do faro”, de Marina Freitas Toro, IES Castro de Baronceli (3º premio). En 2º Ciclo de ESO: “O desagrado”, de Raúl Suárez Fernández, Colexio Apostólico Merced (1º premio); “Recordos”, de Alba Gómez Gijón, Colexio María Inmaculada (2º premio) e “Ti”, de Noelia González Salgado, IES Castro de Baronceli (3º premio).

Referencias varias:


Entre outras actividades, dá conta deste certame de poesía no que participan alumnado de 3º ciclo de primaria, da ESO e de Bacharelato dos centros educativos da comarca ourensá de Verín. Explica a dotación dos tres premios e o agasallo de lotes de libros, e precisa que na gala de entrega actuará o grupo instrumental do Conservatorio Elemental de música desta vila ourensá.
XI. LITERATURA MEDIEVAL

XI.1. MONOGRAFÍAS E LIBROS COLECTIVOS


Volume colectivo no que se inclúen os traballos presentados no Congreso Internacional “Ogni edizione critica altro non è che un’ipotesi di lavoro... Edición crítica e lírica medieval galego-portuguesa”, celebrado en Santiago de Compostela en marzo do 2009. A obra consagrada de xeito monográfico ás últimas propostas formuladas no ámbito metodolóxico, aos resultados de investigacións que aplican os presupostos teóricos e os recursos técnicos máis innovadores e ás achegas que á edición crítica do texto lírico galego-portugués se realizan dende os estudios lingüísticos, métricos e de tradición manuscrita. Son de especial interese para o estudo da literatura medieval os seguintes artigos:


Fai un pequeno percorrido polas distintas edicións que se viñeron realizando sobre a lírica medieval galego-portuguesa e expón os principais obxectivos que se pretenden acadar co volume *Estudos de edición crítica e lírica galego-portuguesa*, como o de suscitar a reflexión sobre a importancia fundamental da práctica ecdótica.


Tras facer unha breve historia dos métodos de edición textual, descobre os principais problemas que os distintos métodos críticos teñen á hora de fixar fidedignamente o texto, incidindo especialmente no problema do esquematismo do proceso de reconstrución dos *stemma* e a simplificación á que someten os materiais sometidos a colación. Estes problemas afectan a todas as escolas editoriais, xa lachmanianas, xa bedieristas, e afectan máis profundamente a textos en romance (dada a inestabilidade e evolución dos sistemas lingüísticos románicos). Exemplificando toda a teoría coa construcción do *stemma* da *Chanson de Roland*, entre outras obras, o crítico italiano conclúe que non é posíbel a reconstrución dos arquetipos sen recorrer ao “método do erro” e ao *iudicum* do editor.


Fálase dos erros de lectura e edición aos que os editores da lírica galego-portuguesa son conducidos por aplicar criterios métricos, gramaticais ou sintácticos sen ter en conta a compresión do texto. Rip Cohen demostra con varios exemplos que a comprensibilidade do texto está suxeita á función comunicativa da linguaxe e ás características de cada xénero lírico. Entre os exemplos que expón, destacan varias lecturas editoriais que conducen a absurdos interpretativos. Como casos extremos, destacan unha cantiga de
Nuno Porco parece implicar unha lectura homosexual pola terminación masculina dun adxectivo, outra onde unha variación do posesivo (de “vosso” a “nosso”) fai parecer que nai e filla comparten “amigo”. A solución proposta por Cohen é aplicar a *emendatio actionis causa*, rectificar a lectura ofrecida polo manuscrito para que se adapte ao sentido, é dicir, editar tendo en conta a pragmática.


Trátase do tema das rúbricas atributivas que aparecen nos cancioneiros da *Vaticana* e da *Biblioteca Nacional* e da súa ausencia no de *Ajuda*. Indica que a atribución de parte dos textos da lírica galego-portuguesa só se pode reconstruír recorrendo ao índice coñecido coma a *Távola colocciana*. Apunta que o problema aparece coas composicións que só aparecen en *Ajuda*. O que propón Carlo Pulsoni neste artigo é aplicar unha nova ollada á cuestión da autoria na lírica galego-portuguesa, estabelecendo análises similares ás que se fan coa tradición provenzal.


Fálase do proceso de intervención do editor no texto e como este soluciona e, ás veces, crea, problemas ecdóticos. Baseándose en tres casos diferentes de *loci critici* da tradición manuscrita galego-portuguesa, Giuseppe Tavani demostra que hai erros nas interpretacións dos anteriores editores e ofrece a súa lectura críti ca en concordancia coas interpretacións que extrae dos códices, corrixindo no posíbel os erros que os copistas cometeron na súa copia. Indícase que os “erros de editor” poden, neste sentido “deturpar tanto o texto coma os erros de copista”. Por iso, a conclusión extraída é que toda edición crítica pode e debe ser obxecto de revisión constante por toda a comunidade científica.


Tomando como obxecto de estudo o *Cancioneiro da Ajuda*, Maria Ana Ramos tenta demostrar que a intencionalidade dos elementos implicados no acto da copia do códice (o patrocinador, os copistas, os seus sucesivos donos...) deixaron marcas recoñecíbeis na conformación actual do manuscrito. Apunta que esas marcas deben ser tidas en conta á hora de tomar calquera decisión editorial con respecto a *Ajuda*. Precisa que aínda que o cancioneiro quedara incompleto e suspenso en moitas das súas partes, son moitos os síntomas detectados, os datos “concretos” que permiten reconstruír a conformación ideal, “intencionada” coa que foi pensado. Destaca as varias mans que interviñeron nos textos, unhas copiando e outras apuntando correccións que non se chegaron a facer, pero que estaban previstas, o inconcluso proxecto decorativo (que ía más alá de decorar e tiña unha intencionalidade textual: marcar o cambio de trovador na sucesión de textos escolmados), as sinaturas que marcaban a orde dos pregos de papel. Apunta que todas estas marcas levan a pensar que *Ajuda* é un exemplar coidado minuciosamente, e coma tal debe ser considerado o seu peso na tradición textual.

- Anna Ferrari, “Perché non possiamo non dirci eterotopici ed eteronomici”, pp. 103-114.
Partindo dun traballo anterior de Giuseppe Tavani, a autora oponse a unha interpretación dos testemuños codicolóxicos da lírica galega-portuguesa baseados en dous presupostos teóricos descritos por Tavani, a “heterotipicidade”, consistente na dislocación elocutiva que provoca unha distorsión no razoamento e a “heteronomía” consistente na introdución dun dato non inherente ao campo de acción específico no asunto que se trata. Recolle que Tavani afirma que as análises codicolóxicas deben ter como foco os propios testemuño e a propia lóxica textual, sen botar man doutras disciplinas para validar as conclusións. Anna Ferrari lexítima o uso de elementos extratextuais para achegar resolucións aos problemas críticos aos que se enfronta o editor textual.


Fálase da tradición manuscrita das cantigas de Nuno Fernandez Torneol, recollidas nos tres testemuños da tradición lírica galego-portuguesa. Comézase a análise pola colocación das cantigas atribuídas a Torneol nos códices, incidindo nos problemas de fasciculación e paxinación das follas nas que se atopan. Chégase á conclusión de que as cantigas de Torneol foron copiadas atendendo a un criterio xenérico e cronolóxico, ordenación que xa podería estar presente nun hipotético códice anterior.


Apúntase a necesidade dunha nova edición da lírica galego-portuguesa atendendo a criterios de pluralidade na súa construción. Demándase a necesidade de edicións de peto e divulgativas para cada un dos cancioneiros. Tamén se insiste en que as novas edicións deben atender primordialmente ás lecturas do Cancioneiro de Ajuda logo da súa restauración e reordenación levada a cabo pola fundación Calouste Gulbenkian en 1999. A proposta é editar en formato de peto aos principais autores da lírica galego-portuguesa incluíndo nasas edicións as novas fixacións textuais ás que chegou a crítica nos últimos anos. Propone tamén unha ordenación do corpus de xeito cronolóxico e incluír unha nova visión dos xéneros menores. Tamén se recomenda a inclusión da escola galego-castelá coma epílogo extraterritorial da lírica profana galego-portuguesa.


Úsanse as particularidades gráficas do folio 79r do Cancioneiro de Ajuda para demostrar as incongruencias teóricas con respecto ás mans de copia e revisión e corrección que se atopan nos códices. Propone que neste folio o códice empieza a ser copiado por unha nova man, non contemplada polo resto dos paleógrafos e investigadores. Para chegar a esta conclusión, analízanse o “ductus” da letra “y” (diferente, segundo o exposto, para a man que copia o texto e para a man que corrixe e fai notas marxinais) e doutras grafías e a impaxinación do folio con respecto a outros do caderno (significativamente diferente á do resto do fascículo). Como conclusión, insístese na necesidade dun estudo que aborde a cuestión codicolóxica dende este novo punto de vista.

Analízanse as rúbricas que anteceden as composicións do Rei Don Denis que os cancioneiros recollen para tentar albiscar a conformación dun hipotético “Cancioneiro do Rei Don Dinis”, de posíbel existencia. Indícase que as rúbricas que recolleron os cancioneiros dan pistas sobre os anteriores soportes de escritura no que apareceron eses textos. Postúlase a existencia dun “liederbuch” coa producción do Rei, a modo de recolla individual das súas composicións. Explicase que as rúbricas insistan en que a partires desta “folha” ou “rotulo” empzan as composicións de Don Denis, quere dicir que existía un soporte textual anterior, seguramente en papel, similar ao que podemos atopar non Pergamiño Sharrer.


Baseándose principalmente en textos da literatura española medieval, Sánchez-Prieto expón a necesidade de coñecer a lingua medieval antes de editar os seus testemuños. Proponse un coñecemento da lingua medieval que permita superar as lagoas escuras dos textos e alértase sobre os perigos de estandarización e homoxeneización da lingua medieval.


Trátase dos problemas textuais da lirica galego-portuguesa e das súas posíbeis solucións. Propone o tratamento dos hapax e doutras formas anómalas como solución a loci critici máis que coma problema causante dos mesmos. Indícase que as formas de documentación única que aparecen na lirica galego-portuguesa acostuman ser tratadas como erros e soen ser emendadas polos editores para que se adoiten aos criterios lingüísticos do resto do corpus, emendas que ao autor lle parecen inxustificadas. Postúlase tamén a necesidade de ampliar os traballos sobre léxico na lirica profana.

- Giulia Lanciani, “Una questione metodologica: tradurre per interpretare, o interpretare per tradurre?”, pp. 263-270.

Trátase da cuestión da interpretación cabal do texto coma etapa anterior a calquera operación posterior sobre o mesmo, xa sexa para editar ou para traducir o texto a outra lingua ou para “traducir” á lingua contemporánea. A cuestión principal que afronta a estudosa é a de traducir certos termos específicos ou certas pasaxes con dobre sentido que sô se entenden polos xogos de palabras na lingua antiga.


Trátase da tradución de textos problemáticos da literatura galego-portuguesa, especialmente da lirica, pero tamén da prosa. Os textos que se apoian na aequivocatio como recurso estilístico supoñen un problema para o tradutor, ao que lle é imposíbel manter todos os significados que leva aparellado un termo. A solución proposta é a de explicar o sentido do termos mentres que se mantén o significado principal.

Analízase a notación musical das Cantigas de Santa María e certos casos de ambigüidade no sistema de representación da linguaxe musical. Como exemplo úsanse dúas cantigas transmitidas polo “Codice dos músicos” (Códice E), numeradas por Mettmann como CSM 162 e CSM 267. Aínda que a notación que aparece nos códices das Cantigas se inspira na notación mesural francesa de época pre-franconiana, manifesta tamén certos usos especiais que Ferreira cree solucións típicas da música das Cantigas. Todos eles teñen que ver cos signos que marcan a duración da nota musical e parecen estar motivados pola estrutura rítmica dos versos. Os intentos de adecuación da melodía ao verso poden observarse en notas correctoras nos signos de duración musical.


Postúlase unha redistribución do catálogo das rimas da lírica galego-portuguesa no que se teña en conta a rima interna dos versos coma elemento vertebrador de moitos recursos estilísticos das cantigas.


Logo de afirmar a solidariedade da lírica relixiosa coa lírica profana dende o punto de vista lingüístico, métrico e cultural, expónense algunhas cuestións sobre a estrutura estrófica das Cantigas de Santa María. Apúntase que aínda que o corpus das CSM debe de considerarse como un todo a todos os niveis, hai alteración no sistema xeral (causadas seguramente pola escritura propia do mesmo, claramente construído por moitas mans). Entre elas destácase a imperfección dalgunsas estruturas métricas, concentradas ademais no mesmo sector do códice To.


Fálase da biblioteca persoal do humanista italiano e de como se encadran os códices da lírica galego-portuguesa que mandou copiar Colocci (B e V) nese mundo que constituía a súa biblioteca. Expícase que os códices galegos estaban colocados nunha sección de “persoal” nesa biblioteca, a carón doutros textos que se poderían abranguer coa etiqueta “linguas románicas e as súas literaturas”, e que nese caixón estaban tamén varios códices provenzais e galorrománicos e varios textos da tradición italiana. Precísase ademais que aparecen nesta sección moitos cadernos de traballo sobre os códices copiados ou por copiar, que demostran que o labor filolóxico de Colocci nacía dun interese persoal polas materias.


Trátase das dificultades e vantaxes ás que se enfronta o editor á hora de usar as novas ferramentas dixitais para realizar labores de edición textual de textos antigos. Baseándose no traballo sobre os múltiples textos do Andrés de Poza, a autora ofrece ferramentas de edición dixital que poderían aplicarse á lírica galego-portuguesa.
- José Manuel Lucía Megías, “De las bibliotecas digitales a las plataformas de conocimiento (notas sobre el futuro del texto en la era digital)”, pp. 369-401.

Efectúase un repaso polas diferentes formas de biblioteca dixital que veñen construíndo nos últimos anos, logo da explosión da era dixital. Categorízanse moitas delas e aplicase esa categorización, entre as moitas outras bases e repositórios, á Base de Datos da Lírica Profana Galego-Portuguesa, aloxada no servido do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.


Volume de homenaxe ao profesor Díaz y Díaz, preparado por colaboradores seus da Universidade de Santiago de Compostela, contando co apoio do Consorcio de Santiago e o Servizo de Publicacións da USC. Trátase dunha selección de traballos deste investigador que teñen como fío condutor o mundo xacobeo, campo no que a súa contribución foi de extraordinario alcance. O profesor Díaz y Díaz deixou numerosas mostras do seu maxisterio en campos ben dispares, principalmente no terreo do estudo da tradición textual latina, pero tamén no campo dos estudios históricos, especialmente da Idade Media. Esta recompilación de vinte textos vai precedida dunha breve biografía do propio Díaz y Díaz e ao final do volume inclúense uns índices de manuscritos, de nomes de persoa e textos e de lugares. Os textos van acompañados de diversas ilustracións acordes a cada caso.


Libro no que se fai un percorrido tanto polas moedas achadas en Galicia, coma por aquelas que foron acuñadas aquí na época antiga e medieval. A maneira de catálogo, dánse a coñecer os diferentes tipos de moedas que circularon en Galicia a través da súa historia e, dunha maneira particular aquelas dos tempos medievais até o século XV, en que comeza a Idade Moderna cos Reis Católicos. Así, pois, a obra conta cun primeiro apartado no que se tratan as moedas precursoras, é dicir, as moedas púnicas, as moedas romanas e a moeda sueva; un segundo dedicado á moeda visigoda; un terceiro no que se dá conta da moeda visigoda; e un cuarto no que se estudan as moedas dos primeiros tempo da Reconquista. Un capítulo á parte está dedicado á moeda netamente portuguesa despois da súa aparição como tal na nación independente dos diferentes reis que acuñaron en diferentes cidades e lugares, ou que simplemente circularon como moeda de troco. Finalmente, trátase a moeda nos Camiños de Santiago xa que, fosen marítimos ou terrestres, trouxeron xentes de todo o mundo a Galicia e con eles moedas estranxeiras provenientes dos países europeos, sobre todo do país galo, itálico e británico. O estudo complétese coas mencións documentais (denominación das moedas máis frecuentes, valor e troco das mesmas) e coa representación gráfica das moedas tratadas.

Traballo divulgativo-musical sobre as cantigas de amigo no que se ofrece unha nova perspectiva do xénero máis autóctono da lírica medieval galego-portuguesa, dende unha dobre dimensión: a interpretación teórica da catedrática holandesa Ria Lemaire e a interpretación musical da cantautora brasileira Socorro Lira. Todo isto apoiado coas ilustracións do artista lucense Quique Bordell. O traballo consta dun libro onde Ria Lemaire fai unha nova lectura do contexto e do significado destas cantigas como expresións dunha tradición oral que se mantén viva no territorio de orixe e nos demais lugares onde chegou; e un CD con quince cantigas de amigo musicadas e interpretadas por artistas galegos, portugueses, africanos e brasileiros (Margareth Meneses, Uxía, Eneida Marta, João Afonso e Teresa Paiva, entre outros) coordinados todos eles por Socorro Lira. A sonoridade baséase, inicialmente, nas melodías das sete cantigas de Martín Códax, conservadas no manuscrito medieval, pasando por varias vertentes da música brasileira e integrando sons africanos, galegos e portugueses.

Recensións:


Anúnciase o acto de presentación de Cores do Atlántico, libro-disco con intención divulgativa sobre as cantigas de amigo da literatura medieval. Indícase que a musicalización (ao cargo da cantante brasileira Socorro Lira) e tradución ao portugués brasileiro moderno (preparada pola profesora da Universidade de Poitiers e especialista en literatura medieval Ría Lemaire, xunto á cantante e ao escritor Gonzalo Navaza), busca ofrecer unha nova lectura sobre os textos en voz de muller da lírica medieval, salientando o protagonismo da muller no núcleo da sociedade (tamén a sociedade medieval), ainda que ese protagonismo fora agochado.


Infórmase da presentación do libro-disco Cores do Atlántico na Illa de San Simón e describese o concerto que ali se ofreceu. Saliéntase o modelo interdisciplinar que propoñen as autoras da modernizada, musicada e traducida ao brasileiro, antoloxía da lírica galegoportuguesa medieval. Indícase que a reinterpretación dos temas, a lectura contemporánea das melodías xunto cunha nova aproximación teórica ás orixes da tradición oral da lírica (que estaría sustentada por mulleres, segundo defende Ríta Lemaire), ofrece unha nova ollada ás cantigas de amigo.

Referencias varias:

Infórmase da celebración do congreso internacional organizado pola asociación pedagógica Ponte... nas ondas!, en Vigo e Melgaço con motivo do seu décimo quinto aniversario, e a presentación neste do libro-disco Cores do Atlántico.


Anúnciase que no congreso “Pontes de Cultura, Pontes de Futuro.15 Anos de Ponte…nas Ondas!”, celebrado no museo Verbun de Vigo e na casa da cultura de Melgaço (Portugal), Ria Lemaire disertará sobre as cantigas de amigo galego-portuguesas. Coméntase que en dito congreso tamén se presentará o libro-disco Cores do Atlántico, de Socorro Lira, que versa sobre o mesmo tema.

- Santiago Veloso, “En Ponte... nas ondas! os rapaces son os verdadeiros protagonistas”, Faro de Vigo, “Faro da Cultura”, n.º 326, 8 abril 2010, p. IV.

Entrevista a Santiago Veloso, presidente da Asociación Pedagóxica Ponte... nas ondas!, na que se fai un pequeno percorrido polos quince anos de andaina desta asociación. Así mesmo, faise referencia á celebración do congreso “Pontes de cultura, pontes de futuro”, co que se pretende marcar o final dunha etapa.


Infórmase da publicación de Cores do Atlántico, destacando fundamentalmente a colaboración da cantante Socorro Lira e o artista lucense Quique Bordell, quen vai explicando cada unha das composición poéticas coa súa linguaxe e a través da técnica do collage. Anúnciase tamén a presentación deste traballo a través dun concerto na illa de San Simón.


Anúnciase a publicación do libro-disco Cores do Atlántico, do que se analiza o seu contido, e a súa presentación oficial na illa de San Simón cun concerto privado ofrecido por Socorro Lira, Margareth Meneses, Uxía, Eneida Marta, João Afonso e Teresa Paiva.


Destácanse as motivacións que levaron á compositora e cantante brasileira Socorro Lira a colaborar na realización do libro-disco Cores do Atlántico.

Dáse conta da publicación da obra Cores do Atlántico, promovido pola asociación Ponte... nas Ondas!, destacando a súa base académica en canto á selección das pezas e uns complementos visuais e plásticos, e da celebración dun concerto de presentación na illa de San Simón. Finalmente, sinálase que como presentación do concerto e do libro haberá breves actuacións de Socorro Lira en Valença, Ourense, Salceda de Caselas e no Verbum de Vigo.


Anúnciase un concerto na illa de San Simón no que se pretende reivindicar as cantigas de amigo como vínculo de unión entre Galicia e o Norte de Portugal. Sinálase así mesmo que este forma parte de Cores do Atlántico, iniciativa que tamén abrangue un libro-disco, unha exposición e catro showcases en varios puntos do Sur de Galicia e o Norte de Portugal.


Fálase do concerto de Cores do Atlántico, o cal reunirá os artistas que participaron no proxecto homónimo e que contará cun aforo reducido de 150 persoas.


Destácase o traballo literario musical da especialista en literatura medieval Ria Lemaire e a cantautora brasileira Socorro Lira, Cores do Atlántico, e anúnciase a súa presentación na illa de San Simón.


Dáse conta da publicación de Cores do Atlántico e analízase o seu contido, facendo especial fincapé nos artistas de orixe galega que participaron na súa elaboración.


Fálase da fusión da música brasileira, africana e galega no proxecto Cores do Atlántico e anúnciase a celebración dun concerto no teatro Rosalía de Castro da Coruña no que diversos artistas interpretarán algúns dos temas deste traballo.

Anúnciese a celebración do espectáculo `Cores do Atlántico´ no teatro Rosalía de Castro e a posterior presentación dun libro homónimo.


Volume co que se pretende conmemorar o centenario do pasamento do ilustre cóengo compostelán. O traballo conta cunha introdución do seu editor, José Ramón Fandiño, na que se dá cumprida noticia do labor deste gran historiador e eclesiástico, pai, tamén, da novela histórica galega. A continuación, aparecen recollidas once monografías de López Ferreiro, ningunha delas publicada antes en forma de libro, salvo a última delas. O resto dos textos, considerados relativamente menores, formaron parte de boletins e revistas e diarios.

**Referencias varias:**


Faise un breve repaso das principais obras do erudito Antonio López Ferreiro e destácase o seu papel como sacerdote, historiador e escritor. Así mesmo, sinálase o seu papel no tocante á concienciación, preocupación e apost a pola lingua galega.


Manual que ten como principal intención a de proporcionar aos usuarios menos familiarizados co obxecto de estudo unhas pautas que faciliten o seu coñecemento e gozo. Así, pois, este traballo está especialmente pensado para os profesores de ensino secundario, o lector non especializado e mesmo estudantes universitarios que puidesen ter dúbidas sobre a forma de medir os versos ou de explicar os recursos formais empregados polos trobadores. Nel aparecen recollidas todas as nocións formais sobre a lírica galego-portuguesa e ofrécese o espazo necesario para diferentes temas e variantes. A teoría vai acompañada de numerosos exemplos e o traballo finaliza cun apéndice, especialmente destinado aos estudiosos e interesados na lírica profana galego-portuguesa no que se dá conta da existencia dos recursos electrónicos MedDB 2.0. e BIRMED, incluídos no subproxecto *Lírica galego-portuguesa*, que forma parte do Arquivo Galicia Medieval, desenvolvido no Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades (CRPIH), e se ofrece unha versión resumida dos “Manuais de uso” destas dúas bases de datos.

**Referencias varias:**
Fálase da presentación dos dous últimos volumes sobre lírica galego-portuguesa publicados polo Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades. Logo de tratar do volume *Aproximacións ao vocabulario trobadoresco*, fálase da *Guía para o estudo da lírica profana galego-portuguesa*. Recólense as palabras da súa editora, Esther Corral Díaz, que destaca o carácter divulgador do volume que, de xeito claro, sinxelo e rigoroso, proporciona as ferramentas necesarias para as primeiras achegas á lírica galego-portuguesa.


Volume da colección sobre a historia da literatura galega publicada pola *Voz de Galicia* dedicado ás cantigas de amigo. Ademais de falar das súas orixes compárase este xénero coa *chanson de femme* francesa, a *frauenlied* alemá e as *jarchas* mozárabes. A continuación, analízanse os principais recursos formais e achégase unha clasificación segundo a súa estrutura e contido e segundo o marco temporal. Finalmente, ofrécense un listado cos nomes dos trobadores e xograres que os autores deste libro consideran máis relevantes, ben sexa polo gran número de composicións aparecidas, pola súa calidade poética ou por ambas as cousas á vez. Así mesmo, tócanse outros temas coma o dos instrumentos musicais na literatura medieval, o do enigmático apelido de Martín Codax ou o Día das Letras Galegas dedicado aos poetas medievais da ría de Vigo, todo isto acompañado polas composicións que os autores consideran máis oportunas.


Obra na que se trata o xénero das cantigas de amor e o das de escarnio e maldicir. No tocante ás primeiras, logo de expoñer as súas características máis relevantes, analízanse os seus temas, a súa forma, as estrofas, os recursos estilísticos e os autores máis populares, entre os que se atopan Don Dinís, Bernal de Bonaval, Johan Raposo e Paio Gómez Chariño. En canto ás cantigas de escarnio e maldicir, fálase do retrato social, dos principais temas deste xénero e dos seus autores máis relevantes, Airas Nunes e Martín Moxa. Tanto nun caso coma no outro, ofrécense diversos exemplos.

Obra na que se ofrece unha análise sobre as máis de catrocentas composicións creadas persoalmente ou por encargo do rei Afonso X o Sabio no século XIII, sobre outros xéneros poéticos considerados menores, sobre a prosa medieval, a historiografía e a haxiografía. No referente ás *Cantigas de Santa María*, fálase dos catro códices que se conservan, sobre as súas fontes, e ofrecese unha clasificación deste xénero segundo sexan cantigas líricas ou de encomio á Virxe ou cantigas narrativas ou de milagres. En canto aos xéneros menores, destacase a pastorela, a tenção, o pranto e o descordo, e analízanse as súas principais características. No tocante á prosa, dáse unha clasificación temática deste xénero e analízase brevemente cada unha das obras. Outro tanto sucede no apartado da historiografía, no que ademais de analizar as principais características deste xénero se fala de xeito conciso de cada unha das obras que conforma o corpus en cuestión. Finalmente, trátase a haxiografía, destacando fundamentalmente os *Milagres de Santiago* e o *Boosco Deleitoso*.


Volume no que se aborda o período da Idade Media dende tres puntos de vista: o do contexto histórico, o da língua e a literatura, e o da cultura trobadoresca. Así, pois, fálase dos inicios da Idade Media, a época de esplendor e a transición ao estado moderno, así coma da Idade Media na península Ibérica. A continuación, fai-se referencia á unidade lingüística que existe neste período entre o galego e o portugués, que se vai manter até moito despois da separación política de Galicia e Portugal, a mediados do século XII. Finalmente, trátase o tema do amor cortés e a cultura cortesá e cabaleiresca, os principais autores da lírica trobadoresca, os cancioneiros conservados, e ofrecese unha cronoloxía da lírica galego-portuguesa medieval. Tócanse así mesmo acontecementos como o das invasións xermánicas ou as revoltas irmandiñas, fálase da corte de Don Dinís, dos libros miniados ou iluminados e de personaxes como María Balteira.


Logo dunha Introdución xeral ao volume, a obra articulase en catro apartados que corresponde a cada un dos trobadores obxecto de estudos: Johán de Cangas, Martín Códax, Mendinho e Afonso X o Sabio. A selección dos trobadores explicase, no caso do rei Afonso, pola súa importancia dentro da escola e polo numeroso corpus que se conserva da súa autoría e, no caso dos trobadores da ría de Vigo, para conmemorar a homenaxe da que foron obxecto en 1998 no Día das Letras Galegas. Cada un dos apartados ten a mesma estrutura: ábrese cunha biografía do trobador e logo selecciónanse algunhas cantigas (en número variábel, segundo a lonxitude da produción). O volume péchase cunha bibliografía activa e pasiva dos e sobre os autores.

Volume dedicado ao período coñecido como Séculos Escuros, que se enmarca entre a esplendorosa literatura do Medievo, en que brillou sobre todo a lírica, e o Rexurdimento da segunda metade do XIX, en que a literatura en galego inicia un camiño creativo e pleno de calidade até a súa frutífera producción actual. En primeiro lugar, analízanse os trazos históricos deste amplo período, inmerso no que a historiografía chama o Antigo Réxime e o comezo do Liberalismo. A continuación fai referencia á produción literaria e xornalística en galego dende finais do século XV ao XVII.


Obra coa que a Universidade de Santiago de Compostela e a súa autora, Charo Portela Yáñez, homenaxean a Luís Seoane, unha figura clave da cultura galega do século XX e que aborda o labor deste artista como recreador no eido da ilustración de personaxes como Roi Xordo ou María Balteira. O traballo achega en primeiro lugar unha introdución na que transmite as bases para comprender a importancia do tempo medieval na obra de Luís Seoane, dentro do contexto dunha vida marcada polo exilio e na que terá un papel moi importante dentro do colectivo de exiliados e emigrantes na Arxentina, entre os que tratará de divulgar a cultura e a historia galegas. A continuación, ofrécense datos bibliográficos e fálase do traballo do artista como editor, dende a fundación da editorial Nova en 1943 até a creación en Sada de Ediciós do Castro xunto con Isaac Díaz Pardo en 1953; e como escritor tanto de narrativa coma de poesía e teatro e onde se reflicte o seu interese pola Idade Media. Logo da análise da producción literaria, Charo Portela estuda a presenza do contido medieval na súa produción artística: gravados, xilografías, ilustracións, óleos, debuxos, tapices e murais. Representa tanto figuras históricas coma episodios concretos coma o da guerra irmandiña ou o axustizamento do mariscal Pardo de Cela. Finalmente, a autora achega unhas consideracións finais, nas que entre outras cousas indica que o artista foi un dos mellores divulgadores do período medieval de Galicia ao consideralo alicerce da idiosincrasia galega e espello duns valores a recuperar no presente. O estudo compleméntase coa publicación de varios apéndices, o primeiro un texto en castelán de Luís Seoane titulado “Breve historia del libro gallego”, que abriu o catálogo da exposición sobre libros e autores galegos realizada en Bos Aires no 1948.

Recensións:


Refírese á publicación de *Luís Seoane e a Galicia medieval*, da estudiosa Charo Yáñez Portela, por parte da Universidade de Santiago de Compostela. Describese a

2217
organización interna do libro, dividido en “Introdución”, onde se indican os obxectivos do volume; “Datos biobibliográficos”; e varios capítulos que teñen como finalidade estudar a presenza de contidos medievais na obra de Seoane, tanto artística coma literaria, e enaltecer a, en opinión da autora, meritoria tarefa que levou a cabo o artista coruñés como divulgador da época medieval galega, entendida por Seoane coa época de orixes da particular idiosincrasia do país. Indícase que a obra remata con varios apéndices (entre deles, o texto en castelán de Seoane “Breve historia del libro gallego”) unha bibliografía e os índices de ilustración e contidos.


Dáse conta das accións culturais organizadas por distintas institucións con ocasión da efeméride do nacemento do artista coruñés, de cuxo nacemento se cumpren cen anos no 2010. Entre elas, destánanse os actos (exposicións, mostras, congresos…) organizados pola Fundación Luís Seoane, pola Universidade de Vigo, polo Consello da Cultura Galega e pola Consellería de Cultura e que glosan a obra literaria (e tamén plástica) do coruñés. Ademais, describese o libro Luís Seoane e a Galicia Medieval, publicado pola Universidade de Santiago de Compostela, no que a estudosa Charo Portela Yáñez percorre a presenza do Medievo galego na obra artística e literaria do coruñés. Destánanse os textos literarios de Seoane que teñen o medieval como elemento central: o poema Na brétema, Sant-Iago, varios relatos en castelán de Tres hojas de ruda e un ajo verde e a peza teatral A Soldadeira.

Referencias varias:


Fálase da presentación do libro Luís Seoane e a Galicia medieval, no mesmo ano no que se cumpre o centenario do nacemento de Seoane. A súa autora, Charo Portela, destaca así mesmo o forte interese do artista pola Idaide Media, algo que se ve reflectido tanto nos seus escritos coma nos seus lenzos.


Dáse conta da publicación de Luís Seoane e a Galicia medieval, primeiro volume sobre o autor no seu centenario e tamén o primeiro da nova etapa da serie “Galicia” da USC, inaugurando un novo deseño sen cambiar o formato.


Entrevista a Charo Portela con motivo da publicación do seu libro Luís Seoane e a Galicia medieval. A autora fala da obra de Luís Seoane no exílio e sinala que a súa
poética artística é debedora da Idade Media porque a considera alicerce da idiosincrasia galega e espello duns valores a recuperar no presente.


Informa de que no ano do aniversario do nacemento de Luís Seoane a Universidade de Santiago foi a primeira en sacar do prelo unha obra dedicada a este intelectual galego. Indica que se trata da monografía Luís Seoane e a Galicia medieval, de Charo Portela Yáñez, volume co que se estrea o novo deseño da cuberta e interior da colección “Biblioteca de Divulgación”, serie “Galicia”. Dá conta dos intervinentes na presentación e resume o contido do prólogo, dos capítulos e dos apéndices desta monografía. Remata o artigo apuntando datos bibliográficos de Charo Portela.


Nesta sección fixa na que se ofrecen breves descritores de varias obras do sistema literario galego. Entre outras, selecciónase Luís Seoane e a Galicia Medieval, de Charo Portela Yáñez, da que se indica que, entre outros personaxes, aparecen “a soldadeira, os xograres, bispos, peregrinos e campesiños” en toda a produción literaria e artística de Luís Seoane. Precísase que neste volume se plasma a imaxinación que Seoane se creou da Galicia medieval e as “pegadas” desta na súa produción artística.


Cuarto volume da serie Estudos Galego-Brasileiros, iniciada en 2003, ao abeiro do Programa Hispano Brasileiro de Cooperación Interuniversitaria e cos subsidios do MEC español e da CAPES-MEC del Brasil. Trátase da segunda fase do proxecto “Os procesos de emerxencia lingüística e literaria nos espazos galego e brasileiro”, que deron saída a unha serie de encontros e intercambios entre dous grupos de investigación, un coordinado por Amparo Tavares Maleval (UERJ) e outro por Laura Tato Fontaíña (UDC). Logo dunha “Presentación” abrense dous prólogos “Prefácio aos estudos galego-brasileiros na UERJ” e “Introducción aos estudios galego-brasileiros na UDC”, ambos asinados polas respectivas coordinadoras. En ambos casos, presentan o volume e comentan os traballos realizados polo profesores da UERJ e da UDC, respectivamente. En relación á literatura medieval, resulta de interese o seguinte traballo:


Fálsase das repercusións da obra e figura de Don Denís na lírica portuguesa e brasileira posterior á época medieval. Indícase que a fortuna e recepción da face poética do rei portugués, prolongouse no tempo, dende á época na que se tomou conciencia da súa produción (no século XVI) até os últimos textos do neotrobadorismo do século XX.
Precísase que a nómina de obras e autores nas que se atopan resonancias do poética de Don Dinís é ampla e detallada e organízase por autores, épocas e países.

Tamén está descrito no apartado V. 1. Ensaio. Monografías deste Informe.


Monografía que constitúe unha achega ao protagonismo acadado polos personaxes que formaron na familia dos Soutomaior, tanto dende o punto de vista sociolóxico como dende o económico. O mito que rodea a esta familia é parello ao seu papel na historia galega e nos numerosos acontecementos violentos que protagonizaron. De todos os membros desta familia que influíron na Galicia medieval, sen dúbida, salienta un deles, Pedro Madruga. A análise da súa personalidade e da mentalidade da familia fican trazadas para tratar de comprender as estratexias dos Soutomaior na Galicia do seu tempo, do sentido de liñaxe que posuíran, e na medida do posíbel erradicar erros interpretativos e fixar a realidade ou ficción do mito creado sobre os Soutomaior. Foron dúas as liñas de actuación que seguiron: a eclesiástica e a guerreira, proveitosas ambas para a familia xa que permitían o incremento do patrimonio mercé ás relacións de poder que podían establecer xuntando ambas as dúas vias. Por iso resulta tan interesante coñecer a súa participación en tantos ámbitos da vida medieval galega, que enriqueceron a súa personalidade e protagonizaron importantes sucesos desa historia. As relacións desta familia coa igrexa, o seu seguimento do modelo cabaleiresco ou o protagonismo que tiveron as súas mulleres, resultan algúns dos esceñarios que Suso Vila tenta abranguer neste traballo co fin de lograr o esclarecemento xa non só do papel levado a cabo polos Soutomaior, senón tamén dunha parte moi importante da historia galega. O estudo complétase cun anexo no que se inclúen diversos documentos xudiciais, e un índice toponímico e onomástico.
XI.2. ACTAS


Volume de actas que recolle os relatorios presentados no “Coloquio sobre Vocabulario Trobadoresco”, celebrado na Barcia entre os días 20 e 21 de outubro de 2008. Abórdanse tanto problemas específicos como aspectos puntuais e máis xerais sobre o uso da terminoloxía cortés. Deste modo, diferentes expertos analizan aspectos relativos ao uso dos diferentes termos dos xéneros líricos da Idade Media, presentando pois un contido moi heteroxéneo no que se analizan tanto particularidades dos propios trobadores coma aspectos de vocabulario por xéneros. Son de especial interese para o estudio da literatura galega medieval os que a seguir se analizan:


Destácase a importancia dos estudos sobre vocabulario trobadoresco e das dificultades que existen á hora de realizalos. Mercedes Brea sinala que na lírica trobadoresca o vocabulario desempeñaba un papel fundamental na configuración do propio código poético, pois este viña definido tanto polos seus elementos formais e retóricos coma polo emprego dun léxico común, debidamente estabelecido e estipulado a partir, sobre todo, do ámbito xurídico-político do feudalismo. Fálase así mesmo dos diversos recursos que existen para poñer en relación textos en linguas distintas, como é o caso daqueles que vinculan lemas propios de cada lingua a unha especie de archilema, e da creación dun thesaurus que estabelecese os enlaces pertinentes entre palabras que teñen o mesmo significado. Este sería un proxecto que deberíase englobar varios equipos, con especialistas en cada un dos corpos, as posibilidades de facer buscas tanto simples coma cruzadas e complexas, unha base de datos in fieri que poida ir ampliando a súa disponibilidade moito máis alá dos obxectivos iniciais. Unha ferramenta deste tipo proporcionaría á comunidad científica información organizada, estruturada, contrastada e contratábel, que axilizaría a investigación sobre a lírica trobadoresca


Neste estudo, trátase de mostrar a través dalgún breves exemplos tomados do Cancionero, a comunicación e interdependencia, a relación nítida e o intercambio fluido, entre linguaxes, a xurídica, vasalática ou feudal, e a amorosa, así como a transposición dos esquemas dese relación señor-vasalo ao campo sentimental. Martínez Martínez examina de xeito conciso vocábulos referídos ás partes (señores, vasalos, homes, servidores), ás modalidades do servizo, ao amparo e ao desamparo, ao cativerio, aos pactos e homenaxes que se veñen empregando con regularidade na concertación desas relacións de fidelidade extremas e especiais.

- Maria Ana Ramos, “Vectores de circulación linguística na poesía galego-portuguesa [A 126, B 1510]”, pp. 37-64.
Neste artigo lévase a cabo unha análise da cantiga A 126 do trobador Fernan Garcia Esgaravunha, partindo da concepción etimolóxica de “vector” entendido como elemento que arrastra, que leva, ou que transporta algúna cousa dun lado para outro, proveniente da facultade de avaliar a incorporación lingüística, que se auxilia da deslocalización deliberada de componentes de cultura dun espazo para outro. Segundo Maria Ana Ramos é nesta perspectiva que é posíbel volver a observar algúns dos medios de transferencia, que servirán de soporte á institución da materia lexical trobadoresca, e é no ámbito das interferencias culturais que é plausíbel incidir a atención en certas partes constitutivas que este movemento literario procurou adquirir fóra da primacía dos estratos lexicais de base.


Estudo centrado na cantiga de Johan Soarez de Pavia, Ora faz ost´o senhor de Navarra, unha das composicións máis estudadas da nosa tradición lírica galego-portuguesa, e apuntada por diversos expertos como a máis antiga cantiga conservada en galego-portugués. Domínguez Carregal centra o seu interese especialmente no terceiro verso, Sofrer de trabalh´e pena, e chega á conclusión de que a estrutura empregada por Johan Soarez de Pavia xa existía na lírica románica en circulación no período de cambio ao século XIII, tanto en occitano como na tradición d’oïl. Afirmase así mesmo que a lírica galego-portuguesa, nos seus primeiros momentos, emprega como modelo as tradicións poéticas xa existentes e que eran coñecidas polos primeiros trobadores tanto polas súas viaxes a Francia como pola presenza de trobadores e xograres occitanos nas cortes peninsulares. Apúntase que as cantigas máis antigas proporán unhas posibilidades iniciais de armazón retórica e poética que se elaborarán e consolidarán ao longo do século XIII pola intensa actividade poética e que algunhas das formulacións iniciais serán máis traballadas e reelaboradas para a súa posterior consolidación, e outras serán substituídas por expresións de maior fortuna.

- P. Larson, “Da un mare all’altro”, pp. 75-90.

Partindo da idea da posíbel relación entre unha composición galega do século XIII, a coñecida Quand’eu vejo las ondas de Roy Fernandiz de Santiago, e un fragmento poético italiano do século posterior, Larson analiza e compara a presenza do mar na lírica galego-portuguesa e na italiana do século XIII.


Presentación da base de datos sobre lírica trobadoresca Trob Vers, base-dati per il lessico della poesia romanza delle origini. Fállase das súas fases de elaboración, dáse conta do seu contido e de como facer procuras nel, todo acompañado de diversos exemplos e ilustracións.


Partindo da afirmación de que a denominada cantiga d’escarnho e maldizer é a modalidade que presenta maiores dificultades de delimitación, non só pola súa dobre
formulación xenérica senón pola súa propia natureza, Paredes centra o seu interese no nivel léxico, pois considera que a análise do vocabulario específico da cantiga de escarnio e maldir é o que ofrece as claves de interpretación destes textos, coa súa dobre organización discursiva, sempre dende a consideración da equivocidade dos termos e a súa propia dialéctica interna. Conclúe afirmando que por riba da irrelevancia da taxonomía xenérica, o estudo dos rexistros léxicos presentase como a vía máis operativa para o acercamento a esta categoría xenérica, onde a burla e a parodia parecen establecer a súa propia relación dialéctica.


Neste artigo a profesora Ângela Correia bota man dunha cantiga escarnina de Joam Soares Coelho para falar da importancia do léxico no mundo da literatura trobadoresca á hora de realizar unha edición crítica, particularmente no caso das cantigas de escarnio e maldir. Indícase que esta cantiga, transmitida tan só polo Cancioneiro da Vaticana (V1019), con incipit Bon casament’é pera Don Gramilho ou Bon casament’é, pero sen gramilho, segundo se opte por unha ou por outra das dúas principais, levou a moitos estudosos a intentar interpretar o seu significado da palabra gramilho.


Estudo no que se cuestiona a conveniencia de empregar a denominación de “cantiga” para os textos que integran a lírica galego-portuguesa. Indícase que as “cantigas”, le “cantigas”, the “cantigas”, conforme a língua empregada, pasou a constituir a designación por antonomasia consensualmente admitida da lírica galego-portuguesa. Precísase que porén, dende vai algún anos algún estudoso veña preferindo empregar o termo “cantar”, posiblemente porque gran parte das súas atencións se centraron nos trobadores das primeiras xeracións e entenden que esa era a opción máis correcta, fundamentada non só nun criterio de gusto persoal, senón tamén na observación empírica dos testemuños actualmente dispoñibles para o coñecemento do fenómeno poético galego-portugués. Unha das razóns que leva a Ribeiro Miranda a elixir esta terminoloxía é a de que tanto nos propios textos producidos polos trobadores galego-portugueses, como nos fragmentos en prosa que por veces acompañan ás composicións os testemuños que as transmiten ou na chamada Arte de Trovar, se emprega o termo “cantar” e non o de “cantiga”. O estudoso conclúe afirmando que o “cantar” non define un xénero, senón unha modalidade textual compósita que se distingue dos hábitos da escrita en latín ou noutras linguas de cultura e é característica de esferas da sociedade que non se identifican nin con eses linguas nin con eses hábitos.


Estudio sobre o comportamento dos termos ollos e coraçon na lírica amorosa galego-portuguesa. A profesora Frateschi bota en falta algún estudo que se ocupe das relacións que unen estes dous termos entre si na lírica galego-portuguesa e conclúe afirmando que os trobadores galego-portugueses xa encontraron á súa disposición os motivos relacionados aos ollos e ao corazón na lírica trobadoresca provenzal e francesa, así como na épica francesa. O artigo inclúe un anexo co repertorio de cantigas onde concorre o par de termos olhos / olhus / ollos e coraçon / coraçom.

Reflexión crítica sobre o xeito en que as cantigas de amigo constrúen e desenvolven unha representación espacial específica e dinámica. Ferreira comeza o seu estudo tratando de inquirir cal é o tratamento do espazo neses textos dalgunha forma fundacionais e logo centra o seu interese fundamentalmente en termos como aquí, alá e alhur. Apúntase que a deixis espacial é un dos aspectos que máis chaman a atención cando se contrastan, como xéneros, as dúas modalidades amorosas do cantar trovadoresco galego-portugués. Precísase que as diferenzas máis importantes rexístranse no campo da definición do espazo, especialmente do espazo do encontro amoroso.


Presentación do proxecto “Glosario crítico da lírica profana galego-portuguesa”, cuña finalidade última é a construción do glosario dicionarizado, contextualizado e exhaustivo, do corpus da lírica profana galego-portuguesa, constituído polas arredor de mil seiscentas oitenta cantigas transmitidas fundamentalmente polos apógrafos manuscritos do Cancioneiro da Ajuda e os quíntenarios italianos Cancioneiro da Biblioteca nacional e Cancioneiro da Vaticana, para alén doutros manuscritos de menor extensión, pero moi importantes, como o Pergamiño Vindel ou o fragmento Sharrer. Ferreiro fala brevemente das cinco etapas nas que se realizará dito proxecto e das súas dificultades: ordenación, delimitación e preparación inicial do corpus; consecución e aplicación dun programa informático de concordancia ad hoc; elaboración do dicionario exhaustivo da lírica profana galego-portuguesa; estudo sistemático da língua lírica trovadoresca galego-portuguesa; e nova revisión textual.

Referencias varias:


Fálase da presentación d’Aproximacións ao vocabulario trovadoresco, volume que recolle os traballos presentados a un congreso sobre vocabulario na lírica profana galego-portuguesa celebrado durante o ano 2008. recóllese que o editor da obra, Santiago López Martínez-Morás, destacou na presentación a heteroxeneidade das temáticas abordadas con respecto ao léxico neste libro publicado polo Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades. Fálase tamén do obra Guía para o estudo da lírica profana galego-portuguesa.
XI.3. MONOGRAFÍAS E LIBROS COLECTIVOS TRADUCIDOS OU NOUTRAS LINGUAS


Este traballo constitúe unha aproximación á literatura popular española, na que abundan as historias, lendas e contos nos que interveñen animais. Os que teñen por protagonista ou motivo principal ao cervo destacan pola atmosfera máxica na que discorren e pola incorporación de imaxes de extraordinaria beleza. Partindo da lenda galega da cerva branca, Mariño Ferro vai descubrindo outras historias de cervos, antigas, medievais e mesmo contemporáneas, cultas e populares que nos axudan a entender o sentido oculto da narración. Recompilou dezaseis textos nos que o cervo é o fío condutor dos relatos. Nun segundo capítulo analiza en profundidade a simboloxía presente nestes textos. Trátase da primeira publicación que aborda o tema do cervo como animal simbólico. Relacionado coa literatura galega medieval fálase do cancioneiro do trobador galego Pero Meogo, no que o cervo evoca e simboliza ao amado.


Edición das cantigas de amor, amigo e escarnio atribuídas ao Rei Sabio e tradución ao castelán das mesmas, mantendo os versos. As notas filolóxicas e o glosario contribúen a divulgar entre un público castelán e non especialista a produción profana de Alfonso X.


Edición crítica e estudo da produción profana atribuída a Alfonso X o Sabio que se abre cunha introdución teórica sobre o rei e sobre elementos dificultosos do corpus poético profano a el atribuído. As corenta e cinco cantigas que transmiten os códice B e V, a cantiga de amor fragmentada (e en castelán) e a cantiga de dubidosa atribución B 456, todas atribuídas a Alfonxo X son comentadas nesta introdución. Inclúense tamén unha cronoloxía do momento de composición das cantigas (usando os feitos que se relatan nas mesmas en concomitancia coa biografía do Rei Sabio) e un breve apartado sobre métrica. A continuación, reproducense os textos, editados de xeito convencional, con notas críticas e filolóxicas. Cárrase a obra cun glosario.
XI.4. ANTOLOXÍAS


Antoloxía que recolle sesenta e catro cantigas de amigo de vinte tres trobadores. Pierre Bec selecciona textos do xénero de amigo porque quere destacar o entronque da lírica posta en boca de muller na época medieval galega coa tradición popular da lírica de muller europea que se desenvolveu na mesma época. Mediante o corpus utilizado ofrécese as claves do xénero en canto ao rexistro formular, a versificación e os eixes temáticos e destácase o dimensión “popularizante” do xénero dentro da escola galego-portuguesa. Cada cantiga da escolma acompañase dunha pequena tradución en verso ao francés moderno.


(século XVII)”, recolle varias misivas dirixidas ao conde de Gondomar por varios persoais coetáneos seus.

Tamén está descrito no apartado I.4 Narrativa deste Informe.


Antoloxía bilingüe (inglés e galego) realizada por un equipo de cento vinte catro persoas, entre autores, antólogos e tradutores (Kirsty Hooper, Roy Boland, José Miguel Giráldez, Martín Veiga, Dereck Flitter, Craig Patterson, etc., até un total de vinte e dous). O proxecto, liderado polo tradutor inglés Jonathan Dunne, comezou en 1997 e rematou en 2010. No limiar o editor expón o obxectivo desta antoloxía e explica o seu proceso de elaboración. Sinala que nesta selección se recollen cincuenta e cinco textos de corenta autores e seis voces anónimas dun período de setecentos oitenta e cinco anos ordenados en primeiro lugar segundo o seu xénero literario (poesía, narrativa de ficción, ensaio e teatro) e despois cronoloxicamente dentro de cada un. Tamén especifica Dunne que algúns dos autores teñen máis dun texto, caso de Daniel Rodríguez Castelao (catro) e Afonso X, Rosalía de Castro, Manuel Curros Enríquez, Eduardo Pondal, Rafael Dieste e Álvaro Cunqueiro (dous). Para a escolma contou con cincuenta e cinco antólogos, entre os que se inclúen persoais da cultura galega. A seguir, aparecen os seguintes apartados: “A época medieval (séculos XII-XV)”, “A literatura de tradición oral (séculos XII-XX)”, “O Rexurdimento (segunda metade do século XIX)”, “A preguera (1900-1936): Poesía”, “A preguera (1900-1936): Narrativa”, “A preguera (1900-1936): Teatro”, “A posguerra (1939-1981): narrativa”, “A posguerra (1939-1981): ensaio”, “A posguerra (1939-1981): poesía” e “A posguerra (1939-1981): teatro”. Con respecto á literatura medieval, precisase que foi escolmada por Giuseppe Tavani (Cantiga de amigo, de Martín Códax), Vicenç Beltrán (Cantiga de amigo, de Pero Meogo), Elsa Gonsalves (Cantiga de amigo, de Dom Dinis), Giulia Lanciani (Cantiga de amigo, de Fernan Velho), Luciana Stegnano Picchio e José Ángel Valente (Cantiga de amigo, de Alfonso X o Sabio), Ramón Lorenzo (Crónica Troiana, de Fernán Martís) e Dario Xoán Cabana (un fragmento da peza anónima Miragres de Santiago do século XV). Pechan a antoloxía tres apéndices que recollen a escolma, as edicións e as traducións publicadas en inglés dos textos galegos.


Recensións:


Sinala que até o de agora non hai máis ca trinta e sete libros galegos traducidos ao inglés e que unha política cultural de cara ao mundo anglofono continúa a ser unha
tarefa pendente, polo que a recente publicación d’*Anthology of Galician Literature (1196-1981)*, de Jonathan Dunne, pretende dar outro paso neste sentido. Comenta que é a primeira vez que se reúne unha selección bilingüe da historia literaria galega como ferramenta de divulgación en língua inglesa e que, despois de trece anos de traballo, Dunne –quen traduci toda un dos cincuenta e cinco textos- propón todo un canon da literatura galega (1196-1981), elaborado con criterios máis democráticos do que é o habitual. Considera reducida a presenza de autoras e apunta que sería importante que as estratexias de tradución empregadas fosen analizadas por especialistas, xa que parece existir unha tendencia a neutralizar o texto de partida. Por outra parte, refírese a aspectos paratradutivos e pregúntase polas razóns que xustifiquen a ausencia dunha proxección mediática máis potente para lanzar esta publicación, da que tampouco convence a tradución inglesa da carta dos editores Manuel Bragado e Víctor Freixanes.


Refrírese á antoloxía feita por Jonathan Dunne, deténdose no afirmado no prólogo, onde se di que a obra vai dirixida a especialistas “editores, críticos, tradutores e axentes literarios”. Con todo, opinase que a antoloxía non é unha obra para un público especialista británico, pois do contrario, sobraría a versión galega dos textos. Repárase tamén en que a ausencia de comentarios ou anotacións bibliográficas dificulta o labor dos especialistas. Asemade, indicase que as traducións son “valiosísimas”, do mesmo xeito que destaca outras “mans” que se ocuparon deste labor. Defíñese a obra como unha proposta de canon “moi tradicional, masculino e nacionalista” e faise especial fincapé no feito de que se poñan o límite en 1981. Para finalizar, reflexiónase sobre a financiación por parte da Xunta de Galicia da que gozou este proxecto.


Recomenda a antoloxía bilingüe (galego-inglés) do tradutor Jonathan Dunne, *Anthology of Galician Literature*, editada conxuntamente polas editoriais Galaxia e Edicións Xerais de Galicia. Destaca o gran labor de coordinación entre tradutores e antólogos para levar adiante este proxecto que recolle textos de todos os xéneros literarios nun período que abrangue desde 1196 até 1981, ano da aprobación do Estatuto de Autonomía galego, e que supón un percorrido literario polas grandes voces da literatura galega de todos os tempos.


Comeza mencionando a importante edición en 1949 de *Poesía inglesa e francesa*, de Plácido Castro, Delgado Gurriarán e Lois Tobío pola Federación de Sociedades Galegas da Arxentina e salientando o novo reto do século XXI de acerchar a cultura galega aos circuitos literarios mundiais. Neste sentido destaca o labor que están a facer distintas universidades europeas como é o caso das alemás Trier e Kiel coas antoloxías poéticas *20 Gedichte aus Galicien* e *Ein rosenfeuer, das uns verstört, 4 dichter aus galicien*. Finalmente recolle a publicación d’*Anthology of Galician Literature*, de Jonathan Dunne, afirmando “que vai ser de referencia obrigatoria”.

2228
Referencias varias:

- Iago Martínez, “Manuel Rivas fala a través de min”, Xornal de Galicia, “Cultura”, 4 febreiro 2010, p. 36.

Informa da presentación da versión inglesa d’Os libros arden mal (2006) a cargo do tradutor inglés de Manuel Rivas, Jonathan Dunne. Sinala que, dende a edición en 2001 de The Charpenter’s Pencil, todas as versións inglesas da producción de Rivas pasan polas súas mans. Tamén comenta que Dunne está a ultimar unha escolma que as editoriais Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia sacarán á luz en edición bilingüe no mes de abril, unha antoloxía da literatura galega dende 1196 até 1980 e que será o número trinta e cinco dos títulos galegos traducídos á lingua inglesa.


Indica que a maioría dos textos incluídos nesta antoloxía son do século XXI (trinta e un fronte a vinte e catro textos da época medieval, dos séculos XVI-XVIII e do Rexurdimento) e que pertencen á literatura oral, ensaio, poesía, ficción e teatro. Explica como foi a xestación deste traballo, no que contou coa axuda de escritores e especialistas galegos, así como de tradutores que nestes momentos estaban a traballar no eido da tradución galego-inglés. Comenta que con este libro estamos nas portas da literatura galega contemporánea e que agarda que sexa posible sacar un segundo volume, unha antoloxía dedicada aos anos 1981-2011, que sería de moita utilidade para os editores estranxeiros interesados en publicaren a autores galegos.


Tras comentar a importancia que ten a publicación, por parte da editora londinense Francis Boutle da antoloxía Breogan’s Lighthouse, refírese a outra que tamén se publica en Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne e que leva por título Anthology of Galician Literature. Saliéntase que nela se inclúen textos de cincuenta e cinco autores galegos dende 1196 até 1981, que foron escollídos por outros autores e autoras galegos.


Anúnciase que xa está lista a antoloxía que se publica en Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne, e que leva por título Anthology of Galician Literature 1196-1981, na que se realiza un percorrido por oito séculos da literatura galega e na que participan un total de cento vinte e catro persoas entre antólogos, tradutores e autores. Destácase a importancia desta obra para o coñecemento da literatura galega dende as súas orixes e que fosen autores galegos os que deciden que textos se inclúen. Por último dise que un elemento primordial para o coordinador do proxecto é que as traducións están feitas por anglófonos.
Dise que se publica a primeira antoloxía da literatura galega en lingua inglesa cun ampo percorrido por todos os xéneros e autores desde 1196 até 1981. Indícase que se trata de *Anthology of Galician Literature 1196-1981*, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne e que se publica conxuntamente entre Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia. Coméntase que o proxecto comeza en 1997 e que conta coa colaboración de cincuenta e cinco antólogos, escritores e especialistas galegos. Apúntase que o propio autor suxire a posibilidade de que sería bo a realización dun novo volume que se centrase na etapa contemporánea desde 1981 até o 2011. Por último expresase a necesidade de promocionar a cultura galega no ámbito anglofóno.


Fálase sobre a aparición da primeira antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-inglés, *Anthology of Galician Literature*, na que se reúnen oito séculos de producción poética, narrativa e ensaística e que conta con epígrafe para a literatura de tradición oral. Indícase que cincuenta e cinco escolmadores reúnen textos de corenta e catro autores e seis anónimos que se encadran cronoloxicamente entre 1196 e 1981, que xa hai en preparación un segundo volume que inclúe producción até 2011, e logo fálase do proceso creativo.


Coméntase a presentación en Santiago de Compostela da primeira antoloxía da literatura galega en edición galego-inglés, realizada por Jonathan Dunne e presentada conxuntamente pola Editorial Galaxia e Edicións Xerais de Galicia. Indícase o contido da obra e destácase a intención de distribuír máis de tres mil exemplares por centros especializados, universidades e bibliotecas. Logo recólense as palabras de Manuel Bragado e Víctor Freixanes sublinhando a importancia deste feito.


Indícase que da primeira antoloxía de literatura galega en edición bilingüe inglés-galego, *Anthology of Galician Literature*, distribuíunesse arredor de tres mil exemplares por centros de estudos galegos de todo o mundo así como por universidades con estudios de Hispánicas ou de Lusofonía, principais medios de comunicación especializados ou con atención á literatura e tamén entre as máis destacadas feiras do libro internacionais. Fálase sobre o proceso de elaboración da mesma por parte do seu autor, Jonathan Dunne e da preparación dun segundo volume que será publicado en 2012.


Sección fixa dos suplementos na que se descreben varias obras do sistema literario galego, tanto novidades coma obras recentes. Esta semana selecciónanse, entre outras,
esta antoloxía de Jonathan Dunne, que abrangue o período entre a Idade Media e o ano 1981 (data de aprobación do Estatuto de Autonomía de Galicia).


Dá conta da publicación conxunta entre Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia da antoloxía bilingüe Anthology of Galician Literature, de Jonathan Dunne, que presenta textos de máis de corenta escritores galegos escolmados por expertos literarios de recoñecido prestixio e traducidos por vinte e dous especialistas. Sinala ter lido que esta publicación vai ser enviada a centros de estudo galegos de todo o mundo e salienta o acerto da obra de dar a coñecer a cultura de Galicia alén das súas fronteiras. Recomendando de novo este labor de espallamento, remata anunciando a recente edición de Ein rosenfeuer, das uns verstört. 4 dichter aus galicien, traballo realizado polo profesor Javier Gómez-Montero na universidade alemá de Kiel.


Infórmase da publicación de Anthology of Galician Literature, de Jonathan Dunne, salientando a importancia da proxección universal, especialmente nas obras literarias escritas en linguas historicamente sometidas, como é o caso da lingua galega. Menciona a presentación de dous libros do profesor Javier Gómez Montero no congreso sobre “Torrente Ballester e outros escritores galegos” celebrado na cidade alemá de Kiel: unha antoloxía poética bilingüe (galego-alemán) nomeada Ein rosenfeuer, das uns verstört, 4 dichter aus galicien e unha selección de textos de temática xacobea titulada Alá no noroeste...Unha cartografía literaria do Camiño en León. Ademais de citar a Gómez Montero, sinala ao profesor Luciano Rodríguez como o outro responsábel e impulsor destas publicacións.


Desribese o desenvolvemento dunha reunión de tradutores e escritores en Astorga, na que se fala da aparición da Antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-ingles e da importancia que supón para a proxección internacional da literatura galega a selección de máis de seiscentas páxinas que se fai nesta antoloxía.


Fálase sobre esta nova antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-ingles na que participan un grupo de tradutores e escolmadores dirixidos por Antonio de Toro e que reúne máis de trescentos textos de diferentes xéneros e diferentes épocas representativos da literatura galega. Recóllese que o editor indica a importancia desta obra para a proxección internacional da literatura galega.

Sinala a presenza de editoriais galegas na feira de Frankfurt e na Liber de Barcelona para tratar de combater a crítico situación que afecta a este sector. Destaca a presentación en Frankfurt no mes de outubro da *Antoloxía da Literatura Galega* en galego e inglés, de Jonathan Dunne, considerada unha boa obra para proxectar a literatura galega no estranxeiro.


Dá conta da presentación na feira do libro de Fráncfort da antoloxía bilingüe en inglés e galego asinada por Jonathan Dunne co título de *Antoloxía da literatura galega*. Comenta que obra é unha historia da literatura galega até a década dos oitenta que terá unha segunda parte cara ao ano 2012.


Traballo que ofrece textos que explican os distintos prismas do culto xacobeo. Dende unha perspectiva sociolóxica, antropolóxica e histórica, o autor selecciona textos narrativos nos que se ofrecen explicacións sobre o culto ao Apóstolo e o acontecer diario dos peregrinos a Compostela. Tras unha introdución do autor, na que se expican as orixes antigas do camiño e a súa importancia durante a época medieval, o libro inclúe vinte capítulos que conteñen vinte textos de diversos autores. No que respecta á literatura galega, os textos antologados e traducidos ao castelán son os seguintes:


- Darío Xohán Cabana, “Martín en Lubredón”, pp. 201-211

Fragmento d’*Os camiños de Santiago*. Traducción do galego do propio autor. (Telefónica Móviles, 2000)


Conto incluído en *Camino de Santiago y otros relatos* (Madrid, Alianza, 1996), obra en castelán do autor de Rianxo.

**Referencias varias:**


Entrevista ao escritor Xosé Miranda logo da presentación da súa obra *El Libro del Camino de Santiago* na Libraría Couceiro. O autor aclara, entre outras cousas, que non se trata dun ensaio nin dunha obra académica, senón dun libro de textos narrativos, de relatos literarios de interese para calquera lector.


Dáse conta da publicación do *Libro del Camino de Santiago*. Faise especial fincapé nas características que afastan esta obra dos moitos outros libros que hai sobre o Camiño de Santiago, como é o caso das ilustracións de Tintoretto, El Greco ou fotografías da rodaxe da película *La Vía Láctea* de Luis Buñuel ou os textos de Manuel Murguía e Rafael Dieste. Así mesmo, tamén se ofrece un apartado especial sobre seu autor, Xosé Miranda, no que entre outras cousas se salienta a súa intención de crear unha obra fácil de ler e divertida sobre o Camiño.


Entrevista ao catedrático e escritor Xosé Miranda con motivo da publicación do seu *El Libro del Camino de Santiago* na que se trata o contido do traballo en cuestión.


Ofrécese información sobre o autor do *Libro del Camino de Santiago*, Xosé Miranda Ruiz, e unha pequena entrevista con este na que fala do seu escepticismo coa ruta xacobea e das súas intencións á hora de abordar o tema do Camiño.
Antoloxía de literatura galega, en edición bilingüe galego-inglés, composta por doucecentos oitenta e cinco textos de cento cincuenta autores, que fai un percorrido dende a literatura da etapa medieval, incluíndo as cantigas, ademais dun par de textos en prosa, pasando polo período denominado “Séculos Esuros” que recolle unha pequena mostra de textos escritos, todos eles en verso, durante os séculos XVI e XVII, para continuar cos séculos XVIII e XIX, dos que se presenta unha selección de textos, a maioría deles poéticos, aínda que tamén aparecen recollidos algún conto e algunha outra narración, para terminar a principios do XXI. Conta ademais con dúas achegas introdutorias: “A Short Introduction to Galician Literature”, de Luciano Rodríguez Gómez (pp. 25-33) na que se fai unha breve historia da literatura galega, salientando, no que se refire á época medieval, o seu esplendor, tanto nos textos líricos coma prosísticos (e a súa variedade temática, dende o amor até o escarnio, dende la haxiografía ata a crónica e a literatura cortés) en contraste co baléreo de textos da época que vai do século XVI até o XVIII, denominada “Séculos Esuros” (que se explica polas circunstancias políticas de Galicia dentro da corte castelá) e “The Galician Language: An Unfinished Task”, de Manuel González González (pp. 34-47) onde se revisan as cuestións sociolingüísticas do galego e como inflúen na produción literaria, cultural e no recoñecemento social. Fálase da situación de convivencia entre galego e castelán, describindo os procesos de diglosia funcional e de bilingüismo diglóxico que se producen na Comunidade Autonómica Galega. Destácase a importancia do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades coma eixo dos estudos sobre lingua, literatura e cultura do país. En canto á parte narrativa, da época medieval (pp. 102-106) só se recollen dous textos: a Crónica Troiana (1373) e o texto “Mjragre de Santiago scripto p’or Papa Calisto” (século XV). A parte de poesía comeza coa produción da época medieval (pp. 49-106), na que ademais das Cantigas de amigo con autores como Martín Codax, Fernand’Esquio ou Pero Meogo, as Cantigas de amor de Bernal de Bonaval ou Afonso X, o Sabío e as Cantigas de escarnho e maldizer de autores como Méndez de Besteiros ou Arias Núñez entre outros, recóllese poesía seglar de Pero Amigo de Sevilla ou Arias Núñez e poesía relixiosa coas Cantigas de Santa María de Afonso X, o Sabio. Esta antoloxía pretende, segundo reza no prólogo inicial, achegar a literatura galega a outros lectores, como símbolo dunha tradición cultural que traspasa fronteiras xeográficas e lingüísticas.

Tamén está descrito nos apartados I. 3 Narrativa e II.3 Poesía deste Informe.

Recensións:


Expícase que son varias as antoloxías publicadas en lingua inglesa de poesía galega, como Breogan’s lighthouse realizada por Antonio Raúl de Toro Santos, na que se
inclúen douscentos textos da historia da literatura galega. Indícase que os contidos recollen poemas que representan a lírica medieval, dos Séculos Escuros, do Rexurdimento e unha ampla nómina do século XX. Saliéntase tamén a inclusión dun traballo de contextualización da literatura galega de Luciano Rodríguez e da historia da lingua de Manuel González González. Remátase referindo a listaxe de tradutores que participaron na obra.


Coméntase que por primeira vez se aglutina nunha antoloxía a esencia da literatura galega, oitocentos anos nos que se recolle o labor de homes e mulleres cos que se está en débeda e por iso “debemos continuar a súa tarefa e o seu compromiso”. Considera que unha boa medida para renderlle a homenaxe que merecen é dalos a coñecer e facelos accesíbeis fóra das fronteiras galegas, nunha reivindicación e forma de obter o respecto e a admiración pola cultura e identidade galegas. Explicase que estes son os obxectivos de Antonio Raúl de Toro Santos, editor da obra, que chama a atención sobre a editorial que o publicou. Tamén se sinala que participan Luciano Rodríguez Gómez e Manuel González Gonzzález, que achegan traballos de contextualización fundamentais, amplas panorámicas en clave cultural, histórica, sociolóxica e política. Por último alúdese ao labor dos tradutores.


Comeza sinalando o gran logro que é para a cultura galega a publicación desta antoloxía, editada por De Toro Santos, que ofrece unha “impoñente panorámica da nosa linguaxe e a nosa literatura”. Repasa algúns datos da obra, como o número de autores antologados, as autoridades que participaron no acto de presentación e as colaboracións de Luciano Rodríguez e Manuel González. Dá conta da presentación na Fnac, na que sinala que el mesmo participou e anuncia que será presentada tamén en diferentes lugares de Inglaterra. Repasa algúns dos nomes dos creadores antologados, referentes de calidade que representan madureza literaria e destreza creativa dun “país que desexa facerse ouvir”. Lembra que este pulo creativo é froito dunha longa historia de sufrimentos de persoas ás que se lles debe o respecto e a homenaxe, por teren contribuído a que Galicia sexa capaz de “mirar ao mundo cara a cara, sen complexos, sen remorsos”. Cualifica a antoloxía como “un auténtico faro das nasas letras”, un volume pioneiro que nos fai sentir máis unidos como pobo, no que tamén participan profesores como Luciano Rodríguez e Manuel González. Sinala que esta obra é unha boa mostra de todo o que pode ofrecer Galicia, que dá visibilidade e favorece o reconecemento internacional, unha excelente carta de presentación. Remata faldando do orgullo de ser galego cando se está fóra e a necesidade de reivindicar o noso lugar de orixe, aínda que por veces resulta difícil expresar a identidade con exactitude, o que resultará máis doado a través de obras como esta antoloxía, un agasallo e mostra “máis certeira esencia da nosa cultura galega”.

Referencias varias:
- Iago Martínez, “Dúas antoloxías históricas achegan a literatura galega ao público inglés”, *Xornal de Galicia*, “Cultura”, 2 maio 2010, p. 36.

Coméntase a importancia que ten a publicación, por parte da editora londinense Francis Boutle, dunha antoloxía completa da literatura galega dende o Medievo até a época actual que se publica en edición bilingüe galego-inglés, co título de *Breogan’s Lighthouse*. Dise que é fruto do labor dun equipo de tradutores de varias universidades galegas e da británica de Oxford, coordinadas polo profesor Antonio Raúl del Toro, director do Instituto Universitario de Investigación de Estudos Irlandeses Amergin (Universidade da Coruña). Subliñase que está pensada para o circuito comercial e non académico e que a maioría das traducións que se inclúen son inéditas, acompañadas de dúas introducións, unha sobre a historia e a situación actual da língua galega e outra sobre a súa literatura. Fálase logo doutra antoloxía que tamén se publica en Edicións Xerais de Galicia e Editorial Galaxia, cuxo autor é o tradutor británico Jonathan Dunne e que leva por título *Anthology of Galician Literature*.


Fala dos Encontros de Escritores e Tradutores de Castrillo de los Polvazares e comenta a *Antoloxía de literatura galega*, traducida ao inglés de Raúl del Toro; *Alá no noroeste...unha cartografía do Camiño en León*, e algunha tradución como *As frechas de ouro* (2004), de John Rutherford.


Fálase sobre unha nova antoloxía da literatura galega en edición bilingüe galego-inglés co título de *Breogan’s Lighthouse*, na que participan un grupo de tradutores e escolmadores dirixidos por Antonio de Toro e que reúne máis de trescentos textos de diferentes xéneros e diferentes épocas representativas da literatura galega. Recóllense as afirmacións do propio Antonio de Toro sobre a importancia desta obra para a proxección internacional da literatura galega.


Dáse conta da aparición da antoloxía en edición bilingüe galego-inglés, *Breogan’s Lighthouse (O faro de Breogán)*, como culminación dun proxecto levado a cabo polo profesor da Universidade da Coruña Antonio Antonio de Toro cuxo fin, tal como el aclara, é a proxección internacional da literatura galega a través de máis de setecentas páxinas. Recóllense, segundo se di, textos de diferentes xéneros dende as orixes da literatura galega até o ano 2010 e publicase na editorial londinense Francis Boutle. Tras a presentación na Universidade de Oxford preténdese, tal como se indica, presentala tamén na Universidade de Santiago de Compostela e na Coruña.

Anúnciase a publicación desta antoloxía de amplo espectro temporal, que se salienta como unha vantaxe. Expícase que o xerme é un vello proxecto de Edicións Xerais de Galicia que non se completou e que De Toro Santos ampliou en autores, textos e xéneros. Recóllense as palabras do editor, nas que explica a innovación de abranguer até a actualidade, fronte a outras propostas que chegan aos anos oitenta. Saliéntase o carácter divulgativo da obra, dirixida a moitos tipos de lectores e a preocupación por seleccionar un amplo número de creadores canónicos. Remátase aludindo á contextualización de Luciano Rodríguez e Manuel González e ao equipo de tradutores, ademais das presentacións que terán lugar en Inglaterra e Galicia.


Faise eco da presentación en Santiago da antoloxía *Breogán’s lighthouse*, coordinada por Antonio de Toro, e coméntase que para cubrir o período abranguido (séculos XIII-XXI) foi preciso contar co traballo de varios expertos durante máis de dous anos.


Anúnciase a presentación na galería Sargadelos da Coruña da antoloxía editada por Antonio de Toro Santos. Expícase que ao acto asistiron diferentes autoridades e que contou co apoio de institucións como a Dirección Xeral de Difusión Cultural e o Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades. Sinálase o amplo abano de autores e o marco temporal da obra e recóllense as palabras do editor, nas que salienta a importancia de trasladar á lingua inglesa a cultura galega, que a visibiliza en todo o mundo, e tamén se refíre ao carácter divulgativo da obra. Por último recóllense as palabras de Francisco López, representante da Consellería de Cultura, que considera que esta obra é o camiño a seguir e que o seu departamento mercará exemplares para levar aos Institutos Cervantes de todo o mundo. En cadro á parte reproducúense declaracións de Antonio de Toro Santos sobre a visibilidade que dá o emprego da lingua inglesa e recóllensealgúns dos nomes dos autores incluídos na antoloxía.
XI.5. PUBLICACIÓNES EN REVISTAS


Trátase das orixes do Ruta Xacobea, dende ás peregrinacións ao finis terrae, anteriores ao achado do corpo de Santiago e os seus discípulos polo ermitá Paio na Arcis Mamoricis, nun lugar afastado da diocese de Iria Flavia, até a institución do Ano Santo Compostelán en 1122 polo Papa Calixto II (e ratificado pola bula “Regis Aeterni” de 1179 polo Papa Alexandre III). Describense os requisitos que o peregrino tiña que cumprir para gañar a graza do Xubileo e o perdón dos pecados e como se recollen no Códice Calixtino. Saliéntase a aparición da vila de Noia nas descrición que das diversas rutas a Compostela se fai no Códice.


Analízase o xénero da cantiga de amigo galego-portuguesa, dende unha nova perspectiva teórica, que toca cos estudos de xénero, a micro-história social e os estudos antropolóxicos. Exemplificase toda a teoría coa composición “Digades, filha, mia filha velida”, de Pero Meogo Segundo, estes marcos teóricos, cada tópico da cantiga de amigo sería a poetización dun problema social real, que se codificaría mediante símbolos e metáforas concretas. Afirmaanse que eses códigos se volverían convencionais ao introducirse no canon lírico. Considérase que a voz enunciadora do discurso narrativo, sempre feminina na cantiga de amigo, sería a codificación dun sentimento feminino unido á tradición europea da lírica de muller preexistente.


Trátase dun estudo centrado no significado da expresión cantar igual na lírica galego-portuguesa, concretamente na modalidade de escarnio e maldicir. Cohen centra o seu interese nos fragmentos de cantigas nas que aparecen as palabras cantar igual, igual, desigual, igual e desiguado, logo fai unha exposición das principais diferenzas de interpretación e do que implica o significado da expresión cantar igual á hora de realizar unha edición crítica. Cohen ofrece varias pasaxes ordenadas alfabeticamente polo nome do autor, tal como aparecen nas Cantigas d’escarnho de Lapa, comezando pola defensa de Sueir’ Eanes por parte de Coton.


Este traballo presenta unha edición crítica de Airas Moniz d’Asme, Diego Moniz e Osoir’Anes, os primeiros poetas cuxos poemas sobreviviron no Cancioneiro da
Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti). Moitas destas cantigas téñense amosado moi difíciles para a crítica textual e para a interpretación literaria. Coméntase que esta edición pretende ultrapasar algunhas das dificultades atopadas, ofrecendo unha nova lectura destas cantigas, con aparato crítico, notas, análises métricas e traducións para o inglés dun total de nove cantigas e tres fragmentos.


Breve percorrido pola vida de Don Pero Pardo de Cela, nobre galego de finais do século XV a quen fixo Mariscal Enrique IV. Fálase de como forxou no bispado de Mondoñedo a súa historia de “forca e coitelo” entre o poblo e de “rebeldes” contra os cregos do bispado mindoniense e a coroa de Castela, onde chegaria a ser o cabaleiro máis temido e poderoso de toda a Mariña luguesa. Así mesmo, sinálase como se foi convertendo en señor de varias fortalezas, castelos e casas fidalgas até o seu axustizamento na praza maior de Mondoñedo. Destácase finalmente a conversión de Pardo de Cela en personaxe literario, xa que a partir do século XVI, canto máis se foi afastando do personaxe histórico, máis se foi mitificando entre o poblo e na literatura, nomeadamente despois da súa recuperación escrita no Rexurdimento do XIX.


Reprodúcese a cantiga de Afonso X O Sabio “Peera mestre Xohan” tirada do volume *Ourense craro río, verde val. A cidade na voz dos seus poetas* (2001), editado por Marcos Valcárcel.
XI.6. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: ESTUDOS E RECENSIÓNS


Fálase da presentación da antoloxía *De Amor y de Burlas. Antología de la poesía medieval galego-portuguesa* (2009), de Elvira Fidalgo, publicada pola editorial Nigra Trea. Destácase o carácter divulgador do volume, que os textos en galego-portugués van acompañados por unha tradución ao castelán e por un comentario de texto explicativo e que o factor decisivo para a selección de textos foi o criterio temático. Recólense tamén as verbas da autora na presentación, onde asegurou que a obra ten a intención de axudar a destruír a idea, xeneralizada entre os teóricos españols, de que a lírica peninsular comeza no século XIV, esquecendo que a lírica galego-portuguesa xa tiña desenvolvido unha escola poética dende cen anos antes. Destácase o carácter didáctico da introdución e a fonte utilizada para a recolleita dos textos, a maioría extraídos da base de datos MedDB2, da páxina en liña do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.


Fálase da publicación por parte da recentemente creada editorial Mendaur de tres libros reunidos nun multivolume titulado *Memorias da morte* (2009), dos autores José Barroso Castro e Xoán Manuel Neira Pérez. Coméntase que a obra consiste nunha edición paleográfica, filolóxica e semi-modernizada da documentación do patrimonio eclesiástico achado na vila de Noia. Apúntase que o primeiro volume recolle a documentación datada entre 1360 e 1468; o segundo, a pertencente ao período 1472 – 1604; e o terceiro aglutina varios traballos académicos relacionados coa historia da vila noiesa.


Fálase do traballo que o medievalista portugués e mercedario Gumersindo Placer deu ao prelo en marzo de 1936 e que foi titulada “A espiritualidade do Cancioneiro da Vaticana”. Logo dun pequeno resumo da tradición manuscrita da lírica galego-portuguesa, afirmase a importancia e diverxencia da literatura científica sobre a mesma e gábase a obra de Gumersindo Placer pola súa importancia. O seu traballo, centrado no universo da espiritualidade na Cancioneiro da Vaticana ou Colocci-Brancutti, veu destacar a importancia dos centros relixiosos, romarías e lugares de devoción varios na conformación da arquitectura do códice.
XI.7. PUBLICACIÓN DE ARTÍCULOS EN XORNAL: ARTÍCULOS DE OPINIÓN E COLABORACIÓN FixaS


Empézase por facer un breve resumo dos principais textos teóricos que tratan da visión da homosexualidade ao longo da historia, especialmente na Idade Media. Entre eses textos destácanse os traballos de John Boswell (Christianity, Social Tolerance and Homosexuality Gay People in Western Europe from de beggining of the Christian Era to the Fourteen Century e o póstumo Same-Sex Unions in Premodern Europe) e de Michael Foucault (Historia de la Sexualidad) e expón a necesidade de aplicar as conclusións que deles se extraen á lírica galega-portuguesa. Considérase que a relación sexo-afectiva homosexual se plasma na lírica medieval galega maioritariamente a través do riso e da sátira (é dicir, no xénero de escarnio e maldizer) en polo menos oitenta textos. Sinárase que o chocante das composicións fixo que moitos estudiosos tentaran modificar a lectura dos testemuños dos códices para adaptar a súa lectura a unha relación afectiva heterosexual. Ofrécese coma exemplo deste mecanismo de ocultación a edición que da cantiga “Dom Tisso Pérez, queria hoj’ eu”, de Pero da Ponte, fixo o medievalista Manuel Rodrígues Lapa e que se perpetuou na tradición editora chegando ata as edicións de Saverio Panunzio e Graça Videira Lopes, estudiosos máis modernos. Explicase que Lapa cambiou o xénero dunha palabra a feminino ocultando así a intención da cantiga: facer unha sátira da conduta do dito Tisso Pérez, afeándolle a luxuria compulsiva (mais non a súa condición de homosexual). Mediante a exemplificación deste caso, o autor pregúntase se esta referencia literaria nace dun desexo de burla do autor ou recorda un suceso que aconteceu realmente e reflexiona sobre os procesos de ocultación do feito homosexual por parte dos investigadores modernos.


Dáse conta da damnatio memoriae infrinxida ao manuscrito da tradución da Crónica Troiana a partir dunha copia en castelán do que se supón que sería unha versión primixenia en galego-portugués: a supresión de quen fora mecenas do proxecto, Fernán Pérez de Andrade. A partir da recuperación do nome do patrocinador suponse que este proxecto formaría parte doutro máis amplio. Conclúese sinalando que hoxe en día só se conserva unha pequena parte do que tería sido a prosa medieval en galego-portugués debido a causas como “as destrucións causadas nas revoltas baixomedievais, a falta e apoio institucional para garantir a supervivencia destas copias e, digámolo claro, a destrución premeditada de moitos testemuños da historia de Galiza”.


Fálase lírica galego-portuguesa tendo en conta o seu carácter de escola palaciana e as características dos autores que a conformaron. Insístese entre a diferenza teórica entre as
cantigas de escarnio (que teñen unha interpretación literal e outra figurada ou metafórica) e as cantigas de maldizer (onde o ataque é directo). Nos dous subxéneros enténdese que o relevante é a sátira, pero nas cantigas de escarnio o feito de escritura apóiase na aequivocatio, recurso semántico que se describe polo miúdo.


Parte quinta dun artigo escrito en castelán por entregas no que se describen as diferentes etapas do Camiño a Compostela. Neste caso, describese o paso dos Peregrinos pola vila de Sahagún e a importancia comercial e pecuniaria desa vila na Idade Media, no momento de máximo esplendor das Peregrinacións a Santiago de Compostela. Explicase que ese florecimento económico foi posible grazas a que os Peregrinos estaban protexidos polo “incipiente dereito internacional”, que esixía que as súas transaccións económicas non cotizaran peaxes, non puideran ser obxecto de usura, etcétera. Polo tanto o status do Peregrino a Compostela equiparaba ao de comerciante, permitindo o intercambio de mercadorías de xeito rápido e seguro economicamente para todos os interesados. Destácase tamén a dimensión relixiosa e miraculística do culto a Santiago, especialmente relacionouse coa curación da lepra, que tivo repercusións na literatura da época nas obras de Gonzalo de Berceo e nas *Cantigas de Santa María*, de Alfonso X o Sabio.


Parte sétima dun artigo escrito en castelán por entregas no que se describen as diferentes etapas do Camiño a Compostela. Neste caso, fálase da importancia do Camiño como vía de difusión cultural en canto a varias materias, dende a arquitectura á expansión de ordes relixiosas pasando por ideas relixiosas, sobre o amor ou sobre a ciencia. Destácase a importancia da transmisión oral de historia de moi diverso ton (dende a haxiografía á lenda, dende a poesía amorosa á lenda épica), que contribuíron ao impulso da lingua galega, enriquecida por tópicos foráneos que fixo propios e á aparición da lírica profana (nos seus tres xéneros maiores) e relixiosa (que cristalizou coa aparición das *Cantigas de Santa María* do rei Alfonso X).


Proponse un percorrido pola vila de Maceda, situada na provincia de Ourense, e polos seus monumentos máis senlleiros da época medieval, entre eles, o castelo do século XII, no que residiu Alfonso X na súa infancia e onde aprendeu o idioma que logo levaría á escrita, nas cantigas profanas e nas *Cantigas de Santa María*.

Relacionanse as festas de maio coa ás distintas deusas da fecundidade. Apúntase que a irrupción do cristianismo non fixo máis que cristianizar os homenaxes florais, as danzas e os agradecementos polas colleitas e o cíclico renacer da terra transformando as deusas da fecundidade na Virxe María. Indícase que esta tradición aparece nunha das célebres *Cantigas de Santa María*, “Rosa das rosas e fror das frores”.


Establecéuse un paralelismo entre a obra de María de Francia e a literatura galega medieval para o que se resume o contido de varios dos *lais* de María de Francia: “Yonec”, que conta coma Yonec se transformaba en azor para ir ver á súa amada, recluída nunha torre polo seu celoso marido; e “Chevrefoil”, que narra a historia de Tristán e Iseo. Glósiase o resto da obra da primeira escritora francesa de nome coñecido e expílanse tamén as diferentes opinións sobre a identificación histórica da escritora: uns pensan que María de Francia é Marie, condesa de Champagne e outros que é unha irmá de Enrique II Plantagenet, que foi abadesa dun cenobio inglés. Destácase que de ser certa a segunda das identificacións, sorprende a sensualidade explícita que se describe nos seus *Lais*, inda que a sensualidade impregnara a vida aristocrática, como demostran as composicións de corte dos trobadores galego-portugueses. Apúntase que a temática tristaniana tamén aparece no *Liber Sancti Iacobi*, escrito polas mesmas datas, e presente nunha escultura de alabastro achada na catedral compostelá e nas composicións da lírica profana.


Aproveitando a inauguración dunha exposición sobre o Pórtico da Gloria no Centro Social de Caixanova en Santiago de Compostela, fáise unha breve historia da construcción do mesmo. Utilízase a documentación relacionada con Fernando II de León (I de Galicia) que está escrita en galego para destacar que a época de construcción do Pórtico coincide coa época de máximo esplendor da lingua galega e para reivindicar a figura do rei de León coma “rei de Galicia”, dado que era de Compostela de onde emanaba o seu poder. Dóese Camilo Nogueira de que o concepto e as palabras “Reino de Galiza” estean ausente en toda a exposición.


Lóase a figura de Manuel Espiña, recentemente falecido cando se escribiu este artigo, o crigo que condenou dende o púlpito as últimas execucions de mozos antifascistas en setembro de 1975. Cóntase que foi ademais un dos primeiros cregos con permiso para oficiar en galego (permiso concedido dende 1965), un dos primeiros en verter os *Evanxeos* ao galego, autor dos libros *Terra santa* e *A alma dos galegos* e de moitos artigos xornalísticos, sempre escritos en galego. Establecéese unha comparación entre o modo de entender a relixiosidade galega de Manuel Espiña e a visita do Presidente da Xunta de Galicia ao Papa Bieito XVI.

Cóntase como Joaquim Ventura descobre, viaxando por Castela, que a súa interpretación da cantiga de Roi Páez de Ribela, “Mala ventura mi venha”, estaba errada. Apúntase que na cantiga aparecen tres personaxes femininas, dúas dela identificadas pola súa procedencia (“a de Belenha” e “a donzela d’Arcos”). Recóllese que nun traballo anterior, asegurara que os topónimos que aparecen na cantiga estaban motivados pola rima e que non eran lugares reais. Porén, precisase que na súa viaxe atopou dous lugares recónditos, Beleña de Sorbe (Guadalaxara) e Arcos de la Frontera (Soria), relativamente preto un do outro que lle fixeron entender que as protagonistas procedían desa zona do Alto Henares.
XI.8. PUBLICACIÓNNS EN XORNNAIS: ENTREVISTAS


Entrevista á especialista en literatura medieval Ria Lemaire na que, contradicindo as teses oficiais, rexexita a idea de que autoría dos cancioneiros fose exclusivamente masculina.
XI.9. PUBLICACIÓNS EN XORNAIS: NOTAS, PRESENTACIÓNS E ESCRITOS VARIOS


Entrevista á profesora Elvira Fidalgo na que fala do seu último libro, *De amor y de burlas. Antología de la poesía medieval galegoportuguesa* (2009). Entre outras cousas, a autora afirma que non se trata dun libro exclusivamente para especialistas.


Recóllese que a investigadora Carmen Pugliese reivindica a figura da muller no Camiño de Santiago e defende a teoría de que o Códice Calixtino puido ser escrito por unha muller, Girberga de Flandres.


Fai referencia ás verbas do actual presidente da Real Academia Galega, Xosé Luís Méndez Ferrín, na súa charla “Os poetas medievais da ría de Vigo”, destacando a produción de Martín Códax, Mendiño e Xoan de Cangas e a súa influencia, a través das cantigas de amigo, nos poetas do século XX. Destaca ademais a convicção do poñente de que, a diferenza de moitas outras producións líricas, as cantigas de amigo fán ainda hoxe referencia a lugares aínda existentes.


Fai referencia ás palabras de Maeso de la Torre, autor da novela histórica *La Cúpula del Mundo*, que ten coma protagonista ao rei Alfonso X, durante unha conferencia titulada “Los enigmas de Alfonso X (y sus raíces gallegas)”. Destácase o carácter ambicioso no político e no cultural do rei Sabio e o a súa crianza e educación en Galicia, feito que posibilitou que coñecera o galego-portugués dende a infancia.


Fálase dun proxecto literario que consta en traducir ao galego a obra dos grandes trovadores de Occitania entre os que se encontra Guillerme de Aquitania e Rigaut de Berbezilh. Compárase aos poetas galegos dos séculos XII e XIII cos de Occitania como se foran irmáns. Dise que Cabana fixo unha dobre tradución, unha totalmente literal e outra en verso galego. Apúntase que para Cabana non era o primeiro traballo de tradución, xa que tamén traduciu a Petrarca.

Anúnciase unha conferencia do licenciado Miguel Pousada Cruz no Centro Cultural Xaime Ulla de Poio que ten coma finalidade achegar os estudos sobre lírica galego-portuguesa a un público non especializado.


Fálase da exposición inaugural do Arquivo da Cidade da Cultura, celebrada até a 25 de febreiro, que exhibiu oitenta e cinco xoias bibliográficas que se consideran claves na construción da identidade galega. Apúntase que, baixo o título *Ex Libris Gallaecia*, se recollen dende os primeiros xornais editados en Galicia até a peza máis antiga saída dunha imprenta galega o “Brevarium Auriensi” de 1485, e as primeiras edicións dos textos fundamentais do Rexurdimento. Indícase que tamén se mostraron pezas máis antigas como os exemplares do *Códice Calixtino* ou o *Foro do Burgo de Castro Caldelas*.


Dáse conta da celebración da décimo cuarta edición do Salón de Cómic de Cangas, que nesta ocasión se inaugurou coa exposición “As Cantigas de Santa María: obra mestra das orixes da historieta”.


Faise mención do *Códice Calixtino*, publicado no século XII e cuxa autoría se atribúe ao monxe Aimey Picaud, como a primeira guía do peregrino existente e destácase, sobre todo, a importancia do quinto libro, que recolle amplas descricións do Camiño de Santiago e consellos prácticos para os camiñantes.


Fálase da presentación do último traballo discográfico do grupo folk Luar na Lubre, titulado “Solsticio”, no que se inclúen composicións propias e as versións de varias cantigas da lírica medieval galego-portuguesa das que se conserva a música: as cantigas de Martín Codax e as Cantigas de Santa María.

Fálase da presentación da antoloxía de poesía medieval da profesora Elvira Fidalgo. Recóllese que a propia autora afirma que a obra está concibida como de alta divulgación pois está pensada para un público amplo e xeral, de aí que estea escrita en castelán.


Dáse conta da preparación do último disco do grupo Luar na Lubre, un traballo co que pretenden poñer música á lírica medieval, arranxar composicións da época ou, incluso, dar un novo aire a clásicos como o “Romance de don Gaiferos”.
XII. APÉNDICE

Entradas non recollidas en informes anteriores.

XII.I. NARRATIVA.

XII.I.1. NARRADORES GALEGOS


Novela de José Antonio Andrade Figueiras (Coristanco, 1957) que contén un limiar asinado por Xosé Manuel Varela Varela, “Desmemoria dos fillos das corredoiras” (pp. 7-10), no que explica como Andrade vén a sumarse ao conxunto de escritores pertencentes a comarca de Coristanco e que con esta obra o autor trata de “remexer nas entrañas da memoria e da nostalxia” co fin de sinalar aquilo que debería ser cambiado con urxencia. Inclúe a J. Antonio Andrade dentro dese conxunto de autores que entenden a “literatura como arma”, coma unha “estratexia” para cambiar o mundo. A novela dividese en tres partes nas que, empregando a técnica do diario, se narra a historia dun arquitecto que, tras facerse cunha casa en Bergantiños, atopa no seu faiado os diarios de Andrés Abeleiras, neto do antigo dono, nos que se dan conta das anécdotas, os amores e a vivenza nas aulas dun estudante de Bacharelato. A primeira parte, “Remexendo no faiado” (pp. 17-34), e a terceira, “Epílogo” (pp. 206-212), constituín unha historia primaria narrada en primeira persoa. Nelas abórdase o relato dun dos seus protagonistas, o arquitecto quen en 2008 decide contar a historia do acontecido no ano 1998, momento no que atopa os diarios no faiado da casa de Bergantiños. A segunda parte, “Os diarios de Andrés” (pp. 35-205), contén unha historia secundaria na que se relatan as vivencias persoais deste personaxe que se atopa interna na Academia ZEUS, tras a marcha de seus pais a Francia en busca de traballo. Os feitos contados teñen lugar ao longo de abril, maio, xuño e xullo de 1974. A través das tres partes da novela faise un retrato da sociedade dos anos setenta e das problemáticas daquela época como a emigración, o sistema educativo, afondando nos métodos pedagóxicos tan comúnmente empregados, e as historias de amor propias da adolescencia.


Conxunto de doce contos de Xaime Enríquez Martínez (Ourense 1943-2008) ao estilo dos contos populares recollidos polos seus amigos, segundo aclara Henrique Harguindeguy Banet no prólogo introdutorio. Son historias breves protagonizadas por personaxes populares (os amigos da infancia e mocidade, mariñeiros, campesiños, doutores, funcionarios), maioritariamente centradas nos tempos da adolescencia e primeira mocidade, na primeira metade do século XX, polas referencias temporais e outras referencias caso do tipo de calzado, como os zocos ou aos “colchóns de follaco”.

2249
Están narradas en primera persoa e empregan fórmulas típicas da oralidade que caracterizan os contos populares (“Era unha tarde de outono…”, “Disto hai xa moitos anos e dos protagonistas da historia non queda ninguén entre nós”), alcumes como Xosé “o Asustado”, o “Cantomiño”, Xesús “o Xeneroso” e o artigo diante do nome propio (“O Ramón”), marcador discursivo de afectividade propio da lingua popular. Tamén empregan unha lingua coloquial con períodos sintácticos moi breves e descricións concisas que debuxan perfectamente os ambientes nos que transcorren os feitos, que se refiren a espazos reais propios da xeografía galega, sobre todo de Ourense e do Morrazo (Chandrexa de Queixa, Cima de Vila, Bibeí, Bueu, Cangas, Liméns); a lugares fronteirizos como a zona do Bierzo; e a lugares de encontro e reunión característicos da Galicia popular como as tascas e bares e as feiras como a de Bueu. No primeiro conto, “O doutor Salgado e o lobo”, os personaxes xogan ás cartas na tasca mentres escoitan a anécdota contada por un cazador experimentado cando se lle presentou un lobo un día de moita neve. A seguinte historia, “A princesa Margariña do Algarve”, propoñéndolle o rescate dunha suposta princesa en Portugal presa por Salazar. En “Noite de neve con pantasma”, o narrador transmite unha historia de aparecidos que supostamente viviu ao atravesar varias estradas no seu coche para reencontrarse coa súa moza. Deseguido, en “A Santa Compañía en Liméns”, reflíctense as vivencias dun narrador mozo e dos seus amigos durante un verán de vacacións en Liméns, no cal senten a presenza da Santa Compañía. O quinto conto, titulado “O porquiño do señor Rosendo”, conta a historia dun médico rural dunha aldea do interior de Ourense que ten un paciente moi especial, o señor Rosendo, un problema de colesterol para o cal lle receita pílulas e dieta sen graxa de porco. Na sexta historia, “A burriña fariñeira”, o narrador lembra a xuntanza de amigos na que Ramiro e Carme contan aos demais o encontro que tiveron de camino de dar clase en Oxford cunha vella e a súa burra. O conto titulado “Nós, Cipriano” xira ao redor da broma argallada contra un dos axentes que traballan nos xulgados dunha vila, por uns mozos xuices e funcionarios en tempos da República. “Noite de pesca” é unha breve historia protagonizada por un pescador de robalizas e outro home que pacientemente o observa durante toda a noite. A continuación, en “Antonio o Cantomiño”, o narrador lembra a figura dun mariñeiro moi afeito ao que lle gustaba ben o viño e o xantar na tasca cando o mal tempo non permitía sair ao mar. En “O señor Xosé o Asustado” o narrador volve á súa primeira infancia para lembrar como o propio señor Xosé explicaba o porque do seu alcume. O penúltimo conto titulado “O Ramón do bar Sampaio” transcorre no bar que Ramón ten en Ourense no que se dan cita o narrador e os seus amigos, quen argallan unha trasnada a un mozo salmantino que presume de querer ser toureiro. Por último, en “Non come empanada” acontece nun furancho dun dos amigos do narrador, no que un dos personaxes se gaba de que a empanada da súa muller é mellor que a que ali poñen de tapa.


Novela de Xoán Fuentes Castro (San Vicente de Grove) cun narrador en primeira persoa e estruturada en vinte e tres capítulos que ten lugar nun labirinto do cuadrilátero onde vive unha gran multitud inqueda, un ser hermafrodita, un xornalista, un compositor, unha monxa, un escultor e un enterrador, ante a posibel visita dun xerarca. Cada habitante pensa nun traballo e recóllense conversas breves e repetitivas entre eles nas que falan de literatura, filosofía, amizade e mortalidade. Tras a visita os personaxes
revélanse e falan de conxura e dimisión. Sen embargo, daranse conta de que as súas voces son diferentes e as súas ideas están aínda máis controladas por un sistema manipulador que logra que desaparezan ideas, queixas e sentimentos.

Referencias varias:


Relato de Pablo García Martínez (Arzúa, 1985) ambientado en Amoar de Taramullo, a uns cincuenta quilómetros de Santiago que, tras unha accidentada presentación dunha das personaxes e do seu círculo inmediato, se estrutura en partes que responden ao “diario” de diversos momentos dunha noite ou ao “rexistro” (01:22, 30 de xuño), intercaladas con outras “Anos despois do estalido”, no que os mesmos personaxes (nomeadamente Imma e Fernando), xa adultos se encontran e combinan as súas vidas. A carón do palco da orquestra Amapola, na rúa das procesións da primeira comunión, vaise deseñando o espectro, contexto e opinións dos personaxes, que levan adiante a súa adolescencia nunha vila galega coas súas alfombras florais, baños nocturnos na piscina pública, taberneiros con historia... e transformacións socio-históricas de paisaxe rural e urbano. Pequenas anécdotas vitais e chiscadelas de ollo a modo de comparación subliñan os referentes culturais desta xeración: Astérix e Obélix, Son Goku, o Barça, Los Suaves e as Estrellas Galicia para as conversas. En liñas xerais, o lector pode asistir a un duplo proceso narrativo: os ritos iniciáticos das infancias e adolescencias na vila frente aos crux procesos das relacións interpessoais adultas. Ambos os dous procesos rebentarán: o primeiro, no penúltimo capítulo e no climático peche
significativamente titulado “O estalido”, no que un dos protagonistas, Xaquín, remata no hospital logo dunha noite de troula. Certas trazas de realismo máxico ecoan no desacougante final, que ampliará a ollada sobre o grupo de amigos.

Recensións:


Dáse conta da publicación deste relato co que Pablo García Martínez alcanzou o Premio Biblos-Pazos de Galicia. Coméntase que versa sobre a creba da adolescencia e que non só se trata dunha novela inicial para o autor, senón que tamén é unha obra de iniciación, “unha bildungsroman” da que foi titor Manuel Rivas.

Referencias varias:


Fálase da presentación da primeira obra de Pablo García Martínez, gañador da quinta edición do Premio Biblos-Pazos de Galicia, que foi apadriñado por Iria López Teixeiro e Alberto Ramos, dous autores galardoados en edicións anteriores. Afírmase que esta novela, na que se conta a historia de xente nova pero que se dirixe a “todo o mundo”, foi tutelada por Manuel Rivas. Ademais, García destaca a axuda prestada por Ana Salgado e os consellos que recibiu de Tucho Calvo.


Indíca que no Cantón de San Roque da localidade de Melide terá lugar a terceira edición da Feira do Libro no Camiño dentro da cal o día 8 de agosto se presentará o último libro de Pablo García, Relato dun estilado xordo.


A bibliotecaria Marisa Fernández Pascual (Vigo, 1961) debuta na literatura con este volume de trece microrrelatos que escribirá sete anos atrás en castelán e que autotraduciu e reelaborou para que visen a luz en galego. Tras as dedicatorias iniciais aos seus pais e ao seu gato Paquiño, aparece un prólogo de Camilo José Cela, “Carta a una escritora incipiente”, no que apunta que a prosa de Marisa Pascual “está lleno de encanto, de ingenuidad y de sinceridad”, felicitaa e deséxalle que siga a escribir moitos anos “con la misma lozanía y con idéntico benemérito descaro”. Cita a Miguel de Unamuno, a Paul Valéry e a Cicerón, e repara no misterio e fantasía que caracterizan as trece historias. Alude ás conversas que mantivo coa autora en Iria Flavia (en alusión a cando esta exercía de bibliotecaria na súa Fundación) e pecha o limiar sen querer darlle consellos. A seguir aparecen os trece microrrelatos que tratan o amor e sobre todo o
desamor, aínda que tamén hai homenaxes á avoa e ao pai da autora en “Angelita Rovira Capilla”. A maioría das historias tiran elementos, situacións e personaxes da autobiografía da autora e nelas alternan varias voces narrativas: a primeira persoa en “Esta casa é unha ruina”, un narrador testemuña en “Meigo”, a terceira persoa e o diálogo en “Amor/desamor”, aínda que predomina a primeira persoa, que bebe da propia vida amorosa e persoal da autora quen amosa os reproches a un “pensado innombrable” no relato “Carta sen destinatario” e a máxima “HOMES, PARA QUE? VIVE A VIDA!” coa que remata “Politoxicómana”, o derradeiro relato. Péchase co epílogo “Spes semper tibi sit”, da profesora da Universidade Camilo José Cela Esperanza Robles Sastre. Datado o 18 de setembro de 2002, nel destaca que animou á autora a publicar os relatos pola naturalidade, espontaneidade, axilidade e viveza do seu estilo; porque se identificou coa súa filosofía e sentimentos; porque todos os relatos presentan a figura xenerosa da autora; porque mostra unha experiencia vital e porque, pese á dor reflectida, a autora segue a apostar con valor pola vida. Anima a Marisa Pascual a avanzar, resistir ante os problemas e seguir camiñando para conseguir gañar. Salienta como denominador común do volume o “amor/desamor” pero loitando polo amor, a entrega e a paixón, e afirma que o principal do libro é “Descubrírte es conocernos. Conocernos es atendernos. Entendernos es amarnos y disculparnos”. Remata aconsellándooa e desexándolle que continúe a escribir. A caña do libro e parte da contracapa reproducen o cadro El jardín de las delicias, do Bosco, e conta coas ilustracións interiores en branco e negro da propia autora, feitas inspirándose nos contos de fadas de H. C. Andersen e os irmáns Grimm. A lapela da contracapa achega datos biográficos e unha foto da autora. E na contracapa a propia autora, asinando coas iniciais M. F. P., resume a intención do volume e a estrutura, precisa que non é a súa biografía e salienta o agasallo de contar cun prólogo de Camilo José Cela feito ex profeso para o volume e cun “fermoso” epílogo de Esperanza Robles, formando ambos os dous paratextos un círculo que protexe o volume.

Referencias varias:


Refírese a Para meigo (2009), da escritora Marisa Pascual, como un texto definido entre a novela por entregas e un conxunto de relatos entrelácedos por unha voz que non só ten capacidade de observación, senón tamén a agudeza que permite transmitir moitas inquedanzas que acasan ao ser humano a diario. Salienta que recolle loitas interiores, adversarios non desexados e capacidade de resistencia fronte ás circunstancias adversas, entre outras. Comenta a “mestría” das ilustracións da propia autora. Finalmente, apunta que ao volume “lle sobran” as dúas últimas liñas do derradeiro relato, o prólogo e o epílogo, cuxa presenza atribúe á amizade e á inseguridade da autora ao tratarse da súa primeira obra, xa que o articulista considera que á obra “lle sobra entidade” polo que non precisa da “protección” dos dous paratextos.

“Roteiro” de corente e nove relatos en prosa poética de Carlos Rodrigues Brandão (Río de Xaneiro, Brasil, 1940) que se abre cun limiar intitulado “Sobre eses poemas e lendas”, asinado en Campinas, no que sinales, entre outras cousas, que ao longo dunha semana, andou a súa “Senda da Estrela” entre Ponferrada e Santiago. Refírese tamén a outros lugares nos que viviu a experiencia da súa “Galicia profunda” (Santiago de Compostela, Brión, Santa María de Ons) para xustificar a presentación dos “poemas” e das “lendas” que creou dos mitos que oíu contar e que falan “tanto de Deus como dos homes”. A materia narrativa destes textos nútrese dos elementos da paisaxe e da natureza (o río, a torre, a árbore,...) que, en moitos casos, reflicte unha realidade concreta (o río Tambre, Ons de Abaixo, Altamira ou Bastavales). Destaca ademais a evocación ao mundo da vila na aldea, amosando certa nostalxia polo pasado. Nesta vontade de acha e tradición aproximase, a través de diversas voces narrativas, á cuestións lendarias vincelladas con Galicia. Altérnanse textos de curta extensión (“Bordados”, “Benigno”, “Piñeiro” ou “Liño”) con outros máis longos (“Oficios”, “Salaño Grande” ou “Terra”). Todos levan títulos e hai dous que coinciden no mesmo: “Gaitas”. O volume inclúe nove fotografías, intercaladas entre os textos, que amosan motivos reais da natureza (unha fervenza, un río,...) e teñen relación coas historias que se contan.


Esta novela policiaca de Básico Rodríguez, que se estrutura en pequenos capítulos precedidos dun poema asinado, agás o do capítulo XIII, que se mantén sen firmar, nunha sorte de adiviña na que o autor pretende implicar ao lector ao máximo no proceso de lectura, trata dun asasinato e do que lle acontece aos supostos protagonistas antes e despois do día do crime perpetrado contra o profesor de ximnasia do Instituto da Vila, Bartolomé, o Gafás. Dende unha terceira persoa, nárrase o terríbel suceso: alguén pegou un par de tiros ao profesor, ademais de plantarlle lume ao automóbil no que este se atopaba. A súa incipiente relación coa vida política da vila é quizás un dos motivos polos que atentaron contra a vida deste home. O suposto asasino, Andrés o Brañas, está no cárcere dende que sospeitaron da súa persoa, pois non tivera unha boa coartada, pero el insiste en que non ten nada que ver co crime, que el é completamente inocente. Neste retrato da Galicia de finais dos oitenta e comezos dos noventa, relátase a truculenta situación na que se atopa Andrés, quen dende o cárcere tenta descubrir o verdadeiro culpábel. Cun vocabulario, na súa maior parte, pertencente á xerga da rúa, o Brañas demostra que “a verdade pode prevalecer aínda que a xustiza quede impasible”.


Conxunto de seis relatos de Xosé Luís Vázquez Somoza (Guntín, 1961) introducido por un completo proemio de Xosé Otero Canto no que, ademais de resumir cada un dos seis relatos (“Nube de seda na Lúa”, “A fervenza”, “Río do esquecemento”, “Ponte Cabalar”, “Sr. Manuel de Sanpaio” e “O último barco da tarde”), se achega unha valoración da obra no seu conxunto, destacando a harmonía de fondo e forma, as descricions tan literarias, cheas de metáforas e imaxes, que introducen ao lector na
maxia duns símbolos “posiblemente herdados de Cunqueiro”. Otero Canto tamén atopa que a prosa de Xosé Luís Vázquez Somoza ten moitos elementos poéticos e musicais, salientando asemade a adxectivación por entregas e o postergamento do climax, recurso tomado dos autores decimonónicos. Os relatos resultan heteroxéneos en canto á extensión e temática e mesmo á época na que se encadran, pero destacan certas concomitancias como son o predominio do protagonismo feminino, agás o relato titulado “Sr. Manuel de Sanpaio”, o emprego do narrador omnisciente, excepto no primeiro dos relatos que é un diálogo-monólogo da protagonista, e mesmo a tipoloxía dos relatos, xa que se trata de historias realistas, de ton dramático, a excepción de novo do relato sobre Manuel de Sanpaio. É de destacar o emprego de analepses, estabelecéndose así unha continua alternancia entre pasado e presente, onde o pasado volta ao maxín das protagonistas para lembrar tempos de ledicia e certos temas como as historias de amor truncadas por mortes tráxicas e a soidade das protagonistas.

Tras o título remitido, escóndese o traballo literario que Douglas Adams (Cambridge 1952-Santa Bárbara 2001) dedica a “Jonny Brock, Clare Gorst e vos outros arlingtonianos, polo té, a comprensión e ou sofá”. Éste é un libro no que, como o mesmo autor asegura no prólogo, o lector poderá gozar dunha obra “extraordinaria” desvinculada do ámbito “terrestre”. Un xoves Arthur Dent, ser humano adulto e resignado polo mundo no que lle toca vivir, está a piques de presenciar a destrución da súa casa cando, no momento menos esperado, o seu amigo Ford Prefect sálvalle dunha catástrofe ainda maior: a construción dunha vía rápida hiperespacial obriga a que o Planeta Terra sexa demolido. O protagonista dáse conta, entón, de que o seu amigo non é outro que un extraterrestre con aspecto humano. Como sobreviventes que son, ambos pasan a formar parte dun mundo espacial e futurista, onde a *Guía do autostopista galáctico* será a referencia indispensábel para ir coñecendo a nova contorna; un lugar no que os protagonistas se atoparán cos seres máis extraños: os vogóns; o presidente do Goberno Galáctico Imperial; un cidadán galáctico, “aventureiro, ex hippy, vividor…” de dúas cabezas e tres brazos, chamado Sappo Bebecé; o androide paranoide Marvin; a humana Trillian, unha das poucas que logra salvarse xunto con Dent; o creador de países, o vello Zacaralludo; os computadores Eddie e Pensamento Profundo; e até os ratos Benjy e Franky, unha raza de “hipertelixentes seres pandimensionales” que experimentan con humanos. Todos eles intentarán buscar unha resposta para a gran pregunta que preside a obra: a razón da existencia, da vida…; en definitiva, do Universo.

Referencias varias:


Saliéntase a saída do prelo de diferentes novidades literarias. No que respecta ás editoriais independentes, dáse conta da publicación de *Guía do autostopista galáctico*, de Douglas Adams, unha obra con “caústico humor británico” nos parámetros da ciencia ficción “ao servizo da sátira do noso vivir cotiá”.


Dáse conta da aparición de 2.0, unha editorial que apostá pola combinación da edición tradicional e da dixital. Saliéntase que entre as súas primeiras publicacións se atopan as traducións ao galego *Guía do autostopista galáctico*, de Douglas Adams; e *Sen noticias de Gurb*, de Eduardo Mendoza. Anúnciase que a estas lle seguirán títulos como *O home que era xoves*, de G.K. Chesterton.
Coméntase a decisión de 2.0 Editora de combinar a edición nos novos soportes dixitais coas publicacións tradicionais e dáse conta dos fondos cos que comeza, formados por dúas obras de ficción: *Guía do autostopista galáctico*, de Douglas Adams; e *Sen noticias de Gurb*, escrita por Eduardo Mendoza e traducida ao galego por Antón Lado. Faise eco tamén da publicación d’*O home que era xoves*, novela de G.K. Chesterton, traducida por Marta Verán Pais.

Fálase da presentación de dúas iniciativas editoriais: 2.0 Editora e Acha Escrava. Por unha banda, afírmase que a primeira delas, que aposta pola combinación da edición tradicional e a dixital, escolléu para publicar na súa colección de narrativa “Mundos” *Guía do autostopista galáctico*, de Douglas Adams; e a tradución ao galego feita por Antón Lado de *Sen noticias de Gurb*, unha novela de Eduardo Mendoza. Por outra banda, coméntase que a segunda delas ten como principal obxectivo a promoción do libro galego en galego e o apoio a escritores noveis, razóns polas que apostou para o seu primeiro lanzamento pola segunda edición ampliada do poemaio *Antítese nativa*, obra coa que Manuel L. Rodrigues gañou o XIV Premio de poesía Suso Vaamonde.


Esta novela de José Braga-Amaral (Porto, 1959) narra a indecente e triste historia de Narciso dos Anxos Maquiavel, xornalista frustrado que tenta ascender na sociedade, sen importarlle os medios empregados. A través dun narrador omnisciente en terceira persoa cóntase a fuxida de Narciso de Lisboa a Vila Augusta, onde traballará no concello como asesor para manter informado de todos os movementos ao cóengo da vila. Ali coñecerá a Rafael de Noronha, empregado de banca, escritor anónimo que se converte no seu axudante. O que non se sabe, até xa avanzada a novela, é o seu directo vínculo coa morte do primeiro ministro portugués, o caso Alcabideche, algo que confesa a unha das diversas prostitutas que frecuentaba. A pesar disto e das continuas aventuras, convencera á súa ex muller para que fora a Vila Augusta con el e á vez encaprichárase coa Emília, a muller de Rafael, á que intenta levar á cama, mentres este permanece totalmente enganado e contento polo libro que Narciso consigue que lle publiquen. Cun estilo característico e moi literario, Braga-Amaral relata cómo Narciso se entera de que van reabrir o caso Alcabideche, polo que escapa de volta cara o sur, por acosador, indecente e traidor e remata por suicidarse dun tiro, non era quen de soportar a presión da súa vida deshonesta.

Esta novela de William Hope Hodgson (Essex, 1877-Bélxica, 1918) está precedida por
una introducción del traductor Tomás González Ahola na que se laia da pouca recepción
da obra deste autor, a pesar de ser o pai do terror cósmico, xa que xoga cos medos do
lector e o sitúa noutra realidade dun xeito maxistral, e tamén destaca o feito de que A
casa no confín fora adaptada a novela gráfica en 2003. Comeza cunha referencia
concreta ao eixe da novela, ao manuscrito descubierto en 1877 por Tonnison e
Berreggnog nunhas ruínas ao sur da aldea de Kraighten, en Irlanda. A continuación o
autor dedica un poema a unha introdución na que interpela directamente ao lector, explicando que quere que experimente diversas emocións coa
lectura do manuscrito, con esta novela. Estrutúrase en vinte e seis capítulos seguidos
dunha conclusión e un poema final denominado “Pesar”, no que o editor nunha nota
explica que son varias estrofas escritas a lapis na parte traseira do manuscrito. O
narrador conta en primeira persoa que, xunto co seu amigo Tonnison, vai de vacacións
paro pescar a Irlanda, a pequena aldea de Kraighten. Un día nunhas tétricas e
misteriosas ruínas preto dunha fervenza descobren un manuscrito cun estraño relato: “A
casa no confín”, que se relata de novo en primeira persoa entre os capítulos dos e
vinteseis. No manuscrito o narrador é un home vello que vive coa súa irmá e cun can
chamado Pepper que explica que o 21 de xaneiro aparecen resplandores estraños e é
arrastrado a viaxar entre as montañas cara a lugares descoñecidos nos que ve deuses e
monstros e incluso o sistema solar. Vanse sucedendo historias tenebrosas como o feito
de descubrir horribles criaturas con forma de porco no xardín, bestas que chegan a
atar a casa e que parecen habitar nun pozo subterráneo proxímo e que o narrador sexa
arrastrado até que chega ao Mar do Sono, onde descubrirá a un ser que denomina a súa
amada. No capítulo catorce insírense dúas páxinas denominadas “Os fragmentos (As
partes lexíbeis das follas mutiladas)” nas que continúan as sensacións do home nesa
trece poluo universal e nalgúns capítulos seguintes, inclúense notas do editor en
referencia directa ao manuscrito. Despois no capítulo quince, localizado en novembro, o
home ve un resplandor e despois caen a Lúa, as estrelas, a neve, e incluso o seu can
convértese en cinza. Todo é vello, incluso el mesmo; o mundo está sumido nunha
escuridade fría e angustiosa, e o Sol morre, é a fin do sistema solar, a Chaire de
Silencio. Semanas despois unha mancha luminosa ataca o angustiado protagonista
facéndolle unha ferida que se agranda cada día máis e máis e o manuscrito remata. Na
conclusión dáse un salto ao comezo da novela cando o narrador e Tonnison rematan de
ler o manuscrito. Indagan sobre a historia e un veciño conta que nela vivían un home e
unha muller maior e un día todo desaparecera. Os protagonistas abandonan a aldea de
Kraighten para non volver nunca. A linguaxe é sinxela e o rexistro neutro e no estilo
primario a narratividade aínda que se recolle en todo momento con moito detalle as
emocións do personaxe principal en canto aos acontecementos: o seu medo, angustia e
terror, e as constantes interrogantes que os acontecementos lle crean.

Le Fanu, Sheridan, Nun vidro misterioso (In a glass darkly, 1872), introd. e trad.
Tomás González Ahola, Santiago de Compostela: Urco Editora, col. Urco gótica, n.º 6,

Primeiro dos volumes recompilatorios da obra de Joseph Thomas Sheridan Le Fanu
(1814-1873) no que se inclúen os relatos “Té Verde” e “O Cuarto do Dragón Voador” e
que conta cunha subvención á tradución da Xunta de Galicia. Na introdución o tradutor
Tomás González Ahola destaca a importancia do autor e fala da figura do protagonista,
o médico e metafísico alemán Martin Hesselius. “Té Verde” é un relato narrado en
primeira persoa que contén un prólogo, dez capítulos e conclusión. No prólogo un discípulo de Martín introduce o personaxe e fala dun manuscrito escrito polo médico que será o relato dos seguintes capítulos. Martín Hesselius narra en primeira persoa o caso do reverendo Jennings quen, desde hai tres anos e tras inxerir moito té verde polo traballo, sofre a presenza dun monstro con forma de mono que incluso lle fala. O doutor non tivera ocasión de tratar pero este caso sérvelle de exemplo a Van L., un paciente a quen escribe na conclusión e noutros momentos do relato e que está empezando a tratar. “O cuarto do Dragón voador” estrutúrase nun prólogo e vinte e seis capítulos. No prólogo comenta que este caso é un ensaio do doutor Martín Hesselius sobre a droga na Idade Escura e na Idade Moderna e inclúe moitas citas de textos medievais. De feito na historia inclúe referencias continuas a sucesos e costumes da época. O relato comeza narrando en primeira persoa, con algunhas interpelacións ao lector, o que lle acontece ao protagonista, Richard Beckett, cando viaxa de Bruselas a París en 1815. Na pousada A Belle Étoile verá por primeira vez a condesa St. Alyre, de quen queda namorado. Ao visitar Versalles alóxase no Dragón Voador, cuxo dono é o conde St. Alyre. Ali cóntanlle historias sobre as desaparicións dos hóspedes anteriores na súa habitación, ao mesmo tempo que coñecerá persoalmente a condesa e intentará fuxir con ela sendo testemuña directa dos segredos que encerra o Dragón Voador e a propia condesa.


Segundo dos volumes recompilatorios da obra de Sheridan Le Fanu (1814-1873), que conta cunha subvención á tradución da Consellería de Cultura da Xunta de Galicia, que se inicia coa mesma introdución do tradutor Tomás González Ahola do primeiro volume, na que destaca a importancia do autor e anuncia os relatos incluídos, tres casos do profesor Hesselius: “O familiar”, “O Xuíz Harbottle” e “Carmilla, unha historia de vampiros”, historia que inspirou *Drácula*, de Bram Stoker, algo que sinaña González Ahola na introdución a este segundo volume. O fío condutor de todas as novelas curtas é o profesor Martín Hesselius, médico alemán especialista en medicina metafísica. Trátase de tres historias de misterio e pantasmas nas que fala o editor das mesmas, despois do falecemento do doutor Hesselius. Na primeira, “O familiar”, o venerábel crego irlandés Barton sufre as visitas dun espíritu maligno que o ameaza coa condena eterna. “O xuíz Harbottle”, pola súa parte, padecía alucinacións que o levaban a tomar a irrevogable decisión de suicidarse. “Carmilla” relata o caso de vampirismo dunha nena que resulta ser, finalmente, a mesma condesa de Karstein, falecida moitos anos atrás.


Novela de Abraham Merrit (Beverly, New Jersey, 1884-Indian Rock Keys, Florida, 1943), que recibiu unha axuda da Consellería de Cultura, introducida por Tomás González Ahola, quen interpreta o seu peculiar estilo narrativo, tan descritivo, como a principal causa do abandono e posterior esquecemento da súa obra. Ademais, o tradutor comenta por riba a vida do autor, quen vivía moi ben grazas ao seu labor como xornalista, un dos mellores pagados da época, e recorda igualmente o impulso que levou
á editorial a publicar a este autor e a outros do estilo: “reivindicar a memoria de aqueles aos que a cruel ferocidade da historia deixou inxustamente atrás”, en particular desta obra, clásico do xénero da ciencia ficción pulp. Merrit, en primeira persoa, explica no prólogo á obra de que a mesma narración caeu nas súas mans sen coñecer o seu narrador, o doutor Walter Goodwin, quen se agacha detrás dunha primeira persoa narrativa. Este, xunto co seu criado Chiu-Ming e dous ponis que cargaban coa equipaxe, embárcase nunha aventura ambiciosa e cargada de perigo que os levará por terras perdidas entre os picos do Trans-Himalaia, onde descobren algúns dos maiores segredos do planeta Terra, cousas inxuribles nunca antes vistas polos humanos. O misterio máis abraiante co que se atopan é Norhala, unha estraña muller que os guía cara a unha cidade chea de criaturas de metal. No camino coñecen a outras persoas interesadas na ciencia que os acompañan, nunhas andanzas arriscadas nas que descobren ese mundo impresionante, descoñecido para eles, no que habita o monstro metálico. Finalmente morre Norhala, e o mesmo monstro remata queimándose por un cortocircuito. Despois da aventura volven a América, a súa terra. O deseño da cuberta, de Paulo Rico Páinceiras, ten unha fotografía cunha imaxe en azuis de pezas mecánicas, engranaxes e parafusos que remiten visualmente ao que indica o título.


Novela fantástica de William Morris (Clay Hill Walthamstow, Inglaterra, 1834-1896), traducida ao galego grazas a unha subvención da Consellería de Cultura e Turismo da Xunta de Galicia. Comeza a historia, narrada en terceira persoa, despois dunha breve introdución do tradutor. Ao protagonista, Walter, a vida non lle vai moi ben. Entérase de que a súa muller élle infiel e decide embarcar nun dos barcos de seu pai para percorrer os mares e buscar aventuras. Desexa atoparse cuns seres descoñecidos aos que vira xa en varias ocasións en Langton on Holm. Un bo día, o barco perde o rumbo por unha tempestade e é empuxado cara a unha terra verde e fantástica, fóra do normal, na que existían pasos entre as rochas e habitaban seres extraordinarios. Ali, Walter vaise atopando coas tres criaturas que vira lonxe daquela terra estrexña: o anano, a doncela e a señora. Cada un deles vaille explicando a historia daquela terra tan verde e o que os levou ali. A realidade era que a Señora mandaba e ordenaba todo e era a que fixera que Walter chegara de súpeto ali, a hospedarse na súa casa, na Casa Dourada. Quere a Walter soamente para ela, e non sabe que este fala ás agachadas coa doncela, planeando unha inminente fuga. Cun plan moi ben meditado, conseguen escapar, pero teñen que pasar antes polas terras altas onde habitan os homes-oso. Ela pensa que a única maneira posible para que aquelas criaturas os deixen marchar libres é facéndose pasar pola súa deusa. E así foi, conseguen escapar e chegan por fin á cidade da Muralla Agreste, onde as xentes os toman por reis. Finalmente ali quedan e naquela terra marabillosa viven felices coa súa descendencia.

Novela de Edith Wharton (Nova Iork, 1862-Saint-Brice-sous-Fôret, 1937), introducida por Patricia Fra López, profesora de Literatura Norteamericana na Universidade de Santiago de Compostela, quen recolle a vida e a obra de Wharton, salientando que foi gañadora do Premio Pulitzer en 1921 con esta obra; así como unha cronoloxía e unha detallada bibliografía seleccionada da produción da autora, dividida por xéneros; a bibliografía secundaria citada e páxinas web en relación coa autora. A seguir reproducéase a novela, dividida en dous libros e estes en trinta e catro capítulos, intitulados e narrada cun estilo sinxelo onde abondan as descricions costumistas. Nela retrátase o ambiente da alta sociedade neoiorquina de finais do século XIX a través do tríángulo amoroso formado por Newland Archer, May Welland e Ellen Olenska. Archer, avogado pertencente á clase aristocrática de Nova York, comprométese con May Welland, moza pertencente á súa mesma clase social e que semella reunir todas as virtudes que debe ter unha muller da sociedade vitoriana (inocencia, beleza e dependencia do home) aínda que, ao tempo, se sente atraído pola curmá desta: a Condesa Ellen Olenska, unha muller mundana e excéntrica de formación europea e pasado escuro que achega un sopro de aire fresco ás opinións de Archer ao tempo que o fai cuestionarse o seu rol nesa sociedade convencional e endogámica. O tempo é lineal, aínda que o último capítulo fai un salto de trinta anos para explicar unha historia que quedara exposta dun xeito tan sutil que daba pé a varias interpretacións da mesma. Ofrécese unha imaxe contraposta da sociedade americana, convencional e rutinaria, fronte á europea, libre e independente. Respecto aos retratos dos personaxes principais, salientan as contradicións do personaxe masculino e os dous arquetipos femininos, cada un deles representa un grupo de valores que se corresponde co cambio cultural e ideolóxico desa sociedade finisecular.

Recensións:


Coméntase esta novela escrita por Edith Wharton e traducida ao galego por María Fe González Fernández. Saliéntase que foi gañadora dun premio Pulitzer, que se trata dunha obra accesíbel a calquera tipo de lector e que versa sobre o tópico do tríángulo amoroso. Sobre a considerada discípula de Henry James afírmase que aproveita a perixeapa para transformar ese argumento nunha “lúcida e irónica disección das elites neoiorquinas” de finais do século XIX e tamén nun estudo sobre “as consecuencias das interaccións entre a vida social e a existencia individual”. Sinálase que Wharton non só relata a agonía da pseudoaristocracia de Nova York, ameazada polos novos ricos que acaban por impoñer os valores monetaristas, senón que tamén fala do conflito entre os principios americanos e os europeos e a isto engade a recreación dun mundo no que os bos modais conseguem reprimir a espontaneidade. Destácase tamén a ironía que conduce a narración a un final convencional que revela o conformismo co que se enfronta a pugna entre a vida interior e a social. Finalmente, citase outra novela súa titulada The House of Mirth Ethan Frome, que coincide con A idade da inocencia na súa combinación de entretemento e intelixencia.

Referencias varias:

Retrátase a vida e a produción literaria de Edith Wharton, escritora norteamericana que fixo dúas veces o Camiño de Santiago. Sinálase que que plasmou esta experiencia no manuscrito titulado Back to Compostela. Fálase, tamén, da presentación da tradución ao galego da súa novela A idade da inocencia prologada por Patricia Fra. Ademais, citase a súa autobiografía Una mirada atrás.


Recompilación de contos que contou cunha axuda da Consellería de Cultura na convocatoria para o ano 2008 e que se abre cunha introdución do tradutor, Tomás González Ahola, na que indica que este libro é unha desas rarezas que un se atopa de cando en vez e sorpréndese de que non fose traducido até despois dun século da súa publicación. Coméntase que Thomas Wentworth Higginson (1823-1911) foi coñecido pola súa faceta política e militar no seu país e que foi testemuña directa das transformacións dos Estados Unidos de América, como a Guerra de Secesión na que participou e apoiou os dereitos dos negros. Saliéntase que no aspecto literario este autor mantivo unha relación espistolar coa autora Emily Dickinson e que esta obra non pretende ser unha antoloxía de contos curiosos, xa que tamén ten unha importante compoñente de erudición. Son de destacar as notas que aparecen ao final do volume coas fontes bibliográficas de cada unha das historias. No prefacio menciónase a Hawthorne e ao seu Libro das Marabillas, no que describe os mitos e tradicións gregas e considérase que ninguén antes tivo a idea de reunir os contos de máis de mil anos sobre as illas do Atlántico, que tiveron que formar parte do período mítico da historia americana por mor das travesías marítimas dos visitantes para chegar até o novo continente. Asemade, opinase que o mar sempre foi unha fonte de misterio cos seus temporais e tempestades, unha perfecta atmosfera para o mundo da narración. Dise na introdución que hai grupos de illas dispersas polo océano tropical, de illas que desaparecen e volven aparecer, etc. A orde dos contos vén dada pola proximidade ás costas europeas e logo aquelas que como San Brandan ou antilla, adxudicanse ao mar aberto e por último á costa de América. Cada un dos contos ten unha referencia a unha lenda verdadeira, seguida máis ou menos de forma literal, e as fontes atópanse no apéndice. É de destacar o detalle de que algunhas destas illas imaxinarias se mantiveran nas cartas mariñas do almirantazgo británico até hai un século.
XII.2. POESÍA

XII.2.1. POETAS GALEGOS


Poemario de Carlos Arias que se abre cunha dedicatoria persoal á que lle segue unha longa “Introducción”, asinada por Xesús Manuel Valcárcel, na que se reflexiona sobre o cambio de paradigma defendendo, a modo distendido, o “sentimental_ismo”, unha proposta de cambio na literatura e nas artes, como movimento poético e revolucionario, a través dun *rebelde stil nuovo* co que combater a “verbofaxía dunha parte da poesía actual”. Nos últimos parágrafos do texto, afirma que Carlos Arias adopta unha visión persoal, “allea por completo ás modas literarias”, afirmando que se trata dunha poesía sintética, “esencial, celsmase e suxestiva”, cuns temas próximos á filosofía. Xa que logo, trátase dun poemario intimista, onde o eu lírico evoca o pasado vivido coa dor que lle provoca o presente cotiá “da claridade”, sometido á ausencia, ao tempo vivido da infancia e ao amor. Estes alicerces do poemario fan aflorar sentidos onde abundan os aspectos negativos da existencia, de aí a constante presenza do sangue, do frío ou da mágoa. Cara a metade do libro, apréciasma mais a presenza doutros elementos para expresar a dor, como son os da natureza e o uso da simboloxía do mar, onde o barco representa a singradura vital da voz poética. O estilo do poemario destaca pola súa aparente sinxeleza, ausente de ornamentos, e de igual modo polo verso libre das composicións, presentes sen título, agás dous delas: “Museo” e “Insomnio”.

**Recensións:**


Refírese á publicación do poemario de Carlos Arias, de quen se informa que ten unha “longa carreira literaria ás súas costas”. Alúde as palabras que Xesús Manuel Valcárcel asina na introdución do libro nas que opina que ler a Arias é como atopar un “paraíso de sonoridade e beleza que non esconde a traxedia humana”. Considérase que esa transcendencia que hai nos versos está pegada á terra e vencellada ao mundo dos soños que “quere crer posibles”. Reprodúcense para rematar algúns versos e incídese na idea que estamos ante un “extraordinario poeta na súa habitación propia”.


Nova entrega da serie recompilatoria de diversos fragmentos en prosa e composicións poéticas que Xosé Soto Rodríguez (Xosé de Arxeriz) deu ao prelo no mes da seitura, como ben indica no colofón. Tras unha dedicatoria á memoria de seu pai aparece un limiar no que expón algunas aclaracións ao respecto de certas cuestións, como o seu
emprego dun galego fortemente diferenciado, como intento persoal de restaurar a cultura galega tradicional; o enfoque bilingüe dado ao volume, de dobre carácter práctico e ideolóxico, co obxectivo de facer ver que o castelán e o galego son dúas linguas igualmente válidas e de uso común en Galicia e a fe na loita dos ecoloxistas e na igualdade de xénero. Despois dunha cita de Cioran e outra súa, aparecen os primeiros sete fragmentos en prosa de temática variada sobre informática, economía, a Cidade da Cultura compostelá, deportes, a koiné e política, seguidos dunha ilustración que dá paso ao poema “Fume”, seguido doutros seis textos en prosa. Cada un destes textos ou fragmentos vén conformado por unha serie de breves parágrafos separados entre si por marcas tipográficas que indican o remate dun pensamento ou idea e o comezo doutro. Despois aparecen seis novos fragmentos sobre os inimigos, a relixión, un conto moi breve intitulado “Aconteceu en Iásnaia Poliana”, sobre o que lle aconteceu a un galego e un musulmán, un haiku sobre o sentido da vida, a imaxinación e o recordo e a independencia de Portugal. De novo dúas ilustracións en tinta negra, introducen cinco fragmentos ao redor de persoeiros como Dadá, Démeter ou Napoleón e tres poemas: “Antollo”, sobre a esperanza; “Serán en Arxeriz”, que describe a paisaxe da súa terra na noitiña e outro sen título, tamén sobre a paisaxe. Logo sucedese seis textos sobre o mecanismo, un microrrelato, a filosofía, a obra de arte, a eternidade e un poema, “Silvesternacht (Tanka)”, sobre a Noite de San Silvestre; cinco fragmentos en prosa encol do marxismo, a realidade, a ditadura do mercado e un haiku sobre o valor do diñeiro; catro textos, sobre nacionalismos, ictiosaurios, estudiantes parisien ses de 1968, a teología da imaxe e dous poemas, “Pátina”, que loa a Giorgio Morandi e a súa arte, unha serie de cinco textos en prosa sobre feitos históricos, Cristo sendo inmune á tentación, a verdade e o poema “Tántalo” sobre o personaxe mitolóxico homónimo; e outros cinco textos en prosa de temática variada xunto co poema “Refugallos”, sobre a morte e o poema “Xacarandainas”, que describe un busto e dan paso a cinco fragmentos sobre Galileo, Haille, os teólogos, Juan Rulfo e un haiku e un tanka sobre a noite. Logo aparecen seis textos en prosa encol da forma da mensaxe, Odiseo, as matemáticas de Tycho Brahe e o poema “Desamparo”, sobre a anguria e a soidade. Continúa a recompilación dunha serie de textos sobre a estupidez humana e o homem na sociedade e dous poemas, “Fabel...? Pois non”, sobre o pintor Mark Rothko e “Once ‘Eme”, sobre o acontecemento homónimo; oito fragmentos en prosa sobre Borges, a fraxilidade do amor, as Memorias de Azaña e tres poemas, un haiku e un tanka sobre o ceo azul e o sol e “Peche”, unha composición que de feito pecha o volume, sobre a morte e o que supostamente vén despois.


Ramón Caride Ogando (Cea, Ourense, 1957) presenta neste volume unha serie de composicións poéticas ao redor da cuestión paisaxística inherente ao ser humano e ao mundo que lle abeira. Abre o poemario “A universalidade do regreso”, un apuntamento de Leonardo da Jandra, no que, tras sinalar a súa oposición perante a “prohibición” de que os rapaces publiquen poesía, profunda no enxebrismo que despede a poesía carideana e alude á poesía de Walt Whitman, Rosalía de Castro e José Martí, nos que a natureza se converte no tema central. Estruturan o volume tres eixos, o primeiro dos

Recensións:


Tras mencionar o volume As máscaras de Cronos (2006), coméntase o poemario Criptografías, de Ramón Caride Ogando. Subliñase primeiramente a liña temática para despou describir a súa estrutura en dúas seccións e os seus respectivos contidos. Da primeira saliéntase o fío argumental ao redor da paisaxe, mentres que da segunda, intitulada “Viixes e miraxes”, destácase a mestura de paisaxe e mirada. Alúdese finalmente ao misticismo inherente das composicións poéticas que recolle o volume, ao prólogo de Leonardo da Jandra e ao epílogo de Darío Gancedo, subliñando ademais que moitas das composicións son descritivas “emanando deles o fogonazo lírico”.


Comenta o acto de presentación en Nova York do poemario de Ramón Caride Ogando, Criptografías, editado en 2009 por Follas Novas. Destaca o seu limiar a cargo de Leonardo da Jandra e ao epílogo de Darío Gancedo, así como a súa liña temática e a versatilidade do seu estilo poético. Conclúe cunha referencia ao espazo e marco temporal no que se engloban os poemas do volume.

Referencias varias:


Poemario de Rafael Pintos Méndez (Pontevereda, 1964), coñecido co pseudónimo Vladimir Dragossán, que toma como título o da ópera cómica de Richard Strauss e inclúese dentro do movemento do romanticismo negro, propio da literatura neogótica, e que contén cincuenta e cinco composicións de temática fundamentalmente amorosa. Comeza cunha “Introducción” (pp. 5-13) de Xesús Manuel Valcárcel na que propón unha crítica ao mercantilismo actual destacando a importancia daquela literatura que en contra dos cánones impostos polo “poder do mercado”, se basean nunha “teoría de liberación” en busca da formación de “cidadáns críticos”. A extensión dos poems é variada e inclúe entre as súas composicións haikus. Emprega unha linguaxe negativa vinculada á escuridade e a morte. Entre as temáticas abordadas atópanse a búsca interior, a reflexión ao redor das paixóns humanas e a exaltación do amor.


Poemario musical de Rosalía Fernández Rial (Muxía, 1988) que resulta comprensíbel aínda que non se posúan coñecementos musicais e no que se explica como escoitar as noites e aprender a descifrar as súas tonalidades. Iníciase cuns versos nos que a autora aposta por compartir e soñar pentagramas e estrutúrase nunha “Obertura” na que presenta un espertar nocturno no que o eu nota a soidade e no que lembra noites que se corresponden coas partes nas que se distribúen os pulsos do bloque central: “Maiores”, marcadas pola “alegría de vivir”; “Menores”, co peso da nostalxia pasada; “Diminuídas”, debido á “tensión persecutoria do desagrado”; “Disonantes”, por mor da demencia e discordia das notas; e “Silencio”. Os pulsos vitais do bloque central correspóndense cos cinco tipos de noite nas que se perciben bailes, historias secretas e partituras que lle serven á autora para recrear en compases binarios “as cadencias incompletas da nocturnidade”. Así, nos pulsos de “Maiores” a autora reivindica a liberdade e a necesidade de “bailar a vida” e de darse conta de que na terra tamén existen a compaixón e o amor; nos de “Menores” o eu poético déixase levar pola nostalxia da noite e réndese ao blues e o son do saxofón para expresar a súa agonía e soidade e a necesidade de parar aínda que non consigue recuperar o compás do tango; nos de “Diminuídas” entona unha fuga para tentar recuperar a vida; nos de “Disonantes”
déixase levar polos sentimentos fundamentalmente amorosos que lle produce a noite, ao son do acordeón e do contrabaixo; e nos de “Silencio” debátese entre “o silencio das noites de verán” e os acordes do jazz, do “compás en branco no pentagrama da vida” para marcar “o ritmo dun corazón enmudecido”. Pécanse cunha “Coda: cinco posibles finais” xa que “as partituras da escuridade rematan como o músico queira acabar”, de aí que proponha en “Maiores” un final no que indica que o único importante da vida é “ser feliz”; no que precisa a súa incapazade de rematar as cancións en “Menor”; no que busca dunha “escala pola que fuxir” en “Diminuído”; e no que sente o silencio como cura do “cancro da palabra” mentres quere despedirse do seu amado e agardar a “DOBRE BARRA FINAL”. O poemario completase coas ilustracións de Mon Lendoiro na portada, na contraportada, no comezo de cada parte do poemario e nas páxinas impares acompañando aos pulsos, presentados nas páxinas pares.

Referencias varias:


Entrevista a Rosalía Fernández Rial para falar do seu primeiro libro En clave de sol, publicado pola Asociación Lumieira e ilustrado por Mon Lendoiro, do que di que é un poemario musical que ensina as cinco tonalidades nocturnas en que entoa os seus versos. Así, afirma que as composicións “maiores” son alegres, bailábeis, como unha noite de troula; as “menores” son melancólicas, tristes, máis intimistas; as “diminuídas” intéganse dentro dun ambiente persecutorio, tenso e angustioso; as “disonantes” caracterízanse polo delirio e a paranoia e as “silenciosas” permanecen caladas.

Considera que o afán de liberdade está moi presente no libro e que ten unha dimensión individual, que aspira á emancipación do propio ser, e outra colectiva, na que se reivindica a unión social para loitar contra o individualismo; así, dependendo do tonalidade, a vontade de liberdade pode estar expresada con optimismo ou con desesperación. Comenta que a incomprensión, a escuridade e o medo provocan que o individuo se sinta perdido, que se peche e se ille, pero non hai saída porque dentro del tamén hai monstros. Sinala que unha das intencións do poemario é encher o baleiro existencial coa música, pero que hai diferentes tonalidade polo que na “obertura” se presenta o “abismo da nada depredadora” e a coda ofrece cinco posíbeis saídas a esta circunstancia. Finalmente, salienta que é un libro accesíbel e que naceu da súa necesidade de expresión e transmisión de sensacións dende diferentes perspectivas.


Volume que recompila toda a produción poética en castelán e galego de Xosé Luís García Mato (Vilalba, Lugo, 1924-1980), dispersa até o momento en distintas revistas e xornais como El Progreso e El Eco de Villalba. Está dedicado a “Nita, Toni, Lupe, Inés, Luz e Vicente meus irmáns, os melloadores poemas do meu pai. Co meu amor. Lis” e conta cun “Limiar” (pp. 134) de Darío Xohán Cabana no que apunta datos biobliográficos de García Mato e analiza os trazos esenciais da poesía deste autor chairego, destacando tres liñas poéticas: a continuadora das formas oitocentistas, a influencia da escola de Luís
Amado Carballo e a presenza do neotrobadorismo. Xohán Cabana remata o seu limiar reproducendo o “Pranto por Xosé Luis García Mato” que lle escribiría a seu amigo o mesmo ano da súa morte. O volume estruturase en dous bloques: o primeiro deles, “Poesía escrita en castelán”, que recolle os poemarios Versos viejos. Versos para el amor perdido (pp. 17-47), que conta co “Prólogo para muchachas” do propio García Mato no que explica que este poemario o compuxo movido por un amor adolescente, sen cinguírse ás normas académicas e agardando que sexa do agrado das “muchachas en flor”; Versos jóvenes. Cantos de plata y de cristal (pp. 49-64); Palabras para una muchacha (pp. 65-104), cun “Prólogo” do autor datado o 28 de xullo de 1971 no que formula preguntas retóricas á súa nai; Vidala de “Uila Alua” (pp. 105-109); e Poemas del hombre solo (pp. 111-169). O segundo bloque do volume, “Poesía en galego”, está composto polos poemarios Canciós do lume novo (pp. 173-226), ao que precede o “Pranto por Xosé Luis García Mato” que lle compuxo Manuel María; Canciós sinxelas (pp. 227-249); Romance fondo e longo (en nove cantos) de lendas da Terra Chá (pp. 251-267); Terra Chá, meu amor. Poema feiro en seis tempos prá Chá, que nos deu o ser (pp. 269-284); Verbas pra unha rapaza (pp. 285-330); Poemas de min pra vós (pp. 331-384); Poemas de min pra tí (pp. 385-409); e O libro de Helena (pp. 411-514), antececedido por unha cita de Bertolt Brecht tirada de Canciós dos poetas líricos e un “Limiar” do propio autor datado en Vilalba, o 27 de xaneiro de 1976, precedido dunha cita de Homero tomada de “Himno ás Musas” no que cualifica a Helena como a “MULLER”, o “IDEAL”. Cada un dos dous bloques remata co apartado “Notas”, da man de Xosé Luis García Ferreiro-Lis, fillo do poeta e promotor deste volume, datadas en xaneiro e febreiro de 2005, respectivamente a produción poética en castelán e a galega. Neste apartado acolle a data de composición e publicación de todos os poemarios e a súa estrutura.

Recensións:


Comeza apuntando datos biográficos de Xosé Luis García Mato antes de se adentrar nas características que presenta a edición da súa Obra completa. Recolle que a obra “máis emblemática” en galego é, segundo Dario Xohán Cabana, O libro de Helena, poemario que como apunta o fillo do escrito, Lis García Mato, naceu da amizade de seu pai con Helena Villar. Destaca deste poemario o “pálpito dorido”, a “nudez vulnerada”, o “ton tremente e melancólico” dun poeta que testemuña e medita sobre a morte e pensa que xa non é posíbel “o soño amoroso e salvador”. Apunta o labor de Lis de reunir, ordear e publicar toda a poesía de seu pai, ademais das notas informativas nas que achega “datos e indicacións puntuais” para trazar a traxectoria de García Mato, un poeta próximo a poetas lucenses da súa época aos que estivo unido “literaria e afectivamente” nos anos cincuenta e sesenta como son Manuel María, Uxío Novoneyra e Arcadio López-Casanova.

Referencias varias:

Dáse conta da presentación no Centro Cultural e Recreativo de Vilalba da *Obra completa* de Xosé Luís García Mato, dous volumes nos que se recolle a súa obra poética e narrativa recompilada polo fillo do autor. Recóllense as palabras dos participantes no acto, nas que salientan o amor do creador pola escritura e a importancia do legado cultural para o seu pobo dun dos animadores e defensores da cultura lucense. Saliéntase tamén a recollida que o autor fixo de lendas e historias da comarca. Explicase que o volume de poesía está prologado por Dario Xohán Cabana, mentres que o de prosa por Agustín Fernández Paz e Bernardo García Cendán.


Poemario de Xosé Otero Canto (Ponte de Outeiro-Castro de Rei-A Chaira-Lugo, 1951) que comeza cun “Proemio” da autoría de Xosé Luís Vázquez Somoza intitulado “Un mar irrepetible”, no que se fai unha extensa e pormenorizada explicación da obra e do seu tema central, o mar de Benquerencia, paisaxe que fai “volver os ollos atrás e subir a bordo do pailebote Constantino Candeira canda Manuel Antonio”. Tras establecer esta relación entre ambos autores, Vázquez Somoza procede á comparación entre *De catro a catro* (1928), principal poemario de Manuel Antonio, e *Arelas de prata e soño*. É unha vez marcados os puntos en común e as diferenzas existentes entre o mar de cadanseu poeta, Vázquez Somoza analiza a fragmentación tripartita da obra, división da que afirma que “responde a enfoques distintos e complementarios que nos presentan o mar de Benquerencia visto polos ollos namorados do poeta”. Posteriormente analízase nesta introdución unha serie de aspectos moi presentes nos versos de Xosé Otero coma a paisaxe mariña que “enche de color os seus espazos” ou o amor que “reclama para si algunhas das páxinas máis fermosas deste libro”. Finalmente o prologuista remata a súa intervención ao redor da idea de que o autor vilalbés “confirma con esta obra a súa madureza poética”. A continuación sucedéntese os múltiples poemas que conforman esta peza lírica estruturados en tres apartados: “Tecedeira de soños”, “Emerxen do fondo do mar” e “Apertando esperanzas…pisadas na area”. O denominador común do primeiro grupo de composicións é a presentación do mar como unha fonte de beleza. Fálase dun mar polisémico que balea “o son do ruido das ondas que move o vento” en “Benquerencia(no) mar”; dun “mar dócil, mar manso, mar sosegado” en “Mar xirifeiro”; ou dun mar cuxas ondas “debuxan firmas no papel da praia” en “As parénteses das ondas”. Xa no seguinte conxunto de composicións, o mar abórdase como unha forza da natureza poderosa e indestrutíbel. Por exemplo, no poema “Galeguidade” o autor cualifica a este elemento da natureza de “necrópole de antigüidade de galegos e gregos e non reconocidos”, mentres que en “Erosión” dixérase entrever a súa crueldade ao manifestar que “non ten présa porque come deseguido, necesita o xusto, e aínda que non o penses ou non o vexas, séguese rindo docemente”. Finalmente en “Apertando esperanzas…pisadas na area” Xosé Otero dá cabida a un dos temas universais da poesía: o amor, con títulos tan suxestivos coma “Se ti me faltas”, onde o eu lírico se imaxina qué facer no caso de perder ao seu amor; “Xuntamos as mans”, versos que describen a devandita acción; ou “Roubadora de soños”, poema no que se trata o amor coma unha perturbación. Nestes títulos, e en todos os restantes da última parte, o mar non desaparece en ningún momento posto que fica presente baixo o protagonismo do amor. O último poema, “Despedida”, supón un adeus ao mar do verán que dá paso, á
par, a un mar que “recobra a praia alugada ós bañistas e imponlles un tributo de auga inesperada”. O autor despídese do seu “benquerido” mar cun “Ímonos, querido verán”.

Recensións:


Describe a recopilación de poemas da autoría de Xosé Otero Canto, editada no ano 2008 polo Instituto de Estudos Chairegos. Destaca, logo de explicar brevemente o seu fío argumental, a temática encol do mar e a súa estrutura circular, así como a riqueza léxica.


Poemario de Celia Parra (Ourense, 1990) dividido en tres seccións ben diferenciadas: “1. A memoria… (ou esa estranxa habilidade para durmires na miña mente)”, “2. …é un preludio…” e “3. …do esquecemento (o meu lugar está lonxe de ti, no berce das mareas)”. A primeira, composta por oito poemas en versos libres, encabezados polo número romano correspondente e sen título, constitúe a lembranza dun amor do pasado e do abandono sufrido. A segund está formada por trece composicións tamén en versos libres, encabezadas por números romanos e sen título. Nela realizase unha análise de diferentes momentos desa relación imposíbel que se lembra con certa nostalgia do que puido ser e non foi, a través de múltiples referencias musicais. A última sección consta de cinco poemas coas mesmas características formais que os anteriores. Neles expresase o anhelo de liberarse da dor polo fracaso amoroso e, así, podemos ler: “E por fin, / chegar a porto. / Descubrir a calma,”/ o ventre húmido do silencio/ no berce das mareas” (XXIV)”. Nunca clara alusión ao título da obra resume o momento ao que se desexa chegar, o do esquecemento dese amor contrariado e a vivencia do presente solitario.

Recensións:


Faise un repaso polos premios alcanzados por Celia Parra e menciónase o importante labor da Editorial Fervenza como soporte editorial para dar a coñecer a varios autores. Destácase a solidez deste breve poemario, o primeiro que se publica da autora, vertebrado ao redor dunha historia amorosa. Saliéntase a ausencia de artificiosidade e o emprego de “imaxes e metáforas de transparencia feridora”.

2270


Tamén está descrito no apartado XII.4.3 Ensaio.

Recensións:


Explica que Araceli Herrero Figueroa demostra a estreita vinculación que na vida e obra de Luís Pimentel tivo coa súa cidade natal, Lugo, na introdución de Luís Pimentel. Obra completa, na que tamén dá conta da súa actividade literaria e das súas colaboracións xornalísticas que viron a luz en distintas revistas. Indica que este volume recopila toda a poesía e a prosa de Pimentel, en galego e en castelán, que foi coidadosamente fixada e que, en lugar de contar con notas a rodapé, conta coas “directrices propias do traballo filolóxico” que levou a cabo Araceli Herrero. Remata precisando que existen outros traballos previos desta profesora sobre o autor lugués, dos que cita Luís Pimentel. Obra inédita o no recopilada (1981) e Unha cidade e un poeta (2007).
Considérase que a beleza en suspensión é unha das principais características da obra de Luís Pimentel, reunida por Araceli Herrero e Pilar Basanta, proceso que chega incluso ás preguntas sen resposta e á suspensión do xuízo. Repásanse algúns datos da biobibliografía do autor e felícitate por contar coa obra reunida nun só volume, o que permite observar o caráter unitario da súa producción, como sinalou Pilar Pallarés, ademais de favorecer a percepción do proceso creativo e o labor continuo de reescritura. Alúdese á problemática da adscrición de Pimentel ao sistema literario galego ou castelán, dada a súa oscilación lingüística, o que leva á editora a situalo na Xeración do 25, ao carón de autores como Manuel Antonio e Luís Amado Carballo, e como “voz galega do 27 español”. Remátase coa referencia a un dato considerado anecdótico, como é o feito de que a obra recibiu unha axuda á tradución da Consellería de Cultura, o que lle provocaría un sorriso a Ramón Piñeiro, Celestino Fernández de la Vega e Ánxel Fole, tradutores e animadores de Pimentel para que publicase en lingua galega.

Referencias varias:


Indica que viu a luz este volume no que Araceli Herrero levaba a traballar dende 1970 por recomendación de Ricardo Carvalho Calero para “acabar” a obra do único poeta maior da xeración de 1925 “que traspasa a fronteira da guerra”, Luís Pimentel. Explica que esta profesora engade seis poemas editados en El Pueblo Gallego que publicara Antón Capelá e todos os textos que foran vendo a luz en distintas publicacións dende 1981, ano no que ela publicara Luís Pimentel. Obra inédita o no recopilada. Precisa que este volume corrixe o “drama textual” do que falara Arcadio López-Casanova ao eliminar “antetextos e versións inconclusas” pero que mantén o “drama do bilingüismo literario” do que falara Carvalho Calero. Explica este “bilingüismo literario” á luz da inclusión do poeta lugués en Poetas españoles contemporáneos (1952), de Dámaso Alonso e das opinións de Ramón Piñeiro, Pilar Pallarés, e Xesús Alonso Montero en Luís Pimentel. Biografía da súa poesía (1990). Recolle a filiación surrealista de Pimentel achegada por Xosé Lués Méndez Ferrín, a vixencia da súa poesía grazas á súa modernidade, segundo Arcadio López-Casanova, e a actitude de Pimentel ante a poesía e o labor de Brais Pinto, Galaxia e Ramiro Fonte por facelo seu, en palabras de Anxo Quintela, que apunta ademais que faltan estudos que analicen en paralelo a Luis Pimentel e a Álvaro Cunqueiro.


Indica neste artigo, cuxo título está tirado do prólogo de Luis Rei a Poesías completas (1991), que, se ben Ricardo Carvalho Calero non cita a Luís Pimentel en Historia da literatura galega contemporánea (1963), si hai referencias en Libros e autores galegos: dos trovadores a Valle-Inclán (1970) e que lle dedicou catro monográficos, dos que o articulista destaca o último deles, Sobre la poesía de Luís Pimentel por ser no que
Carvalho Calero máis se adentra na vida no poeta lugués. Recolle ademais a influencia de Jules Laforgue e de Francis Jammes en Pimentel.


Comeza indicando que Araceli Herrero tentou rebatir en Luis Pimentel. Obra completa dúas aseveracións sobre Lois Pereiro “que precisaban ser desmentidas”: a dificultade para acceder á súa obra e as traducións da súa obra, por mor de que non sabía escribir en galego. Recolle que a autora da monografía indica que, aínda que Luís Pimentel non tivo unha boa difusión da súa obra nos anos 40, anos despois si a tivo en Lugo, cidade na que conta con monumentos, homenaxes e colexios co seu nome. Reproduce de Benxamín Casal que Ramón Piñeiro afirmou que o propio Pimentel lle confesara que escribiu en galego o seu primeiro poema e que pola situación vinculación co galeguismo enviou á editorial Nós en 1936 “Barco sen luces” para que llo publicara, afirmación esta última que matiza Araceli Herrero indicando que tiña como “asesores lingüísticos” a Evaristo Correa Calderón, Ramón Piñeiro, Ricardo Carvalho Calero e Ánxel Fole.

Precisa que a edición de Araceli Herrero reúne textos que Pimentel enviara a xornais e revistas, algúns dos cales xa estaban recopilados nunha monografía desta autora de 1981, aos que sumou outros atopados por Antón Capelán. E remata apuntando que tras o “estourido da Guerra Civil” Pimentel se encerrou máis en si mesmo, feito que se sumou á súa resistencia de abandonar a súa cidade natal.


Poemario civil de Mario Regueira (Ferrol, 1979) que consta de tres partes tituladas “N.O.”, “Estreñina” e “N.O. (Trens cara ao sur)”. A maioría dos extensos poemas aparecen sen título e compoñense de versos moi longos e sen rima. No poemario percíbese, mediante unha chea de metáforas, un conxunto de voces diversas que parecen dialogar e transmitir esa melancolía da derrota, tomada dos acordes do blues, a música dos oprimidos. Empregouse a imaxe do negro escravo como metáfora dunha viaxe na historia dende África até Nova York e descrebese a fonda tristura dos que viven en Nova Orleáns, ao carón do río Mississipi, desatado polo furacán Katrina, que asolou a cidade en agosto de 2005. A primeira parte, titulada “N. O.” conta unha historia circular onde aparece o erotismo, metaforizado en sangue ou en auga ou en materia líquida; a pintura dun lugar composto dos espazos esenciais: lousas, catedral, praza, reloxo e os elementos que son símbolos ou meras insinuacións do tempo ou da historia, como por exemplo a lúa, que se converte en protagonista dos primeiros poemas. A segunda parte, “Estreñina”, é o escenario de ciganas que len a man, de botadores de cartas, de príncipes que miran dende a torre, de portas do cee pechadas, de prostitutas e vagabundos, etc; o último poemha desta parte está centrado na figura de Robert Johnson, coñecido como “o rei do blues do delta”. Na terceira parte, “N.O. (Trens cara ao sur)”, escótanse as voces dos escravos, xa que Regueira outorga palabra e denuncia os que permanecen sempre calados e, nesta viaxe ao sur, recrea a figura de Mackandal, un insurxente haitiano, descendente dos escravos negros, que ensinaba a fabricar veleno para acabar coa tiranía dos opresores.
Recensións:


Presenta o último libro de Mario Regueira do que di que é un percorrido “poético e melancólico polas rúas asolagadas de New Orleans” e destaca a polifonía de voces “en diferentes ritmos e tempos”. A continuación, describe cada unha das partes nas que está dividido o poemario, destacando o contido e o estilo das composicións.


Apunta a complexidade deste poemario de Mario Regueira, debido ás referencias ocultas espalladas ao longo do texto no que se constitúe “unha maraña de difícil acceso” que remiten a unha cultura norteamericana. Comenta a estrutura da obra e apunta os saltos temporais que “salpican as composicións”. Repara tamén na polifonía de voces.


Comenta o segundo poemario de Mario Regueira, *Blues da crecente*, que levou o XII Premio de Poesía Johán Carballeira. Sinala que nas súas tres partes toman a palabra diferentes voces e que non se abandona, porén, o discurso á intercesión do monólogo dramático, senón que se modula en cortes épicos, líricos e autorreflexivos, chamando pola revolución dende dentro e cara a fóra, no pasado e no futuro dos desherdados. Tamén apunta que se fala da revolta cando se alude ao amor e anuncia que a obra segue a crecer no blogue bluesdacrecente.blogaliza.org, o que converte en proecto multimedial o que nun inicio foi clasificado como libro de poemas.


Comeza este poemario con varias citas e dedicatorias: “Vivo:/Cómeme a morte amencidas”, “A Ana. Ela sabe por què”, “La vida no es la que uno vivió, sino la que uno recuerda y cómo la recuerda para contarla’ Gabriel García Márquez”. A continuación, nun prólogo a cargo de Xesús Alonso Montero coméntase o contido destes versos do “trobador de madrigais”: o amor polas cousas pequenas do seu ámbito natal, Foz, e polas súas xentes. Logo figuran unha serie de poemas, acompañados de ilustracións de Alfonso Otero Regal, que conclúen cun “Epicedio a Federico García Lorca”, publicado con anterioridade nun volume poético colectivo coordinado por Alonso Montero, Homenaxe dos poetas galegos a Federico García Lorca (2006) e cun epílogo a caro do autor no que se gaba o traballo realizado por Otero Regal e se explica o porqué da derradeira composición, escrita en memoria da súa nai recentemente falecida.

Poemario de José Antonio Santos (Ourense, 1971) composto por trinta e sete poemas de extensión descontinua, que van dende as catro liñas dalgúns até as catro páxinas do poema co que se pecha o volume, nos que o autor ofrece unha ollada introspectiva e en primeira persoa achega os seus sentimentos e vivencias. Os poemas, nos que destaca o emprego do verso libre, descorren de comezo a fin do volume, xa que o autorunicamente os numera, obviando títulos, apartados ou capítulos. No tocante á temática é constante a referencia a un pasado escuro e doloroso, aínda que tamén se abordan outros temas como a morte, o esquecemento dos soños, a evasión da realidade, o doce recordo da infancia e o optimismo cara ao futuro.
XII.2.2. REEDICIÓNs COMENTADAS E FACSÍMILES. TEXTOS RECUPERADOS


Con motivo de se cumprir cincuenta anos do pasamento de Ramón Cabanillas (Cambados, 1876-1959), Xosé Ramón Pena (Betanzos, 1956) encárgase desta edición do primeiro poemario do autor, que viu a luz na Habana en 1913 cun total de cincuenta composicións, e foi reeditado en 1926 na “Biblioteca Lírica Lar” da Coruña, cun total de vinte e tres poemas da versión anterior aos que se engaden dez textos novos. Xosé Ramón Pena achega un perfil biográfico do poeta e detense no devalar editorial do poemario, detallando as variantes que sufriu, e os motivos temáticos –intimismo, costumismo, paisaxismo, modernismo e denuncia cívico-social– e as direccións estilísticas que acolle. Con respecto a esta edición, Pena inclúe a totalidade dos textos que apareceron baixo a denominación de *No desterro*: aqueles da edición de 1913 que non apareceron na de 1926, e mais aqueles presentes da edición de 1926, sometidos a pequenas variacións de carácter gráfico para facilitar a lectura cos criterios normativos actuais.

Referencias varias:


Noméanse unha serie de publicacións recentes recomendadas para ler no 2010. As que se mencionan dentro da literatura galega son, todas elas da Editorial Xerais. Entre elas recoméndase da colección “Biblioteca das Letras Galegas”, o poemario *No desterro*, de Ramón Cabanillas.


Entre as próximas publicacións anúncianse, entre outras obras, *No desterro*, de Ramón Cabanillas, editado por Xosé Ramón Pena.


Coméntase a reedición, ao coidado de Carlos L. Bernárdez, de *Samos*, o último libro de Ramón Cabanillas. Recóllese que este ensaísta explica que esta obra é a “culminación dunha produción poética fundamental na historia da literatura galega” e que entende o poemario como a historia do mosteiro, pero tamén a historia de Galicia, “como unha historia de redención”. Indícase ademais que a saudade é o motor de creación, influenciada polo saudosismo portugués e tamén “co movemento de recuperación cultural de Galaxia”. Tamén se destaca do poemario o emprego dun galego literario “marabilloso” e repárase no afondamento que se fai a respecto do galeguismo cristián. Nun á parte, coméntase a carta que Cabanillas envía en 1948 a Fernández del Riego, na
que o cambadés se amosa “molesto” polo calificativo de “poeta da raza”. Ademais, infórmase da saída do prelo das dúas versións de *No desterro*, a cargo de Xosé Ramón Pena, que reproduce a primeira edición do poemario (1913) e a segundá “versión”, publicada na Habana, de 1926.


Reprodúcese o poema “Chove...” pertencente ao poemario *No desterro* (1913), de Ramón Cabanillas.


Presenta a edición de *Samos*, de Ramón Cabanillas, da que di que “mostra un claro compromiso coa esencia do que no seu momento foi o poemario orixinal”. Comenta que os textos foron sometidos, por parte do editor, Carlos L. Bernárdez, a unha actualización ortográfica, respectando os niveis léxicos e morfosintácticos. Sinala cada un dos apartados do libro e considera “especialmente útil” o glosario que aparece ao final.


Nesta entrevista a Carlos L. Bernárdez, que vai precedida dunha breve achega biobibliográfica, entre outras cousas, comenta a recente publicación da edición de *Samos*, de Ramón Cabanillas. Comeza reflexionando sobre a situación actual da lingua galega na que, entre outras cousas, considera que o debate non se debe cinguir só ao ámbito do ensino. Opina ademais sobre a transcendencia do trilingüismo e entende o nacionalismo “como un factor de construción de identidade e como unha obra en marcha”. Alén doutros temas, considera que a literatura galega ten “un presente moi respectábel e con calidade notábel”, na que os problemas están na relación lingua/sociedade e na proxección da cultura galega. Por outro lado, definese como un profesor que escribe “sobre arte e literatura”. Remata a conversa falando das posibilidades de independencia do país e Carlos L. Bernández considera que non está “no horizonte social inmediato de Galiza”.


Informa da publicación da edición completa e actualizada do poemario *No desterro*, de Ramón Cabanillas, a cargo de Xosé Ramón Pena Sánchez. Dela destaca a inclusión, mediante unha “Táboa de Correspondencias”, da primeira edición na Habana (La Universal, 1913) e da posterior versión do poemario na Coruña (Biblioteca Lírica Lar, 1926). Alén de apuntar outros apartados do libro, considera que o editor ofrece un dos “máis completos perfis biográficos” do poeta cambadés.

Insírese a composición “A Basilio Álvarez...” pertencente ao poemario No desterro (1913), de Ramón Cabanillas.


Referencias varias:


Noméanse unha serie de publicacións recentes recomendadas para ler no 2010. As que se mencionan dentro da literatura galega son, todas elas da Editorial Xerais. Entre elas recomendase, dentro da colección “Biblioteca das Letras Galegas”, os poemarios Samos e No desterro, de Ramón Cabanillas.


Entre as próximas publicacións anúncianse, entre outras obras, o poemario Samos, de Ramón Cabanillas, editado por Xosé Carlos López Bernárdez.

Coméntase a reedición, ao coidado de Carlos L. Bernárdez, de Samos, o último libro de Ramón Cabanillas. Recóllese que este ensaísta explica que esta obra é a “culminación dunha produción poética fundamental na historia da literatura galega” e que entende o poemario como a historia do mosteiro, pero tamén a historia de Galicia, “como unha historia de redención”. Indícase ademais que a saudade é o motor de creación, influenciada polo saudosismo portugués e tamén “co movemento de recuperación cultural de Galaxia”. Tamén se destaca do poemario o emprego dun galego literario “marabilloso” e repárase no afondamento que se fai a respecto do galeguismo cristián. Nun á parte, coméntase a carta que Cabanillas envía en 1948 a Fernández del Riego, na que o cambadés se amosa “molesto” polo calificativo de “poeta da raza”. Ademais, infórmase da saída do prelo das dúas versións de No desterro, a cargo de Xosé Ramón Pena, que reproduce a primeira edición do poemario (1913) e a segunda “versión”, publicada na Habana, de 1926.


Presenta a edición de Samos, de Ramón Cabanillas, da que di que “mostra un claro compromiso coa esencia do que no seu momento foi o poemario orixinal”. Comenta que os textos foron sometidos, por parte do editor, Carlos L. Bernárdez, a unha actualización ortográfica, respectando os niveis léxicos e morfosintácticos. Sinala cada un dos apartados do libro e considera “especialmente útil” o glosario que aparece ao final.


Nesta entrevista a Carlos L. Bernárdez, que vai precedida dunha breve achega biobibliográfica, entre outras cousas, comenta a recente publicación da edición de Samos, de Ramón Cabanillas. Comeza reflexionando sobre a situación actual da lingua galega na que, entre outras cousas, considera que o debate non se debe cinguir só ao ámbito do ensino. Opina ademais sobre a transcendencia do trilinguísmo e entende o nacionalismo “como un factor de construción de identidade e como unha obra en marcha”. Alén doutros temas, considera que a literatura galega ten “un presente moi respectábel e con calidade notábel”, na que os problemas están na relación lingua/sociedade e na proxección da cultura galega. Por outro lado, define como un profesor que escribe “sobre arte e literatura”. Remata a conversa falando das posibilidades de independencia do país e Carlos L. Bernández considera que non está “no horizonte social inmediato de Galiza”.


Reedición deste poemario de Cesáreo Sánchez (Dadin, O Irixo, 1951) que fora publicado en 1996 e que apareceu descrito no Informe de Literatura dese ano. O mar
ten unha forte presenza nesta obra, ao igual que moitos dos fenómenos naturais que rodean a natureza; neles procúranse moitas das preguntas sen respostas. Invócase ás ondas mariñas e o seu movemento mentres se achega o outono. A terra é o centro dos soños, por ela pasou a historia toda, unha historia chea de feridas que cada día amence tamén chea de beleza e que logo desaparece entre a escuridade da noite que muda cada primavera, e está presente a traves dos paxaros e das árbores, que branquea cada xaneiro ao axexo da lúa. Ese mar crea e destrúe, ten ollos, vive en perfecta comunión coa abaneos da terra na busca do equilibrio cos seres que os poboan e que aparecen sempre como enigmáticos, presentados coma unha obsesión, metáfora da existencia que destaca tanto pola súa calma coma pola intensidade das súas cores ou a súa furia nas tormentas imposíbeis.

**Referencias varias:**


Comenta a publicación da edición en catalán e galego deste poemario de Cesáreo Sánchez *O rostro da terra*, publicado por Baía en 1996 e que ve de novo a luz da man de Perifèric Edicións. Sánchez reflexiona sobre a importancia de que a literatura galega chegue a outras culturas e bota unha ollada a esta obra que supuxo un punto de inflexión na súa produción tras a poesía amorosa e que fala das paisaxes da terra e dos habitantes galegos que a humanizaron. Pechan o artigo as palabras de Xulio Trigo, autor do prólogo de *El rostre de la terra* quen considera ao galego como un dos autores “da mellor xeración da poesía galega”.
Tras unha presentación institucional e o “limiar” dos editores comeza esta antoloxía poética de Ramón Cabanillas (Cambados, 1876-1959) en edición non venal que conta con notas autobiográficas e tres partes: “I. O Cambados pobre, fidalgo e soñador”, “II. O rumoroso val do Salnés” e “III. Roseiras, fóuces e marusías”. No limiar os editores indican que a edición dunha antoloxía do poeta cambadés era un deseño que non se puido realizar en 1959, cando, mentres se remataban os traballos do seu monumento no paseo da Calsada, se estaba a proxeitar unha antoloxía da súa poesía que nunca se editou. Fállase das partes desta escolma, para a que se manexaron a Obra completa (1959) do Centro Gallego de Buenos Aires, cuxo colector foi Francisco Fernández del Riego, a Obra completa (1979-81) de Xesús Alonso Montero, e a Poesía galega completa (2009) de Xerais, a cargo de Xosé María Dobraro e Xosé Ramón Pena. Sinálase que se reproducen os textos seguindo a edición de Alonso Montero, pero que se fixeron algunhas modificacións de acordo coa normativa vixente. Asegúrase que con esta escolma se quere honrar á figura de Cabanillas, que construíu unha língua galega onde está presente a morfoloxía que recolleu de xente labrega e mariñeira de Cambados. A continuación, baixo o título “Notas autobiográficas”, recóllese un fragmento dunha carta do propio Cabanillas a Fernández del Riego, na que fai un breve resumo da súa vida e obra. Finalmente, recóllese a antoloxía poética que, formal e tematicamente, se pode dividir en tres partes, que se corresponden con tres roteiros temáticos. O primeiro roteiro, “O Cambados pobre, fidalgo e soñador”, percorre a vila do poeta para gozar da xente, das paisaxes e dos monumentos evocados por Cabanillas en diferentes momentos da súa vida; o segundo, “O rumoroso val do Salnés”, vaga polo val do Salnés e busca a presenza conxunta da comarca e do mar que a baña; e o terceiro roteiro, “Roseiras, fóuces e marusías”, fai un percorrido pola poesía de Cabanillas. No colofón precisase que esta antoloxía saíu do prelo “coincidindo co aniversario da morte do “Mariscal” Pardo de Cela, que o noso poeta cantou”.

Esta antoloxía recolle unha mostra dos poetas galegos contemporáneos que marcaron coas súas creacións a fin do século XX. Aparece unha pequena biografía presentando a cada un deles e algunhas das súas creacións, comezando por Ana Romaní, continúan con nomes como os de Fátima Rodríguez, Gonzalo Navaza, Lois Pereiro, Manuel Outeiriño, Manuel Rivas, Marga do Val, María do Cebreiro, Mª Xosé Queizán, Marta Dacostí, Román Raña, Úrsula Heinze, Vicente Araguas, Xabier Paz, Xavier Queipo e Antón Pérez Bouza. Trátase de creadores xa consolidados e novos creadores que andando o século XX continuarán creando, que conflúen nunha etapa fundamental e que son pezas imprescindíbeis no panorama literario galego e na súa consolidación. Destácase a importancia das creadoras femininas tan coñecidas polas súas traxectorias como Úrsula Heinze, coñecida pola súa ampla obra, e de María do Cebreiro pola súa
vocación artística en distintos ámbitos. E non se esquece a pegada de Lois Pereiro, a pesares de levar tempo xa falecido por ser un poeta dos máis lembrados pola xente máis nova.
XII.3. TEATRO

XII.3.1. DRAMATURGOS GALEGOS


Colaboración dramatúrxica entre tres autores que forma parte do proxecto “DramA3” do Centro Dramático Galego (CDG) baixo a dirección de Cristina Domínguez. O volume recolle a ficha técnica da posta en escena e as pezas que compoñen os tres actos da obra: “Abismos” (pp. 19-46), de Jacobo Paz (A Coruña, 1979); “Elsa” (pp. 49-82), de Vanesa Sotelo (Cangas do Morrazo, 1981) e “Terra queimada” (pp. 83-118), de Rubén Ruibal (Ribadeo, 1970). Este “experimento dramatúrxico” vén precedido dos correos electrónicos intercambiados entre os tres dramaturgos e o coordinador e director do proxecto, Daniel Salgado, que reflicten a xénese do proxecto. A obra, resultado dunha historia compartida (e non conxunta) entre os tres autores, presenta tres visións diferentes segundo a mirada de cada autor coas correspondentes diferenzas de estilo e tratamento dos temas e personaxes centrais. “Abismos”, de Jacobo Paz iníciase cunha cita de *The Addiction* (1995), de Nicholas St. John e presenta a historia de Sara, unha muller nova que vai a unha illa a vivir co seu mozo, Eloi, que traballa nun criadeiro de cabalos. Sara ve continuamente a unha parella (Elsa e Clemente) que lle contan estrañas historias e lle fan pensar que as cousas non son tal como o seu mozo lle fai ver. No segundo acto da obra, denominado “Elsa”, de Vanesa Sotelo, producese unha analepse de case vinte e cinco anos respecto ao acto anterior e proporciónase unha información esencial para a comprensión da peza. “Terra queimada”, de Rubén Ruibal é o último acto da obra e presenta unha elipse temporal duns cinco anos respecto ao primeiro acto. O espazo onde transcorre a peza ten un significado simbólico, xa que establece un mundo paralelo e descoñecido que reflicte a visión angustiosa e pesimista desta “utopía negativa”.


Drama de Cándido Pazó (Vigo, 1960) que aborda a realidade da violencia machista en trinta e tres cadros. O volume conta cun limiar escrito por Antón Baamonde titulado “Homes en crise” onde se reflexiona sobre a relación entre a crise da masculinidade e a o conflito da violencia de xénero. Entre o texto introdutorio e o texto dramático dáse conta de que a escrita e posterior montaxe da peza foi a primeira experiencia de autoría residente que puxo en marcha o Centro Dramático Galego baixo a dirección de Cristina Domínguez. Lémbrase que foi estreada o 13 de abril de 2007 no Salón Teatro de Compostela e que recibiu o Premio María Casares 2008 nas categorías de Mellor Texto Orixinal, Mellor Actriz Protagonista, Mellor Música Orixinal e Mellor Iluminación. Proporciónase tamén a ficha artística do espectáculo. A peza iníciase cando nunha das familias da comunidade de propietarios dun edificio estouren a violencia machista a raíz de que, durante unha reunión do colectivo de veciños, Rosa contradi a Delio, o seu
marido, asentindo a que Guzmán ocupe a propia praza de garaxe cunha piragua. O conflito de fondo é a incapacidade de Delio, un home maduro, para adaptarse aos cambios que atinxen ao estatuto íntimo e social das mulleres, da súa dona neste caso, coa que leva casado máis de vinte anos. Despois do incidente da reunión, Rosa comunicalle a súa intención de traballar limpando as escaleiras do edificio. O ton insultante e alporizado de Delio túrnase máis violento a medida que Rosa toma a iniciativa e mesmo se interesa pola actividade do grupo de teatro da comunidade, integrado por Lucía, Suso e Brandán. O deterioro da actitude de Delio cara a Rosa agrávase polo recorda da Nena morta do matrimonio e concrétese nas referencias verbais a un episodio de maltrato físico por parte do resto de personaxes. Pese a que ningún asistiu ao suposto episodio, asumen a implicación de Delio na caída de Rosa polo balcón e, ano e medio despois da traxedia que acabou con Rosa nunha cadeira de rodas, discuten sobre a orientación ética e estética do espectáculo que teñen entre mans, que versa sobre a violencia de xénero e inspirase na historia do matrimonio veciño. Durante o proceso de creación, Lucía, Suso e Brandán amosan posícións encontradas sobre a liña a seguir ao tempo que lebran e especulan sobre o desenvolvemento dos feitos entre Rosa e Delio. Ademais do xogo formal dialéxico entre a narratividade e diálogo, a peza ten unha estrutura temporal complexa. Mediante continuas elipses dun ano e medio de duración, a acción avanza e retrocede para se situar, ben no plano da relación entre Rosa e Delio e destes co resto das figuras antes da caída da muller, ben no plano metateatral posterior. O espectador/lector debe reconstruír unha historia que se ofrece en pequenos fragmentos desordenados. Porén, a reconstrución sempre estará eivada pola natureza subxectiva das visións parciais das que se dispón (as de Guzmán, Lucía, Brandán e Suso, pero tamén as de Rosa e Delio) e polo xogo constante entre ficción e realidade. Alén do recurso ao teatro dentro do teatro no plano temporal e espacialmente delimitado da montaxe do grupo teatral, danse algunhas transicións da ficción ao presente escénico, e viceversa, dentro dunha mesma escena, nas que os personaxes animan a outros a contar a súa opinión ao público ou pasan abruptamente a dirixirse a el, o que en ocasións implica ademais unha nova elipse temporal de ano e medio, xa sexa en forma de analepsis ou de prolepse.

Recensións:


Reflexión crítica ao redor da problemática dramatizada por Cándido Pazó neste texto teatral sobre a violencia machista implícita na mentalidade dogmática de homes acovardados pola vertixe dos cambios sociais, en particular dos que atinxen ao estatuto das mulleres, e sobre a violencia explícita asociada, na forma de asoballamento psíquico e físico. Liga A piragua á estirpe de textos dramáticos que tratan o desacougo e a reacción hipócrita dos representantes da ideoloxía dominante fronte ao desequilibrio dunha suposta orde natural das cousas cando unha muller decide non deixarse constriñir pola norma. Nomea Casa de bonecas, de Ibsen. Despois de describir o argumento da peza, sinala, ademais, a efectividade da metáfora escollida por Pazó como arranque da acción. Afirma que Rosa, casada con Delio, é a verdadeira protagonista da obra que se revela na súa loita por ser-suxeito. Nun á parte inclúese un cadro anexo onde se describe a actividade do grupo de teatro da comunidade á que pertence o matrimonio.
XII.4. ENSAIO. TEORÍA XERAL. CRÍTICA

XII.4.1. MONOGRAFÍAS, BIOGRAFÍAS, CRÓNICAS E LIBROS COLECTIVOS


Nesta edición conmemorativa do Día das Letras Galegas 2008, patrocinada pola Xunta de Galicia e Caixanova, Xosé María Álvarez Cáccamo manifesta no “Limiar” a traxectoria biobibliográfica de Xosé María Álvarez Blázquez (Tui, 1915-Vigo, 1985), salientando o seu labor como editor pioneiro dende unha empresa familiar; como comisario local de escavacións arqueolóxicas e como comunicador xornalístico e investigador. Dá conta asemade da súa traxectoria como poeta, especialmente no concernente ás composicións poéticas recoñecidas neste volume. Na “Escolma” acolle boa parte da súa producción poética e narrativa estruturada ao redor de dous eixos. No primeiro, dedicado á poesía, inclúe poemas extraídos de Poemas de ti e de min (1949); Roseira do teu mencer (1950); Cancioeiro de Monfero (1953); Romance do pescador peleriño (1954); Canle segredo (1951-1953), así como un apartado dedicado aos “Poemas dispersos ou non publicados en vida do autor”. Do primeiro destes poemarios inclúe “Amiga”; “Amigo”, dedicado a Xohán Vidal; “Desterro”; “Romance do afiador” e “Ribas do Sil”, sobre os temas da amizade e a separación da terra natal. Do segundo reproduce oito composicións sen título, dedicadas a un lectorado infantil, as dúas últimas arrolos de berce. Rescata do Cancioeiro do século XIII catro composicións, dúas anónimas, de estilo trobadoreco. O Romance vai dirixido a “todos os Peleriños do Mar que veñen a Compostela” a través dunha temática da natureza galega e un estilo imaxinista. Canle segredo engloba catorce poemas de verso branco ou libre ao redor de cuestións como a súa propia infancia ou a familia inmersos nun ton nostálgico e triste. O último apartado recolle sete poemas inéditos nos que se pon de relevo a creatividade do poeta. O eixo dedicado ao seu labor narrativo vén estruturado de acordo a dous dos seus escritos, Os ruíns (1953) e A pega rabilonga e outras historias de tesouros (1971). Do primeiro deles recóllese os relatos “Os ladroeiros” e “O sátiro”, descricións -catro no primeiro e cinco no segundo- sobre os tipos humanos daquela época e sociedade a partir dun ton irónico. Do segundo escrito reproducense tres historias: “A pega rabilonga”, “A pedra” e “A esmeralda”. A primeira dálle nome ao título e é de rexistro popular. Pecha o volume un índice que contén os títulos de cada apartado, dos poemas e da selección en prosa.


Tras do limiar de Anxo González Fernández, no que se refire á condición de historiador erudito e tenaz explorador de arquivos de Humberto Busto (Cariño, 1947) e sitúa a presente achega na liña das indagacións sobre as relacións entre o mundo intelectual galego e portugués na primeira metade do século XX, reúñense varios traballos


Monografía de Manuel Castelao dividida en dúas partes principais que ten como protagonistas os poemarios Os eidos. Libro do Courel (1955), de Uxío Novoneyra; e Longa noite de pedra (1962), de Celso Emilio Ferreiro. Comeza o autor cunha introdución na que explica o eixe central das súas preocupacións: pretende combinar o rigor da análise cun coidado excelsa da expresión para convertir o texto crítico nun texto literario accesíbel concretamente para tres tipos de público: o profesional do ensino, o lector interesado na literatura e o investigador ou especialista na literatura contemporánea. Este texto comprende o primeiro volume dunha obra titulada A aula literaria na que se integran: Na noite estrelecida (1926), de Ramón Cabanillas; De catro a catro (1928), de Manuel Antonio; Arredor de si (1930), de Ramón Otero Pedrayo; e O incerto señor don Hamlet (1958), de Álvaro Cunqueiro, textos significativos da literatura galega do século XX editados por Laiovento baixo a dirección de Francisco Pillado. Nesta primeira publicación faiuse unha análise en profundidade seguindo a fidelidade ao texto das obras mencionadas, lévase a cabo unha lectura das obras como interpretación do lugar do suxeito e da Galicia abordada neles e ten como finalidade comunicar a experiencia aos seus receptores ademais de formalos como suxeitos autónomos e críticos. Aínda que nestas dúas obras a análise comprende
só determinados fragmentos e non se fai unha lectura completa. Despois de cada sección incorporase un apartado coa explicación dos tópicos máis salientábeis de cada obra. Por último, nas conclusións remata o proceso de interpretación de ambas as dúas obras cun resumo coas cuestión máis destacadas.

Recensións:


Coméntase que o profesor santiagués Manuel Castelao publica a obra Novoneyra/Celso Emilio, primeira entrega dun prorecto denominado “A aula literaria”, que pretende aproximar tamén a outros autores como Manuel Antonio, Ramón Cabanillas, Álvaro Cunqueiro e Ramón Otero Pedrayo. Sinálase que nesta primeira entrega centra o seu traballo en Longa noite de pedra e n’Os eidos.


Coméntanse as consideracións que o profesor e ensaísta Manuel Castelao achega neste estudo sobre dúas obras “fundamentais e nucleares” da literatura galega, Longa noite de pedra, de Celso Emilio Ferreiro e Os Eidos. Libro do Courel, de Uxío Novoneyra. Recóllese que se achegan outras lecturas e matices que ofrecen novidades en relación coas interpretacións clásicas de críticos e lectores destes dous poemarios.

Referencias varias:


Coméntase que Manuel Castelao presenta un traballo editado por Laiowento no que se realiza un percorrido polas obras Os eidos, de Uxío Novoneyra, e Longa noite de pedra, de Celso Emilio Ferreiro.


Cualifica de “abondosa, plural e intensa” a relación de obras que se publicaron a raíz de ser elixido Uxío Novoneyra para a homenaxe do Día das Letras Galegas 2010, obras todas elas que abordaron a maior parte das facetas desenvolvidas polo escritor courelán, un “clásico das nosas letras” que creu unha poesía “orixinal e singular”. Destaca os estudos literarios Uxío Novoneyra. Dia das Letras galegas 2010 e Novoneyra/Celso Emilio; as reedicions dos poemarios Os Eidos. Libro do Courel; Tempo de elexía; Do Courel a Compostela; e das conversas Dos soños teimosos; as antoloxías poéticas Esta coor da soild. (Escolma poética) e Antoloxía poética; e as biografías Folperas de Novoneyra, que tamén é antoloxía; A distancia do lobo; Uxío Novoneyra, que tamén é estudo; as monografías Novoneyra, revisitado; Uxío Novoneyra. Home e terru; Dicionario Uxío Novoneyra; e Do A ao Z con Uxío Novoneyra; o libro de homenaxe
Homenaxe a Novoneyra. Letras galegas 2010; e a recompilación de inéditos en A casa o val! A patria homilde! Celebración de Uxío Novoneyra (1930-1999).


Compilación de sesenta e dous artigos de Luísa Castro (Foz, 1966) publicados no xornal La Voz de Galicia entre os anos 2000 e 2006. Dita compilación está precedida por unha cita de Arthur Koestler e un prólogo da autora, datado en outubro de 2009, no que ela mesma explica o por qué do nome da columna baixo a que saíron publicados, “O inimigo na casa”, e os diferentes acontecementos históricos que ocorreron no tempo no que os escribiu e que serviron de inspiración. Entre estes artigos atópanse varios relacionados coa literatura galega. No primeiro deles, “Terra brava”, refírese a este conxunto de relatos de Ánxel Fole como “unha biblia de boa literatura” pola súa escritura directa e sinxela expresada nun ton serio e divertido a un mesmo tempo. Considera inesquecibeis algúns dos seus personaxes e os seus diálogos, que lle serven ao cualificado por Castro como un dos “grandes mestres contistas” para introducir lendas e contos dos escenarios dos relatos. Dunha maneira máis informal, achega aos lectores do diario coruñés en “O libro da egoísta” varias anécdotas acontecidas durante unha viaxe a Atlanta xunto a Yolanda Castaño que demostran o carácter intrépido e independente da poetisa. Por último, en “Unha ponte necesaria” insístese na importancia dos escritores para facerse eco das inquedanzas das sociedades nas que conviven, pero conclúese que o seu papel é o de mero transmisor desas preocupacións.

**Recensións:**


A partir da aparición de Melancolía de sofá, de Luisa Castro, dubida da pertinencia de publicar artigos dun xornal. Sinala que nesta selección, que parte da colaboración de Castro con La Voz de Galicia, se van fiando o cotiá coa actualidade e, sobre todo, o mundo da autora, ficcional ou non, co que é entendido como realidade. Refírese ao feito de que os artigos non recollen a súa data de publicación e á inapropiación do título, pois pregúntase pola melancolía, cando a gama de negatividades é ben variada. Tamén sinala que o fío que ata todos estes artigos de temática variada é un afán de provocación que fai que, lidos por xunto, desenvolvan un certo grao de contradición interna, así como indica que, por veces, Castro “pone un chisco mística nunha actitude que é parte dese misantropía de chándal da que fai gala ao longo de boa parte das pezas máis achegadas á vivencia persoal, sen dubida, as máis interesantes”.


Indica que se trata da segunda obra que escribe Luisa Castro en galego tras o poemario Baleas e baleas (1988), lingua que só empregaba nas colaboracións xornalísticas que comezara con catorce anos en El Progreso, xornal ao que volveu hai pouco e no que publicou o artigo “Providence” que lle valeu o Premio Puro Cora. Explica que
Melancolía do sofá é unha escolma dos artigos en galego na columna “O inimigo da casa” que viron a luz en La Voz de Galicia entre 2000 e 2006, e que o título está tirado dun deses artigos no que conta que tras publicar un libro se abandona no sofá agardando acontecementos. Apunta que, pese ao título do volume, non existe nel melancolía senón que se trata dun “sofá con vistas” ao que cada noite volve Luisa Castro como unha Sherezade que conta historias que viu polo mundo e así consegue vivir un día máis. Considera que se trata de “artigos de impresión”, tal como os cualifica a propia autora no prólogo, sendo principalmente textos máis literarios que xornalísticos e que Castro consegue incorporar o lector á realidade do texto. Se ben a autora explicou en varias entrevistas que fixo a escolha atendendo á vixencia dos artigos, Pilar Ponte considera que os máis intimistas e autobiográficos son os melhores.

Referencias varias:


Entre as próximas publicacións anúnciase, entre outras obras, Melancolía de sofá, de Luisa Castro.


Comeza citando palabras dun artigo de Luisa Castro inserido en Melancolía de sofá no que reflexiona sobre a lingua galega. Indica que este volume é unha escolma de artigos xornalísticos que publicou entre 2000 e 2006 e que xurdiron da súa subxectividade sobre os acontecementos cotiás. Montse Dopico destaca a influencia da familia mariñeira e recolle que, segundo afirma a propia autora, escribiu-los ao mesmo tempo que as novelas Viajes con mi padre e La segunda mujer. Precisa que outras temáticas son a autocrítica do labor literario e outras facetas da personalidade de Luisa Castro. Recolle así mesmo que a autora explica o título como alusión á necesidade da sociedade actual de sosego, calma, tranquilidade, fuxida da soledade do escritor e apunta que trata o desalento cotián. Tamén reproduce Dopico que a Luisa Castro a in queda que non se fale da produción feminina nos medios de comunicación e que non sexa galardoada, da explotación laboral, da intrasixencia relixiosa, das “construcións ideolóxicas”, entre outras preocupacións debidas aos cambios sociais dos últimos trinta anos.


Sección fixa dos suplementos na que se describen varias obras do sistema literario galego. Esta semana selecciónase, entre outras, Melancolía do sofá, de Luisa Castro, un volume que acolle artigos xornalísticos publicados en galego durante seis anos.


Informa de que Melancolía de sofá foi presentado na Libraría Couceiro e que a súa autora, Luisa Castro, estivo acompañada do catedrático de Dereito Constitucional e escritor, Roberto Blanco, e o director xeral da Editorial Galaxia, Manuel Bragado.
Explica que se trata dunha recompilación dos artigos publicados entre o ano 2000 e o 2006, e que o obxectivo era “transpasar ós lectores as (...) emocións” da autora sen ningún tipo de “cortapisa da censura”. Recolle ademais que o libro non pretende ser “receitas ou leccións para vivir” e que mostra unha melancolía a servizo do humor, da autocrítica e “superando a lacra da vanidade neste mundo”. Apunta que Manuel Bragado considera a obra como unha “crónica” do “abrente dun século difícil e convulso”, e que Roberto Blanco apuntou que Luisa Castro “escribe pensando nas súas convicxións”, o que lle engade “atrautivo aos textos”.


Recolle afirmacións da autora na presentación de Melancolía de sofá na compostelana libraría Couceiro asegurando o esforzo que lle supuxo reunir todos os seus artigos publicados en La Voz de Galicia entre 2000 e 2006, seleccionais, ordealos e pensar como presentalos. Tamén se reproduce que se trata de artigos escritos dende a intimidade da propia vida e que, ao ter que escribilos, se sorprendeu de tocar temas que non abordaría doutra maneira. E mesmo recoñece que a súa actitude é semellante ante un artigo xornalístico e un texto narrativo de ficción: liberdade e sen marcarse autocensuras, sendo o medio a mensaxe, como indicaba MacLuhan. Precisa que estes artigos son moi especiais porque os escribiu cando emprendeu unha nova ao volver a Galicia. Remata apuntando que estivo acompañada na presentación da monografía polo articulista Roberto Blanco Valdés e polo editor Manuel Bragado.


Volume coordinado por Uxío-Breogán Diéguez (Madrid, 1978) que constitúe as actas do Congreso celebrado no Pazo da Cultura en 2003 para conmemorar o centenario do nacemento do galeguista Alexandre Bóveda Iglesias (Ourense, 1903- A Caeira, 1936). A través de vinte e tres ponencias dásé conta da figura de Bóveda dende múltiples perspectivas: a súa relevancia no galeguismo, as súas achegas teóricas no campo económico, a evolución ideolóxica do nacionalismo e o caso das relacións entre relixión e socialismo, entre outras. O volume contén: o “Programa” do evento (pp. 15-17); a relación dos encargados da “Organización” do mesmo, (pp. 19-21); e, a continuación, os textos referidos a cada unha das sesións das conferencias. Tras a “Sesión Inaugural” que contén o discurso institucional de apertura do Imo. Sr. Alcalde do Concello de Pontevedra, Miguel Anxo Fernández Flórez (pp. 25-29), reproducéense os textos de apertura do congreso a cargo de Antón Fernández da Universidade de Vigo (pp. 31-34); de Amália Bóveda, filla de Alexandre Bóveda e Vicepresidenta da Fundación Alexandre Bóveda (pp. 35-38); e de Xoán Costa Casas, presidente da AS-PG (pp. 39-42). En relación coa literatura e cultura galegas acóllense os seguintes traballos:

- Ramón Villares Paz, “Alexandre Bóveda no nacionalismo galego” (pp. 43-64).

Nesta conferencia inaugural Ramón Villares Paz (Xermade, Lugo, 1951) aborda a figura de Bóveda en relación co nacionalismo galego e como se reflectiron na súa
persoa os tres grandes problemas do nacionalismo galego da época: o pluralismo ideolóxico, o reto de organizar de forma institucionalizada o nacionalismo galego mediante a creación dun partido político e a estratexia política a seguir nun marco político como a II República.

No primeiro bloque de ponencias, “Biografía”, inclúense estes estudos que repasan a biografía e traxectoria do autor:

- Francisco Carballo, “Alexandre Bóveda Iglesias 1903-1930” (pp. 67-87).

Francisco Carballo (Asadru, Maceda, 1925) describe a traxectoria vital da figura homenaxeada, dende os seus primeiros anos de vida, os seus estudios de comercio, os seus primeiros contactos co galeguismo, até converterse nun persoio público.

- Alfonso Álvarez Cáccamo, “Alexandre Bóveda, visión familiar” (pp. 89-113).

Alfonso Álvarez Cáccamo (Vigo, 1952) fai un percorrido da figura de Alexandre Bóveda a través das biografías, artigos de prensa e outros xéneros literarios, que a familia Álvarez deixou por escrito como resultado da súa amizade.


Fai referencia á necesidade de recoñecemento de figuras como Bóveda e Castelao e a súa exaltación do nacionalismo galego.

- María do Pilar García Negro, “(Re)coñecermos Alexandre Bóveda” (pp. 125-131), “Mesa redonda: ‘Bóveda no ensaio actual’”.

Preséntase o número monográfico da revista Terra e Tempo, sobre a figura de Alexandre Bóveda, e destaca que se recollen, entre outros, as verbas de Amelia e Xosé Luís Bóveda, se recorda a Avelino Pousa Antelo, e a evocación de Xosé María Álvarez Cáccamo.


Destácanse os artigos publicados por Bóveda no xornal A Nosa Terra, subliñando en todos eles a súa preocupación social.

No segundo bloque, “Contexto histórico da República”, inclúense os traballo seguintes:

- Carlos F. Velasco Souto, “Galiza na II República” (pp. 153-179).

Aborda o contexto no que se desenvolve a obra literaria de Bóveda, facendo fincapé no contexto socio político internacional, no nacional e nos aspectos máis salientábeis da Galicia republicana.

- Xavier Castro, “Alexandre Bóveda e o seu tempo” (pp.181-212).
Céntrase na vida cultural, social e política da Galicia republicana, destacando as máis importantes innovacións do momento e tamén subliña a mestura de tradición e modernidade que caracterizaba a sociedade.

No cuarto bloque, “A recuperación da memoria”, inclúese as seguintes ponencias que interesan neste Informe:

- Bieito Alonso Fernández, “A recuperación da memoria no exilio” (pp. 313-335).

Trata de facer unha pequena crónica do exilio galego destacando a figura de Castelao na recuperación da memoria e da identidade galega.

- Uxío-Breogán Diéguez, “A presenza de Alexandre Bóveda no interior e no exilio (1936-1977)” (pp. 337-382).

Fai unha reconstrución da figura de Alexandre Bóveda a través dos testemuños orais e escritos do movemento galeguista dende o Golpe militar de 1936.

Finalmente, inclúese un último bloque, “Pensamento”, que contén o seguinte texto de interés para a literatura galega:

- Xosé Estévez, “Bóveda no Galeuzca de 1933” (pp. 417-460).

Faise referencia aos contactos trinacionais entre vascos, catalás e galegos.

O volume péchase coas conclusións do Congreso a cargo de Gonzalo Constenla Bergueiro, da Universidade de Vigo (pp. 483-488) e de Luis Bará, Concelleiro de Cultura do Concello de Pontevedra (pp. 489-495).

Referencias varias:


Recóllese a presentación d’A Galiza de Bóveda, resultado das actas do Congreso de Alexandre Bóveda celebrado no ano 2003. Sinálase ademais que para a presentación do mesmo acudiron ao acto seu fillo, Xosé Luís Marcos Bóveda, o vicerreitor de Relacións Institucionais da Universidade de Vigo, Iván Area e o dirixente nacionalista Xosé Manuel Beiras. Deste último subliñanse a súas palabras ao destacar que a monografía presentada reflicte “as visións plurais e pluridimensionais da figura do galeguista”.


Preséntase volume que recolle as actas do congreso celebrado en 2003 no Pazo da Cultura pontevedrés con motivo de conmemorar o centenario do nacemento do galeguista, Alexandre Bóveda. Sinálase ademais que é o resultado das achegas de
quince autores, coordinadas por Uxío Breogán Diéguez, e que permite coñecer as diferentes facetas da figura e o legado do galeguista dende distintas perspectivas.


Número monográfico organizado pola Sección de Crítica Literaria Galega da Asociación de Escritores de Língua Galega, no que se recollen os traballos presentados durante a I Xornada da Crítica Galega, celebrada o 21 de setembro de 2007. Conta cunha breve introdución baixo o título de “Pórtico”, da Comisión Xestora da Sección de Crítica Literaria da AELG, constituída por Xosé Manuel Eyré, María Xesús Nogueira e Olivia Rodríguez, na que adiantan os contidos do volume e lebran os obxectivos da Sección aos que se pretende responder con esta publicación. Lémbrase brevemente a celebración deste evento e reproducéuse un texto de Xosé Manuel Eyré titulado “O logro asociativo da crítica literaria galega”, no que refíxese sobre a importancia da actividade crítica e lebran a xestación desta asociación, na que agradece o apoio da AELG e tamén do Consello da Cultura Galega. Salienta a importancia do evento como observatorio para comprender mellor a situación do crítico en Galicia e adianta a liña xeral do que tratou cada un dos participantes. O volume aparece estruturado nos apartados “Conferencias”, no que se recollen as análises de Ramón Nicolás e Arturo Casas sobre o estatuto da crítica xornalística e da académica; “Mesa redonda”, na que se inclúen as achegas de críticos de fóra de Galicia nas que analizan a situación da crítica no sistema portugués, catalán, vasco e español; reproducéuse a “Primeira enquisa á crítica galega” realizada por Xosé M. Eyré; e reproducéuse a recepción das obras premiadas e finalistas dos Premios da Crítica Española, outorgados en 2007 a novela *O Señor Lugrís e a negra sombra*, de Luís Rei Núñez, e a finalista a *L’affiche rouge*, de Mario Regueira; e en poesía a *Vigo*, de Helena de Carlos; e como finalista a *Mudanzas*, de Marilar Aleixandre, recensións críticas que están descritas no *Informe de literatura* correspondente. Finalmente péchase a obra coas colaboracións de Arturo Casas e María do Cebreiro Rábade Villar. Os contidos que son de interese para este *Informe de literatura* son os que seguen:


Despois da breve presentación de M. Xesús Nogueira, Ramón Nicolás comeza estabelecendo algunhas diferenzas entre o estatuto da crítica académica e xornalística, como o soporte que terma delas, a selección léxica, a concisión, a actualidade do obxecto de interese, etc. A seguir refírese ao escaso recoñecemento que o labor crítico ten para a sociedad literaria malia a súa importancia para o sistema literario, pero que se ve condicionado por elementos negativos baseados en falsas crenzas, como que a crítica resalta só aspectos negativos das obras ou é pura adulación. A continuación repasa as funcións da crítica xornalística, entre as que sinala, seguindo ao poeta chileno José Ignacio Silva, a informativa, a recepción e valoración nun tempo histórico determinado e como índice de mudanzas valorativas, presupostos nos que tamén se ten en conta as propostas doutros autores como Gutiérrez Palacio e Ricardo Vírhuez. Sobre os que exercen o labor crítico sinala que tanto en Galicia como fóra a maior parte dos que exercen a crítica nos xornais non se dedican en exclusiva a este labor, senón que
pertencen na maior parte dos casos ao ámbito do ensino, o que dificulta a profesionalidade do crítico, que en Galicia presenta singularidades, como as limitacións da realidade social e cultural galega, nas que o libro ten que competir coas grandes transnacionais que controlan as canles de comercialización, ademais das debilidades propias dunha literatura periférica e dunha sociedade que se amosa allea ao propio. Fai unha breve historia da crítica xornalística en Galicia dende as primeiras recensións na prensa galeguista dos anos vinte e trinta, pasando pola presenza esporádica nos medios durante a ditadura, até a transición, na que cita nomes como Ricardo Carvalho Calero, Francisco Fernández del Riego e Xesús Alonso Montero. Salienta o carácter efémero da maior parte dos suplementos dos xornais galegos e a falta dunha crítica asidua, referíndose á súa propia experiencia en suplementos como “Galicia Literaria”, do Diario 16 de Galicia; “Faro das Letras”, de Faro de Vigo, e “Culturas”, de La Voz de Galicia, entre outros, que configuran a escasa nómina de suplementos nos que se lles presta atención aos libros galegos. Continúa o repaso por outros medios tanto de prensa escrita coma programas de radio e televisión e a rede. Constata que frente ao aumento constante da edición en lingua galega do mercado editorial a crítica xornalística non experimentou esa evolución, e segue “movéndose en cifras que poderíamos sinalar de resistencia”, incluso en sectores como a Literatura Infantil e Xuvenil, unha das máis puxantes. Crítica tamén a presenza e atención dos medios xornalísticos galegos aos creadores en lingua castelá, condenando a literatura galega á invisibilidade, aspecto no que insiste tamén Arturo Casas na Antoloxía consultada da poesía galega 1976-2000 (2003), da que reproduce un parágrafo para subscriber as súas palabras. Discrepa do lugar común que reitera a imposibilidade de facer crítica obxectiva en Galicia pola presión derivada do coñecemento entre todos os implicados, posicionándose na idea de que a crítica literaria se exerce dende a resistencia e a militancia. Remata reiterando a necesidade de activar as ferramentas coas que se conta para visibilizar este labor, alude á transcendencia do momento en Galicia, onde considera importante a Lei do Libro e da Lectura, o feito de contar cun sistema cada vez máis consolidado, dun público máis amplo e dun espírito gremial e asociativo entre os críticos inexistente até o de agora, o que propiciou tamén a celebración desta Xornada.


Despois da presentación de Xosé Manuel Eyré na que repasa a traxectoria de Arturo Casas, reproducéuse a reflexión do crítico galego sobre as coordenadas e condicionantes socioculturais, políticos e científicos que inciden sobre a crítica académica galega, así como as súas prácticas e hábitos. Parte da convicción de que é unha hora crucial para a crítica literaria feita en Galicia, na que é preciso tomar decisións individuais e colectivas, nas que non se poden ignorar as mudanzas operadas nos Estudos literarios e nas Humanidades, tanto no seu desenvolvemento disciplinario coma na súa presenza curricular nos diferentes niveis formativos, facendo compatíbeis e simultáneos dous procesos: o derivado do prisma historiográfico para complementar e revisar a tradición crítica e a actualización de obxectivos e métodos de crítica. Móstrase consciente da existencia de promocións recentes de universitarios en condicións de renovar o discurso crítico. A seguir detense en tres aspectos: a delimitación entre a crítica académica e xornalística, a situación da crítica no espaço xeral dos Estudos literarios e culturais e a performatividade do discurso crítico. Detense tamén nas monografías, edicións e revistas que vehiculan a crítica académica, nas que salienta a escaseza de coleccións de ensaio, de edicións críticas da obra de autores, de revistas crítico-literarias, de...
monografías que delimiten os ensaios das variantes textuais de divulgación, de biografía intelectual e da reportaxe. Parte dos datos do Informe de literatura correspondentes a 2005 e constata a escaseza de monografías procedentes das Universidades, a dependencia da crítica académica galega de efemérides como o Día das Letras Galegas e a centralidade da figura autorial e a súa comprensión historicista, o que para Casas é resultado da asociación da crítica coa celebración, co afianzamento do canon, coa carencia de dinamismo, coa ignorancia da periferia ou centralidade de autores e repertorios. Tamén afirma que non se pode facer crítica sen un discurso teórico e lanza unha serie de propostas encamiñadas a minorar a dependencia filolóxico-historicista-nacional da crítica e situala na dimensión da “posteoria” dos estudos culturais de base comparatista, máis flexibel e dinámica; a reformulación do correlato lingua-literatura reclamando a emancipación epistemolóxica e orgánica e finalmente a necesidade de que as institucións promovan a constitución dun Instituto centrado na proxección cultural de Galicia no exterior e como órgano para a investigación literaria que recolla os retos e tarefas pendentes, na liña de institucións como o ILG ou o Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, aínda que de “adscricción orgánica e perfil funcional e académico ben diferenciados”.

- Xosé M. Eyré, “Primeira enquisa á crítica galega”, pp. 73-96.

Partindo da concepción de que os críticos literarios son receptores privilexiados da producción literaria, Xosé M. Eyré estabellá de dous blocos de preguntas, nos que o primeiro ten carácter persoal sobre a experiencia lectora e o segundo se centra na percepción do propio sistema literario galego. Explica que a enquisa foi realizada por correo electrónico e repasa de modo global as respostas dos participantes: María do Cebreiro, María Xosé Queizán, Camiño Noia Campos, Montserrat Pena Presas, Joaquim Ventura, Armando Requeixo, Roberto Pascual, Isabel Soto, Isabel Castro Vázquez, Alfredo Ferreiro, Laura Caveiro, María Xesús Nogueira e Olivia Rodríguez González. Sinala que nas respostas do bloque de preguntas de carácter persoal algúns autores sinalaron a influencia do ambiente familiar, outros a consciencia da adolescencia e a insatisfacción das lecturas escolares, así como a iniciativa propia. En canto á influencia de autores concretos, son respostas moi diversas, dende Manuel Rivas, pasando por autores europeos, aínda que en moitos casos son incapaces de sinalar un nome concreto, polo que se reproduce unha ampla nómina de referencias sinaladas, organizadas ao redor do marbete banda deseñada e obras literarias. Salieta entre os nomes de creadores algúns autores con obras de Literatura Infantil e Xuvenil. Explica que na cuestión referida á importancia da lectura nas súas vidas todos coinciden en salientar a mellora da lectura para a vida do lector. No referido ao segundo bloque sinala entre as respostas á mellora necesaria na literatura galega a falta de profesionalidade, a sobredimensión dos premios, a dependencia das subvencións, a diminución de bibliotecas, a necesidade de campañas máis eficaces, o prezo dos libros, a instrumentalización da Literatura Infantil e Xuvenil, o baixo nivel cultural da sociedade e a falta dun mercado propiamente galeguizado, entre outras. Sobre a fe nas posibilidades e no que está por facer saliéntase a importancia dos logros da LIX e márcase a necesidade de exportar e proxectar no exterior, mentres que para mellorar proponse a promoción da lectura nas capas sociais galegofalantes máis necesitadas, a literatura de quiosco e a tradución como axudantes, o traballo seriio no sistema educativo, a potenciación da rede de bibliotecas, a mellora na formación dos mediadores, a profesionalización dos axentes implicados, o aproveitamento das posibilidades da Internet, a posta en valor da LIX, o apoio da crítica na orixinalidade e
modernidade da literatura, así como a redefinición das estratexias editoriais. Por último reproducéense as respostas concretas de cada un dos crítics participantes.

- Arturo Casas, “Redes, interacción lectora e continuum crítico”, “Colaboracións”, pp. 139-142.

Reprodúcese o texto correspondente á intervención na Casa de Rosalía celebrada o 19 de maio de 2006 e que se recupera por consideralo de plena vixencia. Nel fai unha serie de consideracións sobre as funcións e disfuncións da crítica, que considera moitas veces descontextualizada por non ter en conta que é unha actividade que se ten que integrar no sistema cultural e polo tanto interdependente con outros elementos cos que se relaciona. Tamén considera que é precisa unha maior flexibilidade, distanciándose do recoñecemento mecánico e previsíbel, do grao de axuste ou desaxuste entre as producións culturais e dos presupostos que identifican o crítico ou o grupo no que se integra, aspectos que considera difíciles de evitar e do que deriva a desconfianza dos lectores e o resto dos axentes literarios sobre o papel dos crítics. Non obstante, observa síntomas de cambio na crítica como mecanismo de transmisión de valores e posiciones dun determinado discurso de poder, aínda que admite a inexistencia de crítica enteiramente autónoma pola falta de individuos e grupos instalados nunha independencia discursiva e social plena. Considera un bo síntoma a consciencia en aumento desas dependencias entre os lectores e consumidores de bens culturais e o rexeitamento da crítica como “apéndice comercial da industria editorial”. Salienta a importancia do aumento da crítica de interacción, favorecida pola multiplicación espectacular de plataformas críticas activas, en especial as derivadas da comunicación telemática, propiciando un cambio significativo que é a “configuración dun continuum crítico” que considera que acabará por borrar a existencia do lector illado e acrítico para potenciar a proxección permanente, plural e multipolar das lecturas individuais ao espazo público, o que ten que incidir no marco de decisións dos axentes literarios e que renovará a función da crítica, adecuando ao momento histórico a autoridade do crítico, a súa representatividade social e as súas tomas de posición. Deste modo considera que a heteroxeneidade e pluralidade serán trazos enriquecedores e de apertura ao espazo crítico, cunha maior relatividade, que favorecerá o labor creador, aínda que poida ser unha crítica más “lixeira en contidos e argumentos”.


Comeza manifestando a incomodidade que lle produce o papel de crítica, por sentir a contradición desta con outras actividades como a produción de textos ou o exercicio da investigación literaria. Reflexiona sobre a compatibilidade e independencia de xuizo cando desenvolve o labor crítico e creativo, así como cando se integra na liña editorial dun medio de comunicación ou ao servizo dun pagador. Tamén reflexiona sobre a posibel incompatibilidade do crítico e investigador, aínda que considera menos cuestionábel, ao ser consciente da diferencia entre ambas disciplinas, das súas xerarquías e cortes epistémicos. Especifica que a investigación require un grao de distancia que a crítica non precisa e enuncia algunhas hipóteses sobre a función social da crítica, como é o feito de que “non hai crítica, hai crítics” e polo tanto a crítica é un proceso de abstracción; que a crítica é unha práctica que non debe ser indiferente á crítica como disciplina, polo tanto ten que estar informada dos avances, debates, matrices disciplinarias e orientacións nos estudios literarios; que a “crítica debe ser dura, e os
criticos corteses”, de modo que a crítica non caia no maniqueísmo da gratuidade do xuizo negativo ou na concepción de que os disvalores como xuizes poden ser máis perspicaces cós valores; e, por último, que “a crítica pode non ser neutral, pero debe ser obxectiva”, polo que considera que o exercicio crítico require a valentía necesaria que dan determinados compromisos e tomas de posición, aínda que no contesto galego precisa que os procesos de normalización cultural non deben orientar nin condicionar o traballo dos críticos. Conclúe que a crítica se exerce sempre dende diferentes lugares nos que o crítico non é alleo aos contextos efectivos de actuación, e que é necesario esixirlle á crítica competen
cia e rigor.


Edición limitada de catrocentos cincuenta exemplares que se presenta nunha caixa de madeira forrada a man con tea vermella e serigrafada en negro que inclúe un “Caderno de poemas”, un “Caderno de cartas” e unha “Carpeta de Estampas”. Aparecen primeiramente tres páxinas de papel transparente das que a primeira, a xeito de carta, sinala o décimo aniversario do pasamento do poeta, a segunda mostra os datos editoriais e a terceira o índice autorial de cada carpeta. Nunha páxina á parte indica a adquisición desta carpeta número duascentas vinte e cinco pola Biblioteca Xeral da Universidade de Santiago de Compostela. A primeira carpeta leva por título “Cartas a Novoneyra” e inclúe os seguintes escritos por parte de diversos autores:


Fala do poeta da Terra Chá e enumera as súas principais obras.

Loa a figura do poeta e salienta “A galiña dos Prados” e a publicación do seu método “chirlo merlo”.

- Xosé Carlos Caneiro, “Gritaremos abril, Novoneyra”, p. 3.

Enxalza a figura do poeta.

- Ánxel Huete, “A sensibilidade plástica”, p. 3.

Sinala a colaboración nesta homenaxe da Asociación Galega de Artistas Visuais (AGAV).

- Xosé Chao Rego, “Dende as entrañas”, p. 4.

Laudatio da figura e poesía de Uxío Novoneyra nun estilo de prosa poética.


Epístola dirixida a Uxío N. na que loa os seus versos que debuxan un itinerario dende o Caurel até Santiago de Compostela.

- Carlos Mella, “Chámase Uxío”, p. 5.

Tres parágrafos na honra do poeta.


Describe brevemente a súa amizade co poeta.

- Esperanza Mariño Davila, “‘Rusia A Pequena’”, p. 7.

Texto sobre unha familia campesiña e as súas dificultades.


Catro parágrafos sobre a figura do poeta grafados na normativa reintegracionista.


Epístola ao poeta co gallo da evocación dos seus poemas.

- Emilio Cao, “Novoneyra descubre que a chuvia en Galicia pode caer de abaxo para arriba”, p. 8.

Dúas estrofas sobre a personalidade do poeta.

Texto sobre la poesía de Novoneyra en canto o que esta implica de soño e de liberdade.


Dous parágrafos encol unha anécdota que lle sucedeu xunto ao poeta.


Comenta a educación recibida de Uxío N. que lle permitiu dar saída á súa arte poética.

- José López Fontal, “O meu bon amigo Uxio Novoneyra”, p. 11.

Carta ao poeta sobre a súa vindeira homenaxe.


Grafada na lingua portuguesa, salienta a súa amizade co poeta.


A xeito de carta ao poeta, destaca o seu xenio artístico e a súa amizade.


Texto cunha anécdota sobre un libro de Pessoa que lle acontecera a el e mais a Novoneyra.


Grafado en portugués, refire o texto Nur do poeta, extraído do volume inédito “Este Nom é um Livro de Ciência-Ficçom”.

- Isabel Escudero, “Carta a Uxío de Isabel”, p. 16.

Epístola ao poeta na que describe o tempo de visitas a Uxío en Compostela.


Poema sobre Compostela e a figura do poeta, que mestura cun texto a modo de carta ao poeta.

- Xosé Manuel Beiras, “Ergo o meu brazo”, p. 18.

Tres liñas en prosa poética honrando a Novoneyra.


Texto no que expresa a súa admiración polo poeta.

Carta a Uxío en prosa poética encol as lembranzas da súa amizade.

Texto sobre a xeración de Novoneyra e o seu labor no seu seo.

En lingua portuguesa, trae á memoria a súa amizade co poeta.

Describe a figura do poeta e a súa traxectoria literaria.

Laudatio á figura do poeta.

Carta ao poeta encol da súa amizade con el.

Salienta a súa obra homónima.

Menciona a homenaxe ao poeta organizado pola Agrupación O Galo.
- Roberto Vidal Bolaño, “Eu nunca lle oín”, p. 27.

Texto poético sobre a obra de Uxío no cinema.
- Olga Patiño Nogueira, “O souto de Uxío”, p. 27.

Texto en prosa poética sobre a lembranza do poeta.
- Tareixa Navaza, “Uxío ámote”, p. 28.

Conta a súa amizade co poeta dende 1974.
- Xerardo Pardo de Vera, “Estou en terra”, p. 29.

Refire a estadía do poeta en Madrid.
- Juan Soto, “‘Cos ollos ó lonxe’, p. 29.
Salienta a súa faceta de creador de linguaxe e do mudo a través da súa poesía.


Destaca o seu volume Os Eidos.


Enxalza Os Eidos e a figura do poeta.

- Xulio Cuns, “A UXÍO NOVONEYRA, señor dos tesos cumes... e dos ríos... e das fontes... e de tantas cousas que el é quen de poder e saber compartir coa Natureza...”, p. 31.

Lembra a figura do poeta e menciona o seu “Poema dos Caneiros”.

- Xosé Lois García, “Viaxes íntimas con Uxio Novoneyra”, pp. 31-33.

Describe como coñeceu a Novoneyra e a súa posterior amizade.


Subliña o seu labor de poeta.


Dúas liñas en honra do poeta.

- Xulio Calviño, “Do signo poético como sigma político”, p. 34.

Analiza en dez epígrafes a filosofía presente na poesía de Novoneyra.

- Felipe-Senén, “Novoneyra do Courel, o Courel de Novoneyra”, pp. 36-37.

Analiza a andaina do poeta na súa poesía.


Conta a súa experiencia no Courel ao lado do poeta.


Analiza a traxectoria do poeta.

Nunha segunda carpeta intitulada “Poemas a Novoneyra”, dun total de noventa e sete páxinas, recóllense un total de corenta e nove poemas de variada autoria en homenaxe a Novoneyra. Algúns deles están grafados en portugués, francés e mesmo irlandés e só algun levan título. Na derradeira carpeta, “Estampas a Novoneyra”, preséantanse unha serie de corenta e dúas estampas de diversa autoria. Todas elas, en versión mínima,
aparecen na primeira páxina, a xeito de índice. Veñen numeradas cos díxitos 224/450 e a maioría son en cor, aínda que hai algunhas en tinta negra e gris. Case to das mostran ou ben retratos do poeta ou ben paisaxes do Courel. Algunhas delas están dedicadas ao poeta.


Xesús González Gómez (1950) deseña, xa dende a “Presentación”, unha persoal observación do surrealismo. A partir da triade “amor, liberdade e poesía” concíbese un movemento que non se limita ao literario, senón que se extrapola a un modo de vida, unha reacción ante todas as formas que oprimen ao home; que non é de vangarda, xa que sabe recoñecer, tamén no pasado, os sinais de futuro que lle interesan. O “Aviso” recolle a impresión de non exhaustividade, de ser unha compilación persoal, até na xerarquización da información. A seguinte epígrafe é a “Traxectoria do surrealismo”, concibida como cronoloxía de datos significativas, con inicio en 1919, da man de Louis Aragón, André Breton e Philippe Soupault que fundan a revista *Littérature* e final simbólico en 2001, coa morte de Eugenio Fernández Granell. As entradas concíbense de modo temático, polo que hai entradas co nome de artistas surrealistas, pero tamén co de determinadas obras ou actividades significativas, como “Declaracións colectivas”, “nai”. A presenza galega no *Diccionario* é cativa, pois o surrealismo poético nunca se implantou aquí, e só poden estudarse con detalle a Eugenio F. Granell (con entrada propia), e parcialmente a Maruja Mallo e Urbano Lugrís. Granell formou parte do movemento surrealista e asumió os seus postulados literarios, artísticos, políticos e éticos. Relacionouse dende novo con Maside ou Manuel Antonio. Para a poesía galega recolle González Gómez a influencia surrealista en Olga Novo, e tal vez en Álvaro Cunqueiro, de Paul Éluard. Outras chiscadelas foron a recepción do surrealismo nos xornais galegos dos anos 20, especialmente en *Faro de Vigo*, por medio de Amado Villar, e a folla voandeira *VRETON* en Compostela (1995), con deseños e poemas surrealistas (Daniel Beiras, Xaime Sierra, Rafael Vetusto).

**Recensións:**


Co subtítulo de “Diccionario sui generis” presentase o dicinario de X. González Gómez. Coméntase que o volume non aspira á exhaustividade e que presenta cunha redacción áxil unha traxectoria do surrealismo de 1919 até 2001, feche simbólico coa morte de Eugenio Fernández Granell. Apúntase que no ronsel de obras como o *Diccionario abreviado do Surrealismo*, de André Breton e Paul Éluard, ou o *Petite dictionnaire de Le Surréalisme*, de José Pierre, acollense entradas como as de: Louis Aragon, Apollinaire, Antonin Artaud, Georges Bataille, André Breton, Luis Buñuel, René Char, Salvador Dalí, De Chirico, Paul Delvaux, Max Ernst, Frida Kahlo, Joan Miró, Paul Nash, Mimi Parent, Ernesto Sampaio... Incídese en que o seu autor, que foi crítico literario no semanario A Nosa Terra, detense tamén en cuestións como a crítica surrealista, as achegas galegas ao movemento e a forma de vida, a ética e o sentimento surrealistas.
Considera que *Dicionario de surrealismo e surrealistas*, de Xesús González é un ensaio crítico sobre o movemento surrealista que atopou no disfrazo de dicionario o mellor recurso para achegarse ao seu contido, na medida en que fala dende o particular ao xeral, como os surrealistas querrían. Sinala que este traballo admite múltiples lecturas, aínda que estima que a lectura máis produtiva é a que parte dunha entrada e de aí ir saltando ao resto mediante o sistema intertextual que o libro posúe. De feito, opina que a presenza das entradas temáticas, mesturadas entre as máis numerosas, que se refiren a autores ou a institucións, dá en certa medida a clave do duplo contido do dicionario: surrealismo e surrealistas. Tamén indica que cada entrada é un artigo no que González Gómez contribúe a unha teoría crítica do movemento surrealista e agradece que, malia a implicación afectiva da voz autorial respecto do surrealismo, non leve parella unha mistificación deste.

**Referencias varias:**


Indícase que, editado por A Nosa Terra con axuda da Fundación Granell, se presenta este dicionario de máis de duascentas entradas co que Xesús González Gómez se acheva ao surrealismo. Coméntase que esta corrente artística, na cerna da modernidade do século XX, chegou ao autor a través dunha antoloxía poética da biblioteca de Basilio Losada, sorprendéndoo por irracional, subxectiva e subversiva politicamente. Dise que o dicionario, que camiña dende os anos 20 até os actuais grupos surrealistas en Madrid, Praga ou Chicago, se estutura en entradas temáticas, explora a relación da corrente co comunismo e non esquece ao único surrealista galego, Eugenio Granell.


Despois de salientar algunhas obras de X. González Gómez coma *Ecos da batalla cotiá. Declaracións políticas surrealistas* (2004), *Manifestos das vangardas europeas 1909-1945* (1995) e *O surrealismo. Unha achega documental* (2002), preséntase o seu persoal *Dicionario do Surrealismo e Surrealistas*. Saliéntase que as entradas están organizadas por autores, institucións, temas... que poden adobarse de ironía e que se trata a utopía surrealista e grupal, con continuidade na actualidade en grupos como o de Madrid, o de París, o de Taormina en Grecia, o de Praga e o de Chicago. Afírmase que, sendo a surrealista unha posición marxinal que implica a resistencia e o político, o único surrealista galego foi Eugenio Granell, militante no grupo de París. Resérvase as influencias surrealistas a exemplos como Maruja Mallo e Urbano Lugris na plástica e Álvarez Cáccamo e Olga Novo na literatura.

Sección fixa do suplemento na que se acolle un breve descriptor do Dicionario do Surrealismo e dos surrealistas, de Xesús González Gómez, integrado por máis de duascentas entradas; entre outras obras.


Nesta entrevista Xesús González Gómez ofrece as súas consideracións sobre o dicionario sobre o surrealismo. Comenta que o dicionario persoal, non exhaustivo, transcende a interpretación canónica do surrealismo como movemento de vangarda, colocándoo como unha utopía, un movemento político e o pulo do cambio social dende o colectivo. Tamén sitúa o ano inicial no 1919, por considerar que começaron a súa actividade en Dada, e acolle o “Manifesto do Surrealismo”, de André Breton en 1924. Destaca as chamadas de atención das exposicións, os diferentes posicionamentos ante os acontecementos históricos do XX, a entrada masiva do Partido Comunista, as expulsións dentro do propio grupo, etc. Á hora de establecer limites de adscripción á utopía surrealista, inclúe ao galego Fernández Granell pero non a Maruxa Mallo, por considerar que toda unha serie de actos morais e sociais e de adhesión están en xogo. No ámbito da irradiación actual, compara a Fundación Granell coa Fundación Cupertino de Miranda (Famalicão). Por outra banda, considerando a súa actividade crítica dende as páxinas de A Nosa Terra entre 1998 e 2008, aproveita para volver sobre a singularización dos anos 80 como un momento brillante para a poesía galega e considera a xeración en termos de necesidade e mudanza, sen apórlle o cualificativo “culturalista”, e acéptaa como o mellor momento da poesía última, con nomes coma: Cáccamo, Manuel Forcadela, Baixeras, Xoán Manuel Casado, López Valcárcel, Fernán Vello e Ramiro Fonte.


Preséntase a edición do Dicionario do surrealismo e surrealistas, de X. González Gómez. Dise que a súa presentación tivo lugar no Consello da Cultura por Xosé Manuel Acuña, director literario de Promocións Culturais Galegas. Salíéntase da obra o carácter persoal; xunto coa compilación e estruturación de datos, que permiten consultalo como un dicionario canónico. Elóxiese tamén a significancia de se efectuar esta revisión dende o sistema galego, e en galego, reivindicando a Eugenio Granell.


Fotobiografía sobre Ramón Cabanillas (Cambados, 1876-1959) realizada pola profesora de Xeografía e Historia do IES Francisco Asorey de Cambados, Maribel Baldonedo, en colaboración con grupo de alumnas de segundo de bacharelato, dentro da materia optativa de Xeografía e Historia de Galicia, durante o curso 2006-07. Como ben aclara na introdución, ao rematar o curso decide darlle fin ao traballo que quedara inconcluso. Ábrese o libro cunha dedicatoria aos seus pais e ao propio Cabanillas e tras un “Limiar” institucional comeza a fotobiografía cun fragmento extraído dunha carta que o propio poeta enviara a Ricardo Carballo Calero, con data do oito de novembro de 1954, na que
el mismo presentaba un extracto dos datos de su vida. Faise o percorrido vital e literario do escritor a través de fotografías e imaxes que son testemuña dos momentos máis significativos por el vividos: dende a casa natal em Fefiñáns, a súa acta de nacemento, as xuntanzas cos amigos nos anos mozos en lugares como Cacabelos na primeira década do século XX, a súa voda con Eudosia, pasando pola emigración en Cuba, a súa volta a Galicia e ingreso nas Irmandades da Fala, na Real Academia Galega, a proclamación da II República e a guerra civil española, as súas estadías en Samos até as fotos dos seus últimos anos e o seu enterro em Cambados. Péchase o volume con breves apuntes biobibliográficos de escritores, intelectuais e políticos do panorama cultural galego nomeados na obra.

Recensións:


Indícase que, con motivo do cincuentenario do pasamento de Ramón Cabanillas o 9 de novembro de 2009, se publicaron “interesantes estudios”, artigos, folletos e escolmas temáticas que supoñen unha “interesante aportación” á celebración. Entre eles coméntase esta biografía que foi “un feliz inicio de celebración” que cumpre co dobre obxectivo de presentar unha ampla documentación biográfica e amosar unha colección fotográfica da vida de Cabanillas, dos seus avatares literarios e das coordenadas espazo-temporais. Apúntase que o labor de investigación foi realizado en solitario por Maribel Iglesias quen xuntou textos e imaxes para artellar o seu discurso. Salíntense a fermosa capa deseñada por Manuel Busto e a escolla dunha cita de Ramón Caride. Coméntase que logo as imaxes e os textos contan o contexto de Cabanillas, o mundo da infancia, o casamento, a emigración, o triunfo literario, os recoñecementos académicos, a posguerra, etc. Indícase que moitas imaxes son inéditas, caso daquelas que explican o activismo galeguista de Cabanillas. Por último, indicase que o libro relata eventos significativos tras a súa morte e que se pecha cun apéndice no que se presentan reseñas biográficas de escritores e persoais citados ao longo do libro; e salíntense que é a “mellor recomplición fotográfica” de Cabanillas que contextualiza a súa figura e que permite “facerse unha idea cabal do percorrido vital e literario do biografado e que lle serve aos investigadores e estudiosos de Ramón Cabanillas para revisar conceptos, actualizar información e, sobre todo, atopar documentación certa e novidosa”.

dos actos en homenaxe á poeta do Sar, da que informa que leu o poema “A Xustiza pola man” da cantora do Sar (composición que aparece, a continuación, recollida). A seguir, hai dous textos: un de David Otero e outro, de Avelino Pousa Antelo. O volume ampliase cun poema dedicado a Alexandre Bóveda, de Xoán Fernández Abella, escrito no ano 2003. Por outro lado, Carlos Loureiro foi o encargado de presentar o estudo sobre a obra de Varela Buxán, ao que lle segue un poema feito a man de Xosé Vázquez Pintor (“Primeiro Século: A Manuel D. Varela Buxán, in memoriam”). Complétanse os actos da IX Forxa Literaria con tres textos breves asinados, respectivamente, por Daniel González Alén (“No centenario de Varela Buxán”), de Paco Penas (encargado da exposición fotográfica na Sala Laxeiro da Solaina, dedicada ao Santuario do Corpiño) e de Paco Lareo, quen realizou a escultura que leva por título “Solea a Paraulata en Río Verde”. Por outro lado, engádese un apartado titulado “Recital poético”, que recolle as diversas composicións que se leron no transcurso do día, e que contou coa música do violinista Eduards Vesbasticks. Os poemas lidos foron os seguintes: “Gándara”, de Carlos Negro; “Silêncio”, de Orlando J. Figueiredo; “Un palé de tempo: espellismo do eterno” e “Dust in the wind”, de Andrea Porto; “Noite de maio” e “Máscaras”, de Ulises Curado; tres poemas, sen título, de Iria Pedreira; “Soneto solidario para Isaac Díaz Pardo”, de Xoán F. Abella; e “(Sen remite-Remake)”, de Enma Couceiro. O libro ilústrase en todo o momento con fotografías, en branco e negro, que recollen os diversos actos que tiveron lugar (actuación, presentación de libro, recital poético, etc.). Na última páxina, informáse que no momento de estar a maquetar o libro chegoulles a noticia de que a Fundación A Solaina fora galardoada co Premio ao Proxecto Cultural Innovador e Vanguardista da Deputación Provincial de Pontevedra.

Referencias varias:


Preséntase o volume dos encontros organizados polo Seminario de Estudios de Deza e a fundación Casa Museo “A Solaina de Piloño”. Desta última menciónase o premio “ao proxecto máis innovador e vangardista” que recibiron por parte da Diputación de Pontevedra. Noméanse as actividades que se desenvolveron con motivo da IX edición da forxa literaria.


Volume no que a compostelá Montse Nieto reproduce as conversas e reflexións que mantivo con Isaac Díaz Pardo (Santiago de Compostela, 1920). Comeza cun “Limiar”, obra de Tucho Calvo, no que se sinala que se trata dunha biografía a xeito de longa entrevista e onde se subliña a relevancia histórica de Isaac Díaz Pardo. No primeiro apartado deste libro, “Na aba do Monxoi”, infórmase de que neste lugar é onde fica o lugar de traballo e mais a morada de Isaac Díaz Pardo, onde xorde este volume centrado na figura de Isaac Díaz Pardo. A seguir aparecen os trece apartados nos que, mediante a técnica da entrevista, Montse Nieto se achega á figura de Isaac Díaz Pardo e onde se
detalla numerosos aspectos da súa traxectoria empresarial e artística. Os apartados levan por título: “Isaac onte, hoxe e sempre”, con referencias a Ánxel Casal, Daniel Rodríguez Castelao ou Avelino Pousa Antelo; “Ollando cara atrás… sen ira”; “A fábrica do Castro”; “A fábrica da Magdalena”, onde menciona os exiliados como Castelao e Eduardo Blanco Amor; “Edicións do Castro”, onde se fala das orixes desta editorial así como do que leva publicado; “A fábrica de Sargadelos”; “O Museo Carlos Maside”; “O Instituto Galego de Información (IGI)”; “Isaac e a arquitectura”; “Isaac e o teatro”, que se detén na súa breve produción dramática bonaerense; “Isaac, escritor”, apartado no que se repasa a súa faceta como escritor e xornalista; “Isaac destronado, pero non vencido” e, finalmente, “Recordos con nome propio”, onde Isaac Díaz Pardo opina sobre salientábeis persoeiros galegos cos que tivo relación entre os que se atopan Ánxel Casal, Blanco Amor, Ricardo Carballo Calero, Castelao, Enrique Líster, Lorenzo Varela, María Casares, Xosé Neira Vilas, Ramón Otero Pedrayo, Rafael Dieste, Ramón Piñeiro e Vicente Risco. Despois inclúense catro apartados máis: o “Cabo”, que é unha breve reflexión sobre a figura de Isaac Díaz Pardo, seguido da listaxe dos “Recoñecementos” que tivo, dende o Pedrón de Ouro de 1976 até a Medalla de Ouro ao Mérito nas Belas Artes de 2009, e remátese coa “Cronoloxía” até 2008 e mais coa “Escolma bibliográfica”, dividida en “Activa” (obra gráfica, obra teatral e varios) e “Pasiva” (arte, teatro e varios). Este libro conta cun DVD que o complementa e no que se pode ver a Díaz Pardo repasando a súa vida con gravacións realizadas polas rúas e lugares emblemáticos da súa Compostela natal.

Recensións:


Comenta a sorprendente capacidade deste libro de renovar o coñecemento da figura de Isaac Díaz Pardo e cualifícao como “retrato cabal” no que se repasa a súa faceta como artista, arquitecto non profesional e estudioso e inventor de técnicas para a cerámica. Tamén destaca que este libro agasalla ao lector un gran perfil fotográfico e mais cun DVD centrado na figura de Díaz Pardo.

Referencias varias:


Sección fixa do suplemento na que se descreben varias obras do sistema literario galego, tanto novidades como obras recentes. Entras as obras seleccionadas está Ollos da memoria. Conversas no Monxoi con Isaac Díaz Pardo, de Montse Nieto, da que achega un breve descritor no que repara na figura do persoeiro estudado e no que indica que a xornalista non segue “estrictamente” unha orde cronolóxica.

Indica que este libro se vén de presentar na libraría Couceiro de Compostela e recóllense algunhas impresións de Isaac Díaz Pardo sobre o seu pesimismo, sobre o futuro da lingua galega e sobre economía e política.


Recalca que este volume presenta moitas fotografías, un limiar de Tucho Calvo e que vén acompañado dun DVD no que se pode ver a Isaac Díaz Pardo acompañado pola autora deste libro paseando pola rúas composteláns ou nas instalacións da aba do Monxoi. Asemade apunta que se pecha cunha chea de impresións persoais de Isaac sobre os máis salientábeis persoeiros da cultura, política, arte e a ciencia cos que tivo algunha relación.


Volume coordinado por Roberto Pascual Rodríguez que acxeita a historia da Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia a través de diferentes autores implicados no certame con motivo do vintecinco anivariño. Tras unha parte introdutoria de varios representantes institucionais, faise un percorrido polos vintecinco anos nos que se levou a cabo dita Mostra a través de diversos autores como Xosé Luís Méndez Ferrín (actual presidente da Real Academia Galega), imaxes principalmente de artigos periodísticos, dos diferentes panfleto que publicitaban o certame e de fotografías de actos e representacións. Asemade cada edición vai precedida dos espectáculos que foron representados. Por último, cítanse os premios que se adxudican na Mostra xunto cos galardoados en cada unha delas: os “Premios do público”, galardón instaurado dende o ano 2000 coa finalidade de facer partícipe activo ao público; o “Premio do xurado”, reconxecemento dos espectáculos de rúa e de sala ditado por un comité de expertos; o “Premio de Honra Abrente”, concedido pola dirección do festival co obxectivo de resaltar a implicación de persoas ou colectivos na normalización e avance da cultura e da sociedade galegas; e o “Premio Abrente de textos teatrais”, creado para incentivar a creación dramática en lingua galega. O “Epílogo” escrito polo Director da Mostra Internacional de Teatro, Roberto Pascual, explica as causas da obra e expón os aspectos a levar a cabo para mellorar o festival en futuras editiños.


Recompilación de escritos sobre literatura dramática de Euloxio Ruibal (Ordes, 1945) que viran a luz en distintos libros e revistas entre 1999 e 2009, tal como se detalla na “Referencia dos textos” (pp. 159-160), na que tamén se indica que se engade un estudo inédito, “Ecos do teatro oriental na dramaturxia occidental” (pp. 97-158). Este volume acolle escritos sobre pezas da literatura dramática, tanto de autores da Literatura institucionalizada castelá como galega, e así mesmo da Literatura Infantil e Xuvénil, fundamentalmente de autores galegos e que escribiron en galego, caso de Manuel
Lugrís Freire, Isaac Díaz Pardo e Carlos Casares, entre outros, mesmo de autores galegos que escribiron en castelán, como Ramón María del Valle-Inclán, e de autores non galegos como Lope de Vega e Calderón de la Barca. En relación coa Literatura institucionalizada galega acolle os seguintes escritos: “A emigración na obra dramática de Lugrís Freire” (pp. 37-48), no que, tras presentar datos demográficos sobre o “fenómeno social” da emigración na actualidade, céntrase na literatura dramática de Lugrís Freire xa que afirma que esta temática a “percorre lonxitudinal e transversalmente”, analizando A cistureira d’aldea (1884), Minia (1904), Mareiras (1904), O pazo (1917) e Estadeíña (1919); “A soldadeira: espazo e liberdade” (pp. 49-62), no que profunda nesta peza dramática de Luis Seoane, escrita en 1956 e publicada en 1957 en castelán e en galego en 1994; “A dramaturxia e a plástica de Díaz Pardo” (pp. 63-74), no que estabelece un diálogo comparatista entre os universos pictóricos e dramáticos de Isaac Díaz Pardo, indagando nas “correspondencias, paralelismo, ecos, pegadas ou semellanzas significativas”; “Pegadas de Valle-Inclán na dramaturxia galega actual (1973-2000)” (pp. 83-95), no que analiza a intertextualidade entre a literatura dramática de Ramón María del Valle-Inclán e as pezas O velorio, de Francisco Taxes (A Coruña, 1940-2003); Doentes (1998), de Roberto Vidal Bolaño (Santiago de Compostela, 1950-2002); e O peregrino errante que cansou ó demo (1994) e O serodio remordemento do amor (1996), de Xavier Lama (Santa Euxea-Lugo, 1962); e o escrito inédito até agora, “Ecos do teatro oriental na dramaturxia occidental” (pp. 97-158), no que tras salientar a “repercusión hipertextual” do teatro oriental na dramaturxia de autores occidentais como William Butler Yeats, Paul Claudel, Bertolt Brecht e Thornton Wilder, se detén na análise desta repercusión na dramaturxia galega anterior ao ano 1973: na de Vicent Martínez Risco (Ourense, 1884-1963), Ramón Otero Pedrayo (Ourense, 1888-1976), Alfonso Daniel Rodríguez Castelao (Rianxo, 1886-Bos Aires, 1950), Rafael Dieste Gonzaléz (Rianxo, 1899-Santiago de Compostela, 1981), Ricardo Carvalho Calero (Ferrol, 1910-Santiago de Compostela, 1990), Álvaro Cunqueiro (Mondoñedo-Lugo, 1911-Vigo, 1981), Luis Seoane López (Bos Aires, 1910-A Coruña, 1979), Isaac Díaz Pardo (Santiago de Compostela, 1920), Daniel Cortezón Álvarez (Ribadeo, 1927-Lugo, 2009), e Manuel Lourenzo Pérez (Ferreira do Valadouro-Lugo, 1943).

Tamén está descrito no apartado XII.6.5.1. Monografias, Biografias, Crónicas e Libros colectivos deste Informe.

Referencias varias:


Fala dos dous últimos libros que lle agasallaron e dedicaron. De Scena aperta. Escritos sobre teatro, de Euloxio R. Ruibal, indica que se trata dunha “colectánea de interesantes traballos sobre variada temática teatral” e salienta o labor de Ruibal no eido do teatro así como a amizade que manteñen.

Seixas Seoane, Miguel Anxo, Ánxel Casal Gosenxe. O editor de Nós, Santiago de Compostela: Concellaría de Cultura e Centros Socioculturais. Centro de Estudos

Logo dun breve apuntamento biográfico sobre Ánxel Casal Gosende (A Coruña, 1895-Teo, 1936), comeza a analizarse o seu labor dentro da Irmandade da Fala coruñesa, da que Miguel Anxo Seixas destaca a creación, xunto con Leandro Carré Alvarellos, das bases da Editorial Lar; a edición e impresión das investigacións do Seminario de Estudos Galegos e a impresión d’A Nosa Terra en Nós durante a ditadura de Primo de Rivera. Coméntase a fundación da editorial Nós, que pasa a sacar á luz os traballos do Seminario de Estudos Galegos, ademais de obras de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao e Ramón Otero Pedrayo. Refírese á saída do prelo nesta editorial de El Momento, xornal que deu voz a ORGA (Organización Republicana Galega), da que formaba parte o mesmo Ánxel Casal, o fracaso do cal enche de débedas a editorial, que tén que abandoar a xestión e impresión d’A Nosa Terra. Informa do traslado de Nós a Santiago de Compostela en 1931. Sinala que, nesa época, saen do prelo da editorial, o xornal Galicia Federal, órgano do Centro Republicano Federal de Izquierda Galega e as revistas Universitarios e Resol, entre outras publicacións relacionadas coa causa galeguista. Lembra a importancia do parladoiro creado no obradoiro de Nós, polo que pasaron os persoeiros máis destacados de Galicia e de fóra de Galicia. Remata reconéxendo o importante labor levado a cabo por Ánxel Casal e as múltiples mostras de recoñecemento que se lle brindaron tras o seu asesinato pouco tempo despois do comezo da guerra civil.


Primeira escolma dos artigos que Marcos Valcárcel López (Ourense, 1958-2010) publicara na sección “Andoliña” do xornal Galicia Hoxe entre os anos 2003 e 2004. Estes artigos de opinión recollen reflexións do autor sobre o mundo cotián e extraordinario, coas súas lecturas, películas e músicas preferidas, evocacións de historias e cavilacións diversas. O prólogo, a cargo de Afonso Vázquez Monxardín, fala da esencia da escolma e compáraa con outras como os “Parladoiros” de Ramón Otero Pedrayo, ao tempo que louva a figura de Marcos Valcárcel como “actor fundamental no decorrer vital do xornalismo galego nos últimos tempos”. A nota previa do autor recolle a esencia das súas disertacións, o debate sobre ideas dos mundos político e cultural, ao tempo que realiza unha captatio benevolentiae do lectorado, ao que espera que lle agrade a escolma. A continuación, reproducense os artigos, que tratan temas como a situación do galego, reflexións sobre diferentes aspectos e autores da cultura galega e cavilacións sobre asuntos de actualidade nos anos 2003 e 2004.


“Sinopse bibliográfica de Miguel González Garcés” e “Índice onomástico”, das cales as tres primeiras se abren cun verso do poeta coruñés. No limiar Valcárcel admite que hai anos que quería facer unha achega ao legado do seu amigo Miguel González Garcés, co propústo de recoller as críticas que se fixeron sobre o poeta, aínda que sexan contraditorias, para ofrecer diferentes puntos de vista sobre a súa persoa e facer un estudo de cada un dos seus libros e así obter unha mellor comprensión da súa vida e obra. Sinala que esta monografía non é unha tese nin un traballo académico senón unha visión global de Garcés, valorado por diferentes escritores que o trataron, “feita desde hoxe pero situada na súa época”. No primeiro punto, “O home”, fálase do contexto histórico e socio-económico da época na que viviu o poeta; da súa familia e amigos e da relación epistolar que mantivo con eles; e da súa vida persoal e profesional e do seu carácter e da súa influencia nas xeracións posteriores, que se acompaña dunha serie de ilustracións, como fotos do poeta coa súa familia, retratos, debuxos e un autógrafo. Na parte segunda, titulada “Miscelánea”, recóllense aspectos como os momentos complicados que viviu (querelas, debates, o baleiro dos colegas); a súa estética, paralela coa de Juan Ramón; a súa concepción do home como ser contradictorio; a súa concepción de Galiza; o seu traballo como antólogo, en Poesía gallega contemporánea e Poesía gallega de posguerra (1939-1975), historiador e articulista de temas culturais; a súa relación coa pintura; as súas viaxes a Venecia, Atenas e a antiga Iugoslavia; os seus gustos literarios, cinéfilos e teatrais; e a súa faceta como personaxe nas novelas de varios escritores. No punto terceiro, “Obra poética”, faise un estudo da súa obra poética e trátanse aspectos como os seus comezos como poeta en castelán, o seu achegamento ao galego, os principais títulos que deixou en galego (Bailada dos anxos, Nas faíscas do soño, Sede e luz, Un nome só na néboa e Poema ao meu mar) e a análise métrica da súa poesía, que se ilustran con fotos e cubertas dos seus libros e un autógrafo de Uxío Novoneyra dedicado a Garcés. O cuarto apartado, “Bibliografía”, ofrece unha listaxe de libros e artigos de varios autores que tratan a súa figura. No punto quinto, “Sinopse bibliográfica de Miguel González Garcés”, achégase un cadro sinóptico no que se sitúan as etapas da vida do autor en correlación con acontecementos salientábeis da historia de Galicia, de España e do mundo entre 1916 e 1989. O último punto, “Índice onomástico”, contén todas as referencias das páxinas en que aparecen cada un dos nomes mencionados no libro.

Recensións:


Descríbese esta monografía de Xulio L. Valcárcel, como exemplar porque, a pesar de ser un libro erudito, non abruma ao lector senón que o axuda a que coñexe a figura e a obra de Miguel González Garcés. Coméntase que nel hai biografía e estudo literario dos seus poemas en español e galego e dos seus artigos, que Valcárcel analiza estudiando a súa estrutura e forma, e tamén achega as súas vivencias con el e os testemuños de quen o tratou. Sinálase que o libro reflicte o don Miguel que escribiu en castelán antes de facelo en galego e que non tivo unha actitude belixerante ante a ditadura; pero tamén, o don Miguel crítico e antólogo que incluíu a escritores contrarios a el ideolóxicamente.
nos anos escuros. Finalmente, asegura que González Garcés, vinte anos despois da súa morte, segue vivo grazas a persoas que intentan termar da súa figura, como Valcárcel.


Sínálase que neste libro de Xulio L. Valcárcel, aparece o poeta Miguel González Garcés xogando ao croquet e a análise do seu poema no que o tempo se despraza cara ao fillo, en paralelo ao tempo que move a bóla. Coméntase que esta monografía tamén recolle a polémica sobre a adscrición de Garcés, escritor en castelán ao principio, á literatura galega. Precisase que se fai un estudo da súa biografía, coa colaboración dos amigos do poeta. Saliéntase o capítulo no que se conta o que pasou no acto do primeiro Congreso de Escritores en Língua Galega e a parte na que Pepe Cáccamo relata como nalgún “sarao” Garcés se achegaba á súa dona, Elvira.


Saliéntase que a monografía de Xulio L. Valcárcel, é un estudo humanista e reflexivo, exposto con sinxeleza, claridade e rigor. Coméntase que se divide en tres grandes capítulos: “O home”, “Miscelánea” e “Obra poética”, ademais da “Bibliografía”, a “Sinopse biobibliográfica”, que relaciona eventos persoais e históricos para facilitar a contextualización, e o “Índice onomástico”, para localizar as persoas citadas. Dise que o primeiro capítulo está subdividido en once partes, que van dende A Coruña de principios de século até a influencia de Miguel González Garcés nas novas xeracións. Cóntase que no segundo capítulo expóñense os aspectos máis salientábeis da súa formación como persoa: a estética, a súa concepción de Galicia e a súa relación coa pintura, entre outros. Opínase que o terceiro capítulo é o máis prezado porque nel se analizan os puntos fundamentais da súa obra poética e do seu legado.


Sínálase que Edicións Laiovento publicou este ensaio de Xulio López Valcárcel, no que se fala da peripécia humana e cultural deste home que participou en encontros literarios e actividades e promocións culturais, animou revistas literarias como Atlántida e Nordés e se dedicou ao xornalismo, a poesía, a pintura, a escultura e a música. Coméntase que Miguel González Garcés foi un poeta en galego e castelán e publicou títulos como Nas faíscas do soño, Sede e luz, Un home só na néboa, etc., e entendía a poesía como entrega e sentimento de unidade compartida con quen sente a dor dos demais

Referencias varias:


Anúnciase a presentación do libro Miguel González Garcés, mineiro de luz, de Xulio L. Valcárcel, onde se toma como referencia a escrita do poeta para facer un percorrido pola Coruña de principios do século XX. Coméntase que nel se conta que o escritor encamou
con sete anos, que estudou en Madrid e que, despois de aprobar as oposicións para arquiveiro e bibliotecario, regresou á súa cidade para traballar. Sinábase que Valcárcel fai unha exhaustiva investigación do Garcés bibliotecario que prestaba volumes prohibidos polo réxime, pero tamén do poeta, historiador, relator de viaxes e colaborador de prensa. Salientase que a publicación, ademais, conta con fotografías, autógrafos e catro debuxos inéditos de Garcés e un epistolario do escritor con Vicente Aleixandre, Jorge Guillén, Leopoldo de Luís, Álvaro Cunqueiro e Domingo García-Sabell. Destácase que na terceira parte Valcárcel se centra na poesía de Garcés, en castelán e galego, e no seu estilo vanguardista e de frases curtas.


Dáse noticia da presentación do libro de Xulio L. Valcárcel, na que intervieron a filla do poeta, Laura, o editor do libro, Francisco Pillado, o poeta Xavier Seoane e o propio autor. Coméntase que esta monografía trata a figura de Garcés dende un punto de vista literario, pero tamén humano e familiar, ademais de situalo historicamente. Para rematar, sinábase que todos destacaron a bagaxe cultural do homenaxead, tanto na literatura coma na música e noutras artes.


Dáse noticia da publicación da monografía de Xulio L. Valcárcel, que considera un estudo exhaustivo da figura deste poeta e unha revisión da súa obra cultural, intelectual e literaria, sobre todo poética. Finalmente, opinase que é unha obra imprescindíbel para redescubrir a vida e o mundo deste poeta.


Dáse noticia da presentación do ensaio Miguel González Garcés, mineiro de luz, escrito por Xulio López Valcárcel e publicado por Edicións Laiovento, na Biblioteca de Poesía Uxío Novoneyra, do Pazo Meliana-Vilaboa, dentro do programa III Outono das Letras Galegas. Coméntase que a presentación ten especial importancia debido a que está a piques de cumplirse o vinte e cinco aniversario da concesión do título de Fillo Predilecto de Culleredo a Miguel González Garcés. Indicase que a presentación contará coa presenza do edil de Cultura do Concello de Culleredo, Celestino Poza Domínguez; a directora da Biblioteca Provincial Miguel González Garcés, Laura González Garcés Santiso; o editor Francisco Pillado Mayor e o propio Xulio López Valcárcel.


Recoméndase a lectura de Miguel González Garcés, mineiro de luz, de Xulio López Valcárcel, do que se di que é un ensaio transparente, ameno e metódico aún que non se trate dun traballo académico. Sinábase que no traballo descóbrese un home de verso alto, que precisaba unha revisitación coma esta, e as súas contradicións.
XII.4.2. REEDICIÓNNS COMENTADAS E FACSÍMILES. TEXTOS RECUPERADOS


Edición facsimile e non venal desta novela de Vicente Risco (Ourense, 1884-1963) para a fundación homónima que reproduce aquela saída do prelo de “Nós” Publicacións Galegas e Imprenta o 6 de xullo de 1928. Nun folleto complementario inclúese un estudo introdutorio de Manuel Outeiriño, “O humor político de Risco”, no que se entende esta novela como unha sátira da ditadura de Primo de Rivera “con inmenso vigor emotivo e simbólico”. Considérase que se lle poden atribuír todas as características da sátira: variedade lingüística e temática, emprego abondoso da lingua coloquial, intromisión frecuente da personalidade do autor, uso do humor e a ironía, obscenidade, ton de improvisación, alusións tópicas e intención xeral de corrixir a sociedade. Concretamente afirma que se trata dunha crítica nacionalista sobre a xenealoxía do sistema político colonial de Galicia, considerado dependente e corrupto. Por unha banda, recóllese que xa Anxo Tarrío apuntara a coherencia do pensamento de Risco dentro do proceso de descolonización cultural que se marcou dende a súa entrada no galeguismo, así como o afastamento do ourensán respecto ao realismo nesta sátira. A seguir, interprétese este distanciamento como unha mostra do valor literario da obra de Risco. Por outra banda, refírese tamén a outros ensaístas que estudaron a Risco: o seu coetáneo, Ramón Otero Pedrayo, quen entende *O porco de pé* como un punto de inflexión na súa traxectoria literaria, a obra de madurez do Risco galeguista; e Xoán González-Millán e Dolores Vilavedra, que a sinalan como a primeira novela moderna. En relación coa cultura da súa época, enténdese que satiriza as correntes intelectuais dominantes, denominadas polo ourensán como “os filósofos oficiais”. Con respecto á actualidade, opinase que algunhas das ironías sobre o seu tempo poderían manterse e que, en certa maneira, diagnosticou unha forma de dominación que a terra está a padecer. Por último, afirmase que “O humor incómodo de Risco” nesta novela dirixese tanto o seu tempo e contorna, como contra si. Conclúese que se trata dun elemento crítico “amargo, delicioso e saudable”.

2314
Este ensaio de Felipe Alaiz (Huesca, 1887-París, 1959) cuestiona el acto de creación artística que parece tan sencillo pero resulta complejo acertar la expresión adecuada sin caer en tópicos comunes. Apunta que el estilo es el hogar y eso da lugar a una arte que no debe caer en la perfección y la emoción, aunque se descoñezan las reglas y los estilos cambian según las diferentes épocas. Só la arte de escribir sin arte es la única aceptable. Critica el uso indiscriminado de diminutivos que para él son un síntoma de decadencia y son muy comunes en la arte europea (alemán, inglés y francés). Sus preferencias se acercan más a la literatura de Múnich que a de Berlín porque es más limpia y no tan preciosista. Considera que el preciosismo es el gran error en lo que cae el creador hasta que en la historia se producen momentos convulsos. Reclama entonces la humanización de la poesía, la originalidad y el rechazo a la copia, las ironías gratuitas tan propias de algunas creaciones religiosas con finalidad propagandística. Frente a esta arte adobada está la lengua pura del pueblo y los escritores comprometidos con ellos. Frente a la maxia del cine y a la belleza de sus estrellas es el creador que no puede dejar de ser el mismo y no debe imitar. Es el origen, como lo exigen los niños en cada nuevo conto que les cuentan, algo que sólo será posible con libertad total y dejará de ser la arte un verdadero sentimiento. Concluye que el fondo y la forma; lume y chama, corresponden segundo el pensamiento de Flaubert; y así como la arte consigue emocionar en la visión de Tolstoi que se resume en la lucha del creador consigo mismo en la procura de lectores formados y críticos.


Biografía novelada de Emilia Pardo Bazán (A Coruña, 1851-Madrid, 1921) realizada por Ramón Gómez de la Serna (Madrid, 1888-Buenos Aires, 1963). Trátase de un breve y sin división interna, en que el autor salienta que Pardo Bazán fue una adiantada en su tiempo, en parte gracias al posicionamiento social de la familia y a sus intereses precoces. Refiere que se trata de la mujer más destacada en la literatura gallega. No se trata de una biografía clásica ya que Gómez de la Serna no se limita a narrar meticulosamente la vida de la autora, sino que da un paso a un salto polos acontecimientos más importantes de su vida, reparando en aquellos momentos, a veces intrascendentes, que le parecen más interesantes y mostrando de esta manera detalles desconocidos. Esta biografía se suma a la de Emilia nun lugar inmejorable dentro de la panorama cultural gallego de la época. La biografía acompañó dunha caricatura de Gómez de la Serna realizada polo dibuxante e humorista Álvaro Cebreiro.

Referencias varias:

Coméntase que las biografías literarias de Ramón Gómez de la Serna, conocido mayoritariamente como autor de greguerías, no son biografías habituales. Afírmase que la editorial Trifolium, de Oleiros, marcó como objetivo principal recuperar textos descatalogados, razón por la que publican las biografías de Emilia Pardo Bazán, Ramón M.ª del Valle-Inclán y Maruja Mallo. Sinánsese, además, las grandes dificultades en la traducción al gallego de estas obras, por estar insertas en un marco literario muy original y estilo de Gómez de la Serna, que dificultó a tarefa.


Biografía novelada do escritor galego Ramón María del Valle-Inclán (Vilanova de Arousa, 1866-Santiago de Compostela, 1936) realizada por Ramón Gómez de la Serna (Madrid, 1888- Bós Aires, 1963). O volume abrese con dúas caricaturas da autoría de Álvaro Cebreiro, unha de Gómez de la Serna e a outra do propio Valle, ás que seguen un prólogo e os vinte e dous capítulos numerados en romano nos que o escritor madrileño recolle por orde cronolóxica andainas, diversas anécdotas da tortuosa vida deste ilustre personaxe, fragmentos e breves comentarios das súas obras. De la Serna elabora un retrato dramático e expresivo de Valle-Inclán coa subxectividade propia dunha persoa que escribe sobre alguén ao que coñeceu e admirou, mergullándose nos segredos íntimos e persoais deste contemporáneo seu, xa en vida e sabedor deste respecto e admiración, o elixira como o seu biógrafo desexado. Nestas páxinas de la Serna incide no idealismo e independencia do poeta, novelista e dramaturgo galego. Logra traspasar a barreira do personaxe para chegar á persoa e ofrece a chave para entender a alma dunha persoa tímida que soubo ocultarse para pasar desapercibido baixo unha “máscara altisonante” até chegar a se converter nun mito literario.

**Recensións:**

Comeza referindo que Ramón Gómez de la Serna conta as vivencias da vida “escandalosa, ascética, libérrima, entregada á construción dunha grande obra” de Ramón María del Valle-Inclán, debuxando ao escritor por medio dun “perfil aristocrático”. Afirma que pese a que o autor tentou trazar “unha biografía verídica”, o articulista considera que se deixou levar polo seu entusiasmo e admiración por Valle-Inclán, un autor que mesmo se presentou baixo “cien máscaras de ficción”, alentando a lenda sobre a súa vida. Reproduce palabras de Valle-Inclán sobre si mesmo na revista Alma española de 1903. Considera que a autobiografía de Valle-Inclán, as historias apócrifas no Madrid da época e a biografía que achega a obra de Gómez de la Serna “escurecen a realidade do escritor”. Por iso recomenda contrapoñela aos retratos realizados polos coetáneos Juan Ramón Jiménez, Azaña, Pío Baroja, Ramiro de Maeztu e Margarita Xirgu, entre outros, e ás achegas de investigadores como Margarita Santos Zas, Hormigón, Zamora Vicente, Javier Serrano e Robert Lima, aos estudos dos Amigos de Valle e ás entrevistas dos netos Xaquín e Pancho ara conseguir entender os “problemas estéticos, ideolóxicos e vitais” de Ramón María del Valle-Inclán.


Coméntase que as biografías literarias de Ramón Gómez de la Serna, coñecido maioritariamente como autor das greguerías, non son biografías habituais. Afírmase que a editorial Trifolium, de Oleiros, marcou como obxectivo principal recuperar textos descatalogados, razón pola que publican as biografías de Ramón M.ª del Valle-Inclán, Emilia Pardo Bazán e Maruja Mallo. Sinálanse, ademais, as grandes dificultades na tradución ao galego destas obras, por estaren insertas nun marco literario moi orixinal e polo estilo de Gómez de la Serna, que dificultou a tarefa.


Volume de contos e poemas de María González Rouco (Bos Aires, 1960) no que tenta homenaxear os seus avós e o resto de galegos que tiveron que emigrar á Arxentina a través de testemuñós da propia autora e doutras persoas sobre a situación dos galegos neste país, pero tamén por medio de contos e poemas; aos que seguen comentarios de distintos autores sobre esta autora. Comeza a obra cunha nota biobibliográfica da autora e unha breve entrevista a cargo de Margarita Ferrer. A continuación, tras unha dedicatoria familiar á memoria dos seus avós, acóllese unha sucinta reflexión sobre o asunto tratado: “Cada vez que se juntaban, mis mayores tenían dos temas de conversación, a saber: cómo cambió su vida al llegar a América y cuándo iban a ‘volver a Galicia’; ademais dunha explicación do contido dos contos e poemas. Tras un “Prólogo” no que se louva a tarefa levada a cabo pola autora, preséntase a investigación en si: “Gallegos en la Argentina” e “Volver”, ao final da cal se insiren unha serie de fotografías da autora e da súa familia. Finalmente, inclúese cinco contos e outros tantos poemas sobre a experiencia da emigración e os desexos de retornar a Galicia. Péchase o volume coa “Bibliografía general”, os “Agradecementos” e os “Comentarios” de diversos autores nos que eloixan o labor de María González Rouco.

Recensións:
Analízase esta obra dedicada á memoria dos avós da autora e dos galegos na Arxentina, na que se rinde homenaxe “a la tierra de origen, a las raíces, a la identidad”. Indícase que nela se reúnen investigación, contos e poemas, varios testemuños e unha entrevista. Precíase que esta obra presenta unha división interna en dúas partes: na primeira, integrada por varias seccións, dáse conta da situación dos galegos na Arxentina mediante o testemuño da autora e doutras persoas; e na segunda parte, acólense contos marcados por un lírico suítil que “sugieren la necesidad de reconciliación con el pasado en nombre de sus abuelos y la insistencia de cerrar un ciclo” e poemas. Finalmente, lóuvase á autora por “una rigurosa labor de documentación e investigación, y por la creatividad de un universo literario que sirve de ejemplo de lo investigado”.


Homenaxe ao profesor Xosé Anxo Fernández Roca organizada polo Departamento de Filoloxía Española e Latina da Facultade de Filoloxía da Universidade da Coruña con motivo do seu falecemento en outubro de 2006. No volume recólense os traballos que, en forma de artigos, se puideron atopar do profesor desaparecido e que amosan a súa “amplísima cultura literaria e a súa finura de crítico e leitor”, os cales abranguen todos os xéneros tanto da literatura galega coma da castelá. Conta cun limiar da coordinadora, no que explica a configuración do volume e a seguir reproducénsen os traballos do profesor homenaxeado editados por Ana María Porteiro Chouciño e organizados nos apartados: “Poesía”, “Novela”, “Teatro”, “Literatura popular”, “Reseñas” e finalmente un “Apéndice”. Son de interese para este Informe de literatura os traballos “Algunhas anotacións pra un estudio crítico de Arredor de sí”, publicado na revista Grial en 1975, no que cuestiona a consideración como novela desta obra de Ramón Otero Pedrayo, á que cualifica de crónica de peregrinación interior e exterior de calquera home na busca da identidade. Tamén o texto “Carballo Calero no seu teatro”, publicado nos Cuadernos de Medulio en 1982, no que se aproxima ás catro obras reunidas por Carballo Calero en 1971 e que leván por título A sombra de Orfeo, Farsa das zocas, A arbre e Auto do prisioneiro, as cales considera catro ensaios ou experimentos nos que se desenvolven formas dramáticas diversas procurando adaptalas a asuntos varios, subliñando a flexibilidade do dramaturgo para desenvolver unha “arte nova de facer un teatro galego”. En “Arredor do teatro. Otero Pedrallo”, publicado en A Nosa Terra en 1987 fai tamén un percorrido pola obra dramática do autor ourensán, no que observa unha evolución dende as obras propiamente dramáticas cara a uns diálogos eminentemente poéticos, afastados da arte escénica e inseridos na liberdade plena do escritor. Outros traballos que xa foron descritos neste Informe son: “O teatro de máscaras: da prosopopea ó espectáculo”, incluído no volume de actas das Xornadas sobre Otero Pedrayo. Actas das xornadas realizadas pola Dirección Xeral de Promoción Cultural en Ourense (2001); e “Se Manuel Lourenzo volvese a Tebas”, incluído en Vir bonus docenti peritus. Homenaxe a José Pérez Riesco (2002).
Recensións:


Sinala que este volume foi publicado postumamente pola Universidade da Coruña baixo a coordinación de Ana María Porteiro Chouciño. Comenta que presenta textos sobre o teatro de Lauro Olmo, Ricardo Carballo Calero e Ramón Otero Pedrayo e sobre a narrativa de Otero Pedrayo e Gonzalo Torrente Ballester.


Volume escrito en lingua inglesa no que se recolle en dúas partes a relación entre a poesía feminina irlandesa e galega nos últimos anos. Tras os agradecementos das editoras aparece o prólogo escrito por Irene Gilsenan Nordin, directora do Centro de Estudios Irlandeses da Universidade de Dalarna, no que fala dos vínculos entre Galicia e Irlanda, que tamén se poden aplicar ás mulleres poetas. A continuación inclúese a introdución “Poetry, Gender and Transnational Bonds: An Introduction” escrita polas editoras e na que falan do interese de Galicia por Irlanda cuxo auxo tivo lugar nos anos 1920 e 1930. Analízanse as semellanzas entre os dous pobos, as características do celtismo nas dúas culturas e as circunstancias sociais, principalmente en canto á relixión, política, lingua e literatura, prestando especial atención ás mulleres poetas na literatura galega e irlandesa nestes últimos anos. As editoras conclúen cunha breve mención aos artigos recollidos na monografía. A primeira parte do volume, “Poetic Bonds: Critical Perspectives on Irish and Galician Women Poets”, inclúe estudos críticos sobre a poesía escrita por mulleres. Os artigos referidos á literatura galega son os seguintes:


Este traballo analiza a poesía de Olga Novo e a súa volta ás orixes aplicando o concepto do alineamento e as súas particularidades e ideoloxía en relación co contexto literario galego no que se enmarca.


A autora relaciona as novas poetas galegas e irlandesas co auxo de perspectivas eco-críticas feministas en relación coa natureza afirmando que a natureza é unha metáfora que representa aqueles aspectos que as mulleres aínda teñen que conquistar. Palacios deixa constancia tamén da relación entre a natureza e as deusas anteriores ao cristianismo, un tema común tanto na tradición literaria irlandesa coma na galega. No caso da galega analiza a voz poética feminina das Cantigas de amigo medievais, a visión do mito de Penélope e a súa relación coa natureza en Xohana Torres, o tópico da
Arcadia rural de Luz Pichel e o uso da mitoloxía celta en As arpas de Iwerddon, de Luz Pozo Garza.


A autora fai unha recompiñación das utilizacións de figuras femininas clásicas na poesía galega a partir de 1990, tomando exemplos de autoras como Xohana Torres, Luisa Castro, Lupe Gómez, Estíbaliz Espinosa, María Reimóndez, Emma Pedreira, Olalla Cocina e Yolanda Castaño. Salienta os diferentes roles que se aplican agora e que rexeitan os estereotipos tradicionais, feito que subliña o importante papel da poesía na transformación da sociedade. Explica que as ‘monecas’ xa non refiren diferenzas sexistas, que as ‘princesas’ denuncian a beleza e carencia de intelixencia e, dun xeito paralelo, as ‘cincentas’ son inertes e pasivas.

A segunda parte do volume, “Writing and Unwriting: Poets at Work”, céntrase nas apreciacións e experiencias persoais e creativas de varias poetas. As achegas que tratan a literatura galega describense a seguir:


A poeta analiza a súa interpretación da obra Alice in Wonderland, de Lewis Carroll e profundiza na relación entre feminismo e nacionalismo. O traballo recolle tamén a tradución á lingua inglesa do texto analizado.


A poeta explica en primeira persoa como é o proceso de creación poética, como xorde un poema, a súa visión da poesía como unha elección entre palabras e motivos, as súas nocions feministas e as decisións que a levan a escribir en galego e castelán.


O traballo recolle a entrevista de María Xesús Nogueira á poeta galega Luz Pozo Garza, a primeira muller que formou parte da Real Academia Galega. Na entrevista Luz Pozo fala dos seus comezos na poesía, da importancia dos conceptos feministas na súa obra, da utilización de figuras femininas tomadas da mitoloxía e da literatura popular, da evolución da poesía galega a mediados do século vinte, e da importancia do papel das mulleres poetas a partir da década dos ano 90. Menciona tamén os vínculos culturais e familiares con Irlanda que propiciaron a colección de poemas As Arpas de Iwerddon (2005).


Volume editado e introducido por Araceli Herrero Figueroa, quen comenta que esta edición pretende recoller a produción completa de Luís Pimentel (Lugo, 1895-1958) en

Recensións:


Explica que Araceli Herrero Figueroa demostra a estreita vinculación que na vida e obra de Luís Pimentel tivo coa súa cidade natal, Lugo, na introdución de Luís Pimentel. Obra completa, na qué tamén dá conta da súa actividade literaria e das súas colaboracións xornalísticas que viron a luz en distintas revistas. Indica que este volume recolíne toda a poesía e a prosa de Pimentel, en galego e en castelán, que foi coidadosamente fixada e que, en lugar de contar con notas a rodapé, conta coas “directrices propias do traballo filolóxico” que levou a cabo Araceli Herrero. Remata precisando que existen outros traballos previos desta profesora sobre o autor lugués, dos que cita Luís Pimentel. Obra inédita o no recopilada (1981) e Unha cidade e un poeta (2007).


Considérase que a beleza en suspensión é unha das principais características da obra de Luís Pimentel, reunida por Araceli Herrero e Pilar Basanta, proceso que chegou incluso ás preguntas sen resposta e á suspensión do xuizo. Repásanse algúns datos da biobibliografía do autor e felicítase por contar coa obra completa do autor reunida nun só volume, o que permite observar o carácter unitario da súa produción, como sinalou Pilar Pallarés, ademais de favorecer a percepción do proceso creativo e o labor continuo de reescritura. Alúdese á problemática da adscrición de Pimentel ao sistema literario.
galego ou castelán, dada a súa oscilación lingüística, o que leva á editora a situar o poeta lugués no contexto das letras hispánicas, consideración que permite situalo na Xeración do 25, ao carón de autores como Manuel Antonio e Luís Amado Carballo, e como “voz galega do 27 español”. Remátase coa referencia a un dato considerado anecdótico, como é o feito de que a obra recibiu unha axuda á tradución da Consellería de Cultura, o que lle provocaría un sorriso a Ramón Piñeiro, Celestino Fernández de la Vega e Ánxel Fole, tradutores e animadores de Pimentel para que publicase en língua galega.

Referencias varias:


Indica que viu a luz este volume no que Araceli Herrero levaba a traballar dende 1970 por recomendación de Ricardo Carvalho Calero para “acabar” a obra do único poeta maior da xeración de 1925 “que traspasa a fronteira da guerra”, Luís Pimentel. Explica que esta profesora engade seis poemas editados en El Pueblo Gallego que publicara Antón Capelá e todos os textos que foran vendo a luz en distintas publicacións dende 1981, ano no que ela publicara Luís Pimentel. Obra inédita o no recopilada. Precisa que este volume corrixe o “drama textual” do que falara Arcadio López-Casanova ao eliminar “antetextos e versións inconclusas” pero que mantén o “drama do bilingüismo literario” do que falara Carvalho Calero. Explica este “bilingüismo literario” á luz da inclusión do poeta lugués en Poetas españoles contemporáneos (1952), de Dámaso Alonso e das opinións de Ramón Piñeiro, Pilar Pallarés, e Xesús Alonso Montero en Luís Pimentel. Biografía da súa poesía (1990). Recolle a filiación surrealista de Pimentel achegada por Xosé Lués Méndez Ferrín, a vixencia da súa poesía grazas á súa modernidade, segundo Arcadio López-Casanova, e a actitude de Pimentel ante a poesía e o labor de Brais Pinto, Galaxia e Ramiro Fonte por facelo seu, en palabras de Anxo Quintela, que apunta ademais que faltan estudos que analicen en paralelo a Luis Pimentel e a Álvaro Cunqueiro.


Indica neste artigo, cuxo título está tirado do prólogo de Luis Rei a Poesía completas (1991), que, se ben Ricardo Carvalho Calero non cita a Luís Pimentel en Historia da literatura galega contemporánea (1963), si hai referencias en Libros e autores galegos: dos trovadores a Valle-Inclán (1970) e que lle dedicou catro monográficos, dos que o articulista destaca o último deles, Sobre la poesía de Luís Pimentel por ser no que Carvalho Calero máis se adentra na vida no poeta lugués. Recolle ademais a influencia de Jules Laforgue e de Francis Jammes en Pimentel.


Comeza indicando que Araceli Herrero tentou rebatir en Luís Pimentel. Obra completa dúas aseveracións sobre Lois Pereiro “que precisaban ser desmentidas”: a dificultade para acceder á súa obra e as traducións da súa obra, por mor de que non sabía escribir en galego. Recolle que a autora da monografía indica que, aínda que Luís Pimentel non
tivo unha boa difusión da súa obra nos anos 40, anos despois si a tivo en Lugo, cidade na que conta con monumentos, homenaxes e colexios co seu nome. Reproduce de Benxamín Casal que Ramón Piñeiro afirmou que o propio Pimentel lle confesara que escribiu en galego o seu primeiro poema e que pola situación vinculación co galeguismo enviou á editorial Nós en 1936 “Barco sen luces” para que llo publicara, afirmación esta última que matiza Araceli Herrero indicando que tiña como “asesores lingüísticos” a Evaristo Correa Calderón, Ramón Piñeiro, Ricardo Carvalho Calero e Ánxel Fole. Precisa que a edición de Araceli Herrero reúne textos que Pimentel enviara a xornais e revistas, algúns dos cales xa estaban recompilados nunha monografía desta autora de 1981, aos que sumou outros atopados por Antón Capelán. E remata apuntando que tras o “estourido da Guerra Civil” Pimentel se encerrou máis en si mesmo, feito que se sumou á súa resistencia de abandonar a súa cidade natal.
XII.4.4. PUBLICACIÓNS EN REVISTAS


Dáse conta do descubrimento por parte do articulista da figura e da obra de Ramón Piñeiro e dos inicios da súa relación epistolar até o seu afastamento por “causas linguístico-ortográficas”.


Coméntanse as achegas literarias da terceira xeración da familia da que formou parte Xosé Mª Álvarez Blázquez á literatura galega. Reprodúcense uns dezasete nomes de membros da familia que deixaron unha pegada no eido literario galego, estruturándos ao redor de cinco diferentes xeracións. De toda a produción literaria destas xeracións saliéntase o volume de Emilio Álvarez Giménez, Maricastaña ou unha revolta popular. A seguir achéganse uns datos numéricos sobre as obras da familia e destácanse as súas traducións a outras linguas de dentro e fóra da península Ibérica. Péchase a comunicación cunha listaxe completa da bibliografía da familia.


Dáse conta do corpus textual de Xosé María Álvarez Blázquez, comezando con Canle segredo (1953), para proseguir con Arco da vella (1932-34), Berro en lemnranza dos herois de Carral (1934), Escolma de poesía galega. I. Escola medieval galego-portuguesa (1198-1346) (1952), Cancioeiro de Monfero (1953), Poemas de ti e de min (1949), Roseira do teu mencer (1959) e unha serie de mostras que publicou en Edicións Castrelos como Cantos de Nadal, Aninovo e Reis, Cantigas do viño, O libro do marisco, Cantares de cego, e Os nomes da terra, entre outros. Remátase coa referencia ao seu ensaio La ciudad y los días. Calendario histórico de Vigo (1960, reeditado en 2008).


Dáse conta da publicación de Inxalá (2008), de Carlos Quiroga, comparando a edición para Galicia e a portuguesa. Indicase que o cambio máis evidente é o título da edición para Portugal, Inxalá. Espero por ti na Abissinia. Quem nunca pensou em largar tudo
de repente e partir? Quem nunca amou perdidamente?. A seguir analízanse as escasas diferenzas lingüísticas entre unha e outra. Sinálase que a edición galega aparece acompañada de valiosas imaxes do propio novelista. Destácase, reproduciendo verbas de Carlos Quiroga, que se trata dunha historia de crimes e amor. Ademais, coméntanse as referencias a Fernando Pessoa, Blas de Otero e Rimbaud e á presenza de paisaxes xeográficax e humanas “atraentes”. Lóuvose o labor do autor como un dos escritores galegos con propostas máis arriscadas e innovadoras.


Logo dun breve repaso pola traxectoria de Ramón Piñeiro, coméntase a súa obra *Olladas no futuro* (1974), co gallo da súa reedición. Sinálase que se trata dun concxunto de textos diversos (artigos breves, epístolas, estudios e traballos de homenaxe) nos que, en moitos deles, a língua é o asunto principal, ademais de valoracions de Rosalía de Castro, Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, Luís Pimentel, Ramón Otero Pedrayo, Antón Vilar Ponte, Xoán Vicente Viqueira, Vicente Risco, Manuel Curros Enríquez e Álvaro Cunqueiro. Menciónase que se inclúen textos de mediados dos anos corenta e setenta do século XX nos que Ramón Piñeiro defende presupostos de aproximación ao espazo luso-brasileiro, abandoñados posteriormente.


Analízase a novela *Fios-de-contas* (2007), de Paula San Vicente. Destácase o emprego do recurso á reiteración de treitos enteiros da obra, que pretende conseguir a complicidade co lectorado. Sinálase a presenza, xunto de termos cotiás, de palabras que isoladamente poden parecer incomprehensibles, pero que resultan un acerto ben integrados na secuencia narrativa. Lóuvose o ritmo pausado da prosa. Finalmente, realizouse un breve repaso pola súa traxectoria.


Preténdese realizar unha lectura de *O Cabodano* (1977), de Euloxio R. Ruibal, como exemplo do que se considera un miniciclo de pezas deste autor relacionadas coa guerra civil e a posguerra, analizándoa a nivel contextual, estrutural, temático e simbólico. Na “Introdución” dáse conta do contexto social da obra e desta en relación con outras do mesmo dramaturgo. Sinálanse como feitos relevantes a creación da Mostra de Teatro de Ribadavia en 1973, ao abeiro da Asociación Cultural Abrente, e o nacemento nas rúas do teatro independente, ademais do premio conquerido por *O Cabodano* na Mostra de 1975. Destácase que esta obra dramática é devedora do teatro épico de Bertolt Brecht, pero tamén da Nova Narrativa Galega. No “Estudo da obra” analízanse o argumento e temas, a estrutura, o espazo, o tempo, os obxectos simbólicos e o decorado, ademais da
súa repercusión, para concluir que na obra o autor se serve de elementos propios da dramática de Bertolt Brecht como o distanciamento e a corrente do teatro épico e que, ambientada nun punto indeterminado do Estado español durante o período de maior represión da guerra civil, presenta personaxes que semellan actantes alegóricos. Faise mención á aceptación que tivo a peza como texto dramático, editándose máis dunha vez, ainda que sempre acompañada doutras obras, e a representación en varias ocasións, logo de ter que agardar, por mor da censura, até o 1978 para vela sobre o tabado.


Infórmase do labor de historiador de Xosé Maria Álvarez Blázquez en canto ás súas crónicas da cidade de Vigo por medio de dous apartados. O primeiro deles, “As historias da cidade de Vigo”, subdivídese en tres seccións que refiren, respectivamente, a Descripción topográfico-histórica da ciudad de Vigo, su ría y alrededores (1840), de Taboada Leal, a Historia de Vigo y su comarca (1896), de José de Santiago y Gómez e Monografías de Vigo (1878), de Teodosio Vesteiro Torres. O segundo apartado, “As achegas de X. Mª Álvarez Blázquez á historia de Vigo”, céntrase na historia da cidade viguesa redactada polo escritor, La ciudad y los días, e o seu estudio da Idade Media e do século dezanove vigués.


Retrospectiva crítica sobre a produción dramática de Xesús Pisón que incide no carácter transgresor da obra do autor e, por ende, na súa capacidade manifesta para salvar a distancia frecuente entre os espectáculos teatrais contemporáneos que se describen como pretendidamente provocativos e impactantes e un público que, a dicir de Afonso Becerra, non pode máis ca recibilos como algo simplemente entretido. Parte do concepto de dramaturxia como demiurxia, no sentido de que o traballo de composición dramática e teatral oscila entre a pulsión da xénese e a da apocalipse. Afirma que a dramaturxia “pode dinamitar os padróns e os estándares sociais, incluso os da arte teatral”, que para iso “cómpre a rebelión e o coñecemento”, “asumir a valentía de enfrentarse aos hábitos teatrais hexemónicos”. Nesas coordenadas sitúa a escrita de Pisón, que define herdeira das fontes clásicas da catarse e dos mitos dramatizados polos gregos. Mantén que tales son os referentes dos que o autor aprende “a rebelión do diferente, a hybris do arquetipo”, as estratexias discursivas que despois actualiza nas pezas e mediante as que consegue enfrentar os modelos teatrais hexemónicos. Opina que, dende as farsas iniciais até o drama rapsódico e os poemas teatrais tardíos, as dramaturxias de Pisón supoñen unha posición contestataria e insubmisa a respecto das convencións teatrais conservadoras propias do teatro galego de arestora. A primeira parte do estudo corre baixo o epígrafe “Obsesión e insubmisión”. Consiste nun percorrido crítico por dezasete obras de Pisón, que contan con cadanxeu descritor e comentario crítico: O Pauto (abortionis inventio ab episcopo mindonis), Ei, Feldmühle! Fantasia do Valadouro con vampiros, O inmortal, Santuario, Epifania con paraguas, Escena de Lisistrata para Psicosis González, Quero ser Hamlet, Terra Xenerosa, O libro. Carta a Maria Casares, O cuarto de Ofelia, Antoine de Lèvaillant, Maria e Flora,
Como Jekyll e Hyde, Cabeza de home, A paixón de Transilvania, A Boa Nova, Crisálidas, Amantes, Home e muller preñada e O Gran Soño. Se ben non de maneira individual, fálase, ademais, dos monólogos ou poemas dramáticos breves protagonizados por unha soa voz cos que remata a primeira parte da traxectoria de Pisón. Son eles Margarida, Medea?, Maternidade, O fillo, Os monstros do Penido Vello, Animal / Vacío, Arañeiña, Nena de inverno, O frío, Non eu, Fórmula para a criatura, Írmãs, Nocturno do Orzán. O regreso, A cloaca, e A túa boneca. Becerra apóiase na plasticidade, a sonoridade e a performatividade destas pezas breves para afirmar o seu carácter teatral máis ca dramático. Sérvese desta idea para ligar a Pisón tanto coas dramaturxias das vangardas de principios do século XX como co posdrama e o drama rapsódico da contemporaneidade. Tamén con autores concretos, nomeadamente, Heiner Muller, Peter Handke, Thomas Bernhard e Sarah Kane, que foron quen de dar o paso do paradigma da dramaticidade, baseado na construción dunha ficción segundo os esquemas miméticos aristotélicos, ao paradigma da teatralidade e a hibridación, grazas ao que a lírica e o subxectivismo “entran fendendo e abrindo a expresión que sobe ao escenario”. Remata equiparando as dramaturxias de Pisón ás pezas breves de Beckett no sentido de que ambas as dúas liñas de traballo requiren de directores ou directoras que non sexan tradutores dun texto ao escenario, senón creadores escénicos. Méntase a linguaxe escénica arriscada e a expresión contida e pulida que caracterizan o traballo do dramaturgo para concluir cun comentario acedo dirixido ás xentes do teatro: “Primeiro habería que saber entendelo, saber lelo, e despois saber facelo”.


Póñense de relevo os trazos compositivos que afastan o teatro escrito por Xesús Pisón do modelo clásico, onde a acción require do encontro duns personaxes, do diálogo que xeran e da emerxencia dos obxectivos e conflitos correspondentes sen mediación algunha por parte da voz obxectiva do autor. Indícase que a meirande parte da produción pisoniana contradi estas presmisas e sinálase que, ao renunciar á sintaxe dunha acción evolutiva, á representación dunha historia e á creación psicolóxica dunns personaxes individualizados, Pisón racha a ficción dramática e consegue trasladar o foco aos elementos materiais da escena. Apúntase que Os ollos é o texto de Pisón que mellor ilustra estas claves e que a palabra é o elemento constitutivo fundamental, que abandona a función executiva que lle fora encomendada pola tradición. Deste xeito, constátase a importancia do mundo das imaxes como resultado directo da acción descritiva da linguaxe e ligase Os ollos aos códigos construcionais máis representativos do Teatro Visual fornecido polo paradigma posdramático. En concreto, fálase da falta de cohesión formal e temática, a favor dun criterio de aleatoriedade e da substitución da linearidade narrativa pola tendencia á fragmentación. Precísase o cerne da proposta na profusión de relatos visuais por parte do personaxe de Vadío Novo, que ofrece os fragmentos de cinco argumentos disparens. Na súa opinión, o xogo está na tentación que sente o público a relacionar os fragmentos e na imposibilidade final de dotalos dunha continuidade que faga sentido. Conclúese a escasa importancia do narrativo e a nulidade representacional do conglomerado de informacións, que “ocupan o tempo cronolóxico sen que se produza unha presentación, un nó e un desenlace”. Insístese, pois, en que Os ollos sitúa o espectador fóra do tempo e que os deícticos que constitúen as réplicas curtas do Vadío Vello se apuntan como os únicos elementos de contextualización.
Vincúlase a xustaposición de elementos discontinuos e continxentes á que Michel nomeou *pièce paysage* e Gertrude Stein chamou *Landscape Play* para se referiren a aquellos espectáculos que provocan a conformación dunha paisaxe subxectiva mediante a acumulación de elementos dispersos na mente dos espectadores. Exposta a falta de coherencia nos diálogos entre os dous personaxes e a consecuente relación de contigüidade espacial que manteñen, a peza relaciónase con *Á espera de Godot* de Beckett. En conexión, salióntase a posta en crise do estatuto de personaxe, “figuras ou siluetas, actores portavoces nun xogo eminentemente formalista e teatral”, desprovistos de psicoloxía e dunha localización cultural, social, nacional, ideolóxica. Tratariase de “dúas presenzas performativas que se erixen en espazo da palabra”, provocando unha desfamiliarización da recepción. Por último, argumentase que a resistencia da dramaturxia pisóniana aos xeitos habituais de facer e de entender o teatro en Galicia e afirmase que, ao igual que o resto da súa produción, *Os Ollos* “desafia as convencións do teatro tradicional para invitar ao xogo e á invención de novos pactos escénicos”, garantía para a dinamización e o desenvolvemento positivo do teatro galego. Afóndase na idea e cita a Heiner Müller para aliñar a dramaturxia de Pisón cunha das teses expostas polo creador alemán, para quen un texto só é produtivo e interesante para o teatro cando este se considera irrepresentábel en aplicación dos padróns escénicos imperantes.


Pártese da idea de que só é o creador quen asume unha ollada de seu para, a seguir, analizar a evolución da visión de Xesús Pisón sobre a realidade ao longo da súa traxectoria. Describese a substitución radical da ollada pícara propia dos primeiros textos por unha visión cada vez máis desencantada, a que caracteriza o groso da súa dramática. Concrétase o momento do tránsito dunha a outra, que se tería producido no paso d’*O xigante don Gandulfo, señor de Tentequedo* (1980) á escrita de *O pauto*. Identificase a paisaxe de madurez como un “cosmos de xestacións contra natura” mediante o que Pisón efectúa unha desmontaxe progresiva da visión cartesiana da realidade. A seguir, noméanse as constantes desta cosmogonía particular, sempre en relación cos textos escritos no período. Sinálase a evolución do humor e a “fantasía de fondo delicablemente amargo” que caracterizan *O pauto* e *Ei, Feldmühle* cara a atmosferas cada vez máis escuras e desacougantes que deveñen no que o analista chama “unha crecente cosmo – agonía”. Outros trazos que se describen son a conturbación das identidades individuais, a perversidade do intercambio de roles, a loita dos personaxes por acadar unha definición, a súa sucesión de violencias, a súa tendencia á inmolación e o cuestionamento constante do ser. Sinálase que a única fenda que Pisón abre en ocasións fronte á desolación é o humor, un humor que se detalla ambivalente, como “punto de fuga” pero tamén como “fino bisturi co que se procede á laceración”. Indícase a indiferenciación entre personaxes e intérpretes, así como a conciencia dos primeiros da súa natureza ficticia. Conclúese que a conformación do suxeto, a autocreación, envolve a vampirización (da vida, do amor, etc.) e afirmase que ese é o proceso que o dramaturgo constitúe en motor do mundo, alcanzando mesmo o exercicio interxenéxico e intertextual da súa escrita.

Analízase ao longo de tres pequenas seccións o labor como editor de Xosé María Álvarez Blázquez á fronte de Edicións Monterrei e Castrelos e tamén en canto primeiro editor contemporáneo. No referente á primeira editorial, saliéntase a colaboración de Luis Viñas Cortegoso na súa creación e menciónase a gran maioría de volumes nela editados, dende Teatro venatorio y coquinario gallego (1958), de José María Castroviejo e Álvaro Cunqueiro, até La ciudad y los días (1960), de Álvarez Blázquez. No caso da segunda editorial, destácase a súa fundación xunto aos tres irmáns do escritor, en 1964, así como a aparición das coleccións “O Moucho” e “Pombal”, xunto a outras dúas coleccións de poesía, “Mogor” e “Pico Sacro”. En canto ao seu labor de primeiro editor contemporáneo, alúdese á súa imposición dos criterios de edición de catálogos, á creación do concepto de libro de peto en galego e á ampliación da distribución comercial dos volumes das súas editoriais.


Explica as decisións tomadas no proceso de tradución do alemán ao galego da obra Die Vermessung der Welt (2007), de Daniel Kehlmann, publicada co título A medición do mundo. Comenta as condicións da encomenda, analiza o texto fonte e súa problemática concreta.


Dáse conta do labor editorial de Xosé María Álvarez Blázquez e das innovacións que introduciu neste eido, a partir da fundación de Edicións Castrellos en 1967. Comézase co seu proxecto editorial de 1935, Biblioteca Clásica Galega, de trinta tomos, con edicións críticas de obras como os Miragres de Santiago e a Crónica Xeral e dun marcado carácter medievalista. Continúa co seu seguinte proxecto de 1938, Historia da literatura galega, de trinta e oito capítulos, para pasar despois a comentar o seu labor na súa outra editorial, Edicións Monterrey, da que se salienta a colección “Flor e Froito” e o nacemento da Nova Narrativa Galega cos volumes de Gonzalo Rodríguez Mourullo, Nasce un árbore e Memorias de Tains. Remátase cunha referencia a catro editores de gran importancia para as letras galegas: Manuel Soto Freire, Andrés Martínez Salazar, Ánxel Casal e Xosé María Álvarez Blázquez.


Enxálzase a figura de Xosé María Álvarez Blázquez en canto poeta co gallo da súa homenaxe no Día das Letras Galegas en 2008. Destácase a súa formación en
Arquedoloxía e o seu labor de historiador, a partir dos seus volumes *La ciudad y los días*, *A cidade e os días* e *Calendario histórico de Vigo*. Subliñase asende a creación da editorial Castrelos, xunto ás coleccións que sairon dela, “O Moucho” e “Pombal”. A seguir, coméntanse brevemente os seus volumes *Cancieiro de Monfero* e *Canle segredo* e remátese aludindo ao enorme labor da Fundación Xosé María Álvarez Blázquez.


Apunta que as primeiras actividades de carácter dramático e musical puideron terse iniciado en Neda ao redor de 1898, en vista do citado por *El Correo Gallego* o 1 de agosto dese mesmo ano. Neste senso, apunta algumas certas veladas musicais e literarias da época, como foi a que tivo lugar en Xubia o 15 de xaneiro de 1917, organizada por Manuel Yáñez Lafuente, onde se puxeron en escena *O vello parroleiro*, *Que peña tiña*, *O trato a cegas*, e *Os catro túneles*. Informa tamén doutras veladas celebradas en anos posteriores, fundamentalmente nas décadas 40 e 50, en diversos locais da vila de Neda (Salón Parroquial, cine Principal, etc.). Para pór o peche a este percorrido, Cendán Pazos é consciente das “abundantes lagunas desde el punto de vista cronológico” que presentan as actividades teatrais en Neda dende 1898. Porén, suxire a distinción de tres etapas: unha que vai dende 1898 até 1950, a segunda dende 1951 e 1976, e a terceira, que compreende a etapa democrática (1978 até a actualidade).


Analiza a monografía *Mulleres na educación en Galicia* (2009), de Mª J. Méndez Lois destacando a temática tratada e subliñando que sobre todo ten “o carácter dun diccionario de nomes de muller, (...) que deita pouca luz, logo do Diccionario que preparou a profesora Aurora Marco” para o Consello da Cultura Galega. Comenta a estrutura da obra, precisando que inclúe unha introdución na que se expoñen os criterios de escolla e na que se realiza unha breve contextualización dende o último terzo do século XVIII, e que, a seguir, se acollen un “Diccionario de nomes” e dous índices, un onomástico e outro toponímico. Apunta que a maioría dos nomes expostos nesta monografía non destacan por ter feito ningunha achega salientábel ao ensino galego; que non existe unha explicación clara respecto do criterio utilizado para seleccionar os nomes que figuran na obra; e que ao estudo político-legal descritivo co que se inicia a obra se lle dedicou unha
limitada elaboración. Remata deténdose nas constantes citas das fontes das que procede a información empregada para a realización do volume.


Destaca a sistemazización biográfica e historiográfica coa que se realizou a reflexión filosófica que presenta *Diccionario Enciclopedia do Pensamento Galego*. Apunta que nela se dá conta daqueles galegos e galegas destacados en diferentes campos do pensamento como son o da literatura e o da pedagogía, entre outros. Subliña que o volume ofrece a biobibliografía de trinta e tres autores, dende Prisciliano (siglos IV-V), a Novoa Santos e Xoán Vicente Viqueira (primeiro terzo do século XX).


Neste apartado dentro de “Novas”, Antón Costa Rico achega breves recensións de obras publicadas no “tempo máis recente” e das que considera que paga a pena “deixar algunha constancia”. Entre as obras que recensiona, en relación coa literatura galega, están: *Festina lente* (2008), de Marcos Calveiro, da que apunta que é unha obra narrativa en galego ao redor dos libros prohibidos en Compostela no século XVII; e *Pequena memoria recobrada. Libros infantiles del exilio de 1939* (2008), de Ana Pelegrín, Mª Victoria Sotomayor e Alberto Urdiales (eds.), monografía da que precisa que se recollen achegas de diferentes ensinantes e pedagogos que trasladaron os seus saberés ás terras ás que os levou o exilio dos anos trinta.


Comenta as claves da obra de Faulkner *The Sound of the Fury*, traducida ao galego como *O ruído e a furia* (2007) por Xurxo Borrazás. Cita os principais estudos críticos sobre a técnica narrativa do texto orixinal e, aínda que bota de menos unha introdución ao respecto da comparación da tradución coas publicadas en castelán, permite concluír que respecta dun xeito máis acertado o estilo do autor estadounidense.


Tras uns parágrafos nos que se comenta a relación entre viño e literatura, que se remonta á Idade Media, céntrase nos premios dos Xogos Florais de 1952, organizados polo Concello de Betanzos, nos que coincidiron poetas do *carpe diem*, que exaltaban a vida e celebraban o “pracer anacrónico” do viño. Así dáse conta da composición do xurado e dos premiados nos doce temas, reproducéndose os poemas de Vidal Camazón...
Delgado, “Anunciación en el Mandeo”, premiado co galardón A Flor Natural; “A vendima nas Mariñas”, de Gumersindo Díaz García, premiado cun accésit; os trípticos de sonetos que compartiron o premio do terceiro tema, “Vendimiadora brigantina”, de Gumersindo Díaz García e Julio Rodríguez Yordi; a cantiga de Landín Pazos premiada co galardón á melodía galega para canto e piano, titulada “Este agudelo meigo”; a cantiga de Manuel Fernández Amor, baixo o lema “Camino dos Caneiros”, que recibiu un accésit e uns cantares populares e refráns que se corresponden co único traballo de recopilación folclórica, presentado ao concurso por parte de Ramón Villar Ponte e Juán Naya Pérez.


Realízase unha “semblanza” de Ramón Piñeiro, a través da correspondencia mantida entre o artxumador e o homenaxeado, na que se trataban asuntos literarios, filosóficos e culturais en xeral, até un certo enfriamento derivado da postura de Ramón Piñeiro sobre o achegamento ortográfico ao mundo lusófono. Remátase coa reflexión sobre a relevancia de Piñeiro no galeguismo histórico dos “anos escuros”, que califica de cuestionábel co “submetimento ao controle ministerial espanhol”.


Estuda o movemento galeguista no primeiro terzo do século XX sublinhando como naquel momento ese movemento formulou unha serie de consideracións críticas sobre a situación do ensino en Galicia. Ao respecto, comenta como esa situación levaría os intelectuais a traballar polo deseño dun novo modelo escolar baseado en presupostos pedagóxicos renovadores. Destaca o papel de Vicente Risco e sitúao como un referente claro en todo o que se estaba a realizar no eido educativo e no galeguismo. Tomando como eixo central do artigo a figura de Vicente Risco, José Fernández analiza os documentos “Plan Pedagóxico” e “Informe do irmán Risco”, no que se verten as consideracións necesarias para a configuración dunha escola galega. E tamén dá conta dun plano para o ensino da Historia, que realizou Risco.


Ábrese cunha achega de Ramón Fandiño que realiza un texto en homenaxe á figura de Vicente Araugas, nomeado fillo predilecto de Neda en 2008, e do que se achegan datos biobibliográficos. A seguir, aparece un texto de Vicente Araugas baixo o título “Boa noite, Neda”, no que fala de si mesmo, ao tempo que agradece o título que se lle outorga. Vicente Araugas é tamén o autor dos eloixos a Fausto Cansado e Manuel Rodríguez Rodríguez, fillo predilecto de Neda e Medalla de Ouro 2008,
respectivamente. Do primeiro explica que é “industrial panadeiro, poeta, animador cultural, músico e galeguista” e do segundo, máis coñecido como “Manolito o da farmacia”, destaca o seu labor como profesional da sanidade.


Destácase o labor de Ramón Piñeiro como ensaísta, escritor, activista político e animador cultural nos difíciles anos da ditadura e en especial o seu traballo como editor, no esforzo que puxo en estimular a obra dos demais. Saliéntase que foi o encargado de establecer a estratexia e os obxectivos a seguir pola editorial Galaxia, aínda que a súa creación non foi a empresa dunha soa persoa. Por outro lado, coméntase a idea que tiña Piñeiro de eludir as masas e editar para unha minoría cualificada, procurando a excelencia intelectual e o prestíxio cultural, estratexia que se seguiría na configuración dun novo grupo de escritores, coñecido como Grupo Galaxia e na escolla dos militantes galeguistas.


Reflexionouse ao redor da teatralidade dos textos de Xesús Pisón a partir da experiencia persoal da analista. Como autora dramática e directora teatral en cernes, Eva F. Ferreira declárase amante das creacións de Thomas Bernhard, Heiner Müller, Harold Pinter, Sarah Kane e o propio Pisón e afonda na liña creativa deste último coas emocións que nela provocaron as lecturas das súas obras como fío condutor. Bota man das lembranzas da súa etapa de formación para afianzarse na identificación aprendida do teatro, non coas palabras, senón cun “facer, ollar e sentir”. Reconécese a posíbel inxenuidade da afirmación para, a seguir, desbotar a opción de falar teoricamente sobre a performatividade, a metaficcionalidade, o tratamento da linguaxe e os trazos estilísticos da dramática de Pisón. Fai explicito o seu desinterese por afondar nese tipo de cuestións e describe a teatralidade da dramaturxia pisoniana en termos físicos e emocionais: “A pel. Iso ten moito que ver co meu xeito de sentir a teatralidade dos textos de Xesús Pisón”. Conclúe a exposición cunha pregunta retórca, “Por que teimar en explicar aquilo que fariamos ben en gozar, sentir ou, mellor aínda, facerlo sentir a algúén?”, e reserva o derradeiro parágrafo para un breve dun NÓS en anáfora que manifesta a vontade da xeración de creadores escénicos novos de pensar e crear teatro dende o corpo, un teatro vivo e actual que non ignore os poetas vivos, que non ignore o presente, un teatro consciente da existencia de Müller, Kane e Xesús Pisón.


A través de diversos momentos compartidos coa dona de Ramón Piñeiro, Isabel, realiza un repaso pola súa biografía, sempre dende o punto de vista da compañeira dun dos principais galeguistas da época.

Establecéese unha casuística da produción literaria de Xosé María Álvarez Blázquez a partir de tres momentos históricos: a narrativa do período Nós, a longa noite de pedra do franquismo e os ecos do realismo máxico. Dentro do primeiro sitúase a redacción do seu volume de relatos *Os ruíns* (1936); dentro do segundo a das dúas novelas *El crimen de la isla verde* (1941) e *En el pueblo hay caras nuevas* (1944), así como do seu relato “O afillado” (1947); e dentro do terceiro, a das novelas *Una cabaña en el cielo* (1952), *Las estatuas no hablan* (1955) e *Crecen las aguas* (1956), xunto ao volume de relatos *A pega rabilonga e outras historias de tesouros* (1971). Analízanse a seguir os seus volumes de relatos, *Os ruíns* e *A pega rabilonga e outras historias de tesouros* e o seu relato “O afillado”, para despois rematar cun achegamento ao concepto de literatura nacionalista cuñado por Xoán González Millán, aplicado á literatura nacional galega.


Trátase a significación de Xosé María Álvarez Blázquez dentro do mundo editorial, salientando primeiramente a súa creación, xunto a Xoán Vidal Martínez, da revista *Cristal* (1932), que contou coa saída ao prelo de dez números, e mencionando os escritores que contribuíron coas súas publicacións. Sublíñase a seguir o seu proxecto da Biblioteca Clásica Galega e a creación da colección “O Moucho”.


Analiza a recepción das obras de Boccaccio na literatura galega e máis concretamente dun xeito comparativo os aspectos xerais e textuais de dúas traducións de *Decamerón*: a
Tradución de Manuel Rodríguez Baixeras, publicada na Biblioteca Virtual da Asociación de Tradutores Galegos, e a tradución de Moisés Barea, publicada pola editorial Rinoceronte.


Traballo que afonda na figura de Emilio Pita Robledo, destacado escritor, xornalista, musicólogo e conferenciante. Dáse conta de datos biográficos do escritor, como os anos pasados en Arxentina, a súa contribución o desenvolvemento cultural, a súa implicación en iniciativas políticas e institucionais da Galicia da emigración e as súas viaxes a Galicia. Coméntase a súa vinculación con Alfonso Daniel Rodríguez Castelao e remátase reivindicando a dedicatia dun Día das Letras Galegas a este autor.


Comenta a tradución de Montedidio (2008), de Erri de Luca, explicando a dificultade que supuxo a tradución ao galego desta peza por alternar a lingua italiana co dialecto napolitano e algúns trazos do hebreo e o yiddish e sinalando a complexidade que radica na reflexión metalingüística da obra, xa que algúns aspectos só se poden expresar a través dun código lingüístico. Partindo da visión de Erri de Luca sobre a tradución, derivada da súa experiencia como tradutor de textos hebreos antigos, repasa brevemente as propostas tradutolóxicas contempladas até chegar a unha solución válida para o tipo de obra e público de Montedidio, a de reproducir na tradución galega o dialecto napolitano incorporando tamén os terceiros hebreos. Remata valorando o coñecemento da tradición galega alcanzado coa tradución desta novela e sinala a pescuda etnográfica en distintos domínios léxicos que merecería ser recollida nun próximo artigo.


Desenvólvese a vocación de colecionista de Xosé María Álvarez Blázquez, a partir da creación de Edicións Monterrei en 1950. Menciónanse outros ilustres colecionistas galegos como Blanco Cicerón, José González García e Emilio Herranz, seguidos dos obxectos que se adoitan colecionar daquela: libros, postais ou documentos históricos. Saliéntase, no eido da Medallística, a medalla conmemorativa dos primeiros Xogos Florais celebrados en Tui e no da Numismática, as moedas cuñadas baixo o domínio dos reis visigodos. Sublíñase asemade a importancia das revistas a hora de ser consideradas obxectos de coleción e nas que o noso escritor deixou constancia de ter colaborado. A seguir indicanse os premios e distincións creadas para distinguir o seu labor e conclúese cunha referencia á muller colecionista de Tui, en especial dos traxes rexionais típicos.

Comenta a súa tradución ao galego de *Turandot* (2007), de Carlo Gozzi, e xustifica a escolha do texto, a inclusión dun limiar e outros aspectos, sublinhando a relevancia dos movementos reformadores da dramaturxia italiana do século XVIII e a súa repercución no sistema cultural galego.


Comeza cunha introdución onde explica as dificultades que supón a tradución dun texto xaponés, lingua formada na súa escrita pola combinación de tres sistemas de escritura diferentes (kanji, hiragana e katakana). A seguir céntrase nos problemas específicos da tradución como son as dificultades gramaticais e os aspectos sociais e sociolóxicos. Sinala a verticalidade da sociedade xaponesa que, ao favorecer unha estrutura xerarquizada, crea matices na fala e nas relacións sociais. Explica que as diferenzas entre dúas culturas tan afastadas como a galega e a xaponesa fan necesaria a comprensión de distintos aspectos referidos á súa cultura e estilo de vida, xa que son conceptos clave da distancia cultural existente e determinan as dificultades da tradución literaria.


Despois dunha breve presentación da traxectoria e o estilo da escrita dramática de Xesús Pisón, xeira de preguntas e respostas sobre os primeiros contactos do autor co teatro; a súa experiencia actoral en Os Cans Ceibes, grupo xuvenil creado en 1970 polo Teatro Circo; a incidencia do teatro independente na escena galega; os primeiros pasos literarios a finais dos anos setenta como poeta e narrador infantil e a influencia da súa condición de mestre no seu interese pola dramaturxia dirixida a este sector da audiencia; o porqué de que Pisón relegase outras facetas creativas en favor da creación teatral; a relación do seu teatro coa tradición oral e o mito popular; a minimización da presenza do diálogo após a publicación de *Venenos* en 1994 e a predilección posterior polos poemas escénicos breves e a posta en valor da estrutura sobre o diálogo; a obsesión por certas problemáticas humanas e o recoñecemento autorial de tales constantes textuais; cales son os conflitos que trata e qué lugar ocupa nele a lingua; as lembranzas que garda o autor das montaxes estreadas dos seus textos; a súa visión persoal do seu presente e futuro dramatúrxico; influencias e preferencias teatrais; que formas e actitudes teatrais lle parecen dominantes e a opinión que lle merecen; a situación do teatro galego actual dende o punto de vista literario e espectacular; as dificultades do seu teatro para chegar ao escenario e ao libro; a súa consideración externa como autor innovador; qué considera el innovación literaria e o sentido do teatro no mundo actual.

Memoria das circunstancias creativas, a feitura espectacular e as dificultades de exhibición de diferentes montaxes realizadas sobre textos de Xesús Pisón. Presenta as estreias reseñadas en orde cronolóxica, sendo a primeira delas O rei aborrecido (A Coruña, Sala Luís Seoane, 29.09.1985), dirixida polo propio Manuel Lourenzo. Seguen Ei, Feldmühle (A Coruña, Teatro Rosalía Castro, 21.04.1992), tamén de Lourenzo; O inmortal (A Coruña, Sala da Caixa de Aforros na Ronda de Nelle, 04.09.1992), de Teatro do Alvardán; O camiño das estrelas (Boiro, Casa da Cultura, 20.11.1992), espectáculo de Elsinor Teatro que inclúa dúas pezas breves do autor, e Venenos, premio Rafael Dieste 1994 estreado por Uvegá Teatro (A Coruña, Teatro Rosalía Castro, 13.05.1995). Dá conta, tamén, da escrita a tres mans (Xesús Pisón, Miguelanxo Fernán–Vello e Manuel Lourenzo) por encargo de Casahamlet de O can, o libro e o espello (Revista Casahamlet, n.º 3, 2001), que só puido realizarse como lectura dramatizada (A Coruña, Portas Ártabras, 15.06.2001) polo Estudio Casahamlet. Por último, Lourenzo recorda o proxecto máis ambicioso dos acometidos pola súa compañía a partir de textos de Pisón, Animal Vació (Outes, Centro Social, 20.10.2002), espectáculo dirixido por el mesmo. Despois dunha descripción breve en tono lírico, pon de relevo o interese manifestado por seguir o proceso de creación desta montaxe pola parte de Antonio López Mariño, quen realizou un documental para a TVG que, lamenta, non chegou a ser emitido.


Presenta unha panorámica das obras publicadas en galego, incluíndo datos estatísticos sobre as linguas dende as que se traduce e una listaxe das publicacións nos ámbitos da narrativa, poesía, teatro, ensaio e LIX.


Analiza a producción de traducións de obras doutras linguas ao galego ao longo do ano 2008. Destaca as iniciativas levadas a cabo durante ese período, como son a presenza de Galicia nas principais citas editoriais europeas e iberoamericanas, o acordo entre o PEN Clube de escritores de Galicia e a Secretaría Xeral de Política Lingüística e a aparición da Axencia Literaria Galega, que conseguiron aumentar o número de traducións á lingua galega. Comenta os éxitos editoriais, estabelecendo distintos apartados, entre eles a banda deseñada. Pecha o artigo un listado das obras traducidas, clasificadas segundo o seu xénero.

Enxálzase a figura de Xosé María Álvarez Blázquez como protagonista do Día das Letras Galegas 2008 e do congreso celebrado en Tui en decembro dese mesmo ano. Mencíonase primeiramente o seu proxecto da Historia da Literatura Galega, para despois proseguir loando o seu labor de recuperador de textos extraviados, que atribuía aos anónimos, como por exemplo Oda de Belmiro e Benigno e Entremés famoso sobre da pesca do río Miño. Apúntase a seguir a saída ao prelo da súa Escoila Medieval galego-portuguesa (1952) e Escoima de Poesía Galega (1959), dous volumes que se comenta detalladamente. Remátase cunha referencia ao Cancioeiro de Monfero (1953).


Coméntase a traxectoria literaria de Xosé María Álvarez Blázquez co gallo da súa homenaxe no Día das Letras Galegas 2008 e do congreso celebrado posteriormente en Tui. Destácanse os textos que recuperou do extravío, Oda de Belmiro e Benigno e Entremés famoso sobre da pesca do río Miño, así como a saída ao prelo do segundo volume da súa Escoima de Poesía Galega, editado en 1959 pola Editorial Galaxia. Conclúese coa alusión á grande axuda que a súa producción literaria supuxo e supón para a literatura galega.


Logo de lembrar algúns momentos da súa relación con Ramón Piñeiro, reproduce unha carta que lle enviou Piñeiro, en referencia ao “Manifesto para a supervivência da cultura galega”, elaborado por un grupo de galegos residentes en Roma, a comezos de 1974, coa intención de ser publicado en Grial, feito que Ramón Piñeiro non veu posíbel, recomendando o seu envío á colectividade galega en Bos Aires.


Primeiramente salíéntase o papel das Irmandades da Fala na recuperación de espazos para o galego a comezos do século XX e na defensa da lingua parella ás inquedanzas políticas do rexionalismo, primeiro, e logo do nacionalismo. A continuación, compárase o status e a presenza que se outorgou ao galego en A Nosa Terra e El Pueblo Gallego, na década 1916-1926. Así diferenciase claramente a aberta defensa que fixo do galego, case dende os seus comezos A Nosa Terra, que deu voz ás Irmandades da Fala, reivindicou a lingua como un dos trazos fundamentais do pobo galego e reclamou a súa oficialidade. Mentres que, pola contra, o compromiso e presenza do galego en El Pueblo Gallego foi progresivo, pois nos seus comezos estaba case ausente. Indícase que a partir do 1925 apóstouse polo galego, a través da sección “Tribuna aberta”, na que se deu cabida a propostas sobre a codificación da lingua, comentándose tamén algunhas
ilustracións de Manolo Romano e Vidales Tomé, que critican os prexuízos existentes sobre os galegofalantes.


Analízanse as referencias aparecidas en prensa sobre os volumes poéticos de Xosé María Álvarez Blázquez: *Poemas de ti e de min* (1949), *Roseira do teu mencer* (1950), *Cancioeiro de Monfero* (1953) e *Canle segredo* (1968), por non apareceren referencias delas nos xornais da época. Proséguese coa descripción do contido de cada un deles e dos xornais nos que apareceron publicados, como *Faro de Vigo*, *El Pueblo Gallego*, *La Voz de Galicia*, *ABC* e *El Correo Gallego*. Acompáñase a análise cun apartado bibliográfico e un apéndice que reproduce algunhas das referencias na prensa escrita comentadas na análise.


Estuda as achegas pedagóxicas do nacionalismo galego na época Nós. Comenta que un dous grupos de intelectuais máis progresistas do galeguismo decidiu incorporar á cultura galega un aparato pedagóxico, sublinhando o valor da escola no proceso de galeguización. Destaca que figuras como Evaristo Correa Calderón, autor de *Notas para un magisterio idealista* (1927), e Vicente Risco contribuíron a ese proceso e que deron paso á constitución dun corpus literario infantil do que, segundo Pardo de Neyra, Galicia carecía. Remata apuntando que coa chegada da II República este interese pedagóxico sería impulsado coa axuda do Comité de Cooperación Intelectual e das Misiones Pedagógicas.

Análise do texto *Memoria da Esfinxe* (2002), de Xesús Pisón na que se suxire que o dramaturgo tería escrito esta peza co propósito de “revelarnos o fin último do teatro, o por qué e o para qué do teatro como disciplina, como creación literaria e como produto espectacular”. Mantense que, a través da escrita dramática, Pisón artícula un teorema que, exemplizado na fábula mitolóxica, se encamiña a explicar a razón de ser do teatro, a súa dimensión antropolóxica e social. Sinálase que o dramaturgo rompe coa noción platónica do mito como relato concernente a deuses e heroes para reformulala segundo parámetros barthesianos e, por ende, en función da definición provista pola crítica francesa contemporánea, como configuración ideolóxica específica que se expresa en imaxes ou formas mitolóxicas. Opínase que Pisón se vale desta reformulación para reflexionar sobre a interpretación do teatro. A seguir, detállanse as compoñentes estruturais da peza. Noméanse os títulos dos vinte capítulos e incidése na procura recorrente do escritor da especificidade do teatro a través do distanciamento temporal e espacial que a dimensión mitolóxica lle permite. O texto clasifícase xenericamente entre o texto dramático e o ensaio literario con enfoque dramático. Dada a presenza predominante da materia mitolóxica na peza, explicase a función dupla do mito clásico na historia do teatro galego a partir do período de posguerra, proporcionándolle ás obras o esquema estrutural e funcionando como pretexto para a divulgación dun ideario político resistente ao réxime do momento. Faise alusión a dous autores que recorreron ao mito na época, Ánxeles Pena e Manuel Lourenzo, e sinálase a Pisón como o autor que toma o relevo na actualidade. A seguir, describese o uso particular que fai dos motivos e as figuras da mitoloxía clásica e, xa no cabo, fálase da complexidade discursiva de *Memoria da Esfinxe* en aplicación da tese exposta. Remátese relacionando a produción dramática de Pisón e o discurso metateatral que vertebrada peza concreta cunha posición teórica próxima á semiótica teatral de J. Veltrusky.


Reflexión sobre o papel da dor na escrita dramática de Xesús Pisón, que se describe salferida de feitos identificadores dos xéneros do drama e a traxedia. Constátase a súa presenza transversal e mesmo constitutiva no conxunto da obra de Pisón e sinálase que, máis ca unha temática, a dor traduce unha actitude vital “que se deixa ver, por veces só intuír ou adiviñar, en cada recanto”. Indícase que este “pesimismo abafante” pode servir para nos facer “reaxir ante a vida” e que o obxectivo do teatro debe ser remover as conciencias que só se pode conseguir plasmando a brutalidade que se desprende da loita entre a cultura e a natureza, loita que, necesariamente, causa a dor de protagonistas e espectadores. Apoíase a argumentación nun fragmento extraído de *A cloaca*, peza breve.
de Pisón: “Os telespectadores están atoados de merda. É preciso facelos vomitar”. A seguí, indicase que O Cuarto de Ofelia e Animal/Vacio son os textos pisonianos que materializan a traxedia de estrito estilo clásico, que se fundamenta na presenza de heroes desacogudos que precisan matar, causar dor ou destruír o que aman para recuperaren o equilibro natural. Asemade, sinálase o fracaso como o eixo fundamental de A Vía Láctea, Tatuaxes e Como Jekyll e Hyde. Incídese na idea de que, en calquera dos casos, os temas principais e secundarios remiten para a dor, e procédese a unha análise do tratamento da dor e o sufrimento no seio de distintas obras, nomeadamente, A Vía Láctea, Tatuaxes, Como Jekyll e Hyde, Os Ollos, Amantes, O cuarto de Ofelia e Animal/Vacio, delongándose de maneira particular nas dúas últimas. Conclúese que, en calquera das súas dimensións, a dor articula tematicamente a obra de Xesús Pisón para, na realidade, devir un universo en por si. Continúase cunha análise dos símbolos e imaxes aos que o dramaturgo recorre para construír dito universo de dor.

**Pena, Xosé Ramón, “Xosé María Álvarez Blázquez, canonizador e investigador da literatura galega”, Boletín da Real Academia Galega, n.º 369, “I. Estudos e investigacións sobre Xosé María Álvarez Blázquez”, 2008, pp. 201-207.**

Coméntase a importancia da figura de Xosé María Álvarez Blázquez como investigador lingüístico e canonizador da cultura e literatura galegas. Tomando como punto de partida o seu texto Martín Codax, Cantor del Mar de Vigo (1958), destácase o seu valor arqueolóxico e literario e descríbese con todo detalle. Menciónase o prólogo de Blázquez á súa Escolma de poesía galega I. Escola medieval galego-portuguesa (1952), para despois comentalo nos seus diferentes apartados. Conclúese cunha breve análise do segundo volume da Escolma de Poesía Galega.


Dá conta da intervención do autor na mesa redonda levada a cabo durante o encontro de tradutores de Shakespeare ás linguas peninsulares celebrado en Barcelona no ano 2005. Comenta a práctica levada a cabo na tradución de Macbeth de William Shakespeare publicada no ano 1972, empregando exemplos do primeiro acto da obra. Sinala a dificultade que de por si supón a tradución métrica dentro da teoría tradutolóxica e que, no caso da métrica shakespeareana, supón o esforzo engadido de adaptar a forma dos versos brancos, dominados pola estrutura dos pentámetros iámbicos. Reconézese que na súa tradución apostou polo emprego dun verso rimado para abrir interesantes perspectivas para os tradutores.

A autora comenta a súa tradución da obra *Teatriños ou auturuxos calados* (2007), de Erin Moure. Explica como enfocou a tradución, a interpretación do texto e o transvasamento das figuras retóricas e dos elementos narrativos.


Comeza cunha cita tirada de Gabriel García Márquez do ano 2002 na que alude a que a vida é como se lembra á hora de contarla, non como se viviu, antes de centrarse na monografía *Recordar doe. Lembranzas escolares e universitarias (1940-1965)* (2008), de Herminio Barreiro. Ao fío desta cita e do título da monografía apunta que Barreiro, para escribila, tivo que “establecer un diálogo entre o seu presente e o seu pasado” xa que, como afirma Marie-Madelaine Compère, “Lo subjetivo tiene un lugar propio”.

Indica que este diálogo tivo como punto de partida a chegada de Herminio Barreiro con tres anos á escola de Meilide, en Ceredo, a onde destinaran á súa nai mestra. Precisa que as penalidades que viviu nesta aldea “resistente” actuaron como revulsivos para concienciarse da inxustiza e indefensión sofridas polo mundo agrario. Explica que a dor de recordar, en Barreiro, non é só pola memoria persoal senón sobre todo pola colectiva dos anos corenta. Considera a páxina máis fermosa da monografía a descrición do camiño que fixo aos tres anos até chegar a Meilide con súa nai xa que percibiu nela as dúvidas, medos, enteireza, entusiasmo e amor pola natureza de Barreiro. Indica que a monografía se estrutura en catro capítulos e precisa que non segue unha orde lineal senón que se trata dunha mestura de tempos cronolóxicos e vivencias, contadas con humor e optimismo vital, pese aos tropezos na vida de Barreiro. Remata agradecendo “o entusiasmo de Herminio, o seu apaixoxamento, a súa voz” que influíron na articularía á hora de elixir a súa profesión.


Xustifica a súa tradución d’*O segundo sexo* (2008), de Simone de Beauvoir, seguindo unha estrutura moi clara que ten en conta, por exemplo, a orixe da encomenda, o reto, as premisas, os obxectivos, a contextualización, as decisións e a edición.


2343

Estudárase a traxectoria da familia de Xosé María Álvarez Blázquez durante a súa vida en Tui dende 1877. Primeiramente aténdese a Xerardo e Darío Álvarez Limeses, para despois dedicar senllos apartados aos fillos de Xosé María e a el mesmo. O apartado dedicado ao autor dividese en varias seccións nas que se estuda a súa traxectoria vital e literaria. Da súa biografía tudense, destácanse as súas respostas á enquisa de Xosé Filgueira Valverde e as referencias da súa nenez, incluídas no seu poemario *Sonetos del alba insomne*, así como a fundación da revista *Cristal* na que publicou o seu discurso *Berro en lembranza dos heroes de Carral* (1934). Proséguese cunha sección dedicada ás súas achegas tudenses, na que salienta a súa creación e investigación literarias, coa publicación do seu poemario *Abril* (1932) e da súa novela *En el pueblo hay caras nuevas* (1945), finalista do Premio Nadal dese ano. Destácase tamén o seu labor arqueolóxico, coas escritas “Castro de A Guía” (1935) e “El Castro de Cabeza de Francos (1948). Alúdate, finalmente, ás súas achegas etnográficas e históricas, entre as que se subliñan as de *Las romerías gallegas*, a súa edición das “Memorias de un menestral curioso” (1958) e *O Síñor Afranio, ou cómo me rispei das gadoupas da morte. Memorias dun fuxido* (1979), memorias, estas últimas, redactadas por Antón Alonso Ríos grazas a Blázquez.


Comenta *A voda* (2007), a tradución da obra *The Member of the Wedding*, de Carson MacCullers, feita por Laura Sáez. Céntrase nas diferenças de matices entre a tradución e a obra orixinal e o tratamento dos temas principais no texto meta.


Coméntase *A casa de Mango Street* (2008), de Sandra Cisneros, unha historia colectiva formada por corenta e catro contos conectados entre sí pola narradora e protagonista da peza. Comeza comparando a tradución galega da obra coas dúas traducións ao castelán destacando o carácter híbrido da novela ao mesturar linguas, xéneros literarios e realidades culturais, analizando a forma de traducir ao galego estes elementos de mestizaxe. Sinala a perda de intensidade poética da versión galega malia o esforzo por reproducir o lirismo da obra e valora o acerto da tradutora galega ao aumentar o ritmo na cantiga do conto “Cadeira”. Remata comentando a neutralización da mestura lingüística do inglés con trazos chicanos que caracteriza a fala da protagonista e a diferente reverberación simbólica da tradución galega.

Analízase a tradución da obra de Aphra Behn *The Rover, The Second Part of the Rover*, publicada ao galego como *O Moinante & A segunda parte do moinante* (2007) e traducida por Ramón Porto Prado e Belén Souto García. Describese as partes da edición, analízase a tradución do título e coméntanse os erros encontrados no texto, aínda que se mantén no texto meta o espírito de Behn.


Analízase a repercusión na prensa de Betanzos do falecemento de Manuel Curros Enríquez na Habana e o traslado dos seus restos á Coruña en 1908. Comézase cunha introdución sobre a sona e popularidade do poeta na súa época, que propiciou a petición, por parte da Asociación da Prensa Coruñesa, da repatriación dos seus restos. Destácase que dos dous semanarios existentes naquel entón en Betanzos *La Defensa*, que amosaba un maior interese pola cultura galega, se ocupe deste acontecemento con maior interese que *La Aspiración*; e analízanse os textos que aparecen en ambas as dúas publicacións.


Comeza referíndose ao texto da *Marquesiña* de Alfonso Daniel R. Castelao para contar que en Neda tamén había unha “Marquesiña”, pero varón, que se chamaba o señor Emilio, e ao que acumaban “o irmán de Franco”. Relataalguns pormenores desta lenda rural para comentar que a razón de “xuntar estes dous homes tan dispares” a tirou dun artigo do intelectual Ernesto Guerra da Cal, de quen apunta algunhas das súas obras, para reparar nun “artigo curioso” deste intelectual que levou por título “Nótula lisbonense: Dois lusistas insólitos”.


Comeza cunha biografía da escritora catalá Mercè Reboreda para pasar a relatar a mesa redonda sobre a autora que tivo lugar en decembro de 2007 e na que participaron os seus tradutores: Maite González Esnal, tradutora ao eúscaro; María del Carmen Alerm, ao castelán; e Pilar Vilaboi ao galego. Despois de relatar as diversas actividades realizadas durante o congreso, reproduce literalmente a súa intervención na *Trobada* na que explica as estratexias de tradución seguidas en referencia a problemas concretos.


Nesta alocución destácase o papel de Ramón Piñeiro como escritor, académico, primeiro presidente do Consello da Cultura Galega e, fundamentalmente, como guieiro
político e cultural do coñecido “galeguismo socrático”, que Ramón Villares prefire denominar “institucionalista” ou “gineriano”, en relación a Giner de los Ríos. Coméntase que se posúen abondosos datos e fontes sobre a biografía deste autor, aínda que tamén hai clichés e estereotipos ao redor da súa figura. Na súa biografía destácanse tres feitos capitais: a súa fuxida da represión franquista do 1936, a negociación con Alfonso Rodríguez Castelao para formar parte do goberno republicano no exilio e o seu labor a través de Realidade Galega para o impulso do Estatuto de Autonomía. Subliñanse as súas orixes humildes e campesiñas e a súa formación autodidáctica. Entre as liñas do seu pensamento, destácase o seu concepto de Galicia, coñecido como “nación-cultura”, que se emparella co volkesgeist herderiano. Segundo se comenta para Piñeiro a cultura diferenciada é o que define a identidade de Galicia, sendo a lingua a definición do ser ou alma de Galicia. Apúntase que Piñeiro acumulou seguidores e detractores, destacando as súas polémicas con Luís Seoane. Opínase que moitas das ideas do estudoso seguen a ter vixencia e que cómpre estabelecer unha nova ollada, libre de prexuízos ao redor da figura de Piñeiro.


Explicase o descubrimento deste texto autógrafo inédito de Juan Manuel Pintos e achéganse unhas notas sobre a biografía e o traballo de Eugenio Reguera Mondragón, encargado da compilación manual do material reunido no Códice 1052 do Arquivo Histórico Nacional, no que se inclúe o texto de Pintos, ademais de comentar a estrutura deste documento. Seguidamente reproducécese o texto, sinálanse as características gráficas do orixinal e as modificacións introducidas nesta edición e coméntanse aspectos relacionados co léxico e o contido. Explicase que se trata dunha comunicación familiar en verso, que transcendeu pola defensa que nela se fai do emprego do galego na escrita. Indícase que este poema anuncia o posterior traballo de Pintos, afirmando que no contexto histórico do Primeiro Rexurdimento, non hai ningún texto que se lle poda asemellar en importancia. Conclúese que o desencadeante foi o coñecemento da obra de Sarmiento. Remátase cunha bibliografía e a reproducción facsimilar do poema.

Estes dous diálogos de Séneca (Córdoba, 4 aC- Roma, 65) son os escollidos para esta edición da Universidade de Santiago de Compostela en colaboración coa Fundación BBVA. No prólogo, de extensión case igual ás das dúas obras traducidas xuntas, Xosé Luis Barreiro Rivas analiza detidamente os dous textos senequianos. Ademais, nos oito puntos en que divide a súa achega, comenta o estilo do filósofo, afastado da “ampulosidade ciceroniana”, e analiza o contexto vital e político deste pensador, un dos máis influentes na historia da humanidade. Séneca tivo moito éxito coas súas primeiras obras filosóficas e as súas investigacións no ámbito da ciencia, e así o corrobora Barreiro Rivas. *De brevitate vitae* é unha sorte de reflexión sobre o tempo vital e a anguria da morte. Diríxese o autor ao seu irmán Galión, ao que guía e dá consellos para alcanzar a ansiada felicidade. O sabio será o único que a alcance, en coherencia coa natureza, como se amosa en *De vita beata*, obra de plena madurez, considerada o paradigma do estilo senequiano. Nela o autor diríxese a Paulino, de orixe descoñecida, queixándose dos lamentos da xente pola natureza, encargada de poñer idade ás persoas e chegando á conclusión de que a vida non é breve, senón que o ser humano é quen a desperdicia. Ao final, antes da reprodución dos textos, rexístrase e clasifícase toda a producción de Séneca. Ao mesmo tempo inclúese unha nota do tradutor, que informa da inclusión na obra de dous opúsculos doutros *Diálogos* e dalgún dato interesante sobre os tratados traducidos.
XII.6. A LITERATURA INFANTIL E XUVENIL

XII.6.1. NARRATIVA

XII.6.1.1. NARRADORES GALEGOS


Nova entrega da colección “Os Bolechas van de viaxe”, de Pepe Carreiro (Vigo, 1954). Nesta ocasión, os protagonistas están en Vigo, visitando á súa amiga Xiu-xiu. Na casa da pequena, está outro amigo, Nicanor, quen convida os Bolechas á súa festa de aniversario. Propoñen diferentes regalos para agasallar a Nicanor (unha bicicleta de montaña, un oso de peluche,...) até que deciden finalmente mercarle un pantalón. Dirixense á festa de aniversario, que se celebra no porto, onde o seu amigo lles convida a merendar nun barco e pasear pola ría de Vigo. Ali coñecen a outros convidados. Logo de comer, beber e cantar, dánlle o pantalón que lle mercaron. Malia ser do seu talle, non lle serve porque comeu moita torta de chocolate. Antes de rematar a celebración, desínflalle por fin a barriga e pode probar felizmente o pantalón. Ao final do volume, incluíse o apartado “Os lugares desta viaxe”, no que se presentan en miniatura cada unha das páxinas do volume e no que se informa dos principais monumentos e sitios da cidade olívica pola que pasaron os Bolechas e os seus amigos (Porta do Sol; Paseo de Alfonso XII; monte do Castro; Praza de Urzaiz; praia de Samil,...). As ilustracións, feitas polo autor do libro, son figurativas e con cores moi vivas. Serven, sobre todo, para situar os personaxes nos lugares aos que foron, de feito nas dúas últimas páxinas mórtrase en miniaturas todos os espazos da viaxe, e tamén se presenta os Bolechas no reverso da capa e a contracapa. Os personaxes destes dous títulos están debuxados cunhas formas redondeadas co uso de cores fortes sen pretensión volumétrica. Son debuxos figurativos, realizados con tintas planas e con formas remarcadas por unha liña grosa. As escenas, de páxina completa, corresponden totalmente co texto e a narración pódese seguir perfectamente só coas imaxes.


Novas entregas da colección de Pepe Carreiro (Vigo, 1954) “Os Bolechas queren saber...”. En Como é un porto a través do emprego dun narrador omniscienta explicase de maneira didáctica a función que cumpren os portos, que é o calado, os diferentes tipos de portos que existen (pesqueiros, comerciais e náuticos e recreativos), as diferentes clases de embarcacións e os servizos dos que dispoñen, segundo a súa función. Finalmente como saben cómo é un porto, os irmáns Bolechas xogan a facer un porto na súa bañeira. Péchase o volume cun par de follas nas que se resumen os principais conceptos aprendidos. N’A orixe dos nomes dos lugares a avoa Balbina explica aos irmáns Bolechas que os lugares son moi antigos e que algún deles se remonta á época.
romana, teñen que ver con animais, fan referencia a elementos vexetais ou arbóreos ou se corresponden con nomes de santos. A avoa detéñese en explicar de forma sinxela o fenómeno da romanización, por quén os galegos deixaron de chamarse Paio e a que fan referencia algúns topónimos como Souto e Ponte Caldelas. O volume péchase cun anexo no que se recollen palabras de orixe latina, que se escriben de forma semellante en galego, italiano, francés, catalán e romanés e achégase unha definición dos termos: toponimia e topónimo. En canto ás ilustracións do propio autor, os personaxes de todos os títulos están debuxados cunhas formas redondeadas e con cores fortes sen pretensión volumétrica. Son figurativas, están realizadas con tintas planas e con formas remarcadas por unha liña grosa. As escenas, de páxina completa, corresponden totalmente ao texto e a narración pódese seguir perfectamente só coas imaxes.


Nova entrega da colección “Os libros de Tatá” de Checa Díaz (nome literario de Francesca Díaz), na que o Coello protagonista é animado polo narrador a vestirse diferentes prendas (uns pantalóns, unha camisola, uns zapatos), e a subir a cremalleira do chaquetón. O conto remata co narrador felicitando ao coello e exhortándoo a un sorriso, co que xa estará listo para sair. Na ilustración da autora do texto que aparece na cuberta atópase o protagonista do conto na contorna predominante en case todo o libro: a súa habitación. Trátase dunha imaxe con cores vivas, brillantes e saturadas, cunha tipografía a modo de tiza. Na contracuberta hai texto con pequenos detalles como unha bota e unha camiseta. As ilustracións cos pop-up do interior, co mesmo protagonista que na cuberta, axudan a realizar a acción que o texto indica. Consisten en debuxos con contornos e cores planas realizadas a ordenador.


Tere Fernández ensina os cativos, na súa primeira entrega d’Os Lanuxe, a realizar actividades manuais a partir de materiais tan básicos como a la, por medio dunha historia protagonizada polas súas creacións. Tras a explicación do propósito do conto, aparece o elenco dos cinco personaxes protagonistas: Ezequiel, Crispín, Punkín, Fidel e Roque. O conto narra as aventuras de Ezequiel e comeza presentándoo ao lectorado na súa casa, feita de cartón. Planea viaxar a Terranova, unha illa afastada, grazas aos seus inventos, pero para iso necesita a axuda dos seus amigos. Un por un son introducidos no conto e presentados ao lectorado a través da construcción da nave voadora que os levará até a illa. Por mor dun problema no motor da nave vense obrigados a unha aterraxe de emergencia na que coñecen a Roque, o xeadeiro da súa vila e danse conta que non saíran da súa vila. A linguaxe empregada a través dun narrador en terceira persoa é nidia e sinxela, ao igual que o fío argumental. Pechan a aventura dúas páxinas nas que se explica como facer un lanuxe, de xeito que con cada número da colección o lectorado aprenda a facer cada un dos personaxes que a compoñen. Indica os utensilios a empregar na realización desta manualidade, así como o tamaño real de cada peza, o método da realización dos pompóns e a montaxe dun dos personaxes, Crispín. As
Ilustracións da autora do texto consisten en fotografías de escenas protagonizadas polos bonecos que aparecen na contracuberta. As cores son intensas e alegres.


Conxunto de relatos fantástico-realistas narrados en terceira persoa con certas intromisións de diálogos entre os personaxes, agás o primeiro e o terceiro que se encontra baixo unha perspectiva de primeira persoa protagonista. Acompáñanse coas ilustración sinxelas en branco e negro de Noemí López. Os relatos que se reproducen son os seguintes:


História de Antón Fortes (Sarria, 1957) sobre unha nena que conta todo o que pasa na súa vila e os seus segredos a unha lanterna acendida.


Relato de Mar Guerra (Madrid, 1963) sobre unha rapaza que investiga unhas pintadas para fomentar a concienciación polo respecto do medio ambiente que aparecen por sitios claves da súa aldea.

- Elvira Riveiro “O segredo da biblioteca esquecida”, pp. 27-47.

Elvira Riveiro (Cerponzóns- Pontevedra, 1971) relata como a protagonista desta historia lle conta á súa amiga por medio de correos electrónicos novas historias. Múdase para un pobo pequeno no que parece que non hai nada até que encontra, despois dunha visita a Casa da Eira, unha pedra misteriosa que lle vai levar até un tesouro.


Este relato de Xelís de Toro (Santiago de Compostela, 1962) ten coma protagonista unha rapaza que non fai outra cousa que comer doces. Un día encóntrase cun rapaz que necesita levar unha bolsa de caramelos para descifrar unha mensaxe e poder voltar. María ofrécese pero polo camiño come todos os caramelos e entrega a bolsa baleira, non obstante o rapaz pode volver xa que ela arrepíntese.


Conto de Ánxela Gracián (Castroverde, Lugo, 1968) no que, tras a dedicatoria “A meu pai, In Memoriam. A Beatriz Ferreiro Palmeiro, a mellor profe do mundo”, se narran as aventuras de Carrapeto, un cempés ao que non se lle dan moi ben as matemáticas e que sofre os pisotóns do cempés Atila, até que consegue aprender moi ben a táboa do nove e
compra uns zapatos moi brutos cos que ameazar a Atila. Ao final fanse amigos e Carrapeto remata traballando como paiseo no circo no que tamén traballa seu pai, que acaba aceptando o que de verdade fai feliz a Carrapeto. Conta con ilustracións figurativas de Juan Berrio (Valladolid). Na cuberta aparece Carrapeto, o cempés protagonista da historia e outros animais do campo; a descrición visual do animal presentao con actitudes de personas, xa que leva mochila e gorra. As imaxes do interior teñen composicións variadas xogando coa disposición dos textos e complementan visualmente a historia facilitando o seguimento da lectura. As cores son cálidas predominando os ocre, verdes e marróns. As figuras estilizadas dos animais están rodeadas dunha liña fina de tinta e destacan sobre as formas dos fondos menos resaltados. As formas redondeadas amosan uns personaxes amábeis e próximos.

Recensións:


Tras describir con miudeza o argumento desta historia de Ánxela Gracián publicada en 2009, apunta que é recomendábel para calquera idade do lectorado xa que se trata dun “libro didáctico” que presenta “dúas vertentes”: unha, representada por personaxes que se comportan inadecuadamente; e outra, a ocupada por Carrapeto, quen resolve os seus problemas a través do seu esforzo. Remata aludindo ao “final feliz” da historia.


Conto da autoría de Lupe Loriga sobre Carmiña, unha rapaza que non paraba de dicir mentiras. Un narrador omnisciente refire a historia dunha rapaza mentireira que un bo día súa nai decide contarlle unha historia para que cambie a súa actitude: a historia de Andrés, un rapaciño mentireiro compulsivo que descobre que as mentiras non son boas para ninguén nunha excursión cos seus compañeiros de escola ao bosque. Nese bosque xogan ás agachadas e un dos seus amigos, Xanciño, tarda en aparecer. El sabe onde está pero di que non ten idea de onde vai. Horas máis tarde é atopado cunha perna rota e Andrés sén tense mal coa súa conciencia por ter mentido. A acción transcorre na cidade e no campo e o marco temporal non vai máis aló dun día. As ilustracións a cargo de Michel Casado (Vigo, 1978) localízanse na cuberta e na contracuberta. Aparece o protagonista no centro e os personaxes que o acompañan na historia repartidos pola imaxe. Trátase dunha ilustración con contornas definidas e coloreadas a ordenador. No interior do libro atópanse ilustracións a dobre páxina, con texto colocado en espacios baleiros de información visual. Teñen un carácter figurativo e axudan a comprender o texto, centrándose máis nos detalles dos personaxes que nos fondos.

Relato de Manuel Mariño del Río (Porto do Son, 1955) estruturado en vinte e un capítulos sobre un rapaz que acode á casa do mestre de seu avó en busca de información para un traballo sobre a historia da literatura galega que lle piden na escola. Un narrador omnisciente en terceira persoa refire a historia de Xacobe, un rapaz de catorce anos que toma contacto coa historia literaria da súa terra grazas a Don Anselmo, mestre de seu avó Andrés, o “Lombiño”. Todos os días Xacobe vai á casa do mestre a aprender sobre a historia da literatura galega, dende a época medieval até a época Nós e a creación do Día das Letras Galegas. Os capítulos sexto e sétimo constituén un *flashback* que trata a experiencia próxima ao naufraxio de seu avó. Os marcos temporal e espacial sitúan a acción no mes de maio na vila de Porto do Son. A ilustración da cuberta, de Patricia Torrado, presenta un debuxo en branco e negro, dun vello cerca dunha igrexa de pedra. Os debuxos do interios son tamén en branco e negro e representan paisaxes mariñeiras, con dornas, peiraos e mariscadores.
XII.6.1.2. TRADUCIÓNS OU VERSIÓNS E REEDICIÓNS


Álbum ilustado de M. [Michel] Alzáel no que non existen globos de texto, só imaxes de diferentes cores e moi tenras. As viñetas mostran un home que tiña un boneco co que pasara moitos bos momentos e cando marcha a unha residencia dállo ao neto. O neto o ignora completamente e o boneco decide escaparse na procura do seu dono. Como ninguén o quere decide tirarse ao mar, pero logo arrepíntese. O amo morre nese intre e o boneco vai á súa tumba e o seu espírito recóllelo. Con respecto á ilustración, na cuberta mostra unha maleta, elemento importante na historia, xunto ao boneco protagonista. O debuxo está realizado sobre un papel con textura con pasteis, dunha forma figurativa e realista, deleitándose con detalles. Na contracuberta aparece o mesmo boneco pero esta vez suxeitando o código de barras. A secuencia de imaxes do interior está realizada en pasteis con texturas, utilizando gamas de cores diferentes para transmitir a temporalidade e os sentimentos dos protagonistas.


Novela fantástica de George MacDonald (1824-1905) que se abre cun prólogo de Xabier Cid no que comeza referindose ás poucas traducións deste autor ás linguas do marco ibérico e salienta que se trata dun creador que elaborou contos de fadas dende unha concepción eminentemente literaria, o que o converteu nun pioneiro que creou referentes culturais como Narnia, a torre de Mordor ou a raíña de corazóns. Isto dálle pé para desenvolver brevemente o contexto sociocultural do século XIX no que escribiu o autor británico, repasa a súa biografía e salienta a súa amizade con autores como Lewis Carroll e o seu labor como director dunha publicación para os máis novos. A seguir explica que no momento que escribiu MacDonald comezou a ter unha grande importancia a infancia na literatura e concretamente as nenas, por teren moitos dos seus escritos orixe no contexto familiar e íntimo, como a protagonista desta novela, Irene, que é a quinta filla do autor. Non obstante, remarca que non se trata dun conto pedagóxico nin un pretexto escolar, senón “ficción no seu estado máis puro”. Tamén se detén no receptor potencial da obra, sinala que é a mellor das súas creacións e explica o proceso de edición, publicada por entregas na revista Good Words for the Young (1870-1871), na que tivo un grande éxito, o que fixo que vise a luz en formato libro en 1872. Por último, explica que esta obra tivo unha secuela que levou por título A princesa e Curdie, pero que A princesa e o trasno é “moito máis canónica en canto a xénero” e tivo maior recepción. A seguir reproducense os trinta e dous capítulos titulados da obra nos que se relata a vida da princesa Irene e de todo o que ocorre no seu universo máis próximo, dende a ausencia dos proxenitores, o encontro coa súa tataravoa no faiado que a guía e proteixe e os perigos que representan os trasnos que viven debaixo da terra, dos que a salva Curdie, un mozo que traballa de mineiro e que terá a oportunidade de
coñecer os plans destes seres do submundo para secuestrar á princesa e obrigala a casar co fillo do rei trasno, Beizodelebre.


Novela fantástico-realista de Darja Vardenburg que comeza cunha carta do Sarxento Fasa á editorial onde explica a trama da viaxe que fará a protagonista, unha nena chamada Uliana, que ten un circo e que, a través da misiva, se dá conta de que seu amigo, Zampa, está en perigo e ten que ir a buscalo. Desenvólvese en oito capítulos cheos de aventuras onde a nena vai atopando persoas como o pirata, que vai roban do e debendo dinheiro ás persoas por todos os sitios por onde pasa, e animais como a perdiz, que acompañaran e axudaran a rapaza a dar co paradero de Zampa, que é levado o deserto atado con cordas no barco de Bill o morto. Tras liberalo, volven todos xuntos no iate que roubaran e empregaran para viaxar. No epílogo cóntase como Uliana, unha vez que regresou xunto o pai, se ve enredada nunha nova aventura. As ilustracións da cuberta e contracuberta son de Pepe Carreiro (Vigo, 1954) e nelas emprega cores azuis, ocres e verdes.


Versión adaptada da novela de Jules Verne (Nantes, 1828-Amiens, 1905) dirixida a un lectorado con problemas de comprensión lectora que se inicia cunha presentación para introducir os personaxes da historia e a súa trama, a vez que o motiva para a lectura. Segue unha ilustración dun mapamundi coa ruta da viaxe que os personaxes van levar a cabo trazada nel, dende San Francisco até Xapón. Estruturado ao redor de oito capítulos e a través da mestura dun narrador omnisciente en terceira persoa e dos diálogos dos personaxes en primeira persoa, conta a historia dun rico cabaleiro inglés, Phileas Fogg, que vive en Londres xunto co seu mordomo, alcumado Picaporte. Un bo día, lendo o xornal xunto a outros socios do club do que el formaba parte, atopa un estudo que indica a posibilidade de percorrer o mundo en tan só oitenta días e decide comprobarlo por si mesmo, apostando contra o resto dos socios que sería quen de consegui-lo. Tras unha morea de aventuras, nas que atopa o amor da súa vida, consigue gañar a aposta nun feliz desenlace. Ofrece explicacións léxicas que acompañan o relato nas marxes do texto e a énfase das palabras máis complexas en cor azul escura. Un apartado final intitulado “¿Que che parece a ti?” achega unha serie de cuestións de comprensión lectora ao redor de seis apartados referidos ás principais liñas temáticas do relato. Na contracuberta pódense ler os datos básicos biobibliográficos do autor e o argumento deste relato.

**Wilde, Óscar.** *A pantasma de Canterville* (*The Canterville Ghost*, 1887), ilust. de P. Soler, ilust. de cuberta D. Obradó, trad. Valentín Arias López, versión de Antoni García

Versión adaptada da novela de Oscar Wilde (Dublín, 1854-París, 1900) dirixida a un lectorado con problemas de comprensión lectora que se inicia cunha presentación para introducir os personaxes da historia e a súa trama, á vez que o motiva para a lectura do volume. A historia, referida por un narrador omnisciente en terceira persoa, comeza coa venda da mansión do matrimonio Canterville a Hiram B. Otis, un político norteamericanico recentemente chegado a Inglaterra. O matrimonio advírtelle do feito da mansión estar encantada, mais o político fai caso omiso. Xa na mansión, a pantasma de Sir Simon aparéceselle nas máis horribéis das visións, pero é rexeitado polo seu novo dono. A única que o comprende é Virxinia, a súa filla, quen lle axudará a conseguir a paz eterna. Ofrece explicacións léxicas que acompañan o relato nas marxes de cada páxina e enfatízanse as palabras máis complexas no texto por medio do recurso tipográfico da negriña, en cor azul escura. Un apartado final intitulado “¿Que che parece a ti?” achega unha serie de cuestións de comprensión lectora ao redor de seis apartados referidos ás principais liñas temáticas do relato. Na contracuberta pódense ler os datos básicos biobibliográficos do autor e o argumento deste relato.
XII.6.2. POESÍA

XII.6.2.1. TRADUCIÓNS OU VERSIÓNS


Comeza a obra cunha introdución do adaptador, Ramón García Toga, na que fai un resumo en verso da historia de Robinson Crusoe. Logo párase a acción estruturada en catro partes subdivididas con títulos referentes ás aventuras do protagonista principal: Robinson Crusoe. Os títulos máis significativos que engloban toda a obra son os seguintes: “A miña vida no mar”, “A illa da Desesperación”, “Venres” e “Liberación”, que tamén fan referencia a algo salientábel de cada parte. Por último, atópase un apartado denominado “¿Que che parece a ti?”, tamén estruturado en partes con actividades sinxelas en cada unha delas. A obra en si está escrita en verso en primeira persoa, é o propio Robinson Crusoe quen conta a súa vida, por tanto, é unha biografía en verso libre. As palabras en negriña que se encontran dentro da historia e que están explicadas na marxe de cada páxina onde aparecen nun recadro todo os vocablos están relacionados coa linguaxe marítima. Ao comezo da obra se ubícanse dous mapas que representan a viaxe que fixo Robinson Crusoe e ondese sitúa a illa da Desesperación, lugar onde foi a parar o protagonista despois dun naufraxio no que morreu toda a tripulación do barco e na que viviu en solitario durante vinte e oito anos. Alí tivo que buscar formas de sobrevivir e, ao final, atopou a felicidade tras moitas situacións de desesperación.


A arxentina Marta Rivera é a autora e ilustradora deste conto rimado cheo de personaxes fantásticos onde as protagonistas da historia son tres pequenas fadas que viven baixo un carballo nun bosque misterioso onde sempre desaparecen as cousas. Ali tamén viven trasgos, elfos e dúas bruxas: a perversa Mentidoira e a súa irmá, a boa Merengueira. Os fantásticos habitantes do bosque fan unha xuntanza e decidan poñer unha trampa para atrapar o ladrón que tanto lles está a amolar. O texto, formado por pareados, vén acompañado de ilustracións figurativas, realizadas con lapis de cores e retocadas con ordenador. A cuberta mostra o carácter estético e formal dos personaxes e o contexto fantástico onde discurrira a historia. Os personaxes están representados como seres fantásticos cercanos ao humano. As composicións caracterízanse pola ambientación naturalista dos fondos e as grandes manchas de cores contrastadas e os cambios de plano e de formato das imaxes inciden no maior protagonismo das ilustracións.
XII.6.3. TEATRO

XII.6.3.1. DRAMATURGOS GALEGOS


Comedia teatral creada polo Colectivo Garola e dividida en dous actos na que se desenvolve un enredo no que ninguén dos personaxes resulta ser quen di. Abre o volume un cadro cos dramatis personae da peza e cos espazos escénicos onde se sucede a acción, a cafetería de Dona Pilar e a mansión do señor Conde de Saavedra. Entre os personaxes figuran Antonio, María e Xulia, tres amigos estudantes en busca de traballo: Rodríguez, un home de aproximadamente cincuenta anos e cliente habitual da cafetería; Matías, o camareiro; Chaco, xefe de cátering; o señor Conde e seu mordomo Anselmo e finalmente Lola, Mr. Durning e Vanessa, tres convidados á festa do señor Conde. O primeiro acto consta de dúas escenas nas que se observa como Antonio consegue finalmente un traballo e comeza a ausentarse da cafetería e a non ter contacto coas súas amigas. No segundo acto, de dezaseis escenas, a acción transcorre na mansión do señor Conde. Ali está organizada unha festa á que acoden diversos convidados e na que alguns deles teñen planificado cometer un roubo, que ao final son descubertos por Rodríguez, un sarxento de policía infiltrado. Toda a peza está grafada en clave de humor e ateigada de ocorrencias que conseguem mover á risa ao espectador. Non abundan as acoutacións nin os apartes, tan só os necesarios para que o narrador poida desempeñar o seu rol. A ilustración da cuberta de Špela Trobec (Eslovenia, 1974) presenta un pallaso de cores moi vivas. As ilustracións do interior son debuxos esquemáticos de tinta cuxa autora é Helga Méndez.

**Referencias varias:**


Con motivo do centenario do nacemento de Manuel Daniel Varela Buxán (A Estrada, 1909-Lalín, 1986) reeditouse esta peza teatral publicada por vez primeira en 1977 por E. Paredes xunto a “Se o sei... non volvo a casa”. Esta edición conmemorativa iníciase cun texto de Xosé Luna que leva por título o nome completo do escritor homenaxeado e lembra brevemente algunhas achegas dun dos membros da “tríade do Teatro Galego” xunto a Maruxa Villanueva e Fernando Iglesias “Tacholas”. A seguir reproducécese a “Peza en tres feitos, o Pirmeiro i o Segundo partidos en dous cadros cada un” co reparto da Compañía Galega Maruxa Villanueva, responsábel da estrea no teatro Mayo de Bos Aires. O drama conta con tres lances divididos en esceas. A historia ten como tema central os casamentos por conveniencia. Concretamente, cóntase a historia dun home entrado en idade que quere casar cunha mociña só porque seus pais teñen terreos que lle interesan. Dito home maior é aceptado polos pais da moza simplemente polo feito de ser rico e non fan caso dos sentimentos da rapaza cara a un mozo gaiteiro da súa idade pero que vive coma pobre. Ao final e coa axuda dun muiñeiro, non se leva a cabo o casamento por mor dunhas pantasmas que buscan as almas daqueles que queren celebrar a xuntanza de dúas persoas por diñeiro e non por amor. A ilustración de Manuel Fragoso, que aparece na cuberta e substitúe á realizada por Laxeiro na primeira edición, consiste nunha imaxe abstracta en branco e negro con formas recortadas sobre un fondo pintado.
XII.6.4. CÓMIC

XII.6.4.1. GALEGOS


Volume que, tras uns prólogos institucionais a cargo de Anxo M. Quintana González (Vicepresidente da Igualdade e do Benestar) e Rubén Cela Díaz (Director Xeral de Xuventude e Igualdade) recolle os galardoados na categoría da banda deseñada do ano 2008. Preséntase as bases do programa e os responsábeis de xulgar os premiados e faise unha breve alusión da actividade literaria destes mesmos. A continuación no apartado final sinálanse os tres galardoados e a mención de honra coas súas correspondentes traxectorias no mundo da banda deseñada, e preséntanse os cómics que teñen temática fantástico-realista:


Martín Romero (Xíñ, Boiro, 1981) con ilustracións en branco e negro recolle a historia dun neno nunha típica vila do interior de Galicia que dá cun feirante que se dedica a roubar obxectos aos rapaces para logo vender ou regalar a outros nenos. O protagonista dá coa caravana do feirante e ve onde foi parar o seu espertador. Cando o home do saco entra, o rapaz pégalle unha tunda e libera todos os xoguetes.


María Dolores Lorente Esquiva (Bigastro, Alacante, 1980) con ilustracións en branco e negro conta a historia dun pícaro que é ventrílocuo e que ten a súa primeira actuación nunha “feliz festa de disfraces”.


Jerónimo Piñeiro de Castro (Pontedeume, 1983) con ilustracións a cor presenta unha guerra imaxinaria onde o protagonista, que é unha criatura fantástica, escribe unha carta de despedida á súa muller e mándalle ao humano Li-Tan que lla entregue


Diego Campos Omil (Marín, 1988) con ilustracións a cor narra a historia dunha rapaza que traballa no circo e quere fuxir desa realidade.
XII.6.5. ENSAIO. TEORÍA XERAL. CRÍTICA

XII.6.5.1. MONOGRAFÍAS, BIOGRAFÍAS, CRÓNICAS E LIBROS COLECTIVOS


Recompilación de escritos sobre literatura dramática de Euloxio Ruibal (Ordes, 1945) que viran a luz en distintos libros e revistas entre 1999 e 2009, tal como se detalla na “Referencia dos textos” (pp. 159-160), na que tamén se indica que se engade un estudo inédito, “Ecos do teatro oriental na dramaturxia occidental” (pp. 97-158). Este volume acolle escritos sobre pezas da literatura dramática tanto de autores da Literatura institucionalizada castelá coma galega e así mesmo da Literatura infantil e xuvenil, fundamentalmente de autores galegos e que escribiron en galego (Lugrís Freire, Isaac Díaz Pardo, Carlos Casares, entre outros), pero tamén de autores galegos que escribiron en castelán (caso de Ramón María del Valle-Inclán), e de autores casteláns que escribiron en castelán (Lope de Vega e Calderón de la Barca). En relación coa Literatura Infantil e Xyvenil galega acolle o artigo “A ollada infantil de Carlos Casares” (pp. 75-82), onde realiza un detallado estudo sobre As laranxas máis laranxas de todas as laranxas (1973), no que establece como caraterísticas máis significativas desta peza de Carlos Casares (Ourense, 1941-Vigo, 2002) a comicidade, a fantasía e a plasticidade; esta última salientada por medio do tamaño (xigantesco), do recurso retórico da écfrase, a recorrente hipérbole, o factor sorpresa, a recorrenza ao marabilloso, e toda unha serie de recursos cómicos e expresións verbais, entre outras fórmulas tiradas da literatura de transmisión oral.

Tamén está descrito no apartado XII.4.1. Monografías, Biografías, Crónicas e Libros colectivos deste Informe.

Analízanse as catro obras de teatro escolar de Xesús Pisón. Comézase por O xigante don Gandulfo, señor de Tentenquedo (1980), a primeira peza dramática escrita polo autor. Resúmese o argumento e describese o contexto histórico da súa xénesis. Sinálanse a seguir os elementos alegóricos positivos e negativos que o texto achega en referencia ao periodo posditatorial en que se enmarca: o tren, a acción trepidante, as hipercaracterizacións expresionistas, a incorporación do mundo do circo e da Commedia dell’Arte na figura do Arlequín e o xogo de cambio de roles mediante o uso de máscaras. Incídese na dimensión lúdica do texto, na función crítica dos diálogos a respecto do sistema educativo entón vixente e na crítica aos neo-demócratas.

Describense, asemade, a función da ausencia de cotas, que lle dá total liberdade ao director e permite que “o neno tren” sexa encarnado por moitos “nenos tren”, que convirte O Xigante nunha peza participativa apta para a súa montaxe nas aulas, e o porqué da presenza de personaxes “dispares e histriónicos” (O cego, O Arlequín, O Viaxeiro e O tren). Lémbrase que O Xigante foi unha das obras de teatro escolar máis representadas naqueles anos. De O rei aborrecido (1984) sinálase que esta peza rompe cos convencionalismos propios do xénero infantil e afírmase que se trata dun teatro para nenos que debera ser interpretado por adultos. Resúmese o argumento e analízase a peza en función das semellanzas e diferenzas que presenta a respecto d’O Xigante.

Coméntase que os personaxes recordan aalgúns de Álvaro Cunqueiro. Conclúese que, con O Rei, Pisón se situaba na antesala do seu teatro posterior, o da perda da inocencia e a introspección. A continuación, fálase da obra Viva Peter Pan, a menos escolar, que se describe como “desconcertante e inquietante”, pero tamén como “unha defensa da imaxinación e do xogo”. Indícase a aparición da violencia e da pugna polo poder. Explicase a reelaboración da historia por todos coñecida: Marta e Dario son dous adultos científicos “que coa fin de racionalizar a imaxinación, emprenderán un experimento de regreso á infancia”. Explicanse as causas e os efectos discursivos da viraxe textual en relación á experiencia persoal do propio Pisón: “Son nenos e adultos á vez. Xesús Pisón e a infancia”; “Tempo no que Pisón viviu, e do que desexa sobrevivir”.

Sinálase, asemade, a incorporación de personaxes de moita personalidade literaria e procedentes de tradicións diversas: Merlín, do ciclo bretón, Sherezade, da contística oriental e A Bruxa, da tradición occidental moderna. Fálase, así mesmo, da incorporación do Doutor Maula como unha caricatura de Freud e esperpentización do científico tolo. Remártase detallando a estrutura da peza e a súa función simbólica. Por último, analízase O milagre de Bañás, da que se chama a atención sobre a necesidade do drama e o xogo dramático en todas as etapas de formación académica e relaciona isto co feito de que Pisón, mestre, escribe esta peza no seu destino en Bañás (Vimianzo), pensada para o seu desenvolvemento grupal na aula e que funciona como unha desmitificación da Festa do Nadal. Destácase o interese da concepción dramática e procedese á súa descrición. Reíterase a ausencia de cotas, a renuncia do autor a intervir na posta en escena, a posibilidade de construír un espazo escénico cos mínimos elementos, lonxe de toda escena verista, e a posta en valor que isto supón da capacidade infantil para asumir o pacto escénico. Salientanse tamén a resolución plástica e o carácter iconoclasta. Misturados no corpo do descritor, o analista intercala fragmentos textuais para ilustrar as ideas que desenvolve en cada un dos catro casos de análise.

Tras lembrar a descuberta de Paco Martín con *E agora cun ceo de lama* (1981), comenta a saída do prelo dunha nova edición do “Ramón Lamote orixinal”, *Das novas cousas de Ramón Lamote* (2008), co “sorpresivo e emotivo retorno do profesor de chairego e debuxante de soños”, agora máis vello pero tan boa persoa coma sempre, ao igual que o seu autor, do que salienta que é unha persoa comprometida co país e coa cultura e ao que agradece que normalizase o galego grazas ao *best-seller Das cousas de Ramón Lamote*. Finaliza agradecendo a Paco Martín esta nova entrega coa que han de gozar os rapaces.


Trae á memoria o volume de Agustín Fernández Paz, *O único que queda é o amor*, editado en 2007 por Xerais. Comeza coa enumeración do Premio Nacional de Literatura Infantil e Xuvenil e o Premio Neira Vilas ao libro Infantil e Xuvenil dos que foi merecente, xunto aos de Merlin de literatura infantil; Lazarillo; Rañolas; Raíña Lupa; o Barco de Vapor; Edebé de literatura infantil e xuvenil e o Premio da Asociación de Escritores en Língua Galega (AELG). Sinala a continuación algúns títulos que conforman parte da súa produción literaria, algúns deles seleccionados para a Lista de Honra do IBBY (International Board on Books for Young People). Describe a seguir o fio argumental do volume e apunta finalmente unha conversa mantida co escritor que posteriormente se publicaría no xornal *El Progreso*. 
XII.7. LITERATURA DE TRANSMISIÓN ORAL

XII.7.1. RECOMPILACIÓN, MONOGRAFÍAS E LIBROS COLECTIVOS


Volume recompilatorio a cargo de Henrique Neira Pereira e Rosario Baleirón Sóñora, responsábeis da edición. Na introdución saliéntase a antigüidade das coplas e xustifícase o interese da súa recolleita por permitir viaxar no tempo, descubrir aspectos culturais e conservar a memoria colectiva da xente da Ulla. Do mesmo xeito, recóllese a definición de literatura popular de Domingo Blanco Pérez (*A poesía popular de Galicia*, vol. I, 1992) como unha forma de folklore que se distingue da literatura por antonomasia por varios trazos: a oralidade, a funcionalidade e o colectivismo e, frecuentemente, polo anonimato. Con respecto á autoría, precísase que no caso daquelas composicións con autor identificado podía tratarse tanto dun escritor culto como de calquera persoa. Afírmase que as primeiras mostras se atopan do século XII en adiante. Xa en relación coa zona da Ulla na que se recompilaron as coplas, coméntase que a maior parte dos seus informantes relacionan estas composicións sobre todo coa época do Entroido, aínda que tamén se recolleron outras relacionadas coas festas de Nadal e Reis, así como coplas de amor, xogos infantís, adiviñas, regueifas, etc. Ao remate da obra coméntanse as características da fala na zona do Ulla, recóllese unha listaxe bibliográfica, os lugares mencionados nas coplas, as datas do santoral e calendario e as persoas que informaron das cantigas.

Referencias varias:


Menciónase a exposición na antiga estación de tren de Santa Cruz de Ribadulla dos alumnas da escola de arte compostelán ECO que ilustraron coplas e cantigas recollidas na rexión da Ulla.


Anúnciase a presentación de *Coplas Ulláns* na antiga estación de tren de Santa Cruz de Ribadulla. Coméntase en detalle as fases do proxecto e as dúas obras finais: o libro que recolle unhas setenta coplas e outra obra que inclúe cincuenta coplas ilustradas polos debuxantes da escola Eco-Arte.

Volume que repasa a historia de Ourense -no ámbito cultural, económico, político e social- partindo dos textos das coplas dos Maios. José Antonio Tarrio detalla a evolución da cidade de Ourense a través desta coplas. Así, realiza un estudo detallado destas coplas, entre 1928 e 2007, centrándose no idioma empregado (que en Ourense sempre foi o galego), na música, no canto e mais nos xurados, todo isto con estatísticas de participación e con estudos detallados do contido das coplas. Conta con dúas presentacións: “Aspecto sociolóxicos das coplas dos maios”, onde se describe a metodoloxía de estudo das coplas que se seguiu para realizar este traballo, e mais “A xeito de limiar”, a cargo de Clodio González, no que se repasa a historia dos Maios e onde gaba o traballo realizado nesta achega histórica á cidade de Ourense. Para esta achega á cidade de Ourense partindo da oralidade dos Maios, José Antonio Tarrió Fernández divide o seu traballo en cinco capítulos que reciben os seguintes títulos: “Estudo histórico-antropolóxico da Festa dos Maios”, “As coplas dos Maios”, “Análise do contido reflectido nas coplas (1917-2007)”, “Os roteiros pedagóxicos” —que presenta cinco roteiros ourensáns partindo das coplas dos Maios— e mais “Escolma dende 1928 a 2007, onde se clasifican segundo o seu contido e se reproducen as coplas dos Maios ourensáns entre ditos anos. Este volume péchase coa “Bibliografía” e mais con tres Anexos: “Relación de participantes”, “Outras novas de interese que foron recollidas polas coplas dos Maios” e mais “Datos complementarios dos roteiros”. Nos diferentes apartados deste libro pódense atopar referencias á literatura galega como a celebración do Día das Letras Galegas, dedicado a autores ourensáns como Valentín Lamas Carvajal, Manuel Curros Enríquez, Celso Emilio Ferreiro, Vicente Risco, Eduardo Blanco Amor, Xesús Ferro Couxelo, así como outros como Rosalía de Castro e Eduardo Pondal. Conta con apoio de fotografías tiradas do Museo Etnográfico de Ribadavia, do Fondo Pacheco, da Biblioteca da Deputación de Ourense, do volume El Ourense Perdurable e mais outras de autoría propia. Tamén conta cun CD-ROM no que se recolle en formato electrónico todo o contido do libro.

XII.7.3. MONOGRAFÍAS E LIBROS COLECTIVOS TRADUCIDOS OU NOUTRAS LINGUAS


Recompilación de lendas da transmisión oral a cargo de Esperanza Piñeiro de San Miguel (Vigo, 1952) e Andrés Gómez Blanco, froito da súa investigación de campo polas comunidades de Ferrolterra, Eume e Ortegal. Recolle un total de cincuenta e sete lendas, algunhas delas xa publicadas con anterioridade en obras como *Lendas e relatos ferroláns* (1998) e *De lenda en lenda* (1999). Todas as historias e contos recollidos proceden de fontes orais. O volume está escrito en lingua castelá e o elemento máis recurrente no conxunto de lendas é o mar. Entre as temáticas abordadas atópanse o mar, as tradicións mariñeiras, as supersticións e os seres fantásticos ou encantados. As lendas acompañanse das ilustracións de José González Collado feitas coa técnica da acuarela e destacadas polo seu intenso colorido.
**XII.7.4. PUBLICACIÓNS EN REVISTAS**


Analízase a figura do Apalpador como personaxe mítica do Nadal galego, pero practicamente descoñecida polos etnógrafos desta terra. Expónse que comparte aspectos co Papá Noel europeo e co Olentzaro vasco. En primeiro lugar trátanse, dende a antropoloxía simbólica, os aspectos etnográficos deste personaxe e a súa relación con outros elementos como o “toro de Natal” e a simboloxía desta festa. Finalmente, coméntase o proceso de deslocamento por outros personaxes foráneos, demostrando que as teorías coas que a linguística analiza o conflito linguístico en Galicia tamén serían válidas neste caso, servíndose do aparello conceptual de Pierre Bourdieu.


Apúntase que os contos e lendas forman parte do patrimonio inmaterial da humanidade que expresan con linguaxe narrativa os medos e inquedanzas do imaxinario das xentes. Dise que no século pasado se produciron tres feitos que contribuíron ao seu esvaecemento: a substitución das lareiras polas cocines económicas, a irrupción nos fogares das televisións e a difusión da luz eléctrica. Coméntase que a desaparición deste patrimonio inmaterial foi moi rápida na Terra Chá, testemuñada no ano 1970 por Manuel Murguía. Incídese na importancia para o coñecemento dos contos e lendas da Terra Chá das sucesivas achegas como a ducia de relatos fantásticos publicados por José Luis García Mato en agosto de 1971 en *El Progreso* de Lugo na sección “Contos e Lendas da Terra Chá”, quen tamén versificou en romances estas lendas; os artigos de Antonio Reigosa e Xoán Ramiro Cuba publicados en *El Progreso* en 1989, que amplían estas lendas; e Carlos G. Reigosa, quen transformou en mito as andanzas da bandoleira Pepa a Loba, que percorreu coa súa cuadrilla as terras de Xermade, Vilalba e O Xistral. Dise que a estas iniciativas se suma o Instituto de Estudios Chairegos que insiere nestas páxinas os “Contos e Lendas da Terra Chá” de García Mato, respectando a sintaxe, léxico, ortografía, signos ortográficos e erros tipográficos. A seguir, reproducéense os traballos publicados por José Luís García Mato no xornal lucense *El Progreso* entre os días 7 e 25 de agosto de 1971; e o inédito “Romance fondo e longo (en nove cantos) de lendas da Terra Chá”, que en agosto de 1971 alcanzou o primeiro premio no certame literario organizado en Vilalba co gallo das festas do San Ramón.


Dedícase este artigo a recoller nos concellos de A Coruña e arredores os antigo métodos empregados para a curación de enfermidades, centrándose, neste caso, nas enfermidades da pel e as causadas polo sol. Recólense ensalmos para as queimaduras, o mal da rosa, as verrugas, os sabañóns, a hidropia ou o sono cambiado dos nenos.
XII. 8. REVISTAS

AGÁLIA. Revista de ciencias sociais e humanidades (ISSN: 1130-3557) (DL: C-250-1985).


ANUARIO BRIGANTINO

Publicación de carácter anual editada polo Concello de Betanzos e copatrocinada pola Deputación da Coruña, o Banco Etcheverría, a Fundación Caixa Galicia e a Fundación Manuel Villuendas Pena. Fundada por Francisco Vales Villamarín, tivo dúas etapas: a primeira delas, baixo a dirección do seu fundador, abrangue o período que vai de 1949, ao aparecer o Anuario Brigantino de 1948, até 1951. A segunda etapa comeza en 1981 e chega até o momento actual de maneira continua baixo a dirección de Alfredo Erias Martínez, que ocupou o cargo tras a morte do fundador. O subdirector é Xosé María

BOLETÍN DA REAL ACADEMIA

Vinte anos despois de que se publicara o número 360 do Boletín da Real Academia Gallega, órgano oficial e científico desta Institución dende o 20 de setembro de 1906 a decembro de 1980, no ano 2000 renovouse a súa publicación co título Boletín da Real Academia Galega, e seguiu a numeración iniciada no ano 1906. Estivo coordinado por Xesús Alonso Montero, Xosé Luis Axeitos Agrelo, Xosé Ramón Barreiro Fernández e Salvador García-Bodaño Zununegui e coeditado pola Real Academia Galega, a Fundación Rodríguez Iglesias e Hércules de Ediciones. No número 367, do ano 2006, apreciouse a desaparición do ISBN e a modificación do ISSN, feitos que se consignan na entrada. No ano 2008 saíu do prelo o número 369, dedicado a Xosé María Álvarez Blázquez, e no ano 2009 o 370, dedicado a Ramón Piñeiro e que contou coa colaboración de Deputación Provincial de Lugo, coordinados por Xosé Luis Axeitos Agrelo e Xosé R. Barreiro Fernández. O número 369 conta con tres seccións: “Estudos e Investigacións”, “Alocucións académicas” e “Vida oficial da RAG”, na que se recolle as diferentes actividades levadas a cabo pola Real Academia no ano 2007, entre as que salientan, en relación coa literatura galega: os actos conmemorativos a María Mariño, celebrados no Concello de Folgoso do Caurel, con motivo do Día das Letras Galegas; a elaboración, por parte da “Sección de Literatura”, dun novo volume da colección Letras da Academia no que se recollerá a obra poética de Antonio de la Iglesia; e a participación no xurado do Premio Antón Losada Diéguez, do Premio das Letras e as Artes de Galicia, do Premio Trasalba, do Premio Antonio López Ferreiro e dos Premios Nacionais de Literatura. O número 370 conta con catro seccións: “Estudos e Investigacións”, “Alocucións académicas”, “Traballos de investigación e estudo” e “Vida oficial da RAG”, na que se recolle as diferentes actividades levadas a cabo pola Real Academia no ano 2008, entre as que salientan, en relación coa literatura galega: os actos conmemorativos a Xosé María Álvarez Blázquez, celebrados no Concello de Vigo, con motivo do Día das Letras Galegas; a elaboración, por parte da “Sección de Literatura”, do tomo Cartas a Murguía III (1886-1923), a cargo do profesor Xosé Luís Barreiro; a organización da exposición conmemorativa do centenario do pasamento de Manuel Curros Enríquez, titulada “Na frente unha estrela”; e a participación no xurado do Premio Antón Losada Dieguez, do Premio das Letras e as Artes de Galicia, do Premio Trasalba, do Premio Otero Pedrayo, do Premio Antonio López Ferreiro e dos Premios Nacionais de Literatura. Tamén se recolle unha semblanza biobibliográfica titulada “Xosé María Álvarez Blázquez” (pp. 287-292), de Dario Xohán Cabana; a
reproducción do texto introdutorio do Presidente da Real Academia Galega, D. Xosé Ramón Barreiro Fernández, na edición do discurso de ingreso na RAG de Xosé María Álvarez Blázquez (p. 297); e a achega “Camilo González Suárez-Llanos (“Camilo Gonsar”)” (pp. 331-332), de X. L. Franco Grande. Os artigos relacionados coa literatura galega son descritos nos apartados correspondentes deste Apéndice.

Referencias varias:


Analízase a publicación do Boletín 370 da Real Academia Galega dedicado a Ramón Piñeiro, homenaxeado no Día das Letras Galegas. Coméntase que nesta ocasión recolle unha conferencia de Antón Santamarina sobre o autor e a lingua, unha mesa de debate e os tres discursos de homenaxe no Día das Letras de Andrés Torres Queiruga, Ramón Villares e Víctor Freixanes.


Infórmase da presentación en Lugo do número 370 do Boletín da Real Academia Galega.


Recóllese a presentación do Boletín número 370 en Lugo, coa presenza de Xosé Luís Méndez Ferrín, Xosé Luís Axeitos, Antón Santamarina e o vicepresidente da Deputación, Antón Bao. Explicase que este volume está dedicado á figura de Ramón Piñeiro e acolle as intervencións dos estudiosos que participaron no congreso sobre o autor celebrado no 2009 en Santiago e as alocucións académicas que se fixeron no Día das Letras Galegas, ademais de investigacións filolóxicas e lingüísticas de diversos estudiosos.


Infórmase da presentación en Lugo do Boletín dedicado a Ramón Piñeiro, nun encontro que supuxo a conclusión do ano dedicado a ese autor e o paso ao consagrado a Lois Pereiro. Dáse conta que tamén acolle análises sobre a súa xeira, feitas públicas nun congreso celebrado en Santiago no 2009.


Coméntase que, ao tempo que se despedía o ano Novoneyra e se daba paso ao dedicado a Lois Pereiro, presentábase o último número do Boletín, centrado na figura de Ramón Piñeiro, homenaxeado no Día das Letras Galegas 2009.
**REVISTA GALEGA DE FILOLOXÍA**
(ISSN: 1576-2661) (DL: C-584-2000).

Publicación do Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística, da Universidade de Coruña de periodicidade anual que iniciou a súa andaina no ano 2000. O seu director é Xosé Ramón Freixeiro Mato, o subdirector Manuel Ferreiro e o secretario Xosé Manuel Sánchez Rei. O consello de redacción está formado por Manuel Fernández Ferreiro, María Pilar García Negro, Xoán Carlos Lagoares, María Aldina Marques, Xoán López Viñas, Anxo M. Lorenzo Suárez, Goretti Sanmartín Rei e Xavier Varela Barreiro. Como formantes do comité científico aparecen Evanildo Bechara, Ataliba T. de Castilho, José Luiz Fiorin, Rafael Lluis Ninyoles, Andrés Pociña, Álvaro Porto Dapena, José Luis Rodríguez, Sebastià Serrano, Telmo Verdelho, Mário Augusto do Quinteiro Vilela e Roger Wright. A revista divídese nos apartados “Artigos”, “Recensións” que no ano 2008 ampliáronse cun terceiro denominado “Notas” “Notas”. No apartado final aparecen as normas para a presentación de traballos e apúntase que se consagra “á publicación de traballos de investigación que desenvolveren algún aspecto lingüístico ou filolóxico do ámbito galego-portugués, como tamén á promoción e coñecemento da lingua no seu da sociedade. Do mesmo xeito, recensións de obras que trataren algún tema relacionado coa lingüística en xeral, ou coa galega e portuguesa en particular, serán obxecto de consideración para seren publicadas”. No ano 2009 publicouse o número 10. Os artigos referidos á literatura galega atópanse nos apartados correspondentes deste Apéndice.

**REVISTA DE NEDA.** Anuario Cultural do Concello de Neda
(ISSN: 1139-1154) (DL: C-837/98).

Revista de periodicidade anual, editada polo Concello de Neda e dirixida por Manuel Pérez Grueiro, que pretende dar a coñecer a historia, a etnografía e a cultura deste concello. Conta cun grupo numeroso e heteroxéneo de colaboradores, denominado Colectivo Libunca, ademais doutras firmas individuais entre as que salientan Manuel Pérez Grueiro, Xosé Neira Vilas, Vicente Araguas ou Fernando Dopico Blanco, entre outros. Consta das seguintes seccións: “Homenaxes e lembranzas” e “Humanidades”. No ano 2008 publicouse o número 11 que no artigo “Estampas de Neda”, incluído na sección de “Humanidades”, reproduce as composicións “Panadeira (cantiga)” (p. 90); e “A serea do belelle” (p. 97), de Xoán A. García López. Os artigos referidos á literatura galega atópanse nos apartados correspondentes deste Informe.

**VICEVERSÁ.** Revista Galega de Tradución

Publicación anual promovida pola Asociación de Tradutores Galegos (ATG), o Departamento de Filoloxía Galega e Latina da Universidade de Vigo e a Xunta de Galicia, aínda que nos dous primeiros números tamén consta na produción Edicións Xerais de Galicia. A revista creouse en 1995 como resposta ás preocupacións dos membros da ATG, de profesores e estudantes universitarios de lingua e literatura galegas, os cales deseñaban potenciar as traducións á lingua galega das obras máis importantes da cultura a nivel mundial. Entre os obxectivos primordiais da publicación
XII. 9. LITERATURA MEDIEVAL

XII. 9.1. MONOGRAFÍAS E LIBROS COLECTIVOS TRADUCIDOS OU NOUTRAS LINGUAS


Volume que se abre cunha nota previa a modo de presentación onde se destaca a novidade do traballo de tradución levado acabo polo autor. A introdución, titulada “O Calixtino: Lectura actual”, xira ao redor das principais caracterísiticas do texto latino, salientando o seu carácter eminentemente galego. Destácanse as finalidades que persegue o volume tal e coma hoxe está compilado, e que se resumen no intento de dar preponderancia á sé catedralicia compostelá, principalmente dotar á igrexa de Compostela dunha liturxia máis rica, asegurar a propaganda da peregrinación e do culto ao Apóstolo mediante a narración de milagres, acalar mediante o mesmo as dúvidas da veracidade da presenza do corpo de Santiago en Compostela, ignorada durante séculos (esquecemento do que se da cumprida explicación) e proporcionar ao peregrino unha guía de viaxe práctica e efectiva. A continuación, na mesma introdución, o Deán e Cóengo Arquiveiro Bibliotecario de Santiago de Compostela, Xosé María Díaz Fernández, valora todo o que ten que ver coa liturxia específica ao culto do Apóstolo que se describe no códice. A seguir o tradutor achega datos sobre a edición material do códice, estruturando as súas explicación ao redor da historia textual do códice e aos estudiosos que antes se encargaron do texto. A tradución do texto respecta a división en cinco partes que ten o códice na actualidade. Acaba o volume cos índices onomástico, topográfico e bibliográfico. Neste último, ademais das fontes bíblicas e latinas, necesarias para a tradución, engádese unha bibliografía específica de dez páxinas nas que se recollen os estudos clásicos e fundamentais e algunha da achegas máis recentes sobre o Calixtino e as materias afíns.

Recensións:


Logo de facer unha breve historia das edicións que do Códice Calixtino se fixeron até a aparición da primeira tradución ao galego completa, analízanse as características especiais que este ten contra as outras. Sinálase que a tradución ao galego ten unha especial complexidade no que respecta á adaptación dos topónimos (casos, para os que se optou por adaptar foneticamente ao galego), dalgúns nomes propios (o do propio Calixto, onde se mantivo o “x” non patrimonial) e das pasaxes bíblicas (nas se que optou por unha tradución literal do texto, que se aparta en moitos puntos das versións coñecidas da Vulgata). Polo demais, afírmase que se respectaron as normas ortográficas e morfolóxicas da Academia Galega do ano 2003.
Faise eco da publicación da primeira tradución íntegra ao galego do Códice Calixtino ou Liber Sancti Jacobi, traducido por Xosé López Díaz e ilustrado por Francisco Leiro. Apúntase que é unha publicación “que resolve unha eiva fundamental” e sentida polos admiradores da Idade Media. Recóllese as palabras verquidas por Ignacio Santos, encargado da xestión do Plan Xacobeo, que fala sobre a importancia do manuscrito. A seguir, describense cada un dos “Libros” nos que está dividido este clásico medieval e apúntase, finallymente, que a tradución se fará pública en dúas versións: unha para a venda en librarías e outra, de luxo, da que se distribuirán cincoocentos exemplares.

Referencias varias:


Breve escolma de poemas traducidos ao galego do Códice Calixtino, precedidos dunha breve recensión do mesmo e das novas da presentación e publicación da primeira tradución completa ao galego, efectuada por José López Díaz.


Trátase da presentación da tradución ao galego do Códice Calixtino publicado por A Nosa Terra. Incídense sobre a polémica sobre o custe do proxecto encargado polo Xunta de Galicia entre os dous gobiernos consecutivos da Administración autonómica. Destácanse as ilustracións de Francisco Leiro, as palabras do tradutor, Xosé López, e a importancia do Calixtino coma xermolo identitario de Galicia e do culto xacobeo.


Anúnciase a presentación da primeira tradución completa ao galego do Códice Calixtino e promocióanse a exposición das láminas de Leiro, inspiradas nas letras capitulares e nas miniaturas do códice orixinal, que ilustran a obra na Casa da Parra de Santiago de Compostela. Destácase a importancia do Libro V do Códice, a chamada “Guía de Peregrinos”, na difusión do Camiño de Compostela pola cristiandade.

Entrevista ao tradutor ao galego do Códice Calixtino, o catedrático de instituto xubilado Xosé López Díaz, na que é interrogado sobre o procedemento da tradución e sobre a situación das linguas clásicas no actual sistema educativo.


Fálase da presentación da primeira tradución íntegra ao galego do Codex Calixtinus e da polémica xurdida a raíz do alto prezo de venda ao público da edición.


Fálase da posta á venda da tradución ao galego do Liber sancti Iacobi, do seu contido, das súas illustacións (realizadas por Francisco Leiro e baseadas nas capitais orixinais do códice depositado na Catedral compostelá) e da polémica suscitada polo custe económico da obra entre a equipa de Goberno que encargou a tradución (o bipartito PPdG-Psoe e BNG) e a equipa do PP encargada de presentalo.


Dáse conta da saída ao mercado da primeira tradución completa do Códice Calixtino ao galego e describense as cuestións que motivaron a factura orixinal da obra no século XIII, reunindo materiais de moi diversa procedencia, como a exaltación de Compostela como sede primada da península ibérica ou a amplificación do número de visitantes ao sepulcro do Apóstolo. Describese tamén o contido de cada un dos cinco libros da obra. Describese amplamente o Libro V ou “Guía de Peregrinos”, estabelecendo un paralelismo entre o que se conta ali e as actuais guías da cidade.


Entrevista ao historiador Fernando López Alsina sobre o Códice Calixtino na que afirma que a autoría do códice, asignada falsamente ao Papa Calixto II, ten como finalidade dotar ao escrito de autoridade pontificia. Afírmase que a escritura do códice tivo lugar en Compostela e foi autorizada e impulsada pola catedral compostelá (opoñéndose a outros estudios, que afírmam que parte do códice foi redactado ben en Francia, ben por un monxe de procedencia francesa).


Infórmase da entrega dun dos exemplares de luxo da recente tradución ao galego do Códice Calixtino ao Papa Bieito XVI.

Fálase da obra do escultor Francisco Leiro e, especialmente, das súas ilustracións para a tradución do *Códice Calixtino* ao galego.


Faise referencia ao Libro V do *Códice Calixtino*, que ocupa moitas das súas páxinas en previr aos peregrinos a Compostela sobre os malfeitores que poden atacalo no Camiño ou na propia cidade por mor dunha experiencia real da protagonista, enganada por un taxista da cidade compostelá o Día do Apóstolo.
XII. 9.2. ANTOLOXÍAS


Trátase dun volume que ten como intención divulgar a lírica galega-portuguesa no Brasil, resaltando a beleza do seu lirismo, sometido á rixidez das normas da escola, tal e como afirma a profesora Yara Frateschi Vieira no “Prefácio” que abre o libro. De seguido, a “Nota Prévía” recolle os criterios de selección e de edición dos textos. A continuación, a “Introdución” ofrece as básicas notas teóricas sobre a lírica galego-portuguesa, a súa tradición textual, a súa temática e formulismos fixados pola tradición. Unha “Bibliografía Geral” cerra a parte introdutoria do volume. En canto aos textos propiamente ditos, a antoloxía articúlase en catro partes, correspondentes a cada unha das manifestación xenéricas da lírica galego-portuguesa: “Cantigas de amor”, “Cantigas de amigo”, “Cantigas de escármio e maldizer” e “Cantigas de Santa María”. Cada unha destas partes conta cunha introdución específica que contextualiza o xénero, unha bibliografía particular e unha selección representativa de textos, trinta en cada unha das partes, comentados e analizados. O libro péchase cunha “Biografía de trovadores e jograis”, elaborada por Márcio Ricardo Coelho Muniz e un “Glossário” a cargo de Paulo Roberto Sodré.

Recensións:


Analizase a antoloxía *Fremosos Cantares*, de Lénia Mongelli. Cóntase cal é a organización interna do volume, incidese no contido da introdución e destácase que o receptor da obra é o alumnado brasileiro na súa primeira aproximación á lírica galego-portuguesa. Exemplificase a estrutura cuaternaria do volume (organizado en bloques temáticos: amor, amigo, escarnio e *Cantigas de Santa María*), resaltando algunhas das composición seleccionadas. Destácase que a edición usada para reproducir os textos é a de Mettmann para as *Cantigas de Santa Maria* e a da *Lírica Profana Galego-portuguesa*, preparada no Centro Ramón Piñeiro polo equipo de Mercedes Brea.
XII. 9.3. PUBLICACIÓNNS EN REVISTAS


Trátase dunha revisión sobre os autores que participaron da corrente do neotrobadorismo ligados ao Seminario de Estudos Galegos. Analizase o fenómeno neotrobadoresco na súa perspectiva cultural e temporal, poñéndoos en relación coas correntes europeas do momento: popularismo, máis apegado á natureza, ao telúrico, máis simple nas formas fronte ao academicismo formalista; e nacionalismo, na súa vertente cultural, máis preto da propia tradición lírica, esquecida e minusvalorada. Explicase como, para os autores da posguerra, a escritura sobre os modelos da antigua lírica medieval galega supoñía un motivo de reivindicación política ademais dun exercicio de dominio do idioma, pois neste contexto permitía o uso dunha linguaxe arcaizante inusitada noutro tipo de poesía. Para explicar o fenómeno, seleccionanse as figuras serodias do mesmo (Fermín Bouza Brey, Álvaro Cunqueiro e Xosé María Álvarez Blázquez) facendo referencias puntuais ás obras doutros poetas que participaron do movemento coma Xosé Filgueira Valverde, Xosé Díaz Jácome, Eduardo Blanco Amor e Ricardo Carvalho Calero.


Trátase dunha recensión sobre os dous volumes que resultaron como froito das sesións de traballo transcorridas no ano 2006 na Illa de San Simón, durante o “I Coloquio sobre Crítica textual. A Edicións da Poesía Trobadoresca en Galiza”, organizado por Manuel Ferreiro, Carlos Paulo Martínez Pereiro e Laura Tato Fontaíña. Con respecto a A edición da Poesía Trobadoresca en Galiza, sinálase que o seu principal argumento é a interpretación textual. Faise referencia tamén nesta recensión ás Normas de edición para a poesía trobadoresca galego-portuguesa (2007), onde se poden atopar estudos centrados en aspectos métricos, de edición, interpretativos, outros relacionados coa...
historia da lingua, ou mesmo algún que fai referencia á aplicación das novas tecnoloxías á edición dos nosos textos trobadorescos.


Dáse conta da publicación da obra *Letras Primeiras. O Foral do Burgo de Caldelas, os primordios da lírica trobadoresca e a emerxencia do galego escrito* (2008), do profesor Henrique Monteagudo. Trátase dun volume organizado ao redor de catro grandes apartados, seguidos dos apéndices e bibliografía finais, no que se trata a aparición do romance na prosa instrumental. Analízase polo múdo e dende diferentes puntos de vista o foral de Caldelas, investigánse as orixes do trobadorismo en Galicia, e inclúese unha edición paleográfica e outra interpretativa do texto do foral, acompañadas dos correspondentes comentarios gramaticais, glosario ou índice de topónimos e antropónimos, entre outras cuestións. Destácase sobre todo o importante labor de investigación levado a cabo nesta obra, non só no referente aos resultados ou ás conclusións alcanzadas polo seu autor, senón tamén polo feito de poñer en antecedentes ao público interesado sobre os aspectos tratados. Finalmente, faiase referencia á magnífica reconstitución dos inicios do noso trobadorismo a partir da identificación dos confirmantes do diploma foral.


Analízanse os antecedentes do tema do “desconcerto do mundo” explotado por Camões na súa lírica. Indícase que o tema, relacionado coa literatura satírico-didáctica, aparece nos poetas recollidos no *Cancioneiro Geral* (compilado por García de Resende e impreso cara 1516) e especialmente nas composicións do Fernão da Silveira, Coudel-mor dos reis portugueses Afonso V e Jõao II. Coméntase que as composicións do autor basculan entre a forma tradicional trobadoresca galego-portuguesa e o humanismo, transmitido en castelán e de forte inspiración italiana, e que os seus temas oscilan entre a crítica social, moi relacionada co estupor que o novo mundo encontrado tras as “Descobertas” produce no home, e o tema amoroso, pero todos están revestidos dunha intención satírica. Apúntase que converxe na súa lírica o tratamento do “outro”, o “estrangeiro” que empezaba a encher as rúas de Lisboa e como é tratado ou maltratado pola sociedade, e o un “eu” lírico novo, que deixa de laiarse da súa desgraza amorosa e pasa a queixarse feramente, con crueza e ironía da dama que o rexeita. Conclúese que a súa obra é representativa do último período da Idade Media portuguesa e anticipa a entrada do Humanismo.